



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

ERNESTO DA SILVA NASCIMENTO NETO

**MALCOLM X: TRADUÇÃO DOS DISCURSOS, DEBATES E
ENTREVISTAS EM CONEXÃO COM ÁFRICA E SUA DIÁSPORA NO
ATLÂNTICO NEGRO**

v.1

Salvador
2019

ERNESTO DA SILVA NASCIMENTO NETO

**MALCOLM X: TRADUÇÃO DOS DISCURSOS, DEBATES
E ENTREVISTAS EM CONEXÃO COM ÁFRICA
E SUA DIÁSPORA NO ATLÂNTICO NEGRO**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Carrascosa

Salvador
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Nascimento, Ernesto da Silva
MALCOLM X: TRADUÇÃO DOS DISCURSOS, DEBATES, E
ENTREVISTAS EM CONEXÃO COM ÁFRICA E SUA DIÁSPORA NO
ATLÂNTICO NEGRO / Ernesto da Silva Nascimento. --
Salvador, 2018.
1313 f. : il

Orientadora: Profa. Dra. Denise Carrascosa.
Dissertação (Mestrado - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA E CULTURA) -- Universidade Federal da
Bahia, Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2018.

1. Malcolm X. 2. Atlântico Negro. 3. Tradução
Afrocentrada. 4. Diáspora. 5. Direitos Civis. I.
Carrascosa, Profa. Dra. Denise. II. Título.

(...) Se você quer liberdade, você deve lutar pela liberdade por qualquer meio necessário. Se você não está disposto a pagar o preço pela liberdade, você não a merece. (...) o que honorável Elijah Muhammad está ensinando ao homem Negro é: você é um homem. Tudo o que você tem que fazer é dignificar-se. Você não tem que esperar por qualquer homem branco para reconhecer-te. Reconheça-se.

Malcolm X

A

Cleonice Xavier Nascimento, (*in memoriam*) minha mãe, por ter me ensinado a olhar a vida e o próximo com generosidade. A Ernesto Nascimento Filho, (*in memoriam*) meu pai, por ter me ensinado a andar com dignidade.

AGRADECIMENTOS

São tantos, e tão especiais...

Ao Senhor Criador e Sustentador do universo.

Aos meus ancestrais, por terem preparado o caminho que possibilitou meu acesso à Universidade Federal da Bahia (UFBA).

À Cleonice Xavier Nascimento, minha mãe e Ernesto Nascimento Filho, meu pai, por terem me ensinado tudo o que é justo, bom, digno e correto.

À Professora Doutora Denise Carrascosa, minha orientadora querida, sempre tão receptiva, generosa e, acima de tudo, uma mestra no campo do ensino.

Ao Professor Doutor José Henrique Freitas, pela valiosa contribuição a este trabalho.

À minha família, meu alicerce e porto seguro nos momentos difíceis da vida.

Ao grupo de pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro, pela experiência de construção de conhecimento coletivo.

Aos amigos amados, pelo constante incentivo e apoio.

À Professora Justina Santana da Silva, pelo constante apoio e estímulo.

À Professora Libânia Santana Silva de Oliveira pelo apoio e sábios conselhos.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização desse trabalho.

À minha amiga de caminhada acadêmica, Hilda França, pela sua energia, confiança e fé na vida.

Aos Professores da banca examinadora, por contribuírem com meu trabalho

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento à presente dissertação.

A todos, muito obrigado.

RESUMO

A presente pesquisa, do tipo qualitativa, propõe-se a traduzir do inglês para o português os discursos, entrevistas e debates de Malcolm X (1925-1965), líder dos Direitos Civis nos Estados Unidos. Para a realização deste trabalho selecionou-se 37 discursos, 12 entrevistas, 3 debates e 1 carta. O eixo teórico metodológico para a análise dos textos foi realizado a partir do conceito de epistemologia do lugar, uma análise afrocentrada, teoria desenvolvida pelo professor Dr. Molefi Kete Asante (1980). No cerne da teoria afrocentrada está a ideia de que o sujeito africano foi deslocado em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos. Deste modo, qualquer avaliação de sua condição deve ser feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Além dessa teoria, também foi utilizado o conceito afrodiasporicidade elaborado pela Prof. Dra. Denise Carrascosa (2017). O conceito de afrodiasporicidade se refere à força agonística que destitui e reconstitui territórios, através de deslocamento, movimentações e reversões, se projetando como potência contemporânea. Esses conceitos possibilitaram estabelecer aproximação teórica com o texto oral de Malcolm X na realização desse trabalho de tradução, tentando, na medida do possível, considerar todas as especificidades presente neste tipo de texto.

PALAVRAS-CHAVE: Afrodiasporicidade, discursos, liderança afro-americana.

ABSTRACT

The aim of this qualitative dissertation research is to translate from English to Portuguese the speeches, interviews and debates of Malcolm X (1960 - 1965), the leader of Civil Rights in the United States. For the accomplishment of this research it was selected 37 speeches, 12 interviews, 3 debates and 1 letter. The theoretical methodological axis for the analysis of the texts was based on the concept of epistemology of the place, an Afrocentricity analysis, theory elaborated by the professor Dr. Molefi Kete Asante (1980). At the core of Afrocentricity theory, it is the idea that the African individuals has been displaced culturally, psychologically, economic, and historically. Consequently, any assessment of their condition must be made based on a location centered on Africa and its diaspora. Regarding to the theoretical basis, it was used the Afrodiasporic concept, which was elaborated by PhD Professor Denise Carrascosa (2017). The concept of Afrodiasporic refers to the agonistic force that removes and reconstitutes territories, through displacement, movements and reversions, projecting itself as a contemporary power. These concepts made it possible to establish a theoretical approximation with the oral text of Malcolm X in the translation work, trying, as far as possible, to consider all the specificities present in this type of text.

KEYWORDS: Afrodiasporic, speeches, Afro-American leadership.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2.	PREFÁCIO.....	14
2.1	UMA FIGURA MISTERIOSA EM DETROIT.....	15
2.2	PEDAGOGIA DO AUTO-CONHECIMENTO.....	16
2.3	UMA REFERÊNCIA DE LIDERANÇA.....	17
2.4	ELIJAH MUHAMMAD.....	18
2.5	MISTÉRIO E FASCÍNIO.....	18
2.6	INTERNACIONALIZAÇÃO DO MOVIMENTO.....	19
2.7	RESTRUTURAÇÃO DO MOVIMENTO.....	19
2.8	ALGUNS ASPECTOS DO MOVIMENTO.....	20
2.9	A INFLUÊNCIA DE FARD NO DISCURSO DE MALCOLM X.....	20
2.10	MEU CORAÇÃO É A LIBERDADE.....	21
2.11	O HOMEM DA DIÁSPORA.....	22
2.12	O ANO DA ÁFRICA.....	22
2.13	DE VOLTA PARA CASA.....	23
2.14	NOTA DO TRADUTOR.....	25
2.15	SEPARAÇÃO DO MOVIMENTO.....	30
2.16	RETORNO AOS ESTADOS UNIDOS.....	31
3.	COMÍCIO DA LIBERDADE – HARLEM (1960)	33
3.1	MALCOLM X NA UNIVERSIDADE DE QUEENS.....	40
3.2	DEBATE COM BAYARD RUSTIN.....	44
3.3	ENTREVISTA DE MALCOLM À ELEONOR FISCHER (1961)	52
3.4	MALCOLM X NO FÓRUM DA FACULDADE DE DIREITO DE HAVARD	65

3.5	DEBATE LIVRE EM MESA REDONDA.....	78
3.6	MALCOLM X NA FACULDADE DE DIREITO DE YALE (1962)	93
3.7	20 MILHÕES DE AFRO-AMERICANOS EM UMA PRISÃO POLÍTICA, ECONÔMICA E MENTAL (1963)	105
3.8	ALEX HALLEY ENTREVISTA MALCOLM X.....	130
3.9	A REVOLUÇÃO NEGRA.....	148
3.10	O NEGRO VELHO E O NEGRO NOVO.....	154
3.11	MALCOLM X NA UC BERKELEY	181
3.12	UMA MENSAGEM PARA AS BASES.....	198
3.13	MALCOLM X NA UNIVERSIDADE DE COLUMBIA.....	209
3.14	O JULGAMENTO DE ALLAH CONTRA A AMÉRICA BRANCA	230
4.	SEPARAÇÃO DO MOVIMENTO MUÇULMANO NEGRO.....	250
4.1	UMA VISITA DO FBI (1964)	250
4.2	UMA DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA	275
4.2	MALCOLM X NA UNIVERSIDADE DE HAVARD.....	277
4.3	A. B. SPELLMA ENTREVISTA MALCOLM X.....	290
4.4	O VOTO OU A BALA.....	300
4.5	A REVOLUÇÃO NEGRA.....	318
4.6	O VOTO OU A BALA.....	347
5.	CONFERÊNCIA DOS ESTADOS AFRICANOS INDEPENDENTES.....	361
5.1	MILTON HENRY ENTREVISTA MALCOLM X.....	361
5.2	CARTA DE MECA.....	367
5.3	MALCOLM X NA UNIVERSIDADE DE GANA.....	370
5.4	ROBERT PENN WARREN ENTREVISTA MALCOLM X	377
5.5	COMÍCIO DA ASSOCIAÇÃO DA UNIÃO AFRO-AMERICANA.....	410

5.6	SEGUNDO COMÍCIO ASSOCIAÇÃO DA UNIÃO AFRO-AMERICANA	437
5.7	DISCURSO DA CONFERÊNCIA DE CÚPULA AFRICANA.....	464
5.8	DISCURSO PARA A SEGUNDA CONFERÊNCIA DE CÚPULA AFRICANA.....	467
5.9	CARTA PARA A GAZETA EGÍPCIA.....	473
5.10	OAAU COMÍCIO DE VOLTA PARA CASA NO HARLEM.....	477
5.11	ENTREVISTA DE MALCOLM A LES CRANE.....	493
5.12	DEBATE DA OXFORD UNION.....	499
5.13	DISCURSO PARA OS TRABALHADORES DO CORPS PEACE.....	509
5.14	NO AUDUBON BALLROOM.....	521
5.15	FÓRUM DA FACULDADE DE DIREITO DE HAVARD.....	534
5.16	MALCOLM X SOBRE O PODER DA ÁFRICA.....	546
5.17	MALCOLM X APRESENTA FANIE LOU HAMER.....	565
5.18	BERENICE BASS ENTREVISTA MALCOLM X	573
5.19	CLAUDE LEWIS ENTREVISTA MALCOLM X	587
5.20	DISCURSO PARA OS TRABALHADORES DOS DIREITOS CIVIS DE..... MISSISSIPI (1965)	599
5.21	PERSPECTIVA DE LIBERDADE EM 1965.....	628
5.22	PIERRE BERTON ENTREVISTA MALCOLM.....	636
5.23	SOBRE A HISTÓRIA AFRO-AMERICANA.....	643
5.24	ESCOLA DE ECONOMIA DE LONDRES.....	685
5.25	APÓS O BOMBARDEIO	700
5.26	HÁ UMA REVOLUÇÃO ACONTECENDO.....	729
5.27	NÃO APENAS UM PROBLEMA AMERICANO, MAS UM PROBLEMA MUNDIAL	759

5.28	ENTREVISTA DE MALCOLM A STAN BERNARD.....	782
5.29	ENTREVISTA CONCEDIDA À REVISTA AL-MUSLIMOON.....	829
5.30	PROGRAMA DA ORGANIZAÇÃO DA UNIÃO AFRO-AMERICANA.....	835
5.31	REFERÊNCIAS	847
5.32	ANEXO A	849

1. INTRODUÇÃO

Ele nasceu Malcolm Little, o quarto filho de Earl Little, um pastor batista e Louise Norton, uma dona de casa. Seu pai era membro da (UNIA) Associação para o Desenvolvimento do Negro, e em suas pregações divulgava as ideias de Marcus Garvey, que defendia o retorno à África. De acordo com David Gallen (1992), eles se casaram em 10 de maio de 1919. Após a união, o casal tentou fixar endereço em Filadélfia, Pensilvânia. Contudo, após quatro anos teve de mudar para Omaha no estado de Nebraska.

Ainda em sua existência embrionária, Malcolm experimentou, através da mãe, o terror inominável que iria persegui-lo por toda a vida. Foi em dezembro de 1924, quando ainda grávida de Malcolm, e se encontrava sozinha em casa com seus filhos, que o grupo de encapuzados da Ku Klux Klan apareceu a Sra. Louise ordenando que a família deixasse o local porque as pregações do pastor Little estavam causando agitação na comunidade afro-americana local. Depois de cinco meses das ameaças dos encapuzados, chegava ao mundo, em 19 de maio de 1925, no hospital universitário de Omaha, Malcolm, o quarto filho dos Littles.

Meses após o nascimento do bebê, o casal se muda mais uma vez para Michigan, em Lansing, onde o senhor Little compra uma casa. Parecia, que desta vez, a vida itinerante finalmente havia chegado ao fim. O casal tinha encontrado um lugar para viver e criar os filhos. Mas o sonho dos Littles não durou muito tempo. Em 7 de novembro de 1928, o grupo racista da Ku Klux Klan ateia fogo na casa deles. A família escapa milagrosamente do atentado.

O perigo parecia ser constante na vida dos Littles, que queriam apenas um lugar para existir. Viviam em um estado de constante desapropriação. Na verdade, em estado de sítio, uma vez que o estado não oferecia proteção aos afro-cidadãos. Desse modo, diante da omissão do Estado no que dizia respeito à segurança dos afrodescendentes, os racistas brancos se sentiam livres para cometer os piores crimes contra a comunidade afro-estadunidense. Em 28 de setembro de 1931, o grupo racista *Black Legion* espanca brutalmente o Sr. Little e o joga ainda vivo sobre os trilhos de um trem.

Diante desse quadro de terror, sem a presença do marido e com quatro crianças para cuidar, Sra. Louise fez tudo para não sucumbir. Mas apesar de todo esforço para se manter de pé, ela teve um colapso nervoso e é considerada insana pelo Estado que a interna no hospital psiquiátrico de Kalamazoo onde permaneceu por vinte e seis anos.

Após a internação da mãe, Malcolm e os irmãos ficam sob a jurisdição do Estado e passam a viver em casa de adoção nos arredores de Lansing até Malcolm mudar para Boston onde passa a morar com sua irmã Ella. Em 1943, ele conhece o encanto arrebatador da vida noturna de Nova York onde trabalha como garçom, depois, passa a praticar atividades ilegais com um pequeno grupo que contava com a participação de duas mulheres brancas. Ao tentar retirar um relógio roubado pelo grupo, que tinha deixado para consertar, Malcolm é preso e indiciado por porte ilegal de armas, roubo e invasão a domicílio. Em 1946, começa a cumprir pena na penitenciária de Charlestown, onde inicia um programa de leitura, após um ano é transferido para o reformatório de Concord, e é nesse período que conhece a (NOI) Nação Islã e os ensinamentos de Elijah Muhammad.

2. PREFÁCIO

(LINCOLN, 1961) relata que no verão de 1930, um misterioso vendedor ambulante apareceu na comunidade afro-americana de Detroit. Algumas pessoas afirmavam que ele era árabe, mas sua identidade nacional permanece um mistério. Ele foi muito bem acolhido pelas mulheres afro-estadunidenses de Detroit, que estavam ávidas por saber algo sobre sua própria cultura. O homem misterioso que vendia tecidos de seda e outros objetos começou a aguçar a curiosidade das mulheres, lhes dizendo: “esse é o tecido que as pessoas do seu país de origem vestem”. Uma das mulheres relembra:

“Ele começou vendendo capa de chuva de casa em casa e depois passou a vender sedas. Desse modo, ele conseguia acessar às pessoas em suas casas. As mulheres estavam ansiosas para ver as coisas lindas que ele oferecia. Ele dizia que aquele era o tecido que as africanas usavam. Então pedimos para ele falar sobre o país dele” (LINCOLN, 1961, p.11).

As mulheres estavam ansiosas em aprender algo sobre sua própria cultura e sobre o país de origem do comerciante, e logo começaram a fazer reuniões de casa em casa em todo o bairro. Inicialmente, o profeta começou falando sobre a experiência dele em terras estrangeiras, depois começou a admoestar sobre hábitos alimentares e sugeriu que os ouvintes melhorassem a condição física deles por meio de uma reeducação alimentar.

“Ele era amável, amistoso e paciente. Ele poderia comer o que colocávamos na mesa. Mas depois da refeição, ele começava a falar: “agora não coma isso, é um veneno para vocês. O povo do país de onde você veio não come isso. Contudo que vocês mantenham uma alimentação adequada, vocês terão uma saúde melhor, você não ficará doente”. Então, nós queríamos que ele falasse sobre nós, sobre o nosso país, sobre como evitar o reumatismo, as doenças e as dores” (LINCOLN, 1961, p.11)

Ele também usava a Bíblia para falar da verdadeira religião do povo Negro. Não o cristianismo, mas a religião do homem da África e da Ásia. Ele usava a Bíblia porque era o

único livro que seus seguidores conheciam. Não era o livro adequado, mas para a nação Negra, quando cuidadosamente interpretado poderia ser útil para a introdução do Alcorão.

Eventualmente, os ensinamentos foram evoluindo para uma forma de denúncia contra a raça branca. O prestígio do profeta começou a crescer, ele começou a atacar os ensinamentos bíblicos de modo que começou a chocar os ouvintes e provocar uma crise emocional. Deste modo, as pessoas experimentavam uma súbita conversão e se tornavam seus seguidores. Com o aumento do número de seguidores, as reuniões nas residências se tornaram inadequadas para acomodar um número cada vez maior de pessoas. A solução encontrada foi o aluguel de um salão que eles batizaram como o Templo do Islã. Depois o movimento passou a ser conhecido como Muçulmano Negro. Assim, nascia em Detroit, em 1930, o movimento Muçulmano Negro.

2.1 UMA FIGURA MISTERIOSA EM DETROIT

Ninguém sabe ao certo a origem do fundador do movimento Muçulmano Negro, do qual Malcolm fez parte e reelaborou suas principais ideias na construção de seu discurso. Ele costumava se referir a ele mesmo como Sr. Fard Muhammad ou como Sr. Fard Muhammad Ali. Ele também era conhecido como professor Fard. Uma das primeiras convertidas relembra uma ocasião em que o profeta disse:

“Meu nome é W. D. Fard e eu vim da cidade sagrada de Meca. Eu ainda não vou revelar mais sobre mim, eu não direi porque ainda não chegou a hora. Eu sou seu irmão. Vocês ainda não me viram em minhas vestes reais”. (LINCOLN, 1961, p.11)

Desse modo, inevitavelmente, começou a proliferação de uma lenda sobre essa figura misteriosa. Alguns seguidores acreditam que Fard foi um afro-jamaicano cujo pai era sírio. Outros acreditam que ele era filho de uma abastada família da tribo de *Koreish*, a tribo de Muhammad, o fundador do islã.

(LINCOLN, 1961) relata que Fard descrevia a se mesmo como o enviado para despertar o seu “tio”, a nação afro-estadunidense, sobre a vasta gama de possibilidade do homem Negro em um mundo dominado temporariamente pelos demônios de olhos azuis. Os afro-americanos não escolarizados ouviam o seu inebriante discurso e ficavam maravilhados com seu aparente destemor, assim como os milhares de seguidores que mais tarde passou a seguir seu sucessor após uma geração.

Com os discursos, os afro-americanos foram tomando consciência da sutil discriminação que eles sofriam no Norte. No Sul, as práticas mais hediondas de discriminação

racial eram camufladas com um discurso sobre uma suposta igualdade. Conforme (LINCOLN, 1961), de fato, o país estava mergulhado na Grande Depressão e essa situação agravava mais ainda a situação. A fome, a superpopulação de afro-americanos vivendo nas favelas de Detroit, bem como em outras cidades do Norte, faziam com que eles se tornassem cada vez mais ressentidos com os brancos que pareciam controlar suas vidas.

Policiais que representavam o poder branco, empregadores brancos que demitiam os trabalhadores Negros quando o trabalho ficava cada vez mais escasso e havia aqueles que retinham os empregos enquanto milhares de Negros estavam sendo demitidos. Até mesmo o serviço de assistência social, com os funcionários insultando os afro-cidadãos, fazendo-os esperar longas horas para entregar-lhes o suprimento de farinha e banha – todos esses fatores se tornaram alvos simbólicos para a evolução de um “violento ressentimento” do homem branco que cresceu no seio da Nação Islã de Fard.

O primeiro contato de Fard com os afro-americanos foi casual e informal. Contudo, depois da inauguração do templo, uma forte malha substituiu as reuniões informais, que antes eram realizadas nos lares. A organização começou a adotar regras e se tornar uma organização masculina, embora a mulher tivesse seu papel dentro da organização. Membros eram examinados antes de serem aceitos e depois eram registrados. Assim, uma hierarquia foi estabelecida e os membros passaram a se declarar seguidores de Fard.

2.2 PEDAGOGIA DO AUTO-CONHECIMENTO

O profeta continuou a dar grande ênfase sobre o caráter enganador do homem branco ao passo que levava os afro-americanos a reviver, pelo menos por meio da memória, a gloriosa história do homem afro-asiático. Por meio de um extraordinário recurso pedagógico, Fard utilizava uma vasta literatura para ensinar seus seguidores. Sua referência se baseava nos trabalhos de Joseph F. Rutherford “*Judge*” o então líder das Testemunha de Jeová; Van Loan, *História da Humanidade; A Conquista da Civilização* Breasted; o *Alcorão* e a *Bíblia* e algumas literaturas da maçonaria também eram utilizadas para trazer ao seu povo o conhecimento de si.

Os iletrados eram alfabetizados e adquiriam de primeira mão o conhecimento sobre a grandeza de sua raça. Todos eram encorajados a comprar um rádio para ouvir os discursos de Frank Norris, o fundamentalista batista. O discurso do homem branco era usado literalmente para mostrar que este era incapaz de dizer a verdade. Seus escritos eram simbólicos e precisava

de interpretação e esta era a missão de Fard para seus irmãos no Ocidente. Ao ensinar seus seguidores a ler, ele traduzia o que eles tinham lido. E interpretava em nome do único e verdadeiro Deus cujo nome era *Allah*. Depois ele salientava que o homem branco servia de ferramenta na mão de *Allah* para que, através dele, o homem Negro aprendesse o segredo de seu próprio passado e se preparasse para o papel histórico reservado para ele.

O próprio Fard escreveu dois manuais para o movimento, *O Ritual Secreto da Nação Islã*, que em 1961, data em que Eric Lincoln (1961) escreveu a sua tese sobre o movimento, era ensinada oralmente. Ele era memorizado pelos alunos da escola paroquial do movimento e se tornou uma tradição oral dentro da organização. O outro manual foi o *Ensino para a Última Nação Perdida do Islã: uma abordagem matemática*. Embora tenha sido impresso e entregue aos muçulmanos registrados, foi escrito por Fard em uma linguagem simbólica do próprio Fard e demandava interpretação.

2.3 UMA REFERÊNCIA DE LIDERANÇA

Dentro de três anos, Fard desenvolveu uma organização tão efetiva que ele poderia abrir mão de toda sua responsabilidade de liderança e ainda assim, o movimento continuaria funcionar sem a presença dele. Ele não apenas fundou o templo, organizou o ritual e a adoração, como fundou a Universidade do Islã, (em 1961, funcionava como uma escola de ensino básico e fundamental) dedicado aos maiores matemáticos, astrônomos e as últimas civilizações.

Ele criou a Classe de Treinamento para Adolescentes Muçulmanos, que ensinava as garotas do movimento princípios básicos de economia doméstica e como ser uma boa esposa. Essas repentinas transformações no seio da comunidade afro-americana começaram a chamar atenção das autoridades e dos opositores. Temendo um confronto com os opositores, principalmente, com os policiais, o líder do movimento criou uma organização militar dentro na Nação Islã que se chamava (NOI) o Fruto do Islã. Eram homens treinados por capitães que lhes ensinavam várias táticas de luta e manejo com armas. Um ministro do Islã foi nomeado para administrar toda a organização, auxiliado por um ministro assistente. Cada um desses homens foi escolhido e treinado pessoalmente pelo próprio Fard que foi gradualmente se afastando de sua aparição pública e posteriormente desapareceu de vista.

2.4 ELIJAH MUHAMMAD

Com o desaparecimento de Fard, surge então seu substituto Elijah Muhammad. Ele foi um dos primeiros oficiais do movimento cujo nome de nascimento era Elijah Poole. Sua família migrou da Geórgia em 1920, depois do aparecimento de Fard, com quem eles passaram a se identificar com suas ideias.

Elijah se tornou um devoto fiel de Fard e do movimento. Mesmo com a oposição dos moderados na hierarquia do movimento, ele se tornou o seguidor mais confiável de Fard. Na iniciação ao movimento, foi dado a ele o sobrenome original de Karriem, mas depois de adquirir conhecimento e promoção de seu status, ele foi renomeado por Fard com o nome de Elijah Muhammad. Quando ele foi escolhido para liderar o movimento, Fard o nomeou como Muhammad. E foi a escolha mais sábia, Elijah foi responsável pela deificação de Fard e pela continuação de seus ensinamentos nos anos após seu desaparecimento.

2.5 MISTÉRIO E FASCÍNIO

(LINCOLN, 1961) afirma que o desaparecimento do profeta ocorreu por volta de junho de 1934. Algum tempo após a nomeação de Muhammad, ele desapareceu misteriosamente da mesma forma que chegou. Até a polícia ficou desorientada com o seu desaparecimento. Consta em um registro policial que ele foi visto a bordo de um navio para Europa, mas essa afirmação era inconsistente. Há outro relatório que indica que ele havia se envolvido com a banda padre da polícia de Detroit, ou havia sido vítima de seguidores dissidentes insatisfeitos. É verdade que muitas pessoas o ouviam falar abertamente contra os brancos, com seu ressentimento e ácidas críticas contra a igreja cristã. Mas não há nenhuma ligação evidente entre esses antipatizantes e seu afastamento. Seu estranho desaparecimento ainda permanece no campo da conjectura, não documentada.

Alguns críticos de Muhammad acha muita coincidência o fato de Fard ter desaparecido no exato momento em que Muhammad assumiu a liderança. Mas a nomeação de Muhammad não foi nem repentino e nem desafiante. O próprio Fard teve de lutar para manter a liderança depois que o movimento começou a crescer. A natureza do ensinamento do profeta tornou inevitável o surgimento de uma facção política dentro do movimento. Abdul Muhammad, outro oficial de confiança de Fard, saiu da organização e abriu outro templo. Fard havia ensinado consistentemente que seus seguidores não eram americanos e eles não deviam obediência a bandeira americana. Era uma estupidez, dizia ele, jurar obediência a uma bandeira que não

oferecia nenhuma proteção contra “as depravações do demônio branco com seus truques tecnológicos que mantinham as pessoas iletradas para usá-las como ferramentas e depois escravizá-las”. Abdul Muhammad rompeu com o movimento e formou outro com base no princípio de lealdade a Constituição americana e a bandeira. Esse grupo dissidente, contudo, não sobreviveu.

2.6 INTERNACIONALIZAÇÃO DO MOVIMENTO

(LINCOLN, 1961), no início de 1932, o partido comunista tentou se infiltrar na organização do movimento Muçulmano Negro para assumir o controle. Seguido dos japoneses, que tentaram estabelecer uma quinquagésima coluna sob a liderança do capcioso major Takahashi. O major tentou persuadir os muçulmanos a jurar fidelidade a *Mikado*. Não foi apenas essa organização internacional que tentou conquistar os muçulmanos Negros. Por volta de 1934, os etíopes desenvolveram um súbito interesse pela “Nação Negra no Ocidente”, Wyxzewixard S. J. Challouehliczilczese tentou usar a organização para vários esquemas de interesses financeiros na terra nativa. Todos esses esforços falharam, mas a luta contra eles tirou muita da vitalidade do movimento.

2.7 REESTRUTURAÇÃO DO MOVIMENTO

Depois do desaparecimento de Fard, os muçulmanos logo começaram a perder sua agressividade e o movimento o qual Fard tinha conquistado oitocentos mil membros começou a declinar em tamanho e poder. Disputas emergiram na superfície e a relativa letargia dos moderados levou Elijah Muhammad para o Templo 2 de Detroit, em Chicago, onde ele tinha estabelecido uma mesquita na zona sul dois anos antes.

Lá ele instalou seu quartel general e começou a reformar o movimento que sob sua liderança se tornou extremamente militante. Fard passou a ser identificado como um deus, com a sua deificação, ele era adorado com preces e sacrifício. Muhammad que servia a *Allah*, naturalmente assumiu o papel de profeta escolhido por *Allah* para a missão em Detroit. Em 1961, ele já era considerado um profeta, e muitas vezes, como um mensageiro de *Allah*. O movimento desde então esteve sob a liderança de Elijah Muhammad até sua morte. Ele construiu templos, escolas, casas, mercearias, restaurantes e fazendas. E o mais importante de tudo, ele deu um novo senso de dignidade, uma convicção de que eles são mais qualificados que o homem branco e estão predestinados a governar a terra.

“O mensageiro” diz fervorosamente e reverentemente: “ele nos ensinou o conhecimento sobre nós mesmos; e este conhecimento tornará possível a conquista da liberdade, da justiça e da igualdade no mundo, não importa o que o homem branco pense, não importa o que o homem branco faça”. Esta não é uma crença passiva: Muhammad prometeu fazer “alguma coisa pela minha linda Nação Negra” e os muçulmanos têm certeza que ele fará. “Ele fará! Ele fará! Eles diziam fervorosamente e prometiam dar sua própria vida se fosse necessário.

2.8 ALGUNS ASPECTOS DO MOVIMENTO

Para Lincoln (1961), o elemento mais atrativo do Movimento Muçulmano Negro é a sua paixão pela solidariedade de grupo e uma profunda consciência racial. A questão mais importante é o conhecimento de si enquanto homem Negro e o uso de suas habilidades para alcançar seus objetivos. Esta extraordinária solidariedade atraiu não apenas aqueles que estavam à procura de segurança, mas também aqueles que estavam à procura de uma causa – uma maneira de se libertar da hostilidade racial que os oprimia. Em 1958, um muçulmano foi detido na cidade de Nova York (sob uma falsa acusação, como ficou provado depois). Dentro de uma hora, centenas de seguidores se posicionaram em frente à unidade policial em uma demonstração fraterna de solidariedade, insistindo que se fizesse justiça. O grupo esperou pacientemente e de forma organizada até que o irmão fosse liberado da falsa acusação. Depois, eles o levaram dali em segurança. Aquela demonstração de solidariedade foi interpretada pela comunidade negra como uma importante vitória. O movimento não estabelecia hierarquia. O único título dado pelo próprio Muhammad era apenas para os membros da polícia secreta da Nação Islã. Os muçulmanos Negros eram reconhecidos como irmãos e irmãs, evitando assim, as hierarquizações que afastam as pessoas.

Outro aspecto do movimento é o seu forte apelo aos valores da juventude e da masculinidade. Os ministros são jovens e elegantes. Todos os muçulmanos fazem a barba, usam cabelos curtos e sempre aparece bem-vestidos em sua aparição pública. Lincoln (1961) relembra que os via andar no templo, caminhando serenamente com um profundo senso de dignidade e uma inescapável sugestão de força latente. Um grande número de jovens se sentiu atraídos pela redefinição dos papéis dos homens e mulheres Negros.

2.9 A INFLUÊNCIA DE FARD NO DISCURSO DE MALCOLM X.

É muito difícil falar de Malcolm X sem levar em conta sua participação como membro da Nação Islã, pois é através do movimento Muçulmano Negro que ele se torna uma das

principais lideranças da luta pelos Direitos Civis em 1960. Esse trabalho de tradução para o português de seus discursos, entrevistas e debates retrata uma das fases mais profícuas da breve existência deste líder, compreendida entre 1960 até 1965. Como porta-voz nacional da Nação Islã, liderada por Elijah Muhammad, inicialmente, seu discurso pode ser considerado uma reprodução das ideias do movimento, que por sua vez está fortemente entrelaçada às ideias de Fard, o fundador da organização.

O conteúdo dessa mensagem é carregado de um forte apelo por reparação. Reparação pelos estragos morais da escravidão. É a consciência de sua própria condição, inicialmente, percebida por Fard que vai determinar a dinâmica do discurso. Embora a Nação Islã seja considerado um movimento de massa, cujo membros, em sua grande maioria, são formados por indivíduos de pouca escolaridade, e que em decorrência disso aceitavam alguns princípios, considerados pelos críticos como fantásticos e inacreditáveis. Ainda assim, as ideias do movimento defendidas por Malcolm X, nessa primeira fase de sua vida pública, eram coerentes e tinham um valor funcional para seus adeptos que estavam inseridos em um contexto de opressão e reagiam de acordo com as violências sofrida. Nesse sentido, de acordo com (ALLPORT, 1961) o contexto de opressão desenvolve uma lógica própria, uma ideologia estranha que muitas vezes significa mais do que diz.

2.10 MEU CORAÇÃO É A LIBERDADE

Os discursos proferidos por Malcolm X, em 1960, têm um forte cunho religioso. Este elemento religioso é responsável por conferir ao discurso uma dimensão mítica. Ao analisar o texto de autores da diáspora, Carrascosa (2017) ressalta que:

O conceito de diáspora, em sua dimensão mítica, está intimamente traçado com a narrativa bíblica do livro do Êxodo do povo hebreu, escravizado pelo faraó do Egito e sua libertação do cativo sob o líder, Moisés, que os guia em um tortuoso retorno à Terra Prometida. (CARRASCOSA, 2017, p.17)

É fazendo uso dessa tipologia bíblica que Malcolm reivindica para Elijah Muhammad, líder do movimento, o papel do novo Elias bíblico contemporâneo que tinha a missão de libertar o povo afro-americano da escravidão moderna estadunidense. Sendo assim, o muçulmano negro acreditava que o fim do domínio do homem branco sobre os não-brancos estava próximo. Por essa razão, não fazia sentido lutar por integração. Assim, os discursos proferidos por Malcolm em 1960, sob a forte influência das ideias do Movimento Muçulmano Negro, é marcado por uma inflexível dicotomia branco *versus* Negros e tem a sua máxima expressão na ideia da separação entre as duas raças.

2.11 O HOMEM DA DIÁSPORA

Embora fosse visto pelos críticos de Malcolm X como algo nada prático a reivindicação por um estado independente para a população Negra foi defendida veementemente por ele. Ainda que parecesse utópico para seus opositores, para os adeptos da Nação Islã, a separação era possível e estava em consonância com os anseios desse novo homem negro reformado pela religião Islã. Allport (1961), esse novo homem Negro deseja ser economicamente autossuficiente, além disso ele quer resgatar a glória primitiva de seus antepassados. Ele quer se libertar de todos os esquemas mentais que o mantém preso e do cristianismo, habilmente, usado pelo colonizador para manter a população afro-estadunidense sob controle. Os primeiros discursos, entrevistas e debates de Malcolm, portanto, se ancoravam nessas proposições.

Visto que a questão moral se tornou um componente importante para sustentar parte da ideologia do movimento. Esta também representava um perigo para a preservação do movimento, uma vez que, ao tomar para si a responsabilidade de ser uma referência para os outros, permanece-se preso a esse modelo idealizado. Assim, qualquer desvio moral por parte da liderança podia colocar tudo a perder. Elijah Muhammad era a referência para o grupo, que o via como mensageiro de *Allah*, todavia ele não foi capaz de manter essa imagem. Ao engravidar seis de suas jovens secretárias e não reconhecer a paternidade das crianças, além de levar essas mulheres à julgamento diante da Nação Islã, permitindo que fossem humilhadas. Elijah Muhammad quebra então um elemento que era vital para a preservação do grupo, que através da fé em *Allah* encontrava forças para abandonar seus vícios e em decorrência disso sustentava um elevado código moral que suscitava o respeito de toda sociedade. Esse fato também levou Malcolm X a se afastar do movimento Muçulmano Negro.

2.12 O ANO DA ÁFRICA

Em 8 de maio de 1964, Malcolm anuncia publicamente a sua separação do Movimento Muçulmano Negro. Após sua saída da Nação Islã, ele viaja pelo continente e faz uma peregrinação a cidade sagrada de Meca. Essa experiência amplia seu escopo de visão, levando-o a repensar muitos de seus posicionamentos e o tom de seu discurso. Nessa nova fase de sua militância, Malcolm não pensa apenas os eventos locais, mas pensa os eventos locais em relação com os eventos nacional e os eventos nacional em relação com os eventos global, construindo uma rede de relações com a diáspora e com o continente africano. De fato, de acordo com os estudiosos da ciência social, o ano de 1960 foi considerado o “Ano da África”. Malcolm analisava o declínio do colonialismo europeu em todo o mundo, e a nova reorganização do

quadro geopolítico global em que o continente africano desempenhava um papel fundamental. A partir dessa análise, ele elaborava novas formas de ação para solucionar o problema do afro-estadunidense na América.

Durante sua visita à África. Malcolm teve audiência com os principais chefes dos estados africanos independentes, falou com pessoas comuns, participou da histórica Conferência de Cúpula Africana, nessa oportunidade, ele profere um discurso pedindo apoio dos chefes de estados africanos na luta contra o racismo da América. Ele busca novas alianças e tenta unir a África e o povo da diáspora para vencer o racismo. Ele tenta mudar a categoria dos Direitos Civis para Direitos Humanos. Ele entende que enquanto a luta fosse classificada de Direitos Civis, esta estaria sob a jurisdição dos Estados Unidos e como Direitos Humanos, ela estaria sob a jurisdição da ONU, possibilitando a participação de novos parceiros africanos e asiáticos.

Portanto, essas são algumas das novas bases com as quais Malcolm vai reelaborar seu discurso, buscando um apoio mais amplo dentro e fora dos Estados Unidos. Para isso, ele funda a Mesquita Muçulmana Incorporated em conformidade com o muçulmano ortodoxo para continuar sua prática religiosa. A fim de separar a religião da militância, ele funda a Organização da Unidade Afro-Americana, uma organização criada para combater o racismo e que se baseia no espírito e no ideal da Organização da Unidade Africana em África.

2.13 DE VOLTA PARA CASA

Além do ganho político, intelectual e espiritual que a viagem à África lhe proporcionou, houve também um ganho emocional. Parecia que o menino de Lansing cuja mãe havia experimentado o ódio inominável da Ku Klux Klan quando ainda o carregava na barriga; o menino cujo pai foi obrigado a mudar de endereços várias vezes para se livrar da violência que ameaçava a família. Mas que ainda assim, acabou brutalmente assassinado pelo grupo racista *Black Legion*. O menino de Lansing, que desde a mais tenra infância ficou sob a guarda do estado que parecia controlar seu destino; o menino que se descaracterizou todo tentando se inserir em algum lugar da cultura de sua época. Nessa busca de si, ele se reencontra na solidão dura das celas do presídio de Charlestown em 1946. O encarceramento o obriga a adotar uma vida ascética até ser alcançado pelos ensinamentos da Nação Islã, que colocou em seu espírito o desejo de liberdade e de reconhecimento como ser humano. E o espaço para o exercício pleno de sua humanidade, é o espaço onde a negritude e a branquitude se anulam. Assim, durante sua viagem à África, é possível afirmar que por alguns meses esse conflito é apaziguado.

Ele se referia ao continente carinhosamente como continente materno. Esse encontro com a pátria mãe e os irmãos africanos pode ser lido como um dos raros momentos de alento, registrado por ele durante a sua vida pública. Por trás daquela suposta rocha inabalável, havia um guerreiro menino, procurando por sua casa reduzida a cinzas pela Ku Klux Klan; o menino procurando pelo pai que saiu e nunca mais retornou. Na América parecia não haver nenhum lugar onde pudesse reclinar a cabeça. Embora considerasse o Harlem a sua casa, este parecia ser um lar não no sentido físico, mas no sentido simbólico, um lugar onde estava as pessoas que ele amava, os afro-estadunidenses que viviam na mesma condição que ele.

Em um de seus discursos, intitulado “*Semana da História Negra*” proferido em 25 de janeiro de 1965, ele faz o seguinte relato: “Às vezes, eu me sinto como uma criança órfã. O pai se foi, a mãe foi embora, a criança sem mãe vive um momento difícil”. Em sua visita ao continente ele é acolhido e amado. Alice Windom comenta o encontro de Malcolm com os estudantes de Gana.

Huge crowds had gathered wherever Malcolm agreed to speak, but none larger or more receptive than the assemblage of enthusiastic students at the university of Ghana in Legion. There, evidently, the chemistry was perfect: “He was their and they were his” says Windom, “They fell in love with each other” (GALLEN, 1996, p.18/19)¹

Parece que em África, finalmente, ele encontra a casa que inconscientemente procurava com tanta obstinação. Na Nigéria, durante o discurso na universidade de Ibadan, os alunos o identificaram como “*Omowale*”, que em Yoruba significa a criança que retorna para casa. Os discursos proferidos entre 1964 e 1965, dentre muitos temas tratados, lida também com essa dimensão subjetiva da condição do africano da diáspora. Em uma observação feita por Malcolm, ele fala sobre essa questão tecendo o seguinte comentário:

[...] Ele disse, que como um africano, seu conceito de liberdade consistia em uma situação ou uma condição em que ele, como africano, se sentisse completamente livre para dar vazão aos seus próprios gostos e desgostos e, assim, desenvolver a sua própria personalidade africana. Não é uma condição em que ele está copiando algum padrão cultural europeu ou algum estilo cultural europeu, mas uma atmosfera de plena liberdade, onde ele tem o direito, o espaço para a ação, para trazer para fora todo o talento adormecido, o talento oculto que tem estado lá por tanto tempo. (X, 1965, p. 580).

¹ Multidões enormes se reuniam onde quer que Malcolm concordasse em falar, mas nenhuma audiência foi maior ou mais receptiva do que a grupo de estudantes entusiastas da Universidade de Gana, em Legion. Lá, evidentemente, a química foi perfeita: “Ele era deles e eles eram dele”, diz Windom, “Eles se apaixonaram um pelo outro. Tradução nossa.

Ele afirma que ficou impressionado com a definição dada por Nana Nketsia, então Ministro da Cultura de Gana e ao que parece, ele encontrou o lugar onde seria possível o exercício pleno de sua humanidade enquanto sujeito africano; um lugar onde pudesse agir, criar e atuar a partir de suas próprias referências.

Ele também afirma que foi convidado para permanecer lá, e então todos os seus problemas pessoais seriam resolvidos. Entretanto, ele tinha uma missão que estava ligada a vida de 22 milhões de afro-americanos. Malcolm retorna à América para conduzir seus compatriotas de volta a casa, mas sua tarefa é demasiadamente penosa. No dia 21 de fevereiro de 1965, tiros silenciam o corpo, mas as palavras já proferidas, agora traduzidas para o português, nesta dissertação de mestrado, continua a nos impulsionar nessa nossa odisseia de volta para casa.

2.14 NOTA DO TRADUTOR

Este trabalho de pesquisa dedica-se a realizar a tradução do inglês para o português dos discursos, entrevistas e debates proferidos por Malcolm X no período entre 1960 a 1965. A proposta inicial deste trabalho era selecionar alguns discursos do autor a fim de responder uma questão acerca do processo de construção da liderança afro-americana tendo como base o espaço pós-colonial. Todavia, a tradução parcial mostrou-se insatisfatória, uma vez que fornecia apenas uma compreensão parcial da trajetória do autor. Visto que os discursos, entrevistas e debates constituem uma narrativa com início meio e fim, a tradução parcial deixava uma lacuna que poderia levar o leitor a uma compreensão equivocada do pensamento de Malcolm X. Por essa razão, a fim de evitar uma tradução fragmentada de sua obra, decidiu-se pela tradução completa.

Daí a razão do grande volume da tradução, mas isso ocorreu devido ao nosso comprometimento tanto com a pesquisa quanto com a obra do autor, que em um de seu discurso, revelou que gostaria de deixar uma imagem para pessoas, de alguém que mesmo com os erros, foi sincero em tudo que realizou. E tudo que ele almejava era que os 22 milhões de afro-americanos fossem reconhecidos como seres humanos. E ele morreu por essa causa. Foi, portanto, uma tentativa, como pesquisador, de contribuir para a construção de uma imagem mais pessoal, dissociada da imagem mediática do autor que eu decidi pela tradução de toda a sua obra.

A tradução empreendida neste trabalho se baseia na teoria da afrocentricidade, termo cunhado pelo professor Molefi Kete Asante (1998) e que se refere a epistemologia do lugar. Para Asante, o sujeito africano foi deslocado em termos culturais, psicológicos e econômicos. Assim qualquer avaliação que se faça sobre a sua condição deve ser feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Afrocentricidade é uma questão de localização porque o africano tem atuado na margem da experiência eurocêntrica. Ao longo da pesquisa, constatou-se que a imagem de Malcolm construída pela imprensa colocava o autor em uma condição marginal. A tradução completa da obra, portanto, também é uma tentativa de colocar o autor no centro de sua própria narrativa, uma vez que em vários discursos, ele se defende dos ataques da imprensa e da produção de sua imagem como racista, como um negro raivoso que agia movido pelo ódio. Desse modo, só por meio da tradução completa de seu discurso é que o leitor poderá ter uma melhor compreensão de sua imagem desvinculada da imagem produzida pela imprensa americana.

Então houve aí, uma questão de empatia com as angústias do autor, que demandou de mim, enquanto pesquisador, um comprometimento e uma entrega a sua obra.

Em um artigo publicado no livro *Traduzindo no Atlântico Negro*, organizado pela Profa. Dra. Denise Carrascosa, Augusto Geri, Professora Dra. de Estudos Africanos da Universidade de Brown nos Estados Unidos, nos chama atenção para o fato da tradução do texto afro-diaspórico ser um ato ontológico. Em uma citação de Stuart Hall, ela acrescenta que “estamos ligados na diáspora, tanto através de nossas diferenças como através de nossas semelhanças”. As nossas experiências enquanto sujeitos da diáspora, vivendo experiências semelhantes, nos torna entidades ontológicas. Às vezes, não é necessário o signo para traduzir determinadas situações porque antes de transferir para o papel, essa tradução já se antecipa em nosso próprio corpo. Durante este trabalho de tradução, quantos relatos proferidos por Malcolm me fez lembrar das hostilidades dos seguranças de lojas todas as vezes que o meu corpo acessava determinado espaço; quantos relatos proferidos por ele me fez lembrar do desconforto e da pressão psicológica desse constante sistema de vigilância sobre o meu corpo. Portanto, traduzir Malcolm é um ato de doação ontológica porque rememoro essas experiências enquanto traduzo-o ao mesmo tempo me (re)traduzo a parte do momento que esse texto me afeta e me altera, pondo em marcha essa força agonística, que de acordo com a Profa. Dra. Denise Carrascosa, que desenvolveu o conceito de afrodiasporicidade para pensar a tradução, ressalta que:

Afrodiasporicidade é mais que um conceito, pode ser usado como uma força agonística que destitui e reconstitui territórios. Seus deslocamentos, movimentações e reversões contraculturas negras se disseminam em vários espaços e tempos, desfazendo a unidade centrípeta da nação e suas ilusões narrativas subalternizantes, gerando uma teia de performances que não se reunificam ou retornam para serem aprisionadas em um lugar do passado mítico africano, ao contrário, a partir de sua pujança, projetam-se como potência contemporânea, portanto, ressonante e intempestiva. (Carrascosa, 2017, p.65)

Esses conceitos forneceram algumas chaves para pensar a tradução dos discursos de Malcolm, uma vez que a questão do território é central para construção de suas ideias. Malcolm iniciou sua trajetória pública como porta-voz de Elijah Muhammad, líder do movimento Muçulmano Negro. De acordo com Eric Lincoln, que escreveu sua tese de doutorado sobre o movimento em 1961, essa organização foi criada em 1930 por um misterioso vendedor ambulante africano chamado Wallace Fard Ali. Ele vendia tecidos de seda e logo as mulheres passaram a se interessar pelos tecidos, e ele dizia para as mulheres que era aquele tipo tecido que as mulheres do país de onde as afro-estadunidenses vieram usavam. É interessante notar que esse vendedor não as vê como americanas, ele as vê como africanas nos Estados Unidos e não dos Estados Unidos. As mulheres, então, pedem que ele fale mais sobre o país. Assim, ele passa a ministrar pequenas palestras nos lares. Começou falando de sua experiência como estrangeiro, depois sobre alimentação e posteriormente uma introdução do Alcorão através de uma vasta literatura. O número de pessoas aumentou tanto a ponto de não caber mais em uma sala. Assim, eles resolveram alugar um salão e o batizou de Templo do Islã. Desse modo, nascia em 1930 o movimento Muçulmano Negro. O fato de Wallace Fard Ali, o fundador do Movimento Muçulmano Negro, ver o afro-americano como africano nos Estados Unidos, ele traz uma questão que vai perturbar todo um conceito de nação e que serve de mote para a organização do discurso de Malcolm X. Ao analisar essa questão Paul Gilroy afirma que

A diáspora é um conceito que ativamente perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento. Uma vez que a simples sequência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência é rompida, o poder fundamental do território para determinar a identidade pode ser também rompido. (Gilroy, 2001, p.18)

A questão do território e da natividade enquanto elementos que determinam a nacionalidade podem ser considerados os elementos deflagradores que servirá de base para outras questões na construção do discurso de Malcolm X. Estes discursos podem ser pensados

em três períodos: a) porta voz nacional do movimento e desligamento da Nação Islã; b) peregrinação à Meca e visita ao continente africano, c) retorno ao Estados Unidos.

Malcolm inicia sua vida pública como porta-voz do Movimento Muçulmano Negro, deste modo, as ideias defendidas por ele são de autoria do Movimento Muçulmano Negro. Enquanto grupo religioso, esse discurso se baseia nas escrituras bíblicas e tem a história da escravidão judaica no Egito a base para a construção do discurso. É fazendo uso da tipologia bíblica, o mesmo conceito utilizado pelos colonizadores para elaborar o mito fundacional dos Estados Unidos, que eles reelaboram um mito fundacional da comunidade da diáspora dos afro-americanos. A tipologia é um conceito bíblico, que foi usado como solução na introdução de novos textos no cânone bíblico do Novo Testamento. A solução encontrada era que “tipos” pessoas, lugares, acontecimentos, instituições do Velho Testamento eram vistos como prefigurando “antítipos” no Novo Testamento. Por exemplo, o dilúvio dos dias de Noé (Gênesis 6-7) do Velho Testamento é usado como um tipo de batismo em I Pedro 3:20-21 no Novo Testamento. Desse modo, fazendo uso desse conceito bíblico, o Elijah Muhammad é apresentado como um Moisés moderno que tem uma missão dada por Deus para libertar os escravizados do cativeiro estadunidense. Assim como Moisés, Elijah Muhammad exige a separação total dos afro-americanos dos Estados Unidos e reivindica um território onde eles possam reconstruir sua própria civilização. Esse discurso é um escatológico que prevê o fim do domínio europeu no mundo.

Embora fosse muito questionado sobre o resultado prático dessa abordagem, Malcolm, na condição de representante de Elijah Muhammad, defendia que a integração defendida por eles também não era prática porque não apresentava nenhum avanço no que dizia respeito à melhoria da condição de vida dos afro-americanos. Para ele a promessa de integração era mais uma estratégia do sistema americano para manter os afro-americanos sob controle. Apesar das inúmeras tentativas de (des) potencializar esse discurso escatológico, o fato é que ele era coerente para massa de afrodescendentes e atendia as suas necessidades, então houve uma grande adesão. É possível afirmar que foi a adesão da massa que levou a imprensa americana a promover uma série de debates sobre o movimento.

Eles eram um grupo coeso e muito organizado, formado por jovens em sua maioria, com um grande potencial de militância. Muitos tinham estado em penitenciária e tinham experimentado as formas mais terríveis de exclusão social. O Movimento Muçulmano Negro

oferecia uma possibilidade de mudar a imagem que eles tinham deles próprios. Eles passavam por uma transformação psicológica, espiritual, cultural e moral. Desse modo, eles se reconectavam a sua matriz cultural, a África, e assim reconstruíam sua identidade cultural. Após essa restauração, eles se sentiam empoderados para lutar contra as injustiças sociais. A religião, portanto, forneceu as bases para a reconstrução positiva da imagem do afro-americano. Isso representava uma grande vantagem sobre a sociedade branca americana porque a própria América usou a tipologia bíblica para construir a imagem de uma nação escolhida por Deus para governar o mundo. Ao assumir para si esse modelo tipológico, ela deveria agir conforme o modelo. Todavia, o que se via era uma América moralmente falida e essa decadência moral contrastava com o comportamento exemplar tanto dos Muçulmanos Negros quanto da comunidade afro-cristã. Assim a superioridade moral dos afro-americanos se tornou uma importante ferramenta para a validação de seu discurso. Com o tempo, a atitude racista da América puritana se tornou totalmente incompatível com o seu modelo tipológico bíblico a partir do qual eles construíram seu discurso. Foram essas incongruências que Malcolm apontava em seus discursos, mostrando a decadência moral da sociedade branca americana.

Enquanto a decadência moral da sociedade americana era desmascarada por Malcolm em seus discursos, a população afro-americana, em especial os membros do Movimento Muçulmano Negro, eram estimulados a adotar um alto padrão moral. Ele afirmava que aqueles hábitos eram incompatíveis com o sujeito africano. Eles foram adquiridos durante 400 anos de escravidão, mas havia chegado o momento de reconexão com a matriz cultural a partir da religião natural do homem preto, o islamismo. Desse modo, ele pregava uma reforma moral do homem Negro que o tornava moralmente superior e esse comportamento legitimava seu discurso. E o próprio Malcolm representava a expressão máxima desse novo homem negro reformado moralmente, espiritualmente, culturalmente e psicologicamente. Desse modo, o Movimento Muçulmano Negro atraía os jovens e teve o seu potencial de militância reconhecido pela mídia americana. O movimento também passou a influenciar outros grupos do movimento dos direitos civis da época.

Malcolm aposta nesse potencial de militância do grupo e tentar mobilizar outras lideranças. Ele defende maior autonomia dos líderes. Malcolm analisa a atuação desses líderes e constata que eles não tinham autonomia dentro do próprio movimento. Ao aceitar o patrocínio dos brancos, esses grupos acabavam sendo silenciados pelos seus patrocinadores porque não podia falar contra eles. Para Malcolm, eles não passavam de fantoches. Malcolm foi um

implacável crítico de seus contemporâneos, e essa postura lhe rendeu grandes inimigos. Malcolm elaborava teses e ao longo dos debates ia reelaborando-as, mostrando aos seus oponentes o caráter contraditório de suas próprias ideias.

O Movimento Muçulmano Negro, instituição responsável por lançar Malcolm X na vida pública, tinha um grande potencial de aglutinar os afro-americanos e foi assim que ele atraiu os tipos mais militantes do país. Eles ansiavam por uma solução definitiva para o problema racial. Todavia, o movimento divulgava grandes discursos por meio de seu porta-voz, Malcolm X, mas não se envolvia na militância. Isso gerou uma grande insatisfação porque o grupo tinha um grande potencial humano, mas não usava sua influência na luta dos direitos civis. Por essa razão, os problemas começaram a surgir no interior do Movimento Muçulmano Negro. O próprio líder Elijah Muhammad não soube usar a fase mais produtiva do movimento para promover a luta pelos direitos civis. Havia interesses financeiros em jogo. Elijah Muhammad nomeou seus filhos para cargos de confiança dentro da organização, contrariando a opinião de membros mais antigos.

Como já foi citado antes, a questão moral era de fundamental importância para a legitimação do discurso do movimento. Se apresentar como um modelo tipológico bíblico significa que você deve agir como tal, quando a atitude não corresponde com o tipo, tem-se uma deslegitimação do modelo criado. Sendo o líder do movimento, Elijah Muhammad tinha de agir de modo ético, mas ele falhou ao engravidar seis secretárias e não assumir seu erro e nem a paternidade. Por essa razão, Malcolm decide se desligar do movimento e assim termina sua carreira como porta-voz nacional do Movimento Muçulmano Negro.

2.15 SEPARAÇÃO DO MOVIMENTO

Após ser suspenso por Elijah Muhammad, durante três meses, por causa de uma nota divulgada pela imprensa fora do contexto usado por Malcolm. A nota induziu as pessoas a pensarem que ele estava satisfeito com o assassinato do presidente John Kennedy. Por essa razão, ele é suspenso por três meses. Após o cumprimento da suspensão Malcolm se desliga oficialmente do movimento e faz uma peregrinação à cidade sagrada de Meca. Essa experiência marcou profundamente o seu espírito e o fez repensar muitos de alguns pontos polêmicos de seu discurso. Embora continuasse um crítico ferrenho de seus contemporâneos, após a viagem, ele passa a adotar um discurso mais moderado. Ao notar, durante a peregrinação à Meca, a participação e o comportamento dos brancos no Islã, ele atribui a religião muçulmano o poder de remover a branquitude da mente dos brancos. Ele passa acreditar que uma irmandade entre

os homens é possível e a religião muçulmana pode realizar esse bem, produzindo relações mais equânimes entre os homens. Parece que pela primeira em sua turbulenta existência, Malcolm foi tratado como ser humano. Teve uma experiência de interação em que duas pessoas apenas usufruem da presença uma da outra sem a necessidade de provar nada, apenas a experiência de estar aberto para usufruir a presença física do outro.

Após a peregrinação à Meca, Malcolm faz uma viagem ao continente materno, essa viagem foi fundamental para fortalecimento dos vínculos ancestrais. Ele teve audiências com os principais líderes dos recentes estados independentes africanos e fica impressionado com os Combatentes da Liberdade e sua luta pela independência. A década de 60 pode ser considerada o ano da África. É um período em que o continente ressurge no cenário mundial, ocupando cadeiras na ONU e participando ativamente da política mundial. Essas audiências com os líderes africanos foram importantes para Malcolm reformular seu discurso. Dentre todas as experiências no continente materno, a mais importante foi a sua participação na Conferência de Cúpula Africana, uma reunião com todos os chefes de estados dos países recém independentes. Nessa conferência, eles se uniram em busca de uma solução para a libertação total do continente do colonialismo europeu. Malcolm fala sobre a condição dos afro-americanos nos Estados Unidos e pede o apoio desses líderes junto as Nações Unidas. Ele tenta tirar a luta da categoria dos direitos civis e colocá-la na categoria de direitos humanos. Pois ao elevá-la para categoria de direitos humanos, os países membros da ONU poderiam intervir na luta dos direitos civis. Essa reunião trouxe grande esperança para Malcolm que acreditava ser esse o caminho para solução do problema racial nos Estados Unidos.

2.16 RETORNO AOS ESTADOS UNIDOS

O terceiro período do discurso diz respeito ao retorno aos Estados Unidos e a tentativa de aplicar as novas ideias adquiridas nas audiências com os chefes de estados africanos. Este retorno é marcado por uma enorme tensão devido à divergência com o Movimento Muçulmano Negro. É uma fase em que o movimento começa a perder seus membros e alguns deles voluntariamente passam a seguir Malcolm. A tensão se intensifica com o escândalo do líder Elijah Muhammad com as secretárias. Além disso, houve mudanças na hierarquia do grupo envolvendo os filhos de Elijah Muhammad, gerando insatisfação entre os membros do grupo. Inicialmente, Malcolm evita qualquer desavença com o grupo, quando questionado sobre o movimento, ele evita falar sobre o grupo. Todavia, o Movimento Muçulmano Negro começa atacar antigos membros e ameaçar Malcolm X. Mesmo sob ameaças, Malcolm abre uma

Mesquita Muçulmana destinada a ensinar o Islã ortodoxo. Ele consegue a aprovação das autoridades eclesiásticas da comunidade Islã. Para ele, a religião era fundamental para a militância pois fornecia força espiritual necessária para a reconstrução moral do indivíduo. Contudo, ele entende que vive em um país racista e que não pode fechar os olhos para a condição em que os afro-americanos viviam. Em decorrência desse fato, ele cria a Organização da União Afro-americana, uma instituição voltada para o combate ao racismo e a violência contra os afro-americanos. É um período muito profícuo da militância de Malcolm. Com a experiência adquirida em África, ele aborda a questão sob uma nova perspectiva e propõe mudanças que vão desde a abordagem pacífica, duramente criticada por ele, a uma mudança de postura por parte dos líderes dos direitos civis. De acordo com Malcolm, eles não eram líderes, mas fantoches pagos pelos patrocinadores para manter os afro-americanos apaziguados.

Em seus debates Malcolm faz uma análise do movimento civil ao longo dos anos e comprova a partir de suas teses que o grupo não tinha avançado. Enquanto discursava e elaborava novas estratégias de luta, o Movimento Muçulmano Negro continuava em sua prática terrorista, machucando e debilitando membros que deixavam o movimento. Ao ser convidado para um comício em Detroit, lugar onde o movimento foi fundado, Malcolm decide revelar o lado podre do movimento. Na noite anterior a viagem, sua casa é bombardeada, mesmo assim, ele decide ir ao comício. Ao retornar de Detroit, dá uma coletiva a imprensa sobre a sua decisão de revelar o lado podre do movimento. Essa estratégia parece ter sido uma tentativa de parar as constantes violências praticada pelos membros do Islã; segundo Malcolm, violências sobre as quais o FBI sabia, mas fingia não ver. De fato, era interessante para o governo acirrar essa rivalidade entre os movimentos. Desse modo, o Movimento Muçulmano Negro se sentiu livre para eliminar Malcolm e o governo se resolveria o problema sem precisar intervir. Foi exatamente isso que aconteceu. Em 21 de fevereiro de 1965, data em que ele apresentaria seu programa político para a comunidade afro-diaspórica, Malcolm foi brutalmente assassinado, após sua habitual saudação *Salaam alaikum*.

3 Comício da Liberdade - Harlem (1960)

Salaam alaikum (Paz seja convosco) amados irmãos e irmãs, bem-vindos ao nosso comício pela liberdade do Harlem. Quando dizemos "nosso" não significa muçulmano, nem cristão, nem católico, nem protestante, batista, metodista, democrata, republicano. Por "nosso comício pela liberdade do Harlem", queremos dizer o povo Negro do Harlem, o povo Negro da América, e os Negros por toda a terra. A maior concentração de Negros na terra está aqui mesmo no Harlem, por isso estamos reunidos hoje no Harlem Square para um comício pela liberdade dos Negros, pelos Negros e para o benefício dos Negros.

Não estamos aqui neste comício porque já ganhamos a liberdade. Não! Estamos aqui reunidos pela conquista da liberdade que há muito nos foi prometida, mas que ainda não a recebemos. Este comício é para a conquista da liberdade plena que até agora este governo não nos concedeu. Não haveria necessidade de protestar contra o governo se já estivéssemos livres.

A liberdade é essencial para a própria vida. A liberdade é essencial para o desenvolvimento do ser humano. Se não tivermos liberdade nunca poderemos esperar justiça e igualdade. Só depois que tivermos liberdade, a justiça e a igualdade se tornarão realidade.

Hoje, estamos reunidos neste comício para ouvir de nossos líderes que têm agido como nossos porta-vozes e nos representados diante do homem branco. Queremos saber como nossos líderes realmente pensam, como falam, como se sentem... e o mais importante de tudo, queremos que eles saibam como nos sentimos.

Repentinamente, muitos destes líderes tornaram-se "peritos do Harlem" e, como tal, são frequentemente considerados pelo homem branco como os "representantes do povo do Harlem". Se este for o caso, então nós queremos que os discursos desses líderes sejam discutidos no Harlem também. Os líderes têm diferenças, e essas diferenças podem causar divisão grave entre as massas. Mas hoje não há mais tempo para os chamados Negros se darem ao luxo de manter "diferenças".

Novamente, eu repito, não estamos reunidos aqui hoje porque somos muçulmanos ou cristãos, protestantes ou católicos, batistas ou metodistas, democratas ou republicanos,

maçons..., mas porque somos uma massa de pessoas negras que foi colonizado, escravizado, linchado, explorado, enganado e abusado.

Como uma massa de pessoas negras que foram privados, não apenas dos direitos civis, mas até mesmo dos direitos humanos, do direito à dignidade humana..., do direito de ser um ser humano!

Este comício pela liberdade é um esforço para unir todos os nossos líderes. Nós vamos deixar de lado quaisquer diferenças mesquinhas, e no espírito de Bandung² nós nos reunimos nesta mesma plataforma, onde cada um pode expressar seus sentimentos pessoais e apresentar sua solução pessoal para esta grave crise que enfrentamos.

O mundo ocidental enfrenta hoje uma grande catástrofe. Está à beira de um desastre. O Sr. Muhammad diz que a única maneira do nosso povo evitar a destruição impetuosa que o próprio *Allah* irá desencadear em breve neste mundo perverso é que o nosso povo se reúna entre si em unidade e pratique a verdadeira irmandade. O Sr. Muhammad diz que *Allah* está conosco para unir nosso povo em uma irmandade, e para ajudar aqueles que são oprimidos, e para elevar aqueles que são oprimidos.

O mundo ocidental, cheio de infortúnio e maldade, está tateando e tropeçando cegamente em uma escuridão espiritual em direção à sua inevitável desgraça. O Sr. Muhammad diz que devemos nos qualificar para que a luz espiritual de *Allah* nos guie para além das armadilhas da destruição.

O mundo ocidental está cheio de embriaguez, vício de drogas, mentira, roubo, jogatina, adultério, prostituição e hospedeiros de outros males. Estes males devem ser removidos se o mundo deseja ter paz. Estes males são a principal causa de problemas em toda a terra. Esses males promovem ganância e luxúria, aumentam a maldade e a agitação, e destroem todas as esperanças de paz.

² A **Conferência de Bandung** foi uma reunião de 29 países asiáticos e africanos em Bandung (Indonésia), entre 18 e 24 de Abril de 1955, com o objetivo de mapear o futuro de uma nova força política global (Terceiro Mundo), visando a promoção da cooperação econômica e cultural afro-asiática, como forma de oposição ao que era considerado colonialismo ou neocolonialismo, por parte dos Estados Unidos e da União Soviética.

Você quer paz. Eu quero paz. Todos anseiam por um mundo de paz. O Sr. Muhammad diz que qualquer um que se submete ao Deus da paz terá paz. Até mesmo o próprio homem branco pode prolongar o seu tempo hoje se ele se submeter ao Deus da paz, e dar liberdade, justiça e igualdade para o "povo de *Allah*"... os chamados Negros aqui na América.

A cidade de Nínive na Bíblia para onde Jonas foi enviado a fim de advertir o povo daquela região é um bom exemplo profético de hoje. Eles foram realmente poupados porque eles se arrependeram quando receberam o aviso de *Allah*. *Allah* vai poupar o mestre de escravizados se ele também se arrepender.

Todo afro-cidadão quer paz. Quando estive na África, no ano passado, fiquei profundamente impressionado com o desejo dos nossos irmãos africanos pela paz e eles também concordam que não pode haver paz enquanto não nos libertarmos do colonialismo, da dominação estrangeira, da opressão e da exploração.

O Deus da paz e da justiça está prestes a estabelecer seu reino de paz e justiça aqui nesta terra. Sabendo que *Allah* está prestes a estabelecer o seu governo justo, o Sr. Muhammad está tentando nos tornar moralmente limpos a fim de nos qualificar para entrar nesta nova nação virtuosa de *Allah*.

Os chamados Negros americanos devem reconhecer uns aos outros como irmãos e irmãs... parar de carregar armas e facas para machucar uns aos outros, parar de beber uísque, tomar drogas, maconha e até mesmo cigarros. Chega de jogo! Poupe seu dinheiro. Pare de adulterar e se prostituir. Eleve a mulher negra; respeite e a proteja. Libertemo-nos dos hábitos imorais e *Allah* estará conosco para nos proteger e guiar.

Então, devemos formar uma plataforma que vai ser bom para todo o nosso povo, bem como para outros. Como pessoas negras devemos nos unir. Temos de reconhecer e dar um apoio ativo e inteligente aos nossos líderes políticos que lutam por nós, de forma altruísta, sincera e destemida.

Mas para provar sua sinceridade e seu direito ao apoio das massas negras, esses líderes devem primeiro mostrar destemor, inteligência e unidade entre si. Eles devem parar de brigar uns com os outros. Eles devem parar de atacar uns aos outros na frente do homem branco, e

para o benefício do homem branco. Se os líderes Negros têm diferenças de opinião, devem resolver entre si. Mas quando estiverem diante do adversário, devem mostrar-se uma frente unida diante daqueles que é um inimigo comum para todos nós.

O Sr. Muhammad convidou todos os líderes aqui hoje para esse propósito. Ele quer o nosso povo unido, mas a unidade nunca existirá entre as massas negras, desde que os nossos líderes não estejam unidos.

Queremos apoiar líderes que vão lutar por nós, líderes que não têm medo de exigir liberdade, justiça e igualdade. Nós não queremos líderes que são escolhidos a dedo para nós pelo homem branco. Não queremos mais nenhum Tio Tom.

Não queremos mais líderes que sejam fantoches ou papagaios do homem branco. Queremos líderes corajosos como nossos porta-vozes que não tenha medo de declarar as nossas reivindicações, que possa de modo sábio exigir o que precisamos, o que queremos e o que é nosso por direito. Não queremos líderes que sejam mendigos, que acabam se comprometendo com o inimigo. E não queremos líderes que sejam egoístas ou gananciosos..., que nos vendam por algumas moedas de prata³.

Este ano haverá uma grande eleição. Que tipo de líderes queremos no cargo? Quais serão os líderes que as massas negras vão apoiar? O Sr. Muhammad tem milhares de seguidores e milhões de simpatizantes. Ele vai apoiar qualquer líder Negro que seja destemido que vai se levantar para ajudar os chamados Negros americanos a obter liberdade plena e imediata.

Se esses líderes Negros estão com medo de se identificarem conosco para não irritar o homem branco, ou perder o favor do homem branco ou o seu apoio, então eles não podem mais contar com o apoio das massas negras.

Eles nos chamam de extremistas raciais. Eles chamaram Jomo Kenyatta também de extremista racial e Tom Mboya de moderado. É apenas o medo do homem branco de homens como Kenyatta que o leva a ouvir homens como Mboya. Se não fosse pelos extremistas, o homem branco ignoraria os moderados. Para ser chamado de "moderado" neste mundo Negro que desperta e que está clamando pela liberdade, é como receber o "beijo da morte"⁴ como

³ Uma referência a Judas que traiu Jesus por trinta moedas de prata.

⁴ Referência ao beijo que Judas deu em Jesus na noite em que o entregou aos soldados do templo para ser entregue aos Fariseus.

porta-vozes ou líderes das massas..., mas as massas estão prontas para arrebentar as algemas da escravidão independentemente se os “moderados” se levantarem ou não. Temos muitos líderes Negros que não têm medo, especialmente quando sabem que as massas negras estão apoiando-os. Muitos deles estão qualificados para nos representar não só neste governo dos Estados Unidos, mas também poderia nos representar neste governo, se nos fosse dado 100% de cidadania e oportunidade para a participação em PRIMEIRA CLASSE..., ou então podemos apoiar estes mesmos líderes na criação de um governo independente com nossa própria administração.

Nós, as massas negras, não queremos que esses líderes, que buscam o nosso apoio, venha a nós representando um certo partido político. Eles devem vir até nós, hoje, como líderes Negros representando o bem-estar dos Negros.

Não seguiremos nenhum líder hoje que venha de uma base de partido político. Ambas as partes, democratas e republicanos são controladas pelas mesmas pessoas que abusaram de nossos direitos e que nos enganaram com falsas promessas cada vez que há uma eleição.

O Sr. Muhammad sofre com a desunião que existe até mesmo entre os intelectuais e profissionais Negros. São esses chamados Negros considerados "educados" que deveriam nos libertar deste labirinto de miséria. Eles possuem o conhecimento acadêmico, grandes habilidades técnicas, mas eles não podem usá-lo para o benefício de seu próprio povo, simplesmente porque eles mesmos também são desunidos. Se estes intelectuais e profissionais se unissem, não só o Harlem se beneficiaria, mas beneficiaria o nosso povo em todo o mundo.

O Sr. Muhammad diz que a desunião é nosso obstáculo número um, e essa desunião existe apenas porque falta conhecimento de si mesmo, da nossa própria espécie. Os chamados Negros "intelectuais" parecem pensar que a integração é a solução. Mas, não é, "integrar" significa tornar-se como uma unidade. Como podem estes "intelectuais" esperar que o homem branco nos aceite em sua unidade social, em sua unidade política, ou unidade econômica quando nós não estamos ainda em unidade, como uma unidade, entre nossa própria espécie?

Nós, os muçulmanos, somos a favor da irmandade, mas não a favor da integração. Qual é a diferença? A irmandade é baseada no amor que produz automaticamente atos voluntários de benevolência sincera. Mas a integração produz hipocrisia, força o homem branco a posar como um pretense e falso "liberal". Assim, atos "benevolente" que são "forçados pelas leis de

integração" estão produzindo hipócritas brancos e reduzindo as chances de criar um "acordo de trabalho mútuo" entre as duas raças.

Sua sede de integração faz o homem branco pensar que você quer se casar com sua filha. Nós muçulmanos, que seguimos o Sr. Muhammad, não achamos que *Allah* queira que os Negros se casem com mulheres brancas. O Sr. Muhammad e seus seguidores são veementemente contra o casamento inter-racial.

Isso é convenientemente e propositadamente mal interpretado por nossos inimigos que nos acusam de ser anti-brancos, anticristãos, e antiamericanos simplesmente porque nós recusamos ir atrás das mulheres do homem branco! Deixe o homem branco ficar com suas mulheres, e deixe-nos ficar com as nossas.

Alguns dos chamados Negros, que amam as raças e querem mulheres brancas, estão enfurecidos com o Sr. Muhammad porque ele ensina e é contra o relacionamento inter-racial..., suas atitudes fazem o homem branco pensar que somos anti-brancos. Estou surpreso que o homem branco seja tão burro o suficiente para acreditar nestes Tio Toms que se rebaixam como Judas para ser bufos contra a sua própria espécie.

Temos oceanos de afro-cidadãos nesta terra: na África, na Ásia, e até aqui na América. Nossas mulheres são as mais belas, lindas como um buquê de flores. Por que devemos ir atrás das mulheres brancas?

Com as "transformações" pelas quais o mundo passa hoje, o que faríamos casado com uma mulher branca. O povo dela não vai aceitar vocês no bairro deles, e o nosso povo está adquirindo consciência racial. Eles não vão aceitar que você a traga para a nossa comunidade para viver conosco. Assim, ambos vão se tornar "desajustados", indesejáveis e indesejados em qualquer sociedade. Onde você viverá? Porque nós muçulmanos olhamos a situação como ela é e enfrentamos a realidade. Isso não significa que nós somos anti-brancos. Não queremos a sua mãe branca, a sua irmã branca, nem a sua filha branca. Queremos apenas uma chance igual nesta terra, mas para ter uma chance igual, devemos ter a mesma coisa que o homem branco teve, antes que ele pudesse fundar esta nação... DEVEMOS TER NOSSA PRÓPRIA TERRA!

Por que queremos nossa própria terra? Porque a terra é essencial para a liberdade. De que outra forma os 20 milhões de pessoas negras que agora constituem uma nação de direito,

uma nação dentro de uma nação, esperam sobreviver para sempre em uma terra onde somos os últimos contratados e os primeiros demitidos, simplesmente porque não temos terra própria?

Por mais de 400 anos temos sido muito fiéis aos mestres de escravizados da América. Agora *Allah* está advertindo-os através do Sr. Muhammad para que eles sejam sensatos o suficiente para nos dar alguma terra para que possamos nos separar deles e começar por nós mesmos.

Isso não é mais do que a obrigação do homem branco. Está em pleno acordo com a religião cristã. Sua Bíblia diz que quando um escravizado é libertado, seu mestre deve dar-lhe algo para ajudá-lo a começar por conta própria..., nunca o mandar embora de mãos vazias.

Se os hebreus na Bíblia, que era apenas 600.000 escravizados no Egito, e *Allah* estava preocupado em dar-lhes liberdade, enviando-os a uma terra própria, uma terra onde "emanava leite e mel"..., então o que dizer dos cerca de 20 milhões dos chamados Negros aqui na América que tem "liberdade" apenas para procurar emprego?

Você não percebe que nossos antigos "líderes" têm lutado pela coisa errada..., o tipo errado de liberdade? O Sr. Muhammad diz que devemos ter alguma terra onde possamos trabalhar duro para nós mesmos, sermos iguais, e vivermos com dignidade. Então nós não teremos que implorar ao homem branco as migalhas que caem ocasionalmente de sua mesa. Ninguém respeita ou aprecia um mendigo.

Visto que dizemos que Lincoln nos libertou, vamos tirar proveito dessa liberdade unindo-nos e fazendo algo para nossa própria espécie. Mas devemos ter um pouco desta terra. Estamos na América há mais de 400 anos. Temos sido chamados de "livres" há 100 anos, e mesmo assim ele nos chama de "fardo do homem branco".

Nós muçulmanos não queremos mais ser um fardo para a América. *Allah* deu ao Sr. Muhammad uma mensagem divina, programa e solução. Precisamos de terra! O homem branco deveria estar contente em dar a seus leais "escravizados" alguma terra para que possamos sair do seu caminho e seguir por nós mesmos.

Vamos então criar nossas próprias fazendas, fábricas, empresas e escolas. E mostrar-lhes o quanto nós apreciamos a educação que ele nos deu, usando-a para nos tornarmos autossustentáveis... economicamente e de outra forma.

Queremos uma terra onde possamos criar unidade, harmonia e fraternidade e vivermos juntos em paz. Visto que a América reconhece que este falso show de integração e casamento não vai funcionar, ela deve apressar os passos para reservar alguns desses Estados para nós, e colocar-nos lá por nós mesmos.

Se a América se arrepender e fazer isso, *Allah* vai perdoar alguns de seus atos ímpios (como nos dias de Nínive). Mas se a América se recusar a dar ao Sr. Muhammad o que *Allah* instruiu-o a pedir..., então, como as casas bíblicas do Egito e Babilônia..., impérios de escravos da Bíblia ... *Allah* vai destruir o governo americano e toda a raça que ele favorece e representa neste planeta... e *Allah*, então, vai dar a terra inteira de volta aos proprietários originais, o homem Negro.

3.1 Malcolm X na Universidade Queens (05 de maio de 1960)

Agradecemos por nos convidarem a apresentar as nossas reflexões sobre este tema: "A Posição do Negro na Recente Sociedade Americana". Mas para entender nosso ponto de vista você deve primeiro saber algo sobre a nossa religião, o Islã. O criador do universo, a quem muitos de vocês chamam de Deus ou Jeová, é conhecido pelos muçulmanos pelo nome de *Allah*. Assim, os muçulmanos acreditam que todos os profetas vieram de um só Deus e conseqüentemente todos ensinaram uma e única religião, chamada Islã, que significa submissão e completa obediência a *Allah*.

Aquele que pratica esta obediência divina é chamado de muçulmano, geralmente conhecido, soletrado, e referido aqui no Oeste como muçulmano. Existem mais de 600 milhões de muçulmanos nesta terra, predominantemente na África e na Ásia, e nós aqui na América, que estamos sob a orientação divina do Sr. Elijah Muhammad, somos uma parte integrante do vasto mundo do Islã que se estende dos mares da China às margens ensolaradas da África Ocidental.

A situação que o chamado homem Negro enfrenta aqui na América é única por causa de sua condição original. Assim, sua aceitação ao Islã e no Islã afeta-o de forma distinta... diferentemente de todos os outros convertidos ao Islã.

O Sr. Elijah Muhammad é nosso líder divino e professor aqui na América. Ele acredita e obedece 100% a *Allah* e está ensinando e trabalhando entre nós para cumprir o propósito divino de *Allah*.

Que propósito é esse? O propósito de *Allah* hoje, assim como foi nos dias bíblicos, é a completa separação dos chamados Negros do mestre de escravizados..., como a Bíblia diz sobre hoje: deixe cada homem estar sob sua própria videira e figueira.

O melhor exemplo bíblico disso é a escravidão dos hebreus na terra do Egito sob o domínio de faraó..., um homem livre e alguns escravizados, que eram estrangeiros em uma terra que não lhes pertenciam, e como *Allah* escolheu Moisés para separá-los de seu mestre.

Uma vez que o mestre de escravizados declarou que os seus "antigos escravizados" estavam livres, o Sr. Muhammad diz que para o nosso bem futuro, e do antigo mestre de escravizados, *Allah* também declarou que devemos ser separados.

Para muitos de vocês aqui neste auditório dessa faculdade, isso soa ridículo; para alguns, até parece loucura. Mas 20 milhões de afro-americanos aqui na América agora podem ser comparados a uma nação de direito. Você acredita que uma nação dentro de outra nação poderá ser bem-sucedida, especialmente quando ambos têm educação igual?

Uma vez que o escravizado adquire o mesmo nível de instrução do seu mestre, ele quer ser como seu mestre, quer compartilhar da propriedade do seu mestre, e usufruir os mesmos privilégios de seu mestre.

Este é o cerne do problema da América hoje, e não haverá paz para ela enquanto 20 milhões dos chamados Negros estiverem aqui implorando por direitos iguais, os quais a América sabe que ela nunca vai nos conceder.

Mesmo com a educação limitada que a América concedeu a seus ex-escravizados, essa já produziu grande agitação... e *Allah* Todo Poderoso diz que a única maneira para a América ter paz é separarmos dela... e, portanto, o Sr. Muhammad nos ensina que devemos ter nossa própria terra.

Se recebermos educação igual, quanto tempo você acha que continuaremos a ser seus servos passivos ou cidadãos de segunda classe? Não existe tal coisa como cidadãos de segunda classe. Ou somos cidadãos completos ou não somos cidadãos!

Quando você ensina a um homem a ciência do governo, ele desejará participação ou posição igual neste governo, ou então ele desejará ser um líder neste próprio governo. Ele exigirá igualdade com seu mestre.

Nenhum homem com o mesmo nível de educação irá se submeter a você. A única maneira de continuar nos governando é com um conhecimento superior, ou por continuar oferecendo uma educação inferior ao nosso povo.

A América não nos deu educação igual, ela nos deu o suficiente para nos estimular a querer mais e exigir igualdade de oportunidades, o que está causando grande agitação. Assim, a única solução é a separação completa! Você acredita no cumprimento da profecia bíblica, que o grande dia da separação está chegando, e que o conhecimento da verdade causará essa separação. Nós estamos vivendo esse tempo hoje!

Vocês não são pessoas comuns aqui neste auditório universitário. Vocês são estudantes, estudiosos, professores, vocês têm educação suficiente para avaliar os eventos atuais, bem como a história contra a verdade que o Sr. Muhammad está ensinando.

Por mais de 300 anos nossos pais serviram o seu. Durante a escravidão, nossos pais não reivindicaram direitos civis aos seus pais. Nossos pais não tinham educação suficiente para fazê-lo. Eles foram ensinados por seus mestres brancos que nasceram inferiores... que nasceram para servir aos brancos... "superior", brancos que lhes negaram o direito à cidadania, mesmo após a proclamação da suposta emancipação.

Hoje o Sr. Muhammad não vê nada além da destruição de ambas as raças se ficarem juntas. A integração irá causar a desintegração de ambas.

Uma criança permanece dentro da mãe até a hora do nascimento. Quando chega o momento do nascimento, a criança deve ser separada ou destruirá sua mãe e ela mesma. A mãe não pode carregar aquela criança depois de seu tempo. A criança quer ser livre. Ela reclama por um mundo próprio. Se a mãe não a libertar naturalmente, os médicos devem forçar o nascimento..., o que às vezes causa a morte dela. Se ela pode libertá-la naturalmente e facilmente, é muito melhor... senão, o procedimento deve ser forçado.

Os 20 milhões dos chamados Negros na América hoje representa uma nação dentro de uma nação e estão clamando por liberdade. Temos de ser libertados, temos de nascer. Devemos ser separados..., ou isso causará a destruição de ambos! A separação é a única solução hoje. Isto parece loucura? Isto parecer ser ridículo?

Durante a escravidão, nossos pais teriam sido mortos se defendessem a integração com o homem branco, e agora que *Allah* declarou que este é o dia da separação, o homem branco quer, ou pelo menos está falando em integração com seu ex-escravizado.

América pode resolver seus problemas atuais e evitar uma crise pior, criando alguns Estados separados para nós aqui mesmo na América.

Lembre-se dos hebreus no Egito. Depois de viverem 400 anos como escravos de Faraó, *Allah* tinha que cumprir a promessa que Ele tinha feito através de Abraão..., mas Faraó não queria libertá-los. Isso custou a própria liberdade do mestre dos escravizados, de seu país e sua vida porque ele se opôs ao plano de *Allah*, que ordenou a separação de seu povo de Faraó para estabelecê-lo em uma terra própria.

Allah não teria destruído o mestre de escravizados se ele tivesse obedecido, mas assim como a América é hoje, o mestre de escravizado bíblico, Faraó, também era muito rico, muito forte, e muito orgulhoso para ouvir Moisés... a quem eles olharam com desprezo apenas como um inarticulado ex-escravizado. O Sr. Muhammad enfrenta oposição hoje, tanto pelo seu próprio povo como pelos brancos, simplesmente porque ele defende a completa liberdade, justiça e igualdade para os 20 milhões dos chamados Negros.

A América é uma nação livre. Por que a América se oporia ao Sr. Muhammad por ensinar a liberdade aos chamados Negros? Ele não está pedindo uma "sociedade integrada", que só levaria ao temido casamento com os filhos e as filhas brancas da América. Ele está exigindo separação completa onde teremos total liberdade, justiça e igualdade em uma terra própria.

E se *Allah* escolheu o Sr. Muhammad hoje para nos separar e nos colocar em uma terra onde podemos construir nossa própria nação igual as outras nações civilizadas... você quer que *Allah* destrua o seu país como fez com o Egito bíblico... por se opor ao seu plano divino?

3.2 Debate com Bayard Rustin (novembro de 1960)

Malcolm X: Nos últimos dois anos, o honorável Elijah Muhammad tornou-se o homem Negro mais ouvido na América, porque ele está tendo um sucesso tão surpreendente em relação a aceitação de seu programa entre as chamadas massas Negras. A revista *Time*, no ano passado, admitiu que ele eliminou entre os seus seguidores o vício do álcool, das drogas, profanidade tudo o que deriva do desrespeito a si mesmo. Ele eliminou com sucesso o roubo e o crime entre seus seguidores. A revista também ressaltou que ele eliminou o adultério, prostituição, fazendo os homens Negros respeitarem suas mulheres, algo que tem sido caracteristicamente ausente entre os nossos homens. A revista também salientou que os muçulmanos, seguidores de Elijah Muhammad, eliminaram a delinquência juvenil.

Quando você pensa sobre isso, a revista *Time* reconhece que o Sr. Muhammad é um dos maiores reformistas morais que apareceu entre os chamados Negros. Alguns meses mais tarde, o *U.S. News & World Report* afirmou que o Sr. Muhammad foi bem-sucedido ao salientar a importância da economia. O ponto principal de seu programa consiste na criação de fazendas para alimentar o nosso povo, fábricas para produzir bens para nós mesmos, empresas para gerar empregos para nós mesmos, ser economicamente independente, em vez de sentar-se à espera do homem branco para nos dar empregos. O que o honorável Elijah Muhammad tem ensinado não procede com o que temos sido acusados de: nacionalismo. O nacionalismo é uma abordagem política para os problemas que o chamado Negro na América está enfrentando.

O objetivo do nacionalismo Negro é o mesmo objetivo do muçulmano. Estamos apontando para o mesmo objetivo. Mas a diferença está no método. Dizemos que a única solução é a abordagem religiosa; é por isso que enfatizamos a importância de uma reforma moral. Gostaria de salientar que o Sr. Muhammad não é um político. Ele não acredita que a política seja a solução para o problema do Negro. A solução está em *Allah*. Temos que admitir isso porque o problema do chamado Negro é diferente dos problemas de qualquer outro povo Negro em qualquer lugar nesta terra desde o início dos tempos. Cada condição do chamado Negro foi predestinada e profetizada. E acreditamos que estamos vivendo o cumprimento dessa profecia hoje. Acreditamos que nossa história na América, nossas experiências nas mãos dos mestres de escravizados estão em consonância com a profecia bíblica. E acreditamos que a presença do Sr. Muhammad entre os chamados Negros aqui na América está em consonância com as profecias bíblicas.

Mediador: Isto envolve a criação de um estado separado na América?

Malcolm X: Envolve a criação de um estado Negro para o homem Negro, senão for na América, em algum lugar nesta terra. Se não for no exterior, então aqui na América. Principalmente envolve adquirir alguma terra que o homem Negro possa chamar de sua. Se os poderes não nos querem aqui, então eles devem tornar possível outro lugar para nós.

Mediador: Envolve política, então.

Malcolm X: Qualquer religião que não leve em consideração a liberdade e os direitos do chamado Negro é uma religião inapropriada. Mas a política como tal não é a solução. Mas a solução divina está atrelada a esse princípio. Você pode chamá-la de política, se quiser, mas o problema geral do chamado Negro na América não é um problema político, como tal, é um problema econômico, um problema social, um problema mental, e um problema espiritual. Só *Allah* pode resolver esse problema.

Bayard Rustin: Estou muito feliz por estar aqui e acho que Malcolm X pode esclarecer algumas das perguntas que ele trouxe. Acredito que a grande maioria dos chamados Negros não estão buscando nada de ninguém. Estão tentando se tornar cidadãos de pleno direito. Seus antepassados trabalharam para este país, contribuindo muito para ele. Os Estados Unidos não pertencem a nenhuma pessoa em particular, e na minha opinião, a grande maioria dos chamados Negros e seus líderes tomam a integração como sua principal referência, o que significa que, corretamente ou erroneamente, eles procuram se tornar parte integrante dos Estados Unidos. Temos, creio eu, muito trabalho ainda a fazer, tanto politicamente como através dos tribunais, mas creio que chegamos ao ponto em que a maioria dos chamados Negros, providos de um sentido de dignidade e de orgulho, se organizaram para exigirem tornar-se parte integrante de todas as instituições dos Estados Unidos. Estamos fazendo as coisas por ação direta através das quais sentimos que irá favorecer esta causa. Acreditamos que a justiça para todas as pessoas, incluindo os chamados Negros, pode ser alcançada. Esta não é uma posição única, enquanto uma controvérsia não é certamente tão controversa como o Malcolm X sustenta. Por isso, gostaria de lhe fazer esta pergunta: a lógica de sua posição é dizer às chamadas pessoas Negras neste país: "Temos de migrar e criar um estado na África." Parece-me que este é o lugar onde você deseja ir.

Malcolm X: Bem, Sr. Rustin, deixe-me falar sobre o "cidadão de pleno direito" ou como eles dizem "cidadão de primeira classe". A maioria dos chamados líderes Negros condiciona as

massas Negras a pensarem em termos de cidadania de segunda classe, mas não existe tal coisa. Nós, que seguimos o honorável Elijah Muhammad, acreditamos que um homem é cidadão ou não é cidadão. Ele não é um cidadão por grau. Se o homem Negro na América não é reconhecido como cidadão de primeira classe, nós não acreditamos que ele seja um cidadão pleno. As pessoas vêm aqui da Hungria e são integrados ao modo de vida americano rapidamente, eles não são colocados em qualquer quarta classe ou terceira classe ou qualquer tipo de classe. O único que é colocado nessa categoria é o chamado Negro, que é forçado a implorar ao homem branco para aceitá-lo. Nós achamos que se 100 anos após a proclamação da emancipação, da qual o homem Negro ainda não é livre, então achamos que o que Lincoln fez, de fato, não nos libertou.

Bayard Rustin: Isso é tudo muito bom, mas não responde à minha pergunta.

Malcolm X: Estou respondendo sua pergunta. O homem Negro na América, uma vez que ele recebe a sua pretensa liberdade ainda está a 9.000 milhas de distância do que ele pode chamar de lar. Seu problema é diferente dos outros que estão se esforçando para conquistar a liberdade. Em outros países, eles são maioria e o opressor é minoria. Mas aqui, o opressor é maioria. O homem branco pode apenas deixá-lo sentar-se⁵. Ele pode encontrar outra pessoa para administrar suas fábricas. Então não achamos que a abordagem passiva possa funcionar aqui. E vemos que ninguém, além do chamado Negro, foi incentivado a buscar a liberdade desta forma. Os liberais pedem ao chamado Negro para usar a abordagem passiva e dar a outra face para bater, mas eles nunca disseram aos brancos que estavam em cativeiro para usar essa mesma abordagem passiva. Eles não pedem aos brancos na Europa Oriental, que estão sob o jugo russo para serem passivos em sua resistência. Eles lhes fornecem armas e os tornam heróis e os chamam de combatentes da liberdade. Mas se um homem Negro se torna militante em sua luta contra a opressão, então imediatamente, ele é classificado como um fanático. O homem branco está posando como o líder do chamado mundo livre, e a única maneira de ele ser aceito como o líder do chamado mundo livre é pela maioria das pessoas nesta terra, a maioria dos quais não são pessoas brancas. E eles o medem pela forma como ele trata os afrodescendentes aqui na América. Esta conversa de integração é hipocrisia para impressionar os nossos irmãos na África e na Ásia.

⁵ Referência a estratégia de protesto de Dr. Martin Luther King

Bayard Rustin: Então o que você está dizendo é que você se opõe à integração porque não é significativo e não pode funcionar. Se você acredita que a integração não é possível, então a lógica de sua posição me faz acreditar que você deve estar procurando um pedaço de território para ir. Ou você está defendendo a continuação da escravidão, já que você acha que não podemos obter a integração pelos métodos que eu defendo, que é considerado um processo lento, um processo rígido de integração, ou você está propondo separação.

Malcolm X: Acreditamos que a integração é hipocrisia. Se o governo precisa aprovar leis para nos deixar entrar em seu sistema de educação, se eles têm de aprovar leis para obrigar o homem branco a nos aceitar em seus bairros para termos melhor habitação, que é o mesmo que apontar uma arma na cabeça deles, isso é hipocrisia. Se o homem branco nos aceitasse sem necessidade de aprovação de leis, então concordaríamos.

Bayard Rustin: Acha que isso vai acontecer?

Malcolm X: Bem, o seu bom senso lhe diz que não vai acontecer senhor.

Bayard Rustin: Mas se você não pode fazê-lo através do método constitucional, e você não pode fazê-lo através da irmandade, então o que você vê como futuro das pessoas negras aqui e por que eles deveriam ficar?

Malcolm X: Como qualquer pessoa inteligente pode ver, o homem branco não vai compartilhar sua riqueza com seus ex-escravizados. Mas Allah nos ensinou que a única solução para os ex-escravizados e o mestre é a separação.

Bayard Rustin: Então você acredita em separação.

Malcolm X: Nós acreditamos absolutamente na separação.

Bayard Rustin: Bem, você está sendo lógico em dizer: "Vamos tomar um território, uma parte dos EUA" ou você está dizendo, "Vamos sair"?

Malcolm X: Eu acho que ambos são lógicos. A terra pode ser em qualquer lugar. Quando o honorável Elijah Muhammad nos ensina que temos que ter nossa própria terra, significa apenas que devemos ter nosso próprio território. Agora, se a intenção do mestre é boa, já que temos sido trabalhadores fiéis, devo dizer servos fiéis todos estes anos, então parece razoável que ele deva nos dar alguns destes Estados.

Bayard Rustin: Tudo bem, agora está claro que você está defendendo a separação.

Malcolm X: Separação não integração.

Bayard Rustin: Tudo bem, agora que está claro, podemos finalizar esse tema e passar para outras coisas. Não há uma inconsistência na sua posição econômica? Para onde eles vão se mudar? Quando Moisés levou seu povo para o deserto, ele tinha uma ideia muito clara de onde estava indo.

Malcolm X: Bem, mencionar Moisés está correto. As pessoas que Moisés estava conduzindo eram provavelmente o paralelo mais próximo dos problemas que confrontam o chamado Negro. O povo de Moisés foi escravizado numa terra que não era deles. O povo de Moisés tinha uma mentalidade de escravizado, eles adoravam um Deus que não era deles. O Negro na América se comporta da mesma maneira, ele venera o Deus do homem branco e ele aceita a religião do homem branco. Eles estão na mesma condição, social, mental, política, espiritual, como as pessoas com as quais Moisés conviveu há 4.000 anos. Agora, se você se lembra, Moisés não defendeu a integração, ele defendeu a separação. Em nenhum lugar da Bíblia você verá Moisés pedir ao seu povo que se integre com Faraó. Sua única doutrina era: deixe meu povo ir. Isso significava separação, não buscar integração na terra da escravidão. Não significava procurar a aceitação do mestre do escravo. Ele disse: se você me seguir, eu vou levá-lo a uma terra que emana leite e mel. Ele nunca disse a ninguém onde estava localizada aquela terra. Ele nunca disse às pessoas onde as levaria, nem o que teriam que passar. E se você voltar a esse tempo você vai ver que alguns deles acreditaram nele, mas muitos tinham medo do mestre de escravizados. Eles não acreditavam que poderiam se dar bem sem o Faraó. Não acreditavam que alguém lhes daria um emprego se o Faraó não os desse. Eles não acreditavam que poderiam ter um sistema econômico livre de Faraó. Lembre-se, Faraó nunca se opôs a Moisés. Ele sempre usou os mágicos para se oporem a Moisés. E hoje, o mestre de escravizados moderno recebe um monte dos chamados políticos Negros para se opor a Elijah Muhammad, usando vários truques para fazer os chamados Negros pensarem que ele é um homem louco, assim como Faraó tinha mágicos para fazer os hebreus acharem que Moisés era um homem louco. Mas agora deixe-me dizer isto: nós acreditamos que o honorável Elijah Muhammad é um Moisés moderno. Algumas pessoas dizem que Adam Clayton Powell é um Moisés moderno e alguns dizem que Martin Luther King é um Moisés moderno, mas ninguém pode afirmar ser um Moisés moderno até que ele descubra o que o primeiro Moisés fez. E Moisés nunca defendeu a integração. Ele defendeu a separação completa. E ele não defendeu a resistência passiva, ele defendeu olho por

olho e dente por dente. "Ame o seu inimigo": enquanto você ensinar esse tipo de filosofia a um homem, ele continuará na condição de escravizado.

Bayard Rustin: Bem, eu sou um grande defensor da não-violência, mas acho que toda essa conversa sobre se integrar ou não, e se envolver na vida econômica deste país pode ser mais interessante para mim se eu soubesse para aonde você levaria as pessoas. Mas eu não sei aonde você quer ir. E acho que você também não.

Malcolm X: Sim, nós sabemos. Podemos tomar alguma terra aqui, senhor.

Bayard Rustin: Sim, mas se você não acredita em integração, e eles não te amam, você acha que eles vão dar-lhe dez ou doze Estados?

Malcolm X: Ah, Sr. Rustin: a situação em que um homem se encontra é o que o faz chegar a certas decisões. A situação da América é pior que qualquer país da história do mundo.

Bayard Rustin: Eu concordo.

Malcolm X: Agora o que está causando esta situação? O problema racial. O problema número um da América é o chamado Negro. O que devemos fazer? O que devo fazer com esse problema Negro? E quando a América é atacada no problema racial, o que ela pode dizer?

Bayard Rustin: Ela pode dizer muito.

Malcolm X: O quê?

Bayard Rustin: Vou te dizer uma coisa. Eu passei vinte e cinco anos de minha vida envolvido na luta racial, e fui vinte e duas vezes para a cadeia. A América pode dizer que até 1954, os Negros não podiam frequentar à escola com brancos. Agora eles podem. Os Negros não podiam juntar-se aos sindicatos, agora eles podem. Com isso, não estou querendo dizer que nenhuma dessas coisas sejam perfeitas, mas que é o bastante para que América possa se justificar com a Rússia e a China e o resto do mundo a respeito da questão racial e, mais importante, isso é o suficiente para manter a grande maioria dos Negros pensando que as coisas podem melhorar aqui. Até você ter algum lugar para ir, eles vão querer ficar aqui. Agora, eu quero parar bem aqui e deixar algo claro. Na mente de Muhammad, isto pode ser uma questão religiosa, mas nas mentes de seus seguidores o movimento muçulmano é um conceito psicológico e político. Eles não leem o Alcorão, eles leem a Bíblia. Eles são essencialmente, culturalmente, cristãos, não

muçulmanos. Por que eles se chamam muçulmanos? Porque eles não querem usar a mesma terminologia religiosa que seus mestres usaram. A maioria dos Negros que foram trazidos para a América veio da costa oeste da África, muito antes da propagação do Islã para essa parte da África.

Malcolm X: Foi isso que o homem branco te ensinou... depois de te despir da tua cultura original. Agora, considere o Império Mali, isso mostra a influência da religião muçulmana na África Ocidental antes da descoberta da América.

Bayard Rustin: Eu não estou rebaixando a cultura da África Ocidental, eu estou apenas dizendo que a influência islâmica veio mais tarde. Em toda a África Ocidental você vai encontrar esculturas maravilhosas que se tornaram referências para a arte europeia no século XX, nomeadamente Picasso e cubismo. Agora essas esculturas não poderiam ter sido feitas se a influência do Islão prevalecesse, porque, como você deve saber, aos muçulmanos não são permitidos criar figuras em seus objetos de arte.

Malcolm X: Deixe-me citar a revista Times no domingo passado. Ele diz que o Islã está se espalhando como fogo na Nigéria e o cristianismo é superficial.

Mediador: O progresso envolve um maior senso de identidade racial?

Bayard Rustin: Eu acredito que é muito importante ter um grande senso de identidade racial, porque eu acredito que é completamente impossível para as pessoas lutarem criativamente se elas realmente não acreditarem em si mesmos. Acredito que a dignidade está em primeiro lugar. Isso para mim é duplamente importante porque acreditar na integração e não ser dito para aonde estamos indo, eu posso ver nada mais lógico do que ficar aqui e lutar por seus direitos. Também por causa de princípios morais, mas vamos deixá-los de lado por um momento, não vejo nenhuma maneira para o Negro lutar, exceto através da não-violência, e uma dedicação a uma estratégia de não-violência como uma questão de princípio. Agora, portanto, se você está indo lutar com a não-violência, em certa medida, você vai ter uma certa afeição com as pessoas que estão maltratando você. Agora afeição pelo outro companheiro não é possível sem um grande senso de dignidade de si mesmo e, portanto, a dignidade do Negro para mim não é algo a parte. É algo essencial para a luta. As pessoas em Montgomery foram capazes de lutar e obter a integração em seus ônibus por uma razão simples: dez anos antes, eles não poderiam ter feito isso porque eles não acreditavam em si mesmos.

Quando eles acreditam em si mesmos, que poderiam ser socialmente afetuosos com a oposição, enquanto ao mesmo tempo eles poderiam ser extremamente militantes e preparado para se sacrificar, eu acho que isso é mais importante e eu, portanto, concordo com Malcolm X que livrar-se da feiura resultante da pobreza e da sua posição na sociedade é muito necessária e importante. Nós certamente podemos concordar nesse ponto. Mas agora deixe-me fazer-lhe outra pergunta, porque eu quero esclarecer a sua posição sobre a questão judaica. Onde é que você e seu grupo saiu com esta questão? Eu tenho sido levado a entender que a sua posição é, particularmente, no Harlem, que uma das razões pela qual os Negros são tão oprimidos é porque os judeus estão os explorando e que eles estão tentando explorar o mundo árabe e criar dificuldades no Oriente Médio. Eu gostaria de saber se isso é um mal-entendido.

Malcolm X: Se você leu o que o honorável Elijah Muhammad tem escrito e ele tem escrito muito, eu acredito que você não encontrará um artigo onde ele tenha apontado o judeu como um explorador do homem Negro. Ele fala do explorador. Ele não classifica em termos de francês ou inglês ou judeu ou alemão, ele fala do explorador e, por vezes, o homem que é o mais culpado de exploração vai pensar que você está apontando o dedo para ele e alegar que você é anti-este ou anti-aquele. Não fazemos distinção entre exploração e explorador.

Bayard Rustin: Agora, o que você quer dizer com o homem que é o mais explorado vai fazer propaganda?

Malcolm X: Eu quero dizer que quando um homem divulga coisas contra os muçulmanos na mídia, geralmente, este homem sabe que o dedo está sendo apontado para ele, mas em outras palavras, você sente que muitos judeus pensam assim.

Malcolm X: Eu não sei. Mas eu digo que você não pode encontrar nada que o honorável Elijah Muhammad tenha escrito ou dito, rotulando o judeu de explorador. Não senhor, mas ele fala sobre a exploração, opressão e a desonestidade que tem sido usado contra o povo Negro na América. Agora o homem que é culpado, deixe quem for culpado usar a carapuça. Mas ele nunca fez essa distinção entre um francês ou um judeu ou um alemão. Um explorador é um explorador, eu não me importo que tipo de rótulo você vai colocar nele você não pode esquivá-lo.

3.3 Entrevista de Malcolm X à Eleanor Fischer (1961)

Eleanor Fischer: Malcolm X, ministro da comunidade muçulmana afro-americana, da cidade de Nova York, e representante nacional de Elijah Muhammad, líder espiritual do movimento Muçulmano Negro. Sr. Malcolm, posso pedir-lhe que nos diga algo sobre o movimento Muçulmano Negro na América? O que é? O que significa?

Malcolm X: Bem, é principalmente um movimento religioso aqui na América que tem o propósito de reformar o homem afro-americano, os chamados Negros, reformar-nos moralmente e nos habilitar para assumirmos o controle de nossas vidas a fim de sermos capazes de fazer algo para nós mesmos. O honorável Elijah Muhammad, nosso líder religioso, nos ensina a importância de fazer algo por nós mesmos, ao invés de continuarmos na dependência da comunidade branca. Ele nos ensina que se fizermos algo por nós mesmos, nos limpamos moralmente, intelectualmente e tentarmos fazer algo por nós mesmos economicamente, seremos reconhecidos e aceitos pelos outros. Mas enquanto permanecermos na dependência do homem branco, sem ter feito nada para provar que possuímos o mesmo potencial que eles, sempre haverá este problema e essa tensão racial.

Eleanor Fischer: Quando você diz ser forçado a conviver com os outros, com a comunidade branca, o que exatamente você quer dizer com isso?

Malcolm X: Bem, qualquer forma de integração, integração forçada, qualquer esforço para forçar a integração com os brancos é realmente hipócrita. É uma forma de convivência fingida. Se um homem branco me abraçar voluntariamente, isso significa irmandade. Mas se você coloca uma arma nele e o obriga a me abraçar e fingir ser cordial ou fraternal comigo, então isso não é fraternidade, isso é hipocrisia. E o que a América está tentando fazer é aprovar leis que forcem os brancos a fingir que querem os Negros em suas escolas ou em seus locais de trabalho.

Bem, isso é hipocrisia, e isso piora a relação entre Negros e brancos, ao invés disso, a aceitação deveria ser de forma voluntária. Assim, o honorável Elijah Muhammad diz que, o que deve acontecer é que o próprio homem Negro deve aprender a desenvolver-se, da mesma forma que o homem branco se desenvolveu. Para que possam se unir e reconhecer uns aos outros como iguais.

Eleanor Fischer: Bem, como pode o homem Negro desenvolver-se em uma sociedade separada?

Malcolm X: Bem, é fácil, ele já está separado. O fato de haver o Harlem, o fato de haver o gueto Negro e a chamada favela negra, isso já denota separação. O fato de ele ser um cidadão de segunda classe é uma separação política. O fato de ele ser o último a ser contratado e o primeiro a ser demitido é uma separação econômica. Devido essa forma de separação é que o homem Negro é explorado. O honorável Elijah Muhammad diz que devemos nos separar, mas neste estado separado, ao homem Negro deve ser dada a oportunidade e o incentivo para fazer por si mesmo o que o homem branco tem feito por ele mesmo. Se você tem um bairro só de brancos, você não o reconhece como um bairro segregado. Mas se você tem um bairro só de Negros, você o reconhece como um bairro segregado. Por quê? Porque o bairro segregado é controlado a partir do exterior por outros, mas um bairro separado é um bairro independente, é igual, ele pode decidir seu próprio destino como bairro. É um bairro independente, livre, uma comunidade livre. Eles não estão sendo forçados a conviver com ninguém socialmente. Mas o bairro Negro, que é inferior, está implorando por uma chance de se integrar no que é superior, o que não vai acontecer. Isso vai gerar conflitos.

Eleanor Fischer: Bem, em outras palavras, você acha que primeiro, o Negro tem que elevar-se a um status de igualdade com a comunidade branca.

Malcolm X: Sim.

Eleanor Fischer: Agora, o que acontece, suponhamos que ele possa fazer isso, você seria então a favor da integração, digamos, nas escolas ou em qualquer outro lugar?

Malcolm X: Quando você é igual a outra pessoa, o problema da integração nem sequer surge. Não vem à tona. Os chineses neste país não estão pedindo integração. Os japoneses não estão pedindo integração. A única minoria na América que está pedindo integração é o chamado Negro, principalmente porque ele é considerado inferior, não inerentemente inferior, mas ele é economicamente, socialmente, politicamente inferior. E isso existe porque ele nunca tentou se manter sobre seus próprios pés e fazer algo por ele mesmo. Ele assumiu o papel de um mendigo.

Eleanor Fischer: Bem, como pode um grupo minoritário neste país, assim chamado, se tornar independente?

Malcolm X: Bem, eu posso dar-lhe este exemplo, explicando a diferença entre segregação e separação. Segregação é uma relação de força em que um indivíduo em posição inferior é forçado por um superior. Enquanto a separação é feita voluntariamente por dois iguais. Se eu tenho filhos e eles vivem na minha casa, eu me importo com eles, eles são dependentes de mim. E sua dependência me coloca em uma posição para regular suas vidas, controlar suas vidas, dizer-lhes para onde ir, onde eles não podem ir. É uma forma de segregação. Mas quando as crianças se tornam mais velhas e pensam que são iguais a mim, deixam a minha casa. E quando eles saem da minha casa e começam a construir uma casa para eles mesmos, fornece roupas, comida e abrigo para eles, isso os torna independentes de mim. Isso os coloca fora da minha jurisdição. E o fato de eles poderem fazer por eles mesmos, o que eu fiz por mim mesmo, me faz ter de reconhecer que eles são iguais a mim. E agora, o honorável Elijah Muhammad diz que o homem Negro na América, nos últimos 400 anos, tem sido como um menino na casa do homem branco, implorando ao homem branco por um emprego, por comida, roupas e abrigo. E então, depois que o homem branco lhe fornece todas essas coisas, ele se vira e ainda tem a audácia de ficar com raiva do homem branco quando o homem branco tenta controlar sua vida.

Eleanor Fischer: Mas como, do ponto de vista prático, o Negro pode ser autossuficiente?

Malcolm X: O honorável Elijah Muhammad diz que, em primeiro lugar, ele deve ter um conhecimento de si mesmo. E isso lhe dará confiança em si mesmo. Ele sofreu uma lavagem cerebral por meio do sistema educacional que existe aqui na América a ponto de fazê-lo pensar que ele era um selvagem que vivia na selva antes de ser trazido para cá. E isso destruiu sua moral. Então, a primeira coisa que deve ser feita é que ele tem que ser re-ensinado, ele tem que ser reeducado e reconhecer que ele é um homem, como qualquer outra pessoa, e então ele poderá ser autossuficiente como outros são. Eu poderia dar exemplos, os brancos que vieram aqui apenas, digamos, 50 anos atrás, vieram como imigrantes para este país, eles criaram empresas, indústria. Alguns deles vieram aqui como imigrantes pobres, iletrados. E hoje são economicamente independentes. Agora, o homem Negro aqui, pretensamente liberto por Lincoln, 100 anos atrás. O homem Negro na América tem um poder de compra de vinte bilhões de dólares agora, e ele é educado. Se o homem branco pôde vir aqui sem educação e como imigrante, e dentro de 10 ou 15 anos criou indústria que oferece oportunidades de emprego e oportunidades educacionais para os Negros, então se o homem Negro, a liderança negra, que tem acesso a todo este dinheiro e com todo esse conhecimento acadêmico hoje, não pode usar seu talento e seu know-how para criar oportunidades de negócios, oportunidades de emprego, oportunidades de habitação. Uma vez que os líderes brancos têm feito isso para as pessoas

brancas, então esses líderes Negros precisam sair do muro e fazer algo para o povo Negro. Eles não estão conduzindo nosso povo para qualquer tipo de independência, eles estão usando suas posições e sua educação e seu talento para explorar o nosso povo de modo pior do que o mestre de escravizados fez durante a escravidão.

Eleanor Fischer: Você está defendendo um estado dentro de um estado para a comunidade negra?

Malcolm X: Não um estado dentro de um estado, mas o honorável Elijah Muhammad está dizendo que o homem Negro, desde que o homem branco não conseguiu resolver a questão da integração, a não ser a partir de uma base simbólica, e que prova que nós dois, o ex-escravizado e o mestre não podemos viver na mesma casa como iguais. E, ao mesmo tempo, então o que o Sr. Muhammad diz é, eles deveriam pegar sua Marinha e sua frota mercante e nos enviar de volta onde eles nos pegaram. E isso não é deportação, isso é devolução de propriedade roubada ao seu próprio dono. Agora, uma vez que o governo não quer fazer isso, e eles já provaram que eles não podem oferecer relações pacíficas com base na integração neste país, que nos dê algum território separado neste país onde o nosso povo possa ir e fazer algo para nós mesmos. E nos forneça tudo o que precisamos para manter o novo território, até que este se torne autossuficiente. E não deve ser muito difícil de entender o que governo deve fazê-lo, porque se este governo pode enviar vinte bilhões de dólares para a América Latina para alguns camponeses que nunca lutaram por este país ou trabalharam para este país, e enviar centenas de milhões de dólares para a África e Ásia para tentar comprar amizade de pessoas que nunca serão amigáveis com eles, então eles deveriam ser ainda mais rápido para gastar qualquer quantia de dinheiro necessária para colocar sua casa em ordem, antes que seja tarde demais. Então, não achamos que estamos implorando por nada. Achamos que estamos exigindo o que é nosso por direito. E tudo o que estamos pedindo é uma oportunidade de fazer algo por nós mesmos, ao invés de ficarmos sentados como um mendigo, implorando por empregos e implorando por educação a outra pessoa para o resto de nossas vidas.

Eleanor Fischer: Bem, muitos sociólogos dizem que a razão pela qual o Negro nos Estados Unidos é citando-os “inferior” se você quiser usar essa expressão, é por causa do que o homem branco tem feito com a segregação. E eles, portanto, vêm como solução o fim da segregação e tudo o que isso implica. Agora, aparentemente, sua filosofia é a antítese completa desta ideia em particular.

Malcolm X: Bem, eu não sei se você pode chamar isso de antítese. Estamos principalmente interessados em resolver o problema dos 20 milhões pessoas negras. E se a integração vai resolver o problema amanhã, então vamos nos integrar. Mas desde que o Supremo Tribunal emitiu a sua decisão de dessegregação há sete anos, e você só tem cerca de seis ou sete por cento de integração hoje, em um nível educacional, o que significa que o homem Negro, tentando usar a integração como um meio de resolver seu problema, precisará de mais 100 anos, apenas pensando a integração em nível educacional. O que o homem branco na América precisa perceber é que há um novo pensamento entre os Negros de hoje que não estão dispostos a sentar e esperar por mais cinco anos para ter esse problema resolvido, muito menos cem anos. E como a integração é tão lenta, e o homem branco sabe que o problema deve ser resolvido, a única coisa que ele pode fazer é separar, porque nós já estamos separados.

Eleanor Fischer: Malcolm, o que acha de Martin Luther King?

Malcolm X: Eu acho que qualquer homem Negro que ensine os Negros que eles devem dar a outra face e sofrer pacificamente depois deles já terem oferecido a outra face, sofrido pacificamente por 400 anos em uma terra de servidão, sob o mais cruel e desumano tratamento dado pelo mestre de escravizado que qualquer pessoa já viveu, ele está cometendo uma injustiça a essas pessoas e ele é um traidor do seu próprio povo. Ninguém deve ensinar ao homem Negro na América que ele deve dar a outra face, a menos que alguém ensine ao homem branco na América a dar a outra face também. E ninguém deve defender qualquer sofrimento pacífico para os Negros, a menos que o homem branco pratique o mesmo tipo de sofrimento pacífico. O que Martin Luther King está fazendo é desarmar o povo Negro da América de seu direito dado por *Allah*, de seu direito natural. E a lei da natureza dá a um homem o direito de se defender quando é atacado. Assim, o sofrimento e resistência pacífica talvez tenham dado certo na Índia, um lugar onde o número de pessoas supera o número de brancos, cerca de um milhão para um. Na Índia, você tem um elefante sentado em cima do rato. Mas aqui na América, você tem o rato tentando sentar em cima do elefante, pensando que está indo a algum lugar. É um absurdo.

Eleanor Fischer: Você não acha que talvez a ideia de resistência não violenta é uma tática que desarma a comunidade branca tanto quanto, senão mais, do que ela faz ao Negro?

Malcolm X: Não. Você não desarma nenhuma comunidade branca confinando-a com qualquer método em particular. Se você quer liberdade, então você deve lutar pela liberdade como Patrick

Henry lutou, por qualquer meio necessário. Se você não está disposto a pagar o preço pela liberdade, você não a merece.

Eleanor Fischer: Bem, parece-me que, que na verdade, a base da distinção aqui é uma, a distinção de metas. Os objetivos do Dr. King são bem diferentes dos seus. Ele acredita na integração.

Malcolm X: Bem...

Eleanor Fischer: Integração completa na sociedade. Certo?

Malcolm X: Não, bem, é aí que o Dr. King está equivocado. Seus objetivos deveriam ser a solução do problema do homem Negro na América, não na integração. A integração é o método para obter esse objetivo. E o que o líder Negro fez foi se envolver no método e esqueceu qual é o objetivo. O objetivo é a dignidade do homem Negro na América. Ele quer respeito como ser humano. Ele quer reconhecimento como ser humano. Agora, se a integração vai conseguir isso, tudo bem. Se a segregação vai conseguir isso, tudo bem. Se a separação vai levá-lo a isso, tudo bem. Mas se mesmo depois da integração ele ainda não tiver obtido essa dignidade e este reconhecimento como um ser humano, então seu problema ainda não está resolvido.

Eleanor Fischer: Bem, não é exatamente isso que o Dr. King almeja, o dia em que o Negro seja tratado com dignidade? Não foi isso, afinal, um resultado do boicote de ônibus de Montgomery?

Malcolm X: Não, porque eu não acho que o fato de você ter uma oportunidade de andar na frente, atrás ou no meio do ônibus, de propriedade de outra pessoa, dignifique você. Quando você tem seu próprio ônibus, então você tem dignidade. Quando você tem sua própria escola, você tem dignidade. Quando você tem seu próprio país, você tem dignidade. Quando você tem algo que é seu, você tem dignidade. Mas sempre que você tiver que implorar por uma chance de participar de algo que pertence a outra pessoa, ou usar o que pertence a outra pessoa, em uma base igual com o proprietário, isso não é dignidade. Isso é ignorância. Se me permite acrescentar, por exemplo, o King e estes outros dirão que estão lutando para o chamado Negro para ter a mesma oportunidade de trabalho. Como pode um grupo de pessoas, como o nosso povo, que não possui fábricas, ter igualdade de oportunidade de trabalho competindo contra a raça que detém as fábricas?

A única maneira de ambos terem oportunidades iguais de trabalho é se os Negros possuírem fábricas assim como os brancos possuem. Então poderemos empregar brancos ou Negros, assim como eles podem empregar brancos ou Negros. Mas desde que as fábricas estejam nas mãos dos brancos, a casa esteja nas mãos dos brancos, o sistema educacional esteja nas mãos dos brancos, você tem uma situação onde os Negros terão que ficar implorando constantemente aos brancos: se eles podem usar isso ou aquilo. Isso não é igualdade de oportunidades, nem pode proporcionar dignidade a ninguém.

Eleanor Fischer: Bem, você não admitiria que a situação no Sul hoje para o Negro é melhor do que era, digamos, 10 anos atrás?

Malcolm X: Não, porque há 10 anos, o afro-americano sabia qual era sua condição e hoje, por causa da revolução mundial que está ocorrendo por toda a terra, ele está lutando pelo que ele sabe que é seu por direito, mas o movimento por parte de King e dos outros não têm feito nada, além de abrandar a militância que é inerente à natureza do afrodescendente. Em todo mundo, as pessoas estão defendendo a liberdade. Neste país, estes chamados líderes Negros mantêm os afro-americanos sentados, pensando que há dignidade em se sentar pacificamente. Devo acrescentar, senhora, onde no mundo você pode dizer, ou alguém pode dizer, que implorar, esperar ou pleitear trará dignidade ao homem afro-americano? Quando o povo da Hungria não implorou? Eram combatentes da liberdade. E lutaram pela liberdade deles. E eles vieram para este país, e eles eram húngaros, eles eram comunistas, de um país comunista. E agora os guerreiros húngaros da liberdade podem arranjar empregos que os afro-americanos não podem. Eles podem dormir e viver em hotéis onde Martin Luther King não pode. Então eles são reconhecidos e respeitados porque eles são lutadores, não porque eles são acomodados ou cavaleiros da liberdade.

Eleanor Fischer: Bem, você aconselharia o Negro no Sul então pegar em armas e controlar as fábricas desse jeito?

Malcolm X: Não, não. O honorável Elijah Muhammad nos ensina a religião do Islã, que é uma religião de paz. E ele diz que a maneira de resolver este problema é o homem branco nos dar um território nosso. E então nosso povo, nós temos o conhecimento técnico, nós temos o conhecimento agrícola, nós temos trabalhado para o homem branco em seu negócio. Trabalhamos em cada fase de seu governo. E em vez de trabalhar para ele e ajudá-lo a sustentar um governo que continua a subjugar-nos socialmente, explorar-nos economicamente e oprimir-

nos politicamente, vamos trabalhar em nosso próprio território e usar nossos próprios talentos para elevar-nos por nossos próprios esforços. E então ele vai nos reconhecer pelo que somos.

Eleanor Fischer: Sim, mas suponha que você não tenha esse território, o que parece muito provável, então o que você vai fazer? Como você vai realizar seus objetivos?

Malcolm X: Isso não é problema nosso, isso é problema da América. Se a maioria dos americanos soubesse do problema que o tio Sam tem em toda a terra, eles veriam que estamos mais próximos em obter um território separado neste país do que os integracionistas em obter a integração. Você tem um problema racial que deve ser resolvido, ou então você vai alienar cada pessoa não-branca nesta terra dentro dos próximos anos, ou dentro dos próximos meses.

Tio Sam agora está forçando a integração só porque ele está tentando impressionar as pessoas no exterior que ele é moralmente qualificado para ser o líder do mundo. E se ele não pode fazer isso, então vai aliená-los. E todas as centenas de milhões de dólares ou bilhões de dólares que ele investiu no estrangeiro para tentar comprar a amizade dos outros povos no mundo irão para o ralo. Ele não enviou vinte bilhões de dólares para a América do Sul porque ele ama essas pessoas. Ele enviou porque precisa de seu apoio, precisa de sua fidelidade. E por que ele deveria investir vinte bilhões de dólares na África do Sul, que vai cair no ralo cada vez que você tiver um incidente racial neste país? Resolva o problema racial aqui, e uma vez que você resolver o problema racial aqui, você não precisará investir esses bilhões de dólares no exterior.

Eleanor Fischer: Malcolm, quantos adeptos tem o seu movimento?

Malcolm X: Nunca ouvi o honorável Elijah Muhammad mencionar quantos são. Mas eu penso como uma pessoa inteligente, você concordaria que quando você está ensinando povos oprimidos que eles devem ser libertos de sua opressão não depois de 100 ou 10 anos, mas desde agora, você espera que seu ensinamento atraia mais simpatizantes.

Eleanor Fischer: Então você acha que você tem muitos mais adeptos do que, digamos, aqueles que uma vez foram citados no New York Times.

Malcolm X: A parte principal da árvore é a raiz, e a raiz está sempre embaixo do solo. Ela nunca é trazida para a luz.

Eleanor Fischer: Você diria então que o afro-americano médio, particularmente no Sul, que afirma, segue e acredita na filosofia do Dr. King, na verdade, não acredita nesta filosofia, pelo menos no fundo do seu coração, estaria disposto a segui-lo?

Malcolm X: Bem, tudo que você tem de fazer é voltar aos dias da escravidão. Naquela época, havia dois tipos de escravizado, o escravizado da casa e o escravizado do campo. O escravizado da casa era aquele que acreditava no mestre, que tinha confiança no mestre e geralmente era muito cordial com ele. Também era usado pelo mestre para manter os outros escravizados pacificados. Os escravizados do campo nunca deixavam aquele escravo da casa saber o que realmente estavam pensando. Se o escravo da casa dissesse, bem um dia desses todos nós vamos viver na plantação, eles diriam, uh uh. Eles iriam com ele. Mas se você se aproximasse deles e dissesse, vamos, eles iriam assim mesmo. E na América você tem a mesma situação agora. Você tem as grandes massas que ainda estão escravizadas. Você tem os chamados Negros da classe alta, que são os tios Toms dos tempos modernos. Eles usam chapéus de topo. Eles são chamados de doutor, eles são chamados de Reverendo, mas eles desempenham o mesmo papel hoje que o tio Tom desempenhava na plantação.

Eleanor Fischer: Você está comparando o Dr. King ao escravizado da casa dos dias da escravidão?

Malcolm X: Se você ler a história da escravidão e ver o papel do tio Tom no sistema de plantação, você vai perceber como o homem branco de hoje mudou suas táticas, mas ele ainda ocupa a mesma posição, nesse mesmo contexto você encontra o tio Tom. Ele mudou de tática, mas ainda ocupa a mesma posição. Seu trabalho é pacificar os escravizados, mantê-los dispostos a sofrer pacificamente, mantê-los dispostos a amar o seu inimigo e orar por aqueles que os exploram sem rancor. É a mesma coisa que o tio Tom fez na plantação antes de Lincoln emitir a Proclamação de Emancipação.

Eleanor Fischer: E você acha que é isso que King está fazendo hoje?

Malcolm X: Bem, se ele preenche esse papel, eu não sei. Mas ele está ensinando o povo Negro a sofrer pacificamente, pacientemente, até que o homem mude de ideia e passe a vê-lo como ser humano. Mas o honorável Elijah Muhammad está ensinando ao homem Negro: você é um homem. Tudo o que tens de fazer é dignificar-te. Você não tem de esperar por qualquer homem branco para reconhecer-te. Reconheça-se. Ame uns aos outros. Pratique harmonia e fraternidade

entre sua própria espécie. Faça algo por si mesmo e então você será reconhecido pelo mundo inteiro como um homem que fez por si mesmo o que os outros fizeram por eles próprios.

Eleanor Fischer: Você acha que o Dr. King é sincero no que ele está dizendo e fazendo, ou você acha que talvez ele esteja sendo um oportunista em seu próprio modo pensar, mas seu modo de pensar pode estar errado?

Malcolm X: Ele está errado, e eu estou inclinado a acreditar que a maioria dos chamados líderes Negros, Negros profissionais são Negros profissionais. Ser um Negro é a profissão deles, e ser um líder é a profissão deles. E geralmente, eles dizem exatamente o que o homem branco quer ouvi-los dizer. Eles nunca deixam o homem branco saber exatamente o que os afro-americanos estão pensando. E a maioria deles cuja existência ou cuja posição de liderança depende do subsídio ou das migalhas da mesa do homem branco, só vai dizer o que aquele homem branco quer ouvir. Quando eles se reúnem, eles falam uma língua diferente. E eu acho que eles fazem mais mal ao homem branco e a América do que os muçulmanos fazem ao deixar o homem branco saber exatamente o que pensamos e o que os afro-americanos pensam em geral.

Eleanor Fischer: Existe alguma liderança na comunidade negra, fora do movimento Muçulmano Negro, que você aprovaria?

Malcolm X: Quem quer que esteja dizendo ao homem branco que sua posição é injusta e que o povo Negro não deve ter de esperar por qualquer legislação do Supremo Tribunal, Congresso ou Senado ou mesmo do Presidente para emitir qualquer tipo de proclamação para melhorar a condição de nosso povo, se um chamado líder Negro defender essa questão, deixando esse ponto claro, então ele tem nossa aprovação. Mas enquanto ele estiver levando o homem branco a pensar que o nosso povo está satisfeito em sentar-se em sua casa e esperar até que eles corrijam essas condições, ele está deturpando o pensamento das massas negras, e ele está fazendo um desserviço ao homem branco porque está fazendo o homem branco ser mais complacente do que ele seria se ele soubesse a situação perigosa que está construindo bem dentro de sua própria casa. Um gato que está dentro de sua casa irritado, insatisfeito é mais perigoso para você do que um leão criado do lado de fora.

Eleanor Fischer: Bem, você sabe, voltando a questão filosófica que você falou sobre a aceitação, este é um dos argumentos que a comunidade branca no Sul dá para os Negros que reivindicam certos direitos, que é bom frequentar as mesmas escolas e até mesmo sentar-se à mesa nas cantinas, mas esta questão da igualdade social e aceitação social, na verdade, é outra

coisa, os brancos não querem, e você não quer. Agora, onde está a diferença? Você não está tomando essa posição ao contrário?

Malcolm X: Não diga... não diga brancos do Sul, brancos do Norte, não há diferença entre brancos do Sul e brancos do Norte. O fato é que os brancos do Sul não são hipócritas. Você não encontra mais nenhum inter... Há tanta mistura social no Sul como há no Norte. Mas no Sul, eles deixam você saber o que eles pensam, e no Norte eles assumem uma atitude e reação, uma abordagem hipócrita. E eu acho que, novamente, isso torna todo o problema um desserviço. Não é o caso de querermos nos misturar socialmente com os brancos. Qual é o sentido de motivar o homem afro-americano implorar por uma xícara de café em um restaurante branco quando ele não tem emprego para pagar pelo café solicitado? Está colocando o carro em frente dos bois. Em vez de os chamados líderes Negros terem o afro-americano implorando por uma chance de jantar em restaurantes brancos, ele deveria mostrar ao afro-americano como fazer algo para fortalecer sua própria economia, para desenvolver uma economia independente ou criar oportunidades de emprego para si mesmo, sem precisar implorar por uma xícara de café no restaurante do homem branco.

Eleanor Fischer: Bem, você pega uma situação como a que existe em Atlanta. Agora, aqui, parece-me, seria uma ilustração ideal do seu argumento. Em Atlanta você tem alguns dos chamados Negros mais ricos dos Estados Unidos. Eles possuem companhias de seguros, bancos, belas casas. Eles têm seus próprios restaurantes, boates. Eles têm algumas das melhores escolas que são todas voltadas para afro-americanos. Você realmente acha que isso os faz melhor? Acha que isso lhes dá mais dignidade? Quero dizer, não é este o objetivo o qual você almeja?

Malcolm X: Sim, este é o objetivo, o objetivo em parte, mas não só queremos a nossa própria comunidade, queremos a nossa própria terra semelhante aos judeus que nunca estiveram satisfeitos até que tiveram Israel. Eles queriam um país onde pudessem apontar e fincar uma bandeira. Isso não significa que eles foram para Israel, mas isso lhes deu prestígio, deu-lhes dignidade. Deu-lhes um chão para lhes abrigar. E o chamado homem Negro nos Estados Unidos está numa situação semelhante à dos judeus, especialmente quando os judeus estavam em cativeiro sob o domínio de Faraó. E em nenhum momento Moisés na Bíblia jamais tentou integrar os hebreus na sociedade egípcia ou aceitar qualquer oferta hipócrita feita pelo mestre de escravizado daquela época. Moisés exigiu separação completa e uma terra própria que emanava leite e mel. Ele não lhes ensinou nada sobre um paraíso no céu, mas a única coisa que iria resolver o seu problema era uma terra própria. E o homem Negro na América está na mesma

situação dos judeus quando estavam em cativeiro sob o domínio de faraó. Somos estranhos numa terra que não é nossa. Nós somos rejeitados por esse faraó moderno ou essa sociedade faraônica. E a única maneira de resolvermos o problema hoje é fazendo a mesma coisa que os hebreus fizeram com Faraó. Reserve para nós algumas terras, uma terra nossa onde possamos construir um tabernáculo para o nosso Deus como os hebreus fizeram tempos atrás. Mas enquanto estivermos aqui a orar ao Deus do homem branco e ir à igreja do homem branco e frequentar a escola do homem branco, nós vamos passar por uma lavagem cerebral através do sistema educacional, e vamos continuar a olhar para nós mesmos com desprezo e vamos continuar sendo um mendigo para ele, porque vamos continuar a pensar que ele é superior a nós.

Eleanor Fischer: Você acha que Muhammad é o deus natural do afro-americano?

Malcolm X: Não, nós não consideramos Muhammad como Deus. Nós consideramos... assim como os hebreus não viam Moisés como Deus, eles consideravam Moisés como seu líder. Mas Moisés era o porta-voz de *Allah*. E nós que seguimos o honorável Elijah Muhammad, não olhamos para ele como Deus, olhamos para ele como o porta-voz de *Allah*. Olhamos para ele como o representante de *Allah*, como um mensageiro dEle. E a mensagem que ele tem para nós é a mesma que Moisés tinha para os hebreus, não a integração porque ele disse ao Faraó, "Deixe meu povo ir", o que significa separar. E o honorável Elijah Muhammad, a quem consideramos um Moisés moderno, tem o mesmo tipo de mensagem para nós hoje. Nós não consideramos Martin Luther King um Moisés, porque Moisés nunca..., nem um Moisés moderno ou antigo porque ele está defendendo o amor ao seu inimigo. Moisés não pediu para amar o seu inimigo. Martin está defendendo que os afro-americanos devem dar a outra face, Moisés não defendeu isso. Moisés ensinou aos escravizados como se defender. E se Moisés não tivesse ensinado os hebreus a se defenderem contra os seus inimigos, aqueles hebreus estariam sendo linchados e continuariam sendo cidadãos de segunda classe e segregados pela lei Jim Crow, o mesmo que todos os outros — o mesmo que o chamado Negro na América está prestes a fazer hoje.

Eleanor Fischer: Bem, e a mesma questão novamente, em seguida, se resume à violência. Agora, o que você faria em uma situação no Sul, digamos, se houvesse um linchamento? Você, como afro-americano, pegaria uma arma e iria atrás da pessoa branca que...

Malcolm X: Faríamos a mesma coisa que a América fez quando Pearl Harbor foi atacado. A América se defendeu. Eles disseram louvem ao senhor, mas usaram a munição. E este é um

direito dado por Deus a qualquer homem. Quando você tem um homem que está sendo linchado, o que seu povo deve fazer? Sentar e perdoar o linchador ou aguardar que o governo dos Estados Unidos prenda o linchador, como o governo dos Estados Unidos fez no caso de Charles Mack Parker⁶, e o FBI descobriu quem foram seus linchadores, e até hoje, o FBI, o maior órgão policial da terra, ainda não entregou os linchadores de Mack Parker à justiça? Não, se o governo não pode garantir justiça ao homem Negro, então é hora de o homem Negro obter alguma justiça por si mesmo, com a ajuda de seu Deus. Isso não pressupõe que ele está defendendo a violência. Você não pode me acusar de ser violento quando um homem está colocando uma corda em meu pescoço. Quando eu luto contra esse linchador, tentando impedi-lo de colocar uma corda em meu pescoço? Porque você seria insano se me chamasse de violento. Mas isso é o que você está fazendo. Isso é o que a pessoa branca na América está fazendo, quando o muçulmano diz que o chamado homem Negro deve se defender. Não, é o homem branco que está sendo violento. E o governo é responsável por essa violência uma vez que não faz nada para deter. E se temos de ser violentos para nos proteger, então é o governo que deve ser acusado de crime, porque estamos apenas defendendo uma lei que eles foram incapazes de defender.

Eleanor Fischer: E eu acho que você aprovaria as táticas de Robert Williams⁷, o líder do Sul da NAACP (Associação para o Progresso das Pessoas de Cor), que eu acho que ele era de onde, Norte ou Carolina do Sul? Carolina do Norte, sim.

Malcolm X: Eu não sei muito sobre suas táticas, mas se ele estava tentando se defender, ele estava dentro de seus direitos dado por *Allah*. Ele também estava dentro de seu direito natural porque a primeira lei da natureza é da autopreservação. E Martin Luther King tornou-se o afro-americano não natural da América. Ele tirou do povo o direito divino de se defender. Ele os fez passar - eu assistir na televisão uma noite e vi brancos batendo impiedosamente em um Negro em Mississippi. E este é o resultado de uma técnica de lavagem cerebral que certa estrutura de poder do governo americano, que paga esses líderes Negros integracionistas para perpetuar isso entre o nosso povo. Mas não é uma coisa boa, isso nunca irá resolver o nosso problema.

⁶ Mack Charles Parker (1936 - 24 de abril de 1959) foi um afro-americano vítima de linchamento. Acusado de estuprar uma mulher branca grávida no norte do Condado de Pearl River, Mississippi. Três dias antes de julgamento, Parker foi sequestrado de sua cela no condado de Pearl River por uma multidão, surrado e morto a tiros. Seu corpo foi encontrado no rio Pearl, a 20 milhas a oeste de Poplarville, 10 dias depois. Após uma investigação do FBI, os homens que o mataram foram libertados. Apesar das confissões, ninguém foi indiciado pela morte.

⁷ Robert Franklin Williams (1925 -1996) líder dos direitos civis americanos mais conhecido por servir como presidente NAACP na década de 1950 e em 1961.

Eleanor Fischer: Muito obrigado, Sr. Malcolm.

3.4 Malcolm X no Fórum da Faculdade de Direito de Harvard (24 de março de 1961)

Sr. Presidente, senhoras e senhores. Nós agradecemos pelo convite para apresentar nesta noite, no fórum de Harvard, as nossas opiniões sobre este tema oportuno: *O Negro Americano, Problemas e Soluções*. Mas para entender nosso ponto de vista, o ponto de vista dos Muçulmanos Negros, você deve primeiro perceber que somos um grupo religioso e você também deve saber algo sobre a nossa religião, a religião do Islã.

O criador do universo, a quem muitos de vocês chamam Deus ou Jeová, é conhecido pelos muçulmanos pelo nome de *Allah*. Os muçulmanos acreditam que há apenas um Deus e que todos os profetas vieram deste único Deus, nós acreditamos também que todos os profetas ensinaram a mesma religião, e que eles mesmos a chamaram de religião Islã, uma palavra árabe que significa total submissão e obediência à vontade de *Allah*.

Aquele que pratica essa obediência divina é chamado de muçulmano (comumente conhecido, pronunciado e referido aqui no Ocidente como mu-çul-ma-no). Há mais de 725 milhões de muçulmanos nesta terra, predominantemente na África e Ásia, o mundo não-branco..., e nós aqui na América, que estamos sob a liderança divina do honorável Elijah Muhammad, somos uma parte integrante do vasto mundo Islã que se estende desde os mares da China às margens ensolaradas da África Ocidental.

Os 20 milhões de ex-escravizados aqui na América enfrentam uma situação única por causa de nossa condição única. A nossa aceitação ao Islã, e no Islã, nos afeta de um modo distinto... diferentemente de todos os outros muçulmanos "convertidos" em qualquer outro lugar nesta terra.

O Sr. Elijah Muhammad é nosso líder divino e professor aqui na América. Ele acredita e obedece 100% a *Allah* e está ensinando e trabalhando entre o nosso povo para cumprir o propósito divino hoje. Estou aqui nesta noite como representante do Sr. Elijah Muhammad, o líder espiritual do grupo Muçulmanos Negros que mais cresce no Hemisfério Ocidental.

Nós que seguimos o Sr. Muhammad sabemos que ele foi divinamente instruído e enviado a nós pelo próprio *Allah*. Acreditamos que a situação miserável dos 20 milhões de Negros na América é o cumprimento da profecia divina. Nós acreditamos que o sério problema racial que nossa presença aqui impõe à América é também o cumprimento da profecia divina.

Nós também acreditamos que a presença do honorável Elijah Muhammad na América, seus ensinamentos entre os 20 milhões dos chamados Negros, e seu aviso direto para a América sobre o tratamento desumano dado aos 20 milhões de ex-escravizados é cumprimento da divina profecia.

Portanto, quando o Sr. Muhammad declara que a única solução para o sério problema racial na América é a separação total das duas raças, ele está cumprindo o que tinha sido previsto por todos os profetas bíblicos.

Mas porque o Sr. Muhammad toma esta posição intransigente, aqueles dentre vós, que não compreendem a profecia bíblica o rotulam erroneamente de racista, de pregador do ódio, ou de ser anti-branco e de ensinar a supremacia negra.

Mas, esta noite, estamos aqui no Fórum da Faculdade de Direito de Harvard juntos: ambas as raças, cara a cara. Nessa oportunidade, podemos examinar por nós mesmos e questionar a sabedoria ou a loucura do ensinamento de Sr. Muhammad.

Muitos de vocês que se identificam como "brancos" expressam surpresa e choque com esta verdade que ele está ensinando entre os seus 20 milhões de ex-escravizados aqui na América, mas vocês não deveriam estar surpresos nem chocados.

Como estudantes, estudiosos, professores e cientistas vocês deveriam estar bem cientes de que estamos vivendo em um mundo e em um momento em que grandes mudanças estão ocorrendo. Novas ideias estão substituindo as antigas. Governos antigos estão se desmoronando e novas nações estão surgindo. Todo o "sistema antigo" que sustentava o velho mundo perdeu a sua eficácia, e agora que o velho mundo está caindo. Um novo sistema ou novo mundo deve substituir o velho mundo.

Assim como as velhas ideias devem ser removidas para abrir caminho para as novas, *Allah* declarou ao Sr. Muhammad que as características malignas deste velho mundo ímpio devem ser expostas, enfrentadas e removidas, a fim de abrir caminho para o novo mundo que o próprio *Allah* está preparando para estabelecer.

A missão divina do Sr. Muhammad aqui na América hoje é de nos preparar para este novo mundo de Justiça, entregando-nos uma mensagem que nos dará uma melhor compreensão dos muitos defeitos deste velho mundo. Desse modo, todos nós concordamos que *Allah* deve remover este velho mundo ímpio.

Nós vemos nos noticiários da imprensa diária que muitos de vocês, que são eruditos e cientistas, pensam que esta mensagem do Islã, que está sendo ensinada aqui na América, entre seus 20 milhões de ex-escravizados é "nova," ou que é algo que o próprio Sr. Muhammad inventou.

A mensagem religiosa do Sr. Muhammad não é "nova". Todos os cientistas e profetas antigos previu que um homem como ele, com uma doutrina ou mensagem como esta que o Sr. Muhammad está pregando entre os seus 20 milhões de ex-escravizados, faria sua aparição entre nós em um momento como este em que estamos vivendo hoje.

Também está escrito em suas próprias escrituras que esta figura profética não seria escolhida de uma classe educada, mas que *Allah* escolheria um homem dentre os humildes, incultos, oprimidos e das massas oprimidas, dentre o mais humilde dos vinte milhões dos ex-escravizados na América.

Assim como foi nos dias em que *Allah* ergueu Moisés dentre os humildes escravos hebreus, e o deu a missão de separar seu povo oprimido de um mestre de escravos chamado Faraó, e Moisés encontrou oposição entre os estudiosos e cientistas daquela época, que são simbolicamente descrito na Bíblia como "mágicos do Faraó", e assim como Jesus, ele mesmo um humilde carpinteiro, também foi escolhido por *Allah* naqueles dias para encontrar seu povo... a "ovelha perdida"... e separá-las de seus inimigos gentios e restaurá-las de volta entre seu próprio povo, Jesus também encontrou oposição entre os estudiosos e cientistas de sua época, que são simbolicamente descritos na Bíblia como "escribas, sacerdotes e fariseus".

Assim como a classe culta daqueles dias discordou e se opôs a Moisés e a Jesus principalmente por causa de sua origem e condição humilde, hoje o Sr. Elijah Muhammad é igualmente hostilizado pelos intelectuais, até pelos próprios chamados Negros intelectuais por causa de sua origem humilde. Os "mágicos, escribas e fariseus" dos tempos modernos se empenham na tentativa de ridicularizar o Sr. Muhammad, enfatizando a origem humilde de muitos dos seus seguidores.

Moisés foi escolhido entre seu povo escravizados em um tempo em que *Allah* estava planejando retirar o poder do mestre de escravizados e promover uma grande mudança, colocando os escravizados em uma terra própria, onde eles poderiam construir uma "nova civilização, "completamente independente do antigo mestre de escravizados. O Faraó se opôs ao plano de *Allah* e do servo dele, então Faraó e seu povo foram destruídos.

Jesus foi enviado entre seu povo novamente numa época em que *Allah* planejava promover uma grande mudança. A nova dispensação pregada por Jesus há 2.000 anos inaugurou um novo tipo de civilização, a civilização cristã, mais conhecida como o mundo cristão.

O Santo Profeta Muhammad, que a paz e as bênçãos de *Allah* estejam sobre ele, surgiu 600 anos depois de Jesus com outra dispensação que não destruiu ou removeu a civilização cristã, mas atingiu seu ponto fraco, uma ferida que dura até hoje.

Hoje, *Allah* enviou o Sr. Elijah Muhammad entre os oprimidos chamados Negros para nos avisar que Ele está prestes a promover novamente outra grande mudança... só que desta vez, será uma mudança final! Este é o dia e a hora para uma mudança completa.

O Sr. Muhammad ensina que a religião do Islã é a única solução para os problemas que confrontam o nosso povo aqui na América, mas ele também nos adverte que é ainda mais importante para nós sabermos a base ou a fundação sobre a qual devemos construir o amanhã.

Consequentemente, a maneira como o Sr. Muhammad nos ensina a religião do Islã, e um tipo particular de Islã pode parecer diferente daquele que é ensinado no velho mundo velho islâmico, mas os princípios e as práticas básicas são as mesmas.

Você deve se lembrar: a condição dos 20 milhões de ex-escravizados na América é excepcionalmente lamentável. Mas assim como os antigos líderes religiosos nos dias de Moisés e de Jesus se recusaram a aceitá-los como reformadores religiosos, hoje muitos dos líderes religiosos do velho mundo muçulmano também podem refutar os ensinamentos do Sr. Elijah Muhammad, não percebendo a condição única destes 20 milhões de ex-escravizados, e por não entenderem que os ensinamentos do Sr. Elijah Muhammad são divinamente prescritos para retificar a condição miserável de opressão do nosso povo aqui. Assim como *Allah* fez os Magos de Faraó se curvarem diante de Moisés, e os escribas e os fariseus se curvarem diante de Jesus. É o plano de *Allah* hoje fazer toda a oposição, tanto em casa como no exterior, curvar-se perante esta verdade que agora está sendo ensinada pelo honorável Elijah Muhammad.

Estamos a 4.000 anos da época que ocorreu a grande mudança no dia de Moisés. Estamos há 2.000 anos da época da grande mudança que aconteceu no dia de Jesus, e se você olhar ao redor desta terra hoje, verá que está tão claro como os cinco dedos de sua mão, de que estamos novamente vivendo em um momento de grande mudança.

Allah veio para pôr fim a todo o sistema do velho mundo, o velho mundo em que nos últimos 6.000 anos praticamente toda a terra foi enganada, conquistada, colonizada, governada, escravizada, oprimida e explorada pela raça caucasiana.

Quando a civilização de Faraó alcançou seu auge, seu tempo para governar os escravizados havia chegado ao fim, *Allah* apareceu a Moisés e revelou a ele que tinha algo diferente para seu povo. Da mesma forma, *Allah* disse ao Sr. Muhammad que tem algo diferente para o povo dele, os chamados Negros aqui na América, algo que até agora nunca foi revelado. O Sr. Muhammad nos ensina que este velho mundo ainda não viu nada, a coisa real ainda está por vir.

Os muçulmanos Negros que seguem o Sr. Muhammad não estão apenas marchando para fora da porta do velho mundo, mas a porta para o novo mundo ainda está para ser aberta e o que está dentro dessa porta ainda está para ser revelado.

Este atual ensinamento do Sr. Muhammad para os seus 20 milhões de ex-escravizados é apenas uma preparação para a saída deste mundo velho ímpio da maneira mais inteligente, agradável e pacífica possível.

Este atual ensinamento é projetado para nos provar porque devemos desistir desta velha casa ímpia. Seu telhado está vazando, as paredes estão em colapso e descobrimos que ela não é mais capaz de suportar o peso tremendo causado pela nossa contínua presença nela.

E desde que o conhecimento de sua deterioração e seu eventual colapso foi revelado ao Sr. Muhammad pelo próprio Deus poderoso cujo nome apropriado é *Allah*, o Senhor de Todos os Mundos, o Mestre do Dia do Julgamento, Elijah Muhammad está ressaltando as condições perigosas do presente e os eventos futuros para você que nos escravizaram, bem como para nós. Com o apoio e orientação adequada, o nosso povo pode sair deste edifício velho antes dele se desmoronar.

Mas este apoio e orientação que precisamos consiste em ser ensinado: um conhecimento profundo da origem, história e natureza da raça caucasiana, bem como um conhecimento profundo da nossa própria nação africana. Devemos ter um conhecimento da verdadeira origem da história e da religião cristã do homem branco, bem como uma compreensão da religião islâmica que prevalece principalmente entre os nossos irmãos e irmãs na África e na Ásia.

Provavelmente você vai nos perguntar: por que, então, se esta velha casa vai desmoronar ou se transformar em cinzas, por que os Muçulmanos Negros estão reivindicando alguns Estados para eles aqui neste país? É como pedir para manter os quartos de uma casa que você afirma está condenada a destruição total.

Allah está dando todas as oportunidades para América se arrepender e expiar o crime que ela cometeu quando escravizou o nosso povo, assim como Ele deu a Faraó uma chance de se arrepender antes que Ele finalmente o destruísse porque Faraó era muito orgulhoso para libertar os escravizados e dar-lhes justiça completa.

Estamos lhe pedindo um território aqui apenas por causa da grande oposição que recebemos deste governo em nossos esforços de despertar nosso povo, de uni-los, separá-los de seus opressores e devolvê-los à nossa própria terra e as pessoas.

Você nunca deve cometer o erro de pensar que o Sr. Muhammad não tem lugar para levar seus seguidores no mundo do Islã. Não, senhor! Ele não está isolado, como muitos de vocês querem acreditar. A todos que aceitam o Islã e o seguem foram oferecidos um repouso no mundo muçulmano.

Nosso povo tem sido oprimido e explorado aqui na América por 400 anos, e agora com o Sr. Muhammad, podemos deixar esta terra perversa de escravidão, contudo o nosso antigo mestre de escravos ainda está se opondo aos seus esforços e está perseguindo injustamente seus seguidores que deixaram o cristianismo e aceitaram a religião Islã. Isso é mais uma prova de que o mestre de escravizados caucasiano não nos deixa sair para viver em outro lugar nesta terra, e se ficarmos aqui entre eles, ele continuará a manter-nos no nível mais baixo de sua sociedade. Pegue qualquer jornal ou revista e examine a propaganda anti-muçulmana e as acusações falsas contra o nosso amado líder religioso por alguns dos principais repórteres da América. Isso só aponta para o fato de que a raça caucasiana nunca está disposta a deixar qualquer homem Negro, que não é seu fantoche ou papagaio, falar para o nosso povo ou tirar o nosso povo das algemas da escravidão sem fazer-lhe grande oposição.

O mestre de escravizados caucasiano se opôs a todos esses líderes no passado, e ainda hoje ele sanciona e apoia apenas os porta-vozes Negros, que como papagaio, repetem suas doutrinas, suas ideias ou aqueles que aceitam o seu chamado "conselho" sobre como o nosso povo deve lutar contra 400 anos de tirania.

O mundo cristão fracassou em sua missão de oferecer justiça ao homem Negro. Este governo cristão fracassou em sua missão de oferecer justiça aos 20 milhões de escravizados pelos 310 anos de trabalho escravo. Apesar disso, temos sido melhores cristãos do que aqueles que nos ensinam o cristianismo. Temos sido os servos mais fiéis da América durante o tempo de paz e seus mais bravos soldados durante o tempo de guerra. E ainda assim, os cristãos brancos são incapazes de nos reconhecer e aceitar-nos como seres humanos. Hoje podemos ver que a religião cristã da raça caucasiana falhou conosco. Assim, as massas afrodescendentes estão se afastando da Igreja cristã e se voltando para a religião do Islã.

O governo envia seus agentes entre o nosso povo para dizer-lhe mentiras: eles estão totalmente empenhados em uma organizada tarefa de atormentar nosso povo, em um esforço para assustar todos aqueles que desejam aceitar a religião do Islã e se unir a orientação espiritual e liderança divina do honorável Elijah Muhammad.

Portanto, o Sr. Muhammad declarou para vocês e para o seu governo, se vocês não querem que seus 20 milhões de ex-escravizados os deixem para viver em sua própria terra, uma vez que suas ações provaram que a raça caucasiana não vai aceitar os 20 milhões de ex-escravizados aqui entre eles como totalmente iguais, então deixe-nos separar de vocês aqui mesmo, em um território separado que possamos chamar de nosso, e sobre o qual possamos fazer algo para nós mesmos e para a nossa própria espécie.

Uma vez que não podemos viver entre os caucasianos em paz, e não há mais tempo para esperarmos que a raça caucasiana seja "reeducada" e libertada de seus preconceitos raciais, de suas crenças inatas e práticas de supremacia branca. Repito: deixe nosso povo viver separado de vocês, e nos dê algum território aqui, que possamos chamar de nosso, e viver em paz entre nós mesmos.

De acordo com notícias recentes, divulgadas em jornais diários em todo o país, nas prisões de toda a nação, os diretores estão perseguindo injustamente os presos que querem abandonar a religião cristã para aceitar o Islã e seguir a orientação espiritual do honorável Elijah Muhammad.

Esses carcereiros até admitem que quando os reclusos mudam do cristianismo para o Islã eles se tornam prisioneiros modelos, mas apesar disso, eles estão sendo perseguidos e impedidos de ler o Santo Alcorão, o mesmo livro sagrado que é lido diariamente por centenas de milhões de nossos irmãos e irmãs na África e na Ásia.

Quando os verdadeiros fatos sobre essa perseguição religiosa se tornarem conhecidos entre os 725 milhões de muçulmanos no mundo Islâmico cuja área se estende dos mares da China às costas da África Ocidental, como você acha que os caucasianos americanos olharão nos olhos daquelas pessoas não-brancas de lá?

O próprio fato de que há um esforço concentrado contra o Islã pelos carcereiros em todo o país é a prova de que o governo americano está tentando eliminar a religião Islã aqui, em um esforço frenético para impedi-la de se espalhar entre seus 20 milhões de ex-escravizados, a quem ela continua a condenar a condição humilde de cidadão de segunda classe.

Mais uma prova disto é o fato de que a estes 20 milhões dos chamados Negros nunca foram ensinados a religião do Islã durante os 400 anos desde que o caucasiano os trouxe acorrentado para América, longe de nossa cultura muçulmana africana, e apesar do fato de que o Islã é e sempre foi a religião predominante entre o nosso povo na África.

Agora, o caucasiano americano, em um último ato de desespero, está acusando o Sr. Muhammad de não ser um verdadeiro muçulmano, e de não ensinar o verdadeiro Islã. Se o caucasiano americano sabe tanto sobre o Islã verdadeiro, e tornou-se subitamente tal autoridade no assunto, por que não o ensinou a seus 20 milhões de ex-escravizados?

Além disso, o americano caucasiano hoje gosta de imprimir manchetes alarmantes, dizendo que os muçulmanos ortodoxos não reconhecem ou aceitam o Sr. Muhammad e seus muçulmanos Negros como verdadeiros muçulmanos. "dividir e governar" tem sido a estratégia caucasiana para continuar colonizando os afrodescendentes. O caucasiano americano realmente tem colonizado 20 milhões de afrodescendente aqui neste país simplesmente dividindo-nos de nossos irmãos e irmãs africanos por 400 anos, convertendo-nos a sua religião cristã, e depois ensinando-nos a chamar-nos de "Negros" e nos dizendo que não éramos mais africanos.

Como centenas de milhares de ex-escravizados aqui na América hoje se recusam a frequentar a Igreja dos caucasianos que nos escravizaram, evitando todo o uso da palavra "Negro", e porque estamos aceitando *Allah* como nosso Deus, o Islã como nossa religião, e o honorável Elijah Muhammad como nosso líder religioso e professor, agora os americanos que nos escravizaram estão usando o velho truque de seus companheiros colonialistas, "dividir e governar", ao tentar separar-nos do mundo muçulmano, pensando que eles podem, desta forma alienar-nos do nosso povo na África e na Ásia que também servem e seguem a *Allah* todo-poderoso.

Há, provavelmente, 100.000 do que vocês chamam de muçulmanos ortodoxos na América, que nasceram no mundo muçulmano e que voluntariamente migraram para América. Mas, apesar do fato do Islã ser uma religião de propagação, todos esses muçulmanos estrangeiros não foram bem-sucedidos em converter 1.000 americanos ao Islã.

Por outro lado, eles veem que o Sr. Muhammad, sozinho, tem centenas de milhares de seus companheiros ex-escravizados virando para o leste em direção a Meca cinco vezes ao dia dando louvores ao grande *Allah*.

Nenhum muçulmano sincero, em seu juízo, denunciaria ou negaria que este manso e humilde homenzinho Negro, que nasceu na Geórgia, a pior parte deste país, é um líder, um defensor da fé, um propagador da fé, que reacendeu a luz do Islã aqui no Oeste.

Seus opositores caucasianos nunca ouviram sequer um líder oficial muçulmano criticar ou denunciar o Sr. Muhammad. Eles conseguem apenas o apoio de algum ciumento ou invejoso ou um comerciante que migrou para esse país e quer ser reconhecido como uma espécie de líder em si, e que, portanto, aceita do caucasiano ⁸trinta moedas de prata para atacar este homem de Deus.

Como poderia o Sr. Muhammad fazer uma viagem para áreas proibidas da Arábia, e visitar as cidades santas de Meca e Medina, sendo acolhido e homenageado por seus líderes religiosos mais respeitados, os grandes imãs, se ele mesmo não fosse reconhecido como um grande homem religioso, e um homem de Deus, fazendo obras milagrosas, espalhando o nome de *Allah* aqui no Ocidente entre os 20 milhões ex-escravizados da América?

Como poderia o Sr. Muhammad visitar as capitais do mundo muçulmano, e ser recebido por líderes respeitados, se também não fosse reconhecido e respeitado como um líder muçulmano por eles?

Ele visitou Al-Azhar, a mais antiga mesquita e Universidade muçulmana do mundo, e tomou chá com o chefe Imam, o grande Sheikh Shaltuat que o beijou em sua testa no costume verdadeiro dos muçulmanos, mas os caucasianos americanos, na esperança de impedir o seu sucesso entre o nosso povo, continua a se opor e a dizer que ele não é um verdadeiro muçulmano.

⁸ Uma alusão a Judas, que traiu Jesus por trinta moedas de prata.

Mais uma vez você vai dizer: por que então ele e seus seguidores não deixam esta casa de escravidão agora, e vão viver no mundo muçulmano? Todos os muçulmanos Negros podem viver no mundo muçulmano, mas o honorável Elijah Muhammad quer justiça para todos os 20 milhões dos chamados Negros. Você e seu governo cristão tornam o problema ainda mais complicado. Você não quer que seus 20 milhões de ex-escravizados se separem, mas você não vai compartilhar justiça igual com eles aqui mesmo.

Já que você não quer que eles deixem este país, e não vai lhes dar justiça igual entre a sua espécie, então nós vamos concordar se você nos deixar se separar de vocês aqui mesmo.

Apenas nos dê uma porção de terra neste país a qual possamos chamar de nossa. Coloque-nos nela. Então dê-nos tudo o que precisamos para começar a nossa própria civilização aqui... isto é, apoiar-nos por 20 a 25 anos, até que sejamos capazes de nos mantermos por nós mesmo. Este é o plano de *Allah*. Esta é a solução de *Allah*. Isso é justiça e compensação pelos nossos 310 anos de trabalho escravo livre.

Caso contrário, a América vai colher toda a fúria da ira de *Allah*, por causa dos seus crimes contra o nosso povo aqui. Como sua Bíblia diz: "aquele que leva ao cativo deve entrar em cativo; aquele que mata com a espada será morto pela espada." Esta é a lei da justiça e isso está escrito em suas próprias escrituras cristãs.

As massas negras estão sacudindo as drogas, ou o efeito narcótico das promessas de integração simbólica. Uma xícara de chá em um restaurante branco não é suficiente para reparar os 310 anos de trabalho escravo. As massas negras, representadas pelos muçulmanos Negros, nunca estarão satisfeitas até que tenhamos nossa própria terra.

Novamente eu repito: nós não estamos pedindo por território aqui porque o Sr. Muhammad não tem outro lugar para nos levar. Mas para beneficiar todos os 20 milhões dos chamados Negros, 20 milhões de ex-escravizados, que, apesar do fato de que a proclamação de emancipação emitida 100 anos atrás, essas pessoas oprimidas ainda continuam implorando ao antigo mestre de escravizados que as reconheçam como seres humanos. Portanto, o Sr. Muhammad está pedindo a este governo para parar de brincar com o nosso povo, parar de enganá-los ano após ano com falsas promessas de integração simbólica.

A integração simbólica não vai resolver o nosso problema. Esta é uma solução falsa. Uma solução "simbólica". É uma abordagem hipócrita para o problema, um esquema

complicado criado por você, e propagado por seus fantoches Negros que você mesmo tem nomeado como nossos "líderes" e "porta-vozes". A integração não é boa para ambos os lados. Destruirá sua raça, e seu governo sabe que também destruirá a nossa, e o problema ainda continuará sem solução.

Allah declarou que estes 20 milhões de ex-escravizados devem ter uma casa própria. Depois de 400 anos aqui entre os caucasianos, estamos absolutamente convencidos de que nunca poderemos viver juntos em paz, a menos que estejamos dispostos a permanecer subservientes aos nossos antigos mestres, portanto, a separação imediata e completa é a única solução.

O advogado Thurgood Marshall da NAACP (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor) admitiu publicamente que seis anos desde a decisão da Suprema Corte sobre a dessegregação das escolas, apenas 6 por cento dessegregação tem ocorrido. Este é um exemplo de integração!

Um sequestrador, um ladrão, um escravizador, um linchador é apenas mais um criminoso comum na visão de *Allah*, e os atos criminosos acima mencionados foram cometidos em uma escala maciça por 400 anos pela sua raça contra os 20 milhões dos chamados Negros.

É verdade que hoje a América professa lamentar os seus crimes contra o nosso povo, e ela diz que quer se arrepender, e em seu desejo de expiar ou fazer reparações, ela oferece aos 20 milhões de ex-escravizados promessas floridas de integração "simbólica".

Muitas dessas vítimas oprimidas querem perdoar a América, eles querem esquecer os crimes que vocês cometeram contra eles, e alguns estão mesmo dispostos a aceitar a fórmula de "integração simbólica" que você mesmo concebeu como a solução para corrigir os problemas criados por seus atos criminosos contra eles.

Em um Tribunal de Justiça, o criminoso pode confessar seus crimes e ficar à mercê do Tribunal, se ele realmente se arrependeu, mas nem o criminoso nem suas vítimas têm qualquer coisa a dizer no que diz respeito à sentença que deve ser paga pelo criminoso, ou o preço que o criminoso deve pagar. Isto é deixado nas mãos do juiz. Estamos vivendo no dia do julgamento agora. *Allah* é o juiz a quem o mestre de escravos americano deve agora responder.

Allah está atingindo este grande país com tornados, tempestades, inundações, chuva de granizo, neve e terremotos terríveis que ainda estão por vir. Seu povo está sendo afligido com

surtos crescentes de doenças, as pragas divinas com que *Allah* está marcando você é por causa de seus atos criminosos contra os 20 milhões de ex-escravizados, e hoje, em vez de se arreenderem e verdadeiramente compensarem o nosso povo pelos 310 anos de trabalho escravo, que construiu este grande país para você, você compra líderes Negros com 30 moedas de prata e os leva a vender o nosso povo com aceitação de sua "integração simbólica".

Quando você usa um "vale transporte" no ônibus ou no bonde, o "vale" é um substituto do dinheiro real. Simbolismo significa "um substituto", aquilo que toma o lugar da coisa real. A integração simbólica toma o lugar da coisa real. Dois estudantes Negros na Universidade de Geórgia é uma integração simbólica. Quatro crianças afro-americanas em uma escola branca em New Orleans é uma integração simbólica. Um punhado de estudantes Negros nas escolas brancas em Little Rock é uma integração simbólica. Nada disso é integração real, é apenas uma chupeta para manter esses bebês Negros em silêncio para evitar que eles chorem muito alto. A violenta rebelião do homem branco e a implacável luta contra a integração simbólica são suficientes para provar o que aconteceria se os chamados líderes Negros exigissem uma verdadeira integração.

Além disso, de acordo com o nível de progresso acima mencionado desde as decisões de dessegregação do Supremo Tribunal, vai levar mais mil anos para que o homem branco do Sul seja suficientemente "reeducado" para aceitar o nosso povo em seu meio como iguais, e se o resto da educação for propagada, o homem branco aqui no Norte, no Oeste e no Leste vai levar o mesmo tempo, se o líder do tio Tom continuar aceitando as ofertas "simbólicas" do seu mestre e não exigir a coisa real.

Para muitos de vocês aqui no fórum da faculdade de direito de Harvard esta noite, isso soa ridículo, para alguns, até parece loucura. Mas estas 20 milhões de pessoas negras aqui na América agora já formam uma nação de direito. Você acredita que uma nação dentro de outra nação pode ser bem-sucedida? Especialmente quando ambos têm educação igual?

Uma vez que o escravo obtiver o nível de instrução do mestre, o escravizado vai querer ser como o mestre, vai querer compartilhar da propriedade do seu mestre, e usufruir os mesmos privilégios do mestre mesmo quando ainda estiver na casa do mestre. Este é o cerne dos problemas da América hoje; e não haverá paz para a América enquanto 20 milhões dos chamados Negros estiverem aqui implorando pelos direitos que a América sabe que ela nunca vai nos conceder.

Mesmo com esta educação limitada que a América concedeu a seus ex-escravizados, isso já produziu grande agitação e *Allah* Todo Poderoso diz que a única maneira para a América ter paz ou prosperidade no futuro é permitir que os 20 milhões de ex-escravizados se separem dela..., e é por esta razão que o Sr. Muhammad nos ensina que devemos ter nossa própria terra.

Se recebermos educação igual, quanto tempo vocês acham que continuaremos a ser seus servos passivos ou cidadãos de segunda classe? Não existe tal coisa como um cidadão de segunda classe. Ou somos cidadãos plenos ou não somos cidadãos.

Quando você ensina a um homem a ciência de governar ele quer posição igual nesse governo ou então ele quer ter seu próprio governo. Ele começa a exigir igualdade com o mestre. Nenhum homem com igual educação irá servi-lo. A única maneira por meio da qual você pode continuar a governar-nos é com um conhecimento superior, ou por continuar a reter a educação igual do nosso povo. A América não nos deu educação igual, mas ela nos deu o suficiente para nos fazer querer mais e fazer-nos exigir igualdade de oportunidades, e isso está causando agitação e mais constrangimento internacional, assim, a única solução é a separação imediata.

No momento em que as suas faculdades e universidades formar um número cada vez maior de chamados Negros graduados com educação igual a sua, automaticamente, eles vão aumentar as suas exigências por igualdade em todas as áreas. Esta educação igual irá elevar o seu espírito de igualdade e fazê-los sentir que eles devem ter tudo o que você tem, e suas demandas crescentes se tornará uma dor de cabeça perpétua para você e continuará a causar-lhe constrangimento internacional. Na verdade, os mesmos estudantes Negros que você está formando hoje, em breve irá exigir as mesmas coisas que o Sr. Muhammad e os muçulmanos Negros estão exigindo.

Para concluir: devo lembrá-los que, desde que a sua própria Bíblia cristã afirma que *Allah* está chegando nesses "últimos dias", o "fim do velho mundo", e que a vinda dele traria uma grande separação e uma vez que vemos todos os tipos de sinais acontecerem em toda a terra, indicando que o tempo da vinda de *Allah* está próximo, por que vocês não se arrependem enquanto ainda há tempo?

Faça justiça aos seus fiéis ex-escravizados. Dê-nos um pouco de terra aqui mesmo, alguns Estados separados para que possamos nos separar de você, então todos ficarão satisfeitos, e talvez todos nós sejamos capazes de vivermos felizes para sempre, como sua própria Bíblia cristã diz... cada um debaixo de sua própria videira e de sua própria figueira. " Caso contrário:

todos vocês que estão sentados aqui, o vosso governo e toda a vossa raça serão destruídas e removidas desta terra por *Allah* todo-poderoso. Eu lhes agradeço.

3.5 Debate Livre em Mesa Redonda (15 de outubro de 1961)

Moderador: Eric P. Goldman, convidados: Sr. Monroe Berger, Sr. Kenneth B. Clark, Sr. Richard Haley, Sra. Constance B. Motley, Sr. Malcolm X

Sr. Goldman: Desde a Segunda Guerra Mundial, inquestionavelmente, o mais dramático e mais importante desenvolvimento dos assuntos internos americanos tem sido a ascendência do Negro. Em termos inequívocos, estes 20 milhões de americanos têm conseguido fazer-se ouvir. Como a agitação e como os avanços têm prosseguido, cada vez mais os observadores têm se unido em um tipo de comentário. Eles têm afirmado que há um novo Negro na América, um novo humor, uma nova ênfase nos programas e demandas deles. Hoje vamos indagar declarações deste tipo, e, espero, no decorrer desse debate, responder candidamente perguntas como, o que o Negro realmente quer hoje? Ele está, em algum grau significativo, insatisfeito com a liderança de organizações como a NAACP? E ele está realmente desenvolvendo uma nova identidade, tanto em termos de suas reações internas quanto em termo de suas relações com a África?

Em nossa mesa, aqui à minha direita: Sra. Constance Baker Motley, associada com Thurgood Marshall como assistente de conselho do fundo de defesa legal da NAACP, que acabou de voltar da defesa dos casos de direitos civis no Mississippi.

Sr. Richard Haley, Secretário de campo do núcleo do Congresso da igualdade racial, que liderou as manifestações pacíficas e as atividades da marcha da liberdade no Sul.

Sr. Monroe Berger, professor de Sociologia da Universidade de Princeton cuja autoridade no assunto em discussão hoje é inquestionável. Escreveu a obra intitulado Igualdade pelo Estatuto, um estudo altamente elogiado pelos esforços para promover mais igualdade na vida americana por meio da legislação. Os estudos sociológicos do Sr. Berger também o levaram para o campo do Oriente Médio, onde ele esteve interessado nos laços que estão sendo firmados hoje entre o Negro americano e os muçulmanos da África.

Sr. Malcolm X, Ministro do templo 7 do Islã, em Nova York, e um dos líderes nacionais do movimento Muçulmano Negro na América.

E o Sr. Kenneth B. Clark, professor de psicologia da Universidade da cidade de Nova York, autor de um estudo histórico sobre o qual o Supremo Tribunal, em parte, baseou sua decisão de dessegregação escolar em 1954, consultor para a NAACP, e vencedor da medalha de Spingarn 1961 pelo seu trabalho no avanço das relações raciais.

Sr. Clark, poderia começar comentando esta pergunta principal. Existe, na sua opinião, um "novo Negro" na América?

Sr. Clark: Bem, eu acho que o termo "novo Negro" é um slogan que apreende a imaginação das pessoas, mas na verdade, eu não acho que haja um novo Negro. Eu acho que o Negro na América hoje é basicamente o mesmo do passado. Em termos de seus desejos, seu objetivo, eu acho que ele hoje quer exatamente o que o Negro no período da reconstrução queria, ou seja, plena igualdade como cidadão americano. Há algumas diferenças hoje. Eu acho que o Negro hoje é mais direto, mais franco, mais impaciente do modo como ele se aproxima de seu objetivo. Tornou-se menos paciente com coisas que o mantém preso.

Sr. Goldman: Questões de temperamento em vez de programa?

Sr. Clark: E de metas. Eu acho que não há dúvida de que o Negro hoje tem exatamente o mesmo objetivo que o Negro tinha há 50 anos, 70 anos atrás, há cem anos, provavelmente durante a escravidão, ou seja, um desejo de ser livre.

Sr. Goldman: Sra. Motley?

Sra. Motley: Acho que é tudo, Kenneth. Eu acho também que o que há de novo hoje são as técnicas que os grupos desenvolveram para acelerar a sua plena participação na vida americana. As técnicas das manifestações e da marcha pela liberdade ajudaram a acelerar o ritmo para a plena participação dos afro-americanos na vida americana. E eu acho que essas técnicas têm sido dramáticas e bem-sucedidas e dão a aparência de apresentar um novo Negro.

Sr. Goldman: Sr. X, você parece estar um pouco inquieto com tudo isso.

Malcolm X: Sim, eu acho que há um chamado novo Negro. Nós não reconhecemos o termo "Negro", mas eu realmente acredito que há um novo chamado Negro aqui na América. Ele não só é impaciente. Não só está insatisfeito, não só está desiludido, como está se tornando muito irritado. E enquanto o chamado Negro no passado estava disposto a se sentar e esperar que alguém mudasse a sua condição ou corrigisse a sua condição, há uma tendência crescente por

parte de um vasto número dos chamados Negros hoje em tomar medidas, ou seja, não ficar sentado a espera que outra pessoa mude sua situação. Isso, na minha opinião, foi principalmente o que produziu este chamado novo Negro. Ele não está disposto a esperar. Ele acha que o que ele quer é certo, o que ele quer é justo, e uma vez que essas coisas são justas e legítimas, é errado ficar sentado esperando que alguém corrija uma condição desagradável.

Sr. Goldman: Ele quer algo diferente na sua opinião, Sr. X?

Malcolm X: No passado, ele queria se identificar com o estilo de vida americana, mas depois de cem anos de mendicância e uma centena de anos de espera, eu acho que há uma tendência crescente por parte do chamado Negro de ter chegado à conclusão de que ele nunca poderá ser reconhecido como um ser humano na América como outros seres humanos são reconhecidos. Então, na minha opinião, e de acordo com os ensinamentos do honorável Elijah Muhammad, eu acho que um número crescente de afro-americano hoje está começando a ver, uma vez que não pode tê-lo aqui, que eles podem muito bem tentar em outro lugar ou tentar alguma outra forma de solução diferente daquelas que têm colocado para ele.

Mr. Goldman: Sr. Haley, o Sr. parece estar perplexo?

Sr. Haley: Perplexo, não. Mas não estou totalmente de acordo. Infelizmente é verdade, eu acho, como o Sr. X diz, que a história do Negro na América, especialmente desde a reconstrução, nos deu todos os motivos para achar que nunca seremos aceitos na América como seres humanos. Há muitas questões envolvidas para fazer uma pessoa se sentir assim., no entanto, eu não sou tão rápido, mesmo depois de cem anos, para desistir na minha crença sobre a potencialidade do homem de superar seu maior obstáculo, ele mesmo. E isso é o que ambos os brancos e, em certa medida, os Negros também devem superar.

Sr. Goldman: Sr. Berger?

Sr. Berger: Se olharmos para o passado historicamente, para o período inicial, descobriremos que há muito a dizer sobre a possibilidade de o Negro se tornar um cidadão pleno neste país e eu quero dizer nas relações mais íntimas com os povos brancos. Se você olhar para os períodos durante a escravidão e, especialmente, imediatamente depois, você vai descobrir que havia relações extraordinariamente íntimas entre Negros e brancos, uma tendência quase imediata para aceitar em alguns lugares os avanços do Negro. Mas este esforço foi destruído, logo após a guerra civil, que empurrou todo o movimento para um retrocesso. Se olharmos para o que

aconteceu desde então, se pensarmos nas relações entre Negros e brancos americanos apenas nos últimos 40 ou 50 anos, quando ocorreu a consolidação da segregação, seremos pessimistas. Se olharmos para um período anterior, penso que temos razões para sermos otimistas.

Goldman: Se somos pessimistas ou otimistas, constato um confronto fundamental aqui que diz respeito ao que o Negro quer. Estou correto em dizer que todos ao redor da mesa, exceto o Sr. X, estão dizendo que ele quer integração a vida americana, e você não concorda com isso? Estou certo, Sr. X?

Malcolm X: Não é uma questão de integração ao estilo de vida americana, nem é uma questão de não integração. A questão é apenas uma: a dignidade humana, e a integração é apenas um método ou tática ou papel que muitos dos chamados Negros estão usando para obter reconhecimento e respeito como seres humanos. E muitos deles se perderam na estrada. Eles estão confundindo o objetivo com o método. Agora, se a integração é o objetivo, então o que vamos ter depois de obter a integração? Eu acho que o chamado Negro na América quer ser reconhecido como ser humano e é quase impossível para alguém que escravizou o outro aceitar a pessoa que ele usou para puxar seu arado, que costumava tratar como um animal, sub-humano, que costumava ser considerado como um animal por ele, é quase impossível para essa pessoa em seu perfeito juízo aceitar essa pessoa como seu igual.

Clark: Sr. X, parece-me que está pregando uma doutrina de total desespero. E você?

Malcolm X: Não, estou encarando os fatos. Se você tenta atravessar o Oceano Atlântico e depois de várias tentativas você descobre que não conseguiu, bem, se o seu objetivo é o outro lado, o que você vai fazer? Não é um caso de estar em total desespero. Você tem de voltar para a costa e tentar encontrar um outro método de atravessar para chegar onde você quer ir. Agora, o chamado Negro na América, cem anos depois de Lincoln declarar a Proclamação de Emancipação, ainda está batendo na porta da Casa Branca, ainda está implorando praticamente a cada político branco para aprovar uma legislação a fim de dar uma oportunidade ao chamado Negro na América ser reconhecido como um ser humano, não como um cidadão, mas como um ser humano. Eles não podem obter o reconhecimento como seres humanos, muito menos como cidadãos.

Sr.^a Motley: Você reconhece não é, que eles fizeram algum progresso e que houve maior dignidade concedida ao afro-americano? Não discordamos disso, não é? Você não acha que ele hoje é substancialmente melhor do que ele era no final da escravidão e que, através de nossos

próprios esforços e os esforços de outros membros da nossa sociedade fizemos progressos, e estamos continuando a fazer progressos?

Malcolm X: Como advogada, tenho certeza que você concordará que, se você colocar um homem na prisão ilegalmente e injustamente, um homem que não cometeu crime e depois de colocá-lo lá você o mantém em confinamento solitário, isso é duplamente cruel. Agora, se você deixá-lo sair da solitária para o pátio da prisão regular, você pode chamar isso de progresso se quiser, mas o homem não deveria ser colocado na prisão, em primeiro lugar.

Agora você tem 20 milhões de afrodescendentes na América que estão implorando por algum tipo de reconhecimento como seres humanos e o homem branco médio hoje acha que estamos progredindo. Em primeiro lugar, ele não pode justificar o fato de que ele nos escravizou, o que foi contrário não só à lei do homem, contrário não apenas à lei de *Allah*, mas também contrário a lei da natureza. Eu não chamo isso de progresso até que tenhamos obtido tudo o que originalmente tínhamos. Se um homem rouba um banco ele não pode sair por aí dizendo: "bem, eu sinto muito, eu fui um ladrão." Ele tem que fazer restituição. Aqui você tem 20 milhões de afrodescendentes que trabalharam sem receber nada por 310 anos e, em seguida, durante os últimos cem anos temos sido privados de praticamente tudo o que um ser humano precisa para existir e manter a sua moral. Só não consigo aceitar os poucos passos que damos como qualquer tipo de progresso. E eu acho...

Goldman: Posso deixar essa discussão sobre o Sr. X para depois, especificamente sobre o movimento Muçulmano Negro para daqui alguns minutos. Eu estava muito impressionado, em um programa *Open Mind* em que o Sr. X apareceu mais cedo, por meio de algumas observações do Sr. James Baldwin, o conhecido romancista. Deixe-me ler algumas das declarações que o Sr. Baldwin fez nesse programa. Citando Baldwin: "Eu sou um menino do Harlem também e percebo do meu próprio ponto de vista como quão desesperadamente e profundamente os Negros odeiam os brancos. Ele passou a enfatizar o ponto. "a maioria dos Negros, a maioria dos Negros não confia em pessoas brancas e a maioria odeia os brancos." E então, com base nisso, ele disse, "eu, pessoalmente, falando apenas por mim mesmo agora, eu não posso imaginar nada que este país possa me oferecer que eu mais quero." Agora eu tomo tudo isso para ser cético em relação ao valor da integração, mesmo se você pudesse tê-lo. Existe uma tendência real entre intelectuais Negros para este tipo de pensamento?

Clark: Acho que devemos colocar declarações desse tipo e declarações do Sr. X numa perspectiva mais ampla. Como psicólogo, sinto que o ódio é uma emoção extremamente difícil de sustentar durante um período. Certamente, eu mesmo já senti muita amargura muitas vezes. Toda vez que eu observo uma forma arbitrária de injustiça racial, eu me sinto amargurado, mas como a maioria das emoções de ódio não pode ser sustentada mais tempo do que o meu organismo pode suportar. Os Negros como outros seres humanos, naturalmente, sentem ódio, desespero e amargura. Isso, no entanto, não o impediu de obter um tipo de planejamento inteligente, organizado, usando todos os recursos deste governo para alcançar seu objetivo, ou seja, a igualdade total e inqualificável como um cidadão americano. A coisa que me incomoda Sr. X, é que você me colocou em uma posição que me obriga a tomar uma posição favorável ao sistema americano, com o qual não estou particularmente confortável. Eu gostaria...

Malcolm X: Por que você não se sente confortável tomando essa posição? Se é apenas uma posição, mesmo psicologicamente, por que se sentir desconfortável?

Clark: Porque não está completa. E a sua posição também não está completa.

Malcolm X: Eu acho que, senhor, você vai descobrir que quando você tem duas pessoas diferentes, uma sentada em um fogão quente e outra sentada em um fogão morno, aquele que está sentado no fogão morno acha que está sendo feito progresso. Ele é mais paciente. Mas aquele que está sentado no fogão quente, você não pode deixá-lo se levantar rápido o suficiente. É assim que o chamado Negro neste país se sente, o Negro de classe alta ou o chamado Negro de alta classe, como Franklin Frazier os chama, o "burguês Negro". Eles não estão sofrendo a extrema dor que as massas estão sofrendo. E são as massas hoje, eu acho que você vai concordar, são as mais impacientes, as mais irritadas porque elas são as que estão sofrendo mais.

Sr. Berger: Isso é interessante. Eu não sei se eles são os mais irritados de todos os Negros, mas certamente, eu acho que há um novo Negro no sentido de que são pessoas que nunca articularam suas demandas ou se fizeram ouvir como eles estão fazendo agora. Isto é o que dá a impressão de grande militância, a ideia do novo Negro, ou seja, as pessoas mais pobres na escala socioeconômica, as pessoas de baixa renda estão lutando. Eles estão lutando por duas coisas, parece-me, e eu diria que, embora possa não haver um novo Negro no sentido de que eles estão procurando coisas novas, eu acho que eles têm uma prioridade diferente e uma urgência diferente sobre as coisas que eles querem. Duas das coisas que eles definitivamente querem são emprego e habitação. A coisa importante que as massas de afro-americanos agora sentem é que

eles têm que sair desta caixa de discriminação e desemprego e eles têm que sair dos guetos e essas duas coisas têm que acontecer rapidamente. Isto é o que eu acredito que significa quando eu ouço falar sobre o novo Negro.

Sr. Goldman: Sra. Motley?

Sra. Motley: Acho que estamos em comum acordo, Sr. X, que a condição do Negro aqui tem sido muito ruim e ainda é ruim em muitas áreas. Penso que o único ponto em que podemos discordar é se existe alguma necessidade de continuar a luta que temos feito para equalizar a situação no nosso país e, provavelmente, discordamos das técnicas para o conseguir.

Sr. Goldman: Há uma coisa que está surgindo nessa discussão, que diz respeito à impaciência do Negro. Mas isso não inclui impaciência com organizações com as quais você, Sra. Motley, e você, Sr. Clark estão associados? Por exemplo, o Sr. X está citando, chamando seu colega, Sr. Thurgood Marshall de “um tio Tom do século XX”. E o Sr. Louis Lomax, o jornalista Negro, diz que há um Negro “revoltado” na América, vivendo no subterrâneo nas últimas duas décadas, o que significa o fim da classe tradicional de liderança Negra”, que eu suspeito é o que você tem em vista e você?

Sr. Clark: Eu acho que estas são declarações exageradas e eu acho que a impaciência presente dos Negros é paradoxalmente uma função da eficácia da liderança Negra no passado. Eu gostaria de salientar que o Sr. X diz que as massas de afro-americanos estão na vanguarda do atual movimento dos direitos civis. Eu francamente não acho que isso seja verdade.

Malcolm X: Não no movimento dos direitos civis.

Sr. Clark: Pode ser sentimental e pode jogar com as massas para dizer que elas estão na vanguarda do movimento, mas acho que precisamente isso nos obriga a reconhecer que ao Negro que foi treinado, que foi permitido ter mais vantagens do que os outros na América, é o tipo susceptível de você encontrar na vanguarda do movimento. Digo isto com todo devido respeito.

Malcolm X: Você quer dizer onze alunos em uma escola em Atlanta, Geórgia, que é o progresso?

Sr. Goldman: Permita-me ser desagradável aqui por um momento, deixe-me explicar este ponto. Há um artigo na atual Harper's sobre os jovens Negros rebeldes, escrito por uma mulher.

O que o artigo diz é que nós realmente temos dois grupos de Negros na América... Estou parafraseando... um grupo menos educado, a classe socialmente mais baixa, que estão muito atrás dos⁹Cavaleiros da Liberdade e atividades similares. São os agitadores. E há os bem-sucedidos, os burgueses profissionais, os advogados e professores e assim por diante com uma atitude completamente diferente. O autor fala sobre ir à Universidade de Howard com os Cavaleiros da Liberdade, ela diz que Howard é a Harvard negra e diz que não havia muito interesse nos Cavaleiros da Liberdade lá, que a surpreendeu muito. Um jovem estudante afro-americano, muito gentil, disse que seu grupo dispensava o radicalismo Negro. Aqui você vê a elite Negra. Esses estudantes não se importam com os Negros que viajam em ônibus. Afinal, eles dirigem para casa em seus carros.

Sr. Clark: Eu acho isso incrível. Eu acho que é uma simplificação lamentável e eu pessoalmente acho que é uma invenção. Ainda bem que não sei o nome da senhora que escreveu o artigo. Eu sou um ex-aluno da Universidade de Howard e eu estou agora em seu Conselho e vou para Howard com bastante frequência. Eu pessoalmente gostaria de encontrar o aluno que disse isso ao repórter. Acho que estas tentativas de simplificar o problema, dizendo que este grupo de Negros acredita nisso e aquele grupo de Negros acredita naquilo, eu acho que tudo isso perde o foco.

Mr. Goldman: Sr. X, você não concorda com algumas dessas coisas, no entanto? Lembro-me de você dizer em uma *Open Mind* que, afinal, a liderança tradicional Negra está sempre no Waldorf-Astoria. É onde você vê Roy Wilkins, Thurgood Marshall, e assim por diante. Você sugeriu que eles não estão entre o povo afro-americano e talvez não os compreenda.

Malcolm X: Eu não poderia contestar você porque as oportunidades que eu tive de apertar suas mãos foi naquela vizinhança.

Clark: Também estive lá, não foi, Sr. X?

Malcolm X: Definitivamente.

Sra. Motley: Acho que você apertou a mão do Sr. Marshall em um tribunal.

⁹ Cavaleiros da Liberdade, eram jovens Negros e brancos, intelectuais, artistas e religiosos, que partiam do Norte em caravanas em direção ao Sul, a fim de pressionar as autoridades locais a pôr fim na segregação. O Sul reagiu com violência. Governadores, prefeitos e xerifes empregaram o aparato policial contra os militantes dos direitos civis.

Malcolm X: No corredor do tribunal.

Sra. Motley: Onde ele geralmente é encontrado...

Malcolm X: Eu gostaria de comentar sobre a observação que o Sr. Goldman fez sobre o fato de eu ter afirmado que Marshall era um tio Tom do século XX. Na época, alguns anos atrás, Marshall fez um discurso em Princeton quando ele permitiu que outros colocassem palavras em sua boca, palavras muito depreciativas sobre os muçulmanos. De modo que, o que eu disse foi uma resposta, mas eu penso que a principal coisa que todos os afro-americanos têm de fazer hoje, é o que foi feito em Bandung pelos africanos e pelos asiáticos em 1955. Temos de nos juntar e esquecer as nossas diferenças. Nós não vamos concordar em tudo, mas vamos concordar que todos nós somos oprimidos, todos nós somos explorados e a única maneira de alcançarmos nosso objetivo é por meio de algum tipo de cooperação mútua.

Goldman: Suponha que muita gente branca concorde que os Negros são oprimidos. Sr. X, você concorda com o honorável Elijah Muhammad quando ele diz, "é impossível para Negros e brancos viverem juntos. Odeio as poucas gotas de sangue branco que já estão em mim. Não há um homem Negro inteligente que queira integração. ""?

Malcolm X: Sim, eu acredito em tudo o que o Sr. Muhammad diz, e quando ele diz isso, na primeira parte, que ele odeia as poucas gotas de sangue Negro que estão nele, ou melhor, as poucas gotas de sangue branco que é...

Sr. Clark: É um lapso interessante.

Malcolm X: Eu acho...

Sr. Goldman: O que você diz sobre isso como um psicólogo, Sr. Clark?

Sr. Clark: Digo isso como psicólogo.

Sr. Berger: De que cor é o Sr. Elijah Muhammad?

Malcolm X: Ele é pardo e eu acho que se você voltar durante a escravidão, a maioria dos escravos que tem sangue branco conseguiu porque suas mães foram estupradas ou violentadas pelo mestre de escravizados. Seria impossível para mim hoje carregar o sangue de um estuprador e não odiar esse sangue. Em segundo lugar, quando ele disse que é impossível para brancos e Negros viverem juntos em paz, a história da América já prova isso. A maioria de seus

liberais brancos, que professam amar os Negros, e que professam estar pressionando para essa coisa de integração, eles próprios vivem em bairro branco e às vezes são os primeiros a colocar placa de venda em sua porta quando um Negro, que se iludiu com essa coisa de integração, se muda para seu bairro.

Eu acho muita hipocrisia para mim, como um homem Negro, se sentar com um homem branco e professar que há uma grande quantidade de amor entre nós. Eu tenho de olhar para o homem branco como o filho do homem que sequestrou o meu povo e trouxe-os aqui e escravizou-os, e ele tem que olhar para mim como alguém a quem ele fez algo de errado. O seu complexo de culpa vai mantê-lo sempre de guarda ao meu lado. Eu penso que nós podemos resolver nossos problemas melhor, olhando a condição dos homens Negros na América como uma coisa coletiva, não individual, mas coletiva. Estamos nesta condição coletivamente, somos cidadãos de segunda classe.

Coletivamente, somos os últimos contratados e os primeiros demitidos. Ok, já que sofremos coletivamente aquele que se beneficia, o homem branco, se beneficia coletivamente. Se um indivíduo branco fosse matar um homem, ele seria um assassino. Linchar é um assassinato. Nos últimos 400 anos nosso povo foi linchado fisicamente, mas agora é feito politicamente. Somos linchados politicamente, somos linchados economicamente, somos linchados socialmente, somos linchados de todas as maneiras que você pode imaginar. E olhamos para o homem branco, o homem branco americano como um criminoso. Ele cometeu um crime contra 20 milhões de pessoas negras. Para mim segregação é um crime. Para mim, não ter nenhum direito é um crime.

Sra. Motley: Sr. X deixe-me perguntar-lhe isto: o Sr. Muhammad quer dizer com integração social simplesmente o convívio com brancos? Ou ele quer dizer outra coisa? Quando você falou, eu tive a impressão de que você estava enfatizando meramente uma espécie de convívio social com brancos em suas casas e esse tipo de coisa e casamento. Mas eu penso que a integração pode ter outra definição que deve ser mais enfatizada. O que o Negro procura não é uma espécie de mistura social por si só com brancos ou casamentos. O que eles realmente procuram é ter uma situação mais igualitária no país, mais do que há no presente momento. Agora o que o Sr. Muhammad quer dizer por integração?

Malcolm X: Não. O honorável Elijah Muhammad nos ensina que você, um homem pobre, não pode se integrar com um homem rico. Não pode pegar um homem que tem fábricas e dizer que

deve contratar Negros. Você não pode levar um homem que tem escolas que ele construiu e dizer-lhe que ele deve admitir os Negros. O Sr. Muhammad diz isto: o povo Negro da América deve se reunir entre si e fazer por si mesmos as mesmas coisas que o branco fez por ele mesmo. Você percebe que os imigrantes brancos vieram para este país pobres e sem educação, e eles economizaram o seu dinheiro e usou com sabedoria. Eles montaram negócios e forneceram empregos para seus filhos. Eles criaram fábricas e indústrias para criar oportunidade de emprego para seus filhos. Agora, o afrodescendente na América tem sido assim chamado livre desde cem anos. O poder aquisitivo do Negro na América é de 20 bilhão de dólares por ano. Se nosso povo é igual, por que não temos líderes? Nossos profissionais, começaremos juntos, de alguma maneira ou outra, como o homem branco fez, e montaremos fábricas para fornecer trabalho, construiremos casas para fornecer habitação para os Negros, em vez de ficarmos sentado aqui implorando ao homem branco por uma casa de segunda mão em seu bairro ou exigindo que o homem branco nos ofereça um emprego.

Mr. Goldman: Sr. Clark, isso é uma indagação psicológica ou uma indagação ideológica?

Sr. Clark: Bem, é uma expressão de perplexidade. Estou perplexo. Quando eu escuto o Sr. X parece-me que ele está pedindo o máximo em segregação. Ele está pedindo por fábricas segregadas.

Malcolm X: Não, separado. Há uma diferença entre segregação e separação. A segregação é forçada por uma comunidade superior sobre uma comunidade inferior. A separação é feita voluntariamente por dois povos.

Sr. Clark: Deixe-me retomar um ponto sobre o que você afirmou. Você disse, por que o homem Negro deve pedir ou implorar ao homem branco para ser admitido em suas escolas. Acho que a pergunta que você coloca é baseada em uma premissa falsa. As escolas não são do homem branco. As escolas são públicas.

Os Negros são parte integrante da economia americana. Eles pagam impostos, estão envolvidos em qualquer crise que esta nação enfrente. Alguém te vendeu a noção equivocada de que os brancos são donos das escolas públicas da América. Os brancos não são donos das escolas públicas. As escolas públicas são propriedade do público. 20 milhões de afro-americanos contribuem significativamente para a vitalidade do país e agora estão pedindo para compartilhar igualmente de todos os benefícios, assim como compartilham de todas as responsabilidades do país.

Sr. Berger: Eu acho que o que o Sr. Clark está dizendo, é claro, é verdade. Mas eu acho que, se eu posso falar pelo Sr. Malcolm X por um momento, não que ele não fale bem por si mesmo, eu acho que sua resposta seria, como você pode chamar essas escolas de públicas quando elas são geridas por brancos e para os brancos e os Negros são excluídos.

Há uma razão para isso e eu acho que esse temperamento do Negro favorece o tipo de coisa que o Sr. Malcolm X está dizendo. Pela primeira vez, em muito tempo, os líderes Negros estão dizendo abertamente o que muitos Negros dizem um ao outro. Esta é a primeira vez, em muito tempo, que a comunidade branca está sendo capaz, por assim dizer, de bisbilhotar o que se passa entre os Negros.

Isso me leva à questão do ódio. Eu acho que o ódio não é apenas algo difícil de sustentar, mas eu acho que muitas vezes é muito útil. O que acontece nesta questão do ódio é que temos tido um vislumbre da comunidade negra, enquanto ela sempre teve um vislumbre da comunidade branca. Eles sempre souberam o que os brancos estavam pensando sobre ser servos e assim por diante, de estar entre os brancos. Os brancos não sabiam o que os Negros estavam pensando e agora estão começando a descobrir algo sobre isso.

A consequência é que as pessoas brancas estão começando a descobrir que os Negros são muito críticos, muito amargo, e muitos deles odeiam brancos, como diz Baldwin. Mas isso é algo que podemos levar um pouco longe demais. Se você espionar qualquer comunidade e ouvir o que as pessoas estão dizendo um ao outro, você pode ficar muito deprimido. Se você ouvir seus bons amigos falarem sobre você, eu acho que você pode ficar deprimido. Se os judeus escutassem o que os cristãos dizem sobre eles, se os cristãos escutassem o que os judeus dizem sobre eles, se todas estas comunidades ouvissem tudo o que todos dizem sobre um ao outro, seja na brincadeira ou seriamente, eu penso que todos os grupos estariam em desacordo um com o outro. Então eu não tenho certeza de que, embora os Negros falem dessa forma um para outro neste tom de ódio... Eu não estou tão certo de que isso necessariamente represente o seu sentimento com mais precisão do que os líderes Negros moderados que falam sem ódio. O fato de as pessoas dizerem essas coisas, eu não acho que pressupõe que sempre acreditam nelas.

Sra. Motley: Sr. X, você disse há um tempo atrás, ninguém deveria dizer a um homem branco que ele deve contratar um Negro em sua fábrica. Penso que muitas pessoas disseram a mesma coisa em relação às leis, por exemplo, que proíbem a discriminação no emprego. O que a lei faz é não dizer ao homem branco, você deve empregar um Negro em sua fábrica. A lei diz ao

proprietário da fábrica que você não deve discriminar um Negro qualificado apenas por conta de sua raça e cor.

Malcolm X: Mas este tipo de abordagem da chamada atual liderança Negra mantém o Negro em uma categoria de mendicância. No meu ponto de vista, os brancos se reuniram e estabeleceram algum tipo de economia que oferece oportunidades de emprego e moradia para sua própria espécie. E desde que nossos líderes não conseguiram fazer isso, não conseguiram se unir e fornecer algo para as massas do nosso povo, isso os colocam em evidência hoje, quando alguém começa a questionar esses fatores.

Mr. Clark: Esta falácia em seu pensamento que me incomoda. Você continua dizendo que as pessoas brancas se reuniram, mas não há nenhuma indústria na América que tenha sido construída sem trabalho Negro, consumidores Negros, dinheiro Negro envolvido. Não existe tal coisa como um branco.

Malcolm X: Um cavalo pode puxar o arado. Ele é quem realmente prepara o campo. O cavalo tem os benefícios? Não, ele nem mesmo pode dizer que a fazenda é dele. Ele é parte da propriedade daquela fazenda. Essa é a condição em que você e eu estamos na América nos últimos 400 anos. Éramos sub-humano. A Constituição dos Estados Unidos classificou-nos como três quintos de um homem, sub-humano. Essa é a Constituição dos Estados Unidos.

Sr. Clark: A Constituição dos Estados Unidos como interpretada, especialmente pelo 17 de maio de 1954, decisão, declara que você é um homem completo e que nenhum Estado pode fazer qualquer lei que revogue seus direitos como um cidadão americano baseado unicamente na cor.

Sr. Goldman: Só temos 12 minutos e não quero terminar sem falar sobre isso. Claro, se há um novo Negro, uma das coisas que as pessoas estão comentando sobre a maioria são seus supostos laços intelectuais e emocionais com a África e com o que está acontecendo na África. Agora, isso é importante? Se sim, o que é realmente? Que influência é essa que a África está exercendo?

Sra. Motley: Acho que o Negro descobriu a África como um lugar com o qual ele pode se identificar no sentido mais amplo. Os Negros têm estado sem um país ou pátria durante anos, por assim dizer, do qual eles pudessem se orgulhar. África sempre foi visto como o continente Negro. Agora a África está se erguendo e o Negro na América vê jovens líderes africanos que são capazes e articulados e que estão liderando seu povo na luta pela liberdade. E assim, o afro-

americano pode olhar agora para sua pátria, por assim dizer, e se identificar com pessoas que são fortes e respeitadas e olhar para frente. Isso deu um novo ímpeto, digamos, ao impulso da parte dos jovens Negros neste país para fazer alguma coisa.

Sr. Clark: Eu acho que pode ser exagerado o impacto africano sobre os Negros americanos. Certamente, há alguns aspectos dramáticos dele. O Negro se sente feliz e orgulhoso quando vê um africano articulado de uma dessas novas nações da ONU. Mas o meu próprio sentimento é que o impacto do pessoal da NAACP (Associação para o Progresso do Povo de Cor) e os votos que os Negros em grandes centros urbanos nos Estados Unidos usam para eleger congressistas e senadores e para influenciar a política nacional são mais propensos a ter um efeito direto sobre a rápida mudanças no status do Negro na América do que o que acontece na África. Agora pode ser que eu esteja falando apenas em termos de uma incapacidade pessoal peculiar de me identificar com a África. Confesso que me identifico com a América. Sou americano e quero os meus direitos como cidadão americano.

Mr. Goldman: Sr. Haley, você concorda com o Sr. Clark?

Sr. Haley: É possível subestimar o impacto da África da mesma forma que é possível superestimar. O grande problema, suponho, é como avaliá-lo com precisão uma vez que é tão difícil de mensurar. Mas pode-se, apenas com base em sua própria experiência, apontar o que ele viu, e parece-me que muitos Negros com quem eu tive contato se vinculam ou se identificam não apenas com a África emergente, mas com todo esse lado do mundo, que está transbordando com todos os tipos, de cores, tamanhos e nacionalidades de vários povos africanos.

Mr. Goldman: Sr. X, deixe-me segurá-lo por um momento. Há, naturalmente, a possibilidade de que, na medida em que o Negro se volte para a África, ele está se voltando para uma liderança que, por um lado, é de um racismo frenético, uma possibilidade que o Sr. Louis Lomax levanta em seu livro, e por outro lado, jogando nas mãos de Nasser. Agora, tendo dito isso, o Sr. X sabe para onde estou indo, ou seja, para a declaração frequente feito por você e seu movimento Muçulmano Negro que estão em estreito contato com Nasser, estão se tornando uma parte de sua maquinaria mundial, etc., etc. E tendo dito isso, vou deixar você e o Sr. Berger falarem sobre essa questão.

Malcolm X: Número um, a imagem distorcida que os homens Negros da América tiveram sobre o passado da África é tudo parte do crime que o homem branco americano cometeu, distorcendo esse passado propositadamente. Número dois, é verdade que a emergência de

nações africanas provavelmente não impressiona a elite Negra da América, mas impressiona as massas de pessoas Negras na América. Número três, você não pode dizer que o surgimento da África não afeta a condição dos Negros aqui.

John F. Kennedy, meses atrás, emitiu um ultimato aos brancos em Maryland e em Virgínia para não aplicar a lei Jim Crow aos africanos que estão neste país. Apesar do fato dos votos dos Negros terem ajudado a elegê-lo, ele pode abrir a boca e eliminar as barreiras impostas aos africanos, mas o chamado Negro americano ainda continua implorando por uma xícara de café integrado.

Goldman: Só um minuto, Sr. X. posso ir diretamente a esta questão? Um número de pessoas afirma que muçulmano-ismo Negro é uma forma de manter um número de afro-americanos presos aos propósitos imperialista do Sr. Nasser.

Malcolm X: Em primeiro lugar: não somos Negros. Segundo, não há tal coisa como muçulmano-ismo. É o Islã, que é a religião praticada por 725 milhões de pessoas não-brancas na África e na Ásia. Eu penso que é absurdo conectar-nos com toda a uma área geográfica quando o mundo muçulmano se estende da China até as costas da África Ocidental. Todos no mundo muçulmano são nossos irmãos e nós somos como irmãos para eles e considerados como irmãos por eles. Agora, porque Nasser provavelmente representa uma ameaça para Israel e as pessoas de ascendência israelense têm muito poder e influência sobre os meios de comunicação social na América, eles divulgam a propaganda sobre o perigo de nosso povo aqui se conectar com alguém de lá. Nós não temos conexão com ninguém, mas o nosso sentimento é que todos os afro-cidadãos hoje devem se reunir e jogar de lado as algemas de um opressor comum e o opressor comum é aquele homem que esteve sentado lá na Europa. Eu acho que você vai descobrir que não só os árabes, que são pessoas de cor, estão se reunindo, mas eles estão se reunindo em toda a África e Ásia. É por isso que você está tendo problemas agora nas Nações Unidas. E isso não é algo que você deve culpar os muçulmanos. O homem branco deve examinar sua própria ação e ele verá que as sementes que ele plantou estão crescendo hoje. Ele não gosta da colheita que plantou.

Mr. Goldman: Sr. Berger, Você quer comentar sobre este potencial envolvimento?

Mr. Berger: Eu não acredito que os Muçulmanos Negros neste país estão ou serão profundamente envolvidos com a máquina de propaganda de qualquer país estrangeiro. Eu não acredito que seja assim, até onde eu tenho sido capaz de observar. Eu acho também que Nasser

particularmente teria dificuldade de se associar com os muçulmanos Negros. Não somente pela dificuldade que eles lhe dariam, mas igualmente a dificuldade que, parafraseando, os muçulmanos brancos assim conhecidos neste país poderiam lhe dar. Eu não acho que eles querem ser, esses chamados muçulmanos brancos neste país, querem estar associados com os Muçulmanos Negros neste país. Esta é uma outra razão pela qual eu descartaria aquelas reivindicações da influência estrangeira nos Muçulmanos Negros.

Mr. Goldman: Sr. Haley, uma palavrinha?

Sr. Haley: Tenho de voltar a discordar. Eu acho que esta preocupação com os muçulmanos ou a África nos afasta do foco principal, ou seja, o Negro na América.

3.6 Malcolm X na Faculdade de Direito de Yale (20 de outubro de 1962)

Em nome do meu amado líder e professor, o honorável Elijah Muhammad, e dos muitos jovens muçulmanos que o seguem, gostaria de agradecer por esta oportunidade de expor a nossa posição sobre o que achamos ser a única solução para os sérios problemas raciais que a América e o conturbado mundo ocidental enfrentam.

Neste momento crucial em que vivemos hoje, é essencial que nossas mentes estejam abertas à realidade. Temos ambas as raças aqui neste auditório da faculdade de direito de Yale esta noite. Não nos deixemos ser emotivos. Vamos nos permitir ser governados e guiados apenas pelos fatos.

Eu represento o Sr. Elijah Muhammad, o chefe espiritual do grupo de Muçulmanos Negros que mais cresce no Hemisfério Ocidental. Nós que o seguimos sabemos que ele foi divinamente ensinado e enviado a nós pelo próprio *Allah*. Acreditamos que a situação miserável dos 20 milhões de afro-americanos é o cumprimento da profecia divina. Nós acreditamos que o sério problema racial que nossa presença aqui na América suscita também é o cumprimento da profecia divina. Nós também acreditamos que a presença do honorável Elijah Muhammad na América hoje, seus ensinamentos entre os chamados Negros, e seu aviso direto para a América sobre o tratamento dado a estes chamados Negros é tudo cumprimento da profecia divina.

Assim, quando o Sr. Muhammad declara que a única solução para o problema racial da América é a separação completa das duas raças, ele está cumprindo o que foi profetizado por

todos os profetas bíblicos para este lugar, neste dia. Mas porque o Sr. Muhammad toma esta posição intransigente, aqueles que não compreendem a profecia bíblica o rotulam erroneamente de racista e de pregador do ódio, ou de ser anti-branco, ou de estar ensinando a supremacia negra. Então, esta noite, enquanto estivermos todos aqui, cara a cara, poderemos questionar e examinar por nós mesmos se é sabedoria ou tolice o que o Sr. Muhammad está ensinando.

Estudando as condições mundiais e encarando a realidade como homens e mulheres conscientes..., vendo as coisas não como gostaríamos que fossem, mas como elas realmente são..., podemos determinar com certeza, a validade da origem divina do Sr. Muhammad, a solução que ele oferece como única esperança para os 20 milhões dos chamados Negros americanos para este conturbado mundo ocidental. Se a solução do Sr. Muhammad é de *Allah*, e a tempo de salvar os 20 milhões dos chamados Negros? E a tempo de salvar a América? E a tempo de salvar o mundo ocidental? Vamos analisar de perto e ver.

O mundo ocidental encontra-se hoje mergulhado em crise após a crise. Os elementos para o desastre espreitam constantemente todos os lados, aqui e no exterior. Os principais diplomatas do mundo ocidental estão sussurrando nos corredores da ONU que a catástrofe pode acontecer a qualquer momento, a qualquer hora, a qualquer segundo.

Se está grave crise for estudada a nível internacional, a nível nacional, ou a nível local, veremos que o principal elemento sempre presente, de uma forma ou de outra, é a questão racial, o problema racial. Seja no Congo, Argélia, África do Sul, China, Cuba ou Panamá.

Deixe-me citar o conselho bíblico de Paulo na Bíblia; vamos deixar nossas emoções de lado e raciocinar junto. Vamos olhar de perto este retrato caótico do mundo diante de nós, e à luz dos fatos veremos então se a solução divina do Sr. Muhammad se adequa a este quadro que está diante de nós.

Mas muitos de vocês podem estar se perguntando: "por que devemos ouvir esse pequeno e chamado Negro... esse pequeno ex-escravizado nascido na Geórgia? O que ele pode fazer? O que ele pode nos dizer? Bem, meus amigos, os diplomatas mais instruídos do mundo ocidental não conseguiram resolver este grave problema racial. Seus políticos instruídos falharam. Seus teólogos eruditos fracassaram. Seus sábios peritos legais falharam. Os sociólogos falharam. Seus líderes civis falharam. Até seus líderes fraternos fracassaram.

Uma vez que os cientistas e estudiosos mais habilidosos do mundo ocidental não conseguiram resolver este problema racial, é hora de sentarmos esta noite e raciocinarmos juntos, e estou certo de que seremos obrigados a concordar que é preciso que *Allah* resolva este grave dilema racial. Quando encaramos esses fatos, vemos a necessidade de uma intervenção divina, a necessidade de uma solução divina.

Se *Allah* vai intervir, virá Ele mesmo, ou Ele vai enviar alguém com sua solução? Seremos capazes de aceitar esta solução divina quando ela vier? Como saberemos se o mensageiro que nos traz a solução é realmente um homem de Deus? Que critério usaremos para prová-lo.

Será que este homem de Deus será alguém de Harvard, Yale, Columbia, Howard ou Tuskegee? Será que este homem de Deus será um homem Negro ou um homem branco? Será ele um teólogo ou pregador de uma das religiões prevaletentes do mundo ocidental? Ele será um político de um dos principais partidos políticos? Que tipo de homem você acha que Deus escolheria para entregar uma solução para este conturbado mundo do Ocidente? Como podemos determinar se o Sr. Muhammad é um homem de Deus e como podemos determinar se é hora de o próprio Deus intervir?

Não nos deixemos ser emotivos; vamos raciocinar juntos. Olhe à nossa volta e veja a condição do mundo. O homem nunca teve em suas mãos o poder de destruir a vida humana em uma escala tão vasta. Nunca houve tanta propaganda, mentiras pomposas, suspeitas intermináveis, confusão generalizada, grande insatisfação, agitação maciça, ódio maciço... e ingredientes para tal derramamento de sangue.

A América nunca cometeu tantos erros cruciais, um após o outro, e sofreu tão grande perda de prestígio aos olhos do mundo, apesar do conselho de seus assessores especializados.

O incidente do avião espião U-2 fez com que o Presidente do país mais forte da terra fosse enganado, aprisionado e exposto perante o mundo inteiro como um mentiroso... apesar do conselho de assessores especializados.

Na cúpula da conferência de Paris, o mesmo Presidente foi amaldiçoado, ridicularizado, e humilhado novamente diante dos olhos de todo o mundo... apesar do conselho de seus assessores especializados.

Na Coreia, estudantes, meras crianças, derrubaram o governo de Syngman Rhee, o melhor aliado que a América tinha no Extremo Oriente, apesar do conselho de seus assessores especializados.

Na Turquia, as crianças derrubaram o governo de Menderes, o melhor amigo da América no Oriente Médio..., apesar do conselho de assessores especializados.

Em Tóquio, estudantes, meras crianças novamente, desafiou o Presidente a vir para o Japão e o impediu de entrar depois de ter viajado milhares de quilômetros de casa ao seu local de destino... um insulto humilhante... apesar do conselho de seus assessores especialistas.

E Cuba, o pequeno governo da ilha anã no Caribe está desafiando a América gigante, acusando-a de agressão econômica, de confiscar todos os seus investimentos, e de receber apoio inesperado do México e de outros países estrategicamente localizados América Latina... e tudo isso, apesar do conselho de seus assessores especializados.

Meus amigos, se os políticos especialistas, os teólogos especialistas, os diplomatas especializados e outros cientistas, professores e estudiosos não conseguiram encontrar uma solução para esses graves problemas do mundo, certamente você vai concordar que agora é hora de Deus nos enviar alguém com uma solução. É o Sr. Muhammad de Deus? Ele chegou na hora? Sua solução divina se encaixa nos eventos de hoje?

Veja o vulcão racial que entrou em erupção no Congo, com os elementos presentes para uma explosão racial ainda maior, se intensificando para o que poderia facilmente provocar uma temida terceira guerra mundial... e mais uma vez os diplomatas da ONU estão sussurrando que civilização ocidental está cambaleando à beira do desastre.

Por que é que os africanos no Congo se levantaram contra os opressores belgas brancos? Por que os africanos no Quênia estão se levantando contra seus opressores britânicos brancos? Por que é que os africanos em Angola se levantam contra os seus opressores portugueses brancos? Porque é que os africanos na Argélia se levantam contra os seus opressores franceses brancos? Em suma: por que o homem africano em toda a África hoje está se levantando contra seus opressores europeus brancos?

No Congo, África Central, o homem africano está dizendo, "nós devemos ter nossa própria terra." No Quênia, África Oriental, o homem africano está dizendo, "nós devemos ter nossa própria terra." Em Angola, na África Ocidental, ele também está dizendo: "nós devemos

ter a nossa própria terra." Na Argélia, África do Norte, ele está dizendo, "nós devemos ter nossa própria terra." Mesmo na África do Sul, em todo o continente africano, a única solução nas mentes do homem africano desperto é: "devemos ter nossa própria terra." O grito do homem africano na África pela devolução de sua própria terra é tão generalizado, tão implacável, tão intransigente... isso tudo me faz acreditar que só o próprio *Allah* pode tê-lo inspirado a levar avante este espírito de liberdade.

Se *Allah* despertou o homem africano a ponto de este não descansar até recuperar sua própria terra. Certamente, que o mesmo *Allah* vai olhar para o Oeste, para a América, para os 20 milhões dos chamados Negros aqui, cidadãos de segunda classe que também estão em extrema necessidade de possuir sua própria terra.

Se o Sr. Muhammad diz "alguma terra nossa" é a solução de *Allah* para este grave problema racial, por que a terra? Porque a terra é tão importante para todos hoje?

O homem branco da Grã-Bretanha podia vangloriar-se de que seu controle sobre a terra do homem africano se estendia tanto que o sol nunca se punha no Império britânico. Hoje, quando o sol nasce, dificilmente podemos encontrar o Império britânico. Quão importante é a terra? Bem, veja o que aconteceu com o Império britânico quando ela perdeu as terras que ela tinha colonizado na Ásia. Terras como a Índia, a China, a Birmânia, a Malásia, etc. A impossibilidade de continuar roubando os recursos naturais da Ásia quase destruiu a economia britânica, diminuiu sua força militar, e seu prestígio político ficou tão baixo que ela não pode mais usar sua "força" para segurar suas colônias africanas.

Como seu domínio sobre a terra do homem africano acabou, Grã-Bretanha diminuiu. Perda de terreno resultou em perda de Império... perda de riqueza, poder e prestígio. Como os africanos na África, o homem na Ásia recuperou o controle de suas terras. Assim, os franceses, belgas, holandeses, portugueses, espanhóis, e todos os outros impérios europeus também começaram a desmoronar.

À medida que encaramos estes fatos somos obrigados a concordar que a economia da Europa branca, o poder militar da Europa branca e o prestígio político da Europa branca se baseavam nas terras da África e da Ásia. Os poderes aliados da Europa branca não foram capazes de conter essa maré negra na África que está rompendo os grilhões da escravidão colonial. Os africanos tornaram-se militantes e marcham para a liberdade.

África é o único continente onde uma nova nação nasce a cada dia... e essas novas nações estão ocupando seus assentos a mesa da família de outras nações independentes simbolizadas pelas Nações Unidas.

E, este bloco em rápido crescimento formado por estas recém-formadas nações africanas, unido com os nossos irmãos de cor na Ásia, já podem facilmente ter mais votos na ONU que os poderes coloniais brancos que os escravizaram. Estas nações negras recém-formadas também podem tomar uma posição firme em favor de outros afrodescendentes em todo o mundo que ainda são escravizados, perseguidos, explorados, ou privados de seus direitos básicos.

Como o surgimento destas novas nações africanas independentes desmorona a força econômica, militar e política dos aliados da América na Europa branca, que efeito isso tem sobre a América branca?

A América branca enfrenta os mesmos problemas que os poderes coloniais da Europa branca enfrentam? E, se assim for, como isso vai afetar a atitude da América para com o povo da África? Como isso vai afetar a atitude da América em relação aos 20 milhões de afrodescendentes que ainda sofrem a escravidão da chamada cidadania de segunda classe aqui na América..., os 20 milhões dos chamados Negros que também foram privados de liberdade, justiça e igualdade..., os 20 milhões dos chamados Negros que não só foram privados de seus direitos civis, mas que foram privados até mesmo de seus direitos humanos... o direito de manter suas cabeças erguidas e viver com dignidade como outros seres humanos.

Não vamos ser emotivos, vamos encarar esses fatos. Vamos raciocinar juntos. Isto tornou-se um problema sério para a América, e para o mundo inteiro. Será que a solução divina que *Allah* deu ao Sr. Elijah Muhammad ajudará a América branca evitar o dilema racial do qual as nações da África e da Ásia despertaram da opressão dos aliados da América na Europa branca?

Antes de podermos decidir de forma inteligente, aceitar ou rejeitar a solução do Sr. Muhammad, vamos dar uma olhada na América em si: a América é a nação mais rica e poderosa da terra. Seu presidente é quase como um "deus", pois ele tem em suas mãos quase todos os outros países da terra. Por isso, a cada quatro anos, quando um novo Presidente, ou um "deus," está prestes a ser escolhido, os olhos de todas as nações estrangeiras se voltam para as eleições

americanas... porque eles também estão se perguntando quem, que tipo de homem, será o próximo "deus".

No entanto, nas duas grandes convenções políticas em que os dois candidatos são selecionados, apesar da necessidade da América de impressionar e influenciar favoravelmente as nações estrangeiras, a política externa nunca é a grande questão controversa... a questão controversa é sempre a política interna. A questão dos direitos civis, em que o chamado Negro americano é a figura central, a estrela no palco mundial, pois é ele quem detém o equilíbrio do poder em todas as eleições. É ele quem pode facilmente determinar "quem" será o próximo "deus".

Portanto, este grande drama político não só coloca o afro-americano como protagonista, mas todos os esquemas políticos são projetados principalmente para cortejá-lo, para agradá-lo, para tentar seduzi-lo a fim de obter a sua fidelidade e capitalizar seu apoio político.

A posição dele é mais estratégica, mas a sua condição mental é demasiada patética para ele tirar uma vantagem inteligente desta posição vital em que o "destino" o colocou. O afro-americano está sofrendo de uma doença mental. Sua mente foi "adulterada" pelo seu mestre de escravos.

O mundo ocidental está doente. A América está doente, mas o Negro na América é o mais doente de todos. A sua condição doentia na América está infectando todo o corpo do tio Sam e pondo em perigo a segurança e o futuro de todo o mundo ocidental.

O Sr. Muhammad diz que somente depois que a condição do afro-americano for "corrigida" a saúde do tio Sam melhorará. Então o tio Sam olhará "saudável" nos olhos inquisitivos do mundo africano em rápido despertar.

Uma vez que vemos a necessidade vital de corrigir a condição miserável do afro-americano, devemos também concordar que todos os outros esforços para resolver este problema falharam, será que a "prescrição" do Sr. Muhammad curará as doenças destes 20 milhões de cidadãos de segunda classe?

Muitos de vocês dirão: "não! Muhammad é um supremacista Negro. Ele é um extremista. Ele enfatiza muito a raça. Ele é um racista. Meus amigos, se você fosse ver um homem vestido

de branco com um instrumento afiado em suas mãos, curvando-se para alguém que está prostrado em uma mesa, sua falta de compreensão pode obrigá-lo a gritar, "assassino!" Mas quando você sabe que o lugar é um hospital, o homem adormecido é um paciente, o homem vestido de branco é um cirurgião e o instrumento afiado deve ser usado para realizar alguma cirurgia necessária para salvar a vida do paciente. Você pode então aceitar o fato de que, embora a cirurgia seja muito dolorosa, ela deve ser realizada.

Tio Sam está doente porque ele tem um "nódulo" preto crescendo em seu corpo branco que não pertence a ele, e este "nódulo" está crescendo a cada dia, aumentando as dores internas do tio Sam. O próprio *Allah* ordenou que esta cirurgia fosse executada, pois se os 20 milhões dos chamados Negros, que crescem rapidamente e não são parte do corpo branco, em breve causará a morte e a destruição do tio Sam.

Allah deu ao Sr. Muhammad uma verdade afiada. É como uma espada de dois gumes. Ela corta você, causando-lhe grande dor, mas se você a aceitar, ela vai curá-lo e conservá-lo pois de outra maneira você morreria.

Em sua angústia mental muitos de vocês vão insistir emocionalmente que o Sr. Muhammad não está ensinando a verdadeira religião do Islã. Você ainda vai insistir que ele está ensinando uma filosofia racial, econômica e política.

Meus amigos, o Islã é a religião ensinada por todos os profetas: Noé, Ló, Abraão, Moisés e até mesmo Jesus. O Islã é o verdadeiro nome da religião que *Allah* deu aos profetas no passado para curar seu povo de qualquer doença moral ou espiritual que os afligisse naquela época.

Uma vez que tenhamos examinado as doenças do mundo ocidental em ruínas, e os males que estão infectando a América... deixe-nos examinar mais de perto a condição miserável do afro-americano. Aqui estão 20 milhões pessoas que perderam sua identidade original. Eles não sabem nem falar a própria língua materna. Como pode 20 milhões de pessoas terem perdido a sua língua? O que aconteceu com ele? O que era? Por que nem ao menos sabem quem eles eram?

Por que os chamados Negros educados não sabem nada sobre sua própria história, sua própria cultura, os últimos nomes de seus antepassados, sua própria nacionalidade, seu próprio país, sua própria bandeira, sua própria religião e seu próprio Deus?

Meus amigos, certamente, vocês vão concordar que nenhuma outra pessoa na história, bíblica ou não, foram tão completamente despojado e roubado pelo mestre de escravizados de todo o conhecimento sobre a sua própria espécie, e por isso, nenhum outro povo na história, ou de outra forma, já teriam apresentado tal problema aos antigos mestres de escravizados ou ao mundo... como o problema criado pela presença dos 20 milhões dos chamados Negros aqui na América hoje.

O jornal New York Tribune, em um editorial de 5 de fevereiro de 1960, relatou que, de 11 milhões de eleitores Negros qualificados, somente 2,7 milhões votaram. Isto significa, grosseiramente falando, que apenas 3 milhões dos 11 milhões de afro-americanos, que estavam qualificados para votar, tiveram participação ativa. Os 8 milhões restantes permaneceram voluntariamente inativo. Ainda assim, é esta pequena minoria de eleitores afro-americanos que ajudam a determinar quem será o próximo Presidente.

Quem será o próximo presidente que poderá ser influenciado pelos 3 milhões de eleitores afro-americanos, é fácil entender por que os candidatos presidenciais de ambos os partidos políticos demonstram falso apoio a lei dos direitos civis com suas promessas de integração. Eles devem cortejar ou impressionar os 3 milhões de Negros que votam e que são os verdadeiros defensores da integração.

Se tanto alarido é feito sobre estes 3 milhões defensores da integração, o que os candidatos presidenciais teriam de fazer para apaziguar os 8 milhões de eleitores afro-americanos inativos se eles decidirem se tornar politicamente ativo neste ano eleitoral? Quem são os 8 milhões de inativos, o que eles querem e por que eles não votam?

Os 3 milhões de eleitores são os chamados Negros da classe média, referido pelo professor de Sociologia da Universidade Howard Franklin Frazier como a "burguesia negra", que foram educados para pensar como individualistas patrióticos, sem orgulho racial. Que acreditam e olham para a frente, para o futuro por meio do "casamento da integração" prometido pelos políticos Negros. E, portanto, esse "espírito de integração" dos 3 milhões permanecem uma parte ativa dos partidos políticos controlados por brancos. Mas nunca deve ser descuidado, estes 3 milhões defensores da integração são apenas uma pequena minoria comparado aos 11 milhões de eleitores qualificados. Os 8 milhões de eleitores inativos são a maioria, as massas de afro-americanos oprimidos. Recusaram-se a votar, ou a tomar parte na política porque

rejeitam a aproximação da liderança do tio Tom do "clérigo-político" escolhido a dedo para os afro-americanos pelo próprio homem branco.

A liderança do clero-político não representa a maioria negra; eles não representam a massa negra. Eles representam a "burguesia negra", os que passaram por uma lavagem cerebral". Eles representam os Negros de mente branca, a minoria de classe média que tem vergonha de ser Negro e não querem ser identificados como Negro. Eles tentam apagar essa "identidade" por meio da mistura, do casamento inter-racial, integrando-se com o homem branco.

O problema racial não pode ser resolvido ouvindo essa minoria de mente branca. O homem branco deve tentar aprender o que a maioria quer. O próximo Presidente seria sábio se tentasse aprender o que as massas negras querem. E, a única maneira de descobrir isso é ouvindo o homem que fala pela massa negra da América.

Eu declaro a você e ao mundo inteiro que o homem, aqui na América, que fala em favor da maioria dos oprimidos, das massas negras insatisfeitas, é este mesmo homem a quem milhares do nosso povo estão vendo e ouvindo, este mesmo Sr. Muhammad que é rotulado por você de supremacista Negro e de racista!

Se o 3 milhões de Negros de classe média estão lançando suas cartas a favor da integração e do casamento inter-racial. O que querem as massas negras que não votaram? Descubra o que as massas negras querem e talvez o problema racial da América poderá ser resolvido.

As massas negras estão cansadas de seguir estes "líderes" Negros escolhidos à dedo que parecem mendigos profissionais. Eles choram ano após ano para a América branca nos aceitar como cidadãos de primeira classe.

Uma vez que essa "liderança" do clero-político, escolhida a dedo pelo homem branco para nos representar, não conseguiu resolver o problema das massas negras oprimidas, o próprio Allah escolheu Elijah Muhammad tornando-o um mensageiro, um sábio destemido e porta-voz intransigente dos 20 milhões de afro-americanos aqui na América, que, sob a liderança divina deste homem de Deus, nunca estarão satisfeitos até obter uma casa em uma terra onde poderemos orgulhosamente chamar de nossa.

Nós aceitamos o seu convite para vir à faculdade de Yale esta noite para que você saiba em primeira mão por que os 20 milhões dos chamados Negros não podem se integrar com a

América branca, porque a América branca, depois de 100 anos de hipocrisia religiosa e trapaça política nunca vai nos aceitar como cidadãos de primeira classe aqui. Por isso, devemos procurar algum território separado que seja nosso.

Em sua emoção cega, novamente, muitos de vocês vão afirmar que isso é errado, que isso não é religião, que este não é o Islã, que esta é apenas mais uma filosofia econômica-política. Devo lembrá-los que devem manter a mente aberta. Deixe sua própria Bíblia cristã ser o juiz. Você acredita que Moisés era um homem religioso, um homem de Deus, fazendo o trabalho de Deus. No entanto, o que Moisés realmente fez? O que Moisés ensinou? Moisés libertou o seu povo do mestre de escravizados. Moisés disse ao opressor do seu povo: "Deixe o meu povo ir." Moisés separou seu povo de seus mestres, e então os levou para um território separado.

Você admite que Moisés era um homem de Deus, então você terá que admitir que Moisés não ensinou integração. Moisés ensinou a separação. Moisés não falou sobre práticas religiosas. Ele apenas deixou seu povo saber que ele representava o Deus de seus antepassados cujo desejo era que eles se separassem do mestre de escravizados e fossem para uma terra onde eles pudessem chamar de sua. A mensagem e a missão do Sr. Muhammad hoje são as mesmas do Moisés bíblico. O Sr. Muhammad é um Moisés moderno nesta casa moderna de servidão.

Muitos de vocês vão dizer que não se baseia pelo que Moisés disse ou fez, mas sim pelo que Jesus disse. Você afirma que Jesus ensinou o amor e que o Sr. Muhammad ensina o ódio. Mas, meus amigos, vocês realmente leram a Bíblia? Você está familiarizado com Lucas 14:26 onde Jesus ensinou: "se algum homem vier a mim, e não odiar seu pai, e sua mãe, e sua esposa, e seus filhos, e seus irmãos e irmãs, sim, e até mesmo sua própria vida também, ele não pode ser meu discípulo."

Em outras palavras, Jesus ensinou que você deve odiar todos até sua família, até mesmo o seu próprio eu. Muhammad nos ensina a amar nossos irmãos e irmãs, mas você diz que Muhammad ensina o ódio e que Jesus ensinou o amor.

Muitos de vocês dirão que Jesus não fazia acepção de pessoas, que ele veio para todo o mundo. Você diz que Muhammad barra pessoas brancas, portanto, ele não pode ser de Deus.

Meus amigos, Jesus disse a seus seguidores para não ir a procura dos gentios, vá em busca da "ovelha perdida". Ele definitivamente aconselhou seus seguidores a fazer uma distinção entre os gentios e as "ovelhas perdidas".

Mas você ainda clama que Jesus está voltando no fim do mundo para nos tornar todos iguais, tornar-nos um só povo... nos integrar. Não, meus amigos, o próprio Jesus nem sequer defendeu a integração. Ele se referiu ao fim deste mundo como aquele grande "tempo de colheita". Ele comparou o povo de hoje como "trigo e o joio", que seria permitido "crescer juntos" até que *Allah* viesse no fim deste mundo e separasse o povo. Então ele faria com que um fosse queimado em um lago de fogo e aqueles que ele escolhesse para ele mesmo, ele iria salvar.

Jesus também falou do povo de hoje como sendo "ovelhas e cabras", a quem *Allah* separaria no fim do mundo..., alguns para a salvação e outros para a destruição. Jesus não defendeu a integração, ele defendeu a separação.

A solução de Noé não foi a integração também foi uma mensagem de separação. A solução de Ló foi a separação. E, lembrem-se, meus amigos, Jesus advertiu que "como era nos dias de Noé e Ló, assim será nos últimos dias". Não haverá integração, mas a completa separação das duas raças... ou a destruição.

Você pode ver agora que a mensagem do Sr. Muhammad é a mesma que a de Noé, Ló, Moisés e Jesus. Como você ainda pode duvidar se o Sr. Muhammad é de Deus? O que você deve se preocupar é se o Sr. Muhammad chegou a tempo de salvá-lo e o que devem fazer agora para se salvarem.

Quando o Sr. Muhammad diz que devemos ter alguns Estados, antes de você hesitar e levantar as mãos em tom de "choque e escárnio", vamos olhar e ver se os 20 milhões dos chamados Negros merecem tal solução.

Se eu fosse arrecadar o salário de todos neste auditório da Universidade de Direito de Yale esta noite, por apenas uma semana, eu teria muito dinheiro. Se eu pudesse ter o trabalho de todos vocês sem renumeração em apenas um ano eu seria extremamente rico. Bem, e quanto aos milhões de afrodescendentes que trabalharam aqui na América como seus escravizados por mais de 300 anos sem nenhum pagamento? O que aconteceu com o salário deles? Quem arrecadou os lucros, ou acumulou as fortunas recebidas de seu trabalho livre? Encarando esses

fatos detestáveis, certamente, você poderá ver como a América se tornou tão rica em tão pouco tempo.

Como é que os 20 milhões dos chamados Negros hoje recebem uma "justa compensação"? Temos centenas de anos de "Salários Atrasados" que estão muito atrasados, e deve ser pago mais cedo ou mais tarde. Ou não haverá justiça para os seus fiéis ex-escravizados?

O governo americano se apropriou de bilhões de dólares para pagar os índios as terras tiradas de seus pais. Novamente eu digo, meus amigos, vamos raciocinar juntos: certamente, você vai concordar que *Allah* é mais justo do que o seu governo, mas o seu governo se sentiu moralmente e legalmente obrigados a pagar bilhões de dólares para os índios pelo crime cometido contra eles. E os 20 milhões dos chamados Negros? Se os índios devem ser pagos pela terra tirada deles, o que dizer do trabalho livre e das vidas dos nossos ancestrais que foram tirados de nós por mais de 300 anos?

Se os políticos brancos concordaram que os índios deviam ser pagos por suas terras. Que preço ou pagamento será o da justiça ordenada por *Allah* para os 20 milhões de afrodescendente cujo trabalho, vidas, identidade, cultura, história e até mesmo a dignidade humana foram roubadas? Qual será o preço de *Allah*? Qual será a solução de *Allah*? A América pode pagar o preço de *Allah*? E, se não, qual será a alternativa?

A caligrafia está na parede da América¹⁰. Enquanto a América enfrenta crise após crise, enquanto a América se vê diante de problemas perigosos surgindo de todos os lados, e enquanto a América encara com cegueira teimosa, recusando-se a ler a caligrafia na parede, uma vez que seus "especialistas" se mostraram incapazes de ler o seu significado. Irá a América aceitar um embaixador de *Allah*, um mensageiro divino, um oráculo para decifrar a caligrafia para ela e dizer-lhe que solução ela deve aceitar? Ou, a América vai rejeitar cegamente o Mensageiro de *Allah*, e ao fazê-lo trará a sua própria destruição divina? Eu confio que você vai pesar bem estas palavras.

3.7 Vinte Milhões de Afro-americanos em uma Prisão Política, Econômica e Mental (23 de janeiro de 1963)

Preciso salientar, desde o início, que eu represento o honorável Elijah Muhammad, cujos seguidores são conhecidos como muçulmanos aqui na América, e, na verdade, é o grupo

¹⁰ Referência a mensagem bíblica do livro de Daniel, capítulo 5, verso 8-30

religioso que mais cresce em qualquer lugar do Hemisfério. E é nossa intenção explicar qual é a filosofia, os objetivos e as motivações do honorável Elijah Muhammad e sua solução no que diz respeito a este problema sério no qual a América se encontra.

E eu preciso salientar, também, se você acha que o problema não é sério, então você só precisa ouvir o procurador-geral, Robert F. Kennedy. Em quase todos os discursos em que ele esteve envolvido, especialmente durante os últimos meses e até hoje, ele ressaltou que o problema racial é o problema doméstico mais grave da América. E uma vez que o problema é tão grave, é hora de tomar algumas medidas sérias para descobrir os fatores que criam esse problema.

E mais uma vez eu quero agradecer a associação de estudantes africanos do campus e a NAACP (Associação Nacional para o Progreso do Povo de Cor) pela demonstração de apoio necessário para discutir uma questão muito controversa perante os alunos aqui neste campus. A união dos africanos no exterior e a união dos africanos aqui neste país pode tornar possível qualquer tipo de realização e de propósito que os Negros desejem hoje.

Quando eu digo os africanos no exterior e os africanos daqui neste país, o homem que você chama de Negro não é nada além de um africano também. Porque alguns deles têm sofrido uma lavagem cerebral que o faz pensar que a África é um lugar sem cultura, sem história, sem contribuição para a civilização ou a ciência. Muitos desses Negros se ofendem quando são identificados com a pátria. Mas hoje queremos salientar os diferentes tipos de Negros com quem você tem que lidar. Então, uma vez que você sabe que há mais de um tipo, então você não virá apenas com um tipo de solução.

E para salientar qual oportuno o convite é, ou foi, eu não quero ler jornais para você, mas no Detroit News, datado de 17 de janeiro, quinta-feira, há uma matéria sobre o concílio inter-religioso que foi realizado em Chicago na semana passada. E o tema de sua matéria foi o problema racial aqui na América. E foi questionado sobre o tempo e o dinheiro que gastaram e o fato de eles não terem falado sobre a questão. E nesta cópia particular do jornal, na página três, o capelão na Universidade do estado de Wayne criticou os esforços destes protestantes, católicos, e judeus em Chicago, na semana passada, por não terem convidado porta-vozes para àquela conferência que realmente falaria pelos Negros e discutiria as questões que não foram abordadas pelos outros.

E eu só quero ler uma recomendação que ele fez: "Mr. Malcolm Boyd acredita que a Conferência poderia ter sido melhor se os oradores tivessem incluído um supremacista branco e um líder do povo Negro, de preferência um homem do topo no movimento Muçulmano Negro americano."

Ele disse que um debate entre eles seria, sem dúvida, amargo, mas que iria realizar uma coisa. Traria à tona os problemas reais para serem discutido. E ele tem razão. A maioria dos chamados Negros que falam sobre o problema racial, geralmente não representam qualquer seguimento Negro. Geralmente são Negros que foram colocados nessa posição pelo próprio homem branco. E quando eles falam não representam os Negros, eles falam exatamente o que o homem branco, que os colocou nessa posição, quer ouvi.

Então, novamente, eu acho que seria muito progressista e objetivo da parte desses dois grupos patrocinadores nos dar uma oportunidade de dizer-lhes como as pessoas Negras realmente pensam e como elas realmente se sentem e como estão insatisfeitas - cada vez mais insatisfeitas com as condições em que o nosso povo se encontra aqui neste país.

Agora, falando como um porta-voz do povo Negro, representado pelo honorável Elijah Muhammad, você quer saber quem ele representa. Por quem ele fala? Há dois tipos de Negro neste país. Há o tipo burguês que está cego para a condição de seu povo, e que está satisfeito com as soluções simbólicas. Ele é minoria. Ele é um punhado. Ele é normalmente o Negro escolhido a dedo que se beneficia da integração simbólica. Mas as massas de pessoas Negras que realmente sofrem o peso da brutalidade e das condições existentes neste país são representadas pela liderança do honorável Elijah Muhammad.

Então, quando eu venho aqui falar com você, eu não vou entrar falando como um batista ou um metodista ou um democrata ou um republicano ou um cristão ou um judeu ou nem mesmo como um americano. Porque se eu ficar aqui..., se eu pudesse ficar aqui e falar com você como um americano, não teríamos nada para falar. O problema estaria resolvido. Então eu nem sequer posso falar como um americano. Estamos falando como, eu estou falando como um homem Negro. E eu estou deixando você saber como um homem Negro pensa, como ele se sente, e como eles deveriam estar insatisfeitos 400 anos atrás. Assim, e se eu levantar a minha voz, você vai me perdoar ou me desculpar, eu não estou fazendo isso por desrespeito. Estou falando do meu coração, e vou expressá-la para você exatamente do modo como o sentimento traz à tona.

Quando eu salientei que existem dois tipos de Negros, alguns Negros não querem um homem Negro que fale por eles. Esse tipo nem sequer quer ser Negro. Ele tem vergonha de ser Negro. E você nunca vai ouvi-lo se referir a si mesmo como Negro. Agora, aquele tipo do qual falamos abertamente. Você pode falar por ele. Na verdade, você pode ganhá-lo.

Mas aqueles por quem o honorável Elijah Muhammad fala são aqueles cujo padrão de pensamento, padrão de comportamento, padrão de ação está sendo alterado pelo o que o honorável Elijah Muhammad está ensinando em toda a América. Estes são o elemento da massa, e geralmente quando você ouve a imprensa se referi ao honorável Elijah Muhammad, eles se referem a ele como um pregador do ódio ou um defensor da violência ou essa outra coisa..., supremacista Negro.

Na verdade, este é o tipo de propaganda manipulada pela mídia, pensando que isso vai alienar as massas de pessoas Negras com o que ele está dizendo. Mas, na verdade, a única pessoa que esse tipo de propaganda aliena é este Negro que está sempre implorando por aquilo que você tem, ou implorando por uma chance de viver em seu bairro ou trabalhar em seu trabalho ou se casar com uma de suas mulheres. Bem, esse tipo de Negro naturalmente não quer ouvir o que o honorável Elijah Muhammad tem a dizer. Mas o tipo que quer ouvir o que ele está dizendo é o tipo que sente que pode ir mais longe pelo seu próprio esforço e pode fazer algo por si mesmo para resolver seu próprio problema, em vez de acusá-lo de criar o problema e, em seguida, ao mesmo tempo, ficar dependendo de você para fazer algo para resolver o problema.

Então você tem dois tipos de Negro, o velho e o novo. A maioria de vocês conhece o tipo antigo. Quando você lê sobre ele na história da escravidão, ele era chamado de "tio Tom". Ele era o Negro da casa. E no período da escravidão você tinha dois Negros. Você tinha o Negro da casa grande e o Negro da plantação. O Negro da casa grande geralmente vivia perto de seu mestre. Ele se vestia como seu mestre. Ele usava roupas de segunda mão do seu mestre. Ele comia a comida que sobrava da mesa do mestre. E ele vivia na casa de seu mestre, provavelmente no porão ou no sótão, mas vivia na casa do mestre. Então, sempre que o Negro de casa se identificava, ele se identificava do mesmo modo que seu mestre. Quando o seu mestre dizia, "temos boa comida", o Negro da casa, "sim, temos muita comida boa." "nós" temos muita comida boa. Quando o mestre dizia "temos uma bela casa aqui", o Negro da casa dizia, "sim, temos uma bela casa aqui." Quando o mestre adoecia, o Negro da casa se identificava tanto com seu mestre que ele dizia: "Qual é o problema, chefe, estamos doentes?" A dor de seu mestre era

a dor dele. E doía-lhe mais ver seu mestre doente do que ele próprio. Se a casa do seu mestre queimasse, esse tipo de Negro lutaria mais duramente para apagar o incêndio da casa do seu mestre do que o próprio mestre faria.

Mas havia outro tipo de Negro, o do campo. O Negro da casa grande era minoria. As massas, os Negros do campo eram as massas. Eles eram a maioria. Quando o mestre adoecia, eles rezavam para que ele morresse. Se a casa dele pegasse fogo, eles rezavam para que o vento aparecesse e abanasse a brisa. Se alguém se dirigisse ao Negro da casa grande e lhe dissesse, "vamos, vamos nos separar", naturalmente tio Tom diria, "ir para onde? O que eu poderia fazer sem o mestre? Onde eu moraria? Como eu me vestiria? Quem cuidaria de mim?" Este é o Negro da casa grande. Mas se você se dirigisse ao Negro do campo e dissesse: "vamos, vamos nos separar", ele nem sequer perguntaria onde vamos ou como. Ele dizia, "sim, vamos lá." E aquilo acabaria ali.

Hoje você tem um tipo de Negro da casa grande do século XX, um tio Tom do século XX. Ele é tanto um tio Tom hoje quanto um tio Tom de 100 ou 200 anos atrás. Só que ele é um tio Tom moderno. O tio Tom usava um lenço em volta da cabeça. Este tio Tom usa um chapéu de topo. Ele é fino. Ele se veste exatamente como você. Ele fala o mesmo vocabulário, a mesma língua. Ele tenta falar melhor do que você. Ele fala com o mesmo sotaque, a mesma dicção. E quando você diz, "seu exército", ele diz, "nosso exército." Ele não tem ninguém para defendê-lo, mas quando você diz "nós" ele diz "nós". "nosso presidente", "nosso governo", "nosso senado", "nossos congressistas", "nosso isso e nosso aquilo". E ele nem sequer tem um cargo nesse "nosso" nem mesmo na última cadeira. Então este é o Negro do século XX.

Sempre que vocês dizem "você", o pronome pessoal no singular ou no plural, ele usa para se referir a um coletivo. Quando você diz que está em apuros, ele diz, sim, estamos em apuros. Mas há outro tipo de homem Negro local. Se você diz que está em apuros, ele diz, "sim, você está em apuros." Ele não se identifica com a sua situação.

E esta é a coisa que as pessoas brancas na América têm de perceber. Que existem dois tipos de pessoas negras neste país. Aquele que se identifica tanto com você, que vai deixá-lo que você o brutalize e ainda vai implora por uma chance para sentar ao seu lado. E há outro que não está interessado em sentar-se ao seu lado. Ele não está interessado em ficar perto de você. Ele não está interessado no que você tem. Ele quer algo próprio. Ele quer se sentar em algum lugar onde possa dizer que é dele. Ele não quer um lugar no seu restaurante onde você pode lhe

dar um café velho ruim ou uma comida estragada. Ele quer possuir seu próprio restaurante. Ele quer uma terra onde possa construir aquele restaurante, numa cidade onde possa entrar. Ele quer algo próprio.

E quando você percebe que este tipo de pensamento está existindo e se desenvolvendo rapidamente por meio dos ensinamentos do honorável Elijah Muhammad entre os chamados Negros, então eu acho que você também vai perceber que todo esse esforço falso de integração não é a solução. Porque o máximo que você pode fazer com este falso esforço de integração é oferecer alguma integração simbólica. Enquanto este tio Tom aceita a sua integração simbólica, as massas de pessoas negras neste país não estão mais interessadas em integração simbólica. O único que aceitará isso é o tio Tom do século XX porque ele quer estar ao teu lado. Ele quer comer com você. Ele quer dormir com você. Ele quer casar com a tua mulher, casar com a tua mãe, casar com a tua irmã, casar com a tua filha. E se você o ver muito próximo, é porque ele está atrás de sua esposa.

Este tipo aceita fielmente a sua religião. Ele não está interessado em nenhuma religião própria. Ele acredita em um Jesus branco, em uma Maria branca, em anjos brancos, e ele está tentando chegar a um céu branco. Quando você o ouve cantando em sua igreja, ele canta uma canção, eu acho que eles chamam isso..., "alvo mais que a neve." Ele quer ser, ele quer se tornar branco para que ele possa ir para o céu com um homem branco. Não é culpa dele. Na verdade, não é culpa dele. Mas este é o estado de sua mente. Este é o resultado de 400 anos de lavagem cerebral aqui na América. Você pegou um homem que é Negro por fora e o fez branco por dentro. O cérebro dele é branco como a neve. Seu coração é branco como a neve. E, portanto, sempre que você diz, isso é nosso, ele pensa que é branco como você, então o que é seu ele acha que também é dele. Até mesmo a sua mulher.

Agora, muitos deles vão se ofender com a minha afirmação de que ele quer sua mulher. Eles dirão: "não, isso é o que Bill Bowen, Talmadge, e todos os conselhos dos cidadãos brancos dizem." Dizem isso para enganá-lo. Se não for isso que eles querem, vigie-os. E se você encontrar provas contrárias, então eu retiro as minhas palavras. Mas tudo que você tem que fazer é dar-lhe a chance de se aproximar de você, e você verá que ele não estará satisfeito até que ele esteja sentado ao lado de sua mulher, ou mais perto dela.

E este tipo de Negro, geralmente odeia preto e ama branco. Ele não quer ser Negro, ele quer ser branco. E ele vai ficar de joelhos e implorar pela integração, o que pressupõe que ele

prefere viver com os brancos a viver com sua própria espécie que o ama, ele vai forçar a si próprio para viver em bairros em torno de pessoas brancas que ele sabe que não será bom para ele. E novamente eu digo, isso não é culpa dele. Ele está doente. E enquanto a América ouve este Negro doente, que está implorando para ser integrado na sociedade americana, apesar do fato da atitude e as ações dos brancos sejam provas suficientes de que ele não é desejado, por que então vocês permitem que ele force vocês a tomar uma posição.

Se alguém aponta uma arma para um homem branco e o obriga a me abraçar, colocar sua mão, seu braço, em torno de mim isso não é amor nem irmandade. O que eles estão fazendo é forçar o homem branco a ser um hipócrita, a praticar a hipocrisia. Mas se aquele homem branco colocar o seu braço em volta de mim voluntariamente, por vontade própria, então isso é amor, isso é fraternidade, isso é uma solução para o problema.

Da mesma forma, enquanto o governo tiver de vir aqui e legislar para forçar os Negros a viverem em um bairro branco ou forçá-los a frequentar uma escola branca ou forçá-los a trabalhar em uma indústria branca e fazer as pessoas brancas fingirem que elas aceitam tudo isso, o que o governo está fazendo é tornar as pessoas brancas hipócritas. E ao invés de serem rotuladas de intolerantes por colocar um obstáculo, a maioria das pessoas brancas realmente prefere adotar uma atitude hipócrita dizendo ao homem Negro, "não, você fica lá e me deixe ficar aqui." Então isso não é solução.

Enquanto vocês forcem as pessoas a agirem de forma hipócrita, você nunca vai resolver o problema delas. O honorável Elijah Muhammad nos ensina que uma solução que tem que ser concebida e que será satisfatória, completamente satisfatória para o homem Negro e para o homem branco. E a única coisa que pode satisfazer totalmente o povo Negro e o povo branco quando estão em sua perfeita consciência, é o fato de quando o homem Negro estiver em seu próprio espaço e o homem branco em seu próprio espaço. Temos o que precisamos. Então nós dois temos algo, e até a Bíblia diz, "*Allah* abençoe a criança que tem a sua própria identidade." E o pobre assim chamado Negro não tem o seu próprio nome, não tem a sua própria língua, não tem a sua própria cultura, não tem a sua própria história. Ele não tem seu próprio país. Ele nem sequer tem a sua própria mente. E ele acha que é Negro porque Deus o amaldiçoou. Ele não é Negro porque Deus o amaldiçoou. Ele é Negro porque é amaldiçoado, porque está fora de si. Ele perdeu a cabeça. Ele tem uma mente branca em vez do tipo de mente que deveria ter.

Assim, quando esses chamados Negros, que querem a integração, tentarem forçar a eles mesmos a viver na sociedade branca, o que não resolve o problema — o honorável Elijah Muhammad nos ensina que esse tipo de Negro é o que cria o problema. E o tipo de pessoa branca que perpetua o problema é aquele que posa como um liberal e finge que o Negro deve ser integrado, contanto que ele se integre com qualquer outra pessoa do bairro. Mas todos esses brancos que você vê correndo por aqui falando sobre como eles são liberais, e nós acreditamos que todo mundo deveria ter o que eles querem e ir onde eles querem e fazer o que eles querem, entretanto, assim que um Negro se muda para o bairro do liberal branco, ele se muda para fora do bairro mais rápido do que o fanático branco de Mississippi, Alabama, e de outro lugar.

Então não vamos resolver o problema ouvindo esse tio Tom Negro, e o problema não será resolvido ouvindo o chamado liberal branco. O problema só será resolvido quando um homem Negro poder viver como um homem Negro e um homem branco como um homem branco. Sem dar nenhuma desculpa qualquer um ao outro em discutir o problema. Nenhuma ofensa derivará dos fatores que foram mencionados anteriormente. Mas ambos têm que se sentir como homens, de um lado e do outro, e aborda os fatos em termos de preto branco. E, em seguida, chegar algum tipo de solução com base nos fatos e não com base no que gostaríamos de acreditar.

E quando eu digo que este Negro quer forçar uma convivência com a família do homem branco, este Negro com mente integracionista quer forçar o seu caminho para a família do homem branco, alguns não acreditam nisso. Alguns têm problemas com isso. Mas você considera todos os integracionistas, todos aqueles que são usados para financiar o programa dos integracionistas, a chamada celebridade negra, coloque todos eles em uma pilha. E quando você verificar, você vai descobrir que cada um deles é casado, quer com uma mulher branca ou um homem branco. De Lena Horne, Eartha Kitt, Sammy Davis, e você poderia nomeá-los a noite toda embora eles digam que isso não é o que queremos, é o que eles fizeram. É o que eles têm feito. E nós não, as massas negras não queremos o que Lena Horne quer ou o que Sammy Davis quer ou o que seja lá quem for, o resto deles quer.

Normalmente você vai descobrir que antes de Sammy Davis e Lena Horne e Eartha Kitt e Harry Belafonte se envolverem em casamento inter-racial você poderia ir a qualquer comunidade negra através do país, e encontrar os discos dessas estrelas nos jukeboxes¹¹. Hoje,

¹¹ Jukebox é um aparelho eletrônico geralmente acionado por moedas colocada pelos clientes para tocar a música escolhida no catálogo. Costuma ser encontrada em estabelecimentos.

você não pode entrar em uma comunidade negra e encontrar alguém que a comunidade conheça envolvido em um casamento misto com seus discos sendo populares na comunidade negra.

Subconscientemente um Negro não tem qualquer respeito ou consideração ou confiança, nem ele pode ser movido por outro homem Negro, por um homem Negro que se casa com uma mulher branca ou uma mulher negra que se casa com um homem branco.

E quando eles vendem essa ideia para você que todos nós queremos suas mulheres, não, só esse tio Tom do século XX. Ele a quer. Mas, então, quando você cumprir - achando que você vai resolver o seu problema, satisfazendo-o, você estará apenas tornando o problema pior. Você tem que voltar e ouvir sobre o problema, uma vez que este seja apresentado pelas massas negras, não por estes punhados de tios Toms escolhidos a dedo que se beneficiam de integração simbólica.

Este tipo de Negro também, por estar intoxicado com o homem branco, nunca vê além do homem branco. Ele nunca vê além da América. Ele nunca olha para si mesmo ou onde ele se encaixa nos acontecimentos do cenário mundial. Ele só pode se ver aqui na América, no cenário americano ou no cenário do homem branco, onde o homem branco é a maioria, onde o homem branco é o chefe.

Então este tipo de Negro sempre acha que está em desvantagem que ele é um azarão, que ele é minoria. E isso coloca-o no papel de mendigo, de um covarde, de humilde, tio Tom mendigo em qualquer coisa que ele afirme que é, que deveria ser dele por direito.

Considerando que ele quer ser um americano em vez de ser um chamado Negro. Ele quer ser algo diferente do que ele é. E sabendo que a América é um país branco, ele sabe que não pode ser Negro e ser um americano também. Então ele nunca se chama de Negro. Ele se intitula um Negro americano, um Negro na América. E geralmente, ele vai negar sua própria raça, sua própria cor, apenas para ser um americano de segunda classe. Ele negará sua própria história, sua própria cultura. Ele vai negar a todos os seus irmãos e irmãs na África, na Ásia, no Leste, apenas para ser reconhecido como um americano de segunda classe. Ele nega tudo o que ele representa ou tudo que estava em seu passado, apenas para ser aceito em um país e em um governo que o rejeitou desde que ele foi trazido para cá.

Por isso, este Negro está doente. Ele só pode estar doente para tentar uma convivência forçada entre pessoas que não o querem, ou para ser aceito em um governo que tem usado todo

o seu sistema político e educacional para mantê-lo relegado ao papel de cidadão de segunda classe. Portanto, ele passa a vida implorando por aceitação no mesmo governo que escravizou o seu povo. Ele dá sua vida por um país que escravizou seu povo e ainda os confinou a um papel de cidadãos de segunda classe. E nós sentimos que ele desperdiça seu tempo pedindo aos políticos brancos, políticos hipócritas por direitos civis ou algum tipo de cidadania de primeira classe.

Ele é como um cão de guarda ou um cachorro de caça. Você topa com um cão, não importa o quão vicioso ele seja, você o encontra na rua, ele não vai mordê-lo. Mas quando você o leva até a varanda, ele vai rosar, ele vai pegar sua perna. Agora o cão quando está na rua, quando a sua própria vida está ameaçada, ele nunca foi treinado para se proteger. Ele só foi treinado pelo seu mestre para pensar em termos do que é bom para o mestre dele. Então, quando você encontrá-lo na rua e ameaçá-lo, ele vai dar meia volta. Mas quando chegares ao portão, quando ele estiver sentado na varanda do patrão, ele vai rosar e preparar para te morder. Não porque você está ameaçando-o, mas porque você ameaça o mestre que o treinou para não se proteger, mas para proteger a propriedade do mestre.

E esse tipo de tio Tom do século XX age da mesma maneira. Ele nunca vai atacá-lo, mas ele vai me atacar. Eu posso topar com ele na rua e explodi-lo, ele não vai me dizer uma palavra. Mas se eu parecer que estou prestes a explodir aqui, ele vai abrir a boca para te defender melhor do que você pode defender a si mesmo. Porque ele não foi treinado para se defender, ele só foi treinado para abrir a boca em defesa do seu mestre. Ele não foi educado, foi treinado.

Quando um homem é educado, ele pode pensar por si mesmo e se defender e falar por si mesmo. Mas este tio Tom Negro, do século XX, nunca abre a boca em defesa do homem Negro. Ele abre a boca em defesa do homem branco, em defesa da América, em defesa do governo americano. Ele nem sequer sabe onde está o seu governo porque ele não sabe que ele já teve um. Ele não sabe onde é o seu país, porque ele não sabe que ele já teve um.

Ele acredita exatamente no que foi ensinado na escola. Que quando ele foi sequestrado pelo homem branco, ele era um selvagem, vivia na selva em algum lugar comendo pessoas e atirando lanças com um osso no nariz. E o Negro americano médio tem esse conceito do continente africano. Não é culpa dele. Isto é o que lhe foi ensinado pelo sistema educacional americano.

Ele não percebe que já havia civilizações e culturas no continente africano quando as pessoas na Europa ainda estavam rastejando em torno das cavernas, andando nus. Ele não percebe que o homem Negro na África estava usando seda, estava usando chinelos, que ele era capaz de produzir tecidos, vestir-se em um momento em que as pessoas na Europa ainda estavam andando nuas.

Ele não percebe que ele estava vivendo em palácios no continente africano quando as pessoas na Europa estavam vivendo em cavernas. Ele não percebe que ele estava vivendo em uma civilização na África, onde a ciência era avançada, especialmente até mesmo as ciências astronômicas, a um ponto em que os africanos poderiam traçar o curso das estrelas no universo, quando as pessoas na Europa ainda pensavam que a Terra era redonda, o planeta era redondo ou plano. Ele não percebe o avanço e o alto nível de sua própria cultura em que ele estava vivendo antes de ser sequestrado e trazido para este país pelo homem branco, ele não sabe nada sobre isso. Ele não sabe nada sobre a antiga civilização egípcia no continente africano. Ou a antiga civilização de Cartago no continente africano. Ou as antigas civilizações do Mali no continente africano. Civilizações que eram altamente desenvolvidas e produzia ciências. Timbuktu, o centro do Império Mali, foi o centro de aprendizagem em um momento em que as pessoas na Europa nem sequer sabiam o que era um livro. Ele não sabe disso porque não foi ensinado. E por não saber disso, quando você menciona a África, ele acha que você está falando sobre uma selva. E eu fui para a África em 1959 e não vi nenhuma selva. Eu não vi nenhuma cabana até eu voltar para o Harlem em Nova York.

Então você está familiarizado com esse tipo de Negro. E o homem Negro com o qual você não está familiarizado é sobre quem gostaríamos de ressaltar agora. Ele é o novo, ele é o novo tipo. Ele é o tipo que o homem branco raramente entra em contato. E quando você entra em contato com ele, você fica chocado porque você não sabia que este tipo de homem Negro existia. E imediatamente você pensa, bem aqui está um daqueles supremacistas Negros ou racistas ou extremistas que acreditam na violência e todo esse tipo de coisa, bem, é o que eles chamam.

Este novo tipo de homem Negro não quer integração, ele quer separação. Não segregação, separação. Para ele, segregação, como ensinado pelo honorável Elijah Muhammad, significa domínio dos “superiores” sobre “inferiores”. Uma comunidade segregada é uma comunidade negra. Mas a comunidade branca, embora seja toda branca nunca é chamada de comunidade segregada. É uma comunidade separada. Na comunidade branca, o homem branco controla a sua própria economia, a sua própria política, o seu próprio tudo. É a comunidade dele.

Mas ao mesmo tempo, quando o Negro vive em uma comunidade separada, é uma comunidade segregada. O que pressupõe que ele é regulado do exterior por forasteiros. O homem branco controla os negócios da comunidade negra. Ele comanda a política da comunidade negra. Ele controla todas as organizações cívicas da comunidade negra. Então, ela se torna uma comunidade segregada.

Nós não queremos segregação, queremos a separação. Separação é quando você tem o seu próprio território. Você controla sua própria economia, você controla sua própria política, você controla sua própria sociedade, você controla tudo.

Você tem o que é seu e você controla o que é seu. Nós temos o nosso e nós controlamos o que é nosso. Não chamam Chinatown em New York City ou na costa ocidental de uma comunidade segregada, contudo é toda chinesa. Mas os chineses a controlam. Chineses vivem voluntariamente lá, eles a controlam. Eles a dirigem. Eles têm suas próprias escolas. Controlam a sua própria política, controlam a sua própria indústria. E eles não se sentem tratados como inferiores porque eles têm autonomia para viver por si mesmos. Eles escolhem viver por eles mesmos. Eles vivem lá voluntariamente. E eles estão trabalhando por eles mesmos em sua comunidade. A mesma coisa que você faz para si mesmo em sua comunidade. Isso os torna iguais porque eles têm o que você tem. Mas se eles não tivessem o que vocês têm, então eles seriam controlados por vocês, mesmo que eles estivessem do seu lado, eles seriam controlados por você. Então, quando nós, que seguimos o honorável Elijah Muhammad, dizemos que somos a favor da separação, devemos enfatizar que não somos a favor da segregação. Somos a favor da separação. Nós queremos o mesmo que você quer para si mesmo. E quando conseguimos, então será possível pensar de forma mais inteligente, pensar em termos de um futuro pacífico. Mas um homem que não tem o que é dele, ele nunca poderá pensar em uma perspectiva de futuro pacífico.

Este novo tipo de homem Negro rejeita a religião cristã do homem branco. Ele reconhece o verdadeiro inimigo. Esse tio Tom não pode reconhecer o seu inimigo. Ele acha que o amigo dele é seu inimigo e o inimigo dele é seu amigo. E ele geralmente acaba amando o inimigo, dando a sua outra face para o inimigo bater. Mas esse novo tipo, ele não dá a outra face para ninguém. Ele não acredita em nenhum tipo de sofrimento pacífico. Ele acredita em obedecer a lei. Ele acredita em respeitar as pessoas. Ele acredita em fazer aos outros o que ele teria feito a si mesmo, mas ao mesmo tempo, se alguém o ataca, ele acredita em retaliação mesmo se isso lhe custar a vida. E é bom que as pessoas saibam disso, porque se os brancos

têm a impressão de que todos os Negros concordam com essa velha filosofia covarde do Dr. Martin Luther King, então os brancos vão cometer o erro de colocar suas mãos em algum homem Negro pensando que ele vai dar a outra face, e ele vai acabar perdendo a mão, perdendo a vida.

Por isso, é sempre bom deixar alguém saber onde está pisando. E há muitas pessoas negras neste país que não aceita nada do que o Dr. Martin Luther King e esses outros tios Toms do século XX estão falando para nos convencer de que este é o caminho, este é o comportamento, ou este é o padrão de pensamento da maioria do nosso povo.

Este novo tipo não considera ser uma honra estar na América. Ele sabe que não veio aqui no ¹²Mayflower. Ele sabe que foi trazido para cá num navio negreiro. Mas este tio Tom do século XX, ele vai se levantar e dizer na sua cara que seus pais desembarcaram em Plymouth Rock. Seus pais nunca desembarcaram em Plymouth Rock; Plymouth Rock desceu sobre ele, mas ele não desceu do Plymouth Rock.

Portanto, este novo tipo de Negro não faz qualquer pedido de desculpa por estar na América, nem faz qualquer pedido de desculpa para o problema que sua presença na América representa para o tio Sam. Ele sabe que foi trazido aqui acorrentado, e sabe que foi trazido aqui contra sua vontade. Ele sabe que o problema em si foi criado pelo homem branco e que foi criado porque o homem branco nos trouxe aqui acorrentados contra a nossa vontade.

Foi um crime. E aquele que cometeu esse crime é o criminoso que hoje deve pagar pelo crime cometido. Você não coloca o crime na cadeia, você coloca o criminoso na cadeia. E sequestro é um crime. A escravidão é um crime. O linchamento é um crime. E a presença de 20 milhões de Negros na América contra a sua vontade é uma testemunha viva, um testemunho vivo do crime que o tio Sam cometeu, seus antepassados cometeram quando nosso povo foi trazido aqui acorrentado. E a razão pela qual o problema não pode ser resolvido hoje é porque vocês tentam distorcer o fato, romantizando e fazendo com que pareça um favor que vocês fizeram ao homem Negro em trazê-lo aqui.

Mas quando você percebe que foi um crime cometido, então você vai abordar a solução para esse problema sob uma perspectiva diferente e então você provavelmente poderá resolvê-lo. E enquanto você achar que os Negros compartilham da opinião de que vocês estão fazendo

¹² Famoso navio que, em 1620, transportou os chamados Peregrinos, do porto de Southampton, Inglaterra para o "Novo Mundo".

um favor para eles, deixando-os ter um pouco disso e um pouco daquilo, porque cada vez que você concede um pouco mais de justiça ou liberdade para o homem Negro, você enche o peito e diz, "veja, estamos resolvendo o problema."

Você não está fazendo nenhum favor ao homem Negro. Se você enfia uma faca em minhas costas, empurra nove centímetros e tira somente seis, você não me fez nenhum favor. Se você tirar totalmente, você ainda não me fez nenhum favor. E é isso que você tem que entender. Se você coloca um homem na cadeia contra a vontade dele, ilegalmente, ele não é culpado, você o enquadrrou, e depois quando ele fica ressentido com o que você fez com ele, você o coloca em confinamento solitário para abater seu espírito, então depois de estar com o espírito quebrado, você dá um pouco de liberdade apenas para entregar-lhe ao diretor da penitenciária. Se você o tirar da prisão completamente, você não lhe fez nenhum favor, porque foi você que o colocou lá injustamente e ilegalmente em primeiro lugar.

Agora você tem 20 milhões pessoas negras neste país que foram trazidas para América e colocadas em uma prisão política, econômica e mental. Isto foi feito pelo tio Sam. E hoje você não percebe o crime que seus antepassados cometeram. E você acha que quando você abrir a porta, e dar a este Negro integracionista-surtado uma chance de correr ao redor do pátio da prisão, que é tudo que ele está fazendo. Você acha que está lhe fazendo um favor. Mas enquanto ele tiver que olhar para alguém que não o representa e não fala por ele, essa pessoa só representa o carcereiro, ele não representa nenhum tipo de presidente, prefeito, governador, senador ou congressista ou qualquer outra coisa.

Portanto, para este novo tipo, a realidade tem que ser enfrentada. Especialmente, desde que ele esteja na casa. Ele não veio aqui voluntariamente. Então você tem que assumir a culpa por ele estar aqui. E uma vez que você assumir a culpa, então se torna mais fácil. É mais fácil para você abordar o problema de forma mais sensata e tentar obter uma solução. E a solução nunca pode ser baseada na hipocrisia. O honorável Elijah Muhammad diz que esta solução tem que ser baseada na realidade. O simbolismo é uma hipocrisia. Um pequeno estudante na Universidade do Mississippi, isso é hipocrisia. Um punhado de estudantes em Little Rock, Arkansas, é hipocrisia. Um casal de estudantes que vão à escola na Geórgia, é hipocrisia.

A integração na América é hipocrisia em sua forma mais perversa. E o mundo inteiro pode vê-lo. Toda essa pequena solução simbólica que está sendo oferecida ao Negro, e vocês dizem: veja o que estamos fazendo por você, Tom. Por que o mundo inteiro pode ver que isso

que não é nada além de hipocrisia. Tudo que você faz é tornar sua imagem pior; você não a torna melhor. Então, novamente, este novo tipo, como eu digo, ele rejeita a religião cristã do homem branco. Você o encontra em grandes números se voltando para a religião do Islã. Eles estão se tornando muçulmanos, crendo em Deus, cujo nome próprio é *Allah*, em Muhammad como seu apóstolo, eles se voltam para Meca, oram cinco vezes por dia, jejuam durante o Ramadã e todos os outros princípios que são estabelecidos pela religião do Islã. Ele está se tornando um muçulmano e assim como, eu acho que foi o Dr. Billy Graham, que fez uma cruzada através da África e disse que o Islã está varrendo a África, superando de onze para um a conversão cristã, o que pressupõe que cada vez que um africano se torna um cristão, onze se tornam muçulmanos. E então aquele que se tornou cristão, ele se esquece e continua sendo um muçulmano também.

O bispo Pike salientou a mesma coisa na revista *Look*, em dezembro de 1960 e depois na revista *Time*, a revista *Time* mencionou, há duas semanas, que o Islã está varrendo toda a África. E assim como está varrendo todo o povo Negro da África, está varrendo todo o povo Negro aqui na América também. Só quem ensina o Islã aqui na América é o honorável Elijah Muhammad. Ele é o líder religioso, o professor religioso. Ele é o único que está propagando a religião do Islã entre os escravizados aqui na América.

Você tem muçulmanos que vieram para este país. Há provavelmente 200.000 muçulmanos neste país que nasceram no mundo muçulmano. E todos eles unidos nunca foram capazes de converter uma centena de americanos para a religião Islã. No entanto, é natureza do Islã propagar a fé, espalhar a fé para fazer com que todos testemunhem que não há outro Deus, senão *Allah* e que Muhammad é seu apóstolo.

E se você perceber, todos os muçulmanos do mundo muçulmano que estão aqui foram incapazes de conduzir o povo americano em direção a *Allah*, em direção a Meca e para o Islã. Entretanto, este pequeno homem Negro oriundo dos campos de algodão da Geórgia foi capaz de se levantar e conduzir centenas de milhares de pessoas negras a se voltarem para Meca cinco vezes por dia e dar louvores a *Allah*, se reunindo em unidade e harmonia. Você tem que estar fora de si para pensar que as autoridades do mundo muçulmano não reconhecem a maravilhosa realização espiritual que está sendo alcançada aqui entre os chamados Negros por meio da honrosa figura de Elijah Muhammad.

E eu quero ressaltar isso porque os jornalistas tentam transmitir a imagem de que não somos muçulmanos, não estamos religiosamente motivados, e que não somos de nenhuma maneira identificados ou reconhecidos ou conectados com o nosso povo do mundo muçulmano. Bem, se eles não nos reconhecerem, não nos importamos. Não estamos particularmente à procura de reconhecimento. Estamos à procura do reconhecimento de *Allah*, e se *Allah* aceita você como um muçulmano, então você é aceito. Não depende da aprovação de ninguém. Mas essas pessoas seriam insensatas, quando eles próprios foram incapazes de propagar a religião do Islã e, em seguida, eles veem este pequeno homem Negro aqui na América propagando a fé Islã aqui. Eles seriam insensatos se rejeitassem a autoridade espiritual de Muhammad. E você vai descobrir, se você parar para analisar, você não encontrará qualquer muçulmano hoje que rejeite outro muçulmano. Você pode encontrar alguns que vivem aqui, que possuem lojas ou algum pequeno negócio no bairro branco, ou no bairro cristão, e eles querem se dar bem com todos os brancos, com todos os cristãos. Eles podem dizer algumas palavras para agradá-lo. Mas eles só estão tentando ganhar seu dinheiro. Assim, os seguidores do honorável Elijah Muhammad olham para ele e pelo que ele ensina, seu programa e sua mensagem como nossa única solução. E eles veem a separação como nossa única salvação.

Já não pensamos como americanos, mas como um homem Negro. Com a mente de um homem Negro, olhamos para além da América. E nós olhamos para além dos interesses do homem branco. O pensamento deste novo tipo de Negro é amplo. É mais internacional. Este integracionista sempre pensa em termos de América. Mas você vai encontrar as massas de pessoas negras hoje que pensam em termos de homens Negros. E este pensamento Negro permite-lhes ver além dos limites da América. E eles olham para todo o mundo. Eles olham para os acontecimentos no contexto internacional.

Por outro lado, o Negro integracionista pensa localmente, seu pensamento e desejos é de estar confinado à América, ele é limitado. Ele é o azarão. Ele é uma minoria. Mas as massas de pessoas negras que foram expostas aos ensinamentos do honorável Elijah Muhammad, seu pensamento é mais internacional. Eles olham para a terra e veem que a maioria das pessoas nesta terra são de cor. E ao ver que a maioria das pessoas nesta terra são de cor, eles não se consideram como uma minoria na América, mas sim eles se consideram como parte dessa grande maioria de cor.

Portanto, quando você se depara com esse novo tipo de homem Negro, ele não fala como um azarão. Ele não fala como se você fosse mais do que ele, ou ele não fala como se

houvesse algum mal que você pudesse fazer a ele. Ele fala como alguém que faz parte da maioria. Ele vê que o mundo de cor está em vantagem com o mundo branco. Que as probabilidades hoje estão a seu favor, estão do seu lado. Ele vê que as pessoas desta terra estão do seu lado. O contexto está a seu favor. A história está a seu favor. E o mais importante de tudo, ele vê que *Allah* está do seu lado para dar-lhe algum tipo de solução imediata, e que é duradoura, e que a solução não surgirá devido à preocupação ou boa vontade de qualquer homem, moldada por algum homem que cometeu o crime e criou o problema.

Eu gostaria de salientar, rapidamente e brevemente, não, eu acho que meu tempo acabou... bem Dr. aqui está dizendo que meu tempo acabou, e eu estou dizendo a ele que o tempo dele é curto. Então, eu acho que o que é bom para o ganso é bom para a gansa.

* * *

Pergunta: Você considera Elijah Muhammad um profeta ou um líder?

Malcolm X: Nós nunca nos referimos ao honorável Elijah Muhammad como um profeta. Ele nunca se refere a si mesmo como profeta, ele nos ensina que o mundo não tem mais necessidade de profetas hoje. Mas ele é um líder, ele é um líder do povo Negro aqui neste país que luta contra a opressão e exploração que nosso povo tem sofrido por 400 anos. E precisamos de um líder entre nós, porque o nosso povo nunca mais voltará para casa e ele tenta aliviar o nosso sofrimento.

Pergunta: Eu sou um homem branco...

Malcolm X: Você não é um homem branco.

Pergunta: Se eu fosse um homem branco, você me deixaria frequentar a sua mesquita, adorar *Allah* com você?

Malcolm X: Se todos os muçulmanos neste país proveniente do Egito e de outros lugares não foram bem-sucedidos em fazer com que o homem branco aceitasse a religião do Islã embora tenham nascido no mundo muçulmano, bem, nós achamos que estaríamos perdendo nosso tempo tentando converter o homem branco. O Sr. Muhammad está preocupado principalmente com a condição do homem Negro neste país. Agora, se os muçulmanos do exterior vierem aqui, criar algum tipo de Mesquita e deixar o homem branco frequentar e ensiná-lo a ser um

muçulmano e levá-lo a dizer: "não há outro Deus, além de *Allah*", então, eles podem fazer isso. Mas eles não devem nos criticar por não fazer, porque eles não conseguiram fazer.

Pergunta: Você vai me aceitar em sua mesquita?

Malcolm X: Senhor, você não é branco.

Pergunta: Eu estou perguntando se um homem branco, há muitas pessoas brancas que são muçulmanos também.

Malcolm X: Eu já respondi que a preocupação do Sr. Muhammad não é com o homem branco. Sua preocupação é com o homem Negro. O Islã significa submeter-se à vontade de Deus cujo nome pessoal e próprio é *Allah*. O que você não leva em consideração, é o fato de que, se você está no mundo muçulmano que pratica o Islã, você não enfrenta o mesmo problema dos afro-cidadãos que foram sequestrados do mundo muçulmano e privados do Islã.

[Pergunta]

Malcolm X: Você tem que perguntar ao homem branco, ele é o único que nos separa. A segregação é feita por ele. Você tem que fazer essa pergunta a ele... Senhor, eu só quero acrescentar algo à sua pergunta. Somos irmãos. O filho mais novo do Sr. Muhammad participou do *Al-Azhar*, e seu cunhado, no Egito também. Nós somos irmãos, eu estive no Egito. Eu vivi no Egito, eu fiquei no Egito, e eu estava entre irmãos e senti um espírito de irmandade. Mas um egípcio que vem para a América deve perceber o problema confrontado pelos afrodescendentes neste país. E quando você nos vê sendo perseguido por um cão, a melhor coisa para você faz é esperar até que o cão deixe de nos perseguir e, em seguida, fazer-nos algumas perguntas. Especialmente quando devia ter vindo há muito tempo e ajudado os teus irmãozinhos.

[Pergunta].

Malcolm X: Há muitas maneiras de entender a política. Número um, não somos um grupo político. Nós não estamos politicamente inclinados ou motivados, nem estão nossos objetivos políticos de forma alguma relacionada com o honorável Elijah Muhammad. Mas quando você estuda ciência política, ou estuda como ela é praticada na ONU a nível internacional, você vai encontrar questões as quais existem aqueles que dizem que sim, aqueles que dizem que não e aqueles que não dizem nada. Aqueles que não dizem nada geralmente são os neutros. E, por abstenção, eles têm tanto poder político, se não mais, do que aqueles que tomam parte ativa em

todas as situações. Em que ponto o Negro na América está preocupado, ele está sem direito ao voto há tanto tempo, hoje, quando ele recebe o direito ao voto, ele é um eleitor feliz. Ele é como um homem a quem você dá uma arma, e ele começa a atirar para que todos saibam que ele tem uma arma. Ele não mira em nada. Bem, nós acreditamos no tiro também. Mas primeiro acreditamos que devemos ter um alvo e quando esse alvo estiver em nosso alcance, então colocaremos a bala no alvo correto. Ou o voto no candidato correto. O que quer que você chame, onde ele pertence. Nesta questão, nós não vemos o homem Negro ganhar qualquer coisa na política. Deixe-me apenas dar um exemplo. Na última eleição presidencial, os brancos estavam divididos uniformemente entre Kennedy e Nixon. Foi o Negro que deu seu voto para Kennedy, oitenta por cento, e colocou Kennedy na Casa Branca. E eles votaram nele por causa das falsas promessas que ele fez durante a campanha. Bem, fatos são fatos. Ele disse que, eu acho que todo mundo tem direito de expressar sua opinião. E tenho certeza que aqueles que estão familiarizados com as promessas de Kennedy para o Negro sabem o que ele disse que poderia fazer com a força de sua caneta. E ele esteve no cargo por dois anos até descobrir onde estava o tinteiro da caneta. E a desculpa que ele usou foi que ele primeiro teve que mudar a atitude dos segregacionistas do Sul. Agora, ele não lhe disse isso quando pediu seu voto.

Ele não queria tomar uma posição contra os segregacionistas do Sul. Mas tomou uma posição contra o aço americano, que é a corporação mais forte nesta terra. Ele jogou a luva. Ele jogou a luva para Cuba. Ele jogou a luva para quem ele desejava. Mas quando se trata do Negro, ele sempre tem um alibi para não resolver a situação. É por isso que não acreditamos em nenhum político branco ou que qualquer coisa assim possa resolver o nosso problema. Nós vamos ficar juntos, como esses alunos que vão a essas faculdades e se preparam para resolver o problema por nós mesmos.

[Pergunta].

Malcolm X: Ainda que você envie 15.000 tropas e gaste seis ou sete milhões dólares apenas para colocar um Negro no meio de alguns lobos latindo, você não fez ao Negro, nem as massas de pessoas negras qualquer favor, nem você resolveu o problema. Se é legal e justo e correto para ¹³Meredith estar na Universidade de Mississippi de acordo com Robert Kennedy, o procurador-geral, e todos os outros, então todos os outros Negros no Mississippi têm o direito de estar lá. Então, se você vai gastar todo esse dinheiro e toda essa mão de obra colocando um

¹³ Em 18 de agosto de 1963, James Meredith se tornou o primeiro Negro a se formar na Universidade de Mississippi nos Estados Unidos.

lá dentro, por que não prender os criminosos que são responsáveis por manter as massas de fora, demitindo-os de seus postos e, para em seguida, abrir as portas para todos. Isso seria uma solução, mas eles não vão fazer isso. Eles sempre querem usar métodos que empurram um Negro de cada vez, então eles o usam para dar a volta e dizer às massas, "Veja, estamos resolvendo o problema." E o problema ainda não está resolvido.

O honorável Elijah Muhammad diz que a única maneira de resolver o problema do chamado Negro é a separação completa dos Estados Unidos. Ele diz que todos os esforços por parte do governo até agora para resolver este problema, trazendo uma solução justa, equânime entre brancos e Negros aqui nesta casa falharam. Então ele diz que, já que você não pode conceder justiça aos Negros em sua casa, deixe-nos sair desta casa e voltar para nossa casa.

Agora, quando ele diz vamos voltar para casa, para o nosso próprio povo e nossa própria pátria, o governo faz oposição em relação a qualquer ideia do povo afrodescendente de querer retornar ao seu lar. Eles se empenharam em um esforço para impedir isso. Então o que ele diz é, já que você não pode nos aceitar aqui em sua casa, e você não quer que a gente volte para casa para nosso próprio povo, então a única alternativa é separar a casa. Dê-nos parte deste país e deixe-nos viver nessa parte... Você me pediu para explicar. Agora, você quer que eu prossiga? Você pode achar engraçado, mas um dia você não vai achar.

Ele diz que essa porção que será reservado para os Negros, que o governo deve dar-nos tudo o que precisamos para iniciar a nossa própria civilização. Eles devem nos dar tudo o que precisamos para sobrevivência nos próximos vinte e cinco anos. E quando você parar e considerar, você não deveria estar chocado, vocês deram vinte bilhões de dólares a América Latina e eles nunca lutaram por este país. Nunca trabalharam para este país. Você enviou bilhões de dólares para a Polônia e para a Hungria, estes são países comunistas, eles nunca contribuíram em nada aqui. Isso é o que você deve considerar.

A maior contribuição dada a este país foi a contribuição do homem Negro. Se eu tomar o salário, apenas um momento..., se eu tomar o salário de todos aqui, individualmente não significa nada, mas coletivamente todo o poder de ganho ou salários que você ganha em uma semana me faria rico. E se eu pudesse recolhê-lo por um ano, eu seria muito mais rico. Agora, quando você entende isso, e então, você parar e considerar os salários que foram roubados de milhões de pessoas negras, não por um ano, mas por 310 anos, você vai entender como este país enriqueceu tão rápido. E o que tornou a economia tão forte como é hoje. E tudo isso, e todo

esse trabalho escravo que foi acumulado em salários não pagos é devido a alguém hoje. E você não está nos dando nada quando dizemos que é hora de cobrar.

[Pergunta].

Malcolm X: Até alguns anos atrás, todo o mundo africano, que era então maioria, foi governado pela Europa, o homem branco, que era na verdade uma minoria. E percebendo que eles só governaram por causa do recurso científico e da estratégia dividir para conquistar. Todas as pessoas negras, marrons, vermelhas e amarelas na África se reuniram no que ficou conhecido como a conferência de Bandung. Eles perceberam que tinham diferenças religiosas, diferenças econômicas, diferenças educacionais, até mesmo diferenças culturais. Mas eles concordaram em deixar de lado as suas diferenças porque tinham uma coisa em comum: opressão e exploração. Eles tinham um opressor em comum, um explorador em comum, o europeu. Uma vez que eles perceberam que tinham isso em comum, eles tinham um inimigo em comum e eles chegaram a um acordo para não lutar mais entre si. E por serem capazes de superar suas diferenças e se unirem em um espírito de unidade, a conferência de Bandung produziu a condição pela qual todas as nações da África, que são independentes hoje, foram capazes de garantir a sua independência.

E assim, eles vieram para a ONU. Agora eles estão em uma posição em que podem ter mais voto que o homem branco. E realmente isso criou um enorme feito. Considerando que no passado, você tinha cristãos europeus brancos sempre na direção da ONU, hoje os povos pretos, marrons, vermelhos, e amarelos da África e de Ásia superaram o homem branco, eles não podem ter um branco, europeu cristão eleito para assumir toda a posição de poder. Normalmente, a secretaria e a cadeira do presidente permanecem nas mãos de um africano, um asiático, um muçulmano, um hindu, ou um cristão. É Isso o que a unidade é capaz de fazer. E aqui na América, o Negro, os chamados Negros, tudo o que temos que fazer é esquecer nossas diferenças. Geralmente, os brancos dizem coisas para tentar nos dividir, e então nos colocam um contra o outro. Eles tentam usar a NAACP (Associação para o Desenvolvimento das Pessoas de Cor) contra os muçulmanos, os muçulmanos contra o CORE. Eles tentam manter todos lutando entre si. E enquanto lutamos uns contra os outros, eles continuam a governar. Então o que o honorável Elijah Muhammad diz, é que você e eu devemos esquecer todas as nossas diferenças e colocar a meta em primeiro lugar. Pegue aquele que está nos segurando e podemos conversar mais tarde.

[Pergunta].

Malcolm X: Os brancos na África do Sul estão, número um, em um continente que não pertencem a eles e não têm nenhum negócio lá e não vão permanecer lá por muito tempo. As pessoas negras na África do Sul superam os brancos lá, a cerca de onze para um. Os Negros da África do Sul superam os brancos, o suficiente para se livrar deles quando chega a hora. O tipo de separação deles não é o tipo de separação que estamos procurando. Estamos à procura de uma separação em que teremos a nossa própria terra. Podemos voltar para casa e praticá-la ou podemos ficar aqui e praticá-la. Mas não vamos ficar sentados com essa hipocrisia de integração sobre a qual os brancos estão falando e que vai demorar mais de cem anos. A única coisa que pode resolver o problema é a separação completa. Não tem nenhuma conexão ou comparação qualquer com aquela que está sendo praticada na África do Sul. O apartheid Sul-africano é segregação. Não é separação. E eles têm medo de deixar os africanos construir uma sociedade própria na qual eles se tornarão iguais ou tão poderosos politicamente, economicamente como os brancos. Eles não querem isso. Não há comparação. A deles é algo do passado, está fora de moda e está arruinada. A nossa está voltada para o futuro.

[Pergunta].

Malcolm X: Se você não pode receber justiça na casa de um homem, se esse homem o priva de justiça, ele deve deixá-lo sair. E se ele não quer que você saia de casa, mas não pode lhe dar justiça, ele vai acabar perdendo a casa inteira. Isto é o que a América está enfrentando.

[Pergunta].

Malcolm X: O fruto do Islã são os irmãos que foram reformados, reabilitados; que não bebem, não fumam, não cometem adultério, não se envolvem em nenhum tipo de crime. Que aprendem a respeitar as suas mulheres, a respeitar a mulher negra, que nunca teve qualquer respeito ou proteção nesta sociedade. Estes são os irmãos que realmente se reformaram e eles são o exemplo do que a religião do Islã fará aos outros chamados Negros. E esses irmãos lhe tratarão com respeito quando você os respeitar.

[Pergunta].

Malcolm X: Não, eles não compõem um pequeno exército. Mas um exército no sentido de muitas pessoas. Eles não compõem um exército no sentido de que estão à procura de violência. Mas sempre que um irmão muçulmano for atacado, ele vai se defender.

[Pergunta].

Malcolm X: Não, eu vou responder a última pergunta primeiro. Não existe tal coisa como um liberal branco sincero. Ouça eu estou lhe respondendo. Você pode reclamar a noite toda, isso é o que a serpente fez no jardim do Éden. Geralmente, você vai descobrir, senhor, que em qualquer grupo integrado em que o chamado Negro está envolvido, se você examinar sua composição, e o ponto que é interessante para os brancos porque eles acabam controlando-o, eles acabam governando-o. Vou dar um exemplo. A NAACP (Associação para o Desenvolvimento do Homem de Cor) é uma das principais organizações Negra. Ela existe há 54 anos, e os Negros na NAACP nunca tiveram poder suficiente para eleger um homem Negro como o presidente nacional.

Eles têm eleição anual. O que pressupõe que eles tiveram uma eleição, 54 vezes por ano. E eles elegeram um homem branco. O homem que é o Presidente dele agora, Arthur Spingar foi presidente por vinte e quatro anos consecutivos. Agora, eu não estou criticando a NAACP, eu estou apenas analisando. Se a NAACP em 54 anos não pôde escolher um homem Negro para ser o presidente nacional, então isso me leva a acreditar ou eles estão falhando na criação de uma liderança adequada entre os Negros, ou então, eles estão praticando a mesma discriminação da qual acusam o homem branco. A Liga Urbana é outra famosa organização negra. Tem um presidente branco. Nunca teve um presidente Negro. O CORE tem um diretor nacional Negro, mas ele é um Negro casado com uma mulher branca. James Farmer é casado com uma mulher branca que quase faz dele um homem branco. Embora eles tenham um Negro, eles têm um presidente branco também. É verdade, Farmer, em 1945, divorciou-se da esposa negra e casou com uma mulher branca.

[Pergunta].

Malcolm X: Na ONU com os libaneses ou com árabes, na ONU você tem o bloco afro/asiático/árabe. Agora muitos árabes podem gostar que você pense que eles são a favor dos brancos, mas você sempre os verá em aliança com o mundo afro/asiático no cenário internacional. Aqueles que estão progredindo estão alinhados com o mundo afro/asiático. Africano, asiático, árabe, eles podem vir aqui e posar como branco. Mas quando eles voltam para casa, eles não são brancos.

[Pergunta].

Malcolm X: Você nunca me ouviu se referi a mim mesmo como um muçulmano Negro. Isto é o que a imprensa diz. Nós nos chamamos de muçulmanos. Só um momento... Nós nos chamamos muçulmanos, nós não nos chamamos de muçulmanos Negros. É assim que os jornais nos chamam. É assim o que o Dr. Eric Lincoln nos chama. Nós somos muçulmanos, preto, castanho, vermelho e amarelo não faz diferença.

[Pergunta].

Malcolm X: Agora você diz que nós viemos aqui e usamos o Islã para propósitos políticos porque nós rejeitamos o homem branco. Quando os argelinos se recusaram a integrar-se aos franceses, eles deixaram de ser muçulmanos? Quando os árabes se recusaram a integrar-se com os israelitas, eles deixaram de ser muçulmanos? Quando os paquistaneses se recusaram a integrar-se com os hindus, eles deixaram de ser muçulmanos? Não, só um momento... Os argelinos têm o direito de rejeitar os franceses que os exploraram. Os árabes têm o direito de rejeitar os israelenses que os exploraram. Os paquistaneses têm o direito de rejeitar os hindus que os exploraram. Os argelinos continuam sendo muçulmanos. Os árabes continuam sendo muçulmanos e os paquistaneses continuam sendo muçulmanos.

Há 20 milhões pessoas negras neste país que estão aqui há 400 anos. E que sofreram a pior forma de abuso já perpetrado a um povo no século XX. Agora, quando aceitamos o Islã como nossa religião, isso não significa que estamos errados em rejeitar o homem que nos explorou e nos colonizou aqui neste país.

[Pergunta].

Malcolm X: Não é errado lutar por justiça. Não é errado lutar por liberdade. Não é errado lutar por igualdade. Se Patrick Henry e todos os fundadores deste país estavam dispostos a dar as suas vidas para obter o que você está desfrutando hoje, então, é hora de você perceber que um grande número, um número cada vez maior de pessoas negras neste país estão dispostos a morrer por aquilo que nós sabemos que é um direito de nascimento. Ao homem branco está sendo dado um favor, quando você lhe dá uma chance hoje para resolver um problema que decorre de um crime que ele mesmo cometeu. Você me pergunta, como eu estou cometendo um crime ou pedindo algo que é eticamente errado ou moralmente errado quando procuramos uma solução para este problema agora. Um problema que mantém o governo preso em toda a terra. O que você precisa entender, você da Índia, você do Iraque, você do Egito, e você aqui da América, é que nós fomos escravizados, um crime que foi cometido contra o Negro. Alguns

de vocês, desses países, sabiam que estávamos aqui e nunca vieram nos ajudar, e agora, quando nos levantamos e estamos prontos para nos ajudar, não venham com suas críticas. Ajude-nos.

[Pergunta].

Malcolm X: Você acha que eu estaria errado se perguntasse: como você vai integrar? Se o Supremo Tribunal diz integre-se, mas não podem cumprir a determinação, e esta é a instância mais alta da justiça, não estamos rejeitando nada. Reservamos, [interrupção] eu disse que não, ele me perguntou se eu estava rejeitando, se estávamos rejeitando a violência ou estávamos rejeitando os métodos pacíficos. Não rejeitamos nenhum método. Nós reservamo-nos o direito de usar qualquer método necessário para solucionar o problema e depois quando - e a razão que eu não tenho, [resposta] senhor, eu não acho que você me daria crédito. Se você tem um cordeiro dentro da cova de um lobo e você precisa tirar esse cordeiro das garras daquele lobo, você não se levanta e diz ao cordeiro, como você vai tirá-lo, ou onde você vai levá-lo, enquanto ele ainda está nas garras do lobo, ou enquanto ele ainda está sob a jurisdição do lobo.

[Pergunta].

Malcolm X: Como você diz, Tom sempre foi um bom ator. E onde o homem branco pensa que somos perigosos para ele, Tom é mais perigoso do que qualquer outro, porque Tom o enganou. O homem branco sabe qual é nosso posicionamento. Mas Tom hoje está acordando como qualquer outra pessoa. Bem, você não vai conseguir nenhum argumento de mim. É verdade que muitos Negros em posições proeminentes que têm sido reconhecidos, os tios Toms do passado, hoje estão acordando, e sua lealdade e objetivos ainda estão muito camuflados, como estavam até então.

[Pergunta].

Malcolm X: Faremos da mesma forma, os judeus tiveram o que queriam. Eles têm seu próprio estado, seu próprio país. Não, eles têm, e sim, bem, você está certo, foi dado a eles pela Inglaterra e Truman. Mas senhor, os judeus são aqueles que normalmente se representam como liberais brancos, mais provavelmente do que qualquer outro segmento desta sociedade. Agora, se os judeus são genuinamente liberais e eles querem ajudar o Negro, então, eles devem mostrar ao Negro como usar o mesmo tipo de estratégia e táticas para resolver o problema dele. Mostrar as táticas e estratégias que eles usaram para resolver os problemas deles. E você vai descobrir que em todo o país, onde quer que os judeus fossem segregados com a lei Jim Crow, eles não

se sentaram, eles não ficaram sentados ou se comportaram como cavaleiros da liberdade, eles costumavam usar a arma econômica. Eles compraram *Atlantic City*, e agora eles podem frequentar. Eles compraram *Miami Beach* e agora eles podem frequentar.

3.8 Alex Haley Entrevista Malcolm X (maio, 1963)

Haley: Qual é a ambição dos muçulmanos Negros?

Malcolm X: Liberdade, justiça e igualdade são as nossas principais ambições. Servir e seguir fielmente o honorável Elijah Muhammad é o objetivo principal de cada muçulmano. O Sr. Muhammad nos ensinou a conhecer a nós mesmos e ao nosso próprio povo. Ele nos limpou moralmente, mentalmente e espiritualmente. Ele nos ensinou a nos libertar dos vícios que nos cegavam nessa sociedade ocidental. Ele levou os Negros a deixar o álcool, a dependência das drogas, o vício da nicotina, do jogo, do roubo, da mentira, do engano, do adultério, da prostituição, da delinquência juvenil. Eu penso nisso sempre que alguém fala sobre investigar-nos. Por que investigar o honorável Elijah Muhammad? Eles deveriam subsidiá-lo. Ele está limpando a bagunça que os homens brancos fizeram. Ele livra os homens da dependência da assistência social do governo, mostrando-lhes como produzir algo para si manter. E o Sr. Muhammad nos ensina o amor pela nossa própria espécie. O homem branco ensinou os Negros deste país a se odiarem como inferiores, a se odiarem mutuamente, a serem divididos uns com os outros. O mensageiro Muhammad restaura nosso amor pela nossa própria espécie, que nos permite trabalhar juntos em unidade e harmonia. Ele nos mostra como unir nossos recursos financeiros e nossos talentos para trabalhar juntos em pró de um objetivo comum. Entre outras coisas, temos pequenas empresas na maioria das grandes cidades deste país, e queremos criar muitos mais. Nós somos ensinados pelo Sr. Muhammad que é muito importante melhorar a economia do homem Negro. Mas para fazer isso, devemos ter a nossa própria terra.

O homem Negro passou por uma lavagem cerebral para que nunca mais aprendesse a andar com seus próprios pés e ser independente. Temos de ser nossos próprios produtores, fabricantes e comerciantes. Devemos ter a nossa própria indústria para empregar o nosso próprio povo. O homem branco resiste a isso porque ele quer manter o homem Negro sob seus pés e sob sua jurisdição na sociedade branca. Ele quer manter o homem Negro sempre dependente, implorando por empregos, comida, roupas, abrigo, educação. O homem branco não quer perder alguém para ser independente. Ele quer manter o homem Negro onde ele possa ser observado e controlado. O Sr. Muhammad ensina que assim que nos separarmos do homem

branco, aprenderemos que podemos fazer sem o homem branco assim como ele pode fazer sem nós. O homem branco sabe que uma vez que os homens Negros saírem e aprenderem que eles podem fazer por eles mesmos, o potencial pleno do homem Negro vai irromper e ele vai superar o homem branco.

Haley: Você sente que o objetivo dos Muçulmanos Negros de obter "vários Estados" é uma visão prática?

Malcolm X: Bem, você pode considerar algumas coisas práticas que são realmente impraticáveis. Não era impraticável que o Supremo Tribunal pudesse emitir uma ordem de dessegregação há nove anos, e ainda há apenas oito por cento de conformidade? É prático que cem anos após a guerra civil ainda não haja liberdade para os homens Negros? No registro da integração, você tem o Presidente, o Congresso, a Suprema Corte, mas mostre-me a sua integração, onde está? Isso é prático? O Sr. Muhammad nos ensina o que realmente é prático, que é a separação. É mais natural do que a integração.

Haley: Em uma entrevista recente, o escritor Negro Louis Lomax disse: "oitenta por cento, se não mais, dos 20 milhões de Negros na América vibram com simpatia com a acusação dos muçulmanos contra a estrutura do poder branco. Mas isso não significa que concordamos com eles em suas doutrinas de alienação ou com suas propostas de resolução do problema racial". Esta visão representa um consenso entre os Negros? E se assim for, é possível que a sua doutrina de separação e anticristã têm o efeito de alienar muitos de sua própria raça?

Malcolm X: Senhor, você comete um erro ouvindo pessoas que dizem o quanto nossa doutrina aliena os Negros neste país. Eu acho que na verdade nós temos a simpatia de 90 por cento das pessoas negras. Há 20 milhões de muçulmanos adormecidos na América. Um muçulmano para nós é alguém que está com o homem Negro. Eu não me importo se ele vai para a Igreja Batista sete dias por semana. O honorável Elijah Muhammad diz que um homem Negro nasce muçulmano por natureza. Há milhões de muçulmanos que não estão cientes disso agora. Todos eles serão muçulmanos quando acordarem. Isso é o que significa a ressurreição.

Senhor, vou lhe contar um segredo: o homem Negro é muito mais esperto do que os brancos pensam. O homem Negro sobreviveu neste país enganando o homem branco. Ele estava dançando e sorrindo e os homens brancos nunca souberam o que ele estava pensando. Agora você vai ouvir os Negros burgueses fingindo ser alienados, mas eles estão apenas fazendo o homem branco pensar que eles não vão concordar com o que o Sr. Muhammad está dizendo.

Este Negro que afirma estar contra nós, está apenas protegendo as migalhas que ele recebe da mesa do homem branco.

Este tipo de Negro está tão ocupado tentando ser como o homem branco que ele não sabe o que a verdadeira massa de seu próprio povo pensa. Um bom carro, casa, roupas e licor fizeram-lhe pensar que eles são diferentes de seus irmãos Negros pobres.

Mas o Sr. Muhammad diz que *Allah* vai acordar todos os Negros a fim de que ele veja o homem branco como ele realmente é, e ver o que o cristianismo fez com eles. As massas negras, que estão acordando, não acreditam mais no cristianismo. Tudo o que o cristianismo fez para os Negros foi ajudar a mantê-los escravizados.

O Sr. Muhammad está ensinando que o cristianismo, como os brancos ensinam, pressupõe que os brancos podem ter seu paraíso aqui na terra, enquanto o homem Negro tem que viver seu inferno aqui. O homem Negro deve continuar acreditando que quando ele morrer, ele vai flutuar até uma cidade com ruas douradas que emana leite e mel em uma nuvem em algum lugar. Todos os Negros na América do Norte ouviram os pregadores cristãos Negros gritando sobre "amanhã na terra do bom velho Beulah." Mas as massas negras que pensam hoje, estão interessadas nas terras de Muhammad. A terra prometida, a qual o honorável Elijah Muhammad fala, está bem aqui nesta terra. Homens Negros inteligentes hoje estão interessados em uma doutrina religiosa que ofereça uma solução para seus problemas agora, aqui mesmo nesta terra, enquanto eles estiverem vivos. Você deve entender que o honorável Elijah Muhammad representa o cumprimento da profecia bíblica para nós. No Antigo Testamento, Moisés viveu para ver seu inimigo, Faraó, afogado no mar vermelho, o que, em essência, significa que o Sr. Muhammad vai ver a conclusão de seu trabalho em vida, que ele vai viver para ver a vitória conquistada sobre seu inimigo.

Haley: Está se referindo ao dia do julgamento muçulmano sobre o qual o jornal Muhammad Speak fala, e que ele chama de "Armageddon" e profetiza como iminente?

Malcolm X: Armageddon lida com a batalha final entre Deus e o diabo. A terceira guerra mundial é referida como Armageddon por muitos estadistas brancos. Não haverá mais guerra depois disso, porque não haverá instigadores de guerras. Não sei quando o Armageddon, seja qual for a forma que for preciso e suposto ser. Mas eu sei que o tempo está próximo quando o homem branco estará acabado. Os sinais estão à nossa volta. Dez anos atrás você não poderia pagar um Negro Sulista para desafiar os costumes locais. A cauda do leão britânico foi

arrancada da África negra. Os indonésios colocaram para fora os tais pretensos imperialistas como os holandeses. Os franceses, que acharam por um século que a Argélia era deles, tiveram que correr para a sua vida de volta para a França. Senhor, a conclusão que eu faço é que o tempo em que o oprimido tremia de medo diante do homem branco todo poderoso acabou.

Haley: Se os muçulmanos finalmente ganharem o controle como você prevê, o que você planeja fazer com as pessoas brancas?

Malcolm X: Não é o caso o que faríamos, o caso é o que *Allah* faria com os brancos. O que um juiz faz com os culpados? Ou o culpado se arrepende e expia sua culpa ou *Allah* executa o julgamento.

Haley: Você se refere aos brancos como "culpados" e como "inimigos"; você prevê retribuição divina contra eles, e você prega a separação absoluta da comunidade branca. Estas opiniões não se fundamentam no fato de que seu movimento é baseado no ódio racial?

Malcolm X: Senhor, é através do Sr. Muhammad que as massas negras estão aprendendo pela primeira vez, em 400 anos, a verdade real de como o homem branco fez uma lavagem cerebral no homem Negro, mantendo-o ignorante de sua verdadeira história, roubando-lhe a sua autoconfiança. As massas negras pela primeira vez estão entendendo que não é um caso de ser anti-branco ou anticristão, mas é um caso de ver a verdadeira natureza do homem branco. Nós somos anti-demônios, anti-opressão, anti-linchamento. Você não pode ser anti essas coisas a menos que você também seja anti-opressor e anti-linchador. Você não pode ser anti-escravidão e pró-escravidão, você não pode ser anti-crime e pró-crime. De fato, o Sr. Muhammad ensina que, se a geração atual dos brancos estudasse sua própria raça a luz de sua história verdadeira, eles mesmos seriam anti-brancos.

Haley: Você é?

Malcolm X: Sempre que o homem branco ouve um homem Negro dizer o que ele é, então ele acusa o homem Negro de odiá-lo. O honorável Elijah Muhammad não ensina o ódio. O homem branco não é tão importante para que o honorável Elijah Muhammad e seus seguidores perca seu tempo o odiando. O homem branco fez uma lavagem cerebral em si mesmo a ponto de acreditar que todos os Negros do mundo querem estar aconchegados ao lado dele. Quando ele entende o que estamos falando, ele não acredita, isso tira todo o fôlego dele. Quando lhe falamos que não queremos estar perto dele, não queremos ser como ele, ele fica desnorreado. Isso lhe

faz reavaliar o seu mito de 300 anos sobre o homem Negro. O que eu quero saber é como o homem branco, com o sangue de afro-cidadãos pingando entre seus dedos, pode ter a audácia de perguntar as pessoas afrodescendentes se elas o odeiam. Isso requer muita coragem.

Haley: Como você reconcilia essa contradição de ódio com o anúncio que você fez no ano passado quando afirmou que *Allah* tinha trazido "a boa notícia" que 120 brancos de Atlanta tinham acabado morrer em um acidente aéreo em uma rota da América para Paris?

Malcolm X: Senhor, eu vejo a lei da justiça que diz: o que você semeia, você colhe. O homem branco se alegrou quando a corda estalou no pescoço dos homens Negros. Ele se divertiu com os linchamentos. É justo para o Deus verdadeiro do homem Negro, *Allah*, nos defender para que nós nos alegremos porque nosso Deus manifesta sua habilidade de infligir dor em nosso inimigo.

Nós muçulmanos acreditamos que a raça branca, que é culpada de ter oprimido, explorado e escravizado nosso povo aqui na América, deve e será vítimas da ira de *Allah*. Todas as sociedades civilizadas em seus tribunais de Justiça definirão uma sentença de execução contra os considerados inimigos da sociedade, tais como assassinos e sequestradores. A presença de 20 milhões de Negros aqui na América é a prova de que o tio Sam é culpado de sequestro, porque não viemos aqui voluntariamente no Mayflower. E 400 anos de linchamentos condenam o tio Sam como assassino.

Haley: Voltando ao seu depoimento sobre o acidente de avião, quando o Dr. Ralph Bunche ouviu isso, ele o chamou de "mentalmente depravado". Qual é a sua reação?

Malcolm X: Eu sei tudo sobre o que Dr. Bunche disse. Ele tem sempre usa sua influência internacional. Ele se desculpou na ONU quando os Negros protestaram lá. Você vai notar que sempre que o homem branco deixa um homem Negro ocupar um cargo proeminente, ele tem de trabalhar para ele. Dr. Bunche serve ao homem branco, ele representa, fala e defende o homem branco. Ele não faz nada disso para o homem Negro. O Dr. Bunche tem funcionado como uma ferramenta do homem branco, usado para influenciar a opinião internacional contra o Negro. O homem branco tem ferramentas negras locais, ferramentas nacionais, e Dr. Bunche é uma ferramenta internacional.

Haley: Dr. Bunche foi apenas um dos muitos Negros proeminentes que deplorou a sua declaração em termos semelhantes. Que resposta você tem para estes porta-vozes de seu próprio povo?

Malcolm X: Vá perguntar a opinião deles e você será capaz de preencher o seu caderno com o que as pessoas brancas querem ouvir o que os Negros dizem. Vamos pegar esses supostos porta-vozes dos homens Negros de todos os tipos. Comece com os políticos. Eles nunca atacam o Sr. Muhammad pessoalmente. Eles percebem que ele tem o apoio das massas negras. Eles sabem que iriam alienar as massas de cujos votos eles precisam. Mas os líderes Negros atacam o Sr. Muhammad. A razão é que, geralmente, eles são nomeados para ocupar essas posições pelo homem branco. O homem branco os paga para nos atacarem. Os que mais atacam o Sr. Muhammad são aqueles que ganham mais. Então pegue os líderes religiosos Negros, eles também atacam o Sr. Muhammad. Esses pregadores fazem isso em legítima defesa porque sabem que ele está despertando os Negros. Ninguém acredita no que o pregador Negro diz, exceto aqueles que estão mentalmente adormecidos, ou na escuridão da ignorância sobre a verdadeira situação do homem Negro na América do Norte. Se você notar, senhor, muitos dos chamados líderes Negros, que uma vez atacaram o honorável Elijah Muhammad, não fazem mais. E ele nunca fala contra eles no sentido pessoal, exceto em reação ao que eles falam contra ele. O Islã é uma religião que nos ensina a nunca atacar, a nunca ser o agressor — mas você pode matar alguém se ele te atacar. Estes líderes Negros tornaram-se conscientes de que sempre que o honorável Elijah Muhammad é atacado, ele usará suas armas contra eles, eles sempre saem perdendo no final.

Haley: Você admira e respeita qualquer outro líder Negro - Martin Luther King, por exemplo?

Malcolm X: Eu sou muçulmano, senhor. Os muçulmanos podem ver apenas um líder, que tem as qualificações necessárias para unir o povo Negro na América. Este líder é o honorável Elijah Muhammad.

Haley: Muitos líderes religiosos brancos fizeram declarações contra os muçulmanos Negros. Escrevendo na revista oficial da NAACP, um padre católico descreveu-o como "um grupo de ódio de espírito fascista", e Nairith o acusou não apenas de anticristão, mas também de antissemita. Você considera isso verdade?

Malcolm X: No que me diz respeito, as ditaduras só existem em áreas ou países onde você tem o catolicismo romano. Catolicismo condiciona sua mente para ditadura. Você pode pensar em um único país protestante que produziu um ditador?

Haley: A Alemanha era predominantemente protestante quando Hitler...

Malcolm X: Outra coisa para se pensar — no século XX, a igreja cristã nos deu duas heresias: o fascismo e o comunismo. Onde começou o fascismo? Onde está o segundo maior partido comunista fora da Rússia? A resposta para ambos é a Itália. Onde fica o Vaticano? Mas não vamos esquecer o judeu. Qualquer um que faça uma crítica justa ao judeu imediatamente é rotulado de antissemita. O judeu grita mais alto do que qualquer um, se alguém o criticar. Você pode dizer a verdade sobre qualquer minoria na América, mas faça uma crítica verdadeira sobre o judeu e se ele não gostar, ele vai usar seu controle sobre os meios de comunicação para te rotular de antissemita. Deixe-me dizer apenas uma palavra sobre o judeu e o homem Negro. O judeu está sempre ansioso para aconselhar o homem Negro. Mas eles nunca o aconselham como resolver o problema do modo como os eles resolveram o problema deles. O judeu nunca se sentou e se rastejou em reivindicação por igualdade de liberdade, mas ele ensina e incentiva os Negros a usarem esse método. Os judeus se levantaram, se uniram e usaram seu poder supremo, a arma econômica. Isso é exatamente o que o honorável Elijah Muhammad está tentando ensinar aos homens Negros. Os judeus juntaram o dinheiro e compraram os hotéis que os barraram. Eles compraram *Atlantic City* e *Miami Beach* e tudo mais que eles queriam.

Quem é o dono de Hollywood? Quem dirige a indústria de vestuário, a maior indústria de Nova York? Mas o judeu que está aconselhando o Negro, junta-se a NAACP, CORE, a Liga Urbana e outros. Com doações de dinheiro, o judeu assume o controle, assim, ele leva o homem Negro a ficar vadiando, se endividando, até se afundar, mas continua comprando. Nunca lhe mostra como montar suas próprias fábricas e hotéis. Nunca o aconselha a ter o que quer. Não, quando há algo que vale a pena possuir, o judeu tem. Ande para cima e para baixo em qualquer gueto Negro na América 90% das empresas de valor que você encontrar são de propriedade judia. Todas as noites eles levam o dinheiro. Isso ajuda a comunidade do homem Negro a permanecer num gueto.

Haley: Não é verdade que muitos gentios também trabalharam com dedicação para avançar com a integração e melhoria econômica do Negro, como trabalhadores voluntários para a NAACP, CORE e muitas outras agências inter-raciais?

Malcolm X: Um homem que joga minhocas no rio não é necessariamente um amigo do peixe. Todos os peixes que o tomam por um amigo, que acham que a isca não tem anzol, geralmente acabam na frigideira. Todas essas coisas penduradas diante de nós pelo liberal branco, posando como um amigo e benfeitor acabam se tornando nada além de isca para nos fazer pensar que estamos fazendo progresso. A decisão da Suprema Corte nunca foi executada. A dessegregação nunca ocorreu. As promessas nunca foram cumpridas. Recebemos apenas fichas, substitutos, trapanças e enganãos.

Haley: Que motivação você atribui a Playboy para te dar esta oportunidade de discutir livremente suas opiniões?

Malcolm X: Eu acho que ela quer vender revistas. Eu nunca vi um homem branco sincero, não quando se trata de ajudar as pessoas negras. Geralmente coisas como estas são feitas por pessoas brancas para beneficiar-se. O interesse principal do homem branco não é elevar o pensamento do povo Negro, ou despertá-lo. O homem branco está interessado no homem Negro apenas na medida em que o homem Negro for útil para ele. O interesse do homem branco é ganhar dinheiro, explorar.

Haley: Há algum homem branco na terra que você admitiria ter genuinamente o desejo no coração pelo bem-estar do Negro?

Malcolm X: Eu digo, senhor, que você nunca pode fazer um julgamento inteligente sem provas. Se algum homem estudar toda a história da relação entre o homem branco e o homem Negro, nenhuma evidência será encontrada para justificar qualquer confiança ou fé que o homem Negro possa ter no homem branco hoje.

Haley: Então você considera impossível que o homem branco seja qualquer coisa, além de um explorador e um hipócrita em suas relações com o Negro?

Malcolm X: É errado atribuir uma predisposição ao trigo antes que saia da terra? As características e a natureza do trigo fazem-lhe trigo. Difere da cevada por causa de sua natureza. Trigo perpetua suas próprias características assim como a raça branca faz. As pessoas brancas nascem demônios por natureza. Eles não se tornam assim por ações. Se você nunca colocar pipoca em uma frigideira, ainda assim ela continuará sendo pipoca. Coloque-a no calor, ela vai explodir.

Haley: Você diz que os homens brancos são demônios por natureza. Cristo era um demônio?

Malcolm X: Cristo não era branco. Cristo era um homem Negro.

Haley: Em que escritura você baseia essa afirmação?

Malcolm X: Senhor, Billy Graham fez a mesma declaração em público. Por que não perguntar a ele em que escritura ele encontrou? Quando o Papa Pio X morreu, a revista Life publicou uma foto dele em seu estudo particular ajoelhado diante de um Cristo Negro. Qual foi a fonte de sua informação? Todas as pessoas brancas que estudaram história e geografia sabem que Cristo era um homem Negro. Somente os pobres Negros americanos foram levados a acreditar que Cristo era branco, para levá-lo a adorar o homem branco. Depois de me tornar um muçulmano na prisão, eu li quase tudo que pude na biblioteca da prisão. Eu comecei a pensar em tudo que eu tinha lido, em especial as histórias, eu constatei que quase todos livros lidos pelo público geral foram baseados em histórias brancas. Eu descobri que o processo de branqueamento da história ou tinha deixado de fora grandes coisas que os homens Negros tinham feito, ou alguns dos grandes homens Negros tinham passado por um processo de embranquecimento.

Haley: Poderia listar alguns desses homens?

Malcolm X: Bem, Hannibal, o General de maior sucesso que já existiu, era um homem Negro. Assim como Beethoven, o pai de Beethoven foi um dos Negros mouros contratado na Europa como soldado profissional. Haydn, professor de Beethoven, era de ascendência africana. E Salomão. Grandes personagens bíblicos. Colombo, o descobridor da América, era um homem mestiço. Impérios Negros inteiros como os mouros foram branqueados para esconder o fato de que um grande império Negro tinha conquistado um império branco mesmo antes da América ser descoberta. A civilização mourisca — africanos Negros — conquistou e governou a Espanha. Eles mantiveram a luz acesa no Sul da Europa. A palavra "mouro" significa "preto", a propósito.

A civilização egípcia é um exemplo clássico de como o homem branco roubou grandes culturas africanas para fazê-las parecer hoje como produção do Europeu branco. A nação negra do Egito é o único país que tem uma ciência com o nome de sua cultura: Egiptologia. Os antigos sumérios, um povo de pele negra, ocupavam as áreas do Oriente Médio e foram contemporâneos da civilização egípcia. Os incas, os astecas, os maias, eram todos índios de pele escura e tinham uma cultura altamente desenvolvida aqui na América no que hoje é o México e a América do Norte. Essas pessoas já dominavam a agricultura na época em que as pessoas brancas europeias ainda viviam em cabanas de barro e comiam ervas daninhas. Mas as

crianças brancas, ou crianças negras ou os adultos hoje na América não conseguem ler isso nos livros didáticos.

Haley: Pode citar documentos históricos originais para fundamentar estas observações?

Malcolm X: Eu posso citar um grande número, senhor. Você poderia começar com Heródoto, o historiador grego. Ele descreveu os egípcios como "pretos, com cabelos peludos". E o arqueólogo americano e o egiptólogo James Henry fizeram a mesma coisa. Leia Plínio. Leia qualquer um dos antropólogos e arqueólogos europeus antigos e gregos e os mais recentemente.

Haley: Você parece ter baseado sua tese na premissa de que todas as raças não-brancas são necessariamente pretas.

Malcolm X: O Sr. Muhammad diz que o vermelho, o marrom e o amarelo são de fato todos parte da nação negra. O que pressupõe que preto, castanho, vermelho, amarelo, são todos irmãos, são uma família. O branco é um estranho. Ele é um sujeito estranho.

Haley: Uma vez que a sua classificação de povos Negros, aparentemente, inclui a pele mais clara do Oriental, do Oriente Médio e, possivelmente, até mesmo as raças latinas, bem como as cepas indianas e negras mais escura, como você decide que a pele clara é admissível antes de ser condenada como branco? E se os brancos caucasianos são demônios por natureza, você classifica as pessoas por graus de diabruras de acordo com a tonalidade de sua pele?

Malcolm X: Eu não me preocupo com esses detalhes técnicos. Mas eu sei que a sociedade branca sempre considerou que uma gota de sangue Negro o torna Negro. Para mim, se uma gota pode fazer isso, ele só mostra o poder que uma gota de sangue Negro tem. E outra coisa que eu sei é que os Negros que costumavam ter pele clara o suficiente para se passar por branco viram a caligrafia na parede e estão começando a voltar e se identificar com a sua própria espécie. E as pessoas brancas que também estão vendo o pêndulo do tempo alcançando-as estão tentando juntar-se com os Negros ou até mesmo encontrar vestígios de sangue Negro em suas próprias veias, esperando que ele os salve da catástrofe que vem à frente. Mas nenhum diabo pode enganar a *Allah*. Os muçulmanos têm um pequeno poema que diz: vai, "Uma gota vai fazer você preto para salvar sua alma."

Haley: Como um membro desta vasta elite, você tem uma atitude familiar adotada pela maioria dos grupos minoritários sobre a raça branca, neste caso, como inferior em qualidade, bem como em quantidade em relação com o que você chama de "nação negra"?

Malcolm X: Pessoas brancas que estudam sabem que são inferiores aos Negros, até Eastland sabe. Qualquer pessoa que tenha estudado a fase genética da biologia sabe que o branco é considerado recessivo e o preto é considerado dominante. Quando você quer café forte, você pede café preto. Se você quer que ele fraco, você mistura com leite branco. Assim como esses Negros que a si enfraquecem com essa integração se misturando com os brancos. Se você quer pão sem valor nutricional, você pede pão branco. Todo valor nutricional que estava nele é perdido e vai te causar prisão de ventre. Se você quer farinha pura, você pede farinha escura, farinha de trigo integral. Se você quer açúcar puro, você pede açúcar mascavo.

Haley: Se todos os brancos são diabos por natureza como você alegou, e se preto e branco são essencialmente opostos como você acabou de afirmar, você vê todos os homens Negros, com exceção dos líderes não-muçulmanos como fundamentalmente angelical?

Malcolm X: Não, há muita coisa errada com os Negros. Eles não têm sociedade. São robôs, autômatos, sem mentes próprias. Odeio dizer isso sobre nós, mas é verdade. Eles são um corpo Negro com um cérebro branco. Como o monstro Frankenstein. A elite é o seu burguês Negro, ele é o seu integrador. Ele não está interessado em seus pobres irmãos Negros. Geralmente, ele está tão envolvido tentando copiar os hábitos sociais do homem branco que ele não tem tempo para se preocupar com mais nada. Compram roupas e carros caros e comem o alimento o mais barato. Eles agem mais como se fossem um homem branco do que o próprio homem branco. Estes são os que escondem sua simpatia pelos ensinamentos do Sr. Muhammad, conflitando-os com as fontes de onde eles recebem as migalhas do homem branco.

Esta é a classe dos instáveis. Eles têm um olho sobre o homem branco e o outro olho sobre os muçulmanos. Eles saltam para qualquer lado onde o vento estiver soprando. Depois há a classe média das massas negras, as que não estão no gueto, que percebem que a vida é uma luta, que estão conscientes de todas as injustiças que são feitas contra eles e o constante estado de insegurança em que vivem. Eles estão prontos para tomar qualquer posição contra tudo que vier contra eles. Agora, quando este grupo ouve os ensinamentos do Sr. Muhammad, eles são aqueles que se aproximam mais rápido, se identificam e tomam medidas imediatas para tentar trazer à existência o que o Sr. Muhammad defende.

No fundo da base social está o homem Negro no gueto da cidade grande. Ele vive noite e dia com ratos e baratas e se afoga no álcool e se anestesia com drogas para tentar esquecer onde e o que ele é. Aquele Negro desistiu de toda a esperança. Ele é o mais difícil de alcançar

porque ele é o que está mais mergulhado na lama. Mas quando você o alcança, você tem o melhor tipo de muçulmano. Porque ele passa por uma mudança drástica. Ele é o mais destemido. Ele vai ficar mais tempo. Ele não tem nada a perder, até mesmo sua vida porque ele não tinha. Eu olho para mim, senhor, como um excelente exemplo desta categoria, como um exemplo real de como você poderia encontrar a salvação do homem Negro.

Haley: Poderia nos dar uma breve revisão do início de sua vida e o que levou à "salvação"?

Malcolm X: Com prazer. Nasci em Omaha em 19 de maio de 1925. Minha pele clara é o resultado de minha mãe ter sido estuprada por um homem branco. Odeio cada gota de sangue branco em mim. Antes de eu ser acusado por ódio novamente, senhor, é errado odiar o sangue de um estuprador? Mas para continuar: meu pai era um seguidor militante do movimento "*Back to Africa*" de Marcus Garvey. Em Lansing, Michigan, membros da *Ku Klux Klan* advertiu-o que parasse de pregar a mensagem de Garvey, mas ele continuou e uma das minhas primeiras memórias é de ter sido acordado uma noite em gritos porque a nossa casa estava em chamas.

Mas meu pai passou a falar mais sobre Garvey, e da próxima vez, ele foi espancado na cabeça, encontrado deitado sobre os trilhos do bonde. Ele morreu em breve e nossa família ficou em uma situação pior. Passávamos tanta fome que ficávamos tontos e não tínhamos como nos sustentar. Finalmente, as autoridades chegaram, e nós, as crianças, foram jogadas em lugares diferentes sob tutela do governo. Aconteceu de eu ficar sob a tutela de um casal branco que dirigia uma escola correcional para rapazes brancos. Esta família gostava de mim do jeito que eles gostavam de seus animais domésticos. Eles me matricularam numa escola só de brancos. Eu era popular, eu praticava esportes e tudo mais, e estudei muito, e eu fui líder da minha classe na oitava série. Naquele verão eu tinha 14 anos, mas eu era grande o suficiente e parecia mais velho o suficiente para fugir, mentindo que tinha 21 anos, então eu consegui um emprego trabalhando no vagão em um restaurante de um trem que ia de Boston para Nova York. Nas minhas escalas em Nova York, eu ia para o Harlem. Foi onde eu vi nos bares todos esses homens e mulheres que pareciam ter a vida mais fácil do mundo. Muito dinheiro, carros grandes e tudo. Eu poderia dizer que eles viviam na imoralidade. Eu ficava em volta daqueles bares sempre que ia à cidade, e eu mantinha meus ouvidos e olhos abertos e minha boca fechada. E eles mantiveram os olhos em mim também. Finalmente, um dia, o homem responsável pelas apostas disse que precisavam de alguém para trabalhar, e eu nunca mais peguei o trem da noite de volta para Boston.

Foi quando comecei a minha vida no crime. Eu me envolvi em toda atividade que a polícia branca e os gangsteres permitiam que o criminoso Negro fizesse, senhor. Eu trabalhei com apostas, whisky, mercadoria, mulheres. Vendi os corpos de mulheres negras a homens brancos e de mulheres brancas a homens Negros. Eu me envolvi com droga, eu me envolvi com tudo o que era mal que você pode imaginar. A única coisa boa que eu poderia dizer de mim, senhor, era que eu não tolerava bater em ninguém na cabeça.

Haley: Quando você tinha 16 anos, de acordo com o registro, você tinha vários homens trabalhando para você nessas várias atividades. Certo?

Malcolm X: Sim, senhor. Eu ratifico as coisas que mencionei. E eu tinha um bom esquema de trabalho para subornar os policiais. Foi aqui que eu aprendi que o vício e o crime só podem existir, pelo menos no nível em que eu estava, na medida em que a polícia coopera com ele. Eu tinha vários homens trabalhando para mim e eu era um guia. Eu guiava as pessoas brancas com dinheiro para o centro para satisfazer qualquer tipo de pecado que eles quisessem no Harlem. Eu não ligava para o que eles queriam, eu sabia onde conseguir as coisas para ele. E digo-vos o que eu notei aqui, que os meus melhores clientes sempre foram os funcionários, os principais policiais, empresários, políticos e clérigos. Nunca me esqueci disso.

Conheci todos os planos destas pessoas brancas, forneci-lhes tudo o que eles queriam, e eu constatei que eles eram uma raça imunda de demônios. Mas apesar do fato de meu próprio pai ter sido assassinado por brancos, e ter visto meu povo e toda a minha vida brutalizada por brancos, eu ainda estava cego o bastante a ponto de me misturar e me socializar com eles. Eu pensava que eles eram deuses e deusas até que a poderosa mensagem espiritual do Sr. Muhammad abriu meus olhos e me permitiu vê-los como uma raça de demônios. Nada foi capaz de fazer-me ver o homem branco como ele é até que uma palavra do honorável Elijah Muhammad abriu meus olhos durante a noite.

Haley: Quando isso aconteceu?

Malcolm X: Na prisão. Finalmente fui capturado e passei 77 meses em três prisões diferentes. Mas foi a melhor coisa que me aconteceu porque foi na prisão que eu ouvi pela primeira vez os ensinamentos do honorável Elijah Muhammad. Seus ensinamentos foram o que me fez mudar. A primeira vez que ouvi a declaração do honroso Elijah Muhammad, "o homem branco é o diabo", isso me acordou. Eu sou um bom exemplo de por que o Islã está se espalhando tão

rapidamente através da terra. Eu não era nada além de mais um condenado, um criminoso semianalfabeto.

Os ensinamentos do Sr. Muhammad foram capazes de chegar à prisão, que é considerado o nível mais baixo onde as pessoas podem chegar. Seus ensinamentos me tiraram de trás das paredes da prisão e me colocaram nos pódios de algumas das principais faculdades e universidades do país. Muitas vezes penso, senhor, que em 1946, fui sentenciado de 8 a 10 anos em Cambridge, Massachusetts, como um ladrão comum que nunca tinha passado da oitava série. E a próxima vez que eu voltei para Cambridge, em março de 1961, como orador convidado no fórum de direito da faculdade de Harvard. Este é o melhor exemplo da habilidade do Sr. Muhammad de pegar um pária da sociedade e torná-lo alguém, pegar um ninguém e fazer dele alguém.

Haley: Sua ascensão à proeminência na organização muçulmana foi tão rápida que um membro de sua própria sociedade o saudou com seu modelo exemplar articulado e muitos anti-muçulmanos o consideraram como o cérebro real e o poder do movimento. Qual é a sua reação a esta eminência repentina?

Malcolm X: Senhor, é uma heresia colocar-me no grau de importância do Sr. Muhammad. Nenhum homem na terra hoje é igual a ele. Tudo o que eu sou de bom, foi através do ensinamento do Sr. Muhammad.

Haley: Seja como for, o tempo está próximo, quando seu líder, que tem 65 anos, terá de se aposentar da liderança do movimento muçulmano. Muitos observadores preveem que quando este dia chegar, o novo Mensageiro de *Allah* na América, uma posição que você tem chamado da mais poderosa para qualquer homem Negro no mundo, será de Malcolm X. Como você se sente sobre essa possibilidade?

Malcolm X: Senhor, eu só posso dizer que *Allah* escolheu o Sr. Muhammad como seu mensageiro e o Sr. Muhammad escolheu a mim e muitos outros para ajudá-lo. Só *Allah* pode definir. Mas vou te dizer uma coisa. Eu francamente não acredito que eu ou qualquer outro seja digno de substituir o Sr. Muhammad. Eu não acho que eu seria capaz de fazer o sacrifício que ele fez, ou dar o seu bom exemplo. Ele fez mais do que dar a sua vida. Mas seu trabalho já está feito com a semente que ele plantou entre os Negros. Se o Sr. Muhammad e cada seguidor que ele tem, certamente, incluindo a mim mesmo, forem amanhã removidos da cena por causa da brutalidade do homem branco, uma coisa é certa: os ensinamentos do Sr. Muhammad, a verdade

nua caíram sobre o solo fértil dos 20 milhões de homens Negros aqui neste deserto da América do Norte.

Haley: Tem o solo, na sua opinião, fertilidade para os ensinamentos do Sr. Muhammad em outros lugares do mundo, entre as nações emergentes da África negra, por exemplo?

Malcolm X: Eu acho que os seus ensinamentos não só tiveram um impacto considerável na África, mas teve um maior impacto sobre o mundo do que as Nações africanas em ascensão. Digo isto mais objetivamente possível, sendo muçulmano. Mesmo os missionários cristãos estão aceitando o fato de que na África, para cada conversão cristã, há duas conversões muçulmanas.

Haley: As conversões poderiam ser ainda mais numerosas se as relações não fossem um tanto tensas entre os vários escritores Negros da África e da América?

Malcolm X: Talvez. Você vê, o Negro americano vê o africano vir aqui e viver onde ele não pode. O afro-americano vê o africano vir aqui com seus trajes tradicionais e ir para lugares onde ele mesmo vestido como um homem branco, falando como um homem branco, às vezes tão rico quanto o homem branco não pode ir. Quando estou viajando pelo país, uso meu verdadeiro nome muçulmano, Malik Shabazz. Faço reservas em Hotel com esse nome, e sempre experimento a mesma coisa que acabei de te dizer. Estou à mesa e sempre vejo aquele olhar "aqui-vem-um-Negro". É uma espécie de cordialidade reservada, friamente tolerante. Mas quando eu digo "Malik Shabazz," toda a sua atitude muda: eles demonstram respeito. Porque eles pensam que eu sou um africano. As pessoas dizem, o que um nome carrega? Um nome representa muita coisa. O homem Negro americano está vendo o africano ser respeitado como um ser humano. O africano recebe respeito porque ele tem uma identidade e raízes culturais. Mas acima de tudo porque o africano possui alguma terra. Por estas razões ele tem seus direitos humanos reconhecidos e isso torna seus direitos civis reconhecidos também.

Haley: Você acha que os direitos civis e humanos dos Negros são verdadeiros na África do Sul, onde a doutrina do apartheid é imposta pelo governo do primeiro-ministro Verwoerd?

Malcolm X: Eles não defendem nada diferente na África do Sul do que a América defende. A única diferença é que eles pregam e pratica o apartheid. A América prega a liberdade e pratica

o apartheid. América prega integração e práticas de segregação. Verwoerd é um homem branco honesto. Assim são os Barnetts, Faubuses, Eastlands e Rockwells.

Eles querem manter todos brancos. E nós queremos manter todos os Negros. Entre os racistas e integrantes, eu prefiro mil vezes os racistas. Eu prefiro andar entre cascavéis cujo chocalho me avisa onde estão, a andar entre as serpentes do Norte que sorriem e fazem você esquecer que ainda está em um poço de cobra. Qualquer homem branco é contra os Negros. Toda a economia americana é baseada na supremacia branca. Até a filosofia religiosa é baseada na supremacia branca. Um Jesus branco. Uma virgem branca. Anjos brancos. Tudo branco. Mas um diabo Negro, claro. A fundação política do "tio Sam" é baseada na supremacia branca, relegando os não brancos à cidadania de segunda classe. Não é necessário mencionar que a filosofia social é estritamente da supremacia branca. E o sistema educacional perpetua a supremacia branca.

Haley: Estás a contradizer-te ao denunciar a supremacia branca enquanto elogias os seus praticantes, já que admites que partilhas o seu objetivo de separação?

Malcolm X: O fato de eu preferir a franqueza da segregação Sulista à hipocrisia da integração do Norte não altera a imoralidade básica da supremacia branca. Um diabo ainda é um diabo não importa se ele usa uma mortalha branca ou um terno da Brooks Brothers. O honorável Elijah Muhammad ensina separação simplesmente porque qualquer tentativa forçada de integrar a América completamente, resultaria em outra guerra civil, uma explosão catastrófica entre os brancos que iria destruir a América e ainda não resolveria o problema. Mas a solução do Sr. Muhammad de separar Negros e brancos resolveria o problema para o homem branco e Negro e a América seria preservada. Então o mundo inteiro daria crédito ao tio Sam por não ser um hipócrita.

Haley: Você acha que o sucesso da administração sobre a decisão de integração de James Meredith na Universidade do Mississippi demonstrou que o governo longe de ser hipócrita é simpático com as aspirações do Negro pela igualdade?

Malcolm X: O que foi realizado? Foi preciso 15.000 tropas para colocar Meredith na Universidade do Mississippi. Essas tropas e \$3.000,000 isso é o que foi gasto para colocá-lo na

universidade. Este valor poderia ter sido usado de forma mais útil pelo governo federal para elevar o padrão de vida de todos os Negros no Mississippi.

Haley: É uma questão de registro que o Presidente Kennedy, em face da oposição sulista, defendeu a nomeação do Dr. Robert Weaver como o primeiro Negro membro do gabinete. Você não considera isso, como muitos líderes Negros consideram que a administração está determinada a combater as forças da supremacia branca?

Malcolm X: Kennedy não tem de lutar, ele é o Presidente. Ele não teve nenhuma luta quando substituiu Ribicoff com Celebrezze. Ele não teve nenhum problema em colocar Goldberg na Suprema Corte. Ele não teve nenhum problema em conseguir alguém, a não ser Weaver e Thurgood Marshall. Não estava preocupado com a objeção do Congresso quando desafiou o aço americano. Ele não estava preocupado com a reação do Congresso ou a reação russa ou mesmo com a reação do mundo quando ele bloqueou Cuba. Mas quando se trata dos direitos do Negro, que o ajudou a colocá-lo no cargo, então ele tem medo de pequenos bolsões de resistência branca.

Haley: Tem algum presidente americano, na sua opinião - Lincoln, FDR, Truman, Eisenhower, Kennedy que realizou algo de valor para o Negro?

Malcolm X: Nenhum deles jamais fez nada pelos Negros. Todos eles enganaram o Negro com falsas promessas que nunca cumpriram em tempo de eleição. A preocupação de Lincoln não era com a liberdade dos Negros, mas em salvar a união.

Haley: Não foi a luta pela guerra civil que decidiu se esta nação poderia, nas palavras de Lincoln, "suportar permanentemente metade escravo e metade livre"?

Malcolm X: Senhor, muitas pessoas estão completamente mal informadas sobre Lincoln e o Negro. Essa guerra envolveu dois ladrões, o Norte e o Sul lutando pelos despojos. Quanto mais longe do incidente real, mais eles tentam fazer parecer como se a batalha fosse a favor do homem Negro. Lincoln disse que se pudesse salvar a União sem libertar os escravizados, ele o faria. Mas depois de dois anos de matança e carnificina, ele descobriu que teria de libertar os escravizados. Ele não estava interessado na liberdade deles, mas na União. Quanto à

Proclamação da Emancipação, senhor, foi um documento vazio. Se libertou os escravos, por que, um século depois, ainda estamos lutando por direitos civis?

Haley: Apesar do fato de que o objetivo da igualdade racial ainda não está realizado, muitos sociólogos e um número de comentaristas Negros concordam que nenhum grupo minoritário na terra tem feito tanto progresso social, civil e econômico como o Negro americano nos últimos 100 anos. Qual é a sua reação quanto a esta visão?

Malcolm X: Senhor, ouço isso em todo lugar, quase exatamente como você o relatou. Este é um dos maiores mitos em que o afro-americano acredita. Cada grupo étnico de imigrante que chegou a este país, hoje é um grupo de genuínos cidadãos de primeira classe, cada um deles, mas o homem Negro, que já estava aqui quando eles chegaram. Enquanto todo mundo está usufruindo do fruto, para o homem Negro, só agora está começando a ser jogado algumas sementes. É nossa esperança que através do honorável Elijah Muhammad, possamos finalmente obter o solo para plantar as sementes. Você fala sobre o progresso do Negro, eu vou te dizer, senhor, é apenas porque o Negro tem estado na América, enquanto ela progredia que pareceu que ele estava progredindo também. O Negro é como um homem em um comboio de luxo a 90 km/h. Ele olha para fora da janela, junto com todos os passageiros brancos em suas cadeiras, e ele acha que ele está a 90km/h também. Então ele vai ao banheiro e se olha no espelho e vê que ele não está chegando a lugar nenhum. Seu reflexo mostra um homem Negro ali, com o uniforme de garçom de vagão de restaurante. Ele pode subir às 5:10, mas com certeza não vai descer em Westport.

Haley: Existe alguma coisa, então, em sua opinião que poderia ser feito pelos brancos ou pelos Negros para agilizar o progresso social e econômico do Negro na América?

Malcolm X: Primeiro, o homem branco deve finalmente perceber que ele é o único que cometeu os crimes que produziram a condição miserável em que o nosso povo está. Ele não pode esconder essa culpa revelada por nós hoje porque respondemos a seus atos criminosos - do passado e do presente - com ressentimento extremo e intransigente. Ele não pode esconder sua culpa acusando-nos, suas vítimas, de serem racistas, extremistas e pregadores da supremacia negra. O homem branco deve perceber que os pecados dos pais estão prestes a ser visitados sobre as cabeças dos filhos que continuaram com esses pecados, apenas de maneira mais sofisticada.

O Sr. Elijah Muhammad está advertindo esta geração de brancos que também estão enfrentando o momento da colheita em que terão que pagar pelo crime cometido quando seus avôs nos fizeram escravos. Mas há algo que o homem branco pode fazer para evitar esse destino. Ele deve expiar, e isso só pode ser feito, permitindo que os homens Negros, aqueles que escolherem deixar esta terra de servidão ocupe sua própria terra. Mas se ele não quer um êxodo do nosso povo para longe desta casa de servidão. Ele deve nos dar alguns Estados aqui em solo americano, onde aqueles de nós, que desejam ir, possam criar nosso próprio governo, nosso próprio sistema econômico, nossa própria civilização. Uma vez que demos mais de 300 anos do nosso trabalho escravo, ajudando a construir a América para o homem branco, é justo que ela deva nos dar tudo o que precisamos em finanças e materiais para os próximos 25 anos, até que nossa nação seja capaz de se manter. Então, se o Hemisfério Ocidental for atacado por inimigos externos, teríamos tanto a capacidade quanto a motivação para participar na defesa do Hemisfério onde teríamos uma bandeira soberana.

O honorável Elijah Muhammad diz que o homem Negro tem estado sob o domínio de todos os outros povos da terra em um momento ou outro no passado. Ele ensina que agora é a intenção de *Allah* colocar o homem Negro de volta ao topo da civilização onde ele estava no início antes de Adão. O mundo a partir de Adão, se tornou branco e corrupto. O mundo de amanhã será Negro e justo. No mundo branco não houve nada além de escravidão, sofrimento, morte e colonialismo. No mundo Negro de amanhã, haverá verdadeira liberdade, justiça e igualdade para todos. E esse dia está chegando mais cedo do que você pensa.

3.9 A Revolução Negra (junho de 1963)

Dr. Powell, ilustres convidados, irmãos e irmãs, amigos, e até mesmo nossos inimigos. Como um seguidor e Ministro do honorável Elijah Muhammad, que é o Mensageiro de *Allah* para o americano chamado Negro, estou muito feliz pelo convite do Dr. Powell para estar aqui nesta noite, na Igreja Batista da Abissínia para expressar ou pelo menos para tentar expressar as opiniões honrosas de Elijah Muhammad sobre este oportuno tópico, a Revolução Negra.

Primeiro, no entanto, há algumas perguntas que temos de lhe fazer. Uma vez que as massas negras aqui na América estão em revolta aberta contra o sistema americano de segregação, essas mesmas massas negras vão aderir a integração ou eles vão aderir a separação completa? Será que essas massas negras despertas vão exigir a integração na sociedade branca

que as escravizou ou eles vão exigir a separação completa dessa sociedade branca cruel que as escravizou? Será que as massas negras exploradas e oprimidas buscam integração com seus exploradores e opressores brancos ou será que essas massas negras despertaram verdadeiramente se rebelaram e querem se separar completamente desta raça perversa que nos escravizou?

Estas são apenas algumas perguntas rápidas que eu acho que vai suscitar algumas indagações em suas mentes e na minha. Como podem os chamados Negros que se autodenominam líderes iluminados esperar que a pobre ovelha negra se integre em uma sociedade de lobos brancos sanguinários, lobos brancos que já sugaram nosso sangue por mais de 400 anos aqui na América? Ou será que estas ovelhas negras também se revoltarão contra o "falso pastor", o tio Tom Negro escolhido a dedo. Procurando a separação completa para que possamos escapar do covil dos lobos, em vez de estar integrado com lobos nesta alcateia? E já que estamos em uma igreja e a maioria de nós aqui professa crer em Deus, há outra pergunta: quando o "bom pastor" vier ele vai integrar sua ovelha, há muito tempo perdida, com lobos brancos? De acordo com a Bíblia quando Deus vier ele não vai deixar suas ovelhas se integrarem com as cabras. E se suas ovelhas não podem ser seguramente integradas com cabras porque elas certamente não estarão seguras integrados com lobos.

O honorável Elijah Muhammad ensina-nos que nenhum povo na terra se encaixa a imagem simbólica da ovelha perdida da Bíblia mais do que os 20 milhões dos chamados Negros e nunca na história houve um lobo mais vicioso e sedento de sangue do que o homem americano branco. Ele nos ensina que por 400 anos, a América tem sido nada, além de um covil de lobos para os 20 milhões dos chamados Negros, 20 milhões de cidadãos de segunda classe, e esta revolução negra está se desenvolvendo contra o lobo branco hoje porque o honorável Elijah Muhammad, um pastor enviado por *Allah*, abriu os olhos do nosso povo. E as massas negras agora podem ver que estamos todos aqui nesta casinha de cachorro branca há muito tempo. As massas negras não querem segregação nem queremos integração. O que queremos é separação completa. Em suma, não queremos ser integrados com o homem branco, queremos ser separados do homem branco. E agora o nosso líder religioso e professor, o honorável Elijah Muhammad ensina-nos que esta é a única solução inteligente e duradoura para o problema racial atual.

A fim de entender completamente por que os seguidores muçulmanos do honorável Elijah Muhammad realmente rejeitam as promessas hipócritas de integração, primeiro deve ser

compreendido que somos um grupo religioso, e um grupo religioso que não deve de forma alguma ser equiparado ou comparado com os grupos de direitos civis não religiosos.

Nós somos muçulmanos porque nós acreditamos em *Allah*. Somos muçulmanos porque praticamos a religião do Islã. O honorável Elijah Muhammad nos ensina que há apenas um Deus, o Criador e Sustentador de todo o universo, o Todo-sábio, Todo-poderoso Ser Supremo. O grande Deus cujo nome próprio é *Allah*. O honorável Elijah Muhammad também nos ensina que o Islã é uma palavra árabe que significa "submissão completa à vontade de *Allah* ou obediência ao Deus da verdade, ao Deus da paz, ao Deus da justiça, ao Deus cujo nome próprio é *Allah*." E ele nos ensina que a palavra muçulmana é usada para descrever aquele que se submete a *Allah*, aquele que obedece a *Allah*. Em outras palavras, um muçulmano é aquele que se esforça para viver uma vida de justiça. Você pode perguntar o que a religião do Islã tem a ver com a atitude de mudança do chamado Negro para si mesmo, para o homem branco, para a segregação, para a integração, e para a separação, e que papel a religião do Islã vai desempenhar na atual Revolução Negra que está varrendo o continente americano hoje? O honorável Elijah Muhammad nos ensina que o Islã é a religião da verdade nua, verdade despida, verdade que não está vestida, e ele diz que a verdade é a única coisa que realmente vai libertar o nosso povo.

A verdade abrirá os nossos olhos e permitir-nos-á ver o lobo branco como realmente ele é. A verdade nos manterá sobre nossos próprios pés. A verdade nos fará caminhar por nós mesmos em vez de nos apoiarmos em outros que julgam que nosso povo não é bom. A verdade não só nos mostra quem é o nosso verdadeiro inimigo, a verdade também nos dá força e conhecimento para nos separar do inimigo. Só um cego aceitará de braços abertos o abraço de seu inimigo, apenas um cego, um povo cego para a verdade sobre seus próprios inimigos procurará abraçar ou integrar-se com esse inimigo. Por que, o próprio Jesus profetizou: "Você conhecerá a verdade e a verdade vos libertará".

Amados irmãos e irmãs, Jesus nunca disse que Abraham Lincoln nos libertaria. Ele nunca disse que o Congresso nos libertaria. Ele nunca disse que o Senado ou Supremo Tribunal ou John Kennedy nos libertaria. Jesus 2.000 anos atrás, olhou para a roda do tempo e viu a sua e minha situação aqui hoje, e ele sabia que o Tribunal Superior, Supremo Tribunal, as decisões de desegregação só iria embalá-lo em um sono mais profundo, e as promessas complicadas dos políticos hipócritas, numa legislação dos direitos civis só seria projetada para levar você e eu da escravidão antiga à escravidão moderna. Mas Jesus profetizou que quando Elias viesse no

espírito e poder da verdade, ele disse que Elias iria lhes ensinar a verdade. Elias iria guiá-lo com a verdade e Elias iria protegê-lo com a verdade e os tornaria livre de fato. Irmãos e irmãs, que Elias, aquele que Jesus disse que estaria por vir, já chegou e está na América hoje na pessoa do honorável Elijah Muhammad.

Este Elias, aquele que eles disseram que estava por vir e já veio, ensina àqueles que são muçulmanos que os nossos mestres de escravos sempre souberam a verdade e eles sempre souberam que a verdade nos libertaria. Por isso, este mesmo homem branco americano manteve a verdade escondida do nosso povo. Ele nos manteve na escuridão da ignorância. Ele nos tornou espiritualmente cegos, privando-nos da luz da verdade. Durante os 400 anos que passamos confinados na escuridão da ignorância aqui nesta terra de servidão, nossos escravizadores americanos nos deram uma overdose de sua própria religião cristã controlada por brancos, mas mantiveram todas as outras religiões ocultas de nós, especialmente a religião do Islã. E por essa razão, Deus todo-poderoso *Allah*, o Deus de nossos antepassados, levantou o honorável Elijah Muhammad do meio de nosso povo oprimido aqui na América. E este mesmo Deus o escolheu para espalhar a verdade nua para os 20 milhões dos chamados Negros, e só a verdade vai tornar você e eu livre.

O honorável Elijah Muhammad nos ensina que há apenas um Deus cujo nome próprio é *Allah*, e uma religião, a religião do Islã, e que este Deus não descansará até que ele tenha usado sua religião para estabelecer no mundo uma irmandade universal. Mas a fim de criar o seu mundo justo, *Allah* deve primeiro derrubar este mundo branco ímpio. A Revolução Negra contra as injustiças do mundo branco faz parte do plano divino de *Allah*. Ele deve destruir o mundo da escravidão e do mal, a fim de estabelecer um mundo baseado na liberdade, justiça e igualdade. Os seguidores do honorável Elijah Muhammad religiosamente acreditam que estamos vivendo no final deste mundo perverso, o mundo do colonialismo, o mundo da escravidão, o fim do mundo ocidental, o mundo branco ou o mundo cristão, ou o fim do homem branco ímpio, do mundo ocidental do cristianismo.

O honorável Elijah Muhammad nos ensina que as histórias simbólicas em todas as escrituras religiosas retratam o quadro profético de hoje. Ele diz que a casa egípcia da escravidão era apenas uma imagem profética da América. A poderosa Babilônia era apenas uma imagem profética da América. As cidades perversas de Sodoma e Gomorra pintaram apenas uma imagem profética da América. Ninguém nesta igreja esta noite pode negar que a América

é o mais poderoso governo da terra hoje, o mais poderoso, o mais rico e o mais perverso. E ninguém nesta igreja esta noite ousa negar que a riqueza e o poder da América decorreram de 310 anos de trabalho escravo do chamado Negro americano.

O honorável Elijah Muhammad nos ensina que esses mesmos chamados Negros americanos são o povo de Deus há muito tempo perdido, que é simbolicamente descrito na Bíblia como as ovelhas perdidas ou a tribo perdida de Israel. Nós, que somos muçulmanos, acreditamos em *Allah*, acreditamos em suas escrituras, acreditamos em sua profecia. Em nenhum lugar nas Escrituras *Allah* menciona a integração de seu povo escravizado com os mestres de escravos. Ele sempre separa o seu povo oprimido do seu opressor e depois destrói o opressor. *Allah* nunca se desviou do seu padrão divino no passado e o honorável Elijah Muhammad diz que *Allah* não se desviará desse padrão divino hoje. Assim como Ele destruiu os escravizadores do passado, *Allah* vai destruir este perverso escravizador branco do nosso povo aqui na América.

Allah quer que nos separemos desta raça branca perversa aqui na América porque esta casa americana de escravidão é a número um na lista dele para a destruição divina hoje. Repito: esta casa americana de servidão é a número um na lista de *Allah* para a destruição divina hoje. Ele nos adverte a lembrar que Noé nunca ensinou a integração, Noé ensinou a separação; Moisés nunca ensinou integração, Moisés ensinou separação. Os inocentes devem sempre ter a chance de se separarem dos culpados antes que os culpados sejam executados. Ninguém é mais inocente do que o pobre americano cego chamado Negro, que foi desviado por líderes Negros cegos, e ninguém na terra é mais culpado do que o homem branco de olhos azuis que usou seu controle e sua influência sobre o líder Negro para liderar o resto do nosso povo.

Amados irmãos e irmãs aqui, nessa bela igreja, aqui na Igreja Batista da Abissínia, no Harlem, por causa das más ações americanas contra os chamados Negros, como o Egito e a Babilônia antes dele, a própria América está agora diante da justiça. A própria América está enfrentando seu dia de julgamento, e ela não pode escapar porque o próprio *Allah* é o juiz. Se a América não pode expiar os crimes que ela cometeu contra os 20 milhões dos chamados Negros, se ela não pode desfazer os males que ela brutalmente e impiedosamente tem amontoado sobre o nosso povo nestes últimos 400 anos, o honorável Elijah Muhammad diz que a América assinou a sua própria sentença. E você, nosso povo, seria tolo em aceitar as ofertas enganosas de integração nesta data tardia dessa sociedade condenada.

A América pode escapar? A América pode expiar seus pecados? E se assim for, como ela poderá expiar estes crimes? Na minha conclusão, devo salientar que o honorável Elijah Muhammad diz que um teatro dessegregado, um balcão de almoço dessegregado não vai resolver o nosso problema. Melhores empregos não vão resolver nossos problemas. Uma xícara de café integrada não é suficiente para pagar 400 anos de trabalho escravo. Ele também diz que um trabalho melhor, um trabalho melhor na fábrica do homem branco, ou um trabalho melhor no negócio do homem branco, ou um trabalho melhor na indústria do homem branco ou economia é, no máximo, apenas uma solução temporária. Ele diz que a única solução duradoura e permanente é a separação completa em alguma terra onde possamos chamar de nossa.

Portanto, o honorável Elijah Muhammad diz que este problema pode ser resolvido e resolvido para sempre apenas enviando o nosso povo de volta para a nossa própria pátria ou de volta para o nosso próprio povo, mas que este governo deve fornecer o transporte e tudo mais que precisamos para começar tudo de novo em nosso próprio país. Este governo deve dar-nos tudo o que precisamos na forma de máquinas, material e finanças, o suficiente para durar de vinte a vinte cinco anos até que possamos nos tornar um povo independente e uma nação independente em nossa própria terra.

Ele diz que se o governo americano tem medo de nos enviar de volta para o nosso próprio país e para o nosso próprio povo, então a América deve reservar algum território separado aqui no hemisfério ocidental, onde as duas raças possam viver separadas uma das outras, uma vez que, certamente, não nos damos bem enquanto estamos juntos.

O honorável Elijah Muhammad diz que o tamanho do território pode ser julgado de acordo com a nossa população. Se um sétimo da população deste país é Negro, então dê-nos um sétimo do território, uma sétima parte da região. E isso não é pedir muito porque já trabalhamos 400 anos para o homem branco.

Ele diz que não deve ser no deserto, mas onde há abundância de chuva e muita riqueza mineral. Queremos terras férteis e produtivas onde podemos cultivar e fornecer alimento, roupa e abrigo para nosso povo. Ele diz que este governo deve fornecer-nos esse território com maquinaria e outras ferramentas necessárias para cavar a terra. Dê-nos tudo o que precisamos para vinte a vinte e cinco anos até que possamos produzir e suprir nossas próprias necessidades.

E para concluir, eu repito: não queremos nenhuma integração com esta raça perversa de demônios. Mas ele também diz que não devemos deixar a América de mãos vazias. Após 400 anos de trabalho escravo, temos direito a algum pagamento de volta. Uma dívida que nos é devida e que deve ser paga. Se o governo da América realmente se arrepender de seus pecados contra o nosso povo e expiar, dando-nos a nossa verdadeira parte da terra e da riqueza, então a América pode salvar a si mesma. Mas se a América espera que *Allah* entre e a obrigue a fazer um acordo justo, *Allah* levará este continente inteiro para longe do homem branco. E a Bíblia diz que Ele pode dar o reino a quem ele quiser. Eu lhes agradeço.

3.10 O Negro velho e o Negro novo (setembro de 1963)

Malcolm X: No que diz respeito ao artigo do Saturday Night Post, o que você esperaria de uma revista de circulação nacional, que está escrevendo sobre um grupo de pessoas negras que vivem sem a influência ou controle do homem branco. Para mim, o artigo é uma grande propaganda. O fato de eles escolherem como título "Pregadores do Ódio" já nos dá uma pista do propósito e objetivo que as pessoas responsáveis pelo artigo tinham em mente.

Eu acho que o homem branco tem muita audácia em se referir a qualquer povo Negro como pregador de ódio em face do inferno que os Negros têm suportado neste país nas mãos deles, mesmo em um momento em que eles estão reconhecendo que nos brutalizaram por 400 anos. Eles nos sequestraram e nos trouxeram para cá, privaram-nos dos nossos direitos, nos escravizaram. Eles venderam o nosso povo de uma plantação para outra, de um bloco de leilão para outro. E mesmo hoje, em 1963, eles têm de confessar que ainda estão privando o povo Negro aqui na América, não só de direitos civis, mas também de direitos humanos.

E por trás de todos esses maus-tratos e abusos que os brancos têm infligido aos Negros neste país, mais uma vez eu digo, eu acho uma audácia do homem branco, acusar o Negros de estarem ensinando qualquer tipo de ódio contra eles, em uma revista publicada por pessoas brancas. Uma vez que, os afrodescendentes neste país têm sofrido nas mãos do homem branco por causa do que ele fez, suas próprias ações dispensam qualquer acusação de ódio. O honorável Elijah Muhammad não ensina o ódio, ele ensina os Negros a se amarem.

Moderador: Havia alguma coisa naquele artigo, Malcolm X, em relação aos muçulmanos que fosse verdade?

Malcolm X: Não poderia ter havido. Eu acho que quando ele diz que o honorável Elijah Muhammad nos ensina a abandonar os vícios e os males desta sociedade, a embriaguez, o vício de drogas, de como trabalhar e proporcionar uma vida para a nossa família, cuidar de nossos filhos e nossas esposas, quando apontou esses aspectos, estava falando a verdade, mas esta é uma coisa que os Negros têm de se proteger contra. Muitas vezes, um propagandista astuto vai dizer apenas a verdade de forma parcial para fazer você acreditar que ele está sendo objetivo e levá-lo a ouvir e, em seguida, ele começa a injetar o lado negativo, e é aí que nos tornamos ressentidos.

Moderador: Eles fizeram alguma menção ao artigo, sobretudo, da força crescente dos Muçulmanos Negros.

Malcolm X: Não porque eles queriam, mas porque eles tinham que fazer. Eu acho que o homem branco é obrigado a aceitar o fato de que os Negros neste país estão cansados de ficar sentado esperando que ele nos reconheça como seres humanos. O tipo de liderança do chamado Negro, que representa um tipo cordial, paciente e disposto a esperar por mais cem anos. Esse tipo de liderança está perdendo seu controle sobre a mente das massas negras. Então, quando um homem como o honorável Elijah Muhammad avança no meio dos chamados Negros e o chama exatamente como ele é, e mostra que não temos de nos comprometer com o homem branco, porque estamos certos, o direito está do nosso lado e quando o direito está do seu lado, e quando, o que o homem está fazendo contra você está errado, você não tem de sentar e lhe dar mais cem anos para colocar a casa em ordem. É este tipo de abordagem que o honorável Elijah Muhammad está usando que faz com que as massas de afrodescendentes vejam que ele é um líder para eles. E que está lhes ajudando em seu crescimento.

Moderador: Foi mencionado no artigo as projeções de negócio, do progresso feito pelos muçulmanos, e baseado nisso, foram feitas acusações de que a maioria dos negócios dos muçulmanos são comércios muito pequenos na comunidade. Isso é verdade?

Malcolm X: Bem, senhor, quando o homem branco estava começando seus negócios neste país todos eles começaram com negócios na vizinhança. Woolworth começou com uma loja e ao longo dos anos ele desenvolveu uma rede de uma tremenda empresa econômica. Sears, Roebuck todas as suas grandes empresas ou as indústrias, que o homem branco possui hoje,

começaram como pequenas empresas. Qualquer negócio que você possa apontar começou pequeno, e foi aqui que o Negro cometeu o seu erro. Ele quer começar agora exatamente como o homem branco. Ele não percebe que você tem de começar pequeno e desenvolver o que você finalmente vai se tornar. E o honorável Elijah Muhammad tem mostrado sua capacidade empresarial, mostrando como começar pequeno e desenvolver nossos negócios, fazendo-os crescer e, em seguida, desenvolver a nossa capacidade de administrar. E não há nada de errado nisso.

Moderador: O artigo também ressalta o fato de que a maioria das empresas não são de propriedade da nação do Islã ou do grupo muçulmano, mas a maioria dos negócios é de propriedade de muçulmanos individuais, isso é verdade.

Malcolm X: O honorável Elijah Muhammad incentiva todos os chamados Negros que respeita a religião do Islã a andar por seus próprios pés e fazer algo por si mesmo. Assim, o dinheiro que usávamos para jogar fora quando éramos cristãos em Night Club, bebendo, fumando e participando desses outros atos imorais, o dinheiro que economizamos quando nos tornamos muçulmanos, nós investimos nessas pequenas empresas e tentamos desenvolvê-las para que possam fornecer alguma oportunidade de trabalho para o resto do nosso povo. E eu posso citar um bom exemplo em Nova York onde temos um irmão em particular que, quando ele era cristão, era um bêbado. Ele era mecânico e trabalhava para o homem branco. E quando veio para a Mesquita de Muhammad em Nova York, ele imediatamente parou de beber e começou a economizar seu dinheiro e alugou um espaço dois por quatro, uma garagem em uma loja na rua 115th, e dentro de três ou quatro anos, ele tinha economizado dinheiro suficiente para comprar uma casa em Long Island Plus e expandiu seu pequeno negócio para uma garagem de cinco andares, onde ele agora emprega 50 ou mais pessoas. O que significa que ele agora está em posição de criar emprego para os Negros. E ele só fez isso quando se tornou muçulmano. Ele é apenas um exemplo do que o honorável Elijah Muhammad ensinou aos Negros a fazer em todo o país. Em vez de implorar ao homem branco pelo que ele tem, ele diz que devemos começar a fazer algo por nós mesmos.

Enquanto muitos desses Negros querem continuar implorando ao homem branco, sentado, esperando pelas migalhas que caem de sua mesa, eles não gostam do que o Sr. Muhammad está forçando-os a fazer: andar com seus próprios pés. Então eles correm para o homem branco e sussurram em seu ouvido e fazem o homem branco crédulo pensar que o honorável Elijah Muhammad está ensinando ódio e tentando desenvolver algum tipo de exército

para derrubá-lo. E enquanto o homem branco dê ouvido a esse tipo de Negro, ele vai acabar caindo.

Moderador: Malcolm, você esteve no auditório Irvine na Universidade da Pensilvânia hoje como convidado da juventude da NAACP e o relatório que recebi foi que havia acerca de 3000 pessoas, com um número de pessoas de pé do lado de fora que não ganharam entrada. Isso é verdade?

Malcolm X: Isso é correto.

Moderador: Eu quero saber qual foi o assunto e o que você falou.

Malcolm X: Bem, antes de lhe dizer o assunto, eu quero comentar sobre essa multidão. Você vai descobrir que este é um padrão que encontramos em todo o país. Onde quer que um muçulmano faça uma aparição e dê uma palestra, não importa que tipo de multidão compareça, mesmo uma multidão expressiva, muito raramente você vai ler sobre isso na imprensa. Muito raramente você vai ler na imprensa que as pessoas naquela cidade, comunidade, faculdade ou universidade estão mostrando interesse genuíno em ouvir o que o muçulmano tem a dizer. Mas quando um integrante como o King ou alguém vem para a cidade, se ele fala para cinco pessoas, vai ser divulgado na imprensa para parecer que ele é o homem que representa as massas negras, e que todas as massas negras endossam a ideia de que o Negro tem de aceitar o sofrimento, ser cordial, não contestar, doutrina que geralmente é exibida nessas ocasiões. Então, basicamente, uma das razões pelas quais você nunca ouve muito sobre ocasiões como esta é por causa desse fato. Agora, o meu assunto hoje foi sobre dois Negros distintos: o velho Negro e o novo Negro.

Moderador: Pode nos dizer algo sobre isso?

Malcolm X: Eu direi. Essa é a coisa que os brancos precisam saber, que há o velho Negro e o novo Negro. O velho Negro é aquele com o qual o homem branco está familiarizado. O novo Negro é resultado dos ensinamentos do honorável Elijah Muhammad com os quais os brancos neste país não estão muito familiarizados. De volta à escravidão, eles também tinham dois tipos, e para entender os tipos de hoje você tem de entender os dois tipos que existiam durante a escravidão. Durante a escravidão, os historiadores concordam que havia o que era conhecido como o Negro da casa e o Negro do campo. O Negro da casa era o que vivia na casa do mestre,

comia a comida do mestre, da mesa do mestre normalmente, depois que o mestre tinha terminado. Ele se vestia como o mestre, o que significa que ele usava o mesmo tipo de roupa que o mestre usava, mas geralmente era roupas dadas a ele pelo mestre. Ele se identificava com a casa do mestre como se fosse sua. Se o mestre dissesse, "temos uma bela casa aqui", o Negro da casa diria, "sim, nossa casa é uma bela casa." Sempre que o mestre dizia, "nós", ele dizia, "nós". Se o mestre dissesse, "temos boa comida em nossa mesa", o Negro da casa iria gritar e dizer: "sim chefe, temos comida muito boa em nossa mesa." O Negro da casa também se identificava tão intimamente com seu mestre que, quando o mestre estava doente o Negro da casa dizia: "Qual é o problema chefe, estamos doentes?" Quando o mestre ficava doente, ele ficava doente. Se a casa do mestre pegasse fogo o Negro da casa lutaria mais que o mestre para apagar as chamas. Se alguém viesse ao...

Moderador: Ele diria, "estamos doentes", porque o mestre estava doente?

Malcolm X: Oh sim, ele diria, "Estamos doentes" ou "Estamos em apuros." Se o Mestre estivesse em apuros, ele diria: "chefe, temos certeza que estamos em apuros."

Moderador: Bem, eu posso entender que ele poderia estar em apuros se o mestre estivesse em apuros, mas eu não posso entender como ele poderia estar doente se era o mestre que estava doente!

Malcolm X: Oh, sim. Esse tipo de Negro amava tanto o mestre — ele não sentia sua própria dor. Ele só sentia dor quando seu mestre estava sofrendo. E isso é muito importante porque você não pode entender o atual Negro da casa do século XX ou o tio Tom do século XX até que você tenha uma compreensão real do tio Tom que viveu na plantação antes da Proclamação da Emancipação. E esse tipo de Negro nunca se identificou com os outros escravizados. Ele sempre pensou que estava acima dos Negros do campo. Os Negros do campo representam as massas. Os Negros da casa eram minoria enquanto os Negros do campo eram maioria.

Agora, senhor, se alguém viesse a esse Negro da casa e dissesse, "Vamos nos separar, vamos fugir", o Negro da casa olharia para essa pessoa como se ele fosse louco e diria, "fugir para onde? Como eu iria viver, onde eu iria dormir se eu deixar a casa de meu mestre? Como eu comeria se meu mestre não me alimentasse? Como eu me vestiria se meu mestre não estiver aqui para me dar algumas roupas? Bem, este é o Negro da casa. Agora você tem o outro tipo de

Negro o do campo. O Negro do campo foi quem realmente sofreu o inferno. Ele era o único insatisfeito. Ele foi o único oprimido e mais explorado. Ele foi o que sentiu o peso do chicote do mestre, o peso da chicotada do mestre e ele odiava o mestre. Se o mestre adoecesse, não dizia: "estamos doentes?" Ele rezava para que seu mestre morresse. Se a casa de seu mestre pegasse fogo, ele orava para que um vento forte se espalhasse e queimasse a plantação. Ele nunca se identificava com o mestre de forma alguma. E se alguém viesse a esse Negro, aquele Negro do campo, aquele elemento da massa, e dissesse, "vamos, vamos nos separar, vamos deixar o mestre e viver por nossa conta própria", ele nem perguntaria onde. Ele iria embora. Ele nem te perguntaria como. Ele iria embora. Ele não lhe faria nenhuma pergunta. Assim que você dissesse, "Vamos lá, vamos", ele iria embora.

Agora, assim como você tinha o Negro da casa e o do campo cem anos atrás, na América hoje você tem o Negro da casa e do campo. Você tem a contraparte moderna do tempo da escravidão do tio Tom, só que hoje é um tio Tom do século XX. Ele não usa um lenço na cabeça, senhor. Ele usa um chapéu de topo. Ele fala com sotaque de Harvard ou com sotaque de Howard. Ele é um advogado, um juiz, um médico ou um embaixador da ONU. Ele representa o governo em todas as conferências internacionais. Ele corre para o Congo e tenta resolver as diferenças lá, mas ele não pode ir para o Mississippi resolver as diferenças com as quais seu próprio povo é confrontado com estes sulistas do Mississippi.

Este é o Negro da casa do século XX. Ele quer viver com o mestre. Ele quer mudar para o bairro de seu mestre. Ele quer frequentar as escolas de seu mestre. Ele quer trabalhar na indústria de seu mestre. Ele se identifica tanto com seu mestre que quando seu mestre diz, "nossa sociedade", ele diz, "Sim chefe, nossa sociedade." Quando seu mestre diz, "nosso exército, nossas forças armadas," ou "nossos astronautas estão flutuando ao redor da terra", ele diz, "Sim." Agora aqui está um Negro falando sobre seus astronautas flutuando no espaço em algum lugar ou falando sobre sua indústria aqui chamada General Motors ou falando sobre seu prefeito na prefeitura ou seu presidente na Casa Branca. Toda vez que o homem branco diz, "nós" esse tipo de Negro diz, "Sim, nós." Agora, quando ele ouve o homem branco dizer o quão rico nós somos, aquele Negro anda por aí falando sobre como somos ricos, como somos esclarecidos, como somos educados, ou este é um mundo livre ou este é um país livre e ao mesmo tempo ele está implorando para o homem branco por civis direitos e integração e todo esse tipo de coisa que ele não tem. Ele é um tio Tom do século XX. Ele é o Negro da casa. Ele não é diferente daquele Negro da casa da época da escravidão, apesar de viver no século XX,

ele se identifica com o homem branco. Ele nunca está doente até que o homem branco esteja doente. Se você atacar o homem branco, aquele Negro abrirá sua boca para defender o homem branco melhor do que ele próprio faria.

Agora, você tem as massas de pessoas negras neste país que são o desdobramento do Negro do campo durante a escravidão. São as massas. Eles são aqueles que estão desempregados. Eles são os últimos contratados e os primeiros demitidos. Eles são os únicos que são obrigados a viver no gueto e na favela. Eles são os únicos que não estão autorizados a integrar. Eles não são os Negros escolhidos a dedo que se beneficiam da integração simbólica. Eles não são a burguesia que vive das migalhas que caem da mesa do homem branco. Eles não são aqueles que podem entrar na Casa Branca ou nesses grandes hotéis quando as portas se abrem. Estes ainda são obrigados a viver no gueto ou forçado a viver na favela ou forçado a obter uma educação de terceira categoria ou forçado a trabalhar na pior forma de trabalho. Eles não se beneficiam de modo algum desta coisa chamada de democracia. E esse tipo de Negro, quando você vem a ele, o Negro do campo, este elemento da massa chamado Negro e diz-lhe, "Vamos separar", ele não pergunta nada sobre "onde devemos ir?" Ele não questiona o método do Sr. Muhammad de trazer a separação. Ele apenas diz, "Ok, vamos nos separar. Estamos sofrendo o inferno neste sistema em que estamos vivendo. Vamos nos separar. " Ele tem a mesma reação que o Negro do campo da época da escravidão tinha quando era chamado para se separar do mestre de escravizado: "Vamos lá, vamos lá."

Isso foi enfatizado na Universidade da Pensilvânia hoje para levar as pessoas brancas entender que eles estão lidando com dois tipos distintos de Negro. Este Negro integracionista é aquele que não quer ser Negro, ele tem vergonha de ser Negro e ele sabe que não pode ser branco. Então ele se chama de Negro americano, o que pressupõe que ele não é nem Negro nem branco. Ele não quer ser Negro e não pode ser branco, então ele é chamado de Negro americano. Visto que ele vive nesta sociedade americana, ele sempre estará buscando um papel para si mesmo, no cenário americano. E uma vez que ele sabe que a América é um país branco e toda economia, política, vida cívica da América é controlada pelo homem branco, todo o sistema é controlado pelo homem branco, então sempre que ele se vê no palco americano, ele se vê como uma minoria na companhia de uma maioria branca. Então, ele é o azarão, e como um azarão ele se considera uma minoria. Ele adota o papel de mendigo. E em tudo que esse tipo de Negro procura para si mesmo, tem uma atitude de mendicância, uma atitude condescendente. Então também, senhor, ele nunca olha para ele mesmo numa perspectiva mundial. Geralmente, seu

conhecimento está limitado ao local, a América, e pensa em si mesmo como americano, no contexto americano, que o mantêm sempre no papel de uma minoria. Mas agora, quando se trata da cena internacional, ele não consegue ver. Ele não está interessado em um papel na cena internacional. Ele só quer um papel minoritário na América.

Mas há outro tipo de Negro local. Ele não se refere a se mesmo como Negro. Ele se refere a se mesmo como sujeito da diáspora. Ele não pede desculpas por causa de sua cor. Ele não pede desculpas por estar na América porque ele sabe que foi trazido aqui à força pelo homem branco. É culpa do homem branco sua permanência aqui. Foi o homem branco que criou o que eles chamam de problema racial aqui na América. Este tipo de homem Negro vê isso. Então, ele não se desculpa por estar aqui. Ele não se desculpa pelo problema que sua presença gera para o homem branco. Ele não anda por aí se gabando de que ele é um americano ou que deseja ser parte da sociedade americana. Este tipo particular de homem Negro foi exposto aos ensinamentos do honorável Elijah Muhammad, e tendo sido exposto aos ensinamentos do honorável Elijah Muhammad seu pensamento é internacional. Ele olha para o mundo. Ele não olha para a América. Ele olha para o mundo inteiro. E quando ele olha para o mundo ele vê que a maioria das pessoas nesta terra são pessoas de cor e essas pessoas de cor superam os brancos. Então, ele não pensa em si mesmo como uma minoria, ele pensa em si mesmo como parte desta grande maioria de cor que supera os brancos, e, portanto, ele não tem que implorar ao homem branco por qualquer coisa. Ele assume seu papel no palco internacional e que não é um papel de mendigo, mas é o papel no qual ele foi automaticamente nascido para atuar.

Enquanto eu estava na Universidade da Pensilvânia esta tarde, ou melhor, esta noite, eu tentei fazê-los ver a importância de reconhecer o fato de que há dois tipos distintos de Negros na América atual, e enquanto eles tentam negociar, podemos dizer, apenas com este tipo de Negro integracionista, o problema nunca será resolvido. Devemos levar em consideração o fato de que o procurador geral, Robert Kennedy, recentemente, ressaltou que o problema doméstico número um da América, é o problema racial, e que a incapacidade de resolver este problema está destruindo a imagem da América entre os povos da África, Ásia e América Latina. Além disso, a incapacidade de resolver este problema tem graves repercussões sobre a economia americana, bem como sobre a política externa da América. Em um discurso recente, proferido pelo governador da Carolina do Norte, foi dado mais ênfase à importância de resolver este sério problema racial. Carolina do Norte é um estado onde o chamado Negro foi brutalizado desde o

momento em que ele foi levado para lá, e até mesmo o governador desse Estado percebe a importância de resolver este problema racial.

Tanto assim que o governador esteve na televisão recentemente, salientando para o povo da América a importância de fazer algo para resolver este problema. E na semana passada, uma conferência inter-religiosa de protestantes, católicos, e grupos judaicos, que foi realizada em Chicago para discutir o problema racial, nesta conferência também foi enfatizado. Ressaltou o problema do racismo ainda não resolvido. De fato, quando alguém lê os resultados dessa conferência religiosa terá que concordar que sua eficácia se limitou apenas em destacar sua incapacidade de eliminar o racismo branco de suas próprias igrejas e sinagogas. Então, eu salientei lá na Universidade da Pensilvânia que nenhum grupo, conselho ou conferência jamais resolveria o problema racial até que eles primeiro reconhecessem e incluísse o honorável Elijah Muhammad como um participante ativo em todas as suas discussões e em todos seus planos.

Por que? Porque o honorável Elijah Muhammad é o único homem Negro na América que pode representar as massas negras oprimidas e insatisfeitas que estão impacientes e cansadas de sentar ao redor e esperar a boa vontade do homem branco para resolver este problema. Além disso, o fato de que estes outros chamados líderes Negros, que normalmente estão do lado do homem branco, são os Negros que o próprio homem branco colocou como líderes, e eles não representam nenhuma das massas negras. Não falam pelos Negros insatisfeitos ou pelos Negros impacientes. Geralmente, eles sabem exatamente o que o homem branco quer ouvir, e eles dizem exatamente da maneira que o homem branco espera que eles digam. E dando ouvidos a esses Negros, o problema nunca será resolvido, só vai piorar. Além disso, a agitação racial nunca ocorre entre os Negros satisfeitos da classe burguesa. Eles podem ser facilmente apaziguados e controlados e influenciados apenas por continuar recebendo as migalhas que caem da mesa, as migalhas do simbolismo.

E esse tipo de Negro que representa a chamada liderança negra, é um tipo que pode ser apaziguado e pode ser controlado com as migalhas da integração simbólica. Mas as explosões raciais nunca ocorrem entre esse tipo. Explosões raciais sempre entram em erupção entre as massas negras oprimidas, insatisfeitas, e o honorável Elijah Muhammad é o único homem Negro hoje que está falando em nome das massas negras.

Eu li um artigo do Detroit News acerca de um capelão, Rev. Malcolm Boyd, um capelão Episcopal branco na Universidade Wayne State, em que ele comenta a conferência em Chicago, a conferência inter-religiosa em Chicago foi um fracasso. No Detroit News, ele disse: "embora 650 líderes das igrejas americanas estivessem reunidos aqui, nada foi resolvido e nunca será, a menos que as ideias básicas de reunião como esta sejam alteradas."

A conferência foi centrada no fracasso da religião para ajudar a integração racial. Agora Rev. Boyd ressaltou, e mais uma vez eu cito: "minha principal crítica foi sobre os oradores escolhidos para abordar a questão. Eles são líderes no campo da religião, altamente articulado e persuasivo, mas eles não estão dizendo nada de novo ou qualquer coisa que ajude a resolver o verdadeiro problema para nós.

Rev. Boyd acredita que a conferência realizada poderia ter sido melhor se os oradores tivessem incluído um supremacista branco e um líder Negro, de preferência um homem do topo do movimento Muçulmano Negro americano. E ele passou a dizer, e cito: "um debate entre eles (um racista branco e um muçulmano Negro) seria, sem dúvida, amargo, mas iria realizar uma coisa: ele iria falar abertamente sobre problemas reais". Nesta conferência não fizemos isso. O dinheiro gasto para trazer essas pessoas aqui foi desperdiçado. Nós não fizemos nada para resolver o problema racial, quer em nossas igrejas ou em nossas comunidades. Agora as declarações do Rev. Boyd, que participou desta conferência inter-religiosa em Chicago, não foram divulgadas na imprensa. A imprensa tem usado a sua influência ou a sua capacidade de alcançar o público para fazê-lo pensar que um esforço honesto foi colocado lá a fim de ouvir as queixas e reclamações dos Negros insatisfeitos ou para resolver o problema. Mas aqueles que participaram admitem, e a atual revista Jet ressaltava que a conferência foi um fracasso.

Assim, tudo isso foi comentado na Universidade da Pensilvânia, e foi ressaltado para eles que a única maneira do homem branco resolver seu problema é perceber a existência de dois tipos distintos de Negros. O tipo velho e o tipo novo: esse tipo velho, que é o tio Tom, quer continuar a implorar aos brancos que o aceitem na sociedade deles, e há, então, este novo tipo de homem Negro que quer pensar por si mesmo, falar por si mesmo, caminhar com seus próprios pés. Este tipo está seguindo o honorável Elijah Muhammad. Se ele não é um seguidor definitivo do Elijah Muhammad ele se simpatiza com os ensinamentos do honorável Elijah Muhammad, e ele acredita que a única maneira do nosso problema ser resolvido é que, em vez de ficar sentado à espera que o homem branco possa resolvê-lo, os Negros têm de se unir.

Temos de esquecer as nossas diferenças. Temos de esquecer as nossas diferenças religiosas, as nossas diferenças econômicas, as nossas diferenças sociais. Temos de esquecer nossas diferenças e nos unirmos para elaborar algum tipo de plano, chegar a algum tipo de conclusão com a qual possamos resolver o problema cada vez mais grave das pessoas negras em toda a nação. Também foi salientado para os alunos da Universidade da Pensilvânia esta tarde, que a única maneira deles entenderem o pensamento deste novo tipo de homem Negro é perceber o que ele vê quando ele abre os olhos e olha ao redor deste mundo. E este novo tipo de homem Negro percebe que, no passado, a humanidade negra era governada pela branca. Isso é um fato. Até hoje, na história recente, o Negro, o marrom, o vermelho e o amarelo era governado pelo homem branco, que representa o colonialismo europeu. É como eles chamam, mas na essência colonialismo europeu significa supremacia branca, que o homem branco estava governando o Negro, o marrom, o vermelho e as pessoas amarelas desta terra. Agora estas mesmas pessoas de cor, que foram governadas pela minoria europeia, eram realmente a maioria. Isso significa que, no passado, a minoria europeia branca foi capaz de se unir e governar a maioria por meio da estratégia de dividir para conquistar. "

Quando o Negro, o marrom, o vermelho e o amarelo, os povos da África e da Ásia perceberam o que estava acontecendo, eles organizaram uma conferência na Indonésia, que veio a ser conhecida como a conferência de Bandung. E o que eles fizeram naquela conferência de Bandung realmente mudou o curso da história. Eles tinham muitas diferenças: eles tinham diferenças religiosas, diferenças econômicas, todos os tipos de diferenças. Mas na conferência de Bandung o preto, o marrom, o vermelho e o homem amarelo concordaram em superar suas diferenças e se unir contra o inimigo comum, a única coisa que todos eles tinham em comum: era que eles estavam sendo explorados pelo homem branco, todos eles estavam sendo oprimidos pelo homem branco. Eles o chamavam de Europeu, mas na verdade ele era o homem branco.

Assim, uma vez que chegaram a uma conclusão de que eles tinham um opressor em comum, um explorador em comum, eles foram capazes de identificar um inimigo comum, e isso permitiu-lhes unir-se contra esse inimigo comum, e disto resultou o que hoje conhecemos como bloco africano-asiático-árabe. Eles têm diferenças entre si, mas eles trabalham juntos. A sua unidade de trabalho permitiu-lhes libertar as Nações da África. A rápida independência das Nações na África tem ocorrido desde a conferência de Bandung. Como essas nações em África começaram a ter sua independência e passaram a fazer parte das Nações Unidas eles passaram a ter poder de voto, a ter voz e logo foram capazes de superar a quantidade de voto do homem

branco, obter mais voto que o Europeu, mais voto que os poderes coloniais. E ao ser capaz de votar contra os poderes coloniais, o seu voto foi suficiente para produzir um poder que forçou o povo da Europa a libertar o homem africano, o homem do Congo, o homem africano que hoje conhecemos como o antigo Oeste Africano. Tudo isso foi devido a unidade do homem Negro, marrom, vermelho e amarelo nas Nações Unidas. Isso representou a inauguração de uma nova era, um novo mundo. E criou uma situação onde as pessoas que ocupavam cadeiras nas Nações Unidas não eram mais brancas ou europeias ou cristãs ou como Trygve Lie ou Dag Hammarskjold ou alguns dos outros. Logo após o homem Negro, o homem marrom, o homem vermelho e o homem amarelo concordarem em deixar de lado suas diferenças e se unirem em unidade, a força dessa união foi suficiente para tornar quase impossível hoje um homem branco ser eleito como líder das Nações Unidas ou um cristão ser eleito para liderança das Nações Unidas ou um Europeu ser eleito para a liderança das Nações Unidas.

Todos que você vê agora ocupando os cargos de mais alta autoridade na ONU ou é um Africano, um asiático, ou um árabe, ou um hindu, um budista, ou um muçulmano. E tudo isso é resultado da habilidade dessas pessoas Negras, marrons, vermelhas e amarelas de superarem suas pequenas diferenças e se unirem contra o inimigo comum, contra o opressor

E este é um bom exemplo para os Negros na América copiar se quisermos trazer liberdade, justiça, igualdade e dignidade humana para os afro-americanos deste país. Também foi salientado hoje na Universidade da Pensilvânia que o honorável programa de Elijah Muhammad é projetado para fazer o marrom, o vermelho, as pessoas amarelas e o chamado Negro aqui na América esquecer suas diferenças. Todas as diferenças que nós temos devemos deixá-las atrás da porta, ou todo o argumento que queremos empregar entre nós deve ser deixado atrás da porta. Em vez disso, precisamos apresentar uma frente comum contra um inimigo comum, e este inimigo comum do homem Negro, marrom, vermelho e amarelo é qualquer um que esteja no caminho da nossa liberdade.

Quem estiver no caminho da nossa justiça ou igualdade. Qualquer um que prive o homem Negro na América dos direitos civis é um inimigo do homem Negro. Qualquer um que prive o homem Negro de cidadania na América é um inimigo do homem Negro. E quando as pessoas negras neste país aprenderem a reconhecer o inimigo, o inimigo comum, então os Negros podem reunir-se em unidade e harmonia e fazer o que for necessário para resolver os nossos próprios problemas. Não vamos ficar aqui sentados à espera do homem branco emitir

algum tipo de proclamação de emancipação. Não vamos esperar o Senado ou o Congresso. Não vamos esperar por nenhuma Suprema Corte. Nossa unidade será suficiente para trazer a dignidade humana, para trazer liberdade, justiça e igualdade, e para trazer tudo o que o homem Negro precisa para capacitá-lo a caminhar por seus próprios pés como um homem.

Também foi ressaltado para eles que não pensassem duramente contra mim por dizer que seu mundo estava chegando ao fim, que seu mundo estava diminuindo, que seu poder estava acabando, que eles estavam perdendo em todo o mundo. Eu lembrei-lhes de um discurso que foi proferido pelo primeiro-ministro MacMillan, em 26 de abril de 1962, no Waldorf-Astoria, em Nova York, cidade que abriga os principais editores da América. Nesta oportunidade, o primeiro-ministro MacMillan salientou uma mudança em sua própria vida, um novo mundo estava prestes a surgir. Ele disse que quando era menino o mundo era branco. O poder da Grã-Bretanha estendia-se tanto neste planeta que eles costumavam a gabar-se de que o sol nunca iria se pôr sobre o Império Britânico. Na própria vida de MacMillan, o poder do inglês, do homem branco da Inglaterra diminuiu tanto, que hoje, quando o sol nasce, você dificilmente encontra o Império Britânico. E tudo isso simboliza a redução do poder que o homem branco sofreu apenas nos últimos anos. Assim como a Grã-Bretanha diminuiu seu prestígio e influência em face das Nações emergentes africanas desta terra, todas as suas nações brancas sofreram a mesma coisa.

A França reduziu seu poder. Ela perdeu suas posses na Ásia e, depois que ela perdeu suas posses na Ásia, eu acho que se chama Indochina, isso afetou tanto sua economia que ela não teve recurso econômico para manter um exército grande o suficiente para dominar o grande oeste dos territórios africanos. Ela teve de deixá-los, e finalmente ela teve de deixar a Argélia, isso está acontecendo em meu tempo, nesta geração atual. Isso não apenas aconteceu com a Inglaterra e França, mas com a Holanda que teve de desistir da Indonésia. E assim que a Holanda devolveu as terras do homem marrom da Indonésia, a economia da Holanda diminuiu, de modo que você nem ouve falar dos holandeses. Mal se ouve falar da Bélgica. A Bélgica costumava ser uma potência nesta terra. Mas, logo que a Bélgica teve de deixar o Congo, dentro de meses, a perda dos recursos minerais roubados, e a baixo custo que o homem branco da Bélgica estava extraindo do Congo afetou tanto a economia belga que houve um colapso no governo belga.

E tudo isto é um padrão que o mundo do homem branco, que todo o seu reino teve de enfrentar nos últimos tempos, durante a sua e a minha geração. Então, eu falei sobre essas coisas

para os alunos brancos na Universidade da Pensilvânia para que eles pudessem ver que seu mundo está encolhendo, que seu mundo está chegando ao fim. E a coisa que está trazendo um fim para o seu mundo é o despertar do mundo de cor. Quando o mundo de cor despertar, o mundo de cor vai crescer. E quando o mundo de cor subir e aumentar, o poder do mundo branco vai diminuir. Assim, quando o honorável Elijah Muhammad menciona aos chamados Negros aqui na América que estamos vivendo o fim do mundo, tudo o que isso significa é que estamos vivendo o fim do mundo branco.

Quando ele diz que estamos vivendo no fim dos tempos, significa que estamos vivendo no final do tempo do homem branco. O tempo que o homem branco poderia exercitar o poder unilateral e ditatorial sobre o destino dos povos Negros, marrons, vermelhos, amarelos nesta terra chegou ao fim. E quando o honorável Elijah Muhammad diz isso, eles o acusam de supremacista Negro, eles o chamam de racista, enquanto ao mesmo tempo, nos corredores do primeiro-ministro das Nações Unidas, MacMillan e todos os diplomatas internacionais estão admitindo no púlpito da ONU que eles podem ver a caligrafia na parede.

E assim como Daniel foi levado para a Babilônia para ler a caligrafia na parede a fim de que o mestre de escravizados ou os descendentes de Nabucodonosor, o honorável Elijah Muhammad, um ex-escravizado aqui na América, foi trazido para esta casa de escravidão hoje a fim de ler a caligrafia na parede e deixar o homem branco saber que seu tempo está acabando, que seus dias estão numerados, que ele foi pesado na balança e todas as sementes de injustiça que ele semeou no passado estão voltando para atormentá-lo hoje.

Todas as injustiças cometidas por gerações passadas de brancos, a atual geração de ingleses está sofrendo ao ver-se perder seu império. Mas estão perdendo seu império por causa das sementes semeadas por seus próprios antepassados na Inglaterra e a geração atual dos ingleses tem que encarar isso como um fato. As sementes de seus antepassados voltaram para casa para atormentar esta geração de ingleses que vivem nesta terra hoje.

Da mesma forma, aqui na América, o que o homem branco americano tem de perceber? Que um crime foi cometido contra o chamado Negro. E eu acho que a coisa mais importante que foi salientada para os alunos da Universidade da Pensilvânia hoje, foi que um crime foi cometido contra o chamado Negro americano quando nosso povo foi trazido para cá. E hoje o homem branco não percebendo, não sendo capaz de enfrentar o fato de que um crime foi

cometido, acha que está fazendo um favor ao chamado Negro quando abre a porta para a liberdade. E eu salientei para os alunos: quando alguém enfia nove polegadas de uma faca em minhas costas e, em seguida, tira seis polegadas não me fizeram nenhum favor. E se eles tirarem completamente a faca que eles enfiaram nas minhas costas, eles ainda não me fizeram nenhum favor. Eles não deveriam ter me apunhalado pelas costas em primeiro lugar. Da mesma forma, foi salientado para eles que quando você pega um homem e o incrimina, um homem inocente e o incrimina e o coloca na prisão — e porque ele se rebela contra este aprisionamento ilegal e injusto, ele é colocado em confinamento solitário dentro da prisão para impedi-lo de se rebelar contra as leis da instituição penal, depois que seu espírito estiver quebrado pelo confinamento solitário, o diretor não estará fazendo qualquer favor a esse homem, libertando-o do confinamento solitário e, em seguida, dando-lhe mais liberdade dentro dos limites do espaço da prisão. Em primeiro lugar, ele não deveria ser preso. E se eles o libertarem completamente das paredes da prisão e deixarem aquele homem sair, eles ainda não estariam fazendo nenhum favor a esse homem porque eles o aprisionaram ilegalmente e injustamente.

Agora, o honorável Elijah Muhammad diz que o homem branco capturou milhões de pessoas negras e as trouxe para a prisão, uma prisão chamada América. Chamaram-lhe escravidão, mas era uma prisão. E durante a escravidão ou prisão do homem Negro neste país eles infligiram a forma mais cruel de brutalidade contra nós para quebrar o nosso espírito, para quebrar a nossa vontade de resistir, para destruir a nossa masculinidade, para tirar o osso das nossas costas, para destruir a nossa espinha dorsal. E depois de destruir a nossa vontade, tornando-nos dóceis e humildes, de modo que hoje nós vamos dar a outra face para aqueles que estão nos violentando, depois que eles fizeram tudo isso conosco durante 310 anos, então eles vieram com a Proclamação de Emancipação para supostamente nos trazer para fora do confinamento solitário e nos dando mais liberdade aqui dentro dos muros prisionais da América.

E hoje o homem branco realmente vem com pretextos, achando que ele está fazendo um favor ao povo Negro porque ele nos concedeu um pouco de liberdade ou justiça ou igualdade, ou porque ele deixa um ou dois ou três Negros frequentarem a escola com pessoas brancas. O homem branco tem a audácia de insinuar que ele está fazendo um favor às pessoas negras. O que o homem branco deve entender é que seus antepassados cometeram um crime trazendo nosso povo aqui para este país. Eles cometeram um crime quando assassinaram nosso povo por toda a América. Eles cometeram um crime quando nos venderam de uma plantação para outra como bens móveis ou como mercadoria ou como propriedade comum. Este foi um crime e

todos os crimes que foram cometidos durante os 310 anos contra os Negros neste país são os crimes que retornaram para casa, para o poleiro sobre esta geração atual de brancos. E o único homem Negro na América, o único líder Negro na América, o único porta-voz Negro na América que vai sentar e falar com o homem branco como um homem, de um homem Negro para um homem branco, e esclarecer do jeito que é, é o honorável Elijah Muhammad.

Se o homem branco quer resolver o problema dele, se o homem branco quer resolver o problema racial, se ele quer eliminar a tensão racial, então, ele deve fazer a mesma coisa que Faraó fez quando era o governante da casa de servidão nos dias de Egito. Ele não foi capaz de resolver o problema dele até que ele se sentou e falou com Moisés. Nabucodonosor não foi capaz de resolver os problemas dele até que ele se sentou e falou com Daniel. E hoje, aqui na América, este homem branco nunca vai resolver os problemas dele até que ele se sente e fale com o honorável Elijah Muhammad, e ele vai dizer-lhe a mesma coisa que Moisés disse a Faraó: deixe meu povo ir. Não deixe meu povo se integrar com você, mas deixe meu povo se separar de você. Vamos para nós mesmos e resolver nossos próprios problemas e construir algum tipo de sociedade, algum sistema, algum tipo de sistema agrícola, para que possamos alimentar, vestir e abrigar o nosso próprio povo, um sistema econômico para que possamos fornecer as necessidades de subsistência para o nosso próprio povo, e ter nosso próprio governo, nossa própria bandeira, nosso próprio tudo. O homem branco pode permanecer na sociedade dele e nós podemos ficar na nossa. Talvez então possamos obter algum tipo de solução para o problema.

Mas eles nunca vão resolver o problema ouvindo esses tios Tom, esses Negros da classe alta burguesa, escolhidos a dedo cujo único desejo é sentar-se à mesa da casa do homem branco ou viver no bairro do homem branco ou estudar na escola do homem branco. Alguns deles ainda insistem em morrer e ser sepultado no cemitério do homem branco. Isso é tolice, e as massas de pessoas negras neste país não acham que isso seja uma solução para o nosso problema.

Então, todas essas coisas foram faladas para os alunos da Universidade da Pensilvânia esta tarde, não com qualquer animosidade ou hostilidade, mas na linguagem franca. E eu acho que eles ouviram de modo muito objetivo e inteligente. Às vezes, havia pequenos distúrbios temporários por parte de alguns — eu acho que eles eram segregacionistas brancos, eu não sei se eles eram segregacionistas ou integracionistas — que estavam sentados em uma parte da varanda. Eles estavam tentando provocar um pouco de divisão, mas é impossível um homem branco importunar um muçulmano. Não há nada que ele possa usar contra um muçulmano ou

qualquer forma de intimidação a um muçulmano. Não estamos interessados na sua divisão. Tudo o que nos interessa é abordar o problema. E se ele é homem o suficiente para ouvir, então talvez ele terá uma melhor compreensão do mesmo.

Então, nesta palestra, esta tarde, na Universidade da Pensilvânia, bem como a palestra na Universidade Estadual de Michigan, na quarta-feira, nosso objetivo principal era mostrar ao homem branco que lidar apenas com o integracionista Negro nunca resolverá o problema, se você ler o noticiário desta semana, o que está na banca de jornais agora, os observadores que participaram desta conferência inter-religiosa em Chicago todos concordaram que era impossível para o tipo de liderança Negra representado lá se sentar e manter qualquer tipo de discussão com os brancos e realmente chegar à raiz, ao âmago da questão racial. A única maneira de alcançar a raiz do problema é convidar alguém que represente as massas.

Você leu sobre o honorável Elijah Muhammad. Uma das coisas que sempre foi ressaltada, até mesmo por seus críticos é que o intelectual Negro não segue o Sr. Muhammad. Dizem que o Negro educado não segue o Sr. Muhammad, dizem que o Negro que possui alta renda não segue o honorável Elijah Muhammad. O que eles sempre enfatizam é que os únicos Negros que seguem Muhammad são aqueles que não têm muita educação, aqueles que são oprimidos, que estão desempregados e estão insatisfeitos. Bem, então, o que eles estão fazendo é admitir que são as massas que seguem o honorável Elijah Muhammad porque são as massas de afro-americanos neste país que estão desempregadas. O trabalho que eles têm é mesmo que não ter nenhum trabalho porque seus salários são tão pequenos que é o mesmo que não ter qualquer trabalho.

* * *

Pergunta: O Sr. Malcolm X se refere a nós como os chamados Negros. Fui criado e ensinado que eu sou um Negro e agora eu tenho que preencher um formulário em que eles perguntam qual a minha nacionalidade. Eu gostaria que o Sr. Malcolm X me dissesse o que devo colocar quando eles me perguntarem.

Malcolm X: Nós colocamos asiáticos. Asiáticos neste sentido: o honorável Elijah Muhammad ensina-nos que originalmente este planeta inteiro hoje conhecido como terra foi chamado Ásia. Quando você lê alguns dos chamados grandes historiadores, até mesmo eles salientam que toda

a terra já foi conhecida como a Ásia e todas as pessoas naquela época eram asiáticas. As únicas pessoas que viviam aqui eram negras, marrons, vermelhas e amarelas. Naquela época não havia pessoas brancas aqui. Nos referimos a nós mesmos como o homem preto asiático. No meu cartão de convocação diz asiático. E qualquer coisa que alguém colocar a minha frente para saber qual é a minha raça ou a minha nacionalidade, qualquer muçulmano vai colocar asiático e ponto final.

Mas nunca coloque Negro. A pior coisa com a qual você pode se referir a você mesmo é Negro. Se você acha que não, se denomine Negro e imediatamente você vai encontrar todas as portas fechadas para você. Mas, ao mesmo tempo, o homem mais Negro da África quando chega aqui, ele rejeita o termo Negro. Não pode chamá-lo de Negro. Ele vai dizer-lhe que é um Africano e todas as portas estarão abertas. No ano passado, Kennedy fez um pronunciamento especial em Maryland e Virgínia para que todos os brancos de lá não fizessem nada contra os africanos, não praticar discriminação contra o africano. Agora, ao mesmo tempo, ele não fez qualquer declaração sobre o Negro americano, mas fez uma declaração sobre os africanos. O que mostra que há uma diferença entre ser Negro e ser preto. O africano orgulhosamente se reconhece como preto. Mas quando você se refere a você mesmo como um Negro você se depara com todas essas indignidades raciais.

Pergunta: Os muçulmanos parecem ter uma grande quantidade de respostas para muitos dos problemas que parecem afetar os bairros Negros. Agora, por que eles não têm homens suficiente que possam vir aqui, ajudar a trabalhar, e resolver alguns dos problemas, não só na Filadélfia, mas em todo o país. Os muçulmanos parecem estar fazendo um trabalho muito bom de recrutar homens, tirando-os do vício e do crime, oferecendo-lhes um estilo de vida melhor. Se os Negros em nossa sociedade pudessem conhecer este grupo, pudessem trabalhar com eles, mesmo que eles não seguissem um programa religioso, eu acho, como ele disse, devemos colocar de lado nossas diferenças e procurar um caminho para uma melhor compreensão.

Malcolm X: Essa é uma boa pergunta. Um incidente que aconteceu recentemente aqui na Filadélfia, responde muito bem a isso. O presidente local da NAACP, o procurador Moore, saiu e começou a tomar uma posição militante, intransigente em nome do povo Negro, e imediatamente ele foi acusado de ser muçulmano, pelo que eu li no jornal. Em vez de dar-lhe crédito por mostrar liderança, por mostrar a dinâmica necessária para abordar o problema e resolvê-lo, todos os outros elementos, pelo que eu entendi, se uniram contra ele e o atacaram.

Agora, como muçulmanos isso é um fato admitido até pelos críticos do Sr. Muhammad, que ele é capaz de eliminar o vício, a imoralidade, o vício das drogas. Todas as coisas de que acusam o Negro de ser culpado, o Sr. Muhammad é capaz de eliminar. E você pensa que todas essas organizações tentam trabalhar com ele. Em vez de tentar trabalhar com ele, como o senhor Muhammad gostaria, mas eles não podem trabalhar porque geralmente, eles não têm tanta independência. A maioria destes líderes Negros foram colocados em suas posições pelo homem branco, e os únicos outros Negros com quem eles podem trabalhar são pessoas negras que são aprovados também pelo homem branco. E uma vez que os muçulmanos, o Sr. Muhammad e seus seguidores, não estão na lista de aprovação do homem branco, este tipo de liderança negra tem medo de se identificar abertamente ou simpatizar com o que o Sr. Muhammad está fazendo, embora eles saibam que o que ele está fazendo é bom para a solução dos problemas com quais o nosso povo está passando.

Pergunta: Senhor, o que eu queria saber é, sendo que ele trouxe a questão que os muçulmanos têm homens que vão sair para trabalhar com organizações como a NAACP, independentemente das religiões, credo, eles não vão aceitar que esses membros da seita muçulmana façam isso, ele deveria sugerir que aqueles que são qualificados deveriam se infiltrar e talvez tentar influenciá-los na religião de Muhammad?

Malcolm X: Você tocou em um ponto importante. Eu acho que você vai concordar irmão, que há muçulmanos em todos os lugares. Onde quer que você encontre militância hoje entre os chamados Negros, observe bem de perto. Você está sujeito a olhar para um muçulmano. Isto é a razão pela qual o homem branco está começando a ter medo. Toda vez que ele vê um Negro que fala sem compromisso, ele jura que este homem deve ser um muçulmano. É por isso que eu usei Cecil Moore como um exemplo. Enquanto você tem um homem local aqui na Filadélfia que pode ser manobrado e manipulado e intimidado pelo liberal branco, todos esses outros líderes Negros vão assumir a mesma atitude e acompanhá-lo.

Mas assim que você começa ver um homem Negro se levantar. Eu não me importo se ele está na NAACP ou CORE ou em qualquer outra organização, se ele começa a assumir uma posição intransigente queira o homem branco goste ou não, você vai descobrir que o líder tio Tom vai se levantar contra ele e classificá-lo ou acusá-lo ou insinuar que ele deve ser um muçulmano. E você nunca vai fazer progressos, desde que você tenha esses tipos de Negros ao

redor. A única vez que os líderes Negros demonstram qualquer disposição em se unir é quando eles querem atacar outro Negro. Mas os mesmos Negros que se unem contra o outro, você não consegue uni-los para outro propósito que não seja contra outro Negro.

Pergunta: Eu sinto que os Negros americanos têm dinheiro suficiente para se reunir e construir, mas eles simplesmente não vão fazer. Como você diz, eles lutam entre eles. Então eu posso entender o que você está falando. Mas eu também gostaria de saber o que ele pensa sobre o verdadeiro homem branco.

Moderador: Eu não sei o que ele quer dizer com o verdadeiro homem branco. Há um homem branco irreal?

Malcolm X: O verdadeiro é provavelmente o que ele vê depois de seus olhos se abrirem. Eu poderia comentar sobre algo o que ele disse que é muito importante, sobre o Negro ter dinheiro suficiente para realmente resolver seus problemas. Uma vez que o chamado Negro tem acesso à vinte bilhões de dólares por ano e não é capaz de fornecer oportunidade de emprego a seus iguais, isso é um sinal de doença. E o honorável Elijah Muhammad diz que se estes chamados Negros investissem sua riqueza em empresas de negócios e criassem empregos ou criassem negócios que fornecessem empregos para o nosso povo o problema seria resolvido.

Mas como regra geral, na maioria das comunidades negras em todo o país, a única coisa que você vai encontrar é os Negros construindo igrejas. Um exemplo: em Long Island, um homem branco comprou um quarteirão da cidade. Ele construiu um enorme supermercado. Ele criou oportunidade de trabalho para cerca de 300 ou 400 pessoas. Agora, na próxima quadra, acredite ou não, os Negros se juntaram, compraram e construíram uma igreja de um milhão de dólares. Agora, esta igreja fornece trabalho somente para o pregador, fornece roupa e abrigo só para este pregador Negro.

Agora, se este pregador Negro tem a ingenuidade, que é preciso para levantar um milhão de dólares ou financiar um projeto de um milhão de dólares, mas a única coisa que ele pode financiar é uma igreja, isso é um problema. Se você notar, as pessoas brancas em seus bairros constroem fábricas, constroem escolas, constroem tudo, e depois também constroem igrejas. Mas a liderança negra, especialmente a religiosa, cometeu um crime encorajando nosso povo a construir igrejas. Mas, ao mesmo tempo, nunca construir escolas, nós nunca construímos

fábricas, nós nunca construímos negócios, Nós nunca construímos habitação e coisas que resolvam o nosso problema.

Pergunta: Você aprova os cubanos que vêm a este país quando já temos tanto desemprego?

Malcolm X: Eu não me envolvo com política. Mas isso faz com que o Negro deste país que estão desempregados e que estão na fila da assistência social fique bem desanimados ao ver um governo que não resolve nosso problema, não pode fornecer oportunidade de trabalho para nós, e ao mesmo tempo, não somente cubanos, mas húngaros e todos os tipos de refugiados brancos que você vê, eles veem para este país e têm tudo o que este governo tem para oferecer. Mas o Negro, este soldado fiel em tempo de guerra e servo fiel em tempo de paz é o último da escala quando se trata de ter seus problemas resolvidos. Não é de surpreender que os húngaros, polacos e cubanos possam vir a este país, eles que nunca lutaram por este país, eles que nunca contribuíram em nada para a economia deste país, que nunca contribuíram para a defesa desta democracia, podem vir aqui e obter todos os benefícios. Mas o homem Negro que contribuiu com seu sangue, sua vida e seu suor por 400 anos ainda é o último a ser contratado e o primeiro a ser demitido, e a única vez que ele é reconhecido como primeiro é quando chega a hora de recrutá-lo para o exército em defesa de seu país. Acho que é a primeira coisa. E a primeira lei da natureza é autopreservação. E estamos interessados no homem Negro neste país. E o homem branco, - se ele tem todo esse dinheiro para ser dado em todo o mundo, deveria fazer algo para corrigir a condição que seu próprio crime criou quando ele trouxe o nosso povo aqui e nos fez escravos.

Pergunta: Malcolm X, qual a sua opinião sobre toda essa conversa de controle de natalidade. Para quem é?

Malcolm X: O homem branco está preocupado hoje da mesma forma que o Faraó estava preocupado quando você lê o primeiro capítulo de êxodo na Bíblia. Os escravizados de Faraó começaram a se multiplicar tão rápido e Faraó e seu povo quase se tornaram estérteis. A Bíblia relata que, por causa da rápida multiplicação dos escravizados hebreus, Faraó teve que elaborar um esquema para destruir as mulheres férteis e os bebês que elas pariam. E todo esse controle de natalidade que você ouve o homem branco falando hoje, não é anticoncepcional. É a esterilização projetada para fazer esta produtiva e fértil mulher Negra parar de procriar. Como o ouvinte precedente indicou, nunca lhe dizem o número real de afrodescendentes neste país.

Quando você olha em volta aqui em Filadélfia e Nova York e Chicago e outras cidades, você dificilmente entrará em qualquer comunidade sem ver muitos rostos Negros. Os Negros estão se multiplicando, eles estão aumentando muito rapidamente. E assim como Faraó teve que fazer algo para parar o crescimento de seus escravizados, hoje o homem branco americano deve fazer algo para parar o rápido aumento dos chamados Negros. Já o Negro é o equilíbrio de poder em qualquer eleição política. O Negro detém o equilíbrio do poder. Em tudo o que se passa neste país, o crescente número de Negros detém o equilíbrio do poder. Então algo deve ser feito para parar esse crescimento ou então, este deve ser controlado. E não pode ser feito de maneira legal ou de maneira ética, assim, eles usam medidas disparadas ou métodos distensos para fazer isso.

Pergunta: Eu quero comentar sobre o artigo da revista. O *Saturday Evening Post* fez a mesma coisa quando Nkrumah, se você lembrar, assumiu a presidência de Gana. Ele tirou a imagem da rainha da Inglaterra do Parlamento. Ele tirou a imagem dela de sua moeda e a substituiu por seus próprios retratos para que pudessem estimular a honra negra e a dignidade negra do seu povo. Agora o *Saturday Evening Post* está fazendo a mesma coisa. É uma coisa que quero salientar. Agora eu quero perguntar a Malcolm X isto: é verdade que no seu discurso de Elijah Muhammad há duas semanas, você disse que a luta no Congo foi uma luta para recriar o colonialismo mundial a fim de controlar os recursos do Congo, porque 86 e 2/10 percentual do cobre é usado na América e os depósitos de ouro e também o material que eles produzem bombas atômicas. Se isso for cortado, a América vai sofrer. E por que eles estão gastando \$10.500,000 por mês para matar pessoas na África, quando poderiam gastar para ajudar as pessoas aqui na América?

Malcolm X: Senhor, você é um homem que pensa como eu. Estou feliz por você reconhecer como a imprensa branca imediatamente se virou contra Nkrumah quando eles descobriram que eles não poderiam controlá-lo e usá-lo como um agente do modo como eles usaram muitos outros lá. E é verdade que a província de Katanga é uma das fontes de minerais mais ricas que existe nesta terra. E se você fosse pesquisar a fim de descobrir quem tem dinheiro investido em Katanga, alguns deles, que assumem posições elevadas neste país no momento, que são aceitos por Negros como liberais em armadura brilhante. Quando você descobri quem entre os brancos ricos ou brancos poderosos têm dinheiro investido em Katanga, então você vai entender a motivação por trás da luta e porque há tanto apoio para manter este homem Tshombe no poder. Qualquer coisa que você lê no nosso jornal, Muhammad Speak, você pode apostar que é

verdade. Se não fosse verdade, eles nos impediriam de imprimi-lo. E é o único jornal Negro neste país que lhe dará a verdade nua e crua sobre o que está ocorrendo em qualquer lugar em que as pessoas negras estão envolvidas nesta terra. Eu respondi todas as suas perguntas?

Moderador: Eu acho que sim. Ele usou algumas figuras.

Malcolm X: Era verdade, e eu queria salientar, como pregador, este homem demonstra grande inteligência na habilidade de analisar a notícia e mostrar como a imprensa branca, logo que o homem Negro assume uma posição militante e intransigente, seja na América ou na África, ele vai começar a rotular esse homem, seja de ditador, de supremacista Negro ou pregador de ódio.

Pergunta: Eu gostaria de saber se é verdade que Malcolm X foi preso nas últimas quatro semanas e quanto de fiança ele teve de pagar para sair da cadeia.

Malcolm X: Eu nunca mais fui preso desde que me tornei muçulmano. O que você provavelmente deve estar falando é sobre dois de nossos irmãos que foram presos na Times Square, em Nova York, no dia de Natal, quando vendia nosso jornal. Neste trabalho em particular, havia um artigo sobre o congressista Nix, um congressista local aqui desta cidade, em que ele mesmo tomou uma posição aberta, contra a brutalidade policial. E pelos irmãos que vendem o jornal na área da Times Square. Um policial branco se ofendeu e tentou detê-los e os prendeu, acusando os dois irmãos de agredi-lo. Isto é o que a polícia sempre faz em casos de brutalidade policial. Eles brutalizam o homem Negro e depois se voltam e acusam o homem Negro de tê-los atacado. Então, todos nós fomos para o tribunal por causa disso. Mas eu não fui como um preso. Eu fui como um muçulmano que estava interessado em ver meu irmão ser tratado com justiça. Não senhor, nunca mais fui preso desde que me tornei um seguidor do honorável Elijah Muhammad. Mas isso não significa que eu tenha medo de ser preso, e isso não pressupõe que eu tenha medo da prisão.

Quando se trata de dizer a verdade sobre o que o homem branco está fazendo contra os Negros neste país, eu vou dizer isso e ir para a cadeia mesmo. Eles não precisam me levar, eu vou. Então eles nunca poderão impedir esse objetivo com uma espécie de ameaça. Essa é uma das coisas que o homem branco usa para fazer com que os Negros tenham medo de tomar uma posição. Você não tem que estar atrás das grades para estar na cadeia neste país. Se você nasce preto neste país você já está em uma cadeia, você já está confinado, você já está vigiado por um

diretor que posa como seu prefeito, como seu governador, como seu presidente. Contudo, ele não é nada além do diretor que nos mantém em confinamento. Nunca fale de cadeia para mim. Eu sou mais rápido do que qualquer um neste país para defender a verdade e ter orgulho de ir para a cadeia, ter orgulho de morrer pela verdade que o honorável Elijah Muhammad está nos ensinando. E qualquer outro muçulmano se sentirá orgulhoso por fazê-lo, e fará rápido.

Pergunta: O Sr. X, você afirma que o nosso poder de renda é de cerca de vinte bilhões dólares. Isso é verdade?

Malcolm X: Sim senhor, de acordo com os economistas do governo.

Pergunta: Bem, todos os discursos que você faz, ou qualquer outra pessoa faz, não vai fazer nenhuma diferença para o Negro americano até que ele aprenda a segurar esse dinheiro. Tão rápido quanto o recebe-o, ele corre, vira a esquina e o entrega de volta para o homem branco. O Negro americano tem que usar esse dinheiro para construir escolas e negócios.

Malcolm X: Senhor, concordo com tudo o que diz. Tudo que você diz é cem por cento verdadeiro, e se você observar os muçulmanos construíram escolas. Se você ler esse artigo do Saturday Night Post, eles não gostam. O homem branco não gosta, mas o honorável Elijah Muhammad montou uma escola em Detroit, uma escola em Chicago e escolas em outro lugar, e são nessas escolas que a dignidade racial do homem Negro é ensinado aos nossos filhos. Não temos nenhum desistente. Não temos nenhuma delinquência. Não temos nenhuma taxa de criminalidade. Não temos os problemas que o homem branco acusa os Negros de permitirem existir na comunidade negra. Uma vez que vinte bilhões de dólares estão em causa, não culpamos o homem branco por não sermos capazes de tirar proveito deste dinheiro. Nós culpamos a nós mesmos. E isto é o que o honorável Elijah Muhammad diz. Que em vez de ficarmos sentados aqui implorando ao homem branco por um trabalho em sua fábrica ou uma casa em seu bairro, o que precisamos fazer é nos unirmos. Juntar os nossos recursos, o nosso talento, e fazer algo por nós mesmos. Mas o que você tem que entender é que o homem branco está com medo.

O homem branco tem um complexo de culpa e hoje eles têm medo que os Negros saibam o que eles fizeram aos Negros deste país. Seu medo secreto é que se o homem Negro se torne independente, se ele conseguiu caminhar com seus próprios pés, o medo deles é que você e eu

se revolte contra ele. Assim, os brancos não querem que o Negro se envolva em qualquer tipo de programa que os torne independentes dos brancos. Eles querem que o Negro se envolva em um programa que os brancos ainda possam controlar ou que os brancos ainda possam influenciar ou que eles ainda possam oferecer sua orientação. Mas eles não querem que nos separemos deles e saíamos sozinhos como o honorável Elijah Muhammad está nos ensinando.

Pergunta: O que o Sr. X pensa sobre o Rev. Dr. Martin Luther King?

Malcolm X: Eu acho que qualquer homem entre os chamados Negros hoje, que estão sendo brutalizado, cuspidos e sendo tratado da pior forma, ensine a vítima a dar a outra face, a sofrer pacificamente ou amar seu inimigo é um traidor do Negro. Todo povo nesta terra tem o direito de se defender. Todos nesta terra que se defenderam foram respeitados. Agora, as únicas pessoas que são incentivadas a amar seu inimigo é o Negro americano. As únicas pessoas que são incentivadas a adotar esta velha estratégia de resistência pacífica ou filosófica de esperar-até-você-mudar-sua-mente-e-então-deixe-me é o Negro americano. E qualquer homem que propague esse tipo de doutrina entre os Negros é um traidor dessas pessoas. É tempo de os Negros deste país se unirem e se juntarem e fazerem o que for necessário para ganhar o reconhecimento e o respeito do mundo.

E você sabe o que Patrick Henry teve de fazer para obter algum respeito: ele disse liberdade ou morte. Ele não pregava qualquer tipo de sofrimento pacífico ou resistência passiva. George Washington não falava de sofrimento pacífico ou resistência passiva. Nenhum herói nacional que é respeitado pelos brancos tentou propagar algum tipo de sofrimento pacífico ou resistência pacífica. Os combatentes da liberdade húngaro lutaram contra os russos. As probabilidades estavam contra eles. Eles estavam em desvantagem numérica, as probabilidades eram contra eles, mas porque eles tomaram uma posição e estavam dispostos a morrer pelo que eles acreditavam, os mesmos combatentes da liberdade pode vir a este país e obter respeito e reconhecimento e trabalhar em empregos e viver em comunidades que esses Negros, que vocês chamam de "Cavaleiros da Liberdade", não foram capazes de obter ainda. Então, quando você vai mostrar que você está disposto a morrer por aquilo que você acredita, então você vai ter respeito e reconhecimento e é isso que o homem Negro tem que aprender. Se está tudo bem para os Negros a ser convocado e enviado para a Coreia ou Vietnã do Sul ou Laos ou Berlim ou qualquer outro lugar para lutar e morrer pelo homem branco, então não há nada de errado

com esse mesmo homem Negro fazer a mesma coisa quando ele está sendo brutalizado neste país nas mãos do homem branco.

Pergunta: Eu estive no Sul recentemente, na Carolina do Sul, na Geórgia, na Flórida, e o que quer que os sinais digam sobre a dessegregação, minha esposa e eu recusamos o banheiro, recusamos a bebida. O que eu quero saber é: ele fala da mesma maneira no Sul como ele falam aqui no Norte?

Malcolm X: Eu prego o que o honorável Elijah Muhammad me ensina, na Flórida, Alabama, Louisiana e em todo o Sul. Estou programado para visitar Charlotte, Carolina do Norte, na próxima quarta-feira. Estive em Birmingham. Temos uma grande mesquita, um grupo de muçulmanos, em Birmingham, em Tuscaloosa. Não, o Sul não é diferente do Norte. Deixe-me dizer-lhe a única diferença. O homem branco no Sul é um lobo. Você sabe onde ele está. Quando ele abre a boca você vê seus dentes ele é corrompido. Bem, a única diferença entre o homem branco do Sul e o homem branco do Norte é que um é um lobo e o outro é uma raposa. A raposa vai te linchar e você nem vai saber que foi linchado. A raposa vai enquadrá-lo na lei Jim Crow e você nem sequer vai saber que você foi enquadrado. E esta é a diferença básica entre o homem branco do Sul e o do Norte.

Moderador: Em outras palavras, o homem branco do Norte é mais astuto do que o homem branco do Sul.

Malcolm X: Ele é uma raposa. Quando ele abre a boca e mostra seus dentes você acha que ele está sorrindo e quando você olha para uma raposa você acha que ela está sorrindo, mas na verdade o objetivo da raposa e do lobo é o mesmo. Querem te explorar, querem se aproveitar de ti. Ambos são caninos, ambos são cães não há nenhuma diferença. Os seus métodos podem ser diferentes, mas o objetivo é o mesmo, e o homem branco do Sul e o homem branco do Norte estão na mesma categoria.

Moderador: Para responder à pergunta do cavalheiro, a resposta é que ele fala do mesmo modo no Sul como fala no Norte.

Malcolm X: Oh, sim, não é diferente. Os muçulmanos falam do mesmo modo em todos os lugares, Norte, Sul, Leste ou Oeste.

Pergunta: Eu quero perguntar a Malcolm X, quando ele diz que é culpa do homem branco de muitos dos Negros se voltarem contra os Negros, eles estão por aí matando uns aos outros, roubando uns dos outros. E se eu estiver correto, eu acho que você disse que o homem branco tinha levado muitos dos Negros a fazer o que eles fizeram.

Malcolm X: Oh definitivamente, definitivamente. Quando você vê Negros brigando, atirando e matando uns aos outros, tudo isso é resquício da escravidão. Sempre houve temporada aberta para os Negros. Um Negro pode socar um homem branco na boca e a temporada de caça estará sempre lá. Se você notar, senhor, há apenas uma certa estação em que você pode matar um urso ou um coelho.

Moderador: Você precisa ter uma licença para matar um animal.

Malcolm X: Você tem que ter uma licença. Mas há épocas em que você pode matá-lo. Mas você não precisa de uma licença para matar um Negro e você pode atirar nele fora da temporada, a qualquer momento. Com os Negros sabendo disso, o que o homem branco tem feito é criar uma situação psicológica onde o Negro médio pensa que pode fazer qualquer coisa contra o outro Negro e escapar impune. E isso nos tornou antagonistas um do outro, hostis um para com o outro, e muito desrespeitoso para com o outro. E isso é o que faz os Negros continuarem a lutar e matar uns aos outros.

Pergunta: Eu sou um médico na cidade e isso se refere às declarações de Malcolm X sobre a brutalidade branca contra os Negros e do tipo geral de campanha que ele parece afirmar que temos contra os Negros. Uma grande parte do meu tempo é gasto na enfermaria de emergência para tratar brancos e Negros, e devo dizer que a maior porcentagem de pacientes que cometem brutalidade uns com os outros são os Negros contra os Negros. Muito do nosso tempo é gasto suturando essas pessoas, e tratando lesões muito graves, o que mostra a grande brutalidade entre si. E até que eles possam mostrar aos brancos que eles se tratam de uma forma mais humana, eu acho que eles não vão desenvolver o respeito que eles desejam. A principal coisa que eu gostaria de dizer é que eles deveriam se melhorar, como ele afirmou, e eles não deveriam falar de querer dinheiro do governo e dos brancos, como ele fez em referir-se à situação cubana.

Malcolm X: Eu acho que o médico trouxe um ponto muito importante. É verdade que Negros matam Negros, mas isso é porque o próprio homem branco ensinou os Negros a se odiarem. O Negro odeia outro Negro porque isso nos foi ensinado durante a escravidão e o Negro odeia tudo sobre si mesmo. E o que o honorável Elijah Muhammad está fazendo é ensinar nosso povo a amar uns aos outros, respeitar uns aos outros, e elevar uns aos outros. E se o homem branco perceber que, o que o honorável Elijah Muhammad está fazendo é realmente corrigir o mito que o homem branco fez, então ele deveria parar de importuná-lo e de usar a mídia contra ele, deturpando as notícias, em vez de agradecer-lhe pelo bom trabalho que ele está fazendo.

Moderador: Obrigado, Sr. Malcolm X.

3.11 Malcolm X na UC Berkeley (11 de outubro de 1963)

Sr. moderador, estudantes e professores da Universidade da Califórnia, irmãos e irmãs, amigos e inimigos. O sino lá em cima demorou tanto tempo para parar de tocar que comecei a suspeitar que estava sendo manipulado por um integracionista!

Recentemente, o estado da Califórnia, o Supremo Tribunal daqui negou aos Negros reclusos, que se converteram ao Islã, o direito de receber instrutores religiosos muçulmanos qualificados enquanto cumpre pena nas instituições prisionais deste estado, sob o pretexto de que os muçulmanos que seguem o honorável Elijah Muhammad não constituem um autêntico grupo religioso.

Entretanto, o estimado corpo de educadores do estado da Universidade da Califórnia impediu-me de falar neste *campus*, sob o argumento de que nós representamos um autêntico grupo religioso. Isso pressupõe que o seu órgão judiciário superior nos privou de direitos religiosos, dizendo que não somos um grupo religioso de boa-fé, enquanto seu corpo de educadores, eu acho que é assim que eles são chamados, nos privou de nossos direitos religiosos, dizendo que somos um grupo religioso de boa-fé.

Bem, estou feliz e agradecido ao nosso Deus, *Allah*, por lhes permiti chegar a algum tipo de conclusão sobre o que realmente somos. Porque nos deixou confusos em ver como duas instituições importantes do governo do estado chegaram a conclusões opostas sobre o mesmo assunto.

Ou neste Estado, lhe é permitido intelectual que autoriza seu governo a falar de modo ambíguo? E para ter certeza de que não haveria esclarecimento do mal-entendido sobre a nossa religião, eu li no..., eu acho que no *San Francisco Chronicle*, ou em um de seus jornais, ontem, que eu estava autorizado a falar aqui, desde que não falasse em religião, ou sobre o que eles chamam de assuntos seculares.

Assim sendo, não é minha intenção falar sobre o grupo religioso muçulmano hoje nem sobre a religião muçulmana. Pretendo me ater a problemas seculares. É como convidar um padre católico ou bispo para vir falar aqui e o proibir de mencionar o catolicismo ou o Papa. Ou convidar o Billy Graham e dizer-lhe para não falar de Cristo. Ou um membro da família Kennedy e esperar que ele não mencione política.

Resume-se a convidar um ministro muçulmano para falar sobre o que você chama de problemas seculares, mas negando-lhe o direito de falar religiosamente ou de um ponto de vista religioso. É como querer que um pássaro voe sem asas. Ou que um cavalo de corrida corra sem suas pernas. Você condena aquele pássaro que você debilitou e condena o cavalo que você também aleijou porque não consegue acompanhar. Isso é muita hipocrisia. Mas amanhã, ou domingo, a nossa intenção é realizar uma reunião no centro cívico de Richmond, à 1h, em que falaremos sobre nossas crenças, nossos motivos e os nossos objetivos religiosos.

Hoje, durante o tempo que temos, gostaria de salientar que o honorável Elijah Muhammad nos ensina que a América está sendo confrontada com a mais grave crise desde a guerra civil. Onde quer que olhemos hoje, seja no Sul, no Norte, no Leste ou no Ocidente, vemos tensões raciais cada vez maiores.

Vemos o aumento da animosidade racial, o aumento da hostilidade racial e o aumento do ódio racial absoluto. Vemos massas de pessoas negras que perderam toda a confiança nas falsas promessas dos políticos brancos hipócritas. Vemos as massas de pessoas negras que estão completamente alimentadas com o engano dos chamados liberais brancos. Liberais brancos que se colocam como nossos amigos, liberais brancos que têm estado ansiosos para apontar o que o homem branco no Sul está fazendo ao nosso povo lá, enquanto eles mesmos fazem a mesma coisa contra nós aqui no Norte.

Eles têm feito um grande alarido sobre o Sul apenas para nos cegar para o que está acontecendo aqui no Norte. E agora que o honorável Elijah Muhammad abriu os olhos dos 20 milhões de Negros na América, podemos facilmente ver que esta raposa branca aqui no Norte é ainda mais cruel e mais astuta que o lobo branco no Sul. Os lobos do Sul sempre deixam você saber onde você está pisando. Mas essas raposas do Norte posam como liberais brancos. Eles se colocam como seu amigo, como seu benfeitor, como seu empregador, como seu senhor, como seu comerciante da vizinhança, como seu advogado. Eles usam a integração para se infiltrar. Infiltram-se em todas as vossas organizações, e desta forma, ao juntarem-se a vocês, estrangulam os vossos esforços de militância para a verdadeira liberdade.

Por toda a América, no Norte, bem como no Sul, massas de Negros estão se manifestando contra a opressão e exploração do homem branco americano. Nosso povo perdeu todo o medo do homem branco. Eles deixaram de desperdiçar o seu amor por o homem branco, eles deixaram de dar a outra face para o homem branco violento bater. E por causa desta nova atitude destemida e mais militante por parte do nosso povo, vemos o aumento da violência e do derramamento de sangue entre o opressor branco e os oprimidos, o explorador branco e os explorados, o antigo escravizador branco e os 20 milhões de ex-escravizados.

A pergunta que não quer calar é, onde tudo isso vai parar? Repito, a América enfrenta a sua pior crise doméstica desde a guerra civil. A pior crise desde a guerra revolucionária. A América agora enfrenta uma guerra racial. O país inteiro está à beira de um colapso por causa da violência racial e derramamento de sangue simplesmente porque 20 milhões de ex-escravizados aqui na América estão exigindo de seus antigos escravizadores liberdade, justiça e igualdade.

20 milhões dos chamados Negros, cidadãos de segunda classe, que buscam nada além de dignidade humana e direitos humanos, o direito de viver com dignidade como ser humano. E ao invés de dar o genuíno sincero respeito ao seu clamor por direitos humanos, o homem branco americano responde ao seu protesto de não-violência com violência. Ele responde às suas orações e canções de liberdade com falsas promessas, manobras enganosas e derramamento de sangue.

De acordo com o que fomos ensinados por meio dos livros do homem branco na escola, a guerra revolucionária e a guerra civil foram duas guerras travadas em solo americano,

supostamente para a conquista da liberdade e da democracia. Mas se estas duas guerras foram realmente pela liberdade e pela dignidade humana de todos os homens, porque 20 milhões do nosso povo ainda está confinado e escravizado aqui na América com uma cidadania de segunda classe? A verdade é que a guerra revolucionária foi travada em solo americano para libertar o homem branco americano do homem branco inglês. A guerra revolucionária nunca foi travada para proporcionar liberdade e democracia neste país branco para o homem Negro. Nosso povo continua sendo escravizado aqui na América mesmo depois que a Declaração da Independência foi assinada. De fato, a maioria dos pais fundadores brancos que assinou a declaração da independência era proprietário de escravizado.

O honorável Elijah Muhammad nos ensina que é pura ignorância, insanidade, o nosso povo comemorar o 4 de julho como dia da independência, enquanto a América branca nos nega a cidadania de primeira classe que deveria ser concedida com a independência. E não é nada além de hipocrisia por parte do homem branco americano fingir que a guerra revolucionária foi verdadeiramente uma guerra pela independência, enquanto são negados a 20 milhões de pessoas negras aqui na América os direitos de um povo independente.

A guerra civil foi travada neste continente, mas não para libertar os escravizados como é comumente ensinado nas escolas do homem branco. A guerra civil foi realmente travada para preservar a união, para manter o país intacto para os povos brancos.

O honorável Elijah Muhammad nos ensina que, em essência, isso pressupõe que o homem branco americano lutou a guerra revolucionária para obter este país para ele mesmo. Ele lutou a guerra civil para manter este país intacto para ele mesmo. E hoje, ele vai lutar uma guerra racial para não ter que compartilhar este país de forma igual com qualquer outra pessoa, além dele mesmo. Especialmente de forma igual com seus 20 milhões de antigos escravizados.

Então, novamente eu pergunto, onde essas demonstrações acabarão? E quem se atreve a dizer que não se justifica a demonstração de ressentimento contra a injustiça e maus tratos que o nosso povo sofreu nestes 400 anos nas mãos deste homem branco americano cruel e desumano?

As massas negras estão gritando: "o que temos a perder, além de nossas correntes? O que temos a perder, além desse inferno que nós experimentamos todos os dias, vivendo nestas favelas cheias de ratos a qual estamos relegados? As piores condições de habitação na América sempre existiram na chamada comunidade negra. No entanto, os liberais brancos, que possuem

estas casas, obrigam-nos a pagar aluguel mais caro. Confrontados com esta alta sobrecarga, somos obrigados a morar em quartos para poder pagar o nosso aluguel. Nossos apartamentos estão cheios de parentes e estranhos. Nossas comunidades logo ficam superlotadas. Estas condições de superlotação com as quais nosso povo é forçado a viver eliminam todas as possibilidades de uma vida normal, uma vida limpa, ou uma vida saudável.

Visto que nossas crianças crescem neste ambiente de superlotação, a falta de privacidade tão necessária destrói seu sentido de vergonha. Reduz seus padrões morais e as deixa expostas a todas as formas de indecência e vício inimaginável. As nossas meninas, as nossas filhas, as nossas irmãs tornam-se mães solteiras, antes de se tornarem adolescentes. Nossa comunidade tem milhares de mães solteiras, mães que não têm esperança de ter um esposo. E nossa comunidade tem dezenas de milhares de bebezinhos que não têm pai para atuar como seu provedor ou protetor. Na verdade, o único provedor dos nossos filhos é o agente branco do serviço de bem-estar, o assistente social branco. Muitos de nossos filhos realmente confundem o agente de bem-estar ou o assistente social branco como seu pai. E muitas vezes isso é verdade.

As casas superlotadas de nossa comunidade nos forçam a viver em condições sanitárias inimagináveis. Torna-se quase impossível praticar as regras de boa higiene. Em decorrência disso, a tuberculose, a sífilis, a gonorreia e outras doenças sociais destrutivas estão em elevação em toda a nossa comunidade.

Nosso povo, na comunidade negra, está preso em um ciclo vicioso de ignorância, pobreza, doença e morte. Parece que não há saída. Não há como escapar. Os Negros ricos e educados burgueses, aqueles Negros arrogantes que escapam, nunca chegam para tirar o nosso povo desse ciclo de miséria. As massas negras permanecem presas nas favelas.

E por não haver nenhuma esperança ou fuga, buscamos refúgio no vinho, voltamo-nos para o uísque, voltamos para a maconha e até mesmo para a agulha terrível da heroína, morfina, cocaína, ópio, buscando uma fuga dessa terrível condição desumana.

Muito de nós nos voltamos para o crime, para o roubo, jogo e prostituição. E alguns são usados pelos soberanos brancos do centro para vender drogas na comunidade negra entre o nosso próprio povo. O desemprego e a pobreza obrigaram muitos do nosso povo a uma vida de crime. Mas o verdadeiro criminoso está na Prefeitura do centro, na Casa do Estado e na Casa

Branca em Washington, D.C. O verdadeiro criminoso é o liberal branco, o político hipócrita. E são esses criminosos legais que se colocam como nossos amigos, mas nos forçam a uma vida de crime, e depois nos usam para espalhar os vícios malignos do homem branco em nossa comunidade entre nosso próprio povo.

O honorável Elijah Muhammad nos ensina que nosso povo é cientificamente manipulado pelo homem branco por meio da pobreza. Porque somos obrigados a viver nas seções mais pobres da cidade, frequentamos escolas inferiores. Temos professores inferiores e uma educação inferior. A estrutura do poder branco assegura que quando o nosso pessoal se formar, não estarão aptos ou qualificados para nada, a não ser para os trabalhos mais sujos, mais pesados e mais pobres. Empregos que ninguém mais quer.

Estamos presos em um ciclo vicioso de morte econômica, intelectual, social e política. Empregos inferiores, habitação inferior, educação inferior que, por sua vez, leva a empregos inferiores. Passamos a vida neste círculo vicioso. Ou neste ciclo vicioso andando em círculos. Dando luz às crianças que não veem esperança ou futuro a não ser seguir os nossos passos miseráveis. Então, agradecemos a *Allah* pelo honorável Elijah Muhammad. Nós, muçulmanos, não víamos saída até aceitarmos a religião do Islã e a orientação espiritual do honorável Elijah Muhammad. Não víamos solução para os nossos problemas. Não víamos nenhum líder real entre o nosso povo.

Mas hoje o mundo inteiro está falando sobre o honorável Elijah Muhammad e a solução divina que ele recebeu do Deus de nossos antepassados. Não o teu Deus, mas do Deus dos nossos antepassados. Não é uma solução temporária que irá beneficiar apenas os Negros escolhidos a dedo da classe alta, mas uma solução divinamente concebida para resolver a situação das massas negras neste país permanentemente.

O governo não quer que nosso povo ouça e compreenda a solução que *Allah* deu ao honorável Elijah Muhammad. O governo é contra o Sr. Muhammad porque o governo é contra o nosso Deus. A fim de enganar o nosso povo, afastando-o das verdadeiras soluções de *Allah*, o governo está tentando enganar o nosso povo com uma solução falsa, uma solução enganosa chamada integração simbólica. Eu posso acrescentar, sempre que você entrar no ônibus ou no metrô ou no bonde e você tiver que usar um símbolo, o símbolo não é a coisa real, mas um substituto para a coisa real. E onde quer que você tenha um símbolo, você tem um substituto.

E onde quer que você tenha a integração simbólica, você não tem nada, além de um substituto para a integração e não há nenhuma integração real em qualquer lugar da América do Norte, Sul, Leste ou Oeste, nem mesmo em San Francisco, Oakland ou Berkeley.

Todo o esforço do governo para subornar o nosso povo com a integração simbólica fez a nossa situação melhor ou pior? Quando você tentou integrar a comunidade branca em busca de melhor habitação, os brancos de lá fugiram para os subúrbios. E a comunidade que você pensou que seria integrada logo se deteriorou se transformando em outra favela. O que aconteceu com os brancos liberais? Por que eles fugiram? Nós pensávamos que eles eram nossos amigos. E por que o bairro se deteriorou só depois que nosso povo se mudou?

É o complicado agente, que posa de amigos liberais brancos, que incentivam nosso povo a mudar para as comunidades brancas, e eles mesmos vendem estas casas a preços tão elevados que nosso povo outra vez é forçado a tomar dos locatários para compensar as promissórias altas da casa. Isso cria, na nova área, as mesmas condições de superlotação e a nova comunidade logo se deteriora nas mesmas condições de favelas da qual achavam ter escapado. O único que se beneficia é o agente de bens imobiliários branco que posa como nosso amigo, como um liberal, e que nos vende a casa em uma comunidade para atender seus próprios propósitos gananciosos para resultar em nada mais que uma área de favela de preço elevado.

Hoje nosso povo pode ver que a habitação integrada não resolveu os nossos problemas. Na melhor das hipóteses foi apenas uma solução temporária. Uma vez que apenas os ricos, os Negros escolhidos a dedo obtiveram um benefício temporário.

Após a decisão de dessegregação da suprema corte de 1954, aconteceu a mesma coisa quando nosso povo tentou se integrar nas escolas. Todos os estudantes brancos desapareceram dos subúrbios. Agora, o benefício que o nosso povo pensava ter conquistado com uma escola integrada caiu para o mesmo nível da escola das favelas da qual pensava que tinha escapado. Assim como os esforços para integrar a habitação falhou miseravelmente, os esforços para integrar as escolas têm sido um fracasso ainda mais miserável.

Tendo falhado na implantação de habitação integrada e escolas integradas, agora os líderes Negros estão exigindo empregos integrados. Isto é, eles estão exigindo uma certa quota, ou porcentagem de empregos de pessoas brancas.

Primeiro, a liderança dos Negros exigiu a casa do homem branco, e os brancos desocuparam suas casas para nós e construíram novas casas nos subúrbios. Depois, os líderes Negros exigiram assentos para os nossos filhos nas escolas do homem branco. Os brancos evacuaram as escolas quando nossos filhos se mudaram e construíram escolas modernas para eles nos subúrbios. Agora, a liderança Negra está exigindo o trabalho do homem branco. Poderá os brancos desocupar seus postos de trabalho como fizeram com suas casas e escolas e mudarem-se para os subúrbios e criar mais trabalhos? Não. Não sem violência e derramamento de sangue. Os mesmos liberais brancos que costumavam louvar o nosso povo por sua abordagem paciente não-violenta agora se tornaram abertamente impacientes e violentos em defesa de seus próprios empregos. Não apenas no Sul, mas também no Norte, até mesmo aqui na área da baía.

Por 33 anos, o honorável Elijah Muhammad tem nos avisado que chegará o momento em que o homem branco não teria empregos suficientes para ele mesmo muito menos empregos para o nosso povo. Assim, a demanda atual do nosso povo em obter mais postos de trabalhos do homem branco deve levar à violência e derramamento de sangue. Pode até levar a uma guerra racial, uma sangrenta guerra racial. Agora, é o próprio governo que está pressionando as pessoas deste país a promover um banho de sangue racial.

Mas o homem branco está a julgar os tempos e a subestimar o chamado Negro americano porque estamos vivendo num novo dia. O nosso povo é agora um povo novo. O velho tipo Negro tio Tom está morto. Nosso povo não tem mais medo de ninguém, não tem mais medo de nada. Não temos medo de ir para a cadeia. Não temos medo de dar a nossa própria vida. E nós não temos medo de tirar a vida daqueles que tentam tirar nossas vidas. Acreditamos em uma troca justa. Olho por olho, dente por um dente. Uma cabeça por uma cabeça, uma vida por uma vida. Se este é o preço da liberdade não hesitaremos em pagar o preço.

Ao tentar se opor à solução divina que *Allah* deu ao honorável Elijah Muhammad, o governo americano vai realmente provocar outra guerra civil. Isto é, este governo e especialmente a administração atual em Washington D.C. irá provocar uma guerra civil entre os brancos, tentando forçá-los a desistir de seus empregos, de suas casas e escolas para o nosso povo. E o nosso povo vai provocar uma guerra racial tentando tomar os empregos, as escolas e as casas do homem branco.

Este dilema racial representa um problema sério para a América branca. Guerra civil entre os brancos por um lado, uma guerra racial entre os brancos e seus 20 milhões de ex-escravizados por outro lado. E os afrodescendentes de todo o mundo estão assistindo, esperando para ver o que o governo americano vai fazer para resolver este problema de uma vez por todas.

Precisamos de uma solução permanente. Uma solução temporária não vai resolver. O simbolismo não será mais suficiente. O honorável Elijah Muhammad tem a solução permanente. 20 milhões de ex-escravizados devem se separar do nosso antigo capataz e ir para alguma terra em que possamos chamar de nossa. Então poderemos criar nossos próprios empregos, controlar nossa própria economia. Resolver nossos próprios problemas em vez de esperar o homem branco americano para resolver nossos problemas.

O honorável Elijah Muhammad nos ensina que em nossa própria terra podemos criar fazendas, fábricas, negócios. Podemos estabelecer nosso próprio governo e nos tornar uma nação independente. E uma vez que nos separarmos da jurisdição desta nação branca, poderemos participar da rede comercial e comercializar com outras nações independentes. Esta é a única solução.

O honorável Elijah Muhammad diz que em nossa própria terra podemos implantar nosso próprio sistema agrícola. Podemos produzir comida para alimentar o nosso próprio povo. Podemos criar gado e usar as peles, o couro e a lã para vestir o nosso povo. Podemos extrair o barro da terra e fazer tijolos para construir casas para o nosso povo. Podemos transformar as árvores em madeira e produzir móveis para as casas do nosso povo. Ele diz que podemos explorar os recursos naturais da terra uma vez que estivermos em nosso próprio território. A terra é a base de toda a segurança econômica. A terra é essencial para a liberdade, justiça e igualdade. A terra é essencial para a verdadeira independência. E o honorável Elijah Muhammad diz que devemos ser separados do homem branco americano, habitar em nossa própria terra onde poderemos viver entre o nosso próprio povo. Esta é a única solução verdadeira.

Pois assim como o governo bíblico do Egito sob o controle de Faraó foi contra Moisés porque Moisés tinha sido escolhido por *Allah* para separar os escravizados hebreus de Faraó e levá-los para fora da casa de servidão para uma terra própria, hoje, esta casa moderna de servidão sob a autoridade do governo americano se opõe a este Moisés moderno. Opõe-se aos

esforços de Elijah Muhammad para separar o nosso povo que foram escravizados aqui neste país para nos levar a uma terra própria.

O governo se opõe aos esforços de Elijah Muhammad de nos despertar, nos limpar, e nos erguer com nossos próprios esforços para que possamos segui-lo para fora desta casa de servidão para a nossa própria terra onde poderemos viver entre o nosso próprio povo. Assim como o governo do Egito bíblico era contra o Deus dos escravizados hebreus, hoje, o governo americano é contra o Deus de seus escravizados, o Deus de nossos antepassados. E assim como Faraó tentou enganar os escravizados hebreus, levando-os a rejeitar as ofertas de salvação de seu Deus, enganando-os com falsas promessas através de mágicos contratados e demonstrações cuidadosamente encenadas como a recente marcha em Washington, hoje, este governo está pagando alguns membros da liderança Negra para enganar o nosso povo, levando-os a pensar que nós vamos ser aceitos em breve para integrar o estilo de vida americana.

O governo está enganando o nosso povo com falsas promessas, por isso não queremos voltar para a nossa própria terra e para nossas pessoas. O governo está dizendo, "Fique aqui, não ouça este Muhammad, vamos dessegregar os balcões de almoço, os teatros, os parques e os banheiros", - dando ênfase a essa coisa de acomodações públicas, onde você pode compartilhar um banheiro com uma pessoa branca.

"Vamos lhe dar mais direitos civis. Nós não vamos lhe dar apenas direitos civis, vamos lhe dar garantia dos direitos civis". O governo promete isso ao nosso povo apenas para evitar que você ouça o honorável Elijah Muhammad, assim, ele os impedindo de acordar. Eles sabem que se ouvirmos o honorável Elijah Muhammad o tempo suficiente, vamos começar a pensar por nós mesmos. Ele vai nos fazer ver, ouvir, pensar e nos tornar capaz de falar por nós mesmos.

Uma vez que você se cansar da brutalidade do homem branco neste país e se levantar para resolver por si mesmo, a fim de defender a si mesmo e seu povo, o mesmo governo, e novamente eu repito, especialmente a administração Católica em Washington, D.C. tenta pacificar o povo com promessas enganosas através da complicada legislação de direitos civis que nunca é projetado para ser uma verdadeira solução para o nosso problema. A legislação dos direitos civis nunca irá resolver os nossos problemas. Os liberais brancos são nada além de políticos hipócritas que usam o nosso povo em um jogo político só para aprovar projetos de leis que aumentam seu próprio poder.

A atual legislação dos direitos civis dará a presente administração poderes ditatoriais e tornará a América um estado policial legal, mas ainda assim não resolverá o problema racial. A administração atual só está usando os direitos civis como jogo político para ganhar mais legislação e mais poder para si mesmo. Nosso povo está sendo usado como peões no jogo da política por políticos hipócritas. Eles não querem que o nosso povo ouça o honorável Elijah Muhammad porque eles sabem que ele vai nos levar a vê-los como eles realmente são.

Para concluir, eu digo que a mensagem e a solução honrosa de Elijah Muhammad é simples. Ele diz: "uma vez que não somos desejados neste país, vamos fazer as malas e voltar para casa para o nosso próprio povo, para a nossa própria terra." A propaganda do governo americano é habilmente projetada para fazer o nosso povo achar que o nosso povo em África não nos quer. Propagandas governamentais nos dizem constantemente: "a África é uma selva. Os africanos são selvagens e retrógrados. Eles não têm conveniências modernas e vocês são muito parecidos conosco, gente branca. Como você poderá viver confortavelmente lá?"

Esta propaganda é uma estratégia do governo contra o honorável Elijah Muhammad, percebendo que sua missão é ensinar ao nosso povo a verdade sobre a nossa própria espécie, limpar-nos para voltar-nos a nossa própria terra e unir-nos com o nosso próprio povo. O governo americano nos joga contra a nossa própria espécie, a fim de impedir-nos de começar um êxodo para fora deste país, onde possamos viver em casa entre o nosso próprio povo.

Portanto, o honorável Elijah Muhammad diz que a propaganda americana é projetada para nos fazer pensar que não importa o inferno que passarmos aqui, nós ainda estamos melhor na América do que estaríamos em qualquer outro lugar. Querem que pensemos que não temos mais para onde ir. E muitos dos nossos chamados intelectuais que se colocam como nossos líderes e porta-vozes realmente acreditam que não temos outro lugar para ir. Então, a solução para o nosso problema é ficarmos aqui e continuarmos a suportar o inferno do homem branco americano.

Mas a única e permanente solução é a separação completa ou alguma terra própria em um país nosso. Todas as outras tentativas levarão à violência e derramamento de sangue. Isso resultará na destruição da América e conduzirá também à destruição de nosso povo que cairá com ela. Então sua mensagem é saia da América para se salvar. Eu agradeço.

* * *

Pergunta: Na última edição de Muhammad Speak, havia um artigo que falava sobre a eliminação da discriminação racial em Cuba: dizendo como o afrodescendente e latino-cubanos viviam em harmonia. Como isso combina com o conceito do homem branco ser o diabo e a ideia de que a liberdade só pode ser alcançada através da separação?

Malcolm X: Os cubanos não se referem a eles próprios como pessoas brancas ou negras. Eles se referem a eles próprios como pessoas. Você verá que é o homem branco americano que coloca tal ênfase em ser branco ou ser Negro. Quando você se torna um muçulmano, você não vê o homem pela cor preto, marrom, vermelho ou amarelo. Você olha para ele como sendo um homem. E isso é algo que é estranho para o conceito americano.

Não sei nada sobre Cuba. O artigo foi escrito por Howard, um correspondente da ONU que passou um tempo em Cuba, juntamente com o filho do honorável Elijah Muhammad, quando todos os alunos foram. E eles disseram que encontraram igualdade, liberdade e justiça entre o povo de Cuba. Então, eu acho que nessa questão Castro fez uma grande realização e contribuição, mas eu não estive lá.

Agora, quando você pensa isso em um contexto entre o homem branco americano e o homem Negro americano, você está lidando com um homem que costumava ter os Negros deste país como possessão, assim como um fazendeiro tem posse sobre a vaca, as galinhas, o cavalo. E isso gerou uma atitude entre os brancos americanos que eles mesmos acham quase impossível eliminar. E, a menos que seja eliminado, ou até que seja eliminado, o problema vai piorar em vez de melhorar. Pessoalmente, acho que nunca será eliminado.

Pergunta: Como você pretende ganhar a posse desta terra que você quer e como você pretende chegar lá?

Malcolm X: Essa é uma boa pergunta. Número um, não tivemos nenhum problema para chegar à América porque o homem..., branco, eu quero dizer que não eram peregrinos. Não viemos na Mayflower e não viemos da Europa e não viemos por nossa própria vontade. Fomos trazidos aqui acorrentados no fundo de um navio negreiro. E como não pagamos o transporte para chegar aqui, o honorável Elijah Muhammad diz que a contribuição que o homem Negro deu a este país,

que equivale a 310 anos de trabalho escravo do qual nunca nos foi pago um centavo, coloca um fardo sobre o homem branco americano, o qual o governo deve pagar. E ele diz que o nosso povo deve ser autorizado a voltar para a nossa própria pátria, que o próprio governo deve nos fornecer o transporte.

E eles têm de nos fornecer as máquinas e as ferramentas necessárias que nos permitam cavar o solo e desenvolver o nosso próprio sistema agrícola e nos alimentarmos durante os vinte e cinco anos até estarmos em posição de sermos completamente independentes e autônomos. E ele diz que, se o governo não quer o êxodo de pessoas negras deste país de volta a nossa própria pátria, uma vez que não podemos viver em paz, misturado neste continente, a alternativa para essa solução é dividir uma parte separada deste país onde o nosso povo possa migrar.

Para seu esclarecimento, porque isso está sendo reivindicado, algumas pessoas questionam, "bem, por que o governo faria isso?" Se este governo pode enviar bilhões de dólares para países comunistas como Polônia e Iugoslávia e para países neutros na Ásia e África, que nunca deram qualquer contribuição para o patrimônio líquido da economia deste país, e, ao mesmo tempo, este governo acha que é demasiado aceitar uma proposta baseada em algo que realmente pode resolver o problema dos ex-escravizados que deram uma contribuição maior que eles para este país, então este governo não merece nem mesmo continuar a funcionar como um governo.

Pergunta: Você mencionou novamente sobre separar terra para o seu povo, senhor. Que terra está disponível que já não esteja ocupada por outros?

Malcolm X: Quando você chegou a este país a terra já era habitada pelos índios e você não teve nenhum problema.

Pergunta: Na verdade, tenho duas perguntas. O primeiro que eu gostaria de lhe perguntar é: você acredita no Islã só porque lhe dá dignidade como um homem Negro que vive na América? Ou você acredita no Islã como um todo? Então, se você acredita no Islã como um todo, você sabe que o Islã acredita no socialismo ao invés do capitalismo. Esta é a primeira pergunta. A segunda pergunta: você diz que Muhammad ensinou que você deve ter sua própria terra, assim você poderá ter tudo, fazer o que você quiser nela. Por favor, me dê uma declaração do Alcorão ou dos discursos de Muhammad que diz isso, você saberia citar essa passagem?

Malcolm X: Se eu entendi corretamente o meu irmão muçulmano, espero que ele esteja ciente do fato de que em minha declaração de abertura, salientei que a primeira página do jornal San Francisco Chronicle, eu acho que foi, disse-me que a condição imposta para que eu pudesse palestrar aqui, era falar apenas sobre assuntos seculares em vez de religiosos, e por essa razão, eu salientei no início que eu não iria comentar sobre a religião do Islã. Desde que você, como um estudante eu imagino, trouxe a questão aqui, ela abre um precedente para eu responder e agradeço-lhe por isso. Número um, o Islã é uma palavra que significa em árabe submissão completa à vontade de *Allah*. Obediência completa à vontade de *Allah*. E isso significa — e os judeus se referem a este Deus como Jeová. São monoteístas. Os cristãos se referem a Ele, eu acho, como Cristo. Só que são politeístas e é difícil dar um nome aos seus muitos deuses.

De modo que no Islã, uma vez que acreditamos que existe um Deus, acreditamos que todos os profetas que surgiram nesta terra ensinaram a mesma religião. Abraão era muçulmano; Moisés era muçulmano; Jesus era muçulmano. E como homens Negros na América aceitamos a religião do Islã porque a reconhecemos como a verdadeira religião de Deus. É por isso que sou muçulmano. Eu sou muçulmano porque o honorável Elijah Muhammad me ensinou que o Islã é a única religião de Deus. E diz no Alcorão Sagrado que esta religião vai superar todas as outras.

Acreditamos que estamos vivendo no dia, no tempo e na hora em que *Allah* pretende fazer esta religião, o Islã, superar todas as outras religiões. É por isso que somos muçulmanos. E nós queremos nos separar da América porque acreditamos que quando *Allah* estabelecer a religião do Islã ou o Reino do Islã ou o mundo do Islã, ele não poderá fazê-lo sem primeiro destruir todas as outras religiões, governos, nações e mundos que esteja no caminho dele.

Todos os governos que não aceitam uma religião que praticam os princípios da irmandade, liberdade, justiça e igualdade entre todas as pessoas, independentemente da cor, independentemente da raça ou qualquer outra coisa, nós acreditamos que eles serão destruídos. E nós, não acho que você pode convencer o povo americano a aceitar a religião do Islã. Não tenho conhecimento do socialismo. Isso é outra coisa.

Pergunta: Senhor, você parece trocar o termo liberal branco com político hipócrita. Não acredito que isso seja verdade. Não acredito que nossos liberais brancos que estão no cargo. Eles são, por sinal, investigados.

Moderador: Você tem uma pergunta, por favor?

Pergunta: Eu só queria saber por que você usa estes termos como se fossem intercambiáveis uma vez que eles evidentemente não são.

Malcolm X: Historicamente, na América, o liberal branco tem sido sempre aquele que supostamente tem a solução para o problema racial. Um exemplo: o suposto líder liberal branco da história americana era Abraham Lincoln. Ele é o único que foi colocado diante do nosso povo como um deus que nos trouxe da escravidão para a terra prometida da liberdade. Martin Luther King, no ano passado, implorou ao Presidente Kennedy para emitir outra Proclamação de Emancipação. Se a Proclamação de Emancipação de Abraham Lincoln tivesse sido autêntica e produzisse os resultados que era devido e se tivesse sido sincero, teria obtido resultados. Então Martin Luther King não teria de implorar por outra proclamação de emancipação hoje. E em outros tempos, os liberais brancos supostamente lutaram a guerra civil para libertar os escravizados, mas nosso povo ainda está escravizado, ainda está implorando pela liberdade.

Mais liberais brancos vieram com o então chamado décimo terceiro, décimo quarto, décimo quinto e outras emendas da constituição supostamente para resolver nosso problema. A Constituição foi alterada e o problema continua aqui. Nove liberais brancos do Supremo Tribunal vieram com uma decisão de não segregação em 1954 supostamente para acabar com a segregação nas escolas e as escolas ainda não foram dessegregadas. Kennedy correu em uma plataforma como um liberal branco três anos atrás e disse que tudo o que tinha a fazer era tirar sua caneta tinteiro e colocar seu nome em algum papel e nosso problema seria resolvido, e passou três anos no poder até descobrir onde estava sua caneta-tinteiro e o problema ainda não foi resolvido.

Pergunta: Eu sou um americano da segunda geração e meu povo veio no fundo de navios. E eles tinham cidadania de segunda classe na Europa, viviam em guetos e coisas desse tipo e saíram deles. Como eu posso ter atitudes contra os Negros que podem ser prejudiciais? Onde adquiri essas atitudes, se não do povo Negro? Nenhum dos meus parentes possuiu escravizados ou qualquer coisa deste tipo. Como consegui meus preconceitos?

Malcolm X: Se você não roubou a propriedade, você pode ser responsabilizado hoje por estar de posse dos bens roubados. O livro diz que os pecados dos pais serão visitados sobre as cabeças das crianças até a sétima geração. E embora haja muitos brancos que vieram da Europa depois de 1865, eles se encaixam em todo o padrão geral de exploração da escravidão moderna, que ainda existe neste país hoje. Porque é apenas uma forma de escravidão moderna que o nosso povo experimenta hoje, e os liberais brancos, mais uma vez, nos incentivam a juntar-se a grupos que eles criaram aos quais eles chamam de avanço nacional, Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor, da escravidão antiga para a escravidão moderna. Se me permite acrescentar, a sua menção aos imigrantes brancos que vieram aqui prova a incapacidade dos Negros para resolver este problema através do curso atual, ou do curso passado o qual eles estão se baseando. É verdade, italianos, franceses, espanhóis e outros vieram aqui como imigrantes, iletrados e pobres. E seus pais foram capazes de abrir lojas, pequenas lojas. Eles viviam nos fundos, mandavam seus filhos para a escola. Seus filhos estudaram negócios, voltaram e expandiram os negócios, e a maioria dos negócios na comunidade branca é chamada de fulano, fulano de tal e filho e assim por diante. Foi assim que você estabeleceu o que você chama de economia americana – falando em termos gerais.

Os chamados Negros libertos estão aqui desde 1865. Eles têm um poder de compra de 20 bilhões de dólares por ano, têm mais educação do que qualquer grupo, qualquer grupo minoritário desta terra. Você pode ir à comunidade negra em qualquer lugar da área da costa e você não vai encontrar cinco empresas de propriedade de Negros e filho ou irmãos ou de fulano.

O erro que cometemos difere do erro que você não cometeu. Seus pais resolveram seus problemas economicamente, por vontade própria, com sua própria ingenuidade. Nossos líderes não fizeram nada para nos ensinar como criar negócios. Eles não fizeram nada para nos ensinar como elevar o nível de nossas escolas. Eles não fizeram nada para nos ensinar como manter o padrão da nossa comunidade.

Não são as massas negras culpadas disso. É esse fantoche Negro que o liberal branco estabeleceu sobre a comunidade negra para atuar como nosso líder e agir como nosso porta-voz que falhou em nos mostrar como resolver nossos próprios problemas. Portanto, continuamos aleijados e seguindo o conselho deste liberal branco que não fez nada, senão continuar a nos explorar em vez de tentar nos ajudar a resolver o problema. Espero não ter tomado muito tempo.

Moderador: Temos tempo para mais uma pergunta, receio que eu reconheço este cavalheiro.

Pergunta: Eu gostaria de perguntar ao Sr. X simplesmente por que um Negro não pode se infiltrar na máquina política e usar o poder político para seu próprio fim?

Malcolm X: Se ele estudasse a ciência da política provavelmente faria. A maioria dos Negros não estudam. Eles se envolvem politicamente de um ponto de vista emocional, em vez de um ponto de vista científico. Mostre-me um político Negro e eu te mostro um que é controlado pela máquina política branca. E se você me mostrar um que não seja controlado pela máquina política branca, eu vou te mostrar um que a máquina política branca tem rotulado como racista e extremista.

Adam Powell é um dos melhores exemplos. Qualquer um que eles endossem, que faz o que eles querem que ele faça, está bem. Mas quando você se torna politicamente independente neste país, a mídia branca o rotula de racista. A razão para isto é, a única maneira de se tornar politicamente independente da máquina política branca é ter o apoio das massas negras. A única maneira de você obter o apoio das massas negras é dizer como eles pensam e como eles se sentem. E quando você começa a falar com as massas negras, como elas se sentem e pensam, então os brancos te chamam de racista. Porque você tem que falar sobre o intenso grau de insatisfação que existe na comunidade negra.

Os brancos não querem ouvir isto. Eles querem ser informados que o problema está sendo resolvido. Você não está resolvendo o problema para ninguém, a não ser o de alguns escolhidos a dedo, os tios Toms Negros que se beneficiam de sua integração simbólica. E contanto que você alimente isso, você vai estar adicionando mais pó ao barril que está dentro de sua casa que pode causar uma explosão maior que uma bomba de milhões de megatons. Então, quando você descer aqui e descobrir como as massas de pessoas negras realmente se sentem, você vai agir com inteligência. E o único homem Negro que lhe dirá exatamente como um homem Negro se sente é o honorável Elijah Muhammad. O resto vai falar com você do canto da boca. Vai tentar fazer amizade com você.

3.12 Uma mensagem para as bases (10 de novembro de 1963)

Durante o curto tempo que dispomos, queremos apenas bater um papo sem perda de tempo entre você e eu, nós. Queremos falar em uma linguagem que todos aqui possam entender facilmente. Todos concordamos esta noite, todos os oradores concordam que a América tem um problema muito sério. Não só a América tem um problema muito sério, mas o nosso povo também tem um problema muito sério. O problema da América somos nós. Nós somos o problema dela. A única razão pela qual ela tem um problema é porque ela não nos quer aqui. E cada vez que você olha para si mesmo, seja você preto, marrom, vermelho, ou amarelo, ou o chamado Negro, você é uma pessoa que representa um problema tão sério para a América que a leva a não te desejar. Uma vez que você encarar isso como um fato, então você pode começar a traçar um plano que o tornará inteligente, em vez do contrário.

O que você e eu precisamos aprender é esquecer nossas diferenças. Quando nos reunimos, não nos reunimos como batistas ou metodistas. Você não sofre o inferno porque você é batista, você não sofre o inferno porque você é um metodista. Você não sofre o inferno porque você é metodista ou batista. Você não sofre o inferno porque você é um democrata ou um republicano. Você não sofre o inferno porque você é um maçom. E certamente não sofre o inferno porque você é americano. Porque se você fosse americano, você não sofreria o inferno. Você sofre o inferno porque você é um homem Negro. Você sofre o inferno, todos nós sofremos o inferno pela mesma razão.

Então, somos todos Negros, os chamados Negros, cidadãos de segunda classe, ex-escravizados. Você não é nada além de um ex-escravizado. Você não gosta de ouvir isso. Mas é o que você é? Vocês são ex-escravizados. Você não veio aqui no Mayflower. Você veio aqui em um navio negreiro, acorrentado, como um cavalo, uma vaca ou uma galinha. Você foi trazido aqui pelas pessoas que vieram no Mayflower. Você foi trazido aqui pelos chamados peregrinos, ou pais fundadores. Foram eles que te trouxeram para cá.

Temos um inimigo comum. Temos isso em comum: um opressor em comum, um explorador em comum e um discriminador em comum. Mas uma vez que todos nós percebemos que temos esse inimigo em comum, então nos unimos com base no que temos em comum. E o que temos em comum é o inimigo, o homem branco. Ele é o nosso inimigo. Eu sei que alguns de vocês pensam que alguns deles não são inimigos. O tempo dirá.

Em Bandung, eu acho que foi em 1954, aconteceu a primeira reunião para a unidade das pessoas negras. E uma vez que você estudar o que aconteceu na conferência de Bandung e os resultados da conferência, ela realmente serve como um modelo para o mesmo procedimento que você e eu podemos usar para ter os nossos problemas resolvidos. Em Bandung, todas as nações se uniram. Eram nações da África e da Ásia. Alguns deles eram budistas. Alguns eram muçulmanos. Alguns eram cristãos. Alguns eram Confúcio. Alguns eram ateus. Apesar de suas diferenças religiosas, eles se uniram. Alguns eram comunistas, alguns socialistas, alguns capitalistas. Apesar de suas diferenças econômicas e políticas, eles se juntaram. Todos eles eram pretos, castanhos, vermelhos, amarelos.

O único que não pôde participar da conferência de Bandung foi o homem branco. Assim que excluíram o homem branco, descobriram que podiam ficar juntos. Uma vez que o mantiveram fora, todos aceitaram e entraram em acordo. Esta é a coisa que você e eu temos de entender. E essas pessoas que se juntaram não tinham armas nucleares, não tinham jatos, eles não tinham armamento pesado que o homem branco tem. Mas eles tinham unidade.

Eles foram capazes de superar suas diferenças mesquinhas e concordarem com uma coisa: que, embora um africano do Quênia estivesse sendo colonizado pelo inglês e outro africano do Congo estivesse sendo colonizado pelo belga e outro africano da Guiné estivesse sendo colonizado pelos franceses e o de Angola estivesse sendo colonizado pelos portugueses. Quando chegaram à conferência de Bandung olharam para o português, para o francês, para o inglês e para o holandês e aprenderam que a única coisa que todos eles tinham em comum é que eles eram todos da Europa, eles eram todos europeus, loiros, de olhos azuis e de pele branca. Eles começaram a reconhecer quem era o inimigo deles. O mesmo homem que estava colonizando nosso povo no Quênia, estava colonizando nosso povo no Congo. O mesmo homem que estava colonizando o nosso povo no Congo estava colonizando o nosso povo na África do Sul, e na Rodésia do Sul, e na Birmânia, e na Índia, e no Afeganistão, e no Paquistão. Eles perceberam em todo o mundo onde o afro-cidadão estava sendo oprimido, ele estava sendo oprimido pelo homem branco. Onde o homem africano estava sendo explorado, ele estava sendo explorado pelo homem branco. Então eles se reuniram com esse princípio, de que tinham um inimigo comum.

E quando você e eu aqui em Detroit e em Michigan e na América, que foram despertados, olham em torno de nós, nós igualmente percebemos aqui na América que temos um inimigo

comum, se está na Geórgia ou em Michigan, se está na Califórnia ou em New York. Ele é o mesmo homem: olhos azuis e cabelos loiros e pele pálida — o mesmo homem. Então o que temos de fazer é o que eles fizeram. Eles concordaram em parar de brigar entre si. Qualquer pequena briga que eles tinham, eles resolviam entre eles, fazia um acordo, não deixava o inimigo saber que tinham diferenças.

Em vez de expor as nossas diferenças em público, temos de entender que somos todos da mesma família. E quando se tem uma divergência familiar, não se vai à rua expor. Se o fizer, todos o chamaram de rude, de não refinado, de não civilizado, selvagem. Se você não fizer isso em casa, se você resolver isso em casa. Você entra em casa e discute à porta fechada. E então quando você sair à rua, você coloca uma frente comum, uma frente unida. E isso é o que precisamos fazer na comunidade, na cidade e no estado. Precisamos parar de ventilar nossas diferenças em frente do homem branco. Primeiro, tirar o homem branco das nossas reuniões e depois sentar e falar de negócios uns com os outros. Isso é tudo que você precisa fazer.

Gostaria de fazer alguns comentários sobre a diferença entre a Revolução Negra e a revolução dos Negros. Há uma diferença? São ambos iguais? E se não forem, qual é a diferença? Qual é a diferença entre uma revolução Negra e uma revolução dos Negros? Primeiro, o que é uma revolução? Às vezes, eu sou inclinado a acreditar que muitos de nós estamos usando a palavra "Revolução" frouxamente, sem levar em consideração o que esta palavra realmente significa e suas características históricas. Quando você estuda a natureza histórica das revoluções, o motivo de uma revolução, o objetivo de uma revolução, o resultado de uma revolução e os métodos usados em uma revolução, você pode mudar as palavras. Você pode conceber outro programa. Você pode mudar seu objetivo e você pode mudar sua mente.

Veja a revolução americana de 1776. A revolução foi para quê? Para a terra. Por que eles queriam a terra? Independência. Como foi realizado? Derramamento de sangue. Número um, foi baseado em terra, a base da Independência. E a única maneira de conseguir foi com derramamento de sangue.

A Revolução francesa— em que foi baseado? Os sem-terra contra o senhorio. Para quê? Terra. Como é que conseguiram? Por meio de derramamento de sangue. Não foi o amor perdido, não foi um compromisso, não foi uma negociação. Estou te dizendo, você não sabe o que é uma revolução. Porque quando você descobrir o que é, você vai voltar para o beco, você vai sair do

caminho. A revolução russa — foi baseada em que? Terra. Os desterrados contra o senhorio. Como é que eles conquistaram? Por meio de derramamento de sangue. Você não tem uma revolução que não envolva derramamento de sangue!

E você tem medo de sangrar. Eu disse, você tem medo de sangrar. Desde que o homem branco te mandou para a Coréia, você sangrou. Ele te mandou para a Alemanha, você sangrou. Ele te mandou para o Pacífico Sul para lutar contra os japoneses, você sangrou. Você sangrou por pessoas brancas. Mas quando suas próprias igrejas são bombardeadas e pequenas garotas negras assassinadas, você não quer sangrar. Você sangra quando o homem branco manda você sangrar, você morde quando o homem branco manda você morder e você late quando o homem branco manda você latir. Odeio dizer isso sobre nós, mas é verdade. Como você não vai ser violento no Mississippi tanto como você foi na Coréia? Como pode justificar não ser violento no Mississippi e Alabama quando suas igrejas estão sendo bombardeadas e suas garotinhas assassinadas, e ao mesmo tempo você vai ficar violento com Hitler e Tojo, e com alguém que você nem conhece?

Se a violência é errada na América, a violência é errada no exterior. Se é errado ser violento em defender mulheres negras, crianças negras e bebês Negros e Negros, então é errado para a América nos usar para nos tornar violentos no exterior em defesa dela. E se é certo para a América nos convocar e nos ensinar como ser violentos em defesa dela, então é certo que você e eu façamos o que for necessário para defender nosso próprio povo aqui neste país.

A revolução chinesa, eles queriam Terra. Eles expulsaram os britânicos, junto com o tio Tom chinês. Sim, eles fizeram. Deram um bom exemplo. Quando eu estava na prisão, eu li um artigo, não se choque quando eu digo que estive na prisão. Você ainda está numa prisão. Isso é o que a América é, uma prisão. Quando eu estava na prisão, eu li um artigo na revista Life mostrando uma pequena menina chinesa, nove anos de idade, seu pai estava em suas mãos de joelhos e ela estava puxando o gatilho porque ele era um tio Tom chinês. Durante a revolução, eles mataram uma geração inteira de Tio Toms — os eliminou. E dentro de dez anos aquela garotinha se tornou uma mulher adulta. Não há mais Toms na China. E hoje é um dos países mais difíceis, mais temidos pelo homem branco nesta terra. Porque não há nenhum Tio Tom lá.

De todos os nossos estudos, a história é a melhor qualificada para legitimar nossa pesquisa. E quando você percebe que você tem problemas, tudo que você tem que fazer é

examinar o método histórico usado em todo o mundo por outros que tiveram problemas semelhantes aos seus. E uma vez que você souber como eles lutaram, então você saberá como obter o seu direito. Há uma revolução, uma revolução acontecendo na África. No Quênia, os *Mau-Mau* eram revolucionários, foram eles que criaram a palavra "*Uhuru*". Foram eles que o trouxeram à tona. Os *Mau-Mau*, eles acreditavam em terra chamuscada. Eles derrubaram tudo que estava em seu caminho, e sua revolução também foi baseada na terra, no desejo pela terra. Na Argélia, a parte Norte da África, uma revolução aconteceu. Os argelinos eram revolucionários, eles queriam terra. A França ofereceu-se para que fossem integrados a França. Eles disseram à França: para o inferno com sua integração. Eles queriam a terra, não integração com a França. E eles se engajaram em uma batalha sangrenta.

Então eu cito essas várias revoluções, irmãos e irmãs, para mostrar a você que não há revolução pacífica. Você não tem uma revolução em que alguém dá a outra face para o outro bater. Não existe essa coisa de revolução não-violenta. O único tipo de revolução que não é violenta é a Revolução Negra. A única revolução baseada em amar seu inimigo é a Revolução Negra. A única revolução em que o objetivo é ter acesso a um balcão de almoço não segregado, um teatro não segregado, um parque não segregado e um banheiro público não segregado. Isso não é uma revolução. A revolução é baseada em terra. A terra é a base de toda independência. A terra é a base da liberdade, da justiça e da igualdade.

O homem branco sabe o que é uma revolução. Ele sabe que a Revolução Africana está em todo o mundo. Ela está varrendo a Ásia, varrendo a África, está elevando sua cabeça na América Latina. A revolução cubana é uma revolução. Eles viraram o sistema. A revolução está acontecendo na Ásia e na África. E o homem branco está gritando porque vê a revolução na América Latina. Como você acha que ele vai reagir quando você aprender o que é uma verdadeira revolução? Você não sabe o que é uma revolução. Se soubesse, não usaria essa palavra.

Uma revolução é sangrenta. A revolução é hostil. A revolução não conhece nenhum compromisso. A revolução vira e destrói tudo o que fica em seu caminho. E você, sentado aqui como um nó na parede, dizendo, "Eu vou amar essas pessoas, não importa o quanto elas me odeiem." Não, você precisa de uma revolução. Quem já ouviu falar de uma revolução onde eles cruzam os braços, como o Reverendo Cleage fez lindamente, cantando (*We Shall Overcome*) "Nós Vamos Superar"? Apenas me diga. Não se faz isso numa revolução. Você não canta. Você está muito ocupado dançando. É baseado em terra. Um revolucionário quer terra para poder

criar a sua própria nação, uma nação independente. Esses Negros não estão pedindo por nenhuma nação. Eles estão tentando rastejar de volta para a plantação.

Quando você quer uma nação, isso é chamado nacionalismo. Quando o homem branco se envolveu numa revolução neste país contra a Inglaterra, para que foi? Ele queria esta terra para criar outra nação branca. Isso é nacionalismo branco. A revolução americana era o nacionalismo branco. A revolução francesa era o nacionalismo branco. A revolução russa também era nacionalismo branco. Você não acha? Porque acha que o Khrushchev e o Mao não conseguem se unir? Nacionalismo branco. Todas as revoluções que estão acontecendo na Ásia e na África hoje são baseadas em quê? Nacionalismo Negro. Um revolucionário é um nacionalista Negro. Ele quer uma nação. Eu estava lendo algumas belas palavras do Reverendo Cleage, ressaltando por que ele não poderia se reunir com alguém aqui na cidade, porque todos eles tinham medo de ser identificado com o nacionalismo Negro. Se você tem medo do nacionalismo Negro, você tem medo da revolução. E se você ama a revolução, você ama o nacionalismo Negro.

Para entender isso, você tem que voltar para o que o jovem irmão aqui se referiu como o Negro da casa e Negro do campo. Na escravidão, havia dois tipos de escravizados. Havia o escravizado da casa e do campo. Os da casa viviam na casa com o mestre, eles se vestiam muito bem, eles comiam bem porque comiam a comida que o dono do escravizado deixava. Eles viviam no sótão ou no porão, mas ainda assim viviam perto do mestre e eles amavam o seu mestre mais do que o mestre amava a si mesmo.

Eles dariam a vida deles para salvar a casa do mestre mais rápido do que o mestre faria. O escravizado da casa, se o mestre dissesse, "temos uma boa casa aqui", ele diria, "sim, temos uma boa casa aqui." Sempre que o mestre dizia "nós", ele dizia "nós". Era assim que se comportava o escravizado da casa.

Se a casa do mestre pegasse fogo, o Negro da casa lutaria mais para apagar o fogo do que o mestre faria. Se o mestre adoecesse, o Negro da casa diria: "Qual é o problema chefe, estamos doentes?" "nós" estamos doentes! Ele se identificava com seu mestre mais do que seu mestre se identificava com ele mesmo. E se você dissesse para o escravizado da casa: "Vamos fugir, vamos fugir, vamos nos separar," ele olharia para você e diria: "cara, você está louco. Como assim se separar? Onde há uma casa melhor do que essa? Onde posso usar roupas

melhores? Onde posso comer melhor comida do que essa? Era aquele Negro da casa. Naqueles dias, ele era chamado de "Negro da casa". E é assim que Ihe chamamos hoje porque ainda temos alguns Negros da casa por aqui.

Este Negro da casa moderna ama seu mestre. Ele quer viver perto dele. Ele vai pagar três vezes mais do que a casa vale apenas para viver perto de seu mestre, e depois vai se gabar dizendo "Eu sou o único Negro aqui." "Eu sou o único no meu trabalho." "Eu sou o único nesta escola." Você não passa de um escravizado da casa. E se alguém vier até você agora e disser, "Vamos nos separar", você dirá a mesma coisa que o escravizado da casa dizia na plantação. "o que você quer dizer com se separar? Da América? Deste bom homem branco? Onde você vai conseguir um emprego melhor do que este aqui? Digo, isso é o que você diz. "Eu não perdi nada na África," isso é o que você diz. Porque você desvinculou sua mente da África!

Naquela mesma plantação havia o escravizado do campo. O escravizado do campo representava as massas. Havia sempre mais Negros no campo do que na casa. O escravizado do campo sofreu o inferno. Ele comia os restos. Da casa, eles comiam carne de porco. O escravizado do campo não conseguia nada, mas só o que sobrava do interior do porco. Eles chamam de "miúdos" hoje em dia. Naqueles dias, eles chamavam assim. Era o que você era, um devorador de intestinos. E alguns de vocês ainda são.

O Negro do campo era espancado de manhã até à noite. Ele morava num barraco, numa cabana. Ele usava roupas velhas. Ele odiava o seu mestre. Eu digo que ele odiava o seu mestre. Ele era inteligente. Aquele escravizado da casa amava seu mestre. Mas aquele escravizado do campo — lembre-se, eles eram maioria e eles odiavam o mestre. Quando a casa pegou fogo, ele não tentou apagar. Aquele Negro rezou por um vento forte, por uma brisa. Quando o mestre adoeceu, o escravizado do campo rezou para que ele morresse. Se alguém dissesse ao escravizado do campo: "vamos nos separar, vamos correr", ele não perguntava "para onde estamos indo?" Ele dizia, "qualquer lugar é melhor do que esse aqui." Você tem o escravizado do campo na América hoje. Sou um escravizado do campo. As massas representam os escravizados do campo. Quando veem a casa deste homem em chamas, não se ouve estes pequenos Negros falarem sobre "o nosso governo está em apuros." Eles dizem, "o governo deles está em apuros." Imagine um Negro dizer: "nosso governo"! Até ouvi um dizer "nossos astronautas". Nem o deixam chegar perto da fábrica..., "nossos astronautas"! "nossa Marinha"..., é um Negro que está fora de si..., é um Negro que está fora de si.

Assim como o escravizado daqueles dias usou Tom, o escravizado da casa, para manter os Negros apaziguados, o mesmo escravizador de hoje tem Negros que não são nada mais do que Tio Toms modernos, Tio Toms do século XX, usados para manter você e eu apaziguados, nos manter sob controle, manter-nos passivos, pacíficos e não violentos. É o Tom a fazer-te não-violento. É como ir ao dentista e o homem tira o teu dente. Você vai lutar com ele quando ele começar a puxar. Então, ele passa alguma coisa no seu maxilar chamado *novocaine*, para fazer você pensar que eles não estão fazendo nada contra você. Então você senta aí e porque você tem toda essa *novocaine* em seu maxilar, você sofre pacificamente. Sangue correndo pelo seu maxilar e você não sabe o que está acontecendo. Porque alguém te ensinou a sofrer pacificamente.

O homem branco faz a mesma coisa com você na rua, quando ele quer colocar algo na sua cabeça e tirar proveito de você sem ter medo de retaliação. Para te impedir de reagir, ele tem um velho tio religioso para nos ensinar, com a anestesia, a sofrer pacificamente. Não pare de sofrer — apenas sofra pacificamente. Como o Reverendo Cleage ressaltou, "Deixe seu sangue fluir nas ruas." É uma pena. E você sabe que ele é um pregador cristão. Se é uma vergonha para ele, imagine o que é para mim!

Não há nada em nosso livro, o Alcorão — que você o chama de "*Ko-ran*" — que nos ensine a sofrer pacificamente. A nossa religião ensina-nos a ser inteligentes. Sejamos pacíficos, corteses, obedientes à lei, respeitosos a todos, mas se alguém colocar a mão em você, mande-o para o cemitério. É uma boa religião. Na verdade, essa é a religião antiga. Isso é o que mamãe e papai costumavam falar: olho por olho, dente por dente, cabeça por cabeça e vida por vida: é uma boa religião. E ninguém se ressentiu que esse tipo de religião seja ensinado, somente o lobo que pretende fazer de você a sua refeição.

É assim que acontece com o homem branco na América. Ele é um lobo e você é uma ovelha. Toda vez que um pastor nos ensinar a não fugir do homem branco e, ao mesmo tempo, nos ensinar a não lutar contra o homem branco, ele está nos traindo. Não dê a vida por si só. Preserve sua vida, é a melhor coisa que você tem. E se você desistir, você perdeu tudo.

O capataz levou Tom e o vestiu bem, e o alimentou bem, e até lhe deu um pouco de educação. Deu-lhe um casaco longo e um chapéu cartola e fez todos os outros escravizados olharem para ele. Então ele usou Tom para controlá-los. A mesma estratégia usada naqueles

dias é usada hoje pelo mesmo homem branco. Ele pega o chamado Negro e o torna proeminente, o constrói, o torna uma figura pública, uma celebridade. E então, ele se torna um porta-voz dos Negros, um líder Negro.

Gostaria de mencionar rapidamente apenas mais uma coisa, e que diz respeito ao método que o homem branco usa, como o homem branco usa essas "grandes armas", ou líderes Negros, contra a Revolução Negra. Eles não fazem parte da Revolução Negra. Eles são usados contra a Revolução Negra. Quando Martin Luther King falhou em acabar com a segregação em Albany, Geórgia, a luta pelos direitos civis na América alcançou seu ponto baixo. King quase faliu tanto quanto líder como financeiramente. A Conferência da Liderança Cristã do Sul estava em dificuldades financeiras. Além disso, estava em apuros com as pessoas quando eles falharam em acabar com a segregação em Albany, Geórgia. Outros líderes Negros dos direitos civis da chamada estatura nacional tornaram-se ídolos caídos. Como eles se tornaram ídolos caídos, começaram a perder prestígio e influência. Os líderes locais Negros começaram a agitar as massas. Em Cambridge, Maryland, Gloria Richardson em Danville, Virgínia e outras partes do país, líderes locais começaram a agitar o nosso povo. Isso nunca foi feito por esses Negros, que você reconhece como de estatura nacional. Eles te controlaram, mas nunca te incitaram. Eles te controlaram; eles te contiveram, te mantiveram na plantação.

Uma vez que o King falhou em Birmingham, os Negros foram para as ruas. King saiu e foi para a Califórnia para um grande comício e levantou cerca de não sei quantos milhares de dólares. Ele veio para Detroit e fez uma marcha e levantou mais alguns milhares de dólares. E lembre-se, logo depois que Wilkins atacou King, acusando a ele e o CORE de criar problemas em todos os lugares e, em seguida, fazendo a NAACP tirá-los da cadeia, gastando muito dinheiro. Então eles acusaram o King e o CORE de arrecadar todo o dinheiro e não pagar de volta. Isso aconteceu; eu tenho isso documentado em jornal. Roy começou a atacar King e ele começou a atacar Roy, e Farmer começou a atacar os dois. E quando esses Negros de estatura nacional começaram a atacar uns aos outros, eles começaram a perder o controle das massas negras.

E os Negros estavam nas ruas. Estavam falando que iam marchar em Washington. A propósito, naquela época Birmingham tinha explodido e os Negros em Birmingham - lembre-se, eles também explodiram. Eles começaram a esfaquear os branquelos nas costas, do busto para cima, na cabeça - sim, eles fizeram. Foi quando Kennedy mandou tropas para Birmingham. Então, depois disso, Kennedy apareceu na televisão e disse: "isso é uma questão moral." Foi

quando ele disse que ia aprovar um projeto dos direitos civis. E quando ele mencionou isso e os branquelos do Sul começaram a falar sobre como eles iam boicotar ou obstruir, então os Negros começaram a falar - sobre o quê? Nós vamos marchar sobre Washington, marchar sobre o Senado, marchar sobre a Casa Branca, marchar sobre o Congresso e provocar uma parada, não ia deixar o governo prosseguir. Eles até disseram que iriam para o aeroporto se deitariam na pista e não deixariam nenhum avião aterrissar. Estou a dizer-te o que eles disseram. Isso era uma revolução. Isso era uma revolução. Era a Revolução Negra.

Eram as raízes da relva na rua. Isso assustou o homem branco até a morte, assustou a estrutura branca em Washington, D.C. até a morte. Eu estava lá. Quando descobriram que este rolo compressor preto ia descer para a capital, eles chamaram Wilkins, chamaram Randolph. Eles chamaram esses líderes nacionais Negros que você respeita e disseram a eles, "Cancelem". Kennedy disse, "Olha, vocês estão deixando essa coisa ir longe demais." E o velho Tom disse: "chefe, eu não posso parar porque não foi eu que comecei." Estou a dizer-te o que eles disseram. Eles disseram, "Eu nem estava com ele, muito menos na cabeça dele." Eles disseram: "esses Negros estão fazendo as coisas por conta própria. Eles estão passando à nossa frente. E aquela velha raposa astuta, ele disse, "bem, se vocês não estão com ele, eu vou colocá-los nele. Vou colocá-lo na liderança. Vou apoiá-lo. Eu o ajudo. Vou me juntar a ele.

Em questão de horas, eles tiveram uma reunião no Hotel Carlyle, em Nova York. O Hotel Carlyle é de propriedade da família Kennedy; é o hotel onde Kennedy passou a noite. Pertence à família dele. Uma sociedade filantrópica chefiada por um homem branco chamado Stephen Currier chamou todos os líderes dos direitos civis no Hotel Carlyle. E ele disse-lhes: "por vocês lutarem entre si, estão destruindo o movimento dos direitos civis. E já que você está lutando pelo dinheiro dos liberais brancos, vamos criar o que é conhecido como o conselho da união da liderança dos direitos civis. Vamos formar este conselho e todas as organizações de direitos civis vão passar a pertencer a ele e vamos usá-lo para fins de angariação de fundos. Deixe-me mostrar como o homem branco é traiçoeiro. E assim que eles se formaram, eles elegeram Whitney Young como o Presidente, e quem você acha que se tornou o vice-presidente? Stephen Currier, o homem branco, um milionário. Powell estava falando sobre isso no Cobo [Hall] hoje. Era disto que ele estava falando. Powell sabe o que aconteceu. Randolph sabe o que aconteceu. O Wilkins sabe o que aconteceu. O King sabe o que aconteceu. Todos os que se chamam de "seis grandes" sabem o que aconteceu.

Uma vez formado isso, com o homem branco na liderança, ele prometeu-lhes e deu-lhes \$800,000 para dividir entre os seis grandes e lhes disse que depois que a marcha acabasse eles lhes dariam mais \$700,000. Um milhão e meio de dólares divididos entre os líderes que vocês seguem, vão para a cadeia, choram lágrimas de crocodilo. E eles não são nada além de Frank James e Jesse James que vocês chamam de irmãos.

Assim que a organização estava configurada, o homem branco colocou à disposição deles peritos de relações pública, colocou a mídia de todo o país à sua disposição e então eles começaram a projetar esses seis grandes como os líderes da marcha. Originalmente, eles nem sequer estavam na marcha. Você estava falando sobre a marcha na rua Hastings - a rua Hastings ainda é aqui? - na rua Hastings. Você estava falando sobre a marcha na Avenida Lenox, como você chamava? - Rua Fillmore, Avenida Central e Rua 32 e Rua 63. Foi onde a conversa sobre a marcha foi discutida. Mas o homem branco colocou os seis grandes na liderança e fez a marcha. Eles a tornaram a marcha. Eles a assumiram. E a primeira coisa que fizeram depois que assumiram a liderança foi convidar Walter Reuther, um homem branco. Eles convidaram um padre, um rabino, um velho pregador branco. Sim, um velho pregador branco. O mesmo elemento branco que colocou Kennedy no poder, os católicos, os judeus e os protestantes liberais, a mesma panelinha que colocou Kennedy no poder juntou-se à marcha em Washington.

É semelhante quando você tem um café muito preto, o que significa que é muito forte. O que você faz? Você mistura com creme para enfraquecê-lo. Se você derramar muito creme, você nem vai saber que está bebendo café. O que costumava ser quente se torna morno. O que costumava ser forte se torna fraco. O que costumava te acordar, agora te faz dormir. Isso foi o que eles fizeram com a marcha sobre Washington. Eles se juntaram a ela. Eles não se integraram, eles se infiltraram. Eles se juntaram a eles, tornaram-se parte dela, a assumiram. E uma vez que eles a assumiram, ela perdeu a sua militância. Eles deixaram de ficar com raiva. Deixaram de ser quentes. Deixaram de ser intransigentes. Visto que deixou de ser uma marcha tornou-se um piquenique, um circo. Nada além de um circo, com palhaços e tudo. Você tinha um bem aqui em Detroit, eu vi na televisão com os palhaços, palhaços brancos e palhaços Negros. Sei que você não gosta do que estou dizendo, mas vou te dizer de qualquer maneira. Porque eu posso provar o que estou dizendo. Se você acha que estou falando mal, traz-me Martin Luther King e A. Philip Randolph e James Farmer e os outros três, e veremos se vão negar isso em um microfone.

Não, foi uma venda. Foi uma aquisição. Quando James Baldwin veio de Paris não o deixaram falar porque não puderam fazê-lo seguir o roteiro. Burt Lancaster leu o discurso que Baldwin deveria fazer, eles não deixariam o Baldwin subir lá porque eles sabiam que o Baldwin era capaz de dizer qualquer coisa. Eles os controlaram - eles disseram aos Negros a hora de chegar à cidade, como chegar, onde parar, que sinais transportar, que música cantar, que tipo de discurso eles poderiam fazer, e que discurso não poderia fazer e depois disse-lhes para saírem da cidade ao pôr do sol. E cada um desses Toms saiu da cidade ao pôr do sol. Agora sei que não gosta que eu diga isso. Mas eu posso afirmar isso. Foi um circo, uma performance que superou qualquer coisa que Hollywood já produziu, a performance do ano. Reuther e os outros três demônios deveriam ganhar um Oscar de melhor ator porque eles agiram como se realmente amassem os Negros, mas estavam enganando a todos. E os seis líderes Negros também devem receber um prêmio como o melhor elenco de apoio.

3.13 Malcolm X na Universidade de Columbia (20 de novembro de 1963)

Dr. Mencher e estudantes. Primeiro quero agradecer ao Dr. Mencher pelo convite para falar aqui nesta tarde. E eu deveria começar salientando que, na Columbia Law Review, eu acho que foi em dezembro do ano passado, foi publicado um extenso artigo sobre os muçulmanos, ressaltando que havia um grupo de estudantes de direito deste campus estudando alguns dos aspectos legais dos muçulmanos com o objetivo de encontrar alguma maneira de parar a propagação da religião de acordo com a Constituição. E uma vez que você tem uma Universidade tão famosa como esta, em que há estudantes dedicados sem nenhum outro propósito que não seja o de tentar encontrar alguns meios constitucionais para parar a propagação de uma religião impopular, isso em si é suficiente em minhas observações introdutórias para salientar porque os muçulmanos neste país são tão mal compreendidos.

A imprensa se refere a nós como "Muçulmanos Negros, o que não somos. Nós somos o povo Negro que são muçulmanos porque nós acreditamos na religião do Islã. Quando você acredita na religião do Islã, a cor não tem qualquer importância.

Não há tal coisa como um muçulmano marrom, um muçulmano vermelho, muçulmano amarelo, muçulmano branco, ou muçulmanos Negros quando você acredita na religião do Islã. Mas aqui no Ocidente, no mundo cristão, onde a cor é o critério pelo qual uma pessoa é medida, na maioria das referências que são usadas para designar as pessoas, geralmente a cor é um dos

principais elementos mencionados. Nós somos muçulmanos. Nossa religião é o Islã. Nós acreditamos em *Allah*. Acreditamos em um Deus, um criador, um Ser Supremo, que é chamado por nós de *Allah*. E este Deus é crido por pessoas no mundo muçulmano, que abrange praticamente toda a Ásia, África e hoje, muitas partes da América Latina. Como os muçulmanos acreditam em um só Deus, nós também acreditamos que este único Deus tem apenas uma religião e todos os profetas que surgiram nesta terra pregaram uma religião. O nome dessa religião é o Islã.

Aqui na América os chamados Negros foram separados de seus próprios antepassados, de seu próprio povo e de sua própria espécie, de sua própria cultura por quase 400 anos. E durante 400 anos que ficamos isolados do nosso povo, fomos expostos a todo tipo de filosofia religiosa exceto a religião do Islã, uma grande quantidade de tempo foi usado para manter a religião do Islã longe dos ouvidos e da mente dos Negros neste país.

Creemos que o honorável Elijah Muhammad foi enviado por *Allah* para nosso meio com o propósito de ensinar a religião do Islã aos chamados Negros americanos. E aqueles de nós que aceitam esta religião acreditam que é a única e verdadeira cura para o mal que aflige o nosso povo nesta parte do mundo.

Uma das razões para que esta religião seja a única cura é porque nós acreditamos que apenas a verdade nua e crua, e uma das causas de nossas doenças nesta parte do mundo é a nossa falta de exposição à verdade durante os 400 anos que estivemos aqui. Acreditamos que os ensinamentos dados a maioria dos Negros na América são mentiras, mentiras deliberadamente inventadas, mentiras científicas. E essas mentiras são projetadas para fazer os Negros se sentirem inferiores e ao mesmo tempo fazer as pessoas brancas se sentirem superiores. E se alguém tem alguma dúvida quanto aos propósitos do sistema educacional americano que é projetado para realizar isso, então tudo o que eles têm a fazer é examinar a atitude geral do branco e a atitude geral dos Negros, e eu acho que o resultado vai comprovar muito bem esta afirmação.

Na religião do Islã, como ensinado pelo honorável Elijah Muhammad, as principais características que se adquire depois de ter sido exposto aos ensinamentos é um despertar. Faz o nosso povo acordar. Por "despertar", quero dizer que se desenvolve dentro de nós um orgulho racial, dignidade racial e um forte senso de confiança racial. E esse é o ingrediente que falta na

formação da maioria dos Negros no sistema educacional, acadêmico e religioso aqui na América. Considerando que o ensinamento do Islã de Muhammad restaura este orgulho racial e essa dignidade racial, esse auto respeito e confiança em nossa própria espécie, restaurando nossas raízes culturais, nos dando um conhecimento de nossas raízes culturais, ou eu deveria dizer conectando-nos com nossas raízes no passado; e apontando para nós nossas raízes históricas, automaticamente podemos sustentá-las. Assim como uma árvore recebe nutrição de suas raízes, descobrimos que quando o chamado Negro neste país é reconvertido ou voltado para a religião do Islã, ele tem a tendência de fazer conosco a mesma coisa que as raízes de uma árvore faz para aquelas árvores.

Também dá ênfase às contribuições que nosso povo fez no campo da ciência, da cultura, a civilização no passado. Considerando que o sistema educacional americano destruiu completamente todas as contribuições feitas à ciência e à civilização dos povos africanos, e dá ênfase - muitas vezes a ênfase falsa - às contribuições que foram feitas primeiramente por brancos.

E depois que este processo de despertar é realizado, a próxima coisa que o Sr. Muhammad faz em seus ensinamentos religiosos é dá ênfase a questão da limpeza. Uma vez que as características gerais atribuídas pelos sociólogos à chamada comunidade negra são embriaguez, preguiça, problemas de bem-estar e coisas desse tipo, hoje, quando o honorável Elijah Muhammad nos ensina a religião do Islã, imediatamente, os muçulmanos que aceitam se afastam do tabaco, do narcóticos, do álcool, das mentiras, das trapaças, dos roubos, dos jogos de azar, dos palavrões, a maior parte dessas coisas com a qual os críticos associam os Negros.

Desenvolve dentro de nós o forte desejo de respeitar as nossas mulheres, proteger as nossas mulheres e elevar as nossas mulheres, e sustentar as nossas mulheres. Estas são características muçulmanas. E isso nos dá um forte respeito também por parte dos oficiais da lei. Somos obedientes à lei enquanto a lei é obediente a si mesma, e respeitamos a lei enquanto a lei se respeita. E seus ensinamentos têm uma forte tendência para reabilitar os homens que estavam na prisão. No caso dos muçulmanos, raramente um muçulmano vai para a prisão por ter transgredido a lei. A maioria dos Negros que estão na prisão, que são muçulmanos, se tornaram muçulmanos depois de ir para a prisão. Eles foram para a prisão como cristãos, e quando eles entraram, descobriram que sua filosofia e crenças cristãs não foram suficientes para afastá-los do crime e das grades da prisão, eles ficaram muito desiludidos. Quando eles ouvem

os ensinamentos do honorável Elijah Muhammad, geralmente eles aceitam. Rapidamente, são reabilitados. Eles são reformados e se tornam pessoas melhores.

A última etapa desse processo, após o despertar e a limpeza é o elevar-se. Esta religião também dá às pessoas negras que a aceitam o desejo de começar a fazer algo por nós mesmos em vez de sentar e esperar que o homem branco resolva nossos problemas e nos diga que somos livres ou nos conceda algum tipo de justiça ou igualdade. Os muçulmanos não acham que são os homens brancos quem devem dizer-nos quando nosso povo será realmente livre ou quando nosso povo estará pronto para qualquer coisa. Uma vez que despertarmos, cabe a nós obter o que é nosso direito por qualquer meio necessário e impor esses direitos.

Eu poderia dizer nesta curta declaração de abertura que a diferença básica entre os Negros na América que são cristãos e Negros na América que são muçulmanos é que o homem Negro na América, que é cristão, geralmente, se identifica com a América e com todos os problemas da América não se vê a partir de uma perspectiva mundial.

Geralmente seu alcance é muito limitado. No sistema educacional americano, ele nunca foi ensinado a pensar por si mesmo para além dos limites da América ou ver qual é o seu papel no mundo. Seu papel se limita a América e ao cenário americano em suas próprias visões. E, portanto, no palco americano, que é um palco branco, ele se vê como uma minoria, como um azarão, aquele contra quem as probabilidades se amontoam. Geralmente, o homem Negro que é cristão, quando se aproxima do problema, ele se aproxima como um azarão, ele se aproxima como um mendigo, se aproxima de uma maneira onde ele pensa que a estrutura do poder branco está fazendo-lhe um favor quando eles recebem migalhas de sua mesa.

Então, ele deixa todo o seu futuro nas mãos do homem branco, enquanto o homem Negro muçulmano, que é um seguidor do honorável Elijah Muhammad, seu alcance não se limita aos limites da América, mas ele olha para o problema dele em todo seu contexto mundial. E como tal, ele vê que a maioria das pessoas desta terra possui pele escura. E uma vez que a maioria das pessoas nesta terra é não-branca e ele próprio não é branco, ele se vê nesse contexto. Não como uma minoria no palco americano, mas uma parte da grande maioria das pessoas que superam em número os brancos nesta terra.

Mas para o muçulmano, o homem branco é apenas uma minoria microscópica. E os Negros que aceitam o Islã não veem onde os brancos estão lhes fazendo favores quando falam em termos de liberdade, justiça e igualdade. Nem pensamos que é permitido ao homem branco ou deve ser permitido ao homem branco reconhecer que os Negros são seres humanos a fim de, portanto, um dia, eles tenham de aprovar algum tipo de legislação para garantir aos Negros seus direitos como seres humanos.

Espero que seja suficiente, e se não for, vamos tentar esclarecê-lo mais tarde. Obrigado.

* * *

Pergunta: Eu sou atingido por semelhanças entre as ideias pregadas pelo movimento muçulmano e as ideias dos proponentes da negritude, e eu me pergunto se você poderia dizer alguma coisa sobre a relação entre o movimento muçulmano e este movimento na África com os recentes Estados africanos independentes. Você às vezes fala sobre seu pessoal voltar para o lugar de onde vieram. Em que medida isso é algo prático? Existe algum diálogo entre a África e os muçulmanos?

Malcolm X: Sr. Muhammad nos ensina que a única solução para este problema que confronta nosso povo nesta sociedade em particular, onde somos absolutamente indesejados, é uma partida, uma partida imediata desta área indesejada de volta para a nossa própria pátria, onde poderemos viver entre a nossa própria espécie em paz e em segurança. E a causa básica do problema racial neste país, na verdade, decorre do fato de que os Negros não são desejados neste país, exceto como bens móveis ou propriedades que possam ser explorados politicamente, economicamente e de outras formas. E quando as pessoas negras neste país acordar e começar a pensar com o seu próprio cérebro e ver a realidade de sua posição nesta sociedade, ele vai se tornar cada vez mais desencantado e eles têm uma tendência a se dissociar completamente do presente da América, bem como do futuro da América, o que pressupõe que o único futuro para o homem Negro, que foi exposto às brutalidades e hipocrisias do sistema americano, é uma partida de volta para a casa entre a nossa própria espécie, onde poderemos viver entre a nossa própria espécie. E se este homem que você nomeou se refere a isso como negritude, uma expressão que eu não uso, então é bom porque nós acreditamos que um homem branco deve ser branco e um homem Negro deve ser Negro. Nós acreditamos que os povos brancos, pela sua natureza, pensam em termos do que é bom para povos brancos primeiramente e acima de tudo. Acreditamos que o que quer que os brancos façam, uma vez que eles são intelectualmente maduros - se eles são moralmente maduros é outra questão - mas sempre que eles se tornam

intelectualmente maduros, eles pensam em termos do que é bom para as pessoas brancas e tudo o que eles fazem deriva dessa premissa particular - do que é bom para os brancos.

E acreditamos que os Negros... e o homem branco não estão errados em pensar assim. Ele está aplicando a primeira lei da natureza, que é a autopreservação. Mas pela mesma razão, quando o homem Negro se torna verdadeiramente independente, não só politicamente e economicamente, mas intelectualmente, acreditamos que o homem Negro também começará a pensar em termos do que é bom para ele coletivamente como um povo em primeiro lugar, o que é natural, e isso leva a outra coisa.

Pergunta: Você disse que o Sr. Elijah Muhammad foi enviado por *Allah* na América. Eu acredito que a maioria dos muçulmanos no Oriente acreditam que o profeta Santo Muhammad foi o primeiro profeta.

Malcolm X: Bem, se você se lembrar, eu não disse que o Sr. Muhammad era um profeta. Senhor, não nos referimos ao Sr. Muhammad como um profeta. Um profeta na minha compreensão da palavra é aquele que prevê o futuro, aquele que diz o que está por vir algum dia. Não estamos interessados em um dia. Estamos interessados neste momento. Referimo-nos ao honorável Elijah Muhammad como um mensageiro que tem uma mensagem de verdade para o povo Negro aqui na América. Agora, quando nossos irmãos no Oriente foram ensinados a religião do Islã e então nós, seu próprio povo, fomos sequestrados do Oriente e trazidos para este país e mantidos aqui em cativeiro por 400 anos, nossos irmãos muçulmanos de lá nunca destinaram seu tempo para vir aqui e pregar a religião do Islã ou nos ensinar sobre a religião do Islã, muito menos nos ensinar nada sobre o nosso destino.

Aqueles que passaram a maior parte do tempo tentando ensinar o Islã ao homem branco que nos escravizou da América. Não estão em posição para questionar a autenticidade de qualquer pessoa que tente propagar a religião do Islã na América entre os afro-americanos. E a maioria deles que vem a este país e eu penso que eles sejam a cerca de 200 - 300.000 nunca foram bem-sucedidos em converter sequer 100 americanos brancos à religião do Islã. A religião do Islã é uma religião de propagação.

É uma religião em que, quando se aceita na verdade e na sinceridade, ele não se sente satisfeito a menos que esteja propagando a religião. Esta é a natureza do Islã, esta é a história

do Islã. Mas nossos irmãos não divulgam o Islã há muito tempo. Na verdade, eles não estão nem mesmo vivendo para eles mesmos. Assim, logo que o honorável Elijah Muhammad, um pequeno homem Negro da Geórgia, é capaz de se levantar em seu país e não converter apenas uma centena ou duzentas, mas centenas de milhares de ex-escravizados chamados Negros, e fazê-los virar para Meca cinco vezes por dia dando louvor a *Allah* e praticando os princípios da religião do Islão mesmo em uma base mais estrita do que é praticado na maioria do mundo hoje, devem dar-lhe o crédito e não questionar sua autenticidade religiosa.

Pergunta: Sr. X, em 1959, quando Elijah Muhammad viajou para o Oriente, ele foi recebido por líderes internacionais. Ao mesmo tempo, entretanto, os líderes nacionais do movimento muçulmano americano repudiaram seu grupo. Você pode me dizer, desde essa época houve alguma mudança nessa política? Houve algum entrelaçamento entre os dois grupos?

Malcolm X: Número um, você não vai encontrar verdadeiros muçulmanos, que são religiosamente sinceros, lavando suas roupas sujas em público. Esta é uma das características natural do Islã. O Islã cria fraternidade. Torna muçulmanos uma família feliz e sempre que os membros da mesma família estão em desacordo, eles resolvem entre eles à porta fechada e depois eles saem em público como uma frente unida.

Os muçulmanos que acolheram o honorável Elijah Muhammad em sua viagem ao mundo muçulmano em 1959 fizeram assim porque perceberam que ele estava fazendo o trabalho de propagação do Islã no Ocidente, que eles mesmos com todos os recursos, não foram capazes de fazer, considerando que, por outro lado, você tinha grupos muçulmanos neste país que não são religiosamente sinceros e que vivem das migalhas que caem da mesa da estrutura de poder em que vivem e tudo o que dizem geralmente é projetado para atender as pessoas que dominam essa estrutura de poder ou para apaziguá-las. Assim, seus pronunciamentos de três ou quatro anos atrás costumavam ser de críticas e condenação ao honorável Elijah Muhammad. Mas se você notar em sua imprensa, isso tem diminuído recentemente.

Geralmente ,quando um muçulmano do exterior chega aqui, os repórteres far-lhe-ão uma pergunta principal ou tendenciosa. Um repórter induzirá esse muçulmano a pensar que os muçulmanos Negros ensinam o ódio, eles são contra todos os povos brancos, "o que você pensa dos Muçulmanos Negros?" Você pode imaginar a resposta que esse homem vai dar. Então isto é o que este segmento em particular tem feito, e alguns de nossos irmãos do exterior que vieram

aqui se tornaram vítimas dele. Ao invés de vir até nós e descobrir o que é que defendemos e o que estamos ensinando, eles ouvem o inimigo do Islã e deixam o inimigo influenciar a opinião deles. Portanto, não temos qualquer simpatia ou paciência com eles também, embora, na verdade, eles não entendam.

Pergunta: Como você se sente sobre o interesse que o partido nazista americano tem mostrado pelo seu movimento?

Malcolm X: Eu não sei nada sobre o partido nazista americano. Eu acho que provavelmente todos eles podem caber em um jardim; isto é, os nazistas praticantes. No entanto, eu acho que há mais pessoas brancas neste país que simpatizam com o nazismo do que com a prática da democracia. Há mais brancos que usam pequenas algibeiras nazistas como bode expiatório praticando mais o nazismo do que Hitler na Alemanha. E eu não acho que qualquer branco esteja em uma condição moral para perguntar a mim o que eu penso sobre os nazistas. À luz dos fatos é que você está vivendo em um país que em 1963 permitiu o bombardeio a igrejas negras e o assassinato de crianças inocentes, sendo assim, não está em posição de me perguntar nada sobre o nazismo.

O nazismo é praticado por este governo. Desculpe-me por falar-lhe tão sem rodeios, mas eu me deparo com esse tipo de pergunta de vez em quando e isso não me faz ficar mal, faz você ficar mal. A mesma coisa que Hitler estava praticando na Alemanha é praticado neste país contra os Negros também, e é praticado contra os muçulmanos Negros em geral e os muçulmanos em particular. Eles se escondem atrás do fato de que Rockwell é um suposto nazista, mas Rockwell não poderia fazer o que ele está fazendo e obter o máximo de apoio que ele está recebendo se não houvesse um grande segmento de brancos neste país que pensam exatamente como ele. Rockwell está apenas camuflando seu real sentimento por trás de um monte de frases arrogantes como "integração", "direitos civis", e outras coisas.

Pergunta: Se você acha que o nosso governo pratica o nazismo, o que dizer sobre os esforços de, vamos dizer, do Departamento de Justiça para obter legislação... sobre acusar o Departamento de Justiça de não tentar fazer nada pelos Negros. E a política legislativa de Kennedy?

Malcolm X: E sobre isso?

Pergunta: E sobre isso? E sobre isso?

Malcolm X: Kennedy não observa nenhuma legislação. Kennedy nunca mencionou nenhuma legislação até que os Negros começaram a reagir em Birmingham. Enquanto os cães estavam mordendo as pessoas negras em Birmingham e King tentando fazer com que o Presidente enviasse tropas para proteger as vítimas da brutalidade policial em Birmingham, o Presidente não disse nada, o departamento de Justiça não fez nada. Contanto que os Negros não fossem violentos, o Departamento de Justiça não fez nada. Somente quando os Negros eclodiram na manhã de sábado e começaram a retaliar contra a brutalidade de seus agressores que o Presidente veio a televisão e, em seguida, começou a falar sobre algum tipo de legislação de direitos civis que ele ia pedir. Ele estava pressionado, ele estava num canto, esta foi a única vez que ele mencionou isso. Tornou-se uma questão moral, então. Eu não sou muito influenciado por brancos que se tornam muito morais quando alguém coloca uma arma na cabeça dele, seja o Presidente da Casa Branca ou apenas um outro Rockwell ou Wallace.

Para lhe mostrar a hipocrisia do Departamento de Justiça, incluindo o homem na Casa Branca, logo que eles sentiram o que eles chamaram de "revolta" tinha atenuado, eles começaram a se apressar num esforço para aprovar algum tipo de legislação de direitos civis. E todos os dias eles saíam e admitiam que havia menos chance de qualquer legislação de direito civil ser aprovada naquele ano.

Então, eu não acho que o Departamento de Justiça ou qualquer outra pessoa esteja sendo fiel à situação, uma vez que ela é enfrentada por Negros novamente, especialmente à luz da verdade de que, embora o Departamento de Justiça não pudesse enviar ninguém para Birmingham, Kennedy estava pronto para enviar tropas para Saigom para proteger 2 ou 3.000 americanos que nem tinham negócios lá. E ele estava pronto para enviar tropas para Cuba e para outros lugares desta terra. Mas quando se trata de enviar tropas ou policiais para defender a vida e a propriedade dos Negros neste país, tudo se resume apenas a um monte de conversa. Nada se materializa. E eu acho que as pessoas brancas devem perceber que os Negros estão mais conscientes desta hipocrisia do que muitos brancos estão dispostos a admitir para si mesmos.

Pergunta: Senhor, sobre a questão da não-violência, o Sr. Williams, o Negro da Carolina do Norte agora em Cuba, sugeriu que os Negros americanos se armassem em legítima defesa.

Gostaria que o senhor comentasse a opinião do Sr. Williams, especialmente com relação a questão das armas.

Malcolm X: Bem, eu não comentaria sobre as opiniões do Sr. Williams porque eu não sei nada sobre elas, mas eu posso dar-lhe a opinião do Sr. Muhammad. É para isso que estou aqui. Eu não represento Robert Williams. Robert Williams está em Cuba. Ele está exilado. Evidentemente, ele não sabia o que estava fazendo. Ele deveria ter ido em frente e usado o que ele disse que acreditava. Os muçulmanos que seguem o honorável Elijah Muhammad acreditam que nosso povo deve ser inteligente, deve obedecer às leis, deve portar-se com respeito, mas sempre que alguém coloca suas mãos em nós, devemos enviá-lo direto para o cemitério, não importa quais sejam as probabilidades contra nós.

Devemos sempre obedecer a lei, devemos respeitar a todos. Devemos nos conduzir de forma inteligente, respeitosa e amigável. Mas toda vez que alguém colocar suas mãos sobre nós, essa pessoa deve ter o que o que merece. E eu não acho que há nada de errado com isso porque a América sempre praticou. Eu nunca li nada na história da América onde o tio Sam tenha dado a outra face. Quando os japoneses bombardearam Pearl Harbor, a América não disse, "bombardeei-nos novamente." Ele não deu a outra face. Não! Ela retaliou. Ela queria retaliar contra a Rússia só porque os mísseis russos estavam em Cuba.

Qualquer um que seja inteligente vai se defender quando estiver sendo atacado. E os Negros neste país que aceitam a religião do Islã e se tornaram seguidores do honorável Elijah Muhammad, não importa quais sejam as probabilidades contra nós, nós não carregamos nenhuma arma, nós não nos armamos, mas acreditamos que quando alguém nos ataca, nós vamos perder a nossa vida ali mesmo no local, ou vamos colocar a vida do agressor no chão. Espero que isso esclareça esse ponto

Pergunta: No artigo do Sr. Byrd baseado em entrevistas com Elijah Muhammad, ele menciona a possibilidade de força de atividade política. Você poderia comentar sobre isso?

Malcolm X: Sim. O que o Sr. Muhammad tem em mente não é claro para mim. Não sei quais são as intenções políticas dele. Ele não as relatou. Mas eu poderia dar ênfase ao fato de que o mesmo Herald-Tribune, que realizou sua série, em 1961, eu acho que foi em fevereiro, eles mencionaram que neste país você tem cerca de 3 milhões de Negros que votam e 8 milhões que

não votam. Você tem 11 milhões que poderia votar. Eles disseram 2,7 milhões votam, que em números redondos é de aproximadamente 3 milhões que votam e 8 milhões não. Então a pergunta é: quem são os tipos de Negros que votam? E eu acho que se você estudar, você vai descobrir, geralmente, eles são o tipo de classe média burguesa, profissional ou semiprofissional que são parte ativa da política. As massas de pessoas negras neste país não participam da política. Isso não significa que eles sejam politicamente imaturos ou politicamente letárgicos, mas eles não tomam parte na política porque não confiam nos políticos. Nem no político Negro nem no político branco porque a maioria dos políticos Negros é apenas um fantoche da máquina da política branca.

Eles não têm voz alguma. E quando um político Negro se torna independente da máquina política branca, geralmente, a imprensa o rotula de racista, de extremista, de demagogo ou coisas assim. Você sabe como eles agem com Adam Clayton Powell. Ele é um dos únicos Negros neste país que demonstrou sua capacidade de ser independente da máquina política branca. Então, eles rotulam quando você demonstra verdadeira independência. Brancos não permanecem com qualquer homem Negro que é independente deles. Quando um homem Negro ouve o conselho do branco e coloca-se sob o controle do branco, o homem branco vai ficar com ele e o reconhecer como líder Negro responsável, e com isso, ele quer dizer que o Negro é responsável com ele e vai ouvi-lo.

Então, estes 3 milhões são minoria, a classe alta negra, considerando os 8 milhões, as massas que não participam, eles são o elemento mais perigoso, porque se 3 milhões representam tal peso estratégico que seus candidatos presidenciais e outros vão longe em sua maneira de agradar os 3 milhões, você pode imaginar o que eles poderiam fazer, se os 8 milhões, que estão inativos, se tornassem ativos. Porque eles iriam perturbar todo o quadro político neste país.

Esses são os fatos. Nunca nesta geração houve um verdadeiro líder que apelou para as massas que não Marcus Garvey. Marcus Garvey apelou para as massas. E ele assustou o governo e a estrutura de poder até a morte, ao ponto em que eles tiveram que ter um monte desses tios Tom Negros para se juntar e levá-lo emoldurado para a penitenciária de Atlanta para que pudessem deportá-lo. O primeiro homem a se tornar um líder desde Garvey é o honorável Elijah Muhammad. E aqueles estudantes de ciência política, que estão cientes da estrutura da comunidade negra, estão bem cientes do fato de que, se o Sr. Muhammad alguma vez se tornar

politicamente ativo, você teria uma alteração de toda a cena política deste país. Então, quais são os objetivos dele, eu não sei.

Pergunta: Senhor, eu entendo que uma das filosofias do movimento é uma separação geográfica das raças, e eu entendo também que a África do Sul recentemente estabeleceu sua nova política que exige a separação real em conchaves Negros. Existe alguma aplicação desta política nos Estados Unidos?

Malcolm X: Você não pode comparar o que o Sr. Muhammad está pedindo com qualquer coisa que esteja acontecendo na África do Sul. África do Sul é a África do Sul. A política do apartheid é uma política que está sendo executada pela estrutura de poder branco, que é uma minoria, contra os Negros que são maioria, e se a minoria branca achasse que a separação entre aqueles Negros e brancos daria aos Negros condições de igualdade, eles seriam tanto contra isso como eles são agora a favor. Mas eles acham que vão colocar o Negro em algum tipo de sociedade segregada que ainda estará sob sua jurisdição e que eles poderão controlá-los. Não estamos pedindo nada assim. O Sr. Muhammad quer a separação completa e a independência deste sistema político particular, sistema econômico que você chama de América. Queremos um sistema que permita que o homem Negro use seu próprio talento, conhecimento e recursos adormecidos para levantar-se por seu próprio esforço em vez de ficar aqui como um mendigo deste sistema, dependente deste sistema.

Pergunta: Você poderia prever como isso poderia acontecer nos Estados Unidos?

Malcolm X: Número um, o Sr. Muhammad não está dizendo, "Dê-nos parte deste país." Sua solução é, como eu acho que disse, é o êxodo completo do nosso povo deste país de volta para a nossa própria pátria, onde possamos viver entre o nosso próprio povo, e que este governo nos forneça todas as máquinas e ferramentas necessárias para desenvolver nosso próprio sistema agrícola, nos alimentar, vestir e abrigar, e, assim, tornar o nosso povo independente.

E se este governo não quer isso, então outra alternativa seria, já que não podemos nos dar bem neste continente convivendo uns com os outros, devemos nos separar geograficamente deste continente, nos dando uma área onde haja muita chuva, recursos minerais, máquinas e as ferramentas necessárias para começar nossa própria civilização, sociedade e governo independente. Então, haverá alguma paz. Mas fora isso, enquanto Negro e branco estiverem

sob o mesmo teto, você vai ter problemas muito sérios porque o homem Negro está despertando. E quando ele despertar, você não poderá contê-lo ou enganá-lo. Você não poderá acalmá-lo. Então, se a sociedade branca reagiu tão violentamente contra a solução simbólica que o Negro está pedindo, qual será a reação da sociedade branca quando o Negro acordar e começar a pedir a coisa real? A sociedade branca vai reagir violentamente e, em seguida, para o seu choque eles vão descobrir que a sociedade negra reagirá violentamente. Você esqueceu que a maioria das pessoas nesta terra são negras, elas não são pessoas brancas. Representamos uma minoria apenas nesta sociedade em particular. Mas em todo o mundo somos parte da maioria não branca e vamos nos apoiar nisso. E quando nossos irmãos acordarem, eles não ficarão satisfeitos e virão aqui para as Nações Unidas e repreenderá a África do Sul por seu racismo e calará a boca do tio Sam por seu racismo.

Pergunta: Para conseguir o que quer, que planos concretos você tem para avançar com isso?

Malcolm X: O honorável Elijah Muhammad, como muitos de vocês que são cristãos, provavelmente, se lembrarão na Bíblia onde Jesus disse: "vós deveis saber a verdade e a verdade vos libertará." Bem, nós acreditamos nisso. Acreditamos que quando as pessoas negras neste país forem expostas à verdade (é por isso que eu disse "despertar") sobre si mesmo, sobre seu próprio passado, então o pior crime que o homem branco cometeu contra nós será corrigido porque realmente o pior crime do qual o branco homem hoje é culpado é que ele destruiu um povo. Ele destruiu um ser humano.

20 milhões de Negros deixaram de ser humanos à vista da sociedade branca simplesmente porque o sistema branco destruiu todas as evidências da cultura que essas pessoas tinham produzido. E quando essas características culturais foram destruídas possibilitaram que o mesmo sistema nos classificasse como selvagens e canibais, fazendo parecer que o sistema escravocrata pelo qual passamos tinha sido benéfico para nós ao invés de criminoso. E a maioria dos Negros realmente caíram nessa.

Mas uma vez que Elijah Muhammad nos ensina a verdade sobre o nosso passado e sobre a nossa cultura, as realizações científicas e as contribuições do nosso povo na África em um momento em que seus antepassados ainda estavam rastejando em torno das cavernas, isso imediatamente restaura dentro do assim chamado Negro algum tipo de orgulho racial e incentivo racial e lhes dá a capacidade de seguir com seus próprios pés e começar a pensar com

seu próprio cérebro em vez de esperar por um homem branco para pensar por ele ou um homem branco para fazer algo para resolver os problemas para ele. A verdade é suficiente para acordar o nosso povo e uma vez que o nosso povo acordar, você terá um novo homem, um povo novo. Não será este velho Negro, subjugado de joelho com quem você está lidando. Ele será um homem que tratará você com respeito, desde que você o trate com respeito. Mas ele não será um homem que vai saudar você só por causa de sua pele branca, esses dias acabaram.

Pergunta: Sr. X, gostaria de saber se você pode nos dizer se os muçulmanos, seu povo vota, e ao mesmo tempo você poderia nos dizer a sua opinião sobre os três homens que já estão envolvidos na campanha - Sr. Goldwater, Sr. Rockefeller, Sr. Kennedy?

Malcolm X: O honorável Elijah Muhammad não nos ensina a votar. Ele nos ensina a despertar. Uma vez que um homem é despertado intelectualmente, ele pode pensar por si mesmo. Ele sabe o que é bom para si mesmo e então ele faz o que é bom para ele, coletivamente e individualmente. Devo dizer individualmente e coletivamente. Acordar é o primeiro passo. A maioria dos políticos não quer despertar os Negros. Eles querem que os Negros se registrem e continuem na ignorância para que possam ganhar o voto Negro em seu proveito particular. Mas você nunca ouviu nenhum dos líderes Negros falando sobre despertar o Negro, torná-lo intelectual e politicamente maduro. Eles apenas dizem, "faça-o se registrar." E se ele se registrar na condição mental na qual ele está agora, qualquer político pode vir e usá-lo.

Então o Sr. Muhammad diz, "acorde". Isto é, "Pense por si mesmo e depois faça o que for bom para si mesmo." Assim, os três candidatos que estão na linha de frente, eu esqueço seus nomes, mas quem quer que seja, não faz qualquer diferença para mim. Eu os classificaria como raposas e lobos. Goldwater é um lobo. Ele deixa você saber quem ele é. Ele não gosta dos Negros. Pelo menos todos os seus pronunciamentos e comportamento dão aos Negros a impressão de que ele é muito vicioso e perigoso, um tipo de lobo. E quanto aos outros... qual deles?

Pergunta: Rockefeller?

Malcolm X: Uma raposa. Raposas e lobos geralmente são da mesma raça. Eles pertencem à mesma família, eu acho que chamam de canino. E a diferença é que o lobo quando ele mostra seus dentes, você já sabe que ele é seu inimigo. A raposa quando mostra seus dentes, ela parece

estar sorrindo. Mas não importa em qual garra você caia, você sempre acaba na casa do cachorro. E os Negros do estado de Nova Iorque deviam estar bem familiarizados com isso porque não há mais liberdade, justiça e igualdade aqui do que em qualquer outro lugar. A mesma coisa que é praticada no estado de Nova York é praticada no Arizona e Mississippi. Só que em Nova York é feito de uma maneira mais sutil. É feito com um sorriso. É feito de uma maneira amigável. Mas todas as manifestações que têm ocorrido aqui na cidade de Nova York comprovam o que estou dizendo. Não faço distinção entre uma raposa e um lobo. Uma é raposa e o outro é lobo.

Pergunta: Como você classificaria o Presidente Kennedy?

Malcolm X: Do mesmo modo. Uma raposa. John F. Esse "F" significa (*fox*) raposa. Ele é, sem dúvida, mais atraente do que qualquer um dos outros porque uma vez que ele se torna Presidente, está no cargo por três anos e faz tão pouco para os Negros como ele tem feito, apesar do fato de que os Negros representaram 80% do voto dado para ele. E ele ainda pode manter uma imagem amigável na mente dos Negros, devo dizer que ele é a mais atraente das raposas.

Pergunta: Fora destes três candidatos, para quem você votaria no próximo ano?

Malcolm X: Eu não acho que, se eu fosse encurralado por qualquer raposa ou lobo, eu escolheria entre qualquer um. Não vejo escolha entre uma raposa ou um lobo. A raposa é uma raposa e um lobo é um lobo para mim. Ambos são maus. E os Negros quando se tornarem politicamente maduros vão perceber que você não tem que usar as balas de sua arma só porque você tem uma arma. Do mesmo modo, você deve esperar até que você tenha um alvo para alcançar. Acho que quando os Negros se tornarem maduros, não votarem só porque podem votar. Às vezes eles vão se abster. Às vezes, uma posição de abstenção é tão eficaz em seus resultados como um voto real, como é provado na ONU. Você tem aqueles que dizem "sim", e aqueles que dizem "não", e aqueles que se abstêm. E aqueles que se abstêm têm tanto peso quanto aqueles que votam. É provavelmente a coisa mais inteligente que os Negros poderiam fazer neste momento, seria se abster e reter seu voto completamente e fazer tanto a raposa como o lobo lutar entre si.

Pergunta: Você poderia me dar alguma ideia da força dos muçulmanos Negros aqui na cidade de Nova York?

Malcolm X: Não. não sei se são fortes. Eu não tenho ideia alguma.

Pergunta: Há algum registro de adesão?

Malcolm X: Não. Se há, eu não tenho os números. Eu não sou secretário. Não tenho ideia de quantos muçulmanos existem em Nova York ou em outro lugar. Murray Kempton em uma matéria para o New York Post disse que tem uma suspeita de que nunca há muitos muçulmanos Negros, mas ele tem uma suspeita de que a maioria dos Negros tem algo de muçulmano. Acho que anteriormente ele estava falando com razão e depois com a emoção. Como uma pessoa inteligente, sua análise o forçaria ver que, se ele fosse Negro e ouvisse o que Muhammad ensina, ele aceitaria, mas como uma pessoa branca, ele pôde ver que sua análise voltaria contra ele, então ele espera que os Negros não aceitem isso. Mas eu acho que você ficaria chocada Se você soubesse quantos.

Pergunta: O Sr. Muhammad alegou que em 1970, 90% dos Negros seriam convertidos ao Islã. Você é capaz de afirmar se houve aumento na adesão?

Malcolm X: Sim, eu ouvi quando o Sr. Muhammad fez essa declaração para Lou Lomax quando ele era repórter de Mike Wallace. Ele disse que por volta de 1970, todos os Negros neste país seriam ressuscitados do túmulo e a linguagem simbólica usada só significa que eles saberiam a verdade, e essa verdade iria acordá-los por volta de 1970. E há todas as indicações de que o ímpeto está ganhando força à medida que a data se aproxima. Os Negros estão acordando, e francamente, eu acredito que se as pessoas brancas soubessem o grau de velocidade com que os Negros estão acordando toda sua atitude seria muito diferente. E a única maneira de saber o quão rápido os Negros estão acordando é quando você começar a perguntar a esses tios Toms. Vá para a comunidade negra e pergunte a alguém que representa a comunidade.

Pergunta: Você diz que os homens brancos são responsáveis pela condição em que os Negros estão, você diz que eles deveriam dar a terra aos Negros, como você conciliar estes dois?

Malcolm X: Eu acho que é conciliável. Se você considerar que o nosso povo foi escravizado neste país por mais de 310 anos, esta foi a contribuição por meio do trabalho escravizado. Se

você pegasse todas as pessoas que estão nesta sala de aula agora e ficasse com a renda individual delas, individualmente, seria pouco; mas coletivamente subiria para o topo das escalas com base apenas em seu poder de ganho. Agora pegue o mesmo poder de ganho e multiplique isso, não semanalmente, mas anualmente e você poderia imaginar a renda que você teria do grupo desta sala pequena.

Quando você entende que a América não tinha apenas uma centena, mas tinha milhões de pessoas negras neste país, que trabalharam como animais por mais de 300 anos, sem receber nenhum centavo, nenhum salário, você verá como foi possível este país em particular, se tornar o mais rico do que qualquer outro país da história, mais rápido do que qualquer outro país da história. Esta é a contribuição que o Negro deu ao sistema econômico, político e social americano.

Agora, baseado nisso, a única compensação justa hoje não seria uma integração simbólica. Uma vez que demos esta contribuição para ajudar este país a se tornar o que ele é, e agora que estamos nele não podemos usufruir, e acreditem, não podemos nos dar bem, nem como irmãos e irmãs, isso nunca vai acontecer. A única coisa sensata que os brancos podem fazer para preservar, pelo menos, parte do que você tem é ir em frente e dar ao Negro a sua parte, deixá-lo partir e voltar para sua própria pátria e recomeçar a vida entre seu próprio povo.

Eu devo acrescentar, se você perceber o que eu disse antes, essa é a alternativa e eu encerro aqui porque tem que haver um resultado se a solução ou a alternativa não funcionarem. Tem que haver um resultado. Não vamos esperar mais cinco anos, dez anos ou outro século para resolver este problema racial. Tem que ser resolvido ou não haverá problema para resolver.

Pergunta: Você ainda não especificou alguma área particular onde você quer ir. Existe alguma indicação de qual área você tem em mente ou se as pessoas são favoráveis a você ou se você vai ser capaz de encontrar o tipo de lugar que você quer?

Malcolm X: Oh, sim. Este é o nosso povo. O que eles pareceriam se não nos aceitassem? Embora, se me dão licença para dizer isto, a estratégia do sistema colonial sempre foi dividir para conquistar, e o governo americano divulgou uma propaganda que nossos irmãos em África não nos querem, e eles divulgaram uma propaganda entre os africanos dizendo que o nosso povo aqui não os querem. E quando os africanos vêm para este país há uma distância entre nós

e nunca soubemos porquê. É essa mesma tática velha de dividir para conquistar, além do fato de que eles sabem, que se eles mantiverem os Negros pensando que não têm outro lugar para ir, então, a única alternativa para o Negro terá de continuar a ser um mendigo aqui na América porque ele acha que não há outra. E a maioria dos líderes Negros não são nada além de mendigos; enquanto o que o Sr. Muhammad diz é: "Deixe-nos ir. Dê-nos algo aqui que nos permita resolver o problema com as massas. "

E se eu tivesse tempo para explicar isso: você vê, a diferença entre o que o Sr. Muhammad está pedindo e os líderes Negros dos direitos civis estão pedindo é esta: a proposta do Sr. Muhammad resolve o problema para as massas, e resolve permanentemente, de uma vez por todas. Considerando que os líderes Negros dos direitos civis, a sua solução vai resolver o problema para alguns Negros escolhidos à dedo, e ainda assim essa solução é temporária porque você não pode citar um lugar na América onde a integração foi realizada, a não ser de uma forma simbólica. Onde quer ela tenha sido implantada foi de forma simbólica, os únicos que recebem os benefícios são os Negros escolhidos a dedo. Enquanto as massas ainda permanecem completamente excluída. Então isso só faz de você um tolo em achar que essa medida simbólica resolverá o problema. Considerando que se você obter uma separação completa e um acordo agora, o problema será resolvido de uma vez por toda.

Pergunta: Você não respondeu minha pergunta.

Malcolm X: Não respondi a sua pergunta? Bem, eu não acho que seria sensato de nossa parte especificar qualquer área geográfica ou política nesta terra onde o nosso povo nos aceitaria de braços abertos de volta para casa, e eu não acho que você deve usá-la contra mim por ser relutante em responder isso. Toda vez que uma ovelha se encontra em um antro de lobos e o pastor vem para salvá-la, o que ele pareceria se dissesse aonde ele estaria indo?

Pergunta: Senhor, você seria a favor, em vez dos Negros reter seu voto, criasse um partido todo Negro, talvez?

Malcolm X: Me desculpe, eu não sei se eu entendi a sua pergunta.

Pergunta: Você disse que, em vez de votar para estes três homens que estão concorrendo à Presidência que os Negros deveriam reter o seu voto. Você acha que em vez disso, talvez os Negros deveriam criar seu próprio partido, a fim de obter esses objetivos, que são políticos?

Malcolm X: Bem, eu não sei. Você mencionou o partido Liberdade Já (Freedom Now), bem, eu acho que eles tentaram fazer isso. Você vai notar que sempre que os Negros tentam criar sua própria organização, os líderes Negros de estatura nacional. Porque, você sabe, os Negros de estatura nacional não são realmente líderes da comunidade negra, e eles não se juntam com qualquer coisa que seja realmente projetado para resolver o problema da comunidade negra. Eles são controlados, seus salários são pagos pelo que você chama de liberais brancos, que são os mais perigosos da América, esses que se chamam de liberais brancos.

Por isso, você nunca vai encontrar um desses Negros reconhecidos nacionalmente apoiando qualquer coisa organizada só para o Negro ou qualquer coisa assim porque a sua própria posição decorre da condição de receber um salário, e eles acham que não podem receber um salário em qualquer sociedade que seja negra. Eles estão mais interessados em resolver o problema pessoal deles do que o das massas negras. Eu não deveria dizer que nós, como muçulmanos, não poderíamos endossar qualquer partido específico. Mas o fato de que somos muçulmanos e Negros, Eu acho que isso por si só pode indicar em qual direção nossa influência seria jogada, naquela direção que traria uma solução para o problema das massas, e não apenas para alguns Negros escolhidos a dedo. Os principais líderes Negros são insuficientes para atender às necessidades do Negro.

Pergunta: Por que o Movimento Muçulmano Negro não assume a liderança de um partido? Qual é a razão disso?

Malcolm X: O que a atual liderança negra neste país está fazendo irá destruí-la, estão criando um tigre. Se você notar, os líderes Negros nunca foram realmente militantes, nenhum desses que você chama de líder Negro. Só se tornam militantes quando as massas se tornam militantes. E então, os líderes Negros fingem ser militantes, a fim de manter sua posição perante as massas. Então, quando eles saem e fingem ser militante, eles começam a criar um tigre que eles próprios não poderão montar nem poderão controlar. Então, sempre que você encontrar alguma agitação por parte desses líderes Negros, você vai descobrir que eles estão agitando pessoas que eles não

podem controlar. Só há um homem capaz de montar esse tigre. E eles admitem em particular, mas não o admitem em público. O tigre vai engoli-los.

Pergunta: Senhor, como você concilia o fato de que o Negro está acordando quando em um comício no Harlem, pouco mais de mil de pessoas participaram.

Malcolm X: Bem, deixe-me responder-lhe desta forma: Eu li no jornal aqui onde os seis grandes, com o apoio de todos os meios de comunicação, TV, rádio e imprensa iam fazer um comício em Polo Grounds. E mesmo com todo esse apoio, eles só reuniram, eu acho que 500 pessoas. Se lembrar, acho que concordará que foi isso que aconteceu. Sempre que os muçulmanos dão um comício, se a imprensa diz que havia 2000 presente, você pode apostar quantos estavam presentes. A imprensa branca atua para ocultar o feito dos muçulmanos e a influência dos muçulmanos na comunidade do chamado Negro em nível local, em nível estadual e em nível nacional porque o pensamento desejado de muitos destes brancos é que a maioria dos Negros não apoie os muçulmanos. Então eles tentam se iludir. Este é um dos erros mais perigosos que esta geração atual de brancos está cometendo. Eles se iludem com pensamentos atraentes.

Pergunta: E quanto aos milhares de Negros que marcharam sobre Washington?

Malcolm X: Eu posso explicar isso facilmente. A marcha sobre Washington alcançou um bloco completo e não recebeu qualquer reação... originalmente a ideia de marchar sobre Washington foi trazida pela massa de pessoas em todo o país que estavam descontentes e extremamente desencantadas. E no momento em que eles estavam falando sobre a marcha em Washington, se você voltar e verificar todos os relatórios de imprensa, Wilkins e os líderes nacionais não estavam envolvidos em nada: os seis grandes não estavam envolvidos em nada. Foi falado sobre o desenvolvimento da marcha se tornar algo tão incontrolável e você vai lembrar, o Presidente Kennedy chamou Wilkins e eu acho Randolph e um dos outros e pediu-lhes para cancelar. E então, o Presidente foi informado que eles não poderiam cancelar porque não foram eles que haviam começado, então, pouco depois, Wilkins e eles voltaram para Nova York e uma reunião foi realizada no Hotel Carleton no centro de Nova York, o Hotel que Kennedy, eu acho que pertence à família dele ou alguém próximo a ele.

Essa reunião foi convocada por uma sociedade filantrópica chefiada por Stephen Courier, e ele chamou esses líderes Negros que estavam se destruindo, lutando entre eles para que se unissem no que eles chamaram de comitê de união de liderança dos direitos civis — algo assim. E uma vez que eles formaram a suposta comissão para fins de angariação de fundos, Courier nomeou um jovem para a presidência do mesmo e ele se tornou o vice-presidente. E essa organização em particular foi usada para representar controlar e influenciar todo o movimento dos direitos civis. O primeiro passo era assumir a marcha sobre Washington. E os seis grandes foram projetados pela mídia como os líderes da marcha, como estando no controle da marcha. E assim que o público os aceitou ou identificou suas imagens como inseparáveis da marcha, seu próximo passo foi convidar Walter Reuther, um rabino, um sacerdote e um pregador para participar, o mesmo grupo branco que colocou Kennedy no poder em Washington, D.C. juntou-se à marcha em Washington porque quando o próprio Kennedy descobriu que ele não podia parar, raposa que ele é, ele se juntou a eles. Ele o endossou, ele o acolheu e disse: "Venha para Washington." E conseguiu que os amigos se juntassem a ele. E quando se juntaram a ele, enfraqueceram-no. Se tornou em nada.

É como tomar uma xícara de café preto, que é muito forte para beber e misturá-lo com creme. Quando você derrama o creme nele, ele se esfria e se enfraquece, você eventualmente não tem mais a mesma substância com a qual você começou. A marcha sobre Washington acabou do mesmo jeito. Isso mostra a perspicácia política e o artifício deste grupo que está governando o país agora. Eles se juntaram à marcha. E eles colocaram tantos brancos nela que ela perdeu sua militância, perdeu o sabor, perdeu a essência.

Controlaram-no completamente até o encerramento, a ponto de o governo dizer àqueles Negros a que horas deveriam deixar a cidade, quando chegar, onde poderiam marchar, o que poderiam dizer e o que poderiam cantar, e disse-lhes que seria melhor deixar a cidade ao anoitecer. Esta foi sua marcha sobre Washington. A maioria dos verdadeiros militantes Negros ainda não foi à Washington. Assim que os brancos assumiram o controle eles ficaram longe dela. Os únicos que realmente acreditam que a marcha sobre Washington realizou alguma coisa são um punhado de Negros burgueses e um monte de brancos. Ela foi controlada pelos brancos, não pelos Negros. E não trouxe nenhum benefício.

Para mostrar a você até que ponto isso foi inútil, dentro de duas semanas depois do seu término, eles bombardearam uma igreja em Birmingham, assassinaram quatro garotinhas e

atiraram em dois garotinhos Negros pelas costas. E Kennedy tinha as coisas sob controle, uma vez ele nem sequer enviou nenhuma ajuda, mandou um técnico de futebol para lá... os Negros são apenas um time de futebol... e ele mandou seu treinador para lá para ter certeza de que as coisas não sairiam do controle. Por isso, não mencione a marcha em Washington. Foi uma farsa e não impressionou ninguém, exceto aqueles que queriam ficar impressionados antes mesmo de ela acontecer. Quero agradecer pelo convite e espero que meu discurso direto não seja tomado por você como uma forma de desrespeito. Este não é o caso. Eu sei que você me convidou aqui para falar o que eu penso, não apenas o que você quer ouvir. Alguns vêm e dizem o que você quer ouvir.

3.14 O julgamento de *Allah* contra América Branca (4 de dezembro de 1963)

O honorável Elijah Muhammad nos ensina que assim como o pecado da escravidão, que causou a queda e a destruição do antigo Egito, da Babilônia e da Grécia antiga, bem como da Roma antiga, o pecado do colonialismo (escravidão, século XIX de estilo europeu) causou o colapso das nações brancas na atual Europa como poderes mundiais. Estudiosos e observadores imparciais concordam que a riqueza e o poder da Europa branca diminuiriam rapidamente durante o século XIX, entre a segunda guerra mundial e hoje.

Então, nós desta geração atual também estamos testemunhando como a escravidão de milhões de afro-americanos neste país está trazendo a América branca sua hora de julgamento, sua queda como uma nação respeitada. E mesmo aqueles americanos que estão cegos pelo patriotismo infantil, pode ver que é apenas uma questão de tempo antes da América branca também ser totalmente destruída por causa de seus próprios pecados e todos os vestígios de sua antiga glória será removido deste planeta para sempre.

O honorável Elijah Muhammad nos ensina que como era da vontade divina a destruição dos impérios escravocratas do passado antigo e moderno, o julgamento e a destruição da América também serão provocados pela vontade divina e pelo poder divino. Assim como as nações antigas pagaram por seus pecados contra a humanidade, a América branca deve agora pagar por seus pecados contra 22 milhões "Negros". Os piores crimes da América branca são a hipocrisia e o engano. A América branca finge se perguntar: "o que esses Negros querem?" América branca sabe que 400 anos de escravidão cruel tornou esses 22 milhões de escravizados mentalmente cegos para ver o que eles realmente querem.

A América branca deveria estar se perguntando: "o que *Allah* quer para esses 22 milhões ex-escravizados?" Quem fará a América branca saber o que *Allah* quer? Quem vai apresentar o plano de *Allah* para a América branca? Qual é a solução de *Allah* para o problema gerado pela presença de 22 milhões de escravizados indesejados aqui na América? E quem vai apresentar a solução de *Allah*? Nós, os muçulmanos, que seguimos o honorável Elijah Muhammad, acreditamos de todo coração no Deus da justiça.

Creemos no criador, cujo poder divino e leis de justiça criaram e sustentam o universo. Creemos no sábio ser supremo, o grande Deus que é chamado de "Jeová" pelos hebreus monoteístas. Nós não acreditamos na Trindade (ou "pluralidade de deuses") como defendido pelos cristãos politeístas. Nós, que somos muçulmanos, chamamos Deus pelo seu verdadeiro nome: *Allah*, o grande Deus do universo, o senhor de todos os mundos, o mestre do dia do juízo. O honorável Elijah Muhammad nos ensina que *Allah* é o verdadeiro nome do ser supremo divino, e que o Islã é uma palavra árabe que significa submissão completa à vontade de Deus, ou obediência à orientação de Deus.

Nós, que somos muçulmanos, acreditamos nesta religião que é descrita na língua árabe pela palavra "Islã". Esta religião, o Islã, nos ensina a submissão à vontade de *Allah* e obediência à orientação de *Allah*. Dá-nos a disciplina moral que torna mais fácil para nós percorrermos o caminho da verdade e da justiça. "muçulmano" é uma palavra árabe, e se refere a uma pessoa cuja religião é o Islã. Um muçulmano é aquele que pratica a submissão e obediência à vontade de *Allah*. Aqui na América a palavra "muçulmano" é ocidentalizada e pronunciada "muçulmana". Muçulmanos e mulçumanos são na verdade a mesma palavra. Os crentes verdadeiros em *Allah* chamam-se muçulmanos, mas os infiéis não-crentes referem muçulmanos como muçulmanos ou *Muhammadans*.

Muitos dos fracos, infiéis muçulmanos que vêm a este país também adotaram algumas dessas mesmas pronúncias que foram inventadas para eles pelos infiéis. Mas nós não condenamos estes muçulmanos "ortodoxos" porque a recompensa do crente, assim como o castigo do incrédulo e do apóstata, vem somente de *Allah*. *Allah* é o único juiz. Só ele é o mestre deste dia de julgamento em que vivemos agora.

Por que o homem branco americano está tão indisposto com os 22 milhões de "Negros" que estão aprendendo sobre a religião do Islã? O Islã é a religião que eleva a moral das pessoas

que querem fazer o que é correto. Apenas ensinando-nos a religião do Islã, e mostrando-nos como viver a vida como um muçulmano, o honorável Elijah Muhammad está transformando centenas de milhares de "Negros" afastando-os da embriaguez, do vício das drogas, nicotina, roubo, mentira, trapaça, jogo, profanação, imundície, adultério e muitos outros atos de imoralidade que são quase inseparáveis desta sociedade ocidental indecente. O honorável Elijah Muhammad restaurou as nossas raízes culturais, a nossa identidade racial, o nosso orgulho racial e a nossa confiança racial. Ele nos deu o apoio e energia para sermos independentes.

Assim como nós acreditamos em um Deus, cujo nome próprio é *Allah*, acreditamos também que este único Deus tem apenas uma religião, a religião do Islã. Acreditamos que estamos vivendo a época da "realização da profecia", o tempo previsto pelos antigos profetas de *Allah*, quando este Deus usaria sua única religião para estabelecer um mundo aqui na terra — o mundo do Islã, ou mundo muçulmano — o que significa: um mundo de fraternidade universal que se baseará nos princípios da verdade, da liberdade, da justiça, da igualdade, da justiça e da paz.

Mas antes que *Allah* possa criar seu novo mundo, o mundo muçulmano, ou o mundo do Islão, que será estabelecido nos princípios da verdade, da paz, e da fraternidade, o próprio *Allah* deve primeiramente destruir este mundo ocidental perverso, o mundo branco... um mundo mau, governado por uma raça de demônios que pregam a falsidade, praticam a escravidão e prospera em indecência e imoralidade. Você e eu estamos vivendo o grande dia da condenação, a hora final a qual os antigos profetas previram que o próprio *Allah* apareceria pessoalmente, em carne, e com o poder divino e traria o julgamento e a destruição ao presente mundo maligno. A hora do julgamento e da desgraça está sobre a América branca para extirpar as sementes do mal, da escravidão e da hipocrisia que ela semeou. O próprio *Allah* declarou que ninguém deve escapar da desgraça deste mundo ocidental, exceto aqueles que aceitarem *Allah* como Deus, o Islã como sua única religião e o honorável Elijah Muhammad como seu mensageiro para os 22 milhões de ex-escravizados aqui na América, vinte e dois milhões de "Negros" que são referidos de modo simbólico nas Escrituras ovelhas perdidas, as tribos perdidas ou o povo perdido de *Allah*.

A América branca está condenada! *Allah* declarou que o honorável Elijah Muhammad é seu único meio de salvação. Quando rejeita o honorável Elijah Muhammad, quando você se recusa a ouvir a sua mensagem está a fechar a tua única porta de salvação. Quando se afasta

dela, corta-te tua única saída do desastre divino que se aproxima rapidamente sobre a América branca.

Antes que seu orgulho faça com que você endureça seu coração e feche ainda mais os seus ouvidos, e antes que sua ignorância provoque o riso, procure nas Escrituras Sagradas. Pesquise até as histórias de outras nações que ostentavam as mesmas posições de riqueza, poder e autoridade que esses americanos brancos hoje possuem e veja o que *Allah* fez a eles. Se as imutáveis leis de justiça de *Allah* não alcançaram cada um dos impérios escravistas do passado, como ousas pensar que a América Branca poderá escapar da colheita das sementes injustas plantadas por seus antepassados brancos contra nossos antepassados Negros aqui nesta terra de servidão.

De acordo com as escrituras, quando *Allah* estava prestes a destruir o mundo perverso com o dilúvio, ele primeiro levantou um homem chamado Noé, e o enviou como um profeta para avisar ao mundo ímpio que a inundação estava chegando, e que ele, Noé era a sua única saída. Mas sua própria maldade e luxúria pelo mal os tornou cegos demais para ouvir Noé, e eles foram destruídos pelo dilúvio por causa de suas próprias maldades. Mais uma vez, quando *Allah* se preparou para destruir o mundo ímpio dos sodomitas com o fogo de sua ira, ele primeiro levantou alguns homens e os enviou para alertar os sodomitas do fogo que os destruiriam por causa de suas más ações, deixando-os saber que Ló era sua única saída. Mas o vício dos sodomitas pelas suas próprias paixões também os tornou cegos demais para ver a divindade da missão de Ló. Assim, eles herdaram o mar de fogo e enxofre como recompensa por rejeitarem o servo de *Allah*.

Ainda mais tarde. Quando *Allah* se preparou para jogar sua ira sobre os egípcios, naquela casa de servidão, ou terra da escravidão, *Allah* enviou seu servo Moisés como um profeta para alertar o cruel mestre de escravos, Faraó. A mensagem de Moisés para o mestre dos escravizados era simples e clara: "Deixe o meu povo ir". Não os deixe viver segregados por você, pare de tentar enganá-los com falsas promessas de integração com você. Deixe-os se separar de você. Deixe-os ir comigo para um lugar onde o Deus de nossos antepassados preparou uma terra para nós..., uma terra em que poderemos servir o nosso próprio Deus, praticar a justiça, e viver em paz entre a nossa própria espécie. E Moisés avisou ao Faraó: "se não os deixares separar-te de ti e ires comigo, então o nosso Deus vai destruir-te e todo o seu império nesta terra." A riqueza e o poder do Faraó tornaram-no demasiado orgulhoso para ouvir

o pequeno e inarticulado ex-escravizado chamado Moisés. Ele ridicularizou a falta de eloquência de Moisés.

A atitude da América Branca hoje é a mesma com o honorável Elijah Muhammad. Eles o ridicularizam por causa de sua pouca instrução e de sua origem no campo de algodão na Geórgia. A América branca prefere ouvir os líderes Negros dos direitos civis, os seis grandes. Seis marionetes treinados pelos brancos em instituições brancas e, em seguida, colocado sobre o nosso povo por estes mesmos brancos como "porta-vozes" do nosso povo. Estes "porta-vozes" escolhidos a dedo não fazem nada além de servir de papagaio para os brancos falando o que eles querem ouvir.

O Faraó usou essa mesma estratégia para se opor a Moisés. Faraó também criou fantoches mágicos para servir de papagaio para divulgar suas mentiras e para enganar os escravizados hebreus, levando-os a pensar que Moisés era um pregador de ódio, um extremista que estava defendendo a violência e a supremacia racial, simplesmente porque Moisés estava tentando restaurar seu povo e sua cultura perdida, a sua identidade perdida, a sua dignidade racial perdida... o mesmo que o honorável Elijah Muhammad está tentando fazer entre os 22 milhões de Negros escravizados aqui nesta moderna casa de escravidão hoje. Opondo-se a Moisés, o Faraó estava realmente se opondo ao Deus de Moisés. Assim, esse mesmo Deus foi forçado a afogar Faraó no mar vermelho, destruir seu império e remover a influência egípcia da face da terra.

A história está se repetindo hoje. A América enfrenta o mesmo destino nas mãos de *Allah* todo poderoso. Essa mesma caligrafia divina está agora nas paredes desta moderna casa de servidão americana. Nós, os muçulmanos que seguimos o honorável Elijah Muhammad, acreditamos que as histórias simbólicas nestas escrituras antigas retratam o quadro profético atual da América e dos 22 milhões de Negros aqui na América. Acreditamos que nossa geração está testemunhando o cumprimento dessas profecias divinas, através do trabalho que está sendo feito entre o nosso povo aqui na América pelo honorável Elijah Muhammad.

Este pequeno, manso, humilde, inarticulado ex-escravizado é um Noé moderno, um Ló moderno, um Moisés moderno, um Daniel moderno. Na verdade, ele é um Davi moderno e como o antigo Davi, o honorável Elijah Muhammad tem recusado as armas carnais deste mundo perverso e tem se armado apenas com um "estilingue" e "pedras da verdade". Este Davi

moderno está decependo a cabeça deste Golias moderno (a gigante América) com uma doutrina que nenhum "capacete da falsidade" ou "escudo de engano" pode resistir, e será apenas uma questão de tempo, antes que o Evangelho da verdade de Elijah Muhammad leve este "gigante da falsidade" americana tombar e cair para sempre.

Elijah Muhammad nos ensina a crer em todos os profetas (incluindo o profeta Jesus), em todas as escrituras, na ressurreição dos mortos (não a ressurreição dos mortos físicos, mas a ressurreição dos Negros americanos mentalmente mortos); também no dia do julgamento e da condenação que significa: o julgamento deste mundo perverso e sua destruição pelo próprio *Allah*. Elijah Muhammad não só nos ensina a crença, mas também os princípios da prática muçulmana:

- 1) Praticamos a oração em direção à cidade santa de Meca cinco vezes por dia.
- 2) Fazemos contribuições de caridade para a propagação do Islã, ou espalhar essa verdade divina que vai salvar o nosso povo da destruição deste mundo ocidental ímpio.
- 3) Nós praticamos jejum (comemos apenas uma refeição a cada vinte e quatro horas, e fazemos três jejuns completo (abstenção total de alimento) em cada três meses do ano, jejuamos também durante o mês sagrado do Ramadã.)
- 4) Muitos de nós que podem pagar se esforçam para fazer a peregrinação à Cidade Santa de Meca, pelo menos uma vez durante a vida. O honorável Elijah Muhammad e dois de seus filhos fizeram esta viagem em dezembro de 1959, e outros de seus seguidores têm feito desde então.

A missão honrosa de Elijah Muhammad, como mensageiro, é lembrar a América que *Allah* não esqueceu seus crimes contra o seu povo que passou 400 miseráveis anos nesta terra de servidão. Sua missão é advertir a América da destruição divina que cairá sobre ela. Sua missão é avisá-la para que se arrependa e expie seus pecados contra o povo de *Allah* ou enfrentará a destruição e remoção completa e permanente da face desta terra. E remoção não só como uma nação, mas até mesmo como uma raça.

A missão divina do honorável Elijah Muhammad, sua mensagem e seu trabalho aqui na América é a mesma de Noé, Ló, Moisés e Daniel. Ele é um profeta para o nosso opressor branco, mas um salvador para os oprimidos. Ele está pregando a execução divina do mestre ímpio de

escravizados (a quem *Allah* legitimamente os responsabiliza por todos os pecados). Mas ele prega o perdão e a salvação para os Negros ex-escravizados, que se tornaram surdos, mudos, e mentalmente cegos pelo mestre de escravizados. Hoje, *Allah* não poderia condenar esses Negros americanos por seu comportamento pecaminoso e ignorante.

Quando Elijah Muhammad diz "fim do mundo", ele não quer dizer o fim da terra. Ele está se referindo ao fim de uma raça e sua remoção desta terra. Há muitos "mundos" aqui nesta terra: o mundo budista, mundo hindu, mundo judaico, mundo cristão, mundo capitalista, mundo comunista, mundo socialista, o mundo ocidental e o mundo oriental, o mundo africano e o mundo branco. Qual destes muitos mundos chegou ao fim de sua rota, o fim do seu tempo? Olhe ao seu redor em todos os sinais e você vai concordar que é o fim do tempo para o mundo ocidental, europeu, cristão, branco.

Acabou o tempo em que o mundo branco podia exercer autoridade unilateral e controle sobre o mundo africano. A independência e o poder do mundo africano estão aumentando, ele está crescendo em riqueza, poder, prestígio e influência. É a ascensão do mundo africano que está causando a queda do mundo branco. Enquanto o homem branco perde seu poder de oprimir e explorar o mundo africano, a própria riqueza poder e prestígio do homem branco diminuem. Seu mundo está em rota de destruição, está fora de seu controle e é a vontade e o poder do próprio *Allah* que está causando o fim do mundo branco.

Você e eu nascemos neste momento crucial de transição histórica, estamos presenciando o cumprimento da profecia. Nossa geração está testemunhando o fim do colonialismo, do europeísmo, do ocidental-ismo, ou do "branco-ismo"... o fim da supremacia branca, o fim da régua injusta do homem branco perverso. Devo repetir: o fim do mundo significa apenas o fim de um determinado "poder". O fim do colonialismo (ou poder) do colonizador. O fim do europeísmo (ou o poder) do Europeu... e o fim do "branco-ismo" (ou o poder) do homem branco.

De acordo com a Bíblia cristã, o dia do julgamento é aquela hora final em que Allah fará com que "aqueles que levaram outros para o cativeiro entrem também em cativeiro", "aqueles que mataram outros com a espada sejam mortos pela própria espada da justiça." Justiça só pressupõe que o mestre dos escravizados deve colher o fruto das sementes do mal da escravidão que ele plantou. Isso é justiça! Outros impérios escravagistas receberam justiça e

agora a América branca deve receber justiça. De acordo com o passado maligno da América branca, que está claramente registrado nas páginas da história, *Allah* deve julgá-la hoje.

Antes que *Allah* possa trazer essa destruição divina, ele deve primeiro separar os inocentes dos culpados, os justos dos ímpios, os oprimidos do opressor, os explorados do explorador, os escravizados do mestre escravizador. *Allah* nunca integra seu povo com aqueles que não são seu povo. A Escritura diz que *Allah* vai separar as suas ovelhas (Negros) das cabras (brancos), e o trigo do joio. As cabras devem ser abatidas e o joio atirado à chama ardente... enquanto as ovelhas devem ser recolhidas em seu pasto e o trigo em seu celeiro.

Como *Allah* preparou o dia do juízo final (um massacre, um lago de fogo) para este mundo pecaminoso de colonizadores brancos, escravizadores, opressores, exploradores, linchadores e todos os outros que se recusam a se arrepender e expiar seu pecado deste mundo branco condenado. *Allah* também preparou um refúgio, um refúgio de salvação para aqueles que vão aceitar seu último mensageiro e prestar atenção ao seu último aviso. A América Branca está condenada! Morte e destruição devastadora penduram neste momento no céu sobre a América. Mas por que a sua divina execução deve ocorrer? É tarde demais para ela evitar essa catástrofe?

Todos os profetas do passado listaram América como a número um entre os culpados. Ela é demasiada orgulhosa e cega para se arrepender e expiar o pecado quando o último mensageiro de *Allah* for levantado em seu meio para alertá-la. A última chance da América, seu último aviso, está vindo dos lábios do honorável Elijah Muhammad hoje. Aceitá-lo é estar a salvo, rejeitá-lo é estar condenado! Está escrito que a América branca irá rejeitá-lo, também está escrito que a América branca será amaldiçoada e condenada. E os profetas que anunciam essas profecias nunca erram em suas previsões.

A América branca se recusa a estudar, refletir e aprender uma lição da história, O Egito antigo não precisava ser destruído. Foi o seu governo corrupto, seus políticos corruptos que causaram a sua destruição. Faraó contratou mágicos hebreus para tentar enganar seu próprio povo levando pensar que logo seria integrado ao padrão de vida daquele país. O Faraó não queria que os hebreus ouvissem a mensagem de separação de Moisés. Mesmo naquele dia, a separação era a solução de *Allah* para o "problema do escravizado". Opondo-se a Moisés, os mágicos estavam realmente se opondo a *Allah*.

De forma semelhante, os mágicos Negros modernos são contratados pelo governo americano para se opor ao honorável Elijah Muhammad. Eles se colocam como "líderes Negros", contratados por este governo branco para fazer o nosso povo pensar que a integração nesta sociedade branca irá resolver o nosso problema.

Elijah Muhammad nos adverte diariamente: a única solução permanente para o problema racial da América é a completa separação destes 22 milhões de ex-escravizados do mestre de escravizados brancos e o seu retorno para sua própria terra onde viverão em paz e em segurança entre o povo deles. O honorável Elijah Muhammad nos avisa diariamente: o governo americano está tentando enganar 22 milhões de ex-escravizados com promessas que não pretende manter. Os políticos corruptos do governo estão trabalhando com os líderes Negros dos direitos civis, mas não para resolver o problema racial. Os políticos gananciosos que dirigem este governo elogiam falsamente à luta dos direitos civis somente para promover seus próprios interesses egoístas. E seu interesse principal como políticos é permanecer no poder.

Neste jogo político de poder, os Negros (ou seja, o problema racial, da integração e das questões de direitos civis) não representa nada além de ferramentas usadas por um grupo de brancos chamados liberais contra um outro grupo de brancos chamados conservadores para obter poder ou permanecer no poder. Entre os brancos aqui na América, os membros políticos não estão mais divididos em Democratas e Republicanos. Os brancos que agora estão lutando pelo controle do poder político americano estão divididos em "liberais" e "conservadores". Os liberais brancos de ambos os partidos cruzam as linhas do partido para trabalhar junto com o mesmo objetivo, e os conservadores brancos de ambos os partidos fazem do mesmo modo.

O liberal branco difere do conservador branco somente em uma maneira: o liberal é mais enganoso do que o conservador. O liberal é mais hipócrita do que o conservador. Ambos querem poder, mas o liberal branco é aquele que aperfeiçoou a arte de posar como o amigo e benfeitor do Negro e ao ganhar sua amizade, fidelidade e apoio, ele é capaz de usá-lo como peão ou ferramenta neste "jogo de futebol" político que está constantemente em conflito entre os liberais brancos e conservadores brancos.

Politicamente, o Negro americano não é nada, além de um futebolista e os liberais brancos controlam esta esfera mental inoperante através dos truques do simbolismo: promessas falsas de integração e de direitos civis. Neste jogo rentável de engano e exploração, o político

do Negro americano, os liberais brancos têm a cooperação dos líderes Negros dos direitos civis. Estes "líderes" vendem o nosso povo por migalhas simbólicas e ganhos simbólicos. Eles estão satisfeitos com vitórias simbólicas e progresso simbólico porque eles próprios não são nada além de líderes simbólicos.

De acordo com um editorial do New York Herald Tribune datado de 5 de fevereiro de 1960, dos 11 milhões de eleitores Negros qualificados, apenas 2,7 milhões realmente teve tempo para votar. Isto significa que, grosseiramente falando, apenas 3 milhões dos 11 milhões de Negros, que estão qualificados para votar realmente são uma parte ativa. Os restantes 8 milhões permanecem voluntariamente inativos, e ainda assim, este pequeno três milhões de eleitores detêm a vantagem decisiva para determinar quem será o próximo Presidente.

Se o próximo presidente for influenciado apenas por 3 milhões de eleitores Negros, é fácil entender por que os candidatos à presidência de ambos os partidos políticos investem em um show tão falso como a lei dos direitos civis e com falsas promessas de integração. Eles precisam impressionar os 3 milhões de Negros que votam e que são os verdadeiros "defensores da integração". Se tal alarido é feito sobre estes 3 milhões de defensores da integração, o que os candidatos presidenciais terão de fazer para apaziguar os 8 milhões de eleitores Negros inativos se eles decidirem se tornar politicamente ativo? Quem são os 8 milhões de Negros não votantes; o que eles querem e por que eles não votam?

Os 3 milhões de eleitores Negros são os chamados Negros de classe média, referidos pelo falecido sociólogo da Universidade da Howard, Franklin Frazier, como a "burguesia negra" que foram educados para pensar como "individualistas" patrióticos, sem orgulho racial e que olham para a frente, para o futuro esperançosamente "integrado inter-casados". A sociedade prometida pelos liberais brancos e os "líderes" Negros. É com esta esperança que o "espírito de integração" dos 3 milhões permanecem como uma parte ativa dos partidos políticos controlados pelo branco. Mas nunca devemos ignorar que estes 3 milhões de defensores da integração são apenas uma pequena minoria diante dos 11 milhões potenciais eleitores Negros.

Os 8 milhões de Negros não votantes são a maioria, são as massas negras oprimidas. As massas negras que se recusam a votar, ou a tomar parte na política porque eles rejeitam a abordagem da liderança negra escolhida para eles pelo homem branco. Estes líderes do tio Tom não representam a maioria dos Negros, eles não falam pelas massas negras. Eles representam a

"burguesia Negra", por meio de uma lavagem cerebral de mente branca. É uma minoria classe média que têm vergonha de ser Negro, e não querem ser identificados com as massas negras, estão perdendo sua "identidade negra", se misturando, se mesclando, se casando, e integrando-se com o homem branco.

O problema racial nunca poderá ser resolvido ouvindo essa minoria de mente branca. O homem branco deve tentar aprender o que as massas negras querem, e a única maneira de saber o que as massas negras querem é ouvir o homem que fala pelas massas negras da América. O único homem aqui na América que fala pelos oprimidos, pelas massas negras insatisfeitas, é este homem que muitos de nosso povo se reúnem para vê-lo e ouvi-lo. Este mesmo Sr. Muhammad, que é rotulado pelo homem branco como supremacista e racista.

Se os 3 milhões de Negros de mente branca estão apostando seus votos para a integração e casamento, o que as massas negras não votantes querem? Descubra o que as massas negras querem, e talvez o problema racial da América possa ser resolvido.

Pense como o último presidente ganhou as eleições com apenas uma margem escassa que foi "dado" a ele pelos eleitores Negro, e pense quantos governadores e outros políticos brancos garantiram seus assentos (menos que 5000 votos). Só então você pode entender a importância desses brancos liberais em seu controle sobre o voto Negro. Os liberais brancos odeiam o honorável Elijah Muhammad porque eles sabem que sua posição atual na estrutura de poder compromete sua capacidade de enganar e explorar o Negro, politicamente, bem como economicamente.

Eles sabem que a honrosa mensagem divina de Elijah Muhammad fará nosso povo (1) acordar, (2) limpar, e (3) se elevar. Eles sabem que uma vez que o honorável Elijah Muhammad for capaz de ressuscitar o Negro deste túmulo mental da ignorância, ensinando-lhe a verdade sobre si mesmo e seu verdadeiro inimigo, o Negro então será capaz de ver e pensar por si mesmo. Uma vez que o Negro aprenda a pensar por si mesmo, ele não vai mais permitir que o liberal branco o use como um futebolista indefeso no jogo político de poder do homem branco.

Examinemos brevemente algumas das estratégias complicadas usadas pelos liberais brancos para aproveitar e explorar as energias políticas do Negro. Os políticos corruptos de Washington, D.C fazem um grande alarde sobre a proposta de legislação dos direitos civis. Ao

propagar a questão dos direitos civis, eles habilmente acrescentam a falsa importância dos "líderes" Negros dos direitos civis. Uma vez que a imagem desses "líderes Negros" é valorizada muito além de sua proporção, esses mesmos "líderes" são usados por liberais brancos para influenciar e controlar os eleitores Negros, tudo para o benefício dos políticos brancos que posam como liberais e se colocam como amigos dos Negro.

Os conservadores brancos também não são amigos do Negro, mas pelo menos não tentam escondê-lo. Eles são como lobos, eles mostram seus dentes em um rosnado que mantém o Negro sempre alerta de sua intenção com eles. Mas os liberais brancos são raposas, que também mostram seus dentes para o Negro, mas fingem que estão sorrindo. Os liberais brancos são mais perigosos do que os conservadores, eles atraem o Negro, e como este foge do lobo rosnando, ele acaba caindo nas mandíbulas abertas da raposa "sorridente". O trabalho do líder Negro dos direitos civis é fazer o Negro esquecer que o lobo e a raposa pertencem à (mesma) família. Ambos são caninos e não importa em qual deles o Negro coloque sua confiança, ele nunca acaba na Casa Branca, mas sempre na casa do cachorro.

Os liberais brancos controlam o Negro e seu voto por meio do controle dos líderes Negros dos direitos civis. Enquanto eles controlarem os líderes Negros dos direitos civis, eles também podem controlar e conter a luta do Negro, e eles podem controlar a chamada revolta do Negro. A "revolução" Negra é controlada por essas raposas brancas liberais pelo próprio governo. Mas a verdadeira Revolução Negra é controlada apenas por Deus.

A Revolução Negra é a luta dos não-brancos desta terra contra os seus opressores brancos. A Revolução Negra varreu a supremacia branca para fora da África, para fora da Ásia, e está se preparando para varrer para fora da América Latina. As revoluções são baseadas em terra. Os revolucionários são os sem-terra contra o senhorio. As revoluções nunca são pacíficas, nunca são amorosas, nunca não violentas. Nem se comprometem. As revoluções são destrutivas e sangrentas. Os revolucionários não se comprometem com o inimigo, nem sequer negociam. Como a inundação no dia de Noé, a revolução afoga toda a oposição, ou como o fogo no dia de Ló, a Revolução Negra queima tudo que encontra em seu caminho.

A América é o último baluarte da supremacia branca. A Revolução Negra, que é internacional na sua natureza e âmbito, está varrendo de baixo para cima a América como um fogo se espalhando na floresta. Será apenas uma questão de tempo até que a América seja

engolida pelas chamas negras, estas marcas de fogo Negro. Sempre que um incêndio florestal incontrollável está rugindo sobre a fazenda, a única maneira que o agricultor tem para lutar contra o fogo florestal é através da construção de um "Retardador de Chamas", um fogo menor que ele mesmo pode controlar. Então, ele usa este "fogo controlado" para combater o fogo furioso que está além de seu controle.

Aqui na América, a Revolução Negra, o "fogo florestal incontrollável" está personificada nos ensinamentos religiosos e nas obras do Elijah Muhammad. Este grande homem de Deus não pode de forma alguma ser controlado pelo homem branco, e ele não vai se comprometer de modo algum com os erros que este governo infligiu ao nosso povo.

A "revolta" negra é controlada pelo homem branco, a raposa branca. A "revolução" negra é controlada por este governo branco. Os líderes da "revolução" dos Negros, os líderes dos direitos civis são todos subsidiados, influenciados e controlados pelos liberais brancos e todas as manifestações que estão ocorrendo neste país para dessegregar balcão de almoço, teatros, banheiros públicos, etc., são apenas incêndios artificiais que foram inflamados e ventilados pelos liberais brancos na esperança desesperada de poder usar esta revolução artificial para lutar contra a verdadeira revolução negra que já varreu a supremacia branca para fora da África, Ásia, e está varrendo-a para fora da América Latina e agora mesmo está se manifestando aqui também entre as massas negras neste país.

Podemos provar que a Revolução Negra é controlada por liberais brancos? Certamente! Logo após as manifestações de Birmingham, quando o mundo inteiro tinha visto na televisão os cães da polícia, polícia com porretes, jatos de água, brutalizando mulheres negras indefesas, crianças e até mesmo bebês. Isso foi relatado na página 26, na edição de 15 de maio do New York Times, em que o Presidente Kennedy e seu irmão, o Procurador Geral Robert Kennedy, durante uma conferência de almoço com vários editores de jornais do Estado do Alabama, advertiram esses editores que eles deveriam dar pelo menos alguns ganhos simbólicos aos líderes Negros moderados a fim de melhorar a imagem deles perante as massas negras, caso contrário, as massas poderiam aderir ao movimento dos extremistas Negros. E o presidente nomeou os muçulmanos Negros como sendo o mais importante entre os grupos extremistas e ele não queria que os Negros se voltassem para o grupo.

Em essência, o Presidente disse a estes editores do Sul que ele estava tentando fortalecer a imagem fraca dos líderes Negros dos direitos civis, a fim de compensar a forte imagem religiosa do líder muçulmano, o honorável Elijah Muhammad. Ele não estava dando a esses líderes Negros qualquer coisa que mereciam, mas estava confessando a necessidade de construí-los e sustentá-los a fim de manter as massas negras sob controle, mantê-las sob seu alcance. O presidente sabia que quando os Negros ouvissem o honorável Elijah Muhammad, os liberais brancos nunca mais influenciariam ou controlariam ou abusariam desses Negros para o benefício dos liberais brancos.

A imagem de Martin Luther King tinha sido comprometida no ano anterior, quando ele não conseguiu acabar com a segregação em Albany, Geórgia. Os outros líderes dos direitos civis também se tornaram ídolos caídos. As massas negras em todo o país no ápice de sua indignação já tinham começado a levar os seus casos para as ruas por conta própria. O governo de Washington sabia que algo tinha que ser feito para levar os Negros de volta ao cercado, de volta o controle dos liberais brancos.

A máquina de propaganda do governo começou a incentivar os Negros a seguir apenas aqueles que eles chamavam de líderes Negros "responsável". O governo cooptou os líderes Negros que eram comprometidos com o governo, e que poderiam conseqüentemente ser controlados pelo governo para serem usados por esse mesmo governo a fim de controlar a massa impaciente. O governo sabe que o honorável Elijah Muhammad está comprometido apenas com *Allah* e só pode ser controlado por Ele. Mas este governo branco da América não acredita em *Allah*.

Vamos rever brevemente o que aconteceu na primavera passada: em maio, em Birmingham, os Negros irromperam e retaliaram contra os brancos. Durante longas semanas quando os cães e os cassetetes da polícia e as mangueiras de água de alta pressão violentaram mulheres, crianças, bebês e os Negros de Birmingham, eles tinham solicitado ao governo uma intervenção com as tropas federais, o último presidente não fez nada. Ele disse que não havia nada que pudesse ser feito. Mas quando os Negros em Birmingham explodiram e começaram a se defender, o presidente então enviou tropas federais, não para defender os Negros, mas para defender os brancos contra os quais os Negros tinham finalmente retaliado.

Neste ponto, manifestações espontâneas começaram a ocorrer em todo o país. No auge da crise, os Negros começaram a falar sobre marchar em Washington, sobre o Congresso, o Senado, a Casa Branca e até mesmo no aeroporto. Ameaçaram pôr um fim a este governo. Isso assustou toda a estrutura de poder branca. O falecido presidente chamou os líderes Negros dos direitos civis e pediu-lhes que parasse a "marcha". Os líderes Negros dos direitos civis foram obrigados a dizer ao falecido presidente que não podiam parar a marcha porque não foram eles que tinham começado. Foi espontâneo, um movimento de iniciativa dos chamados Negros de todo o país, e não tinha qualquer liderança. Quando o presidente viu que não podia parar a marcha, juntou-se a marcha; ele endossou-a; ele deu boas-vindas a ela. Ele se tornou uma parte dela e foi ele que colocou os seis líderes Negros dos direitos civis à frente dela. Foi ele que criou uma imagem heroica dos seis grandes líderes Negros.

Como ele fez isso? Como é que ele assumiu o controle da marcha sobre Washington? Um estudo de sua estratégia astuta lhe dará um vislumbre da genialidade política com o qual a família Kennedy estava governando este país e como eles usaram o Negro em todos os seus esquemas. O presidente aprovou a marcha, isso deveria ter sido a dica. Poucos dias depois, em Nova York, no Hotel Carlyle, uma sociedade filantrópica conhecida como a Fundação Taconic, chefiada por um liberal branco chamado Stephen Currier, foi chamado para participar de uma reunião com os seis líderes dos direitos civis, em um esforço de trazer unidade de ação e propósito entre todos os grupos de direitos civis.

Depois de Martin Luther King ter sido liberado da prisão de Birmingham em maio, ele viajou de costa a costa em uma campanha para angariar fundos para sua conferência da liderança cristã do Sul. Roy Wilkins, em seguida, começou a atacar o King, acusando-o de criar problemas, dizendo que, após a NAACP socorrer o King e outros manifestantes, então King iria lucrar com o problema, obtendo todo o dinheiro para sua própria organização, deixando a NAACP afundada em uma grande perda financeira. Como King, Wilkins e os outros líderes dos direitos civis começaram a lutar publicamente entre si por causa de dinheiro que eles estavam tentando obter dos liberais brancos, eles acabaram destruindo sua própria imagem de liderança.

O liberal branco Stephen Currier mostrou-lhes como eles estavam se destruindo atacando uns aos outros e sugeriu que, uma vez que a maioria de suas divisões e divergências decorria da concorrência por fundos de liberais brancos, eles deveriam unir seus esforços de

angariação de fundos. Em seguida, eles formaram o conselho para a liderança unida dos direitos civis com o pretexto de que seria para fins de angariação de fundos. Eles escolheram Whitney Young da Liga Urbana como o Presidente, e o liberal branco Stephen Currier se tornou o vice-presidente.

Foi preciso o homem branco reunir os líderes Negros e uni-los em um grupo. Ele deixou-os escolher o seu próprio presidente, mas ele próprio tornou-se vice-presidente. Esta manobra astuta colocou o liberal branco e a Fundação Taconic na posição de exercer influência e controle sobre os seis líderes dos direitos civis e trabalhar através deles para controlar todo o movimento, incluindo a marcha sobre Washington. (Igualmente, colocar os liberais brancos em uma posição para forçar os seis grandes saírem de encontro ao boicote recentemente proposto no Natal ameaçando retirar seu apoio financeiro da movimentação dos direitos civis.)

De acordo com a edição de 4 de agosto do New York Times, \$800,000 foram divididos entre esses seis líderes Negros em 19 de junho no Hotel Carlyle, e outro \$700,000 lhes foi prometido em uma data posterior a marcha, se tudo ocorresse bem. Especialistas em relações públicas foram disponibilizados para orientar os "seis grandes", e eles receberam acesso aos meios de comunicação de todo o país. A imprensa habilmente projetou-os como os líderes da marcha sobre Washington, e assim que os seis grandes se tornaram reconhecidos aos olhos do público como os organizadores da marcha, seu primeiro passo foi convidar quatro "líderes" brancos para se tornar parte da marcha. Este grupo de líderes sabia de todos os planos e assim, controlaram o "rumo e o humor" da marcha.

Estes quatro "líderes" brancos representam os grupos que colocaram o presidente na Casa Branca: católicos, judeus, trabalhadores e liberais protestantes. Quando o presidente percebeu que não podia parar a marcha, ele não só se juntou a eles, mas encorajou todos os seus companheiros políticos a se juntarem. Esta é a forma como os liberais brancos assumiram o controle da marcha sobre Washington, enfraquecendo seu impacto e mudando seu curso. Ao mudar os participantes e seu conteúdo, eles foram capazes de mudar a própria natureza da marcha em si.

Exemplo: se eu tiver uma xícara de café forte porque é preto, eu vou enfraquecê-lo misturando-o com creme. Se eu continuar derramando bastante creme no café, muito em breve todo o sabor do café é alterado, a própria natureza do café é alterada. Se é derramado bastante

creme, eventualmente você não saberá nem mesmo que eu tomei café neste copo. Isto foi o que aconteceu com a marcha sobre Washington. Os brancos não a integraram, eles se infiltraram. Brancos se juntaram a ela, tornando-se tanto parte dela, esta perdeu seu sabor original. Deixou de ser uma marcha negra, deixou de ser militante, deixou de ser irritada, de ser impaciente. Na verdade, deixou de ser uma marcha. Tornou-se um piquenique, um passeio com uma atmosfera festiva, com circo, palhaços e tudo.

O governo tinha aprendido que, nos casos em que os manifestantes eram predominantemente Negros, eles eram extremamente militantes, e muitas vezes muito violentos. Mas, ao passo que os brancos participam, a violência na maioria das vezes era reduzida.

O governo sabia que se os Negros organizassem tudo por eles mesmos, os Negros estavam tão insatisfeitos, desencantados e com raiva do homem branco, que reagiriam aos ataques violentamente, independentemente das probabilidades ou consequências. O governo branco tinha aprendido que a única maneira de manter os Negros sob controle seria juntando-se a eles, infiltrando-se em suas fileiras disfarçado de integrante, através da integração em suas marchas e de todas as suas manifestações, enfraquecendo-os. Desta forma poderiam ser mantidos sob controle.

O governo disse aos manifestantes a hora de chegar a Washington, onde chegar, e como chegar. O governo então os direcionou ao ponto de chegada aos pés de um presidente morto, George Washington, e então os deixaram marchar dali até aos pés de outro presidente morto, Abraham Lincoln.

Os verdadeiros militantes Negros tinham planejado marchar sobre a Casa Branca, o Senado e o Congresso e parar o tráfego político no Capitólio, mas os políticos astutos de Washington, percebendo que aqueles militantes Negros originais não poderiam ser interrompidos, juntou-se a eles. Juntando-se aos manifestantes, os liberais brancos foram capazes de manipular os manifestantes, afastando-os para longe da Casa Branca, do Senado, do Congresso, do Capitólio, e para longe do objetivo original. Ao mantê-los marchando do monumento de Washington para o monumento Lincoln, marchando entre os pés de dois presidentes mortos, eles nunca chegariam à Casa Branca para ver o então presidente vivo.

Toda a marcha foi controlada pelo falecido Presidente. O governo em Washington tinha dito aos manifestantes quais sinais eram para carregar, quais canções eram para cantar, quais discursos eram para fazer, e quais discursos não fazer, e disse então aos manifestantes para sair da cidade ao pôr do sol.

Um dos seis líderes, John Lewis, Presidente do Comitê de Coordenação Estudantil não-violento, foi impedido de proferir um discurso muito militante. Ele queria atacar a administração de Kennedy por sua hipocrisia aos direitos civis. O discurso foi censurado pelo RT. Rev. Patrick, O ' Boyle, o arcebispo católico de Washington, D.C. Este foi um caso em que a própria Igreja Católica, a qual o Rev. O ' Boyle representa, colocou-se no direito de censurar a opinião legítima de um dos seis líderes dos direitos civis.

A estratégia astuta do presidente foi: se você não pode com eles, junte-se a eles. O presidente católico colocou seu bispo católico em uma posição estratégica para exercer a censura sobre qualquer um dos grandes seis líderes Negros que tentassem desviar-se do que foi estabelecido nesse "extravagante" evento chamado de marcha em Washington que o governo controlou desde o início.

Assim, na análise final da marcha, teria de ser classificado como o melhor desempenho do ano. Na verdade, foi o maior desempenho deste século. Superou tudo o que Hollywood poderia ter produzido. Se nós fôssemos escolher um candidato ao Oscar em 1963, nós teríamos que dar ao Presidente um Oscar de "melhor produtor do ano", e para os quatro liberais brancos que participaram do evento o Oscar de "melhores atores do ano" porque eles realmente agiram como liberais sinceros e enganaram muitos Negros. E para os seis líderes Negros dos direitos civis, o Oscar de "melhor elenco de apoio", porque eles apoiaram o Presidente em todo o seu ato e em todo o seu programa.

Agora que o show acabou, as massas negras ainda estão sem-terra, sem empregos e sem casas. Suas igrejas cristãs ainda estão sendo bombardeadas, suas garotinhas inocentes assassinadas. Então, o que a marcha de Washington realizou? Nada!

O presidente fortaleceu ainda mais sua imagem liberal, os outros brancos que participaram também melhoraram suas imagens como liberais, e os líderes dos direitos civis já foram permanentemente nomeados os seis grandes (por causa de sua participação na marcha),

mas as massas negras ainda estão desempregadas, ainda estão morrendo de fome e ainda estão vivendo nas favelas. E, devo acrescentar, ficando mais irritada e mais explosiva a cada dia.

A história deve repetir-se. Por causa das más ações americanas contra esses 22 milhões de "Negros", como o Egito e a Babilônia a própria América está agora diante da "grade da justiça". América branca está agora enfrentando seu dia de julgamento, e ela não poderá escapar porque hoje o próprio *Allah* é o juiz. O próprio *Allah* é o administrador da justiça, o próprio *Allah* deve ser o seu executor divino.

Será possível para a América escapar deste desastre divino? Se a América não pode expiar os crimes que ela cometeu contra o 22 milhões de Negros, se ela não pode desfazer os males que brutalmente e impiedosamente amontoou sobre nosso povo nestes últimos 400 anos, então a América assinou sua própria sentença. As pessoas seriam tolas em aceitar suas ofertas enganosas de integração em sua sociedade condenada nesta data tardia!

Como a América pode expiar seus crimes? O honorável Elijah Muhammad nos ensina que um teatro não segregado ou um balcão de almoço não segregado não vai resolver nossos problemas. Melhores empregos não vão resolver nossos problemas. Uma xícara de café integrada não é suficiente para pagar 400 anos de trabalho escravo e um trabalho melhor na fábrica do homem branco ou uma posição em seu negócio é, na melhor das hipóteses, apenas uma solução temporária. A única solução duradoura e permanente é a separação completa em algumas terras onde podemos chamar de nossa.

Elijah Muhammad nos ensina que o problema racial pode ser facilmente resolvido, apenas enviando esses 22 milhões de ex-escravizados de volta à nossa própria pátria, onde poderemos viver em paz e harmonia com a nossa própria espécie. Mas este governo deve fornecer o transporte, além de, tudo o que precisamos para começar novamente em nosso próprio país. Este governo deve fornecer tudo o que precisamos em máquinas, materiais e finanças o suficiente para durar de vinte a vinte e cinco anos, até que possamos nos tornar um povo independente em nosso próprio país.

Se este governo branco tem medo de deixar os 22 milhões de ex-escravizados voltar para o nosso país e para o nosso próprio povo, então a América deve reservar algum território

separado aqui no Hemisfério Ocidental, onde as duas raças possam viver separadas uma das outras, uma vez que não se dão bem vivendo juntos.

O tamanho do território pode ser medido de acordo com a nossa própria população. Se a quantidade do nosso povo corresponde a um sétimo da população total da América, então ele nos daria um sétimo desta terra. Não queremos nenhuma terra no deserto, mas onde há chuva e muita riqueza mineral. Queremos terras férteis e produtivas nas quais podemos cultivar e providenciar para o nosso próprio povo comida, vestuário e abrigo. Este governo deve fornecer-nos as máquinas e outras ferramentas necessárias para cavar a terra. Dê-nos tudo o que precisamos durante vinte a vinte e cinco anos, até que possamos produzir e suprir nossas próprias necessidades.

Se nós somos uma parte da América, então parte do que ela vale nos pertence. Vamos tomar a nossa parte e sair, então este país branco poderá ter paz. Qual é o seu patrimônio líquido? Dê-nos a nossa parte em ouro e prata e deixe-nos partir e voltar para a nossa pátria em paz. Não queremos integração com esta raça perversa que nos escravizou. Queremos uma separação completa desta raça de demônios. Mas não devemos deixar a América e voltar para a nossa pátria de mãos vazias. Após 400 anos de trabalho escravo, devemos ser pagos de volta.

Se o governo da América branca realmente se arrepender de seus pecados contra o nosso povo, e expiá-los, dando-nos a nossa parte, então a América poderá salvar-se, Mas se a América esperar pela intervenção de *Allah* todo poderoso para forçá-la a um acordo justo, *Allah* tirará este continente inteiro dela e ela deixará de existir como uma nação.

Suas próprias escrituras cristãs advertem que quando *Allah* vier, ele poderá dar o "Reino inteiro a quem ele quiser". O que pressupõe que o Deus da justiça, no dia do juízo pode dar este continente inteiro a quem ele quiser!

América branca acorde e preste atenção antes que seja tarde demais!

4. DESLIGAMENTO DO MOVIMENTO MUÇULMANO NEGRO

4.1 Uma visita do FBI (4 de fevereiro de 1964)

FBI: Bom dia, como vai? Somos do FBI.

FBI: Tem alguns minutos? Gostaríamos de falar com você.

Malcolm X: Entre.

FBI: Desculpe, te acordamos?

Malcolm X: Eu estava ao telefone. Seu nome é?

FBI: Beckwith.

Malcolm X: E seu nome?

FBI: Fulton.

Malcolm X: De qual escritório você é?

FBI: De Nova York. Só há um aqui. Temos dois problemas que gostaríamos de falar com você. Um... por que você não pega o artigo e lê. Você pode ter sido chamado por um grupo de repórteres, certo?

Malcolm X: Sim.

FBI: O que eles estão dizendo, bobagem?

Malcolm X: Eu os insultei. De onde é esse jornal?

FBI: Algum lugar de Nova York, eu não sei, eu acho que o Time, eu não tenho certeza. O problema nesta conexão é que temos todas as razões para acreditar que esse cara mentiu para nós quando ele nos deu o original.

Malcolm X: Você deveria.

FBI: Agora, é claro, isso é uma violação da lei federal, por isso, ele está na cadeia aguardando julgamento. Agora, o procurador dos EUA que está no caso quer você interrogado para refutar parte da história dele que não está no relatório; que ele participou de uma reunião, eu acredito que foi na segunda-feira ou terça-feira, no décimo quarto, em Rochester, por volta das sete ou oito até dez ou dez e quinze à noite, em que você estava lá. Claro, você era muito bem conhecido, naturalmente, e como ele tem o seu nome, eu não sei. É parte da nossa prova, veja, provar que você de fato não estava lá. E, se é o caso, foi na noite de terça-feira, não foi?

Malcolm X: Sim, em 14 de janeiro. Normalmente, eu poderia estar em qualquer lugar, mas acontece que naquela noite eu estava no Hotel Internacional, aqui no aeroporto Kennedy, com um escritor, Alex Haley, que escreve para a revista Reader's Digest. Você pode pegar o número dele no Reader's Digest, ele mora em Roma, Nova York.

FBI: Sim, ouvi o nome dele. Doubleday está escrevendo um livro. Ele nos enviou uma carta.

Malcolm X: Certo, ele escreveu uma carta.

FBI: Na verdade, as cópias estão bem aqui. Quando a carta chegou, ele disse que o Egito estava tentando entrevistá-lo sobre alguma coisa. Agora, ele tem estado onde morava anteriormente. Não tínhamos informações sobre isso além da pessoa que recebeu a carta. Então você esteve com ele naquela noite?

Malcolm X: Sim, eu estava com ele, e por mais estranho que possa parecer, recebi uma ligação no dia seguinte de um advogado no centro. Alguém aparentemente tinha sido atropelado aqui em Junction Boulevard e Northern Boulevard e meu número de licença tinha sido entregue e ele estava dizendo que era eu.

FBI: Sabe o nome do advogado?

Malcolm X: Epstein ou algo assim.

FBI: Você não conseguiu o endereço dele ou algo assim?

Malcolm X: Não, mas pelo que me lembro, o nome dele era Epstein. Então, felizmente, eu lhes disse onde estava e que Haley esteve comigo até duas horas da manhã. Eu o peguei no aeroporto.

FBI: Isso envolveu o tempo. A que horas saiu de lá?

Malcolm X: Deve ter sido por volta das sete horas.

FBI: Você disse que o pegou no aeroporto. Ele tinha voado de Roma?

Malcolm X: Não, ele veio de Chicago. Ele estava fazendo uma reportagem sobre Fuller para a revista para a Digest ou Playboy.

FBI: Você não faria nenhuma objeção se mencionássemos sobre nossa conversa caso seja necessário pedir a ele para corroborar com a sua história, não é?

Malcolm X: Não. Fui muito afortunado, francamente, eu estava com ele naquela noite, porque eu poderia ter estado em qualquer lugar.

FBI: Bem, claro, como sabe, estamos cientes da maioria de suas atividades e isso é verdade. Essa é uma razão pela qual nós não poderíamos, por nossa própria experiência eliminar o fato de que você estava ou não no Rochester.

Malcolm X: Eu estava aqui.

FBI: Você esteve em Rochester em algum momento deste dia?

Malcolm X: Eu não vou à Rochester provavelmente há seis meses.

FBI: Conhece esse cara, Booker, por acaso?

Malcolm X: Não.

FBI: Esse nome significa algo para você?

Malcolm X: Não.

FBI: Alpert?

Malcolm X: Eu conheço um monte de gente que eu não saberia pelo nome.

FBI: Bem, ele usou o nome lá em cima, Alpert Leyton, soletrando L-E-Y-T-O-N, ele originalmente usou.

Malcolm X: Eu não sei. O que ele disse, alguém teve uma reunião lá em cima?

FBI: Bem, basicamente, a informação dele, dada no início, não pudemos provar ou refutar, isso nos causou uma grande comoção. Alguém vai assassinar o Presidente. Quero dizer, isso é de alguma relevância. Ele participou de uma reunião. Agora esta é a história dele. Na noite de terça-feira, não sei a que hora, entre oito a dez, algo assim, ele estava em uma reunião com os muçulmanos em Rochester. Ele não poderia nos dizer o lugar exato porque foi levado para lá de olhos vedados..., claro, eu sei que não é a maneira como vocês geralmente fazem as coisas.

Esta é a versão dele. Dez pessoas estavam presentes, incluindo você, e o assassinato foi planejado, não nos detalhes, mas foi planejado na medida em que as dez pessoas descessem em dois carros, cinco em cada um para Washington, saindo tarde naquela noite ou cedo na manhã seguinte. Agora, além disso, o plano fracassou como eles haviam planejado. Eles não tinham armas até onde ele sabia. Mas eles estavam definitivamente descendo para Washington. Bem, é claro, quando nós recebemos isso pelo telefone, você sabe, meu Deus, você sabe. Então, nós continuamos conversando com ele e finalmente, ele admitiu que era falso, então nós o jogamos na cadeia por fraude contra o governo. Este é o tipo de caso – que é o estatuto em que nós temos autoridade para leva-lo diante de uma comissão. Então ele não poderia pagar fiança, claro, ele vai a julgamento, e será em breve. Eu não sei quando será o julgamento. Agora você seria colocado para testemunhar se for necessário - é claro, isso é entre você e eu - em outras palavras, eu não sei se você seria chamado, mas você seria uma testemunha do governo nesse caso.

Malcolm X: Eu não vejo onde eu tenho que me envolver em algo assim. Deixe-me dizer-lhe o que é. É tão ridículo o que ele fez, na verdade o que ele fez...

FBI: Vou dizer-lhe que a primeira resposta que tive, foi que, isso foi feito provavelmente para esse fim, para comprometer sua organização.

Malcolm X: Certamente, isso é o que parece. É tão ridículo, número um, me parece que foi algo inventado, mesmo que fosse negado ainda serviria como uma propaganda.

FBI: Eu concordo, minha primeira reação foi que é possível que algumas pessoas façam isso, mas não os muçulmanos.

Malcolm X: Não.

FBI: Claro que isso não nos exime da responsabilidade de tentar fazer algo a respeito. Esta informação de vocês parece ser uma "fraude contra o governo" quanto a forma como gravamos a informação fica a seu critério. Nós, é claro, vamos fazer um memorando de nossa conversa sobre este ponto, a menos que você prefira tê-la por escrito e assinado por você.

Malcolm X: Não, eu não assino nada.

FBI: É inteiramente com você. Eu vou registrar que você prefere não dar qualquer declaração assinada sobre esse assunto. Você não tem nenhuma objeção para nós gravarmos isso?

Malcolm X: Eu não vejo razão para me envolver nisso.

FBI: Você não, mas eu tenho que fazer algumas perguntas. Posso ter um momento aqui para esclarecer um detalhe? Agora, tão particular para aquela noite no décimo quarto, você disse que pegou o Sr. Haley?

Malcolm X: Sim.

FBI: Foi no aeroporto internacional que você o pegou?

Malcolm X: Sim.

FBI: Ele entrou no aeroporto?

Malcolm X: Sim. E então.

FBI: E então você foi para o hotel internacional?

Malcolm X: Registrado em nome de Alex Haley. Não foi verificado lá. Ele tinha que trabalhar. Eram cerca das 19h.

FBI: Cerca das 19h?

Malcolm X: Sim, cerca das 19h.

FBI: Você ficou com ele até...

Malcolm X: Cerca de duas horas da manhã. Um garçom veio duas vezes. A primeira vez em torno das oito e outra vez em torno de uma hora.

FBI: Você não sabe o nome dele.

Malcolm X: Não. Será fácil de verificar.

FBI: Você ficou lá até as duas e depois voltou para casa?

Malcolm X: Sim, eu voltei para casa.

FBI: Depois do encontro com o Sr. Haley, passou o resto da noite lá?

Malcolm X: Não estive em contato com ele desde que saí. Não sei a que horas ele saiu no dia seguinte.

FBI: Ele estava programado para viajar no dia seguinte de avião, eu presumo?

Malcolm X: Provavelmente.

FBI: Você pode ver um dos grandes problemas que temos com uma coisa como esta. Ele está tentando provar que é falso, por assim dizer.

Malcolm X: Mas você sabe, você tem pessoas em Washington que são mestres em tornar o falso em verdadeiro.

FBI: Sem comentários. Com toda a probabilidade, este é o tipo de partido que vai subir e dizer "Eu me declaro culpado." Mas se ele não for a julgamento, então cabe a nós mostrar que sua história era falsa porque essa é a acusação. Ele nos forneceu informações falsas. E, na verdade, ele sabia que era falsa, ele já admitiu para nós.

Malcolm X: Qual seria o propósito dele em fazer uma declaração como essa?

FBI: Eu vou lhe dizer a razão dele, aqui entre nós, agora eu não sei o que é, o motivo é que ele queria testar a capacidade da agência do governo. Ele estava preocupado desde o assassinato do presidente Kennedy de que talvez não estivéssemos atentos. Eu não sei.

Malcolm X: Bem, ele era Negro?

FBI: Sim, de Baltimore. Ele nos relatou uma história bastante ridícula. Ele queria testar a capacidade de fazer previsões. Agora, isso é o que ele disse. Claro que, desde o início, estávamos bem cientes de que ele estava errado, ele inventou uma história. Ele disse que se juntou aos muçulmanos, e à parte dos olhos vendados.

Malcolm X: Ele já foi muçulmano?

FBI: Não sabemos ao certo. Até onde sabemos, não. Ele diz que se juntou a Baltimore. Ele disse que se juntou e depois se tornou um dragão Júnior.

Malcolm X: O que deve ser isso?

FBI: Não sabemos. Claro, nós sabemos e você sabe melhor, e depois, depois de servir seu tempo como um dragão júnior, ele se tornou um dragão. Ele envolveu você de diferentes

maneiras, além de estar lá naquela noite. Veja, ele provavelmente sabe o seu nome. Eu gostaria de revelar isso para você. Ele disse que no verão de 1963, ele foi designado pelo templo de Baltimore como um especialista em pesquisa para fazer um estudo sobre os problemas dos Negros; casa, família, assim por diante, em Baltimore, e como especialista em pesquisa em Baltimore, tinha que ter sua aprovação, uma vez que você era responsável por toda a Costa Leste da Nação do Islã naquela época. Ele disse que você aprovou a posição dele como especialista em pesquisa em Baltimore.

Malcolm X: Eu não tenho conhecimento disso, embora nós precisamos de alguma pesquisa.

FBI: Então, ele disse que no verão passado, com sua aprovação, ele foi designado como especialista em pesquisa para o estado de Nova York. Quando ele foi para Rochester fazer uma pesquisa deste tipo nessa área. Ele entregou os relatórios para Elmer X — ele alegou — e então ele os passou para você.

Malcolm X: Elmer X, quem?

FBI: Ele disse que era Elmer X, e o único Elmer X que conhecíamos era o Sr. Grant em Buffalo. Como você pode estar ciente, ele foi interrogado em decorrência de alguma investigação nessa área. Todos os membros foram contatados. Ele entregou os relatórios para Elmer X e foi a última vez que ele o viu. Essas são as outras duas situações em que ele cita seu nome, sendo nomeado especialista em pesquisa para o estado de Nova York com sua aprovação.

Malcolm X: Ele tem sustentado essa teoria?

FBI: Sim.

Malcolm X: Ele é um louco.

FBI: Bem, não sendo um psiquiatra...

Malcolm X: Você não precisa ser um psiquiatra. Você não precisa ser nem mesmo um policial para saber que alguém está infringindo a lei. Bom senso. Se você tem um conhecimento da lei, você sabe quando ela é violada. E este homem está violando até as leis da inteligência.

FBI: Acho que isso esclarece tudo. O outro problema é provavelmente o de você supor que viemos para... para obter toda a informação que você queira nos dar sobre os muçulmanos.

Malcolm X: Eu não presumo nada.

FBI: É uma afirmação muito geral da minha parte. Mas, como você sabe, nós acompanhamos as atividades dos muçulmanos o melhor que podemos, mas estamos sempre à procura de novas vias de informação, mas qual a melhor via senão a do chefe dos muçulmanos. Pelo menos, até um mês atrás ou algo assim. Isso é substancialmente a segunda razão. Nós usamos isso, essa outra coisa, que veio em um momento oportuno, como uma desculpa para nos trazer aqui para falar com você. Vários companheiros falaram com você há vários anos, se me lembro.

Malcolm X: Eu não falo com alguém do FBI desde 1956. Foi a cerca de oito anos.

FBI: Sim, sobre isso. Como está o seu estado de suspensão?

Malcolm X: Ninguém sabe, só o Sr. Muhammad, você teria que perguntar a ele.

FBI: Ainda está suspenso? Você não está trabalhando ou ensinando agora?

Malcolm X: Eu ainda estou suspenso.

FBI: Isso é uma coisa temporária, até onde você sabe?

Malcolm X: Ele é o único que pode dar qualquer informação. Eu não posso dizer nada sem afirmação dele.

FBI: Acho que ele disse que era uma suspensão temporária. Assim, logo você vai retomar seus deveres – nós poderíamos - como você sabe – temos interesse em contar com você para nos ajudar.

Malcolm X: Ajudá-lo a fazer o quê? Estamos sempre ajudando o governo. Temos limpado o crime.

FBI: Tudo bem, tudo bem.

Malcolm X: Nós ajudamos mais do que ele ajuda a si mesmo. Somos, pelo menos, capazes de reformar as pessoas que foram tornadas criminosas por esta sociedade, pela corrupção desta sociedade. E, de qualquer forma, ajudá-los a sair disso, eu nem saberia como começar.

FBI: O que nos interessa, basicamente, são as pessoas que pertencem a essa organização. Os nomes dos membros.

Malcolm X: Pelo que eu sei, você tem tudo isso.

FBI: Sem comentários. Os ensinamentos, planos, programas.

Malcolm X: Nenhum ensinamento é mais público que o nosso, e eu não acho que você vai encontrar alguém mais contundente em afirmar publicamente do que nós. Eu não acho que você pode encontrar em qualquer lugar dessa terra qualquer um que expresse suas opiniões sobre seus assuntos mais abertamente do que nós.

FBI: Só posso concordar com você. Você está certo. A principal coisa é que há uma certa área de responsabilidade que está passando para o nosso ângulo. O que realmente queremos são os nomes de todos aqueles que pertencem, quem são, identificação.

Malcolm X: Eu nem sequer os conheço.

FBI: Não guarda registros?

Malcolm X: Esse não é o meu trabalho. Sou apenas um pregador.

FBI: Mas alguém lá em cima guarda os registros.

Malcolm X: Eu não sei quem. Eu não tenho nenhum conhecimento desse tipo de coisas. Com todas as responsabilidades que tive, é difícil para mim se preocupar com nomes, e você insultaria minha inteligência pedindo-me nomes. Na verdade, você iria insultar o seu próprio

intelecto porque isso significaria que a sua própria inteligência não é suficiente para me avaliar e saber de antemão o que vou dizer quando você faz essa pergunta.

FBI: Bem, sem entrar em discussão sobre semântica, você não saberá até que você pergunte.

Malcolm X: Não há semântica. Isso novamente está no âmbito da psicologia.

FBI: Nós tivemos pessoas que, não nesse grupo em particular, têm sido tão vociferantes contra o que estamos investigando. Os comunistas são um bom exemplo disso. Os comunistas, há vinte anos, sabem que eles odeiam tudo. Nos disseram para investigar. Eu vou lhe dizer uma coisa - você nunca saberá até que pergunte. Isso aconteceu tantas vezes. Às vezes, você se convenci, mas às vezes..., o dinheiro traz a informação. Não pretendo insultar você aqui.

Malcolm X: De acordo com o Secretário do Tesouro, a economia deste governo está em apuros. De acordo com os economistas do governo, a economia em si está com tantos problemas que só uma pessoa tola venderia sua alma para uma economia que está em declínio.

FBI: Eu não posso concordar com você. Você seria um tolo em vender sua alma, mesmo que o dólar estivesse aumentando. Isso não tem nada a ver com vender sua alma. Se vê dessa maneira, ok.

Malcolm X: Depende de como você vê isso. Eu acredito francamente que o ensinamento do Sr. Muhammad é 100% verdadeiro. Em segundo lugar, creio que tudo o que ele disse vai acontecer. Eu acredito nisso. Eu acredito mais fortemente hoje do que há dez anos porque eu vejo muita evidência. Hoje, todos os eventos mundiais que estão acontecendo já são evidências sobre o que ele disse que iria acontecer. Os eventos mundiais de hoje tornam minhas convicções mais fortes do que há dez anos.

FBI: Mas não é sobre isso que eu quero conversar com você. Tudo bem se isso acontecer. Não tenho controle sobre isso. Tudo o que queremos saber são os nomes das pessoas da organização, e se é tão público assim pela sua própria lógica não parece haver nenhuma objeção ao seu dizer "Eu sou um muçulmano."

Malcolm X: Essa parte da árvore é a raiz; quero dizer, a raiz está sempre abaixo do solo.

FBI: Você não tem que explicar isso, mas eu não sei do que você está falando. Bem, seria justo dizer então, em resposta a uma pergunta, se você cooperaria com o governo em fornecer informação pertinente como eu descrevi?

Malcolm X: Eu digo que sempre cooperamos com eles. O muçulmano é o grupo que mais coopera com o governo deste país, os muçulmanos estão fazendo o trabalho que o próprio governo é incapaz de fazer.

FBI: Digo certas informações pertinentes à nossa investigação.

Malcolm X: Você teria que ir ao Sr. Muhammad para obter informações pertinentes. Não tenho acesso às informações pertinentes.

FBI: Então seria razoável dizer que você se recusa a fornecer informações, qualquer informação que você possa.

Malcolm X: Eu não sei o que você quer dizer com isso.

FBI: Bem, os nomes dos membros.

Malcolm X: Esse não é o meu departamento.

FBI: Mas ainda assim você sabe muitos nomes.

Malcolm X: Não, provavelmente, eu sou o menos indicado para revelar nomes. As pessoas que vejo, eu as chamo de irmão e irmã. Não as conheço pelos nomes.

FBI: Você não tem acesso?

Malcolm X: Eu nunca aceito fardos desnecessários e saber os nomes das pessoas não é necessário para mim.

FBI: Não, mas se estivesse disposto a cooperar conosco, você...?

Malcolm X: O que você quer dizer com cooperar?

FBI: Dê-nos os nomes que conseguiremos.

Malcolm X: Eu não estou tão disposto.

FBI: Não é esse o meu ponto.

Malcolm X: Como eu digo, nós como uma organização.

FBI: Bem, isso é o que estou tentando tirar de você, seja você ou não.

Malcolm X: Nós, como uma organização, e eu sou sempre uma organização, é por isso que eu digo que nós. Nós cooperamos com o governo quando fazemos o que eles não podem para corrigir a moral das pessoas.

FBI: Claro que estamos com o FBI, não temos jurisdição ou interesse social na moral de ninguém.

Malcolm X: O que eu quero dizer coletivamente, o FBI devia estar preocupado.

FBI: Não, de todo.

Malcolm X: Hoover escreveu um livro aqui, não muito tempo atrás.

FBI: Ele disse que o público deveria estar..., mas nós investigamos muitas coisas. Crimes, qualquer coisa de interesse do governo e qualquer coisa atribuído a nós pelo presidente executivo ou o advogado geral... para obter informações. Agora, um cidadão, a qualquer momento você pode impedir alguém de cometer um crime. Muito bom. Mas o nosso interesse em vir aqui para falar com você não é de um cidadão para outro. Quero dizer que estamos aqui como representantes de uma agência governamental, perguntando coisas específicas. Eu não estou falando com você como um vizinho. Eu não te conheço e você não me conhece.

Malcolm X: Não há nenhuma agência governamental que possa esperar tirar informação de mim que não seja de qualquer maneira prejudicial a todo o grupo religioso ou a todo grupo Negro deste país. Nenhuma agência governamental.

FBI: Tudo bem.

Malcolm X: Eles deveriam usar esse mesmo empenho para descobrir quem bombardeou a igreja no Alabama e se essas agências governamentais gastassem tanto tempo e energia...

FBI: Sabe o que alguém no Sul está dizendo hoje? Se vocês fossem para o Norte e investigassem os muçulmanos com a mesma energia que você está tentando encontrar essa bomba aqui...

Malcolm X: Os muçulmanos não bombardeiam igrejas.

FBI: Eu sei. Eu não disse isso.

Malcolm X: Mas ainda assim, os muçulmanos não bombardeiam igrejas. Mas se infringirmos a lei, eles nos prendem amanhã.

FBI: Esperemos que sim.

Malcolm X: Se fôssemos um grupo de transgressores, nenhum grupo é tão minuciosamente investigado do que nós. Nenhum grupo é mais infiltrado e eu chamo-os de informantes do governo. Agora, se estivéssemos infringindo a lei, o governo saberia e nos prenderia.

FBI: Quem me dera que estivesse certo. Você está parcialmente certo. Eu queria que você estivesse totalmente certo. Tornaria o meu trabalho muito mais fácil.

Malcolm X: Eles precisam encontrar quem bombardeou a igreja.

FBI: Claro, claro, precisamos encontrar muitas coisas. Precisamos achar os 20 carregamentos de óleo de milho ou óleo de soja, mas leva tempo para fazer.

Malcolm X: Não, não leva tempo se você realmente se empenhasse em fazê-lo.

FBI: Acha que alguém pode descobrir isso?

Malcolm X: Eles devem descobrir quem assassinou aquelas garotinhas em Birmingham, Alabama. Eu acredito que algum Negro poderia descer e descobrir.

FBI: Bem, vamos enviá-los para lá. Nós estaríamos contentes em pagá-los.

Malcolm X: Eles estão esperando pelo FBI. Mas, se eles pararem de depender do FBI, então eles mesmos o fariam.

FBI: Não quero tomar muito de seu tempo. O que me interessa é se quer nos ajudar. E eu estou falando isso sem rodeios, eu sinto que terei uma resposta sincera, contundente.

Malcolm X: Essa é a melhor maneira de colocar algo assim para mim, sem rodeios.

FBI: Não quero me esgueirar e levá-lo a dizer qualquer coisa. Não há nenhuma intenção para isso, porque eu tenho em mente uma cooperação de longo alcance entre você e eu ou outra pessoa.

Malcolm X: Bem, veja, minha religião me ensina que você não tem nada de longo alcance porque o tempo está se esgotando.

FBI: Bem, isso é bom. Tudo bem se você acredita.

Malcolm X: Eu digo isso com todo o respeito.

FBI: Eu sei quase tudo que você disse nas reuniões ao longo dos anos, eu estou muito familiarizado com isso.

Malcolm X: Eu acho que o erro que as pessoas brancas cometem quando ouvem o que dizemos é que eles pensam que estamos apenas dizendo isso. Nós acreditamos. Pelo menos eu acredito.

FBI: Alguns só vão por diversão.

Malcolm X: Você pode colocar alguém para me vigiar vinte e quatro horas por dia e eles vão voltar e vão dizer para que estou lá.

FBI: Francamente, uma das razões pela qual escolhemos este momento em particular para entrar em contato com você é por causa da suspensão.

Malcolm X: A suspensão foi provocada por minha culpa.

FBI: Exatamente, mas quem sabe o que estava em sua mente quando você recebeu a suspensão. Em outras palavras, você pode ter se sentido amargurado. Isso não poderia ser ilógico alguém ter passado tantos anos fazendo algo, então ser suspenso.

Malcolm X: Não, isso ajuda a tornar alguém mais forte. Deve fazê-lo perceber que a lei se aplica tanto ao executor da lei como aqueles a quem o executor a aplica.

FBI: Você tomou uma atitude em relação a essa coisa que quase não é humano. Você tomou uma atitude que o Sr. Muhammad espera que todos tomem quando ele o castigue, o que é bom. Mas poder para você. Mas você pode vê-lo a partir do nosso ponto de vista, que há pelo menos uma chance e isso aconteceu com outros membros da organização suspenso por algum motivo ou outro com quem falamos.

Malcolm X: Bem, eu não posso ficar amargurado quando eu sei que fui repreendido por algo que eu realmente fiz. Que tipo de pessoa eu seria se ficasse amargo?

FBI: Bem, isso é o que viemos descobrir.

Malcolm X: Eu sei.

FBI: Não tenho como saber a não ser que pergunte. Bem, isso é tudo. Eu não tenho nenhuma outra pergunta específica. Tem alguma coisa que queira dizer?

Malcolm X: Não, só o que eu disse. Ainda estou preocupado com aquela igreja em Birmingham.

FBI: Nós também. Muitos homens estão trabalhando nisso.

Malcolm X: Deve haver muitos deles lá, trabalhando nisso.

FBI: De improviso, um bombardeio é uma das investigações mais difíceis de realizar. A bomba é deixada na igreja, você não sabe quando a bomba foi deixada, você não sabe quando foi lançada. Quando a bomba explodiu, a evidência desaparece. Com o assassinato de Medgar Evers foi uma situação diferente. O rifle foi encontrado, você tinha alguma evidência, você tinha uma bala no homem, a bala em si. Nós pudemos pegar a bala de Medgar Evers e colocá-la no rifle que foi encontrado na cena.

Malcolm X: Eu aposto que se eles bombardeassem uma dessas catedrais com algumas criancinhas brancas dentro você os prenderia no dia seguinte.

FBI: Há cerca de um ano bombardearam uma igreja, uma bomba explodiu em St. Patrick 's.

Malcolm X: St. Patrick é aqui em Nova York.

FBI: Acaso não muito longe dos aposentos do Cardeal Spellman. Eles nunca encontraram.

Malcolm X: Não machucou ninguém.

FBI: Quebrou uma janela ou duas. Uma bomba é uma bomba. É irrelevante para nós se uma bomba quebra uma janela ou derruba uma casa.

Malcolm X: Eu posso entender isso agora, vejo porque muitos desses bombardeios ocorrem e você nunca ouviu nada sobre isso.

FBI: Um homem, em Chicago, pisou no arranque do carro dele. Uma bomba é uma coisa muito difícil de lidar a menos que alguém apareça e nos dê alguma informação, como alguém que sabia algo sobre isso, ou um dos autores ou alguém que ouviu. Eu estava mencionando o caso Evers. A bala em si poderia ser colocada na espingarda depois de ser encontrada. Na verdade, podemos colocar as digitais de Beckwith no fuzil em si, podemos rastrear o escopo do rifle,

temos coisas para trabalhar. Imagine sua esposa caminha pela rua, alguém pega sua bolsa e corre. Agora, quando você chamar o policial e ele chegar lá, será uma coisa muito difícil de trabalhar porque não há nada deixado como evidência. Sua melhor evidência é encontrar a bolsa onde quer que seja jogada. Como você deve saber, isso pressupõe que alguém tirou os objetos de valor e jogou a bolsa fora. Alguém invade a sua casa, há uma grande quantidade de provas. Você pode rastrear as impressões digitais. Se eles abrirem a fechadura da sua porta, você pode tirar as digitais da porta, pegadas. Depois de um bombardeio não resta nada. A igreja está destruída, você não pode nem recolher a bomba e rastreá-la.

Malcolm X: É perigoso você anunciar isso publicamente porque os bombardeios podem aumentar.

FBI: Já foi dito antes, qualquer um que sabe fazer uma bomba sabe disso. Qualquer um que esteve no serviço e foi para a escola de bombardeio, é claro, lá é usado para uma coisa diferente. É uma das razões pelas quais guerras de gangues têm um monte de bombardeios. Ninguém mais é morto com uma metralhadora. Porque você pode rastrear uma metralhadora. Há 30 anos, era essa a questão. Uma coisa, metralhadoras estão sob controle regular agora. Você não pode vender uma metralhadora e não a relatar, nenhuma arma, metralhadoras em particular. Então, é claro, você não tem total cooperação cidadã. Você tem muita resistência. Estou feliz por não ter de encontrá-los. Fico sempre contente quando alguém fica com o caso.

Malcolm X: Quando os Negros no Sul perceberem a incapacidade da lei lá em protegê-los, eles vão começar a fazer algo para se proteger.

FBI: É perfeitamente possível.

Malcolm X: Você acredita. Eles vão começar a fazer algo para se proteger, não porque eu digo isso, é simples senso comum.

FBI: Eles vão fazer alguma coisa para se protegerem. Suponha que eles mantenham alguns homens da própria igreja para iniciar uma vigilância, ficar de guarda em frente à igreja para se certificar de que ninguém jogará uma bomba. Isso é uma coisa, mas eles vão sair porque a igreja deles foi bombardeada e bombardear outra igreja? Isso é uma coisa diferente. Eu não posso culpar qualquer igreja negra, Igreja Batista em Montgomery ou em qualquer outro lugar, se eles

mantiverem alguns homens de guarda na igreja para assegurar que ninguém coloque uma bomba.

Malcolm X: Você faria isso com sua própria família e casa.

FBI: Se alguém estivesse explodindo casas e você soubesse que a sua seria a próxima, você ficaria de guarda e colocaria irmãos aqui para ficar de guarda, mas se você sair porque sua casa foi explodida e explodir a casa do outro homem do lado da rua.

Malcolm X: Quando uma sociedade percebe que o que acontece a outra sociedade vai acontecer com ela, então, a sociedade vai tomar as medidas necessárias para evitar que os elementos criminosos continuem soltos para fazer essas coisas.

FBI: Infelizmente, a maioria das pessoas percebe isso. Se não fosse verdade, claro que teríamos uma anarquia e a permanência da violência. Você pode ter uma pequena parcela felizmente, por pequeno, quero dizer infinitesimal em números. A maioria das pessoas, mesmo no Sul percebe isso. Se você tivesse ido para Birmingham, no domingo do bombardeio, eu não acho que você encontraria qualquer pessoa branca pulando de alegria por causa da morte dessas quatro crianças negras. Sem dúvida, teria havido alguns dos próprios autores. Talvez alguns fanáticos ligados a KKK. Mas o comportamento geral das pessoas, mesmo aquelas pessoas que não querem um Negro sentado ao lado delas no ônibus, não quer um Negro sentado ao lado deles em um balcão de almoço, ou não quer um Negro vivendo no mesmo bairro com eles, eu não acho que até eles se sentiriam dessa forma, eu não acho que você encontraria pessoas pulando de alegria porque essas quatro meninas morreram em um bombardeio ou em qualquer outra igreja.

Malcolm X: Talvez você esteja certo, mas eu acho que, quando a sociedade branca perceber que o que acontece a outras sociedades pode acontecer com ela, então a sociedade branca vai tomar medidas para que essas coisas não aconteçam.

FBI: Ninguém nega que há injustiças no Sul e no Norte.

Malcolm X: Esse é meu argumento. Eu cresci na sociedade branca. Eu acho que eles subestimaram os sentimentos dos Negros porque eles sempre mostraram essa atitude de suportar o sofrimento.

FBI: Até recentemente, eu acho que eles não só subestimaram como ignoraram seus sentimentos. Eu acho que muitas pessoas brancas, há 30 anos, nem pensavam nos Negros. Eles dizem, o que você acha sobre os Negros. Não sei, nunca pensei nisso.

Malcolm X: A razão pela qual nunca pensaram neles é porque os subestimaram. Em seu subconsciente, eles nem sequer dão crédito ao Negro por ser independente o suficiente para ter sentimentos sobre certas coisas.

FBI: Acho que isso está mudando.

Malcolm X: Mas não o rápido o suficiente.

FBI: Claro, isso é uma questão de posição social, as pessoas sempre discordam sobre isso.

Malcolm X: Eu não estou dizendo que a condição não está mudando rápido o suficiente, mas que a consciência por parte dos brancos não está mudando rápido o suficiente.

FBI: Essa é provavelmente a raiz do problema. Legislação, leis, etc., faz você agir como as pessoas brancas, e as pessoas brancas agirem como os Negros. Não há nada que possa corrigir, a não ser educação.

Malcolm X: Mas eles não estão tentando se educar, eles estão tentando legislar.

FBI: Exatamente.

Malcolm X: Eles nem fazem isso com sinceridade. A única razão pela qual eles estão tentando legislar é por razões políticas. Se eles estivessem realmente conscientes do grau de insatisfação entre os Negros e da capacidade de mais cedo ou mais tarde fazerem algo para eles mesmos, então você não veria os políticos brincando, você os veria fazendo um esforço sincero para educar, mas o único homem que você encontrará fazendo algo em termos educacionais é o Sr.

Muhammad. Ele muda a atitude do Negro que se torna muçulmano. Embora ele possa parecer dogmático em alguns pontos de vista sobre a raça, você não o ver saindo por aí e se metendo em confusão com os brancos. A única vez que há problema é quando alguém inicia algum tipo de problema com ele. A razão pela qual digo isso é porque na minha experiência, os Negros que se tornam muçulmanos são mais aptos para lidar com a sociedade branca em seu plano de inteligência, eu diria até mesmo em um plano recíproco do que o Negro que não foi exposto aos ensinamentos do Sr. Muhammad. Porque o Negro que foi exposto ao ensinamento dele enfrenta fatos e os fatos são: este é um homem branco e este é um homem Negro. Isso é um fato, não há nada depreciativo e quando você tem que negar que você é um homem branco, você está em apuros. Quando você tem que lidar com um homem com base em uma completa negação do que você é e fingir que está negando o que ele é, você não pode nem falar sobre isso, e este é o impasse que os movimentos Negros dos direitos civis estão disputando nesta sociedade branca. Eles fizeram um boicote ontem. O que eles conseguiram? Deixe-me dar um exemplo: culpo o homem branco por fazer esses Negros pensarem que são realmente líderes e acharem que tem algum tipo de programa. Não, eles estão sendo conduzidos em tal posição que você ficará envergonhado à vista do mundo, e depois que tudo acabar, você ainda não terá resolvido o problema.

FBI: Não, você não resolve as coisas dessa maneira, seja por manifestações ou por leis.

Malcolm X: Você percebe que nós não fazemos manifestação.

FBI: A minha menção à educação foi por parte dos brancos.

Malcolm X: Susskind apresentou um bom programa ontem à noite no canal 2 sobre a mesma coisa. Mostrou que havia alguns Negros que tinham se mudado para um bairro branco e as repercussões, reação mental. Muitos brancos tentaram se unir e agir de forma inteligente e descobriram que eles não poderiam fazer. Não é preconceito, é a inteligência deles que não lhes permite fazê-lo. Eles não vão deixar ninguém se mudar e viver em seu bairro.

FBI: Eu acho que esse é o grande problema em vez da cor.

Malcolm X: Quais programas você conhece que vão às comunidades mostrar aos Negros a importância dos valores da propriedade? Isto não é falar contra o nosso povo, mas você não

pode sair da escravidão durante a noite sem saber o que fazer com sua propriedade. Não há nenhum programa acontecendo entre os Negros de hoje que lhes mostre como agir em uma sociedade superior ou como agir quando dado acesso às coisas mais elevadas em uma sociedade superior e agora nenhuma pessoa branca pode dizê-lo sem ser chamado de fanático. Isto é o que eu quero dizer. O chamado líder Negro dos direitos civis tem o homem branco em uma posição onde ele não pode mostrar sua inteligência sem ser chamado de fanático. Mas ao lidar com um muçulmano, você pode pelo menos dizer o que você pensa, você não será chamado de fanático. Se o que você diz é inteligente, bom. Se o que você diz não é inteligente, então não é. Então, até que os dois possam sentar e abordar o problema, você terá um problema pior. Vai ser pior em 1964 do que em 1963, enquanto você tiver essas aberrações como Rustin, que não é nada além de um homem criado pela imprensa como um líder de pessoas Negras, então você vai ter problemas em suas mãos.

FBI: Isso é verdade, e eu queria que você estivesse certo.

Malcolm X: Eu sei que estou certo. Tudo o que eles vão fazer é vir com o que eles chamam de programas e aumentar às frustrações do Negro e você não pode fazer isso, mas apaziguar. Mais cedo ou mais tarde, aquele Negro vai estar à procura da coisa real e então você não será capaz de controlá-lo e nada que você diga irá salvá-lo, ou agradá-lo ou mesmo detê-lo.

FBI: Concordo com você. Para não prolongar a nossa conversa aqui, mas eu pergunto-lhe isto. Às vezes, as coisas vêm à tona como o caso de você estar em Rochester.

Malcolm X: Isso é uma vez na vida.

FBI: Mas, frequentemente, temos problemas. As Nações Unidas, a cerca de três anos atrás, vocês foram acusados de estar em um protesto, mas eu sei que você não participou porque eu estava lá. Mas nós iniciamos inquéritos não somente em Washington para determinar em que medida, algum dos muçulmanos foram ativos no piquete das Nações Unidas. É importante que algumas pessoas identifiquem os grupos que mais participam. Você tem alguma objeção se nós falarmos sobre coisas assim e te perguntar à queima-roupa se os muçulmanos estão envolvidos nisso.

Malcolm X: Sem objeções. Meu número de telefone é OL 1-6320.

FBI: Que tal isso? OL 1-6320.

Malcolm X: Isso é como dizer que o sol brilha do Leste.

FBI: Presumo que a temos, mas vou pegar em caso de não termos. Como sabe, não te ligamos, então não tenho certeza. Vou limitar isto. Isso não será uma vez por semana ou uma vez por mês, talvez uma vez por ano será a extensão do mesmo. Mas vai economizar tempo e problemas pelo menos.

Malcolm X: Nós não fazemos piquete. Se tivéssemos feito piquete eles saberiam. Há muita diferença entre nós e os outros.

FBI: Como eu disse, estávamos lá. Então, novamente, estamos tentando provar algo negativo.

Malcolm X: Eu acho que Washington é coisa do passado, como eu disse anteriormente, ele transforma verdades em mentiras e mentiras em verdades.

FBI: Vou relatar meu contato com você, por duas razões: primeiro: para não o incomodar. Segundo: nós claramente indicamos que você simplesmente não nos daria nenhuma informação.

Malcolm X: Certamente. Você pode dizer a eles que insultam minha inteligência, não só me insultam, a ponto de pensarem que eu vou lhes dizer alguma coisa.

FBI: Você tem o privilégio. Isso é muito bom. Você não está sozinho. Falamos com pessoas todos os dias que odeiam o governo ou odeiam o FBI. É por isso que eles pagam, você sabe.

Malcolm X: Isso não é ódio, é incorreto classificar isso como ódio. Não é preciso ter ódio para deixar um homem firme em suas convicções. Existem muitas áreas sobre as quais você não daria informações e não seria por causa do ódio. Seria por causa de sua inteligência e ideais.

FBI: Não sei de nenhum, mas está tudo bem.

Malcolm X: Não tem nada a ver com ódio, é baseado em fatos

FBI: Falta de inclinação para cooperar com o governo.

Malcolm X: Eu não vejo onde está a inclinação. Eu nem acho que poderia ser colocado nestes termos. Estou esperando o governo cooperar com alguns desses Negros. Não vejo nenhuma cooperação governamental em Birmingham ou noutros lugares.

FBI: Bem, você vai ter que verificar com o seu congressista sobre isso. Não trabalhamos nessa área. Seria bom e eu acho que de muitas maneiras pode ser benéfico para a sua organização se pudermos eliminar as pessoas agora, por outro lado, isso poderia possivelmente gerar rumor de que você está participando, eu não quero usar a palavra errada, você diz que não faz piquete, você diz que teve uma pequena marcha na Times Square por último... como quer que você o chame, se houver algum boato sobre isso você teria alguma objeção se eu te ligasse?

Malcolm X: Não, nenhuma. Eu acho que você vai ter muitos distúrbios raciais em 1964.

FBI: Claro, estou limitando nossa relação com os muçulmanos, que é o único grupo capaz de dar uma resposta autoritária. Os outros grupos, teremos que levar as pessoas dos outros grupos para fornecer informações.

FBI: (falando com outro agente) você tem mais alguma pergunta?

FBI: Como foi a sua viagem à Florida?

Malcolm X: Foi bem.

FBI: Como acha que Cassius vai se sair? Ele vai ganhar ou vai perder?

Malcolm X: Ele pode ganhar.

FBI: Eu o vi lutar e acho que ele é um ótimo lutador, mas acho que ele vai ser derrubado aqui, em fevereiro.

Malcolm X: Ele vive uma vida limpa, todas essas coisas contam.

FBI: Liston também.

Malcolm X: Ele pode. Não sei muito sobre ele.

FBI: Também não sei. Ele é um tipo de monstro com o qual ele vai se deparar.

Malcolm X: Mesmo para um monstro, o tempo do Pai também o alcança.

FBI: Certo. Pode ser que alguém possa derrotar Joe Louis, mas se tivessem lutado há seis ou sete anos antes, eles não teriam tido nenhuma chance. Você vai assistir a luta?

Malcolm X: Eu não sei.

FBI: Estava só pensando.

Malcolm X: Florida é um lugar fácil para ir.

FBI: Sim, ninguém o impediria de ir. Muito obrigado pelo seu tempo.

Malcolm X: Disponha.

FBI: (Falando com outro agente) você tem uma pasta?

FBI: Podemos colocar aí.

Malcolm X: Oh, tudo bem, estaria seguro aqui.

FBI: Muito bem, muito obrigado. Obrigado de novo.

Malcolm X: disponha.

3.1 Uma Declaração de Independência (12 de março de 1964)

Por que 1964 ameaça ser um ano muito explosivo para a questão racial, e por que eu mesmo pretendo estar muito ativo em cada fase de luta do Negro americano pelos direitos humanos, eu solicitei esta conferência de imprensa esta manhã, a fim de esclarecer a minha própria posição na luta, especialmente no que diz respeito à política e não-violência.

Eu sou e sempre serei muçulmano. Minha religião é o Islã. Eu ainda acredito que o Sr. Muhammad é o mais realista na análise do problema, e sua solução é a melhor. Isso quer dizer que eu acredito que a melhor solução é a separação completa, com o nosso povo voltando para casa, para a nossa pátria africana.

Mas a separação de volta para a África ainda é um programa de longo alcance, e enquanto isso não se materializar, 22 milhões do nosso povo que ainda estão aqui na América precisa de comida, roupas, habitação, educação e empregos. O programa do Sr. Muhammad não apenas nos aponta de volta para casa, mas também contém dentro dele o que poderíamos e deveríamos estar fazendo para ajudar a resolver muitos dos nossos próprios problemas enquanto ainda estivermos aqui.

As diferenças internas dentro da nação do Islã forçaram-me a sair dele. Eu não deixei de livre vontade. Mas agora que aconteceu, pretendo fazer algo melhor. Agora que tenho mais independência de ação, pretendo usar uma abordagem mais flexível para trabalhar com outros grupos a fim de obter uma solução para este problema.

Eu não finjo ser um homem divino, mas eu acredito na orientação divina, no poder divino, e no cumprimento da profecia divina. Eu não tenho formação superior, nem sou um perito em qualquer campo particular, mas eu sou sincero e minha sinceridade é minha credencial.

Eu não saí para lutar contra os líderes Negros ou organizações. Temos de encontrar uma abordagem comum, uma solução comum, para um problema comum. Por isso, eu esqueci tudo de ruim que os outros líderes têm dito sobre mim, e eu rezo para que eles também possam esquecer as coisas ruins que eu disse sobre eles.

O problema enfrentado pelo nosso povo aqui na América é maior que todas as diferenças pessoais ou organizacionais. Portanto, como líderes, devemos parar de nos preocupar com a ameaça que nos leva a pensar que buscamos o prestígio pessoal, e concentrar nossos esforços para resolver a dor interminável com a qual nosso povo é acometido aqui na América.

Vou organizar e dirigir uma nova mesquita na cidade de Nova York, conhecida como a Mesquita Muçulmana Incorporated. Isso nos dará uma base religiosa e a força espiritual necessária para livrar nosso povo dos vícios que destroem a fibra moral da nossa comunidade.

Nossa filosofia política será nacionalismo Negro. Nossa filosofia econômica e social será nacionalismo Negro. Nossa ênfase cultural será nacionalismo Negro.

Muitos afro-americanos não têm inclinação religiosa, assim a Mesquita Muçulmana Incorporated será organizada de maneira que possa oferecer uma participação ativa de todos os Negros em nossos programas político, econômico e social apesar de suas crenças religiosas ou não.

A filosofia política do nacionalismo Negro significa: temos que controlar a política e os políticos de nossa comunidade. Eles não devem mais receber ordens de forças externas. Nós vamos organizar e tirar do escritório todos os políticos Negros que servem de fantoches para as forças externas.

Nossa ênfase será sobre a juventude: precisamos de novas ideias, novos métodos e novas abordagens. Convocaremos jovens estudantes de ciência política em toda a nação para nos ajudar. Vamos incentivar estes jovens estudantes a desenvolver um estudo independente, e depois dar-nos a sua análise e as suas sugestões. Estamos completamente desencantados com os velhos políticos. Queremos ver algumas faces novas na militância.

Quanto às eleições de 1964: manteremos nossos planos em segredo até a data posterior — mas não pretendemos que nosso povo seja vítima de exploração política novamente em 1964.

A Mesquita Muçulmana Incorporated permanecerá aberta para ideias e ajuda financeira de todos os bairros. Os brancos podem nos ajudar, mas não podem se juntar a nós. Não pode haver unidade entre Negros e brancos até que haja primeiro alguma unidade entre os Negros.

Não pode haver solidariedade entre os trabalhadores até que haja primeiro alguma solidariedade racial. Não podemos pensar em unir-nos com outros, antes de nos unirmos pela primeira vez entre nós. Não podemos pensar em ser aceitáveis para os outros até que tenhamos provado ser aceitáveis para nós mesmos. Não se pode unir bananas com folhas dispersas.

Sobre a filosofia de não-violência, é criminoso ensinar um homem a não se defender quando ele é vítima constante de ataques brutais. É legal e legítimo ter uma espingarda ou um rifle. Nós acreditamos em obedecer a lei.

Em áreas onde o nosso povo é vítima constante da brutalidade e o governo parece incapaz ou não quer protegê-los, devemos formar clubes de rifle que pode ser usado para defender nossas vidas e nossa propriedade em caso de emergência, como aconteceu no ano passado, em Birmingham; Plaquemine, Louisiana; Cambridge, Maryland; e Danville, Virginia. Quando nosso povo foi mordido por cães, eles estavam dentro de seus direitos de matar os cães.

Devemos ser pacíficos, cumpridores da lei, mas chegou a hora do Negro americano lutar em legítima defesa quando e onde ele estiver sendo injustamente e ilegalmente atacado. Se o governo pensa que eu estou errado em dizer isso, então o governo deve começar a fazer o seu trabalho.

4.2 Malcolm X na Universidade de Harvard (18 de março de 1964)

1964 será o ano mais explosivo que a América já testemunhou por causa do problema racial, primeiramente porque os Negros deste país durante 1963 não conquistaram nada senão o fracasso em cada esforço feito para mudar a condição deles neste país. Hoje, eles se tornaram frustrados, desencantados, desiludidos e, provavelmente, mais do que nunca dispostos a agir.

Não se trata mais daquele tipo de ação definida para eles no passado por alguns de seus supostos amigos liberais brancos, mas o tipo de ação que vai gerar algum tipo de resultado imediato.

Como o moderador ressaltou, o tempo em que estamos vivendo e que estamos enfrentando não é uma época em que alguém que é oprimido está olhando para o opressor para lhe dar algum sistema ou forma de lógica ou razão. O que é lógico para o opressor não é lógico

para os oprimidos. E o que é razão para o opressor não é razão para os oprimidos. Os Negros deste país estão começando a perceber que, o que parece razoável para aqueles que nos exploram não parece razoável para nós. Só tem que haver um novo sistema de razão e lógica concebido por nós, se quisermos obter alguns resultados nessa luta chamada de "Revolução Negra".

Não só será um ano explosivo para a questão racial, vai ser um ano explosivo na frente política. Este ano será impossível separar um do outro. A politicagem dos políticos em 1964 será o fator mais responsável pela explosão racial do que qualquer outro fator. Quando eles querem ser eleitos, eles entram na chamada comunidade negra e fazem um monte de promessas que eles não pretendem cumprir. Isso alimenta as esperanças das pessoas em nossa comunidade, e depois que os políticos conseguem o que querem, eles viram as costas para o povo da nossa comunidade. Isso aconteceu várias vezes. A única diferença é que agora existe um elemento diferente na comunidade. Considerando que, no passado, as pessoas da nossa comunidade eram pacientes e educadas, suportava o sofrimento e estavam dispostas a ouvir o que você chama de razão. 1964 produziu um tipo de pessoa que não está mais disposto a ouvir o que você chama de razão. Como eu disse, o que é razoável para você há muito deixou de ser razoável para nós. E serão essas falsas promessas feitas pelos políticos que provocarão a explosão.

Durante o pouco tempo que eu tenho, espero que possamos conversar de modo informal, porque eu acho que quando você está discutindo coisas que são muito "delicadas", às vezes é melhor ser informal. E onde as pessoas brancas estão em causa, a minha experiência demonstra que eles são extremamente inteligentes na maioria dos assuntos, até se tratar da questão racial. Quando você trata da questão racial neste país, os brancos perdem toda a sua inteligência. Eles se tornam muito subjetivos, e eles querem nos dizer como deve ser resolvido.

Eu não sou político. Nem sequer sou estudante de política. Não sou democrata. Não sou republicano. Nem me considero americano. Se eu me considerasse americano, nós não teríamos nenhum problema. Muitos de vocês ficam indignados quando ouvem um Negro levantar-se e dizer: "não, não sou americano." Eu vejo os brancos que têm a audácia, eu deveria dizer o cinismo, de pensar que um homem Negro é radical e extremista, subversivo e subversiva se ele diz, "não, eu não sou americano." Mas, ao mesmo tempo, estes mesmos brancos têm de admitir que o Negro tem um problema.

Eu não vim aqui esta noite para falar com você como um democrata ou um republicano ou um americano ou qualquer coisa que você quer que eu seja. Estou falando com uma das 22 milhões de pessoas negras neste país que são vítimas do seu sistema democrático. São vítimas dos políticos democráticos, vítimas dos políticos republicanos. Somos realmente as vítimas do que você chama de democracia. Então, eu estou aqui nesta noite falando como uma vítima do que você chama de democracia. E você pode entender o que estou dizendo se você perceber que está sendo dito através da boca de uma vítima, da boca de um oprimido, não através da boca e dos olhos do opressor. Mas se você acha que estamos sentados na mesma cadeira ou em pé na mesma plataforma, então você não vai entender o que eu estou falando. Você espera que eu fique aqui e diga o que você faria. O que você faria se estivesse em meu lugar. Sempre que alguém vê este sistema político através dos olhos de uma vítima, ele vê algo diferente. Mas hoje esses 22 milhões de pessoas negras que são vítimas da democracia americana, quer você perceba ou não, estão vendo a sua democracia com novos olhos. Ontem o nosso povo costumava olhar para o sistema americano como um sonho americano. Mas as pessoas negras de hoje estão começando a perceber que é um pesadelo americano. O que é um sonho para você é um pesadelo para nós. O que é esperança para você tornou-se inútil para o nosso povo. E como essa atitude se desenvolve, não tanto em Sugar Hill, embora lá também exista, mas no gueto, no gueto onde as massas do nosso povo vivem... lá você tem uma nova situação em suas mãos. Há uma nova consciência política se desenvolvendo entre o nosso povo neste país. No passado, não estávamos conscientes das manobras políticas que se passavam neste país, que explorava o nosso povo politicamente. Sabíamos que algo estava errado, mas não estávamos conscientes do que era. Hoje há uma tendência da parte desta nova geração de pessoas negras (que nasceram e estão crescendo neste país) para olhar para a coisa não como eles desejassem que fosse, mas como realmente é. E sua capacidade de olhar para a situação como ela é, se tornou o fator principal responsável pelo sentimento cada vez maior de frustração e desesperança que existe na chamada comunidade negra hoje.

Além de politicamente consciente, você verá que nosso povo também está se tornando mais conscientes da posição estratégica que ocupam politicamente. No passado, eles não eram conscientes. Apenas o direito de voto era considerado algo importante. Mas hoje os chamados Negros estão começando a perceber que eles ocupam uma posição muito estratégica. Eles percebem quais são as novas tendências e todas as novas tendências políticas.

Durante os últimos anos da época eleitoral, quando o governador estava concorrendo ao cargo, houve uma chamada para recontagem de votos aqui em Massachusetts. Em Rhode Island foi a mesma maneira, em Minnesota, a mesma coisa. Dentro da política americana existe agora tal semelhança entre os dois partidos. Nas eleições, o fator racial, geralmente, é suficiente para desestabilizar qualquer bloco de uma maneira ou de outra. Isso não apenas acontece nas eleições da cidade, do condado, e do estado, mas igualmente nas eleições nacionais. Para testemunhar a importância racial para a corrida presidencial entre o Presidente Kennedy e Nixon alguns anos atrás. Todos admitem que foi o voto estratégico do chamado Negro neste país que colocou a administração Kennedy em Washington.

A posição do chamado Negro na estrutura política tornou-se tão estratégica que qualquer tipo de eleição que aconteça, os políticos sempre estão lá tentando ganhar o voto do chamado Negro. Para ganhar o voto deles, eles fazem um monte de promessas e alimentam suas esperanças. Mas eles sempre os alimentam para desilusão. Sendo constantemente construído para uma desilusão, deste modo, o Negro fica muito aborrecido com o homem branco. E em sua raiva os muçulmanos se juntam e falam com ele. No entanto, em vez do homem branco assumir sua culpa pela revolta do Negro, ele novamente tem a audácia de nos culpar. Quando te avisamos como o Negro está se tornando insatisfeito, vocês em vez de nos agradecer por te avisar, nos acusam de incitar o Negro.

Você não sabe que se sua casa está em chamas e eu o aviso que sua casa está queimando, você não deve me acusar de atear fogo em sua casa. Deveria me agradecer por deixá-lo saber o que está acontecendo, ou o que vai acontecer, antes que seja tarde demais.

Quando essas novas tendências se desenvolverem entre os chamados Negros na América, tornando-os consciente de sua posição estratégica politicamente, ele também perceberá que não está recebendo nada em troca. Ele perceberá que seu voto coloca o governador no cargo, ou o prefeito no cargo, ou o presidente no cargo. Mas começará a ver também que, embora seu voto seja o fator principal que determina quem ocupará esses cargos, o último que os políticos tentam ajudar é o chamado Negro.

Prova disso é que todo mundo admite que foi o voto Negro que colocou Kennedy na Casa Branca. No entanto, quatro anos se passaram e a atual administração está dando as costas à legislação dos direitos civis. Em seu quarto ano de mandato, finalmente, aprovou algum tipo

de legislação de direitos civis, concebido supostamente para resolver o problema do chamado Negro. No entanto, o seu voto foi decisivo nas eleições nacionais. Eu só cito isso para mostrar a hipocrisia por parte do homem branco na América, seja ele do Sul ou do Norte.

Agora, depois dos democratas terem estado na Casa Branca por algum tempo, usam um alibi por não terem cumprido sua promessa aos Negros que votaram neles. Eles dizem: "Bem, não podemos aprovar isso ou não podemos aprovar". O Congresso atual é composto de 257 democratas e apenas 177 republicanos. Agora, como pode um partido de democratas que recebeu praticamente todo o apoio dos chamados Negros deste país, que controla quase dois terços dos cargos no congresso, dar ao Negro uma desculpa de não ter conseguido aprovar nenhum tipo de legislação para resolver o problema deles? No que diz respeito aos senadores, há 67 democratas e apenas 33 republicanos, no entanto, esses democratas vão tentar transferir o problema para os republicanos depois que o Negro colocar os democratas no poder. Agora não estou me apoiando nem nos democratas nem nos republicanos. Eu estou apenas apontando o engano da parte de ambos quando se trata de lidar com a questão do Negro. Embora o voto Negro tenha colocado o Partido Democrata onde está, o Partido Democrata nada oferece ao Negro e os democratas oferecem como desculpa que a culpa é dos Dixie-Crats. Como você os chama Dixie-crats ou Dixo-crats ou Demo-Dixo-crats!

Percebam a maneira perspicaz e enganosa com que eles lidam com o Negro. Um Dixo-Crat é um democrata. Você pode chamá-los por qualquer nome que você quiser, mas você nunca viu uma situação em que os Dixie-crats colocassem os democratas para fora do partido. Particularmente, os democratas tiram os Dixiecrats de seu partido se houver alguma clivagem. Você encontra frequentemente o Dixiecrats "xingando" os democratas, mas você nunca encontra democratas se dissociando do Dixie-cratas.

Eles estão juntos e usam essa manobra astuta para enganar o Negro. Agora há alguns jovens Negros aparecendo na cena e é hora daqueles que se chamam democratas perceber que quando o Negro olha para um democrata, ele vê um democrata. Se você o chamar de Dixo-democrata ou um Demo-Dixie-Crat, se trata da mesma coisa.

Uma das razões pela qual estes Dixie-cratas ocupam uma posição tão poderosa em Washington, D.C., é que eles têm prioridade. Por causa de sua prioridade e principalmente porque negaram ao Negro local seu direito de voto, eles têm influência sobre comitês-chave de

Washington. Você o chama de sistema baseado na democracia, mas não pode negar que os homens mais poderosos do governo são do Sul. A única razão pela qual eles estão em posições de poder é porque os Negros de sua área são privados de seu direito constitucional de voto. Mas a Constituição diz que quando é negado ao povo de uma determinada área o seu direito de voto, os representantes dessa área devem ser expulsos de sua sede. Você não precisa de nenhuma nova legislação, já existe uma bem a sua frente.

A única razão pela qual os políticos querem uma nova legislação é usá-la para enganar o Negro. Tudo que eles têm de fazer é recorrer ao que eles chamam de Constituição. Não precisa de mais votos, não precisa de mais emendas, não precisa de mais nada. Tudo que precisa é um pouco de dedicação.

Assim como no Sul, o Norte conhece seu próprio desvio para a Constituição, que é conhecido como “*gerrymandering*”. Alguns sujeitos ganham controle na chamada comunidade negra e mudam as linhas de votação toda vez que o Negro começa a ficar poderoso demais numericamente. A técnica é diferente no Mississippi. Não há como negar ao Negro o direito de votar abertamente como no Mississippi. A estratégia do Norte é mais astuta e sutil, mas enquanto vítima da tática do Norte ou do método sulista, o Negro acaba sem nenhum poder político. Agora, posso não estar colocando isso em uma linguagem que você está acostumado, mas tenho certeza que você entendeu. Sempre que você der ao Negro do Sul o direito de votar, seu direito constitucional de votar, significará uma mudança automática em toda a representação do Sul. Se ele pudesse exercer seu direito, algumas das figuras mais poderosas e influentes de Washington D.C não estariam agora no Capitólio. Um grande voto Negro mudaria a política externa, bem como a política interna desse governo. Portanto, a única abordagem válida para revolucionar a política americana é dar ao Negro seu direito ao voto. Uma vez feito isso, todo o curso das coisas deve mudar.

Eu poderia dizer que é assim que nós olhamos para isso, como as vítimas olham para isso, de um modo muito bruto e que você pode chamar de pessimista. Mas preferia que você chamasse de uma visão realista. Agora, qual é a nossa abordagem para resolver isso? Muitos de vocês sabem que eu não sou mais um membro da nação do Islã embora eu ainda seja um muçulmano.

Minha religião ainda é o Islã, e eu ainda dou crédito ao honorável Elijah Muhammad como responsável por tudo que eu sei e que eu sou. Em Nova York, fundamos recentemente a Mesquita Muçulmana Incorporated que tem como base a religião do Islã. A religião do Islã porque descobrimos que esta religião cria mais unidade entre o nosso povo do que qualquer outro tipo de filosofia pode fazer. Ao mesmo tempo, a religião do Islã é mais eficaz na eliminação dos vícios que existem na chamada comunidade negra, que destroem a sua fibra moral.

Assim com esta base religiosa, a diferença entre a Mesquita Muçulmana Incorporated e a nação do Islão provavelmente é esta: nós temos como nossa filosofia política o nacionalismo Negro; como nossa filosofia econômica, nacionalismo Negro; como nossa filosofia social o nacionalismo Negro. Acreditamos que a religião do Islã somado ao nacionalismo Negro é tudo que precisamos para resolver o problema da chamada comunidade negra. Por que? A única solução real para o nosso problema, assim como Elijah Muhammad nos ensinou, é voltar para a nossa pátria e viver entre o nosso próprio povo para que possamos desenvolver uma nação independente. Ainda acredito nisso. Mas isso é um programa de longo alcance. E enquanto o nosso pessoal estiver se preparando para voltar para casa, temos de viver aqui.

Enquanto isso, no programa de longo alcance de Elijah Muhammad, há também um programa de curto alcance. A filosofia política que ensina que o homem Negro deve controlar a política de sua própria comunidade. Quando o homem Negro controla a política e os políticos de sua própria comunidade, ele pode então fazer o que é bom para a comunidade. Quando um político na chamada comunidade negra é controlado por uma máquina política de fora, raramente, ele faz o que é necessário para mudar o padrão de vida ou resolver os problemas da comunidade. Assim, nossa filosofia política é projetada para reunir os chamados Negros e reeducá-los para a importância da política para a comunidade, para que eles possam saber o que eles devem receber de seus políticos, além de promessas. Uma vez que o controle político da chamada comunidade negra estiver nas mãos do chamado Negro, então será possível para nós fazer algo para corrigir os males que existem lá.

Nossa filosofia econômica de nacionalismo Negro pressupõe que em vez passar o resto de nossas vidas implorando ao homem branco por um trabalho, nosso povo deve ser reeducado para a ciência da economia e o papel que ela desempenha em nossa comunidade. Deve ser ensinado apenas os fundamentos básicos. Sempre que você tirar o dinheiro do seu bairro para

gastar em outro bairro, o bairro onde você gasta se torna cada vez mais rico e o bairro de onde dinheiro sai fica cada vez mais pobre. Isso cria um gueto como o que existe agora em todas as chamadas comunidades negras deste país.

Se o Negro não está gastando seu dinheiro no centro com quem chamamos de "o homem", ele é o mesmo da comunidade negra. Todas as lojas são geridas pelo homem branco que leva o dinheiro para fora da comunidade assim que o sol se põe. Temos de ensinar ao nosso povo a importância de onde gastar os seus dólares e a importância de estabelecer e possuir empresas. Desse modo, nós podemos criar emprego para nós, em vez de ter que esperar para boicotar suas lojas e negócios a fim de exigir que você nos dê trabalho. Quando a maioria do nosso povo começar a pensar a partir dessa lógica, você vai descobrir que nós mesmos podemos resolver nossos problemas. Em vez de esperar por alguém sair de seu bairro para ir ao nosso bairro resolver nossos problemas, nós mesmos podemos resolvê-los.

A filosofia social do nacionalismo Negro diz que devemos eliminar os vícios e males que existem em nossa sociedade, e que devemos enfatizar as raízes culturais de nossos antepassados que darão dignidade e farão com que o homem Negro deixe de sentir vergonha de si mesmo. Temos de ensinar ao nosso pessoal algo sobre nossas raízes culturais. Temos de ensinar-lhes algo sobre suas gloriosas civilizações antes dos seus antepassados terem sido sequestrados e trazidos para este país. Uma vez que nosso povo seja ensinado sobre a civilização gloriosa que existia no continente africano, eles não se envergonharão mais de quem são. Vamos voltar e nos ligar a essas raízes, e isso reacenderá o sentimento de dignidade entre em nós. Sentiremos que, como vivíamos em tempos passados, podemos viver da mesma maneira hoje. Se nós tínhamos civilizações, culturas, sociedades e nações, centenas de anos atrás, antes de você vir e nos sequestrar e nos trazer para América, podemos ter o mesmo hoje. A restauração de nossas raízes culturais e históricas restaurará a dignidade dos Negros neste país.

Então estaremos satisfeitos em nossos próprios círculos sociais e não precisaremos entrar em outros círculos sociais. Assim, a filosofia social do nacionalismo Negro não envolve de forma alguma qualquer coisa anti-nada. No entanto, restaura o homem que está sendo insultado em sua própria identidade. E no dia em que formos bem-sucedidos em fazer com que o homem Negro respeite a si mesmo tanto quanto ele o admira agora, ele não estará mais mendigando sua aceitação toda vez que você for comprar uma casa em algum lugar para ficar longe dele.

Essa é a filosofia política, social e econômica do nacionalismo Negro, e o programa que temos na Mesquita Muçulmana Incorporated dá uma ênfase ao jovem. Estamos convocando os estudantes de todo o país, de costa a costa, para desenvolver um novo estudo sobre o problema, não um estudo que seja guiado ou influenciado por adultos, mas um estudo próprio.

Assim, podemos obter uma nova análise do problema, uma análise mais realista. Após este novo estudo e uma análise mais realista, vamos pedir a esses mesmos alunos (por estudantes quero dizer jovens, que não têm mais nada a perder, que são mais flexíveis e podem ser mais objetivos) para realizar uma nova abordagem para o problema.

Já começamos a receber respostas dos estudantes de costa a costa, que não estão religiosamente inclinados, mas que são simpatizantes da abordagem utilizada pelo nacionalismo Negro, seja social, econômico ou político. E com esta nova abordagem e ideias pensamos que podemos iniciar uma nova era aqui neste país. Quando essa era começar a se espalhar, as pessoas neste país, em vez de ficar clamando por direitos civis, vão começar a expandir o fundamento de direitos civis para os direitos humanos.

E uma vez que o chamado Negro deste país esquecer toda a questão dos direitos civis e começar a perceber que os direitos humanos são muito mais importantes e amplos que os direitos civis, ele não irá mais para Washington, D.C para implorar ao tio Sam pelos direitos civis. Ele vai levar seu apelo pelos direitos humanos às Nações Unidas.

Não haverá mais violação dos direitos civis. Será uma violação dos direitos humanos. Agora, neste momento, os governos que estão nas Nações Unidas não podem intervir, não podem envolver-se com a política interna da América. Mas no dia em que o Negro mudar dos direitos civis para direitos humanos, ele levará o seu caso para as Nações Unidas da mesma forma que as pessoas em Angola cujos direitos humanos foram violados pelos portugueses na África.

Você vai descobrir que você está entrando em uma era onde o homem Negro neste país deixou de pensar internamente, ou dentro dos limites dos Estados Unidos e vai começar a ver que esta é uma questão mundial e que ele precisa de ajuda externa. Precisamos da ajuda dos nossos irmãos africanos que ganharam a sua independência. E quando começarmos a mostrar-

lhes que o nosso pensamento se expandiu para uma escala internacional, eles vão intervir e vão nos ajudar e você vai descobrir que o tio Sam estará em uma posição mais embaraçosa. Então a única maneira do tio Sam nos parar é concedendo-nos direitos civis agora. Pois se ele não pode cuidar de sua sujeira doméstica, ele vai ser colocado diante dos olhos do mundo. Então ele vai descobrir que não haverá ninguém do seu lado, exceto alguns desses tios Toms.

* * *

Moderador: Sugiro que sigamos este formato: teremos reações e respostas dos membros do painel ao que Malcolm X disse, e então daremos a Malcolm X a chance de discutir seus pontos de vista. O primeiro membro do painel a se dirigir a nós será o professor James Q. Wilson, que escreveu um importante livro sobre a política negra em Chicago. Atualmente, o professor Wilson é professor associado de governo em Harvard e diretor do Centro de Estudos Urbanos. O segundo orador desta noite é o Dr. Martin L. Kilson. O Dr. Kilson é professor de governo em Harvard e publicará em breve seu livro, *Mudança Política em um Estado da África Ocidental*.

[Membros do painel responde.]

Sr. X, eu gostaria que respondesse ao professor Wilson ou ao Dr. David.

Malcolm X: Como eu disse na minha declaração de abertura, eu não sou um estudante de política nem político, mas eu aprendi muito ouvindo os oradores. O Sr. Wilson ressaltou muito decisivamente que a política não vai resolver o problema... isto é o que eu entendo baseado no que ele disse... os políticos não podem fazê-lo. Na verdade, agora eu posso ver porque o honorável Elijah Muhammad disse que a separação completa é a única resposta. A partir disso, eu entendo que o tio Sam não vê nenhuma esperança dentro de seu sistema político para resolver este problema que se tornou tão complexo a ponto de nem mesmo você pode descrevê-lo. E é por isso que eu disse que estamos emitindo uma chamada para a juventude, principalmente, para obter algumas ideias novas e uma nova direção. Os adultos estão mais confusos do que o próprio problema. Vai levar uma geração inteira de pessoas novas para abordar este problema. Eu não gostaria de dar a impressão de que alguma vez, de alguma forma, propus um partido Negro. Quem cogita esse pensamento está muito mal informado. Nunca defendemos nenhum tipo de partido Negro. A ideia que eu tenho tentado transmitir é que o nacionalismo Negro é nossa filosofia política. Eu não mencionei "partido". Por nacionalismo Negro eu quis dizer uma

filosofia política que torne o homem Negro mais consciente da importância de fazer algo para controlar seu próprio destino.

A filosofia política mantida pela maioria dos Negros neste país, parece-me que entrega seu destino nas mãos de alguém que nem mesmo olha para eles. Então, a filosofia política do nacionalismo Negro não tem nada a ver com partido. Ele é projetado para fazer o homem Negro desenvolver algum tipo de consciência sobre a importância de moldar seu próprio futuro, em vez de deixá-lo na mão de segregacionistas em Washington, D.C., que vêm do Norte, bem como do Sul. Ao salientar que estamos dando uma ênfase na juventude, nós queremos que você saiba que nossas mentes estão abertas. Nós não pensamos que temos a resposta, mas nós estamos abertos o bastante para tentar procurar a resposta, não destes antigos políticos, que eu acho que se desviaram, mas da juventude. Para os jovens poderem abordar o problema a partir de um novo ângulo e, talvez, chegar a algo que ninguém tenha pensado ainda.

Em resposta ao Dr. David, que salientou como Marcus Garvey havia falhado: Marcus Garvey falhou apenas porque o seu movimento foi infiltrado por tio Toms enviado pelo governo, bem como por outros organismos para manobrá-lo, de forma que o governo conseguiu o enviar para Atlanta, Geórgia, colocando-o em uma penitenciária para depois deportá-lo, destruindo seu movimento. Mas Marcus Garvey nunca falhou. Marcus Garvey foi o único que deu um senso de dignidade para os Negros deste país. Ele organizou um dos maiores movimentos de massa que já existiu neste país e sua filosofia de organizar e atrair Negros era baseada no retorno à África. O que prova que o único movimento de massa que de fato ocorreu neste país foi projetado a partir daquilo que as massas realmente queriam. Muitos deles, em seguida, preferiram voltar para seus países a ficar aqui neste país e continuar implorando a estrutura de poder por algo que eles sabiam que nunca iria conseguir. Garvey não falhou.

Na verdade, foi a filosofia de Marcus Garvey que inspirou a luta de Nkrumah pela independência de Gana do colonialismo inglês. É também esse mesmo nacionalismo Negro que tem se espalhado por toda a África e que tem provocado o surgimento dos atuais Estados africanos independentes. Garvey nunca falhou. Garvey plantou a semente que apareceu na África e em todos os lugares, e embora eles ainda estejam tentando selar isso em Angola, na África do Sul e em outros lugares, você verá por si mesmo que Garvey não falhou. Ele pode ter falhado na América, mas ele não falhou na África e quando a África tiver sucesso verá que você tem uma nova situação em suas mãos aqui na América.

Eu não posso tolerar qualquer um que refira ao nacionalismo Negro como um tipo de racismo. Sempre que as pessoas brancas se reúnem isso não é chamado de racismo. O mercado comum europeu é para os europeus, excluindo todos os outros. Nesse caso, você não o chama de racismo, todos os blocos numerosos, grupos e sindicatos que as nações ocidentais formaram nunca são classificados como racista. Mas quando os afro-cidadãos querem formar algum tipo de união para resolver seu problema, ou você ou alguém que passou por uma lavagem cerebral vê como "racismo". Nós não chamamos isso de racismo, chamamos de irmandade.

Para esclarecer apenas mais um pequeno ponto: é verdade que um grande grupo dos chamados Negros de classe média se desenvolveu neste país, e você pode pensar que esses Negros estão satisfeitos ou que eles querem ficar aqui porque eles têm uma "segurança". Este é um equívoco popular. O Negro de classe média deste país está tão frustrado, desiludido e desencantado quanto o Negro do gueto. Por que? O Negro do gueto nem sequer pensa em se integrar com você porque ele sabe que não tem dinheiro suficiente para ir onde você está. Assim, isso nem passa em sua mente, ele fica menos frustrado porque sabe que é impossível. Mas este Negro de classe média, afiado como um alfinete, com o seu sotaque de Harvard e com o bolso cheio do seu dinheiro, acha que pode ir a todos os lugares. Na verdade, ele deveria ter o direito de ir a qualquer lugar, então ele vai tentar.

Moderador: Vou tirar as perguntas da plateia.

Pergunta: Eu tenho uma pergunta para o Sr. Malcolm X. "Qual é a sua opinião sobre o *Freedom Now Party* (Partido Liberdade Agora) que é certamente um partido de movimento de terceiros? O que você acha desta alternativa para resolver o problema do Negro?"

Malcolm X: Eu conheci os membros do partido Liberdade Agora, que parecem muito militantes. Eles são jovens militantes e menos propensos a comprometer-se. Por estas razões oferecem mais esperança do que outros que estão pendurados a frente do chamado Negro. Eu não poderia dizer que endossaria o partido Liberdade Agora, mas minha mente está aberta a qualquer coisa que nos ajude a avançar. Além disso, os membros do partido parecem ser mais flexíveis do que os membros dos partidos democratas e republicanos. Eu acho que nada pode ser pior do que os Democratas e Republicanos.

Pergunta: Sr. Malcolm X, o senhor apoia uma revolução sangrenta e, se não, que tipo você tem em mente, especialmente quando o Negro está em desvantagem numérica?

Malcolm X: Não me fale de desvantagem de seis para um. Concordo que é uma desvantagem de seis para um quando você pensa em termos de América. Mas no mundo as pessoas não-brancas estão numa vantagem de onze para um. Nós, Negros, nos consideramos parte desse vasto corpo de pessoas de cor que superam os brancos e não nos consideramos uma minoria.

Pergunta: Sr. Malcolm X, você disse que o tipo de agitação dos direitos civis que vemos agora não alterou a moralidade de pessoas brancas. Você poderia comentar sobre isso?

Malcolm X: Quando expostos aos métodos dos grupos dos direitos civis, os brancos permanecem complacentes. Você não poderia apelar para o seu senso ético ou o seu senso de legalidade. Mas, por outro lado, quando ouvem a análise de Elijah Muhammad, os brancos tornam-se mais atentos em sintonia com o problema. Tornam-se mais conscientes do problema. Você pode apelar para a inteligência dos brancos. Deixe o homem Negro falar o que ele tem em mente para que o homem branco realmente saiba como ele se sente. Ao mesmo tempo, deixe o homem branco falar o que pensa. Deixe todos colocarem as cartas sobre a mesa. Uma vez que você colocar as cartas sobre a mesa, será possível chegar a uma solução.

O movimento dos direitos civis colocou o homem branco numa posição em que ele terá que tomar uma atitude contrária à sua inteligência. Muitos brancos que não apoiam a integração têm medo de dizer isso quando está cara a cara com um Negro, com medo do Negro chamá-lo de fanático ou racista. De modo que, apesar de um branco em sua inteligência, reconhecer que esta integração forçada nunca vai funcionar, ele tem medo de dizer isso a um homem Negro, considerando que se o branco pudesse falar o que pensa ao homem Negro, ele poderia acordar aquele homem. Meu argumento é que a abordagem usada por Elijah Muhammad é mais realista. Um homem branco pode dizer o que ele pensa a um muçulmano, e um muçulmano vai dizer o que ele pensa a um homem branco. Uma vez que se estabelece uma comunicação honesta, sincera, realista, você terá a solução do problema. Mas não me diga que me ama e nem me peça para amá-lo quando não há nada nas nossas origens nem à nossa volta que, de qualquer forma, nos dê razões para nos amarmos. Vamos ser realistas.

4.3 A. B. Spellman entrevista Malcolm X (19 de março de 1964)

Por favor, responda a essas acusações que muitas vezes são feitas contra você: Que você é tão racista quanto Hitler e o Klan, etc. Que você é antissemita. Que você defende a violência da máfia.

Malcolm X: Não, não somos racistas. A nossa irmandade baseia-se no fato de sermos todos Negros, castanhos, vermelhos ou amarelos. Nós não chamamos isso de racismo. Você poderia se referir ao mercado comum europeu que é formado só por europeus, o que significa que é formado por pessoas de pele branca, e não é referida como um grupo racista. É referida como o Mercado Comum Europeu, um grupo econômico. O nosso desejo de unidade entre pretos, marrons, vermelhos e amarelos é voltado para irmandade, não tem nada a ver com racismo, não tem nada a ver com Hitler, não tem nada a ver com o Klan. Na verdade, o Klan foi projetado para perpetuar a injustiça contra os Negros neste país. Mas os muçulmanos lutam para eliminar a injustiça perpetuada contra o chamado Negro.

Nós somos anti-exploração e neste país os judeus foram colocados na chamada comunidade negra como comerciantes e empresários por tanto tempo que eles se sentem culpados quando você menciona que os exploradores dos Negros são os judeus. Isso não quer dizer que nós somos anti-judeus ou antissemitas, nós somos anti-exploração. Nunca nos envolvemos em qualquer tipo de violência. Nunca iniciamos qualquer violência contra alguém, mas acreditamos que quando a violência é praticada contra nós, devemos ser capazes de nos defender. Não acreditamos em dar a outra face para bater.

Pergunta: Por que achou necessário se separar da nação Islã?

Malcolm X: Bem, eu encontrei oposição dentro da nação Islã. Muitos obstáculos foram colocados em meu caminho, não pelo honorável Elijah Muhammad, mas por outros que estavam ao seu redor e desde que eu acredito que a sua análise do problema racial é a melhor e a única solução, eu senti que eu poderia contornar esses obstáculos e agilizar o seu programa, permanecendo fora da nação do Islã e estabelecendo um grupo muçulmano projetado para eliminar os mesmos males que os ensinamentos do honorável Elijah Muhammad tem feito tão manifesto neste país.

Pergunta: Qual é o nome da organização que você fundou?

Malcolm X: A Mesquita Muçulmana Incorporated, o que significa que ainda somos muçulmanos, ainda adoramos em uma mesquita e estamos incorporados como um corpo religioso.

Spellman: Poderá outros muçulmanos trabalhar com a Mesquita Muçulmana Incorporated sem deixar a nação do Islã?

Malcolm X: Oh sim. Sim, qualquer um que esteja na nação Islã que queira trabalhar conosco e permanecer na nação Islã é bem-vindo. Eu sou um seguidor de Elijah Muhammad, eu acredito nele. A única razão pela qual estou na Mesquita Muçulmana Incorporated é porque eu sinto que posso agilizar melhor o seu programa por estar livre da restrição e de outros obstáculos que eu encontrei na nação.

Spellman: Terá acesso ao jornal Muhammad Speak?

Malcolm X: Provavelmente não. Não, duvido muito que as mesmas forças que me forçaram sair permitam que eu tenha acesso ao jornal, embora eu seja o seu fundador e idealizador. Poucas pessoas sabem disso, eu fundei o jornal Muhammad Speak. As edições iniciais foram escritas inteiramente por mim em meu porão.

Spellman: Vai começar outra publicação?

Malcolm X: Sim. Uma das melhores maneiras de propagar qualquer ideia é através de algum tipo de publicação, e se *Allah* nos abençoar com sucesso, nós teremos uma outra publicação. Provavelmente, vamos chamar-lhe de Flaming Crescent porque queremos incendiar o mundo.

Spellman: Qual a base religiosa da Mesquita Muçulmana Inc.? Será mais politicamente orientada?

Malcolm X: A Mesquita Muçulmana Incorporated terá como base religiosa a religião do Islã que será projetada para propagar a reforma moral necessária para elevar o nível da chamada comunidade negra, eliminando os vícios e outros males que destroem a fibra moral da

comunidade, esta é a base religiosa. Mas a filosofia política da Mesquita Muçulmana será o nacionalismo Negro, a filosofia econômica será o nacionalismo Negro, e a filosofia social será o nacionalismo Negro. E por filosofia política quero dizer que ainda acreditamos no honroso Elijah.

A solução por meio da total separação de Muhammad em que os 22 milhões dos chamados Negros devem ser separados completamente da América e autorizados a voltar para nossa pátria africana é um programa de longo alcance. Enquanto o programa de curto alcance é que temos de comer enquanto ainda estivermos aqui, temos que ter um lugar para dormir, roupas para vestir, temos que ter melhores empregos, temos que ter uma melhor educação; de modo que, embora a nossa filosofia política de longo alcance seja migrar de volta para a nossa pátria africana, o nosso programa de curto alcance deva envolver aquilo que nos permita viver uma vida melhor enquanto ainda estivermos aqui. Devemos assumir o total controle político da chamada comunidade negra, temos de ter o controle total sobre os políticos da chamada comunidade negra, para que nenhum forasteiro tenha voz na chamada comunidade negra. Nós mesmos o faremos.

Spellman: Com quem você espera contar na organização deste movimento político - que tipo de pessoas?

Malcolm X: Todos — somos flexíveis. Mas a nossa ênfase será sobre a juventude. Nós já emitimos uma chamada para os estudantes das universidades de todo país para desenvolverem seus próprios estudos independentes sobre o problema racial do país e apresentarem suas análises e sugestões para uma abordagem nova, de modo que possamos conceber um programa de ação orientado a partir de suas ideias. O foco é a juventude porque os jovens têm menos envolvimento com este sistema corrupto e, portanto, pode olhá-lo de forma mais objetiva, enquanto os adultos geralmente têm participação neste sistema corrupto e perdem a sua capacidade de olhar para ele objetivamente por causa de sua participação nele.

Spellman: Você espera contar com os grupos Garveyite?

Malcolm X: Todos os grupos-nacionalistas, cristãos, muçulmanos, agnósticos, ateus, qualquer coisa. Todo mundo que estiver interessado em resolver o problema será dado um convite para se envolver ativamente com qualquer sugestão ou ideias ou algo assim.

Spellman: A organização será nacional?

Malcolm X: Nacional? Eu já recebi um número surpreendente de cartas de grupos de estudantes dos *campi* das faculdades do país que expressaram um desejo de se envolver em uma frente unida nesta nossa nova ideia.

Spellman: Que tipo de coalizão planeja fazer? Os brancos podem aderir à Mesquita Muçulmana Inc.?

Malcolm X: Os brancos não podem se juntar a nós. Quando os brancos se juntam, os Negros acabam se desunindo. Os brancos controlam todas as organizações negras que aderem — eles acabam no controle dessas organizações. Se os brancos quiserem nos ajudar financeiramente nós aceitaremos, mas nós nunca os deixaremos juntar-se a nós.

Spellman: Então a liderança negra é necessária?

Malcolm X: Liderança absolutamente negra.

Spellman: Você vai trabalhar com as chamadas organizações de direitos civis?

Malcolm X: Bem, vamos trabalhar com eles em qualquer área e em qualquer objetivo que não entre em conflito com a nossa própria filosofia política, econômica e social que é o nacionalismo Negro. Eu poderia acrescentar que fui convidado para participar de uma reunião do grupo de direitos civis, onde todas as organizações de direitos civis estavam presentes e fui convidado a participar em Chester, Pensilvânia. Gloria Richardson estava lá. Landrey, o chefe do boicote da escola de Chicago, estava lá. Dick Gregory estava lá, muitos outros estavam lá, o movimento Rochedale estava lá. Agora meu posicionamento para eles foi no sentido de mostrar-lhes que eles elevassem o movimento de direitos civis para um movimento de direitos humanos com o objetivo de o internacionalizar. Agora, como o movimento dos direitos civis permanece dentro dos limites da política interna americana e nenhuma nação independente africana pode opinar sobre assuntos domésticos americanos. Se eles modificassem de movimento dos direitos civis para movimento dos direitos humanos então eles estariam elegíveis para levar o problema do Negro para as Nações Unidas. O mesmo caso dos angolanos

que está na ONU e o caso dos sul-africanos. Uma vez que o movimento dos direitos civis for expandido para movimento de direitos humanos nossos irmãos africanos e asiáticos e latino-americanos poderão colocá-lo na ordem do dia na Assembleia Geral que está chegando este ano e tio Sam não terá como evitar. E nós temos amigos fora da ONU -700 000 000 de chineses que estão prontos para morrer por direitos humanos.

Spellman: Você pretende colaborar com outros grupos como sindicatos trabalhistas ou grupos socialistas ou qualquer outro grupo?

Malcolm X: Vamos trabalhar com qualquer um que esteja sinceramente interessado em eliminar as injustiças que os Negros sofrem nas mãos do tio Sam.

Spellman: Qual é a sua avaliação do movimento dos direitos civis neste momento?

Malcolm X: Ele tem sido gerido sua, está no final de seu domínio.

Spellman: Quais grupos você considera mais promissor?

Malcolm X: Não conheço nenhum grupo que seja promissor a menos que seja radical. Se não for radical não está de modo algum envolvido eficazmente na luta atual.

Spellman: Alguns líderes locais de direitos civis disseram que aceitariam seu apoio, alguns líderes nacionais disseram que não querem nada com você, qual é a sua reação?

Malcolm X: Bem, os líderes locais dos direitos civis geralmente estão envolvidos na situação. Eles veem como é e percebem que é preciso uma combinação de grupos para atacar o problema de forma mais eficaz e, também, a maioria dos líderes dos direitos civis local tem mais independência de ação e, geralmente, eles estão mais em sintonia e em contato com as pessoas. Mas os líderes nacionais do movimento dos direitos civis não conhecem o problema e, geralmente, são líderes pagos. Os líderes locais têm um trabalho e se inclinam para situação local, mas os líderes nacionais conhecidos são pagos. Eles são líderes em tempo integral, eles são líderes profissionais e quem paga o seu salário determina o que eles devem dizer ou o que eles devem fazer, por isso, naturalmente, os que pagam os salários desses líderes Negros são os

liberais brancos e eles estão chocados e assustados sempre que você menciona alguma coisa sobre X.

Spellman: Qual é a sua atitude em relação aos grupos Gandhi-cristãos?

Malcolm X: Cristão? Gandhi? Não gosto de nada que não seja violento e insolente. Eu não vejo como qualquer revolução, eu nunca ouvi falar de uma revolução não-violenta ou uma revolução baseada em dar a outra face para bater. Assim, eu acredito que é um crime ensinar uma pessoa que está sendo brutalizada a continuar aceitando a brutalidade sem o direito de fazer algo para se defender. Se isto é o que a filosofia cristã de Gandhi ensina então isso é criminoso, uma filosofia criminosa.

Spellman: A Mesquita Muçulmana Inc. opõe-se à integração e ao casamento?

Malcolm X: Não precisamos nos opor à integração porque os integrantes brancos já se opõem. Prova disso, é que não existe em qualquer lugar pessoas brancas que dizem que são a favor disso. Não existe essa coisa de integração em lugar nenhum, mas nós nos opomos aos casamentos. Nós somos tanto contra o casamento como somos contra todas as outras injustiças que o nosso povo enfrenta.

Spellman: Qual é o programa para alcançar seus objetivos de separação?

Malcolm X: Uma palavra melhor para usar em substituição a separação é independência. Essa palavra caiu em desuso. As 13 colônias eram separadas da Inglaterra, mas chamaram-lhe a declaração da independência, eles não chamaram de declaração de separação, eles chamam de declaração de independência. Quando você é independente de alguém você pode se separar deles. Se você não pode se separar deles significa que você não é independente deles. Então, qual foi a sua pergunta?

Spellman: Qual é o seu programa para alcançar seus objetivos de independência?

Malcolm X: Quando o homem Negro neste país acordar, tornar-se intelectualmente maduro e capaz de pensar por si mesmo, você verá então que a única maneira dele se tornar independente e reconhecido como um ser humano em igualdade com todos os outros seres humanos, é ele ter

o que eles têm e fazer algo para si, o mesmo o que os outros fazem por eles mesmos. Então o primeiro passo é despertá-lo para isso, e é aí que entra o papel da religião Islã, fazendo com que ele se torne moralmente capaz de se elevar acima dos males e dos vícios de uma sociedade imoral. E a filosofia política, econômica, e social do nacionalismo Negro incute dentro dele a dignidade racial, o incentivo e a confiança que ele precisa ter para poder caminhar com seus próprios pés e assumir o controle de sua vida.

Spellman: Você planeja empregar qualquer tipo de ação em massa?

Malcolm X: Oh, sim.

Spellman: Quais tipos?

Malcolm X: Nós preferimos não dizer neste momento, mas nós definitivamente planejamos empregar ação em massa.

Spellman: Em relação a votação, a Mesquita Muçulmana Inc. lançará seus próprios candidatos ou apoiará outros candidatos?

Malcolm X: Uma vez que a estrutura política é a que tem sido usada para explorar os chamados Negros, pretendemos reunir todas as mentes brilhantes dos alunos, e não a dos políticos adultos que fazem parte da corrupção, mas os estudantes de ciência política, nós pretendemos reunir todos eles e acolher as suas sugestões, suas análises, suas propostas e com essas sugestões vamos desenvolver uma abordagem que nos permitirá atacar os políticos e a estrutura política onde dói mais, a fim de promover uma mudança.

Spellman: Se a Mesquita Muçulmana Incorporated se juntasse a uma demonstração patrocinada por uma organização não-violenta e os brancos contra-atacassem com violência, como sua organização reagiria?

Malcolm X: Nós não somos violentos apenas com pessoas não-violentas, eu não sou violento enquanto alguém não é violento comigo, assim a medida que eles se tornam violentos, eles anulam a minha não-violência.

Spellman: Muitos líderes de outras organizações disseram que sua ajuda seria bem-vinda, mas eles colocaram isso nesses termos "se você seguir nossa filosofia." Você trabalharia com eles nestas circunstâncias?

Malcolm X: Podemos trabalhar com todos os grupos em qualquer coisa, mas em nenhum momento vamos desistir do nosso direito de nos defender. Nunca nos envolveremos em qualquer tipo de ação que nos prive do nosso direito de nos defender se nos atacarem.

Spellman: Como é que a Mesquita Muçulmana Incorporated lida com Birmingham, Danville, ou Cambridge, o que você acha que deveria ter sido feito?

Malcolm X: Em Birmingham, uma vez que o governo provou ser incapaz ou não demonstrou interesse em intervir e encontrar os culpados e levá-los à justiça, torna-se necessário para o chamado Negro, que foi a vítima, fazer isso sozinho, e se fizesse, ele estaria defendendo seus direitos constitucionais. O artigo 2 da Constituição diz sobre o direito de portar armas na declaração de direitos: "uma milícia bem regulamentada sendo necessário para a segurança de um estado livre, o direito do povo de manter e portar armas não será infringido. Os Negros não percebem isso, que eles estão dentro de seus direitos constitucionais de possuir um rifle, possuir uma espingarda e quando a supremacia branca intolerante perceber que eles estão lidando com Negros que estão dispostos a morrer para defender sua vida e sua propriedade, então estes brancos intolerantes mudarão toda a sua estratégia e toda a sua atitude.

Spellman: Você disse que este será o ano mais violento da história das relações raciais na América.

Malcolm X: Sim. Porque o Negro já desistiu da não-violência. Este novo Negro está começando a perceber que quando ele reflete sobre o que o governo diz que são os seus direitos, então a lei deve estar do seu lado. Quem estiver à frente dele, a reclamar contra os seus direitos, está infringindo a lei. Agora, você não vai ter uma violação da lei, quando ela infligi violência aos Negros que estão tentando implementar a lei, de modo que quando eles começarem a ver isso, eles vão contra-atacar. Em 1964 você vai encontrar Negros que vão retaliar, nunca mais haverá a não-violência.

Spellman: Qual é a sua avaliação de Monroe?

Malcolm X: Eu não conheço muito sobre a situação em Monroe, NC. Eu sei que Robert Williams se tornou um exilado deste país, simplesmente porque ele estava tentando fazer com que o nosso povo se defendesse da Ku Klux Klan e outros elementos da supremacia branca, e May Mallory pegou 20 anos de prisão ou algo assim porque ela também estava lutando a favor do nosso povo. Isso lhe dá uma ideia do que acontece em uma democracia, em uma suposta democracia quando o povo tenta executar essa democracia.

Spellman: Você costuma usar a palavra revolução, há uma revolução em curso na América agora?

Malcolm X: Não tem havido. A revolução é como um incêndio florestal. Queima tudo em seu caminho. As pessoas que estão envolvidas em uma revolução não se tornam parte do sistema, elas destroem o sistema, elas mudam o sistema. A palavra genuína para uma revolução é *Umwälzung* que significa uma completa virada e uma mudança completa e a Revolução Negra não é uma revolução porque condena o sistema e, em seguida, pede ao sistema que condenou a aceitá-los em seu sistema. Isso não é uma revolução, uma revolução muda o sistema, ela destrói o sistema e o substitui por outro melhor. É como um incêndio florestal como eu disse, queima tudo que estiver em seu caminho e a única maneira de impedir um incêndio florestal de destruir sua casa é acender um fogo que você pode controlar e usar contra o fogo que está queimando fora de controle. É o que o homem branco na América tem feito, ele percebe que há uma revolução negra em todo o mundo, uma revolução não-branca em todo o mundo, varrendo a América para baixo e, a fim de interrompê-la, ele acendeu um fogo artificial que ele tem chamado de revolta negra e ele está usando a revolta negra contra a verdadeira Revolução Negra que está acontecendo por toda a terra.

Spellman: Pode o problema racial na América ser resolvido por meio do sistema político-econômico existente?

Malcolm X: Não.

Spellman: Bem, então, qual é a resposta?

Malcolm X: Ele responde a si mesmo.

Spellman: Pode haver alguma mudança revolucionária na América enquanto a hostilidade entre a classe operária negra e branca existir? Os Negros podem fazê-lo sozinhos?

Malcolm X: Sim. Nunca o farão com brancos da classe operária. A história da América é que os brancos da classe operária têm sido não apenas contra a classe operária negra, mas contra todos os Negros porque todos os Negros são uma classe de trabalhadores dentro de um sistema de castas. O Negro mais rico é tratado como um Negro da classe operária. Nunca houve uma boa relação entre o Negro da classe operária e os brancos da classe operária. Eu simplesmente acho que não pode haver solidariedade entre o trabalhador até que haja primeiro alguma solidariedade entre os Negros. Não pode haver solidariedade branca/negra até que haja primeiro alguma solidariedade negra. Primeiro, temos que resolver os nossos problemas e depois se sobrar alguma coisa trabalhar nos problemas do branco. Mas acho que um dos erros que os Negros cometem é essa coisa de solidariedade trabalhista. Não existe tal coisa, nem sequer funcionou na Rússia. Supostamente deveria funcionar na Rússia, mas assim que eles tiveram os problemas deles resolvidos caíram com a China.

Spellman: A Mesquita Muçulmana Incorporated se identificará com movimentos revolucionários não-brancos na África, Ásia e América Latina?

Malcolm X: Somos todos irmãos em opressão e hoje irmãos em opressão se identificam uns com os outros em todo o mundo.

Spellman: Há mais alguma coisa que queira dizer?

Malcolm X: Não. Eu já disse o suficiente, talvez eu tenha mais do que devia.

4.4 A voto ou a bala (3 de abril de 1964)

Sr. moderador, irmão Lomax, irmãos e irmãs, amigos... e inimigos. Não acredito que todos aqui sejam amigos, e não quero deixar ninguém de fora. A questão esta noite, pelo que entendi, é "a revolta dos Negros e em que direção seguiremos a partir daqui?" ou "o que vem depois?" Na minha simples compreensão, ela aponta para o voto ou a bala. Antes de tentar explicar o que se entende por o voto ou a bala, gostaria de esclarecer algo sobre mim.

Eu ainda sou muçulmano, minha religião ainda é o Islã. Essa é a minha crença pessoal. Assim como Adam Clayton Powell é um ministro cristão que dirige a Igreja Batista da Abissínia em Nova York, mas ao mesmo tempo participa das lutas políticas para tentar trazer direitos aos Negros neste país, e o Dr. Martin Luther King é um ministro cristão em Atlanta, Geórgia que dirige uma outra organização que luta pelos direitos civis dos Negros neste país e Reverendo Galamison, eu acho que você já ouviu falar dele, é outro ministro cristão em Nova York, que tem estado profundamente envolvido nos boicotes escolares para eliminar a segregação nas escolas. Bem, eu mesmo sou um ministro, não um ministro cristão, mas um ministro muçulmano e eu acredito em todas as frentes de ação por qualquer meio necessário.

Apesar de ainda ser muçulmano, não estou aqui esta noite para discutir a minha religião. Não estou aqui para tentar mudar sua religião. Eu não estou aqui para discutir quaisquer diferenças porque é hora de superá-las e entender que nós temos o mesmo problema, um problema comum, nós sofremos o mesmo inferno, não importa se você é batista, ou metodista, muçulmano ou um nacionalista.

Se você é educado ou analfabeto, se você vive no bairro nobre ou no subúrbio, você sofre o mesmo inferno assim como eu sofro. Estamos todos na mesma situação e todos nós vamos sofrer o mesmo inferno do mesmo homem. Acontece que ele é um homem branco. Todos nós sofremos a opressão política nas mãos do homem branco, exploração econômica nas mãos do homem branco, e degradação social nas mãos do homem branco neste país.

Agora, falando assim, não quer dizer que somos anti-brancos, mas significa que somos anti-exploração, que somos anti-degradação, somos contra a opressão. E se o homem branco não quer que sejamos contra ele, ele tem de parar de nos oprimir, explorar e degradar. Se somos cristãos ou muçulmanos ou nacionalistas ou agnósticos ou ateus, devemos primeiro aprender a

esquecer nossas diferenças. Se nós temos diferenças, vamos deixá-las no armário. Quando estivermos em público, não vamos discutir nada até terminarmos de discutir com o homem. Se o Presidente Kennedy pôde se reunir com Khrushchev para solucionar os problemas, nós certamente temos mais em comum uns com os outros do que Kennedy e Khrushchev.

Se não fizermos algo muito em breve, acho que terá que concordar que seremos obrigados a usar o voto ou a bala. É um ou outro em 1964. Não é que o tempo esteja se esgotando, o tempo já se esgotou! 1964 ameaça ser o ano mais explosivo que a América já presenciou. O ano mais explosivo. Por que? É também um ano político. É o ano em que todos os políticos brancos estarão de volta na chamada comunidade negra, brincando com você e comigo por alguns votos.

O ano em que todos os bandidos políticos brancos estarão de volta na sua e na minha comunidade com suas falsas promessas, alimentando nossas esperanças para aumentar nossa desilusão, com sua trapaça e traição, com falsas promessas que eles não pretendem cumprir. À medida que eles nutrem essas insatisfações, só poderá levar a uma coisa, a uma explosão. E agora temos o tipo de homem Negro na cena da América hoje, sinto muito, irmão Lomax - que simplesmente, não pretende dar a outra face por mais tempo.

Não deixe que ninguém lhe diga nada sobre as probabilidades contra você. Se te convocam para a Coreia para enfrentar 800 milhões de chineses. Se você pode ser corajoso lá, você pode ser corajoso aqui também. Essas probabilidades não são tão boas como as probabilidades. E se você lutar aqui, pelo menos você saberá pelo que está lutando.

Eu não sou um político, nem mesmo estudante de política, na verdade, eu não sou estudante de muita coisa. Não sou democrata. Não sou republicano e nem me considero um americano. Se fôssemos americanos não teríamos problemas. Aqueles branquelos que acabaram de chegar de barco, já são americanos. Polacos já são americanos, os refugiados italianos já são americanos. Tudo o que saiu da Europa, cada coisa de olhos azuis já é um americano. E nós que estamos a muito mais tempo aqui ainda não somos americanos.

Bem, eu sou aquele que não acredita, não me iludo. Não vou sentar a sua mesa e ver você comer sem ter nada no meu prato e me chamar de cliente. Sentar à mesa não faz de você um consumidor, a menos que você coma um pouco do que está naquele prato. Estar aqui na

América não torna você um americano. Nascer aqui na América não torna você um americano. Porque se o nascimento o tornasse americano, você não precisaria de nenhuma legislação, você não precisaria de nenhuma emenda constitucional, você não seria confrontado com a obstrução dos direitos civis em Washington, D.C. Eles não precisam aprovar leis de direitos civis para que um polaco se torne americano.

Não, não sou americano. Sou uma das 22 milhões de pessoas negras que são vítimas do americanismo. Uma das 22 milhões de pessoas negras que são vítimas da democracia, que nada mais é que uma hipocrisia disfarçada. Então, eu não estou aqui falando com você como um americano, ou um patriota, ou um saudador da bandeira, ou uma amante da bandeira, eu não. Estou falando como uma vítima deste sistema americano. E vejo a América através dos olhos da vítima. Não vejo nenhum sonho americano. Vejo um pesadelo americano.

Essas 22 milhões de vítimas estão acordando. Eles estão começando a enxergar o que antes eles apenas viam. Estão abrindo os olhos. Estão se tornando politicamente maduros. Eles estão percebendo que há novas tendências políticas de costa a costa. Assim que eles verem essas novas tendências políticas, é possível para eles perceberem que cada vez que há uma eleição, a questão racial é tão importante que eles têm que ter uma recontagem.

Eles tiveram que recontar em Massachusetts para ver quem ia ser governador. Foi da mesma forma em Rhode Island, em Minnesota, e em muitas outras partes do país. E o mesmo com Kennedy e Nixon quando concorreram à presidência. O resultado foi tão próximo que tiveram que contar tudo de novo. Bem, o que isso significa? Pressupõe que quando os brancos são divididos uniformemente, e os afro-americanos têm um bloco de seus próprios votos, cabe a eles determinar quem irá para a Casa Branca e quem irá para a casa do cachorro.

Foi o voto do homem Negro que colocou a atual administração em Washington, D.C. Seu voto, seu voto néscio, seu voto ignorante, seu voto desperdiçado o colocou na administração de Washington, D.C., que está livre para aprovar todo tipo de legislação, deixando você por último, postergando as decisões. E os seus e os meus líderes têm a audácia de andar por aí aplaudindo e falando sobre o progresso que estamos fazendo. E que bom Presidente temos. Se ele não foi bom no Texas, certamente não pode ser bom em Washington, D.C porque o Texas é o Estado onde se lincha Negro. É semelhante em Mississippi, não é diferente. Só que te lincham no Texas com sotaque texano e te lincham no Mississippi com

sotaque do Mississippi. E esses líderes Negros têm a audácia de ir tomar café na Casa Branca com um texano, um branquelo do Sul, que é o que ele é, e depois diz a você e a mim que ele vai ser melhor para nós porque uma vez que ele é do Sul, ele sabe como lidar com os Sulistas. Que tipo de lógica é essa? Deixe Eastland ser Presidente, ele é do Sul também. Ele deve ser mais capaz de lidar com eles do que Johnson.

Nesta administração atual, eles têm 257 deputados democratas para apenas 177 deputados republicanos na Câmara. Eles controlam dois terços da votação da casa. Por que eles não podem aprovar algo para nos ajudar? No Senado, há 67 senadores que são do partido democrata. Apenas 33 deles são republicanos. Por que? Os democratas têm o governo sob controle e foi você que deu esse poder para eles. E o que eles te deram em troca? Quatro anos de mandato e só agora eles resolveram dar alguma atenção a legislação dos direitos civis. Só agora, depois de tudo que passou, quando a tensão foi atenuada. Agora, eles vão sentar e jogar com você o verão todo, o mesmo jogo antigo que eles chamam de obstrução. Eles estão juntos nisso. Você nunca pode achar que eles não estão juntos, o homem que está obstruindo os direitos civis é um homem da Geórgia chamado Richard Russell. Quando Johnson se tornou presidente, o primeiro homem que ele chamou quando voltou para Washington, D.C foi "Dicky"- que é tão rígido quanto ele. Esse é o filho dele, é o amigo dele. Eles estão jogando o velho jogo. Um deles faz de conta que é a seu favor e tenta corrigir as coisas que o outro faz contra você, assim, ele nunca precisa cumprir a promessa.

Então é hora de acordar em 1964. E quando eles vierem com esse tipo de conspiração, deixe-os saber que seus olhos estão abertos. E deixe-os saber que seus olhos estão abertos para outra coisa também. Tem que ser o voto ou a bala. O voto ou a bala. Se você está com medo de usar uma expressão como essa, você deve sair do país, você deve voltar para o campo de algodão, deve voltar para o gueto. Eles se elegem com os votos dos Negros e depois de conseguirem, o Negro não recebe nada em troca. Tudo o que fizeram quando foram a Washington foi dar um grande trabalho aos líderes Negros. Eles não precisavam de grandes empregos, já tinham empregos. Isso é camuflagem, isso é trapaça, isso é traição. Eu não estou tentando jogar os democratas contra os republicanos. Trataremos deles daqui a pouco. Mas é verdade, você coloca os democratas em primeiro lugar e os democratas te colocam em último.

Veja como eles fazem. Que álibi eles usam já que controlam o Congresso e o Senado? Que álibi eles usam quando você e eu perguntamos, "bem, quando você vai cumprir sua

promessa?" Eles culpam os Dixiecrats. O que é um Dixiecrat? Um democrata. Um Dixiecrat é apenas um democrata disfarçado. O chefe dos Democratas é também o chefe dos Dixiecrats porque os Dixiecrats são uma parte do partido democrático. Os democratas nunca expulsaram os Dixiecrats do partido. Os Dixiecrats se separaram uma vez, mas os democratas não. Imagine, esses segregacionistas do Sul derrubaram os democratas do Norte. Mas os democratas do Norte nunca derrotaram os Dixiecrats. Não, encare as coisas como elas são. Eles têm um jogo de trapaça em curso, um jogo político, e nós estamos no meio. É hora de acordarmos e começarmos a olhar para ele como ele é, e tentar compreendê-lo como ele é e depois podemos lidar com isso como ele é.

Os Dixiecrats em Washington controlam os principais comitês que dirigem o governo. A única razão pela qual os Dixiecrats controlam esses comitês é porque eles têm prioridade. A única razão pela qual eles têm prioridade é porque eles vêm de Estados onde os Negros não podem votar. Este nem é mesmo um governo baseado na democracia. Não é um governo que é composto de representantes do povo. Metade das pessoas do Sul nem sequer votam. Eastland nem deveria estar em Washington. Metade dos senadores e congressistas que ocupam estas posições-chave em Washington estão lá ilegalmente, inconstitucionalmente.

Eu estava em Washington uma semana atrás, na quinta-feira, quando eles estavam discutindo se deveriam ou não derrubar o projeto de lei. E no fundo da sala onde o Senado se reúne, há um enorme mapa dos Estados Unidos e nesse mapa mostra a localização dos Negros por todo o país. E isso mostra que a parte Sul do país, os Estados onde os Negros estão mais fortemente concentrados, são os que têm senadores e congressistas obstruindo e fazendo todos os outros tipos de trapaças para impedir que o Negro tenha direito ao voto. Isso é lamentável. Mas não é mais lamentável para nós, é realmente lamentável para o homem branco porque em breve, quando o Negro despertar mais um pouco e vê o tomilho em que ele está, vê o saco em que ele está, vê o jogo real em que ele está envolvido, então o Negro vai desenvolver uma nova tática.

Estes senadores e congressistas realmente violam as emendas constitucionais que garantem o direito ao voto das pessoas desse estado em particular. E a própria Constituição possui os recursos necessários para expulsar qualquer representante de um estado onde o direito de voto do povo é violado. Você nem precisa de nova legislação. Qualquer pessoa no Congresso agora, que está lá, de um estado ou de um distrito onde o direito de voto do povo é violado, a

pessoa em particular deve ser expulsa do Congresso. E quando você a expulsa, você remove um dos obstáculos do caminho de qualquer legislação significativa neste país. Na verdade, quando você os expulsar, você não precisará de nova legislação porque eles serão substituídos por representantes Negros dos municípios e distritos onde o homem Negro é maioria, não minoria.

Se o homem Negro nestes Estados do Sul tivesse os seus direitos de voto, o principal Dixiecrats em Washington, o que significa que os democratas em Washington perderiam seus lugares. O partido democrático em si perderia o seu poder. Deixaria de ser poderoso como partido. Quando você perceber a quantidade de poder que o partido democrata perderia, se perder a ala ou ramo do Dixiecrat, é possível ver o interesse dos democratas em conceder direitos de voto aos Negros nos estados em que os democratas estão em pleno poder desde a Guerra Civil. Você não pode fazer parte desse partido sem analisá-lo.

Eu digo novamente, eu não sou antidemocrata, eu não sou antirrepublicano, eu não sou anti-nada. Estou apenas questionando sua sinceridade e parte da estratégia que eles têm usado contra o nosso povo, fazendo-lhes promessas que não pretendem cumprir. Quando você mantém os democratas no poder, você está mantendo o Dixiecrats no poder. Duvido que o meu bom irmão Lomax negue isso. Um voto para um democrata é um voto para um Dixiecrat. É por isso que, em 1964, é hora de nos tornarmos mais politicamente maduros e percebermos qual a finalidade do voto e o que supostamente desejamos alcançar com o voto, e se não votarmos, isso resultará numa situação em que vamos ter de recorrer a bala. Ou o voto ou a bala.

No Norte, eles fazem isso de uma maneira diferente. Eles têm um sistema que é conhecido como “*gerrymandering*”, o que quer que isso signifique. Isso pressupõe que quando os Negros se tornam muito fortemente concentrados em uma determinada área, e começam a ganhar muito poder político, o homem branco aparece e muda as linhas distritais. Você pode dizer, "por que você continua dizendo homem branco?" Porque é o homem branco que faz isso. Nunca vi nenhum Negro mudar as linhas. Não o deixam nem chegar perto. É o homem branco que faz isso. E, geralmente, é o homem branco que sorri para você, dando tapinhas nas costas, seu suposto amigo. Ele pode ser amigável, mas não é seu amigo.

Então, o que eu estou tentando fazer você entender, em essência, é isso: você e eu na América somos confrontados não com uma conspiração de segregação, nós somos confrontados

com uma conspiração do governo. Todo obstrucionista é um senador que representa o governo. Todo mundo que está trapaceando em Washington é um congressista que representa o governo. Você não tem ninguém colocando blocos em seu caminho, senão as pessoas do governo. O mesmo governo que você defende no exterior pelo qual você luta e morre. É o governo que está em uma conspiração para privá-lo de seus direitos ao voto, de suas oportunidades econômicas, de habitação decente, de educação decente. Você não precisa ir ao empregador, é o próprio governo, o governo da América que é responsável pela opressão e exploração e degradação das pessoas negras neste país. Este governo falhou com o Negro. Esta chamada democracia falhou com o Negro. E todos esses liberais brancos definitivamente falharam com o Negro.

Então, para onde vamos daqui? Primeiro, precisamos de alguns amigos. Precisamos de novos aliados. Toda a luta pelos direitos civis precisa de uma nova interpretação, uma interpretação mais ampla. Precisamos olhar para os direitos civis sob outro ângulo, tanto a partir do interior como a partir exterior. Para muitos de nós cuja filosofia é nacionalismo Negro, a única maneira de se envolver na luta pelos direitos civis é dando-lhe uma nova interpretação. Essa velha interpretação excluiu-nos. Isso nos manteve de fora. Então, nós estamos dando uma nova interpretação para luta dos direitos civis, uma interpretação que nos permitirá entrar nela, participar dela. E esses traidores que têm se corrompido e se comprometido - não temos a intenção de deixá-los fazer isso por mais tempo.

Como pode agradecer a um homem por lhe dar o que já é seu por direito? Como então você pode agradecê-lo por dar-lhe apenas uma parte do que já é seu? Você ainda não fez progresso, se o que está sendo dado a você, você já deveria ter tido. Isso não é progresso. E eu amo meu irmão Lomax quando ele salienta que regredimos para 1954. Não estamos nem longe como estávamos em 1954. Há mais segregação agora do que havia em 1954. Há mais animosidade racial, mais ódio racial, mais violência racial hoje, em 1964, do que havia em 1954. Onde está o progresso?

E agora você está enfrentando uma situação em que o jovem Negro não quer ouvir essa coisa de "dar a outra face para bater", não. Em Jacksonville, foram os adolescentes que jogaram coquetéis Molotov. Os Negros nunca fizeram isso antes. Isso demonstra que há um novo acordo chegando. Há um novo pensamento chegando. Há uma nova estratégia chegando. Será coquetel Molotov este mês, granadas de mão no próximo mês, e algo mais no próximo mês. Serão

direitos ou balas. Será a liberdade ou a morte. A única diferença sobre esse tipo de morte é que será recíproco. Sabe o que significa "recíproco"? É uma das palavras do irmão Lomax.

Eu não costumo usar palavras eloquentes porque eu não costumo lidar com pessoas grandes. Eu lido com pessoas pequenas. Eu acho que você pode aprender muito mais com um monte de pessoas pequenas do que com pessoas grandes. Eles não têm nada a perder, e eles têm tudo a ganhar. E eles vão deixar você saber em um minuto: "é preciso dois para dançar tango, o movimento que eu fizer, você faz. "

Os nacionalistas Negros, aqueles cuja filosofia é o nacionalismo Negro, ao trazer esta nova interpretação sobre o significado dos direitos civis, olham para ele como uma oportunidade de igualdade e oportunidade, como o irmão Lomax apontou. Bem, nós somos justificados na busca pelos direitos civis, se isso significa igualdade de oportunidade porque tudo o que estamos fazendo é a coleta do nosso investimento. Nossas mães e pais investiram suor e sangue em 310 anos de trabalho neste país sem ganhar um centavo em troca, quero dizer nenhum centavo em troca. Você deixa o homem branco andar por aqui falando sobre como este país é rico, mas você nunca para e pensa como ele enriqueceu tão rapidamente.

Considere as pessoas que estão nesta plateia agora. São pobres. Somos todos pobres como indivíduos. Nosso salário semanal individualmente equivale a quase nada. Mas se você levar em consideração o salário de todos aqui coletivamente, ele vai encher um monte de cestas. É muita riqueza. Se você pudesse coletar o salário somente dessas pessoas aqui durante um ano, você se tornaria rico. Quando você leva em conta tudo isso, pense como o tio Sam se enriqueceu, não com este punhado, mas com o trabalho de milhões de pessoas negras. Você, minha mãe e meu pai, que não trabalharam um turno de oito horas, mas que trabalharam desde o nascer do sol até a noite sem ganhar nada, contribuindo para a riqueza do homem branco, tornando o tio Sam rico. Este é o nosso investimento. Esta é a nossa contribuição, o nosso sangue.

Não só demos o nosso trabalho livre, como demos o nosso sangue. Toda vez que este país esteve em guerra, nós éramos os primeiros de uniforme. Morremos em todos os campos de batalha do homem branco. Fizemos um sacrifício maior do que qualquer um na América hoje. Demos uma contribuição maior e recebemos menos. Direitos civis para nós cuja filosofia é nacionalismo Negro, significa: "direito agora. Não espere pelo próximo ano.

Eu vou parar para ressaltar uma coisa. Sempre que você reivindicar algo que pertence a você, qualquer um que esteja privando você do direito de tê-lo é um criminoso. Entendam isso. Sempre que você estiver lutando por algo que é seu, você está dentro de seus direitos legais de reivindicar. E quem tenta privá-lo daquilo que é seu está infringindo a lei, é um criminoso. E isso foi salientado pela decisão da Suprema Corte que banuiu a segregação.

O que significa que segregação é contra a lei. O que pressupõe que um segregacionista está infringindo a lei. Um segregacionista é um criminoso. Ele não é nada além disso. E quando você lutar contra a segregação, a lei estará do seu lado. A Suprema Corte estará do seu lado.

Agora, quem é que se opõe a você na execução da lei? O próprio Departamento de Polícia. Com cães e cassetetes. Sempre que você luta contra a segregação, seja uma educação segregada, habitação segregada ou qualquer outra coisa desse tipo, a lei está do seu lado e quem estiver no seu caminho está contra a lei. Eles estão infringindo a lei, eles não são representantes da lei. Toda vez que você protestar contra a segregação e um homem tiver a audácia de colocar um cão contra você, mate o cão. Eu estou dizendo para você matar o cão. Digo que se me puserem na cadeia amanhã, matem o cão. Então você vai acabar com isso. Agora, se essas pessoas brancas aqui não querem ver esse tipo de ação, que desça e diga ao prefeito para dizer ao Departamento de Polícia para tirar os cães, é tudo que você tem que fazer. Se não o fizer, outra pessoa fará.

Se você não tomar este tipo de posição, seus filhos vão crescer e olhar para você e pensar que "vergonha". Se você não tomar uma posição intransigente, eu não quero dizer sair e se tornar violento. Você nunca deve ser violento a menos que seja violentado por eles. Não sou violento com aqueles que não são violentos comigo. Mas quando você praticar a violência contra mim, então você me faz ficar louco, e eu não sou responsável pelo que eu faço. E é assim que todos os Negros devem agir. Quando você tem consciência que está agindo conforme a lei, dentro de seus direitos legais, dentro de seus direitos morais, de acordo com a justiça, então morra por aquilo em que acredita. Mas não morra sozinho. Deixe sua morte ser recíproca. Isto é o que se entende por igualdade. O que é bom para a gansa é bom para o ganso.

Quando começarmos a entrar nesta área, vamos precisar de novos amigos, precisamos de novos aliados. Temos de colocar a luta pelos direitos civis para um nível mais elevado, para o nível dos direitos humanos. Enquanto estiver na esfera dos direitos civis, quer você saiba ou

não, você estará confinado à jurisdição do tio Sam. Ninguém do mundo exterior poderá falar a seu favor, enquanto sua luta for uma luta pelos direitos civis. Os direitos civis estão dentro da categoria de assunto interno deste país. Todos os nossos irmãos africanos, asiáticos e latino-americanos não poderão opinar e interferir nos assuntos internos dos Estados Unidos. E enquanto forem direitos civis isto fica sob a jurisdição do tio Sam.

Mas as Nações Unidas têm o que é conhecido como a Carta dos Direitos Humanos, tem um comitê que lida com direitos humanos. Você pode querer saber porque todas as atrocidades que foram cometidas na África, Hungria, Ásia e América Latina são levadas para a ONU, e o problema do Negro nunca é levado para a ONU. Isso faz parte da conspiração. Este velho e manhoso liberal de olhos azuis, que é nosso suposto amigo, suposto subsidiado de nossa luta, suposto a atuar como conselheiro, nunca te diz nada sobre os direitos humanos. Eles te mantêm envolvido em direitos civis. E passas tanto tempo a ladrar à árvore dos direitos civis que nem sabes que há uma árvore dos direitos humanos no mesmo andar.

Quando você expandir a luta dos direitos civis para direitos humanos, você poderá levar o caso do homem Negro deste país para as Nações na ONU. Você poderá apresentá-lo diante da Assembleia Geral. Você poderá levar o tio Sam para um tribunal mundial. Mas o único meio de você fazer isso é através dos direitos humanos. Os direitos civis mantêm-nos em suas restrições, sob a sua jurisdição. Os direitos civis nos mantêm no bolso. Direitos civis pressupõem que você está pedindo ao tio Sam para tratá-lo bem. O direito humano é algo com que nasceste. Os direitos humanos são seus direitos concedidos por *Allah*. Os direitos humanos são direitos reconhecidos por todas as Nações desta terra. E sempre que alguém violar seus direitos humanos, você pode levá-los ao Tribunal Mundial.

As mãos do tio Sam estão pingando sangue, manchadas com o sangue do homem Negro neste país. Ele é o hipócrita número um da terra. Ele tem a audácia, sim, ele tem posado como o líder do mundo livre. O mundo livre! E você aqui cantando "We Shall Overcome" "Nós Superaremos." Eleve a luta dos direitos civis ao nível dos direitos humanos. Leve-o para as Nações Unidas onde nossos irmãos africanos, asiáticos e latino-americanos podem usar sua influência a nosso favor, e onde 800 milhões de chineses estão sentados lá esperando para exercer sua influência.

Deixe o mundo saber como as mãos deles estão sujas de sangue. Deixe o mundo saber sobre a hipocrisia que é praticada aqui. Que seja o voto ou a bala. Deixe-os saber que será o voto ou a bala.

Quando você levar o seu caso para Washington, você estará levando o caso para o criminoso que é responsável, é como correr do lobo para a raposa. Estão todos em conluio. Todos eles trabalham em uma política de zombaria e te faz de tolo diante dos olhos do mundo. Aqui está você, na América, se preparando para ser convocado e enviado para o exterior como um soldado, e quando você chegar lá, as pessoas vão perguntar pelo que você está lutando, e você vai ter que enfiar sua língua na boca. Não, leve o tio Sam Washington, leve-o ao mundo.

Por direito ao voto, eu quero dizer liberdade. Você não sabe, eu discordo de Lomax sobre esta questão, que o voto é mais importante do que o dólar? Posso provar? Sim. Olhe para a ONU. Há nações pobres na ONU, no entanto, essas nações pobres podem se reunir com seu poder de voto e impedir as ações das nações ricas. Eles têm uma nação, um voto, todos têm um voto igual. E quando os irmãos da Ásia, da África e das partes mais remotas da terra se reúnem, o seu poder de voto é suficiente para manter Sam e a Rússia sob controle. Ou alguma outra parte da terra. Então, o voto é mais importante.

Neste momento, neste país, se os 22 milhões de afro-americanos, que é o que somos, os africanos que estão na América. Vocês não são nada além de africanos. Nada além de africanos. Na verdade, você deveria se chamar africano em vez de Negro. Os africanos não sofreram o inferno. Você é o único que está sofrendo o inferno. Eles não precisam prestar contas dos direitos civis para os africanos. Um africano pode ir onde quiser agora. Isso mesmo, vai onde quiser. Deixe de ser Negro. Mude seu nome para *Hoogagagooba*. Isso demonstra como o homem branco é bobo. Você está lidando com um homem tolo. Um amigo meu, que é Negro retinto, colocou um turbante na cabeça e entrou em um restaurante segregado em Atlanta. Ele foi a um restaurante branco, sentou-se, serviram-lhe e ele disse: "o que aconteceria se um Negro entrasse aqui? E lá estava ele sentado, Negro como a noite, mas porque ele tinha um turbante na cabeça, a garçonete olhou para ele e disse: "por que, nenhum *nigger* ousaria entrar aqui."

Então, você está lidando com um homem cujo preconceito está fazendo-o perder sua mente, sua inteligência. Ele está assustado, ele olha em volta e vê o que está ocorrendo nesta terra. Vê que o pêndulo do tempo está balançando em sua direção. Os afro-cidadãos estão

acordando. Estão perdendo o medo do homem branco. Em nenhum lugar onde o branco esteja lutando hoje ele está ganhando. Em todo lugar que ele está lutando com alguém semelhante a nós. Estão batendo nele. Ele não pode ganhar mais. Ele ganhou sua última batalha. Ele não conseguiu vencer a guerra da Coreia. Ele não poderia ganhar. Ele teve que dar uma trégua. Isso é uma perda.

Uma vez que o tio Sam, com toda a sua maquinaria de guerra foi detido por alguns comedores de arroz. Ele teve que dar uma trégua. A América não representa mais uma ameaça. Ela só representa uma ameaça quando posa como produtora de bomba de hidrogênio, mas não pode usá-la com medo que a Rússia use a dela. A Rússia não pode usar a dela com medo que o tio Sam use a dele. Eles não podem usar a arma porque cada arma anula o outro. Então o único lugar onde a ação pode ocorrer é no chão. E o homem branco não pode ganhar outra guerra lutando no chão. Esses dias acabaram, o homem Negro sabe disso, o homem marrom sabe disso, o homem vermelho sabe disso e o homem amarelo sabe disso. Então, eles o envolveram em uma guerrilha. Não é o estilo dele. Você tem que ter coração para ser um guerrilheiro e ele não tem nenhum coração.

Eu só quero dar-lhe um pouco de informação sobre guerrilha, porque, antes que você saiba, é preciso coragem para ser um guerrilheiro porque você estará por conta própria. Na guerra convencional você tem tanques e um monte de outras pessoas com você para te apoiar, aviões sobre sua cabeça e todo esse tipo de coisa. Mas numa guerrilha você estará por conta própria. Tudo que você tem é um rifle, algum tênis e uma tigela de arroz e isso é tudo que você precisa, e muita coragem.

Os japoneses em algumas dessas ilhas no Pacífico, quando os soldados americanos pousaram, apenas um japonês poderia parar o exército. Ele só esperava o sol se pôr e quando o sol se punha, todos eles eram iguais. Ele pegava sua pequena lâmina e escorregava sobre arbusto. Os soldados brancos não conseguiram lidar com isso. Sempre que você vê um soldado branco que lutou no Pacífico, ele tem traumas, ele tem uma reação nervosa porque isso o assustou até a morte.

A mesma coisa aconteceu com os franceses na Indochina. Pessoas que alguns anos eram agricultores de arroz se reuniram e colocaram o exército francês pesadamente mecanizado para fora da Indochina. Você não precisa dele, a guerra moderna hoje não vai funcionar. Este é o

tempo da guerrilha. Eles fizeram a mesma coisa na Argélia. Argelinos que eram apenas beduínos pegaram um rifle e fugiram para as colinas, e de Gaulle com todas suas máquinas de guerra não pôde derrotar os guerrilheiros. Em nenhum lugar desta terra o homem branco ganha uma guerra de guerrilha. Não é a velocidade dele. Assim como a guerrilha está prevalecendo na Ásia e em partes da África e da América Latina, você teria que ser ingênuo, ou bancar o homem Negro tolo, se você acha que algum dia ele não vai acordar e descobrir que tem que ser o voto ou a bala.

Para concluir, gostaria de dizer algumas coisas sobre a Mesquita Muçulmana Incorporated que fundamos recentemente na cidade de Nova York. É verdade que somos muçulmanos e nossa religião é o Islã, mas não misturamos nossa religião com política, economia, atividades sociais e civis — nós mantemos nossa religião em nossa mesquita. Depois que nossos serviços religiosos terminam, então como muçulmanos, nós nos envolvemos em ação política, econômica, social e cívica. Nós nos envolvemos com qualquer um, em qualquer lugar, em qualquer momento e de qualquer maneira para eliminar os males, os males políticos, econômicos e sociais que estão afligindo a nossa comunidade.

A filosofia política do nacionalismo Negro pressupõe que o homem Negro deve controlar a política e os políticos de sua própria comunidade. O homem Negro tem que ser reeducado na ciência política para que saiba o que a política pode dar em troca. Não desperdice nenhum voto. Um voto é como uma munição. Você não joga seus votos até que você veja um alvo, e se esse alvo não estiver em seu alcance, mantenha seu voto no bolso.

A filosofia política do nacionalismo Negro está sendo ensinada na igreja cristã. Está sendo ensinado na NAACP. Está sendo ensinado em reuniões centrais. Está sendo ensinado em SNCC (Comitê de Reunião e Coordenação de Estudantes). Está sendo ensinado em reuniões muçulmanas. Está sendo ensinado aos ateus e agnósticos. Está sendo ensinado em todos lugares. Os Negros estão fartos da perder tempo. Cansados dos infiltradores e das abordagens comprometedoras utilizadas para obter a nossa liberdade. Queremos liberdade agora, mas não vamos conseguir cantando “*We Shall Overcome*” (*Nós Superaremos*) Temos que lutar até superarmos.

A filosofia econômica do nacionalismo Negro é pura e simples. Significa apenas que devemos controlar a economia da nossa comunidade. Por que as pessoas brancas devem ser

proprietárias de todas as lojas em nossa comunidade? Por que as pessoas brancas devem controlar todos os bancos de nossa comunidade? Por que a economia de nossa comunidade tem que estar nas mãos do homem branco? Por que? Se um Negro não pode abrir sua loja em uma comunidade branca, me diga por que um homem branco pode abrir sua loja em uma comunidade negra? A filosofia do nacionalismo Negro envolve um programa de reeducação na comunidade negra no que diz respeito à economia. Nosso povo tem que saber que quando você tira o seu dólar de sua comunidade e gasta em uma comunidade onde você não vive, a comunidade onde você vive vai ficar mais pobre, e a comunidade onde você gasta seu dinheiro vai ficar mais rica.

Então você se pergunta por que o lugar onde vivemos é sempre um gueto ou uma área de favela. E onde você e eu estamos preocupados não só em perdê-lo, mas em gastá-lo fora da comunidade. O homem branco possui todas as nossas lojas da comunidade, então, apesar de gastá-lo na comunidade, ao anoitecer, o proprietário da loja sai com os bolsos cheios para depositar em algum lugar da cidade.

Assim, a filosofia econômica do nacionalismo Negro significa que em cada igreja, em cada organização cívica, em cada ordem fraternal o nosso povo tem que se tornar consciente da importância de controlar a economia de nossa comunidade. Se nós possuíssemos as lojas, se nós operássemos os negócios, se nós tentássemos e criássemos alguma indústria em nossa própria comunidade, estaríamos em uma posição onde poderíamos criar empregos para nosso próprio povo. Uma vez que você assumir o controle da economia de sua própria comunidade, então você não precisará fazer piquete, boicote e implorar alguns branquelos urbanos por um emprego no negócio dele.

A filosofia social do nacionalismo Negro só pressupõe que temos de nos reunir e remover os males, os vícios, o alcoolismo, a dependência química e outros males que estão destruindo a fibra moral da nossa comunidade. Nós temos que elevar o nível da nossa comunidade, o padrão da nossa comunidade para um nível mais alto, fazer a nossa própria sociedade mais bonita para nos sentirmos bem em nossos próprios círculos sociais e não sai correndo daqui para buscar aceitação em outro círculo social onde não somos bem-vindo. Então eu digo, na divulgação de um evangelho do nacionalismo Negro, ele não é projetado para fazer o homem Negro reavaliar o homem branco, você já o conhece, mas para fazer o homem Negro reavaliar a si mesmo.

Não mude a mente do homem branco, você não pode mudar a mente dele, e aquela coisa inteira sobre apelar à consciência moral da América, a consciência da América está falida. Ela perdeu a consciência há muito tempo. O tio Sam não tem consciência.

Eles não sabem o que é moral. Eles não tentam eliminar um mal porque é prejudicial, ou porque é ilegal, ou porque é imoral. Só o eliminam quando ameaça a sua existência. Então você está perdendo seu tempo apelando para a consciência moral de um homem falido como o tio Sam. Se ele tivesse uma consciência, ele corrigiria essa coisa sem precisar de pressão sobre ele. Portanto, não é necessário mudar a mente do homem branco.

Temos que mudar nossa própria mente. Não podemos mudar a opinião dele sobre nós. Nós temos que mudar nossa própria mente sobre o outro. Temos que nos ver com novos olhos. Temos que nos ver como irmãos e irmãs. Nós temos que permanecer juntos para desenvolver a unidade e a harmonia necessária para que este problema seja resolvido por nós mesmos. Como podemos fazer isso? Como podemos evitar o ciúme? Como podemos evitar a suspeita e as divisões que existem na comunidade? Eu te digo como.

Eu vi como Billy Graham entrou em uma cidade, pregando o que ele chama de Evangelho de Cristo, que na verdade, é apenas um nacionalismo branco. É o que ele é. Billy Graham é um nacionalista branco. É uma tendência natural dos líderes sentirem ciúmes de uma figura poderosa como Graham. Então, como é possível para ele entrar em uma cidade e obter toda a cooperação dos líderes da igreja? Não pense porque eles são líderes de igreja que eles não têm fraquezas como inveja e ciúmes, não, todo mundo tem. Não é por acidente que quando eles querem escolher um cardeal, como o Papa I lá em Roma, eles ficam fechados para que você não possa ouvi-los xingando e lutando entre eles.

Billy Graham vem pregando o Evangelho de Cristo. Ele agita todo mundo, mas ele nunca tenta abrir uma nova igreja. Se ele tentasse abrir uma igreja, todas as igrejas ficariam contra ele. Então, ele só vem falar sobre Cristo e diz a todos que recebe a Cristo para ir a qualquer igreja onde Cristo está, desta forma todas as Igrejas cooperam com ele.

Nosso evangelho é o nacionalismo Negro. Não estamos tentando ameaçar a existência de nenhuma organização, mas estamos espalhando o evangelho do nacionalismo Negro. Em qualquer lugar onde houver uma igreja que também esteja pregando e praticando o evangelho

do nacionalismo Negro junte-se àquela igreja. Se a NAACP está pregando e praticando o evangelho do nacionalismo Negro junte-se à NAACP. Se o núcleo está pregando e praticando o evangelho do nacionalismo Negro junte-se ao núcleo. Junte-se a qualquer organização que tenha um evangelho que seja para a elevação do homem Negro. E quando você entrar nele e descobrir que há espiões infiltrados, retire-se porque isso não é nacionalismo Negro. Acharemos outro.

E desta forma, as organizações vão aumentar em número e em quantidade e em qualidade, e em agosto, é nossa intenção realizar uma convenção nacional do Negro, que será composta por delegados de todo o país, interessados na política, na filosofia econômica e social do nacionalismo Negro. Depois que esses delegados se reunirem, faremos um seminário onde teremos discussões. Nós vamos ouvir todos. Queremos ouvir novas ideias e novas soluções e novas respostas. E durante esse tempo, se quisermos formar um partido nacionalista Negro, formaremos. Se for necessário formar um exército nacionalista Negro, formaremos. Será a voto ou a bala. Vai ser liberdade ou morte

É hora de pararmos de ficar sentado neste país, deixando alguns senadores branqueiros, branqueiros do Norte e branqueiros do Sul, sentarem-se em Washington e esperar que cheguem a uma conclusão sobre quando você e eu devemos ter direitos civis. Nenhum homem branco vai me dizer nada sobre meus direitos. Irmãos e irmãs lembrem-se que não é necessário senadores, congressistas e proclamações presidenciais para dar liberdade ao homem branco, também não é necessário legislação ou proclamação ou decisões da Suprema Corte para dar liberdade ao homem Negro. Você deixa aquele homem branco saber, se este é um país da liberdade, deixe-o ser um país da liberdade e se não é um país da liberdade, mude-o.

Vamos trabalhar com qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer momento, que esteja genuinamente interessado em abordar o problema de frente, não violentamente enquanto o inimigo não for violento, mas violentamente quando o inimigo agir com violência. Vamos trabalhar com você na unidade de registro eleitoral, vamos trabalhar com você em greves de aluguel, vamos trabalhar com você em boicotes escolares. Eu não acredito em qualquer tipo de integração. Eu não estou nem preocupado com isso porque eu sei que você não vai obtê-la de qualquer maneira.

Você não vai conseguir porque tem medo de morrer. Você deve estar preparado para morrer. Você vai pressionar o homem branco, ele vai ficar tão violento como aqueles

branquelos de Mississippi, aqui mesmo em Cleveland. Mas nós ainda vamos trabalhar com você nos boicotes escolares porque nós somos contra um sistema de escola segregada. Um sistema escolar segregado produz crianças que, quando se graduam, graduam-se com mentes aleijadas. Mas isso não quer dizer que uma escola é segregada porque todos são Negros. Uma escola segregada significa uma escola que é controlada por pessoas que não têm nenhum interesse genuíno na formação das crianças.

Deixe-me explicar o que quero dizer. Um distrito ou comunidade segregado é uma comunidade em que as pessoas vivem, mas são os forasteiros que controlam a política e a economia dessa comunidade. Eles nunca se referem ao grupo só de brancos como uma comunidade segregada. É o grupo negro que é uma comunidade segregada. Por que? O homem branco controla a sua própria escola, o seu próprio banco, a sua própria economia, a sua própria política, o seu próprio tudo, a sua própria comunidade, mas ele também controla você. Quando você está sob o controle de outra pessoa, você está segregado. Eles sempre vão lhe dar o menor ou o pior que há para oferecer, mas não quer dizer que você está segregado só porque você tem os bens. Você tem que controlar seus bens. Assim como o homem branco tem o controle dos bens dele, você precisa controlar o seu.

Sabe qual é a melhor maneira de se livrar da segregação? O homem branco tem mais medo da separação do que da integração. Segregação pressupõe que ele coloca você longe dele, mas não longe o suficiente para manter você fora de sua jurisdição, separação pressupõe que você se separou. E o homem branco vai se integrar mais rápido a deixar você se separar. Então, vamos trabalhar com você contra o sistema escolar segregado porque é criminoso, porque é absolutamente destrutivo, em todos os sentidos, para as mentes das crianças que têm de ser expostas a esse tipo de educação incapacitante.

Por último, mas não menos importante, devo dizer isto a respeito da grande controvérsia sobre espingardas. A única coisa que eu digo é que em áreas onde o governo provou não querer ou mostrou-se incapaz de defender a vida e a propriedade dos Negros, é hora dos Negros se defenderem. O artigo 2 da emenda constitucional dá a você e a mim o direito de possuir um rifle ou uma espingarda. É constitucionalmente legal possuir uma espingarda ou um rifle. Isso não quer dizer que você vai comprar um rifle para formar um batalhão e sair à procura de pessoas brancas, embora você estaria dentro de seus direitos se fizesse isso, mas isso seria ilegal e nós não fazemos nada ilegal.

Se o homem branco não quer que o homem Negro compre espingardas, então, o governo tem que fazer o trabalho dele. Isso é tudo. E não deixe o homem branco vir até você e perguntar o que você pensa sobre o que Malcolm diz, porque seu velho tio Tom. Ele nunca te perguntaria se achasse que diria "Amém!" Portanto, isso não significa formar clubes de espingarda e sair à procura de pessoas, mas é tempo, em 1964, se você é homem, deixar que eles saibam disso.

Se o governo não faz seu trabalho, oferecendo a você e a mim a proteção que pagamos com os nossos impostos, entretanto, ele gasta todos os bilhões no orçamento de defesa, ele certamente não pode impedir que você gaste \$12 ou \$15 em um rifle. Espero que compreenda. Não saia atirando nas pessoas, mas em qualquer momento, irmãos e irmãs, e especialmente os homens desta plateia, alguns de vocês usam medalhas de honra do Congresso, com ombros tão largos, baús tão grandes, músculos tão grandes, quando você e eu nos sentamos e lemos que eles bombardeiam igrejas e assassinam a sangue frio, não adultos, mas quatro garotinhas enquanto elas oravam a Deus, oração que o homem branco as ensinou, e você e eu vemos o governo ir lá e não encontrar os criminosos que fizeram isso.

Este homem pode encontrar Eichmann escondido na Argentina ou em algum lugar. Deixe dois ou três soldados americanos, que estão interferindo nos negócios de outra pessoa no Vietnã do Sul, sejam mortos e logo ele enviará navios de guerra. Eles queriam enviar tropas para Cuba e obrigá-los a ter o que ele chama de eleições livres, este velho branquelo que não tem eleições livres em seu próprio país.

Não, se eu morrer amanhã, se você nunca mais me ver outra vez em sua vida, eu vou morrer dizendo uma coisa: o voto ou a bala, o voto ou a bala.

Se um Negro em 1964 tem que sentar e esperar por algum senador branquelo obstruir a lei quando se trata dos direitos dos Negros, você e eu deveríamos pendurar nossas cabeças em sinal de vergonha. Você fala sobre uma marcha em Washington em 1963, você não viu nada. Há mais coisas para acontecer em 64.

E desta vez não serão como no ano passado. Eles não vão cantar (*We Shall Overcome*) "Nós Superaremos". Eles não vão com amigos brancos. Eles não vão com cartazes já pintados por

eles. Não vão com bilhetes de ida e volta. Eles vão com bilhetes de ida. E se eles não quiserem o exército não-violento lá, diga-lhes para pôr um fim a obstrução.

Os nacionalistas Negros não vão esperar. Lyndon B. Johnson é o chefe do partido democrata. Se ele é a favor dos direitos civis, deixe-o ir para o Senado na próxima semana e declarar-se. Deixe-o denunciar a linha sulista de seu partido. Deixe-o tomar uma posição moral, mas tem que ser agora, não depois. Diga a ele para não esperar até a hora das eleições. Se ele esperar por muito tempo irmãos e irmãs, ele será responsável por deixar uma condição se desenvolver neste país, que irá criar um clima que trará as sementes para fora do chão com a vegetação diante deles parecendo com algo com a qual essas pessoas nunca sonharam. Em 1964, é o ano do voto ou da bala. Obrigado.

3.6 A Revolução Negra (8 de abril de 1964)

Sr. moderador, senhoras e senhores, amigos e inimigos. Hoje à noite, eu espero que tenhamos um pequeno bate-papo caloroso com possíveis faíscas crepitando ao redor. Especialmente por causa da condição explosiva em que o mundo está hoje. Às vezes, quando a casa de uma pessoa está em fogo e alguém vem e grita: fogo! Em vez da pessoa que é despertada pelo grito agradecer, ela comete o erro de acusar aquele que a despertou de ter ateado o fogo. Espero que esta pequena conversa sobre a Revolução Negra não faça com que muitos de vocês nos acusem de inflamar quando ela já se encontra à vossa porta.

Eu ainda sou muçulmano. Ou seja, minha religião ainda é o Islã. Eu ainda acredito que não há outro Deus, mas *Allah* e que Muhammad é seu apóstolo. Isso é a minha religião pessoal, mas a lógica com a qual estou operando hoje, eu não tenho nenhuma intenção de misturar a minha religião com os problemas das 22 milhões de pessoas negras neste país. Assim como é possível para um grande homem a quem eu respeito muito, Ben Bella, ser um muçulmano e ainda ser um nacionalista, e outro a quem eu respeito muito, Gamal Nasser, ser um muçulmano e ainda ser um nacionalista, e Sukharno, da Indonésia, ser um muçulmano e ainda ser um nacionalista, foi o nacionalismo que lhes permitiu conquistar a liberdade para seu povo.

Eu ainda sou muçulmano, mas também sou um nacionalista, isso significa que minha filosofia política é o nacionalismo Negro, minha filosofia econômica é o nacionalismo Negro, minha filosofia social é o nacionalismo Negro, e quando eu digo a filosofia do nacionalismo Negro..., para mim, isso significa que a filosofia política do nacionalismo Negro é aquela

projetada para incentivar o povo Negro a assumir o controle total sobre a política e sobre os políticos de nossa própria comunidade. Nossa filosofia econômica é que nós devemos assumir o controle sobre a economia de nossa comunidade, os negócios e outras coisas que geram empregos para que possamos fornecer trabalhos para nosso próprio povo, em vez fazer piquete e boicote e implorar por trabalho. E, em suma, nossa filosofia social significa apenas que achamos que é hora de nos reunirmos entre nós a fim de eliminar os males que estão destruindo a fibra moral de nossa sociedade como a dependência de droga, embriaguez e problemas de bem-estar.

Acreditamos que devemos elevar o nível ou o padrão de nossa própria sociedade para um nível mais elevado para nos sentirmos bem em nosso ciclo social a fim de não nos inclinarmos para outros ciclos sociais onde não somos aceitos. Pondo tudo isso de lado, esta noite estamos lidando com a Revolução Negra.

Nos últimos anos tem havido muita conversa sobre uma explosão populacional. Sempre que eles falam sobre explosão populacional, na minha opinião, eles estão se referindo, principalmente, às pessoas da Ásia ou da África, o negro, o marrom, o vermelho, e as pessoas amarelas. É percebido pelos povos do Oeste que, assim que o padrão de vida da África e da Ásia se elevar, automaticamente, esses povos começarão a reproduzir-se abundante. E isso tem suscitado grande medo na mente do povo do Ocidente, que por acaso representa uma minoria nesta terra.

Na verdade, na maior parte do pensamento e do planejamento dos brancos no Ocidente hoje, é fácil ver o medo em suas mentes que as massas de pessoas de cor do Oriente, que já os superam, continue a aumentar e a multiplicar até que, eventualmente, supere o povo do Ocidente invadindo como um mar humano, como uma maré humana, como uma inundação humana.

E o medo disso pode ser visto nas mentes e nas ações da maioria das pessoas aqui do Ocidente em praticamente tudo o que eles fazem. Isso governa suas opiniões políticas, suas visões econômicas e a maioria de suas atitudes para com a sociedade atual.

Eu estava ouvindo Dirksen, o senador de Illinois, em Washington D.C obstruindo a lei dos direitos civis e uma das coisas que ele manteve enfatizando mais e mais foi que, se este projeto de lei for aprovado, ele vai mudar a estrutura social da América. Bem, eu sei o que ele

quer dizer e eu acho que a maioria das outras pessoas hoje, especialmente o nosso povo, sabe o que se significa quando esses brancos obstruem esses projetos, expressam temores de mudanças na estrutura social. Nosso povo está começando a perceber o que isso significa.

Da mesma forma que podemos ver no mundo inteiro, um dos problemas principais que o Oeste enfrenta é a questão racial, do mesmo modo aqui na América hoje, a maioria dos líderes Negros bem como os brancos concordam que 1964 parece ser um dos anos mais explosivos na história da América no que diz respeito à questão racial. Ela não está acontecendo apenas na América, mas todos os elementos desta explosão racial na América podem desencadear uma explosão racial em todo o mundo. O barril de pólvora racial da América pode realmente fundir ou inflamar um barril de pólvora racial em todo o mundo.

E os brancos neste país, que ainda são complacentes, quando veem as possibilidades do conflito racial sair do controle. Você é complacente simplesmente porque acha que supera a minoria racial neste país. O que você precisa ter em mente é: você pode ser maioria aqui neste país, mas você não nos supera em toda a terra.

Qualquer explosão racial que aconteça neste país hoje, em 1964, não será uma explosão racial que estará confinada às margens da América. É uma explosão racial que pode inflamar o barril de pólvora racial que existe em todo o planeta. Agora, eu penso que qualquer um concordaria que as massas de pessoas da África, Ásia e América Latina já estão fervendo de amargura, animosidade, hostilidade, agitação e impaciência com a intolerância racial que eles mesmos experimentaram nas mãos do branco.

E assim como eles têm esses elementos de hostilidade em relação ao Ocidente em geral, aqui também temos 22 milhões de afro-americanos, castanhos, vermelhos e amarelos fervendo de amargura, impaciência, hostilidade e animosidade sobre a intolerância racial não somente do Oeste branco, mas da América branca.

E através das centenas de milhares, hoje, nós constatamos que nosso próprio povo se tornou impaciente e está se afastando do nacionalismo branco que você chama de democracia, para adotar uma filosofia militante e intransigente de nacionalismo Negro. E eu poderia salientar que assim que divulgamos a implantação de um partido nacionalista Negro neste país, recebemos cartas de costa a costa, especialmente de jovens universitários que expressaram

simpatia e total apoio e um desejo de se tornar parte ativa em qualquer tipo de ação política baseada no nacionalismo Negro, projetado para corrigir ou eliminar imediatamente os males que o nosso povo tem sofrido aqui por 400 anos.

Para muitos de vocês, os nacionalistas Negros podem representar apenas uma minoria na comunidade. E, portanto, você pode ter uma tendência a classificá-los como um grupo insignificante. Mas assim como o fusível é a menor parte ou a menor peça do barril de pólvora, é o pequeno pavio que inflama todo o barril de pólvora. Os nacionalistas Negros podem representar uma minoria na chamada comunidade negra. No entanto, eles possuem todos os elementos necessários para fundir ou inflamar toda a comunidade negra.

E isso é uma coisa que os brancos, se vocês se chamam liberais ou conservadores ou racistas ou o que escolherem ser, uma coisa que você deve perceber é que, onde a comunidade negra está atuando, embora a grande maioria com quem você mantém contato pode impressioná-lo, como sendo moderado, paciente, amoroso e capaz de suportar longo sofrimento e todo esse tipo de coisa, a minoria que você considera ser muçulmanos ou nacionalistas possuem uma substância que pode facilmente inflamar a comunidade negra. Isso deve ser compreendido.

Porque para mim um barril de pólvora não é nada sem um fusível. 1964 será o ano mais quente da América, um ano de muita violência racial. Mas o sangue não vai fluir apenas de um lado. A nova geração de afro-americano, que cresceu neste país durante os últimos anos, já tem uma opinião formada e é uma opinião justa, que se houver banho de sangue deverá ser recíproco, sangramento de ambos os lados.

Deve-se compreender também que as faíscas raciais que são inflamadas aqui na América hoje, poderão facilmente transformar em um fogo flamejante no exterior, isso pressupõe que poderá atingir todas as pessoas desta terra em uma guerra racial global. Você não pode confiná-lo a um pequeno bairro, ou a uma pequena comunidade, ou a um pequeno país. O que acontece a um homem Negro na América hoje acontece ao homem Negro na África. O que acontece ao homem Negro na América e na África acontece ao homem Negro na Ásia e ao homem na América Latina. O que acontece a um de nós hoje acontece a todos nós. E quando isso é percebido, eu acho que os brancos que são inteligentes, mesmo que eles não sejam morais

ou impressionados por legalidades, aqueles que são inteligentes vão perceber que quando tocam em um, estão tocando em todos, e isso em si vai ser uma tendência, um fator relevante.

Essa situação deve ser levada a sério. Estive em Cleveland ontem à noite, Cleveland, Ohio. Na verdade, eu estive lá sexta, sábado e ontem. Última sexta-feira, foi alertado que este é um ano de derramamento de sangue, que o homem Negro deixou de oferecer a outra face, que ele deixou de ser não-violento, que ele deixou de aceitar que ele deve estar confinado as restrições que são colocadas sobre ele pela sociedade branca e lutar pelo que a sociedade branca diz que ele deveria ter tido cem anos atrás.

Então, hoje, quando o homem Negro começa a estender a mão para o que a América diz que são os seus direitos, o homem Negro sente que ele está dentro de seus direitos, quando ele se torna vítima da brutalidade daqueles que o privam de seus direitos - faz o que é necessário para se proteger. Um exemplo disso aconteceu na noite passada, neste mesmo período em Cleveland, onde a polícia estava jogando mangueiras de água em nosso povo lá e jogando gás lacrimogêneo contra eles, e eles revidaram com saraivada de pedras e saraivada de tijolos. Há semanas, em Jacksonville, Florida, um jovem Negro atirou coquetel molotov.

Agora, os Negros não faziam isso há dez anos. Mas o que você deve aprender com isso é que eles estão acordando. Ontem foram pedras, hoje coquetéis molotov, amanhã serão granadas de mão e o que mais estiver disponível no dia seguinte. A seriedade desta situação deve ser enfrentada. Você não deve me dizer que eu estou incitando alguém à violência. Só estou alertando que essa situação é como um barril de pólvora. Você pode pegar ou largar. Se você aceitar o aviso, talvez você ainda possa salvar a si mesmo. Mas se você ignorar ou ridicularizar, bem, a morte já está à sua porta. Há 22 milhões de africano-americanos que estão prontos para lutar pela independência aqui mesmo. Quando eu digo lutar pela independência aqui, não quero dizer nenhuma luta não-violenta, ou oferecer a outra face para bater. Esses dias acabaram.

Se George Washington não conseguiu a independência deste país sem violência, e Patrick Henry não veio com uma declaração não-violência, e você me ensinou a reconhecê-los como patriotas e heróis, então, é hora de você perceber que eu estudei bem os seus livros. Nosso povo, 22 milhões de afro-americanos estão fartos da democracia hipócrita da América. E hoje, não nos importamos com as desvantagens que estão contra nós. Toda vez que um Negro se

defende, algum tio Tom começa a nos dizer, como você pode ganhar? É um Tom falando, não dê ouvidos a ele. Esta é a primeira coisa que ouvimos falar, são as desvantagens contra nós. Está lidando com pessoas negras que não se importam com as desvantagens. Não nos importamos com as probabilidades.

Novamente, eu volto direto para as pessoas que fundaram e que asseguraram a independência deste país contra os poderes coloniais da Inglaterra. Quando George Washington e os outros estavam prontos para declarar independência, eles não se preocuparam com a superioridade do Império britânico. Eles estavam fartos de tributação sem representação. E você tem 22 milhões de afro-americanos neste país hoje, em 1964, que estão fartos de tributação sem representação e vai fazer a mesma coisa. Que estão prontos, dispostos e justificados a fazer a mesma coisa com o objetivo de trazer independência para o nosso povo do mesmo modo que seus antepassados fizeram para conquistar independência para o seu povo.

E eu digo o seu povo, porque eu certamente não poderia incluir-me entre aqueles a quem a independência foi travada em 1776. Como no mundo pode um Negro falar sobre a declaração da independência quando ele ainda está cantando (*We Shall Overcome*) "*Nós Superaremos.*" Nosso povo está desenvolvendo cada vez mais a opinião que nós apenas não temos nada a perder além dos grilhões da segregação e da cidadania de segunda classe.

Então, 1964 vai ver a revolta negra evoluir e se fundir a Revolução Negra mundial que vem ocorrendo nesta terra desde 1945. A chamada revolta tornar-se-á uma verdadeira revolução. Agora a Revolução Negra vem ocorrendo na África e na Ásia e na América Latina. Quando eu digo Negro, quero dizer não-branco. Digo Negro, marrom, vermelho ou amarelo. Nossos irmãos e irmãs na Ásia que foram colonizados pelos europeus, nossos irmãos e irmãs na África que foram colonizados pelos europeus, e na América Latina, os camponeses que foram colonizados pelos europeus, todos têm participado da luta desde 1945 para tirar os poderes coloniais europeus de suas terras, para fora de seu país.

Esta é uma verdadeira revolução. A revolução é sempre baseada na terra. A revolução nunca é baseada em implorar a alguém por uma xícara de café integrada. As revoluções nunca são combatidas dando a outra face para bater. As revoluções nunca são baseadas no amor por seu inimigo, em orar por aqueles que te perseguem. As revoluções nunca são travadas cantando (*We Shall Overcome*) "*Nós Superaremos.*" As revoluções são baseadas em derramamento de

sangue. As revoluções nunca são comprometedoras. As revoluções nunca são baseadas em negociações. As revoluções nunca se baseiam em qualquer tipo de simbolismo. As revoluções nunca se baseiam na atitude de implorar a uma sociedade corrupta ou a um sistema corrupto que nos aceite. As revoluções derrubam sistemas.

E não há nenhum sistema nesta terra que se mostrou mais corrupto, mais criminoso, do que este sistema que, em 1964, ainda coloniza 22 milhões de afro-americanos, ainda escraviza 22 milhões de afro-americanos. Não há nenhum sistema mais corrupto do que um sistema que representa a si mesmo como exemplo de liberdade, de democracia e pode sair por toda a terra dizendo a outras pessoas como governar sua casa quando você tem cidadãos neste país que ainda tem que usar balas para exercer seu direito ao voto.

A maior arma que os poderes coloniais usaram no passado contra o nosso povo sempre foi dividir para conquistar. A América é um poder colonial. Ela colonizou 22 milhões de afro-americanos, privando-nos da cidadania plena, privando-nos de direitos civis, na verdade, privando-nos de direitos humanos. Ela não só nos privou do direito de ser um cidadão, ela nos privou do direito de ser humano, o direito de ser reconhecido e respeitado como homens e mulheres. Neste país, o Negro pode ter 50 anos e ele ainda é tratado como um "garoto".

Eu cresci com pessoas brancas. Eu estava integrado antes que eles inventassem essa palavra e eu nunca conheci pessoas brancas, ainda que você esteja com eles o tempo suficiente. Ele vai se referir a você como um "menino" ou uma "menina" não importa quantos anos você tenha, não importa qual escola você frequenta, não importa qual seja o seu nível intelectual ou profissional. Nesta sociedade continuamos a ser "meninos".

Assim, a estratégia da América é a mesma estratégia que foi usada no passado pelos poderes coloniais: dividir para conquistar. Ela coloca um líder Negro contra o outro. Ela coloca uma organização negra contra a outra. Ela nos faz pensar que temos objetivos diferentes. Assim que um Negro diz alguma coisa, ela corre para esse Negro e pergunta: "o que você acha sobre o que ele disse?" Porque qualquer um pode ver isso hoje, exceto alguns líderes Negros.

Todo o nosso povo tem os mesmos objetivos: liberdade, justiça, igualdade. Todos nós queremos reconhecimento e respeito como seres humanos. Não queremos ser integracionistas. Queremos ser seres humanos. A integração é apenas um método usado por alguns grupos para

obter liberdade, justiça, igualdade e respeito como seres humanos. A separação é apenas um método usado por outros grupos para obter liberdade, justiça, igualdade e dignidade humana.

Nosso povo cometeu o erro em confundir os métodos com os objetivos. Desde que concordemos com os objetivos nunca devemos nos colocar uns contra os outros apenas porque acreditamos em diferentes métodos ou táticas ou estratégias para alcançar um objetivo comum.

Temos que ter sempre em mente que não estamos lutando pela integração, nem pela separação. Lutamos pelo reconhecimento como seres humanos. Estamos lutando pelo direito de viver como seres humanos livres nesta sociedade. Na verdade, estamos realmente lutando por direitos que são maiores do que os direitos civis, ou seja, direitos humanos. Estamos lutando pelos direitos humanos em 1964. É uma pena. A luta pelos direitos civis não produziu resultados concretos porque nos manteve latindo para a árvore errada. Fez-nos colocar o carro em frente dos bois. Precisamos ter direitos humanos antes de podermos garantir os direitos civis. Devemos ser respeitados como humanos antes que possamos ser reconhecidos como cidadãos.

Entre os chamados Negros deste país. Como regra, os grupos de direitos civis, aqueles que acreditam em direitos civis passam a maior parte do tempo tentando provar que são americanos. Seu pensamento, geralmente, é doméstico, confinado às fronteiras da América e eles sempre olham para si como uma minoria. Quando eles olham para eles mesmos no cenário americano, o cenário americano é um cenário branco. Assim, um homem Negro no cenário americano automaticamente é minoria. Ele é o azarão e em sua luta, ele sempre vai usar uma abordagem de mendicância, subserviência e uma abordagem comprometedora.

Considerando o outro segmento da América, conhecidos como os nacionalistas Negros, eles estão mais interessados em direitos humanos do que em direitos civis. E colocam mais ênfase nos direitos humanos do que nos direitos civis. A diferença entre o pensamento e o alcance dos Negros que estão envolvidos na luta pelos direitos humanos e aqueles que estão envolvidos na luta pelos direitos civis é que os chamados Negros envolvidos na luta pelos direitos humanos não se reconhecem a si mesmos como Americanos.

Eles se veem como parte da humanidade negra. Eles veem toda a luta, não dentro dos limites do cenário americano, mas eles olham para a luta no cenário mundial. E, no contexto

mundial, eles veem que o número de Negros é maior que de brancos. Na cena mundial, o homem branco é apenas uma minoria microscópica.

Assim, neste país você encontra dois tipos diferentes de afro-americanos: o tipo que olha para si mesmo como uma minoria e outro como uma maioria. Então você tem o tipo que olha para si mesmo como parte da maioria e vocês como parte de uma minoria microscópica. E este usa uma abordagem diferente na tentativa de lutar por seus direitos. Ele não implora. Ele não agradece o que você lhe dá porque você só está dando a ele o que ele deveria ter tido cem anos atrás. Ele não acha que está lhe fazendo nenhum favor.

Ele não vê nenhum progresso desde a guerra civil. Ele não vê um pingão de progresso porque, número um, se a guerra civil o tivesse libertado, ele não precisaria de legislação de direitos civis hoje. Se a Proclamação da Emancipação emitida por aquele grande liberal chamado Lincoln o tivesse libertado, ele não estaria cantando (*We Shall Overcome*) "*Nós Superaremos*". Se as alterações da constituição tivessem resolvido o seu problema, o problema dele ainda não estaria sem solução hoje. E se a decisão de acabar com a segregação do Supremo Tribunal de 1954 fosse genuinamente e sinceramente concebida para resolver o seu problema, o problema não estaria conosco hoje.

Então este tipo de homem Negro pensa. Ele pode ver que cada manobra que a América fez, supostamente para resolver este problema, tem sido apenas trapaça política e traição da pior ordem. Então hoje, ele não tem nenhuma confiança nestes chamados liberais. Sei que todos os que vieram aqui hoje não se chamam de liberais. Porque é um nome feio hoje. Representa hipocrisia. Assim, esses dois tipos de pessoas existem na chamada comunidade negra e eles estão começando a acordar e seu despertar está produzindo uma situação muito perigosa.

Então você tem brancos na comunidade que expressam sinceridade quando dizem que querem ajudar. Bem, como eles podem nos ajudar? Como pode uma pessoa branca ajudar o homem Negro a resolver o problema dele? Número um, você não pode resolvê-lo. Você pode ajudá-lo a resolver, mas você não pode resolver. Uma das melhores maneiras de ajudá-lo a resolver é deixar que o chamado Negro, que está envolvido na luta dos direitos civis, resolva. Veja que a luta dos direitos civis deve ser expandida para o nível dos direitos humanos. Uma vez expandida ao nível dos direitos civis para o nível dos direitos humanos abre-se uma

oportunidade para todos os nossos irmãos e irmãs da África e da Ásia, que conquistaram a independência, vir ao nosso socorro.

Por que? Quando você vai para Washington esperar que os bandidos lá em baixo, e é isso que eles são, aprovar algum tipo de legislação de direitos civis para corrigir uma situação criminosa, o que você está fazendo é incentivar o homem Negro, que é a vítima, a levar o seu caso para o Tribunal que é controlado pelo mesmo criminoso do qual ele é vítima. Nunca será resolvido dessa forma. É como correr do lobo para a raposa.

A luta pelos direitos civis obriga o homem Negro a levar o seu caso à corte do homem branco. Mas quando transfere a luta para o nível dos direitos humanos, a situação é diferente. Abre uma possibilidade de ele levar o tio Sam para o Tribunal Mundial. O homem Negro não deveria ir ao tribunal para ser livre. Tio Sam deveria ser levado ao tribunal porque o homem Negro não é livre em uma suposta sociedade que se diz livre. O tio Sam deve ser levado para as Nações Unidas e acusado de violar a Carta dos Direitos Humanos da ONU.

Pode esquecer os direitos civis. Como você vai conseguir direitos civis com homens como Eastland, como Dirksen e Johnson? Tem de ser retirado das mãos deles e levado para as mãos daqueles cujo poder e autoridade excedem o deles. Washington tornou-se demasiado corrupto. Tio Sam tornou-se falido quando se trata de uma consciência, é impossível para o tio Sam resolver o problema dos 22 milhões de afrodescendentes neste país. É absolutamente impossível resolvê-lo nos tribunais do tio Sam, seja o Supremo Tribunal ou qualquer outro tipo de tribunal que estiver sob a jurisdição do tio Sam.

A única alternativa que o homem Negro na América tem hoje é tirá-lo do senador Dirksen e do senador Eastland e da jurisdição do Presidente Johnson e levá-la para o East River e colocá-la perante o corpo de homens que representam o direito internacional e deixá-los saber que os direitos humanos dos Negros estão sendo violados em um país que professa ser o líder moral do mundo livre.

Toda vez que você tiver uma obstrução dos direitos de 22 milhões de Negros no Senado da América, obstrução da cidadania de 22 milhões de Negros que irá afetar a liberdade, a justiça e a igualdade delas, é hora de levar isso perante um tribunal mundial. Como você pode condenar a África do Sul? Há apenas 11 milhões do nosso povo na África do Sul, há 22 milhões deles

aqui. E estamos sofrendo uma injustiça tão criminosa quanto a que é feita ao povo da África do Sul.

Então, hoje os brancos que professam ser liberais, e até onde eu sei, trata-se apenas de discurso, você entende por que nosso povo não tem direitos civis. Você é branco. Você pode sair com outro liberal branco e ver como eles são hipócritas. Porque muitos de vocês que estão sentados aqui sabem e viram brancos se aproximarem do Negro com palavras floridas, e assim que o Negro sai, vocês escutam como seu amigo branco fala. Temos pessoas negras que podem se passar por branco. Nós sabemos como você fala.

Podemos ver que se trata de uma conspiração governamental para continuar a privar os Negros neste país de seus direitos. E a única maneira de termos esses direitos restaurados é tirando-o das mãos do tio Sam. Levá-lo ao tribunal e acusá-lo de genocídio, o assassinato em massa de milhões de pessoas negras neste país, assassinato político, assassinato econômico, assassinato social, assassinato mental. Este é o crime que este governo cometeu, e se você mesmo não faz algo a respeito disso, você está abrindo precedentes para que algo seja feito por meio de forças exteriores.

Eu li no jornal ontem, onde um dos juízes da Suprema Corte, Goldberg, ele estava chamando atenção sobre a violação dos direitos humanos de 3 milhões de judeus na União Soviética. Imagina isto. Não tenho nada contra os judeus, mas isso é problema deles. Como você vai denunciar os problemas do outro lado do mundo quando você ainda não resolveu os daqui? Como pode a situação de 3 milhões de judeus na Rússia ser qualificado para ser levado para as Nações Unidas por um homem que é um membro da justiça deste supremo tribunal, e é um suposto liberal, um suposto amigo dos afro-americanos e não abriu a boca uma vez sequer para falar sobre a situação dos Negros lá nas Nações Unidas?

Nosso povo está se tornando mais politicamente maduro, seus olhos estão se abrindo. Eles estão começando a ver as tendências em toda a política americana hoje. Eles percebem que cada vez que há uma eleição, a quantidade de votos entre os brancos é tão disputada que eles têm que recontar os votos. Isso aconteceu em Massachusetts quando eles estavam concorrendo para governador. Aconteceu em Rhode Island. Aconteceu em Minnesota e em muitos outros lugares e aconteceu na eleição entre Kennedy e Nixon. A disputa está tão acirrada que qualquer minoria que tenha um bloco de voto pode desestabilizá-lo de qualquer maneira. E eu acho que a maioria dos estudantes de ciência sociais concordam que foram os oitenta por cento do voto

do homem Negro deste país que colocou Kennedy na Casa Branca. Ele sentou-se lá por quatro anos e o Negro ainda está na casa de cachorro.

As mesmas pessoas que colocamos na Casa Branca continuaram a nos manter na casa do cachorro. O Negro pode ver que ele detém o equilíbrio político de poder neste país. É ele quem coloca no cargo aquele que fica no ministério. No entanto, o Negro o ajuda a conquistar o cargo, mas ele não recebe nada em troca. Tudo o que ele recebe é alguns compromissos, alguns escolhidos a dedo pelo tio Tom, apenas aos supostos líderes Negros são dados grandes trabalhos em Washington D.C. E então, esses Negros voltam e tentam nos fazer pensar que a administração vai nos levar à terra prometida da integração. E os únicos cujos problemas foram resolvidos foram daqueles Negros escolhidos à dedo. Alguns líderes Negros têm empregos que nem sequer precisam. Eles já estavam trabalhando. Mas as massas de pessoas negras ainda estão desempregadas.

A administração atual, a administração democrática tem estado lá por quatro anos, mas nenhuma legislação significativa, que supostamente beneficiaria os Negros neste país foi aprovada por eles. Apesar do fato de que no governo eles têm 257 Democratas e apenas 177 são republicanos, eles controlam dois terços do Senado. Há 67 Democratas e apenas 33 republicanos, os democratas controlam dois terços do governo e é o Negro que o coloca em uma posição na qual ele pode controlar o governo, mas eles não dão ao Negro nada em troca, além de alguns folhetos na forma de nomeações que são usados apenas como vitrine para fazer parecer que o problema está sendo resolvido.

Não, algo está errado. E quando esses Negros acordarem e descobrirem a verdade, a trapaça e a traição que se amontoa em cima de nós, você vai ter uma revolução. E quando digo uma revolução, não me refiro àquelas coisas de que falavam no ano passado, sobre "superação". Isso não é uma revolução. Os democratas têm apoio do Negro, mas os Negros não recebem nada em troca. Os Negros colocaram os democratas em primeiro lugar, mas os democratas colocaram os Negros em último. E o alibi que os democratas usam são os Dixiecrats. Um Dixiecrat é apenas um democrata disfarçado. Mostre-me um Dixiecrat e eu te mostro um democrata. E as chances são, você me mostrar um democrata e eu vou te mostrar um Dixiecrat. Porque Dixie, na realidade, significa todo esse território ao Sul da fronteira canadense.

Há dezesseis comitês de senadores que dirigem este governo. Dos dezesseis comitês de senadores que administram o governo, dez deles são controlados por presidentes do Sul. Dos vinte comitês do Congresso que ajudam a administrar o governo, doze deles são controlados por segregacionistas do Sul. Pense nisso. Dez dos comitês do Senado estão nas mãos dos Dixiecrats. Doze dos vinte comitês do Congresso estão nas mãos dos Dixiecrats. Esses comitês controlam o governo. E você vai nos dizer que o Sul perdeu a guerra civil. O Sul controla o governo. E eles controlam porque têm vantagem. Uma vez que os Estados de onde vêm, negam aos Negros o direito de voto.

Se os Negros pudessem votar no Sul - sim, se os Negros pudessem votar no sul da fronteira canadense - se os Negros pudessem votar na parte sul do Sul, Ellender não seria o chefe da Comissão Agrícola e Florestal, e Richard Russell não seria chefe da Comissão de Serviços Armada, Robertson da Virgínia não seria o chefe de Bancos e da Comissão Monetária. Imagine que todos os bancos e comissões monetárias do governo estão nas mãos de um branquelo do sul.

Na verdade, quando você vê que a maioria desses homens da Comissão que controlam o governo são do Sul, você pode ver que não temos nada além de um governo Cracker em Washington, D.C. E seu líder é um presidente Cracker. Eu disse um presidente Cracker. Texas é tanto um estado de Crackers como Mississippi. No Texas, eles te lincham com um sotaque texano, no Mississippi, eles te lincham com um sotaque do Mississippi.

A primeira coisa que este homem fez quando assumiu o ministério foi convidar os líderes Negros para tomar café. James Farmer foi um dos primeiros, o líder da CORE. Não tenho nada contra ele. Ele está bem, Farmer. No entanto, poderia esse mesmo Presidente ter convidado James Farmer para um café? E se James Farmer foi para o Texas, ele poderia ter levado sua esposa branca com ele para tomar café com o Presidente? Então você tem um homem que não consegue resolver os problemas do Texas, como poderá resolver os problemas do país?

Se os Negros no Sul pudessem votar, os dixiecrats perderiam o poder. Quando o dixiecrats perderem o poder, os democratas perderão o poder. Um dixiecrat perdido é um democrata perdido. Portanto, os dois têm que conspirar uns contra os outros para permanecer no poder. O dixiecrat do Norte coloca toda a culpa no dixiecrat do Sul. É um jogo de trapaça, um grande jogo político. O trabalho do democrata do Norte é fazer o Negro pensar que ele é

nosso amigo. Ele está sempre sorrindo e abanando a cauda e dizendo-nos o quanto ele pode fazer por nós, se votarmos nele. Mas, ao mesmo tempo que ele nos diz o que ele vai fazer, por trás da porta, ele está em conluio com o democrata do Sul.

Esta é a conspiração que o nosso povo enfrentou neste país nos últimos 100 anos. E hoje, você tem uma nova geração de Negros que se tornaram desencantados com todo o sistema, que se tornaram desiludidos com o sistema e estão dispostos a fazer algo sobre isso.

Então, na minha conclusão, ao falar sobre a Revolução Negra, a América é o primeiro país nesta terra que poderá realmente ter uma revolução sem sangue. No passado, as revoluções foram sangrentas. Historicamente, você simplesmente não tem uma revolução pacífica. Revoluções são sangrentas, revoluções são violentas, revoluções causam derramamento de sangue e morte segue seu caminho. América é o único país da história em condição de fazer uma revolução sem violência e derramamento de sangue. Mas a América não está moralmente equipada para isso. Por que a América está em condição de fazer uma revolução sem sangue? Porque o Negro neste país detém o equilíbrio do poder, e se ao Negro deste país fosse dado o que a Constituição diz que ele deveria ter, o poder adicional do Negro neste país varreria todos os racistas e segregacionistas para fora do ministério. Mudaria toda a estrutura política do país. Acabaria com a segregação sulista que agora controla a política externa americana, bem como a política interna da América.

E a única maneira de evitar um derramamento de sangue, é dando ao homem Negro o direito pleno ao voto em cada um dos 50 Estados. Mas se ao homem Negro não for dado o direito ao voto, então você vai ser confrontado com um outro homem que vai esquecer o voto e vai começar a usar a bala.

Revoluções são realizadas para obter o controle da terra, para remover o latifundiário e assumir o controle da terra e das instituições que surgem a partir dessa terra. O homem Negro tem estado em uma condição muito baixa porque ele não tem controle algum sobre qualquer terra. Ele tem sido um mendigo economicamente, um mendigo politicamente, um mendigo socialmente, um mendigo, mesmo quando se trata de obter alguma educação.

Esse tipo de mentalidade desenvolvida no sistema colonial entre o nosso povo, está sendo superado. Quando os jovens se manifestam, eles sabem o que querem. E enquanto ouvem

sua bela pregação sobre a democracia e todas as outras palavras floridas, eles sabem o que eles deveriam ter. Então você tem um povo hoje, que não apenas sabe o que quer, mas também sabe o que é pertence a ele por direito. E eles mesmos estão criando uma outra geração, que está chegando, que não só vai saber o que quer, o que deve ter, mas também estará pronta e disposta a fazer o que for necessário para ver materializado o direito deles. Obrigado.

* * *

[**Pergunta** sobre a precisão do The Militant]

Malcolm X: Eu nunca encontrei nenhuma citação negativa sobre nós no The Militant e eu acho que qualquer jornal branco, e é isso o que ele é, que pode citar corretamente um homem Negro, certamente é o jornal The Militant.

[**Pergunta** sobre a integração da escola e do partido Freedom Now (Liberdade Agora)]

Malcolm X: Se eu entendi corretamente você fez duas perguntas: primeiro: se sou a favor da integração nas escolas públicas? E segundo: se sou a favor do partido Liberdade Agora? Na medida em que a integração nas escolas públicas está em questão, eu não conheço qualquer lugar na América onde exista um sistema escolar integrado, seja no Norte ou no Sul. Se eles não têm em Nova York, definitivamente, eles nunca terão em Mississippi. E eu não sou a favor de qualquer coisa que não funcione, de qualquer coisa que não seja prático.

Isso não quer dizer que eu seja a favor de um sistema de escola segregado. Estamos bem cientes das mentes aleijadas que são produzidas por um sistema escolar segregado e quando Rev. Galamison estava envolvido em um boicote contra este sistema de segregação escolar, nós o apoiamos. Isso não faz de mim um integrante, nem me faz acreditar que a integração vai funcionar, mas Galamison e eu concordamos que um sistema de ensino segregado é prejudicial para o modelo educacional das crianças que vão para essa escola. Mas um sistema de ensino segregado não é necessariamente a mesma situação de uma comunidade só brancos. Um sistema escolar em uma comunidade só de brancos não é um sistema escolar segregado. O que a torna segregada é quando ela está em uma comunidade que é diferente do branco, mas ao mesmo tempo é controlada pelos brancos.

Assim, a minha compreensão de um sistema de escola segregado, ou uma comunidade segregada, ou uma escola segregada, é uma escola que é controlada por pessoas que não são da comunidade. Mas em um bairro branco, onde você tem uma escola só de brancos, isso não é uma escola segregada. Geralmente eles têm uma educação de alta qualidade. Sempre que alguém é colocado em posição de impor a você o que eles querem, naturalmente você vai receber algo inferior.

As escolas do Harlem não são controladas pelas pessoas do Harlem, são controladas pelo homem do centro. E o homem do centro pega o dinheiro de todos os impostos e os gasta em outro lugar, mas ele mantém as escolas, as instalações escolares, os professores, e os livros didáticos no nível mais baixo no Harlem. Então isso produz uma educação segregada, que não faz bem ao nosso povo. Por outro lado, se conseguirmos uma escola negra, que possamos controlar, com professores que acolham nossa proposta, com o tipo de livros sem aqueles conteúdos que produziram esse complexo de inferioridade em nosso povo, então não achamos que uma escola totalmente negra seja necessariamente uma escola segregada. Só é segregado quando é controlado por alguém de fora.

Espero estar sendo claro nas minhas considerações. Eu apenas não consigo entender a lógica, se os brancos podem ir para uma sala de aula branca sem nenhum Negro presente e isso não afeta o conteúdo acadêmico que estão recebendo, a seguir eu não vejo como uma sala de aula composta só de alunos Negros pode ser afetada pela ausência de crianças brancas.

Se a ausência de crianças negras não afeta os estudantes brancos, eu não vejo como a ausência de brancos vai afetar os Negros. Então, o que os integrantes, na minha opinião, estão dizendo quando dizem que brancos e Negros devem ir para a escola juntos, é que os brancos são superiores que apenas a sua presença em uma sala de aula negra vai equilibrá-la. Eu não posso concordar com isso. Sim, senhora?

[Pergunta novamente sobre o partido Liberdade Agora]

Malcolm X: O partido Liberdade Agora, eu não sei muito sobre isso, mas o que eu vi até agora, eu gostei.

[Pergunta sobre os brancos também serem afetados pela obstrução de lei do Congresso]

Malcolm X: Se eu entendi corretamente, você estava dizendo que os senadores brancos e congressistas que obstruem as leis e outras coisas têm feito mal tanto aos brancos quanto aos Negros. Eu simplesmente não posso concordar com isso. Você vê, é o homem Negro que senta no forno quente. Você pode ficar perto dele, mas você não senta no lugar dele.

[Pergunta por escrito sobre os radicais brancos e os enganadores africanos]

Malcolm X: Uma pergunta enviada: "os Negros podem alcançar sua liberdade sem a ajuda de radicais brancos que têm mais experiência em lutar?" E a segunda questão é: isto é, de um verdadeiro liberal, "alguns líderes Negros, mesmo em África, estão enganando seu povo", e ele diz, "Eu incluo Nasser também." Eu sei que isto é de um liberal. Posso até dizer de que área geográfica ele é.

Em relação à primeira pergunta, os Negros podem alcançar a sua liberdade sem a ajuda de radicais brancos, que têm mais experiência em lutar? - toda liberdade que as pessoas brancas têm alcançado neste país e em outros lugares não foi conquistada apenas com a luta deles. Sempre houve outras pessoas lutando por eles. Talvez não tenha percebido. A Inglaterra tornou-se poderosa porque tinha outros povos para lutar por ela. Ela usou o Africano contra o asiático e o asiático contra o africano. A França usou o Senegal. Todos esses poderes brancos tiveram alguns lacaios para lutar por eles, e a América teve 22 milhões de afro-americanos para lutar por você. Somos nós que lutamos suas batalhas e escolhemos o algodão para você. Construimos a casa em que você está vivendo. Foi o nosso trabalho que construiu esta casa. Você sentou-se debaixo da velha árvore de algodão dizendo-nos quanto tempo deveríamos trabalhar ou quão árduo era o trabalho, mas foi o nosso trabalho, o nosso suor e nosso sangue que fez deste país o que ele é, e nós somos os únicos que não se beneficiam disso. Tudo o que estamos dizendo hoje é que é dia de pagamento retroativo.

E este senhor que disse sobre alguns líderes Negros na África que também enganam seu povo, eu acho que você está falando de líderes Negros como Tshombe. Mas Lumumba foi um dos maiores líderes Negros. Ele era o governante legítimo do Congo. Ele foi deposto com o apoio dos Estados Unidos. Foi a América, o Departamento de Estado deste país que trouxe Kasavubu para os Estados Unidos, intercedeu por ele na ONU, usou o seu poder para garantir que Kasavubu assumisse como o governante legítimo do Congo. E assim que Kasavubu, com

o apoio americano, tornou-se o governante do Congo, ele voltou para o Congo, e sua primeira medida ao retornar para casa foi entregar Lumumba para Tshombe. Então você pode ver facilmente quem estava por trás do assassinato de Lumumba. As galinhas voltam para o poleiro.

E depois você menciona o Nasser. Bem, eu acho que é uma reação subjetiva, subconsciente de sua parte, o fato de você incluir o nome de Nasser, eu sei quem você é. Antes da revolução egípcia, Farouk era um monarca no Egito que tinha explorado o povo com a ajuda do Ocidente. Naguib e Nasser trouxeram uma revolução e aqueles que visitar o continente africano hoje vai dizer-lhe, se eles são objetivos em suas observações. O Egito é uma das nações mais industrializadas do continente africano, a única outra nação é a nação branca, isso é África do Sul. Mas com Nasser os egípcios se tornaram uma nação altamente industrializada. Eles estão tentando elevar o padrão de vida de seu povo.

Você vai descobrir que há uma tendência no Ocidente em ter uma atitude em relação a qualquer líder Africano que tem o apoio maciço de seu povo, geralmente, o Ocidente classifica-o como ditador. E posso nomeá-los. Nkrumah é chamado de ditador porque ele tinha o apoio de seu povo; Nasser é chamado de ditador, Ben Bella é um ditador, Sekou Toure é chamado de ditador. Todas essas pessoas que são chamadas de ditadores pelo Ocidente geralmente são classificadas pelo Ocidente como anti-Ocidente, porque o Ocidente não pode dizer-lhes o que fazer. Sim, senhora?

[Pergunta sobre ir para as Nações Unidas]

Malcolm X: E esta é uma das razões pela qual a senhora perguntou se temos qualquer plano viável para levar esta luta à ONU. O próprio fato de que tem havido uma luta pelos direitos civis desde 1954, e em nenhum momento os líderes Negros dos direitos civis fizeram qualquer esforço para levá-la às Nações Unidas, isso deve dar-lhe uma dica de que há uma conspiração envolvida. Qualquer outro povo oprimido nesta terra, eu quero dizer alguns dos oprimidos no Pacífico Sul, levaram sua situação perante à ONU, pessoas que nem sequer sabem onde está a ONU, ainda assim a ONU está discutindo a situação deles. E aqui temos 22 milhões de afro-americanos em torno da ONU, e nada a respeito de sua situação é discutida na ONU. Não me diga que não é uma atrocidade. Toda vez que uma igreja é bombardeada, não há melhor exemplo de violação dos direitos humanos do que este, quando você está sentado na igreja e

ela é bombardeada, tirando a vida de quatro pequenos bebês Negros. E por que ainda não foi discutida pela ONU, então eu digo que há uma conspiração.

Então, nosso argumento é que os liberais brancos, os chamados liberais, se infiltraram no movimento dos direitos civis e tiraram os Negros do foco. Porque as pessoas brancas são inteligentes o suficiente para saber que o problema nunca será resolvido em Washington, D.C. Há bandidos lá, mas você pode levar os bandidos que estão em Washington, D.C para o centro da cidade perante uma corte mundial. Se eles souberem que você pode levá-los ao tribunal, eles vão começar a agir correto. É unicamente sob essa condição que eles vão agir corretamente. Eles não agirão corretamente porque eles acreditam em legalidade ou moralidade ou qualquer coisa assim, eles são desprovidos de tudo isso. Só agirão corretamente porque não querem que os leve a um tribunal.

Então, sim, há uma maquinaria sendo montada agora. E muitos de nossos irmãos e irmãs da África e da Ásia e em outras partes desta terra, cujas nações emergiram e se tornaram independentes, são capazes e bem qualificados para dar todo o apoio para o problema dos Negros neste país, uma vez que for levado à ONU. Mas eles não podem se envolver enquanto o problema estiver no âmbito dos direitos civis porque o protocolo impede qualquer organização de se envolver em qualquer um dos assuntos domésticos da América. Os direitos civis são domésticos. Os direitos humanos são internacionais.

Agora, se você se considera um verdadeiro liberal, e eu, eu não encontrei um. Quando eu digo isso, eu tenho em mente que não conheço todos os povos brancos, mas entre aqueles que eu conheci, eu não encontrei um que passasse no teste. Eu poderei encontrar um amanhã...

[**James Wechsler**, editor do New York Post, se levanta e começa a falar antes de ser chamado.]

Malcolm X: Senhor, por que não levantou a mão e esperou que eu o chamasse? Não, por que não sabia? Por que não levantou a mão até que eu o chamasse? Você está sendo rude. [chama outra pessoa.] Sim, senhor?

[**Pergunta** sobre Karl Marx]

Malcolm X: Primeiro, eu não sei muito sobre Karl Marx. Isso é o primeiro ponto, entretanto, é verdade que quando uma nação perde seus mercados, não importa quão capitalista ou altamente industrializado seja ou quanto bens produza, quando perde mercados está com problema. E este é um dos fatores básicos por trás do problema da América. Ela perdeu seus mercados mundiais. Não é apenas automação que está colocando-a para fora, dando-lhe uma dor de cabeça. Ela não tem mercados. Houve um tempo em que o mundo inteiro era o seu mercado. Mas hoje ela é odiada. Não só está perdendo seus mercados porque é odiada, mas as nações europeias são industrializadas, elas podem produzir bens mais baratos do que a América. O Japão produz bens mais baratos do que ela e a vende. E as nações da África e da Ásia preferem comprar os seus produtos manufaturados ou acabados de outros países.

Portanto, não é tanto a automação que está causando a situação de desemprego que afeta o Negro, em primeiro lugar porque ele é o último contratado e o primeiro a ser demitido. Mas é apenas pelo fato de que a América perdeu seus mercados. E é impossível para ela encontrar novos mercados em qualquer lugar, a menos que haja alguns clientes na lua ou em algum outro planeta. E enquanto esta situação existir, a economia da América vai continuar a declinar, o seu dólar vai continuar a desvalorizar, e quando o dólar perder o valor, ela perderá todos os seus parceiros. Porque os únicos parceiros que ela tem são aqueles de quem ela compra.

E mais um comentário: como eu disse, eu não sei *muito* sobre Karl Marx, mas há um autor que escreveu *The Decline of the West (O Declínio do Ocidente)*, Spengler, ele tinha um outro livro que é um pouco menos conhecido, chamado *(The Hour of Decision) A Hora da Decisão*. Na verdade, alguém me deu o livro um ano atrás, porque eu nunca tinha ouvido falar dele também. Eu imagino que alguém que esteja nesta plateia ou que tinha esse tipo de pensamento.

Foi numa reunião como esta. E a obra de Spengler é sobre a revolução mundial e sua tese é que os estágios iniciais da revolução mundial fariam as pessoas serem forçadas a alinhar-se de acordo com as classes. Mas depois de um tempo as linhas de classe iriam acabar e tornaria uma programação baseada na raça. Bem, eu acho que ele escreveu isso no início dos anos 30. E ele realmente tinha razão. Mesmo quando as Nações Unidas se uniram, os blocos foram divididos conforme a classe ou de acordo com algum tipo de filosofia econômica. Mas hoje os blocos que existem na ONU são baseados na raça, conforme as linhas de cor. Você tem o bloco árabe-afro-asiático, eles são todos Negros, castanhos, vermelhos ou amarelos. Você tem outros,

mas quando você encontra os blocos, todos eles têm algo em comum e o que mais eles têm em comum geralmente é a cor de sua pele, ou a ausência de cor de sua pele. Sim, senhor?

[**Pergunta** sobre o papel dos brancos]

Malcolm X: Bem, se você notou quando eu estava falando eu disse que os brancos podem ajudar se eles forem progressistas. Mas a minha observação e análise do tipo de ajuda que eles têm dado me torna muito cauteloso sobre a ajuda que eles oferecem. E por causa disso: como eu disse, eu cresci com brancos. A maioria deles são inteligentes. Pelo menos costumavam ser. Nenhuma pessoa branca abordaria a questão da luta pela liberdade da mesma maneira que ele aborda quando está ajudando a mim e a você a lutar pela nossa liberdade. Não, nenhum deles faria. Quando se trata de liberdade dos Negros, então o homem branco senta-se, ele é não-violento, ele canta (*We Shall Overcome*) "*Nós Superaremos*" e todas essas coisas. Mas quando a propriedade do homem branco é ameaçada, ele não é não-violento. Ele só é não-violento quando está do seu lado. Mas quando ele não está do seu lado, ele perde toda essa paciência e não-violência.

Assim, se os brancos são sinceros nesta luta mostrarão ao homem Negro como empregar ou usar táticas melhores, táticas que produzam resultados. O nosso pessoal não vai esperar por dez anos. Se esta casa é uma casa de liberdade e justiça e igualdade para todos, se é isso que é, então vamos torná-la. E se não for para todos, ninguém a terá.

[**Pergunta** por escrito — sobre o voto] "você realmente acha que o Negro pode ganhar com o voto? Se não, por que?"

Malcolm X: O Negro neste país, antes que ele possa ganhar com o voto tem que se tornar mais maduro politicamente. Agora, muitos Negros não gostam de ser criticados, eles não gostam quando é dito que não estamos prontos. Dizem que é um estereótipo. E até que o nosso povo seja capaz de aceitar isso, de expor e analisar e descobrir a nossa própria passividade, bem como nossa capacidade de ação, nunca seremos capazes de vencer qualquer luta.

Enquanto a comunidade negra e os líderes Negros tiverem medo de críticas e classificarem todas as críticas como estereótipo, ninguém será capaz de puxar o nosso casaco. Então, primeiro temos que ter senso crítico e descobrir onde estamos falhando e o que

precisamos fazer para eliminar as falhas ou nunca seremos capazes de ser bem-sucedidos. Só podemos ganhar com o voto quando fizermos nosso povo se tornar politicamente maduro.

Aqueles que adotaram a filosofia do nacionalismo Negro estão envolvidos agora, e vão se envolver com qualquer grupo seja verde, azul, amarelo, rosa, que é criado como um aparelho organizacional projetado para obter mais envolvimento do nosso povo como eleitores registrados. Estamos envolvidos nisso, nós vamos cooperar com isso. Mas, ao mesmo tempo, não vamos dizer-lhes para se registrar como um democrata ou um republicano. Qualquer Negro que se registre como democrata ou republicano é um traidor do seu próprio povo.

Registrar-se está correto. Isso só significa que você "carregou sua arma". Só porque você a carregou não significa que você tem que atirar. Você deve esperar até conseguir um alvo e certificar-se de que você está em posição de colocar essa coisa ao lado do alvo, só então você poderá puxar o gatilho. E assim você não vai desperdiçar balas com um alvo que está fora de seu alcance, você não atira só por atirar. Nosso povo precisa se registrar, precisa obter poder político, mas precisa segurar e usar quando tiver certeza que dará resultados. Não jogue só porque você tem.

[**Pergunta** por escrito-sobre planos políticos concretos]

Malcolm X: Esta pergunta: "você tem algum plano concreto imediato para assumir a política e os políticos das comunidades negras?" Sim, e quando você tem planos concretos, a melhor maneira de mantê-los concretos é guardando para si mesmo.

[**Pergunta** por escrito-sobre SNCC e da ONU]

Malcolm X: A outra pergunta escrita - "Desculpe-me, mas o Comitê de Coordenação Estudantil Não-Violência apelou para as Nações Unidas após os assassinatos de Birmingham com piquetes na ONU exigindo ação por vários dias." Não é assim que se consegue resultados, não se faz piquetes na ONU. Na verdade, eu nunca vi ninguém conquistar nada com piquetes. Você consegue o que quer de uma forma ou de outra. Talvez eu acrescento isso. Não se consegue nada na agenda da ONU através de piquetes.

Além disso, quando o Comitê de Coordenação Estudantil Não-Violência estava fazendo piquetes na ONU em protesto aos assassinatos em Birmingham, ainda estava na esfera dos direitos civis. Não fazia sentido fazer piquete, desculpe-me em dizer que não fazia sentido, é evidente que não fizeram com a intenção de levar o caso para a ONU, uma vez que estava no âmbito dos direitos civis a ONU não podia aceitá-la. Deve transferir a questão para o âmbito dos direitos humanos. Portanto, a melhor coisa a fazer, quem são liberais, é ir para a ONU e obter todos os livros sobre os direitos humanos.

Sabia que os Estados Unidos nunca assinaram o pacto dos direitos humanos? Assinou a declaração dos direitos humanos, mas não pode assinar o pacto porque para assinar o pacto, eles teriam de ser ratificados pelo Congresso e pelo Senado. E como eles poderiam ter um convênio ratificado pelo Congresso e pelo Senado sobre direitos humanos, quando eles não podem sequer obter um através de direitos civis? Não! Eleanor Roosevelt, suposta liberal, foi presidente da Comissão de Direitos Humanos. Ela sabia de tudo isso. Por que Eleanor não contou a esses Negros sobre a seção das Nações Unidas, sobre os direitos humanos que nos permitiriam levar nosso problema perante o mundo? Não, é por isso que eu digo que não conheci um liberal branco. Este senhor aqui que pensa que eu vou discriminar [contra] ele [reconhece James Wechsler]

[Pergunta sobre Rev. Bruce Klunder, que foi morto por uma escavadeira durante uma demonstração contra a segregação da escola em Cleveland]

Malcolm X: Eu estava em Cleveland ontem à noite, na verdade, quando essa coisa aconteceu - [Wechsler fala novamente] Senhor? Não foi eu que o coloquei debaixo da escavadeira. O tio Sam o colocou debaixo da escavadeira. O Supremo Tribunal o acertou com o trator. [Wechsler novamente.] A morte dele não acabou com a segregação no sistema escolar.

Nós não iremos levantar e aplaudir toda a contribuição individual feita por alguma pessoa branca enquanto os 22 milhões de Negros estiverem morrendo diariamente. O que ele fez foi bom, foi ótimo. O que ele fez foi bom. Viva, viva, viva. Agora Lumumba foi assassinado, Medgar Evers foi assassinado, Mack Parker foi assassinado, Emmett Till foi assassinado, meu próprio pai foi assassinado. Diga essas coisas a outra pessoa. Está na hora de alguns brancos começarem a morrer nesta luta. Perdoe-me, perdoe-me por dizer isso.

Malcolm X: Sim, senhor?

[**Pergunta** sobre a religião do Islã e da partição da Índia]

Malcolm X: Se eu entendi corretamente, em primeiro lugar, você precisa saber por que nós, afro-americanos, nos tornamos muçulmanos. A religião que muitos dos nossos antepassados praticavam antes de sermos raptados e trazidos para este país pelo homem branco americano foi o Islã. Isso foi apagado dos livros didáticos do sistema educacional americano em uma manobra para fazer parecer que não éramos nada além de animais selvagens antes de sermos trazidos para cá, a fim de esconder os atos criminosos que eles perpetuaram sobre nós para nos colocar no nível degradante em que estamos hoje. Mas se você voltar na história, você vai descobrir que houve grandes impérios muçulmanos que se estendiam por toda África Equatorial, o Império Mali, Guiné. Em todos esses lugares — a religião era o Islã.

Então, na América hoje, quando você encontra muitos de nós aceitando o Islã como nossa religião só estamos nos voltando à religião de nossos antepassados. Além disso, acreditamos que esta é a religião que pode nos reformar das fraquezas e dos vícios adquiridos aqui na sociedade ocidental mais que qualquer outra religião. Em segundo lugar, podemos ver que o cristianismo falhou cem por cento conosco. Ensinam-nos a dar a outra face enquanto eles próprios não dão.

E a respeito da divisão entre Índia e Paquistão, acho que é isso que você quer dizer, eu não estou familiarizado com o assunto, exceto o fato de que eu sei, que por muitos anos, o subcontinente da Índia foi governado pelos ingleses, pelos poderes coloniais da Europa. A estratégia dos poderes coloniais sempre foi dividir para conquistar. Como regra, você vai descobrir que as pessoas no Oriente podem viver juntos. E eu acredito que quando você os encontra lutando entre eles, você deve olhar para o homem que coloca um contra o outro. Dividir para conquistar.

De fato, se o Paquistão e a Índia não tivessem estado de guerra um contra o outro, por assim dizer, nos últimos dez anos ou mais, eles provavelmente poderiam ter se desenvolvido muito mais rápido e feito mais progresso e poderia fazer algo mais concreto para nos ajudar a resolver a maioria dos nossos problemas. Então essas divisões são perigosas.

[Pergunta sobre divisão racial na sociedade americana]

Malcolm X: Bem, nós temos. E você nem precisa exigir. Ela já está dividida em linhas raciais. Vá para o Harlem. Tudo o que estamos dizendo agora é que já que estamos divididos, o mínimo que o governo pode fazer é nos deixar controlar as áreas onde vivemos. Deixe o povo branco controlar a deles, deixe-nos controlar a nossa, é tudo o que estamos pedindo. Se o homem branco pode controlar a área dele, e realmente, o meio usado para controlar é através nacionalismo branco, deixe-nos controlar a nossa com o nacionalismo Negro. Você encontra o nacionalismo branco nas comunidades brancas, seja católica, seja judaica, seja protestante, ainda assim, eles praticam o nacionalismo branco. Então tudo o que estamos dizendo ao nosso povo é para esquecer nossas diferenças religiosas. Esquecer todas as diferenças que foram criadas pelos brancos para exercer controle sobre nós, e vamos trabalhar em unidade e harmonia com a filosofia do nacionalismo Negro, isso implica apenas que nós devemos controlar nossa própria economia, nossa própria política, e nossa própria sociedade. Não há nada de errado nisso.

E depois de controlarmos a nossa sociedade, vamos trabalhar com qualquer segmento da comunidade branca para construir uma civilização melhor. Mas achamos que eles devem controlar a deles e nós devemos controlar a nossa. Não tente misturar-nos uns com os outros porque cada vez que a mistura ocorre, sempre encontramos o homem Negro homem por baixo. Sim, senhora?

[Pergunta sobre as possibilidades de apoio da África]

Malcolm X: Você notará, que hoje, em 1964, há bastante nações independentes da África e da Ásia nas Nações Unidas que se tornaram politicamente maduras e têm independência suficiente para fazer o que for necessário para ver que alguns resultados são conquistados a partir de qualquer alegação de defesa, de um apelo de boa-fé feito por parte do nosso povo. Foi o controle que os Estados Unidos tinham na ONU que lhes permitiu matar Lumumba e ter seu assassino protegido. Mas há uma coisa que o nosso povo está começando a ver: que assim que os Estados Unidos não precisam mais do fantoche, ela o deixa cair. Ela derrubou Tshombe, quando não podia mais usar Tshombe, ele o abandonou. Quando ela não podia mais usar os dois irmãos em Saigon, qual é o nome deles? - Diem e Nhu, ela os deixou cair. Quando ela não podia mais usar Syngman Rhee, ela o largou. Quando ela não podia mais usar Menderes, ela o largou. Bem,

veja, este padrão está sendo estudado por esses outros tios Toms. E eles estão começando a ver que se eles continuarem com eles, eles vão ser derrubados também. Sim, senhora?

[**Pergunta** sobre o interesse comum dos pensionistas e dos Negros]

Malcolm X: Eu não vejo como você pode comparar a sua situação com o sofrimento de 22 milhões de afro-americanos. Nosso povo foi totalmente escravizado. Nós puxávamos arados como cavalos. Fomos comprados e vendidos de uma plantação para outra como se vende galinhas ou se vende um saco de batatas. Li em um livro onde George Washington trocou um Negro por um barril de melaço. Aquele homem Negro poderia ter sido meu avô. Você sabe o que eu penso do velho George Washington. Você não pode comparar ninguém com a assistência na velhice com a situação dos Negros neste país. Sem comparação alguma. E o que eles podem fazer não é comparável ao que podemos fazer — não aqueles velhos. Sim, senhor.

[**Pergunta** sobre por que o público deve prestar honra ao Rev. Klunder]

Malcolm X: Vamos honrar Lumumba, vamos honrar Medgar Evers, vamos prestar honra, não, olhe, bom, o que o homem fez foi bom. Mas acabou o dia em que você encontrará Negros se levantando para aplaudir a contribuição tardia dos brancos. 100 milhões de pessoas foram arrancados do continente africano — onde estão hoje? 100 milhões de africanos foram desenraizados, 100 milhões de africanos, de acordo com o livro *Anti-Escavidão* do professor Dwight Lowell Dumond, desculpem-me por levantar a minha voz, eles foram arrancados do continente africano. No fim da escravidão, você não tinha 25 milhões de africanos no Hemisfério Ocidental. O que aconteceu com os 75 milhões? Seus corpos estão no fundo do oceano, seu sangue e seus ossos fertilizaram o solo deste país. Por que, você acha que eu usaria minha energia aplaudindo o sacrifício individual de um homem branco. Não, esse sacrifício é tarde demais.

[**Pergunta** por escrito sobre nacionalismo Negro, separatismo, integração e assimilação... "um panfleto do partido Liberdade Agora, está à venda na parte de trás e contém a afirmação", todos os Separatistas são nacionalistas, mas nem todos os nacionalistas são Separatistas. "]

Malcolm X: Eu não sei nada sobre isso.

Pergunta: "Qual é a sua opinião sobre isso? Pode um nacionalista Negro embora não esteja interessado em uma nação negra independente separada? Semelhantemente, cada integracionista é necessariamente um assimilacionista?"

Malcolm X: Bem, como eu disse anteriormente, os Negros que eu conheço não querem ser integracionistas nem querem ser separatistas, eles querem ser seres humanos. Alguns deles escolhem a integração pensando que este método vai trazer-lhes respeito como ser humano e outros escolhem a separação, pensando que esse método ou tática vai trazer-lhes respeito como ser humano. Mas eles tiveram tantos problemas para atingir seus objetivos que eles acabaram misturando seus métodos com seus objetivos, e agora, em vez de se chamarem de seres humanos, eles estão se chamando de integracionistas e separatistas, e eles não conseguiram nada. Então, eu não sei sobre os integracionistas, assimilacionistas e separatistas, mas eu sei sobre os segregacionistas, que são os americanos. Sim, senhor?

[**Pergunta** sobre a atitude de Malcolm para com Robert F. Williams]

Malcolm X: Bem, Robert Williams foi exilado em Cuba por defender o uso de armas para os Negros. Ele cometeu alguns erros na execução de seu programa deixando a porta aberta, permitindo que o FBI fizesse parecer como se ele fosse o criminoso, o que ele realmente não é. Quando alguém antes de você comete um erro, você deve aprender e se beneficiar com esses erros.

O homem Negro neste país está dentro de seus direitos constitucionais de ter um rifle. O homem branco também tem. A Constituição lhe dá o direito de ter um rifle ou uma espingarda. Você não deve sair por aí atirando nas pessoas. Você não deve se envolver ou iniciar atos de agressão. Mas neste país onde temos um governo, uma agência de aplicação da lei a nível federal, local e estadual, em áreas onde essas agências se mostram incapazes ou não querem defender os Negros. Então, eles devem defender-se. Isso é tudo: deve defender-se. E ele está dentro do seu direito legítimo. Isso não quer dizer que ele deve usar armas para iniciar atos de agressão. Mas se custar a minha vida amanhã, dir-vos-ei esta noite que chegou a hora de o homem Negro morrer lutando. Se ele vai morrer, que morra lutando. Eu tenho um rifle. Ensinei minha mulher a usar. E se alguém puser o pé no meu degrau será morto. Se estiver em casa ou não, ele será morto.

Isto não significa que queremos viver numa sociedade como esta. Mas quando se vive numa sociedade de criminosos onde a lei não cumpre o seu dever, o que é que se deve fazer? Continuar a dar a outra face? Medgar Evers ofereceu a dele. Aquelas quatro garotinhas assassinadas no bombardeio em uma igreja ofereceram as delas. Os Negros não fizeram nada além de darem a outra face para eles baterem.

Essa geração não vai fazer isso, não vai fazê-lo por mais tempo. Posso apenas dizer isto, senhor? América é confrontada com uma situação em que em cada comunidade negra neste país, a animosidade racial e a desilusão nas mentes dos Negros para com a sociedade branca está se desenvolvendo de tal maneira que estas comunidades, esses guetos, essas favelas em que vivemos acabará por desenvolver o mesmo tipo de situação *Casbah*, que você tem na Argélia e nesses outros países, onde você não pode de colocar seu pé nesse bairro, a menos que você tenha um guia para mostrar-lhe o caminho. Isto é verdade.

E o que mais devemos fazer? Como podemos continuar a viver numa comunidade que se transformou num estado policial? Onde a polícia não está lá para nos proteger, mas estão lá apenas para proteger a propriedade do comerciante que nem sequer vive em nossa comunidade, que tem sua loja lá e sua casa em outro lugar. Estão lá para proteger a propriedade dele. E quando os Negros ao longo dos anos perceberem isso, também perceberá que eles não nos protegem: na verdade, às vezes precisamos de proteção até contra eles.

Isso não significa que a polícia esteja sempre errada, eu reconheço isso também. Em Nova York, onde os Negros estão preocupados, os chamados Negros, eu tenho experiência viajando de costa a costa e percebo que, em Harlem, o policial, pelo menos nos últimos três anos, até pouco tempo atrás, teve mais cuidado em lidar com incidentes que poderia explodir para uma situação racial do que os oficiais de polícia da maioria das cidades grandes do Norte. Em 1960, '61, '62, o Departamento de Polícia daqui foi mais cauteloso com os incidentes que definitivamente envolvia a questão racial. Mas a recente declaração do Comissário de Polícia, este homem, este irlandês Murphy, é muito perigoso, porque os comissários que o precederam foram mais inteligência nas declarações que deram, e eles foram muito cuidadosos em nunca dar uma declaração que inflamasse o oficial branco contra a comunidade negra. Mas Murphy está fazendo declarações que parecem deliberadamente projetadas para fazer o policial comum achar que ele pode golpear qualquer Negro na cabeça sem ser repreendido por isso. Isso é

perigoso porque hoje, quando você agride um Negro com um cassetete, ele vai fazer o possível para arrancá-lo de você, não importa se você tem um uniforme ou não.

[**Pergunta**, um ataque geral a Malcolm, seguido por uma denúncia de que o orador quer fazer uma declaração ao invés de fazer uma pergunta.] Malcolm X: você pode comentar aqui mesmo, esta é uma reunião.

[Depois que o orador denuncia Malcolm ainda mais, alguns membros da plateia começam a protestar.]

Malcolm X: Deixe-o falar, vá em frente, doutor.

[O orador vai adiante.]

Malcolm X: Eu vou levar apenas dois minutos para comentar sobre o que você disse. Você percebe que você continuou usando a expressão "responda" ou "ter sua palavra." Agora você sabe como nosso povo se sentiu durante 400 anos de silêncio. E sua atitude hoje é o tipo de atitude que faz do tio Sam um país odiado. Você reflete as atitudes coletivas dos brancos americanos.

Há alguns — [apontando para o Presidente] que não reflete a atitude coletiva. Ele reflete a atitude individual, ele é quieto, ele está ouvindo, ele está registrando, ele está analisando. E quando ele se levanta para falar, ele vai falar de uma forma muito mais inteligente do que você e vai ganhar mais amigos do que você. Agora eu poderia dizer isso bem aqui, dizer isso sobre ele, eu não estou dizendo isso para agradá-lo ou para dar tapinhas nas costas dele. Você me conhece, eu acho que você me conhece melhor do que isso. Se eu disser coisas positivas sobre ele, é sério.

Só quero fazer mais um comentário a respeito de sua observação sobre eu ser sedento de sangue. Não sou sedento de sangue. Eu sou uma das 22 milhões de pessoas negras neste país que está cansado de ser vítima da hipocrisia de um país que afirma ser uma suposta democracia. Qualquer homem Negro..., você teve seu momento de falar, por favor, fiquei quieto. Qualquer homem Negro que se levantar e lhe dizer exatamente como ele se sente estará lhe fazendo um favor, porque a maioria deles não lhe diz como eles se sentem.

Eu quero agradecer o Fórum Militante do Trabalho pelo convite para falar aqui esta noite. Eu acho que, como eu disse anteriormente, o artigo é um dos melhores que eu já li. Nós sempre encorajamos aqueles que vivem no Harlem a comprá-lo quando o vemos por lá, ou onde quer que possamos vê-lo. É um jornal muito bom. Espero que eles continuem a ter sucesso, a fazer progressos. Eles provavelmente podem educar um monte de gente branca. Vamos reeducar as pessoas negras. É tudo que tenho a dizer.

4.6 O voto ou a bala (12 de abril de 1964)

Sr. moderador, Reverendo Cleage, Irmão Lomax, irmãos e irmãs, amigos... e vejo alguns inimigos. Na verdade, acho que seríamos ingênuos se em uma plateia tão grande como essa não percebêssemos a presença de alguns inimigos. Esta tarde queremos falar sobre o voto ou a bala. O voto ou a bala se explica. Mas antes de falar sobre isso, uma vez que este é o ano do voto ou da bala, eu gostaria de esclarecer algumas coisas que se referem a mim sobre a minha posição pessoal.

Ainda sou muçulmano. Ou seja, minha religião ainda é o Islã. Eu ainda credito ao Sr. Muhammad o que sei e o que sou. Ele foi o único que abriu meus olhos. Atualmente, eu sou o ministro da recém fundada Mesquita Muçulmana Incorporated que tem seu escritório no Hotel Thereza bem no coração do Harlem, que é o cinturão Negro de Nova York. Assim, quando percebemos que Adam Clayton Powell é um ministro cristão, ele dirige a Igreja Batista Etíope, mas ao mesmo tempo, ele se tornou famoso por sua luta política. E o Dr. King, que é um ministro cristão, em Atlanta, Geórgia, mas tornou-se famoso por estar envolvido na luta pelos direitos civis. Há outro em Nova York, Reverendo Galamison não sei se já ouviu falar dele aqui, ele é um ministro cristão do Brooklyn, mas tornou-se famoso por sua luta contra um sistema de escola segregada no Brooklyn. Reverendo Cleage é um ministro cristão em Detroit. Ele é o líder do partido "Freedom Now" (Liberdade Agora). Todos são ministros cristãos, mas não vêm a nós como ministros cristãos. Eles vêm a nós como combatentes em alguma outra categoria. Eu sou um ministro muçulmano assim como eles são ministros cristãos, eu sou um ministro muçulmano. E eu não acredito em uma frente única de luta, mas em todas as frentes. Na verdade, sou um Combatente da Liberdade do Nacionalismo Negro.

O Islã é minha religião, mas acredito que minha religião é um negócio pessoal. Rege a minha vida pessoal, a minha vida moral. E minha filosofia religiosa entre mim e *Allah*, em

quem eu acredito, é pessoal; assim como a filosofia religiosa desses outros é entre eles e o Deus em quem eles creem. E isso é melhor assim. Se fôssemos discutir religião aqui, teríamos muitas diferenças desde o início e nunca chegaríamos a um consenso. Então, hoje, embora o Islã seja minha filosofia religiosa. Minha filosofia política, econômica e social é o nacionalismo Negro. Você e eu, como eu disse, se falarmos de religião teremos diferenças, teremos argumentos e nunca seremos capazes de chegar a um consenso.

Mas se deixarmos a nossa religião em casa, no armário, manter a nossa religião entre nós e nosso Deus, veremos que temos uma luta comum a todos nós e contra um inimigo comum a todos nós.

A filosofia política do nacionalismo Negro significa apenas que o homem Negro deve controlar a política e os políticos de sua própria comunidade. O tempo em que as pessoas brancas podiam vir para nossa comunidade e nos induzir a votar neles para que eles se tornassem nossos líderes políticos e nos dizer o que fazer e o que não fazer acabou. Pela mesma razão, o tempo em que o mesmo homem branco, com seus olhos bem abertos, podia enviar outro Negro para a comunidade a fim de nos induzir a apoiá-lo para que ele pudesse usá-lo para nos desviar, esses dias também acabaram.

A filosofia política do nacionalismo Negro significa que se você e eu vamos viver em uma comunidade negra, e é aí que vamos viver, do contrário, assim que você se mudar para uma de suas comunidades... assim que você sair da comunidade negra para se misturar com os brancos, eles sairão da comunidade e você ficará sozinho novamente.

Precisamos compreender a política da nossa comunidade e temos que saber o que a política deve produzir. Devemos saber qual é o papel que a política desempenha em nossas vidas e nos tornarmos politicamente maduros, senão seremos sempre enganados, desencaminhados, iludidos ou manobrados a apoiar alguém que não quer o bem da nossa comunidade.

Assim, a filosofia política do nacionalismo Negro só pressupõe que teremos de realizar um programa político, de reeducação para abrir os olhos do nosso povo a fim de torná-lo mais politicamente consciente, politicamente maduro, e então sempre que nos prepararmos para dar o nosso voto, ele será dado para um homem da comunidade que quer o bem dela.

A filosofia econômica do nacionalismo Negro significa que devemos possuir, operar e controlar a economia de nossa comunidade. Você nunca encontrará..., você não pode abrir uma loja negra em uma comunidade branca. O homem branco nem te patrocina. E ele não está errado. Ele tem o bom senso de cuidar dele mesmo. Você é o único que não tem bom senso suficiente para cuidar de si mesmo.

O homem branco é muito inteligente para deixar que outra pessoa assuma o controle da economia da comunidade dele. Mas você deixa qualquer pessoa entrar e controlar a economia de sua comunidade, controlar a habitação, a educação, os empregos, os negócios e o pretexto que você usa é que você quer se integrar. Não, você perdeu seu juízo.

A filosofia econômica do nacionalismo negro significa apenas que nós temos que nos envolver em um programa de reeducação para educar nosso povo quanto a importância de saber que quando você gasta seu dólar fora da comunidade onde você vive, a comunidade onde você gasta seu dinheiro se torna mais rica, enquanto a comunidade de onde você tira seu dinheiro se torna mais pobre e mais pobre. E porque esses Negros, que foram enganados, equivocados, correm para gastar seu dinheiro com o homem, o homem se torna cada vez mais rico e você cada vez mais pobre. E depois o que acontece? A comunidade em que você vive se torna uma favela. Se torna um gueto. As condições se deterioram. E ainda você tem a audácia de reclamar sobre habitação precária em uma comunidade arruinada. Por que você contribuiu para isso quando você gastou seu dólar com o homem branco.

E você e eu caímos em uma dupla armadilha porque não só perdemos quando gastamos o nosso dinheiro em outro lugar. Quando tentamos gastá-lo em nossa própria comunidade, ainda perdemos porque não temos tido o bom senso de abrir nossas próprias lojas e controlar os negócios de nossa própria comunidade. O homem que está controlando as lojas em nossa comunidade é um homem que não se parece conosco. Ele é um homem que nem sequer vive na comunidade. Então você e eu, mesmo quando tentamos gastar nosso dinheiro no quarteirão onde moramos ou na área onde vivemos, estamos gastando com um homem que, quando o sol se põe, leva aquela cesta cheia de dinheiro para outra parte da cidade.

Estamos encurralados, triplamente encurralados. Para onde quer que vamos, descobrimos que estamos encurralados. E todo tipo de solução que nos oferece é apenas outra

armadilha. Mas a filosofia política e econômica do nacionalismo Negro... a filosofia econômica do nacionalismo Negro mostra ao nosso povo a importância de criar essas pequenas lojas e desenvolvê-las e expandi-las em negócios maiores.

Woolworth não começou com um negócio grande como eles são hoje. Eles começaram com um pequeno negócio e expandiu e expandiu e, em seguida, expandiu e hoje, há lojas em todo o país e em todo o mundo, e eles estão recebendo dinheiro de todos os lugares. Agora, isso é o que você e eu devemos fazer. A General Motors é a mesma coisa. Eles não começaram com um grande negócio. Começou com um pequeno negócio. E expandiu e expandiu e hoje, onde está agora. Você e eu temos que começar, e o melhor lugar para começar é na comunidade onde vivemos. Assim, o nosso povo não só tem de ser reeducado quanto a importância de apoiar o negócio Negro, mas o próprio homem Negro tem de conhecer a importância de entrar no negócio. E uma vez que você e eu entrar no negócio, nós próprios vamos operar, pelo menos, os negócios de nossa comunidade. O que iremos fazer é desenvolver uma situação em que possamos efetivamente criar emprego para as pessoas da comunidade. E uma vez que você estiver em condições de criar emprego na comunidade onde você vive, você vai eliminar a necessidade de você e eu ter de agir de forma ignorante e vergonhosa, fazendo boicotes e piquetes em algum lugar implorando por um emprego.

Sempre que você depender do seu inimigo para obter um emprego, você estará em uma situação difícil. Quando você tem... ele é seu inimigo. Deixe-me te dizer, você não estaria neste país se o inimigo não tivesse te raptado e trazido aqui. Por outro lado, alguns de vocês pensam que vieram aqui no Mayflower. Assim, como você pode ver irmãos e irmãs, hoje, esta tarde, não é nossa intenção discutir religião. Nós vamos esquecer a religião. Se nós discutirmos sobre religião, nós entraremos em argumentos, e a melhor maneira de manter-se longe dos argumentos e das diferenças como eu disse antes é deixar sua religião em casa. Mantenha entre você e o teu Deus.

Se você é um cristão, ou um muçulmano, ou um nacionalista, todos nós enfrentamos o mesmo problema. Eles não te enforcam porque você é batista, eles te enforcam porque você é Negro. Eles não me atacam porque eu sou um muçulmano, eles me atacam porque eu sou Negro. Eles atacam todos nós pela mesma razão, todos nós sofremos o inferno do mesmo inimigo. Estamos todos no mesmo barco. Sofremos opressão política, exploração econômica e degradação social do mesmo inimigo. O governo falhou conosco, não podemos negar isso. Toda

vez que em pleno século XX, em 1964, você tem que andar por aí cantando (*We Shall Overcome*) "*Nós Superaremos*", o governo está falhando conosco. Isso é parte do que há de errado com vocês. Vocês cantam muito. Hoje é hora de parar de cantar e começar a lutar. Vocês não podem cantar pela conquista da liberdade, mas vocês podem lutar para conquistar alguma liberdade. Cassius Clay pode cantar, mas cantar não o ajudou a se tornar o campeão mundial dos pesos pesados — a luta o ajudou a se tornar o campeão dos pesos pesados.

Este governo falhou conosco, o próprio governo falhou, e os liberais brancos que têm posado como nossos amigos falharam. E uma vez que vemos que todas essas outras fontes para as quais nós nos voltamos falharam, nós paramos de nos voltar para eles e voltamos para nós mesmos. Precisamos de um programa de autoajuda, uma filosofia do faça você mesmo, uma filosofia faça acontecer agora, uma filosofia já está pronta. Isso é o que você e eu precisamos fazer e a única maneira de resolver o nosso problema é com um programa de autoajuda. Antes de podermos começar um programa de autoajuda, temos que ter uma filosofia de autoajuda.

Nacionalismo Negro é uma filosofia de autoajuda. O que há de tão bom nisso? Você pode permanecer na igreja onde você está e ainda praticar a filosofia do nacionalismo Negro. Você pode permanecer em qualquer tipo de organização cívica a qual você pertence e ainda adotar o nacionalismo Negro como sua filosofia. Você pode ser um ateu e ainda adotar o nacionalismo Negro como sua filosofia. Esta é uma filosofia que elimina a necessidade de divisão e argumento. Porque se você é Negro você deve pensar como um Negro, e se você é Negro e não pensa como um Negro nesta época tardia, bem, eu sinto muito por você.

Uma vez que você altera sua filosofia, você altera seu padrão de pensamento. Uma vez que você altera seu padrão de pensamento, você muda sua atitude. Uma vez que você muda sua atitude, você muda seu padrão de comportamento e então você vai desenvolver alguma ação. Enquanto você mantiver uma filosofia de inércia, você terá um padrão de pensamento de inércia, e enquanto você achar que a velha inércia vai levá-lo a algum tipo de ação. Vão te fazer sentar. Não é tão bom se referir ao que você vai fazer com uma filosofia baseado em sentar e esperar. Isso te castra. Bem aí, isso te derruba. O que se passa com ele? Pense na imagem de alguém sentado. Uma mulher idosa pode sentar-se. Um velho pode sentar-se. Um palerma pode sentar-se. Um covarde pode sentar-se. Qualquer coisa pode sentar. Bem, você e eu já estamos sentamos há muito tempo, e é hora de tomar alguma atitude.

Quando olhamos para outros lugares desta terra em que vivemos, nós vemos que as pessoas Negras, marrons, vermelhas, amarelas em África e em Ásia estão conquistando sua independência. Eles não conquistaram cantando (*We Shall Overcome*) "*Nós Superaremos*". Não, estão conquistando através do nacionalismo. É o nacionalismo que trouxe a independência das pessoas na Ásia. Cada nação na Ásia ganhou sua independência com a filosofia do nacionalismo. Cada nação do continente africano conquistou sua independência através da filosofia do nacionalismo. E será preciso um nacionalismo Negro para trazer liberdade aos 22 milhões de afro-americanos aqui neste país onde sofremos o colonialismo nos últimos 400 anos.

A América é tanto um poder colonial quanto a Inglaterra já foi. A América é tanto um poder colonial quanto a França já foi. Na verdade, a América é mais um poder colonial do que eles, porque ela é um poder colonial hipócrita. O que você chama de cidadania de segunda classe? Isso é colonização. A cidadania de segunda classe não é nada além de escravidão do século XX. Como você vai me dizer que você é um cidadão de segunda classe. Não existe cidadania de segunda classe em nenhum outro governo desta terra. Eles só têm escravizados e pessoas livres. Bem, este país é hipócrita. Eles tentam fazer você pensar que eles te libertaram chamando de cidadão de segunda classe. Não, você não é nada além de um escravo do século XX.

Assim como o nacionalismo removeu o colonialismo da Ásia e da África, tomará que o nacionalismo Negro hoje remova o colonialismo do corpo e das mentes dos 22 milhões de afro-americanos neste país. E 1964 parece que pode ser o ano do voto ou da bala.

Por que parece que pode ser o ano do voto ou da bala? Porque os Negros já ouviram os truques, as mentiras, e as falsas promessas do homem branco por muito tempo. E estão fartos. Eles estão desencantados. Eles estão desiludidos. Eles estão insatisfeitos e tudo isso tem acumulado frustrações na comunidade negra que torna toda América hoje a mais explosiva do que todas as bombas atômicas que os russos poderiam inventar. Toda vez que você tiver um barril de pólvora racial sobre seu colo, você terá mais problemas do que você tivesse um barril de pólvora atômica sobre o seu colo. Quando um barril de pólvora racial explode, não importa quem esteja no caminho. Entenda isso, é perigoso. E 1964 parece ser o ano porque, o que o homem branco pode usar agora para nos enganar, depois da marcha em Washington? E você vê tudo isso agora. Ele te enganou, te fez marchar até Washington. Sim, você marchou para frente e para trás entre os pés de um homem morto chamado Lincoln a outro homem morto

chamado George Washington cantando (*We Shall Overcome*) "*Nós Superaremos*". Ele fez de você um tolo. Ele fez você pensar que estava indo a algum lugar e você acabou não chegando a lugar nenhum, senão entre os pés de Lincoln e Washington.

Então, hoje, nosso povo está desiludido. Eles estão desencantados. Eles estão insatisfeitos, e em suas frustrações eles querem ação. E em 1964, você verá este jovem Negro, esta nova geração pedindo o voto ou a bala. Essa velha ação do tio Tom está ultrapassada. A geração jovem não quer mais ouvir nada sobre que estamos em desvantagens. O que nos importa as desvantagens? Quando este país foi inicialmente fundado, havia 13 colônias. Os brancos, que foram colonizados, estavam fartos de tributação sem representação por isso alguns deles levantaram-se e disseram "liberdade ou morte". Embora eu tenha ido a uma escola branca aqui em Mason, Michigan, o homem branco cometeu o erro de me deixar ler seus livros de história. Ele cometeu o erro de me ensinar que Patrick Henry era um patriota e George Washington também.

Liberdade ou morte foi o que trouxe a liberdade aos brancos deste país. Eles não se importaram com as desvantagens. Por que enfrentaram a ira de todo o Império britânico? E naqueles dias eles costumavam dizer que o Império britânico era tão vasto e tão poderoso que o sol... o sol nunca iria se pôr sobre eles. Para mostrar qual grandioso era, mas estes 13 pequenos magros Estados, cansados de tributação sem representação, cansados de serem explorados e oprimidos e degradados disse ao grande império britânico "liberdade ou morte". E aqui você tem 22 milhões de afro-americanos sofrendo mais inferno que Patrick Henry sofreu. E estou aqui para te dizer, caso não saibas, que tens uma nova geração de Negros neste país que não se importam com as desvantagens. Eles não querem ouvir o velho tio Tom com um lenço na cabeça falando sobre desvantagens. Não. Esta é uma nova geração. Se eles convocam estes jovens Negros e os enviam para a Coreia ou Vietnã do Sul para enfrentar 800 milhões de chineses... se você não tem medo dessa desvantagem, você não deveria ter medo das desvantagens aqui.

Por que a América... por que esse é um ano político tão explosivo? Porque este é o ano da política. Este é o ano em que todos os políticos brancos vão entrar na comunidade negra. Você nunca os vê até a época das eleições. Você não pode encontrá-los até a época da eleição. Eles vêm com falsas promessas, e quando eles fazem essas falsas promessas, eles alimentam nossas frustrações e isso só vai servir para piorar as coisas. Não sou político. Nem sequer sou estudante de política. Eu não sou republicano, nem democrata, nem americano e tenho o bom

senso de saber. Sou uma das 22 milhões de vítimas negras dos Democratas, uma das 22 milhões de vítimas negras dos republicanos e uma das 22 milhões de vítimas negras do americanismo. E quando eu falo, eu não falo como um democrata, ou republicano. Falo como uma vítima da chamada democracia americana. Você e eu nunca vimos democracia tudo o que vimos foi hipocrisia. Quando abrimos os olhos hoje e olhamos em torno da América, vemos a América não através dos olhos de alguém que usufruiu dos frutos do americanismo, vemos a América através dos olhos de alguém que é vítima do americanismo. Não vemos nenhum sonho americano, nós experimentamos apenas o pesadelo americano. Não nos beneficiamos da democracia americana, só sofremos da hipocrisia dos EUA. E a geração que está chegando agora pode ver e não tem medo de dizer. Se você for para a cadeia, e daí? Se você é Negro aqui, você já nasceu em uma cadeia. Se você é Negro, você nasceu na cadeia, no Norte ou no Sul. Pare de falar do Sul. Desde que você esteja ao Sul da fronteira canadense, você está no Sul. Não chame o Governador Wallace de "Dixie Governor". Romney é um governador Dixie. 22 milhões de vítimas negras do americanismo estão acordando e eles estão ganhando uma nova consciência política, tornando-se politicamente maduro. E quando eles desenvolverem essa maturidade política, eles serão capazes de ver as tendências destas eleições políticas. Eles vão ver que os brancos estão tão divididos, que cada vez que há eleição, a disputa é tão acirrada que ele tem de voltar e contar os votos de novo. E isso pressupõe que qualquer bloco, qualquer minoria que tenha um bloco de votos que fiquem juntos, está em uma posição estratégica. De qualquer maneira, você está em uma posição para determinar quem vai para a Casa Branca, e quem vai ficar na casinha do cachorro. Você é o único que tem esse poder. Você pode manter Johnson em Washington D.C., ou você pode enviá-lo de volta para Texas.

Foi você quem colocou o Kennedy em Washington. Foi você quem colocou a atual administração democrática em Washington DC. Os brancos estavam divididos. Foi o fato de você ter colocado 80% dos seus votos diante dos Democratas que os colocaram na Casa Branca. Quando você vê isso, você pode ver que o voto Negro é o fator determinante. E apesar do fato de você ser o fator determinante, o que você recebeu em troca? Os democratas estão em Washington DC só por causa do voto Negro. Eles estão lá há quatro anos, e há toda outra legislação que eles queriam criar, e eles criaram e agora trazem até você. Você os colocou em primeiro e eles te colocaram por último porque você é um bobão, um palerma político.

Em Washington DC, na Câmara dos deputados, há 257 democratas; Só 177 são republicanos. No Senado há 67 democratas, só 33 são republicanos. O partido que você apoiou

controla dois terços da Câmara dos deputados e do Senado, e ainda assim eles não cumpriram com a promessa deles porque você é um tolo.

Uma vez que você apoia um partido político que controla dois terços do governo, e esse partido não pode manter a promessa que fez a você durante o tempo da eleição, você seria muito burro se continuasse a se identificar com esse partido, você não seria apenas um tolo, mas um traidor de sua raça.

E que tipo de álibi eles inventam? Eles tentam empurrar para Dixiecrats. Agora voltando para aqueles dias em que você era cego, surdo, mudo, ignorante, politicamente imaturo, naturalmente você acreditaria nisso. Mas hoje, como seus olhos se abriram e você desenvolveu maturidade política, você é capaz de ver e pensar por si mesmo, e você pode ver que um Dixiecrat não é nada além de um democrata disfarçado.

Você olha para a estrutura do governo que controla este país, ele é controlado por 16 comissões do Senado e 20 comissões do Congresso. Dos 16 comitês de senadores que administram o governo, 10 deles estão nas mãos de segregacionistas do Sul. Dos 20 comitês do Congresso que dirigem o governo, 12 deles estão nas mãos dos segregacionistas do Sul. E eles vão dizer a você e a mim que o Sul perdeu a guerra!

Você, hoje, está nas mãos de um governo segregacionista, racista, supremacista branco que pertence ao partido democrático, mas disfarçar-se como Dixiecrats. Um Dixiecrat é apenas um democrata. Quem dirige os democratas é também o pai do Dixiecrats, o pai de todos eles está sentado na Casa Branca. Eu digo e digo novamente: você tem um presidente que não passa de um segregacionista sulista, do estado do Texas. Eles vão linchar você no Texas tão rápido quanto eles te lincham no Mississippi. A diferença é que no Texas, eles te lincham com um sotaque texano, no Mississippi, eles te lincham com um sotaque do Mississippi. E a primeira coisa que o cracker faz quando ele chega ao poder, ele pega todos os líderes Negros e os convida para um café, para mostrar que ele está bem. E o tio Tom não pode deixar de passar sem o café. Eles vêm de longe para dizer a você e a mim que este é o homem certo porque ele é do Sul, e desde que ele seja do Sul, ele pode lidar com o Sul. Olhe a lógica que eles estão usando. E o Eastland? Ele é do Sul. Faça ele Presidente. Se Johnson é um bom homem porque ele é do Texas, e ser do Texas vai lhe permitir lidar com o Sul, Eastland pode lidar com o Sul melhor do que Johnson. Oh, eu digo que você foi enganado. Você foi enganado.

Eu estava em Washington há algumas semanas, enquanto os senadores obstruíam a lei, e eu notei na parte de trás do Senado, um mapa enorme, e neste mapa, que mostrava a distribuição de Negros na América, surpreendentemente os mesmos senadores que estavam envolvidos na obstrução da lei eram dos Estados onde havia mais Negros. Por que eles estavam obstruindo a legislação dos direitos civis? Porque a legislação dos direitos civis vai garantir o direito de voto para os Negros desses Estados, e os senadores desses Estados sabem que, se os Negros desses Estados pudessem votar, os senadores estariam perdidos e os representantes desses Estados também. E na constituição deste país tem uma cláusula que afirma, sempre que o direito, o direito de voto das pessoas de um determinado distrito é violado, o representante daquele distrito em particular, de acordo com a Constituição, deveria ser expulso do Congresso. Agora, se este aspecto particular da Constituição fosse reforçado, você não teria um cracker em Washington DC. Mas o que acontecerá quando você expulsar o Dixiecrat, você estará expulsando o democrata. Quando você destruir o poder do Dixiecrat, você estará destruindo o poder do partido democrata. Onde no mundo poderia o partido democrático do Sul realmente estar do seu lado quando todo seu poder é baseado no Sul?

Estes democratas do Norte estão em conluio com os democratas do Sul. Eles estão jogando um grande jogo de engano, um jogo político. Você sabe como é. Um deles se aproxima de você e o faz acreditar que ele está a seu favor, enquanto ele está em conluio com o outro que está contra você. Por que? Porque nenhum deles querem te ajudar, mas eles têm que fazer você acreditar em um ou em outro. Então este é um jogo de trapaça. E é isso que eles têm feito com você e comigo esses anos todos. A primeira coisa que Johnson fez ao sair do avião quando se tornou presidente, foi perguntar "onde está o Dicky?" Sabe quem é "Dicky"? Dicky é o velho branquelo do Sul, Richard Russell. Sim! O melhor amigo de Lyndon Johnson é o chefe que está liderando as forças que estão obstruindo a legislação dos direitos civis. Diz-me como é que ele vai ser o melhor amigo do Johnson? Como pode Johnson ser amigo dele e seu amigo também? Não, esse homem é muito traiçoeiro. Especialmente se o amigo dele ainda é o velho Dicky. Sempre que os Negros mantiverem os democratas no poder, na verdade, eles estão mantendo os Dixiecrats no poder. Isso é verdade? Um voto para um democrata não é nada além de um voto para um Dixiecrat. Sei que você não gosta que eu diga isso, mas eu não sou o tipo de pessoa que vem aqui para dizer o que você gosta. Vou te dizer a verdade, quer você goste ou não.

Aqui em cima, no Norte você tem a mesma coisa. O partido democrático não faz isso, eles não fazem isso dessa maneira. Eles têm uma coisa que eles chamam de *gerrymandering*. Eles te tiram do poder. Mesmo que você vote, eles o corrigem, assim você não está votando para ninguém; eles mantêm você indo e vindo. No Sul, eles são lobos políticos. No Norte, são raposas políticas. Uma raposa e um lobo são caninos, ambos pertencem à família do cão. Agora você escolhe. Você vai escolher um cão do Norte ou um cão do Sul? Porque qualquer cão que você escolher, eu garanto que você ainda vai estar na casa do cão. É por isso que eu digo que é o voto ou a bala. É a liberdade ou a morte. É liberdade para todos ou liberdade para ninguém.

América hoje encontra-se em uma situação única. Historicamente, as revoluções são sangrentas. Oh, sim, elas são. Eles nunca tiveram uma revolução sem sangue, ou uma revolução não-violenta. Isso não acontece nem mesmo em Hollywood. Você não tem uma revolução em que você ama o seu inimigo. Você não tem uma revolução em que você implora ao sistema de exploração para integrar-se a ele. As revoluções derrubam sistemas. As revoluções destroem sistemas. Uma revolução é sangrenta, mas a América está em uma posição única. Ela é o único país na história em uma posição na qual poderá ter uma revolução menos sangrenta. A revolução russa foi sangrenta, a revolução chinesa foi sangrenta, a revolução francesa foi sangrenta, a revolução cubana foi sangrenta e não houve nada mais sangrento do que a revolução americana.

Mas hoje este país pode se envolver numa revolução em que não haverá derramamento de sangue. Tudo o que ela tem de fazer é dar ao homem Negro neste país tudo o que ele tem direito. Tudo.

Espero que o homem branco possa entender isso, porque se não entender, está acabado. Se você não compreender isso, vai se envolver em alguma ação em que não terá nenhuma chance. E nós não nos importamos com sua bomba atômica, ela é inútil porque outros países têm bombas atômicas. Quando dois ou três países diferentes têm bomba atômica ninguém pode usá-los, então isso indica que o homem branco hoje está desarmado. Se você quer alguma ação, tem que ser por terra. E há mais pessoas negras na terra do que pessoas brancas.

Só tenho mais alguns minutos. O homem branco nunca poderá vencer outra guerra em terra. Seus dias de guerra vitoriosa, seus dias de vitória em solo acabaram. Posso prová-lo? Sim. Baseado em toda a ação que está acontecendo no mundo em que ele está envolvido, me diga

onde ele está ganhando. Por que alguns produtores de arroz, alguns comedores de arroz o expulsaram da Coreia. Sim, o expulsaram da Coreia. Comedores de arroz com apenas sapatos de ginástica, um rifle e uma tigela de arroz o expulsaram com seus tanques e suas bombas incendiárias e todas as outras ações que ele deveria ter através do Yalu. Por que? Porque o dia em que ele podia ganhar uma guerra em solo acabou. Com os franceses, na Indochina, aqueles camponeses que eram pequenos agricultores de arroz enfrentaram o poder do exército francês e colocaram todos os franceses para correr... vocês se lembram de Dien Bien Phu.

A mesma coisa aconteceu na Argélia, na África, eles não tinham nada além de um rifle. Os franceses tinham todos esses instrumentos altamente mecanizados de guerra, mas eles colocaram alguma ação de guerrilha e o homem branco não pode lutar uma guerrilha. A guerrilha requer coragem e ele não tem isso. Ele só é corajoso quando tem tanques. Ele só é corajoso quando tem aviões. Ele só é corajoso quando tem bombas. Ele é corajoso quando tem um monte de companhia junto dele, mas você pega aquele homenzinho da África e da Ásia solta-os na floresta com uma lâmina, que é tudo que ele precisa. Tudo que ele precisa é de uma lâmina e quando o sol se põe e escurece, eles se tornam imbatíveis.

Então é o voto ou a bala. Hoje o nosso povo pode entender que estamos confrontados com uma conspiração do governo. Este governo falhou conosco. Os senadores que estão obstruindo os seus e os meus direitos. Não diga que são senadores do Sul. É o governo. Isto é uma obstrução do governo. Não é uma obstrução de segregação. É uma obstrução do governo. Qualquer tipo de atividade que se realiza no Congresso ou no Senado é do governo. Qualquer tipo de enrolação é o governo. Qualquer tipo de espionagem é o governo. Qualquer tipo de ato projetado para atrasar ou privar você e eu de obter direitos plenos é o governo que é responsável. E toda vez que você encontrar o governo envolvido em uma conspiração para violar a cidadania ou os direitos civis de um povo, então você estará perdendo seu tempo em esperar uma reparação do governo. Em vez disso, você tem que levar esse governo para o Tribunal Mundial e acusá-lo de genocídio e todos os outros crimes dos quais ele é culpado de hoje.

Então, para nós cuja filosofia política, econômica e social é o nacionalismo Negro estamos envolvidos na luta pelos direitos civis. Nos empenhamos na luta pelos direitos civis, e pretendemos expandi-la do nível dos direitos civis para o nível dos direitos humanos. Enquanto você estiver lutando no nível dos direitos civis, você estará sob a jurisdição do tio Sam. Você estará indo para o Tribunal dele esperando que ele corrija o problema. Ele criou o problema.

Ele é o criminoso. Você não leva o seu caso para o criminoso, leve o seu criminoso para o tribunal. Quando o governo da África do Sul começou a violar os direitos humanos do povo da África do Sul, eles foram levados para a ONU. Quando o governo de Portugal começou a violar os direitos dos nossos irmãos e irmãs em Angola, ele foi levado perante a ONU. Por que até o homem branco levou a questão húngara para a ONU? E esta semana, o chefe de Justiça Goldberg estava reclamando os direitos humanos de mais de 3 milhões de judeus na Rússia, acusado a Rússia de ter violado a carta da ONU por causa da violação dos direitos humanos dos judeus na Rússia. Agora me diga como pode a situação de todos nesta terra chegar aos corredores das Nações Unidas, quando você tem 22 milhões de afro-americanos cujas igrejas estão sendo bombardeadas, cujas garotinhas estão sendo assassinadas, cujos líderes estão sendo abatidos em plena luz do dia. Agora me diga por que os líderes desta luta nunca a levaram para às Nações Unidas. Então, nosso próximo passo é levar toda a luta pelos direitos civis para as Nações Unidas e deixar o mundo ver que o tio Sam é culpado de violar os direitos humanos dos 22 milhões de afro-americanos.

O tio Sam ainda tem a audácia de se levantar e representar-se como o líder do mundo livre. Ele não é só um bandido como um hipócrita. Aqui está ele de pé em frente de outras pessoas, tio Sam, com o sangue de suas mães e dos meus pais em suas mãos, com o sangue escorrendo por suas mandíbulas como um lobo de mandíbula ensanguentada, e ainda tem a coragem de apontar o dedo para outros países. Quando você não pode ter nem mesmo uma legislação de direitos civis. E este homem tem a coragem de se levantar e falar sobre a África do Sul, ou falar sobre a Alemanha nazista, ou falar sobre Portugal. Não, não haverá mais dias como esses.

Então, eu digo em minha conclusão, a única maneira de resolvermos é nos unirmos em unidade e harmonia e o nacionalismo Negro é a chave. Como vamos superar a rivalidade que sempre existiu em nossa comunidade, e a razão desta existir era por causa de uma estratégia do homem branco que sempre foi de dividir para conquistar. Ele nos mantém divididos para nos conquistar. Ele diz que eu sou a favor da separação e você a favor da integração para nos manter lutando uns com os outros. Não, eu não sou a favor separação e você não é a favor da integração. O que você e eu somos a favor é da liberdade. Só que você acha que a integração vai lhe dar liberdade enquanto eu acho que a separação vai me dar liberdade. Nós dois temos o mesmo objetivo com maneiras diferentes de alcançá-lo.

Eu estudei esse homem, Billy Graham, que prega o nacionalismo branco, é o que ele prega. Eu digo que é o que ele prega. Toda a estrutura da igreja neste país representa o nacionalismo branco. Você entra em uma igreja branca, e o que ele prega é o nacionalismo branco. Eles têm um Jesus Branco, uma Maria branca, um Deus branco, todo mundo branco, isso é nacionalismo branco. Então o que ele faz, a maneira como ele contorna o ciúme e a inveja, que normalmente incorreria entre os chefes da igreja, onde quer que você vá em uma área onde a igreja já está, você está em apuros, porque eles têm aquela coisa... que você chama de... sindicato. Eles têm um sindicato, tal como os chantagistas têm. Eu vou dizer o que está em minha mente porque é isso que as igrejas são. Os pregadores já provaram para você que eles têm um sindicato. E quando você está fora do movimento, sempre que você entra no território de outro homem, você sabe, eles conspiram contra você. E essa é a mesma coisa com a qual você se depara. Então, como Billy Graham contorna isso, ao invés de entrar no território de outra pessoa, ao invés de começar uma nova igreja, ele não tenta iniciar uma igreja. Ele só vai pregar Cristo. E ele diz a todo mundo que acredita nele, vá onde você encontrar Cristo. Então isso ajuda todas as igrejas e uma vez que ajuda todas as igrejas, elas não vão lutar contra ele.

Bem, nós vamos fazer a mesma coisa, só que o nosso evangelho é o nacionalismo Negro. Seu evangelho é o nacionalismo branco, nosso evangelho é o nacionalismo Negro. E o evangelho do nacionalismo Negro, como eu lhe disse, quer dizer que você deve controlar a política de sua comunidade, a economia de sua comunidade, e toda a sociedade em que você vive deve estar sob seu controle. E uma vez que você perceber que esta filosofia vai resolver o seu problema, vá se junte a qualquer igreja onde isso é pregado. Não se una a uma igreja onde o nacionalismo branco é pregado.

Agora você pode ir para uma igreja negra e ser exposto ao nacionalismo branco. Quando você ir a uma igreja negra e encontrar uma Maria branca e alguns anjos brancos, o que a igreja negra está pregando é o nacionalismo branco. Saia dela. Mas quando você for a uma igreja e você vê o pastor daquela igreja com uma filosofia e um programa projetado para unir pessoas negras e elevar os Negros, junte-se a essa igreja. Se você ver a NAACP pregando e praticando o que é projetado para fazer nacionalismo Negro se materializar, junte-se a NAACP. Junte-se a qualquer tipo de organização, cívica, religiosa, fraternal, política, ou qualquer outra que tenha o propósito de levantar o homem Negro e torná-lo mestre de sua própria comunidade.

Será o voto ou será a bala. Será a liberdade ou será a morte. E se você não estiver pronto para pagar esse preço não use a palavra liberdade em seu vocabulário.

Mais uma coisa: Eu estava em um programa em Illinois recentemente com o Senador Paul Douglas, um chamado liberal, assim chamado democrata, o chamado homem branco me disse que os nossos irmãos africanos não estavam interessados em nós na África. Ele disse que os africanos não estão interessados no Negro americano. Eu sabia que ele estava mentindo, mas durante as próximas duas ou três semanas é minha intenção, pretendo fazer uma viagem pela nossa pátria africana. E eu espero que quando eu voltar, eu seja capaz de deixar você saber o que os nossos irmãos e irmãs africanos sentem em relação a nós. E eu sei, antes de chegar lá, que eles nos amam. Somos um só. Somos iguais, o mesmo homem que os colonizou todos esses anos, colonizou você e a mim também, todos esses anos. E tudo o que temos que fazer agora é acordar e trabalhar em unidade e harmonia e a batalha acabará.

Quero agradecer o Partido “Freedom Now” (Liberdade Agora) e o GOAL. Quero agradecer a Milton e Richard Henley pelo convite para estar aqui nesta tarde, também ao Reverendo Cleage. E eu quero que eles saibam que se houver qualquer coisa que eu possa fazer, a qualquer momento, para trabalhar com alguém em qualquer tipo de programa que esteja sinceramente projetado para eliminar os males políticos, econômicos e sociais que confrontam o nosso povo, em Detroit e em outro lugar, tudo que eles têm que fazer é me telefonar e eu estarei no próximo jato direto para a cidade.

5. Conferência dos Estados Africanos Independentes

5.1 Milton Henry entrevista Malcolm X (12 de abril de 1964)

Milton Henry: Mais uma vez os microfones do programa GOAL apresenta o nosso irmão

Malcolm X. Desta vez, estamos do outro lado do mundo. Estamos em Cairo, Egito, onde os Estados africanos independentes se reuniram em um sério confronto na última semana. Uma das adições significativas à conferência aqui foi a presença de Malcolm X como delegado afro-americano para a conferência dos povos africanos aqui na África. Malcolm, pode nos dizer algo sobre a conferência? Primeiro, nós gostaríamos de saber sobre a sua presença, como é que aconteceu? Sendo você um americano, ser autorizado a participar desta conferência?

Malcolm X: Primeiro, quero salientar que estamos sentados aqui ao longo das margens do rio Nilo, e a última vez que falei com você estávamos no Harlem. Aqui ao longo das margens do Nilo não é muito diferente do Harlem, as mesmas pessoas, o mesmo sentimento, a mesma pulsação. Sobre minha aparição aqui na conferência: no início, houve muita controvérsia, e, como você provavelmente sabe, apreensão por parte dos poderes da América porque eles percebem que, se algum contato direto, comunicação, compreensão e acordo de trabalho for desenvolvidos entre os 22 milhões ou 30 milhões de afro-americanos com os africanos aqui no continente não haverá nada que não possamos realizar. Quando cheguei aqui, havia uma grande quantidade de publicidade de toda a imprensa daqui sobre a minha vinda. Foi histórico em um sentido, porque nenhum dos líderes afro-americanos, no passado, tinham feito um esforço para colocar seus problemas na mesma categoria dos problemas africanos, nem tinham tentado internacionalizar a luta. Então, isso era algo novo, era único, e todos se perguntavam qual seria a reação dos africanos.

É verdade que no início houve adversidades colocadas no meu caminho no que diz respeito a ser aceito na conferência, ou nas reuniões. Mas prefiro não dizer o que aconteceu em detalhes. Graças a *Allah*, fui admitido como observador e fui capaz de submeter um memorando para cada um dos chefes de estado, que foi lido e analisado minuciosamente por eles. Ele ressaltou as condições do nosso povo na América e da necessidade de algo ser feito nesta conferência para deixar o mundo saber, pelo menos, deixar os Estados Unidos saber que os nossos irmãos africanos aqui se identificaram com os nossos problemas na América.

Milton Henry: Agora, Malcolm, eu li o discurso que foi apresentado. Basicamente, ele aborda os abusos que os afro-americanos têm sofrido na América e pediu a consideração dos Estados africanos sobre este problema. Agora, você vai nos dizer, isso foi realmente passado, e saiu alguma ação da conferência do Cairo com referência ao afro-americano?

Malcolm X: Sim, saiu uma resolução reconhecendo o fato de que a América aprovou uma lei de direitos civis, mas, ao mesmo tempo, apesar da aprovação da lei de direitos civis, os abusos aos direitos humanos do povo afro-americano continuaram sendo praticados. E chamou, eu esqueci a palavra. Quando li a resolução, foram às 2:30 da manhã, em condições muito adversas, mas eu fiquei tão feliz ao lê-lo. Em essência, lembro-me que condenava completamente o racismo que existia na América e os contínuos abusos que o nosso povo sofre, apesar da implementação da lei dos direitos civis. Foi uma resolução muito boa.

Milton Henry: Em outras palavras, este tipo de resolução que sai de uma conferência de 34 Estados africanos deve certamente fazer os Estados Unidos lançar um novo olhar para o afro-americano?

Malcolm X: Bem, eu tenho que dizer isso, que os Estados Unidos têm olhado para o afro-americano. Quando eu cheguei aqui eu fiz várias intermediações. Eu tive que fazer muita intermediação entre o saguão do Hotel Hilton e Hotel Shepard e até mesmo no saguão da Isis, o navio que abrigou o movimento de libertação africana. Intermediação foi necessária porque as várias agências que os Estados Unidos têm no exterior teve sucesso em convencer a maioria dos africanos que o afro-americano não tem nenhuma identificação com a África, e que o africano seria tolo em se envolver com os problemas deles. E alguns líderes africanos estavam dizendo isso.

Então, no memorando que lhes apresentei na Conferência, ressaltai que, como chefes de Estado independentes, olhamos para eles como os pastores não só do povo africano no continente, mas de todos os povos de ascendência africana fora do continente. E que um bom pastor está mais preocupado com as ovelhas que se desviaram e caíram nas mãos do lobo imperialista do que as ovelhas que ainda estão em casa. Que os 22 milhões ou 30 milhões, seja qual for o número, de afro-americanos nos Estados Unidos ainda eram africanos, e que achávamos que os chefes de Estado africanos eram tão responsáveis por nós quanto eram responsáveis pelas pessoas aqui no continente. Esta foi uma espécie de desafio para eles e eu acho que a maioria deles percebem isso hoje, mais do que eles percebiam antes da conferência.

Milton Henry: Malcolm, eu acho que você está sendo muito aplaudido porque na verdade, você foi o único americano reconhecido como um participante da conferência, e é claro que você tinha o crachá que lhe permitiu acesso a todos os quartos e assim por diante. Os americanos aqui, inclusive eu, não tivemos esse privilégio, mas você teve o privilégio de realmente estar com os outros irmãos. Eu tive a sensação de que houve uma grande mudança de ênfase porque você estava aqui, e porque você apresentou tão bem a nossa posição, a posição do homem Negro na América, de uma maneira que ninguém poderia, mas um americano.

Malcolm X: Uma coisa que fez a maioria dos africanos ver a necessidade de sua intervenção em nosso favor foram os passos históricos desde 1939 na ascensão do chamado Negro

americano. Foi a pressão mundial exercida por Hitler que permitiu que ele se elevasse de onde ele estava. Depois que Hitler foi vencido, havia a ameaça de Stalin, mas foi sempre a pressão mundial que estava sobre a América que possibilitou o avanço dos afro-americanos. Não foi a iniciativa interna que o Negro colocou na América, nem foi uma mudança moral por parte do tio Sam foi a pressão mundial.

Uma vez que isso foi percebido como um fato básico, então os atuais líderes Negros americanos estarão mais cientes de que todo ganho, mesmo de forma simbólica, não foi fruto da bondade de Washington, ou de sua própria iniciativa, mas foi por causa da pressão internacional. E quando eles veem isso assim, em fatos, então eles vão ver a necessidade de colocar o seu problema a nível mundial, internacionalizando a luta do Negro e apelando aos nossos irmãos e irmãs na África, Ásia e América Latina, e até mesmo em alguns dos países europeus para pressionar o governo dos Estados Unidos, a fim de resolver os nossos problemas. E esta foi apenas a primeira de uma série de ações que o OAAU tem em mente para internacionalizar o problema do homem Negro e torná-lo não um problema Negro ou um problema americano, mas um problema mundial, um problema da humanidade.

Milton Henry: Eu penso em outro benefício real desta conferência, Malcolm. Você está vivendo em um momento histórico muito vantajoso porque isso acontece, como você mencionou apenas um minuto atrás, que você está vivendo com todos os Combatentes da Liberdade de todas as partes livres e não livres do mundo, lá em baixo no "Isis" é este o nome do barco?

Malcolm X: Bem, eu não sei se eu deveria dizer isso, mas é verdade. O "Isis", é um belo iate que flutua sobre o rio Nilo. Ele foi reservado para todos os membros dos movimentos de libertação que existem no continente africano. Os líderes destes movimentos são de lugares como Angola, os Combatentes da Liberdade de Angola; Combatentes da Liberdade de Moçambique; Combatentes da Liberdade da Zâmbia, conhecido como Rodésia do Norte que está em seu caminho para a independência; Combatentes da Liberdade do Zimbábue, conhecido na América como Rodésia do Sul; Combatentes da Liberdade do sudoeste da África; da Suazilândia; Basutoland; e a própria África do Sul todos os representantes desses diferentes grupos de Combatentes da Liberdade estavam acomodados neste iate chamado "Isis".

Me senti muito honrado em ser autorizado a me juntar a eles. Passar tanto tempo com eles me deu uma sensação real do verdadeiro sentido revolucionário, e deu-me uma oportunidade também de ouvi-los falar sobre a atmosfera brutal em que eles vivem nestas áreas colonizadas. Ele também me deu uma melhor visão do nosso problema na América, e o que vai ser necessário para pôr fim à brutalidade e ao sofrimento pelo qual passamos todos os dias.

Milton Henry: Eu acho que esta é uma das vantagens de uma conferência como a que acabamos de experimentar. O fato é que, é importante que as pessoas se reúnam para trocar ideias. Mesmo para além dos discursos e das atividades organizacionais que continuam com a organização formal. Isso poderia ser, como você indicou, a oportunidade para os líderes de cada uma dessas partes do mundo se reunir torna-se um trunfo inestimável para a luta pela liberdade total. Porque sem isso, os líderes sentem frequentemente que trabalham por si, e na conferência, eles podem ter uma visão geral de todo quadro.

Malcolm X: Sim, isso é uma coisa que eu aprendi desde que saí do movimento Muçulmano Negro. É difícil olhar para um evento através do escopo estreito de um olhar organizacional e vê-lo sob uma perspectiva adequada. Se os vários grupos na América tivessem sido menos egoístas e tivessem permitido que diferentes representantes dos grupos viajassem para países estrangeiros, e ampliassem sua própria visão, e voltassem e educassem os membros dos movimentos que representavam, isso não só tornaria os grupos aos quais pertenciam mais esclarecidos e mais globalizados no sentido internacional, mas igualmente teria dado aos Estados africanos independentes no exterior uma compreensão melhor dos grupos nos Estados Unidos e o que eles representam.

Na minha opinião, uma abordagem muito estreita, retrógrada e quase infantil foi feita pelos grupos dos Estados Unidos, e especialmente pelos grupos religiosos de mente muito estreita. Sempre que você pertence a um grupo que simplesmente não pode trabalhar com outro grupo, então esse grupo se torna egoísta. Qualquer grupo, qualquer grupo que não pode trabalhar com todos os outros grupos, se eles estão genuinamente interessados em resolver os problemas do afro-americano coletivamente, eu não acho que esse grupo esteja sinceramente motivado para chegar a uma solução. Esta Organização da Unidade Africana, esta conferência de cúpula, é o melhor exemplo do que pode ser realizado quando as pessoas se reúnem sem motivos egoístas.

Milton Henry: Sim, não parece ser tão difícil para os afro-americanos se reunirem, se eles forem sinceros.

Malcolm X: Se eles fossem sinceros, seria fácil para eles se reunirem.

Milton Henry: Talvez esses líderes sejam ignorados, enquanto os eventos avançam. Estou entusiasmado com o OAAU, e espero que haja algumas coisas muito concretas acontecendo com respeito a essa organização que fará o chamado movimento dos direitos civis parecer uma coisa do passado.

Malcolm X: Bem, um dos principais objetivos do OAAU é se unir à luta pelos direitos civis e tirá-la do âmbito dos direitos civis e colocá-la no nível dos direitos humanos. Enquanto o nosso povo travar uma luta pela liberdade de direitos baseada nos direitos civis, isso significa que estaremos continuamente sob a jurisdição doméstica do tio Sam e nenhuma nação do exterior poderá fazer qualquer esforço para nos ajudar. Assim que tirá-la do âmbito dos direitos civis para os direitos humanos, o problema tornar-se-á internacional. Todos aqueles que pertencem às Nações Unidas automaticamente poderão tomar partido conosco e nos ajudar a condenar, pelo menos, cobrando do tio Sam a violação dos nossos direitos humanos.

Milton Henry: Sim, Malcolm, há mais uma coisa antes de sairmos. O que acha desta cidade do Cairo?

Malcolm X: Cairo é provavelmente um dos melhores exemplos para o afro-americano. Mais do que qualquer outra cidade do continente africano, o povo de Cairo se parece conosco no sentido de que temos todas as complexidades, nossa condição oscila do estado mais tenebroso para a luz mais leve, e aqui no Cairo é a mesma coisa, em todo o Egito, é a mesma coisa. Todas as complexidades estão combinadas aqui, em uma sociedade verdadeiramente harmoniosa. Você sabe, se há um povo que deve saber como praticar a irmandade, este povo é o Negro americano e o povo do Egito. Os Negros não podem julgar uns aos outros de acordo com a cor, porque nós somos de todas as cores, todas as complexidades. E como a Sra. W. E. B. Dubois ressaltou, os problemas de hoje são vastos. Assim como no continente africano, você tem essa ampla gama de epiderme tanto que você não pode chamá-lo de uma luta marrom, uma luta vermelha, ou uma luta negra.

Milton Henry: A propósito, irmão Malcolm, antes de fecharmos, você recebeu alguma promessa de assistência ou ajuda de alguma das Nações africanas?

Malcolm X: Oh, sim, vários deles prometeram vir oficialmente a próxima sessão da ONU a fim de apoiar-nos em qualquer esforço da nossa parte para levar o nosso problema perante a ONU... Eu acho que é a Comissão dos Direitos Humanos... vai receber apoio e ajuda deles. Eles vão nos ajudar, nos mostrando como apresentá-lo legalmente. Então, eu estou muito, muito feliz com todo o resultado da minha participação aqui.

Milton Henry: Então esta conferência tem sido um sucesso inqualificável sob todos os pontos de vista?

Malcolm X: Em todos os sentidos, tem sido um sucesso inqualificável e que deverá mudar toda a direção de nossa luta na América em favor da dignidade humana, bem como dos direitos humanos.

Milton Henry: Muito obrigado irmão Malcolm.

5.2 Carta de Meca (20 de abril de 1964)

Nunca havia testemunhado uma hospitalidade tão sincera e um avassalador espírito de verdadeira irmandade como praticado por pessoas de todas as cores e raças aqui nesta antiga Terra Santa, a casa de Abraão, Muhammad e de todos os outros profetas das sagradas escrituras. Eu tenho estado totalmente fascinado e sem palavras pela graciosidade presenciada ao meu redor por pessoas de todas as cores. Fui abençoado durante a visita à cidade santa de Meca. Eu fiz meus sete circuitos em torno do *Ka'ba*, conduzido por um jovem *Mutawaf* chamado Muhammad. Bebi água do poço de Zem Zem. Corri sete vezes para trás e para a frente entre as colinas de Mt. Al-Safa e Al-Marwah. Rezei na antiga cidade de mina e em Mt. Arafat. Havia dezenas de milhares de peregrinos de todo o mundo. Eram de todas as cores, de loiros de olhos azuis a africanos de pele escura. Mas estávamos participando dos mesmos rituais, exibindo um espírito de unidade e fraternidade que minhas experiências na América me levaram a acreditar que nunca poderia existir entre o branco e o não-branco. A América precisa entender o Islã porque essa é a única religião capaz de apagar o problema racial de sua sociedade.

Ao longo de minhas viagens pelo mundo muçulmano, eu conheci, conversei e até mesmo comi com pessoas que na América seriam consideradas "brancas", mas a atitude de "branquitude" foi removida de suas mentes pela religião do Islã. Eu nunca vivenciei tão sincera e verdadeira irmandade praticada por todas as pessoas, independentemente de sua cor.

Você pode ficar chocado com essas palavras vindo de mim. Mas nesta peregrinação, o que tenho visto e experimentado forçou-me a reorganizar muito dos meus padrões de pensamento e deixar de lado algumas das minhas conclusões anteriores. Isso não foi muito difícil para mim. Apesar de minhas firmes convicções, eu sou um homem que tenta encarar os fatos e aceitar a realidade da vida que se desdobram como novas experiências e conhecimentos.

Eu sempre mantive uma mente aberta, que é necessária para a flexibilidade que deve andar de mãos dadas com cada forma de busca inteligente para a verdade. Durante os últimos onze dias aqui no mundo muçulmano, eu comi no mesmo prato, bebi no mesmo copo e dormi na mesma cama, (ou no mesmo tapete), enquanto rezava para o mesmo Deus com os colegas muçulmanos cujos olhos eram os mais azuis dos azuis, cujo cabelo era o mais loiro do loiro, e cuja pele era a mais branca do branco. E nas mesmas palavras, ações e obras dos muçulmanos "brancos", senti a mesma sinceridade que senti entre os muçulmanos Negros africanos da Nigéria, Sudão e Gana.

Nós éramos verdadeiramente todos irmãos - porque sua crença em um Deus tinha removido a ' branquitude ' de suas mentes, a ' branquitude ' de seu comportamento e a ' branquitude ' de sua atitude. Eu pude ver isso, que talvez, se os americanos brancos pudessem aceitar a unicidade de Deus, então talvez, eles também pudessem aceitar a realidade da unidade do homem e cessar de medir, dificultar e prejudicar os outros em termos de suas diferenças na cor. Com o racismo que assola a América como um câncer incurável, o chamado "cristão" de coração branco americano deveria ser mais receptivo a uma solução comprovada para um problema tão destrutivo. Talvez seja esse o tempo da América se salvar do desastre iminente, a mesma destruição trazida à Alemanha pelo racismo que acabou destruindo os próprios alemães.

Cada hora que passo aqui na Terra Santa me permite vislumbrar melhor ideias espirituais sobre o que está acontecendo na América entre o Negro e o branco. O Negro americano nunca poderá ser responsabilizado por suas animosidades raciais, ele está apenas reagindo a 400 anos de racismo consciente dos brancos americanos.

Mas como o racismo está levando a América para o caminho do suicídio, eu acredito, a partir da experiência que tive com eles, que os brancos da geração mais jovem, nas faculdades e universidades, vão ver a caligrafia na parede e muitos deles irão se voltar para o caminho espiritual da verdade, essa é a única maneira da América evitar o desastre que o racismo inevitavelmente a conduzirá.

Nunca fui tão honrado. Nunca fui levado a me sentir mais humilde e indigno. Quem acreditaria nas bênçãos que foram amontoadas sobre um Negro americano? Noites atrás, um homem, que na América seria chamado de "homem branco", um dos diplomatas das Nações Unidas, um embaixador, um companheiro do rei me deu a sua suíte no Hotel, sua cama. Quando este homem, vossa excelência, o príncipe Faisal, que governa esta Terra Santa, foi informado da minha presença aqui em Jeddah. Na manhã seguinte, o filho do Príncipe Faisal, em pessoa, informou-me que, pelo testamento e decreto de seu estimado pai, eu seria um hóspede de Estado. O vice chefe do protocolo me levou ao tribunal Hajj. Sua santidade Sheikh Muhammad Hark, que aprovou minha visita a Meca, me deu dois livros sobre o Islã, com seu selo pessoal e autógrafa. Ele me disse que rezou para que eu fosse um pregador de sucesso do Islã na América. Um carro com um motorista e um guia foram colocados à minha disposição, tornando possível para mim viajar pela Terra Santa quase à vontade. O governo fornece quartos climatizados e servos em cada cidade que visito. Nunca teria sequer sonhado que um dia, eu seria um destinatário de tais honras; honras que na América seria concedida a um rei, não a um Negro. Todo louvor é devido a *Allah*, o Senhor de todos os mundos.

Atenciosamente,
El-Hajj Malik El-Shabazz

5.3 Malcolm X na Universidade de Gana (13 de maio de 1964)

Minha intenção é que nossa conversa seja muito informal porque a nossa posição na América é informal, e vejo que é muito difícil utilizar termos formais para descrever uma conjuntura muito informal. Nenhuma condição de qualquer pessoa na terra é mais deplorável do que a condição, ou situação dos 22 milhões de Negros na América. E nossa condição é deplorável porque estamos em um país que declara ser uma democracia e afirma estar se esforçando para dar justiça, liberdade e igualdade para todos os que nascem sob essa Constituição. Se nós tivéssemos nascido na África do Sul ou em Angola ou em algum outro país desta terra onde eles não professam ser um país livre, seria outra coisa. Mas quando você nasce em um país que se levanta e se representa como o líder do mundo livre, entretanto você ainda tem que implorar e se humilhar apenas para ter a oportunidade de beber uma xícara de café em um balcão de almoço não segregado, então a condição é muito deplorável de fato.

Então, esta noite, para que você entenda a razão pela qual eu falo e faço. Devo salientar, no início, que eu não sou político. Não sei nada sobre política. Estou na América, mas não sou americano. Eu não fui para lá por livre e espontânea escolha. Se eu fosse americano eu não teria problemas, não haveria necessidade de legislação ou de direitos civis ou qualquer outra coisa. Então eu apenas tento encarar o fato como ele realmente é. E estou aqui nessa reunião como uma das vítimas da América, uma das vítimas do americanismo, uma das vítimas da democracia, uma das vítimas de um sistema hipócrita que está por toda a terra se apresentando como uma nação qualificada para dizer às outras pessoas como governar o seu país, quando ela mesma não pode solucionar as coisas sujas que estão acontecendo em seu próprio país.

Então, se alguém da América vem até você para falar, eles provavelmente falam como americanos, eles falam como pessoas que veem a América através dos olhos de um americano. E geralmente esse tipo de pessoas se referem a América, ou aquilo que existe na América, como o sonho americano. Mas para os 20 milhões dos chamados Negros na América, que somos de descendência africana, não é um sonho americano, é um pesadelo americano.

Eu não me considero um visitante em Gana ou em qualquer parte da África. Eu sinto que estou em casa. Estive fora por 400 anos, mas não por vontade própria, não por minha própria vontade. Nosso povo não foi para a América no navio Queen Mary, nós não fomos no Pan American ou no Mayflower. Fomos para a América acorrentados em navios negreiros. Nós

não éramos imigrantes na América, nós éramos cargas para sustentar um sistema que tinha por finalidade o lucro. Portanto, é a partir dessa posição ou dessa perspectiva que eu falo. Posso não falar na linguagem que muitos de vocês usariam, mas acho que vão entender o significado dos meus termos.

Quando eu estava em Ibadan, na Universidade de Ibadan, na última noite de sexta-feira, os alunos de lá me deu um novo nome, que eu vou tentar pronunciar. "*Omowale*", que em yoruba significa, se estiver pronunciando corretamente, e se eu não estiver pronunciando corretamente é porque eu não tive a oportunidade de pronunciar-lo por 400 anos, o que significa nessa língua, "a criança que voltou para o lar". Foi uma honra para mim ser referido como uma criança que teve o bom senso suficiente para retornar à terra de seus antepassados, a sua terra e à sua pátria. Não enviado para cá pelo Departamento de Estado, mas que retornou de livre e espontânea vontade.

Estou feliz e imagino, uma vez que a política americana é, que sempre que um homem Negro deixa a América e viaja para qualquer parte da África, Ásia ou da América Latina e diz coisas contrárias ao que a máquina de propaganda americana deseja, geralmente, quando ele retorna ao país seu passaporte é suspenso.

Bem, se eles não quisessem que eu dissesse as coisas que eu estou dizendo, eles nunca deveriam ter me dado um passaporte. A política geralmente é a suspensão do passaporte. Agora eu não estou aqui para condenar a América, eu não estou aqui para fazer a América parecer ruim, mas estou aqui para lhe dizer a verdade sobre a situação em que os afro-americanos se encontram. E se a verdade condena a América, então ela está condenada.

Este é o continente mais belo que eu já vi; é o continente mais rico que eu já vi, e por mais estranho que possa parecer, eu encontrei muitos americanos brancos aqui sorrindo para os nossos irmãos africanos como se eles fossem amáveis o tempo todo. O fato é que esses mesmos brancos, que na América cospem na nossa cara, os mesmos brancos que nos brutalizam com sua polícia, os mesmos brancos que na América solta seus cães sobre nós, só porque queremos ser seres humanos livres, os mesmos brancos que lançam suas mangueiras de água sobre nossas mulheres e bebês só porque queremos nos integrar com eles, estão aqui no continente africano com um sorriso no rosto tentando se integrar com você.

Eu tive que responder uma carta ontem, e disse a alguns dos meus amigos que, se os afro-americanos querem integração, eles devem vir para a África porque os americanos brancos aqui se comportam como se fossem a favor da integração mais do que todo americano de todo o país. Mas, na verdade, o eles querem é se integrar com a riqueza que eles sabem que há aqui, os recursos naturais inexplorados que excedem a riqueza de qualquer continente nesta terra hoje.

Quando eu estava vindo de Lagos para Accra no domingo, eu estava no avião com um homem branco que representava alguns dos interesses, você sabe, que estão interessados em África. E ele admitiu, pelo menos, foi a sua impressão, que o nosso povo na África não sabia mensurar a riqueza, que eles avaliam riqueza em termos de ouro e prata e não em termos de recursos naturais que existem na terra, e que os americanos, os imperialistas ou colonialistas do século XX poderiam continuar a fazer com que os africanos continuassem a medir a riqueza em termos de ouro e prata. Desse modo, eles nunca teriam a oportunidade de realmente medir o valor da riqueza que está no solo, e continuariam a pensar que são eles que precisam das potências ocidentais em vez de pensar que são as potências ocidentais que precisam dos povos e do continente que é conhecido como África. O fato é, eu espero não ter estragado a política de ninguém, nem as tramas, nem os planos ou esquemas de qualquer um, mas eu acho que isso pode ser provado e respaldado.

Gana é uma das nações mais progressistas do continente africano, principalmente porque tem um dos líderes mais progressistas e um dos presidentes mais progressistas da África. O presidente desta nação fez algo que nenhum americano, nenhum americano branco quer ver feito. Bem, eu devo dizer "nenhum americano" porque todos os americanos lá são brancos.

Presidente Nkrumah está fazendo algo que o governo da América não gosta de ver feito, ele está restaurando a imagem africana. Ele está fazendo o africano sentir orgulhoso da imagem africana, e sempre que o africano se orgulha da imagem africana, esta imagem é projetada positivamente no exterior, então o homem Negro na América, que até agora não tinha nada, senão uma imagem negativa da África, automaticamente a imagem que o homem Negro na América tinha de seu irmão Africano muda de negativo para positivo, e a imagem que o homem Negro na América tinha de si mesmo também muda de negativo para positivo.

E os racistas americanos sabem que eles só podem governar o afro-americano na América, enquanto tivermos uma imagem negativa de nós mesmos. Então, eles nos mantêm

com uma imagem negativa da África. E eles também sabem que o dia em que a imagem da África for alterada de negativo para positivo, automaticamente a atitude de 22 milhões de afro-americanos também vai mudar de negativo para positivo.

E um dos esforços mais importante para mudar a imagem do africano está sendo feito aqui mesmo em Gana. E a personalidade ganense pode ser escolhida por qualquer grupo de afrodescendente em qualquer lugar deste planeta porque você não vê nada nele que reflita qualquer tipo de sentimento de inferioridade ou qualquer coisa desse tipo. E enquanto você tiver um presidente que te ensine que você pode fazer qualquer coisa como qualquer outra pessoa, você tem um bom homem.

Não apenas isso, nós que vivemos na América aprendemos a medir os homens. O parâmetro que usamos para medi-lo é a atitude da América em relação a ele. Quando encontramos um homem Negro que está sempre recebendo louvores dos americanos, nós suspeitamos dele. Quando encontramos um homem Negro que recebe honras e todos os tipos de placas e belas frases e palavras da América, começamos imediatamente a suspeitar da pessoa.

Porque a nossa experiência comprova que os americanos não elogiam qualquer homem Negro que esteja realmente trabalhando para o benefício do homem Negro. Eles percebem que quando você começa a trabalhar sério para fazer as coisas que são boas para as pessoas do continente africano, todo o bem que você faz a elas tem que ser contra outra pessoa, porque alguém até agora se beneficiou do trabalho e da riqueza das pessoas deste continente. Assim, nosso critério para medir esses líderes é descobrir o que os americanos pensam sobre eles. E esses líderes que recebem os louvores e tapinhas nas costas dos americanos, você pode simplesmente lavar o banheiro e deixá-los escorrer direto para o ralo.

Eles não gostam deste presidente. Não pense que é só a imprensa americana, é o governo. Na América, quando você vê o esforço da imprensa para falar negativamente de um líder africano, geralmente, esta imprensa está refletindo a opinião do governo. Mas a América é um governo muito astuto. Se ele sabe que sua própria posição governamental causará uma reação negativa nas pessoas que ele quer continuar explorando, ele vai fingir ter uma imprensa livre e, ao mesmo tempo vai incitar a imprensa livre atacar um líder Africano e vai ficar na retaguarda, dizendo que não é política governamental. Mas tudo o que acontece na América é política governamental.

Não é só do Presidente deste país que a América não gosta, ela não gosta do Presidente da Argélia, ela não gosta de Ben Bella porque ele é revolucionário e é favor a liberdade para todos. Não gosta de Nasser porque ele é a favor da liberdade para todos. Todos eles são chamados de ditadores. Assim que eles obtêm o apoio de seu povo, eles se tornam um ditador para América. Assim que eles conquistam a unidade do povo de seu país, eles são chamados de ditadores. Se não houver divisão, luta e disputa acontecendo, se ele é um africano, o líder desse país é rotulado de ditador, mas quando é na América, ele é apenas um presidente americano que tem o apoio do povo.

Eu retornarei para América em breve, mas eu só quero comentar sobre algo que notei desde que cheguei aqui. Ouvi dizer que há um conflito entre alguns dos nossos irmãos e irmãs aqui sobre se é ou não aconselhável para o governo desempenhar um papel proeminente na orientação educacional – o currículo do povo do país e das várias universidades. Sim, sempre que você tem um povo que foi colonizado, como nosso povo, e você diz a eles, agora vocês podem votar, eles vão passar a noite toda discutindo e nunca chegará a lugar algum. Tudo precisa ser controlado até que a mentalidade colonial seja completamente destruída, e quando essa mentalidade colonial for destruída pelo menos até o ponto que eles saibam para que estão votando, então você lhes dá uma oportunidade de votar nesse ou naquele. Mas temos este problema na América, bem como em outras áreas onde o colonialismo tem existido, a única maneira de eles praticarem ou aplicarem práticas democráticas é através de aconselhamento.

Assim, na minha opinião humilde e honesta, eu acho que, se você quer se libertar da mentalidade colonial, deixe o governo implantar o sistema educacional. Deixe-os educar de modo que você seja conduzido para onde ele deseja. E depois que sua compreensão alcançar o nível proposto por ele, você poderá discutir ou filosofar ou algo desse tipo.

Não há provavelmente nenhum líder mais qualificado no continente africano do que o Presidente Nkrumah. Ele viveu na América. Ele sabe como é lá. Ele não poderia viver naquela terra por tanto tempo e não ficar desiludido, confuso ou enganado. Quando você pensa que a América é a terra da liberdade, ao chegar lá, tire sua roupa tradicional e se vista como um americano, e caso você seja confundido como um Negro americano, você vai descobrir que você não está na terra da liberdade. Em 1964, a América ainda é um poder colonial tanto quanto a França, a Grã-Bretanha, Portugal e todos estes outros países europeus eram em 1864. Ela é

um poder colonial do século XX, ela é um poder colonial moderno e ela tem colonizado 22 milhões de afro-americanos. Embora existam apenas 11 milhões de africanos colonizados na África do Sul, quatro ou 5 milhões colonizados em Angola, há 22 milhões de africanos colonizados na América hoje em 13 de maio de 1964. O que é a cidadania de segunda classe? Nada mais do que o colonialismo do século XX? Eles não querem que você saiba que a escravidão ainda existe, então ao invés de chamá-lo de escravidão, eles chamam de cidadania de segunda classe.

Ou você é um cidadão pleno ou você não é um cidadão. Se você é um cidadão, você é livre; se você não é um cidadão, você é um escravizado. E o governo americano tem medo de admitir que ela nunca concedeu liberdade para o homem Negro na América e não vai mesmo admitir que o homem Negro na América não é livre, não é um cidadão e não tem os seus direitos. Ela habilmente camufla-o com estes belos termos da cidadania de segunda classe. É colonialismo, neocolonialismo, imperialismo.

Um dos nossos irmãos acabou de chegar aqui de Nova Iorque. Ele me disse que quando saiu de Nova York, a polícia estava fazendo patrulha no Harlem. Por que? Porque Harlem está prestes a explodir. Sabe o que quero dizer com "Harlem"? Harlem é a cidade mais famosa da terra, não há cidade no continente africano com tantos africanos como Harlem. Eles chamam o Harlem de pequena África, e quando você anda pelo Harlem é como se você estivesse em Ibadan, todo mundo lá é igualzinho a você. E hoje a polícia estava patrulhando, com seus cassetetes. A polícia no Harlem não usa cães porque as pessoas que vivem no Harlem não permitem que a polícia usem cães no Harlem. Esse é o ponto, eles não permitem que os policiais usem cães no Harlem.

Eles estão preocupados com a existência de pequenas gangues que têm andado por lá matando pessoas, matando pessoas brancas. Bem, agora, eles projetam a imagem deles no exterior como uma gangue anti-branco. Não, não é uma gangue anti-branco, é uma gangue contra a opressão. É uma gangue anti-frustração. Eles não sabem mais o que fazer. Eles estão esperando o governo resolver os problemas deles. Eles estão esperando o Presidente resolver os problemas deles. Eles têm esperado o Senado, o Congresso e o Supremo Tribunal para resolver os problemas deles. Eles estão esperando por líderes Negros para resolver seus problemas, e tudo que eles ouvem são muitas palavras bonitas. Então eles ficam frustrados e não sabem o que fazer. Então, eles fazem a única coisa que eles sabem, eles fazem a mesma

coisa que os americanos fizeram quando eles se frustraram com os britânicos em 1776, liberdade ou morte.

Foi isso que os americanos fizeram; eles não deram a outra face para os britânicos bater. Não, eles tinham um velho chamado Patrick Henry que disse: "Liberdade ou Morte!" Eu nunca ouvi se referirem a ele como um defensor da violência. Dizem que ele é um dos fundadores da pátria porque ele teve o bom senso de dizer "Liberdade ou Morte!"

E há uma tendência crescente entre os afro-americanos hoje, que são capazes de perceber que eles não têm liberdade. Eles estão chegando ao ponto onde estão prontos para dizer ao homem, não importa quais sejam as probabilidades contra nós, não importa o preço, é liberdade ou morte. Se esta é a terra da liberdade então nos dê liberdade. Se esta é a terra da justiça então nos dê justiça. E se esta é a terra da igualdade, nos dê igualdade. Este é o temperamento crescente dos 22 milhões de afro-americano.

Estou justificado em falar assim? Deixe-me ver. Eu estava em Cleveland, Ohio, apenas dois meses atrás, quando este clérigo branco foi morto com uma escavadeira. Eu estava em Cleveland, eu estava lá. Agora você imagine, se um homem branco em traje religioso, usando uma roupa, um traje, ou como você queira chamá-lo, um padre. Se eles o atropelaram com uma escavadeira, o que eles são capazes de fazer com um homem Negro? Eles atropelam alguém da mesma espécie porque estava defendendo a liberdade. O que farão com um homem Negro? Que chance um homem Negro tem? Isto não foi no Mississippi, foi em Cleveland, no Norte. Este é o tipo de experiência que o afro-americano enfrenta todos os dias nos Estados Unidos.

5.4 Robert Penn Warren Entrevista Malcolm X (2 de junho de 1964)

Robert Penn Warren: Esta é o primeiro áudio de uma conversa com o Sr. Malcolm X, em 2 de junho. Pelo que tenho lido em livros que pude encontrar, além de um bom número de artigos sobre a posição de Muçulmanos Negros e a sua própria, parece que a identidade do Negro é o fator-chave com a qual você lida, isso é verdade? Essa impressão está correta?

Malcolm X: Sim. Sim, e não tanto no sentido da religião muçulmana negra.

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Ambos têm que estar separados.

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Aos Negros neste país são ensinados que sua melhor religião é o Islã, e quando alguém aceita a religião do Islã, ele passa a ser conhecido como muçulmano. Ele se torna muçulmano. Isso significa que ele acredita que não há outro Deus além de *Allah* e que Mohammed é o seu Apóstolo. Mas além de ensiná-lo que o Islã é a religião mais adequada, uma vez o problema principal que os americanos... que os afro-americanos têm é falta de identidade cultural, é necessário ensiná-lo que ele tinha algum tipo de identidade, cultura, civilização antes de ter sido trazido à América. Bem, agora, ensiná-lo sobre seu passado histórico ou cultural não é a função da religião. Isto não é religioso.

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Os dois têm que ser separados.

Robert Penn Warren: Sim. Com relação a questão da identidade pessoal relacionada à identidade cultural e de sangue?

Malcolm X: Eu não entendi muito bem o que você quer dizer.

Robert Penn Warren: O que estou querendo dizer é. Um homem pode saber que ele pertence a, digamos, um grupo, este grupo ou esse grupo, mas ele se sente perdido dentro desse grupo, preso dentro de suas próprias deficiências e sem propósito pessoal. Falta de identidade pessoal, você vê.

Malcolm X: Sim. Bem, a religião do Islã realmente restaura os sentimentos humanos, direitos humanos, incentivos humanos... seu talento. A religião do Islã desperta no indivíduo todo seu potencial adormecido. Ela estimula a desenvolver seu potencial latente de modo que quando ele se tornar uma parte da Irmandade do Islã, e for identificado coletivamente na Irmandade do Islã com os irmãos do Islã, ao mesmo tempo isso também lhe dá..., isso tem um efeito psicológico, estimulando-o como indivíduo para desenvolver todo o potencial latente em sua extensão máxima.

Robert Penn Warren: Uma regeneração pessoal, então.

Malcolm X: Sim.

Robert Penn Warren: Está associado automaticamente com isso?

Malcolm X: Oh, Sim. Sim.

Robert Penn Warren: Às vezes, ao falar com Negros de outras organizações e crenças, descubro que há uma profunda suspeita sobre qualquer abordagem que envolva a velha frase "auto aperfeiçoamento", você vê.

Malcolm X: Sim.

Robert Penn Warren: E para declarar o assunto sobre questão objetiva, questões impessoais, como direitos civis, integração, ou programas de emprego e não sobre a questão do auto aperfeiçoamento ou, você pode dizer, da responsabilidade individual.

Malcolm X: Isso.

Robert Penn Warren: Mas você vê sob uma perspectiva diferente.

Malcolm X: Definitivamente. A maioria dos..., devo dizer que muitos dos líderes Negros realmente sofrem de um complexo de inferioridade embora eles digam que não. E por isso, eles têm mecanismos de defesa subconscientes que eles erigiram sem sequer perceber. De modo que, quando você menciona algo sobre auto aperfeiçoamento, a implicação é que o Negro é algo distinto ou diferente e, portanto, precisa aprender a melhorar a si mesmo. Os líderes Negros ficam ressentidos quando isso é falado, não porque eles não saibam que é verdade, mas eles levam para o lado pessoal. Eles pensam que é dirigido a eles, e que eles assumem esta responsabilidade. Considerando que a única solução real para o problema racial neste país é uma solução que envolva auto aperfeiçoamento individual e melhoria coletiva em que o nosso próprio... em que nosso próprio povo está envolvido.

Robert Penn Warren: Você poderia me dizer ou você estaria disposto a, ou você acha que é relevante, algum detalhe sobre sua própria conversão para o Islã?

Malcolm X: Bem, eu estava na prisão.

Robert Penn Warren: Conheço esse fato, sim. Estou perguntando sobre o sentimento interior do processo.

Malcolm X: Sim. Bem, eu estava na prisão e era ateu. Eu não acreditava em nada. E eu tinha começado a ler livros e coisas assim, e, na verdade, uma das pessoas que me estimulou a pensar seriamente foi um ateu, outro Negro recluso. Eu o ouvi em uma discussão com detentos brancos e ele foi capaz de sustentar seu próprio argumento em todos os níveis. E ele me impressionou com seu conhecimento, e eu comecei a ouvir algumas das coisas que ele disse com muito cuidado. E foi ele que mudou meus hábitos de leitura de ficção para não-ficção, de modo que, no momento em que um dos meus irmãos me falou sobre o Islã, embora eu... embora eu fosse um ateu, eu tinha a mente aberta e comecei a ler sob essa perspectiva, na direção do Islã e tudo que eu li sobre o Islã me atraiu. E uma das principais coisas que eu li sobre o Islã que me atraiu, é que no Islã, um homem é considerado como um ser humano. Ele não é medido pela cor de sua pele. Neste ponto, eu ainda não tinha o conhecimento profundo da condição histórica com a qual os Negros neste país eram confrontados, mas naquele momento em meus estudos na prisão, eu li, eu estudei o Islã como uma religião mais do que vir a conhecê-la mais tarde em sua conexão com a situação ou problema dos Negros neste país.

Robert Penn Warren: A discussão está progredindo um pouco, mas parece que se aplica aqui. Se o Islã ensina o valor humano de todos os homens sem referência à cor, como esse fato se relaciona aos métodos da superioridade negra e à desgraça da raça branca?

Malcolm X: Bem, a raça branca está condenada não porque ela é branca, mas por causa de suas ações, e as pessoas ouvem atentamente o que os muçulmanos sempre declararam.

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Eles vão descobrir que em cada declaração há um fato semelhante ao que Moisés disse a Faraó, "você está condenado se você não fizer assim," ou como Daniel disse, eu acho que foi a Balthazar ou a Nabucodonosor, "você está condenado se você não fizer assim." Agora, sempre que o termo "se" fosse empregado, significava que aquele que estava condenado poderia evitar a desgraça se ele mudasse sua maneira de se comportar. Bem, é a mesma coisa aqui na América quando os muçulmanos acusam o sistema americano, não é o homem branco por si que está sendo condenado.

Robert Penn Warren: Não é o próprio sangue que está sendo... não há condenação de sangue, então?

Malcolm X: Não. Mas, veja. É quase impossível separar as ações, também é quase impossível separar a opressão da exploração, opressão criminosa e exploração criminosa do afro-americano, a partir da cor da pele da pessoa que é oprimida ou explorada. Então ele acha que está sendo condenado por causa de sua cor, mas, na verdade, ele está sendo condenado por causa de suas ações, seu comportamento consciente.

Robert Penn Warren: Vamos fazer uma pergunta como esta, pode uma pessoa, um americano de sangue branco ser inocente?

Malcolm X: Inocente?

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Bem, você só pode responder a essa pergunta desta forma, girando-a ao contrário. Pode o Negro, que é vítima do sistema, escapar do estigma coletivo que é colocado sobre todos os Negros neste país? E a resposta é "não". Porque Ralph Bunche, que é um diplomata reconhecido internacionalmente e respeitado, não pode ficar em um hotel na Geórgia, o que significa que não importa a realização intelectual, acadêmica, ou nível profissional de um Negro, coletivamente ele está condenado. Bem, a raça branca na América é a mesma maneira. Como indivíduos é impossível para eles escaparem do crime coletivo cometido contra os Negros neste país.

Robert Penn Warren: Vamos tomar um caso extremo como este, apenas o exemplo mais extremo que eu posso imaginar. Digamos que uma criança branca de três ou quatro anos, algo assim, que está fora de decisões conscientes ou avaliações, esteja enfrentando uma morte acidental, você vê. É a reação a essa criança a mesma que a reação a uma criança negra que enfrenta a mesma situação?

Malcolm X: Bem, apenas pegue a criança negra e a criança branca. A criança branca, embora não tenha cometido nenhum dos... como uma pessoa que não cometeu nenhuma das ações que produziram a situação em que o Negro se encontra, ela é inocente? A única maneira de você pode determinar isso é, pegue a criança negra que tem apenas quatro anos de idade. Ela pode escapar, ela tem apenas quatro anos de idade, ela pode escapar do estigma da discriminação e da segregação? Ela só tem quatro anos de idade.

Robert Penn Warren: Vamos colocá-la na frente de um caminhão que se aproxima e vamos colocar um homem branco na calçada que deve arriscar a vida dele para tirar a criança. Vamos reverter isso.

Malcolm X: Eu não vejo como.

Robert Penn Warren: Alguns arriscariam, outros não.

Malcolm X: Não seria isso. Ainda não mudaria o fato de que depois que o homem branco salvasse aquela criança negra, ele não poderia levá-la para muitos restaurantes, hotéis, em muitos lugares.

Robert Penn Warren: Umhmm.

Malcolm X: Mesmo depois da criança negra ser salva, esse mesmo homem branco teria que jogá-la de volta para... discriminação, segregação e essas outras coisas.

Robert Penn Warren: Bem, vamos pegar um caso, suponha que o homem branco esteja preparado para ir para a cadeia por violar a segregação?

Malcolm X: Ele vai para a cadeia por violar a segregação, mas a segregação continuará, mesmo com a violação dele.

Robert Penn Warren: Apenas mantenha no plano individual, este é um homem branco.

Malcolm X: Você não pode resolver individualmente.

Robert Penn Warren: Mas o que você me diz de um homem branco que vai para a cadeia, digamos, não uma, mas uma e outra vez, digamos, em...

Malcolm X: Isso tem acontecido nos últimos dez anos.

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Indivíduos brancos que têm ido para a cadeia. Mas a segregação ainda continua a existir. A discriminação ainda continua.

Robert Penn Warren: Sim, é verdade. Mas qual é a atitude para com o homem branco que faz isso, que vai para a cadeia?

Malcolm X: Minha atitude pessoal...

Robert Penn Warren: É isso que quero dizer.

Malcolm X: É que ele não fez nada para resolver o problema.

Robert Penn Warren: Qual é a sua atitude em relação à sua natureza moral?

Malcolm X: Não me interessa nem mesmo por sua natureza moral. Até que o problema seja resolvido, não estamos interessados na natureza moral de ninguém.

Robert Penn Warren: Tudo?

Malcolm X: Mas o que eu estou tentando dizer é, o fato de algumas pessoas brancas cujos atos individuais são projetados para eliminar esta ou aquela coisa não é suficiente para eliminar o problema, isso de forma alguma me impressiona.

Robert Penn Warren: Isto é, você não poderia chamar este homem de amigo?

Malcolm X: Se seus próprios direitos fossem negados como os direitos dos Negros estão sendo negados, ele usaria uma estratégia de ação diferente para proteger seus direitos.

Robert Penn Warren: Que tipo de ação?

Malcolm X: Eu nunca vi pessoas brancas se sentarem, adotarem uma abordagem de não-violência ou pacífica enquanto estratégia para solução do problema. É só quando eles são chamados para participar da "luta pelos direitos dos Negros" que eles agem pacificamente e amorosamente, você sabe, abordam a situação assim. Mas quando os brancos são atacados, eles acreditam em se defender e coisas desse tipo. Mas esse tipo de brancos que estão sempre indo para a cadeia com os Negros são os que dizem para serem amorosos e gentis e pacientes e não-violentos.

Robert Penn Warren: Mas...

Malcolm X: Então, se eu testemunhasse um homem branco que estivesse disposto a ir para a cadeia ou se jogar na frente de um carro em nome da causa do chamado Negro, o teste que eu colocaria para ele, eu perguntaria: "você acha que quando os Negros estão sendo atacados, eles devem se defender mesmo correndo o risco de ter de matar aqueles que estão atacando-os? Se aquele homem branco me dissesse "Sim", apertava-lhe a mão. Eu confiaria nele. Mas eu não confio em nenhum homem branco que ensine os Negros a dar a outra face ou a ser não-violento,

o que significa estar indefeso diante de um inimigo violento e criminoso. Não. É o meu critério para medir os brancos.

Robert Penn Warren: Agora, a pergunta: o que é indefeso neste momento?

Malcolm X: Sempre que você pede a um homem para dar a outra face ou para ser não-violento diante de um inimigo violento, você está tornando aquele homem indefeso. Está roubando-lhe o direito divino de se defender.

Robert Penn Warren: Vamos retomar um caso concreto sobre a questão do direito a defesa só para ter certeza que eu entendi. Se, digamos, no caso do Dr. Aaron Henry em Clarkdale, Mississippi, sua casa foi bombardeada e ele foi baleado por causa desse tipo de coisa. Bem, ele estava armado. Estive na casa dele. Eu sei que ele estava armado. Os seguranças dele estavam sentados lá armados, durante a noite, todo mundo sabe disso. Agora, eu não posso ver como alguém poderia lhe pedir para não se defender, você vê? Se defesa é literalmente defesa como é tomada em tempo legal, ou uma agressão montada para fins de defesa é outra coisa na sociedade, você vê onde estou querendo chegar? Um homem sentado em sua própria casa...

Malcolm X: Eu acho que um Negro...

Robert Penn Warren: É uma coisa. Um homem que sai e executa um ato de violência como um tipo de defesa de longo alcance.

Malcolm X: Eu acho que ao Negro deve ser reservado o direito de executar qualquer medida necessária para se defender. Qualquer forma necessária para se defender, a ele deve reservar o direito de fazer isso, do mesmo modo que os outros têm o direito de fazer.

Robert Penn Warren: Bem, assassinato político, por exemplo?

Malcolm X: Eu não sei nada sobre isso. Eu nem responderia a uma pergunta como essa.

Robert Penn Warren: Umhmm.

Malcolm X: Mas eu digo que o Negro, quando ele está..., quando deixarem de olhar para ele como um Negro e entenderem que ele é um ser humano, então eles vão perceber que ele é tão capaz e tem o direito de fazer qualquer coisa como qualquer outro ser humano nesta terra tem o direito de fazer para se defender.

Robert Penn Warren: Bem, há milhões de pessoas brancas que diriam imediatamente que o Negro deveria ter os mesmos direitos legais de defesa que um homem branco tem.

Malcolm X: E eu acho que você vai concordar também que, se o Negro não perceber que ele deve começar a lutar por sua real liberdade, haverá muitos brancos que vão lutar ao lado dele. Não é o caso das pessoas pensarem que ele é o oprimido ou que está em desvantagem numérica. Mas há muitas pessoas brancas neste país que percebem como o próprio sistema é construído, não é construído para produzir liberdade e igualdade para o Negro. O sistema tem que ser mudado. É o próprio sistema que é incapaz de produzir liberdade para os 22 milhões de afro-americanos. Assim como uma galinha não pode produzir um ovo de pato. Uma galinha não pode colocar um ovo de pato porque o sistema da galinha não é construído de modo que possa produzir um ovo de pato. E assim como o sistema do frango não pode produzir isso, não é capaz de produzir um ovo de pato, o sistema político e econômico deste país é absolutamente incapaz de produzir liberdade, justiça, igualdade e dignidade humana para os 22 milhões de afro-americanos.

Robert Penn Warren: Você não vê no sistema americano a possibilidade de uma autorregeneração então...

Malcolm X: Não, não há nada em...

Robert Penn Warren: De mudança?

Malcolm X: Não. O próprio sistema americano é incapaz; ele é tão incapaz de produzir a liberdade para o afro-americano assim como o sistema de uma galinha é incapaz de produzir um ovo de pato.

Robert Penn Warren: Você não vê qualquer possibilidade de ganhos ou melhores soluções através de políticas...

Malcolm X: Não.

Robert Penn Warren: Ação política ou ação econômica?

Malcolm X: Bem, sempre que o Negro se envolve em uma ação política madura, então a resistência dos políticos que se beneficiam do sistema político se manifesta, é forçada a colocar, a exercer uma ação mais violenta para privar o Negro de sua ação política.

Robert Penn Warren: Você acha que a carreira política de Adam Clayton Powell tem sido uma ação política madura? Ele pensa muito como você. Para mim, ele pensa muito como você.

Malcolm X: Toda a carreira política de Adam Clayton Powell tem de ser analisada em todo o contexto da história americana e da posição do afro-americano ou do Negro na história americana. Então quando você analisa todo conjunto desses fatores, você pode ver onde Adam Clayton Powell é um homem notável e fez um trabalho notável na luta pelos direitos dos Negros neste país. Por outro lado, ele não fez tanto quanto poderia ou tanto quanto deveria, porque ele é o político Negro mais independente deste país. Não há nenhum político neste país de estatura nacional que seja mais independente da máquina política como Adam Clayton Powell é.

Robert Penn Warren: Bem, Dawson é uma vítima, claro, em Chicago, congressista Dawson.

Malcolm X: Sim. Eu não sei muito sobre Dawson, mas pelo que ouvi, ele é mais, ele não tem independência de ação quando se trata da máquina política lá em Chicago.

Robert Penn Warren: Mas é a linha de Adam Clayton Powell uma linha do que você chamaria de "ação política madura", ou que foi frustrado e...

Malcolm X: Na minha opinião, a ação política madura é o tipo de ação que envolve um programa de reeducação e informação que permita que os Negros vejam os frutos que eles deveriam estar recebendo dos políticos que eles apoiaram, assim, eles seriam capazes de determinar se o político está realmente cumprindo sua função. E se ele não estiver cumprindo, então eles podem acionar a maquinaria para removê-lo dessa posição por qualquer meio

necessário. Para mim, a ação política envolve fazer o político que nos representa saber que, ou ele produz ou será afastado de uma forma ou de outra.

Robert Penn Warren: Só há uma forma de eliminar um político, eliminando.

Malcolm X: Bem, eu acho que as pessoas negras neste país chegaram ao ponto onde elas devem reservar para si o direito de fazer o que for necessário para exercer o controle completo sobre os políticos de sua própria comunidade por qualquer meio necessário.

Robert Penn Warren: Vamos voltar ao assunto de sua conversão, ou alguns dos detalhes disso. Foi rápido ou lento, uma questão simples?

Malcolm X: Foi rápido.

Robert Penn Warren: Flash, um flash...

Malcolm X: Sim.

Robert Penn Warren: De intuição?

Malcolm X: Não, foi rápido. Por mais estranho que pareça, eu mudei, acho que fiz uma reviravolta de noite para o dia.

Robert Penn Warren: Realmente da noite para o dia, assim?

Malcolm X: Sim. Enquanto eu estava na prisão e não era muçulmano, eu estava sucumbindo a todos os tipos de vício, mesmo dentro da prisão. E eu nunca fui tão ostracizado pelas autoridades penais quando participava de todos os males da prisão, como eles começaram a me ostracizar depois que eu me tornei um muçulmano.

Robert Penn Warren: Por que isso?

Malcolm X: Bem, os sistemas prisionais neste país são realmente explorativos e não são de forma alguma reabilitativos. Eles não são projetados para reabilitar o preso, embora a

propaganda pública afirme que esta seja a sua função. Mas a maioria das pessoas que trabalha na prisão ganha dinheiro através de contrabando. Eles ganham dinheiro extra vendendo contrabando, drogas e coisas desse tipo para os presos de modo que realmente é um explorador.

Robert Penn Warren: Isto era uma questão de defender os interesses comerciais deles.

Malcolm X: Certo.

Robert Penn Warren: Seus interesses econômicos e não uma questão de medo do movimento muçulmano, é isso?

Malcolm X: Ambos.

Robert Penn Warren: Oh, são ambos.

Malcolm X: São os dois. Eles têm medo do movimento muçulmano e da religião muçulmana porque tem uma tendência em unir os convertidos. E houve um diretor que me disse, quando saí do sistema prisional, visitei um detento na prisão aqui em Nova York, Warden Fay em Green Haven.

Robert Penn Warren: Fain.

Malcolm X: Fay, F-A-Y. Em 1959 ou '8, eu visitei um preso na penitenciária e ele me disse que não queria ninguém lá dentro tentando espalhar essa religião. E eu perguntei-lhe naquela época se a conversão não tornava o detento melhor, e ele disse, "Sim." Então eu perguntei-lhe por que ele achava tão perigoso. E ele disse que era a coesão produzida entre os detentos. Eles ficavam juntos. O que fizesse a um, fariam a todos. Então eles não poderiam permiti que esse tipo de religião fosse ensinado na prisão.

Robert Penn Warren: Apenas uma questão de manter seu próprio controle, então?

Malcolm X: Sim.

Robert Penn Warren: Houve alguma mudança nas suas crenças religiosas desde a sua saída do movimento no outono passado?

Malcolm X: Bem, eu tenho passado por um processo de reavaliação, estou fazendo uma reavaliação pessoal de tudo em que eu acreditei e acreditava quando era membro e ministro...

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: No que chamamos de movimento Muçulmano Negro.

Robert Penn Warren: Posso perguntar qual foi o resultado dessa avaliação?

Malcolm X: Bem, primeiro eu poderia dizer que quando uma pessoa... quando um homem se separa de sua esposa, no início é uma separação física, mas não uma separação psicológica. Ele ainda pensa nela em termos afetivos. Mas depois que a separação física é superada por um período, ela se torna tanto uma separação psicológica como física. E ele pode, então, olhar para ela de forma mais objetiva. Minha divisão ou separação do movimento Muçulmano Negro no início foi apenas uma separação física, mas meu coração ainda estava lá e era impossível para mim olhar para ele objetivamente. Depois que eu fiz a turnê para o Oriente Médio, África e a visita para Meca e outros lugares, eu acho que a separação se tornou psicológica, me permitindo olhar para ela de forma mais objetiva e separar o que era bom do que era ruim.

Robert Penn Warren: Bem, o que você achou? Quais foram os pontos positivos e negativos nesta reavaliação?

Malcolm X: Bem, eu acho que agora é possível abordar todo o problema a partir de um escopo muito mais amplo. Quando você olha para algo através de um olhar organizacional, seja uma organização religiosa, uma organização política ou uma organização cívica, se você olhar para ela apenas através de uma perspectiva organizacional, você vê o que a organização quer que você veja. Então você perde a capacidade de ser objetivo. Mas quando você não está afiliado com nada você a olha a partir de seu próprio olhar com melhor habilidade.

Robert Penn Warren: Bem, por exemplo...

Malcolm X: Vê-lo como ele é.

Robert Penn Warren: Por exemplo, que coisa específica você vê agora como é e não através de olhar organizacional?

Malcolm X: Bem, eu posso olhar para o problema dos 22 milhões de afro-americanos como sendo um problema tão amplo que é quase impossível para qualquer organização o ver em sua totalidade. E porque a organização negra média não pode ver o problema em sua totalidade, eles não podem sequer ver que o problema é tão grande que a sua própria organização, como tal, por si só, nunca poderá chegar a uma solução. O problema é tão amplo que precisará de um trabalho interno de todas as organizações. Precisarão de uma frente unida de todas as organizações, olhando para ele com mais objetividade, para chegar a uma solução que vai colocá-los contra os brancos.

Robert Penn Warren: Você trabalharia com o SCLC, a organização do Dr. King?

Malcolm X: Bem, mesmo como um ministro muçulmano no movimento muçulmano, eu sempre disse que iria trabalhar com qualquer organização. Mas posso dizer mais honestamente agora. Quando eu disse isso, eu fiz uma ressalva de que trabalharia com qualquer organização, desde que não comprometesse os nossos princípios religiosos. Agora eu penso que o problema do Negro americano está além do princípio de qualquer organização, seja religiosa, seja política ou de outra ordem. O problema do Negro é tão criminoso que muitos indivíduos e organizações vão ter que sacrificar o que eles chamam de princípios de sua organização se alguém quiser encontrar uma solução que realmente resolva o problema. Se é uma solução que eles querem, eles devem ir em frente, eles devem aceitar a solução. Mas se eles querem uma solução que não interfira em sua organização, então, isso significa que eles estão mais preocupados com sua organização do que em obter uma solução para o problema.

Robert Penn Warren: Eu estou tentando entender como seria possível trabalhar com a filosofia do Dr. King de não-violência, você vê.

Malcolm X: Bem, a filosofia de não-violência do Dr. King é apenas um método. Esse não é o objetivo dele.

Robert Penn Warren: Sim. Não é o objetivo dele, mas.

Malcolm X: Bem, seu objetivo, eu acho, é que os Negros sejam respeitados como seres humanos.

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: E a filosofia de não-violência dele é o método. Bem, meu objetivo é o mesmo do King. Agora, podemos discordar dos métodos, mas não temos que discutir o dia todo sobre os métodos. Esqueça os métodos ou as diferenças dos métodos. Contanto que concordemos com uma coisa, que o afro-americano quer e precisa de reconhecimento e respeito como ser humano.

Robert Penn Warren: Você mudou sua avaliação sobre o Movimento Muçulmano Negro na América, você mudou sua visão sobre o separatismo, o separatismo político e a formação de um estado independente?

Malcolm X: Bem, eu poderia dizer que o problema da solução para o afro-americano é duplo: uma de longo alcance e outra de curto alcance. Eu acredito que uma migração psicológica, cultural e filosófica de volta para a África vai resolver o nosso problema. Não uma migração física, mas uma migração cultural, psicológica, filosófica de volta para a África, o que significa que a restauração de nosso vínculo comum nos dará a força espiritual e o incentivo para fortalecer nossa posição política, social e econômica aqui na América, e lutar pelas coisas que são nossas aqui neste continente. E ao mesmo tempo, isso também estimulará muitos de nosso povo, em seguida, o desejo de visitar também e até mesmo migrar fisicamente de volta para a África. E aqueles que permanecerem aqui podem ajudar aqueles que voltarem, da mesma maneira quando os judeus voltam para Israel, os judeus da América ajudam aqueles que estão em Israel e os judeus em Israel ajudam aqueles na América.

Robert Penn Warren: É essa sua solução de longo alcance, a segunda coisa é a sua solução de longo alcance, é isso?

Malcolm X: Senhor?

Robert Penn Warren: A segunda coisa é uma solução de longo alcance? Há dois aspectos para a solução. Um é de curto alcance.

Malcolm X: Sim.

Robert Penn Warren: Qual é a de longo alcance?

Malcolm X: A de curto alcance envolve a de longo alcance. Medidas imediatas têm de ser tomadas para reeducar o nosso povo...

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Para uma visão mais real das condições políticas, econômicas e sociais deste país, e nossa capacitação em um programa de auto aperfeiçoamento para assumir o controle político sobre cada comunidade em que predominamos e sobre a economia da comunidade como aqui no Harlem. Em vez de todas as lojas do Harlem serem de propriedade dos brancos, devem ser possuídas e operadas pelos Negros. O mesmo que acontece em um bairro alemão, as lojas são geridas por alemães, e em um bairro chinês, as lojas são geridas pelos chineses. No bairro Negro, as empresas devem ser possuídas e operadas pelos Negros e, assim, eles estarão empregando e criando empregos para os Negros.

Robert Penn Warren: Certo. Você está pensando então, podemos dizer, em localidades operadas por Negros, não em termos de um estado político separado, uma nação separada?

Malcolm X: Não. A separação de uma seção da América para afro-americanos é semelhante à espera de um lugar no céu, em algum lugar depois de morrer.

Robert Penn Warren: Não é prático, então?

Malcolm X: Para dizer que não é prático temos de admitir que a integração também não é prática.

Robert Penn Warren: Não entendi bem.

Malcolm X: Ao afirmar que a ideia de um estado separado não é prática, eu também estou afirmando que a ideia de integração, a integração forçada, como eles têm feito para implantar a integração neste país nos últimos dez anos, também é pouco prático.

Robert Penn Warren: Ambos são dois polos opostos.

Malcolm X: Ambos são impraticáveis.

Robert Penn Warren: Simplesmente não são práticos?

Malcolm X: Sim. Ambos são impraticáveis.

Robert Penn Warren: Você pode prever seções negras ou comunidades negras que sejam autodeterminantes.

Malcolm X: Sim, eu posso.

Robert Penn Warren: Qual é a melhor solução?

Malcolm X: Conceber um programa de reeducação intelectual, econômico, político e social para que o nosso povo possa controlar, possuir, operar a nossa própria comunidade economicamente, politicamente, socialmente e de outra forma. Porque qualquer solução que não envolva isso não é nem mesmo uma solução. Porque se eu não posso dirigir meu bairro, você não vai me querer em seu bairro.

Robert Penn Warren: Você está dizendo, em outras palavras, que você vê bairros e comunidades que são, que são todos afro-americano e autodeterminante, mas estes fazem parte de uma unidade política maior como.

Malcolm X: Sim.

Robert Penn Warren: os Estados Unidos?

Malcolm X: Porque uma vez que o homem Negro se tornar o mestre político de sua própria comunidade, isso significa que os políticos dessa comunidade também serão negros, o que significa também que ele enviará representação negra ou representantes não só para representá-lo em nível local e nível estadual, mas mesmo em nível federal. Veja, todo o Sul, em áreas onde o homem Negro predomina, ele teria representantes Negros em Washington, D.C. Bem, meu argumento é que o sistema político deste país vai se projetar criminalmente para evitar isso. Se o homem Negro assumir essa posição, que é uma atitude madura e é a única maneira de realmente resolver este problema e provar que ele é intelectualmente igual aos outros. Por que os racistas e os segregacionistas lutariam mais duramente do que estão lutando com os esforços atuais para integrar?

Robert Penn Warren: Eles vão lutar, sim. Deixe-me fazer-lhe duas perguntas sobre isto. Primeiro, há Negros que têm um lugar de destaque a nível federal agora.

Malcolm X: Eles foram colocados lá

Robert Penn Warren: Como o Dr. Weaver e...

Malcolm X: Eu não quero dizer...

Robert Penn Warren: O Sr. Rowan e as pessoas gostam disso.

Malcolm X: Não me refiro a esse tipo de Negros que são colocados em grandes cargos como vitrine. Refiro-me a um político Negro como um Negro escolhido por Negros, e que é apoiado por Negros. A maioria desses Negros obtiveram esses trabalhos através da máquina política branca e não servem nenhum outro propósito que não seja a limpeza de janelas.

Robert Penn Warren: Ralph Bunche também?

Malcolm X: Qualquer Negro que ocupe uma posição que lhe foi dada pelo homem branco, se você analisar a sua função, a sua função nunca lhe permite realmente ter um posicionamento firme, intransigente e militante sobre os problemas que confrontam o nosso povo. Ele abre a boca apenas na medida em que a atmosfera política no momento lhe permite fazer sem balançar muito o barco.

Robert Penn Warren: Sua organização está apoiando o registro de eleitores no Mississippi neste verão?

Malcolm X: Sim. Nós vamos. Warren: ativamente?

Malcolm X: Sim, nós vamos dar suporte ativo para as campanhas de registro de eleitores, não só no Mississippi, mas na cidade de Nova York. Eu só não consigo ver em que sentido o Mississippi é diferente de Nova York. Talvez no método ou...

Robert Penn Warren: Eu também não.

Malcolm X: Eu não vejo... Nunca deixarei ninguém me manobrar para fazer uma distinção entre a forma de discriminação do Mississippi e a forma de discriminação da cidade de Nova York. É discriminação. É tudo discriminação.

Robert Penn Warren: Você vai colocar militantes no Mississippi neste verão?

Malcolm X: Nós vamos. Mas não serão militantes não-violentos.

Robert Penn Warren: Não-violento em que sentido? Após o ataque ou...

Malcolm X: Nunca enviaremos um Negro a lugar algum e vamos lhe dizer para não ser violento.

Robert Penn Warren: Umhmm. Se ele for baleado, atire de volta?

Malcolm X: Se for baleado, atire de volta.

Robert Penn Warren: E sobre a questão das represálias não seletivas? Diga, se um Negro for baleado no Mississippi, como Medgar Evers, por exemplo, então atirar em um homem branco ou tentar atirar em um homem branco responsável?

Malcolm X: Bem, eu vou te dizer. Se eu chego em casa e encontro meu filho com sangue escorrendo pela perna, e se alguém me disser que uma cobra o mordeu, eu vou sair para matar a cobra. E quando encontrar a serpente, não vou olhar e ver se ela tem sangue nas mandíbulas.

Robert Penn Warren: Quer dizer que vai matar qualquer serpente que encontrar?

Malcolm X: Eu cresci no campo em uma fazenda...

Robert Penn Warren: Eu também.

Malcolm X: E sempre que alguém reclamava que uma cobra estava comendo as galinhas ou incomodando as galinhas, nós matávamos as cobras. Nunca sabíamos qual foi a serpente que fez isso.

Robert Penn Warren: Para ler o seu paralelo então, você defenderia represálias não-seletivas. Matar qualquer pessoa branca ao redor.

Malcolm X: Eu não estou dizendo isso. Só estou falando sobre cobras.

Robert Penn Warren: Sim, está bem. Vamos nos contentar com isso.

Malcolm X: Bem, o que eu quero dizer.

Robert Penn Warren: Umhmm. Eu sei o que você quer dizer. Eu sei como as parábolas funcionam. Vamos supor que nós tivemos, apenas suponha.

Malcolm X: Então, talvez, você conheça a outra. Quando as serpentes daquele campo começaram a perceber que se um de seus membros saísse da linha, seria prejudicial a todos eles, eles iriam manter, talvez eles iriam tomar as medidas necessárias para manter seus companheiros longe das minhas galinhas ou longe dos meus filhos, se a responsabilidade for colocada sobre eles.

Robert Penn Warren: Suponha que tivéssemos. Isso talvez seja uma grande suposição, mas suponha que tivéssemos uma legislação de direitos civis adequada e empregada justamente.

Malcolm X: Eu poderia até responder a isso, se eu pudesse.

Robert Penn Warren: Sim, por favor, vá em frente.

Malcolm X: Eu acredito que quando uma igreja negra é bombardeada, uma igreja branca deve ser bombardeada.

Robert Penn Warren: Represálias.

Malcolm X: Eu acredito, sim. E eu posso dar-lhe um exemplo melhor. Quando os japoneses bombardearam Pearl Harbor, os Estados Unidos atacaram de volta. Ela não foi e bombardeou..., ela bombardeou qualquer parte do Japão. Ela jogou a bomba em Hiroshima. Aquelas pessoas provavelmente não tinham sequer, alguns deles, a maioria deles não tinha sequer matado ninguém.

Robert Penn Warren: Claro.

Malcolm X: Mesmo assim, eles jogaram a bomba. Acho que matou 80 mil pessoas. Bem, isso é reconhecido internacionalmente como uma forma, como uma ação justificável durante a Guerra. Visto que uma comunidade negra vive o medo que suas igrejas sejam bombardeadas, então, eles estão vivendo em uma zona de guerra. E uma vez que eles reconheçam isso como tal, eles podem adotar as mesmas medidas contra a comunidade que abriga os criminosos responsáveis por esta atividade.

Robert Penn Warren: Agora temos. Agora temos. É uma questão de um Negro, digamos, em Birmingham, estar fora da comunidade, não sendo parte da comunidade, então ele toma o mesmo tipo de represália que ele tomaria em tempo de guerra?

Malcolm X: Ele deve entender que ele está vivendo em uma zona de guerra, e ele está em guerra contra um inimigo que é tão violento, criminoso e desumano como qualquer país em guerra.

Robert Penn Warren: Umhmm.

Malcolm X: E quando ele perceber isso, então ele pode se defender.

Robert Penn Warren: Agora, voltando ao que eu estava prestes a dizer há pouco. Suponha que você tenha uma legislação de direitos civis adequada imposta, suponha que você tenha uma prática razoável de aplicação da lei. Suponha que tenhamos os objetivos atendidos pela maioria das organizações de direitos civis que atualmente existiam, e então?

Malcolm X: Suponha.

Robert Penn Warren: Apenas suponha. Vamos supor, vamos supor.

Malcolm X: Você teria uma guerra civil. Você teria uma guerra racial neste país. A fim de impor... Veja, você não pode forçar as pessoas a agir corretamente com as outras. Você não pode forçar, você não pode legislar sobre os corações, condições e atitudes. E quando você tem de aprovar uma lei para fazer um homem me deixar ter uma casa, ou você tem de aprovar uma lei para fazer um homem deixar-me ir para escola, ou você tem de aprovar uma lei para fazer um homem me deixar andar pela rua, você faz cumprir essa lei e você estaria vivendo realmente em um estado policial. Seria preciso um estado policial neste país. Quero dizer um estado policial real só para obter um reconhecimento simbólico de uma lei. Eles levaram 15.000 tropas e gastaram 6 milhões dólares para colocar um Negro na Universidade do Mississippi. É uma ação policial, ação de estado policial.

Robert Penn Warren: Isso é uma ação policial.

Malcolm X: Então, na verdade, todos os problemas dos direitos civis durante os últimos dez anos criaram uma situação que levaram a América em direção a um estado policial. Você não pode ter nada de outra forma. Então essa é a sua suposição.

Robert Penn Warren: Está bem. Então você não vê nenhuma possibilidade de uma regeneração própria para a nossa sociedade, então?

Malcolm X: Quando eu estava em Meca...

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Eu notei que eles não tinham problema de cor. Que haviam pessoas lá cujos olhos eram azuis e pessoas cujos olhos eram pretos, pessoas cuja pele era branca, pessoas cuja pele era negra, pessoas cujo cabelo era loiro, pessoas cujo cabelo era crespo, da pessoa branca mais branca para a mais negra pessoa preta.

Robert Penn Warren: Li suas cartas.

Malcolm X: Não havia racismo, não havia problema. A filosofia religiosa que eles adotaram, na minha opinião, foi a única coisa e é a única coisa que pode remover a branquitude da mente do homem branco e a negritude da mente do Negro. Eu vi o que o Islã fez com nosso povo, nosso povo que tinha esse sentimento de negritude e que produzia um efeito psicológico colocando-os em uma prisão mental. Quando aceitaram o Islã, tiraram isso. Bem, pessoas brancas que eu conheci, que aceitaram o Islã, elas não se consideram brancas, mas seres humanos. E se vendo como seres humanos, sua brancura não é critério de perfeição ou honra ou qualquer outra coisa. E, portanto, isso cria dentro deles uma atitude que é diferente da atitude do branco que você encontra aqui na América. Então, foi em Meca que eu percebi que o branco é realmente mais uma atitude do que uma cor. E eu posso prová-lo porque entre os Negros, temos Negros que são brancos como alguns brancos.

Robert Penn Warren: Eu ia te perguntar sobre o que é um Negro?

Malcolm X: Sim, é uma atitude. Eu digo o que é. E branco é uma atitude. E é a atitude do homem branco americano que o condena hoje diante dos olhos de todos os afrodescendentes e mesmo diante dos olhos dos europeus. É sua atitude, sua arrogância, a sua atitude de suposta superioridade. Ele tem a audácia de chamar a si mesmo de "líder do mundo livre", enquanto ele tem um país que não pode conceder direitos humanos básicos para mais de 22 milhões de seus cidadãos. Isso requer audácia, isso requer coragem. Então, é esta atitude que faz com que os americanos sejam condenados.

Robert Penn Warren: Qual a diferença entre o branco ocidental e o branco americano?

Malcolm X: Bem, há uma grande diferença em, quando você diz Europeu Ocidental, há uma diferença entre a Europa Ocidental e o Leste europeu.

Robert Penn Warren: É disso que estou falando.

Malcolm X: Oh, sim. Mas há uma grande diferença entre eles. Muitos deles, que pertencem a esses países que foram antigos poderes coloniais, têm atitudes racistas, mas a sua atitude racista nunca é exibida, ao passo que a atitude racista da América é exibida.

Robert Penn Warren: Você conhece o livro de Essien Udom chamado nacionalismo Negro? Eu sei que você deve conhecer.

Malcolm X: Eu estive com Essien Udom em...

Robert Penn Warren: Você esteve com ele?

Malcolm X: Na Nigéria, no mês passado.

Robert Penn Warren: Gostaria que você me falasse dele. Quem é ele?

Malcolm X: Bem, ele é um nigeriano. Atualmente é professor na Universidade Ibadan.

Robert Penn Warren: Ah! Eu não sabia de onde ele era. Sabia que ele era um estudioso.

Malcolm X: Sim.

Robert Penn Warren: Você concorda com sua análise de que a religião muçulmana, o Islã na América serviu como um dispositivo oculto para satisfazer as aspirações do Negro americano a valores de classe média brancas?

Malcolm X: Não, eu não acho que...

Robert Penn Warren: Ele tem essa visão, sabe.

Malcolm X: Sim, mas eu não acho que o objetivo do Negro americano seja conquistar os valores da classe média porque o que são os valores de classe média branca? E o que faz os brancos que têm esses valores de classe média? Onde é que eles a adquiriram? Eles não tinham esses mesmos valores, você sabe, 400 anos, 500 anos atrás. Onde eles conseguiram o sistema de valores que eles têm agora? E meu argumento é que se você o rastrear no passado, foi o povo do Oriente que os tirou da idade das trevas, que trouxe o período, ou inaugurou ou iniciou uma era que trouxe para a Europa o período conhecido como o renascimento ou o restabelecimento da Europa. E este re-despertar realmente envolveu uma época em que os povos da Europa, que estavam saindo da idade das trevas, foram levados a adotar o sistema de valores das pessoas do Oriente, da sociedade Oriental, muitos dos quais foram expostos pela primeira vez nas cruzadas.

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Bem, eles eram africanos, estes eram valores africanos-árabes-asiáticos. A única parte da Europa que tinha um sistema de alto valor durante a idade das Trevas foi a, foram aqueles da Península Ibérica na área hispânica e portuguesa no Sul da França. E o alto estado da cultura que existiu lá foi por causa de africanos conhecidos como mouros que ocuparam a região e levou seus costumes para lá. Esse sistema de valores foi adotado pela sociedade europeia. E hoje, quando você encontra os Negros, se eles ainda se comportam como estivessem adotando esses chamados valores da classe média, padrões, não é que eles estejam tomando algo do homem branco, mas estão se identificando novamente com o nível ou padrão que estes mesmos brancos copiaram deles durante esse período.

Robert Penn Warren: Você abordaria a teoria da Essien Udom nesse terreno, deslocando-a?

Malcolm X: deslocando-a, definitivamente.

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Eu acho se ele tivesse alguma coisa, ele não iria recorrer a longos períodos da história...

Robert Penn Warren: Entendo.

Malcolm X: Para chegar ao entendimento correto disso.

Robert Penn Warren: Você sabe que há uma teoria que às vezes é enunciada por pessoas como o Reverendo Wyatt Walker, ou Whitney Young, que o muçulmano Negro é basicamente uma criação da imprensa branca. Ele existe, mas sua importância foi criada pela imprensa branca.

Malcolm X: Wyatt não diz isso tanto quanto Whitney Young.

Robert Penn Warren: Ambos dizem. Para mim, ambos disseram, de qualquer maneira.

Malcolm X: Bem...

Robert Penn Warren: Cão que ladra, mas não morde, é como Wyatt Walker chama.

Malcolm X: Sim. Bem, eu posso respondê-las assim. Wyatt Walker pode andar pelo Harlem. Ninguém o reconheceria.

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: O Whitney Young poderia andar pelo Harlem que ninguém o reconheceria. Qualquer um dos muçulmanos Negros pode caminhar pelo Harlem e há pessoas que os conhecem. Eu acho que não há outro tipo que seja resultado da criação da imprensa branca mais do que os líderes dos direitos civis. A imprensa branca os criou. E eles em seus pronunciamentos vão dizer que eles precisam de aliados brancos, eles precisam de ajuda branca, eles precisam de branco.

Robert Penn Warren: Sim, alguns deles têm.

Malcolm X: Eles são mais uma criação da imprensa branca e da comunidade branca, e são mais dependentes da comunidade branca do que qualquer outro grupo na comunidade.

Robert Penn Warren: Quase palavra por palavra sobre o que você disse, eu poderia relacionar com o que Wyatt Walker me disse, não sobre você pessoalmente, mas sobre todo o movimento

Muçulmano Negro. Que se você sair de Nova York, o Dr. King é conhecido por 90 por cento dos Negros dos Estados Unidos e é respeitado e identificado mais ou menos com ele, pelo menos como um herói de um modo ou de outro. Ao passo que o muçulmano Negro, fora em uma ou duas comunidades como Nova York, são desconhecidos.

Malcolm X: Bem, se essa é a opinião deles, essa é a opinião deles. Eu próprio nunca me preocupei em saber se somos considerados conhecidos ou desconhecidos. Não é problema nosso.

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Eu diria que sempre que há um incêndio na comunidade negra e o incêndio está fora de controle, você envia qualquer um deles Whitney Young para apagar.

Robert Penn Warren: O que acha de Abraham Lincoln?

Malcolm X: Eu acho que ele foi o homem que mais enganou os Negros na história mais do que qualquer outro homem.

Robert Penn Warren: Pode explicar isso?

Malcolm X: Bem, em seu próprio relato. Até onde eu li, ele disse que não estava interessado em libertar os escravizados.

Robert Penn Warren: Ele disse isso, sim.

Malcolm X: Ele estava interessado em salvar a União. Bem, a maioria dos Negros foi levado a pensar que Lincoln era seu defensor que queria libertá-los e morreu pela sua liberdade. Acho que o que Lincoln fez foi enganar os Negros e tornar o problema racial neste país pior do que qualquer outro na história.

Robert Penn Warren: Como Kennedy se relaciona com...

Malcolm X: Kennedy, eu o relaciono com o Lincoln. Lincoln para mim... Kennedy era um homem astuto. Ele era um político de sangue frio cujo objetivo era ser eleito. E a única vez que Kennedy fez alguma, tomou qualquer ação, até mesmo fingir que se identificava com os Negros, foi quando foi forçado a fazê-lo. Kennedy nem sequer fez seu discurso baseado neste problema como sendo uma questão moral até que os Negros explodiram em Birmingham. Durante...

Robert Penn Warren: sim, foi em Birmingham.

Malcolm X: certo. Durante o mês em que os Negros estavam sendo espancados pela polícia e levando jato de mangueiras e King estava preso, implorando para o governo federal intervir, a resposta de Kennedy foi, "nenhum estatuto federal foi violado." Só quando os Negros irromperam que Kennedy fez um pronunciamento na televisão com todas as suas velhas palavras bonitas. Não, o homem era um enganador. Ele era ardiloso e eu nunca vou queimar minha língua por dizer isso. Eu acho que ele foi nada além de um político e ele usou os Negros para obter votos e ser eleito.

Robert Penn Warren: E o Roosevelt?

Malcolm X: A mesma coisa. Nunca houve um Presidente que tivesse mais poder que Roosevelt. Ele poderia ter resolvido muitos problemas, mas tudo que ele fez foi colocar. Tirou os Negros da assistência social..., ou primeiro, ele os colocou no benefício de assistência WPA e outros projetos que ele tinha, e então, se não fosse por Hitler na sua insanidade, os Negros ainda estariam sendo assistido.

Robert Penn Warren: E Eleanor Roosevelt?

Malcolm X: A mesma coisa. Eleanor Roosevelt foi presidente da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas, eu acho que foi num momento em que este país, no momento em que os direitos humanos, o pacto sobre os direitos humanos foi formado, e este país nem sequer assinou. Este país nunca assinou o Pacto das Nações Unidas sobre os Direitos Humanos. Eles assinaram a Declaração dos Direitos Humanos. Mas se tivessem assinado o pacto, teriam que obter a ratificação do Congresso e do Senado. Na verdade, eles nunca conseguiriam convencer o Congresso e o Senado a aprovar uma lei internacional de direitos humanos nem mesmo poderiam convencê-los a concordar com uma lei dos direitos civis.

Então, Eleanor Roosevelt poderia facilmente ter dito aos Negros sobre a manobra enganosa do governo dos Estados Unidos nos bastidores. Mas ela nunca fez isso. Na minha opinião, ela foi apenas mais uma mulher branca cujo papel era fazer parecer que estava do lado dos Negros. Você tem um monte de brancos que estão nesta categoria. Eles são o que eu chamo de liberais profissionais que se aproveitam da confiança que os Negros colocam neles, isso aumenta o seu próprio prestígio, lhes dão papéis-chave para desempenhar a política deste país.

Robert Penn Warren: E o James Baldwin?

Malcolm X: James Baldwin é um escritor Negro.

Robert Penn Warren: O que ele representa?

Malcolm X: Ele é um escritor Negro que ganhou fama por causa de sua acusação e descrição muito ácida. Eu chamo de uma descrição ácida sobre o que está acontecendo neste país. Meu único..., não concordo com a sua abordagem não-violenta, pacífica e amorosa. Acabei de ver a peça dele, Blues para o Sr. Charlie, achei uma excelente peça até terminar. E se você viu o fim, você entenderá o que eu quero dizer.

Robert Penn Warren: Ainda não a vi.

Malcolm X: Bem, você vê. Durante toda a peça, eu fiquei esperando que, no ato final, a vingança fosse feita, ou a justiça fosse feita pelo assassinato que ocorreu.

Robert Penn Warren: Eu entendo que a Fundação Ford está financiando a peça, eu ouvi isso, eu não tenho certeza. Está financiando para mantê-la em cartaz por mais tempo. Bem, é uma situação estranha, não acha?

Malcolm X: Não para mim.

Robert Penn Warren: Por que?

Malcolm X: Eu não sei, mas não é estranho. Eu gostei, como eu disse, eu gostei da peça, Blues para o Sr. Charlie, mas no final da peça, o Negro novamente acaba esquecendo que um linchamento acabou de acontecer.

Robert Penn Warren: É por isso que a Fundação Ford está subsidiando a peça, é isso?

Malcolm X: Bem, eu acho que um segmento branco, como o da estrutura de poder branco vai subsidiar qualquer coisa que implique que os Negros devam ser complacentes e resignados em seu interminável sofrimento.

Robert Penn Warren: Conhece o trabalho do Ralph Ellison?

Malcolm X: Não muito bem. Tudo o que sei é que ele escreveu o homem invisível.

Robert Penn Warren: Sim. Você leu isso?

Malcolm X: Não, mas eu sei qual foi o seu propósito.

Robert Penn Warren: Sim. O que acha da posição dele?

Malcolm X: Eu não sei qual é a posição dele. Se a posição dele é que o Negro nesta sociedade é um homem invisível, então essa é uma boa posição. As demais implicações disso, eu não sei.

Robert Penn Warren: Está bem. Mudando um pouco de assunto, um pouco diferente, o que que você acha sobre Nehru?

Malcolm X: Eu gostaria de adicionar a...

Robert Penn Warren: Por favor, faça.

Malcolm X:... O homem invisível de Ellison.

Robert Penn Warren: Por favor.

Malcolm X: Veja, o Negro, como um homem invisível..., geralmente quando um homem é invisível ele sabe mais sobre aqueles que são visíveis do que aqueles que são visíveis sabem sobre ele. E meu argumento é que o Negro sabe mais sobre o branco e a sociedade branca, do que o homem branco sabe sobre a sociedade negra.

Robert Penn Warren: Acho que é verdade.

Malcolm X: O servo sempre conhece melhor o seu mestre do que o mestre conhece seu servo. O servo, mas... o servo assiste o mestre em seu sono, mas o mestre nunca vê o servo dormir. O servo vê o mestre zangado, mas o mestre nunca o vê zangado. Assim, o servo sempre conhece melhor o mestre do que o mestre conhece o servo. Na verdade, o servo conhece a casa melhor do que o mestre. E meu argumento é que o Negro conhece este país melhor do que o homem branco, cada faceta dele, e quando ele acordar ele vai prová-lo. Agora, sobre Nehru?

Robert Penn Warren: Sim.

Malcolm X: Eu acho que ¹⁴Nehru provavelmente era um bom homem, embora eu não concorde com ele. Eu não concordo com ninguém que seja passivo. Eu não apoio ninguém nisso... Quem é... quem é... que defende passividade ou em suportar o sofrimento pacificamente de qualquer forma. Eu não concordo.

Robert Penn Warren: E Jesus Cristo?

Malcolm X: Eu concordo com Mao Tse-Tung muito mais do que Nehru porque eu acho que Nehru colocou seu país num papel de mendicância. O papel da Índia e sua dependência do Oeste durante anos desde a sua suposta independência. Hoje é vista apenas como indefesa e dependente desde a sua independência. Enquanto na China, os chineses lutaram por sua independência. Eles se tornaram militantes desde o início, e hoje eles são... embora não sejam amados, eles são respeitados. Embora o Ocidente não os ame, o Ocidente o respeita. Agora, o Ocidente não respeita a Índia, mas ama a Índia.

¹⁴ Nehru ou Pandita Nehru, foi um estadista indiano, que foi o primeiro (e até hoje, o mandato mais longo) primeiro-ministro da Índia, desde 1947 até 1964. Líder da ala socialista no congresso nacional indiano durante e após o esforço da Índia para a independência do império britânico, tornou-se no primeiro-ministro da Índia na independência, de 15 de agosto de 1947 até sua morte.

Robert Penn Warren: Entendo sua distinção.

Malcolm X: Você pode ver a minha distinção?

Robert Penn Warren: sim.

Malcolm X: Eu admiro a posição da China e a posição de Mao Tse-tung, mas eu não posso admirar, respeitar a posição de Nehru em Índia. Eu simplesmente não posso fazer isso.

Robert Penn Warren: E o Reverendo Galamison?

Malcolm X: Reverendo Galamison está lutando uma dura batalha contra uma grande oposição, e eu admiro um homem que luta uma batalha dura contra uma grande oposição.

Robert Penn Warren: Não importa se ele está lutando contra ou a favor?

Malcolm X: Bem, eu admiro um homem que luta uma batalha contra a oposição, e se não houvesse algo sobre Galamison que... As pessoas que eu noto, que a estrutura de poder é contra Galamison. E a maioria dos líderes Negros, que têm o apoio da estrutura de poder, acaba sendo contra Galamison. Então minha natureza suspeita que há algo em Galamison, sobre Galamison que deve ser bom ou algo nele que é justo.

Robert Penn Warren: Bem, a política dele é de integração, e isso não é exatamente a sua política.

Malcolm X: Não, mas ao mesmo tempo sua política é inteligente o suficiente a ponto de ele não poder ser usado para me atacar. E a maioria desses líderes Negros, supostamente integradores, não são tão inteligentes.

Robert Penn Warren: Entendo.

Malcolm X: Tudo bem.

Robert Penn Warren: Estás sendo arrastado para longe?

Malcolm X: Sim, estou sendo...

Robert Penn Warren: Está bem. Bem, vou fazer as malas.

4.5 Comício da Fundação OAAU (28 de junho de 1964)

Asaalam alaikum, (Paz seja convosco) Sr. moderador, nossos ilustres convidados, irmãos e irmãs, nossos amigos e inimigos, todos aqui. Como muitos de vocês sabem, em março passado, quando foi anunciado o meu afastamento do Movimento Muçulmano Negro, foi salientado sobre a minha intenção de trabalhar com os 22 milhões de afro-americanos não-muçulmanos a fim de formar algum tipo de organização, ou criar uma situação em que os jovens, os estudantes e outras pessoas pudessem estudar os problemas do nosso povo por um período de tempo e, em seguida, chegar a uma nova análise que possibilitasse o desenvolvimento de novas ideias e novas sugestões sobre como abordar um problema com o qual muitas pessoas têm negligenciado por tanto tempo. E que teríamos algum tipo de reunião para determinar, em uma data posterior, se formaríamos um partido nacionalista Negro ou um exército nacionalista Negro.

Muitas pessoas, de várias partes do país, de todos os níveis sociais se dedicaram no intuito de unir suas ideias e vir aqui com algum tipo de solução para o problema que confronta nosso povo. E nesta noite, estamos aqui para ver o que eles descobriram.

Além disso, recentemente, eu fui abençoado com uma viagem, ou uma peregrinação religiosa para a cidade santa de Meca onde conheci pessoas de todo o mundo, além de ter passado semanas na África tentando ampliar meu próprio escopo e manter minha mente aberta a fim de entender melhor o problema. Uma das coisas que eu percebi, eu já tinha observado isso mesmo antes de ir para lá, foi que nossos irmãos africanos ganharam sua independência mais rápido do que você e eu aqui na América. Eles também ganharam reconhecimento e respeito como seres humanos muito mais rápido do que você e eu.

Há apenas dez anos, o nosso povo no continente africano foi colonizado. Eles sofreram todas as formas de colonização, opressão, exploração, degradação, humilhação, discriminação e todos os outros tipos de (-ção). E em pouco tempo, eles conquistaram mais independência, mais reconhecimento, mais respeito como seres humanos do que você e eu. E nós vivemos em um país que supostamente se considera a cidadela da educação, liberdade, justiça, democracia e todas essas outras palavras muito usadas.

Assim, nossa intenção foi tentar descobrir o que os nossos irmãos africanos estavam fazendo para obter resultados para que nós pudéssemos estudar o que eles tinham feito e talvez ganhar com esse estudo, tirando proveito de suas experiências. E minha viagem para lá foi com esse propósito.

Uma das primeiras coisas que as nações africanas independentes fizeram foi formar uma organização chamada Organização da Unidade Africana. Esta organização é formada por todos os Estados independentes africanos que chegaram a um acordo para superar as diferenças e unir seus esforços para eliminar do continente africano o colonialismo e todos os vestígios de opressão e exploração. Aqueles que formaram a organização dos Estados africanos têm diferenças. Provavelmente, diferenças de segmento e pensamento. Você tem alguns líderes que são considerados tio Toms, alguns líderes que são considerados militantes. Mas mesmo os líderes africanos militantes foram capazes de sentar-se na mesma mesa com líderes considerados tio Toms africanos, ou Tshombes, ou esse tipo de liderança. Eles esqueceram suas diferenças com o único propósito de trazer benefícios para todos. E sempre que você encontrar pessoas que não podem esquecer suas diferenças é porque eles estão mais interessados em seus objetivos pessoais do que no bem-estar coletivo.

Bem, os líderes africanos mostraram maturidade fazendo o que o homem branco americano pensava que não podia ser feito. Porque se você lembrar, quando foi anunciado que estes Estados africanos iriam se reunir em Addis Abeba, toda a imprensa ocidental começou a espalhar a propaganda que não havia interesse comum que possibilitasse uma coalizão. Porque eles tinham Nkrumah lá, um dos mais militantes líderes africanos, e eles tinham Adoula do Congo. Eles tinham Nyerere, eles tinham Ben Bella, eles tinham Nasser, eles tinham Sekou Toure, eles tinham Obote, eles tinham Kenyatta, acho que Kenyatta estava lá, eu não me lembro se o Quênia era independente na época, mas eu acho que estava lá.

Todos estavam lá. Apesar de suas diferenças, eles foram capazes de sentar e formar o que ficou conhecido como a Organização da Unidade Africana, que formou uma coalizão e está trabalhando em conjunto uns com os outros para lutar contra um inimigo comum.

Uma vez que vimos o que eles foram capazes de fazer, decidimos tentar fazer a mesma coisa aqui na América entre afro-americanos que foram divididos por nossos inimigos. Então, nós formamos uma organização conhecida como a Organização da Unidade Afro-americana

que tem o mesmo objetivo: lutar contra quem quer que fique em nosso caminho, a fim de conquistar a completa independência das pessoas de descendência africana aqui no Hemisfério Ocidental, primeiro aqui nos Estados Unidos, conquistar a liberdade por qualquer meio necessário.

Esse é o nosso lema. Queremos liberdade e usaremos todos os meios necessários. Queremos justiça e usaremos todos os meios necessários. Nós queremos igualdade e usaremos qualquer meio necessário. Não achamos que em 1964, vivendo em um país supostamente baseado na ideia de liberdade, e que se declara líder do mundo livre, não acho que devemos sentar e esperar por alguns congressistas segregacionista, senadores e um presidente do Texas em Washington D.C decidirem quando conceder ao nosso povo algum direito civil. Não, nós queremos agora.

O objetivo da nossa organização é começar aqui mesmo no Harlem, que possui a maior concentração de afrodescendente existente em qualquer lugar desta terra. Há mais africanos no Harlem do que em qualquer cidade do continente africano. Porque é isso que nós somos, africanos. Se você pegar um branco desprevenido aqui agora, apanhá-lo desprevenido e perguntar-lhe o que ele é, ele não diz que é americano. Ou que é irlandês, ou é italiano, ou é alemão, se o apanhar desprevenido e ele não entender o que você quer dizer. E mesmo que ele tenha nascido aqui, ele vai te dizer que é italiano. Bem, se ele é italiano, nós somos africanos, apesar de termos nascido aqui.

Então vamos começar em Nova York primeiro. Vamos começar no Harlem e por Harlem queremos dizer Bedford-Stuyvesant, em qualquer lugar desta área onde nós vivemos, que é o Harlem, com a intenção de espalhar por todo o estado, e do estado por todo o país e do país por todo o Hemisfério Ocidental. Porque quando dizemos afro-americanos incluímos todos do Hemisfério Ocidental de descendência africana. América do Sul é a América. América Central é a América. A América do Sul tem muitas pessoas de descendência africana. E todos na América do Sul de descendência africana é um afro-americano. Todos no Caribe, sejam das Índias Ocidentais, Cuba ou México, se eles têm sangue africano, eles são afro-americanos. Se estão no Canadá e têm sangue africano, são afro-americanos. Se eles estão no Alasca, embora eles possam ser chamados de esquimós, se eles têm sangue africano, eles são afro-americanos.

Assim, o propósito da Organização da Unidade Afro-americana é unir todos os povos de descendência africana do Hemisfério Ocidental. E então, uma vez que estivermos unidos

entre nós no Hemisfério Ocidental, vamos nos unir com os nossos irmãos na pátria mãe, o continente africano. Então, para apresentar o programa, eu gostaria de ler para vocês os “objetivos básicos e as aspirações da Organização da Unidade Afro-americana, começando aqui em Nova York, em junho de 1964:

A Organização da Unidade Afro-americana, organizada e estruturada por uma seção transversal do povo afro-americano, que vive nos Estados Unidos da América, foi padronizada conforme o espírito e a letra da Organização da Unidade Africana, estabelecida em Addis Abeba, Etiópia, em maio de 1963.

Nós, membros da Organização da Unidade Afro-americana, reunidos em Harlem, Nova Iorque:

Convencidos de que é direito inalienável de todo o nosso povo controlar nosso próprio destino;

Conscientes do fato de que a liberdade, a igualdade, a justiça e a dignidade são objetivos centrais para a realização das legítimas aspirações dos povos de descendência africana aqui no Hemisfério Ocidental, esforçamo-nos para construir um elo de compreensão e criar uma base para a unidade afro-americana;

Conscientes da nossa responsabilidade de aproveitar os recursos naturais e humanos do nosso povo para o avanço total de todas as competências do empreendimento humano;

Inspirados pela nossa determinação comum de promover a compreensão entre o nosso povo e a cooperação em todas as questões relativas à sua sobrevivência e avanço, apoiaremos as aspirações do nosso povo para a fraternidade e solidariedade em uma unidade maior transcendendo todas as diferenças organizacionais;

Convencidos de que, para traduzir essa determinação em uma força dinâmica na causa do progresso humano, as condições de paz e segurança devem ser estabelecidas e mantidas; E por condições de paz e segurança, queremos dizer que temos de eliminar o latido dos cães da polícia, temos de eliminar os cassetetes da polícia, temos de eliminar os jatos de água, temos de eliminar todas essas coisas que se tornaram tão característicos do assim chamado sonho americano.

Estes males devem ser eliminados para que possamos viver em paz e segurança. Nunca poderemos ter paz e segurança enquanto um Negro neste país estiver sendo mordido por cães da polícia. Ninguém no país terá paz e segurança;

Dedicado à unificação dos povos de descendência africana neste hemisfério e à utilização dessa unidade para trazer em si a estrutura organizacional que projetará as contribuições dos povos africanos ao mundo;

Persuadido pela carta das Nações Unidas, pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, pela Constituição dos Estados Unidos, Constituição enquanto princípios no qual acreditamos, estes documentos colocados em prática representam a essência das esperanças e das boas intenções da humanidade. Desejosos que todos os povos e organizações afro-americanas devam doravante se unir de modo que o bem-estar do nosso povo seja assegurado. Estamos decididos a reforçar o vínculo comum de propósito entre o nosso povo, superando as diferenças e estabelecendo um programa não-sectário e construtivo para os direitos humanos. Por meio desta, apresentamos esta carta.

I. Estabelecimento.

A Organização da Unidade Afro-americana incluirá todas as pessoas de descendência africana do Hemisfério Ocidental, bem como nossos irmãos e irmãs no continente africano. O que significa que qualquer pessoa de descendência africana, com sangue africano, pode se tornar um membro da Organização da Unidade Afro-americana e qualquer irmão e irmã do continente africano. Porque não se trata apenas de uma Organização de Unidade Afro-americana com o objetivo de unir o nosso povo no Ocidente, mas uma organização no desejo de unir todos os nossos povos que estão na América do Norte, na América do Sul e América Central, bem como as pessoas do Continente africano. Devemos nos unir para avançarmos. A África não vai avançar mais rápido do que nós e não vamos avançar mais rápido do que a África. Temos um destino e tivemos um passado.

Em essência, o que estamos dizendo é que em vez de você e eu ficar correndo por aqui em busca de aliados para nossa luta pela liberdade no bairro irlandês ou no bairro judeu ou no bairro italiano, precisamos procurar aliados entre as pessoas que se parecem conosco. É hora de você e eu pararmos de fugir do lobo para cair direto nos braços da raposa, procurando algum tipo de ajuda. Isso é uma chatice.

II. Autodefesa.

Uma vez que a autopreservação é a primeira lei da natureza, nós afirmamos o direito de autodefesa do afro-americano.

A Constituição dos Estados Unidos da América afirma claramente o direito de cada cidadão americano portar armas. E como americanos, não vamos desistir de um direito garantido pela Constituição. A história de violência sem punição contra o nosso povo indica claramente que devemos estar preparados para nos defendermos ou continuaremos a ser um povo indefeso à mercê da máfia racista implacável e violenta.

Afirmamos que nas áreas onde o governo se mostrou incapaz e sem interesse em proteger a vida e a propriedade de nosso povo, que nosso povo tenha o direito de se proteger por qualquer meio necessário.

Repito, porque para mim esta é a coisa mais importante que você precisa saber. Nós afirmamos que em áreas onde o governo se mostrou incapaz de proteger a vida e a propriedade de nosso povo, que nosso povo tenha o direito de se proteger por qualquer meio necessário. Isso é algo que você precisa divulgar entre o nosso povo onde quer que vá. Nunca os deixem passar por uma lavagem cerebral que os levem a pensar que sempre que tomam medidas a fim de se defender que eles estejam agindo ilegalmente. A única vez que você se torna ilegal é quando você infringe a lei. É legal ter algo para se defender. Porque eu ouvi o Presidente Johnson, hoje ou ontem, eu acho que foi hoje, falando sobre o quão rápido este país iria para a guerra para se defender. Então, que tipo de tolo você seria, vivendo em um país que vai para a guerra no piscar de olhos para se defender enquanto você tem que ficar diante dos cães de polícia e dos insanos de olhos azuis esperando por alguém para lhes dizer o que fazer para se defender.

Esses dias acabaram, se foram, isso é coisa do passado. O tempo em que você e eu permitíamos ser brutalizados sem reagir passou. Não seja violento apenas com aqueles que não são violentos com você. E se você puder me mostrar um racista não-violento, um segregacionista não-violento, então eu vou me tornar não-violento. Mas não me ensine a ser não-violento até que você ensine alguns desses branquelos a serem não-violentos. Você nunca viu um racista não-violento. É difícil para um racista não ser violento. É difícil para alguém

inteligente não ser violento. Tudo no universo reage a algo que coloca a sua vida em risco, exceto o Negro americano. Ele se deita e diz: "bate-me, papai."

Então está escrito: "Um homem com um rifle ou cassetete só pode ser detido por uma pessoa que se defende com um rifle ou cassetete." Isso é igualdade. Se você tem um cachorro, eu devo ter um cachorro. Se você tem um rifle, eu devo ter um rifle. Se você tem um cassetete, eu devo ter um cassetete. Isso é igualdade. Se o governo dos EUA não nos quer usando rifles, então, que eles tirem os rifles desses racistas. Se eles não nos querem usando cassetetes, que eles tirem os cassetetes desses racistas. Se eles não querem que nós nos tornemos violentos, então que eles impeçam esses racistas de serem violentos. Não nos ensine a não-violência enquanto esses branquelos usam a violência contra nós. Esses dias acabaram.

Táticas baseadas apenas na moralidade só podem suceder quando você está lidando com pessoas que são morais ou um sistema que é moral. Um homem ou sistema que oprime um homem por causa de sua cor não é moral. É dever de cada afro-americano e cada comunidade afro-americana em todo o país, proteger o seu povo contra assassinos, contra os incendiários, contra os linchadores, contra os açoitadores, contra os algozes e exploradores.

Eu poderia dizer que, em vez de os vários grupos Negros ficarem declarando guerra uns aos outros, mostrando como militante eles são, que podem rachar a cabeça uns dos outros. Eles deveriam ir para o Sul e quebrar as cabeças dos racistas. Qualquer grupo de pessoas neste país, que teve a experiência de ser atacado por racistas e não revidou, são insanos.

III. Educação.

A educação é um elemento importante na luta pelos direitos humanos. É o meio de ajudar nossos filhos e nosso povo a redescobrir a sua identidade e, assim, aumentar o seu auto respeito. A educação é o nosso passaporte para o futuro porque o amanhã pertence às pessoas que se preparam para ela hoje.

E devo salientar, quando estive na África, não conheci nenhum africano que não estivesse de braços abertos para abraçar qualquer afro-americano que regressasse ao continente africano. Mas uma das coisas que todos eles disseram é que cada um de nós neste país deve aproveitar cada oportunidade educacional disponível antes que você pense em falar sobre o futuro. Se você está cercado por escolas, vá para a escola.

Nossos filhos estão sendo criminalmente enganados no sistema de escola pública da América. As escolas afro-americanas são as mais pobres da cidade de Nova York. Diretores e professores não conseguem entender a natureza dos problemas com os quais eles lidam e, como resultado, eles não podem ensinar nossos filhos.

Eles não nos entendem, nem entendem nossos problemas. Os livros didáticos não contam nada aos nossos filhos sobre as grandes contribuições dos afro-americanos para o crescimento e desenvolvimento deste país.

Quando enviamos nossos filhos para a escola neste país, eles não aprendem nada sobre nós além de que costumávamos ser catadores de algodão. Toda criança que vai à escola acha que seu avô era um catador de algodão. Seu avô era Nat Turner, seu avô era Toussaint L'Ouverture, seu avô era Hannibal. Seu avô foi um dos maiores Negros que caminhou nesta terra. Foram as mãos de seu avô que forjaram a civilização e foram as mãos de sua avó que balançaram o berço da civilização, mas os livros didáticos não dizem nada aos nossos filhos sobre as grandes contribuições dos afro-americanos para o crescimento e desenvolvimento deste país.

O plano de integração do Conselho de educação é caro e não é funcional e a organização de diretores e supervisores do sistema escolar de Nova York se recusou a apoiar o plano do Conselho para integrar as escolas, condenando-o ao fracasso antes mesmo de começar.

O Conselho de educação desta cidade disse que mesmo com o seu plano, 10% das escolas do Harlem e da Comunidade Bedford-Stuyvesant no Brooklyn não podem melhorar. Então o que devemos fazer? Isto significa que a Organização da Unidade Americana deve tornar a comunidade afro-americana uma força mais potente capaz de melhorar o sistema educacional.

O primeiro passo no programa para acabar com o sistema de educação racista é exigir que os 10% das escolas que o Conselho de educação excluiu de seu plano seja entregue e gerido pela própria comunidade afro-americana.

Uma vez que eles dizem que não podem melhorar essas escolas, por que você e eu, que vivemos na comunidade, vamos deixar esses tolos administrarem, produzindo este baixo padrão de educação? Então, que eles entreguem essas escolas para nós, uma vez que eles dizem que não podem lidar com os problemas, nem corrigir, deixe-nos provar que podemos.

O que é que nós queremos? Queremos diretores afro-americanos para administrar essas escolas. Queremos professores afro-americanos nestas escolas. Significa que queremos diretores Negros e professores Negros com alguns livros sobre Negros.

Queremos livros escritos por afro-americanos aprovados pelo nosso povo antes que eles possam ser usados nessas escolas.

A Organização da Unidade Afro-americana irá selecionar e recomendar pessoas para participar de conselhos escolares locais onde a política escolar seja feita e transmitida para o Conselho de educação. E isso é muito importante.

Através dessas medidas, nós faremos dos 10% das escolas que nós tomaremos dos estabelecimentos educacionais uma estrutura aberta que chamarão a atenção da comunidade de toda nação. Em vez de serem escolas que excluem os alunos, cujo programa acadêmico é incompleto, podemos transformá-los em exemplos do que podemos fazer se tivermos uma oportunidade.

Se estas propostas não forem aceitas, pediremos aos pais afro-americanos que tirem seus filhos dessas escolas inferiores. E quando essas escolas, em nosso bairro, forem controladas por afro-americanos, então vamos matricular nossos filhos novamente.

A Organização da Unidade Afro-americana reconhece a enorme importância do envolvimento total dos pais afro-americanos em cada fase da vida escolar dos filhos. O pai afro-americano deve estar disposto a ir para as escolas e verificar se o trabalho de educar os nossos filhos está sendo feito adequadamente.

Essa coisa de colocar toda a culpa no professor está descartado. O pai em casa tem tanta responsabilidade para verificar que o que está acontecendo na escola quanto o professor. Por isso, é nossa intenção não só conceber um programa de educação para as crianças, mas também para os pais, para que eles tenham consciência de sua responsabilidade no que se refere à educação de seus filhos.

Nós chamamos atenção de todos os afro-americanos em todo o país para estarem cientes que as condições do sistema de escola pública da cidade de New York são tão deploráveis como em suas cidades. Devemos unir nossos esforços e espalhar nosso programa de auto aperfeiçoamento através da educação para cada comunidade afro americano na América.

Devemos estabelecer em todo país escolas geridas por nós para preparar nossos filhos para se tornarem cientistas, matemáticos. Temos de perceber a necessidade de educação de adultos e de programas de reciclagem profissional que irá enfatizar uma sociedade em mudança na qual a automação desempenha um papel fundamental. Pretendemos usar as ferramentas da educação para ajudar a elevar o nosso povo a um nível sem precedentes de excelência e auto respeito através de seus próprios esforços.

IV. Política e Economia.

Os dois são quase inseparáveis porque o político depende de algum dinheiro, sim, isso é o que ele depende.

Basicamente, existem dois tipos de poder que contam na América: poder econômico e poder político, sendo que o poder social deriva desses dois. Para que os afro-americanos controlem seu destino, eles devem ser capazes de controlar e afetar as decisões que controlam seu destino: econômico, político e social. Isso só pode ser feito através da organização. A Organização da Unidade Afro-americano organizará a comunidade afro-americana por bloco para tornar a comunidade consciente de seu poder e seu potencial. Nós começaremos imediatamente uma campanha de registro eleitoral para tornar cada eleitor sem registro na comunidade afro-americana um eleitor ativo.

Nós não vamos convencer qualquer homem Negro a se tornar um democrata ou um republicano porque ambos nos venderam. Ambos nos venderam, ambos nos traíram. Ambos são racistas e o partido democrático é mais racista do que o partido republicano. Posso prová-lo. Tudo que você tem de fazer é nomear todos os que dirigem o governo em Washington agora. Ele é um democrata seja da Geórgia, Alabama, Texas, Mississippi, Florida, Carolina do Sul, Carolina do Norte de um desses Estados racistas. E eles têm mais poder do que qualquer homem branco no Norte tem. Na verdade, o Presidente é de um estado racista. Sobre o que ele está falando? Texas é um estado racista, na verdade, eles vão enforcá-lo mais rápido em Texas do

que em Mississippi. Nunca pense só porque um branco do sul se tornou Presidente que ele deixa de ser racista. Ele era racista antes de se tornar Presidente e continua sendo enquanto for Presidente. Vou falar sobre o fato como ele é. Espero que você possa percebê-lo como ele é. Propomo-nos a apoiar e organizar clubes políticos para eleger candidatos independentes para cargos, e apoiar qualquer afro-americano já em exercício, responsável pela comunidade afro-americana.

Nós não vamos apoiar qualquer homem Negro que seja controlado pela estrutura de poder branco. Nós não começaremos apenas com uma campanha de registro eleitoral, mas com uma campanha de instrução do eleitor para que nosso povo tenha compreensão da ciência da política, assim poderão ver qual a função e implicação da política no esquema das coisas. Assim, eles serão capazes de entender quando o político está fazendo o seu trabalho e quando não está. E sempre que o político não cumprir o seu papel, nós vamos tirá-lo, seja ele branco, preto, verde, azul, amarelo ou qualquer outra cor que eles possam inventar.

A exploração econômica na comunidade afro-americana é a mais cruel praticada a qualquer pessoa na América. Na verdade, é a mais hedionda praticada a qualquer pessoa nesta terra. Ninguém é explorado economicamente tão profundamente como você e eu porque na maioria dos países onde as pessoas são exploradas eles sabem disso. Você e eu estamos neste país somos explorados e às vezes não nem sabemos.

Pagamos o dobro do aluguel por cortiços podres infestados de ratos e baratas. Isso é verdade. Custa-nos mais viver no Harlem do que viver na Park Avenue. Sabia que o aluguel no Harlem é mais caro que no Park Avenue no centro? E no Harlem você tem tudo mais naquele apartamento com você, baratas, ratos, gatos, cães, e alguns outros espiões disfarçados de proprietário.

O afro-americano paga mais caro por comida, paga mais pela roupa, paga mais caro pelo seguro do que qualquer outra pessoa. Custa-nos mais caro o seguro do que para o homem branco no Bronx ou noutro lugar qualquer. Custa-nos mais caro a comida do que para eles. Custa-nos mais caro viver na América do que para qualquer outra pessoa, e ainda assim, fazemos a maior contribuição.

Diga-me que tipo de país é este. Por que devemos fazer os trabalhos mais sujos e receber o menor salário? Por que devemos fazer o trabalho mais difícil e receber o menor salário? Por

que devemos pagar mais dinheiro pelo pior tipo de comida e mais dinheiro pelo o pior tipo de moradia? Estou dizendo que fazemos isso porque vivemos em um dos países mais podres que já existiu nesta terra. É o sistema que está podre, temos um sistema podre. É um sistema de exploração, um sistema político e econômico de exploração, de humilhação, degradação, discriminação e todas as coisas negativas que você pode encontrar, você tem este sistema disfarçado de democracia. E as coisas que eles praticam contra nós são piores do que aquelas que eles praticaram na Alemanha contra os judeus. Pior do que algumas coisas que os judeus sofreram. E você ainda se prepara para ser convocado para defender esse país em algum lugar.

A Organização da Unidade Afro-americana vai travar uma luta implacável contra esses males em nossa comunidade. Haverá organizadores para trabalhar com o nosso povo para resolver esses problemas e iniciar um programa de habitação de auto aperfeiçoamento.

Em vez de esperar o homem branco vir e organizar o nosso bairro, vamos organizá-lo nós mesmos. É aqui que cometemos o erro. Um forasteiro não pode limpar sua casa tão bem quanto você. Um forasteiro não pode cuidar de seus filhos tão bem quanto você. Um forasteiro não pode cuidar de suas necessidades tão bem quanto você. E um forasteiro não pode entender seus problemas tão bem quanto você. No entanto, você está procurando um forasteiro para organizá-lo. Vamos organizá-lo ou nunca será organizado.

"Propomos apoiar greves de aluguel. Sim, não pequenas greves em um quarteirão, faremos uma greve de aluguel no Harlem. Vamos convocar todos os Negros desta cidade... a Organização da Unidade Afro-americana não vai parar até que todos os homens Negros da cidade estejam envolvidos na greve. Ninguém vai pagar o aluguel. A cidade inteira vai parar. E eles não poderão colocar todos nós na cadeia porque as prisões já estão cheias com nossos irmãos.

Sobre as nossas necessidades sociais — Espero não estar assustando ninguém. Eu deveria parar bem aqui e dizer-lhe se você é o tipo de pessoa que se assusta, que sente medo, você nunca deveria chegar perto de nós. Porque vamos assustá-lo até a morte. E você não tem muito a perder porque já está meio morto. Economicamente, você está morto-falido. Recebi o pagamento ontem e já estou falido.

Esta organização é responsável somente pelo povo afro-americano e pela comunidade afro-americana.

Essa organização não é responsável por ninguém, além de nós. Nós não precisamos pedir ao homem do centro se para nos manifestar. Não temos de perguntar ao homem do centro que tática podemos usar para demonstrar o nosso ressentimento contra o seu abuso criminoso. Não precisamos do consentimento dele. Não precisamos do aval dele. Não precisamos da permissão dele. Sempre que constataremos uma condição injusta e ilegal vamos atacá-lo por todos os meios necessários.

Esta organização é responsável apenas pelo povo afro-americano e sua comunidade e vai funcionar apenas com o seu apoio, tanto financeiramente como numericamente. Acreditamos que as nossas comunidades devem ser as fontes de sua própria força política, econômica, intelectual e cultural na luta pelos direitos humanos e pela dignidade humana.

A Comunidade deve reforçar a sua responsabilidade moral para livrar-se dos efeitos de anos de exploração, negligência e apatia, e travar uma luta implacável contra a brutalidade policial. Sim, há bons policiais e maus policiais. Geralmente pegamos os maus. Com toda a polícia no Harlem, há demasiado crime, demasiada toxicodependência, demasiado alcoolismo, demasiada prostituição e muito jogo.

Então, isso nos faz suspeitar sobre os motivos do comissário Murphy quando envia todos esses policiais aqui. Começamos a pensar que são apenas seus meninos de recados cujo trabalho é pegar o recado e levá-lo de volta para Murphy. Sempre que um comissário de polícia acha necessário aumentar o número de policiais no Harlem e, ao mesmo tempo, não vemos qualquer sinal de redução no crime, eu acho a nossa suspeita é justificável. Ele não pode enviá-los aqui para lutar contra o crime uma vez que o crime está aumentando. Quanto mais policiais temos, mais crime temos. Começamos a pensar que eles trazem alguns dos crimes com eles.

Assim, nosso objetivo é organizar a comunidade por nós mesmos, uma vez que a polícia não pode eliminar o tráfico de drogas, temos de eliminá-lo. Como a polícia não pode eliminar o jogo organizado, temos que eliminar. Uma vez que a polícia não pode eliminar a prostituição organizada e todos esses males que estão destruindo a fibra moral de nossa comunidade, cabe a você e a mim eliminar esses males. Mas, em muitos casos, quando você se une neste país ou nesta cidade para combater o crime organizado, você vai se ver lutando contra o Departamento de Polícia porque eles estão envolvidos com o crime organizado. Onde quer que exista o crime

organizado, esse tipo de crime não pode existir sem o consentimento da polícia, sem o conhecimento e a cooperação da polícia.

Você concordará que você não pode apostar um número em seu bairro sem que a polícia saiba. Uma prostituta não pode dar um passo sem que a polícia saiba. Um homem não pode passar drogas em qualquer lugar da avenida sem que a polícia saiba. E eles pagam a polícia para que não sejam presos. Eu sei do que estou falando. Eu costumava fazer essas coisas. E eu sei que você não pode realizar essas coisas com a polícia armando contra você. Você tem que pagá-los.

Eu digo que há bons e maus policiais. Mas eles costumam enviar os maus para o Harlem. Uma vez que estes maus policiais são enviados para o Harlem e não reduzem a alta taxa de criminalidade, digo-vos irmãos e irmãs é hora de nos organizarmos a fim de eliminar esses males, ou nós vamos estar à margem do mundo.

Vício de drogas transforma sua irmãzinha em uma prostituta antes que ela entre na adolescência, torna seu irmãozinho um criminoso antes que ele comece sua adolescência, vício de drogas e alcoolismo. E se você e eu não formos homens o suficiente para enfrentar essas coisas, então nós nem sequer temos o direito de andar por aqui reclamando sobre isso. A polícia não vai eliminá-lo.

Nossa comunidade deve reforçar a sua responsabilidade moral para livrar-se dos efeitos de anos de exploração, negligência e apatia, e travar uma luta implacável contra a brutalidade policial.

Onde essa brutalidade policial entra, a nova lei que acabou de ser aprovada, a lei não de agressão, a lei pare e reviste, que é uma lei anti-Negro. Essa é uma lei que foi aprovada e assinada por Rockefeller.

Rockefeller com seu velho sorriso, sempre que ele mostra um sorriso no rosto, apertando as mãos de alguns Negros, como se fosse o pai, ou avô ou tio-avô deles. No entanto, quando se trata de aprovar uma lei, que é pior do que qualquer lei existente na Alemanha nazista, Rockefeller não pôde esperar para colocar sua assinatura nela. E a única coisa que essa lei é designada a fazer é legalizar o que eles já fazem o tempo todo.

Eles aprovaram uma lei que dá a eles o direito de derrubar sua porta sem sequer bater antes. Derrubar, entrar e quebrar sua cabeça e enquadrá-lo com a desculpa de que suspeitam de algo. Porque, irmãos, eles não tinham leis tão perigosas na Alemanha nazista. E foi aprovada contra mim e você, é uma lei anti-Negro, porque você tem um governador anti-Negro sentado lá em Albany. Eu comecei a dizer Albany, Geórgia em Albany, Nova York não há muita diferença. Não há muita diferença entre Albany, Nova Iorque e Albany, Geórgia. E não há muita diferença entre o governo que está em Albany, Nova Iorque e o governo em Albany, Geórgia.

A comunidade afro-americana deve assumir a responsabilidade de recuperar o nosso povo que perdeu o seu lugar na sociedade. Temos de declarar uma guerra contra o crime organizado na nossa comunidade. Um vício que é controlado por policiais que aceitam subornos e que devem ser expostos. Temos de abrir uma clínica onde se possa obter ajuda e cura para a dependência.

Isso é absolutamente necessário. Quando uma pessoa é viciada em drogas, ele não é o criminoso, ele é uma vítima do criminoso. O criminoso é o homem do centro que traz a droga para o país. Os Negros não podem trazer drogas para este país. Eles não têm nenhum barco. Eles não têm aviões. Eles não têm imunidade diplomática. Não é você que é responsável por trazer drogas. Você é apenas uma pequena ferramenta usada pelo homem do centro. O homem que controla o tráfico de drogas fica na prefeitura ou se senta na casa do estado. Figurões que são respeitados, que frequentam os altos círculos sociais. Esses são os que controlam essas coisas. E você e eu nunca vamos atacar a raiz do problema até atacarmos o homem no centro.

Devemos promover atividades criativas e úteis para aqueles que foram jogados nas avenidas do vício.

O povo da comunidade afro-americana deve estar preparado para ajudar uns aos outros de todas as formas possíveis. Devemos estabelecer um lugar onde mães solteiras possam obter ajuda e aconselhamento.

Temos de criar um sistema de guardiães que ajude os nossos jovens que se envolvem em crimes. Muitos de nossos filhos se envolvem em problemas acidentalmente. E uma vez que eles estão em problemas não têm ninguém para cuidar deles, eles são colocados em algumas dessas casas com outros internos mais experientes. E isso representa imediatamente uma má influência para eles, e eles nunca terão a chance de recuperar suas vidas. Muitos dos nossos

filhos têm toda a sua vida destruída desta maneira. Cabe a você e a mim formar um tipo de organização que atenda às necessidades de todos esses jovens que se envolveram em problemas, especialmente aqueles que se envolvem pela primeira vez, para que possamos fazer algo para orientá-los e trazê-los de volta ao caminho reto antes que eles se percam em outros caminhos.

E devemos promover atividades construtivas para nossos filhos. Temos de lhes dar bom exemplo e ensiná-los a estarem sempre prontos a aceitar as responsabilidades necessárias para a construção de boas comunidades e nações. Temos de lhes ensinar que suas maiores responsabilidades são com eles próprios, com suas famílias e com suas comunidades.

A Organização da Unidade Afro-americana acredita que a comunidade afro-americana deve se esforçar para fazer a maior parte de todo o trabalho de caridade dentro da comunidade. A caridade, no entanto, não quer dizer que temos direito legal de receber benefícios do governo. O veterano afro-americano deve ser informado de todos os benefícios devidos a ele e ao procedimento para obtê-los.

Muitos de nosso povo sacrificaram suas vidas em batalha na defesa deste país. Há muitos benefícios governamentais que nosso povo nem conhece. Muitos deles estão qualificados para receber, mas eles nem sequer sabem disso. Mas nós sabemos disso, então é nosso dever criar um sistema em que nosso povo, que não são informados dos seus direitos, sejam orientados por nós a fim de que possam reivindicar tudo o que eles têm direito. E eu quero dizer que você tem muito a receber. Os veteranos devem ser incentivados a entrar em negócios juntos, usando empréstimos e todos os outros recursos aos quais temos acesso ou que estão disponíveis para nós.

Afro-americanos devem unir-se e trabalhar juntos. Temos de ter orgulho da comunidade afro-americana, pois é a nossa casa e é a nossa base de poder.

O que fazemos aqui é recuperar nosso auto respeito, nossa masculinidade, nossa dignidade e liberdade ajudando todas as pessoas em todos os lugares que também estejam lutando contra a opressão.

Por último, acerca da cultura e do aspecto cultural da Organização da Unidade Afro-americana. A raça de um povo é como um homem individual, até que ele use seu próprio talento,

sinta orgulho de sua própria história, expresse sua própria cultura, afirme sua própria individualidade, ele nunca poderá se realizar.

Nossa história e nossa cultura foram completamente destruídas quando fomos trazidos acorrentados para a América. E agora, é importante para nós sabermos que a nossa história não começou com a escravidão. Nós viemos da África, um grande continente, onde vive um povo benevolente e variado, uma terra que é o novo mundo e que foi o berço da civilização. Nossa cultura e nossa história são tão antigas quanto o próprio homem e não sabemos quase nada sobre isso.

Isto não foi um acidente. Não é por acaso que você e eu não sabemos nada sobre um estado tão elevado de cultura que existia na África. Porque o homem sabia que, quando você e eu soubéssemos quem éramos, ele nunca poderia nos tratar como se fôssemos ninguém. Então ele teve que inventar um sistema que apagava tudo sobre nós. Tudo que poderíamos usar para provar que éramos alguém. E uma vez que ele nos despojou de todas as características humanas, nos despojou de nossa língua, nos despojou de nossa história, de todos os conhecimentos culturais e nos relegou para o nível mais baixo de um animal. Ele então começou a tratar-nos como um animal nos vendendo de uma plantação para outra, nos vendendo de um dono para outro, criando-nos como você cria gado.

Porque irmãos e irmãs, quando você acordar e descobrir o crime que este homem cometeu contra nós, você nem mesmo vai querer que eles lhe dirijam a palavra. Não estou dizendo que todos eles são maus. Pode haver alguns bons. Mas não temos tempo para procurá-los. Não hoje em dia.

Temos de recuperar a nossa herança e a nossa identidade se quisermos nos libertarmos dos laços da supremacia branca. Temos que fazer uma revolução cultural para desfazer a lavagem cerebral do povo inteiro.

Uma revolução cultural, irmãos, é uma revolução louca. Quando você disser a este homem Negro na América quem ele é, de onde ele veio, o que ele tinha, ele vai olhar ao redor e perguntar-se "bem o que aconteceu com ele, como eles tiraram tudo isso de nós e como eles fizeram isso?" Por que, irmãos, você logo vai ter um pouco de ação. Quando você deixar o homem Negro na América saber de onde ele era e o que ele já teve. Ele só precisará olhar para

si mesmo para perceber que algo criminoso foi feito contra ele a fim de deixá-lo na condição tão baixa na qual ele está hoje.

Uma vez que ele perceber o que foi feito, como foi feito, onde foi feito, quando foi feito, e quem fez isso, o conhecimento em si vai levá-lo a uma ação. E será por qualquer meio necessário. Um homem não saberá como agir até que ele perceba quem está lutando contra ele. E você não vai perceber contra quem está lutando até que você perceba o que eles fizeram com você.

Muitos de vocês não sabem o que fizeram com você, e isso é o que faz você se precipitar em querer esquecer e perdoar. Não, irmãos, quando souberem o que vos aconteceu, nunca vão esquecer e nunca vão perdoar. E, como eu digo, nem todos podem não ser culpados. Mas a maioria é.

A nossa revolução cultural deve ser o meio de nos aproximarmos dos nossos irmãos e irmãs africanos. Deve começar na comunidade e basear-se na participação da comunidade. Afro-americanos serão livres para criarem quando eles dependerem do apoio da comunidade afro-americana, e os artistas afro-americanos devem perceber que eles dependem da comunidade afro-americana para a inspiração.

Nossos artistas, temos artistas geniais. Eles não precisam fazer o papel de Stepin Fetchit. Mas enquanto eles buscarem o apoio do branco em vez do apoio dos Negros, eles terão que agir como o velho defensor branco quer que eles ajam. Quando você e eu começarmos a apoiar os artistas Negros, então os artistas Negros poderão desempenhar esse papel. Enquanto o artista Negro tiver que cantar e dançar para agradar o homem branco, ele vai apenas um palhaço, apenas mais um palhaço. Mas quando ele começar a cantar e dançar para agradar os homens Negros, ele cantará uma música diferente e dançará um passo diferente. Quando nos reunirmos, nós temos um estilo todo nosso. Temos um estilo que ninguém pode fazer, além de nós mesmos, porque temos uma razão para fazê-lo que ninguém pode entender, mas nós.

Temos de trabalhar na criação de um centro cultural no Harlem, que incluirá pessoas de todas as idades e irá realizar workshops em todas as artes, tais como cinema, escrita criativa, pintura, teatro, música, e todo o espectro da história afro-americana.

Esta revolução cultural será a viagem para a redescoberta de nós mesmos. A história é a memória de um povo, e um homem sem memória é rebaixado ao nível dos animais.

Quando você não tem conhecimento de sua história, você é apenas mais um animal, na verdade, você é um Negro, algo que não remete a nada. O único homem Negro na terra que é chamado de Negro é aquele que não tem conhecimento de sua história. O único homem Negro na terra que é chamado de Negro é aquele que não sabe de onde ele veio. É o único na América. Eles não chamam os africanos de Negros.

Um homem branco me disse outro dia: "ele não é um Negro." Aqui estava um homem tão negro como a noite, e o homem branco me disse: "ele não é um Negro, ele é um Africano. Eu disse, bem, ouça. Eu sabia que ele não era, mas eu quis pô-lo a prova, você sabe. Mas isso demonstrava que eles sabiam disso. Você é negro porque você não sabe quem você é, você não sabe o que você é, você não sabe onde você está, e você não sabe como você chegou aqui. Mas assim que você acordar e descobrir a resposta para todas essas coisas, você deixará de ser um Negro. Você se tornará alguém.

Armados com o conhecimento do nosso passado, podemos com confiança traçar um curso para o nosso futuro. A cultura é uma arma indispensável na luta pela liberdade. Temos que agarrá-la e forjar o futuro com o passado.

E para citar uma passagem *We Heard the Thunder* (Nós Ouvimos o Trovão) de John Killens que diz: "Ele era um patriota dedicado; dignidade era o seu país, a masculinidade era o seu governo, e a liberdade era a sua pátria." O velho John Killens.

Esta é a meta. É difícil, temos que suavizá-la em alguns pontos. Mas não estamos tentando colocar algo suave em seu conjunto. Não importa o quão difícil seja. Não nos importamos o quão difícil seja. Não nos interessa o quão negligente possa soar. Em essência, só significa que queremos uma coisa. Nós declaramos o nosso direito sobre esta terra de ser um homem, de ser um ser humano, de ser respeitado como ser humano, a quem deve ser dado os direitos de um ser humano nesta sociedade, nesta terra, neste dia e nós pretendemos trazê-la à existência por qualquer meio necessário.

Desculpe ter demorado tanto. Mas antes de avançar, quero dizer-lhe como você pode se juntar a esta organização, quais são os seus deveres e responsabilidades, eu quero retornar a palavra ao nosso mestre de cerimônias, o irmão Les Edmonds.

[Uma coleta de contribuição é feita]. Malcolm reinicia seu discurso.

Um dos primeiros passos da Organização da Unidade Afro-americana será de trabalhar com cada líder e qualquer outra organização neste país que esteja interessado em um programa destinado a levar o nosso problema diante das Nações Unidas. Esta é a nossa primeira ação. Nós achamos que o problema do homem Negro neste país está além da capacidade do tio Sam de resolvê-lo. Está além da capacidade do governo dos Estados Unidos de resolvê-lo. O próprio governo não é capaz sequer de ouvir o nosso problema, muito menos de resolvê-lo. Não é moralmente qualificado para resolvê-lo.

Portanto, devemos tirá-lo das mãos do governo dos Estados Unidos. E a única maneira de fazer isso é internacionalizando-o e aproveitando a Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, a Carta dos Direitos Humanos das Nações Unidas e desse modo levá-lo para a ONU perante um corpo mundial onde possamos indiciar o tio Sam contra os crimes constantes que o nosso povo tem sofrido neste governo.

Para fazer isso, teremos que trabalhar com muitas organizações e muitas pessoas. Já temos recebido promessas de apoio de várias organizações diferentes e de muitos líderes diferentes neste país e de nações independentes na África, Ásia e América Latina. Portanto, este é o nosso primeiro objetivo e tudo o que precisamos é de seu apoio. Podemos obter o seu apoio para este projeto?

Durante as últimas quatro semanas desde meu retorno da África, várias pessoas, de todos os níveis sociais da comunidade afro-americana têm se reunido, somado conhecimentos, ideias e sugestões, formando uma espécie de mutirão de ideias com a finalidade de encontrar solução por meio de pensamento, esperanças, aspirações, gostos e desgostos para ver que tipo de organização poderíamos construir, que de alguma forma ou de outra tenha o apoio de base, e que tipo de apoio seria necessário para se tornar independente o suficiente para tomar o tipo de ação necessária para obter resultados.

Nenhuma organização financiada pelo branco pode ser independente o suficiente para combater a estrutura de poder com as táticas necessárias que promovam resultados efetivos. A única forma de combatermos a estrutura de poder e é esta estrutura de poder a qual estamos combatendo. Não estamos combatendo os segregacionistas do Sul, estamos combatendo um

sistema que é executado em Washington, D.C. Essa é a sede do sistema com a qual estamos lutando. E para lutar contra isso, temos de ser independentes. E a única forma de sermos independentes é estar livre de qualquer financiamento da comunidade branca. É uma batalha que temos de travar por nós mesmos.

Agora, se as pessoas brancas querem nos ajudar, elas podem. Mas eles não podem participar. Eles podem ajudar da comunidade branca, mas não podem participar. Aceitamos a ajuda deles. Eles podem ser os amigos brancos da Organização da Unidade Afro-americana e trabalhar na comunidade branca com as pessoas brancas para mudar a atitude deles em relação a nós. Eles não precisam vir até nós e mudar a nossa atitude. Já tivemos bastante brancos trabalhando ao nosso redor tentando mudar nossa atitude. Foi isso que nos meteu em confusão.

Então não questionamos sua sinceridade, não questionamos seus motivos, não questionamos sua integridade. Nós apenas os incentivamos a usá-los na comunidade branca. Se eles podem usar toda essa sinceridade na comunidade branca para mudar a atitude da comunidade branca contra nós, então nós diremos, "esses são bons brancos." Mas eles não precisam se aproximar de nós, sorrindo para nós, nos mostrando todos os seus dentes como o tio branco Tom faz, na tentativa de se tornar aceitável para nós.

A única maneira desta organização funcionar de modo independente é através de seu financiamento. Ela deve ser financiada por você. Na semana passada, eu lhe disse que custaria um dólar para se juntar a ela. Sentamo-nos e pensei sobre isso durante a semana toda. E cheguei à conclusão que um dólar para se juntar a ela não iria torná-la uma organização. Então, nós estabelecemos uma taxa de adesão, se essa é a expressão que você usa, de dois dólares. Na NAACP custa mais do que isso para se tornar um membro.

A propósito, você sabe que eu participei da convenção da NAACP, sexta-feira, em Washington, D.C e foi muito esclarecedor. E eu achei as pessoas muito amigáveis. Eles têm o mesmo tipo de ideias que você tem. Eles agem um pouco diferente, mas eles têm o mesmo tipo de ideias porque estão sofrendo o mesmo inferno que estamos sofrendo. Não encontrei nenhuma hostilidade naquela convenção. Na verdade, sentei-me e os ouvi falar sobre seus negócios e aprendi muito com eles. E uma das coisas que eu aprendi é que eles só cobram, eu acho que dois dólares e cinquenta de adesão por ano, e é isso. Bem, esta é uma das razões pelas quais eles têm problemas. Porque quando você tem uma organização que custa dois dólares e

cinquenta por ano para tornar-se membro dela, isso significa que essa organização precisa buscar outros meios para angariar fundos. E isso é o que a castra. Porque assim que os liberais brancos começam a apoiá-la, eles dizem o que eles devem ou não fazer.

Foi por isso que Garvey foi capaz de ser mais militante. Garvey não pediu ajuda a eles. Ele pediu ajuda ao nosso pessoal. E é isso que nós vamos fazer. Nós vamos tentar seguir as estratégias dele. Então, nós vamos cobrar dois dólares e pedir a cada membro que contribua com um dólar por semana agora, a NAACP recebe dois dólares e cinquenta por ano, é isso. E nunca chegou a lugar algum porque sempre tem de depender de algum tipo de ajuda, e sempre vai obter ajuda de uma fonte errada. E então, quando eles obtêm essa ajuda, eles têm de condenar todos os inimigos de seu inimigo, a fim de obter mais ajuda. Não, nós condenamos os nossos inimigos, não os inimigos dos nossos inimigos. Condenamos os nossos inimigos.

Então, o que lhe pedimos para fazer é, se você quiser se tornar um membro da Organização da Unidade Afro-americana, que vai lhe custar dois dólares. Nós lhes pedimos que pague um dólar por semana. Teremos um contador, um sistema de contabilidade que manterá os membros atualizados sobre o que entrou, o que foi gasto e para quê. Porque o segredo do sucesso em qualquer tipo de empreendimento de negócio e qualquer coisa que você fizer, é fazer de uma forma eficiente. O segredo para o sucesso é manter bons registros, bons registros organizados.

Como hoje é a primeira vez que estamos abrindo os livros para a adesão, a nossa próxima reunião será aqui, no próximo domingo. E então teremos membros. E poderemos anunciar, nesta oportunidade, os membros oficiais da Organização da Unidade Afro-americana. Quero dizer que o oficial do topo é o Presidente e esse é o posto que vou manter. Estou assumindo a responsabilidade de Presidente, o que significa que sou responsável por qualquer erro que ocorrer, qualquer coisa que dê errado, qualquer falha, você pode colocar sobre meus ombros. Então, na próxima semana os membros serão anunciados.

E esta semana, eu quero falar sobre os departamentos desta organização para quando você obter a sua adesão possa se candidatar para trabalhar. Temos o Departamento de Educação, o Departamento de Ação Política. Para todos vocês que estão interessados em ação política, teremos um departamento criado por irmãos e irmãs que são estudantes de ciência política cuja função será nos dar uma estatística da comunidade de Nova York.

Primeiro, quantos membros de assembleia existem e quantos desses membros são Negros, quantos congressistas existem e quantos congressistas são Negros. Na verdade, deixe-me ler algo muito rápido e eu vou te mostrar porque é tão necessário. Só para dar um exemplo.

Há 270.000 eleitores elegíveis no vigésimo primeiro Distrito do Senado. O vigésimo primeiro Distrito do Senado é dividido nos distritos 11, 7 e 13 da Assembleia. Cada distrito da Assembleia contém 90.000 eleitores elegíveis. No décimo primeiro Distrito da Assembleia, apenas 29.000 de 90.000 eleitores elegíveis exercem seus direitos de voto. No sétimo Distrito da Assembleia, apenas 36.000 dos 90.000 eleitores elegíveis votam. Agora, em um Distrito da Assembleia branca com 90.000 eleitores elegíveis, 65.000 exerceram seu direito de voto, mostrando que nos Distritos da Assembleia branca há mais voto dos brancos do que dos Negros nos Distritos da Assembleia negra. Há uma razão para isso. É porque o nosso povo não está politicamente consciente do que podemos obter quando nos tornamos politicamente ativo.

Então o que precisamos ter é um programa de educação política para mostrar-lhes o que eles podem obter se eles tomarem uma ação política inteligentemente dirigida. Menos de 25% dos eleitores elegíveis no Harlem votam na eleição primária. Portanto, eles não têm o direito de colocar o candidato de sua escolha no cargo, como apenas aqueles que estavam na primária podem concorrer a eleição geral. É necessário o seguinte número de assinaturas para colocar um candidato na votação primária: para o deputado deve ser 350 assinaturas; senador estadual 750; magistratura municipal 1.000; presidente do distrito 2.150; prefeito 7.500. Os povos registrados com os partidos republicanos ou democráticos não têm que votar com seu partido. Há 58 senadores na legislatura do estado de Nova York. Quatro são de Manhattan; um é Negro. Na Assembleia Estadual de Nova York, há 150 membros da assembleia. Acho que três são Negros, talvez seja mais que isso. De acordo com o cálculo, se o Negro fosse proporcionalmente representado no Senado Estadual e na Assembleia Estadual teríamos vários representantes no Senado Estadual e vários na Assembleia Estadual. Há 435 membros na Câmara dos Deputados dos Estados Unidos. De acordo com o censo, há 22 milhões de afro-americanos nos Estados Unidos. Se eles fossem representados proporcionalmente neste corpo, haveria de 30 a 40 membros do nosso povo ocupando esses cargos. Quantos são? Cinco. Há 100 senadores no Senado dos Estados Unidos. Havaí com uma população de apenas 600.000,00 tem dois senadores representando-o. O homem Negro com uma população superior a 20 milhões não está representado no Senado. Pior do que isso, muitos dos congressistas e representantes do

Congresso dos Estados Unidos vêm de Estados onde os Negros são mortos por tentar exercer o direito de votar.

O que você e eu esperamos deste Departamento Político é que nossos irmãos e irmãs, que são especialistas em ciência política, oriente o povo de nossa comunidade com relação a política sobre o que deveríamos ter, e quem deveria estar fazendo isso, e como poderemos obter o que deveríamos ter. Este será o seu trabalho e nós queremos que você desempenhe este papel para que possamos obter alguma ação sem ter de esperar por Lyndon B. Johnson, Lyndon B. Texas Johnson.

Além disso, temos um Departamento de Economia. Para quem quer que esteja interessado em negócios ou em um programa de orientação sobre como o homem Negro no Harlem pode assumir o controle de sua própria economia e desenvolver a expansão dos negócios para o nosso povo nesta comunidade a fim de que possamos criar oportunidades de emprego para o nosso povo, nós teremos este departamento.

Teremos também um gabinete de oradores, porque muitos de nosso povo quer falar, quer ser orador, eles querem pregar, eles querem dizer a alguém o que eles sabem, eles querem desabafar. Teremos um departamento que irá treinar jovens, homens e moças como discursar com nossa filosofia e nosso programa e projetá-lo por todo o país. Não só por toda a cidade, mas por todo o país.

Teremos um grupo de jovens. O grupo de jovens será voltado para trabalhar com a juventude. Não somente consistirá na juventude, mas de adultos. Será projetado para elaborar um programa para a juventude neste país, em que os jovens poderão desempenhar um papel ativo.

Nós também vamos ter o nosso próprio jornal. Você precisa de um jornal. Acreditamos no poder da imprensa. Um jornal não é uma coisa difícil de criar. Um jornal é muito simples se você tem a motivação certa. Na verdade, qualquer coisa é simples se você tiver os motivos certos. O jornal Muhammad Speak foi criado por mim e outra pessoa em meu porão. Nunca passei da oitava série. Aqueles de vocês que foram a essas faculdades e estudou todos os tipos de jornalismo, jornalismo amarelo e Negro, tudo que vocês têm a fazer é contribuir com seus talentos jornalísticos para o nosso Departamento de Comunicação, juntamente com o nosso Departamento de Pesquisa e podemos criar um jornal que vai alimentar o nosso povo com tanta informação que nós poderemos fazer uma verdadeira revolução aqui mesmo antes que você saiba.

Também teremos um Departamento Cultural. A tarefa ou o dever deste departamento será pesquisar a cultura antiga e atual do nosso povo, as contribuições culturais e realizações de nosso povo. E todos os grupos de entretenimento que existem no continente africano podem vir aqui e os nossos que estão aqui que podem ir para lá. Criar algum tipo de programa cultural que vai realmente despertar o talento adormecido de pessoas negras.

Quando eu estava em Gana, eu falei com..., eu acho que seu nome é Nana Nketsia, eu acho que ele é o Ministro da Cultura ou é o chefe do Instituto de Cultura. Eu fui a sua casa, ele tinha um, ele tinha um lugar agradável, bonito; comecei a dizer que ele tinha uma almofada muito bonita. Ele tinha um bom lugar em Accra. Ele tinha ido para Oxford, e uma das coisas que ele disse me deixou impressionado. Ele disse que como um africano seu conceito de liberdade consistia em uma situação ou uma condição em que ele, como um africano, se sentisse completamente livre para dar vazão aos seus próprios gostos e desgostos e, assim, desenvolver a sua própria personalidade africana. Não é uma condição em que ele está copiando algum padrão cultural europeu ou algum estilo cultural europeu, mas uma atmosfera de plena liberdade, onde ele tem o direito, o espaço para a ação, para trazer para fora mesmo todo o talento adormecido, o talento oculto que tem estado lá por tanto tempo.

E nessa atmosfera, irmãos e irmãs, você ficará surpreso com o que vai sair do seio deste homem Negro. Já vi acontecer. Eu vi músicos Negros quando eles estavam tocando em uma sessão de jazz com músicos brancos, há muita diferença. O músico branco pode tocar se ele tiver alguma partitura na frente dele. Ele pode reproduzir algo que já ouviu antes. Se ele ouviu, então ele pode reproduzir ou ele pode imitar ou pode ler. Mas aquele músico Negro, ele pega seu sax e começa a tirar alguns sons que ele nunca pensou antes. Ele improvisa, ele cria, isso vem de dentro. É a alma dele... é aquela música Soul. É a única área da cena americana onde o homem Negro tem estado livre para criar. E ele executa com maestria. Ele mostrou que ele pode aparecer com algo que ninguém nunca pensou com seu sax.

Bem do mesmo modo, ele pode fazer a mesma coisa se for dada a ele independência intelectual. Ele pode inventar uma nova filosofia. Ele pode desenvolver uma filosofia que ninguém ouviu falar antes. Ele pode inventar uma sociedade, um sistema social, um sistema econômico, um sistema político, que seja diferente de tudo que existe ou que já existiu em qualquer lugar desta terra. Ele vai improvisar, vai trazê-lo de dentro de si. E isso é o que você e eu queremos.

Você e eu queremos criar uma organização que nos dará tanto poder que poderemos sentar e fazer o que quisermos. Uma vez que pudermos sentar e pensar como quisermos, falar como quisermos e fazer o que quisermos, vamos mostrar às pessoas o que nos agrada. E o que nos agrada nem sempre agrada a eles. Então você tem que ter algum poder antes que você possa ser você mesmo. Você entende isso? Você tem que ter algum poder antes que você possa ser você mesmo. Uma vez que você começa a ter poder, você será você mesmo porque você se superou, você transcendeu os lugares que te aprisionava. Você cria uma sociedade nova e faz um paraíso aqui mesmo nesta terra.

E vamos começar aqui esta noite, quando abriremos os nossos livros de filiação da Organização da Unidade Afro-americana. Eu vou comprar as primeiras adesões, um para mim, para minha esposa, para Atillah e Qubilah, estas são as minhas filhas, Ilyasah, outro que eu espero ter esta semana ou na próxima semana. Como te disse antes, se for um menino, vou chamá-lo de Lumumba, o maior Negro que já existiu no continente africano.

Ele não tinha medo de ninguém. Ele deixou aquelas pessoas tão assustadas que elas tiveram de matá-lo. Não puderam comprá-lo, não puderam assustá-lo, não conseguiram manipulá-lo. Porque ele disse ao rei da Bélgica, "Cara, você pode ter nos deixado livres, você pode ter concedido a nossa independência, mas nunca esqueceremos essas cicatrizes." O maior discurso, você deveria imprimir esse discurso e pendurá-lo em frente de sua porta. Isto é o que Lumumba disse: "você não está nos dando nada. Você pode pegar de volta essas cicatrizes que você colocou em nossos corpos? Pode nos devolver os membros que você cortou enquanto esteve aqui? Não, você nunca deve esquecer o que aquele homem fez a você. E você carrega as cicatrizes do mesmo tipo de colonização e opressão não em seu corpo, mas em seu cérebro, em seu coração, em sua alma agora. Então, se for um menino será chamado Lumumba. Se for uma menina Lumumbah.

Esperamos ter lhe dado toda a ação de que necessita. E mais do que provavelmente seríamos capazes de lhe dar. Só esperamos que fique conosco. O nosso encontro será no próximo domingo à noite, aqui mesmo.

Nós queremos que você traga todos os seus amigos e nós vamos ser capazes de avançar. Até agora, essas reuniões foram patrocinadas pela Mesquita Muçulmana Incorporated. Elas

foram patrocinadas e pagas pela Mesquita Muçulmana Incorporated. A partir do próximo domingo, serão patrocinadas e pagas pela Organização da Unidade Afro-americana.

Eu não sei se eu estou certo em dizer isso, mas por algum tempo, você e eu não vamos ser tão duros com os outros líderes afro-americanos. Porque você ficaria surpreso com a forma como muitos deles expressaram simpatia e apoio pelos nossos esforços de levar a situação do nosso povo diante das Nações Unidas. Você ficaria surpreso com muitos deles, alguns dos quais você nunca esperaria, eles estão vindo aí. Então vamos dar-lhes um pouco de tempo para se endireitar. Se eles se endireitarem, bom. Eles serão nossos irmãos e nós somos responsáveis por nossos irmãos. Mas se eles não se endireitarem, então isso é outra questão.

E uma coisa que nós vamos fazer, vamos enviar um telegrama em nome da Organização da Unidade Afro-americana para Martin Luther King em St. Augustine, Florida, e para Jim Forman no Mississippi informando-lhes que, se o governo federal não os ajudar, que eles nos chamem. E nós assumiremos a responsabilidade de enviar alguns irmãos nessa área que sabem o que fazer por todos os meios necessários.

Posso vos dizer agora que o meu objetivo não é me envolver numa luta com Muçulmanos Negros, que ainda são meus irmãos. Eu faço tudo o que posso para evitar isso porque não há nenhum benefício nisso. Na verdade, isso torna o nosso inimigo feliz. Mas acredito que chegou a hora de você e eu assumirmos a responsabilidade de formar qualquer núcleo ou grupo de defesa necessário em lugares como Mississippi.

Assim, eles não precisariam acionar o governo federal, que é uma chatice. Não, uma vez que você e eu sabemos que nosso povo é vítima de brutalidade o tempo todo. A polícia nesses Estados são responsáveis por não garantirem a segurança deles, então a responsabilidade recai sobre você e eu. Se somos homens, se devemos ser respeitados e reconhecidos, é nosso dever fazer algo a respeito. Johnson sabia disso quando mandou Dulles para lá. Johnson descobriu isso. Você não desaparece. Como vai desaparecer? Este homem pode encontrar uma pessoa desaparecida na China. Eles enviam a CIA para a China para encontrar alguém. Eles enviam o FBI para qualquer lugar e encontram alguém. Mas eles não podem encontrar alguém quando se trata de um criminoso branco e uma vítima negra, não, eles não podem encontrar o criminoso.

Não vamos esperar mais pelo FBI para procurar os criminosos que estão atirando e agredindo nosso povo. Vamos encontrá-los. E eu digo que é fácil fazê-lo. Um dos grupos mais organizados na América é o Muçulmano Negro. Eles têm todo maquinário, não pense que eles não têm; e experiência para tirar algo em plena luz do dia ou no escuro e fazer o que for necessário, por qualquer meio necessário. Eles sabem como fazer isso. Bem, eu não culpo ninguém por ser ensinado a fazer isso. Você está vivendo em uma sociedade onde você é vítima constante da brutalidade. Você deve saber como contra-atacar.

Então, ao invés deles e nós ficarmos desperdiçando nossa pontaria, eu quero dizer o nosso tempo e energia, uns contra os outros, o que precisamos fazer é nos unir e ir para o Mississippi. Essa é minha mensagem para Elijah Muhammad: se ele é o líder dos muçulmanos e o líder do nosso povo, então nos guie contra nossos inimigos, não nos guie uns contra os outros.

Agradeço a vossa paciência por permanecer aqui esta noite, e queremos que cada um de vocês coloquem o seu nome no livro de registro da Organização da Unidade Afro-americana. A razão pela qual confiamos a você, a tarefa de informar o público sobre onde estamos, é porque a imprensa não nos ajuda. Eles nunca anunciam com antecedência que nós vamos ter uma reunião. Então você tem de espalhar a palavra sobre a videira. Obrigado.

4.6 Segundo Comício da OAAU (5 de julho de 1964)

Asalaam Alaikum. (Paz seja convosco). Irmãos e irmãs, eu acho que temos um público muito agradável aqui esta noite, levando em consideração que este é um período de férias quando normalmente você e eu estaríamos na praia de pernas para o ar. Por isso, quero agradecer a todos que saíram da praia e de outros lugares e dedicaram seu tempo para vir aqui esta noite a fim de que possamos compreender melhor o que deveremos fazer e, portanto, o que vamos fazer.

Antes de começar, eu não sei se há algum jornalista do New York American Journal. Há alguém aqui do New York American Journal? A razão pela qual eu gostaria de saber, e se houver alguém do jornal, por favor me avise, porque na quarta-feira passada, eles publicaram uma manchete dizendo que Malcolm X tinha planos para assumir, o que para mim é uma mentira deliberada inventada pelos olhos azuis.

Esta pessoa, que se chama Martin Arundel, qualquer que seja o seu nome, na primeira página deste artigo, afirmou que eu tinha nomeado Gloria Richardson, Albert Cleage, Jesse Gray e vários outros como parte da equipe de inteligência responsável pela formação OAAU. Duvido que algum de vocês que estão aqui sentados me ouviram mencionar esses nomes no domingo passado. Mas esse homem relatou que ele ouviu.

E esta é uma das razões pelas quais temos tantos problemas raciais tão ruins na terra hoje. Vocês publicam mentiras sobre nós. E nós começamos a acreditar nas mentiras que vocês dizem sobre nós. Pelo menos todas as evidências levam a essa direção. Então, este jornal em particular, o New York American Journal, encheu sua primeira página, na quarta-feira, com nada mais que mentiras, dando um relato do que aconteceu aqui no domingo passado. E duvido muito que esta pessoa estivesse aqui.

Também mencionou que eu ataquei os líderes dos direitos civis, o que eu não fiz. Eu não ataquei ninguém senão o homem que tem sido brutal conosco. E não são os líderes dos direitos civis que são brutais. Eles são vítimas da brutalidade. Eles têm amado a todos, enquanto todos os têm odiado. Então eu não os ataquei. Provavelmente, questionei a inteligência deles por permitirem ser agredidos sem revidar. Mas eu não acho que nós os atacamos. Na verdade, enviamos-lhe um telegrama, enviamos um telegrama para o Dr. Martin Luther King, avisando que se precisasse de ajuda, iríamos socorrê-lo. Isso parece ser ataque aos líderes dos direitos civis? Não, nós estamos dizendo a eles que se eles precisarem de alguma ajuda, nós vamos ajudá-los. Mas não sem violência.

Você vai me desculpar por abrir a reunião comentando essa nota, mas essa imprensa está testando minha paciência em ter de ouvir pessoas brancas, dia após dia dizer que nós as barramos em nossas reuniões, ou que não gostamos delas, ou que a nossa atitude é uma espécie de ressentimento. Entretanto quando você os deixa participar da reunião, eles provam que você deveria tê-los mantido lá fora. Acho que os brancos maus te colocam no lugar certo, não é?

Na quinta-feira desta semana, ou eu acho que foi sexta-feira, houve uma grande agitação sobre a recente aprovação da lei dos direitos civis. Saiu nas primeiras páginas de todos os jornais do dia, depois de supostamente assinada para entrar em vigor, eles colocaram fotos de pequenos meninos Negros sentados em cadeiras de barbearia, deixando os barbeiros brancos cortar seus cabelos. E isso foi saudado como uma grande vitória. Imagine, em 1964, enquanto pessoas

oprimidas em toda a terra estão lutando pelo direito a um lugar ao sol, o Negro na América tem que se levantar e aplaudir porque ele pode sentar em uma barbearia e deixar um homem branco lhe estragar a cabeça.

Ao mesmo tempo que se fez tanta agitação por causa da aprovação da lei dos direitos civis, se você leu nas entrelinhas, um pequeno menino Negro em Geórgia foi encontrado pendurado em uma árvore. Um linchamento em junho de 1964. Nada foi dito no jornal, nenhum clamor foi feito sobre isso. Mas aqui está um menino Negro de quatorze anos de idade linchado na Geórgia, e para desviar a nossa atenção, a fim de manter você e eu sem saber o que aconteceu de fato, eles mostraram outra foto de um garotinho Negro deixando um homem branco cortar o cabelo.

Este é o truque que você e eu temos de encarar todos os dias nesta sociedade. Por outro lado, eles tentam nos mostrar o progresso que estamos fazendo. Mas se olharmos através de toda essa propaganda descobriremos que nosso povo ainda está sendo enforcado, eles ainda estão desaparecendo, e ninguém os encontram, ou ninguém está procurando por seus assassinos.

E ao mesmo tempo que foi feita tanta agitação sobre esta nova legislação de direitos civis, um projeto de lei, conhecido como o direito a lei de abordagem e revista entrou em vigor. É uma lei anti-Negro. Eles implementaram uma lei que definitivamente é contra os Negros e a faz parecer que é para o benefício de nosso povo, ao mesmo tempo, eles aprovaram outra lei que é supostamente projetado para nos dar algum tipo de direitos iguais. Você sabe, mais cedo ou mais tarde você e eu vamos acordar e se cansar dessa violência e vai haver problemas. Deverá haver problemas.

Enquanto eles estavam fazendo tanta agitação sobre aprovação dessas novas leis de direitos civis ou legislação, eles não poderiam negar o fato de que todas essas novas legislações são destinadas ao Sul. Nenhuma delas está destinada para o Norte. Nada nesta legislação é projetado para corrigir a situação com a qual você e eu somos confrontados aqui em Nova York. Não há nada no projeto de lei que impeça a discriminação de emprego em Nova York, que impeça a discriminação de habitação em Nova York, que impeça a discriminação educacional em Nova York. Não há nada no projeto de lei que impeça a polícia de exercer táticas policiais em Nova York. Não há nada no projeto de lei que resolva o seu e o meu problema aqui na cidade de Nova York. Tudo no projeto de lei é voltado para nosso povo no Sul. Estamos interessados no nosso povo no Sul, mas nós temos que questionar se este projeto de lei, essas

leis vão ajudar o nosso povo no Sul. Quando há dez anos o Supremo Tribunal veio com uma lei chamada lei da escola não segregada, ou algo parecido que não foi implementada ainda.

E você e eu seríamos ingênuos, seríamos meninos, seríamos débeis mentais se permitíssemos o homem branco nos fazer acreditar que novas leis serão aplicadas em Mississippi, Alabama, Geórgia e Texas, enquanto a lei da Suprema Corte ainda não foi implementada em Nova York. Você seria insano até mesmo demonstrar satisfação. E você seria louco em fazê-los pensar que você está feliz. Não, quando você e eu sabemos que esses truques políticos estão sendo esticados, se você e eu não deixarmos que eles saibam que não estamos satisfeitos, eles vão continuar com suas desonestidades e seus truques, eles vão pensar que estão resolvendo o problema, quando na verdade eles estão apenas atenuando-o para torná-lo pior.

Se eles não podem fazer cumprir as leis que são estabelecidas pelo Supremo Tribunal, que é o mais alto tribunal da terra, você acha que eles poderão implementar novas leis em Mississippi, Alabama e Geórgia? E se eles não podem implementar essas novas leis, então por que eles fingem? Por que veio com o projeto de lei? Para que toda essa agitação? Não é nada além de mais um truque do século XX, mais um daquele truque legislativo que você, eu e nossas mães e pais têm visto nos últimos 50, 60 ou 100 anos.

Cem anos atrás, eles não precisavam desses truques porque eles tinham correntes. E eles precisavam das correntes porque você e eu ainda não tínhamos sido completamente dominados pela lavagem cerebral para submeter-se aos seus atos brutais de violência de modo submisso.

Cem anos atrás, você tinha homens como Nat Turner, sobre o qual o irmão Benjamin estava falando e outros como Toussaint L'Ouverture. Nenhum deles se submeteria à escravidão. Eles lutariam pela liberdade por qualquer meio necessário. E foi só depois que o espírito do homem Negro foi completamente quebrado e seu desejo de ser um homem foi completamente destruído, então, eles tiveram que usar truques diferentes.

Eles tiraram as correntes físicas dos seus tornozelos e as puseram nas suas cabeças. E desde então, esse é o tipo de escravidão que você e eu temos experimentado, nós temos sido mantidos nele, ano após ano, por meio de vários truques. Nunca mudam a nossa condição ou a escravidão. Eles só mudam os truques.

Isso é feito por meio da Casa Branca pelo chefe da plantação no Alabama e Mississippi. Bem abaixo da Casa Branca você é enganado, bem abaixo está o chefe da plantação em Mississippi e Alabama. Não há diferença entre o chefe das plantações do Mississippi e o chefe das plantações de Washington, D.C. Ambos são chefes da plantação. O que você experimenta neste país é um enorme sistema de plantação, a única diferença agora é que o Presidente é o chefe da plantação.

E ele tem um monte de Negros famosos, de celebridades para atuarem como supervisores para nos manter sob controle. Quando começamos a reagir, eles se levantam e dizem: vamos ser responsáveis, ou vamos ser inteligentes, ou não vamos muito rápido, vamos com calma. Mas ainda é um sistema escravocrata. Ela só é apresentada de uma forma moderna, uma forma mais atualizada de escravidão.

A prova disso são as pessoas que desembarcaram ontem neste país, provenientes dos vários países da chamado cortina de ferro, que são supostos inimigos deste país, e nenhuma legislação de direitos civis é necessário para eles terem acesso ao modo de vida americano, então você e eu devemos parar e perguntar a nós mesmos, por que é necessário para nós?

Eles estão realmente batendo em nossa cara quando aprovam uma lei de direitos civis. Não é uma honra, é um tapa na cara. Eles estão dizendo que você não tem direitos, e ao mesmo tempo, que eles têm que legislar para que você possa tê-los. O que significa que eles estão te dizendo que como você não tem direitos e ainda assim você nasceu aqui, deve haver algo em você que o torna diferente de todos os outros que nasceram aqui. Algo em você que, na verdade, embora você tenha o direito de nascimento nesta terra, você ainda não está qualificado em seu sistema particular para ser reconhecido como um cidadão.

No entanto, os alemães, com quem eles lutaram apenas alguns anos atrás, pode vir aqui e obter o que você não pode obter. Os russos, com quem supostamente estão lutando agora, podem vir aqui e obter o que você não consegue sem legislação, eles não precisam de legislação. Os polacos não precisam de legislação. Ninguém precisa disso, a não ser você. Por que? - você deve parar e se perguntar o porquê. E quando você descobrir, então, você vai mudar a direção na qual você está indo, e você vai mudar também os métodos que você está usando tentando chegar a essa direção.

Temos que procurar novos métodos, uma reavaliação da situação, alguns novos métodos para atacar ou resolver o problema, e uma nova direção e novos aliados. Precisamos de aliados que nos ajude a alcançar uma vitória, não aliados que nos peçam para não sermos violentos. Se um homem branco quer ser seu aliado, o que ele acha de John Brown? Sabe o que John Brown fez? Ele foi para a guerra. Ele era um homem branco que foi para a guerra contra os brancos para ajudar a libertar os escravizados. Ele não usou a filosofia de não-violência. O povo branco chama John Brown de louco. Vá ler a história, vá ler o que todos eles dizem sobre John Brown. Eles estão tentando fazer com que ele pareça um louco, um fanático. Eles fizeram um filme sobre ele, eu assisti ao filme. Por que, eu teria medo de chegar perto de John Brown por causa daquilo que os outros brancos disseram sobre ele.

Mas eles o descreveram desta forma porque ele estava disposto a derramar sangue para libertar os escravizados. E qualquer homem branco que estiver pronto e disposto a derramar sangue pela sua liberdade - à vista de outros brancos, ele é louco. Contanto que ele apareça com alguma ação não-violenta, eles vão achar isso, se ele é liberal, um liberal não-violento, um liberal que amam a todos. Mas quando chega a hora de dar o mesmo tipo de contribuição pela sua e minha liberdade, que é necessário para a liberdade deles também, eles recuam da situação. Então, quando você quiser conhecer boas pessoas brancas na história que se envolveram nas questões dos Negros, vá ler a história de John Brown. Isso é o que eu chamo de um liberal branco. Mas esses outros tipos, são questionáveis.

Então, se precisamos de aliados brancos neste país, não precisamos desse tipo que se compromete. Não precisamos desse tipo que nos incentiva a ser educados, responsáveis. Não precisamos daqueles que nos dão esse tipo de conselho. Não precisamos desse tipo que nos diga como ser paciente. Não, se queremos alguns aliados brancos, precisamos do tipo como John Brown, ou não precisamos de você. E a única maneira de conseguir esse tipo é mudar para uma nova direção.

Agora isso pode enfurecer alguns de vocês que estiveram envolvidos em protestos e manifestações e coisas assim. Talvez você não perceba, mas acho que a maioria de nós aqui percebeu que os dias de manifestações acabaram. Estão ultrapassados. O único resultado é que você vai para a cadeia. Depois você tem que pagar dinheiro para sair. E ainda assim não resolve o problema. Vá e descubra quanto foi pago por manifestantes ao Tribunal, por honorários

judiciais, fianças, durante os últimos cinco ou seis anos. E, em seguida, descubra o que foi conquistado com isso e você vai ver que estamos no vermelho. Estamos falidos.

Além disso, uma demonstração de protesto é um ato de reação ao que outra pessoa faz. E enquanto estiver envolvido nisso, estará preso a ação de outra pessoa. Você está reagindo ao que elas fizeram. E tudo que eles têm que fazer para mantê-lo sob o controle dele é manter as situações em desenvolvimento para mantê-lo reagindo, para mantê-lo tão ocupado que você nunca terá a chance de sentar e desenvolver seu próprio programa construtivo que possibilite que você e eu façamos o progresso que desejamos.

Um exemplo. Uma manifestação é válida se ela obter resultados. Oh sim. Mas uma manifestação só para protestar é uma perda de tempo. Se alguém tocar em um de nós e quisermos ir onde a pessoa culpada está, iremos. Mas nós não vamos apenas para andar ao redor do quarteirão com faixas. Não, nós vamos pegar aquele que nos prejudicou, que é uma manifestação, o que é conhecido como ação positiva. Você não vai e marcha em torno de alguém para deixá-lo saber que você não gostou do que ele fez. Você podia ficar em casa e deixá-lo saber que você não gostou do que ele fez. Se ele tem juízo, saberá que você não gostou do que ele fez. Não, essa coisa está ultrapassada.

O tipo de protesto que você e eu queremos e precisamos é aquele que obtém resultados positivos. Não é uma manifestação de um dia, mas uma manifestação final, o fim de tudo aquilo que estamos protestando contra. Isso é uma manifestação. Não diga que você não gosta do que eu fiz e você sai andando na frente da minha casa por uma hora. Não, está perdendo o teu tempo. Vou me sentar e dormir até você terminar. Se vamos protestar, deve ser um protesto sem barreiras. Eu sei, quanto mais cedo melhor. Mas, de novo, não, o quanto antes melhor. Porque sempre que as pessoas negras se tornarem independentes o suficiente para realizar algum tipo de protesto necessário para obter resultados, vai haver derramamento de sangue. Porque em uma manifestação efetiva, o homem branco vai resistir. Sim, ele vai. Então, se você não é a favor da ação, você não deve se envolver em qualquer tipo de ação. Isso é tudo o que tenho a dizer. Se não vale a pena morrer pelo o que você estiver protestando, não proteste. Seu protesto é em vão.

E quando eu digo que não vale a pena morrer, não quero dizer uma maneira de morrer. Morrer deve ser recíproco, mútuo, alguns morrem de ambos os lados. Se não vale a pena, fique em casa.

Por favor, apenas tente entender. Qualquer coisa que envolva muitas pessoas pode sempre sair do controle, o que significa que pode sempre trazer risco de morte para você. Qualquer tipo de protesto em que você se envolver pode representar um risco de morte para você, especialmente quando você está em uma sociedade que acredita na brutalidade. Então, quando você se envolver em uma grande manifestação, você pode morrer. Mas você não deve estar disposto a morrer sozinho. Então, se você não está disposto a morrer sozinho, isso também envolve tirar a vida dos outros. E se não vale a pena tirar a vida dos outros, então não proteste. Isso é o que você deve entender. Qualquer causa que lhe custar a vida deve ser o tipo de causa em que você também estará disposto a tirar a vida.

Se isso pode custar-lhe a sua vida e você não está disposto a tirar a vida, você percebe o que você está fazendo a si mesmo? Está entrando na cova de um leão com as mãos atadas. Se não vale a pena morrer, saia daí. Se isso pode custar a sua vida e, ao mesmo tempo, você não está psicologicamente preparado para tirar a vida, fique de fora. Saia daí. Tudo o que você vai fazer é ficar no caminho. Você vai obrigar alguém a fazer algo desnecessariamente. Você vai e vai se matar, e seu irmão terá que cortar a cabeça daquele que cortou sua cabeça. E sua cabeça nem valerá a pena.

Então, todos esses esforços inúteis, desculpe a expressão, das atividades as quais temos sido manobrados nos últimos dez anos, não queremos isso. A Organização da Unidade Afro-americana foi formada por irmãos e irmãs, Negro, marrom, vermelho e amarelo, da comunidade afro-americana com o propósito de tentar conceber algum tipo de programa efetivo que possibilite tomar medidas efetivas para obter alguns resultados positivos. E um dos primeiros objetivos desta organização é internacionalizar o seu e o meu problema.

Mesmo nestas manifestações que possibilitaram a integração simbólica, a única razão pela qual o governo abriu mão de algum direito foi porque o mundo estava observando. Ele não fez isso por causa de seu protesto. Isso é o que você tem que entender. Porque você pode protestar contra este homem o dia inteiro. Não é uma mudança de coração que o fará mudar. É porque ele olha para o outro lado do oceano e vê o mundo olhando para ele. E ele muda apenas

porque você chamou atenção da opinião mundial. Se você mudou a opinião do mundo, ele muda. Mas você não muda a opinião dele. Não. E se você não entende isso, então você precisa rastejar de volta para o campo de algodão. Porque é onde você pertence. Você não pertence ao palco mundial.

E se usamos a pressão mundial a nosso favor, quaisquer ganhos que tivermos, então o que devemos fazer hoje? Continuar a olhar para Washington D.C.? Não, olhe para o mundo. Traga a atenção do mundo para o nosso problema. Traga o apoio do mundo para o nosso lado contra o tio Sam. Não trate o tio Sam como se fosse um amigo. Se ele fosse um amigo, nós não estaríamos nesta condição. Se ele fosse seu amigo, você não seria um cidadão de segunda classe. Se ele fosse seu amigo, então uma criancinha negra não teria sido pendurada em uma árvore na Geórgia. Se ele fosse seu amigo, você não teria um sistema de escola segregada em Nova York. Não, você não tem amigos em Washington, D.C. Só tens amigos quando está fora dos limites da América do Norte. Você tem amigos na África, amigos na Ásia, amigos na América Latina.

Portanto, temos que levar o nosso problema para os nossos amigos, ou colocar o nosso problema em um nível onde os nossos amigos possam nos ajudar ou em um fórum onde nossos amigos tenham algo a dizer sobre. Uma vez que nossos amigos no exterior, nossos irmãos, não tiver como intervir nos assuntos domésticos da América, temos de tirar o nosso problema da jurisdição nacional da América e colocá-lo em um fórum onde nossos amigos e nossos irmãos possam intervir. Assim estaremos mostrando alguma inteligência porque mostrará que nós fomos pelo menos capazes de distinguir o amigo do inimigo. Neste momento, nem sempre refletimos essa habilidade. Fomos ao nosso inimigo à procura de amizade e fugimos dos nossos amigos. Eles nos colocaram no autódromo.

Nós temos que fazer o mundo ver que o problema com o qual somos confrontados é um problema humanitário. Não é um problema do afro-americano. Não é um problema americano. Você e eu temos que torná-lo um problema mundial, fazer o mundo consciente de que não haverá paz nesta terra enquanto nossos direitos humanos estiverem sendo violados na América. Então o mundo terá que intervir e exigir que nossos direitos humanos sejam respeitados e reconhecidos. Temos de criar uma situação que explodirá este mundo desde o alto céu, a menos que seja acatado o reconhecimento e respeito como seres humanos que reivindicamos. Isto é tudo o que queremos: ser um ser humano. Se não somos reconhecidos e respeitados como um ser humano, temos de criar uma situação onde nenhum ser humano vai desfrutar da vida, da liberdade e da felicidade.

Se você não é favor disso, você não é a favor da liberdade. Significa que você nem quer ser um ser humano. Você não quer pagar o preço necessário. E você não deve mesmo ser aceito em torno de outros seres humanos se você não quer pagar o preço. Você deve ser mantido no campo de algodão onde você não era reconhecido como ser humano. Você era como um animal que pertencia a fazenda de algodão assim como um cavalo, uma vaca, uma galinha ou um gambá, se você não estiver disposto a pagar o preço necessário para ser reconhecido e respeitado como ser humano.

Irmãos, o preço é a morte. O preço para fazer os outros respeitarem os seus direitos humanos é a morte. Você tem que estar pronto para morrer, você tem que estar pronto para tirar a vida dos outros. Isto é o que o velho Patrick Henry quis dizer quando disse liberdade ou morte. Vida, liberdade, a busca da felicidade ou a morte. Trata-me como um homem, ou mata-me. Isto é o que você tem de dizer. Respeite-me, ou mate-me. Mas quando você tentar me matar, nós dois vamos morrer.

Você tem de dizer isso. Isto não é violência. Isso é inteligência. Assim que você começar a pensar assim, eles dirão que você está defendendo a violência. Não, você está defendendo a inteligência. Você não ouviu Lyndon B. Johnson na semana passada, quando ele disse que faria guerra em um minuto para proteger sua vida, sua liberdade e felicidade? Disseram que Lyndon B. Johnson era violento? Não, eles disseram que ele era um bom Presidente. Bem, vamos ser bons presidentes.

É hora de você e eu deixar o mundo saber o quão pacíficos nós somos, o quão bondosos nós somos, como respeitamos a lei. Mas temos de deixar o mesmo mundo saber que vamos explodi-lo desde o alto céu se não formos respeitados, reconhecidos e tratados do mesmo modo que outros seres humanos são tratados. Se não defendes isso, tens de sair do planeta. Você nem deveria estar por perto, na companhia de pessoas. Não, na verdade, você deveria estar muito envergonhado de ser visto em público porque você não é um homem, você é menos do que um homem, um sub-humano.

Um dos primeiros passos que precisamos dar é internacionalizar o nosso problema. Deixar o mundo saber que o nosso problema é o problema deles, é um problema humanitário. E a forma de fazer isso é por meio das Nações Unidas. Uma das primeiras medidas da

Organização da Unidade Afro-americana é organizar um tipo de programa necessário para levar o seu e meu caso para as Nações Unidas. Não só para as Nações Unidas, mas também precisamos levá-la diante de todas as instituições internacionais da terra. A Organização da Unidade Africana, que é formada por chefes dos trinta e três Estado africanos independente, reunir-se-á no Cairo em 17 de julho. Devíamos participar da conferência a fim de torná-los cientes do inferno que sofremos na América.

Se a Organização da Unidade Africana é constituída e composta por chefes de estados independentes do continente africano, e você e eu somos da África, temos sangue africano em nossas veias, e ouvimos dizer que a África não será livre até que todos os africanos sejam livres, somos africanos também, e nós queremos que eles fiquem tão preocupados com o nosso problema como eles estão preocupados com os problemas do nosso povo na África do Sul e Angola. E devemos deixá-los saber sobre isso.

Nosso problema deve ser levado perante a Organização dos Estados Americanos, a OEA. Se eles acatam os problemas que Cuba cria, se eles dão atenção para o problema que o Haiti apresenta para o Hemisfério Ocidental perante a OEA, se eles analisam a situação do panamenho diante da OEA, se eles têm problemas em São Domingo e leva para a OEA, diga-me por que a situação de 22 milhões do nosso povo aqui não pode ser levada perante a OEA. Deve ser apresentado perante a OEA.

Muito rapidamente, vamos deixar a situação internacional de lado por um momento e falar da situação local. Se a Organização da Unidade Afro-americana acha que o problema das pessoas negras neste país é digno de ser levado perante o Tribunal Mundial, a fim de trazer a opinião mundial para o nosso lado, é tudo o que temos em mente? Não. Quando você está no ringue lutando contra um homem, você tem que enfrentá-lo com golpes longos e curtos. Você tem que estar batendo nele enquanto você se esquiva, e esquivando-se enquanto bate nele. Você tem que ter um objetivo de longo alcance e um objetivo de curto alcance. O Presidente Nkrumah estava certo quando disse: "Busque primeiro o reino político, e todas as outras coisas serão acrescentadas a ele." Isto é bom e verdadeiro. A política é poder, a ciência de como governar.

O único poder real que é respeitado nesta sociedade é o poder político e poder econômico. Nada mais. Não há tal coisa como uma força moral que este governo reconheça. Está em um mundo de sonhos. Eles não sabem o que é uma força moral. Você lê mais sobre

corrupção moral em Washington D.C. do que qualquer outra coisa. Não fale sobre o que aconteceu na Grã-Bretanha com Christine Keeler. O que está acontecendo em Washington, D.C.? Coisas que nem se pode falar. A única diferença é que na Grã-Bretanha eles divulgam a céu aberto. Os corruptos em Washington são tão poderosos que podem impedir que divulguem seus crimes porque todos estão envolvidos.

O único tipo de poder que este governo reconhece é o poder político e econômico. No passado, os nossos líderes mostraram a sua falta de discernimento em não perceberem que este sistema escolar segregado estava produzindo crianças com uma educação inferior que, depois de formadas, ainda não estavam qualificadas para participar do mercado ou competir.

Em que estamos perdendo nosso tempo? Protestando. Para quem? Donovan. Quem mais? Gross. Por que? Porque não conhecíamos ninguém melhor. Donovan se contratou? Não. Gross se contratou? Não. Quem contratou os dois? O prefeito. Estamos protestando contra o fantoche. Bem, se você quer protestar você tem que protestar contra o manipulador dos bonecos. Você tem que atacar Wagner. Como você pode dizer que Wagner é um homem bom quando os dois homens que ele nomeou são homens maus? Wagner não está cumprindo o programa de vocês. Eles estão cumprindo o programa deles.

E a única maneira de atacá-lo, é obtendo poder político. Como conseguimos o poder político? Temos que organizar o povo do Harlem em uma campanha porta em porta, quero dizer porta a porta, casa por casa, pessoas por pessoas, pessoa por pessoa, e você tem que fazê-los sentir tanta vergonha por eles não terem se registrados que eles nem sequer sairá de casa. Nós temos que criar uma atmosfera no Harlem, e quando eu digo Harlem, a maior área de Nova York, em que cada homem Negro, na grande área de Nova York sintam que ele é um traidor se ele não se tornar um eleitor registrado. Seu voto será como uma bala.

De um modo ou de outro, nós estamos em um momento na história onde nós queremos a liberdade, e somente duas coisas nos darão a liberdade: o voto ou a bala. Só essas duas coisas. Bem, se você e eu não usar o voto, vamos ser obrigados a usar a bala. E se você não quiser usar o voto, eu sei que você não quer usar a bala. Então deixe-nos tentar o voto. E se o voto não funcionar, tentaremos outra coisa. Mas deixe-nos tentar o voto. E a única maneira de tentar o voto é organizar e colocar uma campanha que irá criar um clima novo.

A Organização da Unidade Afro-americana está planejando uma campanha que nos permitirá dentro de semanas mapear a cidade e alcançar cada pessoa nele que se pareça conosco. Só há uma coisa que queremos que eles façam: é registrar-se. Isso é tudo. Vamos facilitar para eles. Não se registrar como um democrata ou um republicano, mas como independente. Não venda sua alma. Se você se registrar como um democrata ou um republicano, você está vendendo sua alma.

Um exemplo. Uma das piores coisas que alguém poderia fazer, foi feito por um líder Negro bem conhecido, chamado..., eu acho que ele é um líder Negro - quando ele condenou Goldwater. Digo-te porquê. Se ele já condenou Goldwater, o que Johnson tem que fazer por você agora? Nada. Não deixe o homem saber com o que você é contra ou contra quem você é contra. É suicídio tático, suicídio tático, deixar Lyndon B. Johnson saber com antecedência que você não vai apoiar o homem com que ele está concorrendo.

Ele não precisa prometer nada. Ele já te colocou no bolso seu tolo. Ele não precisa oferecer nada. Bem, contanto que você e eu sigamos esse tipo de liderança, nunca teremos nenhum paraíso político. Teremos um inferno político. Eu não estou dizendo isso para criticar qualquer personalidade, mas isso deve ser dito. Antes de você e eu nos comprometer com qualquer tipo de campanha, certifique-se que ele vai ajudar o coletivo, ou não diga nada.

Isso não quer dizer que sou a favor do homem. Mas nunca deixei este homem saber que sou contra aquele homem até descobrir o que este homem está planejando. Me entende? Não o deixe pensar que ele tem você no bolso. Deixe-o saber que ele não sabe em que direção você está indo até que ele produza algo digno de seu apoio. Me entende?

Acerca da lei de não-bata-pare-e-reviste, podemos fazer piquete na delegacia de polícia. De que adianta? A polícia não aprovou a lei. Eles só estão aqui. Quem aprovou a lei? Os legisladores. Como você protesta contra os legisladores? Com o voto. Então o que o líder Negro fez foi nos colocar na direção errada. Não proteste contra o fantoche. Vá trabalhar com o líder. Vá buscar o diretor do show e o tire do local, e então você poderá mudar o elenco, você poderá mudar o script.

Agora, a Câmara Municipal está elaborando uma lei voltada para tornar ilegal seu direito de portar ou andar com um rifle. Por que agora? Desde então era legal possuir um rifle, por que,

de repente, o grande pai branco quer aprovar uma lei tornando o porte de arma ilegal? Por causa de você. Ele tem medo que você tenha rifles. Cada lei que eles aprovam é voltada para você. Todos os legisladores que entram no local onde estas leis são elaboradas, pensam em ti. Eles discutem a noite toda sobre essas leis. Mas quando se trata de aprovar uma lei concebida para manter você e eu no cercado, eles podem aprovar imediatamente.

Então, se você quer protestar contra a lei de não-agressão, você precisa do voto. Se você quer protestar contra o que a Câmara Municipal está fazendo, você precisa do voto. Se você quer protestar contra o sistema escolar segregado e mudá-lo, você precisa do voto. Qualquer coisa que você pensa em mudar agora, a única maneira de mudar é com o voto ou a bala. E se você não está pronto para se envolver com qualquer uma dessas opções, você está satisfeito com o *status quo*. Isso significa que teremos que mudá-lo.

Há 915.743 do nosso povo no estado do Mississippi. Isso é quase um milhão. Em 125 condados do Mississippi, eles são maioria. 90 outros municípios constituem mais de 40 por cento da população. Toda vez que você tem esse número de pessoas negras que são maioria em muitos condados, se eles votassem, Eastland não os representaria. Eles mesmos se representariam. O estado do Mississippi estaria nas mãos do homem Negro. E deveria estar em suas mãos pelo voto ou pela bala. Deve ser por um ou outro.

É por isso que a campanha que eles têm no Mississippi para o registro eleitoral é uma boa campanha. Eles não estão tentando integrar, eles estão tentando fazer com que nosso pessoal se registre para votar, o que é bom porque os coloca em posição de atacar a base de toda a sua miséria. Se o nosso povo lá, está arriscando suas vidas para poderem se registrar e estar em uma posição elegível de voto a fim de assumir o controle sobre seu próprio destino, o que você e eu parecemos quando em Nova York, com a cabine de registro apenas a poucos quarteirões de distância, não exercemos o nosso direito ao voto?

E eu digo, irmãos, você está falando com um homem que é culpado de tudo isso. Eu nunca tentei participar de qualquer coisa ligada a política. Por uma razão, eu estava em uma organização religiosa que ensinava sobre alguma coisa que vem aos poucos. E sempre que você começa a pensar em algo instável, você não pode apreender qualquer coisa agora-e-agora ou aqui-e-aqui. Muitos críticos, pessoas dos direitos civis costumavam criticar-nos, especialmente a mim, por não sermos ativos na política. Eles devem estar contentes porque muitos deles

estavam fingindo e enganando. Desculpe a expressão, mas isso é o que eles estavam fazendo. Quando nós nos envolvemos, estamos envolvidos até o fim.

Vamos pegar um homem e tentar fazer com que todas as pessoas o apoiem. Mas se ele nos vender, vamos jogá-lo no rio Hudson. No rio Hudson, sim. Nós o apoiaremos, vamos apoiá-lo, mas ele tem que nos representar, não representar o homem do centro. Sempre que você votar em um homem, colocar no cargo, em uma posição onde possa fazer algo por você e por mim, e então, ele começa a enrolar, a se comprometer e cuidar de si mesmo, a própria lei da natureza exige que essa pessoa seja removida por qualquer meio necessário.

Uma vez que o nosso povo está fazendo sacrifício para se tornar eleitores registrados no Mississippi, é um pecado você e eu não se registrar para votar em Nova York e no estado de Nova York, ou em todo o Norte. Aqui neste estado eles têm 41 congressistas, dezenove desses 41 congressistas são da cidade de Nova York. A cidade é tão grande que quase metade de todos os legisladores que deixam este estado para ir à Washington são de Nova York. Dizem que a população da cidade de Nova York é a cerca de 8 milhões pessoas. E dizem que há cerca de um milhão e meio de pessoas negras. Quando eles dizem que há um milhão e meio, isso significa que há 3 milhões, porque eles nunca deixam você e eu saber quantos realmente somos.

Dentre os 41 congressistas deste estado, dezenove são da Cidade de Nova York, só um é negro. Pense nisso. Apenas um congressista negro, Adam Powell, de todas essas pessoas negras, você e eu estamos dizendo hurra, hurra, hurra, nós temos apenas um. Por que, irmãos, não temos nada comparado ao que deveríamos ter? Ficamos satisfeitos com tão pouco. Temos que descobrir o que possibilitou que essas pessoas aqui em Manhattan elegeassem um Negro para o Congresso. Então vamos ver se a mesma possibilidade existe no Bronx e vamos eleger um homem Negro do Bronx para o Congresso. E descobrir se a mesma possibilidade existe no Brooklyn e eleger um homem Negro no Brooklyn. Ora, você é louco em votar em alguém para representá-lo em um corpo legislativo que nem sequer se parece com você. Vamos descobrir quem é o congressista em todas as áreas onde vivemos e, em seguida, descobrir se ele está nos servindo ou se ele está servindo outra pessoa. Se ele estiver nos servindo, deixe-o ficar lá. E se ele não estiver nos servindo, vamos nos livrar dele.

Adam Powell é o único político Negro independente da máquina política branca deste país. Isso não quer dizer que ele sempre use a sua posição para o nosso bem. Ao dizer isso, não significa que eu estou o criticando, eu não estou. Eu nunca iria criticá-lo para a alegria dos

brancos. Eles ficam loucos quando ouvem você falar mal do Adam. Mesmo se eu não concordasse com ele, eu não o criticaria, eu não daria esse prazer aos brancos. Na verdade, eu iria até ele.

Mas o ponto onde quero chegar com isso, é que, ele é independente da máquina política. Por que? Porque as pessoas o apoiam. Bem, o povo deve fazer com que ele saiba que estão cientes, de que não estaria lá se não fosse por eles. E, portanto, o proveito máximo deve ser obtido a partir de sua posição, proveito máximo. Porque ele é o único político Negro independente da máquina política branca deste país. E a única razão pela qual ele é independente é porque você o apoia. A maioria destes outros, têm de depender da máquina política branca, a fim de entrar no ministério.

Uma vez que descobrirmos que temos um homem que pode enfrentar a máquina política e ainda ir para Washington, então devemos deixar que ele saiba que a única razão pela qual ele pode enfrentar a máquina política é porque estamos apoiando. E se o estivermos apoiando, significa que estamos de olho nele e queremos resultados.

Há dois senadores deste estado, nenhum deles é negro. Ambos fingem ser a favor do afro-americano, mas como políticos não se atrevem fingir ser outra coisa. Há 58 senadores estaduais. Desses 58 senadores estaduais, vinte e cinco são de Nova York. E apenas dois deles são negros. Pense nisso. Vinte e cinco senadores estaduais de Nova York e apenas dois deles nos representam.

Há 150 assembleias estaduais. 65 dessas 150 são de Nova York. E desses 65, apenas quatro são negros. De 65, temos apenas quatro. A Assembleia Estadual foi a que aprovou a lei anti-Negro, não bata-pare-e-reviste. Foi na Assembleia Estadual que ela foi aprovada. Você não protesta na delegacia de polícia. Não, a própria lei está dando brecha para o policial ser violento, ser um tipo policial da Gestapo. Mas o homem que elabora esta lei é o que vai até Albany. Você pode impedi-lo de ir a Albany se você se tornar um eleitor registrado.

Uma vez que você se registrar, você sabe o que isso significa? Você não terá que sair mais para a rua e arriscar sua saúde e sua vida em protesto. Tudo o que você tem que fazer é usar esse poder político conscientemente, não dando seu voto a alguém que não fará nada por você, mas votando em alguém que vai legislar a seu favor. E desta forma, você e eu vamos

descobrir que estamos tomando uma atitude construtiva, positiva e obtendo algum tipo de resultado.

Vereadores, há 35 vereadores na cidade de Nova York. Você sabe que dentre os 35 vereadores só há um Negro, e ele é um grande vereador, J. Raymond Jones? E muitos do nosso povo não sabem nem mesmo quem é o vereador Negro. Como você espera mudar nossa situação miserável quando temos um conselho em que o homem Negro não pode sequer entrar? Ele nem sequer é representado lá. Não somos representados no governo da cidade em proporção ao nosso número. Não somos representados no governo do estado em proporção ao nosso número. E não somos representados no governo federal em proporção ao nosso número.

Assim, a única maneira de fazê-los mudar as leis é por meio do voto. Se a mudança não vier com o voto, não haverá outra alternativa senão pela bala. Eu digo que não haverá outra alternativa a não ser pela bala. Como o velho Patrick Henry disse, eu sempre gosto de citar Patrick porque quando eu estava indo para a escola deles, eles me ensinaram a acreditar nele. Disseram que ele era um patriota. E ele é o único que eu cito. Não sei o que os outros disseram. Mas eu sei o que Pat disse: liberdade ou morte. Isso significa o voto ou a bala. Isso é o que significa em Harlimese, no discurso do Harlem.

Mais uma vez, mais alguns fatos e estatísticas do Harlem que só vai levar um minuto. O total da população afrodescendente de acordo com o censo 1960 é de 336.364 aqui no Harlem. No centro do Harlem entre a rua 110 e a rua 155th, há supostamente 193.800 do nosso povo. Como é que eles sabem? Nunca fui contado. A maioria de vocês nunca foi contado. Quantos de vocês estavam em casa quando o homem veio e se apresentou como um recenseador? Eu quero ver. Olha quantos de vocês? levantem a sua mão. Sei que não foi contado.

Bem, como é que o governo sabe quantos somos? Ele não sabe. Ele adivinhou, irmãos. E ele diz o que ele quer que você acredite. Sempre que ouvir este homem dizer-lhe que há 300.000, há um milhão. Ele não vai deixar você saber o quão grande você é ou quantos de vocês existem. E eu nunca conheci ninguém que tenha sido contado. De vez em quando, ele corre pelo bairro e diz sim, há tantos. Ele diz que há aproximadamente 250.000 ou mais pessoas elegíveis para votar. Aproximadamente 125.000 registrados. Apenas 59.000 na última eleição do Congresso. Menos que 15.000 votaram na eleição primária democrática.

Isso mostra que a maioria de nosso povo não se envolve em política. E se eles se envolvessem e tivessem voz, tudo seria diferente. Outro fato rápido. Eles dizem que há mais de 10.000 pessoas desempregadas no centro do Harlem e não há um escritório de emprego para acomodá-los. A área de maior desemprego na cidade é no Harlem. Não há um escritório de emprego no Harlem. Há agências de emprego. Mas há uma diferença entre uma agência e um escritório de emprego. Uma agência te vende um emprego. Se te arranjam um emprego, você tem que lhes dar quatro meses de pagamento. Você trabalha para eles. Isso é escravidão, irmãos. Por que não há um escritório de emprego no Harlem se o Harlem tem a maior taxa de desemprego? Consegue ver a conspiração? O que o homem faz é enviá-lo para a agência. Você paga pelo seu trabalho, o que significa que se ele te der o emprego você tem que dar a ele uma parte por dois meses. Assim que os teus dois meses de trabalho acabarem, o homem vai te demitir. Isso é um jogo, é uma conspiração entre o empregador e a agência de emprego. Isso é verdade. Eles te vendem um emprego. Depois de te venderem um emprego, te demitem e vendem o mesmo trabalho a outra pessoa. Irmãos, é hora de você e eu enfrentarmos a guerra que está por vir.

Não, eu digo que isto é ruim. As mulheres constituem 48% da força de trabalho no Harlem. As nossas mulheres. O homem não nos dá um emprego, dá-lhes um emprego para lavar os pratos e cuidar de seus pequenos bebês de olhos azuis. Vamos cuidar dos filhos deles.

Sobre a renda no Harlem. A renda média familiar no Harlem é somente \$3.723 por ano. E o Comitê do prefeito estimou que é preciso \$6.000 para uma família sobreviver. Não para viver bem, mas para sobreviver. Olha, se o prefeito estabeleceu um comitê que fez uma pesquisa e constatou que é preciso \$6.000 para uma família média sobreviver e eles dizem que sua média salarial é um pouco mais de \$3700, irmãos, você não está vivendo, está sobrevivendo. Você está em uma situação de calamidade. Aproximadamente 15.000 pessoas no centro do Harlem recebem algum tipo de assistência pública. Há 3.898 lojas de varejo, todas de propriedade de brancos. Eles faturam uma renda bruta anual de \$345.871.000 por ano, nesta área. Pressupõe que seus negócios fazem tantas vendas brutas no bairro. No entanto, ele dá apenas \$10 de volta para a NAACP e \$10 para CORE e eles lhes dizem: “que bom homem ele é”, ele é um demônio. Precisamos acordar.

168 lojas de conveniência faturam anualmente \$34.368.000,00 E isso não inclui bares e tabernas. Ouviu o que eu disse? A loja de bebidas onde você vai e compra uma garrafa de

whisky, não é uma discoteca ou um bar ou uma taverna, mas uma loja de conveniência que fatura \$34.368.000 com uísque por ano. Você devia ter vergonha desse teu ego bêbado. Você sabe que há governos na África cujo orçamento anual de todo país não é tanto o quanto você gasta no centro do Harlem com whisky? E você se pergunta por que você está sofrendo este inferno. Por que, o dinheiro que você gasta com uísque vai manter um governo.

Então temos que fazer algo contra isso. E pretendemos fazê-lo por meio da Organização da Unidade Afro-americana. Nós não pretendemos estender muito esta noite. Queremos parar agora mesmo antes do nosso período de perguntas e dar ao irmão Benjamin aqui uma chance de continuar com a nossa coleta. A razão pela qual nós sempre temos um período de coleta é que a nossa coleta pública cobre todas as nossas despesas para realizar esses comícios.

[Coleta é tirada.]

* * *

[**Pergunta:** sobre John Brown]

Malcolm X: Irmão, sim, eu entendo o que você está dizendo, eu acho. Há um antigo provérbio africano que eu acho muito esclarecedor, que diz que o inimigo do meu inimigo é meu amigo. O inimigo do meu inimigo é meu amigo. Enquanto houver um leão atrás de mim, se eu estou jogando pedras nele e você está jogando galinhas para ele e alguém está jogando qualquer outra coisa nele, contanto que todos estejam jogando algo nele, todos estarão bem comigo, pelo menos até este momento. E se as coisas mudarem, então as coisas vão mudar. Se a situação mudar, tudo muda. Mas enquanto eles tiverem jogando algo no leão, nós achamos que isso é bom. Isso não quer dizer que você sempre tem que confia em seus aliados. Mas enquanto eles quiserem se aliar contra o mesmo inimigo com quem você está lutando, observe-os e deixe-os ir em frente e lutar contra ele. Sim, senhor?

Pergunta: Há algum abrigo nuclear no Harlem?

Malcolm X: Irmão, se alguma coisa acontecer quando você precisar de um abrigo, um abrigo nuclear não vai adiantar nada. Quando as coisas piorarem, um abrigo não vai adiantar nada. Quando as coisas piorarem, esqueça. E as coisas estão indo nessa direção. Sim, senhor?

Pergunta: Professor irmão, devemos reconhecer John Brown como um amigo do homem Negro?

Malcolm X: Não, eu não disse que ele era um amigo do homem Negro. Eu o usei para dar-lhe um exemplo de como testar o homem branco que se diz ser seu amigo. Dê-lhe alguma ação similar à de John Brown. Se ele estiver disposto a morrer por você e tudo isso, então deixe-o ir em frente.

Pergunta: (Sobre outros brancos que tinham sido amigáveis com o Negro)

Malcolm X: Você disse que eles eram amigáveis, mas você não disse que eles eram amigos. Há uma diferença.

Pergunta: Bem, eles não deram a vida deles, mas fizeram grandes coisas para ajudar.

Malcolm X: Qualquer coisa boa que eles fizeram é bem-vindo. Mas isso não significa que temos de tocar trombeta para eles. Não temos que tocar trombeta. Olha, eu tenho um exemplo. Alguns deles morreram agora no Mississippi tentando mudar a situação. Nós ainda não podemos tocar trombeta porque a situação continua. Não vamos tocar trombeta até a guerra acabar. Todos os esforços que eles fazem são em vão se a situação permanece a mesma. Alguns de nós ficaríamos muito felizes em ter uma oportunidade de encontrar bons brancos. O que eles fazem de bom, são bem-vindo. Se você quiser usá-lo como exemplo, bom. Mas não toque trombetas sobre suas cabeças. E se você encontrar pessoas brancas que o ajudou apenas para que você diga que ele é um bom homem branco, não. Sim, senhora?

Pergunta: Onde você pode participar da campanha do voto?

Malcolm X: Basta juntar-se à Organização da Unidade Afro-americana. Se você estiver interessado em ação, a Organização da Unidade Afro-americana tem departamentos para qualquer tipo de ação que você queira. Se você quer ação eleitoral, nós temos um departamento político. Se você quiser ação de negócios, temos um departamento em que nós vamos ensinar como desenvolver negócios e resolver alguns dos nossos problemas econômicos. Se você tiver interessado em cultura, temos o departamento cultural. Se você está interessado em outros departamentos, nós também temos. Alguns deles não listamos publicamente.

Mas eu poderia salientar que você ficará muito surpresa e motivada quando ver a grande quantidade de pessoas que estão prontas e dispostas a se envolverem ativamente em qualquer tipo de campanha física destinada a pôr um fim a Ku-Klux-Klan e esses outros racistas que brutalizam nosso povo. Você tem pessoas negras, nós tivemos mais de 400 deles que telefonaram apenas na semana passada para dizer: “quando você implantar o programa, conte comigo”. Sim, senhor?

Pergunta: (Dizem que há também um vereador Negro da cidade de Brooklyn)

Malcolm X: Muito bom, irmão. Lamento que não tenham me dado essa informação. Então, isso significa que há dois dentre os vinte e cinco. E são tão silenciosos que nem sequer ouvimos os seus nomes. Porque você sabe quando um homem Negro vai ao centro para nos representar, ele deveria ser como Powell? Powell é a coisa mais barulhenta do país. É por isso que eles não gostam dele. Eles não gostam dele porque ele vai para a Europa. Todas as outras coisas que dizem sobre ele, não são contra ele por causa disso, mas porque ele é barulhento.

E na história deste país os Negros educados nunca tiveram sucesso em conseguir qualquer tipo de vantagem para os Negros. Você tem que entrar com uma granada de mão e dizer ao homem, ouça, ou você nos dá o que nós temos pedido ou ninguém vai conseguir nada. Então ele ouvirá você. Mas se você for lá educado e agir de forma responsável, você estará perdendo seu tempo, você tem que ser louco. Sim, irmão?

Pergunta: Irmão Malcolm, você acha sábio tornar publicamente conhecido que, possivelmente, os paramilitares irão para o Mississippi ou outros lugares para que o homem branco possa estar preparado?

Malcolm X: Ele já está preparado, irmão. Ele já está preparado. Às vezes é bom. Se o governo dos Estados Unidos não quer que entremos no Mississippi para organizar o nosso povo com o tipo de unidade que lhe permitirão retaliar contra a Ku Klux Klan e criar uma situação muito desagradável neste país para o mundo inteiro ver, então o governo deve ocupar o estado do Mississippi.

Pergunta: Bem, você não acha que o elemento surpresa seria mais eficiente para a realização da tarefa?

Malcolm X: Antes que os chineses deparassem com o Yalu durante a guerra da Coréia, eles disseram ao tio Sam, não dê mais um passo, ou então nós vamos fazer tal e tal coisa. Eles estavam tão confiantes em sua capacidade de enfrentar qualquer coisa que Sam tinha, que eles disseram para não dar mais um passo ou nós vamos fazer assim e assim. Irmão, deixe-me falar sobre um *Klansman* (membro da Ku Klux Klan). Ele é um covarde. Ele pode ser completamente organizado, mas se você [bater o pé], ele vai correr. É por isso que eles se escondem debaixo dos lençóis. Você nunca leu nada sobre um *Klansman* fazendo qualquer coisa, você lê onde a multidão faz assim e assim. Porque eles são covardes.

Uma vez que as pessoas negras tomarem uma posição contra os chamados cavaleiros amortalhados, você vai se livrar deles em um piscar de olho. E eu iria anunciar sim, estamos fazendo isso e pegar alguns Negros e ir para lá. E eu não acho que nós perderíamos. Na verdade, eu sei que não. Temos Negros no Mississippi agora que já estão prontos. Eles já estão prontos, eles estão sentados lá esperando. O homem branco sabe há muito tempo. Estão à espera que alguém os deixe saber que está tudo bem. Veja, o pregador tem dito a eles que não está tudo bem. E uma vez que você o faz saber que está pronto para lutar e se defender, que é seu direito, que você é justificado em devolver bala por bala a uma organização racista como o Klan. Deixe-os saber, você não vai mesmo ter que ir lá. Há bastante deles lá para fazer por eles mesmos. Mas você quer participar da ação. Estou a dizer-te, o Harlem está cheio de gente que quer ir lá. Alguns deles vêm de lá. Sim, senhor?

Pergunta: Irmão Malcolm, eu estava lendo o jornal Amsterdam quando estava a caminho desta reunião. E eles têm um artigo que diz que Malcolm X oferece sua ajuda ao CORE e essas outras organizações supostamente não-violentas. Neste artigo, eles disseram que estavam considerando a sua oferta, mas eles não tinham feito qualquer comentário sobre isso. Gostaria que lesse o artigo.

Malcolm X: Não tivemos tempo para ler o artigo inteiro. Estamos contentes por termos dado uma reportagem ao jornal Amsterdam. E dizer-lhes que você lhes deu uma matéria para usarem na edição da próxima semana, na reunião do próximo domingo. Enviamos um telegrama para a Comissão estudantil não-violenta do Mississippi, dizendo-lhes que se o governo federal não proteger as pessoas e os bens do nosso povo que iríamos enviar alguns irmãos para lá que sabem como organizar o nosso povo em unidades de autodefesa, que mostraríamos ao nosso povo

como falar a única língua que a Klan entende. E a única linguagem que eles entendem é a linguagem da violência. Eu estou lhe dizendo: quando você derrubar alguns *Klans*, o governo vai intervir

Agora, eu deveria ser acusado de promover a violência? Deixe-me te mostrar o que é um sistema podre. Vão sair daqui e dirão que estou promovendo a violência. Eles não dirão que o *Klan* está praticando violência, eles não dirão que o conselho dos cidadãos brancos está praticando violência, eles não dirão que o governo dos Estados Unidos está praticando a violência. Tudo o que eles vão fazer é sair e dizer que estamos promovendo a violência. Você está vivendo em um sistema podre. Não, devemos declarar temporada aberta para os *Klansmen*, temporada aberta. Deixe que eles saibam. Sim, minha senhora.

Pergunta: Como pode você se registrar como independente quando não há nenhum partido independente?

Malcolm X: Uma pessoa pode se cadastrar como um eleitor independente e depois votar como quiser. Não, não estou falando de um partido independente. Estou falando de uma pessoa que se registra como um eleitor independente, o que significa que você não está comprometido com qualquer partido.

Pergunta: O que as pessoas que já estão registradas como democrata ou republicano podem fazer? Você fala sobre aqueles que devem se registrar. Mas o que tem a dizer sobre aqueles que já estão registrados como democratas ou republicanos?

Malcolm X: Não tem problema. Você pode facilmente se tornar um eleitor independente registrado. Se você fosse um democrata, você poderia se tornar um republicano, não poderia? Se você fosse um republicano, você poderia mudar sua afiliação para o partido democrata.

Pergunta: Mas se sou registrado como um democrata, o que devo fazer?

Malcolm X: Fique com o resto dos eleitores independentes. Tudo o que estou tentando mostrar é que precisamos de um corpo coletivo de eleitores registrados que não estão comprometidos com qualquer partido e que não estão comprometidos com ninguém até descobrirmos o que vamos conseguir com esse compromisso, alguns resultados positivos desse compromisso.

Pergunta: Mas como você pode não se comprometer?

Malcolm X: Se você já está comprometido? Nós vamos investigar isso e informaremos na próxima semana. E essa é uma das razões pelas quais nós temos um comitê político, que possui o tipo de conhecimento político necessário para nos orientar sobre qualquer problema com o qual somos confrontados. É melhor não se comprometer. Um homem Negro que está comprometido está fora de si. Porque o fato de você não ter dado um soco não quer dizer que você não possa dar. Eu diria que desde que você não tenha socado, você sempre tem uma chance de socar. Sim, senhora?

Pergunta: Irmão Malcolm, apenas um comentário: tudo o que temos de saber é o que Adam Powell tem feito nos últimos anos.

Malcolm X: Ele pulou de partido em partido, não foi? Mas queremos dar uma explicação para que fique esclarecido. Podemos lhe dar uma explicação melhor através de nossa comissão que tem a responsabilidade de obter essa informação. E na nossa reunião no próximo domingo à noite teremos a resposta. Sim, senhora?

Pergunta: (Sobre a obtenção de uma nomeação para discutir um problema)

Malcolm X: Você pode fazê-lo direto no escritório *Theresa*. Faça através da secretária de lá. Eu não corro das pessoas. Mas a razão pela qual eu nunca faço compromissos muito antecipados é porque eu não quero que aconteça uma situação onde eu tenha de depender de alguém. Neste momento, as coisas estão muito boas para mim, sabes. Oh sim. Estou tentando me manter vivo, você entende. Pode soar como se eu tivesse exagerando, mas é verdade. Há dois meses que estou dizendo o que aconteceu comigo e algumas pessoas pensaram que eu estava louco. Mas alguns destes fatos estão começando a surgir agora. E a imprensa branca não o divulgou. Ela omitiu porque não queria que a coisa desmoronasse. Sempre que eles descobrem que algo está colocando a vida das pessoas negras em perigo, eles querem que essa coisa aconteça. Se você notar qualquer coisa como uma regra posta, como o *American Journal* fez no domingo passado, dizendo que tínhamos 600 pessoas aqui. Veja, eles são mentirosos crônicos. E eles disseram que uma vitória esmagadora foi marcada por Elijah Muhammad.

Bem, você sabe, eu odeio ter de falar sobre este assunto. Todos vocês vão me perdoar se eu fizer. Mas disseram que esperavam 500.000 no *Armory*. E se tivesse 10.000 ainda restava 490.000, a menos que sua relação pública tenha cometido um erro tipográfico quando estava colocando o comunicado de imprensa. Então, eu não considero isso uma vitória. Mas eles gostam de nos colocar um contra o outro. É isso mesmo que estão tentando fazer. E às vezes, eles acham que somos burros o suficiente para nos deixar ser usado um contra o outro. Então, o secretário lá no escritório *Theresa* vai organizar.

Pergunta: Uma vez você afirmou que a única solução para o chamado Negro, em última análise, era regressar à África. Então, na última reunião, você disse que devemos voltar para a África culturalmente e espiritualmente, mas politicamente devemos permanecer neste país.

Malcolm X: A primeira declaração que fiz. Eu fiz antes de ir para a África. Passei cerca de cinco semanas lá falando com todo tipo de líder africano com o qual eu pude ter acesso. E o resultado final dessa viagem foi que se o nosso povo for, eles serão bem-vindos. Mas aqueles que são politicamente maduros lá, disseram que seria mais sensato desempenhar um papel na política neste momento aqui mesmo. Se quisermos voltar, seremos bem-vindos, mas o que devemos fazer é para o bem-estar de todos, não de poucos. Uma vez que você restaurar os laços culturais e espirituais entre o nosso povo aqui e nosso povo lá, então nós começaremos a trabalhar juntos. Agora, alguém aqui é necessário para fazer algum trabalho para o coletivo. E você e eu estamos em melhor condição de fazê-lo.

Pergunta: (Observações não audíveis)

Malcolm X: Irmão, se todos nós quiséssemos voltar para a África, você não ficaria satisfeito em voltar sozinho, eu sei disso. Seu desejo seria ver todos nós retornando, se eu estiver correto. Então, como você criará uma situação, número um, que levasse todos os Negros a quererem voltar, ou fazer todos nós termos um conhecimento profundo o suficiente de como é lá para querer voltar, ou como este homem tão farto de nós, iria querer nos mandar para lá? Como você iria fazer isso? Como você iria obter lugar para cerca de 22 milhões de pessoas para ir a um lugar que eles pensam que é uma selva podre, infestada de insetos? Como você iria fazer para convencê-los voltar quando eles se encolhem quando você usa a palavra africano ou África? Que estratégia usaria? Ou então você acabaria voltando sozinho.

Você sabe que há alguns nacionalistas aqui que não estão prontos para voltar? Eles falam, falam, eu quero dizer apenas falam, mas quando se trata de tomar alguma ação concreta. Bem, vamos encarar a realidade. Nosso povo tem de ser ensinado até alcançarmos uma melhor compreensão dos benefícios que teríamos se nós voltássemos. E enquanto você não pode educar 22 milhões de pessoas a esse nível ou a esse ponto, então, enquanto você está tentando levá-los nessa direção, você tem que ao mesmo tempo ter algum tipo de programa que lhes permita tirar a vantagem máxima de cada oportunidade que existe aqui.

Quero voltar para a África. Mas o que posso fazer enquanto estou esperando para ir? Passar fome? Viver numa favela infestada de ratos? Mandar meus filhos para uma escola onde seus cérebros são aleijados? Não, se nós estamos nos preparando para ir, mas temos de esperar o tempo entre o agora e a partida, então nós temos que ter um programa de longo alcance e um programa de curto alcance, um projetado para nos conduzir nessa direção, mas ao mesmo tempo projetado para nos permitir tirar o máximo de vantagem de cada oportunidade. Mais uma pergunta. Sim, senhor?

Pergunta: Qual será a atitude desta organização para a intervenção americana na África?

Malcolm X: O irmão quer saber qual será a atitude desta organização no que diz respeito à intervenção americana na África. Você provavelmente está se referindo aos recentes bombardeios contra nossos irmãos congolezes, quando os pilotos americanos bombardearam aldeias dos nossos irmãos no Congo. Isso foi pior do que os italianos fizeram aos nossos irmãos na Etiópia.

Sempre que este tipo de coisas ocorre, você e eu devíamos estar organizados de tal forma que o governo americano pensasse duas vezes antes de toma qualquer medida contra os africanos, que são nossos irmãos e irmãs. É por isso que temos de nos organizar. Mas este punhado de pessoas aqui não significa nada. Temos que nos organizar e depois organizar a cidade e depois organizar o estado e depois organizar o país. Uma vez que você fizer isso, o governo não vai intervir na África.

Protestar com uma placa dizendo que é contra o bombardeio no Congo não significa nada se você não estiver organizado. Temos que organizar casa por casa, rua por rua, cidade por cidade, estado por estado, todo homem de descendência africana no Hemisfério Ocidental.

E então você e eu poderemos deter os atos de violência não só no Mississippi, mas também no Congo. Mas primeiro você tem de se organizar. Vir a estas reuniões não é se organizar. Depois de vir, volte e se torne parte da instituição para que possamos nos organizar, e assim, nestas reuniões de adesão, poderemos então dizer-lhe como você pode nos ajudar a organizar os outros. E se aqueles organizarem os outros e organizarem outros. A primeira coisa que teremos é essa cidade organizada. Então você poderá atuar.

Fora isso, tudo é prematuro, é realmente prematuro. Você protesta, se sente bem, seu peito se estufa. Mas o que você recebe? Nada. Porque, irmãos, o homem estuda todas essas ações antes de fazer sua jogada. Quando você os vê intervindo no Congo e, em seguida, ter a coragem de falar à imprensa. A prova disso, diga-me o nome de um jornal Negro que protestou. Nomeie um jornal Negro — eu uso a palavra Negro agora de propósito — nomeie uma organização negra que protestou. Diga o nome de um líder Negro que protestou. O Departamento de Estado sabia com antecedência o que ia acontecer. Eles não estão preocupados com essas organizações ou com aqueles líderes. Mas este punhado de pessoas não significa nada. O que você e eu temos de fazer é organizar, organizar todos os Negros que você encontrar. E eu garanto que eles saberão com antecedência que nós estamos organizados, antes que eles façam qualquer movimento no Congo ou em qualquer outro lugar.

Mas um dos piores tapas na cara que o homem Negro recebeu neste país foi quando o Departamento de Estado teve a audácia, na semana passada, de admitir que os pilotos americanos estavam bombardeando africanos indefesos no Congo. E nenhum clamor foi feito entre o nosso povo. Os líderes Negros estão muito ocupados falando sobre arruaças no metrô. Entenda isso. Arruaças entre os Negros no metrô, enquanto os congolesees estão sendo mutilados membro por membro por bombas americanas que caem diariamente, lançadas por pilotos americanos de aviões americanos.

5.7 Discurso da Conferência de Cúpula Africana (21 de agosto de 1964)

A Organização da Unidade Afro-americana enviou-me para assistir a esta histórica Conferência de Cúpula Africana como observador para representar os interesses de 22 milhões de africano-americanos cujos direitos humanos estão sendo violados diariamente pelo racismo dos imperialistas americanos.

A Organização da Unidade Afro-americana foi formada por meio de uma seção transversal África América - Comunidade Americana, e está em conformidade com a ideia e o espírito da Organização da Unidade Africana.

Assim como a Organização da Unidade Africana tem convocado todos os líderes africanos para superar suas diferenças e unir-se em objetivos comuns para o bem de todos os africanos na América, a Organização da Unidade Afro-americana chamou os líderes afro-americanos para esquecer suas diferenças e encontrar áreas de comum acordo na qual possamos trabalhar em unidade para o bem de todo os 22 milhões de Africano americanos.

Visto que os 22 milhões de nós, que eram originalmente africanos, estão agora na América, não por escolha, mas somente por um acidente cruel em nossa história, nós acreditamos fortemente que os problemas africanos são nossos problemas e nossos problemas são problemas africanos.

Nós também acreditamos que, como chefes dos Estados africanos independentes, vocês são os pastores de todos os povos africanos em todos os lugares, estejam eles ainda em casa, aqui no continente materno, ou espalhados pelo mundo.

Alguns líderes africanos nesta conferência têm lembrado que eles já têm problemas suficientes aqui no continente materno para acrescentar o problema afro-americano.

Com todo o respeito às vossas estimadas posições, devo lembrar-vos que o bom pastor deixará 99 ovelhas que estão seguras em casa para ir ao auxílio daquela que está perdida e caiu nas garras do lobo imperialista.

Nós na América somos seus irmãos e irmãs há muito perdidos, e eu estou aqui só para te lembrar que os nossos problemas são os seus problemas. Como africano-americanos "desperto", hoje, nós nos encontramos em uma terra estranha que nos rejeitou, e, como o filho pródigo estamos recorrendo aos nossos irmãos mais velhos para nos ajudar. Oramos para que nossos apelos não caiam sobre ouvidos surdos.

Fomos levados à força acorrentados deste continente materno e agora já se passaram mais de 300 anos na América e continuamos sofrendo as formas mais desumanas de tortura física e psicológica inimagináveis.

Durante os últimos dez anos, o mundo inteiro testemunhou nossos homens, mulheres e crianças serem atacados e mordidos por cães de polícia, sendo brutalmente espancado por policiais com cassetetes e jogados ao chão por mangueiras d'água de alta pressão que rasgam a roupa de nossos corpos e a carne de nossos corpos.

E todas essas atrocidades desumanas foram infligidas a nós pelas autoridades governamentais americanas, a própria polícia, por nenhuma outra razão, senão porque buscamos o reconhecimento e o respeito concedido a outros seres humanos na América.

O governo americano é incapaz ou não tem interesse em proteger as vidas e as propriedades de 22 milhões de irmãos e irmãs afro-americanos. Estamos indefesos, à mercê dos racistas americanos que nos matam à vontade por nenhuma outra razão senão pelo fato de sermos Negros de descendência africana.

Na semana passada, um educador afro-americano desarmado foi assassinado a sangue frio na Geórgia; poucos dias antes de três trabalhadores dos direitos civis desaparecerem completamente, talvez assassinado também, só porque eles estavam ensinando nosso povo no Mississippi como votar e como garantir seus direitos políticos.

Nossos problemas são seus problemas. Temos vivido por mais de 300 anos na América no meio de lobos racistas com medo constante de perder a vida e o membro. Recentemente, três estudantes do Quênia foram confundidos com afro-americanos e foram brutalmente espancados pela polícia de Nova York. Pouco depois, dois diplomatas de Uganda também foram espancados pela polícia de Nova York, que os confundiu com afro-americanos.

Se os africanos são brutalmente espancados quando visitam a América, imagine o sofrimento físico e psicológico recebido por seus irmãos e irmãs que vivem lá por mais de 300 anos.

Nosso problema é seu problema. Não importa quanta independência os africanos conquistem neste continente materno, a menos que você esteja trajando suas roupas tradicionais, qualquer tempo que você visitar a América, você pode ser confundido como um de nós e sofrer a mesma mutilação psicológica e física, que é uma ocorrência cotidiana em nossas vidas.

Seus problemas nunca serão totalmente resolvidos até, e a menos que os nossos estejam resolvidos. Você nunca será totalmente respeitado até, e a menos que também sejamos respeitados. Vocês nunca serão reconhecidos como seres humanos livres até, e a menos que também sejamos reconhecidos e tratados como seres humanos.

Nosso problema é seu problema. Não é um problema Negro, nem um problema americano. Este é um problema mundial, um problema para a humanidade. Não é um problema de direitos civis, é um problema de direitos humanos.

Oramos para que nossos irmãos africanos não tenham se libertado do colonialismo europeu apenas para serem superados e mantidos agora sob controle pelo dólar americano. Não deixe o racismo americano ser "legalizado" pelo dólar americano.

América é pior que a África do Sul porque ela não é só racista, mas também é dissimulada e hipócrita. A África do Sul prega e pratica segregação. Ela pelo menos pratica o que ela prega. América prega integração e pratica segregação. Ela prega uma coisa enquanto pratica enganosamente outra. África do Sul é como um lobo vicioso, abertamente hostil para com a humanidade negra. Mas a América é astuta como uma raposa, amigável e sorridente, mas ainda mais astuta e mortal do que o lobo.

O lobo e a raposa são inimigos da humanidade, ambos são caninos, ambos humilham e mutilam suas vítimas. Ambos têm os mesmos objetivos diferem apenas em métodos.

Se a África do Sul é culpada por violar os direitos humanos dos africanos aqui no continente materno, então a América é culpada das piores violações dos 22 milhões de africanos no continente americano. E se o racismo da África do Sul não é uma questão doméstica, então o racismo americano também não é uma questão doméstica. Suplicamos aos Estados africanos independentes que nos ajudem a levar o nosso problema perante as Nações Unidas baseado no fato de que o governo dos Estados Unidos é moralmente incapaz de proteger a vida e a propriedade dos 22 milhões de afro-americanos. E baseado no fato de que a nossa situação deplorável está definitivamente se tornando uma ameaça à paz mundial.

Em decorrência da frustração e desesperança nossos jovens chegaram a um caminho sem volta. Nós não endossamos mais paciência dando a outra face para bater. Nós afirmamos o direito de autodefesa por qualquer meio necessário, e reservamos o direito de retaliação máxima contra os nossos opressores racistas, não importa quais sejam as probabilidades contra nós.

Estamos conscientes de que os nossos esforços futuros para nos defendermos da violência retaliando com violência, olho por olho e dente por dente, poderá criar um tipo de conflito racial na América que poderia facilmente se transformar em uma guerra violenta em todo o mundo, uma sangrenta guerra racial.

No interesse da paz e da segurança mundial, rogamos aos chefes dos Estados africanos independentes que recomendem a Comissão das Nações Unidas dos Direitos Humanos uma investigação imediata sobre o nosso problema.

Uma última palavra, meus amados irmãos desta Conferência Africana: "ninguém conhece melhor o mestre do que o seu servo." Temos sido servos na América por mais de 300 anos. Temos um conhecimento profundo deste homem que se intitula "tio Sam". Portanto, você deve prestar atenção ao nosso aviso. Não fuja do colonialismo europeu só para se tornar ainda mais escravizado pelas enganosas "cordialidades" do dólar americano.

Que *Allah* possa abençoar a todos com boa saúde e sabedoria.

5.8 Discurso para a Segunda Conferência da Cúpula Africana (21 de agosto de 1964)

Todos os esforços da imprensa americana para reduzir a importância e o sucesso da segunda Conferência de Cúpula Africana, realizada recentemente aqui na antiga cidade africana do Cairo, poderia ser um erro drástico para as potências ocidentais, e especialmente para a América.

O despertar de todo o continente africano e de seu povo é o maior prêmio bem como seu papel fundamental na luta para o "equilíbrio de poder" atualmente travado entre o Oriente e o Ocidente. Não somente as suas fontes ilimitadas de recursos minerais inexplorados, mas também sua posição geográfica estratégica que torna o continente extremamente vital na luta atual do mundo.

Por que a imprensa das potências ocidentais constantemente ridiculariza e desqualifica a ideia de um Estados Unidos da África? Eles sabem que uma África dividida é uma África fraca, e eles querem mantê-la dependente da "filantropia ocidental", ou do que está sendo cada vez mais descrito aqui como colonialismo "benevolente". Os neocolonialistas que "corteja e governa" a África habilmente disfarça seus objetivos egoístas por meio de ofertas generosas de "ajuda econômica ilimitada, humanitária," entretanto, tudo isso não é nada mais que o homólogo do "missionarismo" moderno do século XIX.

A África unida é uma África forte e independente, uma África que pode andar com seus próprios pés, caminhar por si mesma e evitar as armadilhas e ciladas arquitetadas pelos imperialistas "benevolentes" que mantêm o continente materno dividido, fraco, e dependente da ajuda econômica "filantrópica", "de orientação política", e "de proteção militar" do Ocidente.

Durante a segunda Conferência de Cúpula Africana qualquer observador imparcial poderia facilmente ver que a África está fazendo todos os esforços para conquistar sua independência diante do mundo. A África quer apenas seu legítimo lugar ao sol.

A medida que o bem-intencionado público americano perceber que o único objetivo da África é "ser independente e autossustentável" isso vai determinar a atitude e o grau de pressão do público americano sobre seus políticos, a fim de manter a política externa do governo americano com a África, uma política de assistência genuína em vez do "colonialismo" benevolente disfarçado de imperialismo "filantrópico" ou o que muitos dos "beneficiários cautelosos" da ajuda econômica americana estão começando a rotular de dolarismo americano.

Eu me refiro à importância do elemento bem-intencionado da sociedade americana, que está sendo informado corretamente e tendo uma compreensão correta dos objetivos e dos esforços da África porque América hoje é o principal poder ocidental, e a atitude do público americano pode desempenhar um papel vital para determinar se haverá uma reação positiva ou negativa do Ocidente em face aos esforços africanos por um continente unido e independente.

O povo americano deve entender que este vasto continente está em chamas com o espírito da revolução. Não é uma revolução negativa ou destrutiva baseada na vingança, mas uma revolução projetada para produzir as mudanças sociais construtivas que trará benefícios positivos para o povo Africano negligenciado a tanto tempo.

A revolução sem sangue aqui no Cairo que destronou e enviou para o exílio o antigo despótico rei Farouk, e o progresso constante do Egito voltado para as mudanças sociais positivas durante os últimos doze anos, fez com que a República Unida Árabe e seu militante Presidente Gamal Abdel Nasser se tornasse a pedra angular e modelo para toda revolução africana.

Apesar do retrato distorcido da República Unida Árabe criado pelas mídias anti-africanas, o presidente Nasser e seus assistentes fizeram grandes progressos em seu programa "passo a passo" criado para trazer os benefícios da modernidade a seu povo. Ele os tem guiado habilmente para longe de seu passivo e antiquado passado, ao mesmo tempo, mostrando-lhes como preservar e aproveitar os benefícios de sua antiga e gloriosa civilização.

A industrialização bem-sucedida da República Unida Árabe em apenas doze anos desde a revolução e a sede que tem inspirado as massas egípcias a educar-se nas escolas livres criadas em todo o Egito desde a revolução. São apenas algumas das muitas realizações revolucionárias que serviram de base e padrão para o espírito de independência econômica, política e intelectual que tem varrido todo este continente materno nos últimos doze anos.

E o espírito revolucionário que ele inspirou entre os seus companheiros aqui no continente africano atravessou o Oceano Atlântico e alcançou o coração e a mente de 22 milhões do nosso povo na América que também são de origem africana.

O espírito de compreensão fraterna e de unidade com que o Presidente Gamal Abdel Nasser abriu a segunda Conferência de Cúpula Africana, realizada recentemente aqui no Cairo, inspirou todos os outros com o mesmo espírito de vontade de reconhecer a necessidade de mudanças e lançou com sucesso as bases para discussões sérias em direção a formação de um Estados Unidos da África verdadeiramente independente.

O sucesso desta segunda Conferência de Cúpula Africana não é apenas uma vitória esmagadora para as pessoas daqui do continente, mas é também uma vitória para os 22 milhões de irmãos e irmãs na América que são de origem africana. Nós afro-americanos estamos conscientes de que uma África unida é uma África forte, e é apenas na força dos nossos irmãos africanos que nós, na América, vamos encontrar uma verdadeira solução para nossa luta pela independência, reconhecimento e respeito dos nossos direitos humanos.

Chegou o momento da voz desperta da África ser ouvida com tremendo impacto em todo o mundo, e a importância cada vez maior, a influência de sua voz pode ser reconhecida desde primeira Conferência de Cúpula Africana, que foi realizada em Addis Abeba, em maio de 1963.

Foi esta primeira Conferência de Cúpula Africana que lançou as bases contra o golpe físico e psicológico dos esquemas neoimperialistas europeus e americanos para enfraquecer a África, mantendo-a artificialmente dividida em "África acima da Saara e África abaixo do Saara, África árabe e África africana, África muçulmana e África não-muçulmana, África branca e África negra.

A Conferência de Cúpula em Addis Abeba foi o primeiro passo dado pelos próprios africanos para destruir esses esquemas de divisão que tinham sido habilmente criados e propagados pelos neoimperialistas americanos e europeus. Estes passos bem-sucedidos para a unidade que foram desencadeadas na primeira Conferência de Cúpula deixaram os inimigos da unidade africana bastante insatisfeitos e desesperados, levando a criar contramedidas a fim de destruir a unidade africana.

Mas as fortunas gastas pelos neoimperialistas em sua propaganda para dividir o continente tem sido o mesmo que jogar dinheiro no ralo porque a antiga "concubina" africana despertou de sua lua de mel ilícita entre a mãe África e seus antigos "amantes" europeus, isso acabou para sempre.

A luz da compreensão mútua que brilhou na primeira Conferência da Cúpula criou um clima novo aqui no continente materno, inaugurando uma atmosfera de fraternidade entre os chefes dos Estados africanos independentes. Conflitos de personalidade que anteriormente mantinham alguns deles fechados, cegos e distantes foram superados e, em vez disso, áreas e tópicos de interesse comum, benefício comum, e comum acordo foram enfatizados e discutidos. O bem da África foi colocado acima dos interesses pessoais de alguns indivíduos.

Sim, a primeira reunião de cúpula foi realmente uma grande realização. Ninguém reivindicou de modo egoísta, que a reunião deveria ser realizada em Lagos, Accra, Monróvia, Argel, Cartum, ou Conacri, em vez de Addis Abeba. Eles mostraram respeito pelo Imperador Haile Selassie, embora ele fosse um monarca absoluto e a maioria dos outros eram de repúblicas antimonárquicas. Esta primeira reunião de cúpula reuniu os monarcas e presidentes africanos no mesmo nível. Isso criou uma "atmosfera de trabalho" entre monarquias e repúblicas, entre os países grandes e pequenos, entre os ricos em recursos naturais e aqueles que eram quase estéreis.

Assim, a primeira reunião de cúpula criou o clima para a unidade. Mas foi aqui em Cairo, na segunda Conferência de Cúpula Africana, que a verdadeira unidade de ação começou a tomar forma, quando todos os chefes dos Estados africanos independentes denunciaram o imperialismo e o racismo em todas as suas formas, incluindo até mesmo a passagem de uma resolução condenando a permanente opressão racista dos 22 milhões de afro-Americanos nos Estados Unidos. E muitos deles, pela primeira vez, se uniram para denunciar Israel em uma base e ferramenta do neoimperialismo, e apoiaram abertamente o direito dos refugiados árabes a regressarem à sua pátria Palestina. Eles puderam facilmente ver que, uma vez que mais de 80 por cento do mundo árabe está no continente africano, os problemas árabes são inseparáveis dos problemas africanos.

O espírito de fraternidade foi tão forte nesta segunda Conferência de Cúpula que os chefes de estado não só concordaram com a necessidade de uma África unida, mas discutiram vigorosamente a restauração da liberdade e da dignidade do continente materno como um todo. Eles reconheceram o governo da Zâmbia e o governo em exílio de Angola, aceitando ambos os chefes de estado Kenneth Kaunda e Robert Holden como participantes da conferência de cúpula. Eles deram pleno apoio aos Combatentes da Liberdade do movimento de libertação da África e expressaram planos concretos para ajudar na sua luta pela liberdade, tanto moral como material, mesmo que necessitasse de fornecer armas para uma revolta aberta e sangrenta contra os restantes teimosos racistas.

Embora muitos deles reconheçam que Israel não é nada além de uma base situada na ponta do nordeste do continente materno para a forma do “colonialismo benevolente” do século XX. Eles constataram que o problema mais premente que o continente enfrenta é o governo abertamente racista que ocupa a África do Sul, o remanescente do colonialismo do século XIX representado pela minoria da população europeia sobre a maioria africana.

As decisões e resoluções coletivas da conferência para trazer sanções severas contra o governo racista da África do Sul foram acordadas por todos os chefes de Estado africanos, e, portanto, não há dúvida de que este sólido apoio a luta pela liberdade africana nessa área irá intensificar os seus esforços para expulsar a minoria racista europeia que está governando forçosamente o seu país.

Eles também reconheceram a seriedade do nosso problema na América, sua relação com o continente africano e sua obrigação moral de nos apoiar em nossa luta pelos direitos humanos, e portanto, a minha vinda para a Conferência de Cúpula não foi em vão como alguns segmentos da imprensa americana tentaram "sugerir", mas em vez disso minha vinda provou ser muito frutífera para a nossa luta pela liberdade na América, e especialmente para o nosso plano de levar nossos problemas para as Nações Unidas.

Eu tinha viajado mais de 6000 milhas da América para participar desta Conferência de Cúpula africana como observador. A Organização da Unidade Afro-americana (OAAU) tinha me enviado para apresentar a verdadeira situação e os sentimentos de 22 milhões de afro-americanos para esses Chefes de Estados independentes.

Após a minha chegada ao Cairo, fui recebido de braços abertos pelos líderes africanos e pelas suas várias delegações. Não achei nenhuma porta fechada para mim. Eles me pediram para preparar um memorando sobre a situação real do nosso povo na América, explicando como nós também somos vitimados pelo neoimperialismo em sua forma racista americana, e eles me incitaram a apresentar o meu memorando para a conferência para que eles pudessem tomar medidas em nosso favor.

Tentei resumir a nossa situação em mínimas palavras possíveis, mas o meu memorando sobre as contínuas atrocidades contra o afro-americano pelos racistas dos Estados Unidos acabou se estendendo para nove páginas. Ele condenou a prática de racismo da América, classificando-a como pior do que Apartheid na África do Sul e descreveu como este elemento racista do Departamento de Estado tinha habilmente nos enganado sobre a simpatia natural e o apoio dos nossos irmãos africanos em nossa luta pela liberdade, usando "liberais" brancos para ganhar a nossa amizade e confiança, a fim de "aconselhar" e manobrar-nos em uma luta de doze anos pelos nossos direitos civis, sabendo que, enquanto a nossa luta pela liberdade fosse

classificada de "direitos civis" seria considerada pelas Nações africanas como assunto "doméstico" e nossa situação permaneceria sob a jurisdição do governo federal americano.

Meu memorando acusou que este mesmo elemento racista do Departamento do Estado sabia que a nossa recém formada Organização da Unidade Afro-americana (OAAU) estava planejando internacionalizar o problema racial da América, mudando-o da categoria de direitos civis para direitos humanos universalmente reconhecidos, para que então, pudessêmos levar a América diante de um tribunal das Nações Unidas e acusá-la de violar a Declaração dos Direitos Humanos da ONU e de violar a carta da ONU em si.

Para impedir que a Organização da Unidade Afro-americana (OAAU) conquistasse o interesse, a simpatia e o apoio dos Estados africanos independentes em nosso favor para levar a situação miserável dos 22 milhões de afro-americanos perante a ONU, o elemento racista do Departamento de Estado, muito astutamente, deu total cobertura mundial na divulgação da recente aprovação do projeto de lei dos direitos civis, que na verdade, foi apenas uma tentativa desesperada de levar os Estados africanos pensarem que a América estava sinceramente tentando corrigir as injustiças cometidas contra nós, e, assim, manobrar o governo Africano para que este permitisse que a América mantivesse seu racismo "doméstico" sob sua única jurisdição.

Este elemento racista dentro do Departamento de Estado percebeu que, se qualquer militante afro-americano inteligente conseguisse permissão para se apresentar perante as Nações Unidas para depor em nome dos 22 milhões de afro-americanos maltratados, nossos irmãos e irmãs na África, Ásia e América Latina veriam a América como uma "besta fera", ainda mais cruel e voraz do que os poderes coloniais da Europa e da África do Sul juntas. Fiquei aliviado e encantado ao saber como facilmente a maioria dos chefes de Estados africanos e seus assessores perceberam os truques dos racistas americanos. Um deles me disse que sabia que a lei dos direitos civis era apenas uma "manobra política" para conquistar os votos dos Negros nas próximas eleições, e ele salientou que dificilmente poderia ter sido acidental que a aprovação do projeto de lei viesse a calhar durante este ano eleitoral.

Outro descreveu-o como um belo documento no papel, mas concordou que era um documento que nunca poderia ser implementado. Outro disse que era como uma anestesia que um dentista dá em um paciente que tem dor de dente, em abcesso sem nunca tirar o dente, ou tratar a condição, ignorando a causa.

Todos com quem consegui estabelecer contato pessoal concordaram com a minha alegação de que o nosso problema era do âmbito dos direitos humanos em vez dos direitos civis.

Eles também concordaram que precisávamos e merecíamos o pleno apoio de todo o mundo na nossa luta pelos direitos humanos.

Assim, essas mentes iluminadas dos 33 Estados africanos independentes da segunda Conferência de Cúpula aprovaram uma resolução condenando o sucessivo tratamento brutal contra o afro-americano nos Estados Unidos, e expressaram sua total simpatia e apoio a nossa luta para pôr fim ao jugo do racismo americano. Esta resolução teve implicações assustadoras para a imagem futura da América e sua posição no mundo, especialmente para a sua política externa neste ano eleitoral crucial. Não é surpresa que a imprensa americana ocultou completamente o fato de a segunda Conferência de Cúpula ter aprovado tal definição, apesar de ser enviada a todos os meios de notícia americanos através de serviços a cabo de UPI. Até o momento, não foi dito ao público americano que a segunda Conferência de Cúpula Africana aprovou uma resolução condenando os maus tratos dado aos afro-americanos e o pleno apoio dado a nossa luta pela liberdade. A voz da África está se tornando mais forte a cada dia.

O espírito de unidade aqui no Cairo durante esta segunda Conferência de Cúpula Africana, e seu acordo de que não há mais espaço aqui no continente mãe para o imperialismo – não há de nenhuma forma – no momento em que esses chefes de estado estiver realizado sua terceira Conferência de Cúpula Africana em Accra, no próximo ano, a maioria das fortalezas remanescentes do imperialismo terão caído diante do peso esmagador de uma crescente união do continente. África unida!

5.9 Carta à Gazeta Egípcia (25 de agosto de 1964)

Eu não sou racista e não apoio qualquer princípio racista. Mas a semente do racismo foi plantada firmemente nos corações da maioria dos brancos americanos desde a fundação deste país. Esta semente está enraizado tão profundamente no subconsciente de muitos brancos americanos que nem eles mesmos estão cientes de sua existência, mas pode ser facilmente constatado em seus pensamentos, em suas palavras e em suas ações.

No passado, permiti-me ser usado por Elijah Muhammad, o líder do grupo conhecido como os Muçulmanos Negros, em que fazia acusações arrebatadoras contra todos os brancos, toda a raça branca e estas generalizações provocou lesões em alguns brancos que talvez não merecessem ser feridos. Por causa da iluminação espiritual pela qual fui abençoado como resultado de minha recente peregrinação à cidade santa de Meca, já não concordo com as acusações arrebatadoras sobre qualquer raça.

Minha peregrinação religiosa (*Hajj*) para Meca me deu uma nova visão sobre a verdadeira irmandade do Islã, que abarca todas as raças. A peregrinação ampliou meu alcance de visão e me fez mais flexível com relação as muitas complexidades da vida e minhas reações aos seus paradoxos.

Em Meca, vi o espírito da verdadeira unidade e irmandade exibida por dezenas de milhares de pessoas de todo o mundo, desde loiros de olhos azuis a africanos de pele negra. Isso serviu para me convencer de que talvez alguns brancos americanos também pudessem ser curados do racismo desenfreado que está consumindo-os e prestes a destruir esse país.

Agora estou me esforçando para viver como um verdadeiro muçulmano sunita. No futuro, pretendo ter o cuidado de não sentenciar ninguém antes que sua culpa tenha sido comprovada. Devo repetir que eu não sou racista nem defendo os princípios racistas. Posso afirmar com toda sinceridade que não desejo nada além de liberdade, justiça, igualdade, vida, liberdade e busca da felicidade para todas as pessoas.

No entanto, a primeira lei da natureza é a autopreservação, por isso a minha primeira preocupação é com o grupo oprimido de pessoas a qual pertencço, os 22 milhões de afro-americanos, pois nós, mais do que qualquer outra pessoa na terra hoje, somos privados desses direitos humanos inalienáveis.

Mas o tempo está se esgotando para a América. Os 22 milhões de afro-americanos ainda não estão cheios de ódio ou um com desejo de vingança como a propaganda segregacionista levam as pessoas a acreditarem. A lei universal da justiça é suficiente para trazer o julgamento sobre os brancos americanos que são culpados do racismo. A mesma lei também punirá aqueles que se beneficiaram das práticas racistas de seus antepassados e não fizeram nada para expiar os "pecados de seus pais". Basta olhar em volta desta terra hoje e ver os crescentes problemas que esta geração de brancos americanos está tendo. Os "pecados de seus pais" estão definitivamente sendo visitados sobre as cabeças desta geração atual. Mas os brancos americanos inteligentes admitirão livremente hoje, sem hesitar, que sua geração já está sendo punida e flagelada por causa das más ações que seus antepassados cometeram quando escravizaram milhões de afro-americanos naquele país.

Mas não será necessário para a sua vítima, o afro-americano, buscar a vingança. As mesmas condições que os brancos americanos criaram já estão os flagelando com insanidade e morte. Eles estão colhendo o que seus antepassados semearam. "As suas galinhas estão voltando para o poleiro." E nós, os 22 milhões de afro-americanos, suas vítimas, só precisamos de mais tempo para remover as "cicatrices da escravidão" das costas e da mente do nosso próprio povo, cicatrizes físicas e mentais deixadas por 400 anos de tratamento desumano na América nas mãos dos racistas brancos.

A chave para o nosso sucesso reside na ação unida. A falta de unidade entre os vários grupos afro-americanos envolvidos na nossa luta sempre foi a razão pela qual não conseguimos obter ganhos concretos na nossa guerra contra a opressão, exploração, discriminação, segregação, degradação e humilhação. Antes da condição miserável dos 22 milhões de "cidadãos de segunda classe" ser corrigido, todos os grupos da comunidade afro-americana devem formar uma frente unida.

Só através da união, nossos problemas poderão ser resolvidos. Como podemos obter a unidade da comunidade afro-americana? A ignorância do outro é o que tornava a unidade impossível no passado. Portanto, precisamos de iluminação. Precisamos de mais luz sobre o outro. A luz cria a compreensão, a compreensão cria o amor, o amor cria a paciência, e a paciência cria a unidade. Uma vez que tivermos mais conhecimento (luz) sobre o outro, que vai parar de se condenar, uma frente unida será trazida.

Todos os 22 milhões de afro-americanos têm o mesmo objetivo. Queremos liberdade, justiça e igualdade, queremos reconhecimento e respeito como seres humanos. Não estamos divididos em objetivos, mas permitimos que nossos inimigos racistas nos dividam por causa dos diferentes métodos que usamos para alcançar esses objetivos comuns. Nosso inimigo magnificou nossos pequenos pontos de diferença para em seguida nos manobrar, levando-nos a desperdiçar o nosso tempo debatendo e lutando entre si por questões insignificantes e irrelevantes.

O objetivo comum dos 22 milhões de afro-americanos é ser respeitado como seres humanos, direito dado por *Allah*. Nosso objetivo comum é obter os direitos humanos que a América tem nos negado. Nós nunca poderemos ter direitos civis na América até que nossos

direitos humanos sejam restaurados. Nunca seremos reconhecidos como cidadãos até sermos primeiros reconhecidos como seres humanos.

O atual "sistema" americano nunca poderá produzir liberdade para o homem Negro. Uma galinha não pode colocar um ovo de pato porque o "sistema" da galinha não é planejado ou equipado para produzir um ovo de pato. O sistema da galinha foi planejado para produzir ovo de galinha e só pode, portanto, reproduzir de acordo com o seu sistema.

O "sistema" americano (político, econômico e social) foi produzido a partir da escravidão do homem Negro, e este presente "sistema" é capaz apenas de perpetuar essa escravidão.

Para que uma galinha produza um ovo de pato o seu sistema teria de sofrer uma drástica e dolorosa revolucionária mudança. Revolução. Que seja assim com o sistema escravocrata da América.

No passado, os grupos de direitos civis na América tentaram inutilmente obter direitos constitucionais do mesmo governo que tem conspirado, negando esses direitos ao nosso povo. Apenas uma corporação mundial (um tribunal mundial) pode ser eficiente na obtenção desses direitos que pertencem ao ser humano por força de ser ele um membro da família humana.

Enquanto a luta pela liberdade dos 22 milhões de afro-americanos for vista como uma questão de direitos civis, essa continuará a ser um problema doméstico sob jurisdição dos Estados Unidos, e, como tal, barra a intervenção e o apoio de nossos irmãos e irmãs na África, Ásia, América Latina, bem como a dos brancos bem-intencionados da Europa. Mas uma vez que a nossa luta for transferida do âmbito dos direitos civis para os direitos humanos, a nossa luta pela liberdade se tornará internacionalizada.

Assim como a violação dos direitos humanos dos nossos irmãos e irmãs na África do Sul e em Angola é uma questão internacional que colocou os racistas da África do Sul e de Portugal sob o ataque de todos os outros governos independentes das Nações Unidas, a situação miserável dos 22 milhões de afro-americanos também deve ser transferida para a categoria dos direitos humanos a fim de que se torne uma questão internacional que chame a atenção direta de todos os governos civilizados. Desse modo, então, poderemos colocar o governo americano

racista perante um Tribunal Internacional para que eles sejam expostos e condenados como criminosos que são.

Por que deve ser necessário um tribunal mundial para resolver o problema racial da América? 100 anos atrás, uma guerra civil foi deflagrada para supostamente nos libertar dos racistas do Sul. Mas ainda somos vítimas de seu racismo. A Proclamação da Emancipação de Lincoln que supostamente nos libertaria, não nos libertou. Ainda estamos clamando por liberdade. Os políticos lutaram para mudar a Constituição para supostamente nos tornar cidadãos de primeira classe. Mas ainda somos cidadãos de segunda classe.

Em 1954, a Suprema Corte dos Estados Unidos emitiu uma decisão histórica que proíbe o sistema escolar segregado, e dez anos se passaram e esta lei ainda está para ser executada até mesmo nos Estados do Norte.

Se a América Branca não acha, que o afro-americano, especialmente a próxima geração, é capaz de adotar as táticas de guerrilha que estão sendo usado por pessoas oprimidas em outros lugares desta terra, ela está cometendo um erro drástico. Ela está subestimando a força que pode causar mais danos a ela.

Um esforço real e honesto para remover as injustiças praticadas contra os 22 milhões de afro-americanos deve ser feito imediatamente antes que seja tarde demais.

5.10 OAAU Comício de Volta para Casa no Harlem (29 de novembro de 1964)

Asalaam Alaikum (Paz seja convosco) para todos os meus irmãos e irmãs. Bem, eu nem sei por onde começar, mas eu quero que saibam com antecedência que nós não vamos mantê-los aqui esta noite por muito tempo. Primeiro, eu preciso fazer uma confissão, eu quase não chego aqui esta noite. Aconteceu algo, ocorreu uma situação em que quase íamos ter de adiar nossa breve conversa para o próximo domingo. Mas, graças Aquele que criou o universo, alguns o chamam de Deus, o chamam de um monte de coisas. Eu o chamo de *Allah*. Eu sou grato a Ele por poder estar aqui.

Agora, irmãos e irmãs, tudo o que eu gostaria de fazer esta noite e peço o vosso perdão, é dar-vos um breve esboço sobre algumas experiências que tive durante as últimas dezoito semanas. É bom estar de volta, embora eu não sei como um homem Negro pode deixar um

continente Negro e voltar para um continente branco e dizer que é bom estar de volta. Eu gostaria de dar-lhes um breve esboço a respeito de algumas das experiências que eu tive, algumas das coisas que eu vi, algumas das coisas que eu ouvi, de modo que vocês possam avaliar com sua própria mente.

O motivo da brevidade é porque eu terei de deixar o país novamente esta semana. Eu voltarei no próximo domingo. Estou envolvido em um debate na Universidade de Oxford, na Inglaterra, fora de Londres, na quinta-feira. Eu tenho de ir lá para isso. Depois eu volto para uma reunião que vamos ter no próximo domingo à noite. Nesta oportunidade, vamos convidar alguns especialistas para dar-nos uma explicação sobre o que exatamente aconteceu no Congo, para que os Negros do Harlem não precisem estar envolvidos numa situação na qual estejam sentados no banco, imaginando o que teria acontecido. Eu acho que você e eu devemos perceber que chegou a hora de deixar o mundo saber que não estamos apenas interessados em algum tipo de situação integrada nos Estados Unidos, mas estamos interessados em assumir o nosso lugar no palco mundial e estamos interessados em qualquer coisa que envolva os Negros em qualquer lugar da terra.

Seria um crime viver em uma cidade que tem mais pessoas negras do que qualquer outra cidade nesta terra, a cidade de Nova York, e ficar em silêncio diante da ação criminosa do governo dos Estados Unidos em parceria com a Bélgica no Congo. Quero dizer a ação criminosa na qual este governo se envolveu. Lyndon B. Johnson — ele disse isso hoje, ele é o culpado. Ele não precisa confessar, sabemos que ele é culpado antes de dizer isso. Ele esperou o povo votar nele. Depois que ele tomou posse, as coisas foram cortadas e dessecadas. Em seguida, ele entrou em conluio com a Bélgica, um dos governos mais racistas que já existiu na face da terra, a Bélgica. O governo americano em parceria com a Bélgica está enviando paraquedistas para o Congo sob o pretexto de que é um tipo de operação humanitária.

Então, no próximo domingo à noite, vamos tentar obter dos nossos irmãos africanos e dos nossos irmãos afro-americanos que são bem versados em história do Congo para nos dizer, em primeiro lugar, como o homem branco chegou lá, por que ele ainda está lá e acha tão difícil sair, e o mais importante de tudo, quais são as razões por trás da profunda hostilidade que parece estar nos corações dos nossos irmãos congolezes. Queremos saber se os nossos irmãos são selvagens, como eles continuam insinuando ou são justificados nos sentimentos que têm demonstrado para com estas pessoas que estão em sua terra sem serem convidadas.

Eu não quero falar sobre isso agora, mas é isso que nós queremos saber no próximo domingo à noite, e nós vamos tentar obter alguma ajuda para entender os incidentes que levaram à situação atual do Congo hoje. Mas nunca acredite no que os jornais publicam, eles não vão dizer a verdade. A verdade não está neles. Não quando se trata do Congo, eles não podem dizer a verdade. Estava no rádio com um homem outra noite, e ele teve a coragem de falar no ar sobre algumas atrocidades cometidas pelos congoleses, e a benevolência do governo belga, como se os belgas não tivessem praticados atrocidades. Eu não acreditava que um homem branco, tão inteligente, teria tanta audácia em 1964. Eu podia vê-lo tomar essa posição em 1924, ou mesmo em 1944, ou talvez 1954, mas não 1964.

Então, irmãos e irmãs, quando eu saí daqui no dia 9 de julho, foi principalmente porque eu tinha acabado de ser bem sucedido em iniciar uma nova organização religiosa que muitos de vocês ouviram falar, a Mesquita Muçulmana Incorporated, e nós também tínhamos acabado de ser bem sucedidos na criação de uma nova organização não-religiosa, a Organização da Unidade Afro-americana. Uma das razões principais para empreender a viagem era estabelecer uma fundação. É impossível para qualquer grupo Negro na América se envolver em qualquer tipo de religião que não tenha raízes diretamente ligada com alguma fonte no Leste. E é impossível para qualquer grupo Negro na América se envolver em qualquer tipo de organização política que não tenha algumas raízes diretamente ligadas com as nossas raízes no continente africano. Esta é a era da revolução.

Agora eu devo ter tempo apenas para esclarecer o que quero dizer antes que alguns desses jornalistas distorçam as minhas palavras, o que eles vão fazer de qualquer maneira. Você percebe há dois anos, a imprensa americana estava chamando a sua e minha luta de revolução, "revolução negra." Agora, eles não se importavam de chamá-la assim, e eles não se importavam de chamá-la assim porque eles sabiam que o que estava acontecendo não era revolução.

Mas quando você começa a usar a palavra "revolução" no seu sentido real, então eles ficam trêmulos. Eles começam a classificá-lo como um fanático ou subversivo ou subversiva, ou uma pessoa que não obedece a lei. Mas hoje estamos vivendo uma era de revolução, o que significa uma era de mudança, quando as pessoas que estão sendo oprimidas querem uma mudança. Eles não querem uma mudança gradual. Não querem uma mudança que venha ano por ano, ou semana por semana, ou mês por mês. Eles querem uma mudança agora.

Cairo é uma das cidades nesta terra que tem as condições mais favoráveis para movimentos revolucionários do que qualquer outra cidade. A propósito, quando cheguei lá, como você sabe, eles estavam tendo a Conferência de Cúpula Africana. Todos os nossos irmãos estavam reunidos lá, discutindo os problemas do mundo. Foi uma bela imagem, especialmente quando você vive em um país onde não temos chance de discutir qualquer coisa, senão uma xícara de café integrado ou um banheiro integrado no Mississippi. Quando você encontra nações africanas independentes chefiadas por seus líderes, seus chefes de estado, se reunido para discutir os problemas do mundo, os problemas econômicos, políticos e sociais do mundo. Isso faz você se sentir bem, faz você ter esperança em um mundo melhor.

Quando cheguei lá, houve uma grande pressão que já estava sendo colocada por vários segmentos da comunidade africana para não abrir nenhuma porta, e essas pressões foram impostas por este governo. Eu não comecei falando sobre esse governo, mas falei sobre o que ele de fato é, disse a verdade do jeito que ela é.

Eles tinham homens correndo como loucos com seu dinheiro, tentando impedir que qualquer afro-americano participasse de qualquer conferência ou assuntos internacionais com os africanos. Eles tentaram passar a impressão de que você e eu não estamos interessados em assuntos internacionais, que você e eu estamos interessados apenas em se integrar com o Mississippi. Esta é a ideia que é habilmente espalhada no exterior sobre o afro-americano, que você e eu não podemos ver além dos limites da América, que nossas mentes e nossos pensamentos e nossos desejos e nossas esperanças estão limitados a tudo aqui.

Naturalmente, qualquer africano que acreditasse nisso ficaria chocado ao ver um afro-americano que vem participar de uma conferência internacional, especialmente uma conferência que é composta apenas por Estados africanos independentes. Este governo tentou passar a impressão para alguns deles de que você e eu nem sequer nos identificamos com a África. E alguns deles ficam chocados quando nos veem se voltando para nossa matriz cultural.

Estou te dizendo, eles fizeram um trabalho sórdido. Essa coisa que eles chamam de USIS, o Serviço de Informação dos Estados Unidos é um dos órgãos mais cruéis que já foi criado e enviado para qualquer país. Este faz com que a máquina de propaganda que Goebbels fez para Hitler pareça brincadeira de criança.

Porque em cada país africano a USIS tem fotos mostrando a aprovação da lei dos direitos civis para fazer parecer que os problemas de todos os Negros aqui foram resolvidos. Vá para qualquer país africano, e você saberá antes de chegar lá o que vai estar na propaganda. Eles usam a aprovação da lei dos direitos civis para fazer parecer que os Negros não estão mais sendo linchados, que os direitos ao voto dos Negros não estão mais sendo negados, que a polícia não está mais arrebatando as cabeças dos Negros com cassetetes, nem estão usando cães e mangueiras de jato d'água para nos machucar. Eles passam a ideia de que a lei dos direitos civis criou um paraíso nos Estados Unidos para os 22 milhões de afro-americanos. É essa coisa que eles chamam de USIS. Ela faz um trabalho muito ruim por criar uma imagem enganosa, dando uma impressão errada.

Para mostrar-lhe o quanto eles são sórdidos. E eu estou dentro do meu direito de atacá-lo, na verdade, não estou atacando-o, só estou analisando as suas ações. No dia 4 de novembro, a data em que a eleição terminou, o USIS circulou um documento sobre mim em todo o continente africano me batendo, você sabe. Aqui estou eu, apenas um pequeno pobre Negro do Harlem, e eles desperdiçaram todo o seu trabalho tentando convencer os africanos, "Não escute o que aquele homem diz porque ele não representa nada, e não representa ninguém, e eles sempre se tornam desacreditados." Esse é papel da USIS. Rezo por eles.

Eu quero esclarecer isso também. Para o bem de nossos irmãos e irmãs de alguns países muçulmanos que estão aqui e começaram a ficar um pouco nervosos sobre o que eu estou dizendo, e a maneira como estou dizendo. Isso não é uma reunião religiosa. Quando venho a uma reunião patrocinada pela OAAU, que é a Organização da Unidade Afro-americana, coloco minha religião neste bolso bem aqui, e mantenho-a aqui. E quando falo assim, não significa que eu seja menos religioso, significa que sou mais religioso.

Eu acredito em uma religião que acredita na liberdade. Quando eu aceito uma religião que não me deixa lutar por meu povo, eu digo vá para o inferno com essa religião. É por isso que eu sou um muçulmano porque é uma religião que lhe ensina a política do olho por olho e dente por dente. Ensina-te a respeitar todos e a tratar bem a todos. Mas também ensina que se alguém pisar no seu dedão, corte o pé dele. E eu carrego meu machado religioso comigo o tempo todo.

Você sabe que eles têm movimentos pela liberdade no continente africano. Há muitos movimentos de libertação, há movimentos na África do Sul, de Moçambique, do sudoeste da África, Bechuanaland, Suaziland, Angola. Em todos os países, em todas as áreas do continente africano que ainda não se libertaram das correntes do colonialismo, eles desenvolveram um movimento de libertação e o propósito desses movimentos de libertação é lutar contra o opressor.

Depois da Conferência de Cúpula, os grupos mais respeitados conhecidos como Combatentes da Liberdade. Os chefes dos vários movimentos de libertação de diferentes partes do continente africano estavam todos acomodados num navio, que estava ancorado no Rio Nilo — um navio chamado Isis. Eles foram colocados lá para que todos pudessem estar juntos e discutir os problemas que eles têm em comum. Ao mesmo tempo, era excelente para fins de segurança porque você não pode entrar em um barco tão facilmente.

Fui abençoado com a oportunidade de estar naquele barco com os líderes dos movimentos de libertação porque eu representava um movimento de libertação afro-americano — Combatentes Afro-americanos da Liberdade. E todos nós estávamos lá. Deu-me a oportunidade de estudar, de ouvir e ver o tipo de pessoas que estavam envolvidas na luta — seu pensamento, seus objetivos e seus métodos. Abriu meus olhos para muitas coisas. E acho que fui capaz de roubar algumas ideias que eles usaram bem como as táticas e estratégias que será mais eficaz na nossa luta pela liberdade aqui neste país.

Alguns deles eram não-violentos, eu não os ouvi por muito tempo. E outros realmente queriam a liberdade. Quando uma pessoa coloca um valor adequado sobre a liberdade não há nada que o impeça de conquistar essa liberdade. Sempre que você ouve um homem dizendo que quer liberdade, mas no próximo suspiro, ele vai lhe dizer que não vai fazer o que tem que ser feito para obtê-la, ou o que ele não acredita em liberdade. Um homem que crê na liberdade fará qualquer coisa para adquirir ou alcançá-la, ele fará qualquer coisa para preservá-la. E a única razão pela qual nós aqui na América ainda não temos liberdade é porque ainda não amadurecemos ao ponto em que possamos ver que este é o preço real, ou a atitude real ou a abordagem real que se deve fazer.

Eu estava, como eu disse, no Egito, a República Árabe Unida, por dois meses, e depois fui para Meca onde fiquei por cerca de uma semana. Eu estive na Arábia Saudita por cerca de

uma semana, e em Meca por alguns dias. Saí de lá e fui para o Kuwait, onde está todo o petróleo do Golfo Pérsico e de lá fui para Beirute no Líbano. Depois de passar dois meses lá, no Oriente Médio, eu visitei outras partes da África, a primeira parada foi Cartum onde eles tinham um monte de problemas. Agora está tudo resolvido. Eles tiveram uma revolução e as pessoas que estavam no poder foram tiradas do poder, é assim que você faz. E foi o que os estudantes fizeram.

Os estudantes de todo o mundo são aqueles responsáveis pela mudança, as pessoas idosas não promovem mudança. Quer dizer, eu não estou dizendo isso contra os idosos porque se você está pronto para alguma ação você não é velho, eu não me importo quantos anos você tem. Mas se você não está pronto para alguma ação, eu não me importo o quão jovem você é, você é velho. Desde que você queira alguma ação, você é jovem. Mas toda vez que você começa a sentar e seus dedos começam a tremer porque você está com medo de alguma ação, então você está muito velho. Você precisa sair do caminho. Alguns de nós envelhecemos enquanto ainda estamos na adolescência.

Então, eu fui de Cartum para Addis Abeba, Etiópia, que é um país maravilhoso. Apesar dos problemas, ainda é um país maravilhoso. Algumas das pessoas mais belas que eu vi estão na Etiópia. As pessoas mais inteligentes e mais dignas estão na Etiópia. Você ouviu todo tipo de propaganda sobre a Etiópia. Mas toda vez que alguém te disser, como eles tentaram dizer a você e a mim que os etíopes não acham que são iguais a nós, isso é mentira daquele homem. Ele inventou isso. Sabes a quem me refiro quando digo "aquele homem". Eles são tão amigáveis conosco como qualquer outro.

Eu estive lá por cerca de uma semana, e fui para o Quênia, um lugar que realmente me nocauteou. Se alguma vez eu vi algum africano com o potencial de explosão, esse é o nosso bom irmão Kikuyu no Quênia. Eu estava discutindo com alguns amigos a minha opinião sobre o povo do Quênia, especialmente em Nairóbi, e eu disse a eles que estava olhando para os rostos dessas pessoas, e eles pareciam que podiam explodir. E eles podiam, parece que eles são mais reativos do que em qualquer lugar que eu fui no continente. Você apenas podia ver nos rostos deles, energia. Agora, se você a canaliza na direção certa, ele vai na direção certa. Se você deixá-la ir na direção errada, ela vai na direção errada - mas eles têm energia, que é a coisa mais importante.

E como prova de que eles podem explodir, eles explodiram no outro dia. Quando os Estados Unidos, com sua ação criminosa no Congo, e é isso que é, a ação criminosa no Congo. Eles marcharam em frente da embaixada lá em Nairóbi. E isso mostra como os africanos se sentem. Eles não gostam de ver ninguém explorando outro africano ou oprimindo outro africano. Eles se unem, e você e eu podemos aprender o que devemos fazer quando algo acontece no Mississippi. Nós não temos que ir para o Mississippi. Eles têm algumas pessoas que se parecem exatamente com aquelas do Mississippi bem aqui.

Meu argumento é que os daqui são tão responsáveis pelo que está acontecendo no Mississippi como os de lá embaixo. E quando você e eu deixá-los saber que nós nos responsabilizamos por eles, então todos eles vão começar a agir corretamente. Eles vão manter os outros na linha. Mas enquanto nós os fizemos pensar que eles podem fazer o jogo de empurra, então eles vão empurrar para o outro, eles vão nos dizer, você sabe, "é Mississippi", enquanto eles estão fazendo a mesma coisa bem aqui.

Então, quando deixei o Quênia, fui para Zanzibar e Tanganica, que agora se chama Tanzânia. E eu nunca fui a lugar algum que me agradou mais do que aquele lugar. É lindo — toda a África é linda — mas "Tanganica" é um lugar muito bonito. É quente, é como Miami, Miami é quente, e se essas pessoas pagam tanto dinheiro como eles pagam aqui para viver em Miami porque você sabe, todo o continente africano onde eu fui é exatamente como Miami Beach. E eles estão sempre dizendo a você e a mim, você sabe, quão difícil, quanto tempo nós passaríamos tentando nos ajustar se nós fôssemos para lá. Estou te dizendo, se quiser se integrar, vá para a África. Há mais pessoas brancas lá do que aqui. É onde todos estão. Estão ali vivendo como reis, a banharem-se ao sol.

E quando voltamos, nesse sentido, então esse vínculo espiritual que é criado nos torna inseparáveis, e eles podem ver que o nosso problema é o problema dele, e o problema dele é o nosso problema. Nosso problema não será resolvido até que o deles seja resolvido. E quando desenvolvermos esse tipo de relacionamento, isso significa que vamos ajudar a resolver os problemas deles, e nós queremos que eles nos ajudem a resolver nossos problemas. E trabalhando juntos, vamos conseguir uma solução para esse problema. Nós só vamos resolver esse problema trabalhando juntos.

Esta foi a essência de cada discussão, que os problemas são um, que o destino é o mesmo, a origem é a mesma. Até mesmo as experiências são as mesmas. Se sofrerem o inferno, sofreremos o inferno. E não importa quanta independência eles tenham alcançado no continente materno. Se nós não tivermos aqui, e não tivermos respeito aqui, quando eles vierem aqui eles serão confundidos como um de nós e serão desrespeitados também. Então, para serem respeitados, devemos ser respeitados.

E eu digo, irmãos e irmãs, eles estão começando a entender isso. Eles estão começando a ver que os problemas são um. Eles estão interessados em nossos problemas, e eles ficam surpresos em saber que também estamos interessados nos problemas deles. E se eu tivesse algum conselho para dar ao nosso povo aqui no hemisfério ocidental, eu diria que tem sido quase criminoso de nossa parte, com todas as organizações que temos, não termos feito nenhum tipo de contato direto, de comunicação direta com nossos irmãos no continente africano antes.

Nunca devemos deixar que o homem branco nos represente diante deles, e nunca devemos deixá-lo que os represente para nós. É nosso trabalho hoje representarmos a nós mesmos, como eles estão representando a eles próprios. Não precisamos de mais ninguém nos representando. Não queremos que ninguém diga a alguém como nós pensamos. Vamos deixar o mundo saber como nós pensamos, que não queremos qualquer handkerchief (referência à Ku-Klux-Klan), criado pelo Departamento de Estado, seja nosso porta-voz, dizendo ao mundo como pensamos. Queremos que o mundo saiba como pensamos, queremos que o mundo saiba que não gostamos do que tio Sam está fazendo no Congo com os nossos irmãos e irmãs.

Devo dizer isto, em resumo. Estava falando com um irmão do Congo, que estava muito zangado. Eu estava em Leopoldville, ele tinha acabado de chegar e estava muito bravo porque ele me disse que todos os paraquedistas, ou 80 paraquedistas. (Interrupção) Você vai ter de parar de me entregar essas coisas enquanto eu estiver aqui em cima, isso está ficando como a estação Grand Central, você desvia a minha atenção para outro lugar. Ele estava me dizendo que estava muito zangado com os Negros americanos. E ele estava falando sobre nós, você sabe, com indignação. Comigo não, porque ele sabe o que eu represento. A melhor coisa que o homem branco fez por mim foi fazer com que eu parecesse um monstro em todo o mundo. Porque posso ir a qualquer lugar no continente africano e nossos irmãos africanos sabem quem eu sou.

Ele estava com raiva porque ele disse que a maioria dos paraquedistas, os soldados americanos que estavam guardando esses transportes que Tshombe estava usando, eram soldados negros americanos enviados para lá. Eu nunca tive a chance de verificar a informação. Normalmente, eu não me levantaria em uma reunião pública e diria isso, mas quando eu ouvi pela primeira vez, e eu ouvi de um afro-americano que trabalha lá, eu fui para acompanhar esse irmão do Congo. Ele é um sujeito muito inteligente, e ele disse "sim", e ele estava convicto, sabe. E então sentei-me para que ele soubesse que nós não pensamos assim. Que eles tiveram que sair por todo os Estados Unidos com um microscópio para encontrar alguns Negros burros o suficiente para aceitar ser enviado para o Congo. Imagine, um Negro que aceita ser enviado para lutar no Congo! Em um uniforme, lutando contra pessoas iguais a ele. Ele deveria ser baleado. Então, eu o deixei saber que não éramos nós, que era outra pessoa.

Além disso, irmãos e irmãs, você conhece Tshombe. Você já ouviu falar dele. Pelo que eu sei, Tshombe chega nos Estados Unidos na terça-feira. Ele tem muita coragem. A melhor coisa que fizeram com ele no Cairo foi quando o prenderam. Porque Tshombe não pode ir para qualquer país onde há verdadeiros homens Negros, verdadeiros homens Negros, e andar na rua em segurança. Este é o pior africano que já nasceu. O pior africano que já nasceu. Este é o homem que cometeu um crime internacional a sangue frio - assassinou Patrice Lumumba, o assassinou a sangue frio. O mundo sabe que Tshombe assassinou Lumumba. E agora ele é um parceiro de cama de Lyndon B. Johnson. Sim, um parceiro de cama. Eles estão dormindo juntos, eles estão dormindo juntos. Quando digo dormindo juntos, não quero dizer literalmente. Mas que eles estão na mesma cama. Johnson está pagando os salários, pagando o governo, sustentando o governo de Tshombe, esse assassino. É a administração de Lyndon B. Johnson, o homem em quem você votou. Você foi insano, estava fora de seu juízo, fora de sua cabeça para votar em um homem como aquele. Mas não culpo você, você só foi enganado. Eu te disse que uma raposa sempre vai conseguir negócios.

Então Tshombe chega aqui na terça-feira. E muitos dos nossos irmãos que são membros da Associação Estudantil Africana planeja lhe dar boas-vindas. Tenho uma religião que acredita em hospitalidade. Todos devem ser bem-vindos de acordo com seus méritos. Então o irmão que está envolvido nisso, eu acho que Sidi Ali - onde ele está? Sidi Ali, venha dar este anúncio. Este é o nosso irmão, Sidi ali de Gana.

[Sidi Ali fala.]

Irmãos e irmãs, tenho alguns anúncios rápidos. Na próxima semana, o Audubon não estará disponível, por isso, a nossa próxima reunião será no dia 13, há duas semanas a partir de hoje. A essa altura, o tema será "A crise do Congo". Imagino que a crise não vai acabar. Porque é de tal natureza que eles estão lá agora e eles não podem sair com as mãos limpas. É quase impossível para eles se retirarem. Eles foram para lá e mataram pessoas. Agora, quando eles recuarem, o que você acha que vai acontecer? Eles não podem sair dessa assim.

Uma coisa que você deve sempre ter em mente, como o nosso irmão salientou, esses jovens irmãos que estão na área de Stanleyville, província oriental, não são rebeldes, como a imprensa continua a se referir a eles. Eles se chamam *Simbas*, que significa leões, você sabe, significa o que eles são. Eles são Combatentes da Liberdade e o seu e o meu coração devem estar com eles. Eles são homens, eles são homens, a prova disso é que eles estão morrendo para obter a sua liberdade. Eles estão matando também, mas e daí? Eles foram mortos, tudo o que fazem é acreditar na igualdade. O que é bom para o ganso é bom para a gansa.

Além disso, sempre tenha em mente que os únicos soldados congolezes que estão ganhando todas as batalhas, ou que ganharam qualquer batalha, foram os irmãos que são Combatentes da Liberdade. Os soldados congolezes que lutaram para que Tshombe não ganhasse as batalhas. Eles estavam desistindo diante dos Combatentes da Liberdade. Eles estavam desistindo de todo o Congo. Eles estavam evacuando o local e os Estados Unidos ficaram desesperados. É por isso que eles apoiaram Tshombe, foram até a Espanha, onde Tshombe já havia se recolhido, havia desistido, estava vivendo a vida, e eles o convenceram a voltar para o Congo e se tornar o primeiro-ministro.

Assim que o colocaram de volta como primeiro ministro, a primeira coisa que ele fez foi contratar alguns mercenários brancos, assassinos, porque isso é que um mercenário é, um assassino contratado. E este governo, o governo dos Estados Unidos paga os salários destes assassinos contratados com o dinheiro de seus impostos. Cada vez que você paga impostos você está pagando o salário daqueles assassinos brancos de olhos azuis que estão lá no Congo matando congolezes. Não há ninguém no Departamento de Estado que possa negar.

Na verdade, eu li no jornal hoje que Lyndon B. Johnson disse que assumiria toda a responsabilidade. Ele deve assumir toda a responsabilidade. Ele está fazendo o mesmo tipo de

ação no Congo que eles fizeram no Texas nos últimos 300 anos. Isso é um ato do Texas. Você sabe que tipo de ato está acontecendo no Texas. Mas eles não podem ganhar porque a única maneira de Tshombe permanecer como primeiro ministro é com a ajuda externa. Ele deve ter ajuda branca. Então, enquanto Tshombe permanecer como primeiro-ministro do Congo, isso significa que o homem branco vai ter que continuar enviando soldados brancos para o Congo para resgatá-lo. E ele vai perder todos os soldados brancos que enviar, ele vai perdê-los lá dentro. Então, esses irmãos sabem o que estão fazendo — na verdade, o que você e eu precisamos fazer. Muitos de nós somos veteranos, tivemos todo o tipo de experiência. Você já viu todo tipo de ação, não é? Mas você nunca viu qualquer ação contra você mesmo, e você nunca viu qualquer ação contra alguém que está em sua própria terra. Muitos de vocês estão desempregados. Nós poderíamos criar uma unidade aqui no Harlem para selecionar alguns mercenários Negros para enviar para lá e mostrar-lhes o que fazer.

Você percebe, há algum tipo de bloqueio cultural, psicológico na mente de nossos irmãos lá, ou estes mercenários brancos não teriam vantagem. Tudo o que eles têm é a vantagem psicológica. Não teriam isso entre nós. Você e eu não temos esse bloqueio, não temos esse bloqueio cultural porque eles destruíram a nossa cultura. Podemos pensar exatamente como eles pensam agora. Nós podemos fazer a mesma coisa que eles podem fazer. Você só precisa me dar uns dez Negros e destruiremos aqueles 50 brancos. Os comeremos.

E não há nada de errado nisso. Por que? Porque este governo, este mesmo governo recrutou o que eles chamam de "cubanos anti-Castro". O que significa que são americanos. E este governo os enviou para bombardear o Congo. Mas eles têm medo de dizer que são pilotos americanos, por isso dizem que são pilotos cubanos anti-Castro. Ok, nós temos pessoas negras que podem pilotar aviões. Em vez de ficar aqui dirigindo ônibus, lembre-se de como costumava pilotar um avião para ele. Vá para lá e use suas habilidades do lado correto. Se eles podem enviar os brancos contra os Negros, podemos recrutar e enviar os Negros contra os brancos. Eu francamente acredito que seria mais emocionante. Eu sei que um monte de afro-americanos iria de graça, iria só para se divertir. Não queremos dinheiro, só queremos nos vingar.

Agora, eu vou te dizer o que eles vão fazer, porque eu os conheço. No jornal de amanhã você vai ler que um bando de fanáticos, você sabe, declarações foram feitas. Enquanto houver pessoas brancas indo para lá atirar em pessoas negras, nada é dito. Eles até os glorificam. Mas quando começamos a falar em fazer a mesma coisa com alguns deles, então somos fanáticos,

somos sanguinários. Mas eu acho que o homem branco deve saber de uma coisa, quando eu digo homem branco, eu não estou me referindo a todos vocês porque alguns de vocês podem agir corretamente. E qualquer um de vocês que seja correto comigo, estará bem comigo, desde que você se comporte bem. Mas se você não agir corretamente, você não estará bem. Tudo que você tem de fazer para estar bem comigo é agir corretamente. Mas não venha achando que está bem só porque é branco.

Eu acho que esse ponto tem que ser dito, porque se você não esclarecer, eles saem daqui dizendo que você é racista, que você é contra todos os brancos. Nós não somos contra todos os brancos. Somos contra todos aqueles que não agem corretamente, todos aqueles que não agem certos.

Nós não vamos ter qualquer bloco de pergunta e resposta esta noite. Acho que não precisamos. Mas vamos pegar uma coleta para pagar o salão, senão não poderemos voltar daqui a duas semanas a menos que paguemos por isso. E quando eu digo que nós pagamos por isso, você sabe, nós. Deixe-me tirar cinco minutos rapidinho antes que eu esqueça enquanto os irmãos estão fazendo a coleta.

E novamente, assim que você começar a fazer a coleta, você vai ler nos jornais amanhã: "o que eles fizeram com o dinheiro recolhido". Eles sempre são inteligentes até se aproximarem de nós. Quando você lê o que eles escrevem, eles escrevem inteligentemente. Mas quando os deixamos entrar aqui e escrever, então eles escrevem coisas que não são nem mesmo de interesse. [gritos da plateia.] Você diz, "por que deixa-os entrar?" Um dia desses lhe direi porque os deixo entrar. Mas se você não os quer aqui, então ponha-os para fora.

[Durante a coleta, Malcolm faz mais anúncios]. Ele fala sobre a chegada de um professor africano muçulmano de Meca e diz quando e onde ele vai palestrar. Para compensar qualquer sentimento de favoritismo religioso, ele dá oportunidade para (qualquer) igreja a qual você pertence, igreja ou sinagoga para fazer anúncio." Ele promete que será feito um esforço para trazer estudiosos e especialistas das Nações Unidas para falar no próximo comício, "Então nós não teremos que nos informar pelo que lemos nos jornais." Ele continua:]

Acho que o nosso irmão Sidi Ali fez um excelente trabalho ao desconstruir esse mito sobre o canibalismo. O homem está sempre tentando fazer com que acreditemos que o nosso povo é canibal. O único canibal que eu já vi, as únicas pessoas que eu já vi comerem pessoas

são aquelas pessoas. Não o nosso povo. Eu não estou dizendo quem são essas pessoas, quem se encaixa "neles". E geralmente eles acabam tentando colocar todas essas características em nós para esconder sua própria característica. Eles não deveriam fazer isso. Deve ser enfatizado mais e mais e mais por você e eu que não somos racistas. Uma das piores categorias na qual alguém pode ser colocado é a categoria de racista.

Não sou racista. Não julgo um homem por causa da sua cor. Eu fico desconfiado de um monte deles e cauteloso com um monte deles, a partir de minha experiência. Não por causa de sua cor, mas por causa do que a experiência me ensinou a respeito de seu comportamento geral com relação a nós. Então, por favor, nunca vá embora dizendo que somos contra as pessoas por causa de sua cor. Nós somos contra elas por causa do que elas fazem a nós e por causa do que elas fazem aos outros. Tudo que elas têm que fazer para obter a nossa boa vontade é mostrar a boa vontade delas e parar de fazer todas essas coisas sujas contra o nosso povo. Está entendido?

Além disso, dentro das próximas duas semanas, vamos divulgar o que diz respeito ao nosso esforço para levar os Estados Unidos perante as Nações Unidas e acusá-lo de violar os nossos direitos humanos. Você e eu devemos levar este governo perante um Fórum Mundial e mostrar ao mundo que este governo falhou totalmente em seu dever para conosco. Falhou de Washington, D.C até Nova York. Eles falharam em seu dever para com você e comigo. Eles falharam em nos proteger, eles falharam em nos representar, eles não nos respeitaram. E uma vez que eles falharam, ou por vontade própria ou por causa de sua incapacidade, nós achamos que eles deveriam ser levados ao tribunal internacional para que o mundo possa vê-los como eles realmente são.

Agora, se este governo não quer sua roupa suja lavada em público, então nós lhe damos uma semana ou duas para colocar sua casa em ordem. E se ele não conseguir pôr a casa ordem, em duas semanas, então vai se juntar com a África do Sul, Portugal e o resto daqueles criminosos que têm explorado e abusado de africanos e afrodescendentes por tanto tempo. Estamos fartos. Certo?

[Malcolm apresenta Jesse Gray, este sugere que o lugar para enviar mercenários Negros é Mississippi, e conclui: "é sempre muito fácil para nós estarmos prontos para se mover, falar e pronto para agir, mas, a menos que realmente alcancemos o coração do gueto e comecemos a resolver os problemas de empregos, escolas e outras questões básicas, nós não vamos ser

capazes de lidar com qualquer perspectiva revolucionária, ou com qualquer revolução nesse assunto. "Malcolm então diz:] Este foi o nosso irmão Jesse Gray, o líder do Harlem Rent Strikes, e o que ele disse é verdade. Quando falo de alguma ação para o Congo, essa ação também inclui o Congo, Mississippi. Mas a ideia e o ponto que eu gostaria de ressaltar para cada líder afro-americano é que não há nenhum tipo de ação neste país que dê frutos, a menos que a ação esteja ligada a luta internacional global.

Perdes o teu tempo quando falas com este homem, só tu e ele. Quando falares com ele, diz-lhe que o teu irmão está atrás de você, e tens mais irmãos atrás daquele irmão. É a única maneira de falar com ele, é por meio da única língua que ele conhece. Por que eu digo, "certifique-se de que seu irmão está atrás de você"? Porque você vai ter de lutar contra este homem, acredite em mim, sim, você vai ter de lutar com ele. Você vai ter de lutar com ele. Ele não conhece outra língua.

Você pode ir e falar aquela velha conversa com ele, ele nem vai te ouvir. Ele diz sim, sim, sim. Você sabe, você não pode se comunicar se um homem está falando francês e o outro está falando alemão. Ambos têm de falar a mesma língua. Bem, neste país você está lidando com um homem que tem uma língua. Descubra que língua é essa. Uma vez que você souber que língua ele fala, então você poderá falar com ele. E se quer saber qual é a língua dele, estude a sua história. Sua língua é o sangue dele, sua linguagem é poder, sua linguagem é brutalidade, sua linguagem é tudo o que é brutal.

E se não consegue falar essa linguagem, ele nem te ouve. Você pode vir falando aquela velha conversa doce, ou aquela velha conversa de paz, ou aquela velha conversa de não violência — aquele homem não ouve esse tipo de conversa. Ele vai te dar uma tapinha nas costas e te dizer que você é um bom garoto e te dará um prêmio pela paz. Como vai receber um prêmio pela paz quando a guerra ainda não acabou? Eu sou pela paz, mas a única maneira de preservar a paz é estar preparado para a guerra.

Nunca deixe ninguém dizer a você e a mim que as probabilidades são contra nós. Eu não quero nem ouvir isso. Aqueles que acham que as probabilidades estão contra você, esqueça. As probabilidades não são contra você. As probabilidades são contra você só quando você está com medo. A única coisa que faz com que as probabilidades sejam contra você é uma mente assustada.

Quando você tirar todo esse medo de cima de você, não haverá tal coisa como as probabilidades estão contra você. Porque quando um homem começar a brincar com você, ele terá que te matar, aquele homem não vai brincar com você. Mas se ele souber quando estiver brincando com você, que você vai aceitar tudo e vai ser pacífico, respeitável e responsável, você e eu nunca vamos sair das garras dele.

Deixe-o saber que você é pacífico, deixe-o saber que você é respeitoso e que você é um cumpridor da lei, e que você quer ser um bom cidadão. Mas deixe-o saber que você está pronto para fazer a ele o que ele fizer a você. E então você terá paz. Aprenda uma lição na história.

Devo dizer isto antes de encerrarmos. Eu não quero que você pense que eu estou aqui para agitar a multidão, ou para manter alguém agitado. Eu não acho que você precisa incitar o nosso povo, o homem já os incitou. E não quero que pense que estou pronto para uma ação pouco inteligente, irresponsável ou para qualquer coisa desse tipo só para demonstrar que estou fazendo alguma coisa. Não, espero que todos nós possamos sentar com a cabeça fria e uma mente clara para analisar a situação em qualquer lugar. Analisar a situação e depois de fazer uma análise adequada do que somos confrontados, então vamos ser ousados o suficiente para tomar todas as medidas com base na análise. Assim que o tivermos, então vamos fazê-lo, e seremos capazes de obter algum resultado nesta luta pela liberdade.

Mas nunca deixe que ninguém que esteja nos oprimindo estabeleça as regras. Não vá pelo jogo dele, não jogue o jogo pelas regras dele. Deixe-os saber agora que este é um novo jogo e que nós temos novas regras, e essas regras significam que qualquer coisa serve. Estão comigo, irmãos? Sei que estão comigo.

Então, mais uma vez eu agradeço e esperamos vê-los todos vocês aqui, se possível, daqui há duas semanas a partir de hoje, à noite, no dia 13 de dezembro. A propósito, eu quero te dizer que eu estive em Paris, segunda-feira à noite perante o grupo Alioune Diop, Presence Africaine. Nosso povo em Paris, assim como do continente africano estão se organizando e estão cientes do que está acontecendo conosco aqui. Você e eu temos de nos unir com o nosso povo que estão em Paris. Quando eu digo o nosso povo, você sabe, me refiro ao nosso povo que está em Londres, Inglaterra. Nós temos um monte deles lá irmãos, eu os vi.

Nós temos que nos unir com o nosso povo que está no Caribe, em Trinidad, na Jamaica, em todas as ilhas e temos de nos relacionar com o nosso povo que está na América Central e na América do Sul. Em todo lugar onde existam pessoas que se pareçam conosco, nós temos que ficar juntos. E assim que nos juntarmos, irmãos, poderemos ter alguma ação porque vamos descobrir que somos os oprimidos. Todas as probabilidades das quais este homem fala não existem. Ele as colocou em nossas mentes — certo ou errado?

Muito bem. Por isso, agradecemos a todos pela presença e vamos nos ver daqui a duas semanas. Que *Allah* te abençoe.

5.11 Entrevista de Malcolm X a Les Crane (2 de dezembro de 1964)

Les Crane: Meu próximo convidado é o Sr. Malcolm X, senhoras e senhores. Esta entrevista vai ser um pouco difícil para mim porque conheço Malcolm. Já o entrevistei antes. Ele foi meu convidado em algumas ocasiões diferentes. Nós tivemos longas e interessantes conversas telefônicas. E para obter a história, vou fazer fingir que nunca nos conhecemos, ok?

Malcolm X: Está bem. É a melhor maneira.

Crane: Tudo bem. Vamos começar do início. Em primeiro lugar, o que é o movimento Muçulmano Negro?

Malcolm X: Bem, como você sabe, eu não estou mais no movimento Muçulmano Negro. O movimento é uma organização liderada por Elijah Muhammad neste país.

Crane: Isso é tudo?

Malcolm X: É uma organização liderada por Elijah Muhammad que se autodeclara uma organização religiosa, e sua religião é o islamismo. Mas as pessoas do mundo Islã não a aceitam como uma organização religiosa islâmica ortodoxa.

Crane: Em outras palavras, eles declaram ser uma filial, uma filial americana da religião maometana.

Malcolm X: Não, não maometana. O verdadeiro muçulmano nunca se refere à sua religião como uma religião maometana. Sua religião é o Islã.

Crane: Muhammad sendo o Profeta de que...

Malcolm X: Muhammad é um dos profetas dessa religião. Os membros dessa religião acreditam em todos os profetas - Moisés, Abraão, Jesus, todos eles. Mas eles acreditam em Muhammad ibn Abd *Allah* como o último dos profetas. E Elijah Muhammad diz que está ensinando essa religião nesse país. Mas essa religião é uma religião de fraternidade. Ela defende a irmandade entre os homens, todos os homens.

Crane: É essa a religião muçulmana?

Malcolm X: Sim. É esta... bem, aqueles que praticam a religião do Islã se chamam muçulmanos. Neste país, eles são chamados de muçulmanos.

Crane: Agora, você se considera um muçulmano neste país?

Malcolm X: Eu sou um muçulmano. Eu acredito na religião do Islã.

Crane: E você não é mais um membro dos Muçulmanos Negros?

Malcolm X: Não, não.

Crane: O que causou essa divisão?

Malcolm X: Bem, na verdade, eu não acho que essa questão sobre a causa da divisão... contribua com alguma coisa construtiva. Eu estou fora disso. Eu era inseparável disso enquanto estava nele. Mas agora não estou. Eu deixo isso no passado.

Crane: Bem, eu não sei quão valioso seria... você sabe, era inconcebível pensar no movimento Muçulmano Negro neste país sem pensar em Malcolm X. Você era o braço direito de Elijah Muhammad e seu principal porta-voz, bem como o chefe da mesquita em Nova York, que é a maior mesquita muçulmana negra do país, na minha compreensão. Havia certas coisas que os

muçulmanos Negros representavam, pelo menos em minha concepção através de seus discursos que eu acho que merecem ser discutidas.

Malcolm X: Bem, sim. Eu o representei provavelmente mais diligentemente do que todo o resto de seus representantes juntos. E isso de certa forma levou à eventual divisão. A natureza humana é o que é.

Crane: Uma espécie de jogo de poder?

Malcolm X: A natureza humana é o que é.

Crane: Chame de política. Vamos colocá-lo assim.

Malcolm X: Sim.

Crane: Mas também você disse que sua viagem à África mudou o seu pensamento e sua posição em grande medida.

Malcolm X: Sim. Uma coisa... viajar sempre amplia o escopo. Viajar amplia. Duas vezes este ano, visitei a África e o Oriente Médio. A primeira vez foi em abril e maio. Eu fui para Meca principalmente para ter uma melhor compreensão do Islã. Aconteceram coisas entre mim e Elijah Muhammad que me fizeram questionar grandemente da sua habilidade como homem, muito menos como líder religioso. E com base nessa dúvida, fui em busca de uma compreensão da religião do Islã. Fiz o *Hajj* ou a peregrinação a Meca. Enquanto eu estava... uma das coisas que Elijah Muhammad sempre nos ensinou foi que o Islã é uma religião de Deus. Era uma religião em que nenhum branco podia participar. E ele usou... para provar seu argumento, ele nos disse que Meca era uma cidade proibida. Uma cidade que foi proibida para não-muçulmanos. E como uma pessoa branca não podia ser muçulmana em seus ensinamentos, ele disse que nenhum branco poderia entrar em Meca. Bem, eu fui à Meca em maio, particularmente, em abril, todos estavam lá. Na verdade, um membro do parlamento turco, que havia levado um ônibus, várias centenas de ônibus da Turquia para fazer a peregrinação estava de pé comigo na escadaria do hotel em Mina, que fica a uma curta distância de Meca. E ele ressaltou que nesta época Meca, durante a época do *Hajj*, ou a temporada de peregrinação, pode ser considerado um paraíso antropológico porque toda espécie de ser humano está representado

ali. É uma irmandade absoluta. De modo que, quando vi isso com meus próprios olhos e vi que pessoas de todas as cores podiam praticar a irmandade, foi essa constatação que me levou a escrever, afirmando que acreditava no Islã como uma religião de fraternidade. Mas essa crença na fraternidade não altera o fato de que eu sou também um afro-americano, ou um Negro americano, como você desejar, em uma sociedade que tem problemas raciais muito sérios e severos dos quais nenhuma religião pode me cegar.

Crane: Bem, o que é interessante para mim, há palavras que você nunca usou em nossas discussões. Nunca usaste a palavra Negro. Essa palavra te ofendia. Você costumava dizer "o chamado Negro".

Malcolm X: Bem, eu disse afro-americano ou o Negro americano, como você desejar.

Crane: E você acreditou também que a irmandade fosse impossível em um ponto.

Malcolm X: Deixe-me explicar. A razão pela qual eu digo... afro-americano é um termo que nosso povo neste país está começando a usar cada vez mais para se identificar. Mas ao usá-lo, eu levo em consideração que muitas pessoas não sabem o que se entende por afro-americano, então eu uso a palavra Negro para que você saiba que eu ainda estou falando sobre nós.

Crane: A integração te ofende? Você não acredita no uso dessa palavra. Você prefere pensar nisso como uma irmandade, que para os propósitos da nossa discussão, vai ser a mesma coisa. Mas nos velhos tempos você não acreditava em irmandade, você acreditava em pura separação estrita, não era?

Malcolm X: Sempre que eu abria minha boca, eu dizia que Elijah Muha... o honorável Elijah Muhammad... nos ensina assim e assim. E falei por ele. Eu o representei. Eu representava uma organização e seu pensamento organizacional. Muitos dos meus pontos de vista, eu tive que manter para mim mesmo. Eu fui fiel a essa organização e àquele homem. Desde que as coisas me levaram a duvidar de sua integridade, pensei... Eu vou pensar por mim mesmo, ouço a todos o máximo que posso e tento construir uma opinião própria. Eu acredito que é possível uma irmandade entre as pessoas, mas eu não me iludo em sonhar ou me apaixonar por um sonho antes que ele exista. Alguns dos americanos, alguns dos líderes do nosso povo neste país sempre dizem que, você sabe, eles acreditam nesse sonho. Mas enquanto eles estão sonhando, nosso

povo está vivendo um pesadelo, e eu não acho que você pode realizar um sonho fingindo que esse sonho existe quando não existe.

Crane: Você tem sido um crítico da liderança negra deste país - Martin Luther King, Roy Wilkins, Abernathy, e outros - você mudou suas opiniões em relação a eles ultimamente?

Malcolm X: Eu acho que todos nós devemos ser críticos um do outro. Uma vez que você não pode suportar críticas, você nunca irá crescer. Eu não vejo qualquer utilidade no fato dos líderes de nosso povo desperdiçarem seu tempo lutando entre si desnecessariamente. Eu acho que nós ganhamos mais quando sentamos em particular para resolver quaisquer diferenças que possam existir e depois fazer algo construtivo para o benefício do nosso povo. Por outro lado, não acho que deveríamos estar acima das críticas. Eu não acho que alguém deveria estar acima das críticas.

Crane: Violência ou a ameaça de violência sempre o cercou. Discursos que você fez foram interpretados como sendo ameaças. Você fez declarações relatadas na imprensa sobre como os Negros deveriam sair e se armar, formar milícias próprias. Eu li uma coisa uma vez, uma declaração que eu acredito que você fez que todo Negro deveria pertencer à Associação Nacional de Rifles.

Malcolm X: Não, o que eu disse foi: que em áreas deste país onde o governo provou a sua incapacidade ou relutância em proteger a vida e a propriedade do nosso povo, então é justo que façamos o que for necessário para nos protegermos. E em situações como Mississippi, em lugares como Mississippi, onde o governo realmente provou sua incapacidade de nos proteger... e tem sido provado frequentemente que os policiais e xerifes estão envolvidos em assassinatos contra o nosso povo... então eu acho e eu digo que em qualquer lugar, o nosso povo deve começar a fazer o que for necessário para se proteger. Isso não quer dizer que devemos comprar fuzis, sair e iniciar ataques indiscriminadamente contra os brancos. Mas isso quer dizer que devemos conseguir o que for necessário para nos protegermos num campo ou numa área onde a capacidade do governo de nos proteger tem falhado.

Crane: Portanto, você não concorda com a filosofia de Gandhi adotada por Dr. King.

Malcolm X: Minha crença na fraternidade nunca me restringiria, de forma alguma, de me proteger de uma sociedade onde pessoas cujo desrespeito pela humanidade dos outros as levam a querer colocar uma corda em meu pescoço e me enforcar em uma árvore.

Crane: Bem, parece que você está pregando uma espécie de anarquia.

Malcolm X: Não, não. Respeito o governo e a lei. Mas o governo e a lei nos respeitam? Se o FBI, que é a instituição da qual as pessoas dependem em escala nacional para proteger sua moral, sua propriedade e suas vidas, não pode fazê-lo. Então quando a propriedade e as vidas dos Negros e dos brancos que tentam ajudar os Negros estão em causa, eu acho justo que os sujeitos façam o que for necessário para se proteger. E isso não quer dizer que saímos do procedimento normal, porque aqui em Nova York você tem comitês de vigilância que foram organizados por grupos que atua em áreas onde sua comunidade está em perigo e a lei não pode fazer nada a respeito. E suas vidas nem mesmo estavam em risco. Mas o medo. Isso só é colocado nesses termos apenas quando alguém diz que os Negros devem formar comitês de vigilância para proteger suas vidas e sua propriedade. Não defendo a quebra de nenhuma lei. Mas eu digo que nosso povo nunca será respeitado como seres humanos até que reajamos como outros seres humanos normais e inteligentes reagem. E esse país passou a existir por causa de pessoas que estavam cansadas da tirania, da opressão, da exploração e da brutalidade infligida a elas por poderes superiores, e eu acho justo esperar que mais cedo ou mais tarde, façamos mesmo.

Crane: Uma última pergunta. Você não prega mais a separação e eu suponho que você não quer mais criar um estado Negro africano neste país. Qual é o seu principal esforço agora?

Malcolm X: Bem, uma das organizações que formamos, a Organização da Unidade Afro-americana chegou à conclusão, depois de uma análise cuidadosa do problema, que não podemos abordar nosso problema apenas no âmbito dos direitos civis sob a jurisdição dos Estados Unidos. Isso não trará uma solução porque não é um problema do Negro ou um problema americano. É um problema mundial, é um problema humano. Sendo assim, estamos nos esforçando para transferir do nível dos direitos civis para o nível dos direitos humanos e assim internacionalizá-lo. Para que possamos levar para as Nações Unidas e discutir a questão no mesmo tom e na mesma língua que os problemas das pessoas em outras partes do mundo também é discutido.

Crane: Temo que o nosso tempo terminou. Foi interessante. Muito obrigado por ter vindo.

Malcolm X: Disponha.

5.12 Debate da Oxford Union (3 de dezembro de 1964)

Sr. Presidente, esta é a primeira vez que tenho a oportunidade de estar tão perto de conservadores como estou agora. E o orador que me precedeu, eu quero agradecer-lhe o convite para vir aqui a Oxford Union, o orador que me precedeu é uma das melhores justificativas que eu conheço para provar o nosso argumento sobre a necessidade, às vezes, de extremismo em defesa da liberdade, por que não é imoral, e porque a moderação na busca da justiça não é virtude. Eu não me refiro a ele pessoalmente, mas esse tipo. Ele está certo, X não é meu nome verdadeiro, mas se você estudar a história você vai descobrir por que nenhum homem Negro no Hemisfério Ocidental sabe o seu verdadeiro nome. Alguns dos seus antepassados foram raptados na África e levados para o Hemisfério Ocidental e vendidos lá. E nossos nomes foram despojados de nós e hoje não sabemos quem realmente somos. Eu sou um daqueles que admiti isso e por isso adotei o X para evitar usar esse nome.

E no que diz respeito a essa acusação de apartheid a qual ele atribuiu a mim, está em causa, evidentemente, ele está mal informado. Eu não acredito em qualquer forma de apartheid, eu não acredito em qualquer forma de segregação, eu não acredito em qualquer forma de racismo. Mas, ao mesmo tempo, eu não endosso que uma pessoa é justa só porque sua pele é branca, e muitas vezes, quando você encontra pessoas como essas, quero dizer desse tipo, quando um homem a quem foi ensinado, e que está abaixo deles tem a coragem e a firmeza de questionar algumas de sua filosofia ou algumas de suas conclusões, geralmente eles colocam esse rótulo em nós, um rótulo que só é criado com intuito de projetar uma imagem negativa para o público. Eu sou muçulmano, se há algo errado com isso, então eu estou condenado. Minha religião é o Islã, eu acredito em *Allah*, eu acredito em Muhammad como seu Apóstolo, eu acredito na irmandade entre os homens, mas eu não acredito em fraternidade com alguém que não está disposto a praticá-la com o nosso povo.

Eu vou usar o tempo para esclarecer essas coisas porque eu acho que um dos truques do Ocidente, e eu imagino meu bom amigo... particularmente, que este tipo ocidental... um dos truques do Ocidente é usar ou criar imagens, eles criam imagens de uma pessoa que não

concorda com suas opiniões e, em seguida, eles se certificam de que esta imagem é detestável o bastante, e, como resultado, qualquer coisa que essa pessoa diga desde então, é rejeitado.

E esta é uma política que tem sido praticada muito bem praticada pelo Ocidente, ela talvez tenha sido praticada por outros que estiveram no poder, mas durante os séculos recentes em que o Ocidente tem estado no poder, tem criado imagens e usado estas imagens habilmente e com bastante sucesso, é por isso que hoje precisamos de um pouco de extremismo a fim de corrigir uma situação extremamente desagradável.

Eu acho que a única maneira com a qual se pode realmente determinar se o extremismo na defesa da liberdade é justificado, não é abordá-lo como um americano ou um europeu ou um africano ou um asiático, mas como um ser humano. Se olharmos isso como tipos diferentes começaremos a pensar em termos de extremismo como sendo bom para um e ruim para outro, ou ruim para um e bom para outro. Mas se olharmos para isso, se olharmos para nós mesmos como seres humanos, duvido que alguém negue que o extremismo em defesa da liberdade, da liberdade de qualquer ser humano enquanto um valor. Sempre que alguém é escravizado, ou de qualquer forma privados de sua liberdade, se essa pessoa é um ser humano, tanto quanto eu, ele está justificado em recorrer a qualquer meio necessário para conquistar sua liberdade novamente.

Mas a maioria das pessoas geralmente pensam, em termos de extremismo como algo relativo, relacionado a alguém que eles conhecem ou como algo que ouviram falar, eu não acho que eles analisam o extremismo por si só, de forma isolada. Associam a alguma coisa. Um bom exemplo, e uma das razões pelas quais isso não pode ser muito bem compreendido hoje, é que muitas pessoas, que estiveram em posição de poder no passado não percebem que o poder, os centros de poder estão mudando.

Quando você permanece em uma posição de poder por um longo tempo você se acostuma a usar o seu parâmetro, e você continua impondo o seu parâmetro sobre os outros, os outros ainda estão usando o mesmo critério. De modo que sua definição de extremismo geralmente se aplica a todos, mas hoje o centro de poder está mudando. Pessoas no passado que não estavam em posição de ter um parâmetro ou usar seu próprio parâmetro estão usando agora. Você usa um e eles usam outro.

No passado, quando o opressor usava um parâmetro, os oprimidos usavam o mesmo parâmetro, hoje os oprimidos estão numa condição em que podem sacudir as algemas e estabelecer seus próprios parâmetros. Então, quando eles dizem extremismo não significa o que você faz, e quando você diz extremismo não significa o que eles fazem. Existem dois significados completamente diferentes. E quando isso é entendido, eu acho que você pode entender melhor por que aqueles que estão usando métodos extremistas estão sendo conduzidos por eles.

Um bom exemplo é o Congo. Quando as pessoas que estão no poder querem, novamente, criar uma imagem para justificar algo ruim, eles usam a imprensa. E usaram a imprensa para criar uma imagem humanitária de um diabo e uma imagem demoníaca de um humanitário. Eles pegam uma pessoa que foi vítima de um crime, e a faz parecer como se ele fosse o criminoso, e eles pegam o criminoso e o faz parecer como se fosse a vítima do crime. E a situação do Congo é um dos melhores exemplos que eu posso citar agora para ilustrar isso. A situação do Congo é um exemplo desagradável de como um país, porque está no poder, leva a imprensa e o mundo aceitar algo absolutamente criminoso.

Eles pegaram pilotos que foram treinados pelos Estados Unidos, e isso automaticamente confere respeitabilidade a eles e os chamam de cubanos anti-Castro a fim de elevar sua respeitabilidade e omitir o fato de que estão jogando bombas em aldeias onde as pessoas não têm qualquer defesa contra esses ataques, massacrando em pedaços mulheres, crianças e bebês congoleses. Isso é extremismo, mas nunca é referido como extremismo porque é endossado pelo Ocidente. É financiado pela América, é tornado respeitável pela América, e esse tipo de extremismo nunca é rotulado como extremismo. Porque não é o extremismo em defesa da liberdade, e se for extremismo em defesa da liberdade como este tipo ressaltou, é o extremismo em defesa da liberdade para pessoas erradas.

Não estou defendendo esse tipo de extremismo, isso é assassinato a sangue frio. Mas a imprensa é usada para fazer aquele assassinato a sangue frio parecer um ato humanitário. Eles foram mais longe apoiando um homem chamado Tshombe, um assassino, mas eles se referem a ele como o primeiro-ministro, ou primeiro-ministro do Congo para conferir legitimidade a ele, quando na verdade, ele é o assassino do legítimo primeiro-ministro do Congo, mas eles nunca mencionam isso.

Eu não sou a favor do extremismo em defesa desse tipo de liberdade, ou desse tipo de atividade. Eles pegam este homem, que é um assassino, e o mundo o reconhece como um assassino, mas eles o tornam primeiro ministro. Ele se torna um pistoleiro, um assassino pago sustentado com dólares americanos. E para comprovar que ele é um assassino pago, a primeira coisa que ele fez, foi ir para a África do Sul e contratar mais assassinos e levá-los para o Congo. Eles os deram o nome glorioso de mercenário, o que significa um assassino contratado, não alguém que está matando por causa de algum tipo de patriotismo ou ideal, mas um homem que é um assassino pago, um assassino contratado. E um dos líderes deles é deste país, e ele é glorificado como um bravo soldado, atirando contra mulheres, bebês e crianças congolesas. Eu não sou a favor desse tipo de extremismo. Eu sou a favor do tipo de extremismo em que aqueles que estão sendo destruídos por aquelas bombas e por aqueles assassinos contratados são capazes de se levantar para impedir isso. Eles vão arriscar suas vidas a qualquer custo contra esse tipo de atividade criminosa.

Eu sou a favor do tipo de extremismo em que os Combatentes da Liberdade do regime de Stanleyville são capazes de se levantarem e ir de encontro desses assassinos de aluguel, que estão sendo pagos com os dólares que eu pago em impostos para os Estados Unidos e que está financiando essa operação.

Agora, novamente, eu acho que você deve salientar que um dos que estão muito envolvidos com esse crime é a imprensa. Não tanto a sua imprensa, mas a imprensa americana que enganou a sua imprensa para reproduzir o que eles inventaram. Eu li em um dos jornais ingleses esta manhã, eu acho que é um jornal chamado The Express, sobre um relato muito claro do tipo de atividade criminosa que tem sido praticada pelos mercenários pagos com os dólares dos impostos da América. E mostrou onde eles estavam matando congoleses, se eles eram do governo central ou do governo de Stanleyville não fazia qualquer diferença para eles, eles apenas os matavam. E eles determinaram que aqueles que haviam sido processados, tinham que usar uma faixa branca na cabeça. Assim, eles matariam qualquer congolês que não tivesse usando a faixa branca. E isso foi claramente ressaltado, e no início da semana passada teria havido um clamor e ninguém permitiu que a Bélgica, Estados Unidos e os outros que estavam em conluio com eles, continuassem com a atividade criminosa no Congo. Duvido que alguém no mundo, mesmo aqui em Oxford, aceite, nem mesmo meu amigo.

Interrogador 1: Que tipo de extremismo exatamente você consideraria, o assassinato de missionários?

Malcolm X: Eu chamaria do tipo de extremismo que ocorreu quando a América lançou a bomba em Hiroshima e matou 80.000, ou mais de 80.000 pessoas, homens, mulheres, crianças. Foi um ato de guerra. Eu classificaria o mesmo tipo de extremismo que aconteceu quando Inglaterra jogou bombas em cidades alemãs e os alemães jogaram bombas em cidades inglesas. Foi um ato de guerra, e a situação do Congo é de guerra, e quando você está em guerra qualquer um que morra, sua morte é justificada. Mas aqueles que estão no regime de Stanleyville, senhor, estão defendendo o país deles dos invasores. E alguns dos refugiados que foram questionados na televisão desta cidade, salientaram que se os paraquedistas não tivessem invadido, eles não teriam sido molestados, eles não foram molestados de fato, até que os paraquedistas invadiram.

Eu não encorajo qualquer ato de assassinato nem glorificação da morte de ninguém, mas eu acho que quando o público branco usa a imprensa para magnificar o fato de que há vidas de reféns brancos em jogo, eles não dizem "reféns", todos os jornais dizem "reféns brancos". Dão-me a impressão de que atribuem mais importância a um refém branco e a morte de um branco do que a morte de um ser humano, independentemente da cor da sua pele. Eu me sinto forçado a deixar isso claro, que eu não sou a favor de qualquer matança indiscriminada, nem da morte de tantas pessoas passarem por mim sem causar algum tipo de comoção. Mas eu penso que os povos brancos estão cometendo um erro, e se lessem seus próprios jornais teriam de concordar que, com uma linguagem clara, fazem uma distinção do grau de importância da morte de acordo com a cor da pele. E quando você começa a pensar em termos de morte, não importa o tipo de ser humano, então todos nós provavelmente seremos capazes de sentar-se como seres humanos e se livrar deste extremismo. Mas enquanto a situação existir, vamos precisar de algum extremismo e acho que alguns de vocês vão precisar de moderação também.

Então, por que tal ato no Congo, que é claramente criminoso, pode ser perdoado? É perdoado principalmente porque tem sido glorificado pela imprensa, que tem levado as pessoas a olhar como algo normal, e, portanto, o mundo automaticamente sanciona. E este é o papel que a imprensa desempenha, se você estudar a história de diferentes guerras, sempre que um país que está no poder quer pisar injustamente e invadir a propriedade de outra pessoa, eles usam a imprensa para fazer parecer que a área onde eles querem invadir está cheio de selvagens, ou habitado com pessoas ensandecidas, que estão estuprando mulheres brancas, molestado freiras.

Eles usam a mesma tática ano após ano. Agora houve um tempo em que o africano acreditaria em tudo que lesse nos jornais europeus. Mas hoje, não importa o que é colocado no jornal, eles param e olham duas ou três vezes para tentar descobrir qual é o motivo do escritor. E geralmente, eles podem discernir qual é a motivação do escritor. Os poderes imperiais usam a imprensa para dar ao diabo uma imagem angelical e dar ao anjo uma imagem diabólica. Eles fazem a opressão, a exploração e a guerra realmente parecer um ato de humanitário. Este não é o tipo de extremismo que eu apoio ou que eu vá participar.

Uma das razões da minha necessidade de esclarecer o meu próprio argumento provém de uma conversa que eu tive com uma estudante daqui, no *campus*, ontem. Eu acho que tomamos um café ou jantar ou algo assim, havia várias pessoas. Eu preciso acrescentar isso para aquelas mentes que distorcem os fatos. E ela me disse: "Eu estou surpresa porque você não é o que eu esperava", e eu disse o que você quer dizer. E ela disse: "Bem, eu estava procurando seus chifres", e então, eu disse a ela que eu tenho, mas eu os mantenho escondidos, a menos que alguém os atraia. Como meu amigo, ou esse tipo, é preciso alguns tipos para atrair os meus chifres. E isso de fato é verdade, geralmente quando uma pessoa é vista como um extremista qualquer coisa que essa pessoa faz é considerada extrema.

Por outro lado, se uma pessoa é vista como conservador, qualquer coisa que ela faça é considerada como conservador. E isso novamente é resultado da manipulação das imagens. Quando eles querem que você pense em uma determinada área ou determinado grupo como envolvido em ações extremista, a primeira coisa que eles fazem é projetar essa imagem de extremista na pessoa. E então tudo o que ele fizer será visto como extremo, você sabe que não faz qualquer diferença se ele estiver certo ou errado, uma vez que sua preocupação está voltada para imagem equivocada, o que eles fizerem será visto como errado.

E isto foi feito pela imprensa ocidental, e pela imprensa americana, e foi reproduzido pela imprensa inglesa e pela imprensa europeia. Sempre que qualquer homem Negro na América assume uma atitude intransigente contra as injustiças que ele sofre diariamente, e não manifesta qualquer tendência a comprometer-se com o opressor, então a imprensa americana o rotula de radical, de extremista, alguém irresponsável ou como um agitador da multidão ou alguém que não lida com o problema de modo racional.

Pergunta: Eu me pergunto se poderia considerar, apenas por um momento, se você tem projetado, com relativo sucesso, uma imagem bastante perturbadora de um "tipo".

Malcolm X: Depende do ângulo [vaia contra o questionador], não deixe o cavalheiro colocar o ponto de vista dele. Depende de qual ângulo você olha para ele, senhor. Nunca tento esconder o que sou.

Pergunta: Estou me referindo ao seu tratamento com o orador anterior.

Malcolm X: Você está se referindo ao meu tratamento com o orador anterior? Você me faz ressaltar! Que quando um homem branco faz isso, é certo, mas um homem Negro não pode ter sentimentos. Quando um Negro se defende é chamado de extremista, ele deveria sentar-se passivamente e não expressar seus sentimentos, ser pacífico e amar seu inimigo não importa que tipo de ataque ele sofra, verbal ou não, ele deveria aceitar a ofensa sofrida. Mas se ele se levanta e tenta se defender, então ele é um extremista.

Não, eu acho que o orador que me precedeu está recebendo exatamente o que ele pediu. Minha razão para acreditar no extremismo, o extremismo inteligentemente dirigido, o extremismo em defesa da liberdade, o extremismo em busca da justiça, é porque eu acredito firmemente em meu coração que o dia em que o homem Negro assumir uma atitude intransigente e perceber que ele está dentro de seus direitos quando sua própria liberdade estiver prejudicada. Ele tem de usar todos os meios necessários para obter sua liberdade, ou colocar um ponto final nessa injustiça, eu não acho que ele vai estar sozinho.

Eu vivo na América onde há apenas 22 milhões de Negros e provavelmente 160 milhões de brancos. Uma das razões pelas quais não estou de nenhuma maneira relutante ou hesitante em fazer o que for necessário para ver os Negros fazerem algo para se proteger, é porque sinceramente acredito que o dia em que eles fizerem, muitos brancos terão mais respeito por eles, e não haverá mais brancos com essa atitude que você está tendo agora com sua ideologia de "ame teu inimigo" abordagem que eles têm utilizado até agora. E se eu não estiver errado, então você é racista.

Como eu disse antes, na minha conclusão, eu sou muçulmano. Eu acredito em *Allah*, eu acredito em Mohammed, eu acredito em todos os profetas, eu acredito no jejum, na oração, na

caridade e naquilo que compete a um muçulmano cumprir para se tornar um muçulmano. Em abril, tive a sorte de fazer o *Hajj* para Meca, e voltei novamente em setembro para realizar as minhas funções e requisitos religiosos, mas ao mesmo tempo que eu acredito nessa religião, eu tenho que salientar que eu sou um Negro americano. E eu vivo em uma sociedade cujo sistema social é baseado na castração do homem Negro, cujo sistema político é baseado na castração do homem Negro, e cuja economia é baseado na castração do homem Negro.

Uma sociedade que, em 1964, tem métodos mais sutis e enganosos para fazer o resto do mundo pensar que eles estão arrumando a casa deles, contudo as mesmas coisas que aconteceram em 1964, aconteceram em 1954, 1924 e 1884. Eles aprovaram uma lei de direitos civis em 1964 para supostamente resolver o nosso problema e depois que o projeto foi assinado, três trabalhadores dos direitos civis foram assassinados a sangue frio. E o chefe do FBI, Hoover admite que ele sabe quem fez isso, ele sabia desde que aconteceu, mas não fez nada sobre isso. Lei dos direitos civis foi para o esgoto. Não importa quantos projetos de lei sejam aprovados, a vida de pessoas negras naquele país, de onde eu sou, não vale dois centavos. E o governo mostrou sua incapacidade, ou sua má vontade para fazer o que era necessário para proteger a vida e a propriedade do cidadão afro-americano.

Então, meu argumento é que, sempre que um povo chega à conclusão de que o governo o qual eles têm apoiado, demonstra má vontade ou incapacidade de proteger nossas vidas e nossas propriedades porque temos um defeito de cor, não somos humanos seres, a menos que nós nos unamos e façamos o que for necessário para ter nossa vida e nossa propriedade protegidas, e eu duvido que qualquer pessoa aqui se recusaria a fazer a mesma coisa se tivesse na mesma condição.

Apenas mais uma coisa para ver se eu sou justificado em assumir essa postura, e eu estou falando como um homem Negro na América, que é uma sociedade racista, não importa o quanto você ouve falar sobre a sua democracia, ela é tão racista quanto a África do Sul ou Portugal, tão racista como qualquer outra sociedade racista nesta terra. A única diferença entre ela e a África do Sul, é que a África do Sul prega separação e pratica a separação, a América prega a integração e pratica segregação. Esta é a única diferença, eles não praticam o que pregam, enquanto a África do Sul pratica a mesma coisa que prega. Eu tenho mais respeito por um homem que me deixa saber quem ele é, mesmo que ele esteja errado, do que o que surge como um anjo e não é nada além de um demônio.

O sistema de governo americano é composto de comissões, há dezesseis comitês de senadores que governam o país e vinte comissões do Congresso. Dez dos dezesseis comitês do Senado estão nas mãos dos racistas do Sul, senadores que são racistas. Treze dos vinte, isso foi antes da última eleição, eu acho que são mais agora, dez dos dezesseis comitês de senadores estão nas mãos de senadores racistas do Sul, treze dos vinte comitês do Congresso estavam nas mãos deles. O que significa que fora das 36 comissões que regem a direção externa e interna desse governo, vinte e três estão nas mãos dos racistas do Sul. Homens que de modo algum acreditam na igualdade do homem.

Homens que farão qualquer coisa dentro de seu poder para fazer com que o homem Negro nunca alcance a mesma condição, ou o mesmo nível em que eles estão. A razão pela qual estes homens dessa área têm esse tipo de poder é porque a América tem um sistema de prioridade, e estes que possuem essa prioridade têm estado lá mais tempo do que qualquer outro porque os Negros das áreas onde eles vivem, não podem votar. E é só porque o homem Negro é privado de seu voto que esses homens permanecem em posições de poder que lhes dá tal influência no governo, além de sua capacidade intelectual ou política, ou mesmo para além do número de pessoas das áreas que eles representam.

Assim, podemos ver que nesse país, não importa o que o governo federal professa estar fazendo, o poder do governo federal encontra-se na mão desses comitês e qualquer momento que um homem Negro ou qualquer tipo de legislação é proposto para beneficiá-lo, ou para lhe dar a justiça que lhe é devida, descobrimos que é barrado por estas comissões. E quando eles deixam passar algo por esses comitês, geralmente é vetado no momento em que se torna lei, é uma lei que não pode ser executada.

Outro exemplo é a decisão de não segregação do Supremo Tribunal que foi entregue em 1954. Esta é uma lei, e eles não foram capazes de implementar esta lei na cidade de Nova York ou em Boston ou em Cleveland ou Chicago ou nas cidades do Norte. E meu argumento é que você tem um país, que se diz supostamente ser uma democracia, supostamente a "terra da liberdade e a casa dos bravos", e não pode implementar leis mesmo no Norte que é a parte mais cosmopolita e progressiva do país, que irá beneficiar um homem Negro. Se essas leis não podem ser aplicadas, quanta resiliência você acha que precisaremos ter até que eles aprovevem alguma legislação dos direitos civis, que só envolve mais leis. Se não fazem cumprir esta lei, nunca cumprirão outras leis.

Então, meu argumento é, nós somos confrontados com uma sociedade racista, uma sociedade em que eles são astutos, enganosos, e a única maneira de trazermos uma mudança é falando a língua que eles entendem. Os racistas nunca compreendem uma língua pacífica, nunca compreendem a linguagem da não-violência. O racista tem falado conosco o seu tipo de linguagem por mais de 400 anos. Fomos vítimas de sua brutalidade, somos aqueles que enfrentam os seus cães que rasgam a carne dos nossos corpos, só porque queremos o cumprimento da decisão da Suprema Corte. Nós somos aqueles que têm os crânios esmagados, não pela Ku Klux Klan, mas por policiais, porque tudo que queremos é o cumprimento da lei da Suprema Corte. Somos aqueles sobre os quais os jatos de água são lançados de modo tão agressivo que rasgam as roupas de nossos corpos, não apenas de homens, mas as roupas de mulheres e crianças, você já viu isso. Porque tudo que queremos é ver cumprido o que eles chamam de lei.

Bem, uma vez que você vive em uma suposta sociedade que não cumpri suas próprias leis, porque a cor da pele de um homem é considerada um crime, então eu digo que essas pessoas estão justificadas em recorrer a qualquer meio necessário para trazer justiça onde o governo não pode dar-lhes justiça.

Não acredito em nenhuma forma de extremismo injustificado. Mas eu acredito que quando um homem está exercendo o extremismo, um ser humano está exercendo o extremismo, em defesa da liberdade para os seres humanos, não é nenhum crime. E quando se é moderado na busca da justiça para os seres humanos, eu digo que ele é um pecador.

E eu poderia acrescentar na minha conclusão, na verdade, a América é um dos melhores exemplos de extremismo quando você lê sua história. O velho Patrick Henry disse "liberdade ou morte" - isso é extremismo.

Uma vez, li agradavelmente, uma peça de Shakespeare. Só leio sua obra para me entreter, mas lembro-me de uma coisa que ele escreveu que me comoveu. Ele colocou na boca de Hamlet, eu acho que foi, alguma frase como "ser ou não ser". Ele estava em dúvida sobre alguma coisa. Se era mais nobre para o homem sofrer as pedradas e as flechadas do fardo ultrajante - da moderação - ou pegar em armas e lutar contra o mar de problemas a fim de solucioná-los.

E eu acredito nisso, se você lutar, você vai acabar com isso, mas se você sentar e esperar por quem está no poder para solucionar, você vai esperar por um longo tempo. E na minha opinião, a jovem geração de brancos, Negros, marrons, o que quer que exista, estão vivendo em um momento de extremismo, um tempo de revolução, uma época em que tem que haver uma mudança, as pessoas que estão no poder têm usado de forma abusiva, e agora tem que haver uma mudança. E um mundo melhor tem que ser construído e a única maneira de construí-lo é por meio de métodos extremos. E eu me unirei a qualquer pessoa, não me importo que cor você seja, contanto que você queira mudar essa condição miserável que existe nesta terra. Obrigado.

5.13 Discurso para os Trabalhadores do Corps Peace (12 de dezembro de 1964)

Primeiro, quero que saibam que sou muito grato pelo convite para falar aqui esta tarde. Primeiro, por causa de um grupo como este. Segundo, porque eu sempre me sinto mais em casa no Harlem do que em qualquer outro lugar. O tema que vamos discutir de modo muito informal é sobre a África e a revolução africana e o seu efeito sobre o afro-americano.

Eu aproveito essa oportunidade para falar porque eu acredito que o que está acontecendo no continente africano tem uma influência direta sobre o que acontece conosco neste país. A medida em que eles conquistam a independência, a força, o reconhecimento do continente é inseparável do grau de independência, força e reconhecimento que conquistamos na América, e espero que antes do fim do dia eu seja capaz de esclarecer isso.

Em primeiro lugar, gostaria de salientar que eu tenho o conhecimento de que a maioria de vocês está treinando para serem líderes da comunidade, do país e do mundo. Então, eu gostaria de lhes dar alguns conselhos. Sempre que você ocupar uma posição de responsabilidade nunca aceite imagens que tenham sido criadas para você por outra pessoa. É bom formar o hábito de aprender a ver as coisas por si mesmo, ouvir as coisas por si mesmo, e pensar por si mesmo. Então, você estará em uma posição melhor para julgar por si mesmo.

Vivemos em uma época em que a produção de imagem se tornou uma ciência. Alguém pode criar uma determinada imagem e, em seguida, usar essa imagem para corromper sua mente e conduzi-lo para um caminho cego. Um exemplo: algumas semanas atrás, eu estava viajando da Argélia para Genebra. Havia dois americanos brancos sentados ao meu lado, um homem e uma mulher. Conheci o homem no aeroporto e tivemos uma conversa. Ele era intérprete das Nações Unidas sediado em Genebra. A senhora estava na embaixada americana da Argélia.

Então conversamos por cerca de 40 minutos entre Argélia e Genebra, um diálogo humano agradável. Eu não acho que tentaram ser brancos e não estavam tentando provar que eram brancos. Eles não estavam particularmente tentando provar nada. Era apenas uma conversa entre três seres humanos. Eu certamente não estava tentando fazê-los pensar que era Negro. Então, a questão racial não entrou na conversa.

Assim, depois que tivemos esta conversa calma, objetiva, amigável e muito informativa por cerca de 40 minutos, a senhora olhou para a minha pasta e disse: "Eu quero lhe fazer uma pergunta pessoal. Que tipo de sobrenome poderia começar com um 'X'? Isso estava intrigando-a. Eu disse, "é isso," X, ". Então ela disse, "Bem, qual é o seu primeiro nome?" Eu disse, "Malcolm."

Ela esperou a cerca de dez minutos e disse: "você não é Malcolm X?" e eu disse, "Sim." Ela disse, "mas você não é o que eu achava." Então, eu disse a ela sobre o perigo de acreditar no que ela ouve alguém dizer ou acreditar no que ela lê o que alguém escreve e não manter o hábito de julgar as coisas por si mesma.

Então, eu aproveito a oportunidade para mencionar isso porque é muito perigoso formar o hábito de acreditar completamente sobre qualquer pessoa ou qualquer situação quando temos apenas a imprensa como nossa fonte de informação. Seria melhor, se você não estivesse completamente dependente do que você leu. Mas não chegue a uma conclusão, até que você tenha uma oportunidade de fazer alguma investigação pessoal.

A imprensa americana, na verdade, o FBI pode usar a imprensa americana para criar qualquer tipo de imagem que eles desejarem de qualquer pessoa da cena local. E você tem outras agências policiais de dimensão internacional que são capazes de usar a imprensa mundial da mesma maneira. Se a imprensa é capaz de projetar a imagem de alguém como um extremista, não importa o que essa pessoa diga ou faça, desde então, ela vai ser considerada pelo público extremista. Não importa quão bom, construtivo ou positivo ela seja, a imagem midiática que foi projetada para essa pessoa como extremista sempre prevalece.

As pessoas que foram enganadas pela imprensa têm um bloqueio mental e a imprensa sabe disso. A pessoa pode correr e salvar alguém de afogamento no meio do rio Hudson, mas ainda assim o ato é visto com suspeita porque a imprensa é usada para criar suspeitas em relação a essa pessoa.

Eu ressalto essas coisas, especialmente para você e para mim, e para aqueles que estão tentando sair da invisibilidade. Se não estivermos cientes, não vamos perceber que todos esses métodos de trapagens serão usados e seremos manobrados para pensar que estamos obtendo liberdade ou que estamos progredindo quando na verdade nós estamos regredindo.

E uma das coisas com as quais você e eu como povo oprimido devemos estar atentos, como eu disse, é ter muito cuidado em não deixar alguém construir nossas imagens. A imprensa mundial, bem como a imprensa americana pode fazer a vítima do crime ser vista como o criminoso e pode fazer o criminoso ser visto como a vítima. Você acha impossível alguém alterar sua percepção, mas tudo que você precisa fazer é dar uma olhada no que aconteceu no Congo. A imprensa mundial projetou o Congo como se as pessoas, que foram vítimas do crime, parecessem os verdadeiros criminosos e aqueles, que eram os verdadeiros criminosos, parecessem como as vítimas. A imprensa faz isso, e com a imprensa fazendo isso, tornou quase impossível para o público analisar a situação do Congo com clareza e mantê-lo dentro de uma perspectiva adequada.

Um exemplo: aqui tínhamos aldeias africanas no Congo que não possuíam qualquer tipo de força aérea, eles estavam completamente sem defesa contra os ataques aéreos. Aviões jogaram bombas sobre essas aldeias. As bombas mataram mulheres e crianças. Mas não houve nenhum grande clamor aqui na América contra um ato tão desumano porque a imprensa muito habilmente fez parecer como se fosse um projeto humanitário, referindo-se aos pilotos como "americanos treinados". E assim, o uso do termo americano, conferiu-lhe alguma suposta respeitabilidade ou legalidade.

Eles chamaram os pilotos treinados pelos Estados Unidos de anti-Castro e como Castro é uma palavra que ecoa quase como uma maldição, o fato de eles serem pilotos anti-Castro fez parecer como se eles estivessem fazendo uma ação humanitária. Mas você não pode ignorar o fato de que eles estavam jogando bombas em aldeias na África que não tinha qualquer defesa antibombas. Mas eles chamaram isso de ação humanitária e o público foi induzido a aceitá-la como um ato de humanismo.

Eu tenho que salientar isso porque é um exemplo de como a imprensa pode manobrar e manipular sua mente para fazer você pensar que um assassinato em massa é algum tipo de projeto humanitário, simplesmente transformando o criminoso em ativista humanitário e a vítima em criminosa.

Assim, é bom ter isso em mente porque você pode levá-la adiante. Uma das imagens principais naquela cena, era de Tshombe, que é um assassino. Ele assassinou o legítimo primeiro ministro do Congo, isso não pode ser negado. O legítimo ministro do Congo era Patrice Lumumba. Agora, aquele que é responsável por tê-lo assassinado a sangue frio, e o mundo sabe disso, foi posto sobre o Congo como primeiro ministro pelo governo dos Estados Unidos, e este concedeu-lhe algum tipo de imagem que lhe conferiu respeitabilidade porque América o sancionou. Não só a América sancionou, como forneceu fundos suficientes para que ele pudesse ir para a África do Sul e importar assassinos contratados que eles chamam de mercenários, mas um mercenário é um assassino contratado.

Então este homem, Tshombe, que é um assassino contratado pelos Estados Unidos e colocado em uma posição de autoridade sobre o Congo, mostrou sua natureza pelo que ele fez com o dinheiro americano. Ele contratou mais assassinos. Mas porque ele foi nomeado pela América, Tshombe não foi visto como um assassino porque a imprensa americana concedeu aos mercenários uma imagem de respeitabilidade. Agora, esses mercenários, com a sanção e apoio de Tshombe, saíram atirando indiscriminadamente contra mulheres, crianças e homens africanos.

Ninguém ficou comovido com a perda de milhares de vidas congolezas. Eles só ficaram comovidos quando a vida de alguns brancos estava em jogo. Porque quando as vidas dos brancos estavam em jogo, a imprensa imediatamente tocou em seu sentimento referindo-se a estes brancos como reféns inocentes, como freiras, sacerdotes e missionários, construindo-lhes uma imagem com a qual você simpatizaria.

Eu devo ressaltar isso porque mostra, qual complicado a imprensa pode ser. A imprensa pode levar você a não ter qualquer simpatia com a morte de milhares de pessoas que se parecem com você, mas ao mesmo tempo, eles fazem lágrimas rolar de seu rosto pela perda de algumas vidas que não têm nenhuma semelhança com você. Eles manipulam seus sentimentos.

Então, meu conselho para vocês que a qualquer momento pode ser colocado em uma posição de liderança, você deve isso aos outros, bem como a si mesmo, o fato de ser muito cuidadoso em deixar os outros manipularem a sua mente. Você tem de aprender a ver por si mesmo, ouvir por si mesmo, pensar por si mesmo e depois julgar por si mesmo.

Em segundo lugar, gostaria de dizer algo que diz respeito ao meu eu pessoal, cuja imagem eles projetaram à sua própria luz. Sou contra qualquer forma de racismo. Somos todos contra o racismo. A única diferença entre você e eu é que você quer lutar contra o racismo e contra os racistas de modo não-violento e amoroso, e eu vou lutar contra eles do jeito que eles lutam comigo. Qualquer arma que usem, é a que vou usar. Eu vou falar o tipo de linguagem que ele fala. Você não pode se comunicar com uma pessoa a menos que fale o idioma dela. Se um homem está falando francês, você pode falar alemão a noite toda, ele não vai saber o que você está falando. Você tem que descobrir que tipo de linguagem ele entende e então você vai falar com ele em uma linguagem que ele entende.

Sou muçulmano, o que significa que minha religião é o Islã. Eu acredito em *Allah*. Eu acredito em todos os profetas que representou *Allah* nesta terra. Acredito no que os muçulmanos acreditam: oração, jejum, caridade e a peregrinação à Terra Santa Meca, que tive a sorte de fazer quatro ou cinco vezes.

Eu acredito na Irmandade do homem, de todos os homens, mas eu não acredito em fraternidade com alguém que não quer irmandade comigo. Eu acredito em tratar as pessoas com respeito, mas eu não vou perder meu tempo tentando tratar alguém bem quem não vai retribuir esse tratamento. Esta é a única diferença entre você e eu.

Você acredita em tratar todo mundo bem quando eles colocam uma corda em seu pescoço ou te colocam na cova. Bem, minha crença não é tão forte. Eu acredito na Irmandade do homem, mas eu acho que quem quer linchar um Negro não está qualificado para essa irmandade e eu não me esforço para inseri-los nessa irmandade. Você quer salvá-lo e eu não. Apesar do fato de como muçulmano, eu acreditar na Irmandade entre os homens e na religião do Islã, há um fato também que eu não posso ignorar: eu sou um afro-americano e afro-americanos têm problemas que vão muito além da religião. Temos problemas que a nossa organização religiosa em si não pode resolver e temos problemas que nenhuma organização pode resolver ou nenhum líder pode resolver. Nós temos um problema que vai depender de todos os esforços de cada líder e de cada organização, se nós quisermos encontrar uma solução. Por essa razão, eu não acredito que como muçulmano seja possível para mim trazer a minha religião para qualquer discussão com não-muçulmanos sem causar mais divisão, animosidade e hostilidade. Então só estaremos envolvidos em uma ação autodestrutiva. Assim, com base

nisso, nós formamos uma organização. Além de sermos muçulmanos, nos reunimos e formamos uma organização que não tem nada a ver com religião, é conhecida como a Organização da Unidade Afro-americana.

Nesta organização nós nos envolvemos completamente na luta do afro-americano neste país e nosso objetivo como um grupo não-religioso é dar liberdade para usar todos os meios necessários para pôr fim às injustiças que nos confronta. Acredito em qualquer meio necessário. Creio que as injustiças que sofremos e que continuaremos a sofrer nunca serão interrompidas, enquanto nós nos colocarmos em uma camisa-de-força quando estivermos lutando contra essas injustiças.

Muitos de nós na Organização da Unidade Afro-americana adotaram como nosso slogan "Por Todos os Meios Necessários" e achamos que nós somos justificados por isso. Uma vez que alguém está tratando você de uma forma criminosa, ilegal e imoral, você está dentro de seus direitos de usar qualquer coisa à sua disposição para pôr fim a essa condição injusta, ilegal e imoral. Se fizermos dessa forma teremos mais respeito e estaremos mais próximo do caminho da liberdade, em direção ao reconhecimento e ao respeito como seres humanos. Mas enquanto nós desperdiçarmos tempo, tentando parecer que nós somos mais morais, tomando surra sem revidar, as pessoas continuarão a se referir a nós como pessoas muito morais e bem disciplinadas, mas ao mesmo tempo nós estaremos retrocedendo cem anos. Então, eu acredito que lutar contra aqueles que lutam contra nós é a melhor forma de ação em qualquer situação.

Novamente, se o governo não quer os Negros lutando contra quem está lutando contra nós, então o governo deve fazer seu trabalho, o governo não deveria colocar a responsabilidade sobre nós. Se a Ku Klux Klan no Mississippi está realizando atividades criminosas a ponto de assassinar pessoas negras, então, eu acho que se os Negros são homens, seres humanos iguais a qualquer pessoa, você e eu deveríamos ter o direito de fazer a mesma coisa em defesa de nossas vidas e de nossa propriedade. É isso que todos os outros seres humanos nesta terra fazem na defesa de suas vidas e na defesa de sua propriedade, é aquele que fala a língua que o Ku-Klux-Klan compreende.

Então, eu devo enfatizar, estamos lidando com um inimigo poderoso, e, novamente, eu não sou antiamericano. Eu acho que há uma abundância de pessoas boas na América, mas há também uma abundância de pessoas más na América e os maus são os que parecem ter todo o poder e estão nestas posições para bloquear as coisas que você e eu precisamos. Porque esta é

a situação, você e eu temos que preservar o direito de fazer o que for necessário para pôr fim a essa situação, e isso não quer dizer que eu defendo a violência, mas ao mesmo tempo não sou contra o uso da violência em legítima defesa. Eu não chamo isso de violência quando se trata de autodefesa, eu chamo de inteligência.

Então, qual o impacto ou efeito que a revolução africana tem sobre mim e você? Número um, antes de 1959, muitos de nós não queríamos ser identificados com a África de forma alguma, nem mesmo indiretamente ou remotamente. A melhor maneira de ofender um de nós era nos chamar de africano. Nós nos sentíamos insultados. Mas se você notar, desde 1959 e em anos mais recentes, isso tem mudado. Está mudando entre nós, subconscientemente, mais rápido do que imaginamos.

A razão para esta mudança é que antes de 1959, a imagem africana não foi criada pelos africanos. A imagem da África foi criada pelos poderes europeus. Estes europeus juntaram-se à América e criaram uma imagem muito negativa da África e projetaram esta imagem negativa no exterior. Eles projetaram a África como uma selva, um lugar cheio de animais selvagens e canibais.

A imagem da África e dos africanos era tão odiosa que 22 milhões de nós, na América, de descendência africana, realmente evitavam a África porque a sua imagem era odiosa e negativa. Não percebíamos que ao sermos levados a odiar a África e os africanos acabávamos odiando a nós mesmos. Você não pode odiar a raiz de uma árvore e não odiar o seu fruto. Você não pode odiar a África, a terra de onde você e eu somos, sem acabar nos odiando.

E o homem sabia disso. Começamos a odiar as nossas características africanas. Odiávamos o nariz africano e os lábios africanos e a pele africana e o cabelo africano. Nós odiávamos tanto o cabelo que colocávamos lixívia sobre ele para mudar sua aparência. Começamos a nos odiar. E você sabe, eles nos acusam de pregar o ódio. Quem é mais desumano e imoral: um homem que ensina você a odiar seus inimigos ou um homem que habilmente manipula você para fazer você se odiar? Bem, eu acho que ensinar um homem a odiar a si mesmo é muito mais criminoso do que ensiná-lo a odiar outra pessoa. Olha para ti, quem te ensinou a odiar-te? Se dizes que somos pregadores de ódio, diz-me quem te ensinou a odiar tão habilmente, tão completamente, até sermos manobrados a ponto de nós nem sequer querer ser

o que realmente somos. Queríamos ser outra pessoa, queríamos ser outra coisa. Muitos de nós queríamos estar em outro lugar.

Então, depois de 1959, quando os africanos começaram conquistar a independência, eles começaram a mudar a imagem do africano. Eles estavam em uma posição na qual poderiam projetar sua própria imagem no exterior. A imagem começou a mudar de negativo para positivo e na medida em que a imagem africana começou a mudar, a imagem afro-americana também começou a mudar de negativo para positivo. Seu comportamento e objetivos começaram a mudar de negativo para positivo do mesmo modo que o comportamento e os objetivos do Africano começaram a mudar de negativo para positivo. Isso teve um impacto direto sobre a atitude que nós aqui na América começamos a ter com o outro e para com o homem, e eu não nem preciso dizer quem é o homem.

Havia sujeitos no Departamento do Estado que começaram a se preocupar com essa mudança de imagem. Como a África tornou-se militante e intransigente, você e eu nos tornamos militantes e intransigentes, e até mesmo o mais burguês do tio Tom afro-americano ficou feliz quando ouviu falar sobre os *Mau-Mau*. Sim, ele ficou feliz quando ouviu. Ele não assumiu abertamente porque em alguns bairros não era um símbolo de status para ele se identificar. Em outros bairros era. Mas toda esta ação intransigente e militante por parte dos africanos criou uma tendência entre o nosso povo em adotar a mesma tática que não foi percebida por muitos de nós. Foi um efeito inconsciente, mas teve seu efeito.

Esse elemento racista do Departamento de Estado ficou preocupado com isso. E você estaria fora de seu juízo se achasse que não há um elemento racista no Departamento de Estado. Eu não estou dizendo que todo mundo do Departamento de Estado é racista, mas eu estou dizendo que certamente há alguns deles lá e eles ocupam posições poderosas. E este é o elemento que ficou preocupado com a mudança de comportamento do Negro. Especialmente se esse humor e comportamento se transformassem em violência, violência que só acontece quando um homem Negro se protege contra o ataque do homem branco.

Quando chega a hora de um homem Negro explodir eles chamam de violência, mas os brancos podem explodir contra os Negros o dia inteiro e nunca são chamados de violentos. Eu mesmo conheço alguns de vocês que me perguntam se sou a favor da violência. Sou vítima de

violência e você é vítima de violência. Na verdade, você foi tão vitimado por ele que não pode reconhecer.

O medo era que a mudança da imagem do africano tivesse uma tendência a mudar a sua e a minha imagem, e eles sabiam que você e eu tendemos a nos identificar com a África, mas antes não nos identificávamos. Seu medo era que a simpatia e a identidade acabassem desenvolvendo uma espécie de fidelidade para com as esperanças e aspirações africanas acima e além das esperanças e aspirações da América. Então eles tiveram que fazer algo para criar uma divisão entre o afro-americano e o africano para que você e eu e eles não pudessem se reunir e coordenar nossos esforços para fazer um progresso mais rápido do que tínhamos feito até agora.

Eles não se importam com sua luta pela liberdade, enquanto você lutar de acordo com as regras deles. Desde que eles nos digam como lutar, eles participam de sua luta. Mas assim que você chega para um deles, que é suposto defensor de sua liberdade e diz-lhe que você usará qualquer meio necessário para conquistar sua liberdade, ele se afasta de você. Ele é a favor de sua liberdade por qualquer meio necessário, mas ele nunca vai se juntar a você para conquistar sua liberdade por qualquer meio necessário.

A história dos Estados Unidos é a de um país que faz o que quer usando todos os meios necessários para alcançar seu interesse, mas quando diz respeito ao seu e ao meu interesse, então todos os meios tornam-se limitados. E não podemos concordar com isso. Dizemos que o que é bom para o ganso é bom para a gansa. Se vamos ser pacíficos, então deixe a América se tornar pacífica. Deixe-a retirar suas tropas de Saigon, retirar suas tropas do Congo e retirar todas suas tropas e então veremos que ela é um país não-violento, que estamos a viver numa sociedade não violenta. Mas se eles são violentos, você estaria fora de seu juízo em permanecer pacífico. Isso é tudo que eu tenho a dizer sobre isso.

Eu sou pela paz, mas não vejo como o Negro pode estar em paz antes da guerra acabar, e você ainda nem ganhou uma batalha. Se eu tiver que seguir um general que está lutando pela minha liberdade e o inimigo começa a fixar medalhas de paz nele antes de eu conquistar a minha liberdade, receio que terei de encontrar outro general porque é impossível para um general estar em paz quando o seu povo não tem paz. É impossível condecorá-lo com medalhas de paz quando as pessoas oprimidas não têm paz. O único homem que tem paz é o homem do topo. E

eu não acho que as pessoas negras tenham paz. Não deve haver paz na terra para ninguém até que haja paz para nós também.

Uma vez que as nações africanas começaram a ficar muito nacionalista, muito militante e intransigente em sua busca pela liberdade, as potências europeias descobriram que não poderia ficar no continente africano por mais tempo. É como alguém em um jogo de futebol ou um jogo de basquete. Quando ele está preso ou encurralado, ele não joga a bola, mas ele passa para alguém que está livre. E isso foi a mesma coisa que os europeus fizeram. Os africanos não queriam mais eles lá, então tiveram que passar a bola para um de seus sócios que estava com a ficha limpa e este parceiro foi o tio Sam.

O tio Sam pegou a bola e está carregando desde então. Tudo que você tem a fazer é ir para o continente africano, viajar de uma ponta a outra e você vai descobrir que a posição e influência americana só substituiu a posição e influência dos antigos poderes coloniais e eles fizeram isso com muita habilidade.

Eles sabiam que nenhum estrangeiro poderia ficar naquele continente contra a vontade do africano, então eles tiveram que usar um método melhor, mais sutil. Eles tiveram de fazer amizade com o africano. Eles levaram o africano a pensar que eles estavam lá para ajudá-los, então eles começaram a fingir que eles queriam ajudar você e eu aqui. Eles vieram com todos esses belos slogans sobre integração que eles ainda não tinham produzido.

Eles vieram com slogans sobre este tipo de programa, mas quando você analisa de perto, você constata que eles não fizeram nada. Não fizeram o que deveriam ter feito. É tão difícil para eles produzirem resultados que quando realizam alguma coisa, eles fazem manchetes.

A lei foi proferida pelo Supremo Tribunal. Eles disseram que você poderia frequentar qualquer escola que quisesse, mas quando você chegou lá para estudar conforme a lei determinava. A lei que foi aplicada foi a dos golpes de cassetetes arrebatando a sua cabeça, jatos de água em cima de você, então este tipo de violência abalou o afro-americano. Ele se perguntou se o Supremo Tribunal estava realmente em condição de determinar o que a lei da Terra deveria ser. Aprovaram uma lei que não puderam implementar. E eu não quero dizer que eles não puderam implementá-la no Mississippi, quero dizer que eles não puderam aplicá-la em

Nova York. Eles não puderam evitar a segregação de escolas em Nova York, então onde no mundo eles vão aplicá-la em Louisiana, Mississippi e alguns desses outros lugares?

Essas foram medidas simbólicas projetados para nos manter mais tranquilo, levando-nos pensar que um esforço honesto estava sendo feito para solucionar o problema. E então, como eles começaram a aparecer como se quisessem ajudar o homem Negro deste país, no exterior eles ampliaram. Especialmente o serviço de informação dos Estados Unidos. Seu trabalho no exterior, principalmente no continente africano, era fazer os africanos pensar que você e eu estávamos vivendo no paraíso, que os nossos problemas tinham sido resolvidos, que a decisão da Suprema Corte tinha acabado com a segregação e colocado todos na escola, que a aprovação da lei dos Direitos Civis, no ano passado, tinha resolvido todos os nossos problemas, e que agora que Martin Luther King, Jr. tinha ganhado o prêmio Nobel da Paz, estávamos a caminho da terra prometida da integração.

Eu estava lá quando tudo isso aconteceu, e eu sei como eles usaram. Eles não usaram de forma objetiva e construtiva. Eles usaram para enganar o africano e levá-lo a pensar que a maior parte do tempo deles é usado para nos amar e tentar resolver o seu e meu problema com métodos honestos, e que eles estavam obtendo resultados honestos.

Então, eu gostaria de dizer na minha conclusão, por que nós como membro da Organização da Unidade Afro-americana achamos que não podemos nos sentar e confiar os mesmos objetivos e estratégias que foram usados no passado.

Se você estudar o chamado progresso do afro-americano, volte para 1939, pouco antes da guerra com Hitler, a maioria de nosso povo trabalhava como lavador de louças, garçons e engraxate. Não fazia diferença o nível de educação que tínhamos. Nós trabalhávamos nos hotéis do centro como porteiros e na ferrovia como garçons e na estação Grand Central como carregador de bagagens. Antes de 1939, sabíamos qual seria a nossa posição mesmo antes de nos formarmos na escola.

Naqueles dias, o nosso povo não podia sequer trabalhar nas fábricas. Em Michigan, onde todas as fábricas estavam instaladas, eles trabalhavam principalmente engraxando sapatos e em outras tarefas subalternas. Então, quando Hitler começou a propaganda nazista, a América enfrentou uma escassez de mão de obra. Este foi o único momento em que tivemos alguma

oportunidade. Alguns de vocês são muito jovens para se lembrarem e alguns de vocês são tão velhos que não querem se lembrar.

Eles nos deixaram entrar nas fábricas de defesa, e começamos a conseguir empregos como maquinistas. Pela primeira vez, ganhamos um pouco de habilidade, um pouco mais de dinheiro. Passamos a viver em um bairro um pouco melhor. Quando nos mudamos para um bairro um pouco melhor passamos a frequentar uma escola melhor e ter um pouco de educação melhor. Foi assim que progredimos um pouco. Não foi por causa da benevolência de alguém ou dos esforços das organizações. Foi por causa da pressão externa que tio Sam sofreu. A única vez que o homem deixou o homem Negro dá um passo à frente foi quando a pressão externa caiu sobre ele. Nunca foi por qualquer outra razão. Foi a pressão mundial, pressão econômica, pressão política e pressão militar.

Quando ele estava sob pressão externa, deixou-nos dar um passo à frente. Então, o ponto onde quero chegar é que não foi por causa da nossa própria iniciativa que fizemos algum progresso. E o dia em que nós reconhecermos isso, então veremos a coisa em uma perspectiva mais adequada porque vamos deixar de esperar pelo tio Sam e Washington D.C., para resolver nossos problemas e vamos deixar de olhar apenas para a América e seus aliados na nossa luta contra as injustiças.

Quando você encontra pessoas fora da América que se parecem com você conquistando poder, minha sugestão é que você se volte para eles e torne seus aliados. Deixe-os saber que todos nós temos o mesmo problema, que o racismo não é um problema interno americano, mas um problema internacional. O racismo é um problema humano e é um crime tão hediondo que uma pessoa que está lutando contra o racismo está dentro dos seus direitos de lutar contra ele utilizando todos os meios necessários até que seja eliminado.

Quando você e eu começarmos a pensar assim e nos envolvermos em algum tipo de atividade com esse tipo de liberdade, eu acho que nós vamos encontrar soluções para alguns dos nossos problemas.

5. 14 No Audubon Ballroom (13 de dezembro de 1964)

Irmãos e irmãs: estamos muito felizes em ver tantos de vocês em uma noite tão nublada. Esperamos não ter feito vocês esperar por muito tempo, mas um grande amigo meu e seu, está a caminho e eu não queria falar muito na frente dele. Ele é uma pessoa cujas ações no passado realmente falam por elas mesmas. Ele é um mestre da revolução. Vivemos em um mundo revolucionário e numa era revolucionária, mas você e eu nunca encontramos um verdadeiro revolucionário Negro. Então, esta noite queremos apresentar um.

Além disso, devo explicar-lhes que uma das razões pelas quais a reunião começou tarde foi porque temos um filme (agora eu estou lutando com este microfone americano), temos um filme que queremos mostrar sobre o Congo e eu acredito que vocês vão gostar também e este filme vai definir o tom do discurso do nosso convidado quando chegar aqui.

Devido às dificuldades técnicas que são esperadas em uma sociedade altamente técnica que está perdendo o gás, não poderemos mostrar o filme. Mas vamos mostrá-lo em uma outra oportunidade. (ou este microfone está fora de forma ou eu estou ficando fraco.)

O propósito do nosso encontro esta noite, como foi anunciado, foi mostrar a relação entre a luta que está acontecendo no continente africano e a luta que está acontecendo entre os afro-americanos aqui neste país. Eu gostaria de enfatizar especialmente, para aqueles que se autodenominam líderes, a importância de estabelecer uma conexão direta entre a luta do afro-americano neste país com a luta do nosso povo em todo o mundo.

Enquanto nós pensarmos - como um dos nossos bons irmãos aqui mencionou, domingo passado - que devemos resolver o problema do Mississippi antes de nos preocuparmos com o Congo, você nunca vai conseguir solucionar o problema do Mississippi. Não até que você comece a perceber sua conexão com o Congo.

Temos de perceber que posição nossa luta ocupa na luta do cenário mundial. Em segundo lugar, precisamos de aliados, e enquanto você e eu achar que só podemos ter aliados no Bronx ou aliados, você sabe, em Grand Concourse, eu quero dizer de onde você não vive. Enquanto você e eu achar que esta é a única fonte ou área a partir do qual podemos obter aliados, a nossa fonte de aliados está limitada. Mas quando percebemos quão grande é esta terra e

quantas pessoas diferentes existem nela, e quanto eles se assemelham a nós, então quando nos voltarmos para eles com algum tipo de ajuda ou aliança, então nós vamos fazer progresso um pouco mais rápido.

Antes do nosso visitante chegar aqui, eu acho que é importante mostrar a importância de manter a mente aberta. Você vai se surpreender com a rapidez e facilidade com que alguém pode roubar sua mente. Você não acha? Nós nunca gostamos de admitir que somos burros o suficiente para deixar alguém colocar algo sobre nós de forma muito enganosa e traiçoeira. Mas você e eu vivemos numa sociedade astuta e traiçoeira, num país muito ardiloso e traiçoeiro que tem um governo muito enganoso e traiçoeiro.

Nem todos são complicados e trapaceiros, mas a maioria deles é. E sempre que você tiver um governo em que a maioria é enganoso e complicado, você tem que estar vigilante em todos os momentos. Você tem que saber como eles usam esse engano e esses truques. Caso contrário, você vai se encontrar em uma armadilha.

Uma das melhores maneiras de se proteger do engano é sempre formar o hábito de analisar as coisas por si mesmo, analisando as coisas por si mesmo, pensando por si mesmo antes de fazer qualquer julgamento. Nunca fundamente sua impressão sobre alguém com base no que outra pessoa disse. Ou sobre o que outra pessoa escreveu. Ou sobre o que você leu sobre alguém que outra pessoa escreveu. Nunca baseie seu julgamento em coisas assim. Especialmente neste tipo de país e neste tipo de sociedade que tem dominado com maestria a arte de pintar enganosamente as pessoas que eles não gostam com uma imagem que eles sabem que vocês não vão gostar. Então você acaba odiando seus amigos e amando seus inimigos.

Vou dar um exemplo: eu estava voando da Argélia para Genebra a cerca de três ou quatro semanas atrás, e havia dois americanos sentados ao meu lado no avião, ambos brancos, um homem e uma mulher. Um era intérprete, que trabalhava em Genebra para as Nações Unidas, e a outra trabalhava em uma das embaixadas em alguma parte da Argélia. Nós conversamos por cerca de 40 a 45 minutos e, em seguida, a senhora que tinha olhado para a minha pasta, disse: "Posso lhe fazer uma pergunta pessoal?" E eu disse, "sim." Porque eles sempre fazem de qualquer maneira. Ela disse: "Que tipo de sobrenome você tem que começa com X?" Eu disse, "é isso, X." Então ela disse "X"? "Sim". "Bem, qual é o seu primeiro nome?" Eu disse, "Malcolm." Então ela esperou por cerca de dez minutos e disse, "Você não é Malcolm X?" E

eu disse: "Sim, sou Malcolm X. Por que? O que aconteceu? E ela disse, "Bem, você não é como eu pensava".

O que ela esperava encontrar era o tipo que os jornais e a imprensa tinham criado. Ela estava procurando a imagem que a imprensa tinha criado. Alguém com alguns chifres, você sabe, prestes a matar todos os brancos, como se ele pudesse matar todos eles. Ela estava procurando por um agitador que não conseguia conversar com pessoas de olhos azuis, você sabe, alguém irracional ou coisas desse tipo. Eu aproveitei a oportunidade para ressaltar isso porque é um bom exemplo de como habilmente alguém pode pegar um jornal e construir uma imagem de alguém para que antes mesmo de conhecê-lo, você o julgue. Você nem sequer vai querer ouvir o que ele tem a dizer, embora você nem sequer o conheça, tudo que você sabe, é o que a imprensa diz e a imprensa é branca. E quando digo que a imprensa é branca, quero dizer que é perigosa.

O FBI pode dar informações à imprensa para que seu vizinho pense que você é subversivo. O FBI, eles fazem isso com muita habilidade, eles manipulam a imprensa em escala nacional e a CIA manipula a imprensa em escala internacional. Eles fazem toda a sujeira com a imprensa. Eles pegam os jornais e fazem os jornais divulgarem você e eu como se todos nós fôssemos criminosos, todos nós fôssemos racistas, todos nós fôssemos viciados em drogas, ou todos nós estivéssemos em tumultos. É assim que eles fazem. Quando você reage legitimamente contra as injustiças que são amontoadas sobre você, eles usam a imprensa para fazer com que pareça um vândalo. E se você fosse um vândalo, você teria o direito de ser um vândalo.

Eles manipulam esta imagem, esta produção de imagens. Eles projetam a imagem de um extremista, e a partir daí qualquer coisa que você faz é extremo. Você pode puxar um bebê para fora da água e salvá-lo de um afogamento, ainda assim, você será visto como um extremista porque eles projetaram essa imagem em você. Eles podem criar uma imagem de você como um subversivo, e mesmo que você saia e morra lutando pelos Estados Unidos, ainda assim, você será visto como um subversivo porque a imprensa fez de você um subversivo. Eles podem pintar a sua imagem como alguém irresponsável, e você pode surgir com o melhor programa que vai salvar o homem Negro da opressão do homem branco e, quando eu digo opressão, que é de onde a opressão vem, ela vem do homem branco. Há algumas pessoas negras opressivas, mas eles só estão fazendo o que o homem branco lhes ensinou.

Quando digo isso, não condeno todos os brancos. Nem todos eles oprimem. Nem todos estão em condição de oprimir. Mas a maioria está. A imprensa é tão poderosa em seu papel de produção de imagem que pode fazer um criminoso parecer vítima e a vítima parecer o criminoso. Esta é a imprensa, uma imprensa irresponsável. Ele vai fazer com que o criminoso pareça ser a vítima e fazer a vítima parecer o criminoso. Se você não for cuidadoso, os jornais vão fazer você odiar as pessoas que estão sendo oprimidos e amar as pessoas que estão oprimindo.

Se você não for cuidadoso porque eu vi alguns de vocês serem pegos naquela armadilha em que você foge odiando a si mesmo e amando o homem branco, enquanto você está sofrendo no inferno onde ele te colocou. Você deixa o homem te manipular, fazendo-o pensar que é errado lutar com ele, enquanto ele está lutando contra você. Ele está lutando contra você pela manhã, lutando contra você ao meio-dia, lutando contra você à noite e você ainda acha que é errado lutar contra ele. Por que? A imprensa. Os jornais fazem você achar que é errado. Contanto que você leve uma surra, você está bem. Desde que te arreentem a cabeça, está bem. Contanto que você deixe os cães deles rasgar sua carne, está bem. Porque é a imprensa. É a imprensa que produz a imagem. Essa coisa é perigosa se você não se proteger contra isso. Vai fazer você amar o criminoso, como eu disse e odiar aquele que foi vítima do criminoso.

Um bom exemplo do que a imprensa pode fazer com suas imagens é o Congo, a área da África de onde nosso convidado que está a caminho é, ele vai falar sobre isso hoje à noite. Neste momento, no Congo, aldeias indefesas estão sendo bombardeadas, mulheres negras, crianças e bebês estão sendo despedaçados por bombas lançadas por aviões. De onde vêm esses aviões? Dos Estados Unidos, os E-S-T-A-D-O-S-U-N-I-D-O-S. Sim, e você não vai publicar isso. Você não vai publicar que os aviões americanos estão despedaçando a carne dos corpos de mulheres, bebês e homens congolezes. Não. Por que? Porque são aviões americanos.

Desde que sejam aviões americanos, isso é humanitário. Enquanto eles estiverem sendo pilotados por cubanos anti-Castro, está tudo bem porque Castro é um vilão e quem está contra ele o que quer que faça é humanitário. Vê como é complicado? Aviões americanos, pilotos cubanos anti-Castro, lançando bombas em aldeias africanas que não têm nenhum sistema de defesa contra bombas, rasgando mulheres congolezas em pedaços. Quando você lança uma bomba você não olha para ver onde ela vai cair.

Eles estão fazendo a mesma coisa que fizeram no Japão quando jogaram a bomba sobre os japoneses em Hiroshima. Eles nem sequer pensam em deixar o Congo. E você aqui comovido porque alguns reféns brancos morreram, vocês estão loucos. Eles usam a imprensa com a sua capacidade de controlá-los com a produção de imagem, e eles fazem um assassinato em massa, assassinato a sangue frio parecer um projeto humanitário. Todos esses milhares de congolezes morrendo, massacrados e você não tem nenhuma compaixão em seus corações por eles porque a vítima foi transformada criminoso e o criminoso foi transformado em vítima. Você e eu deveríamos fazer um motim. Eu quero dizer um motim inteligente.

Vamos tratar de mais um assunto antes que nosso convidado chegue, para mostrar como eles usam essa imagem através da imprensa. Eu não estou condenando toda a imprensa porque alguns deles são corretos, mas a maioria não é. Tshombe, há um homem que você nunca deve deixá-lo que coloque os pés na América. Este homem é o pior africano que já nasceu. Ele é um assassino frio. Ele assassinou Patrice Lumumba, o legítimo primeiro-ministro do Congo. E o que aconteceu lá na época? Eles usaram a sua imprensa para produzir uma boa imagem de Tshombe. Sim, a imprensa americana. Eles pegaram este homem, que é um assassino, um assassino frio, que não matou apenas alguém, mas assassinou o primeiro-ministro, e eles usaram a sua imprensa para tornar este homem aceitável para o mundo.

Ele nunca será aceitável para o mundo. O mundo não é tão burro para se deixar enganar tão facilmente. Agora, alguns de nós, neste país, podem estar mudos, mas não todos, apenas alguns. E aqueles que não foram enganados farão o que for necessário para impedir que esse homem ponha os pés neste continente. Ele deveria ter medo de vir aqui. Ele deveria pensar muito antes de vir para cá. Por que? Porque eles disseram que nós viemos do Congo. Não foi o que te disseram? Quero dizer, não foi isso que nos ensinaram na escola? Então viemos do Congo. Somos selvagens e canibais e todo esse tipo de coisa sobre o Congo. Eles me ensinaram a minha vida toda que eu sou do Congo. Eu amo o Congo. Esse é o meu país. E esse é o meu povo que está sendo assassinado com seus aviões.

Eles pegaram o Tshombe e o sustentaram com dólares americanos. Eles glorificaram sua imagem com a imprensa americana. Qual foi a primeira coisa que ele fez? Agora, Tshombe é um assassino, ele foi contratado pelos Estados Unidos para governar o Congo. Sim, isso explica tudo. Você pode colocar isso tudo em uma linguagem bonita, mas não queremos linguagem bonita para descrever uma situação desagradável. Ele é um assassino contratado pelo

governo dos Estados Unidos e está sendo pago com seus dólares pelo governo dos Estados Unidos.

E para provar que sua conduta é assassina, um assassino contratado. A primeira coisa que ele fez? Ele contratou mais assassinos. Ele saiu e pegou os mercenários da África do Sul. E o que é um mercenário? Um assassino contratado. Isso é tudo que um mercenário é. Os pilotos cubanos anti-Castro, o que são? mercenários, assassinos contratados. Quem os contratou? Estados Unidos. Quem contratou os assassinos da África do Sul? Estados Unidos. Eles só usaram Tshombe para fazê-lo. Assim como fazem conosco neste país. Eles pegam um Negro e o contratam e fazem dele um figurão — então ele se torna a voz da comunidade — e então ele chama todos eles para entrarem e se juntarem à organização, e eles tomam conta disso. Depois lhe dão prêmios da paz, medalhas e outras coisas. Eles provavelmente vão dar a Tshombe o prêmio de paz no próximo ano pelo trabalho que ele está fazendo. Esperem, ele vai ser o vencedor do Prêmio Nobel da Paz no próximo ano. Porque ele está fazendo um bom trabalho. Mas para quem? Para o homem.

Então esses mercenários vêm, e novamente, o que torna esses mercenários aceitáveis? A imprensa. A imprensa não se refere a eles como assassinos contratados. A imprensa não se refere a eles como assassinos. A imprensa se refere aos irmãos em Stanleyville, que estão defendendo seu país contra os rebeldes, de selvagens e canibais. Sabe, irmãos, a imprensa tem uma grande responsabilidade, e tem a responsabilidade, às vezes, como cúmplice. Porque se ela se permite ser usada para fazer criminosos parecerem vítimas e vítimas parecerem criminosos, então a imprensa é cúmplice do mesmo crime. Eles estão se permitindo ser usados como uma arma nas mãos daqueles que são realmente culpados.

Eu cito isso esta noite, antes de nosso convidado chegar, me disseram que ele deverá estar aqui em dez minutos. Eu cito isso para mostrar-lhe que, assim como eles fazem isso em um nível internacional, eles também fazem conosco. Neste país, sempre que o homem branco não consegue controlar as pessoas negras, a imprensa imediatamente começa a rotular os Negros como irresponsáveis ou extremistas. Eles colocam todos esses velhos rótulos negativos em cima dele, nós fazemos a mesma coisa, nós recuamos. Não porque sabemos algo sobre eles, mas recuamos por causa da imagem que o homem criou deles.

E se você notar todos que adotam uma posição inflexível ficam contra o homem — quando eu digo o homem, você sabe de quem estou falando. Eu estou falando sobre o homem que lincha, o homem que separa, o homem que discrimina, o homem que oprime e explora, o homem que não vai deixar você e eu ter instalações, educação de qualidade aqui no Harlem. Aquele homem, quem quer que seja, é de quem estou falando. Eu tenho de falar sobre ele assim porque se eu falar sobre ele de forma mais direta, eles vão me chamar de racista. E eu não sou racista. Eu não sou contra alguém por causa de sua raça, mas certamente, eu sou contra eles por causa do que eles estão fazendo e se eles estão fazendo algo errado, devemos detê-los por qualquer meio necessário.

Se você notar, quando o povo do Congo foi abatido em escala maciça não houve clamor. Mas assim que a vida de alguns brancos estava envolvida, o mundo inteiro ficou em alvoroço. O que fez o mundo ficar em alvoroço? A imprensa. A imprensa fez parecer que 2.000 pessoas brancas estavam sendo mantidas como reféns. E começaram a alardear em grandes manchetes, se algum deles morressem. Agora os africanos não mataram nenhum deles, os irmãos lá em Stanleyville não mataram nenhum deles até que os paraquedistas pousaram. Se os paraquedistas não tivessem invadido a propriedade deles, ninguém teria morrido. Eles não tinham ferido ninguém até aquele momento. E muitas pessoas dizem que não foram os irmãos em Stanleyville que os mataram. Os paraquedistas e mercenários começaram a atirar em todos.

Você acha que eu estou inventando? Eu estava em Londres no domingo passado, e no Daily Express, um escritor branco, devo dizer branco porque se eu não especificar que foi um homem branco que escreveu isso, você vai achar que foi eu que escrevi, ou que algum homem Negro escreveu. Olhe o que ele diz aqui no Daily Express, que é um jornal longe de ser de esquerda, longe de ser liberal. Foi escrito por Walter Partington de Stanleyville. Logo após os paraquedistas pisarem em solo congolês, ele diz, houve "uma nuvem de fumaça das bombas de canhão disparado pelo T-28s, pilotado pelos mercenários cubanos". Estes são os aviões pilotados por mercenários cubanos. Pense nisso, assassinos contratados de Cuba. Contratado por quem? Pelos americanos. Todos vocês que vivem no nosso país vão pagar pelos pecados que cometeram.

Eles "explodiram a sede do armazém dos rebeldes e mataram a tropa com granadas de morteiro... ainda mais granadas fabricadas na China. Veja, eles jogam essa coisa chinesa lá dentro para intensificar ainda mais a destruição. Eles não sabem se são morteiros chineses, mas

é assim que a imprensa faz. Sempre tem palavras para justificar o genocídio das pessoas que eles estão destruindo. "às 7 da manhã, as tropas de mercenários belgas e o exército de paramilitares do Congo ' *diablos* ' (demônios pretos) marcharam para a cidade nativa. As tropas disseram que avistaram os rebeldes se preparando para abrir fogo de uma casa "- agora, veja isso-" e saíram pelo caminho derrubando portas, invadindo casas e arrastando homens, mulheres e crianças. " Agora, não havia rebeldes na casa, eram apenas camponeses congolezes. E para justificar a invasão e por terem os arrastado para fora e assassinado os inocentes no local, eles têm que chamá-los de rebeldes.

Este é o tipo de operação que está acontecendo no Congo e você não ouve esses líderes Negros dizendo nada sobre isso. Eu sei que você não gosta quando eu uso a palavra Negro, mas quando eu a usar, a quem eu estou me referindo, aos líderes ¹⁵*knee-grow* porque é isso que eles são. Eles não são líderes afro-americanos, são líderes Negros. N-E-G-R-O, com letras maiúsculas.

Um Coronel belga arrebatou a câmera do fotógrafo Reginald Lancaster do jornal Express e disse:" vocês estão presos em prisão domiciliar e serão deportados no próximo avião. " Por que ele não queria que tirasse fotos dele? Ele não queria que tirasse fotos do que eles estavam fazendo. "A coluna se moveu e ao meio-dia 10.000 homens, mulheres e crianças foram esmagados um a um sob um sol escaldante rodeados por tropas do exército do Congo armados com armas dos tios Tommy. Para se proteger do gatilho-assassino do exército do Congo, eles usavam lenços brancos em torno de suas cabeças. Pois esta é uma cidade preto e branco. Pense nisso: "qualquer um que tivesse sem a faixa sobre a cabeça geralmente era assassinado." A faixa distinguia aqueles já selecionados ou prestes a receber o tratamento dado, e há montes de cadáveres em todos os lugares para indicar que os procurados tinham sido encontrados. Significa que, qualquer congolês sem a faixa em torno de sua cabeça era fuzilado indiscriminadamente. E isso foi escrito por um repórter branco que não é pró-congolês enfim, ele está apenas contando a história como ela realmente aconteceu. Assassinato em massa, assassinato por atacado de pessoas negras pelos brancos que estão usando alguns mercenários Negros.

¹⁵ Knee /ni:/ joelho grow /grəu / crescer, quando os termos são pronunciados foneticamente forma o termo 'Negro'. Tradução literal seria joelho que cresce que pode ser uma referência a uma postura de submissão.

"Eu vi um mercenário... fuzilar quatro congoleses que morreram em um arbusto perto do aeroporto quando eu desembarquei. Eles poderiam ou não ser um combatente *Simbas*. Todos morreram. Até homens como o Tenente John Peters da Wightman Road, Harringay, Londres, são capazes de forte compaixão. Hoje dois cães famintos pegaram o bicho de estimação do número 7 do comando, um pequeno bode Negro".

Esse mercenário branco tinha um bode preto de estimação que ele chamava de "Negro". É isso que eles fazem, qualquer coisa de cor preta eles chamam de Negro. Deram-te o nome de Negro, não foi? Vejo um chegando agora. Aí vem o meu negão, o Dick Gregory. Diga Dick, venha aqui. Vamos fazer com que Dick seja investigado.

Ouvi o Dick no programa de Les Crane outra noite falando sobre os negros. Diga, Dick, olhe o que diz aqui, aqui está meu nome, apenas veja isso [segurando uma cópia do livro de Gregory, *Nigger*]. Por favor, eu vou fazer com que ele seja investigado. segure-o irmão, não o deixe escapar. Ele vai perder todos os empregos dele agora. Você não vai conseguir outro contrato, você vai ter de trabalhar no Harlem o resto de sua vida.

Olha o que diz: "hoje, dois cães famintos pegaram o animal de estimação do número 7 do comando". Um filhote de cabra preta. Quando nós chegamos lá, ele estava morrendo e John Peters atirou nela. Ele se afastou e cobriu os olhos. Aqui está um mercenário branco que assassinou tantos congoleses, eles tinham que detê-lo. Sem compaixão, ele atirava neles. Mas assim que sua cabrinha preta foi mordida por alguns cães, ele chorou. Ele tinha mais sentimento, este é homem branco, um inglês – ele tinha mais sentimento em seu coração por uma cabra morta, que era preta, do que por todas as pilhas e pilhas de congoleses mortos, pessoas que pareciam como você e eu e Dick Gregory.

Então, eu digo, irmãos e irmãs, não é uma questão de se preocupar com o que está acontecendo na África antes de começar a resolver as coisas aqui. É uma questão de perceber que o problema afro-americano não é um problema Negro, ou um problema americano, mas um problema humano, um problema da humanidade. Quando você percebe que, quando você olha para o seu e meu problema no contexto global e ver que é um problema mundial, e que há outras pessoas nesta terra que se parecem com você, que também têm o mesmo problema, então você e eu vamos nos tornar aliados e poderemos colocar nossos esforços adiante para obter melhores resultados.

Como eu anunciei antes, Dick, eu disse a eles que um amigo meu da África, que é um verdadeiro revolucionário estava a caminho daqui. Então você entrou. Eles pensaram que eu estava falando de você. Bem, eu não estava me referindo a Dick, mas Dick é um revolucionário. E Dick é um autêntico africano. Embora ele não queira ser, mas é. Não me refiro a imitação, quero dizer africano. Dick é um dos maiores Combatentes da Liberdade deste país. Digo isso com toda sinceridade. Dick foi para a batalha e fez grandes sacrifícios, conquistando a posição que ele tem. Estou certo de que isso alienou muitas pessoas que não estavam alienadas antes dele assumir essa posição. Sempre que você vê uma pessoa, uma celebridade, que é tão conhecido e tão hábil em uma profissão como Dick, e ao mesmo tempo tem acesso à reservas que lhes proporcionam uma renda ilimitada e ele compromete tudo isso a fim de ir para a linha de frente da batalha, então você e eu temos que apoiá-lo. Também quero que Dick ouça o nosso irmão que está para chegar, mas antes de ele chegar, acho que é melhor o Dick falar conosco. Vamos, Dick. Dick Gregory, sem o cigarro.

[Dick Gregory fala.]

Estou muito grato por Dick estar conosco esta noite. Como eu disse, ele é um Combatente da Liberdade, você o vê na vanguarda da linha de batalha. E neste país, onde quer que um homem Negro esteja, há uma linha de batalha. Seja no Norte, Sul, Leste ou Oeste, você e eu estamos vivendo em um país que é uma linha de batalha para todos nós. E esta noite, estou mais do que honrado com a presença de uma pessoa a quem foi creditada a responsabilidade de corrigir o sistema governamental em uma área desta terra onde o sistema não era tão bom antes dos esforços feitos por ele.

Muitos de vocês já ouviram falar sobre a ilha chamada Zanzibar. Zanzibar era famosa por sua sede como posto de comércio de escravizados, na verdade, muitos de nós provavelmente passou por lá no nosso caminho para América 400 anos atrás. E foi nesta ilha no ano passado, eu acho que foi, que o governo foi derrubado quando um Africano da ilha se cansou da situação.

Durante a noite eles fizeram o que era necessário para trazer uma mudança. Então, hoje Zanzibar é livre. E logo que se tornou livre se uniu a Tanganica, onde o Presidente Nyerere estava. E recentemente, a união entre Zanzibar e Tanganica da República Popular tornou-se conhecida como a República da Tanzânia. Dois países que se uniram e são um dos mais

militantes e intransigentes quando se trata da luta pela liberdade do nosso povo no continente africano, assim como aqui em qualquer outro lugar nesta terra.

A maioria de vocês sabe que o meu propósito de ir para o Cairo participar da Conferência de Cúpula Africana foi para tentar chamar atenção dos chefes de Estados africanos para que eles soubessem que existem 22 milhões de irmãos e irmãs aqui na América que estão vivendo o inferno. E que eles poderiam fazer um esforço e nos dar um impulso, deixando o mundo saber que eles estão do nosso lado em nossa luta contra esse racismo a qual somos vitimados neste país por tanto tempo. A imprensa tentou fazer parecer com que os países africanos, os chefes de Estado africanos, não estavam de modo algum preocupados com a situação do afro-americano. Mas naquela conferência, no final, todos os chefes de Estado africanos se reuniram e aprovaram uma resolução condenando completamente a prática do racismo contra os afro-americanos neste país e apoiando completamente a luta por direitos humanos dos 22 milhões de afro-americanos neste país.

E estou orgulhoso em afirmar que o responsável por trazer essa resolução adiante em consonância com os outros chefes de Estado africanos foi provavelmente o último que você e eu esperaríamos, por causa da imagem que a imprensa construiu sobre ele neste país. Mas foi ele quem saiu e sugeriu que a Conferência da Cúpula Africana aprovasse uma resolução condenando completamente os maus tratos contra os afro-americanos na América e apoiasse completamente a luta pelos direitos humanos do nosso povo neste país, foi Presidente Julius Nyerere. Tive a honra de passar três horas com ele, quando estava em Dar es Salaam, pouco antes do país se tornar Tanzânia, por cerca de sete dias. Aquele que tornou possível para mim o encontro com o Presidente Julius Nyerere está aqui conosco esta noite.

Quando aconteceu a revolução em Zanzibar, você e eu lemos sobre isso na imprensa americana. Eles tentaram fazer parecer como se fosse algo organizado pelos chineses ou soviéticos, ou qualquer coisa assim. Eles tentaram novamente construir essa imagem tentando levar você e eu a reagir negativamente. E aquele que a imprensa ocidental disse ser a mão orientadora por trás dessa revolução de sucesso está conosco na plataforma esta noite. Tenho a maior honra de apresentar a vocês neste momento o Ministro de Cooperativa e Comércio da Tanzânia, um homem que está muito intimamente associado com o Presidente Julius Nyerere, aquele que foi responsável pela conquista da liberdade do povo da ilha de Zanzibar se

associando com a própria Tanganica na criação da República da Tanzânia. Ele é conhecido como Sheik Abdul Rahman Muhammad Babu.

E antes que ele venha à frente: ele acabou de sair de um jantar com outro grande amigo nosso, e eu digo um grande amigo nosso. Quero dizer-te isso, não deixo ninguém escolher os meus amigos. E você não deveria deixar ninguém escolher seus amigos. Você e eu devemos praticar o hábito de avaliar as pessoas, as situações, os grupos e os governos por nós mesmos. E não deixar que outra pessoa nos diga quem deve ser nossos inimigos e quem deve ser nossos amigos.

Adoro um revolucionário. E um dos homens mais revolucionários daquele país estava vindo participar dessa reunião conosco hoje, o nosso amigo Sheik Babu, mas ele pensou melhor e enviou esta mensagem. Ele diz: "queridos irmãos e irmãs do Harlem, eu gostaria muito de estar com vocês e o irmão Babu, mas as condições não são boas para esta reunião. Recebam as calorosas saudações do povo cubano e especialmente as de Fidel, que se lembra entusiasticamente de sua visita ao Harlem há alguns anos. Unidos nós vamos vencer.

Isso é de Che Guevara. Fico feliz em ouvir sua calorosa salva de palmas em retribuição, porque deixa o homem ciente que ele não está em condição hoje de nos dizer quem devemos aplaudir e quem não devemos aplaudir. E você não vê nenhum cubano anti-Castro por aqui para nós comê-los.

Deixe-os ir e lutar contra a Ku Klux Klan, ou contra o Conselho de cidadãos brancos. Deixe-os gastar alguma dessa energia tentando colocar sua casa em ordem. Mas não venha para o Harlem e diga-nos quem devemos aplaudir e a quem não devemos. Ou haverá alguns excubanos anti-Castro.

Então, irmãos e irmãs, novamente, neste momento, um grande amigo meu. É uma honra chamá-lo de amigo. Ele me tratou como um irmão quando eu estava em Dar es Salaam. Eu conheci sua família, eu conheci seus filhos. Ele é um homem de família. A maioria das pessoas não pensa em revolucionários como homens de família. Tudo o que eles veem é a imagem dele na linha de batalha. Mas quando você o ver com seus filhos e com sua esposa e a atmosfera familiar, você percebe que os revolucionários são seres humanos também. Então, aqui está um homem que não é apenas um revolucionário, mas é um esposo, ele poderia ser seu esposo, ele é um pai, ele poderia ser seu pai, ele é um irmão, ele poderia ser seu irmão. E eu digo que ele é nosso. Sheik Babu.

[Sheik Babu fala.]

Irmãos e irmãs, vamos terminar em cinco minutos. Queremos agradecer a sua excelência, Abdul Rahman Muhammad Babu por nos conceder o seu tempo vindo aqui esta noite para nos dar uma clara imagem do que o nosso povo em África pensa sobre nós.

É muito importante, como ele ressaltou, por favor, dê-nos cinco minutos antes de ir, vamos deixá-los ir em cinco minutos. É muito importante que nós percebamos que o nosso povo no continente africano está genuinamente interessado e preocupado com os problemas do nosso povo neste continente. É importante que saibamos, e então nossa estratégia de batalha, nosso plano de batalha, será muito diferente. Enquanto pensarmos que estamos aqui na América isolados e sozinhos e impotentes, teremos sempre aquela atitude de mendicância que o homem adora ver-nos mostrar. Mas quando sabemos que todo o nosso povo está nos apoiando, como ele disse, quase 500 milhões, não precisamos implorar a ninguém. Tudo o que precisamos fazer é lembrá-los do que fizeram conosco, que é hora de parar e se eles não pararem, vamos detê-los. Sim, nós vamos detê-los.

Você pode dizer, "bem, com que diabos vamos detê-los? Um homem tão poderoso como este? Irmãos e irmãs, lembrem-se sempre disso. Quando você está dentro da casa de outro homem e a mobília, as cortinas e todas aquelas decorações finas são dele, não há muito o que ele possa fazer lá dentro para proteger a mobília, as janelas e sua casa. E você deixa-o saber que, quando ele coloca as mãos em você, não é só em você que ele coloca as mãos, é sobre a sua casa inteira, você vai vencê-lo. Você está em uma condição em que você não tem nada a perder. Então o homem vai agir correto. Ele não vai agir correto porque ele te ama ou porque ele acha que você vai amá-lo, você sabe, não vai agir correto. Ele só vai agir correto quando você deixá-lo saber, que você sabe que ele tem mais a perder do que você. Você não tem nada a perder além de discriminação e segregação.

No próximo domingo à noite, nós vamos começar a tempo para terminar e nós queremos que todos vocês tenham certeza, nós iremos analisar mais fundo a questão do Congo. A Organização da Unidade Afro-americana pretende esclarecer abertamente seu próprio programa no que diz respeito à forma como achamos que podemos tirar melhor proveito do

potencial político do homem Negro neste país e como podemos trabalhar com outros grupos para se certificar de que a educação de qualidade será reconquistada no Harlem.

Além disso, eu acredito, irmãos e irmãs, e eu digo com todo o meu coração, devemos começar um fundo de defesa no Harlem. Devemos começar um fundo de defesa no Harlem para que possamos oferecer uma recompensa a quem entregar a cabeça daquele xerife do Mississippi que assassinou os trabalhadores dos direitos civis a sangue frio. Pode achar que estou louco. Visto que você tem um governo que permitiu que o xerife, não apenas um xerife, mas que alguns xerifes e seus delegados matassem homens a sangue frio que não cometeram nenhum crime senão tentar garantir os direitos das pessoas que foram negados, e esses trabalhadores são assassinados, e o FBI vem com toda essa linguagem bonita, de como eles vão prendê-los e, em seguida, não faz nada, mas deixa-os soltos, então é hora de você e eu deixá-los saber que, se o governo federal não pode lidar com a Ku-Klux-Klan, então nós podemos lidar. Esta é a única maneira de você pará-lo. A única maneira de parar a Ku Klux Klan é parar com isso.

Como Dick Gregory disse, o governo não pode pará-lo porque o governo se infiltrou no Klan e o Klan se infiltrou no governo. Você e eu temos que acabar com isso por nós mesmos. Então, vamos oferecer uma recompensa pela cabeça do xerife, uma recompensa, um dólar para quem chegar pegar ele primeiro. Eu sei o que eles vão fazer, se algo acontecer, eles vão me culpar por isso. Eu assumo a culpa.

5.15 Fórum da Faculdade de Direito de Harvard (16 de dezembro de 1964)

Primeiro quero agradecer os membros do Fórum da Faculdade de Direito de Harvard pelo convite para falar aqui esta noite, mais especialmente para falar sobre um tema muito oportuno "A Revolução Africana e seu Impacto sobre o Negro-americano."

Provavelmente não usarei a palavra "Negro americano", substituirei o termo por "afro-americano". E quando eu digo afro-americano, eu quero dizer isso, no mesmo contexto em que você costuma usar a palavra Negro. Nosso povo hoje está cada vez mais se afastando do uso dessa palavra. Eles acham que quando você é identificado como Negro, você é inclinado a sofrer o inferno, enquanto as pessoas que não são identificadas com esse termo não sofrem.

No presente debate sobre o Congo, você provavelmente está ciente de que há um novo tom e um novo ritmo, quase um novo temperamento entre os estadistas africanos para com os Estados Unidos. E eu acho que devemos estar interessados e preocupados com o impacto que isso terá sobre os afro-americanos e como isso vai afetar as relações raciais na América a nível internacional. Sabemos que terá um efeito a nível internacional. Já está ocorrendo tal efeito. Mas estou principalmente preocupado com o efeito que terá sobre as relações raciais neste país, ou seja, entre o afro-americano e o branco americano.

Quando você se deixa influenciar por imagens criadas pelos outros, você verá que, muitas vezes, aquele que cria essas imagens pode usá-los para enganá-los, utilizando-a abusivamente. Um bom exemplo: uma semana atrás, eu estava em um avião com um casal de americanos, um homem e uma mulher sentados à minha direita. Estávamos na mesma fila e tivemos uma conversa agradável por cerca de 35 a 40 minutos. Finalmente, a senhora olhou para a minha pasta e disse: "Eu gostaria de fazer-lhe uma pergunta pessoal", e eu sabia o que estava por vir. Ela disse, "que tipo de sobrenome você poderia ter que começa com X?" Eu disse, "Malcolm." Dez minutos se passaram, e ela virou para mim e disse: "você não é Malcolm X?" Você vê, tivemos uma boa conversa, apenas três seres humanos, mas ela foi logo olhando para a imagem criada pela imprensa. Ela disse isso: "Eu não acreditei que você fosse aquele homem", ela disse. Eu tive uma experiência semelhante na semana passada em Oxford. A União de Oxford organizou um debate. Antes do debate, jantei com quatro alunos. Uma estudante olhou de modo enviesado para mim e depois finalmente disse-me que queria fazer-me uma pergunta. (descobri que ela era conservadora, seja lá o que for.) Ela disse, "Eu só não consigo superar o fato de você não ser como eu esperava." Eu disse a ela que era um caso da imprensa criando imagens cuidadosamente.

Novamente, eu tive uma experiência semelhante na noite passada. Nas Nações Unidas, um amigo da África entrou com uma mulher branca que estava envolvida em uma fundação filantrópica lá. Ele e eu conversamos por vários minutos e ela estava dentro e fora da conversa. Finalmente, eu a ouvi sussurrar para alguém ao lado. Ela achou que eu não estava ouvindo. Ela disse: "ele não parece tão selvagem, você sabe." Agora esta é uma mulher adulta, assim chamada "madura". Isso mostra até que ponto a imprensa pode criar imagens. Pessoas à procura de alguma coisa realmente pode perder o foco porque eles acabam procurando pela coisa errada.

Eles estão à procura de alguém com chifres, de um agitador da multidão, um irracional, extremista antissocial. Eles esperavam ouvir de mim que os Negros devem matar todos os brancos, como se você pudesse matar todos os brancos. Na verdade, se eu tivesse acreditado no que eles disseram sobre as pessoas na Grã-Bretanha, eu nunca teria ido para Oxford. Eu teria desistido. Quando cheguei lá, eu não me deixei levar pelo que tinha lido sobre eles. Descobri que eram pessoas muito simpáticas. Alguns não eram o que eu esperava.

Agora eu tenho tido tempo para discutir sobre imagens porque é uma das ciências usadas hoje, ciência de produção de imagem. A estrutura de poder usa-a a nível local, nacional e internacional. E muitas vezes, quando você e eu achamos que chegamos a uma conclusão por conta própria, a conclusão é algo que alguém inventou para nós através das imagens produzidas.

Sou muçulmano, agora, se há algo errado em ser muçulmano, podemos discutir. Eu sou um muçulmano, o que significa que eu acredito na religião do Islã. Acredito em *Allah*, o mesmo Deus que muitos de vocês provavelmente acreditariam se soubessem mais sobre ele. Eu acredito em todos os profetas: Abraão, Moisés, Jesus e Muhammad. A maioria de vocês é judeu, e vocês acreditam em Moisés, então você não pode escolher Jesus. Se vocês são cristãos, vocês creem em Moisés e em Jesus. Bem, eu sou muçulmano, e eu acredito em Moisés, em Jesus e Muhammad. Eu acredito em todos eles. Então eu acho que estou "muito acima de você."

No Islã praticamos oração, caridade e jejum. Estes devem ser praticados em todas as religiões. A religião muçulmana também requer do seguidor uma peregrinação à cidade santa de Meca. Eu tive a sorte de fazê-la em abril, e eu voltei novamente em setembro. Uma vez que se trata de um muçulmano, eu fiz o que se espera que um muçulmano faça. Apesar de ser um muçulmano, eu não posso ignorar o fato de que eu sou afro-americano em um país que pratica o racismo contra os afrodescendentes. Não há religião debaixo do sol que me faça esquecer o sofrimento que eles passaram neste país. Eles têm sofrido por nenhuma outra razão senão pelo fato da cor de suas peles. Então, mesmo se eu fosse muçulmano, cristão, budista, hindu, ateu ou agnóstico, eu ainda estaria na linha de frente lutando contra o racismo, segregação e discriminação praticada neste país no Norte, Sul, Leste e Oeste. Eu acredito na irmandade entre os homens, mas não acredito em desperdiçar fraternidade com quem não quer praticá-la comigo. Irmandade é uma rua de mão dupla. Eu não acho que a irmandade deve ser praticada com um homem só porque sua pele é branca. Irmandade deve depender das ações e atitudes de um

homem. Eu não poderia praticar irmandade, por exemplo, com alguns desses Eastland ou crackers do Sul que são responsáveis pela condição deplorável do nosso povo.

Eu acho que ninguém iria negar mesmo se você soltasse as galinhas para fora de seu galinheiro pela manhã, e ao anoitecer as galinhas voltassem para casa, para o poleiro, para seu galinheiro. Galinhas que você solta sempre voltam para casa. É uma lei da natureza. Eu era um velho fazendeiro e tive problemas em dizer isso uma vez, mas isso não me impediu de ser um fazendeiro. Galinhas de outras pessoas não vêm dormir no seu poleiro e a sua não irá para o poleiro deles. As galinhas que este país é responsável por enviar, quer o país goste ou não (e se você é maduro, você olha para ele "como ele é"), um dia, e em breve, tem que voltar para casa, para o poleiro.

As vítimas do racismo são criadas à imagem dos racistas. Quando as vítimas lutam vigorosamente para se protegerem da violência dos outros, eles a fazem parecer como se fossem criminosas, a imagem criminosa é projetada sobre a vítima. A recente situação no Congo é um dos melhores exemplos. As manchetes foram usadas para enganar o público, criando imagens falsas. No Congo, os aviões estavam bombardeando aldeias congolêsas, mas ainda assim, os americanos leram que foram pilotos cubanos anti-Castro treinados pelos Estados Unidos que estavam bombardeando fortalezas rebeldes. Esses pilotos estavam realmente jogando bombas em aldeias cheia de mulheres e crianças. Mas por causa dos rótulos de "americanos-treinados" e "cubanos anti-Castro" o bombardeio foi legitimado. Qualquer um que seja contra Castro é bom. A imprensa deu-lhes uma imagem "santificada". E você acaba aceitando por causa dos rótulos. Eles transformam a vítima em criminosa. É realmente um assassinato em massa, assassinato de mulheres, crianças e bebês. Assassinato em massa disfarçado de projeto humanitário. Não enganam ninguém a não ser o povo americano. Eles não enganam as pessoas do mundo, que veem além das imagens.

O homem deles no Congo é Tshombe, o assassino do legítimo primeiro ministro do Congo. Não importa que tipo de linguagem você use, ele simplesmente é um assassino. O verdadeiro primeiro ministro do Congo era Patrice Lumumba. O governo americano, o seu e o meu governo adotou este assassino e o contratou para governar o Congo. Ele se tornou o assassino contratado. E para mostrar que ele é um assassino contratado, sua primeira ação foi ir para a África do Sul e contratar mais assassinos, pagando-os com dólares americanos. Assim, ele foi glorificado porque foi criado a imagem de que ele era o único que poderia trazer

estabilidade para o Congo. Ainda que ele possa trazer estabilidade ou não, ele continua sendo um assassino. As manchetes falam de reféns brancos, não simplesmente de reféns, mas de reféns brancos, e de freiras brancas e sacerdotes brancos, não simplesmente freiras e sacerdotes, mas freiras e sacerdotes brancos. Por que? Para ganhar a simpatia do público branco da América. A imprensa tem que tocar em seu emocional, a fim de conquistar a sua simpatia e apoio para legitimar as ações criminosas. Eles te enganaram. Os americanos consideram quarenta vidas brancas mais valiosas do que quatro mil vidas negras. Milhares de congolezas perderam suas vidas. Mercenários foram pagos com dólares americanos para matá-los. A imprensa americana fez os assassinos parecerem santos e as vítimas parecerem criminosas. Eles fizeram criminosos se passarem por vítimas, os diabos parecerem anjos e os anjos parecerem diabos.

Um amigo meu da África, que está em uma boa condição para avaliar a situação, disse que acreditava que o governo dos Estados Unidos estava sendo aconselhado pelo seu pior inimigo no Congo, porque um cidadão americano não poderia sugerir tal ação insana, especialmente se identificando com Tshombe, que é o pior Africano da face da terra.

Você não pode encontrar um Africano na terra mais odiado que Tshombe. É um ódio justificável que eles têm contra ele. Ele não ganhou nenhuma batalha. Suas tropas congolezas nunca ganharam uma batalha para ele. Cada vitória foi vencida por mercenários brancos contratados para matar por ele. Os soldados africanos no Congo estão lutando pelo governo Stanleyville. Aqui Tshombe é uma maldição. Ele é um insulto para qualquer pessoa que defende a justiça, seja ele Negro ou branco. Quando Tshombe visitou o Cairo, ele causou problemas. Quando ele visitou Roma, na semana passada, ele causou problemas e o mesmo aconteceu na Alemanha.

Onde quer que Tshombe vá, os problemas explodem. E se Tshombe vier para a América, você verá tumulto pior, derramamento de sangue e violência que este país jamais viu. Ninguém quer este tipo de homem no seu país.

Que efeito tudo isso tem sobre os afro-americanos? Que efeito terá nas relações raciais neste país? Na ONU, neste momento, os africanos estão usando uma linguagem mais intransigente e estão amontoando fogo quente sobre a América como poder racista e neocolonial por excelência.

Estadistas africanos nunca usaram essa linguagem antes. Eles estão começando a relacionar os atos criminosos praticados no Congo como atos semelhantes praticados em Mississippi e Alabama. Os africanos ressaltaram que o governo americano branco demonstrou desrespeito pelas vidas de africanos no Congo e de afro-americanos em Mississippi e em Alabama. Quando os africanos assim como nós começarmos a pensar nos problemas dos afro-cidadãos como inter-relacionados, qual será o efeito de tal pensamento em programas de aprimoramento das relações raciais neste país? Muitas pessoas vão lhe dizer que o afro-americano neste país não se identifica com a África. Antes de 1959 muitos Negros não se identificavam. Mas antes de 1959, a imagem da África era criada por um inimigo da África porque os africanos não estavam em posição de criar e projetar sua própria imagem. A imagem foi criada pelos poderes imperiais da Europa.

Os europeus criaram e popularizaram a imagem da África como um lugar selvagem onde as pessoas eram canibais, andavam nus em um campo cheio de animais perigosos. Tal imagem dos africanos era tão odiosa para os afro-americanos que se recusavam a se identificar com a África. Nós não percebíamos que ao odiar a África e os africanos estávamos odiando a nós mesmos. Você não pode odiar as raízes de uma árvore e não odiar a própria árvore. Os afro-cidadãos certamente não podem, ao mesmo tempo, odiar a África e amar a si próprio. Nós odiávamos as características africanas: o nariz africano, a forma dos nossos lábios, a cor da nossa pele, a textura do nosso cabelo. Só podíamos acabar odiando a nós mesmos. Nossa pele se tornou uma armadilha, uma prisão, nos sentíamos inferiores, inadequados e indefesos. Não era uma imagem criada por africanos ou por afro-americanos, mas por um inimigo.

A partir de 1959 a imagem mudou. Os Estados africanos emergiram e alcançaram a independência. As pessoas negras neste país estão clamando por sua independência e mostram um desejo de lutar pela liberdade. A atitude do afro-americano não pode ser desvinculada da atitude do africano. A pulsação, a voz, a própria unidade de vida que se reflete no Africano é refletida hoje aqui entre os afro-americanos. A única maneira de você realmente compreender o homem afro-americano nos Estados Unidos e as mudanças em seu coração e mente é compreender inteiramente o coração e a mente do homem no continente africano porque é o mesmo coração e a mesma mente embora separados por 400 anos pelo Oceano Atlântico.

Há aqueles que não gostariam que tivéssemos o mesmo coração e a mesma mente por medo de que esse coração e mente pudessem permanecer juntos. Porque quando o nosso povo

neste país recebeu a nova imagem da África, eles automaticamente se uniram através de uma nova imagem de si mesmo. O medo os deixou completamente. Havia medo entre os elementos racistas do Departamento de Estado. Seu medo era que nossa simpatia pela África e por suas esperanças e aspirações desenvolvesse uma forma de aliança. É natural esperar que nos voltemos e olhemos em direção a nossa pátria e nos perguntarmos se podemos fazer qualquer contato com ela.

Cresci em Lansing, Michigan, uma típica cidade americana. Naqueles dias, um homem Negro só trabalhava engraxando sapatos ou como garçom. O melhor trabalho que ele podia ter era servir as mesas no Country Club, como ainda é o caso na maioria das cidades. Naqueles dias, se um irmão trabalhasse na casa do estado engraxando sapatos, ele era considerado um figurão na cidade. Só quando Hitler provocou a crise em 1939, e este país sofreu com a escassez de homens, eles decidiram dar ao homem Negro uma chance de melhor oportunidade de emprego. Ele permitiu que o afro-americano desse um passo à frente porque o tio Sam estava encostado na parede e precisava dele. Em 1939, ' 1940, e ' 1941, um homem Negro não podia sequer se juntar ao exército ou marinha, e quando eles começaram a convocação, eles não recrutaram soldados afro-americanos, apenas os brancos. Eu acho que foi bem acordado e compreendido: se você deixar o homem Negro entrar no exército, ter acesso à uma arma e aprender a atirar, você nem precisaria dizer-lhe qual era o alvo. Não, até que os líderes Negros (e neste sentido eu uso a palavra Negro propositadamente) começaram a gritar e reclamar -"se os meninos brancos podem morrer nos campos de batalha, nossos meninos também podem morrer nos campos de batalha", então, eles começaram a convocar-nos. Se não fosse por causa desse tipo de liderança, nunca teríamos sido convocados. Os líderes Negros só queriam mostrar que nós éramos bons o suficiente para morrer também, embora não tivesse sido bom o suficiente para se juntar ao exército ou marinha antes desse tempo.

Durante o tempo em que Hitler e Tojo estavam em conflito, o homem Negro era necessário nas plantações, e pela primeira vez na história da América, nos foi dada uma oportunidade em grande escala para desenvolver habilidades em áreas que anteriormente estavam fechadas para nós. Quando adquirimos essas habilidades, fomos colocados em uma posição em que podíamos ganhar mais dinheiro. Quando começamos a ganhar mais dinheiro, mudamos para um bairro melhor. Quando mudamos para um bairro melhor, fomos capazes de frequentar uma escola melhor e assim obter uma educação melhor, e isso nos colocou em uma posição de perceber o que não tínhamos recebido até aquele momento. Então começamos a

exigir um pouco mais do que antes. Mas este avanço não foi por causa da boa vontade do tio Sam. Nunca demos um passo à frente até a pressão mundial colocar o tio Sam numa situação difícil. E foi a situação que o obrigou a permitir que déssemos um passo à frente. Mas isso não foi por causa de qualquer sentimento moral, legal ou humanitário que nos permitiu avançar. Vocês têm sido tão frios como um bloco de gelo quando se trata dos direitos do homem Negro neste país. Desculpe-me por levantar a voz, mas acho que está na hora. Enquanto a minha voz for a única coisa que eu posso levantar, eu acho que vocês não deveriam ficar chateados!

Porque começamos a gritar um pouco mais alto, uma nova estratégia foi usada para lidar conosco. A estratégia evoluiu com a decisão de não segregação do Supremo Tribunal, que foi escrita em uma linguagem tão complicada que cada bandido no país pode desviá-la. Apenas dez por cento da decisão de não segregação do Supremo Tribunal, entregue há mais de dez anos, foi implementada. Foi um avanço simbólico, mesmo que tenhamos sido os destinatários da "simbólica" educação, habitação, emprego, tudo. Em nenhum lugar do país, durante esses últimos dez anos, o homem Negro foi tratado como ser humano de forma igual aos outros seres humanos. Ele está sempre sendo patrocinado de uma forma muito paternal, mas nunca lhe foi dada a oportunidade de agir como um ser humano. Na verdade, em certo sentido, é nossa própria culpa, mas eu vou abordar isso mais tarde. Nunca conseguimos reconhecimento.

Pro inferno, eu vou falar sobre isso agora. A razão pela qual nunca recebemos o verdadeiro reconhecimento como ser humano é porque não temos mostrado qualquer tendência para fazer por nós mesmos o que os outros seres humanos fizeram por eles mesmos. Para proteger a nossa humanidade e projetar a nossa humanidade. Vou esclarecer o que quero dizer.

Nenhuma pessoa branca na América ficaria de braços cruzados e deixaria alguém fazer o que temos deixado que os outros nos façam. A pessoa branca não permaneceria passiva, pacífica. O dia em que o homem Negro neste país mostrar aos outros que somos tão humanos quanto eles em reação à injustiça, que estamos dispostos a morrer para proteger nossas vidas e propriedades assim como os brancos fizeram, só então o nosso povo será reconhecido como seres humanos. É absolutamente desumano, um homem deixar um cão mordê-lo e não revidar. Deixar que alguém bata nele com cassetetes e não lutar, deixar alguém jogar jatos de água em suas mulheres, sua mãe, filha e bebês e não lutar, então ele é sub-humano. O dia em que ele se torna um ser humano, ele vai reagir como outros seres humanos têm reagido, e ninguém será mais violento contra ele.

Em 1959, vimos o surgimento da revolta dos Negros e o colapso do colonialismo europeu no continente africano. Nossa luta, nossa iniciativa e nossa militância estava em sintonia com a luta, iniciativa e militância de nossos irmãos na África. Quando os poderes coloniais viram que não podiam permanecer na África, comportaram-se como um jogador de basquetebol que recebe a bola e deve passá-lo para um companheiro de equipe. Os poderes coloniais foram expulsos do continente africano. Eles não pretendiam desistir da bola. Eles apenas passaram para aquele que estava livre, e aquele que não estava comprometido era os Estados Unidos. A bola foi passada para ele, e ela a pegou e tem administrado desde então.

Sua presença no continente africano substituiu o imperialismo e o colonialismo europeu. Mas ainda é imperialismo e colonialismo. Os americanos enganaram muitos africanos levando-os pensar que eles não eram um poder imperial ou colonial até que suas intenções foram reveladas, até eles contratarem Tshombe e o mandar de volta para matar o primeiro ministro Patrice Lumumba do Congo. A América não poderia ter feito algo que despertasse tanto os africanos sobre suas verdadeiras intenções como fez apoiando esse assassino chamado Tshombe.

A América sabia que a África estava acordando em 1959. África estava desenvolvendo um grau mais elevado de inteligência do que ela tinha no passado. América, por sua vez, sabia que ela tinha de usar uma abordagem mais inteligente. Ela usou a abordagem amigável: ¹⁶*Peace Corps, Crossroads*, com suas ações filantrópicas, disfarçavam o imperialismo e o colonialismo americano com o dólar-ismo. A América não era honesta com o que ela estava fazendo. Não quero dizer que aqueles membros do *Peace Corps* não eram honestos. Mas a organização estava sendo usada mais para fins políticos do que para fins humanitários. Conheci muitos trabalhadores brancos do *Peace Corps* no continente africano. Muitos deles estavam devidamente motivados e estavam dando uma grande contribuição. Mas o *Peace Corps* nunca vai trabalhar lá até que a ideia aplicada lá, seja aplicada aqui.

É claro que a lei dos direitos civis foi projetada supostamente para resolver nosso problema. Assim que foi aprovada, no entanto, três trabalhadores dos direitos civis foram assassinados. Nada foi feito para solucionar o crime, e eu penso que nada será feito até que o nosso povo, eles próprios façam alguma coisa. Eu, por outro lado, acho que a melhor maneira de parar a Ku Klux Klan é falar a única linguagem que a Ku Klux Klan entende, pois você não

¹⁶ Corpos de Paz, organização voluntária financiada pelo governo americano e ativa em todo o mundo, que promove a educação, saúde, agricultura e a indústria.

pode falar francês com alguém que fala alemão e se comunicar com ele. Descubra que língua uma pessoa fala e fale a língua dele e você estabelecerá comunicação. Racistas conhecem apenas uma linguagem, e estão fazendo uma injustiça ao homem Negro neste país fazendo-o falar a linguagem da paz com pessoas que não conhecem a linguagem pacífica. A fim de obter qualquer resultado o nosso povo deve falar a língua que o racista fala.

O governo não pode nos proteger. O governo não nos protegeu. É hora de fazermos o que for necessário, por qualquer meio necessário para nos protegermos. Se o governo não quer nos ver por aí agindo assim, então eu digo, deixe o governo se levantar e tirar o que está sobre você, por ele mesmo. Após a aprovação da lei dos direitos civis, eles mataram o educador Negro Pitt na Geórgia. Os assassinos foram levados ao tribunal e libertados. Isso é procedimento padrão neste país, e eu acho que as pessoas brancas (eu uso a palavra pessoas brancas, porque é objetivo, vai direto ao ponto) estão nos fazendo uma injustiça. Se esperam que não sejamos violentos, vocês também não deveriam ser. Se alguém bater em sua porta com um rifle, você abre a porta com seu rifle. Agora, o homem Negro neste país está se preparando para fazer a mesma coisa.

Para concluir, eu digo que o problema dos afro-americanos deixou de ser um problema doméstico. Deixou de ser um problema americano e tornou-se agora um problema mundial, um problema de toda a humanidade. Os Negros perdem seu tempo limitando sua luta aos direitos civis. Desse modo, o problema permanece apenas dentro da jurisdição dos Estados Unidos. Nenhum aliado pode ajudar o afro-americano sem violar o protocolo dos Estados Unidos.

Mas hoje o homem Negro na América percebeu o seu erro e já está corrigindo, transferindo sua luta dos direitos civis para direitos humanos. O governo dos Estados Unidos não vai mais se sentar em uma torre de marfim onde pode apontar a África do Sul, apontar os poderes coloniais portugueses, britânicos, franceses, e outros europeus. Os Estados Unidos não podem tratar 20 milhões de afro-americanos como cidadãos de segunda classe e achar que o mundo ficar em silêncio. Não importa o que os Estados africanos independentes estejam fazendo nas Nações Unidas, é apenas uma cintilação, um vislumbre, uma ondulação do que este país será, a menos que algo seja feito para interromper as injustiças que o nosso povo continua sofrendo todos os dias.

A Organização da Unidade Afro-americana, a qual eu pertenço, é uma organização pacífica baseada na fraternidade. Oh sim, é pacífica. Mas eu acredito que você não pode ter paz

até que esteja pronto para protegê-la. Assim como você morre protegendo a sua, eu vou morrer protegendo a minha. A OAAU está tentando levar o nosso problema para as Nações Unidas. Este é um de seus projetos imediatos no que diz respeito a assuntos internos. Iremos trabalhar com todas as organizações de direitos civis existentes. Uma vez que se falou em minimizar demonstrações e de se envolver em ação política, queremos ver se as organizações de direitos civis cumprirão isso.

A OAAU vai se envolver em cada movimento para garantir a oportunidade máxima para os afro-americanos se registrarem pacificamente como eleitores. Acreditamos que além do registro de eleitores, os afro-americanos precisam de educação eleitoral. Nosso povo deve receber educação sobre ciência política para que o político corrupto não nos explore. Devemos nos colocar em posição de nos tornarmos ativos politicamente.

Acreditamos que o OAAU deve fornecer unidades de defesa em todas as áreas deste país onde os trabalhadores estiverem se registrando ou reivindicando seu direito ao voto, em todas as áreas onde os jovens estudantes estiverem na frente de batalha. Tais unidades de autodefesa não vão sair para iniciar uma agressão, mas deverão ser irmãos qualificados, equipados para retaliar quando alguém usar a brutalidade contra nós, seja no Mississippi, Massachusetts, Califórnia, ou Nova York. A OAAU não vai permitir que trabalhadores dos direitos civis sejam assassinados.

Quando um governo não pode proteger os trabalhadores dos direitos civis, acreditamos que devemos fazer. Mesmo na Bíblia cristã está escrito que aquele que mata com a espada deve ser morto pela espada e eu não sou contra. Eu sou a favor da paz, mas eu acredito que qualquer homem que enfrente a morte deve ser capaz de garantir que aquele que está tentando matá-lo não tenha êxito.

A OAAU apoia o plano de cada grupo dos direitos civis para a ação política desde que não envolva compromisso. Não acreditamos que afro-americanos devam ser vítimas por mais tempo. Acreditamos que devemos deixar o mundo saber, a Ku Klux Klan saber que o derramamento de sangue é uma via de mão dupla, que a morte é uma via de mão dupla, que matar é uma via de mão dupla. Agora eu digo tudo isso em uma linguagem pacífica como eu sei.

Certa vez, eu li uma história sobre um homem, um velho amigo meu cujo nome era Hamlet, quando confrontado, em certo sentido, com a mesma coisa com a qual o nosso povo está enfrentando aqui na América. Hamlet estava debatendo sobre "ser ou não ser", essa era a questão. Ele estava tentando decidir se era "mais nobre sofrer pacificamente as estacas e as flechas do ultrajante destino" ou se era mais nobre "pegar em armas" e se opor a eles. Acho que o seu pequeno monólogo responde por si próprio. Enquanto você permanecer sentado, com medo de usar as estacas e flechas, você vai continuar sofrendo. A OAAU chegou à conclusão de que é tempo de usar os meios necessários para pôr fim a estes sofrimentos.

* * *

Alan Dershowitz: A sessão está aberta para perguntas.

Pergunta: Sr. X, o senhor acha que a entrega do Prêmio Nobel da Paz ao Dr. Martin Luther King ajudou de alguma forma a causa negra nos Estados Unidos?

Malcolm X: Os afrodescendentes neste país não têm paz e não há avanços que, de alguma forma justifique receber uma recompensa por qualquer um de nós. A guerra não está ganha nem qualquer batalha foi vencida. Mas eu não tenho nenhum comentário a fazer sobre o meu bom amigo Dr. King.

Pergunta: Senhor, eu gostaria de saber a diferença entre um racista branco e um racista Negro, além do fato deles serem brancos e Negros.

Malcolm X: Normalmente, o racista Negro é produzido pelo racista branco. E na maioria dos casos, o racismo Negro é uma reação ao racismo branco. Se você o analisar bem, você vai constatar que não é racismo Negro. Os povos de descendência africana mostram menos tendências para o racismo que qualquer outro povo desde o começo da história. Eu não posso concordar com meu irmão aqui que diz que os Negros são imorais. E a conclusão que chego baseado no que ele disse é que foram os brancos que cometeram violência contra nós.

Pergunta: Eu sou um dos brancos que concorda com você cem por cento. Você ressaltou que a maioria dos Negros votou em Johnson e ele invadiu o Congo, algo que Goldwater nem sequer defende. O que você propõe que as pessoas negras façam nas eleições futuras?

Malcolm X: Primeiro nosso povo deve se tornar eleitores registrados. Mas eles não devem se envolver ativamente na política até que tenhamos também uma compreensão melhor do jogo político deste país. Entramos na política de uma forma ingênua quando a política neste país é praticada a sangue frio e sem coração. Precisamos de uma melhor compreensão da ciência política, bem como nos tornarmos eleitores registrados. E depois não devemos apoiar qualquer partido. Devemos guardar a ação política para o momento propício, de nenhuma maneira devemos nos identificar com qualquer partido político (Democratas ou Republicanos) ou vender-nos a qualquer partido. Devemos tomar medidas políticas para o bem dos seres humanos. Isso vai eliminar as injustiças. Eu acho que o atual homem da Casa Branca não é moralmente capaz de tomar qualquer tipo de ação necessária para eliminar essas coisas.

Pergunta: Sr. X sua ideia de afro-americano é um caroço muito difícil de engolir. James Baldwin ao descrever, em uma conferência de escritores africanos e políticos, que aconteceu em Paris, em 1956, informou que a conferência teve dificuldade em definir uma personalidade africana comum a todos os países da África e da América. Os membros da conferência incluindo James Baldwin começaram a perceber que havia uma grande fissura entre os Negros americanos e as pessoas da África. O Negro americano tem um conjunto de valores e ideias totalmente diferentes dos africanos. Portanto, se você ainda fala sobre o afro-americano em que a única conexão é a cor da pele, este é um conceito racista. Por que enfatizar afro-americano, que é um conceito racista e reacionário, em vez de algo mais positivo?

Malcolm X: Eu acho que nada seja mais positivo do que aceitar o que você é. O Negro na América tenta ser mais americano do que qualquer outro. Essa tentativa criou uma pessoa que é realmente negativo em quase tudo que reflete. Somos tão africanos hoje como éramos na África 400 anos atrás, só que somos uma contraparte moderna dele. Quando você ouve um Negro tocando música, seja jazz ou Bach você ainda está ouvindo música africana. A alma da África ainda se reflete na música interpretada por homens Negros. Em tudo que fazemos nós ainda somos africanos na cor, no sentimento, em tudo. E sempre seremos assim, gostemos ou não.

5. 16 Malcolm X Sobre o Poder da África (Audubon Ballroom, 20 de dezembro de 1964)

Asalaam Alaikum. Acho que eu deveria reservar um tempo para explicar o que eu quero dizer quando eu digo “*Asalaam Alaikum*”. Na verdade, é uma expressão que significa "Paz seja

convosco", e é uma saudação que é sempre dada a um irmão ou a uma irmã. Então, quando eu digo " *Asalaam Alaikum.*" ou "*Salaam Alaikum*" e outros respondem, "*Alaikum Salaam*", eles estão apenas retornando a paz. Pressupõe que estamos todos em paz uns com os outros como irmãos e irmãs.

Agora, irmãos e irmãs, primeiro eu quero agradecer a todos que dedicaram seu tempo para vir aqui debaixo dessa neve, que quase me fez voltar para cama, impedindo-me de sair para unir nossas ideias a fim de obter uma compreensão melhor do que está acontecendo, pelo que estamos passando e com o qual estamos todos preocupados. Como a irmã Sharon já salientou, e penso que ela fez de forma tão bela, nos últimos anos, o nosso povo tem lutado por algum tipo de alívio das condições em que somos confrontados.

Quando pensamos sobre um longo do período de luta, eu acho que você terá de concordar que nós passamos por diferentes padrões de luta, em que temos lutado de maneiras diferentes. Até agora, as estratégias usadas não produziram o que desejávamos. Se tivéssemos sido produtivos, teríamos continuado dessa mesma maneira. Nós tentamos provavelmente métodos mais diferentes do que qualquer outra pessoa. Mas, ao mesmo tempo, eu acho que nós usamos métodos ineficazes mais do que qualquer outra pessoa porque a maioria das outras pessoas tem obtido liberdade mais rápido do que nós. Aonde quer que você olhe, verá que as pessoas têm conquistado liberdade mais rápido que nós. Eles têm conquistado respeito e reconhecimento mais rápido que nós. Recebemos promessas, mas nunca conseguimos o que desejamos. E porque ainda temos que aprender a tática, a estratégia ou método adequado para torna a liberdade uma realidade.

Eu acho que uma das coisas que levou o nosso povo neste país a tentar tantos métodos se deve ao fato de que o tempo mudou tão rapidamente. O que era adequado dez anos atrás não é mais adequado há sete anos, ou cinco anos atrás, ou três anos atrás. O tempo muda tão rápido que se você e eu não o acompanharmos, nós vamos nos encontrar com um guarda-chuva sobre nossas cabeças quando o sol estiver brilhando. Ou nos encontraremos debaixo de chuva com o guarda-chuva dentro de casa. Se não conseguirmos acompanhar o que está acontecendo, não seremos capazes de usar o tipo de inteligência que mostrará ao mundo que sabemos que horas são e o que está acontecendo ao nosso redor.

Várias pessoas me perguntaram desde que eu voltei, "Qual é o seu programa?" Eu propositadamente, até hoje, não mencionei de forma alguma qual é o nosso programa porque chegará o momento em que o revelaremos para que todos compreendam. As políticas mudam e os programas mudam, de acordo com o tempo. Mas o objetivo nunca muda. Você pode mudar seu método de alcançar o objetivo, mas o objetivo nunca muda. Nosso objetivo é liberdade completa, justiça completa, igualdade completa por qualquer meio necessário. Isso nunca muda. Reconhecimento completo e imediato e respeito como seres humanos, isso não muda, é o que todos nós queremos. Eu não me importo que crença e religião você professa, você ainda quer reconhecimento e respeito como um ser humano. Mas você muda seus métodos de vez em quando, em função de como você vai agir para alcançar o objetivo. A razão pela qual você muda o seu método é porque você tem que ajustar o seu método de acordo com o tempo e as condições que prevalecem. E uma das condições que prevalece sobre esta terra agora, sobre a qual sabemos muito pouco, é a nossa relação com a luta pela liberdade de pessoas em todo o mundo.

Aqui na América, sempre pensamos que estamos lutando sozinho, e a maioria dos afro-americanos vai lhe dizer que somos uma minoria. Ao pensar que somos uma minoria, lutamos como uma minoria. Nós lutamos como se fôssemos um perdedor. Nós lutamos como se todas as probabilidades estivessem contra nós. Este tipo de luta ocorre apenas porque ainda não sabemos onde nos encaixamos no esquema das coisas. Nós fomos deslocados da posição onde nós poderíamos exatamente saber e compreender onde nós nos encaixamos no esquema das coisas. É impossível para nós sabermos onde estamos até olharmos em volta de toda a terra. Não basta olhar ao redor do Harlem ou Nova York, ou Mississippi, ou América, temos de olhar por toda a terra. Você não saberá qual é a sua posição na América até saber qual é a sua posição no mundo. Não sabemos onde você e eu estamos neste contexto conhecido por nós como América, até nós sabermos onde a América está no contexto mundial. Enquanto você e eu estivermos dentro da América, olhando para a América, ela parece grande, cruel e invencível. Oh, sim, e quando nos aproximamos dela com essa perspectiva, nos aproximamos dela como mendigos, com chapéu em nossas mãos. Como Toms, na verdade, só na lógica do século XX, mas ainda como Toms.

Enquanto não entendermos o que está acontecendo nesta terra e o que está acontecendo no mundo hoje, e colocar a América nesse contexto, descobriremos que ela não é tão forte,

afinal, ela não é tão invencível. E quando você descobre que ela não é invencível, você não vai se aproximar dela como se estivesse lidando com alguém invencível.

A regra usada, até agora, a estratégia da América foi colocar todos os nossos líderes sob seu controle, oferecendo dinheiro, prestígio, louvor, dizendo o que eles devem dizer. E eles sempre nos dizem que somos os oprimidos e que não temos chance, e que devemos fazê-lo sem violência e com cuidado, caso contrário, vamos nos machucar ou vamos nos desgastar. Nós não compramos essa ideia.

Número um, queremos saber o que somos? Como chegamos a ser o que somos? De onde viemos? Como viemos de lá? Quem deixamos para trás? Onde foi que os deixamos para trás e o que eles estão fazendo lá onde costumávamos estar? Isto é algo que não nos foi dito.

Fomos trazidos para a América e mantidos isolados — você sabe a coisa mais engraçada sobre isso: eles nos acusam de introduzir "separação" e "isolamento". Ninguém está mais isolado do que você e eu. Não há nenhum sistema na terra com técnicas mais eficiente de separar e isolar completamente um povo do que este sistema que eles chamam de sistema democrático, e você e eu somos a melhor prova disso, o melhor exemplo disso. Fomos separados do nosso povo, e estamos isolados aqui há muito tempo.

Isso foi feito a nós tão minuciosamente, que agora nem sabemos que há pessoas que se parecem conosco. Quando os vemos, olhamos para eles como se fossem estranhos. E quando vemos alguém que não se parece nada com a gente, nós os chamamos de amigos. Que pena. Isso é um exemplo do que eles fizeram conosco. Sim, quero dizer o nosso próprio povo, vemos o nosso povo vir aqui. Eles se parecem exatamente como nós, nossos irmãos gêmeos e não sabemos distingui-los, e dizemos, "esses são estrangeiros." No entanto, somos tentados a se aproximar de quem não só se parece conosco, mas nem sequer nos percebe.

Assim, você pode ver a importância dessas reuniões, nas noites de domingo, durante as últimas duas ou três semanas e por mais algumas semanas. Não é tanto para divulgar qualquer programa. Você não pode dar um programa a um povo até que eles percebam que precisam de um, e até que eles percebam que todos os programas existentes não são programas que vão produzir resultados produtivos. Então o que nós gostaríamos de fazer nas noites de domingo é entrar em nosso problema e analisar, analisar e analisar e questionar as coisas que você não

entende para que possamos pelo menos tentar obter uma melhor compreensão do que nós estamos enfrentando. Eu, por exemplo, acredito que se você der às pessoas uma compreensão completa do que elas estão confrontando, e as causas básicas que o produzem, elas vão criar seu próprio programa e quando as pessoas criarem um programa, você terá ação.

Quando esses "líderes" criam programas você não vê ação. A única vez que você vê ação é quando as pessoas estão explodindo. Em seguida, os líderes são colocados na situação para controlar as coisas. Você não pode me mostrar um líder que tenha provocado uma explosão. Não, eles são chamados para conter a explosão. Eles dizem, "não sejam duros, você sabe, faça a coisa de forma inteligente." Este é seu papel "eles estão lá apenas para conter a você a mim, para restringir a luta, para mantê-la em um certo ritmo e não deixar que saia do controle. Enquanto você e eu não queremos que ninguém nos impeça de sair de controle. Queremos sair do controle. Queremos esmagar qualquer coisa que fique em nosso caminho que não faça parte de nossa luta.

Ouçã a última parte do que eu disse: Eu não só disse que queremos esmagar qualquer coisa que fique no nosso caminho. Eu disse que queremos esmagar qualquer coisa que fique no nosso caminho que não pertença a nossa luta. Eu tenho que dizer isso a vocês porque quando você ler, vai ouvir que vamos esmagar todo mundo. Não, eu não disse isso. Eu disse que vamos esmagar qualquer coisa que fique em nosso caminho e que não pertença a nossa luta. Estou falando sério. Se não pertence a luta, é digno de ser esmagado. Este país pratica esse poder. Este país destrói tudo que se mete no caminho dele. E já que somos americanos, faremos do jeito americano. Vamos esmagar qualquer coisa que fique em nosso caminho.

Este é o tipo de filosofia que queremos expressar entre o nosso povo. Nós não precisamos dar-lhes um programa, Ainda não. Primeiro, vamos lhes dar algo para pensar. Se nós lhes damos algo para pensar e vocês começam a pensar da forma que devem pensar, vocês vão ver através que toda essa camuflagem que está acontecendo agora, é apenas um show, o resultado de um script escrito por outra pessoa.

As pessoas vão pegar esse roteiro e rasgá-lo e escrever outro para si. E você pode apostar que quando você escreve o script para si mesmo, você está sempre fazendo algo diferente do que faria se tivesse seguindo o script de outra pessoa.

Então, irmãos e irmãs, o que nós devemos entender é o papel que está sendo desempenhado nos assuntos mundiais hoje. Número um, pelo continente africano; número dois, pelas pessoas desse continente; número três, por nós que estamos relacionados com as pessoas daquele continente, mas por causa de alguma peculiaridade da nossa própria história, encontramos-nos hoje aqui no Hemisfério Ocidental. Tenha sempre isso em mente que o fato de estarmos no Hemisfério Ocidental difere de qualquer outro, porque todos os demais vieram aqui voluntariamente. Todas as pessoas que você vê nesta parte do mundo tinham um barco e vieram aqui voluntariamente. Se eles eram imigrantes, eles vieram aqui voluntariamente. Então, eles não têm nenhuma reivindicação real porque eles têm o que eles queriam. Mas você e eu podemos gritar porque não viemos aqui voluntariamente. Não pedimos para sermos trazidos para cá. Fomos trazidos aqui à força, contra nossa vontade, acorrentados. E em nenhum momento desde que estamos aqui, eles agiram como se nos quiséssemos aqui. Em nenhum momento. Em nenhum momento eles sequer tentaram fingir que fomos trazidos aqui para sermos cidadãos. Nem sequer fingem. Então por que devemos fingir?

Olhe para o continente da África hoje e veja que posição ela ocupa nesta terra, e você perceberá que há uma disputa acontecendo entre o Leste e o Oeste. Costumava ser entre a América, o Ocidente e a Rússia, mas eles não estão mais brigando uns com os outros. Kennedy fez um satélite fora da Rússia. Ele colocou Khrushchev no bolso, sim, ele perdeu o emprego. A disputa agora é entre a América e a China. No campo do Ocidente,

A América é a mais importante. A maioria das outras nações ocidentais são províncias da América. A Inglaterra é uma província americana. Todos eles são províncias, talvez com exceção da França. A França quer que a América seja a sua província. Você nunca pode dizer o que o futuro pode trazer. Nações melhores que América caíram, se você ler a história. A maioria das Nações comunistas europeias ainda é província da Rússia. Mas na Ásia, a China é o centro do poder.

Entre os países asiáticos, sejam eles comunistas, socialistas, você não encontrará nenhum país capitalista lá hoje em dia. Quase todos os países que conquistaram a independência adotaram algum tipo de sistema socialista, e isto não é um acidente. Esta é outra razão pela qual eu digo que você e eu aqui na América, que estão à procura de um emprego, que estão à procura de habitação melhor, à procura de uma educação melhor, antes de começar a tentar se incorporar, se integrar ou desintegrar neste sistema capitalista, devemos olhar para esses países e descobrir

quais são os povos que têm conquistado liberdade, adotando um sistema capaz de oferecer melhor habitação, melhor educação, melhor comida e melhor vestuário.

Nenhum deles está adotando o sistema capitalista porque eles percebem que não podem. Você não pode operar um sistema capitalista a menos que você seja um predador. Você tem que sugar o sangue de outra pessoa para ser um capitalista. Se me mostrares um capitalista, mostro-te uma sanguessuga. Ele não pode ser nada além de uma sanguessuga, se ele é um capitalista. Ele tem que pegar de algum lugar que não seja dele, e é assim que ele consegue, tirando de algum lugar ou de alguém.

Assim, quando olhamos para o continente africano, quando olhamos para o problema que está acontecendo entre o Oriente e o Ocidente descobrimos que as nações em África estão desenvolvendo sistemas socialistas para resolver seus problemas. Há uma coisa que Martin Luther King mencionou no Armory outra noite que eu achei mais significativa. Espero que ele realmente tenha entendido o que estava dizendo. Ele disse que, enquanto estava em alguns desses países escandinavos, ele não viu pobreza. Não havia desemprego, nem pobreza. Todo mundo estava recebendo educação, todos tinham moradia decente, tinham tudo o que precisavam para existir. Mas por que ele mencionou aqueles países em sua lista como diferentes? Este é o país mais rico do mundo e há pobreza, moradia ruim, favelas e educação inferior. E este é o país mais rico da terra. Agora, você sabe, se os países que são pobres podem encontrar uma solução para seus problemas para que não haja desemprego, então, em vez de você correr para fazer piquetes na prefeitura, você deveria parar e descobrir o que eles fizeram para resolver os problemas deles. É por isso que o homem não quer que nós olhemos para além do Harlem ou das margens da América. Desde que você não saiba o que se passa lá fora, vai ficar todo confuso para lidar com este homem aqui dentro. Quero dizer que o que eles usam para resolver o problema não é o capitalismo. O que eles estão usando para resolver o problema deles na África e na Ásia não é o capitalismo. Então o que você e eu devemos fazer é descobrir o que eles estão usando para se livrar da pobreza e todas as outras características negativas de uma sociedade degradada.

A África está estrategicamente localizada entre o Oriente e o Ocidente. É o mais valioso pedaço de propriedade envolvido na luta entre o Oriente e o Ocidente. Você não pode ir para o Leste sem passar por ela, e não pode ir do Leste para o Oeste sem passar por ela. Fica bem ali entre todos eles. Está localizado entre a Ásia e a Europa, pode alcançar qualquer uma. Nenhum

dos recursos naturais que são necessários para a Europa e que eles compram da Ásia podem chegar a Europa sem passar pela África ou ao redor da África, ou entre o canal de Suez, que está localizado na ponta da África. Ela pode cortar o pão da Europa. Ela pode pôr a Europa para dormir, assim no piscar de olho. Porque ela está em posição de fazer isso. O continente africano está em posição de fazer isto. Mas eles querem que nós pensemos que a África é uma selva, sem valor, sem significância. Porque eles também sabem que, se você soubesse o quanto ela é valiosa, você entenderia porque eles matando nosso povo lá. E você perceberia que não é por causa de nenhum propósito humanitário.

Além disso, a África como continente é importante devido ao seu clima tropical. É tão fortemente coberto de vegetação que você pode tomar qualquer parte da África e usar métodos agrícolas modernos e transformar apenas essa seção no celeiro para o mundo. Quase todo o país lá pode alimentar o continente inteiro, se tivesse acesso aos povos que possuem conhecimento técnico para desenvolver métodos modernos de agricultura. Uma selva é um lugar coberto de vegetação, o solo é tão rico e o clima é tão bom que tudo cresce, e não cresce na estação, ele cresce o ano todo. Isso significa que pode cultivar qualquer coisa, produzir qualquer coisa.

Além de sua riqueza e sua posição geográfica estratégica há o fato da existência do canal de Suez e do Estreito de Gibraltar. Esses dois estreitos canais podem cortar da Europa tudo que ela precisa. Todo petróleo que abastece a Europa atravessa o canal de Suez até o mar Mediterrâneo para lugares como Grécia, Itália, Sul da Espanha e França através do Estreito de Gibraltar e em torno da Inglaterra. E eles precisam do acesso através do Suez.

Quando Nasser assumiu o Suez, eles quase morreram na Europa. Isso os assustou até a morte, por quê? Porque o Egito está na África, na verdade, o Egito está entre a África e Ásia. Antes do canal de Suez ser construído, era um território, você não poderia realmente fazer distinção entre África e Ásia. Era um só território. Quando o presidente Nasser assumiu o canal de Suez, isso significava que pela primeira vez o canal de Suez estava sob a completa jurisdição de uma nação africana, e também significava que outras nações tinham que atender as exigências dessa nação africana se quisessem sobreviver, se eles não quisessem ter seu petróleo e outras fontes de suprimento cortados. Isso teve um efeito imediato nas atitudes europeias e nas medidas econômicas europeias. Eles começaram a procurar novos meios, novas rotas para obter as coisas que eles precisavam.

Outro motivo pelo qual o continente é tão importante é por causa de seu ouro. Tem alguns dos maiores depósitos de ouro e diamante da terra. Não só diamantes que você coloca em seu dedo e em sua orelha, mas diamantes industriais, diamantes que são necessários para fazer máquinas, máquinas que não podem funcionar a menos que tenham estes diamantes. Esses diamantes industriais desempenham um papel importante para a industrialização das nações europeias, e sem estes diamantes a sua indústria iria à falência.

Você e eu geralmente conhecemos diamantes usados na fabricação de anéis porque esses são os únicos diamantes que nós conhecemos, ou os únicos diamantes dentro de nossa concepção de pensamento. Nós não pensamos que eles servem para outros usos. Alguns de nós só concebemos seu uso nesses termos.

Não só diamantes, mas também cobalto. O cobalto é um dos minerais mais valiosos da terra hoje, e eu acho que a África é um dos únicos lugares onde ele é encontrado. Usam-no no tratamento do cancro e no campo nuclear que tanto ouviste falar. Os maiores depósitos de cobalto e urânio estão no continente africano. E é isso o que o homem procura. E ele o mantém aqui preocupado com uma ¹⁷xícara de café, enquanto ele está lá na sua pátria assumindo o controle sobre os minerais que têm tanto valor que fazem o mundo girar. Enquanto você e eu ainda estamos aqui, sim, tentando beber um pouco de café com um biscoito.

É uma das maiores fontes de ferro, bauxita e madeira e até mesmo de petróleo, e a indústria ocidental precisa de todos esses minerais para sobreviver. Todos esses minerais são necessários para as industriais ocidentais se manter funcionando. Podemos provar? Sim. Você sabe que a França perdeu suas colônias no Oeste Africano, Bélgica perdeu o Congo, Inglaterra perdeu Nigéria e Gana e outras áreas de língua inglesa. A França também perdeu a Argélia, os argelinos tomaram a Argélia.

Assim que essas potências europeias perderam suas posses na África, a Bélgica enfrentou uma crise econômica no mesmo ano que perdeu o Congo. Ela teve que reorganizar sua economia inteira e seus métodos econômicos tiveram que ser revistos porque ela tinha perdido a fonte da maioria de suas matérias-primas; matérias-primas que ela usava quase sem nenhum custo. Quando perdeu o acesso à essas matérias-primas, sua economia foi afetada.

¹⁷ Referência a integração entre brancos

Afetou a economia francesa. Afetou a economia britânica. Todos esses países europeus se uniram para criar o que é conhecido como o mercado comum europeu. Antes disso, você não ouvia nada sobre um mercado comum europeu. Sendo a porta de entrada para o sudoeste da África, Rodésia do Sul, Basutoland, Swaziland e África do Sul, o Congo é um país tão estrategicamente localizado que se caísse nas mãos de um verdadeiro nacionalista africano, tornaria possível o treinamento de soldados africanos no Congo com o propósito de invadir Angola. Quando eles invadissem Angola, ela cairia, porque há mais africanos do que portugueses, e eles simplesmente não poderiam controlar Angola por mais tempo. E se o Congo caísse em boas mãos, que não fosse a de Tshombe, então isso significaria que Angola iria cair, a Rodésia do Sul iria cair, sudoeste da África iria cair e África do Sul iria cair.

Quando esses países caírem, a fonte de matéria-prima, os recursos naturais, alguns dos mais ricos depósitos minerais da terra serão retirados da economia europeia. E sem acesso à esses recursos, a economia da Europa não valerá dois centavos. Os países europeus não teriam mais importância do que um país como a Noruega, para os noruegueses está bem, mas não exerce qualquer influência. É apenas outro país preso em algum lugar da parte Norte, como a Suécia e alguns outros. Todos os países europeus se tornariam tão insignificantes como o menor país da Europa neste momento, se perdessem o resto da África. Porque é o resto da África ainda colonizada que está sustentando a economia europeia. E se a economia da Europa afundar, a economia americana também será afetada. A economia americana nunca será mais forte do que a economia europeia porque ambas são iguais. É a mesma economia. Elas são irmãs. Digo isso porque é necessário que você e eu compreendamos o que está em jogo. Você não pode entender o que está acontecendo em Mississippi se você não entender o que está acontecendo no Congo. E você não pode realmente estar interessado no que está acontecendo no Mississippi se você não estiver também interessado no que está acontecendo no Congo. Ambos são iguais. Os mesmos interesses estão em jogo. As mesmas fronteiras estão representadas, os mesmos esquemas aplicados no Congo são aplicados em Mississippi. O mesmo interesse, sem nenhuma diferença.

Outra coisa assustadora para este continente e para o continente europeu é o fato de os africanos estarem tentando se industrializar. Uma das Nações africanas mais industrializadas é o Egito. Eles tinham uma fonte limitada de energia até agora, mas eles estão construindo uma represa no alto Egito, onde os egípcios Negros vivem. Eu estive lá, tirei umas fotos, vou mostrar

alguns filmes, provavelmente no primeiro domingo de janeiro, uma semana a partir do próximo domingo. A represa é algo que todos deveriam ver.

A represa de *Aswan* está sendo construída sobre o Nilo, no coração do deserto, cercado por montanhas. Uma das coisas mais proeminentes sobre esta represa não é tanto seus aspectos técnicos milagrosos, mas os aspectos humanos. Quando você constrói uma represa em uma área onde já há vegetação é uma coisa. Mas esta represa está sendo construída em uma área onde não há vegetação. Uma vez que este rio for represado, ele vai criar um lago no meio do deserto, que irá estabelecer um ciclo de água, chuva, você sabe, nuvens e todas essas coisas, e ele vai transformar o deserto em uma civilização, em um vale muito fértil. Para que este lago artificial fosse construído, a represa inundou as casas dos núbios, pessoas que se parecem conosco, que viviam lá há milhares de anos. Eles tiveram de transferi-los, eles tiveram de transferi-los de onde eles estavam vivendo por milhares de anos para outra área.

Isso em si era uma operação que iria fasciná-los se pudessem ver todos os aspectos dela. Significava pegar um povo de um lugar e colocá-lo em outro lugar. O lugar onde eles viviam era tradicional. Seus métodos, seus costumes, suas casas têm milhares de anos. Mas durante a noite essas pessoas, que viviam como no passado, foram levadas para novas cidades construídas pelo governo. Cidades modernas onde haviam escolas, quartos para viver e hospitais modernos. Quando você entra nessas novas cidade, a primeira coisa que você vê é uma mesquita. A religião deles é o Islã, eles são muçulmanos.

O governo egípcio, é um governo revolucionário. Ele difere da maioria das revoluções, é uma das poucas revoluções que têm ocorrido onde a religião não foi minimizada. Na maioria das revoluções, a religião imediatamente não é enfatizada. Eventualmente, a revolução sempre perde alguma coisa. Mas um dos aspectos da revolução egípcia é que ela nunca deixou de enfatizar a importância da religião. Nestas novas cidades, a primeira coisa que o governo construiu foi uma mesquita para que as pessoas pudessem praticar a sua religião. Depois construíram escolas para que as pessoas pudessem ser educadas, e hospitais. Eles acreditam que o aspecto religioso mantém as pessoas espiritualmente e moralmente equilibradas, e então todos podem ter uma educação melhor e internação livre.

Estas novas aldeias realmente refletem a motivação por trás da revolução egípcia. Achei isso muito interessante. Eu estive lá e pude estudá-la por dois meses. É uma revolução

equilibrada. Eu sou pela revolução, mas a revolução sempre deve fazer algo para o povo e deve sempre mantê-los equilibrados. Você não encontra ninguém mais revolucionário do que aquelas pessoas lá do Egito. Eles são revolucionários, eles estão envolvidos em cada revolução que está acontecendo no continente africano agora.

Assim, a represa de *Aswan* gera energia adicional suficiente que torna possível intensificar e acelerar a industrialização dessa nação africana em particular. E como a sua industrialização é intensificada, isso significa que eles podem produzir seus próprios carros, seus próprios tratores, suas próprias ferramentas, suas próprias máquinas além de várias outras coisas. Não só o Egito, mas também Gana. Gana está construindo uma represa, eles estão represando o Rio *Volta*. Existe a alta represa de *Volta* que está sendo construída com o objetivo de aumentar o potencial de energia de Gana, de modo que Gana também possa aumentar a sua produção industrial.

Quando essas nações africanas estiverem em uma condição de aumentar seu poder e se industrializar, que isso significa? Isso significa que eles deixarão de ser um mercado para os produtos e bens acabados da América e do mercado europeus, quando eles forem capazes de fabricar seus próprios produtos, eles serão capazes de obter produtos mais baratos porque usarão suas próprias matérias-primas para produzir produtos. Agora, as matérias-primas são adquiridas da África e enviadas para a Europa, usadas para alimentar as máquinas dos europeus e gerar postos de trabalho para eles, e depois retorna em forma de produtos acabados que são vendidos para os africanos. Mas quando as nações africanas se tornarem industrializadas, elas poderão usar sua matéria prima para alimentar suas máquinas e transformá-la em qualquer produto que quiserem. Então eles podem vendê-lo mais barato. Todo o sistema será um sistema com um alto padrão de vida, mas um padrão de vida mais barato.

Este padrão de vida irá ameaçar automaticamente o padrão de vida da Europa porque vai reduzir o mercado europeu. As fábricas europeias não poderão produzir a menos que tenham algum lugar para comercializar seus produtos. Fábricas americanas não poderão produzir a menos que ela tenha algum lugar para comercializar seus produtos. É por esta razão que as nações europeias no passado impediram as nações da América Latina, da África e da Ásia de se tornarem potências industriais. Eles mantêm a maquinaria, a habilidade de produzir e manufaturar limitado à Europa e América. Então isso coloca a América e os europeus em uma

posição que os permite controlar a economia de todas as outras nações e mantê-las em um padrão baixo.

Essas pessoas estão começando a ver isso. Os africanos veem, os latino-americanos veem, os asiáticos veem. Então quando você os ouve falar sobre liberdade, eles não estão falando sobre uma xícara de café com bolacha. Não, eles estão falando sobre ficar em uma posição para se alimentar, vestir e fazer essas outras coisas que, quando você as tem, faz a vida valer a pena de ser vivida. Então, é assim que você e eu temos que entender a revolução mundial que está ocorrendo agora.

Quando você entender a motivação por trás da revolução mundial, a unidade por trás do africano e a unidade por trás do asiático, então você terá um pouco de unidade. Você terá uma autêntica unidade. O homem do centro sabe a diferença entre quando você está em unidade verdadeira e quando você está em uma unidade falsa. Contanto que você continue pedindo ¹⁸café, ele não precisa se preocupar com você. Ele pode te mandar para o Brasil. Assim, essas barragens que estão sendo construídas lá em diferentes partes do continente estão colocando as nações africanas em posição de ter mais poder para se tornar mais industrial, autossustentável e autossuficiente.

Em consonância com isso: no passado, o Banco Mundial era controlado novamente pelos europeus, que subsidiavam a maior parte dos projetos das Nações africanas e asiáticas para desenvolver áreas subdesenvolvidas. Mas as nações africanas estão se reunindo para formar o seu próprio banco, o Banco Africano. Eu não sei de todos os detalhes como eu gostaria de saber, mas quando eu estive em Lagos, Nigéria, eles tiveram uma reunião lá entre os banqueiros africanos e nações africanas, e a Organização da Unidade Africana, que é a melhor coisa que já aconteceu no continente africano. Eles assumiram como parte de seu programa, a tarefa de obter o apoio de todas as nações africanas para unir seus esforços na criação de um banco africano, de modo que haveria um banco na estrutura interna africana em que as nações africanas subdesenvolvidas poderiam recorrer para a assistência financeira dos projetos que seriam benéficos para o continente inteiro.

Politicamente, o continente africano tem a maior representação nas Nações Unidas. Politicamente, os africanos estão em uma posição mais estratégica e mais forte sempre que há

¹⁸ Malcolm sempre usa o termo café para se referir a integração porque ele é misturado ao leite. O Brasil é um dos maiores produtores de café no mundo e construiu uma imagem da democracia racial.

uma conferência a nível internacional. Hoje, o poder é internacional, o poder real é internacional, o poder real não é local. O único tipo de poder que pode nos ajudar é o poder internacional, não o poder local. Qualquer poder local, se é poder real, é apenas um reflexo ou uma parte desse poder internacional. Se você acha que tem algum poder e não está de alguma forma ligado ao poder internacional, irmão, não fique distante de suas conexões.

Se a sua base de poder é só aqui, você pode esquecê-lo. Você não pode construir uma base de poder aqui. Você tem de ter uma base de poder entre irmãos e irmãs. Você tem de ter sua base de poder entre as pessoas que têm algo em comum com você. Eles têm de ter algum tipo de identidade cultural, ou tem de haver alguma relação entre você e sua base de poder. Quando você constrói uma base de poder neste país, você está construindo uma base com a qual você não tem nenhuma relação. Não, você tem que construir essa base em outro lugar. Você pode trabalhar aqui, mas é melhor colocar sua base em outro lugar. Não coloque na mão deste homem. Qualquer tipo de organização cuja base de poder é aqui, não pode ser eficaz. Qualquer coisa que você tenha, se a base está aqui, não vai ser eficaz. Sua e minha base devem estar em casa, e isso aqui não é nossa casa.

Quando você vê que as nações africanas a nível internacional compõem o maior órgão representativo e a maior força do que qualquer continente. Seríamos insanos se não nos identificarmos com esse bloco de poder. Seríamos loucos, nós realmente seríamos traidores de nós mesmos, em estar relutante ou temerosos em se identificar com as pessoas com as quais temos tanto em comum. Se fosse um povo que não tivesse nada a oferecer, nada a contribuir para o nosso bem-estar, você seria justificado, mesmo se eles parecessem conosco. Se não houvesse nenhuma contribuição a ser dada, você seria justificado. Mas quando você tem pessoas que se parecem exatamente com você, e você está sofrendo o inferno e ainda está relutante ou hesitante em se identificar com eles, então você tem que sofrer o inferno, sim. Você merece sofrer todo o inferno pelo qual está passando.

Os representantes africanos juntamente com os asiáticos e árabes formam um bloco que é quase impossível para qualquer um enfrentar. O bloco africano-asiático-árabe foi o bloco que iniciou o movimento de independência real entre os povos oprimidos no mundo. A primeira vez que esse bloco se reuniu, foi na conferência de Bandung. Para mostrar-lhe o poder desse bloco e os resultados que eles conquistaram e como os europeus os conhecem bem. No continente africano, quando eu estava lá, uma coisa que eu notei foi o esforço durante vinte e

quatro horas por dia para jogar o africano contra o asiático da África Oriental. Para jogar o africano contra o árabe e em regiões da África onde não há asiáticos ou árabes, jogar o muçulmano africano contra o africano cristão.

Quando você está lá e estuda essas coisas, você percebe que a divisão não é algo do nativo, não é algo que é do povo, do africano. Mas de alguém que percebeu que o poder dos oprimidos Negros, marrons, vermelhos e amarelos começou na conferência de Bandung, em uma aliança entre o árabe, o asiático e o africano, e a pressão que eles são capazes de colocar no opressor desde então.

Então, muito astutamente eles se mudaram para cá. Agora, quando você viaja ao continente, você vê o africano da África Oriental em conflito com o asiático, há uma divisão. E a África Ocidental em conflito com o árabe, há uma divisão ocorrendo. E onde o opressor, este engenhoso opressor, diabolicamente engenhoso, onde ele não encontrou um asiático para atacar o africano, ou um árabe para atacar o africano, ele usa o muçulmano africano contra o africano cristão. Ou aquele que crê na religião contra aquele que não acredita na religião. Mas a principal coisa que ele está praticando é fazer com que esta divisão de alguma forma impeça o africano, o árabe e o asiático de lutar contra ele.

Ele está fazendo a mesma coisa na Guiana Britânica. Ele mantém o Guianenses Negro lutando contra os chamados indianos. Ele os leva a lutar entre si. Eles não lutavam entre eles quando os britânicos estavam no controle. Se você notar, quando o lugar era uma colônia não havia conflito. Mas assim que os britânicos deixaram a colônia, o Negro começou a lutar contra o vermelho. Por que? Isso não é por acidente. Se eles não lutavam antes, eles não precisam lutar agora. Não há razão para isso. Mas a luta entre si mantém o homem do centro no poder. O fato dele colocar um contra o outro o mantém no poder.

Ele faz a mesma coisa com você e eu aqui no Harlem. O dia inteiro. Liguei o rádio ontem à noite, e ouvi dizer que James Farmer, o líder do CORE, estava indo para a África, Egito e Israel. Eles disseram que ele estava indo para corrigir as declarações falsas feitas pelo líder nacionalista Negro Malcolm X quando esteve lá. Se eu não tivesse tido essa experiência antes, imediatamente eu agrediria Farmer. Mas eu liguei para ele hoje. Ele disse que não sabia do que estavam falando. Mas por que eles fazem isso? Eles fazem isso para nos fazer lutar entre nós. Enquanto estivermos lutando um contra o outro, não podemos alcançar o homem que deveria

ser parado desde o início. Me entende? Uma vez que entendemos a estratégia que eles usam a nível internacional, então podemos entender melhor a estratégia que eles usam a nível nacional e local.

Por último, gostaria de ressaltar a minha compreensão do que acho ser a posição adotada na política africana. Em poucas palavras é de neutralidade positiva, não-coalizão. Eles não formam coalizão de maneira alguma. África é para os africanos. E os africanos são para os africanos. A política dos Estados africanos independentes, em geral, é da neutralidade positiva, do não-alinhamento. O Egito é um bom exemplo. Eles negociam de Leste e Oeste e não tomam partidos com qualquer um. Nasser aceitou tudo o que a Rússia poderia dar a ele, e depois colocou todos os comunistas na cadeia. Não quero dizer com isso que os comunistas devem necessariamente ser colocados na cadeia. O comunista é um homem, um capitalista é um homem e um socialista é um homem. Bem, se todos eles são homens, por que devem ser colocados na cadeia, a menos que um deles tenha cometido um crime. E se ser um comunista ou ser um capitalista ou ser um socialista é um crime, primeiro você tem que estudar qual desses sistemas é o mais criminoso. E então você vai relutar em dizer qual deles deve estar na cadeia.

Eu cito isso como um exemplo apenas para mostrar o que está neutralidade positiva significa: se você quer nos ajudar, ajude-nos, não estamos comprometidos com você. Se você tem uma contribuição para fazer para o nosso desenvolvimento, faça-o. Mas isso não quer dizer que estamos com você ou contra você. Somos neutros. Nós somos por nós mesmos. Nós somos para o que for bom para nós, é nisso que estamos interessados. Isso não significa que estamos contra você. Só quer dizer que somos por nós mesmos.

Isto é o que você e eu precisamos aprender. Você e eu precisamos aprender a ser positivamente neutros. Você e eu precisamos aprender a ser apartidários. E se nós estudarmos a ciência do não-partidarismo, então você vai descobrir que há mais poder no não-partidarismo do que no partidarismo. Neste país, é impossível para você estar filiado com qualquer uma das partes. Qualquer uma das partes com quem você se filia é um suicídio. Porque ambas as partes são criminosas. Ambas as partes são responsáveis pela condição criminosa que existe. Então você não pode se alinhar com um partido.

O que você pode fazer é começar a se registrar de modo que você tenha potencial político de poder. Quando você registra seu potencial político, isso significa que sua arma está carregada. Mas só porque ela está carregada, você não tem que atirar, até ver um alvo que será

benéfico para você. Se você quer um pato, não atire quando você vê um urso. Espere até ver um pato. E se você quer um urso, não atire quando ver um pato. Espere até ver um urso. Espere até ver o que quer, então mire e atire!

O que eles fazem entre nós é dizer: "Registre-se e vote." Não registre e vote, apenas registre-se! Isso é inteligente. Não registre e vote, você pode votar em um manequim, você pode votar em um bandido, você pode votar em alguém que vai querer explorar você. "Registre-se" significa estar em posição de tomar medidas políticas a qualquer momento, em qualquer lugar e de maneira que seja benéfico para você e para mim. Estar em posição de tirar proveito da nossa posição. Então estaremos em posição de sermos respeitados e reconhecidos. Mas assim que você se registrar, e se filiar a um democrata ou republicano, você está se alinhando. E uma vez que você estiver alinhado você não terá nenhum poder de barganha.

Vamos lançar um programa, que envolverá o maior número de registro de pessoas. Mas eles serão registrados como independentes. E como independentes, podemos fazer o que for necessário, onde for necessário quando chegar a hora. Me entende?

Então, para concluir, temos uma senhora que eu quero apresentá-la, que na minha opinião é uma das melhores Combatentes da Liberdade na América hoje. Ela é de Mississippi e você tem que ser um Combatente da Liberdade para viver em Mississippi. Você tem que ser um Combatente da Liberdade para viver em qualquer lugar deste país, mas especialmente em Mississippi. Esta mulher esteve na vanguarda da luta do Mississippi. Eu estava em um programa com ela esta tarde. Como mencionei hoje, e você provavelmente vai ler sobre isso amanhã. Eles vão fazer um alarde, colocando fora de contexto. Eu acredito de todo o meu coração, e de toda a minha mente, e de toda a minha alma, o que precisamos neste país, é o mesmo tipo de militantes do *Mau-Mau* que eles tinham lá no Quênia. Nunca te envergonhes deles. Vocês não devem se envergonhar deles, devem se orgulhar. Aqueles irmãos eram Combatentes da Liberdade.

Não só irmãos, havia irmãs ali. Conheci muitos deles. Eles são corajosos. Eles te abraçam e te beijam e ficam felizes em te ver. Na verdade, se eles estivessem aqui, eles teriam resolvido esse problema. Li uma pequena história uma vez sobre o *Mau-Mau*. Uma vez, eu li uma história em que alguém perguntou a algum grupo de pessoas quantos deles queriam liberdade. Todos eles levantaram a mão. Acho que havia cerca de 300 deles. Então a pessoa disse: "bem, quantos de vocês estão prontos para matar qualquer um que se meta em seu

caminho para impedir sua liberdade?" Cerca de 50 levantaram as mãos. E ele disse a esses 50, "vocês ficam aqui". E deixou os 250 sentados que queria liberdade, mas não estavam prontos para matar por isso. Então ele disse aos 50, "vocês disseram que queriam a liberdade e que matariam qualquer um que ficasse em seu caminho. Vejam aqueles 250? Eles serão os primeiros. Alguns deles são seus próprios irmãos e irmãs, mães e pais. Mas são eles que estão no caminho de sua liberdade. Eles têm medo de fazer o que é necessário para conquistar a liberdade e eles vão impedi-los de fazer. Livre-se deles e a liberdade virá naturalmente.

Foi o que o *Mau-Mau* percebeu. Ele percebeu que a única coisa que estava no caminho da independência do africano no Quênia era o outro africano. Então eles começaram a pegar um por um, todos aqueles Toms. Os tios Toms africanos que estavam à beira da estrada. Hoje, eles são livres. O homem branco nem sequer se envolveu, ele saiu do caminho. É a mesma coisa que vai acontecer aqui. Nós temos muitos entre o nosso próprio povo que estão no caminho. São muito sensíveis, eles querem ser reconhecidos como tios Toms respeitáveis. Eles querem ser reconhecidos pelo homem branco como responsáveis. Eles não querem ser classificados como extremistas, violentos ou você sabe, irresponsáveis. Eles querem manter essa boa imagem para o homem branco. E ninguém que esteja à procura de uma boa imagem será livre. Não, esse tipo de imagem não te liberta. Você tem que pegar algo em sua mão e dizer, "Olha, é você ou eu." E garanto que ele te dará a liberdade. Ele vai dizer, "este homem está pronto para qualquer coisa." Eu disse algo em sua mão, eu não vou definir o que quero dizer com "algo em sua mão." Não me refiro a bananas.

Então, estamos honrados em ter conosco esta noite não somente uma Combatente da Liberdade, mas alguns cantores no programa de hoje, eu acho que eles estão aqui. Eu pedi-lhes para vir aqui esta noite porque eles cantaram uma música que simplesmente me nocauteou. E olha que eu não do tipo que vai à rua cantar (*We Shall Overcome*) "*Nós Superaremos*." Eu apenas não acredito, que nós vamos superar cantando. Se você pegar uma 45 e começar a cantar (*We Shall Overcome*) "*Nós Superaremos*", eu estarei com você. Mas não vou cantar sem ao mesmo tempo lhe dizer como pegar algo para usar depois da demonstração.

Eu sei que estou dizendo coisas que você acha que pode me trazer problemas, mas irmãos, eu já nasci em problemas. Nem sequer me importo com problemas. Só me interessa uma coisa, e isso é liberdade por todos os meios necessários. Então eu vou te trazer agora a Combatente da Liberdade número um do país.

[Sra. Hamer¹⁹ fala.]

Agora você vê porque o nosso povo no Mississippi está em apuros. E espero que os nossos irmãos, especialmente os nossos irmãos aqui no Harlem, tenham ouvido muito bem, muito atentamente o que eu chamo de uma das maiores Combatentes da Liberdade deste país. Você não tem que ser um homem para lutar pela liberdade. Tudo que você tem de fazer é ser um ser humano inteligente. E automaticamente, sua inteligência fará você querer a liberdade tão ardentemente que você vai fazer qualquer coisa, por qualquer meio necessário para obter essa liberdade. E quero que a Sra. Hamer saiba que estamos à disposição dela para qualquer coisa que possamos fazer para ajudá-la no Mississippi. Uma das coisas que vamos definitivamente fornecer porque eu acho que é a única ajuda real com a qual você pode contribuir lá. É deixar que os encapuzados saibam que, a partir de hoje, quando eles começarem a tirar a vida de pessoas negras inocentes, adotaremos a lei de olho por olho, dente por dente.

Se eu chegasse em casa e encontrasse sangue na perna de uma das minhas meninas e minha esposa me dissesse que uma cobra havia mordido a criança, eu iria procurar a serpente. E se eu encontrasse uma serpente, não perderia tempo para ver se tinha sangue nas mandíbulas. No que me diz respeito a serpente, serpente é serpente. Então, se as cobras não querem alguém as caçando indiscriminadamente, eu digo que elas devem se reunir e limpar a sua casa. Se as cobras não querem pessoas correndo indiscriminadamente cortando as cabeças delas, meu conselho para cobras seria mantenha sua casa em ordem. Acho que entende o que estou dizendo.

Agora, foram vinte e uma serpentes que mataram aqueles três irmãos em Mississipi. Vinte e uma cobras. E nenhuma lei em qualquer sociedade na terra iria prender qualquer um que cortasse as cabeças dessas cobras.

Acredite, o mundo inteiro iria honrá-lo ou honrar qualquer um que fizer o que o governo federal se recusou a fazer. Devemos deixá-los saber que acreditamos em dar-lhes o que eles merecem. Há irmãos por todo o país neste momento, muitos deles que se sentem como eu, muitos deles que se sentem como eu. Até conheci estudantes brancos que se sentem assim. Quando me dizem que são liberais, digo-lhes: "Ótimo, vão e me tragam a cabeça de uma

¹⁹ Fanie Lou Hamer (6/10/1917 – 14/03/1977) foi uma ativista por direitos políticos e civis estadunidense. Ela foi fundamental na organização do Freedom Summer Mississippi, uma campanha para ampliar a participação política dos afro-estadunidenses na década de 1960, em um dos estados mais violentos e racistas dos Estados Unidos.

daquelas serpentes." Estou sendo sincero. Eu penso que há muitos brancos que são sinceros, especialmente os estudantes. Eles simplesmente não sabem como demonstrar a sua sinceridade. Eles acham que estão mostrando sinceridade indo lá e encorajando nosso povo a ser não-violentos.

Não é por aí... Como são brancos, podem aproximar-se mais facilmente deles que nós. Eles podem colocar um lençol e ir direto para o acampamento com o resto deles. Eu estou dizendo a você como fazê-lo: você é um liberal. Pegue um lençol. E coloque alguma coisa por baixo desse lençol que você sabe como usar, e vá direto para o campo onde essas pessoas estão e se misture com eles. E mostre como você é liberal. Aí, eu voltarei e apertarei sua mão o dia inteiro. Eu te levarei ao Harlem e direi a todo mundo que és uma boa pessoa branca. Porque você me provou. Mas não aceito nenhum liberal não-violento. Isso não significa que você necessariamente precisa ser violento. Mas isso não quer dizer que você pode ser não-violento

5. 17 Malcolm X Apresenta Fannie Lou Hamer (20 de dezembro de 1964)

Reverendo Coles, Sra. Hamer, convidados de honra, irmãos e irmãs, amigos e inimigos; também ABC e CBS e FBI e CIA. Eu não poderia deixar de ficar muito impressionado com o início, quando os cantores da liberdade estavam cantando a canção "*Oginga Odinga*" porque *Oginga Odinga* é um dos principais Combatentes da Liberdade do continente africano. Quando ele esteve em visita em Atlanta, Geórgia, eu acho que ele era o Ministro dos assuntos internos do Quênia. Mas desde que o Quênia se tornou uma República, na semana passada, e Jomo Kenyatta deixou de ser o primeiro-ministro e se tornou o Presidente, se refere a mesma pessoa sobre quem você está cantando, *Oginga Odinga*, agora é o vice-presidente de Kenyatta. Ele é o homem número dois do governo do Quênia.

O fato de você estar cantando sobre ele, para mim é bastante significativo. Dois ou três anos atrás, isso não teria sido possível. Dois ou três anos atrás, a maioria do nosso povo iria escolher cantar sobre alguém que era, você sabe, passivo e manso, humilde e indulgente. *Oginga Odinga* não é passivo. Ele não é manso. Ele não é humilde. Ele não é não-violento. Mas ele está livre.

Oginga Odinga é vice-presidente de Jomo Kenyatta, e Jomo Kenyatta foi considerado o organizador do movimento ²⁰*Mau-Mau*, acho que você mencionou o *Mau-Mau* nessa música. E se analisar atentamente essas palavras, acho que terá a resposta de como solucionar a situação no Mississippi. Quando as Nações da África se tornarem verdadeiramente independentes, e serão verdadeiramente independentes porque estão direção certa. Os historiadores darão ao primeiro ministro, ou particularmente, ao Presidente Kenyatta e ao movimento *Mau-Mau* seu merecido papel na história africana.

Eles serão reconhecidos como os maiores patriotas africanos e Combatentes da Liberdade que esse continente já conheceu, e a eles serão dados crédito por trazer a independência a muitos dos Estados independentes existentes nesse continente hoje. Houve um tempo em que sua imagem era negativa, mas hoje o Presidente e seu vice-presidente são respeitados.

Eu aproveito essa oportunidade para mencionar isso porque, na minha opinião, não só em Mississippi e Alabama, mas aqui em Nova York, você e eu podemos aprender melhor como obter a liberdade estudando como Kenyatta conquistou a liberdade para seu povo no Quênia, e como Odinga o ajudou, e o trabalho excelente que foi feito pelos Combatentes da Liberdade do *Mau-Mau*. Na verdade, é disso que precisamos no Mississippi. Precisamos de um *Mau-Mau*. No Alabama precisamos de um *Mau-Mau*. Na Geórgia precisamos de um *Mau-Mau*. Bem aqui no Harlem, em Nova York, precisamos de um *Mau-Mau*.

Eu digo isso sem raiva. Eu digo isso com muito cuidado e premeditação. A linguagem que você e eu temos falado com este homem não chegou a ele. E você nunca poderá realmente alcançar seu objetivo até que você aprenda a se comunicar com ele. Se ele fala francês, você não pode falar em alemão. Você tem que saber que língua ele fala e, em seguida, falar com ele nessa língua.

Quando ouço a Sra. Hamer, uma mulher negra que poderia ser minha mãe, minha irmã, minha filha, descrever o que eles fizeram com ela no Mississippi, eu me pergunto onde no mundo poderemos esperar ser respeitados como homens quando permitimos que algo como isso seja feito com nossas mulheres, e não fizemos nada? Como você e eu poderemos ser reconhecidos como homens quando mulheres negras estão sendo espancadas e não fazemos nada contra isso, crianças e bebês Negros sendo espancados e nada é feito contra isso? Não,

²⁰ Revolta do Mau-Mau foi um movimento ocorrido durante o processo de descolonização do Quênia, iniciado por um grupo intitulado Mau-Mau, que surgiu entre os Kikuyus para libertar o país do colonizador europeu.

não merecemos ser reconhecidos e respeitados como homens enquanto nossas mulheres são violentadas da maneira como nossa irmã descreveu, e não fazemos nada contra isso além de sentarmos para cantar (*We Shall Overcome*) "*Nós Superaremos.*" Precisamos de um *Mau-Mau*. Se eles não querem lidar com o Partido Democrático Liberdade para Mississippi, então nós vamos dar-lhes outra coisa para lidar. Se eles não querem lidar com o Comitê Estudantil Não-violência, então nós temos de dar a eles outra alternativa. Nunca coloque alguém lá fora sem uma alternativa ou nós perderemos nosso tempo. Dê-lhes isso ou dê-lhes aquilo. Dê-lhes a escolha entre isso ou aquilo.

Quando eu estava na África, eu observei que alguns Estados conquistaram a liberdade mais rápido que outro. Algumas áreas do continente africano tornaram-se independentes mais rapidamente que outras áreas. Notei que nas áreas onde a independência tinha sido conquistada alguém ficou revoltado. E nas áreas onde a independência ainda não tinha sido alcançada ninguém tinha expressado revolta. Eles estavam tristes, eles sentavam e falavam sobre sua situação, mas não estavam indignados. E geralmente, quando as pessoas estão tristes, elas não fazem nada. Eles só choram pela condição delas.

Mas quando eles sentem raiva, eles provocam uma mudança. Quando eles sentem raiva, eles não estão interessados em lógica, eles não estão interessados em probabilidades, eles não estão interessados em consequências. Quando eles estão indignados, eles percebem a condição em que estão, que o seu sofrimento é injusto, imoral, ilegal e tudo o que fizerem para corrigi-lo ou eliminá-lo será justificado. Quando você e eu desenvolver esse tipo de indignação e falar com esse tom, então vamos obter algum respeito e reconhecimento, e algumas mudanças por parte dessas pessoas que tem vindo a nós com falsas promessas.

Então você tem que falar a língua deles. A linguagem que eles falaram com a Sra. Hamer foi a linguagem da brutalidade. Eles agiram como bestas feras, batendo nela, os dois Negros, eles não são culpados, são apenas marionetes. Você não culpa a marionete, você culpa o manipulador dos bonecos. Eles só estavam cumprindo ordens de outra pessoa. Estavam sob a jurisdição de outra pessoa. Eles não são culpados, de certo modo eram, mas eu ainda não os culpo. Eu coloco a culpa naquele homem que deu as ordens. E quando começarmos a olhar para ele e ver a linguagem que ele fala, a linguagem da brutalidade, a linguagem de alguém que não tem senso moral, que absolutamente ignora a lei. Quando você e eu aprender a falar a sua língua, então poderemos nos comunicar. Mas nunca nos comunicaremos falando uma língua enquanto

ele fala outra língua. Ele está falando a linguagem da violência, enquanto você e eu saímos por aí com este tipo de linguagem de donzela, esperando que ele entenda.

Vamos aprender a língua dele. Se a linguagem dele é com uma espingarda, pegue uma espingarda. Sim, eu disse que, se ele só entende a linguagem do rifle, pegue um rifle. Se ele só entende a linguagem da corda, pegue uma corda. Mas não perca tempo falando a língua errada com um homem, se você quiser realmente se comunicar com ele. Falar a língua dele, não há nada de errado com isso. Se algo estivesse errado com essa linguagem, o governo federal teria impedido o ²¹cracker de falar com você e comigo.

Eu poderia dizer, em segundo lugar, algumas pessoas se perguntam, bem, o que Mississippi tem a ver com Harlem? Não é realmente Mississippi, é a América. A América é o Mississippi. Não há tal coisa como uma linha Mason - Dixon - é a América. Não há tal coisa como o Sul, é a América. Se um quarto em sua casa está sujo, você tem uma casa suja. Se o armário está sujo, você tem uma casa suja. Não diga que o quarto está sujo, mas o resto da casa está limpa, toda casa está suja. Você tem autoridade sobre toda a casa, ela está sob sua jurisdição. E o erro que você e eu cometemos é deixar esses branquelos transferirem a culpa para os branquelos do Sul.

O senador do Mississippi controla o Comitê Judiciário. Ele está em Washington, D.C ilegalmente como a Sra. Hamer ressaltou. Todos os senadores de um estado onde o nosso povo é privado do direito ao voto estão em Washington, D.C. ilegalmente. Este é um país cujo sistema governamental é gerido por comissões de câmara e Senado. O Presidente da comissão ocupa essa posição por força da antiguidade. Eastland está no Comitê do judiciário porque tem mais antiguidade do que outro Senador perante aquele comitê. Ele é o Presidente. Fulbright é outro cracker do Arkansas, está no Comitê de Relações Internacionais. Ellender, da Louisiana, está no Comitê de Agricultura e Comitê Florestal. Russell, da Geórgia, está no Comitê de Serviço Militar.

De dezesseis comissões, dez delas estão nas mãos dos racistas do Sul. De vinte comissões do Congresso, treze estão nas mãos, ou pelo menos estavam, antes das eleições recentes, nas mãos dos racistas do Sul. De 46 comissões que regem o Comitê de Relação

²¹ Termo usado de forma pejorativa para se referi a uma pessoa branca e pobre do sudoeste dos Estados Unidos. Uma pessoa sem escrúpulos, sem caráter. Pode ser traduzida também como branquelo.

Internacional e Nacional deste país, vinte e três estão nas mãos dos racistas do Sul. E a razão pela qual elas estão nas mãos dos racistas do Sul é porque nas áreas de onde eles vêm, o homem Negro é privado de seu direito ao voto.

Se tivéssemos eleitores nessa área, esses racistas não estariam em Washington, D.C. Haveria alguns rostos negros lá, haveria algum rosto marrom, algum rosto amarelo e algumas faces vermelhas lá. Haveria outras faces além daquelas faces brancas que estão lá agora. Então, o que acontece no Mississippi e no Sul tem uma influência direta sobre o que acontece com você e comigo aqui no Harlem.

Do mesmo modo, o partido democrático que os afro-americanos apoiaram recentemente, eu acho que algo em torno de 97%. De todos esses crackers, e isso é o que eles são, crackers. Eles pertencem ao partido democrático. Esse é o partido a qual eles pertencem, o mesmo que você pertence, o mesmo que você apoia, o mesmo que você diz que vai te dar isso, vai te dar aquilo. A base do Partido Democrata está no Sul. A Fundação de sua autoridade está no Sul. O chefe do Partido Democrata está sentado na Casa Branca. Ele poderia ter pego a Sra. Hamer em Atlantic City. Ele poderia ter aberto a boca e tê-la colocado no cargo. Hubert Humphrey poderia ter aberto a boca e ter dado o cargo a ela. Wagner, o prefeito daqui, poderia ter aberto sua boca e usado sua influência para elegê-la. Não fale sobre os crackers do Mississippi, Alabama e Geórgia porque todos eles estão jogando o mesmo jogo. O Lyndon B. Johnson é o chefe do partido dos Crackers.

Agora, não quero pisar nos calos ou dizer coisas que você pensou que eu não ia dizer, mas nunca, nunca, nunca, me chame aqui para falar sobre o Mississippi. Ele é controlado aqui do Norte. Mississippi é controlado pelo Norte. Alabama é controlada a partir do Norte. Estes crackers do Norte estão em conluio com os do Sul, estes crackers do Norte sorriem apenas mostrar os dentes e depois enfiam a faca em suas costas. Você pelo menos sabe o que aquele homem está fazendo e você sabe como lidar com ele.

Então tudo que eu digo é: quando você começar a falar de um, fale dos outros. Quando você começar a se preocupar com a parte ou a peça, se preocupe com o todo. E se este pedaço não está bom, a torta inteira não está boa porque tudo saiu do mesmo prato. Foi feita com os mesmos ingredientes. Wagner é um democrata. Ele pertence ao mesmo partido de Eastland. Johnson é um democrata, ele pertence ao mesmo partido de Eastland.

Wagner estava em Atlantic City, Ray Jones estava em Atlantic City, Lyndon B. Johnson estava em Atlantic City, Hubert Humphrey estava em Atlantic City. Os crackers em quem você votou para estavam em Atlantic City. O que eles fizeram por você quando protestaram sentados? Eles ficaram quietos. Eles ficaram em silêncio. Eles disseram: "não balance o barco, você pode eleger Goldwater."

Tenho uma sugestão. Descubra o que Wagner vai fazer em favor dessa resolução que você está tentando aprovar, antes de 4 de janeiro. Descubra com antecedência qual a posição dele a respeito desses congressistas do Mississippi, que estão vindo ilegalmente do Sul para representar os democratas. Descubra qual a opinião do prefeito desta cidade e descubra o que ele pensa sobre o registro, sem enrolação e sem compromisso. Descubra qual a posição deles a respeito do povo de Mississippi que tomarem posse ilegalmente. Descubra qual a opinião de Ray Jones, que é um dos mais poderosos democratas Negros desta cidade. Antes de 4 de janeiro. Não pode falar do Rockefeller porque ele é republicano. Embora ele esteja no mesmo barco junto com o resto deles.

Então, eu concluo, como a Sra. Hamer ressaltou, os irmãos e irmãs no Mississippi estão sendo espancados e mortos simplesmente porque querem ser tratados como cidadãos de primeira classe. Só há uma maneira de ser um cidadão de primeira classe. Só há uma maneira de ser independente. Só há uma maneira de ser livre. Liberdade não é algo que alguém te dá. É algo que você toma a força. Ninguém pode te dar independência. Ninguém pode te dar liberdade. Ninguém pode te dar igualdade ou justiça ou qualquer coisa desse tipo. Se você é um homem, você tem de lutar. Se você não pode lutar pela liberdade você não a merece. Ninguém pode dá-la a você. Então se você e eu queremos liberdade, se queremos independência, se queremos respeito, se queremos reconhecimento, obedeçamos a lei, sejamos pacíficos, mas ao mesmo tempo, a qualquer momento que você e eu estivermos envolvidos em qualquer tipo de ação que é legal, que está de acordo com os nossos direitos civis, de acordo com os tribunais desta terra, de acordo com a constituição, quando todas essas coisas estão a nosso favor, e nós ainda não podemos tê-las, é porque nós não estamos do nosso próprio lado.

Nós ainda não percebemos o preço real e necessário que precisamos pagar para ter as coisas pelas quais estamos lutando aplicadas. E até que percebamos isso, elas não serão aplicadas. Temos que deixar as pessoas em Mississippi, bem como em Nova York e em outros

lugares saberem que a liberdade chegará para nós, quer pelos votos ou pela bala. Essa é a única maneira de obter a liberdade. Liberdade é obtida por votos ou por balas. Estas são as duas únicas vias, as duas únicas estradas, os dois únicos métodos, os dois únicos meios, ou o voto ou a bala. E quando você souber disso, então você será cuidadoso quando usar a palavra liberdade. Contanto que você pense que nós vamos cantar como alguns de vocês cantam. Eu observo você, muitos de vocês que estão cantando também estão dispostos a fazer alguns ²²*Swinging*?

Eles sempre dizem que eu sou anti-branco. Eu sou a favor de qualquer um que defende a liberdade. Eu sou a favor de qualquer um que defende a justiça. Eu sou a favor de qualquer um que defende a igualdade. Não sou a favor de ninguém que me diga para ficar sentado à espera de liberdade, igualdade e justiça. Não sou a favor de ninguém que me mande dar a outra face quando um cracker está arrebentando o meu maxilar. Eu não sou a favor de ninguém que diz aos Negros para não serem violentos, enquanto ninguém diz às pessoas brancas para não serem violentas. Eu sei que estou na igreja, eu provavelmente não deveria estar falando assim, mas o próprio Jesus estava pronto para virar a sinagoga de cabeça para baixo quando as coisas não estavam indo bem. Na verdade, no livro de Apocalipse, eles mostram Jesus montado em um cavalo com uma espada na mão se preparando para entrar em ação. Mas eles não falam a você ou a mim sobre esse Jesus. Eles só falam sobre aquele Jesus pacífico. Eles nunca deixam você ler o fim do livro. Eles te mantêm lá em cima onde tudo é, você sabe, não-violento. Não, vá e leia o livro inteiro e quando você chegar em Apocalipse, você vai descobrir que até mesmo a paciência de Jesus teve limite. E quando sua paciência acabou, ele resolveu toda a situação. Ele pegou a espada.

Eu acredito que há alguns brancos sinceros. Mas acho que deviam prová-lo. E você não pode provar isso para mim cantando comigo. Não pode me provar não sendo violento. Não, você pode me provar reconhecendo a lei da justiça. E a lei da justiça é: "O que você semear, você vai colher." A lei da justiça é: "Aquele que mata pela espada deve ser morto pela espada." Isso é justiça. Agora, se você está do nosso lado, tudo que eu digo é, faça o mesmo tipo de contribuição com a gente em nossa luta pela liberdade, aquela que todas as pessoas brancas sempre fizeram quando estavam lutando por sua própria liberdade. Você lutou por sua liberdade na revolução. Seu próprio Patrick Henry disse "liberdade ou morte", e George Washington usou

²² Golpe de boxe que pode ser utilizado em colocação no queixo do adversário ou na sua zona

os canhões e todos os outros que você me ensinou a adorar como meus heróis, eles eram lutadores, eles eram guerreiros.

Mas agora, quando chega a hora da nossa liberdade, você quer que não sejamos violentos. Que sejamos pacíficos, indulgentes e resignados. Eu não concordo com isso, eu digo que a liberdade de um homem Negro é tão valiosa quanto a liberdade de um homem branco. E eu digo que um homem Negro tem o direito de fazer o que for necessário para obter a sua liberdade. O mesmo que outros seres humanos fizeram para obter a liberdade dele. Eu digo que você e eu nunca vamos ter a nossa liberdade sendo pacientes, amorosos e resignados. Nunca conseguiremos, até que o mundo saiba que assim como outros seres humanos deram suas vidas pela liberdade, e também tiraram vidas pela liberdade, que você e eu estamos prontos, dispostos, equipados e qualificados para fazer a mesma coisa.

É uma pena que a Sra. Hamer veio aqui esta tarde, no dia em que há tão poucas pessoas. É uma pena. Todo o nosso pessoal do Harlem devia tê-la ouvido descrever o que eles fizeram com ela lá em Mississippi. Porque eu acho que as pessoas do Harlem são mais inclinadas a retaliação do que qualquer pessoa de outro lugar neste país. Sim, eles são, e eles precisam ouvir sua história. Eles precisam saber mais sobre o que está acontecendo em Mississippi, especialmente com as nossas mulheres.

E então, eles precisam de algumas lições de táticas e estratégia sobre como se vingar. Eu vou fazer a primeira contribuição para o fundo destinado a pagar uma recompensa para quem encontrar o assassino. Sempre que alguém comete um assassinato, o que você faz? Você oferece uma "recompensa, procura-se vivo ou morto". Sim, aprenda a fazê-lo. Tivemos três pessoas assassinadas. Nenhuma recompensa foi colocada para a captura do assassino. Não ofereça apenas uma recompensa, coloque "morto ou vivo." E deixe que a Ku-Klux- Klan saiba que nós podemos fazer dente por dente, olho por olho. O que é bom para a gansa é bom para o ganso.

E se vocês não quiserem fazer isso, nós faremos. Vamos fazer. Nós temos irmãos que estão equipados e são qualificados e estão dispostos a fazer isso. Como Jesus disse, "filhinhos, vá para onde eu vos envio." Temos irmãos que podem fazer isso, e que fará isso, e que está pronto para fazer isso. E eu digo que se o governo dos Estados Unidos não pode colocar os assassinos dos Negros na cadeia, ou das pessoas que matam aqueles que estão na vanguarda

lutando em nome dos Negros, então é hora de você e eu tirar silenciosamente ela dos nossos armários e conceber meios através dos quais a justiça seja feita contra os assassinos, onde não tem havido justiça.

Para concluir, eu digo que se você e eu aqui no Harlem, que adquirimos o hábito de lutar uns contra os outros, que ficamos à espera de uma oportunidade para jogar um pouco de ácido ou um pouco de soda cáustica uns nos outros, ou polvilhar poeira nas portas uns dos outros. Se você e eu fôssemos verdadeiramente um defensor da liberdade do nosso povo, não iríamos desperdiçar toda essa energia pensando em como fazer mal uns aos outros. Já que você tem essa ingenuidade e sabe como fazê-lo, me avise. Eu vou te dar algum dinheiro e mostrar-lhe aonde ir, e mostrar-lhe como fazer isso. E então você vai entrar para a história como alguém que fez alguma coisa honrosa.

Então, Sra. Hamer, temos outro comício no Audubon esta noite, às oito horas, onde haverá um monte de pessoas negras. Eu próprio gostaria que repetisse o que nos disse esta tarde, por isso, será bem-vinda se quiser ser minha convidada esta noite no Audubon. E os cantores que cantaram Oginga Odinga, se você não tiver nenhum compromisso, você precisa subir para o Harlem e deixar algumas pessoas ouvirem vocês cantar sobre Oginga Odinga e Kenyatta e Lumumba, e da próxima vez que vier ao Harlem, haverá uma multidão aqui. Obrigado.

5. 18 Bernice Bass entrevista Malcolm X (27 de dezembro de 1964)

Bass: E agora queridos, acho importante voltarmos para o nosso convidado de honra neste momento, o Ministro Malcolm X, filho de um ministro batista. Bom dia.

Malcolm X: Como vai, Srta. Bass?

Bass: Muito bem, obrigado. Suponho que essa é a pergunta que Nova York poderia lhe fazer depois de suas viagens por todo o continente africano, Europa. Nós adorariamos saber exatamente o que você descobriu e o que você observou. Se seus pontos de vista sobre a questão afro-americana mudaram.

Malcolm X: Bem, eu fiz muitas viagens e eu acho que viajar faz você ampliar a alma. Se alguma coisa, provavelmente, a mais importante que aconteceu comigo durante os últimos

cinco ou seis meses. Foi ter a sorte de passar, eu acho que foram dois meses no Oriente Médio e mais dois meses nos países africanos. E acho que visitei o Egito, Arábia, Kuwait, Líbano, e depois Sudão, Etiópia, Quênia, Zanzibar que agora passou a fazer parte da República da Tanzânia, também Nigéria, Gana, Libéria, Guiné e Argel, ou melhor, Argélia. Em seguida a Europa: Genebra, Paris e Londres.

Bass: Nós que não viajamos, temos de confiar apenas em nosso meio de comunicação a notícia que recebemos. O que é perturbador e confuso quando se trata do continente africano, existe unidade entre os líderes africanos lá? Existe um esforço de coesão ou é uma coisa dividida como tem sido relatado tão fielmente na imprensa, a imprensa americana.

Malcolm X: A imprensa ocidental tenta fazer parecer que há divisão entre os africanos. Em qualquer bloco ou grupo que tenha um objetivo comum, você vai encontrar discordâncias. Mas em geral, há unidade. Eu acho que, durante a segunda guerra mundial, a América tinha seus aliados e seu objetivo comum era a vitória sobre um inimigo comum, mas mesmo dentro desse corpo de aliados, havia diferenças.

Bass: Assim como existe hoje na OTAN.

Malcolm X: Geralmente as potências ocidentais pensam que só eles têm prioridade no direito de divergir entre si. Porque quando blocos que não fazem parte do Ocidente tentam mostrar poder ou divergências, as diferenças se instalam. A imprensa ocidental tenta criar uma imagem para tentar parecer que esses são selvagens, retrógados, incapazes de governar, coisas desse tipo.

Bass: Isso é algo que eu queria te perguntar. Eu tenho notado nas últimas duas semanas todas as referências à crise do Congo, quando eles falaram sobre o debate nas Nações Unidas, eles falaram sobre voltar à selvageria, práticas tribais, este tipo de coisa. Entretanto, na Itália, o fato deles terem tido dezoito votações em apenas uma semana, na tentativa de eleger um primeiro ministro. Eles também tiveram - antes de Gaulle subir ao poder, eles tinham um novo Primeiro Ministro a cada mês. E ninguém considerou isso como retrógado, e ainda assim, eles são considerados exemplos de civilização, cultura e assim por diante. Como é que os delegados africanos neste país e os líderes africanos nos seus próprios países se sentem sobre este tipo de caracterização?

Malcolm X: Bem, eu acho que este é um dos erros que o Ocidente está cometendo em seus esforços de conquistar os africanos. Os africanos, provavelmente, mais do que nunca, estão começando a ver o engano e o duplo padrão de avaliação que é usado quando envolve o caso deles. E como ele difere quando envolve o seu caso. E isso acabou levando os africanos a questionar o motivo das potências ocidentais, incluindo os Estados Unidos.

Não é um acidente que nas Nações Unidas, durante esta sessão atual, pela primeira vez, durante dezenove ou vinte anos de existência da ONU, encontramos ministros de relação internacional africanos acusando abertamente os Estados Unidos de ser um poder imperialista e de praticar o racismo. No passado, estes rótulos eram sempre limitados aos poderes coloniais europeus. Mas os Estados Unidos nunca tinham sido apontados, rotulados e identificados como um poder imperialista. Nem o caso dos afro-americanos neste país relacionado com o que estava acontecendo com as pessoas no continente africano. E se há um drástico afastamento de procedimentos passados refletidos na sessão da ONU atual, é a tendência por parte dos representantes africanos, um após o outro, de relacionar o que está acontecendo no Congo com o que está acontecendo em Mississippi.

E pela primeira vez, desde que a ONU existe, temos representantes de governos estrangeiros referindo-se à libertação dos vinte e um assassinos dos trabalhadores dos direitos civis. Isso foi mencionado no debate do Conselho de Segurança das Nações Unidas esta semana. E tudo isso é um sinal, ou reflete uma tendência por parte dos africanos de se identificar completamente com o que está acontecendo com o homem afro-americano neste país. E eles também percebem que há uma crescente tendência por parte do nosso povo neste país de se identificar com o que está acontecendo com o nosso povo no continente africano. E nunca é dado ao nosso povo o retrato real da situação.

Uma coisa que eu vou dizer para James Farmer, com quem eu estava em uma discussão no início desta semana. Ele está indo para a África. Uma noite, eu estava indo para casa e ouvi em um noticiário de rádio. Eu ouvi o locutor dizer que James Farmer estava indo para a África para desfazer as falsas concepções que eu tinha criado durante a minha viagem. Bem, eu liguei para o Farmer no dia seguinte. Primeiro, eu estava..., eu estava irritado, eu estava muito irritado. Mas então, eu comecei a lembrar o que a imprensa tinha feito comigo e com os outros na tentativa de nos dividir para conquistar, e eu liguei para o Sr. Farmer. E ele disse que não sabia

absolutamente nada sobre o que este locutor em particular tinha relatado. E então, eu tive uma conversa pessoal com ele mais tarde. Eu achei muito inteligente e muito objetivo da parte dele. E ele me explicou então, que de fato, ia fazer uma viagem para a África, ia visitar muitos desses lugares. E ele iria fazer isso motivado pelas circunstâncias favoráveis dos ²³*Big Six* (Seis Grandes) a fim de buscar mais informação sobre o continente. Eles querem saber por eles mesmos a história africana. E se as notícias sobre a África são devidamente relatadas neste país. O que eu acho que é um movimento muito progressivo por parte dessas pessoas que foram constituídas para liderar os Negros neste país.

Bass: Este foi o resultado de ... - eu acho que eles tiveram duas reuniões, todos os seis grandes em Washington, os membros do Departamento de Estado, e assim por diante, e representantes africanos, na tentativa de preencher a lacuna?

Malcolm X: Porque aqueles que são convidados, são capazes de ver que o problema dos afro-americanos neste país não é um problema isolado. Não é um problema afro-americano ou americano. É parte do problema mundial. É um problema humano.

Bass: Posso perguntar-lhe isso, posso interromper por um momento para lhe perguntar isso: eu estou preocupado com o hábito que a mídia de comunicação tem de identificar os africanos como Negros e em seguida os afro-americanos como Negros....

Malcolm X: Bem, isso é porque no passado a África, o termo africano era usado neste país de forma depreciativa. Mas agora, desde que a África obteve sua independência e há tantos Estados africanos independentes. A imagem do Africano mudou de negativo para positivo. E o homem branco neste país não gosta de nos dar nada positivo com o qual possamos nos identificar. E como ele não consegue parar o movimento de independência das pessoas naquele continente, ele está tentando mudar o rótulo. Tentando mudar o modo como eles se referem a eles próprios para colocá-los na mesma categoria da gente. Mas eu não acho que eles serão muito bem-sucedidos nisso.

²³ O "Big Six" é um termo usado para descrever os seis líderes afro-americanos mais proeminentes durante o Movimento pelos Direitos Civis. O "Big Six" inclui o organizador trabalhista Asa Philip Randolph; Dr. Martin Luther King, Jr., da Southern Christian Leadership Conference (SCLC); James Farmer Jr., do Congresso da Igualdade Racial (CORE); John Lewis do Comitê de Coordenação de Estudantes Não-Violência; a Liga Urbana Nacional, Whitney Young, Jr. ; e Roy Wilkins, da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP). Esses homens seriam responsáveis pela organização da Marcha de Washington, realizada em 1963.

Bass: Bem, como os delegados africanos neste país e as pessoas, os líderes, como eles se sentem sobre isso?

Malcolm X: Eles não aceitam a palavra Negro de maneira alguma. Ninguém aceita a palavra Negro, além do nosso povo neste país, e é só porque fomos mal ensinados, equivocados, enganados e desinformados.

Bass: Alcançamos um ponto muito bom, em que temos uma pausa para identificar tanto o programa como a estação. A esta altura você sabe que esta é a rádio "*Community Corner*" aqui em Nova York e sua anfitriã para esta programação como tem sido nos últimos três anos e meio é Bernice Bass e nosso convidado aqui é o filho de um ministro batista, o honorável Ministro Malcolm X...

Malcolm X: Eu nunca aceito o termo "honorável".

Bass: É um belo título.

Malcolm X: Bem, eu vou te dizer. A maioria das pessoas que realmente usaram esse título acabaram fazendo mal-uso dele, eu prefiro ser apenas seu irmão.

Bass. Tenho uma família grande, mas sempre posso acrescentar mais. Espero que minha mãe não se incomode com isso, mas eu acho que a maioria das pessoas são honrosas, se eles têm o título ou não. Temos alguns irmãos que não são. Voltando ao que você viu quando estava em África, como estão os países em desenvolvimento e como - quando você ouve todo esse negócio sobre a enorme quantidade de ajuda que os Estados Unidos estão dando a todos esses países. Estão se desenvolvendo? Quais são os planos deles?

Malcolm X: Sim, um dos países que está se desenvolvendo mais rapidamente é o Egito. O desenvolvimento do Egito é tremendo e Gana também. Provavelmente, Gana e Egito são a vanguarda do continente. Gana é um país notável, um país extraordinariamente progressista. E eu acho que pode até interessá-la, e por sinal, pode interessá-la saber que um dos movimentos mais progressistas que Gana fez, foi começar a estabelecer – a instalar uma rede de televisão.

Sra. Du Bois, esposa do Dr. W.E.B. Du Bois, é a diretora da televisão em Gana. Ela me mostrou o estúdio e a planta. Ela, pelo que sei, é a única diretora de televisão negra na África. Posso estar errado, mas a única que conheço é ela. E ela é uma mulher afro-americana, e eu acho que isso deve deixar as mulheres afro-americanas muito orgulhosas.

Ela é uma das mulheres mais inteligentes que eu já conheci. Ela não é só a diretora da televisão, mas ela me levou em uma turnê a Tema, que é uma nova cidade industrial. É uma nova cidade que foi criada pelo Presidente Nkrumah e tem a mais avançada maquinaria e tudo mais. E uma das coisas que existe nesta cidade é a planta editorial. A mais moderna planta editorial no continente africano. As máquinas são tremendas e pode reproduzir qualquer tipo de revista, livro ou jornal na melhor forma e qualidade. E há muitos outros aspectos da vida de Gana que eu achei bastante progressista.

Eu estava dizendo - se eu posso continuar - eu estava em um hotel no Cairo, o Shepherd Hotel, no Cairo, e havia um grupo de estudantes que tinha viajado para o continente africano de uma certa faculdade daqui deste país. E África foi sua última parada antes de embarcar para os Estados Unidos. Eu estava conversando com alguns deles no lobby do hotel e eles estavam comentando algumas de suas impressões. E eles estavam muito entusiasmados com Senghor do Senegal. E ao mesmo tempo estavam desiludidos com Nkrumah em Gana. Eles tinham uma tendência a criticar e condenar Nkrumah, mas ao mesmo tempo apoiar Pat Senghor do Senegal. Mais tarde na conversa, enquanto eles estavam apontando as condições negativas que existiam em Senegal, como em Dakar que tinha pobreza, mendigos e coisas desse tipo, e ao mesmo tempo eles estavam falando das ações dos mendigos e da ação progressiva das pessoas de Gana e como todos eles pareciam diligentes e parecia estar dando uma contribuição para todo o movimento global-progressista.

Então eu respondi. Eram estudantes. Como eles poderiam dizer que Senghor era um grande presidente e ao mesmo tempo falar das condições negativas de seu povo e ao mesmo tempo se voltar contra Gana e dizer que eles tinham críticas contra Nkrumah?

Eles tiveram que admitir que as condições negativas não existiam no país de Nkrumah. Então, o que eu percebo com isso, é que o seu critério de medida para a liderança não era o que o líder estava fazendo para o seu povo e seu país, mas a atitude que esse líder em particular tinha com este país e a atitude que este país tinha com o líder.

Eles não estavam usando um critério real para medir as habilidades dessa pessoa. Então eu pensei que poderia acrescentar isso porque para mim foi bastante indicativo toda a atitude da estrutura de poder daqui para com os países e líderes africanos. Se os líderes africanos são manipulados, se eles podem ser manipulados pela estrutura de poder daqui, não importa quão negativa seja as condições no país desse líder em particular, esta estrutura de poder direciona sua máquina de propaganda para beneficiar aquele líder Africano. Mas pela mesma razão, se é um líder africano que ele não pode manipular e usar como um fantoche, então eles direcionam sua máquina de propaganda sobre esse líder em particular e o faz parecer como se fosse um ditador ou algum tipo de monstro que vai desinformar e enganar o público americano por aqui.

Bass: Posso perguntar-lhe um dos pontos que você ainda não abordou em relação a esse problema, sobre o fato das mulheres de Gana estar emergindo na cena em todos os níveis.

Malcolm X: Uma coisa que eu notei no Oriente Médio e na África, em cada país que era progressista, as mulheres também eram progressistas. Em cada país que era subdesenvolvido e atrasado, as mulheres também eram subdesenvolvidas e atrasadas.

Bass: O que você está dizendo é que as mulheres estão realmente desempenhando um papel lá, na África?

Malcolm X: Bem, não, o que eu quero dizer é: que é perceptível que neste tipo de sociedade onde colocam a mulher em um armário e a desencoraja em obter uma educação suficiente e não lhe dar o incentivo que possibilite a participação máxima em qualquer área da sociedade onde ela seja qualificada, eles matam o seu incentivo. E matando seu incentivo, ela mata o incentivo de seus filhos. E o próprio homem não tem concorrência, por isso não se desenvolve em seu pleno potencial. Assim, nos países africanos, onde optam pela educação em massa, quer seja feminino ou masculino, você percebe que eles têm uma sociedade mais equânime, uma sociedade mais progressista. E Gana é um dos melhores exemplos disso. O Egito também é outro exemplo disso.

Bass: Bem, certamente. Lembro-me quando a matéria sobre poligamia do ²⁴*White Paper* (*Relatório Branco*) saiu, publicado por Kwame Nkrumah. Houve muita discussão, conversas e

²⁴ "Livro branco" ou "Relatório Branco", é um documento oficial publicado por um governo ou uma organização internacional, a fim de servir de informe ou guia sobre algum problema e como enfrentá-lo. Os "White Paper" são

eu lembro que entrevistei uma jovem da embaixada de Gana aqui e..., a poligamia - existe lá, você teve a chance de notá-la?

Malcolm X: Bem, como você sabe? Eu não tinha qualquer critério que eu pudesse usar para determinar...

Bass: Eu pensei em uma conversa, não real...

Malcolm X: Bem, a conversa deles difere da conversa daqui. Eles não são tão inclinados a falar sobre seus...

Bass: Vida pessoal...

Malcolm X: Como é o caso nesta sociedade.

Bass: Bem, não é engraçado. Agora, eu estou pensando em [nome ininteligível], eu acho, daqui dos Estados Unidos para a Nigéria. Ele provocou muita controvérsia quando manifestou ser a favor da poligamia quando estava falando perante um grupo de mulheres que pressionavam sobre os direitos das mulheres nas Nações Unidas.

Malcolm X: Bem, ele provocou ainda mais controvérsia desta vez, pressionando o direito dos Estados Unidos de lançar bombas em aldeias africanas indefesas.

Bass: Bem, eu estou lhe dizendo, você tem falado sobre Gana. Como Gana se compara à Nigéria em termos de desenvolvimento, em termos de manipulação em assuntos nacionais e coisas desse tipo?

Malcolm X: Bem, o povo nigeriano é formidável. Você nunca encontrará pessoa, em qualquer lugar na África mais hospitaleiro e fraternal e que irá recebê-lo mais calorosamente do que as pessoas na Nigéria. Mas pela mesma razão, a influência dos Estados Unidos na Nigéria a transformou quase em uma colônia. E há condições na Nigéria que são muito explosivas. Eles estão se preparando para ter eleições esta semana, o que poderá transformar a Nigéria em outro

utilizados para educar os leitores e ajudar as pessoas a tomar decisões. São usados na política e nos negócios. Também podem ser um informe governamental que descreve uma política, geralmente, a longo prazo.

Congo. A Nigéria é um dos países mais ricos do continente africano, um dos mais belos dos países africanos. Mas da mesma forma, você encontrará mendigos lá, você encontrará pobreza lá. Não há novas cidades. Você encontra mendigos e pobreza em Lagos, o que você não vê em Gana.

Não condeno ou critico o povo nigeriano de forma alguma. Acho que os problemas da Nigéria decorrem principalmente do excesso de esforço por parte dos interesses externos. A presença dos Estados Unidos na Nigéria está muito além do que deveria ser, sua influência está muito além do que deveria ser.

Eu poderia dizer, Senhora Bass, na maioria dos países africanos, que são mais pró-americanos ou os mais inseparavelmente entrelaçados na maneira americana de pensar, você verá que as condições econômicas desses países, geralmente, são as piores.

Bass: Como a Libéria.

Malcolm X: Bem escolha qualquer país e você ficará surpreso. Os países que se identificam com a América são aqueles mais retrógrados e são os que têm mais problemas.

Bass: Agora os que são mais progressistas, eles são mais intimamente identificados com que poder?

Malcolm X: Bem, eles estão mais intimamente identificados com eles mesmos. Eu não acredito que alguém possa - há uma tendência aqui na América novamente, de tentar projetar qualquer nação africana, que não esteja amarrada na baía da saia da América como ligado com algum outro poder. Mas os africanos querem ser africanos. Eles não querem ser identificados com qualquer filosofia européia ou ocidental. Eles querem o que é bom para a África. Eles querem tirar de qualquer outra filosofia algo com a qual eles possam adequar às suas próprias necessidades e ao seu próprio desenvolvimento. Mas ser identificado com o bloco comunista ou com o bloco capitalista, eu acho que você não vai encontrar nenhum país africano ou líder Africano que vai adotar isso. Ele é pela a África.

E durante as cinco semanas que estive lá, eu fiz alguns filmes excelentes, a propósito, eu vou mostrá-lo no salão de Audubon nesta vez sexta-feira à noite. Eu fiz filmes no Egito que foram, eu acho que ninguém mais tem. Eu só vou dizer que eles são exclusivos - exclusivos, sim. Eu estive na celebração da independência de 23 de julho, no Egito quando Haile Selassie,

o Presidente Nkrumah e todos os chefes de estado estavam lá. E eles estavam assistindo à exibição de armamento do presidente Nasser que é inigualável no continente africano. Você tem que ver esses filmes para ver o sólido poder militar que o Presidente Gamal Abdel Nasser desenvolveu lá no Egito. Então você pode ver por que ele está em uma posição para afirmar abertamente seu apoio aos Combatentes da Liberdade no Congo, e você também pode ver a razão pela qual isso causou tanta preocupação aqui no Ocidente.

Bass: Mas agora eu gostaria de lhe perguntar. Ao mesmo tempo que ele anunciou a intenção de fazer isso, ele também intensificou o seu pedido de ajuda aos Estados Unidos em torno de 35 a 40 bilhões de dólares em alimentos excedentes.

Malcolm X: O presidente Nasser aceitou toda a ajuda proveniente da Rússia para construir a represa de *Aswan* e logo em seguida colocou os comunistas de seu país na cadeia. O que mostra que ele não aceita ajuda para que esses países lhe digam o que ele pode fazer. Se eles estão interessados em contribuir objetivamente para o desenvolvimento de seu país e de seu povo, então ele aceita a ajuda. Ele aceitará ajuda americana sem compromisso. Mas se há amarras, ele faz exatamente o que ele disse no jornal, ele pede para eles pularem do barco.

Bass: Bem, isso é interessante. Exceto que, você começa a se perguntar quando é feito em nível internacional, não apenas com Nasser, mas com todos os outros também. A realidade prática nos mostra que você não pode obter algo por nada. E quando eles vêm até você para pedir dinheiro ou ajuda ou o que você tem, o que eles estão dando em troca? Não posso entender...

Malcolm X: Você tem que considerar que essas potências ocidentais estão na posição econômica de poder que existe em seus países hoje somente por causa de sua exploração nestas mesmas áreas. Eles não estão dando ajuda, só estão devolvendo parte do que foi tirado.

Bass: Mas nos negócios, não se faz isso. Você sabe o que eu quero dizer. O que você está dizendo, de qualquer modo, falando sobre um direito moral eu concordo...

Malcolm X: Eu não falo sobre moral...

Bass: Mas eu estou falando do ponto de vista prático dos negócios. Já acumulei tantos bilhões de dólares. Você está lutando agora. Você está pedindo um empréstimo. Eu posso ou não posso dar...

Malcolm X: Uma das razões pelas quais estou lutando é porque você tirou de mim o...

Bass: Ah ha.

Malcolm X... Os bilhões de dólares que você tem.

Bass: Você sabe, alguém uma vez disse, não se referindo ao cenário internacional. Mas uma vez disse que se toda a riqueza do mundo fosse dividida igualmente, em questão de anos ou em um período específico de tempo, a maioria das pessoas que possuía a riqueza anteriormente a teria de volta.

Malcolm X: Isso porque a maioria deles é mais astuto no roubo e em outras coisas que isso acarreta.

Bass: Agora, quando todos esses outros países começarem a ficar tão próspero quanto as potências ocidentais, eles serão acusados de ter começado dessa mesma maneira através de roubo. Ou será por meio de sua sagacidade e astúcia?

Malcolm X: Bem, você vê essas pessoas, olhe em termos de negócio. Nos negócios é chamado de compartilhamento de lucros. E...

Bass: Eu me pergunto...

Malcolm X: Se você verificar o New York Times de hoje, eles estão falando sobre a situação egípcia com Gamal Abdel Nasser, no jornal Sunday Times - Arnold Toynbee, ele é suposto ser um dos cérebros desta época, ele diz, e eu cito: "Dr. Toynbee considera o Oriente Médio como uma área de importância crescente. Nasser tem sido indelicado em seus negócios com outros líderes árabes, mas ele é o primeiro governante a fazer alguma coisa para os camponeses egípcios. As pirâmides foram construídas para os governantes do Egito, mas a alta barragem de *Aswan* foi construída para o bem do povo. Nasser continuará a ser uma grande força no mundo árabe. Eu mesmo gosto e admiro-o. Eu notei um grande preconceito contra Nasser neste país, os americanos parecem supor que ele é um ditador, um homem mau. Eu não concordo com isso". Este é Toynbee.

Bass: Sim, eu sei. Ele costumava dizer a cerca de dois ou três anos atrás, ao falar sobre Martin Luther King, afirmava que na opinião dele a adoção de não-violência de King talvez fosse um dos resquícios do cristianismo no mundo ocidental.

Malcolm X: Provavelmente seria um resquício do cristianismo no mundo ocidental, mesmo que não fosse um resquício dos Negros...

Bass: Não, ele não disse dos Negros. Ele disse do cristianismo. Eu gostaria de saber sobre o impacto dos missionários americanos, todo o sentimento religioso no continente africano. Eu acho que em outros relatos divulgados, o Islã, a religião do Islã parece estar fazendo grandes avanços e o cristianismo não está avançando muito por lá, e eu me pergunto, por quê?

Malcolm X: Isso é verdade. A religião do Islã se espalhou rapidamente na África e continua se espalhando. É uma força muito poderosa. E o cristianismo deparou-se com o que você pode chamar de parede de pedra. Há uma tendência por parte do nosso povo de vincular o cristianismo com as potências coloniais europeias que têm dominado e explorado o continente nos últimos anos. E o Islã é uma religião que ganhou mais aceitação. É mais fácil de se adaptar, ela se adequa muito bem a natureza da vida cotidiana de alguém. Na verdade, é uma religião natural. É uma religião mais fácil de praticar.

Bass: Bem! Deixe-me ver..., e eu estou tentando lembrar agora, quem foi que disse que um dos missionários estava falando sobre suas impressões da África. Eu esqueci o país que estava envolvido na época em que ele chegou lá, ele ficou surpreso ao encontrar outros missionários que estavam ensinando os cristãos nativos, insistindo com os nativos que entrassem pela porta dos fundos enquanto seus compatriotas brancos entravam pela porta da frente. E este novo missionário branco na África achou isso um pouco estranho, já que todos estavam lendo a mesma Bíblia.

Malcolm X: Bem, é por isso que o Islã está se espalhando. O Islã não tem nenhuma barreira de cor. Não tem nada no Islã que te ensine a julgar um homem pela cor de sua pele. Não importa a cor que você tenha, no Islã você é um muçulmano, você é um irmão.

Bass: Isso é interessante, ouvi dizer que em vista de algumas de suas declarações anteriores...

Malcolm X: Bem, observe todas as minhas declarações anteriores foram precedidas por "o honorável Elijah Muhammad ensina assim e assim." Não eram as minhas declarações, eram declarações dele, e eu só estava repetindo.

Bass: Repetindo como os papagaios. A mesma coisa que você acusou o juiz Thurgood Marshall de fazer uma vez.

Malcolm X: E agora o papagaio pulou da gaiola.

Bass: Bem, isso é interessante, nós vamos ver o que mais ele faz. Bom dia....

Ouvinte: Estou ligando de Manhattan. Gostaria de perguntar: por que os árabes discriminam o homem Negro? E especialmente, eu li sobre o Sudão onde eles atacaram e mataram os Negros só porque eles eram negros.

Bass: Talvez o Ministro Malcolm X possa responder sua pergunta.

Malcolm X: Quando eu estava na África Oriental, notei que havia um sentimento forte entre os africanos, ao longo da Costa Leste, contra os asiáticos. Quando fui para a África Ocidental notei que havia um sentimento forte entre os africanos contra os árabes. E em partes da África onde não havia nem asiáticos ou árabes notei um sentimento forte entre os africanos. Muçulmanos africanos contra cristãos africanos e cristãos africanos contra muçulmanos africanos.

E quando você estuda as forças de divisão no continente africano hoje, você vai descobrir que essas forças de divisão não provêm do continente africano ou do africano, mas provêm de fora. E os poderes que governaram a África no passado estão cientes de que a verdadeira independência da África, que começou a tomar ímpeto na conferência de Bandung, forjada junto ao bloco asiático-árabe-africano. E este bloco, sem armas nucleares ou armas de guerra moderna foram capazes de conquistar a independência contra as potências europeias por causa de sua força numérica e de sua unidade.

Assim, esses poderes perceberam que eles foram colocados contra a parede durante os últimos anos e a única arma que eles têm contra esta força que os tem colocado contra a parede é dividi-los para conquistar, uma tática que eles sempre usaram. De modo que, se eu puder concluir, em cada área onde você encontra pessoas que foram colonizadas e oprimidas, elas

estão se esforçando para conquistar a liberdade. No passado, eles se davam bem, hoje eles estão lutando entre si. Assim como na Guiana Britânica, são os asiáticos contra o homem Negro. E isso não é um problema que se origina das próprias pessoas. É instigado por forças externas. E então, é intensificado para dar a impressão de que a luta que está acontecendo entre eles é algo diferente do que realmente é.

Bass: Posso perguntar-lhe isso agora, você diz que isso não é um problema do nativo do continente africano e, em seguida, é claro, você acabou de mencionar a Guiana Britânica. Mas se você olhar para a história, você não acha que todos os continentes ou todos os grupos de pessoas em uma grande área geográfica geralmente teve diferenças entre si - Canadá, por exemplo, os Estados Unidos. Não é só a África.

Malcolm X: Certamente. Mas quando essas diferenças se manifestam e são normais, ou naturais...

Bass: Espere só um minuto.

Malcolm X: Você vai descobrir que eles geralmente assumem um padrão diferente daquele que está se desenvolvendo no continente africano ou na Guiana Britânica. Porque se os asiáticos e os Negros na Guiana Britânica viviam em harmonia quando os britânicos estavam lá. Você me diz que, agora que os britânicos estão sendo expulsos, ou estão sendo ameaçados para sair, que de repente, o poder que poderia empurrá-los para fora começa a lutar entre si. Isso não é por acidente. E esse mesmo padrão está se desenvolvendo em diferentes partes do mundo. É dividir para conquistar.

Bass: Isso responde à sua pergunta, senhor?

Ouvinte: Senhora, para que fique claro, você também deve falar sobre os árabes. Eu acho que para esclarecer, você deve igualmente mencionar o papel árabe como comerciantes de escravizado e o ódio que provém disso.

Bass: Ouviu isso, Ministro Malcolm X? Agora nós vamos desligar, mas ele vai responder.

Malcolm X: Eu não perdoo a escravidão, não importa quem a tenha praticado. Eu acho que, eu não perdoo, não importa quem a praticou. E eu acho que todo poder que participou da escravidão de qualquer forma nesta terra pagou por ela, exceto os Estados Unidos. Todos os poderes europeus que colonizaram - a participação dos árabes na escravidão dos africanos, todos eles que participaram da escravidão perderam o seu império, perderam o seu poder,

perderam a sua posição, exceto os Estados Unidos. Os Estados Unidos foi o receptor de escravos e ele é o único até agora que não pagou.

Bass: Você quer - qual é o seu prognóstico para o futuro no que diz respeito aos Estados Unidos, enquanto nos preparamos para deixar nossa audiência sem fôlego.

Malcolm X: Na Bíblia, no livro de Apocalipse, diz que aquele que leva ao cativo deve ser levado em cativo. Está escrito no décimo terceiro capítulo, aquele que o pregador pensava não existir. Diz que quem leva ao cativo deve ser levado em cativo. Aquele que mata pela espada deve ser morto pela espada. Isto é justiça. Então eu acho que nenhum poder que escravizou um povo possa olhar para a frente sem esperar que a justiça se volte sobre si mesmo.

Bass: Bem, Ministro Malcolm X, obrigado pela visita. Precisamos ter você de volta mais e mais vezes para que possamos, eventualmente, discutir alguns temas que intrigam o nosso público ouvinte. Agora nós não queremos que nossos ouvintes esqueçam que você irá exhibir os filmes feitos durante sua viagem no salão de baile de Audubon, que horas?

Malcolm X: Às oito horas, domingo à noite, no salão de Audubon.

Bass: Às oito horas, aqui em Nova York. Ministro Malcolm X.

5. 19 Claude Lewis entrevista Malcolm X (dezembro de 1964)

Claude Lewis: Eu notei que você está deixando a barba crescer. O que isso significa? Alguma coisa simbólica?

Malcolm X: Não tem nenhum significado em particular, que não seja provavelmente, o reflexo de uma mudança pela qual passei e ainda estou passando.

Claude Lewis: Então vai raspar um dia?

Malcolm X: Certamente. Eu poderia deixá-la para sempre, ou eu poderia raspá-la amanhã. Não sou dogmático em nada. Não pretendo entrar mais em camisa de força.

Claude Lewis: Como assim, camisa de força?

Malcolm X: Eu não pretendo deixar ninguém moldar minha mente, tornando-a tão definida em alguma coisa que eu não possa mudá-la de acordo com quaisquer circunstâncias ou condições que eu tenha de enfrentar.

Claude Lewis: Você viajou bastante recentemente. Você pode me falar um pouco sobre as experiências relativas ao seu movimento? Onde estiveste e...

Malcolm X: Bem, eu estive em Cairo, Meca, Arábia, Kuwait, Beirute, Líbano Cartum, Sudão, Addis Abeba na Etiópia, Nairóbi no Quênia, Zanzibar, Dar es Salaam que hoje é conhecida como Tanzânia, Lagos em Nigéria, Accra em Gana, Monróvia na Libéria, Conacri na Guiné e Argélia. E durante a minha turnê a essas várias cidades passei uma hora e meia com o presidente Nasser do Egito; passei três horas com o presidente Nyerere, Presidente da Tanganica ou Tanzânia; passei vários dias com Jomo Kenyatta, na verdade, eu voei com Jomo Kenyatta e o Primeiro-Ministro Milton Obote de Uganda, de Dar es Salaam ao Quênia. Eu vi Azikwe e eu tive uma audiência com ele, também com o Presidente Nkrumah e eu passei três dias na casa de Sekou Toure em Conacri. E eu cito isto para mostrar que em todo lugar que visitei, eu encontrei povos em todos os níveis do governo e fora do governo com mentes abertas, corações abertos, e portas abertas.

Claude Lewis: Entendo. Quanto tempo durou a viagem?

Malcolm X: Estive fora quase cinco meses.

Claude Lewis: E você acha que aprendeu muito?

Malcolm X: Oh sim, eu aprendi muito porque em cada país que visitei, falei com pessoas de todos os níveis. Eu mantive minha mente aberta. Falei com os chefes de estado, com ministros, com membros de gabinete, falei com reis. Eu fui convidado de estado quando eu revisitei a Arábia Saudita, falei com os membros da família do Rei Faisal. Eu não sei com quantos ministros do exterior eu falei no Oriente Médio e na África e todos eles discutiram os nossos problemas muito abertamente.

Claude Lewis: O problema dos Negros na América?

Malcolm X: Oh sim, sim!

Claude Lewis: Eles parecem estar bem informados sobre o problema?

Malcolm X: Oh sim. Não só parecem saber muito sobre isso, mas foram muito simpáticos. Na verdade, não foi por acidente que nas Nações Unidas durante o debate sobre o problema do Congo, no Conselho de Segurança, que quase todos os ministros de Comércio Estrangeiro africano vincularam o que estava acontecendo no Congo com o que está acontecendo no Mississippi.

Claude Lewis: Você acha que isso muda a mente do povo do Mississippi aqui neste país?

Malcolm X: Bem, não é o caso de mudar a mente do povo do Mississippi tanto quanto de mudar a mente dos americanos. O problema não é um problema do Mississippi, é um problema americano.

Claude Lewis: Você acha que a situação aqui está melhorando?

Malcolm X: Não! Ela nunca vai melhorar até que o nosso povo aprenda a falar a mesma língua que os racistas falam. Se um homem fala francês, você não pode falar com ele em alemão. Para se comunicar com ele você tem que usar o mesmo idioma com o qual ele está familiarizado. E a linguagem do racista do Sul é da violência. É a linguagem da brutalidade, do poder e da retaliação.

Claude Lewis: Acha que é isso que o Negro deve fazer?

Malcolm X: O afro-americano deveria - se ele vai se comunicar - adotar qualquer idioma que as pessoas com as quais ele está tentando se comunicar usam. E quando você está lidando com racistas, eles só conhecem uma língua. E se você não for capaz de adotar essa língua ou falar essa língua, você nem precisa tentar se comunicar com esses racistas.

Claude Lewis: Dr. Martin Luther King, outra noite, foi homenageado no Harlem depois de receber o prêmio Nobel da Paz. E ele disse, se eu posso citá-lo, "Se o sangue deve fluir nas ruas, irmãos, que seja o nosso."

Malcolm X: Eu estava sentado na plateia. Eu o ouvi dizer isso.

Claude Lewis: O que você acha dessa afirmação?

Malcolm X: Eu acho que se vai haver um derramamento de sangue, que seja recíproco. O fluxo de sangue deve ser de ambos os lados. Os Negros não deveriam estar dispostos a sangrar, a menos que os brancos estejam dispostos a sangrar. E os Negros não devem estar dispostos a ser não-violentos, a menos que os brancos estejam dispostos a ser não-violentos.

Claude Lewis: Bem, você acha que a maioria dos americanos são não-violentos?

Malcolm X: Não. Se a maioria dos americanos não fosse violento, a América não poderia continuar existindo como um país. A América foi violenta com o Congo, ela foi violenta com o Vietnã do Sul. Você não pode apontar um lugar onde a América não usou de violência. As únicas pessoas que querem ser não-violentas são os afro-americanos. É suposto sermos não-violentos. Quando o mundo se tornar não-violento, eu me tornarei não-violento. Quando o homem branco se tornar não-violento, eu me tornarei não-violento.

Claude Lewis: Ouvi falar recentemente sobre Negros juntando dinheiro e contratando uma máfia para cuidar de alguns dos assassinos.

Malcolm X: Você não precisa contratar uma máfia, mas unidades devem ser treinadas entre o nosso povo que sabe falar a língua do Klan e do Conselho de cidadãos. E toda vez que qualquer Ku Klux Klan infligir qualquer brutalidade contra qualquer afro-americano, devemos estar em condição de contra-atacar. Não devemos sair e iniciar uma violência indiscriminada contra o branco, mas devemos estar absolutamente em posição de retaliar contra a Ku Klux Klan e o Conselho dos cidadãos brancos. Especialmente, uma vez que o governo se mostrou incapaz e desinteressado em parar com as atividades do Klan.

Claude Lewis: Você pode me falar um pouco sobre seu novo programa, se você tiver um novo programa?

Malcolm X: Não vamos revelar nosso novo programa até janeiro. Mas eu vou dizer isso, que a Organização da Unidade Afro-americana, da qual eu sou o Presidente, pretende trabalhar com qualquer grupo que esteja interessado em tornar o maior número possível de afro-americano elegível para o voto neste país. Não vamos incentivá-los a se tornarem democratas ou republicanos. Nós achamos que eles devem ser independentes, para que possa tirar o máximo proveito. Ele não deve se comprometer com nenhum partido. Sua filosofia política deve ser a mesma que a da África, neutralidade absoluta ou não-comprometimento. Quando o africano faz um movimento, seu movimento é projetado para beneficiar a África. E quando o Negro fizer um movimento, nosso movimento deve ser projetado para nos beneficiar. Não o partido democrata ou o partido republicano ou algumas dessas máquinas políticas. Assim, nosso programa é fazer com que o nosso povo se envolva com a máquina política deste país, mas que não seja politicamente ingênuo. Pensamos que devemos ser educados na ciência da política para que compreendamos o próprio funcionamento dela, o que ela deve produzir, e quem é responsável quando aquilo que estamos procurando não se materializar.

Claude Lewis: Você diz às pessoas o que elas querem ouvir, essencialmente?

Malcolm X: Eu digo a elas o que eu tenho em minha mente, quer elas gostem ou não. E eu acho que a maioria das pessoas terão de concordar. Eu não acho que alguém poderia me acusar de dizer às pessoas apenas o que elas querem ouvir. Porque a maioria não quer ouvir o que digo, especialmente os brancos.

Claude Lewis: Você acha que o Negro pode ter sucesso na América através do voto?

Malcolm X: Bem, a independência só virá de duas maneiras: pelo voto ou pela bala. Historicamente, você vai constatar que todos aqueles que conquistaram a liberdade, conseguiram através do voto ou da bala. Agora, naturalmente, todos preferem o voto, até eu prefiro, mas eu não descarto as balas. Eu não estou interessado em votos ou em balas, estou interessado em liberdade. Eu não estou interessado nos meios, estou interessado no objetivo. Assim, eu acredito que os afro-americanos devem conquistar a liberdade através do voto ou da bala. Se não pudermos usar o voto para sermos livres, devemos usar as balas. Sim, sim, eu

acredito que os afro-americanos devem ser tão rápidos em usar as balas quanto o voto. O homem branco não nos deu nada. Não é algo que seja dele para dar. Ele não está nos fazendo nenhum favor quando nos permite alguma liberdade. Então, eu não acho que devemos abordar o problema desse modo. Acho que não devemos enfrentar a nossa batalha como se estivéssemos lutando com um amigo. Estamos lutando contra um inimigo. Quem está no caminho dos afro-cidadãos contra a sua liberdade é um inimigo deles e deve ser tratado como um inimigo.

Claude Lewis: Você diria que há alguns Negros nesse grupo?

Malcolm X: Oh, sim. Há muitos Negros nesse grupo. Mas eles não são independentes, são fantoches. Não se preocupe com o fantoche, preocupe-se com o manipulador do boneco.

Claude Lewis: Você foi ameaçado, você encara essas ameaças como brincadeira?

Malcolm X: Eu não considero nada como brincadeira. Não levo a vida na brincadeira. Mas nunca me preocupo em morrer. Eu não vejo porque um Negro deveria se preocupar com a morte nesse tempo decadente. Mas eu acho que as organizações negras que falam sobre matar outros Negros, deveriam primeiro falar sobre como usar algumas de suas habilidades para matar membros da Ku Klux Klan e do Conselho de cidadãos brancos.

Claude Lewis: O que você acha do Dr. King?

Malcolm X: Ele é um homem. Ele é um ser humano que está tentando impedir que os Negros explodam para que os brancos não tenham muito com que se preocupar.

Claude Lewis: Você diria que ele está atrapalhando o progresso dos Negros?

Malcolm X: De quê?

Claude Lewis: Progresso?

Malcolm X: Bem, o Negro nunca vai progredir sem violência.

Claude Lewis: Como você se sentiu quando King recebeu o Prêmio Nobel da Paz na semana passada?

Malcolm X: Bem, para mim, representou o fato de que a luta dos Negros neste país estava sendo endossada a nível internacional e que foi visto como um problema que afeta a paz no mundo. E foi visto como um problema humano ou um problema para a humanidade, ao invés de ser apenas um problema do Mississippi ou um problema americano.

Para mim, o fato de King ter recebido esse Prêmio Nobel da Paz, não significa que King represente uma parte da consciência do mundo que percebe que o problema racial na América pode perturbar a paz do mundial. E isso é verdade. Se o King pode obter - veja eu não acho que o King recebeu o prêmio porque ele resolveu o problema do nosso povo, ainda temos o problema. Ele ganhou o Prêmio Nobel da Paz e ainda temos o problema. E acho que ele não deveria ter recebido um prêmio por isso. Por outro lado, se os Negros conseguirem fazê-lo de forma não violenta, será bom.

Claude Lewis: Você é a favor disso?

Malcolm X: Não sou a favor de nada que não tenha solução. Mas se os Negros podem conquistar a liberdade de modo não violento, isso é bom. Mas isso é um sonho. Até o King chama isso de sonho. Mas eu não sou a favor de nenhum sonho. E a única maneira que o leva a pensar que os Negros podem fazer de modo não violento é através do sonho. Mas quando você chega aqui e começa a encarar a realidade, os Negros são vítimas da violência todos os dias. Então eu prefiro outro método.

Claude Lewis: Já recebeu algum tipo de prêmio pelo seu trabalho?

Malcolm X: Sim, recebi um prêmio. Sempre que eu ando pela rua e vejo as pessoas prontas para lidar com o problema racial. Essa é a minha recompensa. Sempre que as pessoas saem, elas sabem de antemão o que eu vou falar. E se eles demonstram algum sinal de interesse ou de concordância com minhas ideias, essa é a minha recompensa. E quando eles mostram que estão fartos deste ritmo lento, você sabe, essa é a minha recompensa.

Claude Lewis: Quando King recebeu o prêmio, você desejava que fosse seu?

Malcolm X: Eu não quero que o homem branco me dê prêmio, se eu estou seguindo um General e ele está me levando para a batalha, e o inimigo começa a lhe dar prêmios, eu passo a desconfiar dele. Principalmente se ele receber o prêmio da paz antes da guerra acabar.

Claude Lewis: Não propõe que os Negros deixem os EUA?

Malcolm X: Eu proponho que nós tenhamos o direito de fazer o que for necessário para obter uma resposta para o nosso problema. O que for necessário, se for necessário deixar o país a fim de obter uma solução então devemos sair. Se conseguirmos uma solução ficando aqui então devemos ficar. A principal coisa que queremos é uma solução.

Claude Lewis: Bem, você acha que as coisas mudaram muito desde que você cresceu?

Malcolm X: Elas mudaram neste sentido. Se você é um mordomo para um homem branco pobre, você é um mordomo e você vive. Mas se seu mestre se torna rico, você começa a comer melhor e você começa a viver melhor, mas você ainda é um mordomo. E a única mudança que foi feita nesta sociedade é que nós ocupamos uma posição servil há vinte anos. Nossa posição não mudou. Nossa condição mudou um pouco, mas nossa posição não mudou. E a mudança que tem sido feita, tem ocorrido apenas na medida em que este país muda. O homem branco ficou mais rico, nós estamos vivendo um pouco melhor. Ele tem mais poder, temos um pouco mais de poder, mas ainda estamos no mesmo nível do sistema dele. Entende o que estou dizendo?

Claude Lewis: Oh, sim.

Malcolm X: Nossa posição nunca mudou. Se você se sentar na parte traseira do avião e ele estiver a 160 km/h, e você está na parte de trás do avião. Bem, ele pode ir a mil milhas por hora, você está indo mais rápido, mas você ainda está na parte de trás do avião. E é a mesma com o Negro nessa sociedade, nós começamos na retaguarda e ainda estamos na retaguarda. A sociedade está indo mais rápido, mas ainda estamos na retaguarda. E achamos que fizemos progressos porque eles progrediram.

Claude Lewis: Por que você fica na América? Não seria mais fácil para você...

Malcolm X: Me ofereceram boas oportunidades em vários países em que eu visitei. Boas posições que resolveria meus problemas pessoais. Mas eu me sinto responsável por grande parte da ação e da energia que tem movido o nosso povo na luta pelos direitos civis e pela liberdade. E eu acho que eu estaria cometendo um erro em estimulá-los e, em seguida, abandoná-los.

Claude Lewis: Você espera mais manifestações no próximo ano?

Malcolm X: Sim. Espero que o milagre de 1964 seja do mesmo nível de contenção que os Negros exibiram no Harlem. O milagre de 1964 foi a habilidade dos Negros de se conterem e se confinarem. Porque não há lugar onde os Negros são mais equipados e inclinados para retaliação do que aqui mesmo no Harlem.

Claude Lewis: Você poderia me dar uma breve opinião das seguintes pessoas? Adam Clayton Powell.

Malcolm X: Powell é verdadeiramente o político Negro mais independente da América. Ele está em melhor condição de fazer mais pelos Negros do que qualquer outro político.

Claude Lewis: Ele está fazendo isso?

Malcolm X: E a razão pela qual ele está nessa posição é porque ele está em uma área onde as pessoas o apoiam. Elas o apoiam enquanto muitos outros políticos Negros não têm esse tipo de apoio. As pessoas no Harlem são independentes. Eles só votam em homem Negro, se a máquina gosta dele ou não. Então Powell está em uma posição tremenda. E com sua posição também há a responsabilidade. Eu acho que ele deve ver as responsabilidades dele com a mesma clareza que ele vê a sua posição poderosa.

Claude Lewis: E o Roy Wilkins?

Malcolm X: Bem, eu ouvi Roy dizer em um comício outra noite, que ele era três quartos ou um quarto escandinavo. E ele parecia estar um pouco perdido naquele sonho escandinavo aquela noite.

Claude Lewis: Martin Luther King, bem, nós falamos sobre ele.

Malcolm X: Bem, toda vez que eu ouço Martin ele tem um sonho, e eu acho que os líderes Negros têm que sair das nuvens e acordar, e parar de sonhar e começar a encarar a realidade.

Claude Lewis: Você já pensou em Whitney Young?

Malcolm X: O Whitney não parece ter mais os pés no chão, não passa tempo suficiente com os afro-americanos. Ele não parece ter os pés no chão. Ele é um homem jovem para uma coisa. Mas poucos dos chamados Negros o conhecem. Quando eu digo que ele precisa estar perto deles, não há um número suficiente que conheça Whitney Young. Whitney Young poderia andar pelo Harlem o dia todo e, provavelmente, não mais do que cinco pessoas saberiam quem ele é. E ele é um dos nossos supostos líderes. Então, ele deve tornar-se mais conhecido para aqueles que estão seguindo-o.

Claude Lewis: Para onde você está indo? Onde você acha que está seu futuro?

Malcolm X: Eu acho que um dos mais sinceros dos seis grandes é James Farmer. Você esqueceu de perguntar sobre ele. Acho que o James Farmer parece... ele parece sincero. Quando escuto Farmer, eu tenho a impressão que ele poderia ser outro Mandela. Mandela, você sabe, era um homem que defendia a não-violência na África do Sul, até que ele viu que não estava chegando a lugar algum e, em seguida, Mandela teve que recorrer à violência tática. Que mostrou que Mandela era a favor da liberdade de seu povo. Ele estava mais interessado nos fins do que nos meios. Considerando que muitos dos líderes Negros são mais diretos com os meios e não com o fim.

Claude Lewis: Para onde está indo? Como você acha que será seu futuro daqui para frente?

Malcolm X: Eu não tenho ideia.

Claude Lewis: Não fazes ideia?

Malcolm X: Eu não tenho ideia. Eu luto pela liberdade. Posso dizer como me sinto. Eu luto pela liberdade dos 22 milhões de afro-americanos por qualquer meio necessário. Por qualquer meio necessário. Eu sou a favor da liberdade. Eu luto por uma sociedade na qual o nosso povo

seja reconhecido e respeitado como seres humanos e eu acredito que nós temos o direito de recorrer a todos os meios necessários para realizar isso. Então, quando você me pergunta para onde estou indo, como posso dizer? Estou indo em qualquer direção que nos proporcione resultados imediatos. Não há nada de errado com isso.

Claude Lewis: Eu acho que vai ser preciso um tremendo trabalho de relação pública para mudar sua imagem. E você pode não estar interessado em mudar sua imagem, mas todos os outros estão. Concordo com muita coisa que você diz, mas eu não vejo como as pessoas podem se associar a você.

Malcolm X: Eles não precisam se associar. A parte mais efetiva das árvores são as raízes. E embora eles sejam parte da árvore, você nunca as vê. Estão sempre debaixo do chão. E a razão pela qual você nunca me vê se preocupar com a minha imagem, é porque essa imagem me coloca em uma posição melhor do que qualquer outra pessoa. Porque eu sou capaz de andar pela rua ou em qualquer outro lugar e realmente descobrir o que as pessoas pensam. De um modo silencioso, eu sei onde eles estão, de uma forma silenciosa. Acho que os afetos estão enraizados profundamente em muitos deles. Além disso, também me coloca em uma posição onde quer que eu vá, as pessoas sabem quem eu sou com antecedência. E portas que normalmente seriam fechadas para Negros americanos, não as acho fechadas para mim em lugar nenhum. Não faz nenhuma diferença onde.

Claude Lewis: Então você está dizendo que isso se deve a sua franqueza, sua honestidade...

Malcolm X: As pessoas sabem qual é a minha posição. Eles sabem qual é a minha posição. E você vê que eu não assumo uma posição injusta. Esta é a coisa. O que quer que eu diga, sou justificado. Se eu disser que os Negros devem sair daqui amanhã e ir para a guerra, eu tenho razão em dizer isso. Realmente. Pode soar extremo, mas você não pode dizer que não é legítimo. Se eu disser agora que devemos ir para o Mississippi e atirar em 15 homens da Ku Klux Klan de manhã, você pode dizer que é insano, mas você não pode dizer que eu não sou justificado. Isto é o que eu quero dizer. Acho que a posição que tomo é justificada. Muitos podem não aceitar.

Claude Lewis: O que estou tentando fazer é descobrir se existe um novo Malcolm X?

Malcolm X: Bem, há um novo, no sentido de que, talvez em aproximação. Minhas viagens ampliaram meu alcance, mas não me mudou em falar o que eu penso. Posso me dar bem com pessoas brancas que podem se dar bem comigo. Mas você não vai me ver tentando se dar bem com qualquer homem branco que não queira se dar bem comigo. Não acredito nisso.

Claude Lewis: Quando ficar velho e se aposentar...

Malcolm X: Eu nunca vou ficar velho.

Claude Lewis: O que isso significa?

Malcolm X: Bem, eu vou te dizer o que significa. Você vai encontrar poucas pessoas que se sentem como eu me sinto, que queira viver o tempo suficiente para ficar velho. Vou te dizer o que quero dizer e por que eu digo isso. Quando eu digo por qualquer meio necessário, eu digo isso com todo o meu coração, toda minha mente e minha alma. Um homem Negro deve dar a sua vida pela liberdade, mas ele também deve estar disposto a tirar a vida daqueles que querem tirar a dele. É recíproco. E quando você realmente pensa assim, você não vive muito tempo. E se a liberdade não chegar durante a sua vida, ela vai chegar para suas crianças. Outra coisa sobre ser um homem velho, nunca passou na minha mente. Eu não imagino nem me ver velho.

Claude Lewis: Bem, como você gostaria de ser lembrado por seus irmãos Negros e irmãs em todo o mundo daqui a 20 anos?

Malcolm X: Como um homem sincero. Em tudo que fiz ou faço, mesmo se eu tiver cometido erros, eles foram feitos com sinceridade. Se eu estiver errado, eu errei com sinceridade. Eu acho que o melhor que uma pessoa pode ser. Ela pode estar errada, mas se ela for sincera você pode apoiá-la. Mas você não pode apoiar uma pessoa mesmo que esteja certa, se ela não for sincera. Eu prefiro lidar com a sinceridade de uma pessoa, e respeitá-la por sua sinceridade a qualquer outra coisa. Especialmente quando você está vivendo em um mundo tão hipócrita. Esta é a era da hipocrisia. O tempo em que vivemos pode legitimamente ser rotulado da era da hipocrisia. Quando os brancos fingem que querem que os Negros sejam livres, e os Negros fingem que acreditam mesmo que os brancos querem que eles sejam livres. É a era da hipocrisia, irmão. Enganas-me e eu engano-te. Este é o jogo que o homem branco e o Negro jogam uns com os outros. Você finge que é meu irmão e eu finjo que realmente acredito que você é meu irmão.

Claude Lewis: Você acha que vai haver mais mortes e bombardeios em Mississippi e Alabama?

Malcolm X: No Norte, assim como no Sul. Pode haver ainda mais no Norte porque - eu vou te contar um dos perigos de Martin Luther King. O próprio King provavelmente é um homem bom. Mas o perigo é que as pessoas brancas usam o King. Eles o usam para atenuar seus próprios medos. Eles lhe dão poder além de sua influência real porque eles querem acreditar dentro de si que os Negros são não-violentos e pacientes, muito resignados e longânimes em perdoar. As pessoas brancas acreditam nisso ardentemente porque se sentem culpadas. Mas o perigo é. Quando eles explodirem, enganando King que acha que eles são realmente não-violentos, pacientes e resignados. Eles têm um barril de pólvora dentro de casa. E em vez deles tentar fazer algo para desarmar o barril de pólvora, eles estão colocando um cobertor sobre ele, tentando fazer acreditar que não é um barril de pólvora, que é um sofá onde podemos deitar e desfrutar. Então é isso. O que quer que eu faça, o que eu fiz, o que quer que eu disse, foi tudo falado com sinceridade. É assim que quero ser lembrado porque é assim que é.

5.20 Discurso para os Trabalhadores dos Direitos Civis de Mississippi (1 de janeiro de 1965)

Eu fui abordado, eu acho que estávamos nas Nações Unidas quando conheci a Sra. Walker, cerca de duas ou três semanas atrás, e ela me disse que um grupo de estudantes estavam vindo de McComb, Mississippi, e me perguntou se eu poderia encontrá-los para falar com vocês. Eu lhe disse francamente que seria a maior honra que eu já tinha experimentado. Porque eu nunca estive no Estado do Mississippi, número um, não devido a qualquer culpa minha, eu acho, mas tem sido meu grande desejo ir lá ou conhecer alguém de lá.

Para não tomar muito tempo, eu gostaria de falar sobre um pequeno incidente em que eu estive envolvido recentemente, que lhe dará um pouco da ideia de porque eu vou lhe dizer o que eu sou.

Eu estava voando da Argélia para Genebra, a cerca de quatro semanas atrás, com outros dois americanos. Ambos eram brancos, um homem e uma mulher. E depois de aproximadamente 40 minutos de voo, a senhora virou para mim e me perguntou. Ela tinha

olhado para a minha pasta e viu as iniciais M e X, e ela disse: "eu gostaria de fazer-lhe uma pergunta. Que tipo de sobrenome poderia começar com X? Então eu disse a ela, "é isso: X."

Ela ficou quieta por um tempinho. Por cerca de dez minutos, ela ficou quieta. Ela não estava quieta até então, sabe. E então, finalmente, ela se virou e disse: "bem, qual é o seu primeiro nome?" Eu disse, "Malcolm." Ela ficou quieta por mais uns dez minutos. Depois ela se virou e disse, "bem, você não é Malcolm X?"

Mas o motivo pelo qual ela fez essa pergunta foi porque ela tinha uma imagem de mim a partir da imprensa e de coisas que ela tinha ouvido e lido, ela estava procurando algo diferente ou alguém diferente.

A razão pela qual eu aproveito a oportunidade para lhes dizer isso é, uma das primeiras coisas que eu acho que os jovens, especialmente hoje em dia, devem aprender a fazer é ver por si mesmo e ouvir por si mesmo e pensar por si mesmo. Então, você poderá chegar a uma decisão inteligente por si mesmo. Mas se você formar o hábito de analisar pelo que você ouve os outros dizer sobre alguém, ou avaliar pelo que os outros pensam sobre alguém em vez de procurar analisar a coisa por si mesmo e ver por si mesmo. Se pensar assim, você estará indo para o Oeste pensando que está indo para o Leste e estará indo para o Leste pensando que está indo para o Oeste.

Portanto, esta geração, especialmente do nosso povo, tem um fardo sobre si mais pesado do que qualquer outra geração em outro momento da história. A coisa mais importante que podemos aprender a fazer hoje é pensar por nós mesmos.

É bom manter os ouvidos abertos e ouvir o que todos têm a dizer, mas quando você tomar uma decisão, você tem que avaliar tudo o que você ouviu por conta própria, em seu devido lugar e depois chegar a uma decisão por si mesmo. Assim, você nunca vai se arrepender. Mas se você formar o hábito de aceitar o que alguém diz sobre alguma coisa sem verificar por si mesmo, você vai descobrir que as pessoas estão odiando seus próprios amigos e amando seus inimigos. Esta é uma das coisas que o nosso povo está começando a aprender hoje, e que é muito importante, aprender a pensar de forma autônoma. Se você não fizer isso, então você será sempre manipulado, você nunca vai lutar contra seus verdadeiros inimigos, mas vai se encontrar lutando contra o seu próprio eu.

Acho que o nosso povo neste país são os melhores exemplos disso. Porque muitos de nós queremos ser não-violentos. Falamos muito sobre você, sabe, sobre ser não-violento. Aqui no Harlem, onde há provavelmente mais pessoas negras concentradas do que em qualquer outro lugar do mundo, alguns falam sobre a filosofia da não-violência também. E quando param para falar sobre o quanto não violentos eles são, descobrimos que eles não praticam essa filosofia um com o outro. No hospital do Harlem, você pode sair aqui na noite de sexta-feira, que dia é hoje? Sexta? Sim, você pode ir para o hospital Harlem, onde há mais pacientes Negros do que em qualquer hospital do mundo porque há uma grande concentração do nosso povo aqui, e você vai encontrar pessoas negras que afirmam que são não-violentas. Mas você as vê lá feridas porque alguém atirou contra eles. Eles machucam uns aos outros.

Então, minha experiência mostra que, em muitos casos, onde você encontra Negros sempre falando sobre ser não-violentos, eles não são não-violentos uns com os outros, e eles não estão amando uns aos outros, ou sendo paciente uns com os outros, ou perdendo uns aos outros. Normalmente, quando dizem que são não-violentos querem dizer que são não-violentos com outra pessoa. Acho que entende o que quero dizer. Eles são não-violentos com o inimigo. Uma pessoa pode entrar em sua casa, e se ele for branco e quiser praticar algum tipo de brutalidade contra você, você é não-violento com ele. Então, ele pode colocar uma corda em seu pescoço, e você não é violento. Ou ele pode pegar seu pai e colocar uma corda no pescoço dele, você não é violento. Mas agora, se outro Negro pisar no pé dele, ele se tornará violento com ele em um minuto. O que demonstra que há uma inconsistência.

Então eu mesmo adotaria a não-violência se fosse consistente, se fosse inteligente, se todos fossem não-violentos e se todos fossem não-violentos o tempo todo. Eu diria ok, vamos fazer isso, todos nós seremos não-violentos. Mas eu não concordo, e eu estou apenas dizendo a você como eu penso. Eu não concordo com qualquer tipo de não-violência, a menos que todo mundo seja não-violento. Se eles tornarem a Ku Klux Klan não violenta, eu serei não-violento. Se tornarem o conselho dos cidadãos brancos não violento, não serei violento. Mas enquanto tiveres outra pessoa praticando a violência, não quero que ninguém me venha falar sobre qualquer conversa sobre não-violência. Eu não acho justo dizer ao nosso povo para ser não-violento enquanto a Ku Klux Klan, o conselho dos cidadãos brancos e esses outros grupos praticam a violência contra nosso povo.

Agora eu não estou criticando aqueles que são não-violentos. Eu acho que todo mundo deve fazer da maneira que acharem melhor, e felicito a todos que podem ser não-violentos diante de todo esse tipo de ação sobre a qual eu tenho lido nessa parte do mundo. Mas eu acho que em 1965 você não vai encontrar a próxima geração do nosso povo, especialmente aqueles que têm refletido sobre isso, que não aceita qualquer filosofia de não-violência, a menos que a não-violência seja praticado por todos.

Se os líderes do movimento não-violento pudessem ir para a comunidade branca e ensinar a não-violência a eles seria bom. Eu concordaria com isso. Mas contanto que eu os veja ensinando a não-violência somente na nossa comunidade, nós não podemos concordar com eles. Nós acreditamos na igualdade, e igualdade pressupõe que a mesma coisa que você colocou aqui, tem que colocar lá. E se apenas os Negros são obrigados a adotar a não violência, então, isso não é justo. Porque nós entramos no campo de batalha desprevenidos. Na verdade, nós estamos desarmados e indefesos.

Agora, para lhe dar uma melhor compreensão de nossa posição, eu acho que você tem que saber algo sobre o movimento Muçulmano Negro, que é um suposto movimento religioso neste país, que foi extremamente militante, vocalmente militante, ou oralmente militante. O movimento Muçulmano Negro era um suposto grupo religioso. E por se tratar de um grupo religioso nunca se envolveu em assuntos cívicos. E por não se envolver em assuntos cívicos, o que ele fez na sua militância, atraiu os afro-americanos mais militantes deste país. Isso ele realmente fez. O movimento Muçulmano Negro atraiu as pessoas negras mais insatisfeitas, impacientes e militantes deste país.

Mas ao atraí-los, o próprio movimento, por nunca se envolver numa luta real, a qual os afro-americanos enfrentam neste país, em certo sentido, acabou caindo em uma espécie de vácuo político e cívico. Era militante vocalmente, mas nunca entrou na batalha em si.

E embora professe ser um grupo religioso, os povos cuja a religião eles adotaram não os reconhecem nem os aceitam como um grupo religioso. Assim, eles também caíram em um vácuo religioso, alegando ser um grupo religioso e por ter adotado uma religião que realmente os rejeitou. Tão religiosamente caiu no vácuo que o governo federal tentou classificá-lo como grupo político, a fim de colocá-los em uma posição onde eles pudessem classificá-los como subversivos, de modo que eles pudessem esmagá-lo porque eles estavam com medo de suas

características intransigentes e militantes. Então, por essa razão, embora fossem rotulados como um grupo político e nunca ter participado da política caiu em um vácuo político. Desse modo, o movimento Muçulmano Negro em si desenvolveu uma espécie de hibridismo, um hibridismo religioso, político, tornou-se uma organização híbrida.

Recrutando afro-americanos muito militantes, mas não tinha um programa que lhes permitisse tomar parte ativa na luta. Assim, ele criou muita insatisfação entre os seus membros. Isso o polarizou em duas facções diferentes: uma facção que era militantemente vocal, e outra facção que queria alguma ação, ação militante, ação intransigente. Finalmente, a insatisfação resultou em uma divisão e muitos de seus membros deixaram o movimento. Aqueles que saíram, formaram a Mesquita Muçulmana Incorporated, que é uma autêntica organização religiosa, afiliada e reconhecida por todos os líderes religiosos do mundo muçulmano. Ela é a Mesquita Muçulmana Incorporated cujo escritório está localizado aqui.

Mas este grupo, sendo afro-americano ou sendo Negro americano, percebeu que apesar de estarmos praticando a religião do Islã, ainda havia um problema com o qual o nosso povo é confrontado neste país, e que não tem nada a ver com religião e está acima e além da religião. Uma organização religiosa não poderia atacar esse problema de acordo com a sua magnitude, com a sua complexidade em si. Assim, muitos membros desse grupo, depois de analisar o problema, viu a necessidade de formar um outro grupo que não tinha nada a ver com qualquer religião. E esse grupo é conhecido hoje como a Organização da Unidade Afro-americana.

A Organização da Unidade Afro-americana é um grupo não-religioso formado por afro-americanos neste país que acredita que os problemas que o nosso povo enfrenta aqui precisam ser reanalisados sob uma nova perspectiva a fim de obter uma solução. Estudando o problema, lembramos que antes de 1939 neste país, todos os afro-americanos de Norte, Sul, Leste a Oeste, não importa quanta educação tivessem, eram segregados. Eram segregados tanto no Norte quanto no Sul. E até hoje, há tanta segregação tanto no Norte como no Sul. Há uma segregação pior aqui em Nova York do que em McComb, Mississippi. Mas aqui, eles são sutis, traiçoeiros e enganosos. Eles fazem você pensar que você solucionou alguma coisa quando na verdade você ainda nem começou.

Antes de 1939 nosso povo estava em uma condição muito servil. A maioria trabalhava como garçons, porteiros, carregadores, zeladores, garçonetes e coisas desse tipo. Quando Hitler

declarou guerra na Alemanha. Houve uma escassez de mão de obra nas fábricas da América. Só então o homem Negro neste país teve autorização para dar alguns passos à frente. Não foi por causa de alguma iluminação moral ou consciência moral por parte do tio Sam. Tio Sam só deixou o homem Negro dar um passo à frente quando ele próprio foi encostado na parede.

Em Michigan, onde eu fui educado, naquele tempo, eu recorro que os melhores trabalhos na cidade para os afro-americanos eram de garçons no clube do campo. E naqueles dias, se você tivesse um emprego de garçom no clube do campo, você estava em uma posição privilegiada. Ou se você tivesse um emprego na casa do estado. Ter um emprego na casa do estado não significava que você era secretário ou algo desse tipo, você tinha o carrinho de engraxate na casa de estado. Só por estar em um lugar onde você poderia estar perto dos grandes políticos, tornava você um Negro importante. Você estava engraxando sapatos, mas você era um Negro importante porque você estava perto das pessoas influentes e você podia estar ao lado deles. E frequentemente, naqueles dias, você era escolhido para ser o porta-voz da comunidade negra.

Em 1939 ou '40, '41, eles não recrutavam Negros para o exército ou Marinha. Um Negro não podia se juntar à Marinha em 1940 ou 41 neste país. Ele não podia entrar. Eles não aceitavam um homem Negro na Marinha. Eles podiam aceitá-lo para ser um cozinheiro. Mas ele não podia simplesmente ir e se juntar à Marinha. Ele não podia ingressar na Marinha, eu não acho que ele poderia se juntar ao exército. Não o recrutavam quando a guerra começou.

Isso é o que eles pensavam de mim e de você naqueles dias. Por um motivo, eles não confiavam em nós. Eles temiam nos colocar no exército e nos ensinar como usar fuzis e outras coisas porque poderíamos atirar em alguns alvos que eles não tinham escolhido. Qualquer homem que pensa sabe em que alvo atirar. E se ele não souber, se ele tem de ter alguém para escolher o alvo para ele, então ele não está pensando por si mesmo, ele precisa de alguém que pense por ele.

Então foi somente quando os líderes Negros. Naqueles dias, eles tinham o mesmo tipo de líderes Negros como temos hoje. Quando os líderes Negros viram seus companheiros brancos sendo convocados para o exército e morrendo no campo de batalha, e nenhum Negro morrendo porque não eram convocados, então, os líderes Negros disseram: "nós temos que morrer também. Queremos ser convocados também e exigimos que você nos leve para a guerra

e nos deixe morrer por nosso país também. Isso é o que os líderes Negros disseram em 1940, eu me lembro. A. Philip Randolph foi um dos principais Negros naqueles dias a dizer isso, e ele está entre os seis grandes agora, e é por isso que ele é um dos seis grandes agora.

Então, eles começaram a recrutar soldados afro-americanos e começaram a deixá-los entrar na Marinha, mas foi por causa de Hitler, Tojo e os poderes estrangeiros que se tornaram fortes o suficiente para colocar pressão sobre este país, de modo que ele não teve outra opção. Ao mesmo tempo, eles nos deixaram trabalhar nas fábricas. Até então não podíamos trabalhar nas fábricas. Eu estou falando tanto do Norte como do Sul. E quando nos deixaram trabalhar nas fábricas — no início, quando nos deixaram entrar, só podíamos ser zeladores. Então, depois de um ano, eles nos deixaram trabalhar nas máquinas. Nós nos tornamos operadores de máquinas, adquirimos um pouco de habilidade. E ao adquirimos um pouco mais de habilidade, ganhamos um pouco mais de dinheiro, o que nos permitiu viver em um bairro um pouco melhor. Quando passamos a viver em um bairro um pouco melhor, passamos a frequentar uma escola um pouco melhor, tivemos uma educação melhor que possibilitou o acesso a um trabalho um pouco melhor. Então o ciclo foi quebrado um pouco.

Mas o ciclo não foi quebrado por causa de algum senso de responsabilidade moral por parte do governo. Não, a única vez que o ciclo foi quebrado foi quando a pressão mundial afetou o governo dos Estados Unidos e eles foram obrigados a olhar para o afro-americano. Desde então, eles nem sequer olhava para nós como seres humanos, eles apenas colocaram-nos em seu sistema e permitiu-nos avançar um pouco porque servia aos seus interesses. Qualquer um de vocês que tem um conhecimento de história, de sociologia, de ciência política ou do desenvolvimento econômico deste país e suas relações raciais, tudo que você tem a fazer é pegar o que eu estou dizendo a você e fazer alguma pesquisa sobre ele e você terá que admitir que isso é verdade.

Foi durante o tempo que Hitler e Tojo declararam guerra contra este país e começou a pressioná-los que os afrodescendentes avançaram um pouco. No final da guerra com a Alemanha e o Japão, depois que Joe Stálin e a Rússia Comunista se tornaram uma ameaça. E durante esse período avançamos um pouco mais.

Agora o ponto onde quero chegar é este: nunca em qualquer momento da história do nosso povo neste país tivemos algum avanço ou algum progresso por causa da boa vontade

deste governo, ou com base na atividade interna deste país. Nós só fizemos avanços neste país quando este estava sob pressão de forças externas além de seu controle. Porque a consciência moral deste país está falida. Não existe desde que nos trouxeram para cá e fizeram de nós escravos. Eles nos enganam tentando nos convencer que têm boas intenções no coração. Mas cada vez que você o analisa, não importa quantos passos para frente eles nos permitiram dar, é como se estivéssemos em uma..., - como você chama essa coisa? - em uma esteira. A esteira está se movendo para trás mais rápido do que somos capazes de ir para a frente. Nós não estamos nem mesmo parado, estamos andando para a frente, ao mesmo tempo indo para trás.

Digo isso porque a Organização da Unidade Afro-americana, ao estudar o processo deste chamado progresso durante os últimos vinte anos percebeu que a única vez que foi dado ao homem Negro neste país algum tipo de reconhecimento, ou mostrado qualquer tipo de favor, ou até mesmo que sua voz fosse ouvida, foi quando a América sofreu pressão externa, ou quando ela temeu sua imagem no exterior. Pudemos ver que enquanto nós estávamos sentados e conduzindo a nossa luta em um nível que contasse apenas com a boa vontade das forças internas deste país, continuávamos a andar para trás, não realizávamos mudanças reais significativas. Assim, a Organização da Unidade Afro-americana viu que era necessário expandir o problema e a luta do homem Negro neste país, colocando-a fora da jurisdição dos Estados Unidos.

Nos últimos quinze anos a luta do homem Negro neste país foi rotulada de luta pelos direitos civis, e como tal permaneceu completamente dentro da jurisdição dos Estados Unidos. Você e eu não poderíamos obter nenhum tipo de benefícios que não fosse por meio de Washington D.C. O que significava que os congressistas e senadores de Washington teriam que concordar com isso. Mas os mais poderosos congressistas e os mais poderosos senadores eram do Sul. E eram do Sul porque tem vantagem em Washington, D.C. E eles têm vantagens porque o nosso povo no Sul, de onde eles vieram, não pode votar. Eles não têm o direito ao voto.

Então, quando vimos que estávamos enfrentando uma batalha inútil internamente, vimos a necessidade de obter aliados a nível mundial em todo o mundo. E assim, imediatamente, percebemos que enquanto a luta fosse uma luta pelos direitos civis, sob a jurisdição dos Estados Unidos não poderíamos ter verdadeiros aliados ou apoio real. Nós decidimos que a única maneira de elevar o problema ao nível em que poderíamos obter apoio mundial era tirá-lo da categoria dos direitos civis e colocá-lo na categoria dos direitos humanos.

Não é por acaso que a luta do afro-americano neste país, nos últimos dez ou quinze anos, tenha sido chamada de luta pelos direitos civis. Porque enquanto você tiver lutando por direitos civis, o que você estará fazendo é pedir a esses segregacionistas racistas que controlam Washington, D.C. - e eles controlam Washington, D.C., eles controlam o governo federal através desses comitês. Enquanto esta questão for tratada como direitos civis, você estará em um nível de dependência onde o seu chamado benfeitor é realmente alguém da pior espécie neste país. Você só avançará se eles permitirem.

Mas quando você a transfere para luta pelos direitos humanos, ela sai completamente da jurisdição do governo dos Estados Unidos. Você pode levá-la para as Nações Unidas. E qualquer problema que seja levado para as Nações Unidas, os Estados Unidos não pode intervir. Porque na ONU ela só tem um voto, e na ONU o maior bloco de votos é dos africanos. O continente africano tem o maior bloco de votação que qualquer continente nesta terra. E o continente africano, juntamente com o bloco asiático e o árabe, compreende mais de dois terços das forças das Nações Unidas e são as Nações africanas. Esse é o único tribunal onde você pode obter ajuda hoje, obter apoio de seu próprio povo, de pessoas que se parecem com você, que estarão ao seu lado, as Nações Unidas.

Isso poderia ter sido feito há 15 anos. Poderia ter sido feito dezenove anos atrás. Mas eles nos enganaram. Eles pegaram os nossos líderes e usaram para nos levar de volta aos seus tribunais, sabendo que são eles que controlam os tribunais. Assim, os líderes parecem estar nos guiando contra um inimigo, mas quando você analisa a luta na qual estamos envolvidos nos últimos quinze anos, o progresso que temos feito é realmente vergonhoso. Deveríamos ter vergonha até de mesmo usar a palavra "progresso" no contexto de nossa luta.

Então, houve um movimento, e eu vou concluir em breve. Tem havido um movimento para fazer o Negro deste país achar que ele está fazendo avanços no campo dos direitos civis, apenas com o propósito de distraí-lo e não deixá-lo se familiarizar com a estrutura das Nações Unidas e com a política das Nações Unidas, com o objetivo e o propósito das Nações Unidas com a qual ele poderia colocar seu problema em um contexto mundial. E assim, teria a arma mais forte do mundo para usar contra os racistas do Mississippi.

Mas um dos argumentos para nos impedir de fazer isso sempre foi a desculpa que o nosso problema é um problema doméstico dos Estados Unidos. E, como tal, não podíamos colocá-lo em um nível onde alguém pudesse vir e com os intervir nos assuntos internos dos Estados Unidos. Mas você está dando uma chance ao tio Sam. O tio Sam tem as mãos no Congo, em Cuba, na América do Sul, em Saigon. O tio Sam tem as mãos ensanguentadas em todos os continentes e nos negócios de todos os povos dessa terra. Mas ao mesmo tempo quando se trata de tomar medidas enérgicas neste país onde os nossos direitos estão em causa, ele sempre vai dizer a você e a mim, "Bem, estes são os direitos dos Estados." Ou ele vai usar algum alibi, um alibi de boa-fé, não porque seja um alibi, mas para justificar a sua omissão quando o seu e meus direitos estão em causa.

Teremos sucesso quando percebermos que temos que levar isso para as Nações Unidas. Sabíamos que precisávamos obter apoio, obter apoio mundial e o lugar mais apropriadas do mundo para obter apoio é entre as pessoas que se parecem conosco.

Tive a sorte de poder fazer uma visita pelo continente africano durante o verão - Oriente Médio e África. Fui para o Egito e depois para a Arábia, Kuwait, Líbano, e depois para o Sudão, Etiópia, Quênia, República Checa, Zanzibar, Nigéria, Gana, Guiné, Libéria e Argélia. Enquanto estava viajando pelo continente Africano - eu já tinha notado em maio, que alguém muito astutamente tinha plantado as sementes da divisão no continente para fazer com que os africanos não demonstrassem preocupação com o nosso problema, assim como eles plantam sementes na sua e na minha mente para que não demonstramos preocupação com o problema africano. Eles tentam nos fazer pensar que estamos separados, que os dois problemas são separados.

Desta vez quando voltei, viajei para diferentes países, tive a sorte de passar uma hora e meia com o Presidente Nasser do Egito, que é um país da África do Norte e três horas com o Presidente Nyerere em Tanganica, que agora se tornou a Tanzânia, um país da África Oriental e com o Primeiro Ministro Obote, Milton Obote, em Uganda, que também é um país da África Oriental, e com Jomo Kenyatta no Quênia, que é outro país da África Oriental, e com o Presidente Azikiwe na Nigéria, o Presidente Nkrumah em Gana, e o Presidente Sékou Touré na Guiné.

Descobri que em cada um desses países africanos, o chefe de estado está genuinamente preocupado com o problema do afro-americano, mas muitos deles pensaram que se manifestassem sua opinião, seriam insultados pelos líderes afro-americanos. Porque um chefe

de estado na Ásia expressou seu apoio à luta dos direitos civis e um dos seis grandes teve a audácia de dizer que não estava interessado nesse tipo de ajuda, que na minha opinião é uma estupidez. Os líderes africanos só tinham de estar convencidos de que se eles tomassem uma posição aberta a nível governamental e demonstrassem interesse pelo problema dos afro-americanos neste país, eles não seriam reprimidos.

E hoje você vai encontrar nas Nações Unidas, e não é por acaso, que toda vez que a questão do Congo ou qualquer coisa sobre o continente africano está sendo debatida no Conselho de Segurança, eles relacionam o que está acontecendo, ou o que está acontecendo com você e comigo em Mississippi e Alabama e em outros lugares. Na minha opinião, a maior realização que foi feita na nossa luta na América, em 1964, no que diz respeito a algum progresso real foi o sucesso de ter colocado o problema do afro-americano no mesmo plano do problema africano, ou ter colocado o nosso problema num plano mundial. Porque agora, sempre que acontece algo com você em Mississippi, não é um motivo apenas para alguém do Alabama ficar indignado, ou alguém de Nova York ficar indignado. Aconteça o que acontecer em Mississippi hoje, com a atenção das Nações africanas atraídas para o Mississippi a nível governamental, então, você terá as mesmas repercussões em todo o mundo, as mesmas quando um poder imperialista ou estrangeiro interfere em alguma parte da África, você vê repercussões quando as embaixadas são bombardeadas, queimadas e viradas. Hoje em dia, quando algo acontece ao nosso povo no Mississippi, você verá repercutir em todo o mundo.

Eu queria falar isso para você porque é importante que você saiba que não está sozinho em Mississippi. Mas contanto que você pense que está sozinho, então você vai se colocar em uma posição de minoria ou como se você estivesse em desvantagem numérica, e esse tipo de atitude nunca vai permitir que você ganhe uma batalha. Você tem que saber que você tem tanto poder quanto a Ku Klux Klan. E quando você aceitar que você tem tanto poder quanto o Klan, você vai falar o mesmo tipo de linguagem com eles, a mesma linguagem que o Klan tem falado com você.

Eu vou dizer mais uma coisa para concluir. Quando digo o mesmo tipo de linguagem, devo explicar o que quero dizer. Nunca se consegue ter boas relações com alguém com quem não se pode comunicar. Você nunca terá boas relações com alguém que não te entende. Tem que haver entendimento. O entendimento é alcançado através do diálogo. O diálogo é comunicação de ideias. Isso só pode ser feito em uma linguagem, uma linguagem comum. Você

nunca pode falar francês com alguém que fala apenas alemão e achar que você está se comunicando. Nenhum deles vai conseguir chegar a uma conclusão. Você tem de ser capaz de falar a língua de um homem, a fim de fazê-lo entender.

Agora, você já vive em Mississippi o tempo suficiente para saber qual é a linguagem da Ku Klux Klan. Eles só conhecem uma língua. Se você inventar outra língua, você não se comunicará. Você tem de ser capaz de falar a mesma língua que eles falam, seja onde você estiver, seja em Mississippi, Nova York, Alabama ou Califórnia, ou em qualquer outro lugar. Quando você se desenvolve ao ponto em que pode falar a língua do outro homem, ele vai entender sua mensagem. Não se pode falar de paz com uma pessoa que não sabe o que significa paz. Não se pode falar de amor com uma pessoa que não sabe o que significa o amor. E você não pode falar sobre qualquer forma de não-violência para uma pessoa que não acredita em não-violência. Está perdendo seu tempo.

Então eu acho que em 1965, que você goste, ou que eu gosto, ou que nós gostemos, ou que eles gostem ou não, você vai ver que há uma nova geração de afro-americanos que se tornaram maduros a ponto de acharem que não têm mais o que negociar, nem como adotar uma abordagem pacífica, a menos que todos adotem uma abordagem pacífica.

Então, nós da Organização da Unidade Afro-americana estamos envolvidos com a luta no Mississippi 1000%. Estamos empenhados 1000% no registro de voto do nosso povo no Mississippi. Mas nós não vamos aceitar que ninguém nos diga para ajudar sem violência. Pensamos que, se o governo diz que os Negros têm direito ao voto, e quando os Negros saem para votar, a Ku Klux Klan sai para matá-los e jogá-los no rio, e o governo não faz nada sobre isso, é hora de nos organizarmos, unirmos e equiparmos e qualificarmos para nos protegermos. E uma vez que você estiver em condições de se proteger, você não terá de se preocupar em ser ferido. Isso é tudo.

* * *

Então, vamos ter alguns minutos para você fazer perguntas sobre tudo o que foi dito, e tudo o que não foi dito.

Sim, Sr.

Pergunta: você poderia, por favor, dizer algo sobre o Partido Democrata da Liberdade?

Malcolm X: Sim. Apoiamos o Partido Democrata da Liberdade. Estamos fazendo uma declaração de apoio. Tivemos um comício domingo passado à noite - não, uma semana atrás, domingo à noite, a convite da Sra. Hamer. Ela explicou a posição do Partido Democrata da Liberdade do Mississippi e nós apoiamos. Para dar-lhe um exemplo da razão pela qual apoiamos este partido, isso tem um impacto tanto em New York quanto em Mississippi.

Mas pela mesma razão, devo salientar que aqueles que estão privando você de seus direitos no Mississippi não estão todos no Mississippi. Você tem esses democratas de Nova York que também são responsáveis. O prefeito desta cidade é um democrata. O Senador, você já ouviu falar dele, Robert Kennedy, ele é um democrata. O Presidente do país é um democrata. O vice-presidente é um democrata. Agora não me diga nada sobre um democrata no Mississippi que está privando você de seus direitos, quando o poder do Partido Democrata está em Washington, D.C e em Nova York, e em Chicago e em algumas dessas cidades do Norte.

Na cidade de Nova York os afro-americanos já podem votar. Quando você torna conhecido a posição do Partido Democrata de Mississippi na cidade de Nova York, e a razão pela qual era necessário formar esse partido que está tentando expulsar esses representantes ilegais do Mississippi, em seguida, os Negros da cidade de Nova York sabem do que se trata. Queremos saber qual é a posição de Wagner, já que ele é um dos líderes mais poderosos e influentes do partido democrata nos Estados Unidos. E nós queremos saber qual é a posição do Senador Robert Kennedy, já que ele também é um dos líderes mais poderosos e influentes do partido democrata nos Estados Unidos. E nós temos um Negro que é o assistente do prefeito desta cidade. Nós queremos saber qual é a posição dele. Além disso, você tem Lyndon B. Johnson e Hubert Humphrey que professa babar na boca dos Negros para que vocês saibam qual é a posição deles antes de 4 de janeiro.

Quando você entender esse tipo de ação por parte de alguns desses democratas do Norte, então você vai ter alguma ação no Mississippi. Não vai precisar se preocupar com aquele homem no Mississippi. O poder do partido democrático são estas pessoas aqui que detêm todo o poder no Norte. Estamos com você, mas queremos ir até o fim.

Veja, como muçulmano, eu separo a minha religião da política porque elas se chocam. Ela não se choca, mas quando você se envolve em algo como muçulmano, você tem um monte de Negros que são cristãos, mas não são liberais o suficiente, então você entra em um argumento religioso, e isso não vale a pena. Então, eu não entro nessa luta como um muçulmano, eu entro como um membro da Organização da Unidade Afro-americana. E a posição que a Organização da Unidade Afro-americana toma é que nós entramos nela sem barganha.

Você se compromete quando está errado. Você não tem que se comprometer quando você está certo. Porque você está certo, não vão te dar nada. Isso é teu. Se nasceste neste país, ninguém está te fazendo nenhum favor quando te deixa votar ou se registrar. Eles só estão reconhecendo você como um ser humano e o seu direito como ser humano para exercer o seu direito como cidadão. Então eles não estão te fazendo nenhum favor.

Enquanto você abordar essa questão como se alguém tivesse te fazendo um favor, ou como você tivesse lidando com um amigo, você nunca poderá lutar essa luta. Porque quando eles lidam com você, eles não lidam como um amigo. Eles lidam com você como um inimigo. Agora você tem de olhar para eles como inimigos. E uma vez que saiba com quem está lidando, poderá lidar com essa coisa. Mas você não pode lidar com eles com amor. Por que, cara, se houvesse amor entre eles, se houvesse algum amor neles, você não teria nenhuma luta no Mississippi. Não há amor lá. Você tem de perceber que não há amor lá, e então você olhará para ele, seguirá em frente e lutará contra eles.

Quando você for votar ou registrar e alguém estiver em seu caminho, você tem que responder a eles da mesma forma que eles respondem a você. Quando você responder dessa forma, você terá um pouco de diálogo. E se você não estiver em número suficiente para fazer, nós vamos descer e ajudá-los a fazer. Porque estamos cansados desta velha enrolação dada ao nosso povo neste país.

Por muito tempo me acusaram de não me envolver em política. Deviam ter ficado contentes por eu não ter me envolvido na política porque em qualquer coisa com a qual me envolvo, eu me envolvo totalmente. Agora, se eles dizem que nós não participamos da luta em Mississippi, vamos organizar irmãos aqui em Nova York que sabem como lidar com esse tipo de coisas e eles vão descer para o Mississippi assim como Jesus desceu para Jerusalém. Isso

não significa que somos contra os brancos, mas com certeza somos contra a Ku Klux Klan e os conselhos dos cidadãos brancos. Qualquer coisa que esteja contra nós, somos contra.

Desculpe-me por levantar a voz, mas essa coisa, você sabe, me deixa indignado. Mesmo estando envolvido em uma discussão em um país que é uma suposta democracia. Imagine um país que é uma suposta democracia, deveria ser a favor da liberdade e todo esse tipo de coisa que eles dizem quando eles querem convocar você para o exército e enviá-lo para Saigon para lutar por eles. E você tem de passar a noite toda discutindo como você vai conquistar o direito de se registrar e votar sem ser assassinado. Ora, essa é a mais hipócrita meia-verdade governamental já inventada desde que o mundo é mundo.

Malcolm X: Sim, senhora.

Pergunta: A pergunta que eu tenho é, o que a Unidade Afro-americana faz?

Malcolm X: Primeiro, afro-americano significa nós.

Pergunta: Eu sei o que significa, eu só quero saber o que faz?

Malcolm X: O que você quer dizer?

Pergunta: Que tipo de luta, o que faz?

Malcolm X: Bem, primeiro, foi padronizado conforme a OUA. A OUA é a Organização da Unidade Africana. E a razão pela qual nós padronizamos nossa organização com a deles foi porque eles tiveram problemas no continente africano semelhante ao nosso. Indicando que havia muitos países independentes que estavam tão divididos uns contra os outros que eles não podiam se unir em um esforço para resolver seus problemas. Assim, alguns políticos africanos mais maduros foram capazes de trabalhar nos bastidores e obter um entendimento que resultou na materialização da Organização da Unidade Africana, cujo objetivo era fazer com que todos os líderes africanos entendessem a necessidade deixar de lado suas diferenças e enfatizar mais suas áreas de concordância, onde tinham interesses comuns.

Isso levou a criação da Organização da Unidade Africana que hoje trabalha em unidade e harmonia embora haja filosofias diversas, personalidades diversas. Todas essas diferenças existem, ainda assim, eles podem se unir em um objetivo comum. Então, estudando seus problemas e vendo que seus problemas eram semelhantes aos nossos, nós formamos o nosso conforme a essência e o espírito da OUA.

Nosso primeiro objetivo é, nosso primeiro passo foi encontrar uma área de comum acordo entre afro-americanos. Descobrimos que você tem os nacionalistas, você tem os grupos de direitos civis, você tem todos esses diversos elementos na comunidade negra. Alguns querem a separação, alguns querem a integração, alguns querem isso outros querem aquilo. Então, como encontrar algo que todos concordem? Você não vai encontrar nacionalistas que concordem com os direitos civis porque eles pensam que é uma farsa. Você não vai encontrar nacionalistas que concordem com a integração porque eles pensam que é uma farsa. Eles não viram isso se materializar em lugar nenhum. É apenas uma palavra, algo que é jogado, chutado de lado.

Então nós tivemos que encontrar algo que nacionalistas e integracionistas concordassem. E descobrimos que todos eles concordam que nosso povo neste país tem de ser respeitado e reconhecido como ser humano. Então, em vez de colocar a nossa luta no nível dos direitos civis que causaria uma série de argumentos, colocamos no nível dos direitos humanos. E sabemos que qualquer um que defende os direitos civis tem que defender os direitos humanos, se você é um integracionista ou um separatista ou o que quer que você seja, você ainda terá que ser a favor dos direitos humanos.

Assim, a nossa primeira política é reconhecermos o direito do homem Negro de exercer o seu direito como ser humano no Hemisfério Ocidental. Direitos com os quais ele já nasceu, direitos que nenhum governo tem o poder de lhe dar. *Allah* fez de você um ser humano, e *Allah* é aquele que lhe dá seus direitos humanos, não um governo, ou alguns senadores, ou um juiz, ou alguns representantes. E esta é a nossa posição. Nós somos seres humanos e nossa luta é ver cada Negro homem, mulher e criança neste país ser respeitado e reconhecido como ser humano.

Nosso método é por quaisquer meios necessário. Esse é o nosso lema. Não estamos restritos a isso, ou confinados a isso. Reservamo-nos o direito de usar todos os meios necessários para proteger a nossa humanidade, ou fazer o mundo ver que eles nos respeitam como seres humanos por meio do uso de qualquer meio necessário.

Quando digo isso, não quero dizer nada ilegal. O governo - você está sendo tratado de forma criminosa. O criminoso é o único que age de modo ilegal. Aquele que é responsável por essas condições criminosas, ele é o criminoso, ele é ilegal. E o que quer que você precise fazer para impedir que esse crime seja cometido contra você, no que me diz respeito, não é ilegal.

Então, esse é o nosso primeiro passo a nível internacional. E politicamente, nós concebemos e apoiamos qualquer programa que seja designado a dar ao homem Negro neste país uma oportunidade de participar como cidadão, um cidadão livre neste sistema político e nesta sociedade. Vamos nos envolver com o nosso próprio programa, ou em qualquer outro programa, desde que não envolva qualquer tipo de compromisso em sua abordagem que comprometa os direitos de registro ao voto do nosso povo neste país, em qualquer direção que eles desejarem.

Pergunta:...

Malcolm X: O registro de eleitores?

Pergunta: Quão importante é?

Malcolm X: Nós temos nossa própria unidade de registro de eleitores nas áreas onde estamos, além de trabalhar com outros grupos de direitos civis que também têm unidades de registro de eleitores.

Pergunta:...

Malcolm X: Não. Não ainda... mantenha-o, qual é a palavra? Vamos manter para nós mesmos, devemos manter em confidencial. Nós nunca vamos deixar você saber quantos membros temos.

Pergunta: Eu não estou perguntando isso.

Malcolm X: Eu aprendi isso. Estou te dando um pouco de luz sem você pedir. Isso é uma coisa que eu aprendi no movimento Muçulmano Negro que eu achei mais importante: nunca deixe ninguém saber com o que você está lidando - o seu tamanho, sua força, nada. A razão para isso é, eu descobri, se você está numa selva ou numa floresta e você ouve algo farfalhar no arbusto,

você não sabe que tipo de arma sacar para lutar até saber o que está provocando o barulho. Porque você pode puxar uma arma para um coelho e sair um elefante, ou você pode puxar para uma arma para um elefante e sair um coelho, o que vai fazer você parecer um tolo de qualquer maneira. Não é bom revelar abertamente os seus planos. A parte mais importante da árvore são as raízes, e as raízes permanecem sempre debaixo da terra. É onde a árvore ganha a vida. E a árvore só morre quando você coloca suas raízes expostas a luz e ela seca.

Assim, o nosso associado, a sua natureza, a sua dimensão, o seu conteúdo, tudo isso, nós mantemos para nós mesmos. Mas você vê aqui e ali, onde quer que encontrem Negros insatisfeitos, se eles não são nossos irmãos de sangue, eles são pelo menos parentes, há alguma relação. Se não somos irmãos de sangue, somos pelo menos parentes. Mais alguma?

Pergunta: Nós obviamente não podemos dizer - Malcolm X: você é de Mississippi também?

Malcolm X: Não, eu não sou.

Malcolm X: Eu não acho. Continue perguntando.

Pergunta: Obviamente você não pode dizer o que você faz. Só queria saber que tipo de...

Malcolm X: Não é o caso de não poder dizer o que fazemos. Eu lhe disse que nós nos envolvemos em nossos próprios programas para obter o registro do nosso povo, como eleitores registrados nesta área e em qualquer outro lugar onde estivermos. E nós trabalhamos com qualquer outro grupo que esteja tentando obter o registro do nosso pessoal para que eles possam votar. Isto é nesta área política. Agora, o que mais queria saber, já que não parece satisfeito?

Pergunta: Bem, talvez. Você acha.

Malcolm X: Não, se isso não estiver claro, pergunte-me. Quero dizer, se eu não esclareci sua pergunta, vá em frente e cave um pouco mais fundo.

Pergunta: Não, eu pensei naquele outro homem..., que não vota também, o que parece...

Malcolm X: Isso é verdade, o que mostra que a relutância por parte do afro-americano em não votar nem sempre é porque eles não têm direito. A história política de nosso povo neste país mostra que geralmente você tem uma máquina política na maioria dos Estados e das cidades. E eles selecionam, como via de regra, não os Negros que dirige a comunidade negra e que são intelectualmente capazes de lidar com a política como ela é, mas os fantoches que servem como seu porta-voz para controlar a política da comunidade. As pessoas negras no Harlem testemunharam essa coisa ano após ano e viram como a política do Harlem e em outras comunidades negras foram muito bem controladas por pessoas de fora.

Então não é que eles sejam politicamente letárgicos ou mortos, eles propositalmente se abstiveram. Mas quando você lhes dá alguma direção, ou algum direito para votar, você verá que eles vão ser tão ativos do mesmo modo como eram inativos. É o propósito do OAAU trabalhar com esta parcela da população negra inativa que tem estado politicamente inativo nesta área.

Pretendemos alcançá-las e torná-las ativas aqui, para que tenhamos um pouco de ação. Porque esses são os verdadeiros ativistas. Aqueles que não estiveram envolvidos na política ativamente são esses que se envolvem em ação física. Eles não viram nada de bom se materializar através da política no passado, então eles não recorrem à política. Eles recorrem às coisas físicas, aos métodos físicos, entende o que quero dizer.

O que pretendemos fazer é tentar aproveitar a sua energia, dando-lhes uma compreensão da política em primeiro lugar. Porque nós achamos que ninguém deve começar a se registrar como eleitores sem receber alguma instrução sobre política. Não achamos que um programa de registro de eleitores por si só seja suficiente. Mas em consonância com qualquer programa de inscrição eleitoral entre os Negros, deve haver um programa de educação eleitoral para o nosso povo aprender sobre a ciência política, de modo que eles saibam que resultado a política deve produzir e o que o político deve produzir, quais são suas responsabilidades. E então não seremos explorados.

Mas se você apenas pegar os afro-americanos aqui e registrá-los, então o que você vai ter serão mais pessoas cuja energia política pode ser explorada pela máquina política da cidade grande. Não achamos que isso vai resolver nossos problemas. Temos que instruir o eleitor assim como registrá-lo. A maioria dos políticos afro-americano não querem isso porque eles não têm

se empenhados realmente para resolver nossos problemas, na medida em que recebem os donativos da máquina para manter-nos sob controle. Quando as pessoas perceberem isso, elas vão acordar.

Se me permite acrescentar, uma das razões pela qual o nosso povo não está ativamente envolvido na política é - quando o líder Negro. Quando eles saem para tentar fazer com que outros Negros se registrem para votar, eles lhes dão motivos errados, geralmente, especialmente os políticos. Os jovens estudantes que estão fazendo isso hoje são um pouco diferentes. Mas o político, quando ele tenta registrá-lo para votar, ele não está interessado em torná-lo esclarecido para que possa votar. Ele quer que você permaneça na ignorância, mas registre-se. Então, talvez votem nele, ou votem em seu partido, ou naquele que ele indicar. Ele nem está interessado na sua condição. E é por isso que você encontra Negros no Harlem que não se envolvem.

Mas não pense que eles não podem se envolver. Você pode obter tantos Negros interessados em política no Harlem quanto quiser, mas você tem que lhe dar algo, lhe dar algo concreto que ele vai ver se materializar. E acho que o nosso pessoal nesta área está pronto.

Pergunta:...

Malcolm X: Bem, não precisaria ser necessariamente qualquer partido em especial para fazê-los ter algo para olhar para a frente, especialmente por aqui. É preciso algo mais para fazer as pessoas no Harlem sentirem que têm algo para olhar para frente.

Pergunta: [inaudível, pergunta sobre "pressão política" no Harlem]

Malcolm X: Não particularmente. Embora, o único poder real neste governo seja a política e o dinheiro. A única coisa que as pessoas reconhecem é poder e dinheiro. Poder, isso é tudo que eles reconhecem. É por isso que eu digo, em Mississippi, você pode amar o quanto quiser. Não reconhecem o amor, reconhecem o poder. Poder. Você pode amar, olhe quanto tempo você está amando, essa é a prova. Você os tem amado como um cego.

Pergunta: Não é amor-

Malcolm X: Sim, eu entendo, mas –

Pergunta: Não deixe o amor...

Malcolm X: Irmão, você sabe, em vários municípios agora, você tem mais Negros do que brancos. Os Negros ultrapassam os brancos. E você vê, a liberdade só vem de duas maneiras. Só há duas maneiras de uma pessoa conseguir a liberdade: seja pelo voto ou pela bala.

Pergunta: [inaudível, pergunta sobre "o motim que ocorreu no Harlem"]

Malcolm X: no Harlem?

Pergunta: Sim.

Malcolm X: Não foi um motim. Foi um massacre. Sabe o que é um massacre? Como se diz isso? Carnificina. Carnificina é o que foi. Carnificina. Aquilo não foi um motim, foi um massacre. Essa polícia amontoando brutalidade sobre as pessoas da área. Foi uma armação.

Pergunta: Eu poderia perguntar-lhe, o que foi realmente aconteceu neste chamado motim?

Malcolm X: Não foi um motim. Houve um rumor transmitido para nós, em maio, de que a polícia de Nova York durante o verão estava tentando criar problemas para que pudessem justificar uma intervenção para esmagar a organização e parar o crescimento dos grupos militantes porque eles estavam com medo de deixá-los crescer ao ponto não poder mais controlá-los.

Se você estudar as características do chamado motim, cada ação por parte da polícia no Harlem foi projetada para atrair os grupos que eles achavam que estavam equipados e prontos para fazer essa coisa. As táticas que a polícia usou foram projetadas para que as pessoas reagissem. Eles atiraram em pessoas desarmadas com o objetivo de forçá-las a lutar para que eles atirassem de volta. A polícia sabe que há tantas armas no Harlem quanto em Saigon agora. Mas nenhum dos grupos no Harlem que estavam equipados e qualificados para atacar de volta se envolveu. Nenhum deles se envolveu.

Mas a coisa toda foi criada para tentar envolvê-los a fim de que pudessem ser esmagados enquanto eles ainda estivessem em sua embrionária, o chamado estágio embrionário. Como você disse, vai além da situação do Mississippi. Mas todos os nossos problemas são os mesmos: um defeito de cor.

Pergunta...

Malcolm X: Se foi o COFO?

Pergunta: Certo.

Malcolm X: Qualquer programa projetado para obtenção do registro do nosso pessoal é bem-vindo, especialmente em Mississippi. Porque o nosso povo no Mississippi supera – há um grande percentual do nosso povo no estado do Mississippi, maior do que, provavelmente, em qualquer outro Estado. Se as pessoas no Mississippi tivessem direito ao voto, qual é o nome dele — Eastland — não estaria em Washington D.C. Nenhum desses poderosos senadores e congressistas que controlam os comitês em Washington D.C. estariam lá.

Assim, qualquer esforço por parte de qualquer grupo para registrar o nosso povo no estado do Mississippi é bem-vindo. Mas a minha única crítica é enviar pessoas na linha de frente contra inimigos bem armados e dizer-lhes: "Não briguem." Isso é loucura. Eu não posso concordar com isso. Não.

Quando aqueles três irmãos foram assassinados em Mississippi, foi uma lástima, tem sido uma lástima por parte dos grupos de direitos civis, a maneira como eles acabaram conduzindo essa coisa assim tão fácil. Quase nada aconteceu. Eles estão dizendo a todos para ser paciente, amoroso e longânimo quando o mundo inteiro está do seu lado. Se vocês fizessem um motim em Mississippi ninguém iria ficar contra você porque o mundo inteiro sabe que as pessoas lá em baixo são as piores desta terra.

Então nós vamos para a operação, mas não vamos enviar ninguém para uma linha de frente e dizer-lhes para não se proteger. Não. Então, depois que um de seus soldados é morto, todo mundo diz, bem, você deveria continuar amando-o mesmo assim. Não, eu não posso aceitar com isso.

Isso é o que divide o movimento muçulmano. Isso é o que causou a divisão no movimento Muçulmano Negro. Alguns dos nossos irmãos se machucaram e nada foi feito sobre isso. Aqueles que queriam fazer algo sobre isso foram proibidos de fazer. Então nós nos separamos.

Não, eu não concordo com qualquer tipo de ação que amarre minhas mãos e depois me coloque no ringue com Sonny Liston ou Cassius Clay. Não, não amarre minhas mãos, a menos que você amarre as suas mãos também. Então é justo.

Você não vê o homem branco mandando seu povo para a guerra em algum lugar com mãos amarradas. Não, e se aqueles dois não fossem brancos, você nem saberia o que aconteceu em Mississippi, porque eles matam Negros no Mississippi todos os dias. Desde que estamos aqui.

Eu estava na África, irmão, quando tudo isso aconteceu. E eu li sobre isso e eu sei que isso despedaçou o coração dos africanos. Porque se você tivesse jogado bombas no Mississippi você teria o mundo a seu favor.

Não estou dizendo para vocês atirarem bombas. Só estou dizendo o que aconteceria. Se eu te dissesse que, se alguém comesse a jogar bombas aqui amanhã, eles me culpariam, colocaria a culpa em mim. Eles nunca me dariam crédito, mas eles colocariam a culpa em mim.

Malcolm X: Só do Mississippi. Perguntas. Você é do Mississippi? Você aí, tem mais alguma pergunta?

Espero que não pense que estou tentando incitá-los. Mas olhe só para vocês. Alguns de vocês são adolescentes, estudantes. Agora como você acha que eu me sinto. E eu pertencço a uma geração à sua frente, como você acha que eu me sinto em ter de dizer-lhe, "nós, minha geração, sentamos sem fazer nada, enquanto o mundo inteiro estava realmente lutando por aquilo que era seus direitos humanos" - e você nasceu em uma sociedade onde você ainda tem a mesma luta. O que fizeram, aqueles te precederam? Vou dizer o que fizemos: nada. E não cometes o mesmo erro que cometemos.

Você me diz por que um homem Negro nesta sociedade tem que esperar pela Suprema Corte e um homem branco não precisa esperar pela Suprema Corte. No entanto, ambos são

homens. Você me diz por que o Congresso e o Senado precisa fazer de um homem Negro um ser humano e esse mesmo Congresso e Senado não precisa fazer de um homem branco um ser humano, se ambos são homens. Você diz, por que você precisa de uma proclamação presidencial para obter respeito e reconhecimento, e um homem branco não precisa, se nós dois somos homens.

Digo-vos porquê: não somos ambos homens. Um homem vai morrer e lutar pelo que é seu direito. E se não fizer, se não estiver pronto para lutar e morrer pelo que é seu de direito, ele não é um homem. Essa é a única maneira de encarar isso. E quando você começar a ver assim... você terá o que pertence a um homem.

Mas enquanto você sentar aqui esperando por algum tribunal, que é chefiado por um juiz da Ku Klux Klan, ou esperando por um Senado que é controlado por um senador da Ku Klux Klan, ou por um Congresso que é controlado por um congressista branco, ou pela Casa Branca que tem a mesma influência da Klan como em qualquer outra parte do país, você nunca será respeitado como um ser humano.

Devo dizer isto: Eu estive na África, eu estive no Quênia. Cinco anos atrás, um dos homens na África que tinha a pior imagem era Kenyatta. Eles tentaram fazer você e eu pensar que Kenyatta, Jomo Kenyatta era um monstro. Conheci Kenyatta. Voei com Kenyatta de Zanzibar para o Quênia e todos o respeitam. Ele é conhecido lá como o pai do país. O homem branco o respeita e o homem Negro o respeita. Cinco anos atrás, eles disseram que ele era um líder do *Mau-Mau*. E tentaram fazê-lo parecer um monstro. Contanto que ele não conquistasse sua própria independência, ele era um monstro.

Mas hoje Kenyatta é altamente respeitado, não é por acaso que quando os irmãos em Stanleyville tinham todos esses reféns no Congo, e eles tentaram salvá-los, quem eles escolheram para intermediar a conferência entre o embaixador Atwood e Tom Kanza em Nairóbi? Jomo Kenyatta. O mesmo homem que este governo e esta sociedade rotularam como um monstro há cinco anos, agora se voltam para ele quando o estadista é necessário. Ele tinha uma imagem negativa há cinco anos porque ele não negociava a liberdade. Ele estava lutando pela liberdade de seu povo por qualquer meio necessário. Agora que o seu povo conseguiu a liberdade, ele é respeitado.

E essa é a única maneira de você conseguir a liberdade sem estar confinado. Você terá liberdade quando deixar seu inimigo saber que você vai fazer qualquer coisa para obtê-la. Você vai conquistá-la. É o único jeito de você conseguir. Então, quando você tem esse tipo de atitude, eles vão rotular você como um Negro louco, vão chamá-lo de louco - eles não dizem Negro. Eles dizem, "aquele crioulo é louco." Ou eles vão chamar você de extremista ou de subversivo, ou vermelho, ou radical. Mas quando você se tornar radical o tempo suficiente e conseguir pessoas suficientes para se juntar a você, você vai ter a sua liberdade. Então, depois de obter a sua liberdade, eles vão falar sobre a grande pessoa que você é, assim como eles fizeram com Kenyatta. Então, se Lumumba tivesse vivido o suficiente e consolidado o Congo, eles fariam sobre ele como uma grande pessoa porque ele seria livre e independente.

Por isso, não seja precipitado em tentar fazer amizade com alguém que está te privando dos teus direitos. Eles não são seus amigos, são seus inimigos. Trate-os assim e lute com eles e você terá sua liberdade. E depois de ter sua liberdade, o seu inimigo vai respeitá-lo.

Digo isso sem ódio. Não tenho ódio em mim. Não tenho ódio nenhum. Mas eu tenho coerência. Acho que tenho juízo. Não vou deixar alguém que me odeia dizer-me que devo amá-lo. Não sou estúpido. E você, jovem como você é, e porque começou a refletir sobre isso, não vai fazê-lo também. A única vez que você vai entrar numa dessa é se alguém colocá-lo lá, alguém que não deseja o seu bem-estar.

Eu vou demorar só mais cinco minutos, porque Sharon Jackson me lembrou de algo que eu acho que é muito importante. Por que no início eu mencionei, quando eu estava no avião, ao lado deste homem e desta mulher por uma hora, e eles não tinham a menor ideia de quem eu era porque eles estavam procurando alguém com chifres. Geralmente, os brancos pensam que qualquer um que não seja passivo e calmo diante de sua extrema brutalidade tem chifres. Então, isso é feito por meio da imagem. Pessoas que produzem imagens usam imagens para fazer você odiar seus amigos e amar o seu inimigo. Eles usam imagens para fazer isso.

Um lugar que eles fizeram isso foi no Congo. O Congo é o lugar onde eles disseram que nós viemos. Toda a minha vida, quando eu era um garotinho, eles disseram que nós saímos da África, e eles fizeram acreditar que nós saímos do Congo porque era a suposta parte mais selvagem da África. Então você sabe, nós somos provavelmente mais intimamente relacionados com os irmãos do Congo do que qualquer outra pessoa. E quando você os ouve falando sobre

canibais, eles estão falando sobre nossos primos, sobre nossos irmãos, você sabe. Se você realmente quer acreditar. Mas eles não são canibais.

Neste país, a imagem que eles construíram é de que as pessoas no Congo são selvagens. E eles fazem isso muito habilmente, a fim de justificar a presença deles lá. Agora, quando eu estava na República Democrática, Dar es Salaam, eu acho que foi em outubro, alguns Negros americanos, afro-americanos que vivem em Dar es Salaam, veio a mim e me contou sobre este congolês que estava xingando-os. E eu perguntei a eles, por que... [lacuna na fita] ... Aldeia africana. Agora você sabe que uma vila não tem força aérea. Uma vila não tem sistema de defesa contra bombas que são jogadas sobre ela. E o piloto do avião não pode dizer em quem a bomba está sendo jogada. Está sendo jogado numa aldeia.

Então aqui você tem aviões americanos sendo pilotados pelo que eles chamam de "pilotos cubanos Anti-Castro treinados pelos americanos." Agora você vê como eles são astutos. A razão pela qual eles dizem "pilotos treinados pelos americanos" é para fazer você automaticamente ficar do lado deles porque eles são treinados pela América. A razão pela qual dizem que são pilotos cubanos é porque Castro já é um monstro e se alguém o relaciona com ele, essas pessoas que são contra Castro aceitarão o que eles dizem. É o que você chama de truque jornalístico e psicológico em sua mente.

Então você tem aviões que estão jogando bombas sobre mulheres, crianças, e bebês africanos, partindo-os em pedaços no Congo. Eles justificam isso fazendo parecer que se trata de um projeto humanitário. E eles têm grandes líderes afro-americano neste país para falar com você e dizer-lhe que a América é justificada em fazer isso. Você me mostra um grande Negro e geralmente ele é o grande Negro deles. E seu trabalho é fazer você e eu pensar que não importa quanta atrocidade eles cometam, eles sempre estarão corretos. E fazem-no com estes truques.

Como você pode justificar a queda de uma bomba em uma aldeia. Não em uma civilização que possua todas as armas de guerra, mas em uma aldeia? Não precisa jogar bomba numa aldeia que nem sequer tem espingardas. Mas isso demonstra sua completa falta de preocupação com a vida quando essa vida está revestida de uma pele negra.

Para mostrar de novo como eles são implacáveis. Eles pegam Tshombe. Tshombe é um homem Negro, mas é um assassino. Ele matou um homem chamado Patrice Lumumba a sangue

frio. E este governo levou Tshombe para Espanha. Este governo fez isso, porque eu conheço pessoas que podem dizer-lhe como determinados membros do alto Departamento do Estado deste país esteve a bordo de um avião com um certo líder africano e voou quase toda a viagem para o seu país, tentando convencer este líder africano a usar sua influência sobre outros líderes africanos para tornar Tshombe aceitável para o povo do continente africano. E isso aconteceu quase um ano antes de eles trazerem Tshombe de volta para mostrar o enredo, a conspiração em que eles estavam envolvidos.

E Tshombe é um assassino, o assassino de Patrice Lumumba. Puseram-no sobre o governo em Léopoldville, e então usaram a imprensa para produzir uma imagem aceitável dizendo que ele é o único que podia restaurar a paz no Congo. Imagine isso, ele é um assassino. É como dizer que Jesse James é o único que pode administrar o banco. Portanto, você deve deixar Jesse James administrar o banco. E a única razão pela qual o banco está em apuros é porque Jesse James estava no banco.

Então, só para adiantar. Eles pegam Tshombe e lhe dão dinheiro suficiente para ir para a África do Sul e contratar mercenários brancos, assassinos contratados para lutar por ele. Um mercenário é alguém que mata por dinheiro. Ele não mata porque é patriota. Ele não mata porque é leal. Ele mata qualquer coisa à vista por dinheiro e é para isso que a América está usando o dinheiro de seus impostos, é para sustentar um assassino Negro que contrata assassinos brancos para exterminar seu próprio povo.

Porque a América sabe que, se ela entrasse e fizesse isso, o mundo não iria apoiá-la. E então, quando esses assassinos brancos promoveram uma carnificina contra as pessoas na província oriental do Congo, os irmãos na província oriental foram obrigados a usar alguns métodos para deter esses mercenários e assassinos brancos contratados para exterminá-los. Então eles atiraram nos reféns.

A única razão de eles manterem os reféns foi para impedir que os mercenários americanos lançassem bombas sobre eles. Era a única coisa que podia fazer. Eles seguraram os reféns não porque eram canibais. E eles não comem pessoas como eles estão dizendo nos jornais. Por que esperariam até hoje para comer carne branca, uma vez que eles estiveram lá por todos esses anos? E eles estiveram lá em um momento em que eles provavelmente estavam mais saborosos do que estão agora.

No momento em que os reféns estavam sendo mantidos, o governo americano – particularmente o governo congolês de Stanleyville - enviou um emissário, Tom Kanza, seu Ministro para Assuntos Estrangeiros do Quênia e ele estava negociando com Atwood, o embaixador da América no Quênia, em uma reunião que Kenyatta estava mediando. E no momento em que isso estava acontecendo, foi então que a América enviou os paraquedistas para Stanleyville.

Em nenhum momento os africanos ou o congolês de qualquer forma queriam machucar os reféns brancos até que os paraquedistas desceram. E eu acho que foi a América que feriu mais de um. Se fossem selvagens não teriam mantido um refém branco vivo. Como você vai pular de paraquedas e salvar alguns reféns que já estão em minhas mãos, quando eu tenho metralhadoras? Não. Se eu poupei a vida de alguns, isso significa que sou humano e os tratei de forma humana porque não matei todos quando vi o teu avião chegar.

Então, essas velhas coisas que você ouve sobre o governo, tentando fazer você pensar que a intervenção dele no Congo é algo humanitário - é a operação mais criminosa já executada por um governo que se diz civilizado desde que a história foi criada. Os Estados Unidos foi o único responsável pela tragédia do Congo. E você vai ver que eles vão sofrer lá, porque a única maneira de manter Tshombe no poder é enviar mais tropas brancas. As tropas africanas não lutam por Tshombe. Ele precisa de tropas brancas. E há muitas tropas africanas que lutam contra as tropas brancas. Para que os brancos ganhem, eles terão que enviar mais brancos.

E a primeira coisa que vai acontecer, você sabe que eles vão ficar presos no mesmo tipo de situação com a qual eles se atolaram no Vietnã do Sul. Porque todas as nações africanas se unirão para lutar lá no Congo. Você não precisa de um monte de máquinas de guerra pesada para lutar uma guerra hoje em dia. Tudo que você precisa é de alguma escuridão e um pouco de equipamento de iluminação. Isso iguala as coisas.

Temos mais três minutos. Mais três minutos. Bem, eu quero agradecer a todos por dedicarem seu tempo para vir ao Harlem e especialmente aqui. Espero que você tenha tido uma melhor compreensão sobre nós. Eu falei para você de modo tão simples como costume falar, não há necessidade de interpretação. E quero que saiba que não estamos de forma alguma tentando defender qualquer tipo de ação indiscriminada e pouco inteligente. Mas nós estaremos

com você em qualquer tipo de ação inteligente na qual você esteja envolvido para proteger as vidas e as propriedades do nosso povo neste país. Qualquer tipo de ação na qual você estiver envolvido com o intuito de proteger as vidas e as propriedades do nosso povo maltratado neste país, estamos com você 1000% E se você achar que não está qualificado para fazer, temos alguns irmãos que vai dar um pulinho em Mississippi, como eu disse anteriormente, para ajudá-lo, treiná-lo e mostrar como equipar-se de tal maneira para lidar com essas pessoas do modo como elas precisam ser tratadas. E antes de terminar, deixe-me ler um desses... Gostaria de ler este - é breve - antes de sair. Diz: "Aplaudimos os esforços de James Farmer e de outros grupos dos direitos civis em bloquear a cadeira dos cinco representantes ilegais do Mississippi, quando o Congresso se reúne em 4 de Janeiro. Temos o prazer de ver a seriedade com que o Sr. Farmer e seus colegas dos direitos civis apoiam os desafios eleitorais que foram iniciados pelo partido Democrata da Liberdade do Mississippi. Como presidente da Organização da Unidade Afro-americana, quero afirmar enfaticamente que apoiamos todos os esforços intransigentes feitos por todas as pessoas bem-intencionadas na destituição dos representantes ilegais do estado do Mississippi e de qualquer outra área onde ao nosso povo é negado o direito ao voto simplesmente porque eles nasceram com pele escura.

"Visto que mais de 97 por cento dos afro-americanos apoiaram Lyndon B. Johnson, Hubert Humphrey, Robert Kennedy, e o Partido Democrático nas eleições recentes, e foi o apoio mais expressivo dado por um grupo minoritário a um partido e seus candidatos, desafiamos Lyndon B. Johnson, Hubert Humphrey, e Robert Kennedy para declararem exatamente quão a posição deles no que diz respeito à destituição desses representantes ilegais do Mississippi antes de 4 de Janeiro. " E eles devem declarar qual é a posição deles.

"Nós aplaudimos a decisão tomada pelo representante de Nova York William Fitts Ryan de bloquear o assento desses congressistas do Mississippi e a firme posição tomadas por Adam Clayton Powell. Uma vez que o prefeito Wagner estará no Harlem, no final deste ano, para obter o apoio político do nosso povo, a fim de permanecer na prefeitura, eu desafio o prefeito Wagner e seu assistente-chefe, J. Jones também deixarem quase um milhão e meio de afro-americanos da cidade de Nova York saberem qual é a posição deles com relação ao bloqueio dos assentos dos representantes ilegais antes de 4 de Janeiro.

"Eu, junto com alguns amigos, planejo estar em Washington, em 04 de janeiro como observador. Desejamos testemunhar e registrar a posição tomada pelos chamados liberais, que

buscam apoio político de nosso povo na hora da pesquisa, pois pretendemos estar 100% ativos em todas as áreas políticas de 1965 em diante. "Então, eu agradeço a vocês e espero vê-los em Mississippi em janeiro. Obrigado.

5.21 Perspectivas de Liberdade em 1965 (7 de janeiro de 1965)

Sr. Presidente, que é um dos meus irmãos, senhoras e senhores, irmãos e irmãs é uma honra para mim voltar ao Fórum Militante do Trabalho esta noite. É a terceira vez que venho aqui. Estava falando com meu irmão que provavelmente, amanhã de manhã, a imprensa tentará fazer parecer com que este pequeno diálogo, que estamos tendo aqui esta noite, tenha acontecido em Pequim ou em qualquer outro lugar. Eles têm a tendência de distorcer os fatos, fazendo as pessoas não darem a devida importância sobre o que elas ouvem, especialmente quando ouvem de pessoas que eles não podem controlar, ou, como meu irmão ressaltou, de pessoas que eles consideram "irresponsáveis".

É a terceira vez que eu tenho a oportunidade de ser um convidado do Fórum Militante do Trabalho. É sempre uma honra cada vez que vocês abrem a porta para que eu faça isso, e eu estarei bem aqui. O jornal militante é um dos melhores da cidade de Nova York. Na verdade, é um dos melhores em qualquer lugar que você vá hoje porque eu o vejo em todos os lugares que vou. Eu encontrei este jornal em Paris aproximadamente um há mês. Eles leem em Paris. Eu encontrei em alguns lugares da África onde estive durante o verão. Não sei como chegou lá. Mas se você publicar as coisas certas, o que você publicar vai circular.

Esta noite, durante o pouco tempo que temos, vamos ter um pequeno bate-papo, como irmãos, irmãs e amigos e provavelmente inimigos também sobre as perspectivas de paz, quero dizer de liberdade em 1965. Como você notou, eu quase escorreguei e disse paz. Na verdade, você não pode separar a paz da liberdade porque ninguém pode estar em paz a menos que ele tenha liberdade. Você não pode separar os dois, e é isso que torna 1965 um ano tão explosivo e tão perigoso.

O povo deste país que, no passado, estiveram em paz e foram pacíficos, agiram dessa maneira somente porque não sabiam o que era liberdade. Deixavam alguém defini-la por eles, mas hoje, em 1965, você encontra aqueles que não tiveram liberdade e não estavam em uma posição de defini-la, estão começando a defini-la. E como eles estão em uma posição de definir

a liberdade por eles próprios, eles constataram que eles não têm liberdade, e isso os tornou menos pacíficos, ou menos inclinados para a paz.

Em 1964, pessoas oprimidas em todo o mundo, na África, na Ásia e na América Latina, no Caribe, fizeram algum progresso. A Rodésia do Norte se libertou do jugo do colonialismo e tornou-se Zâmbia e foi aceita nas Nações Unidas, a sociedade dos governos independentes. Nyasaland tornou-se Malawi e foi aceito na ONU, na categoria de governos independentes. Zanzibar teve uma revolução, expulsou os colonos e seus lacaios e depois uniu-se ao que é agora conhecido como a República da Tanzânia.

Também em 1964, o povo oprimido do Vietnã do Sul, e de toda a região sudeste da Ásia foram bem-sucedidos em sua luta contra o imperialismo. Todos os cavalos do rei e todos os homens do rei não permitiram que eles unissem o Vietnã do Norte e do Sul novamente. Pequenos agricultores de arroz, camponeses armados com rifles, lutaram contra todas as armas altamente mecanizada de jatos de guerra, bombas incendiárias, encouraçados e tudo mais, e eles perderam a guerra para agricultores de arroz.

No Congo, a República Popular do Congo, sediada em Stanleyville, lutou uma guerra pela liberdade contra Tshombe, que é um agente do imperialismo ocidental, quando digo imperialismo ocidental, eu quero dizer que está sediada nos Estados Unidos, no Departamento de Estado.

Em 1964, o governo dos Estados Unidos subsidiando Tshombe, o assassino de Lumumba, e os mercenários de Tshombe, assassinos contratados da África do Sul, juntamente com o antigo poder colonial Belga, enviou paraquedistas para o Congo. Eles usaram os cubanos treinados pelos Estados Unidos para lançarem bombas sobre o povo do Congo com aviões fabricados pelos Estados Unidos, sem sucesso. A luta ainda não acabou, e o homem da América, Tshombe, está perdendo.

Tudo isso em 1964. Agora, falando assim, não quer dizer que eu seja antiamericano. Eu não sou. Não sou antiamericano. E eu não estou dizendo isso para me defender. Porque se eu fosse, teria o direito de ser diante do que a América nos fez. Este governo deve sentir-se afortunado por nosso povo não ser antiamericano. Eles deveriam levantar as mãos para o céu e dar graças a Deus que 22 milhões de afro-americanos não se tornaram antiamericanos. Você

nos deu todo o direito de ser. O mundo inteiro nos apoiaria, se nos tornássemos antiamericanos. Sabe, isso é algo para se pensar.

Mas não somos antiamericanos. Somos contra ou contra o que a América está fazendo de errado aqui e em outras partes do mundo. E o que ela fez no Congo em 1964 foi errado. Foi criminoso. E o que ela fez com o público americano, para fazê-lo ficar do lado dela, foi criminoso. O que ela está fazendo no Vietnã do Sul é criminoso. Ela está deixando os soldados americanos serem assassinados todos os dias, mortos todos os dias, morrerem todos os dias sem nenhuma razão. Isso é errado. Agora, você não pode ser tão cego com seu patriotismo a ponto de não poder enxergar a realidade. Errado é errado não importa quem faz ou quem diz.

Também em 1964, a China explodiu sua bomba, que representou um progresso científico para os povos oprimidos da China que sofreram por muito tempo. Eu, por exemplo, fiquei muito feliz em saber que os chineses estavam prontos para divulgar seu avanço científico, seu conhecimento avançado em ciência, visto que era país tão atrasado, que estava atrás de todos os países de tão pobre que era. Foi capaz de surgir com uma bomba atômica. Fiquei admirado com isso. Isso me fez perceber que as pessoas pobres podem fazê-lo, bem como pessoas ricas.

Assim, todos esses pequenos avanços foram feitos por pessoas oprimidas em outras partes do mundo durante 1964. Estes foram ganhos tangíveis, e a razão pela qual eles foram capazes de realizar esses ganhos foi porque eles perceberam que o poder era a palavra mágica, poder contra o poder. Poder em defesa da liberdade é maior do que o poder em nome da tirania e da opressão porque o poder, o poder real vem da convicção que produz ação, ação intransigente. Também produz insurreição contra a opressão. O poder é a única maneira de acabar com a opressão.

Poder nunca retrocede, apenas em face de mais poder. O poder não retrocede em face de um sorriso, ou em face de uma ameaça, ou de algum tipo de ação amorosa não-violenta. Não é da natureza do poder retroceder diante de qualquer coisa, a não ser de mais de poder. E isso é o que as pessoas perceberam no sudeste asiático, no Congo, em Cuba e em outras partes do mundo. O poder reconhece apenas o poder e todos aqueles que perceberam isso fizeram progressos.

Agora aqui na América é diferente. Quando você compara nossos avanços em 1964 com avanços que foram realizados pelos povos em outra parte do mundo, então você pode avaliar a grande fraude que os afro-americanos sofreram em 1964. A estrutura de poder começou o ano novo da mesma forma que começou em Washington outro dia. Só que agora eles chamam de..., como é isso que eles chamam? "A Grande Sociedade?" No ano passado, 1964, era suposto ser o "Ano da Promessa". Eles começaram o ano novo em Washington, D.C e na prefeitura e em Albany falando sobre o Ano da Promessa.

Mas no final de 1964, tivemos que concordar que em vez do ano da promessa, em vez das promessas materializadas, eles as substituíram por dispositivos para criar a ilusão de progresso, 1964 foi o ano da ilusão e do delírio. Só recebemos uma promessa. Em 1963, um de seus dispositivos para dissipar o auge da frustração foi a marcha sobre Washington. Usaram isso para nos fazer pensar que estávamos progredindo. Imagine, marchar em Washington e não conseguir nada.

Em 63, foi a marcha sobre Washington. Em '64, o que foi? A lei dos direitos civis. Logo depois que eles aprovaram a lei dos direitos civis, eles assassinaram um Negro na Geórgia e a justiça não fez nada sobre isso, assassinaram dois brancos e um Negro no Mississippi e a justiça não fez nada. De modo que a lei dos direitos civis não produziu nada. Foi apenas uma válvula de escape, uma saída projetada para aliviar nossas frustrações. Mas o projeto de lei em si não foi concebido para resolver os nossos problemas.

Uma vez que vemos o que eles fizeram em 1963, e o que fizeram em 1964, o que eles vão fazer agora, em 1965? Se a marcha sobre Washington foi para reduzir a tensão e a lei dos direitos civis para conter a explosão, isso é tudo o que foi projetado para fazer. Ela não foi concebida para resolver os problemas, foi concebida para conter a explosão. Todos em sua sã consciência sabem que deveria ter havido uma explosão. Você não pode ter todos esses ingredientes, os ingredientes explosivos que existem no Harlem e em outro lugar onde o nosso povo sofre e não ter uma explosão. Portanto, estes são dispositivos para atenuar o perigo da explosão, mas não projetado para remover o material que vai explodir.

O que vão nos dar em 1965? Acabei de ler que eles planejam nomear um Negro para o gabinete. Sim, eles aparecem com um novo truque a cada ano. Eles vão pegar um de seus garotos Negro e colocá-lo no gabinete para que ele possa andar em torno de Washington com

um charuto – com chamas de um lado e engano do outro. Porque o problema pessoal dele terá sido resolvido, e ele será o único a dizer ao nosso povo, "Veja o progresso que estamos fazendo. Eu estou em Washington, D.C, eu posso tomar chá na Casa Branca. Eu sou seu porta-voz, sou seu, você sabe, seu líder". Mas vai funcionar? Pode aquele, a quem eles vão colocar lá, entrar no fogo e apagá-lo quando as chamas começarem a se alastrar? Quando as pessoas tomarem às ruas com seu temperamento explosivo, será que aquele, que eles vão colocar no gabinete, será capaz de estar entre essas pessoas? Porque elas vão queimá-lo mais rápido do que aqueles a quem eles o enviaram

À nível internacional, em 1964, eles usaram a artimanha de enviar representantes Negros bem escolhidos para o continente africano cuja missão era fazer com que as pessoas daquele continente pensassem que todos os nossos problemas haviam sido resolvidos. Eles foram até lá como apologistas. Eu vi alguns deles, acompanhei alguns deles e vi a impressão que alguns deles tinham deixado lá. Sua principal missão era ir para a África defender o que é mais vital para os interesses dos Estados Unidos. Estes Toms, você não pode chamá-los de Toms hoje em dia porque eles te processam. Então esses tios Toms foram enviados para lá... não incomode o homem. Ele está fazendo o trabalho dele. Ele vai te colocar na televisão para que você seja investigado. Estes Toms não vão para a África porque eles querem aprender algo por si mesmo, ampliar seu conhecimento, ou estabelecer comunicação entre o seu povo e o nosso povo lá. Eles vão para representar o governo dos Estados Unidos. E quando eles vão, eles omitem as coisas, eles dizem que estamos bem, que a lei dos direitos civis solucionou tudo, e como o prêmio Nobel da Paz foi entregue. Oh sim, é isso que eles fazem. Na verdade, eles conseguem aumentar a lacuna que existe entre afro-americanos e os africanos. A imagem do afro-americano que eles deixam lá é tão desagradável que o africano acaba não querendo se identificar com a gente ou se relacionar conosco.

É somente quando o afro-americano de mentalidade nacionalista ou mentalidade afro-americana vai para o continente africano e estabelece linhas diretas de comunicação e deixa os irmãos africanos saberem o que está acontecendo aqui, e saber que nosso povo não é tão burro e que nós não estamos cegos para nossa verdadeira condição e posição nesta estrutura, que os africanos começam a nos entender e passa a se identificar conosco e simpatizar com nossos problemas, a ponto de estarem dispostos a fazer qualquer sacrifício necessário para ver seus irmãos, que estão há muito tempo perdidos, tenham um resultado melhor do que temos tidos até agora.

À nível nacional, em 1964, como acabei de mencionar, politicamente, o Partido Democrata Liberdade para o Mississippi levou um tapa na cara em Atlantic City durante uma convenção na qual Lyndon B. Johnson foi o líder, e Hubert Humphrey o líder adjunto e o próprio prefeito Wagner exerceu muita influência. Ainda assim, de maneira alguma, nenhuma dessa influência foi demonstrada quando estava em jogo as esperanças e aspirações dos afro-americanos do Mississippi.

Embora no início de 1964, tivéssemos sido informados de que nossos direitos políticos seriam ampliados, foi em 1964 que os dois funcionários brancos dos direitos civis, que trabalhavam com os direitos civis dos operários Negros, foram assassinados. Eles apenas estavam tentando mostrar às pessoas do Mississippi como se tornarem eleitores registrados. Este foi o crime deles. Esta foi a razão pela qual eles foram assassinados.

E a parte mais lamentável sobre o fato deles terem sido assassinados foi o fato de a própria organização dos direitos civis ser tão covarde quando se tratava de reagir da maneira como eles deveriam ter reagido contra o assassinato desses três funcionários dos direitos civis. Os grupos de direitos civis venderam esses três irmãos - venderam-nos - venderam-nos rio abaixo. Porque eles morreram e o que foi feito sobre isso? E qual é a voz que se levanta todos os dias para reclamar o assassinato daqueles três trabalhadores de direitos civis?

Então, é por isso que digo, se nos envolvermos no movimento dos direitos civis e formos ao Mississippi ou a qualquer outro lugar para ajudar nosso povo a se registrar para o voto, pretendemos nos preparar. Não pretendemos violar a lei, mas quando você está tentando se registrar para votar, você está cumprindo a lei. É aquele que tenta te impedir de se registrar para votar é quem está violando a lei, e você tem o direito de se proteger por qualquer meio necessário. E se o governo não quiser que os grupos de direitos civis sejam equipados, o governo deve fazer o seu trabalho.

Sobre o incidente do Harlem que ocorreu durante o verão quando os cidadãos do Harlem foram atacados durante um tumulto. Eu não posso dizer porque não presenciei. Nós tínhamos ouvido, muito antes de acontecer que..., recebemos a notícia de que havia pessoas na estrutura do poder que incitariam algo no Harlem para que eles pudessem classificar de tumulto - para

que assim pudessem intervir e justificar o uso de medidas necessárias para esmagar os grupos militantes que estavam ainda em estágio embrionário.

E percebendo que havia um plano em andamento para instigar algo no Harlem para que eles pudessem intervir e esmagar-nos, embora houvessem irmãos no Harlem que estavam preparados e qualificados e equipados para retaliar em situações como essa, mas propositalmente não se envolveram. E o verdadeiro milagre da explosão do Harlem foi o fato do povo do Harlem decidirem não reagir. O milagre de 1964, eu lhe direi diretamente, o milagre de 1964 durante os incidentes ocorridos no Harlem foi a restrição exercida pelas pessoas do Harlem que são qualificadas e equipadas, e o que quer que seja para se protegerem quando estiverem sendo ilegalmente, imoralmente e injustamente atacadas não ter reagido.

Um ataque ilegal, injusto e imoral pode ser feito contra você por qualquer pessoa. Só porque uma pessoa tem um uniforme não lhe dá o direito de vir e atirar nas pessoas em seu bairro. Não, isso não está certo e minha sugestão é que enquanto o Departamento de Polícia não usar esses métodos em bairros brancos, eles não devem usar em nossa comunidade. Eu não estava aqui. Estou feliz por não estar aqui durante o protesto. Porque eu estaria morto, eles teriam de me matar. Eu prefiro morrer a deixar alguém andar pela minha casa ou na minha vizinhança, onde meus filhos estão sob linha de fogo. Ou eles morreriam ou eu morreria. Não é inteligente - e tudo começou quando um garotinho foi baleado por um policial e a justiça o libertou da mesma forma que libertou o xerife que matou os três funcionários dos direitos civis no Mississippi.

Estou quase terminando. Estou antecipando esta noite porque estou com excesso de trabalho. Quero dizer, estou otimizando meu tempo não me apressando. Em 1964 ainda tínhamos conosco os proprietários das casas da favela, pessoas que possuem as casas, mas não moram lá, geralmente eles moram em Grand Concourse ou em algum outro lugar. Eles colaboram com a NAACP e CORE e todas as organizações de direitos civis, dando-lhe dinheiro para sair e fazer piquete, e eles são os proprietários da casa em que você está fazendo os piquetes.

Essas más condições habitacionais que continuam a existir, causando problemas de saúde ao nosso povo – as taxas mais altas de mortalidade infantil e adulta do país são do Harlem. Eles nos prometeram empregos e ao invés disso nos deram cheques de auxílio-desemprego,

ainda estamos desempregados. O serviço de assistência social está cuidando de nós, fazendo-nos de mendigos, roubando-nos nossa dignidade, nossa masculinidade.

Então, eu ressalto que 1964 não foi o ano da promessa, como foi prometido em janeiro daquele ano. O sangue fluiu nas ruas do Harlem, Filadélfia, Rochester, em alguns lugares em Nova Jersey e em outras partes.

Em 1965, mais sangue será derramado. Mais do que você jamais imagina. Vai fluir tanto do bairro popular como da área nobre da cidade. Por quê? Por que vai fluir? As causas que o fizeram a fluir em 64 foram removidas? As causas que fizeram isso fluir em '63 foram removidas? Não, as causas continuam aí.

Em 1964, 97% dos eleitores afro-americanos apoiaram Lyndon B. Johnson, Hubert Humphrey e o Partido Democrata. Noventa e sete por cento. Nenhum grupo minoritário na história do mundo jamais deu tanto apoio a um candidato e a um partido. Ninguém, nenhum grupo jamais conseguiu apoiar um partido e seu candidato assim como nós nos Estados Unidos, em 1964.

E o primeiro ato do Partido Democrata de Lyndon B, em 1965, quando os representantes do estado do Mississippi, que se recusaram a apoiá-lo, chegaram a Washington e os afro-americanos do Mississippi enviaram representantes para contestar a legalidade da posse dessas pessoas, o que Johnson disse? Nada! O que Humphrey disse? Nada! O que Robert Bonitinho Kennedy disse? Nada! Nada! Nem uma palavra! Estas são as pessoas que nós apoiamos. Este é o partido que nós apoiamos. Onde eles estavam quando precisávamos deles há alguns dias em Washington, DC? Eles estavam onde sempre estão – sentados em algum lugar na sala de bilhar ou na galeria.

Em 1965, os Negros não serão controlados por esses líderes do Tio Tom, acredite em mim, eles não serão mantidos sob controle, eles não serão mantidos na plantação por esses superintendentes, eles não serão mantidos no curral, eles não serão retidos.

A frustração desses representantes afro-americanos do Mississippi quando chegaram a Washington D.C. outro dia pensando - você sabe, que a Grande Sociedade iria incluí-los - apenas para ter a porta fechada na cara deles daquele jeito - é isso que os faz pensar. É isso que

os faz perceber o que eles estão enfrentando. É esse tipo de frustração que produziu o movimento *Mau-Mau*. Eles chegaram ao ponto em que viram que é preciso poder para dialogar com o poder. É preciso poder para fazer o poder respeitar você. Isso quase os levou à loucura, lidar com uma estrutura de poder tão corrupta.

Então, em 1965, deveremos ter muita ação. Como os métodos antigos não funcionaram, eles serão forçados a tentar novos métodos.

5. 22 Pierre Berton entrevista Malcolm X (19 de janeiro de 1965)

[**Pierre Berton** começa perguntando a Malcolm sobre o seu rompimento com Elijah Muhammad.]

Malcolm X: Bem, ele se apresentou para nós como um profeta visitado e ensinado por *Allah*, alguém a quem foi dado uma análise dos problemas dos afro-americanos e esse mesmo Deus também havia dado uma solução, e enquanto eu acreditava nele como homem, eu realmente pensei que ele tinha sido ensinado e comissionado por *Allah* para resolver os problemas do nosso povo na América. Então, eu soube de algo sobre a vida pessoal dele que ele admitiu para mim quando o confrontei com isso. Mas quando chegou a hora de ele dar os passos que um homem daria para corrigir o erro, descobri que sua capacidade de ser homem havia falhado. Por isso deixei de respeitá-lo como homem, pude ver que ele também não era divino. *Allah* não estava com ele.

Berton: Suponho que não queira discutir essa coisa específica da vida pessoal dele?

Malcolm X: Bem, discutindo isso pode elevar a audiência do seu programa.

Berton: Tudo bem, não vamos discutir isso, mas pareceu-me que na época havia outras razões para o seu rompimento com Elijah Muhammad. Na época do assassinato do presidente Kennedy, você fez uma declaração que parecia indicar que estava satisfeito por ele ter sido assassinado. Certamente, naquela época, Elijah Muhammad indicou que você deveria ser demitido ou suspenso do movimento Muçulmano Negro. O que você tem a dizer sobre isso?

Malcolm X: Eu tinha escolhido um assunto para meu tópico naquele dia, uma abordagem que tinha o objetivo de mostrar que as sementes que a América havia semeado - na escravidão, em

muitas das coisas que se seguiram desde então - todas essas sementes estavam surgindo hoje, era a época da colheita. No final desta palestra em particular, durante o período de perguntas e respostas, alguém me perguntou o que eu achava do assassinato do presidente Kennedy. Em consonância com o tema que eu tinha acabado de discutir, falei que era um caso de galinhas retornando ao poleiro, eu quis dizer que isso era o resultado de sementes que haviam sido semeadas, que essa era a colheita. Isso foi tirado do contexto, e relatado em um dos jornais, e Elijah Muhammad, que estava esperando uma oportunidade para me suspender e obter o apoio do público, aproveitou essa oportunidade. Ele deu a impressão de que eu estava dizendo algo contra o próprio presidente porque ele sabia que o público não concordaria com isso.

Berton: Como você se sentiu sobre o assassinato do presidente nessa conexão? Você ficou incomodado com isso? Você ficou irritado com isso? Ou você ficou exultante?

Malcolm X: Não. Eu fui realista, pois, estando na vanguarda dessa luta do homem Negro na América - em sua busca por respeito como ser humano - eu tinha visto as repercussões multifacetadas desse ódio tomando conta do público americano. Acho que muitos dos políticos aproveitaram-se disso e exploraram para seu próprio benefício pessoal. Então, para mim, a coisa toda foi um caso de política, de ódio e uma combinação com outras coisas.

Berton: Parece-me que havia muito de ódio no movimento Muçulmano Negro.

Malcolm X: Bem, eu não vou negar isso. Mas, ao mesmo tempo, eu não acho que o movimento Muçulmano Negro e seu ódio possam ser classificados com o mesmo grau ou tipo de ódio que você encontra na própria sociedade americana porque o ódio, assim chamado, que você vê entre os Negros é uma reação ao ódio da sociedade que os rejeitou. Nesse sentido, não é ódio.

Berton: Não estou dizendo que o ódio, ou o que quer que seja não seja compreensível. Estou perguntando se é eficaz lutar contra o ódio com ódio?

Malcolm X: Na minha opinião, eu acho que não é justo classificar a reação de pessoas que estão sendo oprimidas como ódio. Elas estão reagindo ao ódio que a sociedade coloca sobre elas ou praticam contra elas.

Berton: Deixe-me perguntar-lhe isto sobre o seu Deus, Sr. X. ele tem alguma cor? Ele é negro?

Malcolm X: Não.

Berton: Ele é branco?

Malcolm X: Como muçulmano Negro, que acreditava no que Elijah Muhammad ensinava, eu considerava Deus como ele ensinava, como um homem Negro. Tendo desde então entrado no mundo muçulmano e compreendido melhor a religião do Islã, creio que Deus é o ser supremo e a cor não desempenha nenhum papel em seu ser.

Berton: De fato, não é o Deus dos muçulmanos, dos judeus e dos cristãos realmente o mesmo Deus?

Malcolm X: Se eles acreditam no Deus que criou o universo, então todos nós acreditamos no mesmo Deus. Eu acredito no Deus que criou o universo. Os muçulmanos o chamam de *Allah*. Os cristãos, talvez, o chamem de Cristo ou de outro nome. Os judeus o chamam de Jeová e ao se referirem a ele, querem dizer “o criador”. Todos estamos nos referindo ao mesmo Deus.

Berton: Agora, deixe-me mudar brevemente de assunto e perguntar o que você quer dizer quando diz que os Muçulmanos Negros não são militantes o suficiente. Sua nova organização, eu entendo, será mais militante que eles. De que maneira?

Malcolm X: Bem, primeiro, o movimento Muçulmano Negro professa ser um movimento religioso. Eles professam a religião do Islã. Mas o mundo muçulmano o rejeitou como um grupo islâmico autêntico, por isso caiu em um vácuo religioso - ou uma espécie de híbrido religioso. Ao mesmo tempo, o governo dos Estados Unidos tentou manobrá-los com a imprensa, criando uma imagem política em vez de religiosa. Então, eles passaram a ser conhecidos como um grupo político. No entanto, ao mesmo tempo, não votaram, não participaram de nenhuma política, não se envolveram ativamente na luta pelos direitos civis, por isso, tornou-se tanto um híbrido político como um híbrido religioso. Agora, por outro lado, o movimento atraiu os afro-americanos mais militantes da América, os mais insatisfeitos, os jovens mais intransigentes deste país, atraindo-os, transformando-os moralmente, mas ao mesmo tempo não deixou que eles participassem da luta. Isso criou muita desilusão, insatisfação, dissensão e eventualmente divisão. Eu faço parte daqueles que se dividiram.

Nós criamos a Mesquita Muçulmana Incorporated, que é baseada no Islã ortodoxo, como grupo religioso a fim de que pudéssemos entender melhor nossa religião. Mas sendo afro-americanos, apesar de sermos muçulmanos que acreditam na fraternidade, também percebemos que nosso povo tem um problema na América que está além da religião. Percebemos que muitos de nós não vão se tornar muçulmanos, muitos deles nem sequer estão interessados em religião. Assim, criamos a Organização da Unidade Afro-americana, uma organização não-religiosa, para que todos os afro-americanos pudessem participar e desempenhar um papel ativo na eliminação dos males políticos, econômicos e sociais com os quais todos nós somos confrontados.

Berton: Essa "luta", que forma vai tomar? Você fala em dar à Ku Klux Klan uma oportunidade de provar do seu próprio veneno. Isso está em oposição direta à teoria da não-violência do Dr. Martin Luther King, que não acredita em retaliação. O que você quer dizer com “provar do próprio veneno”? Você vai queimar cruces de fogo em seus gramados? Você vai explodir igrejas com crianças da Ku Klux Klan dentro? O que você vai fazer?

Malcolm X: Bem, eu acho que a única maneira de duas raças diferentes se entenderem é: em primeiro lugar, elas precisam entender uma a outra. Isso não pode ser feito senão através da comunicação, do diálogo - e você não pode se comunicar com uma pessoa a menos que fale a língua dela. Se a pessoa fala francês, você não pode falar inglês ou alemão.

Berton: Também temos esse problema no nosso país?

Malcolm X: Na América, nosso pessoal até agora não conseguiu falar o tipo de linguagem que os racistas entendem. Por não falarem essa língua, não conseguem se comunicar de modo que o racista não acredita realmente que o afro-americano seja um ser humano – seja parte da família humana. Não há comunicação. Então, eu acredito que a única maneira de se comunicar com esse elemento é estar em posição de falar sua língua.

Berton: E essa linguagem é da violência?

Malcolm X: Eu não chamaria de violência. Eu acho que eles deveriam saber que, sempre que entrarem em uma comunidade afro-americana e infligirem violência aos membros dessa

comunidade, devem saber de antemão que essa comunidade pode responder da mesma forma. Assim, eles estariam menos propensos a entrar.

Berton: Vamos ser específicos aqui: suponha que uma igreja seja bombardeada. Vai bombardear de volta?

Malcolm X: Eu acredito que qualquer área dos Estados Unidos, onde o governo federal tem mostrado ineficácia, falta de interesse ou incapacidade de proteger as vidas e a propriedade do afro-americano, então é hora de eles se unirem e fazerem o que for preciso para termos o tipo de proteção que precisamos.

Berton: "O que for necessário?"

Malcolm X: Eu quero dizer apenas isso, o que for necessário. Isso não significa que devemos sair e iniciar atos de agressão indiscriminadamente na comunidade branca. Mas significa que, se quisermos ser respeitados como seres humanos, devemos nos reservar o direito de nos defender por qualquer meio necessário. Isso é reconhecido e aceito em qualquer sociedade civilizada.

Berton: Algumas pessoas vão a julgamento no Mississippi pelo assassinato de três trabalhadores dos direitos civis. Há algumas testemunhas que identificaram os assassinos, mas o sentimento geral é que eles vão ser absolvidos. Você fará alguma coisa sobre isso se eles forem absolvidos?

Malcolm X: Eu não diria.

Berto: Não quer dizer?

Malcolm X: Porque se algo acontecer a eles, eles vão me culpar. Mas eu diria que em uma sociedade onde a lei em si é incapaz de levar assassinos confessos à justiça, é historicamente demonstrável que as pessoas bem-intencionadas daquela sociedade sempre se unirão de uma forma ou de outra para ver sua sociedade protegida contra atos repetitivos por esses mesmos assassinos.

Berton: O que você está falando aqui é um movimento de vigilância.

Malcolm X: Tem existido movimentos de vigilância na comunidade branca de toda a América, mas a comunidade negra ainda tem que formar um comitê de vigilância. É por isso que não somos respeitados como seres humanos.

Berton: Você está treinando homens para usar métodos agressivos? Você está treinando homens como o movimento Muçulmano Negro treinou o núcleo de elite, conhecido como o fruto do Islã? Você já tem iniciantes que sabem lutar?

Malcolm X: Sim.

Berton: Que sabe como usar soqueiras e armas?

Malcolm X: Sim. O Negro na América não precisa de muito treinamento. A maioria deles esteve no exército - já foi treinado pelo próprio governo. Eles ainda não foram treinados para pensar por si mesmos e, portanto, nunca usaram esse treinamento para se protegerem.

Berton: Você tem um quadro específico de caras tão jovens e durões trabalhando para você ou operando sob sua égide?

Malcolm X: Nós não somos um esquadrão militar, nem queremos passar a imagem de que queremos ser durões. Estamos apenas tentando ser reconhecidos e aceitos como seres humanos. Mas não achamos que a humanidade nos reconhecerá ou nos aceitará como tal, até que ela saiba que faremos tudo para proteger nossos direitos humanos, como os outros fazem.

Berton: Você está preparado para enviar esquadrões de patrulha para áreas onde os Negros foram oprimidos sem qualquer ajuda legal?

Malcolm X: Estamos preparados para fazer o que for necessário para que o nosso povo, onde quer que esteja, tenha o tipo de proteção que o governo federal se recusa a dar a eles.

Berton: Ok. Você ainda acredita que todos os brancos são diabos e todos os Negros santos, como eu tenho certeza que você afirmava quando esteve sob a liderança do movimento Muçulmano Negro?

Malcolm X: Isso é o que Elijah Muhammad ensina. Não, eu não acredito nisso. Eu acredito, como ensina o Alcorão, que um homem não deve ser julgado pela cor de sua pele, mas sim por seu comportamento consciente, por suas ações, por sua atitude em relação aos outros e suas ações em relação aos outros.

Berton: Agora, antes de você deixar Elijah Muhammad e ir para Meca e ver o mundo Islã original você acreditava na completa segregação entre brancos e Negros. Você se opunha à integração e ao casamento misto. Você mudou sua opinião?

Malcolm X: Eu acredito em reconhecer todo ser humano como ser humano, nem branco, nem preto nem marrom nem vermelho. Quando você está lidando com a humanidade como uma única família não há questão de integração ou casamento inter-racial. É apenas um ser humano se casando com outro ser humano, ou um ser humano convivendo com outro ser humano. Eu posso dizer, no entanto, que o fardo por defender tal posição não pode ser colocado sobre o homem Negro. Porque é o homem branco que demonstra coletivamente ser hostil em relação à integração e ao casamento misto e a esses outros passos dados em direção à unidade. Então, como Negro, e especialmente como Negro americano, não acho que teria de defender qualquer atitude assumida anteriormente. Porque ainda é uma reação da sociedade e é uma reação que foi produzida pela sociedade branca. E eu acho que a sociedade que produziu isso é que deveria ser atacada, não a reação que se desenvolveu entre as pessoas que são vítimas dessa sociedade negativa.

Berton: Mas você já não acredita em um estado Negro?

Malcolm X: Não.

Berton: Na América do Norte?

Malcolm X: Não. Eu acredito em uma sociedade em que as pessoas possam viver como seres humanos com base na igualdade.

Berton: Então, você mudou consideravelmente com sua visita ao mundo muçulmano e especificamente a Meca. Isso produziu emoções violentas dentro de você? Quando as pessoas perdem sua fé ou mudam sua fé ou renovam sua fé, elas geralmente sofrem terríveis conflitos internos.

Malcolm X: Oh sim. Eu confesso sinceramente que é impossível acreditar tão fortemente em um homem como eu acreditei em Elijah Muhammad e ele ter me decepcionado – ou me desapontado dessa forma, sem que não se crie um grande conflito interno. Uma das coisas pelas quais sou grato a religião do Islã é o fato de ela ser suficientemente forte em si mesma, de modo que, quando se amplia a compreensão dela, ela dá força interior que nos ajuda a enfrentar algumas dessas crises ou testes com os quais nos confrontamos.

Berton: Houve uma conversa, acho que, por você e Elijah Muhammad sobre um Armagedom nos Estados Unidos em 1984. Eu estou querendo saber se você ainda acredita nisso e por que essa data em particular?

Malcolm X: Eu francamente não acredito. Muito do que Elijah Muhammad ensinou, eu acho que nem ele mesmo acreditava. Eu digo isso e posso facilmente sustentar na presença dele. Mas quando se trata de um confronto final entre o Oriente e o Ocidente, bem, penso que uma análise objetiva dos eventos que ocorrem hoje na terra aponta para algum tipo de confronto final. Você pode chamar isso de confronto político ou mesmo de confronto entre os sistemas econômicos existentes na Terra que quase se resumem a linhas raciais. Eu acredito que haverá um confronto entre o Oriente e o Ocidente. Acredito que haverá um choque entre oprimidos e opressores. Acredito que haverá um choque entre aqueles que querem liberdade, justiça e igualdade para todos e aqueles que querem perpetuar os sistemas de exploração. Eu acredito que haverá esse tipo de confronto, mas eu não acho que isso será baseado na cor da pele como Elijah Muhammad ensinou. No entanto, acho que você descobrirá que se as potências europeias, que são as antigas potências coloniais, não forem capazes de reajustar seu sentimento de superioridade em relação às pessoas de pele mais escura, que foram ensinadas a pensar que são inferiores, então as linhas podem ser facilmente desenhadas. Eles podem ser facilmente agrupados em grupos raciais e será uma guerra racial.

5.23 Sobre a História Afro-americana (24 de janeiro de 1965)

Irmãos e irmãs, primeiro eu quero, como o irmão James ressaltou, agradecer, como fazemos a cada semana, ou temos feito a cada semana. Parece que durante o mês de janeiro não nevou, choveu ou caiu granizo ou houve qualquer mudança no tempo até sábado à noite, e o tempo ficou assim de sábado para domingo, e então, o sol volta a brilhar na segunda-feira. Mas desde que eu era um menino, eu aprendi que uma das coisas que faz você crescer como ser humano são os testes, provações e tribulações. Se você consegue passar pela neve, pela chuva e pelo granizo, sabe que poderá passar facilmente quando o sol brilhar e tudo estiver em harmonia. Então, fico feliz em ver que muitos de vocês que estão aqui esta noite, não deixaram nada atrapalhar, ou seja, o tempo está bom.

Durante as próximas três semanas, vamos ter uma série de palestras visando obter uma melhor compreensão do passado, eu deveria dizer um melhor conhecimento do passado para que possamos entender o presente e nos preparar melhor para o futuro. Não acho que nenhum de vocês vai negar o fato de que é impossível entender o presente ou se preparar para o futuro, a menos que tenhamos algum conhecimento do passado. E o que tem mantido a maioria de nós - isto é, os afro-americanos - quase paralisados nesta sociedade tem sido a total falta de conhecimento sobre o passado. A primeira coisa que nos diferencia de outras pessoas é a falta de conhecimento sobre o passado. Prova disso é que: quase qualquer outra pessoa pode entrar neste país e contornar as barreiras e os obstáculos que não podemos contornar. E a única diferença entre eles e nós, é que eles sabem algo sobre o passado deles, e por conhecê-lo, eles sabem algo sobre eles mesmos, eles têm uma identidade. Mas em que você e eu diferimos deles é principalmente a falta de conhecimento sobre nosso passado.

E esta noite, é sobre isso que gostaríamos de falar. No próximo domingo à noite, é nossa intenção falar sobre o presente, sobre alguns dos truques usados para nos manter no nível em que estamos fazendo-nos pensar que estamos indo para frente quando na verdade estamos parados. E depois, na terceira noite de domingo, a trigésima primeira, a intenção da Organização da Unidade Afro-americana é descrever o que achamos que são os melhores passos a serem dados, e oferecer um programa que sentimos que no Harlem, as pessoas no Harlem poderão participar para que esse objetivo ou solução se torne realidade. Quando você lida com o passado, você está lidando com a história, você está lidando com a origem de uma coisa. Quando você conhece a origem, você conhece a causa. Se você não sabe a origem, não sabe a causa. E se você não sabe a causa, você não sabe o motivo, você fica em estado de suspensão, você é deixado no ar. Assim, o passado lida com a história ou a origem de qualquer coisa - a origem

de uma pessoa, a origem de uma nação, a origem de um incidente. E quando você conhece a origem, você obtém uma melhor compreensão das causas que a produziu, qualquer que seja a origem e a razão de sua origem e sua razão de seu ser.

É impossível para nós ter uma mente equilibrada nesta sociedade sem possuir o conhecimento do passado porque nesta sociedade em particular, a medida em que funcionamos e nos adequamos a ela, somos oprimidos, somos pisoteados, somos vistos como quase nada. Agora, se não voltarmos ao passado e descobirmos como chegamos a essa condição, pensaremos que sempre fomos assim. E se você acha que sempre esteve na condição na qual está agora, será impossível ter confiança em si mesmo, você se sentirá inútil, quase um nada. Mas quando você se volta ao passado e descobre onde você esteve uma vez, então você saberá que nem sempre esteve neste nível, você descobre que já esteve em um nível mais alto, que fez grandes realizações, contribuições para a sociedade, para a civilização e para a ciência e assim por diante. E você toma consciência de que se você fez isso uma vez, você pode fazer de novo. Você recebe automaticamente o incentivo, a inspiração e a energia necessária para duplicar o que nossos antepassados fizeram anteriormente. Mas mantendo-nos completamente afastados de nosso passado, torna-se fácil para o homem que exerce poder sobre nós nos deixar dispostos a permanecer nesse nível porque pensaremos que sempre estivemos nesse nível, um nível baixo. É por isso que eu digo que é muito importante para nós passarmos algum tempo hoje aprendendo algo sobre o passado a fim de que possamos entender melhor o presente, analisá-lo e depois fazer algo a respeito.

Uma das principais coisas que você vai encontrar quando comparar as pessoas que vêm aqui nas noites de domingo com outras pessoas vão a outros lugares é que aqueles que vêm para cá e têm interesses que vão além dos interesses locais ou mesmo dos interesses nacionais. Eu acho que você vai descobrir que a maioria das pessoas que vem aqui não está interessado apenas em coisas locais e coisas nacionais, mas também em coisas internacionais.

A maioria dos afro-americanos que vão a outras reuniões geralmente está interessada em coisas locais – Harlem é isso, ou Mississippi é isso - nacional. Mas raramente você os vê interessados em coisas que estão acontecendo em todo o mundo, porque eles não sabem que papel eles desempenham nas coisas que acontecem no mundo.

Nós viemos aqui porque não só vemos a importância de ter uma compreensão das coisas locais e nacionais, mas hoje vemos a importância de ter uma compreensão das coisas a nível internacional, e onde o nosso povo, o afro-americano neste país, se encaixa nesse esquema de coisas em que as questões internacionais estão em causa. Nós saímos porque nosso escopo é amplo, nosso escopo é internacional e não nacional e nossos interesses são internacionais e não nacionais. Nossos interesses são mundiais e não limitados apenas as questões americanas ou de Nova York e Mississippi. E isso é muito importante.

Você pode conversar com uma pessoa e em cinco minutos descobrir se o escopo dessa pessoa é amplo ou restrito, se essa pessoa está interessada em coisas que estão acontecendo no bloco onde ele mora ou se está interessado em coisas que estão acontecendo em todo o mundo. Agora, as pessoas que têm a mente limitada porque o conhecimento delas é limitado, acham que elas são afetadas apenas por coisas que acontecem em sua comunidade. Mas quando você encontra uma pessoa que tem conhecimento das questões globais, ela percebe que o que acontece no Vietnã do Sul pode afetá-la mesmo se ele estiver vivendo em St. Nicholas Avenue, ou o que está acontecendo no Congo afeta a sua situação na Eighth Avenue ou Seven Avenue ou Lenox Avenue. A pessoa que percebe o efeito que as coisas em todo o mundo têm sobre sua comunidade, sobre seu salário, sobre sua recepção ou falta de recepção na sociedade, imediatamente se interessa por questões internacionais. Mas se o escopo de uma pessoa for tão limitado a ponto de ela achar que as coisas que a afetam são apenas aquelas que acontecem do outro lado da rua ou do centro da cidade, então ele só se interessa em coisas que estão acontecendo do outro lado da rua e do centro.

Assim, um dos nossos maiores desejos aqui nas reuniões da Organização da Unidade Afro-Americana é tentar ampliar o escopo e até mesmo os hábitos de leitura da maioria de nosso povo, que precisa ampliar seu escopo e seus hábitos de leitura. Outra coisa que você descobrirá é que aqueles que vão para outros lugares geralmente se consideram minoria. Se você notar, em toda a sua luta, programação, ou até mesmo no clamor ou reivindicação, eles até se referem a si mesmos como uma minoria, e eles usam uma abordagem minoritária. Por minoria, eles querem dizer que são menos que qualquer outra coisa, ou são superados em número, ou que as probabilidades são contra eles - e esta é a abordagem que eles usam em seu argumento, em sua demanda, em sua negociação.

Mas quando você encontra aqueles dentre nós que têm seguido o pensamento nacionalista que prevalece no Harlem, não nos consideramos uma minoria porque não pensamos em nós mesmos apenas dentro do contexto americano ou do cenário americano, em que seríamos uma minoria. Pensamos nas coisas do mundo ou como o mundo é, pensamos em nossa parte no mundo e não nos vemos como uma minoria afrodescendente no cenário americano branco, mas sim nos vemos como parte da maioria afrodescendente que agora prevalece no cenário mundial. E quando você pensa assim, automaticamente, quando percebe que faz parte da maioria, você aborda seu problema como se as probabilidades estivessem a seu favor, em vez de as probabilidades estarem contra você. Você aborda reivindicando seus direitos em vez de usar a abordagem da mendicância.

E esta é uma das coisas que assusta o homem branco. Enquanto o homem Negro na América pensar em si mesmo como uma minoria, como um azarão, ele nunca poderá gritar, ou se ele gritar, ele vai gritar apenas na medida em que a estrutura de poder o encoraja a fazer. Ele nunca será intransigente. Ele nunca irá além do que a estrutura de poder permitir. Mas quando você começa a se conectar com o cenário mundial com toda a humanidade africana, e você percebe que você é maioria e essa maioria está acordando e se levantando e se tornando forte, então quando você lida com esse homem, você não lida com ele como se ele fosse seu chefe ou melhor do que você ou mais forte do que você. Você o coloca no lugar onde ele pertence. Quando você percebe que ele é minoria, que seu tempo está se esgotando, você se aproximará dele assim, você se aproximará dele como alguém que costumava ser forte, mas que agora está enfraquecendo, que costumava estar em posição de retaliar contra você, mas agora não está mais nessa posição.

Quando você conversa com alguns afro-americanos e fala como se tudo estivesse a seu favor, eles acham que você é louco. Mas eles acham que você é louco porque eles não podem ver o que você vê. Tudo o que eles veem é Charlie, tudo o que eles veem é o homem branco. E porque isso é tudo que eles veem, isso o faz parecer gigante. Mas quando você olha para além do homem branco. Você percebe que as nações da terra, que são negras, marrons, vermelhas e amarelas, que costumavam se curvar diante dele, agora estão se levantando. E quando você constata que você tem mais semelhanças com eles do que com tio Sam. E então você percebe que tem relação com eles, enquanto, anteriormente, tentava se relacionar com tio Sam. Quando você se relaciona com eles, você está se relacionando com a maioria. Mas quando você se

relaciona com o Tio Sam, você automaticamente se torna uma parte da minoria. Você entende? Ele nos examina o tempo todo.

Ele tem a comunidade negra de toda esta terra sempre sob um microscópio, assim como em um laboratório de cientistas, para descobrir como você está pensando, para se manter atualizado sobre como você pensa, da batida do seu pulso – se está batendo muito forte? ou se sua temperatura está muito quente ou está fria? Ele quer saber como você pensa e como se sente. Se você estiver trabalhando em uma temperatura da qual ele não é responsável, isso o preocupa. Enquanto sua temperatura aumentar por causa da pressão dele, tudo bem. Mas se ele vê você tendo reações motivadas por algo que está fora daquilo que ele planejou, então ele começa a se preocupar. Ele acha que alguma outra coisa está te influenciando e te controlando além do controle e influência dele. E ele começa a se preocupar quando você começa a ficar assim.

Seja nas reuniões da Organização da Unidade Afro-americana ou não, seja na igreja ou na loja ou em qualquer lugar, há uma coisa que todos concordam - que o mundo está com problemas. Quer você vá à igreja, à mesquita, à sinagoga, o ateu vá ao salão de sinuca, ou em outro lugar, há uma coisa com a qual todos têm que concordar. O fato de que o mundo está em apuros. Há muitos eventos diferentes no mundo hoje que poderiam causar uma crise. E existe vários problemas desde que a China explodiu a bomba atômica. Antigamente, quando apenas as nações brancas a possuíam, eles seguiam certas regras, regras estabelecidas por eles. Eles sempre fizeram isso. Eles estabelecem regras, mas as regras são sempre a favor deles. Mas eles já aprenderam através da história que a nação africana, que se tornaram verdadeiramente independente intelectualmente, não necessariamente segue suas regras. Os japoneses provaram isso quando bombardearam Pearl Harbor. Eles poderiam sorrir e deixar você tê-la. Bem, isso é verdade. E isso está além das regras básicas que eles estabeleceram para obter resultados inesperados.

Agora, desde que os japoneses provaram seu poder bélico em Pearl Harbor, que é uma ação inteligente na minha opinião, eu acho que ninguém deve dizer a outra pessoa o que eles devem fazer. Eles deveriam ir em frente e fazê-lo, e é isso. Porque se você diz que vai fazer e não faz isso fica mal, não só você fica mal, mas você acaba comprometendo sua imagem. Então é melhor ir em frente e fazer. Eu acho que eles adotaram a filosofia adequada lá. E os chineses podem fazer ainda melhor do que isso. Eles têm mais pessoas para fazer isso e agora eles têm mais poder bélico para fazer isso.

Então, estamos vivendo em tempos difíceis. Estamos vivendo em um momento em que tudo pode acontecer. Alguns anos atrás, isso não seria possível a menos que tio Sam dissesse, ou a menos que Khrushchev dissesse, ou a menos que de Gaulle dissesse. Mas agora isso pode acontecer a qualquer momento. Não está no poder apenas de uma raça dizer quando isso ou aquilo pode acontecer, agora isso pode ser desencadeado por nações não brancas. Então o mundo está em apuros.

Outra característica desta época em que estamos vivendo, e que está tornando o mundo conturbado, é o fato de que as nações africanas estão crescendo. E quando o continente se elevar e o mundo branco declinar. É impossível as nações africanas aumentar seu poder e força sem que o poder e a força do mundo branco diminuam. É assim que funciona, é quase matemático. Se houver tanto poder e tudo isso for parar lá, bem, a única maneira desse homem conseguir alguma coisa aqui é tirando o poder daqueles que estão lá. Isso é um fato claro.

Até recentemente, todo o poder estava concentrado na Europa, tudo estava nas mãos do homem branco. A base do poder estava em Londres, Paris, Bruxelas e Washington, DC, e alguns lugares como esse. Agora as bases do poder estão mudando. Você tem uma base de poder em Acra, Gana na África. Outra base de poder em Zanzibar, outra base de poder no Cairo, outra base de poder na Argélia, outra base de poder em Tóquio, outra base de poder em Pequim. Bem, à medida que essas bases de poder aumentam, a Europa como base de poder diminui. E isso é o que está causando problemas. O homem branco está preocupado. Ele sabe que não agiu correto quando estava no poder e se a base de poder mudar, caindo nas mãos daqueles que sabem realmente como agir corretamente. A ascensão do continente africano está provocando a queda do mundo branco.

E eu tenho de salientar algo aqui, o que estou dizendo não é racista. Não estou falando de modo racista, não estou condenando todos os brancos. Só estou dizendo que no passado, o mundo branco estava no poder. Isso é história, isso é fato. Eles chamavam de história europeia, ou colonialismo. Eles governaram todo o continente africano. Agora, quando eles estavam no poder e tinham tudo a seu favor, eles não chamavam isso de racismo, eles chamavam de colonialismo. E eles também estavam felizes quando podiam se levantar e dizer quanto poder tinham. A Grã-Bretanha se gabava dizendo que o sol nunca se punha sobre seu império. Seu império era tão vasto, você sabe, que o sol nunca podia se pôr sobre ele. Eu ouvi Churchill dizer

isso, e Macmillan, e alguns dos outros que estavam no poder diziam a todos o que eles tinham de fazer.

Mas agora o sapato está no outro pé. Não há nenhuma nação hoje que possa se gabar que seu poder é ilimitado, ou que pode tomar ação unilateral em qualquer área da Terra que eles desejem. Nenhuma nação branca pode fazer isso. Mas vinte anos atrás eles podiam fazer isso. Vinte anos atrás, os Estados Unidos podiam fazer, a Inglaterra podia fazer, a França podia fazer, até mesmo a pequena e velha Bélgica podia fazer e a Holanda podia fazer. Mas eles não podem fazer isso agora porque a base do poder está mudando. E é isso que você e eu temos de entender, na verdade, para entender o que está acontecendo na Geórgia, no Alabama, no Mississippi e na cidade de Nova York.

O poder está mudando, e a medida que ele muda, o homem que detinha o poder fica preocupado, e o homem em cujas mãos o poder cai, que antes era desprovido, adquire o poder e fica satisfeito. Você sabe, ele não está particularmente interessado em jogar de acordo com as regras, especialmente as regras que este homem estabeleceu. Agora, quando a base do poder muda, o que está acontecendo é o fim do que você e eu sabemos ter sido a supremacia branca. Supremo significa estar acima dos outros. E até tempos recentes, as nações brancas estavam acima das nações africanas. Eles eram os governantes supremos desta terra. Eles não chamam isso de supremacia branca, mas é isso que é.

Agora a supremacia branca chegou ao fim. Isso significa que o tempo em que o homem branco poderia reinar absoluto em todo o mundo acabou, está ultrapassado, passou, não pode mais acontecer. E isso se reflete no que Macmillan quis dizer quando falou na África há três anos sobre os ventos da mudança. Naquela época, Macmillan era o primeiro-ministro da Inglaterra e estava fazendo uma excursão pela África. Ele voltou e falou para os outros europeus sobre os ventos de mudança que estavam se espalhando pelo continente africano, isso quer dizer que as pessoas que antigamente tinham permitido que europeus ou brancos as oprimissem, tinham mudado a postura deles. Eles não queriam mais ser oprimidos, não queriam mais ser explorados, queriam ser independentes e livres para construir uma sociedade própria para si mesmos.

Assim que essa atmosfera se tornou visível no continente africano, alguns homens de altas patentes dos principais estados brancos da Terra admitiram isso - e não o admitiram secretamente, admitiram abertamente. Adlai Stevenson levantou-se nas Nações Unidas, acho que foi no ano passado e acusou as nações africanas de jogar o jogo da cor na ONU. E você

sabe o que ele quis dizer com jogo de cor? Ele quer dizer que pessoas com a mesma cor de pele estavam se unindo. Significa que os africanos estavam se unindo na ONU contra as pessoas brancas. Isso é algo para se pensar. Agora, isso pressupõe que o representante das Nações Unidas, um organismo internacional, estava alerta o suficiente, teve visão suficiente para ver que, nesta era em que estamos vivendo agora, pessoas de origem africana estavam se juntando, elas estavam se unindo, eles estavam formando blocos - o bloco afro-asiático, o bloco afro-asiático-árabe, o bloco afro-asiático-árabe-latino, você sabe - e todos esses blocos estavam contra ele. Ele pode ver isso, e isso é o que está causando tanta preocupação e confusão hoje.

Assim que ele percebeu que essas pessoas estavam em união e harmonia, ele começou a espalhar a propaganda de que os africanos ainda não estavam prontos. Esta é a análise dele depois dos nossos esforços - que não estamos prontos para a liberdade. E para tentar provar que não estávamos prontos para a liberdade, eles permitiram que as pessoas no Congo tivessem um pouco de liberdade, em seguida, voltaram atrás para fazê-las parecerem tolas - para em seguida usar isso para dizer que a África não estava pronta para a liberdade.

Eles dizem a mesma coisa para você e para mim aqui, que não estamos prontos ainda - não é isso que eles dizem? Certamente, dizem que você não está preparado para morar em uma casa decente e que não está pronto para ir a uma escola decente ou que não está pronto para trabalhar em um emprego decente. Isso é o que eles dizem, e eles não dizem por que não estamos prontos, eles não dizem o porquê. E se não estamos prontos, eles não dizem que uma vez já estivemos prontos, mas não estamos agora - eles tentam fazer parecer com que nunca estivemos prontos, que nunca estivemos na história, que nunca fomos um povo que ocupou uma posição responsável na árvore cultural, na árvore da civilização ou em qualquer outra árvore. Eles tentam nos dar a impressão de que nunca fomos qualificados, portanto, só podemos nos qualificar hoje na medida em que eles nos qualificar. E eles nos enganam dessa maneira. Nos enganam para irmos até eles pedir: "Qualifique-me para que eu possa ser livre". Porque você estaria fora de si para fazer algo assim.

Eles também sabem que a única maneira de fazer isso é através da união. Então eles criam outra armadilha. Todo esforço que fazemos para nos unir com base no que somos, eles o rotulam como o quê? Racismo. Se dissermos que queremos formar algo que se baseia em Negros se reunindo, o homem branco chama isso de racismo. Preste atenção em você. E então alguns desses Negros de mente branca fazem a mesma coisa, eles dizem: "Isso é racismo, eu não quero pertencer a nada que seja Negro". Muitos dizem isso. Mas é só porque eles próprios

foram contaminados pelos vírus da branquitude. E eles acham que a única maneira deles pertencerem a algo que será progressivo ou bem-sucedido, tem de ser através da aprovação do homem branco. Muitos deles pensam assim.

Mas são armadilhas. Ele nos prende porque sabe que é impossível seguirmos em frente, a menos que nos unamos. Mas com que base vamos nos unir? Temos que nos reunir na mesma base em que eles se uniram. Os italianos se uniram porque eram italianos, os judeus se juntaram porque eram judeus, os irlandeses se uniram porque eram irlandeses. Agora, com que base você e eu vamos nos unir? Temos de ter algum tipo de base. Mas assim que mencionamos a única base em que temos para nos unir, eles nos enganam dizendo aos nossos líderes que estamos praticando uma segregação ao contrário. Não é isso que eles dizem? Então as pessoas negras não querem se unir porque não querem segregação. Veja, o homem é complicado, irmãos e irmãs. Quero dizer, o homem é complicado. Ele é o mestre de truques. E se você não perceber o quão ardiloso ele é, ele vai te manipular e te jogar de volta a escravidão - eu não diria de volta à escravidão porque ainda não estamos livres disso ainda.

São essas armadilhas que ele cria. Se você fala com raiva sobre o que aconteceu com o nosso povo e o que está acontecendo com o nosso povo, como ele o chama? Sentimentalismo. Entenda isso. Aqui há um homem com uma corda em volta do seu pescoço e porque ele grita, você sabe, o cracker que está colocando a corda em volta do pescoço dele o acusa de ser sentimental. Você deveria aceitar a corda no pescoço e gritar educadamente, você sabe. Você deveria controlar sua dicção, não gritar para não acordar outras pessoas - é assim que você deve gritar. Você deveria ser respeitável e responsável quando você denuncia o que eles estão fazendo com você. E tem muitos afro-americanos que aceitaram isso. Eles dizem: "Não, você não pode fazer assim, você tem que ser responsável, você tem que ser respeitável." E você sempre será um escravo contanto que esteja tentando ser responsável e respeitável na visão de seu mestre, você continuará sendo um escravo. Enquanto você estiver com a visão do seu mestre. Você tem de deixá-lo saber que você é irresponsável e você vai reagir energeticamente.

E mais uma vez ele tem outra armadilha para manipular você. Se você começa a falar sobre o que ele fez com você, ele dirá que é ódio, que você está ensinando ódio. Entenda isso. Ele não vai dizer que ele não fez isso porque ele não pode. Mas ele vai te acusar de ensinar ódio só porque você começou a expor o que ele fez com você. O que é uma armadilha intelectual - porque ele sabe que não queremos ser acusados de ódio.

E o Negro americano comum, que sofreu uma forte lavagem cerebral, nunca aceita ser acusado de sentimental. Você já observou? Você já assistiu a um deles? Faça isso, observe-os, observe os verdadeiros burgueses afro-americanos. Eles nunca querem mostrar algum sinal de emoção. Ele nem bate os pés. Você pode tocar uma verdadeira *soul music*, e ele vai ficar sentado aí parado, você sabe, como se ele não pudesse se mexer. Eu o conheço e estou lhe dizendo. E a razão pela qual ele tenta fingir que a música não o comove é porque ele sabe que isso não move os brancos. E isso não os move porque eles não podem sentir isso, eles não têm alma. E ele tem de fingir que é desprovido de tudo só para os brancos fazerem isso com eles. Isso é uma vergonha, mas é verdade.

E então se você dê um passo mais longe, eles te pegam novamente nessa violência. Eles têm outra armadilha em que eles fazem parecer criminoso se algum de nós, que está com uma corda no pescoço - fizer alguma coisa para impedir o homem de colocar a corda no pescoço, ele chama isso de violência. E novamente esse Negro burguês, que está tentando ser educado e respeitado e tudo, ele nunca quer ser identificado como violento. Então, ele permite que eles façam qualquer coisa a ele, e ele fica lá se submetendo a isso de maneira não-violenta, apenas para que ele possa manter sua imagem de pessoa responsável para satisfazer a exigência dos brancos. Ele morre com uma imagem de ser responsável, ele morre com uma imagem de ser educado, mas ele morre. Entretanto, o homem que é irresponsável e indelicado, este preserva a vida dele. O Negro responsável morre todos os dias, mas se o irresponsável morrer, ele vai levar com ele alguns daqueles que tentaram assassiná-lo.

Portanto, a era em que vivemos é uma época em que vemos as pessoas no Oriente em ascensão e as pessoas no Ocidente em declínio. Ou seja, o mundo africano-asiático está se elevando e o mundo ocidental branco está tendo seu poder reduzido. Isso está acontecendo e está acontecendo todos os dias.

Vamos tomar como exemplo Saigon no Vietnã do Sul. Você não percebe que vinte anos atrás aquelas pessoas não tinham nenhuma chance? Tudo o que precisavam era que um navio de guerra navegasse até o litoral e todos se curvavam perante o senhor, “sim senhor, chefe”. Era assim que eles diziam, como vocês dizem aqui. Mas agora não. Agora eles não adotam mais essa postura submissa, ninguém é chefe. Eles pegam um rifle e colocam o chefe para correr.

Todo o Oriente e o mundo africano estão em ascensão quer você goste ou não. E quando o mundo Negro se erguer e colocar o mundo branco ocidental no devido lugar dele, e colocar

você e eu em nosso lugar. Por que nos colocar em nosso lugar? Porque, apesar de estarmos no Ocidente, somos do Oriente. Muitos, muitos afro-americanos não percebem isso. Você não é do Ocidente, você está no Ocidente. Você não é um ocidental, você é um oriental. Você não é branco, você está no mundo branco, mas isso não faz de você um branco, você é tão Negro quanto sempre foi, você apenas está no mundo branco.

E no próximo mês eles aparecerão com outro truque. Eles virão para você e para mim no próximo mês com a Semana da História do Negro. Este evento acontece uma vez por ano. E durante essa semana eles nos afogam com propaganda sobre a história dos Negros na Geórgia, no Mississippi e no Alabama. Nunca nos levam de volta para as águas de retorno para casa. Eles nos levam para casa, mas nunca nos dão uma história que nos leve de volta para casa. Eles nunca nos deram informações suficientes para sabermos o que estávamos fazendo antes de acabarmos em Mississippi, Alabama, Geórgia, Texas e alguns desses outros estados prisionais. Eles nos passam a impressão, na Semana da História do Negro, de que éramos colhedores de algodão por toda a história. Colhedores de algodão, cultivadores de laranjas, éramos babás e titios para o homem branco neste país - essa é a nossa história quando se trata da Semana da História do Negro.

Eles podem citar uma ou duas pessoas que trabalharam por alguma esmola para enriquecer outro homem branco.²⁵ George Washington Carver - ele era um cientista, mas morreu falido. Ele tornou Ford rico. Então ele não estava fazendo nada para si e para o seu povo. Ele é uma boa referência para nós, mas o que ganhamos com isso? Nada. O mestre ganhou. Assim como um cachorro que corre na floresta e pega um coelho. Não importa o quanto ele esteja faminto, ele come? Não, ele pega e o coloca nos pés do chefe. O chefe prepara o coelho come a carne e joga os ossos para o cachorro, os ossos. O cachorro continua faminto. Ele poderia ter comido o coelho. E o chefe nem poderia fazer nada contra ele porque ele pode superar o chefe.

É o mesmo com você e comigo. Cada contribuição que fazemos, nós não fazemos para o nosso povo, fazemos para o homem, fazemos para o nosso mestre. Ele usufrui de todo benefício. Nós morremos, não pelo nosso povo, nós morremos por ele. Nós não morremos por nossa casa, nós morremos pela casa dele. Nós não morremos pelo nosso país, nós morremos

²⁵ George Washington Carver (Diamond, nascido por volta de 1860 - Tuskegee, 5 de janeiro de 1943) foi um botânico, inventor, cientista e agrônomo afro-americano.

pelo país dele. Muitos de vocês foram tolos indo lutar na linha de frente, não foram? Sim você foi. Você vestiu o uniforme e lutou na linha de frente como um cachorro latindo para o mestre. E quando você voltou, você teve que latir desde que voltou. Então, a Semana da História do Negro nos lembra isso. Não nos lembra de realizações passadas, lembra-nos apenas das conquistas que fizemos no Hemisfério Ocidental sob a tutela do homem branco. Portanto, seja qual for a conquista feita no Hemisfério Ocidental em que os holofotes são colocados, essa é a maneira perspicaz do homem branco de levar em conta o que conseguimos. Mas ele nunca nos deixa saber das realizações que fizemos antes de chegarmos aqui. Este é outro truque.

O pior de todos os truques é quando ele nos nomeia Negro e nos chama de Negro. E quando nos chamam assim, acabamos nos enganando. Meu irmão Cassius estava na televisão outra noite conversando com Les Crane sobre a palavra Negro. Eu gostaria que ele não tivesse concluído tão rápido porque ele estava em uma posição de dar uma bela resposta. Mas ele estava certo em dizer que nós não somos negros e nunca fomos, até sermos trazidos para cá e transformados nisso. Nós fomos cientificamente produzidos pelo homem branco. Sempre que você vê alguém que se considera negro, ele é um produto da civilização ocidental - não apenas da civilização ocidental, mas também do crime ocidental. O Negro, como é chamado no Ocidente, é a melhor evidência que pode ser usada contra a civilização ocidental hoje. Uma das principais razões pelas quais somos chamados de Negros é que não sabemos quem realmente somos. E quando você se chama assim, você não sabe quem você realmente é. Você não sabe o que você é, você não sabe de onde você veio, você não sabe o que é seu. Contanto que você se chame de Negro, nada é seu. Nenhum idioma - você não pode reivindicar nenhum idioma, nem mesmo inglês, você estraga tudo. Você não pode reivindicar qualquer nome, qualquer tipo de nome que o identifique com algo que você deveria ser de fato. Você não pode reivindicar nenhuma cultura desde que use a palavra Negro para se identificar. Ele reduziu você a nada. Esse termo nem sequer identifica sua cor.

Se você fala sobre um deles, eles se chamam de brancos, não é? Ou podem chamar alguém de porto-riquenho para identificá-los. Veja como eles fazem isso. Quando eles o chamam de porto-riquenho, eles estão lhe dando um nome melhor. Porque existe um lugar chamado Porto Rico, você sabe. Pelo menos deixa-o saber de onde ele veio. Então eles dizem brancos porto-riquenhos. Entenda isso. Isso é um entrave, irmãos. Branco é legítimo. Isso significa que é uma cor. O porto-riquenho diz que eles são outra coisa, vieram de outro lugar embora estejam aqui agora. Negro não te remete a nada. Eu quero dizer nada, absolutamente

nada. Com o que você se identifica? Diga-me, nada. A que você se vincula, a que você atribui a ele? Nada. Está completamente no meio do nada, em um limbo. E quando você se chama assim, o termo reafirma onde você está - bem no meio do nada. Não te dá uma língua, porque não existe uma língua negra. Ele não te dá um país, porque não existe tal coisa como um país Negro. Ele não te dá uma cultura, porque não existe tal coisa como uma cultura negra, ele não existe. A terra não existe, a cultura não existe, a linguagem não existe, logo, o homem também não existe. Eles te empurram para fora da existência chamando você de Negro. E você pode andar por aí, na frente deles, o dia todo, e eles agem como se eles nem te vissem. Porque você se tornou inexistente. É uma pessoa que não tem história e não tendo nenhuma história não tem cultura.

Assim como uma árvore sem raízes está morta, um povo sem história, sem raízes culturais também se torna um povo morto. E quando você olha para nós, aqueles de nós que são chamados de Negros, somos chamados assim porque somos como pessoas mortas. Não temos nada para nos identificarmos como parte da família humana. Você sabe, você pega uma árvore, você pode dizer que tipo de árvore ela é a partir das folhas. Se as folhas se forem, você pode olhar para a casca e dizer que tipo de árvore é. Mas quando você encontra uma árvore sem as folhas, sem a casca, sem nada, você vai chama isso de quê? Um toco. E você não pode identificar um toco tão facilmente como você pode identificar uma árvore. E esta é a posição na qual você e eu estamos aqui na América.

Antes, podíamos ser identificados pelos nomes que usávamos quando chegamos aqui. Quando fomos trazidos pela primeira vez aqui, tínhamos nomes diferentes. Quando fomos trazidos pela primeira vez para cá, tínhamos uma linguagem diferente. E esses nomes e essa linguagem identificavam a cultura do lugar de onde fomos trazidos, a terra de onde fomos trazidos. Ao identificar isso, podíamos apontar o que havíamos produzido, nosso patrimônio líquido. Mas uma vez que nossos nomes foram tirados e nossa linguagem apagada e nossa identidade destruída e nossas raízes cortadas, sem história nos tornamos como um toco, algo morto, um galho seco aqui no Hemisfério Ocidental. Qualquer um pode pisar em nós, pisotear-nos ou queimar-nos e não haverá nada que possamos fazer a respeito.

Muitos de vocês que são religiosos, que vão à igreja, sabem que há histórias na Bíblia que podem ser usadas facilmente para descrever muito bem a condição do homem Negro na América. Uma vez que ele se tornou um Negro, eles se referem a ele como a ovelha perdida,

ou seja, alguém que está perdido de sua própria espécie, que é como você e eu temos estado nos últimos quatrocentos anos. Nós estamos em uma terra onde não somos cidadãos, em uma terra onde eles nos tratam como estranhos.

Eles têm outra história simbólica chamada vale de ossos secos. Muitos de vocês que vão à igreja domingo após domingo descobriram que o fantasma, como eles chamam, ficou feliz. Quando o velho pregador começou a profetizar sobre os ossos secos, você começava a derrubar os bancos durante a pregação, só porque ele estava profetizando sobre aqueles ossos, “ossos secos” - eu sei como eles dizem isso. Mas você nunca conseguiu identificar o significado simbólico desses ossos - como eles estavam mortos porque haviam sido cortados de sua própria espécie.

Nosso povo aqui na América tem estado na mesma condição daqueles ossos secos sobre o qual você senta na igreja cantando. Mas você derrama mais lágrimas sobre aqueles ossos secos do que sobre você mesmo. Isso é uma coisa estranha, mas mostra o que acontece com um povo quando ele é cortado e despojado de tudo, como você e eu fomos cortados e despojados de tudo. Nós nos tornamos um povo como nenhum outro povo, e somos um povo como nenhum outro povo, não há outras pessoas na Terra como você e eu. Somos únicos, somos diferentes. Eles dizem que somos negros e dizem que negro significa preto. No entanto, eles não chamam todos os pretos de negros. Você vê a contradição? Veja bem, eles dizem que somos negros, porque negro significa preto em espanhol, mas eles não chamam todos os pretos de negros. Alguma coisa aí não tem coerência.

E então, para contornar isso, eles dizem que a humanidade é dividida em três categorias - mongoloide, caucasoide e negroide. Agora, entenda isso. E todos os Negros não são negroides - eles classificam alguns Negros como caucasoides. Mas se você estudar com atenção, todos os Negros que eles classificam como caucasoides são aqueles que ainda possuem grandes civilizações, ou ainda têm os restos do que foi uma grande civilização. Os únicos que eles classificam como negroides são aqueles que não têm nenhuma evidência de que tenham sido civilizados, então eles chamam de negroides. Mas eles não permitem que qualquer pessoa de pele negra, que tenha evidências de que ocuparam anteriormente uma alta civilização, sejam chamados de negroides, então eles os classificam como caucasoide.

E na verdade, caucasoide, mongoloide e negroide - não existem tais coisas. Esses são os chamados termos antropológicos que foram criados por antropólogos que eram agentes das

potências coloniais, e a eles foram dados propositalmente esse status, foram concedidas propositalmente tais posições científicas, a fim de que eles pudessem elaborar definições que justificassem o domínio europeu sobre os africanos e os asiáticos. Então, imediatamente, eles inventaram essas classificações que automaticamente rebaixariam essas pessoas ou as colocariam em um nível inferior. Todos os caucasoides estão em um nível superior, os negroides são mantidos em um nível inferior. Isso é apenas um truque com o qual os cientistas deles se engajaram, a fim de manter você e eu pensando que nunca fomos nada, e, portanto, ele estaria nos fazendo um favor à medida que nos permitisse crescer ou avançar em sua sociedade ou civilização. Eu espero que você entenda o que estou dizendo.

Agora, quando você vê que a condição em que estamos está diretamente relacionada à nossa falta de conhecimento sobre nossa própria história. Então, vai entender a importância de saber algo sobre a sua história. A história do homem afrodescendente - quando você se refere a ele como homem preto, você retrocede, e quando você se refere a ele como negro, você retrocede do mesmo modo que retrocede quando usa o termo preto. Mas quando você pensa além dos limites da América, não poderá encontrar um Negro. Se você pensar além dos limites da história da América, procurar a história do homem da diáspora, e se procurar por ele a partir do termo Negro, você não o encontrará. Ele não existe. Então você acaba achando que não desempenhou nenhum papel importante na história.

Mas se você dedicar tempo para pesquisar por si mesmo, você descobrirá que antes da descoberta da América havia no continente africano um alto nível de civilização e de cultura mais elevada que aquela que existia na Europa.

Pelo menos cinco mil anos atrás, eles tinham uma civilização no meio Leste chamada Suméria. Agora, quando eles mostram as fotos dos sumérios, eles tentam fazer você pensar que eles eram brancos. Mas se você ler alguns dos manuscritos antigos ou até mesmo ler nas entrelinhas de alguns escritores atuais, verá que a civilização suméria era uma civilização de pessoas negras, e existia antes mesmo do Império Babilônico, na mesma área onde você encontra o Iraque e os rios Tigre e Eufrates. Era um povo de pele negra que vivia lá, que tinha um alto nível de cultura naquela época.

Além disso, havia um povo Negro na Índia, que era Negro, tão Negro quanto você e eu, chamado Dravidianos. Eles habitaram o subcontinente da Índia mesmo antes das atuais pessoas

morarem lá, e eles tinham um alto nível de cultura. O povo atual da Índia os via como deuses, a maioria de suas estátuas, se você notar, possuem características africanas. Você vai direto para a Índia hoje - sua religião, que é chamada de budismo, eles dão a todos os seus budas a imagem de um homem Negro, com seus lábios e nariz, e até mostram o cabelo todo enrolado em sua cabeça. Eles não enrolaram, ele nasceu assim. E essas pessoas viveram naquela região antes do atual povo da Índia morarem lá.

O homem Negro viveu no Oriente Médio antes das pessoas que vivem lá atualmente. Ele possuía uma alta cultura e uma alta civilização, isso para não falar da civilização mais antiga de todas, a que ele tinha no Egito, ao longo das margens do rio Nilo. E em Cartago, no noroeste da África, outra parte do continente, e em uma data posterior em Mali e Gana e Songhai e a civilização Mouro - todas essas civilizações existiram no continente africano antes da descoberta da América.

Agora, a civilização negra que mais abalou o homem branco foi a civilização egípcia, que era uma civilização negra, ao longo das margens do rio Nilo que atravessa o coração da África. Mas novamente esse homem branco ardiloso, ele é ardiloso - e lembre-se novamente, quando digo isso, não é uma declaração racista. Alguns deles podem não ser trapaceiros, mas todos que conheci eram trapaceiros. E sua civilização denuncia o jogo deles. Esse homem branco astuto foi capaz de pegar a civilização egípcia, escrever livros sobre ela, colocar fotos nesses livros, fazer filmes para a televisão e teatro - com tanta habilidade que ele até convenceu outras pessoas brancas de que os antigos egípcios eram brancos. Eles eram africanos, eram tão africanos quanto você e eu. E ele até deu uma pista quando fez o filme *As Minas do Rei Salomão*, quando mostrou os Watusis, você sabe, com seus Negros, e ele admitiu imediatamente que eles se pareciam com os antigos faraós do antigo Egito. O que significa que o próprio homem branco, ele sabe que o homem Negro possuía essa alta civilização no Egito cujos restos mortais mostram hoje que o homem Negro dominava a matemática, a arquitetura, a ciência da construção e a astronomia.

A pirâmide, como admitem os cientistas brancos, foi construída em tal posição na Terra que comprova que os Negros, que foram os arquitetos dela, tinham um conhecimento de geografia tão vasto que eles sabiam o centro exato da massa terrestre. Porque a base da pirâmide está localizada no centro exato da massa terrestre da Terra que não poderia ter sido assim situada pelo arquiteto, a menos que o arquiteto daquela época soubesse que a Terra era redonda e quanta

terra havia em todas as direções a partir de onde ele estava. As pirâmides foram construídas há tantos milhares de anos que eles nem sabem a data exata em que foram construídas, mas eles sabem que as pessoas que construíram as pirâmides dominavam a ciência da construção, dominavam as várias ciências da Terra e tinha o domínio da astronomia.

Eu li um artigo em que um cientista afirmava que o arquiteto da pirâmide havia construído um poço que saía do centro da pirâmide, e o lugar marcado no céu era o local onde uma estrela, uma estrela azul, eu acho, algum tipo de estrela, que aparece apenas uma vez a cada cinquenta mil anos. Agora, eles dizem que o conhecimento que o arquiteto tinha de astronomia era tão vasto que ele evidentemente tinha acesso às histórias ou registros que destacavam a existência de uma estrela que aparecia em um determinado ponto no céu apenas uma vez a cada cinquenta mil anos. Agora ele não poderia saber disso, a menos que tivesse registros de mais de cinquenta mil anos. No entanto, a pirâmide é uma testemunha viva hoje, de que os Negros, que foram responsáveis por trazê-la à existência, tinham esse tipo de conhecimento.

Quando você lê as opiniões dos cientistas brancos sobre as pirâmides e a construção das pirâmides, eles não fazem nenhum segredo sobre o fato deles se impressionarem com a capacidade científica que as pessoas daquela época possuíam. Eles dominavam a química a tal ponto que podiam produzir tintas cuja cor não desbota até hoje. Quando eu estive no Cairo, no verão, eu visitei o túmulo do rei Tut, além disso, vi o que foi retirado do túmulo no Museu do Cairo. E as cores da roupa e da tumba que foram usadas ainda estão tão brilhantes e vivas hoje como estavam quando foram colocadas lá há milhares de anos. Enquanto você pinta sua casa hoje e vai pintá-la novamente no próximo ano. Este homem moderno ainda não aprendeu a fazer uma tinta que dure dois anos. E o homem Negro, daquela época, era um mestre em vários campos da ciência e deixou evidências de que suas descobertas científicas naquela época excederam o nível do homem branco aqui no Ocidente.

E você deve saber disso, porque se você não tem conhecimento sobre isso, você não vai realmente entender o que está sobre você, que os deixam com tanto medo de você, e faz com que eles achem imperativo te manter para baixo a fim de evitar que você se levante. Porque se eles deixarem você subir uma polegada, você vai superá-lo e pronto - apenas uma polegada, você o supera. E você deveria se elevar e seguir.

Logo atrás das pirâmides, há uma enorme estátua com a qual muitos de vocês estão familiarizados, chamada de Esfinge. As pessoas que moram lá o chamam de *Abou el-Hole*, que significa "Pai de Tudo". Isso também foi colocado lá muito tempo atrás, eles não sabem quem fez isso, nem sabem há quanto tempo foi feito isso. E eles se impressionam com isso. O que os leva a se admirar é o fato de o homem Negro ter estado em um nível tão alto de civilização, e agora estar onde ele está hoje, no fundo do poço, sem nenhum sinal externo de que tenha havido alguma habilidade científica deixada dentro dele. E ele mesmo não acredita que tenha alguma dessa habilidade dentro dele. Ele acha que precisa recorrer ao homem para algum tipo de fórmula, mesmo sobre como conseguir sua liberdade ou como construir sua casa.

Mas o homem Negro por natureza é um construtor, ele é um cientista por natureza, ele é um matemático por natureza. Ritmo é matemática, harmonia é matemática. É equilíbrio. E o homem afro-cidadão é equilibrado. Antes de você e eu virmos para cá, éramos tão equilibrados que poderíamos colocar algo sobre nossa cabeça e correr com ela. Hoje, você não pode correr com o seu chapéu, você não pode mantê-lo na cabeça. Porque você perdeu o equilíbrio. Você se afastou de você mesmo. Mas quando você estiver sintonizado consigo mesmo, com sua própria natureza, você estará em harmonia. Sua verdadeira natureza tem harmonia, sua verdadeira natureza tem ritmo, sua verdadeira natureza tem matemática. Você pode construir. Você nem precisa de ninguém para te ensinar como construir. Você toca música de ouvido. Você dança de acordo com o seu sentimento. E você costumava construir da mesma maneira. Você tem essas habilidades dentro de você para fazer isso. Eu conheço pedreiros afro-americanos no Sul que nunca foram à escola, nem um dia em suas vidas. Mas eles constroem casas com tijolos, e você não sabe como eles aprenderam a fazer aquilo, mas eles sabem como fazer. Quando você vê outras pessoas fazendo isso, elas já foram à escola - alguém teve que ensiná-las. Mas nem sempre alguém te ensina o que você sabe fazer. Isso já está em você. Isso é o que te torna perigoso para o homem branco. Quando você pensa por si mesmo, muitas outras coisas começarão a vir para você e o homem sabe disso.

Naquela época, o homem africano no Egito usava seda, era elegante como um rei, irmãos. E aquelas pessoas na Europa não sabiam o que era tecido. Eles admitem isso. Eles andavam nus ou usavam peles de animais. Se pegassem um animal, tiravam seu couro e colocava em volta dos ombros para se aquecer. Mas eles não sabiam costurar e tecer. Eles não tinham esse conhecimento na Europa, não naqueles dias. Eles não cozinhavam na Europa. Eles

mesmos irão lhes dizer que moravam em cavernas, eles abatiam animais e comiam carne crua. Eles estavam comendo carne crua. E eles ainda gostam de carne crua até hoje.

Você pode ver em restaurantes quando eles pedem bife malpassado, com sangue ainda pingando. E depois, você também corre e diz: “Dê-me um bife malpassado, com sangue”. não é porque você gosta assim, você está apenas reproduzindo, está copiando, está apenas tentando ser como aquele homem. Mas quando você age como você mesmo, você diz: "Faça o meu bem-passado". Você gosta de comida cozida porque você já faz isso há muito tempo, mas eles não tinham o hábito de cozinhar - não faz muito tempo que eles aprenderam a utilizar o fogo. Isso é verdade.

Você andava ereto, ereto. Você já parou para ver o modo como você anda? Só atualmente que você passou a ficar muito descolado para andar ereto. Você apareceu com esse outro modo de andar. Mas quando voltar para o seu verdadeiro eu, você vai andar com dignidade. Onde quer que você veja o homem afrodescendente, ele anda com dignidade. Eles tendem a ser diferentes em dignidade, a menos que sejam treinados para se comportarem de outro modo. Quando suas filhinhas vão para essas escolas e elas querem ensiná-las a andar, elas colocam um livro sobre a cabeça delas. Não é isso que eles fazem? Elas a ensinam adotar o comportamento delas.

É assim que eles estão aprendendo a andar, como você. Porque você quase nasceu com um livro na cabeça. Mas você pode jogá-lo fora e se libertar dele. Quando estava na África, fiquei maravilhado em ver o senso de firmeza e equilíbrio que as pessoas têm por toda a África e Ásia. Eles têm essa postura e esse equilíbrio. Mas isso não é por acidente. Isso vem de dentro. E você também tem, mas você o canalizou para outra direção, em uma direção diferente. Mas quando você se voltar para si mesmo, você vai canalizar de um modo positivo.

Também como eu disse anteriormente, na mesma época havia outra civilização africana chamada Cartago. Uma das pessoas mais famosas de Cartago foi um homem chamado Hannibal. Você e eu fomos ensinados que ele era um homem branco. É assim que eles roubam sua história, roubam sua cultura, roubam sua civilização – através dos filmes produzidos por Hollywood, mostrando o homem Negro como um homem branco. Lembro-me de um dia em que contei a alguém que Hannibal era Negro. Algum afro-americano, ele estava na faculdade, uma dessas universidades - eu disse a ele que Hannibal era Negro e ele teve um ataque. Realmente, ele

queria brigar comigo por causa disso. Ele disse: "Eu sei melhor do que isso". Ele disse: "Eu o vi". "Onde você viu?" Ele disse: "Nos filmes". E ele estava na faculdade, na verdade, ele era um homem muito educado e teve um ataque quando eu disse a ele que Hannibal era Negro. E alguns de vocês agora estão tendo um ataque porque vocês também não sabiam.

Hannibal ficou famoso por cruzar as montanhas dos Alpes com elefantes. Os europeus não podiam percorrer os Alpes a pé sozinhos - não, eles não podiam. Hannibal encontrou uma maneira de atravessar os Alpes com elefantes. Você sabe o que é um elefante - um animal velho, grande e difícil de mover pela estrada. Ele os moveu pelas montanhas. E ele tinha consigo noventa mil tropas africanas, derrotou Roma e ocupou a Itália entre quinze e vinte anos.

É por isso que você encontra muitos italianos Negros - eles carregam um pouco daquele sangue de Hannibal. Nenhum italiano vai jogar na minha cara coisas ruins sobre nós porque conheço a história deles. Eu digo a ele quando você falar de mim, você está falando de seu papai, seu pai. Ele conhece a história dele, ele sabe como conseguiu essa cor. Você sabia que apenas meia dúzia de tropas negras americanas, que passou alguns anos na Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, deixou muitos bebês marrons por lá - apenas um punhado de soldados Negros americanos na Inglaterra e em Paris e na Alemanha bagunçaram todo o país. Agora, o que você acha que noventa mil africanos fizeram na Itália por vinte anos? É bom saber disso porque quando você sabe sobre isso, você não precisa pegar um porrete para lutar contra o homem - é só jogar a verdade na cara dele.

Até os irlandeses receberam uma dose do seu e do meu sangue quando a Armada Espanhola foi derrotada na costa da Irlanda, acho que foi em torno do século XVII ou XVIII, eu não lembro a data exata, você pode pesquisar. Os espanhóis daquela época eram escuros. Eles eram remanescentes dos mouros, e eles desembarcaram e se estabeleceram na Irlanda e até hoje você tem o que é conhecido como irlandês Negro. E não é por acaso que eles os chamam de irlandeses Negros. Se você olhar para eles, eles têm cabelos escuros, feições escuras e nomes espanhóis - como Eamon de Valera, o presidente, e costumava haver outro chamado Costello. Esses nomes vieram da Península Ibérica, que é a península hispano-portuguesa e eles chegaram lá através desses marinheiros, que eram Negros naquela época. Não deixe nenhum irlandês jogar na sua cara e falar mal de você porque ele também tem um pouco do seu sangue. Você espalha seu sangue em todos os lugares. Se você começa a falar com qualquer um deles, eu não

ligo para onde ele está, se você conhece a história, você pode colocá-lo no lugar dele. Na verdade, ele ficará no lugar dele, se souber que você conhece sua história.

Assim, toda esta história de Cartago, Suméria, Dravidiana, Egípcia e Etíope ocorreu A.C antes de Cristo. A época em que você e eu estamos vivendo é D.C depois de Cristo, bem, na África Ocidental, uma das civilizações mais desenvolvidas foi Gana. Gana não estava localizada geograficamente onde ela está hoje, ela não estava limitada apenas a essa localização geográfica. Ela cobria praticamente uma grande parte da África Ocidental e a data inicial da história desse império estende-se quase até a época do nascimento de Cristo. E foi uma civilização altamente desenvolvida que existiu até o século XI, ou talvez tenha deixado de existir como império antes do século X ou XI. Mas ela foi um império na África, fonte de ouro e marfim e outros objetos de arte, o que é chamado hoje de objetos de arte ou itens de luxo vieram de Gana. Eles tinham um dos sistemas governamental, tributário e cultural mais desenvolvidos, na época em que as pessoas na Europa... - quando o presidente Nkrumah, ele ainda não era presidente então, eu acho, visitou Nova York, acho que foi em 1959. Harriman era o governador. Eles ofereceram um banquete para ele no centro da cidade em que eu também participei. O governador Harriman, Abe Stark e o prefeito Wagner, todos eles estavam lá. No momento em que eles apresentaram Nkrumah, eles o parabenizaram. Lembro-me que Abe Stark disse isso: Que Nkrumah era de Gana, um país altamente civilizado que usava sedas numa época em que nós, na Europa, estávamos nos pintando de azul. Aprenda isso. Abe Stark, na época, estava certo. E ele é judeu, o que significa que ele conhece muito da história africana, e ele admitiu que existia uma civilização na África, lugar de onde você e eu viemos, que era altamente desenvolvida. As pessoas usavam sedas quando seu povo, os europeus, estavam vivendo em cavernas se pintando de azul.

Agora você poderia pensar, com essa declaração dele, os repórteres do jornal Negro que estavam presentes deveriam ter colocado na imprensa e usado para despertar alguns de nós no Harlem. Eles não disseram uma palavra sobre isso. E eu sei - eu poderia citar os que estavam lá agora, alguns deles estão ocupando posição de liderança em jornais Negros desta cidade. Mas não disseram uma palavra.

Eles deveriam ter colocado nas manchetes para informar os afro-americanos, e deixar o nosso povo saber que o homem branco sabe que ele não nos tirou da selva, ele não nos tirou de um lugar selvagem. Ele nos tirou de um lugar altamente civilizado na cultura e na arte e depois

nos rebaixou ao nível em que estamos hoje. Mas eles têm medo de nos informar em que nível estávamos. Eles dirão aos africanos porque os africanos sabem disso, mas eles não querem que você e eu saibamos disso. Porque a primeira coisa que você e eu faremos é perguntar: “Bem, o que você fez conosco?” E se você descobrir, então você vai querer revanche. A única maneira de perdoá-lo é não saber. Se você descobrir o que ele fez com você, você não o perdoará. Não, você vai dizer, deixe pra lá.

Depois de Gana na África Ocidental, existiu outra civilização chamada Mali. O Mali é uma das mais famosas civilizações por causa de um famoso Sultão Negro chamado Mansa Musa. Mansa Musa ficou famoso por causa de uma jornada que o levou de Mali para Meca. Na mesma área - todos esses três impérios estavam na África Ocidental - depois do Mali, creio eu, foi o império Songhai. O império Songhai cobria, eu acho, um território ainda maior do que o império Mali. E naqueles dias havia a fabulosa cidade de Timbuktu. Timbuktu era um centro de aprendizado onde eles tinham faculdades e universidades, e ele existiu como uma cidade escondida, ou uma cidade proibida para o homem branco por muitos séculos. Ele não tinha permissão para entrar lá, nenhum deles tinha estado lá - era para nós. Eles tinham universidades em que estudiosos viajavam da China, do Japão, do Oriente, da Ásia, da África, de todas as partes da África para aprender lá. Isso foi na África, e isso existia antes da descoberta da América. Essas pessoas que lecionavam nessa universidade ou nessas universidades tinham conhecimento de geografia.

Eles sabiam que a terra era redonda. Não foi Colombo que descobriu que a terra era redonda para as pessoas da Europa. Eles descobriram quando começaram a ser expostos à ciência que existia nas universidades do continente africano. Mas o homem branco é um mentiroso, ele não quer que você saiba que o homem africano o superava na ciência. Agora, isso não é conversa racista, quando eu digo que ele é um mentiroso. Eu não estou falando sobre todos eles, eu estou falando sobre aqueles que são responsáveis por este falso conceito da imagem africana, e é a maioria deles. Se eu dissesse todos eles, eles me chamariam de racista. Não posso dizer todos eles, mas a maioria deles, aqueles que estão no poder disseram mentiras deliberadamente e cientificamente para distorcer a imagem da África e moldar uma imagem melhor da Europa - você pode ver o crime que eles cometeram quando você começar a estudar o continente africano e descobrir sua verdadeira contribuição para a ciência e para a civilização em tempos passados.

Também, ao mesmo tempo, pouco depois, existiu uma civilização chamada Mouros. Os mouros também eram um povo de pele escura do continente africano que tinha uma civilização altamente desenvolvida. Eles eram guerreiros tão magníficos que atravessaram o Estreito de Gibraltar em..., eu acho que foi no ano de 711, oitavo século e conquistaram Portugal, o que hoje conhecemos como Portugal, Espanha e o Sul da França, eles conquistaram e governaram por setecentos anos. E eles admitem que durante este tempo a Europa estava na Idade das Trevas. Eles estavam imersos na escuridão e na ignorância. E os mouros foram o único ponto de luz, a única luz, a única luz de aprendizado que existia no continente europeu na época. Foram as universidades que os mouros construíram no que hoje conhecemos como Espanha e Portugal. Foram os africanos que construíram essas universidades naquela área. E eles governaram toda aquela área, até um lugar conhecido como Tours, onde foram parados por um francês conhecido na história como Charles Martel, ou Charles. Ele parou a invasão dos africanos.

Eles tentam nos confundir chamando-os de mouros para que não saibamos quem eles eram. Mas quando você chegar em casa, procure no dicionário. Procure a palavra M-o-o-r; ele dirá que mouro significa preto. Bem, se negro significa preto e mouro significa preto, então eles estão falando sobre as mesmas pessoas o tempo todo. Mas eles não querem que nós saibamos que éramos guerreiros, conquistadores, que tínhamos exércitos. Eles querem que você e eu pense que sempre fomos não-violentos, passivos, pacíficos e resignados. Claro, perdoamos nossos inimigos naqueles dias - depois que matávamos, os perdoávamos.

O homem Negro naqueles dias nunca havia sido derrotado no campo de batalha. Ele só começou a ser derrotado quando os europeus inventaram ou tiveram acesso à pólvora. Deixe-me corrigir, na verdade, não foi o europeu que inventou a pólvora, foram os chineses. Os chineses usavam a pólvora para fins pacíficos. Marco Polo, eu acho que foi Marco não foi isso - ele pegou e a introduziu na Europa, e imediatamente eles começaram a usá-la para matar pessoas. Essa é a diferença - esse europeu, ele tem algo que outras pessoas não têm: ele ama matar - ah, sim, ele ama. Na Ásia e na África, nós matávamos para sobreviver. Na Europa, eles matam por esporte. Você já notou isso? Sim, eles são sanguinários, amam sangue. Eles adoram ver o sangue de outras pessoas escorrer, mas não o dele.

Eles são sanguinários. Em todas as antigas sociedades asiáticas ou africanas, a caça era feita para a alimentação não por esporte. Você não mata seus iguais. Eles matam. Matar não é problema para eles. Ah, sim, você pode ver quando eles atiram em um faisão. Eu os vi, quando

eu era um menino, eu morava em uma fazenda com pessoas brancas. Quando eles atiravam em algo, eles ficavam loucos, você sabe, como se eles estivessem realmente se divertindo. E nós ouvimos histórias de linchamento de afro-americano. Quando eles lincham um afrodescendente, enquanto estão linchando o homem, você pode ver a emoção no rosto deles enquanto estão matando a vítima. Considerando que você e eu, quando matamos, nós matamos porque precisamos, seja para nos alimentarmos ou para nos defendermos.

Isso é algo para se pensar. Mas eles nunca conseguiram derrotar os exércitos africanos até usarem a pólvora. Então, com a pólvora, eles entraram. Naquele tempo, dominávamos a lâmina. Agora, você entende porque eles têm pesadelos quando pensam que um Negro tem uma lâmina no bolso. Isso é verdade, porque eles sabem que você sabe como usá-la, irmãos. Historicamente, no campo de batalha, ninguém poderia usar uma lâmina como eu e você - sim. Você vê, é preciso ser homem para usar uma. É preciso ser homem para usar uma espada e uma lança, porque você tem que ter coragem para chegar perto o suficiente de alguém para lutar com ele, você precisa ter coragem. Mas qualquer um pode pegar uma arma e ficar à distância e atirar em alguém que não representa nenhum perigo para ele. Você e eu íamos direto para ele. E uma vez em posse da pólvora, isso se adequou a natureza dele e ele a usou para dominar o mundo. Com aquela pólvora e suas mentiras - não sei qual foi a mais eficaz. Ele mentiu e matou para dominar o mundo

Durante as Cruzadas, nós lutamos contra eles e os derrotamos, mais uma vez, ele não tinha a pólvora. Durante as Cruzadas, os europeus lutaram contra os asiáticos e os africanos - foi a guerra entre o que eles chamavam de muçulmanos e cristãos. Naquela época, você não tinha cristãos Negros. Cristãos significavam as nações europeias: França, Bélgica. Você vai ler a história das Cruzadas. Você descobrirá que o general-chefe deles era o papa, seu quartel-general ficava em Roma e fizeram guerra tentando redimir a cidade de Jerusalém onde ficava o túmulo de Jesus.

Eles queriam recuperá-la dos muçulmanos, mas nunca conseguiram. Os muçulmanos derrotaram os exércitos cristãos. E os exércitos cristãos naqueles dias eram brancos, os exércitos muçulmanos eram Negros, marrons, vermelhos e amarelos. Alguns dos principais guerreiros dos exércitos muçulmanos eram da África. Os africanos dominavam o trabalho com o metal com tanta habilidade que usavam um casaco de aço, que era tão maleável quanto isso.

Considerando que, quando você vê um cavaleiro branco, você percebe que ele precisa de alguma ajuda para subir em seu cavalo. Porque ele parece estar dentro de um fogão. Eles não sabiam como trabalhar com o metal na Europa. Mas o Negro dominava a metalurgia, a carpintaria e o trabalho com o couro - ele era habilidoso, irmãos, ele dominava tudo. Mas isso não havia na Europa. E foi durante as Cruzadas que muitas dessas pessoas na Europa perceberam que existia uma alta cultura na Ásia e na África. Ora, essas pessoas viviam em cabanas na Europa e em buracos nas colinas, ainda naquela época - elas eram quase selvagens, não sabiam o que era aprender, não sabiam ler e escrever. O rei não sabia nem ler e escrever, mas estava acima de todos eles. Eles obtiveram toda leitura, escrita e aritmética através de nós. E você vê, o que eles fizeram com isso? Eles se viraram e usaram contra nós. Então a questão é: se estávamos em tal nível de desenvolvimento, o que aconteceu conosco para nos encontrar na condição deplorável em que estamos agora? Se tivemos uma cultura tão alta, uma civilização tão alta, o que aconteceu que nos levou aonde estamos agora?

Quando a América foi descoberta e colonizada pela Inglaterra, a Inglaterra não povoou suas colônias americanas com pessoas refinadas e cultas, mas se você ler a história, ela fez a mesma coisa aqui como fez na Austrália. Todos os condenados foram enviados para cá para fundar este país. As prisões foram esvaziadas de prostitutas, ladrões e assassinos. Eles foram enviados para povoar este país. Quando essas pessoas jogam na sua e na minha cara hoje, falando que os pais fundadores deste país eram puritanos puros, isso é conversa fiada. Não, os pais fundadores vieram das masmorras da Inglaterra, das prisões da Inglaterra, eles eram prostitutas, assassinos, ladrões e mentirosos. E assim que chegaram aqui, provaram isso.

Eles criaram uma das sociedades mais criminosas que já existiu na terra desde o início do tempo. E se você duvidar, quando for para casa, à noite, olhe para si mesmo no espelho e verá em você, a vítima desse sistema criminoso criado por eles. Eles eram mentirosos astutos, mentirosos astutos e habilidosos, capazes de criar um sistema criminoso e, com mentiras, projetá-lo para o mundo como um sistema humanitário. Eles são criminosos da pior espécie, com suas mentiras eles foram capazes de se projetar como peregrinos religiosos, como se estivesse vindo para este país para praticar sua religião. E você engoliu 100% essa coisa. Não, eles foram bandidos que vieram para cá - Washington, Jefferson, Adams, Quincy e os outros, todos eles eram criminosos. E se você duvida que eles eram, quando eles escreveram este documento falando sobre liberdade, eles ainda possuíam você. Sim, quando eles escreveram, como é mesmo que se chama... - sobre "todos os homens serem criados iguais" - mais tarde.

Quem foi que escreveu que "todos os homens são criados iguais"? Foi Jefferson. Jefferson tinha mais escravos que qualquer outro. Então, eles não estavam falando sobre nós.

Quando vejo alguns pobres Negros que sofreram uma lavagem cerebral - quando você fala de Thomas Jefferson, George Washington e Patrick Henry eles quase desmaiam, você sabe, por causa do patriotismo deles. Mas eles não percebem que para George Washington, você era apenas um saco de melaço, um saco de batatas. Você – era isso mesmo - era um saco de batatas, um barril de melaço, você não valia nada, à vista de Washington, ou à vista de Jefferson, ou Hamilton e de alguns outros chamados de pais fundadores da nação. Você era propriedade deles. E se dependesse deles, você ainda seria sua propriedade hoje.

Então foi sob essa condição que você e eu chegamos aqui. Foi nas mãos desse tipo de pessoa que você e eu caímos, por volta do século XVI. Quando chegamos aqui como escravizados, éramos civilizados, tínhamos cultura, tínhamos conhecimento de ciência. Eles não comprariam um escravizado burro - um escravizado burro não era bom, você tinha de saber fazer algo para ser um escravizado lucrativo. Este era um país que precisava de um sistema agrícola. Eles não tinham agricultura na Europa nos séculos XV e XVI. Qual era o produto agrícola, por qual produto agrícola a Europa se tornou famosa? Diga-me. Você não pode dizer-me. Porque eles não tinham nenhum, eles estavam cultivando ervas daninhas lá na Europa. Os produtos agrícolas e o sistema agrícola existiam na África e na Ásia. Você dominava o cultivo do algodão, dominava o cultivo de todos os produtos agrícolas necessários para proporcionar uma dieta equilibrada a uma pessoa no continente africano. Você era um mestre em carpintaria, metalurgia e todas essas outras habilidades e era disso que eles precisavam. Eles não precisavam apenas de alguém com músculos para trabalhar - precisavam de alguém com inteligência. Então eles trouxeram nosso pessoal para cá, que eram os mestres dessas habilidades, que possuíam todas essas habilidades. E eles nos trouxeram aqui para montar um sistema agrícola para eles e mostrar a eles como tecer as roupas e fazer as outras coisas que torna uma civilização e uma sociedade equilibrada.

Então, quando nosso povo chegou aqui - e eles vieram de uma civilização onde eles tinham alto padrão moral, não havia roubo, nem embriaguez, nem adultério, fornicação, não havia nada além de uma moral elevada - quando chegaram aqui, encontraram um país que tinha o padrão moral mais baixo que existia na Terra naquela época, porque era povoada e administrada por prostitutas, por assassinos, por criminosos e eles criaram uma sociedade

compatível com a natureza deles. E quando nosso pessoal entrou nisso, eles ficaram chocados - eles se rebelaram contra isso, eles não queriam ficar aqui. Em primeiro lugar, eles foram trazidos para cá acorrentados como a história aponta. Inicialmente, há um livro chamado *O Comércio de Escravizados*, de Spears, no qual ele relata que um dos primeiros navios negreiros a vir para cá foi navegado por um inglês chamado John Hawkins, e o navio de John Hawkins se chamava Jesus, o bom navio de Jesus. Este foi o barco que eles usaram - está na história - eles usaram Jesus para trazê-los aqui. E eles têm usado Jesus para te manter submisso aqui também.

Quando nosso povo chegou aqui e descobriu o problema em que havia entrado, eles não queriam ficar. Muitos deles começaram a procurar o navio que os trouxe aqui. Os escravos tinham um antigo hino espiritual que eles cantavam: ²⁶“Roubar Jesus para voltar para casa”. Você pensa que eles estavam falando sobre um homem que ficou pendurado na cruz dois mil anos atrás, mas eles estavam falando sobre o navio que os trouxe aqui. Eles queriam roubar e embarcar naquele navio que se chamava Jesus para voltar para casa no continente-mãe, o continente africano, de onde haviam sido raptados. Mas você vê os pobres Negros hoje, que sofreram uma lavagem cerebral, ainda sentados na igreja falando sobre roubar Jesus, falando sobre o paraíso, sobre morrer e ir para algum lugar. Isso mostra como sua mente está toda desajustada. Eles estavam falando de um barco. Eles costumavam cantar uma canção: "Você pode ter todo esse mundo, mas me dê Jesus.

Eles não estavam falando sobre aquele homem que morreu supostamente na cruz, eles estavam falando sobre um barco. "Você pode ter este mundo" - este mundo ocidental, este mundo ocidental mau, corrupto, degradado - mas me dê o barco Jesus, mas me dê o navio Jesus, para que eu possa voltar para casa onde estarei entre o meu povo. É disso que vem o espiritual. Mas eles cantam isso na igreja hoje, e aquele velho pregador cego tem a sua e a minha - aprovação, pregador cego - mantém a sua e a minha mente tão confusa que pensamos que Jesus foi alguém que morreu numa cruz, e nós nos sentamos lá abrimos a boca falando sobre “você pode ter todo este mundo, mas me dê Jesus”. E o homem levou todo este mundo e lhe deu Jesus, e isso é tudo o que você tem é Jesus.

Havia três pessoas envolvidas no crime que foi cometido contra nós - o traficante de escravizados, o mestre de escravizados e um terceiro que eles não contaram a você e a mim, o

²⁶ *Steal away to Jesus*. Hino cristão cantado nas igrejas afro-americanas.

feitor de escravizados. Você leu sobre o traficante de escravizados e sobre o mestre de escravizados. Na verdade, você conhece o mestre dos escravos - você ainda está nas mãos dele. Mas você nunca leu na história sobre o papel que o feitor de escravizado desempenhava.

Você não pode transformar um homem sábio em um escravo, você não pode transformar um guerreiro em um escravo. Quando você e eu viemos para cá, ou melhor, quando fomos trazidos para cá, fomos trazidos de uma sociedade que era altamente civilizada, nossa cultura estava no mais alto nível e nós éramos guerreiros - não sabíamos o que era medo. Como eles poderiam nos tornar escravos? Eles tinham que fazer conosco o mesmo que eles fazem com um cavalo. Quando você tira um cavalo da natureza, você não pula nele nem monta nele, nem coloca um antolho na boca dele e o usa para arar. Não, você precisa domá-lo primeiro. Uma vez que você o apazigua, então você poderá montá-lo. Agora o homem que o monta não é o mesmo homem que o doma. É preciso um tipo diferente de homem para domesticá-lo para que o outro possa montar. O homem comum, que está montando, não pode domá-lo. É preciso um homem cruel para fazer isso, um homem maligno, um homem sem coração, um homem sem sentimentos. E é por isso que eles omitiram o papel do feitor de escravizados da história. Foi tão criminoso que eles nem se atrevem a escrever sobre isso, para dizer o que foi feito conosco, como eles abateram nosso espírito e nos reduziram ao nível lastimável em que estamos hoje. Porque se você descobrir o papel que aquele feitor de escravizado tinha, eu vou te dizer, você vai achar difícil esquecer e perdoar, você vai achar difícil. Eu não posso perdoar o traficante de escravizados ou o mestre de escravizados, você sabe que eu não posso perdoar o feitor de escravos.

Nosso povo não foi trazido logo para este país. Antes, eles eram deixados nas ilhas das Índias Ocidentais, no Caribe. A maioria dos escravizados trazidos da África eram deixados primeiro nas ilhas do Caribe, as ilhas das Índias Ocidentais. Por que? Eles precisavam quebrantá-los. Eles precisavam abater o espírito deles lá primeiro. Quando eles os abatessem, eles trariam para a América aqueles cujo espírito havia sido desmantelado. Para isso, eles usavam todos os tipos de táticas. Eles criavam medo neles, por um lado. Eu li em um livro como o feitor de escravos costumava levar uma mulher grávida, uma mulher africana e obrigá-la a assistir o marido dela ser torturado até a morte.

Um desses feitor de escravos tinha árvores que ele plantava em posições onde podia dobrá-la e amarrá-la e depois, eles amarravam as mãos do escravizado em uma e as pernas em

outra. De modo que, quando ele cortasse a corda, aquela árvore iria se soltar e puxar os braços e as pernas do escravizado para fora, esquartejando-o em quatro partes diferentes. Eu vou te mostrar livros onde você pode ler sobre o assunto. Eles escreveram sobre isso. Eles colocavam as mulheres escravizadas grávidas para ficarem lá e ver como eles faziam isso, de modo que todo esse sofrimento e medo que elas sentiam fossem transferidos direto para aquele bebê, aquele bebê africano que ainda ia nascer. Ele nasceria com medo, nasceria com pânico disso. E você carrega esse medo até hoje - você ainda tem isso. Quando você estar em frente daquela coisa de olhos azuis, você começa a ter comichão, não é? E você não sabe o porquê. Foi colocado em você. Mas quando você descobrir como eles fizeram isso, você vai poder arrancar isso de você e colocá-lo de volta neles.

Agora eu não estou falando de racismo. Isso não é racismo - isso é história, estamos lidando com um pouco de história hoje à noite. Nós temos apenas alguns minutos restantes, então eu estou tentando ir mais rápido. Estou meio cansado, então não posso ir muito rápido - você vai ter de me desculpar - mas eu só quero concluir o resto disso.

Costumavam levar a mulher escravizada que engravidava e amarrá-la pelos dedos dos pés, deixando-a pendurada de cabeça para baixo, e depois, eles pegavam uma faca e cortavam o estômago, deixando cair o feto para depois pisotear a cabeça no chão. Eu vou te mostrar livros onde eles escreveram sobre isso, eu vou citá-los para você: *Slave Trade* by Spears; (*O Tráfico Escravo*) de Spears; *From Slavery to Freedom (Da escravidão à liberdade)* de John Hope Franklin; *Negro Family in the U.S.A (Família Negra nos EUA)* de Frazier; *All night long—Anti-Slavery (Durante noite toda – Anti-escravidão)* Dwight Lowell Dumond - vou citar esses autores para você a noite toda. Eles próprios escreveram sobre o que eles fizeram a você e a mim. E eles ainda tem a audácia de dizer que ensinamos o ódio porque estamos falando sobre o que eles nos fizeram. Porque eles são sortudos, realmente, eles têm sorte, eles são afortunados.

Os escravizados costumavam cantar aquela música sobre “Meu Senhor vai mover essa raça perversa e levantar uma nação justa que irá obedecer”. Eles sabiam do que estavam falando - eles estavam falando sobre o homem. Eles costumavam cantar uma música, “*Good News, a Chariot Is Coming.*” “*Boas Novas, Uma Carruagem Está Vindo*”. Se você perceber, tudo o que eles cantavam, aqueles cânticos espirituais falavam sobre ir embora daqui. Nenhum deles queria ficar aqui. Vocês são os únicos, sentados aqui agora, com uma letargia crônica querendo ficar. Você deveria ser esclarecido e atento, você deveria saber o que está acontecendo, você sabe -

eles não deveriam saber o que está acontecendo. Mas tudo o que eles cantavam, todas as músicas indicavam que eles não estavam satisfeitos aqui, que eles não estavam sendo tratados corretamente, que alguém tinha que ir.

O feitor de escravizados sabia que ele não podia tornar essas pessoas escravas antes de as tornarem infantis. E uma das melhores maneiras de tornar um homem idiota é tirar sua língua, tirar sua linguagem. Um homem que não sabe falar, como é que eles o chamam? Um boneco. Uma vez que sua língua é tirada, você se torna um boneco. Você não pode se comunicar com as pessoas que são seus parentes, nunca pode ter acesso a informações de sua família - você simplesmente não consegue se comunicar.

Além disso, se você perceber, a língua natural que uma pessoa fala é chamada de língua materna. E a inteligência natural que uma pessoa possui antes de ir para a escola é chamada de inteligência materna. Não de inteligência paterna - chama-se de sabedoria materna porque tudo o que uma criança sabe antes de chegar à escola ela aprende com a mãe e não com o pai. E se ela nunca for à escola, qualquer que seja a inteligência natural, ela a obtém principalmente de sua mãe e não de seu pai, então é chamado de sabedoria materna. E é a mãe também que ensina a criança a falar sua língua, de modo que a língua natural é chamada de língua materna. Sempre que você encontrar tantas pessoas semelhante a nós, que não pode falar qualquer língua materna, isso é uma prova de que algo foi feito a nossa mãe. Algo aconteceu com ela

Eles tinham leis naquela época que tornavam obrigatório que uma criança negra fosse tirada de sua mãe assim que ela nascesse. A mãe nunca tinha chance de criá-la. A criança seria levada para algum lugar longe da mãe para que ela não ensinasse à criança o que ela sabia - sobre si mesma, sobre seu passado, sobre sua herança. Teria que crescer em completa escuridão, sem saber nada sobre a terra de onde veio ou sobre as pessoas de quem veio. Nem mesmo sobre sua própria mãe. Não havia relação entre a criança e sua mãe, era contra a lei.

E se o mestre encontrasse alguma daquelas crianças com algum conhecimento de sua língua materna, ela seria morta. Eles tiveram que eliminar a língua. Eles fizeram isso cientificamente. Se eles encontrassem qualquer um deles que pudesse falar, se fosse o líder, eles o matariam, eles o matariam na frente da mãe, se necessário. Isso é história. Foi assim que eles tiraram sua língua. Você não perdeu, não evaporou - eles tiraram isso por meio de um

processo científico porque eles sabiam que tinham que fazer isso para te infantilizar, para tornar você um boneco, é o que você e eu somos hoje.

Eu li em alguns livros que relatavam que algumas das mães escravizadas tentaram enganá-los. A fim de ensinar a criança, que estaria em outro campo, em algum lugar, elas mesmas oravam e oravam em voz alta em seu próprio idioma. A criança no campo distante ouviria a voz de sua mãe e aprenderia a rezar da mesma maneira e aprendendo a rezar, ela aprendia um pouco da língua. E o mestre descobriu, e imediatamente, ele intensificou seus esforços para matar todas as criancinhas que estavam se beneficiando disso. E assim se tornou contra lei, o escravizado rezar em sua língua, se o mestre soubesse disso. Era contra a lei.

Você já ouviu algumas pessoas dizerem que tinham que orar com a cabeça no balde. Bem, eles não estavam orando para o Jesus para quem eles oram agora. O homem branco permitirá que você chame esse Jesus o dia todo, na verdade, ele permitirá que você o chame. Se você estivesse orando para outra pessoa, então ele teria medo disso. Se você orasse para outra pessoa em outra língua - isso lhe causaria medo, um pouco de pavor. Todas aquelas canções que os escravizados cantavam e chamavam de espirituais, falavam de coisas que estava acontecendo com eles. E quando a criança percebeu que não podia mais ouvir a reza de sua mãe, os escravizados vieram com uma música, “*I Couldn't Hear Nobody Pray*” (*Eu Não Pude Ouvir Ninguém Orar*) ou a canção “*Motherless Child*” (*Criança Órfã*). Às vezes, eu me sinto como uma criança órfã. O pai se foi, a mãe foi embora, a criança sem mãe vive um momento difícil. Todas essas canções descreviam o que estava acontecendo conosco, por meio da única maneira que os escravizados sabiam se comunicar – através da música. Eles não ousaram dizer isso diretamente, então eles colocaram isso em forma música. Eles fingiram que estavam cantando sobre Moisés em “*Go Down, Moses*”. (*Desça Moisés*). Eles não estavam falando sobre Moisés e dizendo “Faraó deixe o meu povo ir”. Eles estavam tentando estabelecer algum tipo de conversa um com o outro, sobre o líder do mestre do escravizado. Agora você ouve esses hinos e interpreta no sentido literal. Sim, eu ouço você cantando “*Desça Moisés*”, e você ainda está se referindo a Moisés de há quatro mil anos – você perdeu a cabeça. Mas aqueles escravizados tinham muita percepção. Tudo que eles cantavam era direcionado para a liberdade, para o retorno a casa, ou para tirar esse grande macaco branco de suas costas.

Por trezentos anos, ficamos nesse nível. Finalmente, acabamos chegando a um nível onde não tínhamos mais linguagem, nem história, nem nome. O homem branco nos nomeou -

Jones, Smith, Johnson, Bunche e nomes como esses. Nós não poderíamos falar nossa própria língua, nós não tínhamos nenhuma. E então, ele começou a ensinar que nós viemos de uma selva onde as pessoas não tinham linguagem. Este foi o crime que eles cometeram - ele nos convenceu de que nosso povo era selvagem, e a razão pela qual não podíamos conversar foi porque nunca tivemos uma língua. E nós crescemos pensando que nunca tivemos uma.

Enquanto isso, enquanto ele trabalhava conosco, os irmãos deles - na Inglaterra, na França, na Bélgica, na Espanha, na Itália e na Alemanha - estavam trabalhando no continente africano. Enquanto ele estava trabalhando em nós aqui, eles estavam correndo soltos no continente africano, apagando todos os sinais que provasse a existência de uma civilização ali, escravizando-os também. E trabalhando juntos como parceiros, o homem do continente europeu, em conluio com este homem branco do continente americano conseguiu dominar a África, a Ásia e o mundo inteiro, enquanto nós estávamos dormindo. Então, em 1865, ele criou um truque, fingindo que estava travando uma guerra civil para nos libertar - o que não nos libertou.

Ele criou outro truque, que estava emitindo uma Proclamação da Emancipação para nos libertar - o que não nos libertou. E então ele também fingiu que estava colocando algumas emendas na Constituição para nos libertar - o que não nos libertou. Mais tarde, ele veio com uma decisão da Suprema Corte que, segundo ele, nos daria acesso livre a uma educação melhor - o que não nos deu acesso. E no ano passado ele apresentou um projeto de lei que supostamente nos daria mais liberdade - e que também não nos deu mais liberdade.

Qualquer homem que conheça o alto nível de civilização de onde de veio, qualquer homem que conheça as ações criminosas que foram feitas contra nós pelos europeus que resultou na condição em que estamos nos últimos trezentos anos, saberá que ele é tão astuto, tão ardiloso, tão criminoso que está quase além de sua natureza, o desejo de apresentar algo significativo que desfaça o que nos foi feito nos últimos trezentos anos. É absolutamente necessário - tudo o que é feito para nós, tem que ser feito por nós.

Agora, irmãos e irmãs, já passa das dez horas, e eu definitivamente não pretendia passar das dez, mas eu quero que você tenha pelo menos dez minutos de perguntas antes de nos despedirmos e nos prepararmos para a nossa reunião na próxima semana. Eu senti a necessidade de falar um pouco sobre a história para que nos lembrássemos - porque muitos de vocês já sabem sobre tudo o que eu disse hoje à noite, mas há muitos outros que não sabem. Então, eu senti que era absolutamente necessário usar esta noite, já que estamos nos preparando para

comemorar a Semana da História do Negro, em fevereiro, para escavar um pouco a história de nosso povo que existiu antes da época em que fomos trazidos para a América. Na próxima semana, no próximo domingo à noite, vamos falar sobre como lidar com as condições atuais e os esquemas enganosos que são usados pelo governo, bem como outras forças para perpetuar nossa condição, em vez de aliviá-la.

E então, no terceiro domingo, dia trinta e um de janeiro, é nossa intenção apresentar a vocês o programa e a solução da Organização da Unidade Afro-americana, o qual achamos que trará alguns resultados significativos, e nós vamos pedir 100% de sua cooperação, a fim de materializá-lo. Antes de termos nosso período de perguntas, vamos fazer uma coleta. E eu quero pedir a você, especialmente esta noite, por favor, seja mais generoso do que você é. Porque se há algo que precisamos é de apoio financeiro. Não recebemos ajuda de nenhuma fonte externa. Qualquer pessoa entenderia. Não recebemos ajuda alguma além daquilo que recebemos aqui nessas reuniões.

Além disso, nesta semana, queremos lançar um anúncio em um dos jornais locais, para divulgarmos que estaremos aqui na semana que vem. Nenhum dos jornais fala sobre nossas reuniões, eles não nos ajudam a divulgá-lo, além do jornal *The Militant* (O Militante). Mas os outros jornais afro-americanos não ajudam. E eu gostaria que você tentasse cooperar da melhor forma possível e nos ajudasse. Porque nós precisamos disso. Na verdade, se pudéssemos obter um suporte financeiro mais forte, estaríamos em condição de fazer nosso programa se materializar muito mais rápido.

[Uma arrecadação é feita. Em seguida, uma pergunta é feita por uma mulher sobre a venda de escravizados por africanos aos europeus.

Malcolm X: Todas essas coisas aconteceram. Os africanos vendiam escravizados, nós vendíamos um ao outro. Árabes vendiam escravizados. O homem branco comprou os escravizados. Você pode se perguntar o que aconteceu para nos levar a vender uns aos outros. O homem branco tinha um truque. Ele produzia rum, cana de açúcar - como isso acontece? Eles cultivavam cana-de-açúcar no Caribe e a levava para a Nova Inglaterra, transformando-a em rum, e então levavam aquele rum para a África e trocava por escravizados. Foi algo assim [vozes na audiência: "triangular."]. Como foi isso? Sim, triangular, algum tipo de triângulo. Imagine isso, eles usaram nosso trabalho servil para cultivar a cana; eles levavam a cana para a Inglaterra transformavam em rum e uísque e outras coisas. E depois levavam para a África e

trocava por escravizados. Eles tinham algodão que levavam para a Europa em troca de produtos manufaturados que estavam sendo despejados por lá. Mas você e eu, nossos corpos, foram os nossos corpos que os tornaram ricos. Agora, quem fez isso? Os africanos capturavam os cativos de guerra, e os europeus fizeram aquele velho truque de dividir para conquistar, e vendiam armas para um lado e o lado que possuía mais armas facilmente derrotavam o outro lado. E esse padrão de pensamento cultural, em que o prisioneiro de guerra se tornava um escravo, era um prêmio de guerra e entregue aos europeus. Duvido que algum deles soubessem realmente em que eles estavam se envolvendo, ou soubessem em que estavam entrando. Mas foi uma coisa muito cruel, você e eu somos vítimas disso. Todo mundo se sente culpado por isso, você pode acreditar. Os árabes são culpados, os europeus são culpados, os africanos se sentem culpados, todo mundo se sente culpado. Sim senhor.

[**Uma pergunta** é feita por um homem sobre os tipos diferentes de escravidão que existiram em épocas diferentes em países diferentes.]

Malcolm X: Sim, e fico feliz que você tenha perguntado isso. É verdade que o tipo de escravidão praticado na América nunca foi praticado por nenhum outro país na história. Muitas vezes, o que você lê na história com referência à escravo não era nada além de um servo porque ele não podia fazer o que os europeus fizeram. Mas o modo como você e eu fomos vendidos - fomos vendidos como se fôssemos animais. Nossas características humanas foram negadas. Nós nos tornamos uma mercadoria, sem nome, sem linguagem, mercadoria, sem Deus, sub-humanos. E eles não tinham sentimentos por nós. Na igreja, eles fizeram isso em nome do Senhor. Ah, sim, até isso eles fizeram. E não me diga nada sobre essa igreja em Roma - eles desempenharam um dos papéis principais. Agora, eles tentam agir de forma hipócrita, você sabe, fingindo que está tudo bem. Eles nomearam alguns cardeais Negros, alguns outros bispos para nos enganar, e você corre e reza para o Espírito Santo Católico.

Malcolm X: Mais alguma pergunta? Sim, Sr.

[**Uma pergunta** é feita por um homem sobre a relação entre as pessoas que trouxeram os escravos para a América e "as pessoas que nos governam hoje."]

Malcolm X: Oh sim, seus descendentes. Isso é tudo que eles são, irmão, acredite em mim. É isso que os torna tão enganosos e traiçoeiros. Tal pai, tal filho. Você e eu fomos produzidos por

reis e rainhas no continente africano, os melhores cientistas. Eles levaram o melhor da sociedade africana e nos venderam como escravos. Nós pagamos o preço mais alto. Nós não viemos aqui como idiotas, nós éramos a nata da sociedade africana. Não esses homens. Aqueles que foram enviados da Europa para o Novo Mundo eram a escória da sociedade. Ladrões, velhos desgastados - você pensou que eu ia dizer outra coisa, não foi? Não, eles eram a pior parte da sociedade europeia, irmão, e eles ainda refletem o que são hoje.

Tudo o que você os vê fazendo aqui – eles não têm sentimentos, eles venderiam você no rio agora. Eles não têm moral alguma, nenhum senso de consciência moral existe neles. Eles vão mentir, falarão sobre a Grande Sociedade e sobre todas as outras coisas. Nada além de mentiras. Como alguém do Texas vai começar uma grande sociedade? Eles não estão lá embaixo. Sabe, quando eu estava lá no mundo, costumava ver Willie Bryant no Apollo. Você se lembra de Willie Bryant? Eles tinham uma música naqueles dias sobre "*Deep in the Heart of Texas*", e eu costumava ouvir Willie Bryant cantando: "As estrelas são brilhantes, elas te enforcarão qualquer noite, bem no coração do Texas", apenas vinte anos atrás e eles ainda fazem a mesma coisa hoje. E Johnson era congressista então. Você conhece Johnson - ele pegou um resfriado. Há alguma outra pergunta? Sim senhor.

Malcolm X: Há mais alguma pergunta? Sim, Sr.

[**Uma pergunta** é feita por um homem sobre o número de índios nos Estados Unidos.]

Malcolm X: Índios? Eles estão na reserva. Eles colocaram você e eu na plantação e colocaram os índios na reserva, foi assim que eles construíram essa nação. O índio está em situação pior que a nossa. Eu estive no deserto, em uma reserva indígena no Arizona alguns anos atrás. Eles estão em uma situação difícil. Mas eles têm mais respeito pelos índios do que por você e por mim. Você sabe por que? Porque eles lutaram contra eles. Você não ouve nenhum homem branco falando que ele tem problemas com os Negros, mas em um minuto você vai ouvi-lo dizer que ele tem algum problema com os índios. Um homem branco dirá isso. Você não ouviu? Claro, eles vão reclamar dos índios, mas ninguém vai reclamar de nós porque não somos violentos. Ninguém quer estar relacionado com nada violento, ninguém. Você vai ser um escravizado pacífico, não-violento. Agora, esse índio, irmão, ele bebeu sangue, ele arrancou. Imagine arrancar o couro cabeludo de um homem. E dizer que tirou sangue dele. Assim, ele vai te respeitar. Não, é isso que você precisa aprender a fazer. Os índios disseram que eles

distorceram o fato, o que significa que eles são mentirosos, você sabe. Os índios os conheciam. E eles te mostram toda vez que você liga a televisão - qualquer foto antiga de caubói mostra um homem branco mentindo para o índio. Ele não esconde isso. Hora de mais algumas perguntas, mais algumas perguntas. Não mais? Sim, senhora.

[**Uma pergunta** é feita por uma mulher sobre o "feitor de escravos."]

Malcolm X: [A mesma mulher fala mais sobre o romance *Mandingo*.] Sim. Eu sei que alguns de vocês nunca leram o *Mandingo*, não é? É verdade que eles costumavam ter escravizados Negros especiais que eles chamavam de varões, eu acho, cujo trabalho era apenas reproduzir. Eu vejo muitos deles no Harlem hoje. Naquela época, uma criança nascida de uma escravizada nunca conhecia seu pai, não sabia quem era o pai, não fazia diferença. E você sabe, isso afetou nossa sociedade.

Até mesmo hoje, você lê algumas conclusões desses chamados sociólogos. Eles admitem que há uma tendência das nossas mulheres terem bebês fora do casamento, isso é um reflexo direto de um hábito que nasceu durante a escravidão. Na escravidão, não significava nada para uma mulher negra ter um bebê - ela deveria ter um bebê. E o pai, o Negro que era pai do bebê, nunca tinha permissão para assumir a responsabilidade de um pai. Tudo o que ele tinha de fazer era o bebê. Ele não podia reconhecê-lo como seu filho, pois ia ser vendido assim que o mestre quisesse vendê-lo. Ele nunca foi autorizado a desenvolver um senso de responsabilidade para cuidar de seus próprios filhos. E isso está diretamente relacionado com a escravidão e reflete na comunidade afro-americana hoje. Você encontrará muitos homens que são casados e têm dois ou três filhos fora do casamento, ele abandona a mulher como se ela nem tivesse existido e abandona as crianças sem pensar duas vezes, sem pensar duas vezes. Bem, você não encontrará um africano fazendo isso. Nós não éramos assim na África. Isso é um retrocesso, é resquício da escravidão. Temos que nos livrar disso. Mas você nunca vai se livrar disso até se livrar da causa e você sabe quem é a causa. Há alguma outra pergunta?

Então eu tenho alguns anúncios que eu gostaria de ler rapidamente. Nosso boletim informativo, O *Blacklash* será revisado e transformado em um jornal, um jornal mais informativo e atraente. Estamos trabalhando nisso agora. E o irmão que tem feito um trabalho tão maravilhoso no boletim informativo, o irmão Peter. Eu não o vejo - onde está o irmão Peter? Lá atrás, o simpático irmão. Dê uma ajuda a ele. Ele tem feito um trabalho maravilhoso no

boletim informativo e agora está trabalhando para transformá-lo em um jornal. Além disso, haverá uma reunião de membros da Organização da Unidade Afro-americana, na terça-feira, 26 de janeiro, às 20h, na 2395 Eighth Avenue (Oitava Avenida). Gostaríamos que todos os membros participassem porque estamos tentando nos organizar de tal forma que possamos estar inseparavelmente envolvidos em um programa de ação que atenda às necessidades, desejos, gostos e desgostos de todos os envolvidos. E nós queremos você envolvido nisso.

Além disso, as aspirações e objetivos da Organização da Unidade Afro-americana estão sendo preparados no momento. Eles estarão disponíveis em breve. Estamos tentando fazer dessa organização uma instituição em que afro-americanos sinceros possam ter uma participação ativa. Por isso, as suas sugestões serão bem-vindas em todas essas reuniões de ampliação de sócios. Uma delas será na noite de terça-feira. Nós queremos suas sugestões, nós não reivindicamos para nós a tarefa de ter respostas para tudo, mas achamos que todos nós, unidos podemos chegar a uma solução. Acreditamos que o cérebro que você tem, a capacidade de pensar, a sua experiência nesse inferno pelo qual passamos são as credenciais de que você precisa para chegar a reunião com suas sugestões.

Com todas as sugestões, talentos e *know-how*, acreditamos que podemos conceber um programa que vai abalar o mundo. Francamente, isso é o que precisamos fazer, agitar o mundo. Não precisamos duplicar nada do que já foi feito com toda essa polidez e compromisso e assim por diante. Precisamos descobrir o que precisa ser feito e fazê-lo, não importa se eles gostem ou não. Primeiro, analise, depois descubra o que é necessário ser feito, e então vamos fazer. Sim, Senhor.

[**Um homem pergunta** sobre um telegrama que seria enviado para o líder do partido nazista americano.]

Malcolm X: Deixe-me ver se eu tenho aqui. Enviei este telegrama para Rockwell outro dia. Diz assim: “Para George Lincoln Rockwell: este telegrama é para avisá-lo que eu não estou mais proibido pelo movimento Muçulmano Negro de lutar contra os supremacistas brancos. Se sua presente agitação racista contra nosso povo no Alabama causar danos físicos ao Reverendo King ou a qualquer afro-americanos que estão apenas tentando desfrutar de seus direitos como seres humanos livres, você e seus amigos da Ku Klux Klan serão recebidos com a máxima

retaliação física por aqueles que não estão preso a filosofia da não-violência, e que acreditam em nosso direito de autodefesa por qualquer meio necessário ”.

Isso foi enviado numa época em que eles agiam com brutalidade em Selma. E você não ouviu nada sobre isso desde então. Não. Toda a imprensa estava ciente de que foi enviado. Mas não falaram nada sobre isso, eles não divulgaram. Eu vou lhe dizer por que eles não divulgaram e devo lhe contar. O chamado elemento liberal da estrutura de poder branco nunca quer ver nacionalistas envolvidos em qualquer coisa que tenha a ver com direitos civis. E eu vou te dizer o porquê. Todos os outros Negros envolvidos seguem as regras estabelecidas pelos liberais brancos. E enquanto eles estiverem comprometidos com essas regras, isso significa que eles irão apenas até onde o elemento liberal da estrutura de poder permita. Mas quando os Negros de mentalidade nacionalista se envolvem, fazemos o que nossa análise nos diz o que é necessário fazer, quer o liberal branco ou qualquer outra pessoa goste ou não. Então, eles não nos querem envolvidos.

Além disso, eu estava curioso para saber como o Dr. King reagiria se lhe dissessem. Veja, eu o vi sendo derrubado na televisão, eu vi o homem bater na boca dele. Bem, isso me machuca, eu vou te dizer. Porque eu sou afro-americano assim como ele, não me importo quão idiota ele seja. Ainda assim, quando vejo um afro-americano levando soco na boca isso me machuca porque pode acontecer com você ou comigo. E se eu tivesse lá com o King e visse alguém batendo nele, eu iria socorrê-lo. Eu estaria me contradizendo se eu fizesse você pensar que eu não faria isso. Sim, e então eu mostraria a ele, veja, você está fazendo do jeito errado - é assim que se faz. Você tem mais uma pergunta, senhor?

[**Um homem relata um incidente**, após a tentativa de World's Fair barrar um palestrante nacionalista afro-americano – em abril de 1964, quando Roy Wilkins e o escritório nacional da NAACP tomou uma posição contra o Conselho juvenil NAACP que queria convidá-lo.]

Malcolm X: Sim. Você sabe por que, irmão? Porque eles estão com medo, como eu disse, eles não querem pessoa de ideia nacionalista envolvida na luta dos direitos civis. Veja, os direitos civis são dos Negros - deixe-me usar a palavra Negro por um minuto, o movimento dos direitos civis está em uma camisa de força. Realmente está. Leia este livro *The Negro Mood (O Humor Negro)* – o capítulo "*O Estabelecimento Negro*" - e você verá que eles estão em uma camisa de força. Eu vou lhe dizer francamente o que pretendo fazer. Como eles costumavam me condenar

o tempo todo, quando eu estava no movimento Muçulmano Negro, por falar, mas não me envolver, “Ok”, eu vou dizer “você está vendo alguma ação acontecendo? Eu vou me envolver”. Mas eu sei que eles não querem que eu me envolva. Porque se eu me envolver, vou me envolver totalmente.

Eu digo isto: que se a lei da terra declara que você e eu temos o direito de fazer assim e assim, não é preciso um piquete para estabelecer esse direito. Tudo o que temos de fazer é ir e fazer. Agora, qualquer um que nos atrapalhe a nos prive desse direito, que é constitucional - Suprema Corte e todo esse tipo de coisa - qualquer um que entre em nosso caminho é um transgressor da lei. Nós não somos os transgressores da lei, estamos aplicando a lei. Qualquer um que tente nos impedir de se registrar e votar está transgredindo a lei. Você pode destruí-lo, sim, você pode destruí-lo, e ele não poderá fazer nada a respeito disso. Agora eles sabem disso. É por isso que eles querem nos manter fora da luta dos direitos civis.

Eles não querem nenhum nacionalista envolvido. E você realmente faz um desserviço a todos por não se envolver, porque o que você faz é criar um vácuo. E o tio Tom pega todos os cinturões Negros e os conduz de maneira não violenta. Não, eu digo, vamos entrar e entrar sem compromisso, e qualquer um que atrapalhe, não faça compromisso. Isso é tudo.

Se os Negros no Alabama estão tentando se registrar e votar, se eles estão tentando se registrar, então os Negros no Alabama estão dentro de seus direitos. Qualquer um que interfira, de alguma forma, está infringindo a lei. Bem, nossa gente no Alabama, nossa gente no Harlem, nossa gente na Califórnia, são as mesmas pessoas. Você e eu não chegaremos a lugar nenhum ficando de braços cruzados, dizendo que estão fazendo errado. Eu passei doze anos fazendo isso no movimento Muçulmano Negro, condenando todos a caminhar, e em nenhum momento nos foi permitido se envolver para mostrar um caminho melhor. Ok, eu digo, vamos nos envolver. Mas vamos nos envolver até o fim. Isso não significa que vamos nos envolver em qualquer coisa.

Mas um homem tem o direito de votar, um homem tem o direito de ser registrado. Em áreas, especialmente no Sul, onde o nosso pessoal supera o número de brancos, se eles fossem registrados poderiam tirar todos os brancos dos ministérios. Mas você sabe, isso é entre você e eu, eu só quero dizer - entre você e eu, e os dedos-duros presentes, mesmo aqui no Harlem, onde temos o direito de registrar e votar, não nos registramos e votamos. Se todas as pessoas

no Alabama pudessem se registrar e votar, provavelmente não se registrariam e votariam. Então, você vê, você tem que ter um programa múltiplo, um programa de várias frentes. Então, quando eu digo que apoiamos isso, isso não quer dizer que não apoiamos outras coisas também. É preciso um programa de várias frentes para solucionar esse problema.

Mas, irmão, o homem não pode te dar a solução. Você nunca obterá a solução de qualquer liberal branco. Deixe você e eu sentarmos e discutirmos o problema, e descobrir qual é a solução adequada. E então, se eles quiserem ajudar, então deixe-os ajudar do modo deles de uma forma que eles possam ajudar. Mas não deixe que eles nos digam como devemos resolver nosso problema. Esses dias acabaram. Se eles querem ajudar do modo deles, de uma maneira que eles possam ajudar, está bem, mas não venha se juntar a nós para nos dizer como resolver nosso problema. Eles não podem fazer isso, e eles não farão. É como pedir à raposa para ajudá-lo a resolver o problema que você enfrenta com o lobo. Ele vai te dizer como resolver tudo bem, mas eu garanto, você terá um problema pior depois - um problema com a raposa. Ele lhe dará uma solução que o colocará nas garras dele e é isso que o liberal branco faz.

Muito raramente, se você perceber, você encontrará brancos que podem aturar os nacionalistas Negros. Você nunca se perguntou por que? Quero dizer, mesmo o branco mais liberal não pode concordar com esse nacionalismo Negro. Ele não pode, ele simplesmente não consegue suportar. Mas ele pode apoiar a integração porque ele sabe que pode entrar lá e fazer com que você retroceda, pensando que está fazendo algum progresso.

Não, nós não queremos isso. Há um lugar para eles, há algum trabalho que eles podem fazer. Eu não estou pedindo para eliminá-los - há algo que eles podem fazer. Mas eu digo, descubra o que os brancos podem fazer e deixe-os fazer, descubra o que podemos fazer e faremos. Deixe-os seguir o seu caminho. Você toma a estrada baixa e nós tomamos a estrada alta e assim por diante.

Além disso, temos mais alguns anúncios, por favor. Começaremos uma aula de árabe amanhã, segunda-feira, 25 de janeiro, às 19:00 - amanhã à noite - no quarto 128 do Hotel Theresa. Estamos organizando as aulas de suaíli - já temos uma de árabe - estamos organizando uma de suaíli e outra de hausa para que você possa ser - como eles chamam? - poliglota. Você sabe, uma das coisas que eu descobri quando estava na África, muitas vezes, eu me senti muito perdido, por não ser capaz de falar a língua.

Pergunta:

Malcolm X: Senhor? Oh, está vindo. O irmão queria saber sobre uma aula de karatê. Esta é uma das primeiras aulas que você deveria ter - karatê. Você sabe, algumas pessoas tentaram me pegar ontem à noite - algumas delas, eu as chamo, tenho outro nome para elas. Eles estavam me esperando perto da minha casa. Então, quando eu saí - graças a *Allah*, eu tenho muita intuição - e eu fiz algumas coisas, e eles pularam em mim. É isso mesmo, quando você lê no jornal sobre essas pessoas malucas, isso não é nenhum exagero. Eles até atiraram em um irmão aqui no Bronx, acho que em plena luz do dia e o chicoteou deixando-o quase morto em Boston - você provavelmente ouviu isso no programa de Barry Gray Show.

Bem, eles perderam totalmente a cabeça. Uma vez que você encontra uma organização equipada dessa maneira e nunca tomar parte em qualquer tipo de ação que seja para o bem dos Negros contra o verdadeiro inimigo, eles vão se revoltar, destruir um ao outro. Você tem que começar a analisar realmente a situação.

Eu odeio expor isso, mas é verdade. Uma situação muito ruim se instalou e se deteriorou a ponto de você ter Negros tentando matar outros Negros enquanto eles deveriam estar usando esse talento para ir atrás de Rockwell e da Ku Klux Klan. E, francamente, quanto mais falo sobre Rockwell e o Klan mais isso os enfurecem - não a Rockwell e o Klan, mas a eles. Um dia desses, vou te dizer o porquê. Você nunca lerá nada no jornal Muçulmano Negro contra a Ku Klux Klan ou Rockwell. Você nunca lerá, nem mesmo acidentalmente. Mas se você voltar a algumas das edições anteriores, você encontrará J. B. Stoner sendo entrevistado pelo jornal Muçulmano Negro e ele foi entrevistado de maneira objetiva e favorável. Isso não foi por acaso, e como eu digo, se você continuar me pressionando, eu vou te dizer o porquê. Além disso, como você sabe que é quase impossível obter a cooperação da imprensa para divulgar nossas reuniões, a única maneira de as pessoas no Harlem saberem que estamos fazendo reuniões é se você informar a elas. Então, se cada um de vocês aqui se encarregar de informar apenas dez pessoas neste domingo, isso significa que no próximo domingo teremos - olhe para a multidão que temos aqui, e o tempo está muito ruim lá fora; é um milagre realmente. Vocês sabem, vocês são formidáveis. Você sabe que esse público aqui pode agitar qualquer audiência na cidade de Nova York? Você sabe por quê? Você é um valente por ter saído de casa debaixo de um tempo ruim como esse. Você tinha toda a desculpa do mundo para ficar em casa hoje à noite. Mas o fato de você ter saído mostra que você está pensando muito sobre algo. E eu te digo, eu te amo por isso.

E eu espero e rezo a *Allah* - e em quem quer que você acredite, o que quer que você acredite - espero e rezo para que possamos nos organizar e fazer tudo o que quisermos, qualquer coisa que quisermos, esta organização. E estamos trabalhando nesse sentido agora.

Eu acho que li todos os anúncios. James, se eu - oh sim, o último que eles me entregaram é este: como você sabe, custa U\$ 150 para alugar este salão a cada noite de domingo, e nós apenas coletamos U\$ 135. Além disso, esta semana tivemos o custo de folhetos e outras coisas que tivemos que realizar para tentar informar onde estamos. Então, eu deveria te liberar hoje ou pegar em outra coleta? Eu odeio ser como um velho pregador, mas irmãos, eu sei o que estamos enfrentando. Estamos tentando ter mais duas reuniões - não saiam ainda, fique apenas mais um tempinho - estamos tentando ter mais duas reuniões, vamos tentar fazer uma reunião no próximo domingo e no domingo seguinte. Agora, dentro das próximas duas semanas, vamos tentar unir a organização e o programa para que todos aqui possam participar. Mas honestamente - você sabe que eu não diria isso se não fosse verdade - nós precisamos da sua ajuda. Obrigado.

5. 24 Escola de Economia de Londres (11 de fevereiro de 1965)

[Introdução faltando]

O fato de ter me tornando muçulmano me impede de ver as pessoas a partir da cor de sua pele. Essa religião ensina a fraternidade, mas eu tenho de ser realista - eu vivo na América, uma sociedade que não acredita na fraternidade. A força bruta é usada por racistas brancos para oprimir a população afrodescendente. É uma sociedade racista governada por segregacionistas.

Onde o governo falha em garantir proteção ao Negro, ele tem o direito de se proteger. Ele está dentro de seus direitos. Os únicos que não querem que esta orientação seja dada aos Negros são os liberais brancos racistas. Eles usam a imprensa para projetar uma imagem de que somos violentos. Há brancos que nada mais são que racistas frios e cruéis.

Esse elemento é aquele que controla ou tem forte influência na estrutura de poder. Ele usa a imprensa habilmente para alimentar as estatísticas, fazendo parecer para o público que há uma alta taxa de criminalidade na comunidade afro-americana. Isso dá a impressão de que todas as pessoas dessa comunidade são criminosas, possibilitando que a estrutura de poder estabeleça um sistema de estado policial. Essa ação se torna permissível na mente do público branco bem-

intencionado, para que desse modo, eles possam entrar e usar todos os tipos de métodos policiais para reprimir brutalmente a luta dessas pessoas contra a segregação, a discriminação e outros atos desencadeados contra eles que são absolutamente injustos.

Eles usam a imprensa para estabelecer esse estado policial e a usam para fazer o público branco aceitar o que eles fazem contra a comunidade afrodescendente. Eles estão fazendo isso em Londres agora, se referindo a população das índias ocidentais e asiática como propensas a ter alta taxa de criminalidade ou tendência à ilegalidade. A eles são atribuídos todos os tipos de características negativas para fazer o público branco recuar, ou torná-lo apático quanto aos métodos de estado policial usados nessas áreas para suprimir a luta legítima e justa do povo contra a discriminação e outras formas de segregação.

Nova York é um bom exemplo de como eles fazem isso: no verão passado, quando os afro-americanos se revoltaram - os distúrbios, na verdade, não foram distúrbios em primeiro lugar, foram reações contra a brutalidade policial. E quando eles reagiram contra as medidas brutais executadas contra eles pela polícia, a imprensa em todo o mundo os rotularam de desordeiros. Quando as vitrines das lojas foram quebradas na comunidade afro-americana, imediatamente foi divulgado para fazer parecer que isso estava sendo feito não por pessoas que estavam reagindo contra as violações de seus direitos civis, mas eles deram a impressão de que eram criminosos, vagabundos que não queriam nada além de entrar nas lojas e levar a mercadoria.

Mas isso está errado. Na América, na comunidade afro-americana em que vivemos nada é de nossa propriedade. O senhorio é branco. O comerciante é branco. Na verdade, toda a economia da nossa comunidade nos Estados Unidos é controlada por alguém que nem mora lá. A propriedade em que vivemos pertence a outra pessoa. A loja com a qual negociamos é operada por outra pessoa. E são elas que sugam o sangue econômico da comunidade.

E estando em posição de controlar a economia de nossa comunidade, eles controlam os programas de rádio que nos atendem, eles controlam os jornais, a publicidade. Eles controlam nossas mentes. Eles acabam controlando nossas organizações cívicas. Eles acabam nos controlando economicamente, politicamente, socialmente, mentalmente e de qualquer outra maneira. Eles sugam nosso sangue como predadores.

E quando você vê os afro-americanos reagirem, uma vez que as pessoas que fazem isso não estão lá, eles reagem contra a propriedade deles. A propriedade é a única coisa que está lá. Então, eles a destroem. E você tem a impressão de que, porque eles estão destruindo a propriedade em que vivem, estão destruindo sua própria propriedade. Não. Eles não podem chegar ao proprietário, então eles pegam o que ele possui.

Isso não parece inteligente. Mas quem ouviu falar de uma explosão sociológica que foi feita de forma inteligente e educada? E é isso que você quer que o homem Negro faça. Você está tentando levá-lo a um gueto e torná-lo vítima de todo tipo de condição injusta inimaginável. Então, quando ele explode, você quer que ele faça educadamente! Você quer que ele exploda de acordo com as regras estabelecidas por alguém. Ora, você está lidando com o homem errado, na hora errada e de maneira errada.

Outro exemplo de como essa imagem é manipulada em nível internacional, é a situação recente no Congo. Aqui temos um exemplo de aviões lançando bombas em aldeias africanas indefesas. Quando uma bomba é lançada em uma vila africana, não há como as pessoas se defenderem das bombas. A bomba não faz distinção entre homens e mulheres. Essa bomba é lançada em homens, mulheres, crianças e bebês. Agora, é inegável o fato de que aviões lançaram bombas em aldeias congoleesas durante todo o verão. Ainda assim, não houve nenhum clamor. Não houve preocupação. Não há simpatia. Não há nenhuma indignação por parte do chamado elemento progressista para tentar deter o assassinato em massa. Por que?

Porque tudo o que a imprensa tinha a fazer era usar aquela propaganda de modo perspicaz afirmando que aquelas aldeias estavam em territórios “controlados pelos rebeldes”. “Controlados pelos rebeldes”, o que isso significa? Que é um inimigo, então tudo o que eles fizeram contra essas pessoas é legitimado. Você deixa de pensar nas mulheres, nas crianças e nos bebês no chamado território controlado pelos rebeldes como seres humanos. Então, tudo que é feito contra eles é justificado. E os progressistas, os liberais nem sequer fizeram qualquer clamor. Eles se sentam apáticos como se estivessem cativados por essa imagem midiática manipulada aqui no Ocidente também.

Eles se referem aos pilotos que estão lançando bombas sobre esses bebês como “pilotos cubanos anti-Castro treinados pelos americanos”. Desde que sejam treinados nos Estados Unidos isso é aprovado porque a América é sua aliada. Enquanto eles são cubanos anti-Castro, desde que Castro seja o suposto monstro e esses pilotos sejam contra Castro qualquer outra

pessoa que seja contra ele também é justificado. Assim, os aviões americanos com bombas americanas sendo pilotadas por pilotos treinados pelos americanos lançam bombas americanas em bebês e crianças africanas, destruindo-os completamente – isso não é nada mais que um assassinato em massa – e passa absolutamente despercebido.

Eles usam este homem Tshombe - eu acho que ele é um homem - e tentam torná-lo aceitável para o público usando a imprensa para se referir a ele como o único líder capaz de unir o Congo. Imagine, um assassino - não um assassino comum, mas um assassino de um primeiro ministro, o assassino do legítimo primeiro-ministro do Congo - e ainda assim, eles querem forçar o povo do Congo a aceitá-lo através da manipulação ocidental e das pressões ocidentais. Os Estados Unidos, o país de onde eu sou, paga o salário de Tshombe. Eles admitem abertamente que pagam o salário dele. E ao dizer isso, não quero que você pense que eu vim aqui fazer um discurso antiamericano. Eu não vim aqui para isso. Eu vim aqui para fazer um discurso, para dizer a verdade. E se a verdade é antiamericana, então culpe a verdade, não me culpe.

Ele é sustentado com os dólares americanos. Os salários dos assassinos de aluguel da África do Sul, que ele usa para matar inocentes congolezes, são pagos com os dólares americanos. O que significa que eu venho de um país que está enviando diligentemente membros do ²⁷Corpo da Paz para a Nigéria enquanto enviava assassinos de aluguel para o Congo. O governo não é coerente, algo está errado. E começa com alguns dos meus irmãos e irmãs africanos que ficaram tão felizes em ver o Corpo da Paz aterrissando em suas costas para investigar, para ver o que realmente estava acontecendo. [Da audiência: “O que é isso?”] Exatamente o que é: Peace Corps, (Corpo da Paz).

Então, o que a imprensa faz com sua capacidade de criar essas imagens, ela a usa em suas páginas para estimular a histeria do público branco. E assim que a histeria do público branco atinge o nível adequado, eles começam a trabalhar para ganhar a simpatia do público branco. E uma vez que a simpatia alcança o nível apropriado, então eles desenvolvem seu programa, sabendo que obterão o apoio do público branco em qualquer coisa que façam. E o que eles farão é criminoso. E o que eles estão fazendo é criminoso.

²⁷ Corpo da Paz é uma agência federal estadunidense independente, criada em 1961 pelo Presidente John F. Kennedy, para ajudar os países em desenvolvimento, prestando serviços essenciais e promovendo o melhor entendimento entre os americanos e povos de outras culturas.

Como eles fazem isso? Se você se lembra de ter lido no jornal, eles nunca falaram sobre os congolese que estavam sendo abatidos. Mas assim que a vida de alguns brancos estava em risco, eles começaram a falar em “reféns brancos”, “missionários brancos”, “padres brancos”, “freiras brancas” - como se uma vida branca tivesse mais valor maior do que uma vida negra, do que mil vidas negras.

Eles demonstraram abertamente seu desprezo pela vida dos Negros e sua profunda preocupação com a vida dos brancos. Esta é a imprensa. E depois que a imprensa conseguiu manipular os brancos, então qualquer coisa que as potências ocidentais quisessem fazer contra aqueles Combatentes da Liberdade indefesos e inocentes nas províncias orientais do Congo, o público branco apoiaria. Então, para finalizar, o que ele fez, apenas manipulação da imprensa, os governos ocidentais se permitiram ficar presos, em certo sentido, ao apoiar Tshombe, do mesmo modo que levou os Estados Unidos a ficarem presos lá no Sul do Vietnã. Se ele continuar, ele perde, se ele retroceder, ele perde. Ele está se atolando no Congo da mesma maneira.

Porque nenhuma tropa africana lutará a favor de Tshombe. Eles nunca ganharão. A única guerra, as únicas batalhas vencidas pelas tropas africanas, na revolução africana, na área do Congo, foram aquelas conquistadas pelos Combatentes da Liberdade na província oriental.

Eles venceram batalhas com lanças, pedras e galhos. Eles venceram as batalhas porque o coração deles estava naquilo em que ele estava lutando. Mas os homens de Tshombe, do governo central do Congo nunca venceram batalhas. E foi por essa razão que ele teve que importar esses mercenários brancos, assassinos pagos para ganhar algumas batalhas para ele. O que significa que o governo de Tshombe só pode permanecer no poder com ajuda branca, com tropas brancas.

Bem, chegará um momento em que ele não poderá mais recrutar mercenários e as potências ocidentais, que estão realmente sustentando-o, terão que comprometer suas próprias tropas abertamente. O que significa que ele ficará atolado no Congo da mesma forma que está atolado lá no Sul do Vietnã. E você não poderá ganhar no Congo. Se você não consegue vencer no Vietnã do Sul, sabe que não pode vencer no Congo.

Você acha que pode ganhar no Vietnã do Sul? Os franceses estavam totalmente entrincheirados. Os franceses estavam totalmente entrincheirados no Vietnã há cem anos. Eles tinham as melhores armas de guerra, um exército altamente mecanizado e tudo o que eles precisavam. E os guerrilheiros saíam dos arrozais com nada além de tênis, um rifle e uma tigela de arroz. E você sabe o que eles fizeram em Dien Bien Phu. Eles expulsaram os franceses de lá. E se os franceses estavam entrincheirados e não puderam ficar lá, então como você acha que alguém vai ficar lá, quando nunca estive lá? Sim, todos eles são irmãos. Eles tinham uma tigela de arroz, um rifle e alguns sapatos. Eu não me importo se eles vieram da China ou do Vietnã do Sul. E os franceses não estão mais lá. Nós não nos importamos como eles fizeram isso, eles não estão mais lá. A mesma coisa acontecerá no Congo.

Veja, a revolução africana deve continuar e uma das razões pelas quais as potências ocidentais estão lutando tanto e tentando ofuscar a questão no Congo é que não é um projeto humanitário. Não é um sentimento ou um senso de humanidade que os motiva a querer entrar e salvar alguns reféns, mas há interesses maiores em jogo.

Eles não perceberam apenas que o Congo é uma fonte de riqueza mineral que eles precisam. Mas o Congo está tão estrategicamente localizado, que se cair nas mãos de um genuíno governo africano, que defende as esperanças e as aspirações dos africanos e do povo africano, então será possível para os africanos colocarem seus próprios soldados na fronteira de Angola e limpar os portugueses de lá durante a noite.

De modo que se o colonizador do Congo cair, Moçambique e Angola devem cair também. E quando eles caírem, de repente você terá que lidar com Ian Smith²⁸. Ele não vai estar lá durante a noite, uma vez que você pode colocar algumas tropas em suas fronteiras. Aí sim. O que significa que será apenas uma questão de tempo até alcançarem a fronteira com a África do Sul e falar o tipo de linguagem que os Sul-africanos entendem. E esta é a única linguagem que eles entendem.

²⁸ **Ian Douglas Smith** foi um político, fazendeiro e militar que serviu como primeiro-ministro da colônia britânica da Rodésia do Sul entre 13 de abril de 1964 e 11 de novembro de 1965.

Eu poderia ressaltar aqui e agora - e digo sem rodeios - que você teve uma geração de africanos que realmente acreditaram que poderiam negociar, negociar, negociar e eventualmente obter algum tipo de independência. Mas você está recebendo uma nova geração que está nascendo agora, e eles estão começando a pensar de forma autônoma e ver que você não pode negociar a liberdade hoje em dia. Se algo é seu por direito, então você deve lutar por isso ou calar a boca. Se você não pode lutar por isso, então esqueça.

Então, nós no Ocidente temos interesse na revolução africana. Temos interesse por este motivo: enquanto o continente africano for dominado por inimigos, e enquanto for dominado por potências coloniais, essas potências coloniais serão inimigas do povo africano. Eles serão inimigos do continente africano. Eles não querem o bem do povo africano, eles não fazem o bem para o povo africano, eles não fizeram nenhum bem ao continente africano.

E então, na posição em que estavam, eles puderam criar a imagem do continente africano e do povo africano. Eles criaram uma imagem negativa do continente e das pessoas. E eles projetaram essa imagem negativa no exterior. Eles projetaram uma imagem da África para as pessoas no exterior que era muito odiosa, extremamente odiosa. E por ser odiosa, mais de cem milhões de pessoas de origem africana no Ocidente que olharam para aquela imagem odiosa não quiseram se identificar com ela. Nós a evitamos não porque era algo a ser evitado. Mas porque acreditávamos na imagem que foi criada de nossa própria pátria pelo inimigo de nossa própria pátria. E ao odiar essa imagem acabamos nos odiando sem perceber.

Por que? Porque uma vez que fomos induzidos a odiar a África e a odiar o africano, o efeito da reação em cadeia acabou nos levando a odiar uns aos outros. Você não pode odiar as raízes de uma árvore sem odiar a árvore, sem acabar odiando a árvore. Você não pode odiar sua origem sem acabar se odiando. Você não pode odiar a sua terra, sua pátria, o lugar de onde você veio, e nós não podemos odiar a África sem acabar nos odiando

O homem afrodescendente no Hemisfério Ocidental - na América do Norte, América Central, América do Sul e no Caribe - é o melhor exemplo de como alguém pode ser levado a odiar a si mesmo.

A razão pela qual você está tendo problema com os antilhanos é porque eles odeiam a própria origem deles. Porque eles não querem aceitar sua origem, eles não têm origem, eles não têm identidade. Eles estão correndo por aí em busca de uma identidade e, em vez de tentar ser

o que são, querem ser ingleses. O que não é culpa deles, na verdade. Porque na América o nosso povo está tentando ser americano, e nas ilhas você os leva a querer ser ingleses e nada soa mais desagradável do que encontrar alguém da Jamaica circulando por aqui tentando superar o inglês com sua ingenuidade.

E digo que este é um problema muito sério porque tudo deriva da imagem que as potências ocidentais construíram do continente africano e do povo africano. Ao fazer com que o nosso povo no Hemisfério Ocidental odiasse a África, acabamos nos odiando. Acabamos odiando nossas características africanas. Nossa identidade africana. Nossas feições africanas. Tanto é assim que você encontraria muitos de nós no Ocidente que chegamos a odiar a forma do nosso nariz, a forma dos nossos lábios, a cor da nossa pele e a textura do nosso cabelo. Esta foi uma reação, mas não percebemos que era uma reação.

Imagine que agora, alguém tem a coragem, alguns brancos têm a audácia de se referir a mim como um pregador de ódio. Se eu estou ensinando alguém a odiar, eu ensino-os a odiar a Ku Klux Klan. Mas aqui na América, eles nos ensinaram a odiar a nós mesmos. Odiar nossa pele, odiar nossos cabelos, odiar nossas características, odiar nosso sangue, odiar o que somos. Porque o tio Sam é um mestre na manipulação do ódio, tanto que faz alguém pensar que está ensinando amor quando está ensinando o ódio. Quando você leva um homem a se odiar, você realmente conseguiu um grande feito.

Ao nos fazer habilmente odiar a África e, por sua vez, nos fazer odiar a nós mesmos, odiar a nossa cor e nosso sangue, nossa cor se tornou uma prisão. Nossa cor se tornou uma prisão para nós. Tornou-se algo com a qual sentíamos vergonha, algo que nos mantinha presos.

Então, porque sentíamos que nossa cor havia nos aprisionado, nos derrubado, acabamos odiando a pele negra porque achávamos que estava nos retendo. Acabamos odiando o sangue Negro porque pensávamos que estava nos retendo. Este é o problema que o homem da diáspora teve no Ocidente.

O africano não percebeu que isso era um problema. Até ser escravizado pelas potências coloniais. Desse modo, impedido de projetar qualquer imagem positiva de si mesmo em nosso continente, algo com que pudéssemos olhar com orgulho e nos identificarmos. Enquanto o próprio africano era mantido subjugado, nós também éramos mantidos subjugados.

Mas ao mesmo tempo, durante esses últimos anos, que os povos africanos se tornaram independentes e se posicionaram naquele continente para projetar sua própria imagem, sua imagem mudou de negativa para positiva. E ao mesmo tempo em que mudou de negativo para positivo, você verá que a imagem que o homem da diáspora tinha dele próprio mudou de negativo para positivo. Na mesma medida em que o africano se tornou intransigente e militante em suas reivindicações, você descobrirá que o homem da diáspora no Ocidente seguiu a mesma linha.

Por que? Porque a mesma batida, o mesmo coração, o mesmo pulso que move o homem Negro no continente africano - apesar do fato de quatrocentos anos e um oceano de água nos separarem do continente materno. Ainda assim, o mesmo pulso que bate no homem do continente africano hoje está batendo no coração do homem afro-americano na América do Norte, América Central, América do Sul e no Caribe. Muitos deles não sabem disso, mas é verdade.

Enquanto odiávamos nosso sangue africano, nossa pele africana, nossa negritude, acabávamos nos sentindo inferiores, nos sentindo inadequados e impotentes. E porque nos sentíamos tão inferiores e tão inadequados e indefesos, em vez de tentar ficar em pé e fazer algo por nós mesmos, recorriamos ao homem branco, achando que ele era o único que poderia fazer isso por nós. Porque nós fomos ensinados, fomos ensinados que ele era a personificação da beleza e a personificação do sucesso.

Na Conferência de Bandung, em 1955, um dos primeiros e melhores passos em direção à independência real das pessoas não brancas ocorreu. Os povos da África e da Ásia e da América Latina se reuniram. Eles se sentaram, perceberam que tinham diferenças, mas concordaram em superá-las e enfatizar áreas em que eles tinham algo em comum.

Este acordo alcançado em Bandung produziu o espírito de Bandung. De modo que as pessoas que estavam sendo oprimidas, que não tinham aviões a jato, armas nucleares, exército e marinha. E apesar do fato de eles não possuírem poder bélico, apenas sua unidade foi suficiente para capacitá-los, tornando possível que as nações da Ásia e muitas nações da África se tornassem independentes.

E em 1959, muitos de vocês vão se lembrar como o colonialismo no continente africano começou a entrar em colapso. Começou a entrar em colapso porque o espírito do nacionalismo africano se espalhou como uma faísca e se transformou em uma chama devastadora. E tornou impossível para os poderes coloniais permanecerem lá pela força. Antigamente, quando os africanos estavam temerosos, as potências coloniais podiam enviar um navio de guerra, ou ameaçar desembarcar um exército, ou algo assim, e o povo oprimido se submetia e continuava sendo colonizado.

Mas em 1959, o continente africano e o continente asiático se libertaram do medo. E uma vez que esse medo foi superado, especialmente em relação às potências coloniais da Europa, tornou-se impossível para eles continuarem lá através dos métodos empregados até então.

Assim, semelhante a uma pessoa que está jogando basquete. Se ele tem a bola e fica preso sem poder jogar. Ele tem de passar a bola para seus companheiros de equipe que estão livres. E em 1959, quando a França, a Grã-Bretanha e a Bélgica e outros viram que estavam presos pelo nacionalismo africano, em vez de jogar fora a bola do colonialismo, passaram-na para o único da sua equipe que estava livre - e esse foi o Tio Sam. Tio Sam pegou a bola e tem trabalhado com ela desde então.

Aquele que pegou a bola, na verdade, foi John F. Kennedy. Ele era o jogador mais astuto de todos os tempos de Backfield que a América já produziu - oh sim ele foi. Ele era muito astuto, muito inteligente, era um intelectual. Cercou-se de intelectuais que tinham muita visão e astúcia. A primeira coisa que fizeram foi reanalisar o problema. Eles perceberam que estavam confrontados com um novo problema.

O problema se devia ao fato de os africanos terem perdido todo o medo. Não sentiam mais medo. Portanto, os poderes coloniais não poderiam permanecer lá à força, e a América, a nova potência colonial, o poder neocolonial ou o poder neoimperialista também não poderiam ficar lá à força. Então, eles usaram uma abordagem “amistosa”. Colonialismo benevolente ou imperialismo filantrópico. Eles o chamaram de humanitarismo ou dolarismo. E considerando que os africanos poderiam lutar contra o colonialismo, eles acharam difícil que eles lutassem contra o dolarismo, ou condenasse o dolarismo. Era tudo uma amizade simbólica, e todos os benefícios que foram oferecidos aos países africanos não passaram de ação simbólica.

Mas de 1954 a 1964 foi a era de uma África emergente, uma África independente. E o impacto dessas nações africanas independentes na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos foi tremendo. Número um, uma das primeiras coisas que a revolução africana produziu foi o rápido crescimento de um movimento chamado movimento Muçulmano Negro. A militância que existia no continente africano foi um dos principais fatores que motivou o rápido crescimento do grupo conhecido como movimento Muçulmano Negro ao qual eu pertencia. E ele foi um dos principais elementos que impulsionou toda a luta pelos direitos civis.

Martin Luther King manteve os Negros sob controle até recentemente. Mas ele está perdendo o controle sobre eles, está perdendo sua influência, está perdendo o controle.

Eu sei que você não gosta que eu diga isso. Mas veja, é por isso que você continua com problemas. Você quer que alguém venha e diga que sua casa está segura enquanto você está sentado em um barril de pólvora. Essa é a mentalidade, é o nível da mentalidade ocidental hoje. Em vez de encarar os fatos perigosos em que você está, você prefere que alguém lhe diga que está tudo bem para que você durma tranquilo. Ora, a melhor coisa que alguém pode lhe dizer é quando lhe diz que está farto da desilusão e da frustração.

Então, para concluir minha palestra, devo salientar que, assim como John F. Kennedy percebeu a necessidade de uma nova abordagem para o problema africano - e devo dizer que foi durante a administração dele que os Estados Unidos ganharam muita influência no continente africano. Eles removeram os outros poderes coloniais e entraram em cena com sua abordagem benevolente, filantrópica e amistosa. E conseguiram agarrar com a mesma firmeza os países daquele continente como alguns poderes coloniais fizeram anteriormente. Não só no continente africano, mas também na Ásia. Eles fizeram isso com dólares.

Eles também usaram essa abordagem conosco nos Estados Unidos. Considerando que antigamente eles simplesmente nos negavam certos direitos, agora eles começaram a usar uma abordagem nova e enganosa. E essa abordagem foi para fazer-nos pensar que eles estavam se esforçando para resolver nossos problemas. Eles iriam aprovar leis, eles apareceram com decisões da Suprema Corte. A Suprema Corte apresentou o que eles chamaram de decisão de não segregação em 1954 – e ainda não foi implementada. Eles não puderam implementá-la nem na cidade de Nova York onde eu moro - proibindo o sistema escolar segregado, supostamente

para eliminar a educação segregada em Mississippi, Alabama e em outros lugares do Sul. E eles ainda não foram capazes de fazer valer a decisão da Suprema Corte na cidade de Nova York e em Boston e em algumas das chamadas cidades liberais do Norte.

Isso tudo foi simbólico. Eles fizeram o mundo pensar que eles haviam acabado com a segregação na Universidade de Mississippi. Isso mostra como eles são trapaceiros. Eles pegaram um afro-americano, chamado Meredith, e levaram toda a imprensa mundial a fim de mostrar que tinham resolvido o problema colocando Meredith²⁹ na Universidade de Mississippi.

Eu acho que custou algo em torno de \$ 15 milhões, e eles tiveram que usar cerca de sete mil soldados para colocar um Negro na Universidade do Mississippi.

E então a revista Look saiu com uma matéria em que mostrava o procurador-geral, na época Robert Kennedy, fazendo um acordo com o governador Barnett. Eles iam jogar um jogo com o afro-americano. Barnett era o governador racista do Mississippi. Robert Kennedy era um desses progressistas liberais brilhantes. De acordo com a revista Look, que pertence a mesma organização, eles fizeram um negócio - então, eles deviam saber sobre o que estavam falando. A revista Look disse que Robert Kennedy havia dito a Barnett: "Agora, como você quer os votos dos brancos do Sul, o que você tem de fazer é ficar na porta da universidade e fingir que vai impedir a entrada de Meredith. E quando eu vier com os oficiais e forçar Meredith a entrar, você vai garantir todos os votos dos brancos do Sul, e eu vou conseguir todos os votos dos Negros no Norte".

É isso que enfrentamos naquele país. E Kennedy é o suposto liberal. Ele deveria ser o amigo do nosso povo. Ele deveria ser o irmão de John F. Kennedy - todos eles são da mesma família. Você sabe, ele sendo o procurador-geral não poderia firmar esse tipo de acordo, a menos que ele tivesse a permissão de seu irmão mais velho.

Então, eles apresentam apenas soluções simbólicas. E esse simbolismo beneficia apenas alguns Negros escolhidos a dedo que ganham com isso. Somente eles conseguem bons empregos, alguns escolhidos a dedo conseguem boas casas, frequentam boas escolas. E depois

²⁹Em 20 de setembro de 1962, no início do ano letivo americano, o estudante James Meredith, após ter ganho de causa nas cortes federais pelo direito de ingresso na Universidade do Mississippi, Meredith conseguiu ingresso escoltado por agentes federais no dia 30 de setembro.

eles os usam, colocam na televisão para fazer parecer que estão beneficiando todo o povo, quando na verdade, só tem um ou dois que se beneficiam.

E são eles que abrem a boca para falar sobre como o problema está sendo resolvido. E o mundo inteiro acha que o problema racial dos EUA está sendo resolvido, quando na verdade as massas de afro-americanos na América ainda vivem nos guetos e nas favelas. Eles ainda vivem em moradias insalubres, eles ainda são vítimas de um sistema escolar segregado, que lhes dá educação inferior. Depois de receberem essa educação só conseguem os piores empregos.

E eles fazem isso muito habilmente para nos manter presos. Eles sabem que enquanto nos mantiverem com pouca instrução, ou com uma educação inferior, será impossível competir com eles por vagas de emprego. E enquanto não pudermos competir com eles e ter empregos decentes estaremos presos. Seremos assalariados de baixa renda, morando em bairros decadentes, o que significa que nossos filhos frequentarão escolas inferiores. Eles receberam educação inferior. E quando eles crescerem, eles estarão presos ao mesmo ciclo.

Esse é o jeito americano. Essa é a democracia americana que o governo tenta vender ao mundo como modelo para solucionar os problemas de outras pessoas também. No entanto, é a pior forma de hipocrisia já praticada por qualquer governo ou sociedade em qualquer lugar desta terra desde o início dos tempos.

Foi a revolução africana que produziu o movimento Muçulmano Negro. Foi o movimento que impulsionou o movimento pelos direitos civis. E foi o movimento dos direitos civis que desmascarou os liberais. Hoje eles estão expostos como pessoas que não têm compromisso com os direitos humanos do povo afro-americano nem por qualquer outra forma de humanidade.

Para concluir a minha palestra, tudo isso criou um clima de tensão. E a partir de 1963, 64, atingiu o seu ápice. Na América, 1963 começou com todos os políticos falando sobre este ser o centésimo ano desde a Proclamação da Emancipação. Eles iriam celebrar em toda a América “um século de progresso nas relações raciais”. Foi assim que começaram janeiro, fevereiro e março de 1963.

E então Martin Luther King foi para Birmingham, Alabama, tentando convencer alguns Negros a entrarem numa lanchonete segregada para almoçar e tomar uma xícara de café com os brancos. Isso era tudo que eles queriam. Apenas isso. Mas eles acabaram indo para a cadeia. Eles acabaram colocando milhares de afro-americanos na cadeia. E muitos de vocês viram na televisão, em Birmingham, como a polícia mantinha esses grandes cães ferozes mordendo os manifestantes. Enquanto os policiais esmagavam seus crânios. Eles jogavam jatos de água sobre as nossas mulheres e nossos filhos que rasgavam suas roupas.

E o mundo assistiu a isso. O mundo pensava que seria um ano que celebraria cem anos de progresso de boas relações raciais entre brancos e Negros nos Estados Unidos – e acabaram testemunhando uma das exibições mais bárbaras e desumanas daquele país. Logo depois disso, seguiu-se o assassinato de John F. Kennedy e de Medgar Evers por causa desse mesmo problema. E terminou com o bombardeio de uma igreja no Alabama onde quatro meninas cristãs que estavam sentadas na igreja durante a escola dominical, cantando para Jesus, foram assassinadas por pessoas que se diziam cristãs. E isso aconteceu no ano de 1963, o ano em que eles disseram que celebrariam cem anos de boas relações entre as raças.

1964 foi o ano em que três trabalhadores dos direitos civis, que não estavam fazendo nada além de tentar mostrar aos Negros do Mississippi como se registrar e usar seu potencial político, foram assassinados a sangue frio. Eles não foram assassinados por algum desconhecido. Eles foram assassinados por um grupo criminoso conhecido como Ku Klux Klan chefiado por um xerife, seu assistente e um clérigo. Um pregador, um sacerdote em trajes litúrgicos, foi responsável pelo assassinato. E quando eles lhes dizem o que foi feito com o corpo daquelas crianças negras encontradas - todos os três foram assassinados, mas quando encontraram os três corpos disseram que todos os ossos do corpo deles foram quebrados, como se as bestas feras tivessem enlouquecidas enquanto espancavam as crianças até a morte. Isso foi em 1964.

Agora 1965 está aqui, e você tem as mesmas pessoas falando sobre a "Grande Sociedade" que está sendo criada. 1965 será o mais longo, o mais perigoso e o mais sangrento já testemunhado nos Estados Unidos. Por que? Não estou dizendo isso para defender a violência. Estou dizendo isso baseado em uma análise cuidadosa dos elementos - sociológicos e da dinamite política que existe em todas as comunidades afro-estadunidense nesse país.

A África está emergindo. Está fazendo do homem Negro no Hemisfério Ocidental um militante. Está fazendo com que ele crie uma imagem positiva de si mesmo e fortaleça a confiança em si mesmo. Ele se vê como um novo homem. Ele está começando a se identificar com essas novas forças. Considerando que, no passado, ele pensou em seu problema como se fosse um problema dos direitos civis - o que o tornou um problema doméstico confinado à jurisdição dos Estados Unidos, uma jurisdição na qual ele só poderia contar com a ajuda de liberais brancos dentro do Estados Unidos.

Hoje, o homem Negro no Hemisfério Ocidental, especialmente nos Estados Unidos, começou a ver que seu problema não é da ordem dos direitos civis, mas dos direitos humanos. E no contexto dos direitos humanos torna-se uma questão internacional. Deixa de ser um problema Negro, deixa de ser um problema americano. Torna-se um problema humano, um problema dos direitos humanos, um problema da humanidade, um problema para o mundo.

E mudando sua classificação dos direitos civis para os direitos humanos, ele coloca o problema no cenário mundial, tornando possível hoje, não contar apenas com o apoio dos liberais brancos dentro dos Estados Unidos. Mas ele torna possível o apoio de todos os nossos irmãos africanos, nossos irmãos asiáticos, nossos irmãos latino-americanos e algumas pessoas na Europa, as quais afirmam que nossa luta é legítima. Eles também podem fazer o que for necessário para nos ajudar a conquistar nossos direitos - não em algum momento no futuro, mas imediatamente.

Portanto, a diferença básica entre a luta do afro-americano no Hemisfério Ocidental hoje e no passado é que hoje ele tem um novo senso de identidade, um novo senso de dignidade, um novo senso de urgência.

E acima de tudo, hoje, ele sabe que tem aliados. Ele vê que os irmãos no continente africano, que surgiram e conseguiram a independência de seus estados, podem ver que têm uma obrigação com o irmão perdido que se desviou e que se encontra hoje em uma terra estrangeira. Eles têm essa obrigação. Eles têm obrigação tanto com o irmão que foi embora quanto com o irmão que ainda está em casa.

E assim, quando você vê as pessoas que estão sendo oprimidas em todo o mundo se unindo hoje, os povos da diáspora no Ocidente também estão percebendo que são oprimidos.

Em vez de se verem como uma minoria oprimida nos Estados, eles se veem como parte das massas oprimidas em todo o mundo que clamam por uma ação contra o opressor comum.

Obrigado.

5. 25 Após o bombardeio (14 de fevereiro de 1965)

Ilustres convidados, irmãos e irmãs, senhoras e senhores, amigos e inimigos. Quero salientar primeiro que estou muito feliz por estar aqui esta noite e agradeço o convite para vir a Detroit. Eu estava em uma casa que foi bombardeada ontem à noite, minha própria casa. O fogo não destruiu todas as minhas roupas, mas você sabe o que acontece quando há um incêndio - elas ficam esfumaçadas. A única coisa que eu conseguir salvar antes de sair é o que eu tenho agora.

Isso não me faz perder a confiança no que estou fazendo porque minha esposa entende e eu tenho filhas desse tamanho, e mesmo em tenra idade elas entendem. Eu acho que elas prefeririam ter um pai ou irmão que em qualquer que seja a situação toma uma posição contra qualquer reação feita por uma pessoa de mente estreita a ter um pai que se comprometa com eles e depois tenha que viver em vergonha e desgraça.

Então eu só peço desculpas pela minha aparência. Normalmente, eu não saio sem camisa e gravata. Eu acho que isso é resquício do movimento Muçulmano Negro do qual eu era membro. Esse é um dos aspectos positivos desse movimento. Ensina a ser muito cuidadoso e consciente no que diz respeito a imagem, o que é uma contribuição positiva da parte deles. Mas essa contribuição positiva é rapidamente invalidada por muitas outras negativas.

Hoje à noite nós queremos discutir - a propósito, também, quando cheguei aqui hoje, eu estava um pouco... - ontem à noite, a temperatura estava acima de vinte graus quando esta explosão aconteceu, eu fui pego de surpresa com apenas alguns pijamas. E, ao tentar tirar minha família da casa, nenhum de nós parou para pegar qualquer agasalho naquele momento - um frio de vinte graus. Eu mesmo fui - eu os coloquei na casa do vizinho ao lado. Então, eu pensei que talvez estando nessa condição por tanto tempo, eu poderia pegar uma pneumonia ou um resfriado ou algo assim, então um médico veio hoje - um bom médico - e ele aplicou-me uma injeção que naturalmente me colocou para dormir. Voltei a dormir desde o início do programa para voltar à forma. Então, se durante a apresentação eu gaguejar ou desacelerar, é porque ainda

estou sob o efeito dessa droga. Eu não sei o que era, mas foi bom, faz você dormir, e não há nada bom como dormir em meio a tanta agitação.

Esta noite, uma das coisas que tem que ser enfatizada é aquela que não só preocupa muito os Estados Unidos, mas também a França, a Grã-Bretanha e a maioria das potências que antes eram conhecidas como potências coloniais. O motivo de suas preocupações é a revolução africana. Eles estão mais preocupados com a revolução que está ocorrendo no continente africano do que com a revolução na Ásia e na América Latina. E isso ocorre porque há muitas pessoas de descendência africana dentro dos territórios ou sob a jurisdição desses vários governos.

Existem quatro tipos diferentes de pessoas no Hemisfério Ocidental, todas elas têm a África como herança comum, de origem comum, e elas são - nosso povo na América Latina, que são Negros, mas que estão nas áreas de língua espanhola. Muitos migram para a Espanha, a única diferença é que a Espanha tem condições econômicas tão ruins que muitos acham que não vale a pena migrar para lá. E depois os britânicos e os franceses que tinham um grande controle no Caribe, nas Índias Ocidentais. E agora você tem muitas pessoas das Índias Ocidentais migrando para Londres - tanto para Inglaterra quanto para França. As pessoas das Antilhas Britânicas vão para Londres e as das Antilhas Francesas vão para Paris. E desde a Segunda Guerra Mundial, a imigração colocou a França e a Inglaterra em uma condição precária devido a uma espécie de estrutura intercomunitária que facilita o acesso das pessoas dos territórios colonizados em seus países sem restrições. Então, há um número crescente de afrodescendentes na Inglaterra e na França.

Quando estive na África em maio, notei uma tendência por parte dos afro-americanos para o que eu chamo de inércia. Todo mundo que estava lá tinha uma atividade, eles estavam fazendo algo construtivo. Por exemplo, em Gana, apenas tomando como exemplo. Havia muitos refugiados da África do Sul em Gana. Mas eles estavam organizados, servindo como grupos de pressão, alguns estavam treinando paramilitares - alguns estavam sendo treinados para ser soldados, mas outros estavam envolvidos como grupo de pressão para deixar o povo de Gana nunca esquecer o que estava acontecendo com os irmãos na África do Sul. Também haviam irmãos de Angola e Moçambique. Mas todos os exilados africanos que estavam em um lugar como Gana ou Tanganica, que passou a ser Tanzânia, estavam treinando. Cada atividade deles era projetado para compensar o que estava acontecendo com o seu povo no país de origem.

A única diferença no continente era com o afro-americano. Aqueles que estavam lá, não estavam nem pensando sobre os que haviam ficado aqui. Essa era a diferença básica. Os africanos, quando escaparam de seus respectivos países que ainda estavam sob o domínio dos colonizadores não tentaram fugir do problema. Assim que chegaram ao local de exílio começaram a se organizar em grupos de pressão para obter apoio governamental em nível internacional contra as injustiças que estavam acontecendo em seus países de origem.

E como eu disse, o afro-americano que estava em vários países do continente, alguns estavam trabalhando para este governo, alguns trabalhando para aquele governo, alguns apenas em negócios - eles estavam apenas se socializando, eles viraram as costas para a causa dos direitos civis daqui eles estavam festejando. E quando eu passei por um país em particular, ouvi muitas de suas reclamações e não fiz nenhum comentário sobre elas.

Mas quando cheguei em outro país, descobri que os afro-americanos estavam fazendo as mesmas queixas. Então nós conversamos e organizamos uma filial neste país em particular, uma filial da OAAU, Organização da Unidade Afro-americana. Esta era a única que existia lá naquela época. Então, quando voltei para a África durante o verão, em cada país que visitei, pude reunir a comunidade afro-americana, organizá-la e conscientizá-los de suas responsabilidades para conosco, os que ainda estão aqui na cova dos leões.

Eles começaram a fazer isso muito bem e, quando cheguei em Paris e Londres, há muitos afro-americanos em Paris e em Londres. E em dezembro - não, novembro - organizamos um grupo em Paris e, em pouco tempo, eles se transformaram em uma unidade bem organizada. E eles, em conjunto com a comunidade africana, me convidaram para ir à Paris, terça-feira, para falar em um grande encontro de parisienses e afro-americanos e de pessoas do Caribe e da África interessadas em nossa luta neste país e no progresso que temos feito.

Mas desde que o governo francês, o governo britânico e este governo aqui, os Estados Unidos souberam que eu tenho enfatizado quase fanaticamente a importância dos afro-americanos se unirem aos africanos e trabalharem em união, especialmente em áreas que são de interesse mútuo, de benefício para todos nós. Os governos desses diferentes lugares ficaram assustados porque sabem que a Revolução Negra está ocorrendo do lado externo de sua casa.

E devo ressaltar aqui que o colonialismo ou o imperialismo, como o sistema escravocrata do Ocidente é chamado, não é algo que se limita à Inglaterra, à França ou aos

Estados Unidos. Mas os interesses deste país estão em consonância com os interesses da França e da Grã-Bretanha. É um enorme e complexo acordo que cria algo conhecido não como uma estrutura de poder americana ou uma estrutura de poder francesa, mas é uma estrutura de poder internacional. E essa estrutura de poder internacional é usada para suprimir as massas de descendência africana em todo o mundo, explorando-as e explorando seus recursos naturais.

De modo que a era em que você e eu temos vivido durante os últimos dez anos, especificamente, testemunhou o surgimento da militância do homem africano contra a estrutura de poder. Ele quer a liberdade dele.

Agora, lembre-se, a estrutura de poder é internacional e, como tal, sua base doméstica é em Londres, em Paris, em Washington, D.C., e assim por diante. E a revolução externa que se manifesta na atitude e na ação dos africanos hoje é bastante problemática. A revolução fora do alcance da base doméstica, ou do lado externo da estrutura é bastante problemática. Mas agora os poderes estão começando a ver que esta luta externa do afro-cidadão está afetando, infectando o sujeito da diáspora que está no interior dessa estrutura. Eu espero que você entenda o que estou tentando dizer.

Os povos recém-despertados de todo o mundo representam um problema para o chamado interesses ocidentais, que é o imperialismo, o colonialismo, o racismo e todos esses outros “negativ-(ismos)” ou “predador-(ismos)”. Assim como as forças externas representam uma grave ameaça, eles agora podem ver que as forças internas representam uma ameaça ainda maior. Mas as forças internas representam uma ameaça ainda maior somente quando a situação é analisada adequadamente e vê-se quais são os riscos.

Apenas defendendo uma aliança entre africanos, afro-americanos, árabes e asiáticos que vivem dentro da estrutura, isso automaticamente aborreceu a França, que é supostamente um dos países mais liberais - heh! - na terra, e isso os fez expor sua opinião. Inglaterra do mesmo jeito. E eu nem preciso falar sobre esse país onde vivemos hoje.

Então, quando você conta o número de afrodescendentes no Hemisfério Ocidental, você pode ver que há provavelmente mais de 100 milhões. Quando você considera que o Brasil tem dois terços do que chamamos mulato, ou não-branco, e Venezuela, Honduras e outros países da América Central, Cuba e Jamaica, e os Estados Unidos e até o Canadá - quando você totaliza

todas essas pessoas, provavelmente 100 milhões. E esses 100 milhões no interior da estrutura de poder hoje é o que está causando uma grande preocupação na própria estrutura de poder.

Não é uma grande preocupação para todas as pessoas brancas, mas uma grande preocupação para a maioria das pessoas brancas. Veja, se eu dissesse “todas as pessoas brancas” eles me chamariam de racista por dar uma condenação geral para as coisas.

E isso é verdade. É assim que eles fazem. Eles tiram uma pequena palavra do que você diz, ignoram todo o resto e usa em outro contexto para fazer parecer que você disse, quando de fato você não disse. Estou muito acostumado com isso.

Então, nós vimos que a primeira coisa a fazer era unir nosso povo, não apenas nos unir internamente, mas também nos unir com nossos irmãos e irmãs no exterior. Foi com esse propósito que passei cinco meses no Oriente Médio e na África durante o verão. A viagem foi muito esclarecedora, inspiradora e frutífera. Eu não entrei em nenhum país africano, ou no Oriente Médio e me deparei com qualquer porta fechada, ou mente fechada ou coração fechado. Eu encontrei uma recepção calorosa, simpática e um interesse profundo pela causa do afro-americano neste país, em relação à nossa luta pelos direitos humanos.

Durante a viagem, tive a oportunidade de falar no Cairo, ou melhor, em Alexandria, com o presidente Nasser durante uma hora e meia. Ele é um homem brilhante. E eu pude entender porque eles têm tanto medo dele, e eles têm medo dele - eles sabem que ele pode cortar o petróleo deles. Na verdade, a única coisa que o poder respeita é o poder. Sempre que você encontrar um homem que esteja em posição de mostrar poder contra o poder, esse homem será respeitado. Mas você pode pegar um homem que tenha poder e amá-lo o resto de sua vida, de forma não-violenta e perdoadora e todas aquelas coisas e você não conseguirá nada.

Eu também tive a chance de falar com o Presidente Nyerere em Tanganica que agora é Tanzânia, e com Kenyata. Eu sei que todos vocês o conhecem. Ele era o líder dos *Mau-Mau*, aqueles que realmente trouxe liberdade a muitos países africanos. Isso é verdade. O *Mau-Mau* desempenhou um papel importante para a conquista da liberdade no Quênia, e não apenas no Quênia, mas em outros países africanos. Porque o *Mau-Mau* assustou tanto o homem branco em outros países até que ele disse: “Bem, é melhor eu corrigir isso antes que alguns deles apareçam aqui.” Isso é bom estudar porque você vê o que o faz reagir: amar não o faz reagir,

perdão não o faz reagir. A única coisa que pode fazê-lo reagir é quando ele sabe que você pode machucá-lo, e quando você o deixa saber que pode machucá-lo, ele tem que pensar duas ou três vezes antes de tentar te machucar. Mas se você não vai fazer nada, além de devolver essa mágoa com amor – então, boa noite! Ele sabe que você está louco.

Também tive a oportunidade de falar com o Presidente Azikiwe na Nigéria, o Presidente Nkrumah em Gana e o Presidente Sekou Toure em Guiné. E em todas essas pessoas, encontrei calor, amizade, simpatia e um desejo de ajudar o afro-americano neste país a lutar contra o nosso problema. E nós temos um problema muito complexo.

Agora, eu espero que você me perdoe por falar tão informalmente esta noite, mas eu francamente acho que sempre é melhor ser informal. No que me diz respeito, posso falar melhor com as pessoas de uma maneira informal do que com toda essa formalidade rígida que acaba não significando nada. Além disso, quando as pessoas são informais, elas ficam relaxadas. Quando estão relaxados, a mente delas é mais aberta e podem avaliar as coisas mais objetivamente. Sempre que você e eu estivermos discutindo nossos problemas, precisamos ser muito objetivos, ponderados, calmos e articulados. Mas isso não significa que devemos ser sempre assim. Há um momento para ser calmo e para ser duro. Veja, você ficou confuso pensando que há apenas um tempo para tudo. Há tempo para amar e tempo para odiar. Até Salomão disse isso. Você está apenas tirando algo do livro que se adequa a sua natureza medrosa. E quando você não quer brigar, você diz: "Bem, Jesus disse: não briguem". Mas eu nem acredito que Jesus disse isso.

Também estou muito satisfeito em ver que muitos de vocês saíram para ver por si mesmos, quando você pode ouvir por si mesmo, depois pode pensar por si mesmo. Então você estará em uma melhor posição para fazer um julgamento inteligente por si mesmo. Mas se você tem o hábito de ouvir o que os outros dizem sobre algo ou sobre alguém ou sobre o que alguém escreveu sobre alguém, alguém poderá confundir e abusar de você. Então, como afro-americanos aqui no Hemisfério Ocidental, você e eu temos que aprender a avaliar as coisas por nós mesmos. Não importa o que o homem diga é melhor você verificar antes.

E um bom exemplo da importância de olhar para as coisas por si mesmo: eu estava em um voo entre Argélia e Genebra e aconteceu que dois americanos que estavam sentados ao meu lado. Um homem e uma mulher branca, nenhum de nós nos conhecíamos. E depois de voarmos por cerca de quarenta minutos, a senhora disse: "Posso fazer uma pergunta pessoal?"

Eu disse: "sim". Ela disse: "Bem", ela estava olhando para a minha pasta, e ela disse: "Bem, o que significa isso" - ela disse: "Que tipo de sobrenome você poderia ter que começa com X?" Então, eu disse: "É isso - X". E ela disse: "Bem, o que significa o 'M'?" Eu disse: "Malcolm". Então ela ficou quieta por cerca de dez minutos. e se virou para mim e disse: "Você não é Malcolm X?"

Você vê, nós estávamos em uma conversa agradável como três seres humanos, você sabe, sem hostilidade, sem animosidade, apenas seres humanos. E ela não podia aceitar isso, ela disse: "Bem, você não é quem eu achava", você sabe. E ela acabou me dizendo que esperava alardes e tudo mais. Esperava por alguém que estivesse disposto a matar todas as pessoas brancas, como se todas as pessoas brancas pudessem ser mortas. Essa era sua atitude geral e essa atitude é resultado dessa imagem que lhe foi dada pela imprensa.

Então, antes de me envolver em qualquer coisa hoje em dia, tenho que ponderar minha própria posição, o que é claro. Eu não sou racista de forma alguma. Eu não acredito em nenhuma forma de racismo. Eu não acredito em nenhuma forma de discriminação ou segregação. Eu acredito no Islã. Eu sou muçulmano E não há nada de errado em ser muçulmano, nada de errado com a religião do Islã. Apenas nos ensina a acreditar e obedecer a *Allah* como Deus. Alguns de vocês que são cristãos provavelmente acreditam no mesmo Deus porque eu acho que você acredita no Deus que criou o universo. Aquele em quem cremos, aquele que criou o universo, a única diferença é que você o chama de Deus e nós o chamamos de *Allah*. Os judeus o chamam de Jeová. Se você soubesse hebraico, provavelmente, o chamaria de Jeová também. Se você soubesse árabe, provavelmente, o chamaria de *Allah*.

Mas desde que o homem branco, seu "amigo", apagou sua língua materna durante a escravidão, a única língua que você conhece é a língua dele. Você sabe, a língua do seu amigo. Então você chama pelo mesmo Deus que ele chama. Quando ele está colocando uma corda em volta do seu pescoço, você chama pelo mesmo Deus que ele chama. E você se pergunta por que aquele a quem você chama nunca lhe responde.

Então, uma vez que você compreende que eu acredito em um Ser Supremo que criou o universo, e acredito nele como sendo único - eu também aprendi no Islã que existe apenas um Deus, logo só há uma religião e essa religião é chamada de Islã, e todos os profetas ensinaram

essa religião - Abraão, Moisés, Jesus, Maomé, todos eles. E crendo em um só Deus e uma religião e em todos os profetas isso produz uma unidade. Não há espaço para discussão, não há necessidade de discutirmos uns com os outros

E nessa religião, a verdadeira religião do Islã - quando eu estava no movimento Muçulmano Negro, eu não estava ... - eles não praticavam a verdadeira religião do Islã. Era outra coisa. E a verdadeira religião do Islã não ensina ninguém a julgar outro ser humano pela cor de sua pele. O critério usado pelos muçulmanos para medir o outro homem não é a cor do homem, mas os atos do homem, o comportamento consciente do homem, as intenções do homem. E quando você usa isso como um padrão de medição ou julgamento, você nunca erra.

Mas quando você julga um homem apenas por causa da cor de sua pele, você está cometendo um crime porque esse é o pior tipo de julgamento. Se você o julgou só porque ele era judeu, não é tão ruim quanto julgá-lo por ele ser Negro. Porque um judeu pode esconder sua religião. Ele pode dizer que é outra coisa - o que muitos deles fazem, dizem que são outra coisa. Mas o homem Negro não pode se esconder. Quando eles começam a nos acusar por causa da nossa cor, isso significa que somos indiciados antes de nascermos. É o pior tipo de crime que pode ser cometido. A religião muçulmana eliminou todas as tendências de julgar um homem com base na cor de sua pele, mas o julgamento é baseado em suas ações.

E antes de conhecer o mundo muçulmano, eu não tinha nenhuma - Elijah Muhammad nos ensinou que o homem branco não podia entrar em Meca, na Arábia, e todos nós que o seguíamos, acreditávamos nisso. E ele disse que a razão pela qual ele não podia entrar era porque o homem branco é inerentemente mau, é impossível mudá-lo. E a única coisa que iria mudá-lo seria o Islã, mas ele não poderia aceitar o Islã porque sua natureza era perversa. E, portanto, por não ser capaz de aceitar o Islã e se tornar um muçulmano, ele nunca poderia entrar em Meca. Foi assim que ele nos ensinou.

Então, quando eu cheguei lá e fui para Meca e vi pessoas loiras de olhos azuis e pele pálida e todas essas coisas, eu disse: "Bem!" Mas eu as observei de perto. E notei que, embora fossem brancos, e eles se considerassem brancos, havia uma diferença entre eles e o branco daqui. E a diferença básica era: na Ásia ou no mundo árabe ou na África, onde os muçulmanos estão, se você encontrar alguém que diga que é branco, tudo o que ele está fazendo é usando um adjetivo para descrever algo incidental sobre ele, uma de suas características incidentais, nada mais que isso.

Mas quando o homem branco aqui na América diz que ele é branco, ele quer dizer outra coisa. Você pode ouvir o som da voz dele - quando ele diz que é branco, ele quer dizer que é o patrão. Está certo. É o que significa "branco" nesse idioma. Você conhece a expressão (*White free and 21*)³⁰“branco, livre e faço o que eu quero”. Ele inventou isso. Ele quer que você saiba que todos são iguais. "Branco" significa dominador, livre. Ele se coloca acima de todos. Então, quando ele diz que é branco, ele usa um tom um pouco diferente na voz dele. Eu sei que você sabe do que estou falando.

Foi isso que eu vi, e que não havia no mundo muçulmano. Se dissessem que eram brancos, era incidental. Branco, preto, marrom, vermelho, amarelo a cor não fazia diferença. Então essa é a religião que eu aceitei e fui à Meca para conhecê-la.

Mas apesar do fato de constatar que o Islã é uma religião de fraternidade, eu também tinha que encarar a realidade. E quando voltei para essa sociedade, eu constatei que não estava em uma sociedade que pratica a irmandade. Eu estou em uma sociedade que pode pregar sobre irmandade no domingo, mas não praticam o que pregam em nenhum dia. Assim, eu pude ver que América é uma sociedade onde não há fraternidade e é controlada principalmente por racistas e segregacionistas que estão em Washington, D.C., ocupando posições de poder. E de Washington, eles exercem as mesmas formas de opressão contra pessoas de descendência africana no Vietnã do Sul e do Norte, no Congo ou em Cuba, ou em qualquer outro lugar na terra onde tentam explorar e oprimir. Esta é uma sociedade cujo governo não hesita em infligir a forma mais brutal de punição e opressão sobre os afro-cidadãos em todo o mundo.

Eles são astutos. Atualmente, o que está acontecendo em e ao redor de Saigon, Hanói, Congo e em outros lugares. Eles usam a violência quando os interesses deles estão em jogo. Toda essa violência que eles exibem em nível internacional. Mas quando se trata de você e eu, que reivindicamos apenas um pouco de liberdade, eles dizem que devemos ser não-violentos. Entretanto, eles podem ser violentos. Eles são violentos na Coreia, são violentos na Alemanha, são violentos no Pacífico Sul, são violentos em Cuba, são violentos onde quer que estejam. Mas quando chega a hora de você e eu nos protegermos contra linchamentos, eles nos dizem para não sermos violentos.

³⁰ Free, white, and twenty-one é uma expressão idiomática do inglês arcaico, usada em vários filmes da década de 1930. O significado mais próximo do português seria “eu posso fazer o que eu quero e ninguém pode me parar”

Isso é uma vergonha. Porque somos enganados para não sermos violentos e quando alguém se levanta e fala como eu acabei de fazer, eles dizem: "Por que, ele está defendendo a violência!" Não é isso que eles dizem? Toda vez que você compra o jornal, você lê essas coisas, que estou defendendo a violência. Eu nunca defendi a violência. Eu só disse que os Negros, que são vítimas da violência perpetrada contra nós pelo Klan, pelo conselho dos cidadãos brancos e outros, devem se defender. E quando digo que devemos nos defender contra a violência dos outros, eles usam habilmente a imprensa deles para fazer o mundo pensar que estou estimulando a violência. Eu não incentivaria ninguém a ser violento se ele não estivesse sendo brutalizado. Então, eu acho que o afro-americano neste país está justificado ao se levantar e começar a se proteger, não importa quantos pescoços e cabeças ele tenha que quebrar. Ele é mais justificado que qualquer outra pessoa no mundo.

Eu vi no noticiário onde eles - na televisão - pegaram essa mulher afro-americana em Selma, Alabama, e a derrubaram no chão, arrastando-a pela rua. Vocês viram, vocês estão tentando fingir que não viram porque sabem que deveriam ter feito alguma coisa para ajudá-la e não fizeram. Mostrava o xerife e seus capangas arremessando essa mulher negra ao chão.

E os homens ficaram parados, sem fazer nada. Apenas diziam: "Bem, vamos superar isso com nossa capacidade de amar." Que tipo de afirmação é essa? "Superar com a nossa capacidade de amar." E, então, isso desgraça o resto de nós porque a imagem é espalhada em todo o mundo, mostrando uma mulher afro-americana sendo brutalizada pelos algozes brancos, com joelhos sobre ela jogada ao chão, enquanto os homens ficaram parados observando. Ora, você tem sorte de eles deixarem você permanecer na terra, muito menos permanecer no país.

Quando vi, enviei um telegrama para Rockwell. Rockwell era um dos agitadores lá em baixo, Rockwell, este Lincoln Rockwell. E o conteúdo do telegrama, era para avisá-lo que eu não estava mais impedido pelo movimento Muçulmano Negro de Elijah Muhammad de lutar contra os supremacistas brancos. E se a presença de Rockwell no Alabama causasse danos ao Dr. King ou a qualquer outra pessoa negra no Alabama, que não estava fazendo nada além de tentar desfrutar de seus direitos, então Rockwell e seus amigos da Ku Klux Klan iriam receber a máxima retaliação por parte daqueles que não adotam a filosofia de não-violência. Eu não recebi nenhuma resposta de Rockwell desde então.

Irmãos e irmãs, se você e eu simplesmente entendermos que, uma vez que aprendamos a falar a língua que eles entendem, eles entenderão a mensagem. Você nunca pode alcançar um homem se você não fala a língua dele. Se um homem fala a linguagem da força bruta, você não pode falar com ele com a linguagem da paz. Por que será perda de tempo. Ele vai te quebrar em dois, como ele tem feito o tempo todo. Se um homem fala francês, você não pode falar com ele em alemão. Se ele fala suaíli, você não pode se comunicar com ele em chinês. Você tem que descobrir que língua esse homem fala. E uma vez que você conheça a língua dele, aprenda a falar a língua dele, e ele entenderá a mensagem. Haverá algum diálogo, alguma comunicação e algum acordo será desenvolvido.

Você está nesse país há tempo suficiente para conhecer a língua que o Klan fala. Eles só conhecem uma língua. E o que você e eu temos de começar a fazer em 1965 - quero dizer, é o que você tem de fazer, porque a maioria de nós já está fazendo isso - é começar a aprender um novo idioma. Aprenda a linguagem que eles entendem. E então, quando eles chegarem à nossa porta para conversar, poderemos conversar e eles vão entender. Haverá um diálogo, haverá alguma comunicação, e tenho certeza que haverá algum entendimento. Por que? Porque o Klan é um covarde disfarçado. Eles aperfeiçoaram a arte de amedrontar os afro-americanos. Enquanto vocês sentirem medo, o Klan estará seguro. Mas o próprio Klan é covarde. Nenhum deles nunca virá atrás de vocês sozinho. Eles só vêm em bandos. Claro, eles têm medo de você.

E você fica aí sentado enquanto eles colocam uma corda em volta do seu pescoço dizendo: "Perdoa-lhes, Senhor, eles não sabem o que fazem." Enquanto eles estão fazendo isso, eles são especialistas nisso, eles sabem o que eles estão fazendo!

Não, desde que o governo federal mostrou que não vai fazer nada sobre isso. Devemos falar, é um dever, é dever seu e meu como homens, como seres humanos, é nosso dever para o nosso povo nos organizar e deixar o governo saber que se eles não pararem a Klan, nós mesmos vamos parar. E então você verá o governo tomar uma atitude sobre isso. Mas nunca pense que eles farão isso apenas por causa de algum tipo de moralidade, não. Então, eu não acredito em violência - é por isso que eu quero pará-los. E você não pode parar com amor, não pode amar essas coisas lá embaixo, não. Então, nós só queremos uma ação vigorosa de autodefesa, e por meio dessa ação efetiva, achamos que somos justificados em iniciá-la por qualquer meio necessário.

Agora, a imprensa aparece com algo assim, eles nos chamam de racistas e pessoas "violentas ao contrário". É assim que eles rotulam você. Eles fazem você pensar que se você tentar impedir a Klan de linchar você, você está praticando "violência ao contrário". Entenda isso, eu ouço muitos de vocês repetindo feito papagaios o que esse homem diz. Você diz: "Eu não quero ser uma Ku Klux Klan ao contrário." Bem, você - heh! - se um criminoso invadir sua casa com uma arma, irmão, só porque ele tem uma arma e está roubando sua casa, irmão, e ele é um ladrão, não faz de você um ladrão se você pegar sua arma para expulsá-lo. Não, o homem está usando uma lógica enganosa com você. E ele usa uma roupa da Ku Klux Klan atravessando o país assustando vocês. Agora, eu digo que é hora de nos unirmos em algum tipo de ação para fazer o que for necessário para puxar o lençol deles para que eles não assustem mais os afro-americanos. Isso é tudo. E quando dizemos isso, a imprensa nos chama de "racista ao contrário".

"Não lute - somente dentro das regras que as pessoas com as quais você está lutando estabeleceram para você". Porque isso é loucura. Ao mesmo tempo isso demonstra como eles fazem isso. Com a manipulação habilidosa da imprensa, eles podem fazer a vítima parecer o criminoso, e o criminoso parecer a vítima.

Agora mesmo em Nova York tivemos alguns casos em que a polícia pegou o irmão e o espancou impiedosamente - e depois o acusou de agredi-lo. Eles usaram a imprensa para fazer parecer que ele era o criminoso e os agressores eram as vítimas. É assim que eles fazem, e se você estudar como eles fizeram isso lá, você saberá como eles fazem isso aqui. É o mesmo jogo que está acontecendo o tempo todo, e se você e eu não acordarmos e vermos o que esse homem está fazendo conosco, será tarde demais. Eles já podem ter construídos os fornos a gás antes mesmo que você perceba que já estão quentes.

Uma das maneiras mais astutas de usar a imprensa contra nós, através da produção de uma imagem criminosa: são as estatísticas. E com a imprensa, eles alimentam o imaginário do público com essas estatísticas, principalmente o público branco. Porque existem pessoas brancas bem-intencionadas, assim como pessoas mal-intencionadas. E o que quer que o governo faça, sempre vai querer que o público esteja ao seu lado, seja o governo local, estadual ou o governo federal. Então, eles usam a imprensa para criar imagens. E em nível local, eles criam uma imagem para alimentar as estatísticas - através da imprensa, eles divulgam alta taxa de criminalidade na comunidade afro-americana. Tão logo essa alta taxa de criminalidade é

ênfâtizada pela imprensa, as pessoas começam a considerar nossa comunidade como uma comunidade de criminosos.

E assim, qualquer pessoa da comunidade pode ser parada na rua. "Ponha as mãos para cima", e eles lhe revistam. Você pode ser um médico, um advogado, um pregador ou algum outro tipo de tio Tom. Contudo, apesar de sua posição profissional, você descobrirá que é a mesma vítima, assim como o homem que está no gueto. Só porque você é afro-americano e mora em uma comunidade negra, que foi projetada pela mídia como uma comunidade de criminosos. Isso é fato. E uma vez que o público aceita essa imagem, ela abre caminho para a implantação de um tipo de sistema de estado policial em nossa comunidade. Em que eles podem usar qualquer tipo de método violento para reprimir os afro-americanos porque para a polícia "eles são criminosos". E quem construiu essa imagem? A imprensa novamente, deixando a estrutura de poder ou o elemento racista da estrutura de poder usá-los dessa maneira.

Um bom exemplo disso foram os motins que ocorreram aqui durante o verão. Eu estava na África, li sobre isso lá. Se você perceber, eles se referiram aos manifestantes como vândalos, bandidos e ladrões. Eles tentaram fazer com que parecesse que eles eram desordeiros - eles tentaram fazer isso - e eles fizeram isso, eles habilmente tiraram o fardo da sociedade por sua incapacidade de corrigir essas condições negativas na comunidade negra. Ele tirou o fardo da sociedade e colocou na comunidade afro-americana, usando a imprensa para fazer parecer que o saque e tudo aquilo era prova de que tudo não passava de uma ação praticada por vândalos, ladrões. Mas não eram ladrões. E eu ouço muitos Negros velhos, burros que passaram por uma lavagem cerebral reproduzindo feito papagaio a velha ladainha que o homem colocou no jornal.

Não era apenas o fato de eles estarem apenas derrubando janelas de loja de forma ignorante. No Harlem, por exemplo, todas as lojas são de propriedade de brancos, todos os edifícios são de propriedade de brancos. Os afro-americanos pagam aluguel, compram, mas eles não são proprietários das lojas de roupas, de alimentos e qualquer tipo de loja, nem sequer possuem as casas onde vivem. Tudo isso é propriedade de pessoas de fora. E então, essas habitações insalubres, o homem Negro no Harlem paga mais caro do que o homem que vive na área rica do Park Avenue. É mais caro morar na favela do que no Park Avenue. As pessoas do Harlem sabem disso. E os mercadores brancos nos cobram mais pela comida no Harlem – e é a pior comida, e temos de pagar mais por isso do que o homem branco paga no centro. Então,

eles sabem que estão sendo explorados e que o sangue deles está sendo sugado e não veem nenhuma saída.

Então, finalmente, quando a tensão explode, o homem branco não está lá, ele se foi. O comerciante não está lá, o senhorio não está lá. Aquele que ele considera ser o inimigo dele não está lá. Então, eles derrubam sua propriedade. É isso que eles fazem, derrubam as vitrines das lojas e ateiam fogo nas coisas e coisas desse tipo.

Não é que eles sejam ladrões. Mas a imprensa cria e projeta a imagem para o público, que isso está sendo feito por ladrões. E eles ignoram o fato de que não é roubo. É o sistema que é corrupto, sórdido e hipócrita que castrou o homem afro-americano. E a única maneira do homem Negro reagir é atacando-o da única maneira que ele sabe.

Eles usam a imprensa. Mas isso não quer dizer que todos os repórteres são mal-intencionados. Alguns deles são bons profissionais, suponho que sejam. Mas você pode analisar a abordagem geral da imprensa em qualquer problema e verá que eles sempre publicam a mesma coisa quando diz respeito a você e a mim. Eles sabiam que esse caso – que foi projetado para honrar os Negros americanos proeminentes, não foi? Você não encontraria nada nos jornais que apontasse o menor indício de que isso iria acontecer. Nem uma sugestão.

Por que? Você vê, há muitas fontes de notícias. Se você não acha que eles estão em conluio, veja! Ou eles todos estão interessados, ou nenhum deles está interessado. Não é impressionante. Eles não vão aceitar nada que seja dado por qualquer afro-americano que acredita que pode atuar além do escopo das regras estabelecidas pelo elemento "liberal" da estrutura de poder.

Quando você começa a pensar por si mesmo você os assusta, e eles tentam impedir que você alcance o público, com medo de que, se o público te ouvir, ele não dará mais atenção ao que eles falam. E eles coopta certos Negros, dando-lhes audiência na mídia a fim de fazê-los parecerem líderes. Para que as pessoas continuem a segui-los, não importa quantas porradas eles tenham levado na cabeça. Eles continuam seguindo-o. É assim que o homem faz e se você não acordar e descobrir como ele faz isso, eu digo a você, eles construirão câmaras de gás e fornos a gás muito em breve - eu não quero dizer aquele tipo de forno e gás que você tem na cozinha.

Outro exemplo em nível internacional de quão habilmente eles usam este truque foi no Congo. No Congo, os aviões lançaram bombas nas aldeias africanas. Aldeias africanas não têm defesa antibombas. E o piloto não pode ver em quem ele está jogando a bomba. Quando uma bomba atinge uma aldeia, ela destrói tudo. E esses pilotos conduzindo aviões cheios de bombas, lançando essas bombas em aldeias africanas, destruindo mulheres, crianças e bebês. Você nunca ouviu um clamor sobre isso aqui.

E isso começou em junho, eles jogaram bombas nas aldeias africanas explodindo tudo que havia dentro dela - homem, mulher, criança e bebê. Sem protestos, sem afinidade, sem apoio, sem preocupação porque a imprensa cobriu o evento de forma que conquistasse sua simpatia. Eles sabem como fazer você se solidarizar com o opressor, e eles sabem como fazer você se tornar apático com a vítima. Eu estou dizendo a você, eles são mestres nisso. E se você não desenvolver sua capacidade crítica de ler nas entrelinhas o que eles estão dizendo, vou lhe dizer novamente - eles estarão construindo fornos a gás e, antes de você acordar, você estará em um deles, assim como os judeus acabaram em fornos a gás lá na Alemanha. Você está em uma sociedade que é tão capaz de construir fornos a gás para Negros quanto a sociedade de Hitler.

O que houve no Congo foi assassinato em massa de mulheres, crianças e bebês. Mas não houve clamor nem mesmo dos liberais brancos, nem de seus “amigos”. Por que? Porque eles fizeram parecer como se fosse um projeto humanitário. Eles disseram que os aviões estavam sendo pilotados por “pilotos cubanos anti-Castro treinados pelos americanos”. Isso também é propaganda. Quando que você sabe que eles são treinados pelos americanos, você diz: "Ah, tudo bem, somos nós". E os cubanos anti-Castro: "Ah, tudo bem também porque se eles são contra Castro, isso é bom, porque Castro é um monstro". Então você vê como eles controlam sua mente passo a passo?

E esses pilotos são contratados, seus salários são pagos pelo governo dos Estados Unidos. Eles são mercenários e um mercenário não é alguém que mata porque é patriota, ele mata por dinheiro, porque é um assassino de aluguel. É o que um mercenário é. E eles foram capazes de contratar esses matadores de aluguel, colocá-los em aviões americanos, com bombas americanas e soltá-los em aldeias africanas, partindo em pedaços homens, mulheres, crianças e bebês congolezes e vocês aqui sentados indiferentes como se você não tivesse envolvido. Você

é um bobo. Eles estão fazendo isso hoje e farão amanhã. Porque você, eu e eles somos todos iguais

Eles chamam o genocídio de projeto humanitário e que estão fazendo isso em nome da liberdade. E tudo isso, esses termos gloriosos são usados para preparar a sua mente para o que eles farão.

Eles pegaram Tshombe. Você já ouviu falar de Tshombe. Ele é o pior africano que já nasceu. O tipo mais abominável que já nasceu. Ele é um assassino em pessoa. Ele é o assassino de Lumumba, o antigo e o único primeiro-ministro do Congo. Ele é um assassino de estatura internacional. No entanto, o governo dos Estados Unidos foi buscar Tshombe na Espanha, e o colocou como chefe do governo congolês. Isso é criminoso! Aqui está um homem que é um assassino, mas os Estados Unidos o colocam como chefe de estado no Congo e sustenta o governo dele com seus impostos. Agora - eles o contrataram para ocupar o cargo de chefe de estado no Congo - um assassino! Ele é um matador de aluguel! Seu salário é pago pelo governo dos Estados Unidos. Quando assumiu o cargo - seu primeiro passo foi contratar matadores Sul-africanos que odeiam tudo à vista. Ele contratou mercenários sul-africanos para matar seu próprio povo. E os Estados Unidos, novamente pagaram seu salário.

Você sabe, é algo para se pensar. Como você se sentiria se alguns irmãos congoleses se aproximassem de você - e eles se parecem com você, não pense que você não se parece com o congolês. Você é tão congolês quanto eles são. Eles assassinaram todos os tipos de congoleses lá. Como você se sentiria se um deles se aproximasse de você e perguntasse sobre o que seu governo está fazendo no Congo? Fui perguntado quando estava lá. Mas eles não precisaram se dirigir a mim assim porque automaticamente eles sabem qual é a minha opinião. E quanto a isso, sou grato à imprensa por deixar todos saberem qual é a minha posição. Mas para vocês não têm explicação.

Sua língua fica em sua boca. E depois você tem que - você tem que ir ao extremo para convencê-los de que você não concorda com o que o governo dos Estados Unidos está fazendo no Congo.

E eles justificam o uso de Tshombe como atual chefe de estado, argumentando que ele é o único africano que pode unir - ou trazer unidade para o Congo. Ele trouxe unidade para o

Congo? Não. Mas veja, esse é o jogo deles! E a verdadeira razão para quererem Tshombe no poder era porque ele podia convidá-los a entrar no Congo. Agora, que chefe de Estado africano ousaria convidar os poderes externos? Então eles colocaram Tshombe lá, e assim que Tshombe assumiu o poder, ele os convidou a trazer paraquedistas da Bélgica nos aviões de transporte dos Estados Unidos para tentar retomar o Congo.

Isso tudo resultou em um massacre por parte das potências ocidentais, ou seja, as potências ocidentais aqui nos Estados Unidos - interesses dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França e da Bélgica e assim por diante. Eles querem a riqueza do Congo, além de sua posição geográfica estratégica.

O processo passo-a-passo que foi usado pela imprensa: primeiro eles abanaram a chama de tal maneira que criaram uma histeria na mente do público. E depois eles mudaram de estratégia e abanaram a chama para obter a simpatia do público. E assim, depois de levá-los da histeria para a simpatia, o próximo passo é fazer com que o público apoie qualquer ato que eles estiverem se preparando para fazer. Você está lidando com uma máquina internacional fria e calculista, que é tão criminosa em seus objetivos e motivos que carrega as sementes de sua própria destruição bem dentro dela. Eles usam a imprensa para enfatizar que reféns brancos estavam sendo mantidos, ou padres brancos, missionários brancos, freiras brancas - eles não dizem freiras: dizem freiras brancas. Você sabe o que um jornal aqui em Detroit disse: missionários brancos, não apenas missionários, uma freira branca - como se houvesse uma diferença entre uma freira branca e uma freira negra, ou um padre branco e um padre Negro, ou se a luz que está sobre uma pele branca fosse mais valiosa do que uma luz que está sobre uma pele negra. Isto é o que eles estão enfatizando! E a imprensa - olhe para a imprensa quando esta coisa estava acontecendo - e você sabe sobre o que estou falando. Eles são desumanos em sua brancura.

Mas ainda assim, eu não os julgo só porque eles são brancos, ou eles me chamariam de racista. Estou julgando-os por seus atos, por seu comportamento premeditado - e você sabe como eles estão agindo de forma premeditada no Congo, e como eles agiram conscientemente no Vietnã, e como eles agem conscientemente agora no Alabama e no Mississippi. Então, você e eu temos de nos conscientizar e começar a nos comportar de forma que possamos controlar isso antes que seja tarde demais - e é isso que eles não querem ouvir.

Mais uma coisa a respeito de Tshombe, se você notar enquanto analisamos os fatos lá no continente africano, a fim de lhe dar uma melhor compreensão do que está acontecendo aqui. A próxima coisa que é bom saber sobre Tshombe: nenhuma tropa congoleza conseguiu alguma vitória para o atual governo congolês. Soldados congolezes nem lutam, a menos que sejam forçados a isso.

Mas os combatentes no Congo, os Combatentes da Liberdade - os rebeldes da província oriental - lutaram com paus e pedras, lanças e flechas. E a única vez que usaram uma arma era quando pegavam de algum soldado morto em combate. Eles pegavam a arma e estavam ganhando. Eles assumiram o controle de dois terços do Congo. Eu estou mostrando a você, eles lutaram com o coração deles.

Os outros não lutavam com o coração, seu coração não estava na causa. E por causa do espírito de luta dessas pessoas, será impossível que Tshombe permaneça como chefe de Estado do Congo sem o apoio de tropas estrangeiras - tropas brancas - trazidas da África do Sul ou de outros lugares. Mais cedo ou mais tarde, essas tropas vão desistir e então a América terá que aumentar suas tropas como fez no Sul do Vietnã. Ele não está em guerra com o Vietnã ainda, ele está lá apenas "aconselhando". Eles têm 20.000 "conselheiros", você sabe, nas linhas de frente. Mas eles dizem que não é uma guerra. Que eles estão oferecendo "consultoria". Porque, eles insultam a inteligência do seu próprio público!

E eles vão acabar fazendo a mesma coisa no Congo, eles ficarão encurralados. Eles terão que enviar tropas americanas para ocupar o Congo. Porque os Combatentes da Liberdade vão lutar - eles não vão abrir mão de uma polegada sem sequer revidar. E tem algo que você deveria saber! O que está em jogo no continente africano. É o quanto – o quanto essas potências ocidentais têm em comum e o que estão fazendo em conluio umas com as outras por trás dos bastidores.

Assim, no continente africano, eles estão treinando africanos - esses soldados - para que possam invadir um desses países, assumir o controle e entregá-lo às pessoas de direito.

A última coisa que devo dizer sobre o Congo: eles não querem que o Congo caia em mãos africanas por causa de sua riqueza mineral - também porque possui os maiores depósitos de alguns dos minerais mais rico de qualquer outra área nesta terra. Eles não pretendem desistir

por causa de sua riqueza. Outra razão pela qual eles não pretendem desistir do Congo é, se você olhar o mapa, verá que ele está estrategicamente localizado.

Se um genuíno governo africano assumir o poder no Congo, será possível que tropas africanas de todos os países invadam Angola - que é uma possessão portuguesa. E se Angola caísse seria apenas uma questão de tempo até que o Sudoeste africano, a Rodésia do Sul e a Betuanaland também caíssem. E colocaria tropas africanas na fronteira da África do Sul. E é aí que eles realmente querem chegar, aquele homem lá na África do Sul.

E os Estados Unidos estão envolvidos para impedir isso a fim de defender os interesses dele, sim! Alguns desses liberais que sorriem para você como se fossem seus melhores amigos têm dinheiro preso no Congo. Algumas das figuras políticas mais poderosas deste país, que governam os estados, têm interesses no Congo, na África do Sul, e em todo o continente africano e foram para lá! E como os africanos despertaram e perceberam isso, eles estão motivados e não vão descansar até que o explorador seja expulso de lá.

Então, agora que efeito isso tem sobre nós? Por que o homem afro-estadunidense na América deve se preocupar, uma vez que ele já está fora do continente africano há trezentos ou quatrocentos anos - por que devemos nos preocupar? Que impacto esses acontecimentos têm sobre nós? Número um, primeiro você tem que entender que até 1959 a África era dominada pelos poderes coloniais. E as potências coloniais da Europa tendo o controle total sobre a África projetaram a imagem da África negativamente.

Eles criaram uma imagem negativa da África rotulando os africanos de selvagens, canibais, não civilizados. Naturalmente, isso era tão negativo para você e para mim que começamos a odiar essa imagem. Nós não queríamos que ninguém nos falasse sobre a África, muito menos que nos chamasse de africanos. Ao odiar a África e os africanos acabamos odiando a nós mesmos sem perceber. Porque você não pode odiar as raízes de uma árvore e não odiar a árvore. Você não pode odiar sua origem e não acabar se odiando. Você não pode odiar a África e não se odiar.

Você me mostra uma dessas pessoas que sofreram uma lavagem cerebral, que tem uma atitude negativa em relação à África, e eu mostro que ela tem uma atitude negativa em relação a ela mesma. Você não pode ter uma atitude positiva em relação a si mesmo e ao mesmo tempo

ter uma atitude negativa em relação a África. Na mesma medida em que sua compreensão e atitude em relação à África se tornarem positivas, você descobrirá que sua compreensão e sua atitude em relação a si mesmo também se tornarão positivas. E é isso que o homem branco sabe. Eles muito habilmente fizeram você e eu odiarmos nossa identidade africana, nossas características africanas.

Você conhece a si mesmo - e sabe que nós fomos um povo que odiávamos nossas características africanas. Nós odiávamos nossos cabelos, a forma de nosso nariz - nós queríamos um daqueles longos narizes de cachorro, você sabe. Sim. Nós odiávamos a cor da nossa pele, o sangue da África que estava em nossas veias. E ao odiar nossos traços, nossa pele e nosso sangue acabamos odiando a nós mesmos.

Assim, nossa cor se tornou uma prisão para nós. Sentimos que isso estava nos aprisionando. Nossa cor se tornou uma cadeia para nós, a qual sentíamos que nos mantinha confinados, não nos deixava avançar por esse ou por aquele caminho. Sentimos que todas essas restrições eram baseadas unicamente em nossa cor. E a reação psicológica seria que, enquanto nos sentíssemos presos, acorrentados pela pele negra, pelos traços negros e pelo sangue negro, essas características que nos prendia automaticamente tinham de se tornar odiosas para nós. E isso se tornou odioso para nós. Isso nos fez sentir inferiores, isso nos fez sentir inadequados, isso nos fez sentir desamparados.

E quando nos tornamos vítimas deste sentimento de inadequação, inferioridade ou desamparo, nos dirigimos para outra pessoa para nos mostrar o caminho. Nós não confiávamos em um homem Negro para nos mostrar o caminho, ou nas outras pessoas negras para nos mostrar o caminho. Naquela época não. Nós não achávamos que um homem Negro pudesse fazer qualquer coisa além de tocar trompete - você sabe, alguns sons e te fazer feliz com algumas músicas. Mas em coisas sérias, onde nossa comida, roupa e abrigo estavam em causa e nossa educação estava em causa, nos voltávamos para o homem. Nós nunca pensamos em fazer essas coisas por nós mesmos. Porque nos sentíamos impotentes. O que nos fez sentir desamparados foi o nosso ódio por nós mesmos. E nosso auto ódio provinha do nosso ódio pelas coisas africanas.

Por volta de 1955, eles tiveram a Conferência de Bandung na Indonésia. E naquela época os africanos, os asiáticos, os árabes, todas as pessoas não-brancas se reuniram e

concordaram em deixar de lado suas diferenças e enfatizar o que tinham em comum para formar uma unidade de trabalho. E foi a unidade de trabalho - o espírito de Bandung que gerou uma unidade de trabalho que tornou possível para os asiáticos que eram oprimidos, os africanos que eram oprimidos, e outros que eram oprimidos trabalhassem juntos para obter independência para essas outras pessoas. E foi o espírito de Bandung que trouxe à existência esta unidade de trabalho que tornou possível para as nações que não tinham a chance de se tornar independentes conquistar sua independência. E grande parte disso começou em 1959.

Depois de 1959, o espírito do nacionalismo africano explodiu em chamas, e então começamos a testemunhar o completo colapso do colonialismo. A França saiu da África Ocidental, a Bélgica começou a fazer movimentos para sair do Congo, a Grã-Bretanha começou a fazer movimentos para sair do Quênia, Tanganica, Uganda, Nigéria e alguns desses outros países. E embora parecesse que eles estavam saindo, eles fizeram um truque que foi colossal.

Quando você está jogando basquete e fica preso, você joga a bola para um de seus colegas de equipe que está livre. E foi isso que as potências europeias fizeram. Eles estavam presos no continente africano, eles não podiam ficar lá, eles eram vistos como imperialistas coloniais. Então eles tiveram de passar a bola para alguém cuja imagem era diferente, e eles passaram a bola para o Tio Sam. E ele a pegou e tem manipulado o jogo desde então. Ele estava livre, não era visto como alguém que havia colonizado o continente africano. Mas naquela época, os africanos não conseguiam ver que, embora os Estados Unidos não tivessem colonizado o continente africano, eles haviam colonizado vinte e dois milhões de Negros aqui neste continente. Porque somos completamente colonizados tanto quanto qualquer outra pessoa.

Quando a bola foi passada para os Estados Unidos, isso aconteceu no momento em que John Kennedy tinha chegado ao poder. Ele pegou a bola e ajudou a executá-la. Ele foi um dos corredores mais astutos de Backfield que a história já registrou. Ele se cercou de intelectuais - pessoas altamente instruídas, instruídas e bem informadas. E em sua análise eles constataram que o governo da América estava sendo confrontado com um novo problema. E esse novo problema decorria do fato de que os africanos estavam despertos, eles estavam iluminados e destemidos. Eles lutariam. Então, isso significava que as potências ocidentais não poderiam ficar lá pela força. E como suas economias, a economia europeia e americana eram baseadas em sua contínua influência sobre o continente africano. Eles precisavam encontrar meios para permanecer ali. Então eles usaram a abordagem “amistosa”. Eles mudaram da antiga abordagem

imperialista colonial para a abordagem benevolente. Surgiram com um colonialismo benevolente, colonialismo filantrópico, humanitarismo ou dolarismo. Imediatamente, eles usaram a ONG Peace Corps, Crossroads, "Temos de ajudar nossos irmãos africanos". Entenda isso. Eles não podem nos ajudar no Mississippi. Não podem nos ajudar no Alabama, ou Detroit, aqui em Dearborn onde existe uma verdadeira organização da Ku Klux Klan.

Mas percorreram toda África oferecendo ajuda. Eu conheço Dearborn, você sabe, eu sou de Detroit, eu morava aqui em Inkster. E você tinha de passar por Dearborn para chegar a Inkster. É como dirigir pelo Mississippi quando você vai para Dearborn. Ainda é assim? [Alguém da audiência responde: "Sim."] Bem, você deveria reformá-la.

Então, percebendo que era necessário propor essas novas abordagens, Kennedy fez isso. Ele conseguiu - ele criou uma imagem de si mesmo que foi habilmente projetada para fazer as pessoas no continente africano pensarem que ele era Jesus, o grande pai branco que iria consertar as coisas. Eu estou dizendo a você, alguns desses Negros choraram mais quando ele morreu do que por Jesus quando foi crucificado.

De 1954 a 1964 foi a época em que assistimos ao surgimento da África. O impacto que isso causou na luta pelos direitos civis na América nunca foi totalmente dito. Por uma razão - por um lado, um dos principais fatores da luta pelos direitos civis era o movimento "Muçulmano Negro". O movimento embora não tenha tomado parte em coisas políticas, cívicas, obteve bons resultados ao tirar as pessoas dos vícios da bebida, do fumo e assim por diante. Reforma moral, não fez mais nada além disso. Mas tinha um discurso tão forte que colocou as outras organizações negras em evidência. Antes do movimento "Muçulmano Negro" aparecer, a NAACP era vista como radical; eles estavam se preparando para investigá-la. E então veio o movimento "muçulmano Negro" e assustou tanto o homem branco que este começou a dizer: "Graças a *Allah* pelo velho tio Roy e tio Whitney e tio A. Philip e tio ... - você tem um monte desses tios lá dentro. Não consigo me lembrar de seus nomes, eles são todos mais velhos do que eu, então eu os chamo de "tio". Além disso, se você usar a palavra "Tio Tom" hoje em dia, ouvi dizer que eles podem te processar por difamação, você sabe. Então eu não chamo mais nenhum de tio Tom. Eu os chamo de tio Roy.

Uma das coisas que o movimento "Muçulmano Negro" fez foi dar ênfase nos valores africanos. Este foi o segredo para o crescimento do movimento "Muçulmano Negro". Sangue

africano, origem africana, cultura africana e laços africanos. E você ficaria surpreso, descobrimos que no fundo do subconsciente do homem Negro neste país, ele ainda é mais africano do que americano. Ele só acha que é mais americano do que africano porque o homem está esbofeteando-o, fazendo uma lavagem cerebral nele todos os dias. Ele está dizendo a ele: "Você é americano, você é americano". Cara, como você pode pensar que é americano sem nunca ter recebido nenhum tipo de tratamento americano aqui? Você nunca recebeu, nunca!

Dez homens podem estar sentados à mesa comendo, você sabe, jantando, e eu posso sentar onde eles estão jantando. Eles estão jantando. Eu tenho um prato a minha frente, mas não há nenhum alimento nele. Por que todos nós estamos sentados na mesma mesa, todos nós somos consumidores? Eu não posso ser considerado um consumidor até você me deixar comer. Então, eu me tornarei um cliente. O fato de estar à mesa com outras pessoas que estão jantando não me faz um consumidor, e é isso que você precisa colocar em sua cabeça.

Só porque você está neste país não faz de você um americano. Não, você precisa ir além disso para se tornar um americano. Você tem de usufruir dos frutos do americanismo. Você não usufruiu os frutos. Você usufruiu os espinhos. Você tem provado os espinhos. Mas você não tem provado dos frutos, não senhor. Você lutou mais pelas frutas do que o homem branco. Você trabalhou mais pelas frutas do que o homem branco, mas você usufruiu menos. Quando o homem colocou o uniforme em você e o mandou para o exterior, você lutou mais do que eles. Sim, eu conheço você - quando você está lutando por eles, você pode lutar.

O movimento "Muçulmano Negro" deu essa contribuição. Eles fizeram todo o movimento pelos direitos civis tornar-se mais militante e mais aceitável para a estrutura de poder branco. Ele preferia os outros movimentos a nós. Na verdade, acho que forçamos muitos dos líderes dos direitos civis a serem ainda mais militantes do que pretendiam. Eu conheço alguns deles que saem e "boom, boom, boom" e não dizem nada com isso. Porque eles voltam logo para o canto dele assim que a ação chega.

John F. Kennedy também viu que era necessária uma nova abordagem entre os afro-americanos. E durante todo o seu mandato, ele se especializou em psicologia do afro-americano. Agora, muitos de vocês não gostam que eu diga isso, mas eu nunca falaria sobre isso se não soubesse do que estou falando. E eu não... - vivendo nesse tipo de sociedade, praticamente em torno deles - e você sabe o que quero dizer quando digo "eles" - aprendi a estudá-los. Você pode

pensar que eles querem proporcionar bons momentos a você, mas se você examinar um pouco mais de perto, verá que eles não querem nada disso para você. Isso não significa que não haja alguns deles que tenham boas intenções. Mas isso pressupõe que a maioria deles não tem.

A nova abordagem de Kennedy consistia em fingir que estava a favor da nossa luta pelos direitos civis e outros diferentes tipos de direitos. Mas lembro-me da matéria que a revista Look fez sobre a situação de Meredith em Mississippi. A revista Look fez uma matéria mostrando que Robert Kennedy e o governador Wallace - não o governador Wallace, o governador Barnett - haviam feito um acordo, em que o procurador-geral ia descer e tentar forçar Meredith entrar na universidade, e Barnett ia ficar no banco... na porta, você sabe, e dizer: "Não, você não vai entrar." Mas ele ia entrar de qualquer maneira. Então, foi tudo combinado com antecedência. E com isso Barnett manteria o apoio dos racistas brancos, porque era isso que ele queria, e Kennedy manteria o apoio dos Negros, porque era isso que ele queria também. Isso foi uma armação clara e inequívoca. E isso não é segredo, foi noticiado, a imprensa escreveu sobre isso. Mas se isso é um acordo, quantas outras ofertas você acha que vão surgir? Quem você acha que é o mais trapaceiro, irmãos e irmãs.

Então, na minha conclusão, gostaria de salientar que a abordagem usada pela administração até hoje - veja, até mesmo na geração atual - foi projetada habilmente para fazer parecer que eles estavam tentando resolver o problema quando na verdade não estavam. Eles lidavam com as condições, mas nunca com a causa. Eles só nos deram soluções simbólicas. Simbolismo beneficia apenas alguns. Nunca beneficia as massas, e as massas são as que sofrem com o problema, não a minoria. Aquele que se beneficia com o simbolismo, ele não quer estar perto de nós de maneira alguma, é por isso que ele aceita o simbolismo.

Você já notou como alguns Negros se gabam: "Eu sou o único lá fora, sou o único no meu trabalho." Você não os ouve dizer isso? Sim, você deveria dar um soco nele... não, ele é seu irmão, você não deveria socar seu irmão. Você deveria realmente pegá-lo. Você pode dar um soco nele com algumas palavras.

Sempre que você vê um Negro se gabando que "ele é o único em sua vizinhança", ele está se gabando. O que ele está dizendo a você na verdade é: "Estou cercado por brancos", você sabe. "Eu os amo e eles me amam." Oh sim. E no trabalho dele: "Eu sou o único no meu trabalho". Eu tenho escutado essas coisas em toda a minha vida e a geração que está chegando, elas não vão dizer isso. Para geração que está chegando, todo mundo vai se parecer com um tio

Tom. E você e eu temos que aprender isso para não posarmos com essa imagem quando nosso pessoal, quando nossa geração jovem aparecer e começar a olhar para nós.

As massas do nosso povo ainda vivem em péssimas moradias, que tem baixa escolaridade e empregos inferiores, empregos que não pagam um salário suficiente para que eles possam viver com dignidade neste mundo. De modo que o problema para as massas está absolutamente sem solução. Os únicos para quem o problema foi resolvido são pessoas como ³¹Whitney Young, que deve ser colocado no gabinete, de acordo com os rumores. Ele será um dos primeiros Negros a ocupar o gabinete. E isso responde o seu posicionamento. E outros que receberam empregos - Carl Rowan, que foi nomeado para a USIA (Agência de Informação dos Estados Unidos), que está habilmente tentando fazer os africanos pensarem que o nosso problema neste país está resolvido.

E essa é a pior coisa que o homem branco pode fazer a si mesmo, é pegar um desses Negros e perguntar-lhe: "Como o seu povo se sente, garoto?" Ele vai dizer a ele que estamos satisfeitos. É o que eles fazem, irmãos e irmãs. Eles dizem ao homem branco que estamos satisfeitos. "Apenas continue, me mantendo aqui a frente deles, chefe, e eu vou mantê-los sob controle para você." Isso é o que eles falam quando estão a porta fechada." Porque o homem branco não concorda com ninguém que não seja a favor dele. Ele não se importa se você está certo ou errado, ele quer saber se você está do lado dele. E se você tiver, ele não se importa com o que você é. Contanto que você esteja do lado dele. Ele vai te colocar como líder da comunidade negra e você se torna seu porta-voz.

Em sua luta, é como estar em uma esteira: você está correndo, mas não vai a lugar nenhum. Você corre cada vez mais rápido e a esteira vai cada vez mais rápido. Mas você nunca sai do lugar em que está. Portanto, é muito importante para você e para mim entender que a única maneira de resolver nosso problema é por meio de uma solução que beneficiará as massas, não apenas a elite, a chamada "classe alta".

³¹ O líder dos direitos civis, Whitney Young Jr., líder da Liga Urbana Nacional, estava na vanguarda da integração racial e do poder econômico afro-americano.

Na verdade, não existe um Negro de classe alta porque ele sofre o mesmo inferno que a outra classe sofre. Todos eles sofrem o mesmo inferno, que é uma das coisas boas sobre esse sistema racista – torna todos iguais.

Rapidamente, se você lembrar em 1963, todo mundo estava falando sobre o "centenário do progresso". Acho que foi assim que eles chamaram. Cem anos desde a assinatura da Proclamação da Emancipação, e todos estavam comemorando o quanto brancos e Negros tinham aprendido a amar uns aos outros na América.

Você provavelmente se lembra como eles falavam sobre janeiro de 1963. Bem, se você se levantasse em janeiro, tempo em que eles falavam sobre toda essa conversa de um bom ano à frente, de coisas boas pela frente, e lhes dissesse que em maio haveria uma explosão em Birmingham e Bull Connor seria conhecido como um bandido internacional pela brutalidade que ele amontoou sobre os Negros. Se você dissesse ao povo que em janeiro de 1963 que John F. Kennedy seria morto por seu protagonismo em tudo. Se você tivesse dito a eles que em janeiro Medgar Evers seria assassinado e ninguém seria capaz de leva o assassino à justiça ou se você tivesse dito a eles que em janeiro de 1963 uma igreja seria bombardeada em Birmingham, com quatro meninas negras explodindo em pedaços enquanto oravam e serviam a Jesus - eles diriam que você estava louco.

Em 1964, eles começaram da mesma maneira. Esse seria o suposto ano da promessa. Se você tivesse dito a eles enquanto eles falavam sobre este grande ano de promessa - você sabe - direitos civis e tudo isso que estava por vir, que em breve três trabalhadores dos direitos civis seriam brutalmente assassinados e o governo seria incapaz de fazer qualquer coisa a respeito. Que um educador afro-americano na Geórgia seria brutalmente assassinado em plena luz do dia e os homens que o assassinaram eram conhecidos, e o governo não conseguiu fazer nada a respeito. Se você tivesse dito isso em janeiro de 1964, eles diriam que você estava louco. Agora eles estão começando 1965 da mesma maneira. Falando sobre a "Grande Sociedade", você sabe, "combate à pobreza".

Se você lhes disser agora o que está reservado para 1965, eles vão achar que você está louco, com certeza. Mas 1965 será o ano mais longo e mais impetuoso de todos eles. Terá de ser, não porque você quer que seja ou eu quero que seja ou queremos que seja, mas porque as condições que criaram essas explosões em 1963 ainda estão aqui, as condições que criaram

explosões em 64 ainda estão aqui. Você não pode dizer que não haverá uma explosão quando você mantém todas as condições para que aconteça. Os ingredientes ainda estão aqui. Enquanto essas circunstâncias explosivas permanecerem, você terá o potencial de explosão em suas mãos. Irmãos e irmãs, deixe-me dizer-lhes, passo meu tempo na rua com pessoas, com pessoas de todo tipo, ouvindo o que elas têm a dizer. E elas estão insatisfeitas, estão desiludidas, estão cansadas, estão chegando ao nível de frustração onde estão começando a pensar: o que eles têm a perder?

E quando você chega a esse ponto, você se torna o tipo de pessoa que pode criar uma atmosfera perigosamente explosiva. Isso é o que está acontecendo no nosso bairro com o nosso povo. Eu li uma pesquisa feita pela revista Newsweek esta semana, em que dizem que os afro-americanos estão satisfeitos. Ah, sim, uma pesquisa que você sabe, na Newsweek, deveria ser uma revista de primeira linha, com um pesquisador de primeira linha, falando sobre a satisfação dos afro-americanos. Talvez eu não tenha encontrado os Negros que ele entrevistou. Porque eu sei que ele não entrevistou os que eu conheço. Mas isso é perigoso. É aqui que o homem branco comete o pior erro. Ele inventa estatísticas para criar uma imagem, pensando que essa imagem vai manter as coisas sob controle. Você sabe por que eles sempre dizem que somos preguiçosos? Porque eles querem que os afro-americanos sejam preguiçosos. Eles sempre dizem que eles não podem se unir porque não querem nos ver unidos. E uma vez que eles colocam essa coisa na mente deles, eles veem que o Negro aceita isso como verdade, a imagem produzida se torna realidade. Se você diz que ele não pode se unir, quando você tenta uni-lo, ele se recusa porque já foi colocado na mente dele que ele não pode se unir. É uma manipulação psíquica que funciona, e é a mesma estratégia que eles usam nas estatísticas.

Quando eles percebem que uma era explosiva está surgindo, então eles pegam a novamente a imprensa e começam a doutrinar o público afro-americano, para dar uma impressão de que todos estão satisfeitos. Porque se você tem consciência de sua insatisfação e outros dez não têm, você está certo. Mas se todos os dez estão insatisfeitos e não expressa isso. Bem, é isso que o homem quer. O homem sabe que, se esses Negros descobrirem quanto insatisfeitos eles realmente estão - todos eles, até o tio Tom está insatisfeito, mas ele tem que cumprir seu papel no jogo - é isso que os deixa assustados. Assusta-os na França, assusta-os na Inglaterra e assusta-os nos Estados Unidos.

E é por essa razão que é tão importante para você e para mim começarmos a nos organizar inteligentemente a fim de tentar descobrir o que faremos se isso acontecer ou se a próxima coisa a acontecer? Não pense que você vai correr para o homem e dizer: "Olhe, chefe, sou eu". Porque quando o negócio acabar, você ficará exatamente como eu na visão dele. Eu tornarei isso difícil para você. Sim, quando o negócio desabar, ele olhará para você da mesma forma que olha para mim.

Eu estava em um programa de televisão em Nova York na semana passada. Um dos liberais saiu com uma sobre James Farmer. Agora, aqui está James Farmer ensinando aos afro-americanos a serem não-violentos e amorosos e tudo isso - eles deveriam estar dando tapinhas nas costas dele. E em vez de darem tapinhas nas costas, eles queriam bater nele. E isso me colocou em uma posição em que eu tive de defendê-lo, e eu fiz. Eu estava feliz porque mentalmente, eu queria quebrar o pescoço deste homem de qualquer maneira, de preferência, eu deveria dizer intelectualmente.

Eu ressalto essas coisas, irmãos e irmãs, para que você e eu saibamos a importância de em 1963, estar em completa unidade uns com os outros, em harmonia uns com os outros e não deixar o homem nos manobrar, fazendo-nos lutar uns contra os outros. A situação em que tenho sido manobrado até a agora, que envolve a mim e o movimento "Muçulmano Negro" é algo de que realmente me arrependo profundamente, porque eu acho que não existe nada mais destrutivo do que dois grupos de Negros lutando entre si. Mas é algo que não pode ser evitado porque está além do meu controle, e essas coisas vão emergir em um futuro muito próximo.

Eu devo dizer isso antes de me sentar. Se você se lembrar, quando deixei o movimento "Muçulmano Negro", afirmei claramente que não era minha intenção nem mesmo ter consciência de que eles existiam. Eu usaria meu tempo trabalhando na comunidade não-muçulmana. Mas eles temiam que se não fizessem algo, talvez muitos dos que estavam na mesquita saíssem e seguissem uma direção diferente. Então, eles começaram a me criticar, além disso, eles tentaram me silenciar porque eles sabiam que eu sabia de muitas coisas.

Eu pensei, eles me conhecem bem o suficiente para saber, certamente, que não podem me assustar. Mas quando foi revelado - desculpe-me por continuar tossindo assim, mas eu inalei um pouco daquela fumaça ontem à noite - há algumas coisas envolvendo o movimento 'Muçulmano Negro' que, quando elas vierem à tona, vocês vão ficar chocados. O que você tem

de entender é que nós do movimento Muçulmano Negro acreditávamos 100% na divindade de Elijah Muhammad. Nós acreditávamos nele. Nós realmente acreditávamos que *Allah* havia lhe instruído - aqui mesmo em Detroit - que *Allah* havia ensinado a ele e tudo mais. Eu sempre pensei que ele acreditava nele mesmo. E fiquei chocado quando descobri que nem ele mesmo acreditava nisso. E quando esse choque me atingiu, comecei a procurar em todos os lugares e a tentar entender melhor as coisas com as quais somos confrontados para que pudéssemos encontrar alguma forma de corrigi-las.

Eu quero agradecer a vocês por terem vindo esta tarde – ou melhor, esta noite. Acho maravilhoso que tantos de vocês tenham saído, considerando o apagão que aconteceu na reunião. Além disso, Milton Henry e os irmãos que estão aqui em Detroit são jovens muito progressistas, e eu aconselho a todos vocês que se envolvam com eles de todas as maneiras possíveis para tentar criar algum tipo de esforço conjunto direcionado a objetivos comuns. Não deixe que a estrutura de poder o leve a perder tempo lutando uns contra os outros quando você pode se envolver em algo construtivo e em um trabalho real.

Provavelmente, uma coisa que eu deveria ter salientado para você, que uma vez que formamos nossa nova organização, uma vez que fomos identificados e aceito pelo mundo muçulmano ortodoxo, também formamos um grupo conhecido como a Organização da Unidade Afro-americana, que é projetado para lutar contra todas as condições políticas, econômicas e sociais negativas que existem em nosso bairro. É uma organização não religiosa com a qual qualquer pessoa que esteja interessado em ação direta pode participar.

E uma das nossas primeiras ações é tirar o nosso problema do contexto dos direitos civis e colocá-lo em um nível internacional dos direitos humanos, para que o mundo inteiro possa participar de nossa luta. Se nós mantivermos nossa luta no âmbito dos direitos civis, o único lugar onde poderemos procurar aliados é dentro dos limites internos da América. Mas quando você a torna uma luta pelos direitos humanos, ela se torna internacional e então você pode abrir as portas para todos os tipos de conselhos e apoio de nossos irmãos na África, América Latina, Ásia e outros lugares. Então é muito, muito importante - esse é o nosso objetivo internacional, esse é o nosso objetivo externo.

Nosso objetivo interno é envolver-se imediatamente em uma campanha de registro de eleitores em massa. Mas não acreditamos no recenseamento eleitoral sem educar os eleitores.

Acreditamos que o nosso povo deve ser educado na ciência da política para que eles saibam para que serve um voto e o que um voto deve produzir, e como utilizar esse poder de voto para que você possa controlar a política de sua própria comunidade e os políticos que representam essa comunidade. Esse é o nosso papel.

E é nessa direção que vamos trabalhar com todos os outros grupos, até grupos de direitos civis que se dedicam a aumentar o número de eleitores Negros registrados no Sul. A única área em que nós divergimos é a seguinte: não acreditamos que os jovens estudantes devam ser enviados para o Mississippi, Alabama e para esses outros lugares sem algum tipo de proteção. Assim, nos uniremos a eles em seu registro de eleitores e ajudaremos a treinar os irmãos nas artes que são necessárias nos dias de hoje para garantir nossa existência nesta terra.

Eu digo novamente que não sou racista, não acredito em nenhuma forma de segregação ou algo assim. Eu sou pela irmandade de todo mundo, mas eu não acredito em forçar a fraternidade com pessoas que não querem isso. Então vamos praticar a irmandade entre nós mesmos, e depois praticaremos com os outros que quiserem praticar a fraternidade conosco também, defendemos isso. Mas eu não acho que devemos sair por aí tentando amar alguém que não nos ama.

Obrigado

5.26 Há uma Revolução Mundial Acontecendo (15 de fevereiro de 1965)

Como muitos de vocês provavelmente já sabem, esta noite iríamos apresentar um programa que achamos que vai ser benéfico para a luta do nosso povo neste país. Mas por causa de eventos que estão além do nosso controle, achamos melhor adiar a apresentação do programa que tínhamos em mente para uma data posterior.

Domingo de manhã, por volta das três horas, alguém jogou algumas bombas dentro de minha casa. Normalmente, eu não ficaria preocupado por causa de algumas bombinhas, mas as que jogaram, não tinham como alvo apenas as salas onde não havia ninguém, mas até os quartos onde minhas três filhas três dormiam. Minha filha de seis, outra de quatro e uma de dois anos. Eu tenho certeza de que aqueles que lançaram as bombas conheciam minha casa bem o suficiente para saber onde todos dormiam. Não consigo elevar meu coração a ponto ser misericordioso, de agora em diante, com alguém capaz de cometer um ato tão desumano. Especialmente, quando ouvi no noticiário hoje, que Joseph, um irmão que encontrei na lata de

lixo em Detroit em 1952 - foi onde eu o achei - fez uma declaração afirmando que eu havia bombardeado minha própria casa.

Agora você vê, isso não me surpreende, porque eu sei que, quando muitos de nós deixaram o movimento muçulmano, sua inteligência e moral foram à falência.

E agora eles estão usando as mesmas táticas usadas pela Ku Klux Klan. Quando o Klan bombardeia sua igreja, eles dizem que foi você quem fez isso. Quando eles bombardeiam a sinagoga, eles dizem que os judeus bombardearam a própria sinagoga. Esta é uma tática do Klan. E para mim, vou lhe dizer por que o movimento Muçulmano Negro está adotando a mesma tática da Klan contra os afro-americanos, uma vez que, até agora, esse era um método usado exclusivamente pela Ku Klux Klan.

Quero salientar, também, que não estou falando dos muçulmanos apenas para deixar as pessoas brancas felizes. Porque eu não deixo ninguém me usar contra outra pessoa. Estou lhe dizendo essas coisas porque cheguei a um ponto em que sinto que os Negros deste país precisam saber o que está acontecendo. E eu estou falando sobre uma organização da qual eu ajudei a construir, a organizar. Eu conheço suas características. Eu conheço seu potencial. Eu conheço seus padrões de comportamento. Eu sei o que pode fazer e o que não pode fazer. Uma das coisas que eles podem fazer é bombardear sua casa e tentar matar seu bebê.

Antes de falar sobre isso, gostaria de salientar também, como muitos de vocês já sabem, na última terça-feira, ou no último final de semana, fui convidado para discursar no primeiro congresso do Conselho das Organizações Africanas em Londres. Eles tiveram um congresso de quatro dias, nos dias 5, 6, 7 e 8 e me convidaram para fazer o discurso de encerramento e atualizar a delegação das várias organizações africanas, que estão no continente europeu, sobre a luta do homem Negro neste país em sua busca por direitos humanos e por dignidade humana. E junto com esse convite, eu recebi um convite para visitar a comunidade afro-americana em Paris que estava patrocinando uma manifestação em conjunto com a comunidade africana. E eu também deveria discursar lá terça-feira e falar sobre o estado de desenvolvimento ou a falta de desenvolvimento do nosso progresso neste país com relação aos direitos humanos.

Como muitos de vocês sabem, quando cheguei à Paris, o homem disse que eu não podia entrar - um homem. Um homem francês. Eles não me deram outra explicação senão que eles

estavam recebendo ordens. Eles não me deixaram telefonar para a embaixada americana. Eles tentaram sugerir que a embaixada americana estava por trás disso, eu disse a eles que não sabia que De Gaulle havia se tornado um empregadinho de Lyndon B. Johnson. Eu sabia que Kennedy tinha tornado Khrushchev um empregado e metade... – da Grã-Bretanha - e metade desses outros países, mas eu não sabia que a França havia se tornado uma província dos Estados Unidos.

Bem, isso os irritou porque eles gostam de ser independentes, você sabe - ou de fingirem ser independentes. Mas eles não me deixaram entrar. Eles não me deixaram telefonar para a embaixada americana.

E mais tarde, quando voltei a Londres - e, a propósito, quando voltei a Londres, havia a cerca de vinte delegados diferentes, eram delegados de vinte diferentes organizações africanas, no aeroporto, e eles iriam fazer um inferno, se alguma coisa tivesse acontecido além do que estava previsto. Assim, acabei voltando - entrei novamente na Inglaterra sem problemas e imediatamente telefonei para os irmãos e irmãs que estavam em Paris. E eles ressaltaram que haviam encontrado alguma dificuldade, primeiro com a união dos trabalhadores do sindicato comunista. Agora, lembre-se, os sindicalistas comunistas impediram-nos de alugar o salão e quando tentamos alugar outro, o mesmo grupo comunista exerceu sua influência para nos impedir de alugar o salão.

Finalmente, quando conseguiram alugar um salão, evidentemente alguém forte o suficiente para exercer influência sobre o governo francês. E devo acrescentar que enquanto estava sob custódia dos franceses, toda vez que fazia um pedido, antes de dizer sim ou não, eles telefonavam para o Ministério Exterior da França. De modo que eles estavam recebendo ordens de alguém do alto escalão do Ministério Exterior, que não queria que eu entrasse na França. E há uma razão para isso. Eu não os culpo, porque eu disse aos partidos de lá - eu disse que talvez meu avião tivesse pegado a rota errada e eu acabei indo parar na África do Sul, no país errado. Isso não poderia ser Paris, deveria ser Joanesburgo. E eles ficaram vermelhos. E você sabe como eles podem ficar vermelhos, um deles ficou rosa.

A mesma coisa aconteceu na Inglaterra, como muitos de vocês provavelmente leram no Sunday Times e no Tribune. Havia um grande temor na Inglaterra por causa do meu discurso na comunidade das Índias Ocidentais. E porque - isso acontece, porque a Inglaterra tem um

problema racial muito grave, porque muitos do nosso povo estão migrando das Índias Ocidentais para a Inglaterra. A França está em silêncio, mas tem um problema racial muito sério se desenvolvendo por causa da migração de nosso povo das Antilhas Francesas para a França. E com essas pessoas das Antilhas Francesas indo para a França, outros das Antilhas Britânicas indo para a Inglaterra, juntamente com os asiáticos que estão vindo do território britânico e os africanos do oeste da África Equatorial francesa para a França, e das possessões britânicas para Grã-Bretanha, há um crescente número de afrodescendentes aumentando a população afrodescendente da França e da Grã-Bretanha. E isso lhes dá muito medo - a única diferença entre nós e eles é que nenhum afro-francês jamais tentou unir as pessoas. Nem os afro-ingleses. Então você pode entender o motivo do medo deles.

Nenhum esforço foi feito para unir a comunidade afro-americana ou a comunidade das Índias Ocidentais e, depois, essas duas comunidades com a comunidade africana e ambas as comunidades com a comunidade asiática. Isso nunca foi feito, nem na Inglaterra nem na França. Mas quando estive na França, em novembro, apenas por alguns dias, consegui reunir alguns afro-americanos que moram lá e formamos uma filial da OAAU, a Organização da Unidade Afro-americana. E assim que formaram esta filial, começaram a trabalhar em conjunto com a organização africana e tornaram-se um poder que teve de ser levado em conta. E é isso que o governo francês não quer.

Também a mesma coisa na Grã-Bretanha. A comunidade das Índias Ocidentais está muito inquieta, ou melhor, sim, inquieta e insatisfeita. E eles também estão tentando organizar ou encontrar alguém que possa reuni-los. E isso causou muito medo e preocupação na Inglaterra. E é por isso que eles agem de maneira infantil às vezes. Agora, deixando isso de lado por um momento, você vai se lembrar, quando eu estive em Meca, em setembro, eu escrevi uma carta que foi publicada no The New York Times, na qual eu declarei minha intenção de expor Elijah Muhammad como um falso religioso quando retornasse à América. Foi isso que eu escrevi. Agora, enquanto eu estava em Meca entre os muçulmanos, tive a chance de meditar e pensar e ver as coisas com mais clareza - com muito mais clareza do que quando estava aqui confuso com toda essa bagunça com a qual somos confrontados constantemente. E eu tinha decidido, sim, que ia contar aos afro-americanos do Hemisfério Ocidental, o papel que eu tinha desempenhado nas mãos enganosas de Elijah Muhammad, expor exatamente o tipo de homem que ele era e o que ele estava fazendo.

E devo salientar que não era algo que eu sabia o tempo todo, porque eu não sabia. Eu tinha uma fé cega nele, a mesma que muitos de vocês tiveram e ainda têm em mim, em Moisés ou uma fé cega em outra pessoa. Minha fé em Elijah Muhammad era mais cega e mais intransigente do que qualquer fé que alguém já teve por outro homem. Então, eu não tentei vê-lo como ele realmente era. Mas uma vez estando longe, eu pude vê-lo melhor, entender melhor muitas coisas. E assim, quando voltei para este país, como você lembra, eu estava muito quieto. Quando eles tentavam fazer perguntas sobre ele, eu evitava. Eu não queria me envolver. Eu não queria entrar nisso. Bem, a razão para isso foi: a carta que escrevi foi escrita quando eu estava na Arábia, em setembro, ao passo que, depois de deixar a Arábia, eu fui para a África. Tive a oportunidade de manter longas discussões com o Presidente Julius Nyerere onde hoje é a Tanzânia, com Jomo Kenyatta, o presidente do Quênia, a República do Quênia, longas discussões com o Primeiro Ministro Milton Obote de Uganda, Presidente Azikiwe da Nigéria, Presidente Nkrumah de Gana e com o Presidente Sekou Toure na Guiné. E o entendimento que tive após as conversas com esses homens é que eles são grandes homens.

O entendimento que eu adquiri ampliou tanto minha visão que passei a ver os problemas e reclamações dos Negros na América e no Hemisfério Ocidental com muito mais clareza. E eu me senti um tolo voltando para este país e me envolvendo em uma discussão com o movimento Muçulmano Negro. Eu senti que estava perdendo meu tempo. Eu senti que seria um empecilho para eu voltar aqui e me permitir entrar em discussões públicas e brigas - sabendo o que eu sabia, e sabendo que seria realmente mais benéfico para o nosso povo se um programa construtivo fosse colocado para eles imediatamente.

Muitos de vocês se lembrarão que, pouco depois do meu retorno, apesar de não ter falado nada sobre os Muçulmanos Negros, foi colocado no jornal assinado por Raymond Sharrieff em que ele me ameaçava caso eu dissesse algo sobre Elijah Muhammad. Na verdade, esse não era um telegrama de Raymond Sharrieff, esse era um telegrama de Elijah Muhammad. Raymond Sharrieff não tem liberdade para agir.

Se você se lembrar, quando eu estava no movimento, eu nunca dizia nada sem antes dizer que Elijah Muhammad acredita assim e assim, ou Elijah Muhammad disse assim e assim. É assim que o movimento Muçulmano Negro é organizado. Ninguém faz qualquer declaração pública a menos que venha de Elijah Muhammad. E ninguém faz qualquer movimento a menos que venha de Elijah Muhammad. Eles não fazem isso e não vão mudar isso agora. Então,

quando Raymond Sharrieff escreve essa nota no jornal, essa nota era do próprio Elijah Muhammad. E ele estava tentando me irritar para que eu dissesse algo sobre ele para que houvesse um tumulto público novamente, porque eles queriam me jogar na mesma posição em que eu estava antes de deixar o país.

Antes de deixar o país, eu permiti que eles me colocassem em uma posição - eu e os bons irmãos e irmãs que também tiveram o bom senso de sair de lá - eu fui tolo o suficiente para deixá-los me colocar em uma posição onde estávamos atirando uns nos outros, por assim dizer, e ficou conhecido em todo o país que os muçulmanos no templo estavam tentando fazer isso.

Então isso me colocou em uma posição onde qualquer um poderia fazer isso e culpar aqueles tolos muçulmanos. E eu estava bem ciente disso. Então, ficando longe por quatro ou cinco meses, isso acabou. Quando voltei, permaneci quieto, eles tentaram a mesma coisa novamente. Eles queriam mais confusão para parecer que os Muçulmanos Negros fariam isso e os Muçulmanos Negros fariam aquilo e então qualquer um poderia fazer e culpá-los e eles não tiveram senso suficiente para ver isso. Você pode entender isso? não pode? E quando digo alguém, quero dizer qualquer pessoa. Mas eu sei quem são esses caras.

Continuei me concentrando, continuei ignorando-os e me concentrei para organizar melhor a Organização da Unidade Afro-americana. Porque eu sabia disso e senti que o que eu tinha em mente realmente resolveria os problemas de muitos do nosso povo - da maioria do nosso pessoal.

Se você perceber e, apesar de eu ter permanecido calado, 22 de janeiro, uma sexta à noite às 11h:15m, ao sair da minha casa uma noite, eles tentaram me agredir. Agora, eu sabia que eles não estavam lá esperando por mim porque normalmente, eu não saio a essa hora da noite. De modo que quando eu saí em direção a eles e eles vieram contra mim, eu percebi então que eles estavam vigiando minha casa. E francamente, esperei por eles por um mês. Eu ficava sentado com meu rifle em casa. Ficava acordado a noite toda só para ter uma oportunidade de mandar alguém para o inferno. Apenas uma chance. Eu avisei a minha esposa naquela época que eles estavam vigiando a casa. Mais uma vez, conheço o comportamento deles. E me tornei mais cuidadoso, onde quer que eu fosse e sempre que fosse a qualquer lugar. E então, para

piorar a situação, quando fui a Los Angeles há algumas semanas, eles ficaram tão insanos que me perseguiram pela autoestrada de Hollywood em plena luz do dia. Sim!

Agora, o que você deve considerar sobre isso é que a polícia estava no aeroporto. A polícia sabia o que eles estavam fazendo. Na verdade, a polícia prendeu alguns deles na frente da casa de alguém na noite anterior. Eles sabiam sobre tudo isso, mas nada foi publicado no jornal. Agora, imagine que alguém está te perseguindo pela autoestrada de Hollywood a cento e vinte quilômetros por hora e nada é mencionado no jornal. Não.

Então, mais tarde, isso foi numa quinta-feira. Sexta-feira eu estava em Chicago. Eu apareci no show de Kup. E quando eu estava lá, eu tinha cerca de vinte policiais. Havia vinte policiais lá vigiando a estação. Pode parecer estranho, mas os muçulmanos estavam lá. Eles até tentaram atacar a polícia, mas não foi anunciado no jornal. Eles seguiram a polícia, por causa disso - eles agiram como loucos. E estou muito agradecido por ter saído de lá... porque eu agia da mesma forma. Eu era tão maluco quanto eles. Se Elijah Muhammad me pedisse a cabeça de alguém, eu iria e pegaria. E esse é o problema deles. Eles estão apenas fazendo o que eu lhes ensinei a fazer. Então eu entendo.

Mas, apesar do fato deles terem provocado tumulto, isso foi silenciado. Nada foi dito sobre isso. E então, a noite em que eu estava no show de Susskind, o David Susskind Show, aquelas mesmas pessoas foram e cercaram o estúdio. Eles tinham até armas pesadas. A polícia não fez nada coibir. Nada foi feito sobre isso. Mas enquanto eu estava no programa, eles tinham ido ao estúdio e disseram à Susskind que eu não estaria lá naquela noite. E disse a ele que eu nunca deveria ter feito aquilo. Mas, novamente, eu sei como eles agem e graças a *Allah*, fiz algo diferente do que eles esperavam.

Então, a próxima coisa que os irritou foi a seguinte ação. E eu tenho feito isso há um mês, e ninguém sabia por que eu estava fazendo isso. Vocês perceberam que eu passei a atacar Rockwell e a Ku Klux Klan. No mês passado, eu ataquei o Klan, Rockwell e esses chamados direitistas. Você pode se perguntar por quê. Enviei um telegrama para Rockwell avisando a ele se algo acontecesse aos Negros no Alabama que eu iria responder com a máxima retaliação. A imprensa sabia disso, mas você não ouviu nada sobre isso. Rockwell desapareceu porque tem medo do poder como qualquer outra pessoa. Porque eles sabem que só tem força enquanto estiver lidando com alguém que não seja violento. Rockwell e toda a sua turma se dão bem apenas enquanto estiverem lidando com alguém não violento. A Ku Klux Klan e essa multidão

só se dão bem apenas quando estão lidando com alguém não-violento. O Conselho dos Cidadãos e essa multidão só se dão bem quando lidam com alguém que não é violento. E você sabe disso.

Então, ele ficou de fora. Eu fui ao Alabama. Fui ao Alabama propositalmente para ver o que estava acontecendo lá embaixo. Enquanto eu estive lá, eu não interferei no programa de King, seja lá qual fosse. Ele estava na cadeia. Eu falei, falei em Tuskegee. Eu falei no Instituto Tuskegee na noite de terça-feira passada, acho que foi. Havia mais de 3.000 alunos e outros. E foram os próprios estudantes que insistiram para que eu fosse para Selma com eles na manhã seguinte, alguns estudantes de Smith. Então, eu fui. Depois de pensar cuidadosamente sobre isso, eu fui.

Quando cheguei a Selma, a imprensa começou a me incomodar. E eu nem lhes disse o meu nome. Eu simplesmente os ignorei completamente. Então, eles insistiram que eu desse uma conferência a imprensa. Eu não pedi uma conferência para a imprensa. Eles insistiram para que eu desse uma conferência a imprensa. O qual foi dado. E enquanto a imprensa estava lá, a Klan estava lá. Quando você olha para os policiais do Alabama, você está olhando para a Ku Klux Klan. Eles são o Klan.

Sabendo onde eu estava, naquele momento, lembrei Lyndon B. Johnson, da promessa que fizera aos bons e bem-intencionados afro-americanos quando ele estava concorrendo à presidência. Ele disse que, se fosse eleito, retiraria os lençóis da Ku Klux Klan. Ele não disse isso? Sim ele disse. Então, aqui você tem homens da Ku Klux Klan batendo em bebês com um... você tem homens da Ku Klux Klan derrubando mulheres negras diante de uma câmera e esse pobre Negro parado porque ele não é violento. Agora, nós não concordamos com uma coisa dessas.

Bem, foi então, em Selma, Alabama, de cara a cara com a Ku Klux Klan que eu exigi em seu nome, em nome da Organização da Unidade dos Afro-Americanos - eu posso fazer essa demanda em seu nome? Uma vez que 97% dos Negros deste país apoiaram Lyndon B. Johnson e agora que seu partido tem a maioria que qualquer presidente já teve em um longo tempo, Lyndon B. Johnson tem uma obrigação com o homem Negro deste país em criar uma comissão federal para investigar a Ku Klux Klan, que é uma organização criminosa organizada para assassinar, aleijar e incapacitar pessoas negras neste país.

E eu ressaltei que, se Lyndon B. Johnson não pudesse cumprir sua promessa de investigar a Ku Klux Klan, então estaríamos no nosso direito de ir ao Alabama para organizar o povo Negro do Alabama a fim de tirar as mortalhas da Klan. E nós podemos fazer isso. Irmãos e irmãs, podemos fazer isso uma vez que o governo federal não fará. Desde então, eles têm falado sobre uma pequena investigação sobre o Klan, o Conselho dos Cidadãos e os Muçulmanos Negros e alguns outros. Mas eles não vão fazer nada. A única maneira de parar o Klan é você e eu nos organizarmos para detê-los.

Você pode dizer, bem, por que eu atacaria a Klan tão de repente? Eu vou te dizer porquê. E por que eu mudei meu ataque dos Muçulmanos Negros – Elijah Muhammad e seu ego imoral - para o Klan? Sim, ele é imoral.

Você não pode pegar nove mulheres adolescentes, seduzi-las e engravidá-las e não me dizer que você é... - e então me diga que você é moral. Você poderia ser se admitisse ter feito isso e admitido que os bebês eram seus. Eu apertaria sua mão e chamaria você de homem. Mas quando você seduz meninas adolescentes e as obriga a ficar com o filho do adultério, as obriga a esconder seus crimes, porque você não é nem mesmo um homem, muito menos um homem divino. Então, e isso foi o que ele fez. Ele pegou pelo menos nove que conhecemos. E não estou especulando, porque ele mesmo disse isso para mim. Sim, é por isso que ele me quer morto porque sabia assim que eu saísse eu contaria. Nove delas. Não apenas duas delas estão o processando, mas todas as nove. E o FBI sabe disso. A justiça de Chicago sabe disso. A imprensa sabe disso. Mas eles não expõem o homem.

E não me deixe sair daqui esta noite sem te dizer por que eles não vão expô-lo. Porque eles estão com medo de expô-lo. Eles sabem que se eles o expuserem, ele tem todos eles na mão. Veja, o movimento Muçulmano Negro foi organizado de tal forma que atraiu os afro-americanos mais militantes, os mais intransigentes, os mais destemidos e os mais jovens dos Estados Unidos. Foram quem entraram nisso. Aqueles que não se importam em morrer. Eles não se importam em fazer sacrifício. Tudo o que eles querem é liberdade, justiça e igualdade, e eles farão qualquer coisa para conquistá-las. Estas são as pessoas que o seguem nos últimos doze anos. E o governo sabe disso. Mas todos esses militantes são controlados por uma organização que não participa ativamente de nada. E, portanto, não pode ser uma ameaça para ninguém porque não vai fazer nada contra ninguém além de si mesmo.

Você não sabe? Assim como eles jogaram aquela bomba lá poderiam ter jogado na casa de um membro da Ku Klux Klan. Por que eles querem bombardear minha casa? Por que eles não bombardeiam a casa de um membro da Klan? Eu vou te dizer porquê.

Em dezembro de 1960, eu estava na casa de Jeremiah, o ministro do templo em Atlanta, na Geórgia. Tenho vergonha de dizer isso, mas vou dizer a verdade. Sentei-me à mesa com os líderes da Ku Klux Klan. Eu mesmo me sentei lá com os líderes da Ku Klux Klan, que na época estavam tentando negociar com Elijah Muhammad para que eles pudessem disponibilizar para o movimento uma grande área de terra na Geórgia, ou eu acho que era na Carolina do Sul. Eles tinham algumas pessoas muito influentes no governo que estavam envolvidas e que estavam dispostas a negociar com ele. Eles queriam disponibilizar essa terra para que seu programa de separação parecesse mais viável para os Negros e, portanto, diminuísse a pressão que os integracionistas estavam colocando sobre o homem branco. Eu sentei lá, eu negociei isso. Eu escutei a oferta deles. E quando voltei para Chicago foi eu que contei a Elijah Muhammad o que eles haviam oferecido. Agora, isso foi em dezembro de 1960.

O nome de código que Jeremiah deu ao líder da Klan era 666. Sempre que eles se referissem a ele, eles se refeririam como *Old Six*. (Antigo Seis) Qual o nome dele agora não lembro. Mas eles até se sentaram lá e contaram velhas histórias de como - eles tinham feito em diferentes aventuras em que estiveram envolvidos. Jeremiah estava lá e sua esposa estava lá e eu estava lá. Daquele dia em diante o Klan nunca mais interferiu no movimento Muçulmano Negro no Sul. Jeremiah participou de comícios da Klan, como você leu na primeira página do New York Tribune. Eles nunca o incomodaram, nunca o tocaram. Ele nunca tocou em um muçulmano e o muçulmano nunca o tocou. Elijah Muhammad nunca me deixou voltar ao Sul desde janeiro de 1961. Eu nunca fui para o Sul enquanto estava no movimento Muçulmano Negro, novamente, de janeiro de 1961, porque a maioria das ações nas quais os muçulmanos se envolveram era ação em que eu mesmo estava envolvido. Onde quer que houvesse uma ação no país, era uma ação na qual eu estava envolvido, porque acreditava em ação.

E outro com quem ele fez um acordo, foi esse homem Rockwell. Rockwell e Elijah Muhammad são correspondentes regulares um do outro. Você pode me odiar por dizer isso, mas vou contar para você. Rockwell participou do comício porque Elijah Muhammad aprovou. E Sharrieff, que era o capitão da FOI, e eu conversamos sobre isso. Perguntamos por que Rockwell poderia comparecer ao nosso encontro uma vez que isso não nos ajudaria. Mas Elijah

Muhammad o deixou entrar, então tivemos que deixá-lo entrar. Ninguém questionou o que Elijah Muhammad disse. Agora se você duvida que isso é verdade, pegue todas as edições anteriores do jornal Muhammad Speaks e você encontrará artigos sobre a Ku Klux Klan, na verdade, elogiando-a. Jeremiah entrevistou - acho que foi - J.B. Stoner para o jornal muçulmano, e o velho diabo até lhe deu uma contribuição que foi relatado naquele jornal. Claro que ele fez.

Quando os irmãos em Monroe, Louisiana, estiveram envolvidos em problemas com a polícia, se você se lembrar, Elijah Muhammad pegou o velho Venable. Venable é o advogado da Ku Klux Klan. Ele é o chefe da Ku Klux Klan, de acordo com o *Saturday Evening Post*, que estava no banco das testemunhas. Volte e leia o jornal e você verá que Venable foi quem representou o movimento Muçulmano Negro em Louisiana.

Agora, irmãos e irmãs, até 1961, até 1960, até pouco antes de Elijah Muhammad ir para o Leste, não havia uma organização melhor entre os Negros deste país do que o movimento muçulmano. Era militante. Isso fez com que toda a luta do homem Negro neste país ganhasse força por causa da unidade, da militância criada pelo movimento muçulmano, ela deu peso à luta do homem Negro neste país contra a opressão.

Mas depois de 1960, depois que Elijah Muhammad foi para lá em dezembro de 1959 e voltou em janeiro de 1960 - quando ele voltou, toda a tendência ou direção que ele havia tomado começou a mudar. E nessa mudança, há muitas outras coisas que entraram em cena. Mas ele começou a se tornar mais mercenário. Mais interessado em dinheiro. Mais interessado em riqueza, e claro, mais interessado em meninas.

E eu acho que muitos de vocês ouviram dizer que seu apoio financeiro vem de um homem rico do Texas. Eu ouvi isso enquanto estava no movimento. Eu ouvi mais sobre isso desde que saí do movimento. Um homem rico do Texas. Vocês podem investigar, qualquer um de vocês podem procurar o nome dele. Mas o FBI também sabe disso. Mas eles não tocam nele. Neste homem rico que mora no Texas, a propósito, mora em Dallas. Sua sede é em Dallas, seu dinheiro é em Dallas, a mesma cidade onde o presidente John F. Kennedy foi assassinado. E nunca vi um homem tão assustado na minha vida quanto Elijah Muhammad quando John F. Kennedy foi assassinado. Eu nunca na minha vida vi um homem tão assustado quanto ele. E quando eu fiz a declaração que eu fiz, por que ele quase desmoronou, porque havia todo tipo de implicação para ele, que naquela época estava muito acima e além do meu entendimento.

Agora você pode se perguntar, por que é tão importante para muitos que o movimento Muçulmano Negro permaneça? Mas eu te disse, é o povo Negro mais militante, mais intransigente e mais insatisfeito da América. Muitos saíram, mas muitos ainda estão nele. Temia-se que, se acontecesse alguma coisa com Elijah Muhammad e o movimento se dividisse, todos os membros militantes que antes estavam nele e mantidos sob controle se envolvessem imediatamente na luta pelos direitos civis, levando o mesmo tipo de energia que eles têm para a luta pelos direitos civis. E há um grande medo. Você os conhece, os brancos não gostam que os Negros se envolvam em qualquer coisa relacionada aos direitos civis, a menos que eles sejam não-violentos, amorosos, pacientes, perdoadores e tudo isso.

E tem havido uma conspiração por todo o país por parte de muitas facções da imprensa para suprimir notícias que abririam os olhos dos muçulmanos que estão seguindo Elijah Muhammad. Eles continuam a fazer com que pareça que ele é um profeta em algum lugar, recebendo mensagens diretas de *Allah* e que ele é intocável e coisas desse tipo. Eu estou te dizendo a verdade. Mas eles sabem que se algo acontecer e se os olhos de todos esses irmãos se abrirem, eles estariam bem aqui em cada uma dessas organizações de direitos civis fazendo esses líderes tio Toms Negros se levantarem e lutarem como homens em vez de ficar correndo por aqui agindo pacificamente como mulheres.

Então, eles esperam que Elijah Muhammad permaneça como ele está por um longo tempo, porque eles sabem que qualquer organização que ele liderar não fará nada pela luta com a qual o homem Negro é confrontado neste país. Prova disso, olhe como eles podem ser violentos. Eles eram violentos de costa a costa. Os muçulmanos estiveram envolvidos em violência fria e calculada. Mas em nenhum momento eles se envolveram em qualquer violência contra a Ku Klux Klan. Eles são capazes. Eles são qualificados. Eles estão equipados. Eles sabem como fazer isso. Mas eles nunca farão isso - só farão contra outro irmão. Agora, eu estou bem ciente do que estou pondo em movimento com o que estou dizendo aqui esta noite. Estou bem ciente disso. Mas eu nunca disse ou fiz nada em minha vida se eu não estivesse preparado para sofrer as consequências.

Agora, o que isso tem a ver com a França, a Inglaterra e os Estados Unidos? Você e eu estamos vivendo em uma época em que há uma revolução acontecendo. Uma revolução mundial que está para além do Mississippi, do Alabama e do Harlem. Há uma revolução mundial acontecendo. E ela acontece em duas fases. Número um, o que é revoltante? A estrutura de poder. A estrutura de poder americana? Não. A estrutura de poder francesa? Não. A estrutura

do poder inglesa? Não. Então, qual é a estrutura de poder? Internacional. Estrutura de poder ocidental. Uma estrutura de poder internacional que consiste em interesses americanos, franceses, ingleses, belgas, interesses europeus. Esses países que anteriormente colonizaram o homem africano formaram uma gigantesca rede internacional. Uma estrutura, uma casa que governou o mundo até agora. E nos últimos tempos tem havido uma revolução na Ásia e na África que está golpeando a força ou a base da estrutura de poder.

Agora, o homem ficou bastante abalado quando a África estava em revolta e quando a Ásia estava em revolta. Toda essa revolta ocorreu do lado de fora de sua casa, do lado de fora de sua base ou do lado de fora de sua sede. Mas agora ele se deparou com algo novo. Assim como os franceses, os britânicos e os americanos formaram uma enorme casa, ou uma estrutura de poder, esses irmãos na África e na Ásia, apesar de lutarem contra eles, também têm alguns irmãos no interior da base deles. E quando os irmãos na África e na Ásia obtiver sua independência, sua liberdade, sua força, começar a se elevar, a mudar sua imagem de negativa para positiva, essa imagem africana, que mudou de negativa para positiva, afetou a imagem que o homem afrodescendente no Hemisfério Ocidental tinha de si mesmo.

Enquanto nas Índias Ocidentais e nos países da América Latina e nos Estados Unidos, você e eu tínhamos vergonha de nós mesmos, costumávamos nos desprezar, não tínhamos qualquer tendência ou desejo de permanecer juntos. À medida que as nações africanas se tornaram independentes e moldaram uma nova imagem, uma imagem positiva, uma imagem militante, uma imagem forte, a imagem de um homem, não de um menino. Como isso afetou o homem afrodescendente no hemisfério ocidental? Deu-lhe um senso de orgulho. Ele deu orgulho ao afrodescendente na América Latina e nos Estados Unidos. De modo que, quando a revolução começou no continente africano, ela afetou o afro-americano nos Estados Unidos e afetou a relação entre o homem Negro e o homem branco nos Estados Unidos.

Quando o afrodescendente no Caribe vê o irmão no continente africano acordando e se levantando, o caribenho começa a jogar os ombros para trás, esticar o peito e se levantar. Agora, quando ele for para a Inglaterra, ele estará dentro da estrutura de poder inglesa, pronto para causar problemas. Quando o homem afrodescendente das Antilhas Francesas for para a França, porque o efeito da revolução africana sobre ele é o mesmo sobre nós aqui nos Estados Unidos. Precisamos entender isso.

Agora, havia afro-franceses na França que estavam divididos, afro-ingleses divididos e afro-americanos divididos. O que nos dividia? Nossa falta de amor próprio. Nossa falta de identidade racial. Nossa falta de orgulho racial. Nossa falta de raízes culturais. Não tínhamos nada em comum. Mas assim que a nação africana conquistou sua independência e mudou sua imagem, ficamos orgulhosos dela. E à medida que nos orgulhamos dela, começamos a ter algo em comum na mesma extensão. Em tempos passados, era difícil unir os afrodescendentes, hoje é mais fácil uni-los. Antes, os afrodescendentes não queriam se juntar, se juntavam apenas com os brancos, hoje você vê que eles querem estar unidos. Tudo o que eles precisam é de alguém que dê o pontapé inicial.

Então é isso que você precisa entender. E como os irmãos no continente africano lideram o caminho, isso tem um efeito e um impacto sobre os irmãos aqui no Hemisfério Ocidental. Então, quando você encontra a comunidade afro-americana na França se unindo, não apenas com ela mesma, mas, pela primeira vez, começando a se unir e trabalhar em conjunto com a comunidade africana, isso assusta o velho De Gaulle até a morte porque ele se depara com alguns problemas novos diante dele.

E quando a comunidade afro da Índia Ocidental, que é uma comunidade afro-inglesa no Reino Unido, começam a se unir e se unir também à comunidade africana na Inglaterra e se aproximar da comunidade asiática, isso se torna um problema para o velho John Bull. Problema que ele nunca previu. E isso é algo que ele tem que enfrentar.

Da mesma forma, aqui na América, com você e comigo. Pela primeira vez em nossa história, vemos que temos uma tendência a querer nos unir. Pela primeira vez, temos a tendência de querer trabalhar juntos. E, até agora, nenhuma organização no continente americano tentou nos unir com nossos irmãos e irmãs em casa. Em nenhum momento. Nenhum deles. Marcus Garvey fez isso. Mas eles o colocaram na cadeia. Eles o encarceraram. O governo o enclausurou, colocando-o na cadeia. Marcus Garvey tentou.

O único medo que existe é que você e eu, uma vez que nos unamos, também nos unamos com nossos irmãos e irmãs. E desde que eles souberam da minha vocação na vida, como muçulmano - número um, eu sou muçulmano e sinto orgulho disso. E de maneira alguma isso mudou, sendo um muçulmano. Minha religião é o islamismo. O que é isso? [Interjeição da audiência] Ok. Vocês se sentem e fiquem tranquilos. Apenas sentem-se e fiquem tranquilos.

Como muçulmano, quando saí do movimento Muçulmano Negro, percebi que o que eles ensinavam ali não era o Islã autêntico. Minha primeira viagem a Meca foi para me tornar um muçulmano autêntico. E torná-los cientes sobre os problemas que o nosso povo enfrenta enquanto muçulmano aqui. Assim que estabelecemos nossa autenticidade religiosa com o mundo muçulmano, criamos a Organização da Unidade Afro-americana e tomamos medidas imediatas para assegurar um contato direto com nossos irmãos africanos no continente africano. Então o primeiro passo que foi dado, irmãos e irmãs, desde a morte de Garvey para realmente estabelecer contato entre os 22 milhões de afro-americanos com nossos irmãos e irmãs em África foi feito por duas organizações. Primeiro foi feito pela Mesquita Muçulmana, que nos deu laços diretos com nossos irmãos e irmãs muçulmanos na Ásia e na África. E você sabe que nós temos de nos unir a eles porque existem 700 milhões de muçulmanos e nós certamente precisamos parar de sermos minoria e nos tornarmos parte da maioria.

Então, como muçulmanos, nos unimos aos nossos irmãos muçulmanos na Ásia e na África. E como membros da Organização Africana ou Afro-Americana criamos um programa para unir nosso povo neste continente com nosso povo no continente materno. E isso assustou muitos poderes - muitos interesses nesse país. Muitas pessoas neste país que querem nos ver como minoria e não querem nos ver tomando uma posição militante ou intransigente são absolutamente contra o reagrupamento bem-sucedido ou a organização de qualquer grupo neste país cujo padrão de pensamento seja internacional, em vez de nacional. Cujos padrões de pensamento, esperanças e aspirações sejam globais e não opere apenas dentro dos limites dos Estados Unidos.

Portanto, este tem sido o propósito da OAAU e da Mesquita Muçulmana de nos proporcionar contato direto, comunicação direta e cooperação direta com nossos irmãos e irmãs por toda a terra. E, uma vez que tenhamos sucesso em nos unir ao nosso povo em todo o mundo, isso nos colocará em uma posição em que não seremos mais uma minoria que pode ser abusada e pisada. Nós nos tornaremos uma parte da maioria. E então, se esse homem aqui for violento conosco, teremos alguns irmãos que podem jogar tão duro quanto ele. Então é tudo o que tenho a dizer sobre isso.

Eu quero que vocês saibam que minha casa foi bombardeada pelo movimento Muçulmano Negro sob as ordens de Elijah Muhammad. E quando a bomba foi lançada, uma das bombas foi jogada na janela do fundo da minha casa, onde minhas três filhinhas dormem.

E eu não tenho compaixão, misericórdia, perdão ou qualquer coisa desse tipo para quem machuca crianças. Se você me atacar, isso é uma coisa. Eu sei o que fazer quando você me atacar, mas quando você ataca bebês enquanto dormem, você é mais baixo que um verme.

A única coisa da qual me arrependo de tudo isso é o fato de dois grupos Negros estarem lutando e se matando. Elijah Muhammad podia parar com essa coisa toda amanhã, apenas admitindo seu erro. Realmente, ele podia. Ele poderia parar com essa coisa toda, se admitisse o que fez. Mas ele não vai. Ele não ama os Negros. Prova disso, eles estão se matando. Eles mataram um no Bronx. Eles atiraram em outro no Bronx. Eles tentaram pegar seis de nós no domingo de manhã. E a ação se desenvolveu em todo o país. O homem ficou louco, absolutamente fora de si. Além disso, você não pode ter setenta anos de idade e se envolver com um punhado de garotas de dezesseis, dezessete, dezoito anos de idade e manter sua mente equilibrada.

Então, a partir de hoje, haverá um tempo de tensão na velha cidade. Com pesar. Com grande pesar. Não há organização neste país que pudesse fazer mais pela luta do afro-americano do que o movimento Muçulmano Negro, se quisesse, mas ficou na posse de um homem que se tornou decrépito em sua velhice e talvez não tenha percebido isso. Então ele se cercou de seus filhos, que agora estão no poder e querem nada além de luxo, segurança e conforto e farão de tudo para salvaguardar seus próprios interesses.

Então, eu me sinto responsável por ter desempenhado um papel importante no desenvolvimento de uma organização criminosa. Não era uma organização criminosa no início. Era uma organização que tinha o poder, o poder espiritual para reformar o criminoso. E isso é o que você precisa entender. Enquanto esse poder espiritual estava no movimento, dava força moral ao seguidor, capacitando-o e o elevando acima de todas as suas tendências negativas. Eu sei, porque entrei no movimento com tendências negativas mais do que qualquer outra pessoa no movimento. Foi a fé no que me foi ensinado que tornou possível para mim parar de fazer as coisas que eu estava fazendo. E vi milhares de irmãos e irmãs entrarem nessa mesma condição. E o que quer que eles estivessem fazendo, eles paravam de um dia para o outro, apenas por causa do poder da fé. E essa força espiritual dava ao fiel a fé e a força para exercer uma disciplina moral. Isso a tornou uma organização que deveria ser respeitada e temida.

Mas assim que a fé no movimento, a fé nas mentes das pessoas do movimento foi destruída, ela se tornou um movimento que é organizado, mas não em uma base espiritual. E porque não há mais o ingrediente espiritual dentro da organização, não há mais disciplina moral. Pois agora consiste em irmãos e irmãs que antes eram bem-intencionados, mas que agora não têm forças para se disciplinar. Então, eles se permitem ser usados como uma máquina pelo um homem que, como eu disse, está decrépito e os usa para cometer assassinatos, atos de mutilação, debilitando as pessoas.

E eu sei que há um irmão sentado aqui agora, nesta noite, que foi espancado por eles há alguns anos - não vou dizer quem é. Ele sabe. E se alguém deveria se desculpar com ele, eu deveria me desculpar com ele. E eu peço desculpas a ele. Porque ele foi espancado pelo movimento quando eu estava no movimento, e eu não estava muito longe dele quando ele foi espancado.

Mas isso é o que acontece e é com isso que temos de lidar. Eu, por exemplo, me dissocieei completamente do movimento. Eu me dedico à organização de pessoas negras, em um grupo que está interessado em fazer coisas construtivas, não apenas para um segmento religioso da comunidade, mas para toda a comunidade. É esse o propósito da Organização da Unidade Afro-americana. Temos um programa de ação que é para o bem de toda nossa comunidade, e estamos dispostos a fazer isso para melhorar a comunidade por qualquer meio necessário.

E visto que, hoje à noite, tivemos que abordar esse assunto negativo e desagradável, nós não queremos apresentar o nosso programa. Vamos ter um comício aqui no próximo domingo às duas horas da tarde – serão às duas horas irmão Ruben? Duas horas. Às duas horas, a essa hora, apresentaremos o programa da Organização da Unidade Afro-americana. Quais são os nossos objetivos? Qual é o nosso programa? Se você deseja ou não ser identificado com ele e qual parte ativa que você pode desempenhar para nos ajudar a resolver o problema do Harlem. Ninguém vai restaurar o Harlem além de nós. Ninguém limpará sua casa para você. Você tem que limpá-la. O Harlem é a nossa casa, nós vamos limpá-la. Mas quando limparmos também vamos controlá-la. Nós vamos assumir o controle da política, da economia e do sistema escolar e o nosso povo terá um pouco de descanso.

Então, com nessa nota, vou encerrar minha palestra. Eu vou dar um intervalo de cinco minutos, durante o qual vamos fazer uma coleta para que possamos pagar a despesa do salão. E depois, depois um período de perguntas de quinze minutos.

Então, irmão James, está tudo pronto? Sim. Nós vamos ter um - aquelas luzes são outra coisa - nós vamos ter um período de coleta agora, e tudo que queremos que vocês façam irmãos e irmãs é nos ajudar a pagar o salão. E se cada um de vocês colocar um dólar nesses baldes brancos que estão passando, nós pagaremos o salão. E eu realmente quero pedir desculpas a você por conceder-nos o seu precioso tempo, hoje à noite, para falar sobre um assunto tão desagradável e negativo. Mas se você tivesse acordado no meio da noite com sua casa pegando fogo, com seus filhos chorando, você também teria tempo para discutir um assunto negativo e desagradável.

* * *

Malcolm X: Eu quero agradecer a sua paciência. E pedir que seja paciente apenas por mais alguns minutos - esse microfone parece que não está funcionando. Senhor, você quer fazer uma pergunta, não é? [Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Sim, a imprensa aqui quer fazer algumas perguntas. Eu só quero ter tempo para respondê-las, depois vamos tratar dos nossos negócios. Podemos nos livrar deles e depois ir direto para nossos negócios. [Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Bem, eu não estou em casa porque a casa foi bombardeada.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Eu não diria. Depois do que aconteceu, nunca direi onde vou viver.

Pergunta: O que você quer dizer quando você diz "haverá um tempo de muita tensão na velha cidade esta noite"?

Malcolm X: Bem, isso é uma expressão. Ok. Esta é a imprensa. Eles querem fazer algumas perguntas fora do contexto. Por favor. Quando eu disse que haveria um tempo de muita tensão na velha cidade esta noite, é apenas uma canção, você sabe, que as pessoas cantam. Sim, senhor?

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Sim, a casa foi bombardeada pelo movimento Muçulmano Negro sob as ordens do próprio Elijah Muhammad. E Raymond Sharrieff, o Capitão Supremo da FOI declarou em um telegrama, que ele tornou público, que os muçulmanos não permitiriam que eu fizesse quaisquer declarações contra Elijah Muhammad. Eles deixaram claro a posição deles e o que pretendiam fazer. E quando eles fizeram tal declaração, fiquei surpreso que a polícia e o público não fizeram nada sobre isso. Mas eles esperavam que o movimento Muçulmano Negro me pegasse e então, eles pegariam o movimento Muçulmanos Negros. Eu sei o que eles estão fazendo. Eles querem que aqueles idiotas me peguem e então eles os pegarão. Eu já posso ver tudo isso.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Eu acho que essa polícia. Espere um minuto. Espere. Não irá a lugar nenhum. Se eu acho que a polícia de Nova York está oferecendo proteção suficiente, ou eu tenho de ter a minha própria proteção? Procuo proteção de *Allah*.

Pergunta: Você mencionou uma conspiração entre os muçulmanos Negros e a ala da direita neste país. Pode explicar?

Malcolm X: Eu mencionei a conspiração entre os muçulmanos e a ala da direita neste país? Eu sei que há uma conspiração entre os muçulmanos e os nazistas de Lincoln Rockwell e da Ku Klux Klan. Existe uma conspiração. Bem, a Ku Klux Klan fez um acordo, ou estava tentando fazer um acordo com Elijah Muhammad, em 1960, na casa de Jeremiah X, o ministro em Atlanta na época, na presença do ministro da Filadélfia. Eles estavam tentando fazer um acordo para disponibilizar uma área de terra na Geórgia ou na Carolina do Sul em que Elijah Muhammad pudesse induzir os Negros a migrar e fazer parecer com que seu programa de estado segregado ou estado separado parecesse viável. E até que ponto essas negociações finalmente se desenvolveram, eu não sei. Porque eu não estava envolvido depois do período de dezembro de 1960. Mas eu sei que depois disso, Jeremiah X, que era ministro do movimento em todo o Sul, podia transitar por todo o Sul e o Klan não o incomodava de nenhuma maneira, nem incomodava qualquer um dos muçulmanos Negros desde então. Nem os muçulmanos Negros incomodava o Klan.

Pergunta: Você está inferindo a respeito dessa conspiração por causa da tentativa de assassinato contra sua vida?

Malcolm X: A tentativa poderia ser feita contra a minha vida...

Pergunta: Você está inferindo a respeito dessa conspiração por causa da tentativa de assassinato contra sua vida?

Malcolm X: Não necessariamente essa conspiração. O atentado foi contra a minha vida porque eu falo o que eu sei, e sei muitas coisas e eles sabem que vou falar.

Pergunta: Você está orientando seus seguidores a tomar qualquer ação?

Malcolm X: Se estou orientando meus seguidores a tomar medidas contra os muçulmanos? Não.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Eu vou tentar me infiltrar em sua organização e conquistar alguns de seus partidários? Não, eu nunca tentei ganhar adeptos de Elijah Muhammad. Desde que deixei o movimento Muçulmano Negro, eu já falei nestes comícios. Aqueles que vier serão bem-vindos. Aqueles que não vierem, okay. Mas eu nunca perderei meu foco para conquistar qualquer um de seus seguidores. E ele mesmo está com medo porque ele sabe que você não precisa usar sua energia para ganhar seus seguidores, assim que eles descobrirem a verdade e comparar os dois, este é o irmão - este é Leon Ameer, que foi Secretário de Cassius Clay, a quem eles espancaram impiedosamente em Boston. E os tribunais libertaram os homens que o espancaram. Eles os multaram em \$100 - foi isso? - em \$100 e ele era membro do Esquadrão Especial do Muçulmano Negro. E foi ele o que ouviu de Elijah Muhammad Jr. vir para Nova York quando Elijah Muhammad estava no depósito de armas, em junho do ano passado. Ele se levantou e disse aos membros - muitos dos quais estão aqui agora também - que eu deveria morrer. Que minha língua deveria ser cortada e colocada em um envelope e enviada de volta para Chicago. E como o Fat Joseph não fez, eles o rebaixaram. Ele permaneceu capitão, mas Clarence em Boston foi colocado acima de Joseph e a autoridade de Joseph foi reduzida. E então Clarence, o capitão de Boston, e John, o capitão de Springfield vieram para Nova York para me assassinar.

E foi até ele para pegar um silenciador e não conseguiu. A polícia sabe disso. Não é novidade. A polícia está apenas esperando que o trabalho seja feito para em seguida, entrarem em ação.

Pergunta: Você sabia que Elijah Muhammad estava por trás disso?

Malcolm X: Sim.

Pergunta: Ou é a sua crença?

Malcolm X: Elijah Muhammad convidou - chamou todos os seus oficiais nacionais para Chicago em outubro e ordenou-lhes que matasse ou mutilasse qualquer um de seus seguidores que o deixasse para me seguir.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Bem, quando você questiona, como eu sei..., muitos dos irmãos que estavam no movimento muçulmano naquele momento estão fora agora. E se isto chegar aos tribunais, há muitas testemunhas que podem depor e testificar.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Eu prefiro não dizer neste momento.

[Pergunta ininteligível, protestos na audiência]

Malcolm X: Dê-lhes mais dois minutos e acabamos com isto.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Sim, quando eu disse que ninguém poderia limpar nossas casas além de nós mesmo, e vamos limpá-la e ninguém vai controlá-la além de nós mesmo, incluindo a política. O que eu quero dizer? Quero dizer exatamente isso. Que as pessoas negras -[Interrupção] o quê? Incluindo quem? Powell? Powell é um dos nossos.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Não, ele não é um membro da nossa organização, mas quando eu digo que ele é um dos nossos, eu quero dizer que ele é da família. E então, ninguém de fora da família pode se levantar e falar contra ele. Se falarmos dele, falaremos dele em família. Mas ninguém fora da família pode nos instigar contra Powell.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Sim, ao controlá-lo politicamente quero dizer que a política da comunidade do Harlem deve ser controlada por aqueles que vivem no Harlem. Não por alguém que está sentado na Mansão Gracie.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Não. Mas a Organização da Unidade Afro-americana pretende se envolver em todo tipo de ação que estiver acontecendo na cidade de Nova York. Não pretendemos deixar ninguém nos influenciar de forma alguma, nos moldar. Queremos que a influência venha do Harlem. E de outros Harlems de todo o país. Agora, isso não significa que estamos contra as pessoas que não são do Harlem. Isso não quer dizer que nós somos anti-Bronx ou anti-White Plains ou anti-branco ou anti-alemão ou qualquer coisa assim. Mas significa que somos a favor do Harlem. Somos a favor de nós mesmos. Queremos começar a fazer algo por nós mesmos. Significa apenas isso. Que queremos parar de mendigar por sua escola. Nós queremos que você saia do nosso caminho e nos deixe recuperar as escolas do Harlem.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Eu só respondi isso quando eu disse que a partir de hoje à noite haverá um tempo de muita tensão na velha cidade. Eu respondi quando este cavalheiro aqui perguntou. A canção será a mesma. Uma implicação? Uma ameaça implícita? Eu nunca ameaço ninguém. Eu sou muçulmano, minha religião é o Islã, é uma religião de paz.

Pergunta: Você acha que haverá mais tentativas?

Malcolm X: Senhor, sim eu acredito que haverá mais atentados contra a minha vida. Eu os conheço. Estão espumando de raiva. O soldado raso muçulmano não oferece ameaça. São aqueles na hierarquia que vivem do bezerro gordo que não tem boa intenção. E este domingo que vem, às duas horas, como eu disse, nosso programa será apresentado. Elijah Muhammad sabe — ele fez algumas coisas boas e algumas ruins. Ele sabe que se quisesse, poderia ter unido nosso povo com o mundo muçulmano apenas ensinando a verdadeira religião do Islã. Ele poderia ter feito isso. O mundo muçulmano inteiro o teria aceitado. Agora que o mundo muçulmano o rejeitou. Ele nunca poderá se dirigir ao mundo muçulmano e dizer que ele é um profeta ou que *Allah* veio aqui em carne. Eles poderiam cortar a cabeça dele se ele dissesse isso. Quero dizer, ele sabe disso. Nenhum dos seus seguidores pode ir lá sem o denunciar. É impossível para eles ir à Meca ou qualquer outro lugar, a menos que siga os preceitos do Islã como é praticado lá. Então, ele estava em posição de nos unir com o mundo muçulmano. Ele também estava em posição de nos unir com a África. Mas você não pode ler qualquer coisa que Elijah Muhammad tenha escrito a favor da África. Eu desafio você a encontrar uma palavra em seus escritos que seja a favor da África. Você não pode encontrar.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Ouça esta pergunta que este homem fez. Aonde você está tentando chegar?

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Não, ele me perguntou. Tenho de dizer a eles o que você me perguntou. Ele me perguntou, você não acha que se eu me machucar, você sabe, alguns dos meus seguidores não vão retaliar? O que você está querendo dizer? Ou, o que você está me induzindo a dizer? Quero dizer, está tudo bem. Não vou te colocar em nenhuma encrenca. Estes aqui são seus amigos. Eu só quero que eles ouçam o que você está me perguntando. Isso é tudo. Eu só quero que eles ouçam o que você está me perguntando. Você não vai se encrencar por isso. Ou teria? Não. Sim, senhor, última pergunta.

Pergunta: Você está sob ordem do tribunal civil para sair de sua casa em Queens?

Malcolm X: Estou sob uma ordem do tribunal civil para sair da minha casa em Queens? Você sabe, eu apenas - alguém me disse que ouviram isso no rádio. Não sei nada sobre isso. E eu não

discuti isso com um advogado ainda e eu não farei nenhum comentário até conversar com um advogado. Mas eu só espero que ninguém tente entrar lá enquanto o que sobrou dos meus pertences estiverem lá.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Alguns estiveram nas redondezas, sim, e alguns policiais também, foram gentis o bastante para vigiar a casa desde que foi bombardeada. Eu gostaria que eles estivessem lá enquanto ela estava sendo bombardeada.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Sim, uma grande quantidade de meus pertences pessoais foi perdida. Eles jogaram quatro bombas lá. Eu devo ressaltar isso, quem fez isso foi tão cruel e conhecia toda planta da casa. Eles...- e para mostrar-lhe porque eu acredito em *Allah*, as bombas que foram lançadas na parte da frente da casa foram jogadas diretamente contra a janela, você sabe, elas atravessaram. Mas antes de jogarem a primeira, os vizinhos viram alguém ir até a janela com um esfregão semelhante a uma ferramenta e quebrar as janelas, quebrar o vidro, e então eles jogaram as bombas depois de quebrar o vidro, que estava na parte da frente. Eles planejaram fazer isso de frente para trás para que eu não pudesse sair. Eles fechariam completamente a porta da frente. Depois, vieram para a parte de trás, mas em vez de ir diretamente na parte de trás da casa e jogá-la desta maneira, eles estavam em um ângulo de 45 graus e a jogaram na janela para que explodisse e fosse ao chão. E o fogo atingiu a janela e acordou meu segundo bebê mais velho, mas o fogo queimou do lado de fora da casa. Mas se aquele explosivo tivesse passado por aquela janela, teria caído em cima de uma menina de 6 anos, uma de 4 anos e uma de dois anos de idade. Agora eu vou te dizer, se tivesse machucado as minhas filhas, eu pegaria meu rifle e iria atrás de qualquer um que encontrasse. Eu não esperaria. Digo isso porque a polícia sabe da operação criminosa do movimento Muçulmano Negro, porque eles se infiltraram completamente nele. Não há conversa que ocorra no movimento Muçulmano Negro que a polícia da cidade não saiba, porque eles têm policiais lá dentro. Eles não deixam os Negros conceberem nada sem que haja alguns policiais lá dentro. E enquanto eu estava no movimento Muçulmano Negro, liderando o movimento, muitos dos policiais que foram enviados para se infiltrar na organização – eram Negros – e me diziam, "olha, eu sou policial, mas eu tenho que vir." Eles me revelavam. Eu sabia que o movimento muçulmano estava cheio de policiais. Então, você não acha que exista algo que esteja acontecendo que eles não saibam. A única coisa que

acontece é o que eles permitam que aconteça, e o que eles não permitem que aconteça eles não deixam acontecer.

Pergunta: Tenho uma última pergunta.

Malcolm X: Uma última pergunta, sim senhor.

Pergunta: Os muçulmanos afirmam que você bombardeou sua própria casa.

Malcolm X: Sim, foi o que eu disse. Os muçulmanos dizem que bombardeei minha casa.

Pergunta: Claro, eles dizem, enquanto você estava lá.

Malcolm X: Claro. Não, bem, você pode pensar o que quiser. O esquadrão de incêndios, o oficial do bombeiro, todos eles são especialistas neste tipo de coisa e se alguém provar que eu mesmo bombardeei minha casa, eles podem colocar uma bala de fuzil na minha cabeça. Foram as vidas das minhas filhas, a minha e da minha mulher que estavam em jogo. Ei, deixe-me dizer uma coisa, senhor. Eu estava no domingo de manhã, você sabe que grau, qual era a temperatura? Eram cerca de quinze ou vinte. Eu estava de cueca, descalço no meio da minha calçada com uma arma em minhas mãos por 45 minutos à espera da polícia ou à espera dos bombeiros. Se eu quisesse performance, eu poderia encontrar uma maneira melhor que essa. Isso é tudo.

[PERÍODO DE DISCUSSÃO]

Malcolm X: Irmãos e irmãs, há um artigo... - publicado no Saturday Evening Post, datado de 27 de fevereiro de 1965, intitulado "Um Ex-oficial Diz - Por que os Muçulmanos Negros são uma fraude." Esse é um dos irmãos em Boston, antigo secretário e primo de Ronald Stokes, o irmão que foi morto na Califórnia, em abril de 1962. E eu gostaria de dizer isso antes de qualquer outra coisa, e isto é, não pense que eu não me sinto mal por atacar uma organização da qual, certa vez, eu fui parte inseparável. Bem, eu não estou particularmente preocupado com o quão ruim isso me faz parecer. Minha principal preocupação é expô-la ao máximo de minha capacidade, deixar as fichas caírem onde elas puderem. E se o movimento Muçulmano Negro disser que eu estou errado no que eu digo, então eu direi, uma vez que eles estão tão bem qualificados e equipados, deixe-os atacar o Klan. Deixe-os descobrir quem... – deixe-os pegar

as pessoas que bombardearam a igreja em Birmingham. Porque eu vou pegá-los. Vou atacar o Klan, Rockwell e qualquer um dos outros. E eu desafio-os a fazê-lo. Eles não podem fazer isso. Porque ambos têm o mesmo patrocinador. Então agora vamos ao nosso período de perguntas. E você tem de se levantar porque eu não posso ver além da luz deste homem. Sim, senhor.

[Pergunta inteligível]

Malcolm X: Eu não acho que devemos nos envolver em alguma ação direta, manifestações. Nós vamos apresentar nosso programa no próximo domingo às duas horas. Irmão, eu sou a favor de qualquer coisa que você apresente, desde que possamos obter resultados. Eu sou a favor de qualquer coisa que você apresente contanto que seja inteligente, que seja disciplinado, que aponte para a direção certa – eu sou a favor disso. E o que determina o que devemos fazer, ou o que não fazer, não será de modo algum influenciado pelo o que o homem da cidade pensa.

Não precisamos de ninguém do lado de fora para estabelecer as regras por meio das quais vamos lutar as nossas batalhas. Estudaremos a batalha, estudaremos o inimigo, estudaremos o que estamos enfrentando e então esboçaremos ou mapearemos nossa própria estratégia de batalha. E nós vamos obter resultados. Mas enquanto você tiver alguém de fora dizendo-lhe como você deve fazer ou como você não deve fazer - e o que eles sempre dizem é para ser não-violento, pacífico, amar a todos, perdoa-lhes Senhor, eles não sabem o que fazem. Contanto que você entre nesse tipo caixinha, você nunca vai chegar a lugar algum. O que queremos é, deixá-los saber que nossos objetivos são justos. Nossos objetivos estão dentro do reino da justiça. E já que estão, estamos justificados em perseguir esses objetivos. Não sabe que é uma desgraça para os Estados Unidos da América deixar - Martin Luther King, meu bom amigo Reverendo Dr. Martin, no Alabama, usar crianças para fazer o que o governo federal deveria fazer. Pense nisso. Aquelas crianças da escola não deveriam ter que marchar. Porque Lyndon Johnson tinha de enviar as supostas tropas lá em baixo para marchar.

Seus filhos não deveriam ir para lá fazer protesto apenas para ter o direito ao voto. Isso é errado? Isso demonstra que nossos chamados líderes têm sido superados. Todos os dias, você vê na televisão, você ouve no rádio, você lê no jornal que os afro-americanos estão indo para cadeia às centenas, aos milhares. Não se faz isso num país civilizado. Em qualquer outro país, o governo faria o seu trabalho. Mas isso só está acontecendo aqui porque o governo não está fazendo seu trabalho.

Eles têm Martin Luther King lá embaixo chorando lágrimas de crocodilo em seu caminho para a cadeia e ainda sair sem direito ao voto. Podemos conseguir o voto. Não aprovaram a lei dos direitos civis? Só um minuto, eles não aprovaram a lei dos direitos civis e a tornaram legal. Você não sabe que em qualquer lugar que o nosso povo queira se registrar e votar eles estão dentro de seus direitos legais? Tudo o que temos que fazer é mostrar que somos homens. E quando nós, e quando eles forem votar, nós iremos com eles. Com eles. Preparados! Não estou preparado para causar problemas. Mas preparados para nos proteger caso haja problemas. E ninguém pode nos culpar por isso. Sim, senhora?

Pergunta: Meu sobrinho está no Vietnã e...

Malcolm X: seu sobrinho está onde?

Pergunta: no Vietnã do Sul —

Malcolm X: No Vietnã? Ele deveria estar no Alabama.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Você disse-lhe a verdade irmã, você está falando a minha língua. Sim.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Eu sei que você faria. Eu sei que você faria. Quem mais? Sim, senhora?

Pergunta: O irmão Malcolm [ininteligível] uma criança de treze anos caiu da janela do hospital. Nós o enterramos no sábado. [ininteligível] se recusam a falar com alguém. Eles não falaram com a mãe dele ou com qualquer outra pessoa. Enviamos delegações para lá, e cada vez, eles nos dizem que não há ninguém disponível para falar. Eu fiz um piquete lá no sábado. Agora o que pode ser feito sobre isso? Uma criança de treze anos?

Malcolm X: Caiu da janela do hospital?

Pergunta: É o que dizem. Mas esta criança viveu no andar superior durante toda a vida dela. O que devemos fazer para evitar que coisa como esta aconteça?

Malcolm X: Isso é o que eu quis dizer mais cedo quando eu falei sobre a importância de nós assumirmos o controle do Harlem. Enquanto tivermos brancos gerindo nossos hospitais, escolas e todo o resto, eles vão nos negar o direito a existência. Sugiro que venha ao escritório e vejamos o que podemos fazer juntos. Qualquer coisa que eu possa fazer, eu certamente farei e eu sei que todos os irmãos e irmãs farão. Temos tempo para mais duas perguntas. Sim, senhora. Bem na frente.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Não, eles não estão. Estão marchando pelos pais. Deixe-me dizer-lhe. Você sabe, eu estive em Selma e quando cheguei em Selma eu conversei com essas crianças. Falei com eles. E você sabe o que tenho a dizer sobre isso. Tenho que expô-lo. O assistente de King não queria que eu falasse com eles. Eles me disseram que não se importavam com a minha a minha presença lá e tudo isso, mas eles preferiam que eu não falasse com os jovens. Porque eles sabiam o que eu ia dizer. Mas as crianças insistiram para que eu fosse ouvido. Caso contrário, eu não teria tido a audiência. E alguns estudantes do SNCC também insistiram para que eu fosse ouvido. Esta foi a única maneira que eu tive para falar com eles. E eu preciso falar sobre uma pequena menina, que tinha apenas treze anos de idade, ela me disse que tinha estado na prisão na noite anterior. Ela tinha acabado de sair da prisão de manhã. E ela me contou como eles estavam usando agulhões de gado, enfiando-o contra a cabeça de algumas dessas criancinhas, provocando-lhes dores de cabeça e coisas desse tipo. Oh sim. A forma mais brutal de tortura inimaginável ocorre lá e nada é feito sobre isso. O velho Lyndon está todo amarrado no Vietnã do Sul e no Congo e em outros lugares, mas ele não se importa com o caso do Mississippi, do Alabama. Mas veja, eu não os culpo. Eu nos culpo. Sério, eu nos culpo. Assim que nos organizarmos, poderemos resolver isso.

O governo não vai resolver isso. Ele está se tornando cada vez mais corrompido. Tem muitos racistas nele. Há demasiados segregacionistas gerindo o governo. Então, como alguém do Texas vai parar o Klan? Do Texas! O Texas é um estado controlado pelo Klan. Você e eu temos de fazer isso. E eu prometi aos irmãos e irmãs no Alabama, quando estive lá, que nós voltaríamos. Eu voltarei, você voltará, nós voltaremos. Vamos apoiar os irmãos e irmãs.

Aquelas pessoas lá em baixo não estão com medo. Eles não estão com medo, eles estão apenas esperando que alguém lhes diga o que fazer. Isso é tudo. E eles não vão adotar aquela loucura de oferecer a outra face para o inimigo bater. Não. É por isso que eles colocam os filhos para fazer isso. E até mesmo aquelas crianças não vão dar a outra face. E não há nada de errado nisso. Uma vez que você vive em uma sociedade, um governo que em 1965 permite que existam condições que forcem um líder Negro a levar crianças – bebês para os protestos a fim de obter o direito de se registrar e votar, esse governo deve ser questionado. Deve estar sob observação. Devemos parar e dar uma segunda olhada nele. E se não é o governo, então quem é. Mas a culpa tem de ser colocada em alguém e você sabe em quem eu a coloco? Em nós. Somos muito fáceis. Somos muito indulgentes. Somos muito amáveis. Somos muito esquecidos. Somos muito comprometidos. E somos muito pacíficos. Mais uma pergunta. Sim senhor.... Sim, sim senhora.

[Pergunta ininteligível]

Malcolm X: Sim, sim. Akbar Muhammad junto com Wallace Muhammad. Mas Akbar Muhammad deu uma conferência à imprensa no Cairo, se dissociando completamente de seu pai e ressaltando que, o que Elijah Muhammad está ensinando neste país é absolutamente e diametralmente oposto aos verdadeiros ensinamentos do Islã. Isso foi no Cairo. E realmente, o que Elijah Muhammad está ensinando é um insulto a todo o mundo muçulmano porque o Islã como religião não tem nada a ver com a cor. Não há religião que tenha algo a ver com a cor e o islamismo - como religião, não usa a cor da pele de um homem para medi-lo ou como critério. O Islã como religião julga um homem por sua intenção, por seu comportamento e seus atos. Agora eu posso julgar esses branquelos não porque eles são brancos. Eu não estou falando sobre eles porque eles são brancos. Eu estou falando sobre o que eles fazem. Você entende? Qualquer coisa que você me ouvir dizer aqui sobre o homem branco, não é porque ele é branco - não, eu vou apertar a mão dele se ele agir correto. Mas primeiro ele tem de agir correto. O padrão de julgamento de um muçulmano é o comportamento, intenção e ação. Me entende? O que Elijah Muhammad ensina não é isso. Sim, senhor.

Pergunta: Voltar para a ação.

Malcolm X: Para ação, sim.

Pergunta: Você sabe, ter poder, não seria melhor se fôssemos - quero dizer, se referindo ao homem Negro – acabar formando uma Ku Klux Klan preta.

Malcolm X: Não. Não os deixe manipulá-lo, fazendo você criar algo que possa ser comparado com o Klan. Veja, é verdade que somos alvo de um tratamento criminoso e brutal por parte da Klan. Agora, não precisamos de uma Ku Klux Klan negra. Tudo o que precisamos é de Negros que acreditem na irmandade dos homens e que lutarão contra qualquer um que ameace essa irmandade. Agora, o Klan é uma ameaça a essa irmandade e estamos legalmente dentro de nossos direitos de nos defendermos contra o Klan. Mas se nos chamarmos de Klan, o que acontecerá - a imprensa vai perceber o que você faz e fará com que pareça errado. Eles vão fazer com que pareça errado de qualquer maneira. Então, se você se denominar assim, você estará ajudando-os a te machucar. Não, nós não queremos nada com o Klan ou algo parecido com o Klan. Nós queremos destruir o Klan. Desmontá-lo, destruí-lo, apagá-lo desta terra. E nós podemos fazer isso.

Você esteve no exército. Eles te ensinaram todos esses truques. Bem, use-os. Eu tenho de dizer isso, depois iremos encerrar. Você precisa estudar a guerra de guerrilha. Compre todos os livros que você puder encontrar sobre guerra de guerrilha. Não há nada de errado em dizer isso. Sim, é bom saber de tudo. Não há nada de errado em obter conhecimento sobre isso. Ora, o governo ensina isso a você. Eles preparam você ensinando isso, não é? Claro, eles ensinaram isso ao seu filho.

Bem, vá em frente e ensine isso ao seu filho. Mas diga ao seu filho como usá-lo. Você vai estudar. Nós vamos ter aulas. A OAAU vai ter aulas em todas as áreas da ciência que você e eu precisamos saber - karatê, judô. Nós temos alguns especialistas. Este irmão aqui é um especialista em judô, especialista em karatê. Ele quebraria o tabuleiro aqui como se fosse um papelão.

Você vem para OAAU e nós vamos treiná-lo. Mostrar-lhe como se proteger. Não é para você sair por aí atacando alguém. Você nunca deve atacar ninguém. Mas ao mesmo tempo, sempre que você for atacado, não deve dar a outra face. Nunca ofereça a outra face até que o homem branco ofereça a dele. O dia em que o homem branco oferecer a outra face, então você oferecerá a sua. Se Martin Luther King estivesse ensinando as pessoas brancas a dar a outra face, então eu diria que ele estava justificado em ensinar os Negros a darem a outra face. É

apenas isso que eu sou contra. Faça uma rua de mão dupla. Se eu não sou violento, então deixem os não serem violentos. Mas, desde que eles são violentos, não deixe ninguém te dizer nada sobre não-violência. Não, sejamos inteligentes irmãos e irmãs, vamos apresentar nosso programa no domingo às duas horas. Espero que cada um de vocês estejam aqui. Será um dos últimos programas que teremos - por favor, não se mova. Por favor, não se mexa, por favor. Vai ser um dos últimos programas que teremos, no próximo domingo, às duas horas. Ele será projetado para te revelar completamente o que é o nosso programa, como eu disse anteriormente - alguns de vocês chegaram tarde – a razão pela qual eu não fiz isso esta noite. Foi porque eu gostaria de dar um esclarecimento completo sobre o que aconteceu na minha casa no domingo de manhã para que você soubesse.

E uma vez que você sabe, então você pode decidir se quer se unir ou se afastar de mim, um dos dois. Mas eu não quero te envolver em nada que você não saiba em que está se metendo. Não estou tentando causar problemas, só estou tentando organizar algo que nos permita tomar uma ação direta contra as forças que nos aprisionam.

Obrigado.

5.27 Não Apenas um Problema Americano, mas um Problema Mundial (16 de fevereiro de 1965)

Em primeiro lugar, irmãos e irmãs, eu quero começar agradecendo a vocês por dispor de seu tempo para vir aqui esta noite e especialmente pelo convite para vir a Rochester participar desta pequena discussão informal sobre assuntos de interesse a todos os membros da comunidade, de toda comunidade de Rochester. Minha razão para estar aqui é para falar sobre a revolução Negra que está acontecendo nesta terra, a maneira como ela está ocorrendo no continente africano e o impacto que isso tem nas comunidades afro-americana, não apenas aqui na América. mas na Inglaterra, França e em outras antigas potências coloniais.

Muitos de vocês provavelmente leram na semana passada que eu fiz um esforço para ir à Paris e fui impedido de entrar. E Paris não expulsa ninguém. Você sabe que qualquer pessoa pode entrar na França, que é um suposto país liberal. Mas a França está tendo problemas que não são divulgados. E a Inglaterra também está tendo problemas que não são divulgados porque os problemas da América têm sido muito divulgados. Mas todos esses três parceiros, ou aliados têm problemas em comum hoje em dia.

E para que você e eu conheçamos a natureza da luta na qual estamos envolvidos, precisamos conhecer não apenas os vários elementos envolvidos a nível local e nacional, mas também os elementos envolvidos a nível internacional. E os problemas do homem afro-americano neste país hoje deixaram de ser apenas um problema afro-americano ou um problema americano. Tornou-se um problema que é tão complexo e tem tantas implicações, que você tem de estudá-lo de forma ampla, em um contexto mundial ou em um contexto internacional para realmente entendê-lo como ele realmente é. Caso contrário, você não poderá nem acompanhar o problema local, a menos que saiba que papel ele desempenha no contexto internacional. E quando você o analisa nesse contexto, você o vê sob uma perspectiva mais ampla, você o vê com mais clareza.

E você deveria se perguntar por que um país como a França deveria se preocupar tanto com um afro-americano insignificante a ponto de proibir sua entrada quando quase todo mundo pode entrar nesse país sempre que desejar. E é principalmente porque esses três países têm os mesmos problemas. E o problema é este: que no Hemisfério Ocidental, você e eu não percebemos isso, mas não somos exatamente uma minoria nesta terra. No Hemisfério Ocidental existe... - há pessoas no Brasil, dois terços do povo brasileiro são formados por pessoas de descendência africana como nós. Eles são pessoas de origem africana, ancestralidade africana. E não só no Brasil, mas em toda a América Latina, Caribe, Estados Unidos e Canadá, você tem pessoas de origem africana.

Muitos de nós nos enganamos pensando que nós afro-americanos somos apenas aqueles que estão nos Estados Unidos. América é América do Norte, América Central e América do Sul. Qualquer pessoa de descendência africana na América do Sul é um afro-americano. Qualquer pessoa na América Central de sangue africano é um afro-americano. Qualquer um aqui na América do Norte, incluindo o Canadá, é um afro-americano se tiver origem africana - mesmo no Caribe, ele é um afro-americano. Então, quando falo do afro-americano, não estou falando apenas dos 22 milhões de pessoas que estão aqui nos Estados Unidos. Mas afro-americano se refere ao grande número de pessoas no Hemisfério Ocidental, desde o extremo Sul da América do Sul até o extremo Norte da América do Norte, todos têm uma herança comum e têm uma origem comum quando se volta para as raízes dessas pessoas.

Agora, existem quatro áreas de influência no Hemisfério Ocidental, onde os Negros estão envolvidos. Há a área de influência espanhola, o que significa que a Espanha colonizou

uma certa parte do Hemisfério Ocidental. Há a área de influência francesa, o que significa aquela parte que a França colonizou anteriormente. A área anteriormente colonizada pelos britânicos e a área onde nós estamos nos Estados Unidos.

A área que anteriormente foi colonizada pelos espanhóis é comumente referida como América Latina. Eles têm muitas pessoas de descendência africana lá. A área que os franceses colonizaram no Hemisfério Ocidental é amplamente referida como as Antilhas Ocidentais francesas. E a área que os britânicos colonizaram são aquelas comumente referidas como as Antilhas Ocidentais britânicas e o Canadá. E, novamente, há os Estados Unidos. Portanto, temos estas quatro classificações diferentes de pessoas de descendência africana, ou pessoas não-brancas aqui no Hemisfério Ocidental.

Devido a fraca economia espanhola e o fato de não ser mais uma influência no cenário mundial como era antigamente, os afro-latinos não migram. Mas por causa do alto padrão de vida da França e Inglaterra, muitos afrodescendentes das Antilhas Ocidentais britânicas migram para Inglaterra e muitos das Antilhas Francesas migram para a França, e nós que já estamos aqui.

Então, isso significa que os três principais aliados, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França têm um problema hoje que é um problema comum. Mas você e eu nunca obtivemos informações suficientes para perceber que eles têm um problema comum. E esse problema comum se refere a essa nova disposição que se reflete de modo geral no povo afrodescendente dentro da França continental e dentro da Inglaterra e também aqui nos Estados Unidos. De modo que – essa disposição tem mudado de acordo com as mudanças ocorridas no continente. Então, quando você acha que a revolução africana está ocorrendo, e por revolução africana, me refiro ao surgimento de nações africanas independentes que vem acontecendo há dez ou doze anos e que afetou totalmente a postura dos Negros no hemisfério ocidental. Tanto é assim que, quando eles migram para a Inglaterra, eles passam a representar um problema para os ingleses. E quando eles migram para a França, eles passam a representar um problema para os franceses. E os que já estão aqui nos Estados Unidos - quando eles despertam, e essa mesma atitude é refletida no afro-estadunidense, então isso representa um problema para o homem branco aqui na América.

Então, não pense que o problema que o homem branco tem na América é único. A França e a Grã-Bretanha estão tendo o mesmo problema. A única diferença entre França, Grã-Bretanha e Estados Unidos é que aqui surgiu muitos líderes. Os Estados Unidos criaram uma espécie de militância que assustou os americanos brancos. Mas isso não aconteceu na França e na Inglaterra. Apenas recentemente, a comunidade afro-americana e a afro-britânica das Antilhas Ocidentais se juntaram a comunidade africana na França e começaram a se organizar, isso assustou a França até a morte. E a mesma coisa está acontecendo na Inglaterra. Até recentemente, eles eram completamente desorganizados. Mas, recentemente, os afro-antilhanos na Inglaterra junto com a comunidade africana na Inglaterra e com os asiáticos na Inglaterra começaram a se organizar e trabalhar uns com os outros, em conjunto uns com os outros. Isso gerou um problema sério para a Inglaterra.

Eu tive de contextualizar para que você entenda alguns dos problemas atuais que estão se desenvolvendo aqui na América. De modo algum, você poderá entender os problemas entre Negros e brancos aqui em Rochester ou em Mississippi, ou na Califórnia, a menos que você entenda o problema básico que existe entre Negros e branco não apenas a nível local, mas a nível global nesta terra hoje. Quando você analisar sob esse contexto, você vai entender. Mas se você olhar para ele apenas no contexto local, você nunca vai entender. Você tem que ver a tendência que está ocorrendo na terra. E o meu propósito aqui esta noite é tentar lhe dar uma compreensão atualizada de tudo quanto for possível.

Como muitos de vocês sabem, deixei o movimento Muçulmano Negro e durante os meses de verão, passei cinco meses no Oriente Médio e no continente africano. Durante esse período, visitei muitos países, primeiro o Egito, depois a Arábia, depois o Kuwait, o Líbano, o Sudão, o Quênia, a Etiópia, Zanzibar, Tanganica - que hoje é conhecido como Tanzânia - Nigéria, Gana, Guiné, Libéria e Argélia. E durante dos cinco meses que passei por lá, tive a oportunidade de manter longas discussões com o presidente Nasser do Egito, o presidente Julius Nyerere da Tanzânia, Jomo Kenyatta do Quênia, Milton Obote de Uganda, Azikiwe da Nigéria, Nkrumah de Gana e Sekou Toure da Guiné. E durante as conversas com esses homens e outros africanos daquele continente houve muita troca de informação, o que definitivamente ampliou meu entendimento e acho que ampliei meu escopo. Pois desde que voltei de lá, não tive o menor desejo de me envolver em discussões insignificantes com qualquer pessoa de mente estreita, pessoas que pertencem a organizações que se baseiam em fatos enganadores e que não

entendem você e que não te leva a lugar nenhum quando você tem problemas tão complexos como os nossos que estamos tentando resolver.

Então, eu não estou aqui esta noite para falar sobre esses movimentos que estão em conflito uns com os outros. Estou aqui para falar sobre o problema que está diante de nós. E farei isso de maneira muito informal. Eu nunca gostei de estar preso a um método ou a um procedimento formal quando falo em público, porque eu acho que normalmente a conversa em que estou envolvido gira em torno da raça ou sobre questões raciais, o que não é culpa minha. Eu não criei o problema racial.

E você sabe, eu não vim para a América no *Mayflower* ou por minha própria vontade. Nosso povo foi trazido para cá involuntariamente. Então, se expomos o problema agora, eles não deveriam nos culpar por estar aqui. Eles nos trouxeram aqui.

Uma das razões pelas quais eu acho melhor ser informal quando se discute este tipo de questão, é porque quando as pessoas estão discutindo questões raciais, elas tendem a ser muito tacanhas e sentimental, especialmente as pessoas brancas. Eu conheço pessoas brancas que geralmente são muito inteligentes, até você falar sobre o problema racial. Então elas ficam cegas como um morcego e querem que você aceite o que eles acham, e é exatamente o oposto da verdade.

Então, eu prefiro que sejamos informais para que possamos relaxar e manter a mente aberta, e tentar formar o padrão ou o hábito de ver os fatos por nós mesmos, ouvir por nós mesmos, pensar por nós mesmos, e então poderemos chegar a um julgamento inteligente por nós mesmos.

Para deixar claro a minha posição, como fiz no início do dia no *Colgate*. Eu sou muçulmano, com isso quero dizer que minha religião é o Islã. Eu acredito em Deus, o Ser Supremo, o criador do universo. Esta é uma forma muito simples de religião, fácil de entender. Eu acredito em Deus, e acredito que Deus tem uma religião, sempre terá uma religião. E que Deus ensinou a todos os profetas a mesma religião, então, não há discussão sobre quem era maior ou quem era melhor: Moisés, Jesus, Maomé ou alguns dos outros. Todos eles foram profetas que vieram de um só Deus. Eles tinham uma doutrina e essa doutrina era projetada

para levar a humanidade a compreensão, para que toda humanidade pudesse entender que ele é único e que há algum tipo de irmandade que devemos praticar aqui na terra. Eu acredito nisso.

Eu acredito na irmandade entre os homens. Mas apesar do fato de eu acreditar na irmandade entre os homens, eu tenho de ser realista e perceber que aqui na América nós estamos em uma sociedade que não pratica a fraternidade. Não pratica o que prega. Prega a fraternidade, mas não a pratica. E porque esta sociedade não pratica a fraternidade, alguns de nós, que somos muçulmanos - que deixaram o movimento Muçulmano Negro e se reagruparam como muçulmanos, em um movimento baseado no Islã ortodoxo - nós acreditamos na irmandade do Islã.

Mas também percebemos que o problema enfrentado pelos Negros neste país é tão complexo, e está há tanto tempo sem solução que se tornou absolutamente necessário formarmos outra organização. É uma organização não religiosa, conhecida como a Organização da Unidade Afro-americana e é estruturada organizacionalmente para possibilitar a participação ativa de qualquer afro-americano em um programa que foi elaborado para eliminar os males políticos, econômicos e sociais com os quais nosso povo é confrontado nesta sociedade.

E nós temos essa configuração porque percebemos que temos a necessidade de lutar contra os males de uma sociedade que fracassou em produzir fraternidade para todos os seus membros. Isso não significa que somos anti-brancos, anti-azuis, anti-vermelhos ou anti-amarelos. Somos anti-errados. Somos anti-discriminação. Somos anti-segregação. Somos anti qualquer pessoa que pratica qualquer forma de segregação ou discriminação contra nós porque nossa cor não é aceitável para eles.

Nós não julgamos um homem por causa da cor de pele dele. Nós não julgamos você porque você é branco, nós não julgamos você porque você é Negro, nós não julgamos você porque você é marrom. Nós o julgamos com base no que você faz e no que você pratica. E enquanto você estiver praticando o mal, seremos contra você. E para nós, a pior forma de maldade é a que julga um homem por causa da cor da pele dele. E eu não acho que alguém aqui possa negar que vivemos em uma sociedade que simplesmente não julga um homem de acordo com seus talentos, de acordo com seu conhecimento, de acordo com sua possibilidade - experiência ou falta de histórico acadêmico. Esta sociedade julga um homem unicamente por

causa da cor de sua pele. Se você é branco pode seguir em frente, mas se você é Negro você tem de lutar a cada passo dado no caminho, e ainda assim, você não avançará.

Vivemos em uma sociedade que, em grande parte, é controlada por pessoas que acreditam na segregação. Estamos vivendo em uma sociedade que, em grande parte, é controlada por pessoas que acreditam no racismo e praticam segregação e discriminação. Acreditamos e digo que é controlado, não por brancos bem-intencionados, mas controlado por segregacionistas racistas. E você pode perceber isso baseado no padrão com que esta sociedade opera em todo o mundo. Atualmente, na Ásia, você tem o exército americano jogando bombas em afro-cidadãos. Você não pode negar isso - como você pode justificar o fato de sair do seu país para jogar bombas em outro país. Se fosse ao lado, eu até poderia entender, mas você não pode ir tão longe para jogar bombas em um país distante e justificar sua presença lá. Não me venha com essa.

Isso é racismo. Racismo praticado pela América. Racismo que envolve uma guerra contra os afrodescendentes na Ásia, outra forma de racismo envolvendo uma guerra contra os africanos no Congo, uma vez que se trata também de uma guerra contra as pessoas de descendência africana no Mississippi, Alabama, Geórgia e Rochester, Nova Iorque. Então não somos contra as pessoas porque elas são brancas. Mas somos contra aqueles que praticam o racismo. Somos contra aqueles que jogam bombas nas pessoas porque a cor de sua pele é diferente da sua. Somos contra a imprensa que nos acusa de sermos violentos. Nós não somos a favor da violência. Nós somos pela paz. Mas as pessoas que enfrentamos são violentas. Você não pode estar em paz quando está lidando com elas. Elas nos acusam de algo do qual eles próprios são culpados. É isso que o criminoso sempre faz. Eles vão te bombardear e depois vão te acusar de bombardear a si mesmo. Eles vão esmagar seu crânio e depois vão acusá-lo de tê-lo atacado. É isso que os racistas sempre fazem, aquele que tem processos criminais desenvolvidos pela ciência. Sua prática é uma ação criminosa. E depois usa a imprensa para transformar a vítima em criminoso e o criminoso em vítima. É assim que eles fazem.

E você aqui em Rochester sabe mais sobre isso do que em qualquer outro lugar. Aqui está um exemplo de como eles atuam. Eles pegam a imprensa, e através da imprensa, batem no sistema, ou através do público branco porque o público branco está dividido. Entre aqueles que são bons e os que não são. Alguns são bem-intencionadas e outros não. Isso é verdade. Você tem alguns que não são bem-intencionados. E geralmente, aqueles que não são bem-

intencionados superam aqueles que são bem-intencionados. Você precisa de um microscópio para encontrar aqueles que são bem-intencionados. Então, eles não gostam de fazer nada sem o apoio do público branco. Os racistas, que geralmente são muito influentes na sociedade, não fazem nada sem antes obter o apoio da opinião pública do seu lado. Então, eles usam a imprensa para ter a opinião pública ao seu lado.

Quando eles querem reprimir e oprimir a comunidade negra, o que eles fazem? Eles pegam as estatísticas e, através da imprensa, alimenta o imaginário do público. Eles fazem parecer com que o crime na comunidade negra seja maior do que em qualquer outro lugar. Qual a implicação disso? Esta é uma manobra muito habilidosa usada pelos racistas para fazer com que os brancos que não são racistas comecem a pensar que a taxa de criminalidade na comunidade negra é tão alta que isso os levam a relacioná-la com a imagem das pessoas da comunidade, a imagem de um criminoso. Parece que qualquer pessoa na comunidade afro-americana é criminoso. E assim que essa impressão é dada, então ela possibilita ou abre o caminho para o governo adotar um sistema de estado policial contra a comunidade com a aprovação total do público branco. Assim, quando a polícia invade, usando todo tipo de medidas brutais para reprimir a população afro-americana, esmagando seus crânios, usando cães e coisas desse tipo. Os brancos concordam com isso porque eles acham que todos na comunidade são criminosos.

Isso é astúcia. Essa astúcia é chamada de "produção de imagens". Eles mantêm você sob controle por meio dessa ciência de produção de imagens. Eles até fazem você desprezar a si mesmo, dando a você uma impressão negativa de si mesmo. Alguns dos nossos próprios Negros aceitaram essa imagem e a digeriram – até eles mesmos não querem mais viver na comunidade negra. Eles não querem estar perto dos Negros.

É uma ciência que eles usam muito habilmente, para fazer parecer com que a vítima seja vista como criminoso e o verdadeiro criminoso seja visto como vítima. Temos exemplos aqui nos Estados Unidos, durante os protestos no Harlem, eu estava na África, felizmente. Durante esses tumultos, ou após os tumultos, novamente a imprensa, muito habilmente, descreveu os manifestantes como desordeiros, arruaceiros, criminosos, ladrões, porque eles estavam destruindo algumas propriedades.

Agora lembre-se, é verdade que a propriedade foi destruída. Mas veja isso por outro ângulo. Nessas comunidades, a economia não está nas mãos do homem afro-americano. Ele não é o proprietário das casas e das lojas. Os edifícios onde eles moram são de propriedade de outra pessoa. As lojas da comunidade são de propriedade de outra pessoa. Tudo na comunidade está fora de seu controle.

Ele não tem nenhuma autoridade sobre isso, além de apenas morar lá, e pagar o aluguel mais caro por um espaço menor, pagar os preços mais caros por uma comida de pior qualidade. Ele é uma vítima disso, vítima da exploração econômica, exploração política e todos os outros tipos. Agora, ele está tão frustrado, tão reprimido com tanta tensão acumulada dentro dele que gostaria de alcançar aquele que o explora. Mas quem o explora não mora em sua comunidade. Ele é apenas o dono da casa, o dono da loja. Ele é apenas o dono do bairro. Então, quando o homem Negro explode e quem ele quer pegar não está lá. Então, ele destrói a propriedade. Ele não é um ladrão. Ele não está tentando roubar sua mobília barata ou sua comida barata. Ele quer chegar até o proprietário, mas ele não está lá. E em vez de os sociólogos analisarem o que realmente é, tentando entendê-lo como de fato é, mais uma vez eles omitem a questão real e usam a imprensa para fazer parecer com que essas pessoas sejam vistas como ladrões, bandidos. Não! Eles são vítimas do crime organizado, de senhores de terra organizados que não passam de ladrões, mercadores que não passam de ladrões, políticos que se sentam na prefeitura e que não passam de ladrões em conluio com os latifundiários e comerciantes.

Mas, novamente, a imprensa é usada para fazer a vítima parecer criminoso e o criminoso parecer a vítima. Isso é produção de imagem. E assim como essa imagem é praticada em nível local, você também pode ver em nível internacional. Para entender melhor, há um exemplo recente em nível internacional para testemunhar o que estou dizendo, é o que aconteceu no Congo. Veja o que aconteceu. Tivemos uma situação em que aviões lançaram bombas em aldeias africanas. Uma aldeia africana não tem defesa antibomba. Uma aldeia africana não constitui uma ameaça suficiente para ser bombardeada! Mas aviões lançaram bombas em aldeias africanas. Quando essas bombas caem, elas não distinguem inimigo e amigo, masculino e feminino. Quando essas bombas são jogadas, elas caem sobre mulheres, crianças e bebês congolezes. Esses seres humanos foram partidos em pedaços. Não ouvi nenhum clamor, nenhuma voz de compaixão por esses milhares de congolezes que foram assassinados por aviões pilotados por americanos.

Por que não houve protestos? Por que não houve preocupação? Porque, novamente, a imprensa muito habilmente fez as vítimas parecerem criminosos e os criminosos parecerem vítimas.

Eles disseram que as aldeias indefesas eram “mantidas por rebeldes”, você sabe. Como se o fato de as aldeias serem controladas por supostos rebeldes, desse-lhe o direito de destruir a população indefesa. Eles também disseram que os mercadores da morte eram “pilotos cubanos anti-Castro treinados pelos americanos”. Isso os tornou aceitáveis para o público branco americano. Porque esses pilotos, esses mercenários - você sabe o que é um mercenário, ele não é um patriota. Um mercenário não é alguém que vai para a guerra por patriotismo. Um mercenário é um assassino de aluguel. Uma pessoa que mata, que derrama sangue por dinheiro, o sangue de alguém. Eles matam um ser humano com a mesma facilidade com que matam um gato, um cachorro ou uma galinha. Então, esses mercenários jogaram bombas em aldeias africanas, não se importando se havia mulheres inocentes e indefesas. Os bebês e as crianças foram destruídas por suas bombas. Mas porque eles são "mercenários", foi lhes dado um nome glorificado para criar uma imagem aceitável para o público, isso não te excita.

Por serem referidos como pilotos “treinados pelos americanos”, porque são treinados pelos EUA, isso os tornou aceitáveis. "Cubanos anti-Castro", isso os legitimou. Porque Castro é um monstro, então qualquer um que seja contra Castro aprovará qualquer coisa que eles fizerem no Congo. Eles colocam sua mente em uma caixinha e a levam para onde quiserem.

Mas isso é algo que você tem de observar e responder. Porque são aviões americanos, bombas americanas, escoltadas por paraquedistas americanos, armados com metralhadoras. Mas, você sabe, eles dizem que não são soldados, que estão lá apenas como acompanhantes, do mesmo modo como eles começaram como conselheiros no Vietnã do Sul. Vinte mil soldados – e são apenas conselheiros. Eles são apenas "acompanhantes". Eles foram capazes de cometer esse genocídio e se safar disso rotulando-o de ação humanitária. Ou “em nome da liberdade”, “em nome da liberdade”. Todos os tipos de slogans, na verdade, trata-se de assassinato a sangue-frio, de um holocausto. E isso é feito com tanta habilidade que você e eu, que nos consideramos sofisticados neste século XX, somos capazes de assistir e colocar o selo de aprovação sobre isso. Simplesmente porque isso está sendo feito por pessoas brancas contra pessoas negras.

Eles pegaram um homem, que é um assassino, chamado Tshombe. Você já ouviu falar dele, tio Tom Tshombe. Ele assassinou o primeiro ministro, o legítimo primeiro-ministro Lumumba. Ele o assassinou. Agora, aqui está um homem, que é um assassino internacional, escolhido pelo Departamento de Estado americano e colocado como chefe de Estado do Congo com o dinheiro dos seus impostos. Ele é um assassino. Ele foi contratado pelo nosso governo. Ele é um assassino de aluguel. E para mostrar o tipo de matador de aluguel que ele é, assim que ele assumiu o cargo, ele contratou mais assassinos da África do Sul para abater seu próprio povo. E você se pergunta por que sua imagem americana no exterior está tão falida. Repare o que eu disse: Sua imagem americana no exterior está falida. Eles tornaram este homem aceitável, dizendo a imprensa que ele era o único que podia unir o Congo. Um assassino. Eles não vão deixar a China nas Nações Unidas porque dizem que ela declarou guerra às tropas da ONU na Coreia. Tshombe declarou guerra às tropas da ONU em Katanga. Você dá dinheiro a ele e o sustenta. Você não usa o mesmo critério. Você usa o mesmo critério aqui, mas não usa lá.

Isso é verdade, todo mundo pode ver. Você se faz parecer bonzinho à vista do mundo tentando enganar as pessoas com suas artimanhas. Mas hoje sua cartola de truques está totalmente esgotada. O mundo inteiro pode ver o que você está fazendo. A imprensa estimula a histeria do público branco. Em seguida, ela muda de foco e começa a trabalhar para ganhar a simpatia do público branco. E depois muda de estratégia fazendo com que o público branco apoie qualquer ação criminosa em que os Estados Unidos estejam envolvidos.

Lembre-se de como eles se referiram aos reféns como “reféns brancos”. “Reféns”. Eles disseram que os “canibais” do Congo mantinham “reféns brancos”. Ah, e isso fez com que todos se comovessem. Freiras brancas, padres brancos, missionários brancos. Qual é a diferença entre um refém branco e um Negro? Qual é a diferença entre uma vida branca e uma vida negra? Você deve achar que há diferença porque sua imprensa especifica a branquitude. "Dezenove reféns brancos" fazem com que você sinta um pesar em seu coração. No entanto, quando bombas foram jogadas sobre centenas e milhares de Negros, vocês não sentiram nada. E vocês não fizeram nada. Mas assim que alguns - um punhado de pessoas brancas estavam envolvidas no conflito - logo que suas vidas estavam em risco, vocês começaram a se preocupar.

Eu estive na África durante o verão quando eles - quando os mercenários e os pilotos estavam abatendo os africanos no Congo como moscas. Nem sequer foi mencionado na

imprensa ocidental. Nada foi mencionado. Se foi mencionado, foi mencionado na seção de classificados do jornal.

Em algum lugar onde você precisa de um microscópio para encontrá-lo. E naquela época os irmãos africanos, no começo, eles não as tomaram como reféns. Eles só começaram a fazê-las reféns quando descobriram que esses pilotos estavam bombardeando suas aldeias. Aí, então, eles as fizeram reféns, e as levaram para a aldeia e avisaram aos pilotos que se eles jogassem bombas na vila, estariam atacando seu próprio pessoal. Foi uma manobra de guerra. Eles estavam em guerra. Eles só mantiveram um refém na aldeia para impedir que os mercenários matassem em massa as pessoas daquelas aldeias. Eles não os mantiveram como reféns porque eram canibais, ou porque achavam sua carne saborosa. Alguns desses missionários já estavam lá por quarenta anos e nunca foram comidos. Se eles quisessem comê-los, teriam comido quando estavam jovens e macios. Por que você não consegue digerir carne branca velha.

São produções de imagens. Eles usam a habilidade deles de produzir imagens e, em seguida, usam essas imagens para enganar as pessoas. Confundir as pessoas e fazê-las aceitarem o errado como certo e rejeitar o certo como errado. Fazer as pessoas realmente pensarem que o criminoso é a vítima e a vítima é o criminoso. Ao salientar isso, você pode dizer: “O que isso tudo tem a ver com o afrodescendente na América? E o que isso tem a ver com as relações entre Negros e brancos aqui em Rochester?”

Você tem que entender isso. Até 1959, a imagem do continente africano foi criada pelos inimigos da África. A África era um continente dominado pelas potências europeia. E como esses europeus dominavam o continente da África, foram eles que criaram a imagem da África no exterior. E eles projetaram a África e seus povos em uma imagem negativa, uma imagem odiosa. Eles nos fizeram pensar que a África era uma terra de selvagens, uma terra de animais, uma terra de canibais. E porque eles foram tão bem-sucedidos em projetar essa imagem negativa da África, muitos de nós aqui no Ocidente, de descendência africana, os afro-americanos, nós olhávamos para a África como um lugar detestável. Nós olhávamos para o africano como uma pessoa detestável. E se alguém se referisse a nós como africano, era como nos colocar como servo, ou falar sobre nós da maneira que não queríamos. Por quê? Porque o opressor sabe que não pode fazer uma pessoa odiar a raiz sem fazê-la odiar a árvore. Você não pode odiar seu semelhante e não acabar odiando a si próprio. E como todos nós nos originamos da África, você não pode nos fazer odiar a África sem nos fazer odiar a nós mesmo. E eles

fizeram isso muito habilmente. E qual foi o resultado? Eles conseguiram fazer com que 22 milhões de Negros aqui na América odiassem tudo em nós que era africano. Nós odiávamos as características africanas. Nós odiávamos o nosso cabelo, a forma do nosso nariz, a forma dos nossos lábios, a cor da nossa pele. Sim nós fizemos isso. E foi você quem nos ensinou a nos odiar simplesmente nos levando astutamente a odiar a terra de nossos antepassados e o povo daquele continente.

Enquanto odiávamos essas pessoas estávamos odiando a nós mesmos. Enquanto odiávamos o que pensávamos que eles pareciam, odiávamos o que realmente parecia conosco. E vocês me chamam de pregador de ódio. Ora, vocês nos ensinaram a nos odiar. Vocês ensinaram o mundo a odiar toda uma raça de pessoas e têm a audácia de culpar-nos por odiá-los simplesmente porque tentamos tirar a corda que você coloca em nosso pescoço. Quando vocês ensinam um homem a odiar seus lábios, os lábios que *Allah* lhe deu, a forma do nariz que *Allah* lhe deu, a textura do cabelo que *Allah* lhe deu, a cor da pele que *Allah* lhe deu, vocês cometem o pior crime que um povo pode cometer. E esse foi o crime que vocês cometeram.

Nossa cor se tornou um cárcere, um cárcere psicológico. Nosso sangue - sangue africano - se tornou uma prisão psicológica, uma prisão porque nos envergonhávamos disso. Acreditávamos que eles diriam isso na sua cara, diriam que não eram eles. Nós nos sentíamos presos porque a nossa pele era negra. Sentíamo-nos aprisionados porque tínhamos sangue africano nas nossas veias. E foi assim que você nos aprisionou. Não apenas nos trazendo aqui e nos tornando escravos. Mas a imagem que você criou de nossa pátria e a imagem que você criou do nosso povo naquele continente foi uma armadilha, foi uma prisão, foi uma corrente, foi a pior forma de escravidão já inventada por um suposto povo que se diz civilizado e uma suposta nação que se diz civilizada desde o início do mundo.

Você ainda vê resquícios disso entre o nosso povo neste país hoje. Porque odiávamos nosso sangue africano, nos sentíamos inadequados, nos sentíamos inferiores, nos sentíamos impotentes. E nesse estado de desamparo, não trabalharíamos por nós mesmos. Pediríamos ajuda a você e você não nos ajudaria. Nós não nos sentíamos adequados. Nós pedimos conselho a vocês e vocês nos deram conselho errado. Fomos em direção a vocês e vocês nos manteve andando em círculos. Mas uma mudança aconteceu em nós. E qual foi? Em 1955, na Indonésia, em Bandung, eles fizeram uma conferência de pessoas de cor. Os povos da África e da Ásia se reuniram pela primeira vez em séculos. Eles não tinham armas nucleares, não tinham frota aérea,

nem marinha. Mas eles discutiram a situação deles e descobriram que havia uma coisa que todos nós tínhamos em comum - opressão, exploração, sofrimento. E nós tínhamos um opressor comum, um explorador comum.

Se um irmão viesse do Quênia ele chamaria seu opressor de inglês e o outro do Congo chamaria seu opressor de belga, o outro da Guiné chamaria seu opressor de francês. Mas quando eles juntaram todos os opressores, constataram que havia uma coisa que todos eles tinham em comum, eram todos da Europa. E esse europeu estava oprimindo o povo da África e da Ásia.

E como puderam constatar que tinham um opressor comum e um explorador comum, tristeza e pesar em comum, nosso povo começou a se reunir e determinou na Conferência de Bandung que era hora de eles esquecerem as diferenças. Eles tinham diferenças. Alguns eram budistas, alguns eram hindus, alguns eram cristãos, alguns eram muçulmanos, alguns não tinham religião alguma. Alguns eram socialistas, alguns eram capitalistas, alguns eram comunistas e alguns não tinham economia alguma. Mas apesar de todas essas diferenças, eles concordaram em uma coisa, o espírito de Bandung era, a partir daí, não enfatizar as áreas de diferenças e sim enfatizar as áreas em comum.

E foi o espírito de Bandung que alimentou as chamas do nacionalismo e da liberdade não apenas na Ásia, mas especialmente no continente africano. De 1955 a 1960, as chamas do nacionalismo, a independência do continente africano, tornaram-se tão brilhantes e tão furiosas que puderam queimar e varrer tudo o que se encontrava em seu caminho. E esse mesmo espírito não se limitou apenas ao continente africano. De alguma forma ou de outra - ele alcançou o Hemisfério Ocidental e penetrou no coração, na mente e na alma do homem afro-americano no Hemisfério Ocidental, que supostamente estava separado do continente africano há quase 400 anos.

Mas o mesmo desejo de liberdade que moveu o homem no continente africano começou a arder no coração, na mente e na alma do homem afro-americano aqui na América do Norte, na América do Sul e América Central, mostrando que não estávamos separados. Embora houvesse um oceano entre nós, ainda éramos movidos pela mesma pulsação. O espírito do nacionalismo no continente africano começou a desmoronar os poderes coloniais, eles não poderiam ficar lá. Os britânicos enfrentaram problemas no Quênia, na Nigéria, em Tanganica, em Zanzibar e em outras áreas do continente. Os franceses tiveram problemas em todo o Norte

da África Equatorial incluindo a Argélia. Tornou-se um local problemático para a França. O povo do Congo não permitiu mais que os belgas permanecessem lá. Todo o continente africano tornou-se explosivo a partir de "1954,1955 até 1959. Em 1959 eles não puderam mais ficar lá. Não foi uma saída voluntária, não foi porque, de repente, eles se tornaram benevolentes. Não foi porque, de repente, eles deixaram de querer explorar o homem Negro e seus recursos naturais. Mas foi o espírito de independência que estava ardendo no coração e na mente do homem africano. Ele não se permitia mais ser colonizado, oprimido e explorado. Ele estava disposto a dar a sua vida e tirar a vida daqueles que tentavam tirar a sua, este era o novo espírito do homem africano.

Os poderes coloniais saíram. Mas o que eles fizeram? Sempre que uma pessoa está jogando basquete – se você observar – sempre que os jogadores da equipe adversária o prendem e ele não quer entregar a bola, ele passa para alguém que está livre, que joga no mesmo time que ele. E como a Bélgica, a França e a Grã-Bretanha e essas outras potências coloniais estavam presas - elas foram expostas como potências coloniais - tinham que encontrar alguém que ainda estivesse à espreita, e o único que estava em posição favorável para eles, eram os Estados Unidos. Então, eles passaram a bola para os Estados Unidos. E esta administração a pegou e desde então tem corrido como louco. Assim que agarraram a bola, perceberam que estavam diante de um novo problema. O problema era que os africanos haviam despertado. E em seu despertar, eles não sentiam mais medo. E porque não sentiam mais medo, se tornou impossível para as potências europeias permanecerem no continente à força. Então, nosso Departamento de Estado pegou a bola e em sua nova análise perceberam que precisavam usar uma nova estratégia se quisessem substituir as potências coloniais da Europa.

Qual foi a estratégia deles? A abordagem amigável. Em vez de ir até lá com os dentes cerrados, eles começaram a sorrir para os africanos. “Somos seus amigos”. Mas para convencer o africano de que ele era amigo deles, ele teve que começar fingindo que eles eram nossos amigos.

O homem não estava sorrindo para você porque você era mau. Ele estava tentando impressionar seu irmão do outro lado do oceano. Ele sorriu para você a fim de tornar o sorriso dele consistente. Ele começou a usar uma abordagem amigável por lá. Uma abordagem benevolente. Uma abordagem filantrópica. Chame isso de colonialismo benevolente, imperialismo filantrópico. Humanitarismo apoiado pelo dolarismo. Simbolismo. Essa foi a

abordagem que eles usaram. Eles não foram para lá bem-intencionados. Como você pode sair daqui e ir para o continente africano com o *Peace Corps* (Corpo da Paz) e *Cross Road* (Estradas Cruzadas) e esses outros apetrechos enquanto você está enforcando afro-americanos no Mississippi? Como você pode fazer isso? Como você pode treinar missionários para supostamente ensinar sobre Cristo quando você não deixa um afro-americano frequentar a igreja de Cristo aqui em Rochester e muito menos no Sul. Você sabe que é algo para se pensar. Isso me deixa irritado quando penso nisso.

De 1954 a 1964 pode ser facilmente visto como a era do Estado africano emergente. E como o Estado africano emergiu de 1954 a 1964, que impacto, que efeito teve sobre os afro-americanos? Quando o homem na África se tornou independente, isso o colocou em posição de reconstruir sua própria imagem. Até 1959, quando você e eu pensávamos em um africano, pensávamos em alguém nu, vindo com tantãs, com ossos no nariz. Oh sim! Esta era a única imagem que você tinha de um africano. E a partir de 1959, quando eles começaram a participar da ONU e você começou a vê-los na televisão, você ficou chocado. Ali estava um africano que sabia falar inglês melhor que você. Ele era mais articulado que você. Ele tinha mais liberdade que você. Porque lugares onde você não podia frequentar - lugares onde você não podia ir, tudo o que ele tinha de fazer era vestir as roupas tradicionais deles e passar por você. Isso te sacudiu. Foi só quando você se sentiu chocado que você realmente começou a acordar.

Assim quando as nações africanas começaram a ganhar sua independência e a imagem do continente africano começou a mudar, as coisas contribuíram para que a imagem da África mudasse de negativa para positiva. Subconscientemente, o homem Negro em todo o Hemisfério Ocidental, em seu subconsciente, começou a se identificar com essa imagem africana positiva emergente.

E quando ele viu o homem do continente Africano tomar uma posição, ele foi tomado por um desejo de tomar uma posição também. A mesma imagem, a mesma dinâmica, quando a imagem africana era negativa - e você ouvia sobre as posturas antigas, olhares comprometedores e temerosos - nós éramos da mesma maneira. Mas quando começamos a ler sobre Jomo Kenyatta e o *Mau-Mau* e outros, então, você viu os Negros aqui desse país, começarem a pensar na mesma linha. E muito mais intimamente na mesma linha do que alguns deles realmente querem admitir.

Quando eles viram - assim como tiveram de mudar sua abordagem com as pessoas no continente africano, eles também começaram a mudar a abordagem deles conosco aqui. Como usavam o simbolismo e muitas outras formas amigáveis e benevolentes de filantropia no continente africano, que não passavam de esforços simbólicos, começaram a fazer o mesmo conosco aqui nos Estados Unidos. Simbolismos. Eles criaram todos os tipos de programas que não eram planejados para resolver os problemas de ninguém. Cada ação que eles fizeram era uma ação simbólica. Eles nunca fizeram um esforço verdadeiro para resolver o problema. Eles vieram com uma decisão de não segregação da Suprema Corte, que eles ainda não colocaram em prática. Nem mesmo em Rochester, muito menos em Mississippi. Eles enganaram as pessoas do Mississippi, tentando fazer parecer que eles iriam integrar a Universidade do Mississippi. Eles levaram um afro-americano para a universidade com cerca de 6.000 a 15.000 soldados, acho que foi. E eu acho que a operação custou seis milhões de dólares.

E três ou quatro pessoas foram mortas no ato. E foi apenas um ato. Agora, lembre-se, depois que um deles entrou, disseram que havia integração no Mississippi. Eles colocaram dois alunos em uma escola na Geórgia e disseram que havia integração na Geórgia. Você deveria ter vergonha. Realmente, se eu fosse branco me sentiria tão envergonhado que me esconderia debaixo de um tapete. E eu me sentiria tão baixo que me esconderia totalmente.

Este simbolismo foi um programa designado para proteger os interesses de alguns Negros escolhidos a dedo. E eles receberam grandes ocupações, e depois foram usados para dizer ao mundo: "Veja quanto progresso estamos fazendo." Ele deveria dizer, "olhe quanto progresso eu estou fazendo". Enquanto esses Negros escolhidos a dedo estavam comendo porco com a alta sociedade branca de Washington D.C, as massas de afro-americanos deste país continuavam a viver na favela e no gueto. As massas de afro-americano neste país continuavam desempregados, continuavam indo para as piores escolas, recebendo a pior educação. Durante essa época apareceu um movimento conhecido como Muçulmano Negro. O movimento Muçulmano Negro fez isso: no momento em que o movimento Muçulmano Negro entrou em cena, o NAACP era considerado um movimento radical. Eles queriam investigá-lo. O CORE e todos os outros movimentos estavam sob suspeita. King não era ouvido. Quando o movimento Muçulmano Negro surgiu com esse tipo de discurso, o homem branco disse: "Graças a Deus pelo NMCP." O movimento Muçulmano Negro tornou o NMCP aceitável para os brancos. Ele tornou seus líderes aceitáveis. Então, eles começaram a se referir a eles como líderes Negros responsáveis. O que significava que eles eram responsáveis para os brancos. Agora eu não estou

atacando o NMCP. Estou apenas falando sobre o processo. E não há nada de errado nisso, você não pode negar isso.

Essa foi a contribuição que esse movimento deu. Isso assustou muita gente. Muitas pessoas que não agiam por amor começaram a agir por medo. Como Roy [Wilkins] e [James] Farmer e alguns dos outros que costumavam dizer aos brancos, olhe se você não agir correto conosco, você vai ter de ouvi-los. Eles nos usaram para melhorar sua própria posição, seu próprio poder de barganha. Não importa o que você pense da filosofia do movimento Muçulmano Negro, quando você analisa o papel que ele desempenhou na luta dos afro-americanos durante os últimos doze anos, você tem que colocá-lo em seu contexto apropriado e vê-lo sob sua perspectiva correta. O movimento em si atraiu os elementos mais militantes, mais insatisfeitos, mais intransigentes e mais jovem da comunidade afro-americana.

O movimento em si supostamente se baseava na religião do Islã e, portanto, supostamente se tratava de um movimento religioso. Mas porque o mundo Islã ou o mundo muçulmano ortodoxo nunca aceitou o movimento Muçulmano Negro como parte genuína da comunidade islâmica, este caiu em uma espécie de vácuo religioso. Colocou-nos em uma situação na qual nos identificávamos com uma religião cujo mundo onde essa religião é praticada nos rejeitava como sendo praticantes não fidedignos dessa religião. O governo também tentou nos manobrar e nos rotular como grupo político, e não como grupo religioso para que pudesse nos acusar de sedição e subversão. Esta foi a única razão. Mas embora fôssemos rotulados como movimento político, nunca nos deixaram participar da política, então caímos em um vácuo político. Nós caímos em um vácuo religioso e político. Na verdade, estávamos alienados, separados de todo tipo de atividade, mesmo com o mundo contra o qual estávamos lutando. Nós nos tornamos uma espécie de movimento híbrido político/religioso. Não envolvido em nada, apenas de pé nos bastidores condenando tudo. Mas sem condição de corrigir nada porque não conseguíamos tomar medidas.

Ao mesmo tempo, a força do movimento era tal que atraiu os ativistas. Aqueles que queriam ação. Aqueles que queriam fazer algo contra os males que os afro-americanos enfrentavam. Nós não estávamos particularmente preocupados com a religião do homem Negro. Porque se ele era metodista, batista, ateu ou agnóstico, ele sofria o mesmo inferno.

Então pudemos ver que precisávamos de alguma ação, e aqueles de nós que eram ativistas se tornaram insatisfeitos e desiludidos. E finalmente, a dissensão se instalou e acabou nos dividindo. Aqueles que se separaram eram os verdadeiros ativistas do movimento que foram inteligentes o suficiente para aderir algum tipo de programa que nos permitisse lutar pelos direitos de todos os afrodescendentes aqui no Hemisfério Ocidental.

Mas ao mesmo tempo queríamos continuar praticando nossa religião. Então, quando saímos, a primeira coisa que fizemos foi nos reagruparmos em uma nova organização conhecida como Mesquita Muçulmana Incorporated, com sede em Nova York. E nessa organização adotamos a verdadeira e ortodoxa religião do Islã, que é uma religião de fraternidade. De modo que, embora aceitando essa religião e criando uma organização que possibilitasse a prática dessa religião – imediatamente, a Mesquita Muçulmana Incorporated foi reconhecida e endossada pelos oficiais religiosos do mundo muçulmano. Percebemos que temos um problema nessa sociedade que está além da religião. E foi por essa razão que montamos a Organização da Unidade Afro-americana, na qual qualquer pessoa da comunidade pode participar de um programa de ação destinado a promover o reconhecimento e o respeito absoluto dos Negros como seres humanos.

E o lema da Organização da Unidade Afro-americana da qual eu faço parte é *Por Qualquer Meio Necessário*. Não acreditamos em lutar uma batalha na qual as regras devem ser estabelecidas por aqueles que nos oprimem. Não acreditamos que podemos vencer uma batalha onde as regras básicas são estabelecidas por aqueles que nos exploram. Não acreditamos que podemos continuar lutando para ganhar o afeto daqueles que por tanto tempo nos oprimem e nos exploram.

Nós acreditamos que nossa luta é justa. Acreditamos que nossas reivindicações são justas. Acreditamos que as más práticas contra nós nesta sociedade são criminosas e que aqueles que se envolvem em tais práticas criminosas devem ser encarados como criminosos. E acreditamos que estamos dentro dos nossos direitos de combater esses criminosos por qualquer meio necessário. Isso não significa que somos a favor da violência. Mas constatamos que o governo federal mostrou sua incapacidade, sua absoluta falta de vontade de proteger a vida e a propriedade dos afro-americanos. Nós temos visto os racistas brancos se organizando, membros da Ku Klux Klan, do conselho dos cidadãos brancos, vereadores e outros entrarem na

comunidade afro-americana, pegar um homem Negro e fazê-lo desaparecer e o governo não faz nada sobre isso.

Ao reanalísarmos nossa condição vimos que em 1939, os Negros na América estavam engraxando sapatos. Apesar de alguns possuírem qualificação, trabalhávamos como engraxate. Em Michigan, de onde eu vim cuja capital é Lansing. Os melhores empregos que você poderia conseguir na cidade eram carregando bandejas no clube para servir as pessoas brancas. E normalmente, o garçom do clube era considerado uma celebridade na cidade porque ele tinha um bom trabalho servindo os “bons” brancos da cidade.

Ele tinha qualificação, mas a ele só era permitido engraxar sapatos na State House, (Casa do Estado). Engraxando os sapatos do governador e do procurador-geral o tornava “importante”, você sabe, porque ele poderia engraxar os sapatos dos brancos que ocupavam cargos importantes. Sempre que os brancos da cidade queriam saber o que estava acontecendo na comunidade negra, ele era o mensageiro deles. Ele era conhecido como o “Negro da Cidade”, o líder Negro. E aqueles que não engraxavam sapatos, os pregadores também tinham voz na comunidade. Isso é tudo o que eles nos deixavam fazer: engraxar sapatos, servir as mesas e pregar.

Em 1939, antes de Hitler deflagrar o conflito, ou melhor na época, antes de Hitler começar o conflito, um afro-cidadão não podia sequer trabalhar em fábricas. Nós estávamos cavando valas no WPA. Alguns de vocês esquecem rápido demais. Nós estávamos cavando valas no WPA. Nossa comida vinha da assistência social, elas eram carimbadas "*Não Pode ser Vendido*." Eu tinha tantas coisas com esses rótulos que eu pensei que fosse o nome de uma loja em algum lugar. Esta era a condição em que o homem afro-americano estava, e isso até 1939... Até a guerra começar, nós estávamos confinados a essas tarefas domésticas. Quando a guerra começou, eles nem sequer nos convocaram para o exército. Um homem Negro não era recrutado. Ele era ou não era? Não! Você não podia entrar na marinha. Lembre-se disso? Não era recrutado. Isso foi no final de 1939 nos Estados Unidos da América!

Eles ensinaram você a cantar “*Sweet Land of Liberty*” (*Doce Terra da Liberdade*) e o resto dessas coisas. Não! Você não podia se juntar ao exército. Você não podia participar da marinha. Eles nem sequer recrutaram você. Eles só recrutavam pessoas brancas. Eles só

começaram a nos recrutar quando um líder Negro abriu sua boca grande, e falou: "Se as pessoas brancas devem morrer, nós também devemos morrer".

Este líder Negro é responsável pela morte de muitos Negros que não precisariam morrer na Segunda Guerra Mundial. Então, quando a América entrou em guerra, imediatamente, ela se deparou com uma escassez de mão-de-obra. Antes da guerra, você não podia entrar em uma fábrica. Eu morava em Lansing, onde ficava a fábrica da *Oldsmobile* e da *Reo*. Havia cerca de três negros em toda a fábrica e cada um deles tinha uma vassoura. Eles tinham qualificação. Eles tinham ido para a escola. Eu acho que um tinha ido para a faculdade. Mas eles se tornaram "vassourologistas". Quando os tempos ficaram difíceis e houve escassez de mão-de-obra, aí, eles resolveram nos deixar trabalhar na fábrica. Não por causa de qualquer vontade própria. Não por causa de qualquer súbito despertar moral da parte deles. Mas foi porque eles precisavam de nós. Eles precisavam de mão-de-obra. Qualquer tipo de mão-de-obra. E quando eles estavam desesperados e necessitados, eles abriram as portas das fábricas e nos deixaram entrar. Então, começamos a aprender a operar máquinas quando precisaram de nós. Começou a colocar tanto as nossas mulheres quanto os homens. Quando aprendemos a operar as máquinas, começamos a ganhar mais dinheiro. Quando começamos a ganhar mais dinheiro, pudemos viver em um bairro um pouco melhor. Quando nos mudamos para um bairro um pouco melhor, passamos a frequentar uma escola um pouco melhor. E quando fomos para aquela escola melhor, aprendemos um pouco mais e ficamos em uma posição um pouco melhor para conseguir um emprego. Mas não foi por causa de uma mudança espiritual da parte deles. Nem foi por causa de um súbito despertar de sua consciência moral. Foi por causa de Hitler, de Tojo e de Stalin.

Sim, foi a pressão externa mundial que permitiu que você e eu fizéssemos alguns avanços. Por que eles não nos prepararam e nos colocaram no exército antes? Eles nos tratavam tão mal que tiveram medo de nos colocar no exército, de nos dar uma arma e nos mostrar como atirar - eles temiam que não precisasse nos dizer em que atirar.

E provavelmente, eles não permitiriam. Era a consciência deles. Então, eu ressalto isso para mostrar que não foi uma mudança de opinião por parte do Tio Sam que permitiu que alguns de nós dessem alguns passos à frente, mas foi a pressão mundial. Foi a ameaça externa que fez com que isso ocupasse sua mente e o forçou a permitir que você e eu avançássemos um pouco. Não porque ele queria que nós avançássemos. Ele foi forçado a fazer isso.

E uma vez que você analisar corretamente os elementos que abriram as portas até o ponto em que eles foram forçados a aceitar, quando você entender o que foi, entenderá melhor sua condição hoje. E você entenderá melhor a estratégia que precisa usar hoje. Qualquer tipo de movimento pela liberdade dos afro-americanos baseado apenas nos termos estabelecidos pela América está absolutamente condenado ao fracasso.

Enquanto seu problema for combatido dentro do contexto americano, tudo o que você vai ter como aliados serão os compatriotas americanos. Desde que você chame isso de direitos civis, ele continuará sendo um problema doméstico dentro da jurisdição do governo dos Estados Unidos. E o governo dos Estados Unidos é formado por segregacionistas racistas. Por que os homens mais poderosos do governo são racistas? Este governo é controlado por trinta e seis comitês, vinte comissões parlamentares e dezesseis comitês de senadores. Treze dos vinte congressistas que compõem os comitês do Congresso são do Sul. Dez dos dezesseis senadores que controlam os comitês do senado são do Sul. O que significa que, dos trinta e seis comitês responsáveis pelos assuntos estrangeiros e domésticos do país em que vivemos, dos trinta e seis, vinte e três deles estão sob o controle dos racistas. Totalmente, sob o poder dos segregacionistas frios. Isso é o que você e eu estamos enfrentando. Nós estamos em uma sociedade onde o poder está nas mãos daqueles que representam o que há de pior da raça humana. Agora, como podemos evitar isso? Como vamos conseguir justiça em um congresso que eles controlam? Ou em um Senado que eles controlam? Ou em uma Casa Branca que eles controlam? Ou em um Supremo Tribunal que eles controlam?

Olhe a decisão lamentável que o Supremo Tribunal proferiu. Irmão, veja isso! Você sabe que esses homens da Suprema Corte são mestres em direito - não apenas da lei, mas da fraseologia legal. Eles são tão mestres na linguagem jurídica que poderiam facilmente ter passado a decisão de não segregação da educação, de modo que ninguém poderia contorná-la. Mas eles vêm com essa coisa redigida de tal modo que dez anos se passaram e há todo tipo de brechas nela. Eles sabiam o que estavam fazendo. Eles fingem dar-lhe alguma coisa, sabendo o tempo todo que você não poderá utilizá-lo.

O ano passado, eles vieram com uma lei de direitos civis que eles divulgaram como se ela fosse nos levar à terra prometida da integração. Oh sim! Na semana passada, o reverendo Dr. Martin Luther King saiu da prisão e foi para Washington D.C, dizendo que vai insistir todos os dias por uma nova legislação para proteger os direitos ao voto dos afro-cidadãos do Alabama.

Por quê? Você tem uma legislação. Você acabou de aprovar uma lei de direitos civis. Você quer me dizer que aquele projeto de lei de direitos civis amplamente divulgada nem dá ao governo federal poder suficiente para proteger os afro-americanos do Alabama que não reivindicam nada além do direito de votar? Este é outro truque sujo, porque eles nos enganam ano após ano. Outro truque sujo.

Então, uma vez que nós vemos ... eu não quero que você pense que eu estou ensinando ódio. Eu amo todos os que me amam. Mas tenho certeza que não amo aqueles que não me amam. Já que vemos todo esse subterfúgio, esse truque, essa manobra - não só no nível federal, no nível nacional, no nível local, mas em todos os níveis. A nova geração de afro-americano, que está chegando agora, pode ver que enquanto tiver que esperar pelo Congresso, Senado, Suprema Corte e pelo Presidente para resolverem nossos problemas, terá de esperar sentado por mais mil anos.

Desde o projeto de lei dos direitos civis - eu costumava ver diplomatas africanos na ONU reclamando da injustiça praticada contra as pessoas em Moçambique, Angola, Congo, na África do Sul e fiquei imaginando como eles poderiam retornar para os hotéis deles, ligar a TV e ver cachorros mordendo afro-americanos bem no final do quarteirão. Policiais destruindo as lojas dos afro-americanos com seus tacos na mesma quadra, e lançando jatos de água cuja pressão era tão forte que rasgavam as nossas roupas. Isso tudo acontecia bem no final do quarteirão dos hotéis onde eles estavam hospedados. E eu me perguntava como eles podiam falar sobre o que estava acontecendo em Angola e Moçambique e tudo o mais, e ver isso acontecer a um quarteirão de seu hotel e depois subir no pódio na ONU e não falar nada sobre isso.

Eu fui e discuti com alguns deles. E eles disseram que, enquanto o afro-americano classificar sua luta como direitos civis - ela continuará sendo assunto doméstico e permanecerá sob a jurisdição dos Estados Unidos. E se algum deles comentar algo sobre isso, é considerado uma violação das leis e das regras do protocolo. E essa era a diferença com as outras pessoas, elas não classificaram suas reivindicações como "direitos civis", elas as classificaram como "direitos humanos". "Direitos civis" estão sob a jurisdição do governo onde eles estão envolvidos. Mas os "direitos humanos" fazem parte da carta das Nações Unidas.

Todas as nações que assinaram a carta da ONU apresentaram a Declaração dos Direitos Humanos e qualquer um que classifique suas reivindicações como violações dos "direitos

humanos", pode levar essas reivindicações para as Nações Unidas e discuti-las em um tribunal internacional. Enquanto você classificá-las de "direitos civis", seus únicos aliados serão as pessoas do país, muitas das quais são responsáveis pelos problemas. Mas quando você classifica de "direitos humanos", isso se torna internacional. Então, você pode apresentar seu problema diante de um Tribunal Mundial. Você pode apresentá-los perante ao mundo. E qualquer um, em qualquer lugar desta terra, pode se tornar seu aliado.

Então, uma das primeiras ações com as quais estamos envolvidos, aqueles que participam da Organização da Unidade Afro-americana, é na presença de um programa que torne nossas reivindicações internacionais e leve o mundo ver que nosso problema não é mais um problema do afro-estadunidense ou um problema americano, mas um problema humano. Um problema para a humanidade e um problema que deve ser atacado por todos os elementos da humanidade. Um problema tão complexo que é impossível para o Tio Sam resolvê-lo por ele mesmo. Portanto, queremos participar de organização ou de conferência com pessoas que enfrentam o mesmo problema para que nos ajudem a achar algum tipo de solução, antes que isso se torne tão explosivo a ponto de ninguém conseguir controlar.

Obrigado.

5.28 Entrevista de Malcolm X a Stan Bernard (18 de fevereiro de 1965)

Stan Bernard: O que é o movimento Muçulmano Negro? É uma religião fidedigna ou apenas uma organização terrorista? Hoje à noite em "Stan Bernard: Contact", vamos falar sobre os muçulmanos e os nacionalistas Negros em geral. E meus convidados esta noite são: Malcolm X, o homem número dois do movimento Muçulmano Negro, agora separado de Elijah Muhammad. Ele diz que é um homem marcado e que várias tentativas de morte foram feitas contra sua vida. E no estúdio, esperamos muito em breve por Aubrey Barnette. Houve um imprevisto pouco antes do programa ir ao ar. Aubrey poderá se juntar a nós ou não? Ele também se separou da organização, e escreveu um artigo no *Saturday Evening Post* desta semana intitulado "*O Muçulmano Negro é uma fraude*". Aqui está Aubrey Barnette agora. E meu terceiro convidado de hoje à noite é Gordon Hall, especialista em organizações extremistas. Aubrey Barnette, em seu artigo você diz que o Muçulmano Negro é uma fraude. Agora isso se aplica apenas aos métodos da mesquita de levantar dinheiro ou ao quê? Você acha que é uma fraude religiosa também?

Aubrey Barnette: Eu acho que todo o movimento Muçulmano Negro é uma fraude. O dicionário Webster define fraude como engano, truque ou trapaça. Os muçulmanos Negros enganaram o público. Eles usaram truques para atrair os afro-americanos e enganaram os pobres membros. É por isso que digo que eles são uma fraude.

Bernard: Ok, eles enganaram os membros. Agora isso é em termos da religião assim como a angariação de dinheiro?

Barnette: Bem, no que diz respeito à religião do Islã, eu poderia dizer que qualquer semelhança entre os Muçulmanos Negros e a verdadeira religião do Islã é mera coincidência.

Bernard: Malcolm X, eu disse no começo que você já foi o homem número dois do movimento. Acho que posso dizer com razão que, você era tão conhecido quanto, ou quase tão conhecido quanto Elijah Muhammad.

Malcolm X: Mas eu nunca fui o homem número dois.

Bernard: Você nunca foi o homem número dois.

Malcolm X: A imprensa dizia que eu era o homem número dois, mas havia outros à minha frente.

Bernard: Qual é a sua opinião sobre este comentário de Aubrey Barnette?

Malcolm X: O que ele está dizendo é verdade, especialmente sobre o que diz respeito à religião. A religião do Islã em si é uma religião baseada na fraternidade, sendo uma religião em que as pessoas acreditam na fraternidade, não julgam de maneira alguma, um homem pela cor de sua pele. O parâmetro de medição do Islã são os atos, o comportamento consciente de uma pessoa. E o parâmetro de medição usado por Elijah Muhammad foi baseado na cor da pele.

Bernard: Malcolm não faz muito tempo que você pregava sobre separação, supremacia negra ou separação de qualquer forma, se não era supremacia negra, soava como supremacia negra para muitas pessoas. Como você equaciona isso com o que está dizendo hoje?

Malcolm X: Não houve um muçulmano que acreditasse mais fortemente em Elijah Muhammad do que eu. Quando eu estava com ele, acreditei nele 100%. E foi a minha crença inabalável nele que me levou defender tudo o que ele ensinava. E eu acho que se você verificar a minha representação, enquanto eu estava com ele, eu o representei 100%.

Bernard: Qual é a sua situação agora, Malcolm?

Malcolm X: O que você quer dizer?

Bernard: Sua situação agora. Você rompeu com ele.

Malcolm X: Eu sou muçulmano. Quando eu ..., você deve entender que o movimento Muçulmano Negro, embora afirme ser um movimento religioso baseado no Islã, nunca foi aceito no mundo muçulmano ortodoxo, embora atraísse as pessoas mais militantes, mais insatisfeitas da comunidade afro-americana. Eles entraram no movimento e este não oferecia um programa de ação efetiva. Ele incluía um número de pessoas extremamente jovens, militantes e ativistas por natureza, mas que não podiam participar dessas coisas. Então, a inatividade do movimento causou uma grande insatisfação até que finalmente, houve dissensão e divisão, e aqueles que saíram foram reagrupados em um movimento muçulmano baseado no Islã ortodoxo.

Bernard: Então agora que você se separou, deixe-me fazer uma pergunta e isso exige números. Você não é mais um membro. Você está em uma luta por associados agora com Elijah Muhammad?

Malcolm X: Não, não, nunca me envolvi em uma briga por associados com Elijah Muhammad. De fato, se você lembrar do pronunciamento oficial que eu tornei público no momento da minha saída, eu salientei que não estava de forma alguma tentando tirar seguidores de Elijah Muhammad, mas que eu mesmo iria me tornar um muçulmano, trabalharia com os 22 milhões de afro-americanos não-muçulmanos e tentaria estabelecer algum tipo de programa que trouxesse benefício para o afro-americano.

Bernard: Houve muitos números que foram publicados algum tempo atrás. Eu acho que foi há dois anos. Os números contabilizavam algo em torno de 100.000 muçulmanos nos Estados Unidos. E você, Aubrey Barnett, em seu artigo, fala sobre esses números. Você especifica claramente. E faz uma pergunta em que ressalta. Você diz: “Quão grande era nossa filiação? A estimativa mais precisa que já ouvi sobre nossa força em Boston foi durante um debate de rádio entre Gordon Hall, especialista em organizações extremistas, e Malcolm X.” E esse debate de rádio aconteceu em “Bob Kennedy: Contact”, foi em Boston, nossa estação WBZ realizou esse debate entre você, Gordon e Malcolm. E eu ouvi a fita desse debate. Foi bastante caloroso, e foi um debate muito bom, muito divertido e eu gostei. O que você fez... o que diria agora, quando você fala sobre números, e você, Aubrey, menciona em seu artigo algo em torno de cinquenta e cinco membros em todo o Boston, cinquenta e sete em outro lugar.

Barnette: Eu digo...

Bernard: Pequenos números de associados.

Barnette: Eu estou falando dos atuais membros da mesquita. Em Boston, eles provavelmente têm cinquenta e cinco membros masculinos e Springfield provavelmente trinta e cinco ou quarenta, e Providence, Rhode Island, talvez dez ou quinze membros. A associação quase desapareceu pela metade. E antes de comentar sobre a lógica real do movimento em seu auge, gostaria de acrescentar algo ao que Malcolm acabou de dizer. Que o movimento Muçulmano Negro não atraía apenas os Negros insatisfeitos, como atraía Negros que eram contrários à crença popular, atraíam alguns que se davam muito bem no mundo, mas... Negros que achavam que os Muçulmanos Negros tinham um programa para melhorar a condição do afro-americano. Eu era um desses Negros. Eu não estava muito satisfeito como indivíduo quando cheguei ao movimento muçulmano, mas sabia que havia problemas nas nossas comunidades. Eu sabia que muitos afro-americanos estavam sofrendo discriminação, eles estavam frustrados e que haviam muitos problemas que afetavam nossas comunidades. E eu achava que os Muçulmanos Negros tinham um programa de elevação econômica, um programa de elevação moral. Eu pensei que os muçulmanos tivessem um programa para combater a delinquência juvenil.

Bernard: E você vê isso hoje como um mito, ou você vê isso...

Barnette: Hoje, eu vejo isso como um mito.

Bernard: Entendo. Gordon, você foi um crítico de todas as organizações extremistas. Você meio que previu com precisão a força da organização muçulmana. Você disse que a força era basicamente um mito, com esses cem mil membros. Como você chegou a essa conclusão?

Gordon Hall: Bem, eu faço este trabalho em tempo integral, e eu tenho feito esse trabalho por quase vinte anos, e quando você estuda movimentos extremistas, sejam extremistas Negros ou extremistas brancos, se você estudasse o Klan ao longo de sua trajetória do jeito que eu fiz, você vai descobrir que eles dizem muitas coisas que não correspondem com a proporção de seus números. Assim como atualmente, os nacionalistas Negros na área de Nova York estão anunciando dados que não correspondem a proporção de seus números. E eu acho que a verdadeiro dica, Stan, veio, quando Elijah deveria proferir uma palestra na arena de Boston algum tempo atrás, eu acho que foi em julho de 1962, e eu estava voltando de um encontro em Minneapolis e disse à imprensa que eles não poderiam lotar a Arena de Boston, que acomoda 7.200 pessoas, mesmo que eles tivessem reunido todas as pessoas das outras mesquitas ao redor da Costa Leste: Connecticut, Pensilvânia, Nova Jersey e assim por diante. Eu também previ que Elijah Muhammad não iria aparecer, que ele é um velho incoerente, ele não fala bem, o discurso proferido por ele em suas aparições públicas não faz nenhum sentido, e eu previ que provavelmente Malcolm o substituiria naquele dia. E aconteceu exatamente dessa maneira. Esta previsão foi feita muito antes mesmo das portas da arena se abrirem. E então eis que, apesar de todos os esforços para permitir a entrada do público branco, além de todas as irmãs e irmãos e toda aquela conversa fiada sobre o show inteiro, eles não conseguiram sequer encher as escadas da arena.

Bernard: Eles conseguiram colocar três mil, acho que foi esse o número, certo?

Hall: Sim, algo em torno disso, e esse foi o sinal claro para mim de que essa coisa tinha sido construída sobre areia movediça, que eles nunca tiveram tantos membros, e isso é basicamente a história dos movimentos extremistas em geral, eles fazem barulho além da proporção de seus reais números. Isto é baseado realmente na realidade da situação e não em declarações grandiosas feitas por homens como Malcolm X.

Malcolm X: Que ano foi esse?

Hall: Eu não tenho os números comigo Malcolm. Acho que foi no verão de 1962, se bem me lembro. Você foi o orador principal.

Bernard: [Para Barnette] você mencionou isso em seu artigo. E você diz que havia três mil lá. E Malcolm, você foi o principal orador.

Hall: E havia muitos brancos também.

Malcolm X: Não, havia em torno de duzentos, o que era muito para época. Mas você vai perceber que o movimento muçulmano atingiu seu auge entre 1959 e 1960. E começou a declinar em 1961 e 1962.

Hall: Você concorda com os números de Aubrey que a estimativa máxima era de quinze a treze a mil? Essa seria a sua estimativa do total de membros do movimento muçulmano também?

Malcolm X: Não, no auge em 19... - sim, estava no auge em 1959 e "1960, mas começou a declinar depois que Elijah Muhammad fez uma viagem ao exterior, além de se envolver em outros problemas pessoais. E o próprio movimento começou a se deteriorar depois que ele colocou membros de sua própria família para ocupar cargos de confiança, o que enfraqueceu a estrutura e gerou conflitos internos e divisão e, por fim, o movimento simplesmente definhou.

Hall: Apenas mais uma questão Stan. Eu acho que a questão principal desta última discussão entre Aubrey e Malcolm e eu seria pontuar que nós três concordamos que o número máximo de membros, digamos, 15 mil, independente do ano, seja em 1960 ou 1959, isso está muito abaixo do que a imprensa estimava em todo o país. E quinze mil muçulmanos em todo o país com uma população afrodescendente de quase vinte e dois milhões não é nada, é apenas uma gota no balde.

Bernard: C. Eric Lincoln surgiu com uma estimativa de 100.000.

Hall: Isso porque ele não estuda movimentos extremistas. É por isso que ele apareceu com esse número.

Malcolm X: Não, eu tenho de contestar. Eu não concordo com o que você está dizendo.

Bernard: De que forma? Malcolm, de que forma?

Malcolm X: C. Eric Lincoln é a pessoa que, provavelmente, foi a primeira a mencionar um número em relação aos Muçulmanos Negros. Mas você nunca encontrará qualquer dado, a qualquer hora, de qualquer maneira, não por mim, concernente à força numérica dos muçulmanos. Eu nunca afirmei isso... minha resposta sempre foi que a melhor parte da árvore é a raiz e eu nunca defini a extensão da árvore além disso.

Bernard: Malcolm...

Hall: Eu não entendi muito bem o que...

Malcolm X: O que você tem de considerar, Sr. Hall é que, quando você diz que estuda grupos extremistas e que estes geralmente são muito pequenos e não têm impacto sobre o público ou não atraem o público. Se você está no Norte, Sul, Leste ou Oeste, aqui nos Estados, onde os nacionalistas estão envolvidos, geralmente os nacionalistas têm uma “anti-imprensa” contra eles, enquanto os grupos de direitos civis são aceitos, geralmente a imprensa, o governo da cidade, todas as máquinas responsáveis em moldar a opinião pública vão apoiar esses grupos de direitos civis.

E sempre que eles precisam realizar algo, eles têm tudo disponível para promover o que eles estão fazendo. Mas quando se trata dos nacionalistas, normalmente, você verá que eles têm de lutar para imprimir com antecedência a programação das atividades que vão realizar. E apesar desses obstáculos e desse tipo de oposição organizada, você ainda encontrará grupos nacionalistas, especialmente na área de Nova York que atraem muitos seguidores. Eu vou te dar um exemplo. No próximo domingo, às duas horas no Audubon Ballroom, a Organização da Unidade Afro-americana, com a qual eu estou atualmente envolvido, que é considerado nacionalista, estará realizando comícios, e você será bem-vindo a participar: branco, preto marrom, vermelho, amarelo, verde ou qualquer outra coisa. E você vai constatar que, apesar do fato de não termos nenhuma ajuda da imprensa, somos capazes, aqui na área de Nova York, de atrair mais pessoas para nossos comícios do que qualquer outro tipo de comício realizado por outras organizações que recebem o apoio total da imprensa.

Hall: Mas isso não prova nada Malcolm, porque o Harlem é um lugar grande. Você vai ter muitos Negros, você terá brancos curiosos, isso não... isso não é associação.

Malcolm X: Não, ninguém...

Hall: Assim como quando

Malcolm X: Ouça...

Hall: O grande dragão da Klan fala no *campus*, ele vai atrair o vice-presidente.

Malcolm X: Ele não precisa ter membros para continuar sendo o fator de influência no Sul. Você não pode me dizer que o Klan é um punhado de pessoas no Alabama e então todo o governo deveria estar atrás de Martin Luther King, e o punhado de membros da Ku Klux Klan está mantendo o Dr. King na cadeia e as crianças negras protestando nas ruas.

Hall: Eu não estou dizendo nada disso.

Malcolm X: Bem, então você não pode dizer que grupos extremistas não são eficazes e não representam um fator de influência nessa sociedade.

Bernard: Senhores, quero perguntar...

Hall: Eu estou dizendo que os muçulmanos e nacionalistas da comunidade negra não são um fator importante.

Bernard: Eu tenho uma pergunta a fazer neste momento.

Malcolm X: Mas o Klan é um fator importante na comunidade branca.

Hall: Historicamente, tem sido sim.

Bernard: Malcolm, você diz que tem sofrido atentados contra sua vida. E foi anunciado numa conferência de imprensa nesta tarde. Você disse que sofreu cinco tentativas diferentes recentemente. Como foram esses atentados?

Malcolm X: Sim, mais de cinco.

Bernard: Claro, houve o bombardeio de sua casa...

Malcolm X: Sim.

Bernard: O que sabemos sobre isso foi que aconteceu no domingo.

Malcolm X: Sim. Em primeiro lugar, gostaria de salientar o bombardeio da casa, porque a imprensa também foi usada durante a semana passada para sugerir que eu mesmo tinha bombardeado minha própria casa. Gostaria de salientar aqui e agora que não tenho seguro de vida. Minha esposa não tem seguro de vida. Eu tenho quatro meninas, nenhuma delas tem seguro de vida. Nós não temos seguro de saúde. Nós não temos seguro contra incêndio. Nós não temos nenhum tipo de seguro. E o único grupo que conseguiu se beneficiar com alguma coisa no bombardeio daquela casa foi o movimento Muçulmano Negro, que tem direito ao seguro de fato..., o seguro está no nome deles. E eu me senti profundamente injustiçado com o fato de a imprensa se permitir ser usada para passar para o público a impressão de que eu lançaria uma bomba ou acenderia uma fogueira em uma casa onde minha família, minha esposa e minhas filhas estavam dormindo. O delegado chefe dos bombeiros, acho que seu nome é Vincent Canty, apontou para mim, na presença de testemunhas, naquela mesma noite, que um bombeiro havia achado uma garrafa de gasolina que não tinha explodido na minha sala. E o fato dessa garrafa de gasolina estar em uma garrafa de uísque, este bombeiro colocou a garrafa em cima da cômoda do quarto do meu bebê, pensando que era uma garrafa de uísque. E quando minha esposa entrou e viu a garrafa lá, ela perguntou ao bombeiro o que era. E o bombeiro disse que era uísque. Bem, sabemos que não bebemos uísque em nossa casa, então ela tocou e disse: "Isso não é uísque, isso é algo inflamável". Então eles recolheram. Agora, apesar do oficial assistente e do vice chefe dos bombeiros terem conhecimento desse fato e a polícia também, esse fato foi mantido longe da imprensa. Está no vácuo. Depois, esse homem James da rua 116th, interfere e tenta passar a impressão de que tudo isso foi feito por mim. E eu acho que essa é a pior injustiça por parte da imprensa, da polícia e dos bombeiros, deixar essa impressão ser difundida.

Bernard: Aubrey, você foi atacado em Boston por um grupo que, de acordo com você, é membro de um esquadrão muçulmano. Como isso aconteceu?

Barnette: Verdade. Bem, acho que deveria estar zangado com Malcolm porque, de certo modo, Malcolm foi responsável por eles terem me atacado. E a razão pela qual fui atacado foi porque o movimento Muçulmano Negro estava perdendo sua força e precisava construir um inimigo. E o inimigo que eles projetaram foram os nacionalistas Negros. Agora, porque eu me afastei da mesquita e deixei o movimento para trás, eles me rotularam de Nacionalista Negro embora eu tivesse deixado a mesquita algum tempo antes de Malcolm pensar em deixar a mesquita. Eu

ainda fui acusado de ser um seguidor de Malcolm embora eles tivessem de admitir que era Malcolm que estava me seguindo e não eu que estava o seguindo, porque eu saí primeiro.

Malcolm X: É isso mesmo.

Barnette: De qualquer forma, eu posso testemunhar a brutalidade dos Muçulmanos Negros porque fui agredido violentamente por eles e fiquei internado durante uma semana por causa das fraturas. Além disso, fiquei hospitalizado por uma semana e mais uma semana de cama em casa. Eu fracturei uma costela, tornozelo, duas vértebras e sofri lesões internas. E a razão pela qual fui atacado foi principalmente porque tive a audácia de deixar o movimento. E eu devo ressaltar até as histórias fabricadas pelos Muçulmanos Negros. Uma das histórias mais fantásticas que já ouvi foi o testemunho deles no julgamento em que todos foram considerados culpados de agressão contra mim e ao outro colega.

Bernard: Você prestou queixa.

Barnette: Sim senhor. Eu fui um dos primeiros casos de ex-membro do movimento no país a denunciar os Muçulmanos Negros por agressão e espancamento. Eu não sou o primeiro a ser espancado. Eu sou o primeiro que realmente o levou... que teve a coragem de levá-los ao tribunal. E durante este julgamento eles fizeram algumas acusações ultrajantes. Primeiro, eles acusaram John Thimas e eu de ter atacado a mesquita, dois homens atacando uma mesquita cheia de homens treinados.

Bernard: Você pesava uns 60 kilos.

Barnette: Eu peso 60 kilos com todas as minhas roupas e, provavelmente, com um par de coturno, eu não chego 60 kilos. Mas de qualquer maneira... John Thimas e eu atacamos uma mesquita onde deveria ter..., de acordo com os membros dos Muçulmanos Negros, eles querem que você acredite que havia mil membros lá, mas provavelmente havia cinquenta e cinco, mas dois homens contra cinquenta e cinco não teria chance nenhuma. Mas esta foi a história que eles contaram, que nós havíamos atacado a mesquita e durante o curso do julgamento... fui para ... depois que fui atacado, fui levado ao hospital da cidade pela polícia de Boston. Fiquei lá por cerca de duas horas e então a polícia me transferiu para o hospital Beth Israel... Eles alegaram que eu mesmo havia me transferido para o hospital Beth Israel. Então o advogado,

durante o julgamento, disse que eu tinha combinado com o hospital e falsificado todos os ferimentos. Que tinha falsificado os raios x que mostravam as minhas costelas fraturadas.

Malcolm X: Quem foi o advogado?

Barnette: O advogado era Edward Jacko.

Malcolm X: De Nova York, Harlem?

Barnette: Sim, de Nova York.

Malcolm X: Você quer dizer que Edward Jacko veio para Boston e acusou você de falsificar essas acusações?

Barnette: Sim, aparentemente, ele não estava muito familiarizado com o Hospital Beth Israel porque é um dos maiores hospitais de Boston, e como eu me internaria no Hospital Beth Israel para falsificar esses registros, isso está além das minhas possibilidades. E por que o Hospital Beth Israel não questionaria isso também está além das minhas possibilidades. Mas eles vão inventar qualquer acusação, vão inventar as histórias mais loucas.

Bernard: Senhores, vamos atender aos telefones por algum um momento.

Malcolm X: Posso perguntar a ele apenas uma pergunta?

Bernard: Sim.

Malcolm X: Edward Jacko foi retido pelos muçulmanos em Boston ou foi retido pela sede em Chicago?

Barnette: Ele foi retido pela sede em Chicago porque os Muçulmanos Negros foram considerados culpados em um tribunal inferior e aconselhados pelo juiz a se declararem culpados e me pagar uma restituição de U\$ 2.000 pelos danos sofridos. E ele lhes daria sentenças suspensas. Mas eles, por ordem de Chicago, recorreram da sentença, e demitiram o outro advogado e enviaram Edward Jacko de Nova York.

Bernard: Ok, agora vamos para nossa...você quer falar alguma coisa, Gordon?

Hall: Um rápido comentário sobre essa discussão geral dos tribunais e tal. Aubrey levou o caso dele para os tribunais, colocou-o nas mãos de quem ele acha que é um tribunal de juízes razoavelmente justos e não-corruptos e assim por diante, e o caso dele foi resolvido. Eu daria essa mesma sugestão para Malcolm no que diz respeito ao que realmente aconteceu na casa dele e tudo será resolvido pelos tribunais através de uma investigação e todo o resto. E eu aviso aos seus ouvintes para não aceitarem simplesmente isso, mas para assistirem aos jornais e acompanhar o desenrolar deste caso atual.

Barnette: Ei, espere um minuto. Entenda isso.

Malcolm X: O que você quer dizer com isso?

Barnette: O caso foi resolvido...

Hall: Eu quero dizer com isso que...

Barnette: não satisfatoriamente. Esses muçulmanos, devo salientar, tiveram suas sentenças suspensas.

Hall: Mas foram condenados.

Barnette: Isso é contra a lei. Contra as leis de Massachusetts. Os estatutos de Massachusetts dizem que você não pode dar uma sentença suspensa a uma pessoa que foi condenada por agressão e uso de arma perigosa.

Bernard: Bem, há outro ponto. Havia suspeitos reais nesse caso. E deixe-me dizer isso para sermos justos. Os muçulmanos vão ter uma chance, no dia 3 de março, de responder cada acusação que foi feita aqui esta noite contra eles.

Malcolm X: Bem, na verdade, você deveria ter convidado os muçulmanos para estarem aqui esta noite.

Bernard: Bem, houve um pequeno problema, mas vamos organizar um programa para eles. E eles vão aparecer, inclusive, a propósito, há uma boa chance de Elijah Muhammad participar do programa pelo telefone. E estamos ansiosos por isso, é claro. Estamos tentando organizar isso agora. Assim que foram informados que você estava vindo ao programa hoje à noite, eles

pediram a mesma duração de tempo. Apesar de não estar sob as mesmas condições de tempo da FCC, estamos indo em frente e dando a eles um programa. Acredito que será em 3 ou 4 de março. Bem, vamos aos nossos telefones. Nós temos uma enorme quantidade de...

Hall: Não foi isso que eu queria dizer, contudo, minha única questão era essa, Stan. Simplesmente há acusações e contra-ataques por facções dissidentes dentro da comunidade negra, as pequenas facções dissidentes sobre as quais estamos falando hoje à noite. Mas essas coisas serão minuciosamente investigadas pelas agências de aplicação da lei, incluindo o FBI e no final a justiça será feita, assim como a Frente de Libertação Negra vai afirmar que eles não estavam realmente tentando explodir nada, mas a evidência é clara de que eles estavam tentando explodir a Estátua da Liberdade, apesar de suas acusações, agora que eles estão sendo enquadrados.

Malcolm X: Mr. Hall hoje exigimos que o FBI inicie uma investigação imediata sobre o bombardeio da minha casa no domingo de manhã.

Hall: Muito bom. E estou confiante que...

Malcolm X: ... porque nós estamos acusando uma conspiração da parte de alguns bombeiros, policiais e jornalistas que estão trabalhando para omitir a ação dos seguidores de Elijah no bombardeio e para passar ao público a impressão de que eu mesmo bombardeei minha casa, omitindo informações valiosas para o público e contando meias-verdades através da imprensa. Nós exigimos uma investigação do FBI.

Hall: Muito bem, muito bem.

Malcolm X: ... e eu salientei que meu advogado havia sugerido que eu e minha esposa nos submetêssemos a um teste de detector de mentiras e que todos os policiais e bombeiros que entraram naquela casa, aquela noite fizessem o mesmo. E sugerimos ao ministro do templo local, que representa Elijah, que ele também se submeta ao teste e Joseph Fat se submeta ao teste, uma vez que ele insinuou que o bombardeio havia sido feito pelas próprias pessoas. Então não estamos de forma alguma, senhor, fugindo de qualquer tipo de investigação. Nós exigimos.

Hall: Muito bom.

Malcolm X: Que seja feito por um corpo imparcial e que seja feito imediatamente.

Bernard: Ainda não atendemos uma única ligação, cavalheiros, e gostaria muito agora. Vamos descobrir o que está acontecendo lá fora. "WINS Contact": Judson 2-6405. Este é Stan Bernard "Contact" você está no ar.

Ouvinte: Sim, eu gostaria de dizer que há uma coisa sobre esse negócio da casa de Malcolm ser bombardeada que realmente me incomoda. Ele acusa os muçulmanos Negros de terem feito isso. Tem uma coisa. Eles são os proprietários da casa. A casa não pertence a Malcolm. A casa é deles. Agora acho muito estranho para mim que os muçulmanos destruíssem sua propriedade. Parece-me mais provável que Malcolm X tivesse interesse em destruir a propriedade dos muçulmanos Negros. Em outras palavras, ele tentaria simplesmente lançar algumas bombas inócuas, que não machucariam ninguém. Ele sabe que elas não causariam danos a ninguém. E ele ganharia muita publicidade. E então, ele poderia cobrar tudo o que quisesse "eu vou fazer um teste de detector de mentiras" porque ele sabe que o teste de detector de mentiras não é aceito como prova no tribunal.

Bernard: Malcolm, como você explica isso?

Malcolm X: Eu digo que o movimento Muçulmano Negro nunca teve intenção de adquirir aquela casa. A posse da casa em si não significa nada. Elijah Muhammad mora em uma casa de U\$ 150.000 em Phoenix, Arizona. Essa casa vale menos de U\$ 15.000. Não é a casa em si, a casa material em si, que é o objeto da atual batalha judicial. Há mais do que isso em jogo. E qualquer um..., eu deveria pensar que as pessoas deveriam questionar o delegado dos bombeiros e os outros que investigaram o bombardeio naquela noite, e deixar que eles digam sua própria versão sobre se eu poderia ou não ter posto aquelas bombas. E é por isso que digo que há uma conspiração por parte de alguns dos bombeiros, policiais e jornalistas que tentam dar a impressão de que eu que joguei as bombas. Qualquer pessoa...

Bernard: Por que eles defenderiam a organização muçulmana contra você, Malcolm? Eu não entendo isso.

Malcolm X: Bem...

Bernard: Por que você e não eles, por que eles e não você?

Malcolm X: Vamos responder sua pergunta dessa maneira. A imprensa, sempre que menciono um atentado contra minha vida, eles publicam de tal maneira como se eu estivesse insinuando que foi feito um atentado. O movimento Muçulmano Negro tentou me matar no aeroporto de Los Angeles, há duas semanas, enquanto eu estava na companhia da polícia de Los Angeles. A polícia de Los Angeles impediu que a companhia aérea TWA decolasse. Eles impediram a aeronave da companhia aérea de decolar. Eles me colocaram em uma sala particular e me levaram para o avião através do porão, por causa da presença dessas pessoas no aeroporto, que estavam completamente indiferentes à presença da polícia. Agora este avião teve um atraso de uma hora e meia. Todo passageiro foi retirado, sua bagagem revistada. Eu fui mantido no avião. Minha bagagem foi revistada. E então, o agente de segurança da TWA voou de Los Angeles para Chicago comigo. Fui recebido no aeroporto de Chicago pelo procurador-geral do estado de Illinois e pelo menos vinte detetives diferentes. Fui mantido sob custódia por vinte e quatro horas. Eu apareci no programa Kupcinet. Quando saí do estúdio, oficiais do movimento em Chicago tentaram até atacar a polícia para chegar até mim. Este incidente de Los Angeles não foi relatado pela imprensa. O incidente de Chicago não foi relatado pela imprensa.

Alguns dias depois, eu apareci no "Hot Line" de David Susskind em uma noite de terça-feira, 2 de fevereiro. Ao entrar no estúdio naquela noite, o Departamento de Polícia teve de confrontar com cerca de trinta membros do movimento Muçulmano Negro local que tentaram agredir os participantes do programa. Nada disso foi mencionado pela imprensa.

Esse tipo de incidente é omitido pela imprensa, quando digo que alguém está tentando me matar, a implicação é de que estou tentando fazer alguma publicidade, ou que estou apenas inventando essas histórias. Mas o Departamento de Polícia de costa a costa neste país, que tem membros infiltrados no movimento muçulmano, assim como eles têm espiões em qualquer outro grupo. Estão bem cientes dessas tramas e discussões que estão ocorrendo.

Bernard: Malcolm, eu...

Malcolm X: Eles poderiam detê-los se quisessem.

Bernard: Malcolm, como membro da imprensa, devo dizer em relação a isso que nunca ouvi ninguém dizer para mim ou para qualquer outra pessoa: “Não publique nada sobre Malcolm X” ou omita a sua história. Eu nunca ouvi dizer que isso aconteceu. Quando sua casa foi bombardeada, o evento foi tratado como matéria principal o tempo todo. E sempre que um membro da imprensa é informado sobre qualquer assunto que tem a ver com Malcolm X, isso se torna notícia.

Malcolm X: Senhor, mas a questão aqui é essa. Eu sou notícia, desde que elas sejam sobre algo que projete a imagem de alguém com chifres. Mas quando se trata de reportar objetivamente sobre as coisas...

Bernard: Eu o convidei para participar deste programa hoje e eu não acho que alguém esteja te criticando. E eu não acho que ninguém... Eu não quero ter esse tipo de personalidade.

Malcolm X: Não, não estou dizendo isso. Eu não estou falando sobre o seu programa. Estou falando sobre a impressão que esse homem aqui, que acabou de ligar, tem de mim. Tentou sugerir que eu tinha bombardeado minha própria casa. Agora, se ele tivesse ciente das tentativas físicas que foram feitas contra minha vida durante o ano passado e do número de tentativas que foram feitas, não seria difícil para ele entender o...

Hall: ... foi à televisão no dia em que sua casa foi bombardeada. Eu também sou um professor público que viaja de estado para estado dando palestras para grandes audiências. Você estava sorrindo e estava prestes a embarcar em um avião para Detroit. No mesmo dia em que sua casa foi bombardeada, você proferiu um discurso. Se isso tivesse acontecido em minha casa, eu jamais deixaria meus entes queridos sozinhos por medo de que algo pudesse acontecer a eles enquanto eu estivesse fora. Mas você entrou no avião e foi para Detroit e deu uma palestra.

Malcolm X: Onde o movimento Muçulmano Negro teve sua origem, como você sabe...

Hall: Mas não é verdade que você fez isso?

Malcolm X: Espere um minuto. Eu vou explicar isso. O movimento Muçulmano Negro, como você, um especialista, supostamente sabe, teve sua origem em Detroit, Michigan. Agora, aqueles que estão no movimento simbolicamente consideram Detroit como a Meca, a raiz ou o

ponto focal da origem ou início do movimento de Elijah Muhammad neste país. O fato de eu aparecer em um comício em Detroit que tinha sido altamente divulgado por lá. Minha esposa e eu achamos que um dos propósitos do bombardeio da casa era me impedir de ir para Detroit. Nós discutimos isso. E ela me encorajou a não cancelar minha viagem. Fui para Detroit cumprir o compromisso de falar e voei de volta para cá.

Bernard: O número do ganhador do "Contact" é Judson 2-6405. Este é Stan Bernard "Contact" você está no ar.

Ouvinte: Olá. Bernard: Sim. Ouvinte: Olá. Eu gostaria de fazer uma pergunta a Malcolm X.

Bernard: Vá em frente.

Ouvinte: Olá, Malcolm?

Malcolm X: Sim senhor.

Ouvinte: Eu não quero parecer grosseiro, mas você não é um tipo hipócrita, uma vez que você rodou todo país pregando para os muçulmanos Negros.

Malcolm X: Não, eu acho que fui honesto porque enquanto eu acreditei no que Elijah Muhammad estava ensinando e o que ele representava, eu o representei 100%. Agora, eu sei o quanto é duro para mim te dizer hoje o que Elijah Muhammad está fazendo. Enquanto eu acreditei nele, eu o representei. Mas havia coisas sobre Elijah Muhammad que seus seguidores só souberam depois. Quando ele se deparou com isso, ele não resistiu a isso como um homem. E quando ele falhou em ser capaz de enfrentar seu próprio problema como homem, foi então que muitos de nós, que deixaram o movimento, percebemos que ele não era divino, que ele não era nem mesmo um homem. E foi então que começamos a reexaminar tudo o que ele ensinava. E tive a sorte de ser recebido no mundo muçulmano e discutir toda a situação com os muçulmanos de lá, e desde então, venho tentando praticar a religião ortodoxa do Islã. Mas apesar do fato de praticar a religião ortodoxa do Islã, não estou cego para o fato de que nosso pessoal neste país ainda tem um problema que está para além da religião. Por isso, criamos outra organização, que não é religiosa, para que todos nós, que queremos participar da luta contra esses males socioeconômicos e políticos neste país, possam participar. E eu não acho que seja hipocrisia uma pessoa errar e admitir que estava errada.

Bernard: Aubrey...

Malcolm X: Eu acho hipocrisia quando você finge acreditar em algo quando na verdade já deixou de acreditar.

Bernard: Aubrey, você deixou de acreditar também. Você saiu do movimento muçulmano e escreveu este artigo, “Os muçulmanos Negros são uma fraude”. Quais foram algumas das coisas específicas que você viu no movimento que o levou a se afastar dele?

Barnette: Bem, algumas das coisas específicas que vi e que me afastou foi..., vou tomar como exemplo o mito econômico. Em sua propaganda, o movimento passava a imagem de que possuía um vasto império econômico em Chicago. Essa foi uma das coisas que realmente me atraiu para o movimento. Quando eu conheci o movimento, eu era um estudante universitário e estava em processo de formação na Universidade de Boston. Me formei em bacharelado em administração de empresas. E quando comecei a participar das reuniões, eles costumavam falar sobre os grandes negócios que tinham em Chicago. Onze meses depois que entrei no movimento, finalmente pude ver esses grandes negócios. E consistiam em uma mercearia, uma barbearia, um restaurante e uma fábrica de roupas que continha três máquinas elétricas de costura. Então, eu fiquei muito desiludido quando vi essas coisas. Mas essa era a extensão do grande império muçulmano sobre o qual eles falavam.

Bernard: Bem, foi apenas o tamanho? Quero dizer, muitas pessoas... você se decepcionou com o fato de o tamanho do império econômico não corresponder com o que era divulgado.

Barnette: Fiquei desapontado porque eles projetaram isso como sendo... na verdade, em sua literatura, eles descreveram como se Elijah Muhammad houvesse inventado um grande sistema coletivo onde as pessoas, você sabe, os afro-americanos poderiam se reunir e construir negócios que iriam dar emprego a todos os Negros que precisavam de emprego. E quando cheguei lá descobri que eram negócios que os Negros já vinham estabelecendo em todo o país e eles não tinham inventado nenhum novo sistema comunitário. Eu fiquei muito desapontado.

Malcolm X: Posso dizer algo sobre isso... o que ele está dizendo é verdade, mas acho que posso esclarecer um pouco mais sobre isso. As empresas que o movimento muçulmano havia estabelecido de costa a costa operavam no vermelho. Havia apenas um negócio em todo o

movimento muçulmano que operava no azul, era o restaurante lá da rua 116th, bem aqui em Nova York. Na verdade, os únicos negócios, os únicos muçulmanos que operavam empresas lucrativas eram os muçulmanos da área de Nova York. E um dos motivos da discórdia que se desenvolveu entre as facções do movimento Muçulmano Negro foi o ciúme dos empresários de Chicago com relação aos muçulmanos de Nova York porque eles tinham mais sucesso que os de Chicago.

Barnett: Havia outro negócio, eu acho que operava no azul...

Malcolm X: Qual deles?

Barnette: Era a fábrica de vestidos. E a razão pela qual ela dava lucro era porque eles tinham um mercado cativo. Uma das coisas que os membros do movimento Muçulmanos Negros tinham de fazer era comprar estas vestes compridas para as mulheres usarem. Agora, embora o movimento muçulmano encorajasse o aprendizado da costura, eles proibiam seus membros de produzir suas próprias roupas, então eles tinham que comprar essas roupas na fábrica de Chicago, que, aliás, era de propriedade da filha de Elijah Muhammad, Ethel Sharrieff. Então, esse foi um negócio muito bem-sucedido, já que para comprar todas essas roupas você tinha que gastar US\$ 200 para obter a roupa completa.

Bernard: Gordon.

Hall: De fato, acho que também deve ser mencionado em relação aos negócios, que a maioria dos negócios muçulmanos em todo o país, Stan. Aqueles que anunciam no jornal e assim por diante, não eram empresas estabelecidas por homens que se juntou à mesquita e depois se tornou empresário. Eram empresários que já haviam estabelecido seus negócios antes de se juntarem à mesquita e os muçulmanos reivindicaram esses negócios como deles. Isso não é verdade, Malcolm?

Malcolm X: Em parte. Acho que há casos em que... uma coisa que o movimento muçulmano fez, foi que, pessoas que nunca pensavam em termos de negócios, foram ensinadas tanto sobre negócios, foi dado tanta ênfase em negócios, que muitos que não tinham nenhum conhecimento sobre empreendedorismo se aventuraram em um empreendimento comercial. Então, esse empreendimento dobrou, o que na verdade, foi mais negativo para o movimento do que positivo.

Mas quero ressaltar que os negócios em Chicago, como o próprio Elijah Muhammad me revelou, foram um fracasso subsidiado por ele mesmo. Ele costumava administrar esses negócios com dinheiro do próprio bolso para servir de fachada. E ele sempre salientava que... nenhum dos seus... especialmente seus filhos e aqueles ao seu redor tinham qualquer habilidade comercial. Assim se desenvolveu entre eles muita inveja e ciúme com os muçulmanos de Nova York porque os empresários mais bem-sucedidos entre os muçulmanos eram aqueles daqui da área de Nova York.

Aqui é Stan Bernard, "Contact", você está no ar. Vá em frente. Você ainda está aí? Não? Vamos tentar o próximo, Steve. Aqui é "Contact", você está no ar.

Ouvinte: Gostaria de dirigir minha pergunta a Malcolm. Eu gostaria de saber, senhor, por que você ainda usa o seu X? E quanto à opinião pública sobre você, talvez seja por causa de sua mudança abrupta do grupo Muçulmano Negro para formar seu próprio grupo nacional, para o público é como se..., eles não soubessem exatamente de que lado você está. Quero dizer, eles imaginaram, como você disse antes, que você estava com os muçulmanos e definitivamente com Muhammad. Tenho certeza que o público acha que você está com outra pessoa, que eles estão influenciando tanto você quanto suas crenças.

Malcolm X: É por isso que eu tenho sido muito tardio, desde que voltei da África, em realmente iniciar a formação, ou melhor, eu deveria dizer a formação das duas organizações em que estou envolvido. Se você se lembra, quando eu estava em Meca, escrevi uma carta dizendo que, quando voltasse para a América, não descansaria até que expusesse Elijah Muhammad como um falso religioso que ele era. Eu fui 100% sincero ao dizer isso. Mas quando voltei, uma das razões pelas quais evitei, inicialmente, evitei qualquer tipo de discussão ou comentário sobre Elijah Muhammad e o movimento muçulmano, antes de ir para Meca, tive uma reunião de uma hora e meia com o presidente Nasser do Egito. Depois de deixar Meca, passei três horas com o Presidente Julius Nyerere da antiga Tanganica, hoje conhecida como Tanzânia. Passei alguns dias com o Presidente Jomo Kenyatta e o Primeiro Ministro Milton Obote de Uganda, e com o Presidente Azikiwe na Nigéria, Presidente Nkrumah em Gana, Presidente Sekou Toure na Guiné. E tive a oportunidade de discutir o problema dos africanos e a situação do nosso povo neste país. E não hesito em dizer que as conversas com esses homens ampliaram tremendamente meu escopo para além do que era, antes de eu ir para lá. E quando voltei, eu pensei que as coisas que tinham aprendido foram construtivas e poderiam ser usadas construtivamente em favor dos

afro-americanos em nossa luta por dignidade humana. E eu achei que estaria perdendo meu tempo entrando em algum tipo de conflito com Elijah Muhammad e seus seguidores. Por isso, passei meu tempo, quando voltei aqui pela primeira vez, tentando formar a Organização da Unidade Afro-americana e a Mesquita Muçulmana, que é baseada no Islã ortodoxo. Mas o movimento dos Muçulmanos Negros temia que, se eu ficasse sozinho o tempo suficiente para colocar meus pés firmemente no chão, e colocar nosso programa aqui em público, seria muita competição ao que eles já haviam projetado ou tinha em mente.

Bernard: Deixe-me perguntar-te isto, Malcolm. Naquele tempo você defendia a completa separação das raças.

Malcolm X: Devo dizer que isso diz respeito ao que Elijah Muhammad dizia sobre a separação. Ele não defendia a separação. O que ele dizia era o seguinte: que o governo deveria... uma vez que o governo não podia oferecer completa igualdade, então ele deveria permitir que os afro-americanos voltassem à África. Mas ele nunca disse volte para a África. Elijah Muhammad nunca fez uma afirmação pró-africana. E ele nunca, em nenhum de seus discursos, escritos ou orais, disse nada aos seus seguidores sobre a África.

Bernard: Que tal um Estado afro-americano nos Estados Unidos?

Malcolm X: Ele era tão anti-africano quanto anti-branco.

Bernard: Você disse um Estado afro-americano nos Estados Unidos?

Malcolm X: Não. O que ele dizia era: "Devemos voltar para os nossos." E ele falava assim porque se ele especificasse, teria de apontar para alguma área geográfica e obter o consentimento das pessoas daquela área, que ele sabia que não poderia obter. Então, ele apenas mantinha-se elusivo e dizia: "Vamos voltar para os nossos." E se o governo não nos deixasse voltar para os nossos, então ele deveria estabelecer uma separação aqui. Mas em nenhum momento ele iniciou qualquer tipo de atividade ou ação com o objetivo de tornar isso realidade. E foi essa falta de ação que levou muitos dos ativistas dentro do movimento a desilusão, insatisfação e eventualmente a romper com o movimento.

Bernard: Vamos voltar aos telefones. O número WINS: "Contact": Judson 2-6405. Aqui é Stan Bernard "Contact", você está no ar.

Ouvinte: Gostaria de dirigir minha pergunta para Malcolm.

Bernard: Sim.

Ouvinte: Eu investiguei a história dos muçulmanos. Eu sou um estudante universitário agora, e fiz algumas pesquisas sobre eles, e ouvi muito sobre a FOI, a Polícia Secreta Muçulmana, e eu tentei descobrir algumas informações sobre ela, mas todas as fontes me frustraram com as informações. Gostaria de saber se Malcolm poderia me esclarecer alguns detalhes sobre a FOI.

Malcolm X: Bem, neste artigo de Aubrey, publicado no Saturday Night Post da semana, ele ressalta - acho que ele ressaltou brilhantemente pela primeira vez - que a FOI não era um grupo especial dentro do movimento muçulmano, mas todo muçulmano quando se tornava um seguidor registrado de Elijah Muhammad se tornava um membro da FOI. Mas a imprensa passou para o público a impressão de que o FOI constituía um grupo especial ou seletivo dentro do movimento.

Bernard: Então, aí está a sua resposta.

Malcolm X: E eu poderia até mesmo ressaltar que se você voltar e examinar a filosofia muçulmana e seu temperamento em geral até 1960, você descobrirá que era um grupo de pessoas que tentava praticar a religião. Eu acho que a verdadeira podridão começou a vir à tona depois 1960. É por isso que eu estava salientando para o Sr. Hall que o movimento começou a se deteriorar e declinar depois de 1960.

Bernard: Aubrey, quais foram as regras com as quais você entrou em contato? De acordo com seu artigo, você costumava ler as acusações contra as pessoas em sua mesquita. Que tipo de regras elas descumpriam?

Barnette: Bem, os muçulmanos Negros têm suas próprias regras e regulamentos que cada membro deve seguir. Eles têm regras tão rigorosas como: você não pode ir ao teatro, a um evento esportivo, comparecer a um funeral cristão ou mesmo a um casamento cristão mesmo

que fosse de um parente seu. Agora há uma razão muito específica para isso. Existem dois motivos. Uma das razões é porque custa dinheiro para fazer essas coisas e a outra razão é porque eles ensinam sobre insatisfação total com a sociedade atual. Desse modo, você não podia fazer qualquer coisa que oferecesse satisfação na sociedade por ser contrário ao que eles ensinam. Assim, um membro seria punido, poderia ser expulso da mesquita ou punido de outras formas por ir a um teatro.

Bernard: Gordon...

Malcolm X: Também por adultério ou fornicação. Se um homem ou uma mulher muçulmana tivesse algum relacionamento com qualquer homem ou mulher com quem não fosse casado, essa pessoa seria afastada por um a cinco anos do movimento. Ou seja, elas seriam levadas à frente do corpo muçulmano e seriam totalmente humilhadas, o que representa a pior forma de tratamento psicológico que você pode receber. Então eles seriam isolados em uma categoria onde não teriam nenhum contato com a comunidade muçulmana por um ano. E se eles voltassem da condição probatória, eles permaneceriam por quatro anos.

Agora, em 1954, uma jovem secretária em Chicago ficou grávida. E ela foi levada à frente da comunidade muçulmana. Ela foi humilhada. Ela foi isolada pelo juiz, que era Elijah Muhammad. E todos achavam que o pai do filho dela não era um muçulmano porque a outra parte envolvida nunca foi levado a julgamento. Em 1956 aconteceu com outra jovem secretária em Chicago. Em 1960, aconteceu com mais quatro jovens secretárias em Chicago. E todos tinham certeza que o pai desses bebês não era muçulmano.

Bernard: Eu sei a quem você vai acusar?

Malcolm X: Eu não vou acusar ninguém porque eu sei quais são suas leis de difamação. Eu não diria isso, mas o que estou ressaltando é. Sempre que você encontrar um juiz que se senta em um banco diante de uma jovem que está sendo acusada de adultério, e a humilha, castiga e sentencia ao esquecimento, unicamente para impedir que o Tribunal saiba que ele próprio é o pai dessas crianças. Ele não está apenas desqualificado para ser um juiz como também nem sequer pode ser reconhecido como um homem uma vez que ele nem sequer reconhece a paternidade dos filhos os quais ele é responsável por trazê-los ao mundo. Foi esse tipo de podridão que causou a deterioração moral do movimento muçulmano hoje. Se você perceber,

antes, não importava que tipo de crítica você fizesse aos muçulmanos, eles eram disciplinados moralmente. Eles não bebiam, não fumavam. Eles demonstravam respeito pelas pessoas. E havia aquela força dentro dele, uma força espiritual que fazia com que os recém convertidos acreditassem ser capazes de se abster das fraquezas morais. Mas depois que a verdadeira fé, o lado religioso ou o verdadeiro poder espiritual começou a se desvanecer, o poder que permitia aos irmãos deixar que suas tendências mais elevadas os dominassem, ao invés de suas tendências mais baixas. De modo que, hoje, a razão pela qual você tem tanta incidência de muçulmanos atacando muçulmanos é porque a força espiritual que existia no movimento desapareceu. Agora você tem um grupo organizado de pessoas que não têm a força moral para se elevar ou dominar seus instintos mais baixos.

Bernard: Gordon?

Hall: Isso é... você sabe, eu queria que tivéssemos tempo. Este é um conjunto de contradições. Todas essas palavras. Malcolm é a melhor pessoa do mundo para fazer o tempo voar. Ele faz isso toda vez que eu sento à mesa com ele. Agora, ele disse no início que a peça de Aubrey, ou a peça de Aubrey Barnette é maravilhosa, e Aubrey diz que a ênfase religiosa no movimento muçulmano era uma fraude total do começo ao fim e ...

Malcolm X: Não, não, não, não, não...

Bernard: E agora estamos falando sobre essa grande elevação e declínio.

Malcolm X: Não, não, não. O ingrediente religioso do movimento Muçulmano Negro era uma fraude, no sentido em que se identificava como um movimento islâmico... de ser de natureza islâmica quando na verdade era diametralmente oposta ao islamismo. O próprio Muhammad é anti-árabe. Ele é mais anti-árabe do que israelense. Agora, quando digo sobre a religião: a religião, senhor, é crença em alguma coisa. Você não precisa de uma persuasão específica.

Hall: Estou bem ciente disso.

Malcolm X: Para que seja uma religião.

Hall: Não precisa defini-la para mim.

Malcolm X: Não, em que os Muçulmanos Negros acreditam, eles acreditam nisso religiosamente. Acreditava em Yacub. Acreditávamos no que Elijah Muhammad ensinava sobre um avião no céu. Nós acreditávamos...

Hall: Eu sei.

Malcolm X: ... em coisas mais fantásticas que você jamais poderia imaginar.

Hall: Um dos aspectos angustiantes de uma discussão como essa com o tempo limitado é este grande derramamento de palavras por parte de alguém como Malcolm, em que um ouvinte médio, tanto Negro quanto branco, pode achar que isso representa a vida de toda a comunidade negra. E isto não representa a vida da comunidade negra. Ainda estamos falando sobre um número pequeno de muçulmanos e um número muito menor de seguidores de Malcolm X.

Bernard: Bem, eu quero fazer-lhe uma pergunta embora. Você sabe que nós estávamos falando sobre... nós estávamos falando sobre o terror.

Hall: Sim.

Bernard: Estávamos falando de terror. Malcolm diz que ele está se sentindo aterrorizado. Ele não está assustado.

Malcolm X: Não, espere um minuto.

Bernard: Bem, não, não.

Malcolm X: Aterrorizado como?

Bernard: Não, não quero dizer que está com medo. Não quero dizer que está com medo. Eu quero dizer...

Malcolm X: Bem, eu também não estou aterrorizado.

Bernard: Ameaças foram feitas contra sua vida.

Malcolm X: Bem, isso ainda são... ameaças estão muito longe de mim aterrorizar.

Hall: Bem, um homem...

Bernard: Com licença. Alguém pode te abordar na rua e ameaçá-lo e você pode pega isso e colocar um rótulo sobre esse fato, dizendo que alguém está aterrorizando a comunidade.

Malcolm X: Sim.

Bernard: E eles podem estar, de fato, e você pode dizer que, bem eles estão... Você não está com medo. Não faz mal...

Malcolm X: Com todo o respeito, senhor, ninguém está me aterrorizando.

Bernard: Certo, você não está aterrorizado, mas está sendo ameaçado.

Malcolm X: Sim.

Bernard: Vamos aceitar isso. Você está sendo ameaçado. Cinco tentativas de atentados, você disse recentemente que sua casa foi bombardeada. Você é um perito em organizações extremistas, Gordon Hall

Hall: Se sou ameaçado. Eu devo considerar. E o último lugar em que eu considero as ameaças é sobre meu corpo... e também fui gravemente espancado. O último lugar que eu os levo é para a imprensa para contar a eles tudo sobre isso porque dá ideia a outras pessoas. Eu guardo essas coisas para mim mesmo. Esse é um dos perigos de estar no campo em que estou, e não anuncio à imprensa toda vez que eu tiver chance.

Bernard: Essa é sua atitude. [para Malcolm X] você anuncia o tempo todo. Por que?

Malcolm X: Não, eu não anuncio isso o tempo todo. Respondi às acusações feitas pelo movimento Muçulmano Negro na rua 116.

Bernard: Um hm. As acusações.

Malcolm X: As acusações com as quais estou buscando publicidade e fingindo ser ameaçado.

Bernard: O que você fez quando foi espancado, Aubrey?

Barnette: Como?

Bernard: Você... procurou os jornais imediatamente?

Barnette: Os jornais publicaram, mas de uma forma distorcida. A imprensa, infelizmente, aceitou a versão dos Muçulmanos Negros do que tinha acontecido. E, como eu disse antes, eu fui imediatamente rotulado como um rival dos muçulmanos Negros embora eu tivesse deixado o movimento e esquecido tudo sobre eles.

Malcolm X: Por que você foi rotulado como um rival dos muçulmanos Negros?

Barnette: Eu fui rotulado como um rival dos muçulmanos Negros porque eu acho que eles precisavam de um bode expiatório, eles precisavam de alguém para apontar como um inimigo, como todos os movimentos de massa fazem. Eles precisam ter um inimigo. Um movimento maciço pode existir sem um deus, mas não pode existir sem um diabo.

Malcolm X: O que eu estava tentando dizer, senhor, é que eles tentaram identificá-lo comigo.

Barnette: Sim.

Malcolm X: E toda vez que você é identificado - a única vez que Elijah Muhammad recebe publicidade favorável é quando está contra mim. Eles estão do lado dele e de qualquer coisa que seus seguidores façam, contanto que seja contra mim.

Bernard: Gordon.

Hall: Um ponto convincente, espero, sobre a imprensa. Eu também trabalhei muito para a imprensa, escrevi muitos artigos. Uma das razões pelas quais a imprensa está confusa sobre

essas coisas é que você tem pessoas andando por aí com nomes falsos e iniciais como X em seu nome, com números de telefone não registrados, participando de todo tipo de contra-ataque, de conspiração e contra conspirações. Não é de admirar que a imprensa esteja confusa, os próprios membros desses movimentos estão confusos.

Bernard: Mas Gordon...

Malcolm X: Não, não. A imprensa não está confusa.

Barnette: A imprensa, a imprensa... usando meu nome, endereço, idade, e tudo mais, sem nunca ter me consultado e me rotulando de nacionalista Negro, quando eu nunca me juntei a qualquer organização nacionalista negra, ou qualquer outra depois que eu deixei os muçulmanos Negros.

Bernard: Senhores, nós vamos...

Malcolm X: A imprensa tem mais medo dos Nacionalistas Negros do que dos Muçulmanos Negros. E se você dúvida, tudo que você tem a fazer é pegar qualquer história escrita que envolva muçulmanos e nacionalistas e você sempre vai encontrar a imprensa habilmente inclinada em favor dos Muçulmanos Negros, apesar do fato deles ensinarem que cada indivíduo branco que vem ao mundo é um demônio por natureza. E os nacionalistas Negros não fazem isso. Eles julgam as pessoas pelo seu comportamento, pelas suas atitudes, não pela sua cor. Mas ainda que a imprensa saiba que o movimento Muçulmano Negro é um híbrido, um híbrido político e religioso que nunca fará qualquer coisa contra a Ku Klux Klan ou contra os grupos brancos organizados desta sociedade que estão brutalizando os afro-americanos.

Mas esse mesmo movimento Muçulmano Negro vai dar ordens aos seus membros afro-americanos para matar e aleijar outros afro-americanos na comunidade. O movimento Muçulmano Negro nunca esteve envolvido em qualquer tipo de protesto contra a Ku Klux Klan ou contra o conselho dos cidadãos brancos. Nem no Sul ou no Norte. Mas eles dão as ordens para lutar entre seus iguais. Quando o irmão foi morto em Los Angeles, nenhuma ordem foi dada. Na verdade, os irmãos que queriam entrar em ação foram impedidos por Little Fat Joseph, muitos deles aqui em Nova York. Mas esse mesmo Joseph dá ordens a sua gangue para sair e aleijar outras pessoas negras que deixaram o movimento por causa da insatisfação sobre o que eles aprenderam.

Bernard: Devemos voltar ao telefone e ver o que está acontecendo lá fora, porque não atendemos muitos telefonemas. Eu tenho de me desculpar por estarmos sendo tão prolixos no estúdio esta noite. Este é o "Contact", você está no ar

Ouvinte: Olá, posso falar com o Sr. X?

Bernard: Sim.

Ouvinte: Sr. X?

Malcolm X: Sim.

Ouvinte: Oh, é tão maravilhoso ouvir você. Eu participei de várias de suas reuniões. A oração salvará você e sua família, nenhum mal alcançará vocês.

Malcolm X: Obrigado.

Ouvinte: Eu o admiro pelo que fez por essas criancinhas Negras. Você ficaria surpreso. Eles estão tão felizes por serem Negros agora.

Malcolm X: Obrigado.

Ouvinte: Então, que Deus te abençoe. Seja lá o que Deus seja. Um Ser Supremo, Que Ele proteja você e sua família.

Malcolm X: Obrigado.

Bernard: Obrigado pela sua ligação. Este é o "Contact" você está no ar.

Ouvinte: Sim, gostaria de fazer uma pergunta a Malcolm. Eu gostaria de perguntar a ele por que, depois de sua suspensão, depois de sua decisão de deixar o movimento muçulmano, ele decidiu contar tudo. Por que ele não contou ao povo sobre as crianças, a apropriação indébita

de fundos? Então, para que propósito isso serve agora? E em segundo lugar, por que ele acha que alguém quer tirar a vida dele? Para que isso vai servir?

Malcolm X: Essa é uma pergunta muito boa. Quando eu... em primeiro lugar, o movimento Muçulmano Negro, uma coisa que o movimento Muçulmano Negro fez de positivo, aqui neste país, foi a militância que ele projetou, tornando nosso povo neste país mais militantes do que nunca. Toda a luta pelos direitos civis foi influenciada pela postura refletida ou projetada pelo movimento Muçulmano Negro. Quando soube da crise dentro da família de Elijah Muhammad em Chicago e o que isso representaria para o movimento se fosse revelado, eu resolvi permanecer em silêncio, não para salvar Elijah Muhammad, mas eu senti medo do dano psicológico que isso causaria aos seus seguidores, além do efeito que teria na luta que os afro-americanos estão travando neste país. Quando saí do movimento pela primeira vez, assumi a culpa. Eu nem dei a impressão de que estava saindo.

Eu nunca deixei o movimento Muçulmano Negro. Eu fui posto para fora. E porque a lei do movimento determina que quando uma pessoa é punida, ela deve ser levada diante da associação para uma audiência, Elijah Muhammad estava com medo de me levar perante a associação e me conceder uma audiência com receio do que eu poderia dizer em minha própria defesa. Então, eu fui colocado no limbo, por assim dizer, suspenso, e os muçulmanos no templo aqui em Nova York foram informados de que eu estaria de volta em noventa dias. Mas ao mesmo tempo em que determinaram meu retorno em noventa dias, Joseph enviou irmãos para tirar minha vida e esses irmãos estão comigo agora. A polícia sabe disso. Só depois de eu sair do movimento que Elijah Muhammad começou a usar cada púlpito, em cada templo da nação para blasfemar contra mim, além de usar o jornal Muhammad Speaks para envenenar as mentes de seus seguidores e levá-los a pensar que eu realmente havia cometido algum tipo de ação traiçoeira contra ele. Então, achei necessário esclarecer aos seus seguidores a verdadeira razão da minha saída do movimento. E eu tenho feito isso desde então.

Bernard: Gordon, você é um observador profissional de organizações extremistas e classifica os nacionalistas Negros e, claro, os muçulmanos, como organizações extremistas. Como você avalia essa guerra política que está acontecendo na organização nacionalista negra?

Hall: Bem, para ser franco com você, e eu acredito em falar francamente, acho que no momento, o movimento muçulmano é uma organização morta, eles estão caindo, eles não causaram

nenhum impacto na comunidade afro-americana nacionalmente e muito menos agora. Malcolm não tem para onde ir, e é por isso que ele está se debatendo tanto. Por exemplo, ele vem partilhando o pão com os comunistas da cidade.

Malcolm X: Que comunistas, com que comunistas eu tenho partilhado...

Hall: Partido dos Trabalhadores Socialistas...

Malcolm X: Você está absolutamente equivocado, eu nunca repartir pão com...

Hall: Você proferiu vários discursos que eles reimprimiram...

Malcolm X: Bem, isso não é repartir o pão. Eu falo em qualquer lugar, eu falei em Londres, Inglaterra, e...

Hall: Você estava muito feliz em voltar várias vezes, e eles estão reimprimindo um dos seus principais discursos no The Militant...

Malcolm X: Eu falei em uma igreja, em uma igreja em Rochester algum tempo atrás. Isso faz de mim um metodista?

Hall: Não estamos falando de igrejas, não estamos falando de igrejas, estamos falando do Partido dos Trabalhadores Socialistas...

Malcolm X: Só porque você fala em algum lugar isso não torna você um comunista. Você fala para o público e fala em qualquer plataforma...

Hall: Oh, eu não, Malcolm.

Malcolm X: Eu falo para o público e falo em qualquer plataforma.

Hall: Receio que não seja o caso, Malcolm.

Malcolm X: Se falar na plataforma socialista me faz um socialista, então quando eu falo em uma Igreja Metodista...

Hall: Era uma plataforma comunista...

Malcolm X: Eu estive em Selma, Alabama, na semana passada, falando na Igreja de Martin Luther King. Isso faz de mim um seguidor de Martin Luther King? Não, a sua linha de raciocínio, senhor, é inconsistente.

Hall: Eu estava apenas respondendo uma pergunta de Stan, e acho que no momento, o movimento nacionalista não tem lugar para ir, eles estão se debatendo e estão jogando as linhas para todo lugar. E há uma aliança na área geral do Harlem entre alguns comunistas em Pequim, o Movimento dos Trabalhadores Progressistas e alguns outros, o público de Bill Epton. Bill Epton é um comunista declarado e confesso - você concorda com isso, não é Malcolm?

Malcolm X: Eu não sei nada sobre a filosofia política de Bill Epton. Bill Epton, na minha opinião, é um dos líderes militantes do Harlem. Agora, seja qual for as suas crenças políticas, eu acho que ele tem direito de tê-las.

Hall: Eu não disse que ele não tem direito, só estou dizendo o que ele é.

Malcolm X: Bem —

Hall: Ele declarou para mim pessoalmente:

Malcolm X: Bem, o que elas são -

Hall: Eu o entrevistei, ele me disse que ele era um comunista declarado.

Malcolm X: O que quer que ele seja, ele tem direito.

Hall: E ele gostaria de ver este nosso sistema completamente fragmentado também. Só estou dizendo que há muita guerra.

Malcolm X: Eu acho que você vai descobrir que muitas dessas crianças que estão lá, no Brooklyn...

Hall: Posso falar, Malcolm, posso falar?

Malcolm X: - Sobre o protesto contra o sistema de segregação escolar aqui na cidade de Nova York –

Hall: Posso falar?

Malcolm X: - E King e alguns de seus seguidores no Alabama agora estão lutando contra o mesmo sistema.

Hall: Você é um grande devorador de tempo, mas não deixa os outros falarem.

Malcolm X: Bem, continue.

Hall: Estou tentando... se você fizer a gentileza de me deixar falar

Bernard: Vá em frente.

Malcolm: Vá em frente, Sr. Hall. Dr. Hall.

Hall: Bem, de qualquer forma, eles estão se debatendo agora, e há muita luta interna acontecendo na seção do Harlem, e a maioria dos movimentos são pequenos e fragmentados, estão estilhaçados. E acho que só o futuro dirá qual deles emergirá vitorioso, e talvez, reivindicar a maioria dos membros. Eu faria uma previsão, e acho que poderíamos pensar daqui a um ano, Stan, e acho que você poderá encontrar Malcolm pregando uma doutrina completamente separada e liderando algum outro tipo de movimento.

Malcolm X: Bem, você sabe, um dos melhores elogios que o Dr. Hall pode me fazer, são as coisas que ele diz sobre mim. Quando ele começar a me dar tapinhas nas costas, ficarei preocupado...

Hall: Não estou te dando tapinhas nas costas. Eu te disse em Boston...

Malcolm X: Eu disse, quando você começar a me dar tapinhas nas costas...

Hall: Dê um tempinho e você estará pregando uma nova linha, e você está.

Malcolm X: Eu disse, quando você começa a me dar tapinhas nas costas, eu ficarei preocupado. Quando você começar, profissionais como você cuja tarefa é lidar com os grupos deste país. Quando você começar a me dar tapinhas nas costas, eu ficarei preocupado, senhor. Agora eu lhe aconselharia, se você acha que o nacionalismo não tem influência alguma, a Organização da Unidade Afro-americana fará uma reunião no Audubon Ballroom na Broadway ...

Hall: Acho que você mencionou isso antes, você está sendo repetitivo.

Malcolm X: Vou falar de novo. Eu não participaria do programa sem mencionar isso. Porque uma das coisas mais difíceis para os nacionalistas fazer, é deixar o público saber o que eles estão fazendo. Então, vamos ter um comício no Audubon...

Hall: O público está envolvido em uma vasta conspiração contra você, é óbvio pelo que você diz...

Malcolm X: Você vai me fazer mencionar isso quatro ou cinco vezes. Vamos fazer este comício no Audubon Ballroom, no próximo domingo às 2 horas e para pessoas como você, que se consideram especialistas em nacionalistas, serão oferecidos os primeiros lugares e eu aconselho, já que é sua profissão saber o que os nacionalistas e outros extremistas estão fazendo, nos visitar e ser nosso convidado. Agora, uma coisa que eu gostaria de chamar a atenção Dr. Hall, sempre que você encontrar um Negro...

Hall: Você sabe perfeitamente que eu não sou doutor, Malcolm.

Malcolm X: Bem, você parece ser especialista em alguma coisa, eu pensei que você fosse doutor. Sempre que perceber a condição na qual os afro-americanos são confrontados neste país, condição que o governo permite perdurar por tanto tempo, a condição em si que é extrema - e qualquer afro-americano que realmente sinta na pele a situação com a qual nosso povo é

confrontado, seus sentimentos são extremos. Você não pode dar um xarope para tosse e esperar alguém que tenha pneumonia seja curado. E os Negros estão se tornando mais extremos a cada dia. Eu estive no Alabama há algumas semanas, antes de ir para a Inglaterra, com o Dr. King e alguns dos outros que estão tentando se registrar e votar. Agora eu vou lhe dizer francamente, com King supondo ser o mais moderado, mais conservador, mais amoroso, mais endossado, mais apoiado –

Hall: A palavra é responsável, mas vá em frente.

Malcolm X: Okay, responsável para estrutura do poder branco. Para mim, quando as pessoas brancas falam de responsabilidade...

Hall: Ele é um americano responsável, é o que ele é.

Malcolm X: Quando pessoas como você costumam se referir a Negros como responsáveis, você se refere a Negros que são responsáveis conforme o padrão do seu tipo de pensamento. Então, voltando ao Dr. King, sempre que você encontrar uma pessoa que obedece as regras do governo, do modo que o Dr. King faz, e ainda assim, os seguidores do Dr. King, crianças são obrigados a correr pela estrada de policiais, que não são nada além de homens da Ku Klux Klan disfarçados de policiais e o governo federal que poderia intervir, não faz nada a respeito, garanto que você está produzindo extremistas aos milhares. Agora, quando eu estive lá, eles queriam que eu falasse com a imprensa, mas não queriam que eu falasse com a igreja, com as crianças ou com os estudantes. Foram os próprios alunos que insistiram para que eu falasse, eles me deram a oportunidade de falar...

Bernard: Malcolm, como acha que isso pode ser mudado?

Malcolm X: Senhor, eu acho que-

Bernard: Como? Quer dizer, eu sei que você está falando sobre essas crianças se transformarem em extremistas, mas como, como a situação pode mudar? Você acha que por estado de guerra?

Malcolm X: Não vai mudar enquanto acreditarem que não existe conflito na gravidade que ele existe. Isso não será mudado enquanto for publicado pesquisas, como a da revista Newsweek, na semana passada, que sugeria que os Negros estavam satisfeitos com o nível de progresso. Eles estão se iludindo. E minha opinião é que os brancos fazem um desserviço ao divulgar esse tipo de pesquisa que faz parecer que os Negros estão satisfeitos enquanto a situação racial é a mais explosiva que já existiu neste país. E todos os seus chamados líderes responsáveis, quando falam sobre a situação, dizem que tudo está em ordem. No entanto, todos os dias você encontra jovens afro-americanos se tornando cada vez mais explosivos do que nunca –

Bernard: Não respondeu a minha pergunta, você está evitando-a. Perguntei como é que isso vai mudar? Vai mudar através de um comportamento extremo, vamos chamá-la de reação extrema - em outras palavras, você vai reagir extremamente a uma situação que você não gosta? Agora, quão extrema pode ser a sua reação?

Malcolm X: Bem, senhor, quando a Rússia colocou mísseis em Cuba, a única coisa que fez a Rússia tirar os mísseis de lá foi quando a América apontou mísseis para a Rússia.

Bernard: Está sugerindo uma revolução?

Malcolm X: Não, o que estou dizendo é: que quando você começar a respeitar a inteligência dos Negros neste país como sendo igual à dos brancos, então você vai perceber que a reação do afro-americano à opressão será a mesma reação do homem branco à opressão. O homem branco não vai dar a outra face para bater quando estiver sendo oprimido. Ele não vai praticar qualquer tipo de amor por um Klan ou um Conselho de cidadãos ou qualquer outra pessoa. Mas ao mesmo tempo, o homem branco está pedindo ao homem Negro para fazer isso. Então tudo que eu estou dizendo é, eu acredito que a situação pode mudar. Mas eu acho que não pode ser mudado pelos brancos que tomam uma posição hipócrita, fingindo que não é tão grave quanto parece, e por líderes Negros, líderes conhecidos como responsáveis que assumem uma atitude hipócrita, tentando fazer os brancos pensarem que os Negros são pacientes e longânimos e dispostos a sentar aqui por muito tempo, ou por mais uma grande quantidade de tempo, até que o problema seja resolvido.

Bernard: Vamos voltar ao telefone. O número de contato WINS: Judson 2-6405. Este é o Contact, você está no ar.

Ouvinte: Alô, Malcolm?

Malcolm X: Sim?

Ouvinte: A Ku Klux Klan vai te pegar.

Malcolm X: Ha-ha-ha-ha. (risos)

Bernard: Muito obrigado.

Malcolm X: Deixe-me salientar algo para esta senhora. Eu fui convidado para ir ao Mississippi na próxima semana. Eu vou ao Mississippi na próxima semana. A Ku Klux Klan terá toda a oportunidade que deseja para me pegar. Eu estive no Alabama na semana passada, eles tiveram uma oportunidade então. Você nem sempre precisa ir ao Sul para encontrar a Ku Klux Klan. Evidentemente, algum deles deve ser seu pai, ou você não estaria falando com tanta certeza como você falou.

Bernard: Este é o Contact, você está no ar.

Ouvinte: Gostaria de fazer uma pergunta ao Sr. Barnette. No livro de Louis Lomax, "*Quando a Palavra é Concedida*" *When the Word Is Given...*, ele diz que nenhum dos rumores sobre os muçulmanos recebendo ajuda de fontes externas, comunistas ou segregacionistas se provou verdadeiro. O Sr. Barnette tem alguma informação que confirme ou refute essa afirmação?

Bernard: Eu não entendi direito, mas o Sr. Barnette saiu da sala. Ele deixou o estúdio durante esta última parte do debate e não está aqui para responder.

Ouvinte: O Sr. Hall pode responder?

Bernard: O Sr. Hall pode responder?

Hall: Eu não entendi bem a sua pergunta. Poderia repeti-la para nós?

Ouvinte: Sim. Louis Lomax diz que nenhum dos rumores sobre os muçulmanos terem recebido ajuda de fontes externas, comunistas ou segregacionistas provaram ser verdadeiras. E eu gostaria de saber o que eles pensam sobre isso.

Hall: Concordo com a declaração do Sr. Lomax sobre isso. Acho que é uma afirmação legítima. Eu não estou tão certo de que isso se aplique a outros grupos militantes na comunidade negra, mas eu acho que é aplicável aos muçulmanos.

Bernard: Não tenho certeza.

Malcolm X: Eles não têm qualquer ajuda de fontes externas?

Hall: Ela está falando de fontes comunistas ou segregacionistas.

Malcolm X: Eles têm alguma ajuda de fontes segregacionistas interna? Você é o perito.

Hall: Eu duvido muito. Eu não tenho nenhuma evidência disso e nem você; e se você tiver, então –

Malcolm X: Eu não estou dizendo que tenho.

Hall: Seja claro, Malcolm. Você está insinuando, você é um insinuador muito astuto.

Malcolm X: Porque você me passou a impressão, de repente, que você é um protetor do movimento Muçulmano Negro –

Hall: Nem um pouco

Malcolm X: Quando se trata de mobilizá-los contra os nacionalistas Negros. Porque você sabe que o movimento Muçulmano Negro está em um beco sem saída e não tem para onde ir.

Hall: Eu sou o único, só para mostrar como a sua lógica é falha - deixe-me falar. Só para mostrar o quanto sua lógica é falha, organizei a história do *Saturday Evening Post* que você mesmo elogiou hoje à noite como a melhor coisa escrita sobre os Muçulmanos Negros.

Malcolm X: Não foi porque você a organizou.

Hall: Eu a organizei.

Malcolm X: Ela não é melhor porque você organizou, não foi porque você organizou que a tornou melhor. É melhor porque Aubrey –

Bernard: O Sr. Hall está dizendo que ele providenciou para que fosse escrito porque ele achou que era válido e valioso.

Malcolm X: O que ele organizou, o que ele fez é imaterial para mim. Eu não estou comentando sobre –

Hall: Você sempre tenta anular um argumento com fatos, Malcolm.

Malcolm X: Senhor, eu não estou comentando sobre o que você fez, é irrelevante para mim.

Hall: Mas você disse que era uma peça maravilhosa.

Malcolm X: Estou dizendo o que Aubrey fez. Aubrey foi quem produziu a peça. Você pode ter arranjado para Rockwell escrever uma parte.

Hall: Aubrey me procurou.

Malcolm X: Você pode ter organizado para Rockwell escrever uma parte.

Hall: - Porque ele sabia que eu poderia contar esta história de uma forma melhor.

Malcolm X: Você pode organizar para Rockwell, você pode organizar para o Klan escrever uma parte.

Hall: Não, eu não poderia, eu não poderia...

Malcolm X: Então o que você pode organizar não me impressiona.

Hall: Malcolm, você sabe perfeitamente que eu não poderia. Isso é só uma calúnia.

Malcolm X: Você poderia, senhor. Você é um mercenário.

Hall (Para Bernard): Você não pode ver a técnica?

Malcolm X: Não, você é um perito, você mesmo disse. É por isso que te chamo de doutor.

Bernard: Próxima ligação, podemos ir para a próxima chamada?

Hall: Eu gosto quando ele fala assim, porque ele se expõe.

Malcolm X: Não, eu estou expondo você como um mercenário, um oportunista.

Bernard: Aqui vamos nós, é hora da próxima chamada, aqui vamos nós. Este é o Contact, você está no ar.

Ouvinte: Gostaria de fazer uma pergunta para Malcolm X.

Bernard: Vá em frente.

Ouvinte: Eu o ouvi dizer em um noticiário que os inimigos de Charlie são seus inimigos, isso é uma referência ao homem branco.

Malcolm X: Charlie é a Ku Klux Klan, e o Conselho de cidadãos brancos, e as pessoas brancas que praticam a discriminação e segregação contra os afro-americanos.

Ouvinte: Está bem. Então eu gostaria de lhe perguntar, algo que você mencionou sobre a ajuda da China vermelha.

Malcolm X: Eu nunca mencionei nada sobre a ajuda da China vermelha. Pergunte ao Dr. Hall, ele é um perito. Acho que ele vai ter que concordar com isso.

Ouvinte: Este homem perguntou se a ajuda para a luta contra Charlie viesse da China vermelha, você aceitaria? Você disse qualquer um.

Malcolm X: Bem, isso não especifica a China vermelha. Eu disse que quando você está no covil de um lobo, e uma raposa vem e se oferece para ajudá-lo, você vai aceitar a ajuda de qualquer fonte disponível contra esse lobo.

Bernard: Sim, mas perguntaram-lhe.

Malcolm X: Isso não significa que você ama as raposas.

Bernard: Eles especificaram quando perguntaram se eles.

Malcolm X: Eu não acho que eles disseram China comunista; se bem me lembro, posso estar errado, mas não acho que tenham especificado a China comunista. Embora deixe-me dizer isso sobre a China comunista: China é uma nação de 700 milhões de habitantes. Fisicamente eles existem. Eu não vou aderir a reação americana e fingir que 700 milhões de chineses não existem. Quando eu estava na África durante o verão, onde quer que eu olhasse, eu via um chinês. Quando voltei para a América, eu não vi nenhum chinês. Eu só acho que não é uma atitude sensata fingir que 700 milhões pessoas não existem.

Hall: Isso não parece ser a política dos EUA fingir que eles não existem, Malcolm. Você só diz coisas que não existem.

Malcolm X: Não, mas eu -

Hall: Os Estados Unidos estão bem cientes da China vermelha.

Malcolm X: Ela certamente está. Acabaram de detonar bombas nucleares. E suas forças mantêm os soldados dos Estados Unidos presos em Saigon. Ela teria de estar bem ciente. Ela tem metade de sua força presa. Seria loucura ignorar a existência dela. Mas ao mesmo tempo ele tentar passar para o público, para as pessoas daqui a impressão de que eles não existem.

Hall: Você só está dizendo isso, mas não é o caso.

Malcolm X: Eles são seres humanos, assim como você e eu somos.

Bernard: Você, é claro, defende o reconhecimento da China vermelha e sua admissão nas Nações Unidas?

Malcolm X: Muitos dos seus senadores em Washington, D.C defendem a mesma coisa. Eu acho que a maioria das pessoas inteligentes, progressistas, que estão atualizadas em seu pensamento, finalmente alcançou a maturidade intelectual e política ao ponto de eles perceberem que, quando você tem diversidades de pessoas nesta terra, é melhor reconhecê-las e tratá-las como seres humanos, e então, eles vão tratar você como seres humanos. Se você diz que não deve lidar com eles porque eles são comunistas, então por que lidar com a Rússia? Ou se você diz que não deve lidar com eles, porque eles lutaram contra as Forças das Nações Unidas na Coreia, então por que lidar com Tshombe? Tshombe também lutou contra as forças das Nações Unidas em Katanga. Se você usar o mesmo critério para medir essas pessoas o tempo todo, eu acho que você acaba obtendo resultados melhores.

Bernard: Certo, vamos para a próxima chamada. Nosso número de contato WINS — Judson 2-6405. Este é “Contact” Stan Bernard, você está no ar.

Ouvinte: Alô? Malcolm, gostaria de lhe perguntar se você acha que a recente ação do governo gaullista em negar a sua entrada na França é, de qualquer forma, inconsistente com a política geral da França em relação à comunidade afro-asiática e a África em particular.

Malcolm X: Sim, eu enviei um telegrama para Dean Rusk, o Secretário de estado atual, exigindo uma investigação sobre a razão pela qual o governo francês impediu a entrada de um cidadão americano e a embaixada americana não tomou nenhuma medida. Mas eu poderia salientar, eu estive em Paris, em novembro passado, e fui bem-sucedido em formar uma boa organização – mais outra, que o Dr. Hall aqui pode investigar - na comunidade afro-americana em Paris, e eles têm trabalhado em conjunto com a comunidade africana. E foi a comunidade africana e a comunidade afro-americana em Paris que me convidaram para proferir uma palestra e o governo francês permitiu a minha entrada. E eu poderia salientar que foi o sindicato dos trabalhadores da união comunista em Paris, que os impediu de alugar um salão inicialmente, bloqueou a tentativa de obter o segundo salão, e, eventualmente, exerceu influência no governo

francês para detê-los. Os trabalhadores do sindicato comunista, um dos maiores sindicatos do país. A razão pela qual eu estive em Londres - eu tinha sido convidado para assistir ao primeiro congresso organizado pelo conselho das organizações africanas, um congresso de quatro dias, e fui convidado para fazer o discurso de encerramento porque eles estavam interessados na luta do afrodescendente deste país em sua batalha por dignidade humana e direitos humanos.

Bernard: Ok, nós vamos passar para a próxima ligação. Este é o “Contact”, você está no ar.

Ouvinte: Olá. Posso falar com Malcolm X, por favor?

Bernard: Sim, vá em frente.

Ouvinte: Eu gostaria de..., na verdade, eu não tenho uma pergunta para Malcolm X. Eu gostaria de dizer que estou 100 por cento com você em qualquer coisa que você faça para ajudar o Negro. Eu acho vergonhoso alguém jogar uma bomba numa casa onde há seres humanos, particularmente crianças. E eu não apoio os muçulmanos, os chamados muçulmanos, porque para mim eles estão apenas ensinando ódio.

Malcolm X: Bem, confesso que fui um dos líderes que projetou o movimento muçulmano, fazendo com que tantas pessoas acreditassem na versão distorcida do Islã que eles ensinam. Mas, ao mesmo tempo, devo salientar que existem alguns membros progressistas, pessoas que agem correto. Nem todos eles agem errado. Há muitos que querem o bem, mas estão apenas sendo enganados pela hierarquia, muitos dos quais não desejam o bem. Mas há uma maioria progressista dentro do movimento, e geralmente, são eles que entram, passam um ano, ficam desiludidos e saem. Mas fui responsável por dar às pessoas a impressão de que o movimento Muçulmano Negro era mais do que é, e assumo essa responsabilidade. Você pode colocar a culpa toda em mim. Mas ao mesmo tempo em que assumo essa responsabilidade, quero salientar que nenhum homem branco ou grupo ou agência branca pode me usar contra Elijah Muhammad ou contra o movimento Muçulmano Negro. Quando você me vê abrir a boca contra outro homem Negro, nenhum homem branco pode colocar palavras na minha boca, nem qualquer homem branco pode me influenciar contra outro grupo Negro. Quando analiso o homem e o grupo com o meu próprio entendimento, e sinto que eles estão fazendo algo que é prejudicial para os interesses da comunidade negra, então vou atacá-lo com a mesma intensidade.

Bernard: Gordon, você ia dizer alguma coisa?

Hall: Bem, mais uma vez, como você sabe, são mais palavras. Ele começou dizendo que tem que confessar que foi responsável por enganar muitas pessoas no movimento muçulmano. Nunca houve muitos muçulmanos. Vamos sempre voltar ao fato de que muitas pessoas nunca foram enganadas. A imprensa branca foi levada a acreditar que havia muitos muçulmanos.

Malcolm X: Dr. Hall —

Hall: nunca houve mais de 15.000 muçulmanos na América, e há apenas 6.000 agora. E temos 22 milhões de Negros nos Estados Unidos. Coloque esses fatos em sua mente.

Malcolm X: Dr. Hall —

Hall: Você admitiu isso no começo, Malcolm. Você disse que a estimativa de 15.000 está correta. São fatos Malcolm.

Malcolm X: Aqui está um outro fato que você tem que ter em mente. Nunca houve muitos *Mau-Mau*. Nunca houve. Havia sempre mais *Kikuyu*, mais quenianos, do que *Mau-Mau*.

Hall: O que isso pode provar?

Malcolm X: Mas foi o *Mau-Mau* que conquistou a independência para o Quênia. E o homem que era considerado um extremista, um monstro há apenas cinco anos, Jomo Kenyatta é o Presidente da República do Quênia hoje, e é este mesmo homem, que há cinco anos.

Hall: A situação na África colonial hoje não é como nos Estados Unidos.

Malcolm X: Bem, ela é colonial. Uma vez que você tem um sistema, em 1965, que vai pegar crianças e as deixá-las ser massacradas pela estrada, não por causa de crimes, mas-

Bernard: Mas em números você tem de fazer uma grande analogia. Nos Estados Unidos, o Negro ainda é uma minoria. E quando você fala sobre minorias dentro de minorias, dentro de

minorias, e você começa a analisar tudo isso, você não pode realmente fazer essa analogia com uma colônia.

Malcolm X: Eu digo isso: o *Mau-Mau* também era uma minoria, uma minoria microscópica, mas foi o *Mau-Mau* que não só trouxe a independência para o Quênia, mas —

Bernard: Dentro de uma grande maioria negra.

Malcolm X: Mas isso trouxe - aquele pavio. O barril de pólvora é sempre maior que o pavio. A menor peça no barril de pólvora é o pavio. Você pode tocar o pó durante todo o dia e nada acontece. É o pavio que você toca que libera o pó.

Bernard: Eu não gostaria, acho que vai explodir.

Malcolm X: É o pavio que você acende que libera o pó. Você vai aqui no Harlem e pega todos esses Negros moderados, que o Dr. Hall coloca o selo de aprovação e os considera responsáveis - eles não explodem. É o pavio, é esse pequeno elemento que você se refere como nacionalista e outros.

Hall: Estás a fazer tudo o que podes para encorajá-los, Malcolm, com sua linguagem demagógica —

Malcolm X: Não, não, eu não estou encorajando-os - Hall: Oh, sim você está.

Malcolm X: Eu não estou encorajando; mas não vou ficar aqui fingindo que não existe.

Bernard: Não incite, Malcolm? Não incite?

Malcolm X: Eu não acho. Como você pode incitar as pessoas que vivem em favelas e guetos? É a estrutura da cidade que as incita. Uma cidade que continua a permitir que as pessoas morem em antros infestados de ratos e paguem o aluguel mais caro do Harlem. Mais caro do que pagam no centro da cidade. É isso que as incita. Quem permite que os comerciantes cobrem mais ou sobrecarreguem as pessoas em seus mantimentos, suas roupas e outras mercadorias no Harlem enquanto você paga menos no centro da cidade. É isso que as incita. Uma cidade que não cria

nenhum tipo de emprego para as pessoas que são impedidas de ter empregos apenas por causa da cor de sua pele. Isso é o que as incita. Nunca acuse um homem Negro por expressar seu ressentimento e insatisfação a respeito da condição criminosa em que seu povo vive como responsável por incitá-los. É a situação que os incita. Você tem que indiciar a sociedade que permite que essas coisas existam. E é aí que eu discordo do Dr. Hall

Bernard: Bem, de certa forma-

Hall: Nós diferimos em muitos aspectos, Malcolm.

Malcolm X: Este é um dos muitos aspectos em que nós diferimos, Dr. Hall.

Bernard: Bem, de certa forma, Hitler também não falava de diferentes pontos de vista, ele não disse que as condições existiam, e ele também não incitou?

Malcolm X: Eu não sei nada sobre Hitler, eu não estava na Alemanha. Estou na América.

Bernard: Não, por favor, Malcolm.

Malcolm X: Eu digo, eu não estava na Alemanha.

Bernard: Você sabe sobre Hitler.

Malcolm X: Você não pode apontar Hitler e Alemanha para falar sobre o que está acontecendo aqui na América! Ligue a televisão hoje à noite e veja o que é-

Bernard: No Harlem.

Malcolm X: Não, não, não - ligue a televisão hoje à noite e veja o que eles estão fazendo com o Dr. King.

Hall: Os métodos do Dr. King não são seus métodos. Você não poderia fazer no Alabama o que ele está fazendo.

Malcolm X: Senhor — Senhor —

Hall: Você não poderia fazer —

Malcolm X: Senhor, é melhor rezar para que eu não vá e tente fazer o que ele está fazendo. Quando o Dr. King.

Hall: Estas são apenas palavras, Malcolm.

Malcolm X: Sempre que o Dr. King se juntar a pessoas como você - você deveria se esforçar mais para mantê-lo fora da prisão. Você deveria fazer mais esforço para protegê-lo. E você deveria fazer um esforço maior para proteger as pessoas que o acompanham e mostrar esse amor e essa paciência. Se você fizesse mais por essas pessoas e gastasse um pouco mais de seu tempo tentando ajudar essas pessoas em vez de tentar me atacar, provavelmente, este país seria um lugar muito melhor para se viver. Você gasta muito de seu tempo, doutor, tentando investigar Malcolm X: você gasta muito de seu tempo, doutor, correndo por aí, tentando manter o controle das pessoas negras insatisfeitas que você rotula de extremistas-

Hall: Dificilmente, dificilmente —

Malcolm X: — Se você gastasse seu tempo nesses lugares onde o Dr. King está lutando, você faria deste país um lugar melhor para se viver.

Hall: Malcolm, eu ensinei em todo o estado do Alabama, quando você ainda não tinha nada a ver com os muçulmanos ou qualquer outra pessoa.

Malcolm X: Você tinha um lençol branco? Você tinha um lençol branco?

Hall: Entende o que eu quis dizer?

Bernard: Senhores, o tempo. Alarme, aqui vamos nós, alarme. O. K., que é a 15ª rodada. Acabamos de receber.

Malcolm X: Dr. Hall, venha para o Audubon domingo às 2 horas, e nós continuaremos nosso debate lá.

Hall: Eu tenho coisas mais importantes para fazer.

Bernard: Senhores, temos que seguir em frente. O tempo acabou. Eu gostaria de agradecer a todos vocês por comparecerem esta noite. Muito obrigado, Gordon - Malcolm - e, claro, Aubrey Barnette.

5.29 Entrevista concedida à revista *Al-Muslimoon* (fevereiro de 1965)

Esta entrevista é um conjunto de respostas a perguntas escritas feita pelo *Al-Muslimoon*, publicada pelo centro islâmico em Genebra, Suíça. Ele escreveu a maioria das respostas na noite em que sua casa foi bombardeada e escreveu os dois últimos na noite anterior à sua morte.

Al-Muslimoon: O Movimento Muçulmano Negro é um dos movimentos mais controversos dos Estados Unidos. Tendo sido por um período considerável seu mais proeminente e principal organizador e porta-voz, você poderia gentilmente nos dar um retrato conciso do pano de fundo deste movimento, sua história, sua ética principal e sua força real?

Malcolm X: Elijah Muhammad deixou-se ser dominado por um sentimento insano de inveja por causa de minha popularidade que estava além de seus seguidores e da comunidade não-muçulmana enquanto seu próprio prestígio e influência estavam limitados em grande parte entre seus seguidores imediatos. Enquanto eu estava no movimento e cego para seus defeitos por causa da minha própria fé intransigente nele, eu sempre pensei que a inveja e o ciúme que eu via – por meio dos sinais constantes que se originavam principalmente de sua família imediata, era inconcebível para mim, toda vez que membros de sua própria família me avisavam que o pai deles, (o próprio Elijah Muhammad) estava quase insano de ciúmes.

Quando Elijah ficou sabendo que seu filho Wallace havia me contado como seu pai seduziu suas secretárias adolescentes (dizendo-lhes que ele era o profeta Maomé e fazendo com que elas pensassem que seria sua esposa favorita e a mais linda *Aisha*) Elijah temeu que minha posição de influência no movimento fosse uma ameaça para ele e seus outros filhos, que passou a controlar o movimento e se beneficiar de sua riqueza. Por temerem minha popularidade com os muçulmanos, eles foram cuidadosos com qualquer movimento imediato ou aberto para restringir minha autoridade sem um bom motivo, então esperaram pacientemente por uma oportunidade até que minha declaração sobre o assassinato do falecido Presidente Kennedy lhes

deu a oportunidade de obter o apoio do público contra qualquer tipo de ação que eles tomassem para me suspender ou remover.

Na época em que anunciaram que eu seria suspenso e silenciado por noventa dias, eles já haviam acionado o mecanismo para me expulsar completamente do movimento, e o próprio Elijah Muhammad já tinha dado ordem para me matar porque ele temia que eu expusesse a seus seguidores o segredo de sua extrema imoralidade.

Al-Muslimoon: Poderiam essas diferenças ser basicamente de natureza ética e de questões concernentes a fé? Na sua opinião, quais são as perspectivas de uma reforma radical dentro do movimento de Elijah Muhammad agora ou no futuro?

Malcolm X: Não, o próprio Elijah Muhammad nunca mudará. Pelo menos eu duvido disso. Ele é velho demais, dogmático e já foi longe demais ao ensinar que é um profeta maior que Muhammad ibn Abdullah. Ele é orgulhoso demais para confessar aos seus seguidores que ele deliberadamente lhes ensinou de forma incorreta. Mas à medida que seus seguidores bem-intencionados forem expostos à verdadeira religião do Islã, eles mesmos o deixarão para praticar o verdadeiro Islã como deve ser praticado. É por isso que é tão importante criar centros onde o verdadeiro Islã possa ser ensinado. E esses centros devem estar localizados principalmente nas comunidades negras, porque os afro-americanos são os que demonstram maior interesse na verdadeira religião.

Al-Muslimoon: Algum dos seguidores de Elijah Muhammad deixou o movimento com você; você acha que seu afastamento do movimento afetou seu corpo principal de forma considerável?

Malcolm X: Sim, muitos seguidores de Elijah não puderam aceitar sua imoralidade, e isso abriu seus olhos para as outras falsidades de sua doutrina. Mas não conseguimos reagrupá-los e reorganizá-los como deveríamos. É preciso financiamento, e deixamos todos os tesouros e propriedades com Elijah e ele usa essa riqueza que acumulamos para lutar conosco e nos impedir de nos organizar. Ele é fanaticamente contra os afro-americanos que aceitam o verdadeiro Islã. Por isso, deu ordens a seus próprios seguidores para mutilar ou matar qualquer seguidor que deixasse o movimento para seguir o verdadeiro Islã. Ele teme que o verdadeiro Islã exponha e destrua seus falsos ensinamentos.

Al-Muslimoon: Você pretende apenas parar de expressar sua oposição contra Elijah Muhammad e seu grupo ou você tem algum curso de ação em mente para estabelecer alguma nova organização no campo? Em caso afirmativo, em que base e para quais objetivos específicos, próximos ou distantes?

Malcolm X: Com o pouco financiamento que pudemos levantar, fundamos a Mesquita Muçulmana Incorporated com sede aqui no Harlem. Nosso único interesse é ajudar a desconstruir a imagem distorcida que ajudamos a espalhar sobre o Islã. Nossa mesquita também é para aqueles que querem aprender a viver a vida de um verdadeiro muçulmano.

No entanto, como vivemos como afro-americanos em uma sociedade branca racista, estabelecemos uma outra organização que não é religiosa, conhecida como Organização da Unidade Afro-americana (OAAU), que tem o objetivo de unir todos os Negros americanos, independentemente de sua condição ou afiliação religiosa, em um grupo que pode lutar contra o racismo americano e os males econômicos, políticos e sociais que resultam do racismo branco aqui nesta sociedade americana. Com a Mesquita Muçulmana, estamos ensinando ao nosso povo um melhor modo de vida, e com a OAAU estamos ensinando a lutar, em um nível ainda mais amplo, por completo respeito e reconhecimento como seres humanos e estamos prontos e dispostos a usar qualquer meio necessário para atingir esse objetivo.

Al-Muslimoon: o que você realmente tem feito desde que você se afastou do movimento de Elijah Muhammad?

Malcolm X: Eu viajei para o Oriente Médio e África duas vezes desde que me separei de Elijah Muhammad em março de 1964, principalmente para entender melhor o Islã e os países africanos e, por sua vez, dar ao mundo muçulmano e aos africanos uma melhor compreensão dos problemas que enfrentamos aqui na América.

Al-Muslimoon: É verdade que, mesmo após ter se separado de Elijah Muhammad, você ainda mantém a cor como principal dogma e base para impulsionar a bandeira da libertação nos Estados Unidos? Como poderia um homem do seu espírito, intelecto e perspectiva mundial deixar de ver no Islã sua principal característica, desde seus primórdios, como uma mensagem que confirma sem dúvida a unidade e qualidade etnológica de todas as raças, atingindo assim a própria raiz da monstruosidade da discriminação racial. Inúmeros são os textos do Alcorão

(Alcorão) e provérbios proféticos sobre este fato e nada mais testemunharia isso que o fato histórico de que as raças são heterogêneas, que nações e entidades linguísticas sempre se misturaram pacificamente na terra natal.

Malcolm X: Como Negro americano, sinto que minha primeira responsabilidade é com os vinte e dois milhões de afro-americanos que sofrem as mesmas indignidades por causa da cor da pele assim como eu. Não acredito que meu problema pessoal esteja resolvido até que o problema dos vinte e dois milhões de afro-americanos esteja resolvido.

Para meu espanto, até agora, o mundo muçulmano parece ignorar o problema do Negro americano, e a maioria dos muçulmanos que vêm do mundo muçulmano concentrou mais seus esforços na tentativa de converter americanos brancos do que afro-americanos.

[Nota de Malcolm X para os editores de Al-Muslimoon: eu tinha retornado aos Estados Unidos de Londres às 16:30, em 13 de fevereiro, e tinha trabalhado até 12:30. Logo após a meia-noite, senti-me muito cansado, então, decidi deixar as páginas acima da máquina de escrever e terminá-la no início da manhã. Eu me retirei às 12h30 quando bombas explodiram em minha casa. Lançadas por assassinos que tentaram me matar, bem como minha esposa e minhas quatro filhas enquanto dormíamos às 2:30 da manhã. Mas *Allah* nos salvou da morte. Esta é apenas uma das muitas táticas terroristas que os inimigos do Islã usam para que o verdadeiro Islã nunca seja estabelecido nessa terra. E eles sabem que, se eu for bem-sucedido em ajudar a desconstruir a versão distorcida de Elijah Muhammad do Islã, será ainda mais fácil disseminar o verdadeiro Islã.]

Existem dois grupos de muçulmanos na América: (1) aqueles que nasceram no mundo muçulmano e migraram para cá, e já eram muçulmanos quando chegaram aqui. Se esse total for superior a duzentos mil, eles não conseguiram converter mil americanos ao islamismo. (2) As pessoas que nasceram nos EUA e que se converteram ao Islã, representam 98% da população afro-americana. Até agora, apenas o afro-americano tem demonstrado interesse no islamismo sunita.

Se um estudante de agricultura tiver o bom senso suficiente de concentrar seus esforços agrícolas na área mais fértil de sua fazenda, eu acho que o mundo muçulmano deveria perceber que a área mais fértil do Islã no Ocidente é o afro-americano. Isso de modo algum implica

discriminação ou racismo, mas mostra que somos inteligentes o suficiente para plantar a boa semente do Islã onde ela crescerá melhor. Mais tarde, podemos “medicar” ou fertilizar as áreas menos férteis, mas somente depois que nossa colheita já estiver bem plantada no coração e na mente desses afro-americanos que já demonstram grandes sinais de receptividade. Não foi Bilal, o etíope Negro, o primeiro a receber a semente do Islã do próprio Profeta na Arábia há 1.400 anos?

Al-Muslimoon: Agora que você visitou e revisitou muitos países muçulmanos, quais são suas impressões principais a respeito do Islã e dos muçulmanos ambos no presente e no futuro?

Malcolm X: Estamos no limiar da era nuclear. A educação é uma obrigação, especialmente nesta era altamente técnica. Na minha opinião, os líderes religiosos muçulmanos não enfatizaram a importância da educação para as comunidades muçulmanas, especialmente nos países africanos. Assim, quando os países africanos se tornaram independentes, as áreas não-muçulmanas possuíam o maior número de africanos instruídos, portanto, os mais qualificados para ocupar as posições recém-criadas do governo. Os atuais líderes religiosos muçulmanos precisam de um tipo de educação mais completa e, então, poderão enfatizar a importância da educação para as massas. Mas muitas vezes, quando esses líderes religiosos adquirem conhecimento, educação e compreensão, eles são muito limitados, às vezes, propositadamente, com o intuito de manter seu próprio povo ignorante para manter sua própria posição de liderança, eles mantêm as pessoas com suas mentes estreitas porque eles mesmos são pessoas de mente estreita.

Em todos os países do Oriente Médio e da África que visitei, notei que o país era "avançado" à medida que suas mulheres eram “avançadas”, ou “atrasado” a medida que suas mulheres eram “atrasadas”. Com isso quero dizer que, em áreas onde as mulheres foram deixadas para segundo plano e mantidas sem educação, toda região ou país se tornou atrasado, sem educação e "subdesenvolvido". Onde as mulheres foram encorajadas a obter educação e a assumir um papel mais ativo nos assuntos da comunidade e do país, todo o povo se tornou mais ativo, mais esclarecido e mais progressista. Assim, na minha opinião, os líderes religiosos muçulmanos de hoje devem reavaliar e esclarecer a posição muçulmana sobre educação em geral e a educação das mulheres em particular. E então, um vasto programa deveria ser lançado para elevar o padrão de educação no mundo muçulmano. Um velho provérbio africano afirma:

“Eduque um homem e você educará um indivíduo; eduque uma mulher e você educará uma família inteira”.

Al-Muslimoon: A África parece ter tomado a maior parte de sua atenção e preocupação. Por quê? E agora que você visitou quase todo o continente, onde você acha que o Islã realmente está? E o que, na sua opinião, poderia ser feito para salvá-lo tanto da falta de consciência de muitos, quanto da maioria daqueles que são considerados os defensores de sua causa, e da maliciosa e engenhosa aliança do sionismo, ateísmo e o fanatismo religioso contra o Islã?

Malcolm X: Eu considero a África como minha pátria. Estou interessado principalmente em vê-la se tornar completamente livre de influências políticas e econômicas externas que a dominaram e exploraram. A África, por causa de sua posição estratégica, enfrenta uma crise real. Os abutres coloniais não têm intenção de desistir sem lutar. Sua principal arma ainda é “dividir para conquistar”. Na África Oriental há um forte sentimento anti-asiático sendo nutrido entre os africanos. Na África Ocidental, há um forte sentimento anti-árabe. Onde há árabes ou asiáticos há um forte sentimento anti-muçulmano.

Essas hostilidades não são iniciadas pelas pessoas acima mencionadas e que estão envolvidas. Eles não terão nenhum benefício lutando entre si neste momento. Aqueles que mais se beneficiam são os antigos mestres coloniais que agora tem suplantado o odiado colonialismo e imperialismo com o sionismo. Os sionistas superaram todos os outros grupos de interesse na atual luta pelo nosso continente materno. Eles usam uma abordagem tão benevolente e filantrópica que torna muito difícil para suas vítimas enxergarem através de seus esquemas. O sionismo é ainda mais perigoso que o comunismo porque se torna mais aceitável e, portanto, mais destrutivo.

Uma vez que a imagem árabe é quase inseparável da imagem do Islã. O mundo árabe tem uma responsabilidade múltipla que deverá cumprir. Visto que o Islã é uma religião de fraternidade e unidade, aqueles que assumiram o papel de liderar e divulgar a religião, têm o dever de estabelecer o mais alto exemplo de fraternidade e unidade. É imperativo que Cairo e Meca (Conselho Supremo dos Assuntos Islâmicos e a Liga Muçulmana Mundial) tenham uma conferência religiosa de cúpula e mostrem um maior grau de preocupação e responsabilidade pela situação atual do mundo muçulmano, ou outras forças emergirão nesta geração atual de

jovens muçulmanos que pensam no futuro e os "centros de poder" serão tirados das mãos daqueles que estão no poder e serão colocados em outro lugar. *Allah* pode facilmente fazer isso.

5.30 Programa da Organização da União Afro-americana (21 de fevereiro de 1965)

Este programa deveria ter sido apresentado em 15 de fevereiro, mas como a casa de Malcolm foi bombardeada, sua apresentação foi adiada por uma semana, seria apresentado em 21 de fevereiro, o dia em que foi assassinado.

Assegurando a unidade...

Promovendo a justiça...

Transcendendo compromisso...

Nós, afro-americanos, pessoas que se originaram da África e que agora residem na América, protestamos contra a escravidão e opressão infligidas a nós por essa estrutura de poder racista. Oferecemos aos afro-americanos oprimidos cursos de ação que irão derrotar a opressão, aliviar o sofrimento e transformar a luta sem resultado em ação significativa.

Confiantes de que nosso propósito será alcançado, nós, afro-americanos de todas as classes sociais, tornamos conhecido os seguintes procedimentos:

ESTABELECIMENTO

Tendo declarado nossa determinação, confiança e resolução, a Organização da Unidade Afro-americana é fundada no dia 15 de fevereiro de 1965, na cidade de Nova York.

Sobre este estabelecimento, o povo afro-americano lançará uma revolução cultural que fornecerá os meios para restaurar nossa identidade que vai nos unir culturalmente, psicologicamente e economicamente com nossos irmãos e irmãs no continente africano para que possamos compartilhar os doces frutos da liberdade contra a opressão e independência dos governos racistas.

1. A Organização da Unidade Afro-americana acolhe todas as pessoas de origem africana que queiram juntar-se a nós para contribuirmos com suas ideias, habilidades e suas vidas a fim de libertar nosso povo da opressão.

2. As filiais da Organização da Unidade Afro-americana podem ser estabelecidas por pessoas de descendência africana, onde quer que estejam e qualquer que seja sua ideologia – desde que sejam descendentes da África e dedicadas a nosso único objetivo: a liberdade da opressão.
3. O programa básico da Organização da Unidade Afro-americana, que está sendo apresentado hoje, pode e deverá ser modificado pelos membros, levando em consideração as condições nacionais, regionais e locais que requerem tratamento flexível.
4. A Organização da Unidade Afro-americana incentiva a participação ativa de cada membro, pois entendemos que todo afro-americano tem algo a contribuir para a nossa liberdade. Assim, cada membro será incentivado a participar do comitê de sua escolha.
5. Cientes das diferenças que foram criadas entre nós por nossos opressores, para nos manter divididos, a Organização da Unidade Afro-americana se esforça para ignorar ou neutralizar essas divisões artificiais concentrando nossas atividades e nossa lealdade em nosso único objetivo: libertar-se da opressão.

PROPÓSITOS E OBJETIVOS BÁSICOS

Autodeterminação

Declaramos que nós, afro-americanos, temos o direito de dirigir e controlar nossas vidas, nossa história e nosso futuro, ao invés de ter nossos destinos determinados pelos racistas americanos, estamos determinados a redescobrir nossa verdadeira cultura africana que foi esmagada e negada por mais de quatrocentos anos, a fim de nos escravizar e nos manter escravizados até hoje.

Nós, afro-americanos - escravizados, oprimidos e negados por uma sociedade que se proclama a defensora da democracia, estamos determinados a redescobrir nossa história, promover os talentos reprimidos pelos escravocratas racistas, renovar a cultura que foi esmagada por um governo escravagista e, assim, se tornar um povo livre novamente.

UNIDADE NACIONAL

Sinceramente, acreditamos que o futuro dos afro-americanos depende de nossa capacidade de unir nossas ideias, habilidades, organizações e instituições.

Nós, membros da Organização da Unidade Afro-americana, comprometemo-nos a unir mãos e corações com todas as pessoas de origem africana em uma grande aliança, esquecendo todas as diferenças que a estrutura de poder criou para nos manter divididos e escravizados. Comprometemo-nos a fortalecer nosso laço comum e nos esforçamos para a realização de um objetivo: libertarmos da opressão.

O PROGRAMA DE UNIDADE BÁSICA

O programa da Organização da Unidade Afro-americana deve se desenvolver a partir de cinco pontos estratégicos que são considerados básicos e fundamentais para a nossa nobre aliança. Através de nossos comitês, procederemos conforme as seguintes áreas gerais.

I. Restauração

Para escravizar o africano, foi necessário que os escravagistas cortassem completamente nossas comunicações com o continente e com os africanos que lá permaneceram. A fim de nos libertar da opressão dos escravocratas, é absolutamente necessário que os afro-americanos restaurem a comunicação com a África.

A Organização da Unidade Afro-americana realizará esse objetivo por meio de jornais nacionais e internacionais independentes, empreendimentos editoriais, contatos pessoais e outros meios de comunicação disponíveis.

Nós, afro-americanos, devemos também comunicar uns aos outros as verdades sobre a escravidão americana e seus terríveis efeitos sobre o nosso povo. Devemos estudar o moderno sistema de escravidão a fim nos libertarmos dele. Devemos examinar todos os fatos despídos e cruciantes sem vergonha porque ainda somos vítimas, ainda somos escravizados - ainda somos oprimidos. Nossa única vergonha é acreditar em mentira e não buscar a verdade.

Precisamos aprender tudo o que pudermos sobre nós mesmos. Precisamos saber toda a história sobre como fomos sequestrados da África, como nossos ancestrais foram brutalizados, desumanizados e assassinados e como somos continuamente mantidos em um estado de

escravidão para o lucro de um sistema concebido em escravidão, construído por escravizados e projetado para nos manter escravizados.

Devemos começar a nos reeducar e nos tornar ouvintes atentos, a fim de aprender o máximo possível sobre o progresso de nossa pátria - a África. Devemos desconstruir em nossas mentes a imagem distorcida que o escravocrata projetou em nós sobre a África, a fim de nos desencorajar a restabelecer a comunicação com África e, assim, obter a liberdade da opressão

II. Reorientação

A fim de manter os afro-americanos escravizados foi necessário limitar nosso pensamento à América – para nos impedir de relacionar nossos problemas com os problemas de outros povos de origem africana. Isso nos levou a pensar que éramos uma minoria isolada, sem aliados, em nenhum lugar.

A Organização da Unidade Afro-americana desenvolverá no povo afro-americano uma profunda consciência de nosso relacionamento com o mundo em geral e esclarecerá nossos papéis, direitos e responsabilidades como seres humanos. Podemos alcançar esse objetivo tornando-nos bem informados sobre assuntos mundiais e entendendo que nossa luta é parte de uma luta mais ampla contra todas as formas de opressão entre povos oprimidos em todo o mundo. Devemos mudar o pensamento dos afro-americanos, libertando nossas mentes através do estudo de filosofias, psicologias, culturas e línguas produzidas por nosso povo. Providências estão sendo tomadas para a oferta de idiomas como o *suaíli*, o *hausa* e o árabe. O estudo dessas línguas dará ao nosso povo acesso às ideias e a história da humanidade em geral e, assim, aumentará nosso escopo mental.

Podemos aprender muito sobre a África por meio da leitura de livros informativos e ouvindo as experiências daqueles que viajaram para lá, mas muitos de nós podemos viajar para o continente por escolha própria e ter nossa própria experiência. A Organização da Unidade Afro-americana incentivará os afro-americanos a viajarem para a África, Caribe e outros lugares onde nossa cultura não foi completamente destruída pela brutalidade e crueldade do colonialismo.

III. Educação

Depois de escravizar-nos, os mestres de escravos desenvolveram um sistema educacional racista que justificava a sua posteridade as más ações cometidas contra o povo africano e seus descendentes. Muitas vezes, o próprio escravizado participa tão completamente deste sistema que ele legitima a sua própria condição de escravizado e oprimido.

A Organização da Unidade Afro-americana elaborará métodos e procedimentos educacionais originais que libertarão as mentes de nossos filhos das mentiras e distorções com as quais fomos alimentados desde o berço para nos manter mentalmente escravizados. Vamos encorajar os próprios afro-americanos a estabelecer institutos experimentais e oficinas educativas, escolas de libertação e creches nas comunidades afro-americanas.

Iremos influenciar a escolha de livros didáticos e equipamentos usados por nossas crianças nas escolas públicas e, ao mesmo tempo, incentivar os afro-americanos qualificados a escreverem e publicarem os livros didáticos necessários para libertar nossas mentes. Até controlarmos completamente nossas próprias instituições educacionais, devemos complementar o treinamento formal de nossos filhos, educando-os em casa.

IV. Segurança Econômica

Após a Proclamação da Emancipação, quando o sistema escravocrata mudou da escravidão servil para a escravidão assalariada, percebeu-se que os afro-americanos constituíam o maior grupo étnico homogêneo que tinha uma origem comum e experiência de grupo comum nos Estados Unidos e, se fosse permitido a eles liberdade econômica ou política, em um curto período eles possuiriam este país. Portanto, os racistas desse governo desenvolveram técnicas a fim de manter o povo afro-americano economicamente dependente dos senhores de escravizados - economicamente escravizados - escravizados do século XX.

A Organização da Unidade Afro-americana tomará medidas necessárias para libertar nosso povo da escravidão econômica. Uma maneira de conseguir isso será manter um grupo de técnicos: isto é, um grupo de técnicos. Da mesma forma que os bancos de sangue foram criados para fornecer sangue àqueles que precisam no momento em que é necessário, devemos estabelecer um banco técnico. Precisamos fazer isso para que as nações recém-independentes da África possam recorrer a nós, seus irmãos afro-americanos, os técnicos de que precisarão agora e no futuro. Assim, estaremos desenvolvendo um mercado aberto para desenvolver as

muitas habilidades que possuímos e, ao mesmo tempo, estaremos fornecendo à África as habilidades que ela pode utilizar da melhor maneira possível. Este projeto será, portanto, de cooperação mútua e benefício mútuo

V. Autodefesa

A fim de escravizar um povo e mantê-lo subjugado, seu direito à autodefesa deve ser negado. Eles devem ser constantemente aterrorizados, brutalizados e assassinados. Essas táticas de supressão foram desenvolvidas para um novo patamar por racistas cruéis com quem o governo dos Estados Unidos parece pouco disposto ou incapaz de lidar em termos da lei desta terra. Antes da emancipação, foi o Negro que sofreu humilhação, tortura, castração e assassinato. Recentemente, nossas mulheres e crianças, cada vez mais, estão se tornando vítimas de racistas selvagens cujo apetite por sangue aumenta diariamente e cujos atos de depravação parecem ser abertamente encorajados por todas as agências policiais. Mais de cinco mil afro-americanos foram linchados desde a Proclamação da Emancipação e nenhum assassino foi levado à justiça.

A Organização da Unidade Afro-americana, ciente da violência crescente que vem sendo cometida contra os afro-americanos e da sanção aberta a esta violência e assassinatos pelos departamentos de polícia e pelas agências federais de todo país - afirmamos nosso direito e obrigação de nos defender a fim de sobreviver como povo.

Encorajamos os afro-americanos a se defenderem contra os ataques arbitrários dos agressores racistas cujo único objetivo é nos negar as garantias da Carta dos Direitos Humanos das Nações Unidas e da Constituição dos Estados Unidos.

A Organização da Unidade Afro-americana tomará as medidas necessárias para garantir a sobrevivência do povo afro-americano em face a agressão racista e garantir a defesa de nossas mulheres e crianças. Temos o direito de garantir segurança ao povo afro-americano, que cumpre suas obrigações com o governo dos Estados Unidos (pagamos impostos e servimos as forças armadas deste país como cidadãos americanos) assim, também exigimos desse governo as obrigações que ele nos deve como pessoas, caso contrário cumprimos essas obrigações por nós mesmos. Desnecessário dizer que, entre esse número, incluímos a proteção de certos direitos inalienáveis, como a vida, a liberdade e a busca da felicidade.

Em áreas onde o governo dos Estados Unidos se mostrou incapaz ou relutante em levar à justiça os opressores racistas, assassinos que matam crianças e adultos inocentes, a Organização da Unidade Afro-americana defende que o povo afro-americano se assegure de que a justiça seja feita - seja qual for o preço e o meio necessário.

PREOCUPAÇÃO NACIONAL

Terminologia geral:

Nós afro-americanos nos sentimos receptivos a todos os povos de boa vontade. Não nos opomos a associações multiétnicas de qualquer classe social. De fato, tivemos experiências que nos permitem entender como é lamentável que os seres humanos tenham sido separados ou separados um do outro por causa de características conhecidas como “raciais”.

No entanto, os afro-americanos não criaram o histórico de preconceito e a atmosfera em que vivemos. E devemos encarar os fatos. Uma sociedade “racial” existe de fato e não há igualdade para os Negros. Assim, nós, que não somos brancos, devemos enfrentar os problemas herdados de séculos de desigualdades e lidar com as situações atuais da forma mais racional possível.

A qualidade étnica exclusiva de nossa unidade é necessária para a autopreservação. Dizemos isso porque nossas experiências apoiadas pela história comprovam que a cultura africana e a cultura afro-americana não são reconhecidas e relatadas com precisão e não podem ser respeitosamente expressas nem asseguradas para sua sobrevivência se permanecermos como vítimas divididas e, portanto, indefesas de uma sociedade opressora.

Apreciamos o fato de que quando as pessoas envolvidas têm de fato igualdade e justiça, a mistura étnica pode ser benéfica para todos. Devemos denunciar, no entanto, todas as pessoas que são opressivas através de suas políticas ou ações e que são injustas nas suas relações com outras pessoas, se as injustiças procedem de poder, classe ou “raça”. Devemos estar unidos para nos proteger contra o abuso ou uso indevido.

Consideramos a palavra “integração” um termo falso e enganoso. Isso traz certas implicações às quais os afro-americanos não podem aderir. Essa terminologia foi aplicada aos atuais projetos de regulamentação que são supostamente “aceitáveis” para algumas classes da sociedade. Esse

termo muito “aceitável” implica alguma superioridade ou inferioridade inerente, ao invés de reconhecer a verdadeira fonte das desigualdades envolvidas.

Observamos que o uso do termo “integração” foi designado e promovido por aquelas pessoas que esperam perpetuar com um tipo de discriminação étnica e que pretendem manter o controle social e econômico de todos os contatos humanos por meio de imagens, classificações, cotas e manipulações baseadas na cor, origem nacional ou características e antecedentes “raciais”.

A avaliação cuidadosa das experiências recentes mostra que a “integração” descreve realmente o processo pelo qual uma sociedade branca (permanece) em posição de usar, sempre que escolher usar e como querer usar, os melhores talentos de pessoas não-brancas. Esta rede de poder continua a construir uma sociedade em que as melhores contribuições dos afro-americanos, na verdade, de todas as pessoas não-brancas, continuariam a ser absorvidas sem notoriedade ou exploradas para beneficiar alguns poucos afortunados enquanto ambas as massas brancas e não-brancas permaneceriam em condições desiguais e sem recursos.

Estamos conscientes de que muitos de nós não possuem treinamento suficiente e são desprovidos e despreparados. Esse despreparo decorre da opressão, da discriminação, do desânimo, do desespero e resignação. Mas quando não estamos qualificados, e onde estamos despreparados, devemos nos ajudar mutuamente e elaborar planos para melhorar nossa própria condição enquanto afro-americanos. Então, nossas afirmações em relação à plena oportunidade podem ser feitas com base na igualdade, em oposição ao premeditado simbolismo da “integração”. Portanto, devemos rejeitar este termo como aquele usado por todas as pessoas que pretendem enganar os afro-americanos.

Outro termo, “Negro”, que é usado erroneamente e é degradante aos olhos de pessoas informadas e respeitáveis de descendência africana. Denota traços de caráter estereotipados e degradados e classifica todo um segmento da humanidade com base em informações falsas. De todos os pontos de vista inteligentes, é um emblema da escravidão e ajuda a prolongar e perpetuar a opressão e a discriminação.

As pessoas que reconhecem o impulso emocional e a simples demonstração de desrespeito pelo uso de “*nigra*” pelo sulista e o uso geral de “*nigger*” também devem perceber que todas as três palavras são essencialmente as mesmas. Os outros dois termos. “*nigra*” e “*nigger*” são abjetas

e depreciativas. Aquela que representa uma suposta respeitabilidade, "Negro", é apenas a mesma substância embrulhada em papel de presente e escrito com uma letra maiúscula. Este refinamento é adicionado para que uma terminologia degradante possa ser legitimamente usada na literatura geral e na conversa “polida” sem constrangimento.

O termo “Negro” se desenvolveu a partir de uma palavra da língua espanhola, que significa “preto”, isto é, a cor preta. Em linguagem simples, se alguém dissesse ou fosse chamado de “Negro” até mesmo uma criança naturalmente questionaria: “um Negro, o que é?” Ou “um moreno o que é?” Porque adjetivos não nomeiam, eles qualificam. Por favor, perceba que, a fim de fazer uso deste mecanismo, uma palavra foi transferida de outra língua e enganosamente alterada de sua função de adjetivo para substantivo, que é uma palavra usada para nomear. Sua aplicação no sentido nominativo (nomeação) foi intencionalmente usada para retratar pessoas em posição de objetos ou “coisas”. Ela marca o artigo como sendo “todos iguais”. Denota: um “neguinho”, um escravo, um subumano, um ex-escravizado, um "Negro".

Os afro-americanos devem reanalisar e, particularmente, questionar nosso próprio uso desse termo, tendo em mente todos os fatos. À luz dos significados históricos e implicações atuais, todos os afro-americanos e africanos inteligentes e informados continuam a rejeitar seu uso na forma substantiva, bem como um adjetivo apropriado. Seu uso deve continuar a ser considerado como não esclarecido e censurável ou deliberadamente ofensivo, seja na fala ou na escrita.

CONSIDERAÇÕES GERAIS:

Afro-americanos, como todas as outras pessoas, têm direitos humanos que são inalienáveis. Isto é, esses direitos humanos não podem ser legalmente ou justamente transferidos para outro. Nossos direitos humanos pertencem a nós, como os de todas as pessoas, este nos foi concedido por *Allah*, não foi por causa dos desejos, nem de acordo com os caprichos dos homens.

Devemos considerar esse fato e outras razões pelas quais uma Proclamação de "Emancipação" não deve ser reverenciada como um documento de libertação. Qualquer aceitação prévia de fé em tal documento foi baseada no sentimento, não na realidade. Este é um assunto sério que nós, afro-americanos, devemos continuar a reavaliar.

O significado etimológico da palavra emancipação é: “Entregar ou fazer como propriedade por meio de um ato formal de um comprador”. Devemos observar e lembrar que os seres humanos não podem ser simplesmente comprados ou vendidos, nem podem ter seus direitos legais simplesmente retirados.

A escravidão era, e ainda é, uma instituição criminoso, isto é: crime em massa. Não importa qual seja a forma, as regras e políticas sutis, apartheid, etc., a escravidão e a negação dos direitos humanos são os maiores crimes contra *Allah* e a humanidade. Portanto, relegar ou mudar o estado de tais atos criminosos por meio de uma legislação vaga e eufemismos nobres que conferem honra a compromissos horríveis que são totalmente inapropriados.

As implicações totais e as colheitas concomitantes foram geralmente mal interpretadas pelos nossos antepassados e ainda são mal compreendidas ou evitadas por alguns afro-americanos hoje. No entanto, os fatos permanecem e nós, como esclarecidos afro-americanos não vamos elogiar e encorajar qualquer crença na emancipação. Afro-americanos em todos os lugares devem perceber que manter a fé em tal ideia significa aceitar ser propriedade e, portanto, menos que um ser humano. Este assunto é crucial e os afro-americanos devem continuar a reexaminar.

PREOCUPAÇÕES MUNDIAL

Passou-se muito tempo para nós internacionalizarmos os problemas dos afro-americanos. Temos sido muito lentos em reconhecer a ligação do destino dos africanos com o destino dos afro-americanos. Temos ignorado demais e sido mal orientado para pedir aos nossos irmãos e irmãs africanos que nos ajudem a reparar a corrente de nossa herança.

Nossos parentes africanos, que são maioria em seu próprio país, acharam muito difícil obter a independência de uma minoria. É muito mais difícil para os afro-americanos que são minoria longe da pátria e ainda oprimidos por aqueles que encorajam o esmagamento de nossa identidade africana.

Podemos apreciar o progresso material e reconhecer as oportunidades disponíveis na sociedade americana altamente industrializada e abastada. No entanto, nós, que não somos brancos, enfrentamos diariamente as misérias decorrentes direta ou indiretamente de uma discriminação sistemática contra nós por causa de nossas características físicas dadas por *Allah*. Esses fatores

nos levam a lembrar que o fato de termos nascido na América foi um ato resultante da separação de nossos pais da África, não por escolha, mas pela força.

Por muitos anos temos estado divididos por causa dos enganos e mal-entendidos criados pelos escravocratas, mas queremos aqui e agora expressar nossos desejos e intenções de nos aproximarmos e sermos restaurados em conhecimento e espírito através de relações renovadas e parentesco com os povos africanos. Além disso, percebemos que nossos direitos humanos, por tanto tempo suprimidos, são os direitos de toda a humanidade em todos os lugares.

À luz de todas as nossas experiências e conhecimento do passado, nós, como afro-americanos, declaramos reconhecimento, simpatia e admiração por todos os povos e nações que estão lutando, assim como nós, pela autorrealização e completa liberdade da opressão.

O projeto de lei dos direitos civis é um documento de legislação igualmente enganoso e mal interpretado. A premissa de seu planejamento e aplicação não é respeitável aos olhos dos homens que reconhecem o que envolve e implica a liberdade pessoal. Os afro-americanos precisam responder a essa pergunta por si mesmos: o que torna esse projeto de lei necessário?

O único documento que está em consonância com os atos perpetuados pela escravidão e opressão prolongados até hoje é a Declaração da Condenação. E a única legislação digna de consideração ou validação por parte dos afro-americanos, as vítimas dessas instituições trágicas, é a Proclamação de Restituição. Nós, afro-americanos, devemos manter esses fatos em mente.

Temos de continuar a internacionalização de nossas filosofias e contatos a fim de usufruir plenamente dos direitos humanos que incluem todos os direitos civis pertencentes. Com o total entendimento de nossa herança como afro-americanos, não devemos fazer menos.

COMITÊS de ORGANIZAÇÃO da UNIDADE AFRO-AMERICANA:

- O Comitê da Cultura
- O Comitê Econômico
- O Comitê da Educação

- O Comitê Político
- O Comitê de Comunicação
- O Comitê Social
- O Comitê de Autodefesa
- O Comitê da Juventude
- O Comitês pessoal: Finanças, arrecadação de fundos, legal, adesão

Para maiores informações sobre a Organização da Unidade Afro-americana, escreva para:

Organization of Afro-American Unity,
2090 Seventh Ave.,
Suite 128
New York 27, N.Y.

Para respostas rápidas, envie sua correspondência para um comitê em particular. Por exemplo, se você estiver interessado em participar ou submeter um capítulo, escreva para:

Comitê de adesão,
Organization of Afro-American Unity
2090 Seventh Ave.,
Suite 128
New York 27, N.Y.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Geri. *A Língua não Deve nos Separar! Reflexões para uma práxis negra transnacional de tradução*. In: _____. Traduzindo no Atlântico Negro. Salvador: Oguns Toques Negros. 2017.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Tradução: Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CARRASCOSA, Denise. Traduzindo no Atlântico Negro: por uma práxis teórica- política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas. In.: CARRASCOSA, Denise (org.). *Traduzindo no Atlântico Negro: mapas afrodiaspóricos para travessias literárias*. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2017.
- C. ERIC, Lincoln. *The Black Muslims in America*. Beacon Press, Boston, 1961.
- DU BOIS, W.E. Burghardt. *The Negro Church*. The Atlanta University Press, Atlanta, 1903.
- BONNICI, Thomas. *O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- FOCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- FOCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2016.
- FOCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GALLEN, David. *As They Knew Him*. Ballantine Books, United States of America, New York, 1992.

GUILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. 2. Ed. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

HALLEY, Alex. *The Autobiography of Malcolm X*. London: Penguin Books, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.

MOLEFI, Kete Assante. <http://www.asante.net/articles/1/afrocentricity/>. Acesso em: 03 agosto 2017.

MBEMBE, Achille 2. Ed. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2017.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SAID, W Eduard. *Humanismo e Crítica Democrática*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SAID, W Eduard. *Orientalismo*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SOUZA, Ricardo Luiz. *O poder e o Conhecimento. Introdução ao Pensamento de Michel Foucault*. Salvador: Edufba, 2014.

WELLAUSEN, Saly. *A parrhésia em Michel Foucault: um enunciado político e ético*. São Paulo: Editora Liberars, 2011.

X, Malcolm. Collected, speeches, debates and interviews (1960-1965). Edited by Sandeep S. Atwal. Disponível em < <http://ouleft.org/wp-content/uploads/malcolm-collected.pdf> > Acesso em: 28 agosto 2017.

ANEXO A

**MALCOLM X:
COLLECTED
SPEECHES, DEBATES
AND INTERVIEWS
(1960-1965)**
Edited by Sandeep S. Atwal

TABLE OF CONTENTS

Harlem Freedom Rally (1960)
 Queens College Speech (May 5, 1960)
 Bayard Rustin Debate (November 1960)
 Eleanor Fischer interviews Malcolm X (1961)
 Harvard Law School Forum (March 24, 1961)
 Open Mind Roundtable (October 15, 1961)
 Malcolm X at Yale University (October 20, 1962)
 Twenty Million Black People in a Political, Economic,
 and Mental Prison (January 23, 1963)
 Alex Haley Interviews Malcolm X (May 1963)
 The Black Revolution (June 1963)
 The Old Negro and the New Negro (September 1963)
 Malcolm X at UC Berkeley (October 11, 1963)
 A Message to the Grassroots (November 10, 1963)
 Columbia University (November 20, 1963)
 God's Judgement of White America (December 4, 1963)
 A Visit from the FBI (February 4, 1964)
 A Declaration of Independence (March 12, 1964)
 Malcolm X at Harvard University (March 18, 1964)
 A. B. Spellman Interviews Malcolm X (March 19, 1964)
 The Ballot or the Bullet (April 3, 1964)
 The Black Revolution (April 8, 1964)
 The Ballot or the Bullet (April 12, 1964)
 Milton Henry Interviews Malcolm X (April 12, 1964)
 Letter from Mecca (April 20, 1964)
 Malcolm X at University of Ghana (May 13, 1964)
 Robert Penn Warren Interviews Malcolm X (June 2, 1964)
 OAAU Founding Rally (June 28, 1964)
 The Second OAAU Rally (July 5, 1964)
 Speech to The African Summit Conference (August 21, 1964)
 Speech to The Second African Summit Conference (August 21, 1964)
 Letter to the Egyptian Gazette (August 25, 1964)
 OAAU Homecoming Rally (November 29, 1964)
 Les Crane Interviews Malcolm X (December 2, 1964)
 Oxford Union Debate (December 3, 1964)
 Speech to Peace Corps Workers (December 12, 1964)
 At the Audubon Ballroom (Dec. 13, 1964)
 Harvard Law School Forum (December 16, 1964)
 At the Audubon Ballroom (December 20, 1964)
 Malcolm X Introduces Fannie Lou Hamer (December 20, 1964)
 Bernice Bass Interviews Malcolm X (December 27, 1964)
 Claude Lewis Interviews Malcolm X (December 1964)
 Speech to Civil Rights Workers from Mississippi (Jan. 1, 1965)
 Prospects for Freedom in 1965 (January 7, 1965)
 Pierre Berton interviews Malcolm X (January 19, 1965)
 On Afro-American History (January 24, 1965)
 London School of Economics (February 11, 1965)
 After the Firebombing (Feb. 14, 1965)
 There's A Worldwide Revolution Going On (Feb. 15, 1965)
 Not Just an American Problem, But a World Problem (Feb. 16, 1965)

Stan Bernard Interviews Malcolm X (February 18, 1965)
 Interview with Al-Muslimoon Magazine (February 20, 1965)
 Organization of Afro-American Unity Program (February 21, 1965)

Harlem Freedom Rally (1960)

As-Salaam-Alaikum beloved brothers and sisters, welcome to our Harlem Freedom Rally. When we say “our” we do not mean Muslim nor Christian, Catholic nor Protestant, Baptist nor Methodist, Democrat nor Republican, Mason nor Elk. By “our” Harlem Freedom, we mean the black people of Harlem, the black people of America, and the black people all over this earth. The largest concentration of black people on earth is right here in Harlem, so we are gathered here today in Harlem Square to a Freedom Rally, of black people, by black people, and for the benefit of black people.

We are not here at this Rally because we have already gained freedom. No! We are gathered here rallying for the freedom which we have long been promised but have as yet not received. This Rally is for that perfect freedom which up until now this government has not granted us. There would be no need to protest to the government if we were already free

Freedom is essential to life itself. Freedom is essential to the development of the human being. If we don't have freedom, we can never expect justice and equality. Only after we have freedom do justice and equality become a reality.

Today we are gathered at this Rally to hear from our leaders who have been acting as our spokesmen and representing us to the white man downtown. We want to know how our leaders really think, how they talk, how they feel...and most important of all, we want them to know how we feel.

Many of these leaders have suddenly become “experts on Harlem” and as such are often regarded by the white man as the “voice of Harlem.” If this must be the case, then we want the voice of these leaders to ring sometimes in Harlem too. Leaders have differences, and these differences oftentimes cause serious division among the masses. But the hour is too short today for black people to afford the luxury of “differences.”

Again, I repeat, we are not gathered here today because we are Muslims or Christians, Protestants or Catholics, Baptists or Methodists, Democrats or Republicans, Masons or Elks...but because as a collective mass of black people we have been colonized, enslaved, lynched, exploited, deceived and abused.

As a collective mass of black people, we have been deprived, not only of civil rights, but even our human rights, the right to human dignity...the right to be a human being!

This Freedom Rally is to be a united effort by all our leaders. We have set aside any petty differences, and in the Spirit of Bandung we have come together on this same platform, wherein each one can voice his personal feelings and his personal solution to this grave crisis we face.

The Western World today faces a great catastrophe. It stands on the brink of disaster. Mr. Muhammad says the only way our people can avoid the fiery destruction that God Himself will soon unleash upon this wicked world is for our people to come together among themselves in unity and practice true brotherhood. Mr. Muhammad says God is with us to unite our people into one brotherhood, and to aid those that are oppressed, and to uplift those who are downtrodden.

The Western World, filled with evil and wickedness, is groping and stumbling blindly through spiritual darkness toward its inevitable doom. Mr. Muhammad says we must qualify ourselves so that God's spiritual light will guide us past the pitfalls of destruction.

The Western World is filled with drunkenness, dope addiction, lying, stealing, gambling, adultery, fornication, prostitution and hosts of other evils. These evils must be removed if the world is to have peace. These evils are the primary cause of troubles all over the earth. These evils promote greed and lust, increase wickedness and unrest, and destroy all hopes for peace.

You want peace. I want peace. Everyone craves for a world of peace. Mr. Muhammad says anyone who will submit to the God of Peace will have peace. Even the white man himself can prolong his time today if he will submit to the God of Peace, and give freedom, justice, and equality to the “people of God” ...the so-called Negroes here in America.

The city of Nineveh in the bible to whom Jonah was sent to warn is a good prophetic example of today. They were actually spared because they repented when the warning came to them from God. God will spare our slave master today too if he will repent.

The whole dark world wants peace. When I was in Africa last year I was deeply impressed by the desire of our African Brothers for peace, but even they agree that there can be no peace without freedom from colonialism, foreign domination, oppression and exploitation.

The God of Peace and Righteousness is about to set up His kingdom of peace and righteousness here on this earth. Knowing that God is about to establish His righteous government, Mr. Muhammad is trying to clean up our morals and qualify us to enter into this new righteous nation of God.

The American so-called Negroes must recognize each other as brothers and sisters...stop carrying guns and knives to harm each other, stop drinking whiskey, taking dope, reefers, and even cigarettes. No more gambling! Save your money. Stop fornication, adultery and prostitution. Elevate the black woman; respect her and protect her. Let us rid ourselves of immoral habits and God will be with us to protect and guide us.

Then, we must form a platform that will be good for all of our own people, as well as for others. As black people we must unite. We must recognize and give intelligent active support to our political leaders who fight for us unselfishly, sincerely, and fearlessly.

But, to prove their sincerity and their right for the support of the black masses, these leaders must first display fearlessness, intelligence, and unity among themselves. They must stop their public bickering with each other. They must stop attacking each other in front of the white man, and for the benefit of the white man. If the black leaders must have differences of opinion, learn to go into the closet with each other, but when you come from behind closed doors, show a united front in the face of the one who is a common enemy to all of us.

Mr. Muhammad has invited all of the leaders here today for that purpose. He wants our people united, but unity will never exist among the black masses as long as our leaders are not united.

We want to get behind leaders who will fight for us...leaders who are not afraid to demand freedom, justice, and equality. We do not want leaders who are hand-picked for us by the white man. We don't want any more Uncle Toms.

We don't want any more leaders who are puppets or parrots for the white man. We want brave leaders as our spokesmen, who are not afraid to state our case, who can intelligently demand what we need, what we want, and what is rightfully ours. We don't want leaders who are beggars, who feel they must compromise with the enemy. And we don't want leaders who are selfish or greedy...who will sell us out for a few pieces of silver.

A big election is coming up this year. What kind of leaders do we want in office? Which ones will the black masses get behind? Mr. Muhammad has thousands of followers, and millions of sympathizers. He

will place his weight behind any fearless black leaders who will stand up and help the so-called American Negroes get complete and immediate freedom.

If these black leaders are afraid that to be identified with us, they will irk the white man, or lose the white man's favor or his support, then they can no longer expect the support of the black masses.

They call us racial extremists. They call Jomo Kenyatta also a racial extremist and Tom Mboya a moderate. It is only the white man's fear of men like Kenyatta that makes him listen to men like Mboya. If it were not for the extremists, the white man would ignore the moderates. To be called a "moderate" in this awakening dark world today, that is crying for freedom, is to receive the "kiss of death" as spokesmen or leaders of the masses...for the masses are ready to burst the shackles of slavery whether the "moderates" will stand up or not. We have many black leaders who are unafraid, especially when they know the black masses stand behind them. Many of them are qualified to represent us not only in this United States government but could also represent us in this government if we are given 100 per cent citizenship and the opportunity for FIRST-CLASS participation... or else we can get behind these same leaders in setting up an independent government of our own.

We, the black masses, don't want these leaders who seek our support coming to us representing a certain political party. They must come to us today as black leaders representing the welfare of black people.

We won't follow any leader today who comes on the basis of political party. Both parties, Democrat and Republican, are controlled by the same people who have abused our rights, and who have deceived us with false promises every time an election roll around.

Mr. Muhammad grieves over the disunity that exists even among the intellectuals and professional so-called Negroes. It is these "educated" so called Negroes who should be leading us out of this maze of misery and want. They possess the academic know-how, great amounts of technical skills...but they can't use it for the benefit of their own kind simply because they themselves are also disunited. If these intellectuals and professional so-called Negroes would unite, not only Harlem would benefit, but it will benefit our people all over the world.

Mr. Muhammad says disunity is our number one stumbling block, and this disunity exists only because we lack knowledge of SELF, our own kind. So called Negro "intellectuals" seem to think integration is the answer. But, is it? "Integrate" means to become as one unit. How can these "intellectuals" expect the white man to accept us into his social unit, political unit, or economic unit when we are not yet in unity, as a unit, among our own kind?

We, the Muslims, are for brotherhood, but not for integration! What is the difference? Brotherhood is based on love, which automatically produces voluntary acts of sincere benevolence. But integration produces hypocrisy, it forces the white man to pose as a "liberal," to be pretensive and false. Thus, "benevolent" acts which are "forced by integration laws" are producing white hypocrites and reducing chances of creating a "mutual working agreement" between the two races.

Your thirst for integration makes the white man think you want only to marry his daughter. We Muslims who follow Mr. Muhammad don't think God ever intended for black men to marry white women. Mr. Muhammad and his followers are violently opposed to intermarriage.

This is conveniently and purposely misinterpreted by our enemies to mean that we are anti-white, anti-Christian, and anti-American simply because we refuse to chase after the white man's women! Let the white man keep his women and let us keep ours.

Some Negroes who love race-mixing, and want white women, are angry at Mr. Muhammad because he teaches against race-mixing...so they slip around and make the white man think we are anti-white. I'm surprised that the white man is dumb enough to believe these Uncle Toms, who stoop so low, like JUDAS, to be stool pigeons against their own kind.

We have oceans of dark people on this earth: in Africa, Asia, and even here in America. Our women are the most beautiful, like a bouquet of flowers. Why should we chase white women?

In this “changing” world today, what would we do, married to a white woman? Her people don’t want you in their neighborhood around them, and our fast awakening people don’t want you to bring her back into our neighborhood any more to live around us. Thus, you both become a “misfit”, unwelcomed and unwanted in either society...where can you go? Because we Muslims look at this as it is, and face reality does not mean we are anti-white. We don’t want his white mother, his white sister, nor his white daughter. We want only an equal chance on this earth, but to have an equal chance we must have the same thing the white man himself needed before he could get this nation started...WE MUST HAVE SOME LAND

OF OUR OWN!

Why do we want some land of our own? Because land is essential to freedom. How else can 20 million black people who now constitute a nation in our own right, a NATION WITHIN A NATION, expect to survive forever in a land where we are the last ones hired and the first ones fired...simply because we have no land of our own?

For over 400 years we have been very faithful to our American slave masters. Now God is warning them through Mr. Muhammad that they should be nice enough to give us some land so we can separate ourselves from them and get started for ourselves.

This is no more than what the white man should do. It is in complete accord with the Christian religion. Their bible says that when a slave is set free, his slave master should give him something to help him get started on his own...never send him away empty-handed.

If the Hebrews in the bible numbered only 600,000 in the land of their bondage, and God was concerned with giving them freedom in a land of their own, a land “flowing with milk and honey” ...then what about 20 million so-called Negroes here in America, who have the “freedom” only to look for a job?

Can you not see that our former “leaders” have been fighting for the wrong thing...the wrong kind of freedom? Mr. Muhammad says we must have some land where we can work hard for ourselves, make ourselves equal, and live in dignity. Then and only then we won’t have to beg the white man for the crumbs that fall occasionally from his table. No one respects or appreciates a beggar.

Since we say Lincoln freed us, let us avail ourselves of that freedom by uniting together and doing something for our own kind. But we must have some of this earth. We have been in America over 400 years. We have been called “free” 100 years, and yet he still calls us “the white man’s burden.”

We Muslims don’t want to be a burden on America any longer. God has given Mr. Muhammad a divine message, program, and solution. WE MUST HAVE SOME LAND! The white man should be glad to give his loyal “slaves” some land so we can get out of his way and go for ourselves.

We will then set up our own farms, factories, businesses, and schools...and show him how much we appreciate the education he has given us, by using it to become self-sustaining...economically and otherwise.

We want some land where we can create unity, harmony and brotherhood... and live together in peace. Since America now sees that this false show of integration and intermarriage will not work, she should make immediate steps to set aside a few of these states for us and put us there for ourselves.

If America will repent and do this, God will overlook some of our wicked deeds (as in the days of Nineveh)... but if America refuses to give Mr. Muhammad what God instructed him to ask for...then, like the biblical houses of Egypt and Babylon...slave empires of the bible...God will erase the American

government and the entire race that it favors and represents, from this planet...and God will then give the whole earth back to the original owners, the black man!

Malcolm X at Queens College (May 5, 1960)

We thank you for inviting us here today to present our views on this topic: "The Negro's Position in the Recent American Society." But, to understand our views you must first know something about our religion, Islam.

The Creator of the Universe, whom many of you call God or Jehovah, is known to the Muslims by the name Allah. Since the Muslims believe all prophets came from that one God and therefore all taught one and the same religion, rightly called Islam, which means the complete submission and obedience to Allah.

One who practices this Divine Obedience is called a Muslim, commonly known, spelled, and referred to here in the West as Moslem. There are over 600 million Muslims on this earth, predominantly in Africa and Asia, and we here in America under the Divine Guidance of Mr. Elijah Muhammad are an integral part of the vast World of Islam that stretches from the China Seas to the sunny shores of West Africa.

A unique situation faces the black man here in America because of his unique condition, thus his acceptance of Islam and into Islam affects him uniquely...differently than all other converts to Islam.

Mr. Elijah Muhammad is our Divine Leader and Teacher here in America. He believes in and obeys God 100 per cent and is teaching and working among us to fulfill God's Divine Purpose.

What is this purpose? God's purpose today, just as it was in biblical days, is the complete separation of the so-called Negroes from their slave master... as the bible says concerning today: "Let every man be under his own vine and fig tree."

The best biblical example of this is the enslavement of the Hebrews in the land of Egypt under Pharaoh...a free man and some slaves who were "strangers in a land not their own," and how Jehovah chose Moses to separate them from their slave master.

Since the slave master today declares his "former" slaves are free, Mr. Muhammad says that for the betterment of our future and that of our former slave master God has declared we also must be separated.

To many of you here in this college auditorium, this sounds ridiculous; to some it even sounds insane. But 20 million black people here in America now number a nation in their own right. Do you believe a nation within another nation can be successful, especially when they both have equal education?

Once the slave has his master's education, the slave wants to be like his master, wants to share his master's property, and wants to exercise the same privileges as his master.

This is the core of America's troubles today; and there will be no peace for America as long as 20 million so-called Negroes are here begging for the equal rights which America knows she will never grant us.

Even the limited education America has granted her ex-slaves has already produced great unrest...and Almighty God says the only way for America to ever have peace is for us to be separated from her...and therefore Mr. Muhammad teaches us that we must have some land of our own.

If we receive equal education, how long do you expect us to remain your passive servants, or second-class citizens? There are no such thing as second-class citizens. We are full citizens, or we are not citizens at all!

When you teach a man the science of government, he wants an equal part or position in that government or else he wants to be a master in that government himself. He demands equality with his master.

No man with equal education will serve you. The only way you can continue to rule us is with a superior knowledge, or by continuing to hold equal education from our people.

America has not given us equal education, but she has given us enough to make us want more and to make us demand equality of opportunity, which is causing great unrest. Thus, the only solution is complete separation! You believe in the fulfillment of biblical prophecy, that a great day of separation is coming, and that the knowledge of truth will cause this separation. We are living at that time today!

You are not common people here in this college audience. You are students, scholars, professors; you have education enough to weigh current events as well as history against the truth of what Mr. Muhammad is teaching.

For over 300 years our parents served yours. During slavery our parents didn't ask your parents for civil rights. Our parents did not have enough education to do so. They were taught by their educated white masters that they were born inferiors...born to serve the whites... "superior" whites who restricted them without citizenship even after the so-called emancipation proclamation.

Today Mr. Muhammad sees nothing but the destruction of both races if they stay together. Integration will cause disintegration of both.

A child stays within the mother until the time of birth. When the time of birth arrives, the child must be separated, or it will destroy its mother and itself. The mother can't carry that child after its time.

The child wants to be free; it cries for a world of its own. If the mother will not give it up naturally, the doctors must forcibly take it from her...which sometimes causes her death. If she can set it free naturally and easily, so much the better...if not, it must be taken.

Twenty million so-called Negroes in America today number a nation within a nation and are crying for freedom. We must be freed. We must be born. We must be separated...or cause the destruction of both! Separation is the only solution today. Is this insane? Is this so ridiculous?

During slavery our parents would have been put to death for advocating integration with the white man...and now that God has declared this is the day of separation, the white man wants, or at least is talking about, integration with his ex-slave.

America can solve her present problems and avoid a worse crisis by setting up some separate states for us right here in America.

Remember the Hebrews in biblical Egypt. After their 400 years of bondage to Pharaoh were up, God had to fulfill his promise to them that he had made through Abraham...but their biblical slave master would not let them go.

Thus, it cost the slave master his own freedom, his country, and his life for opposing God's Plan to separate His people from their slave master and set them in a land of their own.

God would not have destroyed the slave master if he would have listened... but just as America is today, the biblical slave master, Pharaoh, was also too rich, too strong, and too proud to listen to Moses...whom they contemptuously looked upon only as an inarticulate ex-slave.

Mr. Muhammad is opposed today, both by his own people and by whites, simply because he advocates complete freedom, justice, and equality for America's 20 million so-called Negroes.

America is a free nation. Why should America oppose Mr. Muhammad for teaching freedom for her 20 million so-called Negroes? He is not asking for an “integrated society” which would only lead to the dreaded intermarriage with America’s white sons and daughters. He is demanding complete separation where we will have complete freedom, justice, and equality in a land of our own.

And, if God is with Mr. Muhammad today to separate us and put us in a land wherein, we can form our own nation equal with other civilized nations...would you want God to destroy your country like he did biblical Egypt...for opposing his divine plan?

Bayard Rustin Debate (November 1960)

Malcolm X: In the past two years, the Honorable Elijah Muhammad has become the most talked about black man in America because he is having such miraculous success in getting his program over among the so-called Negro masses. Time magazine last year wrote that he has eliminated from among his followers alcohol, dope addiction, profanity—all of which stems from disrespect of self. He has successfully eliminated stealing and crime among his followers. Time also pointed out that he has eliminated adultery and fornication, and prostitution, making black men respect their women, something that has been characteristically absent among our men. Time also pointed out that Muslims, followers of Elijah Muhammad, have eliminated juvenile delinquency.

When you think about it, Time was giving Mr. Muhammad credit for being one of the greatest moral reformers that has appeared among the so-called Negroes yet. A few months later, U.S. News & World Report pointed out that Mr. Muhammad was successful in stressing the importance of economics. The point behind his program, farms to feed our people, factories to manufacture goods for ourselves, businesses to create jobs for ourselves, is to be economically independent rather than sit around waiting for the white man to give us jobs. What the Honorable Elijah Muhammad has been teaching is not what we have been accused of nationalism. Nationalism is the political approach to the problems that are confronting the so-called Negro in America.

The aim of the black nationalist is the same as the aim of the Muslim.

We are pointing toward the same goal. But the difference is in method. We say the only solution is the religious approach; this is why we stress the importance of a moral reformation. I would like to stress that Mr. Muhammad is not a politician. He does not believe politics is the solution to the so-called Negro’s problem. It will take God. God will have to have a hand in it, because the problem of the so-called Negro is different from the problems of any other black people anywhere on this earth since the beginning of time. Every condition of the so-called Negro was preordained and prophesied. And we believe that we are living in the fulfillment of that prophecy today. We believe that our history in America, our experiences at the hands of slave masters, is in line with Biblical prophecy. And we believe that Mr. Muhammad’s presence among so-called Negroes here in America is in line with Biblical prophecies.

Host: Does this involve the creation of a separate state in America?

Malcolm X: It involves the creation of a black state for the black man if not in America then somewhere on this earth. If not abroad, then here in America. Primarily it involves acquiring some land that the black man can call his own. If the powers that be don’t want it here, then they should make it possible for us to do it somewhere else.

Host: It does involve politics, then.

Malcolm X: Any religion that does not take into consideration the freedom and the rights of the black man is the wrong religion. But politics as such is not the solution. But the divine solution would have to have that ingredient in it. You can call it politics if you want, but the overall problem of the so-called

Negro in America is not a political problem as such, it is an economic problem, a social problem, a mental problem, and a spiritual problem. Only God can solve the whole problem.

Bayard Rustin: I am very happy to be here, and I think Malcolm X can clarify some of the questions he has brought up in my mind. I believe the great majority of the Negro people, black people, are not seeking anything from anyone. They are seeking to become full-fledged citizens. Their ancestors have toiled in this country, contributing greatly to it. The United States belongs to no particular people, and in my view the great majority of Negroes and their leaders take integration as their keyword, which means that rightly or wrongly they seek to become an integral part of the United States. We have, I believe, much work yet to do, both politically and through the courts, but I believe we have reached the point where most Negroes, from a sense of dignity and pride, have organized themselves to demand to become an integral part of all the institutions of the U.S. We are doing things by direct action which we feel will further this cause. We believe that justice for all people, including Negroes, can be achieved. This is not a unique position, and while a controversial one it is certainly not as controversial as the one Malcolm X supports. Therefore, I would like to ask him this question: The logic of your position is to say to black people in this country: "We have to migrate and set up some state in Africa." It seems to me that this is where you have to come out.

Malcolm X: Well, Mr. Rustin, let me say this about "full-fledged" or as they say "first-class" citizenship. Most of the so-called Negro leaders have got the Negro masses used to thinking in terms of second-class citizenship, of which there is no such thing. We who follow the Honorable Elijah Muhammad believe that a man is either a citizen or he is not a citizen. He is not a citizen by degree. If the black man in America is not recognized as a first-class citizen, we don't feel that he is a citizen at all. People come here from Hungary and are integrated into the American way of life overnight, they are not put into any fourth-class or third-class or any kind of class. The only one who is put in this category is the so-called Negro who is forced to beg the white man to accept him. We feel that if 100 years after the so-called Emancipation Proclamation the black man is still not free, then we don't feel that what Lincoln did set them free in the first place.

Rustin: This is all well and good, but you are not answering my question.

Malcolm X: I am answering your question. The black man in America, once he gets his so-called freedom is still 9,000 miles away from that which he can call home. His problem is different from that of others who are striving for freedom. In other countries they are the majority and the oppressor are the minority. But here, the oppressor is the majority. The white man can just let you sit down. He can find someone else to run his factories. So, we don't think the passive approach can work here. And we don't see that anyone other than the so-called Negro was encouraged to seek freedom this way. The liberals tell the so-called Negro to use the passive approach and turn the other cheek, but they have never told whites who were in bondage to use the passive approach. They don't tell the whites in Eastern Europe who are under the Russian yoke to be passive in their resistance. They give them guns and make heroes out of them and call them freedom fighters. But if a black man becomes militant in his striving against oppression then immediately, he is classified as a fanatic. The white man is posing as the leader of the so-called Free World, and the only way he can be accepted as the leader of the so-called Free World is to be accepted by the majority of the people on this earth, the majority of whom are not white people. And they measure him by the way he treats the nonwhite people here in America. This integration talk is hypocrisy, meant to impress our brothers in Africa or Asia.

Rustin: Then what you are saying is that you are opposed to integration because it is not meaningful and can't work. If you believe that integration is not possible, then the logic of your position should be that you are seeking to find a piece of territory and go to it. Either you are advocating the continuation of slavery, since you feel we cannot get integration by the methods that I advocate, which is to say the slow, grinding process of integration, or you are proposing separation.

Malcolm X: We believe integration is hypocrisy. If the government has to pass laws to let us into their education system, if they have to pass laws to get the white man to accept us in better housing in their

neighborhoods, that is the equivalent of holding a gun to their head, and that is hypocrisy. If the white man were to accept us, without laws being passed, then we would go for it.

Rustin: Do you think that is going to happen?

Malcolm X: Well, your common sense tells you, sir, that it's not going to happen.

Rustin: But if you cannot do it through the constitutional method, and you cannot do it through brotherhood, then what do you see as the future of black people here and why should they stay?

Malcolm X: As any intelligent person can see, the white man is not going to share his wealth with his ex-slaves. But God has taught us that the only solution for the ex-slave and the slave master is separation.

Rustin: Then you do believe in separation.

Malcolm X: We absolutely do believe in separation.

Rustin: Well, are you being logical by saying, "Let's take over a territory, a part of the U.S." or are you saying, "Let's go outside"?

Malcolm X: I think both are logical. The land could be anywhere. When the Honorable Elijah Muhammad teaches us that we have to have some land of our own, it means just that, that we have to have some land of our own. Now if the master's intention is good, since we have been faithful workers, I should say faithful servants, all these years, then it seems he should give us some of these states.

Rustin: All right, now it is clear that you are advocating separation.

Malcolm X: Separation not integration.

Rustin: All right, now that is clear we can put that out of the way and move on to other things. Isn't there an inconsistency in your economic position? Where are they going to move to? When Moses took his people into the desert, he had a pretty clear idea of where he was going.

Malcolm X: Well, mentioning Moses is just right. The people that Moses was leading were probably the closest parallel to the problems confronting the so-called Negro. Moses' people were slaves in a land that was not theirs. Moses' people had a slave mentality, they were worshipping a God that was not their own. The Negro in America is the same way, he worships the white man's God, and he is following the white man's religion. They are in the same fix, socially, mentally, politically, spiritually, as the people whom Moses grew up amongst, 4,000 years ago. Now, if you'll recall, Moses didn't advocate integration. Moses advocated separation. Nowhere in the Bible will you find that Moses told his people to integrate themselves with Pharaoh. His one doctrine was: let my people go. That meant separate, not seek integration in the house of bondage. It did not mean to seek the acceptance of the slave master. He said: If you follow me, I will lead you to a land flowing with milk and honey. He never told anyone where that land was. He never told the people where he was taking them, or what they would have to go through. And if you go back to that time you will see that some of them believed in him, but many were afraid of the slave master. They didn't believe they could get along without Pharaoh. They didn't believe anybody would give them a job if Pharaoh didn't. They didn't believe they could have an economic system free of Pharaoh. Remember, Pharaoh himself never opposed Moses. He always got magicians to oppose Moses. And today, the modern slave master gets a lot of so-called Negro politicians to oppose Elijah Muhammad and work a lot of magic to make the so-called Negroes think he is a crazy man, just as Pharaoh had magicians to make the Hebrews think Moses was some kind of crazy man. But now let me say this: we feel the Honorable Elijah Muhammad is a modern Moses! Some people say Adam Clayton Powell is a modern Moses and some say Martin Luther King is a modern Moses, but no one can claim to be a modern Moses until he finds out what the first Moses did. And Moses never advocated integration. He advocated complete separation.

And he didn't advocate passive resistance, he advocated an eye for an eye and a tooth for a tooth. "Love your enemy": As long as you teach a man that kind of philosophy, he'll remain a slave.

Rustin: Well, I am a great advocate of nonviolence, but I think all this talk about whether to integrate or not and getting involved in the economic life of this country might be more interesting to me if I knew where you wanted to lead people. But I don't know where you want to go. And I don't think you do, either.

Malcolm X: Yes, we do. We can take some land right here, sir.

Rustin: Yes, but if you do not believe in integration, and they don't love you, do you think they are going to give you ten or twelve states?

Malcolm X: Ah, Mr. Rustin: the predicament that a man is in is what makes him reach certain decisions. America is in the worst predicament of any country in the history of the world.

Rustin: I agree.

Malcolm X: Now what is causing this predicament? The race problem.

America's number one problem is the so-called Negro. What must we do? What must I do about this Negro problem? And whenever America is attacked on the race problem, what can she say?

Rustin: She can say a lot.

Malcolm X: What?

Rustin: I'll tell you what. I have spent twenty-five years of my life on the race question, and I have been twenty-two times to jail. America can say that until 1954, Negroes could not go to school with whites. Now they can. Negroes could not join trade unions, but now they can. I do not say any of this is perfect, but it is enough for America to be able to answer Russia and China and the rest on the race question and, more important, it is enough to keep the great majority of Negroes feeling that things can improve here. Until you have some place to go to, they are going to want to stay here. Now, I want to stop right here and get something clear. In Muhammad's mind, this may be a religious matter, but in the minds of his followers the Muslim movement is a psychological and political concept. They do not read the Qur'an, they read the Bible. They are essentially, culturally, Christian, not Muslims. Why therefore do they call themselves Muslims? Because they do not want to use the same religious terminology that their masters used. Most Negroes who were brought to America came from the West coast of Africa, long before the spread of Islam to that part of Africa.

Malcolm X: That is what the white man taught you...after stripping you of your original culture. Now consider the Mali empire, this shows the influence of the Muslim religion in West Africa before the discovery of America.

Rustin: I am not putting down the culture of West Africa, I am just saying that the Islamic influence came later. All over West Africa you will find wonderful sculptures which were the sources for much twentieth century European art, notably Picasso and Cubism. Now these figures could not have been made if the influence of Islam had prevailed, because, as you ought to know, Muslims are not allowed to create figures in their art objects.

Malcolm X: let me quote from the Times last Sunday. It says that Islam is spreading like wildfire in Nigeria and Christianity is only skin-deep.

Host: Does progress involve a greater sense of racial identity?

Rustin: I believe it is very important to have a great sense of racial identity because I believe it is quite impossible for people to struggle creatively if they do not truly believe in themselves. I believe that dignity is first. This for me is doubly important because believing in integration and not being told where we are to go, I can see nothing more logical than staying here and struggling for one's rights. Also because of moral principles—but leave them aside for the moment—I can see no way for the Negro to struggle except through non-violence and a dedication to a strategic non-violence as a matter of principle. Now therefore if you are going to struggle with non-violence to a certain extent you are going to have a certain affection for the people who are mistreating you. Now affection for the other fellow is not possible without a great sense of dignity of oneself and therefore the dignity of the Negro for me is not something that is an aside. It is an essential of the struggle. The people in Montgomery were able to struggle and get integration on their buses for a simple reason: ten years before they could not have done it because they did not believe in themselves.

When they believed in themselves, they could be socially affectionate to the opposition while at the same time they could be extremely militant and walking and being prepared to sacrifice, I think this is most important and I would therefore agree with Malcolm X that doing away with the ugliness resulting from poverty and their position in society is very necessary and important. We can certainly agree here. But now let me ask you another question because I want to clarify your position on the Jewish question. Where do you and your group come out on this question? I've been given to understand that your position is—particularly in Harlem—that one of the reasons that Negroes are so oppressed is that the Jews are exploiting them and that the Jews are attempting to exploit the Arab world and stir up difficulties in the Middle East. I'd like to know if this is a misunderstanding I have.

Malcolm X: If you have read what the Honorable Elijah Muhammad has written and he has written much, I don't think you can find an article where he has ever pointed out the Jew as an exploiter of the black man. He speaks of the exploiter. Period. He doesn't break it down in terms of Frenchmen or an Englishmen or a Jew or a German, he speaks of the exploiter and sometimes the man who is the most guilty of exploitation will think you are pointing the finger at him and put out the propaganda that you're anti-this or anti-that, we make no distinction between exploitation and exploiter.

Rustin: Now what do you mean that the man who is the most exploited will put out propaganda?

Malcolm X: I say this that when a man puts out propaganda against Muslims usually that man feels that the finger is being pointed at him but. Rustin: In other words, you feel that many Jews feel that way.

Malcolm X: I don't know. But I say that you cannot find anything that the Honorable Elijah Muhammad has written or said that at anytime will label the Jew as an exploiter. No sir, but he speaks about the exploitation and oppression and the deception that has been used against the black people in America. Now the man that is guilty, let whoever is guilty wear that shoe. But he has never made that distinction between a Frenchman or a Jew or a German. An exploiter is an exploiter, I don't care what kind of label you put on him you can't duck it.

Eleanor Fischer interviews Malcolm X (1961)

Eleanor Fischer: Malcolm X, the minister of the Black Muslim community in New York City and national representative of Elijah Muhammad, the spiritual leader of the Black Muslim movement. Mr. Malcolm, may I ask you to tell us something about the Black Muslim movement in America? What is it? What does it stand for?

Malcolm X: Well, it's a—number one, it primarily is a religious movement here in America that's designed to reform the black man or the so-called Negroes, reform us—reform us morally and enable us to stand on our own two feet and do something for ourselves. The Honorable Elijah Muhammad, our religious leader, teaches us the importance of doing something for ourselves now, rather than trying to continue to force ourselves into the white community or upon the white man. He teaches us that if we

would do something for ourselves, clean up ourselves, morally, intellectually and otherwise, and then try and do something for ourselves economically, we would be recognized and accepted by others. But as long as we try and force ourselves in upon others now, without having done nothing to prove that we are on any kind of equal basis with them, that there will always be this race tension and race problem.

Eleanor Fischer: When you say force yourselves upon others, upon the white community, how exactly do you mean that?

Malcolm X: Well, any form of integration, forced integration, any effort to force integration upon whites is actually hypocritical. It is a form of hypocrisy involved. If a white man puts his arm around me voluntarily, that's brotherhood. But if you hold a gun on him and make him embrace me and pretend to be friendly or brotherly toward me, then that's not brotherhood, that's hypocrisy. And what America is trying to do is pass laws to force whites to pretend that they want Negroes into their schools or in their places of employment.

Well, this is hypocrisy, and this makes a worse relationship between black and white, rather than if this could be brought about on a voluntary basis. So, the Honorable Elijah Muhammad says that what should happen is the black man himself should learn how to develop himself, in the same sense that the white man has developed himself. Then they can both come together and recognize each other as equals.

Eleanor Fischer: Well, how can the black man develop himself as a separate society?

Malcolm X: Well, it's easy, he's separates already. The fact that you have Harlem, the fact that you have the Negro ghetto and the so-called Negro slum, he's already separate. The fact that he's a second-class citizen is a political separation. The fact that he's the last hired and the first fired, there's an economic separation. Only in this form of separation, the black man is exploited. The Honorable Elijah Muhammad says that we should be separate, all right, but in this separate state or separate existence, the black man should be given the opportunity and the incentive to do for himself what the white man has done for himself. If you have an all-white neighborhood you don't call it a segregated neighborhood. But you call an all-black neighborhood a segregated neighborhood. And why? Because the segregated neighborhood is the one that's controlled from the outside by others, but a separate neighborhood is a neighborhood that is independent, it's equal, it can stand on its own two feet, such as the neighborhood. It's an independent, free neighborhood, free community. They're not trying to force themselves upon anyone, socially or otherwise. But the Negro neighborhood, which is inferior, is begging for a chance to integrate itself into that which is superior, which is not going to happen. It's going to cause trouble.

Eleanor Fischer: Well, in other words then, you think the Negro has first to raise himself to a status of equality with the white community.

Malcolm X: Yes.

Eleanor Fischer: Now, what happens—assuming that he can do that, would you then be in favor of integration, let's say, in the schools or anyplace else?

Malcolm X: When you are equal with another person, the problem of integration doesn't even arise. It doesn't come up. The Chinese in this country aren't asking for integration. The Japanese aren't asking for integration. The only minority in America that's asking for integration is the so-called Negro, primarily because he is inferior, not inherently inferior, but he's economically, socially, politically inferior. And this exists because he has never tried to stand on his own two feet and do something for himself. He has filled the role of a beggar.

Eleanor Fischer: Well, how can a minority group in this country, so-called, stand on its own two feet?

Malcolm X: Well, I can give you this example, by explaining the difference between segregation and separation. Segregation is that which is forced upon an inferior by a superior. Separation is done voluntarily by two equals. If I have children and they live in my house, I care for them, they're dependent upon me. And their dependence upon me puts me in a position to regulate their lives, control their lives, tell them where to go, where they can't go. That's a form of segregation. But when those children become of age and they think they're equal with me, they leave my home. And when they leave my home and begin to set up a home for themselves, provide clothing, food and shelter for themselves, that makes them independent of me. It puts them out of my jurisdiction. And the fact that they can do for themselves, that which I have done for myself, makes me have to recognize that they are equals with me. And now, the Honorable Elijah Muhammad says that the black man in America, for the past 400 years, has been like a boy in the white man's house, begging the white man for a job, for food, clothing and shelter. And then after the white man provides him with all of these things, he turns around and get—has the nerve to get angry at the white man when the white man tries to control his life.

Eleanor Fischer: But how, from a practical point of view, can the Negro be self-sufficient?

Malcolm X: The Honorable Elijah Muhammad says number one, he must have a knowledge of himself. And this gives him confidence in himself. He has been brainwashed by the educational system that exists here in America to the point where he feels he was a savage in the jungle before he was brought here. And this destroys his morale. So, the number one thing that has to be done, he has to be retaught, be given—he has to be re-educated and made to know that he's a man, like anyone else, and then he can stand on his own two feet, like others have done. I might add, the whites who came here only, say, 50 years ago as immigrants have come into this country, they have set up businesses. They've developed these businesses into an industry. Some of them came here as poor immigrants, uneducated. And yet today they're economically independent. Now, the black man here was so-called freed by Lincoln 100 years ago. The black man in America has a purchasing power of 20 billion dollars now, and he's educated. If the white man can come here uneducated and as an immigrant, and within 10 or 15 years set up an industry that provides job opportunities and educational opportunities for black people, then if the black man, the black leadership, who has access to all of this money and has all of these degrees today, can't use his talent and his know-how to set up business opportunities, job opportunities, housing opportunities for the black people the same as the white leaders have done for white people, then these black leaders need to get off the boat. They're not leading our people toward any kind of independence, but they're using their positions and their education and their talent to exploit our people worse than the slave master did during slavery.

Eleanor Fischer: Are you advocating a state within a state for the Negro community?

Malcolm X: Not a state within a state, but the Honorable Elijah

Muhammad is saying that the black man, since the white man, has found it impossible to bring about integration, other than on a token basis, and which proves that the two of us, the ex-slave and the master, can't live in the same house as equals. And, at the same time, then what Mr. Muhammad says is, they should take their Navy and their Merchant Fleet and ship us back where they got us. And that's not deportation, that's returning stolen property to its proper owner. Now, since the government doesn't want to do that, then they—and they have already proven that they can't bring about peaceful relations on an integrated basis in this country, give us some separate territory in this country where our people can go and do something for ourselves and provide us with everything that we need to keep that new territory going, until we are self-sufficient. And this should not be too hard to understand that the government should do it, because if this government can send 20 billion dollars to Latin America to some peasants who have never fought for this country or worked for this country and is sending hundreds of millions of dollars to Africa and Asia to try and buy friendship of people who will never be friendly toward them, then they should be even more quick to spend some—whatever amount of money is necessary, to get inside of their house straight, before it's too late. So, we don't think that we're begging for anything. We think we're demanding what is ours by right. And all we're asking for

is an opportunity to do something for ourselves, rather than to sit around as a beggar, begging for jobs and begging for education from someone else for the rest of our lives.

Eleanor Fischer: Well, many sociologists say that the reason why the Negro in the United States is, quote, 'inferior,' unquote, if you want to use that expression, is because of what the white man has done with segregation. And they, therefore, see the answer to the dilemma to be in doing away with segregation and everything that this implies. Now, apparently, your philosophy is the complete antithesis of this particular idea.

Malcolm X: Well, I don't know whether you would call it the antithesis. We're primarily interested in solving the problem of 20 million black people. And if integration is going to solve the problem tomorrow, then let's integrate. But since the Supreme Court issued its desegregation decision seven years ago, and you only have about six or seven percent integration now, on an educational level, that means that the black man trying to use integration as a means of solving his problem will be another 100 years just getting integration on an educational level. And what the white man in America needs to realize is there's a new thinking among black people today which makes them not willing to sit around and wait for five years to get this problem solved, much less a hundred years. And since integration is so slow, and the white man knows the problem must be solved, the only thing that he can do tomorrow is separate, because we're already separated.

Eleanor Fischer: Mr. Malcolm, what do you think of Martin Luther King?

Malcolm X: I think that any black man who teaches black people to turn the other cheek and suffer peacefully after they've been turning the cheek and suffering peacefully for 400 years in a land of bondage, under the most cruel, inhuman and wicked slave master that any people have ever been under, he is doing those people an injustice, and he's a traitor to his own people. Nobody should teach the black man in America to turn the other cheek, unless someone is teaching the white man in America to turn the other cheek. And no one should advocate any peaceful suffering to black people, unless the white man is going to practice the same kind of peaceful suffering. What Martin Luther King is doing is disarming the black people of America of their God-given right and of their natural right. And the law of nature gives a man the right to defend himself when he's attacked. And God's law itself gives a man the right to defend himself when he's attacked. So, peaceful suffering and passive resistance and all of that stuff is all right maybe in India somewhere, where the people in India outnumber the whites—about a million to one. But here in America, when you tell a— that's like an elephant sitting down on a mouse—in India with Gandhi. But in America you have the mouse now trying to sit down on the elephant, thinking that he's going somewhere. And it's absurd.

Eleanor Fischer: Don't you think that perhaps the idea of non-violent resistance is a tactic which disarms the white community as much, if not more, than it does the Negro?

Malcolm X: No. You don't disarm any white community by confining yourself to any particular method. If you want freedom, then you should get freedom like Patrick Henry said, by whatever method is necessary. If you are not willing to pay the price for freedom, you don't deserve freedom.

Eleanor Fischer: Well, it seems to me that, actually, the basis of distinction here is one, the distinction of goals. Dr. King's goals are quite different from yours. He believes in integration—

Malcolm X: Well—

Eleanor Fischer: —complete integration in society. Right?

Malcolm X: No, well that's where Dr. King is mixed up. His goals should be the solution of the problem of the black man in America, now. Not integration. Integration is the method toward obtaining that goal. And what the Negro leader has done is gotten himself wrapped up in the method and has forgotten what the goal is. The goal is the dignity of the black man in America. He wants respect as a human being. He

wants recognition as a human being. Now, if integration will get him that, all right. If segregation will get him that, all right. If separation will get him that, all right. But after he gets integration and he still doesn't have this dignity and this recognition as a human being, then his problem is still not solved.

Eleanor Fischer: Well, isn't this exactly what Dr. King is looking towards, and that is the day when the Negro will be treated with dignity? Wasn't this, after all, a result of the Montgomery bus boycott?

Malcolm X: No, because I don't think you can— having an opportunity to ride either on the front or the back or in the middle of someone else's bus doesn't dignify you. When you have your own bus, then you have dignity. When you have your own school, you have dignity. When you have your own country, you have dignity. When you have something of your own, you have dignity. But whenever you are begging for a chance to participate in that which belongs to someone else, or use that which belongs to someone else, on an equal basis with the owner, that's not dignity. That's ignorance. If I may add, for instance, King and these others will say that they are fighting for the Negro to have equal job opportunity. How can a group of people, such as our people, who own no factories, have equal job opportunities competing against the race that owns the factories? The only way the two can have equal job opportunities is if black people have factories as white people have factories. And then we can employ whites, or we can employ blacks, just like they can employ whites, or they can employ blacks. But as long as the factories are in the hands of the whites, the housing is in the hands of the whites, the school system is in the hands of the whites, you have a situation where the blacks are constantly begging the whites: can they use this, or can they use that. That's not any kind of equality of opportunity, nor does it lend toward one's dignity.

Eleanor Fischer: Well, would you not admit that the situation in the South today for the Negro is better than it was, let's say, 10 years ago?

Malcolm X: No, because 10 years ago the black man knew what his condition was and today, because of the world revolution that's taking place all over this earth, the black man would be fighting for what he knows is his by right, but the movement on the part of King and the others had done nothing but slow down the militancy that is inherent in the nature of the black man. All over this world people are standing up for freedom. In this country, these Negro leaders have Negroes sittin'—sitting down, thinking that there's dignity towards sitting in. I might add, ma'am, how in the world can you say, or can anyone say, that it will dignify the American Negro to beg in or wait in or plead in when the people in Hungary didn't beg in? They were freedom fighters. And they fought for their freedom. And they came to this country and they were Hungarians, they were Communists from a Communist country. And right now, those Hungarian freedom fighters can get jobs that student sit-ins can't get. They can go and sleep

and live in hotels that Martin Luther King himself can't live in. So, they are recognized and respected because they are fighters, not because they are sit-inners or freedom riders.

Eleanor Fischer: Well, would you advise the Negro in the South then to take up arms and get control of the factories this way?

Malcolm X: No, no. The Honorable Elijah Muhammad teaches us the religion of Islam, which is a religion of peace. And he says that the way to solve this problem is for the white man to give us some territory of our own. And then our people—we have technical know-how, we have agricultural know-how, we have been working for the white man in his business. In every phase of his government we work. And instead of working for him and helping him hold up a government that continues to suppress us socially and exploit us economically and oppress us politically, let us go and enter our own territory and use our own talents to uplift ourselves by our own bootstraps. And then he will recognize us for what we are.

Eleanor Fischer: Yes, but suppose you don't get this territory, which seems quite likely, then what are you going to do? How are you going to accomplish your goals?

Malcolm X: No, that's not our problem, that's America's problem. If the average American knew the trouble that Uncle Sam is in all over this earth, they could see that we are closer toward getting a separate territory in this country than the integrationists are toward getting integration. You have a race problem that must be solved, or else you will alienate every non-white person on this earth within the next few years, or within the next few months. Uncle Sam right now is forcing integration only because he's trying to impress the people abroad that he's morally qualified to be the leader of the world. And if he can't do this, then it will alienate them. And all of the hundreds of millions of dollars or billions of dollars that he has sent abroad trying to buy the friendship of the dark world will go right down the drain. He's not sending 20 billion dollars to South America because he loves those people down here. He's sending it to them because he needs their friendship, he needs their allegiance. And why should he send 20 billion dollars down there, which is going to go down the drain every time you have a racial incident in this country? Solve the race problem here, and once you solve the race problem here, you don't have to send these billions of dollars abroad.

Eleanor Fischer: Mr. Malcolm, how many adherents does your movement have, about?

Malcolm X: I've never heard the Honorable Elijah Muhammad say how many there are. But I think as an intelligent person you would agree that when you are teaching among oppressed people that they should be relieved of their oppression not 100 or 10 years from now, but right now, you're going to find your talk is going to fall upon sympathetic ears.

Eleanor Fischer: Then you feel that you have many more supporters than, let's say, figures that once were printed in The New York Times, would indicate.

Malcolm X: The main part of the tree is the root, and the root is always beneath the ground. It never is brought out into the light.

Eleanor Fischer: Would you say then that the average Negro, particularly in the South, who, we are told, follows and believes in Dr. King's philosophy, really does not believe in this philosophy, at least deep down in his heart, and would be just as willing to follow you?

Malcolm X: Well, all you have to do is go back to slavery days, and there were two types of slaves, the house slave and the field slave. The house slave was the one who believed in the master, who had confidence in the master and usually was very friendly with the master. And usually he was also used by the master to try and keep the other slaves pacified. And the other slaves in the field never let that house slave know what they were really thinking. If the house slave said, well one of these days all of us will live in the plantation, they said, uh huh. They went along with him. But if you came up to them and said, let's go, they would be gone just like that. And in America you have the same situation now. You have the vast masses who are still slaves. Then you have the upper-class Negroes who are the modern-day Uncle Toms or the 20th century Uncle Toms. They don't wear a handkerchief anymore. They wear top hats. They're called Doctor, they're called Reverend, but they play the same role today that Uncle Tom played on the plantation.

Eleanor Fischer: Are you likening Dr. King to the house slave of slavery days?

Malcolm X: If you read the history of slavery and see the part that the Uncle Tom played in the plantation, and then you see how the white man today has changed his tactics, but he still occupies the same position, in that same context you find Uncle Tom. He has changed his tactics, but he still occupies the same position. His job is to pacify the slaves, keep them willing to suffer peacefully, keep them willing to love their enemy and to pray for those who use them despitefully. That's the same thing that Uncle Tom did on the plantation before Lincoln issued the so-called Emancipation Proclamation.

Eleanor Fischer: And do you think that's what King is doing today?

Malcolm X: Well, if he fills that role, he fills that role. I don't know—I have no thinking on the matter. But he's teaching the black people to suffer peacefully, patiently, until the white man makes up his mind that you're a human being the same as he. But the Honorable Elijah Muhammad is teaching the black man, you're a human man right now. All you have to do is dignify yourself. You don't have to wait for any white man to recognize you. Recognize yourself. Love each other. Practice harmony and brotherhood among your own kind. Do something for yourself, and then you will be recognized by the entire world as a man who has done for himself what others have done for themselves.

Eleanor Fischer: Do you think that Dr. King is sincere in what he's saying and doing, or do you think perhaps that he's being rather opportunistic in his own way, but his way just happens to be wrong?

Malcolm X: He's wrong, and I'm inclined to believe that most Negro leaders, professional Negroes are professional Negroes. Being a Negro is their professional, and being a leader is their profession. And usually they say exactly what the white man wants to hear them say. They never let the white man know exactly what black people are thinking, period. And most of them whose existence or whose position of leadership depends upon the subsidy or crumbs from the white man's table, will only say what that white man wants to hear. When they get behind the door, they talk a different language. And I think that they do the white man more harm and do America more harm than the Muslims do who let the white man know exactly what we think and what black people think, in general.

Eleanor Fischer: Is there any leadership in the Negro community, outside that of the Black Muslim movement, which you would approve of?

Malcolm X: Whoever is standing up telling the white man that his position is unjust and that the black people should not have to wait for any Supreme Court, Congress or Senate to legislate, or even the president to issue any kind of a proclamation to better the condition of our people, if a Negro leader is standing up, making that point clear, then he's all right with us. But as long as he's making the white man think that our people are satisfied to sit in his house and wait for him to correct these conditions, he is misrepresenting the thinking of the black masses, and he's doing the white man a disservice because he's making the white man be more complacent than he would be if he knew the dangerous situation that is building up right inside his own house. A cat that's inside of your house that is angry and dissatisfied and hostile is more dangerous to you than a full-grown lion is on the outside.

Eleanor Fischer: Well, you know, getting back to the philosophical point you made there about acceptance, this is one of the arguments that the white community down South gives to the Negroes who claim that they want certain rights, that it's fine to go to schools and to even sit at lunch counters together, but this question of social equality and social acceptance, actually, is something else, again. The whites don't want it, and you don't want it. Now, where is the difference? Aren't you taking that position in reverse?

Malcolm X: Don't say...don't say the whites down South. Whites up North. There's no difference between whites in the South and whites in the north. Only the whites in the South aren't hypocritical about it. You don't find any more inter... there is just as much social intermixing in the South as there is in the North. Only in the South they let you know where they stand, and in the North, they take a hypocritical approach or attitude or reaction. And I think, again, that that does the whole problem a disservice. It's not a case of our wanting to mix socially with whites. What does a black man look like begging for a cup of coffee in a white restaurant, and doesn't have a job to pay for it when he does get the coffee? It's putting the cart before the horse. Instead of the Negro leaders having the black man begging for a chance to dine in white restaurants, the Negro leader should be showing the black man how to do something to strengthen his own economy, to give himself an independent economy or to provide job opportunities for himself, not begging for a cup of coffee in a white man's restaurant.

Eleanor Fischer: Well, you take a situation like that which exists in Atlanta. Now, here, it would seem to me, would be an ideal illustration of your point. In Atlanta you have some of the wealthiest Negroes in the United States. They own insurance companies, banks, beautiful homes. They have their own

restaurants, nightclubs. They have some of the best schools that are all-Negro schools. Do you really think that this makes them any better off? Do you think that this gives them any more dignity? I mean, isn't this the goal towards which you are reaching?

Malcolm X: Yes, this is the goal, the goal in part, but not only do we want our own community, we want our own land, period, the same as the Jews were never satisfied until they had Israel. They wanted a country that they could point toward and a flag that they could point toward. This doesn't mean that they even went to Israel, but this gave them prestige, it gave them dignity. It gave them something to back them up. And the black man in America's position is parallel with that of the Jews, especially when the Jews were in bondage under Pharaoh. And at no time did Moses in the Bible ever try and integrate the Hebrews into the Egyptian society or accept any hypocritical offers made by the slave master of that day. Moses taught complete separation and a land of their own flowing with milk and honey. He didn't teach them anything about any heaven up in the sky, but the only thing that would solve their problem is a land of their own. And the black man in America is the same as the Jews were in bondage under Pharaoh. We are strangers in a land that is not ours. We are rejected by this type of modern Pharaoh or Pharaoh-nic society. And the only way that we are going to solve our problem is to do the same thing today that the Hebrews did under Pharaoh, strike out for ourselves into some land—into a land of our own where we can build a tabernacle to our own God, like the Hebrews did back there. But as long as we sit around here trying to pray to the white man's God and go to the white man's church and into the white man's school, we'll be brainwashed by the white man, the educational system, and we'll continue to look down upon ourselves and we'll continue to be a beggar to him, because we'll continue to think that he's superior to us.

Eleanor Fischer: Do you think Muhammad is the natural God of the Negro, the American Negro?

Malcolm X: No, we don't look upon Muhammad as God. We look upon... just like the Hebrews didn't look upon Moses as God, they looked upon Moses as their leader. But Moses was God's spokesman. And we who follow the Honorable Elijah Muhammad don't look upon him as God, we look upon him as God's spokesman. We look upon him as God's representative, as a messenger from God. And the message that he has for us is the same as the message that Moses had for the Hebrews, not integration, cause he told Pharaoh, "let my people go," which means separate. And the Honorable Elijah Muhammad, whom we look upon as a modern Moses, has the same type of message for us today. We don't look upon Martin Luther King as any Moses, because Moses never—not a modern Moses or an ancient Moses—because King is advocating love your enemy, Moses didn't say love your enemy. King is advocating turn the other cheek, Moses didn't advocate turn the other cheek. Moses told those slaves how to defend themselves. And he taught the slaves how to defend themselves. And had Moses not taught the Hebrews how to defend themselves against their enemies, why those Hebrews would be getting lynched and they'd be second-class citizens and segregated and Jim Crowed, the same as everybody else—the same as the so-called Negro in America is right to this very day.

Eleanor Fischer: Well, and the question there again then comes down to violence. Now, what would you do in a situation in the South, let's say, if there was a lynching? Would you, as a Negro, take a gun and go after the white person who...

Malcolm X: We would do the same thing that America did when Pearl Harbor was attacked. America defended itself. They said praise the Lord, but they passed the ammunition. And this is a God-given right of any man. Anytime you have a man who is getting lynched, and what are his people supposed to do? Sit around and forgive the lyncher or wait on the United States government to go in and get the lyncher, like the United States government did in the case of Charles Mack Parker, and the FBI found who were the guilty lynchers, and right to this day, the FBI, the highest law enforcement body in the land, has yet to bring the lynchers of Mack Parker to justice? No, if the government can't give the black man justice, then it's time for the black man to get some justice for himself, with the help of his God. This doesn't mean that he's advocating violence. Can you tell—can you accuse me, if a man is putting a rope around my neck, of being violent, when I violently struggle against this lyncher to try and keep him from putting a rope around my innocent neck? Why, you'd be insane to call

me violent. But this is what you're doing. This is what the white person in America is doing, when the Muslim says that the black man should defend himself. No, it's the white man who is the one who is being violent. And the government is responsible for the violence, as long as they don't stop it. And if we have to get violent to protect ourselves, then it's the government that should be charged with the crime, because we're only upholding a law that they've been unable to uphold

Eleanor Fischer: And I take it you would approve of the tactics of Robert Williams, the Southern NAACP leader, who—I think he was from where, North or South Carolina? North Carolina, yeah.

Malcolm X: I don't know too much about his tactics, but if he was trying to defend himself, he was within his God-given rights and within—and he was also within his natural right, because the first law of nature is self-preservation. And Martin Luther King has made the Negro in America unnatural. He has taken away from the Negro his God-given right to defend himself. He has them going through—I looked on the television the other night and saw them beating a Negro unmercifully in Mississippi. And this is the result of a brainwashing technique that a certain power structure in the American government has paid these Negro integrationist leaders to perpetuate among our people. But it's not a good thing, and it will never solve our problem.

Eleanor Fischer: Thank you very much Mr. Malcolm.

Malcolm X at Harvard Law School Forum (March 24, 1961)

Mr. Chairman, Ladies and Gentlemen. We thank you for inviting us here to the Harvard Law School Forum this evening to present our views on this timely topic: The American Negro, Problems and Solutions. But to understand our views, the views of the Black Muslims, you must first realize that we are a religious group, and you must also know something about our religion, the religion of Islam.

The Creator of the Universe, whom many of you call God or Jehovah, is known to the Muslims by the name Allah. Since the Muslims believe there is but one God, and that all the prophets came from this one God, we believe also that all prophets taught the same religion, and that they themselves called that religion Islam, an Arabic word that means the complete submission and obedience to the will of Allah.

One who practices this Divine Obedience is called a Muslim (commonly known, spelled, and referred to here in the West as Moslem). There are over 725 million Muslims on this earth, predominantly in Africa and Asia, the non-white world...and we here in America who are under the Divine Leadership of the Honorable Elijah Muhammad, are an integral part of the vast World of Islam that stretches from the China Seas to the sunny shores of West Africa.

A unique situation faces the 20 million ex-slaves here in America because of our unique condition, thus our acceptance of Islam, and into Islam, affects us uniquely...differently than all other Muslim "converts" anywhere else on this earth.

Mr. Elijah Muhammad is our Divine Leader and Teacher here in America. Mr. Muhammad believes in and obeys God 100 per cent and is teaching and working among our people to fulfill God's Divine Purpose today.

I am here at this Harvard Law School Forum this evening to represent Mr. Elijah Muhammad, the spiritual head of the fastest-growing group of Black Muslims in the Western Hemisphere.

We who follow Mr. Muhammad know that he has been divinely taught

and sent to us by God Himself. We believe that the miserable plight of the 20 million black people in America is the fulfillment of divine prophecy.

We believe that the serious race problem that our presence here poses for America is also the fulfillment of divine prophecy. We also believe that the presence today in America of the Honorable Elijah Muhammad, his teachings among the 20 million so-called Negroes, and his naked warning to America concerning her treatment of these 20 million ex-slaves is all the fulfillment of divine prophecy.

Therefore, when Mr. Muhammad declares that the only solution to America's serious race problem is complete separation of the two races, he is fulfilling that which was predicted by all of the biblical prophets to take place in this day.

But, because Mr. Muhammad takes this uncompromising stand, those of you who don't understand biblical prophecy wrongly label him as a racist, a hate teacher, or of being anti-white, and of teaching black supremacy.

But, this evening, we are all here at the Harvard Law School Forum together: both races, face to face. During the next few moments we can question and examine for ourselves the wisdom or the folly of what Mr. Muhammad is teaching.

Many of you who classify yourselves as "white" express surprise and shock at this truth that Mr. Muhammad is teaching among your 20 million ex-slaves here in America, but you should be neither surprised nor shocked.

As students, scholars, professors and scientists you should be well aware that we are living in a world and at a time when great changes are taking place. New ideas are replacing the old ones. Old governments are collapsing, and new nations are being born. The entire "old system" which has held the Old World together has lost its effectiveness, and now that Old World is going out. A new system or New World must replace the Old World.

Just as the old ideas must be removed to make way for the new, God has declared to Mr. Muhammad that the evil features of this wicked Old World must be exposed, faced up to, and removed in order to make way for the New World that God Himself is getting ready to establish.

The Divine Mission of Mr. Muhammad here in America today is to prepare us for this New World of Righteousness, by delivering to us a message that will give us a better understanding of this Old World's many defects, and then we will all agree that God must remove this wicked Old World.

We see by reports in the daily press that even many of you who are scholars and scientists think that this message of Islam that is being taught here in America among your 20 million ex-slaves is "new," or that it is something Mr. Muhammad himself has made up.

Mr. Muhammad's religious message is not "new." All of the scientists and prophets of old predicted that a man such as he, with a doctrine or message such as this that Mr. Muhammad is spreading among your 20 million ex-slaves, would make his appearance among us at a time such as we are living in today.

It is also written in your own scriptures that this prophetic figure would not be raised up from the midst of the educated class, but that God would make His choice of a man from among the lowly, uneducated, downtrodden and oppressed masses, among the lowest element of America's 20 million ex-slaves.

Just as it was in the days when God raised up Moses from among the lowly Hebrew slaves, and missioned him to separate his oppressed people from a slave master named Pharaoh, and Moses found himself opposed by the scholars and scientists of that day, who are symbolically described in the bible as "Pharaoh's Magicians," and just as Jesus, himself a lowly carpenter, was also missioned by God in that day to find his people...the "lost sheep"... and separate them from their Gentile enemies, and restore them back among their own people, Jesus also found himself opposed by the scholars and scientists of his day, who are symbolically described in the bible as "scribes, priests, and pharisees."

Just as the learned class of those days disagreed and opposed both Moses and Jesus primarily because of their humble origin and status, today Mr. Elijah Muhammad is likewise being opposed by the learned, educated intellectuals from among his own kind primarily because of his humble origin and status in their eyesight, and efforts are made by these modern day “magicians, scribes, and Pharisees” to ridicule Mr. Muhammad by magnifying the humble origin of his many followers.

Moses was raised up among his enslaved people at a time when God was planning to remove the power of the slave master and bring about a great change by placing the slaves in a land of their own where they could give birth to a “New Civilization,” completely independent of their former slave master. Pharaoh opposed God’s plan and God’s servant, so Pharaoh and his people were destroyed.

Jesus was sent among his people again at a time when God was planning to bring about a great change. The new dispensation preached by Jesus 2,000 years ago ushered in a new type of civilization, the Christian civilization, better known as the Christian world.

The Holy Prophet Muhammad, may the peace and blessings of Allah be upon him, came 600 years after Jesus with another dispensation that did not destroy or remove the Christian civilization, but it did put a dent in it, a wound that has lasted even until today.

Now today, God has sent Mr. Elijah Muhammad among the downtrodden and oppressed so-called American Negroes to warn us that God is again about to bring about another great change...only this time, it will be a Final Change! This is the day and the time for a Complete Change.

Mr. Muhammad is teaching that the religion of Islam is the only solution to the problems confronting our people here in America, but he also warns us that it is even more important for us to know the base or foundation of that which we must build upon tomorrow.

Therefore, the way in which Mr. Muhammad teaches us the religion of Islam, and the particular kind of Islam he teaches us, may appear to be different from that which is taught in the Old World of Islam, but the basic principles and practices are the same.

You must remember: the condition of America’s 20 million ex-slaves is uniquely pitiful. But, just as the old religious leaders in the days of Moses and Jesus refused to accept Moses and Jesus as religious reformers, today many of the religious leaders in the Old Muslim World may also refute the teachings of Mr. Elijah Muhammad, not realizing the unique condition of these 20 million ex-slaves, and by not understanding that Mr. Elijah Muhammad’s teachings are divinely prescribed to rectify the miserable condition of our oppressed people here, but as God made Pharaoh’s Magicians bow before Moses, and the Scribes and Pharisees bow before Jesus, it is God’s plan today to make all opposition, both at home and abroad, bow before this truth that is now being taught by the Honorable Elijah Muhammad.

We are 4,000 years from the time of that great change which took place in Moses’ day. We are 2,000 years from the time of that great change that took place in Jesus’ day, and if you will but look around you on this earth today it will be as clear as the five fingers on your hand that we are again living at the time of a great change right now.

God has come to close out the entire Old World, the Old World in which for the past 6,000 years practically the entire earth has been deceived, conquered, colonized, ruled, enslaved, oppressed and exploited by the Caucasian race.

When Pharaoh’s civilization had reached its peak, and his time to rule over the slaves was up, God appeared unto Moses and revealed to him that He had something different for his people. Likewise, God has told Mr. Muhammad that He has something different for his People, the so-called Negroes, here in America today, something that up until now has never before been revealed. Mr. Muhammad teaches us that this Old World has seen nothing yet, the real thing is yet to come.

The Black Muslims who follow Mr. Muhammad are not only making our exit out of the door of the Old World, but the door to the New World is yet to be opened and what is inside that door is yet to be revealed.

This present teaching of Mr. Muhammad among your 20 million ex-slaves is only to prepare us to walk out of this wicked Old World in as intelligent, pleasant, and peaceful a way as is possible.

This present teaching among the so-called American Negroes is designed only to show proof to us why we should give up this wicked Old House. The roof is leaking; the walls are collapsing, and we find it is no longer able to support the tremendous weight caused by our continued presence in it.

And since the knowledge of the deterioration and eventual collapse of this

Old Building has come to Mr. Muhammad from Almighty God Himself, whose proper name is Allah, the Lord of all the Worlds, the Master of the Judgment Day, the Honorable Elijah Muhammad is pointing these dangerous present conditions and future events out to you who have enslaved us, as well as to us.

With the proper support and guidance our people can get out of this sagging Old Building before it collapses.

But this support and guidance that we need actually consists of being taught a thorough knowledge of the origin, history and nature of the Caucasian race, as well as a thorough knowledge of our own black nation. We must have a knowledge of the true origin and history and the white man's Christian religion, as well as an understanding of the Islamic religion that prevails primarily among our brothers and sisters in Africa and Asia.

You will probably ask us: Why then, if this Old House is going to collapse or go up in smoke, are the Black Muslims asking for some states to be set aside for us right here in this country. It's like asking for a chance to retain rooms in a house that you claim is doomed for total destruction?

God is giving America every opportunity to repent and atone for the crime she committed when she enslaved our people, just as God gave Pharaoh a chance to repent before He finally destroyed him because he was too proud to free his slaves and give them complete justice.

We are asking you for territory here only because of the great opposition we receive from this government in our efforts to awaken our people, unite them, separate them from their oppressors, and return them to our own land and people.

You should never make the drastic mistake of thinking that Mr. Muhammad has no place to take his followers in the World of Islam. No sir! He is not shut out there like many of you wish to believe. All who accept Islam and follow him have been offered a home in the Muslim World.

Our people have been oppressed and exploited here in America for 400 years, and now with Mr. Muhammad we can leave this wicked land of bondage, but our former slave master is yet opposing his efforts and is unjustly persecuting his followers who have left the Christian church and accepted the religion of Islam. This is further proof that our Caucasian slave master does not want us or trust us to leave him and live elsewhere on this earth, and yet if we stay here among them, he continues to keep us at the very lowest level of his society.

Pick up any daily paper or magazine and examine the anti-Muslim propaganda and the false charges leveled against our beloved religious leader by some of America's leading reporters. This only points up the fact that the Caucasian race is never willing to let any black man who is not their puppet or parrot speak for our people or lead our people out of their enslaving clutches without giving him great opposition.

The Caucasian slave master has opposed all such leaders in the past, and even today he sanctions and supports only those Negro spokesmen who parrot his doctrines, his ideas or those who accept his so-called “advice” on how our people should carry on our struggle against his 400 years of tyranny.

The Christian world has failed to give the black man justice. This Christian government has failed to give 20 million ex-slaves justice for our 310 years of free slave labor. Despite this, we have been better Christians even than those who taught us Christianity. We have been America’s most faithful servants during peace time, and her bravest soldiers during war time. And still, white Christians have been unable to recognize us and accept us as fellow human beings. Today we can see that the Christian religion of the Caucasian race has failed us. Thus, the black masses are turning away from the church back to the religion of Islam.

The government sends its agents among our people to tell lies they have a well-organized all-out effort to harass them, in an effort to frighten those of our people in this country who wish to accept the religion of Islam and unite under the spiritual guidance and divine leadership of the Honorable Elijah Muhammad.

Therefore, Mr. Muhammad has declared to you, and to your government, that if you don’t want your 20 million ex-slaves to leave you and return to our own land and people and since your actions have proved that the Caucasian race will not accept these 20 million ex-slaves here among them as complete equals, then let us separate ourselves from you right here, into a separate territory that we can call our own, and on which we can do something for ourselves and for our own kind.

Since we cannot live among the Caucasians in peace, and there is not enough time left for us to wait for the Caucasian race to be “re-educated” and freed of their racial prejudices, and their inbred beliefs and practices of white supremacy...I repeat: Let our people be separated from you, and give us some territory here that we can call our own, and live in peace among ourselves.

According to recent news dispatches appearing in daily papers throughout this nation: in prisons all over the country the wardens are unjustly persecuting the inmates who want to change from the Christian religion and accept the religion of Islam and follow the spiritual guidance of the Honorable Elijah Muhammad.

These prison wardens even admit that when the inmates change from Christianity to Islam, they become model prisoners, but despite this they are being persecuted and prevented from reading the Holy Qur’an, the same Holy Book that is read daily by hundreds of millions of our darker brothers and sisters in Africa and Asia.

When the true facts about this religious persecution are made known among the 725 million Muslims in the World of Islam, that strategic area that stretches from the China Seas to the shores of West Africa, how do you think the American Caucasians will then look in the eyes of those nonwhite people there?

The very fact that there is a concerted effort against Islam by wardens across the country is proof that the American government is trying to stamp out the religion of Islam here in a frantic effort to keep it from spreading among her 20 million ex-slaves whom she continues to confine to the lowly role of second-class citizenship.

Further proof of this is the fact that these 20 million so-called Negroes have never even been taught about the religion of Islam during the entire 400 years since the Caucasian first brought our people here away from our African Muslim culture in chains, and despite the fact that Islam is, and always has been, the prevailing religion among our people in Africa.

Now the American Caucasian, in a last act of desperation, is accusing Mr.

Muhammad of not being a true Muslim, and of not teaching true Islam.

If the American Caucasian knows so much about true Islam, and has suddenly become such an authority on it, why hasn't he taught it to his 20 million ex-slaves before now?

Also, the American Caucasian today loves to print glaring headlines saying that the orthodox Muslims don't recognize or accept Mr. Muhammad and his Black Muslims as true Muslims.

"Divide and rule" has long been the Caucasian strategy to continue their colonization of dark people. The American Caucasian actually has colonized 20 million black people here in this country simply by dividing us from our African brothers and sisters for 400 years, converting us to his Christian religion, and then by teaching us to call ourselves "Negroes" and telling us we were no longer African.

As hundreds of thousands of the ex-slaves here in America today refuse to attend the church of the Caucasians who enslaved us, shunning all further use of the word "Negro," and because we are accepting Allah as our God, Islam as our religion, and the Honorable Elijah Muhammad as our religious leader and teacher, now the Americans who enslaved us are reverting back to the old trick of their fellow colonialists, "divide and rule", by trying to separate us from the Muslim World, thinking that they can in this way alienate us from our people in Africa and Asia who also serve and follow Almighty God, Allah.

There are probably 100,000 of what you call orthodox Muslims in America, who were born in the Muslim World, and who willingly migrated here. But, despite the fact that Islam is a propagating religion, all of those foreign Muslims combined have not been successful in converting 1,000 Americans to Islam.

On the other hand, they see that Mr. Muhammad, all by himself, has hundreds of thousands of his fellow ex-slaves turning Eastward toward Mecca five times daily giving praises to the Great God Allah.

No true Muslim, in his right mind, would denounce or deny this meek and humble little black man, who was himself born in Georgia, the very worst part of this country, as a leader, a defender of the faith, a propagator of the faith, who has rekindled the light of Islam here in the West.

His Caucasian opposers have never gotten even one responsible Muslim official to criticize or denounce Mr. Muhammad. They succeed only in getting some jealous or envious little peddler or merchant who migrated here and wants to be recognized as some sort of leader himself, and who will therefore accept the Caucasian's thirty pieces of silver to attack this man of God.

How would Mr. Muhammad ever make a trip into the forbidden areas of Arabia, and visit the Holy Cities of Mecca and Medina, being welcomed and honored by its most respected religious leaders, the great Imams themselves, if he himself was not recognized as a great religious man, and a man of God, doing miraculous works by spreading Allah's name here in the West among the 20 million ex-slaves of America?

How could Mr. Muhammad visit the capitals of the Muslim World, and be received by its respected leaders, if he too was not recognized and respected as a Muslim leader by them?

He visited Al-Azhar, the oldest Mosque and Muslim University in the world, and had tea with the Chief Imam, the Grand Sheikh Shaltuat, who kissed him on his forehead in true Muslim fashion, yet the American Caucasians, hoping to block his success among our people, continue to oppose him and say he is not a true Muslim.

Again, you will say: Why then doesn't he and his followers leave this house of bondage right now, and go and live in the Muslim World? All of the Black Muslims can live in the Muslim World tomorrow, but the Honorable Elijah Muhammad wants justice for the entire 20 million so-called Negroes.

You and your Christian government make the problem even more complicated. You don't want your 20 million ex-slaves to leave you, yet you won't share equal justice with them right here.

Since you don't want them to leave this country with us, and you won't give them equal justice among your kind, then we will agree only if you let us separate ourselves from you right here.

Just give us a portion of this country that we can call our own. Put us in it.

Then give us everything we need to start our own civilization here...that is, support us for 20 to 25 years, until we are able to go for ourselves. This is God's plan. This is God's solution. This is justice, and compensation for our 310 years of free slave labor.

Otherwise, America will reap the full fury of God's wrath, for her crimes against our people here are many. As your bible says: "He that leads into captivity shall go into captivity; he that kills with the sword shall be killed by the sword." This is the law of justice and this is in your own Christian scriptures.

The black masses are shaking off the drugs, or narcotic effect of the token integration promises. A cup of tea in a white restaurant is not sufficient compensation for 310 years of free slave labor. The black masses as represented by the Black Muslims will never be satisfied until we have some land that we can call our own.

Again, I repeat: we are not asking for territory here because Mr. Muhammad has no place else to take us. But, to benefit the entire 20 million so-called Negroes, 20 million ex-slaves, who, despite the fact that the Emancipation Proclamation was issued 100 years ago, these oppressed people are still begging their former slave master for recognition as human beings. Therefore, Mr. Muhammad is asking this government to stop toying with our people, stop fooling them year in and year out with false promises of token integration.

Token integration will not solve our problem. This is a false solution. A "token" solution. It is a hypocritical approach to the problem, a tricky scheme devised by you, and propagated by your Negro puppets whom you yourself have appointed as our "leaders" and "spokesmen."

Integration is not good for either side. It will destroy your race, and your government knows it will also destroy ours, and the problem will still remain unsolved.

God has declared that these 20 million ex-slaves must have a home of their own. After 400 years here among the Caucasians, we are absolutely convinced that we can never live together in peace, unless we are willing to remain subservient to our former masters, therefore, immediate and complete separation is the only solution.

NAACP Attorney Thurgood Marshall has admitted publicly that six years since the Supreme Court decision on desegregation of the schools, only 6 per cent desegregation has taken place. This is an example of integration!

A kidnapper, a robber, an enslaver, a lyncher is just another common criminal in the sight of God, and the above-mentioned criminal acts have been committed on a mass scale for 400 years by your race against America's 20 million so-called Negroes.

It is true that today America professes to be sorry for her crimes against our people, and she says she wants to repent, and in her desire to atone or make amends she offers her 20 million ex-slaves flowery promises of "token" integration.

Many of these downtrodden victims want to forgive America; they want to forget the crimes you have committed against them, and some are even willing to accept the formula of "token integration" that you yourself have devised as the solution to correct the problems created by your criminal acts against them.

In a court of justice, the criminal can confess his crimes and throw himself on the mercy of the court if he has truly repented, but neither the criminal nor his victims have any say-so in suggesting the sentence that is to be passed upon the guilty or the price that the confessed criminal must pay. This is left in the hands of the Judge. We are living in the Day of Judgment right now. God is the Judge that our American slave master must now answer to.

God is striking this great country with tornadoes, storms, floods, rain, hail, snow and terrific earthquakes are yet to come. Your people are being afflicted with increasing epidemics of illness and disease, divine plagues that God is striking you with because of your criminal acts against the 20 million ex-slaves, and today instead of repenting and truly compensating our people for their 310 years of free slave labor that built up this great country for you, you buyout the Negro leaders with 30 pieces of silver and get them to sell our people on accepting your “token integration.”

When one uses a “token” on the bus or streetcar that “token” is a substitute for the real money. Token means “a substitute,” that which takes the place of the real thing.

Token integration takes the place of the real thing. Two black students at

Georgia University is TOKEN integration. Four black children in New Orleans white schools is TOKEN integration. A handful of black students in the white schools in Little Rock is TOKEN integration. None of this is REAL integration; it is only a pacifier designed to keep these awakening black babies from crying too loud. The white man’s violent rebellion, and relentless struggle against TOKEN integration is sufficient to prove what would happen if the Negro leaders demanded REAL INTEGRATION.

Also, according to the above-mentioned rate of speed since the desegregation decisions of the Supreme Court, it will take us another thousand years to get the white man in the South sufficiently “re-educated” to accept our people in their midst as equals, and if the rest of the truth is told, it will also take the white man here in the North, West and East just as long as his brother in the South if the frightened Uncle Tom leadership ever stops accepting his master’s “tokens” and begins to demand the real thing.

To many of you here at the Harvard Law School Forum this evening, this sounds ridiculous; to some it even sounds insane. But these 20 million black people here in America now number a nation in their own right. Do you believe a nation within another nation can be successful? Especially when they both have equal education?

Once the slave has his master’s education, the slave wants to be like his master, wants to share his master’s property, and even wants to exercise the same privileges as his master even while he is yet in his master’s house. This is the core of America’s troubles today; and there will be no peace for America as long as 20 million so-called Negroes are here begging for the rights which America knows she will never grant us.

Even this limited education America has granted her ex-slaves has already produced great unrest and Almighty God says the only way for America to ever have any future peace or prosperity is for her 20 million ex-slaves to be separated from her...and it is for this reason that Mr. Muhammad teaches us that we must have some land of our own.

If we receive equal education, how long do you expect us to remain your passive servants, or second-class citizens? There is no such thing as a second-class citizen. We are full citizens or we are not citizens at all.

When you teach a man the science of government he wants an equal part (or position) in that government... or else he wants a government himself. He begins to demand equality with his master. No man with equal education will serve you. The only way you can continue to rule us is with a superior knowledge, or by continuing to withhold equal education from our people. America has not given us equal education, but she has given us enough to make us want more and to make us demand equality of

opportunity, and this is causing unrest plus international embarrassment, thus the only solution is immediate separation.

As your colleges and universities turn out an ever increasing number of so-called Negro graduates with education equal to yours, they will automatically increase their demands for equality in everything else. This equal education will increase their spirit of equality and make them feel that they should have everything that you have, and their increasing demands will become a perpetual headache for you and continue to cause you international embarrassment. In fact, the same Negro students you are turning out today will soon be demanding the same things you now hear being demanded by Mr. Muhammad and the Black Muslims.

In my conclusion: I must remind you that since your own Christian Bible states that God is coming in the "last days," or at the "end of the Old World," and that God's coming would bring about a great separation and since we see all sorts of signs throughout the earth that indicate that THE TIME OF GOD'S COMING is upon us, why don't you repent while there is yet time?

Do justice by your faithful ex-slaves. Give us some land of our own right here, some SEPARATE STATES, so we can separate ourselves from you, then everyone will be satisfied, and perhaps we will all be able to then live happily ever after, as your own Christian Bible says... "everyone under his own vine and fig tree."

Otherwise: all of you who are sitting here, your government, and your entire race will be destroyed and removed from this earth by Almighty God, Allah. I thank you.

Open Mind Roundtable (October 15, 1961)

Moderator: Eric P. Goldman, Guests: Mr. Monroe Berger, Mr. Kenneth B. Clark, Mr. Richard Haley, Mrs. Constance B. Motley, Mr. Malcolm X

Mr. Goldman: In the years since World War II, unquestionably the most dramatic and most important development in internal American affairs has been the upward lunge of the Negro. In no uncertain terms these 20 million Americans have been making themselves heard. As the agitation and as the advances have gone on, observers have more and more joined in one type of comment. They've been saying there is a new Negro in America, a new mood, a new emphasis in the programs and demands of the Negro. Today we're going to inquire into statements of this kind, and, I hope, in the course of the inquiry, we will answer candidly such questions as, What does the Negro really want today? Is he, to any significant degree, dissatisfied with the leadership of organizations like the NAACP? And is he really developing a new identity, both in terms of his inner reactions and in term of his relationships with Africa?

Our panel, here to my right: Mrs. Constance Baker Motley, associated with Thurgood Marshall as assistant counsel of the Legal Defense Fund of the NAACP, who is just back from defending civil rights cases in Mississippi.

Mr. Richard Haley, Field Secretary of CORE, the Congress of Racial Equality, which has led the sit-ins and Freedom Rider activities in the South.

Mr. Monroe Berger, Associate Professor of Sociology at Princeton University, whose expertness in the subject under discussion today is a double one. He wrote the volume entitled Equality by Statute, a highly praised study of efforts to bring more equality into American life by legislation. Mr. Berger's

sociological studies have also taken him into the Middle Eastern field where he has been interested in the ties that are being asserted today between the American Negro and the Muslims of Africa.

Mr. Malcolm X, Minister of the Temple of Islam No. 7 in New York City, and one of the national leaders of the Black Muslim movement in America.

And Mr. Kenneth B. Clark, Professor of Psychology at the College of the City of New York, author of a historic study on which the Supreme Court, in part, rested its 1954 school desegregation decision, consultant to the NAACP, and winner of the 1961 Spingarn Medal for his work in advancing race relations.

Mr. Clark, would you begin us with a comment on this general question. Is there, to your mind, a really “new Negro” in America?

Mr. Clark: Well, I think the term “new Negro” is a catch phrase and one that catches the imagination of people, but actually, I don’t think there’s a new Negro. I think the Negro in America today is pretty much the way he has been in the past. In terms of his desires, his wants, I think the Negro today wants exactly what the Negro in the Reconstruction period wanted, namely, full, unqualified equality as an American citizen. There are some differences today. I think that the Negro today is more direct, more forthright, more impatient, if you will, as he approaches his goal. He becomes less patient with things which hold him back.

Mr. Goldman: Matters of mood rather than of program?

Mr. Clark: And of goal. I think that there is no question that the Negro today has exactly the same goal that the Negro had fifty years ago, seventy years ago, a hundred years ago, probably during slavery, namely, a desire to be free.

Mr. Goldman: Mrs. Motley?

Mrs. Motley: I think that’s about it, Kenneth. I think also that what’s new today are the techniques that Negro groups have developed for speeding their full participation in American life. The techniques of the sit-ins and the Freedom Rides have helped to accelerate the pace toward full participation on the part of American Negroes in American life. And I think that these techniques have been dramatic and successful and give the appearance of presenting a new Negro.

Mr. Goldman: Mr. X, you seem to be a little restless with all this.

Malcolm X: Yes, I think there is a new so-called Negro. We don’t recognize the term “Negro” but I really believe that there’s a new so-called Negro here in America. He not only is impatient. Not only is he dissatisfied, not only is he disillusioned, but he’s getting very angry. And whereas the so-called Negro in the past was willing to sit around and wait for someone else to change his condition or correct his condition, there’s a growing tendency on the part of a vast number of so-called Negroes today to take action themselves, not to sit and wait for someone else to correct the situation. This, in my opinion, is primarily what has produced this new Negro. He is not willing to wait. He thinks that what he wants is right, what he wants is just, and since these things are just and right, it’s wrong to sit around and wait for someone else to correct a nasty condition when they get ready.

Mr. Goldman: Does he want anything different in your opinion, Mr. X?

Malcolm X: In the past he wanted to identify himself with the American way of life, but after a hundred years of begging and a hundred years of waiting, I think there’s a growing tendency on the part of the so-called Negro to have reached the conclusion that he can never be recognized as a human being in America as other humans are recognized. So in my opinion, and according to the teachings of the Honorable Elijah Muhammad, I think a growing number of Negroes today are beginning to see, since

they can't get it here, that they might as well try elsewhere or try some other form of solution than the ones that have been put in front of us.

Mr. Goldman: Mr. Haley, do I note puzzlement over there?

Mr. Haley: Puzzlement, no. But I'm not altogether in agreement. It is unfortunately true, I think, as Mr. X says, that the history of the Negro in America, particularly since Reconstruction, has given us every reason to feel that we can never be accepted in America as human beings. There's a great deal to make one feel this way. Nevertheless, I'm not so quick, even after a hundred years, to give up my belief in man's potentiality to overcome his biggest obstacle, himself. And this is what both the whites and to some extent the Negroes too must overcome.

Mr. Goldman: Mr. Berger?

Mr. Berger: If we look back historically to the early period, we find that there's a great deal to be said for the possibility of the Negro becoming a full citizen in this country and I mean in the most intimate relations with white people. If you look at the periods during slavery and especially immediately afterward, you will find that there were extraordinarily intimate relations between the Negroes and white people, a tendency almost immediately to accept in some places the advances of the Negro. But the defeat of this effort just after the Civil War pushed the whole movement in a rearward direction. If we look at what has happened since then, if we think of American Negro-white relations only in the last forty or fifty years when this consolidation of segregation has taken place, we might be pessimistic. If we look at an earlier period, far from becoming pessimistic, I think we have reasons to be optimistic.

Mr. Goldman: Whether we're pessimistic or optimistic, I detect a fundamental clash here in the area of what the Negro wants. Am I correct in saying that everyone around the table except Mr. X is saying that the Negro wants integration into American life, and that you are not saying that? Is that fair, Mr. X?

Malcolm X: It is not a case of integration into the American way of life, nor is it a question of not integrating. The question is one of human dignity and integration is only a method or tactic or role that many of the so-called Negroes are using to get recognition and respect as human beings. And many of these Negroes have gotten lost on the road. They're confusing the objective with the method. Now if integration is the objective, then what will we have after we get integration? I think that the black man in America wants to be recognized as a human being and it's almost impossible for one who has enslaved another to bring himself to accept the person who used to pull his plow, who used to be an animal, subhuman, who used to be considered as such by him, it's almost impossible for that person in his right mind to accept that person as his equal.

Mr. Clark: Mr. X, you sound to me as if you are preaching a doctrine of complete and utter despair. Are you?

Malcolm X: No, I'm facing facts. If you try and swim the Atlantic Ocean and after several attempts you find you don't make it, well, if your objective is the other side, what are you going to do? It's not a case of having utter despair. You have to go back to shore and try and find another method of getting across if that's where you want to go. Now the so-called Negro in America, a hundred years after Lincoln issued the so-called Emancipation Proclamation, is still knocking on the White House door and still

begging practically every white politician who is running for office to pass legislation to bring about an opportunity for the so-called Negro in America to be recognized as a human being—not as a citizen, but as a human being. They can't get recognition as human beings, much less as citizens.

Mrs. Motley: You recognize, don't you, that they have made some progress and that there has been greater dignity accorded the American Negro? We don't disagree on that, do we? Don't you think that the Negro today is substantially better off than he was at the end of slavery and that through our own

efforts and the efforts of other members of our society we have made progress, and we are continuing to make progress?

Malcolm X: As a lawyer, I'm sure you'll agree that if you put a man in prison illegally and unjustly, one who has not committed a crime, and after putting him there you keep him in solitary confinement, it's doubly cruel. Now if you let him out of solitary into the regular prison yard, you can call that progress if you want, but the man was not supposed to be put in prison in the first place.

Now you have 20 million black people in America who are begging for some kind of recognition as human beings and the average white man today thinks that we're making progress. He cannot justify the fact that he made us slaves in the first place, which was contrary not only to man's law, contrary not only to God's law, but also contrary to nature's law. I don't call that progress until we have gotten everything we originally had. If a man robs a bank he can't jump up and say: "Well, I'm sorry I've been a robber." He has to make restitution. Here you have 20 million black people who have worked for nothing for 310 years and then for the past hundred years we have been deprived of practically everything a human being needs to exist and keep his morale up. I just can't bring myself to accept the few strides that we've made as any kind of progress. And I think...

Mr. Goldman: May I get this discussion off Mr. X specifically and off the Black Muslim movement specifically for a few minutes. I was much struck, on an Open Mind program on which Mr. X appeared earlier, by some remarks of Mr. James Baldwin, the well-known Negro novelist. Let me read to you a few of the statements Mr. Baldwin made on that program. Mr. Baldwin speaking: "I do realize from my own vantage point, I'm a boy from

Harlem too, how desperately and how deeply Negroes hate white people."

He went on to emphasize the point. "Most Negroes, most black people, do not trust white people and most Negroes hate white people." And then, on the basis of that, he said, "I personally, speaking only for myself now, I can't imagine anything this country can offer me that I any longer want." Now I take all this to be a skepticism about the value of integration, even if you could get it. Is there a real trend among Negro intellectuals toward this kind of thinking?

Mr. Clark: I think we must put statements of that sort, and Mr. X's statements, in a broader perspective. As a psychologist, I feel that hate is an extremely difficult emotion to sustain over a prolonged period of time. Certainly, I myself have felt a great deal of bitterness many times. Every time I observe an arbitrary form of racial injustice I feel bitter, but like most emotions hate cannot be sustained longer than my organism can tolerate it. Negroes, like other human beings, naturally feel hate, despair, bitterness. This, however, has not stopped the Negro from the kind of intelligent planning, organization, and exploitation of all the resources of this government to obtain his goal, namely, fully and unqualified equality as an American citizen. The thing that bothers me, Mr. X, is that you put me in a position that requires me to take a position—defending the American system—which I'm not particularly comfortable with. I would like...

Malcolm X: Why aren't you comfortable taking that position? If it's a just position, if it's even psychologically just, why be uncomfortable?

Mr. Clark: Because it's not complete. And neither is your position complete.

Malcolm X: I think, sir, you'll find that when you have two different people, one sitting on a hot stove, one sitting on a warm stove, the one who is sitting on the warm stove thinks progress is being made. He's more patient. But the one who is sitting on the hot stove, you can't let him up fast enough. You have the so-called Negro in this country, the upper-class Negro or the so-called high-class Negro, as Franklin Frazier calls them, the "black bourgeois." They aren't suffering the extreme pain that the masses of black people are. And it is the masses of black people today, I think you'll find, who are the most impatient, the most angry, because they're the ones that are suffering the most.

Mr. Berger: That's interesting. I don't know if they're the most angry of

all the Negroes but certainly I think there's a new Negro in the sense that these are people who have never articulated their demands or made themselves heard to the extent that they are doing now. This is what gives the impression of great militancy, the idea of the new Negro, that is, people lower down in the socioeconomic scale, people of low incomes, are fighting. They are fighting for two things, it seems to me, and I would say that, although there may not be a new Negro in the sense that they're looking for new things, I think they have a different priority and a different urgency about the things that they want. Two of the things they definitely want are jobs and housing. The important thing that the masses of Negroes now feel is they have got to break out of this box of discrimination and employment and they've got to break out of the Negro ghettos, and these two things have got to happen quickly. This is what I believe is meant when I hear about the new Negro.

Mr. Goldman: Mrs. Motley?

Mrs. Motley: I think we're in basic agreement, Mr. X, that the condition of the Negro here has been very bad and is still bad in many areas. I think the only respect in which we might disagree is whether there is any need to continue the struggle which we have been making to equalize the situation in our country and we probably disagree on the techniques for achieving this.

Mr. Goldman: There's one thing that's coming out in this discussion, an agreement on the impatience of the Negro. But does this not include impatience with organizations with which you, Mrs. Motley, and you, Mr. Clark, are associated? For example, Mr. X is quoted as calling your colleague, Mr. Thurgood Marshall, "a twentieth-century Uncle Tom." And Mr. Louis Lomax, the Negro journalist, says that there is a Negro "revolt in America, dwelling underground for the past two decades, which means the end of the traditional Negro leadership class," which I suspect means you, and you, and you.

Mr. Clark: I think these are exaggerated statements and I think that the present impatience of the Negroes is paradoxically a function of the effectiveness of Negro leadership in the past. I'd like to point out that Mr. X says that the masses of Negroes are in the vanguard of the present civil rights movement. I frankly don't think this is true.

Malcolm X: Not in the civil rights movement.

Mr. Clark: It might be sentimental and it might play up to the masses to say that the masses are in the vanguard of the movement, but I think accuracy requires us to recognize that the Negro who has been trained, the Negro who has been exposed to more advantages than the average Negro has been permitted to have in America, is the one you are likely to find in the vanguard of the movement. I say this with all due respect to ours.

Malcolm X: You mean eleven students in a school in Atlanta, Georgia, that's progress?

Mr. Goldman: Let me be unpleasant here for a moment, let me bore in on this point. There's an article in the current Harper's by a woman writer about the young Negro rebels. What the article says is that we really have two Negro groups in America...I'm paraphrasing...one group, the less educated, the socially lower class, who are very much behind the Freedom Riders and similar activities. They're the agitators. And then there are the successful, professional bourgeois, the lawyers and professors and so forth, with a quite different attitude. The author talks about going to Howard University with Freedom Riders, she says Howard is the Harvard of Negro colleges, and she says there wasn't much interest in the Freedom Riders there, which surprises her a great deal. A very suave young Negro student said that his group entirely lacked Negro radicalism. Here you see the Negro elite. These students couldn't care less how Negroes travel on buses. After all, they drive home in their cars.

Mr. Clark: I find that incredible. I think that's a woeful oversimplification and I personally think it's a fabrication. I'm glad I don't know the name of the lady who wrote the article. I'm an alumnus of

Howard University and I'm now on its board and I go to Howard quite frequently. I would personally like to find the student who would say that to a reporter. I think these attempts to simplify the problem by saying this group of Negroes believes this, that group of Negroes believes that, I think all of this misses the point.

Mr. Goldman: Mr. X, don't you agree with some of this, though? I recall your saying on Open Mind that, after all, the traditional Negro leadership is always in the Waldorf-Astoria. That's where you see Roy Wilkins, Thurgood Marshall, and so forth. You suggested that they're not out among the Negro people and perhaps don't understand them.

Malcolm X: I couldn't dispute you because the opportunities I've had to shake their hands would be in that vicinity.

Mr. Clark: Then you were there too, weren't you, Mr. X?

Malcolm X: Definitely.

Mrs. Motley: I think you shook Mr. Marshall's hand in a courtroom.

Malcolm X: In the courtroom corridor.

Mrs. Motley: He's usually found...

Malcolm X: And I would like to comment on the remark Mr. Goldman made earlier about my saying that Marshall was a twentieth-century Uncle Tom. At the time, a few years back, Marshall made a speech at Princeton, at which time he allowed others to put words in his mouth, very derogatory words, about the Muslims. So that what I said was a reply, but I think that the main thing that all of the black people in America today have to do is that which was done in Bandung by the Africans and Asians in 1955. We have to get together and forget our differences. We're not going to agree on everything, but we will agree that all of us are oppressed, all of us are exploited, and the only way we're going to get to our objective is to have some kind of cooperation with each other.

Mr. Goldman: Suppose a lot of white people agree that Negroes are oppressed. Mr. X, do you agree with the Honorable Elijah Muhammad when he says, "It is impossible for Negroes and whites to live together. I hate the few drops of white blood that is already in me. There is no intelligent black man who wants integration."?

Malcolm X: Yes, I believe in everything that Mr. Muhammad says, and when he says that in the first part that he hates the few drops of black blood that are in him, or rather the few drops of white blood that's...

Mr. Clark: That's an interesting slip.

Malcolm X: I think...

Mr. Goldman: Do you say that as a psychologist, Mr. Clark?

Mr. Clark: I say it as a psychologist.

Mr. Berger: What color is Mr. Elijah Muhammad?

Malcolm X: He's light and I think if you go back during slavery, most of the slaves who got white blood got it by having their mothers raped or ravished by the slave master. It would be impossible for me today to carry the blood of a rapist in me and not hate that blood. Secondly, when he said it is impossible for white and black to live together in peace, the history of America proves that. Most of your white liberals who profess to love Negroes and who profess to be pushing for this integration thing, they themselves

live as a rule in lily-white neighborhoods and sometimes they're the first ones to put the FOR SALE sign on their door when a Negro who has fallen for this integration thing moves into their neighborhood. I think that it's very hypocritical today for me as a black man and the white man to sit down with each other and profess that there is a great deal of love between us. I have to look at the white man as the son of the man who kidnapped my people and brought them here and enslaved them and he has to look at me as someone to whom he has done wrong. Always his guilt complex will have him on guard around me. I think that we can solve our problems better by looking at the condition of the black men in America as a collective thing, not individual, but collective. We're in this condition collectively; we're second-class citizens. Collectively, we're the last hired and the first fired. Okay, since we suffer collectively the one who benefits, the white man, benefits collectively. If a white individual were to murder a man he would be a murderer. Lynching is a murder. For the past four hundred years our people have been lynched physically but now it's done politically. We're lynched politically, we're lynched economically, we're lynched socially, we're lynched in every way that you can imagine. And we look upon the white man, the American white man, as a criminal. He has committed a crime against 20 million black people. For me to be segregated is a crime. For me not to have any rights, that's a crime.

Mrs. Motley: Mr. X, let me ask you this: Does Mr. Muhammad mean by integration simply social intermingling with whites? Or does he mean something else? When you spoke I got the impression that you were emphasizing merely a sort of social intermingling with whites in their houses and that sort of thing and intermarriage. But I think integration may have another definition which ought to be emphasized more today. What the Negro seeks is not some sort of social intermingling per se with whites or intermarriage. What they really seek is to have the situation in the country equalized more than it is at the present time. Now does Mr. Muhammad mean this by integration?

Malcolm X: No. The Honorable Elijah Muhammad teaches us that you, a poor man, can't integrate with a rich man. You can't take a man who has factories and tell him he must hire Negroes. You can't take a man who has schools that he has set up himself and tell him he must admit Negroes. Mr. Muhammad says this: The black people of America should get together among themselves and do for themselves the same things that the white has done for himself. Do you realize white immigrants have come to this country poor and with no education, and they saved their money and handled it wisely? They set up businesses and provide jobs for their children. They set up factories and industry to create opportunity for their children. Now the black man in America has been so-called free a hundred years. The purchasing power of the black people of America is 20 billion dollars a year. If our people are equal, why haven't our leaders, our professional people, gotten together in some way or another like the white man has done, and set up factories to provide job opportunities, set up housing to provide housing opportunities for Negroes, instead of sitting around here begging the white man for a second-hand house in his neighborhood or demanding that the white man give them a job?

Mr. Goldman: Mr. Clark, is that frown a psychological or an ideological frown?

Mr. Clark: Well, it's a frown of perplexity. I'm perplexed. As I listen to Mr. X it seems to me he is asking for the ultimate in segregation. He's asking for segregated factories.

Malcolm X: No, separate. There is a difference between segregation and separation. Segregation is forced upon an inferior community by a superior community. Separation is done voluntarily by two peoples.

Mr. Clark: Let me take up just one point that you're making. You said, why should the black man ask or beg the white man to be admitted into his schools. I think the question as you pose it is based on a false premise. The schools are not the white man's schools. The schools are public schools.

Negroes are an integral part of America's economy. Negroes pay taxes, Negroes are involved in any crisis which faces this nation. Someone has sold you the mistaken notion that white people own the public schools in America. White people do not own the public schools. Public schools are owned by the public. Twenty million Negroes contribute significantly to the vitality of the country and are now

asking that they share equally in all of the benefits, just as they've shared in all of the liabilities of the country.

Mr. Berger: I think that what Mr. Clark is saying, is of course, true. But I think, if I may speak for Mr. Malcolm X for a moment, not that he doesn't speak well for himself, I think that his answer would be, how can you call these schools public schools when they're run by and for the whites and the Negroes have been excluded. There is a point to that and I think that this mood of the Negro favors the kind of thing that Mr. Malcolm X is saying. For the first time in a long while, Negro leaders are saying openly what many Negroes have said to one another for a long time. This is the first time in a long while that the white community is able, so to speak, to eavesdrop on what goes on among Negroes. This brings me to the question of hate. I think hate is not only something difficult to sustain but I think it is often very useful. What has happened on this question of hate is that we have gotten a glimpse into the Negro community, whereas the Negro community has always had a glimpse into the white community. They always knew what the whites were thinking from being servants and so on, from being among whites. The whites have not known what the Negroes were thinking and now they're beginning to find out something about this. The consequence is that white people are beginning to find that Negroes are very critical, very bitter, and many of them hate whites, as Baldwin says. But this is something that we can carry a bit too far. If you eavesdrop on any community and listen to what people are saying to one another, you can get very depressed. If you listen to good friends of yours talk about you, I think you might become depressed. If Jews listen to what Christians say about them, if Christians listen to what Jews say about them, if all these communities heard everything that everybody said about one another in jest or seriously, I think that all of the groups would be at odds with one another. So I'm not sure that although the Negroes speak that way to one another in this mood of hatred...I'm not so sure that this necessarily represents their mood more accurately than the moderate Negro leaders who speak out without hatred. The fact that people say these things, I don't think means that they always believe them.

Mrs. Motley: Mr. X, you said a while ago, nobody should tell a white man that he must hire a Negro in his factory. I think that a lot of people have said the same thing in effect with respect to the laws, for example, prohibiting discrimination in employment. What the law does is not to say to the white man, you must hire a Negro in your factory. The law says to the owner of the factory that you should not discriminate against a qualified Negro solely on account of his race and color.

Malcolm X: But this type of approach of the present so-called Negro leadership keeps the Negro in a begging category. In my contention, the white people have gotten together and established some kind of economy that provides job opportunities and housing for their own kind. And since our leadership has failed to do so, has failed to get together and provide something for the masses of our people, it puts them on a spot today when someone begins to point these factors out.

Mr. Clark: This is the fallacy in your thinking that bothers me. You keep saying white people have gotten together but there is no industry in America that has been built without Negro labor, Negro consumers, Negro money involved. There is no such thing as a white.

Malcolm X: A horse can pull the plow. A horse is the one that's actually plowing the field. Does the horse get the benefits? No, even the horse can't say that it's his farm. He's a part of the property on that farm. That's the capacity that you and I have been in in America for the past four hundred years. It was subhuman. The United States Constitution classified us as three fifths of a man, subhuman. That is the United States Constitution.

Mr. Clark: The United States Constitution as interpreted, especially by the May 17, 1954, decision, declares that you are a complete man and that no state can make any law which abrogates your rights as an American citizen based solely upon color.

Mr. Goldman: We only have about twelve minutes left and I don't want us not to touch on this. Of course, if there is a new Negro, one of the things that people are commenting on most are his supposed

ties, intellectual and emotional, to Africa and to what is going on in Africa. Now, is that important? If so, what is it really? What is this influence that Africa is having?

Mrs. Motley: I think that the Negro has found Africa as a place with which he might identify in the broadest sense. Negroes have been for years without a country or homeland, so to speak, of which they could be proud, from their point of view. Africa has always been looked upon as the dark continent. Now Africa is rising and the Negro in America sees young African leaders who are able and articulate and who are leading their people in the struggle for freedom. And so the American Negro can now look to his homeland, so to speak, and identify with people who are strong and who are respected and looked up to. This has given a new impetus, let us say, to the drive on the part of young Negroes in this country to do something.

Mr. Clark: I think it's possible to exaggerate the African impact upon

American Negroes. Certainly there are some dramatic aspects of it. The Negro is certainly happy and proud when he sees an articulate Negro from one of these new nations in the UN. But my own feeling is that the impact of the legal staff of the NAACP and the votes that Negroes in large urban centers in the United States use to elect congressmen and senators and to influence national politics are more likely to have a direct effect upon the rapidity of changes in the status of the Negro in America than what happens in Africa. Now it may be that I am speaking only in terms of a personal idiosyncratic inability to identify with Africa. I confess, I identify with America. I'm American and I want my rights as an American.

Mr. Goldman: Mr. Haley, are you agreeing with Mr. Clark?

Mr. Haley: It's possible to underrate the impact of Africa just as it is possible to overrate it. The big problem, I suppose, is how to estimate it accurately since it's so hard to measure. But one can, just on the basis of his own experience, point out what he has seen, and it does seem to me that many Negroes with whom I've had contact tie themselves or feel a tie not just with emergent Africa but with that whole side of the world, which is just bubbling over with all types and colors and sizes and nationalities of various colored peoples.

Mr. Goldman: Mr. X, let me hold you back for just a moment. There is of course the possibility that to the extent that the Negro is turning to Africa he is turning to a leadership which, on the one hand, is one of frenetic racism, a possibility that Mr. Louis Lomax raises in his book, and on the other hand, playing into the hands of Nasser. Now, having said that, Mr. X knows where I'm going, namely to the frequent statement made that you and your Black Muslim movement are in close contact with Nasser, are becoming a part of his worldwide machinery, etc., etc. And having said that, I will let you and Mr. Berger take up the point.

Malcolm X: Number one, the distorted picture that the black men in

America have had in the past of Africa is all a part of the crime that the

American white man has committed in distorting that picture purposely. Number two, it is true that the emergence of African nations probably isn't impressive to the big Negro in America, but the masses of black people in America are impressed. Number three, you can't say that the emergence of Africa doesn't affect the condition of the black people here.

John F. Kennedy himself a couple of months ago issued practically an ultimatum to the whites in Maryland and Virginia not to Jim Crow the Africans who are in this country. Despite the fact that the Negroes provided the balance to get him in office, he can open up his mouth and eliminate the barriers that the Africans run into, but the American so called Negro is still begging for an integrated cup of coffee.

Mr. Goldman: Just a minute, Mr. X. May I get directly to this point? A number of people state that Negro Muslim-ism is a way of tying a number of American Negroes into Mr. Nasser's imperialist purposes.

Malcolm X: Number one, we're not Negroes. Number two, there's no such thing as Muslim-ism. It's Islam, and that religion is practiced by 725 million non-white people in Africa and in Asia. I think it's absurd to connect us with any one geographic area when the Muslim world stretches from China right up to the shores of West Africa. Everyone in the Muslim world is our brother and we are brothers to them and considered brothers by them. Now because Nasser probably poses a threat to Israel and the people of Israeli descent have a lot of power and influence over the public media in America, they put out the propaganda concerning the danger of our people here getting connected with someone over there. We're not connected with anybody but our feeling is all dark people today should get together and toss aside the shackles of a common oppressor and that common oppressor is that man who has been sitting up there in Europe. I think you'll find that not only are the Arabs, who are dark people, getting together but they're getting together throughout Africa and Asia. That's why you're having such a problem now in the United Nations. And this is not something that you should blame on the Muslims. The white man should examine his own record and he can see that his record, the seeds that he has sown, are coming up today. He doesn't like the crop that he planted.

Mr. Goldman: Mr. Berger, do you want to comment on this potential tie?

Mr. Berger: I don't believe that the Black Muslims in this country are or will be deeply involved with the propaganda machine of any foreign country. I don't believe that that's so from what I've been able to observe. I do think also that Nasser particularly would have a great deal of difficulty if he tried to associate himself with the Black Muslims. Not only the difficulty that the Black Muslims would give him, but also the difficulty that, to borrow a phrase, the so-called white Muslims in this country might give him. I don't think that they want to be, these so-called white Muslims in this country, want to be associated with the Black Muslims in this country. This is another reason why I would discount those claims of foreign influence on the Black Muslims.

Mr. Goldman: Mr. Haley, a word?

Mr. Haley: I must again dissent. I think this preoccupation with Muslims or Africa takes us away from the main point, namely, the Negro in America.

Malcolm X at Yale Law School (October 20, 1962)

On behalf of my beloved leader and teacher, the Honorable Elijah

Muhammad, and the many young Muslims who follow him, we wish to thank you for this opportunity to explain our position today in what we feel to be the only solution to the serious race problems confronting America and the entire troubled Western World.

In this crucial hour in which we live today, it is essential that our minds constantly be kept open to reality. We have both races here in this Yale Law School Auditorium tonight. Let us not be emotional. Let us be governed and guided only by facts.

I represent Mr. Elijah Muhammad, the spiritual head of the fastest-growing group of Black Muslims in the Western Hemisphere. We who follow him know that he has been divinely taught and sent to us by God Himself. We believe that the miserable plight of the 20 million black people in America is the fulfillment of divine prophecy. We believe that the serious race problem that our presence here poses for America is also the fulfillment of divine prophecy. We also believe the presence today in America of the Honorable Elijah Muhammad, his teachings among the so-called Negroes, and his naked warning to America concerning her treatment of these so called Negroes is all the fulfillment of divine prophecy.

Thus, when Mr. Muhammad declares that the only solution to America's race problem is complete separation of the two races, he is fulfilling that which was predicted by all of the biblical prophets to take place in this day. But, because Mr. Muhammad takes this uncompromising stand, those who don't understand biblical prophecy wrongly label him as a racist and as a hate teacher, or as being anti-white, or as teaching Black Supremacy. So tonight, while we are all here together, face to face, we can question and examine for ourselves the wisdom or the folly of what Mr. Muhammad is teaching.

Studying world conditions in the light of facts, facing reality as grown men and women...seeing things not as we would like them to be, but as they really are...only then can we determine the rightness, the validity, the divine origin of Mr. Muhammad and the solution which he offers as the only hope for America's 20 million so-called Negroes, and also as the only hope for this troubled Western World.

If Mr. Muhammad's solution is from God, is it in time to save 20 million so-called Negroes? Is it in time to save America? Is it in time to save the Western World? Let us look closely and see.

The Western World finds itself today constantly engulfed in crisis after crisis. The ingredients for disaster lurk constantly on all sides...both at home and abroad. The Western World's leading diplomats are whispering in the halls of the UN that catastrophe can come any moment, any hour, any second.

Whether this grave crisis be studied at the international level, the national level, or the local level, we will discover the primary ingredient always encountered, in one form or another, is the race issue...the race question... the race problem. Whether it is the Congo, Algeria, South Africa, China, Cuba, or Panama.

Let us take the advice Paul gave in the Bible; let us toss our emotions aside and reason together. Let us look closely at this chaotic world picture before us, and in the light of the facts let us then determine if Mr. Muhammad's divine solution fits the picture before us.

But many of you may be asking yourselves: "Why should we listen to this little so-called Negro...this little Georgia-born ex-slave? What can he do? What can he tell us?" Well, my friends, the Western World's most learned diplomats have failed to solve this grave race problem. Her learned politicians have failed. Her learned theologians have failed. Her learned legal experts have failed. Her sociologists have failed. Her civil leaders have failed. Her fraternal leaders have even failed.

Since the Western World's most skillful scientists and scholars have failed to solve this race problem, it is time for us to sit down tonight and reason together, and I'm certain we will be forced to agree that it takes God Himself to solve this grave racial dilemma. When we face these facts, we see the necessity for divine intervention...we see the necessity for a divine solution.

If God is going to intervene, will He come Himself, or will He send someone with His solution? Will we be able to accept this divine solution when it comes? How will we know if the Messenger who brings us the solution is really a man from God? What yardstick will we use to measure him.

Will this man of God be someone from Harvard, Yale, Columbia, Howard, or Tuskegee? Will this man of God be a black man or a white man? Will he be a theologian or preacher from one of the prevailing religions of the Western World? Will he be a politician from one of the major political parties? What type of man do you think God would choose to deliver His solution to this troubled Western World? How are we to determine whether or not Mr. Muhammad is a man from God and, how are we to determine if it is time for God Himself to intervene?

Let us not be emotional; let us reason together. Look around us at the condition of the world. Never before has man had in his hands the power to destroy human life on such a vast scale. Never before has there been such propaganda, mass lies, mass suspicion, mass confusion, mass dissatisfaction, mass unrest, mass hatreds...and the ingredients for such mass bloodshed.

Never before has America made so many crucial blunders, one after another, and suffered such great loss of prestige in the eyes of the world, despite the advice of her expert advisors.

The U-2 spy plane incident caused the President of the strongest country on earth to be tricked, trapped and exposed before the whole world as a liar...despite the advice of expert advisors.

At the Paris Summit Conference, the same President was cursed, ridiculed, and humiliated again before the eyes of the entire world...despite the advice of his expert advisors.

In Korea, students, mere children, toppled the government of Syngman Rhee, the best friend America had in the Far East, despite the advice of her expert advisors.

In Turkey, children toppled the government of Menderes, America's best friend in the Middle East...despite the advice of expert advisors.

In Tokyo, students, mere children again, defied the President to come to Japan, and blocked him from entering after he had traveled thousands of miles from home and had arrived at their back door...a most humiliating insult...despite the advice of his expert advisors.

And Cuba, a little midget island government in the Caribbean, is challenging Giant America, accusing her of economic aggression, confiscating all of her investments, and getting unexpected support from Mexico and other strategically located Latin American countries...and all of this, despite the advice of her expert advisors.

My friends, if the expert politicians, the expert theologians, the expert diplomats and other scientists, professors and scholars have failed to devise a solution to these grave world problems, surely you will agree that it is now time for God to send us someone with a solution from Himself.

Is Mr. Muhammad from God? Is he on time? Does his divine solution fit the events of today?

Look at the racial volcano that has erupted in the Congo, with the ingredients present for an even greater racial explosion building up into what could easily touch off the dreaded Third World War...and once again the diplomats in the UN are whispering that Western Civilization is tottering on the brink of disaster.

Why are the Africans in the Congo rising against the white Belgian oppressors? Why are the Africans in Kenya rising against their white British oppressors? Why are the Africans in Angola rising against their white Portuguese oppressors? Why are the Africans in Algeria rising against their white French oppressors? In short: Why is the black man today all over Africa rising up against his white European overlords?

In the Congo, Central Africa, the black man is saying, "We must have our own land." In Kenya, East Africa, the black man is saying, "We must have our own land." In Angola, West Africa, the black man is saying, "We must have our own land." In Algeria, North Africa, the black man is saying, "We must have our own land." Even deep into South Africa, all over the entire African continent, the only solution in the minds of the awakening black man is: "We must have our own land."

The cry of the black man in Africa for the return of his own land is so widespread, so unrelenting, so uncompromising...it stands to reason that only God Himself is inspiring him and driving him onward in this spirit of freedom. If God has made the black man in Africa realize he cannot rest until he has some land of his own...surely that same God will look westward toward America and see 20 million black people here, second-class citizens, who are also in dire need of some land that we can call our own.

If Mr. Muhammad says "some land of our own" is God's solution to this grave race problem, why land? Why is land so important to everyone today?

The white man in Great Britain could once boast that his control extended over so much of the black man's land that the sun never set on the British Empire. Today, when the sun rises, we can hardly find the British Empire.

How important is land? Well, look what happened to the British Empire when she lost the lands she had colonized in Asia: lands like India, China, Burma, Malaya, etc. Her inability to continue robbing Asia of the natural resources produced by the land almost wrecked the British economy, decreased her military strength and her political prestige so low she could no longer use "force" to hold her African colonies.

As her grip on the black man's land loosened, Britain dwindled. Loss of land meant loss of Empire...loss of wealth, power, and of prestige.

As the black men in Africa and Asia regain control over their lands, the French, Belgians, Dutch, Portuguese, Spanish, and all other European Empires also begin to crumble and topple downward.

As we face these facts, we are forced to agree that the economy of white Europe, the military power of white Europe, and the political prestige of white Europe was based upon the lands in Africa and Asia which they had taken from the black man.

The combined powers of white Europe have not been able to stem this black tide in Africa that is sweeping aside the shackles of colonial slavery.

The Africans have become militant and are marching toward freedom.

Africa is the only continent where a new nation is being born every day...and these new nations are taking their seats in the family of other independent nations symbolized by the United Nations.

And, this fast-growing black block formed by these newly born African nations, united with our darker brothers in Asia, can already easily outvote the white colonial powers in the UN who had formerly enslaved them. These newly born independent black nations can also take a firm stand in behalf of other black people all over the world who are still enslaved, persecuted, exploited, or deprived of their basic rights.

As the rise of these newly independent black nations collapses the economic, military, and political strength of America's allies in white Europe, what effect does this have upon white America?

Does white America face the same black web in which the colonial powers of white Europe find themselves entangled? And, if so, how will this affect America's attitude toward the black people of Africa? How will this affect America's attitude toward the 20 million black people who are yet suffering the bondage of so-called second-class citizenship right here in America...20 million so-called Negroes who have also been deprived of freedom, justice, and equality...20 million so-called Negroes who not only have been deprived of their civil rights, but who have even been deprived of their human rights...the right to hold their heads up, and to live in dignity like other human beings.

Let us not be emotional, but let us face these facts. Let us reason together. This has become a serious problem for America, and for the entire world.

Will the Divine Solution that God has given Mr. Elijah Muhammad help white America avert the racial dilemma in which the awakening dark nations of Africa and Asia have already placed America's allies in white Europe?

Before we can intelligently decide to accept or reject Mr. Muhammad's solution, let us take a closer look at America itself: America is the richest and most powerful nation on this earth. Her President is almost like a "god," for he has in his hands almost every other country on this earth. Therefore, every four years, when a new President, or "god," is about to be selected, the eyes of even the foreign nations

are turned toward the American elections...for they too are wondering who, what type of man, will be the next "god."

Yet, at the two great political conventions in which the two candidates are selected, despite America's need to impress, and favorably influence the foreign nations, foreign policy is never the great controversial issue...the controversial issue is always over domestic policy...the civil rights issue...in which the so-called American Negro is the primary figure...the star on the world stage...for it is he who holds the balance of power in all elections... it is he who can easily determine "who" will be the next "god."

Therefore, this great political drama not only stars the Negro, but all the political schemes are designed primarily to woo him, to please him, to tempt him, ensnare him, to get his allegiance and capitalize upon his political support.

The Negro's position is most strategic, but his mental condition is too pathetic for him to take intelligent advantage of this vital position "fate" has placed him in. The American Negro is suffering from a mental sickness. His mind has been "tampered" with by his slave master.

The Western World is sick. America is sick...but the Negro in America is the sickest of them all. The sickening condition of the Negro in America is infecting Uncle Sam's entire body and endangering the security and future of the whole Western World.

Mr. Muhammad says that only after the American Negro's condition is "corrected" will Uncle Sam's health improve...for only then will Uncle Sam look "healthy" in the inquiring eyes of the fast-awakening dark world.

Since we see the vital necessity of correcting the miserable condition of the American Negro, and we must also agree that all other efforts to solve this problem have failed, will Mr. Muhammad's "prescription" cure the ailments of these 20 million second-class citizens?

Many of you will say: "No! Muhammad is a Black Supremacist. He is an extremist. He stresses race too much. He is a racist." My friends: If you were to see a man attired in white, with a sharp instrument in his hands, bending over someone who is prostrate on a table, your lack of understanding might compel you to shout, "murderer!" But when you know the place is a hospital, the sleeping man is a patient, the man attired in white is a surgeon, and the sharp instrument must be used to perform some surgery that is necessary to save the patient's life, you can then accept the fact that although the operation is very painful, it must be performed.

Uncle Sam is sick, because he has a black "lump" growing in his white body that doesn't belong there, and this black "growth" is getting larger every day, and increasing Uncle Sam's internal pains. God Himself has ordained that this surgery must be performed, for if the 20 million rapidly increasing so-called Negroes are not separated from the white parts of the body, it will soon cause the death and destruction of Uncle Sam.

God has given Mr. Muhammad some sharp truth. It is like a two-edged sword. It cuts into you. It causes you great pain, but if you can take it, it will cure you and save you from what otherwise would be certain death.

In your mental anguish many of you will emotionally insist that Mr. Muhammad is not teaching the real religion of Islam. You will still insist that he is teaching a racial, economic, and political philosophy.

My friends, Islam is the religion taught by all of the prophets: Noah, Lot,

Abraham, Moses, and even Jesus. Islam is the true name of the religion God gave to the prophets in the past to cure their people of whatever moral or spiritual ailments that were afflicting them in that day.

Since we have examined the ailments of the crumbling Western World, and the ills that are infecting America...let us look more closely at the miserable condition of the American Negro.

Here are 20 million people who have lost their original identity; they cannot even speak their own mother tongue. How can 20 million people lose their language? What happened to it? What was it? Why don't they at least know what it was?

Why don't the educated Negroes know something about their own history, their own culture, the last names of their forefathers, their own nationality, their own country, their own flag, their own religion, and their own God?

My friends, surely you will agree that no other people in history, biblical or otherwise, have been so completely stripped and robbed by their slave master of all knowledge concerning their own kind, and because of this, no other people in history, biblical or otherwise, have ever presented such a problem to their former slave masters or to the world...as the problem created by the presence of the 20 million so-called Negroes here in America today.

The New York Tribune, in an editorial (Feb. 5, 1960), pointed out that out of 11 million qualified Negro voters, only 2,700,000 actually took time to vote. This means that, roughly speaking, only 3 million of the 11 million Negroes who are qualified to vote take an active part...and the remaining 8 million remain voluntarily inactive, and yet it is this small minority of Negro voters who help determine who will be the next President.

If who will be the next President can be influenced by 3 million Negro voters, it is easy to see why the presidential candidates of both political parties put on such a false show with the civil rights bill, and with promises of integration. They must woo or impress the 3 million voting Negroes who are the actual "integration seekers."

If so much fuss is made over these 3 million "integration seekers," what would the presidential candidates have to do to appease the 8 million non-voting Negroes if they ever decided to become politically active in this election year?

Who are the 8 million non-voting Negroes, what do they want, and why don't they vote?

The 3 million voters are the so-called middle- (or high-) class Negroes, referred to by Howard University Sociology Professor E. Franklin Frazier, as the "Black Bourgeoisie," who have been educated to think as patriotic individualists, with no racial pride...who believe in, and look forward to, the future "integrated, intermarried" society promised them by the Negro politicians...and therefore, this "integration-minded" 3 million remain an active part of the white-controlled political parties. But it must never be overlooked, that these 3 million integration seekers are only a small minority of the 11 million qualified voters. The 8 million non-voting Negroes are the majority, the downtrodden black masses. They have refused to vote, or to take part in politics, because they reject the Uncle Tom approach of the "clergy-politician" leadership that has been hand-picked for the American Negroes by the white man himself.

The clergy-politician leadership does not speak for the Negro majority; they don't speak for the black masses. They speak for the "Black Bourgeoisie," the "brainwashed", white-minded, middle-class minority who, because they are ashamed of being black, and don't want to be identified with black or as being black, are seeking to lose this "identity" by mingling, mixing, intermarrying, and integrating with the white man.

The race problem cannot be solved by listening to this white-minded, brainwashed minority. The white man must try to learn what does the majority want. The next President would be wise to try and learn what the black masses want. And, the only way to find this out is by listening to the man who speaks for the black masses of America.

I declare to you and to the entire world, that the man here in America who speaks for the majority, the downtrodden, dissatisfied black masses, is this same man whom so many thousands of our people are looking toward to see and hear, this same Mr. Muhammad who is labeled by you as a Black Supremacist, and as a Racist!

If the 3 million middle-class Negroes are casting their ballots for integration and intermarriage...what do the non-voting black masses who are in the minority want? Find out what the black masses want, and then perhaps America's grave race problem can be solved.

The black masses are tired of following these hand-picked Negro "leaders" who sound like professional beggars, as they cry year after year for white America to accept us as first-class citizens.

Since this clergy-politician "leadership," which was carefully handpicked for us by the white man, has failed to solve the problem for the downtrodden black masses, God Himself has stepped into the picture, and has made Messenger Elijah Muhammad a wise, fearless, and uncompromising spokesman for the 20 million black people here in America, who, behind the Divine Leadership of this man of God, will now never be satisfied until we have a home in a land that we can proudly call our own.

We have accepted your invitation to come here to Yale University Law

School this evening to let you know firsthand why 20 million so-called Negroes cannot integrate with white America, why white America, after 100 years of religious hypocrisy and political trickery will never accept us as first-class citizens here...and why we must therefore seek some separate territory of our own.

In your blind emotion, again many of you will cry out that this is wrong, that this is not religion, that this is not Islam, that this is just another economic-political philosophy. I must remind you to keep an open mind. Let your own Christian Bible be the judge.

You credit Moses with being a religious man, a man of God, doing God's work. Yet, what did Moses actually do? What did Moses teach? Moses freed his people from their slave master. Moses told the oppressor of his people: "Let my people go." Moses separated his people from their masters, and then led them into a separate territory of their own.

You admit Moses was a man of God, yet you will have to agree Moses did not teach integration. Moses taught separation. Moses didn't take time to dwell on religious practices. He just let his people know that he represented the God of their forefathers, whose desire it was for them to be separated from their slave master and placed in a land that they could call their own. Mr. Muhammad's message and mission today is the same as that of the biblical Moses. Mr. Muhammad is a modern Moses in this modern-day house of bondage.

Many of you will cry out that you don't go by what Moses said or did, but rather by what Jesus said. You claim that Jesus taught love and that Mr. Muhammad teaches hate. But, my friends, have you really read the Bible? Are you familiar with Luke 14:26 where Jesus taught: "If any man come to me, and hate not his father, and mother, and wife, and children, and brethren, and sisters, yes, and even his own life also, he cannot be my disciple."

In other words, Jesus taught that you must hate everyone in your family, even your own self...and Muhammad teaches us to love our brothers and sisters... yet you say Muhammad teaches hate and that Jesus taught love.

Many of you will say that Jesus was no respecter of persons, that he came to all the world. You say Muhammad bars white people, therefore he can't be from God.

My friends, Jesus told his followers to go not the way of the Gentiles, go only to the “lost sheep.” He definitely advised his followers to discriminate and make a distinction between the Gentiles and the “lost sheep.”

But you still cry out that Jesus is coming back at the end of the world to make us all the same, make us one people...integrate us.

No, my friends, Jesus himself did not even advocate integration. He referred to the end of this world as that great “harvest time.” He likened the people of today as “wheat and tares,” who would be allowed to “grow together,” or integrated, until God comes at the end of this world and separates the people Himself...then He would cause one to be burned in a Lake of Fire, and those whom He chooses for Himself, He would save.

Jesus also spoke of the people of today as being like “sheep and goats,” whom God would separate at the end of the world...some for salvation and some for destruction.

Jesus did not advocate integration; he advocated separation!

Noah’s solution was not integration; in his day it was also a message of separation. Lot’s solution was separation. And, remember, my friends, Jesus warned that “as it was in the days of Noah and Lot, so shall it be these last days”...not integration, but complete separation of the two races...or destruction!

Surely you can now see that Mr. Muhammad’s message, or solution, is the same as that of Noah, Lot, Moses, and Jesus. How can you still doubt if Mr. Muhammad is from God? What you really should be concerned about is has Mr. Muhammad come in time to save you; and what must you do now to save yourselves.

When Mr. Muhammad says that we must have some of these states, before you flinch and hold up your hands in “mock shock,” let us look and see if 20 million so-called Negroes deserve such a solution.

If I were to collect the combined wages of everyone in this Yale University Law School auditorium tonight for just one week, I would have plenty of money. If I could work all of you for nothing for just one year I would be extremely rich. Well, what about the millions of black people who worked here in America as your slaves for over 300 years without one payday? What happened to their wages? Who collected the profits, or amassed the fortunes received from their free labor? Facing these unpleasant facts, surely you can easily see now how America became so rich so fast.

How will 20 million so-called Negroes today receive a “just compensation”? We have hundreds of years’ “back pay” that is long overdue, and must be paid sooner or later...or is there to be no such things as justice for your faithful ex-slaves?

The American government has appropriated billions of dollars to pay the Indians for lands taken from their fore-parents by your fore-parents.

Again, I say, my friends, let us reason together: surely you will agree that God is more just than your government...yet your government has felt morally and legally obligated to pay billions of dollars to the Indians for the crime committed against them.

What about the 20 million so-called Negroes! If the Indians must be paid for land taken from them, what about the free labor and lives of our fore parents that were taken from us for over 300 years?

If the white politicians have agreed that the Indians should be paid for their lands...what price or payment will the God of justice demand for 20 million black people who were robbed of our labor, lives, identity, culture, history... and even our human dignity? What will God’s price be? What will God’s solution be? Can America pay God’s price? And, if not, what will be the alternative?

The handwriting is on the wall for America. As America faces crisis after crisis, as America sees dangerous troubles mounting on all sides, and as America stares with stubborn blindness, refusing to read the handwriting on the wall, since her “experts” have shown they are unable to read its meaning, will America now accept an ambassador from God, a Divine Messenger, a Warner, to read the handwriting for her and tell her what solution she must accept?

Or, will America blindly reject God’s Messenger, and in so doing bring on her own Divine Destruction? I trust you will weigh well these words.

Twenty Million Black People in a Political, Economic, and Mental Prison (January 23, 1963)

It should be pointed out at the outset that I represent the Honorable Elijah Muhammad, whose followers are known as the Muslims here in America and actually are the fastest growing group—fastest growing religious group—among Black people anywhere in the Western Hemisphere. And it is our intention to try and spell out what the philosophy and aims and motivations of the Honorable Elijah Muhammad happen to be and his solution to this very serious problem that America finds herself confronted with.

And I might point out, too, that if you don’t think that the problem is serious, then you need only to listen to the attorney general, Robert F. Kennedy. In almost every speech he’s been involved in, especially during the past few months and even today, he has pointed out that the race problem is America’s most serious domestic problem. And since the problem is so serious, it’s time to take some serious steps to get to the factors that create this problem.

And again I want to thank the African Students Association and the campus NAACP for displaying the unity necessary to bring a very controversial issue before the students here on campus. The unity of Africans abroad and the unity of Africans here in this country can bring about practically any kind of achievement or accomplishment that Black people want today.

When I say the Africans abroad and the Africans here in this country—the man that you call Negro is nothing but an African himself. Why, some of them have been brainwashed into thinking that Africa is a place with no culture, no history, no contribution to civilization or science. So many of these Negroes, they take offense when they’re identified with their homeland. But today we want to point out the different types of Negroes that you have to deal with. Then once you know there’s more than one type, then you won’t come up with just one type solution.

And to point out how timely the invitation is, or was—I don’t want to read newspapers to you, but in the Detroit News dated Thursday, January 17, it told about the Interfaith Council of Religion that was held in Chicago last week. And the topic of their conversation was the race problem here in America. And it pointed out that all of the time that they spent and money that they spent, actually they didn’t get to the meat of the issue. And in this particular copy of the paper, on page three, the chaplain at Wayne State University actually criticized the efforts of these Protestants, Catholics, and Jews in Chicago last week for failing to bring spokesmen to that conference who really would speak for Black people and spell out issues that were not being spelled out by the others.

And I just want to read a recommendation that he made: “Mr. Malcolm Boyd believes that the conference might have accomplished much good if the speakers had included a white supremacist and a Negro race leader, preferably a top man in the American Black Muslim movement.” He said that a debate between them would undoubtedly be bitter, but it would accomplish one thing. It would get some of the real issues out into the open. And I think that the man is right. Most of the so-called Negroes that you listen to on the race problem usually don’t represent any following of Black people. Usually they are Negroes who have been put in that position by the white man himself. And when they speak they’re not speaking for Black people, they’re saying exactly what they know the white man who put them in that position wants to hear them say.

So again, I think that it was very progressive and objective on the part of these two sponsoring groups to give us an opportunity to tell you how Black people really think and how Black people really feel and how dissatisfied Black people have become—increasingly so—with the conditions that our people find ourselves in here in this country.

Now in speaking as a—professing to speak for Black people by representing the Honorable Elijah Muhammad, you want to know who does he represent. Who does he speak for? There are two types of Negroes in this country. There's the bourgeois type who blinds himself to the condition of his people, and who is satisfied with token solutions. He's in the minority. He's a handful. He's usually the hand-picked Negro who benefits from token integration. But the masses of Black people who really suffer the brunt of brutality and the conditions that exist in this country are represented by the leadership of the Honorable Elijah Muhammad.

So when I come in here to speak to you, I'm not coming in here speaking

as a Baptist or a Methodist or a Democrat or a Republican or a Christian or a Jew or— not even as an American. Because if I stand up here—if I could stand up here and speak to you as an American we wouldn't have anything to talk about. The problem would be solved. So I don't even profess to speak as an American. We are speaking as—I am speaking as a Black man. And I'm letting you know how a Black man thinks, how a Black man feels, and how dissatisfied Black men should have been 400 years ago. So, and if I raise my voice you'll forgive me or excuse me, I'm not doing it out of disrespect. I'm speaking from my heart, and you get it exactly as the feeling brings it out.

When I pointed out that there are two kinds of Negroes—some Negroes don't want a Black man to speak for them. That type of Negro doesn't even want to be Black. He's ashamed of being Black. And you'll never hear him refer to himself as Black. Now that type we don't pretend to speak for. You can speak for him. In fact you can have him.

But the ones that the Honorable Elijah Muhammad speaks for are those whose pattern of thinking, pattern of thought, pattern of behavior, pattern of action is being changed by what the Honorable Elijah Muhammad is teaching throughout America. These are that mass element, and usually when you hear the press refer to the Honorable Elijah Muhammad, they refer to him as a teacher of hate or an advocator of violence or—what's this other thing...Black supremacist.

Actually this is the type of propaganda put together by the press, thinking that this will alienate masses of Black people from what he's saying. But actually the only one whom that type of propaganda alienates is this Negro who's always up in your face begging you for what you have or begging you for a chance to live in your neighborhood or work on your job or marry one of your women. Well that type of Negro naturally doesn't want to hear what the Honorable Elijah Muhammad is talking about. But the type that wants to hear what he's saying is the type who feels that he'll get farther by standing on his own feet and doing something for himself towards solving his own problem, instead of accusing you of creating the problem and then, at the same time, depending upon you to do something to solve the problem.

So you have two types of Negro, the old type and the new type. Most of you know the old type. When you read about him in history during slavery he was called "Uncle Tom." He was the house Negro. And during slavery you had two Negroes. You had the house Negro and the field Negro. The house Negro usually lived close to his master. He dressed like his master. He wore his master's secondhand clothes. He ate food that his master left on the table. And he lived in his master's house probably in the basement or the attic—but he still lived in the master's house. So whenever that house Negro identified himself, he always identified himself in the same sense that his master identified himself. When his master said, "We have good food," the house Negro would say, "Yes, we have plenty of good food." "We" have plenty of good food. When the master said that "we have a fine home here," the house Negro said, "Yes, we have a fine home here." When the master would be sick, the house Negro identified himself so much with his master he'd say, "What's the matter boss, we sick?" His master's pain was his pain. And it hurt

him more for his master to be sick than for him to be sick himself. When the house started burning down, that type of Negro would fight harder to put the master's house out than the master himself would.

But then you had another Negro out in the field. The house Negro was in the minority. The masses—the field Negroes were the masses. They were in the majority. When the master got sick, they prayed that he'd die. If his house caught on fire, they'd pray for a wind to come along and fan the breeze. If someone came to the house Negro and said, "Let's go, let's separate," naturally that Uncle Tom would say, "Go where? What could I do without boss? Where would I live? How would I dress? Who would look out for me?" That's the house Negro. But if you went to the field Negro and said, "Let's go, let's separate," he wouldn't even ask you where or how. He'd say, "Yes, let's go." And that one ended right there.

So today you have a twentieth-century type of house Negro. A twentieth century Uncle Tom. He's just as much an Uncle Tom today as Uncle Tom was 100 or 200 years ago. Only he's a modern Uncle Tom. That Uncle Tom wore a handkerchief around his head. This Uncle Tom wears a top hat. He's sharp. He dresses just like you do. He speaks the same phraseology, the same language. He tries to speak it better than you do. He speaks with the same accents, same diction. And when you say, "your army," he says, "our army." He hasn't got anybody to defend him, but anytime you say "we" he says "we." "Our president," "our government," "our Senate," "our congressmen," "our this and our that." And he hasn't even got a seat in that "our" even at the end of the line. So this is the twentieth century Negro.

Whenever you say "you," the personal pronoun in the singular or in the plural, he uses it right along with you. When you say you're in trouble, he says, "Yes, we're in trouble."

But there's another kind of Black man on the scene. If you say you're in trouble, he says, "Yes, you're in trouble." He doesn't identify himself with your plight whatsoever.

And this is the thing that the white people in America have got to come to realize. That there are two types of Black people in this country. One who identifies with you so much so he will let you brutalize him and still beg you for a chance to sit next to you. And then there's one who's not interested in sitting next to you. He's not interested in being around you. He's not interested in what you have. He wants something of his own. He wants to sit someplace where he can call his own. He doesn't want a seat in your restaurant where you can give him some old bad coffee or bad food. He wants his own restaurant. And he wants some land where he can build that restaurant on, in a city that it can go in. He wants something of his own.

And when you realize that this type of thinking is existing and developing fastly or swiftly behind the teachings of the Honorable Elijah Muhammad among the so-called Negroes, then I think that you'll also realize that this whole phony effort at integration is no solution. Because the most you can do with this phony effort toward integration is to put out some token integration. And whereas this Uncle Tom will accept your token effort, the masses of Black people in this country are no more interested in token integration than they would be if you offered them a chance to sit inside a furnace somewhere. The only one who'll do that is this twentieth-century Uncle Tom. And you can always tell him because he wants to be next to you. He wants to eat with you. He wants to sleep with you. He wants to marry your woman, marry your mother, marry your sister, marry your daughter. And if you watch him close enough he's even after your wife.

This type has blind faith—in your religion. He's not interested in any religion of his own. He believes in a white Jesus, white Mary, white angels, and he's trying to get to a white heaven. When you listen to him in his church singing, he sings a song, I think they call it, "wash me white as snow." He wants to be, he wants to be turned white so he can go to heaven with a white man. It's not his fault; it's actually not his fault. But this is the state of his mind. This is the result of 400 years of brainwashing here in America. You have taken a man who is Black on the outside and made him white on the inside. His brain is white as snow. His heart is white as snow. And therefore, whenever you say, this is ours, he

thinks he's white the same as you, so what's yours he thinks is also his. Even right on down to your woman.

Now many of them will take offense at my implying that he wants your woman. They'll say, "No, this is what Bill Bowen, Talmadge, and all of the White Citizens' Councils say." They say that to fool you. If this is not what they want, watch them. And if you find evidence to the contrary, then I'll take back my words. But all you have to do is give him the chance to get near you, and you'll find that he is not satisfied until he is sitting next to your woman, or closer to her than that.

And this type of Negro, usually he hates Black and loves white. He doesn't want to be Black, he wants to be white. And he'll get on his bended knees and beg you for integration, which means he would rather live—rather than live with his own kind who love him, he'll force himself to live in neighborhoods around white people whom he knows don't mean him any good. And again I say, this is not his fault. He is sick. And as long as America listens to this sick Negro, who is begging to be integrated into American society despite the fact that the attitude and actions of whites are sufficient proof that he is not wanted, why then you are actually allowing him to force you into a position where you look just as sick as he looks.

If someone holds a gun on a white man and makes him embrace me—put his hand, arm, around me this isn't love nor is it brotherhood. What they are doing is forcing the white man to be a hypocrite, to practice hypocrisy. But if that white man will put his arm around me willingly, voluntarily, of his own volition, then that's love, that's brotherhood, that's a solution to the problem.

Likewise, as long as the government has to get out here and legislate to force Negroes into a white neighborhood or force Negroes into a white school or force Negroes into white industry—and make white people pretend that they go for this—all the government is doing is making white people be hypocrites. And rather than be classified as a bigot, by putting a block, the average white person actually would rather put up a hypocritical face, the face of a hypocrite, than to tell the Black man, "No, you stay over there and let me stay over here." So that's no solution.

As long as you force people to act in a hypocritical way, you will never solve their problem. The Honorable Elijah Muhammad teaches us that a solution has to be devised that will be satisfactory, completely satisfactory to the Black man and completely satisfactory to the white man. And the only thing that makes white people completely satisfied and Black people completely satisfied, when they're in their right mind, is when the Black man has his own and the white man has his own. You have what you need; we have what we need. Then both of us have something, and even the Bible says, "God bless the child that has his own." And the poor so-called Negro doesn't have his own name, doesn't have his own language, doesn't have his own culture, doesn't have his own history. He doesn't have his own country. He doesn't even have his own mind. And he thinks that he's Black 'cause God cursed him. He's not Black 'cause God cursed him. He's Black because—rather he's cursed because he's out of his mind. He has lost his mind. He has a white mind instead of the type of mind that he should have.

So, when these so-called Negroes who want integration try and force themselves into the white society, which doesn't solve the problem—the Honorable Elijah Muhammad teaches us that that type of Negro is the one that creates the problem. And the type of white person who perpetuates the problem is the one who poses as a liberal and pretends that the Negro should be integrated, as long as he integrates someone else's neighborhood. But all these whites that you see running around here talking about how liberal they are, and we believe everybody should have what they want and go where they want and do what they want, as soon as a Negro moves into that white liberal's neighborhood, that white liberal is—well he moves out faster than the white bigot from Mississippi, Alabama, and from someplace else.

So we won't solve the problem listening to that Uncle Tom Negro, and the problem won't be solved listening to the so-called white liberal. The only time the problem is going to be solved is when a Black man can sit down like a Black man and a white man can sit down like a white man. And make no excuses whatsoever with each other in discussing the problem. No offense will stem from factors that

are brought up. But both of them have to sit down like men, on one side and on the other side, and look at it in terms of Black and white. And then take some kind of solution based upon the factors that we see, rather than upon that which we would like to believe.

And when I said that this Negro wants to force his way into the white man's family, this integrationist-minded Negro wants to force his way into the white man's family, some don't believe that. Some take issue with that. But you take all of the integrationists, all of those who are used to finance the program of the integrationists, the average so-called Negro celebrity, put all of them in one pile. And as fast as you name them off, you'll find that every one of them is married either to a white woman or a white man. From Lena Horne, Eartha Kitt, Sammy Davis, and you could name 'em all night long, they—although they say that this is not what we want—that's what they've done. That's what they have. And we don't—the Black masses don't want what Lena Horne wants or what Sammy Davis wants or what who's his-name, the rest of them want.

Usually you'll find that before Sammy Davis and Lena Horne and Eartha Kitt and Harry Belafonte became involved in a mixed marriage you could go into the Negro community, any one across the country, and find those stars with records on the jukeboxes in the Negro community. You can't walk into a Negro community today and find anybody that the Negro community knows is involved in a mixed marriage with their records being popular in the Negro community. Subconsciously a Negro doesn't have any respect or regard or confidence, nor can he be moved by, another Black man, a Black man who marries a white woman or a Black woman who marries a white man.

And when they put out that picture to you that all of us want your woman, no, just that twentieth-century Uncle Tom. He wants her. But then when you fulfill—think you're going to solve your problem by pleasing him, you're only making the problem worse. You have to go back and listen to the problem as it is presented by the masses of Black people, not by these handpicked, handful of Uncle Sam who benefit from token integration.

Also this type of so-called Negro, by being intoxicated over the white man, he never sees beyond the white man. He never sees beyond America. He never looks at himself or where he fits into things on the world stage. He only can see himself here in America, on the American stage or the white stage, where the white man is in the majority, where the white man is the boss. So this type of Negro always feels like he's outnumbered or he's the underdog or he's the minority. And it puts him in the role of a beggar—a cowardly, humble, Uncle Tomming beggar on anything that he says is—that should be his by right.

Whereas there is—he wants to be an American rather than to be Black. He wants to be something other than what he is. And knowing that America is a white country, he knows he can't be Black and be an American too. So he never calls himself Black. He calls himself an American Negro—a Negro in America. And usually he'll deny his own race, his own color, just to be a second-class American. He'll deny his own history, his own culture. He'll deny all of his brothers and sisters in Africa, in Asia, in the East, just to be a second-class American. He denies everything that he represents or everything that was in his past, just to be accepted into a country and into a government that has rejected him ever since he was brought here.

For this Negro is sick. He has to be sick to try and force himself amongst some people who don't want him, or to be accepted into a government that has used its entire political system and educational system to keep him relegated to the role of a second-class citizen. Therefore he spends a lifetime begging for acceptance into the same government that made slaves of his people. He gives his life for a country that made his people slaves and still confines them to the role of second-class citizens. And we feel that he wastes his time begging white politicians, political hypocrites, for civil rights or for some kind of first-class citizenship.

He is like a watchdog or a hound dog. You may run into a dog—no matter how vicious a dog is, you find him out in the street, he won't bite you. But when you get him up on the porch, he will growl, he'll take your leg. Now that dog, when he's out in the street, only his own life is threatened, and he's never

been trained to protect himself. He's only been trained by his master to think in terms of what's good for his master. So when you catch him in the street and you threaten him, he'll go around you. But when you come up on the through the gate when he's sitting on the master's porch, then he'll bare his fangs and get ready to bite you. Not because you're threatening him, but because you threaten his master who has trained him not to protect himself but to protect the property of the master.

And this type of twentieth century Uncle Tom is the same way. He'll never attack you, but he'll attack me. I can run into him out on the street and blast him; he won't say a word. But if I look like I'm about to blast you in here, he'll open up his mouth and put up a better defense for you than you can put up for yourself. Because he hasn't been trained to defend himself. He has only been trained to open up his mouth in defense of his master.

He hasn't been educated, he's been trained. When a man is educated, he

can think for himself and defend himself and speak for himself. But this twentieth century Uncle Tom Negro never opens up his mouth in defense of a Black man. He opens up his mouth in defense of the white man, in defense of America, in defense of the American government. He doesn't even know where his government is, because he doesn't know that he ever had one. He doesn't know where his country is, because he doesn't know that he ever had one.

He believes in exactly what he was taught in school. That when he was kidnapped by the white man, he was a savage in the jungle someplace eating people and throwing spears and with a bone in his nose. And the average American Negro has that concept of the African continent. It is not his fault. This is what has been given to him by the American educational system.

He doesn't realize that there were civilizations and cultures on the African continent at a time when the people in Europe were crawling around in the caves, going naked. He doesn't realize that the Black man in Africa was wearing silk, was wearing slippers—that he was able to spin himself, make himself at a time when the people up in Europe were going naked.

He doesn't realize that he was living in palaces on the African continent when the people in Europe were living in caves. He doesn't realize that he was living in a civilization in Africa where science had been so far advanced, especially even the astronomical sciences, to a point where Africans could plot the course of the stars in the universe when the people up in Europe still thought the earth was round, the planet was round—or flat. He doesn't realize the advancement and the high state of his own culture that he was living in before he was kidnapped and brought to this country by the white man. He knows nothing about that. He knows nothing about the ancient Egyptian civilization on the African continent. Or the ancient Carthaginian civilization on the African continent. Or the ancient civilizations of Mali on the African continent. Civilizations that were highly developed and produced scientists. Timbuktu, the center of the Mali Empire, was the center of learning at a time when the people up in Europe didn't even know what a book was. He doesn't know this, because he hasn't been taught. And because he doesn't know this, when you mention Africa to him, why he thinks you're talking about a jungle. And I went to Africa in 1959 and didn't see any jungle. And I didn't see any mud huts until I got back to Harlem in New York City.

So you're familiar with that type of Negro. And the Black man that you're not familiar with is the one that we would like to point out now.

He is the new—he is the new type. He is the type that the white man seldom ever comes in contact with. And when you do come in contact with him, you're shocked, because you didn't know that this type of Black man existed. And immediately you think, well here's one of those Black supremacists or racists or extremists who believe in violence and all of that kind of—well that's what they call it.

This new type of Black man, he doesn't want integration; he wants separation. Not segregation, separation. To him, segregation, as we're taught by the Honorable Elijah Muhammad, means that

which is forced upon inferiors by superiors. A segregated community is a Negro community. But the white community, though it's all white, is never called a segregated community. It's a separate community. In the white community, the white man controls the economy, his own economy, his own politics, his own everything. That's his community. But at the same time while the Negro lives in a separate community, it's a segregated community. Which means its regulated from the outside by outsiders. The white man has all of the businesses in the Negro community. He runs the politics of the Negro community. He controls all the civic organizations in the Negro community. This is a segregated community.

We don't go for segregation. We go for separation. Separation is when you have your own. You control your own economy; you control your own politics; you control your own society; you control your own everything.

You have yours and you control yours; we have ours and we control ours. They don't call Chinatown in New York City or on the West Coast a segregated community, yet it's all Chinese. But the Chinese control it. Chinese voluntarily live there, they control it. They run it. They have their own schools. They control their own politics, control their own industry. And they don't feel like they're being made inferior because they have to live to themselves. They choose to live to themselves. They live there voluntarily. And they are doing for themselves in their community the same thing you do for yourself in your community. This makes them equal because they have what you have. But if they didn't have what you have, then they'd be controlled from your side; even though they would be on their side, they'd be controlled from your side by you. So when we who follow the Honorable Elijah Muhammad say that we're for separation, it should be emphasized we're not for segregation; we're for separation. We want the same for ourselves as you have for yourself. And when we get it, then it's possible to think more intelligently and to think in terms that are along peaceful lines. But a man who doesn't have what is his, he can never think always in terms that are along peaceful lines.

This new type rejects the white man's Christian religion. He recognizes the real enemy. That Uncle Tom can't see his enemy. He thinks his friend is his enemy and his enemy is his friend. And he usually ends up loving his enemy, turning his other cheek to his enemy. But this new type, he doesn't turn the other cheek to anybody. He doesn't believe in any kind of peaceful suffering. He believes in obeying the law. He believes in respecting people. He believes in doing unto others as he would have done to himself. But at the same time, if anybody attacks him, he believes in retaliating if it costs him his life. And it is good for people to know this. Because if white people get the impression that Negroes all endorse this old turn-the-other-cheek cowardly philosophy of Dr. Martin Luther King, then whites are going to make the mistake of putting their hands on some Black man, thinking that he's going to turn the other cheek, and he'll end up losing his hand and losing his life in the try.

So it is always better to let someone know where you stand. And there are a large number of Black people in this country who don't endorse any phase of what Dr. Martin Luther King and these other twentieth century religious Uncle Toms are putting in front of the public eye to make it look like this is the way, this is the behavior, or this is the thought pattern of most of our people.

Also this new type, you'll find, he doesn't look upon it as being any honor to be in America. He knows he didn't come here on the Mayflower. He knows he was brought here in a slave ship. But this twentieth century Uncle Tom, he'll stand up in your face and tell you about when his fathers landed on Plymouth Rock. His father never landed on Plymouth Rock; the rock was dropped on him but he wasn't dropped on it.

So this type doesn't make any apology for being in America, nor does he make any apology for the problem his presence in America presents for Uncle Sam. He knows he was brought here in chains, and he knows he was brought here against his will. He knows that the problem itself was created by the white man and that it was created because the white man brought us here in chains against our will. It was a crime. And the one who committed that crime is the criminal today who should pay for the crime that was committed. You don't put the crime in jail, you put the criminal in jail. And kidnapping is a

crime. Slavery is a crime. Lynching is a crime. And the presence of 20 million Black people in America against their will is a living witness, a living testimony of the crime that Uncle Sam committed, your forefathers committed, when our people were brought here in chains. And the reason the problem can't be solved today is you try and dress it up and doctor it up and make it look like a favor was done to the Black man by having brought the Black man here. But when you realize that it was a crime that was committed, then you approach the solution to that problem in a different light and then you can probably solve it. And as long as you think Negroes are running around here of the opinion that you're doing them a favor by letting them have some of this and letting them have some of that, why naturally every time you give a little bit more justice or freedom to the Black man, you stick out your chest and say, "See, we're solving the problem."

You're not doing the Black man any favor. If you stick a knife in my back, if you put it in nine inches and pull it out six inches, you haven't done me any favor. If you pull it all the way out, you haven't done me any favor. And this is what you have to realize. If you put a man in jail against his will—illegally, he's not guilty—you frame him up, and then because he resents what you've done to him, you put him in solitary confinement to break his spirit, then after his spirit is broken, you let him out a little bit and give him the general run of the prison, you haven't done him any favor. If you let him out of prison completely, you haven't done him any favor, because you put him in there unjustly and illegally in the first place.

Now you have 20 million Black people in this country who were brought here and put in a political, economic, and mental prison. This was done by Uncle Sam. And today you don't realize what a crime your forefathers have committed. And you think that when you open the door a few cracks and give this little integration-intoxicated Negro a chance to run around in the prison yard—that's all he's doing—that you're doing him a favor. But as long as he has to look up to someone who doesn't represent him and doesn't speak for him, that person only represents the warden, he doesn't represent some kind of president or mayor or governor or senator or congressman or anything else.

So, this new type the fact has to be faced that he exists. Especially since he's in the house. And he didn't come here because it was his will. So, you have to take the blame for his being here. And once you take the blame, then it's more easy. It's easier for you to approach the problem more sensibly and try and get a solution. And the solution can never be based upon hypocrisy. The Honorable Elijah Muhammad says that this solution has to be based upon reality. Tokenism is hypocrisy. One little student in the University of Mississippi, that's hypocrisy. A handful of students in Little Rock, Arkansas, is hypocrisy. A couple of students going to school in Georgia is hypocrisy.

Integration in America is hypocrisy in the rawest form. And the whole world can see it. All this little tokenism that is dangled in front of the Negro and then he's told, "See what we're doing for you, Tom." Why the whole world can see that this is nothing but hypocrisy. All you do is make your image worse; you don't make it better. So again, this new type, as I say, he rejects the white man's Christian religion. You find in large numbers they're turning toward the religion of Islam. They are becoming Muslims, believing in one God, whose proper name is Allah, in Muhammad as his apostle, in turning toward Mecca, praying five times a day, fasting during Ramadan, and all the other principles that are laid out by the religion of Islam. He's becoming a Muslim and just as—I think it was Dr. Billy Graham who made a crusade through Africa and came back and said that Islam is sweeping through Africa, outnumbering Christianity in converts eleven to one, which means every time one African becomes a Christian, eleven of them become a Muslim. And then that one who became a Christian, he forgets it and goes on and be a Muslim, too.

So that—and Bishop Pike pointed out the same thing in *Look* magazine in December 1960 and then *Time* magazine, heaven forbid that I should mention that magazine, but *Time* magazine mentioned it, two weeks ago, that Islam is sweeping throughout Africa. And just as it is sweeping throughout the Black people of Africa, it is sweeping throughout the Black people right here in America. Only the one who's teaching it here in America is the Honorable Elijah Muhammad. He is the religious leader,

the religious teacher. He is the one who is spreading the religion of Islam among the slaves, ex- slaves, here in America.

You have Muslims who have come to this country from the Muslim world. There are probably 200,000 Muslims in this country from the Muslim world, who were born in the Muslim world. And all of them combined have never been able to convert a hundred Americans to the religion of Islam. Yet it is the nature of Islam to propagate the faith, to spread the faith, to make everyone bear witness that there's no God but Allah and Muhammad is his apostle.

And if you find all of the Muslims of the Muslim world who come here, unable or incapable of turning the American people toward Allah and toward Mecca and toward Islam, and then this little Black man from the cotton fields of Georgia is able to stand up and get Black people by the hundreds of thousands to turn toward Mecca five times a day and give praise to Allah and come together in unity and harmony, why you'd have to be out of your mind to think the people of the Muslim world don't recognize the wonderful religious and spiritual accomplishment that's being achieved here among the so-called Negroes by the Honorable Elijah

Muhammad.

And I take time to mention that because the propagandists try and convey the picture that we're not Muslims, we're not religiously motivated, and that we are in no way identified or recognized or connected with our people of the Muslim world. Well if they didn't recognize us, we wouldn't care. We're not particularly looking for recognition. We're looking for recognition from Allah, from God, and if Allah accepts you as a Muslim, you're accepted. It's not left to somebody walking around here on this earth. But those people over there would be out of their minds, when they find themselves unable to spread the religion of Islam and then they see this little Black man here in America spreading it, why they'd be out of their mind to reject him. And you'll find if you take the time to look, that you don't find any Muslim today who rejects another Muslim. You might find some who come over here, who operate stores or some kind of little business in the white neighborhood, the Christian neighborhood, and they want to get along with all the white people, with all the Christians. They might say some words to please you. But they're only trying to get your money. So the followers of the Honorable Elijah Muhammad look to him and what he teaches, his program and his message, as our only solution. And they see separation as our only salvation.

We don't think as Americans any more, but as a Black man. With the mind of a Black man, we look beyond America. And we look beyond the interests of the white man. The thinking of this new type of Negro is broad.

It's more international. This integrationist always thinks in terms of an American. But you find the masses of Black people today think in terms of

Black. And this Black thinking enables them to see beyond the confines of America. And they look all over the world. They look at the happenings in the international context.

By this little integrationist Negro thinking locally, by his thinking and desires being confined to America, he's limited. He's the underdog. He's a minority. But the masses of Black people who have been exposed to the teachings of the Honorable Elijah Muhammad, their thinking is more international. They look on this earth and they see that the majority of the people on this earth are dark. And by seeing that the majority of the people on this earth are dark, they don't regard themselves as a minority in America, but rather they regard themselves as part of that vast, dark majority.

So therefore, when you run into that type of Black man, he doesn't speak as an underdog. He doesn't speak like you outnumber him, or he doesn't speak like there's any harm that you can do to him. He speaks as one who outnumbers you. He sees that the dark world outnumbers the white world. That the odds have turned today and are in his favor, are on his side. He sees that the people of this earth are on

his side. That time is on his side. That history is on his side. And most important of all, he sees that God is on his side toward getting him some kind of solution that's immediate, and that's lasting, and that is no way connected or concerned or stems from the goodwill or good conscience in any way, shape, whatsoever of the man who created—who committed the crime and created the problem in the first place.

I would like to point out, quickly and briefly—no I won't, I think my time is up...well Dr. here says my time is up, and I'm telling him his time is short. So I think what's good for the goose is good for the gander.

* * *

Question: Do you consider Elijah Muhammad as a prophet or as a leader?

Malcolm X: We never refer to the Honorable Elijah Muhammad as a prophet. He never refers to himself as that, and he teaches us that the world has no need for prophets today. But he's a leader, he's a leader of the Black people here in this country against the oppression and exploitation that

our people have suffered for 400 years. And we need a leader from among ourselves, because our people back home never came and tried to relieve us of the suffering that we've undergone.

Question: I'm a white man...

Malcolm X: You're not a white man.

Question: If I was a white man, do you accept him to attend your mosque, to worship God with you?

Malcolm X: If the—all of the Muslims in this country from Egypt and elsewhere have not been successful in letting the white man to turn toward the religion of Islam and they are born in the Muslim world, well we find we'd be wasting our time trying to convert the white man himself. Mr. Muhammad is primarily concerned with the condition of the Black man in this country. Now if the other Muslims who come here from abroad want to set up some kind of mosque and let the white man in it and teach him how to be a Muslim and get him to say, "No God but Allah," then they can do that. But they shouldn't criticize us for not doing it, because they haven't succeeded in doing it.

Question: Will you accept me in your mosque?

Malcolm X: Sir, you're not white.

Question: I'm asking you if a white man, many people are white men and they are Muslim too.

Malcolm X: I answered you. Mr. Muhammad's concern is not with the white man. His concern is with the Black man...Islam means to submit to the will of one God whose personal and proper name is Allah. What you forget, if you're in the Muslim world practicing Islam, you're not faced with the same problem of Black people who have been kidnapped from the Muslim world and have been deprived of Islam.

[Question]

Malcolm X: You have to ask the white man that. He's the one who segregates us. Segregation is done by him. You have to ask him that question... Sir, I just want to add some light to your question. We are brothers. Mr. Muhammad's youngest son attends al-Azhar, and his brother-in-law, in Egypt too. We are brothers, I was in Egypt. I lived in Egypt, I stayed in Egypt, and I was among brothers and I felt the spirit of brotherhood. But an Egyptian who comes to America should realize the problem confronted by Black people in this country. And when you see us being chased by a dog, the best thing for you to do is wait until the dog stops chasing us and then ask us some questions. Especially when you should have come a long time ago and helped your little brothers whip the dog.

[Question]

Malcolm X: There are many different ways to understand politics. Number one, we're not a political group. We are not politically inclined or motivated nor are our political aims in any way connected with the Honorable Elijah Muhammad. But when you study the science of politics, or study it as it's practiced in the UN at the international level, you'll find usually on questions you have those who say yes, those who say no, those who don't say anything. Those who don't say anything usually are the neutrals. And by abstaining they have just as much political power, if not more so, than those who take an active part in all situations. Where the Negro in America is concerned, he's been without the ballot so long, today when he gets the ballot, he's ballot-happy. He's like the man to whom you give a gun, and he just starts shooting to let everybody know he's got a gun. He doesn't aim at anything. Well, we believe in shooting, too. But we first believe that we should have a target and then when that target gets within our reach, then we'll put the bullet where it belongs. Or the ballot where it belongs. Whatever you call it, where it belongs. We don't see at this point where the Black man gains anything in politics. Let me just give you an example. In the last presidential election, whites were evenly divided between Kennedy and Nixon. It was the Negro who went for Kennedy, 80 percent, and put Kennedy in the White House. And they went for him based upon the promises—false promises, by the way—that he made. Well, facts are facts. He said he—I think everybody has a right to his opinion. And I'm quite certain those who are familiar with Kennedy's promises to the Negro know what he said he could do with the stroke of his pen. And he was in office for two years before he found where his fountain pen was where the Negro was concerned. And the excuse that he used was that he first had to change the attitude of southern segregationists. Now he didn't tell you that when

he asked you to vote for him. But was facing. He didn't want to take a stand against the southern segregationists. But he did take a stand against U.S. Steel, which is the strongest corporation on this earth. He threw down the gauntlet. He threw down the gauntlet to Cuba. He has thrown down the gauntlet to anybody he desires. But when it comes to the Negro, he's always got an alibi that puts him off until a little while later. This is why we don't believe in any white politicians or anything like that can solve our problem. We'll get together among ourselves, with these students who go to these colleges and get equipped and solve the problem for ourselves.

[Question]

Malcolm X: Whenever you send 15,000 troops and spend six or seven million dollars just to put one Negro in the midst of some yapping wolves, you haven't done that Negro nor the masses of Black people any favor, nor have you solved the problem. If it's legal and just and right for Meredith to be at the University of Mississippi according to Robert Kennedy, the attorney general, and all of the others, then every other Black man in Mississippi has just as much right to be there. So if you're going to spend all that money and all that manpower putting one in there, why not just go in and take the criminals who are responsible for keeping the masses out, and take them down off their posts and then open the doors to everybody. That would be a solution, but they're not going to do that. They always want to use methods that push one Negro at a time, then they use him to turn around and tell the masses, "you see, we're solving the problem." And the problem is still unsolved. The Honorable Elijah Muhammad says the only way to solve the problem of the so-called Negro is complete separation in the United States. The Honorable Elijah Muhammad says, every effort on the part of the government up till now to solve this problem by bringing about a just, equitable situation between whites and Blacks mixed up together here in this house has failed. Has failed absolutely. So he says that since you can't give the Negro justice in your house, let us leave this house and go back home. Now at the same time that he says let us go back home to our own people and our own homeland, the government itself is the leading opposition toward any mass element of Black people becoming orientated in the direction of home. They put forth the effort to stop this. So what he says is, since you can't give it to us here mixed up in your house, and you don't want us to go home back to our own people, then the only alternative is to separate the house. Give us part of this country and let us live in that part. You've asked me to explain. Now you want me to proceed?

You may think it's funny, but one of these days you won't. He says that in this section that will be set aside for Black people, that the government should give us everything we need to start our own civilization. They should give us everything we need to exist for the next twenty-five years. And when you stop and consider that you shouldn't be shocked, you give Latin America \$20 billion and they never fought for this country. They never worked for this country. You send billions of dollars to Poland and to Hungary, they're Communist countries, they never contributed anything here. This is what you should realize. The greatest contribution to this country was that which was contributed by the Black man. If I take the wages, just a moment, if I take the wages of everyone here, individually it means nothing, but collectively all of the earning power or wages that you earned in one week would make me wealthy. And if I could collect it for a year, I'd be rich beyond dreams. Now, when you see this, and then you stop and consider the wages that were kept back from millions of Black people, not for one year but for 310 years, you'll see how this country got so rich so fast. And what made the economy as strong as it is today. And all that, and all of that slave labor that was amassed in unpaid wages, is due someone today. And you're not giving us anything when we say that it's time to collect.

[Question]

Malcolm X: Up until a few years ago, the whole dark world, which was then the majority, was ruled by Europe—the white man, who was actually a minority. And realizing that they were only ruled because of the scientific effort put forth to divide and conquer by the European whites, all of the people black, brown, red, and yellow in Africa got together in what was known as the Bandung Conference. They realized that they had religious differences, economic differences, educational differences, even cultural differences. And they agreed to submerge all of their differences because they had one thing in common—oppression, exploitation. And they had an oppressor in common, an exploiter in common—the European. Once they realized they had this in common, they had a common enemy and they reached the agreement not to fight among themselves anymore. And just by being able to submerge their own differences and come together in a spirit of unity, the Bandung Conference produced the condition by which all of the nations in Africa that are independent today were able to secure their independence. And so they have come into the UN. Now they are in a position they can outvote the white man. And it has actually created an accomplishment. Whereas in the past you had European, white Christians always at the helm in the UN, today the black, brown, red, and yellow people of Africa and Asia so greatly outnumber the white man, they can't get a white, Christian European elected to any position of power. Usually, the secretariat and the president's chair stays in the hands of an African, an Asian, a Muslim, a Hindu, or a Christian. This is what unity is able to do. And here in America, the Negro, the so-called Negroes, all we have to do is forget our differences. Usually whites cite things to try and divide us, and then use us one against the other. They try and use the NAACP against the Muslims, Muslims against CORE; they try and keep them all fighting one another. And as we fight one another, they continue to rule. So what the Honorable Elijah Muhammad says is what you and I should do is forget all of our differences and put first things first. Get at the one who's holding both of us down and we can talk to each other later on.

[Question]

Malcolm X: The South African whites are, number one, on a continent where they don't belong and have no business there and won't be there that much longer. The Black people in South Africa outnumber the whites there about eleven to one. The Blacks in South Africa outnumber the whites. Enough to get rid of them when the time comes. Now, their type of separation is not the type of separation that we're looking for. We're looking for a separation in which we have our own. We can either go back home and practice it or we can stay here and practice it. But we are not going to sit around with this integration hypocrisy that whites are talking about which will take another hundred years. The only thing you can bring about in the morning is complete separation. It has no connection or comparison whatsoever with that which is being practiced in South Africa. South African apartheid is segregation. It's not separation. And they are afraid to let those Africans build up a society of their own in which they will become equal or just as powerful politically, economically, and otherwise as the whites are in

their parts. They don't want that. No, no comparison whatsoever. Theirs is something of the past, it's outmoded and it's on its way out. Ours is riding on the wave of the future.

[Question]

Malcolm X: If you can't receive justice in a man's house, that man deprives you of justice, he should let you leave. And if he doesn't want you to leave his house, yet he can't give you justice in the house, he'll end up losing the whole house himself. This is what America is faced with.

[Question]

Malcolm X: No, the Fruit—you asked another question within that—the Fruit of Islam are the brothers who have been reformed, rehabilitated; who don't drink, don't smoke, don't commit fornication or adultery, don't become involved in any kind of crime. Who learn how to respect their women—to respect the Black woman, who has never had any respect or protection in this society. These are the brothers who have actually reformed themselves and they set an example of what the religion of Islam will do for others of the so-called Negroes. And these brothers will give you respect when you respect them.

[Question]

Malcolm X: No, they don't comprise a small army. But an army in this sense—army only means a lot of people. They don't comprise an army in the sense that they are looking for violence. But you will find this: that a Muslim brother, whenever he's attacked, he'll defend himself.

[Question]

Malcolm X: No, I'll answer the last question first. No, there's no such thing as a sincere white liberal—listen I'm giving you my answer. You can hiss all night, that's what the snake did in the Garden of Eden. Usually you'll find, sir, that in any integrated group that the so-called Negro has, if you examine its composition, where the whites are concerned, they end up leading it, they end up ruling it, they end up controlling it. I'll give you an example. The NAACP is one of the leading organizations that Negroes have. It has been in existence for fifty-four years, and the Black people in the NAACP have never had enough power in there to elect a Black man as the national president. They have an election every year. Which means they have had an election fifty-four times in fifty-four years. And every time, they've had to elect a white man. The man who is the president of it now, Arthur Spingarn, has been president of it for twenty-four consecutive years. Now if—I'm not knocking the NAACP—but if the NAACP—I'm just, uhm, analyzing it. If the NAACP in fifty-four years cannot get a Black man qualified to be its national president, then it leads me to believe either they are failing to create and develop the proper leadership caliber among the Black people in it, or else they are practicing the same discrimination that they accuse the white man of. Where CORE is concerned—the Urban League is another famous Negro organization that's integrated. It has a white president. It has never had a Black president. CORE has a Negro national director; but he's a Negro who's married to a white woman. James Farmer, he's married to a white woman and that almost makes him a white man. Although they have a Black—they have a white president also. It's true—Farmer, in 1945, divorced his Black wife and married a white woman.

[Question]

Malcolm X: In the UN with the Lebanese or Arabs—in the UN you have the Afro/Asian/Arab bloc. Now a lot of Arabs might like for you to think that they are white, but whenever you see them involved in the international picture, they are lined up with the dark world. Those who are making progress are lined up with the dark world. Afro, Asian, Arab, they can come around here and pose as white. But when they get back home, they're not white

[Question]

Malcolm X: You never heard me today refer to myself as a Black Muslim. This is what the press says. We call ourselves Muslim. Just a moment. We call ourselves Muslim—we don't call ourselves Black Muslims. This is what the newspapers call us. This is what Dr. Eric Lincoln calls us. We are Muslims. Black, brown, red, and yellow.

[Question]

Malcolm X: Now you say that we come here and use Islam for political purposes because we reject the white man. When the Algerians refused to integrate with the French, did that make, mean that they weren't Muslims? When the Arabs refused to integrate with the Israelis, does that mean they're not Muslims? When the Pakistanis refused to integrate with the Hindus, does that mean they're not Muslims? No, just a moment. The Algerians have the right to reject the French, who exploited them. The Arabs have the right to reject the Israelis, whom they feel exploit them.

The Pakistanis have the right to reject the Hindus, whom they feel exploit them. The Algerians are still Muslims. The Arabs are still Muslims and the Pakistanis are still Muslims. There are 20 million Black people in this country who have been here for 400 years. And who have suffered the worst form of abuse ever perpetrated on a people in the twentieth century. Now when we accept Islam as our religion, that doesn't mean that we are religiously wrong to reject the man who has exploited us and colonized us here in this country.

[Question]

Malcolm X: It's not wrong to expect justice. It's not wrong to expect freedom. It's not wrong to expect equality. If Patrick Henry and all of the Founding Fathers of this country were willing to lay down their lives to get what you are enjoying today, then it's time for you to realize that a large, ever-increasing number of Black people in this country are willing to die for what we know is due us by birth. The white man is being given a favor, when you give him a chance today to solve a problem that stems from a crime that he committed himself. You ask me—like I'm committing a crime or asking for something that's ethically wrong or morally wrong when we seek a solution to this problem right now. A problem that has the government all tied up all over this earth. What you need to realize, you from India, you from Iraq, you from Egypt, and you from right here in America, and we who are enslaved—that a crime has been committed against the Negro. Some of you from over there, you knew we were over here and never come over here to help us, and now when we stand up and are ready to help ourselves, don't come with your criticism. Help us.

[Question]

Malcolm X: Would you think that I was wrong if I asked: how are you going to integrate? If the Supreme Court says integrate, and they can't do it, and that's the highest court—we're not rejecting anything. We reserve I said no, he asked me was I rejecting, were we rejecting violence or were we rejecting peaceful methods. We don't reject any methods. We leave—we reserve the right to use whatever method that will bring about a solution to the problem and then when—and the reason that I haven't—Sir, I don't think you would give me credit. If you have a lamb inside of a wolf's den and you need to get that lamb out of the clutches of that wolf, you don't stand up and tell the lamb, how are you going to take him, or where you're going to take him, while he's still in the clutches of the wolf, or while he's still under the jurisdiction of the wolf.

[Question]

Malcolm X: As you say, Tom always was a good actor. And where the white man thinks we're dangerous to him, Tom is more dangerous to the white man than anyone, because Tom has him fooled. The white man knows where we stand; but Tom today is waking up the same as anybody else. Well, you won't get any argument out of me. It is true that many Negroes in prominent positions who have

been known Uncle Toms in the past today are waking up, and their allegiances and other aims are very much camouflaged still, as they were then.

[Question]

Malcolm X: We'll do it the same way the Jews got what they wanted. They got their own state, their own country. No, they got it, and yeah, well you're right, it was given to them by England and Truman. But, sir, no the Jews are the ones who usually represent themselves as white liberals. More so probably than any other segment of this society. Now if the Jews are genuinely liberal and they want to help the Negro, then they should show the Negro how to use the same kind of strategy and tactics to solve his problem that they used to solve their problems. And you'll find that all over this country, wherever the Jews have been segregated and Jim Crowed, they haven't sat in, they haven't been sittin' or Freedom Riders, they usually go and use the economic weapon. They bought Atlantic City, and now they can go there. They bought Miami Beach and now they can go there.

Alex Haley Interviews Malcolm X (May, 1963)

Haley: What is the ambition of the Black Muslims?

Malcolm X: Freedom, justice and equality are our principal ambitions. And to faithfully serve and follow the Honorable Elijah Muhammad is the guiding goal of every Muslim. Mr. Muhammad teaches us the knowledge of our own selves, and of our own people. He cleans us up—morally, mentally and spiritually—and he reforms us of the vices that have blinded us here in the Western society. He stops black men from getting drunk, stops their dope addiction if they had it, stops nicotine, gambling, stealing, lying, cheating, fornication, adultery, prostitution, juvenile delinquency. I think of this whenever somebody talks about someone investigating us. Why investigate the Honorable Elijah Muhammad? They should subsidize him. He's cleaning up the mess that white men have made. He's got men off of welfare, showing them how to do something for themselves. And Mr. Muhammad teaches us love for our own kind. The white man has taught the black people in this country to hate themselves as inferior, to hate each other, to be divided against each other. Messenger Muhammad restores our love for our own kind, which enables us to work together in unity and harmony. He shows us how to pool our financial resources and our talents, then to work together toward a common objective. Among other things, we have small businesses in most major cities in this country, and we want to create many more. We are taught by Mr. Muhammad that it is very important to improve the black man's economy, and his thrift. But to do this, we must have land of our own.

The brainwashed black man can never learn to stand on his own two feet until he is on his own. We must learn to become our own producers, manufacturers and traders; we must have industry of our own, to employ our own. The white man resists this because he wants to keep the black man under his thumb and jurisdiction in white society. He wants to keep the black man always dependent and begging—for jobs, food, clothes, shelter, education. The white man doesn't want to lose somebody to be supreme over. He wants to keep the black man where he can be watched and retarded. Mr. Muhammad teaches that as soon as we separate from the white man, we will learn that we can do without the white man just as he can do without us. The white man knows that once black men get off to themselves and learn they can do for themselves, the black man's full potential will explode and he will surpass the white man.

Haley: Do you feel that the Black Muslims' goal of obtaining "several states" is a practical vision?

Malcolm X: Well, you might consider some things practical that are really impractical. Wasn't it impractical that the Supreme Court could issue a desegregation order nine years ago and there's still only eight percent compliance? Is it practical that a hundred years after the Civil War there's not freedom for black men yet? On the record for integration you've got the President, the Congress, the Supreme Court—but show me your integration, where is it? That's practical? Mr. Muhammad teaches us to be for what's really practical—that's separation. It's more natural than integration.

Haley: In a recent interview, Negro author-lecturer Louis Lomax said, “Eighty percent, if not more, of America’s 20,000,000 Negroes vibrate sympathetically with the Muslims’ indictment of the white power structure. But this does not mean we agree with them in their doctrines of estrangement or with their proposed resolutions of the race problem.” Does this view represent a consensus of opinion among Negroes? And if so, is it possible that your separatist and anti-Christian doctrines have the effect of alienating many of your own race?

Malcolm X: Sir, you make a mistake listening to people who tell you how much our stand alienates black men in this country. I’d guess actually we have the sympathy of 90 percent of the black people. There are 20,000,000 dormant Muslims in America. A Muslim to us is somebody who is for the black man; I don’t care if he goes to the Baptist Church seven days a week. The Honorable Elijah Muhammad says that a black man is born a Muslim by nature. There are millions of Muslims not aware of it now. All of them will be Muslims when they wake up; that’s what’s meant by the Resurrection. Sir, I’m going to tell you a secret: the black man is a whole lot smarter than white people think he is. The black man has survived in this country by fooling the white man. He’s been dancing and grinning and white men never guessed what he was thinking. Now you’ll hear the bourgeois Negroes pretending to be alienated, but they’re just making the white man think they don’t go for what Mr. Muhammad is saying. This Negro that will tell you he’s so against us, he’s just protecting the crumbs he gets from the white man’s table. This kind of Negro is so busy trying to be like the white man that he doesn’t know what the real masses of his own people are thinking. A fine car and house and clothes and liquor have made a lot think themselves different from their poor black brothers.

But Mr. Muhammad says that Allah is going to wake up all black men to see the white man as he really is, and see what Christianity has done to them. The black masses that are waking up don’t believe in Christianity anymore. All it’s done for black men is help to keep them slaves. Mr. Muhammad is teaching that Christianity, as white people see it, means that whites can have their heaven here on earth, but the black man is supposed to catch his hell here. The black man is supposed to keep believing that when he dies, he’ll float up to some city with golden streets and milk and honey on a cloud somewhere. Every black man in North America has heard black Christian preachers shouting about “tomorrow in good old Beulah’s Land.” But the thinking black masses today are interested in Muhammad’s Land. The Promised Land that the Honorable Elijah Muhammad talks about is right here on this earth. Intelligent black men today are interested in a religious doctrine that offers a solution to their problems right now, right here on this earth, while they are alive. You must understand that the Honorable Elijah Muhammad represents the fulfillment of Biblical prophecy to us. In the Old Testament, Moses lived to see his enemy, Pharaoh, drowned in the Red Sea—which in essence means that Mr. Muhammad will see the completion of his work in his lifetime, that he will live to see victory gained over his enemy.

Haley: Are you referring to the Muslim judgment day which your organization’s newspaper, *Muhammad Speaks*, calls “Armageddon” and prophesies as imminent?

Malcolm X: Armageddon deals with the final battle between God and the Devil. The Third World War is referred to as Armageddon by many white statesmen. There won’t be any more war after then because there won’t be any more warmongers. I don’t know when Armageddon, whatever form it takes, is supposed to be. But I know the time is near when the white man will be finished. The signs are all around us. Ten years ago you couldn’t have paid a Southern Negro to defy local customs. The British Lion’s tail has been snatched off in black Africa. The Indonesians have booted out such would-be imperialists as the Dutch. The French, who felt for a century that Algeria was theirs, have had to run for their lives back to France. Sir, the point I make is that all over the world, the old day of standing in fear and trembling before the almighty white man is gone!

Haley: If Muslims ultimately gain control as you predict, what do you plan to do with white people?

Malcolm X: It’s not a case of what would we do, it’s a case of what would God do with whites. What does a judge do with the guilty? Either the guilty one repents and atones, or God executes judgment.

Haley: You refer to whites as “the guilty” and “the enemy”; you predict divine retribution against them; and you preach absolute separation from the white community. Do not these views substantiate the fact that your movement is predicated on race hatred?

Malcolm X: Sir, it’s from Mr. Muhammad that the black masses are learning for the first time in 400 years the real truth of how the white man brainwashed the black man, kept him ignorant of his true history, robbed him of his self-confidence. The black masses for the first time are understanding that it’s not a case of being anti-white or anti-Christian, but it’s a case of seeing the true nature of the white man. We’re anti-evil, anti-oppression, anti-lynching. You can’t be anti-those things unless you’re also anti-the oppressor and the lyncher. You can’t be antislavery and pro-slave master; you can’t be anti-crime and pro-criminal. In fact, Mr. Muhammad teaches that if the present generation of whites would study their own race in the light of their true history, they would be anti-white themselves.

Haley: Are you?

Malcolm X: As soon as the white man hears a black man say that he’s through loving white people, then the white man accuses the black man of hating him. The Honorable Elijah Muhammad doesn’t teach hate. The white man isn’t important enough for the Honorable Elijah Muhammad and his followers to spend any time hating him. The white man has brainwashed himself into believing that all the black people in the world want to be cuddled up next to him. When he meets what we’re talking about, he can’t believe it, it takes all the wind out of him. When we tell him, we don’t want to be around him, we don’t want to be like he is, he’s staggered. It makes him re-evaluate his 300-year myth about the black man. What I want to know is how the white man, with the blood of black people dripping off his fingers, can have the audacity to be asking black people to do they hate him. That takes a lot of nerve.

Haley: How do you reconcile your disavowal of hatred with the announcement you made last year that Allah had brought you “the good news” that 120 white Atlantans had just been killed in an air crash in route to America from Paris?

Malcolm X: Sir, as I see the law of justice, it says as you sow, so shall you reap. The white man has revealed as the rope snapped black men’s necks. He has revealed around the lynching fire. It’s only right for the black man’s true God, Allah, to defend us—and for us to be joyous because our God manifests his ability to inflict pain on our enemy. We Muslims believe that the white race, which is guilty of having oppressed and exploited and enslaved our people here in America, should and will be the victims of God’s divine wrath. All civilized societies in their courts of justice set a sentence of execution against those deemed to be enemies of society, such as murderers and kidnapers. The presence of 20,000,000 black people here in America is proof that Uncle Sam is guilty of kidnapping—because we didn’t come here voluntarily on the Mayflower. And 400 years of lynchings condemn Uncle Sam as a murderer.

Haley: To return to your statement about the plane crash, when Dr. Ralph Bunche heard about it, he called you “mentally depraved.” What is your reaction?

Malcolm X: I know all about what Dr. Bunche said. He’s always got his international mouth open. He apologized in the UN when black people protested there. You’ll notice that whenever the white man lets a black man get prominent, he has a job for him. Dr. Bunche serves the white man well—he represents, speaks for and defends the white man. He does none of this for the black man. Dr. Bunche has functioned as a white man’s tool, designed to influence international opinion on the Negro. The white man has Negro local tools, national tools, and Dr. Bunche is an international tool.

Haley: Dr. Bunche was only one of many prominent Negroes who deplored your statement in similar terms. What reply have you to make to these spokesmen for your own people?

Malcolm X: Go ask their opinions and you’ll be able to fill your notebook with what white people want to hear Negroes say. Let’s take these so-called spokesmen for the black men by types. Start with the

politicians. They never attack Mr. Muhammad personally. They realize he has the sympathy of the black masses. They know they would alienate the masses whose votes they need. But the black civic leaders, they do attack Mr. Muhammad. The reason is usually that they are appointed to their positions by the white man. The white man pays them to attack us. The ones who attack Mr. Muhammad the most are the ones who earn the most. Then take the black religious-leaders, they also attack Mr. Muhammad. These preachers do it out of self-defense, because they know he's waking up Negroes. No one believes what the Negro preacher preaches except those who are mentally asleep, or in the darkness of ignorance about the true situation of the black man here today in this wilderness of North America. If you will take note, sir, many so-called Negro leaders who once attacked the Honorable Elijah Muhammad don't do so anymore. And he never speaks against them in the personal sense except as a reaction if they speak against him. Islam is a religion that teaches us never to attack, never to be the aggressor—but you can waste somebody if he attacks you. These Negro leaders have become aware that whenever the Honorable Elijah Muhammad is caused by their attack to level his guns against them, they always come out on the losing end. Many have experienced this.

Haley: Do you admire and respect any other American Negro leaders— Martin Luther King, for example?

Malcolm X: I am a Muslim, sir. Muslims can see only one leader who has the qualifications necessary to unite all elements of black people in America. This is the Honorable Elijah Muhammad.

Haley: Many white religious leaders have also gone on record against the Black Muslims. Writing in the official NAACP magazine, a Catholic priest described you as “a fascist-minded hate group,” and B'nai B'rith has accused you of being not only anti-Christian but anti-Semitic. Do you consider this true?

Malcolm X: Insofar as the Christian world is concerned, dictatorships have existed only in areas or countries where you have Roman Catholicism.

Catholicism conditions your mind for dictators. Can you think of a single Protestant country that has ever produced a dictator?

Haley: Germany was predominantly Protestant when Hitler...

Malcolm X: Another thing to think of—in the 20th Century, the Christian Church has given us two heresies: fascism and communism. Where did fascism start? Where's the second-largest Communist party outside of Russia? The answer to both is Italy. Where is the Vatican? But let's not forget the Jew. Anybody that gives even a just criticism of the Jew is instantly labeled anti-Semite. The Jew cries louder than anybody else if anybody criticizes him. You can tell the truth about any minority in America, but make a true observation about the Jew, and if it doesn't pat him on the back, then he uses his grip on the news media to label you anti-Semite. Let me say just a word about the Jew and the black man. The Jew is always anxious to advise the black man. But they never advise him how to solve his problem the way the Jews solved their problem. The Jew never went sitting-in and crawling-in and sliding-in and freedom-riding, like he teaches and helps Negroes to do. The Jews stood up, and stood together, and they used their ultimate power, the economic weapon. That's exactly what the Honorable Elijah Muhammad is trying to teach black men to do. The Jews pooled their money and bought the hotels that barred them. They bought Atlantic City and Miami Beach and anything else they wanted. Who owns Hollywood? Who runs the garment industry, the largest industry in New York City? But the Jew that's advising the Negro joins the NAACP, CORE, the Urban League, and others. With money donations, the Jew gains control, then he sends the black man doing all this wading-in, boring-in, even burying-in—everything but buying-in. Never shows him how to set up factories and hotels. Never advises him how to own what he wants. No, when there's something worth owning, the Jew's got it. Walk up and down in any Negro ghetto in America. Ninety percent of the worthwhile businesses you see are Jew-owned. Every night they take the money out. This helps the black man's community stay a ghetto.

Haley: Isn't it true that many Gentiles have also labored with dedication to advance integration and economic improvement for the Negro, as volunteer workers for the NAACP, CORE and many other interracial agencies?

Malcolm X: A man who tosses worms in the river isn't necessarily a friend of the fish. All the fish who take him for a friend, who think the worm's got no hook in it, usually end up in the frying pan. All these things dangled before us by the white liberal posing as a friend and benefactor have turned out to be nothing but bait to make us think we're making progress. The Supreme Court decision has never been enforced. Desegregation has never taken place. The promises have never been fulfilled. We have received only tokens, substitutes, trickery and deceit.

Haley: What motives do you impute to Playboy for providing you with this opportunity for the free discussion of your views?

Malcolm X: I think you want to sell magazines. I've never seen a sincere white man, not when it comes to helping black people. Usually things like this are done by white people to benefit themselves. The white man's primary interest is not to elevate the thinking of black people, or to waken black people, or white people either. The white man is interested in the black man only to the extent that the black man is of use to him. The white man's interest is to make money, to exploit.

Haley: Is there any white man on earth whom you would concede to have the Negro's welfare genuinely at heart?

Malcolm X: I say, sir, that you can never make an intelligent judgment without evidence. If any man will study the entire history of the relationship between the white man and the black man, no evidence will be found that justifies any confidence or faith that the black man might have in the white man today.

Haley: Then you consider it impossible for the white man to be anything but an exploiter and a hypocrite in his relations with the Negro?

Malcolm X: Is it wrong to attribute a predisposition to wheat before it comes up out of the ground? Wheat's characteristics and nature make it wheat. It differs from barley because of its nature. Wheat perpetuates its own characteristics just as the white race does. White people are born devils by nature. They don't become so by deeds. If you never put popcorn in a skillet, it would still be popcorn. Put the heat to it, it will pop.

Haley: You say that white men are devils by nature. Was Christ a devil?

Malcolm X: Christ wasn't white. Christ was a black man.

Haley: On what Scripture do you base this assertion?

Malcolm X: Sir, Billy Graham has made the same statement in public. Why not ask him what Scripture he found it in? When Pope Pius X died, Life magazine carried a picture of him in his private study kneeling before a black Christ. What was the source of their information? All white people who have studied history and geography know that Christ was a black man. Only the poor, brainwashed American Negro has been made to believe that Christ was white, to maneuver him into worshipping the white man. After becoming a Muslim in prison, I read almost everything I could put my hands on in the prison library. I began to think back on everything I had read and especially with the histories, I realized that nearly all of them read by the general public have been made into white histories. I found out that the history-whitening process either had left out great things that black men had done, or some of the great black men had gotten whitened.

Haley: Would you list a few of these men?

Malcolm X: Well, Hannibal, the most successful general that ever lived, was a black man. So was Beethoven; Beethoven's father was one of the blackamoors that hired themselves out in Europe as professional soldiers.

Haydn, Beethoven's teacher, was of African descent. And Solomon. Great Biblical characters. Columbus, the discoverer of America, was a half black man. Whole black empires, like the Moorish, have been whitened to hide the fact that a great black empire had conquered a white empire even before America was discovered. The Moorish civilization—black Africans—conquered and ruled Spain; they kept the light burning in Southern Europe. The word "Moor" means "black," by the way. Egyptian civilization is a classic example of how the white man stole great African cultures and makes them appear today as white European. The black nation of Egypt is the only country that has a science named after its culture: Egyptology. The ancient Sumerians, a black-skinned people, occupied the Middle Eastern areas and were contemporary with the Egyptian civilization. The Incas, the Aztecs, the Mayans, all dark-skinned Indian people, had a highly developed culture here in America, in what is now Mexico and northern South America. These people had mastered agriculture at the time when European white people were still living in mud huts and eating weeds. But white children, or black children, or grown-ups here today in America don't get to read this in the average books they are exposed to.

Haley: Can you cite any authoritative historical documents for these observations?

Malcolm X: I can cite a great many, sir. You could start with Herodotus, the Greek historian. He outright described the Egyptians as "black, with woolly hair." And the American archaeologist and Egyptologist James Henry Breasted did the same thing. Read Pliny. Read any of the ancient Roman, Greek and, more recently, European anthropologists and archaeologists.

Haley: You seem to have based your thesis on the premise that all nonwhite races are necessarily black.

Malcolm X: Mr. Muhammad says that the red, the brown and the yellow are indeed all part of the black nation. Which means that black, brown, red, yellow, all are brothers, all are one family. The white one is a stranger. He's the odd fellow.

Haley: Since your classification of black peoples apparently includes the light-skinned Oriental, Middle Eastern and possibly even Latin races as well as the darker Indian and Negroid strains, just how do you decide how light-skinned it's permissible to be before being condemned as white? And if Caucasian whites are devils by nature, do you classify people by degrees of devilishness according to the lightness of their skin?

Malcolm X: I don't worry about these little technicalities. But I know that white society has always considered that one drop of black blood makes you black. To me, if one drop can do this, it only shows the power of one drop of black blood. And I know another thing—that Negroes who used to be light enough to pass for white have seen the handwriting on the wall and are beginning to come back and identify with their own kind. And white people who also are seeing the pendulum of time catching up with them are now trying to join with blacks, or even find traces of black blood in their own veins, hoping that it will save them from the catastrophe they see ahead. But no devil can fool God. Muslims have a little poem about them. It goes, "One drop will make you black, and will also in days to come save your soul."

Haley: As one of this vast elite, do you hold the familiar majority attitude toward minority groups—regarding the white race, in this case, as inferior in quality as well as quantity to what you call the "black nation"?

Malcolm X: Thoughtful white people know they are inferior to black people. Even Eastland knows it. Anyone who has studied the genetic phase of biology knows that white is considered recessive and black is considered dominant. When you want strong coffee, you ask for black coffee. If you want it light, you

want it weak, integrated with white milk. Just like these Negroes who weaken themselves and their race by this integrating and intermixing with whites. If you want bread with no nutritional value, you ask for white bread. All the good that was in it has been bleached out of it, and it will constipate you. If you want pure flour, you ask for dark flour, whole-wheat flour. If you want pure sugar, you want dark sugar.

Haley: If all whites are devilish by nature, as you have alleged, and if black and white are essentially opposite, as you have just stated, do you view all black men—with the exception of their non-Muslim leaders—as fundamentally angelic?

Malcolm X: No, there is plenty wrong with Negroes. They have no society. They're robots, automatons. No minds of their own. I hate to say that about us, but it's the truth. They are a black body with a white brain. Like the monster Frankenstein. The top part is your bourgeois Negro. He's your integrator. He's not interested in his poor black brothers. He's usually so deep in debt from trying to copy the white man's social habits that he doesn't have time to worry about nothing else. They buy the most expensive clothes and cars and eat the cheapest food. They act more like the white man than the white man does himself. These are the ones that hide their sympathy for Mr. Muhammad's teachings. It conflicts with the sources from which they get their white man's crumbs. This class to us are the fence-sitters. They have one eye on the white man and the other eye on the Muslims. They'll jump whichever way they see the wind blowing. Then there's the middle class of the Negro masses, the ones not in the ghetto, who realize that life is a struggle, who are conscious of all the injustices being done and of the constant state of insecurity in which they live. They're ready to take some stand against everything that's against them. Now, when this group hears Mr. Muhammad's teachings, they are the ones who come forth faster and identify themselves, and take immediate steps toward trying to bring into existence what Mr. Muhammad advocates.

At the bottom of the social heap is the black man in the big-city ghetto. He lives night and day with the rats and cockroaches and drowns himself with alcohol and anesthetizes himself with dope, to try and forget where and what he is. That Negro has given up all hope. He's the hardest one for us to reach, because he's the deepest in the mud. But when you get him, you've got the best kind of Muslim. Because he makes the most drastic change. He's the most fearless. He will stand the longest. He has nothing to lose, even his life, because he didn't have that in the first place. I look upon myself, sir, as a prime example of this category—and as graphic an example as you could find of the salvation of the black man.

Haley: Could you give us a brief review of the early life that led to your own "salvation"?

Malcolm X: Gladly. I was born in Omaha on May 19, 1925. My light color is the result of my mother's mother having been raped by a white man. I hate every drop of white blood in me. Before I am indicted for hate again, sir—is it wrong to hate the blood of a rapist? But to continue: My father was a militant follower of Marcus Garvey's "Back to Africa" movement. The Lansing, Michigan, equivalent of the Ku Klux Klan warned him to stop preaching Garvey's message, but he kept on and one of my earliest memories is of being snatched awake one night with a lot of screaming going on because our home was afire. But my father got louder about Garvey, and the next time he was found bludgeoned in the head, lying across streetcar tracks. He died soon and our family was in a bad way. We were so hungry we were dizzy and we had nowhere to turn. Finally the authorities came in and we children were scattered about in different places as public wards. I happened to become the ward of a white couple who ran a correctional school for white boys. This family liked me in the way they liked their house pets. They got me enrolled in an all-white school. I was popular, I played sports and everything, and studied hard, and I stayed at the head of my class through the eighth grade. That summer I was 14, but I was big enough and looked old enough to get away with telling a lie that I was 21, so I got a job working in the dining car of a train that ran between Boston and New York City. On my layovers in New York, I'd go to Harlem. That's where I saw in the bars all these men and women with what looked like the easiest life in the world. Plenty of money, big cars, all of it. I could tell they were in the rackets and vice. I hung around those bars whenever I came in town, and I kept my ears and eyes open and my mouth shut. And they kept their eyes on me, too. Finally, one day a numbers man told me that he needed a runner, and I

never caught the night train back to Boston. Right there was when I started my life in crime. I was in all of it that the white police and the gangsters left open to the black criminal, sir. I was in numbers, bootleg liquor, “hot” goods, women. I sold the bodies of black women to white men, and white women to black men. I was in dope, I was in everything evil you could name. The only thing I could say good for myself, sir, was that I did not indulge in hitting anybody over the head.

Haley: By the time you were 16, according to the record, you had several men working for you in these various enterprises. Right?

Malcolm X: Yes, sir. I turned the things I mentioned to you over to them.

And I had a good working system of paying off policemen. It was here that

I learned that vice and crime can only exist, at least the kind and level that I was in, to the degree that the police cooperate with it. I had several men working and I was a steerer myself. I steered white people with money from downtown to whatever kind of sin they wanted in Harlem. I didn’t care what they wanted, I knew where to take them to it. And I tell you what I noticed here—that my best customers always were the officials, the top police people, businessmen, politicians and clergymen. I never forgot that. I met all levels of these white people, supplied them with everything they wanted, and I saw that they were just a filthy race of devils. But despite the fact that my own father was murdered by whites, and I had seen my people all my life brutalized by whites, I was still blind enough to mix with them and socialize with them. I thought they were gods and goddesses— until Mr. Muhammad’s powerful spiritual message opened my eyes and enabled me to see them as a race of devils. Nothing had made me see the white man as he is until one word from the Honorable Elijah Muhammad opened my eyes overnight.

Haley: When did this happen?

Malcolm X: In prison. I was finally caught and spent 77 months in three different prisons. But it was the greatest thing that ever happened to me, because it was in prison that I first heard the teachings of the Honorable Elijah Muhammad. His teachings were what turned me around. The first time I heard the Honorable Elijah Muhammad’s statement, “The white man is the devil,” it just clicked. I am a good example of why Islam is spreading so rapidly across the land. I was nothing but another convict, a semi-illiterate criminal. Mr. Muhammad’s teachings were able to reach into prison, which is the level where people are considered to have fallen as low as they can go. His teachings brought me from behind prison walls and placed me on the podiums of some of the leading colleges and universities in the country. I often think, sir, that in 1946, I was sentenced to 8 to 10 years in Cambridge, Massachusetts, as a common thief who had never passed the eighth grade. And the next time I went back to Cambridge was in March 1961, as a guest speaker at the Harvard Law School Forum. This is the best example of Mr. Muhammad’s ability to take nothing and make something, to take nobody and make somebody.

Haley: Your rise to prominence in the Muslim organization has been so swift that a number of your own membership have hailed you as their articulate exemplar, and many anti-Muslims regard you as the real brains and power of the movement. What is your reaction to this sudden eminence?

Malcolm X: Sir, it’s heresy to imply that I am in any way whatever even equal to Mr. Muhammad. No man on earth today is his equal. Whatever I am that is good, it is through what I have been taught by Mr. Muhammad.

Haley: Be that as it may, the time is near when your leader, who is 65, will have to retire from leadership of the Muslim movement. Many observers predict that when this day comes, the new Messenger of Allah in America—a role which you have called the most powerful of any black man in the world—will be Malcolm X. How do you feel about this prospect?

Malcolm X: Sir, I can only say that God chose Mr. Muhammad as his

Messenger, and Mr. Muhammad chose me and many others to help him. Only God has the say-so. But I will tell you one thing. I frankly don't believe that I or anyone else am worthy to succeed Mr. Muhammad. No one preceded him. I don't think I could make the sacrifice he has made, or set his good example. He has done more than lay down his life. But his work is already done with the seed he has planted among black people. If Mr. Muhammad and every identifiable follower he has, certainly including myself, were tomorrow removed from the scene by more of the white man's brutality, there is one thing to be sure of: Mr. Muhammad's teachings of the naked truth have fallen upon fertile soil among 20,000,000 black men here in this wilderness of North America.

Haley: Has the soil, in your opinion, been as fertile for Mr. Muhammad's teachings elsewhere in the world—among the emerging nations of black Africa, for instance?

Malcolm X: I think not only that his teachings have had considerable impact even in Africa but that the Honorable Elijah Muhammad has had a greater impact on the world than the rise of the African nations. I say this as objectively as I can, being a Muslim. Even the Christian missionaries are conceding that in black Africa, for every Christian conversion, there are two Muslim conversions.

Haley: Might conversions be even more numerous if it weren't for the somewhat strained relations which are said by several Negro writers to exist between the black people of Africa and America?

Malcolm X: Perhaps. You see, the American black man sees the African come here and live where the American black man can't. The Negro sees the African come here with a sheet on and go places where the Negro—dressed like a white man, talking like a white man, sometimes as wealthy as the white man—can't go. When I'm traveling around the country, I use my real Muslim name, Malik Shabazz. I make my hotel reservations under that name, and I always see the same thing I've just been telling you. I come to the desk and always see that "here-comes-a-Negro" look. It's kind of a reserved, coldly tolerant cordiality. But when I say "Malik Shabazz," their whole attitude changes: they snap to respect. They think I'm an African. People say what's in a name? There's a whole lot in a name. The American black man is seeing the African respected as a human being. The African gets respect because he has an identity and cultural roots. But most of all because the African owns some land. For these reasons he has his human rights recognized, and that makes his civil rights automatic.

Haley: Do you feel this is true of Negro civil and human rights in South Africa, where the doctrine of apartheid is enforced by the government of Prime Minister Verwoerd?

Malcolm X: They don't stand for anything different in South Africa than America stands for. The only difference is over there they preach as well as practice apartheid. America preaches freedom and practices slavery. America preaches integration and practices segregation. Verwoerd is an honest white man. So are the Barnetts, Faubuses, Eastlands and Rockwells.

They want to keep all white people white. And we want to keep all black people black. As between the racists and the integrationists, I highly prefer the racists. I'd rather walk among rattlesnakes, whose constant rattle warns me where they are, than among those Northern snakes who grin-and make you forget you're still in a snake pit. Any white man is against blacks. The entire American economy is based on white supremacy. Even the religious philosophy is, in essence, white supremacy. A white Jesus. A white Virgin. White angels. White everything. But a black Devil, of course. The "Uncle Sam" political foundation is based on white supremacy, relegating nonwhites to second-class citizenship. It goes without saying that the social philosophy is strictly white supremacist. And the educational system perpetuates white supremacy.

Haley: Are you contradicting yourself by denouncing white supremacy while praising its practitioners, since you admit that you share their goal of separation?

Malcolm X: The fact that I prefer the candor of the Southern segregationist to the hypocrisy of the Northern integrationist doesn't alter the basic immorality of white supremacy. A devil is still a devil

whether he wears a bed sheet or a Brooks Brothers suit. The Honorable Elijah Muhammad teaches separation simply because any forcible attempt to integrate America completely would result in another Civil War, a catastrophic explosion among whites which would destroy America—and still not solve the problem. But Mr. Muhammad's solution of separate black and white would solve the problem neatly for both the white and black man, and America would be saved. Then the whole world would give Uncle Sam credit for being something other than a hypocrite.

Haley: Do you feel that the Administration's successful stand on the integration of James Meredith into the University of Mississippi has demonstrated that the Government—far from being hypocritical—is sympathetic with the Negro's aspirations for equality?

Malcolm X: What was accomplished? It took 15,000 troops to put Meredith in the University of Mississippi. Those troops and \$3,000,000—that's what was spent—to get one Negro in. That \$3,000,000 could have been used much more wisely by the Federal Government to elevate the living standards of all the Negroes in Mississippi.

Haley: It is a matter of record that President Kennedy, in the face of Southern opposition, championed the appointment of Dr. Robert Weaver as the first Negro Cabinet member. Does this indicate to you, as it does to many Negro leaders, that the Administration is determined to battle the forces of white supremacy?

Malcolm X: Kennedy doesn't have to fight; he's the President. He didn't have any fight replacing Ribicoff with Celebrezze. He didn't have any trouble putting Goldberg on the Supreme Court. He hasn't had any trouble getting anybody in but Weaver and Thurgood Marshall. He wasn't worried about Congressional objection when he challenged U.S. Steel. He wasn't worried about either Congressional reaction or Russian reaction or even world reaction when he blockaded Cuba. But when it comes to the rights of the Negro, who helped to put him in office, then he's afraid of little pockets of white resistance.

Haley: Has any American President, in your opinion—Lincoln, FDR, Truman, Eisenhower, Kennedy—accomplished anything worthwhile for the Negro?

Malcolm X: None of them have ever done anything for Negroes. All of them have tricked the Negro, and made false promises to him at election times which they never fulfilled. Lincoln's concern wasn't freedom for the blacks but to save the Union.

Haley: Wasn't the Civil War fought to decide whether this nation could, in the words of Lincoln, "endure permanently half slave and half free"?

Malcolm X: Sir, many, many people are completely misinformed about

Lincoln and the Negro. That war involved two thieves, the North and the South, fighting over the spoils. The further we get away from the actual incident, the more they are trying to make it sound as though the battle was over the black man. Lincoln said that if he could save the Union without freeing the slaves, he would. But after two years of killing and carnage he found out he would have to free the slaves. He wasn't interested in the slaves but in the Union. As for the Emancipation Proclamation, sir, it was an empty document. If it freed the slaves, why, a century later, are we still battling for civil rights?

Haley: Despite the fact that the goal of racial equality is not yet realized, many sociologists—and a number of Negro commentators—agree that no minority group on earth has made as much social, civil and economic progress as the American Negro in the past 100 years. What is your reaction to this view?

Malcolm X: Sir, I hear that everywhere almost exactly as you state it. This is one of the biggest myths that the American black man himself believes in. Every immigrant ethnic group that has come to this country is now a genuinely first-class citizen group—every one of them but the black man, who was here when they came. While everybody else is sharing the fruit, the black man is just now starting to be

thrown some seeds. It is our hope that through the Honorable Elijah Muhammad, we will at last get the soil to plant the seeds in. You talk about the progress of the Negro—I'll tell you, mister, it's just because the Negro has been in America while America has gone forward that the Negro appears to have gone forward. The Negro is like a man on a luxury commuter train doing 90 miles an hour. He looks out of the window, along with all the white passengers in their Pullman chairs, and he thinks he's doing 90, too. Then he gets to the men's room and looks in the mirror—and he sees he's not really getting anywhere at all. His reflection shows a black man standing there in the white uniform of a dining-car steward. He may get on the 5:10, all right, but he sure won't be getting off at Westport.

Haley: Is there anything then, in your opinion that could be done—by either whites or blacks—to expedite the social and economic progress of the Negro in America?

Malcolm X: First of all, the white man must finally realize that he's the one who has committed the crimes that have produced the miserable condition that our people are in. He can't hide this guilt by reviling us today because we answer his criminal acts—past and present—with extreme and uncompromising resentment. He cannot hide his guilt by accusing us, his victims, of being racists, extremists and black supremacists. The white man must realize that the sins of the fathers are about to be visited upon the heads of the children who have continued those sins, only in more sophisticated ways. Mr. Elijah Muhammad is warning this generation of white people that they, too, are also facing a time of harvest in which they will have to pay for the crime committed when their grandfathers made slaves out of us. But there is something the white man can do to avert this fate. He must atone—and this can only be done by allowing black men, those who choose, to leave this land of bondage and go to a land of our own. But if he doesn't want a mass movement of our people away from this house of bondage, then he should separate this country. He should give us several states here on American soil, where those of us who wish to can go and set up our own government, our own economic system, our own civilization. Since we have given over 300 years of our slave labor to the white man's America, helped to build it up for him, it's only right that white America should give us everything we need in finance and materials for the next 25 years, until our own nation is able to stand on its feet. Then, if the Western Hemisphere is attacked by outside enemies, we would have both the capability and the motivation to join in defending the hemisphere, in which we would then have a sovereign stake. The Honorable Elijah Muhammad says that the black man has served under the rule of all the other peoples of the earth at one time or another in the past. He teaches that it is now God's intention to put the black man back at the top of civilization, where he was in the beginning—before Adam, the white man, was created. The world since Adam has been white—and corrupt. The world of tomorrow will be black—and righteous. In the white world there has been nothing but slavery, suffering, death and colonialism. In the black world of tomorrow, there will be true freedom, justice and equality for all.

And that day is coming—sooner than you think.

The Black Revolution (June 1963)

Dr. Powell, distinguished guests, brothers and sisters, friends, and even our enemies. As a follower and minister of the Honorable Elijah Muhammad, who is the Messenger of Allah to the American so-called Negro, I am very happy to accept Dr. Powell's invitation to be here this evening at the Abyssinian Baptist Church and to express or at least to try to represent the Honorable Elijah Muhammad's views on this most timely topic, The Black Revolution.

First, however, there are some questions we have to put to you. Since the black masses here in America are now in open revolt against the American system of segregation, will these same black masses turn toward integration or will they turn toward complete separation? Will these awakened black masses demand integration into the white society that enslaved them or will they demand complete separation from that cruel white society that has enslaved them? Will the exploited and oppressed black masses

seek integration with their white exploiters and white oppressors or will these awakened black masses truly revolt and separate themselves completely from this wicked race that has enslaved us?

These are just some quick questions that I think will provoke some thoughts in your minds and my mind. How can the so-called Negroes who call themselves enlightened leaders expect the poor black sheep to integrate into a society of bloodthirsty white wolves, white wolves who have already been sucking on our blood for over four hundred years here in America? Or will these black sheep also revolt against the “false shepherd,” the handpicked Uncle Tom Negro leader, and seek complete separation so that we can escape from the den of the wolves rather than be integrated with wolves in this wolves’ den? And since we are in church and most of us here profess to believe in God, there is another question: When the “good shepherd” comes will he integrate his long-lost sheep with white wolves? According to the Bible when God comes he won’t even let his sheep integrate with goats. And if his sheep can’t be safely integrated with goats they certainly aren’t safe integrated with wolves.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that no people on earth fit the Bible’s symbolic picture about the Lost Sheep more so than America’s twenty million so-called Negroes and there has never in history been a more vicious and blood-thirsty wolf than the American white man. He teaches us that for four hundred years America has been nothing but a wolves den for twenty million so-called Negroes, twenty million second-class citizens, and this black revolution that is developing against the white wolf today is developing because the Honorable Elijah Muhammad, a God-sent shepherd, has opened the eyes of our people. And the black masses can now see that we have all been here in this white doghouse long, too long. The black masses don’t want segregation nor do we want integration. What we want is complete separation. In short, we don’t want to be integrated with the white man, we want to be separated from the white man. And now our religious leader and teacher, the Honorable Elijah Muhammad, teaches us that this is the only intelligent and lasting solution to the present race problem. In order to fully understand why the Muslim followers of the Honorable Elijah Muhammad actually reject hypocritical promises of integration it must first be understood by every one that we are a religious group, and as a religious group we can in no way be equated or compared to the nonreligious civil rights groups.

We are Muslims because we believe in Allah. We are Muslims because we practice the religion of Islam. The Honorable Elijah Muhammad teaches us that there is but one God, the creator and sustainer of the entire universe, the all-wise, all-powerful Supreme Being. The great God whose proper name is Allah. The Honorable Elijah Muhammad also teaches us that Islam is an Arabic word that means “complete submission to the will of Allah, or obedience to the God of truth, God of peace, the God of righteousness, the God whose proper name is Allah.” And he teaches us that the word Muslim is used to describe one who submits to God, one who obeys God. In other words a Muslim is one who strives to live a life of righteousness. You may ask what does the religion of Islam have to do with American so-called Negro’s changing attitude toward himself, toward the white man, toward segregation, toward integration, and toward separation, and what part will this religion of Islam play in the current black revolution that is sweeping the American continent today? The Honorable Elijah Muhammad teaches us that Islam is the religion of naked truth, undressed truth, truth that is not dressed up, and he says that truth is the only thing that will truly set our people free.

Truth will open our eyes and enable us to see the white wolf as he really is.

Truth will stand us on our own feet. Truth will make us walk for ourselves instead of leaning on others who mean our people no good. Truth not only shows us who our real enemy is, truth also gives us the strength and the know-how to separate ourselves from that enemy. Only a blind man will walk into the open embrace of his enemy, and only a blind people, a people who are blind to the truth about their enemies, will seek to embrace or integrate with that enemy. Why, Jesus himself prophesied: You shall know the truth and it shall make you free.

Beloved brothers and sisters, Jesus never said that Abraham Lincoln would make us free. He never said that the Congress would make us free. He never said that the Senate or Supreme Court or John Kennedy

would make us free. Jesus two thousand years ago looked down the wheel of time and saw your and my plight here today and he knew the tricky high court, Supreme Court, desegregation decisions would only lull you into a deeper sleep, and the tricky promises of the hypocritical politicians on civil rights legislation would only be designed to advance you and me from ancient slavery to modern slavery. But Jesus did prophesy that when Elijah comes in the spirit and power of truth he said that Elijah would teach you the truth. Elijah would guide you with truth and Elijah would protect you with truth and make you free indeed. And brothers and sister, that Elijah, the one whom Jesus has said was to come, has come and is in America today in the person of the Honorable Elijah Muhammad.

This Elijah, the one whom they said was to come and who has come, teaches those of who are Muslims that our white slave masters have always known the truth and they have always known that truth alone would set us free. Therefore this same American white man kept the truth hidden from our people. He kept us in the darkness of ignorance. He made us spiritually blind by depriving us of the light of truth. During the four hundred years that we have spent confined to the darkness of ignorance here in this land of bondage, our American enslavers have given us an overdose of their own white-controlled Christian religion, but have kept all other religions hidden from us, especially the religion of Islam. And for this reason, Almighty God Allah, the God of our forefathers, has raised the Honorable Elijah

Muhammad from the midst of our downtrodden people here in America. And this same God has missioned the Honorable Elijah Muhammad to spread the naked truth to America's twenty million so-called Negroes, and the truth alone will make you and me free.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that there is but one God whose proper name is Allah, and one religion, the religion of Islam, and that this one God will not rest until he has used his religion to establish one world—a universal, one-world brotherhood. But in order to set up his righteous world God must first bring down this wicked white world. The black revolution against the injustices of the white world is all part of God's divine plan. God must destroy the world of slavery and evil in order to establish a world based upon freedom, justice, and equality. The followers of the Honorable Elijah Muhammad religiously believe that we are living at the end of this wicked world, the world of colonialism, the world of slavery, the end of the Western world, the white world or the Christian world, or the end of the wicked white man's Western world of Christianity.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that the symbolic stories in all religious scriptures paint a prophetic picture of today. He says that the Egyptian House of Bondage was only a prophetic picture of America. Mighty Babylon was only a prophetic picture of America. The wicked cities of Sodom and Gomorrah painted only a prophetic picture of America. No one here in this church tonight can deny that America is the mightiest government on earth today, the mightiest, the richest, and the wickedest. And no one in this church tonight dare deny that America's wealth and power stemmed from 310 years of slave labor contributed from the American so-called Negro.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that these same so-called American Negroes are God's long-lost people who are symbolically described in the Bible as the Lost Sheep or the Lost Tribe of Israel. We who are Muslims believe in God, we believe in His scriptures, we believe in prophecy. Nowhere in the scriptures did God ever integrate His enslaved people with their slave masters. God always separates his oppressed people from their oppressor and then destroys the oppressor. God has never deviated from his divine pattern in the past and the Honorable Elijah Muhammad says that God will not deviate from that divine pattern today. Just as God destroyed the enslavers in the past, God is going to destroy this wicked white enslaver of our people here in America.

God wants us to separate ourselves from this wicked white race here in America because this American House of Bondage is number one on God's list for divine destruction today. I repeat: This American House of Bondage is number one on God's list for divine destruction today. He warns us to remember Noah never taught integration, Noah taught separation; Moses never taught integration, Moses taught separation. The innocent must always be given a chance to separate themselves from the guilty before the guilty are executed. No one is more innocent than the poor, blind American so-called Negro who

has been led astray by blind Negro leaders, and no one on earth is more guilty than the blue-eyed white man who has used his control and influence over the Negro leader to lead the rest of our people astray.

Beloved brothers and sisters here, a beautiful church, here at the Abyssinian Baptist Church in Harlem, because of America's evil deeds against the so-called Negroes, like Egypt and Babylon before her, America herself now stands before the bar of justice. America herself is now facing her day of judgement, and she can't escape because God Himself is the judge. If America can't atone for the crimes she has committed against the twenty million so-called Negroes, if she can't undo the evils that she has brutally and mercilessly heaped upon our people these past four hundred years, the Honorable Elijah Muhammad says that America has signed her own doom. And you, our people, would be foolish to accept her deceitful offers of integration at this late date into her doomed society.

Can America escape? Can America atone? And if so how can she atone for these crimes? In my conclusion I must point out that the Honorable Elijah Muhammad says a desegregated theater, a desegregated lunch counter won't solve our problem. Better jobs won't even solve our problems. An integrated cup of coffee isn't sufficient pay for four hundred years of slave labor. He also says that a better job, a better job in the white man's factory, or a better job in the white man's business, or a better job in the white man's industry or economy is, at best, only a temporary solution. He says that the only lasting and permanent solution is complete separation on some land that we can call our own. Therefore, the Honorable Elijah Muhammad says that this problem can be solved and solved forever just by sending our people back to our own homeland or back to our own people, but that this government should provide the transportation plus everything else we need to get started again in our own country. This government should give us everything we need in the form of machinery, material, and finance, enough to last for twenty to twenty-five years until we can become an independent people and an independent nation in our own land. He says that if the American government is afraid to send us back to our own country and to our own people, then America should set aside some separated territory right here in the Western hemisphere where the two races can live apart from each other, since we certainly don't get along peacefully while we are together.

The Honorable Elijah Muhammad says that the size of the territory can be judged according to our population. If a seventh of the population of this country is black, then give us a seventh of the territory, a seventh part of the county. And that is not asking too much because we already worked for the man for four hundred years.

He says it must not be in the desert, but where there is plenty of rain and much mineral wealth. We want fertile, productive land on which we can farm and provide our own people with food, clothing, and shelter. He says that this government should supply us on that territory with the machinery and other tools needed to dig into the earth. Give us everything we need for twenty to twenty-five years until we can produce and supply our own needs.

And in my conclusion I repeat: We want no part of integration with this wicked race of devils. But he also says we should not be expected to leave America empty-handed. After four hundred years of slave labor, we have some back pay coming. A bill that is owed to us and must be collected. If the government of America truly repents of its sins against our people and atones by giving us our true share of the land and the wealth, then America can save herself. But if America waits for God to step in and force her to make a just settlement, God will take this entire continent away from the white man. And the Bible says that God can then give the kingdom to whomsoever he pleases. I thank you.

The Old Negro and the New Negro (September, 1963)

Malcolm X: With regard to The Saturday Evening Post article, it's just about what you would expect from a nationally circulated magazine that is writing about a group of black people not under the influence or control of the white man. To me the magazine article was, by and large, a great deal of

propaganda. The very fact that it is named “Merchants of Hate” gives a clue to the purpose or objective that the people who were responsible for the article had in mind. I think that the white man has a great deal of nerve to refer to any black people as merchants of hate in the face of the hell that black people have caught in this country at the hands of the white man, even at a time when the whites are admitting that they have brutalized black people for four hundred years. They kidnapped us and brought us here; they deprived us of our rights; they made us slaves; they sold our people from one plantation to another, from one auction block to another. And even right now, 1963, they have to confess they are still depriving the black people here in America, not only of civil rights, but even of human rights. And behind all of this mistreatment and abuse that whites have inflicted upon the black people in this country, again I say, I think that a white man in a magazine published by white people has a whole lot of nerve charging black people with teaching some kind of hate about them. If black people in this country behind the deeds they have experienced at the hands of the white man don’t hate him because of what they have wasting his time trying to teach someone hate behind that. The Honorable Elijah Muhammad doesn’t teach hate, he teaches black people to love each other.

Moderator: Was there anything in that article, Malcolm X, relative to the Muslims that was true?

Malcolm X: There could have been. I think when it says that the Honorable Elijah Muhammad teaches us to reform ourselves of the vices and evils of this society, drunkenness, dope addiction, how to work and provide a living for our family, take care of our children and our wives—when it pointed out these aspects it was speaking truth, but this is a thing that black people have to guard against. Oftentimes a propagandist who is shrewd will tell just enough truth to make you believe that he is being objective and to get you to listen and then he starts injecting the negative side, and this is where we become resentful.

Moderator: They did make some mention in the article, however, of the growing strength of the Black Muslims.

Malcolm X: Not because they wanted to but because they had to. I think the white man has to face the fact that black people in this country are tired of sitting around waiting for the white man to make up his mind that we are human beings. Therefore, the type of so-called Negro leadership that represents this hat-in-hand, patient, wait-another-hundred-years approach, that type of leadership is losing its grip on the mind of the masses of people. So when a man like the Honorable Elijah Muhammad steps forth in the midst of the so-called Negroes and calls it just like it is, and shows the black people that we don’t have to compromise with the white man because we are right—right is on our side—and when right is on your side, and when what a man is doing to you is wrong, you don’t have to sit around and give him another hundred years to get his house in order. It is this type of approach that the Honorable Elijah Muhammad is using that makes the masses of black people see that he is the man for them. And it is also helping his growth.

Moderator: Mention was made in the article of the business prospects, of progress made by the Muslims, and in so doing accusations were made in the article that most of the businesses of the Black Muslims are very small neighborhood businesses. Is that true?

Malcolm X: Well, sir, when the white man himself was starting out his businesses in this country they all started out as neighborhood businesses. Woolworth started out with one store and over the years he has developed a chain into a tremendous economic enterprise. Sears, Roebuck—all of your big chain businesses or your industries that the white man has today were started as small businesses. Any business that you can point out started out small, and this is where the Negro has made his mistake. He wants to start out right now exactly as the white man is. He doesn’t realize that you have to start out small and develop into that which you ultimately will become. And the Honorable Elijah Muhammad has actually showed his business ingenuity by showing how to start out small and develop our businesses—make them grow—and then our business ability grows right along with that business. And there is nothing wrong with that. And also that article did point out the fact that most of the businesses aren’t owned by the Nation of Islam or the Muslim group per se, but rather most of the businesses are

owned by the individual Muslims, and this is true. The Honorable Elijah Muhammad encourages every so-called Negro that respects the religion of Islam to stand on his own two feet and start doing something for himself. So the money that we used to throw away when we were Christians—nightclubbing and drinking and smoking and participating in these other acts of immorality—the money that we save when we become Muslims—we channel it into these small business enterprises and try to develop them to where they can provide some job opportunities for the rest of our people. And I can cite a good example in New York where we have one particular brother who, when he was a Christian, was a drunkard. He was a mechanic. He used to work for the white man. And when he came to Muhammad's Mosque in New York he immediately stopped drinking and he started saving his money and he opened up a little two-by-four, or two-bit, garage in a store on 115th Street, and within three or four years he had saved up enough money to buy himself a home on Long Island plus expand his small business into a five-story garage, where he now employs fifty or so persons. Which means he is now in a position to create employment for Negroes. And he has done this only since becoming a Muslim. He is only an example of what the Honorable Elijah Muhammad has taught black men to do across the country. Instead of begging the white man for what he has, he says we should get together and start doing something for ourselves. As long as a lot of these Negroes want to continue to beg from the white man and sit around and wait for the crumbs to fall from the white man's table, they don't like what Mr. Muhammad is forcing them to do: stand on their own two feet. So they slip up to the white man and whisper in his ear and make the white man think—the gullible white man think—that the Honorable Elijah Muhammad is teaching hate and trying to develop some kind of an army to overthrow the white man. And as long as the white man listens to that type of Negro he will end up overthrowing himself.

Moderator: Malcolm, I understand that you were at the Irvine Auditorium at the University of Pennsylvania today as a guest of the youth chapter of the NAACP and the report that I received was that you had better than three thousand people out there, with a number of people standing outside who were not able to gain entrance. Is that true?

Malcolm X: That is correct.

Moderator: I am wondering what your subject was and I what you talked about out there.

Malcolm X: Well, before I tell you the subject I want to comment on that crowd. You'll find that this is a pattern that we run into across the country. Wherever a Muslim makes an appearance and gives a lecture, no matter what type of crowd comes out, even a capacity crowd, very seldom will you read too much about it in the press. Very seldom will you get any indication from the press that the people in that city or in that community or in that college or in that university are showing any genuine interest in what the Muslim has to say. But when an integrationist like King or someone else comes into the city, if he talks to five people this will be blown up in the press and it will be made to appear that this is the man who represents the black masses, and that all of the black masses endorse the type of peaceful-suffering, hat-in-hand, tongue-in-cheek doctrine that is usually displayed on those occasions. So basically one of the reasons why you never hear too much about occasions like this is because of that fact. Now, my subject today dealt with primarily two different Negroes: the old Negro and the new Negro.

Moderator: Will you tell us something about it?

Malcolm X: I will. This is the thing that whites need to be made aware of, that there is an old Negro and a new Negro. The old Negro is the one that the white man is familiar with. The new Negro is the one that has resulted from the teachings of the Honorable Elijah Muhammad, and the whites in this country are not too familiar with this type. Back in slavery they also had two types, and to understand the types today you have to understand the two types that existed during slavery. During slavery, historians agree, there were what were known as the house Negro and the field Negro. The house Negro was the one who lived in the master's house, ate the master's food, at the master's table usually—after the master had finished with it. He dressed like the master, which means he wore the same type of clothing that the

master did, but usually it was clothing handed down to him by the master. He identified the master's house as his own. If the master said, "We have a fine house here," the house Negro would say, "Yes, our house is a fine house." Whenever the master said, "We," he said, "We." If the master said, "We have good food on our table," the house Negro would chime in and say, "Yes, we have plenty of food, boss, on our table." The house Negro would also identify himself so closely with his master that when the master was sick the house Negro would say, "What's the matter, boss, we's sick?" When the master was sick he was sick. If the master's house caught on fire the house Negro would fight harder to put the flames out or keep the flames from enveloping the master's house than the master would himself. If someone were to come to the...

Moderator: He would naturally say, "We's sick," because the master was sick?

Malcolm X: Oh yes, he would say, "We's sick" or "We's in trouble." If the master was in trouble, he would say, "Boss, we is sure in trouble."

Moderator: Well, I can understand where he might be in trouble if the master was in trouble, but I can't understand how he could be sick if the master was sick!

Malcolm X: Oh, yes. This type of Negro loved the master so much—he never felt pain for himself; he only was in pain when his master was in pain. And this is very important to understand because you cannot understand the present-day twentieth century house Negro or twentieth century Uncle Tom until you have a real understanding of the Uncle Tom who lived on the plantation before the Emancipation Proclamation. And that type of Negro never identified himself with the other slaves. He always thought he was above the field Negroes. The field Negroes were the masses. The house Negroes were the minority whereas the field Negroes were in the majority.

Now, sir, if someone came to that house Negro and said, "Let's separate, let's run," the house Negro would look at that person like he was crazy and tell him, "Run where? How would I live, how would I sleep if I leave my master's house? How would I eat if my master didn't feed me? How would I clothe myself if my master wasn't here to give me some clothes?" Well, that's the house Negro. Now you have the other type of Negro—the field Negro. The field Negro was the one who really caught hell. He was the one who was dissatisfied. He was the one who was oppressed. He was the one who was downtrodden and exploited most. He was the one who felt the brunt of the master's whip, the lash of the master's whip—and he hated his master. If his master got sick, he didn't say, "Are we sick?" He prayed that his master would die. If his master's house caught on fire he prayed for a strong wind to come up and burn the plantation down. He never identified himself with his master in any way whatsoever. And if someone came to that Negro, that field Negro, that mass element, and said, "Let's go, let's separate, let's leave the master and strike out on our own," he wouldn't even ask where. He would leave. He wouldn't even ask you how. He would leave. He wouldn't ask you any questions at all. As soon as you said, "Come on, let's go," he'd be gone.

Now just as you have the house Negro and the field Negro a hundred years ago, in America today you have a house Negro and a field Negro. You have the modern counterpart of that slavery-time Uncle Tom, only the one today is a twentieth century Uncle Tom. He doesn't wear a handkerchief around his head, sir. He wears a top hat. He speaks with a Harvard accent or a Howard accent. Sometimes he is a lawyer or a judge or a doctor or he is an ambassador to the UN. He represents the government in all the international conferences. He runs to the Congo and tries to settle differences there, but he can't go to Mississippi and settle differences that his own people are confronted with in the face of these Mississippi southerners.

This is the twentieth-century house Negro. He wants to live with his master. He wants to force his way into his master's neighborhood. He wants to force his way into his master's schools. He wants to force his way into his master's industry. He identifies himself with his master so much that when his master says, "Our society," he says, "Yes boss, our society." When his master says, "Our army, our armed forces," or "Our astronauts are floating around the earth," he says, "Yes." Now here is a Negro, mind

you, talking about his astronauts floating around in space someplace or talking about his industry out here called General Motors or talking about his mayor in City Hall or his President in the White House. Every time the white man says, "We" that type of Negro says, "Yes, we." Now when he hears the white man say how rich we are, that Negro runs around talking about how rich we are, how enlightened we are, how educated we are, or this is the free world or this is a free country, and at the same time he is begging the white man for civil rights and integration and all that kind of stuff he doesn't have. He is a twentieth century Uncle Tom. He is a house Negro. He is no different from that house Negro during slavery other than that he is living in the twentieth century. But he identifies himself with the white man. He is never sick until the white man is sick. If you attack the white man, that Negro will open up his mouth to defend the white man better than the white man can defend himself.

Now then, you have the masses of black people in this country who are the offshoot of the field Negro, during slavery. They are the masses. They are the ones who are jobless. They are the last hired and the first fired. They are the ones who are forced to live in the ghetto and the slum. They are the ones who are not allowed to integrate. They are not the handpicked Negroes who benefit from token integration. They are not the bourgeoisie who get the crumbs that fall from the white man's table. They are not the ones who can slip into the White House or these big hotels when the doors are opened up. These are the ones who still are forced to live in the ghetto or forced to live in the slum or forced to get a third-rate education or forced to work in the worst form of job. They benefit in no way, shape, or form whatsoever from this thing that is called democracy. And that type of Negro—when you come to him—field Negro, this mass level type of so-called Negro—and tell him, "Let's separate," he doesn't ask you anything about "Where shall we go?" He doesn't question Mr. Muhammad's method of bringing about separation. He just says, "OK, let's separate. We are catching hell in this system we are in now. Let's separate." He has the same reaction to what the Honorable Elijah Muhammad is teaching today that the field Negroes would have if a man came during slavery and told those slaves, "Come on, let's go."

This was emphasized at the University of Pennsylvania today, to make the white people see that they are dealing with two different types of Negro. This integrationist Negro is the one who doesn't want to be black—he is ashamed to be black—and he knows that he can't be white. So, he calls himself a Negro—an American Negro—which means he is neither black nor white. He doesn't want to be black and can't be white, so he is called a Negro. And since he is living in this American society, he is always seeking a role for himself on the American stage. And since he knows that America is a white country and all of the economy, the politics, the civic life of America is controlled by the white man—the whole stage is controlled by the white man—whenever he sees himself on the American stage, he sees himself as a minority in the company of a white majority. So, he is the underdog, and as an underdog he regards himself as a minority. He adopts the beggar role—the role of a beggar. And for everything that type of Negro seeks for himself he takes a begging attitude, a condescending attitude. So also, sir, he never looks at himself on the world stage. Usually his knowledge is limited to right here, to America, and he thinks of himself as an American in the American context which always keeps him in the role of a minority. But now when it comes to the international stage, he can't see it. He is not interested in a role on the international stage. He only wants a minority role in America.

But there is another type of Negro on the scene. This type doesn't call himself a Negro. He calls himself a black man. He doesn't make any apology for his black skin. He doesn't make any apology for being in America because he knows he was brought here forcibly by the white man. It's the white man's fault that he is here. It's the white man who created the problem here in America that they call a race problem. This type of black man sees that. So he doesn't apologize for being here; he doesn't apologize for the problem that his presence confronts the white man with. He doesn't walk around bragging that he is an American or that he wants to be a part of the American society. This particular type of black man has been exposed to the teachings of the Honorable Elijah Muhammad, and having been exposed to the teachings of the Honorable Elijah Muhammad his thinking is international. He sees the world. He doesn't see America. He sees the entire world. And when he sees the world he sees that the majority of people on this earth are dark people and these dark people outnumber the whites. So he doesn't think of himself as a minority, but he thinks of himself as part of this vast dark majority who outnumber the

whites, and therefore he doesn't have to beg the white man for anything. He takes his role on the international stage and that's not the role of a beggar, that's the role that he was automatically born for.

While I was at the University of Pennsylvania this afternoon, or this evening, I was trying to point out to them, to make them see the importance of recognizing the fact that there are two different types of Negroes in America today, and as long as they try and do business, we might say, only with this integrationist-type Negro, the problem can never be solved. We should take into consideration the fact that the Attorney General, Robert Kennedy, repeatedly, recently, has been pointing out that America's number one problem, domestic problem, is the race problem, and that failure to solve this problem is destroying America's image among the dark masses of Africa, Asia, and Latin America. Also, failure to solve this problem has serious repercussions on the American economy, as well as upon America's foreign policy. Even a recent speech by the governor of North Carolina lends added emphasis to the importance of solving this serious race problem. North Carolina is a state where the so-called Negro has been brutalized from the time he was brought there, and even the governor of that state realizes the importance of this race problem.

So much so that that governor was on television recently, pointing out to the people of America the importance of doing something to solve this problem. And then last week an interfaith religious conference of Protestant, Catholic, and Jewish groups which was held in Chicago, dealing with the race problem, that conference also broke up. And it broke up with the problems of racism still unsolved. In fact when one reads the results of that religious conference one has to agree that it succeeded only in highlighting their inability to eliminate white racism from their own churches and synagogues. So I was pointing out there at the University of Pennsylvania that no group or council or conference would ever solve the race problem until they first recognized and included the Honorable Elijah Muhammad as an active participant in all of their discussions and in all of their plans.

Why? Because the Honorable Elijah Muhammad is the only black man in America who can speak for the oppressed and dissatisfied black masses who are impatient and tired of sitting around and waiting for the white man to make up his mind to do something to solve this problem. Plus the fact that these other so-called Negro leaders that are usually up in the white man's face are Negroes whom the white man himself has set up as leaders, and they don't represent any of the black masses. They don't speak for the dissatisfied black people or the impatient black people. Usually they know exactly what the white man wants to hear them say, and they say it in the exact manner that the white man expects them to say it. And by listening to these Negroes the problem never gets solved, it only gets worse. Also, racial unrest never occurs among the satisfied, bourgeois class of Negroes. They can easily be appeased and controlled and influenced just by continuing to drop crumbs on their table—the crumbs of tokenism. And this type of Negro that the so-called Negro leadership represents is a type that can be appeased and can be controlled with the crumbs of token integration. But the racial explosions never take place among that type. Racial explosions always erupt among the oppressed, dissatisfied black masses, and the Honorable Elijah Muhammad is the only black man today that is speaking out in behalf of the black masses.

I read out there at the University of Pennsylvania an article that was in the Detroit News quoting a chaplain, Rev. Malcolm Boyd, a white Episcopalian chaplain at Wayne State University who pointed out that the conference in Chicago—the Interfaith Conference in Chicago—was a failure. In the Detroit News he said, and I quote him: “Although 650 leaders of American churches have gathered here, nothing has been brought out and nothing ever will unless the basic ideas of such a gathering as this are changed.” The conference centered on the failure of religion to aid racial integration. Now Rev. Boyd pointed out, and again I quote: “My chief criticism was of the speakers selected to address the conference. They are leaders in the field of religion, highly articulate and persuasive, but they are not saying anything new or anything that will help solve the real problem for us.”

Rev. Boyd believes that the conference might have accomplished much good if the speakers had included a white supremacist and a Negro race leader, preferably a top man in the American Black Muslim movement. And he went on to say, and I quote: “A debate between them (meaning this white

racist and a Black Muslim) would undoubtedly be bitter, but it would accomplish one thing: it would get some of the real issues out into the open. In this conference we have not done that. The money spent to bring these people here has been wasted. We have done nothing to solve the race problem either in our churches or in our communities.” Now the statements from this element that attended this interfaith conference on religion in Chicago have not been given wide coverage in the press. The press has used its outlet or its ability to reach the public to make the public think that an honest effort was put forth out there to listen to the gripes and grievances of the dissatisfied Negroes or to solve the problem. But those who attended admit, and the current *Jet* magazine points out, that the conference was a failure. So all of this was put forth at the University of Pennsylvania, and it was pointed out to them that the only way the white man can solve his problem is to realize the existence of two different, distinct types of Negroes. This is the old type and the new type: that old type who is the Uncle Tom and wants to continue to beg white people to accept him or to force himself into the white society; then this new type of black man who wants to think for himself, speak for himself, stand on his own feet, and walk for himself. This type is following the Honorable Elijah Muhammad. If he is not an outright follower of the Honorable Elijah

Muhammad he is in sympathy with the teachings of the Honorable Elijah Muhammad, and he believes that the only way our problem can be solved is that, instead of sitting around waiting for the white man to solve it, the black people have to come together. We have to forget our differences. We have to forget our religious differences, our economic differences, our social differences. We have to submerge our differences and get together behind the door and formulate some kind of plan, come to some kind of conclusions of what we can do to solve the problem of our ever increasing number of black people across the nation. And it was also pointed out to the students at the University of Pennsylvania this afternoon that the only way they can understand the thinking of this new type of black man is to realize what he sees when he opens his eyes and looks around this world. And this new type of black man realizes that, in the past, dark mankind was ruled by white mankind. This is a fact. Right up until today, recent history, black, brown, red, and yellow man was ruled by the white man—which means European colonialism. This is what they call it, but in essence European colonialism meant that the white man was ruling the black, brown, red, and yellow people of this earth—which is, in reality, white supremacy. Now these same dark people who were ruled by the European minority were actually in the majority. It means that in the past the European minority, the white minority, was able to come together both by hook and by crook and rule the dark majority by practicing divide and conquer.”

When the black, brown, red, and yellow man of Africa and Asia realized what was going on, they had a conference in Indonesia which has come to be known as the Bandung Conference. And what they did at that Bandung Conference actually changed the course of history. They had many differences: they had religious differences, economic differences, all types of differences. But at the Bandung Conference the black, brown, red, and yellow man agreed to submerge their differences and come together against the common enemy, the thing that all of them had in common: that they were all being exploited by the white man, they were all being oppressed by the white man. They called him European, but actually he was a white man.

So once they reached a conclusion that they had oppression in common, exploitation in common, they were able to identify a common enemy, and this enabled them to unite against the common enemy; and out of this grew what we today know as the African-Asian-Arab bloc. They have differences among themselves, yet they work together. Their working unity enabled them to free the dark nations of Africa. The fast emerging independence of the nations in Africa has taken place since the Bandung Conference. As these nations in Africa began to get their independence and come into the United Nations they had a vote, they had a voice, and they soon were able to outvote the white man, outvote the European, outvote the colonial powers. And by being able to outvote the colonial powers their vote was sufficient to produce a power that forced the people of Europe to turn loose the black man in Tanganyika, the black man in the Congo, the black man in what we today know as the former French West African territories. All of this stems from the unity of the black, brown, red, and yellow man in the United Nations. It created a new era. It created a new world. And it created a situation where the only people who were able to sit at the helm of the United Nations were no longer white or European or Christian

or in the person of Trygve Lie or Dag Hammarskjöld or some of the others. Right after the black man, brown man, red man, yellow man agreed to submerge their differences and come together in unity, their unified force was sufficient to make it almost impossible today for a white man to be elected to the helm of the United Nations or for a Christian to be elected to the helm of the United Nations or for a European to be elected to the helm of the United Nations. Everyone that you see now sitting in the top seat of authority in the UN is either an African, an Asian, or an Arab, or he is either a Hindu, a Buddhist, or a Muslim. And all of this is the result of the ability of these black, brown, red, and yellow people to forget their little differences and come together against the common foe, against the common enemy, the oppressor.

And this is a good example that the black people in America can copy if we want to bring about freedom, justice, equality, and human dignity of the black people in this country. It was also pointed out today at the University of Pennsylvania that the Honorable Elijah Muhammad's program is designed to make black, brown, red, and yellow people here in America, the so-called Negro, forget our differences. Any differences that we have we should take them behind the door, or any argument that we want to engage in among ourselves should be done behind the door. Instead, we need to present a common front against a common enemy, and the common enemy of the black, brown, red, and yellow man is anyone standing in the way of our freedom.

Anyone standing in the way of our justice or equality. Anyone who deprives the black man in America of civil rights is an enemy to the black man. Anyone who deprives the black man of citizenship in America is an enemy to the black man. And when the black people in this country learn how to recognize the enemy, the common enemy, then the black people can get together in unity and harmony and do whatever is necessary to solve our own problems. We won't be sitting around here waiting for the white man to issue some kind of emancipation proclamation. We won't be waiting for the Senate or Congress. We won't be waiting for any Supreme Court. Our unity will be sufficient to bring about human dignity, to bring about freedom, justice, and equality, and to bring about whatever the black man needs to enable him to stand on his own feet like a man.

It was also pointed out to them, so they wouldn't think hard of me in saying that their world was coming to an end, that their world was decreasing, that their power was on the downgrade, that they were losing out all over the world I reminded them of a speech that was made by Prime Minister Macmillan on April 26, 1962, at the Waldorf-Astoria in New York

City, to the leading publishers and editors of America, at which time Prime Minister Macmillan himself pointed out that in his own lifetime a change, a new world, has come into existence. He said that when he was a boy the world was a white world. Britain's power extended so far across this planet that they used to brag that the sun would never set on the British Empire. In Macmillan's own lifetime, the power of the Englishman, the white man in England, has decreased so much, or the British Empire has decreased so much, that today when the sun rises you can hardly find the British Empire. And this is all symbolic of the decrease in power that the white man has suffered just in recent years. Just as Britain has dwindled down to nothing in prestige and influence in the face of the rising dark nations of this earth, all of your white nations have done the same thing.

France has dwindled down to nothing. She has lost her possessions in Asia and, after she lost her possessions in Asia, I think called Indo-China, it affected her economy so much that she didn't have enough strength, economic strength, to keep in existence an army large enough to dominate the large West African territories. She had to turn them loose, and finally she had to turn Algeria loose, I just in our own lifetime, just in this present generation. Not only did this happen to England and France, but the Netherlands had to give up Indonesia. And as soon as the Netherlands turned loose the brown man's lands in Indonesia, the economy of the Netherlands dwindled down so that you hardly hear of the Dutch. You hardly hear of Belgium. Belgium used to be a power on this earth, as long as she could dictate to the black people in the Congo. But as soon as Belgium had to turn loose the Congolese, within a matter of months, the loss of the free and cheap mineral resources that the white man from Belgium in Europe was getting from the black man's lands in Africa affected the Belgium economy so much they had a

collapse in the Belgium government. And all of this is a pattern that the white man's whole world, his whole kingdom, has had to face up to in recent times, during your and my generation. So I pointed these things out to the white students at the University of Pennsylvania so that they could see themselves that their world is shrinking, that their world is coming to an end. And the thing that is bringing about an end to their world is the awakening of the dark world. As the dark world awakens, the dark world is rising. And as the dark world rises and increases, the power of the white world decreases. So when the Honorable Elijah Muhammad mentions to us, the so-called Negroes here in America, that we are living at the end of the world, all that means is that we are living at the end of the white world. When he says we are living at the end of time, all that means is that we are living at the end of the white man's time. The time that the white man could exercise unilateral and dictatorial power over the destiny of black people, brown people, red people, and yellow people on this earth has come to an end. And when the Honorable Elijah Muhammad says this they call him a black supremacist, they call him a racist, while at the same time in the halls of the United Nations Prime Minister Macmillan and all of the international diplomats are getting on the podium at the UN and crying the blues because they can see the handwriting on the wall.

And just like it took Daniel in Babylon to read the handwriting on the wall for that slave master or the descendants of Nebuchadnezzar, it takes the Honorable Elijah Muhammad, a little ex-slave here in America, to stand up here in this House of Bondage today and read the handwriting on the wall and let the white man know that his time is up, that his days are numbered, that he has been weighed in the balance and all of the seeds of injustice that he has sown in the past are coming home to plague him today. All of the injustices committed by past generations of whites the present generation of Englishmen is suffering because it breaks them up to see themselves lose their empire. But still they are losing their empire because of seeds sown by their own fore parents in England and the present generation of Englishmen has to face that as a fact. The seeds of their forefathers have come home to plague this generation of Englishmen that live on this earth today.

Likewise, here in America, what has the American white man got to realize? That a crime was committed against the so-called Negro. And I think that the most important thing that was pointed out to the students of the University of Pennsylvania today was that a crime was committed against the so-called American Negro when our people were brought here. And today the white man, not realizing, not being capable of facing up to the fact, that a crime was actually committed, thinks he is doing the so-called Negro a favor when he opens the door to freedom. And I pointed out to the students: when someone sticks a knife into my back nine inches and then pulls it out six inches they haven't done me any favor. And if they pull that knife which they stuck in my back all the way out they still have not done me any favor. They should not have stabbed me in the back in the first place. Likewise, it was pointed out to them that when you take a man and frame him up, an innocent man and frame him up, and put him in prison—and because he rebels against this illegal and unjust framing and imprisonment he then is placed in solitary confinement within the prison to keep him from rebelling against the laws of the penal institution—after his spirit is broken in solitary confinement—why, the warden isn't doing that man any favor by taking him out of solitary confinement and then giving him more freedom within the confines of the prison wall. He shouldn't be imprisoned in the first place. And if they break down the prison walls completely and let that man out they still aren't doing that man any favor because they imprisoned him illegally and unjustly in the first place.

Now the Honorable Elijah Muhammad says that the white man captured millions of black people and brought us into prison, a prison house called America. They called it slavery; it was prison. And during the slavery or imprisonment of the black man in this country they inflicted the most extreme form of brutality against us to break our spirit, to break our will to resist, to destroy our manhood, to take the bone out of our back, to destroy our backbone. And after destroying our will, making us docile and humble, so that today we will turn the other cheek to those who are brutalizing us, after they did all of this to us for 310 years, then they come up with some so-called Emancipation Proclamation supposedly bringing us out of what we would call solitary confinement and giving us more freedom here within the prison walls of America.

And today the white man actually runs around here thinking he is doing the black people a favor because he gives us a little degree of freedom or justice or equality, or because he lets another one or two or three Negroes go to school with white people. The white man has the audacity to imply that he is doing black people a favor. What the white man should be made to realize is that his forefathers committed a crime by bringing our people here to this country. They committed a crime when they murdered our people throughout America. They committed a crime when they sold us from one plantation to another plantation like chattel or like merchandise or like common property. This was a crime and all of those crimes that were committed during the 310 years against the black people in this country are the crimes that have come home to roost today on this present generation of whites. And the only black man in America, the only black leader in America, the only black spokesman in America who will sit down and talk to the white man like a man, like a black man to a white man, and spell it out the way it is, is the Honorable Elijah Muhammad.

If the white man wants to solve his problem, if the white man wants to solve the race problem, if the white man wants to eliminate racial tension, then the white man should do the same thing that Pharaoh did who was the ruler of the House of Bondage in the days of Egypt. He was not able to solve his problem until he sat down and talked with Moses. Nebuchadnezzar wasn't able to solve his problems until he sat down and talked with Daniel. And today, here in America, this white man will never solve his problems until he sits down and talks with the Honorable Elijah Muhammad, and the Honorable Elijah Muhammad will tell him the same thing that Moses told Pharaoh: Let my people go. Not let my people integrate with you, but let my people separate from you. Let us go to ourselves and solve our own problems and build up some kind of society, some system, some kind of agricultural system, so that we can feed and clothe and shelter our own people, an economic system so that we can provide the necessities of life for our own people, and have our own government, our own flag, our own everything. The white man can stay to himself and we can stay to ourselves. Perhaps then we can get some kind of solution to the problem.

But they'll never solve the problem listening to these handpicked, Uncle Tom, bourgeois, upper-class Negroes whose only desire is to sit down in the white man's house or in the white man's neighborhood or in the white man's school. Some of them now even insist upon dying and being buried in the white man's cemetery. That's foolish, and the masses of black people in this country don't think that this in anyway is a solution to our problem.

So all of these things were pointed out to the students of the University of Pennsylvania this afternoon, not with any animosity or any hostility but in the language of frankness. And I think they listened very objectively and very intelligently. Sometimes there were little temporary disturbances by some—I guess they were white segregationists, I don't know whether they were segregationists or integrationists—who were sitting up in one part

of the balcony. They were trying to do a little heckling, but it is impossible for a white man to heckle a Muslim. There is nothing that he can come up with that surprises a Muslim or in any way phases a Muslim. We are not interested in his heckling. All we are interested in is spelling out the problem. And if he is man enough to listen then perhaps he will get a better understanding of it.

So in this lecture this afternoon at the University of Pennsylvania, as well as the lecture at Michigan State University on Wednesday, our primary objective and purpose was to show the white man that just dealing with the integrationist-minded Negro will never solve the problem. If you read this week's *Jet*, the one that is on the newsstand right now, the observers who attended this interfaith religious conference in Chicago all agreed that it was impossible for the type of Negro leadership that was represented there to sit down and hold any kind of discussion with whites and really get to the root, to the nitty-gritty of the problem. The only way that the root of the problem can be gotten to is to have someone in those conferences who represents the masses.

You read about the Honorable Elijah Muhammad. One of the things that's always pointed out even by his critics is that the intellectual Negro doesn't follow Mr. Muhammad; they say that the educated Negro

doesn't follow Mr. Muhammad; they say that the Negro with the high income bracket doesn't follow the Honorable Elijah Muhammad. What they always emphasize is that the only Negroes that follow Muhammad are those who don't have too much education, those who are oppressed, unemployed, and dissatisfied. Well, what they are doing right there, then, is admitting that it is the masses who follow the Honorable Elijah Muhammad, because the masses of black people in this country are unemployed. Even the job that they have is the same as no job, because their wages are so small that it is the same as not having any job at all.

* * *

Question: Mr. Malcolm X says that we are so-called Negroes. I have been raised and taught that I am a Negro and now I have to file applications and they say what nationality are you. I would like for Mr. Malcolm X to tell me what shall I put down after this question when they ask me.

Malcolm X: We put down Asiatic. Asiatic in this sense: the Honorable Elijah Muhammad teaches us that originally this entire planet today known as Earth was called Asia. When you read some of the so-called great historians they even point out that the entire earth was once known as Asia and all of the people on it at that time were Asiatic. The only people here were black, brown, red, and yellow. At that time there were no white people here at all. We refer to ourselves as the Asiatic black man. On my draft card it says Asiatic. And anything that anybody puts in front of me that wants to know what is my race or my nationality, any Muslim will put down Asiatic and that ends it. But never put down Negro. The worst thing that you can call yourself is a Negro. If you don't think so just call yourself that and immediately you will find all the doors closed. But at the same time the blackest man from Africa comes here and he rejects the term Negro. You can't call him a Negro. He will tell you he is an African and every door is open. Last year Kennedy made a special point in Maryland and Virginia to tell all those whites down there: don't do anything to practice discrimination against the African. Now at the same time he wouldn't make any statements concerning the American Negro, but he did come out and make a statement about the Africans. Which shows you that there is a difference between being Negro and being black. The African proudly calls himself black. But now when you call yourself a Negro that is when you encounter all these racial indignities.

Question: The Muslims seem to have a great deal of answers to many of the problems that seem to surround the Negro neighborhoods. Now, why is it they don't have enough of their men who can go around, help work, and solve some of the problems, not only in Philadelphia, but nationwide. The Muslims seem to be doing a very fine job of recruiting men and turning them over from vice and crime into a better way of life. If the Negroes in our society who can see this group would come about to work with them, even if they don't follow a religious program, I think, as he said, we should put away our differences and seek a way to a better understanding.

Malcolm X: That's a good question. An incident that happened recently right here in Philadelphia pretty well answers that. The local president of the local NAACP, Attorney Moore, came out and began to take a militant, uncompromising stand in behalf of the black people, and immediately he was accused of being a Muslim, from what I read in the paper. Instead of giving him credit for showing leadership, for showing the dynamic necessary to approach this problem and get it solved, all of the other elements, from what I understand, banded against him and attacked him.

Now as Muslims it is an admitted fact by the critics of Mr. Muhammad that he is able to eliminate the vice, the immorality, the dope addiction. All the things they accuse the Negro of being guilty of, Mr. Muhammad is able to eliminate. And you would think that all these organizations would try to work with him. But instead of trying to work with him, as he would like to work with them, they can't do it because usually they don't have that much independence. Most of these Negro leaders have been put in their positions as leaders by the white man, and the only other black people that they can work with are black people who are approved also by the white man. And since the Muslims, Mr. Muhammad and his followers, are not on the approved list of the white man, this type of Negro leadership is afraid to openly

identify or sympathize with what Mr. Muhammad is doing even though they know that what he is doing is good for the problems that our people are confronted with.

Question: Sir, what I wanted to know is, being that he has just asked the question that the Muslims have men that will go out to work with organizations like NAACP regardless of religions, their creed—they won't accept these members of the Muslim sect to do this, would he suggest that those who are qualified should infiltrate and perhaps try to influence them in the religion of Muhammad?

Malcolm X: He struck up a good point. I think you'll find, brother, that there are Muslims everywhere. Wherever you find militancy today among so-called Negroes, watch real closely. You're liable to be looking at a Muslim. This is by now what the white man is beginning to be afraid of. Every time he sees a Negro who speaks without compromise he swears that this man must be a Muslim. That's why I used Cecil Moore as an example. As long as you have a local man here in Philadelphia who can be maneuvered and manipulated and frightened by the white liberal, all these other Negro leaders will fall right in line and go along with him. But as soon as you get a black man who will stand up—I don't care whether he is in the NAACP or CORE or in any other organization—if he starts taking an uncompromising stand whether the white man likes it or not, you'll find that the Uncle Tom leadership will rally against him and classify him or charge him or signify or insinuate that he must be a Black Muslim. And you'll never make progress as long as you have those kinds of Negroes around. The only time the Negro leaders show any tendency in trying to get together in unity is when they want to attack another Negro. But those same Negroes who unite against one Negro, you can't get them to unite together on any problem under the sun except against another Negro.

Question: I feel that the American Negroes have enough money to get together and build, but they just won't do it. As you say, they'll fight each other and still bicker among themselves. So I can see what you are talking about there. But I also would like to know what he thinks about the real white man.

Moderator: I don't know what he means by the real white man. Is there an unreal white man?

Malcolm X: The real one is probably the one he sees after his eyes come open. I might comment on something that he said that was very important, about the Negro having enough money to actually solve his problems. Anytime the so-called Negro has access to twenty billion dollars a year and you don't find him able to provide job opportunities himself, this is a sign of sickness. And the Honorable Elijah Muhammad says that if this so-called Negro would channel his wealth into business enterprises and create employment or create businesses that would provide employment then our problem would be solved. But as a rule, sir, in most Negro communities across the country the only thing you'll find Negroes building are Negro churches. An example: In Long Island the white man bought a city block. He built a huge supermarket on it. It creates job opportunities for about three or four hundred people. Now in the next block, believe it or not, the Negroes got together and bought it and built a million-dollar church. Now here this church provides a job only for the preacher; it provides clothing and shelter only for this Negro preacher. Now if this Negro preacher has the ingenuity that it takes to raise a million dollars or to finance a million dollar project, but the only thing he can finance is a church, it's a problem. If you notice, white people in their neighborhoods build factories, they build schools, they build everything, and then they also build churches. But the Negro leadership, especially the religious leadership, has actually committed a crime almost in encouraging our people to build churches. But at the same time we never build schools; we never build factories; we never build businesses; we never build housing and things that will solve our problem.

Question: Do you approve of the Cubans coming to this country when we have so much unemployment already?

Malcolm X: I don't get involved in politics. But it does make the black people in this country who are jobless and unemployed and standing in the welfare line very much discouraged to see a government that can't solve our problem, can't provide job opportunities for us, and at the same time not only Cubans but Hungarians and every other type of white refugee imaginable can come to this country and get

everything this government has to offer. But the Negro, this faithful soldier during wartime and servant during peace time, is always the last one in line when it comes to having some of his problems solved. It is not surprising that Hungarians and

Polacks and Cubans can come to this country—who have never fought for this country, who have never contributed anything to this country's economy, who have never contributed to the defense of this democracy— can come here and get all the benefits of it. But the black man who has contributed with his life blood and his sweat for four hundred years is still the last hired and the first fired, and the only time they recognize him first is when it comes time to draft him into the army in defense of his country. I think first things first. And the first law of nature is self-preservation. And we are interested in the black man in this country. And the white man—if he has got all that money to be given away all over the world—should be doing something toward correcting the condition that his own crime created when he brought our people here and made us slaves.

Question: I would like Malcolm X to explain what he thinks about all this talk about birth control. Who is it for?

Malcolm X: The white man is worried today the same way that Pharaoh was worried when you read the first chapter of Exodus in the Bible. The slaves under Pharaoh had begun to multiply so fast and Pharaoh and his people were almost becoming sterile. It tells you in there that because these Hebrew slaves were multiplying so fast Pharaoh had to devise a scheme whereby the fertile women and the babies that they were producing would be destroyed. And all this birth control that you hear the white man talking about today, it is not birth control. It is sterilization designed to make this productive, fertile black woman stop producing. As the previous listener pointed out, they never tell you the real number of black people in this country. When you look around here in Philadelphia and New York and Chicago and other cities why you can hardly go into any community without seeing a large number of black faces. Negroes are multiplying, they are increasing too swiftly. And just as Pharaoh had to do something to stop the growth of his slaves, today the American white man must do something to stop the rapid increase of the so-called Negroes. Already the Negro is the balance of power in any political election. The Negro holds the balance of power. In anything that goes on in this country, the ever-increasing number of Negroes holds the balance of power. So something must be done to stop that growth or else it has to be controlled. And it cannot be done the legal way or ethical way so they use underhanded measures or underhanded methods in so doing.

Question: I want to comment on the magazine article, number one. The Saturday Evening Post did the same thing when Nkrumah, if you'll remember, took over Ghana. He took the image of the Queen of England out of the Parliament. He took their image off his currency and he replaced them with their own portraits so that they could stimulate black honor and black dignity in their people. Now The Saturday Evening Post is doing the same thing now. That's one thing I want to point out. Now I want to ask Malcolm X this: Is it true that in your Elijah Muhammad speech two weeks ago you said that the struggle in the Congo was a struggle to recreate world colonialism and to control the resources of the Congo, because 86 and 2/10 percent of the copper is used in America and the gold deposits and also the stuff of which they make atomic bombs. If that is cut off America will suffer. And why are they spending \$10,500,000 per month to kill people in Africa when they won't spend \$10,500,000 a month to help the people right here in America?

Malcolm X: Sir, you're a man after my own heart. I'm glad that you were able to see how the white press immediately turned against Nkrumah when they found out that they couldn't control him and use him as an agent as they use many others over there. And it is true that Katanga Province is one of the richest sources of minerals, vital minerals, that exists on this earth. And if you were to do some research and find out who it is who has money invested in Katanga—some of them who are sitting in high positions in this government right now in this country, and some of them who are accepted by Negroes in this country as liberals in shining armor—when you find out who among the wealthy whites or powerful whites have money invested in the Congo or in Katanga, then you will see behind the struggle over there and why there is so much support for this man Tshombe and for trying to keep him in power.

Anything you read in our newspaper, Muhammad Speaks, you can bet that it is true. If it wasn't truth they would stop us from printing it. And it is the only black paper in this country that will give you the raw truth that is taking place anywhere in which black people are involved on this earth. Did I answer all his questions?

Moderator: I think so. He used some figures.

Malcolm X: It was true, and I wanted to point out, as a preacher, this man shows great intelligence in being able to analyze the news and show how the white press, as soon as the black man begins to take a militant and uncompromising stand, whether it be in America or Africa, will begin to project that man either as a dictator or as a black supremacist or teacher of hate.

Question: I would like to know whether it is true that Malcolm X was arrested within the past four weeks and I how much bond he had to pay to get out of jail.

Malcolm X: I have never been arrested since I became a Muslim. What you are probably talking about is when two of our brothers were arrested in Times Square in New York on Christmas Day, selling newspapers, selling our newspaper in Times Square. In this particular paper there was an article about Congressman Nix, a local congressman from right here in this city, in which he himself took a stand, an open stand, against police brutality. And by the brothers selling the paper in the Times Square area a white policeman took offense and tried to stop them and arrested them and charged the two brothers with assaulting the cop. This is what police always do in cases of police brutality. They brutalize the black man and then turn around and charge the black man with attacking them. So we all went to court on that. But I didn't go as an arrested person. I went as a Muslim who was interested in seeing that my brother got justice. No sir,

I have never been arrested since I have been a follower of the Honorable Elijah Muhammad. But that doesn't mean I am afraid to be arrested, and it doesn't mean that I am afraid of jail or prison. When it comes to telling the truth about what the white man is doing to the black people in this country I'll tell it and go to jail myself. They don't have to take me, I will go. So they can never hold that thing in front of me as a kind of threat. That is one of the things that the white man uses to make Negroes afraid to take a stand. You don't have to go behind bars to be in jail in this country. If you are born in this country with black skin you are already in jail, you are already confined, you are already watched over by a warden who poses as your mayor and poses as your governor and poses as your President. He is nothing but your warden keeping you in confinement. Don't ever talk that jail talk to me. I'll go faster than anybody in this country for the truth and be proud to go and be proud to die for the truth that the Honorable Elijah Muhammad is teaching us. And any other Muslim will be just as proud to do so, and will do it just as fast.

Question: Mr. X claims that our spending power is about twenty billion dollars. Is that true?

Malcolm X: Yes sir, according to the government economists.

Question: Well, all the speeches you make, or anyone else makes, is not going to make any difference in the world to the American Negro until he learns to hold onto that money. As fast as he gets it in his hands he runs around the corner and hands it back to the white man. The American Negro has got to put that money to use and build schools and build businesses.

Malcolm X: Sir, I agree with everything you say. Everything you say is 100 percent true, and if you notice the Muslims have set up schools. If you'll read this Saturday Evening Post article, they don't like it. The white man doesn't like it but the Honorable Elijah Muhammad has set up a school in Detroit, a school in Chicago, and schools elsewhere, and it is in these schools that the racial dignity of the black man is taught to our children. We don't have any dropouts. We don't have any delinquency. We don't have any crime rate. We don't have the problems that the white man accuses the Negroes of allowing to exist in the Negro community. Insofar as the twenty billion dollars are concerned, we don't blame the

white man because we are not able to take advantage of this money. We blame ourselves. And this is what the Honorable Elijah Muhammad says. That instead of us sitting around here begging the white man for a job in his factory or a house in his neighborhood, what we need to do is get together and unite. Pool our resources, pool our talent, and do something for ourselves. But what you have to understand is that the white man is afraid.

The white man has a guilt complex and the white people today are so afraid since they know what they have done to the black people in this country. Their secret fear is that if the black man ever gets independent, if he ever gets able to stand on his own feet, the fear on the part of the whites is that you and I will retaliate against him. So the whites don't want the Negro to become involved in any kind of program that is going to make them independent of whites. They want the Negro to launch a program that the whites can still control or that the whites can still influence or in which they can still offer their guidance. But they do not want us to separate from them and go out on our own as the Honorable Elijah Muhammad is teaching us to.

Question: What does Mr. X think about the Rev. Dr. Martin Luther King?

Malcolm X: I think that any black man who goes among so-called Negroes today who are being brutalized, spit upon in the worst fashion imaginable, and teaches those Negroes to turn the other cheek, to suffer peacefully, or love their enemy is a traitor to the Negro. Everybody on this earth has the right to defend himself. Everybody on this earth who defends himself is respected.

Now the only people who are encouraged to love their enemy is the American Negro. The only people who are encouraged to adopt this old passive resistance or wait-until-you-change-your-mind-and-then-let-me philosophy is the American Negro. And any man that propagates that kind of doctrine among Negroes is a traitor to those people. It is time for the black people in this country to come together and unite and do whatever is necessary to gain the recognition and respect of the world. And you know what Patrick Henry had to do to get some respect: he said liberty or death. He didn't talk any kind of peaceful suffering or passive resistance. George Washington didn't talk peaceful suffering or passive resistance. No hero who is respected by whites ever tried to propagate some kind of peaceful suffering or passive resistance. The Hungarian Freedom Fighters fought against the Russians. The odds were against them. They were greatly outnumbered, the odds were against them, but because they took a stand and were willing to die for what they believed in, those same freedom fighters can come to this country and get respect and recognition and work on jobs and live in communities that these Negro, what do you call 'em, Freedom Riders, sit-inners, haven't been able to do yet. So anytime you will show that you are willing to die for what you believe then you will get respect and recognition and this is what the black man has to learn. If it is all right for black people to be drafted and sent to Korea or South Vietnam or Laos or Berlin or someplace else to fight and die for the white man, then there is nothing wrong with that same black man doing the same thing when he is under the brutality in this country at the hands of the white man.

Question: I was down South recently, in South Carolina, in Georgia, in Florida, and whatever the signs say about desegregating, my wife and I were refused a bathroom, we were refused liquor. What I want to know is: Does he talk the same way down there as he does up here?

Malcolm X: I preach what the Honorable Elijah Muhammad teaches me in Florida, Alabama, Louisiana, and throughout the South. I am scheduled to be in Charlotte, North Carolina, next Wednesday. I've been to Birmingham. We have a large mosque, a group of Muslims, in Birmingham, in Tuscaloosa. No, the South is no different from the North.

Let me tell you the only difference. The white man in the South is a wolf. You know where he stands. When he opens his mouth and you see his teeth he looks vicious. Well, the only difference between the white man in the South and the white man in the North is that one is a wolf and this one is a fox. The fox will lynch you and you won't even know you have been lynched. The fox will Jim Crow you and

you don't even know you're Jim Crowed. And this is the basic difference between the southern white man and the northern white man.

Moderator: In other words, the northern white man is foxier than the southern white man.

Malcolm X: He is foxy. When he opens his mouth and shows you his teeth you think he is smiling and when you look at a fox you think a fox is smiling, but actually the objective of the fox and the wolf is the same. They want to exploit you, they want to take advantage of you. Both are canine, both are dogs—there is no difference. Their methods might differ, but their objective is the same, and the southern white man and the northern white man are in the same category.

Moderator: To answer the gentleman's question, the answer is that you speak the same in the South as you do in the North.

Malcolm X: Oh, yes, no different. Muslims speak the same everywhere, North, South, East, or West.

Question: I want to ask Malcolm X that he says it is the white man's fault that many of the Negroes have turned against Negroes by them going around killing each other, robbing from each other. And if I am correct

I think you said that the white man had driven many of the Negroes to doing what they have done.

Malcolm X: Oh definitely, definitely. When you see Negroes fighting and shooting and killing each other, all this is a throwback from slavery. There has always been open season on Negroes. A Negro can punch a white man in the mouth and the hunting season is always there. If you notice, sir, there is only a certain season when you can kill a bear or a rabbit.

Moderator: You have to have a license to kill an animal.

Malcolm X: You have to have a license. But there are only certain seasons that you can kill that animal. But you don't need a license to kill a Negro and you can shoot one out of season—anytime—and you won't get any time. By Negroes knowing this, what the white man has done is set up a psychological situation where the average Negro thinks he can do anything to another Negro and get away with it. And this has made us antagonistic toward one another, hostile toward one another, and very disrespectful toward one another. And this is what makes Negroes continue to fight and kill each other.

Question: I am a doctor in the city and this refers to the statements by Malcolm X about the white brutality against the Negroes and the general type of campaign which he seems to state that we have against the Negroes. A great deal of my time is spent in the emergency ward treating whites and blacks, and I must say that the greater percentage of patients who commit brutality to each other are the black to the black. Much of our time is spent suturing up these people, and treating very serious injuries, which shows the great brutality among themselves. And until they can show the whites that they treat themselves in a more humane fashion, I don't think they will develop the respect that they wish. The main thing I wish to say is that they should be improving themselves, as he stated, and they shouldn't speak of wanting money from government and whites, as he did in referring to the Cuban situation.

Malcolm X: I think that the doctor brought out a very good point. It is true that Negroes kill Negroes but this is because the white man himself has taught Negroes to hate Negroes. The Negro hates another Negro because this was taught to us during slavery and the Negro hates everything about himself. And what the Honorable Elijah Muhammad is doing is teaching our people to love ourselves, respect ourselves, and uplift ourselves. And if the white man would realize that what the Honorable Elijah Muhammad is doing is actually correcting the myth that the white man has made, then the white man should stop harassing Mr. Muhammad and propagandizing against him and misrepresenting him in his news media, and instead thank him for the good work that he is doing.

Moderator: Thank you, Mr. Malcolm X.

Malcolm X at UC Berkeley (October 11, 1963)

Mr. Moderator, students and faculty here at the University of California, brothers and sisters, friends and enemies. The bell up there took so long to stop ringing, I began to suspect that it was probably being manipulated by an integrationist!

Recently the state of California, the Supreme Court here, denied Negro inmates who had become converted to the religion of Islam while serving time in these penal institutions of this state, denied them the right to receive qualified Muslim religious instructors from the outside on the ground that the Muslims who follow the Honorable Elijah Muhammad are not an authentic religious group.

At the same time, the state's esteemed body of educators here at the University of California barred me from speaking on this campus on the grounds that we do represent an authentic religious group. It meant that your top judicial body deprives us of our religious rights by saying we aren't a bona fide religious group, and your top body of educators—I think that's what they'd be called—deprive us of our religious rights by saying we are a bona fide religious group.

Well, I'm happy and thankful to our God, Allah, for enabling them to come to some kind of conclusion as to what we actually are. Because it confused us to see how two important branches of your state government could logically come to opposite conclusions on the same subject.

Or is it that in this state you are permitted the type of intellectual flexibility that enables your state government to speak out of both sides of its mouth in this manner at the same time? And to make certain that there'd be no clarification of the misunderstanding about our religion, I read in the—I think the San Francisco Chronicle, or one of your papers, yesterday—that I was permitted to speak here as long as I didn't get into religion, or stuck to what they call secular matters.

So it's not my intention to discuss the Muslim religious group today nor the Muslim religion, but I am a Muslim. But I intend to stick to secular problems. It's like inviting a Catholic priest or bishop here to speak but forbidding him to mention Catholicism or the pope. Or inviting Billy Graham and telling him not to mention Christ. Or a member of the Kennedy family and expecting him not to mention politics.

It boils down to inviting a Muslim minister to speak on what you call secular problems but denying him the right to speak religiously or from a religious point of view. It's like telling a bird to fly without his wings. Or a race horse to run without his legs. Then you condemn that bird that you have crippled yourself and condemn the horse that you've also crippled because it can't keep up. This is very hypocritical. But tomorrow, or Sunday, rather, it's our intention to hold a meeting at the Civic Center in Richmond, at 1:00 p.m. at which time we intend to spell out our religious beliefs, our religious motives, and our religious objectives.

Today during the time that we have, we would like to point out that the Honorable Elijah Muhammad teaches us that America is faced with her gravest crisis since the Civil War. Wherever we look today, whether it be in the South, the North, the East, or the West, we see ever-increasing racial tensions.

We see the increase of racial animosity, the increase of racial hostility, and the increase of outright racial hatred. We see masses of Black people who have lost all confidence in the false promises of the hypocritical white politicians. We see masses of Black people who are thoroughly fed up with the deceit of the so-called white liberals, or the white so-called liberals. White liberals who have posed as our friends, white liberals who have been eager to point out what the white man in the South is doing to our people there, while they themselves are doing the same thing to us here in the North.

They have been making a great fuss over the South only to blind us to what is happening here in the North. And now that the Honorable Elijah Muhammad has opened the eyes of America's 20 million Blacks, we can easily see that this white fox here in the North is even more cruel and more vicious than the white wolf in the South. The southern wolves always let you know where you stand. But these

northern foxes pose as white liberals. They pose as your friend, as your benefactor, as your employer, as your landlord, as your neighborhood merchant, as your lawyer. They use integration for infiltration. They infiltrate all your organizations, and in this manner, by joining you, they strangle your militant efforts toward true freedom.

Throughout America, here in the North, as well as the South, masses of Black people are demonstrating against the oppression and exploitation of the American white man. Our people have lost all fear of the white man. They have ceased to waste their love on the white man, and they have ceased turning their nonviolent cheek to the violent white man. And because of this new fearless, more militant attitude on the part of our people, we see the increase of violence and bloodshed between the white oppressor and the oppressed, the white exploiter and the exploited, the white former slave master and his 20 million ex-slaves.

The question that is asked, where will all of this end? I repeat, America is faced with her worst domestic crisis since the Civil War. The worst crisis since the Revolutionary War. For America now faces a race war. The entire country is on the verge of erupting into racial violence and bloodshed simply because 20 million ex-slaves here in America are demanding freedom, justice, and equality from their former slave masters.

Twenty million so-called Negroes, second-class citizens, seeking nothing but human dignity and human rights, the right to live in dignity as a human being. And rather than give genuine sincere respect to your cry for human rights, the American white man answers your nonviolence with violence. He answers your prayers and freedom songs with false promises, deceitful maneuvers, and outright bloodshed.

According to what we were taught from the white man's textbooks in school, the Revolutionary War and the Civil War were two wars fought on American soil supposedly for freedom and democracy. But if these two wars were really fought for freedom and human dignity of all men, why are 20 million of our people still confined and enslaved here in America by second-class citizenship? The truth is that the Revolutionary War was fought on American soil to free the American white man from the English white man. The Revolutionary War was never fought to provide freedom and a democracy in this white country for the Black man. Our people remained slaves here in America even after the Declaration of Independence was signed. In fact most of the white Founding Fathers who signed the Declaration of Independence were slave owners themselves.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that it is sheer ignorance, insanity, for our people to celebrate the Fourth of July as Independence Day, while white America denies us the first-class citizenship that goes with independence. And it is nothing but hypocrisy on the part of the American white man to pretend that the Revolutionary War was truly a war of independence as long as 20 million Black people here in America are denied the privileges of an independent people.

The Civil War was fought on this continent, but not to free the Black slaves as is commonly taught in the white man's schools. The Civil War was actually fought to preserve the Union, to keep the country intact for white people.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that in essence this means the American white man fought the Revolutionary War to get this country for himself. He then fought the Civil War to keep this country intact for himself. And today he will now fight a race war to keep from having to share this country on an equal basis with anyone else but himself. Especially on an equal basis with his 20 million former slaves.

So again, I ask, where will these demonstrations end? And who dares to say that our people are not justified in demonstrating our resentment over the injustice and mistreatment that our people have suffered these 400 years at the hands of this cruel, inhuman American white man?

The Black masses are crying out, “What have we to lose but our chains? What have we to lose but the hell that we experience everyday living in these rat-filled slums that we’re relegated to?” The worst housing conditions in America always exist in the so-called Negro community. Yet the white liberals, who own these run-down houses, force us to pay the highest rent. Faced with this high overhead, we are forced to take in roomers in order to help make up our rent. Our apartments are filled with both relatives and strangers. Our communities soon become overcrowded. These overcrowded conditions under which our people are forced to live eliminate all chances for a normal life, a clean life, or a healthy life.

Because our children grow up in this overcrowded atmosphere, the lack of much-needed privacy destroys their sense of shame. It lowers their moral standards and leaves them exposed to every form of indecency and vice imaginable. Our young girls, our daughters, our baby sisters become unwed mothers before they are hardly out of their teens. Our community has thousands of unmarried mothers, mothers who have no hope of ever getting a husband. And our community has tens of thousands of little babies who have no father to act as their provider or protector. In fact the only provider any of our children know is the white welfare agent or the white social worker. Many of our children actually mistake the welfare agent or the white social worker for their father.

And oftentimes this is true.

The overcrowded homes of our community force us to live under some of the worst sanitary conditions imaginable. It becomes almost impossible to practice the rules of good hygiene. And therefore tuberculosis, syphilis, gonorrhea, and other destructive social diseases are on the rampage throughout our community.

Our people in the Negro community are trapped in a vicious cycle of ignorance, poverty, disease, sickness, and death. There seems to be no way out. No way of escape. The wealthy, educated Black bourgeoisie, those uppity Negroes who do escape, never reach back and pull the rest of our people out with them. The Black masses remain trapped in the slums.

And because there seems to be no hope or no other escape, we turn to wine, we turn to whiskey, and we turn to reefers, marijuana, and even to the dreadful needle—heroin, morphine, cocaine, opium—seeking an escape.

Many of us turn to crime, stealing, gambling, prostitution. And some of us are used by the white overlords downtown to push dope in the Negro community among our own people. Unemployment and poverty have forced many of our people into a life of crime. But the real criminal is in the City Hall downtown, in the State House, and in the White House in Washington, D.C. The real criminal is the white liberal, the political hypocrite. And it is these legal crooks who pose as our friends, force us into a life of crime, and then use us to spread the white man’s evil vices in our community among our own people.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that our people are scientifically maneuvered by the white man into a life of poverty. Because we are forced to live in the poorest sections of the city, we attend inferior schools. We have inferior teachers and we get an inferior education. The white power structure downtown makes certain that by the time our people do graduate, we won’t be equipped or qualified for anything but the dirtiest, heaviest, poorest-paying jobs. Jobs that no one else wants.

We are trapped in a vicious cycle of economic, intellectual, social, and political death. Inferior jobs, inferior housing, inferior education which in turn again leads to inferior jobs. We spend a lifetime in this vicious circle. Or in this vicious cycle going in circles. Giving birth to children who see no hope or future but to follow in our miserable footsteps.

So we thank God for the Honorable Elijah Muhammad. We who are Muslims saw no way out until we accepted the religion of Islam and the spiritual guidance of the Honorable Elijah Muhammad. We saw no solution to our problems. We saw no real leader among our people.

But today the whole world is talking about the Honorable Elijah Muhammad and the divine solution he received from the God of our forefathers. Not your God but from the God of our forefathers. Not a temporary solution which will benefit only the handpicked upper-class Negroes, but a solution divinely designed to solve the plight of the Black masses in this country permanently and forever.

The government does not want our people to listen and understand the solution that God has given the Honorable Elijah Muhammad. The government is against Mr. Muhammad because the government is against our God. In order to trick our people away from God's true solutions, the government is trying to deceive our people with a false solution, a phony solution, a deceitful solution called token integration. I may add, whenever you get on the bus or the subway or the streetcar and you have to use a token, that token is not the real thing but it is a substitute for the real thing. And wherever you have a token, you have a substitute. And wherever you have token integration, you don't have anything but a substitute for integration and there's no real integration anywhere in North America— North, South, East, or West, not even in San Francisco, Oakland, or Berkeley.

Has the government effort to bribe our people with token integration made our plight better, or has it made it worse? When you tried to integrate the white community in search of better housing, the whites there fled to the suburbs. And the community that you thought would be integrated soon deteriorated into another all-Black slum. What happened to the liberal whites? Why did they flee? We thought that they were supposed to be our friends. And why did the neighborhood deteriorate only after our people moved in?

It is the tricky real estate agents posing as white liberal friends who encourage our people to force their way into white communities, and then they themselves sell these integrated houses at such high prices that our people again are forced to take in roomers to offset the high house notes. This creates in the new area the same overcrowded conditions, and the new community soon deteriorates into the same slum conditions from which we thought we had escaped. The only one who has benefited is the white real estate agent who poses as our friend, as a liberal, and who sells us the house in a community destined by his own greedy schemes to become nothing but a high-priced slum area.

Today our people can see that integrated housing has not solved our problems. At best it was only a temporary solution. One in which only the wealthy, handpicked Negroes found temporary benefit.

After the 1954 Supreme Court desegregation decision, the same thing happened when our people tried to integrate the schools. All the white students disappeared into the suburbs. Now the caliber of what our people thought was to be an integrated school has fallen to the same level of the slum school from which we thought we had escaped. Just as efforts to integrate housing failed miserably, efforts to integrate schools have been an even more miserable failure.

Having failed to get integrated housing and failed to get integrated schools, now the Negro leaders are demanding integrated jobs. That is they are demanding a certain quota, or percentage, of white people's jobs.

First the Negro leadership demanded the white man's house, and the whites vacated their run-down houses for us and built new homes for themselves out in the suburbs. Then the Negro leaders demanded seats for our children in the white man's schools. The whites evacuated the schools as our children moved in and they built modern schools for themselves in the suburbs. But now the Negro leadership is demanding the white man's job. Can the whites vacate their jobs like they did their homes and their schools and move to the suburbs and create more jobs? No. Not without violence and bloodshed. The same white liberals who used to praise our people for their patient nonviolent approach have now become openly impatient and violent themselves in defense of their own jobs. Not only in the South but also in the North, even here in the Bay Area.

For thirty-three years the Honorable Elijah Muhammad has been warning us that the time would come when the white man would not have enough jobs for himself much less enough jobs for our people. So

the present demand of our people for more of the white man's jobs must lead to violence and bloodshed. It may even lead to a race war—a bloody race war. And it is the government itself that is now pressing the people of this country into a racial bloodbath.

But the white man is misjudging the times and he is underestimating the American so-called Negro because we're living in a new day. Our people are now a new people. That old Uncle Tom—type Negro is dead. Our people have no more fear of anyone, no more fear of anything. We are not afraid to go to jail. We are not afraid to give our very life itself. And we're not afraid to take the lives of those who try to take our lives. We believe in a fair exchange. We believe in a fair exchange. An eye for an eye. A tooth for a tooth. A head for a head and life for a life. If this is the price of freedom, we won't hesitate to pay the price.

By trying to oppose the divine solution that God has given to the Honorable Elijah Muhammad, the American government will actually provoke another Civil War. That is, this government—and especially that present administration in Washington, D.C.—will provoke a civil war among whites by trying to force them to give up their jobs and homes and schools to our people. And our people will provoke a race war by trying to take the white man's jobs and his schools and his home away from him.

This racial dilemma poses a serious problem for white America. Civil war between whites on the one hand, a race war between the whites and their 20 million ex-slaves on the other hand. And the entire dark world is watching, waiting to see what the American government will do to solve this problem once and for all.

We must have a permanent solution. A temporary solution won't do. Tokenism will no longer suffice. The Honorable Elijah Muhammad has the only permanent solution. Twenty million ex-slaves must be permanently separated from our former slave master and placed on some land that we can call our own. Then we can create our own jobs. Control our own economy. Solve our own problems instead of waiting on the American white man to solve our problems for us.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that on our own land we can set up farms, factories, businesses. We can establish our own government and become an independent nation. And once we become separated from the jurisdiction of this white nation, we can then enter into trade and commerce for ourselves with other independent nations. This is the only solution.

The Honorable Elijah Muhammad says that in our own land we can establish our own agricultural system. We can grow food to feed our own people. We can raise cattle and use the hides, the leather, and the wool to clothe our people. We can dig the clay from the earth and make bricks to build homes for our people. We can turn the trees into lumber and furnish the homes for our own people. He says that we can dig the natural resources from the earth once we are in our own land. Land is the basis of all economic security. Land is essential to freedom, justice, and equality. Land is essential to true independence. And the Honorable Elijah Muhammad says we must be separated from the American white man, returned to our own land where we can live among our own people. This is the only true solution.

For just as the biblical government of Egypt under Pharaoh was against Moses because Moses had been directed by God to separate the Hebrew slaves from Pharaoh and lead them out of the house of bondage to a land of their own, today this modern house of bondage under the authority of the American government opposes this modern Moses. Opposes the Honorable Elijah Muhammad's efforts to separate our people, who have been made slaves here in this country, and lead us to a land of our own.

The government opposes the Honorable Elijah Muhammad's efforts to wake us up, clean us up, and stand us on our own feet so we can follow him out of this house of bondage to our own land where we can live among our own people. Just as the government of biblical Egypt was against the God of the Hebrew slaves, today the American government is against the God of her Negro slaves, the God of our

forefathers. And just as that Pharaoh tried to trick the Hebrew slaves into rejecting the offers of salvation from their God by deceiving them with false promises through hired magicians and carefully staged demonstrations like the recent ridiculous march on Washington, today this government is paying certain elements of the Negro leadership to deceive our people into thinking that we're going to get accepted soon into the mainstream of American life.

The government is deceiving our people with false promises so we won't want to return to our own land and people. The government is saying, "Stay here, don't listen to this Muhammad, we will desegregate the lunch counters and the theaters and the parks and the toilets"—meaning this public accommodation thing where you can sit on a toilet with a white person or in a toilet with a white person.

"We'll give you more civil rights bills. We won't give you civil rights, but we'll give you civil rights bills." The government promises our people this only to keep you from listening to the Honorable Elijah Muhammad and to stop us from waking up. They know that if we listen to the Honorable Elijah Muhammad long enough, we will begin to do our own thinking. He'll make us see, hear, think, and able to speak for ourselves.

Whenever you become fed up in this country with the white man's brutality and you get set to take matters in your own hands in order to defend yourself and your people, the same government—and again I repeat, especially that Catholic administration in Washington, D.C.—tries to pacify our people with deceitful promises of tricky civil rights legislation that is never designed to be a true solution to our problem. Civil rights legislation will never solve our problems. The white liberals are nothing but political hypocrites who use our people as political footballs only to get bills passed that will increase their own power.

The present proposed civil rights legislation will give the present administration dictatorial powers and make America a legal police state, but still won't solve the race problem. The present administration is only using civil rights as a political football to gain more legislation and power for itself. Our people are being used as pawns in the game of power politics by political hypocrites. They don't want our people to listen to the Honorable Elijah Muhammad because they know he will make them—make us see them as they really are.

So I say in my conclusion, the Honorable Elijah Muhammad's message and solution is simple. He says: "Since we are not wanted in this country, let's pack our bags and go back home to our own people, to our own land." The propaganda of the American government is skillfully designed to make

our people think that our people back home don't want us. Government propagandists tell us constantly, "Africa is a jungle. Africans are savage and backward. They have no modern conveniences and you're too much like us white folks. How could you live comfortably back there?"

This propaganda is government strategy against the Honorable Elijah Muhammad, realizing that his mission is to teach our people the truth about our own kind, clean us up, and then return us to our own land and unite us with our own people. The American government turns us against our own kind in order to keep us from making a mass exodus out of this country where we can live at home among our own people.

Therefore, the Honorable Elijah Muhammad says, American propaganda is designed to make us think that no matter how much hell we catch here, we're still better off in America than we'd be anywhere else. They want us to think we have no place else to go. And many of our so-called intellectuals who pose as our leaders and spokesmen actually believe that we have no place else to go. So their solution to our problem is that we stay here and continue to catch hell from the American white man.

But the only permanent solution is complete separation or some land of our own in a country of our own. All other courses will lead to violence and bloodshed. It will lead to the destruction of America,

and it will also lead to the destruction of our people who fall for it. So his message is flee for your lives and save yourselves. And I thank you.

* * *

Question: In the last issue of Muhammad Speaks there was an article telling of the elimination of racial discrimination in Cuba; telling how Afro- and Latin- Cubans lived in harmony. How does this jibe with the devil concept of the white man and that the idea that freedom can only be achieved through separation?

Malcolm X: The Cubans don't refer to themselves either as white people or Black people. They refer to themselves as people. You find the American white man is the one who has laid such stress on being white or being black. When you become a Muslim, you don't look at a man as being black, brown, red, or yellow. You look upon him as being a man. And this is something that is foreign to the American concept.

I don't know anything about Cuba. The article was written by Howard, a UN correspondent who spent time in Cuba along with the son of the Honorable Elijah Muhammad when all of the students went. And they did say that they found a great deal of equality, freedom, and justice among the people of Cuba. So I think that in that direction Castro has made a great accomplishment and contribution, but I haven't been there myself.

Now, when you try and bring the same thing about between the American white man and the American Black man, you're dealing with a man who used to have as total possession over the Black people in this country as a farmer has possession over his cow, his chickens, his horse. And this has created an attitude among American whites that they themselves find almost impossible to eliminate. And unless it is eliminated and until it is eliminated the problem will get worse instead of better. I personally don't think it will ever be eliminated.

Question: How do you intend to gain possession of this land that you want and how do you intend to get there?

Malcolm X: That's a good question. Number one, we didn't have any trouble getting to America because the white man...by that I mean we weren't Pilgrims. We didn't come on the Mayflower, and we didn't come from Europe, and we didn't come of our own volition. We were brought here in chains at the bottom of a slave ship. And since we didn't pay transportation here, the Honorable Elijah Muhammad says that the contribution that the Black man made in this country, which amounts to 310 years of slave labor for which we have never been given a dime or a cent, places a burden upon the American white man today for which the government should pay. And he says that our people should be allowed to go back to our own homeland, that the government itself should supply us with the transportation.

And that they should supply us with the machinery and the tools necessary that will enable us to dig the soil and develop our own agricultural system and feed ourselves for the next twenty to twenty-five years until we are in a position to be completely independent and stand on our own feet. And he says that if the government does not want a mass exodus of Black people from this country back to our own homeland, since we cannot live in peace, together, mixed up on this continent, the alternative to that solution is to divide a separate part of this country into which our people can migrate.

For your clarification, because this has been brought up, some people say, "Well, why should the government do this?" If this government can send billions of dollars to Communist countries like Poland and Yugoslavia and to neutralist countries in Asia and Africa, who have never made any contribution whatsoever to the sum, net worth of this economy and country, and at the same time, this government feels that it is too much to set about something real to solve the problem for the slaves who made a greater contribution than even your people did, why the government doesn't even deserve to continue to function as a government.

Question: You mentioned again, just now, land set aside for your people, sir. What land is available that's not already possessed by others?

Malcolm X: When you came to this country the land was inhabited by the Indians and you didn't have any problem then.

Question: Actually, I have two questions. The first one I would like to ask you: Do you believe in Islam just because it gives you dignity as a Black man living in America? Or do you believe in Islam as a whole? So, if you believe in Islam as a whole, you know that Islam believes in socialism rather than capitalism. This is the first question. The second question: You said that Muhammad taught you that you should have your own land so you can find all, to do what you want in it. Will you please give me one statement either from the Quran or from Muhammad's speeches which says, you know, asks for this situation?

Malcolm X: If I understood my Muslim brother correctly, I hope that he's aware of the fact that my opening statement pointed out that the front page of the San Francisco Chronicle, I think it was, told me that the only way I could come here and speak was to speak on secular matters rather than religious, and for that reason I pointed out at the outset that I wasn't going to get onto the religion of Islam. Since you, as a student I imagine, brought it up, it does open the door for me to reply and I thank you for it. Number one, Islam is a word which means in Arabic complete submission to the will of God. Complete obedience to the will of God. And this means— and the Jews referred to this God as Jehovah. They're monotheistic. The Christians referred to him, I think, as Christ. Only they're polytheistic, and it's difficult to give one name to their many gods.

So that in Islam, since we believe that there is one God, we believe that all of the prophets who came forth on this earth taught the same religion. Abraham was a Muslim; Moses was a Muslim; Jesus was a Muslim. And as Black men in America, we accept the religion of Islam because we recognize it as the true religion of God. This is why I'm a Muslim. I am a Muslim because the Honorable Elijah Muhammad has taught me that Islam is God's only religion. And it does say in the Holy Qur'an that this religion will overcome all other religions.

We believe that we're living in the day and the time and at the hour when God intends to make this religion, Islam, overcome all other religions. This is why we're Muslims. And we want to separate ourselves from America, because we believe that when God comes to establish the religion of Islam or the kingdom of Islam or the world of Islam, he can't do so without first destroying all other religions, governments, nations and worlds that stand in his way. All governments that won't accept one religion and practice the principles of brotherhood, freedom, justice, and equality among all people, regardless of color, regardless of race or anything else involved, we believe that they'll be destroyed today, and we don't think that you can get the American people to accept the religion of Islam. I have no knowledge of socialism. That's something else.

Question: Sir, you seem to interchange the term white liberal with hypocritical politician. I don't believe this is true. I don't believe that our white liberals are in office. They are, by the way, investigating—
Moderator: Do you have a question please?

Question: I just wondered why you interchanged these terms when they're so evidently not interchangeable.

Malcolm X: Historically in America, the white liberal has been the one always supposedly who has the solution to the race problem. An example: the leading white liberal in American history was supposed to be Abraham Lincoln. He's the one who has been dangled in front of our people as a

God who brought us out of slavery into the promised land of freedom. Martin Luther King last year was begging President Kennedy to issue another Emancipation Proclamation. If the Emancipation Proclamation of Abraham Lincoln was authentic and produced the results that it was supposed to and if

it had been sincere, it would have gotten results. Then Martin Luther King wouldn't have to be begging for another proclamation of emancipation today.

And other times—the white liberals supposedly fought the Civil War to free the slaves, and our people are still slaves, still begging for freedom.

Some more white liberals came along with the so-called Thirteenth, Fourteenth, Fifteenth, and other amendments to the Constitution supposedly to solve our problem. The Constitution has been amended and the problem is still here. Nine white liberals on the Supreme Court bench came up with a desegregation decision in 1954 supposedly to desegregate the schools, and the schools haven't been desegregated yet. Kennedy ran on a platform as a white liberal three years ago and said all he had to do was take out his fountain pen and put his name on some paper and our problem would be solved, and it was three years in office before he found where his fountain pen was, and the problem isn't solved yet.

Question: I'm a second-generation American, and my people came over in the bottom of ships. And they had second-class citizenship in Europe, and they lived in ghettos and things of this sort, and they got out of them. How come I have attitudes toward Negroes that may be prejudiced? Where did I get these attitudes, if they weren't from the Negro people? None of my people ever owned slaves, or anything of this sort. How did I get my prejudices?

Malcolm X: If you didn't steal the property, you can be held responsible today for being in possession of stolen goods. The book says that the sins of the fathers will be visited upon the heads of the children even unto the seventh generation. And although there are many whites who came here from Europe after 1865, they fit right into the whole, overall pattern of exploitation, of modern slavery, that still exists in this country today. Because it's only a modern form of slavery that our people experience today, and white liberals, again, encourage us to join groups that they set up that they call the National Advance—National Association for the Advancement of Some Colored People, from ancient slavery to modern slavery. If I may add, your mention of white immigrants just coming here proves the inability of Negroes to solve this problem by the present course, or the past course that they've been taking. It's true, Italians, French, Spanish, and others came here as immigrants, uneducated, poverty-stricken. And their parents were able to open up stores. Little stores. They lived in the back, sent their children to school. Their children studied business and came back and expanded the businesses, and most businesses in the white community are called so-and-so brothers, so-and-so and son, and so forth. This is how you established what you call the American economy, somewhat—speaking on the run.

Negroes have been here, free, since 1865, so-called, have a purchasing power of \$20 billion per year, have more education than any group, any minority group on this earth. You can't go in the Negro community anywhere in the Bay Area and find five businesses owned by Negroes, so and-so and son or so-and-so brothers.

The mistake that we made differs from the mistake you didn't make. Your parents solved your problems economically, of their own volition, with their own ingenuity. Our leaders have done nothing to teach us how to go in business. They have done nothing to teach us how to elevate the level of our schools. They've done nothing to teach us how to keep up the standard of our community.

It is not some masses of Black people who are at fault for this. It's this Negro puppet that the white liberal has set over the Negro community to act as our leader and act as our spokesman who has failed to show us how to solve our own problems. So we remain crippled, and accept to follow the advice of this white liberal who does nothing but continue to exploit us instead of trying to help us solve the problem. Hope I didn't answer you too long.

Moderator: We have time for only one more question, I'm afraid, and I recognize this gentleman.

Question: I'd like to ask Mr. X simply, why cannot a Negro infiltrate the political machine and use power politics to his own end?

Malcolm X: If he studies the science of politics, he probably would. Most Negroes don't. They become involved politically from an emotional point of view rather than a scientific point of view. You show me a Negro politician, and I'll show you one who's controlled by the white political machine. And if you show me one who isn't controlled by the white political machine, I'll show you one whom the white political machine has labeled as a racist, an extremist.

Adam Powell is one of the best examples of it. Anyone that they endorse, who will do what they want him to do, he's all right. But when you become politically independent in this country, the white media, they label you as a racist. The reason for this is, the only way you can become politically independent of the white political machine is to have the support of the Black masses. The only way you can get the support of the Black masses is to say how they think and how they feel. And when you begin to speak to the Black masses, how they feel and think, then the whites call you a racist. Because you have to talk in the context of the intense degree of dissatisfaction that exists in the Negro community.

Whites don't want to hear this. They want to be told that the problem is being solved. You're not solving the problem for anybody but a few handpicked, Uncle Tom Negroes who benefit from your token integration. And as long as you deal with that, you're going to be adding more powder to a keg that's inside your house that can blow you higher, that could explode, higher than a million-megaton bomb. So when you go down here and find how the masses of Black people really feel, you're too intelligent to act as you are, if you know how they really feel. And the only Black man who will tell you exactly how a Black man feels is the Honorable Elijah Muhammad. The rest of them are going to talk to you out of the corner of their mouth. Try and make friends with you.

A Message to the Grassroots (November 10, 1963)

During the few moments that we have, we want to have just an off-the-cuff chat between you and me—us. We want to talk right down to earth in a language that everybody here can easily understand. We all agree tonight, all of the speakers have agreed, that America has a very serious problem. Not only does America have a very serious problem, but our people have a very serious problem. America's problem is us. We're her problem. The only reason she has a problem is she doesn't want us here. And every time you look at yourself, be you black, brown, red, or yellow, a so-called Negro, you represent a person who poses such a serious problem for America because you're not wanted. Once you face this as a fact, then you can start plotting a course that will make you appear intelligent, instead of unintelligent.

What you and I need to do is learn to forget our differences. When we come together, we don't come together as Baptists or Methodists. You don't catch hell 'cause you're a Baptist, and you don't catch hell 'cause you're a Methodist. You don't catch hell 'cause you're a Methodist or Baptist. You don't catch hell because you're a Democrat or a Republican. You don't catch hell because you're a Mason or an Elk. And you sure don't catch hell 'cause you're an American; 'cause if you was an American, you wouldn't catch no hell. You catch hell 'cause you're a black man. You catch hell, all of us catch hell, for the same reason.

So we are all black people, so-called Negroes, second-class citizens, ex-slaves. You are nothing but an ex-slave. You don't like to be told that. But what else are you? You are ex-slaves. You didn't come here on the "Mayflower." You came here on a slave ship—in chains, like a horse, or a cow, or a chicken. And you were brought here by the people who came here on the "Mayflower." You were brought here by the so-called Pilgrims, or Founding Fathers. They were the ones who brought you here.

We have a common enemy. We have this in common: we have a common oppressor, a common exploiter, and a common discriminator. But once we all realize that we have this common enemy, then we unite on the basis of what we have in common. And what we have foremost in common is that enemy—the white man. He's an enemy to all of us. I know some of you all think that some of them aren't enemies. Time will tell.

In Bandung back in, I think, 1954, was the first unity meeting in centuries of black people. And once you study what happened at the Bandung conference, and the results of the Bandung conference, it actually serves as a model for the same procedure you and I can use to get our problems solved. At Bandung all the nations came together. Their were dark nations from Africa and Asia. Some of them were Buddhists. Some of them were Muslim. Some of them were Christians. Some of them were Confucianists.

Some were atheists. Despite their religious differences, they came together.

Some were communists; some were socialists; some were capitalists. Despite their economic and political differences, they came together. All of them were black, brown, red, or yellow.

The number one thing that was not allowed to attend the Bandung conference was the white man. He couldn't come. Once they excluded the white man, they found that they could get together. Once they kept him out, everybody else fell right in and fell in line. This is the thing that you and I have to understand. And these people who came together didn't have nuclear weapons, they didn't have jet planes, they didn't have all of the heavy armaments that the white man has. But they had unity.

They were able to submerge their little petty differences and agree on one thing: that though one African came from Kenya and was being colonized by the Englishman, and another African came from the Congo and was being colonized by the Belgian, and another African came from Guinea and was being colonized by the French, and another came from Angola and was being colonized by the Portuguese, when they came to the Bandung conference, they looked at the Portuguese, and at the Frenchman, and at the Englishman, and at the Dutchman, and learned or realized that the one thing that all of them had in common: they were all from Europe, they were all Europeans, blond, blue-eyed and white-skinned. They began to recognize who their enemy was. The same man that was colonizing our people in Kenya was colonizing our people in the Congo. The same one in the Congo was colonizing our people in South Africa, and in Southern Rhodesia, and in Burma, and in India, and in Afghanistan, and in Pakistan. They realized all over the world where the dark man was being oppressed, he was being oppressed by the white man; where the dark man was being exploited, he was being exploited by the white man. So they got together under this basis—that they had a common enemy.

And when you and I here in Detroit and in Michigan and in America who have been awakened today look around us, we too realize here in America we all have a common enemy, whether he's in Georgia or Michigan, whether he's in California or New York. He's the same man: blue eyes and blond hair and pale skin—same man. So what we have to do is what they did. They agreed to stop quarreling among themselves. Any little spat that they had, they'd settle it among themselves, go into a huddle—don't let the enemy know that you got a disagreement.

Instead of us airing our differences in public, we have to realize we're all the same family. And when you have a family squabble, you don't get out on the sidewalk. If you do, everybody calls you uncouth, unrefined, uncivilized, savage. If you don't make it at home, you settle it at home; you get in the closet—argue it out behind closed doors. And then when you come out on the street, you pose a common front, a united front. And this is what we need to do in the community, and in the city, and in the state. We need to stop airing our differences in front of the white man. Put the white man out of our meetings, number one, and then sit down and talk shop with each other. That's all you gotta do.

I would like to make a few comments concerning the difference between the black revolution and the Negro revolution. There's a difference. Are they both the same? And if they're not, what is the difference? What is the difference between a black revolution and a Negro revolution? First, what is a revolution? Sometimes I'm inclined to believe that many of our people are using this word "revolution" loosely, without taking careful consideration of what this word actually means, and what its historic characteristics are. When you study the historic nature of revolutions, the motive of a revolution, the objective of a revolution, and the result of a revolution, and the methods used in a revolution, you may

change words. You may devise another program. You may change your goal and you may change your mind.

Look at the American Revolution in 1776. That revolution was for what?

For land. Why did they want land? Independence. How was it carried out?

Bloodshed. Number one, it was based on land, the basis of independence. And the only way they could get it was bloodshed. The French

Revolution—what was it based on? The landless against the landlord. What was it for? Land. How did they get it? Bloodshed. Was no love lost; was no compromise; was no negotiation. I'm telling you, you don't know what a revolution is. 'Cause when you find out what it is, you'll get back in the alley; you'll get out of the way. The Russian Revolution—what was it based on? Land. The landless against the landlord. How did they bring it about? Bloodshed. You haven't got a revolution that doesn't involve bloodshed!

And you're afraid to bleed.

I said, you're afraid to bleed.

As long as the white man sent you to Korea, you bled. He sent you to Germany, you bled. He sent you to the South Pacific to fight the Japanese, you bled. You bleed for white people. But when it comes time to seeing your own churches being bombed and little black girls be murdered, you haven't got no blood. You bleed when the white man says bleed, you bite when the white man says bite and you bark when the white man says bark. I hate to say this about us, but it's true. How are you going to be nonviolent in Mississippi, as violent as you were in Korea? How can you justify being nonviolent in Mississippi and Alabama, when your churches are being bombed, and your little girls are being murdered, and at the same time you're going to get violent with Hitler, and Tojo, and somebody else that you don't even know?

If violence is wrong in America, violence is wrong abroad. If it's wrong to be violent defending black women and black children and black babies and black men, then it's wrong for America to draft us and make us violent abroad in defense of her. And if it is right for America to draft us, and teach us how to be violent in defense of her, then it is right for you and me to do whatever is necessary to defend our own people right here in this country.

The Chinese Revolution—they wanted land. They threw the British out, along with the Uncle Tom Chinese. Yeah, they did. They set a good example. When I was in prison, I read an article—don't be shocked when I say I was in prison. You're still in prison. That's what America means: prison. When I was in prison, I read an article in Life magazine showing a little Chinese girl, nine years old; her father was on his hands and knees and she was pulling the trigger 'cause he was an Uncle Tom Chinaman. When they had the revolution over there, they took a whole generation of Uncle Toms—just wiped them out. And within ten years that little girl become a full-grown woman. No more Toms in China. And today it's one of the toughest, roughest, most feared countries on this earth—by the white man. 'Cause there are no Uncle Toms over there.

Of all our studies, history is best qualified to reward our research. And when you see that you've got problems, all you have to do is examine the historic method used all over the world by others who have problems similar to yours. And once you see how they got theirs straight, then you know how you can get yours straight. There's been a revolution, a black revolution, going on in Africa. In Kenya, the Mau Mau were revolutionaries; they were the ones who made the word "Uhuru". They were the ones who brought it to the fore. The Mau Mau, they were revolutionaries. They believed in scorched earth. They knocked everything aside that got in their way, and their revolution also was based on land, a desire for land. In Algeria, the northern part of Africa, a revolution took place. The Algerians were revolutionists;

they wanted land. France offered to let them be integrated into France. They told France: to hell with France. They wanted some land, not some France. And they engaged in a bloody battle.

So, I cite these various revolutions, brothers and sisters, to show you, you don't have a peaceful revolution. You don't have a turn-the-other-cheek revolution. There's no such thing as a nonviolent revolution. The only kind of revolution that's nonviolent is the Negro revolution. The only revolution based on loving your enemy is the Negro revolution. The only revolution in which the goal is a desegregated lunch counter, a desegregated theater, a desegregated park, and a desegregated public toilet; you can sit down next to white folk...on the toilet. That's no revolution. Revolution is based on land. Land is the basis of all independence. Land is the basis of freedom, justice, and equality.

The white man knows what a revolution is. He knows that the black revolution is worldwide in scope and in nature. The black revolution is sweeping Asia, sweeping Africa, is rearing its head in Latin America. The Cuban Revolution—that's a revolution. They overturned the system. Revolution is in Asia. Revolution is in Africa. And the white man is screaming because he sees revolution in Latin America. How do you think he'll react to you when you learn what a real revolution is? You don't know what a revolution is. If you did, you wouldn't use that word.

A revolution is bloody. Revolution is hostile. Revolution knows no compromise. Revolution overturns and destroys everything that gets in its way. And you, sitting around here like a knot on the wall, saying, "I'm going to love these folks no matter how much they hate me." No, you need a revolution. Whoever heard of a revolution where they lock arms, as Reverend Cleage was pointing out beautifully, singing "We Shall Overcome"? Just tell me. You don't do that in a revolution. You don't do any singing; you're too busy swinging. It's based on land. A revolutionary wants land so he can set up his own nation, an independent nation. These Negroes aren't asking for no nation. They're trying to crawl back on the plantation.

When you want a nation, that's called nationalism. When the white man became involved in a revolution in this country against England, what was it for? He wanted this land so he could set up another white nation. That's white nationalism. The American Revolution was white nationalism. The French Revolution was white nationalism. The Russian Revolution too, yes, it was white nationalism. You don't think so? Why you think Khrushchev and Mao can't get their heads together? White nationalism. All the revolutions that are going on in Asia and Africa today are based on what? Black nationalism. A revolutionary is a black nationalist. He wants a nation. I was reading some beautiful words by Reverend Cleage, pointing out why he couldn't get together with someone else here in the city because all of them were afraid of being identified with black nationalism. If you're afraid of black nationalism, you're afraid of revolution. And if you love revolution, you love black nationalism.

To understand this, you have to go back to what the young brother here referred to as the house Negro and the field Negro. Back during slavery, there was two kinds of slaves. There was the house Negro and the field Negro. The house Negroes, they lived in the house with master, they dressed pretty good, they ate good 'cause they ate his food—what he left. They lived in the attic or the basement, but still they lived near the master; and they loved their master more than the master loved himself. They would give their life to save the master's house quicker than the master would. The house Negro, if the master said, "We got a good house here," the house Negro would say, "Yeah, we got a good house here." Whenever the master said "we," he said "we." That's how you can tell a house Negro.

If the master's house caught on fire, the house Negro would fight harder to put the blaze out than the master would. If the master got sick, the house Negro would say, "What's the matter, boss, we sick?" "We" sick! He identified himself with his master more than his master identified with himself. And if you came to the house Negro and said, "Let's run away, let's escape, let's separate," the house Negro would look at you and say, "Man, you crazy. What you mean, separate? Where is there a better house than this? Where can I wear better clothes than this? Where can I eat better food than this?" That was that house Negro. In those days he was called a "house nigger." And that's what we call him today, because we've still got some house niggers running around here.

This modern house Negro loves his master. He wants to live near him. He'll pay three times as much as the house is worth just to live near his master, and then brag about "I'm the only Negro out here." "I'm the only one on my job." "I'm the only one in this school." You're nothing but a house Negro. And if someone comes to you right now and says, "Let's separate," you say the same thing that the house Negro said on the plantation. "What you mean, separate? From America? This good white man? Where you going to get a better job than you get here?" I mean, this is what you say. "I ain't left nothing in Africa," that's what you say. Why, you left your mind in Africa!

On that same plantation, there was the field Negro. The field Negro, those were the masses. There were always more Negroes in the field than there was Negroes in the house. The Negro in the field caught hell. He ate leftovers. In the house they ate high up on the hog. The Negro in the field didn't get nothing but what was left of the insides of the hog. They call 'em "chittlin'" nowadays. In those days they called them what they were: guts. That's what you were, a gut-eater. And some of you all still gut-eaters.

The field Negro was beaten from morning to night. He lived in a shack, in a hut. He wore old, castoff clothes. He hated his master. I say he hated his master. He was intelligent. That house Negro loved his master. But that field Negro—remember, they were in the majority, and they hated the master. When the house caught on fire, he didn't try and put it out; that field Negro prayed for a wind, for a breeze. When the master got sick, the field Negro prayed that he'd die. If someone comes to the field Negro and said, "Let's separate, let's run," he didn't say "Where we going?" He'd say, "Any place is better than here." You've got field Negroes in America today. I'm a field Negro. The masses are the field Negroes. When they see this man's house on fire, you don't hear these little Negroes talking about "our government is in trouble." They say, "The government is in trouble." Imagine a Negro: "Our government"! I even heard one say "our astronauts." They won't even let him near the plant...and "our astronauts"! "Our Navy"...that's a Negro that's out of his mind. That's a Negro that's out of his mind.

Just as the slave master of that day used Tom, the house Negro, to keep the field Negroes in check, the same old slave master today has Negroes who are nothing but modern Uncle Toms, 20th century Uncle Toms, to keep you and me in check, keep us under control, keep us passive and peaceful and nonviolent. That's Tom making you nonviolent. It's like when you go to the dentist, and the man's going to take your tooth. You're going to fight him when he starts pulling. So, he squirts some stuff in your jaw called novocaine, to make you think they're not doing anything to you. So, you sit there and 'cause you've got all of that novocaine in your jaw, you suffer peacefully. Blood running all down your jaw, and you don't know what's happening. 'Because someone has taught you to suffer—peacefully.

The white man do the same thing to you in the street, when he wants to put knots on your head and take advantage of you and don't have to be afraid of your fighting back. To keep you from fighting back, he gets these old religious Uncle Toms to teach you and me, just like novocaine, suffer peacefully. Don't stop suffering—just suffer peacefully. As Reverend Cleage pointed out, "Let your blood flow In the streets." This is a shame. And you know he's a Christian preacher. If it's a shame to him, you know what it is to me!

There's nothing in our book, the Qur'an—you call it "Ko-ran"—that teaches us to suffer peacefully. Our religion teaches us to be intelligent. Be peaceful, be courteous, obey the law, respect everyone; but if someone puts his hand on you, send him to the cemetery. That's a good religion. In fact, that's that old-time religion. That's the one that Ma and Pa used to talk about: an eye for an eye, and a tooth for a tooth, and a head for a head, and a life for a life: That's a good religion. And doesn't nobody resent that kind of religion being taught but a wolf, who intends to make you his meal.

This is the way it is with the white man in America. He's a wolf and you're sheep. Any time a shepherd, a pastor, teach you and me not to run from the white man and, at the same time, teach us not to fight the white man, he's a traitor to you and me. Don't lay down our life all by itself. No, preserve your life. it's the best thing you got. And if you got to give it up, let it be even-steven.

The slave master took Tom and dressed him well, and fed him well, and even gave him a little education—a little education; gave him a long coat and a top hat and made all the other slaves look up to him. Then he used Tom to control them. The same strategy that was used in those days is used today, by the same white man. He takes a Negro, a so-called Negro, and make him prominent, build him up, publicize him, make him a celebrity. And then he becomes a spokesman for Negroes—and a Negro leader.

I would like to just mention just one other thing else quickly, and that is the method that the white man uses, how the white man uses these “big guns,” or Negro leaders, against the black revolution. They are not a part of the black revolution. They’re used against the black revolution.

When Martin Luther King failed to desegregate Albany, Georgia, the civil-rights struggle in America reached its low point. King became bankrupt, almost, as a leader. Plus, even financially, the Southern Christian Leadership Conference was in financial trouble; plus it was in trouble, period, with the people when they failed to desegregate Albany, Georgia. Other Negro civil-rights leaders of so-called national stature became fallen idols. As they became fallen idols, began to lose their prestige and influence, local Negro leaders began to stir up the masses. In Cambridge, Maryland, Gloria, Richardson in Danville, Virginia, and other parts of the country, local leaders began to stir up our people at the grassroots level. This was never done by these Negroes, whom you recognize, of national stature. They controlled you, but they never incited you or excited you. They controlled you; they contained you; they kept you on the plantation.

As soon as King failed in Birmingham, Negroes took to the streets. King got out and went out to California to a big rally and raised about—I don’t know how many thousands of dollars. He came to Detroit and had a march and raised some more thousands of dollars. And recall, right after that Wilkins attacked King, accused King and the CORE of starting trouble everywhere and then making the NAACP get them out of jail and spend a lot of money; and then they accused King and CORE of raising all the money and not paying it back. This happened; I’ve got it in documented evidence in the newspaper. Roy started attacking King, and King started attacking Roy, and Farmer started attacking both of them. And as these Negroes of national stature began to attack each other, they began to lose their control of the Negro masses.

And Negroes was out there in the streets. They was talking about we was going to march on Washington. By the way, right at that time Birmingham had exploded, and the Negroes in Birmingham—remember, they also exploded. They began to stab the crackers in the back and bust them up ’side their head—yes, they did. That’s when Kennedy sent in the troops, down in Birmingham. So, and right after that, Kennedy got on the television and said “this is a moral issue.” That’s when he said he was going to put out a civil-rights bill. And when he mentioned civil-rights bill and the Southern crackers started talking about how they were going to boycott or filibuster it, then the Negroes started talking—about what? We’re going to march on Washington, march on the Senate, march on the White

House, march on the Congress, and tie it up, bring it to a halt; don’t let the government proceed. They even said they were going out to the airport and lay down on the runway and don’t let no airplanes land. I’m telling you what they said. That was revolution. That was revolution. That was the black revolution.

It was the grass roots out there in the street. Scared the white man to death, scared the white power structure in Washington, D. C. to death; I was there. When they found out that this black steamroller was going to come down on the capital, they called in Wilkins; they called in Randolph; they called in these national Negro leaders that you respect and told them, “Call it off.” Kennedy said, “Look, you all letting this thing go too far.” And Old Tom said, “Boss, I can’t stop it, because I didn’t start it.” I’m telling you what they said. They said, “I’m not even in it, much less at the head of it.” They said, “These Negroes are doing things on their own. They’re running ahead of us.” And that old shrewd fox, he said, “Well If you all aren’t in it, I’ll put you in it. I’ll put you at the head of it. I’ll endorse it. I’ll welcome it. I’ll help it. I’ll join it.”

A matter of hours went by. They had a meeting at the Carlyle Hotel in New York City. The Carlyle Hotel is owned by the Kennedy family; that's the hotel Kennedy spent the night at, two nights ago; it belongs to his family. A philanthropic society headed by a white man named Stephen Currier called all the top civil-rights leaders together at the Carlyle Hotel. And he told them that, "By you all fighting each other, you are destroying the civil-rights movement. And since you're fighting over money from white liberals, let us set up what is known as the Council for United Civil Rights Leadership. Let's form this council, and all the civil-rights organizations will belong to it, and we'll use it for fund-raising purposes." Let me show you how tricky the white man is. And as soon as they got it formed, they elected Whitney Young as the chairman, and who you think became the co-chairman? Stephen Currier, the white man, a millionaire. Powell was talking about it down at the Cobo [Hall] today. This is what he was talking about. Powell knows it happened. Randolph knows it happened. Wilkins knows it happened. King knows it happened. Everyone of that so-called Big Six, they know what happened.

Once they formed it, with the white man over it, he promised them and gave them \$800,000 to split up between the Big Six; and told them that after the march was over they'd give them \$700,000 more. A million and a half dollars, split up between leaders that you've been following, going to jail for, crying crocodile tears for. And they're nothing but Frank James and Jesse James and the what-do-you-call-'em brothers.

Soon as they got the setup organized, the white man made available to them top public relations experts; opened the news media across the country at their disposal; and then they begin to project these Big Six as the leaders of the march. Originally, they weren't even in the march. You was talking this march talk on Hastings Street—is Hastings Street still here?—on Hasting Street. You was talking the march talk on Lenox Avenue, and out on—what you call it?—Fillmore Street, and Central Avenue, and 32nd Street and 63rd Street. That's where the march talk was being talked. But the white man put the Big Six at the head of it; made them the march. They became the march. They took it over. And the first move they made after they took it over, they invited Walter Reuther, a white man; they invited a priest, a rabbi, and an old white preacher. Yes, an old white preacher. The same white element that put Kennedy in power—labor, the Catholics, the Jews, and liberal Protestants; the same clique that put Kennedy in power, joined the march on Washington.

It's just like when you've got some coffee that's too black, which means it's too strong. What you do? You integrate it with cream; you make it weak.

If you pour too much cream in, you won't even know you ever had coffee. It used to be hot, it becomes cool. It used to be strong, it becomes weak. It used to wake you up, now it'll put you to sleep. This is what they did with the march on Washington. They joined it. They didn't integrate it; they infiltrated it. They joined it, became a part of it, took it over. And as they took it over, it lost its militancy. They ceased to be angry. They ceased to be hot. They ceased to be uncompromising. Why, it even ceased to be a march. It became a picnic, a circus. Nothing but a circus, with clowns and all. You had one right here in Detroit—I saw it on television—with clowns leading it, white clowns and black clowns. I know you don't like what I'm saying, but I'm going to tell you anyway. 'Cause I can prove what I'm saying. If you think I'm telling you wrong, you bring me Martin Luther King and A. Philip Randolph and James Farmer and those other three, and see if they'll deny it over a microphone.

No, it was a sellout. It was a takeover. When James Baldwin came in from Paris, they wouldn't let him talk, 'cause they couldn't make him go by the script. Burt Lancaster read the speech that Baldwin was supposed to make; they wouldn't let Baldwin get up there, 'cause they know Baldwin's liable to say anything. They controlled it so tight—they told those Negroes what time to hit town, how to come, where to stop, what signs to carry, what song to sing, what speech they could make, and what speech they couldn't make; and then told them to get out of town by sundown. And every one of those Toms was out of town by sundown. Now I know you don't like my saying this. But I can back it up. It was a circus, a performance that beat anything Hollywood could ever do, the performance of the year. Reuther and those other three devils should get an Academy Award for the best actors 'cause they acted like

they really loved Negroes and fooled a whole lot of Negroes. And the six Negro leaders should get an award too, for the best supporting cast.

Malcolm X at Columbia University (November 20, 1963)

Dr. Mencher and students. First I want to thank Dr. Mencher for the invitation to speak here this afternoon. And I should start out by pointing out that in the Columbia Law Review I think it was, in December of I think last year, there was an extensive article carried in it about the Muslims and pointing out that there were a group of law students here at this particular campus studying some of the legal aspects of the Muslims and how it would be possible to find some way to stop the spread of their religion according to the Constitution. And whenever you have a University as famous as this in which there are students dedicated to no purpose other than to try and find some constitutional means to stop the spread of an unpopular religion, why that in itself is enough in my introductory remarks to point out why the Muslims in this country are greatly misunderstood.

The press has referred to us as "Black Muslims, which we aren't. We are black people who are Muslims because we believe in the religion of Islam.

When you believe in the religion of Islam, color doesn't play any part.

@There's no such thing as a brown Muslim, a red Muslim, yellow Muslim, white Muslim, or black Muslims when you believe in the religion of Islam. But here in the West, the Christian world, where color is the criterion by which a person is measured, in most references that are used to designate people, usually color is one of the main ingredients mentioned. We are Muslims. Our religion is Islam. We believe in Allah. We believe in one

God, one creator, one supreme being, who is called by us Allah. And this God is believed in by people in what you call the Moslem world, which covers pretty much all of Asia, Africa, and today, many parts of Latin America.

As Muslims believing in one God, we also believe that this one God has only one religion, and all of the prophets who came forth on this earth spread that one religion. The name of that religion is Islam.

Here in America the so-called Negroes have been cut off from our own forefathers, from our own people, and from our own kind, from our own culture, for nearly four-hundred years. And during the four hundred years we've been cut off from our people back home, we have been exposed to every type of religious philosophy except the religion of Islam, a great deal of time has been taken to keep the religion of Islam away from the ears and the mind of Negroes in this country.

The honorable Elijah Muhammad, we believe, was raised by God from our midst for the express purpose of teaching the religion of Islam to the American so-called Negroes. And those of us who have accepted this religion believe that this religion is the only real cure to what ails our people in this part of the world.

One of the reasons that this religion is the only cure is because we believe that it's just the plain naked truth, and one of the causes of our ailments in this part of the world is our lack of exposure to truth during the 400 years that we've been here. We believe that most of what Negroes have been taught in America is lies, deliberately concocted lies, scientifically told lies. And these lies are designed to make Negroes feel inferior and at the same time make white people feel superior. And if anyone has any doubts as to the purposes of the American educational system is designed to do, then all they have to do is examine the general attitudes of white and the general attitudes of blacks, and I think the result will pretty well bear out this statement.

In the religion of Islam, as taught by the Honorable Elijah Muhammad, the main characteristics that one undertakes after having been exposed to it is an awakening. It causes our people to wake up. By "wake

up,” I mean it develops within us racial pride, racial dignity and a strong sense of racial confidence. And this is the missing ingredient that most Negroes find absent whenever they are graduated from the educational system here in America, academic or religious; whereas Mr. Muhammad’s teaching of Islam restores this racial pride and this racial dignity, this self-respect and confidence in our own kind by restoring our cultural roots, giving us a knowledge of our cultural roots, or I should say connecting us with our roots in the past; and by pointing out to us our historic roots, automatically we can lay hold of them. Just as a tree receives nutrition from its roots, we find that when the so-called Negro in this country is reconverted or turned back to the religion of Islam, it has a tendency to do to us the same thing that the roots of a tree do to those trees.

Also it points out and lends emphasis to the contributions that our people have made to science, to culture, to civilization in the past; whereas the American educational system has completely destroyed all contributions made to science and civilization by dark-skinned people, and lends emphasis—ofttimes false emphasis—to contributions that were made primarily by whites.

And after this wake-up process has been accomplished, the next thing that Mr. Muhammad lends emphasis to in his religious teachings to us is clean-up. Since the general characteristics attributed by sociologists to the so-called Negro community are drunkenness, laziness, welfare problems and things of that sort, today when the Honorable Elijah Muhammad gives us the religion of Islam, immediately the Muslims who accept it turn away from tobacco, from narcotics, alcohol, lying, cheating, stealing, gambling, profanity, boisterousness, most of the this that the critics associate with Negroes.

It develops within us the strong desire to respect our women, protect our women and elevate our women, and also to provide for our women. These are Muslim characteristics. And it gives us a strong respect also for law-enforcement officers and for the law. We are obedient to the law as long as the law is obedient to itself, and we respect the law as long as the law respects itself. And also his teachings have had a strong tendency to rehabilitate men who have gone to prison. In the case of Muslims, seldom does a Muslim ever go to prison for having broken the law. Most Negroes who are in prison who are Muslims became Muslims after going to prison. They went to prison as Christians, and when they get into prison and find that their Christian philosophy or beliefs weren’t sufficient to turn them away from crime and keep them from behind prison bars, they become very disillusioned. When they hear the teachings of the Honorable Elijah Muhammad, usually they accept it. Overnight they change; they’re rehabilitated; they’re reformed and become better persons.

The last step in that process, after wake-up, and clean-up, is stand-up. This religion also gives black people who accept it the desire to start doing something for ourselves instead of sitting around and waiting for the white man to solve our problems and tell us that we are free or do some kind of justice or equality. The Muslims don’t feel that it is up to the white men to tell us when our people are really free or when our people are ready for anything. Once we awaken, it is up to us to get what is our right by whatever means necessary to enforce those rights. I might say in this short opening statement that the basic difference between black people in America who are Christians and black people in America who are Muslims is that the black man in America who is a Christian usually identifies himself with America, with all of America’s troubles and problems and he doesn’t see himself on the world stage at all.

Usually his scope is very limited. He has never been taught in the

American educational system to think of himself beyond the confines of

America or see what part he plays in the dark world. His role is limited to

America and to the American stage in his own eyes. And therefore on the American stage, which is a white stage, he sees himself as a minority, as the underdog, one against whom the odds are stacked. Usually the black man who is a Christian, when he approaches the problem, he approaches it as an

underdog; and he approaches it as a beggar, and he approaches it in a manner where he thinks the white power structure is doing him a favor when they drop crumbs from their table.

So he leaves his entire future in the hands of the white man whereas a black man who is a Muslim and who is a follower of the Honorable Elijah Muhammad—his scope isn't limited to the confines of America, but rather he looks at the entire problem in its world context. And as such, he sees that the majority of people of this earth are dark-skinned people or nonwhite people. And since the majority of people on this earth are nonwhites and he himself is non-white, he sees himself in that context; not as

a minority on the American stage, but a part of the vast majority of dark-skinned people who outnumber whites on this earth.

But to the Muslim, the white man is just another microscopic minority. And the blacks who accept Islam don't see where whites are doing us any favors when they speak in terms of freedom, justice and equality; nor do we think that it is left up to the white man or should be left up to the white man to make up his mind that Negroes are human beings too, and therefore one of these days pass some kind of legislation that will guarantee to the Negro rights as human beings.

I hope that's sufficient, and if it's not, we'll try and clarify it later. Thank you.

* * *

Question: I'm struck by similarities between ideas preached by the Muslim movement and the ideas of the proponents of negritude, and I wonder if you could say anything about the relationship between the Muslim movement and this movement in Africa with the newly independent African states. You've sometimes talked about your people going back to where they came from. To what extent is this something that's practical? Is there any dialogue between Africa and the Muslims?

Malcolm X: Mr. Muhammad teaches us that the only solution to this problem that confronts our people in this particular society here, where we are absolutely unwanted, is a departure, an immediate departure, from this unwanted area back to our own homeland where we can live among our own kind in peace and security. And the basic cause of the race problem in this country actually stems from the fact that Negroes are not wanted in this country as anything but chattel or commodity or property which can be exploited politically, economically and otherwise. And as black people in this country wake up and begin to think with their own brain and see the reality of their position in this society, you'll find them becoming increasingly disenchanted; and they'll have a tendency to disassociate themselves completely from America's present as well as from America's future, which means the only future for a black man who has been exposed to the brutalities and hypocrisies of the American system is a departure back home among our own kind where we can live among our own kind. And if this man that you've named refers to it as negritude, a word which I don't go for too much myself, then it's good; because we believe that a white man should be white and a black man should be black. We believe that white people by nature think in terms of what is good for white people first and foremost. We believe that whatever whites do, since they are intellectually mature—whether they are morally mature is another question—but whenever they become intellectually mature, they think in terms of what is good for white people. And everything that they do stems from that particular premise—what is good for whites. And we believe that black people...and the white man is not wrong for thinking like this. He is applying the first law of nature, which is self-preservation. But by the same token, when the black man becomes truly independent, not only politically and economically but intellectually, we believe that the black man also will then begin to think in terms of what's good for himself collectively as a people first and foremost, which is only natural, and then that leads to something else.

Question: You said that Mr. Elijah Muhammad was raised by God in America. I believe that most Muslims in the East believe that the holy prophet Mohammed was the very first prophet

Malcolm X: Well, if you'll recall, I didn't say that Mr. Muhammad was a prophet. Sir, we don't refer to Mr. Muhammad as a prophet. A prophet in my understanding of the word is one who predicts the future, one who says what's coming someday. We're not interested in some day. We're interested in right now. We refer to the Honorable Elijah Muhammad as a messenger who has a message of truth for the black people here in America. Now, when our brothers in the East were taught the religion of Islam and then we, their own people, were kidnapped from the East and brought to this country and held here in bondage for 400 years, our Muslim brothers over there never took the time to come over here and spread the religion of Islam among us or teach us about the religion of Islam, much less teach us anything about our lot. They failed to do this. Those who did come spent most of their time trying to teach Islam to the white man of America who had made us slaves. So they're not in a position to question the authenticity of anyone who tries to spread the religion of Islam in America among the black people of America. And the bulk of them who come to this country—and I think they number around 2- or 300,000—all of them combined have never been successful in converting yet 100 Americans to the religion of Islam. The religion of Islam is a religion of propagation. It's a religion in which, when one accepts it in truth and in sincerity, he's

not satisfied unless he is spreading it. This is the nature of Islam; this is the history of Islam. But our brothers over there haven't spread Islam in a long time. In fact, they aren't even living up to it themselves. So whenever the Honorable Elijah Muhammad, a little black man from Georgia, is able to stand up in his country and get not a hundred or two hundred, but hundreds of thousands of ex-slaves, so-called Negroes, to turn towards Mecca five times a day giving praise to Allah and practicing the principles of the religion of Islam even on a more strict basis than it is practiced in most of the world today, they should give him credit—not question his religious authenticity.

Question: Mr. X, in 1959 when Elijah Muhammad traveled to the Near East he was welcomed by international leaders. At the same time, however, national American leaders of the American Moslem movement, repudiated your group. Can you tell me, since that time has there been any change in that policy? Has there been any interweaving between the two groups?

Malcolm X: Number one, you will not find true Muslims, who are religiously sincere, washing their dirty clothes in public. This is one of the natural characteristics again of Islam. Islam creates brotherhood. It makes Muslims one happy family and whenever members of the same family have a disagreement, they go behind closed doors and iron it out; and then they come out in public with a united front. The Muslims in the Muslim world who welcomed the Honorable Elijah Muhammad upon his trip into the Muslim world in 1959 did so because they realized that he was doing work for the religion of Islam in the West that they themselves combined, with all the resources, were incapable of doing; whereas, on the other hand, you had Muslim groups in this country who are not religiously sincere and who live off the crumbs gain that fall from the table of this so-called power structure in which they live and whatever they say is usually designed to cater to the people who run that power structure or to appease them. So their pronouncements three or four years ago used to be filled with criticism and condemnation of the Honorable Elijah Muhammad. But if you'll notice in your press, this has decreased recently.

Usually when a Muslim comes here from abroad, reporters will give him a leading question or a loaded question. A reporter will meet that Muslim with the statement that the black Muslims teach hate, they're against all white people, "What do you think of the black Muslims?" Why good night, the man can't give but one answer. So this is what this particular segment of the earth has done, and some of our brothers from abroad have come here and fallen victim to it. Rather than coming to us and finding out what it is we stand for and what we are teaching and why, they listen to the enemy of Islam and let the enemy put words in their mouth. So we don't have any sympathy or patience with them either, although actually they don't understand.

Question: How do you feel about the interest that the American Nazi party has shown in your movement?

Malcolm X: I know nothing about the American Nazi party. I think probably all of them can fit in one garden; that is, the practicing Nazis. However, I think that more white people in this country are in

sympathy with Nazism than they are with practicing democracy. There are more whites who use little pockets of Nazis as whipping boys actually practice more Nazism and put up with more Nazism than Hitler did in Germany. And I don't think any white is in a moral position to ask me what I think about Nazis in light of the fact you're living in a country which in 1963 permits the bombing of Negro churches and the murder of little innocent and defenseless black children—why, you're not in a position to ask me anything about Nazism. Nazism is practiced by this government. Excuse me for giving it to you so bluntly, but I run into this question every now and then; and it doesn't make me look bad, it makes you look bad. The same thing that Hitler was practicing in Germany is practiced in this country against Negroes and it's also practiced against Muslims— Negroes in general and Muslims in particular. They hide behind the fact that Rockwell is supposed to be a Nazi, but Rockwell couldn't do what he's doing and get as much support as he's getting if there weren't a large segment of whites in this country who think exactly like Rockwell does only they camouflage their real feelings behind a lot of haughty, pious sounding phrases like “integration,” “civil rights,” and other things.

Question: If you think that our government practices Nazism, what about the efforts of, let's say, the justice department to obtain legislation... about accusing the justice department of not trying to do anything for the Negroes. What about the Kennedy legislative policy?

Malcolm X: What about it?

Question: What about it? What about it?

Malcolm X: The Kennedy's don't see any legislation. Kennedy never mentioned any legislation until those Negroes started erupting in Birmingham. As long the dogs were biting black people in Birmingham and King was trying to get the President to send him some troops to protect the victims of police brutality in Birmingham, the President said nothing, the department of justice did nothing. As long as the Negroes were nonviolent, the department of justice did nothing. It was only when the Negroes erupted on Saturday morning and began to retaliate against their brutal attackers that the President came on the television and then started talking about some kind of civil rights legislation that he was going to ask for. He had his back to the wall; he was in a corner; this was the only time he mentioned it. It became a moral issue then. I'm not so much influenced by whites who become very moral when someone puts a gun to their head, whether it's the President in the white House or just another Rockwell or Wallace.

To show you the hypocrisy of the justice department, including the man in the White House, as soon as they felt that the Negro, what they called “revolt” had died down, they began to water down their efforts to bring out some kind of civil rights legislation. And every day they come out more so and they admit that there's less chance of any civil rights legislation being passed this year. So I don't think that the justice department or anybody else is being true to the situation as it is faced by Negroes—again, especially in light of the fact that, although the justice department couldn't send anybody to Birmingham, Kennedy was ready to send troops into Saigon to protect 2- or 3,000 Americans that didn't even have any business to go over there. And he was ready to send troops into Cuba and other places on this earth. But when it comes to sending troops or police to defend the lives and the property of black people in this country, It's just a whole lot of talk. Nothing ever materializes. And I think white people should realize that Negroes are more aware of this hypocrisy than many whites are willing to admit to themselves.

Question: Sir, on the question of nonviolence, Mr. Williams, the North Carolina Negro now in Cuba, has suggested that American Negroes arm themselves in self- defense. I was wondering if you'd like to comment on Mr. Williams' views, especially the question of arms.

Malcolm X: Well, I wouldn't comment on Mr. Williams' views because I don't know what they are, but I can give you Mr. Muhammad's view. That's what I'm here for. I don't represent Robert Williams. Robert Williams is in Cuba. He's in exile. Evidently, he didn't know what he was doing. He should have gone ahead and used what he said he believed in. Muslims who follow the Honorable Elijah

Muhammad believe that our people should be intelligent, should obey laws, should carry themselves with respect, but any time anybody puts their hands on us, we should send them straight to the cemetery—no matter what the odds against us are. We should always obey the law; we should respect everyone; we should carry ourselves in an intelligent and respectful and friendly way. But any time anyone comes to put their hands on us, that person should get what he has coming to him. And I don't think there's anything wrong with that because America has always practiced this herself. I've never read anything in the history of America where Uncle Sam has practiced turning the other cheek. When the Japanese bombed Pearl Harbor, America didn't say, "Bomb us again." He didn't turn the other cheek. No! She retaliated. She wanted to retaliate against Russia just because Russian missiles were in Cuba.

Anybody who's intelligent is going to defend himself when he's being attacked. And the black people in this country who accept the religion of Islam and become followers of the Honorable Elijah Muhammad, no matter what be odds are against us—we don't carry any weapons; we don't arm ourselves—but we do believe when someone attacks us, we are going to lay down our life right there on the spot, or we are going to lay somebody else's life down beside ours. I hope this clarifies that point

Question: In Mr. Byrd's article based on interviews with Elijah

Muhammad, he mentions the possibility of political activity force. Could you comment on that?

Malcolm X: Yes. What Mr. Muhammad has in mind is not clear to me. I don't know what his political intentions are. He has not spelled them out. But I might lend emphasis to the fact that the same Herald-Tribune that carried his series, in 1961, in February I think it was, they mentioned that in this country you have approximately 3,000,000 Negroes who vote and 8,000,000 who don't vote. You have 11,000,000 who could vote. They said 2,700,000 do, which in round figures is approximately 3,000,000 who do and 8,000,000 don't. So, the question is: who are the type of Negroes who vote? And I think if you study, you'll find usually they're the middle-class bourgeois professional type Negro or semi-professional type Negro who take an active part in politics. The masses of black people in this country don't participate in politics. This doesn't mean that they're politically immature or politically lethargic, but they don't take part in politics because they don't trust the politicians, neither the Negro politician nor the white politician, because most of the Negro politicians are only puppets in the white political machine. They have no voice whatsoever. And when a Negro politician does become independent of the white political machine, usually the press labels him as a racist, an extremist, a demagogue and things like that. You know how they do with probably Adam Clayton Powell. And Powell is one of the only Negroes in this country who has ever shown his ability to be independent of a white political machine. So, they label you when you show real independence. Whites don't go along with any black man who is independent of them. As long as a black man will listen to white advice and put himself under white control, then that white man goes along with that black man and calls him a "responsible Negro leader," and by that he means that Negro is responsible to him and will listen to him. So these 3,000,000 are in the minority, the upper class Negro; whereas the 8,000,000, the masses who don't participate, they're the most dangerous element, because if 3,000,000 carry such strategic weight that your Presidential candidates and others will go far out of their way to make love to the 3,000,000, you can imagine what they could have to do if the 8,000,000 who are inactive become active. Why, they would upset the entire political picture in this country.

Those are the facts. Never before this generation has there been a real leader who appealed to the masses other than Marcus Garvey. Marcus Garvey had mass appeal, and he frightened the government and the power structure to death, to the point where they had to get a lot of these Uncle Tom Negroes to join his outfit and get him framed up and sent him to Atlanta penitentiary so they could deport him. The first man to be a leader since Garvey is the Honorable Elijah Muhammad. And those students of political science who are aware of the structure of the Negro community are well aware of the fact that if Mr. Muhammad ever became politically active, you'd have a changed picture on the entire political scene of this country. So, what his aims are, I don't know.

Question: Sir, I understand that one of the philosophies of the movement is for geographic separation of the races, and I understand also that South Africa recently has established their new policy, which calls for the actual separation into black conclaves. Is there any application of this policy in the United States?

Malcolm X: You can't compare what Mr. Muhammad is asking for with anything that's going on in South Africa. South Africa is South Africa. The apartheid policy is a policy being carried out by the white power structure, which is the minority, against the blacks, who are in the majority. And if the white minority thought that the separation of those blacks and whites was going to give the blacks an equal footing, they would be just as much against it as they are now for it. But they figure that they are going to put the black into some kind of segregated society which will still be under their jurisdiction and which they can control. We're not asking anything like that. Mr. Muhammad wants complete separation and independence from this particular political system, economic system that you call America, a system which will enable the black man then to utilize his own dormant talent and know-how and resources to lift himself by his own bootstraps instead of sitting around here as a beggar in this system, dependent upon this system.

Question: Could you forecast how this could happen in the United States??

Malcolm X: Number one, Mr. Muhammad isn't saying, "Give us part of this country." His solution is, as I think I've said, is the complete exodus of our people from this country back to our own homeland where we can live among our own people, and that this government should supply us with all of the machinery and tools necessary for us to till the soil back home and develop our own agricultural system, feed, clothe and shelter ourselves, and thereby make our own people an independent people standing on our own feet.

And if this government does not want that, then the alternative would be, since we can't get along together in peace on this continent mixed up with each other, to separate this continent geographically and give us an area where there's plenty of rainfall and mineral resources and the machinery and the tools necessary for us to begin the existence of our own independent civilization, society and government there. Then there will be some kind of peace. But other than that, as long as black and white try to stay under the same roof in the same room mixed up together, pretty soon you're going to have some very, very serious trouble because the black man is waking up. And when he wakes up, you can't contain him or trick him. You can't appease him. And tokenism doesn't move him. So, if the white society will react as violently as it has only to the tokenism that the Negro is asking for, what do you think white society's reaction will

be when the Negro wakes up and begins to ask for the real thing? White society will react violently and then to their shock they're going to find that Negro society reacting just as violently. You've forgotten right now that the majority of people on this earth are dark-skinned people, they're not white people. We represent a minority only in this particular society. But worldwide we're a part of the dark majority and we'll stand on that. And when our brothers over there wake up, they won't continue to be satisfied to come over here and go to the United Nations and berate South Africa for its racism and keeping hush-mouthed on Uncle Sam for his racism. No.

Question: To get what you want, what concrete plans do you have to push that through?

Malcolm X: The honorable Elijah Muhammad, as those of you who are Christians probably will recall in the Bible where Jesus said, "Ye shall know the truth and the truth shall make you free." Well, we believe that. We believe that when the black people in this country are exposed to the truth (that's why I said, "wake up") about themselves, their own past, then the worst crime that the white man committed against us will be corrected, because actually the worst crime that the white man today is guilty of is that he has destroyed a people; he has destroyed a human being. 20,000,000 Negroes have ceased to be human in the sight of white society simply because the white system has destroyed all evidences of culture that these people ever had. And when these cultural characteristics have been destroyed, then it

is possible for the same system to convict us of having once been savages and cannibals, and then this means that the slave system which we underwent here was a favor to us rather than a crime. And most Negroes actually have fallen for this. But once Elijah Muhammad teaches us the truth about our past and about the cultural, the scientific achievements and contributions of our people in Africa at a time when your own forefathers were crawling around in caves, why immediately this restores within the so-called Negro some kind of racial pride and racial incentive and gives him the ability to stand on his own feet and start thinking with his own brain instead of waiting for a white man to think for him or a white man to do something to solve his problems for him. The truth is sufficient to wake our people up, and once our people wake up, you have a new man, a new people.

It won't be this old handkerchief-head, head-scratcher and knee-knocker that you've been dealing with. He'll be a man who'll meet you with respect as long as you carry yourself with respect. But he'll not be a man who will salute you just because your skin is white. those days are over.

Question: Mr. X, I wonder if you can tell us if the Muslims, your people vote, and at the same time could you tell us your opinion of the three men who are already involved in the campaign—Mr. Goldwater, Mr. Rockefeller, Mr. Kennedy?

Malcolm X: The honorable Elijah Muhammad doesn't teach us to vote. He tells us to wake up. Once a man is awakened intellectually, he can think for himself. He knows whatever is good for himself and then he does that which is good for him, collectively and individually. I should say individually and collectively. Wake up is the first step. Most politicians don't want to wake Negroes up. They want Negroes to register and stay asleep, so they can hitch the Negro vote to their particular wagon. But you never hear any of the Negro leaders talking about waking the Negro up, make him intellectually and politically mature. They just say, "Get him to register." And if he registers in the mental condition that he is now, any politician can come along and use him. So, Mr. Muhammad says, "Wake up." That is, "Think for yourself and then do whatever is good for yourself." So, the three candidates who are front running—I forget their names, but whoever they are it doesn't make any difference to me. I would list them as foxes and wolves. Goldwater is a wolf. He lets you know where he stands. He doesn't like Negroes. At least all of his pronouncements and behavior give Negroes the impression that he's very vicious and dangerous, a wolf-type character. And as to the others...which one was it?

Question: Rockefeller?

Malcolm X: A fox. Foxes and wolves usually are of the same breed. They belong to the same family—I think it's called canine. And the difference is that the wolf when he shows you his teeth, you know that he's your enemy; and the fox, when he shows you his teeth, he appears to be smiling. But no matter which of them you go with, you end up in the dog house. And Negroes in New York State should probably be well acquainted with this because they have no more freedom, justice and equality here than they have anywhere else. The same thing is practiced in New York State as is practiced in Arizona and Mississippi. Only in New York it's done in a more subtle manner. It's done with a smile. It's done in a friendly way. But all of the demonstrations that have been taking place here in New York City I think will well bear out what I'm saying. I make no distinction between a fox and a wolf other than that distinction. One is a fox and the other is a wolf.

Question: How would you classify President Kennedy?

Malcolm X: Same. A fox. John F. That "F" stands for fox. He's undoubtedly more foxier than any of the others because any time a man can become President and be in office three years and do as little for Negroes as he has done despite the fact that Negroes went for him 80% and he can still maintain the friendly image in the mind of Negroes, I'll have to say he's the foxiest of the foxy.

Question: Out of these three candidates, whom would you vote for next year?

Malcolm X: I don't think that if I was cornered by any fox or a wolf, that I would have to take a choice between either one. I don't see any choice between a fox or a wolf. A fox is a fox and a wolf is a wolf—to me. Neither one is the lesser of two evils. Both of them are evil. And Negroes, when they become politically mature, I think will realize that you don't have to throw the bullets out of your gun just because you have a gun. Likewise, you should wait until you have a target and bring that target down. I think when Negroes become really mature, they won't vote just because they can vote. Sometimes they'll abstain. Ofttimes in a position of abstaining is as effective in its results as an actual vote, as is proved in the UN. You have those who say "yes," those who say "no," and those who abstain. And those who abstain have just as much weight. And probably the most intelligent thing Negroes could do at this juncture would be to abstain and withhold their vote completely and make both the fox and the wolf fight it out among themselves.

Question: Could you give me some idea of the strength of the black Muslims here in New York City?

Malcolm X: No. I don't know how strong they are. I have no idea whatsoever.

Question: Are there any records of membership?

Malcolm X: No. If there are, I don't have them. I'm not the secretary. I have no idea how many Muslims there are in New York or elsewhere. Murray Kempton, writing for the New York Post, said that he has a sneaking suspicion that, he said that he doesn't think there will ever be very many Negro Muslims, but he has a sneaking suspicion that most Negroes have some Muslim in them. I think he was speaking with reason in one breath and with emotion in the next breath. As an intelligent person, his analysis would force him to see that if he were a Negro and he heard what Mr. Muhammad were teaching, he would accept it, but as a white person, he could see it would be against him; so, he's hoping that Negroes don't accept it. But I think you would be shocked if you knew how many.

Question: Mr. Muhammad claimed that by 1970, 90% of the Negroes would be converted to Islam. Are you able to state whether its increased in membership?

Malcolm X: Yes, I heard Mr. Muhammad when he made that statement to Lou Lomax when Lomax was a reporter for Mike Wallace; that by 1970, he said that all the Negroes in this country would be resurrected from the grave; and the symbolic language used there only means that they would know the truth, and this truth would wake them up—by 1970. And there is every indication that the momentum that is gathering speed as that date arrives. Negroes are waking up, and frankly I believe that if white people knew the degree of speed with which Negroes are waking up, their whole attitude would be a lot different. And the only way you are going to know how fast Negroes are waking up is when you start asking these Uncle Toms and go out into the Negro community and ask somebody who represents the Negro community.

Question: You said that white men are responsible for the condition that black people are in, and then you said that they should give the black people land, how do you reconcile these two?

Malcolm X: I think it's easily reconciled. When you consider that our people were slaves in this country for over 310 years, this was the contribution of free labor, slave labor. Any time that you take the people that are in this classroom right now and take their individual income, individually it would amount to nothing; but collectively it would tip the scales—just your earning power. Now take the same earning power and multiply that, not weekly, but yearly and you could imagine just what income you'd have from the group right here in this small room. When you look at it like that and realize that America didn't have a hundred but had millions of black people in this country whom they could work as animals for over 300 years without having to pay out one dime even in upkeep nor wage, you can see how it was possible for this particular country to become richer than any other country in history faster than any country in history. This is the contribution that the Negro made to the American economic, political and social system.

Now, based on that, the only just compensation today would not be an integrated cup of coffee. Since we have made this contribution to help this country become what it is and now that we are in it we can't get along, and believe me, we can't get along, not as brothers and sisters—it will never happen—the only sensible thing that the whites can do to preserve at least part of what you have is to go ahead and give the Negro his share, let him depart and go back to his own homeland and start life among his own people.

I might add, if you'll notice I said earlier, this and the alternative and I stopped, because there's got to be a result if either the solution or the alternative doesn't work. There's got to be a result. We're not going to wait around another five years, ten years or another century to get this race problem solved. It's got to be solved or there won't be any problem to solve.

Question: You haven't yet specified whether any particular area where you want to go. Is there any indication of what area you have in mind or whether the people will assent to you or whether you'll be able to find the kind of place you want?

Malcolm X: Oh, yes. These are our people back home. What would they look like not accepting us? Although, if you'll excuse me for saying this, the colonial system has always been divided and conquer, and the American government has put out the propaganda that our brothers in Africa don't want us, and they've put out the propaganda among Africans that our people over here don't want them. And when the Africans come to this country there's a mile gap between us and we never knew why. It's this same old divide and conquer, plus the fact that they know that if they keep Negroes thinking that they have no place else to go, then the Negro has to be a beggar over here in America because he thinks there's no other alternative. And most Negro integrationists are nothing but beggars; whereas what Mr. Muhammad is saying is, "Let us go. Give us something here that will enable us to solve the problem with the masses."

And if I might take the time to point this out: You see, the difference between what Mr. Muhammad is asking and what the Negro civil rights leaders are asking is this: Mr. Muhammad's solution solves the problem for the masses, and it solves it permanently, once and for all. Whereas the Negro civil rights leaders—their solution will solve the problem for a handful of hand-picked Negroes, and even that solution is temporary, because you can't name one place in America where integration has been brought about other than on a token basis. Wherever it is brought about on a token basis the only ones who receive the benefits of it are the handpicked Negroes. A handful of hand-picked Negroes. And the masses still remain completely up in arms. So, you only make a fool out of yourselves coming up with tokenism which doesn't solve anything. Whereas if you come up with a complete separation and a settlement right now, the problem would be solved once and for all.

Question: You didn't answer my question.

Malcolm X: Answer your question? Well, I don't think it would be wise on our part to specify any geographic or political area on this earth where we would settle other than to say that our people back home will accept us with open arms, and I don't think you should hold it against me for being reluctant to speak on that. Any time a sheep finds itself in a den of wolves and the shepherd comes to take him, what would he look like telling the wolf where he's going?

Question: Sir, would you be in favor, instead of the Negroes withholding their vote, of an all-Negro party perhaps?

Malcolm X: I'm sorry I don't know whether I understood your question.

Question: You said that instead of voting for these three men who are running for President that the Negroes ought to withhold their vote. Do you think that instead of this, maybe the Negroes should set up their own all-Negro party in order to get these aims which are political?

Malcolm X: Well, I don't know. You mentioned freedom Now, well, I think they attempt to do that. You'll notice that whenever Negroes attempt to

set up an all-Negro anything, the Negro leaders of national stature knock it. Because, you see, Negroes of national stature aren't really leaders of the Negro community, and they don't go along with anything that's really designed to solve the problem for the Negro community. They're controlled, their salaries are paid by what you call white liberals who are the most dangerous things in America, these things who call themselves white liberals. And so, you'll never find one of these nationally recognized Negroes going along with anything that's all Negro or anything that's all black because their own position stems from their ability to draw a paycheck, and they don't feel that they can really draw a paycheck in any society that's all black. They're more interested in solving their own personal, individual problem than they are the masses of black people. I shouldn't say that we as Muslims couldn't endorse any specific party whether it was all anything. But the very fact that we are Muslims and are black I think pretty well speaks for itself as to which direction our weight would be thrown in if going in that direction was going to bring about a solution to the problem for the masses, not just a few handpicked Negroes. The top Negroes are insufficient to meet the Negro's needs.

Question: Why doesn't the black Muslim movement assume the leadership of a party? What is that reason for this?

Malcolm X: What the present Negro leadership in this country is doing will destroy it; they're riding a tiger. If you'll notice, the Negro leaders have never been really militant, never truly militant, nothing that you call Negro leaders. They only became militant when the masses became militant. And then the Negro leaders had to pretend to be militant in order to keep their position in front of the masses. So, when they jumped out and pretended to be militant, they began to ride a tiger, which they themselves can't ride nor can they control it. So, whenever you find any stirring up by these big Negroes, you'll find that they're stirring up people that they can't control. There's only one man who can ride that tiger. And they admit it in private, but they won't admit it in public. The tiger will eat them.

Question: Sir, how do you reconcile the fact that you say the Negro is waking up when at a rally in Harlem only a few thousand people attend

Malcolm X: Well, let me answer you in this way: I read in the paper here where the Big Six, with the support of all the news media, TV, radio and the press were going to have a rally at the Polo Grounds. And with all of that support, they only rallied I think 500 people. If you check back, I think you'll agree with me that this is what happened. And also, whenever Muslims give a rally, if the press says there were 2000 present, you can bet how many were present. The white press acts in concert to play down the effect of Muslims and the influence of Muslims in the so-called Negro community at a local level, a state level and a national level, because the wishful thinking of many of these whites is that most Negroes certainly don't think like Muslims claim they do. So, they try and delude themselves. This is one of the most dangerous mistakes this present generation of white people are making. They delude themselves with wishful thinking.

Question: What about the thousand Negroes that marched on Washington?

Malcolm X: I can explain it easily. The march on Washington had reached a complete block and was not getting any reaction at all...originally the idea to march on Washington was brought by the mass of people across the country who were discontent and extremely disenchanting. And at the time that they were talking about marching on Washington—if you go back and check all the press reports—Wilkins and the national leaders weren't involved in it at all: those Big Six weren't involved in it at all. It was talked about developing into such an uncontrollable thing that you will recall President Kennedy called in Wilkins and I think Randolph and one of the others and told them to call it off. And then the President was told that they couldn't call it off because they weren't the ones that had started it, then shortly after that, Wilkins and them returned to New York and a meeting was held at the Carleton Hotel in downtown New York, the hotel that Kennedy stays at, I think owned by his family or somebody close to him. This

meeting was called by a philanthropic society called the Foundation which is headed by Stephen Courier, and Stephen Courier had these Negro leaders where they were destroying themselves by fighting each other and that we should unite into what they called the united civil rights leadership committee—something like that. And once they formed this thing—it was supposed to be for fund-raising purposes, Courier maneuvered Young into the chairmanship of it and he became the Co-Chairman. And this particular organization was then used to represent and control and influence all the civil rights movement. The first step was to take over the march on Washington. And the Big Six were projected by the news media as the leaders of the march, as being in control of the march. And as soon as the public accepted them or identified them

as being inseparable with the march image, their next step was to invite Walter Reuther, a rabbi, a priest and a preacher to join; the same white clique that put Kennedy in power in Washington, D.C. joined the march in Washington because when Kennedy himself found that he couldn't stop it, fox that he is, he joined it. He endorsed it; he welcomed it, and said, "Come on to Washington." And he got his friends to join it. And when they joined it, they weakened it. It became nothing. It's like when you have a black cup of coffee that's too strong to drink, you integrate it with cream; or you pour cream in it, and as you pour the cream in it, it cools down and it weakens it, you eventually don't have the same substance that you started out with. The march on Washington turned out the same way. It shows the shrewd political reassuring and trickery of this group that is running the country right now. They joined it. And they put so many whites in it that it lost its militancy; it lost its flavor; it lost its anger.

They controlled it completely and they controlled it lock, stock and barrel to the point where the government was the one that told those Negroes what time to leave town, when to arrive, where they could march, and what they could say, what they could sing, and told them they better leave town by sundown. This was your march on Washington. Most of the real militant Negroes haven't been to Washington yet. As soon as the whites took it over, they stayed away from it. The only ones who really believe that the March on Washington accomplished anything are a handful of bourgeois Negroes and a lot of wishful thinking whites. It was controlled by whites, not by Negroes. And it benefitted nothing.

To show you the extent to which it was worthless, within two weeks after it was over they bombed a church down in Birmingham, murdered four little girls, shot two more little black boys in the back; and Kennedy had things under control to the extent where he didn't even send any help and sent a football coach down there to... Negroes are just a football team...and he sent his head coach down there to make sure that things didn't get out of hand. So, don't mention the march on Washington. It was a farce, and it didn't impress anybody except those who wanted to be impressed by it even before it took place. I want to thank you for the invitation, and I hope that my blunt speaking won't be taken by you as a manner of disrespect. This is not the case. I know that you invited me here to speak what I think, not just what you want to hear. Some of the others come and tell you what you want to bear.

God's Judgement of White America (December 4, 1963)

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that as it was the evil sin of slavery that caused the downfall and destruction of ancient Egypt and Babylon, and of ancient Greece, as well as ancient Rome, so it was the evil sin of colonialism (slavery, nineteenth-century European style) that caused the collapse of the white nations in present-day Europe as world powers. Unbiased scholars and unbiased observers agree that the wealth and power of white Europe has rapidly declined during the nineteen-year period between World War II and today.

So, we of this present generation are also witnessing how the enslavement of millions of black people in this country is now bringing White America to her hour of judgment, to her downfall as a respected nation. And even those Americans who are blinded by childlike patriotism can see that it is only a matter of time before White America too will be utterly destroyed by her own sins, and all traces of her former glory will be removed from this planet forever.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that as it was divine will in the case of the destruction of the slave empires of the ancient and modern past, America's judgement and destruction will also be brought about by divine will and divine power. Just as ancient nations paid for their sins against humanity, White America must now pay for her sins against twenty-two million "Negroes." White America's worst crimes her hypocrisy and her deceit. White America pretends to ask herself: "What do these Negroes want?" White America knows that four hundred years of cruel bondage has made these twenty-two million ex-slaves too (mentally) blind to see what they really want.

White America should be asking herself: "What does God want for these twenty-two million ex-slaves?" Who will make White America know what God wants? Who will present God's plan to White America? What is God's solution to the problem caused by the presence of twenty-two million unwanted slaves here in America? And who will present God's solution? We, the Muslims who follow the Honorable Elijah Muhammad, believe whole-heartedly in the God of justice. We believe in the Creator; whose divine power and laws of justice created and sustain the universe. We believe in the all-wise Supreme Being; the great God who is called "Jehovah" by the monotheistic Hebrews. We do not believe in the Trinity (or "plurality of gods") as advocated by the Polytheistic Christians. We who are Muslims call God by his true name: Allah, the great God of the Universe, the Lord of all the worlds, the Master of the Day of Judgement. The Honorable Elijah Muhammad teaches us that Allah is the true name of the divine Supreme Being, and that Islam is an Arabic word which means complete submission to God's will, or obedience to God's guidance.

We who are Muslims believe in this religion that is described in the Arabic language by the word "Islam." This religion, Islam, teaches us submission to God's will and obedience to God's guidance. It gives us the moral discipline that makes it easy for us to walk the path of truth and righteousness. "Muslim" is an Arabic word, and it describes a person whose religion is Islam. A Muslim is one who practices complete submission and obedience to God's will. Here in America the word "Muslim" is westernized or anglicized and pronounced "Moslem." Muslim and Moslem are actually the same word. The true believers in Allah call themselves Muslims, but the non-believing infidels refer to Muslims as Moslems or Muhammadans.

Many of the weak, backsliding Muslims who come to this country have also adopted some of these same pronunciations coined for them by the infidels. But we don't condemn these "orthodox" Muslims, because the reward of the believer, as well as the chastisement of the nonbeliever and the backslider, comes only from Allah. Allah is the only judge. He alone is master of this Day of Judgment in which we now live.

Why is the American white man so set against the twenty-two million "Negroes" learning about the religion of Islam? Islam is the religion that elevates the morals of the people who want to do right. Just by teaching us the religion of Islam, and by showing us how to live the life of a Muslim, the Honorable Elijah Muhammad is turning hundreds of thousands of Americans "Negroes" away from drunkenness, drug addiction, nicotine, stealing, lying, cheating, gambling, profanity, filth, fornication, adultery, and the many other acts of immorality that are almost inseparable from this indecent Western society. The Honorable Elijah Muhammad has restored our cultural roots, our racial identity, our racial pride, and our racial confidence. He has given us the incentive and energy to stand on our own feet and walk for ourselves.

Just as we believe in one God, whose proper name is Allah, we believe also that this one God has only one religion, the religion of Islam. We believe that we are living in the time of "prophecy fulfillment," the time predicted by the ancient prophets of God, when this one God would use his one religion to establish one world here on earth—the world of Islam, or Muslim world—which only means: a world of universal brotherhood that will be based upon the principles of truth, freedom, justice, equality, righteousness, and peace.

But before God can set up his new world, the Muslim world, or world of Islam, which will be established on the principles to truth, peace, and brotherhood, God himself must first destroy this evil

Western world, the white world...a wicked world, ruled by a race of devils, that preaches falsehood, practices slavery, and thrives on indecency and immorality. You and I are living in that great Doomsday, the final hour, when the ancient prophets predicted that God himself would appear in person, in the flesh, and with divine power He would bring about the judgement and destruction of this present evil world. The hour of judgement and doom is upon White America for the evil seeds of slavery and hypocrisy she has sown; and God himself has declared that no one shall escape the doom of this Western world, except those who accept Allah as God, Islam as his only religion, and the Honorable Elijah Muhammad as his Messenger to the twenty-two million ex-slaves here in America, twenty-two million "Negroes" who are referred to in the symbolism of the Scriptures as the Lost Sheep, the Lost Tribes, or the Lost People of God.

White America is doomed! God has declared that the Honorable Elijah

Muhammad is your only means of escape. When you reject the Honorable Elijah Muhammad, when you refuse to hear his message or heed his warning you are closing your only door of escape. When you cut yourself off from him, you cut yourself off from your only way out of the divine disaster that is fast approaching White America.

Before your pride causes you to harden your heart and further close your ears, and before your ignorance provokes laughter, search the Christian Scriptures. Search even the histories of other nations that sat in the same positions of wealth, power, and authority that these white Americans now hold...and see what God did to them. If God's unchanging laws of justice caught up with every one of the slave empires of the past, how dare you think White America can escape the harvest of unjust seeds planted by her white forefathers against our black forefathers here in the land of slavery!

According to the Scriptures, when God was going to destroy the wicked world with the flood, He first raised up a man named Noah, and missioned him as a warner to warn the wicked world that the flood was coming, and that he, Noah, was their only way out. But their own wickedness and lust for evil made them too blind to see Noah, and they were thus destroyed by the flood of their own evil deeds. Again, when God prepared to destroy the wicked world of the Sodomites with the fire of his wrath, He first raised up a man Lot, and missioned him to warn the Sodomites of the fire that was coming to destroy them because of their evil deeds, and to let them know that Lot was their only way out. But the Sodomites' addiction to their own lowly passions also made them too blind to see the divinity of Lot's mission and too deaf to heed his warning. They inherited the sea of fire and brimstone as reward for their rejection of God's servant.

Still later, when God prepared to turn his wrath upon the Egyptians, that House of Bondage, or Land of Slavery, God raised his servant Moses as a warner to the cruel slave master, Pharaoh. Moses' message to the slave master was simple and clear: "Let my people go. Let them no longer be segregated by you; stop trying to deceive them with false promises of integration with you; let them separate themselves from you. Let them go with me to a place wherein the God of our forefathers has prepared a land for us...a land in which we can serve our own God, practice righteousness, and live in peace among our own kind." And Moses warned Pharaoh: "If you will not let them separate from you and go with me, then our God will destroy you and your entire slave empire from the face of this earth." Pharaoh's wealth and power made him too proud to listen to the little inarticulate ex-slave named Moses. He ridiculed Moses' lack of eloquence. White America's attitude today is the same toward the Honorable Elijah Muhammad. They ridicule him because of his lack of education and his cotton-field origin in Georgia. White America chooses to listen to the Negro civil rights leaders, the Big Six. Six puppets who have been trained by the whites in white institutions and then placed over our people by these same whites as "spokesmen" for our people. These handpicked "spokesmen" do nothing but parrot for the whites exactly what they know the whites want to hear.

Pharaoh used this same strategy to oppose Moses. Pharaoh also set up puppet-magicians to parrot his lies and to deceive the Hebrew slaves into thinking that Moses was a hate-teacher, an extremist, who was advocating violence and racial supremacy simply because Moses was trying to restore unto his

people their own lost culture, their lost identity, their lost racial dignity...the same as the Honorable Elijah Muhammad is trying to do among the twenty-two million “Negro” slaves here in this modern House of Bondage today. By opposing Moses, Pharaoh was actually opposing Moses’ God; thus, that same God (Jehovah) was forced to drown Pharaoh in the Red Sea, destroy his slave empire, and remove the Egyptian influence from the face of this earth.

History is repeating itself today. America faces the same fate at the hands of Almighty God. That same divine handwriting is now on the walls of this modern American House of Bondage. We, the Muslims who follow the Honorable Elijah Muhammad, believe that the symbolic stories in these ancient Scriptures paint a prophetic picture of today, of America, and of the twenty-two million “Negroes” herein America...We believe that our present generation is witnessing the fulfillment of these divine prophecies, through the work being done among our people here in America today by the Honorable Elijah Muhammad.

This little, meek, humble, inarticulate ex-slave is a modern Noah, a modern Lot, a modern Moses...a modern Daniel. In fact, he is a modern David, and like ancient David the Honorable Elijah Muhammad has refused the carnal weapons of this wicked world and, armed only with a “slingshot” and “stones of truth,” this modern David is battering the head of this modern

Goliath (giant America), with a doctrine that no “helmet of falsehood” or

“shield of deceit” can withstand...and it is only a matter of time, before the Honorable Elijah Muhammad’s gospel of truth will make this American “giant of falsehood” topple and fall for ever.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us to believe in all of the prophets (including prophet Jesus), all of the Scriptures, the resurrection of the dead (not the resurrection of the physical dead, but the resurrection of the mentally dead American Negroes); also, Judgment Day and Doomsday which only means: the judgment of this wicked world and its destruction by God himself. The Honorable Elijah Muhammad teaches us belief but also the principles of Muslim practice:

- 1) We practice prayer toward the Holy City of Mecca five times daily.
- 2) We make charitable contributions toward the spread of Islam, or to spread this divine truth that will save our people from the destruction of this wicked Western world.
- 3) We practice fasting (we eat only one meal every twenty-four hours, and we abstain from all food for three days out of every month of the year...and we fast also during the holy month of Ramadan.)
- 4) Those of us who can afford it strive to make the pilgrimage to the

Holy City, Mecca, at least once during our lifetime. The Honorable Elijah Muhammad and two of his sons made this trip in December of 1959, and others of his followers have been making it since then.

The Honorable Elijah Muhammad’s mission as messenger is to remind America that God has not forgotten America’s crimes against his long-lost people, who have spent four hundred miserable years in this land of bondage. His mission is to warn America of the divine destruction that will soon rain down upon her from the very skies above her. His mission is to warn America to repent, and to atone for her sins against God’s people...or face complete destruction and permanent removal from the face of this earth...and removal not only as a nation but removal even as a race! The Honorable Elijah Muhammad’s divine mission, his message, and his work here in America is the same as that of Noah, Lot, Moses, and Daniel. He is a warner to our white oppressor, but a savior to the oppressed. He is preaching the divine execution of the wicked slave master (whom God can justifiably hold responsible for all sins); but he preaches forgiveness and salvation for the Negro ex-slaves, who have been made so deaf, dumb, and mentally blind by the slave master that no just God could now condemn these American Negroes for their sinful, ignorant behavior.

When the Honorable Elijah Muhammad says, “end of the world,” he does not mean the end of the earth; he is referring to the end of a race of “world of people,” and their removal from this earth: the removal of their world. There are many “worlds” here on this earth: the Buddhist world, Hindu world, Jewish world, Christian world, Capitalist world, Communist world, Socialist world, Eastern world and Western world -- Oriental world and Occidental world -- dark world and white world. Which of these many worlds has come to the end of its rope, the end of its time? Look around you at all of the signs and you will agree that it is the end of time for the Western world, the European world, the Christian world, the white world.

The time is past when the white world can exercise unilateral authority and control over the dark world. The independence and power of the dark world is on the increase; the dark world is rising in wealth, power, prestige, and influence. It is the rise of the dark world that is causing the fall of the white world. As the white man loses his power to oppress and exploit the dark world, the white man’s own wealth (power or “world”) decreases. His world is on its way down; it is on its way out...and it is the will and power of God himself that is bringing an end to the white world.

You and I were born at this turning point on history; we are witnessing the fulfillment of prophecy. Our present generation is witnessing the end of colonialism, Europeanism, Westernism, or “White-ism” ...the end of white supremacy, the end of the evil white man’s unjust rule. I must repeat: The end of the world only means the end of a certain “power.” The end of colonialism ends the world (or power) of the colonizer. The end of Europeanism ends the world (or power) of the European...and the end of “White-ism” ends the world (or power) of the white man.

According to the Christian Bible, Judgment Day is that final hour when God will cause “those who led others into captivity to go into captivity themselves” ...and “those who killed others with the sword to be killed by the sword of justice themselves.” Justice only means that the wicked slave master must reap the fruit (or harvest) of the evil seeds of slavery he has planted. This is justice! Other slave empires received justice, and now White America must receive justice. According to White America’s own evil past, which is clearly recorded on the pages of history, so shall God judge her today.

Before God can bring about this divine destruction, He must first separate the innocent from the guilty, the righteous from the wicked, the oppressed from the oppressor, the exploited from the exploiter, the slaves from the slave master. God never integrates his people with those who are not his people. The Scripture says God will separate his (black) sheep from the (white) goats, and the wheat from the tare. The goats are to be slaughtered and the tare cast to the burning flame...while the sheep are to be gathered into his pasture and the wheat into his barn.

In like manner God has prepared a Doomsday (a day of slaughter, a lake of fire) for this sinful white world of colonizers, enslavers, oppressors, exploiters, lynchers...and all others who refuse to repent and atone at the end of this white world. God has also prepared a refuge, a haven of salvation, for those who will accept his last Messenger and heed his last warning.

White America is doomed! Death and devastating destruction hang at this very moment in the skies over America. But why must her divine execution take place? Is it too late for her to avoid this catastrophe?

All the prophets of the past listed America as number one among the guilty that would be too proud, and too blind, to repent and atone when God’s last Messenger is raised in her midst to warn her. America’s last chance, her last warning, is coming from the lips of the Honorable Elijah Muhammad today. Accept him and be saved; reject him and be damned! It is written that White America will reject him; it is also written that White America will be damned and doomed... and the prophets who make these prophecies are never wrong in their divine predictions.

White America refuses to study, reflect, and learn a lesson from history; ancient Egypt didn’t have to be destroyed. It was her corrupt government, the crooked politicians, who caused her destruction.

Pharaoh hired Hebrew magicians to try and fool their own people into thinking they would soon be integrated into the mainstream of that country's life. Pharaoh didn't want the Hebrews to listen to Moses' message of separation. Even in that day separation was God's solution to the "slave's problem." By opposing Moses, the magicians were actually choosing sides against the God of their own people.

In like manner, modern Negro magicians are hired by the American government to oppose the Honorable Elijah Muhammad today. They pose as Negro "leaders." They have been hired by this white government (white so-called liberals) to make our people hear that integration into this doomed white society will soon solve our problem.

The Honorable Elijah Muhammad warns us daily: The only permanent solution to America's race problem is the complete separation of these twenty-two million ex-slaves from our white slave master, and the return of these ex-slaves to our own land, where we can then live in peace and security among our people. The Honorable Elijah Muhammad warns us daily: The American government is trying to trick her twenty-two million ex-slaves with promises that she never intends to keep. The crooked politicians in the government are working with the Negro civil rights leaders, but not to solve the race problem. The greedy politicians who run this government give lip-service to the civil rights struggle only to further their own selfish interests. And their main interest as politicians is to stay in power.

In this deceitful American game of power politics, the Negroes (i.e., the race problem, the integration and civil rights issues) are nothing but tools, used by one group of whites called Liberals against another group of whites called Conservatives, either to get into power or to remain in power. Among whites here in America, the political teams are no longer divided into Democrats and Republicans. The whites who are now struggling for control of the American political throne are divided into "liberal" and "conservative" camps. The white liberals from both parties cross party lines to work together toward the same goal, and white conservatives from both parties do likewise.

The white liberal differs from the white conservative only in one way: the liberal is more deceitful than the conservative. The liberal is more hypocritical than the conservative. Both want power, but the white liberal is the one who has perfected the art of posing as the Negro's friend and benefactor; and by winning the friendship, allegiance, and support of the Negro, the white liberal is able to use the Negro as a pawn or tool in this political "football game" that is constantly raging between the white liberals and white conservatives.

Politically the American Negro is nothing but a football and the white liberals control this mentally dead ball through tricks of tokenism: false promises of integration and civil rights. In this profitable game of deceiving and exploiting the political politician of the American Negro, those white liberals have the willing cooperation of the Negro civil rights leaders. These "leaders" sell out our people for just a few crumbs of token recognition and token gains. These "leaders" are satisfied with token victories and token progress because they themselves are nothing but token leaders.

According to a New York Herald-Tribune editorial dated February 5, 1960, out of eleven million qualified Negro voters, only 2,700,000 actually took time to vote. This means that, roughly speaking, only three million of the eleven million Negroes who are qualified to vote actually take an active part. The remaining eight million remain voluntarily inactive...and yet this small—three million—minority of Negro voters hold the decisive edge in determining who will be the next President.

If who will be the next President is influenced by only three million Negro voters, it is easy to understand why the presidential candidates of both political parties put on such a false show with the Civil Rights Bill and with false promises of integration. They must impress the three million voting Negroes who are the actual "integration seekers." If such a fuss is made over these three million "integration seekers," what would presidential candidates have to do to appease the eight million non-voting Negroes, if they ever decide to become politically active? Who are the eight million non-voting Negroes; what do they want, and why don't they vote?

The three million Negro voters are the so-called middle-class Negroes, referred to by the late Howard University sociologist, E. Franklin Frazier, as the “black bourgeoisie,” who have been educated to think as patriotic “individualists,” with no racial pride, and who therefore look forward hopefully to the future “integrated-intermarried” society promised them by the white liberals and the Negro “leaders.” It is with this hope that the “integration-minded” three million remain an active part of the white controlled political parties. But it must never be overlooked that these three million “integration seekers” are only a small minority of the eleven million potential Negro voters.

The eight million non-voting Negroes are in the majority; they are the downtrodden black masses. The black masses have refused to vote, or to take part in politics, because they reject the Uncle Tom approach of the Negro leadership that has been handpicked for them by the white man. These Uncle Tom leaders do not speak for the Negro majority; they don’t speak for the black masses. They speak for the “black bourgeoisie,” the brainwashed, white-minded, middle-class minority who are ashamed of being black, and don’t want to be identified with the black masses and are therefore seeking to lose their “black identity” by mixing, mingling, intermarrying, and integrating with the white man.

The race problem can never be solved by listening to this white-minded minority. The white man should try to learn what the black masses want, and the only way to learn what the black masses wants is by listening to the man who speaks for the black masses of America. The one man here in America who speaks for the downtrodden, dissatisfied black masses is this same man so many of our people are flocking to see and hear. This same Mr. Muhammad who is labeled by the white man as a black supremacist and as a racist.

If the three million white-minded Negroes are casting their ballots for integration and intermarriage, what do the nonvoting black masses want? Find out what the black masses want, and then perhaps America’s grave race problem can be solved.

Think how the late President himself got into office by only scant margin which was “donated” to him by Negro voters and think how many governors and other white politicians hold their seats (some by less than five thousand votes). Only then can you understand the importance of these white liberals place on their control of the Negro vote! The white liberals hate the Honorable Elijah Muhammad because they know their present position in the power structure stems from their ability to deceive and to exploit the Negro, politically as well as economically.

They know that the Honorable Elijah Muhammad’s divine message will make our people (1) wake up, (2) clean up, and (3) stand up. They know that once the Honorable Elijah Muhammad is able to resurrect the Negro from this mental grave of ignorance, by teaching him the truth about himself and his real enemy, the Negro will then be able to see and think for himself. Once the Negro learns to think for himself, he will no longer allow the white liberal to use him as a helpless football in the white man’s crooked game of “power politics.”

Let us examine briefly some of the tricky strategy used by white liberals to harness and exploit the political energies of the Negro. The crooked politicians in Washington, D.C., purposely make a big noise over the proposed civil rights legislation. By blowing up the civil rights issue they skillfully add false importance to the Negro civil rights “leaders.” Once the image of these Negro civil rights “leaders” has been blown up way beyond its proper proportion, these same Negro civil rights “leaders” are then used by white liberals to influence and control the Negro voters, all for the benefit of the white politicians who pose as liberals, who pose as friends of the Negro.

The white conservatives aren’t friends of the Negro either, but they at least don’t try to hide it. They are like wolves; they show their teeth in a snarl that keeps the Negro always aware of where he stands with them. But the white liberals are foxes, who also show their teeth to the Negro but pretend that they are smiling. The white liberals are more dangerous than the conservatives; they lure the Negro, and as the Negro runs from the growling wolf, he flees into the open jaws of the “smiling” fox. The job of the Negro civil rights leader is to make the Negro forget that the wolf and the fox both belong

to the (same) family. Both are canines; and no matter which one of them the Negro places his trust in, he never ends up in the White House, but always in the dog house.

The white liberals control the Negro and the Negro vote by controlling the Negro civil rights leaders. As long as they control the Negro civil rights leaders, they can also control and contain the Negro's struggle, and they can control the Negro's so-called revolt. The Negro "revolution" is controlled by these foxy white liberals, by the government itself. But the black revolution is controlled only by God.

The black revolution is the struggle of the nonwhites of this earth against their white oppressors. The black revolution has swept white supremacy out of Africa, out of Asia, and is getting ready to sweep it out of Latin America. Revolutions are based upon land. Revolutionaries are the landless against the landlord. Revolutions are never peaceful, never loving, never nonviolent. Nor are they ever compromising. Revolutions are destructive and bloody. Revolutionaries don't compromise with the enemy; they don't even negotiate. Like the flood in Noah's day, revolution drowns all opposition, or like the fire in Lot's day, the black revolution burns everything that gets in its path.

America is the last stronghold of white supremacy. The black revolution, which is international in nature and scope, is sweeping down upon America like a raging forest fire. It is only a matter of time before America herself will be engulfed by the black flames, these black fire brands. Whenever an uncontrollable forest fire is roaring down upon the farmhouse, the only way the farmer can fight that forest fire is by building a "backfire," a smaller fire that he himself can control. He then uses this "controlled fire" to fight the fire that is raging beyond his control.

Here in America, the black revolution, the "uncontrollable forest fire," is personified in the religious teachings, and the religious works, of the

Honorable Elijah Muhammad. This great man of God cannot in any way be controlled by the white man, and he will not compromise in any way with the wrongs this government has inflicted upon our people.

The Negro "revolt" is controlled by the white man, the white fox. The Negro "revolution" is controlled by this white government. The leaders of the Negro "revolution", the civil rights leaders, are all subsidized, influenced and controlled by the white liberals; and all of the demonstrations that are taking place on this country to desegregate lunch counters, theaters, public toilets, etc., are just artificial fires that have been ignited and fanned by the white liberals in the desperate hope that they can use this artificial revolution to fight off the real black revolution that has already swept white supremacy out of Africa, Asia, and is sweeping it out of Latin America... and is even now manifesting itself also right here among the black masses in this country.

Can we prove that the Negro revolution is controlled by white liberals? Certainly!

Right after the Birmingham demonstrations, when the entire world had seen on television screens the police dogs, police clubs, and fire hoses brutalizing defenseless black women, children, and even babies, it was reported on page twenty-six in the May 15 issue of The New York Times, that the late President Kennedy and his brother, Attorney General Robert Kennedy, during a luncheon conference with several newspaper editors from the State of Alabama, had warned these editors that they must give at least some token gains to the moderate Negro leaders in order to enhance the image of these moderate Negro leaders in the eyesight of the black masses; otherwise the masses of Negroes might turn in the direction of Negro extremists. And the late President named the Black Muslims as being foremost among the Negro extremist groups that he did not want Negroes to turn toward.

In essence, the late President told these southern editors that he was trying to build up the weak image of the Negro civil rights leaders, in order to offset the strong religious image of the Muslim leader, the Honorable Elijah Muhammad. He wasn't giving these Negro leaders anything they deserved; but he was confessing the necessity of building them up, and propping them up, in order to hold the black masses in check, keep them in his grasp, and under his control. The late President knew that once Negroes hear

the Honorable Elijah Muhammad, the white liberals will never influence or control or misuse those Negroes for the benefit of the white liberals any more. So, the late President was faced with a desperate situation.

Martin Luther King's image had been shattered the previous year when he failed to bring about desegregation in Albany, Georgia. The other civil rights leaders had also become fallen idols. The black masses across the country at the grass roots level had already begun to take their cases to the streets on their own. The government in Washington knew that something had to be done to get the rampaging Negroes back into the corral, back under the control of the white liberals.

The government propaganda machine began encouraging Negroes to follow only what it called "responsible" Negro leaders. The government actually meant Negro leaders who were responsible to the government, and who could therefore be controlled by the government, and be used by that same government to control their impatient people. The government knows that the Honorable Elijah Muhammad is responsible only to God and can be controlled only by God. But this white government of America doesn't believe in God!

Let us review briefly what happened last spring: In May in Birmingham, Negroes erupted and retaliated against the whites. During the many long weeks when the police dogs and police clubs and the high-pressure water hoses were brutalizing black women and children and babies, and the Birmingham Negroes had called for the government to intervene with Federal troops, the late President did nothing but sit on his hands. He said there was nothing he could do. But when Negroes in Birmingham exploded and began to defend themselves, the late President then sent in Federal troops, not to defend the Negroes, but to defend the whites against whom the Negroes had finally retaliated.

At this point, spontaneous demonstrations began taking place all over the country. At the grass roots level Negroes began to talk about marching on Washington, tying up the Congress, the Senate, the White House, and even the airport. They threatened to bring this government to a halt. This frightened the entire white power structure. The late President called in the Negro civil rights leaders and told them to bring this "march" to a halt. The Negro civil rights leaders were forced to tell the late President that they couldn't stop the march because they hadn't started it. It was spontaneous, at the grass roots level across the country, and it had no leadership whatsoever. When the late President saw that he couldn't stop the march, he joined; he endorsed it; he welcomed it; he became a part of it; and it was he who put the six Negro civil rights leaders at the head of it. It was he who made them the Big Six.

How did he do it? How did he gain control of the March on Washington? A study of his shrewd strategy will give you a glimpse of the political genius with which the Kennedy family was ruling this country from the White House, and how they used the America Negro in all of their schemes. The late President endorsed the march; that should have been the tip-off. A few days later in New York City, at the Carlyle Hotel, a philanthropic society known as the Taconic Foundation, headed by a shrewd white liberal named Stephen Currier, called a meeting of the six civil rights leaders in an effort to bring unity of action and purpose among all the civil rights groups.

After Martin Luther King had been released from his Birmingham jail cell in May, he traveled from coast to coast in a fund-raising campaign for his Southern Christian Leadership Conference. Roy Wilkins then began to attack King, accusing him of stirring up trouble, saying that after the NAACP would bail out King and the other demonstrators, then King would capitalize on the trouble by taking up all the money for his own organization, leaving the NAACP to hold the bag at a great financial loss.

As King, Wilkins, and the other civil rights leaders began to fight publicly among themselves over the money they were trying to get from the white liberals, they were destroying their own leadership "image."

The white liberal, Stephen Currier, showed them how they were destroying themselves by attacks upon each other, and it was suggested that, since most of their divisions and disagreements stemmed from competition for funds from white liberals, they should unite their fund-raising efforts. Then they formed

the Council for the United Civil Rights Leadership, under the pretext that it would be for fund-raising purposes. They chose the Urban League's Whitney Young as the chairman, and the white liberal Stephen Currier became the co-chairman.

It took the white man to bring those Negro leaders together and to unite them into one group. He let them select their own chairman, but he himself became the co-chairman. This shrewd maneuver placed the white liberal and the Taconic Foundation in the position to exercise influence and control over the six civil rights leaders and, by working through them, to control the entire civil rights movement, including the March on Washington. (It also put the white liberals in a position to force the Big Six to come out against the recently proposed Christmas boycott by threatening to withdraw their financial support from the civil rights drive.)

According to the August 4 edition of The New York Times, \$800,000 was split up between these six Negro civil rights leaders on June 19 at the Carlyle Hotel, and another \$700,000 was promised to be given to them at a later date after the march was over, if everything went well with the march. Public relations experts were made available to these "Six Big Negroes," and they were given access to the news media throughout the country. The press skillfully projected them as the leaders of the March on Washington, and as soon as the Big Six were looked upon in the public eye as the organizers of the march, and their first step was to invite four white "leaders" to become a part of the march "godhead." This group of leaders would supposedly okay all the plans and thereby control the "direction and the mood" of the march.

These four white "leaders" represented the same factions that had put the late President in the White House: Catholics, Jews, Labor, and Protestant liberals. When the late President had learned that he couldn't stop the march, he not only joined it himself, but he encouraged all of his political bedfellows to join it. This is the way the white liberals took over the March on Washington, weakened its impact, and changed its course; by changing the participants and the contents, they were able to change the very nature of the march itself.

Example: If I have a cup of coffee that is too strong for me because it is too black, I weaken it by pouring cream into it, I integrate it with cream. If I keep pouring enough cream in the coffee, pretty soon the entire flavor of the coffee is changed; the very nature of the coffee is changed. If enough cream is poured in, eventually you don't even know that I had coffee in this cup. This is what Happened with the March on Washington. The whites didn't integrate it; they infiltrated it. Whites joined it; they engulfed it; they became so much a part of it, it lost its original flavor. It ceased to be

a black march; it ceased to be militant; it ceased to be angry; it ceased to be impatient. In fact, it ceased to be a march. It became a picnic, an outing with a festive, circus-like atmosphere...clowns and all.

The government had learned that in cases where the demonstrators are predominantly black, they are extremely militant, and oftentimes very violent. But to the same degree that whites participate, violence most times is decreased. The government knew that in cases wherein blacks were demonstrating all by themselves, those blacks are so dissatisfied, disenchanted, and angry at the white man that they will oftentimes strike back violently regardless of the odds or the consequences. The white government had learned that the only way to hold these black people in check is by joining them, by infiltrating their ranks disguised as integrationist; by integrating their marches and all their demonstrations and weakening them: in this way only could they be held in check.

The government told the marchers what time to arrive in Washington, where to arrive, and how to arrive. The government then channeled them from the arrival point to the feet of a dead President, George Washington, and then let them march from there to the feet of another dead President, Abraham Lincoln.

The original black militants had planned to march on the White House, the Senate, and the Congress and to bring all political traffic on Capitol Hill to a halt, but the shrewd politicians in Washington, realizing that those original black militants could not be stopped, joined them. By joining the marchers,

the white liberals were able to lead the marchers away from the White House, the Senate, the Congress, Capitol Hill, and away from victory. By keeping them marching from the Washington Monument to the Lincoln Monument, marching between the feet of two dead Presidents, they never reached the White House to see the then living President.

The entire march was controlled by the late president. The government in Washington had told the marchers what signs to carry, what songs to sing, what speeches to make, and what speeches not to make, and then told the marchers to be sure to get out of town by sundown.

One of the Big Six leaders, John Lewis, chairman of the Student Nonviolent Coordinating Committee, was prevented from making a very militant speech. He wanted to attack the Kennedy administration for its hypocrisy on civil rights. The speech was censored by the Rt. Rev. Patrick O'Boyle, the Catholic Archbishop of Washington, D.C... This was a case in which the Catholic Church itself, for whom Rev. O'Boyle speaks, put itself in the position of censoring the legitimate opinion of one of the Big Six Negro civil rights leaders.

The late President's shrewd strategy was: If you can't beat them, join them. The Catholic President placed his Catholic bishop in a strategic position to exercise censorship over any one of the Big Six Negro leaders who tried to deviate from the script in this great "extravaganza" called the March on Washington, which the government had controlled right from the very beginning.

So, in the final analysis of the march: It would have to be classified as the best performance of the year; in fact, it was the greatest performance of this century. It topped anything that Hollywood could have produced. If we were going to give out Academy Awards in 1963, we would have to give the late President an Oscar for the "Best Producer of the Year"; and to the four white liberals who participated should get an Oscar as the "Best Actors of the Year," because they really acted like sincere liberals and fooled many Negroes. And to the six Negro civil rights leaders should go Oscar for the "Best Supporting Cast," because they supported the late President in his entire act, and in his entire program.

Now that the show is over, the black masses are still without land, without jobs, and without homes...their Christian churches are still being bombed, their innocent little girls murdered. So, what did the March on Washington accomplish? Nothing!

The late President has a bigger image as a liberal, the other whites who participated have bigger liberal images also, and the Negro civil rights leaders have now been permanently named the Big Six (because of their participation in the Big Fix?)...but the black masses are still unemployed, still starving, and still living in the slums...and, I might add, getting angrier and more explosive every day.

History must repeat itself! Because of America's evil deeds against these twenty-two million "Negroes," like Egypt and Babylon before her, America herself now stands before the "bar of justice." White America is now facing her Day of Judgment, and she can't escape because today God himself

is the judge. God himself is now the administrator of justice, and God himself is to be her divine executor!

Is it possible for America to escape this divine disaster? If America can't atone for the crimes she has committed against the twenty-two million "Negroes," if she can't undo the evils she has brutally and mercilessly heaped upon our people these past four hundred years, then America has signed her own doom...and our own people would be foolish to accept her deceitful offers of integration into her doomed society at this late date!

How can America atone for her crimes? The Honorable Elijah Muhammad teaches us that a desegregated theater or lunch counter won't solve our problems. Better jobs won't even solve our problems. An integrated cup of coffee isn't sufficient pay for four hundred years of slave labor, and a better job in the white man's factory or position in his business is, at best, only a temporary solution. The only lasting or permanent solution is complete separation on some land that we can call our own.

The Honorable Elijah Muhammad teaches us that the race problem can easily be solved, just by sending these twenty-two million ex-slaves back to our own homeland where we can live in peace and harmony with our own kind. But this government should provide the transportation, plus everything else we need to get started again in our own country. This government should provide everything we need in machinery, materials, and finance; enough to last us for from twenty to twenty-five years, until we can become an independent people in our own country.

If this white government is afraid to let her twenty-two million ex-slaves go back to our country and to our own people, then America must set aside some separate territory here in the Western Hemisphere, where the two races can live apart from each other, since we certainly don't get along peacefully while we are here together.

The size of the territory can be judged according to our own population. If our people number one-seventh of America's total population, then give us one-seventh of this land. We don't want any land in the desert, but where there is rain and much mineral wealth. We want fertile, productive land on which we can farm and provide our own people with sufficient food, clothing, and shelter. This government must supply us with the machinery and other tools needed to dig into the earth. Give us everything we need for them for from twenty to twenty-five years, until we can produce and supply our own needs.

If we are a part of America, then part of what she is worth belongs to us.

We will take our share and depart, then this white country can have peace. What is her net worth? Give us our share in gold and silver and let us depart and go back to our homeland in peace. We want no integration with this wicked race that enslaved us. We want complete separation from this race of devils. But we should not be expected to leave America and go back to our homeland empty-handed. After four hundred years of slave labor, we have some back pay coming, a bill owed to us that must be collected.

If the government of White America truly repents of its sins against our people, and atones by giving us our true share, only then can America save herself! But if America waits for Almighty God Himself to step in and force her into a just settlement, God will take this entire continent away from her, and she will cease to exist as a nation. Her own Christian Scriptures warn her that when God comes, He can give the "entire Kingdom to whomsoever He will" ...which only means that the God of Justice on Judgment Day can give this entire continent to whomsoever He wills!

White America, wake up and take heed, before it is too late!

A Visit from the FBI (February 4, 1964)

FBI Agent: Morning, how do you do. We are with the FBI. You have a couple minutes? We'd like to talk to you.

Malcolm X: Come on in.

FBI Agent: I am sorry, did we get you up?

Malcolm X: I was on the telephone. Your name is?

FBI Agent: Beckwith.

Malcolm X: And your name is.?

FBI Agent: Fulton.

Malcolm X: Which office are you from?

FBI Agent: From New York. There's only one out here. We have two problems we would like to talk to you about. One...why don't you take the article and read it. You might have been called by a couple of reporters, is that right?

Malcolm X: Yes.

FBI Agent: What did they quote you saying, nonsense?

Malcolm X: I cussed them out. What paper is this from?

FBI Agent: One of the New York ones, I don't know, I think the Times, I am not sure. The problem in this connection is that we have every reason to believe that this fella lied to us when he gave us the original.

Malcolm X: You should.

FBI Agent: Now, of course, that is a violation of the federal law, so he is in jail awaiting trial. Now the U.S. attorney up there preparing the case wanted you interviewed to disprove part of his story which isn't here; that he attended a meeting, I believe Monday or Tuesday, the fourteenth, in Rochester, from about seven or eight until ten or ten-fifteen at night, at which you were there. Of course, you were very well known, naturally, and how he got your name, I don't know. It is part of our proof, see, showing that you in fact were not there. And, if that is the case, that was on Tuesday night, wasn't it?

Malcolm X: Yes, on January 14. Ordinarily, I could have been anywhere, but it just so happens that on that night I was at the International Hotel, out here at the airport, Kennedy Airport, with a writer, Alex Haley, who writes for the Reader's Digest. You can get his number from the Reader's Digest, he lives in Rome, New York.

FBI Agent: Yes, I have heard his name. Doubleday is doing a book. He wrote us a letter.

Malcolm X: Right, he wrote a letter.

FBI Agent: In fact, copies are right here. When that letter came in, he said that Egypt was trying to interview him about something. Now, they had been down to where he formerly lived. We had no information on it other than the person who got the letter. So, you were with him that night?

Malcolm X: Yes, I was with him, and strange as it may seem, I got a call the next day from a lawyer downtown. Someone had apparently gotten hit over here on Junction Boulevard and Northern Boulevard and my license number had been turned in and he was saying it was I.

FBI Agent: Do you know the lawyer's name?

Malcolm X: Epstein or something.

FBI Agent: You didn't get his address or anything?

Malcolm X: No, but as far as I can recall, his name was Epstein. So, luckily, I was able to tell them where I was, and Haley was with me until two o'clock in the morning. I picked him up at the airport.

FBI Agent: That would encompass the entire time. What time did you leave there?

Malcolm X: Must have been around seven o'clock.

FBI Agent: You said you picked him up at the airport. Had he flown in from Rome?

Malcolm X: No, he flew in from Chicago. He was doing a story on Fuller for the Digest, for the Digest or Playboy.

FBI Agent: You would have no objection to us referring to our conversation if it is necessary to ask him to corroborate your story, would you?

Malcolm X: No. It was quite fortunate, frankly, that I was tied up with him that night, because I could have been anywhere.

FBI Agent: Well, of course, as you know, we are aware of most of your activities and that is true. That is one reason why we couldn't, on our own eliminate the fact that you were in fact in or not in Rochester.

Malcolm X: I was here.

FBI Agent: Had you been in Rochester at any time around this day?

Malcolm X: I haven't been in Rochester in probably six months.

FBI Agent: Do you know this fella, Booker, by any chance?

Malcolm X: No.

FBI Agent: Does that name mean anything to you?

Malcolm X: No.

FBI Agent: Philip Alpert?

Malcolm X: I know a lot of people that I wouldn't know by name.

FBI Agent: Well, he used the name up there, Alpert Leyton, spelled L-E-YT-O-N, he originally used it.

Malcolm X: I don't know it. What did he say, somebody had a meeting up there?

FBI Agent: Well, basically, his information, when he gave it at first, we couldn't prove or disprove it, so that caused quite a commotion with us. Someone is going to assassinate the President. I mean, that is of some significance. He attended a meeting. Now this is his story, briefly. On Tuesday night from, I don't know the times, eight to ten, something like that, he was at a meeting of the Muslims in Rochester. He couldn't tell us the exact place, he was blindfolded and taken there, which, of course, is not the way you people, I know, usually do things. This is his story. Ten were present, including you, and the assassination was planned, not the details, but it was planned to the extent that the ten people would get down in two cars—five each—to Washington, leaving late that night or early the next morning. Now beyond there, the story fizzles out as to how they were going to do it. They had no arms as far as he knew. But they were definitely going down. Well, of course, when we got this over the phone, you know, my God, you know. So, when we kept talking to him and he finally admitted, he said no, it was false. Of course, then we threw him in jail for fraud against the government. That is the kind of case—that is the statute under which we have authority to bring him before the commission. He couldn't make bail, so, of course, he went to trial and the trial is coming up shortly. I don't know when the trial will be. Now you'd be put in the position, if necessary—of course, this is between you and me—in other words, I don't know that you would even be called, but you would be a government witness in this case. Of course, you would be protected by a subpoena and of course any expenses.

Malcolm X: I shouldn't see where I have to get involved in something like this. Let me tell you what it is. It is so ridiculous that what it does, actually what it does...

FBI Agent: I will tell you the first reply that I made was that it was made up probably for that purpose, to embarrass your organization.

Malcolm X: Certainly, that is what it sounds like to me. It is so ridiculous, number one, that it sounds like to me that it was something that was invented even though it would be denied, it would still serve as a propaganda thing.

FBI Agent: I agree; My first reaction was that it is possible that some people are going to do that, but not the Muslims.

Malcolm X: No.

FBI Agent: Of course, that doesn't relieve us of the responsibility of trying to do something about it. This information of yours, seems as how it is a "fraud against the Government" case, the way we record the information is at your discretion. We, of course, will make a memorandum of our conversation on this point, unless you would prefer to have it written out and you sign it.

Malcolm X: No, I won't sign anything.

FBI Agent: It is entirely up to you. I will phrase it you prefer not to give any signed statement in this matter. You have no objection to us recording that?

Malcolm X: I don't see why I should have to get in it.

FBI Agent: You don't, but I have to ask you a few questions. May I take a moment here to get a detail straightened out? Now, as particular to that night of the fourteenth, you said you picked Mr. Haley up?

Malcolm X: Yes.

FBI Agent: Was that the International Airport you picked him up at?

Malcolm X: Yes.

FBI Agent: He came into that airport?

Malcolm X: Yes. And then.

..

FBI Agent: And then you went to the International Hotel?

Malcolm X: Checked in under Alex Haley, under his name. I wasn't checked in there. He had to work. It was about 7 P.M.

FBI Agent: About 7 P.M.?

Malcolm X: Yes, about 7 P.M.

FBI Agent: You remained with him until.

Malcolm X: About two o'clock in the morning. A waiter came in twice. One time around eight and another time around one o'clock.

FBI Agent: You didn't know his name.

Malcolm X: No. It would be easy to check.

FBI Agent: You remained there until two and then you came home?

Malcolm X: Right, I came home.

FBI Agent: After meeting with Mr. Haley you spent the rest of the night there?

Malcolm X: I haven't been in touch with him since I left. I don't know what time he left the next day.

FBI Agent: He was scheduled to leave the next day by plane, I presume? Malcolm X: Most likely.

FBI Agent: You can see one of the big problems we have on a thing like this. It is trying to prove a negative, so to speak.

Malcolm X: But you know, you have people in Washington who are past masters for making positive out of negative.

FBI Agent: No comment. In all probability, this is the type of party who is going to go up and say "I plead guilty." But if he doesn't and goes to trial then it is up to us to show that his story was false because that is the charge. He furnished us false information. And, that in fact he knew it was false—which he has already admitted to us.

Malcolm X: What would be his purpose in making a statement like this?

FBI Agent: I will tell you his reason between us, now I don't know what it is, the reason is that he wanted to test the ability of the government agency. He was worried since President Kennedy's assassination that we may not be on the ball. I don't know.

Malcolm X: Well, was he a Negro?

FBI Agent: Yes, from Baltimore. He gave us a rather ridiculous story. He wanted to test the capabilities of making any preparations. Now, that is what he said. Of course, we right from the start were pretty much aware that he was wrong, he made up a story. He said he joined the Muslims, and the blindfold bit.

Malcolm X: Has he ever been a Muslim?

FBI Agent: We don't know for sure. As far as we know, no. He claims that he joined in Baltimore. He said he joined and then became a junior dragon. Malcolm X: What is that supposed to be?

FBI Agent: We don't know. Of course, we know better and you know better, and then afterward, after serving his time as a junior dragon, he then became a dragon. He involved you in several different ways in addition to being there on that night. See, he probably knows your name. I would like to bring this out to you. He said in the summer of '63, he was designated by the Baltimore temple as a research specialist to make a study of Negro problems; home, house, family, so forth, in

Baltimore, and as a research specialist in Baltimore it had to have your approval since you were in charge of the entire East Coast of the Nation of Islam at that time. He said you approved his position as a research specialist in Baltimore.

Malcolm X: I have no knowledge of it, although we do need some research.

FBI Agent: Then he said that last summer, with your approval, he was designated the research specialist for the State of New York. That is when he went to Rochester and was doing research of this type in that area. He turned his reports over to Elmer X—he claimed—and then he passed them on to you.

Malcolm X: Elmer X who?

FBI Agent: He said it was Elmer X up there, and the only Elmer X we were acquainted with was Mr. Grant in Buffalo. As you may well be aware of, he was interviewed as a result of some investigation in that area. All members were contacted. He turned his reports over to Elmer X and that was the last he saw of them. Those are the other two positions where he involved you, being named a research specialist for the State of New York with your approval.

Malcolm X: Has he backed up on that score?

FBI Agent: Yes.

Malcolm X: He is a nut.

FBI Agent: Well, not being a psychiatrist...

Malcolm X: You wouldn't have to be a psychiatrist. You wouldn't have to be a policeman to know that someone is breaking the law. Common sense. If you have a knowledge of the law, you know once you are breaking it. And this man is even violating laws of intelligence.

FBI Agent: I think that clears up that. The other problem is probably what you assume we came up for—to obtain any information you want to give us about the Muslims.

Malcolm X: I don't assume anything.

FBI Agent: That is a very general statement on my part. But, as you know, we follow the activities of the Muslims as best we can but we are always looking for new avenues for information, but who better than the head of the Muslims. At least, up until a month ago or something like that. That substantially is the second reason. We used this, this other thing, it came at a very good time as an excuse to push us out here to talk to you. Several of the fellows talked to you several years ago, as I recall.

Malcolm X: I haven't spoken to the FBI since 1956. It was about eight years ago.

FBI Agent: Yes, about that. How is your suspension status?

Malcolm X: No one knows but Mr. Muhammad, you'd have to ask him.

FBI Agent: You are still on suspension now? You are not working or teaching now?

Malcolm X: I am still under the suspension.

FBI Agent: That is a temporary thing as far as you know?

Malcolm X: He is the only one who can give out any information. I couldn't say nothing behind what he would say.

FBI Agent: I think he said it was a temporary suspension. How soon you resume your duties, we would be—as you sure know—interested in having you help us out.

Malcolm X: Help you out doing what? We are always helping out the government. We have been cleaning up crime.

FBI Agent: Fine, fine, fine.

Malcolm X: We help it out more than it helps itself. We are at least able to reform the people who have been made criminals by this society; by the corruption of this society. And, anyway, to help it out other than that, I wouldn't even know how to begin.

FBI Agent: What we are interested in, basically, are the people who belong. The names of the members.

Malcolm X: From what I understand, you have all of that.

FBI Agent: No comment. The teachings, plans, programs.

Malcolm X: No teaching is more public than ours and I don't think you will find anybody more blunt in stating it publicly than we do. I don't think you can go anywhere on this earth and find anybody who expresses their views on matters more candidly than we do.

FBI Agent: I can only agree with you. You are right. The main thing is there is a certain area of responsibility this is getting into our angle of it. What we really want are the names of all those who belong, who they are, identification.

Malcolm X: I don't even know them.

FBI Agent: You keep no records?

Malcolm X: That is not my job. I am just a preacher.

FBI Agent: But somebody up there keeps the records.

Malcolm X: I don't know who. I don't have any knowledge of those kinds of things. With all the responsibilities that I have had, it is difficult for me to worry about names, plus you would insult my intelligence asking me for them. In fact, you would insult your own because it would mean that your own intelligence isn't heavy enough to weigh me and know in advance what I am going to say when you ask that question.

FBI Agent: Well, without getting into an argument on semantics, you don't know until you ask.

Malcolm X: There is no semantics. That again goes into psychology.

FBI Agent: We have had people that, not this group in particular, who have been just as vociferous against whatever we are investigating. The Communists make a good case of it. The Communists for twenty years, you know, they hate everything. We've been told to investigate. I am going to tell you something—you never know until you ask. That has happened so many times. Sometimes you are convinced, but sometimes...money brings out the information. I don't intend to insult you here.

Malcolm X: According to the Secretary of the Treasury, this government's money is in trouble. According to government economists, the dollar itself is in so much trouble a person would be a fool to sell his soul for one of these decreasing dollars.

FBI Agent: I couldn't agree with you more. You would be a fool to sell your soul even if the dollar were increasing. This has nothing to do with selling your soul. If you're gonna look at it that way, okay.

Malcolm X: Depends on how you look at it. I frankly believe that what Mr. Muhammad teaches is 100 per cent true. Secondly, I believe that everything he has said will come to pass. I believe it. I believe it more strongly today than I did ten years ago because I have seen too much evidence. But, today, all of your world events that are shaping up, total up to too much evidence toward what he said is coming to pass. World events today would make me stronger in my convictions than they would have made me ten years ago.

FBI Agent: But that is beside the point of what I am trying to get out of you. Fine if that all comes to pass. I have no control of it. All we want to know is the names of the people that are in the organization, and if it is so public and so forth, by your own logic there would seem to be no objection to your saying "I am a Muslim."

Malcolm X: That part of the tree is the root; I mean, the root is always beneath the ground.

FBI Agent: You don't have to explain that, but I don't know what you are talking about...Well, would it be fair to say then in answer to a question whether or not you would cooperate with the government in furnishing pertinent information as I have described?

Malcolm X: I say we have always cooperated with them. The Muslims are the most cooperative group in this country with the government in that the Muslims are doing work that the government itself is incapable of doing.

FBI Agent: I say certain information pertinent to our investigation.

Malcolm X: You would have to go to Mr. Muhammad for pertinent information. I don't have access to pertinent information.

FBI Agent: Then it would be fair here again, to say a denial of your desire to furnish information, any information you might.

Malcolm X: I don't know what you mean by that.

FBI Agent: Well, the names of the members.

Malcolm X: That is not my department.

FBI Agent: But still you know a lot of names.

Malcolm X: No, I know probably less names than anybody. People I see, I call them brother and sister. I know no names.

FBI Agent: You have no access?

Malcolm X: I don't ever take on burdens that are not necessary and having names of people that are not necessary to me.

FBI Agent: No, but if you were so disposed to cooperate with us, would you...?

Malcolm X: What do you mean by cooperate?

FBI Agent: You are giving us any names that you could get.

Malcolm X: I am not so disposed.

FBI Agent: No, that is my point.

Malcolm X: As I say, we as an organization.

FBI Agent: Well, that is what I am trying to get out of you, whether or not you.

Malcolm X: We as an organization, and I am always an organization, that is why I say we. We cooperate with the government in that we do what they can't toward correcting the morals of people.

FBI Agent: Of course, we are with the FBI, we don't have any jurisdiction or social interest in the morals of anybody.

Malcolm X: What I mean collectively, the FBI is supposed to be concerned.

FBI Agent: No, not at all.

Malcolm X: Hoover wrote a book here, not long ago.

FBI Agent: He said the public should be...but we investigate many things. Crimes, anything of interest to the government and anything that is assigned to us by the executive President or the Attorney General...to get information, that is the limit. Now, a citizen, sure, very nice anytime you can keep someone from committing a crime. Very nice. But our interest here in coming to you is not as one citizen to another. I mean we are here as representatives of a government agency, asking specific things. I am not talking to you as a neighbor. I don't know you and you don't know me.

Malcolm X: There is no government agency that can ever expect to get any information out of me that is in any way detrimental to any religious group or black group for that matter in this country. No government agency.

FBI Agent: Fine.

Malcolm X: Because they should use that same energy to go and find who bombed that church down in Alabama and if these government agencies spent as much time and energy...

FBI Agent: You know what somebody in the south is saying today? If you people would go up north and investigate the Muslims with the same energy you are trying to find this bomb here...

Malcolm X: The Muslims don't bomb churches.

FBI Agent: I know. I didn't say that.

Malcolm X: But still, Muslims don't bomb churches. But still, if we broke the law, they would have us in jail tomorrow.

FBI Agent: Let us hope so. Let us hope so.

Malcolm X: If we were a lawbreaking group—no group is more thoroughly investigated than we. No group is more infiltrated with—I call them stool pigeons—than we. Now, if we were breaking the law, the government would know about it and they would have us locked up.

FBI Agent: I wish you were telling the truth. You are partially right. I wish you were entirely right. It would make my job so much easier.

Malcolm X: They need to find the bombers of the church.

FBI Agent: Of course, sure, we need to find a lot of things. We need to find that twenty shiploads of corn oil or soybean oil, but it takes time to do.

Malcolm X: No, it doesn't take time if you really want to do it.

FBI Agent: You think anybody can find that out?

Malcolm X: They should find out who murdered those little girls down in Birmingham, Alabama. I believe some Negro could go down and find out.

FBI Agent: Well, let's send them down there. We will be glad to pay them.

Malcolm X: They are waiting for the FBI. But, if they stop relying on the FBI, then they would do it themselves.

FBI Agent: I don't want to take up too much of your time. What I am interested in is if you want to help us. And, I put it to you bluntly, and I feel that I got a candid, blunt answer.

Malcolm X: That's the best way to put something like that to me, blunt.

FBI Agent: I don't want to sneak around the bush and try to trap you into saying anything. There is no point to it, because I have in mind a long-range cooperation between you and me or somebody else.

Malcolm X: Well, see, my religion teaches me that you don't have any long-range anything because time is running out.

FBI Agent: Well, that is fine. That is all right if you believe it.

Malcolm X: I say that with all due respect.

FBI Agent: I know almost everything you have said at the meetings over the years, I am very familiar with it.

Malcolm X: I think the mistake that white people make when they listen to what we say is they think we are just saying it. We believe it. At least I believe it.

FBI Agent: Some just go for kicks.

Malcolm X: You can put someone on me twenty-four hours a day and they will come back and tell you what I am there for.

FBI Agent: Frankly, one of the reasons we picked this particular time to contact you is because of the suspension.

Malcolm X: The suspension was brought about by my own doing.

FBI Agent: Exactly, but who knows what was in your mind when you did receive the suspension. In other words, bitterness could have entered into it. It would not be illogical for someone to have spent so many years doing something, then being suspended.

Malcolm X: No, it should make one stronger. It should make him realize that law applies to the law enforcer as well as those who are under the enforcement of the enforcer.

FBI Agent: You've taken an attitude toward the thing that's almost unhuman really. You have taken the attitude that Mr. Muhammad wants everyone to take if he chastises them, which is fine. More power to you. But you can see it from our viewpoint, that there is at least a chance and this has happened with other members of the organization suspended for some reason or other that we talked to them.

Malcolm X: Well, I can't get bitter when I know that what I was reprimanded for was something that I actually did. What kind of person would I be to get bitter?

FBI Agent: Well, that is what we came to find out.

Malcolm X: I know.

FBI Agent: I have no way of knowing unless I ask. Well, that's all. I don't have any other specific questions. Do you have anything you wish to say?

Malcolm X: No, only what I said. I am still concerned about that church down there in Birmingham.

FBI Agent: We are too. A lot of men are down there working on it.

Malcolm X: There must be a lot of them down there working on it.

FBI Agent: Offhand, a bombing is one of the hardest types of things to conduct an investigation on. The bomb is left at the church, you don't know when the bomb was left, you don't know when it was thrown. When the bomb goes off, the evidence is gone. With the Medgar Evers killing, it was a different situation. The rifle was found, you had some evidence, you have a bullet in the man, the bullet itself. We could take the bullet from Medgar Evers and put it in the rifle that was found on the scene.

Malcolm X: I bet if they bombed one of these cathedrals with some little white children in it you would have them the next day.

FBI Agent: They bombed about a year ago a bomb went off in St. Patrick's.

Malcolm X: St. Patrick's here in New York.

FBI Agent: As a matter of fact, not too far from Cardinal Spellman's quarters. They never found it.

Malcolm X: Didn't hurt anybody.

FBI Agent: Broke a window or two. A bomb is a bomb. It is immaterial to us whether a bomb breaks a window or knocks a house down. We have the same responsibility. The next time you may be standing or we may be standing there.

Malcolm X: I can understand that because now I see why so many of these underworld bombings take place and you never hear anything about it.

FBI Agent: A man out there recently in Chicago stepped on the starter of his car. A bomb is a very difficult thing to handle unless someone comes forward and gives us some information, like somebody who knew something about it, either one of the perpetrators or somebody who overheard them. I was mentioning there like on the Evers case. The bullet itself you could put in the rifle after it was found. Actually, we could put the Beckwith fingerprints on the rifle itself, we can trace the scope of that rifle, we have things to work with. Just like your wife walks down the street, somebody grabs her purse and runs. Now, by the time you call the policeman and the police get there, it is a very difficult thing to try to work with because there is nothing left in the way of evidence. Your best evidence is to find the purse wherever it is thrown. As you may know, that means somebody takes the valuables out and throws the bag over the fence and that is gone. Somebody breaks into your house, there is a great deal of evidence. You can trace fingerprints. If they spring the lock on your door you can take fingerprints from the door, footprints. After a bombing there is nothing there. The Church is down, you can't even pick the bomb up and trace it.

Malcolm X: It would be dangerous for you to ever say that publicly because your bombings would increase.

FBI Agent: It has been said before, anybody who knows how to make a bomb knows that. Anybody who has been in the service and gone to their bombing school, of course, there it is used for a different thing. It is one of the reasons why gangland wars have a lot of bombings. Nobody gets killed with a machine gun anymore. You can trace a machine gun. Thirty years ago that was the thing. One thing, machine guns are under regular control now. You can't sell a machine gun and not report it, any guns, machine guns in particular. Then, of course, you don't have complete citizen cooperation. You get a lot

of resistance. I'm just glad I don't have to try to find them myself. I am always glad when someone else gets the case.

Malcolm X: When Negroes in the South realize the inability of the law down there to protect them, they are going to start doing something to protect themselves.

FBI Agent: It is perfectly possible.

Malcolm X: You believe it. They are going to start doing something to protect themselves, not because I say so, it is plain common sense.

FBI Agent: They are going to do something to protect themselves. Suppose they get some men from their own church group to start a vigilante...stand guard outside their church to make sure no one throws a bomb. That is one thing, but are they going to go down...because their church was bombed and bomb some other church? That is a different thing. I cannot blame any Negro church, Baptist church in Montgomery or anywhere else, if they have some of their men stand guard at the church to make sure that no one plants a bomb. It is a chance that they have to do it.

Malcolm X: You would do that with your own family and home.

FBI Agent: If somebody was blowing up homes and you read that yours was next, you would stand guard and have some of the brothers here stand guard, but if you would go out because your house was blown up and blow the man's house across the street up.

Malcolm X: When one society realizes that what happens to another society will happen to it, then that society will take the measures necessary within itself to see that those criminal elements within it don't go out there and do those things.

FBI Agent: Unfortunately, most people realize that. If it were not true, of course we would have an anarchy and continued violence. You might have a small portion luckily, by small I mean infinitesimal in numbers. Most of the people even in the South realize that. I don't think you would have gone to Birmingham the Sunday of the bombing and found any white people who were jumping for joy because those four Negro children were killed. Undoubtedly, there would have been some of the perpetrators themselves. Maybe some people who are fanatically inclined with the white citizens and the KKK. But the general run of persons—even those same persons who do not want a Negro to sit beside them on the bus, don't want a Negro to sit beside them at a lunch counter, or don't want a Negro to live in the same neighborhood with them—I don't think even though they felt that way, I don't think you would find many who would jump for joy because those four young girls died in a bombing or that any church itself sustained bombing.

Malcolm X: Perhaps you are right, but I think that when white society realizes that the same thing can happen to it that happens to other societies because of it, then white society will take measures to see that these other things don't happen.

FBI Agent: Nobody denies there are injustices in the South and in the North.

Malcolm X: That is my contention. I grew up in white society. I think that they underestimated the feelings of Negroes because Negroes have always shown this long-suffering-type attitude.

FBI Agent: Until recently, I don't think they so much underestimated as ignored their feelings. I don't think many white people thirty years ago even thought about Negroes. They say, what do you think about Negroes. I don't know, I never thought about it.

Malcolm X: The reason they never thought about them is because they underestimated them. In their subconscious minds, they don't even give the Negro credit for being independent enough to have feelings about certain things.

FBI Agent: I think that is changing.

Malcolm X: But it is not changing fast enough.

FBI Agent: Of course, that is a matter of degree, people will always disagree on that.

Malcolm X: I am not saying the condition is not changing fast enough, the awareness on the part of whites isn't changing fast enough.

FBI Agent: That is probably the root of the problem. Legislation, laws, etc. make you like white people, make white people like Negroes. There is nothing, really, except education.

Malcolm X: But they are not trying to educate, they are trying to legislate. FBI Agent: Exactly.

Malcolm X: They are not even going about it in sincerity. The only reason they are trying to legislate is for political reasons. If they were really aware of the degree of dissatisfaction among Negroes and the ability of Negroes sooner or later to do something about it themselves, then you wouldn't see the politicians playing around, you would see them making a sincere enough effort to educate, but the only man that you will find doing something along educational lines is Mr. Muhammad. He changes the attitude of the Negro and the average person who has become a Muslim. Although he may appear dogmatic in some of his views on race, you won't find him going out and getting in trouble with whites. The only time there is any trouble is when somebody initiates some kind of trouble with him. The reason I say this is because in my experience, Negroes who become Muslims are more capable of dealing with white society on their intelligence plane, I even might say on a reciprocal plane, than the Negro who hasn't been exposed to Mr. Muhammad's teaching, because the Negro who has been exposed to Mr. Muhammad's teaching faces facts and the facts are this is a white man and this is a black man. This is a fact, there is nothing derogatory, and when you have to deny that you are a white man, you are in trouble. When you have to deal with a man on the basis of a complete denial of what you are and pretend you are denying what he is, you can't even talk on that basis, and this is the impasse that the Negro civil rights movements are jockeying for in this white society. They had a boycott yesterday. What did they accomplish? Let me give you an example: I blame the white man for making these Negroes think they are really leaders and they think they have some kind of program. No, they are jockeying him into such a position that you will be so embarrassed in the sight of the world, and after it is all over, you still haven't solved the problem.

FBI Agent: No, you don't solve things that way, whether by demonstrations or by laws.

Malcolm X: You notice that we don't demonstrate.

FBI Agent: My mention of education was on the part of the white people.

Malcolm X: Susskind had a good program last night on Channel 2, about this same thing. But it showed in there that you had some Negroes who moved into a white neighborhood and the repercussions, mental reaction. Many whites tried to band together and act intelligent and they found that they couldn't do it. It isn't prejudice, it is their intelligence that won't enable them to do it. They are not going to let someone live and move into their neighborhood who doesn't know how to keep the neighborhood up.

FBI Agent: I think that is the big problem rather than the color.

Malcolm X: What programs do you know of going on in the Negro communities now that are showing the Negroes the importance of property and property values? This is not speaking against our people, but you can't come out of slavery overnight and know what to do with your property. There is no program going on among Negroes today that will show Negroes how to act in a higher society or how to act when given access toward the higher things in a higher society, and now no white person can say it without being called a bigot. This is what I mean. The so-called Negro civil rights leader has the white

man in a position where he can't even show his intelligence without being called a bigot. But in dealing with a Muslim you can at least say what you think, you wouldn't be called a bigot. If what you say is intelligent, good. If what you say is not intelligent, then it's not. Then until the two can sit down and approach the problem you will have a problem of getting worse rather than getting better. It is going to be worse in 1964 than in 1963, as long as you got these freaks like Rustin who is nothing but a homo who can be projected by the press as a leader of black people, then you are going to have trouble on your hands.

FBI Agent: That is true, and I wish you were right.

Malcolm X: I know I'm right. All they are going to do is come up with what they call programs to give vent to the frustrations of the Negro and you can't do that but soften. Sooner or later, that Negro is going to be looking for the real thing and then you won't be able to control him and nothing you say will save him, or please him, or even stop him.

FBI Agent: I agree with you. Not to prolong our talk here, but me ask you this. On occasion, things come up like this of you being in Rochester.

Malcolm X: That is once in a lifetime.

FBI Agent: But frequently we get problems. The United Nations about three years ago, you people were accused of going in the line, but I know you weren't because I was down there. But, we get inquiries not only from Washington to determine to what extent, if any, the Muslims were active in the picketing of the United Nations. It is important for some people to identify the groups that participate most. Do you have any objection if we contact you on things like that and ask you point-blank are the Muslims involved in this.

Malcolm X: No objection. My telephone number is OL 1- 6320.

FBI Agent: How about that. OL 1-6320.

Malcolm X: That's like telling you the sun shines from the east.

FBI Agent: I assume we have it, but I will take it down in case we don't. As you know, we haven't called you, so I'm not sure. I will limit this. This will not be once a week or once a month, maybe once a year will be the extent of it. But it will save time and trouble at least.

Malcolm X: We don't picket. If we do picket they know it is us. It is that much difference between us and the others.

FBI Agent: As I say, we were down there. Here again, we are trying to prove a negative. It is not easy. A man sitting in Washington at a desk, when he calls down he...

Malcolm X: I think Washington is a past master, as I said previously, it's making positives out of negatives and negatives out of positives.

FBI Agent: I will report on my contact with you, for two reasons: one, not to bother you, and two, we clearly indicated that you just wouldn't give us any information.

Malcolm X: Certainly. You can tell them they insult my intelligence, not only, they insult me, period, if they think I will tell them anything.

FBI Agent: You have the privilege. That is very good. You are not alone. We talk to people every day who hate the government or hate the FBI. That is why they pay money, you know.

Malcolm X: That is not hate, it is incorrect to clarify that as hate. It doesn't take hate to make a man firm in his convictions. There are many areas to which you wouldn't give information and it wouldn't be because of hate. It would be your intelligence and ideals.

FBI Agent: I don't know of any, but that is all right.

Malcolm X: It has nothing to do with hate, it is based on my own factual...

FBI Agent: Disinclination to cooperate with the government.

Malcolm X: I don't see where it is disinclination. I don't even think it could be worded like that. I am looking for the government to cooperate with some of these Negroes. I don't see any government cooperation in Birmingham or any of these other places.

FBI Agent: Well, you'll have to see your congressman about that. We don't work in that area. It would be good and I think in many ways might be of some benefit to your organization if we can eliminate people now on the other hand, it might possibly get a rumor that you are going to—I don't want to use the wrong word—you say you don't picket, you say you had a little march in Times Square last...whatever you call it, if we get a rumor on that would you have any objection if I called you?

Malcolm X: No, not at all. I do think you are going to have a lot, in 1964, period, of racial disturbances.

FBI Agent: Of course, I am limiting our relationship to the Muslims, which is the only group you would be able to give an authoritative answer on. The other groups, we will have to get people in the other groups to furnish information.

FBI Agent: (speaking to other agent) Do you have any other questions?

FBI Agent: How was your trip to Florida?

Malcolm X: Fine.

FBI Agent: How do you think Cassius is going to come out? Is he going to win or is he going to lose?

Malcolm X: He can win.

FBI Agent: I've seen him fight and I think he is a pretty good fighter, but I think he is going to get it knocked off here, come February.

Malcolm X: He lives a clean life, all those things count.

FBI Agent: Liston does too.

Malcolm X: He might. I don't know as much about him.

FBI Agent: I don't know either. He's sort of a monster to run into.

Malcolm X: Even a monster, Father Time catches up with them.

FBI Agent: Right. It got to be that anybody could beat Joe Louis, but if they had fought him six or seven years earlier, they wouldn't have had a chance. You going down to the fight?

Malcolm X: I don't know.

FBI Agent: I was just wondering.

Malcolm X: Florida is an easy place to go to.

FBI Agent: Yes, nobody would have to twist your arm to get you to go. Thank you very much for your time.

Malcolm X: You are welcome.

FBI Agent: (speaking to other agent) You got your folder?

FBI Agent: We can leave that.

Malcolm X: Oh, that's all right, it would be safe here.

FBI Agent: All right, thank you very much. Thank you again.

Malcolm X: You are welcome.

A Declaration of Independence (March 12, 1964)

Because 1964 threatens to be a very explosive year on the racial front, and because I myself intend to be very active in every phase of the American Negro struggle for human rights, I have called this press conference this morning in order to clarify my own position in the struggle—especially in regard to politics and nonviolence.

I am and always will be a Muslim. My religion is Islam. I still believe that Mr. Muhammad's analysis of the problem is the most realistic, and that his solution is the best one. This means that I too believe the best solution is complete separation, with our people going back home, to our own African homeland.

But separation back to Africa is still a long-range program, and while it is yet to materialize, 22 million of our people who are still here in America need better food, clothing, housing, education and jobs right now. Mr. Muhammad's program does point us back homeward, but it also contains within it what we could and should be doing to help solve many of our own problems while we are still here.

Internal differences within the Nation of Islam forced me out of it. I did not leave of my own free will. But now that it has happened, I intend to make the most of it. Now that I have more independence of action, I intend to use a more flexible approach toward working with others to get a solution to this problem.

I do not pretend to be a divine man, but I do believe in divine guidance, divine power, and in the fulfillment of divine prophecy. I am not educated, nor am I an expert in any particular field—but I am sincere, and my sincerity is my credential.

I'm not out to fight other Negro leaders or organizations. We must find a common approach, a common solution, to a common problem. As of this minute, I've forgotten everything bad that the other leaders have said about me, and I pray they can also forget the many bad things I've said about them.

The problem facing our people here in America is bigger than all other personal or organizational differences. Therefore, as leaders, we must stop worrying about the threat that we seem to think we pose to each other's personal prestige, and concentrate our united efforts toward solving the unending hurt that is being done daily to our people here in America.

I am going to organize and head a new mosque in New York City, known as the Muslim Mosque Incorporated. This gives us a religious base, and the spiritual force necessary to rid our people of the vices that destroy the moral fiber of our community.

Our political philosophy will be black nationalism. Our economic and social philosophy will be black nationalism. Our cultural emphasis will be black nationalism.

Many of our people aren't religiously inclined, so the Muslim Mosque Incorporated, will be organized in such manner to provide for the active participation of all Negroes in our political, economic, and social programs, despite their religious or non-religious beliefs.

The political philosophy of black nationalism means: we must control the politics and the politicians of our community. They must no longer take orders from outside forces. We will organize, and sweep out of office all Negro politicians who are puppets for the outside forces.

Our accent will be upon youth: we need new ideas, new methods, new approaches. We will call upon young students of political science throughout the nation to help us. We will encourage these young students to launch their own independent study, and then give us their analysis and their suggestions. We are completely disenchanted with the old, adult, established politicians. We want to see some new faces—more militant faces.

Concerning the 1964 elections: we will keep our plans on this a secret until a later date—but we don't intend for our people to be the victims of a political sellout again in 1964.

The Muslim Mosque Incorporated, will remain wide open for ideas and financial aid from all quarters. Whites can help us, but they can't join us.

There can be no black-white unity until there is first some black unity.

There can be no workers' solidarity until there is first some racial solidarity. We cannot think of uniting with others, until after we have first united among ourselves. We cannot think of being acceptable to others until we have first proven acceptable to ourselves. One can't unite bananas with scattered leaves.

Concerning nonviolence: it is criminal to teach a man not to defend himself when he is the constant victim of brutal attacks. It is legal and lawful to own a shotgun or a rifle. We believe in obeying the law.

In areas where our people are the constant victims of brutality, and the government seems unable or unwilling to protect them, we should form rifle clubs that can be used to defend our lives and our property in times of emergency, such as happened last year in Birmingham; Plaquemine, Louisiana; Cambridge, Maryland; and Danville, Virginia. When our people are being bitten by dogs, they are within their rights to kill those dogs.

We should be peaceful, law-abiding—but the time has come for the American Negro to fight back in self-defense whenever and wherever he is being unjustly and unlawfully attacked.

If the government thinks I am wrong for saying this, then let the government start doing its job.

Malcolm X at Harvard University (March 18, 1964)

Nineteen hundred sixty-four will probably be the most explosive year that America has yet witnessed on the racial front; primarily because the black people of this country during 1963 saw nothing but failure behind every effort they made to get what the country was supposedly on record for. Today the black people in this country have become frustrated, disenchanted, disillusioned and probably more set for action now than ever before—not the kind of action that has been set out for them in the past by some of their supposedly liberal white friends, but the kind of action that will get some kind of immediate results. As the moderator has pointed out, the time that we're living in now and that we are facing now is not an era where one who is oppressed is looking toward the oppressor to give him some system or form of logic or reason. What is logical to the oppressor isn't logical to the oppressed. And what is reason to the oppressor isn't reason to the oppressed. The black people in this country are beginning to realize that what sounds reasonable to those who exploit us doesn't sound reasonable to us. There just

has to be a new system of reason and logic devised by us who are at the bottom, if we want to get some results in this struggle that is called “the Negro revolution.”

Not only is it going to be an explosive year on the racial front; it is going to be an explosive year on the political front. This year it will be impossible to separate one from the other. The politicking of the politicians in 1964 will probably do more to bring about racial explosion than any other factor, because this country has been under the rule of the politicians. When they want to get elected to office they come into the so-called Negro community and make a lot of promises that they don't intend to keep. This feeds the hopes of the people in our community, and after the politicians have gotten what they are looking for, they turn their back on the people of our community. This has happened time and time again. The only difference between then and now is that there is a different element in the community; whereas in the past the people of our community were patient and polite, long-suffering and willing to listen to what you call reason, 1964 has produced an element of people who are no longer willing to listen to what you call reason. As I said, what's reasonable to you has long since ceased to be reasonable to us. And it will be these false promises made by the politicians that will bring about the BOOM.

During the few moments that I have I hope that we can chat in an informal way, because I find that when you are discussing things that are very “touchy,” sometimes it's best to be informal. And where white people are concerned, it has been my experience that they are extremely intelligent on most subjects until it comes to race. When you get to the racial issue in this country, the whites lose all their intelligence. They become very subjective, and they want to tell us how it should be solved. It's like Jesse James going to tell the Marshal how he should come after him for the crime that Jesse committed.

I am not a politician. I'm not even a student of politics. I'm not a Democrat. I'm not a Republican. I don't even consider myself an American. If I could consider myself an American, we wouldn't even have any problem. It would be solved. Many of you get indignant when you hear a black man stand up and say, “No, I'm not an American.” I see whites who have the audacity, I should say the nerve, to think that a black man is radical and extremist, subversive and seditious if he says, “No, I'm not an American.” But at the same time, these same whites have to admit that this man has a problem.

I don't come here tonight to speak to you as a Democrat or a Republican or an American or anything that you want me to be. I'm speaking as what I am: one of twenty-two million black people in this country who are victims of your democratic system. They're the victims of the Democratic politicians, the victims of the Republican politicians. They're actually the victims of what you call democracy. So I stand here tonight speaking as a victim of what you call democracy. And you can understand what I'm saying if you realize it's being said through the mouth of a victim; the mouth of one of the oppressed, not through the mouth and eyes of the oppressor. But if you think we're sitting in the same chair or standing on the same platform, then you won't understand what I'm talking about. You'd expect me to stand up here and say what you would say if you were standing up here. And I'd have to be out of my mind.

Whenever one is viewing this political system through the eyes of a victim, he sees something different. But today these twenty-two million black people who are the victims of American democracy, whether you realize it or not, are viewing your democracy with new eyes. Yesterday our people used to look upon the American system as an American dream. But the black people today are beginning to realize that it is an American nightmare. What is a dream to you is a nightmare to us. What is hope to you has long since become hopeless to our people. And as this attitude develops, not so much on Sugar Hill—although it's there too—but in the ghetto, in the alley where the masses of our people live...there you have a new situation on your hands. There's a new political consciousness developing among our people in this country. In the past, we weren't conscious of the political maneuvering that goes on in this country, which exploits our people politically. We knew something was wrong, but we weren't conscious of what it was. Today there's a tendency on the part of this new generation of black people (who have been born and are growing up in this country) to look at the thing not as they wish it were, but as it actually is. And their ability to look at the situation as it is, is what is primarily responsible for the ever-increasing sense of frustration and hopelessness that exists in the so-called Negro community today.

Besides becoming politically conscious, you'll find that our people are also becoming more aware of the strategic position that they occupy politically. In the past, they weren't. Just the right to vote was considered something. But today the so-called Negroes are beginning to realize that they occupy a very strategic position. They realize what the new trends are and all of the new political tendencies.

During recent years at election time, when the Governor was running for office, there was call for a recount of votes here in Massachusetts. In Rhode Island it was the same way-in Minnesota, the same thing. Within American politics there is now such a similarity between the two parties that in elections the race is usually close enough to permit almost any single block to swing it one way or the other. Not only is this true in city, county, and state elections, but it's also true in the national elections, as witness the close race between President Kennedy and Nixon a few years back. And everyone admits that it was the strategic vote of the so-called Negro in this country that put the Kennedy administration in Washington. The position in the political structure of the so-called Negro has become so strategic that whenever any kind of election rolls around now, the politicians are out there trying to win the Negro vote. In trying to win the Negro vote, they make a whole lot of promises and build up his hopes. But they always build him up for a letdown. By being constantly built up for a letdown, the Negro is now becoming very angry at the white man. And in his anger the Muslims come along and talk to him. Yet instead of the white man blaming himself for the anger of the Negro, he again has the audacity to blame us. When we warn you how angry the Negro is becoming, you, instead of thanking us for giving you a little warning, try to accuse us of stirring up the Negro. Don't you know that if your house is on fire and I come to warn you that your house is burning, you shouldn't accuse me of setting the fire! Thank me rather for letting you know what's happening, or what's going to happen, before it's too late.

When these new trends develop in the so-called Negro in America, making the so-called Negro aware of his strategic position politically, he becomes aware too of what he's not getting in return. He realizes that his vote puts the governor in office, or the mayor in office, or the president in office. But he's beginning to see also that although his vote is the vital factor that determines who will sit in these seats, the last one those politicians try to help is the so-called Negro.

Proof of which: Everyone admits that it was the Negro vote that put Kennedy in the White House. Yet four years have passed and the present administration is just now getting around to civil rights legislation. In its fourth year of office it finally passes some kind of civil rights legislation, designed supposedly to solve the problem of the so-called Negro. Yet that voting element offered decisive support in the national election. I only cite this to show the hypocrisy on the part of the white man in America, whether he be down South or whether he be up here in the North.

Democrats, now after they've been in the White House awhile, use an alibi for not having kept their promise to the Negroes who voted for them. They say, "Well, we can't get this passed or we can't get that passed." The present make-up of the Congress is 257 Democrats and only 177 Republicans. Now how can a party of Democrats that received practically the full support of the so-called Negroes of this country and control nearly two-thirds of the seats in Congress give the Negro an excuse for not getting some kind of legislation passed to solve the Negro problem? Where the senators are concerned, there are 67 Democrats and only 33 Republicans; yet these Democrats are going to try to pass the buck to the Republicans after the

Negro has put the Democrats in office. Now I'm not siding with either Democrats or Republicans. I'm just pointing out the deceit on the part of both when it comes to dealing with the Negro. Although the Negro vote put the Democratic Party where it is, the Democratic Party gives the Negro nothing; and the Democrats offer as an excuse that the fault lies with the Dixie-crats. What do you call them Dixie-crats or Dixo-crats or DemoDixo-crats!

Look at the shrewd deceptive manner in which they deal with the Negro. A Dixo-crat is a Democrat. You can call them by whatever name you wish, but you have never seen a situation where the Dixie-crats kick the Democrats out of the party. Rather the Democrats kick the Dixiecrats out of their party if there is ever any cleavage. You oftentimes find the Dixiecrats "cussing out" the Democrats, but you

never find the Democrats disassociating themselves from the Dixie-crats. They are together and they use this shrewd maneuvering to trick the Negro. Now there are some young Negroes appearing on the scene, and it is time for those who call themselves Democrats to realize that when the Negro looks at a Democrat, he sees a Democrat. Whether you call him a Dixo-Democrat or a DemoDixie-crat, he's the same thing.

One of the reasons that these Dixie-crats occupy such a powerful position in Washington, D.C., is that they have seniority. By reason of their seniority and primarily because they have denied the local Negro his right to vote, they hold sway over key committees in Washington. You call it a system based on democracy, yet you can't deny that the most powerful men in this government are from the South. The only reason they're in positions of power is because the Negroes in their area are deprived of their constitutional right to vote. But the Constitution says that when at any time the people of a given area are denied their right to vote, the representatives of that area are supposed to be expelled from their seat. You don't need any new legislation; it's right in front of you already. The only reason the politicians want new legislation is to use it to further trick the Negro. All they have to do is to go by that thing they call the Constitution. It needs no more bills, it needs no more amendments, it needs no more anything. All it needs is a little sincere application.

As with the South, the North knows its own bypass for the Constitution, which goes by the name of "gerrymandering." Some fellows gain control in the so-called Negro community and then change voting lines every time the Negro begins to get too powerful numerically. The technique is different from that in Mississippi. There is no denying the Negro the right to vote outright, as in Mississippi. The Northern way is more shrewd and subtle; but whether victim of the Northern way or the Southern method, the Negro ends up with no political power whatsoever. Now, I may not be putting this in language which you're used to, but I'm quite sure that you get the point. Whenever you give the Negro in the South the right to vote, his Constitutional right to vote, it will mean an automatic change in the entire representation from the South. Were he able to exercise his right, some of the most powerful and influential figures in Washington, D.C., would not now be in the Capitol. A large Negro vote would change the foreign policy as well as the domestic policy of this government. Therefore the only valid approach toward revolutionizing American policy is to give to the Negro his right to vote. Once that is done, the entire future course of things must change.

I might say this is how we look at it—how the victims look at it, a very crude and what you might call pessimistic view. But I should rather prefer it as a realistic view. Now what is our approach towards solving this? Many of you have probably just recently read that I am no longer an active member in the Nation of Islam, although I am myself still a Muslim. My religion is still Islam, and I still credit the Honorable Elijah Muhammad with being responsible for everything I know and everything that I am. In New York we have recently founded the Muslim Mosque, Incorporated, which has as its base the religion of Islam, the religion of Islam because we have found that this religion creates more unity among our people than any other type of philosophy can do. At the same time, the religion of Islam is more successful in eliminating the vices that exist in the so-called Negro community, which destroy the moral fiber of the so-called Negro community.

So with this religious base, the difference between the Muslim Mosque, Incorporated, and the Nation of Islam is probably this: We have as our political philosophy, Black Nationalism; as our economic philosophy, Black Nationalism; and as our social philosophy, Black Nationalism. We believe that the religion of Islam combined with Black Nationalism is all that is needed to solve the problem that exists in the so-called Negro community.

Why?

The only real solution to our problem, just as the Honorable Elijah Muhammad has taught us, is to go back to our homeland and to live among our own people and develop it so we'll have an independent nation of our own. I still believe this. But that is a long-range program. And while our people are getting set to go back home, we have to live here in the meantime. So in the Honorable Elijah Muhammad's

long-range program, there's also a short-range program: the political philosophy which teaches us that the black man should control the politics of his own community. When the black man controls the politics and the politicians in his own community, he can then make them produce what is good for the community. For when a politician in the so-called Negro community is controlled by a political machine outside, seldom will that politician ever do what is necessary to bring up the standard of living or to solve the problems that exist in that community. So our political philosophy is designed to bring together the so-called Negroes and to re-educate them to the importance of politics in concrete betterment, so that they may know what they should be getting from their politicians in addition to a promise. Once the political control of the so-called Negro community is in the hands of the so-called Negro, then it is possible for us to do something towards correcting the evils and the ills that exist there.

Our economic philosophy of Black Nationalism means that instead of our spending the rest of our lives begging the white man for a job, our people should be re-educated to the science of economics and the part that it plays in our community. We should be taught just the basic fundamentals: that whenever you take money out of the neighborhood and spend it in another neighborhood, the neighborhood in which you spend it gets richer and richer, and the neighborhood from which you take it gets poorer and poorer. This creates a ghetto, as now exists in every so-called Negro community in this country. If the Negro isn't spending his money downtown with what we call "the man," "the man" is himself right in the Negro community. All the stores are run by the white man, who takes the money out of the community as soon as the sun sets. We have to teach our people the importance of where to spend their dollars and the importance of establishing and owning businesses. Thereby we can create employment for ourselves, instead of having to wait to boycott your stores and businesses to demand that you give us a job. whenever the majority of our people begin to think along such lines, you'll find that we ourselves can best solve our problems. Instead of having to wait for someone to come out of your neighborhood into our neighborhood to tackle these problems for us, we ourselves may solve them.

The social philosophy of Black Nationalism says that we must eliminate the vices and evils that exist in our society, and that we must stress the cultural roots of our forefathers, that will lend dignity and make the black man cease to be ashamed of himself. We have to teach our people something about our cultural roots. We have to teach them something of their glorious civilizations before they were kidnapped by your grandfathers and brought over to this country. Once our people are taught about the glorious civilization that existed on the African continent, they won't any longer be ashamed of who they are. We will reach back and link ourselves to those roots, and this will make the feeling of dignity come into us; we will feel that as we lived in times gone by, we can in like manner today. If we had civilizations, cultures, societies, and nations hundreds of years ago, before you came and kidnapped us and brought us here, so we can have the same today. The restoration of our cultural roots and history will restore dignity to the black people in this country. Then we shall be satisfied in our own social circles; then we won't be trying to force ourselves into your social circles. So the social philosophy of Black Nationalism doesn't in any way involve any anti- anything. However, it does restore to the man who is being taunted his own self-respect. And the day that we are successful in making the black man respect himself as much as he now admires you, he will no longer be breathing down your neck every time you go buy a house somewhere to get away from him.

That is the political, social, and economic philosophy of Black Nationalism, and in order to bring it about, the program that we have in the Muslim Mosque, Incorporated, places an accent on youth. We are issuing a call for students across the country, from coast to coast, to launch a new study of the problem-not a study that is in any way guided or influenced by adults, but a study of their own. Thus we can get a new analysis of the problem, a more realistic analysis. After this new study and more realistic analysis, we are going to ask those same students (by students I mean young people, who having less of a stake to lose, are more flexible and can be more objective) for a new approach to the problem.

Already we have begun to get responses from so-called Negro students from coast to coast, who aren't actually religiously inclined, but who are nonetheless strongly sympathetic to the approach used by Black Nationalism, whether it be social, economic, or political. And with this new approach and with these new ideas we think that we may open up a new era here in this country. As that era begins to

spread, people in this country-instead of sticking under your nose or crying for civil rights-will begin to expand their civil rights plea to a plea for human rights. And once the so-called Negro in this country forgets the whole civil rights issue and begins to realize that human rights are far more important and broad than civil rights, he won't be going to Washington, D.C., anymore, to beg Uncle

Sam for civil rights. He will take his plea for human rights to the United Nations. There won't be a violation of civil rights anymore. It will be a violation of human rights. Now at this moment, the governments that are in the United Nations can't step in, can't involve themselves with America's domestic policy. But the day the black man turns from civil rights to human rights, he will take his case into the halls of the United Nations in the same manner as the people in Angola, whose human rights have been violated by the Portuguese in South Africa.

You'll find that you are entering an era now where the black man in this country has ceased to think domestically, or within the bounds of the United States, and he's beginning to see that this is a world-wide issue and that he needs help from outside. We need help from our brothers in Africa who have won their independence. And when we begin to show them our thinking has expanded to an international scale, they will step in and help us, and you'll find that Uncle Sam will be in a most embarrassing position. So the only way Uncle Sam can stop us is to get some civil rights passed right now! For if he can't take care of his domestic dirt, it's going to be put before the eyes of the world. Then you'll find that you'll have nobody on your side, whatsoever, other than, perhaps, a few of those Uncle Toms-and they've already out-lived their time.

* * *

Moderator: I suggest we follow this format: We will have reactions and responses to what Malcolm X has said from the members of the panel, then give Malcolm X a chance to discuss their views. The first member of the panel to address us will be Professor James Q. Wilson, who has written an important book about Negro politics in Chicago. At present, Professor Wilson is Associate Professor of Government at Harvard and also Director of the Joint Center for Urban Studies. The second speaker this evening will be Dr. Martin L. Kilson. Dr. Kilson is Lecturer on Government at Harvard, and will soon publish his book, *Political Change in a West African Slate*.

[Panel members respond.]

Moderator: Mr. X, I wonder if you'd like to reply to either Professor Wilson or Dr. Kilson.

Malcolm X: As I said in my opening statement, I'm not a student of politics nor a politician, but I did learn a lot listening to the speakers. Mr. Wilson pointed out very decisively that politics won't solve the problem...this is what I got out of what he said...the politicians can't do it. In fact I can see now why the Honorable Elijah Muhammad said that complete separation is the only answer. For what I got from what he was saying is that Uncle Sam sees no hope within his political system of solving this problem that has become so complex that you can hardly even describe it. And this is why I said that we are issuing a call to youth, primarily, to get some new ideas and a new direction. The adults are more confused than the problem itself. It will take a whole generation of new people to approach this problem.

I would not like to leave the impression that I have ever, in any way, proposed a Negro party. Whoever entertains that thought is very much misinformed. We have never at any time advocated any kind of Negro party. The idea that I have been trying to convey is that Black Nationalism is our political philosophy. I didn't mention "party." By Black Nationalism I meant a political philosophy that makes the black man more conscious of the importance of his doing something to control his own destiny. The political philosophy maintained now by most black people in this country seems to me to leave their destiny in the hands of someone who doesn't even look like them. So, you see, the political philosophy of Black Nationalism has nothing to do with party. It is designed to make the black man develop some kind of consciousness or awareness of the importance of his shaping his own future, instead of leaving it to some segregationists in Washington, D.C., who come from the North as well as

from the South. In pointing out that we are putting an accent on youth, we wish to let you know that our minds are wide open. We don't think we have the answer, but we are open-minded enough to try to seek the answer not from these old hicks, whom I think have gone astray, but from the youth. For the young may approach the problem from a new slant and perhaps come up with something that nobody else has thought of yet.

In reply to Dr. Kilson, who pointed out how Marcus Garvey failed: Marcus Garvey failed only because his movement was infiltrated by Uncle Toms, sent in by the government as well as by other bodies to maneuver him into a position wherein the government might have him sent to Atlanta, Georgia, put in a penitentiary, then deported, and his movement destroyed.

But Marcus Garvey never failed. Marcus Garvey was the one who gave a sense of dignity to the black people in this country. He organized one of the largest mass movements that ever existed in this country; and his entire philosophy of organizing and attracting Negroes was based on going-back-to-Africa, which proves that the only mass movement which ever caught on in this country was designed to appeal to what the masses really felt. More of them then preferred to go back home than to stay here in this country and continue to beg the power structure for something they knew they would never get. Garvey did not fail. Indeed, it was Marcus Garvey's philosophy that inspired the Nkrumah fight for the independence of Ghana from the colonialism that was imposed on it by England. It is also the same Black Nationalism that has been spreading throughout Africa and that has brought about the emergence of the present independent African states. Garvey never failed. Garvey planted the seed which has popped up in Africa-everywhere you look, and although they're still trying to stamp it out in Angola, in South Africa, and in other places, you will soon be able to see for yourselves whether or not Garvey failed. He may have failed in America, but he didn't fail in Africa; and when Africa succeeds, you'll find that you have a new situation on your hands here in America.

I can't abide anyone referring to Black Nationalism as any kind of racism.

Whenever white people get together they don't call it racism. The European Common Market is for Europeans; it excludes everyone else. In that case you don't call it racism; all the numerous blocks and groups and syndicates and cliques that the Western nations have formed are never referred to as racist. But when we dark people want to form some kind of united effort to solve our problem, either you or somebody you have brainwashed comes up with "racism." We don't call it racism; we call it brotherhood. To note just one more small point: it is true that a large middle-class group of so called Negroes has developed in this country, and you may think that these Negroes are satisfied or that they want to stay here because they have a "stake." This is the popular misconception. The middle-class Negro in this country is almost more frustrated, disillusioned, and disenchanted than the Negro in the alley. Why? The Negro in the alley does not even think about integrating with you because he knows that he hasn't enough money to go where you are in control. So it doesn't enter his mind; he's less frustrated when he knows it's impossible. But this middle-class Negro, sharp as a tack with his Harvard accent and with his pocket full of your money, thinks he should be able to go everywhere. Indeed, he should be able to go everywhere, so he will try.

Moderator: I will take questions from the floor.

Question: I have a question for Mr. Malcolm X. "What is your view of the Freedom Now Party, which is certainly a third party movement? How do you feel about this alternative way of solving the Negro problem?"

Malcolm X: I have met Negroes of the Freedom Now Party, all of whom seem to be very militant. They are young and militant and less likely to compromise. For these reasons it offers more hope than other alternatives being dangled in front of the so-called Negro. I couldn't say I would endorse the Freedom Now Party, but my mind is wide open to anything that will help gain progress. In addition, members of the Freedom Now Party seem to be more flexible than members of the Democratic and Republican parties. I don't think anything can be worse than the Democrats and Republicans.

Question: Mr. Malcolm X, do you support a bloody revolution and, if not, what kind do you have in mind, especially when the Negro is at a numerical disadvantage?

Malcolm X: Don't tell me about a six-to-one disadvantage. I agree it is a six-to-one disadvantage when you think in terms of America. But in the world the nonwhite people have you at an eleven-to-one disadvantage. We black people consider ourselves a part of that vast body of dark people who outnumber the whites, and we don't regard ourselves as a minority.

Question: Mr. Malcolm X, you said the type of civil rights agitation we see now has not altered the morality of white people. Could you comment on that?

Malcolm X: When exposed to the methods of civil rights groups, whites remain complacent. You couldn't appeal to their ethical sense or their sense of legality. But, on the other hand, when they hear the analysis of the Honorable Elijah Muhammad, whites become more sharply attuned to the problem. They become more conscious of the problem. You can appeal to what intelligence whites have. Let the black man speak his mind so that the white man really knows how he feels. At the same time, let the white man speak his mind. Let everyone put his facts on the table. Once you put the facts on the table, it's possible to arrive at a solution.

The civil rights movement has put the white man in a position where he has to take a stand contrary to his intelligence. Many whites who do not support integration are afraid to say so when face to face with a Negro for fear the Negro will call him a bigot or a racist. So that even though a white in his intelligence can see that this forced integration will never work, he's afraid to say this to a black man; whereas if the white could speak his mind to the black man, he might wake that man up.

My contention is that the approach used by the Honorable Elijah

Muhammad is more realistic. A white man can speak his mind to a Muslim, and a Muslim is going to speak his mind to a white man. Once you establish this honest, sincere, realistic communication, you'll get a solution to the problem. But don't you give me that you love me and make me do the same thinking when there's nothing in our backgrounds nor anything around us which in any way gives either of us reason to love each other.

Let's be real!

A. B. Spellman Interviews Malcolm X (March 19, 1964)

Spellman: Please answer these charges that are often raised against you:

That you are as racist as Hitler and the Klan, etc. That you are anti-Semitic. That you advocate mob violence.

Malcolm X: No, we're not racists at all. Our brotherhood is based on the fact that we are all black, brown, red, or yellow. We don't call this racism, any more than you could refer to the European Common Market which consists of Europeans, which means that it consists of white-skin people—is not referred to as a racist coalition. It's referred to as the European

Common Market, an economic group—while our desire for unity among black, brown, red, and yellow is for brotherhood—has nothing to do with racism, has nothing to do with Hitler, has nothing to do with the Klan. In fact, the Klan in this country was designed to perpetuate an injustice upon Negroes; whereas the Muslims are designed to eliminate the injustice that has been perpetuated upon the so-called Negro.

We're anti-exploitation and in this country the Jews have been located in the so-called Negro community as merchants and businessmen for so long that they feel guilty when you mention that the exploiters of Negroes are Jews. This doesn't mean that we are anti-Jews or anti-Semitic—we're anti-exploitation. No. We have never been involved in any kind of violence whatsoever. We have never initiated any violence against anyone, but we do believe that when violence is practiced against us we should be able to defend ourselves. We don't believe in turning the other cheek.

Spellman: Why did you find it necessary to split with the Nation of Islam?

Malcolm X: Well, I did encounter opposition within the Nation of Islam.

Many obstacles were placed in my path, not by the Honorable Elijah Muhammad, but by others who were around him and since I believe that his analysis of the race problem is the best one and his solution is the only one, I felt that I could best circumvent these obstacles and expedite his program better by remaining out of the Nation of Islam and establishing a Muslim group that is an action group designed to eliminate the same ills that the teachings of the Honorable Elijah Muhammad have made so manifest in this country.

Spellman: What is the name of the organization that you have founded?

Malcolm X: The Muslim Mosque Inc., which means we are still Muslims—we still worship in a mosque and we're incorporated as a religious body.

Spellman: Can other Muslims work with the Muslim Mosque Inc. without leaving the Nation of Islam?

Malcolm X: Oh yes. Yes anyone who is in the Nation of Islam who wants to work with us and remain in the Nation of Islam, is welcome. I am a follower of the Honorable Elijah Muhammad—I believe in the Honorable Elijah Muhammad. The only reason I am in the Muslim Mosque Inc. is because I feel I can better expedite his program by being free of the restraint and the other obstacles that I encountered in the Nation.

Spellman: Will you have access to Muhammad Speaks?

Malcolm X: Probably not. No, I very much doubt that the same forces which forced me out would permit me access to the Muhammad Speaks newspaper as an organ although I am the founder of the paper, the originator of the paper. Few people realize it—I was the one who originated Muhammad Speaks. The initial editions were written entirely by me in my basement.

Spellman: Will you start another publication?

Malcolm X: Yes. One of the best ways to propagate any idea is with a publication of some sort and if Allah blesses us with success we will have another publication. We'll probably name it the Flaming Crescent because we want to set the world on fire.

Spellman: How religious is the Muslim Mosque Inc.? Will it be more politically oriented?

Malcolm X: The Muslim Mosque Inc. will have as its religious base the religion of Islam which will be designed to propagate the moral reformation necessary to up the level of the so-called Negro community by eliminating the vices and other evils that destroy the moral fiber of the community—this is the religious base. But the political philosophy of the Muslim Mosque will be black nationalism, the economic philosophy will be black nationalism, and the social philosophy will be black nationalism. And by political philosophy I mean we still believe in the Honorable Elijah

Muhammad's solution as complete separation. The 22,000,000 so-called Negroes should be separated completely from America and should be permitted to go back home to our African homeland which is a long-range program; so the short-range program is that we must eat while we're still here, we must have a place to sleep, we have clothes to wear, we must have better jobs, we must have better education; so that although our long-range political philosophy is to migrate back to our African homeland, our short-range program must involve that which is necessary to enable us to live a better life while we are still here. We must be in complete control of the politics of the so-called Negro community; we must gain complete control over the politicians in the so-called Negro community, so that no outsider will have any voice in the so-called Negro community. We'll do it ourselves.

Spellman: Whom do you hope to draw from in organizing this political movement—what kind of people?

Malcolm X: All—we're flexible—a variety. But our accent will be upon youth. We've already issued a call for the students in the colleges and universities across the country to launch their own independent studies of the race problem in the country and then bring their analyses and their suggestions for a new approach back to us so that we can devise an action program geared to their thinking. The accent is on youth because the youth have less at stake in this corrupt system and therefore can look at it more objectively, whereas the adults usually have a stake in this corrupt system, and they lose their ability to look at it objectively because of their stake in it.

Spellman: Do you expect to draw from the Garveyite groups?

Malcolm X: All groups—Nationalist, Christians, Muslims, Agnostics, Atheists, anything. Everybody who is interested in solving the problem is given an invitation to become actively involved with either suggestions or ideas or something.

Spellman: Will the organization be national?

Malcolm X: National? I have gotten already an amazing number of letters from student groups at college campuses across the country expressing a desire to become involved in a united front in this new idea that we have.

Spellman: What kind of coalition do you plan to make? Can whites join the Muslim Mosque Inc.?

Malcolm X: Whites can't join us. Everything that whites join that

Negroes have they end up out-joining the Negroes. The whites control all Negro organizations that they can join—they end up in control of those organizations. If whites want to help us financially, we will accept their financial help, but we will never let them join us.

Spellman: Then black leadership is necessary?

Malcolm X: Absolutely black leadership.

Spellman: Will you work with the so-called “established” civil rights organizations?

Malcolm X: Well, we will work with them in any area and on any objective that doesn't conflict with our own political, economic, and social philosophy which is black nationalism. I might add that I was invited to attend a civil rights group meeting where all of the various civil rights organizations were present and I was invited to address them in Chester, Pennsylvania. Gloria Richardson was there; Landrey, the head of the Chicago School Boycott, was there; Dick Gregory was there; many others were there; the Rochedale movement was there. Now my address to them was designed to show them that if they would expand their civil rights movement to a human rights movement it would internationalize it. Now, as a civil rights movement, it remains within the confines of American domestic policy and no African independent nations can open up their mouths on American domestic affairs, whereas if they expanded the civil rights movement to a human rights movement then they would be eligible to take the case of the Negro to the United Nations the same as the case of the Angolans is in the UN and the case of the South Africans is in the UN. Once the civil rights movement is expanded to a human rights movement our African brothers and our Asian brothers and Latin American brothers can place it on the agenda at the General Assembly that is coming up this year and Uncle Sam has no more say-so in it then. And we have friends outside the UN—700,000,000 Chinese who are ready to die for human rights.

Spellman: Do you intend to collaborate with such other groups as labor unions or socialist groups or any other groups?

Malcolm X: We will work with anybody who is sincerely interested in eliminating injustices that Negroes suffer at the hands of Uncle Sam.

Spellman: What is your evaluation of the civil rights movement at this point?

Malcolm X: It has run its—it's at the end of its leash.

Spellman: What groups do you consider most promising?

Malcolm X: I know of no group that is promising unless it's radical. If it's not radical it is in no way involved effectively in the present struggle.

Spellman: Some local civil rights leaders have said they'd welcome your support, some national leaders have said they want nothing to do with you, what is your reaction?

Malcolm X: Well, the local civil rights leaders are usually involved right in the midst of the situation. They see it as it is and they realize that it takes a combination of groups to attack the problem most effectively and, also, most local civil rights leaders have more independence of action and usually they are more in tune and in touch with the people. But the national leaders of the civil rights movement are out of touch with the problem and usually they are paid leaders. The local leaders usually have a job and they lean against the local situation on the side, but the nationally known leaders are paid. They are full-time leaders, they are professional leaders and whoever pays their salary has a great say-so in what they do and what they don't do, so naturally the ones who pay the salaries of these nationally known Negro leaders are the white liberals and white liberals are shocked and frightened whenever you mention anything about some X's.

Spellman: What is your attitude toward Christian-Gandhian groups?

Malcolm X: Christian? Gandhian? I don't go for anything that's non-violent and turn-the-other-cheekish. I don't see how any revolution—I've never heard of a non-violent revolution or a revolution that was brought about by turning the other cheek, and so I believe that it is a crime for anyone to teach a person who is being brutalized to continue to accept that brutality without doing something to defend himself. If this is what the Christian Gandhian philosophy teaches, then it is criminal—a criminal philosophy.

Spellman: Does the Muslim Mosque Inc. oppose integration and intermarriage?

Malcolm X: We don't have to oppose integration because the white integrationists themselves oppose it. Proof of which, it doesn't exist anywhere where white people say they are for it. There's just no such thing as integration anywhere, but we do oppose intermarriage. We are as much against intermarriage as we are against all of the other injustices that our people have encountered.

Spellman: What is the program for achieving your goals of separation?

Malcolm X: A better word to use than separation is independence. This word separation is misused. The 13 colonies separated from England but they called it the Declaration of Independence; they don't call it the Declaration of Separation, They call it the Declaration of Independence. When you're independent of someone you can separate from them. If you can't separate from them it means you're not independent of them. So, your question was what?

Spellman: What is your program for achieving your goals of independence?

Malcolm X: When the black man in this country awakens, becomes intellectually mature and able to think for himself, you will then see that the only way he will become independent and recognized as a human being on the basis of equality with all other human beings, he has to have what they have and he has to be doing for himself what others are doing for themselves so the first step is to awaken him to this and that is where the religion of Islam makes him morally more able to rise above the evils and the vices of an immoral society and the political, economic, and social philosophy of black nationalism instills within him the racial dignity and the incentive and the confidence that he needs to stand on his own feet and take a stand for himself.

Spellman: Do you plan to employ any kind of mass action?

Malcolm X: Oh, yes.

Spellman: What kinds?

Malcolm X: We'd rather not say at this time, but we definitely plan to employ mass action.

Spellman: How about the vote—will the Muslim Mosque Inc. run its own candidates or support other candidates?

Malcolm X: Since the political structure is what has been used to exploit the so-called Negroes, we intend to gather together all of the brilliant minds of students, not the adult politicians who are part of the corruption but the students of political science, we intend to gather all of them together and get their findings, get their analyses, get their suggestions, and, out of these suggestions we will devise an approach that will enable us to attack the politicians and the political structure where it hurts the most, in order to get a change.

Spellman: If the Muslim Mosque Inc. joined in a demonstration sponsored by a non-violent organization, and whites countered with violence, how would your organization react?

Malcolm X: We are non-violent only with non-violent people—I'm nonviolent as long as somebody else is non-violent—as soon as they get violent they nullify my non-violence.

Spellman: A lot of leaders of other organizations have said they would welcome your help but they qualify that by saying "if you follow our philosophy." Would you work with them under these circumstances?

Malcolm X: We can work with all groups in anything but at no time will we give up our right to defend ourselves. We'll never become involved in any kind of action that deprives us of our right to defend ourselves if we are attacked.

Spellman: How would the Muslim Mosque Inc. handle a Birmingham, Danville, or Cambridge—what do you think should have been done?

Malcolm X: In Birmingham, since the government has proven itself either unable or unwilling to step in and find those who are guilty and bring them to justice, it becomes necessary for the so-called Negro who was the victim to do this himself, and he would be upholding his constitutional rights by so doing, and Article 2 of the Constitution—it says concerning the right to bear arms in the Bill of Rights: “A well-regulated militia being necessary to the security of a free state, the right of the people to keep and bear arms shall not be infringed.” Negroes don't realize this, that they are within their constitutional rights to own a rifle, to own a shotgun, and when the bigoted white supremacists realize that they are dealing with Negroes who are ready to give their lives in defense of life and property, then these bigoted whites will change their whole strategy and their whole attitude.

Spellman: You've said this will be the most violent year in the history of race relations in America. Elaborate.

Malcolm X: Yes. Because the Negro has already given up on nonviolence. This new-thinking Negro is beginning to realize that when he demonstrates for what the government says are his rights then the law should be on his side. Anyone standing in front of him reclaiming his rights is breaking the law. Now, you're not going to have a law-breaking element inflicting violence upon Negroes who are trying to implement the law, so that when they begin to see this, like this, they are going to strike back. In 1964 you'll find Negroes will strike back, there never will be nonviolence anymore, that has run out.

Spellman: What is your evaluation of Monroe?

Malcolm X: I'm not too up on the situation in Monroe, N.C. I do know that Robert Williams became an exile from this country simply because he was trying to get our people to defend themselves against the Klu Klux Klan and other white supremacist elements, and also May Mallory was given 20 years or something like that because she was also trying to fight the place of our people down there; so this gives you an idea of what happens in a democracy—in a so-called democracy—when people try to implement that democracy.

Spellman: You often use the word revolution, is there a revolution underway in America now?

Malcolm X: There hasn't been. Revolution is like a forest fire. It burns everything in its path. The people who are involved in a revolution don't become a part of the system—they destroy the system, they change the system. The genuine word for a revolution is *Umwälzung* which means a complete overturning and a complete change, and the Negro Revolution is no revolution because it condemns the system and then asks the system that it has condemned to accept them into their system. That's not a revolution—a revolution changes the system, it destroys the system and replaces it with a better one. It's like a forest fire like I said—it burns everything in its path and the only way to stop a forest fire from burning down your house is to ignite a fire that you control and use it against the fire that is burning out of control. What the white man in America has done, he realizes that there is a Black Revolution all over the world—a nonwhite revolution all over the world—and he sees it sweeping down upon America and in order to hold it back he ignited an artificial fire which he has named the Negro Revolt and he is using the Negro Revolt against the real Black Revolution that is going on all over this earth.

Spellman: Can the race problem in America be solved under the existing political-economic system?

Malcolm X: No.

Spellman: Well then, what is the answer?

Malcolm X: It answers itself.

Spellman: Can there be any revolutionary change in America while the hostility between black and white working classes exists? Can Negroes do it alone?

Malcolm X: Yes. They'll never do it with working-class whites. The history of America is that working-class whites have been just as much against not only working-class Negroes, but all Negroes, period, because all Negroes are working class within the caste system. The richest Negro is treated like a working-class Negro. There never has been any good relationship between the working-class Negro and the working-class whites. I just don't go along with—there can be no worker solidarity until there's first some black solidarity. There can be no white/black solidarity until there's first some black solidarity. We have got to get our problems solved first and then if there's anything left to work on the white man's problems, good, but I think one of the mistakes Negroes make is this worker solidarity thing. There's no such thing—it didn't even work in Russia. Right now it was supposedly solved in Russia but as soon as they got their problems solved they fell out with China.

Spellman: Will the Muslim Mosque Inc. identify with non-white revolutionary movements in Africa, Asia, and Latin America?

Malcolm X: We are all brothers of oppression and today brothers of oppression are identified with each other all over the world.

Spellman: Is there anything else you want to say?

Malcolm X: No. I've said enough—maybe I've said too much.

The Ballot or the Bullet (April 3, 1964)

Mr. Moderator, Brother Lomax, brothers and sisters, friends...and enemies. I just can't believe everyone in here is a friend, and I don't want to leave anybody out. The question tonight, as I understand it, is "The Negro Revolt, and Where Do We Go From Here?" or "What Next?" In my little humble way of understanding it, it points toward either the ballot or the bullet. Before we try and explain what is meant by the ballot or the bullet, I would like to clarify something concerning myself.

I'm still a Muslim; my religion is still Islam. That's my personal belief. Just as Adam Clayton Powell is a Christian minister who heads the Abyssinian Baptist Church in New York, but at the same time takes part in the political struggles to try and bring about rights to the black people in this country; and Dr. Martin Luther King is a Christian minister down in Atlanta, Georgia, who heads another organization fighting for the civil rights of black people in this country; and Reverend Galamison, I guess you've heard of him, is another Christian minister in New York who has been deeply involved in the school boycotts to eliminate segregated education; well, I myself am a minister, not a Christian minister, but a Muslim minister; and I believe in action on all fronts by whatever means necessary.

Although I'm still a Muslim, I'm not here tonight to discuss my religion. I'm not here to try and change your religion. I'm not here to argue or discuss anything that we differ about, because it's time for us to submerge our differences and realize that it is best for us to first see that we have the same problem, a common problem, a problem that will make you catch hell whether you're a Baptist, or a Methodist, or a Muslim, or a nationalist.

Whether you're educated or illiterate, whether you live on the boulevard or in the alley, you're going to catch hell just like I am. We're all in the same boat and we all are going to catch the same hell from the same man. He just happens to be a white man. All of us have suffered here, in this country, political oppression at the hands of the white man, economic exploitation at the hands of the white man, and social degradation at the hands of the white man.

Now in speaking like this, it doesn't mean that we're anti-white, but it does mean we're anti-exploitation, we're anti-degradation, we're anti-oppression. And if the white man doesn't want us to be anti-him, let him stop oppressing and exploiting and degrading us. Whether we are Christians or Muslims or nationalists or agnostics or atheists, we must first learn to forget our differences. If we have differences, let us differ in the closet; when we come out in front, let us not have anything to argue about until we get finished arguing with the man. If the late President Kennedy could get together with Khrushchev and exchange some wheat, we certainly have more in common with each other than Kennedy and Khrushchev had with each other.

If we don't do something real soon, I think you'll have to agree that we're going to be forced either to use the ballot or the bullet. It's one or the other in 1964. It isn't that time is running out—time has run out!

1964 threatens to be the most explosive year America has ever witnessed. The most explosive year. Why? It's also a political year. It's the year when all of the white politicians will be back in the so-called Negro community jiving you and me for some votes. The year when all of the white political crooks will be right back in your and my community with their false promises, building up our hopes for a letdown, with their trickery and their treachery, with their false promises which they don't intend to keep. As they nourish these dissatisfactions, it can only lead to one thing, an explosion; and now we have the type of black man on the scene in America today—I'm sorry, Brother Lomax—who just doesn't intend to turn the other cheek any longer.

Don't let anybody tell you anything about the odds are against you. If they draft you, they send you to Korea and make you face 800 million Chinese. If you can be brave over there, you can be brave right here. These odds aren't as great as those odds. And if you fight here, you will at least know what you're fighting for.

I'm not a politician, not even a student of politics; in fact, I'm not a student of much of anything. I'm not a Democrat. I'm not a Republican, and I don't even consider myself an American. If you and I were Americans, there'd be no problem. Those Honkies that just got off the boat, they're already Americans; Polacks are already Americans; the Italian refugees are already

Americans. Everything that came out of Europe, every blue-eyed thing,

is already an American. And as long as you and I have been over here, we aren't Americans yet.

Well, I am one who doesn't believe in deluding myself. I'm not going to sit at your table and watch you eat, with nothing on my plate, and call myself a diner. Sitting at the table doesn't make you a diner, unless you eat some of what's on that plate. Being here in America doesn't make you an American. Being born here in America doesn't make you an American. Why, if birth made you American, you wouldn't need any legislation; you wouldn't need any amendments to the Constitution; you wouldn't be faced with civil rights filibustering in Washington, D.C., right now. They don't have to pass civil-rights legislation to make a Polack an American.

No, I'm not an American. I'm one of the 22 million black people who are the victims of Americanism. One of the 22 million black people who are the victims of democracy, nothing but disguised hypocrisy. So, I'm not standing here speaking to you as an American, or a patriot, or a flag-saluter, or a flag-waver—no, not I. I'm speaking as a victim of this American system. And I see America through the eyes of the victim. I don't see any American dream; I see an American nightmare.

These 22 million victims are waking up. Their eyes are coming open. They're beginning to see what they used to only look at. They're becoming politically mature. They are realizing that there are new political trends from coast to coast. As they see these new political trends, it's possible for them to see that every time there's an election the races are so close that they have to have a recount. They had to recount in Massachusetts to see who was going to be governor, it was so close. It was the same way in Rhode Island, in Minnesota, and in many other parts of the country. And the same with Kennedy and Nixon when they ran for president. It was so close they had to count all over again. Well, what does this mean? It means that when white people are evenly divided, and black people have a bloc of votes of their own, it is left up to them to determine who's going to sit in the White House and who's going to be in the dog house.

It was the black man's vote that put the present administration in Washington, D.C. Your vote, your dumb vote, your ignorant vote, your wasted vote put in an administration in Washington, D.C., that has seen fit to pass every kind of legislation imaginable, saving you until last, then filibustering on top of that. And your and my leaders have the audacity to run around clapping their hands and talk about how much progress we're making. And what a good president we have. If he wasn't good in Texas, he sure can't be good in Washington, D.C. Because Texas is a lynch state. It is in the same breath as Mississippi, no different; only they lynch you in Texas with a Texas accent and lynch you in Mississippi with a Mississippi accent. And these Negro leaders have the audacity to go and have some coffee in the White House with a Texan, a Southern cracker—that's all he is—and then come out and tell you and me that he's going to be better for us because, since he's from the South, he knows how to deal with the Southerners. What kind of logic is that? Let Eastland be president, he's from the South too. He should be better able to deal with them than Johnson.

In this present administration they have in the House of Representatives

257 Democrats to only 177 Republicans. They control two-thirds of the House vote. Why can't they pass something that will help you and me? In the Senate, there are 67 senators who are of the Democratic Party. Only 33 of them are Republicans. Why, the Democrats have got the government sewed up, and you're the one who sewed it up for them. And what have they given you for it? Four years in office, and just now getting around to some civil-rights legislation. Just now, after everything else is gone, out of the way, they're going to sit down now and play with you all summer long—the same old giant con

game that they call filibuster. All those are in cahoots together. Don't you ever think they're not in cahoots together, for the man that is heading the civil-rights filibuster is a man from Georgia named Richard Russell. When Johnson became president, the first man he asked for when he got back to Washington, D.C., was "Dicky"—that's how tight they are. That's his boy, that's his pal, that's his buddy. But they're playing that old con game. One of them makes believe he's for you, and he's got it fixed where the other one is so tight against you, he never has to keep his promise.

So, it's time in 1964 to wake up. And when you see them coming up with that kind of conspiracy, let them know your eyes are open. And let them know your eyes are something else that's wide open too. It's got to be the ballot or the bullet. The ballot or the bullet. If you're afraid to use an expression like that, you should get on out of the country; you should get back in the cotton patch; you should get back in the alley. They get all the Negro vote, and after they get it, the Negro gets nothing in return. All they did when they got to Washington was given a few big Negroes big jobs. Those big Negroes didn't need big jobs, they already had jobs. That's camouflage, that's trickery, that's treachery, window-dressing. I'm not trying to knock out the Democrats for the Republicans. We'll get to them in a minute. But it is true; you put the Democrats first and the Democrats put you last.

Look at it the way it is. What alibis do they use, since they control Congress and the Senate? What alibi do they use when you and I ask, "Well, when are you going to keep your promise?" They blame the Dixiecrats. What is a Dixiecrat? A Democrat. A Dixiecrat is nothing but a Democrat in disguise. The titular head of the Democrats is also the head of the Dixiecrats, because the Dixiecrats are a part of the Democratic Party. The Democrats have never kicked the Dixiecrats out of the party. The Dixiecrats bolted themselves once, but the Democrats didn't put them out. Imagine, these lowdown Southern segregationists put the Northern Democrats down. But the Northern Democrats have never put the Dixiecrats down. No, look at that thing the way it is. They have got a con game going on, a political con game, and you and I are in the middle. It's time for you and me to wake up and start looking at it like it is, and trying to understand it like it is; and then we can deal with it like it is.

The Dixiecrats in Washington, D.C., control the key committees that run the government. The only reason the Dixiecrats control these committees is because they have seniority. The only reason they have seniority is because they come from states where Negroes can't vote. This is not even a government that's based on democracy. It is not a government that is made up of representatives of the people. Half of the people in the South can't even vote. Eastland is not even supposed to be in Washington. Half of the senators and congressmen who occupy these key positions in Washington, D.C., are there illegally, are there unconstitutionally.

I was in Washington, D.C., a week ago Thursday, when they were debating whether or not they should let the bill come onto the floor. And in the back of the room where the Senate meets, there's a huge map of the United States, and on that map it shows the location of Negroes throughout the country. And it shows that the Southern section of the country, the states that are most heavily concentrated with Negroes, are the ones that have senators and congressmen standing up filibustering and doing all other kinds of trickery to keep the Negro from being able to vote. This is pitiful. But it's not pitiful for us any longer; it's actually pitiful for the white man, because soon now, as the Negro awakens a little more and sees the vise that he's in, sees the bag that he's in, sees the real game that he's in, then the Negro's going to develop a new tactic.

These senators and congressmen actually violate the constitutional amendments that guarantee the people of that particular state or county the right to vote. And the Constitution itself has within it the machinery to expel any representative from a state where the voting rights of the people are violated. You don't even need new legislation. Any person in Congress right now, who is there from a state or a district where the voting rights of the people are violated, that particular person should be expelled from Congress. And when you expel him, you've removed one of the obstacles in the path of any real meaningful legislation in this country. In fact, when you expel them, you don't need new legislation, because they will be replaced by black representatives from counties and districts where the black man is in the majority, not in the minority.

If the black man in these Southern states had his full voting rights, the key Dixiecrats in Washington, D. C., which means the key Democrats in Washington, D.C., would lose their seats. The Democratic Party itself would lose its power. It would cease to be powerful as a party. When you see the amount of power that would be lost by the Democratic Party if it were to lose the Dixiecrat wing, or branch, or element, you can see where it's against the interests of the Democrats to give voting rights to Negroes in states where the Democrats have been in complete power and authority ever since the Civil War. You just can't belong to that Party without analyzing it.

I say again, I'm not anti-Democrat, I'm not anti-Republican, I'm not antiananything. I'm just questioning their sincerity, and some of the strategy that they've been using on our people by promising them promises that they don't intend to keep. When you keep the Democrats in power, you're keeping the Dixiecrats in power. I doubt that my good Brother Lomax will deny that. A vote for a Democrat is a vote for a Dixiecrat. That's why, in 1964, it's time now for you and me to become more politically mature and realize what the ballot is for; what we're supposed to get when we cast a ballot; and that if we don't cast a ballot, it's going to end up in a situation where we're going to have to cast a bullet. It's either a ballot or a bullet.

In the North, they do it a different way. They have a system that's known as gerrymandering, whatever that means. It means when Negroes become too heavily concentrated in a certain area, and begin to gain too much political power, the white man comes along and changes the district lines. You may say, "Why do you keep saying white man?" Because it's the white man who does it. I haven't ever seen any Negro changing any lines. They don't let him get near the line. It's the white man who does this. And usually, it's the white man who grins at you the most, and pats you on the back, and is supposed to be your friend. He may be friendly, but he's not your friend.

So, what I'm trying to impress upon you, in essence, is this: You and I in America are faced not with a segregationist conspiracy, we're faced with a government conspiracy. Everyone who's filibustering is a senator—that's the government. Everyone who's finagling in Washington, D.C., is a congressman—that's the government. You don't have anybody putting blocks in your path but people who are a part of the government. The same government that you go abroad to fight for and die for is the government that is in a conspiracy to deprive you of your voting rights, deprive you of your economic opportunities, deprive you of decent housing, deprive you of decent education. You don't need to go to the employer alone, it is the government itself, the government of America, that is responsible for the oppression and exploitation and degradation of black people in this country. And you should drop it in their lap. This government has failed the Negro. This so-called democracy has failed the Negro. And all these white liberals have definitely failed the Negro.

So, where do we go from here? First, we need some friends. We need some new allies. The entire civil-rights struggle needs a new interpretation, a broader interpretation. We need to look at this civil-rights thing from another angle—from the inside as well as from the outside. To those of us whose philosophy is black nationalism, the only way you can get involved in the civil-rights struggle is give it a new interpretation. That old interpretation excluded us. It kept us out. So, we're giving a new interpretation to the civil-rights struggle, an interpretation that will enable us to come into it, take part in it. And these handkerchief-heads who have been dillydallying and pussy footing and compromising—we don't intend to let them pussyfoot and dillydally and compromise any longer.

How can you thank a man for giving you what's already yours? How then can you thank him for giving you only part of what's already yours? You haven't even made progress, if what's being given to you, you should have had already. That's not progress. And I love my Brother Lomax, the way he pointed out we're right back where we were in 1954. We're not even as far up as we were in 1954. We're behind where we were in 1954. There's more segregation now than there was in 1954. There's more racial animosity, more racial hatred, more racial violence today in 1964, than there was in 1954. Where is the progress?

And now you're facing a situation where the young Negro's coming up. They don't want to hear that "turn the-other-cheek" stuff, no. In Jacksonville, those were teenagers, they were throwing Molotov cocktails. Negroes have never done that before. But it shows you there's a new deal coming in. There's new thinking coming in. There's new strategy coming in. It'll be Molotov cocktails this month, hand grenades next month, and something else next month. It'll be ballots, or it'll be bullets. It'll be liberty, or it will be death. The only difference about this kind of death—it'll be reciprocal. You know what is meant by "reciprocal"? That's one of Brother Lomax's words. I stole it from him. I don't usually deal with those big words because I don't usually deal with big people. I deal with small people. I find you can get a whole lot of small people and whip hell out of a whole lot of big people. They haven't got anything to lose, and they've got everything to gain. And they'll let you know in a minute: "It takes two to tango; when I go, you go."

The black nationalists, those whose philosophy is black nationalism, in bringing about this new interpretation of the entire meaning of civil rights, look upon it as meaning, as Brother Lomax has pointed out, equality of opportunity. Well, we're justified in seeking civil rights, if it means equality of opportunity, because all we're doing there is trying to collect for our investment. Our mothers and fathers invested sweat and blood. Three hundred and ten years we worked in this country without a dime in return—I mean without a dime in return. You let the white man walk around here talking about how rich this country is, but you never stop to think how it got rich so quick. It got rich because you made it rich.

You take the people who are in this audience right now. They're poor. We're all poor as individuals. Our weekly salary individually amounts to hardly anything. But if you take the salary of everyone in here collectively, it'll fill up a whole lot of baskets. It's a lot of wealth. If you can collect the wages of just these people right here for a year, you'll be rich—richer than rich. When you look at it like that, think how rich Uncle Sam had to become, not with this handful, but millions of black people. Your and my mother and father, who didn't work an eight-hour shift, but worked from "can't see" in the morning until "can't see" at night, and worked for nothing, making the white man rich, making Uncle Sam rich. This is our investment. This is our contribution, our blood.

Not only did we give of our free labor, we gave of our blood. Every time he had a call to arms, we were the first ones in uniform. We died on every battlefield the white man had. We have made a greater sacrifice than anybody who's standing up in America today. We have made a greater contribution and have collected less. Civil rights, for those of us whose philosophy is black nationalism, means: "Give it to us now. Don't wait for next year. Give it to us yesterday, and that's not fast enough."

I might stop right here to point out one thing. Whenever you're going after something that belongs to you, anyone who's depriving you of the right to have it is a criminal. Understand that. Whenever you are going after something that is yours, you are within your legal rights to lay claim to it. And anyone who puts forth any effort to deprive you of that which is yours, is breaking the law, is a criminal. And this was pointed out by the Supreme Court decision. It outlawed segregation.

Which means segregation is against the law. Which means a segregationist is breaking the law. A segregationist is a criminal. You can't label him as anything other than that. And when you demonstrate against segregation, the law is on your side. The Supreme Court is on your side.

Now, who is it that opposes you in carrying out the law? The police department itself. With police dogs and clubs. Whenever you demonstrate against segregation, whether it is segregated education, segregated housing, or anything else, the law is on your side, and anyone who stands in the way is not the law any longer. They are breaking the law; they are not representatives of the law. Any time you demonstrate against segregation and a man has the audacity to put a police dog on you, kill that dog, kill him, I'm telling you, kill that dog. I say it if they put me in jail tomorrow, kill that dog. Then you'll put a stop to it. Now, if these white people in here don't want to see that kind of action, get down and

tell the mayor to tell the police department to pull the dogs in. That's all you have to do. If you don't do it, someone else will.

If you don't take this kind of stand, your little children will grow up and look at you and think "shame." If you don't take an uncompromising stand, I don't mean go out and get violent; but at the same time you should never be nonviolent unless you run into some nonviolence. I'm nonviolent with those who are nonviolent with me. But when you drop that violence on me, then you've made me go insane, and I'm not responsible for what I do. And that's the way every Negro should get. Any time you know you're within the law, within your legal rights, within your moral rights, in accord with justice, then die for what you believe in. But don't die alone. Let your dying be reciprocal. This is what is meant by equality. What's good for the goose is good for the gander.

When we begin to get in this area, we need new friends, we need new allies. We need to expand the civil-rights struggle to a higher level—to the level of human rights. Whenever you are in a civil-rights struggle, whether you know it or not, you are confining yourself to the jurisdiction of Uncle Sam. No one from the outside world can speak out in your behalf as long as your struggle is a civil-rights struggle. Civil rights comes within the domestic affairs of this country. All of our African brothers and our Asian brothers and our Latin-American brothers cannot open their mouths and interfere in the domestic affairs of the United States. And as long as it's civil rights, this comes under the jurisdiction of Uncle Sam.

But the United Nations has what's known as the charter of human rights; it has a committee that deals in human rights. You may wonder why all of the atrocities that have been committed in Africa and in Hungary and in Asia, and in Latin America are brought before the UN, and the Negro problem is never brought before the UN. This is part of the conspiracy. This old, tricky blue eyed liberal who is supposed to be your and my friend, supposed to be in our corner, supposed to be subsidizing our struggle, and supposed to be acting in the capacity of an adviser, never tells you anything about human rights. They keep you wrapped up in civil rights. And you spend so much time barking up the civil-rights tree, you don't even know there's a humanrights tree on the same floor.

When you expand the civil-rights struggle to the level of human rights, you can then take the case of the black man in this country before the nations in the UN. You can take it before the General Assembly. You can take Uncle Sam before a world court. But the only level you can do it on is the level of human rights. Civil rights keeps you under his restrictions, under his jurisdiction. Civil rights keeps you in his pocket. Civil rights means you're asking Uncle Sam to treat you right. Human rights are something you were born with. Human rights are your God-given rights. Human rights are the rights that are recognized by all nations of this earth. And any time anyone violates your human rights, you can take them to the world court.

Uncle Sam's hands are dripping with blood, dripping with the blood of the black man in this country. He's the earth's number-one hypocrite. He has the audacity—yes, he has—imagine him posing as the leader of the free world. The free world! And you over here singing "We Shall Overcome." Expand the civil-rights struggle to the level of human rights. Take it into the United Nations, where our African brothers can throw their weight on our side, where our Asian brothers can throw their weight on our side, where our Latin-American brothers can throw their weight on our side, and where 800 million Chinamen are sitting there waiting to throw their weight on our side.

Let the world know how bloody his hands are. Let the world know the hypocrisy that's practiced over here. Let it be the ballot or the bullet. Let him know that it must be the ballot or the bullet.

When you take your case to Washington, D.C., you're taking it to the criminal who's responsible; it's like running from the wolf to the fox. They're all in cahoots together. They all work political chicanery and make you look like a chump before the eyes of the world. Here you are walking around in America, getting ready to be drafted and sent abroad, like a tin soldier, and when you get over there, people ask you what are you fighting for, and you have to stick your tongue in your cheek. No, take Uncle Sam to court, take him before the world.

By ballot I only mean freedom. Don't you know—I disagree with Lomax on this issue—that the ballot is more important than the dollar? Can I prove it? Yes. Look in the UN. There are poor nations in the UN; yet those poor nations can get together with their voting power and keep the rich nations from making a move. They have one nation—one vote, everyone has an equal vote. And when those brothers from Asia, and Africa and the darker parts of this earth get together, their voting power is sufficient to hold Sam in check. Or Russia in check. Or some other section of the earth in check.

So, the ballot is most important.

Right now, in this country, if you and I, 22 million African-Americans— that's what we are—Africans who are in America. You're nothing but Africans. Nothing but Africans. In fact, you'd get farther calling yourself African instead of Negro. Africans don't catch hell. You're the only one catching hell. They don't have to pass civil- rights bills for Africans. An African can go anywhere he wants right now. All you've got to do is tie your head up. That's right, go anywhere you want. Just stop being a Negro. Change your name to Hoogagagooba. That'll show you how silly the white man is. You're dealing with a silly man. A friend of mine who's very dark put a turban on his head and went into a restaurant in Atlanta before they called themselves desegregated. He went into a white restaurant, he sat down, they served him, and he said, "What would happen if a Negro came in here? And there he's sitting, black as night, but because he had his head wrapped up the waitress looked back at him and says, "Why, there wouldn't no nigger dare come in here."

So, you're dealing with a man whose bias and prejudice are making him lose his mind, his intelligence, every day. He's frightened. He looks around and sees what's taking place on this earth, and he sees that the pendulum of time is swinging in your direction. The dark people are waking up. They're losing their fear of the white man. No place where he's fighting right now is he winning. Everywhere he's fighting, he's fighting someone your and my complexion. And they're beating him. He can't win any more. He's won his last battle. He failed to win the Korean War. He couldn't win it. He had to sign a truce. That's a loss.

Any time Uncle Sam, with all his machinery for warfare, is held to a draw by some rice eaters, he's lost the battle. He had to sign a truce. America's not supposed to sign a truce. She's supposed to be bad. But she's not bad any more. She's bad as long as she can use her hydrogen bomb, but she can't use hers for fear Russia might use hers. Russia can't use hers, for fear that Sam might use his. So, both of them are weapon-less. They can't use the weapon because each's weapon nullifies the other's. So the only place where action can take place is on the ground. And the white man can't win another war fighting on the ground. Those days are over The black man knows it, the brown man knows it, the red man knows it, and the yellow man knows it. So they engage him in guerrilla warfare. That's not his style. You've got to have heart to be a guerrilla warrior, and he hasn't got any heart. I'm telling you now.

I just want to give you a little briefing on guerrilla warfare because, before you know it, before you know it... It takes heart to be a guerrilla warrior because you're on your own. In conventional warfare you have tanks and a whole lot of other people with you to back you up—planes over your head and all that kind of stuff. But a guerrilla is on his own. All you have is a rifle, some sneakers and a bowl of rice, and that's all you need—and a lot of heart. The Japanese on some of those islands in the Pacific, when the American soldiers landed, one Japanese sometimes could hold the whole army off. He'd just wait until the sun went down, and when the sun went down they were all equal. He would take his little blade and slip from bush to bush, and from American to American. The white soldiers couldn't cope with that. Whenever you see a white soldier that fought in the Pacific, he has the shakes, he has a nervous condition, because they scared him to death.

The same thing happened to the French up in French Indochina. People who just a few years previously were rice farmers got together and ran the heavily-mechanized French army out of Indochina. You don't need it— modern warfare today won't work. This is the day of the guerrilla. They did the same thing in Algeria. Algerians, who were nothing but Bedouins, took a rifle and sneaked off to the hills, and de Gaulle and all of his highfalutin' war machinery couldn't defeat those guerrillas. Nowhere on this earth

does the white man win in a guerrilla warfare. It's not his speed. Just as guerrilla warfare is prevailing in Asia and in parts of Africa and in parts of Latin America, you've got to be mighty naive, or you've got to play the black man cheap, if you don't think someday, he's going to wake up and find that it's got to be the ballot or the bullet.

I would like to say, in closing, a few things concerning the Muslim Mosque, Incorporated, which we established recently in New York City. It's true we're Muslims and our religion is Islam, but we don't mix our religion with our politics and our economics and our social and civil activities—not any more. We keep our religion in our mosque. After our religious services are over, then as Muslims we become involved in political action, economic action and social and civic action. We become involved with anybody, anywhere, any time and in any manner, that's designed to eliminate the evils, the political, economic and social evils that are afflicting the people of our community.

The political philosophy of black nationalism means that the black man should control the politics and the politicians in his own community; no more. The black man in the black community has to be re-educated into the science of politics so he will know what politics is supposed to bring him in return. Don't be throwing out any ballots. A ballot is like a bullet. You don't throw your ballots until you see a target, and if that target is not within your reach, keep your ballot in your pocket.

The political philosophy of black nationalism is being taught in the Christian church. It's being taught in the NAACP. It's being taught in CORE meetings. It's being taught in SNCC Student Nonviolent Coordinating Committee meetings. It's being taught in Muslim meetings.

It's being taught where nothing, but atheists and agnostics come together. It's being taught everywhere. Black people are fed up with the dillydallying, pussyfooting, compromising approach that we've been using toward getting our freedom. We want freedom now, but we're not going to get it saying, "We Shall Overcome." We've got to fight until we overcome.

The economic philosophy of black nationalism is pure and simple. It only means that we should control the economy of our community. Why should white people be running all the stores in our community? Why should white people be running the banks of our community? Why should the economy of our community be in the hands of the white man? Why? If a black man can't move his store into a white community, you tell me why a white man should move his store into a black community. The philosophy of black nationalism involves a re-education program in the black community in regard to economics. Our people have to be made to see that any time you take your dollar out of your community and spend it in a community where you don't live, the community where you live will get poorer and poorer, and the community where you spend your money will get richer and richer.

Then you wonder why where you live is always a ghetto or a slum area. And where you and I are concerned, not only do we lose it when we spend it out of the community, but the white man has got all our stores in the community tied up; so that though we spend it in the community, at sundown the man who runs the store takes it over across town somewhere. He's got us in a vise.

So the economic philosophy of black nationalism means in every church, in every civic organization, in every fraternal order, it's time now for our people to become conscious of the importance of controlling the economy of our community. If we own the stores, if we operate the businesses, if we try and establish some industry in our own community, then we're developing to the position where we are creating employment for our own kind. Once you gain control of the economy of your own community, then you don't have to picket and boycott and beg some cracker downtown for a job in his business.

The social philosophy of black nationalism only means that we have to get together and remove the evils, the vices, alcoholism, drug addiction, and other evils that are destroying the moral fiber of our community. We ourselves have to lift the level of our community, the standard of our community to a higher level, make our own society beautiful so that we will be satisfied in our own social circles and won't be running around here trying to knock our way into a social circle where we're not wanted. So,

I say, in spreading a gospel such as black nationalism, it is not designed to make the black man re-evaluate the white man—you know him already—but to make the black man re-evaluate himself.

Don't change the white man's mind—you can't change his mind, and that whole thing about appealing to the moral conscience of America—America's conscience is bankrupt. She lost all conscience a long time ago. Uncle Sam has no conscience.

They don't know what morals are. They don't try and eliminate an evil because it's evil, or because it's illegal, or because it's immoral; they eliminate it only when it threatens their existence. So you're wasting your time appealing to the moral conscience of a bankrupt man like Uncle Sam. If he had a conscience, he'd straighten this thing out with no more pressure being put upon him. So it is not necessary to change the white man's mind.

We have to change our own mind. You can't change his mind about us. We've got to change our own minds about each other. We have to see each other with new eyes. We have to see each other as brothers and sisters. We have to come together with warmth so we can develop unity and harmony that's necessary to get this problem solved ourselves. How can we do this? How can we avoid jealousy? How can we avoid the suspicion and the divisions that exist in the community? I'll tell you how.

I have watched how Billy Graham comes into a city, spreading what he calls the gospel of Christ, which is only white nationalism. That's what he is.

Billy Graham is a white nationalist; I'm a black nationalist. But since it's the natural tendency for leaders to be jealous and look upon a powerful figure like Graham with suspicion and envy, how is it possible for him to come into a city and get all the cooperation of the church leaders? Don't think because they're church leaders that they don't have weaknesses that make them envious and jealous—no, everybody's got it. It's not an accident that when they want to choose a cardinal, as Pope I over there in Rome, they get in a closet so you can't hear them cussing and fighting and carrying on.

Billy Graham comes in preaching the gospel of Christ. He evangelizes the gospel. He stirs everybody up, but he never tries to start a church. If he came in trying to start a church, all the churches would be against him. So, he just comes in talking about Christ and tells everybody who gets Christ to go to any church where Christ is; and in this way the church cooperates with him. So we're going to take a page from his book.

Our gospel is black nationalism. We're not trying to threaten the existence of any organization, but we're spreading the gospel of black nationalism. Anywhere there's a church that is also preaching and practicing the gospel of black nationalism, join that church. If the NAACP is preaching and practicing the gospel of black nationalism, join the NAACP. If CORE is spreading and practicing the gospel of black nationalism, join CORE. Join any organization that has a gospel that's for the uplift of the black man. And when you get into it and see them pussyfooting or compromising, pull out of it because that's not black nationalism. We'll find another one.

And in this manner, the organizations will increase in number and in quantity and in quality, and by August, it is then our intention to have a black nationalist convention which will consist of delegates from all over the country who are interested in the political, economic and social philosophy of black nationalism. After these delegates convene, we will hold a seminar; we will hold discussions; we will listen to everyone. We want to hear new ideas and new solutions and new answers. And at that time, if we see fit then to form a black nationalist party, we'll form a black nationalist party. If it's necessary to form a black nationalist army, we'll form a black nationalist army. It'll be the ballot or the bullet. It'll be liberty or it'll be death.

It's time for you and me to stop sitting in this country, letting some cracker senators, Northern crackers and Southern crackers, sit there in Washington, D.C., and come to a conclusion in their mind that you and I are supposed to have civil rights. There's no white man going to tell me anything about my rights.

Brothers and sisters, always remember, if it doesn't take senators and congressmen and presidential proclamations to give freedom to the white man, it is not necessary for legislation or proclamation or Supreme Court decisions to give freedom to the black man. You let that white man know, if this is a country of freedom, let it be a country of freedom; and if it's not a country of freedom, change it.

We will work with anybody, anywhere, at any time, who is genuinely interested in tackling the problem head-on, non-violently as long as the enemy is non-violent, but violent when the enemy gets violent. We'll work with you on the voter-registration drive, we'll work with you on rent strikes, we'll work with you on school boycotts; I don't believe in any kind of integration; I'm not even worried about it, because I know you're not going to get it anyway; you're not going to get it because you're afraid to die; you've got to be ready to die if you try and force yourself on the white man, because he'll get just as violent as those crackers in Mississippi, right here in Cleveland. But we will still work with you on the school boycotts because we're against a segregated school system. A segregated school system produces children who, when they graduate, graduate with crippled minds. But this does not mean that a school is segregated because it's all black. A segregated school means a school that is controlled by people who have no real interest in it whatsoever.

Let me explain what I mean. A segregated district or community is a community in which people live, but outsiders control the politics and the economy of that community. They never refer to the white section as a segregated community. It's the all-Negro section that's a segregated community. Why? The white man controls his own school, his own bank, his own economy, his own politics, his own everything, his own community; but he also controls yours. When you're under someone else's control, you're segregated. They'll always give you the lowest or the worst that there is to offer, but it doesn't mean you're segregated just because you have your own. You've got to control your own. Just like the white man has control of his, you need to control yours.

You know the best way to get rid of segregation? The white man is more afraid of separation than he is of integration. Segregation means that he puts you away from him, but not far enough for you to be out of his jurisdiction; separation means you're gone. And the white man will integrate faster than he'll let you separate. So we will work with you against the segregated school system because it's criminal, because it is absolutely destructive, in every way imaginable, to the minds of the children who have to be exposed to that type of crippling education.

Last but not least, I must say this concerning the great controversy over rifles and shotguns. The only thing that I've ever said is that in areas where the government has proven itself either unwilling or unable to defend the lives and the property of Negroes, it's time for Negroes to defend themselves. Article number two of the constitutional amendments provides you and me the right to own a rifle or a shotgun. It is constitutionally legal to own a shotgun or a rifle. This doesn't mean you're going to get a rifle and form battalions and go out looking for white folks, although you'd be within your rights—I mean, you'd be justified; but that would be illegal and we don't do anything illegal. If the white man doesn't want the black man buying rifles and shotguns, then let the government do its job. That's all. And don't let the white man come to you and ask you what you think about what Malcolm says—why, you old Uncle Tom. He would never ask you if he thought you were going to say, "Amen!" No, he is making a Tom out of you. So, this doesn't mean forming rifle clubs and going out looking for people, but it is time, in 1964, if you are a man, to let that man know.

If he's not going to do his job in running the government and providing you and me with the protection that our taxes are supposed to be for, since he spends all those billions for his defense budget, he certainly can't begrudge you and me spending \$12 or \$15 for a single-shot, or double action. I hope you understand. Don't go out shooting people, but any time—brothers and sisters, and especially the men in this audience; some of you wearing Congressional Medals of Honor, with shoulders this wide, chests this big, muscles that big—any time you and I sit around and read where they bomb a church and murder in cold blood, not some grownups, but four little girls while they were praying to the same God the white man taught them to pray to, and you and I see the government go down and can't find who did it.

Why, this man—he can find Eichmann hiding down in Argentina somewhere. Let two or three American soldiers, who are minding somebody else’s business way over in South Vietnam, get killed, and he’ll send battleships, sticking his nose in their business. He wanted to send troops down to Cuba and make them have what he calls free elections— this old cracker who doesn’t have free elections in his own country.

No, if you never see me another time in your life, if I die in the morning, I’ll die saying one thing: the ballot or the bullet, the ballot or the bullet.

If a Negro in 1964 has to sit around and wait for some cracker senator to filibuster when it comes to the rights of black people, why, you and I should hang our heads in shame. You talk about a march on Washington in 1963, you haven’t seen anything. There’s some more going down in ‘64.

And this time they’re not going like they went last year. They’re not going singing “We Shall Overcome.” They’re not going with white friends. They’re not going with placards already painted for them. They’re not going with round-trip tickets. They’re going with one way tickets. And if they don’t want that non-violent army going down there, tell them to bring the filibuster to a halt.

The black nationalists aren’t going to wait. Lyndon B. Johnson is the head of the Democratic Party. If he’s for civil rights, let him go into the Senate next week and declare himself. Let him go in there right now and declare himself. Let him go in there and denounce the Southern branch of his party. Let him go in there right now and take a moral stand—right now, not later. Tell him don’t wait until election time. If he waits too long, brothers and sisters, he will be responsible for letting a condition develop in this country which will create a climate that will bring seeds up out of the ground with vegetation on the end of them looking like something these people never dreamed of. In 1964, it’s the ballot or the bullet. Thank you.

The Black Revolution (April 8, 1964)

Mr. Moderator, ladies and gentlemen, friends and enemies. Tonight, I hope that we can have a little fireside chat with as few sparks as possible being tossed around. Especially because of the very explosive condition that the world is in today. Sometimes, when a person’s house is on fire and someone comes in yelling fire, instead of the person who is awakened by the yell being thankful, he makes the mistake of charging the one who awakened him with having set the fire. I hope that this little conversation tonight about the black revolution won’t cause many of you to accuse us of igniting it when you find it at your doorstep.

I am still a Muslim. That is, my religion is still Islam. I still believe that there is no God, but Allah and that Muhammad is the Apostle of Allah. That just happens to be my personal religion, but in the capacity that I’m functioning in today, I have no intention to mix my religion, with the problems of 22 million black people in this country. just as it’s possible for a great man, whom I greatly respect, Ben Bella, to be a Muslim and still be a nationalist, and another one whom I greatly respect, Gamal Nasser, to be a Muslim and still be a nationalist, and Sukharno, of Indonesia, to be a Muslim and still be a nationalist, it was nationalism that enabled them to gain freedom for their people.

I’m still a Muslim but I’m also a nationalist, meaning that my political philosophy is black nationalism, my economic philosophy is black nationalism, my social philosophy is black nationalism, and when I say that this philosophy of black nationalism...to me, this means, that the political philosophy of black nationalism is that which is designed to encourage our people, black people, to gain complete control over the politics and politicians of our own community. Our economic philosophy is that we should gain control over the economy of our community, the businesses and other things that create employment so that we can provide jobs for our own people instead of having to picket and boycott and beg someone else for a job. And in short our social philosophy only means that we feel it is time to get together among our own kind and eliminate the evils that are destroying the moral fiber of our society like drug addiction, drunkenness, welfare problems. We believe that we should lift the level or the standard

of our own society to a higher level wherein we will be satisfied and then not inclined towards pushing ourselves into other societies where we're not wanted. All of that aside, tonight we're dealing with the black revolution.

During recent years there has been much talk about a population explosion. Whenever they are speaking of the population explosion, in my opinion, they are referring to the people primarily in Asia or in Africa—the black, brown, red, and yellow people. It is seen by people of the West that, as soon as the standard of living is raised in Africa and Asia, automatically the people begin to reproduce abundantly. And there has been a great deal of fear engendered by this in the minds of the people of the West, who happen to be, on this earth, a very small minority.

In fact, in most of the thinking and planning of whites in the West today, it's easy to see that fear in their minds, conscious minds and subconscious minds, that the masses of dark people in the East, who already outnumber them, will continue to increase and multiply and grow until they eventually overrun the people of the West like a human sea, a human tide, a human flood. And the fear of this can be seen in the minds, and in the actions, of most of the people here in the West in practically everything that they do. It governs their political views, it governs their economic views and it governs most of their attitudes toward the present society.

I was listening to Dirksen, the senator from Illinois, in Washington D.C. filibustering the Civil Rights Bill and one of the things that he kept stressing over and over and over was that if this bill is passed, it will change the social structure of America. Well, I know what he's getting at, and I think that most other people today, and especially our people, know what is meant when these whites, who filibuster these bills, express fears of changes in the social structure. Our people are beginning to realize what they mean.

Just as we can see that all over the world one of the main problems facing the West is race, likewise here in America today, most of your Negro leaders as well as the whites agree that 1964 itself appears to be one of the most explosive years yet in the history of America on the racial front, on the racial scene. Not only is this racial explosion probably to take place in America, but all of the ingredients for this racial explosion in America to blossom into a world-wide racial explosion present themselves right here in front of us. America's racial powder keg, in short, can actually fuse or ignite a world-wide racial powder keg.

And whites in this country who are still complacent when they see the possibilities of racial strife getting out of hand. You are complacent simply because you think you outnumber the racial minority in this country; what you have to bear in mind is wherein you might outnumber us in this country, you don't outnumber us all over the earth.

Any kind of racial explosion that takes place in this country today, in 1964, is not a racial explosion that can be confined to the shores of America. It is a racial explosion that can ignite the racial powder keg that exists all over the planet that we call Earth. Now, I think that anybody would agree that the dark masses of Africa and Asia and Latin America are already seething with bitterness, animosity, hostility and unrest, and impatience with the racial intolerance that they themselves have experienced at the hands of the white West.

And just as they themselves have the ingredients of hostility toward the West in general, here we also have 22 million African-Americans, black, brown, red, and yellow people, in this country who are also seething with bitterness and impatience and hostility and animosity over the racial intolerance not only of the white West but of white America in particular.

And by the hundreds of thousands today we find that our own people have become impatient, and turning away from your white nationalism, which you call democracy, toward the militant, uncompromising philosophy of black nationalism. And I might point out right here that as soon as we announced we were going to start a black nationalist party in this country, we received mail from coast

to coast, especially from young people at the college level, the university level, who expressed complete sympathy and support and a desire to take an active part in any kind of political action based upon black nationalism, designed to correct or eliminate immediately the evils that our people have suffered here for 400 years.

The black nationalists, to many of you, may represent only a minority in the community. And therefore you might have a tendency to classify them as something insignificant. But just as the fuse is the smallest part or the smallest piece in the powder keg, it is yet that little fuse that ignites the entire powder keg. The black nationalists, to you, may represent a small minority in the so-called Negro community. But yet they just happen to be composed of the type of ingredients necessary to fuse or ignite the entire black community.

And this is one thing that whites—whether you call yourselves liberals or conservatives or racists or whatever you might choose to be—one thing that you have to realize is that, where the black community is concerned, although the large majority that you come in contact with may impress you as being moderate and patient and loving and long-suffering and all that kind of stuff, the minority whom you consider to be Muslims or nationalists happen to be made of the type of ingredient that can easily spark the black community. This should be understood. Because to me a powder keg is nothing without a fuse.

1964 will be America's hottest year; her hottest year yet; a year of much racial violence and much racial bloodshed. But it won't be blood that's going to flow only on one side. The new generation of black people that have grown up in this country during recent years are already forming the opinion, and it's a just opinion, that if there is to be bleeding, it should be reciprocal—bleeding on both sides.

It should also be understood that the racial sparks that are ignited here in America today could easily turn into a flaming fire abroad, which only means it could engulf all the people of this earth into a giant race war. You can't confine it to one little neighborhood, or one little community, or one little country. What happens to a black man in America today happens to the black man in Africa. What happens to the black man in America and Africa happens to the black man in Asia and to the man down in Latin America. What happens to one of us today happens to all of us. And when this is realized, I think that the whites who are intelligent—even if they aren't moral or aren't just or aren't impressed by legalities—those who are intelligent will realize that when they touch this one, they are touching all of them, and this in itself will have a tendency to be a checking factor.

The seriousness of this situation must be faced up to. I was in Cleveland last night, Cleveland, Ohio. In fact I was there Friday, Saturday and yesterday. Last Friday the warning was given that this is a year of bloodshed, that the black man has ceased to turn the other cheek, that he has ceased to be nonviolent, that he has ceased to feel that he must be confined by all these restraints that are put upon him by white society in struggling for what white society says he was supposed to have had a hundred years ago. So today, when the black man starts reaching out for what America says are his rights, the black man feels that he is within his rights—when he becomes the victim of brutality by those who are depriving him of his rights—to do whatever is necessary to protect himself. An example of this was taking place last night at this same time in Cleveland, where the police were putting water hoses on our people there and also throwing tear gas at them—and they met a hail of stones, a hail of rocks, a hail of bricks. A couple of weeks ago in Jacksonville, Florida, a young teenage Negro was throwing Molotov cocktails.

Now, Negroes didn't do this ten years ago. But what you should learn from this is that they are waking up. It was stones yesterday, Molotov cocktails today, it will be hand grenades tomorrow and whatever else is available the next day. The seriousness of this situation must be faced up to. You should not feel that I am inciting someone to violence. I'm only warning of a powder-keg situation. You can take it or leave it. If you take the warning, perhaps you can still save yourself. But if you ignore it or ridicule it, well, death is already at your doorstep. There are 22 million African-Americans who are ready to fight

for independence right here. When I say fight for independence right here, I don't mean any nonviolent fight, or turn-the-other-cheek fight. Those days are gone. Those days are over.

If George Washington didn't get independence for this country nonviolently, and if Patrick Henry didn't come up with a nonviolent statement, and you taught me to look upon them as patriots and heroes, then it's time for you to realize that I have studied your books well. Our people, 22 million African-Americans are fed up with America's hypocritical democracy. And today we care nothing about the odds that are against us. Every time a black man gets ready to defend himself some Uncle Tom starts telling us, how can you win? That's Tom talking, don't listen to him. This is the first thing we hear; the odds are against us. You're dealing with black people who don't care anything about odds. We care nothing about odds. Again, I go right back to the people who founded and who secured the independence of this country from the colonial powers of England. When George Washington and the others got ready to come up with a Declaration of Independence, they didn't care anything about the odds of the British Empire. They were fed up with taxation without representation. And you've got 22 million black people in this country today, 1964, who are fed up with taxation without representation and will do the same thing. Who are ready, willing and justified to do then?

same thing today to bring about independence for our people that your forefathers did to bring about independence for your people. And I say your people, because I certainly couldn't include myself among those for whom independence was fought in 1776. How in the world can a negro talk about the Declaration of Independence and he's still singing "We Shall Overcome?" Our people increasingly are developing the opinion that we just have nothing to lose but the chains of segregation and the chains of second-class citizenship.

So, 1964 will see the Negro revolt evolve and merge into the worldwide black revolution that has been taking place on this earth since 1945. The so-called revolt will become a real black revolution. Now the black revolution has been taking place in Africa and Asia and Latin America; when I say black, I mean non-white—black, brown, red or yellow. Our brothers and sisters in Asia, who were colonized by the Europeans, our brothers and sisters in Africa, who were colonized by the Europeans, and in Latin America, the peasants, who were colonized by the Europeans, have been involved in a struggle since 1945 to get the colonialists, or the colonizing powers, the Europeans, off their land, out of their country.

This is a real revolution. Revolution is always based on land. Revolution is never based on begging somebody for an integrated cup of coffee. Revolutions are never fought by turning the other cheek. Revolutions are never based upon love-your-enemy and pray-for-those-who-despitefully-use-you. And revolutions are never waged singing "We Shall Overcome." Revolutions are based on bloodshed. Revolutions are never compromising. Revolutions are never based upon negotiations. Revolutions are never based upon any kind of tokenism whatsoever. Revolutions are never even based upon that which is begging a corrupt society or a corrupt system to accept us into it. Revolutions overturn systems. And there is no system on this earth which has proven itself more corrupt, more criminal, than this system that in 1964 still colonizes 22 million African-Americans, still enslaves 22 million Afro-Americans. There is no system more corrupt than a system that represents itself as the example of freedom, the example of democracy, and can go all over this earth telling other people how to straighten out their house, when you have citizens of this country who have to use bullets if they want to cast a ballot.

The greatest weapon the colonial powers have used in the past against our people has always been divide-and-conquer. America is a colonial power.

She has colonized 22 million Afro-Americans by depriving us of first-class citizenship, by depriving us of civil rights, actually by depriving us of human rights. She has not only deprived us of the right to be a citizen, she has deprived us of the right to be human beings, the right to be recognized and respected as men and women. And in this country the black can be fifty years old and he is still a "boy."

I grew up with white people. I was integrated before they invented the word and I have never met white people yet—if you are around them long enough—who won't refer to you as a “boy” or a “gal,” no matter how old you are no matter what school you came out of, no matter what your intellectual or professional level is. In this society we remain “boys.”

So, America's strategy is the same strategy as that which was used in the past by the colonial powers: divide and conquer. She plays one Negro leader against the other. She plays one Negro organization against the other. She makes us think that we have different objectives, different goals. As soon as one Negro says something, she runs to this Negro and asks him, “What do you think about what he said?” Why, anybody can see through that today—except some of the Negro leaders.

All of our people have the same goals, the same objective: freedom, justice, equality. All of us want recognition and respect as human beings. We don't want to be integrationists. Nor do we want to be separationists. We want to be human beings. Integration is only a method that is used by some groups to obtain freedom, justice, equality and respect as human beings. Separation is only a method that is used by other groups to obtain freedom, justice, equality or human dignity.

Our people have made the mistake of confusing the methods with the objectives. As long as we agree on objectives, we should never fall out with each other just because we believe in different methods or tactics or strategy to reach a common objective.

We have to keep in mind at all times that we aren't fighting for integration, nor are we fighting for separation. We are fighting for recognition as human beings. We are fighting for the right to live as free humans in this society. In fact, we are actually fighting for rights that are even greater than civil rights and that is, human rights. We are fighting for human rights in 1964. This is a shame. The civil rights struggle has failed to produce concrete results because it has kept us barking up the wrong tree. It has made us put the cart ahead of the horse. We must have human rights before we can secure civil rights. We must be respected as humans before we can be recognized as citizens.

Among the so-called Negroes in this country. As a rule, the civil rights groups, those who believe in civil rights, spend most of their time trying to prove they are Americans. Their thinking is usually domestic, confined to the boundaries of America, and they always look upon themselves as a minority. When they look upon themselves on the American stage, the American stage is a white stage. So, a black man standing on that stage in America automatically is in the minority. He is the underdog, and in his struggle, he always uses an approach that's a begging, hat-in-hand, compromising approach.

Whereas the other segment or section in America, known as the black nationalists, are more interested in human rights than they are in civil rights. And they place more stress on human rights than they do on civil rights. The difference between the thinking and the scope of the Negroes who are involved in the human-rights struggle and those who are involved in the civil-rights struggle is that those so-called Negroes involved in the human-rights struggle don't look upon themselves as Americans. They look upon themselves as a part of dark mankind. They see the whole struggle, not within the confines of the American stage, but they look upon the struggle on the world stage. And, in the world context, they see that the dark man outnumbers the white man. On the world stage the white man is just a microscopic minority.

So, in this country you find two different types of Afro-Americans—the type who looks upon himself as a minority and you as the majority, because his scope is limited to the American scene; and then you have the type who looks upon himself as part of the majority and you as part of a microscopic minority. And this one uses a different approach in trying to struggle for his rights. He doesn't beg. He doesn't thank you for what you give him, because you are only giving him what he should have had a hundred years ago. He doesn't think you are doing him any favors.

He doesn't see any progress that he has made since the Civil War. He sees not one iota of progress because, number one, if the Civil War had freed him, he wouldn't need civil-rights legislation today. If

the Emancipation Proclamation, issued by that great shining liberal called Lincoln, had freed him, he wouldn't be singing "We Shall Overcome" today. If the amendments to the Constitution had solved his problem, his problem wouldn't still be here today. And if the Supreme Court desegregation decision of 1954 was genuinely and sincerely designed to solve his problem, the problem wouldn't be with us today.

So, this kind of black man is thinking. He can see where every maneuver that America has made, supposedly to solve this problem, has been nothing but political trickery and treachery of the worst order. So today he doesn't have any confidence in these so-called liberals. I know that all that have come in here tonight don't call yourselves liberals. Because that's a nasty name today. It represents hypocrisy. So, these two different types of black people exist in the so-called Negro community and they are beginning to wake up and their awakening is producing a very dangerous situation.

So, you have whites in the community who express sincerity when they say they want to help. Well, how can they help? How can a white person help the black man solve his problem? Number one, you can't solve it for him. You can help him solve it, but you can't solve it for him today. One of the best ways that you can help him solve it is to let the so-called Negro, who has been involved in the civil-rights struggle, see that the civil-rights struggle must be expanded beyond the level of civil rights to the level of human rights. Once it is expanded beyond the level of civil rights to the level of human rights, it opens the door for all of our brothers and sisters in Africa and Asia, who have their independence, to come to our rescue.

Why? When you go to Washington, D.C., expecting those crooks down there—and that's what they are—to pass some kind of civil-rights legislation to correct a very criminal situation, what you are doing is encouraging the black man, who is the victim, to take his case into the court that's controlled by the criminal that made him the victim. It will never be solved in that way. It's like running from the wolf to the fox.

The civil-rights struggle involves the black man taking his case to the white man's court. But when he fights it at the human-rights level, it is a different situation. It opens the door for him to take Uncle Sam to the world court. The black man shouldn't have to go to court to be free. Uncle Sam should be taken to court and made to tell why the black man is not free in a so-called free society. Uncle Sam should be taken into the United Nations and charged with violating the UN charter of human rights.

You can forget civil rights. How are you going to get civil rights with men like Eastland and men like Dirksen and men like Johnson? It has to be taken out of their hands and taken into the hands of those whose power and authority exceeds theirs. Washington has become too corrupt. Uncle Sam has become bankrupt when it comes to a conscience—it's impossible for Uncle Sam to solve the problem of 22 million black people in this country. It is absolutely impossible to do it in Uncle Sam's courts—whether it's the Supreme Court or any other kind of court that comes under Uncle Sam's jurisdiction.

The only alternative that the black man in America has today is to take it out of Senator Dirksen's and Senator Eastland's and President Johnson's jurisdiction and take it downtown on the East River and place it before that body of men who represent international law, and let them know that the human rights of black people are being violated in a country that professes to be the moral leader of the free world.

Any time you have a filibuster in America, in the Senate, in 1964 over the rights of 22 million black people, over the citizenship of 22 million black people, or that will affect the freedom and justice and the equality of 22 million black people, it's time for that government itself to be taken before a world court. How can you condemn South Africa? There's only 11 million of our people in South Africa, there are 22 million of them here. And we are receiving an injustice which is just as criminal as that which is being done to the black people of South Africa.

So today those whites who profess to be liberals—and as far as I am concerned it's just lip-profession—you understand why our people don't have civil rights. You're white. You can go and hang out with

another white liberal and see how hypocritical they are. Why a lot of you sitting right here know that you've seen whites up in a Negro's face with flowery words, and as soon as that Negro walks away you listen to how your white friend talks. We have black people who can pass as white. We know how you talk.

We can see that it is nothing but a governmental conspiracy to continue to deprive the black people in this country of their rights. And the only way we will get those rights restored is by taking it out of Uncle Sam's hands. Take him to court and charge him with genocide, the mass murder of millions of black people in this country—political murder, economic murder, social murder, mental murder. This is the crime that this government has committed, and if you yourself don't do something about it in time, you are going to open the doors for something to be done about it from outside forces.

I read in the paper yesterday where one of the Supreme Court justices,

Goldberg, was crying about the violation of human rights of three million

Jews in the Soviet Union. Imagine this. I haven't got anything against the Jews, but that's their problem. How in the world are you going to cry about problems on the other side of the world and you haven't got the problems straightened out here? How can the plight of three million Jews in Russia be qualified to be taken to the United Nations by a man who is a justice in this Supreme Court, and is supposed to be a liberal, supposed to be a friend of black people, and hasn't opened up his mouth one time about taking the plight of black people down there to the United Nations?

Our people are becoming more politically mature. Their eyes are coming open. They're beginning to see the trends in all of the American politics today. They notice that every time there's an election, it's so close among whites that they have to count the votes over again. This happened in Massachusetts when they were running for Governor. It happened in Rhode Island. It happened in Minnesota and many other places and it happened in the election between Kennedy and Nixon. Things are so close that any minority who has a bloc vote can swing it either way. And I think most of the students of political science agree that it was the 80 per cent support that Kennedy got from the black man in this country that enabled him to sit in the White House. He sat down there four years and the Negro is still in the dog house. Same ones that we put in the white house have continued to keep us in the dog house. The Negro can see that he holds the balance of power in this country politically. It is he who puts in office the one who gets in office. Yet when the Negro helps that person get in office the Negro gets nothing in return. All he gets is a few appointments, a few handpicked, Uncle Tom, handkerchief head Negroes are given big jobs in Washington D.C. And then those Negroes come back and try and make us think that administration is going to lead us to the promised land of integration. And the only ones whose problem has been solved have been those hand-picked Negroes. A few big Negroes got jobs who didn't even need the job. They already were working. But the masses of black people are still unemployed.

The present administration, the Democratic administration has been down there for four years, yet no meaningful legislation has been passed by them that's supposed to benefit black people in this country. Despite the fact that in the House they have 257 Democrats and only 177 are Republican, they control two-thirds of the house in the Senate there are 67 Democrats and only 33 Republicans, the Democrats control two-thirds of the government and it's the Negro who put him in position to control the government yet they give the Negro nothing in return but a few handouts in the form of appointments that are only used as window dressing to make it appear that the problem is being solved.

No, something is wrong. And when these black people wake up and find out for real the trickery and the treachery that has been heaped upon us, you're going to have revolution. And when I say a revolution, I don't mean that stuff they were talking about last year, about "We Shall Overcome." That's no revolution. The Democrats get Negro support, yet the Negroes get nothing in return. The Negroes put the Democrats first, yet the Democrats put the Negroes last. And the alibi that the Democrats use, they blame the Dixiecrats. A Dixiecrat is nothing but a Democrat in disguise. You show me a Dixiecrat and I'll show you a Democrat. And chances are, you show me a Democrat and I'll show you a Dixiecrat.

Because Dixie in reality means all that territory south of the Canadian border. There are sixteen senatorial committees that run this government. Of the sixteen senatorial committees that run the government, ten of them are controlled by chairmen who are from the south. Of the twenty congressional committees that help run the government, twelve of them are controlled by southern segregationists. Think of this. Ten of the senatorial committees are in the hands of the Dixiecrats. Twelve of the twenty congressional committees are in the hands of the Dixiecrats. These committees control the government. And you gonna tell us that the south lost the Civil War. The south controls the government. And they control it because they have seniority. And they have seniority because in the states that they come from, they deny Negroes the right to vote.

If Negroes could vote south of the—yes, if Negroes could vote south of the Canadian border—south, if Negroes could vote in the southern part of the South, Ellender wouldn't be the head of the Agricultural and Forestry Commission, Richard Russell wouldn't be head of the Armed

Services Commission, Robertson of Virginia wouldn't be the head of the

Banking and Currency Committee. Imagine that, all of the banking and currency of the government is in the hands of a cracker.

In fact, when you see how many of these committee men who control the government are from the South, you can see that we have nothing but a cracker government in Washington, D.C. And their head is a cracker president. I said a cracker president. Texas is just as much a cracker state as Mississippi. Even more so. In Texas, they lynch you with a Texas accent, in Mississippi, they lynch you with a Mississippi accent.

The first thing this man did when he came in office was invite all the big Negroes down for coffee. James Farmer was one of the first ones, the head of CORE. I have nothing against him. He's all right—Farmer, that is. But could that same president have invited James Farmer to Texas for coffee? And if James Farmer went to Texas, could he have taken his white wife with him to have coffee with the president? Any time you have a man who can't straighten out Texas, how can he straighten out the country? No, you're barking up the wrong tree.

If Negroes in the South could vote, the Dixiecrats would lose power. When the Dixiecrats lost power, the Democrats would lose power. A Dixiecrat lost is a Democrat lost. Therefore, the two of them have to conspire with each other to stay in power. The Northern Dixiecrat puts all the blame on the Southern Dixiecrat. It's a con game, a giant political con game. The job of the Northern Democrat is to make the Negro think that he is our friend. He is always smiling and wagging his tail and telling us how much he can do for us if we vote for him. But at the same time that he's out in front telling us what he's going to do, behind the door he's in cahoots with the Southern Democrat setting up the machinery to make sure he'll never have to keep his promise.

This is the conspiracy that our people have faced in this country for the past one hundred years. And today you have a new generation of black people who have come on the scene, who have become disenchanted with the entire system, who have become disillusioned over the system, and who are ready now and willing to do something about it.

So, in my conclusion, in speaking about the black revolution, America today is at a time or in a day or at an hour where she is the first country on this earth who can actually have a bloodless revolution. In the past, revolutions have been bloody. Historically you just don't have a peaceful revolution. Revolutions are bloody, revolutions are violent, revolutions cause bloodshed and death follows in their paths. America is the only country in history in a position to bring about a revolution without violence and bloodshed. But America is not morally equipped to do so.

Why is America in a position to bring about a bloodless revolution?

Because the Negro in this country holds the balance of power, and if the Negro in this country were given what the Constitution says he is supposed to have, the added power of the Negro in this country would sweep all of the racists and the segregationists out of office. It would change the entire political structure of the country. It would wipe out the Southern segregationism that now controls America's foreign policy, as well as America's domestic policy.

And the only way without bloodshed that this can be brought about is that the black man has to be given full use of the ballot in every one of the fifty states. But if the black man doesn't get the ballot, then you are going to be faced with another man who forgets the ballot and starts using the bullet.

Revolutions are fought to get control of land, to remove the absentee landlord and gain control of the land and the institutions that flow from that land. The black man has been in a very low condition because he has had no control whatsoever over any land. He has been a beggar economically, a beggar politically, a beggar socially, a beggar even when it comes to trying to get some education. In the past type of mentality, that was developed in this colonial system among our people, that today is being overcome. And as the young ones come up, they know what they want. And as they listen to your beautiful preaching about democracy and all those other flowery words, they know what they're supposed to have.

So, you got a people today who not only know what they want, but also know what they are supposed to have. And they themselves are creating another generation that is coming up that not only will know what it wants and know what it should have, but also will be ready and willing to do whatever is necessary to see that what they should have materializes immediately. Thank you.

* * *

[Question about the accuracy of *The Militant*]

Malcolm X: I've never found any misquote in *The Militant* of us, and I think any white newspaper, and I guess that's what it is, that can quote a black man correctly is certainly a militant newspaper.

[Question about school integration and the Freedom Now Party]

Malcolm X: If I understood you correctly you asked two questions: Number one—am I in favor of integration in the public schools? And number two—am I in favor of the Freedom Now Party? Insofar as integration in the public schools is concerned, I don't know anywhere in America where they have an integrated school system, North or South.

If they don't have it in New York City, they definitely never will have it in Mississippi. And anything that won't work I'm not in favor of. Anything that's not practical I'm not in favor of.

This doesn't mean I'm for a segregated school system. We are well aware of the crippled minds that are produced by a segregated school system, and when Rev. Galamison was involved in a boycott against this segregated school system, we supported it. This doesn't make me an integrationist, nor does it make me believe that integration is going to work; but Galamison and I agree that a segregated school system is detrimental to the academic diet, so-called diet, of the children who go to that school. But a segregated school system isn't necessarily the same situation that exists in an all-white neighborhood. A school system in an all-white neighborhood is not a segregated school system. The only time it's segregated is when it is in a community that is other than white, but at the same time is controlled by the whites.

So, my understanding of a segregated school system, or a segregated community, or a segregated school, is a school that's controlled by people other than those that go there. But in an all-white neighborhood, where you have an all-white school, that's not a segregated school. Usually they have a high-caliber education. Anytime someone else can put on you what they want, naturally you're going to have something that's inferior. So, the schools in Harlem are not controlled by the people in Harlem, they're

controlled by the man downtown. And the man downtown takes all of the tax dollars and spends them elsewhere, but he keeps the schools, the school facilities, the schoolteachers, and the schoolbooks, material, in Harlem at the very lowest level. So, this produces a segregated education, which doesn't do our people any good. On the other hand, if we can get an all-black school, that we can control, staff it ourselves with the type of teachers that have our good at heart, with the type of books that have in them many of the missing ingredients that have produced this inferiority complex in our people, then we don't feel that an all-black school is necessarily a segregated school. It's only segregated when it's controlled by someone from outside.

I hope I'm making my point. I just can't see where if white people can go to a white classroom and there are no Negroes present and it doesn't affect the academic diet they're receiving, then I don't see where an all-black classroom can be affected by the absence of white children. If the absence of black children doesn't affect white students, I don't see how the absence of whites is going to affect the blacks. So, what the integrationists, in my opinion, are saying, when they say that whites and blacks must go to school together, is that the whites are so much superior that just their presence in a black classroom balances it out. I can't go along with that. Yes, ma'am?

[Question again about the Freedom Now Party]

Malcolm X: The Freedom Now Party—I don't know too much about it, but what I know about it, I like.

[Question about whites too being hurt by Congressional filibusters]

Malcolm X: If I understood you correctly, you were saying that those white senators and congressmen there that are filibustering, and other things have done whites as much harm as they've done blacks. I just can't quite go along with that. You see, it's the black man who sits on the hot stove. You might stand near it, but you don't sit on it.

[Questions in writing—about white radicals and African misleaders]

Malcolm X: A question sent up: "Can black people achieve their freedom without the help of white radicals, who have more experience at fighting?" And the second question is—this is from a real white liberal, "Some black leaders, even in Africa, are misleading their people," and he says, "I mean Nasser too." I know this is from a liberal. I can even tell what geographic area he's from. In regard to the first question—Can black people achieve their freedom without the help of white radicals, who have more experience at fighting?—all of the freedom that white people have gotten in this country and elsewhere: they haven't gotten it just fighting themselves. You've always had someone else to do your fighting for you. You perhaps haven't realized it. England became powerful because she had others to fight for her. She used the African against the Asian and the Asian against the African. France used the Senegalese. All these white powers have had some little lackeys to do their fighting for them, and America has had 22 million African-Americans to do your fighting for you. It is we who have fought your battles for you and have picked your cotton for you. We built this house that you're living in. It was our labor that built this house. You sat beneath the old cotton tree telling us how long to work or how hard to work, but it was our labor, our sweat and our blood that made this country what it is, and we're the only ones who haven't benefited from it. All we're saying today is, it's payday—retroactive.

And where this gentleman said some black leaders in Africa also mislead their people, I guess you're talking about black leaders like Tshombe, but not—One of the greatest black leaders was Lumumba. Lumumba was the rightful ruler of the Congo. He was deposed with American aid. It was America, the State Department of this country, that brought Kasavubu to this country, interceded for him at the UN, used its power to make certain that Kasavubu would be seated as the rightful or recognized ruler of the Congo. And as soon as Kasavubu, with American support, became the ruler of the Congo, he went back to the Congo, and his first act upon returning home was to turn Lumumba over to Tshombe. So, you can easily see whose hand it was behind the murder of Lumumba. And chickens come home to roost.

And then you mention Nasser. Well, I think that's a subjective, subconscious reaction on your part, the fact that you included Nasser's name—I know who you are. Before the Egyptian revolution, Farouk was a monarch in Egypt who had exploited the people with the aid of the West. Naguib and Nasser brought about a revolution, and those who have visited the African continent today will tell you, if they are objective in their observations, that Egypt is one of the most highly industrialized nations on the African continent—the only other nation is a white nation and that's South Africa. But under Nasser the Egyptians have become a highly industrialized nation; they're trying to elevate the standard of living of their people.

You'll find that there's a tendency in the West to have the attitude toward any African leader who has the mass support of his people—usually the West classifies him as a dictator. And I can name them. Nkrumah is called a dictator because he has his people with him; Nasser is called a dictator, Ben Bella is a dictator, Sekou Toure is called a dictator—all of these people who are called dictators by the West usually are classified by the West as anti-West, because the West can't tell them what to do. Yes, ma'am?

[Question about going to the United Nations]

Malcolm X: And this is one of the reasons why—the lady asked do we have any feasible plan of bringing this fight to the UN. The very fact that there has been a civil rights struggle, since 1954 actually, and at no time have any of the Negro civil rights leaders made any effort to take it before the United Nations—that right there should give you a hint that there's a conspiracy involved. When every other underdog on this earth—I mean some of the underdogs way out in the South Pacific—have had their plight taken to the UN; people who don't even know where the UN is—still the UN is arguing about their situation. And here we have 22 million black people surrounding the UN, and nothing concerning their plight is taken to the UN. Don't tell me that it's not an atrocity. Any time a church is bombed—there's no more outright example of the violation of human rights than when you are sitting in church and have it bombed, and four little black babies are murdered. And [when] that still doesn't reach the UN, then I say there's a conspiracy.

So, our contention is that the white liberals, so-called liberals, infiltrated the civil rights movement, and got the black people barking up the wrong tree. Because white people are intelligent enough to know that the problem will never be solved in Washington, D.C. There are crooks there, but you can take the crooks who are in Washington, D.C., downtown before the world court. If they know that you can take them to court, they'll start acting right. That's the only time they'll act right. And then they won't be acting right because they believe in legality or morality or anything like that—they have none of that in them. They'll only be acting right because they don't want you to take them to court.

So, yes, there's a machinery being set up right now. And many of our brothers and sisters from Africa and Asia and in other parts of this earth, whose nations have emerged and become independent, are capable and well qualified to lend all of the support at their disposal to the problem of the black people in this country, once it gets into the UN. But they cannot become involved in it as long as it's called a civil rights struggle—because protocol keeps them from becoming involved in any of America's domestic affairs. Civil rights are domestic. Human rights are international.

Now, if you consider yourself a true liberal—and me, I haven't found one. When I say that, I'm bearing in mind I haven't met all white people, but

among those that I've met I haven't met one yet that would pass the test; I might meet somebody else tomorrow—

[James Wechsler, New York Post editor, takes floor and begins to speak before being called on.]

Malcolm X: Sir, why didn't you put up your hand and wait until I called on you? No, why didn't you find out? Why didn't you put up your hand till I called on you? You're being rude. You're proving my point. [Calls on someone else.] Yes, sir?

[Question about Karl Marx]

Malcolm X: Number one, I don't know too much about Karl Marx. That's number one—I just don't know too much about Karl Marx. However, it is true that when a nation loses its markets, no matter how capitalistic or highly industrialized it is or how much goods it can produce, when it loses those markets, it's in trouble. And this is one of the basic factors behind America's problem. She has lost her world markets. It's not just automation that's putting her out, giving her a headache. She has no markets. There was a time when the whole world was her market. But today she's hated. Not only is she losing her markets because she's hated, but the European nations are industrialized—they can produce goods cheaper than America can. Japan produces goods cheaper than she and undersells her. And the nations of Africa and Asia would rather buy their manufactured or finished products from other than America.

So, it is not so much that automation is causing the unemployment situation—which affects the Negro first and foremost because he's the last hired and has to be the first fired. But it's just the fact that America has run out of markets. And it is impossible for her to find new markets anywhere, unless there's some customers on the moon or on some other planet. And as long as this situation exists, America's economy is going to continue to go down, her dollar will continue to lose its value, and when her dollar loses its value, she's lost all her friends. Because the only friends she has are those whom she has bought.

And one further comment is this: as I said, I don't know too much about

Karl Marx, but there was this man who wrote *The Decline of the West*, Spengler—he had another book that's a little lesser known, called *The Hour of Decision*. In fact, someone gave me the book out in front of this place one night, a couple of years ago, because I had never heard of it either. I imagine it might be someone who's in this audience or who had that type of thinking. It was at a meeting like this.

And in Spengler's *Hour of Decision*, it's about world revolution, and his thesis is that the initial stages of the world revolution would make people be forced to line up along class lines. But then after a while the class lines would run out and it would be a lineup based upon race. Well, I think he wrote this in the early thirties. And it has actually taken place. Even when the United Nations was put together, the blocs were divided up along class or some kind of economic philosophy. But today the blocs that exist in the UN are based on race, along color lines. You have your Arab-AfroAsian bloc—they are all black, brown, red, or yellow. You have your other blocs and your other blocs, but when you find those blocs you usually find everybody in them has something in common and the most that they have in common usually is the color of their skin, or the absence of color from their skin. Yes, sir?

[Question about the role of whites]

Malcolm X: Well, if you noticed when I was speaking, I said the whites can help, if they're progressive-minded. But my observation and analysis of the kind of help they've been giving makes me very cautious about the help that they offer. And I say that because of this: as I said, I grew up with whites. Most of them are intelligent. At least they used to be. No white person would go about fighting for freedom in the same manner that he has helped me and you to fight for our freedom. No, none of them would. When it comes to black freedom, then the white man freedom-rides and sits in, he's nonviolent, he sings "We Shall Overcome" and all that stuff. But when the property of the white man himself is threatened, or the freedom of the white man is threatened, he's not nonviolent. He's only nonviolent when he's on your side. But when he's on his side he loses all that patience and nonviolence.

So, if the whites are sincere in this struggle, they will show the black man how to employ or use better tactics, tactics that will get results—and not results a hundred years from now. Our people aren't going to wait ten years. If this house is a house of freedom and justice and equality for all, if that's what it is, then let's have it. And if we can't all have it, none of us will have it.

[Question in writing—about the ballot]

Malcolm X: Question: “Do you really think the Negro can win with the ballot? If not, why not?” The Negro in this country, before he can win with the ballot, has to be made more politically mature. Now many Negroes don’t like to be criticized—they don’t like for it to be said that we’re not ready. They say that that’s a stereotype. We have assets—we have liabilities as well as assets. And until our people are able to go in a closet, put you out, and analyze ourselves and discover our own liabilities as well as our assets, we never will be able to win any struggle that we become involved in. As long as the black community and the leaders of the black community are afraid of criticism and want to classify all criticism, collective criticism, as a stereotype, no one will ever be able to pull our coat. So, first we have to go in the closet and find out where we are lacking, and what we need to replace that which we are lacking, [or] we never will be able to be successful. We can win with the ballot only when we make our people become politically mature.

Those whose philosophy is black nationalism are involved right now, and will become involved, with any group—green, blue, yellow, pink—that is set up with an organizational apparatus designed to get more of our people involved as registered voters. We’re involved in that; we will cooperate with that. But at the same time, we won’t tell them to register as a Democrat or a Republican. Any Negro who registers as a Democrat or a Republican is a traitor to his own people.

Registering is all right. That only means “load your gun.” Just because you load it doesn’t mean you have to shoot it. You wait until you get a target and make certain that you’re in a position to put that thing up next to the target, and then you pull the trigger. And just as you don’t waste bullets at a target that’s out of reach, you don’t throw ballots just to be throwing ballots. Our people need to get registered, need to pile up political power, but they need to hold it in abeyance and throw it when they know that throwing it is going to get results. Don’t just throw it because you’ve got it.

[Question in writing—about concrete political plans]

Malcolm X: This question: “Do you have any immediate concrete plans to take over politics and politicians in black communities?” Yes, and when you’ve got concrete plans, the best way to keep them concrete is to keep them to yourself.

[Question in writing—about SNCC and the UN]

Malcolm X: The other question written— “Excuse me, but the Student Nonviolent Coordinating Committee appealed to the United Nations following the Birmingham murders and picketed the UN demanding action for several days.”

That’s not how you get it—you don’t get it picketing the UN. In fact, I have never seen anybody get anything yet picketing. I haven’t seen anything that was gotten picketing. You get what you’re going to get either one way or the other. I might add to that. You don’t get anything on the agenda of the UN through picketing.

Plus, when the Student Nonviolent Coordinating Committee was picketing the UN based upon the murders in Birmingham, it was still civil rights. They didn’t have enough sense to realize—excuse me for saying they didn’t have enough sense, but evidently, they didn’t—to realize that as long as they took it from a civil rights level the UN can’t accept it. It must be human rights. So, the best thing for you to do, who are liberals, is to go to the UN and get all of the books on human rights.

Do you know that the United States has never signed the Covenant on Human Rights? It signed the Declaration of Human Rights, but it couldn’t sign the Covenant because in order to sign the Covenant, they’d have to have it ratified by the Congress and the Senate. And how’re they going to get ‘a covenant ratified by the Congress and the Senate on human rights when they can’t even get one through on civil rights? No! And Eleanor Roosevelt, supposedly a liberal, was chairman of the Commission on Human Rights. She knew all of this. Why didn’t ultra-liberal Eleanor tell these Negroes about the UN section on human rights that would enable us to get our problem before the world? No, that’s why I say I haven’t

met a white liberal. This gentleman over here who thinks I'm going to discriminate [against] him— [Recognizes James Wechsler]

[Question about Rev. Bruce Klunder, who was killed by a bulldozer while demonstrating against school segregation in Cleveland]

Malcolm X: I was in Cleveland last night, yesterday, in fact, when this thing took place— [Wechsler speaks again] Sir? I didn't put him under the bulldozer either. Uncle Sam put him under the bulldozer. The Supreme Court put him under the bulldozer. [Wechsler again.] His death still didn't desegregate the school system.

We're not going to stand up and applaud any contribution made by some individual white person when 22 million black people are dying every day. What he did—good, good, great. What he did- good. Hooray, hooray, hooray. Now Lumumba was murdered, Medgar Evers was murdered, Mack Parker was murdered, Emmett Till was murdered, my own father was murdered. You tell that stuff to somebody else. It's time that some white people started dying in this thing. If you'll forgive me, forgive me for saying so, but many more beside he is going when the wagon comes. Yes, sir? [Question about the religion of Islam and the partition of India]

Malcolm X: If I understand you correctly, number one—you wanted to know why we do, black people, turn to Islam. The religion that many of our forefathers practiced before we were kidnapped and brought into this country by the American white man was the religion of Islam. This has been destroyed in textbooks of the American educational system to try and make it appear that we were nothing but animals or savages before we were brought here, to hide the criminal acts that they had to perpetuate upon us in order to bring us down to the level of animals that we're on today. But when you go back, you'll find that there were large Muslim empires that stretched all the way down into equatorial Africa, the Mali Empire, Guinea. All these places—their religion was Islam.

So here in America today when you find many of us who are accepting

Islam as our religion we are only going back to the religion of our forefathers. Plus, we believe that this is the religion that will do more to reform us of our weaknesses that we've become addicted to here in Western society than any other religion. Secondly, we can see where Christianity has failed us 100 percent. They teach us to turn the other cheek, but they don't turn it.

And concerning the partition of India and Pakistan—I think that's what you meant—I'm not too familiar with it other than the fact that I do know that for many years the subcontinent of India was ruled by the British, by the colonial powers from Europe. The strategy of the colonial powers has always been to divide and conquer. As a rule, you'll find that people in the East, in the Orient, can pretty well live together. And I believe when you find them fighting each other, you [should] look for that man that's turning them one against the other—divide and conquer. In fact, if Pakistan and India had not been at each other's throats, so to speak, for the past ten or so years, they probably could have developed much faster and made more progress than they have and could do something more concrete toward helping us solve most of our problems. So, these divisions are dangerous. [Question about racial divisions in American society]

Malcolm X: Well, we have. And you don't have to demand it. It's already divided on racial lines. Go to Harlem. All we're saying now is since we're already divided, the least the government can do is let us control the areas where we live. Let the white people control theirs, let us control ours—that's all we're saying. If the white man can control his, and actually what he's using to control it is white nationalism, let us control ours with black nationalism. You find white nationalism in the white communities whether they are Catholic, whether they are Jews, whether they are Protestant—they still practice white nationalism. So, all we're saying to our people is to forget our religious differences. Forget all the differences that have been artificially created by the whites who have been over us and try and work

together in unity and harmony with the philosophy of black nationalism, which only means that we should control our own economy, our own politics, and our own society. Nothing is wrong with that.

And then, after we control our society, we'll work with any segment of the white community towards building a better civilization. But we think that they should control theirs and we should control ours. Don't let us try and mix with each other because every time that mixture takes place, we always find the black man low man on the totem pole—low man on the totem pole. If he's not low man, he's no man at all. Yes, ma'am?

[Question about the possibilities of support from Africa]

Malcolm X: You'll find that here today in 1964 there are enough independent nations in the UN from Africa and Asia who have become politically mature and also have enough independence to do what is necessary to see that some results are gotten from any plea, bona fide plea, that's made on the part of our people. It was the control that the United States had in the UN that enabled them to get Lumumba murdered and have his murder covered up. But here's a thing our people are beginning to see as soon as the United States gets through with a stooge, she drops him. She dropped Tshombe; when she couldn't use Tshombe anymore, she dropped him. When she couldn't use the two brothers over in Saigon—what's their names? —Diem and Nhu, she dropped them. When she couldn't use Syngman Rhee anymore, she dropped him. When she couldn't use Menderes anymore, she dropped him. Well, you see, this pattern is being studied by these other Uncle Toms. And they're beginning to see that if they keep on going, they're going to get dropped too. Yes, ma'am?

[Question about the common interest of old age pensioners and black people]

Malcolm X: I don't see how you can compare their situation with the plight of 22 million African-Americans. Our people were outright slaves—outright slaves. We pulled plows like horses. We were bought and sold from one plantation to another like you sell chickens or like you sell a bag of potatoes. I read in one book where George Washington exchanged a black man for a keg of molasses. Why, that black man could have been my grandfather. You know what I think of old George Washington. You can't compare someone on old age assistance with the plight of black people in this country. No comparison whatsoever. And what they can do is not comparable to what we can do—not those old folks. Yes, sir—way in the back

[Question about why the audience should stand in honor of Rev. Klunder]

Malcolm X: Let's rise in the honor of Lumumba, let's rise in the honor of

Medgar Evers, let's rise in the honor—No, look; good, what the man did

is good. But the day is out when you'll find black people who are going to stand up and applaud the contribution of whites at this late date.

One hundred million Africans were uprooted from the African continent—where are they today? One hundred million Africans were uprooted, 100 million Africans, according to the book *Anti-Slavery*, by Professor Dwight Lowell Dumond—excuse me for raising my voice—were uprooted from the continent of Africa. At the end of slavery, you didn't have 25 million Africans in the Western Hemisphere. What happened to those 75 million? Their bodies are at the bottom of the ocean, or their blood and their bones have fertilized the soil of this country. Why, don't you ever think I would use my energy applauding the sacrifice of an individual white man. No, that sacrifice is too late.

[Question in writing—about black nationalism, separatism, integration and assimilation...] A pamphlet, *Freedom Now*, is on sale in the back and it contains the statement, "All separatists are nationalists, but not all nationalists are separatists."]

Malcolm X: I don't know anything about that.

Question: "What is your view on this? Can one be a black nationalist even though not interested in a separate independent black nation? Similarly, is every integrationist necessarily an assimilationist?"

Malcolm X: Well, as I said earlier, the black people I know don't want to be integrationists, nor do they want to be separationists—they want to be human beings. Some of them choose integration, thinking that this method will bring them respect as a human being, and others choose separation, thinking that that method or tactic will bring them respect as a human being. But they've had so much trouble attaining their objectives that they've gotten their methods mixed up with their objectives, and now, instead of calling themselves human beings, they're calling themselves integrationists and separationists, and they don't have either one—no. So, I don't know about the integrationists and the assimilationists and the separationists, but I do know about the segregationists—that's the Americans. Yes, sir?

[Question about Malcolm's attitude to Robert F. Williams]

Malcolm X: Well, Robert Williams was exiled to Cuba for advocating guns for Negroes. He made some mistakes in carrying out his program, which left the door open that allowed the FBI to make him appear to be the criminal that he actually is not. When someone in front of you makes a mistake, you should learn and benefit from those mistakes.

The black man in this country is within his constitutional rights to have a rifle. The white man is, too. The Constitution gives you the right to have a rifle or a shotgun. You shouldn't go out shooting people with it; you shouldn't become involved in acts of aggression that you initiate. But, in this country where we have a government, a law enforcement agency at the federal, local, and state level- in areas where those agencies show that they are unable or unwilling to defend Negroes, Negroes should defend themselves. That's all: should defend themselves. And he's within his lawful right. This doesn't mean that he should use arms to initiate acts of aggression. But if it costs me my life in the morning, I will tell you tonight that the time has come for the black man to die fighting. If he's going to die, die fighting. I have a rifle; I've shown my wife how to work it. And if anybody puts his foot on my step, he's dead. Whether I'm home or not, he's dead.

This doesn't mean that we want to live in a society like this. But when you're living in a society of criminals and the law fails to do its duty what must one do? Continue to turn the other cheek? Medgar Evers turned his. Those four little girls, who were bombed in a church, turned theirs.

Negroes have done nothing but seen each other turn the other cheek.

This generation won't do it, won't do it any longer. May I just say this, sir? America is faced with a situation where in every Negro community in this country, the racial animosity that is developing and the disillusionment in the minds of Negroes toward white society is such that these communities, these ghettos, these slums that we live in, will eventually develop into the same type of Casbah situation that you have in Algeria and these other countries—where you won't be able to set your foot in that neighborhood, unless you've got a guide to show you the way. This is true.

And what else should we do? How can we continue to live in a community that's turned into a police state? Where the police are not there to protect us but are there only to protect the property of the merchant who doesn't even live in our community, who has his store there and his house somewhere else. They're there to protect his property. And as Negroes over the years see this, we also see that they don't protect us: in fact, sometimes we need protection against them.

This doesn't mean that the police are always wrong—I'm saying this too. In New York, where Negroes are concerned, so-called Negroes, it has been my experience in traveling from coast to coast to notice that in Harlem the police officer, at least in the past three years up to a short while ago, exercised more care in dealing with incidents that could explode into a racial situation than is used by police officers

in most of the large cities of the North. In 1960, '61, '62, along in there, the police department here did use more caution in incidents that were outright involving race. But the recent statement by the police commissioner, this man, this Irishman Murphy, is very dangerous, because those commissioners who preceded him exercised more intelligence in statements that they made, and they were very careful never to make a statement that would inflame the white officer against the black community. But Murphy is making statements that seem deliberately designed to make the average cop on the beat think that he can bust any Negro upside his head and not be reprimanded for it. This is dangerous because today when you put a club in the direction of a Negro's head, he's going to do his best to get that club, whether you've got a uniform or not.

[Question, a general attack on Malcolm, followed by a complaint that the speaker wants to make a statement rather than ask a question.] Malcolm X: You can comment right here, this is a meeting.

[After the speaker denounces Malcolm further, some members of the audience begin to protest.]

Malcolm X: Let him have his say—go ahead, doctor.

[The speaker goes ahead.]

Malcolm X: I'll take just two minutes to comment on what you've said. You notice you kept using the expression "talk back" or "have their say." Now you know how our people have felt for 400 years. And your attitude right now is the type of attitude that makes Uncle Sam a hated country. You reflect the collective attitudes of the American whites.

There are some—he [pointing to the chairman] doesn't reflect the collective attitude. He reflects the unique attitude—he's quiet, he's listening, he's taking it all in, he's analyzing it. And when he stands up to speak, he's going to speak in a much more intelligent manner than you and will win more friends than you. Now I might say this right here—in saying this about him, I'm not saying this to jive him or pat him on the back. You know me, I think you know me, better than that. If I say positive things about him, I mean it. He will probably get some of you saved, but you will get most of you killed.

I just want to say one more comment on his remark about me being bloodthirsty. I'm not bloodthirsty. I'm one of 22 million black people in this country who's tired of being the victim of hypocrisy by a country that supposedly practices democracy. Any black man—you had your say, please be quiet—any black man who will stand up and tell you exactly how he feels is doing you a favor because most of them don't tell you how they feel.

I want to thank the Militant Labor Forum for the invitation to speak here this evening. I think, as I said earlier, the paper is one of the best that I've read. We always encourage those who live in Harlem to buy it when we see it up there, or wherever else we may see it. It's a very good paper. I hope they continue to have success, make progress. They can probably straighten out a lot of white people. Let us straighten out the black people. That's all I'm saying.

The Ballot or the Bullet (April 12, 1964)

Mr. Moderator, Reverend Cleage, Brother Lomax, brothers and sisters, friends...and I see some enemies. In fact, I think we'd be fooling ourselves if we had an audience this large and didn't realize that there were some enemies present.

This afternoon we want to talk about the ballot or the bullet. The ballot or the bullet explains itself. But before we get into it, since this is the year of the ballot or the bullet, I would like to clarify some things that refer to me personally concerning my own personal position.

I'm still a Muslim. That is, my religion is still Islam. My religion is still Islam. I still credit Mr. Muhammad for what I know and what I am. He's the one who opened my eyes. At present, I'm the Minister of the newly founded Muslim Mosque, Incorporated, which has its offices in the Theresa Hotel, right in the heart of Harlem that's the black belt in New York city. And when we realize that Adam Clayton Powell is a Christian minister, he's the...he heads Abyssinian Baptist Church, but at the same time, he's more famous for his political struggle. And Dr. King is a Christian Minister, in Atlanta, Georgia, but he's become more famous for being involved in the civil rights struggle. There's another in New York, Reverend Galamison I don't know if you've heard of him out here, he's a Christian Minister from Brooklyn, but has become famous for his fight against a segregated school system in Brooklyn. Reverend Cleage, right here, is a Christian Minister, here in Detroit. He's the head of the "Freedom Now Party". All of these are Christian Ministers, but they don't come to us as Christian Ministers. They come to us as fighters in some other category. I'm a Muslim minister the same as they are Christian Ministers, I'm a Muslim minister. And I don't believe in fighting today in any one front, but on all fronts. In fact, I'm a Black Nationalist Freedom Fighter.

Islam is my religion, but I believe my religion is my personal business. It governs my personal life, my personal morals. And my religious philosophy is personal between me and the God in whom I believe; just as the religious philosophy of these others is between them and the God in whom they believe. And this is best this way. Were we to come out here discussing religion, we'd have too many differences from the out start and we could never get together? So today, though Islam is my religious philosophy, my political, economic, and social philosophy is Black Nationalism. You and I, as I say, if we bring up religion, we'll have differences, we'll have arguments; and we'll never be able to get together. But if we keep our religion at home, keep our religion in the closet, keep our religion between ourselves and our God, but when we come out here, we have a fight that's common to all of us against an enemy who is common to all of us.

The political philosophy of Black Nationalism only means that the black man should control the politics and the politicians in his own community. The time when white people can come in our community and get us to vote for them so that they can be our political leaders and tell us what to do and what not to do is long gone. By the same token, the time when that same white man, knowing that your eyes are too far open, can send another negro into the community and get you and me to support him so he can use him to lead us astray, those days are long gone too. The political philosophy of Black Nationalism only means that if you and I are going to live in a Black community and that's where we're going to live, cause as soon as you move into one of their soon...as you move out of the Black community into their community, it's mixed for a period of time, but they're gone and you're right there all by yourself again.

We must understand the politics of our community and we must know what politics is supposed to produce. We must know what part politics play in our lives. And until we become politically mature, we will always be misled, lead astray, or deceived or maneuvered into supporting someone politically who doesn't have the good of our community at heart. So the political philosophy of Black Nationalism only means that we will have to carry on a program, a political program, of re-education to open our people's eyes, make us become more politically conscious, politically mature, and then whenever we get ready to cast our ballot, that ballot will be cast for a man of the community who has the good of the community of heart. The economic philosophy of Black Nationalism only means that we should own and operate and control the economy of our community. You would never find...you can't open up a black store in a white community. White man won't even patronize you. And he's not wrong. He's got sense enough to look out for himself. You the one who don't have sense enough to look out for yourself.

The white man is too intelligent to let someone else come and gain control of the economy of his community. But you will let anybody come in and control of the economy of your community, control the housing, control the education, control the jobs, control the businesses, under the pretext that you want to integrate. No, you outta your mind. The political...the economic philosophy of Black Nationalism only means that we have to become involved in a program of re-education to educate our people into the importance of knowing that when you spend your dollar out of the community in which

you live, the community in which you spend your money becomes richer and richer; the community out which you take your money becomes poorer and poorer. And because these Negroes, who have been misled, misguided, are breaking their necks to take their money and spend it with The Man, The Man is becoming richer and richer, and you're becoming poorer and poorer. And then what happens? The community in which you live becomes a slum. It becomes a ghetto. The conditions become run down. And then you have the audacity to complain about poor housing in a run-down community. Why you run it down yourself when you take your dollar out.

And you and I are in a double trap, because not only do we lose by taking our money someplace else and spending it, when we try and spend it in our own community we're trapped because we haven't had sense enough to set up stores and control the businesses of our own community. The man who's controlling the stores in our community is a man who doesn't look like we do. He's a man who doesn't even live in the community. So, you and I, even when we try and spend our money in the block where we live or the area where we live, we're spending it with a man who, when the sun goes down, takes that basket full of money in another part of the town.

So, we're trapped, trapped, double trapped, triple trapped. Anywhere we go we find that we're trapped. And every kind of solution that someone comes up with is just another trap. But the political and economic philosophy of Black Nationalism...the economic philosophy of Black Nationalism shows our people the importance of setting up these little stores and developing them and expanding them into larger operations.

Woolworth didn't start out big like they are today. They started out with a dime store and expanded and expanded and then expanded until today, there are all over the country and all over the world, and they gettin' some of everybody's money. Now this...what you and I... General Motors is same way. They didn't start out like they it is. It started out just a little rat race type operation. And it expanded and it expanded until today it's where it is right now. And you and I have to make a start, and the best place to start is right in the community where we live. So, our people not only have to be re-educated to the importance of supporting black business, but the black man himself has to be made aware of the importance of going into business. And once you and I go into business, we own and operate at least the businesses in our community. What we will be doing is developing a situation wherein we will actually be able to create employment for the people in the community. And once you can create some employment in the community where you live, it will eliminate the necessity of you and me having to act ignorantly and disgracefully, boycotting and picketing some cracker someplace else trying to beg him for a job. Anytime you have to rely upon your enemy for a job you're in bad shape. When you have...he is your enemy. Let me tell you, you wouldn't be in this country if some enemy hadn't kidnapped you and brought you here. On the other hand, some of you think you came here on the Mayflower.

So, as you can see brothers and sisters, today, this afternoon, it is not our intention to discuss religion. We're going to forget religion. If we bring up religion, we'll be in an argument, and the best way to keep away from arguments and differences as I said earlier put your religion at home in the closet. Keep it between you and your God. Because if it hasn't done anything more for you than it has, you need to forget it anyway.

Whether you are a Christian, or a Muslim, or a Nationalist, we all have the same problem. They don't hang you because you're a Baptist, they hang you 'cause you're black. They don't attack me because I'm a Muslim, they attack me 'cause I'm black. They attack all of us for the same reason; all of us catch hell from the same enemy. We're all in the same bag, in the same boat. We suffer political oppression, economic exploitation, and social degradation, all of them from the same enemy. The government has failed us, you can't deny that. Anytime you live in the twentieth century, 1964, and you walkin' around here singing "We Shall Overcome," the government has failed us. This is part of what's wrong with you. You do too much singing. Today it's time to stop singing and start swinging. You can't sing up on freedom, but you can swing up on some freedom. Cassius Clay can sing but singing didn't help him to

become the heavyweight champion of the world— swinging helped him become the heavyweight champion.

This government has failed us; the government itself has failed us, and the white liberals who have been posing as our friends have failed us. And once we see that all these other sources to which we've turned have failed, we stop turning to them and turn to ourselves. We need a self-help program, a do-it-yourself philosophy, a do-it-right-now philosophy, an it's already-too-late philosophy. This is what you and I need to get with, and the only way we are going to solve our problem is with a self-help program. Before we can get a self-help program started, we have to have a self-help philosophy.

Black nationalism is a self-help philosophy. What's so good about it? You can stay right in the church where you are and still take black nationalism as your philosophy. You can stay in any kind of civic organization that you belong to and still take black nationalism as your philosophy. You can be an atheist and still take black nationalism as your philosophy. This is a philosophy that eliminates the necessity for division and argument. 'Cause if you are black you should be thinking black, and if you are black and you're not thinking black at this late date, well I'm sorry for you.

Once you change your philosophy, you change your thought pattern. Once you change your thought pattern, you change your attitude. Once you change your attitude, it changes your behavior pattern and then you go on into some action. As long as you got a sit-down philosophy, you'll have a sit-down thought pattern, and as long as you think that old sit-down thought you'll be in some kind of sit-down action. They'll have you sitting in everywhere. It's not so good to refer to what you're going to do as a sit-in. That right there castrates you. Right there it brings you down. What goes with it? Think of the image of someone sitting. An old woman can sit. An old man can sit. A chump can sit. A coward can sit. Anything can sit. Well you and I been sitting long enough, and it's time today for us to start doing some standing, and some fighting to back that up.

When we look like at other parts of this earth upon which we live, we find that black, brown, red, yellow people in Africa and Asia are getting their independence. They're not getting it by singing "We Shall Overcome." No, they're getting it through nationalism. It is nationalism that brought about the independence of the people in Asia. Every nation in Asia gained its independence through the philosophy of nationalism. Every nation on the African continent that has gotten its independence brought it about through the philosophy of nationalism. And it will take Black Nationalism to bring about the freedom of 22 million Afro-Americans here in this country where we have suffered colonialism for the past 400 years.

America is just as much a colonial power as England ever was. America is just as much a colonial power as France ever was. In fact, America is more so a colonial power than they because she's a hypocritical colonial power behind it. What do you call second-class citizenship? Why, that's colonization. Second-class citizenship is nothing but 20th century slavery. How you gonna tell me you're a second class-citizen. They don't have second-class citizenship in any other government on this earth. They just have slaves and people who are free. Well, this country is a hypocrite. They try and make you think they set you free by calling you a second-class citizen. No, you're nothing but a 20th century slave. Just as it took nationalism to remove colonialism from Asia and Africa, it'll take Black Nationalism today to remove colonialism from the backs and the minds of 22 million Afro-Americans here in this country. And 1964 looks like it might be the year of the ballot or the bullet.

Why does it look like it might be the year of the ballot or the bullet? Because Negroes have listened to the trickery, and the lies, and the false promises of the white man now for too long. And they're fed up. They've become disenchanted. They've become disillusioned. They've become dissatisfied, and all of this has built up frustrations in the black community that makes the black community throughout America today more explosive than all of the atomic bombs the Russians can ever invent. Whenever you got a racial powder keg sitting in your lap, you're in more trouble than if you had an atomic powder keg sitting in your lap. When a racial powder keg goes off, it doesn't care who it knocks out the way. Understand this, it's dangerous. And in 1964 this seems to be the year, because what can the white man

use now to fool us after he put down that march on Washington? And you see all through that now. He tricked you, had you marching down to Washington. Yes, had you marching back and forth between the feet of a dead man named Lincoln and another dead man named George Washington singing “We Shall Overcome”. He made a chump out of you. He made a fool out of you. He made you think you were going somewhere, and you end up going nowhere but between Lincoln and Washington.

So today, our people are disillusioned. They’ve become disenchanting.

They’ve become dissatisfied, and in their frustrations, they want action. And in 1964 you’ll see this young black man, this new generation asking for the ballot or the bullet. That old Uncle Tom action is outdated. The young generation don’t want to hear anything about the odds are against us. What do we care about odds? When this country here was first being founded there were 13 colonies. The whites were colonized. They were fed up with this taxation without representation, so some of them stood up and said, “liberty or death.” Though I went to a white school over here in Mason, Michigan, the white man made the mistake of letting me read his history books. He made the mistake of teaching me that Patrick Henry was a patriot, and George Washington, wasn’t nothing non-violent about old Pat or George Washington. Liberty or death was what brought about the freedom of whites in this country from the English. They didn’t care about the odds. Why they faced the wrath of the entire British Empire. And in those days, they used to say that the British Empire was so vast and so powerful when the sun...the sun would never set on them. This is how big it was, yet these 13 little, scrawny states, tired of taxation without representation, tired of being exploited and oppressed and degraded, told that big British Empire “liberty or death”. And here you have 22 million Afro-American black people today catching more hell than Patrick Henry ever saw. And I’m here to tell you in case you don’t know it that you got a new generation of black people in this country who don’t care anything whatsoever about odds. They don’t want to hear you old Uncle Tom handkerchief heads talking about the odds. No. This is a new generation. If they’re gonna draft these young black men and send them over to Korea or South Vietnam to face 800 million Chinese...if you’re not afraid of those odds, you shouldn’t be afraid of these odds.

Why is America...why does this loom to be such an explosive political year? Because this is the year of politics. This is the year when all of the white politicians are going to come into the Negro community. You never see them until election time. You can’t find them until election time. They’re going to come in with false promises, and as they make these false promises, they’re gonna feed our frustrations and this will only serve to make matters worse. I’m no politician. I’m not even a student of politics. I’m not a Republican, nor a Democrat, nor an American, and got sense enough to know it. I’m one of the 22 million black victims of the Democrats, one of the 22 million black victims of the Republicans, and one of the 22 million black victims of Americanism. And when I speak, I don’t speak as a Democrat, or a Republican. I speak as a victim of America’s so-called democracy. You and I have never seen democracy; all we’ve seen is hypocrisy. When we open our eyes today and look around America, we see America not through the eyes of someone who has enjoyed the fruits of Americanism, we see America through the eyes of someone who has been the victim of Americanism. We don’t see any American dream; we’ve experienced only the American nightmare. We haven’t benefited from America’s democracy; we’ve only suffered from America’s hypocrisy. And the generation that’s coming up now can see it and are not afraid to say it. If you go to jail, so what? If you black, you were born in jail. If you black, you were born in jail, in the North as well as the South. Stop talking about the South. Long as you south of the Canadian border, you’re south. Don’t call Governor Wallace a Dixie governor; Romney is a Dixie governor.

Twenty-two million black victims of Americanism are waking up and they’re gaining a new political consciousness, becoming politically mature. And as they develop this political maturity, they’re able to see the recent trends in these political elections. They see that the whites are so evenly divided that every time they vote the race is so close, they have to go back and count the votes all over again. And that means that any block, any minority that has a block of votes that stick together is in a strategic position. Either way you go, that’s who gets it. You’re in a position to determine who’ll go to the White

House, and who'll stay in the doghouse. You're the one who has that power. You can keep Johnson in Washington DC, or you can send him back to his Texas cotton patch.

You're the one who sent Kennedy to Washington. You're the one who put the present Democratic Administration in Washington DC. The whites were evenly divided. It was the fact that you threw 80% of your votes behind the Democrats that put the Democrats in the White House. When you see this, you can see that the Negro vote is the key factor. And despite the fact that you are in a position to be the determining factor, what do you get out of it? The Democrats have been in Washington DC only because of the Negro vote. They've been down there four years, and all other legislation they wanted to bring up they brought it up and gotten it out of the way, and now they bring up you. And now, they bring up you. You put them first, and they put you last, 'cause you're a chump; a political chump.

You're the one who sent Kennedy to Washington. You're the one who put the present Democratic Administration in Washington DC. The whites were evenly divided. It was the fact that you threw 80% of your votes behind the Democrats that put the Democrats in the White House. When you see this, you can see that the Negro vote is the key factor. And despite the fact that you are in a position to be the determining factor, what do you get out of it? The Democrats have been in Washington DC only because of the Negro vote. They've been down there four years, and there all other legislation they wanted to bring up they brought it up and gotten it out of the way, and now they bring up you. And now, they bring up you. You put them first, and they put you last 'cause you're a chump, a political chump.

In Washington DC, in the House of Representatives there are 257 who are Democrats; only 177 are Republican. In the Senate there are 67 Democrats; only 33 are Republicans. The Party that you backed controls two-thirds of the House of Representatives and the Senate, and still they can't keep their promise to you, 'cause you're a chump.

Anytime you throw your weight behind a political party that controls two-thirds of the government, and that Party can't keep the promise that it made to you during election time, and you're dumb enough to walk around continuing to identify yourself with that Party, you're not only a chump, but you're a traitor to your race.

And what kind of alibi do they come up with? They try and pass the buck to the Dixiecrats. Now back during the days when you were blind, deaf, and dumb, ignorant, politically immature, naturally you went along with that. But today as your eyes come open, and you develop political maturity, you're able to see and think for yourself, and you can see that a Dixiecrat is nothing but a Democrat, in disguise.

You look at the structure of the government that controls this country; it's controlled by 16 Senatorial committees and 20 Congressional committees. Of the 16 Senatorial committees that run the government, 10 of them are in the hands of Southern segregationists. Of the 20 Congressional committees that run the government, 12 of them are in the hands of Southern segregationists. And they gonna to tell you and me that the South lost the war!

You, today, are in the hands of a government of segregationists, racists, white supremacists who belong to the Democratic party, but disguise themselves as Dixiecrats. A Dixiecrat is nothing but a Democrat. Whoever runs the Democrats is also the father of the Dixiecrats, and the father

of all of them is sitting in the White House. I say and I say it again: You got a President who's nothing but a Southern segregationist, from the state of Texas. They'll lynch you in Texas as quick as they'll lynch you in Mississippi. Only in Texas they lynch you with a Texas accent, in Mississippi they lynch you with a Mississippi accent. And the first thing the cracker does when he comes in power, he takes all the Negro leaders and invites them for coffee, to show that he's alright. And those Uncle Toms can't pass up the coffee. They come away from the coffee table telling you and me that this man is alright 'cause he's from the South, and since he's from the South he can deal with the South. Look at the logic that they're using. What about Eastland? He's from the South. Make him the President. If Johnson is a good man 'cause he's from Texas, and being from Texas will enable him to deal with the South, Eastland

can deal with the South better than Johnson. Oh, I say you've been misled. You been had. You been taking.

I was in Washington a couple weeks ago while the Senators were filibustering, and I noticed in the back of the Senate a huge map, and on this map, it showed the distribution of Negroes in America, and surprisingly the same Senators that were involved in the filibuster were from the states where there were the most Negroes. Why were they filibustering the civil rights legislation? Because the civil rights legislation is supposed to guarantee voting rights to Negroes in those states, and those senators from those states know that if the Negroes in those states can vote, those senators are down the drain. The Representatives of those states go down the drain. And in the Constitution of this country it has a stipulation wherein, whenever the rights, the voting rights, of people in a certain district are violated, then the Representative who's from that particular district, according to the Constitution, is supposed to be expelled from the Congress. Now, if this particular aspect of the Constitution was enforced, why you wouldn't have a cracker in Washington DC. But what would happen when you expel the Dixiecrat, you're expelling the Democrat. When you destroy the power of the Dixiecrat, you're destroying the power of the Democratic Party. So how in the world can the Democratic Party in the South actually side with you, in sincerity, when all of its power is based in the South?

These Northern Democrats are in cahoots with the Southern Democrats. They're playing a giant con game, a political con game. You know how it goes. One of them comes to you and makes believe he's for you, and he's in cahoots with the other one that's not for you. Why? Because neither one of them is for you, but they got to make you go with one of them or the other. So, this is a con game. And this is what they've been doing with you and me all these years. First thing Johnson got off the plane when he became President, he asked "Where's Dicky?" You know who "Dicky" is? Dicky is old Southern cracker Richard Russell. Yes! Lyndon Johnson's best friend is the one who is the head, who's heading the forces that are filibustering civil rights legislation. You tell me how in the hell is he going to be Johnson's best friend? How can Johnson be his friend, and your friend too? No, that man is too tricky. Especially if his friend is still old Dicky! Whenever the Negroes keep the Democrats in power, they're keeping the Dixiecrats in power. Is this true? A vote for a Democrat is nothing but a vote for a Dixiecrat. I know you don't like me saying that, but I... I'm not the kind of person who come here to say what you like. I'm going to tell you the truth, whether you like it or not.

Up here, in the North you have the same thing. The Democratic party don't do it...they don't do it that way. They got a thing that they call gerrymandering. They maneuver you out of power. Even though you vote, they fix it so you're voting for nobody; they've got you going and coming. In the South, they're outright political wolves. In the North, they're political foxes. A fox and a wolf are both canine, both belong to the dog family. Now you take your choice. You going to choose a Northern dog or a Southern dog? Because either dog you choose, I guarantee you you'll still be in the dog house. This is why I say it's the ballot or the bullet. It's liberty or it's death. It's freedom for everybody or freedom for nobody.

America today finds herself in a unique situation. Historically, revolutions are bloody. Oh, yes, they are. They haven't never had a blood-less revolution, or a non-violent revolution. That don't happen even in Hollywood. You don't have a revolution in which you love your enemy, and you don't have a revolution in which you are begging the system of exploitation to integrate you into it. Revolutions overturn systems. Revolutions destroy systems. A revolution is bloody, but America is in a unique position. She's the only country in history in a position actually to become involved in a blood-less revolution. The Russian revolution was bloody, Chinese revolution was bloody, French revolution was bloody, Cuban revolution was bloody, and there was nothing more bloody then the American Revolution. But today this country can become involved in a revolution that won't take bloodshed. All she's got to do is give the black man in this country everything that's due him. Everything.

I hope that the white man can see this, 'cause if you don't see it, you're finished. If you don't see it, you're going to become involved in some action in which you don't have a chance. And we don't care anything about your atomic bomb; it's useless because other countries have atomic bombs. When two

or three different countries have atomic bombs, nobody can use them, so it means that the white man today is without a weapon. If you want some action, you gotta come on down to Earth. And there's more black people on Earth than there are white people on Earth.

I only got a couple more minutes. The white man can never win another war on the ground. His days of war, victory, his days of ground victory are over. Can I prove it? Yes. Take all the action that's going on this earth right now that he's involved in tell me where he's winning. Nowhere. Why some rice farmers, some rice farmers, some rice eaters ran him out of Korea. Yes, they ran him out of Korea. Rice eaters with nothing but gym shoes, and a rifle, and a bowl of rice took him and his tanks and his napalm, and all that other action he's supposed to have and ran him across the Yalu. Why? 'Cause the day that he can win on the ground has passed. Up in French

Indo-China those little peasants, rice growers, took on the might of the French army and ran all the Frenchmen...you remember Dien Bien Phu. No.

The same thing happened in Algeria, in Africa, they didn't have anything but a rifle. The French had all these highly mechanized instruments of warfare, but they put some guerrilla action on, and a white man can't fight a guerrilla warfare. Guerrilla action takes heart, takes nerve, and he doesn't have that. He's brave when he's got tanks. He's brave when he's got planes. He's brave when he's got bombs. He's brave when he's got a whole lot of company along with him, but you take that little man from Africa and Asia, turn him loose in the woods with a blade that's all he needs, all he needs is a blade and when the sun goes down and it's dark, it's even-steven.

So, it's the ballot or the bullet. Today our people can see that we're faced with a government conspiracy. This government has failed us. The senators who are filibustering concerning your and my rights, that's the government. Don't say it's Southern senators. This is the government; this is a government filibuster. It's not a segregationist filibuster. It's a government filibuster. Any kind of activity that takes place on the floor of the Congress or the Senate, it's the government. Any kind of dilly-dallying, that's the government. Any kind of pussyfooting, that's the government. Any kind of act that's designed to delay or deprive you and me right now of getting full rights, that's the government that's responsible. And any time you find the government involved in a conspiracy to violate the citizenship or the civil rights of a people, then you are wasting your time going to that government expecting redress. Instead, you have to take that government to the World Court and accuse it of genocide and all of the other crimes that it is guilty of today.

So those of us whose political, and economic, and social philosophy is black nationalism have become involved in the civil rights struggle. We have injected ourselves into the civil rights struggle, and we intend to expand it from the level of civil rights to the level of human rights. As long as you're fighting on the level of civil rights, you're under Uncle Sam's jurisdiction. You're going to his court expecting him to correct the problem. He created the problem. He's the criminal. You don't take your case to the criminal; you take your criminal to court. When the government of South Africa began to trample upon the human rights of the people of South Africa, they were taken to the U.N. When the government of Portugal began to trample upon the rights of our brothers and sisters in Angola, it was taken before the U.N. Why even the white man took the Hungarian question to the U.N. And just this week Chief Justice Goldberg was crying over three million Jews in Russia about their human rights, charging Russia with violating the U.N. charter because of its mistreatment of the human rights of Jews in Russia. Now you tell me how can the plight of everybody on this earth reach the halls of the United Nations, and you have 22 million Afro-Americans whose churches are being bombed, whose little girls are being murdered, whose leaders are being shot down in broad daylight. Now you tell me why the leaders of this struggle have never taken it before the United Nations. So, our next move is to take the entire civil rights struggle, problem, into the United Nations, and let the world see that Uncle Sam is guilty of violating the human rights of 22 million Afro-Americans.

Uncle Sam still has the audacity or the nerve to stand up and represent himself as the leader of the free world. Not only is he a crook, he's a hypocrite. Here he is standing up in front of other people, Uncle

Sam, with the blood of your and mine mothers and fathers on his hands, with the blood dripping down his jaws like a bloody-jawed wolf, and still got the nerve to point his finger at other countries. You can't even get civil rights legislation. And this man has got the nerve to stand up and talk about South Africa, or talk about Nazi Germany, or talk about Portugal. No, no more days like those.

So, I say in my conclusion the only way we're going to solve it we've got to unite in unity and harmony, and black nationalism is the key. How we gonna overcome the tendency to be at each other's throats that always exists in our neighborhoods, and the reason this tendency exists, the strategy of the white man has always been divide and conquer. He keeps us divided in order to conquer us. He tells you I'm for separation and you for integration to keep us fighting with each other. No, I'm not for separation and you're not for integration. What you and I are for is freedom. Only you think that integration would get you freedom, I think separation would get me freedom. We both got the same objective, we just got different ways of getting at it.

So, I studied this man, Billy Graham, who preaches white nationalism, that's what he preaches. I say that's what he preaches. The whole church structure in this country is white nationalism. You go inside a white church that's what they are preaching is white nationalism. They got Jesus white, Mary white, God white, everybody white, that's white nationalism. So, what he does, the way he circumvents the jealousy and envy that he ordinarily would incur among the heads of the church, wherever you go into an area where the church already is, you are going into trouble, 'cause they got that thing...what you call it...syndicated. They got a syndicate, just like the racketeers have. I'm going to say what's on my mind 'cause the churches are, the preachers already proved to you that they got a syndicate. And when you're out in the rackets, whenever you're getting in another man's territory, you know, they gang up on you. And that's the same way with you ran into the same thing. So how Billy Graham gets around that, instead of going into somebody else's territory, like he going to start up a new church, he doesn't try to start a church. He just goes in preaching Christ. And he says everybody who believes in Him, wherever you go wherever you find him. So, this helps all the churches and since it helps all the churches, they don't mind fight him.

Well, we gonna do the same thing, only our gospel is black nationalism; his gospel is white nationalism; our gospel is black nationalism. And the gospel of black nationalism, as I told you, means you should control you own, the politics of your community, the economy of your community, and all of the society in which you live should be under your control. And once you feel that this philosophy will solve your problem, go join any church where that's preached. Don't join a church where white nationalism is preached. Now you can go to a Negro church and be exposed to white nationalism 'cause you are, when you walk in a Negro church and there's a white Mary and some white angels, that Negro church is preaching white nationalism. But when you go to a church and you see the pastor of that church with a philosophy and a program that's designed to bring black people together and elevate black people, join that church. Join that church. If you see where the NAACP is preaching and practicing that which is designed to make black nationalism materialize, join the NAACP. Join any kind of organization, civic, religious, fraternal, political, or otherwise that's based on lifting the black man up and making him master of his own community.

It'll be the ballot, or it'll be the bullet. It'll be liberty or it'll be death. And if you're not ready to pay that price don't use the word freedom in your vocabulary.

One more thing: I was on a program in Illinois recently with Senator Paul Douglas, a so-called liberal, so-called Democrat, so-called white man, at which time he told me that our African brothers were not interested in us in Africa. He said the Africans are not interested in the American Negro. I knew he was lying, but during the next two or three weeks it's my intention and plan to make a tour of our African homeland. And I hope that when I come back, I'll be able to come back and let you know how our African brothers and sisters feel toward us. And I know before I go there that they love us. We're one; we're the same; the same man who has colonized them all these years, colonized you and me too, all these years. And all we have to do now is wake up and work in unity and harmony and the battle will be over.

I want to thank the Freedom Now Party and the GOAL. I want to thank

Milton and Richard Henley for inviting me here this afternoon, and also Reverend Cleage. And I want them to know that anything that I can ever do, at any time, to work with anybody in any kind of program that is sincerely designed to eliminate the political, the economic and the social evils that confront all of our people, in Detroit and elsewhere, all they got to do is give me a telephone call and I'll be on the next jet right on into the city.

Milton Henry interviews Malcolm X (April 12, 1964)

Milton Henry: Once again the GOAL Show microphones have with us our brother, Malcolm X. This time we are on the other side of the world. We're at Cairo, Egypt, where the independent African states have met in serious confrontation for the last week. One of the significant additions to the confrontation here was the presence of Malcolm X as a black American delegate to the conference of black peoples here in Africa. Malcolm, would you tell us something about the conference? First of all, we'd like to know about your appearance how did it happen that you as an American were permitted to appear at this conference of African people?

Malcolm X: First, I want to point out that we are sitting here along the banks of the Nile, and the last time I spoke to you we were in Harlem. Here along the banks of the Nile it's not much different from Harlem same people, same feeling, same pulse.

About my appearing here at the conference: At first it did create a great deal of controversy, and, as you probably know, apprehension on the part of the powers that be in America, because they realize that if any direct contact, communication and understanding and working agreement are ever developed between the 22 million or 30 million Afro-Americans and the Africans here on the continent, there's nothing we couldn't accomplish. When I arrived here, there was a great deal of publicity in all of the press over here concerning my coming. It was historic in a sense because no American Negroes had ever made any effort in the past to try and get their problems placed in the same category as the African problems, nor had they tried to internationalize it. So, this was something new, it was unique, and everyone wondered what the reaction of the Africans would be.

It is true that at first there were stumbling blocks placed in my path in regard to being accepted into the conference, or into the meetings. But I'd rather not say what happened in specific details. Thanks to Allah, I was admitted as an observer and I was able to submit a memorandum to each one of the heads of state, which was read and thoroughly analyzed by them. It pointed out the conditions of our people in America and the necessity of something being done and said at this conference toward letting the world know, at least letting the United States know, that our African brothers over here identified themselves with our problems in the States.

Milton Henry: Now, Malcolm, I have read the speech which was presented. Basically, as you say, it did deal with the abuses that the American Negroes have suffered in America and it asked the consideration of the African states of this problem. Now, will you tell us, was this actually passed upon, and did any action come out of the Cairo conference with reference to the American Negro?

Malcolm X: Yes, a resolution came out, acknowledging the fact that America has passed a civil-rights bill, but at the same time pointing out that, despite the passage of the civil-rights bill, continued abuses of the human rights of the black people in America still existed. And it called upon I forget the wording; when I read the resolution, it was 2:30 in the morning, under very adverse conditions; but I was so happy to read it. In essence, I remember that it outright condemned the racism that existed in America and the continued abuses that our people suffered despite the passage of the civil-rights bill. It was a very good resolution.

Milton Henry: In other words, this type of resolution coming out of a conference of thirty-four African states should certainly make the United States take a new look at the American Negro?

Malcolm X: Well, I have to say this, that the United States has been looking at the American Negro. When I arrived here, I did a great deal of lobbying. I had to do a great deal of lobbying between the lobby of the Hotel Hilton, the lobby of the Shepherd and even the lobby of the “Isis,” the ship where the African liberation movement was housed. Lobbying was necessary because the various agencies that the United States has abroad had success fully convinced most Africans that the American Negro in no way identified with Africa, and that the African would be foolish to involve himself in the problems of the American Negroes. And some African leaders were saying this.

So in the memorandum I submitted to them at the conference I pointed out to them that as independent heads of states we looked upon them as the shepherds not only of the African people on the continent, but all people of African descent abroad; and that a good shepherd is more concerned with the sheep that have gone astray and fallen into the hands of the imperialist wolf than the sheep that are still at home. That the 22 million or 30 million, whatever the case may be, Afro-Americans in the United States were still Africans, and that we felt that the African heads of state were as much responsible for us as they were responsible for the people right here on the continent. This was a sort of a challenge to them and I think that most of them realize it today, more so than they did prior to the conference.

Milton Henry: Malcolm, I think you are to be greatly applauded because actually you were the only American recognized as a participant of the conference, and of course you had the badge which permitted you access to all of the rooms and so forth. The Americans here, including myself, did not have that privilege, but you had the privilege of actually being with the other black brothers. I had the feeling that there will be a great change in emphasis because you have been here, and because you presented our position the position of the black man in America so well, in a way that no one but an American could.

Malcolm X: One thing that made most Africans see the necessity of their intervening on our behalf was the historic steps since 1939 in the so-called rise of the black American. It was the world pressure, brought about by Hitler, that enabled the Negro to rise above where he was. After Hitler was destroyed, there was the threat of Stalin, but it was always the world pressure that was upon America that enabled black people to go forward. It was not the initiative internally that the Negro put forth in America, nor was it a change of moral heart on the part of Uncle Sam it was world pressure.

Once this is realized as a basic fact, then the present American Negro leaders will be more aware that any gain, even in token form, that they get, isn't coming from any goodness out of Washington, D.C., or from their own initiative it is coming because of the international situation. And when they see it like this, in cold facts, then they will see the necessity of placing their problem at the world level, internationalizing the Negro struggle and calling upon our brothers and sisters in Africa and Asia and Latin America, and even in some of the European countries, to bring pressure upon the United States government in order to get our problems solved. And this was only the first of a series of steps that the OAAU has in mind to internationalize the black man's problem and make it not a Negro problem or an American problem, but a world problem, a problem for humanity.

Milton Henry: I think of another real benefit from this conference, Malcolm. You are living in a very advantageous spot, because it so happens, as you intimated just a minute ago, that you are living with all of the freedom fighters from all of the liberated and unliberated parts of the world down there on the “Isis” is that the name of the boat?

Malcolm X: Well, I don't know if I should say this, but it is true. The “Isis,” a beautiful yacht that floats on the Nile River, was set aside for all the liberation movements that exist on the African continent. The leaders of these movements from places like Angola, the Angola freedom fighters; freedom fighters from Mozambique; freedom fighters from Zambia, known as Northern Rhodesia, which is just on its way toward independence; freedom fighters from Zimbabwe, known in America as Southern Rhodesia; freedom fighters from Southwest Africa; from Swaziland; Basutoland; and South Africa

itself all of the representatives of these different groups of freedom fighters were housed on this yacht called the "Isis."

I was very honored to be permitted to be housed right along with them. Spending so much time with them gave me a real feeling of the pulse of a true revolutionary, and it gave me an opportunity also to listen to them tell of the real brutal atmosphere in which they live in these colonized areas. It also gave me somewhat of a better idea of our problem in America, and what is going to be necessary to bring an end to the brutality and the suffering that we undergo every day.

Milton Henry: I think that this is one of the advantages of a conference like the one we have just experienced. The fact is that it is important for people to get together to exchange ideas. Even apart from the speeches and the organizational activities which go on with the formal organization, it would seem that, as you indicated, the opportunity for the leaders of each of these parts of the world to get together becomes an invaluable asset to the total freedom struggle. Because without this, leaders very often feel they work by themselves; and with it, they can see the whole picture.

Malcolm X: Yes, this is one thing that I have learned since being out of the Black Muslim movement. It's difficult to look at a thing through the narrow scope of an organizational eye oftentimes and see it in its proper perspective. If the various groups in America had been less selfish and had permitted different representatives from the groups to travel into foreign countries, and broaden their own scope, and come back and educate the movements they represented, not only would this have made the groups to which they belonged more enlightened and more worldly in the international sense, but it also would have given the independent African states abroad a better understanding of the groups in the United States, and what they stand for, what they represent.

In my opinion, a very narrow, backward, almost childish approach has been made by the groups in the United States, and especially the religious groups; very narrow minded. Whenever you belong to a group that just can't work with another group, then that group itself is selfish. Any group, any group that can't work with all other groups, if they are genuinely interested in solving the problems of the Negro collectively why, I don't think that that group is really sincerely motivated toward reaching a solution. This Organization of African Unity, this summit conference, is the best example of what can be accomplished when people come together, and their motives aren't selfish.

Milton Henry: Yes, it doesn't seem that it should be so difficult for Negroes, if they are sincere, to get together.

Malcolm X: If they are sincere, it is easy for them to get together.

Milton Henry: Perhaps those leaders will be passed by now, in the events as they move forward. I am enthused about the OAAU, and I expect that there will be some very concrete things happening with respect to that organization that will make the so-called civil-rights movement just a thing of the past almost.

Malcolm X: Well, one of the main objectives of the OAAU is to join the civil-rights struggle and lift it above civil rights to the level of human rights. As long as our people wage a struggle for freedom and label it civil rights, it means that we are under the domestic jurisdiction of Uncle Sam continually, and no outside nation can make any effort whatsoever to help us. As soon as we lift it above civil rights to the level of human rights, the problem becomes internationalized; all of those who belong to the United Nations automatically can take sides with us and help us in condemning, at least charging, Uncle Sam with violation of our human rights.

Milton Henry: Yes, Malcolm, there is one other thing before we leave. What do you think of this city of Cairo?

Malcolm X: Cairo is probably one of the best examples for the American Negro. More so than any other city on the African continent, the people of Cairo look like the American Negroes in the sense that we have all complexions, we range in America from the darkest black to the lightest light, and here in Cairo it is the same thing; throughout Egypt, it is the same thing. All of the complexions are blended together here in a truly harmonious society. You know, if ever there was a people who should know how to practice brotherhood, it is the American Negro and it is the people of Egypt. Negroes just can't judge each other according to color, because we are all colors, all complexions. And as Mrs. W. E. B. DuBois pointed out, the problems today are too vast. Just as on the African continent, you have this wide range of complexions so much so that you can't call it a brown struggle, a red struggle, or a black struggle.

Milton Henry: By the way, Brother Malcolm, before we close, did you receive any promises of assistance or help from any of the African nations?

Malcolm X: Oh, yes, several of them promised officially that, come the next session of the UN, any effort on our part to bring our problem before the UN... I think it is the Commission on Human Rights...will get support and help from them. They will assist us in showing us how to bring it up legally. So, I am very, very happy over the whole result of my trip here.

Milton Henry: So, this conference has been an unqualified success from all standpoints?

Malcolm X: From all standpoints it has been an unqualified success, and one which should change the whole direction of our struggle in America for human dignity as well as human rights.

Milton Henry: Thank you very much, Brother Malcolm.

Letter from Mecca

(April 20, 1964)

Never have I witnessed such sincere hospitality and the overwhelming spirit of true brotherhood as practiced by people of all colors and races here in this Ancient Holy Land, the home of Abraham, Muhammad and all other prophets of the Holy Scriptures. For the past week, I have been utterly speechless and spellbound by the graciousness I see displayed all around me by people of all colors.

I have been blessed to visit the Holy City of Mecca. I have made my seven circuits around the Ka'ba, led by a young Mutawaf named Muhammad. I drank water from the well of Zem Zem. I ran seven times back and forth between the hills of Mt. Al-Safa and Al-Marwah. I have prayed in the ancient city of Mina, and I have prayed on Mt. Arafat. There were tens of thousands of pilgrims, from all over the world. They were of all colors, from blue-eyed blonds to black skin Africans. But we were all participating in the same rituals, displaying a spirit of unity and brotherhood that my experiences in America had lead me to believe never could exist between the white and non-white. America needs to understand Islam, because this is the one religion that erases from its society the race problem.

Throughout my travels in the Muslim world, I have met, talked to, and even eaten with people who in America would have considered 'white'— but the 'white' attitude was removed from their minds by the religion of Islam. I have never before seen sincere and true brotherhood practiced by all colors together, irrespective of their color.

You may be shocked by these words coming from me. But on this pilgrimage, what I have seen, and experienced, has forced me to re-arrange much of my thought patterns previously held, and to toss aside some of my previous conclusions. This was not too difficult for me. Despite my firm convictions, I have always been a man who tries to face facts, and to accept the reality of life as new experiences and new knowledge unfolds it. I have always kept an open mind, which is necessary to the flexibility that must go hand in hand with every form of intelligent search for truth. During the past eleven days here in the Muslim world, I have eaten from the same plate, drunk from the same glass, and slept in the same bed,

(or on the same rug)—while praying to the same God—with fellow Muslims, whose eyes were the bluest of blue, whose hair was the blondest of blond, and whose skin was the whitest of white. And in the same words and in the actions and in the deeds of the ‘white’ Muslims, I felt the same sincerity that I felt among the black African Muslims of Nigeria, Sudan and Ghana.

We were truly all the same (brothers)—because their belief in one God had removed the ‘white’ from their minds, the ‘white’ from their behavior, and the ‘white’ from their attitude. I could see from this, that perhaps if white Americans could accept the Oneness of God, then perhaps, too, they could accept in reality the Oneness of Man—and cease to measure, and hinder, and harm others in terms of their differences in color. With racism plaguing America like an incurable cancer, the so-called ‘Christian’ white American heart should be more receptive to a proven solution to such a destructive problem. Perhaps it could be in time to save America from imminent disaster—the same destruction brought upon Germany by racism that eventually destroyed the Germans themselves.

Each hour here in the Holy Land enables me to have greater spiritual insights into what is happening in America between black and white. The American Negro never can be blamed for his racial animosities—he is only reacting to four hundred years of conscious racism of the American whites. But as racism leads America up the suicide path, I do believe, from the experience that I have had with them, that the whites of the younger generation, in the colleges and universities, will see the handwriting on the wall and many of them will turn to the spiritual path of truth—the only way left to America to ward off the disaster that racism inevitably must lead to.

Never have I been so highly honored. Never have I been made to feel more humble and unworthy. Who would believe the blessings that have been heaped upon an American Negro? A few nights ago, a man who would be called in America a ‘white’ man, a United Nations diplomat, an ambassador, a companion of kings, gave me his hotel suite, his bed. By this man, His Excellency Prince Faisal who rules this Holy Land, was made aware of my presence here in Jedda. The very next morning, Prince Faisal’s son, in person, informed me that by the will and decree of his esteemed father, I was to be a State Guest. The deputy Chief of Protocol himself took me before the Hajj Court. His Holiness Sheikh Muhammad Harkon himself okayed my visit to Mecca. His Holiness gave me two books on Islam, with his personal seal and autograph, and he told me that he prayed that I would be a successful preacher of Islam in America. A car, a driver, and a guide, have been placed at my disposal, making it possible for me to travel about this Holy Land almost at will. The government provides air-conditioned quarters and servants in each city that I visit. Never would I have even thought of dreaming that I would ever be a recipient of such honors—honors that in America would be bestowed upon a King—not a Negro. All praise is due to Allah, the Lord of all the Worlds.

Sincerely, El-Hajj Malik El-Shabazz (Malcolm X)

Malcolm X at University of Ghana (May 13, 1964)

I intend for my talk to be very informal, because our position in America is an informal position, and I find that it is very difficult to use formal terms to describe a very informal position. No condition of any people on earth is more deplorable than the condition, or plight, of the twenty-two million Black people in America. And our condition is so deplorable because we are in a country that professes to be a democracy and professes to be striving to give justice and freedom and equality to everyone who is born under its constitution. If we were born in South Africa or in Angola or some part of this earth where they don't profess to be for freedom, that would be another thing; but when we are born in a country that stands up and represents itself as the leader of the Free World, and you still have to beg and crawl just to get a chance to drink a cup of coffee, then the condition is very deplorable indeed.

So tonight, so that you will understand me and why I speak as I do, it should probably be pointed out at the outset that I am not a politician. I don't know anything about politics. I'm from America but I'm not an American. I didn't go there of my own free choice. If I were an American there would be no problem, there'd be no need for legislation or civil rights or anything else. So I just try to face the fact as it actually is and come to this meeting as one of the victims of America, one of the victims of Americanism, one of the victims of democracy, one of the victims of a very hypocritical system that is going all over this earth today representing itself as being qualified to tell other people how to run their country when they can't get the dirty things that are going on in their own country straightened out.

So, if someone else from America comes to you to speak, they're probably speaking as Americans, and they speak as people who see America through the eyes of an American. And usually those types of persons refer to America, or that which exists in America, as the American Dream. But for the twenty millions of us in America who are of African descent, it is not an American dream; it's an American nightmare.

I don't feel that I am a visitor in Ghana or in any part of Africa. I feel that

I am at home. I've been away for four hundred years, but not of my own volition, not of my own will. Our people didn't go to America on the Queen Mary, we didn't go by Pan American, and we didn't go to America on the Mayflower. We went in slave ships, we went in chains. We weren't immigrants to America, we were cargo for purposes of a system that was bent upon making a profit. So, this is the category or level of which I speak. I may not speak it in the language many of you would use, but I think you will understand the meaning of my terms.

When I was in Ibadan at the University of Ibadan last Friday night, the students there gave me a new name, which I go for — meaning I like it. "Omowale," which they say means in Yoruba — if I am pronouncing that correctly, and if I am not pronouncing it correctly it's because I haven't had a chance to pronounce it for four hundred years — which means in that dialect, "The child has returned." It was an honor for me to be referred to as a child who had sense enough to return to the land of his forefathers — to his fatherland and to his motherland. Not sent back here by the State Department but come back here of my own free will.

I am happy and I imagine, since it is the policy that whenever a Black man leaves America and travels in any part of Africa, or Asia, or Latin America and says things contrary to what the American propaganda machine turns out, usually he finds upon his return home that his passport is lifted. Well, if they had not wanted me to say the things I am saying, they should never have given me a passport in the first place. The policy usually is the lifting of the passport. Now I am not here to condemn America, I am not here to make America look bad, but I am here to tell you the truth about the situation that Black people in America find themselves confronted with. And if truth condemns America, then she stands condemned.

This is the most beautiful continent that I've ever seen; it's the richest continent I've ever seen, and strange as it may seem, I find many white Americans here smiling in the faces of our African brothers

like they have been loving them all of the time. The fact is, these same whites who in America spit in our faces, the same whites who in America club us brutally, the same whites who in America sic their dogs upon us, just because we want to be free human beings, the same whites who turn their water hoses upon our women and our babies because we want to integrate with them, are over here in Africa smiling in your face trying to integrate with you.

I had to write a letter back home yesterday and tell some of my friends that if American Negroes want integration, they should come to Africa, because more white people over here — white Americans, that is — look like they are for integration than there is in the entire American country. But actually, what it is, they want to integrate with the wealth that they know is here — the untapped natural resources which exceed the wealth of any continent on this earth today.

When I was coming from Lagos to Accra Sunday, I was riding on an airplane with a white man who represented some of the interests, you know, that are interested in Africa. And he admitted — at least it was his impression — that our people in Africa didn't know how to measure wealth, that they worship wealth in terms of gold and silver, not in terms of the natural resources that are in the earth, and that as long as the Americans or other imperialists or twentieth-century colonialists could continue to make the Africans measure wealth in terms of gold and silver, they never would have an opportunity to really measure the value of the wealth that is in the soil, and would continue to think that it is they who need the Western powers instead of thinking that it is the Western powers who need the people and the continent that is known as Africa. The thing is, I hope I don't mess up anybody's politics or anybody's plots or plans or schemes, but then I think that it can be well proved and backed up.

Ghana is one of the most progressive nations on the African continent primarily because it has one of the most progressive leaders and most progressive presidents. The president of this nation has done something that no American, no white American, wants to see done — well, I should say “no American” because all the Americans over there are white Americans.

President Nkrumah is doing something there that the government in America does not like to see done, and that is he's restoring the African image. He is making the African proud of the African image; and whenever the African becomes proud of the African image and this positive image is projected abroad, then the Black man in America, who up to now has had nothing but a negative image of Africa — automatically the image that the Black man in America has of his African brothers changes from negative to positive, and the image that the Black man in America has of himself will also change from negative to positive.

And the American racists know that they can rule the African in America, the African-American in America, only as long as we have a negative image of ourselves. So, they keep us with a negative image of Africa. And they also know that the day that the image of Africa is changed from negative to positive, automatically the attitude of twenty-two million Africans in America will also change from negative to positive.

And one of the most important efforts to change the image of the African is being made right here in Ghana. And the Ghanaian personality can be picked right out of any group of Africans anywhere on this planet, because you see nothing in him that reflects any kind of feeling of inferiority or anything of that sort. And as long as you have a president who teaches you that you can do anything that anybody else under the sun can do, you got a good man.

Not only that, we who live in America have learned to measure Black men: the object we use to measure him is the attitude of America toward him. When we find a Black man who's always receiving the praise of the Americans, we become suspicious of him. When we find a Black man, who receives honors and all kinds of plaques and beautiful phrases and words from America, we immediately begin to suspect that person. Because it has been our experience that the Americans don't praise any Black man who is really working for the benefit of the Black man, because they realize that when you begin to work in earnest to do things that are good for the people on the African continent, all the good you do for people

on the African continent has got to be against someone else, because someone else up to now has benefited from the labor and the wealth of the people on this continent. So, our yardstick in measuring these various leaders is to find out what the Americans think about them. And these leaders over here who are receiving the praise and pats on the back from the Americans, you can just flush the toilet and let them go right down the drain.

This president here is disliked. Don't think that it's just the American press, it's the government. In America when you find a concerted effort of the press to always speak in a bad way about an African leader, usually that press is actually reflecting government opinion. But America is a very shrewd government. If it knows that its own governmental position will cause a negative reaction from the people that it wants to continue to exploit, it will pretend to have a free press and at the same time sic that free press on a real African leader and stand on the sideline and say that this is not government policy. But everything that happens in America is government policy.

Not only is the president of this country disliked, the president of Algeria, Ben Bella, is disliked because he is revolutionary, he's for freedom of everybody. Nasser is disliked because he's for freedom of everybody. All of them are referred to as dictators. As soon as they get the mass of their people behind them, they're a dictator. As soon as they have unity of their people in their country, they're a dictator. If there is no division, fighting, and squabbling going on, the leader of that country is a dictator if he is an African; but as long as it is in America, he's just an American president who has the support of the people.

I am coming to America in a minute, but I just want to comment on our relations I've noticed since being here. I heard that there is a conflict among some of our brothers and sisters over here concerning whether or not it's advisable for the government to play such a prominent role in guiding the education — the curriculum and what not — of the people of the country and in the various universities. Yes, any time you have a people who have been colonized for as long as our people have been colonized, and you tell them now they can vote, they will spend all night arguing and never get anywhere. Everything needs to be controlled until the colonial mentality has been completely destroyed, and when that colonial mentality has been destroyed at least to the point where they know what they are voting for, then you give them a chance to vote on this and vote on that. But we have this trouble in America, as well as other areas where colonialism has existed, the only way they can practice or apply democratic practices is through advice and counsel.

So my own honest, humble opinion is, anytime you want to come out from under a colonial mentality, let the government set up the educational system and educate you in the direction or way they want you to go in; and then after your understanding is up to the level where it should be, you can stand around and argue or philosophize or something of that sort.

There is probably no more enlightened leader on the African continent than President Nkrumah, because he lived in America. He knows what it is like there. He could not live in that land as long as he did and be disillusioned, or confused, or be deceived. Anytime you think that America is the land of the free, you come there and take off your national dress

and be mistaken for an American Negro, and you will find out you're not in the land of the free. America is a colonial power. She is just as much a colonial power in 1964 as France, Britain, Portugal, and all these other European countries were in 1864. She's a twentieth-century colonial power; she's a modern colonial power, and she has colonized twenty-two million African-Americans. While there are only eleven million Africans colonized in South Africa, four or five million colonized in Angola, there are twenty-two million Africans colonized in America right now on May 13, 1964. What is second-class citizenship if nothing but twentieth-century colonialism? They don't want you to know that slavery still exists, so rather than call it slavery they call it second-class citizenship.

Either you are a citizen, or you are not a citizen at all. If you are a citizen, you are free; if you are not a citizen, you are a slave. And the American government is afraid to admit that she never gave

freedom to the Black man in America and won't even admit that the Black man in America is not free, is not a citizen, and doesn't have his rights. She skillfully camouflages it under these pretty terms of second-class citizenship. It's colonialism, neocolonialism, imperialism.

One of our brothers just landed here today from New York. He told me that when he left New York, the police were walking in Harlem six abreast. Why? Because Harlem is about to explode. You know what I mean by "Harlem"? Harlem is the most famous city on this earth; there is no city on the African continent with as many Africans as Harlem. In Harlem they call it little Africa, and when you walk through Harlem, you're in Ibadan, everyone there looks just like you. And today the police were out in force, with their clubs. They don't have police dogs in Harlem, 'cause those kinds of people who live in Harlem don't allow police dogs to come in Harlem. That's the point, they don't allow police dogs to come in Harlem.

They are troubled with the existence of little gangs who have been going around killing people, killing white people. Well now, they project it abroad as an anti-white gang. No, it's not an anti-white gang, it's an anti-oppression gang. It's an anti-frustration gang. They don't know what else to do. They've been waiting for the government to solve their problems; they've been waiting for the president to solve their problems; they've been waiting for the Senate and the Congress and the Supreme Court to solve their problems; they've been waiting for Negro leaders to solve their problems; and all they hear are a lot of pretty words. So, they become frustrated and don't know what to do. So, they do the only thing they know how: they do the same thing the Americans did when they got frustrated with the British in 1776 — liberty or death.

This is what the Americans did; they didn't turn the other cheek to the British. No, they had an old man named Patrick Henry who said, "Liberty or death!" I never heard them refer to him as an advocate of violence; they say he's one of the Founding Fathers, because he had sense to say, "Liberty or death!"

And there is a growing tendency among Black Americans today, who are able to see that they don't have freedom — they are reaching the point now where they are ready to tell the Man no matter what the odds are against them, no matter what the cost is, it's liberty or death. If this is the land of the free, then give us some freedom. If this is the land of justice, then give us some justice. And if this is the land of equality, give us some equality. This is the growing temper of the Black American, of the African American, of which there are twenty-two million.

Am I justified in talking like this? Let me see. I was in Cleveland, Ohio, just two months ago when this white clergyman was killed by the bulldozer. I was in Cleveland, I was there. Now you know if a white man in the garb, in the outfit, the costume, or whatever you want to call it, of a priest...if they run over him with a bulldozer, what will they do to a Black man? They run over someone who looks like them who is demonstrating for freedom, what chance does a Black man have? This wasn't in Mississippi, this was in Cleveland in the North. This is the type of experience the Black man in America is faced with every day.

Robert Penn Warren Interviews Malcolm X (June 2, 1964)

Robert Penn Warren: This is the first tape of a conversation with Mr. Malcolm X, June 2nd. From what I have read, which includes books I could find and a good many articles on the Black Muslim position and on yourself, it seems that the identity of the Negro is the key fact that you deal with, is that true? Is that impression correct?

Malcolm X: Yes. Yes, and not so much in the sense of the Black Muslim religion.

Warren: Yes.

Malcolm X: Both of them have to be separated.

Warren: Yes.

Malcolm X: The black people in this country are taught that their religion and the best religion is the religion of Islam, and when one accepts the religion of Islam, he's known as a Muslim. He becomes a Muslim. That means he believes that there's no God, but Allah and that Mohammed is the apostle of Allah. Now besides teaching him that Islam is the best religion, since the main problem that American...the Afro-Americans have is a lack of cultural identity, it is necessary to teach him that he has some type of identity, culture, civilization before he was brought here. Well, now, teaching him about his historic or cultural past is not his religion. This is not...it's not religious.

Warren: Yes.

Malcolm X: The two have to be separated.

Warren: Yes. Or what about the matter of personal identity as related to cultural and blood identity?

Malcolm X: I don't quite understand what you mean.

Warren: I mean I'm trying to get at this. That is, a man may know that he belongs to, say, a group—this group or that group—but he feels himself lost within that group, trapped within his own deficiencies and without personal purpose. Lacking personal identity, you see.

Malcolm X: Yes. Well, the religion of Islam actually restores one's human feelings, human rights, human incentives, human...his talent. The religion of Islam brings out of the individual all of his dormant potential. It gives him the incentive to develop his dormant potential so that when he becomes a part of the brotherhood of Islam, and is identified collectively in the brotherhood of Islam with the brothers in Islam, at the same time this also gives him the...it has a psychological effect of giving him the incentive as an individual to develop all of his dormant potential to its fullest extent.

Warren: A personal regeneration then.

..

Malcolm X: Yes.

Warren: ...is associated automatically with this?

Malcolm X: Oh, yes. Yes.

Warren: Sometimes in talking with Negroes in other organizations and other persuasions, I've found about there's a deep suspicion of any approach which involves the old phrase "self-improvement", you see.

Malcolm X: Yes.

Warren: And to state the matter on objective, impersonal matters such as civil rights, integration, or job programs, and not on the question of self-improvement or, you might say, the individual responsibility.

Malcolm X: That...

Warren: But you take a different line.

Malcolm X: Definitely. Most of the, or I should say many of the Negro leaders actually suffer themselves from an inferiority complex even though they say they don't. And because of this they have subconscious defensive mechanisms which they've erected without even realizing it. So that when you mentioned something about self-improvement, the implication is that the Negro is something distinct or

different and, therefore, needs to learn how to improve himself. Negro leaders resent this being said, not because they don't know it's true, but they're thinking they're looking at it personally. They think that the implication is directed even at them, and that they...and they duck this responsibility. Whereas the only real solution to the race problem in this country is a solution that involves individual self-improvement and collective self-improvement in whereas our own... wherein our own people are concerned.

Warren: Could you tell me, or would you be willing to, or do you think it's relevant, some detail of your own conversion to Islam?

Malcolm X: Well, I was in prison.

Warren: I know that fact, yes. I'm asking about the interior feeling of the process.

Malcolm X: Yes. Well, I was in prison and I was an atheist. I didn't believe in anything. And I had begun to read books and things and, in fact, one of the persons who started me thinking seriously was an atheist that I... another Negro inmate whom I'd heard in a discussion with white inmates and who was able to hold his own at all levels. And he impressed me with his knowledge, and I began to listen very carefully to some of the things he said. And it was he who switched my reading habits in a direction away from fiction to non-fiction, so that by the time one of my brothers told me about Islam, although I...although I was an atheist, I was open-minded, and I began to read in that direction, in the direction of Islam, and everything that I read about it appealed to me. And one of the main things that I read about it that appealed to me was in Islam a man is regarded as a human being. He's not measured by the color of his skin. At this point I hadn't yet gotten deep into the historic condition that Negroes in this country are confronted with, but at that point in my prison studies I read, I studied Islam as a religion more so than as I later come to know it in its connection with the plight or problem of Negroes in this country.

Warren: This is getting ahead a little bit, but it seems to apply here. If Islam teaches the human worth of all men without reference to color, how does that fact relate to the methods of black superiority and the doom of the white race?

Malcolm X: Well, the white race is doomed not because it's white but because of its deeds, and the people listening very closely to what the Muslims have always declared...

Warren: Yes.

Malcolm X: ...they'll find that in every declaration there's the fact that the same as Moses told Pharaoh, "You're doomed if you don't do so and so," or as Daniel told I think it was Balthazar or Nebuchadnezzar, "You are doomed if you don't do so and so." Now, always that "if" was there, which meant that the one who was doomed could avoid the doom if he would change his way of behaving. Well, it's the same here in America. When the Muslims deliver the indictment of the American system, it is not the white man per se that is being doomed.

Warren: It's not blood itself that's being...there's no blood damnation then?

Malcolm X: No. But, see, the...it's almost impossible to separate the actions, or it's also, it's almost impossible to separate the oppression and exploitation, criminal oppression and criminal exploitation of the American Negro, from the color of the skin of the person who is the oppressor or the exploiter. So, he thinks he's being condemned because of his color but, actually, he's being condemned because of his deeds, his conscious behavior.

Warren: Let's take the question like this—can a person, an American of white blood, be guiltless?

Malcolm X: Guiltless?

Warren: Yes.

Malcolm X: Well, you can only answer it this way, by turning it around. Can the Negro, who is the victim of the system, escape the collective stigma that is placed upon all Negroes in this country? And the answer is "No." Because Ralph Bunche, who is an internationally recognized and respected diplomat, can't stay in a hotel in Georgia, which means that no matter what the accomplishment, the intellectual, the academic, or professional level of a Negro is, collectively he stands condemned. Well, the white race in America is the same way. As individuals it is impossible for them to escape the collective crime committed against the Negroes in this country collectively.

Warren: Let's take an extreme case like this, just the most extreme example I can think of. Let us say a white child of three or four, something like that, who is outside of conscious decisions or valuations, is facing accidental death, you see. Is the reaction to that child the same as the reaction to a Negro child facing the same situation?

Malcolm X: Well, just take the Negro child. Take the white child. The white child, although it has not committed any of the...as a person has not committed any of the deeds that has produced the plight that the Negro finds himself in, is he guiltless? The only way you can determine that is, take the Negro child who's only four years old. Can he escape though he's only four years old, can he escape the stigma of discrimination and segregation? He's only four years old.

Warren: Let's put him in front of the oncoming truck and put a white man on the pavement who must risk his life to leap for the child. Let's reverse it.

Malcolm X: I don't see where that...

Warren: Some white man would leap. Some wouldn't leap.

Malcolm X: It would not...it still wouldn't alter the fact that after that white man saved that little black child, he couldn't take that little black child in many restaurants, hotels, in places right along with him.

Warren: Umhmm.

Malcolm X: Even after the child, the life of the black child was saved, but that same white man will have to toss him right back into the discriminate-...into discrimination, segregation, and these other things.

Warren: Well, suppose let's take a case, suppose that white man is prepared to go to jail to break segregation?

Malcolm X: His going to jail to break segregation still has...and if he broke segregation

...

Warren: Just keep it on the individual, this one white man.

Malcolm X: You can't solve it individually.

Warren: But what you're having toward the one white man who goes to jail, say, not once but over and over again, say, in...

Malcolm X: This has been going on for the past ten years.

Warren: Yes.

Malcolm X: White individuals that have been going to jail. Segregation still exists. Discrimination still exists.

Warren: Yes, that's true. But what is the attitude toward the white man who does this, who goes to jail?

Malcolm X: My personal attitude...

Warren: That's what I mean.

Malcolm X: ...is that he has done nothing to solve the problem.

Warren: What's your attitude toward his moral nature?

Malcolm X: Not even interested in his moral nature. Until the problem is solved, we don't we're not interested in anybody's moral nature.

Warren: At all?

Malcolm X: But what I'm boiling down to say is that the a few isolated white people whose individual acts are designed to eliminate this, that or the next thing but, yet, it is never eliminated, is in no way impressive to me.

Warren: That is, you couldn't call that man a friend?

Malcolm X: If his own rights were being trampled upon as the rights of Negroes are being trampled upon, he would use a different course of action to protect his rights.

Warren: What course of action?

Malcolm X: I have never seen white people who would sit...who would... who would approach a solution to their own problems non-violently or passively. It's only when they are so-called "fighting for the rights of Negroes" that they non-violently, passively and lovingly, you know, approach the situation. But when the whites themselves are attacked, they believe in defending themselves and things of that sort. But those type of whites who are always going to jail with Negroes are the ones who tell Negroes to be loving and be kind and be patient and be non-violent and turn the other cheek.

Warren: But...

Malcolm X: So if I did see a white man who was willing to go to jail or throw himself in front of a car in behalf of the so-called Negro cause, the test that I'd put to him, I'd ask him, "Do you think when Negroes are being attacked they should defend themselves even at the risk of having to kill the one who's attacking them?" If that white man told me, "Yes," I'd shake his hand. I'd trust in him. But I don't trust any white man who teaches Negroes to turn the other cheek or to be non-violent, which means to be defenseless in the face of a very brutal, criminal enemy. No. That's my yardstick for measuring whites.

Warren: Now, the question, what is defenseless at this point?

Malcolm X: Any time you tell a man to turn the other cheek or to be nonviolent in the face of a violent enemy, you're making that man defenseless. You're robbing him of his God-given right to defend himself.

Warren: Let's take a concrete case again on the question of defenselessness just to be sure I understand you. If, say, in the case of Dr. Aaron Henry in Mississippi Clarksdale, Mississippi, his house has been bombed and has been shot through and that sort of thing. Well, he is armed. I've been in his house. I know he's armed. His guards are sitting there with arms with the arms that they're in their hands at night. And everybody knows this.

Now, I can't see how anyone would ask him not to defend himself, you see? If defense is literally defense, as it's taken in ordinary legal times, or a mounted aggression for purposes of defense is another thing in society, you see what I'm getting at? A man sitting in his own house...

Malcolm X: I think that a Negro...

Warren: ...is one thing. A man who goes out and performs an act of violence as is some sort of a long-range defense.

Malcolm X: I think that the Negro should reserve the right to execute any measure necessary to defend himself. Anyway, any form necessary to defend himself, he should reserve the right to do that just the same as others have the right to do it.

Warren: Well, political assassination, for instance?

Malcolm X: I don't know anything about that. I wouldn't even answer a question like that.

Warren: Umhmm.

Malcolm X: But I say that the Negro, when he is...when, when they cease to look at him as a Negro and realize that he's a human being, then they will realize that he is just as capable and has the right to do anything that any other human being on this earth has a right to do to defend himself.

Warren: Well, there are millions of white people who would say right away that the Negro should have any...Negro should have the same legal rights to defense that a white man has.

Malcolm X: And I think you'll find also that if the Negro ever realizes that he should begin to fight for real for his freedom, there are many whites who will fight on his side with him. It's not a case where people think he'll be the underdog or be outnumbered. But there are many white people in this country who realize that the system itself, as it is constructed, is not so constructed that it can produce freedom and equality for the Negro, and the system has to be changed. It is the system itself that is incapable of producing freedom for the 22 million Afro-Americans. Just like a chicken can't lay a duck egg. A chicken can't lay a duck egg because the system of the chicken isn't constructed in the way to produce a duck egg. And just as that chicken system can't produce...is not capable of producing a duck egg, the political and economic system of this country is absolutely incapable of producing freedom and justice and equality and human dignity for the 22 million Afro-Americans.

Warren: You don't see in the American system the possibility of self regeneration then...

Malcolm X: No, nothing there's nothing in...

Warren: ...of change?

Malcolm X: No. There the American system itself is incapable it's it is as incapable of producing freedom for the Afro-American as a as the system of a chicken is of producing a duck egg.

Warren: You don't see any possibility of gains or better solutions through political...

Malcolm X: No.

Warren: ...Negro political action or economic action?

Malcolm X: Well, any time the Negro becomes involved in mature political action, then the resistance of the politicians who benefit from the exploited political system as it now stands, will come, will be forced to put...exercise more violent action to deprive the Negro of his mature political action.

Warren: Do you think that Adam Clayton Powell's political career has been one of mature political action? He thinks highly of you. He speaks high-... he speaks to me highly of you.

Malcolm X: Adam Clayton Powell's entire political career has to be looked at in the entire context of the American history and the history of and the position of the Afro-American or Negro in American history, and then when they and when you take all of these factors combined you can see where Adam Clayton Powell is a remarkable man and has done a remarkable job in fighting for rights of black people in this country. On the other hand, he probably hasn't done as much as he could or as much

as he should because he is the most independent Negro politician in this country. There's no politician in this country of national stature who is more independent of the political machine as Adam Clayton Powell is.

Warren: Well, Dawson's a pure victim of it, of course, in Chicago, Congressman Dawson.

Malcolm X: Yes. I don't know too much about Dawson, but from what I've heard, he's more, he has no independence of action when it comes to the political machine there in Chicago.

Warren: But is Adam Clayton Powell's line a line of what you'd call "mature political action," or has that been frustrated and...

Malcolm X: In my opinion, mature political action is the type of action that enables the, that involves a program of re-education and information that will enable the black people in the black community to see the fruits that they should be receiving from the politicians who are over them and, thereby, they are then able to determine whether or not the politician is really fulfilling his function. And if he is not fulfilling his function, they then can set up the machinery to remove him from that position by whatever means necessary. To me, political action involves making the politician who represents us know that he either produces or he is out, and he's out one way or another.

Warren: There's only one way to put a politician out ordinarily, is to vote him out.

Malcolm X: Well, I think that the black people in this country have the reached the point where they should reserve the right to do whatever is necessary to see that they exercise complete control over the politicians in the politician, in the politics of their own community by whatever means necessary.

Warren: Let's go back to the matter of your conversion, or some of the details of that. Was it fast or slow, a simple a matter as that?

Malcolm X: It was fast.

Warren: Flash, a flash...

Malcolm X: Yes.

Warren: ...of intuition?

Malcolm X: No, it was fast. I, strange as it may seem, I turned I think I took an about-turn overnight.

Warren: Really overnight, just like that?

Malcolm X: Yes. And while I was in prison and wasn't a Muslim, I was indulging in all types of vice, right within the prison. And I never was ostracized as much by the penal authorities while I was participating in all of the evils of the prison, as they tried to ostracize me after I became a Muslim.

Warren: Why was that?

Malcolm X: Well, the prison systems in this country actually are exploitive and they are not in any way rehabilitative. They're not designed to rehabilitate the inmate, though the public propaganda is that this is their function. But they, the most people who work in prison earn money through contraband. They earn their, they earn extra money by selling contraband, dope, and things of that sort to the inmates, and so that really, it's an exploiter.

Warren: This was a matter of defending their commercial interests.

Malcolm X: Right.

Warren: Their economic interests and not a matter of fear of the Muslim movement, is that it?

Malcolm X: Both.

Warren: Oh, it's both.

Malcolm X: It's both. They have a fear of the Muslim movement and the Muslim religion because it has a tendency to make the people who accept it stick together. And I had one warden tell me since I've been out, and

I visited an inmate in prison right here in New York, Warden Fay up at Green Haven

Warren: Fain?

Malcolm X: Fay. Fay, F-A-Y. In 1959 or '8, along in there, I visited an inmate in prison, and he told me that he didn't want anybody in there trying to spread this religion. And I asked him at that time if it didn't make a better inmate out of the Negroes who accepted it and he said, "Yes." So, I asked him then what was it about it that he considered to be so dangerous, and he pointed out that it was the cohesiveness that it produced among the inmates. They stuck together. What you did to one, you did to all. So, they couldn't have that type of religion being taught in the prison.

Warren: Just a matter of maintaining their own control then?

Malcolm X: Yes.

Warren: Has there been any change in your religious beliefs since your break out last fall?

Malcolm X: Well, I have gone through the process of re-evaluating, giving a personal re-evaluation to everything that I ever believed and that I did believe while I was a member and a minister...

Warren: Yes.

Malcolm X: ...in the Black in what we call the Black Muslim Movement.

Warren: May I ask how you've come out of that evaluation?

Malcolm X: Well, first I might say that when a person...when a man separates from his wife, at the out start it's a physical separation but it's not a psychological separation. He still thinks of her in probably warm terms. And, but after the physical separation has taken, existed for a period of time, it becomes a psychological separation as well as physical. And he can then look at her more objectively. My split or separation from the Black Muslim Movement at first was only a physical separation, but my heart was still there, and it was impossible for me to, for me to look at it objectively. After I made my tour in the Middle, into the Middle-East and Africa

and visited Mecca and other places, I think that the separation became psychological as well as physical, so that I could look at it more objectively and separate that which was good from that which was bad.

Warren: Well, what did you find, if I may ask, good and what's bad in this reevaluation?

Malcolm X: Well, I think now it's possible for me to approach the whole problem with a broader scope, much broader scope. When you look at something through an organizational eye, whether it's a religious organization, political organization, or a civic organization, if you look at it only through the eye of that organization, you see what the organization wants you to see. But you lose your ability to be objective. But when you aren't affiliated with anything, and then you look at something, you look at it with your eye to your to the best ability Warren: Well, for example...

Malcolm X: ...and see it as it is.

Warren: ...for example, what specific thing do you now see as is and not through organizational eyes?

Malcolm X: Well, I can I look at the problem of the 22 million Afro-Americans as being a problem that's so broad in scope that it's almost impossible for any organization to see it in its entirety. And because the average Negro organization, especially, can't see the problem in its entirety, they can't even see that the problem is so big that their own organization as such, by itself, can never come to a... can never come up with a solution. The problem is so broad that it's going to take the inner working of all organizations. It's going to take a united front of all organizations, looking at it with more objectivity, to come up with a solution that will that will stand against the whites.

Warren: Would you work, would you work then with the SCLC, Dr. King's organization?

Malcolm X: Well, even as a Muslim minister in the Muslim movement, I have always said that I would work with any organization. But I can say it even more honestly now. Then when I said it, I would make the reservation that I would work with any organization as long as it didn't make us compromise our religious principles. Now I think that the problem of the American Negro goes beyond the principle of any organization whether it's a religious, political, or otherwise. The problem of the Negro is so criminal that many individuals and organizations are going to have to sacrifice what they call their organizational principles if someone comes up with a solution that will really solve the problem. If it's a solution they want, they should go, they should, they should accept the solution. But if it's a solution they want as long as it doesn't interfere with their organization, then it means they're more concerned with their organization than they are with getting a solution to the problem.

Warren: Because I'm trying to see how it would be possible to work with the Dr. King's philosophy of non-violence, you see.

Malcolm X: Well, see, now, non-violence with Dr. King is only a method. That's not his objective.

Warren: Yes. No, it's not his objective but.

Malcolm X: Well, his objective, I think, is to gain respect for Negroes as human beings.

Warren: Yes.

Malcolm X: And non-violence is his, is his method. Well, my objective is the same as King's. Now, we may disagree on methods, but we don't have to argue all day on methods. Forget the methods or the differences in methods. As long as we agree that the thing that the Afro-American wants, and needs is recognition and respect as a human being.

Warren: Would you change in the evaluation of the Black Muslim Movement in America, have you changed your view about separatism, political separatism, the actual formation of an independent state of some kind?

Malcolm X: Well, I might say this, that the problem of the solution for the Afro-American is two-fold—long-range and short-range. I believe that a psychological, cultural, and philosophical migration

back to Africa will solve our problem. Not a physical migration, but a cultural, psychological, philosophical migration back to Africa, which means restoring our common bond will give us the spiritual strength and the incentive to strengthen our political and social and economic position right here in America, and to fight for the things that are ours by right here on this continent. And at the same time, this will also tend to give incentive to many of our people then to want to also visit and even migrate physically back to Africa. And those who stay here can help those who go back, and those who go back can help those who stay here in the same way that when Jews go to Israel, the Jews in America help those in Israel and the Jews in Israel help those in America.

Warren: Is that...that's the long-range, the second thing is your long-range solution, is that it?

Malcolm X: Sir?

Warren: The second thing is a long-range solution? There are two aspects to the solution. One's a short-range.

Malcolm X: Yes.

Warren: What's the long-range?

Malcolm X: The short-range involves the long-range. Immediate steps have to be taken to re-educate our people...

Warren: Yes.

Malcolm X: ...into the a more real view of political, economic, and social conditions in this country, and our ability in a self-improvement program to gain control politically over every community in which we predominate, and also over the economy of that same community as here in Harlem. Instead of all the stores in Harlem being owned by white people, they should be owned and operated by black people. The same as in a German neighborhood, the stores are run by Germans, and in a Chinese neighborhood they're run by Chinese. In the Negro neighborhood the businesses should be owned and operated by Negroes and, thereby, they will be employing, and they will be creating employment for Negroes.

Warren: Right. You are thinking then of these, you might say, localities as being then operated by Negroes, not in terms of a separate political state, a separate nation?

Malcolm X: No. The separating of a section of America for Afro-Americans is similar to expecting a heaven in the sky somewhere after you die.

Warren: It's not practical then?

Malcolm X: To say it is not practical, ha-...one has to also admit that integration is not practical.

Warren: I don't quite follow that.

Malcolm X: In stating that the idea of a separate state is not practical, I'm also stating that the idea of integration, forced integration, as they've been making an effort to do in this country for the past ten years, is also just as impractical.

Warren: That both these poles, these two opposites.

Malcolm X: Both are impractical.

Warren: Simply aren't practical?

Malcolm X: Yes. Both of them are impractical.

Warren: You can envisage Negro sections or Negro communities which are self-determining.

Malcolm X: Yes, I do.

Warren: ...as a better solution?

Malcolm X: A re-education program is devised to bring our people to the intellectual, economic, political, and social level wherein we can control, own, operate our own communities economically, politically, socially, and otherwise. Why, any solution that doesn't involve that is not even a solution. Because if I can't run my neighborhood, you won't want me in your neighborhood.

Warren: You are saying, in other words, you see neighborhoods and communities that are, that are all Afro-American and self-determining, but these are parts of a larger political unity as.

Malcolm X: Yes.

Warren: ...the United States?

Malcolm X: Because once the black man becomes the political master of his own community, it means that the politicians of that community will also be black, which also means that he then will be sending black representation or representatives not only to represent him at the local level and at the state level, but even at the federal level. See, all throughout the South in areas where the black man predominates, he would have black representatives in Washington, D.C. Well, my contention is that the political system of this country is so designing criminally to prevent this, that if the black man even started in that direction, which is a mature step and it's the only way to really solve this problem and to prove that he is the intellectual equal of others, why, the racists and the segregationists would fight that harder than they're fighting the present efforts to integrate.

Warren: They'll fight it, yes. Let me ask you two questions around this.

One, there are Negroes now holding a prominent place at the federal level.

Malcolm X: They've been put there Warren: Like Dr. Weaver and...

Malcolm X: I don't mean...

Warren: Mr. Rowan and people like that.

Malcolm X: I don't mean those kinds of Negroes who are placed in big jobs as window dressing. I refer to a Negro politician as a Negro who is selected by Negroes, and who is backed by Negroes. Most of those Negroes have been given those jobs by the white political machine, and they serve no other function other than as window dressing.

Warren: Ralph Bunche, too?

Malcolm X: Any Negro who occupies a position that was given to him by the white man, if you analyze his function, his function never enables him to really take a firm, uncompromising, militant stand on problems that confront our people. He opens up his mouth only to the degree that the political atmosphere at the time will allow him to do so without rocking the boat too much.

Warren: Is your organization supporting the voter registration drive in Mississippi this summer?

Malcolm X: Yes. We're going to work Warren: Actively?

Malcolm X: Yes, we're going to give active support to voter registration drives, not only in Mississippi, but in New York City. I just can't see where Mississippi is that much different from New York City. Maybe in method or...

Warren: I don't either.

Malcolm X: No, I don't see...I never will let anyone maneuver me into making a distinction between the Mississippi form of discrimination and the New York City form of discrimination. It's both discriminations. It's all discrimination.

Warren: Are you actually putting workers in Mississippi this summer?

Malcolm X: We will. They won't be non-violent workers.

Warren: Non-violent in which sense? Upon attack or...

Malcolm X: We will never send a Negro anywhere and tell him to be nonviolent.

Warren: Umhmm. If he is shot at, shoot back?

Malcolm X: If you're shot at, shoot back.

Warren: What about the matter of non-selective reprisals? Say, if a Negro is shot in Mississippi and like Medgar Evers, for instance, then shooting a white man or trying to shoot a responsible white man?

Malcolm X: Well, I'll tell you. If I go home and someone...and my child has blood running down her leg and someone tells me that a snake bit her, I'm going out and kill the snake. And when I find the snake, I'm not going to look and see if he has blood on his jaws.

Warren: You mean you'll kill any snake you find?

Malcolm X: I grew up in the country on a farm...

Warren: So, did I.

Malcolm X: ...and it was whenever someone said even that a snake was eating the chickens or bothering the chickens, we'd kill snakes. We never knew whether that was the snake that did it.

Warren: To read your parallel then, you would advocate non-selective reprisal. Kill any white person around.

Malcolm X: I'm not saying that. I'm just telling you about snakes.

Warren: Yeah, okay. All right. We'll settle for that.

Malcolm X: Well, I mean what I say.

Warren: Umhmm. I know what you say. I know how the parables worked. Let us suppose that we had, just suppose.

Malcolm X: Then, perhaps, you know the other...when the snakes out in that field begin to realize that if one of their members get out of line, it's going to be detrimental to all of them, they'll keep that perhaps they'll then take the necessary steps to keep their fellow snakes away from my chickens or away from my children if the responsibility is placed upon them.

Warren: Suppose we had...this is maybe it's a big supposition, but suppose we had an adequate civil rights legislation and fair employment.

Malcolm X: I might even answer that, if I may.

Warren: Yes, please, go ahead.

Malcolm X: I believe when a Negro church is bombed, that a white church should be bombed.

Warren: Reprisal.

Malcolm X: I believe it, yes. Can I, and I can give you the best example.

When the Japanese bombed Pearl Harbor, the United States struck back. She didn't go and bomb...she bombed any part of Japan. She dropped the bomb on Hiroshima. Those people in Hiroshima probably hadn't even some of them...most of them hadn't even killed anybody.

Warren: Sure.

Malcolm X: But still she dropped that bomb. I think it killed eighty-some thousand people. Well, this is internationally recognized as a way, as justifiable during war. Any time a Negro community lives under fear that its churches are going to be bombed, then they are to realize they're living in a war zone. And once they recognize it as such, they can adopt the same measures against the community that harbors the criminals who are responsible for this activity.

Warren: Now we have it. Now we have it. It's a question of a Negro, say, in Birmingham, being outside of the community, being no part of the community, so he takes the same kind of reprisal he would take in wartime?

Malcolm X: He should realize that he is living in a war zone, and he is at war with an enemy that is as vicious and criminal and inhuman as any war making country has ever been.

Warren: Umhmm.

Malcolm X: And once he realizes that, then he can defend himself.

Warren: Now, getting back to what I was about to say a moment ago. Suppose you had an adequate civil rights legislation enforced—suppose you had a fair employment practice code enforced. Suppose we had the objectives demanded by most civil rights organizations now actually existing, then what?

Malcolm X: Suppose.

Warren: Just suppose. Let's suppose, let's suppose.

Malcolm X: You'd have civil war. You'd have a race war in this country. In order to enforce...see, you can't force people to act right toward each other. You can't force, you cannot legislate heart, conditions and attitudes. And when you have to pass a law to make a man let me have a house, or you have to pass a law to make a man let me go to school, or you have to pass a law to make a man let me walk down the street, you have to enforce that law and you'd be living actually in a police state. It would take a police state in this country. I mean a real police state right now just to get a token recognition of a law. It took, I think, 15,000 troops and six million dollars to put one Negro in the University of Mississippi. That's a police action, police state action.

Warren: That's a police action.

Malcolm X: So, actually, all of the civil rights problems during the past ten years have created a situation where America right now is moving toward a police state. You can't have anything otherwise. So that's your supposition.

Warren: All right. Then you see no possibility of a self-regeneration for our society then?

Malcolm X: When I was in Mecca...

Warren: Yes.

Malcolm X: I noticed that their they had no color problem. That they had people there whose eyes were blue and people there whose eyes were black, people whose skin was white, people whose skin was black, people whose hair was blond, people whose hair was black, from the whitest white person to the blackest black person.

Warren: I read your letters.

Malcolm X: There was no racism, there was no problem. But the religious philosophy that they had adopted, in my opinion, was the only thing and is the only thing that can remove the white from the mind of the white man and the Negro from the mind of the Negro. I have seen what Islam has done with our people, our people who had this feeling of Negro and it had a psychological effect of putting them in a in, a mental prison. When they accepted Islam, it removed that. Well, white people whom I have met, who have accepted Islam, they don't regard themselves as white but as human beings. And by looking upon themselves as human beings, their whiteness to them isn't the yardstick of perfection or honor or anything else. And, therefore, this creates within them an attitude that is different from the attitude of the white that you meet here in America, because then, and it was in Mecca that I realized that white is actually an attitude more so than it's a color. And I and I can prove it because among Negroes we have Negroes who are as white as some white people. Still there's a difference.

Warren: I was about to ask you about, what is a Negro?

Malcolm X: Yeah, it's an attitude. I'll tell you what it is. And white is an attitude. And it is the attitude of the American white man that is making him stand condemned today before the eyes of the entire dark world and even before the eyes of the Europeans. It is his attitude, his haughty, holier-than-thou attitude. He has the audacity to call himself even the "leader of the free world" while he has a country that can't even give the basic human rights to over 22 million of its citizens. This takes audacity, this takes nerve. So, it is this attitude today that's causing the Americans to be condemned.

Warren: What do you take of the western European white as opposed to the American white?

Malcolm X: Well, there's a great deal of difference in a great deal of difference in the, when you say west European, even there's a difference between the west European and the east European.

Warren: That's what I'm talking about.

Malcolm X: Oh, yes. But there's a great deal of difference in them. Many of them who belong to these countries that were former colonial powers have racist attitudes, but their racist attitude is never displayed to the degree that the America's attitude of racism is displayed. Never.

Warren: You know the book by Essien Udom called Black Nationalism? I know you must.

Malcolm X: I was with Essien Udom in...

Warren: You were?

Malcolm X: ...in Nigeria last month.

Warren: I wish you'd tell me about him. Who is he?

Malcolm X: Well, he's a Nigerian. At present he's a professor at Ibadan University.

Warren: Ah! I didn't know where he was. Now I knew he was a scholar. Malcolm X: Yes.

Warren: Do you agree with his analysis that the Black Muslim religion, Islam in America, has served as a concealed device to gratify the American Negro's aspirations to white middle-class values?

Malcolm X: No, I don't think

...

Warren: He takes that view, you know.

Malcolm X: Yes, but I don't think that the objective of the American Negro is white middle-class values because what are white middle-class values? And what makes the whites who have these middle-class values have those values? Where did they get it? They didn't have these same values, you know, four hundred years, five hundred years ago. Where did they get their value system that they now have attained to? And my contention is that if you trace it back, it was the people of the East who brought them out of the Dark Ages, who brought about the period, or ushered in or initiated the atmosphere that brought into Europe the period known as the Renaissance or the re-awakening of Europe. And this re-awakening actually involved an era during which the people of Europe, who were coming out of the Dark Ages, were then adopting the value system of the people in the East, in the, of the oriental society, many of which they were exposed to for the first time during the Crusades.

Warren: Yes.

Malcolm X: Well, these were African these were African-Arab-Asian values. The only section of Europe that had a high value system during the Dark Ages was the, were those on the Iberian Peninsula in the Spanish Portuguese area, southern France. And that high state of a culture existed there because of Africans known as Moors had come there and brought it there. So that value system has been handed right down in European society. And today when you find Negroes, if they even look like they're adopting these so-called middle-class values, standards, it's not that they're taking something from the white man, but they're probably identifying again with the level or standard that these same whites have gotten from them back during that period.

Warren: You would approach Essien Udom's theory on that ground, undercutting it?

Malcolm X: Undercutting it, definitely.

Warren: Yes.

Malcolm X: I think that if he had something, he didn't take it back far enough in history...

Warren: I see.

Malcolm X: ...to get at the proper understanding of it.

Warren: You know there's a theory that's sometimes enunciated by people like Reverend Wyatt Walker, for one, or Whitney Young, that the Black Muslim is primarily created by the white press. He exists but in a, in a... his importance was created by the white press.

Malcolm X: Wyatt doesn't say that as much as Whitney Young does.

Warren: Both of them say it. Both of them said it to me, anyway.

Malcolm X: Well...

Warren: A paper tiger is what Wyatt what Wyatt Walker calls it.

Malcolm X: Yeah. Well, I can answer them like this. Wyatt Walker can walk through Harlem. No one would know him.

Warren: Yeah.

Malcolm X: Whitney Young could walk through Harlem. No one would know him. Any of the Black Muslims can walk through Harlem and there's people know them. I don't think that anyone has been really created more by the white press than the civil right leaders. The white press itself created them. And they themselves in their pronouncements will tell you they need white allies, they need white help, they need white this.

Warren: Yes, some of them do.

Malcolm X: They are more a creation of the white press and the white community and are more dependent on the white community than any other group in the in the community.

Warren: Almost word for word what you have said I could turn around as Wyatt Walker said to me about, not you personally, but about the whole Black Muslim movement. That if you go outside of New York City, Dr. King is known to ninety percent of the Negroes in the United States and is respected and is identified more or less with him, at least as a hero of one kind or another. That the Black Muslim, outside of one or two communities like New York, are unknown.

Malcolm X: Well, if that's their opinion, that's their opinion. I myself have never been concerned with whether we are considered known or unknown. It's no problem of ours.

Warren: Yes.

Malcolm X: I will say this. That anytime there's a fire in the Negro community and it's burning out of control, you send of anyone of them send Whitney Young in to put it out.

Warren: What do you think of Abraham Lincoln?

Malcolm X: I think that he probably did more to trick Negroes than any other man in history.

Warren: Can you explain that?

Malcolm X: Well, there's his own...where he I have read where he said he wasn't interested in freeing the slaves.

Warren: He said that, yes.

Malcolm X: So, he was interested in saving the Union. Well, most Negroes have been tricked into thinking that Lincoln was a Negro lover whose primary aim was to free them, and he died because he freed them. I think Lincoln did more to deceive Negroes and to make the race problem in this country worse than any man in history.

Warren: How does Kennedy relate to...

Malcolm X: Kennedy, I relate right along with Lincoln. Lincoln to me... Kennedy was a deceitful man. He was a cold-blooded politician whose purpose was to get elected. And the only time Kennedy made

any, took any action to even look like he identified with Negroes was when he was forced to. Kennedy didn't even make his speech based on this problem being a moral issue until Negroes exploded in Birmingham. During, during... Warren: Yes, that was Birmingham.

Malcolm X: Right. During the whole month that Negroes were being beaten by police and washed down the sewer with water hoses, and King was in jail begging for the federal government to intervene, Kennedy's reply was, "No federal statutes have been violated." And it was only when the Negroes erupted that Kennedy come on the television with all his old pretty words. No, the man was a deceiver. He was deceitful and I will never bite my tongue in saying that. I don't think he was anything but a politician, and he used Negroes to get elected and to get votes.

Warren: What about Roosevelt?

Malcolm X: Same thing. There was no president ever had more power than Roosevelt. Roosevelt could have solved many problems, and all he did was. put...took Negroes off welfare, or first he put them onto welfare, WPA and other projects that he had, and then, if it hadn't been for Hitler going on the rampage, Negroes would still be on the welfare.

Warren: What about Eleanor Roosevelt?

Malcolm X: Same thing. Eleanor Roosevelt was the chairman of the United Nations Human Rights Commission, I think it was, at a time when this country, and at the time that the Human Rights, the Covenant on Human Rights was formed, this country didn't even sign it. This country has never signed the United Nations Covenant on Human Rights. They signed the Declaration of Human Rights. But if they had signed the covenant, they would have to get it ratified by the Congress and the Senate, and they could never get the Congress and the Senate to agree to an international law on human rights when they couldn't even get Congress or the Senate to agree on a civil rights law. So, Eleanor Roosevelt could easily have told Negroes the deceitful maneuvering of the United States government that was going on behind the scenes. She never did it. In my opinion she was just another white woman who...whose profession was to make it appear that she was on the Negro's side. You have a lot of whites who are in this category. Therefore, they are made Negro loving a profession. They are what I call professional liberals who take advantage of the confidence that Negroes place in them and, therefore, this enhances their own prestige and it gives them key roles to play in the in the politics of this country.

Warren: What about James Baldwin?

Malcolm X: Jimmy Baldwin is a Negro writer.

Warren: What's the content of that?

Malcolm X: He's a Negro writer who has gained fame because of his indictment and his very acid description—I call it an acid description—of what's going on in this country. My only...I don't agree with his non-violent, peaceful, loving approach. I just saw his play, Blues for Mr. Charlie, which I thought was an excellent play until it ended. And if you've seen the end of it, you'll see what I mean.

Warren: I haven't seen it yet.

Malcolm X: Well, you see it. All during the play I'm thinking that it has that, when at the final act that revenge will be taken, or justice will be given for the murder that has taken place.

Warren: I understand that the Ford Foundation is financing the play now—I hear this, I'm not certain of it—is financing it to keep it open a little while longer. Well, that's a strange situation, isn't it?

Malcolm X: Not to me.

Warren: Why?

Malcolm X: I don't know, but it's not strange. I like, as I say, I like the play, Blues for Mr. Charlie, but the ending of it has the Negro again forgetting that a lynching has just taken place.

Warren: That's why the Ford Foundation might subsidize it, is that it?

Malcolm X: Well, I think that a white that segments like that of the white power structure will subsidize anything that implies that Negroes should be forgiving and long-suffering.

Warren: You know Ralph Ellison's work?

Malcolm X: Not too well. All I know is that he wrote The Invisible Man.

Warren: Yes. Have you read that?

Malcolm X: No, but I know that I got the point.

Warren: Yeah. What do you think of his position?

Malcolm X: I don't know what his position is. If his position is that the Negro in this society is an invisible man, then that's a good position. Whatever else goes with it, I don't know.

Warren: All right. Taking another, somewhat different tack, what about Nehru?

Malcolm X: I would like to add to...

Warren: Please, do.

Malcolm X: ...Ellison's Invisible Man.

Warren: Please.

Malcolm X: See, the Negro, as an invisible man...usually when a man is invisible, he knows more about those who are visible, than those who are visible know about him. And my contention is that the Negro knows more about the white man, and white society, than the white man knows about the Negro and Negro society.

Warren: I think that's true.

Malcolm X: The servant always knows his master better than the master knows his servant. The servant the mas-...the servant watches the master sleep, but the master never sees the servant sleep. The servant sees the master angry. The master never sees the servant angry. So, the servant always knows the master better than the master knows the servant. In fact, the servant knows the house better than the master does. And my contention is that the Negro knows this country better than the white man does, every facet of it, and when he wakes up, he'll prove it. Now, about Nehru?

Warren: Yes.

Malcolm X: I think that Nehru probably was a good man, although I didn't go for it. I don't go for anybody who is passive. I don't go for anybody...

who is...who is...who advocates passivism or peaceful suffering in any form whatsoever? I don't go for it.

Warren: What about Jesus Christ?

Malcolm X: I go for Mao Tse-tung much more than Nehru because I think that Nehru brought his country up in a beggar's role. Their roles, the role of India and its reliance upon the West during the years since it got its supposed independence, has it today just as helpless and dependent as

it was when it first got its independence. Whereas in China, the Chinese fought for their independence. They became militant right from the out start, and today they're...even though they aren't loved, they are, they are respected. Though the West doesn't love them, the West respects them. Now, the West doesn't respect India, but it loves India.

Warren: I see your distinction.

Malcolm X: Can you see my distinction?

Warren: I do indeed.

Malcolm X: I admire the stand of China and the stand of Mao Tsetung, but I can't admire, with respect, the stand of Nehru in India. I just can't do it.

Warren: What about Reverend Galamison?

Malcolm X: Reverend Galamison is fighting a hard battle against great opposition, and I admire a man who fights a hard battle against great opposition.

Warren: No matter what's he fighting for or against?

Malcolm X: Well, I admire a man who fights a battle against opposition, and if there wasn't something about Galamison that...the people I notice that the power structure is against Galamison. And most of the Negro leaders who get the support of the power structure end up being against Galamison. So, my suspicious nature is that there's something that

Galamison, about Galamison that must have some good in it or some right in it.

Warren: Well, his policy is one of integration, and that isn't exactly your policy.

Malcolm X: No, but at the same time his policy is intelligent enough where he can't be used to attack me. And most of these other Negro leaders who are supposedly integrationists aren't that intelligent.

Warren: I see.

Malcolm X: All right.

Warren: Are you being dragged away?

Malcolm X: Yes, I'm being...

Warren: All right. Well, I'll pack up.

OAAU Founding Rally (June 28, 1964)

Asalaam Alaikum, Mr. Moderator, our distinguished guests, brothers and sisters, our friends and our enemies, everybody is here.

As many of you know, last March when it was announced that I was no longer in the Black Muslim movement, it was pointed out that it was my intention to work among the 22 million non-Muslim Afro-Americans and to try and form some type of organization, or create a situation where the young people, our young people, the students and others, could study the problems of our people for a period of time and then come up with a new analysis and give us some new ideas and some new suggestions as to how to approach a problem that too many other people have been playing around with for too long. And that we would have some kind of meeting and determine at a later date whether to form a black nationalist party or a black nationalist army.

There have been many of our people across the country from all walks of life who have taken it upon themselves to try and pool their ideas and to come up with some kind of solution to the problem that confronts all of our people. And tonight, we are here to try and get an understanding of what it is they've come up with.

Also, recently when I was blessed to make a trip, or religious pilgrimage to the holy city of Mecca where I met many people from all over the world, plus spent many weeks in Africa trying to broaden my own scope and get more of an open mind to look at the problem as it actually is, one of the things that I realized, and I realized this even before going over there, was that our African brothers have gained their independence faster than you and I here in America have. They've also gained recognition and respect as human beings much faster than you and I.

Just ten years ago on the African continent, our people were colonized. They were suffering all forms of colonization, oppression, exploitation, degradation, humiliation, discrimination, and every other kind of -action. And in a short time, they have gained more independence, more recognition, more respect as human beings than you and I have. And you and I live in a country which is supposed to be the citadel of education, freedom, justice, democracy, and all of those other pretty-sounding words.

So, it was our intention to try and find out what it was our African brothers were doing to get results, so that you and I could study what they had done and perhaps gain from that study or benefit from their experiences. And my traveling over there was designed to help to find out how.

One of the first things that the independent African nations did was to form an organization called the Organization of African Unity. This organization consists of all independent African states who have reached the agreement to submerge all differences and combine their efforts toward eliminating from the continent of Africa colonialism and all vestiges of oppression and exploitation being suffered by African people. Those who formed the organization of African states have differences. They represent probably every segment, every type of thinking. You have some leaders that are considered Uncle Toms, some leaders who are considered very militant. But even the militant African leaders were able to sit down at the same table with African leaders whom they considered to be Toms, or Tshombes, or that type of character. They forgot their differences for the sole purpose of bringing benefits to the whole. And whenever you find people who can't forget their differences, then they're more interested in their personal aims and objectives than they are in the conditions of the whole.

Well, the African leaders showed their maturity by doing what the

American white man said couldn't be done. Because if you recall when it was mentioned that these African states were going to meet in Addis Ababa, all of the Western press began to spread the propaganda that they didn't have enough in common to come together and to sit down together. Why, they had Nkrumah there, one of the most militant of the African leaders, and they had Adoula from the Congo. They had Nyerere there, they had Ben Bella there, they had Nasser there, they had Sekou Toure,

they had Obote; they had Kenyatta, guess Kenyatta was there, I can't remember whether Kenya was independent at that time, but I think he was there.

Everyone was there and despite their differences, they were able to sit down and form what was known as the Organization of African Unity, which has formed a coalition and is working in conjunction with each other to fight a common enemy.

Once we saw what they were able to do, we determined to try and do the same thing here in America among Afro-Americans who have been divided by our enemies. So we have formed an organization known as the Organization of Afro-American Unity which has the same aim and objective: to fight whoever gets in our way, to bring about the complete independence of people of African descent here in the Western Hemisphere, and first here in the United States, and bring about the freedom of these people by any means necessary.

That's our motto. We want freedom by any means necessary. We want justice by any means necessary. We want equality by any means necessary. We don't feel that in 1964, living in a country that is supposedly based upon freedom, and supposedly the leader of the free world, we don't think that we should have to sit around and wait for some segregationist congressmen and senators and a President from Texas in Washington, D.C., to make up their minds that our people are due now some degree of civil rights. No, we want it now or we don't think anybody should have it.

The purpose of our organization is to start right here in Harlem, which has the largest concentration of people of African descent that exists anywhere on this earth. There are more Africans in Harlem than exist in any city on the African continent. Because that's what you and I are, Africans. You catch any white man off guard in here right now, you catch him off guard and ask him what he is, he doesn't say he's an American. He either tells you he's Irish, or he's Italian, or he's German, if you catch him off guard and he doesn't know what you're up to. And even though he was born here, he'll tell you he's Italian. Well, if he's Italian, you and I are African even though we were born here.

So, we start in New York City first. We start in Harlem and by Harlem we mean Bedford-Stuyvesant—any place in this area where you and I live, that's Harlem—with the intention of spreading throughout the state, and from the state throughout the country, and from the country throughout the Western Hemisphere. Because when we say Afro-American, we include everyone in the Western Hemisphere of African descent. South America is America. Central America is America. South America has many people in it of African descent. And everyone in South America of African descent is an Afro-American. Everyone in the Caribbean, whether it's the West Indies or Cuba or Mexico, if they have African blood, they are Afro-Americans. If they're in Canada and they have African blood, they're Afro-Americans. If they're in Alaska, though they might call themselves Eskimos, if they have African blood, they're Afro-Americans.

So, the purpose of the Organization of Afro-American Unity is to unite everyone in the Western Hemisphere of African descent into one united force. And then, once we are united among ourselves in the Western Hemisphere, we will unite with our brothers on the motherland, on the continent of Africa. So, to get right with it, I would like to read you the "Basic Aims and Objectives of the Organization of Afro-American Unity, started here in New York, June 1964:

The Organization of Afro-American Unity, organized and structured by a cross section of the Afro-American people living in the United States of America, has been patterned after the letter and spirit of the Organization of African Unity which was established at Addis Ababa, Ethiopia, in May of 1963.

We, the members of the Organization of Afro- American Unity, gathered together in Harlem, New York:

Convinced that it is the inalienable right of all our people to control our own destiny;

Conscious of the fact that freedom, equality, justice and dignity are central objectives for the achievement of the legitimate aspirations of the people of African descent here in the Western Hemisphere, we will endeavor to build a bridge of understanding and create the basis for Afro-American unity;

Conscious of our responsibility to harness the natural and human resources of our people for their total advancement in all spheres of human endeavor;

Inspired by our common determination to promote understanding among our people and cooperation in all matters pertaining to their survival and advancement, we will support the aspirations of our people for brotherhood and solidarity in a larger unity transcending all organizational differences;

Convinced that, in order to translate this determination into a dynamic force in the cause of human progress conditions of peace and security must be established and maintained;

And by conditions of peace and security, we mean we have to eliminate the barking of the police dogs, we have to eliminate the police clubs, we have to eliminate the water hoses, we have to eliminate all of these things that have become so characteristic of the American so-called dream.

These have to be eliminated. Then we will be living in a condition of peace and security. We can never have peace and security as long as one black man in this country is being bitten by a police dog. No one in the country has peace and security.

Dedicated to the unification of all people of African descent in this hemisphere and to the utilization of that unity to bring into being the organizational structure that will project the black people's contributions to the world;

Persuaded that the Charter of the United Nations, the Universal Declaration of Human Rights, the Constitution of the United States and the Bill of Rights are the principles in which we believe and that these documents if put into practice represent the essence of mankind's hopes and good intentions;

Desirous that all Afro-American people and organizations should henceforth unite so that the welfare and well-being of our people will be assured;

We are resolved to reinforce the common bond of purpose between our people by submerging all of our differences and establishing a nonsectarian, constructive program for human rights; We hereby present this charter. I. Establishment.

The Organization of Afro-American Unity shall include all people of African descent in the Western Hemisphere, as well as our brothers and sisters on the African continent.

Which means anyone of African descent, with African blood, can become a member of the Organization of Afro-American Unity and also any one of our brothers and sisters from the African continent. Because not only

it is an organization of Afro-American unity meaning that we are trying to unite our people in the West but it's an organization of Afro-American unity in the sense that we want to unite all of our people who are in North America, South America, and Central America with our people on the

African continent. We must unite together in order to go forward together. Africa will not go forward any faster than we will, and we will not go forward any faster than Africa will. We have one destiny and we've had one past.

In essence what it is saying is instead of you and me running around here seeking allies in our struggle for freedom in the Irish neighborhood or the Jewish neighborhood or the Italian neighborhood, we need

to seek some allies among people who look something like we do. It's time now for you and me to stop running away from the wolf right into the arms of the fox, looking for some kind of help. That's a drag.

II. Self Defense.

Since self-preservation is the first law of nature, we assert the Afro-American's right to self-defense.

The Constitution of the United States of America clearly affirms the right of every American citizen to bear arms. And as Americans, we will not give up a single right guaranteed under the Constitution. The history of unpunished violence against our people clearly indicates that we must be prepared to defend ourselves or we will continue to be a defenseless people at the mercy of a ruthless and violent racist mob.

We assert that in those areas where the government is either unable or unwilling to protect the lives and property of our people, that our people are within our rights to protect themselves by whatever means necessary.

I repeat, because to me this is the most important thing you need to know. I already know it.

We assert that in those areas where the government is either unable or unwilling to protect the lives and property of our people, that our people are within our rights to protect themselves by whatever means necessary. This is the thing you need to spread the word about among our people wherever you go. Never let them be brainwashed into thinking that whenever they take steps to see that they're in a position to defend themselves that they're being unlawful. The only time you're being unlawful is when you break the law. It's lawful to have something to defend yourself. Why, I heard President Johnson either today or yesterday, I guess it was today, talking about how quick this country would go to war to defend itself. Why, what kind of a fool do you look like, living in a country that will go to war at the drop of a hat to defend itself, and here you've got to stand up in the face of vicious police dogs and blue-eyed crackers waiting for somebody to tell you what to do to defend yourself!

Those days are over, they're gone, that's yesterday. The time for you and me to allow ourselves to be brutalized nonviolently is passé. Be nonviolent only with those who are nonviolent to you. And when you can bring me a nonviolent racist, bring me a nonviolent segregationist, then I'll get nonviolent. But don't teach me to be nonviolent until you teach some of those crackers to be nonviolent. You've never seen a nonviolent cracker. It's hard for a racist to be nonviolent. It's hard for anyone intelligent to be nonviolent. Everything in the universe does something when you start playing with his life, except the American Negro. He lays down and says, "Beat me, daddy."

So, it says here: "A man with a rifle or a club can only be stopped by a person who defends himself with a rifle or a club." That's equality. If you have a dog, I must have a dog. If you have a rifle, I must have a rifle. If you have a club, I must have a club. This is equality. If the United States government doesn't want you and me to get rifles, then take the rifles away from those racists. If they don't want you and me to use clubs, take the clubs away from the racists. If they don't want you and me to get violent, then stop the racists from being violent. Don't teach us nonviolence while those crackers are violent. Those days are over.

Tactics based solely on morality can only succeed when you are dealing with people who are moral or a system that is moral. A man or system which oppresses a man because of his color is not moral. It is the duty of every Afro-American person and every Afro-American community throughout this country to protect its people against mass murderers, against bombers, against lynchers, against floggers, against brutalizers and against exploiters.

I might say right here that instead of the various black groups declaring war on each other, showing how militant they can be cracking each other's heads, let them go down South and crack some of those crackers' heads. Any group of people in this country that has a record of having been attacked by racists and there's no record where they have ever given the signal to take the heads of some of those racists why, they are insane giving the signal to take the heads of some of their ex-brothers. Or brother X's, I don't know how you put that.

III. Education.

Education is an important element in the struggle for human rights. It is the means to help our children and our people rediscover their identity and thereby increase their self-respect. Education is our passport to the future, for tomorrow belongs only to the people who prepare for it today.

And I must point out right there, when I was in Africa, I met no African who wasn't standing with open arms to embrace any Afro-American who returned to the African continent. But one of the things that all of them have said is that every one of our people in this country should take advantage of every type of educational opportunity available before you even think about talking about the future. If you're surrounded by schools, go to that school.

Our children are being criminally shortchanged in the public-school system of America. The Afro-American schools are the poorest-run schools in the city of New York. Principals and teachers fail to understand the nature of the problems with which they work and as a result they cannot do the job of teaching our children.

They don't understand us, nor do they understand our problems; they don't. The textbooks tell our children nothing about the great contributions of Afro-Americans to the growth and development of this country.

And they don't. When we send our children to school in this country, they learn nothing about us other than that we used to be cotton pickers. Every little child going to school thinks his grandfather was a cotton picker. Why, your grandfather was Nat Turner; your grandfather was Toussaint L'Ouverture; your grandfather was Hannibal. Your grandfather was some of the greatest black people who walked on this earth. It was your grandfather's hands who forged civilization and it was your grandmother's hands who rocked the cradle of civilization, but the textbooks tell our children nothing about the great contributions of Afro-Americans to the growth and development of this country.

The Board of Education's integration plan is expensive and unworkable; and the organization of principals and supervisors in New York City's school system has refused to support the Board's plan to integrate the schools, thus dooming it to failure before it even starts.

The Board of Education of this city has said that even with its plan there are 10 percent of the schools in Harlem and the Bedford-Stuyvesant community in Brooklyn that they cannot improve. So, what are we to do?

This means that the Organization of Afro-American Unity must make the Afro-American community a more potent force for educational self-improvement.

A first step in the program to end the existing system of racist education is to demand that the 10 percent of the schools the Board of Education will not include in its plan be turned over to and run by the Afro-American community itself.

Since they say that they can't improve these schools, why should you and I who live in the community, let these fools continue to run and produce this low standard of education? So, let them turn those schools over to us. Since they say they can't handle them, nor can they correct them, let us take a whack at it.

What do we want? We want Afro-American principals to head these schools. We want Afro-American teachers in these schools. Meaning we want black principals and black teachers with some textbooks about black people.

We want textbooks written by Afro-Americans that are acceptable to our people before they can be used in these schools.

The Organization of Afro-American Unity will select and recommend people to serve on local school boards where school policy is made and passed on to the Board of Education. And this is very important.

Through these steps we will make the 10 percent of the schools that we take over educational showplaces that will attract the attention of people from all over the nation. Instead of them being schools turning out pupils whose academic diet is not complete, we can turn them into examples of what we can do ourselves once given an opportunity.

If these proposals are not met, we will ask Afro-American parents to keep their children out of the present inferior schools they attend. And when these schools in our neighborhood are controlled by Afro-Americans, we will then return our children to them.

The Organization of Afro-American Unity recognizes the tremendous importance of the complete involvement of Afro-American parents in every phase of school life. The Afro-American parent must be willing and able to go into the schools and see that the job of educating our children is done properly.

This whole thing about putting all of the blame on the teacher is out the window. The parent at home has just as much responsibility to see that what's going on in that school is up to par as the teacher in their schools. So, it is our intention not only to devise an education program for the children, but one also for the parents to make them aware of their responsibility where education is concerned in regard to their children.

We call on all Afro-Americans around the nation to be aware that the conditions that exist in the New York City public school system are as deplorable in their cities as they are here. We must unite our efforts and spread our program of self-improvement through education to every Afro-American community in America.

We must establish all over the country schools of our own to train our own children to become scientists, to become mathematicians. We must realize the need for adult education and for job retraining programs that will emphasize a changing society in which automation plays the key role. We intend to use the tools of education to help raise our people to an unprecedented level of excellence and self-respect through their own efforts.

IV. Politics and Economics.

And the two are almost inseparable, because the politician is depending on some money; yes, that's what he's depending on.

Basically, there are two kinds of power that count in America: economic power and political power, with social power being derived from those two. In order for the Afro-Americans to control their destiny, they must be able to control and affect the decisions which control their destiny: economic, political, and social. This can only be done through organization. The Organization of Afro-American Unity will organize the Afro-American community block by block to make the community aware of its power and its potential; we will start immediately a voter registration drive to make every unregistered voter in the Afro-American community an independent voter.

We won't organize any black man to be a Democrat or a Republican because both of them have sold us out. Both of them have sold us out; both parties have sold us out. Both parties are racist, and the

Democratic Party is more racist than the Republican Party. I can prove it. All you've got to do is name everybody who's running the government in Washington, D.C., right now. He's a Democrat and he's from either Georgia, Alabama, Texas, Mississippi, Florida, South Carolina, North Carolina, from one of those cracker states. And they've got more power than any white man in the North has. In fact, the President is from a cracker state. What's he talking about? Texas is a cracker state, in fact, they'll hang you quicker in Texas than they will in Mississippi. Don't you ever think that just because a cracker becomes president, he ceases being a cracker. He was a cracker before he became president and he's a cracker while he's president. I'm going to tell it like it is. I hope you can take it like it is. We propose to support and organize political clubs, to run independent candidates for office, and to support any Afro-American already in office who answers to and is responsible to the Afro-American community.

We don't support any black man who is controlled by the white power structure. We will start not only a voter registration drive, but a voter education drive to let our people have an understanding of the science of politics so they will be able to see what part the politician plays in the scheme of things; so they will be able to understand when the politician is doing his job and when he is not doing his job. And any time the politician is not doing his job, we remove him whether he's white, black, green, blue, yellow or whatever other color they might invent.

The economic exploitation in the Afro-American community is the most vicious form practiced on any people in America. In fact, it is the most vicious practiced on any people on this earth. No one is exploited economically as thoroughly as you and I, because in most countries where people are exploited they know it. You and I are in this country being exploited and sometimes we don't know it.

Twice as much rent is paid for rat-infested, roach-crawling, rotting tenements. This is true. It costs us more to live in Harlem than it costs them to live on Park Avenue. Do you know that the rent is higher on Park Avenue in Harlem than it is on Park Avenue downtown? And in Harlem you have everything else in that apartment with you—roaches, rats, cats, dogs, and some other outsiders—disguised as landlords.

The Afro-American pays more for food, pays more for clothing, pays more for insurance than anybody else. And we do. It costs you and me more for insurance than it does the white man in the Bronx or somewhere else. It costs you and me more for food than it does them. It costs you and me more to live in America than it does anybody else, and yet we make the greatest contribution.

You tell me what kind of country this is. Why should we do the dirtiest jobs for the lowest pay? Why should we do the hardest work for the lowest pay? What should we pay the most money for the worst kind of food and the most money for the worst kind of place to live in? I'm telling you we do it because we live in one of the rottenest countries that has ever existed on this earth. It's the system that is rotten; we have a rotten system. It's a system of exploitation, a political and economic system of exploitation, of outright humiliation, degradation, discrimination—all of the negative things that you can run into, you have run into under this system that disguises itself as a democracy, disguises itself as a democracy. And the things that they practice against you and me are worse than some of the things that they practiced in Germany against the Jews. Worse than some of the things that the Jews ran into. And you run around here getting ready to get drafted and go someplace and defend it. Someone needs to crack you upside your head.

The Organization of Afro-American Unity will wage an unrelenting struggle against these evils in our community. There shall be organizers to work with our people to solve these problems and start a housing self-improvement program.

Instead of waiting for the white man to come and straighten out our neighborhood, we'll straighten it out ourselves. This is where you make your mistake. An outsider can't clean up your house as well as you can. An outsider can't take care of your children as well as you can. An outsider can't look after your needs as well as you can. And an outsider can't understand your problems as well as you can. Yet you're looking for an outsider to do it. We will do it, or it will never get done.

“We propose to support rent strikes. Yes, not little, small rent strikes in one block We’ll make Harlem a rent strike. We’ll get every black man in this city...the Organization of Afro-American Unity won’t stop until there’s not a black man in the city not on strike. Nobody will pay any rent. The whole city will come to a halt. And they can’t put all of us in jail because they’ve already got the jails full of us.

Concerning our social needs—I hope I’m not frightening anyone. I should stop right here and tell you if you’re the type of person who frights, who gets scared, you should never come around us. Because we’ll scare you to death. And you don’t have far to go because you’re half dead already. Economically you’re dead—dead broke. Just got paid yesterday and dead broke right now. V. Social.

This organization is responsible only to the Afro-American people and the Afro-American community.

This organization is not responsible to anybody but us. We don’t have to ask the man downtown can we demonstrate. We don’t have to ask the man downtown what tactics we can use to demonstrate our resentment against his criminal abuse. We don’t have to ask his consent; we don’t have to ask his endorsement; we don’t have to ask his permission. Anytime we know that an unjust condition exists, and it is illegal and unjust, we will strike at it by any means necessary. And strike also at whatever and whoever gets in the way.

This organization is responsible only to the Afro-American people and community and will function only with their support, both financially and numerically. We believe that our communities must be the sources of their own strength politically, economically, intellectually, and culturally in the struggle for human rights and human dignity.

The community must reinforce its moral responsibility to rid itself of the effects of years of exploitation, neglect, and apathy, and wage an unrelenting struggle against police brutality.

Yes, there are some good policemen and some bad policemen. Usually we get the bad ones. With all the police in Harlem, there is too much crime, too much drug addiction, too much alcoholism, too much prostitution, too much gambling.

So, it makes us suspicious about the motives of Commissioner Murphy when he sends all these policemen up here. We begin to think that they are just his errand boys, whose job it is to pick up the graft and take it back downtown to Murphy. Anytime there’s a police commissioner who finds it necessary to increase the strength numerically of the policemen in Harlem and, at the same time, we don’t see any sign of a decrease in crime, why, I think we’re justified in suspecting his motives. He can’t be sending them up here to fight crime, because crime is on the increase. The more cops we have, the more crime we have. We begin to think that they bring some of the crime with them.

So, our purpose is to organize the community so that we ourselves—since the police can’t eliminate the drug traffic, we have to eliminate it. Since the police can’t eliminate organized gambling, we have to eliminate it. Since the police can’t eliminate organized prostitution and all of these evils that are destroying the moral fiber of our community, it is up to you and me to eliminate these evils ourselves. But in many instances, when you unite in this country or in this city to fight organized crime, you’ll find yourselves fighting the police department itself because they are involved in the organized crime. Wherever you have organized crime, that type of crime cannot exist other than with the consent of the police, the knowledge of the police and the cooperation of the police.

You’ll agree that you can’t run a number in your neighborhood without the police knowing it. A prostitute can’t turn a trick on the block without the police knowing it. A man can’t push drugs anywhere along the avenue without the police knowing it. And they pay the police off so that they will not get arrested. I know what I’m talking about—I used to be out there. And I know you can’t hustle out there without police setting you up. You have to pay them off.

The police are all right. I say there's some good ones and some bad ones. But they usually send the bad ones to Harlem. Since these bad police have come to Harlem and have not decreased the high rate of crime, I tell you brothers and sisters it is time for you and me to organize and eliminate these evils ourselves, or we'll be out of the world backwards before we even know where the world was.

Drug addiction turns your little sister into a prostitute before she gets into her teens; makes a criminal out of your little brother before he gets in his teens—drug addiction and alcoholism. And if you and I aren't men enough to get at the root of these things, then we don't even have the right to walk around here complaining about it in any form whatsoever. The police will not eliminate it.

Our community must reinforce its moral responsibility to rid itself of the effects of years of exploitation, neglect, and apathy, and wage an unrelenting struggle against police brutality.

Where this police brutality also comes in—the new law that they just passed, the no-knock law, the stop-and-frisk law, that's an anti-Negro law. That's a law that was passed and signed by Rockefeller.

Rockefeller with his old smile always he has a greasy smile on his face and he's shaking hands with Negroes, like he's the Negro's pappy or granddaddy or great-uncle. Yet when it comes to passing a law that is worse than any law that they had in Nazi Germany, why, Rockefeller couldn't wait till he got his signature on it. And the only thing this law is designed to do is make legal what they've been doing all the time.

They've passed a law that gives them the right to knock down your door without even knocking on it. Knock it down and come on in and bust your head and frame you up under the disguise that they suspect you of something. Why, brothers, they didn't have laws that bad in Nazi Germany. And it was passed for you and me, it's an anti-Negro law, because you've got an anti-Negro governor sitting up there in Albany—I started to say Albany, Georgia—in Albany, New York. Not too much difference. Not too much difference between Albany, New York and Albany, Georgia. And there's not too much difference between the government that's in Albany, New York and the government in Albany, Georgia.

The Afro-American community must accept the responsibility for regaining our people who have lost their place in society. We must declare an all-out war on organized crime in our community; a vice that is controlled by policemen who accept bribes and graft must be exposed. We must establish a clinic, whereby one can get aid and cure for drug addiction.

This is absolutely necessary. When a person is a drug addict, he's not the criminal; he's a victim of the criminal. The criminal is the man downtown who brings this drug into the country. Negroes can't bring drugs into this country. You don't have any boats. You don't have any airplanes. You don't have any diplomatic immunity. It is not you who is responsible for bringing in drugs. You're just a little tool that is used by the man downtown. The man that controls the drug traffic sits in city hall or he sits in the state house. Big shots who are respected, who function in high circles—those are the ones who control these things. And you and I will never strike at the root of it until we strike at the man downtown.

We must create meaningful creative, useful activities for those who were led astray down the avenues of vice.

The people of the Afro-American community must be prepared to help each other in all ways possible; we must establish a place where unwed mothers can get help and advice.

We must set up a guardian system that will help our youth who get into trouble. Too many of our children get into trouble accidentally. And once they get into trouble, because they have no one to look out for them, they're put in some of these homes where others who are experienced at getting in trouble are. And immediately it's a bad influence on them and they never have a chance to straighten out their lives. Too many of our children have their entire lives destroyed in this manner. It is up to you and me right now to form the type of organizations wherein we can look out for the needs of all of these young

people who get into trouble, especially those who get into trouble for the first time, so that we can do something

to steer them back on the right path before they go too far astray.

And we must provide constructive activities for our own children. We must set a good example for our children and must teach them to always be ready to accept the responsibilities that are necessary for building good communities and nations. We must teach them that their greatest responsibilities are to themselves, to their families and to their communities.

The Organization of Afro-American Unity believes that the Afro-American community must endeavor to do the major part of all charity work from within the community. Charity, however, does not mean that to which we are legally entitled in the form of government benefits. The Afro-American veteran must be made aware of all the benefits due to him and the procedure for obtaining them.

Many of our people have sacrificed their lives on the battlefield for this country. There are many government benefits that our people don't even know about. Many of them are qualified to receive aid in all forms, but they don't even know it. But we know this, so it is our duty, those of us who know it, to set up a system wherein our people who are not informed of what is coming to them, we inform them, we let them know how they can lay claim to everything that they've got coming to them from this government. And I mean you've got much coming to you. The veterans must be encouraged to go into business together, using GI loans and all other items that we have access to or have available to us.

Afro-Americans must unite and work together. We must take pride in the Afro-American community, for it is our home and it is our power the base of our power.

What we do here in regaining our self-respect, our manhood, our dignity and freedom helps all people everywhere who are also fighting against oppression.

Lastly, concerning culture and the cultural aspect of the Organization of Afro-American Unity. A race of people is like an individual man; until it uses its own talent, takes pride in its own history, expresses its own culture, affirms its own selfhood, it can never fulfill itself.

Our history and our culture were completely destroyed when we were forcibly brought to America in chains. And now it is important for us to know that our history did not begin with slavery. We came from Africa, a great continent, wherein live a proud and varied people, a land which is the new world and was the cradle of civilization. Our culture and our history are as old as man himself and yet we know almost nothing about it.

This is no accident. It is no accident that such a high state of culture existed in Africa and you and I know nothing about it. Why, the man knew that as long as you and I thought we were somebody, he could never treat us like we were nobody. So, he had to invent a system that would strip us of everything about us that we could use to prove we were somebody. And once he had stripped us of all human characteristics—stripped us of our language, stripped us of our history, stripped us of all cultural knowledge, and brought us down to the level of an animal—he then began to treat us like an animal selling us from one plantation to another, selling us from one owner to another, breeding us like you breed cattle.

Why, brothers and sisters, when you wake up and find out what this man here has done to you and me, you won't even wait for somebody to give the word. I'm not saying all of them are bad. There might be some good ones. But we don't have time to look for them. Not nowadays.

We must recapture our heritage and our identity if we are ever to liberate ourselves from the bonds of white supremacy. We must launch a cultural revolution to un-brainwash an entire people.

A cultural revolution. Why, brothers, that's a crazy revolution. When you tell this black man in America who he is, where he came from, what he had when he was there, he'll look around and ask himself "Well what happened to it, who took it away from us and how did they do it?" Why, brothers, you'll have some action just like that. When you let the black man in America know where he once was and what he once had, why, he only needs to look at himself now to realize something criminal was done to him to bring him down to the low condition that he's in today.

Once he realizes what was done, how it was done, where it was done, when it was done, and who did it, that knowledge in itself will usher in your action program. And it will be by any means necessary. A man doesn't know how to act until he realizes what he's acting against. And you don't realize what you're acting against until you realize what they did to you. Too many of you don't know what they did to you, and this is what makes you so quick to want to forget and forgive. No, brothers, when you see what has happened to you, you will never forget, and you'll never forgive. And, as I say, all of them might not be guilty. But most of them are. Most of them are.

Our cultural revolution must be the means of bringing us closer to our African brothers and sisters. It must begin in the community and be based on community participation. Afro-Americans will be free to create only when they can depend on the Afro-American community for support, and Afro-American artists must realize that they depend on the Afro-American community for inspiration.

Our artists—we have artists who are geniuses; they don't have to act the Stepin Fetchit role. But as long as they're looking for white support instead of black support, they've got to act like the old white supporter wants them to. When you and I begin to support the black artists, then the black artists can play that black role. As long as the black artist has to sing and dance to please the white man, he'll be a clown, he'll be clowning, just another clown. But when he can sing and dance to please black men, he sings a different song and he dances a different step. When we get together, we've got a step all our own. We have a step that nobody can do but us, because we have a reason for doing it that nobody can understand but us.

We must work toward the establishment of a cultural center in Harlem, which will include people of all ages and will conduct workshops in all of the arts, such as film, creative writing, painting, theater, music, and the entire spectrum of Afro-American history.

This cultural revolution will be the journey to our rediscovery of ourselves. History is a people's memory, and without a memory man is demoted to the level of the lower animals.

When you have no knowledge of your history, you're just another animal; in fact, you're a Negro; something that's nothing. The only black man on earth who is called a Negro is one who has no knowledge of his history. The only black man on earth who is called a Negro is one who doesn't know where he came from. That's the one in America. They don't call Africans Negroes.

Why, I had a white man tell me the other day, "He's not a Negro." Here the man was black as night, and the white man told me, "He's not a Negro, he's an African. I said, Well listen to him. I knew he wasn't, but I wanted to pull old whitey out, you know. But it shows you that they know this. You are Negro because you don't know who you are, you don't know what you are, you don't know where you are, and you don't know how you got here. But as soon as you wake up and find out the positive answer to all these things, you cease being a Negro. You become somebody.

Armed with the knowledge of our past, we can with confidence charter a course for our future. Culture is an indispensable weapon in the freedom struggle. We must take hold of it and forge the future with the past.

And to quote a passage from *Then We Heard the Thunder* by John Killens, it says: "He was a dedicated patriot: Dignity was his country, Manhood was his government, and Freedom was his land." Old John Killens.

This is our aim. It's rough, we have to smooth it up some. But we're not trying to put something together that's smooth. We don't care how rough it is. We don't care how tough it is. We don't care how backward it may sound. In essence it only means we want one thing. We declare our right on this earth to be a man, to be a human being, to be respected as a human being, to be given the rights of a human being in this society, on this earth, in this day, which we intend to bring into existence by any means necessary.

I'm sorry I took so long. But before we go farther to tell you how you can join this organization, what your duties and responsibilities are, I want to turn you back into the hands of our master of ceremonies, Brother Les Edmonds.

[A collection is taken. Malcolm resumes speaking.]

One of the first steps we are going to become involved in as an

Organization of Afro-American Unity will be to work with every leader and other organization in this country interested in a program designed to bring your and my problem before the United Nations. This is our first point of business. We feel that the problem of the black man in this country is beyond the ability of Uncle Sam to solve it. It's beyond the ability of the United States government to solve it. The government itself isn't capable of even hearing our problem, much less solving it. It's not morally equipped to solve it.

So, we must take it out of the hands of the United States government. And the only way we can do this is by internationalizing it and taking advantage of the United Nations Declaration of Human Rights, the United Nations Charter on Human Rights, and on that ground bring it into the UN before a world body wherein we can indict Uncle Sam for the continued criminal injustices that our people experience in this government.

To do this, we will have to work with many organizations and many people. We've already gotten promises of support from many different organizations in this country and from many different leaders in this country and from many different independent nations in Africa, Asia, and Latin America. So, this is our first objective and all we need is your support. Can we get your support for this project?

For the past four weeks since my return from Africa, several persons from all walks of life in the Afro-American community have been meeting together, pooling knowledge and ideas and suggestions, forming a sort of a brain trust, for the purpose of getting a cross section of thinking, hopes, aspirations, likes and dislikes, to see what kind of organization we could put together that would in some way or other get the grassroots support, and what type of support it would need in order to be independent enough to take the type of action necessary to get results.

No organization that is financed by white support can ever be independent enough to fight the power structure with the type of tactics necessary to get real results. The only way we can fight the power structure, and it's the power structure that we're fighting—we're not even fighting the Southern segregationists, we're fighting a system that is run in Washington, D.C. That's the seat of the system that we're fighting. And in order to fight it, we have to be independent of it. And the only way we can be independent of it is to be independent of all support from the white community. It's a battle that we have to wage ourselves.

Now, if white people want to help, they can help. But they can't join. They can help in the white community, but they can't join. We accept their help. They can form the White Friends of the Organization of Afro-American Unity and work in the white community on white people and change their attitude toward us. They don't ever need to come among us and change our attitude. We've had enough of them working around us trying to change our attitude. That's what got us all messed up.

So, we don't question their sincerity, we don't question their motives, we don't question their integrity. We just encourage them to use it somewhere else—in the white community. If they can use all of this sincerity in the white community to make the white community act better toward us, then we'll say, "Those are good white folks." But they don't have to come around us, smiling at us and showing us all their teeth like white Uncle Toms, to try and make themselves acceptable to us. The White Friends of the Organization of Afro-American Unity let them work in the white community.

The only way that this organization can be independent is if it is financed by you. It must be financed by you. Last week I told you that it would cost a dollar to join it. We sat down and thought about it all week long and said that charging you a dollar to join it would not make it an organization. We have set a membership joining fee, if that's the way you express it, at \$2.00. It costs more than that, I think to join the NAACP.

By the way, you know I attended the NAACP convention Friday in Washington, D.C., which was very enlightening. And I found the people very friendly. They've got the same kind of ideas you have. They act a little different, but they've got the same kind of ideas, because they're catching the same hell we're catching. I didn't find any hostility at that convention at all. In fact, I sat and listened to them go through their business and learned a lot from it. And one of the things I learned is they only charge, I think \$2.50 a year for membership, and that's it. Well this is one of the reasons that they have problems. Because any time you have an organization that costs \$2.50 a year to belong to, it means that that organization has to turn in another direction for funds. And this is what castrates it. Because as soon as the white liberals begin to support it, they tell it what to do and what not to do.

This is why Garvey was able to be more militant. Garvey didn't ask them for help. He asked our people for help. And this is what we're going to do.

We're going to try and follow his books.

So, we're going to have a \$2.00 joining and ask every member to contribute a dollar a week. Now, the NAACP gets \$2.50 a year, that's it. And it can't ever go anywhere like that because it's always got to be putting on some kind of drive for help and will always get its help from the wrong source. And then when they get that help, they'll have to end up condemning all the enemies of their enemy in order to get some more help. No, we condemn our enemies, not the enemies of our enemies. We condemn our enemies.

So, what we are going to ask you to do is, if you want to become a member of the Organization of Afro-American Unity, it will cost you \$2.00. We are going to ask you to pay dues of a dollar a week. We will have an accountant, a bookkeeping system, which will keep the members up-to-date as to what has come in, what has been spent, and for what. Because the secret to success in any kind of business venture—and anything that you do that you mean business, you'd better do in a businesslike way—the secret to your success is keeping good records, good organized records.

Since today will be the first time that we are opening the books for membership, our next meeting will be next Sunday here. And we will then have a membership. And we'll be able to announce at that time the officers of the Organization of Afro-American Unity. I'll tell you the top officer is the chairman, and that's the office I'm holding. I'm taking the responsibility of the chairman, which means I'm responsible for any mistakes that take place; anything that goes wrong, any failures, you can rest them right upon my shoulders. So next week the officers will be announced.

And this week I wanted to tell you the departments in this organization that, when you take out your membership, you can apply to work in. We have the department of education. The department of political action. For all of you who are interested in political action, we will have a department set up by brothers and sisters who are students of political science, whose function it will be to give us a breakdown of the community of New York City. First, how many assemblymen there are and how many of those assemblymen are black how many congressmen there are and how many of those congressmen

are black. In fact, let me just read something really quick and I'll show you why it's so necessary. Just to give you an example.

There are 270,000 eligible voters in the twenty-first senatorial district. The twenty-first senatorial district is broken down into the eleventh, seventh, and thirteenth assembly districts. Each assembly district contains 90,000 eligible voters. In the eleventh assembly district, only 29,000 out of 90,000 eligible voters exercise their voting rights. In the seventh assembly district, only 36,000 out of the 90,000 eligible voters vote. Now, in a white assembly district with 90,000 eligible voters, 65,000 exercise their voting rights, showing you that in the white assembly districts more whites vote than blacks vote in the black assembly districts. There's a reason for this. It is because our people aren't politically aware of what we can get by becoming politically active.

So, what we have to have is a program of political education to show them what they can get if they take political action that's intelligently directed. Less than 25 percent of the eligible voters in Harlem vote in the primary election. Therefore, they have not the right to place the candidate of their choice in office, as only those who were in the primary can run in the general election. The following number of signatures are required to place a candidate to vote in the primaries: for assemblyman it must be 350 signatures; state senator, 750; countywide judgeship, 1,000; borough president, 2,150; mayor, 7,500. People registered with the Republican or Democratic parties do not have to vote with their party.

There are fifty-eight senators in the New York state legislature. Four are from Manhattan; one is black. In the New York state assembly, there are 150 assemblymen. I think three are black; maybe more than that. According to calculation, if the Negro were proportionately represented in the state senate and state assembly, we would have several representatives in the state senate and several in the state assembly. There are 435 members in the United States House of Representatives. According to the census, there are 22 million Afro-Americans in the United States. If they were represented proportionately in this body, there would be 30 to 40 members of our race sitting in that body. How many are there? Five. There are 100 senators in the United States Senate. Hawaii, with a population of only 600,000, has two senators representing it. The black man, with a population of in excess of 20 million, is not represented in the Senate at all. Worse than this, many of the congressmen and representatives in the Congress of the United States come from states where black people are killed if they attempt to exercise the right to vote.

What you and I want to do in this political department is have our brothers and sisters who are experts in the science of politics acquaint our people

in our community with what we should have, and who should be doing it, and how we can go about getting what we should have. This will be their job and we want you to play this role so we can get some action without having to wait on Lyndon B. Johnson, Lyndon B. Texas Johnson.

Also, our economics department. We have an economics department. For any of you who are interested in business or a program that will bring about a situation where the black man in Harlem can gain control over his own economy and develop business expansion for our people in this community so we can create some employment opportunities for our people in this community, we will have this department.

We will also have a speakers bureau because many of our people want to speak, want to be speakers, they want to preach, they want to tell somebody what they know, they want to let off some steam. We will have a department that will train young men and young women how to go forth with our philosophy and our program and project it throughout the country; not only throughout this city but throughout the country.

We will have a youth group. The youth group will be designed to work with youth. Not only will it consist of youth, but it will also consist of adults. But it will be designed to work out a program for the youth in this country, one in which the youth can play an active part.

We also are going to have our own newspaper. You need a newspaper. We believe in the power of the press. A newspaper is not a difficult thing to run. A newspaper is very simple if you have the right motives. In fact, anything is simple if you have the right motives. The Muhammad Speaks newspaper, I and another person started it myself in my basement. And I've never gone past the eighth grade. Those of you who have gone to all these colleges and studied all kinds of journalism, yellow and black journalism, all you have to do is contribute some of your journalistic talent to our newspaper department along with our research department, and we can turn out a newspaper that will feed our people with so much information that we can bring about a real live revolution right here before you know it.

We will also have a cultural department. The task or duty of the cultural department will be to do research into the culture, into the ancient and current culture of our people, the cultural contributions and achievements of our people. And also, all of the entertainment groups that exist on the African continent that can come here and ours who are here that can go there. Set up some kind of cultural program that will really emphasize the dormant talent of black people.

When I was in Ghana I was speaking with, I think his name is Nana Nketsia, I think he's the minister of culture or he's head of the culture institute. I went to his house, he had a—he had a nice, beautiful place; I started to say he had a sharp pad. He had a fine place in Accra. He had gone to Oxford, and one of the things that he said impressed me no end. He said that as an African his concept of freedom is a situation or a condition in which he, as an African, feels completely free to give vent to his own likes and dislikes and thereby develop his own African personality. Not a condition in which he is copying some European cultural pattern or some European cultural standard, but an atmosphere of complete freedom where he has the right, the leeway, to bring out of himself all of that dormant, hidden talent that has been there for so long.

And in that atmosphere, brothers and sisters, you'd be surprised what will come out of the bosom of this black man. I've seen it happen. I've seen black musicians when they'd be jamming at a jam session with white musicians—a whole lot of difference. The white musician can jam if he's got some sheet music in front of him. He can jam on something that he's heard jammed before. If he's heard it, then he can duplicate it, or he can imitate it or he can read it. But that black musician, he picks up his horn and starts blowing some sounds that he never thought of before. He improvises, he creates, it comes from within. It's his soul...it's that soul music. It's the only area on the American scene where the black man has been free to create. And he has mastered it. He has shown that he can come up with something that nobody ever thought of on his horn.

Well likewise he can do the same thing if given intellectual independence. He can come up with a new philosophy. He can come up with a philosophy that nobody has heard of yet. He can invent a society, a social system, an economic system, a political system, that is different from anything that exists or has ever existed anywhere on this earth. He will improvise; he'll bring it from within himself. And this is what you and I want.

You and I want to create an organization that will give us so much power we can sit down and do as we please. Once we can sit down and think as we please, speak as we please, and do as we please, we will show people what pleases us. And what pleases us won't always please them. So, you've got to get some power before you can be yourself. Do you understand that? You've got to get some power before you can be yourself. Once you get power and you be yourself why, you're gone, you've got it and gone. You create a new society and make some heaven right here on this earth.

And we're going to start right here tonight when we open up our membership books into the Organization of Afro-American Unity. I'm going to buy the first memberships myself—one for me, my wife, Atillah, Qubilah, these are my daughters, Ilyasah, and something else I expect to get either this

week or next week. As I told you before, if it's a boy I'm going to name him Lumumba, the greatest black man who ever walked the African continent.

He didn't fear anybody. He had those people so scared they had to kill him. They couldn't buy him, they couldn't frighten him, they couldn't reach him. Why, he told the king of Belgium, "Man, you may let us free, you may have given us our independence, but we can never forget these scars." The greatest speech—you should take that speech and tack it up over your door. This is what Lumumba said: "You aren't giving us anything. Why, can you take back these scars that you put on our bodies? Can you give us back the limbs that you cut off while you were here? No, you should never forget what that man did to you. And you bear the scars of the same kind of colonization and oppression not on your body, but in your brain, in your heart, in your soul right now. So, if it's a boy, Lumumba. If it's a girl

Lumumbah.

We hope that we will be able to give you all the action you need. And more than likely we'll be able to give you more than you want. We just hope that you stay with us. Our meeting will be next Sunday night right here.

We want you to bring all of your friends and we'll be able to go forward.

Up until now, these meetings have been sponsored by the Muslim Mosque,

Incorporated. They've been sponsored and paid for by the Muslim Mosque, Incorporated. Beginning next Sunday, they will be sponsored and paid for by the Organization of Afro-American Unity.

I don't know if I'm right in saying this, but for a period of time, let's you and me not be too hard on other Afro-American leaders. Because you would be surprised how many of them have expressed sympathy and support in our efforts to bring this situation confronting our people before the United Nations. You'd be surprised how many of them, some of the last ones you would expect, they're coming around. So, let's give them a little time to straighten up. If they straighten up, good. They're our brothers and we're responsible for our brothers. But if they don't straighten up, then that's another point.

And one thing that we are going to do, we're going to dispatch a wire, a telegram that is, in the name of the Organization of Afro-American Unity to Martin Luther King in St. Augustine, Florida, and to Jim Forman in Mississippi, worded in essence to tell them that if the federal government doesn't come to their aid, call on us. And we will take the responsibility of slipping some brothers into that area who know what to do by any means necessary.

I can tell you right now that my purpose is not to become involved in a fight with Black Muslims, who are my brothers still. I do everything I can to avoid that because there's no benefit in it. It actually makes our enemy happy. But I do believe that the time has come for you and me to take the responsibility of forming whatever nucleus or defense group is necessary in places like Mississippi.

Why, they shouldn't have to call on the federal government—that's a drag. No, when you and I know that our people are the victims of brutality, and all times the police in those states are the ones who are responsible, then it is incumbent upon you and me, if we are men, if we are to be respected and recognized, it is our duty to do something about it. Johnson knew that when he sent Dulles down there. Johnson has found this out. You don't disappear. How are you going to disappear? Why, this man can find a missing person in China. They send the CIA all the way to China and find somebody. They send the FBI anywhere and find somebody.

But they can't find them whenever the criminal is white, and the victim is black then they can't find them.

Let's don't wait on any more FBI to look for criminals who are shooting and brutalizing our people. Let's you and me find them. And I say that it's easy to do it. One of the best-organized groups of black people in America was the Black Muslims. They've got all the machinery, don't think they haven't; and the experience where they know how to ease out in broad daylight or in dark and do whatever is necessary by any means necessary. They know how to do that. Well I don't blame anybody for being taught how to do that. You're living in a society where you're the constant victim of brutality. You must know how to strike back.

So instead of them and us wasting our shots, I should say our time and energy, on each other, what we need to do is band together and go to Mississippi. That's my closing message to Elijah Muhammad: If he is the leader of the Muslims and the leader of our people, then lead us against our enemies, don't lead us against each other.

I thank you for your patience here tonight, and we want each and every one of you to put your name on the roll of the Organization of Afro-American Unity. The reason we have to rely upon you to let the public know where we are is because the press doesn't help us; they never announce in advance that we're going to have a meeting. So, you have to spread the word over the grapevine. Thank you. Asalaam Alaikum.

The Second OAAU Rally (July 5, 1964) @

Asalaam Alaikum. Brothers and sisters, I think we have a very nice audience here this evening taking into consideration that this is a holiday weekend when normally you and I would be out on the beach rubbing elbows with those other elbows. So, I want to thank those of you who have taken off from the beach and those many other places and taken the time to come out here this evening so that we can try and get a better understanding of what we must do and therefore what we are going to do.

Before starting out—I don't know if anybody is here from the New York

Journal American. Is anybody here from the New York Journal American?

The reason I would like to know, and if anybody comes in from the New York Journal American please let me know, is because last Wednesday they had a headline in here saying that Malcolm X plans to take over, which to me is a deliberately concocted blue-eyed lie.

This person, who professes to be named Martin Arundel, whatever kind of name that is, on the front page of this paper went on to explain how I had named last Sunday Gloria Richardson, Albert Cleage, and Jesse Gray and several others as part of a brain trust responsible for setting up the OAAU. I doubt that any of you who are sitting here heard me mention those names last Sunday. But here's a man who reported it just like he heard it.

And this is one of the reasons why you have such bad racial problems on this earth today. You tell lies about us. And we get to believing that you just might be what we had been told you are. At least all the evidence leads in that direction. So, this particular paper, the New York Journal American, filled its front page on Wednesday with nothing but lies allegedly giving an account of what took place here last Sunday. And I very much doubt that this person was here.

Also, it mentioned that I attacked the civil rights leaders, which I didn't do. I didn't attack anybody but the man who has been brutal to us. And it isn't the civil rights leaders who have been brutal. They've been the victims of brutality. They have been loving you all while you all have been hating them. So, I didn't attack them. I probably questioned their intelligence

in letting you beat them without fighting back. But I don't think that we attacked them. In fact, we sent them a telegram, we sent Martin Luther King a telegram, letting him know that if he needed any help, we'd come on the run. Does that sound like we're attacking civil rights leaders? No, we're telling them that they need some help and we'll help them. But not nonviolently.

You'll excuse me for opening up the meeting on that note, but it is very trying on one's patience to have to listen to white people day in and day out say that we bar them from our meetings, or that we don't like them, or that our attitude is sort of bitter. And then when you let them into your meeting, they prove that you should have kept them out of it in the first place. I guess bad white people put you good ones on the spot, don't they?

On Thursday of this week, or I think it was Friday, there was a great hullabaloo made over the recent passage of the civil rights bill. On the front pages of all the newspapers the day after it was supposedly signed so that it was in effect, they had pictures of little black boys sitting in barbershop chairs letting white barbers cut their hair. And this was hailed as a great victory. Pick up on that.

In 1964, when oppressed people all over this earth are fighting for their place in the sun, the Negro in America is supposed to stand up and cheer because he can sit down and let a white man mess up his head.

At the same time that so much hullabaloo was being made over the passage of the civil rights bill, if you read closely between the lines, a little black boy in Georgia was found hung on a tree. A 1964 June

lynching. Nothing was said in the paper; no hullabaloo was made over that. But here's a little fourteen-year-old black boy in Georgia lynched, and to keep you and me from knowing what was taking place, they showed another picture of a little black boy letting a white man cut his hair.

This is the trickery that you and I are faced with every day in this society.

They on the one hand try and show us how much progress we're making. But if we look through all of that propaganda, we find that our people are still being hung, they're still disappearing, and no one is finding them, or no one is finding their murderers.

And at the same time also that so much hullabaloo was being made over this new civil rights legislation, a bill went into effect known as the no-knock law or stop-and-frisk law, which was an anti-Negro law. They make one law that's outright against Negroes and make it appear that it is for our people, while at the same time they pass another bill that's supposedly designed to give us some kind of equal rights. You know, sooner or later you and I are going to wake up and be fed up, and there's going to be trouble. There's got to be trouble.

While they were making so much hullabaloo again over the passage of these new civil rights bills or legislation, they could not deny the fact that all these new laws are aimed at the south. None of them are aimed at the North. Nothing in this legislation is designed to straighten out the situation that you and I are confronted with here in New York City. There's nothing in the bill that will stop job discrimination in New York, that will stop housing discrimination in New York, that will stop educational discrimination in New York. There's nothing in the bill that will stop the police from exercising police state tactics in New York. There's nothing in the bill that touches on your and my problem here in New York City. Everything in the bill deals with our people in the South. We are interested in our people in the South. But we have to question whether or not this bill, these laws, will help our people in the South when ten years ago the Supreme Court came up with a law called the desegregated school law, or something to that effect, which hasn't been enforced yet.

And you and I would be children, we would be boys, we would be mental midgets, if we let the white man even make us think that some new laws were going to be enforced in Mississippi, Alabama, Georgia, and Texas while the Supreme Court law has not yet been enforced in New York City. You'd be out of your mind to even look happy. And you'd be way out of your mind to make them think that you're happy. No, when you and I know that these political tricks are being pulled, if you and I don't let it be known that we know it, why, they'll keep on with their skullduggery and their trickery, and they will think that the problem is being solved when actually they're only compounding it and making it worse. If they can't enforce laws that are laid down by the Supreme Court, which is the land's highest court, do you think that they can enforce some new laws in Mississippi, Alabama, and Georgia? And if they can't enforce these new laws, then why do they pretend? Why come up with the bill? What is all this hullabaloo for? It's nothing but twentieth-century trickery, some more of the same old legislative trickery that you and I and our mothers and fathers have been handed for the past fifty, sixty, or one hundred years.

Prior to one hundred years ago, they didn't need tricks. They had chains. And they needed the chains because you and I hadn't yet been brainwashed thoroughly enough to submit to their brutal acts of violence submissively. Prior to a hundred years ago, you had men like Nat Turner, that Brother Benjamin was talking about, and others, Toussaint L'Ouverture. None of them would submit to slavery. They'd fight back by any means necessary. And it was only after the spirit of the black man was completely broken and his desire to be a man was completely destroyed, then they had to use different tricks. They just took the physical chains from his ankles and put them on his mind. And from then on, the type of slavery that you and I have been experiencing, we've been kept in it, year in and year out, by a change of tricks. Never do they change our condition or the slavery. They only change the tricks.

This is done from the White House right on down to the plantation boss in Alabama and Mississippi. Right on down from the White House you are tricked, right on down to the plantation boss in Mississippi

and Alabama. There is no difference between the plantation boss in Mississippi and the plantation boss in Washington, D.C. Both of them are plantation bosses. What you experience in this country is one huge plantation system, the only difference now being that the President is the plantation boss.

And he's got a whole lot of well-known celebrity-style Negroes to act as overseers, to keep us in check. When we begin to get too bad, they jump in and say, now, let's be responsible, or let's be intelligent, or let's don't go too fast, let's slow down. But it's still a slave system. It's only brought about in a more modern way, a more up-to-date form of slavery.

Proof of which, of the people who just got off the boat yesterday in this country, from the various so-called Iron Curtain countries, which are supposedly an enemy to this country, and no civil rights legislation is needed to bring them into the mainstream of the American way of life, then you and I should just stop and ask ourselves, why is it needed for us? They're actually slapping you and me in the face when they pass a civil rights bill. It's not an honor; it's a slap in the face. They're telling you that you don't have it, and at the same time they're telling you that they have to legislate before you can get it. Which in essence means they're telling you that since you don't have it and yet you're born here, there must be something about you that makes you different from everybody else who's born here; something about you that actually, though you have the right of birth in this land, you're still not qualified under their particular system to be recognized as a citizen.

Yet the Germans, that they used to fight just a few years ago, can come here and get what you can't get. The Russians, whom they're supposedly fighting right now, can come here and get what you can't get without legislation; don't need legislation. The Polish don't need legislation. Nobody needs it but you. Why? —you should stop and ask yourself why. And when you find out why, then you'll change the direction you've been going in, and you'll change also the methods that you've been using trying to get in that direction.

We've got to seek some new methods, a reappraisal of the situation, some new methods for attacking it or solving it, and a new direction, and new allies. We need allies who are going to help us achieve a victory, not allies who are going to tell us to be nonviolent. If a white man wants to be your ally, what does he think of John Brown? You know what John Brown did? He went to war. He was a white man who went to war against white people to help free slaves. He wasn't nonviolent. White people call John Brown a nut. Go read the history, go read what all of them say about John Brown. They're trying to make it look like he was a nut, a fanatic. They made a movie on it, I saw a movie on the screen one night. Why, I would be afraid to get near John Brown if I go by what other white folks say about him.

But they depict him in this image because he was willing to shed blood to free the slaves. And any white man who is ready and willing to shed blood for your freedom—in the sight of other whites, he's nuts. As long as he wants to come up with some nonviolent action, they go for that, if he's liberal, a nonviolent liberal, a love-everybody liberal. But when it comes time for making the same kind of contribution for your and my freedom that was necessary for them to make for their own freedom, they back out of the situation. So, when you want to know good white folks in history where black people are concerned, go read the history of John Brown. That was what I call a white liberal. But those other kinds, they are questionable.

So, if we need white allies in this country, we don't need those kinds who compromise. We don't need those kinds who encourage us to be polite, responsible, you know. We don't need those kinds who give us that kind of advice. We don't need those kinds who tell us how to be patient. No, if we want some white allies, we need the kind that John Brown was, or we don't need you. And the only way to get those kinds is to turn in a new direction.

Now this may anger some of you who've been involved in protests and demonstrations and other things. Maybe you don't realize it, but I think most of us here do. The days of demonstrations of protest are over. They're outdated. All that does is put you in jail. You've got to pay money to get out. And you still haven't solved the problem. Go and find out how much money has been paid by demonstrators for

court, for legal fees, bail bonds, during the past five or six years. And then find out what has been gained from it and you'll see that we're in the red. We're broke.

Plus, a protest demonstration is an act that is a reaction to what someone else has done. And as long as you're involved in it, you're in someone else's bag. You're reacting to what they've done. And all they have to do to keep you on their string is keep situations developing to keep you reacting, to keep you so busy you never have a chance to sit down and figure out a constructive program of your own that will enable you and me to make the progress that is our due.

An example. A demonstration is all right if it's going to get results. Oh, yes. But a demonstration just to demonstrate is a waste of time. If someone touches one of us and we want to go where the guilty person is, we all go together. But we don't go just to walk around the block with a sign. No, we go to get the one who harmed us—that's a demonstration, that's what's known as positive action. You don't go and march around someone to let him know you don't like what he did. Why, you can stay home and let him know you don't like what he did. If he's got any sense, he knows that you shouldn't like what he did. No, that stuff is outdated.

The kind of a demonstration you and I want, and need is one that gets positive results. Not a one-day demonstration, but a demonstration until the end, the end of whatever we're demonstrating against. That's a demonstration. Don't say that you don't like what I did and you're going to come out and walk in front of my house for an hour. No, you're wasting your time. I'll sit down and go to sleep until your hour is up. If we're going to demonstrate, it should be a demonstration based upon no-holds-barred. I know, the sooner the better. But, then again, not the sooner the better. Because whenever black people are independent enough to come up with the type of demonstration that is necessary to get results, there's going to be bloodshed. Because in a real demonstration, the white man's going to resist—yes, he is. So, if you're not for some all-out action, you shouldn't get involved in any kind of action. This is all I'm saying. If whatever you are demonstrating for isn't worth dying for, don't demonstrate. Your demonstration is in vain.

And when I say whenever it isn't worth dying for, I don't mean one-way dying. Dying must be reciprocal, mutual; some dying on both sides. If it's not worth that, stay home.

Please just try and understand. Anything that involves a large number of people can always get out of hand, which means it can always bring death to you. Any kind of demonstration that you're in can bring death to you, especially when you're in a society that believes in brutality. So, when you get involved in a large demonstration, you can die. But you should not be willing to die alone. So, if you should not be willing to die alone, it also involves taking the lives of others. And if it is not worth your taking the lives of others, then don't demonstrate. This is what you must understand. Any cause that can cost you your life must be the type of cause in which you yourself are willing to take life.

If it can cost you your life and you aren't willing to take life, do you realize what you are doing to yourself? Why, you're walking into a lion's den with your hands tied? If it is not worth dying for, get out of it. If it can cost you your life and, at the same time, you aren't psychologically prepared to take life, stay out of it. Get out of it. All you'll do is get in the way. You'll make someone have to do something unnecessarily. You'll go and get yourself killed, and your brother will have to go and take the head that took your head. And your head isn't even worth it.

So, all of these off-the-wall, excuse the expression, activities that we've been maneuvered into during the past ten years—we don't want that. The Organization of Afro-American Unity was formed by brothers and sisters, black, brown, red, and yellow, from the Afro-American community for the purpose of trying to devise some kind of positive program that would enable us to take positive steps toward getting some positive results. And one of the first aims of this organization is to internationalize your and my problem.

Even in these demonstrations that brought about token integration, the only reason he gave up some tokens was because the world was watching him. He didn't do it because your protest changed him. This is what you've got to understand. Why, you can protest against this man all day long. It's no change of heart that makes him back up. He looks across the water and sees the world looking at him. And he changes only to the degree that you have reached world opinion. If you have changed world opinion, he changes. But you don't change his opinion. No. And if you don't understand that, then you need to crawl back in the cotton patch. Because that's where you belong. You don't belong out here on the world stage.

And if it took world pressure to bring us the gains, whatever gains we've made, then what should we do today? Continue to look to Washington, D.C.? No, look to the world. Bring the attention of the world on our problem. Bring the support of the world to bear on our side against Uncle Sam. Don't treat Uncle Sam like he's a friend. If he's a friend, we wouldn't be in this shape. If he was your friend, you wouldn't be a second-class citizen. If he was your friend, then a little black child wouldn't have been hung on a tree in Georgia the other day. If he was your friend, you wouldn't have a segregated school system in New York City. No, you have got no friends in Washington, D.C. You've only got friends when you get outside the confines of North America. You've got friends in Africa, friends in Asia, friends in Latin America.

So, we have to take our problem to our friends, or put our problem at a level where our friends can help us or in a forum where our friends have some say-so. Since our friends abroad, our brothers, have no say-so in America's domestic affairs, we have to take our problem out of America's domestic jurisdiction and place it in a forum where our friends and our brothers have some say-so. In this we will be showing some intelligence because it will show that we are at least able to distinguish between friend and foe. Right now, we haven't always reflected this ability. We've gone to our enemy looking for friendship and we ran from our friends. They've put us on the racetrack.

We have to make the world see that the problem that we're confronted with is a problem for humanity. It's not a Negro problem; it's not an American problem. You and I have to make it a world problem, make the world aware that there'll be no peace on this earth as long as our human rights are being violated in America. Then the world will have to step in and try and see that our human rights are respected and recognized. We have to create a situation that will explode this world sky-high unless we are heard from when we ask for some kind of recognition and respect as human beings. This is all we want—to be a human being. If we can't be recognized and respected as a human being, we have to create a situation where no human being will enjoy life, liberty, and the pursuit of happiness.

If you're not for that, you're not for freedom. It means you don't even want to be a human being. You don't want to pay the price that is necessary. And you shouldn't even be allowed around us other humans if you don't want to pay the price. You should be kept in the cotton patch where you're not a human being. You're an animal that belongs in the cotton patch like a horse and a cow, or a chicken or a possum, if you're not ready to pay the price that is necessary to be paid for recognition and respect as a human being.

Brothers, the price is death, really. The price to make others respect your human rights is death. You have to be ready to die or you have to be ready to take the lives of others. This is what old Patrick Henry meant when he said liberty or death. Life, liberty, the pursuit of happiness, or kill me. Treat me like a man or kill me. This is what you have to say. Respect me or put me to death. But when you start to put me to death, we're both going to die together. You have to say that.

This is not violence. This is intelligence. As soon as you start even thinking like that, they say you're advocating violence. No, you're advocating intelligence. Didn't you hear Lyndon B. Johnson last week when he said that they'll go to war in a minute to protect their life, liberty, and pursuit of happiness? Did they say LBJ was violent? No, they said he was a good president. Well, let's you and I be good presidents.

It's time for you and me now to let the world know how peaceful we are, how well-meaning we are, how law-abiding we wish to be. But at the same time, we have to let the same world know we'll blow their world sky-high if we're not respected and recognized and treated the same as other human beings are treated. If you won't tell them that, you need to just get off the planet. You shouldn't even be around in the company of people. No, in fact, you should be too ashamed to be seen out in public because you're not a man, you're less than a man, subhuman.

One of the first steps toward our being able to do this is to internationalize our problem. Let the world know that our problem is their problem, it's a problem for humanity. And the first form in which this can be done is the United Nations. One of the first acts of business of the Organization of Afro-American Unity is to organize the type of program that is necessary to take your and my case into the United Nations. Not only into the United Nations, but also, we need to take it before every international body that sits on this earth. The Organization of African Unity, which consists of thirty-three independent African heads of state, will meet in Cairo on July 17. We should be there letting them know that we're catching hell in America.

If the Organization of African Unity is set up and composed of the independent heads of state from the African continent, and you and I are from Africa, have African blood in our veins, and we've heard them say that Africa is not free until all Africans are free—we're Africans too, and we want them to be just as concerned at the governmental level with our problem as they are with the problems of our people in South Africa and Angola. And we should let them know about it.

Our problem should be placed before the Organization of American States, the OAS. If they are going to listen to the troubles that Cuba creates, if they are going to take the trouble that Haiti presents to the Western Hemisphere before the OAS, if they take the Panamanian situation before the OAS, or if they have trouble in Santo Domingo and it goes before the OAS, you tell me by what right the plight of 22 million of our people here cannot be brought before the OAS. It should be brought before the OAS.

Very quickly, we'll leave the international situation alone for a moment and come to the local situation. If the Organization of Afro-American Unity feels that the problem of black people in this country is worthy of being brought before the world court in order to bring about world opinion on our side, is that all we have in mind? No. When you're in the ring fighting a man, you've got to fight him with long jabs and short uppercuts. You've got to be slapping him while you're dodging and dodging while you're slapping him. You have to have a long-range and a short-range goal. President Nkrumah was most right when he said, "Seek ye first the political kingdom, and all other things shall be added unto it." This is good and true. Politics is power, the science of how to govern.

The only real power that is respected in this society is political power and economic power. Nothing else. There's no such thing as a moral force that this government recognizes. Why, you're in a dream world. They don't know what a moral force is. You read more about moral corruption in Washington, D.C. than anything else. Don't talk about what happened in Britain with Christine Keeler. What's happening in Washington, D.C.? Things that can't even be talked about. The only thing in Britain is they bring it out in the open. The corrupters in Washington are so powerful they can keep it from coming out in the open because they've got something on everybody. Everybody is in on it.

The only type of power that this government recognizes is political power and economic power. These are the only two kinds. In the past, our leaders have shown their lack of insight by not realizing that this segregated school system was producing children with an inferior education so that after they would graduate, they still weren't qualified to participate or compete.

What have we wasted our time doing? Protesting. To whom? Donovan. Who else? Gross. Why? Because we didn't know any better. Does Donovan hire himself? No. Does Gross hire himself? No. Who hires both of them? The mayor. We've been protesting against the puppet. Well, if you want to protest you got to go against the puppeteer. You have to strike at Wagner. How can you say Wagner is a good man

and the two men he appointed are bad men? Wagner isn't carrying out their program. They're carrying out his program.

And the only way you can strike at him, you have to have political power. How do we get political power? We have to organize the people of Harlem in a door-by-door campaign, I mean door by door, house by house, people by people, person by person, and you have to make them feel so ashamed that they're not registered they won't even come out of the house. We have to create an atmosphere in Harlem—and when I say Harlem, the greater New York area—in which every black man in the greater New York area

will feel like he's a traitor if he's not a registered voter. His ballot will be like a bullet.

One or the other, we're at a time in history now where we want freedom, and only two things bring you freedom—the ballot or the bullet. Only two things. Well, if you and I don't use the ballot and get it, we're going to be forced to use the bullet. And if you don't want to use the ballot, I know you don't want to use the bullet. So, let us try the ballot. And if the ballot doesn't work, we'll try something else. But let us try the ballot. And the only way we can try the ballot is to organize and put on a campaign that will create a new climate.

The Organization of Afro-American Unity is planning a campaign that

will enable us within a matter of weeks to map out the city and touch every person in it who looks like us. There's only one thing we want them to do: register. That's all. We'll make it easy for them. Not register as a Democrat or a Republican, but as an independent. Don't sell your soul. If you're registered as a Democrat or a Republican, you've sold your soul.

An example. One of the worst things that anyone could have done was done by a well-known Negro leader, so-called—oh, I guess he's a Negro leader—when he condemned Goldwater. Tell you why. If he's already condemned Goldwater, what does Johnson have to do for you now? Nothing. Don't let the man know what you're against or who you're against. It's tactical suicide, tactical suicide, to let Lyndon B. Johnson know this far in advance that you don't go for the man he's running against.

Why, he doesn't have to promise you anything. He's already got you, dumb you, in his pocket. He needs to offer nothing. Well, as long as you and I follow that kind of birdbrain leadership, we never will have any political heaven. We'll have political hell. I'm not saying that to criticize any personality, but it must be said. Before you and I commit ourselves in any kind of campaign, make sure that it's going to help the whole, or don't say anything at all

This doesn't mean that I'm for the man. But I never let this man know that I'm against that man until I find out what this man is putting down. Do you understand? Don't let one think that he's got you in his pocket. Let him know that he doesn't know which way you're going until he produces something that is worthy of your support. Do you understand?

The no-knock law, the stop-and-frisk—we can go picket the police station.

What good will it do? The police didn't pass the law. They're just out here. Who passed the law? The legislators. How do you protest against the legislators? With the ballot. So, what the Negro leader has had you and me doing is going in the wrong direction. Don't protest against the puppet. Go work on the puppeteer. Go get the director of the show and take him off the scene, and then you can change the cast, or you can change the script.

The City Council right now is considering a law that's designed to make it illegal for you to walk with a rifle or have a rifle. Why just now? As long as it's been legal to own a rifle, why all of a sudden does the great white father want to pass a law-making rifle-carrying illegal? Because of you; he's afraid of you getting rifles. Every law that they pass is aimed at you. Every legislator who walks inside the

place where they make these laws, they think about you. They argue all night long on other laws. But when it comes to passing a law designed to keep you and me in the corral, they can pass it just like that.

So, if you want to protest the no-knock law, you need the ballot. If you want to protest what the City Council is doing, you need the ballot. If you want to protest the segregated school system and change it, you need the ballot. Anything you can think of that you want to change right now, the only way you can change it is with a ballot or a bullet. And if you're not ready to get involved with either one of those, you are satisfied with the status quo. That means we'll have to change you.

There are 915,743 of our people in the state of Mississippi. That's almost a million. In 125 counties of Mississippi, they're in the majority. Ninety other counties, they constitute more than 40 percent of the population. Any time you have that number of black people who are of that numerical majority in that many counties, if they were given the vote, Eastland wouldn't be representing them. They'd be representing themselves. The state of Mississippi would be in the hands of the black man. And it must be in his hands—by the ballot or the bullet. It must be one or the other.

This is why the campaign that they have in Mississippi for voter registration is a good campaign. They're not trying to integrate, they're trying to get our people registered to vote, which is good, because it puts them in a position to strike right at the base of all of their misery. If our people down there are risking their lives so that they can register and be in a position to vote or have some say-so in their own destiny, what do you and I look like in New York City, with the registration booth only a few blocks away, and we haven't been in it?

And I say, brothers, you're talking to a man who's guilty of all of this. I've never tried to take part in anything political. Couldn't see it. For one thing, I was in a religious organization that was talking about something coming by-and-by. And any time you start thinking about something by-and-by, you can't take hold of anything now-and-now or here-and-here. A lot of the critics, civil rights persons, used to criticize us, especially me, for not being active in politics. They should be glad, because so many of them were shamming and jiving—excuse the expression, but that's what they were doing. When we get involved, we're involved for keeps.

We'll take a man and try and get all the people to back him. But then if he sells us out, we'll put him in the Hudson River. In the Hudson River, yes. We'll back him, we'll support him, but he has to represent us, not the man downtown. As soon as you back a man, you put him in office, you put him in a position to get you and me something, and then he starts dilly-dallying and compromising and looking out for himself, why, the very law of nature demands that that person be removed by any means necessary.

Since our people are making such a sacrifice to become registered voters in Mississippi, it's a sin for you and me not to be registered so we can vote in New York City and in New York State, or throughout the North. Here in this state they have forty-one congressmen. Nineteen of these forty-one congressmen from this state are from New York City. New York City is so big that almost half of all of the legislators that leave this state and go to Washington, D.C., come from New York City. They say that the size of New York City is around 8 million people. And they say there's about a million and a half black people. When they say there's a million and a half, that means there's 3 million, because they never let you and me know how many there really are.

Out of the forty-one congressmen from this state, and the nineteen from

New York City, only one is black. Think of it. Only one congressman, Adam Powell, out of all these black people, and you and I are saying hurray, hurray, hurray, we've got one. Why, brothers, we haven't got anything near what we're supposed to have. We become satisfied too quickly. We have to find out what enabled the people here in Manhattan to send a black man to Congress. Then let us see if the same situation exists in the Bronx and get a black man from the Bronx to go to Congress. And find out if the same situation that produced them exists in Brooklyn and get one from Brooklyn. Why, you're like a

nut voting for someone to represent you in a legislative body who doesn't even look like you. Let us find out who is the congressman in every area where we live and then find out if he's serving us or if he's serving someone else. If he's serving us, let him stay there. And if he's not serving us, let us get rid of him.

Adam Powell is the only black politician in this country who is

independent of the white political machine. This doesn't mean that he takes advantage of his position always for our good. And it doesn't mean by me saying this that I'm criticizing him. I'm not. I would never criticize him for the joy of white folks. They just go crazy when they hear you knock at Adam. If I thought he was wrong I wouldn't say so, I wouldn't give them that pleasure. In fact, I'd go for him as long as they don't go for him.

But the point that I'm trying to make is this, that he is independent of the political machine. Why? Because the people support him. Well, the people then should make him aware that they are aware that he wouldn't be there if it wasn't for them. And therefore, the maximum mileage should be gotten from his position, maximum mileage. Because he's the only black politician in this country who's independent of the white political machine. And the only reason he's independent is because you support him. Most of these others—they have to rely on the machine in order to get in office.

But once we find that we have a man that can buck the machine and still go to Washington, then we should let that man know that the only reason he's bucking it is because we're behind him. And if we're behind him, that means we're watching him, and we want results.

There are two senators from this state. Neither one of them are black. Both of them pretend to be pro-black, but as politicians they don't dare to pretend to be anything else.

There are fifty-eight state senators. Out of those fifty-eight state senators, twenty-five come from New York City. And only two of them are black. Think of this. Twenty-five state senators from New York City and only two of them represent us.

There are 150 state assemblymen. Sixty-five of that 150 are from New York City. And out of that sixty-five, only four are black. Out of sixty-five, we have four. The state assembly is the one that passes the anti-Negro law, no-knock, stop-and-frisk. The state assembly, that's where it's passed. You don't protest at the police precinct. No, the law itself is opening the door for the cop to be a brute or to be a Gestapo-type policeman. But the man who makes this law is the one that goes up to Albany. You can keep him from going to Albany if you are a registered voter.

Once you get the ballot, you know what this means? You don't have to get out in the street anymore and risk your health and your life and your limb demonstrating. All you have to do is organize that political power and direct it against anyone who's against you or direct it behind anyone who is for you. And in this way, you and I will find that we're always taking constructive, positive action and getting some kind of result.

City councilmen, there are thirty-five city councilmen in New York City. Do you know out of thirty-five city councilmen, there's only one black one, and he's a councilman-at-large, J. Raymond Jones? And many of our people don't even know who the black councilman is. How would you expect to change our miserable situation when we have a council that the black man can't even get into? He's not even represented there. We're not represented in the city government in proportion to our number. We're not represented in the state government in proportion to our number. And we aren't represented in the federal government in proportion to our number.

So, the only way we can get them to change their laws is by becoming involved with the ballot. If the ballot won't do it, I here's no other alternative but the bullet. I say there's no other alternative but the bullet. As old Patrick Henry said—I always like to quote Pat because when I was going to their school,

they taught me to believe in it. They said he was a patriot. And he's the only one I quote. I don't know what any of the rest of them said. But I know what Pat said: Liberty or death. That means the ballot or the bullet. That's what it means in Harlesemese, in Harlem talk.

Again, some facts and figures on Harlem that will only take a minute. The total black population based on the 1960 census is 336,364 right here in Harlem. In central Harlem between 110th Street and 155th Street, there are supposedly 193,800 of our people. How do they know? That's how many they counted. I've never been counted. Most of you have never been counted. How many of you have been at home when the man came and said I'm a census taker? I want to see. Look how many of you have your hand up. I know you haven't been counted.

Well, how does the man know how many of us there are? He doesn't know. He guesses, brothers. And he tells you what he wants you to believe. Whenever you hear this man tell you that there's 300,000, there's a million. He won't let you know how large you are or how many of you there are. And I have never met anybody yet that's been counted. Every once in a while, he runs through the neighborhood and says yes, there's so many and so many. He says that there are approximately 250,000 or more people eligible to register to vote. Approximately 125,000 are registered. Only 59,000 in the last Congressional election. Less than 15,000 voted in the Democratic primary election.

This shows you that most of our people don't involve themselves in politics at all. And if they did become involved and had a say-so in their destiny, everything would be a great deal different.

Another quick fact. It says that there are more than 10,000 people unemployed in central Harlem and there is not one employment office to accommodate them. Listen to this. The area of highest unemployment in the city is Harlem. There's not one employment office in Harlem. There are employment agencies. But there's a difference between an agency and an employment office. An agency sells you a job. If they get you a job, you've got to give them four months' pay. You work for them. That's slavery, brothers. Why isn't there an employment office in Harlem if Harlem has the highest rate of unemployment? Can you see the conspiracy?

What the man does is, he sends you to the agency; you pay for your job, which means that if he gives you the job you've got to give him a cut for two months. As soon as your two months' work is up, the man fires you. This is a game, it's a conspiracy, between the employer and the employment agency. How many of you know that this is not true? This is true. They sell you a job. Then after they sell you a job, they fire you and sell that same job to somebody else. Why, brothers, it's time for you and me to go on the warpath behind what's coming down.

No, I say that this is bad. Women constitute 48 percent of the work force in Harlem, 48 percent of the work force. Women, your and my women. The man won't give us a job, he gives them a job washing his dishes and his little snotty-nosed blue-eyed babies. We go and take care of them.

Concerning the income in Harlem. The average family income in Harlem is only \$3,723 per year. And it says here that the mayor's committee estimated that it takes \$6,000 per family to survive. Not to live in ease, to survive. Look, if the mayor sets up a committee and that committee does some research and comes up with the scientific finding that it takes \$6,000 for the average family to survive, and then they say that you only average a little over \$3,700, brothers, you're not surviving— you're in bad shape. Approximately 15,000 in central Harlem receive some sort of public assistance. That means welfare. There are 3,898 retail stores, all owned by whites, practically. They do an annual gross sale of \$345,871,000 per year in this area. Meaning his businesses do this much gross sales in the neighborhood. Then he gives \$10 back to the NAACP and \$10 to CORE and tells you what a good man he is, he's your fiend. Why, we need to wake up?

One hundred and sixty-eight liquor stores do an annual gross sale of \$34,368,000. And this doesn't include bars and taverns. Did you hear what I said? The liquor store where you go and buy it by the bottle, not the nightclub or the bar or the tavern, but just the liquor store alone sells you \$34,368,000

worth of whiskey a year. Why, you should be ashamed of your drunk self. Do you know that there are governments in Africa whose annual budget to run their entire country for the year isn't as much as you spend in central Harlem for whiskey? And you wonder why you're catching so much hell. Why, the money you spend for whiskey will run a government.

So, we have to do something about this. And we intend to do it with the Organization of Afro-American Unity. And before we go a step farther— and we didn't intend to go this late tonight—we want to stop right now just before our question period and give Brother Benjamin here a chance to get on with our collection period. The reason we always have a collection period is that our public collection foots all of our expenses toward putting on these rallies.

[Collection is taken.]

* * *

[Question: about John Brown]

Malcolm X: Brother, yes, I understand what you're saying, I think. There's an old African proverb which I find most enlightening, which says that the enemy of my enemy is my friend. The enemy of my enemy is my friend. As long as there's a lion coming after me, if I'm throwing stones at it and you're throwing chickens at it and someone else is throwing something else at it, as long as everybody else throws something at it, as far as I'm concerned, they're all right with me, at least at this time. And if things change, then things will change. If the situation changes, everything changes. But as long as they're throwing something at the lion, we say good. This doesn't mean that you always trust your allies. But as long as they want to ally themselves against the same one that you're fighting against, watch them and let them go ahead and fight against it. Yes, sir?

Question: Are there any fallout shelters in Harlem?

Malcolm X: Brother, if anything ever happens where you need a fallout shelter, a fallout shelter won't do you any good. When things get that bad, a fallout shelter won't do you any good. When things get that bad, forget it. And they are heading in that direction. Yes, sir?

Question: Brother teacher, must we utilize John Brown as a friend of the black man?

Malcolm X: No, I don't say he was a friend of the black man. I use it to give you an example of how to test the white man who says he's your friend. Let him go down with some action similar to John Brown's. If he's willing to die for you and all of that, then let him go ahead and do it.

Question: (about other whites who had been friendly to the Negro)

Malcolm X: You said they were friendly, but you didn't say they were friends. There's a difference.

Question: Well, they didn't give their life, but they did great things to help.

Malcolm X: Whatever good they did, good. But we don't have to blow the bugle for any of them. We don't have to blow the bugle. Look, I've got an example. Some of them have died right now in Mississippi to try and change the situation. We still don't need to blow the bugle because the situation is there. We don't blow any bugles until the war's over. All the dying that they do is for naught if the situation remains the same. Some of us get so happy at an opportunity to find good white folks. Whatever good they do, good. If you want to use it as an example, good. But don't blow the bugle over it. And any time you find white people who help you just so you can say you're a good white man, no. Yes, ma'am?

Question: Where can you join the bullet campaign?

Malcolm X: Just join the Organization of Afro-American Unity. If you're interested in action, the Organization of Afro-American Unity has departments for any kind of action you want. If you want ballot action, we have that political department. If you want business action, we have a department that you can get involved in that will enable you to show us how to develop businesses and solve some of our economic problems. If you're interested in the cultural department, we have that. If you're interested in other departments, we also have them. Some of them we don't list publicly.

But I might point out you would be very surprised and encouraged to know how many of our people there who are are ready and willing to become involved actively in any kind of physical campaign designed to bring about an end to the Klan and these other racists who have been brutalizing our people. You have black people, we've had over 400 of them who have telephoned just within the past week to find out when you're going, saying count me in. Yes, sir?

Question: (says there is also a Negro city councilman from Brooklyn)

Malcolm X: Very good, brother. I'm sorry they didn't give me that information. So that means there are two out of twenty-five. And they're so quiet we never even heard their names. Why, don't you know when a black man goes downtown and represents us, he's supposed to be like Powell? Powell's the loudest thing in this country. That's why they don't like him. They don't dislike him because he goes to Europe, because they go to Europe. All that other stuff that they say about him, they're not against him because of that. They're against him because he's loud.

And in the history of this country polite black people have never been successful in bringing about any kind of advantages for black people. You have to walk in with a hand grenade and tell the man, listen, you give us what we've got coming or nobody is going to get anything. Then he might listen to you. But if you go in there polite and acting responsible and sane, why, you're wasting your time, you have to be insane. Yes, brother?

Question: Brother Malcolm, do you think it's wise that we should make it publicly known that possibly guerrillas are going to Mississippi or other places so the white man can be prepared?

Malcolm X: He's already prepared, brother. He's already prepared.

Sometimes it is good. If the United States government doesn't want you and me going into Mississippi organizing our people into the type of units that will enable them to retaliate against the Ku Klux Klan and create a very nasty situation in this country for the whole world to see, then the government should occupy the state of Mississippi.

Question: Well, don't you think the element of surprise would be better able to get the same thing done?

Malcolm X: Before the Chinese came across the Yalu during the Korean war, they told Uncle Sam, don't come another step, or else we're going to do such and such a thing. They were so confident in their ability to take on anything Sam had, they said don't come another step or we're going to do thus and so. Brother let me tell you about a Klansman. He's a coward. He can be thoroughly organized and if you go like that [stamps his foot], he'll cut out. That's why they're hiding beneath those sheets. You never read where a Klansman does anything, you read where the mob does so and so. Because they're cowards.

Any time you get black people to take a stand against those sheeted so called knights, you'll get rid of them overnight. And I for one would announce yes, we are doing it, and get some black people and go on down there. And I don't think we'd be the loser, no. In fact, I know we wouldn't. We've got black people in Mississippi right now who are already ready. They are already ready, they are sitting there waiting. The white man is finding out they've authorized it a long time ago. They're waiting for someone to let them know that it's all right. See, the preacher has been telling them that it's not all right. And once you make it known that it's all right to fight to defend yourself, that it's your right, that you are

justified in returning bullet for bullet with a racist organization like the Klan. Let them know it, you won't even have to go down there. There's enough of them there to do it themselves. But you want to be in on the action. I'm telling you, Harlem is full of our people who want to go down there. Some of them come from down there. Yes, sir?

Question: Brother Malcolm, I was reading the Amsterdam News on the way to this meeting. And they have an article in there that says Malcolm X offers his assistance to CORE and these other supposedly nonviolent organizations. In this article they said they were considering your offer, but they hadn't made any comment about it. I'd like for you to read the article.

Malcolm X: We don't have time to read the whole article. We're glad you gave the Amsterdam News a plug. And tell them that you gave them a plug, so they'll mention in their next week's edition that we're going to have a rally next Sunday. We sent a telegram to the Student Nonviolent Committee in Mississippi, telling them that if the federal government won't protect the lives and the property of our people that we would send some brothers down there who knew how to organize our people into self-defense units that would show our people how to speak the only language that the Klan understands. And the only language they understand is the language of force. I'm telling you: anytime you lay a few Klansmen out, dead, the government will step in.

Now, am I supposed to be charged with advocating violence? Let me show you what a rotten system this is. They'll walk out of here and say I'm advocating violence. They won't say that the Klan is practicing violence, they won't say that the White Citizens Council is practicing violence, they won't say that the United States government is condoning violence. All they'll do is walk out and say we are advocating violence. You're living in a rotten system. No, we should declare open season on Klansmen, open season. Let it be known. Yes, ma'am.

Question: How can you register as an independent when there's no independent party?

Malcolm X: A person can register as an independent voter and then vote any way they want. No, I'm not speaking of an independent party. I'm speaking of a person registering as an independent voter, meaning that you're not committed to any party.

Question: What can the people who are already registered Democrat or Republican do? You talk about those who should register. But what about those who are registered as Democrats or Republicans?

Malcolm X: You have no problem. You can easily become an independent registered voter. If you were a Democrat, you could become a Republican, couldn't you? If you were a Republican, you could change your party affiliation to Democrat.

Question: But if I am registered as a Democrat, what should I do?

Malcolm X: Get with the rest of the independent voters. All I'm trying to show you is that we need a collective body of registered voters who are not committed to any party and not committed to any man until we find out what we're going to achieve from that commitment, some positive results from that commitment.

Question: But how can you un-commit yourself?

Malcolm X: If you're already committed? We'll look into it and let you know next week. And that's one of the reasons why we have a political committee, which we feel will have the type of political know-how to steer us around any problem that we're confronted by. It's best to be uncommitted. A black man that's committed is out of his mind. Be uncommitted. Because you haven't thrown a punch doesn't mean you can't throw it. I'd say as long as you haven't thrown it, you've always got one to throw. Yes, ma'am?

Question: Brother Malcolm, just a comment: all we have to know is what Adam Powell has been doing the past few years.

Malcolm X: He jumped from party to party, didn't he? But we want to give an explanation so that it will be clarified. We can best give you one by having our committee that has that responsibility get that information. And at our meeting next Sunday night we'll have that. Yes, ma' am?

Question: (about getting an appointment to discuss a problem)

Malcolm X: You can get it right at the Theresa office. Make it through the secretary there. I don't run from people. But the reason that I never make far-in-advance appointments is because I don't want a situation to ever come up where I have to stand somebody up. Right now, things are pretty hot for me, you know. Oh, yes. I'm trying to stay alive, you understand. I may sound like I'm cracking, but I'm facting. I've been hinting for two months what it was all about, and some people thought I was crazy. But some of it's beginning to come out now. And the white press didn't bring it out. They sat on it because they didn't want that thing to crumble. Any time they find that something is putting black people in a vise, they want that thing to exist. If you notice, anything as a rule that is written up—again, like the Journal American did last Sunday; they said that we had 600 people out here. See, they're chronic liars. And they said what an overwhelming victory was scored by Elijah Muhammad.

Well, you know, I hate to get on this subject. You all will forgive me if I do. But they said that they expected 500,000 at the Armory. And if they had 10,000, why, good night, they're still 490,000 shorts, unless their public relations man made a typographical error when he was putting out the press release. So, I don't call that any kind of victory. But they like to use us one against the other. That's really what they're trying to do. And sometimes you find us, we're dumb enough to let ourselves be used one against the other. So, the secretary there at the office in the Theresa will set that up. There, 'way in the back.

Question: You once stated that the only solution for the so-called Negro was ultimately to return to Africa. Then at the last meeting, you said we should turn to Africa culturally and spiritually, but politically should stay in this country.

Malcolm X: Hold it right there. The first statement that I made, I made before going to Africa myself. I spent about five weeks over there speaking to every kind of African leader that I could gain access to. And the net result of that trip was that if our people go, they're welcome. But those who are politically mature over there say that we would be wiser to play a role at this time right here. If we want to go back, we're welcome, but what we do should be for the good of the whole, not for the few. Any time you restore cultural or spiritual bonds between our people here and our people there, then we begin to work together. Right now, someone is needed right here to do some work for the whole. And you and I are in the best position to do it.

Question: (remarks not audible)

Malcolm X: Brother, if all of us wanted to go back to Africa—you wouldn't be satisfied to go back all by yourself, I know that. Your desire would be to see all of us go back if I am judging you correctly. Then how would you create a situation, number one, that would make all of us black-minded enough to want to go back, or make all of us have a thorough enough knowledge of what it is like over there to want to go back, or like this man so fed up with us he'd want to send us there? How would you go about doing it? How would you go about getting 22 million people to go to a place that they think is a rotten, insect-infested jungle? How would you go about getting them to go back when they cringe when you use the word African or Africa? What strategy would you use? Or else you'd end up going back by yourself.

Don't you know you've got some nationalists right here that aren't ready to go back? They'll talk that talk, I mean talk that talk, but when it comes to taking some concrete action, that's just talk. Well, let's

face reality. Our people have to be brought up to the point where we have sufficient understanding of the assets that are due us if we do go back. And as long you can't get 22 million people to that level or to that point, then while you are trying to point them in that direction, you have to at the same time have some kind of program which will enable them to take the maximum advantage of every opportunity that exists here.

I want to go back to Africa. But what can I do while I'm waiting to go? Go hungry? Live in a rat-infested slum? Send my children to a school where their brains are being crippled? No, if we are going to go but time is going to pass between now and our going, then we have to have a long-range program and a short-range program, one that is designed to turn us in that direction, but at the same time one that is designed to enable us to take maximum advantage of every opportunity under this roof where we are right now. One more question—yes, sir?

Question: What will be the attitude of this organization toward American intervention in Africa?

Malcolm X: The brother wants to know what will be the attitude of this organization in regards to American intervention in Africa. By that you're probably referring to recently, when they bombed our Congolese brothers, when American pilots bombed our brothers in the Congo. Why, that was worse than what the Italians did to our brothers in Ethiopia.

Any time these kinds of things take place, you and I should be organized in such a way that the American government will think a long time before it takes any steps towards dropping bombs on Africans who are our brothers and sisters. This is why we must organize. But this handful of people here means nothing. We have to organize ourselves and then organize the city and then organize the state and then organize the country. Once you do this, the government is not going to intervene in Africa.

Walking downtown with a sign saying we protest what you did in the Congo means nothing if you're not organized. We have to organize house by house, street by street, city by city, state by state, every black man of

African descent in the Western Hemisphere. And then you and I can stop the acts of atrocity not only in Mississippi, but also in the Congo. But first you have to organize. Coming to these meetings is not organization. After coming, go back and take out a membership so that we can get organized, and so at these membership meetings we can then tell you how you can help us organize others. And if those organize others and those organize others, the first thing you know we'll have this city organized. Then you can act.

Other than that, everything is premature, it is actually premature. You protest, you feel good, your chest is out. But what do you get? Nothing. Because, brothers, the man studies all these actions before he makes his move. When you see them intervening in the Congo and then have nerve enough to tell the press, so that they'll tell the American public—proof of which, name me a Negro paper that protested. Name a Negro—I use the word Negro now on purpose—name a Negro organization that protested. Name a Negro leader that protested. The State Department knew in advance what it was doing. They're not worried about those organizations, or those leaders. But this handful of people means nothing. What you and I have to do is organize, organize every black face you can find. And I'll guarantee you that they'll know in advance if we're organized, before they make any move in the Congo or anywhere else.

But one of the worst slaps in the face that the black man in this country has received was when the State Department had the audacity last week to admit that American pilots were bombing defenseless Africans in the Congo. And not one outcry was made among our people. The Negro leaders are too busy talking about rowdyism on the subways. Pick up on that. Rowdyism among Negroes on the subway, and black people are being torn from limb to limb by American bombs dropped daily American pilots from American planes.

Speech to The African Summit Conference (August 21, 1964)

The Organization of Afro-American Unity has sent me to attend this historic African Summit Conference as an observer to represent the interests of 22 million African-Americans whose human rights are being violated daily by the racism of American imperialists.

The Organization of Afro-American Unity has been formed by a cross section of America's African-American community and is patterned after the letter and spirit of the Organization of African Unity.

Just as the Organization of African Unity has called upon all African leaders to submerge their differences and unite on common objectives for the common good of all Africans, in America the Organization of Afro-American Unity has called upon Afro-American leaders to submerge their differences and find areas of agreement wherein we can work in unity for the good of the entire 22 million African Americans.

Since the 22 million of us were originally Africans, who are now in America, not by choice but only by a cruel accident in our history, we strongly believe that African problems are our problems and our problems are African problems.

We also believe that as heads of the independent African states you are the shepherds of all African peoples everywhere, whether they are still at home here on the mother continent or have been scattered abroad.

Some African leaders at this conference have implied that they have enough problems here on the mother continent without adding the Afro-American problem.

With all due respect to your esteemed positions, I must remind all of you that the Good Shepherd will leave ninety-nine sheep who are safe at home to go to the aid of the one who is lost and has fallen into the clutches of the imperialist wolf.

We in America are your long-lost brothers and sisters, and I am here

only to remind you that our problems are your problems. As the African Americans "awaken" today, we find ourselves in a strange land that has rejected us, and, like the prodigal son, we are turning to our elder brothers for help. We pray our pleas will not fall upon deaf ears.

We were taken forcibly in chains from this mother continent and have now spent over three hundred years in America, suffering the most inhuman forms of physical and psychological tortures imaginable.

During the past ten years the entire world has witnessed our men, women, and children being attacked and bitten by vicious police dogs, brutally beaten by police clubs, and washed down the sewers by high-pressure water hoses that would rip the clothes from our bodies and the flesh from our limbs.

And all of these inhuman atrocities have been inflicted upon us by the American governmental authorities, the police themselves, for no reason other than that we seek the recognition and respect granted other human beings in America.

The American Government is either unable or unwilling to protect the lives and property of your 22 million African-American brothers and sisters. We stand defenseless, at the mercy of American racists who murder us at will for no reason other than we are black and of African descent.

Last week an unarmed African-American educator was murdered in cold blood in Georgia; a few days before that three civil rights workers disappeared completely, perhaps murdered also, only because they were teaching our people in Mississippi how to vote and how to secure their political rights.

Our problems are your problems. We have lived for over three hundred years in that American den of racist wolves in constant fear of losing life and limb. Recently, three students from Kenya were mistaken for American Negroes and were brutally beaten by the New York police. Shortly after that two diplomats from Uganda were also beaten by the New York City police, who mistook them for American Negroes.

If Africans are brutally beaten while only visiting in America, imagine the physical and psychological suffering received by your brothers and sisters who have lived there for over three hundred years.

Our problem is your problem. No matter how much independence Africans get here on the mother continent, unless you wear your national dress at all time when you visit America, you may be mistaken for one of us and suffer the same psychological and physical mutilation that is an everyday occurrence in our lives.

Your problems will never be fully solved until and unless ours are solved.

You will never be fully respected until and unless we are also respected. You will never be recognized as free human beings until and unless we are also recognized and treated as human beings.

Our problem is your problem. It is not a Negro problem, nor an American problem. This is a world problem, a problem for humanity. It is not a problem of civil rights, it is a problem of human rights.

We pray that our African brothers have not freed themselves of European colonialism only to be overcome and held in check now by American dollarism. Don't let American racism be "legalized" by American dollarism.

America is worse than South Africa, because not only is America racist, but she is also deceitful and hypocritical. South Africa preaches segregation and practices segregation. She, at least, practices what she preaches. America preaches integration and practices segregation. She preaches one thing while deceitfully practicing another. South Africa is like a vicious wolf, openly hostile toward black humanity. But America is cunning like a fox, friendly and smiling, but even more vicious and deadly than the wolf.

The wolf and the fox are both enemies of humanity, both are canine, both humiliate and mutilate their victims. Both have the same objectives but differ only in methods.

If South Africa is guilty of violating the human rights of Africans here on the mother continent, then America is guilty of worse violations of the 22 million Africans on the American continents. And if South African racism is not a domestic issue, then American racism also is not a domestic issue. We beseech independent African states to help us bring our problem before the United Nations, on the grounds that the United States Government is morally incapable of protecting the lives and the property of 22 million African-Americans. And on the grounds that our deteriorating plight is definitely becoming a threat to world peace.

Out of frustration and hopelessness our young people have reached the point of no return. We no longer endorse patience and turning the other cheek. We assert the right of self-defense by whatever means necessary and reserve the right of maximum retaliation against our racist oppressors, no matter what the odds against us are.

We are well aware that our future efforts to defend ourselves by retaliating—by meeting violence with violence, eye for eye and tooth for tooth—could create the type of racial conflict in America that could easily escalate into a violent, worldwide, bloody race war.

In the interests of world peace and security, we beseech the heads of the independent African states to recommend an immediate investigation into our problem by the United Nations Commission on Human Rights.

One last word, my beloved brothers at this African Summit: “No one knows the master better than his servant.” We have been servants in America for over three hundred years. We have a thorough inside knowledge of this man who calls himself “Uncle Sam.” Therefore, you must heed our warning. Don’t escape from European colonialism only to become even more enslaved by deceitful, “friendly” American dollarism.

May Allah’s blessings of good health and wisdom be upon you all.

Speech to The Second

African Summit Conference (August 21, 1964)

Every effort by the American press to play down the importance and the success of the Second African Summit Conference held recently here in the ancient African city of Cairo could well be a drastic mistake for the Western powers, and especially for America

The entire continent of Africa and her awakening people is the richest prize yet in the key struggle for the “balance of power” currently waged between East and West. Not only her unlimited supplies of untapped mineral resources, but also her strategic geographic position makes her extremely vital in the present world struggle.

Why does the press of the Western powers constantly ridicule and play down the idea of a United States of Africa? They know that a divided Africa is a weak Africa, and they want to keep her a dependent target of

Western “philanthropy,” or what is being increasingly described here as

“benevolent” colonialism. The neocolonialists who would “woo and rule” Africa today must skillfully disguise their selfish aims within their generous offers of unlimited “economic aid, Peace Corpism or crossroadism,” all of which is nothing but the modern counterpart of the nineteenth-century “missionaryism.”

A united Africa is a strong and independent Africa, an Africa that can stand on its own feet, walk for itself, and avoid the snares and pitfalls devised by the “benevolent” imperialists to keep the mother continent divided, weak, and dependent upon the “philanthropic” West for economic “aid,” political “guidance,” and military “protection.”

During the Second African Summit Conference any unbiased observer could easily see that Africa is making every effort today to stand on her own feet and speak with her own voice. Africa seeks only her rightful place in the sun. The degree to which the well-meaning element in the American public realizes that “to be independent and self-sustaining” is Africa’s only aim, will determine the attitude and the degree of pressure the American public will put upon the politicians at home in order to keep the American Government’s foreign policy toward Africa a policy of genuine assistance instead of the thinly disguised “benevolent” colonialism, “philanthropic” imperialism or what many of the more “cautious recipients” of American economic aid are beginning to label as American dollarism.

I refer to the importance of the well-meaning element of American society being properly informed and having the correct understanding of Africa’s aims and efforts because America today is the leading Western power, and the attitude of the American public can play a vital role in determining whether there will be a positive or negative reaction of the West in the face of Africa’s efforts toward a united and independent continent.

The American people must be made to understand that this vast continent is aflame with the spirit of revolution; not a negative or destructive revolution based on revenge, but a revolution designed to

produce the constructive social changes that will bring positive benefits to the longneglected African people.

The bloodless revolution here in Cairo that dethroned and sent into exile the despotic former King Farouk, and Egypt's steady progress toward positive social changes during the past twelve years, has made the United Arab Republic and its militant President Gamal Abdel Nasser the cornerstone and pattern of the overall African Revolution.

Despite the distorted picture painted of the United Arab Republic by anti-African propagandists, President Nasser and his able assistants have made great progress in his "step by step" program to bring the benefits of modernization to his people. He has skillfully guided them away from the antiquated liabilities of their past, while at the same time showing them how to retain and harness the assets of their ancient and glorious civilization.

The successful industrialization of the United Arab Republic in just twelve years since the revolution and the thirst he has since inspired within the Egyptian masses to educate themselves in the free schools set up throughout Egypt since the revolution are only a few of the many revolutionary accomplishments that have served as a cornerstone and pattern for the spirit of economic, political, and intellectual independence that has been sweeping this entire mother continent these past twelve years.

And the revolutionary spirit he has inspired here on this continent among his fellow Africans has leaped across the Atlantic Ocean and entered into the heart and mind of 22 million of our people in America who are also of African origin.

The spirit of brotherly understanding and unity in which President

Gamal Abdel Nasser opened and conducted the Second African Summit Conference held recently here in Cairo inspired all others with the same spirit of willingness to recognize the necessity for changes, and successfully laid the groundwork for serious discussions toward the formation of a truly independent and United States of Africa.

The success of this Second Summit Conference is not only an overwhelming victory for the people here on the mother continent, but it is also a victory for the 22 million brothers and sisters in America who are of African origin...for we awakening Afro-Americans are well aware today that a united Africa is a strong Africa, and it is only in the strength of our African brothers that we in America will ever realize a true solution to our own struggle for independence and the recognition and respect of our own human rights.

The time has come when the awakened voice of Africa is being heard with a tremendous impact throughout the world, and the ever-increasing importance and influence of the voice can be traced to the First African Summit Conference, which was held in Addis Ababa in May of 1963.

It was this First African Summit Conference that laid the foundation for the crushing blow, physically and psychologically, to the schemes of the European and American neo-imperialists to weaken Africa by keeping her artificially divided into "Africa above the Sahara and Africa below the Sahara, Arab Africa and 'African,' Muslim Africa and non-Muslim Africa, light-skinned and dark-skinned Africa."

The Summit Conference in Addis Ababa was the first step taken by Africans themselves to destroy these divisive concepts that had been skillfully created and propagated by the American and European neoimperialists. These successful steps toward unity which were set in motion at the First Summit Conference made the enemies of African unity quite ill and desperate to create new countermeasures to forestall African unity. But the fortunes spent by the neo-imperialists in their divisive propaganda has been like pouring money down the drain because their former African "concubine" has awakened and the illicit honeymoon between Mother Africa and her former European "lovers" is now over forever.

The sunlight of mutual understanding that shined forth brilliantly from the First Summit Conference created a new climate here on the mother continent, ushering in an atmosphere of brotherliness among the various heads of the independent African states. Personality conflicts that formerly kept some of them narrow-minded, shortsighted, and apart were submerged into the background and de-emphasized; and instead areas and topics of common concern, common benefit, and common agreement were emphasized and discussed. The good of Africa was put above the personal feelings of a few individuals.

Yes, the First Summit was indeed an accomplishment within itself. No one selfishly argued that it should be held in Lagos, Accra, Monrovia, Algiers, Khartoum, or Conakry instead of Addis Ababa. They showed respect for Emperor Haile Selassie, even though he was an absolute monarch and most of the others were from anti-monarchy republics. This first Summit brought together the African monarchs, kings, and presidents on the same level...it created a "working atmosphere" between monarchies, kingdoms, and republics, between the big countries and the small ones, those rich in natural resources and those that were almost barren.

Thus, the first Summit created the climate for unity. But it was here in Cairo at the Second African Summit Conference that the real unity of action began to take form, when all the heads of the independent African states denounced imperialism and racism in all of its forms including even the passage of a resolution condemning the continued racist oppression of the 22 million Afro-Americans in the United States. And many of them for the first time joined in denouncing Israel as a base and tool of neoimperialism, and they openly supported the right of the Arab refugees to return to their Palestine homeland. They could easily see that since over 80 per cent of the Arab world is on the African continent, Arab problems are inseparable from African problems.

The spirit of brotherhood was so strong at this Second Summit Conference that the heads of state not only agreed on the necessity of a united Africa, but they vigorously discussed the problems also of restoring liberty and dignity to the mother continent as a whole. They recognized the Government of Zambia and the Government-in-exile of Angola, accepting both heads of state (Kenneth Kaunda and Robert Holden) as full participants at the Summit Conference. They gave full support to the freedom fighters of the Africa Liberation movement and expressed concrete plans to assist their freedom struggle both morally and materially, even if it necessitated supplying weapons for an open, bloody revolt against the remaining racist diehards.

Although many of them recognized that Israel is nothing but a base here on the northeast tip of the mother continent for the twentieth-century form of "benevolent colonialism," they felt that the most pressing problem facing the continent is the openly racist Government occupying South Africa, the remnant of the nineteenth-century colonialism represented by the forced rule of the European minority over the African majority. The collective decisions and resolutions by the Conference to bring strict sanctions against the racist Government of South Africa were agreed to by all of the African heads of state, and thus there is no doubt that this firm stand to support the African majority's struggle for liberty in that area will step up their efforts to throw out the racist European minority that is forcibly ruling their country.

They also recognized the seriousness of our problem in America, its relationship to the African continent, and their moral obligation to give us their all-out support in our struggle for human rights—and thus my coming to the Summit Conference was not in vain as some elements in the American press have tried to "suggest," but instead my coming proved to be very fruitful for our freedom struggle in America, and especially for our plan to take our problems before the United Nations. I had traveled over six thousand miles from America to attend this African Summit Conference as an observer. The Organization of Afro-American Unity (OAAU) had sent me to present the true plight and the feelings of 22 million Afro-Americans to these heads of independent African states.

Upon my arrival in Cairo I was met with open arms by the African leaders and their various delegations. I found no doors closed to me. They asked me to prepare a memorandum on the real status of our people in America, explaining how we are also victimized by neo-imperialism in its racist American form, and

they urged me to present my memorandum to the Conference so they could take action on it in our behalf.

I tried to summarize our plight in as few words as possible, but my memorandum of continued atrocities against the Afro-American by racists in the United States still stretched into nine pages. It charged America with practicing a worse form of organized racism than South Africa, and described how this racist element in the State Department had skillfully alienated us from the natural sympathy and support of our African brothers in our freedom struggle by using white “liberals” to gain our friendship and confidence in order to “advise” and maneuver us into a twelve-year fight for our civil rights, knowing that as long as our freedom struggle was labeled “civil rights” it would be considered by the African nations as American “domestic” affairs and our plight would remain within the sole jurisdiction of the American Federal Government for a “solution.”

My memorandum charged that this same racist element in the State

Department knew that our newly formed Organization of Afro-American Unity (OAAU) was planning to internationalize America’s race problem by lifting it from the level of civil rights to a struggle for the universally recognized human rights, and on these grounds we could then bring America before the United Nations and charge her with violating the U.N. Declaration of Human Rights and thereby of also violating the U.N. Charter itself.

In order to keep the Organization of Afro- American Unity (OAAU) from gaining the interest, sympathy, and support of the independent African states in our effort to bring the miserable plight of the 22 million Afro-Americans before the U.N., the racist element in the State Department very shrewdly gave maximum worldwide publicity to the recent passage of the Civil Rights Bill which was actually only a desperate attempt to make the African states think America was sincerely trying to correct the continued injustices done to us, and thereby maneuver the African Government into permitting America to keep her racism “domestic” and still within her sole jurisdiction.

This racist element within the State Department realizes that if any intelligent, truly militant Afro-American is ever permitted to come before the United Nations to testify in behalf of the 22 million mistreated Afro-Americans, our dark-skinned brothers and sisters in Africa, Asia, and Latin America would then see America as a “brute beast,” even more cruel and vulturous than the colonial powers of Europe and South Africa combined. I was relieved and delighted to learn how easily most of the African heads of state and their advisers could see through the tricks of the American racists. One of them told me he knew the Civil Rights Bill was only a “political maneuver” to capture the Negro votes in the coming elections, and he stressed that it could hardly have been accidental that passage of the bill came to fruition during this crucial election year.

Another described it as a beautiful document on paper but agreed that it was a document that could never be implemented. Another said it was like the novocaine a dentist gives a patient who has a rotten, abscessed tooth without ever pulling the tooth—or treating the condition while ignoring the cause.

All of them with whom I was able to establish personal contact agreed with my contention that our problem was one of human rights instead of only civil rights. They also agreed that we needed and deserved the full support of the entire world in our struggle for human rights.

Thus, these enlightened heads of the thirty-three independent African states at the Second Summit Conference passed a resolution condemning the continued brutal treatment of the Afro-American in the United States, and they voiced full sympathy and support in our struggle to break the yoke of American racism. This resolution had so many frightening implications for America’s future image and position in the world, especially for her foreign policy in this crucial election year; it is not surprising that the American press completely smothered the fact that the Second Summit Conference passed such a resolution, despite the fact that it was sent out over UPI wire services to all the American news outlets. Right up to this moment the American public has never been told that the Second African Summit passed

a resolution condemning the mistreatment of the Afro-Americans and voicing full support of our freedom struggle. The voice of Africa is becoming stronger every day.

The spirit of unity here in Cairo during this Second Summit Conference, and their agreement that there is no room here on the mother continent for imperialism any more in any form—and by the time these heads of state convene their Third Summit Conference in Accra next year, most of the remaining strongholds of imperialism are sure to have fallen under the crushing weight of a rising, united Africa!

Letter to the Egyptian Gazette (August 25, 1964)

I am not a racist, and I do not subscribe to any of the tenets of racism. But the seed of racism has been firmly planted in the hearts of most American whites ever since the beginning of that country. This seed of racism has rooted itself so deeply in the subconsciousness of many American whites that they themselves oftentimes are not even aware of its existence, but it can be easily detected in their thoughts, their words, and in their deeds.

In the past I permitted myself to be used by Elijah Muhammad, the leader of the sect known as the Black Muslims, to make sweeping indictments of all white people, the entire white race, and these generalizations have caused injuries to some whites who perhaps did not deserve to be hurt. Because of the spiritual enlightenment which I was blessed to receive as the result of my recent pilgrimage to the Holy City of Mecca, I no longer subscribe to sweeping indictments of anyone race.

My religious pilgrimage (hajj) to Mecca has given me a new insight into the true brotherhood of Islam, which encompasses all the races of mankind. The pilgrimage broadened my scope, my mind, my outlook, and made me more flexible in approaching life's many complexities and in my reactions to its paradoxes.

At Mecca I saw the spirit of unity and true brotherhood displayed by tens of thousands of people from all over the world, from blue-eyed blonds to black-skinned Africans. This served to convince me that perhaps some American whites can also be cured of the rampant racism which is consuming them and about to destroy that country.

I am now striving to live the life of a true Sunni Muslim.

In the future I intend to be careful not to sentence anyone who has not first been proven guilty. I must repeat that I am not a racist nor do I subscribe to the tenets of racism. I can state in all sincerity that I wish nothing but freedom, justice, and equality, life, liberty, and the pursuit of happiness for all people.

However, the first law of nature is self-preservation, so my first concern is with the oppressed group of people to which I belong, the 22 million Afro-Americans, for we, more than any other people on earth today, are deprived of these inalienable human rights.

But time is running out for America. The 22 million Afro-Americans are not yet filled with hate or a desire for revenge, as the propaganda of the segregationists would have people believe. The universal law of justice is sufficient to bring judgment upon the American whites who are guilty of racism. The same law will also punish those who have benefited from the racist practices of their forefathers and have done nothing to atone for the "sins of their fathers." Just look around on this earth today and see the increasing troubles this generation of American whites is having. The "sins of their fathers" are definitely being visited upon the heads of this present generation. Most intelligent American whites will admit freely today without hesitation that their present generation is already being punished and plagued for the evil deeds their forefathers committed when they enslaved millions of Afro-Americans in that country.

But it is not necessary for their victim—the Afro-American—to seek revenge. The very conditions the American whites created are already plaguing them into insanity and death. They are reaping what their forefathers have sown. "Their chickens are coming home to roost." And we, the 22 million Afro-

Americans, their victims, need only to spend more time removing the “scars of slavery” from the backs and the mind of our own people, physical and mental scars left by four hundred years of inhuman treatment there in America at the hands of white racists.

The key to our success lies in united action. Lack of unity among the various Afro-American groups involved in our struggle has always been the reason we have failed to win concrete gains in our war against America’s oppression, exploitation, discrimination, segregation, degradation, and humiliation. Before the miserable condition of the 22 million “second-class citizens” can be corrected, all the groups in the Afro-American community must form a united front.

Only through united efforts can our problems there be solved.

How can we get the unity of the Afro-American community? Ignorance of each other is what has made unity impossible in the past. Therefore, we need enlightenment. We need more light about each other. Light creates understanding, understanding creates love, love creates patience, and patience creates unity. Once we have more knowledge (light) about each other we will stop condemning each other and a united front will be brought about.

All 22 million Afro-Americans have the same basic goal, the same basic objective. We want freedom, justice, and equality, we want recognition and respect as human beings. We are not divided over objectives, but we have allowed our racist enemies to divide us over the methods of attaining these common objectives. Our enemy has magnified our minor points of difference, then maneuvered us into wasting our time debating and fighting each other over insignificant and irrelevant issues.

The common goal of 22 million Afro-Americans is respect as human beings, the God-given right to be a human being. Our common goal is to obtain the human rights that America has been denying us. We can never get civil rights in America until our human rights are first restored. We will never be recognized as citizens there until we are first recognized as humans.

The present American “system” can never produce freedom for the black man. A chicken cannot lay a duck egg because the chicken’s “system” is not designed or equipped to produce a duck egg. The system of the chicken was produced by a chicken egg and can therefore reproduce only that which produced it.

The American “system” (political, economic, and social) was produced from the enslavement of the black man, and this present “system” is capable only of perpetuating that enslavement.

In order for a chicken to produce a duck egg its system would have to undergo a drastic and painful revolutionary change...or REVOLUTION. So be it with America’s enslaving system.

In the past the civil rights groups in America have been foolishly attempting to obtain constitutional rights from the same Government that has conspired against us to deny our people these rights. Only a world body (a world court) can be instrumental in obtaining those rights which belong to a human being by dint of his being a member of the human family.

As long as the freedom struggle of the 22 million Afro-Americans is labeled a civil right issue it remains a domestic problem under the jurisdiction of the United States, and as such, bars the intervention and support of our brothers and sisters in Africa, Asia, Latin America, as well as that of the well-meaning whites of Europe. But once our struggle is lifted from the confining civil rights label to the level of human rights, our freedom struggle has then become internationalized.

Just as the violation of human rights of our brothers and sisters in South Africa and Angola is an international issue and has brought the racists of South Africa and Portugal under attack from all-other independent governments at the United Nations, once the miserable plight of the 22 million Afro-Americans is also lifted to the level of human rights our struggle then becomes an international issue, and the direct concern of all other civilized governments, we can then take the racist American

Government before the World Court and have the racists in it exposed and condemned as the criminals that they are.

Why should it be necessary to go before a world court in order to solve America's race problem? One hundred years ago a civil war was fought supposedly to free us from the Southern racists. We are still the victims of their racism. Lincoln's Emancipation Proclamation was supposedly to free us. We are still crying for freedom. The politicians fought for amendments to the Constitution supposedly to make us first-class citizens. We are still second-class citizens.

In 1954, the U.S. Supreme Court itself issued a historic decision outlawing the segregated school system, and ten years have passed, and this law is yet to be enforced even in the Northern states.

If white America doesn't think the Afro-American, especially the upcoming generation, is capable of adopting the guerrilla tactics now being used by oppressed people elsewhere on this earth, she is making a drastic mistake. She is underestimating the force that can do her the most harm.

A real honest effort to remove the just grievances of the 22 million Afro-Americans must be made immediately or in a short time it will be too late.

OAAU Homecoming Rally (November 29, 1964)

Asalaam Alaikum, all my brothers and sisters. Well, I hardly know how to get started, but I can let you know in advance that we're not going to keep you here tonight very long. I first have to make a confession—I almost didn't get here tonight; something came up, a situation developed where we were going to almost have to postpone our little brief talk until next Sunday. But thanks to the one that created the universe—some call him God; some call him a whole lot of things; I call him Allah—I'm thankful to be able to be here.

Now, brothers and sisters, all I would like to do tonight, and I beg your forgiveness, is to give you a brief sketch or outline on some experiences that I've had during the past eighteen weeks. It's certainly good to be back, although I don't know how a black man can leave a black continent and come back to a white continent and say it's good to be back I would like to give a brief sketch to you concerning some of the experiences that I've had, some of the things I've seen, some of the things I've heard, so that you can evaluate them with your own mind.

The reason that it has to be brief is that I have to leave the country again this week I'll be back next Sunday, but I'm involved in a debate at Oxford University in England, outside of London, on Thursday. I have to go there for that, and then come back here for a rally which we're going to have next Sunday night, at which time we are going to try and get some experts to come and give us an outline of exactly what has taken place in the Congo, so that the black people in Harlem won't have to be involved in a situation where we'll be sitting on the log, wondering what's going on. I think that you and I should realize that the time has come for us to let the world know that we're not only interested in some kind of integrated situation in the United States, but we're interested in taking our place on the world stage, and we're interested in anything that involves black people anywhere on this earth.

It would be a crime for you and me to be in a city that has more black people in it than any other city on this earth, New York City, and be silent in the face of the criminal action of the United States government in conjunction with Belgium in the Congo. I mean criminal, criminal action that this government has involved itself in. Lyndon B. Johnson—he said it today, he's to blame. He doesn't have to say it; we know he's to blame before he said it. He waited until the people had voted for him and he got in, and things got cut and dried. Then he got in cahoots with Belgium—one of the worst racist governments that has ever existed on the face of the earth, Belgium. This government, in conjunction with that government, is dropping paratroopers in the Congo under the pretext that it's some kind of humanitarian operation.

So next Sunday night we are going to try and get some of our African brothers and some of our Afro-American brothers who are well versed in the facts concerning the history of the Congo to tell how the white man happened to be over there in the first place, why he is over there still and finds it so difficult to leave, and most important of all, what are the factors behind the deep-rooted hostility that seems to lie in the hearts of our Congolese brothers toward them. We want to know if our brothers are savage, as they keep implying, or are they justified in the feelings that they've been displaying toward these people who are over there in their land, not by their invitation?

I don't want to get on that, but this is what we want next Sunday night, and we're going to try and get some help in outlining the incidents that led up to the present situation in the Congo today. But never believe what you read in the newspapers—they're not going to tell you the truth. The truth isn't in them. Not when it comes to the Congo; they can't tell the truth. I was on the radio with a man the other night, and he had the nerve to tell on the air about some Congolese atrocities, and the benevolence of the Belgian government, and how Belgian atrocities never took place. I didn't believe that a white man, so intelligent, would have so much nerve in 1964. I could see him taking that stand in 1924, or even 1944, or maybe 1954, but not 1964.

So, brothers and sisters, when I left here on the 9th of July, it was primarily because I had just been successful in starting a new religious organization which many of you have heard about, the Muslim Mosque, Incorporated, and we had also just been successful in organizing a new nonreligious organization, the Organization of Afro-American Unity. One of the main reasons for undertaking the journey was to lay a foundation. It is impossible for any black group in America to become involved in any kind of religion that doesn't have roots directly connected with some source in the East. And it is impossible for any black group in America to become involved in any kind of political organization that doesn't have some roots directly connected with our roots on the African continent. This is the era of revolution.

Now I must just take time to clarify what I mean before some of these pencil-scratchers misquote me, which they're going to do anyway. You notice two years ago the American press was calling your and my struggle a revolution—"Negro revolution, Negro revolution." Now, they didn't mind calling it that, and they didn't mind you referring to it as that, because they knew that what was happening was no revolution. But when you start using the word "evolution" in its real sense, then they get shaky. They start classifying you as a fanatic, or something subversive or seditious, or other than a law-abiding person. But today we're living in an era of revolution, which means an era of change, when people who are being oppressed want a change. And they don't want a gradual change. They don't want the change that comes year by year, or week by week, or month by month. They want a change right now.

Cairo is one of the cities on this earth that has the headquarters for more revolutionary movements, I imagine, than any other city. By the way, when I got there, as you know, they were having the African summit conference. All of our brothers were over there, getting together, discussing the problems of the world. It was a beautiful sight, especially when you live in a country where you and I don't have any chance to discuss anything but an integrated cup of coffee, or how to integrate some toilet in Mississippi. When you go and find independent African nations, headed by their leaders, their heads of state, sitting down and discussing problems of the world, the economic, political, and social problems of the world, why, it makes you feel good, it makes you get a new lease on life.

When I got there, there was a great deal of pressure already being put on various segments of the African community to not open any doors, and these pressures were being put down by this government. I started not to say this government, but I'm going to tell the truth the way it is, let the chips fall where they may.

They had their men over there running around like mad with their money, trying to make it impossible for any American Negro to be included in any way in any conference dealing with Africans, or dealing with international affairs. They try to give the impression over there that you and I aren't interested in international affairs, that you and I are interested only in integrating Mississippi. This is the image that is very skillfully spread abroad of the American Negro, that you and I cannot see beyond the shores of

America—that our minds and our thoughts and our desires and our hopes are limited to everything right here.

Naturally, any African who would believe this is shocked when he sees an Afro-American coming to an international conference, especially a conference that's composed just of independent African states. Some of them this government has tried to give the impression over there that you and I don't even identify with Africa. And some of them get shocked when they see you and me turning in their direction.

I'm telling you, they've done a vicious job. This thing they call the USIS, the United States Information Service, is one of the most vicious organs that has ever been put together and sent anywhere by any country. It will make that propaganda machine that Goebbels had, under Hitler, look like child's play.

Why, in every African country the USIS window has pictures in it, showing the passage of the civil rights bill to make it look like the problems of every Negro over here have been solved. Go in any African country, and you know before you get there what's going to be in the window. They use the passage of the civil rights bill to make it appear that Negroes aren't being lynched any more, that Negroes' voting rights aren't being trampled upon any more, that police aren't busting Negroes' heads with clubs any more, nor are they using dogs and violence and water hoses to wash us down the drain. They make it appear that the civil rights bill created a paradise in the United States for the 22 million Negroes. This is the thing they call USIS. It does a very bad job of creating the wrong image and giving the wrong impression.

To show you how vicious they are—I'm within my rights to attack it; actually, I'm not attacking it, I'm only analyzing it. On the 4th of November, the date that the election was over, the USIS circulated a document on me throughout the African continent—knocking me, you know. Here I am, just a little old poor so-called Negro from Harlem, and they're going to waste all their paper trying to tell Africans, "Don't listen to what that man says, because he doesn't represent anything, and doesn't represent anybody, and has always been discredited." That's your USIS. I say a prayer for them.

I want to say this too, in passing, for the benefit of our Muslim brothers and sisters who might be here from some of the Muslim countries and might get a bit nervous over what I'm saying, and the way I'm saying it. This is not a religious meeting. When I come to a meeting sponsored by the OAAU, which is the Organization of Afro-American Unity, I put my religion in this pocket right here, and keep it here. And when I talk like this, it doesn't mean I'm less religious, it means I'm more religious.

I believe in a religion that believes in freedom. Any time I have to accept a religion that won't let me fight a battle for my people, I say to hell with that religion. That's why I am a Muslim, because it's a religion that teaches you an eye for an eye and a tooth for a tooth. It teaches you to respect everybody and treat everybody right. But it also teaches you if someone steps on your toe, chop off their foot. And I carry my religious axe with me all the time.

You know they have freedom movements on the African continent. There are many liberation movements; there are movements of Africans from South Africa, from Mozambique, from South-West Africa, Bechuanaland, Swaziland, Angola. In every country, in every area on the African continent that has not tossed aside the shackles of colonialism, they have developed a liberation movement, and the purpose of these liberation movements is to throw aside the oppressor.

After the summit conference, the most respected groups were these freedom fighters. The heads of the various liberation movements from the different parts of the African continent were all housed on a ship that was anchored in the Nile River—a ship called the Isis. They were placed there so that they could all be together and discuss the problems that they had in common. At the same time, it was excellent for security purposes, because you can't get on a boat so easily.

I was blessed with the opportunity to live on that boat with the leaders of the liberation movements, because I represented an Afro-American liberation movement—Afro-American freedom fighters. And

all of us were on there together. It gave me an opportunity to study, to listen and study the type of people involved in the struggle—their thinking, their objectives, their aims and their methods. It opened my eyes to many things. And I think I was able to steal a few ideas that they used, and tactics and strategy, that will be most effective in your and my freedom struggle here in this country.

Some of them were nonviolent—I didn't listen too long to any of those. And others really want freedom. When a person places a proper value on freedom, there is nothing under the sun that he will not do to acquire that freedom. Whenever you hear a man saying he wants freedom, but in the next breath he is going to tell you what he won't do to get it, or what he doesn't believe in doing in order to get it, he doesn't believe in freedom. A man who believes in freedom will do anything under the sun to acquire or achieve his freedom, and he will do anything under the sun to preserve his freedom. And the only reason you and I here in America don't yet have freedom is we haven't yet matured to that stage where we can see this is the real price, or the real attitude, or the real approach that one must make.

I was, as I said, in Egypt, the United Arab Republic, for two months, and then left and went to Mecca, where I was for about a week; I was in Saudi Arabia for about a week, and Mecca a couple of days. I left there and went to Kuwait, where all the oil is, on the Persian Gulf, and from there to Beirut in Lebanon. After spending two months there, in the Middle East, then I went on into other parts of Africa, the first stop being Khartoum where, since then, they've had a whole lot of trouble—which they should have had. Now everything is all settled; they had a revolution and got people that didn't belong in power out of power—that's how you do it. And that's what they did, the students.

The students all over the world are the ones who bring about a change; old people don't bring about a change. I mean I'm not saying this against anybody that's old—because if you're ready for some action you're not old, I don't care how old you are. But if you're not ready for some action, I don't care how young you are, you're old. As long as you want some action, you're young. But any time you begin to sit on the fence, and your toes start shaking because you're afraid too much action is going down, then you're too old; you need to get on out of the way. Some of us get too old while we're still in our teens.

So, I went through Khartoum to Addis Ababa, Ethiopia, which is a wonderful country. It has its problems, and it's still a wonderful country. Some of the most beautiful people I've seen are in Ethiopia, and most intelligent and most dignified, right there in Ethiopia. You hear all kinds of propaganda about Ethiopia. But any time a person tries to tell you, as they've told you and me, that Ethiopians don't think they're the same as we are, that's some of that man's manufacturing. He made that up. You know who I mean when I say, "that man." They're just as friendly toward us as anybody else is.

I was there for about a week, and went on into Kenya, a place which really knocked me out. If ever I saw any Africans who looked like they have the potential for explosion, it's our good Kikuyu brothers in Kenya. I was discussing my opinion of the people of Kenya, especially in Nairobi, with some friends while I was there, and I told them that I was looking at the faces of these people, and they looked like they can explode. And they do; they look like they can explode, more so than any place I went on the continent. You can just see, right in their faces, energy. Now if you channel it in the right direction, it goes in the right direction; if you let it go in the wrong direction, it goes in the wrong direction—but they've got the energy, that's the most important thing.

And as proof that they can explode, they exploded the other day. When the United States, with her criminal action in the Congo—and that's what it is, criminal action in the Congo—they marched on the embassy there in Nairobi, tore it up. And that shows you what the Africans feel. They don't like to see anybody exploiting another African or oppressing another African; they stick together, and you and I can learn that's what we're supposed to do. When something happens in Mississippi, we don't have to go to Mississippi—they've got some people that look just like those in Mississippi, right here.

My contention is, those up here are just as much responsible for what's happening down there as those down there. And when you and I let them know that we hold all of them responsible, then all of them will start acting right. They'll keep those others in line. But as long as you and I make them think they

can pass the buck, then they will be passing the buck, they'll be telling us, you know, "Mississippi," and they're doing the same thing right here.

So, when I left Kenya, I went to Zanzibar and Tanganyika; now it's called Tanzania. And I never went anywhere that has pleased me more than that place. It's beautiful—all of Africa is beautiful—but in Tanganyika, it's a very beautiful place. It's hot, it's like Miami, Miami is hot, and if these people pay as much money as they do to live in Miami, why, you know, the entire African continent where I went is just like Miami Beach. And they're always telling you and me, you know, how difficult a time we would have trying to adjust if we went over there. I'm telling you, if you want to integrate, go to Africa. There are more white people over there than there are over here. That's where they all are. They're over there living like kings, basking in the sun.

And when we go back in that sense, then this spiritual bond that is created makes us inseparable, and they can see that our problem is their problem, and their problem is our problem. Our problem is not solved until theirs is solved, theirs is not solved until ours is solved. And when we can develop that kind of relationship, then it means that we will help them solve their problems, and we want them to help us solve our problems. And by both of us working together, we'll get a solution to that problem. We will only get that problem solved by working together.

This was the essence of every discussion—that the problems are one, that the destiny is the same, the origin is the same. Even the experiences are the same; they catch hell, we catch hell. And no matter how much independence they've got, on that land, on the mother continent, if we don't have it over here, and don't have respect over here, when they come over here, they are mistaken for one of us and they are disrespected too. So, in order to be respected, we must be respected.

And I say, brothers and sisters, they're beginning to see this. They're beginning to see that the problems are one. They are interested in our problems, but they were shocked to learn that we were also interested in their problems. And if I would have any advice to give to our people here in the Western Hemisphere, I would say that it has been almost criminal on our part, all the organizations that we have, for us not to have tried to make some kind of direct contact, direct communication, with our brothers on the African continent before.

We should never let the white man represent us to them, and we should never let him represent them to us. It is our job today to represent ourselves, as they are representing themselves. We don't need someone else representing us. We don't want anybody to tell somebody how we think. We will let the world know how we think. We don't want any handkerchief head set up by the State Department as a spokesman for us, telling the world how we think; we want the world to know how we think. We want the world to know we don't like what Sam is doing in the Congo to our brothers and sisters.

I must say this, in brief. I was talking to a brother from the Congo, who was very angry. I was in Tanganyika, he had just come from Leopoldville, and he was very angry because he told me that out of all of the paratroopers, or eighty paratroopers—you'll have to stop handing me these things while I'm up here, it's getting like Grand Central Station, you send my mind somewhere else. He was telling me that he was very angry at American Negroes. And he was talking about us, you know, like a dog. Not me, because he knows what I represent. The best thing the white man ever did for me was to make me look like a monster all over the world. Because I can go any place on the African continent and our African brothers know where I stand.

He was angry because he said that most of the paratroopers, the American soldiers that were guarding these transports that Tshombe was using, were American Negroes; that they put American soldiers in there. I never had a chance to check it out. Normally I wouldn't stand up in a public meeting and say it, but when I first heard it, and I heard it from an Afro-American who works over there, I went to track this brother from the Congo down. He's a very intelligent fellow, and he said "Yes," and he was hot, you know. And so, I sat down to let him know that all of us don't think like that. That they had to go all over the United States with a microscope and find that many Negroes dumb enough to let themselves

be sent to the Congo— imagine, a Negro that lets himself be sent to the Congo! —in a uniform, against people who look just like he does. Why, he should be shot. So, I let him know that that wasn't us, that was somebody else.

Also, brothers and sisters, you know Tshombe. You've heard of him. From what I understand, Tshombe arrives in the United States on Tuesday. He's got a whole lot of nerve. The best thing they did for him in Cairo was when they locked him up. That protected him. Because Tshombe can't go to any country where there are true black men, true black men, and walk the street in safety. This is the worst African that was ever born. The worst African that was ever born. This is the man who in cold blood, cold blood, committed an international crime—murdered Patrice Lumumba, murdered him in cold blood. The world knows that Tshombe murdered Lumumba. And now he's a bed partner for Lyndon B. Johnson. Yes, a bed partner. They're sleeping together, they're sleeping together. When I say sleeping together, I don't mean that literally. But beyond that they're in the same bed. Johnson is paying the salaries, paying the government, propping up Tshombe's government, this murderer. It is the Lyndon B. Johnson administration, the man you voted for—you were insane, out of your mind, out of your head, to vote for a man like that; drunk But I don't blame you, you just were tricked. I told you a fox will always get business.

So Tshombe arrives here on Tuesday. And many of our brothers that belong to the African student association plan to give him a welcome. Shucks, I have a religion that believes in hospitality. Everybody should be welcome—according to their just desserts. So, the brother that's involved in this, I think Sidi Ali—where is he? Sidi Ali, come and give this announcement. This is our brother, Sidi Ali of Ghana.

[Sidi Ali speaks.]

Brothers and sisters, I have some quick announcements.

Next week the Audubon is not available, so our next meeting will be on the

13th, which will be two weeks from tonight. At that time the topic will be "The Congo Crisis." I imagine the crisis won't be over. Because it's of such nature that they're in there now and they can't come out with clean hands. It's almost impossible for them to pull out. They went in there and killed people; now, when they pull back out, what do you think will happen? They can't get out of it like that.

One thing you must always bear in mind, as our brother pointed out, these young brothers that are in the Stanleyville area, Oriental Province, are not rebels, as the press continues to refer to them. They call themselves Simbas, which means lions, you know, meaning they've got it. They're freedom fighters, and your and my heart should be with theirs. They are men, they are men, the proof of which is they are dying to get their freedom. They're killing too, but so what? They've been killed themselves—all they do is believe in equality. What's good for the goose is good for the goose.

Also, always bear in mind, that the only Congolese soldiers that are winning any battles, or that have won any battles, have been those brothers who are the freedom fighters. The Congolese soldiers that fight for Tshombe don't win battles. They were giving up in the face of the freedom fighters. They were giving up the entire Congo. They were evacuating the place and the United States got desperate. That's why they went and got Tshombe, went all the way up in Spain, where Tshombe had retired, had given up, was living the life, and they talked him into going back to the Congo and becoming the premier.

As soon as they got him back into position as premier, the first thing he did was bring in some white mercenaries, murderers—because that's what a mercenary means, it means a hired killer. And this government, the United States government, supplies the salaries for these hired killers from your tax dollars. Every time you pay your taxes you are paying the salary for those white blue-eyed murderers there in the Congo who are killing the Congolese. There's nobody in the State Department can deny it.

In fact, I read in the paper today where Lyndon B. Johnson said he'd take full responsibility. He should take full responsibility. He's pulling the same kind of an act over there in the Congo that they've been pulling in Texas on you and me for the past two or three hundred years. That's a Texas act. You know what kind of act goes on in Texas. But they can't win because the only way Tshombe can remain premier is with help from the outside. He must get white help. So, as long as Tshombe remains the premier of the Congo, it means the white man is going to have to continue sending white soldiers in there to rescue him. And he'll lose every white soldier he has, he'll lose them in there.

So, those brothers know what they're doing—in fact, what you and I need to do. What you and I need to do. Many of us are vets, we've had all kind of experience. You've seen all kinds of action, haven't you? But you've never seen any action for yourself, and you've never seen any action for anybody who is of your own land. Many of you are unemployed. We might put on a drive right here in Harlem to raise up some black mercenaries to take over there to show them what to do.

You see, there's some kind of cultural, psychological block in the minds of our brothers there, or these white mercenaries wouldn't have the advantage. All they have is the psychological advantage. They wouldn't have that on you and me. You and I don't have that block, we don't have that cultural block because they destroyed our culture. We can think just like they think now. We can do the same thing they can do. You just give me ten black ones and we'll eat up fifty of those white ones. Eat them up.

And there's nothing wrong with that. Why? Because this government, this same government has recruited what they call "anti-Castro Cubans." Which means they're American. And this government sends them over there to bomb the Congolese. But they're afraid to say that they're American pilots, so they say they're anti-Castro Cuban pilots. Okay, we've got black people who can fly planes—we've been flying them for the man. Instead of you sitting around here driving a bus, remember how you used to fly a plane for him, get on over there and get with it on the right side. If they can send white ones against black ones, we can recruit and send black ones against white ones. I frankly believe that it would be most exciting. I know a whole lot of Afro-Americans would go for free—would go for fun. We don't need any money, we just want to get even.

Now, I'm going to tell you what they're going to do, because I know them. In the paper tomorrow you're going to read that a whole lot of frantic, you know, statements were made. As long as there are white people going over there shooting black people, nothing is said—they glorify them. But when you and I start talking like we want to do the same thing to some of them, then we're fanatics, we're bloodthirsty. But I think then the white man should know one thing—when I say white man, I'm not saying all of you, whatever you are, because some of you might be all right. And whichever one of you acts all right with me, you're all right with me, as long as you act all right. But if you don't act all right, you're not all right. All you've got to do to be all right with me is act all right. But don't come thinking you're all right just because you're white.

I think that point has to be made because if you don't clarify it, they go out of here saying you're a racist, that you're against all white people. We're not against all white people. We're against all those that aren't right, all of them that aren't right.

We purposely aren't going to have any question and answer period tonight. I don't think we need one. But we are going to take up a collection because we pay for this hall and we won't be able to get back here two weeks from now unless we pay for it. And when I say we pay for it, you know, we. Just let me take five minutes right now really quick before I forget while the brothers are coming to take up a collection.

And again, as soon as you start taking up a collection, you'll read in the papers tomorrow morning: "what they did—they took up a collection." They write like they're out of their mind. They always are intelligent until they come around us. When you read what they write someplace else, they write intelligently. But when we let them in here and let them write, then they write things that aren't even of

interest. [Shouts from the audience.] You say, “Why let them in?” Sometimes I’ll tell you why I let them in. But if you don’t want them in here, then keep them out.

[During the collection, Malcolm makes further announcements. He reports the arrival of an African Muslim teacher from Mecca and tells when and where he will be speaking. To offset any feeling of religious favoritism, he offers “to make an announcement for (any) church you belong to, church or synagogue.” He promises an effort will be made to get scholars and experts from the United Nations to speak at the next rally, “So we won’t have to go by what we read in the newspapers.” Then he continues:]

I think our brother, Sidi Ali, did a wonderful job in destroying that myth about cannibalism. The man is always trying to make it look like our people are cannibals. The only cannibal I’ve ever seen, the only persons I’ve ever seen who eat up people, are those people. Not our people, those people. I’m not saying who those people are, whoever fits “those.” And usually they end up trying to put all those characteristics on us to hide their own guilt. They shouldn’t do that. It should be emphasized over and over and over by you and me that we aren’t racists. One of the worst categories to let them put you in is the category of racist.

I’m not a racist. I don’t judge a man because of his color. I get suspicious of a lot of them and cautious around a lot of them—from experience. Not because of their color, but because of what experience has taught me concerning their overall behavior toward us. So, please don’t ever go away saying that we are against people because of their color. We are against them because of what they do to us and because of what they do to others. All they have to do to get our good will is to show their good will and stop doing all those dirty things to our people. Is that understood?

Also, within the next couple of weeks we will spell out the type of support we got on our effort to bring the United States into the United Nations and charge her with violating our human rights. You and I must take this government before a world forum and show the world that this government has absolutely failed in its duty toward us. It has failed from Washington, D.C., all the way in to New York City. They have failed in their duty toward you and me. They have failed to protect us, they have failed to represent us, they have failed to respect us. And since they have failed, either willingly or because of their inability, we think that they should be brought up there so the world can see them as they actually are.

Now, if this government doesn’t want to have her linen washed in public, then we give her a week or two to get her house in order. And if she can’t get it in order in two weeks, then get on out there with South Africa and Portugal and the rest of those criminals who have been exploiting and abusing dark-skinned people now for far too long. We’re all fed up. Right? Right.

[Malcolm introduces Jesse Gray, who suggests that the place to send black mercenaries is Mississippi, and concludes: “It’s always very easy for us to be ready to move and ready to talk and ready to act, but unless we truly get down into the heart of the ghetto and begin to deal with the problems of jobs, schools, and the other basic questions, we are going to be unable to deal with any revolutionary perspective, or with any revolution for that matter.” Malcolm then says:]

That was our brother Jesse Gray, the leader of the Harlem rent strikes, and what he said is true. When I speak of some action for the Congo, that action also includes Congo, Mississippi. But the point and thing that I would like to impress upon every Afro-American leader is that there is no kind of action in this country ever going to bear fruit unless that action is tied in with the overall international struggle.

You waste your time when you talk to this man, just you and him. So, when you talk to him, let him know your brother is behind you, and you’ve got some more brothers behind that brother. That’s the only way to talk to him, that’s the only language he knows. Why do I say, “Make sure your brother is behind you”? Because you’re going to have to fight this man, believe me, yes, you’re going to have to fight him. You’re going to have to fight him. He doesn’t know any other language.

You can go and talk that old pretty talk to him, he doesn't even hear you. He says yes, yes, yes. You know, you can't communicate if one man is speaking French and the other one is speaking German. They've both got to speak the same language. Well, in this country you're dealing with a man who has a language. Find out what that language is. Once you know what language he speaks in, then you can talk to him. And if you want to know what his language is, study his history. His language is blood, his language is power, his language is brutality, his language is everything that's brutal.

And if you can't talk that talk, he doesn't even hear you. You can come talking that old sweet talk, or that old peace talk, or that old nonviolent talk—that man doesn't hear that kind of talk. He'll pat you on your back and tell you you're a good boy and give you a peace prize. How are you going to get a peace prize when the war's not over yet? I'm for peace, but the only way you're going to preserve peace is be prepared for war.

Never let anybody tell you and me the odds are against us—I don't even want to hear that. Those who think the odds are against you, forget it. The odds are not against you. The odds are against you only when you're scared. The only things that makes odds against you is a scared mind. When you get all of that fright off of you, there's no such thing as odds against you. Because when a man knows that when he starts playing with you, he's got to kill you, that man is not going to play with you. But if he knows when he's playing with you that you're going to back up and be nonviolent and peaceful and respectable and responsible, why, you and me will never come out of his claws.

Let him know that you're peaceful, let him know that you're respectful and you respect him, and that you're law-abiding, and that you want to be a good citizen, and all those right-thinking things. But let him know at the same time that you're ready to do to him what he's been trying to do to you. And then you'll always have peace. You'll always have it. Learn a lesson from history, learn a lesson from history.

I must say this once before we close. I don't want you to think that I'm coming back here to rabble-rouse, or to get somebody excited. I don't think you have to excite our people; the man already has excited us. And I don't want you to think that I'm ready for some unintelligent action, or some irresponsible action, or for just any old thing just to be doing something. No. I hope that all of us can sit down with a cool head and a clear mind and analyze the situation, in the back room, anywhere, analyze the situation; and after we give the proper analysis of what we're confronted by, then let us be bold enough to take whatever steps that analysis says must be taken. Once we get it, then let's do it, and we'll be able to get some kind of result in this freedom struggle.

But don't let anybody who is oppressing us ever lay the ground rules. Don't go by their game, don't play the game by their rules. Let them know now that this is a new game, and we've got some new rules, and these rules mean anything goes, anything goes. Are you with me, brothers? I know you're with me.

So, again I thank you and we will look for all of you out here, if possible, two weeks from tonight on the 13th of December. By the way, I want to tell you, I was in Paris Monday night before Alioune Diop's group, Presence Africaine. Many of our people in Paris, as well as from the African continent, are organizing, and they are just as concerned with what is going on over here as you and I are. You and I have to link up with our people who are in Paris—when I say our people, you know, us—we have to link up with our people who are in London, England. We've got a whole lot of them over there, brothers, I saw them.

We've got to link up with our people who are in the Caribbean, in Trinidad, in Jamaica, in all the islands, and we've got to link up with our people who are in Central America and South America. Everywhere you see someone who looks like us, we've got to get together. And once we get together, brothers, we can get some action, because we'll find we are not the underdog. All those odds this man's talking about don't exist. He put them in our minds—right or wrong? Very good. So, we thank you, and we'll see you in two weeks. May Allah bless you.

Les Crane Interviews Malcolm X (December 2, 1964)

Les Crane: My next guest is Mr. Malcolm X, ladies and gentlemen. This interview is going to be a little difficult for me to do, because I know Malcolm. We've done shows together before. He's been a guest of mine on a couple of different occasions. We've had telephone conversations of length and interest. And—so to get the story, I'm going to make believe that we've never met, okay?

Malcolm X: That's fine. That's the best way.

Crane: All right. Let's start from the beginning. First of all, what is the Black Muslim movement?

Malcolm X: Well, as you know, I'm not in the Black Muslim movement. But the Black Muslim movement is an organization in this country that's headed by Elijah Muhammad.

Crane: That's all?

Malcolm X: It's an organization that's headed by Elijah Muhammad. It says it's a religious organization and that its religion is Islam. But the people in the world of Islam don't accept it as an orthodox Islamic religious organization.

Crane: In other words, they claim to be a branch, an American branch, of the Muhammadan religion.

Malcolm X: No, not the Muhammadan. The real Muslim never refers to his religion as the Muhammadan religion. His religion is Islam.

Crane: Muhammad being the prophet of that...

Malcolm X: Muhammad is one of the prophets of that religion. The people who believe in that religion believe in all of the prophets—Moses, Abraham, Jesus, all of them. But they believe in Muhammad ibn Abd

Allah as the last of the prophets. And Elijah Muhammad in this country says that he is also teaching that religion. But that religion is a religion of brotherhood. It advocates the brotherhood of man, all men.

Crane: That's the Muslim religion?

Malcolm X: Yes. This is the...well, those who practice the religion of Islam call themselves Muslims. In this country they're referred to as Moslems.

Crane: Now, you consider yourself to be a Moslem in this country?

Malcolm X: I'm a Muslim. I believe in the religion of Islam.

Crane: And you are no longer a member of the Black Muslims?

Malcolm X: No, no.

Crane: Now what caused that split?

Malcolm X: Well actually, I don't think that it's any...that it contributes anything constructive to go into what caused the split. I'm not in it. I was inseparable from it while I was in it. But now I'm not. I leave it in the past.

Crane: Well, I don't know how valuable it would be...you know, it was inconceivable to think of the Black Muslim movement in this country without thinking of Malcolm X. You were Elijah Muhammad's righthand man and his leading spokesman, as well as the head of the mosque in New

York, which is the largest Black Muslim mosque in the country, as I understood it. And there were certain things that the Black Muslims represented, at least in my mind through your speeches, that I think are worthy of discussion.

Malcolm X: Well, yes. I represented him probably more diligently than all of the rest of his representatives combined. And this somewhat led to the eventual split. Human nature being what it is.

Crane: Sort of like a power play almost?

Malcolm X: Human nature being what it is.

Crane: Call it politics. We'll call it that.

Malcolm X: Yes.

Crane: But also, you said that your trip to Africa has changed your thinking and your position to a great extent.

Malcolm X: Yes. One thing...travel always broadens one's scope. Travel does. Twice this year I visited both Africa and the Middle East. The first time I went was in April and May. I went to Mecca. I went primarily to get a better understanding of Islam. There were things that happened between me and Elijah Muhammad that caused me to greatly question his ability as a man, much less as a religious leader. And, based upon that doubt, I went in search of an understanding of the religion of Islam. I made the Hajj or the pilgrimage to Mecca. While I was...one of the things that Elijah Muhammad always taught us was that Islam is a religion of God. It was a religion in which no whites could participate. And he used...to prove his point, he told us that Mecca was a forbidden city. A city that was forbidden to non-Muslims. And since a white person couldn't be a Muslim in his teaching, he said that no white could enter Mecca. Well, I went to Mecca in May...rather, in April...and everyone was there. In fact, one member of the Turkish parliament, who had brought busloads, several hundred busloads, from Turkey to make the pilgrimage, was standing with me on the steps of the hotel in Mina, which is a short distance from Mecca. And he pointed out at that time that Mecca, during the Hajj season, or the pilgrimage season, would be an anthropologist's paradise, because every specimen of humanity is represented there. It's an absolute brotherhood. So that when I saw this with my own eyes and saw that people of all colors could practice brotherhood, it was at that point that I wrote back and pointed out that I believed in Islam as a religion of brotherhood. But this belief in brotherhood doesn't alter the fact that I'm also an Afro-American, or American Negro as you wish, in a society which has very serious and severe race problems which no religion can blind me to.

Crane: Well, what's interesting to me, there are words that you never used to use in the past in our discussions. You never used to use the word Negro. That word offended you. You used to say, "the so-called Negro."

Malcolm X: Well, I said Afro-American or American Negro, as you will.

Crane: And you believed also that brotherhood was impossible at one point.

Malcolm X: Let me explain. The reason I say...Afro-American is a term that our people in this country increasingly are beginning to use to identify themselves. But in using it, I take into consideration that many people don't know what is meant by Afro-American, so I use the word Negro to let you know I was still talking about us.

Crane: Integration offends you. You don't believe in the use of that word. You prefer to think of it as brotherhood which is, for the purposes of our discussion, going to be the same thing. But in the old days you didn't believe in brotherhood, you believed in pure strict separation, didn't you?

Malcolm X: Whenever I opened my mouth, I always said that Elijah

Muha...the Honorable Elijah Muhammad...teaches us thus and so. And I spoke for him. I represented him. I represented an organization and organizational thinking. Many of my own views that I had from personal experience I kept to myself. I was faithful to that organization and to that man. Since things came about that made me doubt his integrity, I thought...I think for myself, I listen as much as I can to everyone and try and come up with a capsule opinion, capsulized opinion. I believe that it is possible for brotherhood to be brought about among all people, but I don't delude myself into dreaming or falling for a dream that this exists before it exists. Some of the American...some of the leaders of our people in this country always say that they, you know, they believe in this dream. But while they're dreaming, our people are having a nightmare, and I don't think that you can make a dream come true by pretending that that dream exists when it doesn't.

Crane: You've been a critic of some of the Negro leadership in this country—Martin Luther King, Roy Wilkins, Abernathy, and others—have you changed in your feelings toward them of late?

Malcolm X: I think all of us should be critics of each other. Whenever you can't stand criticism you can never grow. I don't think that it serves any purpose for the leaders of our people to waste their time fighting each other needlessly. I think that we accomplish more when we sit down in private and iron out whatever differences that may exist and try and then do something constructive for the benefit of our people. But on the other hand, I don't think that we should be above criticism. I don't think that anyone should be above criticism.

Crane: Violence or the threat of violence has always surrounded you. Speeches that you've made have been interpreted as being threats. You have made statements reported in the press about how the Negroes should go out and arm themselves, form militias of their own. I read a thing once, a statement I believe you made that every Negro should belong to the National Rifle Association.

Malcolm X: No, I said this: That in areas of this country where the government has proven its...either its inability or its unwillingness to protect the lives and property of our people, then it's only fair to expect us to do whatever is necessary to protect ourselves. And in situations like Mississippi, places like Mississippi where the government actually has proven its inability to protect us...and it has been proven that oftentimes the police officers and sheriff's themselves are involved in the murder that takes place against our people...then I feel, and I say that anywhere, that our people should start doing what is necessary to protect ourselves. This doesn't mean that we should buy rifles and go out and initiate attacks indiscriminately against whites. But it does mean that we should get whatever is necessary to protect ourselves in a country or in an area where the governmental ability to protect us has broken down.

Crane: Therefore, you do not agree with Dr. King's Gandhian philosophy.

Malcolm X: My belief in brotherhood would never restrain me in any way from protecting myself in a society from a people whose disrespect for brotherhood makes them feel inclined to put my neck on a tree at the end of a rope.

Crane: Well, it sounds as though you could be preaching a sort of an anarchy.

Malcolm X: No, no. I respect government and respect law. But does the government and the law respect us? If the FBI, which is what people depend upon on a national scale to protect the morale and the property and the lives of the people, can't do so when the property and lives of Negroes and whites who try and help Negroes are concerned, then I think that it's only fair to expect elements to do whatever is necessary to protect themselves. And this is no departure from normal procedure, because right here in New York City you have vigilante committees that have been set up by groups who see where their neighborhood community is endangered, and the law can't do anything about it. So—and even their lives aren't at stake. So—but the fear, Les, seems to come into existence only when someone says Negroes should form vigilante committees to protect their lives and their property. I'm not advocating the breaking of any laws. But I say that our people will never be respected as human beings

until we react as other normal, intelligent human beings do. And this country came into existence by people who were tired of tyranny and oppression and exploitation and the brutality that was being inflicted upon them by powers higher than they, and I think that it is only fair to expect us, sooner or later, to do likewise.

Crane: One last question. You don't preach separatism anymore and I assume you don't want to set up a Black African state in this country anymore. What is your main effort toward now?

Malcolm X: Well, the...one of the organizations which we've now formed, the Organization of Afro-American Unity, has reached the conclusion, after a careful analysis of the problem, that approaching our problem just on the level of civil rights and keeping it within the jurisdiction of the United States will not bring a solution. It's not a Negro problem or an American problem any longer. It's a world problem, it's a human problem. And so, we're striving to lift it from the level of civil rights to the level of human rights. And at that level it's international. We can bring it into the United Nations and discuss it in the same tone and in the same language as the problems of people in other parts of the world also is discussed.

Crane: I'm afraid the clock has caught us. It has been interesting. Thank you so much for coming up.

Malcolm X: You're welcome.

Oxford Union Debate

(December 3, 1964)

Mr. Chairman, tonight is the first night that I've have ever had opportunity to be as near to conservatives as I am. And the speaker who preceded me, first I want to thank you for the invitation to come here to the Oxford Union, the speaker who preceded me is one of the best excuses that I know to prove our point concerning the necessity, sometimes, of extremism, in defense of liberty, why it is no vice, and why moderation in the pursuit of justice is no virtue. I don't say that about him personally, but that type. He's right, X is not my real name, but if you study history, you'll find why no black man in the western hemisphere knows his real name. Some of his ancestors kidnapped our ancestors from Africa and took us into the western hemisphere and sold us there. And our names were stripped from us and so today we don't know who we really are. I am one of those who admit it and so I just put X up there to keep from wearing his name.

And as far as this apartheid charge that he attributed to me is concerned, evidently, he has been misinformed. I don't believe in any form of apartheid, I don't believe in any form of segregation, I don't believe in any form of racialism. But at the same time, I don't endorse a person as being right just because his skin is white, and often times when you find people like this, I mean that type, when a man whom they have been taught is below them has the nerve or firmness to question some of their philosophy or some of their conclusions, usually they put that label on us, a label that is only designed to project an image which the public will find distasteful. I am a Muslim, if there is something wrong with that then I stand condemned. My religion is Islam I believe in Allah, I believe in Mohammed as the apostle of Allah, I believe in brotherhood, of all men, but I don't believe in brotherhood with anybody who's not ready to practice brotherhood with our people.

I just take time to make these few things clear because I find that one of the tricks of the west, and I imagine my good friend...or rather that type from the west...one of the tricks of the west is to use or create images, they create images of a person who doesn't go along with their views and then they make certain that this image is distasteful, and then anything that that person has to say from thereon, from thereon in, is rejected.

And this is a policy that has been practiced pretty well, pretty much by the west, it perhaps would have been practiced by others had they been in power, but during recent centuries the west has been in power

and they have created the images, and they've used these images quite skillfully and quite successfully, that's why today we need a little extremism in order to straighten a very nasty situation out, or very extremely nasty situation out.

I think the only way one can really determine whether extremism in the defense of liberty is justified, is not to approach it as an American or a European or an African or an Asian, but as a human being. If we look upon it as different types immediately, we begin to think in terms of extremism being good for one and bad for another, or bad for one and good for another. But if we look upon it, if we look upon ourselves as human beings, I doubt that anyone will deny that extremism, in defense of liberty, the liberty of any human being, is a value. Anytime anyone is enslaved, or in any way deprived of his liberty, if that person is a human being, as far as I am concerned, he is justified to resort to whatever methods necessary to bring about his liberty again.

But most people usually think, in terms of extremism, as something that is relative, related to someone they know or something that they've heard of, I don't think they look upon extremism by itself, or all alone. They apply it to something. A good example—and one of the reasons that this can't be too well understood today—many people who have been in positions of power in the past don't realize that the power, the centers of power, are changing. When you're in a position of power for a long time you get used to using your yardstick, and you take it for granted that because you've forced your yardstick on others, that everyone is still using the same yardstick. So that your definition of extremism usually applies to everyone, but nowadays times are changing, and the center of power is changing. People in the past who weren't in a position to have a yardstick or use a yardstick of their own are using their own yardstick now. You use one and they use another. In the past when the oppressor had one stick and the oppressed used that same stick, today the oppressed are sort of shaking the shackles and getting yardsticks of their own, so when they say extremism, they don't mean what you do, and when you say extremism you don't mean what they do. There are entirely two different meanings. And when this is understood I think you can better understand why those who are using methods of extremism are being driven to them.

A good example is the Congo. When the people who are in power want to, again, create an image to justify something that's bad, they use the press. And they'll use the press to create a humanitarian image, for a devil, or a devil image for a humanitarian. They'll take a person whose a victim of the crime, and make it appear he's the criminal, and they'll take the criminal and make it appear that he's the victim of the crime. And the Congo situation is one of the best examples that I can cite right now to point this out. The Congo situation is a nasty example of how a country because it is in power, can take it's press and make the world accept something that's absolutely criminal. They take pilots that they say are American trained, and this automatically lends respectability to them, and then they will call them anti-Castro Cubans, and that's supposed to add to their respectability, and eliminate that fact that they're dropping bombs on villages where they have no defense whatsoever against such planes, blowing to bits black women, Congolese women, Congolese children, Congolese babies, this is extremism, but it is never referred to as extremism because it is endorsed by the west, it is financed by America, it's made respectable by America, and that kind of extremism is never labeled as extremism. Because it's not extremism in defense of liberty, and if it is extremism in defense of liberty as this type just pointed out, it is extremism in defense of liberty for the wrong type of people.

I am not advocating that kind of extremism, that's cold-blooded murder. But the press is used to make that cold-blooded murder appear as an act of humanitarianism. They take it one step farther and get a man named Tshombe, who is a murderer, they refer to him as the premier, or prime minister of the Congo, to lend respectability to him, he's actually the murderer of the rightful Prime Minister of the Congo, they never mention this.

I'm not for extremism in defense of that kind of liberty, or that kind of activity. They take this man, who's a murderer, and the world recognizes his as a murderer, but they make him the prime minister, he becomes a paid murderer, a paid killer, who is propped up by American dollars. And to show the degree to which he is a paid killer the first thing he does is go to South Africa and hire more killers and

bring them into the Congo. They give them the glorious name of mercenary, which means a hired killer, not someone that is killing for some kind of patriotism or some kind of ideal, but a man who is a paid killer, a hired killer. And one of the leaders of them is right from this country here, and he's glorified as a soldier of fortune when he's shooting down little black women, and black babies, and black children. I'm not for that kind of extremism, I'm for the kind of extremism that those who are being destroyed by those bombs and destroyed by those hired killers, are able to put forth to thwart it. They will risk their lives at any cost, they will sacrifice their lives at any cost, against that kind of criminal activity. I am for the kind of extremism that the freedom fighters in the Stanleyville regime are able to display against these hired killers, who are actually using some of my tax dollars which I have to pay up in the united states, to finance that operation over there. We're not for that kind of extremism.

Now again I think you must point out that one of those who are very much involved as accessories to the crime is the press. Not so much your press, but the American press which has tricked your press into repeating what they have invented. But I was reading in one of the English papers this morning, I think it's a paper called The Express, and it gave a very clear account of the type of criminal activity that has been carried on by the mercenaries that are being paid by United States tax dollars. And it showed where they were killing Congolese, whether they were from the central government or the Stanleyville government, it didn't make any difference to them, they just killed them. And they had it fixed where those who had been processed had to wear a white bandage around their head, and any Congolese that they saw without their white bandage, they killed them. And this is clearly pointed out and at the beginning of last week there would have been an outcry and no one would have allowed Belgium and the united states and the others who are in cahoots with each other, to carry on the criminal activity that they did in the Congo, which I doubt anyone in the world, even here at Oxford, will accept, not even my friend.

Questioner 1: What exactly sort of extremism would you consider the killing of missionaries?

Malcolm X: I would call it the kind of extremism that was involved when

America dropped the bomb on Hiroshima and killed 80,000, or over 80,000 people, men, women, children, everything. It was an act of war. I'd call it the same kind of extremism that happened when England dropped bombs on German cities and Germans dropped bombs on English cities. It was an act of war, and the Congo situation is war, and when you call it war, then anybody that dies, they die a death that is justified. But those who are, but those who are in the Stanleyville regime, sir, are defending their country, those who are coming in are invading their country. And some of the refugees that were questioned on television in this city a couple of days ago pointed out that had the paratroopers not come in they doubted that they would have been molested, they weren't indeed molested until the paratroopers came in.

I don't encourage any act of murder nor do I glorify in anyone's death, but I do think that when the white public uses its press to magnify the fact that there are lives of white hostages at stake, they don't say "hostages," every paper says, "white hostages." They give me the impression that they attach more importance to a white hostage and a white death, than they do the death of a human being, despite the color of his skin. I feel forced to make that point clear, that I'm not for any indiscriminate killing, nor does the death of so many people go by me without creating some kind of emotion. But I think that white people are making the mistake, and if they read their own newspapers, they will have to agree that they, in clear cut language, make a distinction between the type of dying according to the color of the skin. And when you begin thinking in terms of death being death, no matter what type of human being it is, then we all will probably be able to sit down as human beings and get rid of this extremism and moderation. But as long as the situation exists as it is, we're going to need some extremism, and I think some of you will need some moderation too.

So why would such an act in the Congo, which is so clearly criminal, be condoned? It's condoned primarily because it has been glorified by the press and has been made to look beautiful, and therefore the world automatically sanctions it. And this is the role that the press plays, if you study back in history

different wars, always the press, whenever a country that's in power wants to step in unjustly and invade someone else's property, they use the press to make it appear that the area that they are about to invade is filled with savages, or filled with people who have gone berserk, or they are raping white women, molesting nuns, they use the same old tactic year in and year out. Now there was a time when the dark world, people with dark skin, would believe anything that they saw in the papers that originated in Europe. But today, no matter what is put in the paper, they stop and look at it two or three times and try and figure out what is the motive of the writer. And usually they can determine what the motive of the writer is. The powers that be use the press to give the devil an angelic image and give the image of the devil to the one who's really angelic. They make oppression and exploitation and war actually look like an act of humanitarianism. This is not the kind of extremism that I support or that I go along with.

One of the reasons that I think it is necessary for me to clarify my own point, personally, I was in a conversation with a student here, on the campus, yesterday, and she, after we were, I think we had coffee or dinner or something, there were several of us, I have to add that in for those minds of yours that run astray. And she asked me, she told me that "We'll I'm surprised that you're not what I expected," and I said what do you mean. And she said, "well I was looking for your horns", and so I told her I have them, but I keep them hidden, unless someone draws them out. As my friend, or that type, it takes certain types to draw them out. And this is actually true, usually when a person is looked upon as an extremist, anything that person does in your eyesight is extreme.

On the other hand, if a person is looked upon as conservative, just about anything they do is conservative. And this again comes through the manipulating of images. When they want you to think of a certain area or certain group as involved in actions of extremism, the first thing they do is project that person in the image of an extremist. And then anything he does from then on is extreme, you know it doesn't make any difference whether it is right or wrong, as far as your concerned if the image is wrong, whatever they do is wrong. And this has been done by the western press, and also by the American press, and it has been picked up by the English press and the European press. Whenever any black man in America shows signs of an uncompromising attitude, against the injustices that he experiences daily, and shows no tendency whatsoever to compromise with it, then the American press characterizes him as a radical, as an extremist someone who's irresponsible, or as a rabble-rouser or someone who doesn't rationalize in dealing with the problem.

Question: I wonder if you could consider, just briefly, ah, that you have projected, rather successfully, a quite upsetting image of a "type".

Malcolm X: It depends on what angle [booing against questioner], no let the gentleman bring out his point. It depends on which angle you look at it sir. I never try and hide what I am.

Question: I am referring to your treatment of the previous speaker.

Malcolm X: You are referring to my treatment of the previous speaker?

You make my point! That as long as a white man does it, it's alright, a black man is supposed to have no feelings. But when a black man strikes back, he's an extremist, he's supposed to sit passively and have no feelings, be nonviolent, and love his enemy no matter what kind of attack, verbal or otherwise, he's supposed to take it. But if he stands up in any way and tries to defend himself, then he's an extremist.

No, I think that the speaker who preceded me is getting exactly what he asked for. My reason for believing in extremism, intelligently directed extremism, extremism in defense of liberty, extremism in quest of justice, is because I firmly believe in my heart, that the day that the black man takes an uncompromising step, and realizes that he's within his rights, when his own freedom is being jeopardized, to use any means necessary to bring about his freedom, or put a halt to that injustice, I don't think he'll be by himself. I live in America where there are only 22 million blacks against probably 160 million whites. One of the reasons that I am in no way reluctant or hesitant to do whatever is necessary to see that black people do something to protect themselves, I honestly believe that the day that they do,

many whites will have more respect for them, and there'll be more whites on their side than there are now on their side with these little wishywashy "love thy enemy" approach that they have been using up until now. And if I am wrong than you are racist.

As I said earlier, in my conclusion, I'm a Muslim. I believe in Allah, I believe in Mohammed, I believe in all of the prophets, I believe in fasting, prayer, charity, and that which is incumbent on a Muslim to fulfill in order to be a Muslim. In April I was fortunate to make the Hajj to Mecca, and went back again in September, to try and carry out my religious functions and requirements, but at the same time that I believe in that religion, I have to point out that I am an American Negro. And I live in a society whose social system is based upon the castration of the black man, whose political system is based upon castration of the black man, and whose economy is based upon the castration of the black man.

A society which, in 1964, has more subtle, deceptive, deceitful methods to make the rest of the world think that it's cleaning up its house, while at the same time, the same things are happening to us in 1964 that happened in 1954, 1924 and 1884. They came up with a civil rights bill in 1964, supposedly to solve our problem, and after the bill was signed, three civil rights workers were murdered in cold blood. And the FBI head, Hoover, admits that they know who did it, they've known ever since it happened, and they've done nothing about it. Civil rights bill down the drain. No matter how many bills pass, black people in that country, where I'm from, still our lives are not worth two cents. And the government has shown its inability, or either it's unwillingness to do whatever is necessary to protect black property where the black citizen is concerned. So my contention is that whenever a people come to the conclusion that the government, which they have supported, proves itself unwilling, or proves itself unable to protect our lives and protect our property, because we have the wrong color skin, we are not human beings unless we ourselves band together and do whatever, however, whenever, is necessary to see that our lives and our property is protected, and I doubt that any person in here would refuse to do the same thing if he were in the same position, or I should say we're he in the same condition.

Just one step farther to see if I am justified in this stance, and I am speaking as a black man from America which is a racist society, no matter how much you hear it talk about democracy it's as racist as South Africa or as racist as Portugal or as racist as any other racist society on this earth. The only difference between it and South Africa, South Africa preaches separation and practices separation, America preaches integration and practices segregation. This is the only difference, they don't practice what they preach, whereas South Africa practices and preaches the same thing. I have more respect for a man who lets me know where he stands, even if he's wrong, than the one comes up like an angel and is nothing but a devil.

The system of government that America has consists of committees, there are sixteen senatorial committees that govern the country and twenty congressional committees. Ten of the sixteen senatorial committees are in the hands of southern racials, senators who are racials. Thirteen of the twenty, this is before the last election I think it is even more so now, ten of the sixteen senatorial committees are in the hands of senators who are southern racials, thirteen of the twenty congressional committees were in the hands of southern congressmen who are racials. Which means out of the thirty-six committees that govern the foreign and domestic direction of that government, twenty-three are in the hands of southern racials. Men who in no way believe in the equality of man. And men who do anything within their power to see that the black man never gets to the same seat, or to the same level that they're on. The reason that these men, from that area, have that type of power is because America has a seniority system, and these who have this seniority have been there longer than anyone else because the black people in the areas where they live, can't vote. And it is only because the black man is deprived of his vote that puts these men in positions of power that gives them such influence in the government beyond their actual intellectual or political ability, or even beyond the number of people from the areas that they represent.

So we can see, in that country, that no matter what the federal government professes to be doing, the power of the federal government lies in these committees and any time a black man or any type of

legislation is proposed to benefit the black man, or give the black man his just due, we find that it is locked up in these committees right here. And when they let something through these committees, usually it is so chopped up and fixed up that by the time it becomes law, it is a law that can't be enforced.

Another example is the Supreme Court's desegregation decision that was handed down in 1954. This is a law, and they have not been able to implement this law in New York City or in Boston or in Cleveland or Chicago or the northern cities. And my contention is that any time you have a country, supposedly a democracy, supposedly the "land of the free and the home of the brave," and it can't enforce laws, even in the northern most cosmopolitan and progressive part of it, that will benefit a black man, if those laws can't be enforced, how much heart do you think we will get when they pass some civil rights legislation which only involves more laws. If they can't enforce this law, they'll never enforce those laws.

So, my contention is, we are faced with a racialistic society, a society in which they are deceitful, deceptive, and the only way we can bring about a change is speak the language that they understand. The racialists never understand a peaceful language, the racialists never understand the nonviolent language, the racialist has spoken his type of language to us for over four hundred years. We have been the victim of his brutality, we are the ones who face his dogs, who tear the flesh from our limbs, only because we want to enforce the Supreme Court decision. We are the ones who have our skulls crushed, not by the Ku Klux Klan, but by policeman, all because we want to enforce what they call the Supreme Court decision. We are the ones upon whom waterhoses are turned on, practically so hard that it rips the clothes from our back, not men, but the clothes from the backs of women and children, you've seen it yourself. All because we want to enforce what they call the law. Well any time you live in a society supposedly and it doesn't enforce its own laws, because the color of a man's skin happens to be wrong, then I say those people are justified to resort to any means necessary to bring about justice where the government can't give them justice.

I don't believe in any form of unjustified extremism. But I believe that when a man is exercising extremism, a human being is exercising extremism, in defense of liberty for human beings, it's no vice. And when one is moderate in the pursuit of justice for human beings, I say he's a sinner.

And I might add in my conclusion, in fact, America is one of the best examples, when you read its history, about extremism. Ol' Patrick Henry said "liberty or death"—that's extremism.

I read once, passingly, about a man named Shakespeare. I only read about him passingly, but I remember one thing he wrote, that kind of moved me. He put it in the mouth of Hamlet, I think it was, who said "to be or not to be". He was in doubt about something. Whether it was nobler, in the mind of man, to suffer the slings and arrows of outrageous fortune— moderation—or to take up arms against the sea of troubles and, by opposing, end them. And I go for that; if you take up arms, you'll end it, but if you sit around and wait for the one who is in power to make up his mind that he should end it, you'll be waiting a long time. And in my opinion, the young generation of whites, blacks, browns, whatever else there is, you're living at a time of extremism, a time of revolution, a time when there's got to be a change, people in power have misused it, and now there has to be a change. And a better world has to be built and the only way it's going to be built is with extreme methods. And I, for one, will joint in with anyone— don't care what color you are—as long as you want to change this miserable condition that exists on this earth. Thank you.

Speech to Peace Corps Workers (December 12, 1964)

First, I want to let you know I am very thankful for the invitation to speak here this afternoon. Number one, before a group such as this, and number two, I always feel more at home in Harlem than anywhere else I've ever been. The topic we are going to discuss in a very informal way is Africa and the African Revolution and its effect on the Afro-American.

I take time to mention that because I am one who believes that what's happening on the African continent has a direct bearing on what happens to you and me in this country: The degree to which they

get independence, strength, and recognition on that continent is inseparable from the degree to which we get independence, strength, and recognition on this continent, and I hope before the day is over to be able to clarify that.

First, I would like to point out that since it is my understanding that most of you are training to be leaders in the community, the country, and the world, some advice that I would give is that whenever you occupy a position of responsibility never accept images that have been created for you by someone else. It is always better to form the habit of learning how to see things for yourself, listen to things for yourself, and think for yourself; then you are in a better position to judge for yourself.

We are living in a time when image-making has become a science. Someone can create a certain image and then use that image to twist your mind and lead you right up a blind path. An example: A few weeks ago, I was on a plane traveling from Algiers to Geneva. There were two white Americans sitting beside me, one a male, the other a female. I had met the male in the airport, and we had struck up a conversation. He was an interpreter for the United Nations and was based in Geneva. The lady was with the American Embassy in Algeria. So, we conversed for about forty minutes between Algiers and Geneva, a nice human conversation. I don't think they were trying to be white and they weren't trying to prove they weren't white. They weren't particularly trying to prove anything. It was just a conversation between three human beings. I certainly wasn't trying to make them think I wasn't black; race just didn't come into the conversation.

So, after we had this quiet, objective, friendly, and very informative conversation for about forty minutes, the lady looked at my briefcase and said, "I want to ask you a personal question. What kind of last name could you have that begins with an 'X'?" This was bugging her. I said, "That's it, 'X,'" like that. So, she said, "Well, what's your first name?" I said, "Malcolm."

She waited about ten minutes and said, "You're not Malcolm X?" and I said, "Yes." She said, "But you're not what I was looking for." I told her right then and there about the danger of believing what she hears someone else say or believing what she reads that someone else has written and not keeping herself in a position to weigh things for herself.

So, I just take time to mention that because it is very dangerous for you and me to form the habit of believing completely everything about anyone or any situation when we only have the press as our source of information. It is always better, if you don't want to be completely in the dark, to read about it. But don't come to a conclusion until you have an opportunity to do some personal, firsthand investigation for yourself.

The American press, in fact the FBI, can use the American press to create almost any kind of image they want of anyone on the local scene. And then you have other police agencies of an international stature that are able to use the world press in the same manner. If the press is able to project someone in the image of an extremist, no matter what that person says or does from then on, it is considered by the public as an act of extremism. No matter how good, constructive, or positive it is, because it's done by this person who has been projected as an extremist, the people who have been misled by the press have a mental block and the press knows that. The person can run and save someone from drowning in the middle of the Hudson, but still the act is looked upon with suspicion because the press has been used to create suspicion toward that person.

I point these things out—especially for you and me, those of us who are trying to come from behind. If we aren't aware, we'll find that all these modem methods of trickery will be used, and we will be maneuvered into thinking that we are getting freedom or thinking that we are making progress when actually we will be going backward.

And one of the things that you and I as an oppressed people should be on guard against, as I said, is to be very careful about letting anyone paint our images for us. The world press as well as the American press can make the victim of the crime look like the criminal and can make the criminal look like the

victim. You don't think that is possible for someone to do this to your mind, but all you have to do is take a look at what happened in the Congo. The world press projected the scene in the Congo as one wherein the people who were the victims of the crime were made to appear as if they were the actual criminals and the ones who were the actual criminals were made to appear as if they were the actual victims. The press did this, and by the press doing this, it made it almost impossible for the public to analyze the Congo situation with clarity and keep it in its proper perspective.

An example: Here we had African villages in the Congo that had no kind of air force whatsoever, they were completely without defense against air attacks; planes were dropping bombs on these African villages. The bombs were destroying women and children. But there was no great outcry here in America against such an inhuman act because the press very skillfully made it look like a humanitarian project by referring to the pilots as "American trained." And as soon as they put the word American in there, that was supposed to lend it some kind of respectability or legality.

They called them American-trained, anti-Castro Cuban pilots and since Castro is a word that is almost like a curse, the fact that they were antiCastro pilots made whatever they were doing an act of humanitarianism. But still you can't overlook the fact that they were dropping bombs on villages in Africa that had no defense whatsoever against bombs. But they called this an act of humanitarianism and the public was made to accept it as an act of humanitarianism.

I have to point this out because it is an example of how the press can maneuver and manipulate your mind to make you think that mass murder is some kind of humanitarian project simply by making the image of the criminal appear to be that of a humanitarian and the image of the victim that of the criminal.

So, it is good to keep this in mind because you can take it a step further. One of the principal images in that scene over there was Tshombe, who is a murderer. He murdered the rightful prime minister of the Congo; this cannot be denied. The rightful minister of the Congo was Patrice Lumumba. Now, the one who is responsible for having murdered him in cold blood—and the world knows it—was put over the Congo as its premier by the United States Government and this gave him some kind of image of respectability because America sanctioned him. Not only did America sanction him, she supplied him with sufficient funds wherein he could then go to South Africa and import hired killers, mercenaries they call them, but a mercenary is a hired killer.

So, this man, Tshombe, who was a murder hired by the United States and placed in a position of authority over the Congo, showed his nature by what he did with American money—he hired some more killers. But because he was appointed by America Tshombe wasn't looked upon as a murderer or a killer, and the American press gave the mercenaries an image of respectability. An image of respectability. Now these mercenaries, under Tshombe's sanction and support, were indiscriminately shooting African women and children as well as African men.

No one got upset over the loss of thousands of Congolese lives; they only got upset when the lives of a few whites were at stake. Because when the lives of the whites were at stake, the press immediately played on your sentiment by referring to these whites as innocent hostages, as nuns and priests and missionaries, and it gave them an image that you would sympathize with.

I must point this out because it shows you how tricky the press can be. The press can make you not have any sympathy whatsoever for the death of thousands of people who look just like yourself, but at the same time, they make tears roll down your face over the loss of a few lives that don't look anything like yourself. They manipulate your feelings.

So, my advice to any of you who at any time think that you'll ever be placed in a position of responsibility—you owe it to others as well as to yourself to be very careful about letting others make up your mind for you. You have to learn how to see for yourself, hear for yourself, think for yourself, and then judge for yourself.

Secondly, I would like to say this: It concerns my own personal self, whose image they have projected in their own light. I am against any form of racism. We are all against racism. The only difference between you and me is that you want to fight racism and racists non-violently and lovingly and I'll fight them the way they fight me. Whatever weapon they use, that's the one I'll use. I go for talking the kind of language he talks. You can't communicate with a person unless you use the language he uses. If a man is speaking French, you can talk German all night long, he won't know what you're talking about. You have to find out what kind of language he understands and then you put it to him in the language that he understands.

I'm a Muslim, which means my religion is Islam. I believe in Allah. I believe in all of the prophets, whoever represented God on this earth. I believe what Muslims believe: prayer, fasting, charity, and the pilgrimage to the Holy Land, Mecca, which I've been fortunate to have made four or five times. I believe in the brotherhood of man, all men, but I don't believe in brotherhood with anybody who doesn't want brotherhood with me. I believe in treating people right, but I'm not going to waste my time trying to treat somebody right who doesn't know how to return that treatment. This is the only difference between you and me.

You believe in treating everybody right whether they put a rope around your neck or whether they put you in the grave. Well, my belief isn't that strong. I believe in the brotherhood of man, but I think that anybody who wants to lynch a Negro is not qualified for that brotherhood and I don't put forth any effort to get them into that brotherhood. You want to save him, and I don't.

Despite the fact that I believe in the brotherhood of man as a Muslim, and in the religion of Islam, there is one fact also that I can't overlook: I'm an Afro-American and Afro-Americans have problems that go well beyond religion. We have problems that our religious organization in itself cannot solve and we have problems that no one organization can solve or no one leader can solve. We have a problem that is going to take the combined efforts of every leader and every organization if we are going to get a solution. For that reason, I don't believe that as a Muslim it is possible for me to bring my religion into any discussion with non-Muslims without causing more division, animosity, and hostility; then we will only be involved in a self-defeating action. So, based upon that, there is a group of us that have formed an organization. Besides being Muslims, we have gotten together and formed an organization that has nothing to do with religion at all; it is known as the Organization of Afro-American Unity.

In this organization we involve ourselves in the complete struggle of the Afro-American in this country, and our purpose in becoming involved with a non-religious group is to give us the latitude to use any means necessary for us to bring an end to the injustices that confront us. I believe in any means necessary. I believe that the injustices that we have suffered and will continue to suffer will never be brought to a halt as long as we put ourselves in a straitjacket when fighting those injustices.

Those of us in the Organization of Afro-American Unity have adopted as our slogan "by any means necessary" and we feel we are justified. Whenever someone is treating you in a criminal, illegal, or immoral way, why, you are well within your rights to use anything at your disposal to bring an end to that unjust, illegal, and immoral condition. If we do it like that, we will find that we will get more respect and will be further down the road toward freedom, toward recognition and respect as human beings. But as long as we dillydally and try to appear that we're more moral by taking a beating without fighting back, people will continue to refer to us as very moral and well-disciplined persons, but at the same time we will be as far back a hundred years from now as we are today. So, I believe that fighting those who fight us is the best course of action in any situation.

Again, if the Government doesn't want Negroes fighting anyone who is fighting us, then the Government should do its job; the Government shouldn't put the weight on us. If the Ku Klux Klan in Mississippi is carrying on criminal activities to the point of murdering black people, then I think if black people are men, human beings, the same as anybody else, you and I should have the right to do the same

thing in defense of our lives and our property that all other human beings on this earth do in defense of their lives and in defense of their property, and that is to talk the language that the Klan understands.

So, I must emphasize, we are dealing with a powerful enemy, and again, I am not anti-American or un-American. I think there are plenty of good people in America, but there are also plenty of bad people in America and the bad ones are the ones who seem to have all the power and be in these positions to block things that you and I need. Because this is the situation, you and I have to preserve the right to do what is necessary to bring an end to that situation, and it doesn't mean that I advocate violence, but at the same time I am not against using violence in self-defense. I don't even call it violence when it's self-defense, I call it intelligence.

So, what impact or effect does the African Revolution have upon you and me? Number one, prior to 1959, many of us didn't want to be identified with Africa in any way, not even indirectly or remotely. The best way to curse one of us out was to call us an African; we'd get insulted. But if you've noticed, since 1959 and in more recent years, that's changed. It's changing among us subconsciously faster than we even realize.

The reason for this change is that prior to 1959 the African image was not created by Africans. The image of Africa was created by European powers. These Europeans joined with America and created a very negative image of Africa and projected this negative image abroad. They projected Africa as a jungle, a place filled with animals, savages, and cannibals. The image of Africa and the Africans was made so hateful that 22 million of us in America of African ancestry actually shunned Africa because its image was a hateful, negative image. We didn't realize that as soon as we were made to hate Africa and Africans, we also hated ourselves. You can't hate the root and not hate the fruit. You can't hate Africa, the land where you and I originated, without ending up hating you and me.

And the man knew that. We began to hate African features. We hated the African nose and the African lips and the African skin and the African hair. We hated the hair so much we even put lye on it to change its looks. We began hating ourselves. And you know, they accuse us of teaching hate. What is the most inhuman or immoral: a man that teaches you to hate your enemies or a man that skillfully maneuvers you into hating yourself? Well, I think teaching a man to hate himself is much more criminal than teaching him to hate someone else. Look at you—who taught you to hate yourself? If you say we're hate teachers, you tell me who taught you to hate so skillfully, so completely, until we have been maneuvered today so that we don't even want to be what we actually are. We want to be somebody else, we want to be someone else, we want to be something else. Many of us want to be somewhere else.

Then after 1959, as Africans began to get independence, they began to change the image of the African. They got into a position to project their own image abroad. The image began to swing from negative to positive and to the same degree that the African image began to change from negative to positive, the Afro-American's image also began to change from negative to positive. His behavior and objectives began to change from negative to positive to the same degree that the behavior and the objectives of the African changed from negative to positive. They had a direct bearing upon the attitude that we here in America began to develop toward each other and also toward the man, and I don't have to say what man.

There were elements in the State Department that began to worry about this change in image. As Africa became militant and uncompromising, you and I became militant and uncompromising, and even the most bourgeois Uncle Tom Afro-American was happy when he heard about the Mau Maus. Yeah, he was happy when he heard it. He wouldn't say so openly because it wasn't a status symbol to identify with it in some quarters. In other quarters, it was. But all of this uncompromising and militant action on the part of the Africans created a tendency among our people in this country to be the same way, but many of us didn't realize it. It was an unconscious effect, but it had its effect.

That racist element in the State Department became worried about this. And you are out of your mind if you don't think that there's a racist element in the State Department. I'm not saying that everybody in the State Department is a racist, but I'm saying they sure got some in there and they got them in

powerful positions. And this is the element that became worried about the changing Negro mood and the changing Negro behavior. Especially if that mood and behavior became one of violence, and by violence they only mean when a black man protects himself against the attack of the white man.

When it comes time for a black man to explode, they call it violence, but white people can be exploding against black people all day long and it's never called violence. I have even had some of you come to me and ask if I'm for violence. I'm the victim of violence and you're the victim of violence. In fact, you've been so victimized by it, you can't recognize it for what it is today.

The fear was that the changing image of the African would have a tendency to change your and my image much too much, and they knew you and I tended to identify with Africa where we didn't formerly do so. Their fear was that sympathy and that identity would eventually develop into sort of an allegiance for African hopes and aspirations above and beyond America's hopes and aspirations. So, they had to do something to create a division between the Afro-American and the African so that you and I and they could not get together and coordinate our efforts and make faster progress than we had been making up to that time.

They don't mind you struggling for freedom as long as you struggle according to their rules. As long as you let them tell you how to struggle, they go for your struggle. But as soon as you come to one of them who is supposed to be for your freedom and tell him you're for freedom by any means necessary, he gets away from you. He's for his freedom by any means necessary, but he'll never go along with you to get your freedom by any means necessary.

United States history is that of a country that does whatever it wants to by any means necessary, to look out for its interest by any means necessary, but when it comes to your and my interest, then all of the means become limited. And we can't go along with that. We say what's good for the goose is good for the gander. If we are going to be non-violent, then let America become non-violent. Let her pull her troops out of Saigon and pull her troops out of the Congo and pull back all her troops everywhere and then we will see that she is a non-violent country, that we're living in a nonviolent society. But until they get non-violent themselves, you're out of your mind to get non-violent. That's all I say on that.

I'm for peace, but I don't see how any black people can be at peace before the war is over, and you haven't even won a battle yet. If I have to follow a general who is fighting for my freedom and the enemy begins to pin peace medals on him before I've gotten my freedom, I'm afraid I'll have to find another general because it's impossible for a general to be at peace when his people don't get no peace. It is impossible to give out peace medals when the people who are oppressed don't have any peace.

The only man who has peace is the man at the top. And I don't think that black people should be at peace in any way; there should be no peace on earth for anybody until there's peace also for us.

As the African nations began to get very nationalistic, very militant, and very uncompromising in their search for freedom, the European powers found they couldn't stay on the African continent any longer. It's like someone in a football game or a basketball game: When he's trapped or boxed in, he doesn't throw the ball away, but he has to pass it to someone who's in the clear. And this is the same thing the Europeans did.

The Africans didn't want them anymore, so they had to pass the ball to one of their partners who was in the clear and that partner was Uncle Sam.

Uncle Sam caught the ball and he's been carrying it ever since. All you have to do is go to the African continent, travel from one end of it to the other, and you'll find out that the American position and influence has only replaced the position and influence of the former colonial powers and they did it very skillfully.

They knew that no non-African could stay on that continent against the will of the African, so they had to use a better, more subtle method. They had to make friends with the African. They had to make the African think they were there to help them, so they started pretending like they wanted to help you and me over here. They came up with all these pretty slogans about integration which they haven't produced yet.

They came up with slogans about this kind of program and that kind of program, but when you analyze it very closely, you find that they haven't produced it yet. It hasn't produced what it was supposed to produce. It's so hard for them to produce results that when they get that much of it, it makes headlines.

The law was handed down by the Supreme Court. They said you could go to any school you want, but when you get out there and get ready to go to a school like the law says, the law is the one busting you upside your head, or turning the water hose on you, or the cattle prod, so this kind of shook the Afro-American up. He wondered whether the Supreme Court was really in a position to say what the law of the land was supposed to be. They passed a law they could not enforce. And I don't mean they couldn't enforce it in Mississippi, I mean they couldn't enforce it in New York City. They couldn't even desegregate the schools in New York City, so how in the world are they going to enforce it in Louisiana, Mississippi, and some of these other places?

These were token moves, designed to make you and me cool down just a little while longer by making us think that an honest effort was being made to get a solution to the problem. And then as they began to appear as if they were for the black man in this country, abroad they were blown up. Especially the United States Information Service. Its job abroad, especially in the African continent, is to make the Africans think that you and I are living in paradise, that our problems have been solved, that the Supreme Court desegregation decision put all of us in school, that the passage of the Civil Rights Bill last year solved all of our problems, and that now that Martin Luther King, Jr., has gotten the peace prize, we are on our way to the promised land of integration.

I was over there when all of this happened, and I know how they used it. They don't use it in an objective, constructive way; they use it to trick and fool the African into thinking that most of their time is spent in loving you and me and trying to solve your and my problem with honest methods, and that they were getting honest results.

So, I would like to say in my conclusion why we in the Organization of Afro-American Unity feel that we just can't sit around and rely upon the same objectives and strategies that have been used in the past.

If you study the so-called progress of the Afro-American, go back to 1939, just before the war with Hitler, most of our people were dishwashers, waiters, and shoeshine boys. It didn't make any difference how much education we had. We worked downtown in those hotels as bellhops and on the railroad as waiters and in Grand Central Station as redcaps. Prior to 1939, we knew what our position was going to be even before we graduated from school.

In those days our people couldn't even work in a factory. In Michigan where all of the factories were, they were primarily shining shoes and working at other menial tasks. Then when Hitler went on a rampage, America was faced with a manpower shortage. This is the only time you and I got a break. Some of you are too young to remember it, and some of you are so old you don't want to remember it.

They let us in the defense plants, and we began to get jobs as machinists for the first time. We got a little skill, made a little more money. Then we were in a position to live in a little better neighborhood. When we moved to a little better neighborhood, we had a little better school to go to and got a little better education. This is how we came out of it; not through someone's benevolence and not through the efforts of organizations in our midst. It was the pressure that Uncle Sam was under. The only time that man has let the black man go one step forward has been when outside pressure has been brought to bear upon him. It has never been for any other reason. World pressure, economic pressure, political pressure, military pressure:

When he was under pressure, he let you and me have a break. So, the point that I make is that it has never just been on our own initiative that you and I have made any steps forward. And the day that you and I recognize this, then we see the thing in its proper perspective because we cease looking just to Uncle Sam and Washington, D.C., to have the problems solved and we cease looking just within America for allies in our struggle against the injustices.

When you find people outside America who look like you are getting power, my suggestion is that you turn to them and make them your allies. Let them know that we all have the same problem, that racism is not an internal American problem, but an international problem. Racism is a human problem and a crime that is absolutely so ghastly that a person who is fighting racism is well within his rights to fight against it by any means necessary until it is eliminated.

When you and I can start thinking like that and we get involved in some kind of activity with that kind of liberty, I think we'll get some ends to some of our problems almost overnight.

At the Audubon Ballroom (Dec. 13, 1964)

Brothers and sisters: We're very happy to see so many of you out on such a foggy night. We hope that we haven't kept you too long, but a very good friend of mine, and a very good friend of yours, is on his way here and I didn't want to have too much to say in front of him. He's a person whose actions in the past have actually spoken for themselves. He's a master of revolution. We're living in a revolutionary world and in a revolutionary age, but you and I have never met a real dyed-in-the-wool black revolutionary before. So tonight, we want to unveil one.

Also, I should explain that one of the reasons that the meeting started late was that we had a movie (right now I'm wrestling with this American mic), we had a movie that we wanted to show on the Congo, which I believe you would have enjoyed and would also have set the tone for what our guest will have to say when he arrives. Due to technical difficulties, which are to be expected in a highly technical society that's kind of running out of gas, we couldn't show the movie. But we will show it at a later date. (Either this microphone is way off or I'm getting weak.)

The purpose of our meeting tonight, as was announced, was to show the relationship between the struggle that is going on the African continent and the struggle that's going on among the Afro-Americans here in this country. I, for one, would like to impress, especially upon those who call themselves leaders, the importance of realizing the direct connection between the struggle of the Afro-American in this country and the struggle of our people all over the world. As long as we think—as one of my good brothers mentioned out of the side of his mouth here a couple of Sundays ago—that we should get Mississippi straightened out before we worry about the Congo, you'll never get Mississippi straightened out. Not until you start realizing your connection with the Congo.

We have to realize what part our struggle has in the over-all world struggle. Secondly, we need allies; and as long as you and I think that we can only get allies from the Bronx, or allies, you know, from up on the Grand Concourse, I mean where you don't live; as long as you and I think that's the only source or area from which we and I think that's the only source or area from which we can get allies, our source of allies is limited. But when we realize how large this earth is and how many different people there are on it, and how closely they resemble us, then when we turn to them for some sort of help or aid or to form alliances, then we'll make a little faster progress.

Before our visitor gets here, I think it's important to show the importance of keeping an open mind. You'll be surprised how fast, how easy it is for someone to steal your and my mind. You don't think so? We never like to think in terms of being dumb enough to let someone put something over on us in a very deceitful and tricky way. But you and I are living in a very deceitful and tricky society, in a very deceitful and tricky country, which has a very deceitful and tricky government. All of them in it aren't tricky and deceitful, but most of them are. And any time you have a government in which most of them are deceitful and tricky, you have to be on guard at all times. You have to know how they work this deceit and how they work these tricks. Otherwise you'll find yourself in a bind.

One of the best ways to safeguard yourself from being deceived is always to form the habit of looking at things for yourself, listening to things for yourself, thinking for yourself, before you try and come to any judgment. Never base your impression of someone on what someone else has said. Or upon what someone else has written. Or upon what you read about someone that somebody else wrote. Never base your judgment on things like that. Especially in this kind of country and in this kind of society which has mastered the art of very deceitfully painting people whom they don't like in an image that they know you won't like. So, you end up hating your friends and loving their enemies.

An example: I was flying from Algiers to Geneva about three or four weeks ago and seated beside me on the airplane were a couple of Americans, both white, one a male and the other a female. One was an interpreter who worked in Geneva for the United Nations, the other was a girl who worked in one of the embassies in some part of Algeria. We conversed for about forty or forty-five minutes and then the lady, who had been looking at my briefcase, said, "May I ask you a personal question?" And I said, "Yes."

Because they always do anyway. She said, “What kind of last name do you have that begins with X?” I said, “That’s it, X.” So, she said, “X?” “Yes.” “Well, what is your first name?” I said, “Malcolm.” So, she waited for about ten minutes and then she said, “You’re not Malcolm X.” And I said, “Yes, I’m Malcolm X. Why, what’s the matter?” And she said, “Well, you’re not what I was looking for.”

What she was looking for was what the newspapers, the press, had created. She was looking for the image that the press had created. Somebody with some horns, you know, about to kill all the white people—as if he could kill all of them, or as if he shouldn’t. She was looking for someone who was a rabble-rouser, who couldn’t even converse with people with blue eyes, you know, someone who was irrational, and things of that sort. I take time to point this out, because it shows how skillfully someone can take a newspaper and build an image of someone so that before you even meet them, you’ll run. You don’t even want to hear what they have to say, you don’t even know them, all you know is what the press has had to say, and the press is white. And when I say the press is white, I mean it is white. And it’s dangerous.

The FBI can feed information to the press to make your neighbor think you’re something subversive. The FBI—they do it very skillfully, they maneuver the press on a national scale; and the CIA maneuvers the press on an international scale. They do all their dirt with the press. They take the newspapers and make the newspapers blow you and me up as if all of us are criminals, all of us are racists, all of us are drug addicts, or all of us are rioting. This is how they do it. When you explode legitimately against the injustices that have been heaped upon you, they use the press to make it look like you’re a vandal. If you were a vandal, you have a right to be a vandal.

They master this imagery, this image-making. They give you the image of an extremist, and from then on anything you do is extreme. You can pull a baby out of the water and save it from drowning—you’re still an extremist, because they projected this image of you. They can create an image of you as a subversive and you can go out and die fighting for the United States—you’re still subversive, because the press has made you a subversive. They can paint the image of you as someone irresponsible, and you can come up with the best program that will save the black man from the oppression of the white man and—when I say oppression, that’s where oppression comes from, the white man. There are some oppressive black people, but they’re only doing what the white man has taught them.

When I say that, I’m not blanketly condemning all whites. All of them don’t oppress. All of them aren’t in a position to. But most of them are, and most of them do. The press is so powerful in its image-making role, it can make a criminal look like he’s the victim and make the victim look like he’s the criminal. This is the press, an irresponsible press. It will make the criminal look like he’s the victim and make the victim look like he’s the criminal. If you aren’t careful, the newspapers will have you hating the people who are being oppressed and loving the people who are doing the oppressing.

If you aren’t careful, because I’ve seen some of you get caught in that bag, you run away hating yourself and loving the man—while you are catching hell from the man. You let the man maneuver you into thinking that it’s wrong to fight him when he’s fighting you. He’s fighting you in the morning, fighting you in the noon, fighting you at night and fighting you all in between, and you still think it’s wrong to fight him back. Why? The press. The newspapers make you look wrong. As long as you take a beating, you’re all right. As long as you get your head busted, you’re all right. As long as you let his dogs fight you, you’re all right. Because that’s the press. That’s the image-making press. That thing is dangerous if you don’t guard yourself against it. It’ll make you love the criminal, as I say, and make you hate the one who’s the victim of the criminal.

A good example of what the press can do with its images is the Congo, the area of Africa that our guest, that’s on his way, is going to talk to us about tonight. Right now, in the Congo, defenseless villages are being bombed, black women and children and babies are being blown to bits by airplanes. Where do these airplanes come from? The United States, the U-n-i-t-e-d S-t-a-t-e-s. Yes, and you won’t write that. You won’t write that American planes are blowing the flesh from the bodies of black women and black babies and black men. No. Why? Because they’re American planes. As long as they’re American planes,

that's humanitarian. As long as they're being piloted by anti-Castro Cubans, that makes it all right. Because Castro's a villain, and anybody who's against him, whatever they do, that's humanitarian. You see how tricky they are? American planes, anti-Castro Cuban pilots, dropping bombs on African villages that have no defense against bombs, and blowing black women to bits. When you drop a bomb, you don't look to see where it explodes.

They're doing the same thing as when they dropped it on the Japanese at Hiroshima. They don't even think about dropping it on Congolese. And you, running around here getting all upset because a few white hostages die, you're out of your minds, out of your minds. They take the press with their ability to control you with image-making, and they make mass murder, cold-blooded murder, look like a humanitarian project. All these thousands of black people dying, butchered, and you have no compassion in your hearts whatsoever for them, because the victim has been made to look like he's the criminal and the criminal has been made to look like he's the victim. Why, you and I should go on a rampage. I mean on a rampage—intelligently.

Let's just take it one step farther before our guest arrives, to show you how they use this image-making through the press. I'm not condemning the whole press, because some of them are all right; but most of them aren't. Take Tshombe, there's a man that you should never let set foot in America. That man is the worst African that was ever born. He's a cold-blooded murderer. He murdered Patrice Lumumba, the rightful prime minister of the Congo. And what happened there at the time? They used their press to give Tshombe a good image. Yes, the American press. They take this man who's a murderer, a cold-blooded murderer—didn't murder just somebody, murdered the prime minister—and they go and use their press to make this man acceptable to the world.

He'll never be acceptable to the world. The world is not that dumb, not that easily fooled. Now, some of us in this country may be dumb, but not all of us, just some of us. And those that haven't been fooled will do whatever is necessary to keep that man from setting foot on this continent. He should be afraid to come here. He should think a long time before he comes here. Why? Because they told you and me, we came from the Congo. Isn't that what they told you? I mean, isn't that what they taught us in school? So, we came from the Congo. We're savages and cannibals and all that kind of stuff from the Congo; they've been teaching me all my life I'm from the Congo. I love the Congo. That's my country. And that's my people that your airplanes are killing over there.

They take Tshombe and they prop him up with American dollars. They glorify his image with the American press. What's the first thing he does? Now, Tshombe's a murderer, he has been hired by the United States to rule the Congo. Yes, that's all it boils down to. You can put it in a whole lot of pretty language, but we don't want pretty language for a nasty situation. He's a murderer, who has been hired by the United States government and is being paid with your tax dollars by the United States government.

And to show you what his thinking is—a hired killer—what's the first thing he did? He hired more killers. He went out and got the mercenaries from South Africa. And what is a mercenary? A hired killer. That's all a mercenary is. The anti-Castro Cuban pilots, what are they? Mercenaries hired killers. Who hired them? The United States. Who hired the killers from South Africa? The United States; they just used Tshombe to do it. Just like they do with us in this country. They get a Negro and hire him and make him a big shot—so he's a voice of the community—and then he tells all of them to come on in and join the organization with us, and they take it over. Then they give him peace prizes and medals and things. They will probably give Tshombe the peace prize next year for the work that he's doing. I expect them to, he'll be the Nobel Peace Prize winner next year. Because he's doing a good job. But for who? For the man.

So, these mercenaries come in, and again, what makes these mercenaries acceptable? The press. The press doesn't refer to them as hired killers. The press doesn't refer to them as murderers. The press refers to the brothers in Stanleyville, who are defending their country, as rebels, savages, cannibals. You know, brothers, the press has a grave responsibility, and it also has the responsibility sometimes as an accessory. Because if it allows itself to be used to make criminals look like victims and victims look like criminals,

then the press is an accessory to the same crime. They are permitting themselves to be used as a weapon in the hands of those that are actually guilty.

I cite this tonight, before our guest comes—and I was told ten minutes ago that he should be here in ten minutes—I cite this to show you that, just as they do it on an international level, they also do it with us. Anytime black people in this country are not able to be controlled by the man, the press immediately begins to label those black people as irresponsible or as extremists. They put all these old negative labels up there, and you and I do the same thing—we draw back from it. Not because we know anything about them. But we draw back because of the image of them that the man has created.

And if you notice everyone who takes a firm, uncompromising stand against the man—when I say the man, you know what I'm talking about. I'm talking about the man that lynches, the man that segregates, the man that discriminates, the man that oppresses and exploits, the man that won't let you and me have quality education facilities here in Harlem. That man, whoever he is, that's who I'm talking about. I have to talk about him like this, because if I talk about him any closer, they'll call me a racist. And I'm not a racist. I'm not against somebody because of their race, but I'm sure against them because of what they're doing; and if they're doing wrong, we should stop them, and by any means necessary.

If you'll notice, as long as the blacks in the Congo were being slaughtered on a mass scale, there was no outcry. But as soon as the lives of a few whites were involved, the whole world became in an uproar. What caused the world to become involved in an uproar? The press. The press made it appear that 2,000 white people are being held hostage. And they started crying in big headlines if any of them were killed. Now the Africans didn't kill any of them, the brothers there in Stanleyville didn't kill any of them until the paratroopers landed. If the paratroopers hadn't invaded their property, nobody would have been killed. They hadn't killed them up to that point. And many people say it wasn't the brothers in Stanleyville that killed them; the paratroopers and mercenaries started shooting at everybody.

You think I'm spoofing? I was in London last Sunday, and in the Daily Express a white writer—I must say white, because if I don't specify that it is a white man writing this, you'd think that I wrote it, or some black man wrote it. Look what he says here in the Daily Express, which is a far from left newspaper, far from liberal. It's written by Walter Partington from Stanleyville. Just after the paratroopers had dropped, he says, there was "a dusk strike by cannon-firing T-28s flown by Cuban mercenaries"—these are airplanes, flown by Cuban mercenaries; think of it, hired killers from Cuba. Hired by whom? The Americans. All of you living in our country are going to pay for the sins that it has committed.

They "blew up the rebels' warehouse headquarters and killed the mortar crew... yet more Chinese-made mortar shells are still arriving." See, they throw this Chinese thing in there to make you prejudiced. They don't know whether they're Chinese mortars, but this is how the press does it. It always has words to justify their destruction of the people they're destroying. "At 7

a.m. troops with Belgian mercenary armor and the Congo Army's 'Diablos' (Black Devils) paratroops roared into the gunpowder-keg native city of Belge. The troops spotted rebels preparing to open fire from a house"—now, pick up on this—"and smashed their way in, battering down doors and dragging out men, women and children." Now, there weren't rebels

in the house, these were just black Congolese in the house. And to justify going in and dragging them out and murdering them on the spot, they've got to call them rebels.

This is the kind of operation that's going on in the Congo, and you don't hear these Negro leaders saying anything about it. I know you don't like me to use the word Negro, but when I use it, that's what I'm talking about, knee-grow leaders—because that's what they are. These aren't Afro-American leaders, these are Negro leaders. N-E-G-R, capital O.

"A Belgian colonel snatched the camera from Express photographer Reginald Lancaster and said: 'You are both under house arrest and we will deport you on the next plane.'" Why didn't they want pictures

taken? They didn't want pictures taken of what they were doing. "The column moved on and by noon 10,000 men, women and children were crushed neck to neck under a blazing sun and ringed by Congo Army troops armed with tommy guns. To protect them from the trigger-happy Congo Army there were white bandages around 10,000 heads. For this is a black and white city." Think about this: "Anyone without the bandage is usually shot." The bandage distinguishes those already screened or about to be given the treatment, and there are mounds of dead bodies everywhere to indicate those found wanting. Meaning, any Congolese without the bandage around his head was shot on sight, indiscriminately. And this is being written by a white reporter who is not pro-Congolese at all—he's just telling the story as it actually is. Mass murder, wholesale murder of black people by the white people who are using some black mercenaries.

"I saw one mercenary... gun down four Congolese who burst out of the bush near the airport as I landed. They may or may not have been Simbas. All died. Yet men like Lieutenant John Peters from Wightman Road, Harringay, London, are capable of strong compassion. Today two starving dogs seized No. 7 Commandos' pet Nigger, a little black kid goat."

This white mercenary had a little black goat that he named "Nigger." That's what they do, anything black they name it nigger. They named you nigger, didn't they? I see one coming right now. Here comes my nigger, Dick Gregory. Say, Dick, come on up here. We're going to get Dick investigated.

I heard Dick on the Les Crane Show the other night talking about niggers. Say, Dick, look what it says here, here's my name, just look at it [holding up a copy of Gregory's book, Nigger]. Come on, I'm going to get him investigated. Get him, brother, don't let him get away. He's going to lose all his jobs now. You won't get another booking—you'll have to work in Harlem the rest of your life.

Look what it says: "Today, two starving dogs seized No. 7 Commandos' pet

Nigger, a little black kid goat. When we got there, Nigger was dying, and John Peters shot him. He turned away and covered his eyes." Here's a white mercenary that has been killing so many Congolese they had to stop him up; with no compassion at all, he shot them down. But as soon as his little black goat was bitten by some dogs, he cried. He had more feeling—this is a white man, an Englishman—had more feeling in his heart for a dead goat that was black than he had for all those stacks and stacks and stacks of Congolese who looked just like you and me and Dick Gregory.

So, I say, brothers and sisters, it's not a case of worrying about what's going on in Africa before we get things straight over here. It's a case of realizing that the Afro-American problem is not a Negro problem, or an American problem, but a human problem, a problem for humanity. When you realize that, when you look at your and my problem in the context of the entire world and see that it is a world problem, and that there are other people on this earth who look just like you do who also have the same problem, then you and I become allies and we can put forth our efforts in a way to get the best results.

As I announced earlier, Dick, I told them that a friend of mine from Africa who is a real dyed-in-the-wool human revolutionary was on his way here. Then you walked in; they thought I was talking about you. Well, Dick wasn't the one I was talking about, but Dick is a revolutionary. And Dick is a dyed-in-the-wool African; he doesn't want to be, but he is. I don't mean dyed-in-the-wool, I mean African. Dick is one of the foremost freedom fighters in this country. I say that in all sincerity. Dick has been on the battlefield and has made great sacrifices by taking the stand that he has. I'm quite certain that it has alienated many of the people who weren't alienated from him before he began to take this stand. Whenever you see a person, a celebrity, who is as widely known and as skilled in his profession as Dick, and at the same time has access to almost unlimited bookings which provide unlimited income, and he will jeopardize all of that in order to jump into the frontlines of the battle, then you and I will have to stand behind him. I want Dick also to hear our brother who's coming, but before he gets here, I think Dick had better talk to us. Come on, Dick. Dick Gregory—without the cigarette.

[Dick Gregory speaks.]

I'm very thankful that Dick has been able to come out with us tonight. As I said, he is a freedom fighter, you see him on the forefront of the battle lines. And in this country, wherever a black man is, there is a battle line. Whether it's in the North, South, East or West, you and I are living in a country that is a battle line for all of us. And tonight, I'm more than honored with the presence of a person who has been credited with being responsible for correcting the governmental system in an area of this earth where the system wasn't so good prior to the efforts put forth by him.

Many of you have heard of the island called Zanzibar. Zanzibar was famous for its headquarters as a slave-trading post; in fact, many of us probably passed through there on our way to America 400 years ago. And it was on this island some time last year, I think it was, that the government was overturned when the African element on the island got fed up with the situation that existed.

Overnight they did what was necessary to bring about a change. So today Zanzibar is free. And as soon as it got its freedom, it got together with Tanganyika, where President Nyerere is. And the combination of Zanzibar and Tanganyika recently became known as the Republic of Tanzania: two countries that united and are one of the most militant and uncompromising when it comes to the struggle for freedom for our people on the African continent, as well as over here and anywhere else on this earth.

Most of you know that my purpose for going to Cairo for the summit conference was to try and get the heads of the African states to realize that they had 22 million brothers and sisters here in America who were catching hell; and that they could put forth a great effort and give us a boost, if they would let the world know that they were on our side and with us in our struggle against this racism that we've been victimized by in this country for so long. The press tried to make it appear that the African countries, the African heads of state, were in no way concerned with the plight of the Afro-American. But at that conference, toward the end of it, all of the African heads of state got together, and they did pass a resolution thoroughly condemning the continued practice of racism against the Afro-Americans in this country and thoroughly supporting the struggle of the 22 million Afro-Americans in this country for human rights.

And I'm proud to state that the one who was responsible for bringing that resolution forth and getting it agreed upon by the other African heads of state was probably the last one that you and I would expect to do it, because of the image that he's been given in this country. But the one who came forth and suggested that the African summit conference pass a resolution thoroughly condemning the mistreatment of Afro-Americans in America and also thoroughly supporting the freedom struggle for human rights of our people in this country was President Julius Nyerere. I was honored to spend three hours with him, when I was in Dar es Salaam and Tanganyika, shortly before it became known as Tanzania, for about seven days. The one who made it possible for me to see him is with us here tonight.

When the revolution took place on Zanzibar, you and I read about it in this country. They tried to make it appear that it was something that was Chinese or Soviet, or anything but what it was. They tried again to build that image that would make you and me react to it negatively. And the one the Western press said was the guiding hand behind that successful revolution is with us on the platform tonight. I have the greatest honor to introduce to you at this time the minister of cooperatives and commerce from Tanzania, a man who is very closely associated with President Julius Nyerere, the one who was responsible for bringing freedom to the people on the island of Zanzibar and linking themselves up with Tanganyika and developing it into the Republic of Tanzania. He's known as Sheik Abdul Rahman Muhammad Babu.

And before he comes forth: He's just left a dinner with another very good friend of ours, and I say a very good friend of ours. I want to point this out to you, I don't let anybody choose my friends. And you shouldn't let anybody choose your friends. You and I should practice the habit of weighing people and weighing situations and weighing groups and weighing governments for ourselves. And don't let somebody else tell us who our enemies should be and who our friends should be.

I love a revolutionary. And one of the most revolutionary men in this country right now was going to come out here along with our friend, Sheik Babu, but he thought better of it. But he did send this message. It says: “Dear brothers and sisters of Harlem, I would have liked to have been with you and Brother Babu, but the actual conditions are not good for this meeting. Receive the warm salutations of the Cuban people and especially those of Fidel, who remembers enthusiastically his visit to Harlem a few years ago. United we will win.”

This is from Che Guevara. I’m happy to hear your warm round of applause in return, because it lets the man know that he’s just not in a position today to tell us who we should applaud for and who we shouldn’t applaud for. And you don’t see any anti-Castro Cubans around here—we eat them up.

Let them go and fight the Ku Klux Klan, or the White Citizens Council. Let them spend some of that energy getting their own house in order. Don’t come up to Harlem and tell us who we should applaud for and shouldn’t applaud for. Or there will be some ex-anti- Castro Cubans.

So, brothers and sisters, again at this time, a very good friend of mine. I’m honored to call him my friend. He treated me as a brother when I was in Dar es Salaam. I met his family, I met his children—he’s a family man. Most people don’t think of revolutionaries as family men. All you see him in is his image on the battle line. But when you see him with his children and with his wife and that atmosphere at home, you realize that revolutionaries are human beings too. So here is a man who’s not only a revolutionary, but he’s a husband—he could be yours; he’s a father—he could be yours; he’s a brother—he could be yours. And I say he is ours. Sheik Babu.

[Babu speaks.]

Brothers and sisters, we’re going to dismiss in five minutes. We want to thank His Excellency, Abdul Rahman Muhammad Babu, for taking the time to come up this evening to give us a good clear picture of how our people back home feel about us. It is very important, as he pointed out— please give us five minutes before you go, we’ll let you go in five minutes— it’s very important for you and me to realize that our people on the African continent are genuinely interested and concerned with the troubles of our people on this continent. It is important that we know that, and then our battle strategy, our plan of battle, will be much different. As long as we think we’re over here in America isolated and all by ourselves and underdogs, then we’ll always have that hat-in-hand begging attitude that the man loves to see us display. But when we know that all of our people are behind us—as he said, almost 500 million of us—we don’t need to beg anybody. All we need to do is remind them what they did to us; that it’s time for them to stop; that if they don’t stop, we will stop them. Yes, we will stop them.

You may say, “Well, how in the hell are we going to stop them? A great big man like this?” Brothers and sisters always remember this. When you’re inside another man’s house, and the furniture is his, curtains, all those fine decorations, there isn’t too much action he can put down in there without messing up his furniture and his windows and his house. And you let him know that when he puts his hands on you, it’s not only you he puts his hands on, it’s his whole house, you’ll burn it down. You’re in a position to— you have nothing to lose. Then the man will act right. He won’t act right because he loves you or because he thinks you will, you know, not act right. He will only act right when you let him know that you know he has more to lose than you have. You haven’t anything to lose but discrimination and segregation.

Next Sunday night, and we will start on time next Sunday night and end on time and we want all of you to be sure and be out, we’re going deeper into the Congo question. The Organization of Afro-American Unity intends to spell out its own program in regard to how we feel we can best take advantage of the political potential of the black man in this country and also how we can work with other groups to make sure that quality education is returned to Harlem.

Also, I believe, brothers and sisters, and I say with all my heart, we should start a defense fund in Harlem. We should start a fund in Harlem so that we can offer a reward for whoever gets the head of

that sheriff in Mississippi who murdered those civil-rights workers in cold blood. You may think I'm out of my mind. Anytime you have a government that will allow the sheriff, not only one sheriff but some sheriffs and their deputies, to kill in cold blood men who are doing nothing other than trying to ascertain the rights for people who have been denied their rights, and these workers are murdered, and the FBI comes up with all of that pretty sounding language, like they're going to arrest them and then do nothing but turn them loose—why, then it's time for you and me to let them know that if the federal government can't deal with the Klan, then you and I can deal with the Klan. This is the only way you are going to stop it.

The only way you're going to stop the Ku Klux Klan is stop it yourself.

As Dick Gregory said, the government can't stop it because the government has infiltrated the Klan and it has infiltrated the government. You and I have got to stop it ourselves. So, let's put a reward on the head of that sheriff, a reward, a dollar, for whoever gets to him first. I know what they're going to do—if something happens, they're going to blame me for it. I'll take the blame.

Harvard Law School Forum (December 16, 1964)

I first want to thank the Harvard Law School Forum for the invitation to speak here this evening, more especially to speak on a very timely topic— “The African Revolution and Its Impact on the American Negro.”

I probably won't use the word “American Negro,” but substitute “Afro-American.” And when I say Afro-American, I mean it in the same context in which you usually use the word Negro. Our people today are increasingly shying away from use of that word. They find that when you're identified as Negro, it tends to make you catch a whole lot of hell that people who don't use it don't catch.

In the present debate over the Congo, you are probably aware that a new tone and a new tempo, almost a new temper, are being reflected among African statesmen toward the United States. And I think we should be interested in and concerned with what impact this will have upon Afro-Americans and how it will affect America's international race relations. We know that it will have an effect at the international level. It's already having such an effect. But I am primarily concerned with what effect it will have on the internal race relations of this country—that is to say, between the Afro-American and the white American.

When you let yourself be influenced by images created by others, you'll find that oftentimes the one who creates those images can use them to mislead you and misuse you. A good example: A couple of weeks ago I was on a plane with a couple of Americans, a male and a female sitting to my right. We were in the same row and had a nice conversation for about thirty-five to forty minutes. Finally, the lady looked at my briefcase and said, “I would like to ask you a personal question,” and I knew what was coming. She said, “What kind of last name could you have that begins with X?” I said, “Malcolm.” Ten minutes went by, and she turned to me and said, “You're not Malcolm X?” You see, we had a nice conversation going, just three human beings, but she was soon looking at the image created by the press. She said so: “I just wouldn't believe that you were that man,” she said. I had a similar experience last week at Oxford. The Oxford Union had arranged a debate. Before the debate I had dinner with four students. A girl student looked kind of cross-eyed, goggle-eyed and otherwise, and finally just told me she wanted to ask me a question. (I found out she was a conservative, by the way, whatever that is.) She said, “I just can't get over you're not being as I had expected.” I told her it was a case of the press carefully creating images.

Again, I had a similar experience last night. At the United Nations a friend from Africa came in with a white woman who is involved with a philanthropic foundation over there. He and I were engaged in conversation for several minutes, and she was in and out of the conversation. Finally, I heard her whisper to someone off to the side. She didn't think I was listening. She said—she actually said this—“He doesn't look so wild, you know.” Now this is a full-grown, so-called “mature” woman. It shows the extent to which the press can create images. People looking for one thing actually miss the boat because they're looking for the wrong thing. They are looking for someone with horns, someone who is a rabble-rouser, an irrational, antisocial extremist. They expect to hear me say that Negroes should kill all the white people—as if you could kill all the white people! In fact, if I had believed what they said about the people in Britain, I never would have gone to Oxford. I would have let it slide. When I got there, I didn't go by what I had read about them. I found out they were quite human and likable. Some weren't what I had expected.

Now I have taken time to discuss images because one of the sciences used and misused today is this science of image making. The power structure uses it at the local level, at the national level, at the international level. And oftentimes when you and I feel we've come to a conclusion on our own, the conclusion is something that someone has invented for us through the images he has created.

I'm a Muslim. Now if something is wrong with being Muslim, we can argue, we can “get with it.” I'm a Muslim, which means that I believe in the religion of Islam. I believe in Allah, the same God that many of you would probably believe in if you knew more about Him. I believe in all of the prophets:

Abraham, Moses, Jesus, Muhammad. Most of you are Jewish, and you believe in Moses; you might not pick Jesus. If you're Christians, you believe in Moses and Jesus. Well, I'm Muslim, and I believe in Moses, Jesus, and Muhammad. I believe in all of them. So, I think I'm "way up on you."

In Islam we practice prayer, charity, fasting. These should be practiced in all religions. The Muslim religion also requires one to make the pilgrimage to the Holy City of Mecca. I was fortunate enough to make it in April, and I went back again in September. Insofar as being a Muslim is concerned,

I have done what one is supposed to do to be a Muslim. Despite being a Muslim, I can't overlook the fact that I'm an Afro-American in a country which practices racism against black people. There is no religion under the sun that would make me forget the suffering that Negro people have undergone in this country. Negroes have suffered for no reason other than that their skins happen to be black. So, whether I'm Muslim, Christian, Buddhist, Hindu, atheist or agnostic, I would still be in the front lines with Negro people fighting against the racism, segregation, and discrimination practiced in this country at all levels in the North, South, East, and West. I believe in the brotherhood of all men, but I don't believe in wasting brotherhood on anyone who doesn't want to, practice it with me. Brotherhood is a two-way street. I don't think brotherhood should be practiced with a man just because his skin is white. Brotherhood should hinge upon the deeds and attitudes of a man. I couldn't practice brotherhood, for example, with some of those Eastlands or crackers in the South who are responsible for the condition of our people.

I don't think anyone would deny either that if you send chickens out of your barnyard in the morning, at nightfall those chickens will come home to roost in your barnyard. Chickens that you send out always come back home. It is a law of nature. I was an old farm boy myself, and I got in trouble saying this once, but it didn't stop me from being a farm boy. Other people's chickens don't come to roost on your doorstep, and yours don't go to roost on theirs. The chickens that this country is responsible for sending out, whether the country likes it or not (and if you're mature, you look at it "like it is"), someday, and someday soon, have got to come back home to roost.

Victims of racism are created in the image of racists. When the victims struggle vigorously to protect themselves from violence of others, they are made to appear in the image of criminals; as the criminal image is projected onto the victim. The recent situation in the Congo is one of the best examples of this. The headlines were used to mislead the public, to create wrong images. In the Congo, planes were bombing Congolese villages, yet Americans read that American-trained anti-Castro Cuban pilots were bombing rebel strongholds. These pilots were actually dropping bombs on villages with women and children. But because the tags "American-trained" and "anti-Castro Cubans" were applied, the bombing was legal. Anyone against Castro is all right. The press gave them a "holier than thou" image. And you let them get away with it because of the labels. The victim is made the criminal. It is really mass murder, murder of women, children, and babies. And mass murder is disguised as a humanitarian project. They fool nobody but the people of America. They don't fool the people of the world, who see beyond the images.

Their man in the Congo is Tshombe, the murderer of the rightful Prime Minister of the Congo. No matter what kind of language you use, he's purely and simply a murderer. The real Prime Minister of the Congo was Patrice Lumumba. The American government-your and my government took this murderer and hired him to run the Congo. He became their hired killer. And to show what a hired killer he is, his first act was to go to South Africa and to hire more killers, paying them with American dollars. But he is glorified because he is given the image of the only one who could bring stability to the Congo. Whether he can bring stability or not, he's still a murderer. The headlines spoke of white hostages, not simply hostages, but white hostages, and of white nuns and priests, not simply nuns and priests, but white nuns and priests. Why? To gain the sympathy of the white public of America. The press had to shake up your mind in order to get your sympathy and support for criminal actions. They tricked you. Americans consider forty white lives more valuable than four thousand black lives. Thousands of Congolese were losing their lives. Mercenaries were paid with American dollars. The American press

made the murderers look like saints and the victims like criminals. They made criminals look like victims and indeed the devil look like an angel and angels like the devil.

A friend of mine from Africa, who is in a good position to know, said he believed the United States government is being advised by her worst enemy in the Congo, because an American citizen could not suggest such insane action—especially identifying with Tshombe, who is the worst African on earth.

You cannot find an African on earth who is more hated than Tshombe. It's a justifiable hatred they have toward him. He has won no victory himself. His Congolese troops have never won a victory for him. Every victory has been won by white mercenaries, who are hired to kill for him. The African soldiers in the Congo are fighting for the Stanleyville government. Here Tshombe is a curse. He's an insult to anyone who means to do right, black or white. When Tshombe visited Cairo, he caused trouble. When he visited Rome last week, he caused trouble, and the same happened in Germany.

Wherever Tshombe goes, trouble erupts. And if Tshombe comes to America, you'll see the worst rioting, bloodshed, and violence this country has ever seen. Nobody wants this kind of man in his country.

What effect does all this have on Afro-Americans? What effect will it have on race relations in this country? In the U.N. at this moment, Africans are using more uncompromising language and are heaping hot fire upon America as the racist and neocolonial power par excellence. African statesmen have never used this language before. These statesmen are beginning to connect the criminal, racist acts practiced in the Congo with similar acts in Mississippi and Alabama. The Africans are pointing out that the white American government—not all white people—has shown just as much disregard for lives wrapped in black skin in the Congo as it shows for lives wrapped in black skin in Mississippi and in Alabama. When Africans, therefore, as well as we begin to think of Negro problems as interrelated, what will be the effect of such thinking on programs for improved race relations in this country? Many people will tell you that the black man in this country doesn't identify with Africa. Before 1959, many Negroes didn't. But before 1959, the image of Africa was created by an enemy of Africa, because Africans weren't in a position to create and project their own images. The image was created by the imperial powers of Europe.

Europeans created and popularized the image of Africa as a jungle, a wild place where people were cannibals, naked and savage in a countryside overrun with dangerous animals. Such an image of the Africans was so hateful to Afro-Americans that they refused to identify with Africa. We did not realize that in hating Africa and the Africans we were hating ourselves. You cannot hate the roots of a tree and not hate the tree itself. Negroes certainly cannot at the same time hate Africa and love themselves. We Negroes hated the American features: the African nose, the shape of our lips, the color of our skin, the texture of our hair. We could only end up hating ourselves. Our skin became a trap, a prison; we felt inferior, inadequate, helpless. It was not an image created by Africans or by Afro-Americans, but by an enemy.

Since 1959 the image has changed. The African states have emerged and achieved independence. Black people in this country are crying out for their independence and show a desire to make a fighting stand for it. The attitude of the Afro-American cannot be disconnected from the attitude of the African. The pulse beat, the voice, the very life-drive that is reflected in the African is reflected today here among the Afro-Americans. The only way you can really understand the black man in America and the changes in his heart and mind is to fully understand the heart and mind of the black man on the African continent; because it is the same heart and the same mind, although separated by four hundred years and by the Atlantic Ocean. There are those who wouldn't like us to have the same heart and the same mind for fear that that heart and mind might get together. Because when our people in this country received a new image of Africa, they automatically united through the new image of themselves. Fear left them completely. There was fear, however, among the racist elements and the State Department. Their fear was of our sympathy for Africa and for its hopes and aspirations and of this sympathy developing into a form of alliance. It is only natural to expect us today to turn and look in the direction of our homeland and of our motherland and to wonder whether we can make any contact with her.

I grew up in Lansing, Michigan, a typical American city. In those days, a black man could have a job shining shoes or waiting tables. The best job was waiting tables at the country club, as is still the case in most cities. In those days, if a fellow worked at the State House shining shoes, he was considered a big shot in the town. Only when Hitler went on the rampage in 1939, and this country suffered a manpower shortage, did the black man get a shot at better jobs. He was permitted a step forward only when Uncle Sam had his back to the wall and needed him. In 1939, '40, and '41, a black man couldn't even join the Army or Navy, and when they began drafting, they weren't drafting black soldiers but only white. I think it was well agreed upon and understood: if you let the black man get in the Army, get hold of a gun, and learn to shoot it, you wouldn't have to tell him what the target was. It was not until the Negro leaders (and in this sense I use the word Negro purposely) began to cry out and complain—"If white boys are gonna die on the battlefields, our black boys must die on the battlefields too!"—that they started drafting us. If it hadn't been for that type of leadership, we never would have been drafted. The Negro leaders just wanted to show that we were good enough to die too, although we hadn't been good enough to join the Army or Navy prior to that time.

During the time that Hitler and Tojo were on the rampage, the black man was needed in the plants, and for the first time in the history of America, we were given an opportunity on a large scale to get skills in areas that were closed previously to us. When we got these skills, we were put in a position to get more money. We made more money. We moved to a better neighborhood. When we moved to a better neighborhood, we were able to go to a better school and to get a better education, and this put us into a position to know what we hadn't been receiving up to that time. Then we began to cry a little louder than we had ever cried before. But this advancement never was out of Uncle Sam's goodwill. We never made one step forward until world pressure put Uncle Sam on the spot. And it was when he was on the spot that he allowed us to take a couple of steps forward. It has never been out of any internal sense of morality or legality or humanism that we were allowed to advance. You have been as cold as an icicle whenever it came to the rights of the black man in this country. Excuse me for raising my voice, but I think it's time. As long as my voice is the only thing I raise, I don't think you should become upset!

Because we began to cry a little louder, a new strategy was used to handle us. The strategy evolved with the Supreme Court desegregation decision, which was written in such tricky language that every crook in the country could sidestep it. The Supreme Court desegregation decision was handed down over ten years ago. It has been implemented less than ten percent in those ten years. It was a token advancement, even as we've been the recipients of "tokenism" in education, housing, employment, everything. But nowhere in the country during the past ten years has the black man been treated as a human being in the same context as other human beings. He's always being patronized in a very paternalistic way, but never has he been given an opportunity to function as a human being. Actually, in one sense, it's our own fault, but I'll get to that later on. We have never gotten the real thing.

Heck, I'll get to it right now. The reason we never received the real thing is that we have not displayed any tendency to do the same for ourselves which other human beings do to protect our humanity and project our humanity. I'll clarify what I mean. Not a single white person in America would sit idly by and let someone do to him what we black men have been letting others do to us. The white person would not remain passive, peaceful, and nonviolent. The day the black man in this country shows others that we are just as human as they in reaction to injustice, that we are willing to die just as quickly to protect our lives and property as whites have shown, only then will our people be recognized as human beings. It is inhuman, absolutely subhuman, for a man to let a dog bite him and not fight back. Let someone club him and let him not fight back, or let someone put water hoses on his women, his mother and daughter and babies and let him not fight back then he's subhuman. The day he becomes a human being he will react as other human beings have reacted, and nobody will hold it against him.

In 1959, we saw the emergence of the Negro revolt and the collapse of European colonialism on the African continent. Our struggle, our initiative, and our militancy were in tune with the struggle and initiative and militancy of our brothers in Africa. When the colonial powers saw they couldn't remain in Africa, they behaved as somebody playing basketball. He gets the basketball and must pass it to a teammate in the clear. The colonial powers were boxed in on the African continent. They didn't intend

to give up the ball. They just passed it to the one that was in the clear, and the one that was in the clear was the United States. The ball was passed to her, and she picked it up and has been running like mad ever since. Her presence on the African continent has replaced the imperialism and the colonialism of Europeans. But it's still imperialism and colonialism. Americans fooled many of the Africans into thinking that they weren't an imperialist power or colonial power until their intentions were revealed, until they hired Tshombe and put him back to kill in the Congo. Nothing America could have done would have ever awakened the Africans to her true intentions as did her dealings with this murderer named Tshombe.

America knew that Africa was waking up in '59. Africa was developing a higher degree of intelligence than she reflected in the past. America, for her part, knew she had to use a more intelligent approach. She used the friendly approach: The Peace Corps, Crossroads. Such philanthropic acts disguised American imperialism and colonialism with dollar-ism. America was not honest with what she was doing. I don't mean that those in the Peace Corps weren't honest. But the Corps was being used more for political purposes than for moral purposes. I met many white Peace Corps workers while on the African continent. Many of them were properly motivated and were making a great contribution. But the Peace Corps will never work over there until the idea has been applied over here.

Of course, the Civil Rights Bill was designed supposedly to solve our problem. As soon as it was passed, however, three civil rights workers were murdered. Nothing has been done about it, and I think nothing will be done about it until the people themselves do something about it. I, for one, think the best way to stop the Ku Klux Klan is to talk to the Ku Klux Klan in the only language it understands, for you can't talk French to someone who speaks German and communicate. Find out what language a person speaks, speak their language, and you'll get your point across. Racists know only one language, and it is doing the black man in this country an injustice to expect him to talk the language of peace to people who don't know peaceful language. In order to get any kind of point across our people must speak whatever language the racist speaks.

The government can't protect us. The government has not protected us. It is time for us to do whatever is necessary by any means necessary to protect ourselves. If the government doesn't want us running around here wild like that, then I say let the government get up off its whatever it's on and take care of it itself. After the passage of the Civil Rights Bill, they killed the Negro educator Pitt in Georgia. The killers were brought to court and then set free. This is the pattern in this country, and I think that white people (I use the word white people because it's cut short; it gets right to the point) are doing us an injustice. If you expect us to be nonviolent, you yourselves aren't. If someone came knocking on your door with a rifle, you'd walk out of the door with your rifle. Now the black man in this country is getting ready to do the same thing.

I say in conclusion that the Negro problem has ceased to be a Negro problem. It has ceased to be an American problem and has now become a world problem, a problem for all humanity. Negroes waste their time confining their struggle to civil rights: In that context the problem remains only within the jurisdiction of the United States. No allies can help Negroes without violating United States protocol.

But today the black man in America has seen his mistake and is correcting it by lifting his struggle from the level of civil rights to the level of human rights. No longer does the United States government sit in an ivory tower where it can point at South Africa, point at the Portuguese, British, French, and other European colonial powers. No longer can the United States hold twenty million black people in second-class citizenship and think that the world will keep a silent mouth. No matter what the independent African states are doing in the United Nations, it is only a flicker, a glimpse, a ripple of what this country is in for in the future, unless a halt is brought to the illegal injustices which our people continue to suffer every day.

The Organization of Afro-American Unity, to which I belong, is a peaceful organization based on brotherhood. Oh yes, it is peaceful. But I believe you can't have peace until you're ready to protect it. As you will die protecting yours, I will die protecting mine. The OAAU is trying to get our problem

before the United Nations. This is one of its immediate projects on the domestic front. We will work with all existing civil rights organizations. Since there has been talk of minimizing demonstrations and of becoming involved in political action, we want to see if civil rights organizations mean it.

The OAAU will become involved in every move to secure maximum opportunity for black people to register peacefully as voters. We believe that along with voter registration, Afro-Americans need voter education. Our people should receive education in the science of politics so that the crooked politician cannot exploit us. We must put ourselves in a position to become active politically. We believe that the OAAU should provide defense units in every area of this country where workers are registering or are seeking voting rights, in every area where young students go out on the battlefield, which it actually is. Such self-defense units should have brothers who will not go out and initiate aggression, but brothers who are qualified, equipped to retaliate when anyone imposes brutally on us, whether it be in Mississippi, Massachusetts, California, or New York City. The OAAU doesn't believe it should permit civil rights workers to be murdered.

When a government can't protect civil rights workers, we believe we should do it. Even in the Christian Bible it says that he who kills with the sword shall be killed by the sword, and I'm not against it. I'm for peace, yet I believe that any man facing death should be able to go to any length to assure that whoever is trying to kill him doesn't have a chance. The OAAU supports the plan of every civil rights group for political action, as long as it doesn't involve compromise. We don't believe Afro-Americans should be victims any longer. We believe we should let the world know, the Ku Klux Klan know, that bloodshed is a two-way street, that dying is a two-way street, that killing is a two-way street. Now I say all this in as peaceful a language as I know.

There was another man back in history whom I read about once, an old friend of mine whose name was Hamlet, who confronted, in a sense, the same thing our people are confronting here in America. Hamlet was debating whether "To be or not to be"—that was the question. He was trying to decide whether it was "nobler in the mind to suffer, peacefully, the slings and arrows of outrageous fortune" or whether it was nobler "to take up arms" and oppose them. I think his little soliloquy answers itself. As long as you sit around suffering the slings and arrows and are afraid to use some slings and arrows yourself, you'll continue to suffer. The OAAU has come to the conclusion that it is time to take up whatever means necessary to bring these sufferings to a halt.

* * *

Alan Dershowitz: The floor will be open for questions.

Question: Mr. X, do you feel that the awarding of the Nobel Peace Prize to Dr. Martin Luther King has in any way helped the Negro cause in the United States?

Malcolm X: Black people in this country have no peace and have not made the strides forward that would in any way justify receiving a reward by any of us. The war is not won nor has any battle been won. But I have no comment to make about my good friend, Dr. King.

Question: Sir, I would like to know the difference between a white racist and a black racist, besides the fact that they are white and black.

Malcolm X: Usually the black racist has been produced by the white racist. And in most cases, black racism is in reaction to white racism. If you analyze it very closely, you will find that it is not black racism. Black people have shown fewer tendencies toward racism than any people since the beginning of history. I cannot agree with my brother here who says that Negroes are immoral; that's what I get out of what he said. It is the whites who have committed violence against us.

Question: I am one of the whites who agrees with you one hundred percent. You pointed out that the majority of Negro people voted for Johnson, and then he invaded the Congo, something which Goldwater did not even advocate. What do you propose that black people should do in future elections?

Malcolm X: First our people should become registered voters. But they should not become actively involved in politics until we have also gotten a much better understanding of the game of politics in this country. We go into politics in a sort of gullible way, where politics in this country is cold-blooded and heartless. We need a better understanding of the science of politics as well as becoming registered voters. And then we should not take sides either way. We should reserve political action for the situation at hand, in no way identifying with either political party (the Democrats or the Republicans) or selling ourselves to either party. We should take political action for the good of human beings; that will eliminate the injustices. I for one do not think that the man presently in the White House is morally capable of taking the kind of action necessary to eliminate these things.

Question: Mr. X, your idea of an Afro-American is a very hard lump to swallow. James Baldwin, in describing a conference of African writers and politicians which took place in Paris in 1956, reported that the conference had difficulty in defining an African personality common to all countries in Africa and to the American Negroes. The members of the conference, including James Baldwin, began to realize that there was a big rift between American Negroes and the people from Africa. The American Negro has a totally different set of values and ideas from that of the African. Therefore, if you still talk about the Afro-American in which the only connection is the color of the skin, this is a racist concept. Why emphasize Afro-American, which is a racist concept and a reactionary concept, instead of something more positive?

Malcolm X: I do not think that anything is more positive than accepting what you are. The Negro in America tries to be more American than anyone else. The attempt has created a person who is actually negative in almost everything he reflects. We are just as much African today as we were in Africa four hundred years ago, only we are a modern counterpart of it. When you hear a black man playing music, whether it is jazz or Bach, you still hear African music. The soul of Africa is still reflected in the music played by black men. In everything else we do we still are African in color, feeling, everything. And we will always be that whether we like it or not.

Malcolm X on The Power of Africa (Audubon Ballroom, December 20, 1964)

Asalaam Alaikum. I suppose I should take time to explain what I mean when I say "Asalaam Alaikum." Actually, it's an expression that means "peace," and it's one that is always given to one's brother or to one's sister. It only means "peace be unto you." So, when I say "Asalaam Alaikum" or "Salaam Alaikum" and others reply, "Alaikum Salaam," why, they're just returning the peace. It means we're all at peace with one another, as brothers and sisters.

Now, brothers and sisters, first I want to thank those of you who have taken the time to come through that snow, which almost turned me back myself, and come out where we can try and put our heads together and get a better understanding of what is going on, what we've been through and what we're all concerned about. As Sister Sharon has already pointed out, and I think she did so beautifully, during recent years our people have been struggling for some kind of relief from the conditions we're confronted by.

When you go back over the period of struggle, I think it would be agreed that we've gone through different patterns of struggle, that we've struggled in different ways. Each way that we tried never produced what we were looking for. If it had been productive, we would have continued along that same way. We've tried probably more different methods than any people. But at the same time, I think we've tried more wrong methods than any other people, because most others have gotten more freedom than we have. Everywhere you look, people get their freedom faster than we do. They get more respect and recognition faster than we do. We get promises, but we never get the real thing. And primarily because we have yet to learn the proper tactic or strategy or method to bring freedom into existence.

I think that one of the things that has caused our people in this country to try so many methods is that times have changed so rapidly. What would be proper ten years ago would not have been proper seven years ago, or five years ago, or three years ago. Times change so quickly that if you and I don't keep up with the times, we'll find ourselves with an umbrella in our hand, over our head, when the sun is out. Or we'll find ourselves standing in the rain, with the umbrella inside the door. If we don't keep up with what's going on, we will not be able to display the type of intelligence that will show the world we know what time it is and that we know what is happening around us.

Several persons have asked me recently, since I've been back, "What is your program?" I purposely, to this day, have not in any way mentioned what our program is, because there will come a time when we will unveil it so that everybody will understand it. Policies change, and programs change, according to time. But objective never changes. You might change your method of achieving the objective, but the objective never changes. Our objective is complete freedom, complete justice, complete equality, by any means necessary. That never changes. Complete and immediate recognition and respect as human beings, that doesn't change, that's what all of us want. I don't care what you belong to, you still want that recognition and respect as a human being. But you have changed your methods from time to time on how you go about getting it. The reason you change your method is that you have to change your method according to time and conditions that prevail. And one of the conditions that prevails on this earth right now, that we know too little about, is our relationship with the freedom struggle of people all over the world.

Here in America, we have always thought that we were struggling by ourselves, and most Afro-Americans will tell you just that we're a minority. By thinking we're a minority, we struggle like a minority. We struggle like we're an underdog. We struggle like all of the odds are against us. This type of struggle takes place only because we don't yet know where we fit in the scheme of things. We've been maneuvered out of a position where we could rightly know and understand where we fit into the scheme of things. It's impossible for you and me to know where we stand until we look around on this entire earth. Not just look around in Harlem or New York, or Mississippi, or America, we have got to look all around this earth. We don't know where we stand until, we know where America stands. You don't know where you stand in America until you know where America stands in the world. We don't know where you and I stand in this context, known to us as America, until we know where America stands in the world context. When you and I are inside of America and look at America, she looks big and bad and invincible. Oh, yes, and when we approach her in that context, we approach her as beggars, with our hat in our hands. As Toms, actually, only in the twentieth century sense, but still as Toms.

While if we understand what's going on this earth and what's going on in the world today, and fit America into that context, we find out she's not so bad, after all; she's not very invincible. And when you find out she's not invincible, you don't approach her like you're dealing with someone who's invincible.

As a rule, up to now, the strategy of America has been to tuck all of our leaders up into her dress, and besiege them with money, with prestige, with praise, and make them jump, and tell them what to tell us. And they always tell us we're the underdog, and that we don't have a chance, and that we should do it nonviolently and carefully; otherwise, we'll get hurt or we'll get wasted. We don't buy that.

Number one, we want to know what are we? How did we get to be what we are? Where did we come from? How did we come from there? Who did we leave behind? Where was it that we left them behind, and what are they doing over there where we used to be? This is something that we have not been told. We have been brought over here and isolated—you know the funniest thing about that: they accuse us of introducing "separation" and "isolation." No one is more isolated than you and I. There's no system on earth more capable of thoroughly separating and isolating a people than this system that they call the democratic system; and you and I are the best proof of it, the best example of it. We were separated from our people and have been isolated here for a long time.

So thoroughly has this been done to us that now we don't even know that there is somebody else that looks like we do. When we see them, we look at them like they're strangers. And when we see somebody that doesn't look anything like us, we call them our friends. That's a shame. It shows you what has been done to us. Yes, I mean our own people—we see our people come here who look exactly like we do, our twins, can't tell them apart, and we say, "Those are foreigners." Yet we're getting our heads busted trying to snuggle up to somebody who not only doesn't look like us, but doesn't even smell like us.

So, you can see the importance of these meetings on Sunday nights during the past two or three weeks, and for a couple more weeks. It is not so much to spell out any program; you can't give a people a program until they realize they need one, and until they realize that all existing programs aren't programs that are going to produce productive results. So, what we would like to do on Sunday nights is to go into our problem, and

just analyze and analyze and analyze; and question things that you don't understand, so we can at least try and get a better picture of what faces us. I, for one, believe that if you give people a thorough understanding of what it is that confronts them, and the basic causes that produce it, they'll create their own program; and when the people create a program, you get action.

When these "leaders" create programs, you get no action. The only time you see them is when the people are exploding. Then the leaders are shot into the situation and told to control things. You can't show me a leader that has set off an explosion. No, they come and contain the explosion. They say, "Don't get rough, you know, do the smart thing." This is their role' they're there just to restrain you and me, to restrain the struggle, to keep it in a certain groove, and not let it get out of control. Whereas you and I don't want anybody to keep us from getting out of control. We want to get out of control. We want to smash anything that gets in our way that doesn't belong there.

Listen to the last part of what I said: I didn't just say we want to smash anything that gets in our way. I said we want to smash anything that gets in our way that doesn't belong there. You see, I had to give you the whole thing, because when you read it, you'll hear we're going to smash up everybody. No, I didn't say that. I said we'll smash up anything that gets in the way that doesn't belong there. I mean that. If it doesn't belong there, it's worthy to be smashed. This country practices that power. This country smashes anything that gets in its way. It crushes anything that gets in its way. And since we're Americans, they tell us, well, we'll do it the American way. We'll smash anything that gets in our way.

This is the type of philosophy that we want to express among our people. We don't need to give them a program, not yet. First, give them something to think about. If we give them something to think about and start them thinking in a way that they should think, they'll see through all this camouflage that's going on right now. It's just a show the result of a script written by somebody else. The people will take that script and tear it up and write one for themselves. And you can bet that when you write the script for yourself, you're always doing something different than you'd be doing if you followed somebody else's script.

So, brothers and sisters, the thing that you and I must have an understanding of is the role that's being played in world affairs today, number one, by the continent of Africa; number two, by the people on that continent; number three, by those of us who are related to the people on that continent, but who, by some quirk in our own history, find ourselves today here in the Western hemisphere. Always bear that in mind that our being in the Western hemisphere differs from anyone else, because everyone else here came voluntarily. Everyone that you see in this part of the world got on a boat and came here voluntarily; whether they were immigrants or what have you, they came here voluntarily. So, they don't have any real squawk, because they got what they were looking for. But you and I can squawk because we didn't come here voluntarily. We didn't ask to be brought here. We were brought here forcibly, against our will, and in chains. And at no time since we have been here, have they even acted like they wanted us here. At no time. At no time have they even tried to pretend that we were brought here to be citizens. Why, they don't even pretend. So why should we pretend?

Look at the continent of Africa today and see what position it occupies on this earth, and you realize that there's a tussle going on between East and West. It used to be between America and the West and Russia, but they're not tussling with each other anymore. Kennedy made a satellite out of Russia. He put Khrushchev in his pocket; yes, he did, lost him his job. The tussle now is between America and China. In the camp of the West,

America is foremost. Most other Western nations are satellites to America. England is an American satellite. All of them are satellites, perhaps with the exception of France. France wants America to be her satellite. You never can tell what the future might bring. Better nations than this have fallen, if you read history. Most of the European Communist nations are still satelliting around Russia. But in Asia, China is the center of power.

Among Asian countries, whether they are communist, socialist, you don't find any capitalist countries over there too much nowadays. Almost every one of the countries that has gotten independence has devised some kind of socialistic system, and this is no accident. This is another reason why I say that you and I here in America, who are looking for a job, who are looking for better housing, looking for a better education, before you start trying to be incorporated, or integrated, or disintegrated, into this capitalistic system, should look over there and find out what are the people who have gotten their freedom adopting to provide themselves with better housing and better education and better food and better clothing.

None of them are adopting the capitalistic system because they realize they can't. You can't operate a capitalistic system unless you are vulturistic; you have to have someone else's blood to suck to be a capitalist. You show me a capitalist, I'll show you a bloodsucker. He cannot be anything but a bloodsucker if he's going to be a capitalist. He's got to get it from somewhere other than himself, and that's where he gets it, from somewhere or someone other than himself. So, when we look at the African continent, when we look at the trouble that's going on between East and West, we find that the nations in Africa are developing socialistic systems to solve their problems. There's one thing that Martin Luther King mentioned at the Armory the other night, which I thought was most significant. I hope he really understood what he was saying. He mentioned that while he was in some of those Scandinavian countries, he saw no poverty. There was no unemployment, no poverty. Everyone was getting education, everyone had decent housing, decent whatever they needed to exist. But why did he mention those countries on his list as different?

This is the richest country on earth and there's poverty, there's bad housing, there's slums, there's inferior education. And this is the richest country on earth. Now, you know, if those countries that are poor can come up with a solution to their problems so that there's no unemployment, then instead of you running downtown picketing city hall, you should stop and find out what they do over there to solve their problems. This is why the man doesn't want you and me to look beyond Harlem or beyond the shores of America. As long as you don't know what's happening on the outside, you'll be all messed up dealing with this man on the inside. I mean what they use to solve the problem is not capitalism. What they are using to solve their problem in Africa and Asia is not capitalism. So, what you and I should do is find out what they are using to get rid of poverty and all the other negative characteristics of a rundown society.

Africa is strategically located, geographically between East and West; it's the most valuable piece of property involved in the struggle between East and West. You can't get to the East without going past it and can't get from the East to West without going past it. It sits right there between all of them. It sits snuggled into a nest between Asia and Europe; it can reach either one. None of the natural resources that are needed in Europe that they get from Asia can get to Europe without coming either around Africa, over Africa, or in between the Suez Canal which is sitting at the tip of Africa. She can cut off Europe's bread. She can put Europe to sleep overnight, just like that. Because she's in a position to; the African continent is in a position to do this. But they want you and me to think Africa is a jungle, of no value, of no consequence. Because they also know that if you knew how valuable it

was, you'd realize why they're over there killing our people. And you'd realize that it's not for some kind of humanitarian purpose or reason.

Also, Africa as a continent is important because of its tropical climate. It's so heavily vegetated you can take any section of Africa and use modern agricultural methods and turn that section alone into the breadbasket for the world. Almost any country over there can feed the whole continent, if it only had access to people who had the technical know-how to bring into that area modern methods of agriculture. It's rich. A jungle is only a place that's heavily vegetated, the soil is so rich, and the climate is so good that everything grows, and it doesn't grow in season, it grows all the time. All the time is the season. That means it can grow anything, produce anything.

Added to its richness and its strategic position geographically is the fact of the existence of the Suez Canal and the Strait of Gibraltar. Those two narrow straits can cut off from Europe anything and everything Europe needs. All of the oil that runs Europe goes through the Suez Canal, up the Mediterranean Sea to places like Greece and Italy and Southern Spain and France and along through there; or through the Strait of Gibraltar and around on into England. And they need it. They need access through the Suez. When Nasser took over the Suez, they almost died in Europe. It scared them to death, why? Because Egypt is in Africa, in fact, Egypt is in both Africa and Asia...Before the Suez Canal was built, it was all one, you couldn't really make a distinction between Africa and Asia. It was all one. When President Nasser took the Suez Canal, that meant that for the first time the Suez Canal was under the complete jurisdiction of an African nation, and it meant that other nations had to cater to this African nation if they wanted to survive, if they didn't want their oil and other sources of supply cut off. Immediately this had an effect on European attitudes and European economic measures. They began to try and devise new means, new routes, to get the things that they needed.

Another reason the continent is so important is because of its gold. It has some of the largest deposits of gold on earth, and diamonds. Not only the diamonds you put on your finger and in your ear, but industrial diamonds, diamonds that are needed to make machines, machines that can't function or can't run unless they have these diamonds. These industrial diamonds play a major role in the entire industrialization of the European nations, and without these diamonds their industry would fall.

You and I usually know of diamonds for rings, because those are the only diamonds, we get close to, or the only diamonds within our line of thinking. We don't think in terms of diamonds for other uses. Or baseball diamonds, some of us only get that far.

Not only diamonds, but also cobalt. Cobalt is one of the most valuable minerals on this earth today, and I think Africa is one of the only places where it is found. They use it in cancer treatment, plus they use it in this nuclear field that you've heard so much about. Cobalt and uranium, the largest deposits are right there on the African continent. And this is what the man is after. The man is after keeping you over here worrying about a cup of coffee, while he's over there in your motherland taking control over minerals that have so much value, they make the world go around. While you and I are still walking around over here, yes, trying to drink some coffee with a cracker. It's one of the largest sources of iron and bauxite and lumber and even oil, and Western industry needs all of these minerals in order to survive. All of these natural minerals are needed by the Western industrialists in order for their industry to keep running at the clip that it's been used to. Can we prove it? Yes. You know that France lost her French West African possessions, Belgium lost the Congo, England lost Nigeria and Ghana and some of the other English-speaking areas; France also lost Algeria, or the Algerians took Algeria.

As soon as these European powers lost their African possessions, Belgium had an economic crisis, the same year she turned the Congo loose. She had to rearrange her entire economy and her economic methods had to be revised, because she had lost possession of the source of most of her raw materials, raw materials that she got almost free, almost with no price or output whatsoever. When she got into a position where she didn't have access to these free raw materials anymore, it affected her economy. It affected the French economy. It affected the British economy. It drove all of these European countries to the point where they had to come together and form what's known as the European Common Market.

Prior to that, you wouldn't hear anything about a European Common Market. Being the gateway to Southwest Africa, Southern Rhodesia, Basutoland, Swaziland, and South Africa, the Congo is a country on the African continent which is so strategically located geographically that if it were to fall into the hands of a real dyed-in-the-wool African nationalist, he could then make it possible for African soldiers to train in the Congo for the purpose of invading Angola. When they invade Angola, that means Angola must fall, because there are more Africans than there are Portuguese, and they just couldn't control Angola any longer. And if the Congo fell into good hands, other than Tshombe, then it would mean that Angola would fall, Southern Rhodesia would fall, Southwest Africa would fall, and South Africa would fall. And that's the only way they would fall.

When these countries fall, it would mean that the source of raw material, natural resources, some of the richest mineral deposits on earth, would then be taken away from the European economy. And without free access to this, the economy of Europe wouldn't be worth two cents. All of your European countries would be of no more importance than a country like Norway, which is all right for Norwegians, but has no influence beyond that. It's just another country stuck up some place in the northern part, like Sweden and some of those places. Every European country would be just as insignificant as the smallest insignificant country in Europe right now if they lost the rest of Africa. Because the rest of Africa that's still colonized is the part of the African continent that's still backing up the European economy. And if the economy of Europe was to sink any farther, it would really wash away the American economy. American economy can never be any stronger than the European economy because both of them are one. It's one and the same economy. They are brothers. I say this because it is necessary for you and me to understand what is at stake. You can't understand what is going on in Mississippi if you don't understand what is going on in the Congo. And you can't really be interested in what's going on in Mississippi if you're not also interested in what's going on in the Congo. They're both the same. The same interests are at stake. The same sides are drawn up, the same schemes are at work in the Congo that are at work in Mississippi. The same stake, no difference whatsoever.

Another frightening thing for this continent and the European continent is the fact that the Africans are trying to industrialize. One of the most highly industrialized African nations is Egypt. They have had a limited source of power up to now, but they are building a dam in upper Egypt, where the black Egyptians live. I was there, I took some pictures I'm going to show you some movies, probably on the first Sunday in January, a week from next Sunday. The Aswan Dam is something that everybody should see.

The Aswan is being built on the Nile in the heart of the desert, surrounded by mountains. One of the most outstanding things about this dam isn't so much its miraculous technical aspects, but the human aspects. When you build a dam in an area where there's already vegetation, that's one thing. But this dam is being built in an area where there's no vegetation. Once this river is dammed, it will create a lake in the middle of the desert which will set up a water cycle, rain, you know, clouds, and all of that stuff, and it will turn the desert into a civilization, into a very fertile valley. In order for this artificial lake to be built in that way, from that dam, it washed away the homes of the Nubians, people who look just like you and I do, who have been living there for thousands of years. They had to replace them, they had to transplant them from where they were living for thousands of years to another area.

This in itself was an operation that would hold you spellbound if you could see all the aspects of it. It meant taking a people from one place and putting them in another place. The place where they had been was antiquated. Their methods, their customs, their homes were thousands of years old. But overnight these people, who lived that far in the past, were taken to new cities that had been built by the government. Modern cities, where they had modern schools, modern rooms in which to live, and modern hospitals. When you go into these new cities that are Nubian villages, the first thing you always see is a mosque. Their religion is Islam, they're Muslims.

The Egyptian government, the revolutionary government, differs from most revolutions in that it's one of the few revolutions that have taken place where religion has not been minimized. In most revolutions, religion is immediately de-emphasized. Eventually that revolution loses something. Always. But the

thing about the Egyptian revolution was that it never de-emphasized the importance of religion. In these new cities, the first thing they build is a mosque, so people can practice their religion. Then they build schools so the people can be educated free; and then they build hospitals. They believe that the religious aspect keeps the people spiritually and morally balanced, and then everyone should have the best education and free hospitalization.

These new villages actually reflect the whole motive behind the Egyptian revolution. I found this quite interesting. I was there and could study it for two months. It's a balanced revolution. I go for revolution, but revolution should always do something for the people, and it should always keep them balanced. You don't find anybody that's more revolutionary than those people over there in Egypt; they're revolutionary, they're involved in every revolution that's going on the African continent right now.

So, the Aswan Dam creates enough additional power to make it possible to step up or speed up the industrialization of that particular African nation. And as their industrialization is stepped up, it means that they can produce their own cars, their own tractors, their own tools, their own machinery, plus a lot of other things. Not only Egypt, but Ghana too. Ghana is building a dam, they're damming the Volta River. There's the Volta High Dam, and it's being built for the purpose of increasing the power potential of Ghana, so that Ghana also can increase its industrial output.

As these African nations get in a position to increase their own power and to industrialize, what does it mean? It means that where they now are a market for American goods and America's finished products, and a market for European finished products, when they're able to finish their own products, they will be able to get their products cheaper because they're putting their own raw materials into the finished products. Now the raw materials are taken from Africa, shipped all the way to Europe, used to feed the machines of the Europeans, and make jobs for them, and then turned around and sold back to the Africans as finished products. But when the African nations become industrialized, they can take their own products and stick them in the machines and finish them into whatever they want. Then they can live cheaper. The whole system will be a system with a high standard of living but a cheaper standard of living.

This standard of living automatically will threaten the standard of living in Europe because it will cut off the European market. European factories can't produce unless they have some place to market the products. American factories can't produce unless she has some place to market her products. It is for this reason that the European nations in the past have kept the nations in Latin America and in Africa and in Asia from becoming industrial powers. They keep the machinery and the ability to produce and manufacture limited to Europe and limited to America. Then this puts America and the Europeans in a position to control the economy of all other nations and keep them living at a low standard.

These people are beginning to see that. The Africans see it, the Latin Americans see it, the Asians see it. So, when you hear them talking about freedom, they're not talking about a cup of coffee with a cracker. No, they're talking about getting in a position to feed themselves and clothe themselves and make these other things that, when you have them, make life worth living. So, this is the way you and I have to understand the world revolution that's taking place right now.

When you understand the motive behind the world revolution, the drive behind the African and the drive behind the Asian, then you get some of that drive yourself. You'll be driving for real. The man downtown knows the difference between when you're driving for real and when you're driving not for real. As long as you keep asking about coffee, he doesn't have to worry about you; he can send you to Brazil. So, these dams being set up over there in different parts of the continent are putting African nations in a position to have more power, to become more industrial and also to be self-sustained and self-sufficient.

In line with that: in the past it was the world bank, controlled again by Europeans and from Europe, that subsidized most of the effort that was being made by African nations and Asian nations to develop underdeveloped areas. But the African nations are now getting together and forming their own bank, the

African bank. The details of it aren't as much in my mind as I would like them to be, but when I was in Lagos, Nigeria, they were having a meeting there. It was among African bankers and African nations, and the Organization of African Unity, which is the best thing that has ever happened on the African continent, had taken up as part of its program the task of getting all of the African nations to pool their efforts in creating an African bank, so that there would be an internal bank in the internal African structure to which underdeveloped African nations can turn for financial assistance in projects that they're trying to undertake that would be beneficial to the whole continent.

Politically, Africa as a continent, and the African people as a people, have the largest representation of any continent in the United Nations. Politically, the Africans are in a more strategic position and in a stronger position whenever a conference is taking place at the international level. Today, power is international, real power is international; today, real power is not local. The only kind of power that can help you and me is international power, not local power. Any power that's local, if it's real power, is only a reflection or a part of that international power. If you think you've got some power, and it isn't in some way tied into that international thing, brother, don't get too far out on a limb.

If your power base is only here, you can forget it. You can't build a power base here. You have to have a power base among brothers and sisters. You have to have your power base among people who have something in common with you. They have to have some kind of cultural identity, or there has to be some relationship between you and your power base. When you build a power base in this country, you're building it where you aren't in any way related to what you build it on. No, you have to have that base somewhere else. You can work here, but you'd better put your base somewhere else. Don't put it in this man's hand. Any kind of organization that is based here can't be an effective organization. Anything you've got going for you, if the base is here, is not going to be effective. Your and my base must be at home, and this is not at home.

When you see that the African nations at the international level comprise the largest representative body and the largest force of any continent, why, you and I would be out of our minds not to identify with that power bloc. We would be out of our minds, we would actually be traitors to ourselves, to be reluctant or fearful to identify with people with whom we have so much in common. If it was a people who had nothing to offer, nothing to contribute to our well-being, you might be justified, even though they looked like we do; if there was no contribution to be made, you might be justified. But when you have people who look exactly like you, and you are catching hell, to boot, and you still are reluctant or hesitant or slow to identify with them, then you need to catch hell, yes. You deserve all the hell you get.

The African representatives, coupled with the Asians and Arabs, form a bloc that's almost impossible for anybody to contend with. The African Asian-Arab bloc was the bloc that started the real independence movement among the oppressed peoples of the world. The first coming together of that bloc was at the Bandung conference. To show you the power of that bloc and the results that they've gotten and how well the Europeans know it: on the African continent, when I was there, one thing I noticed was the twenty-four-hour-a-day effort being made in East Africa to turn the African against the Asian; and in West Africa to turn the African against the Arab; and in parts of Africa where there are no Asians or Arabs, to turn the Muslim African against the Christian African. When you go over there and study this thing, you can see that it is not something that's indigenous, it's not a divisive situation that's indigenous to the African himself. But someone realizes that the power of the oppressed black, brown, red and yellow people began at the Bandung conference, which was a coalition between the Arab and the Asian and the African, and how much pressure they've been able to put on the oppressor since then.

So, very shrewdly they have moved in. Now when you travel on the continent, you see the African in East Africa is being sicked on the Asian, there's a division taking place. And in West Africa he's being sicked on the Arab, there's a division taking place. And where the oppressor, this ingenious oppressor, diabolically ingenious, where he hasn't found an Asian to sic the African on, or an Arab to sic the African on, he uses the Muslim African against the Christian African. Or the one that believes in

religion against the one that doesn't believe in religion. But the main thing he's doing is causing this division to in some way keep the African, the Arab and the Asian from beating up on him.

He's doing the same thing in British Guyana. He's got the black Guyanians down there fighting against the so-called Indians. He's got them fighting each other. They didn't fight each other when the British were there in full control. If you notice, as long as the place was an old-style colony, no fight. But as soon as the British are supposed to be moving away, the black one starts fighting the red one. Why? This is no accident. If they didn't fight before, they don't need to fight now. There's no reason for it. But their fighting each other keeps the man on top. The fact that he can turn one against the other keeps the man on top.

He does the same thing with you and me right here in Harlem. All day long. I turned on the radio last night. I heard them say, every hour on the hour, that James Farmer, the head of CORE, was going to Africa, Egypt and Israel. And they said the reason he was going was because he wanted to correct false statements made by black nationalist leader Malcolm X when he was over there. If I hadn't had this experience before, immediately I would have started blasting Farmer. But I called him up today. He said he didn't know what they were talking about. But why do they do it? They do it to make us fight each other. As long as we're fighting each other, we can't get at the man who should be fought against from the start. Do you understand? Once we see the strategy that they use at the international level, then we can better understand the strategy that they use at the national and at the local level.

Lastly, I would like to point out my understanding of what I think is the position taken in African policy. Their policy, in a nutshell, is positive neutrality, non-alignment. They don't line up either way. Africa is for the Africans. And the Africans are for the Africans. The policy of the independent African states, by and large, is positive neutrality, nonalignment. Egypt is a good example. They take from East and West and don't take sides with either one. Nasser took everything Russia could give him, and then put all the communists in jail. Not that I mean the communists should necessarily have been put in jail. For the communist is a man, a capitalist is a man, and a socialist is a man. Well, if all of them are men, why should they be put in jail, unless one of them is committing a crime? And if being a communist or being a capitalist or being a socialist is a crime, first you have to study which of those systems is the most criminal.

And then you'll be slow to say which one should be in jail.

I cite that as an example just to show what this positive neutrality means: If you want to help us, help us; we're still not with you. If you have a contribution to make to our development, do it. But that doesn't mean we're with you or against you. We're neutral. We're for ourselves. Whatever is good for us, that's what we're interested in. That doesn't mean we're against you. But it does mean we're for ourselves.

This is what you and I need to learn. You and I need to learn how to be positively neutral. You and I need to learn how to be non-aligned. And if you and I ever study the science of non-alignment, then you'll find out that there's more power in non-alignment than there is alignment. In this country, it's impossible for you to be aligned with either party. Either party that you align yourself with is suicide. Because both parties are criminal. Both parties are responsible for the criminal condition that exists. So, you can't align yourself with a party.

What you can do is get registered so that you have power' political potential. When you register your political potential, that means your gun is loaded. But just because it's loaded, you don't have to shoot until you see a target that will be beneficial to you. If you want a duck, don't shoot when you see a bear; wait till you see a duck. And if you want a bear, don't shoot when see a duck; wait till you see a bear. Wait till you see what you want, then take aim and shoot!

What they do with you and me is tell us, "Register and vote." Don't register and vote, register! That's intelligent. Don't register and vote, you can vote for a dummy, you can vote for a crook, you can vote

for another who'd want to exploit you. "Register" means being in a position to take political action any time, any place and in any manner that would be beneficial to you and me; being in a position to take advantage of our position. Then we'll be in a position to be respected and recognized. But as soon as you get registered, and you want to be a Democrat or a Republican, you are aligning. And once you are aligning, you have no bargaining power, none whatsoever. We've got a program we are going to launch, which will involve the absolute maximum registering of as many of our people as we can. But they will be registered as independents. And by being registered as independents, it means we can do whatever is necessary, wherever it's necessary, and whenever the time comes. Do you understand?

So, I say in my conclusion, we have a lady that I want to introduce you to, who I think is one of the best freedom fighters in America today. She's from Mississippi, and you've got to be a freedom fighter to even live in Mississippi. You've got to be a freedom fighter to live anywhere in this country, but especially Mississippi. This woman has been in the forefront of the struggle in Mississippi. I was on a program with her this afternoon. As I mentioned today, and you'll probably read about it tomorrow; they'll blow it up, and out of context, what we need in this country, and I believe it with all my heart, and with all my mind, and with all my soul, is the same type of Mau Mau here that they had over there in Kenya. Don't you ever be ashamed of the Mau Mau. They're not to be ashamed of. They are to be proud of. Those brothers were freedom fighters.

Not only brothers, there were sisters over there. I met a lot of them. They're brave. They hug you and kiss you, glad to see you. In fact, if they were over here, they'd get this problem straightened up just like that. I read a little story once, and Mau Mau proved it. I read a story once where someone asked some group of people how many of them wanted freedom. They all put up their hand. Think there were about 300 of them. Then the person says, "Well, how many of you are ready to kill anybody who gets in your way for freedom?" About fifty put up their hands. And he told those fifty, "You stand over here." That left 250 sitting who wanted freedom but weren't ready to kill for it. So, he told this fifty, "Now you wanted freedom and you said you'd kill anybody who'd get in your way. You see those 250? You get them first. Some of them are your own brothers and sisters and mothers and fathers. But they're the ones who stand in the way of your freedom. They're afraid to do whatever is necessary to get it and they'll stop you from doing it. Get rid of them and freedom will come naturally."

I go for that. That's what the Mau Mau learned. The Mau Mau realized that the only thing that was standing in the way of the independence of the African in Kenya was another African. So, they started getting them one by one, all those Toms. One after another, they'd find another Uncle Tom African by the roadside. Today they're free. The white man didn't even get involved, he got out of the way. That's the same thing that will happen here. We've got too many of our own people who stand in the way. They're too squeamish. They want to be looked upon as respectable Uncle Toms. They want to be looked upon by the white man as responsible. They don't want to be classified by him as extremist, or violent, or, you know, irresponsible. They want that good image. And nobody who's looking for a good image will ever be free. No, that kind of image doesn't get you free. You've got to take something in your hand and say, "Look, it's you or me." And I guarantee you he'll give you freedom then. He'll say, "This man is ready for it." I said something in your hand, I won't define what I mean by "something in your hand." I don't mean bananas.

So, we are honored to have with us tonight not only a freedom fighter, but some singers on that program today, I think they're all here; I asked them to come out tonight because they sang one song that just knocked me out. I'm not one who goes for "We Shall Overcome." I just don't believe, we're going to overcome, singing. If you're going to get yourself a .45 and start singing "We Shall Overcome," I'm with you. But I'm not for singing that doesn't at the same time tell you how to get something to use after you get through singing. I realize I'm saying some things that you think can get me in trouble, but, brothers, I was born in, trouble. I don't even care about trouble. I'm interested in one thing alone, and that's freedom, by any means necessary. So, I'll bring you now the country's number one freedom fighting woman.

[Mrs. Hamer speaks.]

Now you see why Mississippi is in trouble. And I hope that our brothers, especially our brothers here in Harlem, listened very well, very closely, to what I call one of this country's foremost freedom fighters. You don't have to be a man to fight for freedom. All you have to do is be an intelligent human being. And automatically, your intelligence makes you want freedom so badly that you'll do anything, by any means necessary, to get that freedom. And I want Mrs. Hamer to know that anything we can do to help them in Mississippi, we're at their disposal. One of the things that we will definitely provide you with, because I think it's the only real help that you can get down there: You can let those hooded people know that, from here on in, when they start taking the lives of innocent black people, we believe in tit for tat. If I were to go home and find some blood on the leg of one of my little girls, and my wife told me that a snake bit the child, I'd go looking for the snake. And if I found the snake, I wouldn't necessarily take time to see if it had blood on its jaws. As far as I'm concerned, the snake is the snake. So, if snakes don't want someone hunting snakes indiscriminately, I say that snakes should get together and clean out their snakes house. If snakes don't want people running around indiscriminately chopping off the heads of snakes, my advice to snakes would be to keep their house in order. I think you will understand what I'm saying. Now those were twenty-one snakes that killed those three brothers down there. Twenty-one of those are snakes. And there is no law in any society on earth that would hold it against anyone for taking the heads of those snakes.

Believe it, the whole world would honor you or honor anyone who did what the federal government refused to do. We should let them know that we believe in giving them what they deserve. There are brothers around the country right now, a lot of them, who feel like I do, a lot of them who feel like I do. I've even met white students who feel that way. When they tell me that they're liberal, I tell them, "Great, go get me one of those snake heads." I'm sincere about this. I think that there are many whites who are sincere, especially at the student level. They just don't know how to show their sincerity. They think that they're showing sincerity by going down there and encouraging our people to be nonviolent. That's not where it's at. Since they're white, they can get closer to whiteness than we can. They can put on a sheet and walk right on into camp with the rest of them. I'm telling you how to do it: You're a liberal; get you a sheet. And get you something up under that sheet that you know how to use and walk right on in that camp of sheeted people with the rest of them. And show how liberal you are. I'll come back and shake your hand all day long. I'll walk you around Harlem and tell everybody what a good white person you are. Because you've proved it. But I don't accept any nonviolent liberals. This doesn't mean that you've got to be violent; but it does mean that you can't be nonviolent.

Malcolm X Introduces Fannie Lou Hamer (December 20, 1964)

Reverend Coles, Mrs. Hamer, honored guests, brothers and sisters, friends and enemies; also, ABC and CBS and FBI and CIA.

I couldn't help but be very impressed at the out start when the Freedom Singers were singing the song "Oginga Odinga" because Oginga Odinga is one of the foremost freedom fighters on the African continent. At the time he visited in Atlanta, Georgia, I think he was then the minister of home affairs in Kenya. But since Kenya became a republic last week, and Jomo Kenyatta ceased being the prime minister and became the president, the same person you are singing about, Oginga Odinga, is now Kenyatta's vice president. He's the number-two man in the Kenya government.

The fact that you would be singing about him, to me is quite significant. Two or three years ago, this wouldn't have been done. Two or three years ago, most of our people would choose to sing about someone who was, you know, passive and meek and humble and forgiving. Oginga Odinga is not passive. He's not meek. He's not humble. He's not nonviolent. But he's free.

Oginga Odinga is vice president under Jomo Kenyatta, and Jomo Kenyatta was considered to be the organizer of the Mau Mau; I think you mentioned the Mau Mau in that song. And if you analyze closely those words, I think you'll have the key to how to straighten the situation out in Mississippi. When the nations of Africa are truly independent—and they will be truly independent because they're going about it in the right way—the historians will give Prime Minister, or rather, President Kenyatta and the Mau

Mau their rightful role in African history. They'll go down as the greatest African patriots and freedom fighters that that continent ever knew, and they will be given credit for bringing about the independence of many of the existing independent states on that continent right now. There was a time when their image was negative, but today they're looked upon with respect and their chief is the president and their next chief is the vice president.

I have to take time to mention that because, in my opinion, not only in

Mississippi and Alabama, but right here in New York City, you and I can best learn how to get real freedom by studying how Kenyatta brought it to his people in Kenya, and how Odinga helped him, and the excellent job that was done by the Mau Mau freedom fighters. In fact, that's what we need in Mississippi. In Mississippi we need a Mau Mau. In Alabama we need a Mau Mau. In Georgia we need a Mau Mau. Right here in Harlem, in New York City, we need a Mau Mau.

I say it with no anger; I say it with very careful forethought. The language that you and I have been speaking to this man in the past hasn't reached him. And you can never really get your point across to a person until you learn how to communicate with him. If he speaks French, you can't speak German. You have to know what language he speaks and then speak to him in that language.

When I listen to Mrs. Hamer, a black woman—could be my mother, my sister, my daughter—describe what they had done to her in Mississippi, I ask myself how in the world can we ever expect to be respected as men when we will allow something like that to be done to our women, and we do nothing about it? How can you and I be looked upon as men with black women being beaten and nothing being done about it, black children and black babies being beaten, and nothing being done about it? No, we don't deserve to be recognized and respected as men as long as our women can be brutalized in the manner that this woman described, and nothing being done about it, but we sit around singing "We Shall Overcome." We need a Mau Mau. If they don't want to deal with the Mississippi Freedom Democratic Party, then we'll give them something else to deal with. If they don't want to deal with the Student Nonviolent Committee, then we have to give them an alternative. Never stick someone out there without an alternative or we waste our time. Give them this or give them that. Give them the choice between this or that.

When I was in Africa, I noticed some of the Africans got their freedom faster than others. Some areas of the African continent became independent faster than other areas. I noticed that in the areas where independence had been gotten, someone got angry. And in the areas where independence had not been achieved yet, no one was angry. They were sad—they'd sit around and talk about their plight, but they weren't mad. And usually, when people are sad, they don't do anything. They just cry over their condition.

But when they get angry, they bring about a change. When they get angry, they aren't interested in logic, they aren't interested in odds, they aren't interested in consequences. When they get angry, they realize the condition that they're in—that their suffering is unjust, immoral, illegal, and that anything they do to correct it or eliminate it, they're justified. When you and I develop that type of anger and speak in that voice, then we'll get some kind of respect and recognition, and some changes from these people who have been promising us falsely already for far too long.

So, you have to speak their language. The language that they were speaking to Mrs. Hamer was the language of brutality. Beasts, they were, beating her—the two Negroes, they weren't at fault. They were just puppets. You don't blame the puppet, you blame the puppeteer. They were just carrying out someone else's orders. They were under someone else's jurisdiction. They weren't at fault; in a way they were, but I still won't blame them. I put the blame on that man who gave the orders. And when you and I begin to look at him and see the language he speaks, the language of a brute, the language of someone who has no sense of morality, who absolutely ignores law—when you and I learn how to speak his language, then we can communicate. But we will never communicate talking one language

while he's talking another language. He's talking the language of violence while you and I are running around with this little chicken-picking type of language—and think that he's going to understand.

Let's learn his language. If his language is with a shotgun, get a shotgun. Yes, I said if he only understands the language of a rifle, get a rifle. If he only understands the language of a rope, get a rope. But don't waste time talking the wrong language to a man if you want to really communicate with him. Speak his language—there's nothing wrong with that. If something was wrong with that language, the federal government would have stopped the cracker from speaking it to you and me.

I might say, secondly, some people wonder, well, what has Mississippi got to do with Harlem? It isn't actually Mississippi; it's America. America is Mississippi. There's no such thing as a Mason-Dixon Line—it's America. There's no such thing as the South—it's America. If one room in your house is dirty, you've got a dirty house. If the closet is dirty, you've got a dirty house. Don't say that that room is dirty, but the rest of my house is clean. You're over the whole house. You have authority over the whole house; the entire house is under your jurisdiction. And the mistake that you and I make is letting these Northern crackers shift the weight to the Southern crackers.

The senator from Mississippi is over the Judiciary Committee. He's in Washington, D.C., as Mrs. Hamer has pointed out, illegally. Every senator from a state where our people are deprived of the right to vote—they're in Washington, D.C., illegally. This country is a country whose governmental system is run by committees— House committees and Senate committees. The committee chairman occupies that position by dint of his seniority. Eastland is over the Judiciary Committee because he has more seniority than any other senator after the same post or on that committee; he's the chairman. Fulbright, another cracker, from Arkansas, is over the Foreign

Relations Committee. Ellender, of Louisiana, is over the Agriculture and

Forestry Committee. Russell, of Georgia, is over the Armed Services Committee.

And it goes right on down the line. Out of sixteen committees, ten of them are in the hands of Southern racists. Out of twenty congressional committees, thirteen are in the hands, or at least they were before the recent elections, in the hands of Southern racists. Out of forty-six committees that govern the foreign and domestic direction of this country, twenty-three are in the hands of Southern racists. And the reason they're in the hands of Southern racists is because in the areas from which they come, the black man is deprived of his right to vote.

If we had the ballot in that area, those racists would not be in Washington, D. C. There'd be some black faces there, there'd be some brown and some yellow and some red faces there. There'd be some faces other than those cracker faces that are there right now.

So, what happens in Mississippi and the South has a direct bearing on what happens to you and me here in Harlem. Likewise, the Democratic Party, which black people supported recently, I think, something like 97 per cent. All of these crackers—and that's what they are, crackers—they belong to the Democratic Party. That's the party they belong to—the same one you belong to, the same one you support, the same one you say is going to get you this and get you that. Why, the base of the Democratic Party is in the South. The foundation of its authority is in the South. The head of the Democratic Party is sitting in the White House. He could have gotten Mrs. Hamer into Atlantic City. He could have opened up his mouth and had her seated. Hubert Humphrey could have opened his mouth and had her seated. Wagner, the mayor right here, could have opened up his mouth and used his weight and had her seated. Don't be talking about some crackers down in Mississippi and Alabama and Georgia—all of them are playing the same game. Lyndon B. Johnson is the head of the Cracker Party.

Now, I don't want to be stepping on toes or saying things that you didn't think I was going to say, but don't ever, ever, ever call me up here to talk about Mississippi. It's controlled right up here from the North. Mississippi is controlled from the North. Alabama is controlled from the North. These Northern

crackers are in cahoots with the Southern crackers, only these Northern crackers smile in your face and show you their teeth and they stick the knife in your back when you turn around. You at least know what that man down there is doing, and you know how to deal with him.

So, all I say is this, this is all I say: when you start talking about one, talk about the others. When you start worrying about the part or the piece, worry about the whole. And if this piece is no good, the entire pie is no good, because it all comes out of the same plate. It's made up out of the same ingredients. Wagner is a Democrat. He belongs to the same party as Eastland. Johnson is a Democrat. He belongs to the same party as Eastland.

Wagner was in Atlantic City, Ray Jones was in Atlantic City, Lyndon B. Johnson was in Atlantic City, Hubert Humphrey was in Atlantic City—the crackers that you voted for were in Atlantic City. What did they do for you when you wanted to sit down? They were quiet. They were silent. They said, “Don't rock the boat, you might get Goldwater elected....”

I have this bit of suggestion. Find out what Wagner is going to do in behalf of this resolution, that you're trying to get through, before January 4. Find out in advance where does he stand on these Mississippi congressmen who are illegally coming up from the South to represent Democrats. Find out where the mayor of this city stands and make him come out on the record without dilly-dallying and without compromise. Find out where his friends stand on seating the Mississippians who are coming forth illegally. Find out where Ray Jones, who is one of the most powerful black Democrats in this city—find out where he stands. Before January 4. You can't talk about Rockefeller because he's a Republican. Although he's in the same boat right along with the rest of them.

So, I say, in my conclusion, as Mrs. Hamer pointed out, the brothers and sisters in Mississippi are being beaten and killed for no reason other than they want to be treated as first-class citizens. There's only one way to be a first-class citizen. There's only one way to be independent. There's only one way to be free. It's not something that someone gives to you. It's something that you take. Nobody can give you independence. Nobody can give you freedom. Nobody can give you equality or justice or anything. If you're a man, you take it. If you can't take it, you don't deserve it. Nobody can give it to you. So if you and I want freedom, if we want independence, if we want respect, if we want recognition, we obey the law, we are peaceful—but at the same time, at any moment that you and I are involved in any kind of action that is legal, that is in accord with our civil rights, in accord with the courts of this land, in accord with the Constitution—when all of these things are on our side, and we still can't get it, it's because we aren't on our own side.

We don't yet realize the real price necessary to pay to see that these things are enforced where we're concerned. And until we realize this, they won't be enforced where we're concerned. We have to let the people in Mississippi as well as in Mississippi, New York, and elsewhere know that freedom comes to us either by ballots or by bullets. That's the only way freedom is gotten. Freedom is gotten by ballots or bullets. These are the only two avenues, the only two roads, the only two methods, the only two means—either ballots or bullets. And when you know that, then you are careful how you use the word freedom. As long as you think we are going to sing up on some, you come in and sing. I watch you, those of you who are singing—are you also willing to do some swinging?

They've always said that I'm anti-white. I'm for anybody who's for freedom. I'm for anybody who's for justice. I'm for anybody who's for equality. I'm not for anybody who tells me to sit around and wait for mine. I'm not for anybody who tells me to turn the other cheek when a cracker is busting up my jaw. I'm not for anybody who tells black people to be nonviolent while nobody is telling white people to be nonviolent. I know I'm in the church, I probably shouldn't be talking like this—but Jesus himself was ready to turn the synagogue inside out and upside down when things weren't going right. In fact, in the Book of Revelations, they've got Jesus sitting on a horse with a sword in his hand, getting ready to go into action. But they don't tell you or me about that Jesus. They only tell you and me about that peaceful Jesus. They never let you get down to the end of the book. They keep you up there where everything is, you know, nonviolent. No, go and read the whole book, and when you get to Revelations, you'll find

that even Jesus' patience ran out. And when his patience ran out, he got the whole situation straightened out. He picked up the sword.

I believe that there are some white people who might be sincere. But I think they should prove it. And you can't prove it to me by singing with me. You can't prove it to me by being nonviolent. No, you can prove it by recognizing the law of justice. And the law of justice is "as ye sow, so shall ye reap." The law of justice is "he who kills by the sword shall be killed by the sword." This is justice. Now if you are with us, all I say is, make the same kind of contribution with us in our struggle for freedom that all white people have always made when they were struggling for their own freedom. You were struggling for your freedom in the Revolutionary War. Your own Patrick Henry said, "liberty or death," and George Washington got the cannons out, and all the rest of them that you taught me to worship as my heroes, they were fighters, they were warriors.

But now when the time comes for our freedom, you want to reach back in the bag and grab somebody who's nonviolent and peaceful and forgiving and long-suffering. I don't go for that—no. I say that a black man's freedom is as valuable as a white man's freedom. And I say that a black man has the right to do whatever is necessary to get his freedom that other human beings have done to get their freedom. I say that you and I will never get our freedom nonviolently and patiently and lovingly. We will never get it until we let the world know that as other human beings have laid down their lives for freedom—and also taken life for freedom—that you and I are ready and willing and equipped and qualified to do the same thing.

It's a shame that Mrs. Hamer came out here this afternoon where there are so few people. It's a shame. All of our people in Harlem should have heard her describe what they did to her down there. Because I think the people in Harlem are more capable of evening the score than people are anywhere else in this country. Yes, they are, and they need to hear her story. They need to know more, first hand, about what's happening down there, especially to our women. And then they need some lessons in tactics and strategy on how to get even. I, for one, will make the first contribution to any fund that's raised for the purpose of evening the score. Whenever someone commits murder, what do you do? You put out a "reward, wanted—dead or alive" for the murderer. Yes, learn how to do it. We've had three people murdered. No reward has been put on the head of the murderer. Don't just put a reward—put "dead or alive, dead or alive." And let that Klan know that we can do it tit for tat, tit for tat. What's good for the goose is good for the gander.

And if you all don't want to do it, we'll do it. We'll do it. We have brothers who are equipped, and who are qualified, and who are willing to—As Jesus said, "Little children, go thee where I send thee." We have brothers who can do that, and who will do that, and who are ready to do that. And I say that if the government of the United States cannot bring to justice people who murder Negroes, or people who murder those who are at the forefront fighting in behalf of Negroes, then it's time for you and me to retire quietly to our closets and devise means and methods of seeing that justice is executed against murderers where justice has not been forthcoming in the past.

I say in my conclusion that if you and I here in Harlem, who form the habit oftentimes of fighting each other, who sneak around trying to wait for an opportunity to throw some acid or some lye on each other, or sprinkle dust on each other's doorsteps—if you and I were really and truly for the freedom of our people, we wouldn't waste all of that energy thinking how to do harm to each other. Since you have that ingenuity, if you know how to do it, let me know; I'll give you some money and show you where to go, and show you who to do it to. And then you'll go down in history as having done an honorable thing.

So, Mrs. Hamer, we have another rally up at the Audubon tonight, at eight o'clock, where there'll be a lot of black people. I myself would like to have you tell them what you told us here this afternoon, so you are welcome to be my guest tonight if you will, at the Audubon. And those singers who sing about Oginga Odinga, if you haven't got anything else to do, you need to come up in Harlem and let some people hear you singing about Oginga Odinga and Kenyatta and Lumumba, and the next time you come to Harlem, you'll have a crowd out here. Thank you.

Bernice Bass Interviews Malcolm X (December 27, 1964)

Bernice Bass: And now dear hearts, I think it important that we turn to our guest of honor at this time, Minister Malcolm X, the son of a Baptist minister. Good morning.

Malcolm X: How are you, Miss Bass?

Bass: Just fine, thank you. I suppose that's the question New York could ask you after your travels all over the African continent, Europe. We'd love to know exactly what you discovered and what you observed. Whether or not your viewpoints have changed any on the Afro-American questions.

Malcolm X: Well, I've done a lot of traveling and, I think over all, travel does broaden one's soul. If anything at all, that's probably the most important of what's happened to me during the past five or six months. I was fortunate to be able to spend, I think it was, two months in the Middle East and another two months in the African countries. And I think I visited Egypt, Arabia, Kuwait, Lebanon, and then Sudan, Ethiopia, Kenya, what was then Zanzibar and Tanganyika and is now Tanzania, also Nigeria, Ghana, Liberia, Guinea, and Algiers, or rather Algeria. Then in Europe: Geneva, Paris, and London.

Bass: We who have not traveled have to rely solely on our communications media for the news that we get. What is disturbing and confusing, really, coming out of the African continent, is there unity among the African leaders there? Is there a cohesive effort or is it a divisive thing that has been reported so faithfully in the press, the American press?

Malcolm X: The Western press tries to make it appear that there is a division among Africans. In any bloc or group that has a common objective, you will find disagreements. But overall there's unity. I think—during World War II, America had her allies, and their common objective was to gain victory over a common enemy, but even within that body of allies, there were differences.

Bass: Just as there are today in NATO.

Malcolm X: Certainly, today. But usually Western powers think that they have a priority on the right to differ among themselves. Because when blocs that are other than Western show signs of being able to differ—or differences pop up, the Western press uses this to try and make it appear that they are savage, backward, not able to govern—things of that sort.

Bass: That's something I wanted to ask you about. I've noticed in the last couple of weeks all of the references to the Congo crisis, when they talked about the debate in the United Nations, they have talked about going back to savagery, tribal practices, this kind of thing. And yet they have in Italy the fact that they have eighteen ballots cast just this week alone trying to elect a premier. They have also—before de Gaulle rose to power, they had a new premier of France every month. And no one considered that backward, and yet these were examples of civilization, culture, and so forth. How do the African delegates in this country and the African leaders in their own countries feel about this kind of characterization?

Malcolm X: Well the—I think this is one of the mistakes the West is making in its efforts to try and win the Africans on their side. The Africans, probably more so than ever before, are beginning to see the deceit and the double standard of measurement that's used when their own case is involved. And how it differs from that when the African case is involved. And this has gone a long way toward making Africans question the motive of Western powers, including the United States.

It's not an accident that in the United Nations during this present session, for the first time during the nineteen or twenty years that the UN has been in existence, we find African foreign ministers who are openly accusing the United States of being an imperialist power and of practicing racism. In the past, these labels were always confined to the European colonial powers. But never was the United States itself singled out and labeled, identified as an imperialist power. Neither was the case of Black people

in this country ever linked with what was happening to people on the African continent. And if there's any drastic departure from past procedures that have been reflected already in the present UN session, it's the tendency on the part of African representatives one after another all to link what's happening in the Congo with what's happening in Mississippi.

And for the first time, too, since the UN has been in existence, we have representatives of foreign governments referring to the releasing of the twenty-one assassins of the civil rights workers. This was mentioned in the United Nations Security Council debate this week. And so, all of this is a sign, or reflects the tendency on the part of Africans to identify completely with what is happening to the Black man in this country. And they also realize that there's an increasing tendency on the part of our people in this country to identify with what's going on or happening to our people on the African continent. And never are our people given the real picture.

One thing I will say for James Farmer, with whom I was in a discussion earlier this week. He is going to Africa. One radio report—I was riding home in my car one night, and I heard a radio newscaster say that James Farmer was going to Africa to counteract the false conceptions that I had given during my trip. Well, I called Farmer the next day. First, I was in—I was irked, I was irritated, I was very angry. But then I began to remember what the press had done to me and done to others in trying to divide and conquer, and I called Mr. Farmer. And he said he knew absolutely nothing about what this particular newscaster had reported. And then I had a personal conversation with him a little later on, which I found to be very intelligent and very objective on his part. And he explained then that he was going to take a fact-finding trip to Africa and visit many of these places. And he had done so under the auspices of the Big Six to find out—they want to know for themselves the African story. And whether or not the news of Africa is being properly reported in this country. Which I think is a very progressive move on the part of those people who have been set up to lead Black people in this country.

Bass: Was this an outgrowth of—I think they've had two meetings—all of the Big Six in Washington, members of the State Department, and so forth, and African representatives—in the attempt to bridge the gap?

Malcolm X: Because those who are invited are able to see that the problem of the Black people in this country is not an isolated problem. It's not a Negro problem or an American problem. It's part of the world problem. It's a human problem.

Bass: May I ask you this—can I interrupt you a moment to ask you this: I'm concerned over the habit that the communications media has picked up of identifying Black people in Africa as Negroes and then Black people here as Negroes....

Malcolm X: Well, that's because at one time Africa, the word African, was used in this country in a derogatory way. But now, since Africa has gotten—it's getting its independence and there are so many independent African states. The image of the African has changed from negative to positive. And the white man in this country does not like to give us anything positive that we can identify with. And since he can't stop the independence movement of the people on that continent, he's trying to change the label. Trying to change that which they call themselves to put them in the same category with us. But I don't think they'll be very successful at that.

Bass: Well, how do the African delegates in this country and the people, the leaders, how do they feel about it?

Malcolm X: They don't accept the word Negro at all. No one accepts the word Negro but our people in this country, and it's only because we've been mistaught, misguided, misled, and misinformed.

Bass: We've reached a very good point at which to pause in order to identify both the program and the station. By this time, you know this is "Community Corner" here in New York City and your hostess

for this period as she has been for the last three-and-a-half years is Bernice Bass and our guest here is the son of a Baptist minister, the Honorable Minister Malcolm X....

Malcolm X: I never accept the term “honorable.” Bass: That’s a beautiful title.

Malcolm X: Well, I’ll tell you. Most people I’ve seen really end up misusing it, and I’d rather just be your Brother Malcolm.

Bass: I’ve got a big family, but I can always use additional. I hope my mother will not be disturbed about it—but I find most people are honorable, whether they wear the title or not. We have a few brothers who aren’t. Getting back to what you saw when you were in Africa, how are the countries developing and how—when you hear all this business about the tremendous amount of aid that the United States is giving all of these countries. Are they developing? What plans do they have?

Malcolm X: Yes, one of the countries developing the most swiftly is Egypt. Egypt’s development is tremendous and also Ghana. Ghana, probably, and Egypt are the forefront. Ghana is a remarkable country, a remarkably progressive country. And I think that it might even interest you, and by the way, it might interest you to know that one of the most progressive moves Ghana has made is to start establishing, installing, a television network.

And I was taken through this television studio and plant by Mrs. Du Bois, Dr. W.E.B. Du Bois’s wife, who is the director of television in Ghana. She— to my knowledge, she’s the only Black director of television in Africa. I may be wrong, but the only one I know of is she. And she’s a woman, and she’s an Afro-American, and I think that should make Afro-American women mighty proud.

She’s one of the most intelligent women I’ve ever met, and not only is she the director of television, but she took me on a tour of Tema, which is a new industrial city. It’s a new city that has been set up by President

Nkrumah which has the most advanced type of machinery and everything else in it. And one of the things that exists in this city is the publishing plant—the most modern publishing plant on the African continent. The machines are tremendous, and it can reproduce any type of magazine, book, or newspaper in the best form and of the best quality. And there are many other aspects of the Ghanaian life that I found to be quite progressive.

I was saying—if I may continue—I was in a hotel in Cairo, the Shepherd’s

Hotel in Cairo, and there was a group of students that had traveled the African continent from a certain college here in this country. And Africa was their last stop before embarking for the States. I was in conversation with some of them in the lobby of the Shepherd’s and they were conveying some of their impressions. And they were greatly enthused over Senghor in Senegal, collectively. And they were, at the same time, disillusioned with Nkrumah in Ghana, collectively. They had a tendency to criticize and condemn Nkrumah, but at the same time pat Senghor of Senegal on the back. Later on in the conversation, while they were pointing out the negative conditions that existed in Senegal—how Dakar had poverty, beggars, and things of that sort—and at the same time they were speaking of the actions of beggars and the progressiveness of the Ghanaian people and how they all looked industrious and seemed to be making a contribution to the whole overall forward movement—progressive movement forward.

So, I answered that. These were students. How could they say that Senghor was such a great president and at the same time speak of the negative conditions that his people were in and also turn around and say that they have criticisms for Nkrumah? They have to admit that the negative conditions didn’t exist in Nkrumah’s country. So, what I gather from this, that their yardstick of measurement for leadership was not what the leader was doing for his people and his country, but the attitude that that particular leader had toward this country and the attitude that this country had toward that leader.

They weren't using a real yardstick to measure that person's abilities. So, I thought I would throw this in because to me it was quite indicative of the entire attitude of the power structure here toward the African countries and African leaders. If African leaders are manipulated—if they can be manipulated by the power structure here, no matter how negative the conditions remain in that particular leader's country, this power structure turns its propaganda machine for the benefit, for the benefit of that African leader. But by the same token, if it's an African leader that they can't manipulate and use as a puppet, then they turn their propaganda machine upon that particular leader and make him appear as a dictator or some type of monstrosity and misinform and mislead the American public this way.

Bass: May I ask you—one of the points that you have not yet made in regard to that problem is the fact that the Ghanaian women there seem to be emerging on the scene at all levels.

Malcolm X: One thing I noticed in both the Middle East and Africa, in every country that was progressive, the women were progressive. In every country that was underdeveloped and backward, it was to the same degree that the women were undeveloped, or underdeveloped, and backward.

Bass: What you're saying is the women are actually playing a part there, in Africa?

Malcolm X: Well, no, I'm saying this: that it's noticeable that in these types of societies where they put the woman in a closet and discourage her from getting a sufficient education and don't give her the incentive by allowing her maximum participation in whatever area of the society where she's qualified, they kill her incentive. And killing her incentive, she kills the incentive in her children. And the man himself has no competition so he doesn't develop to his fullest potential. So, in the African countries where they opt for mass education, whether it be female or male, you find that they have a more valid society, a more progressive society. And Ghana is one of the best examples of this. Egypt was also another example of this.

Bass: Well, certainly. I remember when the White Paper came out issued by Kwame Nkrumah on this business of polygamy. There was a great deal of talk, discussion back and forth, and I remember I interviewed a young lady from the Ghanaian embassy here and—is polygamy—was it there or did you get a chance to notice it?

Malcolm X: Well, how would you know? I didn't have any yardstick that I could use to determine...

Bass: I thought in conversation, not actual...

Malcolm X: Well, their conversation differs from the conversation over here. They aren't so inclined to talk about their...

Bass: Personal lives...

Malcolm X: ...as is the case in this society.

Bass: Well, isn't that funny. Now, I'm thinking of [name unintelligible], I think, from here at the United Nations from Nigeria. He stirred a great deal of controversy when he came out in favor of polygamy when he was speaking before a women's group pressing for women's rights at the United Nations.

Malcolm X: Well, he stirred up even more controversy this time by pressing for United States' right to drop bombs on defenseless African villages.

Bass: Well, I'm telling you—you've been talking about Ghana. How does Ghana compare to Nigeria in terms of development, in terms of their handling of national affairs and that sort of thing?

Malcolm X: Well, the Nigerian people are great. You never can find any people anywhere in Africa more hospitable and brotherly and who will welcome you more warmly than the people in Nigeria. But by the same token the United States influence in Nigeria has turned it almost into a colony. And there

are conditions that exist in Nigeria that are very explosive. They're getting ready to have elections this week, which could turn Nigeria into another Congo.

Nigeria is one of the richest countries on the African continent—one of the most beautiful of the African countries. But by the same token you'll find beggars there, you find poverty there. You don't find new cities. You find beggars and poverty in Lagos, which you don't see in Ghana.

I don't in any way condemn or criticize the Nigerian people. I think Nigeria's problems stem primarily from the over-exertion on the part of outside interests. The United States presence in Nigeria is far beyond what it should be, and its influence is far beyond what it should be.

I might say, Miss Bass, in most of the African countries that are the most pro-American or the most inseparably interwoven into the American way of thought, you find that the conditions, economic conditions, of those countries are usually the worst.

Bass: Like Liberia.

Malcolm X: Well name whichever you like. But you'd be surprised. The countries that are identified with America the most are the ones that are the most backward and the ones that have the most problems.

Bass: Now the ones that are the most progressive, they are most closely identified with what power?

Malcolm X: Well, they're more closely identified with themselves. I don't think that one can—there's a tendency here in America again, to try and project any African nation that isn't on America's apron strings as linked with some other power. But the Africans themselves want to be Africans. They don't want to be identified with any of the what's known as European philosophies or Occidental or Western philosophies. They want what's good for Africa. They want to take out of any other philosophy that which they can adopt to their own needs and to their own development. But to be identified with either the Communist bloc or the capitalist bloc, I don't think you'll find any African country or African leader who will buy that— he's for Africa.

And during the five weeks that I was there, I took some excellent movies, by the way, which I'm going to show at the Audubon Ballroom this time Friday night. I took movies in Egypt that were—I think no one else has them. I'll just say that they're unique—exclusives, yes. I was at the 23rd of July independence celebration in Egypt when Haile Selassie, President Nkrumah, all of the heads of state were there. And they were watching President Nasser's display of weaponry that is unequalled on the African continent. You've got to see these films to see the massive military might that President Gamal Abdel Nasser has developed there in Egypt. Then you can see why he's in a position to openly state that he will support the Congo freedom fighters, and you can also see why it caused so much concern here in the West.

Bass: But now I'd ask you—at the same time he announced his intention to do that, he's also stepping up his request for aid from the United States to the tune of 35 to 40 billion dollars in surplus food.

Malcolm X: President Nasser took all of the aid that was forthcoming from Russia to build the Aswan Dam and turned around and put the Communists in jail in his country. Which shows he doesn't take aid for those countries to tell him what he can do. If they're interested in objectively contributing to the development of his country and his people, then he takes the aid. He'll take American aid with no strings attached. But if there are strings attached, he does exactly what he says in the paper, he tells them to go jump in the lake.

Bass: Well, that's interesting. Except that—you begin to wonder when it's done on an international level, not just with Nasser but all the others, too. Practical reality tells you, you can't get something for nothing. And when they come after you for money or aid or what have you, what are they giving in return? I can't understand...

Malcolm X: You've got to consider that these Western powers are in the economic position of strength that exists in their countries today only because of their past exploitation of these same areas. They're not giving aid, they're only returning some of what was taken.

Bass: But in business, you don't do this. You know what I mean. What you're saying anyhow talking about a moral right and I agree...

Malcolm X: I don't talk moral...

Bass: But I'm talking about a practical business standpoint. I have amassed so many billions of dollars. You are now struggling. You are asking for a loan. I can or cannot give...

Malcolm X: One of the reasons I'm struggling is because you took from me the...

Bass: Ah ha.

Malcolm X: ...the billions of dollars that you have.

Bass: You know, somebody once said—not talking about the international scene—but they once said that if all the wealth in the world were divided equally, in a matter of years or in a specified amount of time, most of the people who had the wealth previously would have it again.

Malcolm X: That's because most of them who have it are more shrewd at thievery and those other things that bring it about.

Bass: Now, when all these other countries begin to get as prosperous as the Western powers, will they then be accused of having gotten that way through thievery or will theirs be shrewdness and cunning?

Malcolm X: Well, you see these people—look at in terms of business. In business it's called profit sharing. And...

Bass: I wonder...

Malcolm X: If you check today's New York Times, they're saying the Egyptian situation with Gamal AbJel Nasser—in the Sunday Times it was—Arnold Toynbee, he is supposed to be one of the brains in this era, he says, and I quote: "Dr. Toynbee regards the Middle East as an area of growing importance. Nasser has been tactless in his dealings with other Arab leaders, but he is the first ruler to do anything for the Egyptian peasants. The pyramids were built for the rulers of Egypt, but the Aswan High Dam for the good of the people. Nasser will continue to be a big force in the Arab world; I myself rather like and admire him. I've noticed quite a prejudice against Nasser in this country, Americans seem to assume that he is a dictator, a bad man. I don't agree with that." This is Toynbee.

Bass: Yes, I know. He used to say about two or three years ago, in talking about Martin Luther King—said that in his opinion, his espousal of nonviolence was perhaps one of the savings of Christianity in the Western world.

Malcolm X: It probably would be the savings of Christianity in the Western world, even if it wasn't the savings of the Negroes...

Bass: No, he didn't say Negroes. He said Christianity. I'd like to know about the impact of the various American missionaries, all the religious feeling, on the African continent. I find that in other reports that have come in, that Islam, the religion of Islam, seems to be making great strides and Christianity is not doing very well there, and I wonder, why?

Malcolm X: This is true. The religion of Islam has spread rapidly in Africa and is still spreading quite rapidly in Africa. It's a very powerful force. And the religion of Christianity has run into what you might

call a stone wall. There's a tendency on the part of our people in that area to link Christianity with the European colonial powers that have dominated and exploited these past years. And Islam is a religion that's won more acceptance. It's easier to fit, it fits right in to the nature of one's everyday life. In fact, it's a natural religion. It's a religion that's easier to practice.

Bass: Well! let me see—and I'm trying to remember now—who was it who said one of the missionaries was talking about his impressions of Africa— I've forgotten what country it was involved at the time—that when he got there he was surprised to find other missionaries who were teaching the natives Christianity, insisting on the natives coming through the back door while their white compatriots came through the front door. And this new white missionary to Africa found this a bit strange, since they were all reading the same Bible.

Malcolm X: Well, this is why Islam is spreading. Islam has no color bar in it at all. Islam has no—there's nothing in Islam that teaches one to judge a man by the color of his skin. No matter what color you are in Islam—you're a Muslim, you're a brother

Bass: That's interesting, hearing you say that, in view of some of your former statements...

Malcolm X: Well, notice all of my former statements were prefaced by "the Honorable Elijah Muhammad teaches thus and so." They weren't my statements, they were his statements, and I was repeating them.

Bass: Parrotting them. The same thing you accuse Judge Thurgood Marshall of doing once upon a time.

Malcolm X: And now the parrot has jumped out of the cage.

Bass: Well, that's interesting, we're going to see what else he does. Good morning....

Caller: I'm calling from Manhattan. I would like to ask: Why do the Arabs discriminate against the Black man? And especially I read about the Sudan where they attacked and killed Negroes just because they were black.

Bass: Perhaps Minister Malcolm X can answer that.

Malcolm X: My own—when I was in East Africa, I noticed that there was a strong feeling among the Africans along the East African coast against the Asians. When I went to West Africa, I noticed that there was a strong feeling among the Africans against the Arabs. And in parts of Africa where there were neither Asians or Arabs, I noticed a strong feeling among Africans—if they were Muslim, it was against Africans who were Christian, or if they were Christian, it was against Africans who were Muslim.

And when you study the divisive forces at work on the African continent today, you'll find that these divisive forces are not indigenous to the African or the African continent, but they are coming from outside. And the powers that have ruled Africa in the past are aware that the real independence of Africa began to take its impetus from the Bandung Conference, which was a forging together of the Asian-Arab-African bloc. And this bloc, with no nuclear weapons or weapons of modern warfare, were able to gain a great deal toward independence against the European powers, because of their numerical strength, their unity.

So, these powers realize that they've been pushed against the wall during recent years and the only weapon that they have against this force that has been pushing them against the wall is divide and conquer—the tactic that they've always used. So that, if I may finish, so that in every area where you find people who have been colonized and oppressed today striving toward freedom, you find that whereas in the past they got along, today they're fighting each other. Just like in British Guyana—it's the Asians against the Black man. And this is not indigenous trouble that stems from the people

themselves. It's instigated by outside forces. And then it's blown up to give the impression that the fight that's going on among them or between them is something other than what it actually is.

Bass: May I ask you this—now you say this is not indigenous to the African continent and then of course, you just mentioned British Guyana. But if you look at history, don't you find that all continents or all groups of people in a wide geographical area usually come up with differences within themselves—Canada for instance, the United States. It's not just Africa alone.

Malcolm X: Certainly. But when these differences come up and they are normal, or natural...

Bass: Hold on just a minute.

Malcolm X: ...you'll find that they usually take a different pattern than that which is developing on the African continent or in British Guyana. Because if the Asians and the Blacks in British Guyana could live so much in harmony together when the British were there, you tell me why now that the British are being pushed out, or they're being threatened with being pushed out, that all of a sudden the power that could push them out— instead of pushing them out begins to fight among themselves. This is not an accident. And the same pattern is developing in different parts of the world. It's divided and conquer.

Bass: Does that answer your question, sir?

Caller: Ma'am, for clearness' sake you should also talk about the Arabs. I think for clearness' sake you should also mention the Arab role in—as slave traders and the hatred that would stem from that.

Bass: Did you hear that, Minister Malcolm X? Now we're going to hang up, but he's going to answer that.

Malcolm X: I don't condone slavery, no matter who it's carried on by. And

I think that—I don't condone slavery no matter who carries it on. And I think that every power that has participated in slavery of any form on this earth, in history, has paid for it, except the United States. All of your European powers that colonized, your—the part that the Arabs played in the enslavement of Africans, all of them who played a part have lost their empire, lost their power, lost their position, except the United States. The United States was the recipient of the slaves, and she's the only one up till now who has yet to pay.

Bass: Do you want—what's your prognosis for the future as regards the United States, as we get ready to leave our breathless listening audience?

Malcolm X: The Bible, in the Book of Revelations, says he that leads into captivity shall go into captivity. This is in the thirteenth chapter, the one that the preacher thought didn't exist. It says he who leads into captivity shall go into captivity. He who kills by the sword shall be killed by the sword. This is justice. So, I don't think that any power can enslave a people and not look forward to having that justice come back upon itself.

Bass: Well, Minister Malcolm X, thank you for visiting. We need to have you back time and time and time again so that we can eventually touch on some of the points of interest that intrigue our listening audience. Now we don't want our listeners to forget that you are going to be showing movies taken on your trip at the Audubon Ballroom at what time?

Malcolm X: At eight o'clock Sunday night, the Audubon Ballroom.

Bass: At eight o'clock Sunday night, here in New York City. Minister Malcolm X himself.

Claude Lewis Interviews Malcolm X (December 1964)

Claude Lewis: I notice you're growing a beard. What does that mean? Is it a symbol of anything?

Malcolm X: It has no particular meaning, other than it probably reflects a change that I've undergone and am still undergoing.

Lewis: Then will you shave it off one day?

Malcolm X: Certainly. I might leave it on forever, or I might shave it off in the morning. I'm not dogmatic about anything. I don't intend to get into any more straitjackets.

Lewis: What do you mean, any more straitjackets?

Malcolm X: I don't intend to let anybody make my mind become so set on anything that I can't change it according to the circumstances and conditions that I happen to find myself in.

Lewis: I see. You've been traveling a good deal recently. Can you tell me a little bit about the experiences relative to your movement? Where you've been and...

Malcolm X: Well I was in Cairo, in Mecca, Arabia; in Kuwait, in Beirut,

Lebanon; Khartoum, Sudan; Addis Ababa in Ethiopia, Nairobi in Kenya, Zanzibar, Dar es Salaam in what is now Tanzania and Lagos, Nigeria; Accra in Ghana, Monrovia in Liberia and Conakry in Guinea, and Algiers in Algeria. And during my tour of those various cities, or countries, I spent an hour and a half with President Nasser in Egypt; I spent three hours with President Nyerere president of Tanganyika or Tanzania; I spent several days with Jomo Kenyatta and in fact I flew with Jomo Kenyatta and Prime Minister Milton Obote of Uganda from Tanganyika, from Dar es Salaam to Kenya. I saw Azikwe and I had an audience with Azikwe; also, with President Nkrumah and I lived three days in Sekou Toure's house in Conakry. And I cite this to show that everywhere I went I found people at all levels of government and out of government with open minds, open hearts, and open doors.

Lewis: I see. How long was the trip?

Malcolm X: I was away almost five months.

Lewis: And do you think you've learned very much?

Malcolm X: Oh yes, I've learned a great deal because in each country that I visited, I spoke with people at all levels. I had an open mind. I spoke with heads of state, I spoke with their ministers, I spoke with cabinet members, I spoke with kings; I was the guest of State again when I re-visited Saudi Arabia, I spoke with members of King Faisal's family—I don't know how many foreign ministers I spoke with in the Middle East and in Africa and all of them discussed our problems quite freely.

Lewis: The Negro problem in America?

Malcolm X: Oh yes, yes!

Lewis: Did they seem to know much about it?

Malcolm X: Oh yes. Not only did they seem to know much about it, but they were very sympathetic with it. In fact, it's not an accident that in the United Nations during the debate on the Congo problem in the Security Council, that almost every one of the African foreign ministers tied in what was happening in the Congo with what's happening in Mississippi.

Lewis: Do you think this changes the minds of any of the Mississippians here in this country?

Malcolm X: Well, the Mississippian—it's not a case of changing the mind of the Mississippian as much as it's a case of changing the mind of the Americans. The problem is not a Mississippi problem, it's an American problem.

Lewis: Do you think that it's getting any better, the situation here?

Malcolm X: No! It'll never get any better until our people in this country learn how to speak the same language that the racists speak. If a man speaks French, you can't talk to him in German. In order to communicate, you have to use the same language he's familiar with. And the language of the racist in the South is the language of violence. It's the language of brutality, and power and retaliation.

Lewis: You think this is what the Negro should subscribe to?

Malcolm X: The Negro should—if he's going to communicate—subscribe to whatever language the people use that you're trying to communicate with. And when you're dealing with racists, they only know one language. And if you're not capable of adopting that language or speaking that language, you don't need to try and communicate with those racists.

Lewis: Dr. Martin Luther King, the other night, was honored in Harlem after receiving the Nobel Peace Prize. And he said, if I can quote him, "If blood must flow on the streets, brothers, let it be ours." Malcolm X: I was sitting in the audience. I heard him say that.

Lewis: What do you think of that statement?

Malcolm X: I think that if there's going to be a flowing of blood, that it should be reciprocal. The flow of blood should be two ways. Black people shouldn't be willing to bleed, unless white people are willing to bleed. And black people shouldn't be willing to be nonviolent, unless white people are going to be nonviolent.

Lewis: Well, do you think the majority of Americans are nonviolent?

Malcolm X: No. If the majority of Americans were nonviolent, America couldn't continue to exist as a country. Is America nonviolent in the Congo, or is she nonviolent in South Vietnam? You can't point to a place where America's nonviolent. The only people that they want to be nonviolent are American Negroes. We're supposed to be nonviolent. When the world becomes nonviolent, I'll become nonviolent. When the white man becomes nonviolent, I'll become nonviolent.

Lewis: I've heard talk recently about Negroes getting money together and hiring a mafia to take care of some of the murderers.

Malcolm X: You don't need to hire a mafia, but units should be trained among our people who know how to speak the language of the Klan and the Citizens Council. And at any time, any Ku Klux Klan inflicts any kind of brutality against any Negro, we should be in a position to strike back. We should not go out and initiate violence against white indiscriminately, but we should absolutely be in a position to retaliate against the Ku Klux Klan and the White Citizens Council. Especially, since the government seems to be incapable or unwilling to curtail the activities of the Klan.

Lewis: Can you tell me a little bit about your new program, if you have a new program?

Malcolm X: We're not unveiling our new program until January. But I will say this, that the Organization of Afro-American Unity, which I'm the chairman of, intends to work with any group that's trying to bring about maximum registration of Negroes in this country. We will not encourage Negroes to become registered Democrats or Republicans. We feel that the Negro should be an independent, so that he can throw his weight either way. He should be nonaligned. His political philosophy should be the same as that of the African, absolute neutrality or nonalignment. When the African makes a move,

his move is designed to benefit Africa. And when the Negro makes a move, our move should be designed to benefit us; not the Democratic party or the Republican party or some of these machines. So, our program is to make our people become involved in the mainstream of the political structure of this country but not politically naive. We think that we should be educated in the science of politics so that we understand the very workings of it, what it should produce, and who is responsible when that which we are looking for doesn't materialize.

Lewis: Do you tell people what they want to hear, essentially?

Malcolm X: I tell them what I've got on my mind to tell them, whether they like it or not. And I think that most people would have to agree. I don't think anybody could ever accuse me of telling people just what they want to hear. Because most of them don't want to hear what I'm saying, especially white people.

Lewis: Do you think the Negro can succeed in America through the vote?

Malcolm X: Well, independence comes only by two ways; by ballots or

by bullets. Historically you'll find that everyone who gets freedom, they get it through ballots or bullets. Now naturally everyone prefers ballots, and even I prefer ballots, but I don't discount bullets. I'm not interested in either ballots or bullets, I'm interested in freedom. I'm not interested in the means, I'm interested in the objective. So, I believe that black people should get free by ballot or bullets. If we can't use ballots to get free, we should use bullets. Yes, yes, I believe that black people should be just as quick to use bullets as ballots. The white man has not given us anything. It's not something that is his to give. He is not doing us a favor when he permits us a few liberties. So, I don't think we should approach it like that; I don't think we should approach our battle like we're battling a friend. We're battling an enemy. Anybody who stands in the way of the black man being free is an enemy of the black man and should be dealt with as an enemy.

Lewis: Would you say there are some blacks in that group?

Malcolm X: Oh, yes. A lot of black people in that group. But they are not independent, they're puppets. You don't worry about the puppet, you worry about the puppeteer.

Lewis: You've been threatened; do you take those threats lightly?

Malcolm X: I don't take anything lightly. I don't take life lightly. But I never worry about dying. I don't see how a Negro can start worrying about dying at this late date. But I think that Negro organizations that talk about killing other Negroes should first go and talk to somebody about practicing some of their killing skill on the Ku Klux Klan and the White Citizens Council.

Lewis: What do you think of Dr. King?

Malcolm X: He's a man. He's a human being that is trying to keep Negroes from exploding, so white folk won't have too much to worry about.

Lewis: Would you say that he's getting in the way of Negro progress?

Malcolm X: Of Negro what?

Lewis: Progress?

Malcolm X: Well the Negro will never progress nonviolently.

Lewis: What were your thoughts when King was receiving the award last week?

Malcolm X: Well, to me it represented the fact that the struggle of the Negro in this country was being endorsed at the international level and that it was looked upon as a problem that affects the peace of the world. And it was looked upon as a human problem or a problem for humanity, rather than just a Mississippi problem or an American problem.

To me, King getting that Nobel Peace Prize—it wasn't King getting it—it represented the awareness on the part of the world that the race problem in America could upset the peace of the world. And this is true. If King can get—see I don't think that King got the prize because he had solved our people's problem, cause we still got the problem. He got the Peace Prize, and we got the problem. And so, I don't think he should have gotten the medal for that. On the other hand, if Negroes can get it nonviolently, good.

Lewis: Are you in favor of that?

Malcolm X: I'm not in favor of anything that doesn't get the solution. But if Negroes can get freedom nonviolently, good. But that's a dream. Even King calls it a dream. But I don't go for no dream. And the only way that you can think Negroes can get it nonviolently, is dream. But when you get out here and start facing the reality of it, Negroes are the victims of violence every day. So, I'd rather get violent, right along with the white man.

Lewis: Have you ever received an award of any kind for your work?

Malcolm X: No... Yes, I've received an award. Whenever I walk the street and I see people ready to get with it. That's my reward. Whenever people come out, they know in advance what I'm going to talk about. And if they show any sign of interest in it or agreement with it, that's my reward. And when they show that they're fed up with this slow pace, you know, that's my reward.

Lewis: When King received his medal, did you sort of wish that it was yours?

Malcolm X: I don't want the white man giving me medals, If I'm following a general, and he's leading me into battle, and the enemy begins to give him awards, I get suspicious of him. Especially if he gets the peace award before the war is over.

Lewis: You don't propose that Negroes leave the U.S.?

Malcolm X: I propose that we have the right to do whatever is necessary to bring about an answer to our problem. And whatever is necessary, if it's necessary to leave to get a solution then we should leave. If we can get a solution staying here, then we should stay. The main thing we want is a solution.

Lewis: Well, do you think things have changed very much since you grew up?

Malcolm X: They've changed in this sense. If you're a butler for a poor white man, you're a butler and you live but so well and you eat but so well. But if your master becomes rich, you begin to eat better and you begin to live better, but you're still a butler. And the only change that has been made in this society—we occupied a menial position twenty years ago. Our position hasn't changed. Our condition has changed somewhat, but our position hasn't changed. And the change that has been brought about, has been only to the extent that this country has changed. The white man got richer, we're living a little better. He got more power, we got a little more power, but we're still at the same level in his system. You understand what I'm saying?

Lewis: Oh yes. Oh yes.

Malcolm X: Our position has never changed. If you sit at the back of the plane and it's going a hundred miles an hour, and you're on the back of the plane, well it can start going a thousand miles an hour; you're going faster, but you're still at the back of the plane. And that's the same way with the Negro in

this society, we started out at the rear and we're still in the rear. Society is going faster, but we're still in the rear. And we think we've made progress because they've made progress.

Lewis: Why do you stay in America? Wouldn't it be easier for you to...?

Malcolm X: I was offered some good positions in several countries that I went to. Good positions, that would solve my problems personally. But I feel pretty much responsible for much of the action and energy that has been stirred up among our people for rights and for freedom. And I think I'd be wrong to stir it up and then run away from it myself.

Lewis: Do you expect further riots next year?

Malcolm X: Yes. I expect that the miracle of 1964 was the degree of restraint that Negroes displayed in Harlem. The miracle of 1964 was the ability of the Negroes to restrain themselves and contain themselves. Because there is no place where Negroes are more equipped and capable of retaliation than right here in Harlem.

Lewis: Can you give me a capsule opinion of some of the following people? Adam Clayton Powell.

Malcolm X: Powell is actually the most independent black politician in America. He's in a better position to do more for black people than any other politician...

Lewis: Is he doing it?

Malcolm X: ...and the reason that he's in that position is because he's in an area where people support him. They support him, whereas many other Negro politicians don't get that type of support. People in Harlem are just independent-minded. They just vote for a black man, whether the machine likes it or not. So, Powell is in a tremendous position. And with his position also goes responsibility. I think that he should see his responsibilities with the same clarity that he sees his powerful position.

Lewis: What about Roy Wilkins?

Malcolm X: Well, I heard Roy at the rally the other night that he was three-fourths or one-fourth Scandinavian. And he seemed to be lost in that Scandinavian dream somewhat, that night.

Lewis: Martin Luther King, well—we've talked about him.

Malcolm X: Well, every time I hear Martin, he's got a dream, And I think the Negro leaders have to come out of the clouds, and wake up, and stop dreaming and start facing reality.

Lewis: Do you ever think of Whitney Young?

Malcolm X: Whitney seems to be more down to earth, but he doesn't spend enough time around Negroes. He seems to be down to earth; he's a young man for one thing. But not enough Negroes know him. When I say he needs to be around Negroes, not enough Negroes know Whitney Young. Whitney Young could walk around Harlem all day long and probably no more than five people would know who he was. And he's supposed to be one of our leaders. So, he should make himself more known to those who are following him.

Lewis: Where are you headed from here? Where do you think your future lies?

Malcolm X: I think one of the most sincere of those Big Six is James Farmer. You missed asking me about him. I think James Farmer seems to... he seems sincere. And I get the impression when I watch Farmer that he could be another Mandela. Mandela, you know, was a man who advocated nonviolence in South Africa, until he saw that it wasn't getting anywhere and then Mandela stepped up and had to resort to tactical violence. Which showed that Mandela was for the freedom of his people. He was more

interested in the end than he was the means. Whereas many of the Negro leaders are more straight-jacketed by the means rather than by the end.

Lewis: Where are you headed? What do you suppose your future is from here?

Malcolm X: I have no idea.

Lewis: You have no idea?

Malcolm X: I have no idea. I'm for freedom. I can capsulize how I feel. I'm for the freedom of the twenty-two million Afro-Americans by any means necessary. By any means necessary. I'm for freedom. I'm for a society in which our people are recognized and respected as human beings and I believe that we have the right to resort to any means necessary to bring that about. So, when you ask me where I'm headed, how can I say? I'm headed in any direction that will bring us some immediate results. Nothing wrong with that!

Lewis: I think it's going to take a tremendous public relations job to change your image. And you may not be interested in changing your image, but everybody else is. I agree with a lot that you say, but I don't see how people can sign up with you.

Malcolm X: They don't need to sign up. The most effective part of the trees are the roots. And they're signed up with the tree, but you don't ever see them. They're always beneath the ground. And the reason that you never see me worry about my image is because that image puts me in a better position than anybody else. Because I'm able to walk through the street or anywhere else and really find out where people are at. In a silent sort of way, I know where they are, in a silent sort of way. I think that the sympathies are deeply rooted, many of them. Plus, also it puts me in a position wherever I go, people know where I stand in advance. And doors that would normally be closed for American Negroes, I don't find them closed for me anywhere. It doesn't make any difference. Anywhere.

Lewis: So, you're saying because of your outspokenness, your honesty...

Malcolm X: People know where I stand. They know where I stand. And you see I'm not standing in an unjust position. This is the thing. Whatever I say I'm justified. If I say the Negroes should get out of here right tomorrow and go to war, I'm justified. Really! It may sound extreme, but you can't say it's not justified. If I say right now that we should go down and shoot fifteen Ku Klux Klansmen in the morning, you may say well that's insane, but you can't say that I'm not justified. This is what I mean. I think that the stand that I'm taking is justified. Many others might not take it.

Lewis: What I'm trying to do is find out if there is a new Malcolm X?

Malcolm X: Well, there is a new one in the sense that, perhaps in approach. My travels have broadened my scope, but it hasn't changed me from speaking my mind. I can get along with white people who can get along with me. But you don't see me trying to get along with any white man who doesn't want to get along with me. I don't believe in that. Now you got to get another religion.

Lewis: When you get old and retire...

Malcolm X: I'll never get old.

Lewis: What does that mean?

Malcolm X: Well, I'll tell you what it means. You'll find very few people who feel like I feel that live long enough to get old. I'll tell you what I mean and why I say that. When I say by any means necessary, I mean it with all my heart, and my mind and my soul. But a black man should give his life to be free, but he should also be willing to take the life of those who want to take his. It's reciprocal. And when you really think like that, you don't live long. And if freedom doesn't come to your lifetime, it'll come

to your children. Another thing about being an old man, that never has come across my mind. I can't even see myself old.

Lewis: Well, how would you like to be remembered by your black brothers and sisters around the world—twenty years from now?

Malcolm X: Sincere. In whatever I did or do, even if I make mistakes, they were made in sincerity. If I'm wrong, I'm wrong in sincerity. I think that the best a person can be—he can be wrong, but if he's sincere you can put up with him. But you can't put up with a person who's right, if he's insincere. I'd rather deal with a person's sincerity and respect a person for their sincerity than anything else. Especially when you're living in a world that's so hypocritical. This is an era of hypocrisy. The times that we live in can rightfully be labeled, the Era of Hypocrisy. When the white folks pretend that they want Negroes to be free, and Negroes pretend to white folks that they really believe that white folks want them to be free. All Era of Hypocrisy, brother. You fool me and I fool you. This is the game that the white man and the Negro play with each other. You pretend that you're my brother and I pretend that I really believe you're my brother.

Lewis: Do you think there are going to be more killings and more bombings in Mississippi and Alabama?

Malcolm X: In the North as well as the South. There might be even more in the North because I'll tell you one of the dangers of Martin Luther King. King himself is probably a good man, means well and all that. But the danger is that white people use King. They use King to satisfy their own fears. They blow him up. They give him power beyond his actual influence. Because they want to believe within themselves that Negroes are nonviolent and patient, and long suffering and forgiving. White people want to believe that so bad, 'cause they're so guilty. But the danger is, when they blow up King and fool themselves into thinking that Negroes are really nonviolent, and patient, and long suffering, they've got a powder keg in their house. And instead of them trying to do something to defuse the powder keg, they're putting a blanket over it, trying to make believe that this is no powder keg; that this is a couch that we can lay on and enjoy. So that's it. Whatever I do, whatever I did, whatever I've said, was all done in sincerity. That's the way I want to be remembered because that's the way it is.

Speech to Civil Rights Workers from Mississippi

(Jan. 1, 1965)

I was approached, I think we were at the United Nations, and I met Mrs. Walker, about two or three weeks ago, and she said that a group of students were coming up from McComb, Mississippi, and wanted to know if I would meet with you and speak with you. I told her frankly that it would be the greatest honor that I ever had experienced. Because I have never been in the state of Mississippi, number one—not through any fault of my own, I don't think—but it's been my great desire to either go there or meet someone from there.

To not take too much of your time, I would like to point out a little incident that I was involved in a short while ago that will give you somewhat of an idea of why I am going to say what I am.

I was flying on a plane from Algiers to Geneva about four weeks ago, with two other Americans. Both of them were white—one was a male, the other was a female. And after we had flown together for about forty minutes, the lady turned to me and asked me—she had looked at my briefcase and saw the initials M and X—and she said, “I would like to ask you a question. What kind of last name could you have that begins with X?”

So, I told her, “That's it: X.”

She was quiet for a little while. For about ten minutes she was quiet. She hadn't been quiet at all up to then, you know. And then finally she turned, and she said, “Well, what's your first name?”

I said, “Malcolm.”

She was quiet for about ten more minutes. Then she turned and she said, “Well, you're not Malcolm X?”

But the reason she asked that question was, she had gotten from the press, and from things that she had heard and read, she was looking for something different, or for someone different.

The reason I take time to tell you this is, one of the first things I think young people, especially nowadays, should learn how to do is see for yourself and listen for yourself and think for yourself. Then you can come to an intelligent decision for yourself. But if you form the habit of going by what you hear others say about someone, or going by what others think about someone, instead of going and searching that thing out for yourself and seeing for yourself, you'll be walking west when you think you're going east, and you'll be walking east when you think you're going west. So, this generation, especially of our people, have a burden upon themselves, more so than at any other time in history. The most important thing we can learn how to do today is think for ourselves.

It's good to keep wide-open ears and listen to what everybody else has to say, but when you come to make a decision, you have to weigh all of what you've heard on its own, and place it where it belongs, and then come to a decision for yourself. You'll never regret it. But if you form the habit of taking what someone else says about a thing without checking it out for yourself, you'll find that other people will have you hating your own friends and loving your enemies. This is one of the things that our people are beginning to learn today—that it is very important to think out a situation for yourself. If you don't do it, then you'll always be maneuvered into actually—you'll never fight your enemies, but you will find yourself fighting your own self.

I think our people in this country are the best examples of that. Because many of us want to be nonviolent. We talk very loudly, you know, about being nonviolent. Here in Harlem, where there are probably more Black people concentrated than any place else in the world, some talk that nonviolent talk too. And when they stop talking about how nonviolent they are, we find that they aren't nonviolent with each other. At Harlem Hospital, you can go out here on Friday night, which—today is what,

Friday? yes—you can go out here to Harlem Hospital, where there are more Black patients in one hospital than any hospital in the world—because there’s a concentration of our people here—and find Black people who claim they’re nonviolent. But you see them going in there all cut up and shot up and busted up where they got violent with each other.

So, my experience has been that in many instances where you find Negroes always talking about being nonviolent, they’re not nonviolent with each other, and they’re not loving with each other, or patient with each other, or forgiving with each other. Usually, when they say they’re nonviolent, they mean they’re nonviolent with somebody else. I think you understand what I mean. They are nonviolent with the enemy. A person can come to your home, and if he’s white and he wants to hear some kind of brutality upon you, you’re nonviolent. Or he can come put a rope around your neck, you’re nonviolent. Or he can come to take your father out and put a rope around his neck, you’re nonviolent. But now if another Negro just stomps his foot, you’ll rumble with him in a minute. Which shows you there’s an inconsistency there.

So, I myself would go for nonviolence if it was consistent, if it was intelligent, if everybody was going to be nonviolent, and if we were going to be nonviolent all the time. I’d say, okay, let’s get with it, we’ll all be nonviolent. But I don’t go along—and I’m just telling you how I think—I don’t go along with any kind of nonviolence unless everybody’s going to be nonviolent. If they make the Ku Klux Klan nonviolent, I’ll be nonviolent. If they make the White Citizens’ Council nonviolent, I’ll be nonviolent. 18 But as long as you’ve got somebody else not being nonviolent, I don’t want anybody coming to me talking any kind of nonviolent talk. I don’t think it is fair to tell our people to be nonviolent unless someone is out there making the Klan and the Citizens’ Council and these other groups also be nonviolent.

Now I’m not criticizing those here who are nonviolent. I think everybody should do it the way they feel is best, and I congratulate anybody who can be nonviolent in the face of all that kind of action that I read about in that part of the world. But I don’t think that in 1965 you will find the upcoming generation of our people, especially those who have been doing some thinking, who will go along with any form of nonviolence unless nonviolence is going to be practiced all the way around.

If the leaders of the nonviolent movement can go into the white community and teach nonviolence, good. I’d go along with that. But as long as I see them teaching nonviolence only in the Black community, then we can’t go along with that. We believe in equality, and equality means you have to put the same thing over here that you put over there. And if just Black people alone are going to be the ones who are nonviolent, then it’s not fair. We throw ourselves off guard. In fact, we disarm ourselves and make ourselves defenseless.

Now to try and give you a better understanding of our own position, I guess you have to know something about the Black Muslim movement, which is supposed to be a religious movement in this country, which was extremely militant, vocally militant, or militantly vocal. The Black Muslim movement was supposed to be a religious group. And because it was supposed to be a religious group, it never involved itself in civic matters, so it claimed. And by not getting involved in civic matters, what it did, being militant, it attracted the most militant Negroes, or Afro-Americans, in this country, which it actually did. The Black Muslim movement attracted the most dissatisfied, impatient, and militant Black people in this country.

But when it attracted them, the movement itself, by never involving itself in the real struggle that’s confronting Black people in this country, in a sense has gotten maneuvered into a sort of a political and civic vacuum. It was militant, it was vocal, but it never got into the battle itself.

And though it professed to be a religious group, the people from the part of the world whose religion it had adopted didn’t recognize them or accept them as a religious group. So, it was also in a religious vacuum. It was in a vacuum religiously, by claiming to be a religious group and by having adopted a religion which actually rejected them or wouldn’t accept them. So religiously it was in a vacuum. The

federal government tried to classify it as a political group, in order to maneuver it into a position where they could label it as seditious, so that they could crush it because they were afraid of its uncompromising, militant characteristics. So, for that reason, though it was labeled a political group and never took part in politics, it was in a political vacuum. So, the group, the Black Muslim movement itself, actually developed into a sort of a hybrid, a religious hybrid, a political hybrid, a hybrid-type organization.

Getting all of these very militant Black people into it, and then not having a program that would enable them to take an active part in the struggle, it created a lot of dissatisfaction among its members. It polarized into two different factions—one faction that was militantly vocal, and another faction that wanted some action, militant action, uncompromising action. Finally, the dissatisfaction developed into a division, the division developed into a split, and many of its members left. Those who left formed what was known as the Muslim Mosque, Incorporated, which is authentically a religious organization that is affiliated with and recognized by all of the official religious heads in the Muslim world. This was called the Muslim Mosque, Incorporated, whose offices are here.

But this group, being Afro-American or being Black American, realized that although we were practicing the religion of Islam, still there was a problem confronting our people in this country that had nothing to do with religion and went above and beyond religion. A religious organization couldn't attack that problem according to the magnitude of the problem, the complexity of the problem itself. So those in that group, after analyzing the problem, saw the need, or the necessity, of forming another group that had nothing to do with religion whatsoever. And that group is what's named and is today known as the Organization of Afro-American Unity.

The Organization of Afro-American Unity is a nonreligious group of Black people in this country who believe that the problems confronting our people in this country need to be reanalyzed and a new approach devised toward trying to get a solution. Studying the problem, we recall that prior to 1939 in this country, all of our people—in the North, South, East, and West, no matter how much education we had—were segregated. We were segregated in the North just as much as we were segregated in the South. And even right now, today, there's as much segregation in the North as there is in the South. There's some worse segregation right here in New York City than there is in McComb, Mississippi; but up here they're subtle and tricky and deceitful, and they make you think that you've got it made when you haven't even begun to make it yet.

Prior to 1939 our people were in a very menial position or condition. Most of us were waiters and porters and bellhops and janitors and waitresses and things of that sort. It was not until war was declared in Germany by Hitler, and America became involved in a manpower shortage in regard to her factories plus her army—it was only then that the Black man in this country was permitted to make a few strides forward. It was never out of some kind of moral enlightenment or moral awareness on the part of Uncle Sam. Uncle Sam only let the Black man take a step forward when he himself had his back to the wall.

In Michigan, where I was brought up at that time, I recall that the best jobs in the city for Blacks were waiters out at the country club. And in those days if you had a job waiting table in the country club, you had it made. Or if you had a job at the State House. Having a job at the State House didn't mean that you were a clerk or something of that sort—you had the shoeshine stand in the State House. Just by being in there where you could be around all these big politicians, that made you a big-shot Negro. You were shining shoes, but you were a big-shot Negro because you were around big-shot white people and you could bend their ear and get up next to them. And oftentimes in those days, you were chosen to be the voice of the Negro community.

Also, right at this time, 1939 or '40, '41, they weren't drafting Negroes in the army or the navy. A Negro couldn't join the navy in 1940 or '41 in this country. He couldn't join. They wouldn't take a Black man in the navy. They would take him if they wanted and make him a cook. But he couldn't just go and join the navy. And he couldn't just go—I don't think he could just go and join the army. They weren't drafting him when the war first started.

This is what they thought of you and me in those days. For one thing, they didn't trust us. They feared that if they put us in the army and trained us on how to use rifles and other things, that we might shoot at some targets that they hadn't picked out. And we would have. Any thinking man knows what target to shoot at. And if a man doesn't, if he has to have someone else to choose his target, then he's not thinking for himself—they're doing the thinking for him.

So it was only when the Negro leaders—they had the same type of Negro leaders in those days that we have today—when the Negro leaders saw all the white fellows being drafted and taken into the army and dying on the battlefield, and no Negroes were dying because they weren't being drafted, the Negro leaders came up and said, "We've got to die too. We want to be drafted too, and we demand that you take us in there and let us die for our country too." This is what the Negro leaders said, back in 1940, I remember. A. Philip Randolph was one of the leading Negroes in those days who said it, and he's one of the Big Six right now; and this is why he's one of the Big Six right now. 19

They started drafting Negro soldiers then, and then they started letting Negroes get into the navy—but not until Hitler and Tojo and the foreign powers were strong enough to bring pressure upon this country, so that it had its back to the wall, and it needed us. At that same time, they let us work in factories. Up until that time we couldn't work in the factories. I'm talking about the North as well as the South. And when they let us work in the factories we began—at first when they let us in, we could only be janitors. Then, after a year or so passed by, they let us work on machines. We became machinists, got a little skill. And as we got a little more skill, we made a little more money, which enabled us to live in a little better neighborhood. When we lived in a little better neighborhood, we went to a little better school, got a little better education, and could come out and get a little better job. So, the cycle was broken somewhat.

But the cycle was not broken because of some kind of sense of moral responsibility on the part of the government. No, the only time that cycle was broken even to a degree was when world pressure was brought to bear upon the United States government and they were forced to look at the Negro—and then they didn't even look at us as human beings, they just put us into their system and let us advance a little bit farther because it served their interests. But they never let us advance a little bit farther because they were interested in our interests or interested in us as human beings. Any of you who have a knowledge of history, sociology, political science, or the economic development of this country and its race relations, all you have to do is take what I'm telling you and go back and do some research on it and you'll have to admit that this is true.

It was during the time that Hitler and Tojo were able to make war with this country and put pressure upon them that Negroes in this country advanced a little bit. At the end of the war with Germany and Japan, then Joe Stalin and Communist Russia were a threat. And during that period, we made a little bit more advances.

Now the point that I'm making is this: Never at any time in the history of our people in this country have we made advances or advancement or made progress in any way just based upon the internal good will of this country, or based upon the internal activity of this country. We have only made advancement in this country when this country was under pressure from forces above and beyond its control. Because the internal moral consciousness of this country is bankrupt. It hasn't existed since they first brought us over here and made slaves out of us. They trick up on the confirmation and make it appear that they have our good interests at heart. But when you study it, every time, no matter how many steps they take us forward, it's like we're standing on a—what do you call that thing? —a treadmill. The treadmill is moving backwards faster than we're able to go forward in this direction. We're not even standing still—we're walking forward, at the same time we're going backward.

I say that because the Organization of Afro-American Unity, in studying the process of this so-called progress during the past twenty years, realized that the only time the Black man in this country is given any kind of recognition, or shown any kind of favor at all, or even his voice is listened to, is when America is afraid of outside pressure, or when she's afraid of her image abroad. We could see that as

long as we sat around and carried on our struggle at a level or in a manner that involved only the good will of the internal forces of this country, we would continue to go backward, there would be no real meaningful changes made. So, the Organization of Afro-American Unity saw that it was necessary to expand the problem and the struggle of the Black man in this country until it went above and beyond the jurisdiction of the United States.

For the past fifteen years the struggle of the Black man in this country was labeled as a civil rights struggle, and as such it remained completely within the jurisdiction of the United States. You and I could get no kind of benefits whatsoever other than that which would be forthcoming from Washington, D.C. Which meant, in order for it to be forthcoming from Washington,

D.C., all of the congressmen and the senators would have to agree to it.

But the most powerful congressmen and the most powerful senators were from the South. And they were from the South because they had seniority in Washington, D.C. And they had seniority because our people in the South, where they came from, couldn't vote. They didn't have the right to vote.

So, when we saw that we were up against a hopeless battle internally, we saw the necessity of getting allies at the world level or from abroad, from all over the world. And so immediately we realized that as long as the struggle was a civil rights struggle, was under the jurisdiction of the United States, we would have no real allies or real support. We decided that the only way to make the problem rise to the level where we could get world support was to take it away from the civil rights label and put in the human rights label.

It is not an accident that the struggle of the Black man in this country for the past ten or fifteen years has been called a struggle for civil rights. Because as long as you're struggling for civil rights, what you are doing is asking these racist segregationists who control Washington, D.C.—and they control Washington, D.C., they control the federal government through these committees—as long as this thing is a civil rights struggle, you are asking it at a level where your so-called benefactor is actually someone from the worst part of this country. You can only go forward to the degree that they let you.

But when you get involved in a struggle for human rights, it's completely out of the jurisdiction of the United States government. You take it to the United Nations. And any problem that is taken to the United Nations, the United States has no say-so on it whatsoever. Because in the UN she only has one vote, and in the UN the largest bloc of votes is African; the continent of Africa has the largest bloc of votes of any continent on this earth. And the continent of Africa, coupled with the Asian bloc and the Arab bloc, comprises over two-thirds of the UN forces, and they're the dark nations. That's the only court that you can go to today and get your own people, the people who look like you, on your side—the United Nations.

This could have been done fifteen years ago. It could have been done nineteen years ago. But they tricked us. They got ahold of our leaders and used our leaders to lead us right back to their courts, knowing that they control their courts. So, the leaders look like they're leading us against an enemy, but when you analyze the struggle that we've been involved in for the past fifteen years, the good or the progress that we've made is actually disgraceful. We should be ashamed to even use the word "progress" in the context of our struggle.

So there has been a move on—and I will conclude in a moment—there has been a move on to keep the Negro thinking in this country that he was making strides in the civil rights field, only for the purpose of distracting him and not letting him know that were he to acquaint himself with the structure of the United Nations and the politics of the United Nations, the aim and the purpose of the United Nations, he could lift his problem into that world body. And he'd have the strongest stick in the world that he could use against the racists in Mississippi.

But one of the arguments against getting you and me to do this has always been that our problem is a domestic problem of the United States. And as such, we should not think to put it at a level where somebody else can come and mess with United States domestic affairs. But you're giving Uncle Sam a break. Uncle Sam's got his hands in the Congo, in Cuba, in South America, in Saigon. Uncle Sam has got his bloody hands in every continent and in everybody else's business on this earth. But at the same time, when it comes to taking forceful action in this country where our rights are concerned, he's always going to tell you and me, "Well, these are states' rights." Or he'll make some kind of off-the-wall alibi that's not a bona fide alibi—not because it's an alibi, but to justify his inactivity where your and my rights are concerned.

We were successful when we realized that we had to bring this to the

United Nations. We knew that we had to get support, we had to get world support, and that the most logical part of the world to look in for support is among people who look just like you and me.

I was fortunate to be able to take a tour of the African continent during the summer—the Middle East and Africa. I went to Egypt, then to Arabia, Kuwait, Lebanon, and then to Sudan, Ethiopia, Kenya, Tanganyika, Zanzibar, Nigeria, Ghana, Guinea, Liberia, and Algeria. I found while I was traveling on the African continent—I had already detected it in May—that someone has very shrewdly planted the seeds of division on this continent to make the Africans not show genuine concern with our problem, just as they plant seeds in your and my minds so that we won't show concern with the African problem. They try and make you and me think that we're separate, and the two problems are separate.

When I went back this time and traveled to those different countries, I was fortunate enough to spend an hour and a half with Nasser in Egypt, which is a North African country; and three hours with President Nyerere in Tanganyika, which has now become Tanzania, which is an East African country; and with Prime Minister Obote, Milton Obote, in Uganda, which is also an East African country; and with Jomo Kenyatta in Kenya, which is another East African country; and with President Azikiwe in Nigeria, President Nkrumah in Ghana, and President Sékou Touré in Guinea.

I found that in every one of these African countries, the head of state is genuinely concerned with the problem of the Black man in this country, but many of them thought that if they opened their mouths and voiced concern, that they would be insulted by the American Negro leaders. Because one head of state in Asia voiced his support of the civil rights struggle and a couple of the Big Six had the audacity to slap his face and say they weren't interested in that kind of help—which in my opinion is asinine. So that the African leaders only had to be convinced that if they took an open stand at the governmental level and showed interest in the problem of Black people in this country, that they wouldn't be rebuffed.

And today you'll find in the United Nations—and it's not an accident—that every time the Congo question or anything on the African continent is being debated in the Security Council, they couple it with what's going on, or what is happening to you and me, in Mississippi and Alabama and these other places. In my opinion, the greatest accomplishment that was made in the struggle of the Black man in America in 1964 toward some kind of real progress was the successful linking together of our problem with the African problem or making our problem a world problem. Because now, whenever anything happens to you in Mississippi, it's not a case of just somebody in Alabama getting indignant, or somebody in New York getting indignant. Whatever happens in Mississippi today, with the attention of the African nations drawn toward Mississippi at a governmental level, then the same repercussions that you see all over the world when an imperialist or foreign power interferes in some section of Africa, you see repercussions, you see the embassies being bombed and burned and overturned. Nowadays, when something happens to Black people in Mississippi, you will see the same repercussions all over the world.

I wanted to point this out to you, because it is important for you to know that when you're in Mississippi you're not alone. But as long as you think you're alone, then you take a stand as if you're a minority or as if you're out-numbered, and that kind of stand will never enable you to win a battle. You've got to

know that you've got as much power on your side as that Ku Klux Klan has on its side. And when you know that you've got just as much power on your side as the Klan has on its side, you'll talk the same kind of language with that Klan as that Klan is talking with you.

I'll say one more thing, and then I'll conclude.

When I say the same kind of language, I should explain what I mean. See, you can never get good relations with anybody that you can't communicate with. You can never have good relations with anybody that doesn't understand you. There has to be an understanding. Understanding is brought about through dialogue. Dialogue is communication of ideas. This can only be done in a language, a common language. You can never talk French to somebody who speaks only German and think you're communicating. Neither of them—they don't get the point. You have to be able to speak a man's language in order to make him get the point.

Now, you've lived in Mississippi long enough to know what the language of the Ku Klux Klan is. They only know one language. If you come up with another language, you don't communicate. You've got to be able to speak the same language they speak, whether you're in Mississippi, New York City, or Alabama, or California, or anywhere else. When you develop or mature to the point where you can speak another man's language on his level, that man gets the point. That's the only time he gets the point. You can't talk peace to a person who doesn't know what peace means. You can't talk love to a person who doesn't know what love means. And you can't talk any form of nonviolence to a person who doesn't believe in nonviolence. Why, you're wasting your time.

So I think in 1965—whether you like it, or I like it, or we like it, or they like it, or not—you will see that there is a generation of Black people born in this country who become mature to the point where they feel that they have no more business being asked to take a peaceful approach than anybody else takes, unless everybody's going to take a peaceful approach.

So, we here in the Organization of Afro-American Unity, we're with the struggle in Mississippi 1,000 percent. We're with the efforts to register our people in Mississippi to vote 1,000 percent. But we do not go along with anybody telling us to help nonviolently. We think if the government says that Negroes have a right to vote, and then when Negroes go out to vote some kind of Ku Klux Klan is going to put them in the river, and the government doesn't do anything about it, it's time for us to organize and band together and equip ourselves and qualify ourselves to protect ourselves. And once you can protect yourself, you don't have to worry about being hurt. That's it.

* * *

So, we're going to have a few minutes now for you to ask questions on all that that has been said, and all that hasn't been said.

Yes, sir.

Question: Could you please say something on the Freedom Democratic Party?

Malcolm X: Yes. We support the Freedom Democratic Party. We have a statement that we're making in support. We had a rally last Sunday night—no, a week ago Sunday night, to which we invited Mrs. Hamer. She spoke and explained the position of the Mississippi Freedom Democratic Party, and we support it. To give you an example of why we support this, it has as much effect on New York City as it does in Mississippi.

But by the same token, I must point out that those who are depriving you of your rights in Mississippi aren't all in Mississippi. You got these New York Democrats who are just as much responsible. The mayor of this city is a Democrat. The senator, you've heard of him, Robert Kennedy, he's a Democrat. The president of the country is a Democrat. The vice president is a Democrat. Now don't you tell me

anything about a Democrat in Mississippi who is depriving you of your rights, when the power of the Democratic Party is in Washington, D.C., and in New York City, and in Chicago, and some of these northern cities.

In New York City Negroes can already vote. When you make known in the city of New York the position of the Mississippi Freedom Democratic Party, and why it was necessary to form that party, and what that party is trying to do toward ousting these illegal representatives from Mississippi, then the Negroes in New York City know what it's all about. We want to know, where does Wagner stand, since he's one of the most powerful and influential leaders of the Democratic Party in the United States. And we want to know where the senator, Robert Kennedy, stands, since he's also one of the most powerful and influential leaders of the Democratic Party in the United States. And we've got a Negro who's the assistant to the mayor in this city. We want to know where he stands. Plus, you got Lyndon B. Johnson and Hubert Humphrey, who professes to drool at the mouth over Negroes, to let you know where they stand before January 4.

When you get that kind of action off some of these northern Democrats, then you'll get some action in Mississippi. You don't have to worry about that man in Mississippi. The power of the Democratic Party are these people up here who hold all the power in the North. So, we're with you, but we want to go all the way.

See, as a Muslim, I don't get my religion involved in my politics, because they clash. They don't clash, but when you go into something as a Muslim, you've got a whole lot of Negroes who are Christians, who aren't broadminded enough, so you get into a religious argument, and it doesn't pay.

So, I don't enter into this struggle as a Muslim, inasmuch as I enter into it as a member of the Organization of Afro-American Unity. And the stand that the Organization of Afro-American Unity takes is that we get into it without compromising.

You compromise when you're wrong. You don't have to compromise when you're right. Why, you're right. They're not giving you something. This is yours. If you were born in this country, nobody's doing you any favor when they let you vote or when they let you register. They're only recognizing you as a human being and recognizing your right as a human being to exercise your right as a citizen. So, they're not doing you any favors.

As long as you approach this thing like somebody has done you a favor, or that you're dealing with a friend, you never can fight that fight. Because when they deal with you, they're not dealing with you like they're dealing with a friend. They look at you like you're an enemy. Now you have to look at them just as if they're an enemy. And once you know what it is, you're dealing with, you can deal with that thing. But you can't deal with them with love. Why, man, if there was any love with them, if there was any love in them, you wouldn't have any fight in Mississippi. There's no love there. You have to realize that there's no love there, and then you don't be looking for it, and go ahead and fight them.

When you go to vote or register and someone gets in your way, you're supposed to answer them in the same way that they answer you. When you answer them that way, you get a little dialogue. And if you don't have enough of them down there to do it, we'll come down there and help you do it. Because we are tired of this old runaround that our people have been given in this country.

For a long time, they accused me of not getting involved in politics. They should've been glad I didn't get involved in politics, because anything I get in, I'm in it all the way. Now if they say that we don't take part in the Mississippi struggle, we will organize brothers here in New York who know how to handle these kinds of affairs, and they'll slip into Mississippi like Jesus slipped into Jerusalem.

This doesn't mean that we're against white people, but we sure are against the Ku Klux Klan and the White Citizens' Councils. Anything that looks like it's against us, we're against it.

Excuse me for raising my voice, but this thing, you know, it gets me upset. Even being involved in a discussion in a country that's supposed to be a democracy. Imagine that, in a country that's supposed to be a democracy, supposed to be for freedom and all of that kind of stuff that they tell you when they want to draft you and put you in the army and send you to Saigon to fight for them. And then you've got to turn around and all night long discuss how you're going to just get a right to register and vote without being murdered. Why, that's the most hypocritical governmental half-truth that has ever been invented since the world was the world.

Malcolm X: Yes, ma'am.

Question: The question I have is what does the Afro-American Unity do?

Malcolm X: First, Afro-American means us.

Question: I know what it means, I just want to know: What does it do?

Malcolm X: How do you mean?

Question: What kind of struggles, what does it do?

Malcolm X: Well, first, it was patterned after the OAU. The OAU is the Organization of African Unity. And the reason we patterned our organization after theirs was they had trouble on the African continent similar to ours. Meaning that there were many independent countries that were so divided against each other that they couldn't come together in a united effort and resolve any of their problems. So, some of the more mature African politicians were able to work behind the scenes and get a common understanding, out of which materialized the Organization of African Unity, the purpose of which was to get all African leaders to see the necessity of de-emphasizing their areas of disagreement and emphasizing their areas of agreement, where they had common interests.

This led to the Organization of African Unity being formed, and today they work together in unity and harmony, although there are diverse philosophies, diverse personalities. All of these differences exist; still they can unite together for a common objective. So, studying their problems, and seeing that their problems were similar to ours, we formed ours after the letter and spirit of that OAU, only with an OAAU.

Our first objective is—our first step was to find an area of agreement among Afro-Americans. We found that you have the nationalists, you have the civil rights groups, you have all these diverse elements in the Black community. Some want separation, some want integration; some want this, some want that. So how are you going to find something that they all agree upon? You won't find the nationalists agree on civil rights, because they think it's a farce. You won't find the nationalists agree on integration, because they think it's a farce. They haven't seen any place where it has ever materialized. It's only a word, something that's played around, kicked around.

So, we had to find something that both the nationalists and the integrationists would agree upon. And we found that all of them would agree on the necessity of our people in this country being respected and recognized as human beings. So instead of launching our struggle at the civil rights level that would cause a whole lot of argument, we launched it at the human rights level. And we know that anybody that's for civil rights has got to be for human rights, whether you're an integrationist or a separationist or what you are; you still have to be for human rights.

So our first platform was that we recognized the right of the Black man in the Western Hemisphere to exercise his right as a human being. Rights that he was born with, rights that no government has the power to give him. God makes you a human being, and God is the one who gives you your human rights, not a government, or some senators, or a judge, or some representatives. And so this is our stand. We

are human beings, and our fight is to see that every Black man, woman, and child in this country is respected and recognized as a human being.

Our method is: any means necessary. That's our motto. We're not restricted to this, or confined to that. We reserve the right to use any means necessary to protect our humanity, or to make the world see that they respect us as human beings. Any means necessary.

When I say that, I don't mean anything illegal. The government—You're being treated criminally. The criminal is the one who's illegal. The one who's responsible for these criminal conditions, he's a criminal, he's illegal. And whatever you've got to do to stop this crime from being committed against you, as far as I'm concerned you're not illegal.

So that's our first step at the international level. And politically, we devise and support any program that's designed to give the Black man in this country an opportunity to participate as a citizen, a free citizen, in this political system and in this society. We will involve ourselves in programs of our own, or in anyone else's programs, as long as it doesn't involve any kind of compromise in its approach to getting our people in this country the rights to register and to vote in whichever direction they desire to.

Question: ...

Malcolm X: The voter registration?

Question: How important is it?

Malcolm X: We ourselves have our own voter registration drive in the areas where we are, plus we work with other civil rights groups who also have voter registration drives.

Question: ...

Malcolm X: No. Not as yet... keep it, what's the word, keep it to ourselves, we would keep it confidential. We will never let you know how many members we have.

Question: I'm not asking that.

Malcolm X: I learned that. I'm giving you some light without you asking. That's one thing I learned in the Black Muslim movement that I found most important: never let anybody know what they're dealing with—its size, its strength, its nothing. The reason for that is, I found, if you're in the jungle or in the woods and you hear something rustling in the bush, you don't know what kind of gun to reach for until you know what's making that noise. Because you might pull out a rabbit gun for an elephant, or you might pull out an elephant gun for a rabbit, and you look foolish either way. It's not good to ever let too much of what you are come out above the ground. The most important part of the tree is the roots, and the roots always remain beneath the ground. That's where the tree gets its life. And the tree dies only when you put those roots up where the light is, and it dries up.

So, our membership—its nature, its caliber, its content, all of that—we keep it to ourselves. But you see here and there, wherever you find dissatisfied Negroes, if they're not our blood brothers, they're at least some relatives, some relation. If we're not blood brothers, we're at least related. Any more?

Question: We obviously can't say— Malcolm X: You from

Mississippi too?

Question: No, I'm not.

Malcolm X: I didn't think so. Keep on asking.

Question: Obviously you can't say what you do. I just was wondering what kind of—

Malcolm X: It's not a case of I can't say what we do. I told you that we involve ourselves in our own programs to get our people registered, as registered voters in this area and wherever else we are. And we work with any other group that's trying to get our people registered so that they can vote. This is in this political area or in the area of politics. Now what else did you want to know, since you don't seem to be satisfied?

Question: Well, maybe. Do you think—

Malcolm X: No, if that's not clear, ask me. I mean, if I didn't clarify your question, go ahead and dig into it a little deeper.

Question: No, I think that man from the other... don't vote either, which makes it look like—

Malcolm X: This is true, which shows you that the reluctance on the part of the Negro to vote isn't always because they don't have the right to.

The political history of our people in this country has been that usually you have political machines in most states and in most cities. And they select, as a rule, not Black people to run in the Black community who are intellectually capable to deal with politics as it is, but puppets that serve as their mouthpiece to control the politics of the community. The Black people in Harlem have witnessed this thing year in and year out and have seen how the politics of Harlem and other Negro communities have been pretty much controlled from outside.

So it's not that they're politically lethargic or dead, but they purposely have abstained. But when you give them something to point toward, or vote for, you'll find that they'll be just as active as they've been inactive.

It's the purpose of the OAAU to work among that element of inactive Black people, who have been politically inactive in this area. We intend to charge them and get them active out here, so that we can get a little action. Because those are the real activists. Those who haven't been involved in politics actively are the ones who get involved in physical action. They have not seen anything that's good be made to materialize through politics in the past, so they didn't resort to politics. They resorted to things physical, to methods physical, if you understand what I mean.

What we intend to do is try and harness their energy by giving them an understanding of politics, first. Because we don't think that anybody should get us registered as voters and not at the same time give us some education in regards to politics. We don't think that a voter registration program on its own is sufficient. But in line with any voter registration program among Negroes, there must be a voter education program to make our people enlightened in regards to the science of politics, so that they will know what politics is supposed to produce and what the politician is supposed to produce, what his responsibilities are. And then we can't be exploited.

But if you just get Negroes out here and register them, then what you're going to have are more Negroes whose political energy can be exploited by the big city political machines. We don't think that that will ever solve our problems. There has to be voter education as well as voter registration. Most of the Negro politicians don't want this, because those who have been politicians haven't really been trying to solve our problems, inasmuch as they've been getting the handouts from the machine for keeping us in check. When the people realize that, the people wake up.

One of the reasons, if I may add, that Negroes haven't been actively involved in politics is, when the Negro leader—when Negroes go out to try and make other Negroes get registered to vote, they have the wrong motives, usually—especially the politicians. The young students who are doing it today are a little different. But the politician, when he tries to get you registered to vote, he's not interested in

making you enlightened so you can vote. He wants you to stay in the dark but register. Then maybe you'll vote for him, or vote for his party, or vote for what he's got going for him. He's not even interested in your condition. And this is why you find Negroes in Harlem haven't gotten involved.

But don't think that they can't get involved. You can get as many Negroes interested politically in Harlem overnight, but you've got to give him something, give him something that he will see will materialize. And I think that our people in this area are ready.

Question: ...

Malcolm X: Well, there wouldn't have to be necessarily any particular party to make them have something to look forward to, especially up around here. It takes something else to make these people in Harlem feel that they have something to look forward to.

Question: [Inaudible, asks about "political pressure" in Harlem]

Malcolm X: No, not particularly. Although, the only real power in this government is politics—and money. The only thing that people recognize is power and money. Power—that's all they recognize. That's why I say, in Mississippi you can love all you want. They don't recognize love, they recognize power. Power. You can love, look how long you've been loving, that's proof of it. You've been loving them like a blind—

Question: It's not love—

Malcolm X: Yeah, I understand, but— Question: Don't let love...

Malcolm X: Brother, I will read the breakdown. You know, in various counties now, you got more Negroes than you got whites. Negroes outnumber the whites. And you see, freedom comes only two ways. There's only two ways that a person gets freedom: either by the ballot or by bullets.

Question: [Inaudible, asks about "the riot you had here"] Malcolm X: In Harlem?

Question: Yes.

Malcolm X: It wasn't a riot. That was a pogrom. You know what a pogrom is? How do you say that? Pogrom. Pogrom is what it was. Pogrom. That wasn't any riot, that was a pogrom. That was the police heaping brutality upon the people of the area. It was a set-up.

Question: Could I ask you, what was actually accomplished by this so-called riot?

Malcolm X: It wasn't a riot. There was a rumor passed on to us in May that the police in New York during the summer were going to try and provoke trouble, so that they could step in and crush the organizing and growth of militant groups that they were afraid, if they were allowed to grow, would get to the size that they could never be controlled.

If you study the characteristics of that so-called riot, every action on the part of the police in Harlem was designed to draw out groups that they felt were equipped and ready to do this thing. The tactics that the police used were designed to draw fire back. They were firing guns at people who didn't have guns. But they were firing to get somebody to fight, to shoot back. The police know you got just as many guns in Harlem as there are in Saigon right now. But none of the groups in Harlem that were equipped and qualified to strike back got involved. None of them got involved.

But the whole thing was set up to try and get them involved, so that they could be crushed while they were still in their embryonic, so-called embryonic stage. As you said, it goes beyond the Mississippi situation. But all of our problems are the same: wrong color.

Question: ..

Malcolm X: Whether it was the COFO?

Question: Right.

Malcolm X: Any program that's designed to get our people registered is good, especially in Mississippi. Because our people in Mississippi outnumber—there's a greater percentage of our people in the state of Mississippi than there is, probably, in any other state. If the people in Mississippi did have voting rights, what's his name—Eastland—wouldn't be in Washington, D.C. None of those powerful senators and congressmen who control the committees in Washington, D.C., would be there.

So, any effort on the part of any group that gets our people in the state of Mississippi registered, that's good. But my only criticism is sending people on the front lines against well-armed enemies and telling them, "Don't fight." Why, that's insane. I can't go along with that. No.

When those three brothers were murdered down there, it was a drag, it's been a drag on the part of the civil rights groups, the way they've just taken that thing so easy. Hardly nothing has happened. They're telling everybody to be patient, be loving and long-suffering when the whole world is on your side. If you went on the rampage in Mississippi, wouldn't nobody hold it against you. Because the whole world knows that the people down there are the worst things on this earth.

So, we go for the operation, but we don't go for sending anybody to a front line and telling them, don't protect themselves. No. Then, after one of your soldiers gets killed, everybody says, well, you're supposed to keep on loving anyway? No, I can't go along with that.

That's what split the Muslim movement. That's what caused the Black Muslim movement to be split. Some of our brothers got hurt and nothing was done about it. Those of us who wanted to do something about it were kept from doing something about it. So, we split.

No, I don't go along with any kind of action that ties up my hands and then put me in the ring with Sonny Liston or Cassius Clay. No, don't tie my hands, unless you're going to tie up their hands too. Then it's fair.

You don't see the white man sending his people to war somewhere and tying up their hands. No, and if those two hadn't been white, you wouldn't even have known that that happened in Mississippi, because they kill Negroes in Mississippi every day. Ever since we've been here.

I was over in Africa, brother, while all that was going on. And I read about it and I know that it tore the Africans up. Tore 'em up. Why, if you had thrown bombs right and left in Mississippi, you'd have had the world on your side.

I'm not telling you to throw bombs. I'm just telling you what would happen. If I told you that, if somebody started throwing bombs around here tomorrow, they'd blame me, put the blame on me. They would never give me credit, but they'd put the blame on me.

Only from Mississippi. Questions. Are you from Mississippi? Are there any other questions?

I hope that you don't think that I'm trying to incite you. But look here, just look at yourselves. Some of you all are teenagers, students. Now how do you think I feel—and I belong to a generation ahead of you—how do you think I feel having to tell you, "We, my generation, sat around like a knot on the wall while the whole world was actually fighting for what were its human rights"—and you've got to be born

into a society where you still have that same fight. What did we do, who preceded you? I'll tell what we did: nothing. And don't you make the same mistake we made.

You tell me why a Black man in this society has to wait on the Supreme Court and a white man doesn't have to wait on the Supreme Court. Yet both of them are men. You tell me why the Congress and the Senate have got to make a Black man a human being, and the same Congress and Senate don't have to make a white man a human being, if they're both men. You tell why you need a presidential proclamation to get respect and recognition, and a white man doesn't need it, if we're both men.

I'll tell you why: we're not both men.

A man will die and fight for what is his right. And if he doesn't, if he's not ready to fight and die for what is his right, he's not a man. That's the only way you can look at it. And when you begin to look like you're going to... you get what belongs to a man.

But as long as you sit around here waiting on some court that is headed by a Ku Klux Klan judge, or waiting on a Senate that's controlled by a Ku Klux Klan senator, or a Congress that's controlled by a White Citizens' Council congressman, or a White House that's got just as much Klan influence in it as any other part of the country, why, no, you'll never be respected as a human being.

I must say this: I was in Africa, I was in Kenya. Five years ago, one of the men in Africa who had the worst image was Kenyatta. They tried to make you and me think that Kenyatta, Jomo Kenyatta, was a monster. I met Kenyatta. I flew from Tanganyika to Zanzibar to Kenya with Kenyatta, and everybody respects him. He's known there as the father of the country. The white man respects him, and the Black man respects him. Five years ago, they said he was a leader of the Mau Mau. And they tried to make him appear to be a monster. As long as he didn't have his own independence, he was a monster.

But today Kenyatta is so highly respected it's not an accident that when the brothers in Stanleyville had all these hostages in the Congo, and they wanted to try and save them, who did they choose to moderate the conference that took place between Ambassador Atwood and Tom Kanza in Nairobi? Jomo Kenyatta. The same man that this government and this society was labeling as a monster five years ago, now they turn to him when statesmanship is needed. He had a negative image five years ago because he wouldn't compromise. He was bringing freedom to his people by any means necessary. Now that his people have gotten their freedom, he's respected.

And this is the only way you'll get it. You get freedom by not being confined. You get freedom by letting your enemy know that you'll do anything to get your freedom. You'll get it. It's the only way you'll get it. Then, when you get that kind of attitude, they'll label you as a "crazy Negro," or they'll call you a "crazy nigger"—they don't say Negro. They say, "That nigger's crazy." Or they'll call you an extremist or they'll call you a subversive, or seditious, or a Red, or a radical. But when you stay radical long enough, and get enough people to be just like you, you'll get your freedom. Then, after you get your freedom, they'll talk about what a great person you are, just like they do with Kenyatta. So if Lumumba had lived long enough and consolidated the Congo, they'd talk about him like a great person, because he'd be free and independent.

So don't you run around here trying to make friends with somebody who's depriving you of your rights. They're not your friends. No, they're your enemies. Treat them like that and fight them, and you'll get your freedom. And after you get your freedom, your enemy will respect you. He will respect you.

I say that with no hate. I have no hate in me. I have no hate at all. I don't have any hate. But I've got some sense. I think I've got some sense. I'm not going to let somebody who hates me tell me to love him. I'm not that way out. And you, young as you are, and because you start thinking, you're not going to do it either. The only time you're going to get in that kind of bag is if somebody puts you in there, somebody else, who doesn't have your welfare at heart.

I'm just going to take five more minutes, because Sharon Jackson reminded me of something which I think is very important. It's why at the beginning I mentioned, when I was on this plane, how I rode right next to this man and woman for an hour, and they didn't have the slightest idea who I was, because they were looking for somebody with horns. Usually white people think anybody who is not going to be cool and calm under their extreme brutality has got horns. So this is done by image making. People who make images use images to make you hate their enemies and love your own. No: hate their friends and love their enemies. They use images to do this.

One place they've done it is in the Congo. The Congo is where they told me and you we came from. All my life, when I was a little boy, they said we came out of Africa, and they made believe we came out of the Congo, because that was supposed to be the most savage part of Africa. So you know, we're probably more closely related to the brothers in the Congo than anybody else. And when you hear them talking about cannibals, they're talking about our cousins, about our brothers, you know. If you really want to believe it. But they aren't any more cannibalistic in the Congo than they are in the downtown, there in the Village. There's some real cannibals down there in the Village. They'll be eating up anything, you know.

In this country what they try and make it appear is that the people in the

Congo are savages. And they do this very skillfully in order to justify their being over there. Now when I was in Tanganyika, Dar es Salaam—I think it was in October—some American Negroes, Afro-Americans who live in Dar es Salaam, came to me and told me about this Congolese who was cussing them out. And I asked them, why...[gap in tape]...African village. Now you know a village has no air force. A village has no defense against bombs that are being dropped on it. And the pilot in the plane can't tell who the bomb is being dropped upon. It's just being dropped on a village.

So here you have American airplanes being flown by what they call "antiCastro Cuban, American-trained pilots." Now you see how slick they are. The reason they say "American-trained pilots" is to make you automatically side with them, because they are American-trained. The reason they say they are anti-Castro Cuban pilots is because Castro's already a monster, and if somebody links these people, that they're against Castro, then whoever else they're against, it's all right. It's what you call a journalistic, psychological trick on your mind.

So now you have airplanes that are dropping bombs on Black women, Black children, and Black babies, blowing them to bits in the Congo. They justify it by making it appear to be a humanitarian project. And they get big Negroes in this country to talk to you and tell you that America is justified in doing it. You show me a big Negro and usually he's their big Negro. And his job is to make you and me think that no matter how much atrocity they are committing, that they are right. And they do it with these tricks.

How can you justify dropping a bomb on a village—not a civilization that has all the weapons of warfare, but a village? You don't need to drop a bomb on a village that doesn't even have rifles in it. But it shows you their complete lack of concern for life when that life is clothed in a black skin.

To show you again how merciless they are. They take Tshombe. Tshombe is a Black man, but he's a murderer. He murdered this man called Patrice Lumumba, in cold blood. And this government took Tshombe away from Spain. And this government did do it, because I know people who can tell you how certain high members of this country's State Department got on board a plane with a certain African leader and flew all the way almost to his country, trying to get this African leader to use his influence on other African leaders to make Tshombe acceptable to the people of the African continent. And this happened almost a year before they brought Tshombe back down—to show you what a plot, what a conspiracy that they're involved in.

And here Tshombe is a killer, a murderer—of Patrice Lumumba. They put him over the government in Léopoldville, and then they used the press to give him an image of acceptability by saying he's the only one that can restore peace to the Congo. Imagine this, he's a murderer. It's like saying Jesse James is

the only one can run the bank. Therefore you should let Jesse James run the bank; and the only reason the bank is in trouble is because Jesse James already was in the bank.

So just to go one step farther. They take Tshombe and give him enough money to go to South Africa and bring white mercenaries, hired killers, in to fight for him. A mercenary is someone who kills for pay. He doesn't kill because he's patriotic. He doesn't kill because he's loyal. He kills anything in sight for pay, and this is what America is using your tax dollars to support: a Black murderer who hires white murderers to shoot down his own people. Because America knows if she went in and did it, the world wouldn't go along with her.

And then, when these white murderers are heaping so much butchery upon the people in the Oriental province of the Congo, the brothers in the Oriental province are forced to start using some of the methods to keep these white mercenaries and white hired killers from wiping them out. So they shoot hostages. The only reason they held hostages was to keep America's mercenaries from dropping bombs on them. It's the only thing they could do. They held the hostages not because they were cannibals.

And they didn't eat people like they're trying to say in the newspapers. Why would they wait to this late date to eat some white meat, when they been over there all those years? And they went in there at a time when they were probably more tasty than they are in times like this.

At the time the hostages were being held, the American government—rather the Congolese government from Stanleyville—sent an emissary, Tom Kanza, their foreign minister, to Kenya, and he was negotiating with

Atwood, the ambassador to Kenya from America, at a meeting which Kenyatta was mediating. And at the time that this was going on, it was then that America dropped the paratroopers in Stanleyville. At no time did the Africans or the Congolese in any way harm any white hostages until those paratroopers were dropped. And I think it's America that harmed more than one. If they were savages, there wouldn't have been a white hostage seen. How are you going to come out of the sky and save some hostages that are already in my hands, when I've got some machine guns? No. If you save some, it means that I'm human and I treated them in a humane way, because I didn't wipe them all out when I see your airplane coming.

So this old stuff you hear about the government trying to make you think that their being in the Congo is something humanitarian—it's the most criminal operation that has ever been carried on by a so-called civilized government since history was recorded! The United States was the one responsible there. And you will find that she will suffer over there, because the only way she can hold Tshombe in power is to send in more white troops. The Black troops don't fight for Tshombe. He needs white troops. And there are too many Black troops fighting against those white troops for them to win, for the white ones to win, which means more whites will have to be added to it and added to it and added to it.

And first thing you know they'll be hung up in the same kind of situation that they got themselves bogged down in South Vietnam right now. Because all the African nations combined will fight there in the Congo. You don't need a whole lot of heavy war machinery to fight a war nowadays. All you need is some darkness and a little lighting equipment. That equalizes things.

We got about three more minutes. Three more minutes. Well, I want to thank all of you for taking the time to come to Harlem and especially here. I hope that you have gotten a better understanding of us. I put it to you just as plain as I know how to put it; there's no interpretation necessary. And I want you to know that we're not in any way trying to advocate any kind of indiscriminate, unintelligent action. But we will go along with you in any kind of intelligent action that you are involved in to protect the lives and property of our people in this country. Any kind of action that you're ever involved in that's designed to protect the lives and the property of our mistreated people in this country, we're with you 1,000 percent. And if you don't feel that you are qualified to do it, we have some brothers who will slip

in, as I said earlier, and help train you and show you how to equip yourself in such a manner to deal with these people who need to be dealt with.

And before you dismiss, let me see one of those... I would like to read you this—it's brief—before you leave. It says:

“We applaud the efforts of James Farmer and the other civil rights groups to block the seating of the five illegal representatives from Mississippi when Congress convenes on January 4. We are pleased to see that Mr. Farmer and his civil rights colleagues are so dead earnest in backing the election challenges that have been initiated by the Mississippi Freedom Democratic Party. As chairman of the Organization of Afro-American Unity, I want to state emphatically that we support all uncompromising efforts made by all well-meaning people to unseat the illegal representatives from the state of Mississippi and any other area where our people are denied the right to vote simply because they have been born with dark skin.

“We also insist that since over 97 percent of the Black Americans supported Lyndon B. Johnson, Hubert Humphrey, Robert Kennedy, and the Democratic Party in the recent elections, which is the most overwhelming support given by any minority group to one party and its candidates, I am challenging Lyndon B. Johnson, Hubert Humphrey, and Robert Kennedy, to declare exactly where they stand on the seating of these illegal representatives from Mississippi before January 4.” And they should state their case.

“We applaud the lead that has been taken by New York representative William Fitts Ryan in blocking the seating of these Mississippi congressmen, and the firm stand taken at his side by Adam Clayton Powell. Since Mayor Wagner will be in Harlem later this year to obtain the political support of our people in order to remain in City Hall, I challenge Mayor Wagner and his chief assistant, J. Jones, also to let nearly one and a half million Black Americans in New York City know where they stand on the plan to seat illegal representatives before January 4.

“I, for one, along with some friends, plan to be in Washington on January 4 as an observer. We wish to witness and record the stand taken by the so-called liberals, who are seekers of our people's political support at poll time, for we plan to be 100 percent active in all political areas from 1965 onward.”

So I thank you and I hope to see you in Mississippi myself in January.

Thank you.

Prospects for Freedom in 1965 (January 7, 1965)

Mr. Chairman, who's one of my brothers, ladies and gentlemen, brothers and sisters: It is an honor to me to come back to the Militant Labor Forum again this evening. It's my third time here. I was just telling my brother up here that probably tomorrow morning the press will try to make it appear that this little chat that we're having here this evening took place in Peking or someplace else. They have a tendency to discolor things in that way, to try and make people not place the proper importance upon what they hear, especially when they're hearing it from persons they can't control, or, as my brother just pointed out, persons whom they consider “irresponsible.”

It's the third time that I've had the opportunity to be a guest of the Militant Labor Forum. I always feel that it is an honor and every time that they open the door for me to do so, I will be right here. The Militant newspaper is one of the best in New York City. In fact, it is one of the best anywhere you go today because everywhere I go I see it. I saw it even in Paris about a month ago; they were reading it over there. And I saw it in some parts of Africa where I was during the summer. I don't know how it gets there. But if you put the right things in it, what you put in it will see that it gets around.

Tonight, during the few moments that we have, we're going to have a little chat, like brothers and sisters and friends, and probably enemies too, about the prospects for peace—or the prospects for freedom in 1965. As you notice, I almost slipped and said peace. Actually you can't separate peace from freedom because no one can be at peace unless he has his freedom. You can't separate the two—and this is the thing that makes 1965 so explosive and so dangerous.

The people in this country who in the past have been at peace and have been peaceful were that way only because they didn't know what freedom was. They let somebody else define it for them, but today, 1965, you find those who have not had freedom, and were not in a position to define freedom, are beginning to define it for themselves. And as they get in a position intellectually to define freedom for themselves, they see that they don't have it, and it makes them less peaceful, or less inclined towards peace.

In 1964, oppressed people all over the world, in Africa, in Asia and Latin America, in the Caribbean, made some progress. Northern Rhodesia threw off the yoke of colonialism and became Zambia, and was accepted into the United Nations, the society of independent governments. Nyasaland became Malawi and also was accepted into the UN, into the family of independent governments. Zanzibar had a revolution, threw out the colonialists and their lackeys and then united with Tanganyika into what is now known as the Republic of Tanzania—which is progress, indeed.

Also in 1964, the oppressed people of South Vietnam, and in that entire Southeast Asia area, were successful in fighting off the agents of imperialism. All the king's horses and all the king's men haven't enabled them to put North and South Vietnam together again. Little rice farmers, peasants, with a rifle—up against all the highly-mechanized weapons of warfare—jets, napalm, battleships, everything else, and they can't put those rice farmers back where they want them. Somebody's waking up.

In the Congo, the People's Republic of the Congo, headquartered at

Stanleyville, fought a war for freedom against Tshombe, who is an agent for Western imperialism—and by Western imperialism I mean that which is headquartered in the United States, in the State Department.

In 1964 this government, subsidizing Tshombe, the murderer of Lumumba, and Tshombe's mercenaries, hired killers from South Africa, along with the former colonial power, Belgium, dropped paratroopers on the people of the Congo, used Cubans, that they had trained, to drop bombs on the people of the Congo with American-made planes—to no avail. The struggle is still going on, and America's man, Tshombe, is still losing.

All of this in 1964. Now, in speaking like this, it doesn't mean that I am anti-American. I am not. I'm not anti-American, or un-American. And I'm not saying that to defend myself. Because if I was that, I'd have a right to be that -- after what America has done to us. This government should feel lucky that our people aren't anti-American. They should get down on their hands and knees every morning and thank God that 22 million black people have not become anti-American. You've given us every right to. The whole world would side with us, if we became anti-American. You know, that's something to think about.

But we are not anti-American. We are anti or against what America is doing wrong in other parts of the world as well as here. And what she did in the Congo in 1964 is wrong. It's criminal, criminal. And what she did to the American public, to get the American public to go along with it, is criminal. What she's doing in South Vietnam is criminal. She's causing American soldiers to be murdered every day, killed every day, die every day, for no reason at all. That's wrong. Now, you're not supposed to be so blind with patriotism that you can't face reality. Wrong is wrong, no matter who does it or who says it.

Also in 1964, China exploded her bomb, which was a scientific breakthrough for the oppressed people in China, who suffered for a long time. I, for one, was very happy to hear that the great people of China were able to display their scientific advancement, their advanced knowledge of science, to the point

where a country which is as backward as this country keeps saying China is, and so behind everybody, and so poor, could come up with an atomic bomb. Why, I had to marvel at that. It made me realize that poor people can do it as well as rich people.

So all these little advances were made by oppressed people in other parts of the world during 1964. These were tangible gains, and the reason that they were able to make these gains was they realized that power was the magic word—power against power. Power in defense of freedom is greater than power in behalf of tyranny and oppression, because power, real power, comes from conviction which produces action, uncompromising action. It also produces insurrection against oppression. This is the only way you end oppression—with power.

Power never takes a back step—only in the face of more power. Power doesn't back up in the face of a smile, or in the face of a threat, or in the face of some kind of nonviolent loving action. It's not the nature of power to back up in the face of anything but some more power. And this is what the people have realized in Southeast Asia, in the Congo, in Cuba, in other parts of the world. Power recognizes only power, and all of them who realize this have made gains.

Now here in America it's different. When you compare our strides in 1964 with strides that have been made forward by people elsewhere all over the world, only then can you appreciate the great double cross experienced by black people here in America in 1964. The power structure started out the new year the same way they started it out in Washington the other day. Only now they call it—what's that?—"The Great Society?" Last year, 1964, was supposed to be the "Year of Promise." They opened up the new year in Washington, D.C., and in the city hall and in Albany talking about the Year of Promise.

But by the end of 1964, we had to agree that instead of the Year of Promise, instead of those promises materializing, they substituted devices to create the illusion of progress; 1964 was the Year of Illusion and Delusion. We received nothing but a promise. In 1963, one of their devices to let off the steam of frustration was the march on Washington. They used that to make us think we were making progress. Imagine, marching to Washington and getting nothing for it whatsoever.

In '63, it was the march on Washington. In '64, what was it? The civil-rights bill. Right after they passed the civil-rights bill, they murdered a Negro in Georgia and did nothing about it; murdered two whites and a Negro in Mississippi and did nothing about it. So that the civil-rights bill has produced nothing where we're concerned. It was only a valve, a vent, that was designed to enable us to let off our frustrations. But the bill itself was not designed to solve our problems.

Since we see what they did in 1963, and we saw what they did in 1964, what will they do now, in 1965? If the march on Washington was supposed to lessen the explosion, and the civil-rights bill was designed to lessen the explosion—that's all it was designed to do; it wasn't designed to solve the problems; it was designed to lessen the explosion. Everyone in his right mind knows there should have been an explosion. You can't have all those ingredients, those explosive ingredients that exist in Harlem and elsewhere where our people suffer, and not have an explosion. So these are devices to lessen the danger of the explosion, but not designed to remove the material that's going to explode.

What will they give us in 1965? I just read where they planned to make a black cabinet member. Yes, they have a new gimmick every year. They're going to take one of their boys, black boys, and put him in the cabinet, so he can walk around Washington with a cigar—fire on one end and fool on the other.

And because his immediate personal problem will have been solved, he will be the one to tell our people, "Look how much progress we're making:

I'm in Washington, D.C. I can have tea in the White House. I'm your spokesman, I'm your, you know, your leader." But will it work? Can that one, whom they are going to put down there, step into the fire and put it out when the flames begin to leap up? When people take to the streets in their explosive mood,

will that one, that they're going to put in the cabinet, be able to go among those people? Why, they'll burn him faster than they burn the ones who sent him.

At the international level in 1964, they used the device of sending well-chosen black representatives to the African continent, whose mission it was to make the people on that continent think all our problems had been solved. They went over there as apologists. I saw some of them, trailed some of them and saw the results that some of them had left there. Their prime mission was to go into Africa, which is most vital to the United States' interests. These Toms—you're not supposed to call them Toms nowadays; they'll sue you—so these Uncles were sent over there... don't bother the man. He's doing his job. He's going to put you on TV, so you can get investigated. These Toms don't go to Africa because they want to explore, learn something for themselves, broaden their scope, or communicate between their people and our people over there. They go primarily to represent the United States government. And when they go, they gloss things over, they tell how well we are doing here, how the civil-rights bill has settled everything, and how the Nobel Peace Prize was handed down. Oh, yes, that's how they tell it. Actually they succeed in widening the gap between Afro-Americans and the Africans. The image that they leave there of the Afro-American is so obnoxious that the African ends up not wanting to identify with us or be related to us.

It is only when the nationalist-minded or black-minded Afro-American goes abroad to the African continent and establishes direct lines of communication and lets the African brothers know what is happening over here, and know that our people are not so dumb that we are blind to our true condition and position in this structure, that the Africans begin to understand us and identify with us and sympathize with our problems, to the point where they are willing to make whatever sacrifices are necessary to see that their long-lost brothers get a better break than we have been getting up to now.

On the national scale during 1964, as I just mentioned, politically, the

Mississippi Freedom Democratic Party had its face slapped at Atlantic

City, at a convention over which Lyndon B. Johnson was the boss, and Hubert Humphrey was the next boss, and Mayor Wagner had a lot of influence himself. Still none of that influence was shown in any way whatsoever when the hopes and aspirations of the people, the black people of Mississippi, were at stake.

Though at the beginning of '64 we were told that our political rights would be broadened, it was in 1964 that the two white civil-rights workers, working with the black civil-rights worker, were murdered. They were trying to show our people in Mississippi how to become registered voters. This was their crime. This was the reason for which they were murdered.

And the most pitiful part about them being murdered was the civil-rights organizations themselves being so chicken when it comes to reacting in the way that they should have reacted to the murder of these three civil-rights workers. The civil-rights groups sold those three brothers out—sold them out—sold them right down the river. Because they died and what has been done about it? And what voice is being raised every day today in regards to the murder of those three civil-rights workers?

So this is why I say if we get involved in the civil-rights movement and go to Mississippi, or anyplace else, to help our people get registered to vote, we intend to go prepared. We don't intend to break the law, but when you're trying to register to vote you're upholding the law. It's the one who tries to prevent you from registering to vote who's breaking the law, and you've got a right to protect yourself by any means necessary. And if the government doesn't want civil-rights groups going equipped, the government should do its job.

Concerning the Harlem incident that took place during the summer when the citizens of Harlem were attacked in a pogrom. I can't pronounce it, because it's not my word. We had heard long before it took place that it was going to take place. We had gotten the word that there were elements in the power

structure that were going to incite something in Harlem that they could call a riot—in order that they could step in and be justified in using whatever measures necessary to crush the militant groups which were still considered in the embryonic stage.

And realizing that there was a plan afoot to instigate something in Harlem, so they could step in and crush it, there were elements in Harlem, who were prepared and qualified and equipped to retaliate in situations like that, who purposely did not get involved. And the real miracle of the Harlem explosion was the restraint exercised by the people of Harlem. The miracle of 1964, I'll tell it to you straight, the miracle of 1964, during the incidents that took place in Harlem, was the restraint exercised by the people in Harlem who are qualified and equipped, and whatever else there is, to protect themselves when they are being illegally and immorally and unjustly attacked.

An illegal attack, an unjust attack and an immoral attack can be made against you by anyone. Just because a person has on a uniform does not give him the right to come and shoot up your neighborhood. No, this is not right, and my suggestion would be that as long as the police department doesn't use those methods in white neighborhoods, they shouldn't come to Harlem and use them in our neighborhood. I wasn't here. I'm glad I wasn't here. Because I'd be dead, they'd have to kill me. I'd rather be dead than let someone walk around my house or in my neighborhood shooting it up, where my children are in the line of fire. Either they'd die or I'd die. It's not intelligent—and it all started when a little boy was shot by a policeman, and he was turned loose the same as the sheriff was turned loose in Mississippi when he killed the three civil-rights workers.

I'm almost finished. I'm taking my time tonight because I'm overworked. I'm taking my time by not hurrying up, I mean. In 1964 we had still with us the slumlords, people who own the houses but don't live there themselves; usually they live up around the Grand Concourse or somewhere. They contribute to the NAACP and CORE and all the civil-rights organizations; give you money to go out and picket, and they own the house that you're picketing.

These bad housing conditions that continue to exist up there keep our people victims of health problems—high infant and adult mortality rates, higher in Harlem than any other part of the city. They promised us jobs and gave us welfare checks instead; we're still jobless, still unemployed; the welfare is taking care of us, making us beggars, robbing us of our dignity, of our manhood.

So I point out that 1964 was not a pie-in-the-sky Year of Promise, as was promised in January of that year. Blood did flow in the streets of Harlem, Philadelphia, Rochester, some places over in New Jersey and elsewhere.

In 1965 even more blood will flow. More than you ever dreamed. It'll flow downtown as well as uptown. Why? Why will it flow? Have the causes that forced it to flow in '64 been removed? Have the causes that made it flow in '63 been removed? The causes are still there.

In 1964, 97 per cent of the black American voters supported Lyndon B. Johnson, Hubert Humphrey and the Democratic Party. Ninety-seven per cent! No one minority group in the history of the world has ever given so much of its uncompromising support to one candidate and one party. No one people, no one group, has ever gone all the way to support a party and its candidate as did the black people in America in 1964.

And the first act of the Democratic Party, Lyndon B. included, in 1965, when the representatives from the state of Mississippi who refused to support Johnson came to Washington, D.C., and the black people of Mississippi sent representatives there to challenge the legality of these people being seated, what did Johnson say? Nothing! What did Humphrey say? Nothing! What did Robert Pretty-Boy Kennedy say? Nothing! Nothing! Not one thing! These are the people that black people have supported. This is the party that they have supported. Where were they when the black man needed them a couple days ago in Washington, D.C.? They were where they always are—twiddling their thumbs someplace in the poolroom, or in the gallery.

Black people in 1965 will not be controlled by these Uncle Tom leaders, believe me; they won't be held in check, they won't be held on the plantation by these overseers, they won't be held on the corral, they won't be held back at all.

The frustration of these black representatives from Mississippi, when they arrived in Washington, D.C., the other day, thinking, you know, that the Great Society was going to include them—only to see the door closed in their face like that—that's what makes them think. That's what makes them realize what they're up against. It is this type of frustration that produced the Mau Mau. They reached the point where they saw that it takes power to talk to power. It takes power to make power respect you. It takes madness almost to deal with a power structure that's so corrupt, so corrupt.

So in 1965 we should see a lot of action. Since the old methods haven't worked, they'll be forced to try new methods.

Pierre Berton interviews Malcolm X (January 19, 1965)

[Pierre Berton begins by asking Malcolm about the rift between him and Elijah Muhammad.]

Malcolm X: Well, he represented himself to us as a prophet who had been visited by God, who had been taught by God, who had been given an analysis of the problems concerning black people in America by God, and also a solution by the same God, and as long as I believed in him as a man, I actually thought that he had been taught and commissioned by God to solve the problems of our people in America. Then I came into the knowledge of something in his own personal life that he admitted to me when I confronted him with it. But when it came to him taking the steps that a man would take to correct this mistake, I found that his own ability to be a man was lacking. Hence I ceased to respect him as a man, I could see that he also was not divine. There was no God with him at all.

Berton: I take it you don't want to discuss this specific thing in his personal life?

Malcolm X: Well, discussing it might keep your show from going on the air.

Berton: All right, we won't discuss it; but there seemed to me at the time that there were other reasons given for your break with Elijah Muhammad. At the time of President Kennedy's assassination, you made a speech that seemed to indicate that you were pleased that he had been assassinated. Certainly at that time, Elijah Muhammad indicated that you had been fired or suspended from the Black Muslim movement. How about that?

Malcolm X: I had taken a subject as my topic that day, an approach that was designed to show that the seeds that America had sown—in enslavement, in many of the things that followed since then—all of these seeds were coming up today; it was harvest time. At the end of this particular lecture, during the question-and-answer period, somebody asked me what I thought of the assassination of President Kennedy. In line with the topic that I had just been discussing, I pointed out that it was a case of the chickens coming home to roost, by which I meant that this was the result of seeds that had been sown, that this was the harvest. This was taken out of context, and reported in one of the papers, and Elijah Muhammad, who had been waiting for me to make a move that would enable him to suspend me and get the support of the public in doing so, took advantage of that opportunity. He gave the impression that I was saying something against the president himself because he felt that the public wouldn't go along with that.

Berton: How did you feel, personally, about the president's assassination in that connection? Were you bothered about it? Were you angered by it? Or were you jubilant?

Malcolm X: No. I was realistic, in that being at the forefront of this struggle of the black man in America—in his quest for respect as a human being—I had seen the many-faceted repercussions of this hate taking a grip on the American public. I think that many of the politicians took advantage of it and

exploited it for their own personal benefit. So to me the whole thing was a case of politics, hate and a combination of other things.

Berton: There seems to me to have been a fair amount of hate in the Black Muslim movement itself.

Malcolm X: Well, I won't deny that. But, at the same time, I don't think that the Black Muslim movement and its hate can be classified as the same degree or type of hate you find in the American society itself, because the hate, so-called, that you see among black people is a reaction to the hate of the society which has rejected us. In that sense it is not hate.

Berton: I'm not saying that the hate, or whatever it is, isn't understandable. I'm asking if it's effective to fight hate with hate?

Malcolm X: In my opinion, I think that it is not fair to classify the reaction of people who are oppressed as hate. They are reacting to the hate of the society they have had put upon them or practiced against them.

Berton: Let me ask you this about your God, Mr. X. Has he got any color? Is he black?

Malcolm X: No.

Berton: Is he white?

Malcolm X: As a Black Muslim, who believed what Elijah Muhammad taught, I regarded God just as he taught, as a black man. Having since gone into the Muslim world and got a better understanding of the religion of Islam, I believe that God is the supreme being, and that color plays no part in his particular being.

Berton: In fact, isn't the God of the Muslims and of the Jews and the Christians really the same God?

Malcolm X: If they believe in the God who created the universe, then we all believe in the same God. I believe in the God who created the universe. Muslims call him Allah. Christians, perhaps, call him Christ, or by some other name. Jews call him Jehovah, and in referring to him they mean "the creative." We are all referring to the same God.

Berton: Now, let me switch the subject briefly, and ask you what you mean when you say that the Black Muslims are not militant enough. Your new organization, I take it, will be more militant than the Black Muslims. In what way?

Malcolm X: Well, the Black Muslim movement, number one, professes to be a religious movement. They profess the religion of Islam. But the Muslim world rejected the Black Muslim movement as a bona fide Islamic group, so it found itself maneuvered into a religious vacuum—or a sort of religious hybrid. At the same time, the government of the United States tried to maneuver the Black Muslim movement, with the press, into an image that was political instead of religious. So the Black Muslim movement came to be known as a political group. Yet, at the same time, it didn't vote; it didn't take part in any politics; it didn't involve itself actively in the civil rights struggle; so it became a political hybrid as well as a religious hybrid. Now, on the other hand, the Black Muslim movement attracted the most militant black American, the young, dissatisfied, uncompromising element that exists in this country—drawing them in yet, at the same time, giving them no part to play in the struggle other than moral reform. It created a lot of disillusion, dissatisfaction, dissension, and eventually division. Those who divided are the ones that I'm a part of. We set up the Muslim Mosque, which is based upon orthodox Islam, as a religious group so that we could get a better understanding of our religion; but being black Americans, though we are Muslims, who believe in brotherhood, we also realized that our people have a problem in America that goes beyond religion. We realized that many of our people aren't going to become Muslim; many of them aren't even interested in anything religious; so we set up the

Organization of Afro-American Unity as a nonreligious organization which all black Americans could become a part of and play an active part in striking out at the political, economic, and social evils that all of us are confronted by.

Berton: That “striking out,” what form is it going to take? You talk of giving the Ku Klux Klan a taste of its own medicine. This is in direct opposition to the theory of non-violence of Dr. Martin Luther King, who doesn’t believe in striking back. What do you mean by “a taste of its own medicine”? Are you going to burn fiery crosses on their lawns? Are you going to blow up churches with the Ku Klux Klan kids in them? What are you going to do?

Malcolm X: Well, I think that the only way that two different races can get along with each other is, first, they have to understand each other. That cannot be brought about other than through communication, dialogue—and you can’t communicate with a person unless you speak his language. If the person speaks French, you can’t speak English or German.

Berton: We have that problem in our country, too.

Malcolm X: In America, our people have so far not been able to speak the type of language that the racists understand. By not speaking that language, they fail to communicate, so that the racist element doesn’t really believe that the black American is a human being—part of the human family. There is no communication. So I believe that the only way to communicate with that element is to be in a position to speak their language.

Berton: And this language is violence?

Malcolm X: I wouldn’t call it violence. I think that they should be made to know that, any time they come into a black community and inflict violence upon members of that black community, they should realize in advance that the black community can speak the same language. Then they would be less likely to come in.

Berton: Let’s be specific here: suppose that a church is bombed. Will you bomb back?

Malcolm X: I believe that any area of the United States, where the federal government has shown either its unwillingness or inability to protect the lives and the property of the black American, then it is time for the black Americans to band together and do whatever is necessary to see that we get the type of protection we need.

Berton: “Whatever is necessary?”

Malcolm X: I mean just that, whatever is necessary. This does not mean that we should go out and initiate acts of aggression indiscriminately in the white community. But it does mean that, if we are going to be respected as human beings, we should reserve the right to defend ourselves by whatever means necessary. This is recognized and accepted in any civilized society.

Berton: There are some people going to go on trial in Mississippi for the murder of three civil rights workers. There are some witnesses who identify them as murderers, but the general feeling is they’ll get off. Will you do anything about this if they get off?

Malcolm X: I wouldn’t say.

Berton: You don’t want to say?

Malcolm X: Because, then, if something happened to them, they would blame me. But I will say that in a society where the law itself is incapable of bringing known murderers to justice, it’s historically demonstrable that the well-meaning people of that society have always banded together in one form or another to see that their society was protected against repetitious acts by these same murderers.

Berton: What you're talking about here is a vigilante movement.

Malcolm X: There have been vigilante movements forming all over America in white communities, but the black community has yet to form a vigilante committee. This is why we aren't respected as human beings.

Berton: Are you training men to use aggressive methods? Are you training men as the Black Muslim movement trained the elite core known as the Fruit of Islam? Have you got trainees operating now who know how to fight back?

Malcolm X: Yes.

Berton: Who know how to use knuckle-dusters and guns?

Malcolm X: Yes, oh yes. The black man in America doesn't need that much training. Most of them have been in the army—have already been trained by the government itself. They haven't been trained to think for themselves and, therefore, they've never used this training to protect themselves.

Berton: Have you got a specific cadre of such young, tough guys working for you or operating under your aegis?

Malcolm X: We're not a cadre, nor do we want it to be felt that we want to be tough. We're trying to be human beings, and we want to be recognized and accepted as human beings. But we don't think humanity will recognize us or accept us as such until humanity knows that we will do everything to protect our human ranks, as others will do for theirs.

Berton: Are you prepared to send flying squads into areas where the Negroes have been oppressed without any legal help?

Malcolm X: We are prepared to do whatever is necessary to see that our people, wherever they are, get the type of protection that the federal government has refused to give them.

Berton: Okay. Do you still believe that all whites are devils and all blacks saints, as I'm sure you did under the Black Muslim movement?

Malcolm X: This is what Elijah Muhammad teaches. No, I don't believe that. I believe as the Qur'an teaches, that a man should not be judged by the color of his skin but rather by his conscious behavior, by his actions, by his attitude towards others and his actions towards others.

Berton: Now, before you left Elijah Muhammad and went to Mecca and saw the original world of Islam, you believed in complete segregation of the whites and the Negroes. You were opposed both to integration and to intermarriage. Have you changed your views there?

Malcolm X: I believe in recognizing every human being as a human being, neither white, black, brown nor red. When you are dealing with humanity as one family, there's no question of integration or intermarriage. It's just one human being marrying another human being, or one human being living around and with another human being. I may say, though, that I don't think the burden to defend any such position should ever be put upon the black man. Because it is the white man collectively who has shown that he is hostile towards integration and towards intermarriage and towards these other strides towards oneness. So, as a black man, and especially as a black American, I don't think that I would have to defend any stand that I formerly took. Because it's still a reaction of the society and it's a reaction that was produced by the white society. And I think that it is the society that produced this that should be attacked, not the reaction that develops among the people who are the victims of that negative society.

Berton: But you no longer believe in a Black State?

Malcolm X: No.

Berton: In North America?

Malcolm X: No. I believe in a society in which people can live like human beings on the basis of equality.

Berton: So you have been changed considerably by your visit to the Muslim world and specifically to Mecca. Did this produce violent emotions within yourself? When people lose their faith or change their faith or renew their faith, they usually suffer terrible internal conflicts.

Malcolm X: Oh, yes. I will confess readily that it's impossible to believe as strongly in a man as I believed in Elijah Muhammad and have him disappoint me—or disappoint anyone else for that matter—and not create a great deal of internal conflict. One of the things that I am thankful for about the religion of Islam is that it is sufficiently strong in itself so that when one broadens one's understanding of it, it gives one the inner strength to face up to some of these crises or tests that one encounters.

Berton: There has been talk, I think by you and by Elijah Muhammad, about an Armageddon in the United States by 1984. I'm wondering if you still believe that, and why that particular date?

Malcolm X: I don't frankly. Much of what Elijah Muhammad has taught I don't think he believes in himself. I say that and can easily defend it sitting opposite him. But, where an ultimate clash between East and West is concerned, well, I think that an objective analysis of events taking place on this earth today points towards some type of ultimate showdown. You can call it a political showdown or even a showdown between the economic systems that exist on this earth, which almost boil down along racial lines. I do believe that there will be a clash between East and West. I believe that there will ultimately be a clash between the oppressed and those that do the oppressing. I believe that there will be a clash between those who want freedom, justice, and equality for everyone, and those who want to continue the systems of exploitation. I believe that there will be that kind of clash, but I don't think that it will be based upon the color of the skin, as Elijah Muhammad has taught it. However, I do think you'll find that the European powers, which are the former colonial powers, if they're not able to readjust their feeling of superiority towards the darker skinned people, whom they have been made to think are inferior, then the lines can easily be drawn. They can easily be lumped into racial groups, and it will be a racial war.

On Afro-American History

(January 24, 1965)

Brothers and Sisters, first I want to, as Brother James has pointed out, thank you, as we do each week, or have been doing each week. It seems that during the month of January it doesn't snow or rain or hail or get bad in any way weather-wise until Saturday night, and it stays like that Saturday through Sunday, and then the sun comes back out on Monday—it seems. But since I was a little boy I learned that one of the things that makes you grow into manhood are tests and trials and tribulations. If you can come through the snow and the rain and the sleet, you know you can make it easily when the sun is out and everything is right. So I'm happy to see that those of you who are here tonight don't let anything get in your way, that is, weather wise.

During the next three weeks, we're going to have a series that will be designed to give us a better understanding of the past, I should say a better knowledge of the past, in order that we may understand the present and be better prepared for the future. I don't think any of you will deny the fact that it is impossible to understand the present or prepare for the future unless we have some knowledge of the past. And the thing that has kept most of us—that is, the Afro-Americans—almost crippled in this society has been our complete lack of knowledge concerning the past. The number one thing that makes us differ from other people is our lack of knowledge concerning the past. Proof of which: almost anyone

else can come into this country and get around barriers and obstacles that we cannot get around; and the only difference between them and us, they know something about the past, and in knowing something about the past, they know something about themselves, they have an identity. But wherein you and I differ from them is primarily revolved around our lack of knowledge concerning the past.

And tonight, this is what we would like to go into. Next Sunday night, it's our intention to go into the present, some of the tricks that are used to keep us at the level that we are on by making us think that we're going forward when we are actually standing still. And then the third Sunday night, the thirty-first, it's the intention of the Organization of Afro American Unity at that time to spell out what we think are the best steps to take, and at that time also offer a program that we feel Harlem, people in Harlem, can participate in toward getting that objective or solution into becoming a reality. When you deal with the past, you're dealing with history; you're dealing actually with the origin of a thing. When you know the origin, you know the cause. If you don't know the origin, you don't know the cause. And if you don't know the cause, you don't know the reason, you're just cut off, you're left standing in midair. So the past deals with history or the origin of anything—the origin of a person, the origin of a nation, the origin of an incident. And when you know the origin, then you get a better understanding of the causes that produce whatever originated there and its reason for originating and its reason for being.

It's impossible for you and me to have a balanced mind in this society without going into the past, because in this particular society, as we function and fit into it right now, we're such an underdog, we're trampled upon, we're looked upon as almost nothing. Now if we don't go into the past and find out how we got this way, we will think that we were always this way. And if you think that you were always in the condition that you're in right now, it's impossible for you to have too much confidence in yourself, you become worthless, almost nothing.

But when you go back into the past and find out where you once were, then you will know that you weren't always at this level, that you once had attained a higher level, had made great achievements, contributions to society, civilization, science, and so forth. And you know that if you once did it, you can do it again; you automatically get the incentive, the inspiration, and the energy necessary to duplicate what our forefathers formerly did. But by keeping us completely cut off from our past, it is easy for the man who has power over us to make us willing to stay at this level because we will feel that we were always at this level, a low level. That's why I say it is so important for you and me to spend time today learning something about the past so that we can better understand the present, analyze it, and then do something about it.

One of the main things that you will find when you compare people who come out here on Sunday nights with other people is that those who come here have interests that go beyond local interests or even national interests. I think you will find most who come out here are interested in things local, and interested in things national, but are also interested in things international.

Most Afro-Americans who go to other meetings are usually interested in things local—Harlem, that's it; or Mississippi, that's it—national. But seldom do you find them taking a keen interest in things going on worldwide, because they don't know what part they play in things going on worldwide.

But those of us who come here, come here because we not only see the importance of having an understanding of things local and things national, but we see today the importance of having an understanding of things international, and where our people, the Afro-Americans in this country, fit into that scheme of things, where things international are concerned. We come out because our scope is broad, our scope is international rather than national, and our interests are international rather than national. Our interests are worldwide rather than limited just to things American, or things New York, or things Mississippi. And this is very important.

You can get into a conversation with a person, and in five minutes tell whether or not that person's scope is broad or whether that person's scope is narrow, whether that person is interested in things going on in his block where he lives or interested in things going on all over the world. Now persons who are

narrow-minded, because their knowledge is limited, think that they're affected only by things happening in their block. But when you find a person who has a knowledge of things of the world today, he realizes that what happens in South Vietnam can affect him if he's living on St. Nicholas Avenue, or what's happening in the Congo affects his situation on Eighth Avenue or Seventh Avenue or Lenox Avenue. The person who realizes the effect that things all over the world have right on his block, on his salary, on his reception or lack of reception into society, immediately becomes interested in things international. But if a person's scope is so limited that he thinks things that affect him are only those things that take place across the street or downtown, then he's only interested in things across the street and downtown.

So, one of our greatest desires here at Organization of Afro-American Unity meetings is to try and broaden the scope and even the reading habits of most of our people, who need their scope broadened and their reading habits also broadened today. Another thing that you will find is that those who go to other places usually think of themselves as a minority. If you'll notice, in all of their struggling, programming, or even crying or demanding, they even refer to themselves as a minority, and they use

a minority approach. By a minority they mean that they are lesser than something else, or they are outnumbered, or the odds are against them—and this is the approach that they use in their argument, in their demand, in their negotiation.

But when you find those of us who have been following the nationalistic thinking that prevails in Harlem, we don't think of ourselves as a minority, because we don't think of ourselves just within the context of the American stage or the American scene, in which we would be a minority. We think of things worldly, or as the world is; we think of our part in the world, and we look upon ourselves not as a dark minority on the white American stage, but rather we look upon ourselves as a part of the dark majority who now prevail on the world stage. And when you think like this, automatically, when you realize you are part of the majority, you approach your problem as if odds are on your side rather than odds are against you. You approach demanding rather than using the begging approach.

And this is one of the things that is frightening the white man. As long as the Black man in America thinks of himself as a minority, as an underdog, he can't shout but so loud; or if he does shout, he shouts loudly only to the degree that the power structure encourages him to. He never gets irresponsible. He never goes beyond what the power structure thinks is the right voice to shout in. But when you begin to connect yourself on the world stage with the whole of dark mankind, and you see that you're the majority and this majority is waking up and rising up and becoming strong, then when you deal with this man, you don't deal with him like he's your boss or he's better than you or stronger than you. You put him right where he belongs. When you realize that he's a minority, that his time is running out, you approach him like that, you approach him like one who used to be strong but is now getting weak, who used to be in a position to retaliate against you but now is not in that position anymore.

When you jump out around some Black Americans and speak as if everything is on your side, why, they think you're crazy. But they think you're crazy because they can't see what you see. All they see is Charlie, all they see is the white man. And because he is all they see, to them he looks like a giant. But you're looking beyond the white man. You see the nations of the earth that are black, brown, red, and yellow, who used to be down, now getting up. And when you see them, you find that you look more like them than you look like Sam. And then you find yourself relating to them, whereas you formerly tried to relate to Sam. When you relate to them, you're related to the majority. But when you relate to Uncle Sam, you automatically become a minority relative. You understand? He examines us all the time. He has the Black community throughout this land always under a microscope just like in a scientist's laboratory, to find out how you're thinking, to keep up to date on how you think, on the beat of your pulse—are you beating too hot, or is your temperature running too hot, or is it cool. He wants to know how you think and how you feel. If you seem to be working up a temperature that he's not responsible for, it worries him. As long as your temperature rises when he puts the pressure, that's okay. But if he sees you making some reactions that are motivated other than by something that he has done, then he begins to worry. He finds that something else is influencing you and controlling you beyond his control and influence. And he should worry when you begin to get like that.

Whether you come to the meetings of the Organization of Afro-American Unity or not, whether you go to church today or into the lodge or anywhere, there is one thing that everyone agrees—that the world is in trouble. Whether you go to church, the mosque, the synagogue, or are just a plain atheist and go to the poolroom, or someplace else, there's one thing that everyone has to agree upon, and that is that the world is in trouble, the world is in real trouble. There are many different spots in the world today that could cause it to explode. And it's in multiple trouble since China exploded the atomic bomb. Formerly, when just the white nations had it, they went according to certain rules, rules laid down by them. They've always done this. They lay down rules but the rules are always in their favor. But they have already learned through history that the dark nation that becomes truly independent intellectually doesn't necessarily go by their rules. The Japanese proved this when they hit Pearl Harbor. They'd smile and let you have it. Well, this is true. And this goes beyond the ground rules that they laid down and it gets unexpected results. Now since the Japanese proved their ability to do this with Pearl Harbor, which is intelligent in my opinion—I don't think that anybody should tell somebody else what they're going to do; they should go ahead and do it, and that's it. Because you might say what you're going to do, and not get a chance to do it, and you look bad; not only do you feel bad, you end up looking bad. So it's better to go ahead and do it. I think they had the right philosophy there myself. And the Chinese can do it even better than that. They've got more people to do it with, and now they've got more explosiveness to do it with.

So we're living in troubled times. We're living at a time when anything can happen. Just a couple of years ago it couldn't happen unless Sam said so, or unless Khrushchev said so, or unless de Gaulle said so. But now it can happen anytime. It's not in the power of just one race to say when this can happen or when that can happen; it can now be set off by dark nations. So the world is in trouble.

Another characteristic of this era that we're living in, that's causing it to be a troubled world, is the fact that the dark world is rising. And as the dark world rises, the white world declines. It's impossible for the dark world to increase in its power and strength without the power and strength of the white world decreasing. This is just the way it is, it's almost mathematics. If there is only so much power, and all of it has been over there, well, the only way this man's going to get some over here is to take it away from those over there. That's plain fact.

Up until recent times, all of the power has been in Europe, it has all been in the hands of the white man. The base of power has been in London and Paris and Brussels and Washington, D.C., and some of those places like that. Now the bases of power are changing. You have a base of power in Accra, in Ghana, in Africa. Another base of power in Zanzibar, another base of power in Cairo, another base of power in Algiers, another base of power in Tokyo, another base of power in Peking. Well, as these bases of power increase, it decreases Europe as a base of power. And this is what's causing trouble. The white man is worried. He knows that he didn't do right when he had all the power, and if the base of power changes, those into whose hands it falls may know how to really do right. The rise of the dark world is producing the fall of the white world.

And I've got to point out right here that what I'm saying is not racist. I'm not speaking racism, I'm not condemning all white people. I'm just saying that in the past the white world was in power, and it was. This is history, this is fact. They called it European history, or colonialism. They ruled all the dark world. Now when they were in power and had everything going their way, they didn't call that racism, they called it colonialism. And they were happy too when they could stand up and tell how much power they had. Britain used to brag about the sun never set on her empire. Her empire was so vast, you know, that the sun would never set on it, she bragged. I heard Churchill say it, and Macmillan, and some of those others who sat over there telling everybody else what to do.

But now the shoe is on the other foot. There is no nation today that can brag about its power being unlimited, or that it can take unilateral action in any area of the earth that they desire. No white nation can do this. But just twenty years ago they could do it. Twenty years ago the United States could do it, twenty years ago England could do it, France could do it, even little old runt Belgium could do it, and Holland could do it. But they can't do it now, because the base of power is shifting. And this is what

you and I have to understand, really, in order to understand what's happening in Georgia, in Alabama, in Mississippi, and in New York City.

The power is shifting, and as it shifts the man in whose hands it once was gets worried, and the man in whose hands it falls, who hasn't had it for a long time, he gets power happy, you know, and he is not particularly interested in playing according to the rules, especially the rules that this man laid down. Now as the base of power shifts, what it is doing is bringing an end to what you and I know to have been white supremacy. Supreme means to be above others. And up until recent times, the white nations were above the dark nations. They ruled supreme on this earth. They didn't call it white supremacy, but this is what it was.

Now white supremacy has come to an end. Only meaning that the time when the white man could reign supreme all over the world—that's ended, that's outdated, that's gone by, it can't happen anymore. And it is reflected in what Macmillan meant when he spoke in Africa three years ago about the winds of change. At this time Macmillan was the prime minister of England and he was making a tour through Africa; and he came back crying to the other Europeans about the winds of change that are sweeping down across the African continent, meaning that the people who formerly had permitted Europeans or whites to oppress them had changed their minds. They didn't want to be oppressed any longer, they didn't want to be exploited any longer, they wanted to be independent and free to build a society of their own for themselves.

As soon as this mood or tempo began to be visible on the African continent, some of this earth's leading white states men at the top level admitted it—and didn't admit it secretly, admitted it openly. Adlai Stevenson got up in the United Nations, I think it was last year, and accused the dark nations of playing a skin game in the UN. And you know what he meant by skin game? He meant that people of the same skin color were banding together. Meaning that people with dark skins were banding together in the UN against people with white skins. This is something to think about. Now this means that the United States representative to the United Nations, an international body, was alert enough, had sufficient foresight, to see that in this era that we're living in right now, dark-skinned people were coming together, they were uniting, they were forming blocs—the Afro-Asian bloc, the Afro-Asian-Arab bloc, the Afro-Asian-Arab-Latin bloc, you know—and all these blocs were against him. He could see this, and this is what caused so much worry and so much confusion today.

As soon as he saw that these dark-skinned people were getting together in unity and harmony, he began to put out the propaganda that the dark-skinned people aren't ready yet. This is his analysis after our efforts—that we aren't ready for freedom. And to try and prove that we weren't ready for freedom, they let the people in the Congo go so far free and then turned right around and stirred it up to make them look foolish—so that they could use that to say that Africa wasn't ready for freedom.

They say the same thing to you and me over here, that we're not ready yet—isn't that what they say? Certainly, they say that you're not ready to live in a decent house, and that you're not ready to go to a decent school, or that you're not ready to work on a decent job. This is what they say, and they don't say why we're not ready, they don't say why. And if we're not ready, they don't say that we once were ready, but we're not now—they try and make it look like we never were ready, that we never were in history a people who occupied a responsible position on the cultural tree, the civilization tree, or any other tree. They try to give us the impression, you know, that we never were qualified, therefore we can only qualify today to the degree that they themselves qualify us. And they trick us this way. Trick us into going to them and asking them, "Qualify me, you know, so I can be free." Why, you're out of your mind.

They also know that the only way we're going to do it is through unity. So they create another trap. Every effort we make to unite among ourselves on the basis of what we are, they label it as what? Racism. If we say that we want to form something that's based on Black people getting together, the white man calls that racism. Mind you. And then some of these old white minded Negroes do the same thing, they say, "That's racism, I don't want to belong to anything that's all Black." A lot of them say

this. But it's only because they themselves have been bitten by the bug, the white bug. And they think the only way they can belong to something that is going to be progressive or successful, it has got to have the white man in it. Many of them think that.

But these are traps. He traps us because he knows it's impossible for us to go forward unless we get together. But what basis are we going to get together on? We've got to get together on the same basis they got together. Italians got together because they were Italian, the Jews got together on the basis of being Jews, the Irish got together on the basis of being Irish. Now what basis are you and I going to get together on? We've got to have some kind of basis. But as soon as we mention the only basis that we've got to get together on, they trick us by telling our leaders, you know, that anything that's all Black is putting segregation in reverse. Isn't that what they say? So the people who are Black don't want to get together because they don't want segregation. See, the man is tricky, brothers and sisters. I mean the man is tricky. He's a master of tricks. And if you don't realize how tricky he is, he'll have you maneuvered right on back into slavery—I shouldn't say back into slavery because we're not out of it yet.

These are traps that he creates. If you speak in an angry way about what has happened to our people and what is happening to our people, what does he call it? Emotionalism. Pick up on that. Here the man has got a rope around his neck and because he screams, you know, the cracker that's putting the rope around his neck accuses him of being emotional. You're supposed to have the rope around your neck and holler politely, you know. You're supposed to watch your diction, not shout and wake other people up—this is how you're supposed to holler. You're supposed to be respectable and responsible when you holler against what they're doing to you. And you've got a lot of Afro-Americans who fall for that. They say, "No, you can't do it like that, you've got to be responsible, you've got to be respectable." And you'll always be a slave as long as you're trying to be responsible and respectable in the eyesight of your master; you'll remain a slave. When you're in the eyesight of your master, you've got to let him know you're irresponsible and you'll blow his irresponsible head off.

And again you've got another trap that he maneuvers you into. If you begin to talk about what he did to you, he'll say that's hate, you're teaching hate. Pick up on that. He won't say he didn't do it, because he can't. But he'll accuse you of teaching hate just because you begin to spell out what he did to you. Which is an intellectual trap—because he knows we don't want to be accused of hate.

And the average Black American who has been real brainwashed, he never wants to be accused of being emotional. You ever watched them? You ever watched one of them? Do that. Watch them; watch the real bourgeois Black Americans. He never wants to show any sign of emotion. He won't even tap his feet. You can have some of that real soul music, and he'll sit there, you know, like it doesn't move him. I watch him, and I'm telling you. And the reason he tries to pretend like it doesn't move him is that he knows it doesn't move them. And it doesn't move them because they can't feel it; they've got no soul. And he's got to pretend he has none just to make it with them. This is a shame, really.

And then you go a step farther, they get you again on this violence. They have another trap wherein they make it look criminal if any of us, who has a rope around his neck or one is being put around his neck—if you do anything to stop the man from putting that rope around your neck, that's violence. And again this bourgeois Negro, who's trying to be polite and respectable and all, he never wants to be identified with violence. So he lets them do anything to him, and he sits there submitting to it nonviolently, just so he can keep his image of responsibility. He dies with a responsible image, he dies with a polite image, but he dies. The man who is irresponsible and impolite, he keeps his life. That responsible Negro, he'll die every day, but if the irresponsible one dies he takes some of those with him who were trying to make him die.

So the era that we're living in is an era in which we see the people in the East on the rise and the people in the West on the decline. That is, the dark world is rising and the white world, or the Western world, is having its power curtailed. This is happening and it's happening every day.

Take right there in Saigon, in South Vietnam. Don't you realize that twenty years ago those little people over there didn't have a chance? All they needed would be for a battleship to sail up to the coastline, and everybody over there would bow down, "Yessir, boss." That's how they said it, same as you say it over here. But not now. Now they don't yes anybody's boss. They get them a rifle and run boss clean on out of there.

The entire East, the dark world, is on the rise, whether you like it or not.

And as the dark world rises up, it puts the white world on the spot, it puts the Western world on the spot, and it puts you and me on the spot. Why does it put us on the spot? Because although we're in the West, we're from the East. Many, many Black Americans don't realize this. You are not of the West, you are in the West. You're not a Westerner; you're from the East. You're not white—you're in the white world, but that doesn't make you white; you're as Black as you ever were, you're just in the white world.

And next month they'll come up to show you another trick. They'll come at you and me next month with this Negro History Week, they call it. This week comes around once every year. And during this one week they drown us with propaganda about Negro history in Georgia and Mississippi and Alabama. Never do they take us back across the water, back home. They take us down home, but they never give us a history of back home. They never give us enough information to let us know what were we doing before we ended up in Mississippi, Alabama, Georgia, Texas, and some of those other prison states. They give us the impression with Negro History Week that we were cotton pickers all of our lives. Cotton pickers, orange growers, mammies, and uncles for the white man in this country—this is our history when you talk in terms of Negro History Week. They might tell you about one or two people who took a peanut and made another white man rich. George Washington Carver—he was a scientist, but he died broke. He made Ford rich. So he wasn't doing anything for himself and his people. He got a good name for us, but what did we get out of it? Nothing. The master got it. Just like a dog who runs out in the woods and grabs a rabbit. No matter how hungry the dog is, does he eat it? No, he takes it back and lays it at the boss's feet. The boss skins it, takes the meat, and gives the dog the bones. And the dog is going right on, hungry again. But he could have gotten the rabbit and eaten it for himself. And boss couldn't even have caught him until later, because he can outrun the boss.

It's the same way with you and me. Every contribution we make, we don't make it for our people, we make it for the man, we make it for our master. He gets the benefit from it. We die, not for our people, we die for him. We don't die for our home and our house, we die for his house. We don't die for our country, we die for his country. A lot of you all were fools on the front lines, were you not? Yes, you were. You put on the uniform and went right up on the front lines like a roaring hound dog barking for master. And when you come back here—you've had to bark since you came back. So Negro History Week reminds us of this. It doesn't remind us of past achievements, it reminds us only of the achievements we made in the Western Hemisphere under the tutelage of the white man. So that whatever achievement that was made in the Western Hemisphere that the spotlight is put upon, this is the white man's shrewd way of taking credit for whatever we have accomplished. But he never lets us know of an accomplishment that we made prior to being born here. This is another trick.

The worst trick of all is when he names us Negro and calls us Negro. And when we call ourselves that, we end up tricking ourselves. My brother Cassius was on the screen the other night talking with Les Crane about the word Negro. I wish he wouldn't have gone so fast, because he was in a position to have done a very good job. But he was right in saying that we're not Negroes, and have never been, until we were brought here and made into that. We were scientifically produced by the white man. Whenever you see somebody who calls himself a Negro, he's a product of Western civilization—not only Western civilization, but Western crime. The Negro, as he is called or calls himself in the West, is the best evidence that can be used against Western civilization today. One of the main reasons we are called Negro is so we won't know who we really are. And when you call yourself that, you don't know who you really are. You don't know what you are, you don't know where you came from, you don't know what is yours. As long as you call yourself a Negro, nothing is yours. No languages—you can't lay claim to any language, not even English; you mess it up. You can't lay claim to any name, any type of

name, that will identify you as something that you should be. You can't lay claim to any culture as long as you use the word Negro to identify yourself. It attaches you to nothing. It doesn't even identify your color.

If you talk about one of them, they call themselves white, don't they? Or they might call someone else Puerto Rican to identify them. Mind you how they do this. When they call him a Puerto Rican, they're giving him a better name. Because there is a place called Puerto Rico, you know. It at least lets you know where he came from. So they'll say whites, Puerto Ricans, and Negroes. Pick up on that. That's a drag, brothers. White is legitimate. It means that's what color they are. Puerto Rican tells you that they're something else, came from somewhere else, but they're here now. Negro doesn't tell you anything. I mean nothing, absolutely nothing. What do you identify it with? Tell me. Nothing. What do you attach it to, what do you attach to it? Nothing. It's completely in the middle of nowhere. And when you call yourself that, that's where you are—right in the middle of nowhere. It doesn't give you a language, because there is no such thing as

a Negro language. It doesn't give you a country, because there is no such thing as a Negro country. It doesn't give you a culture—there is no such thing as a Negro culture, it doesn't exist. The land doesn't exist, the culture doesn't exist, the language doesn't exist, and the man doesn't exist. They take you out of existence by calling you a Negro. And you can walk around in front of them all day long and they act like they don't even see you. Because you made yourself nonexistent. It's a person who has no history; and by having no history, he has no culture.

Just as a tree without roots is dead, a people without history or cultural roots also becomes a dead people. And when you look at us, those of us who are called Negro, we're called that because we are like a dead people. We have nothing to identify ourselves as part of the human family. You know, you take a tree, you can tell what kind of tree it is by looking at the leaves. If the leaves are gone, you can look at the bark and tell what kind it is. But when you find a tree with the leaves gone and the bark gone, everything gone, you call that a what? A stump. And you can't identify a stump as easily as you can identify a tree.

And this is the position that you and I are in here in America. Formerly we could be identified by the names we wore when we came here. When we were first brought here, we had different names. When we were first brought here, we had a different language. And these names and this language identified the culture that we were brought from, the land that we were brought from. In identifying that, we were able to point towards what we had produced, our net worth. But once our names were taken and our language was taken and our identity was destroyed and our roots were cut off with no history, we became like a stump, something dead, a twig over here in the Western Hemisphere. Anybody could step on us, trample upon us, or burn us, and there would be nothing that we could do about it.

Those of you who are religious, who go to church, know there are stories in the Bible that can be used easily to pretty well tell the condition of the Black man in America once he became a Negro. They refer to him in there as the lost sheep, meaning someone who is lost from his own kind, which is how you and I have been for the past four hundred years. We have been in a land where we are not citizens, or in a land where they have treated us as strangers.

They have another symbolic story in there, called the dry bones. Many

of you have gone to church Sunday after Sunday and got, you know, the ghost, they call it—got happy. When the old preacher started singing about dry bones, you'd knock over benches, just because he was singing about those bones, "them dry bones"—I know how they say it. But you never could identify the symbolic meaning of those bones—how they were dead because they had been cut off from their own kind.

Our people here in America have been in the same condition as those dry bones that you sit in church singing about. But you shed more tears over those dry bones than you shed over yourself. This is a

strange thing, but it shows what happens to a people when they are cut off and stripped of everything, like you and I have been cut off and stripped of everything. We become a people like no other people, and we are a people like no other people, there's no other people on earth like you and me. We're unique, we're different. They say that we're Negro, and they say that Negro means black; yet they don't call all Black people Negroes. You see the contradiction? Mind you, they say that we're Negro, because Negro means black in Spanish, yet they don't call all Black people Negroes. Something there doesn't add up.

And then to get around it they say mankind is divided up into three categories—Mongoloid, Caucasoid, and Negroid. Now pick up on that. And all Black people aren't Negroid—they've got some jet black ones that they classify as Caucasoid. But if you'll study very closely, all of the black ones that they classify as Caucasoid are those that still have great civilizations, or still have the remains of what was once a great civilization. The only ones that they classify as Negroid are those that they find with no evidence that they were ever civilized; then they call them Negroid. But they can't afford to let any black-skinned people who have evidence that they formerly occupied a high seat in civilization, they can't afford to let them be called Negroid, so they take them on into the Caucasoid classification.

And actually Caucasoid, Mongoloid, and Negroid—there's no such thing. These are so-called anthropological terms that were put together by anthropologists who were nothing but agents of the colonial powers, and they were purposely given that status, they were purposely given such scientific positions, in order that they could come up with definitions that would justify the European domination over the Africans and the Asians. So immediately they invented classifications that would automatically demote these people or put them on a lesser level. All of the Caucasoids are on a high level, the Negroids are kept at a low level. This is just plain trickery that their scientists engage in order to keep you and me thinking that we never were anything, and therefore he's doing us a favor as he lets us step upward or forward in his particular society or civilization. I hope you understand what I am saying.

Now then, once you see that the condition that we're in is directly related to our lack of knowledge concerning the history of the Black man, only then can you realize the importance of knowing something about the history of the Black man. The Black man's history—when you refer to him as the Black man you go way back, but when you refer to him as a Negro, you can only go as far back as the Negro goes. And when you go beyond the shores of America you can't find a Negro. So if you go beyond the shores of America in history, looking for the history of the Black man, and you're looking for him under the term Negro, you won't find him. He doesn't exist. So you end up thinking that you didn't play any role in history.

But if you want to take the time to do research for yourself, I think you'll find that on the African continent there was always, prior to the discovery of America, there was always a higher level of history, rather a higher level of culture and civilization, than that which existed in Europe at the same time.

At least five thousand years ago they had a Black civilization in the Middle

East called the Sumerians. Now when they show you pictures of the Sumerians they try and make you think that they were white people. But if you go and read some of the ancient manuscripts or even read between the lines of some of the current writers, you'll find that the Sumerian civilization was a very dark-skinned civilization, and it existed prior even to the existence of the Babylonian empire, right in the same area where you find Iraq and the Tigris-Euphrates rivers there. It was a black-skinned people who lived there, who had a high state of culture way back then.

And at a time even beyond this there was a black-skinned people in India, who were Black, just as Black as you and I, called Dravidians. They inhabited the subcontinent of India even before the present people that you see living there today, and they had a high state of culture. The present people of India even looked upon them as gods; most of their statues, if you'll notice, have pronounced African features. You go right to India today—in their religion, which is called Buddhism, they give all their Buddha's the image of a Black man, with his lips and his nose, and even show his hair all curled up on his head;

they didn't curl it up, he was born that way. And these people lived in that area before the present people of India lived there.

The Black man lived in the Middle East before the present people who are now living there. And he had a high culture and a high civilization, to say nothing about the oldest civilization of all that he had in Egypt along the banks of the Nile. And in Carthage in northwest Africa, another part of the continent, and at a later date in Mali and Ghana and Songhai and Moorish civilization—all of these civilizations existed on the African continent before America was discovered.

Now the Black civilization that shook the white man up the most was the Egyptian civilization, and it was a Black civilization. It was along the banks of the Nile, which runs through the heart of Africa. But again this tricky white man, and he's tricky—and mind you again, when I say this, it's not a racist statement. Some of them might not be tricky, but all of them I've met are tricky. And his civilization shows his trickiness. This tricky white man was able to take the Egyptian civilization, write books about it, put pictures in those books, make movies for television and the theater—so skillfully that he has even convinced other white people that the ancient Egyptians were white people themselves. They were African, they were as much African as you and I. And he even gave the clue away when he made this movie King Solomon's Mines, and he showed the Watusis, you know, with their Black selves, and he outright admitted in there that they looked like the ancient pharaohs of ancient Egypt. Which means that the white man himself, he knows that the Black man had this high civilization in Egypt, whose remains today show the Black man in that area had mastered mathematics, had mastered architecture, the science of building things, had even mastered astronomy.

The pyramid, as the white scientists admit, is constructed in such a position on this earth to show that the Black people who were the architects of it had a knowledge of geography that was so vast, they knew the exact center of the earth's land mass. Because the base of the pyramid is located in the exact center of the earth's land mass, which could not have been so situated by its architect unless the architect in that day had known that the earth was round and knew how much land there was in all the directions from where he was standing. The pyramid was built so many thousand years ago that they don't even know the exact time it was built, but they do know that the people who brought it into existence had mastered the science of building, had mastered the various sciences of the earth, and had mastered astronomy.

I read where one scientist said that the architect of the pyramid had built a shaft that went outward from the center of the pyramid, and the place it marked in the sky was the location where a star, a blue star I think, some kind of a star, made an appearance only once every fifty thousand years. Now they say that this architect's knowledge of astronomy was so vast that he evidently had access to histories or records that spotlighted the existence of a star that made its appearance at a certain spot in the sky only once every fifty thousand years. Now he could not have known this unless he had records going back beyond fifty thousand years. Yet the pyramid is a living witness today that the Black people who were responsible for bringing it into existence had this kind of knowledge.

When you read the opinions of the white scientists about the pyramids and the building of the pyramids, they don't make any secret at all over the fact that they marvel over the scientific ability that was in the possession of those people way back then. They had mastered chemistry to such extent that they could make paints whose color doesn't fade right until today. When I was in Cairo in the summer, I was in King Tut's tomb, plus, I saw that which was taken out of the tomb at the Cairo Museum. And the colors of the clothing that was worn and the colors inside the tomb are as bright and vivid and sharp today as they were when they were put there some thousands of years ago. Whereas, you know yourself, you can paint your house, and have to paint it again next year. This man hasn't learned how to make paint yet that will last two years. And the Black man in that day was such a master in these various scientific fields that he left behind evidence that his scientific findings in that day exceeded the degree to which the white man here in the West has been able to rise today.

And you must know this, because if you don't know this, you won't really understand what there is about you that makes them so afraid of you, and makes them show that they find it imperative for them to keep you down, keep you from getting up. Because if they let you up one inch, you've got it and gone—just one inch, you've got it and gone. And you should get it and go.

Just behind the pyramids is a huge statue, which many of you are familiar with, called the Sphinx. The people who live over there call it Abou el-Hole, which means “father of everything.” This too was put over there so long ago they don't know who did it, nor do they know how long ago it was done. And they marvel at it. What causes them to marvel is the fact that the Black man could have been at such a high level then, and now be where he is today, at the bottom of the heap, with no outer sign that he has any scientific ability left within him. And he himself doesn't believe that he has any of this ability within him; he thinks that he has to turn to the man for some kind of formula on even how to get his freedom or how to build his house.

But the Black man by nature is a builder, he is scientific by nature, he's mathematical by nature. Rhythm is mathematics, harmony is mathematics. It's balance. And the Black man is balanced. Before you and I came over here, we were so well balanced we could toss something on our head and run with it. You can't even run with your hat now—you can't keep it on. Because you lost your balance. You've gotten away from yourself. But when you are in tune with yourself, your very nature has harmony, has rhythm, has mathematics. You can build. You don't even need anybody to teach you how to build. You play music by ear. You dance by how you're feeling. And you used to build the same way. You have it in you to do it. I know Black brick masons from the South who have never been to school a day in their life. They throw more bricks together and you don't know how they learned how to do it, but they know how to do it. When you see one of those other people doing it, they've been to school—somebody had to teach them. But nobody teaches you always what you know how to do. It just comes to you. That's what makes you dangerous. When you come to yourself, a whole lot of other things will start coming to you, and the man knows it.

In that day the Black man in Egypt was wearing silk, sharp as a tack, brothers. And those people up in Europe didn't know what cloth was. They admit this. They were naked or they were wearing skins from animals. If they could get an animal, they would take his hide and throw it around their shoulders to keep warm. But they didn't know how to sew and weave. They didn't have that knowledge in Europe, not in those days. They didn't cook their food in Europe. Even they themselves will show you when they were living up there in caves, they were knocking animals in the head and eating the raw meat. They were eating raw meat, raw food. They still like

it raw today. You watch them go in a restaurant, they say, “Give me a steak rare, with the blood dripping in it.” And then you run in and say, “Give me one rare, with the blood dripping in it.” You don't do it because that's the way you like it; you're just imitating them, you're copying, you're trying to be like that man. But when you act like yourself, you say, “Make mine well done.” You like cooked food, because you've been cooking a long time; but they haven't been cooking so long—it wasn't too long ago that they knew what fire was. This is true.

You were walking erect, upright. You ever watch your walk? Now you're too hip to walk erect. You've come up with that other walk. But when you're yourself, you walk with dignity. Wherever you see the Black man, he walks with dignity. They have a tendency to be other than with dignity, unless they're trained. When their little girls go up to these, you know, highfalutin schools, and they want to teach them how to walk, they put a book on their head. Isn't that what they do? They teach them how to walk like you. That's what they're learning how to walk like—like you. Because you were almost born with a book on your head. You can throw it up there and run with it. I was amazed when I was in Africa to see the sense of poise and balance that these people over there have, all throughout Africa and Asia. They have that poise and that balance. But this is not an accident. This comes from something. And you have it too, but you've been channeling yours in another direction, in a different direction. But when you come to yourself, you'll channel it right.

Also as I said earlier, at that same time there was another African civilization called Carthage. One of the most famous persons in Carthage was a man named Hannibal. You and I have been taught that he was a white man. This is how they steal your history, they steal your culture, they steal your civilization—just by Hollywood producing a movie showing a Black man as a white man. I remember one day I told someone that Hannibal was Black. Some Negro, he was in college, one of these colleges—I told him Hannibal was a Black man, and he had a fit. Really, he did, he wanted to fight me on that. He said, “I know better than that.” “How do you know?” He said, “I saw him.” “Where’d you see him?” He said, “In the movies.” And he was in college, really, he was a highly educated Negro and he had a fit when I told him Hannibal was Black. And some of you all right now are having a fit because you didn’t know it either.

Hannibal was famous for crossing the Alps mountains with elephants.

Europeans couldn’t go across the Alps on foot by themselves—no, they couldn’t. Hannibal found a way to cross the Alps with elephants. You know what an elephant is—a great big old animal, it’s hard to move him down the road. They moved him across the mountains. And he had with him ninety thousand African troops, defeated Rome, and occupied Italy for between fifteen and twenty years.

This is why you find many Italians dark—some of that Hannibal blood. No Italian will ever jump up in my face and start putting bad mouth on me, because I know his history. I tell him when you talk about me, you’re talking about your pappy, your father. He knows his history, he knows how he got that color. Don’t you know that just a handful of Black American troops spent a couple of years in England during World War and left more brown babies back there—just a handful of Black American soldiers in England and in Paris and in Germany messed up the whole country. Now what do you think ninety thousand Africans are going to do in Italy for twenty years? It’s good to know this because when you know it, you don’t have to get a club to fight the man—put truth on him.

Even the Irish got a dose of your and my blood when the Spanish Armada was defeated off the coast of Ireland, I think around about the seventeenth or eighteenth century; I forget exactly, you can check it out. The Spanish in those days were dark. They were the remnants of the Moors, and they went ashore and settled down in Ireland and right to this very day you’ve got what’s known as the Black Irish. And it’s not an accident that they call them Black Irish. If you look at them, they’ve got dark hair, dark features, and they’ve got Spanish names—like Eamon De Valera, the president, and there used to be another one called Costello. These names came from the Iberian Peninsula, which is the Spanish-Portuguese peninsula, and they came there through these seamen, who were dark in those days. Don’t let any Irishman jump up in your face and start telling you about you—why, he’s got some of your blood too. You’ve spread your blood everywhere. If you start to talk to any one of them, I don’t care where he is, if you know history, you can put him right in his place. In fact, he’ll stay in his place, if he knows that you know your history.

So all of this Carthage, Sumerian, Dravidian, Egyptian, Ethiopian history took place B.C., before Christ. In this era that you and I are living in after Christ, right in West Africa, one of the most highly developed civilizations was Ghana. Ghana wasn’t located where she is today geographically, she wasn’t limited to that geographic location. She covered pretty much a great portion of West Africa, and dates the early history of that empire at almost up to the time of the birth of Christ. And it was a highly developed civilization, highly developed society, that prevailed right up until I think around the eleventh century, or perhaps it went out of existence as an empire just before the tenth or the eleventh century. But this was an empire in Africa that was the source of gold and ivory; and other art objects, what would be called today art objects or items of luxury, came from Ghana. They had one of the most highly developed governmental systems, tax systems, cultures, period, at that time when people in Europe—when President Nkrumah, he wasn’t president then, I don’t think, visited New York, I think it was in 1959; Harriman was governor, they had a banquet for him downtown, which I attended. Governor Harriman, Abe Stark, Mayor Wagner, all of them were there. At one point when they were introducing Nkrumah, they were congratulating him. I remember Abe Stark said this: That Nkrumah comes from Ghana, a country which was highly civilized, wearing silks, at a time when we, he said, up in Europe, were

painting ourselves blue. Pick up on that. Abe Stark at that time was right under Wagner, and he's Jewish, which means he knows a whole lot of Black history, and here he was admitting that a civilization existed in Africa, where you and I came from, that was so highly developed that the people were wearing silks when his people, the Europeans, were up in the caves painting themselves blue.

Now you would think, with him saying that, that the Black newspaper reporters present would have put it in the paper and used it to wake up some of us in Harlem. They didn't say a mumbling word. And I know—I could name the ones that were there right now, some of them occupying leading positions in Black newspapers in this city. They didn't say a mumbling word.

They should have put it in the headlines, so they could wake Black people up, and let our people know that the white man knows that he didn't get us out of the jungle, he didn't get us out of some place that was savage. He got us out of a place that was highly civilized in culture and in art, and then brought us down to the level that you see us on today. But they are afraid to let us know what level we were on. They'll tell the Africans because they know the Africans know it, but they don't want you and me to know it. Because the first thing you and I would start asking them is, "Well, what did you do to us?" And if you find out, then you'll want to do it to him. The only way you can forgive him is to not know what you're forgiving him for. And you don't know what you've been forgiving him for. If you find out what he did to you, you won't have any forgiveness. No, you'll say, let the good times roll, let the chips fall where they may.

After Ghana in West Africa, there was another civilization called Mali. Mali is one of the most famous because it was made famous by a Black sultan named Mansa Musa. Mansa Musa was famed for a journey he took from Mali to Mecca. In the same area—all of these three empires were in West Africa—after the Mali, I think, it was the Songhai empire. The Songhai empire covered, I think, even more territory than the Mali empire. And in those days there was the fabulous, fabled city of Timbuktu. Timbuktu was a center of learning where they had colleges and universities; and this Timbuktu existed as a hidden city, or forbidden city, to the white man for many centuries. He was not permitted to go there, none of them had been there—it was for us. They had universities there in which scholars traveled from China, Japan, the Orient, from Asia, from Africa, all the parts of Africa, to come there and learn. This was in Africa, and this existed before the discovery of America. These people who taught at this university, or these universities, had a knowledge of geography. They knew that the earth was round. It wasn't Columbus that discovered that it was round for people in Europe; they discovered it when they began to be exposed to the science and learning that existed in the universities on the African continent. But the white man is such a liar, he doesn't want it to be known that the Black man was so far ahead of him in science. Now, this isn't racist talk, when I say he's a liar. I'm not talking about all of them, I'm talking about those who are responsible for this false concept of the African image, and that is most of them. If I said all of them, they'd call me a racist. I can't say all of them, but most of them, those in power, that told lies deliberately and scientifically to distort the image of Africa in order to mold a better picture and image of Europe—you can see the crime that they committed once you begin to delve into the African continent today and find its real position in science and civilization in times gone by.

Also, at that same time or a little later was a civilization called the Moors. The Moors were also a dark-skinned people on the African continent, who had a highly developed civilization. They were such magnificent warriors that they crossed the Straits of Gibraltar in, I think, the year 711, eighth century, conquered Portugal, what we today know as Portugal, Spain, and southern France, conquered it and ruled it for seven hundred years. And they admit that during this time Europe was in the Dark Ages, meaning darkness, ignorance. And it was the only light spot; the only light, the only light of learning, that existed on the European continent at that time were the universities that the Moors had erected in what we today know as Spain and Portugal. These were African universities that they set up in that area. And they ruled throughout that area, up to a place known as Tours, where they were stopped by a Frenchman known in history as Charles Martel, or Charles the Hammer. He stopped the invasion of the Africans, and these were Africans.

They try to confuse you and me by calling them Moors, so that you and I won't know what they were. But when you go home, look in the dictionary. Look up the word M-o-o-r; it will tell you that Moor means black. Well, if Negro means black and Moor means black, then they're talking about the same people all the time. But they don't want you and me to know that we were warriors, that we conquered, that we had armies. They want you and me to think that we were always nonviolent, and passive, and peaceful, and forgiving. Sure, we forgave our enemies in those days—after we killed them, we forgave them.

The Black man in those days had never been defeated on the battlefield. He was only defeated when the Europeans invented, or got access to, gunpowder. I started to say invented gunpowder, but they didn't invent it, the Chinese invented it. The Chinese used it for peaceful purposes. Marco Polo, I think it was Marco wasn't it—he got ahold of it, and brought it back to Europe, and immediately they started using it to kill people with. This is the difference—that European, he's got something going for him that other people don't have going for them: he loves to kill—oh yes, he does. In Asia and in Africa, we kill for food. In Europe, they kill for sport. Have you not noticed that? Yes, they're bloodthirsty, they love blood; they love to see the flow of other people's blood, not their own. They're bloodthirsty. But in all of your ancient Asian or African societies, the killing of game was done for food, not just for sport. You don't get your kicks killing. They get their kicks killing. It gets good to them. Oh yes, you watch them sometime when they shoot a pheasant. I've watched them; when I was a little boy, I lived on a farm with white folks. When they shoot something, they just go crazy, you know, like they were really getting their kicks. And we have heard stories where they have lynched Black people, and right while they were lynching that Black man, you could see them getting their kicks, the thrill, while they do it. Whereas you and I, when we kill, we kill because we need to, either for food or to defend ourselves. That's something to think about.

But they never defeated the African armies until they got gunpowder. Then with their gunpowder, they came in. In those days we had mastered the blade. Right now, you notice they have nightmares when they think a Negro's got a blade in his pocket. This is true, because they know you know how to use it, brothers. Historically, on the battlefield, no one could use a blade like you and me—yes. You see, it takes a man to use one, for one thing. It takes a man to use a sword and a spear, because you've got to have the heart to get up to someone close enough to work with him; you've got to have the heart. But anybody can take a gun and stand at a distance and shoot at something that's no danger to him anyway. You and I, we went right on into him. And once he got ahold of the gun, that suited his nature; and he used it, and took over the world, with that gunpowder and his lies—I don't know which was the most effective. He lied and killed, to take over the world.

During the Crusades, we fought him and beat him; again, he didn't have the gunpowder. During the Crusades the Europeans fought against the Asians and the Africans—it was the war between what they called the Muslims and the Christians. In those days, you didn't have Black Christians. Christians meant the European nations: France, Belgium. You go read the history of the Crusades. You'll find that their chief general was the Pope, his headquarters was in Rome, and they made war trying to redeem the city of Jerusalem, in which was the tomb of Jesus. They wanted to regain it from the Muslims, but they never could do it. The Muslims defeated the Christian armies. And the Christian armies in those days were white; the Muslim armies were black, brown, red, and yellow. Some of the leading warriors in the Muslim armies were from Africa. The Africans had mastered metalwork with such skill that they had a coat that they put on, made of steel, that was just as pliable as this. Whereas, when you see the white knight, you notice he had to have some help to get on his horse. Because he looked like he was inside of a stove. They didn't know how to work metal in Europe. But that Black man had mastered metalcraft, woodcraft, leathercraft—he was crafty, brothers, he mastered everything. But not a thing in Europe. And it was during the Crusades that many of the people in Europe realized what a high culture existed in Asia and in Africa. Why, these people were living in huts in Europe, and in holes in the hills, still in that day—they were savages almost, didn't know what learning was, couldn't read and write. The king couldn't even read and write, and he was over all of them. They got all their reading and writing and arithmetic from you and me. And you see what they did with it? They turned around and used it on us.

So the question is: If we were at such a level then, what happened to us to get us where we are now? If we had such a high culture, such a high civilization, what happened to get us where we are now?

When America was discovered and colonized by England, England populated her American colonies not with people who were refined and cultured, but, if you read the history, she did the same thing here that she did in Australia. All the convicts were sent here to found this country. The prisons were emptied of prostitutes and thieves and murderers. They were sent over here to populate this country. When these people jump up in your and my face today, talking about the founding fathers were puritan pure, that's some talk for somebody else. No, the founding fathers from

England came from the dungeons of England, came from the prisons of England; they were prostitutes, they were murderers and thieves and liars. And as soon as they got over here, they proved it. They created one of the most criminal societies that has ever existed on the earth since time began. And if you doubt it, when you go home at night, look in the mirror at yourself, and you'll see the victim of that criminal system that was created by them. They were such artful liars, they were such artful, skillful liars, that they were able to take a criminal system and, with lies, project it to the world as a humanitarian system. They were the worst form of criminals themselves, but with their lies they were able to project themselves as pilgrims who were so religious, they were coming to this country so they could practice their religion. And you ate that thing up 100 percent. No, they were crooks that came here—Washington, Jefferson, Adams, Quincy, and the others, all of them were criminals. And if you doubt that they were, when they wrote this document talking about freedom, they still owned you. Yes, when they wrote, how does that thing go—about “all men created equal”?—that was later on. Who was it wrote that—“all men are created equal”? It was Jefferson. Jefferson had more slaves than anybody else. So they weren't talking about us.

When I see some poor old brainwashed Negroes—you mention Thomas Jefferson and George Washington and Patrick Henry, they just swoon, you know, with patriotism. But they don't realize that in the sight of George Washington, you were a sack of molasses, a sack of potatoes. You—yes—were a sack of potatoes, a barrel of molasses, you amounted to nothing, in the sight of Washington, or in the sight of Jefferson, or Hamilton, and some of those other so-called founding fathers. You were their property. And if it was left up to them, you'd still be their property today.

So it was in that atmosphere that you and I arrived here. It was in the hands of that kind of people that you and I fell, in around the sixteenth century. When we came here as slaves, we were civilized, we had culture, we had a knowledge of science. They don't take a slave who's dumb—a dumb slave is not good, you have to know how to do something to be a profitable slave. This was a country that needed an agricultural system. They had no agriculture in Europe in the fifteenth and sixteenth centuries. What was the agricultural product, what farm product was Europe famous for? Tell me.

You can't. They had none, they were growing weeds up there in Europe. The farm products, the agricultural system, existed in Africa and Asia. You had mastered the growing of cotton, you had mastered the growing of all of the farm products that are necessary to give a person a balanced diet, on the African continent. You were a master of woodcraft, metalwork, and all of these other skills; and it was this that they needed. They didn't need just someone with muscle to do work—they needed someone with skill. So they brought our people here, who were the fathers of skill, who had all of these skills. And they brought us here to set up an agricultural system for them, to weave their clothes and show them how to weave, and do the other things that make a civilization and society a balanced civilization and society.

So when our people got here—and they came here from a civilization where they had high morals; there was no stealing, no drunkenness, no adultery, fornication; there was nothing but high morals—when they got here, they found a country that had the lowest morals that existed on earth at that time, because it was peopled and run by prostitutes, by cutthroats, by criminals; and they created a society to fit their nature. And when our people came into that, they were shocked—they rebelled against it, they didn't want to stay here. In the first place, they had been tricked over here, put in chains and brought here, as

history points out. Initially—there’s a book called *The Slave Trade* by Spears, in which it points out that one of the first slave ships to come here was piloted by an Englishman named John Hawkins, and John Hawkins’s ship was called *Jesus*, the good ship *Jesus*. This was the boat that was used—it’s in history—they used *Jesus* to bring them here. And they’ve been using him to keep you here, too.

When our people got here and found out what they had gotten into, they didn’t want to stay. Many of them started looking for that ship that brought them here. The slaves had an old spiritual which they sang: “Steal away to *Jesus*, steal away home.” You think that they were talking about some man that got hung on the cross two thousand years ago, whereas they were talking about a ship. They wanted to steal away and get on board that ship that was named *Jesus*, so that they could go back home on the mother continent, the African continent, where they had been tricked and brought from. But you’ve got poor Negroes today, who have been brainwashed, still sitting in church talking about stealing away to *Jesus*; they talk about going up yonder, dying, if they’re going somewhere. Showing you how your mind is all messed up. They were talking about a boat. Or, they used to sing a song, “You can have all this world, but give me *Jesus*.” They weren’t talking about that man that died supposedly on the cross, they were talking about a boat. ‘You can have this world’—this Western world, this evil, corrupt, run-down, lowdown Western world—but give me *Jesus* the boat, but give me the ship *Jesus*, so I can go back home where I’ll be among my own kind. This is what the spiritual came from. But they’ve got it in the church today, and that old dumb preacher has your and my—yes, dumb preacher—has your and my mind so messed up we think that *Jesus* is somebody that died on a cross, and we sit there foaming at the mouth talking about “you can have all this world, but give me *Jesus*.” And the man took all this world and gave you *Jesus*, and that’s all you’ve got is *Jesus*.

There were three people involved in the crime that was committed against us—the slave trader, the slave master, and a third one that they don’t tell you and me about, the slave maker. You’ve read about the slave trader and you’ve read about the slave master; in fact, you know the slave master—you’re still in his hands. But you never read in history the part played by the slave maker.

You can’t make a wise man a slave, you can’t make a warrior a slave. When you and I came here, or rather when we were brought here, we were brought here from a society that was highly civilized, our culture was at the highest level, and we were warriors—we knew no fear. How could they make us slaves? They had to do the same thing to us that we do to a horse. When you take a horse out of the wilds, you don’t just jump on him and ride him, or put a bit in his mouth and use him to plow with. No, you’ve got to break him in first. Once you break him in, then you can ride him. Now the man who rides him is not the man who breaks him in. It takes a different type of man to break him in than it takes to ride him. The average man that’s been riding him can’t break him in. It takes a cruel man to break him in, a mean man, a heartless man, a man with no feelings. And this is why they took the role of the slave maker out of history. It was so criminal that they don’t even dare to write about it, to tell what was done to you and me to break us in and break us down to the level that we’re on today. Because if you find the role that that slave maker played, I’m telling you, you’ll find it hard to forget and forgive, you’ll find it hard. I can’t forgive the slave trader or the slave master; you know I can’t forgive the slave maker.

Our people weren’t brought right here to this country. They were first dropped off in the West Indian islands, in the Caribbean. Most of the slaves that were brought from Africa were dropped off first in the Caribbean, West Indian islands. Why? This was the breaking-in grounds. They would break them in down there. When they broke them in, then they would bring the ones whose spirit had been broken on to America. They had all kinds of tactics for breaking them in. They bred fear into them, for one thing. I read in one book how the slave maker used to take a pregnant woman, a Black woman, and make her watch as her man would be tortured and put to death. One of those slave makers had trees that he planted in positions where he would bend them and tie them, and then tie the hand of a Black man to one, a hand to the other, and his legs to two more, and he’d cut the rope. And when he’d cut the rope, that tree would snap up and pull the arm of the Black man right out of his socket, pull him up into four different parts. I’ll show you books where you can read it, they write about it. And they made the pregnant Black women stand there and watch as they did it, so that all this grief and fear that they felt would go right into that baby, that Black baby that was yet to be born. It would be born afraid, born with fear in it. And you’ve

got it in you right now—right now, you’ve still got it. When you get in front of that blue-eyed thing, you start to itching, don’t you? And you don’t know why. It was bred into you. But when you find out how they did it, you can get it out of you and put it right back in them.

Now, I’m not talking racism. This isn’t racism—this is history, we’re dealing with just a little bit of history tonight. We’ve only got a few minutes left, so I’m trying to go fast. I’m kind of tired, so I can’t go too fast—you’ll have to excuse me—but I just want to get the rest of this out.

They used to take a Black woman who would be pregnant and tie her up

by her toes, let her be hanging head down, and they would take a knife and cut her stomach open, let that Black unborn child fall out, and then stomp its head in the ground. I’ll show you books where they write about this, I’ll name them to you: *Slave Trade by Spears*; *From Slavery to Freedom* by John Hope Franklin; *Negro Family in the U.S.* by Frazier touches on some of it. All night long—*Anti-Slavery* by Dwight Lowell Dumond—I’ll cite you books all night long, where they write themselves on what they did to you and me. And have got the nerve to say we teach hate because we’re talking about what they did. Why, they’re lucky, really, they’re lucky, they’re fortunate.

Slaves used to sing that song about “My Lord’s going to move this wicked race and raise up a righteous nation that will obey.” They knew what they were talking about—they were talking about the man. They used to sing a song, “Good News, a Chariot Is Coming.” If you notice, everything they sang in those spirituals was talking about going to get away from here. None of them wanted to stay here. You’re the only ones, sitting around here now like a knot on a log, wanting to stay here. You’re supposed to be educated and hip, you’re supposed to know what’s happening, you know— they’re not supposed to know what’s happening. But everything they sang, every song, had a hint in it that they weren’t satisfied here, that they weren’t being treated right, that somebody had to go.

The slave maker knew that he couldn’t make these people slaves until he first made them dumb. And one of the best ways to make a man dumb is to take his tongue, take his language. A man who can’t talk, what do they call him? A dummy. Once your language is gone, you are a dummy. You can’t communicate with people who are your relatives, you can never have access to information from your family—you just can’t communicate.

Also, if you’ll notice, the natural tongue that one speaks is referred to as one’s mother tongue—mother tongue. And the natural intelligence that a person has before he goes to school is called mother wit. Not father wit—it’s called mother wit because everything a child knows before it gets to school, it learns from its mother, not its father. And if it never goes to school, whatever native intelligence it has, it got it primarily from its mother, not its father; so it’s called mother wit. And the mother is also the one who teaches the child how to speak its language, so that the natural tongue is called the mother tongue. Whenever you find as many people as we who aren’t able to speak any mother tongue, why, that’s evidence right there something was done to our mother. Something had to have happened to her.

They had laws in those days that made it mandatory for a Black child to be taken from its mother as fast as that child was born. The mother never had a chance to rear it. The child would be brought up somewhere else away from the mother, so that the mother couldn’t teach the child what she knew—about itself, about her past, about its heritage. It would have to grow up in complete darkness, knowing nothing about the land where it came from or the people that it came from. Not even about its own mother. There was no relationship between the Black child and its mother; it was against the law. And if the master would ever find any of those children who had any knowledge of its mother tongue, that child was put to death. They had to stamp out the language; they did it scientifically. If they found any one of them that could speak it, off went its head, or they would put it to death, they would kill it, in front of the mother, if necessary. This is history; this is how they took your language. You didn’t lose it, it didn’t evaporate—they took it with a scientific process, because they knew they had to take it to make you dumb, or into the dummy that you and I now are.

I read in some books where it said that some of the slave mothers would try and get tricky. In order to teach their child, who'd be off in another field somewhere, they themselves would be praying and they'd pray in a loud voice, and in their own language. The child in the distant field would hear his mother's voice, and he'd learn how to pray in the same way; and in learning how to pray, he'd pick up on some of the language. And the master found that this was being done, and immediately he stepped up his efforts to kill all the little children that were benefiting from this. And so it became against the law even for the slave to be caught praying in his tongue, if he knew it. It was against the law. You've heard some of the people say they had to pray with their heads in a bucket. Well, they weren't praying to the Jesus that they're praying to now. The white man will let you call on that Jesus all day long; in fact he'll make it possible for you to call on him. If you were calling on somebody else, then he'd have more fear of it. Your calling on that somebody else in that other language—that causes him a bit of fear, a bit of fright. They used to have to steal away and pray. All those songs that the slaves talked, or sang, and called spirituals, had wrapped up in them some of what was happening to them. And when the child realized that it couldn't hear its mother pray any more, the slaves would come up with a song, "I Couldn't Hear Nobody Pray," or the song "Motherless Child": "Sometimes, I feel like a motherless child. Father gone, mother gone, motherless child sees a hard time." All of these songs were describing what was happening to us then, in the only way the slaves knew how to communicate—in song. They didn't dare say it outright, so they put it in song. They pretended that they were singing about Moses in "Go Down, Moses." They weren't talking about Moses and telling "old Pharaoh to let my people go." They were trying to talk some kind of talk to each other, over the slave master's head. Now you've got a-hold of the thing and you're believing in it for real. Yes, I hear you singing "Go down, Moses," and you're still talking about Moses four thousand years ago—you're out of your mind. But those slaves had a whole lot of sense. Everything they sang was designed toward freedom, designed toward going back home, or designed toward getting this big white ape off their backs.

For three hundred years we stayed at that level. Finally we got to where we had no language, no history, no name. The white man named us after himself—Jones, Smith, Johnson, Bunche, and names like those. We couldn't speak our own language; we had none. And he then began to teach us that we came from a jungle, where the people had no language. This was the crime that was committed—he convinced us that our people back home were savages and animals in the jungle, and the reason we couldn't talk was because we never had a language. And we grew up thinking that we never had one.

In the meantime, while he was working on us, his brothers—in England and in France and in Belgium and in Spain and in Italy and in Germany—were working on the African continent. While he was working on us over here, they were running wild on the African continent, stomping out all signs that ever there was a civilization over there, making slaves out of them over there too. And by working together as partners, the man on the European continent, in cahoots with this white man on the American continent, succeeded in taking over Africa and Asia and the entire world, while we went to sleep. Then in 1865 he came up with a trick, pretending that he was fighting a Civil War to set us free—which wasn't to set us free. He came up with another trick, that he was issuing an Emancipation Proclamation to set us free—which wasn't to set us free. And then he also pretended that he was putting some amendments to the Constitution to set us free—which wasn't to set us free. Later on, he came up with a Supreme Court decision which he said was to give us free access to better education—which wasn't to do that. And then last year he came up with a bill that he called also to give us more freedom—which also wasn't to do that.

Any man who will know the level of civilization that we started out on and came from, any man who knows the criminal deeds that were done to us by his people to bring us to the level that we've been on for the past three hundred years, knows he is so deceptive, so deceitful, so criminally deceitful, that it is almost beyond his nature or desire to come up with anything meaningful that will undo what has been done to us over the past three hundred years. It is absolutely necessary—anything that is done for us, has to be done by us.

Now, brothers and sisters, it's after ten o'clock, and I definitely didn't intend to go beyond ten, but I do want you to have at least a ten-minute question period before we dismiss and prepare for our meeting

next week. I felt that it was necessary tonight to go back somewhat and remind ourselves— because many of you know everything that I have said tonight, you know it already; then there are many others who don't—but I felt it absolutely necessary to use tonight, since we're getting ready to go into February and Negro History Week, to use tonight to kind of brush up on some of the history of our people that existed prior to the time we were brought to America; then next week, next Sunday night, deal with current conditions and the tricky schemes that are used by the government as well as other forces to perpetuate our condition, rather than alleviate it. And then on the third Sunday, the thirty-first of January, it is our intention to present to you the program and the solution of the Organization of Afro-American Unity, which we feel will bring about some meaningful results immediately, and which we will ask your 100 percent cooperation in, in order to make it materialize. Before we have our question period, we're going to take up a collection. And I want to ask you, especially tonight: please be more generous than you have been. Because if there's anything we need, it's finances. We don't get any help from any outside source. Anybody else would get it. We don't get any help whatsoever other than what we get right here at these meetings from you.

Also, this week we want to take out an ad in one of the local newspapers, so that it will be known that we're out here next week. None of the newspapers ever talk about our meetings; they don't help us publicize it in any way, shape, or form, other than *The Militant*—*The Militant* does. But some of the Negro newspapers don't; I don't know whether they won't, but I do know that they don't. And I would like for you to try and dig down as deeply as you can and help us. Because we need it. In fact, if we could get stronger financial support, we'd be in a position to make our program materialize much faster than we have.

[A collection is taken. A question is then asked by a woman about the selling of slaves by Africans to the Europeans.]

All of those things happened. Africans sold slaves; we sold each other. Arabs sold slaves. The white man bought the slaves. You may wonder what happened to make us sell each other. The white man had a trick going—what he called the three something-or-other. It dealt with rum, sugarcane—how does that go? They would grow sugarcane in the Caribbean and take it to New England and turn it into rum, and then take that rum to Africa and turn it into slaves. It was something like that. [Voices from audience: “Triangular.”] How was that? Yeah, triangle, some kind of triangle. Imagine that, they used our slave labor to grow the sugarcane; they took that cane to England and turned it into rum and whiskey and other things, and then took that to Africa and turned it into slaves. And then they had cotton that they took to Europe in exchange for manufactured goods that were being turned out there. But you and I, our sale, is what made them rich. Now, who did it? The Africans took captives in warfare, and the Europeans did that old divide-and-conquer act and would sell guns to one side; and the guns that the one side had, enabled them to easily defeat the other side. And in that particular cultural thought pattern, the captive was a slave, he was a prize of war, and he was turned over to the Europeans. I doubt that any of them over there really knew what they were sending us into, or that we knew what we were coming into. But it was a very vicious thing; you and I are the victims of it. Everybody feels guilty about it, you can believe it. The Arabs are guilty; Europeans are guilty; the Africans feel guilty; everybody feels guilty. Yes, sir.

[A question is asked by a man about the different kinds of slavery that existed at different times in different countries.]

Yes, and I'm glad you brought that out. It is true that the type of slavery that was practiced in America was never practiced in history by any other country. A lot of times, what you read about in history as a slave was nothing but a servant, because he could get out of it. But the thing that you and I were sold into—we were sold like we were an animal. Our human characteristics were not recognized at all. We became a commodity, nameless, language-less, godless commodity, subhuman. And they had no feelings for us whatsoever. In church, they did it in the name of the Lord. Oh yes, they even put that into it. And don't say anything about that church in Rome—they played one of the leading roles. Now,

they try to act all sanctimonious, you know, like everything is all right. They made a few Black cardinals, a couple other bishops, and then you run and get the Catholic Holy Ghost.

Any more questions? Yes, sir.

[A question is asked by a man about the relationship between the people that brought the slaves to America and “the people that rule us today.”]

Oh yes, their descendants. That’s all they are, brother, believe me. This is what makes them so deceitful and tricky. Like father, like son. You and I were produced by kings and queens from the African continent, scientists, the best. They took the best of the African society and sold them as slaves. We brought the highest price. We didn’t come here as chumps; we were the cream of the crop on the African continent. But not those men. Those that were sent here from Europe were the dregs of society. Old, run-down, ex-, worn-out thieves—you thought I was going to say something else, didn’t you. No, they were the worst part of that European society, brother, and they still reflect it right today.

Everything you see them doing here—no feelings; they’ll sell you right down the river right now. They have no morals at all; no sense of moral consciousness exists in them. They will lie, talk about the Great Society, and all that other stuff. No, nothing but lies. How is somebody from Texas going to start a great society? They don’t have it down there. You know, back when I was out there in the world, I used to see Willie Bryant at the Apollo. You remember Willie Bryant? They had a song in those days about “Deep in the Heart of Texas,” and I used to hear Willie Bryant singing, “The stars are bright, they’ll hang you any night, deep in the heart of Texas.” This is just twenty years ago, and they still do the same thing today. And Johnson was congressman then. You know Johnson—he’s got a cold. Are there any other questions? Yes, sir.

[A question is asked by a man about the number of Indians in the United States.]

Indians? He’s on the reservation. They put me and you on the plantation and put the Indians on the reservation—that’s how they built this nation. The Indian is in worse shape than we are. I was out in the desert at an Arizona reservation a couple of years ago. They’re in bad shape. But they have more respect for the Indians than they do for you and me. You know why? Because they fought them. You don’t hear any white man talking about he’s got Black trouble, but in a minute, you’ll hear him say he’s got some Indian trouble. A white man will say that. Haven’t you heard it? Sure, they’ll claim the Indians, but nobody is going to claim you and me—because we’re nonviolent. Nobody wants to be related to anything nonviolent, nobody. You’re going to be a peaceful slave, a nonviolent slave. No, that Indian, brother, he drank blood, he tomahawked. Imagine taking a man’s scalp. And then he’s going to say he’s got your blood. He’ll respect you. No, that’s what you need to learn how to do. The Indians said they had forked tongues, which means they’re liars, you know. The Indians knew them. And they show you every time you turn on the television—any old cowboy picture shows you a white man lying to the Indian. He doesn’t hide it. Time for a couple more questions, a couple more questions. Any more? Yes, ma’am.

[A question is asked by a woman about the “slave breeder.”]

No, the slave breeder was that slave maker. The slave maker was the one responsible for breeding slaves, and he bred them. They bred any-kind-of-looking slave you wanted.

[Same woman speaks further referring to the novel *Mandingo*.]

Yes. I know some of you all never read *Mandingo*, did you? It is true that they used to have special Black slaves that they called bucks, I think, whose job was to do nothing but breed. I see a lot of them, I think, around Harlem now. In those days a child born of a slave woman never knew its father, didn’t know who the father was; didn’t make any difference. And, you know, this has affected our society.

Even right now you read some of the conclusions reached by some of these so-called sociologists. They admit that the tendency of our women to have babies born out of wedlock is a throwback right to a habit that was born during slavery. In slavery, it was nothing for a Black woman to have a baby—she was supposed to have a baby. And the father, the Black man who fathered the baby, was never permitted to have the responsibility of a father. All he did was make the baby. He couldn't recognize it as his; it was going to be sold as soon as the master wanted to sell it. He was never permitted to develop a sense of responsibility for taking care of his own offspring.

And that came right down from slavery to the Black community today. You'll find many men who are married and have two or three children, walk away from that woman like she didn't even exist, and leave those children in the house without a second thought, without a second thought. Well, you wouldn't find an African doing this. We weren't like this in Africa. This is a throwback, this is a holdover, from slavery. We've got to get rid of it. But you're never going to get rid of it until you get rid of the cause, and man, you know who the cause is. Are there any other questions?

Then I have some announcements that I would like to read quickly. Our newsletter, *The Blacklash*, is going to be revised and turned into a newspaper, a more informative and attractive newspaper. We're working on that right now. And the brother who has been doing such a wonderful job on the newsletter is Brother Peter. I don't see him—where is Brother Peter? Way back there, the handsome brother. Give him a big hand. He's been doing a wonderful job on the newsletter, and he's now working toward turning it into a newspaper.

Also, there'll be a membership meeting of the Organization of Afro-American Unity, Tuesday, January 26, at 8:00 p.m., at 2395 Eighth Avenue. We would like all of the members to attend, because we're trying to get ourselves organized in such a way that we can become inseparably involved in an action program that will meet the needs, desires, likes, or dislikes of everyone that's involved. And we want you involved in it. Also, the aims and the objectives of the Organization of Afro-American Unity are being prepared right now. They will be made available soon. We are attempting to make this organization one in which any serious-minded Afro-American can actively participate, and we welcome your suggestions at all of these membership meetings. One of these will be on Tuesday night. We want your suggestions; we don't in any way claim to have the answers to everything, but we do feel that all of us combined can come up with an answer. We believe that the brain that you have, the ability to think, your experience in this hell that we've all been through, is all the credentials you need when you come to a membership meeting with your suggestions. With all of the combined suggestions and the combined talent and know-how, we do believe that we can devise a program that will shake the world. Frankly, that's what we need to do—shake the world. We don't need to duplicate anything that has been done with all this politeness and compromise and so forth; we need to find out what is necessary to be done, and do it, no matter whether they like it or not. First, analyze it, find out what is necessary to be done, and then let's do it. Yes, sir.

[A man asks about a telegram that was to be sent to the leader of the American Nazi Party.]

Let me see if I have it here. I sent this telegram to Rockwell the other day. It states: "To George Lincoln Rockwell: This is to warn you that I am no longer held in check from fighting white supremacists by Elijah Muhammad's separationist Black Muslim movement, and that if your present racist agitation against our people there in Alabama causes physical harm to Reverend King or any other Black Americans who are only attempting to enjoy their rights as free human beings, that you and your Ku Klux Klan friends will be met with maximum physical retaliation from those of us who are not handcuffed by the disarming philosophy of nonviolence, and who believe in asserting our right of self-defense—by any means necessary."

That was sent. And it was sent at a time when he was acting bad and bigish there in Selma. And you haven't heard anything about it since. No. The entire press was aware that it was sent. Nothing about it; they wouldn't print it. I'm going to tell you why they wouldn't print it, and I must tell you. The so-called liberal element of the white power structure never wants to see nationalists involved in anything that

has to do with civil rights. And I'll tell you why. Any other Black people who get involved are involved within the rules that are laid down by the white liberals. And as long as they are involved within those rules, then that means they're only going to go as far as the liberal element of the power structure will endorse their activity. But when the nationalistic-minded Blacks get involved, then we do what our analysis tells us is necessary to be done, whether the white liberal or anybody else likes it or not. So, they don't want us involved.

Plus, I was curious to find out how Dr. King would react, if he were told.

See, I saw him getting knocked down on television, I saw the man knock him in his mouth. Well, that hurt me, I'll tell you. Because I'm Black and he's Black—I don't care how dumb he is. Still, when I see a Black man knocked in the mouth, I feel it, because it could happen to you or me. And if I was there with King and I saw someone knocking on him, I'd come to his rescue. I would be misrepresenting myself if I made you think I wouldn't. Yes, and then I'd show him, see, he's doing it the wrong way—this is the way you do it. Did you have more to that, sir?

[A man relates an incident, following the attempted World's Fair stall-in during April 1964, when Roy Wilkins and the NAACP national office cracked down on an NAACP youth council that had wanted to invite a Black nationalist speaker.]

Yes. You know why, brother? Because they are afraid, as I say, for any nationalist-minded person to get involved with any civil rights Negro. See, the civil rights Negro—let me use the word Negro for a minute—the civil rights Negro is in a straitjacket. Really, he is. Read this book *The Negro Mood*—the chapter, “The Black Establishment”—and you'll see they're in a straitjacket. I'll tell you frankly what I intend to do. Since they used to condemn me all the time, when I was in the Black Muslim movement, for talking but not getting involved, “Okay,” I'll say, “you've got some action going? I'll get involved, I'll get involved.” But I know they don't want me involved. Because if I get involved, I'm for involvement all the way.

I say this: that if the law of the land states that you and I have the right to do thus and so, it doesn't take a picket to establish that right. All we've got to do is go and do it. Now, anyone who gets in our way to deprive us of that right, which is constitutional—Supreme Court and all that kind of stuff—anyone who gets in our way is a lawbreaker. We're not the lawbreakers; we're enforcing the law. Anyone who stops you a from trying to register and vote is breaking the law. You can waste him, yes, you can waste him, and there's nothing he can do about it. Now they know this. This is why they want to keep you out of the civil rights struggle. They don't want any nationalists involved. And you actually do the whole thing a disservice by not getting involved, because what you do is create a vacuum, into which steps Uncle Tom. And Uncle Tom takes all the black belts and leads them the nonviolent way. No, I say let's all get in it, and get in it without compromise, and anybody that gets in the way—don't compromise. That's all. If Black people in Alabama are trying to register and vote, if they're trying to register, then those Black people in Alabama are within their rights. Anyone who in any way interferes with them is breaking the law. Well, our people in Alabama, our people in Harlem, our people in California, are the same people. You and I will not get anywhere by standing on the sidelines, saying they're doing it wrong. I spent twelve years doing this in the Black Muslim movement, condemning everybody walking, and at no time were we permitted to get involved to show a better way. Okay, I say let's get involved. But let's get involved all the way. Let's don't get involved in a compromise way. That doesn't mean we're I going to get involved in just anything. But a man has a right to vote, a man has a right to be registered. In areas, especially in the South, where our people outnumber whites, if they were registered they could put all the whites out of office. But you know, this is between you and me, I just want to say—between you and me, and the stool pigeons present—even here in Harlem, where we have the right to register and vote, we don't register and vote. If all the people in Alabama could register and vote, they probably wouldn't register and vote. So, you see, you have to have a multiple program, a many-pronged program. And so when I say that we're for that, that doesn't mean that we're not for some other things, too. It takes a many-pronged program to get this problem solved.

But, brother, the man can't give you the solution. You never will get the solution from any white liberal. Let you and I sit down and discuss the problem, come up with what we feel the solution will be; and then if they want to help it, then let them help in their way, in a way that they can help. But don't let them come and tell us how we should do to solve our problem. Those days are over, I can't see that at all. If they want to help in their way, a way that they can help, good; but don't come and join us and try and sit down and tell us how to solve our problem. They can't do it, and they won't. That's like asking the fox to help you solve the problem confronting you and the wolf. He'll tell you how to solve it all right, but I'll guarantee you, you'll have a worse problem afterwards—a foxy problem. He'll give you a solution that will put you right in his clutches; and this is what the white liberal does.

Very seldom, if you notice, will you find whites who can in any way put up with Black nationalists. Haven't you ever wondered why? I mean even the most liberal white can't go along with this Black nationalism. He can't, he just can't stomach it. But he can go along with anything that's integrated, because he knows he can get in there and finagle it, and have you walking backwards, thinking you're walking forwards. No, we don't want that. There's a place for them, there's some work that they can do. I'm not saying cut them out—there's something that they can do. But I say, find out what the whites can do, and let them do that; and find out what we can do, and we'll do that. Let them go their way; you take the low road and we'll take the high road, and so on and so forth.

Also, a couple more announcements, please. We're having an Arabic class beginning tomorrow, Monday, January 25, at 7:00 p.m.—tomorrow evening—in Room 128 at the Hotel Theresa. We're having classes set up in Swahili—we have one set up already in Arabic—we're having one set up in Swahili, and another one in Hausa, so that you can be—what they call it?—multilingual. You know, one of the things I found out when I was in Africa, I felt very much at a loss, many times, by not being able to speak the language.

Sir? Oh, that's coming. The brother wanted to know what about a karate class. This is one of the first classes you should have—karate.

You know, I had some people try to jump on me night before last—some of those, I call them, I've got another name for them. They were waiting for me out near my house. So when I came out—thanks to Allah I've got a good intuition—and I did some things, and they jumped me. That's right, when you read in the paper about these old crazy people going crazy, that's not any exaggeration. They even shot a brother up here in the Bronx, I think in broad daylight; and whipped another one almost dead in Boston—you probably heard him on the Barry Gray Show telling about it. Well, they've gone out of their minds, absolutely. Whenever you find an organization that's equipped like that, and you never see it take part in any kind of action that's for the good of Black people against the real enemy, but they will turn all of their anger against each other, to destroy each other, why, you've got to start really analyzing the situation.

I hate to bring that up, but it's true. A very bad situation has set in and deteriorated to the point where you have Black people trying to kill Black people; and they should be using that talent, really, to go after the

Rockwells and the Klan. And you know, frankly, the more I talk about Rockwell and the Klan, the more it infuriates them—not Rockwell and the Klan, but them. One of these days, I'll tell you why. You'll never read anything in the Black Muslim newspaper against the Ku Klux Klan or Rockwell. You never will, not even accidentally. But if you'll go back into some of the back issues, you'll find J.B. Stoner interviewed in the Black Muslim newspaper, and he was interviewed objectively, favorably. That's not an accident, and like I say, if you keep pressing me, I'll tell you why. Also, since you know that it's almost impossible for us to get the cooperation of the press in getting our meetings publicized, the only way that people in Harlem will know that we're having meetings is if you inform them. So, if each of you here right now will take it upon yourself to inform just ten people between now and Sunday, that means by next Sunday, we'll have—look at the crowd we have out here, and it's the worst kind of weather outside; it's a miracle really. You don't know, you're great. Do you know that this audience

right here can whip any audience in New York City? You know why? You're game to come out there in all that mean weather. You've got all the excuse in the world to stay home tonight. But the fact that you've come out shows you're doing a whole lot of thinking about something. And I tell you, I love you for it. And I hope and pray to Allah—and whoever you believe in, whatever you believe in—I hope and pray that we'll be able to organize ourselves together, wherein we'll do anything we want, anything we want, to undertake in this organization. And we're working toward that end right now.

I think I've read all these announcements. James, if I—oh yes, the last one they handed me is this: As you know, it costs us \$150 to rent this hall each Sunday night, and we just collected \$135. Plus, this week we had the cost of handbills and other things that we had to undertake to try and let you know where we are. So, should I turn you loose right now or pick up another collection? I hate to be like an old preacher, but brothers, I know what we're up against. We're trying to have two more meetings—don't run yet, just stay time enough—we're trying to have two more meetings, we're going to try to have a meeting next Sunday and the following Sunday. Now, within the next two weeks we are going to try and put together an organization and a program that everybody in here can participate in. But honestly—you know I wouldn't tell you this if it wasn't true—we need your help. Thank you.

London School of Economics (February 11, 1965)

[Introduction missing]

It is only being a Muslim which keeps me from seeing people by the color of their skin. This religion teaches brotherhood, but I have to be a realist—I live in America, a society which does not believe in brotherhood in any sense of the term. Brute force is used by white racists to suppress nonwhites. It is a racist society ruled by segregationists.

Where the government fails to protect the Negro he is entitled to do it himself. He is within his rights. I have found the only white elements who do not want this advice given to undefensive Blacks are the racist liberals. They use the press to project us in the image of violence. There is an element of whites who are nothing but cold, animalistic racists. That element is the one that controls or has strong influence in the power structure. It uses the press skillfully to feed statistics to the public to make it appear that the rate of crime in the Black community, or community of nonwhite people, is at such a high level. It gives the impression or the image that everyone in that community is criminal. And as soon as the public accepts the fact that the dark-skinned community consists largely of criminals or people who are dirty, then it makes it possible for the power structure to set up a police-state system. Which will make it permissible in the minds of even the well-meaning white public for them to come in and use all kinds of police methods to brutally suppress the struggle on the part of these people against segregation, discrimination, and other acts that are unleashed against them that are absolutely unjust.

They use the press to set up this police state, and they use the press to make the white public accept whatever they do to the dark-skinned public. They do that here in London right now with the constant reference to the West Indian population and the Asian population having a high rate of crime or having a tendency toward dirtiness. They have all kinds of negative characteristics that they project to make the white public draw back, or to make the white public be apathetic when police-state-like methods are used in these areas to suppress the people's honest and just struggle against discrimination and other forms of segregation.

A good example of how they do it in New York: last summer, when the Blacks were rioting—the riots, actually they weren't riots in the first place; they were reactions against police brutality. And when the Afro-Americans reacted against the brutal measures that were executed against them by the police, the press all over the world projected them as rioters. When the store windows were broken in the Black community, immediately it was made to appear that this was being done not by people who were reacting over civil rights violations, but they gave the impression that these were hoodlums, vagrants, criminals, who wanted nothing other than to get into the stores and take the merchandise.

But this is wrong. In America the Black community in which we live is not owned by us. The landlord is white. The merchant is white. In fact, the entire economy of the Black community in the States is controlled by someone who doesn't even live there. The property that we live in is owned by someone else. The store that we trade with is operated by someone else. And these are the people who suck the economic blood of our community.

And being in a position to suck the economic blood of our community, they control the radio programs that cater to us, they control the newspapers, the advertising, that cater to us. They control our minds. They end up controlling our civic organizations. They end up controlling us economically, politically, socially, mentally, and every other kind of way. They suck our blood like vultures.

And when you see the Blacks react, since the people who do this aren't there, they react against their property. The property is the only thing that's there. And they destroy it. And you get the impression over here that because they are destroying the property where they live, that they are destroying their own property. No. They can't get to the Man, so they get at what he owns.

This doesn't say it's intelligent. But whoever heard of a sociological explosion that was done intelligently and politely? And this is what you're trying to make the Black man do. You're trying to drive him into a ghetto and make him the victim of every kind of unjust condition imaginable. Then when he explodes, you want him to explode politely! You want him to explode according to somebody's ground rules. Why, you're dealing with the wrong man, and you're dealing with him at the wrong time in the wrong way.

Another example of how this imagery is mastered, at the international level, is the recent situation in the Congo. Here we have an example of planes dropping bombs on defenseless African villages. When a bomb is dropped on an African village, there's no way of defending the people from the bomb. The bomb doesn't make a distinction between men and women. That bomb is dropped on men, women, children, and babies. Now it has not been in any way a disguised fact that planes have been dropping bombs on Congolese villages all during the entire summer. There is no outcry. There is no concern. There is no sympathy. There is no urge on the part of even the so-called progressive element to try and bring a halt to this mass murder. Why?

Because all the press had to do was use that shrewd propaganda word that these villages were in "rebel-held" territory. "Rebel-held," what does that mean? That's an enemy, so anything that they do to those people is all right. You cease to think of the women and the children and the babies in the so called rebel-held territory as human beings. So that anything that is done to them is done with justification. And the progressives, the liberals don't even make any outcry. They sit twiddling their thumbs, as if they were captivated by this press imagery that has been mastered here in the West also.

They refer to the pilots that are dropping the bombs on these babies as "American-trained, anti-Castro Cuban pilots." As long as they are American-trained, this is supposed to put the stamp of approval on it, because America is your ally. As long as they are anti-Castro Cubans, since Castro is supposed to be a monster and these pilots are against Castro, anybody else they are against is also all right. So the American planes with American bombs being piloted by American-trained pilots, dropping American bombs on Black people, Black babies, Black children, destroying them completely—which is nothing but mass murder—goes absolutely unnoticed.

They take this man Tshombe—I guess he's a man—and try and make him acceptable to the public by using the press to refer to him as the only one who can unite the Congo. Imagine, a murderer—not an ordinary murderer, a murderer of a prime minister, the murderer of the rightful prime minister of the Congo—and yet they want to force him upon the people of the Congo, through Western manipulation and Western pressures. The United States, the country that I come from, pays his salary. They openly admit that they pay his salary. And in saying this, I don't want you to think that I come here to make an anti-American speech. I wouldn't come here for that. I come here to make a speech, to tell you the truth. And if the truth is anti-American, then blame the truth, don't blame me.

He's propped up by American dollars. The salaries of the hired killers from South Africa that he uses to kill innocent Congolese are paid by American dollars. Which means that I come from a country that is busily sending the Peace Corps to Nigeria while sending hired killers to the Congo. The government is not consistent; something is not right there. And it starts some of my African brothers and sisters that have been so happy to see the Peace Corps landing on their shores to take another look at that thing, and see what it really is. [From the audience: "What is it?"] Exactly what it says: Peace Corps, get a piece of their country.

So what the press does with its skillful ability to create this imagery, it uses its pages to whip up this hysteria in the white public. And as soon as the hysteria of the white public reaches the proper degree, they will begin to work on the sympathy of the white public. And once the sympathy reaches the proper degree, then they put forth their program, knowing that they are going to get the support of the gullible white public in whatever they do. And what they are going to do is criminal. And what they are doing is criminal.

How do they do it? If you recall reading in the paper, they never talked about the Congolese who were being slaughtered. But as soon as a few whites, the lives of a few whites were at stake, they began to speak of "white hostages," "white missionaries," "white priests," "white nuns"—as if a white life, one white life, was of such greater value than a Black life, than a thousand Black lives.

They showed you their open contempt for the lives of the Blacks, and their deep concern for the lives of the whites. This is the press. And after the press had gotten the whites all whipped up, then anything that the Western powers wanted to do against these defenseless, innocent freedom fighters from the eastern provinces of the Congo, the white public went along with it. So to get towards the end of that, what it has done, just in press manipulation, the Western governments have permitted themselves to get trapped, in a sense, in backing Tshombe, the same as the United States is trapped over there in South Vietnam. If she goes forward she loses, if she backs up she loses. She's getting bogged down in the Congo in the same way.

Because no African troops win victories for Tshombe. They never have. The only war, the only battles won by the African troops, in the African revolution, in the Congo area, were those won by the freedom fighters from the Oriental province.

They won battles with spears, stones, twigs. They won battles because their heart was in what they were doing. But Tshombe's men from the central Congo government never won any battles. And it was for this reason that he had to import these white mercenaries, the paid killers, to win some battles for him. Which means that Tshombe's government can only stay in power with white help, with white troops.

Well, there will come a time when he won't be able to recruit any more mercenaries, and the Western powers, who are really behind him, will then have to commit their own troops openly. Which means you will then be bogged down in the Congo the same as you're bogged down over there now in South Vietnam. And you can't win in the Congo. If you can't win in South Vietnam, you know you can't win in the Congo.

You think you can win in South Vietnam? The French were deeply entrenched. The French were deeply entrenched in Vietnam for a hundred years or so. They had the best weapons of warfare, a highly mechanized army, everything that you would need. And the guerrillas come out of the rice paddies with nothing but sneakers on and a rifle and a bowl of rice, nothing but gym shoes—tennis shoes—and a rifle and a bowl of rice. And you know what they did in Dien Bien Phu. They ran the French out of there. And if the French were deeply entrenched and couldn't stay there, then how do you think someone else is going to stay there, who is not even there yet. Yes, all of them are brothers. They had a bowl of rice and a rifle and some shoes. I don't care whether they came from China or South Vietnam. And the French aren't there anymore. We don't care how they did it; they're not there anymore. The same thing will happen in the Congo.

See, the African revolution must proceed onward, and one of the reasons that the Western powers are fighting so hard and are trying to cloud the issue in the Congo is that it's not a humanitarian project. It's not a feeling or sense of humanity that makes them want to go in and save some hostages, but there are bigger stakes.

They realize not only that the Congo is a source of mineral wealth, minerals that they need, but the Congo is so situated strategically, geographically, that if it falls into the hands of a genuine African government that has the hopes and aspirations of the African people at heart, then it will be possible for the Africans to put their own soldiers right on the border of Angola and wipe the Portuguese out of there overnight.

So that if the Congo falls, Mozambique and Angola must fall. And when they fall, suddenly you have to deal with Ian Smith. He won't be there overnight once you can put some troops on his borders. Oh yes. Which means it will only be a matter of time before they will be right on the border with South Africa, and then they can talk the type of language that the South Africans understand. And this is the only language that they understand.

I might point out right here and now—and I say it bluntly—that you have had a generation of Africans who actually have believed that they could negotiate, negotiate, negotiate, and eventually get some kind of independence. But you're getting a new generation that is being born right now, and they are beginning to think with their own mind and see that you can't negotiate upon freedom nowadays. If something is yours by right, then you fight for it or shut up. If you can't fight for it, then forget it.

So we in the West have a stake in the African revolution. We have a stake for this reason: as long as the African continent was dominated by enemies, and as long as it was dominated by colonial powers, those colonial powers were enemies of the African people. They were enemies to the African continent. They meant the African people no good, they did the African people no good, they did the African continent no good.

And then in the position that they were, they were the ones who created the image of the African continent and the African people. They created that continent and those people in a negative image. And they projected this negative image abroad. They projected an image of Africa in the people abroad that was very hateful, extremely hateful. And because it was hateful, there are over a hundred million of us of African heritage in the West who looked at that hateful image and didn't want to be identified with it. We shunned it, and not because it was something to be shunned. But we believed the image that had been created of our own homeland by the enemy of our own homeland. And in hating that image we ended up hating ourselves without even realizing it.

Why? Because once we in the West were made to hate Africa and hate the African, why, the chain-reaction effect was it had to make us end up hating ourselves. You can't hate the roots of the tree without hating the tree, without ending up hating the tree. You can't hate your origin without ending up hating yourself. You can't hate the land, your motherland, the place that you came from, and we can't hate Africa without ending up hating ourselves.

The Black man in the Western Hemisphere—in North America, Central America, South America, and in the Caribbean—is the best example of how one can be made, skillfully, to hate himself that you can find anywhere on this earth.

The reason you're having a problem with the West Indians right now is because they hate their origin. Because they don't want to accept their origin, they have no origin, they have no identity. They are running around here in search of an identity, and instead of trying to be what they are, they want to be Englishmen. Which is not their fault, actually. Because in America our people are trying to be Americans, and in the islands you got them trying to be Englishmen, and nothing sounds more obnoxious than to find somebody from Jamaica running around here trying to outdo the Englishman with his Englishness.

And I say that this is a very serious problem, because all of it stems from what the Western powers do to the image of the African continent and the African people. By making our people in the Western Hemisphere hate

Africa, we ended up hating ourselves. We hated our African characteristics. We hated our African identity. We hated our African features. So much so that you would find those of us in the West who would hate the shape of our nose. We would hate the shape of our lips. We would hate the color of our skin and the texture of our hair. This was a reaction, but we didn't realize that it was a reaction.

Imagine now, somebody got nerve enough, some whites have the audacity to refer to me as a hate teacher. If I'm teaching someone to hate, I teach them to hate the Ku Klux Klan. But here in America, they have taught us to hate ourselves. To hate our skin, hate our hair, hate our features, hate our blood, hate what we are. Why, Uncle Sam is a master hate teacher, so much so that he makes somebody think he's teaching love, when he's teaching hate. When you make a man hate himself, why you really got it and gone.

By skillfully making us hate Africa and, in turn, making us hate ourselves, hate our color and our blood, our color became a chain. Our color became to us a chain. It became a prison. It became something that was a shame, something that we felt held us back, kept us trapped.

So because we felt that our color had trapped us, had imprisoned us, had brought us down, we ended up hating the Black skin, which we felt was holding us back. We ended up hating the Black blood, which we felt was holding us back. This is the problem that the Black man in the West has had.

The African hasn't realized that this was the problem. And it was only as long as the African himself was held in bondage by the colonial powers, was kept from projecting any positive image of himself on our continent, something that we could look at proudly and then identify with—it was only as long as the African himself was kept down that we were kept down.

But to the same degree, during these recent years, that the African people have become independent, and they have gotten in a position on that continent to project their own image, their image has shifted from negative to positive. And to the same degree that it has shifted from negative to positive, you'll find that the image of the Black man in the West of himself has also shifted from negative to positive. To the same degree that the African has become uncompromising and militant in knowing what he wants, you will find that the Black man in the West has followed the same line.

Why? Because the same beat, the same heart, the same pulse that moves the Black man on the African continent—despite the fact that four hundred years have separated us from that mother continent, and an ocean of water has separated us from that mother continent— still, the same pulse that beats in the Black man on the African continent today is beating in the heart of the Black man in North America, Central America, South America, and in the Caribbean. Many of them don't know it, but it's true.

As long as we hated our African blood, our African skin, our Africanness, we ended up feeling inferior, we felt inadequate, and we felt helpless. And because we felt so inferior and so inadequate and so helpless, instead of trying to stand on our own feet and do something for ourselves, we turned to the white man, thinking he was the only one who could do it for us. Because we were taught, we have been taught, that he was the personification of beauty and the personification of success.

At the Bandung Conference in 1955, one of the first and best steps toward real independence for non-white people took place. The people of Africa and Asia and Latin America were able to get together. They sat down, they realized that they had differences. They agreed not to place any emphasis any longer upon these differences, but to submerge the areas of differences and place emphasis upon areas where they had something in common.

This agreement that was reached at Bandung produced the spirit of Bandung. So that the people who were oppressed, who had no jet planes, no nuclear weapons, no armies, no navies—and despite the fact that they didn't have this, their unity alone was sufficient to enable them, over a period of years, to maneuver and make it possible for other nations in Asia to become independent, and many more nations in Africa to become independent.

And by 1959, many of you will recall how colonialism on the African continent had already begun to collapse. It began to collapse because the spirit of African nationalism had been fanned from a spark to a roaring flame. And it made it impossible for the colonial powers to stay there by force. Formerly, when the Africans were fearful, the colonial powers could come up with a battleship, or threaten to land an army, or something like that, and the oppressed people would submit and go ahead being colonized for a while longer.

But by 1959 all of the fear had left the African continent and the Asian continent. And because this fear was gone, especially in regards to the colonial powers of Europe, it made it impossible for them to continue to stay in there by the same methods that they had employed up to that time.

So it's just like when a person is playing football. If he has the ball and he gets trapped, he doesn't throw the ball away, he passes it to some of his teammates who are in the clear. And in 1959, when France and Britain and Belgium and some of the others saw that they were trapped by the African nationalism on that continent, instead of throwing the ball of colonialism away, they passed it to the only one of their team that was in the clear—and that was Uncle Sam. Uncle Sam grabbed the ball and has been running with it ever since.

The one who picked it up, really, was John F. Kennedy. He was the shrewdest backfield runner that America has produced in a long time—oh yes he was. He was very tricky; he was intelligent; he was an intellectual; he surrounded himself with intellectuals who had a lot of foresight and a lot of cunning. The first thing they did was to give a reanalysis of the problem. They realized they were confronted with a new problem.

The newness of the problem was created by the fact that the Africans had lost all fear. There was no fear in them anymore. Therefore the colonial powers couldn't stay there by force, and America, the new colonial power, neocolonial power, or neo-imperialist power, also couldn't stay there by force. So they come up with a "friendly" approach, a new approach which was friendly. Benevolent colonialism or philanthropic imperialism. They called it humanitarianism, or dollarism. And whereas the Africans could fight against colonialism, they found it difficult to fight against dollarism, or to condemn dollarism. It was all a token friendship, and all of the so called benefits that were offered to the African countries were nothing but tokens.

But from '54 to '64 was the era of an emerging Africa, an independent Africa. And the impact of those independent African nations upon the civil rights struggle in the United States was tremendous. Number one, one of the first things the African revolution produced was rapid growth in a movement called the Black Muslim movement. The militancy that existed on the African continent was one of the main motivating factors in the rapid growth of the group known as the Black Muslim movement, to which I belonged. And the Black Muslim movement was one of the main ingredients in the entire civil rights struggle.

Martin Luther King has held Negroes in check up to recently. But he's losing his grip, he's losing his influence, he's losing his control.

I know you don't want me to say that. But, see, this is why you're in trouble.

You want somebody to come and tell you that your house is safe, while you're sitting on a powder keg. This is the mentality, this is the level of Western mentality today. Rather than face up to the facts concerning the danger that you're in, you would rather have someone come along and jive you and tell

you that everything is all right and pack you to sleep. Why, the best thing that anybody can tell you is when they let you know how fed up with disillusionment and frustration the man in your house has become.

So to bring my talk to a conclusion, I must point out that just as John F. Kennedy realized the necessity of a new approach on the African problem—and I must say that it was during his administration that the United States gained so much influence on the African continent. They removed the other colonial powers and stepped in themselves with their benevolent, philanthropic, friendly approach. And they got just as firm a grip on countries on that continent as some of the colonial powers formerly had on that continent. Not only on the African continent but in Asia too. They did it with dollars.

They used a new approach on us in the States, also. Friendly. Whereas formerly they just outright denied us certain rights, they began to use a new, tricky approach. And this approach was to make it appear that they were making moves to solve our problems. They would pass bills, they would come up with Supreme Court decisions. The Supreme Court came up with what they called a desegregation decision in 1954—it hasn't been implemented yet; they can't even implement it in New York City, where I live—outlawing the segregated school system, supposedly to eliminate segregated schooling in Mississippi and Alabama and other places in the South. And they haven't even been able to implement this Supreme Court decision concerning the educational system in New York City and in Boston and some of the so-called liberal cities of the North.

This was all tokenism. They made the world think that they had desegregated the University of Mississippi. This shows you how deceitful they are. They took one Negro, named Meredith, and took all of the world press down to show that they were going to solve the problem by putting Meredith in the University of Mississippi. I think it cost them something like \$15 million and they had to use about seven thousand troops—one or the other—to put one Black man in the University of Mississippi.

And then Look magazine came out with a story afterwards showing the exposé where the attorney general—at that time Robert Kennedy—had made a deal with Governor Barnett. They were going to play a game on the Negro. Barnett was the racist governor from Mississippi. Kennedy was one of these shining liberal progressives—Robert, that is. And they had made a deal, according to Look magazine—which all belongs to the same setup, so they must know what they are talking about. Look magazine said that Robert Kennedy had told Barnett, “Now, since you want the white votes in the South, what you do is you stand in the doorway and pretend like you're going to keep Meredith out. And when I come, I'm going to come with the marshals, and force Meredith in. So you'll keep all the white votes in the South, and I'll get all the Negro votes in the North.”

This is what we face in that country. And Kennedy is supposed to be a liberal. He's supposed to be a friend of the Negro. He's supposed to be the brother of John F. Kennedy—all of them in the same family. You know, he being the attorney general, he couldn't go down with that kind of deal unless he had the permission of his older brother, who was his older brother at that time.

So they come up only with tokenism. And this tokenism that they give us benefits only a few. A few handpicked Negroes gain from this; a few handpicked Negroes get good jobs; a few handpicked Negroes get good homes or go to a decent school. And then they use these handpicked Negroes, they put 'em on television, blow 'em up, and make it look like you got a whole lot of 'em, when you only got one or two.

And this one or two is going to open up his mouth and talk about how the problem is being solved. And the whole world thinks that America's race problem is being solved, when actually the masses of Black people in America are still living in the ghettos and the slums; they still are the victims of inferior housing; they are still the victims of a segregated school system, which gives them inferior education. They are still victims, after they get that inferior education, where they can only get the worst form of jobs.

And they do this very skillfully to keep us trapped. They know that as long as they keep us undereducated, or with an inferior education, it's impossible for us to compete with them for job openings. And as long as we can't compete with them and get a decent job, we're trapped. We are low-wage earners. We have to live in a run-down neighborhood, which means our children go to inferior schools. They get inferior education. And when they grow up, they fall right into the same cycle again.

This is the American way. This is the American democracy that she tries to sell to the whole world as being that which will solve the problems of other people too. It's the worst form of hypocrisy that has ever been practiced by any government or society anywhere on this earth, since the beginning of time.

It is the African revolution that produced the Black Muslim movement. It was the Black Muslim movement that pushed the civil rights movement. And it was the civil rights movement that pushed the liberals out into the open, where today they are exposed as people who have no more concern for the rights of dark-skinned humanity than they do for any other form of humanity.

To bring my talk to a conclusion, all of this created a hot climate, a hot climate. And from 1963, '64 it reached its peak. Nineteen sixty-three was started out in America by all of the politicians talking about this being the hundredth year since the Emancipation Proclamation. They were going to celebrate all over America "a century of progress in race relations." This is the way January and February and March of 1963 started out.

And then Martin Luther King went into Birmingham, Alabama, just trying to get a few Negroes to be able to sit down at a lunch counter and drink an integrated cup of coffee. That's all he wanted. That's all he wanted. They ended up putting him in jail. They ended up putting thousands of Negroes in jail. And many of you saw on television, in Birmingham, how the police had these big vicious dogs biting Black people. They were crushing the skulls of Black people. They had water hoses turned on our women, stripping off the clothes from our own women, from our children.

And the world saw this. The world saw what the world had thought was going to be a year which would celebrate a hundred years of progress toward good race relations between white and Black in the United States—they saw one of the most inhuman, savage displays there in that country. Right after that, this was followed by the assassination of John F. Kennedy, all by the same problem, and Medgar Evers, another one by the same problem. And it ended in the bombing of a church in Alabama where four little girls, Christians, sitting in Sunday school, singing about Jesus, were blown apart by people who claim to be Christians. And this happened

in the year 1963, the year that they said in that country would mark a hundred years of good relations between the races.

By 1964...1964 was the year in which three civil rights workers, who were doing nothing other than trying to show Black people in Mississippi how to register and take advantage of their political potential—they were murdered in cold blood. They weren't murdered by some unknown element. They were murdered by an organized group of criminals known as the Ku Klux Klan, which was headed by the sheriff and his deputy and a clergyman. A preacher, a man of the cloth, was responsible for the murder. And when they tell you what was done to the body of that little Black one that they found—all three were murdered, but when they found the three bodies they said that every bone in the body of the Black one was broken, as if these brutes had gone insane while they were beating him to death. This was in 1964.

Now 1965 is here, and you got these same old people, jumping up talking about the "Great Society" now is coming into existence. Nineteen sixty-five will be the longest and the hottest and the bloodiest year that has yet been witnessed in the United States. Why? I'm not saying this to advocate violence. I'm saying this after a careful analysis of the ingredients—the sociological, political dynamite that exists in every Black community in that country.

Africa is emerging. It's making the Black man in the Western Hemisphere militant. It's making him shift from negative to positive in his image of himself and in his confidence in himself. He sees himself as a new man. He's beginning to identify himself with new forces. Whereas in the past he thought of his problem as one of civil rights—which made it a domestic issue, which kept it confined to the jurisdiction of the United States, a jurisdiction in which he could only seek the aid of white liberals within continental United States—today the Black man in the Western Hemisphere, especially in the United States, is beginning to see where his problem is not one of civil rights, but it is rather one of human rights. And that in the human rights context it becomes an international issue. It ceases to be a Negro problem, it ceases to be an American problem. It becomes a human problem, a problem of human rights, a problem of humanity, a problem for the world.

And by shifting his entire position from civil rights to human rights, he puts it on the world stage and makes it possible where today he no more has to rely on only the white liberals within continental United States to be his supporters. But he brings it onto the world stage and makes it possible for all of our African brothers, our Asian brothers, our Latin American brothers, and those people in Europe, some of whom claim to mean right, also to step into the picture and do whatever is necessary to help us to see that our rights are guaranteed us—not sometime in the long future, but almost immediately.

So the basic difference between the struggle of the Black man in the Western Hemisphere today from the past: he has a new sense of identity; he has a new sense of dignity; he has a new sense of urgency.

And above all else, he sees now that he has allies. He sees that the brothers on the African continent, who have emerged and gotten independent states, can see that they have an obligation to the lost brother who went astray and then found himself today in a foreign land. They are obligated. They are just as obligated to the brother who's gone away as they are to the brother who's still at home.

And just as you see the oppressed people all over the world today getting together, the Black people in the West are also seeing that they are oppressed. Instead of just calling themselves an oppressed minority in the States, they are part of the oppressed masses of people all over the world today who are crying out for action against the common oppressor.

Thank you.

After the Firebombing (Feb. 14, 1965)

Distinguished guests, brothers and sisters, ladies and gentlemen, friends and enemies:

I want to point out first that I am very happy to be here this evening and I'm thankful for the invitation to come here to Detroit this evening. I was in a house last night that was bombed, my own. It didn't destroy all my clothes, not all, but you know what happens when fire dashes through—they get smoky. The only thing I could get my hands on before leaving was what I have on now.

It isn't something that made me lose confidence in what I am doing, because my wife understands and I have children from this size on down, and even in their young age they understand. I think they would rather have a father or brother or whatever the situation may be who will take a stand in the face of any kind of reaction from narrow-minded people rather than to compromise and later on have to grow up in shame and in disgrace.

So I just ask you to excuse my appearance. I don't normally come out in front of people without a shirt and a tie. I guess that's somewhat a holdover from the Black Muslim movement, which I was in. That's one of the good aspects of that movement. It teaches you to be very careful and conscious of how you look, which is a positive contribution on their part. But that positive contribution on their part is greatly offset by too many other liabilities.

Tonight we want to discuss—and by the way, also, when I came here today I was a bit—last night, the temperature was about twenty above and when this explosion took place, I was caught in what I had on, some pajamas. And in trying to get my family out of the house, none of us stopped for any clothes at that point—twenty-degree cold. I myself was—I had gotten them into the house of the neighbor next door. So I thought perhaps being in that condition for so long I would get pneumonia or a cold or something like that, so a doctor came today—a nice doctor too—and he shot something in my arm that naturally put me to sleep. I've been back there asleep ever since the program started in order to get back in shape. So if I have a tendency to stutter or slow down, it's still the effects of that drug. I don't know what kind it was, but it was good; it makes you sleep, and there's nothing like sleeping through a whole lot of excitement.

Tonight one of the things that has to be stressed is that which has not only the United States very much worried but which also has France, Great Britain, and most of the powers, who formerly were known as colonial powers, worried also, and that primarily is the African revolution. They are more concerned with the revolution that's taking place on the African continent than they are with the revolution in Asia and in Latin America. And this is because there are so many people of African ancestry within the domestic confines or jurisdiction of these various governments.

There are four different types of people in the Western Hemisphere, all of whom have Africa as a common heritage, common origin, and that's the—those of our people in Latin America, who are Black, but who are in the Spanish-speaking areas. Many of them oftentimes migrate back to Spain, the only difference being Spain has such bad economic conditions until many of the people from Latin America don't think it's worthwhile to migrate back there. And then the British and the French had a great deal of control in the Caribbean, in the West Indies. And so now you have many people from the West Indies migrating to both London—rather both England and France. The people from the British West Indies go to London, and those from the French West Indies go to Paris. And it has put France and England since World War II in the precarious position of having a sort of a commonwealth structure that makes it easy for all of the people in the commonwealth territories to come into their country with no restrictions. So there's an increasing number of dark-skinned people in England and also in France.

When I was in Africa in May, I noticed a tendency on the part of the Afro-Americans to, what I call lollygag. Everybody else who was over there had something on the ball, something they were doing, something constructive. For instance, in Ghana, just to take Ghana as an example. There would be many refugees in Ghana from South Africa. But those who were in Ghana were organized and were serving as pressure groups, some were training for military—some were being trained in how to be soldiers, but others were involved as a pressure group or lobby group to let the people of Ghana never forget what's happening to the brother in South Africa. Also you'd have brothers there from Angola and Mozambique. But all of the Africans who were exiles from their particular country and would be in a place like Ghana or Tanganyika, now Tanzania, they would be training. Their every move would still be designed to offset what was happening to their people back home where they had left.

The only difference on the continent was the American Negro. Those who were over there weren't even thinking about these over here. This was the basic difference. The Africans, when they escaped from their respective countries that were still colonized, they didn't try and run away from the problem. But as soon as they got where they were going, they then began to organize into pressure groups to get governmental support at the international level against the injustices they were experiencing back home.

And as I said, the American Negro, or the Afro-American, who was in these various countries, some working for this government, some working for that government, some just in business—they were just socializing, they had turned their back on the cause over here, they were partying, you know.

And when I went through one country in particular, I heard a lot of their complaints and I didn't make any move on them.

But when I got to another country, I found the Afro-Americans there were making the same complaints. So we sat down and talked and we organized a branch in this particular country, a branch of the OAAU, Organization of Afro-American Unity. That one was the only one in existence at that time. Then during the summer, when I went back to Africa, I was able in each country that I visited, to get the Afro-American community together and organize them and make them aware of their responsibility to those of us who are still here in the lion's den.

They began to do this quite well, and when I got to Paris and London—there are many Afro-Americans in Paris, and many in London. And in December—no, November—we organized a group in Paris and just within a very short time they had grown into a well-organized unit. And they, in conjunction with the African community, invited me to Paris, Tuesday, to address a large gathering of Parisians and Afro-Americans and people from the Caribbean and also from Africa who were interested in our struggle in this country and the rate of progress that we have been making.

But since the French government and the British government and this government here, the United States, know that I have been almost fanatically stressing the importance of the Afro-American uniting with the African and working as a coalition, especially in areas which are of mutual benefit to all of us. And the governments in these different places were frightened because they know that the Black revolution that's taking place on the outside of their house.

And I might point out right here that colonialism or imperialism, as the slave system of the West is called, is not something that's just confined to England or France or the United States. But the interests in this country are in cahoots with the interests in France and the interests in Britain. It's one huge complex or combine, and it creates what's known as not the American power structure or the French power structure, but it's an international power structure. And this international power structure is used to suppress the masses of dark-skinned people all over the world and exploit them of their natural resources.

So that the era in which you and I have been living during the past ten years most specifically has witnessed the upsurge on the part of the Black man in Africa against the power structure. He wants his freedom.

Now, mind you, the power structure is international, and as such, its own domestic base is in London, in Paris, in Washington, D.C., and so forth. And the outside or external phase of the revolution, which is manifest in the attitude and action of the Africans today is troublesome enough. The revolution on the outside of the house, or the outside of the structure, is troublesome enough. But now the powers that be are beginning to see that this struggle on the outside by the Black man is affecting, infecting the Black man who is on the inside of that structure. I hope you understand what I'm trying to say.

The newly awakened people all over the world pose a problem for what's known as Western interests, which is imperialism, colonialism, racism, and all these other negative -isms or vulturistic -isms. Just as the external forces pose a grave threat, they can now see that the internal forces pose an even greater threat. But the internal forces pose an even greater threat only when they have properly analyzed the situation and know what the stakes really are.

Just by advocating a coalition of Africans, Afro-Americans, Arabs, and Asians who live within the structure, it automatically has upset France, which is supposed to be one of the most liberal—heh!—countries on earth, and it made them expose their hand. England the same way. And I don't have to tell you about this country that we are living in now.

So when you count the number of dark-skinned people in the Western Hemisphere you can see that there are probably over 100 million. When you consider Brazil has two-thirds what we call colored, or nonwhite, and Venezuela, Honduras and other Central American countries, Cuba and Jamaica, and the United States and even Canada—when you total all these people up, you have probably over 100 million.

And this 100 million on the inside of the power structure today is what is causing a great deal of concern for the power structure itself.

Not a great deal of concern for all white people, but a great deal of concern for most white people. See, if I said “all white people” then they would call me a racist for giving a blanket condemnation of things.

And this is true; this is how they do it. They take one little word out of what you say, ignore all the rest, and then begin to magnify it all over the world to make you look like what you actually aren't. And I'm very used to that.

So we saw that the first thing to do was to unite our people, not only unite us internally, but we have to be united with our brothers and sisters abroad. It was for that purpose that I spent five months in the Middle East and Africa during the summer. The trip was very enlightening, inspiring, and fruitful. I didn't go into any African country, or any country in the Middle East for that matter, and run into any closed door, closed mind, or closed heart. I found a warm reception and an amazingly deep interest and sympathy for the Black man in this country in regards to our struggle for human rights.

While I was traveling, I had a chance to speak in Cairo, or rather Alexandria, with President Nasser for about an hour and a half. He's a very brilliant man. And I can see why they're so afraid of him, and they are afraid of him—they know he can cut off their oil. And actually the only thing power respects is power. Whenever you find a man who's in a position to show power against power then that man is respected. But you can take a man who has power and love him all the rest of your life, nonviolently and forgivingly and all the rest of those oft-time things, and you won't get anything out of it.

So I also had a chance to speak to President Nyerere in Tanganyika, which is now Tanzania, and also Kenyatta—I know that all of you know him. He was the head of the Mau Mau, which really brought freedom to many of the African countries. This is true. The Mau Mau played a major role in bringing about freedom for Kenya, and not only for Kenya but other African countries. Because what the Mau Mau did frightened the white man so much in other countries until he said, “Well I better get this thing straight before some of them pop up here.” This is good to study because you see what makes him react: Nothing loving makes him react, nothing forgiving makes him react. The only time he reacts is when he knows you can hurt him, and when you let him know you can hurt him he has to think two or three times before he tries to hurt you. But if you're not going to do nothing but return that hurt with love—why good night! He knows you're out of your mind.

And also I had an opportunity to speak with President Azikiwe in Nigeria, President Nkrumah in Ghana, and President Sekou Toure in Guinea. And in all of these people I found nothing but warmth, friendship, sympathy, and a desire to help the Black man in this country in fighting our problem. And we have a very complex problem.

Now I hope you'll forgive me for just speaking so informally tonight, but I frankly think it's always better to be informal. As far as I am concerned, I can speak to people better in an informal way than I can with all of this stiff formality that ends up meaning nothing. Plus, when people are informal, they're relaxed. When they're relaxed, their mind is more open, and they can weigh things more objectively. Whenever you and I are discussing our problems we need to be very objective, very cool, calm, collected. But that doesn't mean we should always be. There's a time to be cool and a time to be hot. See, you got messed up into thinking that there's only one time for everything. There's a time to love and a time to hate. Even Solomon said that, and he was in that Book too. You're just taking something out of the Book that fits your cowardly nature. And when you don't want to fight, you say, “Well, Jesus said don't fight.” But I don't even believe Jesus said that.

Also, I am very pleased to see so many who have come out to always see for yourself, where you can hear for yourself, and then think for yourself. Then you'll be in a better position to make an intelligent judgment for yourself. But if you form the habit of listening to what others say about something or

someone or reading what someone else has written about someone, somebody can confuse you and misuse you. So as Afro-Americans or Black people here in the Western Hemisphere, you and I have to learn to weigh things for ourselves. No matter what the man says, you better look into it.

And a good example of why it's so important to look into things for yourself: I was on a plane between Algiers and Geneva and it just happened that two other Americans were sitting in the two seats next to me. None of us knew each other and the other two were white, one a male, the other a female. And after we had been flying along for about forty minutes, the lady, she says, "Could I ask you a personal question?"

I said, "Yes." She said, "Well--" she had been looking at my briefcase, and she said, "Well, what does that X--" she says, "What kind of last name could you have that begins with X?" So, I said, "That's it - X." And she said, "Well, what does the 'M' stand for?" I said, "Malcolm." So, she was quiet for about ten minutes, and she turned to me and she says, "You're not Malcolm X?"

You see, we had been riding along in a nice conversation like three human beings, you know, no hostility, no animosity, just human. And she couldn't take this, she said, "Well you're not who I was looking for," you know. And she ended up telling me that she was looking for horns and all that, and for someone who was out to kill all white people, as if all white people could be killed. This was her general attitude, and this attitude had been given her—this image had been given her by the press.

So, before I get involved in anything nowadays, I have to straighten out my own position, which is clear. I am not a racist in any form whatsoever. I don't believe in any form of racism. I don't believe in any form of discrimination or segregation. I believe in Islam. I am a Muslim. And there's nothing wrong with being a Muslim, nothing wrong with the religion of Islam. It just teaches us to believe in Allah as the God. Those of you who are Christians probably believe in the same God, because I think you believe in the God who created the universe. That's the One we believe in, the one who created the universe, the only difference being you call Him God and I—we call Him Allah. The Jews call him Jehovah. If you could understand Hebrew, you'd probably call him Jehovah too. If you could understand Arabic, you'd probably call him Allah.

But since the white man, your "friend," took your language away from you during slavery, the only language you know is his language. You know, your friend's language. So, you call for the same God he calls for. When he's putting a rope around your neck, you call for God and he calls for God. And you wonder why the one you call on never answers you.

So that once you realize that I believe in the Supreme Being who created the universe, and believe in him as being one—I also have been taught in Islam that one God only has one religion, and that religion is called Islam, and all of the prophets who came forth taught that religion—Abraham, Moses, Jesus, Mohammed, all of them. And by believing in one God and one religion and all of the prophets, it creates unity. There's no room for argument, no need for us to be arguing with each other.

And also, in that religion, of the real religion of Islam—when I was in the

Black Muslim movement, I wasn't—they didn't have the real religion of

Islam in that movement. It was something else. And the real religion of Islam doesn't teach anyone to judge another human being by the color of his skin. The yardstick that is used by the Muslim to measure another man is not the man's color but the man's deeds, the man's conscious behavior, the man's intentions. And when you use that as a standard of measurement or judgment, you never go wrong.

But when you just judge a man because of the color of his skin, then you're committing a crime, because that's the worst kind of judgment. If you judged him just because he was a Jew, that's not as bad as judging him because he's Black. Because a Jew can hide his religion. He can say he's something else—and which a lot of them do that, they say they're something else. But the Black man can't hide. When

they start indicting us because of our color that means we're indicted before we're born, which is the worst kind of crime that can be committed. The Muslim religion has eliminated all tendencies to judge a man according to the color of his skin, but rather the judgment is based upon his deeds.

And when, prior to going into the Muslim world, I didn't have any—Elijah Muhammad had taught us that the white man could not enter into Mecca in Arabia, and all of us who followed him, we believed it. And he said the reason he couldn't enter was because he's white and inherently evil, it's impossible to change him. And the only thing that would change him is Islam, and he can't accept Islam because by nature he's evil. And therefore by not being able to accept Islam and become a Muslim, he could never enter Mecca. This is how he taught us, you know.

So when I got over there and went to Mecca and saw these people who were blond and blue-eyed and pale-skinned and all those things, I said, "Well!" But I watched them closely. And I noticed that though they were white, and they would call themselves white, there was a difference between them and the white one over here. And that basic difference was this: in Asia or the Arab world or in Africa, where the Muslims are, if you find one who says he's white, all he's doing is using an adjective to describe something that's incidental about him, one of his incidental characteristics; so there's nothing else to it, he's just white.

But when you get the white man over here in America and he says he's white, he means something else. You can listen to the sound of his voice— when he says he's white, he means he's a boss. That's right. That's what "white" means in this language. You know the expression, "free, white, and twenty-one." He made that up. He's letting you know all of them mean the same. "White" means free, boss. He's up there. So that when he says he's white he has a little different sound in his voice. I know you know what I'm talking about.

This was what I saw was missing in the Muslim world. If they said they were white, it was incidental. White, black, brown, red, yellow, doesn't make any difference what color you are. So this was the religion that I had accepted and had gone there to get a better knowledge of it.

But despite the fact that I saw that Islam was a religion of brotherhood, I also had to face reality. And when I got back into this American society, I'm not in a society that practices brotherhood. I'm in a society that might preach it on Sunday, but they don't practice it on no day—on any day. And so, since I could see that America itself is a society where there is no brotherhood and that this society is controlled primarily by racists and segregationists—and it is—who are in Washington, D.C., in positions of power. And from Washington, D.C., they exercise the same forms of brutal oppression against dark-skinned people in South and North Vietnam, or in the Congo, or in Cuba, or in any other place on this earth where they're trying to exploit and oppress. This is a society whose government doesn't hesitate to inflict the most brutal form of punishment and oppression upon dark-skinned people all over the world.

To wit, right now what's going on in and around Saigon and Hanoi and in the Congo and elsewhere. They are violent when their interests are at stake. But all of that violence that they display at the international level, when you and I want just a little bit of freedom, we're supposed to be nonviolent. They're violent. They're violent in Korea, they're violent in Germany, they're violent in the South Pacific, they're violent in Cuba, they're violent wherever they go. But when it comes time for you and me to protect ourselves against lynchings, they tell us to be nonviolent.

That's a shame. Because we get tricked into being nonviolent, and when somebody stands up and talks like I just did, they say, "Why, he's advocating violence!" Isn't that what they say? Every time you pick up your newspaper, you see where one of these things has written into it that I'm advocating violence. I have never advocated any violence. I've only said that Black people who are the victims of organized violence perpetrated upon us by the Klan, the Citizens' Council, and many other forms, we should defend ourselves. And when I say that we should defend ourselves against the violence of others, they use their press skillfully to make the world think that I'm calling on violence, period. I wouldn't call on

anybody to be violent without a cause. But I think the Black man in this country, above and beyond people all over the world, will be more justified when he stands up and starts to protect himself, no matter how many necks he has to break and heads he has to crack.

I saw in the paper where they—on the television where they took this Black woman down in Selma, Alabama, and knocked her right down on the ground, dragging her down the street. You saw it, you're trying to pretend like you didn't see it 'cause you knew you should've done something about it and didn't. It showed the sheriff and his henchmen throwing this Black woman on the ground—on the ground.

And Negro men standing around doing nothing about it saying, "Well, let's overcome them with our capacity to love." What kind of phrase is that? "Overcome them with our capacity to love." And then it disgraces the rest of us, because all over the world the picture is splashed showing a Black woman with some white brutes, with their knees on her holding her down, and full-grown Black men standing around watching it. Why, you are lucky they let you stay on earth, much less stay in the country.

When I saw it I dispatched a wire to Rockwell; Rockwell was one of the agitators down there, Rockwell, this Lincoln Rockwell. And the wire said in essence that this is to warn him that I am no longer held in check from fighting white supremacists by Elijah Muhammad's separatist Black Muslim movement. And that if Rockwell's presence in Alabama causes harm to come to Dr. King or any other Black person in Alabama who's doing nothing other than trying to enjoy their rights, then Rockwell and his Ku Klux Klan friends would be met with maximum retaliation from those of us who are not handcuffed by this nonviolent philosophy. And I haven't heard from Rockwell since.

Brothers and sisters, if you and I would just realize that once we learn to talk the language that they understand, they will then get the point. You can't ever reach a man if you don't speak his language. If a man speaks the language of brute force, you can't come to him with peace. Why, good night! He'll break you in two, as he has been doing all along. If a man speaks French, you can't speak to him in German. If he speaks Swahili, you can't communicate with him in Chinese. You have to find out what does this man speak. And once you know his language, learn how to speak his language, and he'll get the point. There'll be some dialogue, some communication, and some understanding will be developed.

You've been in this country long enough to know the language the Klan speaks. They only know one language. And what you and I have to start doing in 1965—I mean that's what you have to do, because most of us already been doing it—is start learning a new language. Learn the language that they understand. And then when they come up on our doorstep to talk, we can talk. And they will get the point. There'll be a dialogue, there'll be some communication, and I'm quite certain there will then be some understanding. Why? Because the Klan is a cowardly outfit. They have perfected the art of making Negroes be afraid. As long as the Negro's afraid, the Klan is safe. But the Klan itself is cowardly. One of them will never come after one of you. They all come together. Sure, and they're scared of you.

And you sit there when they're putting the rope around your neck saying, "Forgive them, Lord, they know not what they do." As long as they've been doing it, they're experts at it, they know what they're doing!

No, since the federal government has shown that it isn't going to do anything about it but talk, it is a duty, it's your and my duty as men, as human beings, it is our duty to our people, to organize ourselves and let the government know that if they don't stop that Klan, we'll stop it ourselves. And then you'll see the government start doing something about it. But don't ever think that they're going to do it just on some kind of morality basis, no. So I don't believe in violence—that's why I want to stop it. And you can't stop it with love, not love of those things down there, no. So, we only mean vigorous action in self-defense, and that vigorous action we feel we're justified in initiating by any means necessary.

Now, the press, behind something like that, they call us racist and people who are "violent in reverse." This is how they psyche you. They make you think that if you try to stop the Klan from lynching you,

you're practicing "violence in reverse." Pick up on this, I hear a lot of you all parrot what the man says. You say, "I don't want to be a Ku Klux Klan in reverse." Well, you—heh!—if a criminal comes around your house with his gun, brother, just because he's got a gun and he's robbing your house, brother, and he's a robber, it doesn't make you a robber because you grab your gun and run him out. No, see, the man is using some tricky logic on you. And he has absolutely got a Ku Klux Klan outfit that goes through the country frightening black people. Now, I say it is time for black people to put together the type of action, the unity, that is necessary to pull the sheet off of them so they won't be frightening black people any longer. That's all. And when we say this, the press calls us "racist in reverse."

"Don't struggle—only within the ground rules that the people you're struggling against have laid down." Why, this is insane. But it shows you how they can do it. With skillful manipulating of the press, they're able to make the victim look like the criminal, and the criminal look like the victim.

Right now in New York we had a couple cases where police grabbed the brother and beat him unmercifully—and then charged him with assaulting them. They used the press to make it look like he's the criminal and they're the victim. This is how they do it, and if you study how they do it there, then you'll know how they do it over here. It's the same game going all the time, and if you and I don't awaken and see what this man is doing to us, then it'll be too late. They may have the gas ovens already built before you realize that they're hot.

One of the shrewd ways that they use the press to project us in the eye or image of a criminal: they take statistics. And with the press they feed these statistics to the public, primarily the white public. Because there are some well-meaning persons in the white public as well as bad-meaning persons in the white public. And whatever the government is going to do, it always wants the public on its side, whether it's the local government, state government, federal government. So they use the press to create images. And at the local level, they'll create an image by feeding statistics to the press—through the press showing the high crime rate in the Negro community. As soon as this high crime rate is emphasized through the press, then people begin to look upon the Negro community as a community of criminals.

And then any Negro in the community can be stopped in the street. "Put your hands up," and they pat you down. You might be a doctor, a lawyer, a preacher, or some other kind of Uncle Tom. But despite your professional standing, you'll find that you're the same victim as the man who's in the alley. Just because you're Black and you live in a Black community, which has been projected as a community of criminals. This is done. And once the public accepts this image also, it paves the way for a police-state type of activity in the Negro community. They can use any kind of brutal methods to suppress Blacks because "they're criminals anyway." And what has given this image? The press again, by letting the power structure or the racist element in the power structure use them in that way.

A very good example was the riots that took place here during the summer: I was in Africa, I read about them over there. If you'll notice, they referred to the rioters as vandals, hoodlums, thieves. They tried to make it appear that this wasn't—they tried to make it—and they did this, they skillfully took the burden off the society for its failure to correct these negative conditions in the Black community. It took the burden completely off the society and put it right on the community by using the press to make it appear that the looting and all of this was proof that the whole act was nothing but vandals and robbers and thieves, who weren't really interested in anything other than that which was negative. And I hear many old, dumb, brainwashed Negroes who parrot the same old party line that the man handed down in his paper.

It was not the case that they were just knocking out store windows ignorantly. In Harlem, for instance, all of the stores are owned by white people, all of the buildings are owned by white people. Black people are just there, paying rent, buying the groceries. But they don't own the stores, clothing stores, food stores, any kind of stores; don't even own the homes that they live in. This is all owned by outsiders. And then these rundown apartment dwellings, the Black man in Harlem pays more money for it than the man down in the rich Park Avenue section. It costs us more money to live in the slum, than it costs

them to live down on Park Avenue. Black people in Harlem know this. And the white merchants charge us more money for food in Harlem—and it's the cheap food, it's the worst food; and we have to pay more money for it than the man has to pay for it downtown. So Black people know that they're being exploited and that their blood is being sucked and they see no way out of it.

So finally, when the thing is sparked, the white man is not there; he's gone. The merchant is not there, the landlord is not there; the one he considers to be the enemy isn't there. So, they knock at his property. This is what makes them knock down the store windows and set fire to things, and things of that sort.

It's not that they're thieves. But they try and project the image to the public that this is being done by thieves, and thieves alone. And they ignore the fact that no, it is not thievery alone. It's a corrupt, vicious, hypocritical system that has castrated the Black man; and the only way the Black man can get back at it is to strike it in the only way he knows how.

They use the press. That doesn't mean that all reporters are bad. Some of them are good...I suppose. But you can take their collective approach to any problem and see that they can always agree when it gets to you and me. They knew that this affair—which is designed to honor outstanding Black Americans, is it not? You'd find nothing in the newspapers to give the slightest hint that this affair was going to take place. Not one hint.

Why? You see, you have many sources of news. If you don't think that they're in cahoots, watch! They're all interested, or none of them are interested. It's not a staggering thing. They're not going to say anything in advance that's being given by any Black people who believe in functioning beyond the scope of the ground rules that are laid down by the "liberal" element of the power structure.

When you begin to start thinking for yourself, you frighten them, and they try and block your getting to the public, for fear that if the public listens to you, then the public won't listen to them anymore. And they've got certain Negroes whom they have to keep blowing up in the papers to make them look like leaders. So that the people will keep on following them, no matter how many knocks they get on their heads following him. This is how the man does it, and if you don't wake up and find out how he does it, I tell you, they'll be building gas chambers and gas ovens pretty soon—I don't mean those kinds you've got at home in your kitchen.

Another example at the international level of how skillfully they use this trickery was in the Congo. In the Congo, airplanes were dropping bombs on African villages. African villages don't have a defense against bombs. And the pilot can't tell who the bomb is being dropped upon. When a bomb hits a village, everything goes. And these pilots, flying planes filled with bombs, dropping these bombs on African villages, were destroying women, were destroying children, were destroying babies. You never heard any outcry over here about that.

And it had started way back in June. They would drop bombs on African villages that would blow that village apart and everything in it—man, woman, child, and baby. No outcry, no sympathy, no support, no concern, because the press didn't project it in such a way that it would be designed to get your sympathy. They know how to put something so that you'll sympathize with it, and they know how to put it, so you'll be against it. I'm telling you, they are masters at it. And if you don't develop the analytical ability to read between the lines in what they're saying, I'm telling you again—they'll be building gas ovens, and before you wake up, you'll be in one of them, just like the Jews ended up in gas ovens over there in Germany. You're in a society that's just as capable of building gas ovens for Black people as Hitler's society was.

This was mass murder in the Congo, of women and children and babies.

But there was no outcry even from the white liberals, even from your "friends." Why? Because they made it appear that it was a humanitarian project. They said that the planes were being flown by "American-trained anti-Castro Cuban pilots." This is propaganda, too. Soon as you hear that it's

American-trained, you say, “Oh that’s all right, that’s us.” And the antiCastro Cubans, “Oh that’s all right too, ‘cause if they’re against Castro, whoever else they’re against that’s good, ‘cause Castro is a monster.” But you see how step-by-step they grab your mind?

And these pilots are hired, their salaries are paid by the United States government. They’re called mercenaries, these pilots are. And a mercenary is not someone who kills you because he’s patriotic. He kills you for blood money, he’s a hired killer. This is what a mercenary means. And they’re able to take these hired killers, put them in American planes, with American bombs, and drop them on African villages, blowing to bits Black men, Black women, Black children, Black babies, and you Black people sitting over here cool like it doesn’t even involve you. You’re a fool. They’ll do it to them today and do it to you tomorrow. Because you and I and they are all the same.

They call it a humanitarian project and that they’re doing it in the name of freedom. And all of this, these glorious terms, are used to pave the way in your mind for what they’re going to do.

Then they take Tshombe. You’ve heard of Tshombe. He’s the worst African that was ever born. The lowest type that was ever born. He’s a murderer himself. He’s the murderer of Lumumba, the former prime minister of—the first and only rightful prime minister of the Congo. He’s an international—he’s a murderer with an international stature as a murderer. Yet the United States government went and got Tshombe in Spain and put him as the head of the Congolese government. This is criminal! Here’s a man who’s a murderer, so the United States takes him, puts him over the Congo, and supports his government with your tax dollars. Now—they hired him to occupy the position as head of state over the Congo—a killer! He is a hired killer himself! His salaries paid by the United States government. And he turns—his first move is to bring in South Africans, who hate everything in sight. He hires those South Africans to come and kill his own Congolese people. And the United States, again, pays their salary.

You know, it’s something to think about. How do you think you would feel right now if some Congolese brothers walked up to you—and they look just like you, don’t think you don’t look Congolese. You look as much Congolese as a Congolese does. They got all kinds of Congolese over there. How would you feel if one of them walked up to you and asked you about what your government is doing in the Congo? I was asked that when I was over there. But they don’t have to come to me like that, ‘cause they know where I stand automatically. And for one time I’m thankful to the press, for letting everybody know where I stand. They—but you have no explanation.

Your tongue stays in your mouth. And then you have to become—you have to go to the extreme to convince them that you don’t go along with what the United States government is doing in the Congo.

And they justify the usage of Tshombe as the present head of state by saying that he’s the only African who can unite—or bring unity to the Congo. Has he brought unity to the Congo? But, see, this is their game! And their real reason for wanting Tshombe there was so that Tshombe could invite them to come in. Now, what African head of state would have dared to invite outside powers? So, they put Tshombe there, and as soon as Tshombe got there he invited them to bring paratroopers from Belgium in the United States’ transport planes to try and recapture Congo.

This is all a cold-blooded act on the part of your Western powers, namely the Western powers here in the United States—interests in the United States, in England, and France, and Belgium and so forth. They want the wealth of the Congo, plus its strategic geographic position.

The step-by-step process that was used by the press: First they fanned the flame in such a manner to create hysteria in the mind of the public. And then they shift gears and fan the flame in a manner designed to get the sympathy of the public. And once they go from hysteria to sympathy, their next step is to get the public to support them in whatever act they’re getting ready to go down with. You’re dealing with a cold calculating international machine, that’s so criminal in its objectives and motives that it has the seeds of its own destruction, right within. They use the press to emphasize that white hostages are being held, or white priests, white missionaries, white nuns—they don’t say nuns: white nuns. You

know what the paper said right here in Detroit: white missionaries, not just a missionary; a white nun—as if there’s a difference between a white nun and a black nun; or a white priest and a black priest; or if the light that’s in a white skin is more valuable than a light within a black skin. This is what they’re implying! And the press—look at the press when this thing was going on—and you will see what I’m talking about. They’re vicious in their whiteness.

But still, I wouldn’t judge them just ‘cause they’re white, or they’d call me a racist. I’m judging by their deeds, by their conscious behavior—and you know how they’ve been consciously behaving in the Congo, and how they consciously behave in Vietnam, and how they consciously behave right now in Alabama and Mississippi. So, you and I got to get conscious, and start behaving in a way that we can offset this thing before it’s too late—and this is what they don’t want to hear.

One more thing concerning Tshombe, if you notice while we were over there on the African continent, in order to give you a better understanding of what is going on right here. The next thing that is good to know about Tshombe: no Congolese troops have ever won any victories, whatsoever, for the present Congolese government. Congolese soldiers won’t even fight unless they’re forced to.

But the fighters in the Congo, or the freedom fighters—the rebels from the Oriental, eastern province—they fought with stones, and sticks, and rocks, spears, and arrows. And the only time they had a gun was when they got some soldier who had it, and they’d kill him and take his gun. But they were winning, they took over two-thirds of the Congo. I’m showing you, they were fighting from their hearts.

The other people, their heart wasn’t in it. And because of the fighting spirit of these people, it will be impossible for Tshombe to remain as head of state over the Congo without additional troops—white troops—being constantly brought in from South Africa or elsewhere. But sooner or later, these troops are going to give out, and then America’s going to have to increase her troops like she did in South Vietnam. She’s not at war with Vietnam yet, she’s only there “advising.” They have 20,000 “advisors,” you know, on the front lines. But it’s not a war. Just—they’re in “advisory capacity.” Why, they insult the intelligence of their own public!

And they’re going to have to end up doing the same thing in the Congo, they’ll be trapped. They’ll have to eventually send American troops to occupy the Congo. ‘Cause the African freedom fighters are going to fight—they’re not going to give up one inch without fighting back. And there’s something that you should know! That they realize now on the African continent what’s at stake, and how much—what these Western powers have in common and what they’re doing in cahoots with each other behind the closed doors.

So, on the African continent they are training Africans—these soldiers—so they can invade one of these countries, and take it over, and give it to the rightful people.

One of the last things I must say concerning the Congo: not only do they not intend for the Congo to fall into African hands because of its mineral wealth—and it has the greatest deposits of some of the richest elements, or minerals, of any other area on this earth. They don’t intend to give it up because of its wealth; another reason they don’t intend to give it up is if you look at the map, you’ll see that it is so strategically located geographically.

Wherein, if a real genuine African government were to come in power over the Congo, then it would be possible for African troops from all countries to invade Angola—which is a Portuguese possession. And if Angola fell, and it would fall, then it would only be a matter of time before South-West Africa, Southern Rhodesia, and Betuanaland also would fall. And it would put African troops right on the border of South Africa. And that’s where they really want to get, that man down there in South Africa.

And the United States’ interests are involved in blocking this, yes! Some of these liberals who grin in your face like they’re your best friends, they have money tied up in the Congo. Some of the most powerful political figures in this country, come up and governors over states, have got interests in the

Congo, and got interests in South Africa, and got interests all over the African continent, and go there! And as the Africans awaken and realize, they—it makes them full of the incentive to never rest until that exploiter is driven out.

So, now what effect does this have on us? Why should the Black man in America concern himself—since he's been away from the African continent for three or four hundred years—why should we concern ourselves? What impact does what happens to them have upon us? Number one, first you have to realize that up until 1959 Africa was dominated by the colonial powers. And by the colonial powers of Europe having complete control over Africa, they projected the image of Africa negatively. They projected Africa always in a negative light: jungles, savages, cannibals, nothing civilized. Why then naturally it was so negative, it was negative to you and me, and you and I began to hate it. We didn't want anybody telling us anything about Africa, much less calling us Africans. In hating Africa and in hating the Africans, we ended up hating ourselves, without even realizing it. Because you can't hate the roots of a tree and not hate the tree. You can't hate your origin and not end up hating yourself. You can't hate Africa and not hate yourself.

You show me one of these people over here who have been thoroughly brainwashed, who has a negative attitude toward Africa, and I'll show you one that has a negative attitude toward himself. You can't have a positive attitude toward yourself and a negative attitude toward Africa at the same time. To the same degree that your understanding of and attitude toward Africa becomes positive, you'll find that your understanding of and your attitude toward yourself will also become positive. And this is what the white man knows. So, they very skillfully made you and me hate our African identity, our African characteristics.

You know yourself—and we have been a people who hated our African characteristics. We hated our hair, we hated the shape of our nose—we wanted one of those long, dog-like noses, you know. Yeah. We hated the color of our skin, hated the blood of Africa that was in our veins. And in hating our features and our skin and our blood, why, we had to end up hating ourselves.

And we hated ourselves. Our color became to us a chain. We felt that it was holding us back. Our color became to us like a prison, which we felt was keeping us confined, not letting us go this way or that way. We felt that all of these restrictions were based solely upon our color. And the psychological reaction to that would have to be that as long as we felt imprisoned or chained or trapped by Black skin, Black features, and Black blood, that skin and those features and that blood that was holding us back automatically had to become hateful to us. And it became hateful to us. It made us feel inferior; it made us feel inadequate; it made us feel helpless.

And when we fell victims to this feeling of inadequacy or inferiority or helplessness, we turned to somebody else to show us the way. We didn't have confidence in another Black man to show us the way, or Black people to show us the way. In those days we didn't. We didn't think a Black man could do anything but play some horn—you know, some sounds and make you happy with some songs and in that way. But in serious things, where our food, clothing, and shelter was concerned and our education was concerned, we turned to the man. We never thought in terms of bringing these things into existence for ourselves, we never thought in terms of doing things for ourselves. Because we felt helpless. What made us feel helpless was our hatred for ourselves. And our hatred for ourselves stemmed from our hatred of things African.

Along about 1955 they had the Bandung Conference in Indonesia. And at that time the Africans, the Asians, the Arabs, all of the nonwhite people got together and agreed to de-emphasize their differences and emphasize what they had in common and form a working unity. And it was the working unity—the spirit of Bandung created a working unity that made it possible for the Asians, who were oppressed, the Africans, who were oppressed, and others who were oppressed to work together toward gaining independence for these other people. And it was the spirit of Bandung that brought into existence this working unity that made it possible for nations that didn't have a chance to become independent to come into their independence. And most of this began along in 1959.

After 1959 the spirit of African nationalism was fanned to a high flame, and we then began to witness the complete collapse of colonialism. France began to get out of French West Africa; Belgium began to make moves to get out of the Congo; Britain began to make moves to get out of Kenya, Tanganyika, Uganda, Nigeria, and some of these other places. And although it looked like they were getting out, they pulled a trick that was colossal.

In that—when you're playing basketball and they get you trapped, you don't throw the ball away, you throw it to one of your teammates who's in the clear. And this is what the European powers did. They were trapped on the African continent, they couldn't stay there; they were looked upon as colonial, imperialist. So, they had to pass the ball to someone whose image was different, and they passed the ball to Uncle Sam. And he picked it up and has been running it for a touchdown ever since. He was in the clear, he was not looked upon as one who had colonized the African continent. But at that time, the Africans couldn't see that though the United States hadn't colonized the African continent, he had colonized twenty-two million Blacks here on this continent. Because we are just as thoroughly colonized as anybody else.

When the ball was passed to the United States, it was passed at the time when John Kennedy came into power. He picked it up and helped to run it. He was one of the shrewdest backfield runners that history has ever recorded. He surrounded himself with intellectuals—highly educated, learned, and well-informed people. And their analysis told him that the government of America was confronted with a new problem. And this new problem stemmed from the fact that Africans were now awakened, they were enlightened, and they were fearless, they would fight. So, this meant that the Western powers couldn't stay there by force. And since their own economies, the European economy and the American economy, was based upon their continued influence over the African continent, they had to find some means of staying there. So, they used the “friendly” approach. They switched from the old, open colonial, imperialistic approach to the benevolent approach. They came up with some benevolent colonialism, philanthropic colonialism, humanitarianism, or dollarism. Immediately everything was Peace Corps, Crossroads, “We've got to help our African brothers.” Pick up on that. Can't help us in Mississippi. Can't help us in Alabama, or Detroit, out here in Dearborn where some real Ku Klux Klan live.

They're going to send all the way to Africa to help. I know Dearborn; you know, I'm from Detroit, I used to live out here in Inkster. And you had to go through Dearborn to get to Inkster. Just like driving through Mississippi when you go to Dearborn. Is it still that way? [From the audience: “Yes.”] Well, you should straighten it out.

So, realizing that it was necessary to come up with these new approaches, Kennedy did it. He won—he created an image of himself that was skillfully designed to make the people on the African continent think that he was Jesus, the great white father, come to make things right. I'm telling you, some of these Negroes cried harder when he died than they cried for Jesus when he was crucified.

From 1954 to 1964 was the era in which we witnessed the emerging of Africa. The impact that this had upon the civil rights struggle in America has never been told, fully told.

For one reason—for one thing, one of the primary ingredients in the complete civil rights struggle was the ‘Black Muslim’ movement. The ‘Black Muslim’ movement, though it took no part in things political, civic—it didn't take too much part in anything other than stopping people from doing this drinking, smoking, and so on. Moral reform it had, but beyond that it did nothing. But it talked such a strong talk until it put the other Negro organizations on the spot. Before the ‘Black Muslim’ movement came along, the NAACP was looked upon as radical; they were getting ready to investigate it. And then along came the ‘Muslim’ movement and frightened the white man so much he began to say, “Thank God for old Uncle Roy and Uncle Whitney and Uncle A. Philip and Uncle...—you've got a whole lot of uncles in there. I can't remember their names, they're all older than I, so I call them “uncle.” Plus, if you use the word “Uncle Tom” nowadays, I heard they'll sue you for libel, you know. So I don't call any of them Uncle Tom anymore. I call them Uncle Roy.

One of the things that made the 'Black Muslim' movement grow was its emphasis upon things African. This was the secret to the growth of the 'Black Muslim' movement. African blood, African origin, African culture, African ties. And you'd be surprised, we discovered that deep within the subconscious of the Black man in this country, he's still more African than he is American. He thinks that he's more American than African, because the man is jiving him, the man is brainwashing him every day. He's telling him, "You're an American, you're an American." Man, how could you think you're an American and you haven't ever had any kind of American treat over here? You have never, never!

Ten men can be sitting at a table eating, you know, dining, and I can come and sit down where they're dining. They're dining; I've got a plate in front of me, but nothing is on it. Because all of us are sitting at the same table, are all of us diners? I'm not a diner until you let me dine. Then I become a diner. Just being at the table with others who are dining doesn't make me a diner, and this is what you've got to get in your head here in this country.

Just because you're in this country doesn't make you an American. No, you've got to go farther than that before you can become an American. You've got to enjoy the fruits of Americanism. You haven't enjoyed those fruits. You've enjoyed the thorns. You've enjoyed the thistles. But you have not enjoyed the fruits, no sir. You have fought harder for the fruits than the white man has. You have worked harder for the fruits than the white man has, but you've enjoyed less. When the man put the uniform on you and sent you abroad, you fought harder than they did. Yeah, I know you—when you're fighting for them, you can fight.

The 'Black Muslim' movement did make that contribution. They made the whole civil rights movement become more militant, and more acceptable to the white power structure. He would rather have them than us. In fact, I think we forced many of the civil rights leaders to be even more militant than they intended. I know some of them who get out there and "boom, boom, boom" and don't mean it. Because they're right on back in their corner as soon as the action comes.

John F. Kennedy also saw that it was necessary for a new approach among the American Negroes. And during his entire term in office, he specialized in how to psyche the American Negro. Now, a lot of you all don't like my saying that, but I wouldn't ever take a stand on that if I didn't know what I was talking about. And I don't—by living in this kind of society, pretty much around them—and you know what I mean when I say "them"—I learned to study them. You can think that they mean you some good oftentimes, but if you look at it a little closer you'll see that they don't mean you any good. That doesn't mean there aren't some of them who mean good. But it does mean that most of them don't mean good.

Kennedy's new approach was pretending to go along with us in our struggle for civil rights and different other forms of rights. But I remember the exposé that *Look* magazine did on Meredith's situation in Mississippi. *Look* magazine did an expose showing that Robert Kennedy and Governor Wallace—not Governor Wallace, Governor Barnett—had made a deal, wherein the attorney general was going to come down and try and force Meredith into school, and Barnett was going to stand at the door, you know, and say, "No, you can't come in." He was going to get in anyway. But it was all arranged in advance. And then Barnett was supposed to keep the support of the white racists, because that's who he was holding up, and Kennedy would keep the support of the Negroes, because that's who he'd be holding up. That's—it was a cut-and-dried deal. And it's not a secret; it was written, they write about it. But if that's a deal and that's a deal, how many other deals do you think go down? What you think is on the level is crooked, brothers and sisters, than a pretzel, which is most crooked.

So in my conclusion I would like to point out that the approach that was used by the administration right on up until today—see, even the present generation—was designed skillfully to make it appear that they were trying to solve the problem when they actually weren't. They would deal with the conditions, but never the cause. They only gave us tokenism. Tokenism benefits only a few. It never benefits the masses, and the masses are the ones who have the problem, not the few. That one who benefits from tokenism, he doesn't want to be around us anyway—that's why he picks up on the token.

You ever notice how some Negroes will brag, “I’m the only one out there, I’m the only one on my job.” Don’t you hear them say that? Yes, you ought to punch him in his...no he’s your brother, you shouldn’t punch your brother. But you should really get him—you can punch him with some words.

Whenever you see a Negro bragging about “he’s the only one in his neighborhood,” he’s bragging. He’s telling you in essence, “I’m surrounded by white folks,” you know. “I love them, and they love me.” Oh yes. And on his job “I’m the only one on my job.” I’ve been listening to that stuff all my life, and the generation that’s coming up, they’re not going to be saying that. The generation that’s coming up, everybody is going to look like an Uncle Tom to them. And you and I have to learn that in time, so that we don’t pose that image when our people, when our young generation come up and begin to look at us.

The masses of our people still have bad housing, bad schooling, and inferior jobs, jobs that don’t compensate with sufficient salary for them to carry on their life in this world. So that the problem for the masses has gone absolutely unsolved. The only ones for whom it has been solved are people like Whitney Young, who’s supposed to be placed in the cabinet, so the rumors say. He’ll be one of the first Black cabinet men. And that answers where he’s at. And others who have been given jobs—Carl Rowan, who was put over the USIA, who is very skillfully trying to make Africans think that the problem of Black men in this country is all solved.

And this is the worst thing the white man can do to himself is to take one of these kind of Negroes and ask him, “How do your people feel, boy?” He’s going to tell that man that we are satisfied. That’s what they do, brothers and sisters. They get behind the door and tell the white man we’re satisfied. “Just keep on—keep me up here in front of them, boss, and I’ll keep ‘em behind you.” That’s what they talk when they’re behind closed doors. ‘Cause, see, the white man doesn’t go along with anybody who’s not for him. He doesn’t care whether you’re for right or wrong, he wants to know, are you for him. And if you’re for him, he doesn’t care what else you’re for.

As long as you’re for him, then he puts you up over the Negro community. You become the spokesman.

In your struggle it’s like standing on a revolving wheel: you’re running, but you’re not going anywhere. You run faster and faster and the wheel just goes faster and faster. You don’t ever leave the spot that you’re standing in. So, it is very important for you and me to see that the only way that our problem is going to be solved, it has to be with a solution that will benefit the masses, not the upper class—so-called “upper class.”

Actually, there’s no such thing as an upper-class Negro, because he catches the same hell as the other class Negro. All of them catch the same hell, which is one of the things that’s good about this racist system—it makes us all one.

Quickly, if you’ll notice in 1963, everyone was talking about the “centennial of progress!” I think that’s what they called it. A hundred years since the signing of the Emancipation Proclamation, and everyone is celebrating how much white and Black people have learned to love each other in America. You probably remember how they were talking in January of 1963. Well, if you had stood up in January at the same time that they were talking all this talk about a good year ahead, good things ahead, and told them that by May, Birmingham would have exploded, and Bull Connor would be known as an international thug for the brutality that he heaped upon Black people; if you would tell the people in January of ‘63 that John F. Kennedy would be killed for his role in everything; if you had told them in January that Medgar Evers would be murdered and nobody able to bring his killer to justice; or if you were to have told them in January of 1963 that a church would be bombed in Birmingham, with four little Black girls blown to bits while they were praying and serving Jesus—why, they would say you’re crazy.

In 1964 they started out the same way. That was the year of promise. If you were to have told them while they were talking about this great year of promise ahead, you know, civil rights and all of that,

what was coming, that before long three civil rights workers would be brutally murdered and the government unable to do anything about it. A Negro educator in Georgia brutally murdered in broad daylight and the men who did it be known, and the government not able to do anything about it. If you had said this in January of '64, they'd say you were nuts. Now they are starting out 1965 the same way. Talking about the "Great Society," you know, "antipoverty."

If you tell them right now what is in store for 1965, they'll think you're crazy for sure. But 1965 will be the longest and hottest and bloodiest year of them all. It has to be, not because you want it to be, or I want it to be, or we want it to be, but because the conditions that created these explosions in 1963 are still here; the conditions that created explosions in '64 are still here. You can't say that you're not going to have an explosion and you leave the condition, the ingredients, still here. As long as those ingredients, explosive ingredients, remain, then you're going to have the potential for explosion on your hands.

Brothers and sisters, let me tell you, I spend my time out there in the street with people, all kind of people, listening to what they have to say. And they're dissatisfied, they're disillusioned, they're fed up, they're getting to the point of frustration where they are beginning to feel: What do they have to lose? And when you get to that point you're the type of person who can create a very dangerously explosive atmosphere. This is what's happening in our neighborhood, to our people. I read in a poll taken by Newsweek magazine this week, saying that Negroes are satisfied. Oh yes, poll you know, in Newsweek, supposed to be a top magazine with a top pollster, talking about how satisfied Negroes are. Maybe I haven't met the Negroes he met. Because I know he hasn't met the ones that I've met. But this is dangerous. This is where the white man does himself the most harm. He invents statistics to create an image, thinking that that image is going to hold things in check. You know why they always say Negroes are lazy? 'Cause they want Negroes to be lazy. They always say Negroes can't unite because they don't want Negroes to unite. And once they put this thing in the mind, they feel that the Negro gets that into him and he tries to fulfill their image. If you say you can't unite him, and then you come to him to unite him, he won't unite because it's been said that he's not supposed to unite. It's a psyche that they work, and it's the same way with these statistics.

When they think that an explosive era is coming up, then they grab their press again and begin to shower the Negro public, to make it appear that all Negroes are satisfied. Because if you know that you're dissatisfied all by yourself and ten others aren't, you play it cool; but you know if all ten of you are dissatisfied, you get with it. Well, this is what the man knows. The man knows that if these Negroes find out how dissatisfied they really are—and all of them, even Uncle Tom is dissatisfied, he's just playing his part for now—this is what makes them frightened. It frightens them in France, it frightens them in England, and it frightens them in the United States.

And it is for this reason that it is so important for you and me to start organizing among ourselves, intelligently, and try to find out: What are we going to do if this happens, that happens, or the next thing happens? Don't think that you're going to run to the man and say, "Look, boss, this is me." Why, when the deal goes down, you'll look just like me in his eyesight; I'll make it tough for you. Yes, when the deal goes down, he doesn't look at you in any better light than he looks at me.

I was on a television program in New York last week. One of the liberals did a take-off on James Farmer. Now here's James Farmer teaching Negroes to be nonviolent and loving and all of that—why they should be patting him on the back. And instead of them patting him on the back they want to knock at him. And it put me in a position of having to defend him, which I did; I was glad to because I wanted to crack this man's neck anyway—mentally, rather I should say intellectually.

I point these things out, brothers and sisters, so that you and I will know the importance in 1963 of being in complete unity with each other, in harmony with each other, and not letting the man maneuver us into fighting one another. The situation I have been maneuvered into right now between me and the 'Black Muslim' movement, is something that I really deeply regret, because I don't think anything is more destructive than two groups of Black people fighting each other. But it's something that can't be avoided because it goes deep down beneath the surface, and these things will come up in the very near future.

I might say this before I sit down. If you recall, when I left the 'Black Muslim' movement, I stated clearly that it wasn't my intention to even continue to be aware that they existed; but that I was going to spend my time working in the non-Muslim community. But they were fearful that if they didn't do something that perhaps many of those who were in the mosque would leave it and follow a different direction. So they had to start doing a take-off on me, plus, they had to try and silence me because of what they know that I know.

I should think that they should know me well enough to know that they certainly can't frighten me. But when it does come to the light—excuse me for keep coughing like that, but I got some of that smoke last night—there are some things involving the 'Black Muslim' movement which, when they come to light, you will be shocked. The thing that you have to understand where those of us in the Black Muslim movement were concerned: all of us believed 100 percent in the divinity of Elijah Muhammad. We believed in him. We actually believed that God had taught him—right here in Detroit by the way—that God had taught him and all of that. I always thought that he believed it himself. And I was shocked when I found out that he himself didn't believe it. And when that shock reached me, then I began to look everywhere else and try to get a better understanding of the things that confront all of us, so that we can get together in some kind of way to offset them.

I want to thank you for coming out this afternoon—this evening. I think it's wonderful that as many of you came out, considering the blackout on the meeting that took place. Also, Milton Henry and the brothers who are here in Detroit are very progressive young men, and I would advise all of you to get with them in every way that you can to try and create some kind of united effort toward common goals, common objectives. Don't let the power structure maneuver you into a time wasting battle with others when you could be involved in something that's constructive and getting a real job done.

Probably, one thing I should've pointed out to you, that once we formed our new organization, once we became identified with the orthodox Muslim world, we also formed a group known as the Organization of Afro-American Unity, which is designed to fight all the negative political, economic, and social conditions that exist in our neighborhood. It's a nonreligious organization to which anyone can belong who's interested in direct action.

And one of our first programs is to take our problem out of the civil rights context and place it at the international level, of human rights, so that the entire world can have a voice in our struggle. If we keep it at civil rights, then the only place we can turn for allies is within the domestic confines of America. But when you make it a human rights struggle, it becomes international, and then you can open the door for all types of advice and support from our brothers in Africa, Latin America, Asia, and elsewhere. So it's very, very important—that's our international aim, that's our external aim.

Our internal aim is to become immediately involved in a mass voter registration drive. But we don't believe in voter registration without voter education. We believe that our people should be educated into the science of politics, so that they will know what a vote is for, and what a vote is supposed to produce, and also how to utilize this united voting power so that you can control the politics of your own community, and the politicians that represent that community. We're for that.

And in that line we will work with all others, even civil rights groups, who are dedicated to increase the number of Black registered voters in the South. The only area in which we differ with them is this: we don't believe that young students should be sent into Mississippi, Alabama, and these other places without some kind of protection. So we will join in with them in their voter registration and help to train brothers in the arts that are necessary in this day and age to enable one to continue his existence upon this earth.

I say again that I'm not a racist, I don't believe in any form of segregation or anything like that. I'm for the brotherhood of everybody, but I don't believe in forcing brotherhood upon people who don't want it. Long as we practice brotherhood among ourselves, and then others who want to practice

brotherhood with us, we practice it with them also, we're for that. But I don't think that we should run around trying to love somebody who doesn't love us. Thank you.

There's A Worldwide Revolution Going On (Feb. 15, 1965)

As many of you probably know, tonight we were going to unfold a program which we felt would be beneficial to the struggle of our people in this country. But because of events which are beyond our control we feel that it is best to postpone unfolding the program that we had in mind until a later date.

Sunday morning about three o'clock, somebody threw some bombs inside my house. Normally I wouldn't get excited over a few bombs, but the ones who threw these not only aimed them in rooms where there—where there was no one, but even in rooms where three of my daughters sleep. One daughter six, one daughter four, and one daughter two. And since I am, am quite certain that those who threw the bombs knew my house well enough to know where everyone was sleeping, I can't quite bring my heart to the point where it can in any way be merciful, or from now on compromising, toward anyone who can be that low. Especially when I heard on the news today that Joseph, a brother that I found in the garbage can in Detroit in 1952—that's where I found him—made the statement that I had bombed my own house.

Now you see, this doesn't surprise me, because I know that since many of us left the Muslim movement, its intelligence and its morals have gone bankrupt. Both its intelligence and its morals have gone bankrupt.

And now they are using the same tactics that's used by the Ku Klux Klan. When the Klan bombs your church, they say you did it. When they bomb the synagogue, they say the Jews bombed their own synagogue. This is a Klan tactic. And to me, I'll tell you why the Black Muslim movement is now adopting the same tactic against Black people as has been up to now the exclusive method of the Ku Klux Klan.

I want to point out, too, that I'm not talking about Muslims just to make white people happy. Because I don't believe in letting anyone use me against somebody else. I'm telling you these things because I have reached a point where I feel that Black people in this country need to know what's going on. And I'm talking about an organization which I had a hand in building, which I had a hand in organizing. I know its characteristics. I know its potential. I know its behavior patterns. I know what it can do and what it cannot do. One of the things it can do is bomb your house and try to kill your baby.

Before we get into it, I would like to point out also, as many of you know, last Tuesday, or last weekend, I was invited to address the first congress of the Council of African Organizations in London. They had a four-day congress on the 5th, 6th, 7th and 8th and had invited me there to make the closing address and bring the delegates from the various African organizations that are situated on the European continent up to date in regards to the struggle of the Black man in this country in his quest for human rights and human dignity. And in it conjunction with that invitation, I had gotten an invitation to visit Paris from the Afro-American community in Paris, which was sponsoring a rally in conjunction with the African community. And I was supposed to go there Tuesday also and address them and let them know the state of development or lack of development of our progress in this country for human rights, or toward human rights.

As many of you know, when I got to Paris, the man said I couldn't come in—some man. French man. They gave me no explanation other than that they—we have our own. They wouldn't let me phone the American embassy. And they tried to imply that the American embassy was behind it, which—I told them that I didn't know de Gaulle had become a satellite of Lyndon B. Johnson. I knew that Kennedy had made a satellite out of Khrushchev and half of—and Britain—and half of these other countries, and I didn't think that France was a satellite of the United States.

Well, it made them angry because they like to be independent, you know— or pretend to be independent. But they wouldn't let me in. They wouldn't let me phone the American embassy.

And later on, when I got back in London—and by the way, when I got back to London there was about twenty different delegates who were delegates from about twenty different African organizations on hand at the airport, and they were going to raise hell if anything had happened other than what should have happened. As it was, I ended back—I re-entered England with no trouble and immediately got in telephone contact with the brothers and sisters who were in Paris. And they pointed out that they had encountered some difficulty, first from the Communist trade union workers. Now mind you, Communist trade union workers had prevented them from renting their hall, and when they went to get another hall the same Communist group had exercised its influence to prevent them from getting that hall.

Finally, when they did get a hall, evidently someone was strong enough to exercise influence over the French government. And I might add that while I was in custody of the French, every time I made a request, before they would say yes or no, they telephoned the French foreign ministry. So that they were taking their orders from someone high up in the French foreign ministry who did not want me to enter France. And there's a reason for it. I don't blame them, because and I told the parties there—I said maybe my plane got mixed up and I was in South Africa, in the wrong country. This couldn't be Paris, it must be Johannesburg. And they got red. And you know how they can get red. One of them was pink.

The same thing happened in England, as many of you probably read in the Sunday Times and the Tribune. There was a great fear in England concerning me speaking to the West Indian community. And because—this is because England has a very serious color problem developing, because so many of our people are migrating there from the British West Indies. France, quietly as it is kept, has a very serious color problem developing because of the migration to France of our people from the French West Indies. And with these people from the French West Indies, Black people going to France, others from the British West Indies going to England, coupled with the Asians who are coming from the Commonwealth territory, along with the Africans from French Equatorial West Africa into France, and the British possessions into Britain, there's a large, increasing number of dark-skinned people swelling the dark population of France and Britain. And it's giving them a great deal of horror of the world—the only difference over there and over here being that no one of black skin in France has ever tried to unite the dark-skinned people together. Neither have they done so in England. So you can somewhat see what their fear is.

No effort has been made to unite the Afro-American community or the American Negro community with the West Indian community and then those two communities with the African community, and both communities with the Asian community. This has never been done, in neither England or France. But when I was in France in November just for a few days, I was successful in getting a few of the Afro-Americans who live there together, and they formed a branch of the OAAU, the Organization of Afro-American Unity. And as soon as they formed this branch, they began to work in conjunction with the African organization and became a power that had to be reckoned with. And this is what the French government did not want.

Also the same thing in Britain. The West Indian community is very restless, or rather, yes, restless and dissatisfied. And they too are trying to organize or find someone who can bring them together. And this has caused in England a great deal of fear, a great deal of concern. And the effect of it is that it makes them act in a very silly way sometimes. Now, to leave that for a moment, as you'll recall, when I was in Mecca in September, I wrote back a letter which was printed in The New York Times in which I pointed out that it was my intention when I returned to expose Elijah Muhammad as a religious faker. This is what I wrote. Now, while I was in Mecca among the Muslims, I had a chance to meditate and think and see things with a great deal of clarity—with much greater clarity than I've achieved from over here, entangled with all this mess that we are confronted by constantly. And I had made up my mind, yes, that I was going to tell the Black people in the Western Hemisphere, who I had played a great role in misleading into the hands of Elijah Muhammad, exactly what kind of man he was and what he was doing.

And I might point out right here that it was not a case of my knowing all the time, because I didn't. I had blind faith in him, the same as many of you have had and still have blind faith in me or blind faith

in Moses or blind faith in somebody else. My faith in Elijah Muhammad was more blind and more uncompromising than any faith that any man has ever had for another man. And so I didn't try to see him as he actually was. But, being away, I could see him better, understand many things better. And, well, when I came back to this country, as you recall, I was very quiet. I knew the best thing was when they tried to ask me questions about him, I ducked it. I didn't want to get involved. I didn't want to get into it. Well, the reason for that was this: The letter that I wrote was written when I was in Arabia, in September, whereas, after leaving Arabia I had gone into Africa. I had had an opportunity to hold long discussions with President Julius Nyerere in what is now Tanzania; with Jomo Kenyatta, the president of Kenya, the Republic of Kenya; long discussions with Prime Minister Milton Obote of

Uganda; President Azikiwe of Nigeria; President Nkrumah of Ghana; and

President Sekou Toure in Guinea. And the understanding that I had in conversations with these men is that they are great men.

The understanding that I got broadened my scope so much that I felt I could see the problems and complaints of Black people in America and the Western Hemisphere with much greater clarity.

And I felt foolish coming back to this country and getting into a little two bit argument with some bird-brained person who calls himself a Black Muslim. I felt I was wasting my time. I felt it would be a drag for me to come back here and allow myself to be in a whole lot of public arguments and physical fisticuffs—knowing what I knew, and knowing that it would actually be more beneficial to our people if a constructive program were put in front of them immediately.

Many of you will recall that shortly after I came back, despite the fact that I said nothing about the Black Muslims, a wire was put in the newspaper under the name of Raymond Sharrieff threatening me if I were to say anything about Elijah Muhammad. Actually that wasn't Raymond Sharrieff's wire, that was Elijah Muhammad's wire. Raymond Sharrieff has no words of his own.

If you recall, when I was in the Black Muslim movement, I never said anything without saying Elijah Muhammad seems to believe thus and so, or Elijah Muhammad said thus and so. This is the way the Black Muslim movement is organized. Nobody makes any public statement unless it comes from Elijah Muhammad. And nobody makes any move unless it comes from Elijah Muhammad. They didn't do it then and they don't do it now. So, when Raymond Sharrieff put that letter in the paper—that wire, rather, in the paper—that wire was from Elijah Muhammad himself. And he was trying to irk me into saying something so that a public hullabaloo would take place again because they wanted to jockey me into the same position I was in before I left the country. Before I left the country, I had permitted them to jockey me into a position—me and the good brothers and sisters who also had sense enough to leave from down there—I was foolish enough to let them jockey me into a position where we were taking potshots at each other, so to speak, and it was known throughout the country that the Muslims in the temple were trying to do this thing.

So it put me in a spot where anybody could do it and then blame it on those foolish Muslims. And I was well aware of this. So, by staying away for four or five months, that ended. But when I came back, being quiet, they wanted the same thing again. They wanted some more hullabaloo so that it would appear that the Black Muslims were going to do this and the Black Muslims were going to do that and then anybody could do it and blame those fools and they wouldn't have sense enough to see it. You can understand that can't you? And when I say anybody, I mean anybody. But I know who those anybodies are.

I continue to concentrate, continue to ignore them and concentrate on trying to get the Organization of Afro- American Unity better organized. Because I knew that and I felt that what it had in mind would actually solve the problems of many of our people—most of our people.

If you'll notice and, but despite the fact that I tried to keep quiet, on

January 22 I came out of my house one night and they jumped me, on a Friday night, about 11:15. Now, I knew that they weren't out there waiting for me, because normally I wouldn't come out at that time of the night. So that when I did come out and ran into them and they did jump me, I knew then that they were casing my house. And frankly, I waited for them for a month. I'd sit around that house with my rifle; stayed up all times of the night just to get one chance to put somebody in hell. Just one chance. I warned my wife at that time that they were casing the it house. Again, I know their behavior. And I also became more careful, wherever I would go and whenever I would go anywhere. And then to make it worse, when I went to Los Angeles a couple of weeks ago, they had gotten so insane that they chased me right down the Hollywood Freeway in broad daylight. Yes!

Now, the thing that you have to consider about this is, the police were at the airport. The police knew what they were up to. In fact, the police arrested a couple of them in front of someone's home the night before. They knew all about it. Nothing was said in the paper. Now, imagine someone is chasing you down the Hollywood Freeway at eighty miles an hour and it doesn't get in the paper. No.

So later on—that was on a Thursday. Friday I was in Chicago. I appeared on the Kup show. And when I went on the Kup show I had about twenty police. There were twenty police out there guarding the station. It might seem odd, but the Muslims were there. And they even tried to attack the police, which was never put in the paper. They followed the police, because of that—they act kind of nuts. And I'm so thankful that I'm out of there, I don't expect...because I was the same kind of nut. I was just as nuts as they were. If Elijah Muhammad had told me to go get somebody's head, I would have gone and gotten it just like that. And that's what's the matter with them. They're only following what I taught them how to do. So, I understand.

But despite the fact that they put on this performance, it was quieted down. Nothing was said about it. And then the night I was on the Susskind show, the David Susskind Show, those same persons were—had surrounded the station. They had even almost strong-armed the police. The police didn't do a thing to strike back at them. They almost strong-armed them. Nothing was done about that. But while I was on the show they had come to the studio and told Susskind that I wasn't going to be down there that night. And told him that I would never make it. But, again, I know how they do, and I, thanks to Allah, did something other than what they expected.

So, the next thing that irritated them and irritated them the most was this. And I've been doing it for a month, and nobody knew why I was doing it. You notice, I had shifted my attack from them to Rockwell and the Ku Klux Klan. For the past month I've been beating on the Klan and beating on Rockwell and beating on these so-called right-wingers. You may wonder why. I sent a wire to Rockwell warning him if anything happened to Black people in Alabama that we would give him maximum retaliation. The press knew it. You heard nothing it about it. Rockwell disappeared because he's scared of power like anybody else. Because they know that he has strength only as long as he's dealing with somebody that's nonviolent. Good Lord. Rockwell and his whole crowd agree only as long as they're dealing with someone nonviolent. The Ku Klux Klan and that crowd agree only when they're dealing it with someone nonviolent. Citizens' Council and that crowd agree only when they're dealing with someone that's nonviolent. And you know it.

So, he cleared out. I went to Alabama. I went to Alabama purposely to see what was happening down there. While I was there, I wasn't trying to interfere with King's program, whatever it was. He was in jail. I talked, I spoke it at Tuskegee. I spoke at Tuskegee Institute last Tuesday night, I think it was. There were over 3,000 students and others. And it was the students themselves that night who insisted that I go with them the next morning to Selma, some students from Smith. So I went. After giving it careful thought, I went.

When I got to Selma, the press began to bug me right it away. And I wouldn't even tell them my name. I just ignored them completely. So they insisted that I hold a press conference. I didn't ask for a press conference. They insisted that I hold a press conference. Which was held. And while the press was there,

the Klan was there. When you're looking at the cops in Alabama, you're looking at the Klan. That's who the Klan is.

Knowing where I was, right then and there, I reminded Lyndon B. Johnson of the promise he had made to good, well-meaning Americans when he was running for president. He said that if he were elected he would pull the sheets off the Ku Klux Klan. Did he not say that? Yes, he did. So, here you've got Klansmen knocking little babies down the road with a...you've got Klansmen knocking Black women down in front of a camera and that poor fool Black man standing on the sidelines because he's nonviolent. Now, we don't go along with a thing like that.

Well, it was then, in Selma, Alabama, in front of the face of the Ku Klux

Klan that I demanded in your name, the Organization of Afro-American

Unity—could I make that demand in your name? Since 97 percent of the Black people in this country had supported Lyndon B. Johnson and his promise, and now that his party has the largest majority that any president has had in a long time, Lyndon B. Johnson is obligated to the Black man in this country to put up an immediate federal commission to investigate the Ku Klux Klan, which is a criminal organization organized to murder and maim and cripple Black people in this country.

And, I pointed out that if Lyndon B. Johnson could not keep his promise and expose the Ku Klux Klan, then we would be within our rights to come to Alabama and organize the Black people of Alabama and pull the sheets off the Klan ourselves. And we can do it. Brothers and sisters, we can do it. And the federal government won't do it. Since then, they've been talking about a little investigation of the Klan and the Citizens' Council and the Black Muslims and some of the others. But they're not going to do anything. The only way the Klan is going to be stopped is when you and I organize and stop them ourselves. Yes, that's what's out there.

You may say, well, why am I so down on the Klan all of a sudden? I'm going to tell you why. And why did I shift my attack from the Black Muslims—Elijah Muhammad and his immoral self—to the Klan? Yes, he's immoral.

You can't take nine teenaged women and seduce them and give them

babies and not tell me you're—and then tell me you're moral. You could do it if you admitted you did it and admitted that the babies were yours. I'd shake your hand and call you a man. A good one too. Any time you seduce teenaged girls and make them be with child with adultery, make them hide your crimes, why, you're not even a man, much less a divine man. So, and this is what he did. He took at least nine that we know about. And I'm not speculating, because he told this to me himself. Yes, that's why he wants me dead because he knew as soon as I walked out that I'd tell it. Nine of them. Not two of them who are suing him, but nine of them. And the FBI knows it. The law in Chicago knows it. The press even knows it. And they don't expose the man.

And don't let me get out of here tonight without telling you why they won't expose him. Why they're afraid to expose him. They know that if they expose him, that he has them all set. See, the Black Muslim movement, it was organized in such a way that it attracted the most militant, the most uncompromising, the most fearless, and the youngest of the Black people in the United States. That's who went into it. Those who didn't mind dying. They didn't mind making a sacrifice. All they were interested in was freedom and justice and equality, and they would do anything to see that it was brought about. These are the people who have followed him for the past twelve years. And the government knows it. But all these upfront militants have been held in check by an organization that doesn't take an active part in anything. And therefore it cannot be a threat to anybody because it's not going to do anything against anybody but itself.

Don't you know? The way they threw that bomb in there they could have thrown it in a Ku Klux Klan house. Why do they want to bomb my house? Why don't they bomb the Klan? I'm going to tell you why.

In 1960, in December, in December of 1960, I was in the home of Jeremiah, the minister in Atlanta, Georgia. I'm ashamed to say it, but I'm going to tell you the truth. I sat at the table myself with the heads of the Ku Klux Klan. I sat there myself, with the heads of the Ku Klux Klan, who at that time were trying to negotiate with Elijah Muhammad so that they could make available to him a large area of land in Georgia or I think it was South Carolina. They had some very responsible persons in the government who were involved in it and who were willing to go along with it. They wanted to make this land available to him so that his program of separation would sound more feasible to Negroes and therefore lessen the pressure that the integrationists were putting upon the white man. I sat there. I negotiated it. I listened to their offer. And I was the one who went back to Chicago and told Elijah Muhammad what they had offered. Now, this was in December of 1960.

The code name that Jeremiah gave the Klan leader was 666. Whenever they would refer to him they would refer to him as Old Six. What his name was right now escapes me. But they even sat there and told stories how— what they had done on different escapades that they had been involved in. Jeremiah was there and his wife was there and I was there and the Klan was there.

From that day onward the Klan never interfered with the Black Muslim movement in the South. Jeremiah attended Klan rallies, as you read on the front page of the New York Tribune. They never bothered him, never touched him. He never touched a Muslim, and a Muslim never touched him. Elijah Muhammad would never let me go back down since January of 1961. I never went South, as long as I remained in the Black Muslim movement, again, from January of 1961, because most of the actions the Muslims got involved in was action that I was involved in myself. Wherever it happened in the country, where there was an action, it was action that I was involved in, because I believed in action. I never have gone along with no Ku Klux Klan.

And another one that he had made a deal with was this man Rockwell. Rockwell and Elijah Muhammad are regular correspondents with each other. You can hate me for telling you this, but I'm going to tell it to you. Rockwell attended the rally because Elijah Muhammad put the okay on it. And Sharrieff, the captain of the FOI, and I had discussed it, wondering why Rockwell could come to our meeting because it didn't help us. But Elijah Muhammad said let him in, so he had to be let in. No one questioned what Elijah Muhammad said. Now, if you doubt that this is true, you get all of the back issues of Muhammad Speaks newspaper and you will find articles in it about the Ku Klux Klan actually praising him. Jeremiah interviewed—I think it was—J.B. Stoner for the Muslim newspaper, and the old devil even gave him a contribution that he reported about in that paper. Sure he did.

When the brothers in Monroe, Louisiana, were involved in trouble with the police, if you'll recall, Elijah Muhammad got old Venable. Venable is the Ku Klux Klan lawyer. He's a Ku Klux Klan chieftain, according to the Saturday Evening Post, that was up on the witness stand. Go back and read the paper and you'll see that Venable was the one who represented the Black Muslim movement in Louisiana.

Now, brothers and sisters, until 1961, until 1960, until just before Elijah Muhammad went to the East, there was not a better organization among

Black people in this country than the Muslim movement. It was militant. It made the whole struggle of the Black man in this country pick up momentum because of the unity, the militancy, created by the Muslim movement lent weight to the struggle of the Black man in this country against oppression.

But after 1960, after Elijah Muhammad went over there in December of '59 and came back in January of '60—when he came back, the whole trend or direction that he formerly had taken began to change. And in that change there's a whole lot of other things that had come into the picture. But he began to be more mercenary. More interested in money. More interested in wealth And, yes, more interested in girls.

And I guess many of you have heard it said that his financial support comes from a rich man in Texas. I heard that while I was in the movement. I've heard it more since I left the movement. A rich man in Texas. You can look up, any of you can look up his name. But the FBI knows that too. But they still don't touch him. And never have I seen a man—and this rich man who lives in Texas, by the way, lives in Dallas. His headquarters is in Dallas, his money is in Dallas, the same city where President John F. Kennedy was assassinated. And never have I seen a man in my life more afraid, more frightened than Elijah Muhammad was when John F. Kennedy was assassinated. I've never in my life seen a man as frightened as he was. And when I made the statement that I did, why he almost cracked up behind it because there were all kinds of implications to it that at that time were way above and beyond my understanding.

Now you may wonder, why is it so important to many interests for the Black Muslim movement to remain? But I told you, it has the most militant, most uncompromising, most dissatisfied Black people in America in it. Many have left it, many are still in it. The fear has been that if anything happened to Elijah Muhammad and the Black Muslim movement were to crumble, that all those militants who formerly were in it and were held in check would immediately become involved in the civil rights struggle, and they would add the same kinds of energy to the civil rights struggle that they gave to the Black Muslim movement. And there's a great fear. You know yourself, white people don't like for Black people to get involved in anything to do with civil rights unless those Black people are nonviolent, loving, patient, forgiving, and all of that. They don't like it otherwise.

And there has been a conspiracy across the country on the part of many factions of the press to suppress news that would open the eyes of the Muslims who are following Elijah Muhammad. They continue to make him look like he's a prophet somewhere who is getting some messages direct from God and is untouchable and things of that sort. I'm telling you the truth. But they do know that if something were to happen and all these brothers, their eyes were to come open, they would be right out here in every one of these civil rights organizations making these Uncle Tom Negro leaders stand up and fight like men instead of running around here nonviolently acting like women.

So they hope Elijah Muhammad remains as he is for a long time because they know that any organization that he heads, it will not do anything in the struggle that the Black man is confronted with in this country. Proof of which, look how violent they can get. They were violent, they've been violent from coast to coast. Muslims, in the Muslim movement, have been involved in cold, calculated violence. And not at one time have they been involved in any violence against the Ku Klux Klan. They're capable. They're qualified. They're equipped. They know how to do it. But they'll never do it—only to another brother. Now, I am well aware of what I'm setting in motion by what I'm saying up here tonight. I'm well aware. But I have never said or done anything in my life that I wasn't prepared to suffer the consequences for.

Now, what does this have to do with France, England, the United States? You and I are living at a time when there's a revolution going on. A worldwide revolution. It goes beyond Mississippi. It goes beyond Alabama. It goes beyond Harlem. There's a worldwide revolution going on. And it's in two phases.

Number one, what is it revolting against? The power structure. The

American power structure? No. The French power structure? No. The English power structure? No. Then what power structure? An international

Western power structure. An international power structure consisting of

American interests, French interests, English interests, Belgian interests, European interests. These countries that formerly colonized the dark man formed into a giant international combine. A structure, a house that has ruled the world up until now. And in recent times there has been a revolution taking place in Asia and in Africa, whacking away at the strength or at the foundation of the power structure.

Now, the man was shook up enough when Africa was in revolt and when Asia was in revolt. All of this revolt was actually taking place on the outside of his house, on the outside of his base, or on the outside of his headquarters. But now he's faced with something new. Just as the French and the British and the—the French, and the British, and the Americans formed one huge home or house or power structure, those brothers in Africa and Asia, although they are fighting against it, they also have some brothers on the inside of the house. And as fast as the brothers in Africa and Asia get their independence, get freedom, get strength, begin to rise up, begin to change their image from negative to positive, this African image that has jumped from negative to positive affects the image that the Black man in the Western Hemisphere has of himself.

Whereas in the West Indies and in Latin American countries and in the United States, you or I used to be ashamed of ourselves, used to look down upon ourselves, used to have no tendency whatsoever or desire whatsoever to stick together. As the African nations become independent and mold a new image a positive image, a militant image, an upright image, the image of a man, not a boy. How has this affected the Black man in the Western Hemisphere? It has taken the Black man in the Caribbean and given him some pride. It has given pride to the Black man in Latin America and has given pride to the Black man right here in the United States. So that when the Black revolution begins to roll on the African continent it affects the Black man in the United States and affects the relationship between the Black man and the white man in the United States.

When the Black man in the Caribbean sees the brother on the continent of Africa waking up and rising up, the Black man in the Caribbean begins to throw back his shoulders and stick out his chest and stand up. Now, when that Black man goes to England, he's right inside the English power structure, ready to give it trouble. When the Black man from the French West Indies goes to France, why the effect upon him of the African revolution is the same as the effect upon us here in the States by the African revolution. This is what you have to understand.

Now, up to now there have been Black people in France, divided. Black people in England, divided. Black people here in America, divided. What divided us? Our lack of pride. Our lack of racial identity. Our lack of racial pride. Our lack of cultural roots. We had nothing in common. But as the African nation got its independence and changed its image, we became proud of it. And to the same degree that we became proud of it we began to have something in common to that same degree. So, whereas formerly it was difficult to unite Black people, today it is easier to unite Black people. Where formerly Black people didn't want to come together with Black people, but only with white people, today you find Black people want to come together with Black people. All they need is someone to start the ball rolling.

So, this is what you have to understand. And as the brothers on the African continent lead the way, it has an effect and an impact upon the brothers here, upon the brothers here in the Western Hemisphere. So that when you find the Afro-American community in France uniting not only with itself, but for the first time beginning to unite and work in conjunction with the African community, this frightens old De Gaulle to death, because he sees some new problems in front of him.

And when the Afro and West Indian community, which is an Afro-American community in England, begins to unite and then unite also with the African community in England and reach out and get the Asian community, it's trouble for old John Bull. Trouble that he never foresaw before. And this is something that he has to face up to.

Likewise, here in America, with you and me. For the first time in our history here you find we have a tendency to want to come together. For the first time we have a tendency to want to work together. And, up to now, no organization on the American continent has tried to unite you and me with our brothers and sisters back home. At no time. None of them. Marcus Garvey did it. They put him in jail. They framed him. The government—framed him and put him in jail. Marcus Garvey tried.

The only fear that exists is that you and I once we get united will also unite with our brothers and sisters. And since they knew that my calling in life, as a Muslim— number one, I'm a Muslim, for which I'm proud. And in no way has that changed, my being a Muslim. My religion is Islam. What's that? [Interjection from audience] Okay. Y'all sit down and be cool. Just sit down and be cool.

As a Muslim, when I left the Black Muslim movement, I realized that what we taught in there was not authentic Islam. My first journey was to Mecca to make myself an authentic Muslim. And to bring them there up to date on the problems that our people who are Muslims had. As soon as we established our religious authenticity with the Muslim world, we set up the Organization of Afro-American Unity and took immediate steps to make certain that we would be in direct contact with our African brothers on the African continent. So the first step that has been taken, brothers and sisters, since Garvey died, to actually establish contact between the 22 million Black Americans with our brothers and sisters back home was done by two organizations. Done first by the Muslim Mosque, which gave us direct ties with our brothers and sisters in Asia and Africa who are Muslims. And, you know we've got to unite with them, because there are 700 million Muslims and we surely need to stop being the minority and become part of the majority.

So, as Muslims, we united with our Muslim brothers in Asia and Africa. And as members of the Organization of African, or Afro-American Unity, we set out on a program to unite our people on this continent with our people on the mother continent. And this frightened many power—many interests in this country. Many people in this country who want to see us the minority and who don't want to see us taking too militant or too uncompromising a stand are absolutely against the successful regrouping or organizing of any faction in this country whose thought and whose thinking patterns is international, rather than national. Whose thought patterns, whose hopes and aspirations are worldly rather than just within the context of the United States border or the borderline of the United States.

So this has been the purpose of the OAAU and also the Muslim Mosque to give us direct links, direct contact, direct communication and cooperation with our brothers and sisters all over the earth. And once we are successful in uniting ourselves with our people all over the world, it puts us in a position where we no longer are a minority who can be abused and walked upon. We become a part of the majority. And then if this man over here plays too rough, we have some brothers who can play as rough as he. So that's all I have to say about that.

I wanted you to know that my house was bombed. It was bombed by the Black Muslim movement upon the orders of Elijah Muhammad. And when the bomb was thrown, one of the bombs was thrown at the rear window of my house where my three little baby girls sleep. And I have no compassion or mercy or forgiveness or anything of that sort for anyone who attacks children. If you attack me, that's one thing. I know what to do when you start attacking me, but when you attack sleeping babies, why, you are lower than a God...

The only thing that I regret in all of this is that two Black groups have to fight and kill each other off. Elijah Muhammad could stop the whole thing tomorrow, just by raising his hand. Really, he could. He could stop the whole thing by raising his hand. But he won't. He doesn't love Black people. He doesn't even want to go forward. Proof of which, they're killing each other. They killed one in the Bronx. They shot another one in the Bronx. They tried to get six of us Sunday morning. And the pattern has developed across the country. The man has gone insane, absolutely out of his mind. Besides, you can't be seventy-years-old and surround yourself by a handful of sixteen-, seventeen-, eighteen-year- old girls and keep your right mind.

So, from tonight on, there'll be a hot time in the old town. With regret. With great regret. There's no organization in this country that could do more for the struggling Black man than the Black Muslim movement if it wanted to, but it has gotten into the possession of a man who's become senile in his old age and perhaps doesn't realize it. And then he has surrounded himself by his children, who are now in power and want nothing but luxury and security and comfort and will do anything to safeguard their own interests.

So, I feel responsible for having played a major role in developing a criminal organization. It was not a criminal organization at the outset. It was an organization that had the power, the spiritual power, to reform the criminal. And this is what you have to understand. As long as that strong spiritual power was in the movement, it gave the moral strength to the believer that would enable him to rise above all his negative tendencies. I know, because I went into the movement with more negative tendencies than anybody in the movement. It was faith in what I was taught that made it possible for me to stop doing anything that I was doing and everything that I was doing. And I saw thousands of brothers and sisters come in who were in the same condition. And whatever they were doing, they would stop it overnight, just through faith and faith alone. And by this spiritual force, giving one the faith that enabled one to exercise some moral discipline, it became an organization that was to be respected as well as feared.

But as soon as the faith in the movement, the faith in the minds of the people in the movement was destroyed, now it has become a movement that's organized but not on a spiritual basis. And because there's no spiritual ingredient within the organization, there's no moral discipline. For it now consists of brothers and sisters who were once well meaning, but now who do not have the strength to discipline themselves. So they permit themselves to be used as a machine for a man who, as I say, has gone senile and is using them now to commit murder, acts of maiming and crippling other people.

And, I know that there's a brother sitting in here right now, tonight, who was beaten by them a couple of years ago—I'm not going to say. He knows. And if anybody should apologize to him, I should apologize to him. And I do apologize to him. Because he was beaten by the movement when I was in the movement, and I wasn't too far from him when he got beaten.

But this is what happens, and this is what we have to contend with. I, for one, disassociate myself from the movement completely. And I dedicate myself to the organizing of Black people into a group that are interested in doing things constructive, not for just one religious segment of the community, but for the entire Black community. This is what the purpose of the Organization of Afro-American Unity is. I have an action program that's for the good of the entire Black community, and we are for it the betterment of the community by any means necessary.

And, since tonight we had to get into this old nasty, negative subject, we didn't want to bring up our program. We're going to have a rally here this coming Sunday at two o'clock in the afternoon, at two o'clock—is it two o'clock Brother Ruben? Two o'clock. At two o'clock, at which time we will give you the program of the Organization of Afro-American Unity; what our aims are, our objectives are, what our program is, whether or not you want to be identified with it, and what active part you can play in helping us to straighten Harlem out. Nobody's going to straighten out Harlem but us. Nobody cleans up your house for you. You have to clean it up yourself. Harlem is our house; we'll clean it up. But when we clean it up, we'll also control it. We'll control the politics. We'll control the economy. We'll control the school system and see that our people get a break.

So, on that note, I'm going to bring my talk to a close. I'm going to let you have a five-minute recess, during which time we're going to take up a collection so that we can pay for the expense of the hall. And then we'll take a fifteen-minute question period afterwards.

So, Brother James, is everything all set? Yes. We're going to have a—those lights are something else—we're going to have a collection period right now, and all we want you to do brothers and sisters, is to help us pay for the hall. And if each of you put a dollar in those white pails that's going by, we'll have the hall paid for. And I really want to apologize to you for taking your good time tonight to talk about a nasty, negative subject. But if you wake up in the middle of the night and see your house on fire all around you, with your babies crying, you'll take time to get on a nasty, negative subject, too.

* * *

Malcolm X: I want to thank you for your patience. And ask you to be patient just a couple—this microphone doesn't seem to be up at all. Sir, was there—there was some questions you wanted to ask, was it?

[Question unintelligible]

Malcolm X: Yes, the press here wants to ask a couple questions. I just want to take time to answer them for them, then well get right into our business. We can get rid of them and get right into our business.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Well, I'm not at the house, because the house was bombed out.

[Question unintelligible]

Malcolm X: I wouldn't say. Behind what has happened, I wouldn't ever say where I'm going to live.

Question: What do you mean when you say, "there's a hot time in the old town tonight"?

Malcolm X: Well, that's an expression. Okay....This is the press. They want to get some questions out of the way. Please. When I said there'd be a hot time in the old town tonight, that's just a song, you know, that people sing. Yes, sir?

[Question unintelligible]

Malcolm X: Yes, the house was bombed by the Black Muslim movement upon orders from Elijah Muhammad himself. And Raymond Sharrieff, the Supreme Captain of the FOI, stated in a telegram that he made public that the Muslims would not condone me making any statements about Elijah Muhammad. They let it be known where they stood and what they intended to do. And when they made such a statement, I was surprised that the police and the public didn't do something about it. But they were hoping that the Black Muslim movement could get to me and then they would move in on the Black Muslim movement. I know what they're up to. They want those fools to get me and then they'll move in on them. I can see all the way around that.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Do I feel that the police—wait a minute. Stop. Don't go anywhere. Do I feel that the New York police are providing enough protection, or do I have to have protection of my own? I look for protection from Allah.

Question: You mentioned a conspiracy between the Black Muslims and the right wing in this country. Could you elaborate?

Malcolm X: I mentioned the conspiracy between the Muslims and the right wing in this country? I know for a fact that there is a conspiracy between, among, between the Muslims and the Lincoln Rockwell Nazis and also the Ku Klux Klan. There is a conspiracy. Well, the Ku Klux Klan made a deal, or were trying to make a deal with Elijah Muhammad in 1960 in the home of Jeremiah X, the minister in Atlanta at that time, in the presence of the minister in Philadelphia. They were trying to make a deal with him to make available to Elijah Muhammad a county-size tract of land in Georgia or South Carolina where Elijah Muhammad could then induce Negroes to migrate and make it appear that his program of a segregated state or separated state was feasible. And to what extent these negotiations finally developed, I do not know. Because I was not involved in them beyond the period of December 1960. But I do know that after that, Jeremiah, who was the minister throughout the South, could roam the entire South and the Klan not bother him in any way, shape, or form, nor would they bother any of the Black Muslims from then on. Nor would the Black Muslims bother the Klan.

Question: Are you inferring because of this conspiracy the attempt was made upon your life?

Malcolm X: The attempt could have been made upon my life at the...

Question: Are you inferring that because of this conspiracy the attempt was made upon your life?

Malcolm X: Not necessarily that conspiracy. The attempt was made upon my life because I speak my mind and I know too much and they know that I will speak it.

Question: Are you directing your followers to take any action?

Malcolm X: Am I directing my followers to take action against the Muslims? No. No.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Am I going to try to infiltrate their organization and win over some of their supporters? No, I have never tried to win supporters from Elijah Muhammad. Since I have left the Black Muslim movement, I've spoken at these rallies. Those who come, come; those who don't, don't. But I've never gone out of my way to win over any of his followers. And he himself is fearful, because he knows that you don't have to exercise too much energy to win his followers as soon as they know the truth and compare the two—by the way, this is the brother—this is Leon Ameer, who was Cassius Clay's secretary, whom they beat unmercifully up in Boston. And the courts freed the men who beat him. They fined them \$100— was it? —fined them \$100 and he was on the inside of the Black Muslim specialty squad. And it was he who heard Elijah Muhammad, Jr., come to New York when Elijah Muhammad was at the armory in June of last year. Junior stood up and told the Fruit—many of whom are here now also— that I should have been killed. That my tongue should have been put in an envelope and sent back to Chicago by now. And because Fat Joseph had not done it, they demoted him. He remained captain, but Clarence up in Boston was put over Joseph and Joseph's authority was curtailed. And then Clarence, the captain from Boston, and John, the captain from Springfield, came to New York to assassinate me. And came to him to get a silencer and couldn't get it. So the police know this. It's not something that's new. They're just waiting until the job is done and then they step in.

Question: Do you know that Elijah Muhammad was behind this?

Malcolm X: Yes.

Question: Or is this your belief?

Malcolm X: Elijah Muhammad invited—called all of his officials, national officials, to Chicago in October and ordered them to kill or maim any of his followers who leave him to follow me.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Well, when you say, how do I know...many of the brothers who were in at that time are out now. And if this ever comes into the courts, there are plenty of witnesses who can stand up and testify to it.

[Question unintelligible]

Malcolm X: I'd rather not say at this time.

[Question unintelligible, protests from audience]

Malcolm X: Give them two more minutes and we'll end it.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Yes, when I said that no one could clean up our homes but us, and that we will clean it up and that no one should control it but us, including the politics; what do I mean? I mean exactly that. That the Black people—[Interjection] What? Including who? Powell? Powell is one of us—

[Question unintelligible]

Malcolm X: No, he's not a member of our organization, but when I say he is one of us I mean he's one of the family. And then no one outside the family can get up and talk about him. If we talk about him, we talk about him within the family. But nobody outside the family can instigate us against Powell.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Yes, by controlling it politically I mean that the politics of the community of Harlem should be controlled by those of us who live in Harlem. Not by somebody sitting down in Gracie Mansion.

[Question unintelligible]

Malcolm X: No. But the Organization of Afro-American Unity intends to get involved in every kind of action that's going on in New York City. We don't intend to let anybody downtown influence us in any way, shape, or form. We want the influence to come from Harlem. And from other Harlems around the country. Now, this doesn't mean we're anti-outside-of Harlem. This doesn't mean we're anti-Bronx or anti-White Plains or antiwhite or anti-German or anything like that. But it means we're pro-Harlem. We're pro-ourselves. We want to start doing something for ourselves. That's all it means. It means that we want to stop begging you for your school; we want you to get out of the way and let us straighten out the schools in Harlem.

[Question unintelligible]

Malcolm X: I just answered this when I said from tonight on there will be a hot time in the old town. I answered it when this gentleman over here asked. The song will be the same. An implication? An implied threat? I never imply any threat to anyone. I am a Muslim; my religion is Islam—it's a religion of peace.

Question: Do you think there will be any further attempts?

Malcolm X: Sir, yes, I do believe there will be further attempts on my life. I know them. They are foaming at the mouth. The rank-and-file Muslim means well. It's those at the hierarchy, who are living off the fatted calf, who don't mean well. And this coming Sunday at two o'clock, as I say, our program will be unfolded. Elijah Muhammad knows—he has done some good things and he has done some bad things. He knows that if he had wanted to, he could have united our people with the Muslim world just by teaching the right religion of Islam. He could have done so. The entire Muslim world would have accepted him; as it is now, the Muslim world has rejected him. He can never go into the Muslim world and say that he is a prophet or that Allah came over here in the flesh—they would cut his head off if he said that. I mean he knows this. None of his followers can go over there without denouncing him. It is impossible for them to go to Mecca or any other place unless they subscribe to Islam, as it is subscribed to over there. So, he was in a position to unite us with the Muslim world, those of us who were Muslim. He was also in a position to unite us with Africa. But you cannot read anything that Elijah Muhammad has ever written that's pro-African. I defy you to find one word in his direct writings that's proAfrican. You can't find it.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Listen to this question this man got. What are you trying to get at?

[Question unintelligible]

Malcolm X: No, he asked me. No. I got to tell them what you asked me. He asked me, don't I think if I got hurt, you know, wouldn't some of my followers retaliate? What are you trying to say? Or, what are you trying to get me to say? No. I mean, it's okay. I'm not going to get you into any trouble. These are your friends in here. I just I want them to hear what you're asking me. That's all. I just want them to hear what you're asking me. You're not going to get in no trouble for this. Would he? No. Yes sir, last question.

Question: You're under civil court order to get out of your house in Queens?

Malcolm X: I'm under a civil court order to get out of my house in Queens? You know, I only—somebody told me that they heard that on the radio. I know nothing about it. And I haven't discussed it with a lawyer yet and I won't make any comments until I've discussed it with a lawyer. But I just hope that nobody tries to go in there while what's left of my belongings are there.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Some have been in the vicinity, yes, and some policemen, too, have been nice enough to watch the house ever since it was bombed. I wish they had been watching it while it was bombed.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Yeah, a great deal of my personal belongings were lost. They threw four bombs in there. I might point this out, that those who did it were so vicious and those who did it knew the whole layout of the house. They—and to show you why I believe in Allah—the bombs that were thrown into the front part of the house were thrown directly against the window, you know, so they came through. But before they threw the first one, I the neighbors saw someone go up to the window with a mop like instrument and break the windows, crack the glass, and then they threw the bombs in after the glass was broken and that was in the front part. Now if they had come around to...they had planned to do it from the front and the back so that I couldn't get out. They covered the front completely, the front door. Then they had come to the back but instead of getting directly in back of the house and throwing it this way, they stood at a forty-five-degree angle and tossed it at the window, so it glanced and went onto the ground. And the fire hit the window and it woke up my second oldest baby, but the fire burned on the outside of the house. But had that fire, had that gone through that window it would have fallen on a six-year-old girl, a four-year-old girl, and a two-year-old girl. Now I'm going to tell you, if it had done it, I'd taken my rifle and gone after anybody in sight. I would not wait. I say that because of this. The police know the criminal operation of the Black Muslim movement because they have thoroughly infiltrated it. There is no conversation that takes place in the Black Muslim movement that the city police don't know about, because they have policemen in there. They don't let Black people form anything without some policemen in there. And while I was in the Black Muslim movement, over the Black Muslim movement, many of the police who were sent to infiltrate us—they're Black—would tell me, "Look, I'm a cop, but I have to come." They would tell me. I knew the Muslim movement was full of police. So, don't you think anything is going down that they don't know about. The only thing that goes down is what they want to go down, and what they don't want to go down they don't let it go down.

Question: I have one last question.

Malcolm X: One last question, yes sir.

Question: The Muslims claim that you bombed your own house.

Malcolm X: Yes, that's what I said. The Muslims claim I bombed my house.

Question: Of course, they say, while you were there.

Malcolm X: Yeah. No, well, you can think what you want. The arson squad, the fire marshal, all of them are expert in this kind of thing and if anybody can find where I've bombed my house, they can put a rifle bullet through my head. It was my children and my own life and my wife's life that was at stake. Hey, let me tell you something, sir. I stood Sunday morning, you know what the degree—what the temperature was? It was about fifteen or twenty. I stood in my underwear, barefoot in the middle of my driveway with a gun in my hands for forty-five minutes waiting for the police or waiting for the fire department to come. If I'd wanted to put on a show, I could find a better way than that to put it on. That's all.

[DISCUSSION PERIOD]

Malcolm X: There's a—brothers and sisters, there's a—here's the Saturday

Evening Post dated February 27, 1965, and in it there's an article titled, "An ex-official tells - why the Black Muslims are a fraud." This is one of the brothers in Boston and who was formerly the secretary up there and who is the cousin of Ronald Stokes, the brother who was killed out in California in April of 1962. And I would like to say this before anything else, and that is, don't think that I don't know how bad I make myself look by attacking an organization that I was once so inseparably a part of. Well, I'm not particularly concerned it with how bad it makes me look. My prime concern is to expose it to the fullest of my ability, let the chips fall where they may. And if the Black Muslim movement says that I'm wrong in what I say, then I say since they're so well qualified and equipped, let them attack the Klan. Let them go find out who—let them get the persons who bombed that it church in Birmingham. Because I'll go get them. I'll go attack the Klan. And attack Rockwell and any of the others. And I defy them to do so. They can't do it. Because they both have the same paymaster. So now our question period. And you have to stand up because I can't see beyond this man's light. Yes sir.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Don't I think that we should become involved in some direct action, demonstrations? We are going to unveil our program on that next Sunday at two o'clock. Brother, I'm for anything you're for as long as it's going to get some results. I'm for anything you're for. As long as

it's intelligent, as long as it's disciplined, as long as it's aimed in the right direction—I'm for it. And what determines what we should do, or shouldn't do, will in no way be influenced by what the man downtown thinks.

We don't need anybody on the outside laying the ground rules by which we are going to fight our battles. We'll study the battle, study the enemy, study what we're up against, and then outline or map our own battle strategy. And we'll get some results. But as long as you have someone coming in from the outside telling you how you should do it and how you shouldn't do it—and always what they tell you is nonviolence, peaceful, love everybody, forgive them Lord, they know not what they do. As long as you get into that kind of bag, why you'll never get anywhere. What we want is to let them know that our aims are just. Our aims are within the realm of justice. And since they are, we're justified in going after those aims. Don't you know it's a disgrace for the United States of America to let—to have Martin Luther King, my good friend, the Right Reverend Dr. Martin, in Alabama, using school children to do what the federal government should do. Think of this. Those school children shouldn't have to march. Why Lyndon Johnson is supposed to have troops down there marching.

Your children aren't supposed to have to get out there and demonstrate just to vote. Is it that bad? It shows our so-called leaders have been outmaneuvered. Every day, you look on the television, you listen to the radio, you read the newspaper, and see where Black it people are going to jail by the hundreds, by the thousands. You don't do this in a civilized country. In any other country, the government would do its job. But this exists only because the government is not doing its job.

They've got Martin Luther King down there with crocodile tears crying his way into jail and still coming out and haven't got the ballot yet. We can get the ballot. Didn't they pass the civil rights bill? Just a minute, didn't they pass the civil rights bill and have made it legal. Don't you know that anywhere our people want to register and vote they're within their legal rights? All you and I have to do is show that we're men. And when we, and when they go to vote, we go with them. With them. With them. Prepared! Not prepared to make trouble. Not prepared to cause trouble. But prepared to protect ourselves in case trouble comes our way. And no one can find fault with that. Yes ma'am?

Question: My nephew is in Vietnam and— Malcolm X: Your nephew is where?

Question: In South Vietnam—

Malcolm X: In Vietnam? You should have him in Alabama.

[Question unintelligible]

Malcolm X: You told him right. Sister, you're talking my kind of talk. Yeah.

[Question unintelligible]

Malcolm X: I know you would. I know you would. Who else? Yes ma'am?.

..

Question: Brother Malcolm [Unintelligible] have fallen out of a hospital window. We buried him Saturday. [Unintelligible] refuse to speak to anyone. They have not spoken to his mother or anyone else. We have sent delegations there and each time they tell us that there's no one available to speak to. I had a picket line there Saturday. Now can't something be done about this? A thirteen-year-old child?

Malcolm X: Fell out of the hospital window?

Question: So, they say. But this child had lived on the top floor all of his life. What can we do and what must we do to avoid something else like this?

Malcolm X: This is what I meant earlier when I said concerning the importance of our controlling Harlem. As long as we have outsiders running our hospitals and our schools and our everything else, they will run us right on out of existence. I would suggest that you come over to the office and see what we can get our heads together on. And see what we can do. Anything I can do, I certainly will, and I know all the brothers and sisters will. We have time for two more questions. Yes ma'am. Right in front.

[Question unintelligible]

Malcolm X: No, they're not. They're marching for their parents. Let me tell you. You know, I was in Selma, and when I got to Selma I talked to these children. I talked to them. And you know I have to say this. I have to expose the man. King's man did not want me to talk to them. They told me they didn't mind me coming in and all of that, but they preferred that I didn't talk to the children. Because they knew what I was going to say. But the children insisted that I be heard. Otherwise, I wouldn't have gotten a hearing at all. And some of the, many of the students from SNCC also insisted that I be heard. This is the only way I got a chance to talk to them. And I might point out that one little girl who was only thirteen years old told me that she had been in jail the night before. She had just gotten out that morning. And she told of how they were using cattle prods, sticking it up against the heads of some of these little children and giving them headaches and things of that sort. Oh, yes. The most brutal form of punishment imaginable takes places down there and nothing is done about it. Old Lyndon is all tied up in South Vietnam and the Congo and other places, but he's not minding his business in Mississippi, in

Alabama. But you see, I don't blame them. I blame us. Really, I blame us. Once we organize, we can straighten it out.

The government is not going to straighten it out. It's getting too corrupt. It has too many racists in it. Too many segregationists running the government. So how is somebody from Texas going to stop the Klan?

From Texas! Texas is a Klan state itself No. You and I have to do it. And I promised the brothers and sisters in Alabama when I was there that we'd be back. I'll be back, you'll be back, we'll be back. Well ease on in, brothers and sisters. Those people down there aren't afraid. They aren't afraid, they're just waiting for somebody to tell them what to do. That's all. And they don't go for that old turn-the-other-cheek stuff. No. That's why they got children doing it. And even those children don't go for turning the other cheek. And there's nothing wrong with my saying this. Any time you live in a government, a government in 1965, that will permit conditions to exist that force a Negro leader to take children—babies—and march them down the street to get the right to register and vote, why that government should come under question. Should come under examination. We should stop and take a second look at it. And if it's not the government, then it's the men in the government. But the blame has got to be put somewhere. But you know where I put it? On us. We're too easy. We're too forgiving. We're too loving. We're too forgetful. We're too compromising. And we're too peaceful. Time for one more question. Yes sir.... Yes, yes ma'am.

[Question unintelligible]

Malcolm X: Yes, Yes. Akbar Muhammad along with Wallace Muhammad. But Akbar Muhammad gave a press conference in Cairo completely disassociating himself from his father and pointing out that what Elijah Muhammad is teaching in this country is absolutely and diametrically opposed to the true teachings of Islam. This was in Cairo. And actually, what Elijah Muhammad is teaching is an insult to the entire Muslim world, because Islam as the religion, as a religion, has nothing to do with color. There is no religion that has anything to do with color and Islam— as a religion, it doesn't use the color of a man's skin to measure him or as a yardstick. Islam, as a religion, judges a man by his intention, by his behavior, by his deeds. Now I can judge these crackers not 'cause they're white. I'm not talking about them 'cause they're white. I'm talking about them because what they do. Do you understand? Anything you hear me say here about whitey, or the white man, is not because he's white—no, I'll shake his hand if he's all right. But first he got to get all right.

The standard of judgment from a Muslim is behavior, intention, and deed. Do you understand? What Elijah Muhammad teaches is not that. Yes sir.

Question: Getting back to the action.

Malcolm X: The action, yes.

Question: You know, having power, wouldn't it be better if we were—I mean speaking of the Black man—to form a Black Ku Klux Klan?

Malcolm X: No. No. No. Don't let them maneuver you into forming anything that can be compared with the Klan. See, it is true we're the target of brutal, criminal treatment from the Klan. Now, we don't need a Black Ku Klux Klan. All we need is Black people who believe in the brotherhood of man and who will fight anyone who threatens the brotherhood of man. Now, the Klan is a threat to this brotherhood, and we are legally within our rights to defend ourselves from this Klan. But if we call ourselves the Klan, what will happen—the press will pick up what you do and make what you do look wrong. Because they will make it look wrong anyway. So, if you call yourself that, you help them. You help them hurt you. No, we don't want anything to do with the Klan or anything like the Klan. We want to destroy the Klan. Disband it, destroy it, erase it from this earth. And we can do it.

You've been in the army. They taught you all those tricks. Well, use them. I got to say this; then we're going to close. You need to study guerrilla warfare. Get every book you can find on guerrilla warfare. There's nothing wrong with saying that. Yes, it's good to know everything. There's nothing wrong with knowing that. Why, the government teaches you that. They draft you to teach you that, don't they? Sure, they it taught it to your son.

Well, go on and teach it to your son. But then tell your son how to use it. No, you study. We're going to have classes. The OAAU is going to have classes in all of the various sciences that you and I need to know—karate, judo. We've got some experts. This brother here is an expert judo man, expert karate man. He'd break that board right here like it wasn't even a board.

You come on in the OAAU and we'll train you. Show you how to protect yourself. Not so that you can go out and attack someone. You should never attack anybody. But at the same time whenever you, yourself, are attacked you are not supposed to turn the other cheek. Never turn the other cheek until you see the white man turn his cheek. The day that the white man turns the cheek, then you turn the cheek. If Martin Luther King was teaching white people to turn the other cheek, then I would say he was justified in teaching Black people to turn the other cheek. That's all I'm against. Make it a two-way street. Make it even-steven. If I'm going to be nonviolent, then let them be nonviolent. But as long as they're not nonviolent, don't you let anybody tell you anything about nonviolence. No. Be intelligent. Brothers and sisters, we're going to have our program on Sunday at two o'clock. I hope that every one of you will be here. It will be one of the last programs that we have—please don't move; please don't move; please don't move. It's going to be one of the last programs we have, next Sunday, at two o'clock. It will be designed to unfold to you completely, what our program is, and as I said earlier—some of you came late—the only reason that I didn't do it tonight, I wanted to give you a complete clarification on what happened at my house Sunday morning, so that you would know.

And once you know, then you can stay way away from me or come on in, we'll get you, one of the two. But I don't want to get you into anything that you don't know what you're getting into. I'm not trying to get you in any trouble, but I am trying to get something organized that will enable us to take a direct action against the forces that have been holding us back. Thank you.

Not Just an American Problem, but a World Problem (Feb. 16, 1965)

First, brothers and sisters, I want to start by thanking you for taking the time to come out this evening and especially for the invitation for me to come up to Rochester and participate in this little informal discussion this evening on matters that are of common interest to all elements in the community, in the entire Rochester community. My reason for being here is to discuss the Black revolution that is going on, that's taking place on this earth, the manner in which it's taking place on the African continent, and the impact that it's having in Black communities, not only here in America but in England and in France and in other of the former colonial powers today.

Many of you probably read last week I made an effort to go to Paris and was turned away. And Paris doesn't turn anybody away. You know anybody is supposed to be able to go to France, it's supposed to be a very liberal place. But France is having problems today that haven't been highly publicized. And England is also having problems that haven't been highly publicized, because America's problems have been so highly publicized. But all of these three partners, or allies, have troubles in common today that the Black American, or Afro-American, isn't well enough up on.

And in order for you and me to know the nature of the struggle that you and I are involved in, we have to know not only the various ingredients involved at the local level and national level, but also the ingredients that are involved at the international level. And the problems of the Black man here in this country today have ceased to be a problem of just the American Negro or an American problem. It has become a problem that is so complex, and has so many implications in it, that you have to study it in its entire world, in the world context or in its international context, to really see it as it actually is. Otherwise you can't even follow the local issue, unless you know what part it plays in the entire international context. And when you look at it in that context, you see it in a different light, but you see it with more clarity.

And you should ask yourself why should a country like France be so concerned with a little insignificant American Negro that they would prohibit him from going there, when almost anybody else can go to that country whenever they desire. And it's primarily because the three countries have the same problems. And the problem is this: That in the Western Hemisphere, you and I haven't realized it, but we aren't exactly a minority on this earth. In the Western Hemisphere there are—there's the people in Brazil, two thirds of the people in Brazil are dark-skinned people, the same as you and I. They are people of African origin, African ancestry—African background. And not only in Brazil, but throughout Latin America, the Caribbean, the United States, and Canada, you have people here who are of African origin.

Many of us fool ourselves into thinking of Afro-Americans as those only who are here in the United States. America is North America, Central America, and South America. Anybody of African ancestry in South America is an Afro-American. Anybody in Central America of African blood is an Afro-American. Anybody here in North America, including Canada, is an Afro-American if he has African ancestry—even down in the Caribbean he's an Afro-American. So, when I speak of the Afro-American, I'm not speaking of just the 22 million of us who are here in the

United States. But the Afro-American is that large number of people in the Western Hemisphere, from the southernmost tip of South America to the northernmost tip of North America, all of whom have a common heritage and have a common origin when you go back to the roots of these people.

Now, there are four spheres of influence in the Western Hemisphere, where Black people are concerned. There's the Spanish influence, which means that Spain formerly colonized a certain area of the Western Hemisphere. There's the French sphere of influence, which means that area that she formerly colonized. The area that the British formerly colonized, and then those of us who are in the United States.

The area that was formerly colonized by the Spanish is commonly referred to as Latin America. They have many dark-skinned people there, of African ancestry. The area which the French colonized here in the Western Hemisphere is largely referred to as the French West Indies. And the area that the British colonized are those that are commonly referred to as the British West Indies, and also Canada. And then again, there's the United States. So, we have these four different classifications of Black people, or nonwhite people, here in the Western Hemisphere.

Because of the poor economy of Spain, and because it has ceased to be an influence on the world scene as it formerly was, not very many of the people from—not very many of the black-skinned people from the Spanish sphere of influence migrate to Spain. But because of the high standard of living in France and England, you find many of the Black people from the British West Indies have been migrating to Great Britain, many of the Black people from the French West Indies migrate to France, and then you and I are already here.

So, it means that the three major allies, the United States, Britain, and France, have a problem today that is a common problem. But you and I are never given enough information to realize that they have a common problem. And that common problem is the new mood that is reflected in the overall division of the Black people within continental France, within the same sphere of England, and also here in the United States. So that—and this mood has been changing to the same degree that the mood on the African continent has been changing. So, when you find the African revolution taking place, and by African revolution I mean the emergence of African nations into independence that has been going on for the past ten or twelve years, has absolutely affected the mood of the Black people in the Western Hemisphere. So much so that when they migrate to England, they pose a problem for the English. And when they migrate to France, they pose a problem for the French. And when they—already here in the States—but when they awaken, and this same mood is reflected in the Black man in the States, then it poses a problem to the white man here in America.

And don't you think that the problem that the white man in America has is unique. France is having the same problem. And Great Britain is having the same problem. But the only difference between the problem in France and Britain and here is there have been many Black leaders that have risen up here in the Western Hemisphere, in the United States, that have created so much sort of militancy that has frightened the American whites. But that has been absent in France and England. And it has only been recently that the American Negro community and the British West Indian community, along with the African community in France, have begun to organize among themselves, and it's frightening France to death. And the same thing is happening in England. It is—up until recently it was disorganized completely. But recently, the West Indians in England, along with the African community in England, along with the Asians in England began to organize and work in coordination with each other, in conjunction with each other. And this has posed England a very serious problem.

So, I had to give you that background, in order for you to understand some of the current problems that are developing here on this earth. And in no time can you understand the problems between Black and white people here in Rochester or Black and white people in Mississippi or Black and white people in California, unless you understand the basic problem that exists between Black and white people not confined to the local level, but confined to the international, global level on this earth today. When you look at it in that context, you'll understand. But if you only try to look at it in the local context, you'll never understand. You have to see the trend that is taking place on this earth. And my purpose for coming here tonight is to try and give you as up-to-date an understanding of it all as is possible.

As many of you know, I left the Black Muslim movement and during the summer months, I spent five of those months on the—in the Middle East and on the African continent. During this time, I visited many countries, first of which was Egypt, and then Arabia, then Kuwait, Lebanon, Sudan, Kenya, Ethiopia, Zanzibar, Tanganyika—which is now Tanzania—Nigeria,

Ghana, Guinea, Liberia, Algeria. And then the five months that I was away I had an opportunity to hold lengthy discussions with President Nasser in Egypt, President Julius Nyerere in Tanzania, Jomo

Kenyatta in Kenya, Milton Obote in Uganda, Azikiwe in Nigeria, Nkrumah in Ghana, and Sekou Toure in Guinea. And during conversations with these men, and other Africans on that continent, there was much information exchanged that definitely broadened my understanding, and I feel, broadened my scope. For since coming back from over there, I have had no desire whatsoever to get bogged down in any picayune arguments with any birdbrained or small-minded people who happen to belong to organizations, based upon facts that are very misleading and don't get you anywhere when you have problems as complex as ours that are trying to get solved.

So, I'm not here tonight to talk about some of these movements that are clashing with each other. I'm here to talk about the problem that's in front of all of us. And to do it in a very informal way. I never like to be tied down to a formal method or procedure when talking to an audience, because I find that usually the conversation that I'm involved in revolves around race, or things racial, which is not my fault. I didn't create the race problem.

And you know, I didn't come to America on the Mayflower or at my own volition. Our people were brought here involuntarily, against our will. So, if we pose the problem now, they shouldn't blame us for being here. They brought us here.

One of the reasons I feel that it is best to remain very informal when discussing this type of topic, when people are discussing things based on race, they have a tendency to be very narrow-minded and to get emotional and all involved in, especially white people. I have found white people that usually are very intelligent, until you get them to talking about the race problem. Then they get blind as a bat and want you to see what they know is the exact opposite of the truth.

So, what I would rather we try and do is be very informal, where we can relax and keep an open mind, and try and form the pattern or the habit of seeing for ourselves, hearing for ourselves, thinking for ourselves, and then we can come to an intelligent judgment for ourselves.

To straighten out my own position, as I did earlier in the day at Colgate,

I'm a Muslim, which only means that my religion is Islam. I believe in God, the Supreme Being, the creator of the universe. This is a very simple form of religion, easy to understand. I believe in one God. It's just a whole lot better. But I believe in one God, and I believe that that God had one religion, has one religion, always will have one religion. And that that God taught all of the prophets the same religion, so there is no argument about who was greater or who was better: Moses, Jesus, Muhammad, or some of the others. All of them were prophets who came from one God. They had one doctrine, and that doctrine was designed to give clarification of humanity, so that all of humanity would see that it was one and have some kind of brotherhood that would be practiced here on this earth. I believe in that.

I believe in the brotherhood of man. But despite the fact I that I believe in the brotherhood of man, I have to be a realist and realize that here in America we're in a society that doesn't practice brotherhood. It doesn't practice what it preaches. It preaches brotherhood, but it doesn't practice brotherhood. And because this society doesn't practice brotherhood, those of us who are Muslim—those of us who left the Black Muslim movement and regrouped as Muslims, in a movement based upon orthodox Islam—we believe in the brotherhood of Islam.

But we also realize that the problem facing Black people in this country is so complex and so involved and has been here so long, unsolved, that it is absolutely necessary for us to form another organization. Which we did, which is a nonreligious organization in which—is known as the Organization of Afro-American Unity, and it is so structured organizationally to allow for active participation of any Afro-American, any Black American, in a program that is designed to eliminate the negative political, economic, and social evils that our people are confronted by in this society.

And we have that set up because we realize that we have to fight against the evils of a society that has failed to produce brotherhood for every member of that society. This in no way means that we're anti-

white, anti-blue, antigreen, or anti-yellow We're anti-wrong. We're anti-discrimination. We're anti-segregation. We're against anybody who wants to practice some form of segregation or discrimination against us because we don't happen to be a color that's acceptable to you...

We don't judge a man because of the color of his skin. We don't judge you because you're white; we don't judge you because you're black; we don't judge you because you're brown. We judge you because of what you do and what you practice. And as long as you practice evil, we're against you. And for us, the most—the worst form of evil is the evil that's based upon judging a man because of the color of his skin. And I don't think anybody here can deny that we're living in a society that just doesn't judge a man according to his talents, according to his know-how, according to his possibility—background, or lack of academic background. This society judges a man solely upon the color of his skin. If you're white, you can go forward, and if you're Black, you have to fight your way every step of the way, and you still don't get forward.

We are living in a society that is by and large controlled by people who believe in segregation. We are living in a society that is by and large controlled by a people who believe in racism, and practice segregation and discrimination and racism. We believe in and I say that it is controlled, not by the well-meaning whites, but controlled by the segregationists, the racists. And you can see by the pattern that this society follows all over the world. Right now, in Asia you have the American army dropping bombs on dark-skinned people. You can't say that—it's as though you can justify being that far from home, dropping bombs on somebody else. If you were next door, I could see it, but you can't go that far away from this country and drop bombs on somebody else and justify your presence over there, not with me.

It's racism. Racism practiced by America. Racism which involves a war against the dark-skinned people in Asia, another form of racism involving a war against the dark-skinned people in the Congo, as it involves a war against the dark-skinned people in Mississippi, Alabama, Georgia, and Rochester, New York. So, we're not against people because they're white. But we're against those who practice racism. We're against those who drop bombs on people because their color happens to be of a different shade than yours. And because we're against it, the press says we're violent. We're not for violence. We're for peace. But the people that we're up against are for violence. You can't be peaceful when you're dealing with them. They accuse us of what they themselves are guilty of. This is what the criminal always does. They'll bomb you, then accuse you of bombing yourself. They'll crush your skull, then accuse you of attacking him. This is what the racists have always done the criminal, the one who has criminal processes developed to a science. Their practice is criminal action. And then use the press to make you victim—look like the victim is the criminal, and the criminal is the victim. This is how they do it.

And you here in Rochester probably know more about this than anybody anywhere else. Here's an example of how they do. They take the press, and through the press, they beat the system, or through the white public, because the white public is divided. Some mean good, and some don't mean good. Some are well meaning, and some are not well meaning. This is true. You got some that are not well meaning, and some are well meaning. And usually those that are not well meaning outnumber those that are well meaning. You need a microscope to find those that are well meaning. So they don't like to do anything without the support of the white public. The racists, that are usually very influential in the society, don't make their move without first going to get public opinion on their side. So they use the press to get public opinion on their side.

When they want to suppress and oppress the Black community, what do they do? They take the statistics, and through the press, they feed them to the public. They make it appear that the rate of crime in the Black community is higher than it is anywhere else. What does this do? This message—this is a very skillful message used by racists to make the whites who aren't racists think that the rate of crime in the Black community is so high. This keeps the Black community in the image of a criminal. It makes it appear that anyone in the Black community is a criminal. And as soon as this impression is given, then it makes it possible, or paves the way to set up a police-type state in the Black community, getting the full approval of the white public when the police come in, use all kind

of brutal measures to suppress Black people, crush their skulls, sic dogs on them, and things of that type. And the whites go along with it. Because they think that everybody over there's a criminal anyway. This is what—the press does this.

This is skill. This skill is called—this is a science that's called “image making.” They hold you in check through this science of imagery. They even make you look down upon yourself, by giving you a bad image of yourself. Some of our own Black people who have eaten this image themselves and digested it—until they themselves don't want to live in the Black community. They don't want to be around Black people themselves.

It's a science that they use, very skillfully, to make the criminal look like the victim, and to make the victim look like the criminal. Example: In the United States during the Harlem riots, I was in Africa, fortunately. During these riots, or because of these riots, or after the riots, again the press, very skillfully, depicted the rioters as hoodlums, criminals, thieves, because they were abducting some property.

Now mind you, it is true that property was destroyed. But look at it from another angle. In these Black communities, the economy of the community is not in the hands of the Black man. The Black man is not his own landlord. The buildings that he lives in are owned by someone else. The stores in the community are run by someone else. Everything in the community is out of his hands. He has no say-so in it whatsoever, other than to live there, and pay the highest rent for the lowest type boarding place, pays the highest prices for food, for the lowest grade of food. He is a victim of this, a victim of economic exploitation, political exploitation, and every other kind. Now, he's so frustrated, so pent-up, so much explosive energy within him, that he would like to get at the one who's exploiting him. But the one who's exploiting him doesn't live in his neighborhood. He only owns the house. He only owns the store. He only owns the neighborhood. So that when the Black man explodes, the one that he wants to get at isn't there. So he destroys the property. He's not a thief. He's not trying to steal your cheap furniture or your cheap food. He wants to get at you, but you're not there. And instead of the sociologists analyzing it as it actually is, trying to understand it as it actually is, again they cover up the real issue, and they use the press to make it appear that these people are thieves, hoodlums. No! They are the victims of organized thievery, organized landlords who are nothing but thieves, merchants who are nothing but thieves, politicians who sit in the city hall and who are nothing but thieves in cahoots with the landlords and the merchants.

But again, the press is used to make the victim look like the criminal and make the criminal look like the victim.... This is imagery. And just as this imagery is practiced at the local level, you can understand it better by an international example. The best recent example at the international level to bear witness to what I'm saying is what happened in the Congo. Look at what happened. We had a situation where a plane was dropping bombs on African villages. An African village has no defense against the bombs. And an African village is not sufficient threat that it has to be bombed! But planes were dropping bombs on African villages. When these bombs strike, they don't distinguish between enemy and friend. They don't distinguish between male and female. When these bombs are dropped on African villages in the Congo, they are dropped on Black women, Black children, Black babies. These human beings were blown to bits. I heard no outcry, no voice of compassion for these thousands of Black people who were slaughtered by planes.

Why was there no outcry? Why was there no concern? Because, again, the press very skillfully made the victims look like they were the criminals, and the criminals look like they were the victims.

They refer to the villages as “rebel held,” you know. As if to say, because they are rebel-held villages, you can destroy the population, and it's okay. They also refer to the merchants of death as “American-trained, anti-Castro Cuban pilots.” This made it okay. Because these pilots, these mercenaries— you know what a mercenary is, he's not a patriot. A mercenary is not someone who goes to war out of patriotism for his country. A mercenary is a hired killer. A person who kills, who draws blood for money, anybody's blood. You kill a human being as easily as you kill a cat or a dog or a chicken. So these mercenaries, dropping bombs on African villages, caring nothing as to whether or not there are innocent,

defenseless women and children and babies being destroyed by their bombs. But because they're called "mercenaries," given a glorified name, it doesn't excite you.

Because they are referred to as "American-trained" pilots, because they are American-trained, that makes them okay. "Anti-Castro Cubans," that makes them okay. Castro's a monster, so anybody who's against Castro is all right with us, and anything they can do from there, that's all right with us.... They put your mind right in a bag and take it wherever they want, as well.

But it's something that you have to look at and answer for. Because they are American planes, American bombs, escorted by American paratroopers, armed with machine guns. But, you know, they say they're not soldiers, they're just there as escorts, like they started out with some advisers in South Vietnam. Twenty thousand of them— just advisers. These are just "escorts." They're able to do all of this mass murder and get away with it by labeling it "humanitarian," an act of humanitarianism. Or "in the name of freedom," "in the name of liberty." All kinds of high-sounding slogans, but it's cold-blooded murder, mass murder. And it's done so skillfully, so you and I, who call ourselves sophisticated in this twentieth century, are able to watch it, and put the stamp of approval upon it. Simply because it's being done to people with black skin, by people with white skin.

They take a man who is a cold-blooded murderer, named Tshombe. You've heard of him, Uncle Tom Tshombe. He murdered the prime minister, the rightful prime minister, Lumumba. He murdered him. Now here's a man who's an international murderer, selected by the State Department and placed over the Congo and propped into position by your tax dollars. He's a killer. He's hired by our government. He's a hired killer. And to show the type of hired killer he is, as soon as he's in office, he hires more killers in

South Africa to shoot down his own people. And you wonder why your American image abroad is so bankrupt. Notice I said, "Your American image abroad is so bankrupt." They make this man acceptable by saying in the press that he's the only one that can unite the Congo. Ha. A murderer. They won't let China in the United Nations because they say she declared war on UN troops in Korea. Tshombe declared war on UN troops in Katanga. You give him money and prop him up. You don't use the same yardstick. You use the yardstick over here, change it over here.

This is true everybody can see you today. You make yourself look sick in the sight of the world trying to fool people that you were at least once wise with your trickery. But today your bag of tricks have absolutely run out. The whole world can see what you're doing. The press whips up hysteria in the white public. Then it shifts gears and starts working trying to get the sympathy of the white public. And then it shifts gears and gets the white public to support whatever criminal action they're getting ready to involve the United States in.

Remember how they referred to the hostages as "white hostages." Not

"hostages." They said these "cannibals" in the Congo had "white hostages." Oh, and this got you all shook up. White nuns, white priests, white missionaries. What's the difference between a white hostage and a Black hostage? What's the difference between a white life and a Black life? You must think there's a difference, because your press specifies whiteness. "Nineteen white hostages" cause you to grieve in your heart. During the months when bombs were being dropped on Black people by the hundreds and the thousands, you said nothing. And you did nothing. But as soon as a few—a handful of white people who didn't have any business getting caught up in that thing in the first place—as soon as their lives became involved, you got concerned.

I was in Africa during the summer when they—when the mercenaries and the pilots were shooting down Black people in the Congo like flies. It wouldn't even get mentioned in the Western press. It wasn't mentioned. If it was mentioned, it was mentioned in the classified section of the newspaper.

Someplace where you'd need a microscope to find it. And at that time the African brothers, at first they weren't taking hostages. They only began to take hostages when they found that these pilots were bombing their villages. And then they took hostages, moved them into the village, and warned the pilots that if you drop bombs on the village, you'll hit your own people. It was a war maneuver. They were at war. They only held a hostage in a village to keep the mercenaries from murdering on a mass scale the people of those villages. They weren't keeping them as hostages because they were cannibals. Or because they thought their flesh was tasty. Some of those missionaries had been over there for forty years and didn't get eaten up. If they were going to eat them they would have eaten them when they were young and tender. Why you can't even digest that old white meat on an old chicken.

It's imagery. They use their ability to create images, and then they use these images that they've created to mislead the people. To confuse the people and make the people accept wrong as right and reject right as wrong. Make the people actually think that the criminal is the victim and the victim is the criminal. Even as I point this out, you may say, "What does this all have to do with the Black man in America? And what does it have to do with the Black and white relations here in Rochester?"

You have to understand it. Until 1959 the image of the African continent was created by the enemies of Africa. Africa was a land dominated by outside powers. A land dominated by Europeans. And as these Europeans dominated the continent of Africa, it was they who created the image of Africa that was projected abroad. And they projected Africa and the people of Africa in a negative image, a hateful image. They made us think that Africa was a land of jungles, a land of animals, a land of cannibals and savages. It was a hateful image. And because they were so successful in projecting this negative image of Africa, those of us here in the West of African ancestry, the Afro-American, we looked upon Africa as a hateful place. We looked upon the African as a hateful person. And if you referred to us as an African it was like putting us as a servant, or playing house, or talking about us in the way we didn't want to be talked.

Why? Because those who oppress know that you can't make a person hate the root without making them hate the tree. You can't hate your own and not end up hating yourself. And since we all originated in Africa, you can't make us hate Africa without making us hate ourselves. And they did this very skillfully. And what was the result? They ended up with 22 million Black people here in America who hated everything about us that was

African. We hated the African characteristics, the African characteristics. We hated our hair. We hated our nose, the shape of our nose, and the shape of our lips, the color of our skin. Yes we did. And it was you who taught us to hate ourselves simply by shrewdly maneuvering us into hating the land of our forefathers and the people on that continent.

As long as we hated those people, we hated ourselves. As long as we hated what we thought they looked like, we hated what we actually looked like. And you call me a hate teacher. Why, you taught us to hate ourselves. You taught the world to hate a whole race of people and have the audacity now to blame us for hating you simply because we don't like the rope that you put around our necks. When you teach a man to hate his lips, the lips that God gave him, the shape of the nose that God gave him, the texture of the hair that God gave him, the color of the skin that God gave him, you've committed the worst crime that a race of people can commit. And this is the crime that you've committed.

Our color became a chain, a psychological chain. Our blood—African blood—became a psychological chain, a prison, because we were ashamed of it. We believe they would tell it to your face, and say they weren't; they were! We felt trapped because our skin was black. We felt trapped because we had African blood in our veins. This is how you imprisoned us. Not just bringing us over here and making us slaves. But the image that you created of our motherland and the image that you created of our people on that continent was a trap, was a prison, was a chain, was the worst form of slavery that has ever been invented by a so-called civilized race and a civilized nation since the beginning of the world.

You still see the result of it among our people in this country today. Because we hated our African blood, we felt inadequate, we felt inferior, we felt helpless. And in our state of helplessness, we wouldn't work for ourselves. We turned to you for help, and then you wouldn't help us. We didn't feel adequate. We turned to you for advice and you gave us the wrong advice. Turned to you for direction and you kept us going in circles. But a change has come about. In us. And what from? Back in '55 in Indonesia, at Bandung, they had a conference of dark-skinned people. The people of Africa and Asia came together for the first time in centuries. They had no nuclear weapons, they had no air fleets, no navy. But they discussed their plight and they found that there was one thing that all of us had in common—oppression, exploitation, suffering. And we had a common oppressor, a common exploiter.

If a brother came from Kenya and called his oppressor an Englishman; and another came from the Congo, he called his oppressor a Belgian; another came from Guinea, he called his oppressor French. But when you brought the oppressors together there's one thing they all had in common, they were all from Europe. And this European was oppressing the people of Africa and Asia.

And since we could see that we had oppression in common and exploitation in common, sorrow and sadness and grief in common, our people began to get together and determined at the Bandung Conference that it was time for us to forget our differences. We had differences. Some were Buddhists, some were Hindus, some were Christians, some were Muslim, some didn't have any religion at all. Some were socialists, some were capitalists, some were communists, and some didn't have any economy at all. But with all of the differences that existed, they agreed on one thing, the spirit of Bandung was, from there on in, to de-emphasize the areas of difference and emphasize the areas that we had in common.

And it was the spirit of Bandung that fed the flames of nationalism and freedom not only in Asia, but especially on the African continent. From '55 to '60 the flames of nationalism, independence on the African continent, became so bright and so furious, they were able to burn and sting anything that got in its path. And that same spirit didn't stay on the African continent. It somehow or other—it slipped into the Western Hemisphere and got into the heart and the mind and the soul of the Black man in the Western Hemisphere who supposedly had been separate from the African continent for almost 400 years.

But the same desire for freedom that moved the Black man on the African continent began to burn in the heart and the mind and the soul of the Black man here, in South America, Central America, and North America, showing us we were not separated. Though there was an ocean between us, we were still moved by the same heartbeat. The spirit of nationalism on the African continent—It began to collapse; the powers, the colonial powers, they couldn't stay there. The British got in trouble in Kenya, Nigeria, Tanganyika, Zanzibar, and other areas of the continent. The French got in trouble in the entire French Equatorial North Africa, including Algeria. Became a trouble spot for France. The Congo wouldn't any longer permit the Belgians to stay there. The entire African continent became explosive from '54-'55 on up to 1959. By 1959 they couldn't stay there any longer. It wasn't that they wanted to go. It wasn't that all of a sudden they had become benevolent. It wasn't that all of a sudden they had ceased wanting to exploit the Black man of his natural resources. But it was the spirit of independence that was burning in the heart and mind of the Black man. He no longer would allow himself to be colonized, oppressed, and exploited. He was willing to lay down his life and take the lives of those who tried to take his, which was a new spirit.

The colonial powers didn't leave. But what did they do? Whenever a person is playing basketball, if—you watch him—the players on the opposing team trap him and he doesn't want to get rid of, to throw the ball away, he has to pass it to someone who's in the clear, who's on the same team as he. And since Belgium and France and Britain and these other colonial powers were trapped—they were exposed as colonial powers—they had to find someone who was still in the clear, and the only one in the clear so far as the Africans were concerned was the United States. So they passed the ball to the United States. And this administration picked it up and ran like mad ever since. As soon as they grabbed the ball, they realized that they were confronted with a new problem. The problem was that the Africans had awakened. And in their awakening they were no longer afraid. And because the Africans were not afraid, it was

impossible for the European powers to stay on that continent by force. So our State Department, grabbing the ball and in their new analysis, they realized that they had to use a new strategy if they were going to replace the colonial powers of Europe.

What was their strategy? The friendly approach. Instead of coming over there with their teeth gritted, they started smiling at the Africans. “We’re your friends. But in order to convince the African that he was their friend he had to start off pretending like they were our friend.

You didn’t get the man to smile at you because you were bad, no. He was trying to impress your brother on the other side of the water. He smiled at you to make his smile consistent. He started using a friendly approach over there. A benevolent approach. A philanthropic approach. Call it benevolent colonialism. Philanthropic imperialism. Humanitarianism backed up by dollarism. Tokenism. This is the approach that they used. They didn’t go over there well meaning. How could you leave here and go on the African continent with the Peace Corps and Cross Roads and these other outfits when you’re hanging Black people in Mississippi? How could you do it? How could you train missionaries, supposedly over there to teach them about Christ, when you won’t let a Black man in your Christ’s church right here in Rochester, much less in the South. You know that’s something to think about. It gets me hot when I think about it.

From 1954 to 1964 can easily be looked upon as the era of the emerging African state. And as the African state emerged from ‘54 to ‘64, what impact, what effect did it have on the Afro-American, the Black American? As the Black man in Africa got independent, it put him in a position to be master of making his own image. Up until 1959 when you and I thought of an African, we thought of someone naked, coming with the tom-toms, with bones in his nose. Oh yeah! This was the only image you had in your mind of an African. And from ‘59 on when they begin to come into the UN and you’d see them on the television you’d get shocked. Here was an

African who could speak better English than you. He made more sense than you. He had more freedom than you. Why places where you couldn’t go—places where you couldn’t go, all he had to do was throw on his robes and walk right past you. It had to shake you up. And it was only when you’d become shook up that you began to really wake up.

So as the African nations gained their independence and the image of the African continent began to change, the things agreed as the image of Africa switched from negative to positive. Subconsciously. The Black man throughout the Western Hemisphere, in his subconscious mind, began to identify with that emerging positive African image.

And when he saw the Black man on the African continent taking a stand, it made him become filled with the desire also to take a stand. The same image, the same just as the African image was negative—and you hear about old hat in the hand, compromising, fearful looks—we were the same way. But when we began to read about Jomo Kenyatta and the Mau Mau and others, then you find Black people in this country began to think along the same line. And more closely along the same line than some of them really want to admit.

When they saw—just as they had to change their approach with the people on the African continent, they also then began to change their approach with our people on this continent. As they used tokenism and a whole lot of other friendly, benevolent, philanthropic approaches on the African continent, which were only token efforts, they began to do the same thing with us here in the States. Tokenism. They came up with all kinds of programs that weren’t really designed to solve anybody’s problems. Every move they made was a token move. They never made a real down-to earth move at one time to really solve the problem. They came up with a Supreme Court desegregation decision that they haven’t put into practice yet. Not even in Rochester, much less in Mississippi. They fooled the people in Mississippi by trying to make it appear that they were going to integrate the University of Mississippi. They took one Negro to the university backed up with about 6,000—15,000 troops, I think it was. And I think it cost them \$6 million.

And three or four people got killed in the act. And it was only an act.

Now, mind you, after one of them got in, they said there's integration in Mississippi. They stuck two of them in the school in Georgia and said there's integration in Georgia. Why you should be ashamed. Really, if I was white, I'd be so ashamed I'd crawl under a rug. And I'd feel so low while I was under that rug I wouldn't even leave a hump.

This tokenism, this tokenism was a program that was designed to protect the benefits of only a handful of handpicked Negroes. And these handpicked Negroes were given big positions, and then they were used to open up their mouths to tell the world, "Look at how much progress we're making." He should say, look at how much progress he is making. For while these handpicked Negroes were eating high on the hog, rubbing elbows with white folk, sitting in Washington, D.C., the masses of Black people in this country continued to live in the slum and in the ghetto. The masses, the masses of Black people in this country remain unemployed, and the masses of Black people in this country continue to go to the worst schools and get the worst education. Along during the same time appeared a movement known as the Black Muslim movement. The Black Muslim movement did this: Up until the time the Black Muslim movement came on the scene, the NAACP was regarded as radical. They wanted to investigate it. They wanted to investigate it. CORE and all the rest of them were under suspect, under suspicion. King wasn't heard of. When the Black Muslim movement came along talking that kind of talk that they talked, the white man said, "Thank God for the NMCP." The Black Muslim movement has made the NMCP acceptable to white folks. It made its leaders acceptable. They then began to refer to them as responsible Negro leaders. Which meant they were responsible to white folk. Now I am not attacking the NMCP. I'm just telling you about it. And what makes it so bad, you can't deny it.

So this is the contribution that that movement made. It frightened a lot of people. A lot of people who wouldn't act right out of love begin to act right out of fear. Because Roy [Wilkins] and [James] Farmer and some of the others used to tell white folk, look if you don't act right by us you're going to have to listen to them. They used us to better their own position, their own bargaining position. No matter what you think of the philosophy of the Black Muslim movement, when you analyze the part that it played in the struggle of Black people during the past twelve years you have to put it in its proper context and see it in its proper perspective. The movement itself attracted the most militant, the most dissatisfied, the most uncompromising elements of the Black community. And also the youngest elements of the Black community. And as this movement grew, it attracted such a militant, uncompromising, dissatisfied element.

The movement itself was supposedly based upon the religion of Islam and therefore supposedly a religious movement. But because the world of Islam or the orthodox Muslim world would never accept the Black Muslim movement as a bona fide part of it, it put those of us who were in it in a sort of religious vacuum. It put us in a position of identifying ourselves by a religion, while the world in which that religion was practiced rejected us as not being bona fide practitioners...practitioners of that religion. Also, the government tried to maneuver us and label us as political rather than religious so that they could charge us with sedition and subversion. This is the only reason but although we were labeled political, because we were never permitted to take part in politics we were in a vacuum politically. We were in a religious vacuum. We were in a political vacuum. We were actually alienated, cut off from all type of activity with even the world that we were fighting against. We became a sort of a religious/political hybrid, all to ourselves. Not involved in anything but just standing on the sidelines condemning everything. But in no position to correct anything because we couldn't take action.

Yet at the same time, the nature of the movement was such that it attracted the activists. Those who wanted action. Those who wanted to do something about the evils that confronted all Black people. We weren't particularly concerned with the religion of the Black man. Because whether he was a Methodist or a Baptist or an atheist or an agnostic, he caught the same hell.

So we could see that we had to have some action, and those of us who were activists became dissatisfied, disillusioned. And finally dissension set in and eventually a split. Those who split away were the real

activists of the movement who were intelligent enough to want some kind of program that would enable us to fight for the rights of all Black people here in the Western Hemisphere.

But at the same time we wanted our religion. So when we left, the first thing we did we regrouped into a new organization known as the Muslim Mosque, headquartered in New York. And in that organization we adopted the real, orthodox religion of Islam, which is a religion of brotherhood. So that while accepting this religion and setting up an organization which could practice that religion—and immediately this particular Muslim Mosque was recognized and endorsed by the religious officials of the

Muslim world. We realized at the same time we had a problem in this society that went beyond religion. And it was for that reason we set up the Organization of Afro-American Unity in which anybody in the community could participate in an action program designed to bring about complete recognition and respect of Black people as human beings.

And the motto of the Organization of Afro-American Unity is By Any Means Necessary. We don't believe in fighting a battle that's going to—in which the ground rules are to be laid down by those who suppress us. We don't believe that we can win in a battle where the ground rules are laid down by those who exploit us. We don't believe that we can carry on a struggle trying to win the affection of those who for so long have oppressed and exploited us.

We believe that our fight is just. We believe that our grievances are just. We believe that the evil practices against Black people in this society are criminal and that those who engage in such criminal practices are to be looked upon themselves as nothing but criminals. And we believe that we are within our rights to fight those criminals by any means necessary. This doesn't mean that we're for violence. But we do—we have seen that the federal government has shown its inability, its absolute unwillingness, to protect the lives and the property of Black people. We have seen where organized white racists, Klansmen, Citizens' Councilmen, and others can come into the Black community and take a Black man and make him disappear and nothing be done about it.

We reanalyzed our condition. When we go back to 1939, Black people in

America were shining shoes. Some of the most educated were shining in Michigan, where I came from, in Lansing, the capital. The best jobs you could get in the city were carrying trays out at the country club to feed white people. And usually the waiter at the country club was looked upon as the town big shot 'cause he had a good job around "good" white folks, you know.

He had the best education, but he'd be shining shoes right at the State House, the capitol. Shining the governor's shoes, and the attorney general's shoes, and this made him in the know, you know, 'cause he could shine white folks' shoes who were in big places. Whenever the people downtown wanted to know what was going on in the Black community, he was their boy. He was what's known as the "town Negro," the Negro leader. And those who weren't shining shoes, the preachers, also had a big voice in the community. That's all they'd let us do is shine shoes, wait on tables, and preach.

In 1939, before Hitler went on the rampage, or rather at the time yeah, before Hitler went on the rampage, a Black man couldn't even work in the factory. We were digging ditches on WPA. Some of you all have forgotten too quick. We were ditch-digging on the VVPA. Our food came from the welfare, they were stamped "not to be sold." I got so many things from the store called "not to be sold," I thought that was a store some place. This is the condition the Black man was in, and that's till 1939.... Until the war started, we were confined to these menial tasks. When the war started, they wouldn't even take us in the army. A Black man wasn't drafted. Was he or was he not? No! You couldn't join the navy. Remember that? Wouldn't draft one. This was as late as 1939 in the United States of America!

They taught you to sing "sweet land of liberty" and the rest of that stuff. No! You couldn't join the army. You couldn't join the navy. They wouldn't even draft you. They only took white folks. They didn't start

drafting us until the Negro leader opened up his big mouth, talking about, “If white folks must die, we must die too.”

The Negro leader got a whole lot of Negroes killed in World War II who never had to die. So, when America got into the war, immediately she was faced with a manpower shortage. Up until the time of the war, you couldn't get inside of a plant. I lived in Lansing, where Oldsmobile's factory was and Reo's. There was about three in the whole plant and each one of them had a broom. They had education. They had gone to school. I think one had gone to college. But he was a “broomologist.” When times get tough and there was a manpower shortage, then they let us in the factory. Not through any effort of our own. Not through any sudden moral awakening on their part. They needed us. They needed manpower. Any kind of manpower. And when they got desperate and in need, they opened up the factory door and let us in. So, we began to learn to run machines. Then we began to learn how to run machines, when they needed us. Put our women in as well as our men. As we learned to operate the machines, we began to make more money. As we began to make more money, we were able to live in a little better neighborhood. When we moved to a little better neighborhood, we went to a little better school. And when we went to that better school, we got a little better education and got in a little better position to get a little better job. It was no change of heart on their part. It was no sudden awakening of their moral consciousness. It was Hitler. It was Tojo. It was Stalin. Yes, it was pressure from the outside, at the world level, that enabled you and me to make a few steps forward. Why wouldn't they draft us and put us in the army in the first place? They had treated us so bad, they were afraid that if they put us in the army and give us a gun and showed us how to shoot it— they feared that they wouldn't have to tell us what to shoot at.

And probably they wouldn't have had. It was their conscience. So, I point this out to show that it was not change of heart on Uncle Sam's part that permitted some of us to go a few steps forward. It was world pressure. It was threat from outside. Danger from outside that made it—that occupied his mind and forced him to permit you and me to stand up a little taller. Not because he wanted us to stand up. Not because he wanted us to go forward. He was forced to.

And once you properly analyze the ingredients that opened the doors even to the degree that they were forced open, when you see what it was, you'll better understand your position today. And you'll better understand the strategy that you need today. Any kind of movement for freedom of Black people based solely within the confines of America is absolutely doomed to fail.

As long as your problem is fought within the American context, all you can get as allies is fellow Americans. As long as you call it civil rights, it's a domestic problem within the jurisdiction of the United States government. And the United States government consists of segregationists, racists. Why the most powerful men in the government are racists. This government is controlled by thirty-six committees, twenty congressional committees and sixteen senatorial committees. Thirteen of the twenty congressmen that make up the congressional committees are from the South. Ten of the sixteen senators that control the senatorial committees are from the South. Which means, that of the thirty-six committees that govern the foreign and domestic directions and temperament of the country in which we live, of the thirty-six, twenty-three of them are in the hands of racists. Outright, stone-cold, dead segregationists. This is what you and I are up against. We are in a society where the power is in the hands of those who are the worst breed of humanity. Now how are we going to get around them? How are we going to get justice in a Congress that they control? Or a Senate that they control? Or a White House that they control? Or from a Supreme Court that they control?

Look at the pitiful decision that the Supreme Court handed down. Brother look at it! Don't you know these men on the Supreme Court are Masters of Legal—not only of law, but legal phraseology. They are such masters of the legal language that they could very easily have handed down a desegregation decision on education so worded that no one could have gotten around. But they come up with that thing worded in such a way that here ten years have passed, and there's all kind of loopholes in it. They knew what they were doing. They pretend to give you something while knowing all the time you can't utilize it.

They come up last year with a civil rights bill that they publicized all around the world as if it would lead us into the promised land of integration. Oh yeah! Just last week, the Right Reverend Dr. Martin Luther King come out of the jail house and went to Washington, D.C., saying he's going to ask every day for new legislation to protect voting rights for Black people in Alabama. Why? You just had legislation. You just had a civil rights bill. You mean to tell me that that highly publicized civil rights bill doesn't even give the federal government enough power to protect Black people in Alabama who don't want to do anything but register? Why it's another foul trick, 'cause they tricked us year in and year out. Another foul trick.

So, since we see...I don't want you to think I'm teaching hate. I love everybody who loves me. But I sure don't love those who don't love me. Since we see all of this subterfuge, this trickery, this maneuvering—it's not only at the federal level, the national level, the local level, all levels. The young generation of Blacks that's coming up now can see that as long as we wait for the Congress and the Senate and the Supreme Court and the president to solve our problems, you'll have us waiting on tables for another thousand years. And there aren't no days like those.

Since the civil rights bill—I used to see African diplomats at the UN crying out against the injustice that was being done to Black people in Mozambique, in Angola, the Congo, in South Africa, and I wondered why and how they could go back to their hotels and turn on the TV and see dogs biting Black people right down the block and policemen wrecking the stores of Black people with their clubs right down the block, and putting water hoses on Black people with pressure so high it tear our clothes off, right down the block. And I wondered how they could talk all that talk about what was happening in Angola and Mozambique and all the rest of it and see it happen right down the block and get up on the podium in the UN and not say anything about it.

But I went and discussed it with some of them. And they said that as long as the Black man in America calls his struggle a struggle of civil rights—that in the civil rights context, it's domestic and it remains within the jurisdiction of the United States. And if any of them open up their mouths to say anything about it, it's considered a violation of the laws and rules of protocol. And the difference with the other people was that they didn't call their grievances "civil rights" grievances, they called them "human rights" grievances. "Civil rights" are within the jurisdiction of the government where they are involved. But "human rights" is part of the charter of the United Nations.

All the nations that signed the charter of the UN came up with the Declaration of Human Rights and anyone who classifies his grievances under the label of "human rights" violations, those grievances can then be brought into the United Nations and be discussed by people all over the world. For as long as you call it "civil rights" your only allies can be the people in the next community, many of whom are responsible for your grievance. But when you call it "human rights" it becomes international. And then you can take your troubles to the World Court. You can take them before the world. And anybody anywhere on this earth can become your ally.

So, one of the first steps that we became involved in, those of us who got into the Organization of Afro American Unity, was to come up with a program that would make our grievances international and make the world see that our problem was no longer a Negro problem or an American problem but a human problem. A problem for humanity and a problem which should be attacked by all elements of humanity. A problem that was so complex that it was impossible for Uncle Sam to solve it himself and therefore we want to get into a body or conference with people who are in such positions that they can help us get some kind of adjustment for this situation before it gets so explosive that no one can handle it.

Thank you.

Stan Bernard Interviews Malcolm X (February 18, 1965)

Stan Bernard: And what is the Black Muslim movement? Is it a bona fide religion or just a terror organization? Tonight on "Stan Bernard: Contact" we're going to have a look at the Muslims and the

Black nationalists in general. And my guests tonight: Malcolm X, once the number-two man in the Black Muslims, now broken with Elijah Muhammad; he says he's a marked man and that a number of attempts have been made on his life. And also, in the studio, or we hope very shortly, Aubrey Barnette. There's been some difficulty tonight, just before air time, and Aubrey may join us, and he may not. He's also split from the organization, and he's written an article in this week's Saturday Evening Post labeled simply "The Black Muslims Are a Fraud." And here is Aubrey Barnette now. And my third guest tonight, Gordon Hall, an expert on extremist organizations. Aubrey Barnette, in your article you call the Black Muslims a fraud. Now does this just apply to the mosque's methods of raising money or what? Do you think it's a religious fraud as well?

Aubrey Barnette: I think the entire Black Muslim movement is a fraud.

And Webster's Dictionary defines a fraud as deceit, trickery, or a trick. The Black Muslims have deceived the public. They've used trickery on trying to attract the Negroes and they have outright tricked the poor Black Muslim members. That's why I say they are a fraud.

Bernard: Now, okay, they've tricked them. Now this is in terms of the religion itself as well as the money raising?

Barnette: Well, as far as the religion of Islam is concerned, I might say right here that any similarity between the Black Muslims and the true religion of Islam is purely coincidental.

Bernard: Malcolm X, I said at the outset that you were once the number two man. I think I can rightfully say that, easily you were certainly as well-known as, almost as well known, or as well-known as Elijah Muhammad.

Malcolm X: But I never was the number-two man.

Bernard: You never were the number-two man.

Malcolm X: The press said I was the number-two man, but there were others ahead of me.

Bernard: How do you feel about this comment from Aubrey Barnette?

Malcolm X: What he's saying is true, especially about the first, especially about the religion. The religion of Islam itself is a religion that is based upon brotherhood and a religion in which the persons who believe in it in no way judge a man by the color of his skin. The yardstick of measurement in Islam is one's deeds, one's conscious behavior. And the yardstick of measurement that was used by Elijah Muhammad was based upon the color of the skin.

Bernard: Malcolm, it wasn't too long ago that you were preaching separation, Black supremacy, you were...or separation at any rate; if not Black supremacy, it sounded like Black supremacy to a lot of people. How do you equate that now with what you're saying today?

Malcolm X: There's not one person who is a Muslim who believes in Elijah Muhammad today who believes in him more strongly than I did. When I was with him, I believed in him 100 percent. And it was my strong belief in him that made me go along with everything he taught. And I think if you check back on my representation of him while I was with him, I represented him 100 percent.

Bernard: What is your status now, Malcolm?

Malcolm X: How do you mean?

Bernard: Right now. Have you broken...?

Malcolm X: I'm a Muslim. When I... you must understand that the Black Muslim movement, although it claimed to be a religious movement, based upon Islam, it was never acceptable to the orthodox Muslim world. Although at the same time it attracted the most militant, the most dissatisfied of the Black community into it. And by them getting into it and the movement itself not having a real action program, it comprised a number of persons who were extremely young and militant but who could not...and who were activists by nature but who couldn't participate in things. So, the inactivity of the movement caused a great deal of dissatisfaction until finally dissension broke in and division, and those of us who left regrouped into a Muslim movement based upon orthodox Islam.

Bernard: So now that you've broken away, let me ask you a question and this calls for numbers. You're no longer a member. Are you in a membership fight now with Elijah Muhammad?

Malcolm X: No, no, I have never at any time involved myself in a membership fight with Elijah Muhammad. In fact, if you go back to the release that I made public at the time of my official departure, I pointed out that I was in no way trying to take away the followers of Elijah Muhammad, but that I myself was going to become a Muslim, but would work among the 22 million non-Muslim Negroes and try to establish some kind of program that would be beneficial to the Black American, period.

Bernard: There were a lot of numbers that were thrown around some time ago. I guess it was two years ago or so. The numbers said something like 100,000 Muslims across the United States. And you, in your article Aubrey Barnette, talk about these numbers. You specify quite clearly. And you ask a question at one point. You say: "How large was our membership? The most accurate estimate I ever heard of our strength in Boston came during a radio debate between Gordon Hall a specialist on extremist organizations, and Malcolm X." And that radio debate took place on "Bob Kennedy: Contact" in Boston; our sister station WBZ held that debate between you, Gordon, and Malcolm X. And I heard the tape of that debate. It was quite heated, and it was a very good debate, it was very entertaining, and I enjoyed it. What did you do...what now, when you talk about numbers today, and you, Aubrey, mention in your article you say something like fifty-five members in all of Boston, fifty-seven in another place?

Barnette: I say...

Bernard: Small membership numbers.

Barnette: I'm speaking of the present membership of the mosque right now. In Boston they have probably fifty-five male members and Springfield probably thirty-five or forty, and Providence, Rhode Island, maybe ten or fifteen members. The membership has just about dwindled in half. And before I comment on the actual sense of the movement at its peak, I'd like to add something to what Malcolm had just said. That not only did the Black Muslim movement attract dissatisfied Negroes, it attracted Negroes who were...contrary to the popular public belief, they did attract some Negroes who were doing very well in the world but...Negroes who thought that the Black Muslims had a program for improving the condition of the Negro in America. I was one of those Negroes. I was not very much dissatisfied as an individual when I came to the Muslim movement, but I knew that there was a problem existing in the Negro community. I knew that many Negroes were suffering from discrimination, they were frustrated, and there were many problems that were besetting our communities. And I thought the Muslims, Black Muslims, had a program for economic upliftment, a program of moral upliftment. I thought the Muslims had a program for combating juvenile delinquency.

Bernard: And you saw this as a myth now, or you see it...

Barnette: I see it as a myth now.

Bernard: I see. Gordon, you have been a critic of all extremist organizations. You sort of pinpointed the strength of the Muslim organization. And you say that the strength is basically a myth, with these hundred thousand numbers. How did you arrive at your own figures?

Gordon Hall: Well, I do this work full time to begin with, and I've done this work for close to twenty years, and when you follow extremists around, whether they're Negro extremists or white extremists, if you follow the Klan around the way that I did, and penetrated their movements and found out numbers, you'll find out that they make a lot of noise all out of proportion to their numbers, just as currently the Negro nationalists in the New York area are making noise all out of proportion to their numbers. And I think the real tip-off, Stan, came when Elijah was supposed to speak at the Boston Arena a few summers ago, I think it was July of 1962, and I flew back from a speaking date in Minneapolis and told the press that they couldn't possibly fill the Boston Arena, which seats 7,200 people, even if they brought in all of the people from the other mosques around the Eastern Seaboard: Connecticut, Pennsylvania, New Jersey, and so on. I also predicted that Elijah Muhammad would not show up, that he's an incoherent old man, he does not speak well he doesn't make any sense in his public appearances, and I felt that Malcolm probably would carry the load that day. And it worked out precisely that way. This was a prediction long before they even opened the doors in the arena. And then lo and behold, despite all the efforts to allow the white public in, plus all the sisters and brothers, and all the fiddle-faddle about the whole show, they couldn't even fill downstairs in the arena.

Bernard: And they brought in three thousand I think was the figure, right?

Hall: Yes, something like that, and that was the clear tip-off to me that this thing was built on quicksand, that they'd never had any members, really, and this is pretty much the history of extremist movements in general, that they make noise all out of proportion to their numbers. This was based really on the reality of the situation and not listening to all the grandiose statements made by men like Malcolm X.

Malcolm X: What year was that?

Hall: I don't have the figures with me, Malcolm. I think it was the summer of '62, if I remember correctly. You were the main speaker.

Bernard: [To Barnette] You mention that in your article. And you say there were three thousand there. And, Malcolm, you were the main speaker.

Hall: And there were a lot of white people there too.

Malcolm X: No, there were about two hundred, which was a lot for those days. But I think you'll find that the Muslim movement reached its peak in strength in 1960, '59 and '60. And it began to taper off in '61 and '62.

Hall: Do you agree with Aubrey's figures that the peak strength was about fifteen-thirteen-to-fifteen thousand? Would that be your estimate, as well, of the total Muslim movement?

Malcolm X: No, the peak in 19-, yes, the peak in 1959 and '60 was reached, but it began to go down after Elijah Muhammad took a trip abroad, plus became involved in other personal problems. And the movement itself began to deteriorate only after Elijah Muhammad put members of his own family in positions of authority, which weakened the structure and caused internal bickering and division and eventually the movement just petered out.

Hall: Just one more point, Stan. I think the whole point of this last discussion between Aubrey and Malcolm and myself would be to point out that the three of us agree that the peak figure of say fifteen thousand, regardless of the year, whether it was 1960 or '59, this is far below what the press had been estimating all over the country. And fifteen thousand Muslims in any country are not very many Muslims when you figure that we have, let's say, a Negro population of close to twenty two million. This is just a drop in the bucket.

Bernard: C. Eric Lincoln came up with a figure of 100,000.

Hall: That's because he doesn't study extremists. That's why he came up with that figure.

Malcolm X: No, I have to contend with that. And I won't go along with what you're saying.

Bernard: In what way? Malcolm, in what way?

Malcolm X: C. Eric Lincoln is the person who was probably first to mention a number in regard to Black Muslims. But you will never find any figure given out at any time, in any way, not by me, concerning the numerical strength of the Muslims. I have never stated...my standing answer was that the best part of the tree is the root, and I never defined the extent of the tree beyond that.

Bernard: Malcolm...

Hall: I don't quite follow what...

Malcolm X: The thing that you have to consider, Mr. Hall is, like, when you say that when you study extremist groups usually, they are very small and don't have much of an impact upon the public or drawing among the public. Whether you're in the North, South, East, or West, here in the States, where the nationalists are concerned, usually nationalists have an "anti-press," whereas the civil rights groups or the accepted civil rights groups, usually the press, the city government, all of the machinery that has to do with molding public opinion goes along with civil rights groups.

And whenever they're giving something, they have everything going for them toward promoting what they're giving. But when it comes to the nationalists, usually you'll find that they have to almost fight their way into print, in advance, if they're going to give something. And despite those obstacles and that type of organized opposition, still you'll find the nationalist groups, especially in the New York area, command a large following. I'll give you an example. This coming Sunday, at two o'clock at the Audubon Ballroom, the Organization of Afro-American Unity, which I'm presently involved in, which is considered nationalist, are having a rally, and you are welcome to attend that: white, black brown, red, yellow, green, or whatever else you have. And I think you'll find that despite the fact that we get no help whatsoever from the press, that we're able, here in the New York area, to attract larger crowds to our rallies than any other kind of rally that's given, and they are given the complete support of the press.

Hall: But that doesn't prove anything, Malcolm, because Harlem is a big place. You'll get a lot of Negroes in, you'll get curious whites, that doesn't... that's not your membership.

Malcolm X: No, nobody...

Hall: Just as, just as when...

Malcolm X: Listen...

Hall: ...the Grand Dragon of the Klan speaks on campus he will outdraw the vice president.

Malcolm X: He doesn't have to have membership to still be the influencing factor in the South. You can't tell me that the Klan is a handful of people in Alabama and then the whole government is supposed to be behind Martin Luther King, and the handful of Klansmen are keeping Dr. King in jail and marching Negro children down the road.

Hall: I'm not saying that at all.

Malcolm X: Well then you can't say that extremist groups are not effective and do not represent an influencing factor in this society.

Bernard: Gentlemen, I want to ask...

Hall: I'm saying the Muslims and nationalists in the Negro community are not an important factor.

Bernard: I have a question to ask at this point.

Malcolm X: But the Klan is an important factor in the white community.

Hall: It has been historically, yes.

Bernard: Malcolm, Malcolm, you say attempts have been made on your life. And that was at this afternoon's press conference. You say five different attempts recently. How were they attempted?

Malcolm X: Yes, more than five.

Bernard: Of course, there was the bombing of the house...

Malcolm X: Yes.

Bernard: ...which we know about, that occurred Sunday.

Malcolm X: Yes. First of all, I would like to point out about that bombing of the house, because the press has also been used during the past week to imply that I bombed my own house. I would like to point out right here and now that I have no life insurance. My wife has no life insurance. I have four baby girls, none of whom have life insurance. We don't have health insurance. We don't have fire insurance. We have no kind of insurance whatsoever. And the only group that stood to gain anything from the bombing of that house was the Black Muslim movement in which the insurance is actually...the insurance is in their name. And I really felt hurt that the press would allow itself to be used to give the public the impression that I would throw a bomb or light a fire to a home in which my family, which my wife and family are asleep. The deputy chief fire marshal, I think his name is Vincent Canty, pointed out to me, in the presence of witnesses on that same night, that a fireman picked up a bottle of gasoline from my living room that had not exploded, and because this bottle of gasoline was in a whiskey bottle, this fireman placed that bottle on a dresser in my baby's room, thinking that it was a bottle of whiskey. And when my wife came in and saw the bottle there, she asked the fireman what was it. And the fireman said it was whiskey. And well we know that there's no whiskey in our house, and so she touched it and said, "This isn't whiskey, this is something inflammable." And then they took it out. Now despite that, the deputy marshal, deputy fire chief marshal, having this knowledge, and the police having this knowledge, still this knowledge is kept back from the press. And in the vacuum that exists, then this man James down at 116th Street steps in and tries to give the impression that all of this was done by me. And I think that it is a worse injustice on the part of the press and the police and the firemen, to let such an impression be given, even than the people who threw the bombs in the house themselves.

Bernard: Aubrey, you were attacked in Boston by a group that you say were members of a Muslim goon squad. How did that come about?

Barnette: Right. Well I think that I should be angry with Malcolm, because I think in a way Malcolm was responsible for my being attacked. And the reason I was attacked was because the Black Muslim movement, losing strength, had to build an enemy. And the enemy they projected was the Black nationalists. Now because I had left the mosque and put the Black Muslim behind, they branded me as a Black nationalist, even though I had left the mosque sometime before Malcolm ever thought of leaving the mosque. I was still accused of being a follower of Malcolm, although they should have turned it around and said Malcolm was following me, because

I left first.

Malcolm X: That's right.

Barnette: Anyway, I can testify to the brutality of the Black Muslims, because I was viciously attacked by the Black Muslims and put in the hospital for a week with a fractured...rather I was hospitalized for a week and at home in bed for another week. I had a fractured rib, a fractured ankle, two fractured vertebrae, and internal injuries. And the reason I was attacked was primarily because I had the audacity to quit the Black Muslim movement. And I might point out as far as the Black Muslims' manufacturing stories. One of the most fantastic stories I ever heard was the Black Muslims' testimony in the trial in which they were, incidentally, were all found guilty of assault and battery on myself and the other fellow...

Bernard: You pressed charges.

Barnette: Yes sir. I was one of the first cases in the country where a Black Muslim ex-member had pressed charges against the Black Muslims for being beat up. I'm not the first one who was beat up. I'm the first one who actually took the...had the courage to take them into court. And during this trial they made some outrageous charges. First of all, they charged that John Thimas and myself attacked the mosque, two men, attacked the mosque.

Bernard: You were a mighty 135 pounds.

@Barnette: I weigh 130 pounds soaking wet; with all my clothes on and probably with a pair of combat boots on I don't weigh 130 pounds. But anyway I... John Thimas and myself attacked the mosque where there may be...according to the Black Muslim members they would have you believe there's a thousand members there, but there were only probably fifty-five, but two men against fifty-five is pretty good odds. But this is the story they gave, that I attacked the mosque and during the course of the trial...I went to...after I was attacked, I was taken to the city hospital by the Boston police. I stayed there for about two hours, and then the police took me to the Beth Israel...I mean I had myself transferred to the Beth Israel Hospital.

So, the lawyer, during the trial, said that I got together with the Beth Israel Hospital and faked all of these injuries. I faked the X rays, showing my fractured ribs. I faked the X rays, showing...

Malcolm X: Who was the lawyer?

Barnette: The lawyer was Edward Jacko.

Malcolm X: From New York City, Harlem?

Barnette: From New York City, yes.

Malcolm X: You mean Edward Jacko came to Boston and accused you of faking these charges?

Barnette: Yes, apparently, he wasn't very familiar with the Beth Israel Hospital because it's one of the biggest hospitals in Boston, and how I ever got together with the Beth Israel Hospital to fake these records is beyond me. And why the Beth Israel didn't take him up on that is beyond me also.

But they will fabricate any charges, make up the wildest stories.

Bernard: Gentlemen, we're going to get to the telephones in just one moment.

Malcolm X: Can I ask him just a question?

Bernard: Yes.

Malcolm X: Was Edward Jacko retained by the Muslims in Boston or was he retained by the Chicago headquarters?

Barnette: He was retained by the Chicago headquarters; because the Black Muslims were found guilty in lower court and advised by the judge to plead guilty and pay me restitution, \$2,000, for the damages that I had sustained, and he would give them suspended sentences. But they, on orders of Chicago, they appealed the sentence, and they fired the other lawyer and imported Edward Jacko from New York.

Bernard: Okay, let's get to our...do you have something, Gordon?

Hall: One quick comment on this general discussion of the courts and such. Aubrey took his case into the courts, placed it in the hands of what he feels is of a reasonably fair and uncorrupt courts and justices and so on, and his case has been settled. I would charge that Malcolm's one-sided account of what actually happened in his home and everything will have to be settled by the courts through investigation and all the rest. And I warn your listeners not to simply accept this at face value, but to watch the newspapers and see what does develop in this current case.

Barnette: Hey, wait a minute. Hold it.

Malcolm X: What do you mean by that?

Barnette: The case was settled...

Hall: I mean just what I said by that.

Barnette: ...not satisfactorily. These Muslims, I must point out, were given suspended sentences...

Hall: But they were convicted.

Barnette: ...against the law. Against the laws of Massachusetts. The statutes of Massachusetts say that you cannot give a person a suspended sentence when he's been convicted of assault and battery with a dangerous weapon.

Bernard: Well, there's another point. There were actual suspects in that case. And let me say this about, in terms of fair play on this station. The Muslims are going to have a chance on March 3rd to answer every single charge that has been made here tonight against them.

Malcolm X: Well actually you should have had the Muslims here tonight.

Bernard: Well there's a little problem with that, and we are going to arrange a program for them. And they are going to be appearing, including...and by the way there's a good chance that Elijah Muhammad may appear on the program via the telephone. And we're looking forward to that, of course. We're trying to arrange that now. As soon as they were apprised of the fact that you were coming on the program tonight, they asked for equal time. And although it doesn't really come under the equal time provisions by the FCC, we are going ahead and are giving them a program. I believe it's March 3rd or March 4th. Well let's get to our telephones. We have an awful lot of...

Hall: That was not the point, however, that I made. My only point was this, Stan. Simply that there are charges and countercharges leveled by dissident factions within the Negro community, the small dissident factions we're talking about tonight. But these things will be thoroughly investigated by law enforcement agencies, including the FBI and justice will be done in the end, just as the Black Liberation Front will claim that they weren't really trying to blow up anything, but the evidence is clear that they were trying to blow up the Statue of Liberty, despite their charges now that they're being framed.

Malcolm X: Mr. Hall today we demanded that the FBI launch an immediate investigation of the bombing of my home on Sunday morning...

Hall: Very good. And I'm confident that...

Malcolm X: ...because we were charging a conspiracy on the part of some firemen, some policemen, and some newsmen to work together to cover up the part played by Elijah's followers in the bombing and to give the public the impression that I bombed it myself, by withholding valuable information from the public and telling half-truths through the press. We demanded the FBI investigation...

Hall: Very good, very good.

Malcolm X: ...and I pointed out that my attorney had suggested that I and my wife submit ourselves to a lie detector test and that every policeman and fireman who entered that house that night do likewise. And we also suggest to the minister of the local temple here who represents Elijah that he too submits himself to a lie detector test and Joseph, the fat one, submit himself to a lie detector test since he has implied that the bombing was done by people other than himself. So, we're not in any way, sir, ducking away from any kind of investigation. We just demand...

Hall: Very good.

Malcolm X: ...that it be done by an impartial body and that it be done immediately.

Bernard: We haven't taken a single phone call yet, gentlemen, and I would like to very much right now. Let's find out what's going on out there. The WINS "Contact" number: Judson 2-6405. This is Stan Bernard "Contact" you're on the air.

Caller: Yes, I'd like to say that there's one thing about this business about Malcolm's home being bombed that really bothers me. He charges that the Black Muslims did this. There's one thing. They happen to own this home. It's not Malcolm's home. It's the Black Muslims' home. Now it seems very odd to me that the Black Muslims would want to destroy their own property. It would seem more likely to me that Malcolm X would want to destroy the Black Muslims' property. In other words, that he would try to just throw a couple of innocuous bombs in there that aren't going to hurt anybody. He knows they're not going to hurt anybody. They won't do too much damage. And he'll have a lot of publicity for himself. And then he can charge all he wants to "I'll take a lie detector test" because he knows the lie detector test is not admissible in court as evidence of anything.

Bernard: Malcolm, how do you answer that?

Malcolm X: I say this: that the Black Muslim movement has never had as their motive the acquiring of that home. The possession of the home itself means nothing. Elijah Muhammad lives in a \$150,000 house in Phoenix, Arizona. That house is worth less than \$15,000. It's not the home itself, the material home itself, that is the object of the present court battle. There's more to it than that. And anybody...I should think people should question the deputy fire marshal and the others who investigated the bombing out there that night and let them give their story as to whether or not I could have set those bombs. And this is why I say I charged a conspiracy on the part of some of the firemen, and some of the police, and some of the press, to give the impression that I set it. Anybody...

Bernard: Why would they side with the Black Muslim organization against you though, Malcolm? I don't understand that.

Malcolm X: Well...

Bernard: Why you, not them; why them, not you?

Malcolm X: Let's answer your question this way. The press, whenever I mention that an attempt has been made on my life, they print it in such a way that I am implying that an attempt has been made. The Black Muslim movement tried to kill me in Los Angeles airport, two weeks ago, while I was in the company of the Los Angeles police. The Los Angeles police stopped the TWA airlines from taking off. They stopped the airline's flight from taking off. They slipped me into a private room, onto the plane

through the basement, because of the presence of these persons in the airport, who were completely heedless of the presence of the police. Now this airliner was held up an hour and a half. Every passenger aboard it was taken off, his luggage was searched. I was kept on the plane. My luggage was searched. And then the TW Airlines security agent flew to Chicago from Los Angeles with me. I was met at the airport in Chicago by the assistant attorney general of the state of Illinois and at least twenty different detectives. I was held in their custody for twenty-four hours. I appeared on the Kupcinet show. When I came out of the studio, officials of the Black Muslim movement in Chicago even tried to attack the police to get at me. This was...the Los Angeles incident was not reported in the press. The Chicago incident was not reported in the press. A couple days later

I appeared on David Susskind's "Hot Line" on a Tuesday night, February 2nd. Entering the studio that night, the police department had to clash with about thirty members of the local Black Muslim movement who tried to inflict physical harm upon those who were appearing on the program. None of this was mentioned in the press whatsoever.

By this type of incident being kept from the press, then when I jump out and say that somebody is trying to kill me, the implication is given that I'm trying to do some publicity seeking, or that I'm just making these stories up. But the police department from coast to coast in this country have the Black Muslim movement well infiltrated, just as they have any other group well infiltrated. They are well aware of these plots and discussions that take place.

Bernard: Malcolm, I...

Malcolm X: They could stop them if they wanted to.

Bernard: Malcolm, as a member of the press I have to say at this point that I've never heard anybody say to me or to anybody else, "Do not print anything about Malcolm X." Or do not...or suppress a story. I have never heard that happen. When your house was bombed it was handled as a lead story, all the way. And whenever anybody that I know, who is a member of the press, is apprised of anything to do with Malcolm X, you're news.

Malcolm X: Sir, but here's the point. I'm news as long as what the news is about is something to project me in the image of someone with horns. But when it comes to objective reporting on things...

Bernard: I have you on this program tonight. I have you on this program tonight, and I don't think anybody is knocking you. And I don't think anybody...I don't want to get this kind of personality...

Malcolm X: No, I'm not saying that. I'm not dealing with your program. I'm not dealing with your program. I'm dealing with this: that the impression like this man here, who just called in, tried to imply that I bombed my own home. Now, if he were aware of the physical attempts that have been made upon my life during the past year and the number of attempts that have been made, why it wouldn't be difficult at all for him to see the...

Hall: ...go on television the day that your home was bombed. And I too am a public lecturer who travels from state to state giving lectures before large audiences. You were smiling and you were about to board a plane to go to Detroit. On the same day that your home was bombed, you carried out a speaking engagement. If that happened in my home, I would never think of leaving my loved ones for fear that something might happen while I'm gone. You got on the plane and went to Detroit and gave a lecture.

Malcolm X: The Black Muslim movement had its origin, as you know...

Hall: But is that not true that you did that?

Malcolm X: Hold it a minute. I'm going to explain it. The Black Muslim movement, as you, an expert, supposedly knows, had its origin in Detroit, Michigan. Now those who are in the Black Muslim movement symbolically regard Detroit as the

Mecca, the root or the focal point of the origin or beginning of Elijah Muhammad's movement in this country. The fact that I was to appear at a rally in Detroit had been highly publicized in Detroit. My wife and I felt that one of the purposes of the bombing of the house was to keep me from going to Detroit. We discussed it. And she encouraged me not to delay my trip. I went to Detroit, made the speaking engagement, and flew right back here.

Bernard: The WINS "Contact" number: Judson 2-6405. This is Stan Bernard "Contact" you're on the air.

Caller: Hello. Bernard: Yes.

Caller: Hello. I'd like to address my question to Malcolm X.

Bernard: Go, right ahead.

Caller: Hello, Malcolm?

Malcolm X: Yes Sir.

Caller: I don't sound-mean to sound rude, but aren't you kind of a hypocrite, because you went all around the country preaching for the Black Muslims.

Malcolm X: No, I think I'm quite honest, because as long as I believed in what Elijah Muhammad was teaching and what he represented, I represented him 100 percent. Now, I know how bad it makes me look to tell you today what Elijah Muhammad is doing. That does not concern me. As long as I believed in him, I represented him. But there were things about Elijah Muhammad that his followers right now know and that I know. That when he became faced with it, he didn't stand up to it as a man. And when he failed to be able to stand up to his own problem as a man, it was then that those of us who left the movement realized, not only was he not divine, but he wasn't even a man. And it was then that we began to reexamine all of what he taught. And I was fortunate enough to be able to go into the Muslim world and discuss the whole situation with the Muslims there, and since then I have been trying to practice the orthodox religion of Islam. But despite the fact that I'm trying to practice the orthodox religion of Islam, I don't blind myself to the fact that our people in this country still have a problem that goes above and beyond religion. So, we set up another organization that is not religious in order for all of us who want to participate in the struggle against these social-economic, and political evils in this country that confront our people, participate in them. And I don't think it's hypocritical at all for a person to be wrong and admit that he was wrong.

Bernard: Aubrey...

Malcolm X: I think it's hypocritical when you pretend to still believe in something when you cease believing in it.

Bernard: Aubrey, you stopped believing, too. You left the Muslim movement. You wrote this article, "The Black Muslims Are a Fraud." What were some of the specific things you saw in the movement that drove you away from it?

Barnette: Well some of the specific things that I saw that drove me away from it was...I'll take for example the economic myth. The Muslims in their propaganda have projected the thought that they had a vast economic empire in Chicago. This is one of the things that really attracted me to the movement. When I first became aware of the movement, I was a college student and I had graduated from...I was just in the process of graduating from Boston University and I got a degree in, a Bachelor of Science

degree in business administration. And when I started attending meetings, they used to tell me about the big businesses they had out in Chicago. Eleven months after I joined the movement, I finally went and saw these big businesses. And they consisted of a grocery store, a barbershop, a restaurant, and a dress factory, which had three power sewing machines in it. Now I was greatly disillusioned when I saw these things and... but this was the extent of the great Muslim empire that they had been speaking about.

Bernard: Well, was it just size? I mean a lot of people...you were...were you just disappointed in the fact that the size wasn't everything that everybody thought it was going to be?

Barnette: I was disappointed, because they had projected this as being... in fact in their literature they had described it as Elijah Muhammad had invented a great communal system where the people, you know, the Negroes could get together and build businesses that would employ, give employment, you know, to all Negroes who needed jobs. And when I got out there, I found out that these are businesses that Negroes had been establishing all across the country without inventing any new communal system. I was very disappointed.

Malcolm X: May I say something about that economic...what he's saying is true, but I think I can shed a little clearer light on it. The businesses that the Muslim movement had established from coast to coast, all of them operated in the red. There was only one business in the entire Muslim movement that operated in the black and that was the restaurant there on 116th Street, right here in New York. In fact, the only businesses, the only Muslims in business, who operated businesses in the black were the Muslims in the New York area. And one of the bones of contention that developed between the factions in the Black Muslim movement was the jealousy that developed in Chicago toward the New York Muslims because they were more successful than the ones there in Chicago.

Barnette: There was another business, I think that operated in the black... Malcolm X: Which one?

Barnette: And that was the dress factory. And the reason that operated in the black was because they had a captive market. One of the things that the Black Muslim members had to do was to buy these long robes for the women to wear. Now although the Muslim movement encouraged to learn how to sew, they were also forbidden to sew their own garments, so they had to buy these garments from the dress factory in Chicago which, incidentally, was owned by the daughter of Elijah Muhammad, Ethel Sharrieff. So, this was a very successful business, since in order to buy all these outfits you had to spend \$200 to get the complete outfit.

Bernard: Gordon.

Hall: A point of fact, I think that also should be mentioned in connection with the businesses, that most of the Muslim businesses, Stan, around the country, those advertising in the paper, and so on, were not businesses established by men who joined the mosque and then became businessmen. They were businessmen who had established businesses, who then joined the mosque, and the Muslims claimed these businesses as their own. Is that not true, Malcolm?

Malcolm X: In some, in part. I think there are instances where...one thing the Muslim movement did do, persons who never thought in terms of business; they were taught so much business, so much talk about business was stressed that many who didn't have any business knowledge at all would become involved in a business venture. And then that venture would fold, which actually was worse for the movement than it was good for the movement. But I want to point out that the businesses in Chicago, as Elijah Muhammad has told me from his own mouth, were such a failure that he subsidized them himself. He used to run those businesses with money out of his own pocket, so that they would serve as a front. And he always pointed out that the...none of his...especially his sons and those around him, had any business ability, and it developed within them a lot of envy and jealousy toward the New York Muslims, because the most successful businessmen among the Muslims were those right here in the New York area.

Bernard: This is Stan Bernard "Contact" you're on the air. Go right ahead. You there? No? Let's try the next one, Steve. This is "Contact," you're on the air.

Caller: I'd like to address my question to Malcolm. I'd like to know, sir, why do you still use your X? And as far as the public opinion about you, maybe it's because of your abrupt change in the Black Muslim group, to form your own national group, that the public is sort of like, they don't exactly know where you stand. I mean they figured, like you said before, that you were with the Black Muslims and you were definitely with Muhammad. I'm sure that some in the public feel that, now that you're with someone else, that they're sort of like, uh, influencing you as far as your beliefs are concerned.

Malcolm X: That's why I've been very slow, since I returned From Africa, to really go all out in the formation, or rather I should say the formation of the two organizations in which I am involved. If you recall, when I was in Mecca, I wrote a letter back saying that when I returned to America I wouldn't rest until I exposed Elijah Muhammad as the religious faker that he was. I was 100 percent sincere in saying that. But when I returned, one of the reasons that I've avoided, that I initially avoided any kind of discussion or talk about Elijah Muhammad and the Black Muslim movement...after leaving Mecca, rather before going to Mecca, I had an hour and a half conversation with President Nasser in Egypt. After leaving Mecca I spent three hours with President Julius Nyerere in what was then Tanganyika, is now Tanzania. I spent a couple days with President Jomo Kenyatta and Prime Minister Milton Obote of Uganda, and also

President Azikiwe in Nigeria, President Nkrumah in Ghana, President Sekou Toure in Guinea. And I had an opportunity to discuss the problem of Black people on the African continent, plus the plight of our people in this country. And I won't hesitate to say that conversations with these men broadened my scope tremendously, beyond what it was before I went over there. And I felt, when I came back that many things that I had learned would be constructive or could be used constructively by Black people in this country in our struggle for human dignity. And I felt that I would be wasting my time entering into some kind of dispute with Elijah Muhammad and his followers. And so, I spent my time, when I first came back here, trying to get the Organization of Afro-American Unity consolidated, plus the Muslim Mosque, which is based upon orthodox Islam. But the Black Muslim movement was fearful that if I was ever left alone long enough to get my feet firmly planted on the ground, and get our program out here in the public, that it would be too much competition for what they had already projected or had in mind.

Bernard: Let me ask you this, Malcolm. You at one time espoused complete separation of the races.

Malcolm X: I must say this concerning what Elijah Muhammad said about separation. He didn't espouse separation. What he said was this: that the government should...if the government can't give complete equality right now, then the government should permit Black people to go back to Africa. He didn't ever say back to Africa. Elijah Muhammad has never made one statement that's pro-African. And he has never, in any of his speeches, or written or oral, said anything to his followers about Africa.

Bernard: What about a Black state in the United States?

Malcolm X: He was as anti-African as he was anti-white.

Bernard: Did you say a Black state in the United States?

Malcolm X: No. So, what he said was, "We should go back to our own." And he phrased it like that, because if he spelled it out, he would have to point to some geographic area, and he would have to have the consent of the people in that geographic area, which he knew he couldn't get. So, he just kept it elusive and said, "Let's go back to our own." And if the government wouldn't let us go back to our own, then he said separation should set up right here. But at no time did he ever enter into any kind of activity or action that was designed to bring any of this into existence. And it was this lack of action that led

many of the activists within the movement to become disillusioned and dissatisfied and eventually leave it.

Bernard: Let's go right back to the phones. The WINS "Contact" number: Judson 2-6405. This is Stan Bernard "Contact," you're on the air.

Caller: I'd like to direct my question to Malcolm.

Bernard: Yes.

Caller: I've traced the Muslims' history. I'm a student in college right now, and I've done some research on this, and I've heard a lot about the FOI, the secret police, and I've tried to dig up some information on it, but everywhere the information has eluded me. I wonder if Malcolm could fill me in on some of the details of the FOI.

Malcolm X: Well in this article by Aubrey in this week's Saturday Evening

Post, he points out—I think it's pointed out beautifully for the first time, too—that the FOI was not a special group among the Muslims, but every Muslim man, when he became a registered follower of Elijah Muhammad, was an FOI. But the press got the impression that it was a special or select group within the Muslims that constituted the FOI.

Bernard: So, there's your answer.

Malcolm X: And then I might even point out too that if you go back and examine the Muslim philosophy and its general overall temperament up until 1960, you'll find that it was a group of people who tried to practice religion. I don't think that the real rot set in until after 1960. This is why I was pointing out to Mr. Hall that it began to deteriorate and decline after 1960.

Bernard: What were some of the rules, Aubrey, that you came in contact with? You used to read the charges, according to your article, against people who were brought up by charges in your mosque. What kind of rules were they that were broken?

Barnette: Well the Black Muslims have their own rules and regulations that each member must follow. They have such strict rules as you can't go to the theater, you couldn't go to a sporting event, you couldn't attend a Christian funeral or even a Christian wedding, even if it was a relative of yours. Now there's a very specific reason they do this. There are two reasons. One reason is because it costs money to do these things, and the other reason is they're teaching total dissatisfaction with the present society. So that you can do anything to gain any satisfaction whatsoever from today's society and you're contradicting what they are teaching. So, a member would be punished he could be put out of the mosque or punished in other ways for going to a theater.

Bernard: Gordon...

Malcolm X: And for adultery or fornication. If a Muslim man or woman had anything to do whatsoever with any man or woman to whom he or she was not married, that person would be given from one to five years out of the society. That is, they would be brought in front of the Muslim body and totally humiliated, which is the worst form of psychological treatment that you can receive. Then they would be isolated into a category where they would have no intercourse whatsoever with the Muslim community for a solid year. And if they came back on probation, they'd be on probation for four years. Now in 1954 a young girl who was a secretary in Chicago became pregnant. And she was brought in front of the Muslim community. She was humiliated. She was isolated by the judge, who was Elijah Muhammad. And everyone took it for granted that the father of her child was a non-Muslim, because the other half was never brought to trial. In 1956 it happened to another young secretary in Chicago. In

1960 it happened to four more young secretaries in Chicago. And everyone at each time took it for granted that this was, that the father of these offspring was a non-Muslim.

Bernard: I know the charge you're going to make.

Malcolm X: I'm not going to make any charge, because I know what your libel laws are. I wouldn't say that, but here's what I'm pointing out. Anytime you find a judge who will sit on a bench and a young girl will come before him and that young girl will be charged with adultery, and he will humiliate her, almost castigate her, and then sentence her into oblivion, solely to keep the court from knowing that he himself is the father of her children, that judge is not only unfit to be a judge, but he is not even a man, because he doesn't even accept the fatherhood of the children which he is responsible for having brought into this world. And this type of rot is what caused the moral deterioration within the Black Muslim movement today. Formerly, if you notice, no matter what kind of criticism you had of the Muslims, they were disciplined morally. They didn't drink. They didn't smoke. They tried to show respect for people. And there was that force within it, which was a spiritual force, that made the rank-and-file one who believed in it capable of abstaining from many of the moral weaknesses. But after the real faith, the religious side, or the real spiritual power began to fade from the Black Muslim movement, the power that used to enable the brothers and sisters to let their higher tendencies dominate, rather than their lower tendencies, it was switched around. So that today the reason you have so much incidence of Muslim attacking Muslim is because the spiritual force that used to exist in the movement, among the rank and file is gone. So now you have an organized group of people who do not have the moral strength to rise above or contain themselves from falling victim to their own low desires.

Bernard: Gordon?

Hall: This is...this is...you know I wish we had time. This is such a bundle of contradictions. All these words. Malcolm is the greatest one in the world for eating up the clock. He does it every time that I sit across the table from him. Now he said at the outset that Aubrey's piece, or Aubrey Barnette's piece, is a wonderful piece, and Aubrey says that the religious emphasis in the Muslim movement was a total fraud from start to finish and...

Malcolm X: No, no, no, no, no...

Hall: And now we're getting the story about this great uplift and the deterioration.

Malcolm X: No, no, no. The religious ingredient in the Black Muslim movement was a fraud in the sense that it identified itself as an Islamic movement, as an Islamic...of being of an Islamic nature. It was a fraud in that it had, it was diametrically opposed to Islam. It was...Elijah

Muhammad himself is anti-Arab. He's more anti-Arab than probably the Israelis are. Now when I say about the religion: the religion, sir, is belief in something. You don't have to be of a specific persuasion...

Hall: I'm well aware of that.

Malcolm X: ...for it to be a religion.

Hall: You don't have to define it for me.

Malcolm X: No, what the Black Muslims believe in, they believe in it religiously. We believed in Yacub. We believed in what Elijah Muhammad taught about an airplane up in the sky. We believed...

Hall: I know.

Malcolm X: ...in some of the most fantastic things that you could ever imagine.

Hall: One of the distressing aspects of a discussion like this with limited time is that with this great outpouring of words on the part of someone like Malcolm, an average listener, both Negro and white, might get the idea that this is what life is all about in the Negro community. And this isn't what life is all about in the Negro community. We're still talking about a handful of Muslims and a much smaller handful of followers of Malcolm X.

Bernard: Well, I want to ask you a question though. You know we were talking about...we were talking about terror.

Hall: Yes.

Bernard: We were talking about terror. Malcolm X says that he's in a sense terrorized. He's not frightened. Malcolm X: No, wait a minute.

Bernard: Well, no, no.

Malcolm X: Terrorized how?

Bernard: No, I don't mean you're scared. I don't mean you're scared. I mean...

Malcolm X: Well, I'm not terrorized either.

Bernard: Threats have been made on your life.

Malcolm X: Well, that's still...threats are a far cry from me being terrorized. Hall: Well, a man...

Bernard: Excuse me. Somebody can run down the street at you and he can threaten you and you can call it, you can stick a label on it, and you can say that somebody is terrorizing a community.

Malcolm X: Yes.

Bernard: And they can be, indeed, and you can say that, well they're...

you're not frightened. That's okay...

Malcolm X: With all due respect to you, sir, nobody's terrorizing me.

Bernard: Okay, you're not terrorized, but you are being threatened.

Malcolm X: Yes.

Bernard: Let's accept that. You are being threatened. Five times, you say, recently, and your house has been bombed. You're an expert on extremist organizations, Gordon Hall

Hall: And I get threatened, I might add, a good deal. And the last place that I take threats on my body...and I have also been beaten up very badly, too. The last place that I take them is to the press to tell them all about it, because it gives other people ideas. I keep these things to myself. This is one of the hazards of being in the field that I am in, and I don't go announcing to the press every chance that I get.

Bernard: That's all your attitude. [To Malcolm X] You announce it all the time. Why?

Malcolm X: No, I have not announced it all of the time. I have answered the charges made by the Black Muslim movement on 116th Street.

Bernard: Um hm. The charges.

Malcolm X: The charges that I'm seeking publicity and pretending to be threatened.

Bernard: What did you do when you were beaten, Aubrey?

Barnette: How?

Bernard: Did you...did it get into the papers right away?

Barnette: It got in the papers but in a distorted way. The papers unfortunately accepted the Black Muslim view of what had happened. And, as I said before, that I was immediately labeled as a rival of the Black Muslims, although I had left the movement and forgotten all about them, I thought.

Malcolm X: Why were you labeled as a rival of the Black Muslims?

Barnette: I was labeled as a rival of the Black Muslims because I think the

Black Muslims needed a scapegoat. They needed someone to point to as

an enemy, as all mass movements do. They have to have an enemy. A mass movement can exist without a god, but it can't exist without a devil.

Malcolm X: What I was getting at, sir, is they tried to identify you with me.

Barnette: Yes.

Malcolm X: And any time you were ident—the only time Elijah

Muhammad gets favorable publicity is when it's against me. They side with him and anything his followers do, as long as it's against me.

Bernard: Gordon.

Hall: A cogent point, I hope, about the press. I've had a good deal to do with the press, too, and I've written a good many articles for the press. One of the reasons that the press is confused about these things is here you have people running around with phony names and initials like X on their name, with unlisted telephone numbers, engaging in all sorts of countercharges of conspiracy and counter-conspiracies. It's little wonder that the press is confused; the members themselves of these movements are confused.

Bernard: But Gordon...

Malcolm X: No, no. The press isn't confused.

Barnette: The press, the press...using my name, address, age, and everything else, without ever once consulting me, and labeling me as a Black nationalist, when I've never joined any Black nationalist organization, or any other organization after I left the Black Muslims.

Bernard: Gentlemen, we're going to...

Malcolm X: The press is more frightened of the Black nationalists than of the Black Muslims. And if you doubt it, all you have to do is pick up any story written, that involves Black Muslims and Black nationalists, and you'll always find the press slants it skillfully in favor of the Black Muslims, despite the fact that the Black Muslim movement teaches that every white individual that comes into the world

is a devil by nature, by nature. And the Black nationalists don't do that. The Black nationalists judge people

by their behavior, by their deeds, not by their color. But still the press knows that the Black Muslim movement is a hybrid, a hybrid, political and religious hybrid that will ever do anything against the Ku Klux Klan or against the organized white elements in this society that are brutalizing Black people. But that same Black Muslim movement will give the order for Black people within it to murder and cripple other black people in the community. The Black Muslim movement has never at any time been involved in any kind of strike against the Ku Klux Klan or the Citizens' Council. Even in the South or the North. But they give the orders to fight each other. When the brother was killed in Los Angeles, no order was given. In fact, the brothers who wanted to go into action were restrained many of them right here in New York, by little fat Joseph were restrained. But that same Joseph gives his crew orders to go out and cripple other Black persons who have left the movement through dissatisfaction over what they've learned.

Bernard: We ought to go right back to the telephone and see what's doing out there, because we haven't taken very many phone calls. I have to apologize. We've really been very wordy in the studio tonight and battling it out in here. This is "Contact," you're on the air.

Caller: Hello, may I speak with Mr. X?

Bernard: Yes.

Caller: Mr. X?

Malcolm X: Yes.

Caller: Oh, it's just so wonderful to hear you. I've attended several of your meetings. And if prayer will save you and your family, there will never be any harm to you.

Malcolm X: Thank you.

Caller: And I admire you for what you've done for these little Black children. You'd be surprised. They are glad to be Black now.

Malcolm X: Thank you.

Caller: So, God bless you. Whatever God it may be. Any Supreme Being protect you and your family.

Malcolm X: Thank you.

Bernard: Thank you for your call. This is "Contact" you're on the air.

Caller: Yes, I'd like to address a question to Malcolm. I'd like to ask him why, after his suspension, then his decision to leave the Muslim movement, then he decided to tell all. Why did he not tell his people about the children, the misappropriation of funds? So what purpose is it going to serve now? And secondly, why does he think someone wants to take his life? What purpose is it going to serve?

Malcolm X: This is a very good question. When I... first, the Black Muslim movement, one thing that the Black Muslim movement did, positive, here in this country, the militancy that it projected, made the Black people in this country more militant than they had ever been. The whole civil rights struggle was affected by the general posture reflected, or projected, by the Black Muslim movement.

When I first came into the knowledge of the crisis within Elijah

Muhammad's family in Chicago and what it would mean to the Black Muslim movement if it were out, I chose myself to remain silent, because... not to save Elijah Muhammad, but I felt...I was afraid of the psychological harm it would do his followers, plus the effect it would have on the struggle that Black people are waging in this country, period. When I first left the movement, I left and took the full blame. I even made it appear that I was leaving. I never left the Black Muslim movement. I was put out. And because the law in the movement is that when a person is put out, they must first be brought before the membership and given a hearing, Elijah Muhammad was afraid to bring me before the membership and give me a hearing, for fear of what I might say in my own defense. So, I was put in limbo, so to speak, suspended, and the Muslims in the temple here in New York were told that I would be back in ninety days. But at the same time, they were being told that I would be back in ninety days, brothers were sent out by Joseph to take my life and those brothers are with me now; the police know about it. This is a fact. It was only after I was out of the movement, and then Elijah Muhammad began to use every pulpit in every temple in the Nation to blaspheme against me, plus Muhammad Speaks newspaper, to poison the minds of his followers into thinking that I had actually committed some kind of treacherous deed against him, that I felt it necessary for me to tell his followers the real reason for which I came out of the movement. And I've been doing that ever since.

Bernard: Gordon, you're a professional observer of extremist organizations, and you classify the Black nationalists, and of course the Muslims, as extremist organizations. How do you appraise this political warfare that's going on in the Black nationalist organization?

Hall: Well to be perfectly frank with you, and I do believe in speaking frankly, I think at the moment the Muslims are a dying organization, they're on the way out, they've made no impact in the Negro community nationally at any point, and even less so now. Malcolm has no place to go, which is why he's floundering so badly. For example, he's been breaking bread with the communists downtown...

Malcolm X: What communists, what communists have I been...

Hall: Socialist Workers Party...

Malcolm X: You are absolutely out of your mind, I have never broken bread with...

Hall: You have given several speeches which they have reprinted...

Malcolm X: Well, that's not breaking bread. I speak anywhere, I spoke in London, England, and...

Hall: You were very glad to go back several times, and they are reprinting one of your major addresses in *The Militant*...

Malcolm X: I spoke in a church, I spoke in a church in Rochester a couple of nights ago. Does that make me a Methodist?

Hall: We're not talking about churches, we're not talking about churches, we're talking about the Socialist Workers Party...

Malcolm X: Just because you speak somewhere doesn't make you that. You speak to the public and you speak on any platform...

Hall: Oh, I don't, Malcolm.

Malcolm X: ...and I speak to the public and I speak on any platform.

Hall: I'm afraid that's not the case, Malcolm.

Malcolm X: If speaking on the socialist platform makes me a socialist, then when I speak in a Methodist church...

Hall: It was a communist platform...

Malcolm X: I was in Selma, Alabama, last week, speaking in Martin Luther King's church. Does that make me a follower of Martin Luther King? No, your line of reasoning, sir, doesn't fit me.

Hall: I was just saying that I was asked a question by Stan, and I think that at the moment the nationalist movement has no place to go, they're floundering, and they're putting out lines everywhere. And there is an alliance in the general Harlem area between some of the Peking-based communists, the Progressive Labor Movement, and some of the others, the Bill Epton crowd. Bill Epton is a self-confessed avowed communist—you'd agree to that, wouldn't you, Malcolm?

Malcolm X: I know nothing about what Bill Epton's political philosophy is. Bill Epton, in my opinion, is one of the militant leaders in Harlem. Now, what his political beliefs are, I think that he has a right to them.

Hall: I didn't say he didn't have a right, I'm just saying what he is.

Malcolm X: Well—

Hall: He has stated to me personally—

Malcolm X: Well, whatever they are—

Hall: I have interviewed him, he told me that he was an avowed communist—

Malcolm X: So, whatever they are, he has a right to them.

Hall: —and he'd like to see this system of ours completely junked, as well. All I'm saying is that there's a lot of warfare—

Malcolm X: I think you'll find that a lot of the children that are out there in Brooklyn—

Hall: May I speak, Malcolm, may I speak—

Malcolm X: —on the rampage against the segregated school system here in New York City— Hall: May I speak?

Malcolm X: —and King and some of his followers in Alabama right now are fighting against the same system.

Hall: You're a great clock-killer, but you don't let other people speak.

Malcolm X: Well, say your words.

Hall: I'm trying to...if you would be kind enough to let me speak— Bernard: Go ahead.

Malcolm X: Go right ahead, Mr. Hall. Dr. Hall.

Hall: Well, at any rate, they're floundering now, and there's a lot of internecine warfare going on in the Harlem section, and most of the movements are small and splintered, and are splinters of splinters. And

I suppose only the future will tell which one will emerge victorious and perhaps claim the most members. I would make a prediction, and I think we could come back a year from now, Stan, and I think you may find Malcolm preaching a completely separate doctrine and leading some other kind of movement.

Malcolm X: Well, you know, one of the best compliments that Dr. Hall here can pay me is just the things that he says. When he begins to pat me on the back, I'll be worried...

Hall: I'm not patting you on the back. I told you up in Boston...

Malcolm X: I said, when you begin to pat me on the back...

Hall: ...give a little time and you'd be preaching a new line, and you are.

Malcolm X: I said, when you begin to pat me on the back, I'll be worried. When you begin, people of your profession, who make a profession out of dealing with groups in this country. When you begin to pat me on the back, then I'll be worried, sir. Now I would advise you, if you think that nationalism has no influence whatsoever, the nationalists, the Organization of Afro-American Unity, are having a rally at the Audubon Ballroom on Broadway...

Hall: I think you mentioned it earlier, you're getting in a couple of plugs.

Malcolm X: I'm going to mention it again. I wouldn't come on the program and not mention it. Because one of the most difficult things for nationalists to do is to let the public know what they're doing. So, we're having this rally at the Audubon...

Hall: The public is engaged in a vast conspiracy against you; it's obvious from what you say...

Malcolm X: You're going to make me mention it four or five times. We're having this rally at the Audubon Ballroom this coming Sunday at 2 o'clock and people just like you, who consider themselves experts on nationalists, are given front-seat invitations, and I would advise you, since it's your profession to know what nationalists and other so-called extremists are doing, to come and be our guest. Now, one thing I'd like to point out to you, Dr. Hall, whenever you find black...

Hall: You know perfectly well I'm not a doctor, Malcolm.

Malcolm X: Well, you sound like you're an expert on something, I thought you were a doctor. Whenever you find the condition that black people are confronted by in this country, being permitted by the government to exist so long, the condition in itself is extreme—and any black man, who really feels about this situation that our people are confronted by, his feelings are extreme. You can't take a cough syrup and cure somebody who has pneumonia. And the black people are becoming more extreme every day. I was in Alabama a couple of weeks ago, before I went to England, down there with Dr. King and some of the others, who are trying to just register and vote. Now I'll tell you frankly, with King supposed to be the most moderate, most conservative, most loving, most endorsed, most supported—

Hall: The word is responsible but go ahead.

Malcolm X: O.K., responsible to the white power structure. To me, when white people talk about responsible...

Hall: He's a responsible American, that's what he is.

Malcolm X: When people like you usually refer to Negroes as responsible, you mean Negroes who are responsible in the context of your type of thinking. So, getting right back to Dr. King, any time you find a person who goes along with the government, to the degree that Dr. King does, and still Dr. King's followers, children, are made to run down the road by brute policemen who are nothing but Klansmen, and the federal government can step in and do nothing about it, I will guarantee you that you are

producing extremists by the thousands. Now when I was down there, they wanted me to speak to the press, but didn't want me to speak to the church, or the children or the students. It was the students themselves that insisted that I speak, that gave me the opportunity to speak.

Bernard: Malcolm, how do you think that's going to be changed?

Malcolm X: Sir, I think that—

Bernard: How? I mean, I know you're talking about these children being made into extremists, but how, how is the situation going to be changed? Do you think by warfare?

Malcolm X: It's not going to be changed by making believe that it doesn't exist to the intense degree that it exists. And it's not going to be changed by putting out polls, like Newsweek magazine did last week, implying that Negroes are satisfied with the rate of progress. This is deluding yourself. And my contention is that white people do themselves a disservice by putting out these kinds of things to make it appear that Negroes are satisfied when the most explosive situation, racially, that has ever existed in this country, exists right now. And all of your so-called responsible leaders, when they speak about the situation, they say everything is in check. Yet every day you find Negro children becoming more explosive than ever—

Bernard: You're not answering my question, you're avoiding it. I asked you how is it going to change? Is it going to change through extreme behavior, let's call it extreme reaction—in other words, you are going to react extremely to a situation that you don't like? Now, how extreme can your reaction be?

Malcolm X: Well, sir, when Russia put missiles in Cuba, the only thing that made Russia get her missiles out of Cuba was when America pointed missiles right back at Russia.

Bernard: Are you suggesting revolution?

Malcolm X: No, I'm saying this: that when you respect the intelligence of black people in this country as being equal to that of whites, then you will realize that the reaction of the black man to oppression will be the same as the reaction of the white man to oppression. The white man will not turn the other cheek when he's being oppressed. He will not practice any kind of love of a Klan or a Citizens Council or anyone else. But at the same time the white man is asking the black man to do this. So, all I'm saying is, I absolutely believe the situation can be changed. But I don't think it can be changed by white people taking a hypocritical approach, pretending that it is not as bad as it is, and by black leaders, so-called responsible leaders, taking a hypocritical approach, trying to make white people think that black people are patient and long-suffering and are willing to sit around here a long time, or a great deal of time longer, until the problem is made better.

Bernard: Let's go back to the phone. The WINS Contact number: Judson 2-6405. This is Contact, you're on the air.

Caller: Hello, Malcolm?

Malcolm X: Yes?

Caller: The Ku Klux Klan should get you.

Malcolm X: Ha-ha-ha-ha.

Bernard: Thank you very much.

Malcolm X: Let me point something out to this lady. I'm invited to

Mississippi next week. I'll be going to Mississippi next week. The Ku Klux Klan will have all the opportunity it wants to get me. I was in Alabama last week; they had an opportunity then. You don't always have to go down South to find the Ku Klux Klan. Evidently one is your father, or you wouldn't be able to speak as you do.

Bernard: This is Contact, you're on the air.

Caller: I'd like to ask Mr. Barnette a question. In Louis Lomax's book, *When the Word Is Given...*, he says none of the rumors about the Muslims receiving help from outside, communist or segregationist sources has proved true. Does Mr. Barnette have any information that will verify or refute that statement?

Bernard: I didn't quite get it, but Mr. Barnette has left the room. He's left the studio during this last part of the debate, and he's not here to answer it.

Caller: Could Mr. Hall answer it?

Bernard: Could Mr. Hall answer it?

Hall: I didn't quite understand your question. Could you quote that again for us?

Caller: Yes. Louis Lomax says that none of the rumors about Muslims receiving help from outside, communist or segregationist sources has proved true. And I'd like to know what they think about this.

Hall: I would agree with Mr. Lomax's statement on that. I think that's an actual statement. I'm not so sure that that is applicable to other militant groups in the Negro community, but I think it's applicable to the Muslims.

Bernard: I'm not sure—

Malcolm X: They don't get any help from outside sources?

Hall: She's talking about outside communist or segregationist sources.

Malcolm X: Do they get any help from inside segregationist sources? You're the expert.

Hall: I would doubt that very much. I have no evidence of that, and neither do you; and if you do, then—

Malcolm X: I'm not saying that I do.

Hall: —put up, Malcolm. You're implying; you're a very sly implier.

Malcolm X: Because you give me the impression, all of a sudden, that you're a protector of the Black Muslim movement— Hall: Not a bit, not a bit.

Malcolm X: —when it comes to rallying them against the black nationalists. Because you know that the Black Muslim movement is in a bag and has no place to go.

Hall: I'm the one, I'm the one—just to show how faulty your logic is—let me speak. Just to show you how faulty your logic is, I arranged for the Saturday Evening Post story, which you have praised with your own mouth tonight as the best thing ever written on the Black Muslims.

Malcolm X: Not because you arranged it— Hall: I arranged it.

Malcolm X: It's the best, not because you arranged it. That doesn't make it best. It's best because Aubrey—

Bernard: Mr. Hall is saying that he arranged for it to be written because he thought it was valid and valuable.

Malcolm X: What he arranged, what he did, is immaterial to me. I'm not commenting on—

Hall: You never want to louse up an argument with facts, Malcolm.

Malcolm X: Sir, I'm not commenting on what you did; it's immaterial to me.

Hall: But you said it was a wonderful piece.

Malcolm X: I'm saying what Aubrey did. Aubrey is the one who did the piece. You can arrange for Rockwell to write a piece.

Hall: Aubrey came to me—

Malcolm X: You can arrange for Rockwell to write a piece.

Hall: —because he knew that I could get this story told in the best fashion.

Malcolm X: You can arrange for Rockwell, you can arrange for the Klan to write a piece.

Hall: No, I could not, I could not.

Malcolm X: So, what you can arrange doesn't impress me.

Hall: Malcolm, you know perfectly well that I couldn't. That's just a smear.

Malcolm X: You could, sir. You're a mercenary.

Hall (to Bernard): You can't see the technique?

Malcolm X: No, you're a professional, you said that yourself; that's why I call you a doctor—

Bernard: Next call, can we go on to our next call? Now?

Hall: I like it when he talks this way, because he exposes himself.

Malcolm X: No, I'm exposing you as a mercenary, an opportunist.

Bernard: Here we go, it's the next call time, here we go. This is Contact, you're on the air.

Caller: I'd like to direct a question to Malcolm X.

Bernard: Go ahead.

Caller: I heard him on a newsreel say that Charlie's enemies are his enemies, and this was supposed to refer to the white man as Charlie.

Malcolm X: Charlie is the Ku Klux Klan, and the White Citizens Council, and white people who practice discrimination and segregation against black people.

Caller: Right. Then I'd like to ask you, something which you mentioned about aid from Red China.

Malcolm X: I've never mentioned anything about aid from Red China. Ask Dr. Hall here, he's an expert; I think he'll even have to agree to that.

Caller: This man asked you if the aid to fight Charlie came from the Red Chinese, would you accept it? You said from anybody.

Malcolm X: Well, that doesn't specify Red China. I said this, that when you're in the den of a wolf, and a fox comes along and offers to help you, you'll accept help from any source available against that wolf.

Bernard: Yeah, but they asked you—

Malcolm X: This doesn't mean that you love foxes.

Bernard: Did they specify when they asked you the question whether they—

Malcolm X: I don't think they said Communist China; if I recall, I could be wrong, but I don't think they specified Communist China. Although let me say this about Communist China: China is a nation of 700 million people. Physically they exist; physically they exist. I don't go along with the American reaction of pretending that 700 million Chinese don't exist. When I was in Africa during the summer, everywhere I looked, I saw Chinese. It's only when I get back to America that I don't see any Chinese. I just don't think it's mature to pretend that 700 million people don't exist.

Hall: That doesn't happen to be U.S. policy, to pretend that they don't exist, Malcolm. You just say things that aren't so.

Malcolm X: No, but I—

Hall: The United States is well aware of Red China.

Malcolm X: She certainly is. They just detonated some nuclear bombs over there. Plus their forces have the United States soldiers tied down in Saigon. She'd have to be well aware. She has half of your forces tied up. You'd be crazy not to be aware of her existence. But at the same time you're trying to give the public, the people over here, the impression that they don't exist.

Hall: You're just saying that; that's not the case at all.

Malcolm X: They're human beings, just the same as you and I are.

Bernard: You, of course, espouse recognition of Red China and her admission into the United Nations?

Malcolm X: Many of your senators in Washington, D.C., espouse the same thing. I think most intelligent, progressive people, who are up to date in their thinking, have finally reached intellectual and political maturity to the point where they feel that when you've got that many people on this earth, you'd better recognize them and deal with them as human beings, and then they will deal with you as human beings. If you say you shouldn't deal with them because they are communist, then why deal with Russia? Or if you say you shouldn't deal with them because they fought United Nations forces in Korea, then why deal with Tshombe? Tshombe also fought United Nations forces in Katanga. If you use the same yardstick to measure these people all the time, I think you'll end up with better results.

Bernard: All right, let's go on to our next call. Our WINS Contact number—Judson 2-6405. This is Stan Bernard's Contact, you're on the air.

Caller: Hello? Malcolm, I'd like to ask you whether you feel that the recent action of the Gaullist government in refusing you entry into France is in any way inconsistent with France's general policy towards the Afro-Asian community and Africa in particular.

Malcolm X: Yes, I dispatched a wire to Dean Rusk, the Secretary of State here today, demanding an investigation into the reason why the French government could ban an American citizen and no reaction come from the American Embassy whatsoever. But I might point out, I was in Paris last November and was successful in organizing a good organization—another one that Dr. Hall over here can investigate in his capacity—in the American Negro community in Paris, and they have been working in conjunction with the African community. And it was the African community and the Afro-American community in Paris that invited me there to address a mass rally, and the French government permitted my entry into that country. And I might point out that it was the Communist trade-union workers in Paris that refused to let them have the hall initially, blocked their attempt to get the second hall, and eventually exercised influence in the French government to stop it. The Communist trade union workers, one of the largest unions in that country. The reason I was in London—I had been invited there to attend the first congress that had been given by the Council of African Organizations, who had a four-day congress, and invited me to make the closing address, because they were interested in the struggle of the black man in this country in his quest for human dignity and human rights.

Bernard: O.K., we're going to move on to our next call. This is Contact, you're on the air.

Caller: Hello. May I speak to Malcolm X, please?

Bernard: Yes, go right ahead.

Caller: I would like to—I don't have a question for Malcolm X. I would like to tell him that I am 100 per cent with him for whatever he goes along with toward helping the Negro. I think it's an awful shame that anyone should throw a bomb into a house where there's human beings, particularly children. And I don't go along at all with the Muslims, the so-called Muslims, because to me they're only teaching hate.

Malcolm X: Well, I confess that I was one of the leaders in projecting the Muslim movement and causing so many people to believe in the distorted version of Islam that is taught there. But at the same time I have to point out that there are some progressive elements, right-meaning persons, in the Muslim movement. All of them are not wrong. There are many in there that mean well but are just being misled by the hierarchy, many of which do not mean well. But there is a large progressive element within the movement, and usually they are the ones who come in, they stay a year and they get disillusioned, and they go back out. But I was responsible for giving the people the impression that the Black Muslim movement was more than what it is, and I take that responsibility. You can put the complete blame upon me. But at the same time that I take that responsibility, I want to point out that no white man or white group or agency can use me against Elijah Muhammad or against the Black Muslim movement. When you hear me open up my mouth against another black man, no white man can put words in my mouth, nor can any white man sic me on another black group. When I have analyzed the man and the group with my own understanding, and feel that it is detrimental to the interests of the black community, then I'm going to attack it with that same intensity.

Bernard: Gordon, you were going to say something?

Hall: Well, again, as you know, it's more words. He began by saying that he has to confess that he was responsible for misleading so many people on the Muslim count. There were never very many Muslims. Let's always come back to the fact that not very many people were ever misled. The white press was misled into believing there were a lot of Muslims.

Malcolm X: Dr. Hall—

Hall: There were never more than 15,000 Muslims in America, and there are only now 6,000. And we have 22 million Negroes in the United States. Keep these facts uppermost in one's mind.

Malcolm X: Dr. Hall—

Bernard: You admitted this at the very beginning, Malcolm. You said the 15,000 figure is correct.

Hall: These are facts, Malcolm.

Malcolm X: Here's another fact you have to keep in mind. There were never many Mau Mau. There never were. There were always more Kikuyu, more Kenyans, than Mau Mau.

Hall: What is this supposed to prove?

Malcolm X: But it was the Mau Mau who brought independence to Kenya. And the man that was regarded as an extremist and a monster, just five years ago, Jomo Kenyatta, is the president of the Republic of Kenya today; and it is this same man, who five years ago—

Hall: The situation in colonial Africa today is not like it is in the United States.

Malcolm X: Well, this is colonial. Any time you have a system, in 1965, that will take children and let them be marched down the road by not the criminal elements but—

Bernard: But in numbers you have to draw one big analogy. In the United States, the Negro is still a minority. In the United States. And when you are talking about minorities within minorities within minorities, and you start boiling it all down, you can't really draw that analogy with a colony.

Malcolm X: I say this: The Mau Mau was also a minority, a microscopic minority, but it was the Mau Mau who not only brought independence to Kenya, but—

Bernard: Within a vast Negro majority.

Malcolm X: But it brought it—that wick. The powder keg is always larger than the wick. The smallest thing in the powder keg is the wick. You can touch the powder all day long and nothing happens. It's the wick that you touch that sets the powder off.

Bernard: I wouldn't want to, I think it'll blow up.

Malcolm X: It's the wick that you touch that sets the powder off. You go here in Harlem, and you take all these moderate Negroes that Dr. Hall here puts the stamp of approval on and regards them as responsible—they don't explode. It's the wick, it's that small element that you refer to as nationalist and other—

Hall: You're doing all you can to encourage it, Malcolm, with your demagogic language—

Malcolm X: No, no, I don't encourage it— Hall: Oh, yes you do.

Malcolm X: I don't encourage it; but I'm not going to sit here and pretend that it doesn't exist.

Bernard: Don't you incite, Malcolm? Don't you incite?

Malcolm X: I don't think so. How are you going to incite people who are living in slums and ghettos? It's the city structure that incites. A city that continues to let people live in rat-nest dens in Harlem and pay higher rent in Harlem than they pay downtown. This is what incites it. Who lets merchants out charge or overcharge people for their groceries and their clothing and other commodities in Harlem, while you pay less for it downtown? This is what incites it. A city that will not create some kind of employment for people who are barred from having jobs just because their skin is black. That's what incites it. Don't ever accuse a black man for voicing his resentment and dissatisfaction over the criminal condition of his people as being responsible for inciting the situation. You have to indict the society that allows these things to exist. And this is where I differ with Dr. Hall.

Bernard: Well, in a sense—

Hall: We differ in many places, Malcolm.

Malcolm X: This is another one of the many places where we differ, Dr. Hall.

Bernard: Well, in a sense, didn't Hitler also talk about different points of view, didn't he say that conditions existed, and didn't he also incite?

Malcolm X: I don't know anything about Hitler, I wasn't in Germany. I'm in America.

Bernard: Don't—don't, please, Malcolm—

Malcolm X: I say, I wasn't in Germany.

Bernard: You know about Hitler as well as—

Malcolm X: You can't point to Hitler and Germany behind what's going on here in America! Turn on the television tonight and see what's—

Bernard: In Harlem—

Malcolm X: No, no, no—turn on the television tonight and see what they're doing to Dr. King.

Hall: Dr. King's methods are not your methods. You couldn't do in Alabama what he is doing.

Malcolm X: Sir—sir— Hall: You could not do—

Malcolm X: Sir, you had better pray that I don't go and try to do what he is doing. Any time Dr. King—

Hall: Oh, these are just, these are just words, Malcolm—

Malcolm X: Any time Dr. King goes along with people like you—like you—you should put forth more effort to keep him out of jail. You should put forth more effort to protect him. And you should put forth more effort to protect the people who go along with him and display this love and this patience. If you would do more for those people and spend some of your time trying to help those people instead of trying to attack me, probably this country would be a much better place in which to live. You spend too much of your time, doctor, trying to investigate—

Hall: I rarely ever mention you, Malcolm, you're hardly worth mentioning—

Malcolm X: You spend too much of your time, doctor, running around trying to keep track of dissatisfied black people whom you label as extremists—

Hall: Hardly, hardly—

Malcolm X:—whereas if you would spend some of your time in these places where Dr. King is fighting, then you would make this country a better place to live in.

Hall: Malcolm, I lectured all over the state of Alabama, when you had nothing to do with the Muslims or anybody else.

Malcolm X: Did you have on a white sheet? Did you have on a white sheet?

Hall: See what I mean?

Bernard: Gentlemen, time. Bell—here we go— bell. O. K., that's round 15. We've just had it.

Malcolm X: Dr. Hall, come up to the Audubon Sunday at 2 o'clock, and we'll continue from there.

Hall: I have more important things to do.

Bernard: Gentlemen, we have to move on. Time has run out. I'd like to thank all of you for showing up tonight. Thank you very much, Gordon— Malcolm— and, of course, Aubrey Barnette.

Interview with Al-Muslimoon Magazine

(February, 1965)

This interview is a set of answers to written questions from the Arabic language monthly Al-Muslimoon, published by the Islamic Center in Geneva, Switzerland. He wrote most of the responses the night of the fire-bombing of his home and wrote the last two the night before his death.

Al-Muslimoon: The Black Muslim Movement is one of the most controversial movements in the United States. Having been for a considerable period [of time] its main organizer and most prominent spokesman, could you kindly give us some concise firsthand picture of the background of this movement, its history, its main ethics and its actual strength?

Malcolm X: Elijah Muhammad allowed himself to become insanely jealous of my own popularity, which went even beyond his own followers and into the non-Muslim community, while his own prestige and influence was limited largely among his immediate followers. While I was still in the movement and blind to his faults by my own uncompromising faith in him, I always thought the jealousy and envy which I saw -- constant signs of was stemming mainly and only from his immediate family, and it was quite shocking to me whenever members of his own family would warn me that it was their father (Elijah Muhammad himself) who had become almost insane with jealousy.

When Elijah learned that his son Wallace had told me how his father had seduced his teenage secretaries (by telling them that he was the prophet Muhammad, and making each of them think she was to be his favorite and most beautiful wife Aisha) Elijah feared that my position of influence in the movement was a threat to him and his other children who were now controlling the movement and benefiting from its wealth. Because they feared my popularity with the rank-and-file Muslims, they were careful about any immediate or open move to curtail my authority without good cause, so they patiently waited until they felt that my statement about the late President Kennedy's assassination would give them the proper public support in any kind of action they'd take to curtail or remove me.

At the time they announced I was to be suspended and silenced for ninety days, they had already set in motion the machinery to have me completely ousted from the movement, and Elijah Muhammad himself had already given the order to have me killed because he feared I would expose to his followers the secret of his extreme immorality.

Al-Muslimoon: Should these differences be of a basically ethical nature and on essential matters of faith? What, in your opinion, are the prospects of radical reform within Elijah Muhammad's followers now or in the future?

Malcolm X: No, Elijah Muhammad himself will never change. At least I doubt it. He's too old, dogmatic, and has already gone too far in teaching that he is a greater prophet than Muhammad ibn Abdullah. He is too proud to confess to his followers now that he has deliberately taught them falsehood. But as his well-meaning followers become exposed to the true religion of Islam, they themselves will leave him and practice Islam as it should be. This is why it is so important for centers to be established immediately where true Islam can be taught. And these centers should be located at this time primarily in Black

communities, because at this particular time the American Blacks are the ones showing the most interest in [the] true religion.

Al-Muslimoon: Have any of Elijah Muhammad's followers left the movement with you, and do you think that your breakaway from the movement has affected its main body in any considerable way?

Malcolm X: Yes, many of Elijah's followers could not go along with his present immorality, and this opened their eyes to the other falsities of his doctrine. But we have not been able to regroup and reorganize them as we should. It takes finance, and we left all treasuries and properties with Elijah, and he uses this wealth that we amassed for him to fight us and keep us from getting organized. He is fanatically opposed to American Negroes hearing true Islam, and has ordered his own well-meaning followers to cripple or kill anyone of his followers who wants to leave him to follow true Islam. He fears that true Islam will expose and destroy the power of his false teachings.

Al-Muslimoon: Do you plan to just stop at voicing your opposition against Elijah Muhammad and his group or do you have any course of action in mind towards establishing some new organization in the field? If so, on what basis and for what specific near or distant goals?

Malcolm X: With what little finance we could raise, we have founded the Muslim Mosque, Inc., with headquarters here in Harlem. Our sole interest is to help undo the distorted image [that] we have helped spread about Islam. Our mosque also is for those who want to learn how to live the life of a true Muslim.

However, since we live as Black Americans in a white racist society, we have established another organization which is non-religious, known as the Organization of Afro-American Unity (OAAU), and which is designed to unite all Black Americans regardless of their religious affiliation into a group that can fight against American racism and the economic, political, and social evils that stem from white racism here in this American society. With the Muslim Mosque we are teaching our people a better way of life, and with the OAAU we are fighting on an even broader level for complete respect and recognition as human beings for all Black Americans, and we are ready and willing to use any means necessary to see that this goal is reached.

Al-Muslimoon: What have you been actually doing since you broke away from Elijah Muhammad's movement?

Malcolm X: I have traveled to the Middle East and Africa twice since leaving Elijah Muhammad in March of 1964, mainly to get a better understanding of Islam and the African countries, and in turn to give the Muslim world a better understanding of problems facing those of us here in America who are trying to become Muslims. Also, in Africa to give our people there a better understanding of the problems confronting Black Americans in our struggle for human rights.

Al-Muslimoon: Is it true that even after your breakaway from Elijah Muhammad you still hold the Black color as a main base and dogma for your drive under the banner of liberation in the United States? How could a man of your spirit, intellect, and worldwide outlook fail to see in Islam its main characteristic, from its earliest days, as a message that confirms beyond doubt the ethnological oneness and quality of all races, thus striking at the very root of the monstrosity of racial discrimination. Endless are the texts of the Qu'ran (Koran) and prophetic sayings to this effect and nothing would testify to that more than the historic fact that heterogeneous races, nations, and linguistic entities have always mingled peacefully in the homeland.

Malcolm X: As a Black American I do feel that my first responsibility is to my twenty-two million fellow Black Americans who suffer the same indignities because of their color as I do. I don't believe my own personal problem is ever solved until the problem is solved for all twenty-two millions of us.

Much to my dismay, until now, the Muslim world has seemed to ignore the problem of the Black American, and most Muslims who come here from the Muslim world have concentrated more effort in trying to convert white Americans than Black Americans.

[Note by Malcolm X to Al-Muslimoon editors: I had arrived back in the

States from London at 4:30 p.m. on February 13 and had worked until 12:30 -- just after midnight -- on the above. I got very tired at midnight, decided to leave the above pages in the typewriter and finish early in the morning. I retired at 12:30 and exploding bombs that were thrown into my home by would be murderers rocked me and my wife and four baby daughters from sleep at 2:30 a.m. Only Allah saved us from death. This is only one of the many examples of the extremes to which the enemies of Islam will go to see that true Islam is never established on these shores. And they know that if I was so successful in helping to spread Elijah Muhammad's distorted version of Islam, it is even easier for me to organize the spread of true Islam.]

There are two groups of Muslims in America: (1) those who were born in the Muslim world and migrated here and were already Muslims when they arrived here. If these totals over 200,000, they have not succeeded in converting 1,000 Americans to Islam. (2) American-born persons who have been converted to Islam are 98 percent Black Americans. Up to now it has been only the Black American who has shown interest even in Sunni Islam.

If a student of agriculture has sense enough to concentrate his farming efforts on the most fertile area of his farm, I should think the Muslim world would realize that the most fertile area for Islam in the West is the Black American. This in no way implies discrimination or racialism, but rather shows that we are intelligent enough to plant the good seed of Islam where it will grow best; later on we can "doctor up" or fertilize the less fertile areas, but only after our crop is already well planted in the heart and mind of these Black Americans who already show great signs of receptiveness.

Was it not Bilal, the Black Ethiopian, who was [one of] the first to receive the seed of Islam from the Prophet himself in Arabia 1,400 years ago?

Al-Muslimoon: Now that you have visited and revisited many Muslim countries, what are your major impressions regarding Islam and Muslims both in the present and in the future?

Malcolm X: We are standing at the threshold of the nuclear age. Education is a must, especially in this highly technical era. In my opinion, Muslim religious leaders have not stressed the importance of education to the Muslim communities, especially in African countries. Thus, when African countries become independent, the non-Muslim areas have the higher degree of educated Africans who are thus the ones best qualified to occupy the newly created positions in government. Muslim religious leaders of today need a more well-rounded type of education and then they will be able to stress the importance of education to the masses, but oftentimes when these religious leaders themselves have very limited knowledge, education, and understanding, sometimes they purposely keep their own people also ignorant in order to continue their own personal position of leadership. They keep the people narrow-minded because they themselves are narrowminded.

In every Middle East or African country I have visited, I noticed the country is as "advanced" as its women are, or as backward as its women. By this I mean, in areas where the women have been pushed into the background and kept without education, the whole area or country is just as backward, uneducated, and "underdeveloped." Where the women are encouraged to get education and play a more active role in the all-around affairs of the community and the country, the entire people are more active, more enlightened, and more progressive. Thus, in my opinion, the Muslim religious leaders of today must re-evaluate and spell out with clarity the Muslim position on education in general and education for women in particular. And then a vast program must be launched to elevate the standard of education in the Muslim world. An old African proverb states: "Educate a man and you educate an individual; educate a woman and you educate an entire family."

Al-Muslimoon: Africa seems to have captured most of your attention and eager concern. Why? And now that you have visited almost every part of it, where do you think Islam actually stands? And what, in your opinion, could be done to save it from both the brainlessness of many, or rather most of those who are considered to be the champions of its cause, and from the malicious, resourceful alliance of Zionism, atheism, and religious fanaticism against Islam?

Malcolm X: I regard Africa as my fatherland. I am primarily interested in seeing it become completely free of outside political and economic influence that has dominated and exploited it. Africa, because of its strategic position, faces a real crisis. The colonial vultures have no intention of giving it up without a fight. Their chief weapon is still "divide and conquer." In East Africa there is a strong anti-Asian feeling being nourished among the Africans. In West Africa there is a strong anti-Arab feeling. Where there are Arabs or Asians there is a strong anti-Muslim feeling.

These hostilities are not initiated by the above-mentioned people who are involved. They have nothing to benefit from fighting among themselves at this point. Those who benefit most are the former colonial masters who have now supplanted the hated colonialism and imperialism with Zionism. The Zionists have outstripped all other interest groups in the present struggle for our mother continent. They use such a benevolent, philanthropic approach that it is quite difficult for their victims to see through their schemes. Zionism is even more dangerous than communism because it is made more acceptable and is thus more destructively effective.

Since the Arab image is almost inseparable from the image of Islam, the

Arab world has a multiple responsibility that it must live up to. Since Islam is a religion of brotherhood and unity those who take the lead in expounding this religion are duty-bound to set the highest example of brotherhood and unity. It is imperative that Cairo and Mecca (the Supreme Council of Islamic Affairs and the Muslim World League) have a religious "summit" conference and show a greater degree of concern and responsibility for the present plight of the Muslim world, or other forces will rise up in this present generation of young, forward-thinking Muslims and the "power centers" will be taken from the hands of those that they are now in and placed elsewhere. Allah can easily do this.

Organization of Afro-American Unity Program

(February 21, 1965)

This was originally supposed to be presented on Feb. 15, but since Malcolm's home was fire-bombed, this was delayed for a week and was to be presented on Feb. 21, the day he was assassinated.

Pledging unity...

Promoting justice...

Transcending compromise...

We, Afro-Americans, people who originated in Africa and now reside in America, speak out against the slavery and oppression inflicted upon us by this racist power structure. We offer to downtrodden Afro-American people courses of action that will conquer oppression, relieve suffering, and convert meaningless struggle into meaningful action.

Confident that our purpose will be achieved, we Afro-Americans from all walks of life make the following known:

ESTABLISHMENT

Having stated our determination, confidence, and resolve, the

Organization of Afro-American Unity is hereby established on the 15th day of February 1965, in the city of New York.

Upon this establishment, the Afro-American people will launch a cultural revolution which will provide the means for restoring our identity that we might rejoin our brothers and sisters on the African continent, culturally, psychologically, economically, and share with them the sweet fruits of freedom from oppression and independence of racist governments.

1. The Organization of Afro-American Unity welcomes all persons of African origin to come together and dedicate their ideas, skills, and lives to free our people from oppression.
2. Branches of the Organization of Afro-American Unity may be established by people of African descent wherever they may be and whatever their ideology -- as long as they be descendants of Africa and dedicated to our one goal: freedom from oppression.
3. The basic program of the Organization of Afro-American Unity which is now being presented can and will be modified by the membership, taking into consideration national, regional, and local conditions that require flexible treatment.
4. The Organization of Afro-American Unity encourages active participation of each member since we feel that each and every Afro-American has something to contribute to our freedom. Thus, each member will be encouraged to participate in the committee of his or her choice.
5. Understanding the differences that have been created amongst us by our oppressors in order to keep us divided, the Organization of Afro-American Unity strives to ignore or submerge these artificial divisions by focusing our activities and our loyalties upon our one goal: freedom from oppression.

BASIC AIMS AND OBJECTIVES

Self-determination

We assert that we Afro-Americans have the right to direct and control our lives, our history, and our future rather than to have our destinies determined by American racists, we are determined to rediscover our true African culture, which was crushed and hidden for over four hundred years in order to enslave us and keep us enslaved up to today...

We, Afro-Americans -- enslaved, oppressed, and denied by a society that proclaims itself the citadel of democracy, are determined to rediscover our history, promote the talents that are suppressed by our racist enslavers, renew the culture that was crushed by a slave government and thereby -- to again become a free people.

National unity

Sincerely believing that the future of Afro-Americans is dependent upon our ability to unite our ideas, skills, organizations, and institutions...

We, the Organization of Afro-American Unity pledge to join hands and hearts with all people of African origin in a grand alliance by forgetting all the differences that the power structure has created to keep us divided and enslaved. We further pledge to strengthen our common bond and strive toward one goal: freedom from oppression.

THE BASIC UNITY PROGRAM

The program of the Organization of Afro-American Unity shall evolve from five strategic points which are deemed basic and fundamental to our grand alliance. Through our committees we shall proceed in the following general areas. I. Restoration

In order to enslave the African it was necessary for our enslavers to completely sever our communications with the African continent and the Africans that remained there. In order to free ourselves from the oppression of our enslavers then, it is absolutely necessary for the Afro-American to restore communications with Africa.

The Organization of Afro-American Unity will accomplish this goal by means of independent national and international newspapers, publishing ventures, personal contacts, and other available communications media.

We, Afro-Americans, must also communicate to one another the truths about American slavery and the terrible effects it has upon our people. We must study the modern system of slavery in order to free ourselves from it. We must search out all the bade and ugly facts without shame for we are still victims, still slaves -- still oppressed. Our only shame is believing falsehood and not seeking the truth.

We must learn all that we can about ourselves. We will have to know the whole story of how we were kidnapped from Africa; how our ancestors were brutalized, dehumanized, and murdered; and how we are continually kept in a state of slavery for the profit of a system conceived in slavery, built by slaves and dedicated to keeping us enslaved in order to maintain itself.

We must begin to reeducate ourselves and become alert listeners in order

to learn as much as we can about the progress of our motherland -- Africa. We must correct in our minds the distorted image that our enslaver has portrayed to us of Africa that he might discourage us from reestablishing communications with her and thus obtain freedom from oppression.

II. Reorientation

In order to keep the Afro-American enslaved, it was necessary to limit our thinking to the shores of America -- to prevent us from identifying our problems with the problems of other peoples of African origin. This made us consider ourselves an isolated minority without allies anywhere.

The Organization of Afro-American Unity will develop in the Afro-American people a keen awareness of our relationship with the world at large and clarify our roles, rights, and responsibilities as human beings. We can accomplish this goal by becoming well-informed concerning world affairs and understanding that our struggle is part of a larger world struggle of oppressed peoples against all forms of oppression. We must change the thinking of the Afro-American by liberating our minds through the study of philosophies and psychologies, cultures and languages that did not come from our racist oppressors. Provisions are being made for the study of languages such as Swahili, Hausa, and Arabic. These studies will give our people access to ideas and history of mankind at large and thus increase our mental scope.

We can learn much about Africa by reading informative books and by listening to the experiences of those who have traveled there, but many of us can travel to the land of our choice and experience for ourselves. The Organization of Afro-American Unity will encourage the Afro-American to travel to Africa, the Caribbean, and to other places where our culture has not been completely crushed by brutality and ruthlessness.

III. Education

After enslaving us, the slave masters developed a racist educational system which justified to its posterity the evil deeds that had been committed against the African people and their descendants. Too

often the slave himself participates so completely in this system that he justifies having been enslaved and oppressed.

The Organization of Afro-American Unity will devise original educational methods and procedures which will liberate the minds of our children from the vicious lies and distortions that are fed to us from the cradle to keep us mentally enslaved. We encourage Afro-Americans themselves to establish experimental institutes and educational workshops, liberation schools, and child-care centers in the Afro-American communities.

We will influence the choice of textbooks and equipment used by our children in the public schools while at the same time encouraging qualified Afro-Americans to write and publish the text books needed to liberate our minds. Until we completely control our own educational institutions, we must supplement the formal training of our children by educating them at home.

IV. Economic security

After the Emancipation Proclamation, when the system of slavery changed from chattel slavery to wage slavery, it was realized that the Afro-American constituted the largest homogeneous ethnic group with a common origin and common group experience in the United States and, if allowed to exercise economic or political freedom, would in a short period of time own this country. Therefore, racists in this government developed techniques that would keep the Afro-American people economically dependent upon the slave masters -- economically slaves -- twentieth century slaves.

The Organization of Afro-American Unity will take measures to free our people from economic slavery. One way of accomplishing this will be to maintain a technician pool: that is, a bank of technicians. In the same manner that blood banks have been established to furnish blood to those who need it at the time it is needed, we must establish a technician bank. We must do this so that the newly independent nations of Africa can turn to us who are their Afro-American brothers for the technicians they will need now and in the future. Thereby we will be developing an open market for the many skills we possess and at the same time we will be supplying Africa with the skills she can best use. This project will therefore be one of mutual cooperation and mutual benefit.

V. Self-defense

In order to enslave a people and keep them subjugated, their right to self-defense must be denied. They must be constantly terrorized, brutalized, and murdered. These tactics of suppression have been developed to a new high by vicious racists whom the United States government seems unwilling or incapable of dealing with in terms of the law of this land. Before the emancipation it was the Black man who suffered humiliation, torture, castration, and murder. Recently our women and children, more and more, are becoming the victims of savage racists whose appetite for blood increases daily and whose deeds of depravity seem to be openly encouraged by all law enforcement agencies. Over five thousand Afro-Americans have been lynched since the Emancipation Proclamation and not one murderer has been brought to justice!

The Organization of Afro-American Unity, being aware of the increased violence being visited upon the Afro-American and of the open sanction of this violence and murder by the police departments throughout this country and the federal agencies -- do affirm our right and obligation to defend ourselves in order to survive as a people.

We encourage the Afro-Americans to defend themselves against the wanton attacks of racist aggressors whose sole aim is to deny us the guarantees of the United Nations Charter of Human Rights and of the Constitution of the United States.

The Organization of Afro-American Unity will take those private steps that are necessary to insure the survival of the Afro-American people in the face of racist aggression and the defense of our women and

children. We are within our rights to see to it that the Afro-American people who fulfill their obligations to the United States government (we pay taxes and serve in the armed forces of this country like American citizens do) also exact from this government the obligations that it owes us as a people or exact these obligations ourselves. Needless to say, among this number we include protection of certain inalienable rights such as life, liberty, and the pursuit of happiness.

In areas where the United States government has shown itself unable and/or unwilling to bring to justice the racist oppressors, murderers, who kill innocent children and adults, the Organization of Afro-American Unity advocates that the Afro-American people insure ourselves that justice is done—whatever the price and by any means necessary.

NATIONAL CONCERNS

General terminologies:

We Afro-Americans feel receptive toward all peoples of goodwill. We are not opposed to multiethnic associations in any walk of life. In fact, we have had experiences which enable us to understand how unfortunate it is that human beings have been set apart or aside from each other because of characteristics known as “racial” characteristics.

However, Afro-Americans did not create the prejudiced background and atmosphere in which we live. And we must face the facts. A “racial” society does exist in stark reality, and not with equality for Black people; so, we who are nonwhite must meet the problems inherited from centuries of inequalities and deal with the present situations as rationally as we are able.

The exclusive ethnic quality of our unity is necessary for self-preservation.

We say this because our experiences backed up by history show that African culture and Afro-American culture not be accurately recognized and reported and cannot be respectably expressed nor be secure in its survival if we remain the divided, and therefore the helpless, victims of an oppressive society.

We appreciate the fact that when the people involved have real equality and justice, ethnic intermingling can be beneficial to all. We must denounce, however, all people who are oppressive through their policies or actions and who are lacking in justice in their dealings with other people, whether the injustices proceed from power, class, or “race.” We must be unified in order to be protected from abuse or misuse.

We consider the word “integration” a misleading, false term. It carries with it certain implications to which Afro-Americans cannot subscribe. This terminology has been applied to the current regulation projects which are supposed] y “acceptable” to some classes of society. This very “acceptable” implies some inherent superiority or inferiority instead of acknowledging the true source of the inequalities involved.

We have observed that the usage of the term “integration” was designated and promoted by those persons who expect to continue a (nicer) type of ethnic discrimination and who intend to maintain social and economic control of all human contacts by means of imagery, classifications, quotas, and manipulations based on color, national origin, or “racial” background and characteristics.

Careful evaluation of recent experiences shows that “integration” actually describes the process by which a white society is (remains) set in a position to use, whenever it chooses to use and however it chooses to use, the best talents of nonwhite people. This power-web continues to build a society wherein the best contributions of Afro-Americans, in fact of all nonwhite people, would continue to be absorbed without note or exploited to benefit a fortunate few while the masses of both white and nonwhite people would remain unequal and unbenefited.

We are aware that many of us lack sufficient training and are deprived and unprepared as a result of oppression, discrimination, and the resulting discouragement, despair, and resignation. But when we are not qualified, and where we are unprepared, we must help each other and work out plans for bettering our own conditions as Afro-Americans. Then our assertions toward full opportunity can be made on the basis of equality as opposed to the calculated tokens of "integration." Therefore, we must reject this term as one used by all persons who intend to mislead Afro-Americans.

Another term, "negro," is erroneously used and is degrading in the eyes of informed and self-respecting persons of African heritage. It denotes stereotyped and debased traits of character and classifies a whole segment of humanity on the basis of false information. From all intelligent viewpoints, it is a badge of slavery and helps to prolong and perpetuate oppression and discrimination.

Persons who recognize the emotional thrust and plain show of disrespect in the Southerner's use of "nigra" and the general use of "nigger" must also realize that all three words are essentially the same. The other two, "nigra" and "nigger" are blunt and undeceptive. The one representing respectability, "negro," is merely the same substance in a polished package and spelled with a capital letter. This refinement is added so that a degrading terminology can be legitimately used in general literature and "polite" conversation without embarrassment.

The term "negro" developed from a word in the Spanish language which

is actually an adjective (describing word) meaning "black," that is, the color black? In plain English, if someone said or was called a "black" or a "dark," even a young child would very naturally question: "a black what?" or "a dark what?" because adjectives do not name, they describe. Please take note that in order to make use of this mechanism, a word was transferred from another language and deceptively changed in function from an adjective to a noun, which is a naming word. Its application in the nominative (naming) sense was intentionally used to portray persons in a position of objects or "things." It stamps the article as being "all alike and all the same." It denotes: a "darkie," a slave, a subhuman, an ex-slave, a

"negro."

Afro-Americans must re-analyze and particularly question our own use of this term, keeping in mind all the facts. In light of the historical meanings and current implications, all intelligent and informed Afro-Americans and Africans continue to reject its use in the noun form as well as a proper adjective. Its usage shall continue to be considered as unenlightened and objectionable or deliberately offensive whether in speech or writing.

We accept the use of Afro-American, African, and Black man in reference to persons of African heritage. To every other part of mankind goes this measure of just respect. We do not desire more, nor shall we accept less.

General considerations:

Afro-Americans, like all other people, have human rights which are inalienable. This is, these human rights cannot be legally or justly transferred to another. Our human rights belong to us, as to all people, through God, not through the wishes nor according to the whims of other men.

We must consider that fact and other reasons why a proclamation of "Emancipation" should not be revered as a document of liberation. Any previous acceptance of and faith in such a document was based on sentiment, not on reality. This is a serious matter which we Afro-Americans must continue to reevaluate.

The original root-meaning of the word emancipation is: "To deliver up or make over as property by means of a formal act from a purchaser." We must take note and remember that human beings cannot be justly bought or sold nor can their human rights be legally or justly taken away.

Slavery was, and still is, a criminal institution, that is: crime in masse. No matter what form it takes, subtle rules and policies, apartheid, etc., slavery and oppression of human rights stand as major crimes against God and humanity. Therefore, to relegate or change the state of such criminal deeds by means of vague legislation and noble euphemisms gives an honor to horrible commitments that is totally inappropriate.

Full implications and concomitant harvests were generally misunderstood by our fore parents and are still misunderstood or avoided by some Afro-Americans today. However, the facts remain; and we, as enlightened

Afro-Americans will not praise and encourage any belief in emancipation. Afro-Americans everywhere must realize that to retain faith in such an idea means acceptance of being property and, therefore, less than a human being. This matter is a crucial one that Afro-Americans must continue to reexamine.

WORLDWIDE CONCERNS

The time is past due for us to internationalize the problems of Afro-Americans. We have been too slow in recognizing the link in the fate of Africans with the fate of Afro-Americans. We have been too unknowing to understand and too misdirected to ask our African brothers and sisters to help us mend the chain of our heritage.

Our African relatives who are in a majority in their own country have found it very difficult to gain independence from a minority. It is that much more difficult for Afro-Americans who are a minority away from the motherland and still oppressed by those who encourage the crushing of our African identity.

We can appreciate the material progress and recognize the opportunities available in the highly industrialized and affluent American society. Yet, we who are nonwhite face daily miseries resulting directly or indirectly from a systematic discrimination against us because of our God-given colors. These factors cause us to remember that our being born in America was an act of fate stemming from the separation of our fore parents from Africa; not by choice, but by force.

We have for many years been divided among ourselves through deceptions and misunderstandings created by our enslavers, but we do here and now express our desires and intent to draw closer and be restored in knowledge and spirit through renewed relations and kinships with the African peoples. We further realize that our human rights, so long suppressed, are the rights of all mankind everywhere.

In light of all of our experiences and knowledge of the past, we, as Afro-Americans, declare recognition, sympathy, and admiration for all peoples and nations who are striving, as we are, toward self-realization and complete freedom from oppression.

The civil rights bill is a similarly misleading, misinterpreted document of legislation. The premise of its design and application is not respectable in the eyes of men who recognize what personal freedom involves and entails. Afro-Americans must answer this question for themselves: What makes this special bill necessary?

The only document that is in order and deserved with regard to the acts perpetuated through slavery and oppression prolonged to this day is a Declaration of condemnation. And the only legislation worthy of consideration or endorsement by Afro-Americans, the victims of these tragic institutions, is a Proclamation of Restitution. We Afro-Americans must keep these facts ever in mind.

We must continue to internationalize our philosophies and contacts toward assuming full human rights which include all the civil rights appertaining thereto. With complete understanding of our heritage as Afro-Americans, we must not do less.

Committees of the Organization of Afro-American Unity:

The Cultural Committee

The Economic Committee

The Educational Committee

The Political Committee

The Publications Committee

The Social Committee

The Self-Defense Committee

The Youth Committee

Staff committees: Finance, Fund-raising, Legal, Membership

For further information on the Organization of Afro-American Unity, write:

Organization of Afro-American Unity,

2090 Seventh Ave.,

Suite 128

New York 27, N.Y.

For speedier responses, address correspondence to a particular committee. For example, if you are interested in joining or establishing a chapter:

Membership Committee,

Organization of Afro-American Unity,

2090 Seventh Ave., Suite 128,

New York 27, NY.



